

OESTE

REVISTA MENSAL

LIVRO EM CD-ROM
AGEPEL 2001

*OESTE prestigia todos os
moços cultos de Goiaz.
Vai buscá-los, a escafrando,
do fundo do obscurecimento.
Disputá-los-á às mãos valoricidas de
mediocridade.*

0



ATRAVÉS DA



**AGÊNCIA GOIANA DE CULTURA
PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA**

FACILITA O TRABALHO INTELECTUAL
DE PROFESSORES E PESQUISADORES DA
HISTÓRIA DE GOIÁS
E PRESERVA A
MEMÓRIA DO POVO GOIANO

ESTADO DE GOIÁS
MARCONI FERREIRA PERILLO JÚNIOR
GOVERNADOR DO ESTADO

AGEPEL



NASR NAGIB FAYAD CHAUL

PRESIDENTE

LAILA SILVA TEIXEIRA

CHEFE DE GABINETE

AGUINALDO CAIADO C. A. COELHO

DIRETOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO

JOSÉ EDUARDO SIQUEIRA DE MORAIS

DIRETOR DE AÇÃO CULTURAL

JOSÉ WILSON BARROSO BORGES

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

CD-ROM PRODUZIDO POR

JS EDITOR



EQUIPE TÉCNICA

PROJETO E SUPERVISÃO

JACY SIQUEIRA

DIGITALIZAÇÃO

MARIA NERIDES DE SOUZA

CONFERÊNCIA E PAGINAÇÃO

DANIEL GUSTAVO V. SIQUEIRA

FINALIZAÇÕES

JS

GOVERNO RESGATA DOCUMENTOS FUNDAMENTAIS

A *Revista Oeste*, que agora emerge em esmerada edição eletrônica, compõe um bem-acabado retrato da vida intelectual, artística e da informação que circulava em Goiânia nos seus primeiros tempos. Produzida na “Secção Industrial da Imprensa Oficial — Goiânia”, a publicação surgiu em 5 de julho de 1942, data do Batismo Cultural de Goiânia e circulou somente até 1945. A *Revista Oeste* contava no seu corpo editorial com figuras como Bernardo Élis, Garibaldi Teixeira, Hélio Lobo, Paulo Figueiredo e José Décio Filho. Com periodicidade mensal, a revista tinha um perfil literário e nasceu com o objetivo de destacar os valores intelectuais regionais e, ao mesmo tempo, tornar-se veículo da efervescência sócio-cultural de Goiânia, a nova capital, que florescia no cerrado. A produção em CD-Rom da *Revista Oeste* é um alentado trabalho de resgate do pesquisador Jacy Siqueira, a convite da Agepel.

Conforme observou Paulo Figueiredo, desde seu primeiro número, a publicação abriu espaço para os valores da literatura goiana. Inclusive para pioneiros como Hugo de Carvalho Ramos, Antônio Félix de Bulhões, Americano do Brasil, Ricardo Paranhos e Joaquim Bonifácio. A lista de colaboradores notáveis era imensa. Com artigos, poemas, crônicas ou mesmo como alvo de notícia, freqüentavam as páginas da revista gente como: Luiz do Couto, Pedro Gomes, Alfredo de Castro, Léo Lince, Zoroastro Artiaga, Albatênio de Godoi, Leodegária de Jesus, Oscar Sabino Júnior, Maximiano da Mata Teixeira, Amália Hermano e José Godoi Garcia, entre outros.

Com a *Revista Oeste*, o governo do Estado, via Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico — Agepel, encerra a trilogia de documentos fac-similares de Goiás. Trata-se da importante tarefa de resgate da história da Imprensa goiana, em projeto que prevê a gravação em CD-Rom de significativas publicações históricas. A primeira etapa foi a produção eletrônica da *Matutina Meyapontense*, o primeiro jornal do Estado, cuja função

era a de trazer o mundo para Goiás. Outra publicação significativa é a revista *A Informação Goiana*, que tinha como objetivo percorrer o caminho inverso: mostrar Goiás, sua gente, suas potencialidades e sua riqueza cultural para o mundo. E, completando o projeto, a *Revista Oeste*, fantástico instrumento multicultural de propaganda de Goiás, em pleno Estado Novo.

Numa segunda fase, o projeto tem como meta gravar, igualmente em CD-Rom, documentos pessoais do professor Venerando de Freitas Borges, primeiro prefeito de Goiânia, e documentos históricos que o Museu Pedro Ludovico abriga. O objetivo da iniciativa é resgatar peças que compõem parte relevante da história de Goiás e, ao mesmo tempo, abrir espaço para que historiadores e pesquisadores tenham mais facilidade de trabalhar com a referida documentação.

Essa notável ação de resgate desponta no momento em que chegam a Goiânia documentos — que se encontram atualmente no Arquivo Histórico Estadual — do Arquivo de Lisboa (Portugal), que contam a história goiana, em sua fase mais remota e igualmente importante. A recuperação desses documentos portugueses sobre a história goiana resulta de fina sintonia entre o trabalho estadual e o federal com o objetivo de restaurar a memória histórica, política e cultural do povo goiano.

Mais um compromisso do Governo de Goiás para com a cultura e a pesquisa de nosso Estado está entregue. Que os frutos futuros dos trabalhos científicos a serem desenvolvidos possam ter sempre em conta o esforço do nosso Governo de Goiás para com a recuperação da História e da Memória de nossa sociedade.

Marconi Perillo
Governador do Estado de Goiás

A IMPORTÂNCIA DA *OESTE*

Sergio Paulo Moreyra

Numa de suas últimas entrevistas, Bernardo Elis apresentou um poema de sua autoria que situa a revista *Oeste* no contexto do seu aparecimento, a melhor forma de explicá-la:

“BATISMO CULTURAL DE GOIÂNIA – VISTO DO LADO DO POVÃO

Para Venerando de Freitas Borges

Na campina sibilava
regelada ventania
e mais fria ainda ficava
aquela manhã já fria.

E entre poeiras e névoas,
naquela extensão vazia,
estendiam-se os traçados,
dos logradouros de um dia,
palácios, alguns sobrados,
avatar de moradias.

No altar drapejavam
fanfarras e cantorias,
roupa nova, pé doendo,
rapadura e picolé,
o povo se divertia
nessa nova romaria.

*NA MÃO OUTRORA VAZIA,
AGORA O ESCRITOR GOIANO
TRAZIA A REVISTA OESTE,
QUE NESSA DATA NASCIA.*

Estrondava o foguetório,
na missa o bispo benzia,
poeira, alegria, festa,
padre-nosso, ave-maria,
naquela manhã de julho,
que tanto frio fazia.”

Na visão de Bernardo, o Batismo Cultural e a *Oeste* terminam sendo a nossa Semana de Arte Moderna, vinte anos depois de 1922.

Essa perspectiva é a mesma, em termos, de Oscar Sabino Júnior, que via a *Oeste* preenchendo um vazio cultural e exercendo o papel de “...despertar a consciência do escritor goiano para o ideário do modernismo brasileiro.” Há aí um universo de implicações ideológicas a serem compreendidas.

Sem dúvida, *Oeste* é parte de Goiânia, integra o mesmo conjunto e só pode ser compreendida e explicada razoavelmente a partir dessa totalidade: a dos condicionamentos que produziram Goiânia, que tornaram realidade a mudança da capital e todas as rupturas decorrentes disso. Como em outros *processos históricos*, a partir de um ponto da trajetória os agentes são convertidos em pacientes do curso histórico: o desenrolar da ação impõe circunstâncias e contingências. Quem acompanha o rumo e o ritmo mantém-se no curso da história. Ou fica de lado.

OESTE é Goiânia. É parte da ruptura que a nova capital produziu. É agente da modernização, embora não configure a modernidade. Da mesma forma que a *Matutina Meyapontense* é expressão do afloramento da consciência regional nas primeiras décadas do século 19 e *A Informação Goyana* materializa todo o anseio do Brasil Central em integrar-se à nação no começo do século 20, *OESTE* é expressão e parte das transformações que Goiânia materializa, como ruptura em direção ao moderno.

É interessante anotar que havia instituições e até revistas dedicadas à cultura, algumas delas transplantadas da cidade de Goiás para Goiânia. Havia, mas nenhuma delas inovava, nenhuma rompia com a linha da tradição. Pelo contrário, existiam para reforçar o velho, para confirmar um modo de ser, para impedir que o mundo novo suplantasse o velho.

Nenhuma dessas instituições e publicações se parecia com o que estava acontecendo no país e no mundo. O Instituto Histórico e Geográfico,

fundado na velha capital em 1933, instalou-se na sede de Goiânia em 1940, no mesmo ano em que editou o primeiro número de sua revista. Em 1939 a Academia havia sido fundada com ato solene no palácio do governo. Mas faltava o elo essencial entre essas instituições e a geração de intelectuais que estava chegando. Não tinham, como a *Oeste*, a feição do novo.

Até porque *OESTE* era a cara do que acontecia no país e no mundo, um mundo fragmentado, torna-se necessário enxergar no conjunto da revista, mais de uma revista. Bernardo dizia que a partir do segundo número a *OESTE É OUTRA REVISTA*, controlada pelo Estado. Estado Novo.

O depoimento de Paulo de Figueiredo, homem do regime que assume a gestão informal da revista a partir desse segundo número, é inequívoco: "*Por tudo isso, concordo em que se veja em "Oeste" um veículo do Estado Novo, Estado que, em Goiás, possibilitou o surgimento e a consolidação de Goiânia...*"

Mas ainda assim, os intelectuais de esquerda continuaram na revista. É importante marcar essa característica. É importante não só registrar como ajudar a compreender uma espécie de jogo de complacência e condescendência que se havia estabelecido entre os novos donos do poder e o pensamento progressista. Como uma variação jocosa do homem cordial, estabeleceu-se a presença do autoritarismo cordial.

Essa reiteração do mito do senhor bondoso, materializada nessa complacência com a esquerda, ocultava o novo pacto oligárquico que, sob o manto da modernidade formal (cujo signo maior é o projeto urbanístico de Goiânia) havia sido reinstalado nas relações de poder. Essa incapacidade ou impossibilidade de superar o coronelismo é que determinava uma postura de convivência pacífica ou relativamente pacífica.

Isso estava manifesto na moderação da ação do DIP em Goiânia, no abrigo dado a militantes comunistas de outros estados e, de 1942 em diante, na convivência entre diversas tendências literárias e políticas, nas páginas da *Oeste*. E não se pode esquecer que havia tão poucas pessoas qualificadas que não se podia perder o concurso de ninguém na promoção do crescimento de Goiás. Nisso está o nosso dilema irresolvido: nunca rompemos de fato com o passado e com as velhas fórmulas.

Oscar Sabino diz que "*...do grupo da revista "Oeste" nasceu uma nova geração de escritores goianos. Esse pequeno núcleo, inicialmente*

formado por Bernardo Élis, José Décio Filho, Domingos Félix de Souza, José Godoy Garcia e outros, ...” “...Só isso bastaria para evidenciar a importância da revista na história de nossa cultura. “Oeste” abriu suas colunas aos escritores de todas as tendências, principalmente a valores novos, que tiveram a oportunidade de divulgar seus contos, poemas, ensaios e suas idéias.”

A citação chama a atenção porque todos os nomes citados por ele são de intelectuais ligados ao, ou simpatizantes do antigo Partidão. E a esses nomes seria possível e necessário juntar outros, como os de Zecchi Abrahão, Amália Hermano Teixeira, José Campos, Frederico de Medeiros e Maximiano da Matta Teixeira (Matma Nago), de alguma forma também ligados ao Partido. Bernardo, inclusive, sempre marcado por um estigma de esquerdismo e mesmo acusado de ser comunista (ele dizia de si mesmo ser apenas um burguês progressista), era também secretário do prefeito de Goiânia, professor Venerando de Freitas Borges e professor da Escola Técnica, de onde se passou depois para o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás. Como ele, outros ocupavam cargos públicos.

Por tudo que a *Oeste* significou, pelas portas que abriu, pelos horizontes que descortinou e sobretudo pela importância que teve para a vida intelectual regional ela é hoje um instrumento de pesquisa valioso cujo acesso se democratiza agora.

Ao longo dos últimos trinta anos o campo de trabalho da pesquisa historiográfica regional foi gradualmente deixando o espaço limitado da crônica e dos trabalhos diletantes para tornar-se objeto de profissionais qualificados. Especialmente para estes a edição da *Matutina*, da *Informação* e, agora, da *Oeste* tomam o significado de uma ferramenta de trabalho.

Por tudo isso e muito mais, é preciso saudar dignamente a política de resgate do patrimônio intelectual implantada pelo governador Marconi Perillo e tão vigorosamente executada pela AGEPEL e pela equipe do professor Nasr Chaul, ao se completar a edição eletrônica desses três documentários jornalísticos e literários básicos.

Goiânia, agosto, 2001.

*O jornalismo-balcão,
o jornalismo-dicionário de
adjetivos, mancheiadamente a
mil réis por cabeça, não fazem,
ao fim, pintar Goiaz a tintas claras.
Caricaturizam a imagem.
Realizam a caricatura. Ficcionam.
Bifurcam traços.
Desparalelizam cores.
Desfiguram a expressão. E
não se registando à própria imagem,
o fotógrafo provoca caretas
a quem lho contemple.
Índios, onças...
A retentiva alheia age, mas
a impressão reage.
Subsiste a inversão de cores
e o espetáculo continua.*

OESTE

REVISTA MENSAL



O VEÍCULO OFICIAL
DO PENSAMENTO MOÇO DE GOIAZ

JUL.1942 — DEZ.1944

Número de
homenagem
a Goiânia

O E S T E

Corpo de Redação

B. Elis

Garibaldi Teixeira

Hélio Lobo

Paulo A. Figueiredo

J. Décio Filho

Direção

e

Responsabilidade

ZECCHI ABRAHÃO

“ O E S T E ”

OESTE é assim o veículo oficial do pensamento moço de Goiás. Limita seu aparecimento a fase mais vitoriosa de Goiás, dentro de aspectos absolutos. Mensagem de contemporâneos a outra posteridade mental, equivale à fixação de nosso estado social-político-intelectual. Grava, em depoimentos são de brasilidade sã, uma obra e um autor.

A obra é Goiânia; Pedro Ludovico, o autor.

Vale pelo que a mocidade goiana deva retribuir a seu benfeitor. Benfeitor que nos oportunizou cooperação nos destinos comuns da raça goiã. Benfeitor que veiculou a seiva novadora de uma geração rumo a processos de revitalização política.

Por isto que OESTE repete a época e o homem; a obra e o destino.

Não lhe parecera possível subtrair do campo de visada programático todo este sistema evolutivo, imediatizados, última análise, de uma só causa.

A causa Pedro Ludovico por Goiás.

OESTE fará, todavia, restrições razoáveis ao traje cultural, com que se avistará com seus leitores convivas. Cerimonioso um pouco. Sóbrio, como lhe convirá à personalidade. Vale traduzir. OESTE quer recrutar soldados valentes para suas fileiras. Soldados que já lograram condecorações dessolenizadas. Soldados que não podem afixar medalhas no peito, porque estas medalhas não se afixam. Presumem-se. Guarda-as no espírito, esconde-as na modéstia o detentor honesto. Vale nova tradução: OESTE quer bitolar os valores moços de Goiás. Bitola medida a unidades de cultura.

Vamos aqui dignificar o elemento intelectualmente produtivo. Vamos aqui fileirar, por escalas, os ocupantes da frente literária. Os soldados rasos perderão a cadência; sofrerão aos passos largos da vanguarda pensante e empreendedora. O oficialato literário. A hierarquia é fonte de ordem associativa.

— Então ?

OESTE prestigia todos os moços cultos de Goiás. Vai buscá-los, a escafandro, do fundo do obscurecimento. Disputá-los-á às mãos valoricidas da mediocridade.

—+—
O jornalismo-balcão, o jornalismo-dicionário de adjetivos, mancheiadamente distribuídos a mil réis por cabeça, não fazem, ao fim, pintar Goiás a tintas claras. Caricaturizam a imagem. Realizam a caricatura. Ficcionam. Bifurcam traços. Desparalelizam cores. Desfiguram a expressão. E não se registando à própria imagem, o fotografado provoca caretas a quem lho contemple. Índios, onças . . . A retentiva alheia age, mas a impressão reage. Subsiste a inversão de cores, e o espetáculo continua.

—+—
Goiás não está bem interpretado no seu pensamento ?

— Não, infelizmente, não. Temos de melhor. E os leitores de OESTE o saberão identificar, se a nosso apelo acudir a lídima, a verdadeira, a única representação de intelectuais de que dispomos.

— Onde eles ?

Trancafiados à ordem da mediocracia. A mediocracia intelectual deita guarda severa aos idealizadores. Quem passar . . .

Está claro que a alusão se estreita ao ramo jornalismo, à imprensa. Fato curioso de retração mental se abre dentro do jornalismo. Os jornalistas, jornalistas e pensantes a um tempo, se escondem.

— Por que ?

— Há decididamente uma figura de monopólio neste campo, aliás impróprio à aludida figura. Pois OESTE quer vencer os monopolizadores. Vai escoltar, à ordem do patriotismo e do bom nome de Goiás, vai escoltar os aprisionados da cultura. Oferece-lhes, sem exigência de carceragens materiais, a liberdade do pensamento, em favor da cultura de Goiás. Livres!

O Estado de Goiás nunca foi condignamente interpretado. Nunca se lhe fixou em letra fiel, nesta fase. Está claro que não tentamos ora fazê-lo. Estamos apenas buscando sulcar um terreno que reputamos do mais fértil. O terreno intelectual de Goiás. Os moços cultos deitem aí nesses possíveis sulcos a sementeira vigorosa de sua espiritualidade.

Assim OESTE se encaminhará ao cumprimento de seu programa.

OESTE é vosso, intelectuais moços de Goiás!

O sentido ideológico de Goiânia

Castro Costa

Ao procurarmos localizar a significação ideológica da edificação da cidade de Goiânia, somos obrigados a volver os olhos para o passado, para as quadras aventurosas das bandeiras, após o que chegaremos à conclusão de que se trata de um movimento, até hoje inédito na História do Brasil, de violenta coordenação das forças centrífugas das possibilidades colonizadoras do Continente Americano. Efetivamente, é uma obra filha do esforço e do labor locais, é uma realização que não foi sequer buscar a inspiração de sua origem nos centros de alta densidade demográfica do litoral, como sói suceder histórica e tradicionalmente na interiorização territorial das Américas. Saiu de si própria, de pleno núcleo geográfico do País, num desassombro vigoroso que bem atesta a potencialidade civilizadora do povo brasileiro.

Outrora, quando o organismo físico da Pátria ainda não se achava delimitado, entraram pelas selvas a dentro os cabos de tropa da tempera de Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias Pais, Pascoal Moreira Cabral Leme, Bartolomeu Bueno da Silva e outros, jogando por terra o convencionalismo burocrático e insustentável do tratado de Tordesilhas, para conquistarem, com valor e sangue derramado, as plagas que haviam no futuro de gozar os mesmos privilégios de paz e de trabalho de uma única e grande nação. Essas entradas, consoante afirma Cassiano Ricardo, eram o prenúncio da formação *sui generis* da democracia brasileira, baseada na absoluta igualdade de direitos comandada por uma vontade justa e enérgica. Era a fuga do piratiningano ao sentido econômico da índole portuguesa, dominante na orla oceânica, para o *processus* de democratização biológica do sertão. Era o braço dos latifúndios e das monoculturas escravocratas que ia além fazer-se independente, à caça das esmeraldas e do ouro. Era a instituição da pequena propriedade, em detrimento das casas grandes, que se despovoavam e se abátiam irremediáveis.

Esses brasileiros do planalto, que escreveram páginas de tão tocante epicismo, perdendo a vida e ganhando a glória no desempenho de sua nobilitante tarefa, são em ver-

dade os descobridores do Brasil. Devemos a eles, ninguém o ignora, a penetração de nosso território, tão árdua e heróica.

A obra desses desbravadores foi a de fixarem o mais distante possível do Atlântico as fronteiras nacionais — obra imensa, pois. Passado o esplendor sociológico da mineração, no entanto, esse inestimável feito, partido, como o ciclo da civilização humana, do oriente, outros empreendimentos de igual natureza não se registraram, afora os complementos de sua própria confirmação. Com efeito, o Brasil, no decurso dos poucos séculos de sua existência política, quasi nada realizou no interior, a não ser a fixação de suas fronteiras com as nações irmãs, e a plantação desordenada de vilas e povoados que, à força constante do tempo, se transformavam em cidades de significação medíocre. Há todavia esforços dignos de nota e admiração, como o desse excelente General Rondon, que estendeu tanto fio telegráfico pelas matas virgens e catequizou tanto selvícola julgado inconciliável. Cu desse genial e sonhador Couto de Magalhães, que operou o milagre da navegação do Araguaia, no fim do século XIX. Este último, traçando no seu livro "O Selvagem" os "roteiros" que observou durante suas penosas e arriscadas viagens, apontou a possibilidade da marcha para o Oeste, por via fluvial. Mostrou que a ligação da baía amazônica à platina não é uma visão inteiramente utópica, pelo menos para as embarcações de pequeno calado, já à altura das nascentes dos tributários dos dois grandes cursos d'água, no Estado de Mato-Grosso. Seria isto o estabelecimento de um "caminho" quasi direto do Pará ao Paraguai, cortando terras riquíssimas do Brasil e extinguindo o isolamento dessa grande faixa territorial. Forçar-se-ia dessarte a colonização.

Tudo isto, todo esse anseio magnificamente patriótico, porem, morreu com o homem...

Antes do atual regime republicano, não sobrava tempo a ninguém para os problemas econômicos do interior. Envolvidos numa trama

capciosa de aspirações políticas pessoais, os administradores, no dizer pitoresco do historiador patricio, não arredavam pé do litoral, como caranguejos. Algumas poucas ferrovias prometiam a tão desejada penetração, entre elas uma que busca Cuiabá e outra que deve ir ter ao Araguaia, partindo de Araguari e cortando a parte sul de Goiaz. Contudo, a lentidão do prosseguimento dos trilhos é irrisória, mormente dos desta última, que se começaram a lançar na primeira década do presente século.

Aí está por que dissemos, linhas atrás, que a edificação de Goiânia, cidade que só a vontade de um Pedro Ludovico poderia erguer, representa um fato sociológico inédito no País, em virtude de traduzir um movimento centrífugo, isto é, que parte do centro de nosso território para se irradiar para a periferia. Jamais havíamos os brasileiros assistido, em tal longitude, a um esforço local tão alevantado em prol da civilização do oeste. Goiânia não é a cidade populosa, não é o arranha-céu que não tem, não é o luxo dos salões, não é a receita pública fabulosa, nem tampouco os cassinos que porventura queiram ver. É uma grande idéia na vida nacional, é um símbolo. Consegiu chamar a atenção de todos os brasileiros para a magna questão das potencialidades econômico-sociais de nossas zonas mediterrâneas. Fez-se o ponto de referência para o aquilamento do valor e da energia moral do sertanejo, conquanto orientados, um e outra, por administradores idealistas e de visão.

A marcha para o oeste, hoje tão admiravelmente preconizada pelo maior apaixonado do Brasil, o Presidente Vargas, encontrará sempre em Goiânia uma de suas maiores conquistas, eis que essa cidade encerra uma série de circunstâncias excepcionais aferidoras do sentido ideológico desse esplêndido movimento. Por outro lado, sua localização a torna talvez o maior entreposto comercial do Brasil do futuro. Cercada por terras de cultura de primeira, onde tudo se planta com sucesso, e por zonas de intensa exploração mineral, como o cristal, o amianto, o ouro, o diamante, o rutílio, além de outros; natural escoadouro do melhor níquel do mun-

O QUINTA COLUNA

por Matma Nago

Sé nos deparássemos com u'a mulher que tivesse o bigode anti-pático de Hitler, que soltasse os gritos histéricos e danados de Mussolini e que trouxesse nos lábios o riso alem-túmulo de Kuruzú, teríamos a certeza de que estávamos diante de um monstro, convicto de que pouco de humano teria tão hedionda criação.

Se, por outro lado, encontrássemos na rua um homem que fosse portador de uma voz tipo Martha Egerth, da graciosidade e beleza de Deana Durbin e da vibratibilidade tropical de Carmen Miranda, verificaríamos, de logo, estarmos diante da mais grotesca e ridícula das criaturas.

E' que tudo aquilo que vai contra a Natureza traz em si algo de repugnante.

Tal se dá, também, com os próprios vocábulos de nossa língua: — a subversão do sentido de uma palavra traz em si, não raro, algo de teratológico.

Assim se dá com a expressão *quinta-coluna*, que se diz, em se tratando de indivíduo, o *quinta-coluna*.

Masculinizou-se a palavra *coluna*, que, nesta acepção, deixou de significar uma parte do que de belo se pode encontrar na arquitetura — coluna dórica, jônica, coríntia, — ou na vida — coluna vertebral.

Que vem a ser um *quinta-coluna*?

Na classificação zoológica pode ele ser definido, a contento, como um produto híbrido do nazismo e do fascismo. E só isso bastaria para defini-lo.

E' ele o maquinador que trabalhou pela derrota da Polônia, dentro da Polônia, que minou a França, de dentro da França, e que vive trabalhando contra todos os países livres e contra a humanidade.

Nova besta do Apocalipse, ele se encontra em quasi todas as terras, não medrando, apenas, em corpos que, como a Rússia, souberam compreender a tempo o seu perigo.

No eclipse em que mergulha nos-
do, encontrado em São-José-do-Tocantins, cujo aproveitamento, mais dia menos dia, tem de processar-se; centro automático de uma grande rede de estradas que hão-de ligar o Pará e Mato-Grosso a diversos outros Estados; meio caminho andado, quer para o extremo oeste, quer para o extremo leste, Goiânia é de fato senhora, no porvir, de um dos mais belos destinos das cidades brasileiras.

sa civilização, quando nos encontramos, na penumbra, penetrando nas trevas só alumadas pelas línguas diabólicas dos canhões e das bombas incendiárias, para que possamos confiá-las com a Nova Alvorada, é preciso, é indispensável, nos precavermos contra o perigo que nos oferece o quinta-coluna.

Não há negar, a guerra é em si um grande mal. E o quinta-coluna é, via de regra, um pacifista. Mas de um pacifismo *sui generis* que bate palmas ao nazismo, festejando suas vitórias, e critica as democracias quando, nesta luta do Bem contra o Mal, elas se armam e tomam atitude, em pró da liberdade dos Povos.

Duas espécies de *quintas* conhecemos: — quinta-coluna pela sua ação individual, geralmente o galinha-verde obstinado e impenitente, em se tratando de nacionais, que trabalha contra sua Terra, critica a política externa do seu governo, como se conhecesse todos os segredos do Itamarati, que se alegra quando vão para o fundo dos mares os nossos navios mercantes, ou quando cai Bataan, ou Kerch, ou Creta, ou quando sobe Pierre Laval, ou quando o novo A'tila manda fuzilar mais refens. Como segundo espécime temos o quinta-coluna pela sua criminosa inação: — é o que torce por dentro; é o que ao envés de reagir à altura sorri complacente quando o eixista ataca nossas instituições e atitudes; é o indiferente, numa hora grave em que indiferentismo é uma das modalidades de traição.

E o mais absurdo é que quando Hitler preconiza e executa seu absurdo plano racial — embora de mãos dadas com o amarelo — vendo no homem simples animal, aproveitável só pelo físico, indivíduos palpavelmente degenerados, cujo sangue não suportaria o mais leve exame sem que fosse dar notícia de algum negro africano ou de algum israelita, pugnam pela vitória de quem, como o Fuehrer, contempla os homens com olhares torvos de magarefe, despercebidos de que, vitoriosos seu ídolo, seriam os primeiros sacrificados.

O caos implantado em nosso ve-

lho planeta é tamanho que, mesmo no mundo da cristandade, não faltam os partidários do eixo, alheios a que, se Jesús Cristo aparecesse neste momento na Alemanha de Adolfo Hitler, seria imolado pelo simples motivo de ser Judeu o Sublime Mestre.

Combatamos o quinta-coluna sob qualquer aspecto que ele se nos apresente: — quer venha ele de viseira erguida, quer sorratamente, procurando se confundir, mimeticamente, com os que amam o Brasil verdadeiramente e já mobilizam todo o seu Eu para defender a Pátria.

Não demos tréguas ao monstrenço e procuremos tirar da guerra tudo o que ela nos pôde dar: — a experiência colhida no sofrimento das nações escravizadas, a localização do perigo que nos ameaça e o meio de combatê-lo por uma frente não só externa, como interna. E ao lado de tudo isso, o respeito a nós mesmos.

E aqui ficam algumas considerações de quem se sente à vontade para fazê-lo e que, como acadêmico de direito, escrevia em "O Juvenil" — jornal que se editava na antiga Capital — de 13 de outubro de 1935, lançando, amante da Justiça, seu protesto contra a invasão da Abissínia pela Itália: — "O cérebro do tarado Mussolini teve sua eclosão de retardado. O do sanguinário Hitler rebentará, putridamente, depois".

TAMANHO NÃO É DOCUMENTO . . .

A maioria dos homens de talento alcança unicamente o termo médio no físico e muitas vezes nem chega a ele. Vários artistas famosos foram quasi anões, como Ticiano, Rafael, Mozart, Brahms, Bach, Leonardo da Vinci. Mais baixos do que altos eram: Horácio, Vitor Hugo, Camões, Tácito, Bocácio, Petrarca, Newton, Mommsem, Spinoza e outros.

x x x

Não há descanso eterno, nem ainda o das sepulturas. Um dia lá vem a mão do arqueólogo a pesquisar os ossos e as idades. M. de ASSIS.

O Brasil comeu Paulo Augusto de Figueiredo espinafre

O Brasil liberal era um Brasil fraquinho. Brasil—maria-vai-com-as-outras, que ia para onde o levavam os senhores do mundo. Brasil—casa-da-sogra, onde todos mandavam e ninguém se entendia, onde todos entravam sem pedir licença. Brasil—boi-de-pancada, em que todos se julgavam com direito de dar uns cascados cambiais ou uns petelecos políticos.

Coitadinho do Brasil! Seu mal? — Europeite. Desde 89, quando apanhou a doença. Europeite forense, que nos fazia ver o país como uma espécie de tribunal, onde se chicanava a propósito de tudo e até sem propósito; europeite metafísica, que punha lá longe, além das nossas realidades telúricas e anímicas, em combinações cipoentas, indestrinçáveis, a solução para os nossos problemas; europeite política que pôs em nossa cabeça a cartola dos parlamentares ingleses e em nosso braço o laço tricólor dos revolucionários franceses; europeite econômica, que, mandando "laissez faire, laissez passer", permitiu que os magnatas fizessem o que quisessem, *passando* a perna no pobre do povo.

Europeite integral, muito lustrosa e bonita por fora, porem desprovida de realidade, de conteúdo nacional, de substância humana.

Não adiantava os cirurgiões Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Viana, entre outros, indicarem a terapêutica adequada. Eram médicos da roça, ninguém acreditava neles. Nem ninguém queria saber de operação. Preferiram, os nossos refinados liberais, coisinhas leves, delicadas. Preferiam, pois, os doutores de alem-mar. Doutor Descartes, que nos ensinou a prestidigitação de dividir coisas indivisíveis; doutor J. J. Rousseau, que nos mostrou o mundo da lua. Nem ao menos chamamos doutor Proust, para nos ensinar a olharmos para dentro de nós mesmos. E ficamos a beber a água de flor de laranja das idéias inglesas e francesas, às vezes irisadas de uns tons germanos, como quando Tobias embasbacou os bugres com as suas velhas novidades. Conhecendo Napoleão de cor e salteado, ignorando Caxias; sem saber quem era Machado de Assis, mas nos babando todos com Anatole; declamando Byron, esquecendo Gonçalves Dias; enforçando-nos em "smockings", sem tomar conhecimento do caroa; embebedando-nos de "wiskey", enquanto o côco gostoso apodrecia no pé.

E o Brasil piorava, definhava. Depois, pra variar, procuramos outros doutores, Doutor Marx, primeiro, depois, doutor Mussolini. E veio a receita verde do óleo de olivas, olivas pretas e marrons; e veio a pilula encarnada. Europeite, ainda. Apenas mudando de aspecto.

E o Brasil piorava, piorava. Mas ninguém cria nos doutores da terra, que sabiam de remédio da terra, para curar o mal da terra. No entanto, era simples o remédio: — brasilite. Era disto que o Brasil precisava. De se encher de sentimentos brasileiros, de idéias brasileiras, de vontade brasileira. De ter um rumo brasileiro. De ser brasileiro. A não ser assim, continuaríamos eternamente a ser o Brasil—maria-vai-com-as-outras, o Brasil—de-pancada, o Brasil—casa-da-sogra. Uma operação em regra, pois. E depois, espinafre. Espinafre brasileiro. Espinafre político, social, econômico, filosófico. Só assim poderíamos bancar o Popeye e enfrentar os gigantes. Só assim o Brasil poderia tomar conta do seu terreiro.

Em 30, quasi agonizante, o Brasil parecia que ia acabar de acabar. Mas não acabou; o que acabou foi o Brasil liberal. E a morte do Brasil liberal foi a ressurreição do Brasil brasileiro. O mal estava diagnosticado de há muito, mas faltava o médico capaz da operação. E foi então que doutor Getúlio apareceu. Como cirurgião audacioso. Tínhamos necessidade de ser fortes, precisávamos ser fortes. Como? — Conhecendo-nos, formando a nossa consciência, firmando a nossa vontade. Extirpando do organismo pátrio o cancro da europeite. E doutor Getúlio não vacilou, fazendo a brasilite no Brasil. Operação perfeita. Com toda a técnica. Técnica nietzscheana, da vontade do poder.

—:o:—

E o Brasil cresceu em si. Verdeamarelizou-se. Oestizou-se. Personalizou-se. E então, sadio, potente, casou-se com a Nação. A Europa, amiga antiga, chorou, ameaçou. Mas foi inútil: — o Brasil se tinha regenerado. Abandonara a orgia, ia começar vida nova. Casou-se com a Nação, e a prole veio, numerosa, pura, magnífica: — legislação trabalhista excelente, aviação florescente, e mais siderurgia, açudes, colônias agrícolas, leprosários, institutos de assistência social, escolas técnicas, baixada fluminense saneada, hospitais e mais hospitais, marinha renovada, exército forte, ensino bem orientado, administração aperfeiçoada, e, afinal, Goiânia.

—:o:—

Goiânia é a filha mais moça e mais bonita do Brasil. Por isso, a sua filha predileta. Robusta, tropical. A cara do pai. Tem o seu mesmo sentimento sertanejo, o seu mesmo espírito bandeirante, a sua mesma alma cristã. Breve será moça e se casará. Se casará com o Espírito-Novo de nossa terra. Se casará, e, forte, bonita, vai dar ao Brasil vovô de amanhã uma porção de Goiãzinhas.

CERTO dia, devia ser no mês de outubro fumoso e triste, com imensos trovões glugluzando nas distâncias, naquele recuado e selvagem ano de 1749, duas comitivas espavorosas, com basta récula de carneiros, viajando em rumos opostos, topam em um pouso, à beira da estrada.

MINAS DE COCAL

E' Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, que se retira do sertão, em direção a Minas-Gerais; é dom Marcos de Noronha que vem, Brasil a dentro, se empossar no cargo de capitão-general de Goiaz, desmembrado de S.-Paulo por provi-

são régia de 9 de maio de 1748.

Nesse encontro banal, banalíssimo entre batadores de estradas, estavam duas figuras que, mais tarde, tanta projeção deveriam ter na história da colônia. Estava Gomes Freire, o fundador da primeira ti-

pografia brasileira, o educador de José Basílio da Gama, cantor do "Uruguai", e estava o futuro conde d'Arcos, estimulador da descoberta das minas de Goiaz, sétimo vice-rei do Brasil.

Que cousas teriam conversado esses dois homens, nessa nebulosa noite colonial, do fim do segundo quartel do século 18?

De certo sobre o ouro, sobre a riqueza da colônia, sobre Lisboa, sobre a corte de dom João V. Que poderiam conversar mais dois fidalgos portugueses que se encontravam acidentalmente no correr de uma estafante viagem?

×

Dom Marcos de Noronha estimulou por todas as formas as aventuras da mineração.

— Nada de desânimos. Há muito ouro no sertão. É preciso procurar. Procurem . . .

Encorajados, certos de que não seriam prejudicados pela capitação, os caboclos rudes e peludos voltaram a bater, com mais intensidade, o sertão áspero, abrindo feridas na encosta dos morros, procurando adocidados o ouro que dia a dia mais recuava pelos meandros do subsolo.

Tanto a mineração decaira que, em 1748, dos milhares e milhares de escravos existentes em Goiaz, apenas 17 mil andavam revirando córregos, furando morros, lavando cascalho, à cata do ouro.

Diogo Gouveia Osório, um caboclo rude, de enormes mãos cascudas, de fala mansa e gesto bravo, desanimado com os insucessos de que fora vítima nas minas de Trairas, tomou a resolução de se meter mato a dentro.

— Ficar aqui, lavando terra, só para sujar a água, não paga a pena . . .

Ademais em Trairas o clima era ruim. Havia febres nos rios. O próprio conde de Sarzedas ali viera morrer doze anos antes.

Reunindo a bugrama mansa e a negrada cativa, Diogo Gouveia Osório botou-se a andar. Varou mataria brava, saltou córregos, subiu serras e, afinal, certo dia desse longínquo ano de 1750 chegou à beira de um rio: Rio como os muitos do sertão: "punhal de prata cravado no ventre virgem da mata" . . .

As primeiras bateadas foram surpreendentes. Ali havia ouro em abundância. Em menos de 400 braças, rio acima e rio abaixo, o bronco batedor-de-mato retirou cento e cinquenta arrobas de ouro.

Depois foi o delírio. A notícia correu mundo, e as minas de Cocal se povoaram rapidamente da mesma gente alucinada pela ambição, pelos mesmos homens rudes, vestidos de couro, facão-de-mato à cinta e trabuco na mão.

Surgiram ranchos, palhoças, choupanas, cochicholos das mais bizarras arquiteturas e a vida da mina, num ritmo brutal, desenrolou-se anos a fio, entre dramas e comédias, entre epopéias e tragédias que o tempo cobriu de cinzas.

Depois veio a exaustão. O ouro rareava. Em vão oito mil cativos reviravam as barrancas. A miséria entrava bravia no rancho dos aventureiros e, com ela, as doenças.

A água do rio que se estagnara em lagoas, que lembravam aneurismas menstruosos, distilava miasmas, e o paludismo campeou infrene. Dizem velhas crônicas que "nas minas de Cocal começou a dar febre terçã, boubas e outras doenças vergonhosas e papeira causada pela água salobra" . . .

×

Com dez escravos, José Filisbino da Costa deixou Trairas, e, aí pelo meado de 1751, se foi para Cocal. Levava poucos haveres mas tinha no peito rude muitas esperanças.

Chegou, estolheu terra, bateu paus para o rancho e desandou a batear. Trabalhou ferozmente e conseguiu reunir um tacho cheio de ouro. Quanto lhe custara esse ouro! Dois escravos perdera ele: um picado de cobra e o outro da febre ruim. E o seu suor! E os seus dias de luta! . . .

Sentindo as primeiras tremuras da febre, sentindo em torno a terçã carregando vidas e mais vidas, José Filisbino da Costa sentiu que era necessário esconder o seu tesouro. Chamou um escravo, o de mais confiança, o de mais amizade e, no lusco-fusco dessa mesma tarde, esgueirando-se para não ser visto, lá se foi em busca de lugar esconso em que pudesse enterrar o seu ouro.

Já tarde, noite velha, noite cheia de soberana beleza do sertão, José Filisbino voltou. Tinha o corpo inteiro num quebramento dorido, doiam-lhe as ténporas e arpeios crispavam-lhe a epiderme peluda e requeimada pelas soalheiras.

Já deitado, o sertanista bronco foi empolgado por um pensamento cruel:

— E se o escravo contasse onde o ouro estava enterrado! . . .

No catre toscó, José Filisbino da

Costa teve esse pensamento a lhe verrumar os miolos e mal apenas o sol riscava o oriente de pálidos listrões de púrpura, se pôs de pé. Tinha um desígnio feroz. Fez fogo e no braseiro que logo se formou meteu uma espóra de metal reluzente que dias antes adquirira por algumas oitavas de ouro. Quando o metal encandesceu, com alguns trapos protegendo as mãos, tomou a espóra pelo lado da roseta menos exposto ao fogo e, pé ante pé, lá se foi, gênio sombrio do mal, até o catre em que o escravo dormia.

O preto resfolegava alto, num sono bruto, num sono de carnes moidas pelas trabalhadoras cruéis. José Filisbino chegou-se de vagar, segurando firme aquelas duas aspás rubras e, num gesto rápido, mergulhou-as nos dois olhos fechados do preto. Houve um frígir de carne queimada e um urro terrível, um urro enorme, de angústia suprema. O aventureiro, para evitar que o escravo desvendasse o segredo do esconderijo do seu ouro, queimara-lhe os dois olhos . . .

José Filisbino da Costa pouco durou. A febre veio e o batedor-de-mato morreu em pasmosa agonia, debatendo-se no seu delírio, com uma legião de demônios que lhe queriam acender uma fogueira no ventre. O seu ouro ficou lá, enterrado em qualquer parte, nas minas de Cocal.

De todo esse tumultuoso refferer da vida alucinada de Cocal nada mais resta. Uns esteios desaprumados, imensas cicatrizes abertas nos chaos cheios de ouro, gameleiras parasitárias envolvendo pedras e vegetais num abraço de polvo e, pairando sobre toda a extensão da antiga mina, um grande ar de espanto e de tragédia. Parece que nos lugares em que o homem sofreu, a sua dor fica indelevelmente gravada. Fica nas pedras, na paulama bravia, na terra abandonada. O próprio ar parece ficar musicado de gemidos e de urros . . .

Em Cocal, na desolação da mina abandonada, sente-se, ainda, muito nítida a impressão de que ali houve heroísmos, bravuras e insucessos tão grandes que, mau grado tantos anos passados, mau grado a distância plurissecular, esses farrapos de vida dementada ainda são captados através das misteriosas antenas da sensibilidade do viajero descuidado . . .

ODORICO COSTA.

MÃE, palavra sentimento, harpejo suave que omite a corda mais suave do coração, dedilhada pelo mais puro e imaculado amor.

Cavatina que acalenta e adormece o coração ferido.

Pérola balsâmica, irisada de encanto e de ternura, em que baluciamos a oração primeira e em que rezamos a última Ave-Maria no rosário de nossas afeições.

Repouso e refrigério. Paz e consolo.

Benção perene que propicia o caminho e afasta as desventuras.

Fonte que os lábios ressequidos dessedenta e a fronte abrasada refresca, quando arquejamos, vida em fora, ao peso do fardo cruciforme, tropeçando nos abrolhos, rumo ao sonho que mente e à ilusão que se esvai . . .

Mãe !

Despem-se os prados, fendem-se os rochedos, crescem, alouram-se e extinguem-se as searas, os astros brilham e empalidecem; a terra desmorona e rue, encharcada de aguaceiro; mas, o calor a desseca, o atrito a desagrega e ei-la em espirais, bailando, ao sabor das lufadas . . .

Vestem-se as nuvens de ilusórias cores. O curvo firmamento franja-se de rosa, ofusca, esplende em luz difusa, esbate-se em ouro e sépia e em pós, tranquilo, veste seu velho manto, esburacado de estrelas e empoeirado de luz.

A beleza desmaia. A fortuna atraíçoa, em mito se converte a justiça e em fraqueza o vigor.

Só tu perduras, majestade materna, Nossa Senhora da Terra, no trono de teu Amor:

Mãe ! Queremos evocar este nome, gravar esta legenda, sentir sobre nós, panejando, esta flâmula, quando zarpamos, rumo ao desconhecido, neste cruzeiro de idealismo.

Mãe !. Busquemos uma expressão que encarne o teu carinho e que irradie, do angélico semblante, emoldurado em madeixas de prata, tua mística beleza. Modelo de Mãe, um símbolo vivo e perfeito de tuas virtudes e de teu imenso poder de criadora da força, modeladora de espírito e semeadora de ideais fecundos que se convertem em outras tantas fontes de bens para a humanidade que sofre, confia e espera.

Este símbolo depressa nos ocorre.

Nós o vamos buscar pressurosos na paz daquela vivenda florida que as trepadeiras enlaçam em festões alegres.

Nós a vamos procurar no retiro encantador de sua simplicidade acolhedora, onde se oculta para melhor espalhar os dons de sua caridade sem limites e a exortação edificante de seu grande exemplo.

Reflete-se em seu rosto venerando a serena beleza de uma consciência tranquila, porque cumpriu com desvelo uma grande missão que lhe foi confiada.

E' dona Josefina Ludovico de Almeida.

Ela encarna com perfeição as peregrinas vir-



tudes de mãe brasileira e goiana. Ela é a genitora de Pedro Ludovico. Foi ela quem formou esse grande coração e esse grande cérebro, fundindo-os na extraordinária envergadura do estadista eminente que tanto eleva Goiaz e dignifica o Brasil. O dr. Teixeira Júnior é também seu filho. Principal colaborador de seu irmão, ele exerce com brilho a Secretaria Geral do Estado, onde já se tornaram tradicionais sua competência e sua probidade.

Dona Josefina é viuva do dr. João Teixeira A'lvares, que foi grande médico e grande literato.

Conta ainda uma filha, dona Dulce Teixeira de Almeida, virtuosa esposa do dr. Francisco Gomes de Almeida, e, como sua ilustre Mãe, possuidora das mais belas qualidades que a fazem credora da respeitosa estima de que desfruta.

Mas, nem por possuir tantos títulos, que lhe asseguram uma posição de singular destaque, abandona dona Josefina, por um momento sequer, a encantadora modéstia de suas maneiras e a afabilidade de seu trato. E esta circunstância concorre, certamente, para que maior se torne a aureola de veneração com que a envolve sua garrida netinha, a Cidade de Goiânia.

Dona Josefina, honrando com sue efigie as páginas desta Revista, simboliza, em sua serena beleza, A Mãe Goiana.

Goiânia, 9 de Junho de 1942.

VASCO DOS REIS

Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá

B. Elis

— Fio, fais um zóio de boi lá fóra pra nois.

O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça e no terreiro, debaixo da chuva miuda e continuada, enfiou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole—outra e mais outra. 3 círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero.

Isto era simpatia para fazer estiar. E o menino voltou:

— pronto, vô.

— O rio já encheu mais? — perguntou ela.

— Chi! tá um mar d'água. Qué vê, espia, — e apontou com o dedo para a porta do rancho.

A velha foi até a porta e lançou a vista. Para todo lado havia água. Somente para o sul, para a várzea, é que estava mais enxuto, pois o braço do rio aí era pequeno. A velha voltou para dentro arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás: era entredada. Havia vinte anos que apanhara um "ar de estupor" e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram.

Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, inexoravelmente, como o progresso de uma doença fatal.

O Quelemente, filho da velha, entrou. Estava en-sopadinho da silva. Dependurou numa forquilha a carochia, — que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva, — tirou a camisa molhada do corpo e se agachou na beira da fomalha.

— Mãe, o váu tá que tá sumino a gente. Este ano mesmo, se Deus ajudá, nois se muda. Onde ele se agachou estava agora uma lagoa, da água escorrida da calça de algodão grosso.

A velha trouxe-lhe um prato de folha e ele começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro. Era o feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão; com que entrouxava a bocarra.

Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá em baixo — ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zum-zum subterrâneo.

A calça de algodão crú do roceiro fumegava ante o calor da fomalha, como se pegasse fogo.

Já tinha pra mais de 80 anos que os dos Anjos morava ali na foz do Capivarí no Corumbá. O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos. A casa ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios e o terceiro por uma vargem e buritis. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa e podia-se vadiar perfeitamente.

No tempo da guerra do Lopes, ou antes ainda, o avô de Quelemente veio de Minas e montou ali sua fazenda de gado, pois a formação geográfica construiu um excelente apartador. O gado, porem, quando o velho morreu, já estava quasi extinto pelas hervas daninhas. Daí para cá foi a decadência. No lugar da casa de telhas, que ruiu, ergueram um rancho de palhas. A herva se incumbiu de arrasar o resto de gado e as febres as pessoas.

— "Este ano, se Deus ajudá, nois se muda". Há 40 anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido: — "Nois precisa de mudá, praquê sinão a água leva nois". Ele morreu de maleita e os outros continuaram no lugar. Depois era o filho que falava assim, mas nunca se mudara. Casara-se ali: tivera um filho; a mulher dele, nora de Nhola, morreu de maleita. E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado.

A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava. Ratos, sapos, baratas, grilos, aranhas, — o diabo refugiava-se ali dentro, fugindo à inundação que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote.

Quelemente saiu ao terreiro e olhou a noite. Não havia céu, não havia horizonte — era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Clareava as trevas o branco confusamente leitoso das águas que cercavam o rancho. Ali pras bandas da vargem é que ainda se divisava o vulto negro e mal recortado do mato. Nem uma estrela. Nem um pirilampo. Nem um relâmpago. A noite era feito um grande cadaver, de olhos abertos e embaciados. Os gritos friorentos das marrecas povoavam de terror o ronco medonho da cheia.

No canto escuro do quartô, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumando seu rosto macilento e fuxicado.

— Ocê bota a gente hoje na riba do jiráu, viu? — pediu ela ao filho. Com essa chuva de dilúvio tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não.

Ela receava a baita cascavel que inda agorinha atravessou a cozinha numa intimidade pachorrenta.

Quelemente sentiu um frio ruim no lombo. Ele dormia com a roupa ensopada, mas aquele frio, que estava sentindo, era diferente. Foi puxar o baixeiro e nisto esbarrou com a água. Pulou do jirau no chão e a água subiu-lhe ao umbigo. Sentiu um aperto no coração e um tonteira enjoada. O rancho estava viscosamente iluminado pelo reflexo do líquido. Uma luz cansada e incômoda que não permitia divisar os contornos das coisas. Dirigiu-se ao jirau da velha. Ela estava agachada sobre ele, com um brilho aziago no olhar.

— A'gua.

— A'gua.

Lá fora o barulhão confuso, subterrâneo, sublinhado pelo uivo de um cachorro.

— Adonde será que tá o chulinho?

Foi quando uma parede do rancho começou a desmoronar. Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos das embiras e caíam n'água com um barulhinho brincalhão — tchibungue — tibungue. De repente, foi-se todo o pano de parede. As águas agitadas vieram banhar as pernas inuteis de mãe Nhola:

— Nossa senhora dabadia do muquem!

— Meu divino padre eterno!

O menino chorava aos berros, tentando subir pelos ombros da estuporada e alcançar o teto. Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira, cuias, coités, trapos e a superfície do líquido tinha umas contorsões diabólicas de espasmos epiléticos, entre as espumas alvas.

— Cá nêgo, cá nego. — Nhola chamou o chulinho que vinha nadando pelo quarto, soprando a água. O animal subiu ao jirau e sacudiu o pelo molhado, trêmulo, e começou a lambear a cara do menino.

O teto agora começava a desabar, estralando, arriando as palhas no rio, com um vagar irritante, com uma calma perversa de suplicio. Pelo vão da parede descunjuntada podia-se ver o lençol branco, — que se confundia com a cortina diáfana, leitosa do espaço repleto de chuva, — e que arrastava as palhas, as taquaras da parede, os detritos da habitação. Tudo isso descia em longa fila, aos mansos boléus das ondas, ora valçando em torvelins, ora parando nos remansos enganadores. A porta do rancho também ia descendo. Era feita de paus de buritis amarrados por embiras.

Quelemente nadou, apanhou-a, colocou em cima a mãe e o filho, tirou do teto uma ripa mais comprida para servir de varejão, e lá se foram derivando, nessa jangada improvisada.

— E o chulinho? — perguntou o menino, mas a única resposta foi mesmo o uivo do cachorro.

Quelemente tentava atirar a jangada para a vargem, a-fim-de alcançar as árvores. A embarcação mantinha-se a coisa de um palmo abaixo da superfície das águas, mas sustinha satisfatoriamente a carga. O que era preciso era alcançar a vargem, agarrar-se aos galhos das árvores, sair por esse único ponto mais próximo e mais seguro. Daí em diante o rio pegava a estreitar-se entre barrancos atacados, até cair na cachoeira. Era preciso evitar essa passagem, fugir dela. Ainda se se tivesse certeza de que a enchente tivesse passado acima do barranco e extravasado pela campina adjacente a ele, podia-se salvar por ali. Do contrário, depois de cair no canal, o jeito era mesmo espantificar-se na cachoeira.

— E' o mato? — perguntou abafadamente Nhola, cujos olhos de puá furavam o breu da noite.

Sim. O mato se aproximava, discerniam-se sobre o líquido grandes manchas boiando sonambulosemente pesadas, emergindo do insondável — deviam ser as copas das árvores. De súbito, porém, a sirga não alcançou mais o fundo. A correnteza pegou a jangada de chofre, fê-la torner rapidamente e arrebatou-a no lombo espumarento. As três pessoas agarraram-se freneticamente aos bunitis, mas um tronco de árvore que derivava chocou-se com a embarcação, que agora corria na garupa da correnteza.

Quelemente viu a velha cair nágua, com o choque, mas não pode nem mover-se: procurava, por milhares de cálculos, escapar à cachoeira, cujo rugido se aproximava de uma maneira desesperadora. Investigava a treva, tentando enxergar os barrancos altos daquele ponto do curso. Esforçava-se em identificar o local e atinar com um meio capaz de os salvar daquele estrugir encapetado da cachoeira.

A velha debatia-se, presa ainda à jangada por uma mão, despreendendo esforços impossíveis por subir novamente para os bunitis. Nisso Quelemente notou que a jangada já não suportava 3 pessoas. O choque com o tronco de árvore havia arrebatado os atilhos e metade dos bunitis havia-se desligado e rodado. A velha não podia subir, sob pena de irem todos para o fundo. Ali já não cabia ninguém. Era o rio que reclamava uma vítima.

As águas roncavam e cambalhotavam espumejantes na noite escura que cegava os olhos, varrida de um vento frio e sibilante. A nado, não havia força capaz de romper a correnteza nesse ponto. Mas a velha tentava energicamente preparar novamente para os bunitis, arrastando as pernas mortas que as águas metiam por baixo da jangada. Quelemente notou que aquele esforço da velha estava fazendo a embarcação perder a estabilidade. Ela já estava a dois palmos abaixo das águas. A velha não podia subir. Não podia. Era a morte que chegava abraçando Quelemente viscosamente com o manto das águas sem fim. Tapando a sua respiração, tapando seus ouvidos, seus olhos, enchendo sua boca de água, sufocando-o, sufocando-o, apertando sua garganta. Matando seu filho, que era perrengue e estava grudado nele.

Quelemente segurou-se bem aos bunitis e atirou um coice valente na cara aflisurada da velha Nhola. Ela afundou, para tornar a aparecer presa ainda à borda da jangada, os olhos fuzilando numa expressão de incompreensão e terror espantado. Novo coice melhor aplicado e um tufo d'água espirrou no escuro. Aquele último coice, entretanto, desequilibrou a jangada, que fugiu das mãos de Quelemente, desamparando-o no meio do rio.

Ao cair, porém, sem querer, ele sentiu sob seus pés o chão seguro. Ali era um lugar raso. Devia ser a campina adjacente ao barranco. Era raso. O diabo da correnteza, porém, o arrastava, de tão forte. A mãe, se tivesse pernas vivas, certamente teria tomado pé, estaria salva. Suas pernas, entretanto, eram uns molambos sem governo, um estorvo.

Arlindo Costa

(excerto do livro inédito "Antologia Goiana", de autoria de VEIGA NETO, bacharel em Ciências e Letras pelo Liceu de Goiaz, diplomado em Curso de Literatura Geral pela Escola Apostólica de Uberaba e membro da A.G.I.)

Nasceu Arlindo Costa em Pouso-Alto, neste Estado, a 28 de Setembro de 1880. Sua primeira infância foi cheia de peripécias e viagens que culminaram com a transferência definitiva de sua família para a cidade de Anápolis.

Aí o poeta iniciou os estudos primários com o mestre-escola Adolfo da Silva Batista, cuja fama era notória naquela época. O curso foi brilhante. Arlindo, dotado de rara inteligência, pôde, em breves anos, apossar-se de toda a cultura do seu mestre a ponto deste externar aos amigos a sua admiração pelo aluno.

A carreira do poeta estava definitivamente paralizada por falta de recursos quando o então vigário de Anápolis, padre Cunha, tomou-o sob sua proteção. Deveras impressionado pelos dotes de inteligência manifestados pelo rapaz, esse eclesiástico mandou-o para Uberaba, no triângulo mineiro, como aluno da Escola Normal daquela cidade.

Por esse tempo, nessa cidade, crescia e prosperava a imprensa periódica representada pelo

(Continua na página seguinte)

Ah! se ele soubesse que aquilo era raso, não teria dado dois coices na cara da velha, não teria matado uma entrevada que queria subir para a jangada num lugar raso, onde ninguém se afogaria se a jangada afundasse...

Mas quem sabê ela estava ali, com as unhas metidas no chão, as pernas escorrendo ao longo do rio?

Quem sabe ela não tinha rodado? Não tinha caído na cachoeira, cujo ronco escurecia mais ainda a treva?

— Mãe, ô, mãe!

— Mãe, a senhora tá aí?

E as águas escachoantes, rugindo, espumejando, refletindo cinicamente a treva do céu parado, do céu defunto, do céu entrevado, estuporado.

— Mãe, ô, mãe! eu nun sabia que era raso.

— Espera aí, mãe!

O barulho do rio ora crescia, ora morria e Quelemente foi-se metendo por ele a dentro. A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, timbres de mãe ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados. Abriam-se estranhas gargantas resfolegantes nos torvelins malucos e as espumas de noivado ficavam boiando por cima, como flores sobre túmulos.

— Mãe! — lá se foi Quelemente gritando dentro da noite, até que a água lhe encheu a boca aberta, lhe tapou o nariz, lhe encheu os olhos arregalados, lhe entupiu os ouvidos abertos à voz da mãe que não respondia, e foi deixá-lo, empanzinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira.

“Brasil Central”, “Lavoura e Comércio”, “Gazeta de Uberaba”, etc..

Homens como Quintiliano Jardim e outros dedicavam-se às letras e auxiliavam em tudo os escritores e poetas da época.

Arlindo, influenciado pelo ambiente protetor às suas idéias, fundou também um jornal literário, o “Lírios do Vale”, pouco depois transformado no seu livro, de mesmo nome, editado em 1910.

Sua brilhante inteligência em breve tornou-o merecedor da nomeação como professor do Grupo Escolar Uberabense, cargo que ocupou de 1909 a 1912.

Em 1911, após memorável prélio, era nomeado representante geral do professorado triangulino ao Congresso de professores primários em Belo-Horizonte, realizado naquela Capital.

Somente em Julho de 1912, após terminar definitivamente o seu curso normal, voltou a Anápolis onde ingressou na política e dedicou-se à advocacia.

Nomeado deputado estadual, o poeta atingiu o ápice de sua carreira política.

Com as várias mudanças de governo, Arlindo também sofreu mudanças em sua posição social. Por essa época organizou o livro “Poemas da Saudade”, até hoje inédito. Os originais desta obra encontram-se em poder de sua família. Escreveu-o quando prisioneiro, na velha Capital de Goiás, em época de transição política.

Faleceu em Anápolis a 4 de Janeiro de 1928.

Arlindo possuía verdadeiro sentimento poético e era dotado de encantador lirismo. O seu soneto “Cartão Postal”, que abaixo transcrevemos dá-nos idéias dos recursos do poeta:

Eu recebi, querida, o teu cartão,
O teu cartão-postal de boas-festas.
Há, desenhados nele, umas florestas,
Um lago e uns cisnes que nadando estão.

Do lago à beira, junto a um corcovão
Com silveiras em flor, sobre as giestas,
Em bando esquivo vão fugindo lestras
As corças, filhas do brutal sertão.

E enquanto pelo espaço, errando atoa,
Das belas garças alvo bando voa
Em busca dos sertões abandonados...

A' flor d'água desliza uma canoa
E, dentro dela,— que vidinha boa —
Cantando, alegres, vão dois namorados:...

Arlindo teve também momentos de desespero e descrença que cantou em versos sombrios e melancólicos:

Por que sou triste, tu me perguntaste.
Por que sou triste, vou dizer-te então:
Sou triste, ó virgem, porque cedo ainda
A crença minha ví rolar no chão...

E quando um dia já na sepultura
O pobre triste descansar sem vida
Eu peço, ó virgem, que tu vás ali
Fazer, chorosa, uma oração sentida!

“Barro Preto”

- João Accioli -

Dificilmente coexistem num mesmo espírito, com vitalidade igual, as personalidades antagônicas do poeta e do prosador. Em Bilac predominou o poeta sobre o cronista delicioso. Em Machado de Assis, o contista original e perfeito fez esquecer o poeta.

Não parece que seja assim com João Accioli.

Seu primeiro livro, “Olho d’Água”, uma coletânea de poesias, foi recebido sob unânimes aplausos da crítica. Martins Fontes classificou o autor como “um poeta completo”.

E, nem bem três anos passados, João Accioli nos oferece um romance: “Barro-Preto”. É também uma estréia. Mas a esplêndida promessa de um verdadeiro romancista, que bem conhece a arte difícil de conduzir o leitor através das páginas do livro, sem cansaço e sem tédio, presa de sempre crescente interesse.

“Barro-Preto” tem contextura bem urdida. Seus diálogos são perfeitos, mesmo quando reproduz o linguajar sertanejo. As paisagens exatas, nítidas, verdadeiras fotos embelezadas pelo pincel do artista, que lhes dá o retoque mágico, sem o qual não existe a obra literária.

Suas personagens têm o cunho da realidade; são apanhadas ao vivo, no turbilhão da Vida. Quem conhece o interior de Goiás pode dizer quanta observação, quanta verdade existe na figura típica de Mariano Rezende, o “coronel” que já vai felizmente desaparecendo do *hinterland*.

A narração vai ganhando em colorido, em movimento, em intensidade emocional, até o final quasi dramático.

Há, por certo, traços fortes de exagero na cena da expulsão do juiz da comarca, fato ainda não verificado na vida política sertaneja de Goiás.

E o quadro do ataque da soldadesca à população grevista arranchada à beira do rio Cassú faz lembrar o espingardeamento dos fanáticos de Santa Dica, às margens do Rio do Peixe.

É curioso que a autobiografia, tão bem começada, fique logo, a páginas 36, completamente esquecida, tanto que poderia ser o começo de um outro romance. Tem-se a impressão de que aqueles fragmentos da vida de um “menino danado” estão truncados, porque o autor não fala dele nas demais trezentas e quatro páginas do livro.

“Barro-Preto” é digno de ser lido e apreciado como um bom e sadio romance brasileiro.

MARILDA PALÍNIA

E por acaso se te perguntarem:

— Aí quem dorme? — talvez por gracejo...

Responde:— um triste que jamais, na vida,
Teve na frente, da ventura um beijo...

Cremos, porém, que na obra inédita “Poemas da Saudade”, existem produções inigualáveis, não só pelo sentimentalismo superexcitado em que se achava o poeta, na ocasião em que escreveu, como também pela sua cultura já então muito mais aperfeiçoada.

No entanto, não pudemos conseguir o manuscrito do poeta para dali retirarmos algum trabalho. Apesar-de todos os nossos esforços eles permanecem ocultos e talvez, quem sabe, perdidos para sempre... entregues às traças e já inteiramente ilegíveis.

VEIGA NETO

Problema Administrativo Municipal

A João Accioli e Bernardo Elis, os dois novos que mais sabem compreender as coisas humildes de nossa terra: o monjolo, o melão de São Caetano, o roceiro miudo e as velhinhas tristes que murcharam de uma vez.

*Eu gosto
da bandazinha de música da roça
que toca o samba do poetinha bobo
que as moças bobas chamam — Rouxinol.*

*E que toca o samba que o bobinho canta
com trêmulas ternuras na garganta,
ao roncar do papinho em si bemol.*

*Bandazinha
que tocas a valsa "Minhas Queixas",
a cuja,
cujo autor é o Zé Coruja,
o tal que faz papo nas bochechas
sob o bocal do bombardino armado em "sol".*

*Bandazinha de música
"Euterpe", "Lira", ou "Flor de Maio",
és sempre a mesma
tocando o "Bico do Papagaio".
Zé Coruja tem de valsas uma resma.*

*Mas o Prefeito gosta do samba "Bamba"
que o Zé Coruja furtou do "Rigoletto";
e o remédio é rufar a vida inteira,
no coreto
sem carater do jardim,
em cada tarde domingueira
e em cada quinta-feira
desta quadra estival,
os compassos lassos do samba "Bamba",
asneira musical
do princípio até o fim.*

*— Quanto me dão por esta prenda ?
— Quanto ?
E, em quanto
o leiloeiro
aponta o blefe
— a prebenda —
um magarefe
português aparece, lá num canto,
a gritar doidamente — Dex tuxtões !*

*E' quando exclama um peão de boiadeiro,
de botas de sanfona e capa ao ombro,
causando assombro
aos fiéis
— Arreda, que eu sou brasileiro,
e dou por essa porqueira cem mil réis.*

*A bandazinha lá no estrado,
furiosa, comovida,
ataca um dobrado,
e fica tocando, tocando
toda a vida . . .*

*O Prefeito faz anos. E' preciso
uma grande manifestação.
A bandinha vai à frente. De improviso,
o professor Jeremias
faz um discurso, escrito há quinze dias,
com tremenda erudição.*

*Bandazinha de música da roça,
atenta bem no teu pistão !
que ele está gritando o sustenido
mais sentido,
na ladainha,
ao pé do ouvido
da mulher do sacristão . . .*

*Pobres músicos — coitados !
cada qual
a ouvir a voz de metal
do seu próprio instrumento . . .
Quanta vez,
tresnoitados
e mais ou menos embriagados,
cometeis feios pecados
contra o nono mandamento !*

*"Lira", "Euterpe", "Flor de Maio", "Batiché"
ou outro nome desse jeito,
o' bandazinha do meu sertão,
eu te garanto que o dr. Prefeito,
patriota como é,
vai dar-te um conto de subvenção.*

P. do-Rio, 42.

LEO LYNCE

Exaltação

Ao ensejo da inauguração oficial de Goiânia.

Um gênio audaz, da estirpe do Anhanguera,
enfrentando e vencendo dissabores,
aqui plantou o marco de outra era.

A' maneira do rude pioneiro
que escreveu a epopéia das Bandeiras,
ao seu povo ele deu novo roteiro.

Da luta furiosa e sem clemência
surgiu Goiânia, esplêndida e vibrante,
em revide aos tabús da decadência.

Soberba, impressionante realidade,
Goiânia empolga como raro exemplo
que um homem dá de força de vontade.

Cabem-lhe agora os louros da vitória:
a quem venceu sozinho uma batalha
sobra um lugar no Panteon da História !

FRANCISCO DE BRITO

GOTAS D'ÁGUA

*Pingos d'água caindo no telhado,
Gotas d'água rolando na vidraça,
Num murmurinho manso e compassado,
Que silencia quando a chuva passa*

*Música que a nossa alma despedaça,
Eu a ouço, tristonho, emocionado,
Enquanto no meu cérebro perpassa
Vaga lembrança de um feliz passado.*

*E do meu quarto, na silente calma,
Revolvo os escaninhos da minha alma,
Perscrutando-lhe os íntimos refulhos.*

*Mas, que cruéis, acérrimos instantes !
E como são amargas, escaldantes,
As gotas que rorejam dos meus olhos.*

J. LOPES RODRIGUES

Goiânia.

GOIÂNIA FESTIVA

NELLY ALVES DE ALMEIDA

Goiânia ativa !
Do docel esplêndido de tua formosura,
Olha a criatura
Que humilde te corteja !
Curva a fronte luminosa,
Onde cintilam pedras preciosas,
E estende, airosa, esse véu que te envolve
Na ternura macia de suave carícia !
Estende-o na pureza rara
De tua beleza cara
E recama o espaço ébrio de ti
Com as estrelas que o enfeitam, comovidas . . .

Goiânia !
Para a festa de teu batismo cultural
Entoaram-se hinos na terra,
Nas alturas,
Nos corações e nas almas
De teus admiradores. . .
Vieram, de longe, olhos extasiados
Almas sedentas de novas emoções
Para conhecer-te a decantada formosura,
Que é vera e cheia de doçura.
E esses olhos e essas almas
— Reis magos da atualidade —
Incensarão, felizes, o presente do Altíssimo
Para o coração meritório do Brasil
— Tu, que és sublime,
Tu, que és a essência do sacrifício e a realização
De pobre coração,
Tu, que és vitória e ideal,
Tu, que és a palma imortal
Da glória!

.....
.....
Goiânia festiva !
Há música e alegria em teu seio !
E minh alma, fiandeira da ilusão,
Quer desfiar os fios luminosos desta glória,
Na brancura divina de teus pés
Para que os sóis que, daí, surgirem
Sejam perenes
E coroaem a tua fronte e a de teu criador
Com o perfume da imortalidade !
E para que, nas páginas de nossa história,
Possam os homens de hoje mostrar aos de amanhã
O brilho que dimana, alviçateiro,
De teu dia maior !
De teu 5 de Julho !

Goiânia, 5-7-942.

Tipos Da Rua

Vão-se acabando os nosso "tipos de rua".

Não se veem hoje, como outrora, os "Funga-funga", os "Zé Mangarito", os "Antônio Louco" e outros, no espalhafato que armavam em plena via pública, cada qual na sua especialidade, acossados pela garotada, e que fazia muita gente vir à janela.

Desapareceram.

Vai-se com eles grande parte da poesia das velhas ruas, onde o buzinar do "Ford" já não dá ensejo a espetáculos dessa natureza, impróprios de cidade que se civiliza, — mas cujo sabor agradável ninguém pode contestar.

Além disso, o tipo da rua de nossa terra pertence a toda a gente, assim como a "Carioca", a "Pinguelona", a "Santa-Bárbara" e o velho "Parque" de São Miguel, de nós todos, por excelência.

Na impossibilidade de termos, nas praças públicas, pelo menos o busto de cada um deles, a perpetuar o "tipo", que, à custa de muito sofrimento, nos desopilou o fígado e a muitos ascendentes nossos, irei recordando nestas linhas a vida de seres que conosco viviam, que gozaram e sofreram aquilo que sofremos ou gozamos, e que pertenciam à Família Goiana, que era propriamente sua.

Abro a temporada com João Guatá, filho de Aninha Pulga.

"Aninha Pulga,
João Guatá:
Preguiça não deixa
Trabaiá".

Certo terá o leitor ouvido alguma vez estes dois nomes, se é que não conheceu seus portadores; Há gente — e muita gente — que deles se recorda; também há quem nunca os viu mais gordos.

Satisfaco a uns e a outros.

Foi João Guatá soldado do exército e terminou sua brilhante vida militar no antigo Corpo de Polícia do Estado. Não estou certo de se morreu como soldado. O motivo, porém, que o traz hoje ao conhecimento do público se prende à época em que servia naquela unidade. Comandava-a, então, o Major reformado do Exército Francisco Lourenço de Souza Rego.

Esgotaram-se a Guatá os melhores recursos para obter "dispensa"; precisava, hoje, de três dias para a compra de abastecimentos fora da cidade: amanhã, de mais dois para consertar uma parede de casa; depois de amanhã, disto; depois, daquilo, e, afinal, estava exausto de expedientes.

Major Rego, bom por índole, dispensava o João, aceitando ou fingindo aceitar as razões. João, po-

rem, precisava de mais quatro dias, e estava vazio o repertório; teve a idéia de repetir alguma coisa, mas poderia "dar na vista" e ficaria "sujo" para o futuro. Lembrou-se de que era soldado velho e, como tal, deveira desapertar "pela esquerda". Dirigiu-se ao comando:— "Dá licença, seu major?"

— "Entre, João," concedeu o major Rego, com a bonomia habitual; "fale porem depressa, porque estou muito atarefado. Vamos".

João Guatá dá dois passos à frente, perfila-se, ajeita uma cara de choro e fala: — "Seu major, eu queria que Vossoria me arranjasse quatro dias de dispensa para tratar do enterro da velha . . ."

— "Então morreu? coitada! Vá João, vá cuidar de sepultar sua mãe", despachou o comandante.

Guatá comunicou a quem de direito sua dispensa e pegou a rua. E aproveitou os quatro dias.

Finda a folgança, retornou ao quartel muito naturalmente, e continuou a boa vida, aguardando qualquer acontecimento que lhe proporcionasse oportunidade para nova fuga.

xxx

Dias após, em palestra com a oficialidade, ao café-do-meio-dia, ouviu Major Rego de um deles referência a Aninha Pulga.

— "A falecida Aninha Pulga, quer dizer você, tenente", corrigiu o comandante.

— "Falecida, major?" inquiriu surpreso o oficial; "falecida, por que? se está viva?"

— "Viva? Ora, você está a brincar, pois se me pediu seu filho João dispensa para tratar do enterro, há poucos dias; salvo se . . . se . . . ó, cabo, vá me chamar o João, o João Guatá".

O cabo de ordens saiu da sala, voltando minutos depois acompanhado do filho da falecida ex-morta Aninha Pulga.

— "Pronto, seu comandante, Vossoria mandou-me chamar?"

— "Ó, João, mandei chamá-lo para que me informe de uma coisa: sua mãe não morreu? Não me pediu você quatro dias para tratar do funeral?"

— "Pedí, sim, seu comandante; mais é porque ela já estava vai-não-vai; entendi então, que não valia a pena pedir duas dispensas, uma para "fazer quarto" e outra para o enterro: pedi logo quatro dias. Graças a Deus a velha arribou . . ."

Dá licença, meu comandante?"

E João Guatá fez meia volta à direita e saiu . . .

Todo homem tem em si uma feição que se oculta sob as conveniências. Coelho NETO.

TROVA

E' nossa alma uma criança
Que nunca sabe o que faz,
Quer tudo que não alcança,
Quando alcança, não quer mais . . .

Adelmar TAVARES.

PAINEL DO SERTÃO

J. DÉCIO FILHO

Escurece. As sombras brincam de esconde-esconde e a noite vem vindo para germinar fantasmas. As árvores do quintal começam a cochilar e eu ouço os últimos gemidos das maracanãs tagarelas amarrotando as folhas das bananeiras.

A mangueira em frente da minha janela recorta um céu parado e manso onde estrelas medrosas começam a piscar. Pássaros retardados, meio tontos, batem azas aflitas à procura de um pouso na folhagem escura de um abacateiro hierático.

Nasce da terra, dos seres inocentes, um fluido abençoado de repouso e mistérios suaves. Lá fora, na calçada da porta da rua, entes familiares estão fazendo a sesta e uma voz amiga ralha ternamente, chamando as crianças para dentro de casa.

Lá longe, das bandas da estrada geral, vem um carro-de-boi cantando uma toada triste. É a cidadezinha do interior, vestida de ternuras, sonha embalada na sua doce cantiga.

Vento

— B. ROCHA —

Vento de junho, gélido, cortante,
Que galopêia nos beirais da casa
Em dansas saturnais e pavorosas.
Vento que silva e sopra e ri sinistramente,
Despetalando as pétalas das rosas,
Erguendo pó e enregelando a gente.

As pétalas das flores, coitadinhas,
E as folhas secas, soltas pelo chão,
O vento mau, em doido rodopio,
Entre um esgar sinistro e um assobio,
Pelo espaço as carrega de roldão . . .

Tu te assemelhas, vento, aos males desta vida,
Que levam nossos gozos de vencida,
Deixando-nos tiritar de frio . . .

VESPERAL

POEMA ESCRITO ESPECIALMENTE PARA
"OESTE" POR JOÃO VIANA DE OLIVEIRA

Trazida de todas as torres, por todos os ventos,
a voz de todos os sinos reza o ângelus dentro da tarde
que se aproxima leve e clara como anjos.
No ar, vozes suaves murmuram orações
enquanto o sol se sepulta vagaroso no túmulo de pedra das montanhas.

Sapos anunciam, solenes, nas águas paradas das planícies,
que a noite virá calma e luminosa.

Antes, porem, muitíssimo antes dos astros pálidos e inalcançáveis
se acenderem no céu noturno,

já teus olhos claros são estrelas luzindo na doçura da tarde.

GÊNESIS, 3,24 . . .

"e lançou fora a
Adão e pôs diante do
paraíso de delícias um
querubim com uma es-
pada de fogo e versatil,
para guardar o caminho
da árvore da vida".

As árvores no canto de mil pássaros e majestoso cantava o mar, alem; e marulhavam os regatos com doçura, e adiante estrugiu, em orquestração maravilhosa, a água nas cascatas . . .

Os olhos e os ouvidos lhes restituíam o paraíso que perderam.

Seguiram. O mundo era cheio de troços, espinhos, sofrimentos. Mas a cada dor tinham um beijo e, se sangravam os pés, o lenitivo de um carinho.

Seguiram. E viram, só então, como é lindo o gorgueio da passarada e como tem mil encantos o por do sol; e das flores, só então, descobriram a diversidade das cores, das formas e dos perfumes; e a arrebatadora beleza do mar e os encantos do plenilúnio.

Pelo milagre do Pecado descobriram os sons, as cores, os perfumes: um novo Paraíso.

E para o cansaço, a dor e mil angústias do mundo encontraram o Amor, que é consolo, refrigério . . .

Cessaram com os soluços e enxugaram as lágrimas para bendizerem o Pecado.

O querubim, da entrada do paraíso de delícias, os acompanhou sempre com os olhos celestiais. E viu que não voltariam e conheceu que nem queriam voltar ao paraíso que haviam perdido. Alçou sereno para o infinito suas asas. Voou, olhando sempre os dois pecadores, para os céus, onde a alegria é eterna; onde não existe dor nem cansaço: só a bemaventurança infinita . . .

Vocu.

Havia lágrimas de inveja nos seus olhos divinos. . .

(De um caderno de contos) — J. BERNARDO FELIX DE SOUZA

ASSIM, expulsos do paraíso, se-
guiram Adão e Eva
juntos pelo mundo. Pararam alem
e contemplaram uma última vez o
paraíso de delícias, onde ressoava
ainda a voz tremenda de Jeová. E
desamparados e sós, cheios de an-
gústia e de medo, choraram a felici-
dade perdida . . . Mas ao contem-
plarem de novo os horizontes seus
olhos se encheram das maravilhas
do mundo que agora era seu. E de
mil sons se encheram seus ouvidos.

As mais suaves harmonias desciam

do canto de mil pássaros e majestoso cantava o mar, alem; e marulhavam os regatos com doçura, e adiante estrugiu, em orquestração maravilhosa, a água nas cascatas . . .

Os olhos e os ouvidos lhes restituíam o paraíso que perderam.

Seguiram. O mundo era cheio de troços, espinhos, sofrimentos. Mas a cada dor tinham um beijo e, se sangravam os pés, o lenitivo de um carinho.

Seguiram. E viram, só então, como é lindo o gorgueio da passarada e como tem mil encantos o por do sol; e das flores, só então, descobriram a diversidade das cores, das formas e dos perfumes; e a arrebatadora beleza do mar e os encantos do plenilúnio.

Pelo milagre do Pecado descobriram os sons, as cores, os perfumes: um novo Paraíso.

E para o cansaço, a dor e mil angústias do mundo encontraram o Amor, que é consolo, refrigério . . .

Cessaram com os soluços e enxugaram as lágrimas para bendizerem o Pecado.

O querubim, da entrada do paraíso de delícias, os acompanhou sempre com os olhos celestiais. E viu que não voltariam e conheceu que nem queriam voltar ao paraíso que haviam perdido. Alçou sereno para o infinito suas asas. Voou, olhando sempre os dois pecadores, para os céus, onde a alegria é eterna; onde não existe dor nem cansaço: só a bemaventurança infinita . . .

Vocu.

Havia lágrimas de inveja nos seus olhos divinos. . .

(De um caderno de contos) — J. BERNARDO FELIX DE SOUZA

UMA PIADA CONTRA VOLTAIRE

(C. E. C.)

O grande filósofo francês foi, certa vez, desprezado e ridicularizado por Piron. Indignado e ofendido, Voltaire foi à casa de seu desafeto para tirar satisfações. Todavia, não

o encontrou em sua residência. Para não perder a viagem, escreveu na porta "Burro", e foi-se. No dia seguinte, encontrou-se com Piron e disse-lhe que estivera em sua casa no dia anterior. Ao que Piron lhe respondeu: "Com efeito, eu vi o seu cartão de visita na porta".

Do "PITO ACESO"

CARLOS DE FARIA

(Do biceu de Goiás)

Convidou-me a redação de "Oeste", para contribuir à elaboração de seu primeiro número, bem como me pediu ceder um dos contos do "Pito Aceso", livro ainda inédito de Pedro Gomes, de quem sou . . . empresário, para aproveitar a expressão do Professor Iron. Com uma restrição, porem: sem o intento de lucros.

Comprometi-me, com prazer, sem ouvir o autor, aliás.

Antes de mais nada, desejo acentuar minha satisfação pelo aparecimento da revista. Quasi que poderia dizer vaidade, se a conhecesse, posto que — sem alijar direitos alheios — a idéia de criar entre nós um órgão nessas bases, já a alimentava eu de longa data. Pugno, há muito, pela fundação de veículo literário capaz de dar vazão a tanto valor moço, enferrujado por falta de uso.

Não se deduza daqui desprezo pelos órgãos de publicidade que circularam e circulam em nosso meio. E' que, na verdade, publicações periódicas essencialmente literárias, nunca as tivemos, — e não há, creio, outro gênero tão próprio à reflexão de cultura.

Apoiado muita vez por amigos partidários da iniciativa — Bernardo Elis e Zecchi Abraão, com especialidade, — fiz investidas várias no sentido de realizar a revista. E surge ela agora, precisamente como a projetávamos.

Justificavel e facil de compreender é, pois, meu contentamento.

E o fato é tão mais auspicioso, quanto vem confirmar o florescimento das letras em Goiás, ao tempo que — digamos — no Brasil se nota, de modo geral, estacionamento, senão declínio, do anabolismo das belas-letas, em flagrante incompatibilidade com a evolução nacional.

xxx

Vamos, porem, ao que interessa, se é que o leitor, caceteado, já não virou a página.

"O Pito Aceso", compilação de narrativas e descrições regionais, publicar-se-á ao ensejo da inauguração de Goiânia, a instâncias minhas, junto ao autor.

Pedro Gomes, um "relaxadão" — (perdõem-me a ausência), publicou, há 18 anos, "Na Cidade e na Roça", insuflado igualmente por amigos. E silenciou.

Em seu convívio, penalizava-me verificar o montão de material literário, assim no papel, como em depósito na prodigiosa memória, que poderia consubstanciar-se em diversos e interessantes volumes. E, a meu assédio prolongado, capi-

(Continua na pág. seguinte)

O VIII Congresso Nacional de Educação e sua significação cultural para Goiânia

Amália Hermano Teixeira

Orientação altamente educativa e não menos patriótica a que Heitor Lira quis, inicialmente, imprimir à Associação Brasileira de Educação de que foi fundador.

Seu desejo era que os formadores dessa entidade desenvolvessem seus trabalhos, anualmente, em um

tulou. Como quem dissesse: "Se Você quer, publique o livro".

E vamos publicá-lo, — mercê da assistência do Governo do Estado, prestada, por sinal, da melhor vontade.

Assim é que tenho em mãos os originais, para revisão definitiva.

Insisto em editar-lhe as obras, porque as reputo de merecimento, além de que retratam nosso passado com nitidez e fidelidade. Têm estilo, afinal. E sua maior virtude é, sem dúvida, a simplicidade, a par-da clareza.

De Pedro Gomes pode dizer-se que escreve como fala, — a-ponto-de levar, de contínuo, para a escrita deslises que se permitem na conversação. (Um "relaxadão").

Tão pessoal e característica é, porém, sua construção que, não raro, me pesa a pena ao alterar a estrutura do texto, a serviço da correção de linguagem. Chego a implicar com a ciência quando, carrancuda, vem pedir contas à arte. Disse dele — e disse bem — Vasco dos Reis, em parecer referente ao "Pito Acesso" que constitui originalidade digna de menção a simplicidade com que pinta os sugestivos quadros e emoldura os tipos e as paisagens de um passado que contrasta, de modo tão violento, com a hora atual".

Vou cerrar estas considerações despretensiosas, que não é intuito meu analisar o estilo do contista, tanto mais que presumo ser a clareza, a simplicidade e os temas qualidades suficientes para justificar-lhe a edição das obras. Demais, — já concluiu quem mais sabe, — se o estilo pode ter qualidades julgado em si, não tem graduações julgado nos homens.

Aí vai um dos capítulos do "Pito Acesso". Dos melhores, não. Talvez não seja. Escolhi-o, contudo, por me parecer assunto interessante a leitores que, em grande parte, conheceram os "tipos de rua" peculiares da antiga Capital, figuras curiosas por mil aspectos e ora esgarçadas pela impetuosidade da transição de costumes.

dos Estados de nosso País. Assim, a par do perfeito conhecimento dos problemas educativos, a Associação Brasileira de Educação estaria realizando um admirável programa de socialização. Fortes laços de amizade se formariam entre mestres brasileiros, irmanados por iguais interesses, por sentimentos e ideais os mesmos.

Em cada Estado, assuntos educativos de interesse nacional seriam estudados, levando-se em conta sua situação geográfica, os efeitos dela decorrentes, as possibilidades econômicas, etc..

Inumeráveis e benéficos os resultados desse estudo nas diversas zonas do país.

Heitor Lira, por dificuldade de execução de sua idéia inicial, centraliza as atividades de sua ABE no Rio-de-Janeiro. Adota um sistema ativo de divulgação de estudos, experiências e realizações para todo o Brasil.

As grandes idéias, porém, não morrem. Entre a idéia e a ação quasi sempre decorre um largo espaço de tempo. O pensamento genial não se cristaliza ao nascer. Fernando Magalhães, esse estudioso da nossa vida educacional, corporifica a idéia de Heitor Lira, tornando possível a realização de congressos em diferentes Estados brasileiros.

Uma vez dentre sete, de 1927 a 1935, a ABE se afasta da orla litorânea e vai a Minas-Gerais.

Em 1942, de 18 a 28 de Junho, realizar-se-á o VIII Congresso Brasileiro de Educação em Goiânia — a mais jovem das capitais brasileiras.

Mais uma semana e teremos entre nós professores e pedagogistas, representantes das entidades educativas do País, dedicados estudiosos de nossas questões educativas e sociais.

Feliz a escolha de Goiânia para nela ter lugar o VIII Congresso Brasileiro de Educação. Feliz ainda a escolha do assunto a ser desenvolvido em suas sessões.

Uma nova capital—ontem, sonho para Pedro Ludovico e para nós outros brasileiros. Goiânia — hoje, a realização ousada de seu próprio idealizador, feito só comparavel a um milagre.

E' Goiânia que, de braços abertos, recebe essa plêiade de mestres, que vêm em prestar brilho inigualavel às festas comemorativas do seu batismo cultural.

Assunto de relevância o que aqui será desenvolvido por elementos exponenciais da educação no Brasil, qual seja o dos problemas da educação primária fundamental da população brasileira, principalmente os relacionados com as zonas rurais.

Feliz e finalmente, procura-se imprimir à educação brasileira a orientação de há muito reclamada.

Incluído na lista dos problemas de vital importância ao progresso da nacionali-

dade, já se acha o do ensino rural.

Convencemo-nos de que nas zonas rurais é que se encontram as garantias do País. E a questão está em fixar o homem rural em seu meio, evitando o êxodo dos habitantes campezinos para a cidade.

Levar o conforto, educação àqueles que têm vivido em quasi completo desprezo, criando uma higiene rural e uma educação rural.

O professor rural, as colônias-escolas para certas zonas de densidade demográfica rarefeita, o problema da frequência escolar, o encaminhamento dos alunos que deixam a escola primária para escolas de nível mais alto ou para o trabalho, assistência social, entre outros, são temas a serem desenvolvidos pelos mestres no assunto, nas sessões do VIII Congresso Brasileiro de Educação.

Ouviremos a palavra segura e fluente daqueles que falam baseados em experiências e fatos, que se integram de corpo e alma na nobre tarefa da educação.

Nós professores goianos teremos então conhecimento perfeito sobre o assunto, para na hora precisa darmos o calor de nossa ação e entusiasmo.

Não há negar a ação que os congressos exercem sobre um povo; nos países civilizados dão a eles, cada vez mais, valor inestimável, porque agem como missões culturais, estreitam os laços de amizade entre habitantes de uma mesma pátria e de pátrias diferentes. Indicam soluções a problemas de significativa importância na vida de um povo.

Todos os nossos grandes problemas têm sido estudados em congressos, e as diretrizes por eles traçadas, tornadas em realidade, vêm demonstrando a eficácia desses certames.

Nesse período em que a União, Estados e Municípios, e mesmo particulares, se unem para solucionar os nossos grandes problemas, o VIII Congresso Nacional de Educação constitui um belo exemplo da apregoada cooperação vertical.

Promovido pela ABE, sob o patrocínio do Governo Federal e do Governo do nosso Estado, com a participação de Instituições culturais de todo o País, o VIII Congresso Brasileiro de Educação trará incontestavelmente os mais salutaros benefícios à comunidade nacional e, em particular, ao nosso Estado.

Goiânia, 11 de Junho de 1942.

ÓSCULO

Lord Halifax, embaixador da Inglaterra nos Estados-Unidos, dirigia-se há alguns anos atrás a Bath, tendo como companheiras de viagem duas senhoras já um pouco maduras, mas bastante melindrosas, que à última hora entraram no compartimento onde se encontrava sozinho o diplomata.

Pouco antes de chegar ao seu destino e aproveitando a escuridão que reinava no vagão, durante a passagem pelo tunel, lord Halifax deu em sua própria mão diversos beijos ruidosos.

Já entrava o trem na estação, quando, levantando-se de chapéu na mão, o diplomata aproximando-se das duas viajantes — “A qual das senhoras, minhas simpáticas companheiras de viagem, devo agradecer o delicioso incidente do tunel?” E, dizendo isso, retira-se apressadamente, enquanto as duas, entreolhando-se, parecem perguntar-se com inveja: “Foi você? . . .”

A MENSAGEM

da «Casa do Estudante do Brasil» aos estudantes goianos

“A Casa do Estudante do Brasil dirige-se a todos os estudantes de Goiás, que não são apenas os filhos desta linda e nova cidade, mas os de toda a região do Oeste do Brasil, para afirmar-lhes, mais uma vez, os propósitos de cooperação e os sentimentos de fraternidade que sempre animaram e animam cada vez mais a sua missão de assistência, de intercâmbio e de cultura.



Sra. Ana Amélia C. de Mendonça

Compartilhando do júbilo da mocidade goiana por ocasião dos festejos da inauguração da nova capital desse grande Estado, a Casa do Estudante do Brasil vê em GOIÂNIA um símbolo dessa mesma juventude, isto é, uma luminosa certeza do futuro do Brasil.

Este movimento de cultura, condensado no VIII Congresso de Educação e na II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística e em várias outras iniciativas culturais e de interesse nacional, é uma prova evidente da alta orientação que preside os destinos deste Estado, orientação cuja fecunda influência culmina agora com a festa do “Batismo Cultural de Goiânia”.

A Casa do Estudante do Brasil, enviando uma pequena mas entusiástica delegação de jovens, quis testemunhar o seu ardor patriótico

e a sua decidida cooperação em tudo o que concorre para o engrandecimento intelectual, moral e material do nosso país.

Orientado para a tríplice finalidade de prestar assistência, promover intercâmbio e difundir cultura, o programa desta Fundação envolve, no seu vigilante trabalho, todos os recantos da grande pátria, onde haja uma ambição jovem e uma inteligência ansiando pela oportunidade de saber; abrange, na sua múltipla atividade coordenadora, através de correspondência, de publicações, de visitas feitas e recebidas, todas as forças organizadas, todas as iniciativas de boa-vontade, todos os anseios de colaboração que palpitem, objetivos ou ignorados, entre os jovens de todo este imenso território; e alcança ainda, em busca de novos conhecimentos e na esperança inabalável de influir, pela aproximação das juventudes, numa remota confraternização dos povos, todas as nações da terra onde a treva da nova barbaria não conseguiu cegar a visão luminosa de um futuro mais digno para a humanidade.

Ana Amélia C. de Mendonça,
Presidente.

A mensagem acima representa um aspecto do esforço que vem o Centro XI de Agosto, da Faculdade de Direito de Goiaz, desenvolvendo em favor do intercâmbio das diversas entidades educacionais do País. Como se vê do texto, a mensagem aqui transcrita procede da Presidência da Casa do Estudante do Brasil, e vem subscrita pela sua própria presidente, a sra. Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, e fala aos estudantes goianos de um motivo particularmente grato a todos daqui.

Ao transcrevermos a presente saudação, cumprimos o dever de manifestar nosso aplauso ao trabalho de afinidade intelectual entre os diversos Estados, que ora empreende, em favor de nossa cultura, o sr. Wellington Seabra Guimarães, Presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito de Goiaz, por cuja gentileza trazemos ao público o conhecimento de tão expressivo documento.

Ponfia de Rua

A rua parou já no meio do campo aberto.
Mais uns passos, era a várzea,
o córrego,
o pasto cheio de vacas manteudas e bezerros espertos.

A rua parou.
Aí também parou a vida.
Lá para baixo é aquela inferneira de automoveis,
de buzinas,
de rádios,
altofalantes,
letreiros,
carroças, — o diabo.
Aqui, as casas baixas,
cercas de mandacarús,
gente em manga de camisa sentada à porta da rua,
pitando,
batendo papo,
numa calma franciscana.

Meninos brincam na rua enlameada:
“Menina toma essa uva,
da uva se faz o vinho.
Seus braços serão gaiolas,
serei o seu passarinho”.
Quanto menino, meu divino!

Lá pra frente, a venda do Mumbuca,
— mulato cearense, bexigoso.
— Ochem, no Baturité . . .

Agora, como a noite caiu, despencada de repente do infinito,
os vagalumes priscam nas cercas de pão e são-caetano.
Estrelas brilham nas poças de lama.
As janelas abertas, rasgam-se no breu.
Na venda do Mumbuca uma viola ponteia
entre cheiro de cachaça.
Velhas resmungam, pitando no batente dos ranchos.
Alguem joça truco no escuro.

“Serei o seu passarinho”,
Mocinhas namorando soldado de polícia, no escuro.

“Serei o seu passarinho”,
as mulheres da venda do Mumbuca
bebem cachaça e xingam nomes feios.
Elas também cantavam:
“Serei o seu passarinho”.

≡ Nossos irmãos nos conhecem ≡

Zecchi Abrahão

Na hora maior de nossa realidade histórica, cria-se na Capital a Rádio-Clube de Goiânia, sociedade atribuída de divulgações sonoras. Contra a mudez habitual de nossos gestos comedidos, a iniciativa se cumula de felicidade. Se o organismo de Goiaz se vê desmanietado em todos os seus movimentos; se ao processo de sua evolução temos evocado toda a reserva de energias étnicas; se da estimulação de que se anima re-flora politicamente todo um passado de sossego, diremos, a paralelo, que o mesmo organismo ganhou agora, com a Rádio-Clube de Goiânia, a voz de que necessitava.

Seus gestos de precocidade civilizatória serão registados à própria voz, com que justificará aos irmãos maiores a pressa de seus passos e o desmedido de seu avanço. Se interpelado pelos incrédulos sobre o destino que se está buscando; se chamado a colaborar na prestação de contas, responderá com a mais impressionante das positivities; responderá pessoalmente por tudo que pretende, em nome da civilização.

E na intimidade da família nacional, papai Brasil, vaidade da descendência, aproximará os irmãos maiores, e lhes dirá de outro que está crescendo; de outro que revela assustadora precocidade.

—“ Goiaz é o filho que fugiu do litoral e foi ressurgir dentro do mato, dentro do que é mais Brasil, um exemplo de coragem. A sós, sem a assistência de pai zeloso, foi colher dentro do sertão um dos mais raros frutos de brasilidade. Esquivou-se, destemidamente, às flechas e às feras; entranhou-se, periclitante, ao recesso da Pátria, na desobediência cônica das próprias determinações paternas. E antecipou todo um trabalho que se imaginara só possível aos adultos experimentados.

Este filho é hoje digno de vós, meus filhos maiores; Goiaz precipitou sua maioridade, por uma dessas provações sublimes. Sem o auxílio das bússolas necessárias a uma viagem atrevida dessa natureza, trabalhou uma das mais belas facetas de nosso conjunto étnico-social; a violenta brasileiração do Oeste. Ele vos merece homenagem; ele vos merece reconhecimento. Merece equiparado a vós. Despi-o do cocar; e dai-lhe as honrarias do herói.”

Pois aqui a voz de Goiânia fará esta revelação, com desrespeito mesmo à sua vaidade infantil. Com relação a Goiaz, os Estados mais ricos farão dissipar os preconceitos de casta política. Dissolver-se-á o receio de aproximação. Os irmãos privilegiados temerão jamais o contacto daquele sertanejo ousado. Eles se reestrearão no mais humano dos reconhecimentos; o reconhecimento de quem precedeu a outros uma obra de causar espreguichamentos ao próprio papai Brasil. A atribuição de toda uma família resumida no esforço do filho mais modesto, do filho menos educado.

Pois a Rádio-Clube de Goiânia é a voz de

quem se desperta; de quem se havia emudecido nos séculos da história. O dito gigante resfolegou bamboleante; ganhou a estrada. Mudo, a princípio, agora fala em tom de desafio. Monopoliza a atenção dos brasileiros; e merece festas dos irmãos mais carrancudos, dos irmãos que o miravam como a um espúrio. Goiaz faz gracinhas, e o humorismo que lhe inspira rebalança o bom humor fraternal. Todos lhe riem.

—)(—

A Rádio-Clube de Goiânia tem a si atribuições do melhor tamanho cultural. A vista de nosso outro aspecto lhe estará confiado. A vista de nossas manifestações artísticas e culturais. Não a profissionalização degenerativa da arte e da cultura. Sim o aproveitamento integral de nossos reais valores, dispersos, via-de-regra, à deficiência de veiculações honestas de seu produto. Remanescem poucos, à custa de vitalidade congênita e perseverante. A todos os ramos da cultura, diziamos, se prestará a Rádio-Clube de Goiânia. E Goiaz de feito já acumulava tamanha cópia de utilidades espirituais, a ponto de reclamar meios mais acessíveis e mais satisfatórios de expansão. A via radiofônica é aquela precisamente de que necessitava Goiaz. Instrumento único capaz de estentorear nossa realidade; único capaz de suprir os ouvidos surdos de quem não transigia de ignorar-nos. Nossos recursos publicitários não mais serão acusados de um trabalho de desfiguração.

Cessou o perigo de confusão: Bananal e Goiânia distam entre si alguns quilômetros. Entre índios e homens vestidos à gente branca paira distância até onde não chegue o golpe de uma flecha ou o salto de uma onça. Mato-Grosso não é Capital de Goiaz e nem Goiaz é Capital de Mato-Grosso.

Os elementos daqui deixarão de experimentar os rigores da emigração mal condicionada a toda sorte de fracassos; encontram aqui casa própria e meios próprios; fogem à fatalidade dos colapsos sujeitados pelo talento. Nós contamos de genuinamente nosso com mais de centena de artistas, com mais de centena de intelectuais honestos, que, à falta de oportunidade, descem ao esquecimento ingrato. Um aproveitamento, a rigor de um critério, fá-los-á presentes ao Brasil, por intermédio de Goiaz. Daí surge que a prudência solicite à Rádio-Clube de Goiânia o perigo da mediocracização. Nossos programas devem inspirar-se de motivos próprios, de personalidade criativa. As macaqueações impõem fuga à boca do microfônio. Atendamos até aí à originalidade de nosso surto.

Com respeito à tradição, inovemos, até onde possa ser possível. O ditório independente do

(Conclue na pág. 20)

Um olhar sobre as letras

O medalhão e outros fenômenos

— J. DÉCIO FILHO —

HÁ pouco foi publicado no "Correio Oficial" um artigo em que tentei fixar paisagisticamente as tendências da literatura brasileira, frisando de maneira intencional o progresso obtido com os novos métodos literários em voga.

Está claro que naquele e noutros artigos semelhantes, assim como nesta coluna em que ora inicio uma colaboração fixa sobre livros e autores, não fiz nem farei papel de crítico propriamente dito, surgido assim de súbito, sem ninguém saber com que roupa apareceu. Seria um escândalo colossal se um sujeito nas minhas condições, sem o mínimo cartaz de pancadaria, nenhum livro publicado, saísse de pena em riste a desancar Deus e o mundo, pondo a nu as ilustres veleidades intelectuais, bagunçando ainda mais a já confusa opinião pública, a todo instante desconcertada pelos pontífices das letras do País.

Não, nada disto. O que fiz e farei aqui não passa de simples apreciações de um leitor que se interessa pelas boas leituras e tem a coragem de expressar seu pensamento sem se incomodar com os ruídos feitos pelos incensadores profissionais em torno de nomes a que uma alta posição social converteu em imortais glórias literárias.

Sempre considerei odiosa essa mania de elogios mútuos, tão do gosto dos homens de letras deste País fabuloso em que todos discutem e, no fim, serenadas as divergências, um estranho qualquer, completamente alheio às polêmicas, sai gritando que ninguém tinha razão. Grita isto em público sem explicar porque o fez e os espectadores tomam seu partido por causa da sua falta de lógica. Afinal, para compensar, nós somos um povo bom, sentimental, hospitaleiro, um povo muito engraçado. Todos sabem um pouquinho de tudo e vamos indo ao sabor das ondas.

Jornalistas nós os temos em disparate. Todo dia surge um ou mais.

Possuimos até daqueles que nunca surgiram e se fazem à custa de auto-propaganda, boicotando as atividades dos outros, presidindo associações de imprensa, dirigindo pseudo-jornais e o mais que se segue.

E aí daquele que não lhe confere as honras indêbitas e não tira o velho chapéu, ao vê-lo de longe. Fica logo fora de combate, se não tiver a coragem precisa para olhar com desprezo o apoucamento mental dessas nulidades ilustres.

O medalhão foi sempre o fantasma das criaturas que vivem numa obscuridade forçada, o terror dos humildes e dos fracos. Sobre essa preciosa e célebre figura jorraram os sarcasmos de Leon Bloy, Swit, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão e esse oportuníssimo Osório Borba, na sua "Comédia Literária", recentemente publicada, para citar somente os panfletários mais expressivos que conheço.

O medalhão é o homem de pensamentos piramí-

dais, sempre pronto às frases sonoras e estapafúrdias que ele atira de súbito no cocuruto dos admiradores basbaques. Após construída sua gloriola refulgente à custa de acrósticos, trocadilhos, discursos laudatórios e mais outros pífios gêneros literários em completa decadência, alça altos vôos políticos e passeia sua ilustre pessoa por entre o capim-provisório das admirações tolas e ingênuas. Solene, hirsuto, cheio de conveniências misteriosas, toma ares protetorais ao lado dos astros menores que lhe seguem a poeira infecta da fama.

E' o homem símbolo, que pode ser tomado como assunto de estudos psiquiátricos e posto como lição viva de como se deve evitar o extremo ridículo ante tão completo espécime de cabotismo consagrado.

Já é tempo de se ir dando a Cesar o que é de Cesar, para o bem de todas as verdadeiras vocações literárias. E' necessário uma rigorosa seleção de valores, a fim de abafar as mediocridades ruidosas. Só assim poderemos construir um patrimônio intelectual digno das nossas possibilidades. Para isto é que precisamos de muitos Osórios Borbas e de outros tantos A'lvares Lins.

O panfletário que areja o campo, destoca os caminhos, investe contra as nulidades e o crítico que interpreta as criações de mérito, desdobra os trabalhos dos ficcionistas e mostra a substância aproveitável de suas produções. Orienta e corrige, com o intuito de aperfeiçoar. E' ele uma espécie de recriador à maneira do inolvidável Saint-Beuve.

Aí temos em A'lvares Lins uma esplêndida vocação nesse gênero tão mal interpretado e não menos caluniado. Apesar de moço, é dono de uma cultura verdadeiramente precoce e revela uma profunda compreensão artística. Imaginoso e equilibrado, ele penetra todos os meandros da literatura com surpreendente agudeza e notória probidade. Grande soma de benefícios já lhe devem as letras do País e tudo leva a crer cada vez mais intensa e extensa sua obra de orientador dos novos.

Aquí em Goiaz, sempre nos faltaram orientação segura e incentivo, principalmente. Estado que ora se integra tão auspiciosamente na civilização brasileira, após tantos anos de incubação sentimental e inútil, vive ainda soletando o "b-a, ba" das letras, completamente fora do mundo intelectual do País.

Agora vamos fazer um esforço para ver se deste mato sai coelho. Nada de "Igrejinhas" ou agremiaçõeszinhas sem vida nem personalidade. Devemos por tudo em prato limpo e deixar de lado as tolas vaidades e veleidades irritantes.

Ponhamos o nosso presumível valor cultural a salvo das mediocridades enfeitadas e dos jornalistas ilustres, e estaremos realizando um trabalho apreciável. O resto virá com o tempo.

DEPOIS QUE O AMOR CHEGOU

— HÉLIO A. LOBO —

Cassiano Ricardo, em trabalho digno de sua obra genuinamente brasileira, publicado no vitorioso suplemento literário de "A Manhã", esse interessantíssimo "Autores & Livros", que vem operando verdadeira revolução na técnica intrínseca e extrínseca dos nossos suplementos literários, fala-nos de seus propósitos de escrever uma pequena teoria da "bondade brasileira", como a sentiram tantos espíritos inteligentes e cultos que nos visitaram, em "contacto puro e emotivo com o Brasil no original".

Corroborando a existência dessa bondade "nossa", Tristão de Ataíde, o grande líder do laicato católico nacional, citado aliás pelo autor de "Martim Cererê", no trabalho a que nos referimos, que é bem uma "plataforma" da pequena teoria da bondade brasileira, afirma que o brasileiro vence e é vencido pelo coração.

Essa bondade é talvez a característica mais forte de nossa gente. Em todo o Brasil, seja na Amazônia, nos Pampas, nos Planaltos do Centro ou em qualquer palhoça de caboclo, sentimos sempre a presença cordial dessa bondade.

Entretanto, ao lado dessa característica, o brasileiro apresenta também outra: a desconfiança.

Não a desconfiança astutamente traiçoeira e voraz da onça diante da presa.

Desconfiança no bom sentido, sinônimo de prudência, precaução e outros dons peculiares aos sábios...

Muitas vezes, essa desconfiança é inteiramente descabida e inexplicável, mas existe sempre. Existe até que a observação acurada e análise serena e minuciosa a levam de vencida.

E o que vem depois é o reverso: a confiança, a compreensão. Confiança integral e compreensão perfeita — símbolo do Amor.

Em todos os seus atos, em todas as suas atitudes, em todas as suas afeições, em todos os seus julgamentos, o brasileiro é sempre assim. Desconfiado. Mas desconfiado no bom sentido, como vimos.

x x x

Vamos focalizar aqui um exemplo, apanhado entre mil.

As massas trabalhadoras brasileiras viviam dispersas, sem coesão, sem diretrizes. O conceito de garantias e direitos era para elas um mito, largamente explorado pelos demagogos demo-liberais, nas indecorosas disputas eleitorais de então.

O advento de Getúlio Vargas ao poder transformou inteiramente o cenário. A reforma operada nesse setor, inteligente e precisa, deu-nos uma legislação sábia e eficiente, que pode servir de exemplo a civilizações mais antigas e mais experimentadas que a nossa, muitas das quais ainda não encontraram soluções definitivas para a questão social.

Entretanto, até aí a desconfiança brasileira esteve presente. Principalmente no que diz respeito ao seguro social.

O que mais admira é que, mais ainda que os empregadores, foram os próprios empregados, justamente aqueles sobre os quais a previdência ia estender seu manto protetor, segurando-os de modo especial contra os riscos da vida futura, que se mantiveram a princípio em posição de reserva.

Aquele descontento sobre os seus salários, pensaram muitos, não seria uma nova modalidade de imposto? Até mesmo o fruto sagrado de seus suores seria podado, para que surgissem, à sua custa, novas sinecuras para os validos da politicagem malsã?

Tal foi a desconfiança inicial que, se os nossos previdentes legisladores houvessem adotado o princípio da inscrição facultativa ao invés de obrigatória, como é, dificilmente teriam vingado as nossas primeiras instituições de previdência social.

Decorreram, porém, os primeiros tempos.

Os grandes institutos e as caixas menores começaram a derramar benefícios. Socorrendo enfermos, através do auxílio-doença. Amparando os que se en-

fraquecem no trabalho, os inválidos, com a aposentadoria. Levando sua proteção até depois da morte do segurado, com o auxílio-funeral, e a pensão aos beneficiários. Resolvendo o problema da casa própria, higiênica e confortável, contrastando com a miséria revoltante das ruelas. Assim, a evidência venceu.

Passou a primeira fase. A fase aguda da desconfiança:

Vieram depois as outras, brasileiríssimamente: a confiança e a compreensão — o Amor.

Depois que o Amor chegou, os cépticos, os Tomés, também creram. E eis porque temos hoje, em nossa terra, esta paisagem social tão diferente, tão nossa, tão brasileira e porisso mesmo tão estranha aos filhos de outras plagas varridas pelos vendavais do ódio. Eis o porque desse ambiente admirável que nos cerca, ambiente de trabalho ininterrupto e produtivo, ambiente de ordem, de dedicação e sobretudo de união espiritual.

x x x

Existe, sim, a desconfiança brasileira. Mas esta desconfiança, plasmada em nosso sangue, como a "nossa" bondade, acaba em Amor.

Não teria o Amor nascido aqui, à luz do Cruzeiro, numa praia enluarada do Araguaia?

Nossos irmãos nos conhecem

(Conclusão da pág. 18)

fraseado em forma de padrão. Sotaques sem exotismos anti-brasileiros. Os defeitos de gramática já radiofonicamente autorizados.

Para o que, exigimo-nos perquirição imparcial do que podemos dispor, em matéria de locutores, artistas, conferencistas, humoristas. A auto-análise de nossos recursos nos ditará a possibilidade de fazê-lo.

A voz de Goiaz deverá necessariamente interpretar, em fiel, aquilo que já dissemos ser. Um desmentido coletivo será pernicioso a nossos arroubos de vanglória.

Os atuais responsáveis pela Rádio-Clube de Goiânia nos merecem a melhor fé, pelo muito que já realizaram.

A eles, de par com nossos aplausos, a meditação destas palavras.

"SPLEEN"

Constâncio Gomes

*Aquelas, que me deste, meigas flores
— Laus perene de mágua e singeleza —
Representam a imagem dos agros
De minha vida — abismo de tristezas.*

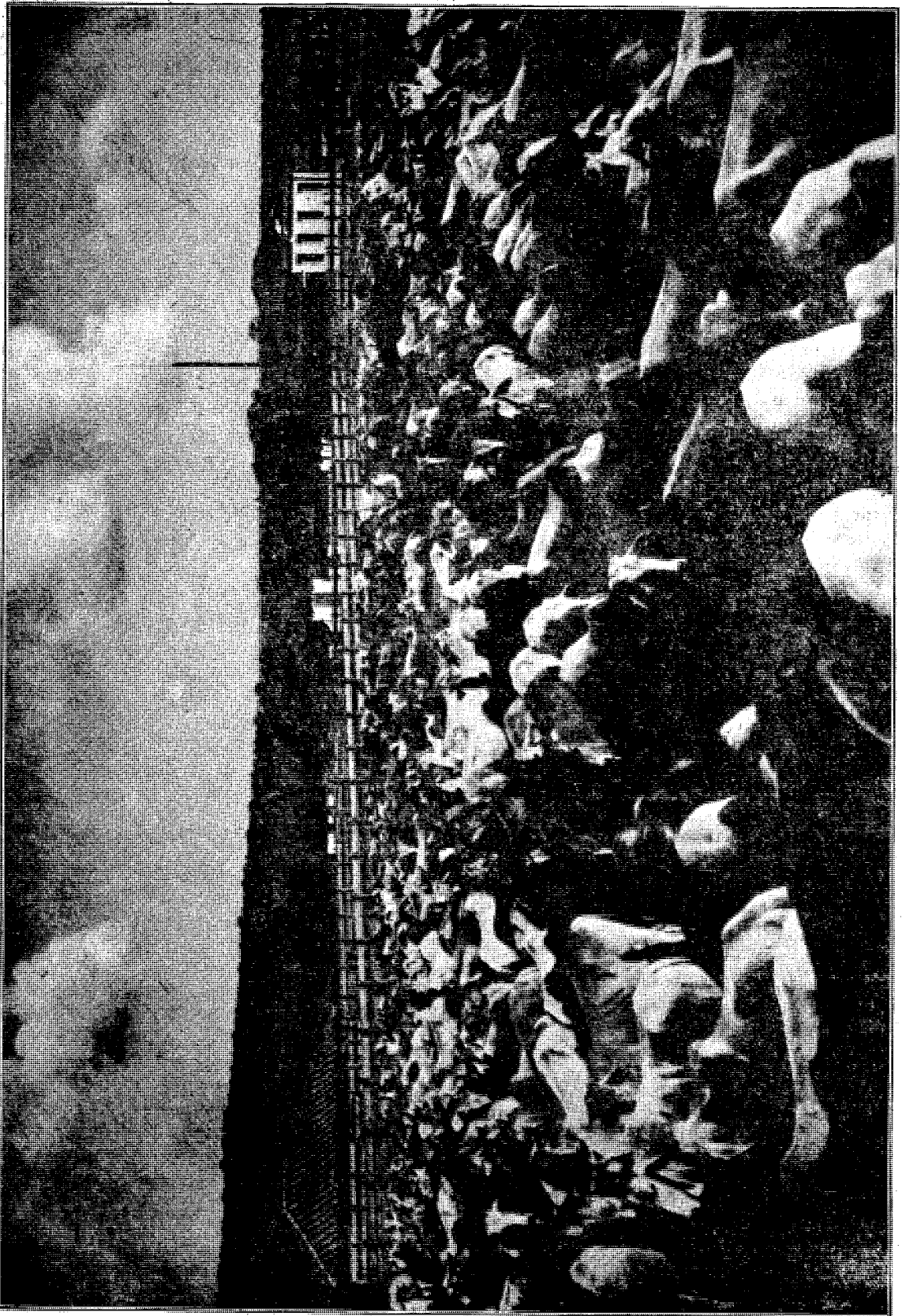
*São roxas violetas — os penhores
Desse amor cuja flama sinto acesa
Nos olhos teus mais negros que os negros
De noite escura em luzida devesa...*

*Mas, se supões acaso que minha alma
Conhece a placidez, a doce calma
Que nos conforta e anima neste mundo,*

*Enganas-te, porque só a esperaça
Eu tenho de ventura, de bonança
No côncavo do céu azul, profundo.*

ECONOMIA GOIANA

Zoroastro Artiaga



Uma fazenda de criação de gado, situada no sudoeste goiano propriedade do sr. João Belo

O Departamento Estadual de Estatística do Estado, sob as luzes do dr. F. Balduino S. Cruz, acaba de divulgar um interessante comu-

nicado relativo à exportação de bovinos, por este Estado, nos últimos três anos.

Esses elementos constituem subsídio valio-

síssimo para o estudo da economia goiana, tão relacionada com a pecuária e a lavoura.

A pecuária sempre foi a fonte geradora de riquezas, e nela teve base a fortuna particular, nos sertões, ao ponto de se formar uma verdadeira "aristocracia rural".

Foram sempre os negócios de gado o melhor meio de vida sertanejo.

Seja criador, invernista, boiadeiro ou negociante de gado, todos têm a sua parte nos proventos da pecuária e agricultura.

A não ser as crises periódicas e as enzootias, nada perturba a marcha triunfal dessas atividades, quicá o mais seguro meio de vida do Brasil.

O fazendeiro goiano compreendeu bem a realidade desses negócios, que era a necessidade de um tipo de boi comercial, um produto econômico apropriado para os frigoríficos e atendeu imperativos dos mercados de carne, ao mesmo tempo que satisfaz as exigências dos entrepostos de gado. Era preciso um boi que reunisse as qualidades básicas do gado de peso, com carnes de pouca fibra, e saborosas, capaz de alcançar a preferência, em Barretos, dos ingleses, que têm nas mãos todos os negócios do gado proveniente de Goiaz.

Um boi que fosse capaz de se impor, por si mesmo, pela sua resistência, pela excelência de seus próprios predicados, tanto nas invernadas, nos currais como nos entrepostos das feiras próximas dos centros de consumo.

E conseguiram encontrar esse tipo. E' o tipo ideal é mercadoria que caminha por si, desde sobre ano sem apresentar a depressão das outras raças que aqui existiram anteriormente.

Eis aí a razão do aumento gradativo da nossa exportação e da valorização constante que o boi de Goiaz tem tido nos últimos três anos a mais que as outras zonas.

Essa vitória provem dos cuidados do criador, empregados na seleção, como da assistência que recebe o gado em tempo próprio para atingir o máximo de peso, para ter carnes macias e atingir a idade de mercado em plena saúde.

O nosso pecuarista saiu, afinal, do círculo vicioso em que viveu, no século passado, desejando, apenas, a forma bonita do seu gado.

Orelhas grandes, aspecto majestoso, e linhas curvas corretas.

Outros apegavam-se, como os estancieros do Norte, ao gado curraleiro, continuando a pensar que deveríamos insistir na criação dessa espécie que era o gado nativo e ficava bem, como o zebú, empregando apenas os garrotes gir como reprodutores para obter orelhas.

Ouví de vários fazendeiros que as melhores carnes e o melhor leite são do gado curraleiro.

Desde que deixamos as várias raças inadequadas ao nosso clima, que progredimos um pouco.

Examinemos a estatística:

De 1933 a 1938, inclusive, a exportação atingiu a 1.164.207 reses; sendo 1.086.639 bois

e 77.568 vacas para os saladeros do Triângulo Mineiro.

Em 1939 e 1940, a saída foi, respectivamente, de 229.686 e 278.935.

O valor da exportação foi de 13.539:161\$600.

Estamos nos referindo somente ao boi comercial.

O valor global de toda a exportação de gado subiu, nos dois exercícios financeiros, a 128.492:908\$800.

O preço oscilou entre 210\$000 a 230\$000 para bois e entre 185\$400 a 198\$500 para vacas de xarqueadas.

Examinemos, agora, a situação de 1941:

No último ano, exportamos 239.592 cabeças de boi econômico, no valor de 52.437:808\$700, mais 44.354 vacas, no total de 9.527:006\$400, e ainda 870 bezerros, valendo 112:903\$700.

Não entra neste quadro o gado fino, que criamos já em boa escala, proporcionalmente ao decênio passado, e já bastante avultada.

Temos assistido a vendas de bois de elite a preços tantásticos mesmo aqui na capital.

A soma das três últimas parcelas é de 284.816 reses, valendo 62.077:718\$800.

Reunindo as parcelas da exportação global de 1939 a 1941, temos os seguintes números por triênio:

873.673 cabeças, valendo 190.570:627\$600, sendo a média de valor econômico a de 169\$300 em 1939, 192\$100 em 1940 e 215\$500 em 1941.

Possuimos atualmente cinco milhões e as condições mesológicas são excelentes.

As perdas anuais são insignificantes, de vez que já contamos com recursos técnicos da assistência à pecuária.

Vamos agora apreciar o lado da criação deixando à parte o boi econômico.

O Norte concorreu com 1.091.600 cabeças para o total dos 5.000.000 da última estatística.

A zona planáltina concorreu, por sua vez, com 208.500, o centro com 479.000.

O Sul figura com 790.300; Sudoeste com 590.000, sendo nestas duas zonas onde se trata com mais capricho da criação de raças finas.

Como se vê, nossas excepcionais condições de clima, a abundância de forraginosas nativas apropriadas à alimentação do gado e, principalmente, a barateza do preço das terras em Goiaz tem trazido para aqui um surto pouco comum na América-do-Sul, e uma situação de folga financeira ainda não alcançada em outras épocas da nossa vida rural.

E' preciso dizer, aqui, que o crédito pecuário para o qual trabalhamos tem concorrido, eficazmente, a fim de melhorar o nível econômico e o padrão de vida dos que tratam no Centro-Oeste da criação de gado e de outros animais, de interesse comercial.

A estatística confirmou, pois, a nossa previsão divulgada amplamente nos periódicos que tratam de assuntos econômicos e agrícolas.

MENSAGEM AO BRASIL

Dirijo-me ao Brasil, ao ensejo da passagem do maior acontecimento já registado no meu Estado.

Inaugura-se hoje a jovem Goiânia, Capital de Goiás.

Ao entregar à comunhão nacional a cidade cuja construção foi parte primacial do meu programa de governo, despido de espírito regionalista, ergo o meu olhar para a Pátria comum, antevendo o seu futuro esplendoroso.

Tenho a honra de saudar, na pessoa do grande condutor, o Presidente Getúlio Vargas, o Brasil gigante e poderoso.

Saúdo a Amazônia, tão cheia de mistérios e tão rica de promessas; as terras dos palmares e babaquais esplêndidos do Parnaíba longínquo. Saúdo o nordeste, de atitudes heróicas e fecundas ante as durezas do clima que o flagela; os Estados do leste, de riquezas tão numerosas e de um labor tão intenso, em benefício da economia nacional. Saúdo as terras dos vales históricos do Paraíba e do Tietê, onde vicejam os cafezais, os algodoads e tantas outras riquezas; as regiões admiráveis dos pinheirais paranaenses e catarinenses. Saúdo os pampas do sul, berço de heróis, celeiro do Brasil; as terras que, a leste e oeste de Goiás, com ele se irmanam na grandeza das suas glebas, na variedade dos seus produtos e no labor intrepido dos seus filhos. Saúdo o Brasil todo, símbolo de pujança, dignidade e elevação moral.

A Ele, BRASIL, entrego um grande ideal que se tornou uma grande realidade — **GOIÂNIA.**

Em 5 de Julho de 1942

PEDRO LUDOVICO

O E S T E

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Março de 1943

Núm. 2

"O regime de 10 de novembro, que corresponde plenamente às aspirações gerais do país e é profundamente brasileiro, porque vem reavivar fatos históricos da nacionalidade, foge às mistificações do regime anterior, sendo, contudo, mais-democrático na sua essência, integrado, como está, no sentido concreto das nossas realidades. O Estado Novo, verdadeiramente democrático, deve possuir a condição e a característica de um Governo forte, que não admita a sobrevivência do espírito de desagregação e as expressões particularistas ora subjugadas, que viviam à sombra das concessões e das transigências do Poder Central".

GETÚLIO VARGAS



"Os ideais reformadores foram pouco-a-pouco se concretizando, fazendo prevalecer os princípios por que, de longa data, ansiava o Brasil.

Mas, para que o nosso país não voltasse de-novo ao que era dantes, ou, melhor, para que se implantasse um regime mais consentâneo com as nossas necessidades e mais apto a defender as conquistas conseguidas a-custo-de ingentes lutas, quer nos prêmios cívicos, quer nos embates armados, foi preciso que o Chefe da Nação desse o golpe de 10 de novembro de 1937. Esse ato foi a resolução mais acertada de seu governo".

PEDRO LUDOVICO

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SEÇÃO INDUSTRIAL

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Março de 1943

NÚM. 2

“OESTE”

Da circulação do primeiro ao presente número se interpôs considerável espaçamento. Os motivos nos foram estranhos.

A sotoposição natural de obstáculos vários, agraváveis na proporção da época, nos iludiram a intenção. A iniciativa, animada na fase do aparecimento, esborou-se a tôda uma sorte de adversamento material. Não foram poucos os trabalhos, e muitos foram os esforços rehabilitatórios. Ao fim da competição, retoma a revista o ciclo de atividades, recompensada agora pelo apadrinhamento oficial. Emprestou o Governo do Estado, na atribuição louvável de protetor das letras, apoio amplo a “Oeste”.

Daí por que nos permitimos a otimismo, quanto ao êxito do novo ciclo publicitário.

Revista essencialmente cultural que é, finalidades norteadas a desígnios extra-comerciais, está claro que nos foge o perigo comum a tais emprêsas. O enfraquecimento econômico, e a consequente interrupção dos trabalhos. Raciocinamos que uma publicação, vazada em moldes estritamente culturais, de feito a lidar as letras goianas, alimento de nossa pretensão, raciocinamos que tão só o abstrair de preocupações financeiras nos advogaria o êxito. Relembre-se que qualquer órgão congênere, concebido a fins comercial e cultural, lado a lado, desce com parcialidade ao primeiro.

Degenera-se a utilidade inspiradora, e a pouco e pouco nada resta do superiorismo ideológico, destino justo a que deveriam demandar iniciativas assim.

Dentro da relatividade de nossos recursos intelectuais, se o confessarmos, buscaremos o que seja representativo, em matéria cultural.

Se tudo resultar deficiente, contentêmo-nos com lamentá-lo, responsabilizando o meio.

A redação assume o princípio de reclamar aos aptos a quota de colaboração; e afasta, de paralelo, tudo que não satisfaça ao critério que temos prestabelecido.

Aquí intervém o dilema. Somos ou não somos povo amigo das belas letras? O próprio juízo nacional não o tem negado, e será esta a interrogativa que “Oeste” está dirigindo, de princípio, a todos os intelectuais goianos. Eis o veículo.

Incluamos destas palavras de rosto nossos agradecimentos ao sr. Pedro Ludovico Teixeira, agradecimento que é o mesmo de tôda a mocidade de Goiás, cujo espírito e capacidade de iniciativa são a própria inspiração de “Oeste”.

Atendendo, com equidade, aos vários aspectos do Estado, o fundador de Goiânia não esqueceu algum deles. Ao lado de nossa progressão material, evolução violenta de idéias, de aspectos e de costumes, urge aquele mais apreciável e mais sintomático, no quadro prognóstico da civilização — o espiritual.

Fica repetido o apêlo formulado no primeiro número da revista. Comparticipem dêste trabalho de entusiasmo todos os moços cultos; fujam ao anonimato nossos produtores literários, honestos, que tantos o são.

Impõe-se, na empreitada, o bandeamento fiel de todos os escritores goianos.

Resignação

Amigo! bem feliz é o que suporta
O manto esfarrapado da pobreza,
E não revela a mínima tristeza,
Quando a miséria vem bater-lhe à porta.

Pois faça o mesmo. E, pobre...—pouco importa!—
Não se revolte contra a Natureza,
Porém nalma conserve sempre acesa
A luz da fé que anima e que conforta.

Viva alegre, contente com o Destino:
E, ainda que se julgue pequenino,
Não sinça inveja da grandeza alheia;

Nem guarde da pobreza injusta mágua:
Também ocupa espaço um pingo dágua,
E pesa, e tem volume um grão de areia.

J. LOPES RODRIGUES

«Foi Preciso o Golpe de 10 de Novembro»

A laboriosa população da cidade de Anápolis recebeu festivamente, em data de 8 de janeiro transato, a visita do Interventor Pedro Ludovico, que ali fôra alvo das mais excepcionais demonstrações de amizade e admiração promovidas por todas as classes da sociedade local. Sua Excelência,



ao falar no banquete, que foi a nota máxima do extenso programa de sua recepção àquela importante cidade sulina, pronunciou o excelente discurso que a imprensa nacional divulgou, por intermédio dos maiores e mais prestigiosos diários da Capital da República — discurso êsse que OESTE tem hoje a honra de estampar em suas colunas, como homenagem a êsse homem invulgar que, a-par-de portador das magníficas qualidades de administrador que todos conhecem, é sem-dúvida um dos analistas mais sinceros e perspicazes da atualidade política brasileira

Na peça oratória que abaixo vamos transcrever, o Interventor Pedro Ludovico, interpretando o célebre conceito de Bolívar — de que há maior soma de democracia onde há maior soma de felicidade social — dá mostras da perfeita vi-

são que tem das realidades nacionais, confessando mesmo “que foi preciso que o Chefe da Nação desse o golpe de 10 de novembro de 1937”, a-fim-de-que o país não retornasse à orgia liberal da qual a revolução de 30 o tirara. A velha concepção do político, carcomida pelos próprios males que ensejava, ruiu com fragor e cedeu lugar à ação oxigenada do estadista, que trabalha de portas abertas, a receber a colaboração dos técnicos e dos especialistas, ao-invés-de reverenciar, como aquele, ante os caciques mal acostumados e as “ingênuas minorias eleitorais”. Essa oração, sóbria embora, vem reiterar o que se disse alhures — que o Interventor Pedro Ludovico é um dos mais objetivos divulgadores dos princípios doutrinários do Estado Novo, em tão boa hora implantado no Brasil. Aliás, o fato de ser hoje o único chefe de governo estadual que não foi afastado de seu pôsto, desde 1930, é bem uma demonstração inequívoca da identidade de vistas que Sua Excelência tem com o Presidente Vargas, do qual é um auxiliar de pulso e empreendedor.

Ao publicar o discurso que se segue, peça tallhada em forma de artista da palavra e em fundo de autêntico pesquisador de assuntos sociais, fazêmo-lo inteiramente certos de que o espírito do leitor se regalará com as oportunas e felizes enunciações que contém:

Ei-lo, na íntegra:

Quiseram a vossa gentileza e a vossa compreensão que eu aqui estivesse hoje para receber esta homenagem do povo desta cidade.

O vosso contacto me enche de contentamento por verificar que é fruto não de um gesto banal, fútil, vulgar no seio da sociedade em que vivemos, mas de uma resolução ponderada e amadurecida, pois, de há muito, era vosso intento dar-me uma prova da consideração em que me tendes.

Tôda pessoa que transpõe as lindas do vosso município e penetra nos humbrais da vossa “urbs” se sente impressionada com a pujança do vosso potencial econômico.

Vê-se que a natureza foi dadivosa para com êste pedaço do solo goiano, dando-lhe elementos capazes de fazer prosperar a população que nele se estabelecesse. E a realidade é evidente, confirmando essa impressão. Anápolis caminha aceleradamente para o progresso.

Está em uma fase exuberantemente agrícola. Nota-se o movimento febricitante das cargas e descargas. São o resultado da sua produção intensiva no cultivo, no amanho da terra humosa e boa. E’ o fruto do esforço do trabalhador rural, na sua faina simples, honesta e muito honrosa. E’ o movimento tumultuário das forças de produção que recebem aqui para entregar ali. E’ o vai-vem contínuo das mercadorias em trânsito, na avidez de lucro. E’ o embarque e desembarque de matérias primas, à cata de mercados consumidores mais fortes.

E’ a produção que se destina às máquinas que a industrializam, melhorando a sua qualidade e a sua

cotação venal. E', afinal, o comércio em pleno exercício das suas finalidades mercantis, dando vida às localidades que têm condições para progredir.

Já se esboça para Anápolis um período industrial. Já se observam, perfurando os telhados de seus edifícios, muitas chaminés vomitando a fumaça negra, como símbolo de uma nova forma de trabalho. Já o ruído dessas máquinas de indústria leve se casa com o estrépito sibilante das locomotivas que continuamente entram e saem da cidade. Já as construções procuram crescer no sentido vertical, sinal certo de que os terrenos se vão tornando caros.

Como se vê, a prosperidade, o progresso se impõem aqui à vista do observador.

E não será exagerado exprimir que, dentro de alguns anos, Anápolis se poderá comparar com as suas congêneres mais adiantadas do país.

Em um futuro mais distante se dirá, como afirmou Erico Veríssimo em se referindo a Chicago: Anápolis, a maciça.

Nessa época as massas de concreto armado, desafianço o espaço e os séculos, a fuligem, indício de uma nova era da civilização, justificarão esse título.

Meus senhores. O que se verifica no vosso meio se constata em todo o Estado de Goiás. Percebe-se uma evolução em todos os sectores das atividades humanas, dentro da relatividade das cousas. Confortame esse panorama que se nos apresenta, que revela, que pressupõe um ambiente de tranquilidade, de garantias e de ordem.

São estas condições as grandes alavancas propuloras do progresso. Sem estabilidade, sem paz é impossível se conseguir uma eficiência positiva.

Felizmente, após o movimento revolucionário de 930, surgiu para a terra goiana uma nova vida. Desapareceram os profissionais da política, que dela viviam e dela tudo tiravam, constituindo-se, ao lado do feudo mestre, açambarcador da vitalidade estatal, os pequenos feudos municipais. Esses cistos, que se organizaram nas nossas comunas e que lhes exploravam a administração, eram elementos negativos na expansão econômica de Goiás. Agiam com tal primitivismo e com tanta desfaçatez no manuseio da coisa pública, que se afigurava difícil a modificação de tais hábitos.

Entretanto, os ideais reformadores foram pouco a pouco se concretizando, fazendo prevalecer os princípios por que, de longa data, ansiava o Brasil.

Mas, para que o nosso país não voltasse de novo ao que era dantes, ou melhor, para que se implantasse um regime mais consentâneo com as nossas necessidades e mais apto a defender as conquistas conseguidas a custo de ingentes lutas, quer nos prélios cívicos, quer nos embates armados, foi preciso que o Chefe da Nação desse o golpe de 10 de novembro de 1937.

Esse ato foi a resolução mais acertada de seu governo. Foi um enorme bem para a nossa terra, no que pese às cassandras do parlamentarismo corrompido, ineficiente e dispendioso, em que valiam mais as aspirações pessoais, de grupos e do facciosismo partidário. Pranteiam até hoje os descontentes e os que se julgaram pessoalmente prejudicados a perda de um Congresso, que já se assemelhava demasiadamente ao seu parente instituído antes da rebelião de outubro. Contaminou-se com os mesmos males, contraiu as mesmas mazelas de outrora, transmutando a democracia revolucionária que representava em conciliábulo e conchavos de camarilhas partidárias.

Para Montesquieu o princípio da democracia estava na virtude, e esta, no caso em tela, se achava muito afastada dos que deviam cultivá-la. A nossa democracia continuava sendo "o domínio de minorias astutas sobre maiorias ingênuas". Encaminhava-se para a mesma trilha de nossa velha liberal-democracia, em que sanhudos caciques se arvoravam em dirigentes e tutores da nossa pátria, impedindo durante decênios a nossa prosperidade econômica.

Impunha-se, dessarte, uma transformação em nos-

sas instituições políticas e governamentais, que não deviam prejudicar o país e, sim, dar-lhe novas possibilidades para o seu desenvolvimento material e moral. Ademais, como diz Will Durant, "à medida que o governo sobe em complexidade, os representantes eleitos perdem a importância em benefício dos especialistas. O executivo invade o legislativo com as armas dos seus órgãos técnicos e comissões especializadas".

Alguns há que defendem a permanência de um regime absolutamente democrático, isto é, com deputados e senadores, com excessiva liberdade de imprensa, com os respectivos sufrágios eleitorais, etc., porque, sem estas condições, não há oportunidade para se fazerem estadistas. Mirabile dictu! Um passado recente nos instrue sobre os efeitos deletérios do uso exagerado de tais direitos.

Hoje mais do que nunca se evidencia a necessidade de orientar a democracia para novos rumos, dando-lhe uma diretriz de acordo com os imperativos do momento e obedecendo às exigências de cada povo.

Democracia sub lege! Seria razoável sacrificar as mais prementes, as mais justas reivindicações de um povo, que são o seu bem-estar material — dele decorrendo o espiritual, que vem de uma educação baseada na moral — para que se permita aos elementos de uma insignificante minoria, falsos representantes de uma maioria sem convicções, fazerem-se estadistas?

Não é possível.

E' por demais sabido que o nome do sistema político pouco vale, se não houver um dirigente bem intencionado que o impugna, que lhe faça respeitar os postulados. Tivemos tanto tempo um regime que se dizia liberal e democrático, e, no entanto, só vivia do rótulo, praticando-se à sua sombra tôdas as violências.

Nunca os poderes estiveram tão achincalhados, tão desacreditados e tão corrompidos como nessa época.

Em nesso Estado qualquer delegado de polícia municipal deixava de cumprir um habeas-corpus concedido pelo Judiciário, como aconteceu a um outorgado a quem vos fala.

E os pedidos dessa natureza raramente eram atendidos, maximè quando solicitados pelos que, amparados pela Constituição, se julgavam com o direito de ser oposicionistas. Quantas vezes se batia às portas da Justiça, vítima de truculências inauditas e defendendo direitos de terceiros e se encontravam trancadas. Apelava-se para a primeira instância, fechada. Para a segunda, amordaçada. Poucos se animavam a se dirigir à extraordinária influenciada como as demais pela arbitrariedade dos caudilhos democratas.

Quem pôde negar que há hoje muito mais garantias do que no passado? Quem pôde obscurecer a verdade de que o país progride a olhos vistos em tôdos os ramos de suas atividades? Atualmente são os técnicos os que colaboram com o governo, levando a êste o concurso de seus estudos, de sua experiência e de seu saber. Tôdas as possibilidades estão sendo analisadas, postas em equação, em benefício da coletividade e não no sentido de agradar a pessoas ou grupos.

As forças produtoras foram bem organizadas, não para fazer eleitores, mas para dar-lhes uma orientação racional em seu próprio proveito. Estabeleceram-se associações, com o fim de proteger o próprio trabalho, para que se realize em um ambiente de ordem e de boa compreensão.

Fizeram-se leis trabalhistas, com um caráter profundamente humano e socialista, que vieram amparar empregados e empregadores, estatuiu-se um modus-vivendi entre os fatores da produção.

Seria ocioso repetir neste momento tôdas as vantagens auferidas pelo operariado, tão grandes foram as suas conquistas.

Chega-se a afirmar que, neste particular, as nossas leis excedem as mais avançadas de vários países do velho mundo.

Existe no Brasil, presentemente, um ambiente de confiança, em que cada qual pôde exercer a sua fun-

certo de que terá a recompensa de seu esforço. Se houver um abuso de autoridade, há para quem apelar, não ficando sem exame ou sem castigo a reclamação feita a quem de direito.

Por isso, como me externei, linhas atrás, é palpante o progresso em todos os quadrantes brasileiros. O nosso solo abençoado recebe carinhosamente todos

os que nele queiram viver, entregando-se a um labor honesto.

E esta situação nós a devemos à vontade enérgica, bem intencionada, patriótica de um só homem — o Presidente Getúlio Vargas, que pôde falhar em alguns detalhes, não transigindo, porém, na sua nobre missão de fazer feliz o Brasil.

O Prefeito Venerando de Freitas instituirá um sistema de proteção às letras goianas

Será criada uma bolsa de Cr\$ 10 000,00 anuais para a publicação de obras de autores regionais—Amparo econômico à classe dos intelectuais—OESTE patrocinará êsse movimento

Goiânia, cuja fundação constituiu, por si só, o mais eloquente atestado da capacidade de trabalho e do valor moral do povo do Brasil-Central, é, por excelência, a cidade-pujança, a cidade-iniciativa— a cidade onde as idéias jamais vestem a roupagem luzidia e cômoda do romantismo, mas são verdadeiras energias que se concretizam, que se transformam em resultados objetivos, em cousas que os olhos do corpo, não só os da alma, podem ver e examinar. Aquí, nesse agitado quartel-general de Pedro Ludovico, não há nada parado, em atitude de espera ou de observação inútil. Tudo é movimento. As idéias, então, não ficam no terreno hospitaleiro das conjecturas e dos sonhos, onde se cavam as sepulturas anônimas da pusilanimidade inerente aos que não sabem realizar. Uma vez concatenadas, são cousas de que o tato pôde dar cabal notícia. Exemplo vivo e inédito das possibilidades civilizadas do homem nacional, a jovem metrópole do oeste é hoje um espelho em que se pôde mirar todo administrador honesto de outras plagas, à cata de inspiração para trabalhos duradouros e valiosos.

Essa justa admiração de que goza Goiânia, no seio de toda a unida e grande família brasileira, é de-certo devida, em muito, às inúmeras e constantes demonstrações de amor e de carinho com que nossos homens públicos tratam



os assuntos que dizem respeito não só ao progresso material, mas, particularmente, ao progresso espiritual de todo o povo goiano. Ao lado das amplas avenidas e das belas casas de diversão, são criados e subvencionados os estabelecimentos de ensino ou institutos culturais em geral.

O Interventor Pedro Ludovico, num gesto que bem corrobora o que estamos dizendo, possibilita a uma pléiade de idealistas a publicação desta revista, a qual, já em seu segundo número, pôde veicular uma auspiciosíssima nova — a de que o Prefeito Venerando de Freitas irá instituir uma bolsa anual de Cr\$ 10 000,00 para proteção às letras goianas. O empreen-

dedor chefe do executivo municipal, moço, como nós outros e a quem Goiânia tanto deve, moço capaz de compreender as insuficiências de ordem econômica e de ordem técnica com que lutam os valores provincianos, muitas vezes açaimados ainda pelos medalhões monopolizadores das escassas facilidades ambientes, entende de levar assistência àqueles que, autores de livros inéditos, queiram publicar suas obras e expô-las nos mercados livreiros do país.

O plano do Prefeito Venerando de Freitas, com apôio de uma verba de dez mil cruzeiros, é o de publicar por ano dois ou três livros de escritores de Goiaz, mediante as seguintes condições, em linhas gerais: 1 — os candidatos aos benefícios da bolsa enviarão seus livros à Prefeitura, onde serão julgados por uma comissão de intelectuais, especialmente designada, que dirá da conveniência ou não de sua publicação; 2 — 50% do produto da venda efetiva de exemplares reverterão ao autor beneficiado, que ainda terá direito a 100 exemplares para distribuição à imprensa; 3 — os 50% restantes constituirão renda eventual da municipalidade, e, 4 — a Prefeitura não publicará segundas edições.

A bolsa em referência irá beneficiar não tão apenas os intelectuais contemporâneos, entre os quais há tantos moços cultos e estudiosos. Irá ao passado buscar os origi-

CULTURA POLÍTICA

nais deixados por um Americano do Brasil ou por um Joaquim Bonifácio e entrará em entendimentos com seus herdeiros a fim de trazer à publicidade os escritos que, em vida, não puderam ver impressos, por quaisquer circunstâncias.

Como se vê, trata-se de uma inequívoca conquista que o elevado espírito de compreensão do Prefeito Venerando de Freitas proporciona à classe dos que estudam e escrevem dentro de todo o território de Goiás. OESTE, colaborando; como está, num movimento tão simpático e edificante como este, não pôde deixar de ter palavras especiais de agradecimentos ao jovem Prefeito e ao jovem intelectual que é o Professor Venerando de Freitas, que só por ser quem é se prova capaz de levar avante uma iniciativa como a que estamos noticiando.

Em nossa próxima edição daremos pormenores do assunto.

Luiz XIV e o Músico

Certo músico da capela de Luiz XIV, rei de França, tinha falado mal do capelão-mor. Este soube disso e determinou expulsar o maldizente da capela. Ciente da decisão do seu superior, o músico dirigiu-se ao rei, pedindo a sua conservação no cargo.

O rei, desautorando então o capelão, disse-lhe:

— Concordo que falar, o senhor fala muito mal; mas cantar, canta muito bem. Póde continuar a exercer o seu mister de músico da minha capela.



Dumas Filho e Dumas Pai

Estava Alexandre Dumas pai assistindo à representação de uma peça do filho, quando, no final de um ato, entrou a aclamar o teatrólogo com todo o ardor. Alguém ao seu lado resolveu indagar, curioso:

— O senhor é que é o autor da peça?

— Não, mas sou o autor do autor...

O Estado Nacional está processando verdadeira revolução em nossa cultura. Aí está o Instituto Nacional do Livro. Aí está o aproveitamento dos intelectuais em altos cargos: — Olegário Mariano num cartório, Lins do Rego em inspetoria de rendas, Cassiano Ricardo, diretor de "A Manhã", Almir de Andrade à testa de "Cultura Política", etc. Aí está o Ministério da Educação a reeditar, em edições bem cuidadas, as obras dos nossos grandes poetas, romancistas e pensadores: — de Rui, Euclides, Gonçalves Dias, Machado de Assis. Aí está o Ministério do Trabalho premiando obras teatrais e romances de motivos sociais. Aí está o DIP publicando, diariamente, ensaios de política, de economia, etc. Aí está o governo se aproveitando da música na educação popular, com o canto coletivo. O próprio Presidente Vargas, em pessoa, aí está a ombrear na Academia, como qualquer mortal, com os imortais... mostrando um interesse muito carinhoso pelas coisas do espírito e lançando, ele mesmo, em sua grande obra "A Nova Política do Brasil", uma sementeira de altas idéias.

Despregada a nossa inteligência dos motivos alienígenas, deixando de ser "made in Europa" e se voltando para o estudo de nossas realidades, o resultado dessa como que introspecção do espírito nacional foi uma inegável vivificação de nossa cultura. Está já não mais se traduz, hoje, em fórmulas vazias de significado nacional, mas espelha, realmente, as nossas razões de existência, o nosso modo de ser, os fins que pretendemos atingir, — em suma: — é, já, uma expressão da personalidade nacional.

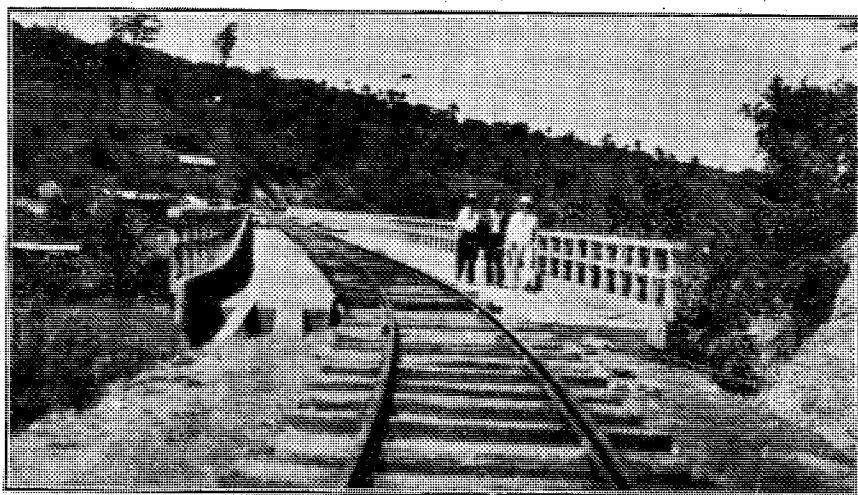
Tais considerações vêm a propósito da excelente revista mensal de estudos brasileiros — "Cultura Política", publicação do DIP.

Quem compara "Cultura Política" com as revistas culturais do defuncto regime liberal constata a diferença enorme que vai entre a antiga e a nova mentalidade dos nossos intelectuais.

Na revista do DIP não há lugar para os versinhos adocicados e bem rimadinhos, cheios de "primaveras floridas", de "céu azul", de "gorgeio da passarada", de "manhãs riosas" e "noites enluaradas", que faziam o enlêvo das pálidas moças de trança em idade crítica; não cabem, nela, aqueles contos sem finalidade, ricos em intrigas mundanas, dos literatos de salão; nem os artigos bombásticos daqueles homens "notáveis" que tinham muito que falar e nada para dizer. "Cultura Política" é outra coisa. Tem outro sentido e outra finalidade. É uma revista que tem um rumo certo, alto, definido: — conduzir a nossa inteligência num sentido construtivo. Por isso, traz, mensalmente, assinados por escritores de responsabilidade e preocupados sobretudo com o progresso da Nação, estudos sérios, meditados e fundamentados, de questões de alta relevância: — sobre política; sobre questões econômicas, jurídicas e sociais; sobre história, sobre arte, sobre pedagogia, sobre assuntos militares, de administração e outros.

A frente da revista está a figura moça de Almir de Andrade, uma das mais altas e vigorosas expressões de nossa inteligência e de nossa cultura. Almir de Andrade, autor de quatro obras de alto quilate, de repercussão internacional, é, ainda, um dos apóstolos mais sinceros e um dos mais autorizados intérpretes do Estado Nacional.

Por tudo isso a mocidade estudiosa de Goiás saúda, por intermédio de OESTE, "Cultura Política", expressão viva da nova inteligência brasileira.



Ponte da Estrada de Ferro Oeste, no Município de Catalão

ROSINHA, A BELA CUNHÃ APINAGÉ

Frederico de Medeiros

(Reportagem de viagem, feita pelo autor quando de sua excursão às zonas do sêntentrião de Goiás.)

Não é um conto, a-pesar-do pedantesco da epígrafe. Nem com veleidades literárias pretende se apresentar este relato puro e simples de um fato por mim presenciado quando de minhas excursões pelos opulentos vales do Tocantins e Araguaia.

O extremo nortegoiano, desde o município de Pôrto-Nacional até a cabeça da carta geográfica do Estado, com tôda aquela grande faixa de terra abraçada pelos dois magníficos caudais, foi por mim esquadrinhado, durante dois anos, na execução dos trabalhos censitários de 1940.

Verdadeiro reduto geográfico do país, isolao pela imensidade das distâncias, onde o progresso só tem chegado em pequenas dosagens, cavalgando que vai em lombo de alimárias e no dorso móvel das águas, em luta constante com o impaludismo e a difícil condição mesológica, constituirão sempre um problema nacional o povoamento e consequente desenvolvimento daquela longínqua região. Muito de primitivo ali ainda se encontra. Se todo aquele mundo verde, castigado de sol, ainda possui a sua virgindade violentada, aqui e acolá, por uns bosquejos de civilização é tão somente pelo capricho dos dadivosos rios em carrearem para as suas margens pequenos núcleos populacionais, tipicamente ribeirinhos, aos quais teimam em prodigalizar as condições mínimas indispensáveis à vida de uma comunidade, por mais modesta: meio de comunicação, as **vazantes** propícias à cultura, sem necessidade do amanho da terra e—principalmente no que respeita ao Araguaia — o produto de sua farta e variada fauna ictiológica.

Nessas condições, até estranho seria ainda não hospedasse o meio legítimos representantes dos primitivos habitantes do nosso solo, pois que, de fato, foram ali recenseados mais de mil ameríndios, pertencentes a quatro tribus ou nações distintas, com a seguinte localização por município: em Pedro-Afonso, **cherentes** e **craós**; em Santa-Maria, **carajás** e **cherentes**; em Boa-Vista e São-Vicente, **apinagés**.

A circunstância de ter tido um contacto mais estreito com os elementos da última tribu citada, aliás quasi extinta, possibilitou-me o ensejo de assistir ao interessante acontecimento ora descrito, e que se desenrola em tôrno de uma jovem apinagé de impressionante beleza.

Com a séde dos meus trabalhos em Pedro-Afonso, em minhas costumeiras viagens de inspeção, demandei, certa feita, a cidade de Boa-Vista. Por longos dias, balouçando em tosca embarcação, viajei centenas de quilômetros pelos infundáveis **estirões** do Tocantins. Com o espírito embotado pela mesmice irritante da paisagem, fato muito comum nesses longos percursos fluviais, já me debatia em horrível tédio à mingua de outro espetáculo que não fosse a mesma água mansa, a dolorida abundância de sol e a imutabilidade da vegetação marginal, quando, finalmente, a uma volta da correnteza, emergiu ao longe o vulto branco de um casario trepado nas barrancas do rio, denunciando o aglomerado humano que seria a lendária Boa-Vista, histórica cidade goiana de tão sangrentas tradições em suas lutas políticas de antanho, conforme já dissera o escritor conterrâneo Inácio Xavier da Silva, em "Os crimes do Cel. Leitão".

— 0 —

Hospedara-me em casa do coletor estadual, onde, após alguns dias, veio ter um velho apinagé, pobre índio encaecido nos seus presumíveis sessenta anos.

Forte, inteligente e de inexplicáveis olhos azues. Vinha ao **comércio** pedir garantias às autoridades. Uma terrível sentença pesava sôbre a sua cabeça. Estava predestinado a sacrificar a vida ao bárbaro costume dos seus. Achava-se ameaçado de assassinato e não queria, não podia morrer, porque estava inocente. Por isso viera chamar por socorro.

Ninguém deu ouvido às lamúrias do **caboclo**. O índio geralmente é um deslavado mentiroso, cheio de urdidura e de manha. Entretanto, como estranho ao meio, interessei-me pelas queixas do José, era este o nome **cristão** do velho índio. Quis saber a sua história, o motivo por que o queriam matar. O pobre diabo não se fez rogado. Na sua linguagem monossilábica, mas bastante expressiva, procurou inteirar-me de tudo.

Pertencia à aldeia da "Mariazinha", a dezoito quilômetros da cidade, onde vivia, desde longos anos, cuidando de sua família, sua criação e sua caça. Era casado. Tinha filhos. Dois **culumins** e uma **cunhã** muito bonita, de nome Rosinha e que era a menina de seus olhos. A sua Rosinha, tão linda, éle a reservava para casar com um **cristão**. Era o seu sonho e havia de cumprí-lo. Entretanto, últimamente vinha notando uma manifesta hostilidade dos seus companheiros para consigo, principalmente por parte dos elementos do sexo masculino, teimosos em assediarem a sua Rosinha com protestos de casamento. Essa situação foi se agravando até que um seu amigo e parente, com grande cautela, revelara-lhe o terrível segredo. Tinham-lhe imputado a pecha de **feiticeiro**. Crime horrível que a lei da tribu castigava com a morte, certa e inexorável.

Que aquilo é muito comum entre os seus. Quando querem eliminar algum indesejável, estigmatizam-no com a terrível pecha, não dando ao suposto **feiticeiro** nenhuma oportunidade de se defender, provando a sua inocência. Tudo se passa sem o seu conhecimento. Denunciado o **crime** ao **capitão**, é logo secretamente reunido o Conselho, geralmente constituído dos elementos mais velhos da tribu, que decide da sorte da vítima. Firmada a sentença, nada ainda é comunicado ao acusado, seguindo-se a execução, ardilosa e simples. A vítima é amigavelmente convidada para uma caçada de tatú, levando ela própria ao ombro a enxada necessária à excavação da toca do animal procurado, enquanto um outro, geralmente o capitão, conduz um rifle, não desprezando a hipótese de uma presa melhor na empreitada cinegética. Se alguém do grupo suspeitar da verdadeira e terrível finalidade daquela **caçada**, não poderá, no entanto, atinar com o **eleito**, à exceção do capitão e de algum membro do Conselho ali presente. Só quando a comitiva já se distanciou bastante do aldeamento é consumada a execução. A' ordem do chefe, interrompe-se a marcha, sendo por este esclarecido o motivo da jornada e nomeada a vítima. Esta é então crucificada no tronco mais próximo por dois possantes selvagens, recebendo em pleno peito nu o balaço desferido pelo rifle do capitão, por este mesmo manejado. E aquelas mesmas enxadas, dóceis instrumentos na sua eterna missão de cavar a terra, abrem a cova à mais recente vítima da lei estúpida e inexorável daqueles bárbaros. E o bando assassino, calmamente, retorna ao aldeamento, onde ninguém, nem mesmo os parentes mais próximos, esposa e filhos, ousam indagar pelo **caboclo** que não voltou da caçada, continuando a aldeia no seu costumeiro

ritmo de vida, como se nada houvesse acontecido

E o pobre ancião indígena tinha lágrimas bailando nos olhos quando encerrava a sua narrativa. Que não fazia questão de morrer se, de fato, fosse culpado. Mas estava inocente. Não era um **feiticeiro**. O que queriam os seus companheiros era se livrar dele para que o Antônio se casasse com a Rosinha. Ele bem o sabia. E, além de tudo, o **caboclo mau** já era casado... com uma irmã de sua mulher. Era tio da Rosinha... e filho do capitão.

—o—

Impressionado com essa revelação, procurei indagar de meu hospedador sobre se tôda aquela história se comportaria no domínio do possível. Achou êle que, de fato, podia encerrar algo de veracidade, levando-se em conta ser muito comum de quando em vez sumir-se misteriosamente um índio muito conhecido na cidade. E convidou-me a fazermos uma visita à aldeia da "Mariazinha".

No dia seguinte, uma bela manhã de sol, muito bem montados e acompanhados de um soldado do destacamento local (o índio tem muito respeito à farda), partimos rumo ao aldeamento apinagé. Não vai nisto nenhuma vantagem, ou aventura perigosa, cansados que estávamos de saber serem os índios naquela região completamente inofensivos com relação aos **cristãos**.

Depois de mais de duas horas de jornada, através extenso palmeiral de babaçuais ondulantes, chegámos ao nosso destino. Fiquei um tanto decepcionado. Esperava encontrar uma taba com essas do cinema e dos livros didáticos, com habitações típicas e cheia de mistérios. E a **aldeia** se resumia naquele grande rancho de piaçava, de vastas proporções, com um cômodo sem paredes na frente e diversos outros fechados na parte posterior, com galinhas, patos e, até, perús catando pelo terreiro.

Duas crianças muito engraçadinhas que brincavam à porta com um cão, a pele em cima dos ossos, fizeram grande gritaria quando nos viram. Do interior da casa apareceu uma índia quarentona, gorda, com um pedaço de pano muito sujo preso à cintura por uma embira e com a única função de esconder apenas o sexo. Recebeu-nos com cordialidade. Apeámos e o meu companheiro disse-lhe do nosso desejo de ver reunidos todos os **compadres** do aldeamento. Dissemos que os homens estavam caçando e as mulheres na mata quebrando coco babaçú, para vender na cidade, mas iria chamá-las, e subindo a uma pequena elevação do terreno, a poucos metros do rancho, emitiu uma série de gritos estridentes e estéricos, que reboaram por tôda a redondeza.

Daí a poucos momentos, foram chegando os selvagens. Os homens completamente nus. As mulheres com o mesmo traje da guardiã do rancho, trazendo diversas delas uma criança presa à cintura por meio de um tecido de fibras colocado a tiracolo e conduzindo, tôdas, um cesto cheio de amêndoas de babaçú e coco de bacaba. Não tardou que dentre os chegantes adivinhássemos a Rosinha, que se destacava das demais não só **pela beleza**, como por ser a única que ainda denunciava a virgindade pela pudicícia de uma tanga mais ampla, envolvendo tôda a cintura.

Estavam todos alegres e bem dispostos. A' proporção que iam chegando, apertavam a nossa mão, abraçavam-nos cortêsmente e tornavam a apertar-nos a dextra, gênero de saudação aliás usado em tôda a região, até pelo elemento civilizado. A Rosinha, entretanto, só nos veio saudar depois de enfeitar-se tôda com missangas e penas de côres. Sem pretender ser um tipo perfeito, era no entanto bela de verdade a indiazinha, em seus dezesseis anos fogosos e cheios de vida. Quem conhece o tipo desengonçado e mal-cheiroso d'esses indígenas, ficaria mesmo impressionado diante daquela harmonia de formas, da vivacidade daqueles olhinhos brejeiros e da graciosidade irradiante de seu todo.

Quando todos já se encontravam sentados nos toscos bancos de madeira em derredor da peça, o meu companheiro, dando-se ares de uma arrogante autoridade para impressionar aquela bizarra assembléia, atacou direto o assunto. Perguntou o que havia com o José. Por que o queriam matar. Ameaçou os selvagens com o nome de Deus e do Governô, cuja justiça castigava enèrgicamente o homem que mata. Falou muito, esbravejou... Nada, nem um pio, conseguia arrancar aos ouvintes, cabisbaixos, escutando. Finalmente, já exausto, o orador perguntou pelo capitão e exigiu dêste uma resposta, responsabilizando-o pela vida do José. Levantou-se então o velho chefe da comunidade e, dissimulando muito mal a sua contrariedade por aquela intromissão, disse que ali na aldeia não sabiam de nada... nem do paradeiro do José, contra quem nada sabia existir. E imediatamente mudou de assunto, desmanchando-se em hospitalidade para conosco. Achámos muito prudente não tocar mais naquele ponto.

Perguntaram se havíamos almoçado, oferecendo-nos uma jibóia moqueada, e todos, já com a fisionomia desanuviada, riram a valer quando declaramos não apreciar êsse prato extravagante. Propuseram então buscar um tatú para o nosso repasto e, como agradecemos também aquela gentileza, fizeram-nos sorver uma **sembereba** de bacaba, bebida muito usada na região, e que tinha sido preparada ali à nossa vista.

Diante de tanta gentileza, não tivemos outro jeito senão mimosear os donos da casa com o único presente de que dispúnhamos no momento, — um golezinho de aguardente. Foi quando a reunião ficou muito interessante. A alegria foi geral. Cada qual dava a conhecer a sua verve. Surgiram ditos chistosos, piadas. Até um repentista surgiu do meio daqueles homens nus, propondo-se a falar uns versos a trôço de um novo trago da caninha. Satisfeito o seu desejo e como achasse **gostoso** a pinga, pedimos-lhe dedicasse os seus versos à bebida. Não aceitou, dizendo preferir inspirar-se numa cousa que achava mais **gostoso** ainda, e saiu-nos com esta o diabo:

**Quando caso cum moreno bunito
Que pari minino macho,
Quando tenho sustento pra dá
Ou cousa gostoso qu' eu acho !**

Também a Rosinha, até então muda, destarameiou a língua. Tôda requebros e meiguice, refestelou-se com o soldado que levámos, pedindo-lhe para cantar, para dançar com ela, etc., não cansando de repetir que tinha muita vontade de casar-se com um cristão e sair da aldeia. Foi quando achei que o momento era propício para darmos o fora.

Batemos algumas chapas da turma e, com muito jeito, diversas da Rosinha, em **pose** especial. Comprámos umas bugigangas e uma arara vermelha, pela qual pediram cem mil réis, deixando imediatamente por apenas oito **centenários**. E dispusemo-nos a partir, quando o capitão, chamando-nos de parte, autorizou-nos a dizer ao José que pudesse voltar sem susto, que nada havia contra êle.

—o—

Em casa, procurámos acalmar o José, transmitindo-lhe a mensagem do seu chefe. Tudo em vão. O homem estava aterrorizado. Conhecia muito bem os seus. Não se fiava. Sabia qual seria o seu fim se voltasse. Pois que já tinham até mandado espioná-lo no **comércio**, o que o obrigara a esconder-se. Lembrei-me que, de fato, quando voltávamos do aldeamento, encontramos com dois índios de cara amarrada e rifle nas costas que vinham da cidade.

Tive pena do José e, à falta de uma idéia melhor, convidei-o a ir comigo para Pedro-Afonso. Nesta cidade estavam, na ocasião, um capitão do Exército e outro da Polícia do Distrito Federal justamente apurando uns acontecimentos relacionados com índios, e

na a pensamento meu entregar-lhes o pobre José. Este ficou contentíssimo com o convite. Mas não deixaria a Rosinha em poder dos seus inimigos. Iria buscá-la. Conhecia muito bem os costumes do aldeamento e era-lhe fácil raptar a filha durante a noite, sem ser pressentido pelos outros, entregues ao sono. Obtemperei-lhe, então, que essa façanha só poderia dar-se naquela mesma noite, porque no dia seguinte passaria um motor, no qual não poderia deixar de viajar. O pobre selvagem aquiesceu, cheio de contentamento, e ao escurecer partiu, prevenindo-me que estaria de volta no cantar do galo.

—o—

O motor só passou três dias depois. E tomei-o sem o José, que não havia voltado . . . Seis meses depois, tive que voltar em Boa-Vista e ninguém, nem mesmo o meu amigo coletor, soube dar notícias do velho índio José, pai de Rosinha.

“Posição do Departamento Administrativo no Estado Nacional”

Com o título acima, o Departamento Administrativo do Estado vem de publicar, pela Imprensa Oficial do Estado, a interessante palestra que o ilustre membro daquela Casa sr. Moisés Costa Gomes pronunciou no Automóvel Clube de Goiânia, durante o Congresso de Brasilidade, o ano passado.

O opúsculo se abre com um expressivo trecho de discurso do Presidente Vargas, no qual já se define, com precisão e clareza, a posição do Departamento Administrativo nos quadros políticos e administrativos do Estado Nacional. O Departamento Administrativo, como diz o Chefe da Nação, “substitue, na organização vigente, a antiga Assembléia Legislativa, órgão inoperante, inbuído de espírito individualista, que mascarava a sua atuação estéril com sonoridade verbal das discussões e quizílias partidárias”.

O sr. Moisés Costa Gomes, argumentando com a lei e com os fatos, fez uma exposição detalhada, brilhante e convincente, sobre a natureza e o papel do Departamento Administrativo, salientando o vasto campo sobre que incidem as suas atividades, cujo círculo abrange, como êle demonstrou, toda a área da administração estadual e municipal, com repercussão no próprio organismo administrativo federal.

Mostra o sr. Moisés Costa Gomes como tem sido fácil ao Departamento cumprir a sua missão, em cooperação e lado a lado com a Interventoria, visto que o atual Interventor tem, sempre, através de uma política de compreensão e solidariedade, apoiado integralmente o Departamento em seus espinhosos misteres.

Salienta ainda as vantagens que o Departamento apresenta sobre a antiga Câmara de Deputados, frisando, em particular, a eficiente atuação do D. A. em Goiás, através do argumento irresponsável de dados estatísticos.

“A posição do Departamento Administrativo no Estado Nacional” é um trabalho oportuno, criterioso, brilhante, e merece ser lido por todos.

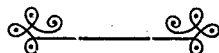
Redação de “Oeste”

OESTE, ao fazer circular seu primeiro número, em julho de 1942, trouxe como Diretor o jornalista Zecchi Abrahão, nome feito na imprensa do Brasil-Central, onde sua pena se tem distinguido pela observação objetiva dos problemas regionais e pela justeza dos conceitos que emite a serviço das causas do povo. Quer na qualidade de dirigente de órgãos de publicidade, como “Correio Oficial” e “Folha de Goiás”, quer na de colaborador assíduo da maioria dos jornais goianos e triangulinos, tem sabido honrar a falange dos intelectuais moços do Estado, da qual é um dos mais representativos elementos. Ao entrar na presente fase, esta revista não pôde infelizmente continuar a contar com a sua contribuição no posto inicial, em virtude de circunstâncias presas a atividades profissionais que lhe tomam quasi integralmente o tempo. Tais circunstâncias, no-entretanto, não impedem que possamos ter Zecchi Abrahão como um dos Redatores de OESTE, entre os quais não menos inestimável será, por-certo, sua sempre valiosa cooperação.

Outra perda grave a lamentar é a saída de Garibaldi Teixeira, êsse excelente entusiasta que, em razão de seu presente estado de saúde, a demandar repouso e tratamento prolongado, não pôde aceitar o convite do Governo para continuar a integrar o quadro de nossos Redatores. OESTE, cuja idéia de fundação foi coordenada numa reunião levada a efeito em sua casa de residência, muito lhe deve de dedicação e boa vontade. Experiente batalhador da imprensa indígena e a quem Goiás deve não pequena soma de serviços prestados à causa pública, Garibaldi Teixeira é um dos mais destacados auxiliares da administração do Interventor Pedro Ludovico. Atualmente Diretor da Imprensa Oficial do Estado, sua gestão nesse importante departamento estadual se caracteriza pela radical reforma que conseguiu implantar em seus processos de funcionamento e pela aquisição de nova maquinaria — fatos que permitiram o alto grau de organização técnico-industrial hoje ali verificado.

Há cinco novos integrantes do corpo de nossa Redação: Castro Costa, Frederico de Medeiros, J. B. Felix de Sousa, Carlos de Faria e Gabriel Anconi, todos conhecidos dos leitores e que ocuparão, respectivamente, as funções de Diretor, Redator, Secretários e Gerente, e dos quais é lícito a OESTE esperar muito esforço para a consecução de suas simpáticas finalidades.

Os demais nomes figuraram, sem modificação, em nossa edição de estréia.



O homem ativo, confundido com os ociosos, fracos e sem esperança, entre companheiros só aparentemente ocupados, mas que não fazem outra coisa senão se agitar e se debater, o homem ativo precisa olhar para trás afim de não ser invadido pelo desespero e pela repugnância.

Ficção e Realidade

J. B. Felix de Sousa

Todo criador faz sua criação à sua imagem e semelhança.

Assim os sonhos que criamos não são senão o reflexo ou imagem da realidade. Daí os romancistas e poetas preferirem sempre as personagens que sua imaginação criou e que são o que um ou outro quis ou sonhou ser. Para os que não escrevem e não dão vida a seus sonhos é nas paragens destes que vivem os heróis, os santos e até, os mártires que quereriam ter sido. Mas os sonhos são a imagem da realidade: imagem que a fantasia, os desejos, as ambições de cada um deturpam, transformam; que não é o que somos, mas, sempre, o que desejaríamos ser.

São, afinal, uma desforra da mediocridade da vida vivida, da banalidade do quotidiano. Filhos de nossa eterna insatisfação, quimeras ou esperanças, devaneios ou obsessão, todos os criamos e acaalentamos. Porque como um espelho mágico nele nos vemos melhores e mais felizes, triunfadores, outros, enfim, como Rembrandt que, mirando-se num espelho, se pintou coberto de seda, arminho e jóias, belo e poderoso, deixando para a posteridade, com seus auto-retratos, o seu sonho, o que êle desejava ter sido, e muito pouco do que êle foi realmente.

Dickens faz todo mundo amar aquele pequeno David (que outro não é senão o mesmo Dickens); e, entretanto, na idade do seu querido herói, não teve a ventura de um carinho e sempre maltratado e infeliz faz com que se dê a David o que êle jamais teve. E Dickens volta com David ao bairros pobres de Londres, onde sofreu tanta miséria, para se ver, no pequeno, acariciado e amado por quantos o desprezaram outrora. E' seu consolo e sua desforra.

Balzac, numa água-furtada desconfortável e pobre em extremo, debruça-se por horas e horas sobre a mesa de trabalho e seus sonhos o levam aos palácios e castelos cujos humbrais jamais transpôs, mistura-se com as duquesas e os príncipes, convive com Napoleão que, entretanto, só viu uma vez numa

parada militar, ombreia com os mais nobres de França. E transforma seu burguês Balzas, em Balzac, porque aspira sempre pertencer a essa nobreza de que, como ninguém, entretanto, mostrou os vícios e a podridão. Eternamente torturado por enormes dívidas, atormentado pelos credores, fracassando em tôdas as emprêsas em que se mete à conquista de dinheiro, faz jorrar para Nucingen, Goriot, Gobseck, imensas fortunas, faz triunfar na Bolsa, em todos os negócios, os seus heróis, quando êle mesmo sempre fracassa. Nos romances, se faz triunfar os conquistadores, se seus heróis sabem urdir tôda trama amorosa e conhecem todo o mistério da sedução e da conquista, na vida real viveu Balzac quasi vinte anos ludibriado por Eva Hanska, que não primava nem pela beleza nem pela inteligência, sem se aperceber do ridículo do seu platônico amor e da vulgaridade do seu próprio romance. Mas qualquer das personagens que criou teria feito dêsse amor e dêsse romance mais um volume da "Comédie Humaine".

Stefan Zweig foi um criador de mundos. E além de ter criado tantas obras de ficção, lidos e admirados pelo mundo inteiro, analisou atos e fatos, estudou vidas as mais diversas; e teve curso cada uma das tragédias que imaginou ou que encontrou na história universal e cada uma das personagens, em

"Amok", ou em "Maria Antonieta", foi arrastada por uma fatalidade ao seu trágico destino.

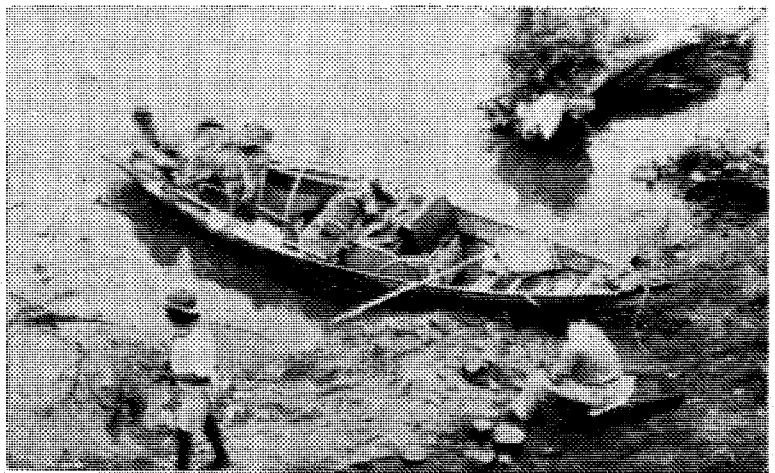
Qual de seus heróis, entretanto, teria o fim que êle mesmo teve ?

Qual, desesperado de ver a "aurora que tardava tanto", na noite tenebrosa, cheia de horrores, em que foi mergulhada sua pátria e com ela sua alma torturada, procuraria um recanto remansoso, bucólico de Petrópolis para se suicidar, levando no mesmo e desesperado gesto a sua companheira ? Esse gesto foi tão doloroso quão surpreendente. Doloroso, pela perda de um gênio; surpreendente, porque o suicídio não é o fim de um gênio. Nem de um herói.

Com a emocionante notícia trouxeram os jornais uma fotografia do casal suicida, impressionante pela vulgaridade do quadro. No primeiro plano o perfil nitidamente judaico de Stefan Zweig, se destaca: a boca aberta como a sorver um último fausto de vida; o braço que procura enlaçar a sua mulher num derradeiro carinho. A suicida debruça-se, escondendo o rosto desfigurado pela angústia da morte. Sobre a mesa uma garrafa de água mineral e um copo. Um quadro banal como tantos outros que os jornais ávidos de sensacionalismo gostam sempre de exhibir.

O quadro entanto é trágico na sua vulgaridade. Tanto mais trágico quando se pensa que não seria assim, talvez, o fim de uma tragédia imaginada por Stefan Zweig.

Porque o sonho é a imagem da realidade e êle não quereria representar uma tragédia que êle não teria escrito.



Uma pescaria no rio Araguaia

Três Poemas de B. Elis

Procissão de Senhor Morto

Pela rua estreita,
passa a procissão de Senhor Morto.
Há um cheiro místico de manjeronas pisadas.
que mãos piedosas atiraram nas lajes brancas das calçadas.

O murmúrio confuso das vozes apagou-se de repente.
Bóia no ar, estertorando, o tropel compassado do cortejo.
E no silêncio cadavérico e maldito,
sòmente os tochões de cera latejam rubros,
porque o silício penitente de uma voz de mel
chicoteia o silêncio ímpio.

“Ó VOS OMNES!”

E a voz escorre dolorida,
num tom doloroso de remorso,
mordida de desespero milenário e religioso.

★★★

Noite de lua com serenata

A luz purulenta está-se derramando pelas ruas tortas;
caindo de quieteza branca os sobradões fechados;
coando-se na copa das árvores cansadas.

Anda alguém cantando uma modinha doletente,
em serenata,
ao ritmo agreste de um caburé.

★★★

O homem que fazia anos no dia 7 de setembro

No dia de meus anos
a bandinha saía prá rua de madrugada,
tocando matinas.
A gente acordava com o estrondo dos foguetes,
espantando os morigerados pombos da torre da igreja.

Botavam bandeira na Prefeitura,
no correio,
na cadeia.
Havia discursos, passeatas, etc..

—“Tudo por sua causa”—dizia meu pai.
E eu ficava intrigadíssimo,
porque ninguém mais era igualmente festejado.

Hoje, como conheço história do Brasil,
mudei a data de meus anos,
que é o dia mais triste do mundo.

O homem, êste terrível fazedor de desertos...

Iron Rocha Lima

Delegado do Estado de Goiaz ao I Congresso de Botânica, reunido na Capital Federal em 1940. — Catedrático de História Natural.

Aos domingos, a descansar das lides da semana e purificar-me dos contactos humanos, costume sair sem destino, a perambular pelas matas e grotões. Bebo da água límpida em copos de folhas de caetés, contemplo os velhos jatobás e acarício a sua casca rugosa coberta de líquens. Aspiro o perfume das resinas que transudam dos caules gretados. Quando os coatis desatam em correrias loucas pelos cipós acima e os saguís saltam de ramo em ramo, fico a olhá-los até se perderem na folhagem. Assusto-me com o vôo das jaós que nas tardes nevoentas cantam saudades. Escondo-me para assistir os amores de um guariba negro que, no alto de um jequitibá, enche a mata de sons estranhos e bárbaros. Sinto enfim a natureza livre e sem constrangimento se expandir e vibrar nas suas manifestações mais primitivas . . . E o meu velho panteísmo acorda em mim e eu comungo com Deus de tôdas as coisas.

x

Abrem-se avenidas, chami-nés apontam para os céus. Onde, ontem, lobos trotavam, ergue-se um teatro cintilante de luz. Nos buritizais, em vez do matraquear dos papagaios, ouvem-se risadas de colegiais em recreio. E a cidade-milagre vai brotando da planície como num conto de fadas.

À medida que Goiânia vai crescendo os meus vetustos jatobás vão desaparecendo abatidos pelo machado dendroclasta. Já não ouço o pio da jaó e o guariba negro emudeceu. O "agua-só" está morto . . .

x

Há dias quis rever umas velhas amigas ali pelos la-

dos do leprosário, uns gigantes da floresta cheios de orquídeas roxas e onde joãos-congos alegres construíram a sua cidade barulhenta de longos ninhos de capim. Uma impressão dolorosa dominou-me ao percorrer aquelas margens do Meia-Ponte, que corria, agora, entre barrancos desnudos. Lenha e cinzas era o que restava dos meus amigos centenários. Prossegui. Adiante pilhas e pilhas de lenha e a terra cinzenta varrida pelos ventos rodopiantes escaldava ao sol. Há dois anos ainda existiam aqui uns 600 alqueires de floresta virgem — A "Mata do Algodão". De todo aquele santuário de vidas nem uma árvore restava em pé. Enormes troncos jaziam sapecados pelo fogo e a terra nua, esterilizada pelas chamas, se estendia, desolada, a perder de vista. Uma lagartixa, num montão de lenha, sacudia tristemente a cabeça . . .

x

Em todos os quadrantes o espetáculo é o mesmo: Destruição sistemática, inclemente, criminosa. Com o machado, a espingarda e a dinamite, vamos, regaladamente, fabricando uma China do nosso Brasil. Estamos incinerando o Brasil . . .

x

Há um Código Florestal e há um outro de caça e pesca; o que não há porém é juízo e patriotismo.

Fazemos um apêlo ao nosso Interventor que está construindo uma cidade para o futuro, ao administrador que possui o segrêdo de se renovar sempre, sem desânimo e nem fadigas, para estender as suas mãos protetoras sobre o que resta do nosso patrimônio florestal e dará as-

"As plantas são os únicos seres que dão tudo aos outros seres e apenas pedem o que a todos sobra — a luz".

sim ao Brasil mais uma lição de transcendente patriotismo.

x

Olhai os ipês floridos . . .

Getúlio Vargas Filho

Não nos conformamos nunca com êsse fato constante e irremediável que é a morte. E quando ela atinge uma vida em flor, e uma vida que se afirmava construtiva, tôda dedicada ao bem e tôda orientada para o alto, é então maior a nossa dor, o nosso desespero.

O desaparecimento desse moço inteligente e bom, que era o dr. Getúlio Vargas Filho, foi dessas ocorrências chocantes, e pesa, ainda, sobre a juventude brasileira, como uma grande sombra.

Muito jovem ainda, herdeiro de um grande nome, possuidor de uma inteligência esclarecida e de um coração generoso, modesto e simples, Getúlio Vargas Filho, pelas suas raras qualidades, era bem um tipo padrão da nova mocidade brasileira, que nele tinha, não mais uma promessa ou uma esperança, mas uma afirmação vigorosa e conciente desse espírito novo que está edificando um novo e grande Brasil.

Mirem-se os moços na vida do ilustre e pranteado morto. E convertam a sua mágua em motivo de inspiração nesta hora terrível em que vivemos. Getúlio Vargas Filho foi um devotado à sua Pátria. Sigam os jovens o seu exemplo dignificante e terão, assim, honrado a sua memória. Talvez seja para isso que morram os homens justos e bons:—para que a sua memória se transforme no pão espiritual dos que precisam de um rumo nos momentos difíceis.

Nietzsche e o espírito germânico

Castro Costa

Hoje, quando a atenção sobressaltada de todos os povos se dirige para o cataclismo desencadeado sobre a humanidade, com o peso de uma desgraça bíblica, pelo misticismo político de algumas nações, é curioso lembrar a obra daqueles homens que poderiam ser considerados responsáveis pela sementeira de idéias cujos efeitos presentes veem carcomendo a delicada contextura das relações internacionais.

Entre esses homens figura Friedrich Nietzsche, o famoso pensador alemão, falecido no primeiro ano do século XX. Filósofo de pulso e verdadeiro artista da pena, pôs êle a força de seu reconhecido gênio a serviço de uma concepção de vida completamente inédita entre os homens de pensamento de todos os tempos. Dizendo que seus antecessores haviam erigido a bondade e a verdade como pilares de suas doutrinas, e como não existiam esses instintos no indivíduo humano, era afinal mister cultivar unicamente a "vontade de domínio", que era a sua qualidade inata por excelência. As belas e consoladoras filosofias que alimentaram e vivificaram, através de dois mil e tantos anos, a pobre alma dos que sofrem e dos que esperam eram por êle desdenhadas e classificadas de frioleiras sentimentais. A escola de Cristo, por exemplo, dêsse Cristo que o próprio Renan disse ser "a mais alta culminância da grandiosidade humana", era conspurcada por Nietzsche, que a reduzia à definição irreverente de "extinção da vontade de viver". Na sua solidão e na sua inestancada sede de glória, de-certo nunca teria pensado nos atributos de humildade e desinteressê que exornam tantas almas cujo objetivo exclusivo na vida é, apenas, ter paz e receber o minguaço pão de cada dia que dá forma à matéria que as conduz — sem, jamais, se sentirem possuídas de nenhuma vontade de domínio. Na sua busca incansável de fama, Nietzsche, aristocrata por índole, de-certo nunca pôde compreender a felicidade gozada por esse anonimato quasi animalesco sob cujo manto protetor ainda vive a maioria dos seres humanos, e que — mais ainda — se houver filosofia redentora que possa proporcionar bem à espécie, tem ela de ser, necessariamente, feita para essa maioria medíocre, e não para as elites culturais. Influências étnicas e provavelmente orgânicas devem ter contribuído para que a genial obra nietzscheana seja tão impregnada de materialismo e de dureza de raciocínio. Aliás, êle próprio, referindo-se a uma generalidade de ações, nos fornece esta certeza, quando diz: "Depois de ter passado muito tempo perscrutando os filósofos, lendo-os nas entrelinhas, acabei verificando que a maior parte do pensamento conciente também deve ser incluída entre as atividades instintivas,

até mesmo a meditação filosófica. Assim-como o ato do nascimento não é levado em consideração no conjunto do processo do nascimento, assim o fato da consciência não está, de uma maneira decisiva, em oposição aos fenômenos instintivos; pois, em um filósofo, a maior parte do pensamento conciente é secretamente conduzida pelos seus instintos e obrigada a seguir um caminho já traçado." ("Além do bem e do mal"). Estas palavras admiráveis, que êle escrevera pensando em seus predecessores, se aplicam também à sua filosofia. Queremos dizer que as circunstâncias de êle ter sido germano e de ter tido a compleição física e a educação que teve foram as determinantes "secretas" de sua obra, que, em-consequência, era "obrigada a seguir um caminho já traçado" por uma congêrie de elementos primários e remotos que independiam de sua vontade.

NIETZSCHE ATEU

Ao-contrário de Rousseau, e de-parelha com Pascal, um espírito tão antagônico seu, afora outros, Nietzsche prêgou, de modo especial, a emancipação espiritual do homem por intermédio do conhecimento. Foi além, todavia, preconizando, como ateu que era, a absoluta adstrição às condições mundanas. Como afirma Heinrich Mann, "Nietzsche foi o primeiro, e até hoje o único, que exigiu uma imortalidade exclusivamente terrena". Considerava indecente ser crente e expunha, em sua psicologia da fé, que isto constituía um sintoma de **decadência**, de vontade de vida quebrada. Referindo-se a S. Paulo e a um episódio da vida de Jesús, teve as seguintes palavras: "Todos esses santos epiléticos e visionários não possuíam sequer um milésimo dêsse rigor para consigo próprios, dessa severidade que emprega um filósofo de hoje para ler um texto ou examinar a veracidade de um acontecimento histórico. Comparados conosco são cretinos morais". ("Vontade de domínio").

Sofismando que o deus-verdade, o deus-amor, o deus-justiça do cristianismo possuía unicamente qualidades não inatas no homem, era forçoso aceitar que "Deus morreu" — fato que faz "transbordar de gratidão, de espanto, de apreensão e de espera os corações dos espíritos livres".

Nietzsche disse que talvez devesse ter ciúmes de Stendhal, que lhe havia "roubado uma das melhores piadas de ateu que êle poderia fazer: "A única desculpa de Deus está no fato de não existir . . .".

NIETZSCHE CÔMICO

Nietzsche formulou conjeturas sobre a pigmentação negra da pele, invadindo a seara dos

cientistas e, por isso, viveu um instante de inegável comichão. Achava que o pigmento era “o último efeito das frequentes crises de furor, acumuladas durante séculos”. Entendia que as raças prudentes, não se encolerizando, se iam tornando páldas, no cadinho do tempo, o que provava inteligência e superioridade, pois “a inteligência se mede pela capacidade de temer”.

A prevalecer o raciocínio do filósofo, os arianos, em virtude de seus ataques de furor, tendem a ficar prontos, no porvir . . .

Não deixa de ser também cômica a confissão que faz a respeito dos futuros prosélitos de seu trabalho, cuja grande repercussão não chegou a conhecer. “Tenho um medo horrível de que queiram um dia **canonizar-me**” — falou certa vez. Seria humorismo espontâneo? Se atentarmos no tom de severidade do que escreveu, somos levados a crer que o pensava a sério.

NIETZSCHE POETA

Nietzsche, que padeceu de cegueira e morreu louco, tinha uma vida interior intensíssima, sob cujo peso aliás ruiu. Sua linguagem, a despeito de ser o filósofo da força, é agradável e fantasiosa e demonstra seu pendor artístico, notadamente poético. O seguinte excerto, extraído do “Assim falou Zaratustra”, embora isolado, é bem uma mostra de sua emoção: “Melhor ficar no tonel sob um céu fechado, melhor ficar no abismo sem céu do que te ver a ti, céu de luz, profanado pelas nuvens que passam. E muitas vezes sinto o desejo de amarrá-las fortemente com os fios de ouro dos relâmpagos denteados, para que, como o trovão, possa tocar tambor no caldeirão de seus ventres”.

NIETZSCHE INCOERENTE

A vaidade de Nietzsche o levou não raras vezes a ser incoerente. Mestre do autoelogio (se fosse um contemporâneo seria chamado cabotino . . .), tinha uma severa preocupação de consagrar o seu gênio, nada deixando, de primeira mão, a seus biógrafos. Contrariamente à modestia de um Santayana, ou de um E'dison, que proclamou que “o gênio é 2% de inspiração e 98% de transpiração”, o “pensador entre os séculos”, como se chamava, fazia questão de dizer que seu trabalho não o fatigava em nada, era fluente como uma fonte, um verdadeiro passatempo. Repudiando toda espécie de crença, deu provas de incoerência por ter participado da superstição do século XIX, a qual esperava que a ciência “gerasse uma metafísica”, conforme accentuou um nietzschista. O caso pitoresco do pigmento vem de novo a propósito.

Com Wagner fazia destas. Incluía Platão e até Jesús em sua linhagem, e excluía o grande músico, a pesar de o considerar em um de seus livros, “o maior benfeitor de sua vida”. Outras vezes, muito embora da estirpe de Platão, que tinha como **decadente** (é uma de suas expressões mais frequentes), Nietzsche clamava, repetida-

mente, que se constituía o tipo são característico, o tipo não-decadente.

Deixou algures escapar da pena que seu trabalho o obrigava a uma tensão tal que, durante semanas a fio, se trancava num quarto e não podia ver sequer um livro . . . Que passa-tempo !

NIETZSCHE CONVENCIDO

O convencimento de Nietzsche era talvez uma doença. “Ecce homo” é um livro repleto do maior narcisismo filosófico da história. Julgava-se o único pensador, em todos os tempos, que “afinal” (“afinal”, isto é, a equação da vida se resolvera de vez . . .) havia atinado com o **substractum** da alma humana — a vontade de domínio. Dizia-se irmão de Cristo e, portanto, da mesma estatura espiritual, porém o **verdadeiro**, ou seja o Anticristo.

Referindo-se à ebulição política da Europa, perguntava-se quem a iria tirar daquele beco sem saída, senão ele ?

NIETZSCHISMO

Estamos alongando demasiado. Mas, o que é o nietzschismo ? E' o mais gritante materialismo, prescrito por um filósofo que não considerava a dor e o sofrimento da maioria angustiada da humanidade, e que escreveu estas palavras, as quais são uma diretriz de seu pensamento: “Devemos aprender a sacrificar **muitos** homens (é ele mesmo quem frisa) e a levar a sério nossas empresas, a fim de não poupá-los”. Nietzschismo significa o alijamento dos corações humanos, de todos os sentimentos bons que, até hoje, teem trazido alguma felicidade ao mundo. Significa uma doutrina forjada para uma reduzida e abjeta aristocracia da força — os superhomens, em detrimento da pobre maioria mais ou menos ignorante que forma o dínamo propulsor da vida.

NIETZSCHE E OS ALEMÃES

Uma das observações mais curiosas que se podem fazer sobre Nietzsche é o seu desprezo pelo espírito germânico. Considerava os alemães de sua época como produtos de decadência, e escreveu: “A alma alemã é antes de tudo um composto, de origens múltiplas, feito de elementos acrescentados e acumulados, mais do que propriamente construído; e isso se explica pela sua proveniência. Um alemão que ousasse exclamar: “tenho duas almas em mim”, se enganaria no número. Povo heterogêneo, feito de uma mistura indescritível de raças, com uma predominância, talvez, de pre-arianos, “povo do centro”, em todos os sentidos da palavra, os alemães são, ante si próprios, mais incompreensíveis, mais indefinidos, mais contraditórios, mais desconhecidos e surpreendentes de que todos os demais povos”. Dizia que os alemães estavam mais próximos da barbaria que os outros povos da Europa, e achava que qualquer **boulevardier** de Paris tinha mais sensibilidade e curiosidade psicológica do que os

germanos, cousas de que estes últimos “não faziam sequer idéia”.

Aliás, a admiração de Nietzsche pelo espírito da França êle a proclamava a plenos pulmões. “E para um pequeno número de autores franceses — escreveu — que eu me volto sempre. Eu só acredito na civilização francesa e tudo o mais que na Europa se chama cultura me parece um malentendido, para não falar na civilização alemã . . . Os raros casos de alta cultura que eu encontrei na Alemanha eram todos de origem francesa”. Friedrich Nietzsche, ao-lado-dessa aspe-reza para com seus compatriotas, apreciava Montaigne, Molière, Corneille, Pascal, “a vítima mais interessante do cristianismo”, e muitos outros da terra de Vitor Hugo.

CONCLUSÃO

A obra de Nietzsche é uma obra para as aristocracias culturais. E' uma filosofia engendrada para o proveito pessoal de um ou outro elemento que queria fazer da força o sustentáculo máximo de uma doutrina social. O homem inculto ou humilde, que Cristo tanto amou e defendeu, não

é objeto de sua cogitação filosófica senão como massa estúpida e autômata que só tem ouvidos para ouvir ordens de marcha. Quer “o nivelamento e o rebaixamento do homem — do animal de rebanho homem (sic), hábil, laborioso, útil e utilizável de tôdas as maneiras” . . . “da mais perigosa e atraente qualidade”. (“Além do bem e do mal”).

Se-bem-que haja quem conteste, em parte, o reflexo do nietzschismo na atual política do Reich, é justo acentuar que Hitler, Goering, Goebells, Rosenberg, Von Ribentrop, Hess e outros cremadores alemães, a serviço da grande fornalha que é a guerra, são insignes intérpretes dessa filosofia. O povo alemão — a escória sofredora dos que não fazem discursos e nem escrevem nos jornais — êsse que perpetue nos fatos da história universal, em páginas de sangue, a alegoria sentimental da carneirada de Panúrgio.

E' contra essa desgraça e essa inconsciência irracional e asfíxiante que as democracias do mundo inteiro, unidas como irmãs de ideais que são, se levantam e combatem, em nome da felicidade e dos direitos do homem.



NOSSA ANTOLOGIA

CAMINHO DAS TROPAS

De Hugo de Carvalho Ramos

Damos início à NOSSA ANTOLOGIA, em que publicaremos páginas de escritores e poetas goianos, exclusivamente, com um trabalho de Hugo de Carvalho Ramos, um dos mais expressivos valores das nossas letras.

A narrativa que vamos ler foi extraída de “Tropas e Boiadas”, talvez a obra mais representativa da literatura goiana de todos os tempos, quer pela fidelidade das descrições, quer pelo cunho genuinamente goiano dos seus motivos.

Hugo Ramos faleceu prematuramente, aos 26 anos de idade, no Rio-de-Janeiro, a 13 de maio de 1921. Seu único livro editado — “Tropas e Boiadas” — foi recebido em 1917, com animadores aplausos da crítica literária do País, através das penas consagradas de Medeiros de Albuquerque e Antônio Torres.

Colaborou em várias revistas e jornais importantes do Brasil, publicando sempre contos regionais de inigualável sabor e vivo colorido.

O lote derradeiro desembocou num chouto sopitado do fundo da vargem e veio a trouxe-mouxe enfileirar-se, sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão.

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o pirai na facha encarnada da cinta, entre a capanga da garrucha e a niquelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabrestreiras, foi prendendo às estacas à mulada, e afrouxou os cambitos, deitando abaixo arrochos e ligais, enquanto um camarada ser-

viçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões:

O tropeiro empilhou a carregação fronteira aos fardos do dianteiro e depois recolheu uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um couro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornais a ração daquela tarde. O cabra, atentado na lombeira da burrada, tirou dum surranzito de ferramentas, metido nas bruacas da cozinha, o chifre de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga, ali raspando, com a aspereza dum sabuco o dolorido dum inchaço em princípio, aparando além com o gume do freme os rebordos das feridas de mau caráter.

Só então tornou à roda dos camaradas, ao pé do fogo do cozinheiro, no interior do rancho, onde chiava atupida a chocolateira aromatizada do café.

A tarde morria nuns visos de crepúsculo pelas bandas da baixada. A mulada remoía nas estacas, e junto ao couro de milho um ou outro animal mais arto e manhoso escoucinhava e mordida os demais, no afã de maior quinhão.

Assentado sôbre os calcanhares, os primeiros chegados — cujos lotes arraçoados coçavam-se impacientes aos varais, — espicaçavam pachorrentamente na concha da mão o fumo dos cornimboques, picavam miúdo no corte do caxerenguengue as rodelinhas finas, esfrangalhando entres os dedos os resíduos de palha grossa de cigarro encarapitada na orelha. O cabra abeirou, apossou-se do cuité fumegante que lhe estendia o cozinheiro, e enquanto deglutia a beberagem, ia comentando com os demais, voz amolengada, a marcha daquele dia.

— O lamedo dera-lhe, no vau de Anicuns, um trabalho; mal do lote, se não fôra o ramo verde da marmelada que o dianteiro tiver o cuidado de atravessar no caminho, — a burrada embarafustava logo pelo atoleiro, êle não estaria àquela hora no pouso; quando lá passou, ia bem fresco ainda o rastro da tropa no desvio; mesmo assim, o macho crioulo que vinha a destro, não duvidar em meter-se naquela perdição. . .

— Bicho novato, de primeira viagem . . . ob-

servou o dianteiro, que tocava, como de direito, o lote mais luzido da tropa.

No gancho da mariquita, especada sôbre o braseado, refervia o bom adubo da feijoada; um bafo grosso, apetecente, daí se evolava, babando a gula de dois perdidieiros da comitiva, que, assentados sôbre as patas traseiras, estendiam para o boralho o focinho curto, cùpidamente.

— Já vai chegando a boquinha da noite, minha gente, avisou o arrieiro saindo da barraca e chegando até o parapeito do rancho; olha o encôsto da tropa. Uma peia garantida nesse macho crioulo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno êsse sincero.

Guiada pelo chocalho da madrinha levada no cabresto, à mão do dianteiro, a tropa desatrelada enveredou pela devesa, redambalando por intervalos cada polaco das cabeças de lote nos torcicolos abrutalhados da vereda, perturbada apenas pelo clamor longínquo das seriemas da campina no fundo dos vergedos, e a lua assomava como uma grande moeda de cobre novo por sôbre os descampados, em vago nevoeiro.

A noite, repasto feito, descansava o pessoal recostados sôbre as retrancas e pelegos dos arreios. Pelos cantos, trilavam grilos; e de fora vinha o grito dolente dos caburés e noitibós, agourando a solidão. Um tropeiro sacou do piquá que trouxera a tiracolo o pino companheiro dessas caiminhadas no sertão; apertou a chave da prima, e pigarreou pelo cordame um lundú, todo repassado de ais e suspiros.

— Cabra malvado, faz tristeza essa viola, disse alguém, o pensamento longe, perdido no arraial, onde deixara, certo, saudades e cuidados; diga antes um caso, daqueles que nos contava, quando na boiada do Antão.

— Homem, inda agorinha, atalhou Manoel, o dianteiro, lembrava um fato que me sucedeu duma feita, quando viajava escoteiro, às ordens do major Matos, pressas bandas. O caso é que era então acostado e de fiança, daqueles de pouca conversa e grande estadao. Na quinta-feira das Dores, o sol ia descambando, o patrão manda me chamar, passar a cutuca no lombinho do matungo e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na patrona.

Mecês devem estar lembrados que na altura dos Morrinhos, num estirão de meia légua de tabatinga e terra puba, fica um cemitério abandonado, há muita toca de tatús e camondongos do campo. Semana atrás, numa rusga de cachaça e mulheres, esticara a canela ali perto o Bentinho Baiano, um cafuso intrometido, baleado por dois tiraços de rifles na volta esquerda da pá.

Para poupar meio trabalho, aproveitaram a serventia antiga do terreno, sepultando por ali mesmo o assassinado. Fôra eu até quem, de passagem, cedera a mortalha de ocasião com que o embrulharam, uma larga pala branca, enfeitada de bambolins, que me presenteara alguém que não tem a ver cá com a questão.

— Viajava distraído, esquecido de tudo, na marcha a furta-passo do matungo, perrengueando, a pitar o meu cigarro, quando, num repente, estaca de supetão o animal.

Assuntei. A noite estava turva, o céu sem lua, aqui e ali picado de estrelinhas. O sítio não me pareceu estranho; atentei com mais justeza, umas cruces apodrecidas pendiam, no escuro, desconjuntadas, à beira do caminho, sôbre cômodos mal feitos da terra . . .

Era o cemitério velho do povoado. Apertei as chilenas no pangaré; êle andou alguns passos, e depois emperreou de novo no meio da estrada, orelhas entesouradas, espreitando a escuridão. Adiante, não via nem ouvia movimento ou tropel algum; o bicho nunca fôra empacador ou passarinho, tentação do capeta devia de andar ali por perto.

— Um homem é homem, mecês bem sabem; atravessi o pungá no caminho, encurtei as rédias e es-

crutei melhor a vista, já acostumado à escuridão. A' minha frente, rogando o chão, brancacento, ia um lençol aberto. O matungo refugava arreliado, bufava pelas ventas, uma vontade danada de voltar atrás e dessembestar pelo chapadão afora. Sentí, benza-me o Santíssimo, u'a mão de ferro, no coração, friturando . . .

Mas, como lhes dizia, em qualquer apêrto, por êste mundo de Cristo, um homem é homem, e o que tem de acontecer, tem força, acontece mesmo!

Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, pus-me abaixo da sela, amarrei seguro as bridas a um tronco de umburuçú e voltei atrás, decidido, franqueira atravessada na bôca como era de preceito, mão sôbre os gatilhos escancarados da garrucha. Pa-recera a êste pobre cristão, melhor observado, que era a mesma franja de bambolins, o lençol que seguia estendido à minha frente, aquela mesmíssima mortalha com que dias antes enrolámos o corpo do malaventurado Bentinho.

Parou, gozando a expectativa angustiosa que errava derredor, entre os parceiros. Bebeu uma última gotada de congonha que lhe servira atencioso o cozinheiro; bateu fogo na pedra do isqueiro, acendeu o cigarão e olhou para fora, vagamente, meneado!

— A gente, quanto mais vive, mais aprende, já dizia minha avó. Assombramento, tenho ouvido casos, verdade seja, mas as mais das vezes falta de coragem, turvação do mêdo e da bebida . . . Maluquice anda à-toa pelo mundo da Virgem; não fôra meu bom ânimo, hoje zanzaria por aí, nessas bamburras, gira varrido.

Cheguei solerte, pé ante pé, negaceando, pronto a queimar as escorvas na cabeça do Mal-encarado ou o quer que fosse que impedia a passagem. O lusco-fusco ia menos cerrado, o lençol prosseguia estrada fora, muito branco, desdobrado, largando felpas alvadias pela garrancheira e vassoredo da beirada. Sofreei o baque do meu peito e acheguei-me para mais perto à assombração; batí fogo na binga, soprei um chumaço, e, agachado sôbre o estorvo, pesquisei com cuidado.

— Era, mas devia ter logo visto, um tatú, um tatú peba, que se fartara no corpo do infeliz ali enterrado, e que se retirava, empanturrado, para o seu coito. A imundice, na gana do festim, enrodilhara-se na mortalha do desgraçado, varando-a com a cabeça, e de lá se retirava, certamente bem atrapalhado, arrastando após si o trambolho . . .

— Devia ter visto logo: na pressa do enterramento, a cova tinha ficado um tanto rasa, a terra fôfa, sem cêrca nem revestimento para impedir aquela profanação . . . Enfim, creiam mecês, é ter desapêgo ao perigo.

Calara. Sincerros distantes chocalhavam, longe, pelo encôsto da devesa.

A lua nos aceiros era tôda branca como geadas de inverno.

Fora da criação real de uma vida espiritual superior, isto é, fora da regeneração, fora de um novo movimento espiritual, impossível chegar-se a nenhuma sociedade perfeita, a nenhuma cultura perfeita. Não é possível limitarmos a simbolizar a vida espiritual superior, a simulá-la perpétua-mente; precisamos atingi-la dentro da realidade.

N. BERDIAEFF



O que não sabe pôr sua vontade nas coisas, intenta dar-lhes algum sentido, o que o faz crer que há uma vontade nelas.

NIETZSCHE

Uma página de João Accioli

Macróbia Palmeira

Há muitos anos vi este coqueiro agreste,
velho, ostentando as espadas em leque. Vi-o
como a um corpo em perfil de uma ninfa sem veste
que súbito boiasse à flor d'água de um rio.

Sua razão de ser, tríplice desafio
ao espaço, ao tempo e a tudo, é uma prova inconteste
dessa força brutal de que ele se reveste
frente a frente à matéria, à chuva ao fogo e ao frio.

Vive, coqueiro esguio, o quanto podes! Finje
viver essa ilusão que nunca a gente perde:
ser moço, embora velho; afirmação e esfinge...

E a palmeira lá vive a farfalhar, precipite,
panda, enfunando ao vento — a cabeleira verde,
— monumento erigido em pedestal de estípite.



Noite no Cemitério

Há em todo o quadrado da Cidade-Muda
uma dose infernal de farra crepitante.
Sob a batuta do vento, ciprestes—símbolo de orgia—
ribombam dentro da noite uma sinfonia macabra, extravagante.
Anjos sacudindo as asas. Canções
de mausoléus. Declamações.
Dansas
eróticas de cruces em sepulturas de crianças.
Fox. Tango argentino.
Volúpia de carnaval naquele original casino.
Epitáfios. Bailados de caveiras. Requebros de estátuas seminuas.

Maxixes. Sambas e canções populares das ruas.
Ópio. Morfina.
Lança-perfume, cocaína.
Coveiro. Futebol.
Torcedores. Torcedoras. Volúpia do primeiro gol.

Ambiente de vícios. De dansas. De vida safada e farrista.
Como eu gosto dessa vida modernista!

E acordei revendo este espetáculo funéreo...
Quisera até morar no cemitério!



Dr. Antônio Borges dos Santos



O Dr. Antônio Borges dos Santos, que faleceu na Capital Federal, a 13 de fevereiro deste ano, era uma das figuras mais representativas do mundo cultural e político-administrativo de Goiás.

Embora filho de outro Estado, natural da gloriosa Baía de Rui e Seabra, desde moço veio residir em Goiás, dedicando-se aqui à sua profícua e nobilitante atividade profissional.

Médico, o Dr. Borges dos Santos era também uma vocação decidida para o magistério. E foi exatamente na cátedra que mais se notabilizou, cativando a amizade, a simpatia e a admiração da mocidade goiana.

Coração boníssimo, fez de sua carreira médica um verdadeiro sacerdócio, socorrendo de preferência a gente simples e humilde, que nada tinha para dar-lhe, a não ser a sinceridade de uma profunda gratidão.

Educador, o ilustre extinto foi catedrático do tradicional Liceu de Goiás e da Faculdade de Direito de Goiás. Este velho estabelecimento de ensino superior, o único de todo o Estado, teve na dedicação e nos magníficos esforços de Dr. Borges uma garantia de sua segurança e de sua estabilidade.

A despeito de entrado em anos, era com as mais vivas demonstrações de entusiasmo que o querido mestre vivia entre os moços, acompanhando-os em seus estudos, estimulando-os em sua atividade, ministrando-lhes a ponderação de seus conselhos de homem experimentado no trabalho.

Revoltava-se quando notava qualquer sintoma de apatia em seus alunos. Queria que a mocidade fosse sempre como deve ser: entusiasta, decidida, pronta a intervir sempre nas boas causas, como também nas más, para cauterizar os trânsfugas de todo o gênero.

Porisso contava com tanta simpatia, com tanta amizade. Porisso foi tão sentida a sua morte.

Ocupou ainda vários outros cargos de projeção, como Inspetor Federal junto ao Liceu de Goiás e ao Ginásio Rui Barbosa, de Catalão; professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás; Secretário do Interior e Justiça; Secretário de Finanças; Deputado e Senador Estadual; Presidente do Senado goiano; membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, etc..

Foram prestadas várias e expressivas homenagens à sua memória, às quais OESTE se associa, na certeza de interpretar o pensamento moço de Goiás, em tão merecido preito de justiça a quem tanto soube amar e servir à terra goiana.

Um incompreendido

Albatênio de Godói

Dentre as grandes figuras da inteligência em Goiás destaca-se, com um fulgor invulgar, Moisés Santana.

Sua pena, de lavor finíssimo — ouro tão puro como o que, em pepitas rebrilhantes, pendia do colo dos goiazes e fez o deslumbramento de Anhanguera — rasgou para a terra, que extremeceu como ninguém, horizontes vastos no campo da história e da ficção.

Bem poucos terão deixado obra mais vasta e duradoura. Mas a extensão é o menos. O que há nos trabalhos desse índio sempre rebelado é, principalmente, o cunho de perpetuidade que ressumbra de tudo quanto escreveu.

Quando invectivava êle, com o gládio demolidor da pena, o governante sertanejo que relegava a sua cidade ao abandono, está claro que fazia obra permanente de brasilidade, envolvendo os maus administradores (eram e são tantos!) que infestavam o país.

Moisés jamais teve ódio a ninguém. O que êle tinha era amor demasiado às coisas belas da vida. Daí o ser demolidor dos ídolos de barro, dos manipsos que a politicalha erigia no seu tempo em cada canto do Brasil, em cada lugarejo do sertão.

Conheci-o bem de perto. Convivi com êle em pequeno lugar do Interior, onde também existia o mal geral. Tinha ali inimigos ferozes; nunca, porém, dentre êles os pequeninos, os desherdados da sorte.

Jamais conduziu consigo uma arma, exercesse embora a sua perigosa profissão de advogado em lugares incultos e escrevesse clamando sempre contra os mandões de aldeia. É que nunca lhe passou pelo cérebro a idéia da agressão, mesmo nos momentos — e estes não foram pou-

Oração de Paraninfo

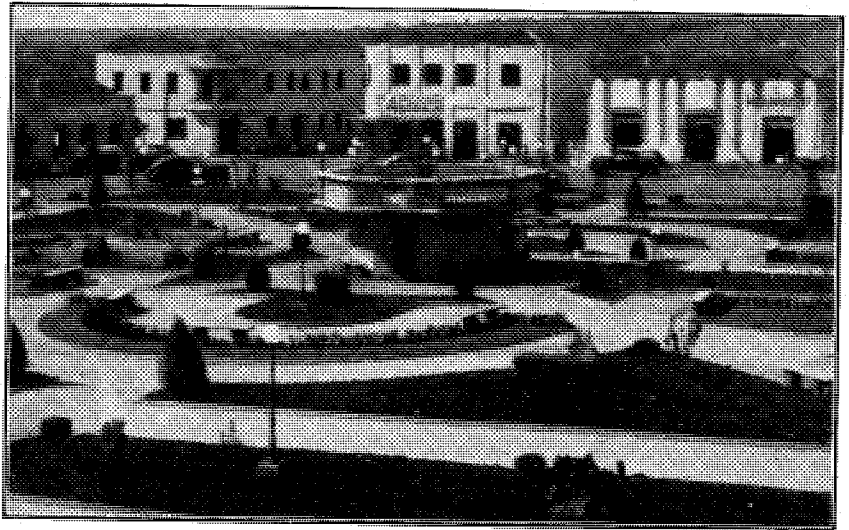
O discurso pronunciado pelo professor José Honorato na sessão solene de colação de grau dos bacharelados de 1942 da Faculdade de Direito de Goiás, e publicado num caprichado opúsculo, com o título desta nota, é dos que merecem larga divulgação e estão fadados a grande repercussão, visto que contém idéias ricas e idéias alevantadas.

Um sentimento americanista, democrático e humano, perpassa todas as linhas do discurso de José Honorato, indicando, de maneira positiva, que êle está ao lado da boa causa, na luta que o mundo trava contra os bárbaros do século XX.

Por outro lado, a sua crítica à liberal democracia, (que foi a deturpação da democracia, a sua forma viciada), embora não expressa, está patente na afirmação que êle faz, de que é preciso «democratizar as democracias». Isso mostra que êle já penetrou o sentido da verdadeira democracia — da democracia integral, de cunho biológico, econômico, social e cultural, e não só jurídico, — da democracia que o Presidente Vargas revelou em doutrina e vai realizando na prática em obra política grandiosa e singular.

Há êste trecho admirável na oração do professor Honorato: «O Estado verá, dentro da lei, ampliadas as suas prerrogativas, não para ser poderoso e prepotente, mas, sim, generoso e onipresente, atacando, em suas profundas raízes políticas e econômicas, problemas secularmente procrastinados.» Está aí, sem dúvida, a boa doutrina. Essa passagem feliz de seu discurso foi naturalmente inspirada ao dr. José Honorato pela realidade esplêndida do Estado Nacional, — um Estado que se distingue dos Estados totalitários (que se *sobrepoem* à nação, asfixiando-a) e do Estado liberal (que se *ausenta* da nação, que é um Estado *abstêmio*), pois é um Estado que *está sempre presente*, mas *só onde é preciso estar*, isto é, onde o reclamam as nossas reais necessidades.

Em síntese: — José Honorato, antigo deputado, veio provar, em um discurso magnífico, que não se *fossilizou*, como tantos de seus antigos colegas, nas fórmulas culturais caducas do pensamento liberal, e sim, pelo contrário, que é um espírito viril, ágil, cultivado, que acompanha a marcha dos tempos. Que êle possa servir de exemplo aos saudosistas inveterados, que ficaram parados no meio da civilização, enquanto o mundo continua indo para a frente...



Jardim da Praça Cel. Joaquim Lúcio — Goiânia

cos — em que mais perigava a sua vida.

Porque a sua arma era a pena e a sua força era a da inteligência indômita.

E com estas, nunca tratando de si próprio, pois era desinteressado e despido de vaidades, esvurmava corajosamente os que, investidos de poder, a seu ver traíam o povo nas suas mais caras aspirações. Errava, às vezes, é certo; mas a insinceridade

não era a marca da sua personalidade.

Foi sempre um incompreendido.

E essa incompreensão, ajudada de fatores políticos do momento, numa era em que a opinião do príncipe era a lei inexorável, fez atear o fogo iconoclasta que derribou o gigante, justamente quando mais se acentuava a floração do seu espírito.

Professor Ferreira

OESTE, ressurgindo agora, algum tempo depois de seu aparecimento, tão lisonjeiramente recebido por todos aqueles que compreenderam o ideal que nos anima e os nossos sadios propósitos, não podia deixar de registrar o infausto acontecimento que feriu toda nossa geração, ocorrido no interregno entre o seu primeiro e este número: a morte do Professor Francisco Ferreira.

Todos conheceram, estimaram e admiram êsse dedicado Mestre. Por trinta e oito anos ensinou gerações e gerações no Liceu de Goiás e no Colégio Santana; dedicou toda a sua vida ao mister de ensinar, ao seu sacerdócio, ao seu apostolado. Assim, fosse esta revista feita para ser lida unicamente aqui, seria tarefa inútil contar o quanto fez e quem foi êle, pois goianos, desde os que ocupam hoje elevados cargos e que no mundo político ou intelectual têm maior projeção, até alunos de Faculdades e mesmo de ginásios, todos foram seus alunos e dele se lembram com a mesma afetuosa saudade, o veneram e estimam; todos sabem quem foi êle e o quanto lutou e fez pela instrução, pela elevação cultural de nossa terra.

Ficou o Professor Ferreira na história da educação em Goiás como paradigma do educador, por sua cultura e inteligência, por sua dedicação e sua bondade.

Foi mais que um bom mestre: foi o mestre querido, que como tal o tinham e têm todos os que tiveram a dita de ser seus discípulos. Ao tributarmos esta homenagem ao saudoso educador, vamos dar uma breve notícia biográfica sua. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo nasceu na cidade de Goiás, em 14 de Abril de 1875, onde fez seus estudos primários e os preparatórios. Em 1890 assentou praça para ingressar na Escola Militar, mas compreendendo mais tarde não ter vocação para a carreira das armas deu baixa, voltando para Goiás como praticante dos Correios. Examinando-o quando prestava exames de geografia, Leopoldo de Bulhões ficou tão impressionado com a já grande soma de conhecimentos do examinado que providenciou sua transferência para S.-Paulo, onde, campo mais vasto, de maiores possibilidades, pudesse aproveitar melhor sua inteligência.

De S.-Paulo pediu transferência para Ouro-Preto, onde fez o curso de agrimensor na Escola Mineira com tal brilhantismo que, ao concluí-lo, o Dr. Henrique Medrado, seu Diretor, o cumprimentou pessoalmente.

Voltando para Goiás, foi em 1896 nomeado Engenheiro do Estado e no desempenho dessa função, em constantes viagens, estudioso e trabalhador que sempre foi, pôde organizar sua conhecida carta geográfica do Estado, editada em 1904. Em 1903 foi nomeado Professor de Geografia do Liceu de Goiás, passando posteriormente a reger a cadeira de Matemática. Foi Diretor do Liceu de Goiás, de 1921 a 1930; Secretário da Viação e Obras Públicas; Diretor da Sursursal do Liceu de Goiás, por diversas vezes da E. N. Oficial; em 1909 foi eleito deputado estadual; fez parte de diversas comissões para fixação dos limites entre êste e o Estado de Minas-Gerais, tendo publicado um bem documentado relatório a respeito, acompanhado ainda de um mapa demonstrativo, evidenciando-se dele, irretorquivelmente, os direitos de Goiás na pendência.

Publicou o Professor Ferreira: folhetos sobre a data gregoriana do descobrimento do Brasil, tendo o Barão Homem de Melo feito os mais justos elogios ao seu trabalho que, mais tarde, a melhor revista literária e científica do sul do país, a "Revista do Clube Corintiano do Estado do Paraná", transcreveu; organizou, em 1909, o "Anuário Histórico e Geográfico de Goiás", a única publicação no gênero que possuímos; em 1913, "Páginas Áridas", obra aplaudida por Henrique Morize e todos os lentes da Escola Politécnica do Rio, da Escola de Minas de Ouro-Preto e do Colégio Pedro II; em 1919, "Considerações Gerais Sobre as Quantidades Negativas", que mereceu honrosos pareceres das Escolas Politécnicas do Rio e S.-Paulo, da Escola de Minas de Ouro-Preto e do Centro de Ciências e Artes de Campinas (São-Paulo).

Dentre suas obras, que se distinguem pela erudição, salienta-se, entretanto, o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa que, estudado na Academia Brasileira de Letras, foi calorosamente elogiado por diversos acadêmicos e principalmente por Múcio Leão que, no "Jornal do Brasil", publicou substancial artigo estudando-o. Essa obra que, não há negar, será a maior contribuição de Goiás para as letras nacionais, já está no prelo na Companhia Editora Nacional, que se incumbiu de sua publicação. O Professor Ferreira, que consagrou tanto de sua existência a essa obra, foi, vencidos todos os óbices que se opuseram à sua publicação, roubado à vida justamente quando acabava de receber da casa editora as primeiras provas para revisão, quando via assim quase realizado o seu grande desejo, a sua maior aspiração.

No velho Liceu da rua Couto de Magalhães e na nossa recordação ainda ressoa sua voz prelecionando; mas a lição imorredoura, inesquecível, que nos deixou foi o seu Dicionário. E vendo aquelas suas primeiras provas devia ter sentido a mesma sensação de quando ouvia a sineta que o avisava do início de sua aula: ia ensinar, contrair para a grandeza de sua terra, a terra que tanto amou, habilitando os seus jovens conterrâneos a fazê-la grande, seguindo o seu exemplo de dedicação e de trabalho e os seus sábios ensinamentos.

Na sua sabedoria diz o *Talmud* que os mestres são superiores aos juizes íntegros e aos homens caridosos, porque tornam o povo justo e virtuoso, propagando a instrução e combatendo a ignorância, que é a fonte de todos os vícios.

O Professor Ferreira foi um verdadeiro Mestre e teve todas as grandes virtudes que exornam todos os verdadeiros cidadãos.

E a êsse título de Mestre, o mais digno e nobre de que se pôde orgulhar o homem, ninguém fez jus com mais nobreza e dignidade que o Professor Ferreira, o Mestre que perdemos.

O MÊS DE FEVEREIRO NA HISTÓRIA DE GOIAZ

ODORICO COSTA

O mês de fevereiro possui posição de extraordinária saliência na história de Goiaz. Nesse mês, no curso de toda a história goiana, registraram-se, sempre, acontecimentos da maior projeção, da maior interferência nos destinos do sertão, da grande terra e da grande gente goiana.

O primeiro acontecimento verificado em fevereiro, na história de Goiaz, foi em 1721. Dom João V, aquele dom João V pródigo em consumir, em delírios místicos, todos os tesouros que o Brasil lhe remetia, respondeu, por fim, a carta que Bartolomeu Bueno e seus dois genros, João Leite da Silva Ortiz e Domingos Rodrigues do Prado, lhe haviam remetido, por intermédio do governador de São-Paulo, dom Rodrigo César de Menezes, pedindo licença para ingressar no sertão, em busca de minas de metais e pedrarias. Dom João V, nessa carta, autorizou essa entrada e estimulou a ambição e a vaidade dos paulistas, **recomendando-lhes muito zelo na descoberta de metais e prometendo-lhes muitas mercês pelo zelo que demonstrassem no serviço da Fazenda Real.**

Em fevereiro de 1727, na sua segunda entrada nos sertões encantados de Goiaz, Bartolomeu Bueno lança os fundamentos da capela de Santana, na beira do rio Vermelho. Dessa semente civilizadora nasceria Vila-Boa que durante tantos anos foi séde do governo goiano.

Em fevereiro de 1728, Bartolomeu Bueno parte de São-Paulo no ponto mais alto de sua glória. O paulista traz com ele a sua nomeação para o cargo de **superintendente geral das minas dos Guaiazes**, traz o documento que o faz senhor de larga extensão de terra **na testada dos rios** e traz, ainda, documento que o faz dono e senhor do **privilégio das passagens dos rios.**

Em fevereiro de 1736, o território goiano, onde refervia um mundo de aventureiros, provenientes de todos os pontos da colônia, dementados pelas notícias de achados fabulosos nas minas de ouro, foi erigido em comarca da capitania de São-Paulo.

Em fevereiro de 1745, dom Luiz de Mascarenhas, capitão-general de São-Paulo, da cidade de Santos manda fazer guerra à indaiada Caiapó, que, como **um grande flagelo, fazia insultos e atacava os entrantes, estendendo tumultos de Mogi, até Vila-Boa.**

Em fevereiro de 1748, dom Luiz de Mascarenhas escreveu, de São-Paulo, ao vice-rei, conde de Galveias, dando notícias de que **nos rios Claro e Pilões se achava muita gente arranchada extraindo diamantes** e, relatando outras ocorrências verificadas em Goiaz, contava que **Antônio Pires de Campos, chegado de Cuiabá, havia iniciado guerra aos Caiapós.**

Em fevereiro de 1754, foi nomeado capitão-

general de Goiaz o faustoso dom Alvaro Xavier Botelho de Távora, conde de São Miguel que, depois do atentado contra dom José, seria preso e remetido para Lisboa, morrendo em caminhar, nas alturas de Recife.

Em fevereiro de 1777, Martinho Coelho de Siqueira, que andava caçando, descobriu, pelos ganidos de seus cães queimados pelas águas, as termas de Caldas-Novas. Martinho Coelho de Siqueira demarcou uma sesmaria no local e, obtendo a sua concessão, legou-a, por sua morte, a seu filho Antônio Coelho que, depois, a transferiu a Domingos Rabelo que da sesmaria fez doação ao patrimônio de Nossa Senhora do Desterro.

Em fevereiro de 1780, o cabo de pedestres José Pereira foi mandado combater a bugrama Caiapó **que cometia correrias contra os colonos do sertão do Norte.**

Em fevereiro de 1813, os cherentes, carajás e chavantes organizaram uma confederação e atacaram o presidio de Santa-Maria. O cabo Xavier de Barros, comandante da praça, resistiu furiosamente, conseguindo, por fim, se escapar, em canoas, pelo rio. Através de tremendas desgraças que assombram pela intensidade e pela constância o cabo Xavier de Barros foi sair, faminto e doente, com os seus efetivos desfalcados e com a sua própria família sacrificada pelos sofrimentos, em São-João-das-Duas-Barras, onde conseguiu obter socorro e asilo.

Em fevereiro de 1832 os partidos "Jurujuba" e "Farroupilha" trazem a capital do Estado em situação de tumulto.

Em fevereiro de 1839, uma formidável enchente do rio Vermelho assola a capital da província e **destruiu as habitações ribeirinhas. As pontes desabaram, ficando cortadas as comunicações entre as duas partes da cidade.**

Em fevereiro, pelo tempo a fora, surgiram numerosos acontecimentos que marcaram a história de Goiaz. Acontecimentos bons e acontecimentos maus.

Em 1913, por exemplo, inaugura-se a estação da Estrada de Ferro de Goiaz em Catalão e os documentos da época dizem que houve muita festa, muita alegria e muito júbilo, ao sabor das usanças do tempo.

Em fevereiro de 1918, o sr. dr. Balduino de Almeida, diretor da Estrada de Ferro de Goiaz, inaugurava o trecho, da mesma estrada, compreendido entre Roncador e Tavares, hoje estação de Vianópolis.

Como nota interessante, registro que, dos cinquenta e três municípios que integram a família municipal goiana, não há um único que tivesse sido criado em fevereiro.

Na história de Goiânia, por sua vez, não exis-

tem atos oficiais praticados em fevereiro. Não existem atos oficiais, mas há uma ocorrência de singular importância: foi a 24 de fevereiro de 1931 que o sr. dr. Pedro Ludovico, pela primeira vez, falou a respeito de seu projeto de transferir para outro lugar a capital do Estado. Falou do "Lavourea e Comércio", por meu intermédio, e essa sua entrevista diz assim:

"Como médico e como goiano, sou contrário à continuação da capital aqui. Há um mundo de inconvenientes de toda a ordem. Todavia, esse assunto não poderá ser resolvido assim, de um momento para outro. Sou partidário da cons-

trução de uma capital nova, e o relatório que o sr. dr. Carlos Hass publicou é uma demonstração de que, com ligeiras modificações, Goiás poderá construir uma capital moderna, esplêndidamente situada, em um ponto de irradiação, sem largos sacrifícios financeiros. Como disse, porém, esse assunto precisa de demorados estudos e não pôde ser resolvido com sofreguidão".

Nessa palestra, entre o interventor goiano e o jornalista amigo, estava nascendo Goiânia. Foi em fevereiro que, pela primeira vez, o sr. dr. Pedro Ludovico falou a respeito de seu propósito de transferir a capital do Estado.

O QUINTA-COLONA TEM RAZÃO...

O nazismo alardeia que não combate a Igreja. Absolutamente. E' mentira. E' infâmia de padres despeitados. Por exemplo: os militares, na Alemanha, podem frequentar as igrejas à vontade. Sômente não o podem fazer quando fardados. E há uma inocentíssima determinação proibindo que os militares saiam à rua sem farda . . .

E esses despeitados querem falar em perseguição religiosa !

Uma das maiores acusações do "quinta-coluna" contra a Igreja Católica é acimá-la de inimiga do Progresso, da Ciência e da Cultura. E há muita gente que entoa também essa cantilena sedida, expondo-se ao ridículo de proclamar contrastes entre a Religião e a Ciência, nunca deixando de falar na famigerada "noite da Idade Média".

Esquecem-se essas inteligências desleais, ou leais "desinteligências", de que um movimento ímpar, formidável, como o Renascimento, não se improvisa, não pôde surgir de súbito, sem ligação alguma, próxima ou remota, com o passado.

A Idade Média foi justamente esse ponto de conexão, a forja admirável que produziu essa incomparável Renascença.

A Religião não contraria a Ciência. Quantas vezes, é a História que o confirma, os conventos se transformaram em único refúgio da Ciência e da Cultura, em momentos trágicos da humanidade, quando as legiões bárbaras cresciam para o mundo civilizado, malbaratando instituições, dizimando vidas, avassalando aldeias,

Hélio A. Lobo

idades, nações inteiras, em vendavais de sangue e destruição.

Deixando de lado a significação cultural da Igreja para o mundo, voltêmo-nos para nossa terra. Apanhemos um exemplo nosso, um exemplo brasileiro.

Quem é que ignora, ateu ou católico, o papel eminentemente nacionalista que os Jesuítas desempenharam na vida do Brasil-Colônia ? Quem é que desconhece a obra educacional desenvolvida em todos os tempos pelos colégios católicos, em todos quadrantes da Pátria ?

E no presente ? Neste presente sombrio que vivemos, presente de contrastes, "presente cuja característica mais tangível é um sentimento generalizado de instabilidade, presente de encruzilhadas decisivas", na palavra lapidar de Tristão de Ataíde, qual tem sido a atuação da Igreja ? Teria havido alguma solução de continuidade, alguma diretriz diferente no velho roteiro ?

Os fatos respondem que não.

As falanges de Cristo estão em toda parte, realizando seu Ideal com entusiasmo e perseverança de Heróis.

Estão nas florestas imensas do "hinterland" agreste. São os missionários. Alguns tombaram. Empaparam a terra virgem e fecunda com seu sangue. Mas levantaram capelinhas no âmago das matas longínquas. Ensinaaram ao indígena o amanho racional da terra. Foram

médicos e enfermeiros. Alfabetizaram a meninada das tribus. Edificaram colônias, células de paz e trabalho produtivo e útil à coletividade.

Estão também na tribuna, no rádio e na imprensa das metrópoles, ou nas povoações humildes e esquecidas do sertão, profligando erros e desregramentos e mostrando sempre o caminho único para paz social: o caminho cristão.

Estão ainda nas cátedras dos colégios e das universidades, servos da Ciência e da Fé, procurando, no dizer de um grande pensador, "intelectualizar os meios católicos e cristianizar os meios intelectuais".

Eis o que vem realizando a Igreja, irredutível em seus princípios e imensa em sua caridade, convicta de que, haja o que houver, ela há-de pairar sempre sobre todas as lutas, acima de todas as competições .

O que ela combate e combaterá sempre é o cientificismo balofo, os fogos fátuos de uma pretensa cultura, falsa e irreal, vã e inconciente, cultura com "o" minúsculo, que estrangula a dignidade humana e que se baseia em hegemonias raciais e no predomínio da força bruta . . .

O quinta-coluna tem toda razão de inculcar a Igreja de retrógrada e inimiga da cultura . . .

Grande é a grandeza do homem, porque o homem conhece a sua miséria. Uma árvore não sabe de sua miséria. E' ser miserável, pois, o fato de se sentir miserável, porém, é ser grande o fato de conhecer que se é miserável.

PASCAL

Por causa da irmã de Roberto

Conto de J. Décio Filho

Eu bem que não queria ir. Aborrecia-me aquela idéia de ir passar as férias na casa do meu colega. Não conhecia pessoalmente sua família, embora já estivesse informado das feições e hábitos de todos, por causa dos retratos e das histórias com que Roberto me caceteava calorosamente.

Pensando bem era até razoável meu amigo querer me levar.

Eu estava quasi só no mundo, estudando à minha custa, com a ajuda magra de um tio que morava em Estrela-do-Sul. Esse tio era um pobre velho achacado de reumatismo, um sujeito boníssimo mas sem autoridade, casado com uma mulher que lhe amargava a vida já por si sem nenhum encanto.

No fim do ano êle me passava uma carta, me convidando indecissamente para passar as férias em sua companhia. Eu imaginava o osso que o velho roía para redigir o convite. Geralmente não aceitava a amabilidade, temendo as rabujices infernais de sua diabólica espôsa. E ficava mexendo com uma coisa e outra até a reabertura das aulas do Ginásio de Muzambinho.

Mas Roberto tomou-se de uma amizade terrível por mim e queria por tôda fôrça me levar para a casa de seus pais. Um bom sujeito aquele. Mais novo do que eu três anos, ingênuo, impressionável até o ridículo, mas amigo tôda a vida. Cursava o terceiro ano e eu o quarto. Quando entrei para o Ginásio eu já era rapagote taludo, meio versado em letras e presumido até a medula dos ossos. Uma coisa de meter medo.

Conheci Roberto numa pensão de estudantes e comecei a influenciá-lo. Botei o menino alí no tóco. Indicava-lhe os autores que devia ler, corrigia suas idéias e derrubava seus ídolos com a mais cândida maldade. Um dia dei com êle enfiado num livro de Rui Barbosa, e fui cruel. Desanquei o baiano, botei a velha águia de Haia na rua da amargura, e disse que no Brasil só algum cabotino extraviado se

dava o trabalho de decifrar aquele sujeito. Tomei-lhe, num arranco, o livro da mão, li um trecho em voz alta, e perguntei se havia compreendido: "Não, não compreendera, era assim mesmo, ninguém pescava nada daquele baiano pernóstico. Esbagacei o grande gênio nacional. Aliás, aquela birra feroz era gratuita, mais por causa de uma crítica impiedosa que li sôbre o autor de Réplica, do qual eu não conhecia patavina. Mas foi a conta: Roberto deixou de lado o livro e nunca mais se falou no caso.

Entretanto, eu gostava dele, ou melhor, sentia uma necessidade visceral de sua admiração ingênua para alisar minha vaidade de sabichão desconhecido. Era o meu público, o público de um gênio incompreendido. Tinha-me na conta de grande talento e me estimava extremosamente. Tudo me consultava, repartia comigo os doces que lhe mandavam os pais, escrevia cartas para sua irmã, punha-me nas nuvens, contando casos engraçados que se passavam entre nós dois. No princípio eu ficava embatucado com aquilo, mas acostumei, ligeiro, com a história, e até tinha desejos de conhecer a irmã de Roberto, devido ao retrato que me mostrara várias vezes. Parecia-se com êle, apesar de mais bonita. Era de uma beleza assim fugidia, como se fosse uma pintura muito suave. Os olhos dela é que me deixavam tonto. Lindos, uns olhos aveludados que pareciam olhar para muito longe. O fato é que eu achava nela, na sua fotografia, uma insinuação de sonho, algo inexistente, tal qual uma figura das baladas antigas.

Hoje, analisando de longe, acho que era por causa daquele retrato que eu tinha tanto apêgo com Roberto. Êle, coitado, nem dava pela coisa, e ficava todo lisonjeado quando eu pegava a fotografia da moça para mirá-la e remirá-la, numa adoração besta. O pior é que o negócio se complicava. Nas horas de intimismo, punha-me a pensar nela com uma fôrça torturante

e me tornava triste, mergulhado em cismas exaustivas. E ainda Roberto a querer me levar, atijando minha imaginação. Todo santo dia aquela cantilena: — Vamos, você há-de achar bom, passearemos no sítio, iremos caçar, pescar, nos divertiremos à bessa.

E as férias aí, na bôca. Faltavam só quatro dias para começar a nosso doce folga. Os alunos andavam todos atarefados, arrumando mala, comprando coisas, fazendo isso e aquilo. Nas vésperas da partida do meu amigo, notei que êle andava casmurro, com cara de cachorro escorraçado. Também eu estava triste, sem graça, com a imagem de Maria Lúcia (a irmã de Roberto) dansando no pensamento.

Vivia imaginando aventuras, forjava ciladas inverossímeis em que bancava o herói e salvava Maria Lúcia das garras do perigo. Depois, ficava com raiva de mim mesmo, por andar tecendo tanta bobagem. Um dia, a filha do dono da pensão, uma sujeitinha magricela e cabulosa, deu comigo sôzinho, sentado num canto escuro do alpendre e cismando, em abstração absurda. Me viu daquele jeito, olhou bem pra mim e caiu na gargalhada. Fiquei logo danado, como se ela tivesse adivinhado meus pensamentos, e me avermelhei todo. Saí pisando duro, em fúrias, com vontade de estrangular aquela cachorra intrometida.

Naquela mesma noite, quando estávamos a sós no quarto, Roberto e eu, num silêncio agoniado, me formalizei, tomei coragem, fui até a janela, voltei e disse ao colega com uma voz carregada: — Pois bem, Roberto, eu vou com você.

Meu amigo levou um susto danado, mais pelo tom trágico da minha voz do que pela própria notícia, já intimamente esperada. Mas desmanchou-se logo em alegria, me abraçou, prometeu isso e aquilo, foi um deus nos acuda. Faltou dizer que dava Maria Lúcia para mim. Também fiquei entusiasmado e começámos a arrumar as malas, conversando, rindo, assim pas-

sámos o resto da noite acordados, descontando os dias de amuo. Pareciamos dois namorados que se reconciliassem após longa e torturante separação.

No dia seguinte pegámos o trem logo cedo. Deveríamos chegar no outro dia à tarde em Monte-Carmelo, a terra de Roberto. No princípio, na afobação da partida, tudo corria bem, íamos olhando o ambiente lá fora, obervando os passageiros e fazendo graça à custa daquelas feições caricaturescas que formam êsse conjunto anônimo das pessoas que viajam nos trens de ferro. Gente de tôda classe, criaturas que já foram troços na vida e que não são mais nada, destinos que desconhecemos e por isso podemos conjeturar tudo em tôrno deles e até fazer romance.

Meu amigo ia afundado num completo alumbramento ante a perspectiva de abraçar os seus. Não se cansava de falar em seu povo, me dizia que um era assim, outro assado e coisa e tal, ia desenrolando o rosário de suas riminiscências de um ano. Contou-me que lá havia um cachorro dele — o Doutor — que era um bicho de bom. Um cãozão de chegar. Valente, bonito, muito ladino, um verdadeiro gênio. O único defeito de Doutor era ter o rabo tocó e a orelha esquerda cortada.

No meio dessas ardentes descrições um pensamento terrível, como uma pedra que se atirasse numa casa de maribondos, atingiu-me de súbito: "E se Maria Lúcia não

ficar gostando de mim, não me der confiança? "Esta idéia maldita me prostrou de improviso, chegando ao ponto de Roberto, tão abstraído nos seus devaneios, notar a mudança que sofrí. Acho que fiquei com uma cara de espantar criança, tal meu estado de ânimo após a visita de tão trágica sugestão.

O pensamento diabólico foi criando corpo, engordando, tal um monstro soprado por mil capetas: "E eu que não havia pensado nisto — dizia comigo mesmo — sendo tudo muito provável, pois sou um sujeito suficientemente feio, sem lábias para impressionar u'a moça que de certo não gostava de literaturas e outras sabenças aprendidas nos livros? Ia ser um fracasso completo. Ainda por cima, não sabia dansar, conduzir uma senhorita, não tinha prática dessas coisas. Maria Lúcia iria rir de mim, contar para as amiguinhas que seu irmão trouxe um rapaz mesmo de encomenda, um sujeito sem graça, de feiura e tolice impagáveis".

Ficava pensando naquilo, aumentando tudo, num mazorquismo atroz. Roberto se incomodara com meu jeitão enfiado, perguntou o que era, se me sentia mal, se queria enjoar. Dei deculpas, falei que estava com dor de cabeça, procurei sorrir pra êle, mas voltei ao cêrco angustioso da sugestão que arranhava minha susceptibilidade de amoroso desprezado. Figurava Maria Lúcia num baile, vestida de branco, um vestido leve, vaporoso, dansando com outros rapazes, e

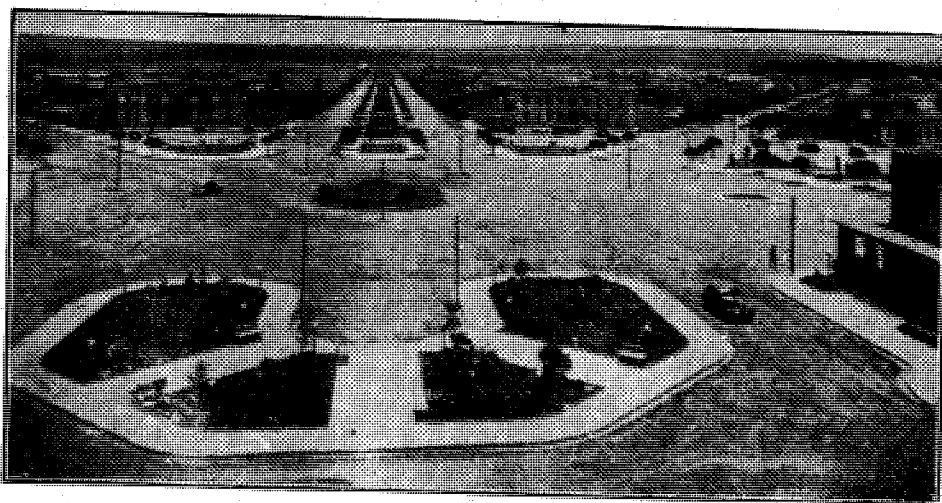
eu sentado num canto, triste, olhando comprido e rindo amarelo das graças de Roberto. Ela, tôda rodeada de mocinhos cinematográficos, nem me olhava, nem se lembrava que eu existia. Minha imaginação enegrecia tudo e não podia tirar aquilo dos miolos. Obcecado. No meio daquela fermentação doentia, ainda me vinha, de relance, por misteriosas razões, uma faisca de ódio de Roberto, logo dele, coitado, tão inocente, tão bom.

Foi indo não pude mais. Resolvi a coisa de repente, como louco varrido. Disse a Roberto que tinha resolvido a não ir mais e que nos separaríamos no entroncamento. Falei isto assim de um sóco, com mêdo de fraquejar. Meu companheiro pensou que fosse brincadeira, e, quando viu que era sério, caiu das nuvens.

— Mas o que foi, você ficou doído, que é isto? Fiz-lhe algum mal?

Não lhe dei mínima satisfação, embora minha vontade de abrir-me com êle. Envergonhado, amarei-me num mutismo, sombrio.

No entroncamento, nos despedimos comovidos, êle quasi chorando, a implorar que eu fosse para sua casa. Pedí-lhe para deixar o retrato e Maria Lúcia comigo, e, embora espantado, mo cedeu imediatamente, com um ar aflito. Separamo-nos e nunca mais o encontrei. Atandonei os estudos e sai pelo mundo banzando, quebrando a cabeça por causa dessa Maria Lúcia que não me conhece e que nunca vi em carne e osso.



A "Avenida Goiás" vista da Praça Cívica — Goiânia

Esta revista é confeccionada na Secção Industrial da Imprensa Oficial do Estado de Goiás, sendo todos os clichês nela estampados de fabricação da «Bremensis», no Estado de São Paulo.

Em torno dos grandes

Paulo Augusto de Figueiredo

e dos outros grandes

Dizem que só os grandes são combatidos, e isto é uma verdade. Não se combate o *homem meio termo*, o *homem normal*, o *homem igual a todo mundo*. Só é guerreado o homem que foge ao meio, o homem que fica além ou aquém do equador da existência comum.

A explicação do fato é simples. Está em que os homens amam a ordem, e o grande é, sempre, um centro de distúrbio. O *grande* desequilibra as sociedades, criando novas formas de vida, a que os homens têm de adaptar-se. Ora, os homens, por natureza, são conservadores tendem à es-

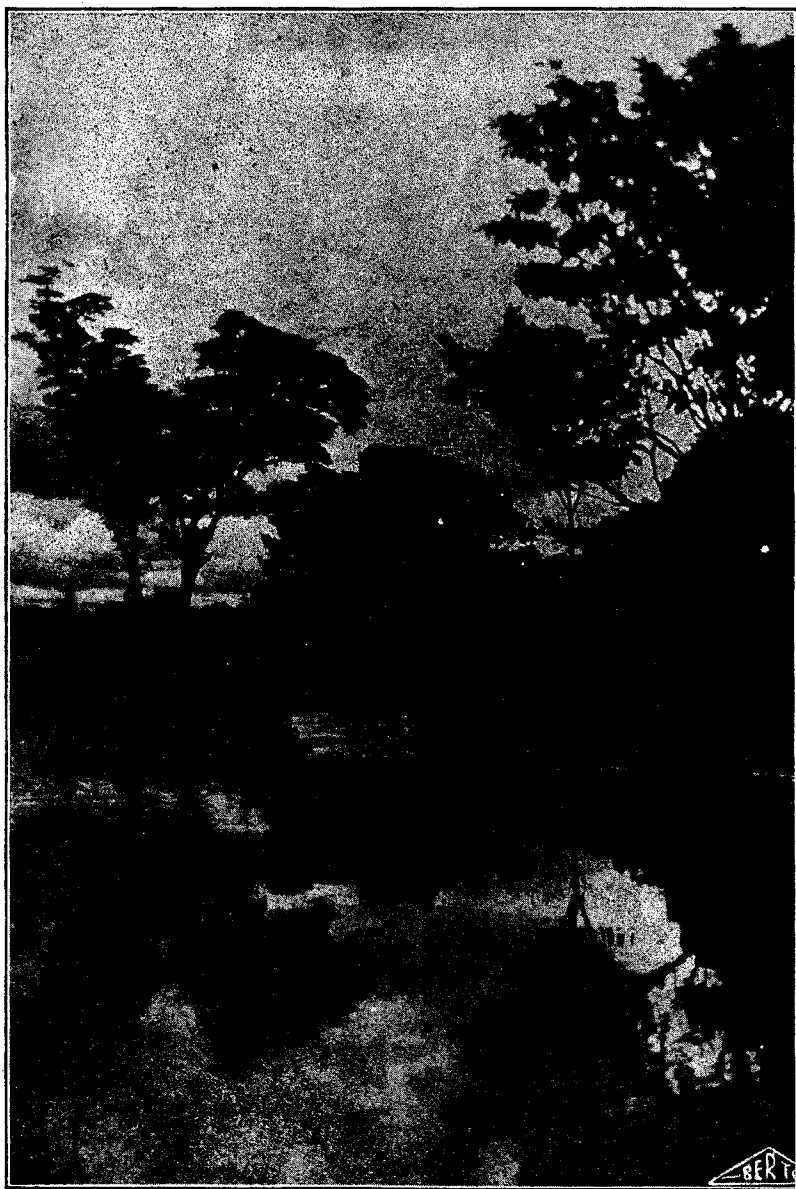
tabilidade, sendo-lhes, sempre, um sofrimento o esforço de adaptação a condições existenciais novas. Os homens têm horror ao desconhecido; preferem *o já existente*, *o já vivido*, e o novo é sempre uma incógnita. Daí o terror ao *novo*, seja o *novo* político, o social, o científico, o religioso. Os homens são tradicionalistas, e é sempre melhor, para eles, o ficarem com *o já feito*, *o já recebido* dos antepassados, *o já experimentado*. Trocar situações de vida é-lhes tão penoso como o é ao adolescente o deixar o lar pelo internato, ao recém-diplomado o início de uma "vida nova" em cidades distantes e desconhecidas, ao chefe de família o ver-se repentinamente viúvo, ao milionário o se tornar, de súbito, privado de sua fortuna. Mesmo quando se sabe de mudança *para melhor*, não é sem um certo abatimento que nos aventuramos à mudança. Quasi que se poderia, por isso, dizer que, em geral, o homem é um animal jurisprudencial . . .

X X X

O homem extraordinário, portanto — o sábio que descobre uma nova lei, o filósofo que firma uma verdade nova, o político que realiza um novo regime, etc., — se choca com o estado vigente, — volitivo, espiritual e sentimental, — pois, modificar *o existente*, derruba ídolos, demoraliza convicções, destrói tabús, e, assim, perturba a ordem *atual*, donde a rebelião contra ele, legítima — ou melhor, — explicável, porque fruto do instinto de conservação.

X X X

Sócrates, Jesús Cristo, Co-



Panorama da lagoa térmica de Pirapitinga — Caldas Novas — Goiás

lombo, Nietzsche, todos foram vultos esplêndidos, que mudaram o rumo da história, que enobreceram a vida, que dignificaram o homem. Foram, todos, grandes homens; e, por isso, foram, todos, combatidos.

Mas, há outra espécie de *grande*. O *adjetivo* é um só; o *substantivo*, porém, é variável. O Herói é grande; o Santo e o Filósofo são grandes; grande é o Poeta. O adjetivo grande corresponde, aqui, a grandes substantivos. Há, ainda, todavia, os grandes criminosos, os grandes hipócritas, os grandes patifes. Estes grandes também são combatidos. Porque também desequilibram as sociedades. Mas são guerreados por outras razões, pois é de outra natureza a sua incidência sobre a vida coletiva.

x x x

Se os gênios, os santos, os heróis e os filósofos transformam o mundo para melhor, o ladrão, o covarde, o invejoso e o perverso o transformam para pior. Se os grandes homens superiorizam, valorizam, os grandes canalhas inferiorizam, desvalorizam a vida. E se os homens, em geral, combatem os grandes homens — pelo que eles, em busca de uma nova ordem de vida, embora melhor, lhes trazem de desordem à existência —, com muito mais razão hão-de combater os outros grandes, que destroem o existente sem nada construir, em trôco.

* x x x

Os grandes homens transbordam do seu meio. São homens *antecipados*. Homens que têm um sentido a mais, que vêem mais longe e mais fundo. Só muito tarde, às vezes, são compreendidos. Assim foi com Sócrates, com Jesus, com Nietzsche. Ocasionalmente transtornos, motivam revoluções. Modificam estados existenciais. Mas deixam novos estados aos homens, em que estes se elevam.

A guerra que movemos aos grandes homens é, por isso, uma guerra que nos diminui, e de que mais tarde nos en-



Monjolo movido a água termal de 51° centígrados — Caldas Novas — Goiaz

vergonhamos e arrependemos. Salva-nos isso: — é uma guerra *inconciente*, pois é uma guerra da nossa incompreensão.

x x x

Devemos superar-nos. Devemos esforçar-nos por compreender os grandes homens. Mas, com tal esforço, devemos fazer um outro, paralelo, no sentido de combater, cada vez mais intensamente, os outros grandes, os *grandes às avessas*, os *grandes canalhas*. Porque, se não sabemos compreender os que nos elevam, devemos, pelo menos, saber compreender os que nos rebaixam. Se não sabemos ir para cima, devemos, ao menos, saber não ir para baixo. Se a nossa *inconciência* nos tem inibido de su-

bir, é preciso que a nossa *conciência*, quando pouco, evite que desçamos ainda mais . . .

O grande homem não produz mal nenhum ao mundo. Tudo não passa de uma ilusão da vontade, dos sentidos e da inteligência, — de um falso perspectivismo nosso. Se compreendêssemos, todos, os grandes homens, veríamos, de pronto, que o “mal” que eles fazem é um bem, porque o mundo, sem eles, não teria dado um passo para a frente. E por isso, também, precisamos, a mais e mais, combater os *grandes sem grandeza*, os *grandes só no adjetivo*, — os grandes safados. Porque, com eles, é difícil, também, o mundo ir para a frente . . .

Colunas que ninguém lê

A acentuação gráfica

É de se esperar que o Decreto-Lei nº 5.186, de Janeiro findo, venha pôr termo a balbúrdia em que ameaçava chafurdar-se a ortografia nacional, no tocante à acentuação gráfica.

Os legisladores do assunto parecia não se fazerem entender. Ou não os estava entendendo eu — o que talvez seja mais razoável. Em todo caso, passemos em revista a evolução da nova grafia entre nós. Em 1931, o Governo Provisório, em muito louvável decisão — é preciso repisar — admitiu, na vida pública do país, o uso da ortografia simplificada, resultante do acôrdo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, abreviando, dessarte, em texto de lei o trabalho evolutivo de decênios.

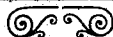
Novo dispositivo de lei, em 1933, estendeu ainda mais a ação benéfica da reforma, tornando obrigatório o uso da nova ortografia.

Já, então, o excelente e racional sistema havia conquistado a simpatia e adesão, senão da maior, pelo menos da melhor parte do povo, particularmente da intelectualidade moça, a quem repugnava a mixórdia anterior, que se dava o luxo de ser chamada *sistema ortográfico misto*.

Entretanto, os medalhões e as velharias não estavam lá apreciando muito a intrusão inoportuna e incômoda que, além de os tolher na liberdade de pespegar as letras onde a ignorância determinasse, lhes arrebatava ainda o decorativo *y*, o *w*, o *k*, o *th*, o *rh*, etc., dos *lyrios* (!), dos *wagões*, dos *kiosques*, dos *themas*, e, até, dos *rheumatismos*. E não era tudo: obrigava-lhes mais a uma profusa acentuação gráfica, ininteligível e inoperante, como se para tanto tivessem tempo e entendimento.

Remasceu daí a campanha, tão acanhada e inglória, quanto infundada e demolidora. Não surtiu ela, ainda desta vez, os esperados efeitos, é claro, — mas provavelmente arrefeceu o interêsse das autorida-

Carlos de Faria



des em não transigir com resolução de tão salutar alcance, — tanto mais porque a amparavam alguns nomes realmente ilustrados, cujos desvelos por tão má causa são lamentáveis, como o foram os de Carlos de Laet e seus seguidores.

Ficou, assim, entregue o problema a sua sorte, à mercê do próprio curso. Por felicidade, seguiu o legítimo rumo, como não podia deixar de ser. E a geração nova, coadjuvada por muitos velhos de espírito moço, tomou a sí a condu-

ção da ortografia simplificada, — a despeito dos mesoneistas, que insistiam em pintar os *chrysanthemos* com *ch*, mais *y*, mais *th*, menos acento, que muito pavor sempre lhes meteu, do mesmo modo que o assento, quando das crises *hemorrhoidarias*, com *rh*.

Iam as coisas nessas alturas, até que, em 1938, o govêrno, inspirado não sei em que manes, houve por bem de dar a lume o Decreto-Lei nº 292, de 23 de Fevereiro.

É bem verdade que tal ato veio ratificar a obrigatoriedade da simplificação ortográfica, — medida de rara oportunidade, — mas estabeleceu, por outro lado, a confusão nas fileiras da acentuação gráfica.

Diz a lei, no seu artigo 1º: "É obrigatório o uso da ortografia resultante do acôrdo a que se refere o decreto nº 20.108, de 15 de Junho de 1931, entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa, no expediente das repartições públicas e nas publicações oficiais de todo o



Um cafezal em Inhumas — Goiaz

país, bem como em todos os estabelecimentos de ensino mantidos pelos poderes públicos ou por eles fiscalizados".

Desta sorte, ficou o acôrdo ortográfico luso-brasileiro inteira e definitivamente instituído na vida pública da nação.

Mas diz ainda o artigo, no seu parágrafo único: "A acentuação gráfica, nos termos da base do acôrdo de que trata este artigo, fica fixada nas regras que acompanham este decreto-lei".

Ora, se o acôrdo luso-brasileiro toma força de lei, e se se fará a acentuação gráfica nos termos das bases dêsse acôrdo, — como se fará ela, simultaneamente, de harmonia com as regras que acompanham o decreto-lei?

Contrasenso evidente, — ou não vejo claro.

Nem se diga que apenas eu não devasso a transparência da lei, pois que os tratadistas não o fizeram melhor, como a seu tempo veremos.

Andei lendo, inda agora, o comentário sôbre o tema funesto, inserido na *Revista do Serviço Público* de Fevereiro, e transcrito para o "Correio Oficial" de 17 do mesmo mês. Fala o comentarista: "O decreto-lei nº 292 apareceu, assim, acompanhado das nove regras para a acentuação gráfica a que se refere o parágrafo único de seu artigo primeiro. Essas regras não haviam sido, entretanto, formuladas para contrariar o acôrdo entre as Academias".

E' possível que assim fosse com efeito. Mas antes não tivessem sido, então, formuladas, porquanto, não intentando contrariar o acôrdo, com êle não condizem. Basta, para tanto, examinar a primeira das regras: "Usar-se-ão o acento agudo, o acento circunflexo e o acento grave. Não será usado o trema".

E o trema é, sem embargo, preconizado pêla reforma acadêmica, por sinal que seu uso se recomenda e regula em todos os formulários relativos à legislação anterior. Seu emprêgo, aliás, — seja dito de passagem, — oferece grande vantagem na distinção de alguns semi-ditongos e monotongos.

Não se reduzem, porém, a isso as divergências. As regras são omissas em vários pontos de que resultou a diversidade de interpretação entre os linguistas. Assim é que le-

mos em Júlio Nogueira, por exemplo: "Em relação a outros acentos que se usavam antes do mesmo decreto-lei (nº 292), há dúvida. As Regras que o acompanham não cogitaram de acento diferencial: "gôverno" — "governo", "êste" — "este", "jôgo" — "jogo", "mêdo" — "medo", nem do acento dos oxítonos de mais de uma sílaba terminados em "em": "também", "porém", "alguém".

Somente o futuro Vocabulário poderá resolver êsses casos".

O P. José Stringari, escrupuloso publicista sôbre questões de linguagem, assim tece suas observações sôbre a acentuação com respeito ao decreto nº 292:

1º — Nada fala a lei sôbre os homógrafos não homofônicos, p. ex.: "o governo" e "eu governa", "o gozo" e "eu gozo", "fora" (adv.) e "fora" (verb.), hoje êle "pode" fazer isso, mas ontem não "pode" (pôde-pode), etc..

2 — Nenhuma referência a palavras como "para" (pre.) e "para" (verb.), "por" (pre.) e "por" (verb.).

3 — Há silêncio com relação aos vocábulos exítonos e paroxítonos terminados por "em", por ex.: "contem" (de conter) e "contem" (de contar), "porem" (conj.) e "porem" (verb.), "alem" (adv.) e "alem" (alar), "vintem", "ninguem", etc..

E por aí vai o autor, páginas a fora, concluindo, afinal, que o prometido Vocabulário Ortográfico da Língua Nacional, quando aparecer, trará a solução dos casos duvidosos.

Autores há, bem assim, que entenderam serem as novas regras destinadas a substituir as anteriores e sôbre elas prevalecer, em frizante antagonismo ao que afirma ter sido o espírito da lei o articulista do D.A.S.P. citado linhas atrás.

Tomemos ao acaso o professor Modesto de Abreu: — Procurando regulamentar os dispositivos referentes a ortografia, elaborou a Academia, em 11 de Junho de 1931, um formulário, do qual constavam pormenorizadas regras para a acentuação gráfica. Com o decreto de 23 de Fevereiro de 1938, foram estas regras substituídas pelas seguintes — e enuncia as nove regras fatídicas.

Creio suficientes estes exemplos para avaliar as consequências de-

sastrosas da falta de clareza do decreto nº 292. Perdeu-se, por sua culpa, imenso terreno no campo da adaptação da ortografia simplificada.

Muita vez não me foi possível resolver honestamente, na classe e fóra dela, as dúvidas de alunos e de consulentes bem intencionados. Honestamente, — porque, na qualidade de lente de estabelecimento oficial de ensino, me compete ministrar os ensinamentos sôbre ortografia de acôrdo com as determinações da lei, e não conforme pontos de vista pessoais.

É que não conseguia atinar com tais determinações. E quando procurava eu esclarecer esta particularidade, pensamentos de desdém tumultuavam, por certo, na mente maliciosa dos jovens. Deante disso, procurei justificar-me, há tempos, nas colunas de um jornal.

Inda bem que o decreto-lei nº 5.186 vem acertar, em boa hora, a engrenagem ortográfica, restabelecendo o sistema do acôrdo acadêmico. E praza aos céus que de uma vez por todas.

Pelo menos até surgir o Vocabulário.

Precisamos recompor e estruturar sólidamente os princípios básicos da nacionalidade. E isto só será possível mediante uma articulação completa e estreita de esforços, solidarizando vontades e consciências, reforçando os vínculos da família, da religião e do Estado, empenhando todos os nossos valores morais num movimento profundo e convergente de disciplina e educação, capaz de sobrepor-se aos particularismos e dissensões estéreis e de transformar-se numa corrente poderosa de opinião nacional.

GETÚLIO VARGAS

BOM TOM

Na França, há 150 anos, se definia polidez individual, em suas várias manifestações, do seguinte modo:

- 1º, dignidade sem soberba;
- 2º, cortesia sem entado;
- 3º, confiança sem atrevimento;
- 4º, porte sem "pose";
- 5º, graça sem afetação;
- 6º, modéstia sem hipocrisia;
- 7º, alegria sem estrépito;
- 8º, instrução sem pedantismo;
- 9º, talento sem pretensão;
- 10º, jovialidade sem incômodo;
- 11º, agrado sem bajulação;
- 12º, galanteria sem impertinência.

Na época atual, os prazeres, as exhibições e o cabotinismo substituíram a distinção de maneiras.



Aspecto panorâmico dos arrabaldes da cidade de Anápolis, importante centro industrial goiano.

PEDRO LUDOVICO, PROTETOR DA CLASSE INTELECTUAL EM GOIAZ

O gesto do Interventor Pedro Ludovico, mandando publicar, oficialmente, esta revista, é dêsse que definem um estadista. Ele veio revelar que o governo goiano não se preocupa sòmente com os problemas econômicos, isto é, com as coisas materiais, mas, também, com as coisas do espírito. E veio dar oportunidade aos goianos de mostrar, através de OESTE, que nosso Estado não tem só fumo, cristal, babaçú, níquel, mas também . . . *cabeças*.

Há muito moço por aí de alta vocação literária, há muita gente que estuda em nossa terra e tem estudos sérios sôbre assuntos sérios, há muito intelectual de boa linha-gem, cá neste planalto. Entretanto, ninguém sabe deles. Até existe o grupelho dos tabús interessado em que êsses valores não venham ocupar o seu lugar ao sol.

O próprio Interventor Pedro Ludovico é um intelectual, sobretudo um poeta. Naturalmente que os escritores mirins, que possuem apenas certificado do curso primário das letras, acharão absurda tal afirmação. — Poeta o Interventor?! Qual! Era só o que faltava! Mas, alto lá. Não estamos rabiscando estas linhas para semi-analfabetos. Pedro Ludovico, na tão só criação de Goiânia, realizou uma grande obra poética. Porque Goiânia é uma epopéia, escrita com amor, com sangue e coragem, no coração do Brasil. É sôbre seu valor pròpriamente intelectual — não falamos de intelectual à antiga, tipo pernicioso, parasitário, que vivia no mundo da lua — falamos, bem alto, seus discursos, entre os quais o pronunciado em Anápolis e que publicamos neste número, peça admirável, repassada de um humanismo viril e rica em sentido construtivo.

Por tudo isso, o dr. Pedro Ludovico Teixeira é, pôde-se

dizer, um exemplo vivo para a classe dos que pensam e estudam. Por outro lado, a Academia Goiana de Letras, a Biblioteca Pública do Estado, o Instituto Histórico e Geográfico e tôdas as entidades culturais contam com seu auxílio e com seu integral apôio. Livros são publicados, constantemente, com sua ajuda. Se isso não bastasse, estaria aí, para demonstrar o interêsse do atual interventor goiano pela cultura, a proteção que êle dispensa aos intelectuais, interêsse êsse do qual é uma prova o decreto-lei que abaixo transcrevemos.

DECRETO-LEI n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943.

Autoriza a Imprensa Oficial do Estado a editar a revista OESTE, de divulgação cultural.

O Interventor Federal no Estado de Goiaz, na conformidade do disposto no artigo 6º, n. IV, do decreto-lei federal n. 1.202, de 8 de abril de 1939, decreta:

Art. 1º. — Fica a Imprensa Oficial do Estado autorizada a editar a revista OESTE, cujo primeiro número circulou no mês de julho de 1942.

1 — Caberá ao Estado exclusivamente a responsabilidade econômica decorrente dessa publicação, que será feita sob regime de escrituração industrial.

2 — as despesas com a publicação da revista correrão pela verba 2-3 8.69.3, consignação II, do vigente orçamento.

Art. 2º. — OESTE será publicada mensalmente, com o feitio julgado conveniente, e terá um Diretor, seis Redatores, um Secretário e um Gerente.

§ 1 — O Diretor e os Redatores serão nomeados pelo Governo.

§ 2 — O Secretário será de livre escolha e designação do Diretor.

§ 3 — O Gerente será de livre escolha e nomeação do Governo, e será um servidor da Imprensa Oficial do Estado.

Art. 3º. — A revista divulgará assuntos de cultura geral, de acôrdo com o programa que for estabelecido por seus dirigentes responsáveis, e procurará, de modo particular, fixar os aspectos e as tendências literárias e sociológicas do Brasil-Central.

Art. 4º. — As funções a que se refere o artigo 2º. serão exercidas sem nenhum direito a remuneração, ou a prerrogativa de qualquer natureza.

§ Único — Os títulos de nomeação para as funções de que fala êste decreto-lei serão isentos de qualquer despesa, e serão extraídos independentemente de requerimentos.

Art. 5º. — Os dirigentes da revista organizarão um regimento interno, que o Governo aprovará por intermédio de decreto.

Art. 6º. — O presente decreto-lei entrará em vigor em data de 1º de janeiro do corrente ano, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Goiaz, em Goiânia, 3 de fevereiro de 1943, 55º da República.

Dr. Pedro Ludovico Teixeira
João Teixeira Álvares Júnior

Posteriormente Sua Exce-lência baixou decretos nomeando o corpo redatorial de OESTE, que ficou assim constituído: Diretor — Gerson de Castro Costa; Redatores — Paulo Augusto de Figueiredo, Zecchi Abrahão, Hélio Araújo Lobo, Bernardo Elis Fleuri Curado, José Décio Filho e Frederico de Medeiros; Gerente — Gabriel Anconi.

O Sr. Diretor, empossado de suas funções, baixou portaria designando para Secretário o dr. José Bernardo Felix de Sousa e Carlos de Faria.

OS FICUS do SENHOR

Rubem Braga

Ninguém pôde amar mais do que eu esta cidade do Rio-de-Janeiro. Ó grande beleza de cidade, ó cidade que é vinte, trinta, quarenta cidades imprevisas, uma infiltrada na outra, esta mais colonial que Ouro-Preto, aquela mais nova do que Goiânia, uma de alta montanha, uma de oeste de Minas, uma tôda de praia, outra de casarões de arvoredos — ó ruas estranguladas entre mares e morros, recantos e esplanadas, cartões postais baratos e segredos de esquinas sutís, avenidas afogadas em sol e ladeiras de humus esquecidos — cidade de minhas tantas agonias e felicidades, palco de velhas inquietações, canais de silenciosa aventura, blocos de cimento que me esmagaram, praças de humilhações, arrabaldes de exaltações líricas — minha medíocre história anda escrita em tuas ruas, e nenhuma entre as cidades é mais formosa do que tu, nem sabe mais coisas de mim.

Entretanto muitas coisas em ti me aborrecem de maneira quase dolorosa — e nada em ti e em outras cidades me aborrece tanto quanto a humilhação dos ficus.

A cretinice é uma árvore chamada ficus. Um jardineiro sádico, de instintos miseráveis — um jardineiro que era bem, na sua crueldade e mesquinhez, o perfeito rei dos animais — inventou a degradação do ficus. Eis uma árvore. Se a deixais crescer ela cresce. Não vos pede ajuda — quer apenas a terra, a água e o ar — e vai crescendo. E o tronco se projeta alto e grosso, da base de um encordoamento enérgico de raízes encravadas no chão, e os galhos partem oblíquos, e vão lançando ramos, e eis uma árvore nobre entre as mais nobres, grande, bela e poderosa.

Mas o ficus é apenas um arbusto — e o mesquinho rei dos animais e dos vegetais tem uma tesoura na mão. Esse arbusto jamais será uma bela árvore. Ide à Praça Paris, olhai o jardim, e tremereis de vergonha. Ali não há árvores. Há cubos, há caras de cão, pirâmides, paralelepípedos, poltronas, esferas, se

quiserdes haverá telefones, sopeiras, cilindros, qualquer bicho e qualquer objeto, escarradeiras ou focas — tudo o que quiserdes. Basta ter na mão uma tesoura — e saber.

Escrevendo outro dia a um velho amigo me ocorreu lembrar que os animais se domesticam facilmente com um chicote na mão direita e um torrão de açúcar na esquerda. Os vegetais querem — tesoura — e estrume. O homem é o rei da Criação.

Entre os homens às vezes há reis. E quando um é Rei de fato — eia eia alalá, heil, banzai! — quando é rei de fato com ou sem essas exclamações, êle monta a sua máquina de mandar. São máquinas-monstros de mil compartimentos complexos — masmorras e picadeiros, com aparelhamentos de metralhadoras, microfones, casas de moedas e medalhas, jornais, uniformes, bandeiras, talentos, alicates de arrancar unhas e técnicos em festinhas escolares, foguetes, benemerências — se quisésseis conhecer tôda essa engrenagem de aço e sentimentos, de ouro e vaidades, de bemaventuranças fáceis e torturas fáceis, haveríeis de gastar uma vida, e não conseguiríeis. Não é preciso. Afinal tudo é simples, tudo é chicote e torrão de açúcar, tudo é tesoura e estrume.

Para uns é preciso que o chicote entre na carne, para outros basta que sibile no ar — para muitos basta que o chicote exista. Uns se jogam de quatro para lambar farelos de açúcar preto, outros recebem com ares de dignidade alvos tabletes refinadíssimos, uns se limitam a ficar mansos, outros aprendem proezas e dão espetáculos graciosos. E a degradação humana, sob o fascismo ora é brutal, ora é sutil — e se abre um estranho picadeiro de feras avacalhadas sob o pasmo circular da assistência que se bestifica e bate palmas porque até o silêncio é um crime — e a floresta magnífica dos homens se muda em praça paris com sofás de ficus, e caixa de pó de arroz de ficus, guarda-chuvas de ficus,

tôda uma alucinação idiota de formas obedientes e escravas — de ficus.

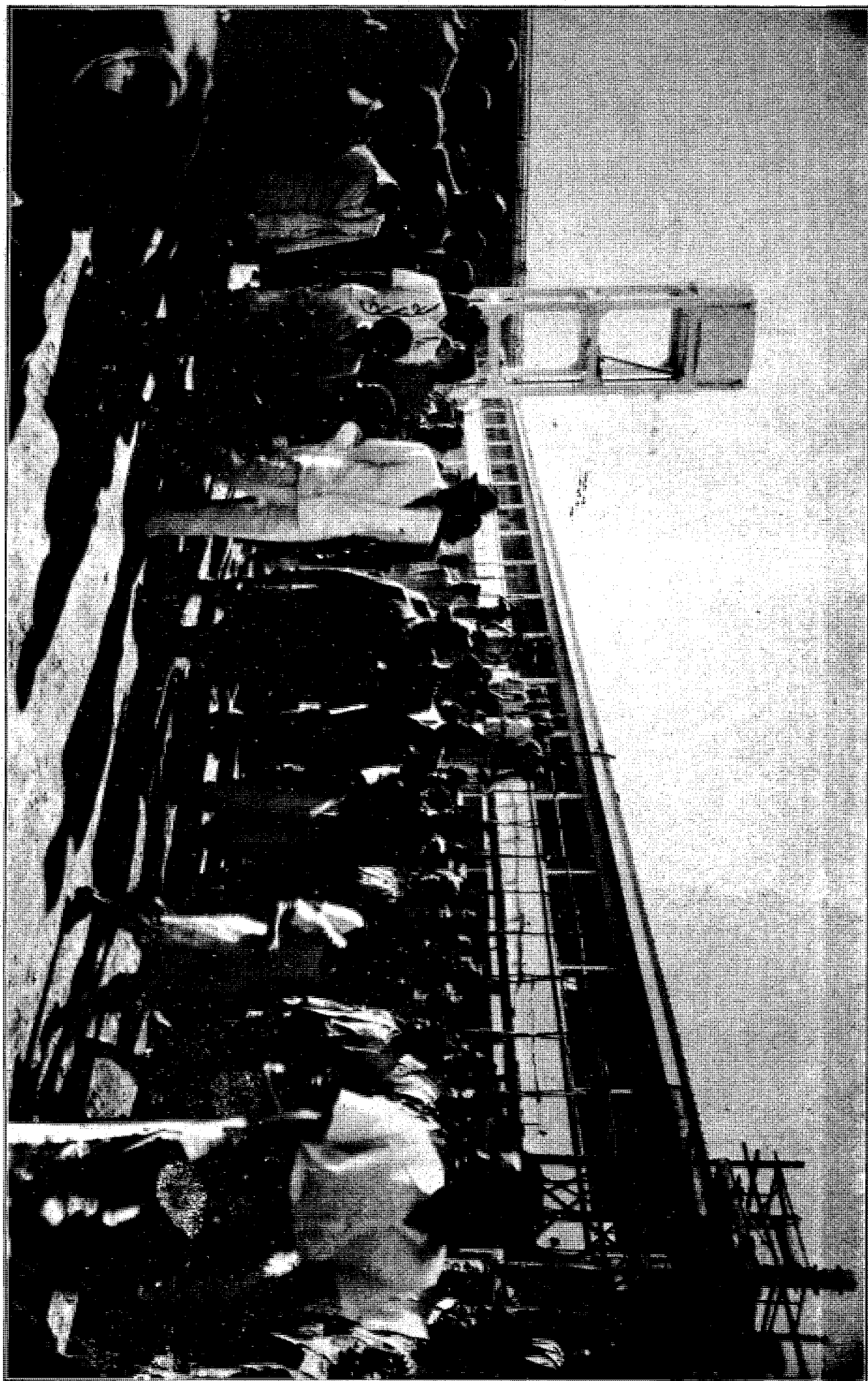
Cortai a tesoura e serrote as folhas e palmas de uma palmeira, cravai-lhe no tronco o machado — ela não vira borboleta, nem pinico, é uma palmeira que morre, uma coluna partida, pois a árvore mutilada guarda a sua dignidade de árvore. Sob qualquer fascismo há homens assim. E há outros que não são altos e fidalgos como êsses mas na sua medíocre existência também resistem às humilhações com um obscuro instinto da luz e da altura, e em cada ramo decepado a seiva incorruptível lança na mesma direção um renovo obstinado que a tesoura há-de cortar outra vez. A tirania do jardineiro os mutila, êles não teem meio de reagir, são despojados de tudo, perdem tudo, menos a rizeza do cerne. Há os que se adaptam mas não se acostumam, se submetem mas não se servilizam, os vencidos jamais convencidos. E há os ficus.

Os que poderiam ser gigantes, e gostariam de ser gigantes, e sentem com amargura e revolta o primeiro corte da tesoura. Mas o tempo passa, a vida é curta e a tesoura é certa. Então o desgraçado já não espera a tesoura. Êle mesmo fica sendo a sua própria tesoura.

Não é mais necessário que o oprimam de fora, êle lá se espreme por dentro e distribue a seiva para os lados, lança os galhos em curva, e todo se modela em forma de poltrona para o perfeito confôrto do assento do Rei.

Que as fôrças mais profundas da terra se revelem numa espantosa arrebenção, num terremoto de raízes revoltadas, e a floresta dos homens se embebede com os uivos do vento e as águas da tempestade, e se contorça e se enfureça num bracejar medonho de galhos súbitamente libertados — e caia por terra, pisado e esmagado, o rei da tesoura e do estrume, do chicote e do torrão de açúcar. Não adianta. Aquele ficus já viveu demais — e silenciosamente, no recesso da floresta, êle continuará a alisar e proteger, numa luxúria de ramos curvos e folhagem macia, a imaginária bunda do Senhor.

(De "Renovação")



Aspecto da visita do Presidente Vargas à Escola Técnica, quando, em 1940, veio a Goiânia. No clichê, veem-se, além de s. excia., o Interventor Pedro Ludovico e sua exma. esposa, dona Genécia Borges Teixeira.

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

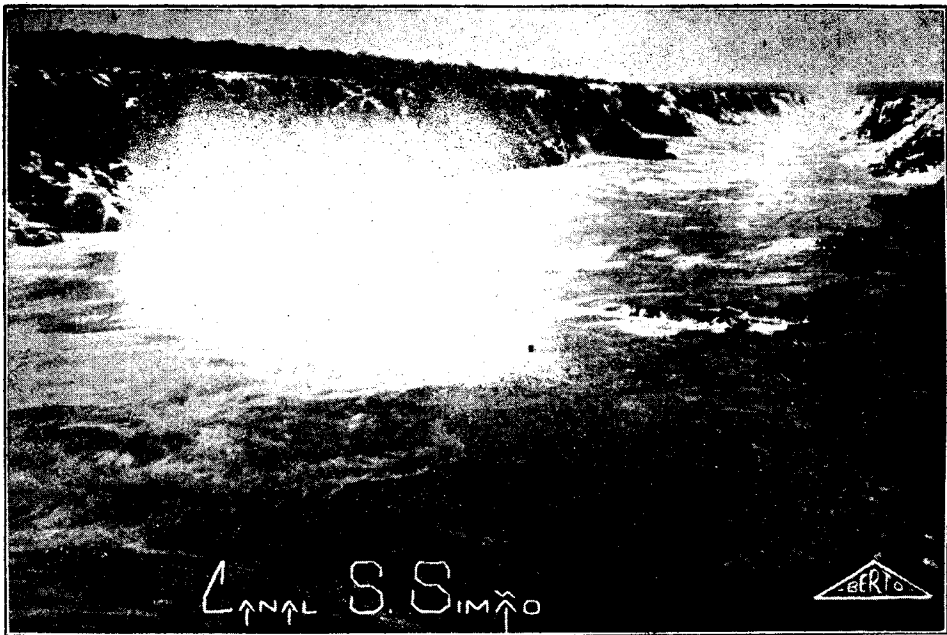
Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.



CANAL S. SIMÃO



OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Abril de 1943

Núm. 3



O RIO VERMELHO NA CIDADE DE GOIAZ

Precisamos amar as fontes de nossa civilização, voltando os olhos para o passado, porque é aí que buscamos as energias morais para as duras lutas do presente.

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SEÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiaz

ANO II

Abril de 1943

NÚM. 3

GOIÂNIA, CENTRO CULTURAL

Reflexo de sua própria razão de existência a missão naturalmente reservada a OESTE, nas atividades culturais do Brasil-Central, é sobremodo trabalhosa, o que, não obstante, a pléiade caturra dos detratores crônicos não compreenderá jamais. Revista nascida em função de uma necessidade — digamos — social, OESTE não tem a intenção de circunscrever sua ação publicitária àqueles que receberam a honrosa incumbência de a dirigir e redatoriar, mas quer ter a certeza de que suas colunas são consideradas acessíveis aos valores reais encontrados em nosso programa intelectual. Interpretando êsse pormenor de nosso programa modesto mas verticalmente construtivo, lançamos, tão-logo apareceu nosso primeiro número dêste ano, um apêlo geral às classes dos homens de letras de Goiaz, dizendo de nosso propósito de ser antes o veículo amplo das indagações culturais do Estado do que cidadela dourada de um grupinho privilegiado. Reclamámos, assim, a colaboração de todos—circunstância que nos irá permitir aquilatar dos desejos colaboracionistas de cada um, nominalmente.

Esteada pelo amparo sem-dúvida elogiável dos poderes públicos, OESTE procurará movimentar, sem dissidências estereis e individualistas, os cenários da cultura regional, que, justamente à minguia de órgãos regulares e próprios de difusão, não têm podido fugir à indistarcável abulia que os caracteriza. Nosso intuito encerra um ecletismo integral e previdente, é mister que o digamos. Não conhecemos a parcialidade, e iremos aonde acharmos precisa a nossa presença a-fim-de desempenhar o papel que nos propusemos de esforçados comentadores dos assuntos culturais em Goiaz.

Sabemos nós que, numa ou noutra esquina, havemos de levar pedradas e ouvir apupos — nem tal poderia deixar de suceder. Não nos importam mui-

to. O dia em que não nos for possível seguir essa linha de conduta, o dia em que formos obrigados a deixar de proclamar a verdade dos fatos e a sinceridade de nossos sentimentos, êsse dia marcará a renúncia a nossas incolores atividades jornalísticas.

Por isso estamos batendo à porta de todos, mesmo de um ou outro que porventura no-la queira fechar.

OESTE, se ajudada dêsse modo por gregos e troianos, conquanto lutadores e leais como Aquiles e Enéias, estará virtualmente capaz de fazer de Goiânia um verdadeiro centro cultural que elevará bem alto o nome do povo dêste planalto admirável, “miradouro do Brasil”, na feliz expressão do Presidente Vargas.

A jornada está iniciada sob os melhores auspícios possíveis. O Interventor Pedro Ludovico entrega a um entusiasta pugilo de rapazes uma revista, num gesto que jamais poderá ser esquecido. O Prefeito Venerando de Freitas Borges institue a Bolsa de Publicações “Hugo de Carvalho Ramos”, tornando-se, por essa medida, credor da admiração e do reconhecimento da classe intelectual goiana. Mais recentemente o chefe do executivo estadual cuida da publicação do livro “Goiaz, usos, costumes e riquezas naturais”, de autoria do dr. Vítor Coelho de Almeida, membro ilustrado da Academia Goiana de Letras, sob o patrocínio publicitário desta revista.

Oportunamente, se não aparecerem imprevistos muito poderosos, cuidaremos da realização de concursos literários, no intuito de fomentar o culto das letras no Estado.

Como se vê, o programa de OESTE é trabalhar. Trabalhar honestamente, enérgicamente — buscando nos louvores dos amigos confôrto para os apupos dos adversários que não poderia deixar de ter.

S Ó

Parei ! Chegado havia ao cume da montanha
 Aspérrima e tamanha — o sol morria além.
 Parei; sentei-me só, à beira do caminho,
 Sentei-me alí sozinho,
 Eu só, sem mais ninguém.

Olhei atrás e avante — os largos horizontes
 Debruçam-se nos montes. Longe, por além.
 De branco, azul e fogo e púrpura toucados,
 Diziam contristados:
 Tu só, sem mais ninguém.

Percorro o estádio feito em um só lance d'olhos,
 Sem contar os abrolhos. Muito, muito além,
 Nas veigas, serpeava o trilho venturoso
 Que eu correra ditoso
 E só, sem mais ninguém.

Atrás deixava o prado, a vida, a flor, o aroma
 E o doce amor que assoma à juventude. Além,
 Além, a névoa densa, a dúvida insegura
 Além a bruma escura,
 E só, sem mais ninguém.

Avante a escarpa está de crua descambada
 Precípitate e eriçada; um passo mais além,
 Eu vou com passo firme, resoluto e certo
 Para o eterno deserto,
 Eu só, sem mais ninguém.

Felix de Bulhões

Bilac

Marilda Palmita

Bilac foi muito cédo o meu escritor predileto. Não o Bilac das "Sarças de Fogo" e da "Via Láctea", que o sagraram príncipe dos poetas brasileiros em plena mocidade; mas, sim, o suave prosador de "Crítica e Fantasia", "Ironia e Piedade", de rara delicadeza de sentimentos, de sensibilidade quasi feminina, de suprema elegância de linguagem, límpida, colorida, vibrante, vestindo o pensamento mais sutil, mais transcendente, de expressões muito simples, que todo o mundo emprega.

Mais tarde aprendi a conhecer e admirar o ardoroso vate do amor; mas a minha simpatia mais viva foi sempre para o cronista desencantado e piedoso.

Nestes dias hibernais de vésperas de Natal lembro-me de Bilac, para quem Dezembro era "o mês das recordações pungentes, das desesperadas recapitulações de um passado quasi sempre feliz".

E' que Bilac pressentia, talvez, o seu fim, num dia plúmbeo dêsse dezembro, que o fazia sofrer tanto.

Adivinhava, por certo, que em dezembro desceria ao "negro vale da morte". Ele, porém, não a temia. Esperava-a com a tranquilidade do justo, embora a morte lhe fosse "o mistério dos mistérios, entre todos pungentes".

Bilac não era um crente. E' possível que a morte o surpreendesse a meio da "estrada de Damasco", pois aquela grande alma, sedenta de um Ideal sem mácula, perpétuo enamorado da beleza perfeita, haveria de chegar, forçosamente, à conclusão de que só em Deus — síntese de todo o Bem, de tôda a Beleza, de tôda a Perfeição — pode o coração do homem aplacar a sua ânsia irreprimível de idealismo e repousar na deslumbrada contemplação de misteriosos horizontes, refulgentes de luz maravilhosa e ignota.

Entretanto, em "Tarde" já se revelava o deista filósofo, meditativo e resignado, que não temia a morte, antes a esperava, como o repouso almejado:

.....

*"Venha o inverno, depois do outono benfeitor!
Feliz porque nasci, feliz porque envelheço,
Hei-de ter no meu fim a glória do começo:
Não me verão chorar no dia em que me for . . .*

*Não me amedrontas, Morte! o teu apêlo escuto,
Conto sem mágua os sóis que me acercam de ti,
E sem tremer, à porta, ouço o teu passo astuto".*

Muitos viram em Bilac apenas o sensual, o pagão transfigurado pela Arte.

Bilac era, não há dúvida, um amoroso. Ninguém, como ele, soube cantar com tanto ímpeto e tanta realidade, tanto calor e tanto brilho, a exaltação dionisiaca do amor; mas, sob aquela aparente efervescência passional, sofria, no silêncio, um coração nobre e emotivo, torjurado pelo sonho impossível de um casto afeto inconfessado.

Ele nunca foi um d. Juan, *un homme à femmes*, como o quiseram os seus detratores. Numa dorida queixa, confessa até que

*"O verdadeiro amor, honra ou desgraça,
gôzo ou supricio, no íntimo fechei-o;
nunca o entreguei ao público recreio,
nunca o expús, indiscreto, ao sol da praça".*

O destino não lhe negou uma Beatriz, a Bem-Amada, a Só, aquela que êle soube deplorar com amaríssima saudade em "Prece":

.....

*"Perdi-te . . . E eras a graça, alta entre altas santas,
A sombra, a força, o aroma, a luz . . . Tu foste: a só!
Tu foste a só! Não valho a poeira que levantas,
Quando passas. Não valho a esmola do teu dó!*

*Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,
Mas deixa-me clamar, humilhado no pó:
Tu, que em misericórdia as Madonas suplantas,
Acolhe a contração do mau . . . Tu foste a só!"*

Bilac não nega que tivesse tido amores e o diz com lealdade e tristeza:

*"Viver não pude sem que o fel provasse
"Dêsse outro amor que nos perverte e engana,
Porque homem sou".....*

mas, na sua vida, o Amor foi a flama do sacrifício purificador, ardendo na renúncia da felicidade terrena.

* * *

Menina e moça, meu coração soube querer, com especial carinho, ao escritor compassivo e melancólico, que não sabia ter diante da Vida, má e brutal, um sorriso que fosse apenas ironia. Antes, a piedade era a essência de sua alma, saturando-lhe os pensamentos e os atos daquela bondade que os seus amigos proclamavam enternecidos, quando o generoso poeta já não poderia ouvi-los.

Então a verdade focalizou sobre a personalidade de Bilac poderosa luz e a calúnia e a inveja cerraram a bôca ignóbil.

Ainda a auréola romântica de um amor infeliz refulguiu na última noite que Bilac passou no Silogeu, entre paredes forradas de crepe e a dúbia claridade dos sírios, o espírito já livre da prisão carnal. Amigos faziam a vigília da morte, consternados e silenciosos, já pungidos pela saudade dolorosa, quando um vulto de mulher, velada e misteriosa, se acercou do ataúde e, soerguendo a inerte cabeça do grande mago de poesia, repousou-a sobre um travesseiro feito de cabelos guardados durante trinta anos.

Que mais dizer de um homem que soube inspirar semelhante amor?!

* * *

Impressiona observar como da existência de Bilac foi banida a trivialidade, a mediocridade, a banalidade.

Muito moço ainda, soube insuflar vida aos seus versos e soube viver, êle próprio, êsses versos flamejantes nos quais palpita, fremente e voluptuosa, a alma brasileira, entusiástica e ardente, tropical e forte.

Na idade madura, quando geralmente o egoísmo reponta no homem, norteando todos os seus esforços e tôda a sua vontade para o interesse pessoal, o magno vate do "Caçador de Esmeraldas" teve um ídolo: — a Pátria. Deu-lhe o melhor do seu talento, da sua energia, do seu labor. Soube cultuá-la e soube servi-la como bem poucos. Teve, mesmo, a visão real do Brasil de amanhã, formoso e grande, coeso e poderoso, na "cavalgada esplêndida da glória".

No limiar da velhice, a morte colheu-o suavemente em pleno viço intelectual, apenas Bilac en-

cerrara o testamento de resignada sabedoria, que é "Tarde".

O apaixonado cultor da Beleza e da Harmonia soube viver e soube morrer em Beleza e Harmonia. A sua vida foi o seu mais belo poema e, se, como êle mesmo o confessa, sofreu, a Dor o conduziu à maior glória.

Também, como nenhum outro poeta, êle soube realizar o doce milagre de dar

*"um pouco de modéstia aos mais felizes,
um pouco de bondade aos mais perversos".*

Mais ainda: teve a preciência de que a justiça

lhe seria feita na "voz da história", quando exclama:

*"Morre o infeliz que unicamente encerra
A própria dor estrangulada em si . . .
Mas vive a vida que em meus versos erra;*

*Vive o consôlo que deixei aqui;
Vive a piedade que espalhei na terra . . .
Assim, não morrerei, porque sofrí!"*

* * *

Não morrerás, Bilac, enquanto vicejar a "última flor do Lácio!"

O Governo do Estado sob o patrocínio publicitário de "Oeste"

irá publicar o livro "GOIAZ, USOS, COSTUMES E RIQUEZAS NATURAIS", de autoria do dr. Vítor Coelho de Almeida, membro da Academia Goiana de Letras

— Data provável da entrega do volume ao mercado —

O interventor Pedro Ludovico, que sempre teve parâ com os assuntos culturais a mais desvelada atenção, recebeu em 1939 um pedido do dr. Vítor Coelho de Almeida, membro da Academia Goiana de Letras, para a publicação, por conta do Estado, do livro "Goiaz, usos, costumes e riquezas naturais", que versa, como o próprio título indica, vários aspectos da realidade goiana, notadamente históricos e folclóricos. Sua excelência nomeou uma comissão composta de três membros para dizer da conveniência ou não de ser atendido o pedido, sendo que essa foi unânimemente favorável a que os cofres públicos custeassem a edição do livro, considerada a sua utilidade e os benefícios que provavelmente irá proporcionar ao patrimônio cultural de Goiaz.

O processo, todavia, em virtude de diversos motivos, entre os quais uma cuidadosa revisão e atualização que o autor julgou conveniente fazer, não teve prosseguimento, só agora voltando a ser despachado. OESTE, no intuito de cumprir seu programa, que é o de se interessar por tudo quanto diz respeito a nossas letras, procurou, em dias do mês transato, ouvir o honesto chefe do executivo estadual sobre a obra em referência, adiantando o desejo que tínhamos de patrocinar publicitariamente a sua publicação. Sua excelência não vacilou em nos autorizar a fazer a publicação competente, bem como a nos interessar junto às repartições próprias no sentido de ser, o mais breve possível, entregue o livro ao mercado.

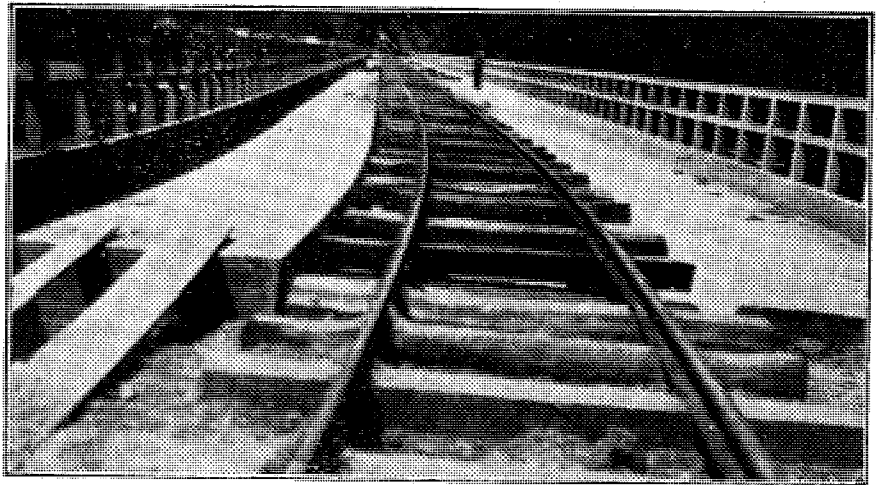
Já foram iniciadas as transações necessárias entre a Divisão do Material do D.S.P. e firmas impressoras da Paulicéia, tudo levando a crer que possivelmente em agosto do corrente ano a obra do dr. Vítor

Coelho de Almeida será exposta à curiosidade dos leitores.

Como dissemos linhas acima, "Goiaz, usos, costumes e riquezas naturais" é um volume que encerra matéria variada. Fixa sectores econômicos e morais, num tom eminentemente construtivo, onde o ilustrado acadêmico põe a prova seus vastos conhecimentos acerca de nosso

Estado e suas notáveis qualidades de estilista.

Com a publicação desse livro, o interventor Pedro Ludovico está prestando mais um inestimável serviço à causa da cultura indígena, que tanto tem recebido de sua excelência desde a sua assunção do governo de Goiaz.



Ponte da Rede Mineira de Viação — Município de Catalão — Goiaz

Nesta época, em que a socialização do direito é um imperativo das circunstâncias do momento que atravessamos, uma coisa vos recomendo: — Ficai sempre ao lado dos fracos, dos ignorantes, tôdas as vezes que estiverem sendo vítimas da usura dos argentários, da inconsciência dos potentados e da opressão dos mandões — PEDRO LUDOVICO. (Discurso aos Promotores)

A confusão que se tem procurado fazer em tôrno da política dos eixos, que transcende a órbita nacional, se já não estivesse desfeita pela definição do novo Estado, inconfundível dos textos da Carta de 10 de Novembro, a malograda arrancada dos punhais integrálistas a esclareceu de uma vez por tôdas —

AGAMENON MAGALHÃES.

Um exemplo russo a imitar

Paulo Augusto de Figueiredo

Informa Joseph Davies — (1) — em seu sugestivo livro — “Missão em Moscou”:— “A 5 de Março, no Plenário do Comité Central do Partido, Stalin pronunciou um discurso extraordinário sobre esta questão. Criticou o Partido, por este ter dado excessiva atenção ao desenvolvimento econômico e muito pouca ao funcionamento da máquina partidária. Exigiu que cada membro do Partido se tornasse um soldado vigilante da proteção de seus ideais contra os Estados capitalistas, os espões estrangeiros, etc.”. E esclarece, mais:— “A política penetra nas fábricas, nas oficinas, nas casas comerciais e nos transportes, etc.”.

Em primeiro lugar, é de se frisar que, justamente no país onde se processa à experiência do marxismo, sistema filosófico materialista, que dá predominância, no jogo das relações sociais, ao fator econômico, o Chefe de Estado critica a “excessiva atenção” dada pelo Partido “ao desenvolvimento econômico”, com prejuízo do “funcionamento da máquina partidária”. Isso é bastante significativo e exprime toda a força das ideologias, quando adotadas com sinceridade. O fato patenteia a superioridade do ideal, a necessidade de não se fugir aos primeiros princípios e aos fins últimos da filosofia que aceitamos para explicar a vida.

Em segundo lugar, desejamos acrescentar o que daí decorre, isto é, a necessidade, também, da infiltração política em todos os círculos de atividade humana, coisa aliás condenada por Davies, porque o prolongamento ideológico do comunismo, pela política, partidariamente, até às fábricas, oficinas, transportes, etc., teve repercussão desvantajosa para a produção industrial soviética. Sendo Davies liberal e capitalista, está coerente, sem dúvida, em sua crítica; a verdade é que ele não poderia mesmo compreender, em toda a sua imensa significação, essa atitude ideológica russa, que reputamos legítima, natural, imperiosa. E' que, para o russo comunista, o que vale é o seu sistema, a sua filosofia. Ora, uma ideologia só se realiza pela política, isto é, quando os seus princípios cardeais informam os órgãos institucionais que regem a vida social. Pois os russos têm uma ideologia definida e são conscientes dela. Isso é incontestável, e aí está a força maior do regime soviético.

A política, quer como ciência do Estado, quer como arte de governar, é, sempre, um veículo de idéias, que ela visa semear por todo o território humano dos Estados. Não há poli-

tica sem ideologia, sendo esta a medida do seu valor. Nesse sentido pode-se mesmo dizer que a política é a própria ideologia em ação. E, assim como variam as ideologias, variam os processos políticos correspondentes. Entretanto, todo sistema ideológico político tem, como fim último, o bem comum. Para atingir, porém, esse fim, é preciso um instrumento, e este é o Estado. E' por este que a política realiza o seu conteúdo ideológico. O Estado é, assim, uma técnica de construção do povo.

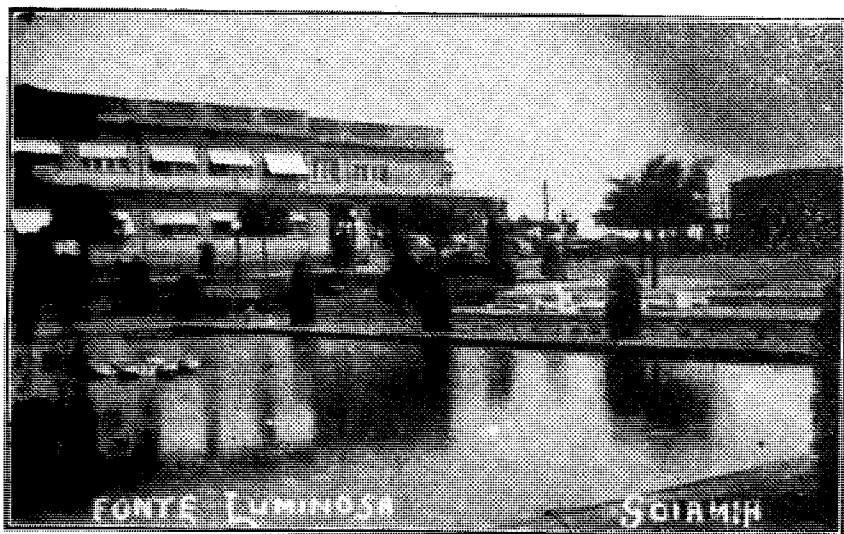
Já se pode ver, pelo exposto, que não-de variar as formas de Estado. Mas forma de Estado, como assinala Hans Eckardt, —(2)— “é uma questão de técnica política”. E' uma questão acidental. O que interessa, primordialmente, são os fins, e o fim supremo do Estado, seja qual for a sua forma, é sempre um:— a felicidade nacional. Mesmo os Estados que mais se afastaram e se afastam dessa meta foram concebidos e organizados segundo essa intenção inicial.

O fato é que o indivíduo, a família e o grupo profissional, cada uma dessas unidades sociais básicas procura o seu bem próprio, e o Estado, nelas se estruturando, ordenando-as e dirigindo-as, busca o bem geral, o bem de todos, superior aos bens particulares. Já Aristóteles —(3)— penetrava fundo essa verdade: — “La ciudad es agrupación; las agrupaciones se organizan con miras al bien; porque el hombre obra siempre con el fin de lograr lo que cree bueno. Si toda agrupación tiende al bien, la ciudad o sociedad política, que es la superior entre ellas

y las comprende todas, tiende al bien en mayor grado que las demás, y al mejor bien”. E desse modo, visando o Estado o bem maior e melhor, porque o bem de todos os homens, pode-se repetir, com Karl Jaspers —(4), que, sob esse aspecto, “la voluntad del Estado es la voluntad del hombre”. E' que a sociedade, representando o interesse de todos os indivíduos, representa o interesse do Homem mesmo, que está um pouco em cada um de nós.

Consequência política do racionalismo filosófico cartesiano, a liberal democracia dissociou os valores, paralelizando-os em categorias irredutíveis a um denominador comum, que deveria ser o homem. Quebrou a unidade do mundo, que ficou mutilado, mecanizado, sem direção, sem sentido. A sociedade liberal é uma sociedade atomística, agnóstica, inorgânica. Ora, não se pode, sem ferir a natureza, das coisas, separar elementos que, isolados, não se explicam. O mundo é um todo, e todas as suas partes precisam ser consideradas. Não se deve, consequentemente, separar a moral da política, nem a política da filosofia, nem a filosofia da vida. Porque uma filosofia é uma concepção do mundo, uma explicação da vida. Porque é a moral que indica os caminhos. Porque é a política que possibilita a cristalização, em entidades concretas, dos princípios diretores da vida.

O homem, sendo imperfeito, está sempre à beira do abismo. O erro e o mal o espreitam de todos os lados, e sempre sob aspectos novos. Também o bem, a felicidade. Porque o bem, o mal, o erro, a verdade, tudo isso está dentro da vida, e a vida se



ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA

Celso Hermínio

Inaugurou-se, num destes últimos dias, nesta capital, um Posto de Puericultura, sob os auspícios da Associação de Proteção à Maternidade e à Infância.

Esta novel sociedade diz muito de perto dos foros da cultura e da esclarecida compreensão de nossa gente, pois encara, sem exagero, o mais transcendental problema nacional.

É um passo dado em prol de tão palpitante assunto, pois outras iniciativas se alinharão, certamente, no sentido de se prestarem assistência e proteção aos menores gozando menos protegidos da fortuna.

Melhorar e aperfeiçoar o serviço de assistência aos menores desamparados, é dever e dos maiores da sociedade, pois grave responsabilidade lhe cabe pelo emocionante abandono em que vivem, não raro, as crianças atiradas a uma luta desigual, entregues ao seu próprio destino.

Todos precisam compreender a verdadeira significação da causa dos menores, dispensando-lhe dedicação, carinho e, sobre-tudo, patriotismo.

Se almejamos uma sociedade avançada e forte; se aspiramos dias de paz e de prosperidade produtiva, por que nos esquecermos, criminosamente, de formar o pequeno cidadão, célula dessa sociedade?

Só quem não se familiariza com o problema, pelo sentimento, pode deixar de sentir, de perto, a tragédia dolorosa que representa a infância abandonada. E não pode, assim, compreender que a proteção à infância seja um imperativo de justiça social.

A assistência social, nesse particular, não visa o indivíduo em seus interesses egoísticos, mas a coletividade, defendendo os destinos de um povo, conservando e melhorando as virtudes de uma raça.

Entre nós o problema de proteção à criança, um dos maiores da nacionalidade, ainda é incipiente e poucos são os que o apreendem na sua alta concepção.

Um episódio simples, mas que vem a calhar, demonstra a elevada finalidade da assistência à infância: — Em uma noite de chuva torrencial, num distrito longínquo do País de Gales, uma viúva paupérrima bateu à porta de um médico, implorando-lhe que fosse medicar o filhinho quasi agonizante. A choupiana da pobre mulher ficava distante cinco milhas e o caminho estava intransitável. Além disso, nada poderia aquela mãe aflita pagar ao facultativo, por tão árduo trabalho. Se salvasse a criança, pensou o médico, ela nada mais seria que um humilde lavrador, como tantos outros, pobre, ignorante.

Venceram, entretanto, os sentimentos de humanidade e o dever profissional. E o médico foi ver a criança doente, salvando-a pois aquele menino, que aparentemente nada representava para a coletividade, foi o grande Lloyd George, Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, um dos maiores vultos da política mundial.

Eis porque aqui estou para aplaudir a feliz iniciativa de patrióticas senhoras da nossa sociedade, que hão-de ter surpresas que tais, nessa missão tão nobre.

transforma em cada instante, sendo preciso, portanto, que a política — que pelo Estado governa os homens, organizando-lhes a vida em comum — acompanhe essas variações, para que se possa evitar o mal e perseguir o bem, para se fugir do erro e se alcançar a verdade. Já vimos como age, a esse respeito, o russo comunista: — éle está presente com seu ideal, em toda a parte. A filosofia marxista vai, pelas mãos da política, a todos os recantos da Rússia. E isso para que seja sempre vivo e atual o que, para o comunista, é o Bem, e evitar o que, para éle, é o Mal. Assim sucede, também, no fascismo (onde o Partido é órgão do Estado, a este se ligando por intermédio do Grande Conselho). O mesmo acontece, ainda, no regime nazista (onde o Partido se liga ao Estado por uma união pessoal, realizada pela Führer). E Maritain aconselha que assim procedam os cristãos: — “Uma vez reconhecido a final pela consciência cristã o domínio próprio do social, com suas realidades, suas técnicas, sua “ontologia” característica, não terá a santidade cristã que trabalhar no lugar onde também trabalha o heroísmo particular da foice e do martelo, do fâscio ou da cruz gamada?” —(5). A ação social cristã seria, assim, uma ação política a serviço de uma ideologia: — a cristã.

— :: —

O Estado Nacional tem uma filosofia. Parte do homem, visa o homem. O homem integral. O homem brasileiro. Descobriu ao povo suas razões nacionais de viver, deu-lhe um modo nacional de ser, indicou-lhe fins nacionais a atingir. O brasileiro sabe, hoje, porque, como e para que vive a sua vida nacional.

A política getuliana personalizou a nação. Deu ao nosso povo, dentro de sua condição humana, uma condição nacional. Procura atingir os grandes ideais da humanidade, mas sabe que só o pode conseguir através da Pátria, pois é pela pátria que se sentem as outras pátrias, que se sente o mundo.

Queremos um povo nobre, superior, capaz de cumprir um grande destino histórico, capaz de ir sempre para o alto. Cristo no Tempo Infinito, e César no tempo histórico, eis os polos da nova política nacional. César dentro de Cristo. Aí o lema do Estado Novo.

Queremos isso. E estamos concientes do que queremos. Temos, em suma, o nosso Espírito. Todavia, é preciso dar “corpo” a esse Espírito, isto é, é preciso pô-lo dentro do espírito de cada brasileiro: — “Não é possível limitarmos a simbolizar a vida espiritual superior, a simulá-la perpétuamente; precisamos atingi-la dentro da realidade”, proclama Berdiaeff —(6).

Ora, dentro da vida espiritual superior cabem, sem dúvida, as ideologias políticas, pois delas dependem

os destinos dos povos. Precisamos, assim, efetivar a nossa ideologia. E o meio de o fazer está na política, que é o instrumento de realização dos ideais coletivos. E' preciso levar os ideais do Estado Nacional a todos os lares, às fábricas, às oficinas, à caserna, às fazendas, etc.. E' preciso levar a política a todos os cantos. E' preciso, nesse ponto, imitar, o grandioso, heróico e comovente exemplo do povo russo.

BIBLIOGRAFIA

1) — JOSEPH DAVIES — “Missão em Moscou” — Editorial Calvino Limitada — Rio, 1942 — tradução de Eduardo de Lima Castro — págs. 136 e 142.

2) — HANS ECKARDT — “Fundamentos de la Política” — tradução espanhola de Rafael Luengo — Editorial Labor, S.A. — Barcelona — Buenos-Aires — pag. 199.

3) — ARISTÓTELES — “Política” — Espasa Calpe, S.A. — Nueva Biblioteca Filosófica — Vol. LXIX — trad. espanhola de Francisco Gallach Palés — Madrid, 1933 — pag. 5.

4) — KARL JASPERS — “Ambiente espiritual de nuestro tiempo” — Editorial Labor, S.A. — Barcelona — Buenos-Aires — tradução espanhola de Ramon de La Serna — pag. 83.

5) — JACQUES MARITAIN — “Humanismo Integral” — Companhia Editora Nacional, 1942 — tradução de Afrânio Coutinho — São Paulo, Brasil — pag. 117.

6) — NICOLAU BERDIAEFF — “Uma Nova Idade Média” — tradução de Tasso da Silveira — Livraria José Olímpio — Rio, 1936 — pag. 264.

Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos"

Consoante publicámos em nosso número de março transato, o Prefeito Venerando de Freitas Borges, num gesto exemplar de amor aos assuntos culturais, instituiu a Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", que contará com a verba de Cr\$ 10 000,00, para publicar livros de autores residentes no Estado de Goiaz.

O jovem administrador da metrópole do oeste, ao ter seu ato comentado no Departamento Administrativo do Estado, foi alvo de um voto de louvor, proposto pelo conselheiro Belarmino Cruvinel, cujo parecer contém as seguintes palavras: "A medida é dessas em cujo exame, mau-grado o caráter impessoal de nossa apreciação, não podemos deixar de citar nomes. Este, no caso, é o do ilustre Prefeito Municipal, Venerando de Freitas Borges, que de há muito se vem distinguindo como um batalhador das boas causas entre nós. Sua Excelência é um estimulador da cultura em Goiaz, à qual éle procura servir de todos os meios e modos. A idéia da criação da bolsa de publicações é magnífica, bastando, por si só, para consagrar um administrador".

Vamos publicar, abaixo, na íntegra, o louvado decreto-lei:

"DECRETO-LEI nº 475, de 25 de março de 1943.

Institue a Bolsa de Publicações HUGO DE CARVALHO RAMOS.

O Prefeito Municipal de Goiânia, na-conformidade-do disposto no



art. 5º do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939, decreta:

Art. 1º — Fica instituída, em caráter permanente, a Bolsa de Publicações HUGO DE CARVALHO RAMOS, destinada a editar obras de escritores residentes no Estado de Goiaz.

§ único — Só serão publicados trabalhos inéditos.

Art. 2º — A referida bolsa terá o crédito de Cr\$ 10 000,00 (dez mil cruzeiros) anuais.

Art. 3º — A Prefeitura do Município de Goiânia constituirá uma comissão, composta de três

membros, para examinar cada obra que lhe for encaminhada para publicação por intermédio da bolsa em-referência, arbitrando-lhe uma gratificação de Cr\$ 300,00 (trezentos cruzeiros), pagável por conta da verba de que trata o art. 2º.

Art. 4º — A comissão designada, após examinar devidamente o trabalho que lhe for confiado, dará um parecer por escrito ao Prefeito, o qual decidirá da conveniência da publicação e tomará as necessárias providências a-respeito-dos impressores ou dos editores, se for o caso, ou mandará arquivar os originais, que, em nenhuma hipótese, serão devolvidos.

Art. 5º — O autor contemplado terá direito a 50% (cincoenta por cento) do produto da venda efetiva dos exemplares de sua obra, revertendo o restante aos cofres municipais.

Art. 6º — O presente decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

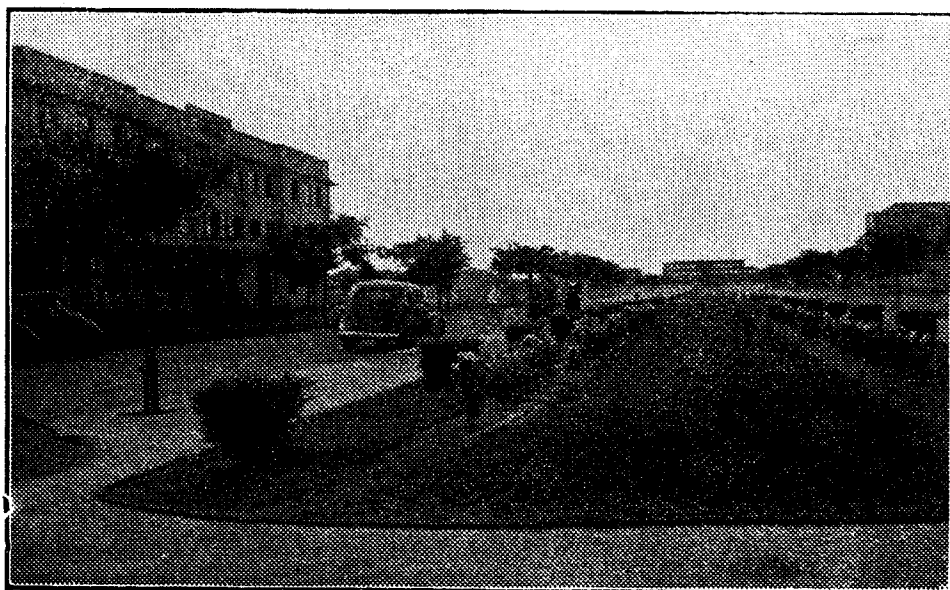
Prefeitura Municipal de Goiânia, em 25 de março de 1943.

Venerando de Freitas Borges,
Prefeito.

J. Crispim Borges,
Secretário".

Tratando-se de uma iniciativa empreendida por intermédio de OESTE, também nos rejubilamos pela promulgação do simpático ato do Prefeito Freitas Borges.

Em nosso número de maio faremos referência à primeira obra que a Bolsa irá publicar.



Trecho da Avenida "Goiaz" — Goiânia"

FINANCISTA

Tinha entrado para a pasta da Fazenda o conselheiro Francisco Bellário Soares de Sousa, que já havia recorrido três vezes aos créditos do país no estrangeiro. Certo dia, ao passar pela rua do Ouvidor, ouviu que alguém o saudava alto:

— Bom dia, senhor conselheiro, meu amigo e colega.

O ministro voltou-se e, vendo Paula Ney de chapéu na mão, correspondeu atrapalhado ao cumprimento. E Ney, imperturbável, com o mesmo sorriso:

— Colega sim... Porque... V. Excia. também não vive de empréstimos?

Os municípios goianos no Estado Nacional

ODORICO COSTA
Diretor Geral do Departamen-
to do Serviço Público do
Estado de Goiaz

O município brasileiro nasceu com uma dolorosa consciência de inferioridade.

Quando os municípios europeus desfrutavam preciosas prerrogativas, gozavam de acentuada independência administrativa, afirmando decididamente a sua personalidade moral, cuja origem remonta de longe, nessa época o município brasileiro surgia carregado de encargos onerosos, de obrigações terríveis, em cujo cumprimento, vezes sem conta, deixou sua carne e seu sangue transubstanciados em impostos. . . . O município brasileiro, desde as épocas mais recuadas de nossa história, tinha de prover as próprias necessidades, de se organizar espontaneamente, de assumir poder discricionário, de promover a guerra aos índios, de lutar contra o clero e contra o fisco e guerrear até os donatários e capitães-mores.

As capitâneas brasileiras representam o primeiro movimento dirigido no sentido de se instaurar a ordem legal e de se organizar a ordem administrativa na colônia. Elas representavam a terra dividida em senhorios dentro do senhorio do Estado.

O município brasileiro pagava caro as prerrogativas que lhe eram concedidas. Ao receber o direito de se dirigir por si mesmo, travava relações com o fisco e este, empolgado por um incoercível desejo de mandar para a Metrópole a maior soma de arrecadação, estortegava, sem piedade, todos os surtos evolutivos das células iniciais do nosso sistema político-administrativo. Os sesmeiros, relata um historiador, deviam o dízimo a Deus dos frutos que colhiam, pagavam vintena de pescado, fôro de moendas d'água, de engenhos de cana, de marinhas de sal, o dízimo do quinto devido a el-rei por tôdas as pedras preciosas ou metais nobres achados na terra, a vintena líquida do pau de tinta, o pedágio dos caminhos, a passagem dos rios.

O município brasileiro foi regulado, primeiramente, pelas ordenações Afonsinas, depois pelas ordenações Manuelinas e, depois ainda, em 1604, pelas ordenações Filipinas, que lhe deram estrutura mais perfeita e âmbito mais completo.

Os colonos domesticando a terra, domando a indaiada esquiva, civilizando o sertão agressivo,

exerciam, todavia, uma prerrogativa da mais alta expressão: intervinham na formação do governo municipal, tomavam parte na escolha dos governantes, dos líderes dos destinos da terra. O direito do voto madrugou nos destinos do Brasil. Vereadores do Senado, da Câmara e Juizes daqueles tempos distantes saíram eleitos do bojo das urnas em que o colono, cheio de civismo, lançava a cédula vectora de sua preferência para a escolha de seus homens de governo. O colégio eleitoral dos primitivos municípios brasileiros era representado pelos *homens bons*, homens que, no conceito de um historiador, eram todos aqueles que exploravam o trabalho alheio.

As Câmaras se compunham de vereadores e funcionavam sob a presidência dos juizes ordinários, ou, nos termos mais importantes, de juizes de fora. As funções das Câmaras se misturavam, muitas vezes, às funções judiciárias.

O município brasileiro surgiu de uma necessidade imperiosa de defesa, de uma necessidade de se estabelecer a autoridade entre os colonos. A sua gênese, assim, não tem o menor ponto de semelhança com o município europeu. Nem com o município Inglês, de tão acentuada independência administrativa, nem com a comuna francesa, com autonomias bastante para organizar tôda a espécie de serviço de utilidade pública.

No primeiro quadro de nossa organização, os órgãos governamentais foram formados no vácuo, no mundo virgem e deshabitado, num meio em que a expressão social apenas mal se esboçava. Nesse cenário, o município brasileiro surgiu pesado de encargos, com imensas responsabilidades. Com deveres terríveis. Daí a sua consciência de inferioridade.

No primeiro Império a lei de 1º de janeiro de 1828 estabeleceu as vigas mestras dos direitos e prerrogativas, dos deveres e obrigações dos municípios brasileiros. Estes desfrutavam de relativa autonomia política e de igual autonomia administrativa. O ato adicional de 1834 modificou essa estrutura, restringindo os direitos atribuídos aos mesmos. Entre outros deveres que

lhes foram impostos, passou a figurar a subordinação da elaboração dos orçamentos municipais pelas assembleias legislativas provinciais, às quais competia, também, o exame das contas de cada exercício, da arrecadação e das despesas públicas dos municípios.

Os incidentes surgidos no país, nessa época, definem estados da consciência coletiva e definem, mais, rumos da evolução brasileira. A Câmara de Itú, em São-Paulo, protestou com veemência e com arrogância contra as exorbitâncias do ato adicional de 1834 e o presidente da província de Goiaz Joaquim Inácio Hamalho, pela resolução número 5, de 30 de julho de 1857, negou aprovação às contas do município de Porto Imperial, e mandou retirar da conta das despesas verbas despendidas com festas congratulatórias pela passagem da data onomástica do Príncipe Imperial e com festas por ocasião do casamento de Sua Majestade. Esses dois protestos, em datas diferentes e de natureza dissemelhante, servem para demonstrar que nem sempre os atos do governo se conservaram isentos de censuras. . . .

A República concedeu aos municípios faculdades para cujo exercício os mesmos não estavam convenientemente preparados. Estabelecendo o regime federativo, a República adotou a descentralização política, que foi mal compreendida, que chegou a ser confundida com descentralização administrativa. A autonomia dos municípios foi concebida para a organização administrativa e a autonomia estadual foi concebida para a organização política.

A baralhada operada nesse particular permitiu que os municípios brasileiros se lançassem em tôda a sorte de aventuras, chegando, mesmo, ao ponto de comprometerem seriamente o renome do Brasil em altas cavalhadas financeiras. Os municípios brasileiros estavam plenamente convencidos de que, contraindo dívidas, desfigurando o regime, exorbitante de suas funções, estavam no uso de suas altas prerrogativas. . . . Não era de outra forma a situação das antigas municipalidades portuguesas, que interferiam até no comando dos movimentos da máquina estatal. . . .

Felizmente, porém, tudo isso pertence ao passado.

O Estado Nacional, dirigido no

alto sentido da organização do país, retirou dos municípios várias prerrogativas e várias faculdades, mas deu-lhes o que eles não haviam conseguido em mais de um século do exercício do poder. Deu-lhes progresso e auxiliou o aproveitamento de suas riquezas. Nobilitou a sua administração. Rehabilitou o prestígio municipal. Destruiu aquele município de 1930, que Melnick de Carvalho diz ser *um foco de males políticos e econômicos, em cuja terapêutica tinham fracasado tôdas as tentativas.*

Os municípios goianos, a partir da vitória do outubrismo, começaram a receber os mais generosos impulsos no andamento de seu progresso, na marcha de seu desenvolvimento.

O sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, honrado e esclarecido interventor Federal em Goiás, desde os primeiros atos de seu governo, procurou rehabilitar os municípios goianos, libertando-os do ronco de uma politicagem nefasta e procurando fornecer-lhes todos os meios de evolução.

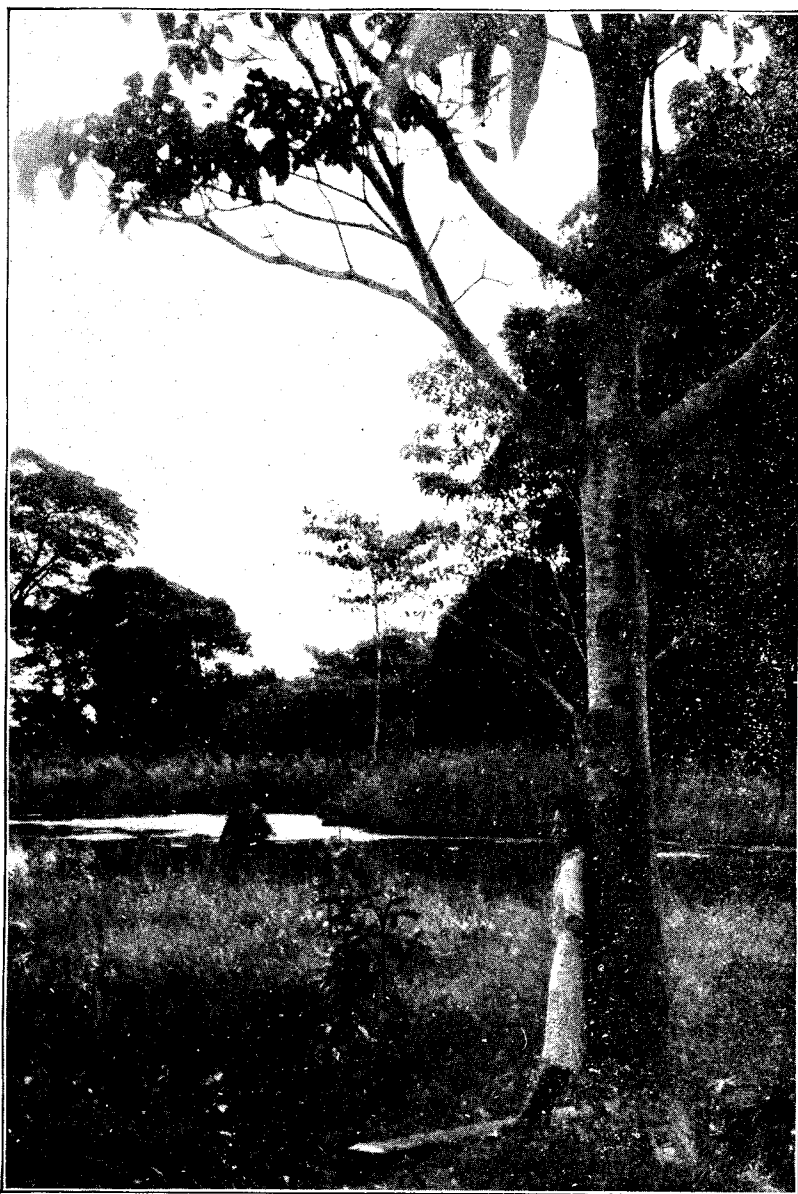
Depois de realizar um rigoroso processo de profilaxia na administração municipal, o moderno governo de Goiás organizou um aparelhamento técnico para a tarefa de prestar tôda assistência aos municípios, auxiliando-os em tôdas as suas necessidades e, sobretudo, na solução de todos os seus problemas.

Esse órgão, o Departamento das Municipalidades, teve a sua direção atribuída ao sr. dr. Abel Soares de Castro e farta, muito farta já é a sementeira de benefícios por ele realizada desde a sua instalação.

O progresso dos municípios goianos pode ser acompanhado da melhor maneira através da arrecadação de suas rendas gerais. Essa arrecadação, num período de meio século, teve o seguinte desenvolvimento:

1836	Cr\$ 2 484,20
1846	Cr\$ 4 008,07
1856	Cr\$ 5 870,29
1866	Cr\$ 11 211,20
1876	Cr\$ 19 510,97
1886	Cr\$ 39 912,32

Nesse largo período de mais de cinquenta anos, quasi todos os municípios goianos apresentavam resultados deficitários na administração de suas rendas. A arrecadação dos tributos não produzia meios bastantes para cobrir as despesas da administração provincial. Os municípios viviam parasitariamente, de mãos súplicas, na frente do erário provincial, pedindo auxílios financeiros para restabelecer o equilíbrio de suas finanças, e a pro-



Panorama da lagoa de Pirapitinga, no Município de Caldas-Novas — Goiás

víncia de Goiás, por sua vez, asseverada pela mesma angústia deficitária, vivia na frente do Governo Central pedindo auxílios para cobrir a diferença entre a sua receita reduzida e a sua despesa exagerada.

No quadriênio 1887-1890, quando a situação geral do Brasil se precipitava por veredas terrivelmente pressagas, a arrecadação dos municípios goianos subiu. Essa elevação, convém frisar, proveio da desvalorização do papel-moeda brasileiro. A arrecadação municipal goiana, nesse período, foi a seguinte:

1887	Cr\$ 28 780,10
1888	Cr\$ 32 303,14
1889	Cr\$ 31 329,36
1890	Cr\$ 41 453,32

Os municípios goianos ingressaram na República e ingressaram no século XX sem largos surtos de

expansão, sem grande movimentação de progresso. Gravitavam dentro de órbitas estreitas, estrangulados pela falta de transportes, pela falta de estímulos ao seu desenvolvimento.

Por isso, em 1930, a arrecadação geral dos municípios goianos não era apreciável. Estava fixada em Cr\$ 2 168 206,00. O aumento foi grande e foi devido só às condições gerais do país. O governo da época nada fez nesse sentido. Foi, apenas, um espectador e, em muitos casos, foi um atrapalhador das comunas goianas . . .

Com a vitória da revolução outubrista, a história de Goiás se transfigura. A ignorância, os abusos, os erros, a improbidade, a falta de iniciativa, os interesses públicos desprezados, a violência, a exorbitância, o mando sombriamente medieval, tudo isso cessou inopinadamente. Sobre a noite

negra de uma organização administrativa retrógrada e involuída, surgiram auroras, surgiu um governo aristocráticamente limpo, patrióticamente vertical.

Entre 1930 e 1937, Goiás evoluiu e evoluiu muito. O sertão reagiu vitoriosamente aos cordiais que o governo constantemente lhe ministrava através de estradas lançadas em tôdas as direções, através de escolas, através de uma política fiscal humana e estimuladora das iniciativas, através de melhoramentos construídos em tôda a parte com o elevado escopo de estimular o desenvolvimento das forças vivas, das mais nobres energias da terra encantada e pletórica de riquezas.

Com a implantação do Estado Nacional, o sertão goiano se transforma e se transfigura. Os horizontes de Goiás se alargam promissoramente. Um pensamento generoso de progresso, que inspirava o governo estadual, passou a ser manifestação concreta da vontade de povo e governo de mãos dadas para uma tarefa de patriotismo, de fazer a grandeza da terra. O novo regime brasileiro abateu as forças desintegradoras da unidade nacional, destruiu os mandarinatos políticos, eliminou os privilégios de casta, extirpou o monopólio dos empregos públicos e acabou com a exploração do poder para servir a interesses de grupos ou facções, colocando os deveres para com a sociedade acima dos direitos dos indivíduos. A marcha para Oeste, que era um pensamento glorioso, uma culminância em nossa história, passou a ser um imperativo nacional no sentido da interiorização das forças vectoras de nosso progresso, passou a ser uma clarinada cordial, uma voz de comando para as mais audaciosas arrancadas no sentido do progresso do

sertão encantado onde, por muito que o desenvolvimento se tenha operado, há muita cousa, ainda, por desenvolver. O Estado Nacional alterou o metabolismo da evolução de Goiás. Abriu clareadas veredas para o exercício de tôdas as iniciativas. *Cada instante, na vida de uma sociedade, tem um sentido próprio, em face dos elementos econômicos, intelectuais e morais que predominam nesse instante.* O sentido desta época, na história de Goiás, é a revelação das riquezas da terra feita pelo Estado Nacional.

A arrecadação dos municípios goianos, no triênio 1940—1942 oferece elementos para se aferir do violento quimismo que o progresso está operando em tôdas as comunas sertanejas do vasto Estado Central. Essa arrecadação foi a seguinte:

1940	Cr\$ 10 183 012,61
1941	Cr\$ 11 908 705,87
1942	Cr\$ 13 800 000,00

Se tomarmos por base a arrecadação dos municípios goianos há cem anos passados, poderemos verificar que essa arrecadação foi aumentada de quinhentas vezes. Se tomarmos por base a arrecadação de 1930, verificaremos que, em treze anos, as rendas das comunas goianas sextuplicaram.

Não pode haver índice mais expressivo para demonstrar até que ponto o Estado Nacional está influenciando generosamente no levantamento das forças e das energias de Goiás, para uma vitoriosa caminhada para a frente e para cima.

Concidadãos, clamava, em 1935, o ilustre M. A. Teixeira de Freitas, o pai da estatística brasileira, façamos o Brasil de amanhã, o Brasil feliz de todos os brasileiros,

um Brasil orgulho da humanidade, diadema da América. Não nos falta matéria prima — riquezas naturais e riquezas humanas — O que nos falta é, apenas, organização.

O Estado Nacional organizou a estrutura do Brasil *diadema da América*. Goiás, sôbre os escombros legados pelas administrações passadas, anteriores à idade revolucionária, organizou com perfeição o seu arcabouço administrativo, social e econômico. E organizou, mais, a felicidade de sua grande gente.

ODORICO COSTA.

Bibliografia

Almir de Andrade, "Fôrça, Cultura e Liberdade".

Getúlio Vargas, "A nova política do Brasil".

José Maria dos Santos, "A Política Geral do Brasil".

A. Tavares de Lira, "Organização Política e Administrativa do Brasil".

Alberto Torres, "A Organização Nacional".

Max Fleiuss, "História Administrativa do Brasil".

M. A. Teixeira de Freitas, "O Problema do Município no Brasil".

José Carlos de Macedo Soares, "Autonomia Municipal".

Documentos oficiais do governo de Goiás.

«Depois de haver trabalhado, os homens, se querem colher, devem montar guarda às suas searas. A pátria não é mais, como nas épocas felizes, um dom do acaso, da natureza ou da história. Ela tem de ser conquistada todos os dias pelo trabalho perseverante, a ininterrupta vigilância e a disciplina da inteligência e da vontade. A hora não é apenas a do trabalhador, mas também, e principalmente, a do soldado, a hora da ordem, da atenção e do silêncio, a hora da vigília, a hora em que a sentinela escuta, vigia e espera» — FRANCISCO CAMPOS.



«Passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estêreis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordem. A democracia política substitue a democracia econômica, em que o poder, emanado diretamente do povo e instituído para defesa do seu interesse, organiza o trabalho, fonte de engrandecimento nacional e não meio e caminho de faturas privadas. Não há mais lugar para regimes fundados em privilégios e distinções; subsistem, sômente, os que incorporam tôda a Nação nos mesmos deveres e oferecem, equitativamente, justiça social e oportunidades na luta pela vida» — GETÚLIO VARGAS.



Estrada de rodagem recentemente construída no Mun. de Catalão — Goiás

Inanição

A música que veio de longe, na noite,
entrou pela minha janela
embrulhada em vaga, remota lembrança.
Mas lembrança de que, de quem ?

Oh, agora sei que não era bem isso !
Sentí foi a noção profunda de ausência,
ausência de todos e de tudo,
falta angustiada de mim mesmo,
das minhas coisas, do meu mundo exclusivo,
sentí-me sôto, bracejando no caos
— árvore sem raízes flutuando na corrente,
— roupa de suicida abandonada no cais,
um homem perdido, desgarrado,
sem nada que pudesse recordar,
sem a mínima saudade !

Insônia

Bem sei que a noite já ficou velha,
mas tenho um medo atroz de ir-me deitar
porque o fantasma da insônia
está me esperando sob o travesseiro.

Não adianta fechar os olhos devagarinho
e aguardar a vinda sonambólica do sono,
imaginando-me nas trevas mais profundas.
Sei que meus olhos se fecham
mas o espírito em febre escancara janelas largas
que descortinam mil paisagens estranhas
num tumulto de estonteadoras sugestões.

De que vale saber que são horas mortas
e eu preciso de dormir para descansar ?
Minha imaginação montou na garupa do sono
e está viajando por caminhos perdidos
no seio misterioso da noite oceânica.

Pedra Filosofal

Já vi todos os horizontes possíveis
que limitam os incontáveis caminhos da vida.
Meus olhos já beberam sequiosos
as paisagens espalhadas pelo mundo,
numa viagem que emprendí imaginariamente
através da experiência da humanidade inteira.

Tenho dois mil anos de vida emprestada:
vi Nero incendiar Roma e Jerusalém lavada em sangue.
Sofri as dores acumuladas nos séculos,
passei pela gama dos prazeres mais intensos,
conheci o auge dos desesperos extenuantes
e deliciei-me na quintessência das alegrias mais completas.

No entanto, quando vou ao encontro da vida,
pegá-la pelo topete nas horas agudas,
sinto a surpresa atordoante das visões inéditas
e me confundo ante inúmeras perspectivas virgens,
como se estivesse nascendo outra vez.

Abisag de Sunam

|| J. B. Felix de Sousa ||

“O rei Davi porém tinha envelhecido e achava-se numa idade mui avançada: e por mais que o cobriam de roupas não aquecia.

2 — *Disseram-lhe pois os seus criados: — Busquemos para o rei nosso senhor uma rapariga virgem, que esteja diante do rei e o aqueça, e durma ao seu lado, e preserve do grande frio o rei nosso senhor;*

3 — *..... e acharam a Abisag de Sunam, e a trouxeram ao rei..... mas êle a deixou sempre virgem;”*

(Livro dos Reis, III).

Coronel Santinho. A carinhosa expressão materna ficara por tôda vida ligada ao título que a herança do pai (mil alqueires de terras e mais de mil cabeças de gado) lhe aditara.

Era o homem mais rico da zona. Quando dona Mariquinha morreu ficou velha e só no casarão da fazenda. Os filhos, todos casados, moravam aqui e ali e êle é que ia vê-los mais para fugir da solidão e da tristeza em que ficara a fazenda e sua vida.

— Vovô! Olha o vovô! . . .

Era êle que ia chegando e era anunciado pela alegria dos netos. E já os tinha muitos. E a fazenda lá ficava sem dono, janelas fechadas, serviços parados, a cozinheira, os vaqueiros, o pessoal das roças, todos, à espera de ordens. O coronel Santinho, a se queixar da tristeza de sua casa vazia, da falta que lhe fazia dona Mariquinha e de umas dores nas pernas e nas costas que nenhuma meizinha curava, lá os deixava, descuidado das goiabeiras que iam crescendo no terreiro, da “herva de passarinho” que se desenvolvia matando as laranjeiras e nem via que as abelhas “chupé” já tinham pôsto um quisto enorme e negro no oitão da casa. Os primeiros sinais de tapera . . . Mas êle indiferente lá se ia chupando um enorme cigarro de palha estrada a fora como se a casa, o gado, as terras não lhe pertencessem mais.

Acabasse tudo! Também os me-

inhos, que alegraram por tanto tempo a casa, se foram um a um à procura de sua vida e se fôra para sempre dona Mariquinha, que fôra a vida de tudo aquilo . . .

Todos notavam sua decadência, sua velhice, que aquele ar acabrunhado fizera notadas de repente. Ah! os tempos — e de há pouco ainda — em que corria pelos campos atrás de uma novilha arisca como qualquer vaqueiro, ou que, como qualquer rapaz, corria à procura dalguma morena da redondeza! Mas a velhice chegara de repente com o golpe da perda da mulher e com ela o desânimo, as macacoas. E passou o coronel Santinho a falar só em doenças, que não tinham remédio, e na morte, que garantia não tardava muito.

Foi nesse ir e vir, fugindo de sua casa, que o coronel Santinho passou a se demorar, para descansar, no rancho pobre, mas que “Sá” Zefa trazia sempre limpo, de Pedro, pobre e preguiçoso agregado da fazenda, de quem antes fugia enfadado. Esperando o café, demorando-se lá, começou o coronel a reparar em Maricota. A menina ia se fazendo moça. Não era nem gorda nem magra — “enxuta”; tinha um jeito faceiro de rir cerrando os olhos, uns olhos pretos e ariscos, mostrando uns dentes muito brancos . . . Pedro que era lerdo na enxada tinha o “olho limpo” e os cálculos rápidos. Percebeu os olhares do coronel para a filha, quando ela trazia o café, e que êle a examinava como se fosse um animal à venda.

— Zefa, o coronel está todo embeijado pela menina . . . dá um jeito que logo nós temos a fazenda.

— Deixa de bobagem, Pedro. Êle pode ser avô dela e a família tôda orgulhosa faz barulho e não deixa nunca.

— Nada! Rabicho de velho não tem cura, nem fôrça que possa com êle. Dá um jeito na menina p’ra ver.

Talvez tenha sido a perspectiva de ver a filha rica, livre das aperturas e necessidades por que passara, que animou “Sá” Zefa e nessa mesma noite Pedro ouviu sua conversa com a filha:

— O coronel parece que está gostando de você . . .

— Cruz! Querê-bem de velho da azar! E resto de defunto ainda por cima . . .

— Azar? o dêsse pode dar é muita sorte. Rico, sôzinho . . . Deixa de bobagem. Em vez de ficar nesse rancho tôda vida, ou casar com um agregado pobre como seu pai, antes um velho . . . Eu queria ver minha filha senhora-dona lá na fazenda . . .

Maricota começou a rir.

— De que está rindo, “sua” boba?

— Da muxiba que a senhora quer me dar.

— Muxiba? O coronel Santinho é até um homem vistoso, forte, bonito . . . Êle anda é muito magro e triste porque está sôzinho hoje em dia.

— E os netos dele?

— Que tem isto? Você não vai casar não é com a família dele.

Mas no sertão tem muito prestígio um coronel, mesmo que sua fazenda esteja virando tapera, e o coronel Santinho começou a ser recebido com mais festas e agrados no rancho de Pedro e a ver Maricota que agora se assentava na sala, muito acanhada, muito limpa, com o seu vestido novo.

E Pedro tinha razão: o coronel não ocultava sua paixão e cada vez mais assíduo trazia presentes para Maricota e “Sá” Zefa e até emprestava de boa cara dinheiro para o futuro sogro.

Começou o falatório da vizinhança e, como previra “Sá” Zefa, a família do coronel não se continha de indignação. Conselhos, mofas, pedidos, mais serviram para aumentar a paixão do velho. Pedro e “Sá” Zefa, espertos, começaram a se mostrarem reservados enquanto Maricota soltava a língua e com requêbros e olhares atordoava o caduco enamorado.

Pedro macio tocou um dia no falatório da vizinhança.

— Um padre acaba com isto — disse o coronel.

— Um juiz também, ajuntou, avisado, o outro.

— Eu já tenho mais de sessenta e oito e o tabelião me disse que não adianta, mas depois de casados eu passo escritura de tudo para ela.

Mais nada foi preciso para um belo dia se engalanar com flores

de papel de sêda um canto da sala do rancho de Pedro, onde se improvisara um altar. Lá fora, com folhas de coqueiros, foi armada uma tolda para o banquete e depois as dansas. E doces, leitoas, cachaça, um sanfonista dos melhores, tudo comprou ou fêz chegar até lá um noivo radiante. Entre risos e espoucar de foguetes o padre casou na tarde daquele dia de glória para Pedro e de alegria para o coronel (que envergava suarento um terno preto que mandara fazer há anos quando "caíra" imperador do Divino) Maricota que torcia a ponta do véu que desajeitado lhe pendurava da cabeça, sentindo, mais que o acanhamento e a nervosia, os sapatos brancos fora da moda que lhe arranjaram e que lhe torturavam os pés.

Pedro ria importante para todo mundo e "Sá" Zefa chorava, como é de protocolo. Findo o banquete e quando a sanfona já começava a provocar os dansarinos partiram para a fazenda.

A família do vaqueiro os esperava. Entraram. Maricota foi olhando a casa que agora era sua. Viu o coronel entrar na cozinha e pedir um pouco de água e sal.

— P'ra que, patrão?

— Eu comí demais lá. Preciso dum remédio para o estômago.

Maricota ficou olhando a sala vazia. Na parede fronteira uma folhinha indicava um dia dum mês que já se fôra há muito e o cromo ingênuo, com dois pombinhos segurando com o bico uma carta, anunciava uma farmácia da cidade.

Distraída se esquecera de tudo quando ouviu a voz do coronel.

— Vai deitar, filha. A casa é sua . . . e o dono também.

Começou a tremer de vergonha ou medo. Uma vontade louca de voltar para o rancho pobre . . . A mulher do vaqueiro veio com uma vela e a levou para o quarto do casal. Uma cama enorme, antiga, coberta com uma colcha de fustão côr de rosa, enchia um canto do quarto. Do outro lado uma cômoda coberta com um fôrro de croché tinha em cima uma imagem e um jarro com perpétuas, margaridas e flores do campo: artes da mulher do vaqueiro.

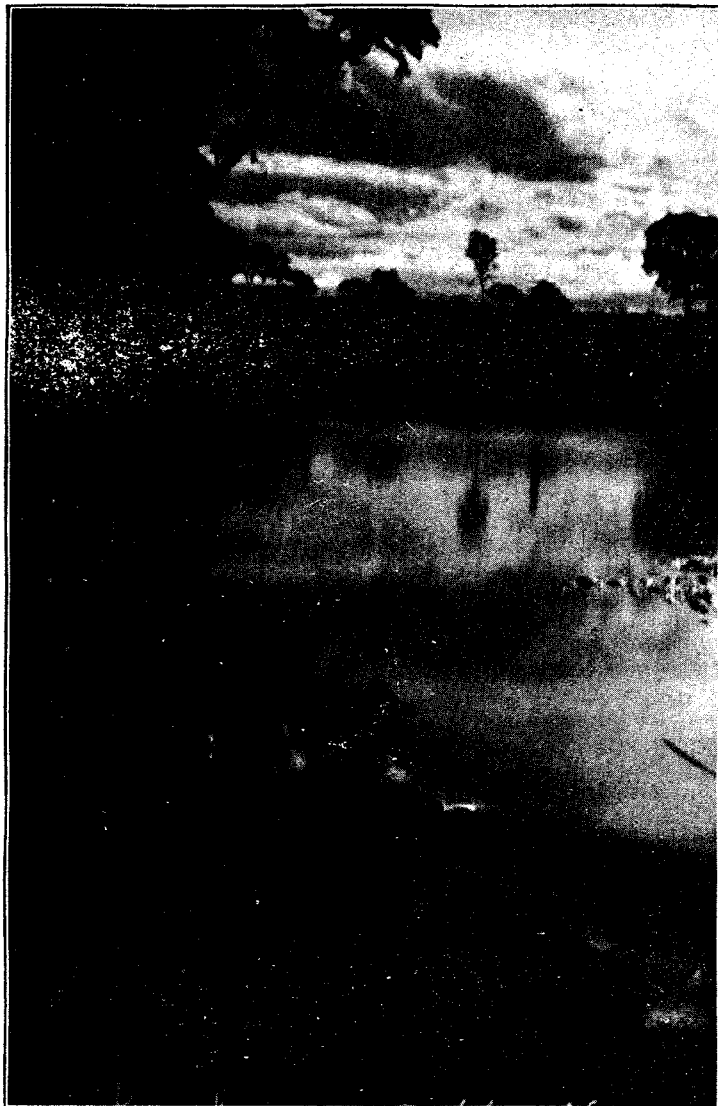
Maricota sentou-se na beira da cama. Ouviu passos. Era o coronel.

Seu coração começou a bater com força. Tremia e rezava. O coronel parou na porta. Parecia também emocionado e trêmulo.

— Deita, Maricota. Já é tarde.

— Já vou . . .

O coronel aproximou-se e se assentou junto dela e a enlaçou. Sentiu a mão sêca e áspera do marido no braço nu. Ele nada dizia, olhando-a, rindo imbecil, engulindo sêco. Foi apertando-a contra o peito magro e começou a



Paisagem nos arredores de Caldas - Novas — Goiás

lhe beijar os cabelos e o pescoço.

— Me deixa . . . me solta . . .

— Você agora é minha . . . só minha, não é? . . .

O hálito do marido, cheirando a cachaça, causava-lhe repugnância e ela ouvia o bater forte do seu coração e sua respiração ofegante.

O coronel cada vez a apertava mais num abraço sufocante. Depois levantou-se de repente e ela viu que êle com passos trôpegos se dirigiu ao quarto vizinho, abriu uma garrafa e bebeu longamente pelo gargalo, pigarreou e cuspiu. Voltou cambaleando um pouco e a custo apagou a vela. Sentou-se de novo e apertou-a de novo, sentindo no peito magro os seios rijos e o calor daquele colo que tanto namorava e palpitar todo aquele corpo moreno que tanto e tão doidamente desejara.

Súbito todo seu corpo caiu pesadamente para um lado, enquanto Maricota aterrada ouvia sair do seu peito como o bufar de um garrote irado. Solto um grito cha-

mando por Nossa Senhora. Acudiram o vaqueiro e a mulher com luzes.

O coronel estava morto. Suas mãos ainda agarravam crispadas o vestido de Maricota que procurara fugir e de sua bôca escorria uma baba viscosa sôbre o travesseiro.

Dividiu-se tôda a herança do coronel.

Pedro, "Sá" Zefa e Maricota desapareceram, fugindo, mais pobres que nunca. Do seu rancho restam os esteios tortos entre vassourinhas e fedegosos e um forno de barro, que parece um cupim, onde ao sol brincam os calangos.

Deles só se lembra hoje a família do coronel Santinho, para os amaldiçoar.

O supremo ideal do homem é — se há de se lhe dar apelativo — o homem plenário, o *todo homem*, não o *super homem*.

MAX SCHELLER.

A LEGENDA DE UMA POESIA

— JOSÉ BITTENCOURT —

Quem visita a França e vai pelo caminho de Thonon, a dois quilômetros da cidade termal de Evian, se sente logo impulsionado a contemplar o Jardim de Amphion, mais claramente falando, o Jardim da condessa de Noailles. É um recanto maravilhoso onde a poesia se confunde no realismo das paisagens e na suprema beleza das suas linhas arquitetônicas. Esse recanto é um templo votivo de encantamento, no qual a harmonia se immortaliza ao lado de uma sugestiva e deliciosa música espiritual. E foi nessa suave ermida que viveu a maior parte de sua vida uma devotada voz feminina no culto de sua Arte.

Modêlo eterno de ânsia terrena foi a cantora do "Le Coeur Inombrable" a mais perfeita exaltação do gênio artístico pela deslumbrante emoção que os seus extraordinários cantos apresentam. A alma dessa mulher é um desdobraimento psicológico e nos dá a idéia de que estamos assistindo, na leitura de seus versos, a uma luminosa ascensão do espírito humano. Cada estrofe sua é uma nova forma de sensibilidade, um novo limite de fé e de contemplação. São os pensamentos que surgem transparentes, as metáforas desaparecendo na falta dos convencionalismos inexpressivos e o tumulto das idéias galvanizando a apoteose de alguma aventura amorosa.

Anna de Brancovan é um rouxinol de ternura em tudo, igual mesmo àquele de que nos fala Gourmont — "un roussignol de genie et n'est que cela". É nesse sentido de verdadeira afeição íntima, a mais profunda qualidade mestra do seu temperamento poético. Dizem alguns de seus mais reputados críticos que essa feliz adjacência espiritual talvez se lhe seja aplicada como uma mais perfeita identificação da sua tragédia mística.

Sacerdotisa pagã, admiravelmente privilegiada no culto da sua Arte, Noailles é dona de uma poesia que se perpetua no ritmo das coisas mais belas do mundo. É o ardor amoroso que palpita nos seus tercetos e nas suas rimas cheias de uma expressiva riqueza vocabular. É o desejo da morte, a adoração pela natureza, por tudo, enfim, que se apresenta belo e que se vislumbra na sua humilde e suave psicologia. Em qualquer dúvida fala o seu instinto: ele é sensível, vaidoso e extremamente firme no rumo de suas mais nobres aspirações. O sentimento de sua existência estava resumido nisso tudo, no aprendizado eloquente da sua poesia e na tortuosa estrada para o conhecimento do mal. Ela mesma, certa vez, explicou no silêncio do seu jardim essa dubiedade:

*"Celui qui meurt peut tout enseigner aux vivants.
Il contemple le mal rongéant son univers".*

O editor Calman Levy, quando resolveu lançar "Les Eblouissements", não se decidiu em lhe conferir os elogios exigidos pela crítica. A autêntica obra prima que surgiu não parecia corresponder às expectativas dos mourejadores da pena literária. Eram poucos os herdeiros da chama sagrada de um Vitor Hugo ou de um Lamartine. Os Ronsard e os Vigny, mestres de um vocabulário poético extenso, já haviam desaparecido e restava que alguém os sucedesse. Foi então que a mulher de voz aveludada, amena e doce, passou a ser representante direta da linhagem de um Racine. A sua missão de medir o eterno com os olhos passou a ser uma verdadeira peregrinação de

bondade. Tão humilde se tornou, desde esse momento, que, às vezes, o coração reagiu e na tristeza de sua alma falou:

*"Nature, vous avez faites le monde pour moi,
pour mon desespoir et ma joie;
le soleil pour qu'il glisse entre mes brassétroits,
et l'air bleu pour que je m'y noie".*

O poema "Jeunesse" é o que melhor define a personalidade de Noailles. Incluído recentemente numa antologia do editor Firmin - Didot é ele a mais fiel reprodução do sentimento estético de sua autora. Nele se vê a prodigiosa força lírica de Anna que se vai desanuviando numa frescura impressionista e cheio de múltiplas preocupações estilísticas. Sente-se que existe algo de estranho em seu íntimo, qual quer esquisitez na sua intimidade feminina e isso se constata mesmo quando ela chega a dizer assim:

*"Ah! Jeunesse qu'un jour vous ne soyez plus là?
..... Quelle chose
Pour ceux qui n'ont vraiment desire que cela!..."*

Nota-se nesse poema uma das muitas causas psicológicas que apresenta a poesia de Anna: é a repugnância que sempre teve pelo espectro da velhice. Prevê o fim da sua mocidade e ela se lhe depara como se fosse alguma doença contagiosa, algum mal incurável de que toda gente receia ser atacado. Aliás, poeta algum deixa de entrever na sua velhice o último poema que a sua própria vida terá que escrever. Não há criatura humana que não encare o fim de seus dias com um amargo travo de angústia. E Noailles, esse sublime poeta amargurado, também, antes de chegar o seu tempo, gemeu o sofrimento da velhice nas líricas cordas do seu estro. Eis como se manifesta a sua sensibilidade:

*"Dans la douleur, rien me console,
ni la raison, ni la parole".*

Efetivamente, não há quem deixe de sentir esse legendário anoitecer da vida. Essa adorável mulher-poeta não encontrou jamais uma explicação para a tragédia substancial do fim de sua existência. A esperança, a fadiga e o sonho de mocidade — ela declara em certa passagem — são cruciantes mitos. Por isso mesmo mencionou mais tarde:

*"il faudrait l'ombre immediate
et l'espoir même est fatigant".*

O ponto predominante dessa estranha interpretação é um primor de sensibilidade e que palpitava no seu íntimo aspirando pela libertação da vida. Não poderia, também, ser outra a sua ilimitada ambição. Ela se identificava numa atitude irreverente, vestida — como até disse — com o azulejo das águas marinhas. E no esplendor artístico dessa expressiva riqueza humana, desabrochou uma preciosidade lírica:

*"Nature au coeur profond sur que les cieux reposent,
nul n'aura comme moi si chaudement aime
la lumière des jours et la douceur des choses,
l'eau luisante et la terre ou la vie a gemé".*

E depois esse gemido triste que dói muitíssimo em nós:

*"Je vous tiens toute vive entre mes bras, Nature.
Ah! faut'il que nos yeux s'emplissent d'ombre jour
Et que j'aïlle au pays sans vent et sans verdure
Que ne visitent pas la lumière d'amour?"*

Assim Anna de Noailles foi, aos poucos, se tor-

O SENTIDO DE UMA BATALHA

HÉLIO A. LOBO

Um novo ritmo acelera tôdas as fôrças do País. Em tôdas as atividades, os esforços se extremam como nunca.

Revolve-se febrilmente a terra, em busca de índices máximos de produção.

Rasgam-se-lhe desordenadamente as entranhas, na ânsia inaudita de arrancar-lhe tôdas as riquezas que encerra.

Devastam-se-lhe a flora e a fauna.

Regiões longínquas e esquecidas galgam de súbito o noticiário sensacionalista da imprensa e do rádio.

É o cristal. É o ferro. É a borracha.

É um novo Brasil que está surgindo. Crescendo cada vez mais diante do próprio brasileiro, diante das Américas, diante do mundo.

Estamos em plena marcha.

O sangue bandeirante estua nas artérias da Nação, conclamando-a para novas arremessadas. Arremessando-a na caminhada decisiva rumo a um grau mais alto de Civilização.

Alvoradas. Novos rumos. Novos tempos. Trabalho. In-

dustrialização. Riquezas. Independência econômica.

xxx

É preciso, porém, que não falte o *essencial* nessa empreitada de heróis. É preciso que não haja subversões.

Não nos debatamos nessa luta tendo por lema a riqueza pela riqueza, o cristal pelo cristal, a borracha pela borracha, o econômico pelo econômico.

É preciso que tudo se subordine ao HOMEM.

Lembrêmo-nos de nós mesmos. Lembrêmo-nos de que a meta final de tudo isto deve ser o homem. O homem indivíduo. O homem-social.

Procuremos, pois, nesta grandiosa jornada, amparar acima de tudo o homem.

Protegendo seu trabalho. Zelando pela sua saúde. Pelo seu conforto. Pelo seu bem-estar.

Lembrêmo-nos dos paues. Da natureza agreste. Do impaludismo . . .

Saneamento, portanto. Mais vale prevenir.

Justiça. Para que não haja

exploração do homem pelo homem.

Previdência. Para que se enfrentem com tranquilidade e segurança os riscos do futuro.

xxx

Seja êste o sentido primordial desta gigantesca batalha que estamos travando. Batalha que há-de fazer o Brasil, custe o que custar, poderoso e livre, potência entre potências, mas profundamente humano. Visceralmente fiel a si mesmo. Sempre BRASILEIRO.

« Nenhum idealismo deverá perturbar-nos a visão clara dessa grande realidade social, que é a existência perene de elementos de desordem, que trabalham contra o bem público, em defesa de seus interesses pessoais, de suas ambições, de suas facções. Sob o regime liberal, todos êsses elementos proliferam como germes piogênicos numa ferida sem assepsia. Cento e cinquenta anos de democracia liberal produziram, por isso mesmo, uma inquietação cada vez maior nas sociedades, maior número de injustiças sociais, de explorações, de monopólios, de maquinismos organizados com o fim de desvitalizar as energias sociais e negociar com os interesses supremos do povo» — ALMIR DE ANDRADE.

◀▶

A diferença que há, entre a democracia do antigo regime e a democracia do Estado Nacional, é a seguinte: — a antiga democracia parecia que era, mas não era; a democracia atual parece que não é, mas é — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

nando grande e encantadora. Um livro seu que se lê é um novo caminho que se descortina na sua embriagadora sonoridade poética. Não houve nada no mundo que lhe tenha sido patético. É a sua técnica jamais falhou porque soube dedilhar as cordas de sua lírica com música e divina perfeição.

Mas, o que se observa na sua poesia é que ela possui algumas lendas, pois, na realidade, são os únicos sopros reveladores de sua personalidade. Nela — isto é, na sua personalidade — vislumbra-se uma inclinação heróica e passional da psicologia feminina que não se classifica como Bonté, “na sensibilidade harmônica dos marmóreos templos olímpicos”.

A poesia de Noailles é uma poesia de fé. Tudo porque nela se envolve um altruísmo surpreendente que se confunde no misticismo trágico das deploráveis lutas humanas. E, dona dessa singularidade extraordinária, essa textura plena de feminilidade,

foge do mundo real para se abrigar num outro mundo, de pura imaginação.

Aliás, no interminável conflito dos sexos, a poesia de Noailles apresenta um traço característico. E se pode dizer mesmo que a sua obra configura aos pobres instrumentos do Criador Supremo. Daí o se poder levar em consideração o suposto medo da morte que ela nos mostra.

Nós classificamos dêsse modo essa voz feminina. Seja assim ou de qualquer outro modo, a verdade é que o seu nome marcou uma época distinta na literatura universal e, particularmente, na de França. Está dito e proclamado mil vezes que o seu nome não morrerá porque ficará para sempre no mundo das letras como sendo um clarão guiando os homens, levando-os para o caminho da bondade e ensinando-lhes a se amarem mutuamente. Noailles desejou tanto isso. Ela pensava que, assim, mais alto se elevaria a glória da Criação Divina.

Três Sonetos de J. Lopes Rodrigues

ETERNA

*Durou tão pouco . . . e foi-se como um sonho
Essa que está na placidez da tela,
Tão perfeita, tão viva, que suponho
Ver mais do que o retrato me revela.*

*Veze sem conta a contemplar me ponho
Esse corpo venusto de donzela,
O rosto angelical, o olhar tristonho. . .
E me quedo a pensar: — como era bela!*

*Trabalho magistral! Quadro sublime!
Com tanta vida a realidade exprime,
Que nunca chego a me fartar de vê-lo.*

*Feliz artista, eu te bendigo, quando
Lhe pintaste o retrato, eternizando
A efêmera existência do modelo.*

TEMPESTADE

*Noite de inverno tenebrosa e fria.
Lá fora, o vento, sibilando, passa,
Como o feroz rugido da Desgraça.
Como um gemido longo de agonia.*

*Tudo cede ao furor da ventania
Que, na louca investida, tudo enlaça
E, na faina incansável da devassa,
Rebrama, turbilhona e rodopia.*

*Relâmpagos, trovões, forte aguaceiro;
E um verdadeiro caos surge do nada,
Como se o mundo desabasse inteiro.*

*É a sinfonia horripante, infernal:
A natureza executando, irada,
Um tremendo concerto universal.*

RESISTÊNCIA

*Bem sei de muita gente que censura
Este amor que de há muito alimentamos.
Não me importa, porém, se alguém murmura:
Só me basta saber que nos amamos.*

*Sempre existe no mundo quem procura
Destruir todo o bem com que sonhamos
E acabar com essa pouca de ventura,
Que tantas vezes, sem encontrar, buscamos.*

*Mas, dissabores suportando, embora,
Iremos juntos pela vida em fora.
Ninguém nos há-de separar! Ninguém!*

*E, contra tudo que nos causa dor,
Que eu saiba apenas que me tens amor;
Que apenas saibas que te quero bem!*

Crédito e Transportes

≡≡≡ Zoroastro Artiaga ≡≡≡

A Rede Mineira de Viação está desempenhando, cabalmente, a sua missão civilizadora e dando escoamento à produção sul-goiana, desde a sua ligação em Goiandira.

Infelizmente a «Goiaz» não quer fazer o mesmo.

A Rede merece que todos trabalhem, para que não lhe faltem mercadorias para o seu tráfego.

A Goiaz e a Mogiana não compreendem o papel importante que deveriam desempenhar nesta hora de formação da nacionalidade, de trabalho, de economia, e de realizações. Atuam em câmara lenta. Ambas a seu tempo incidiram nos mesmos erros de construção:

Outras ferrovias, que penetraram pelo Brasil, obedecendo às contingências políticas, fazendo traçados destinados a proteger municípios de eleitorado vultoso, e adular fazendeiros de café, também erraram.

Tôdas elas fizeram linhas extensas em vácuos demográficos.

Tiveram traçados anti-econômicos fadados a gerar *deficits* eternos.

Fizeram traçados por chãos estéreis, onde não pode o homem radicar-se, nem o animal viver.

Essas companhias provei-

tavam os terrenos de construção barata, os chapadões sem necessidade de obras de arte, e sem grandes demoras na penetração dos trilhos, pelo Brasil a dentro.

Fizeram obras violentas, mas sem a previsão de futuro, em cujas margens não foi possível radicar o homem nem criar núcleos.

Dada a natureza do terreno, estéril e sem água, não seria possível a proliferação da vida em tôdas as suas manifestações e modalidades.

Elas foram, algumas vezes, vítimas dos traçados políticos resultantes da pressão de fazendeiros de prestígio, que desejavam valorizar as suas terras *praticando* a antiga república, em que viam o interesse eleitoral e as outorgas ou franquias recíprocas, e não o governo do povo para o vovo.

E a Mogiana encheu-se de grandes extensões de trilhos, cobrindo zonas inhóspitas, que lembram as estradas Russas e Americanas, transcontinentais.

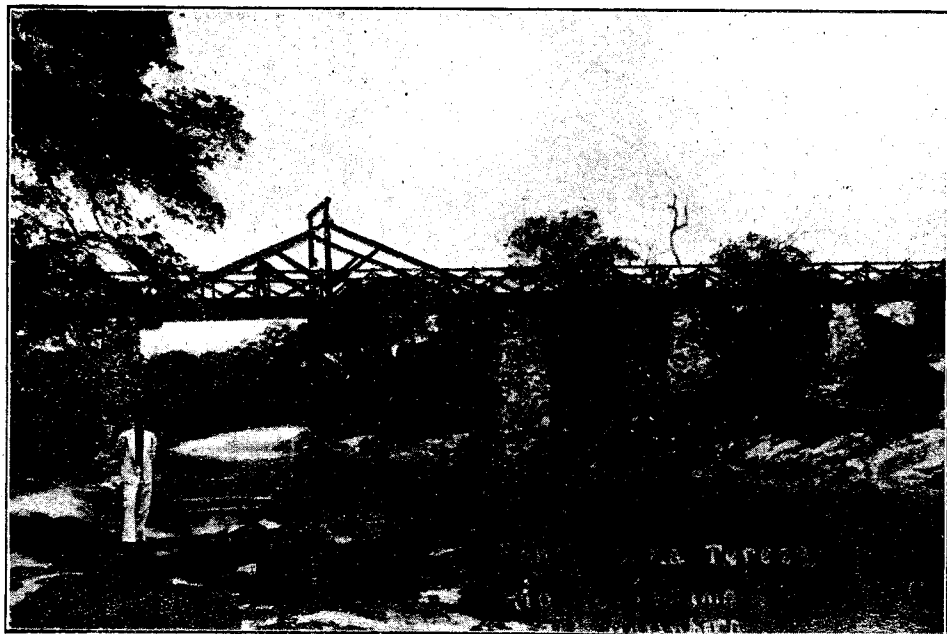
A Mogiana jamais quis penetrar em Goiaz, porque, Estado pobre, e sem pêso eleitoral, e quando a política era feita em tórno de famílias, ela enxergava, apenas, Goiaz como o seu tributário longínquo, para suavizar e amenizar os seus *deficits*, que viriam, e que não vieram por culpa nossa, mas como consequência lógica dos seus erros de construção.

Nós também erramos com Schnoor e com Balduino de Almeida, permitindo a construção de traçado, tipo Mogiana, de linhas monótonas, percorrendo carrascais servindo espigões quando deveria descer o vale rico e fértil do Corumbá.

Essa linha tem sido responsável pelo recuo de inúmeros fazendeiros do litoral, que fazem a sua marcha para Oeste.

Êles sempre vêm embarcados para comprar terras neste Estado e analisam a paisagem.

Vêm seduzidos pela nossa propaganda, que é realmente



Esta revista é confeccionada na Secção Industrial da Imprensa Oficial do Estado de Goiaz, sendo todos os clichês nela estampados de fabricação da «Bremensis», no Estado de São Paulo.

honestas, de que temos terras ubérrimas, pastagens soberbas, revestimento florestal de primeira classe, terras cheias de humus de grande poder produtivo e matas que se vão por 200 léguas de extensão.

Eles olham pelas janelas do trem e só enxergam, desde Uberaba, êsse clássico chapadão do Arqueano, com seu característico revestimento enghado, um mísero tapete de capim de campo, pontilhado de moitas com arbustos isolados, queimado periódicamente, aleijado pela ação do tempo, escaldado pelo sol dos trópicos, ressequido pelos ventos, encimado pelas árvores de hastes tortuosas-como o pau-terra, a lobeira, a supupira, sobressaindo, apenas, aqueles como o pau-santo, que tem cascas de cortiça.

É o que eles, por 14 horas seguidas de carreira ferroviária, só enxergam, êsse espetáculo desolador que oferece o cerrado. Já impressionados pela monotonia do deserto, onde esperavam encontrar a mataria, comprobatória da riqueza vegetal do Brasil, ficaram decepcionados.

Desconfiados por natureza eles tinham querido ver, e fizeram o sacrifício de uma viagem a Goiás para se certificarem da existência de tamanhos recursos.

Anápolis é o limite dessa exuberância mas eles não sabem disto, e não acreditam mais nas informações. Se proseguem a viagem para Corumbá, pela rodovia, têm então que regressar para o litoral, decepcionados, descrentes e revoltados.

Muitos regressaram mesmo de Anápolis, e dão a conhecer a sua indignação, julgando-se enganados, ludibriados.

Por isto, e por outras razões, é que temos de mandar para Minas nosso documentário, nossas estatísticas de produção, nossas provas fotográficas e cinematográficas, a-fim-de fazer estabelecer o intercâmbio, desde logo, para não perdermos tempo, quando já é realidade

a ligação da Rede em Goiandira.

Por isto, também, foi que me alistei ao lado dos que combateram traçados poéticos, e ainda o faço, sem receios de desagradar e sem temer as consequências pelo meu destemor, tão conhecido dos antigos leitores do NOVO HORIZONTE, com os quais me congratulo, nesta hora de júbilo pela nossa vitória.

A Rede é um caminho novo que começa em Goiandira e acaba no Oceano.

Compete, a nós, outros, do interior, a tarefa de trabalharmos ajudando-a, aumentando-lhe o volume de carga para cobrir os grandes gastos que tem com as linhas estereis de zonas deshabitadas.

E como faremos isto?

Qual a espécie de ajuda que devemos adotar para retribuir a boa vontade dos que a trouxeram para nossas terras a-fim-de nos acudir nas angústias da circulação?

É nosso dever forçar o estabelecimento de novas relações de comércio, entre as praças, provocando a vinda de caixeiros viajantes, representantes das fábricas de tecidos, estabelecimentos metalúrgicos, oficinas e outras, no sentido de ativarmos o intercâmbio. Parece que é tarefa das Associações Comerciais.

Estimulemos a vinda de embaixadas culturais, econômicas e de turismo.

É dever das nossas instituições de cultura e de propaganda.

O parque industrial de Minas-Gerais já se acha em condições de bem servir, principalmente no sector dos tecidos, fabricação de máquinas e utensílios de metal. Belo-Horizonte, Juiz-de-Fora, Monlevade, Sabará, Itabirito, Cachoeira, Cachoeira dos Macacos, e outras colmeias, atestam a nossa assertiva.

Devemos mandar-lhes documentário oficial, estatístico, fotográfico, comprobatório das nossas forças e possibilidades, da nossa capacidade aquisitiva.

Soou a hora da hegemonia goiana.

Chegou o momento da aproximação econômica e financeira com Minas e com o litoral de Leste. Grato é dizer que os Bancos mineiros, estabelecidos neste Estado, bastante já fizeram nestes últimos dez anos.

Estes estabelecimentos têm sido os principais incentivadores do progresso do Estado de Goiás, da economia rural, da construção da nova capital; são forte alavanca propulsora do nosso comércio, da nossa indústria, e apóio decidido e seguro da nossa independência contra o especulador e o aproveitador das colheitas, ao tempo das nossas aberturas de dinheiro.

Com os bancos pudemos ativar as construções, nesta grande cidade, sonho condoreiro do ilustre estadista que dirige os nossos destinos.

Esta obra, de impressionante brasilidade, de imensa repercussão no país, é a prova provada da nossa força realizadora e construtiva, mas é também consequência do apóio financeiro dos estabelecimentos de crédito oriundos da terra da liberdade.

Graças a eles o povo teve uma fonte certa, onde nutrir-se, para enfrentar os gastos da construção moderna, e intensa, de prédios residenciais, e o Estado conseguiu, sem os absurdos dos empréstimos com juros por dentro, e tipos baixos, estabelecidos como tradição, ao tempo da «velha guarda» «democrática», a sua conta corrente de movimento.

Foram empréstimos valiosos, práticos, já quasi pagos, que a confiança gerou, e a probidade do devedor solucionou brilhantemente.

Foram eles os amigos da hora incerta quando os destinos de Goiânia estavam sujeitos aos caprichos da política.

Precisamos reconhecer que, apesar dos justos objetivos de renda, ressaltam a tolerância e o espírito de colaboração da nobre classe.

Somos agradecidos.

Para salientar essa polí-



MESMO QUANDO UM NÃO QUER...

O poeta Gacon escreveu contra La Mothe, mas este nada lhe respondeu. Gacon então advertiu-o:

— Vós não destes resposta ao meu "Homero vingado". É que temeis minha réplica, mas não a evitáveis. Eu vos farei uma brochura que terá por título: "Resposta ao silêncio de M. de La Mothe".

Mesmo quando um não quer...

tica de cooperação é preciso estabelecer paralelo com os outros vizinhos.

As nossas relações de comércio com S. Paulo datam do primeiro Império.

O comércio moderno é, como o crédito do judeu, desconfiado e rigoroso.

S. Paulo está, em grande parte, em poder de *trusts* que funcionam cientificamente em organização perfeita.

Nas trocas da produção há falta de confiança ou ausência de tolerância para com as nossas praças, sujeitas aos negócios de gado e da lavoura, de demora certa, e incertas condições de êxito.

Temos sofrido crises periódicas e, conseqüentemente, forte pressão financeira pela execução dos títulos de crédito.

Muitas vezes, casas sólidas e tradicionais do alto comércio têm sido levadas ao abalo, devido a violências de firmas que não reconhecem o acervo moral e o patrimônio material do devedor.

Essa pressão tem dificultado o progresso nesta zona, toda ela sujeita aos azares da lavoura e crises da pecuária, únicas fontes econômicas, base principal de apoio da vida comercial do sertão. Com os bancos houve um grande alívio.

A lavoura, com produtos

perecíveis e sujeitos à praga, é, ainda, flagelada com a falta de transporte nas estradas de ferro que matam o otimismo.

A Mogiana, por sua vez, só fornece vagões quando tem sobras da produção paulista ou do retôrno de suas cargas. A Goiaz trafega em câmara lenta.

Ninguém imagina, no litoral, o martírio do industrial que se mete a produzir, na dependência destas estradas.

Hoje, por exemplo, já ninguém pensa mais em embarques de gado.

Tornou-se impraticável o despacho das boiadas.

Já estamos sofrendo esta desorganização atual da vida econômica, devido à estagnação dos estoques sem transportes ferroviários.

A E. F. Goiaz recebeu em 1941 Cr\$ 9.198.800,00 para os seus serviços e, apesar de um grande esforço das Administrações centralizadoras do Rio, não atendeu, de modo algum, às necessidades da produção.

Enquanto no Rio-de-Janeiro estão tabelando por preços elevadíssimos gêneros de primeira necessidade, nós outros estamos contemplando o apodrecimento da safra de 1942.

A E. F. Goiaz recebeu em 1941 copioso material rodante que excedeu de uma

centena de carros inclusive locomotivas e uma litorina completa que ainda não quis montar.

Que nos resta, pois, de ilusão por esse lado?

No intercâmbio usual drenamos para S. Paulo todo dinheiro da circulação local, e do interior, dada a disparidade da aquisição com a pouca exportação de nossas mercâncias.

É um desequilíbrio louco entre a importação e a exportação, resultando que os mesmos Bancos passam para a finança paulista um mundo de cheques diários, saldo da balança comercial de Goiaz. O dinheiro todo emigra para suas praças. O meio circulante é pouco para os pagamentos de duplicatas.

Mas o dinheiro de S. Paulo não sei de suas fronteiras por empréstimos como suas estradas de ferro não saltam linhas limítrofes.

Não é portanto razoável que nos detenhamos indiferentes ao advento da Rede Mineira de Viação, que era considerada, até há pouco, como estrada desorganizada, deficitária, e perigosa.

Ela passou por transformações e tem agora organização racional.

Normalizou a sua vida e está constituída pela Oeste de Minas, pela E. F. Paracatu

encampada pelo Governo Federal em 1931 e anexada à Rede Mineira de Viação; pela Rede Sul-Mineira, que, por sua vez, era constituída pelas estradas Minas e Rio, Sapucaí, Trespontana, Machadense e S. Gonçalo.

Atualmente, está sob uma única administração, constitue uma só empresa unificada, construídas as estradas pelo Estado mas administradas sob o contrôlo do Departamento de E. de Ferro.

A RMV conta, agora, com 286 estações espalhadas pelos Estados de Minas, S. Paulo, Rio, e vai inaugurar as primeiras em Goiás.

Além das suas linhas comuns possui a RMV 181 quilômetros de eletrificação e serve a 87 municípios mineiros.

Sua organização atual é toda industrial.

Seus *deficits* desaparecerão logo que tenhamos conseguido canalizar para ela o peso da nossa produção de 1943, uma vez realizados os projetos que estão em estudos dependentes de aprovação.

É preciso dizer que não aumentamos ainda essa capacidade de produção das nossas terras e do nosso povo, porque, não existindo transporte, em tempo, acarretaria a desvalorização, não só pelas consequências de vendas a termo, como, também, pelo pânico de preços baixos que o açambarcador sabe combinar diante dos grandes estoques armazenados.

Isto, será, entretanto, possível, logo que tenhamos outra saída segura, por vias permanentes, provado como está que o transporte rodoviário é, ainda, problemático e sujeito a fracassos e imprevistos.

Nossas terras, pela sua natureza, podem realizar estupendas maravilhas, dando mil por um, e quasi toda ela é agricultável.

Estamos, sem embargos, no dever de apresentar-lhes as provas de tudo quanto está dentro das nossas possibili-

Indiciando a Filosofia do Futuro

Oswaldo Rosa

Os caracteres que se forjaram, não "sob a bandeira da morte", mas no bom combate, isto é, no trabalho pelo amor do trabalho, jamais subscreverão a alforria moral de um Fontenelle, Fouché, ou Machiavel, tão tristemente célebres.

É que o triunfal acolhimento do embuste e da hipocrisia envolve a humanidade contemporânea, como jamais o fez, nas malhas catastróficas de um destino tirânico e cruel, estigmatizando a própria face do Planeta. Se houvesse mais boavontade e sinceridade entre os homens, outras seriam as normas da chamada "Sociedade Civilizada", outra seria a feição da Ciência. E se, por um lado, a cabeça se avizinhasse menos dos astros, o coração se aproximaria mais de Deus. De que têm valido, perante os dias que vivemos, o homem moral criado por Sócrates, o homem em espírito divinizado por Platão, ou essa Sociedade que, para ser sã, escolmada do vício, da degradação e do despotismo, deveria ser alicerçada na ética do escolástico S. Tomaz de Aquino? — Nada, absolutamente nada — Mal se liam Epicuro e os cépticos, e confundindo alhos com bugalhos, já se manifestava a besta-humana. Longe de cooperarem mutuamente para a Estética da Vida, para uma vida melhor, são os nimbos horizontes da Idade-Média que se reproduziram, em perspecti-

dades econômicas, a fim de estreitar, num amplo abraço fraternal, as duas terras que se completam, que se compreendem, que se estimam. Entre elas reina uma afetividade espontânea, sincera e leal, e uma perfeita afinidade espiritual, moral e econômica. Entre os dois povos existe a perfeita uniformidade de métodos de comércio.

Sem prejuízo das relações antigas, do entrelaçamento tradicional com as velhas freguesias, dá camaradagem com a terra bandeirante, podemos também dar a César o que é de César.

Sejamos clarividentes, gratos e profundamente brasileiros porque as nossas fronteiras econômicas já não são as nossas fronteiras geográficas.

vas assoberbadas; a noite dos tempos, que, fazendo-se rediviva, recrudescer. Em verdade, parece que chegámos a um climax de "plateau", em que só se conhecem o desassossego e a lágrima. — Que importa que um dia diga Zenon que *O direito é a razão universal e nesta funda-se a justiça*, quando quem pontifica é Nietzsche, são as usinas de Krupp, quando o direito da força se sobrepõe à força do direito, quando os conceitos do barão de Marshal subestimam com odiosa palreação a dialética esclarecida da Águia de Haia?

Que importa que Tomaz Morus tenha sido decapitado, em 1535, por não querer reconhecer a potência espiritual do rei, se hoje, rendendo-se culto à escravatura branca, o homem adora o homem?

Que importa, ainda, que profira La Boétie, partidário ardente e convicto da Liberdade, que — "se há tiranos é porque os povos o consentem", e que Bruto trombeteie ruidosamente "Sic semper tyrannis!", quando a multidão se move pela mesma espinha dorsal, curvando a cerviz aos deuses de barro, aos Hitleres mediocrizados e sanguinários?

— Quais outros tantos, carneiros de Panurgio, a mor parte dos povos constitui, não padecer dúvida, o que se pode denominar de vil rebanho. Por que carregarem, como Zaratustra, um cadáver às costas? Por que fomentarem e deixarem medrar essa filosofia deletéria, atentatória ao bem-estar e à comunidade humana? — Átila e Mefistófeles poderiam ser facilmente jarretados e vencidos pela espada do Espírito, se houvesse, entre nós, o obstinado propósito do Bem. A Humanidade podia ser menos maldosa e vulpina, ser mais amiga de si mesma, se, despindo a couraça de Moloch, vestisse de esperança e humildade o coração, abdicando desses idiotíssimos arreganhos no terreno em que pisa, e erguendo os olhos mais confiantemente para o Céu. Então, ver-se-ia operar o fenómeno. No princípio dualístico, Ariel derrotaria Caliban. As outras ciências não estariam, como agora, submissas aos imperativos e aos tentáculos da Política, a serviço quase que só da destruição. O amor e a fraternidade seriam o timão das consciências messianizadas. A Sociedade, o Estado, um sustentáculo da Paz, do Direito e da Justiça. A verdadeira filosofia seria então a ciência da perfeição dos conhecimentos humanos. A Evolução se processaria sem peias, sem restrições outras, e sem

Em que se fala de Frei Reginaldo

Tournier e seu livro

B. Elis

“A Manhã”, outro dia, trouxe um artigo de Jorge de Lima, que começa dêsse jeito: “Nas longínquas e solitárias paragens do nosso *hinterland*, o missionário deliberou, para glória de Cristo e da humanidade, viver ao lado do índio”. Daí passa a falar sobre a Missão Salesiana entre os Bororós, em Mato-Grosso.

Na verdade, é um trabalho edificante êsse dos padres missionários, metendo a cara pelo sertão a dentro e levando um bocado de cultura aos índios. Só mesmo um ideal superior justifica tal desprendimento, tal renúncia. Frei Reginaldo Tournier é um dos campeões dessa renúncia ferroz, dessa espécie de autocastigo (na concepção de alguns). O Frade Dominicano desabalou da França e foi esbarrar nos cafundós do Bra-

sangue, num sentido irrepreensivelmente vertical. Os desherdados da sorte não inquiririam — “Ubi est, felicitas?”, pois felicidade haveria, sim, porque o homem, passando a estimar com mais afeição seu semelhante, evidenciaria conceitos de Confúcio e de Cristo, sem o ódio, sem as preocupações de dementada ambição e do impossível; estaria tributando homenagem aos justos, consagrando oblatas à Natureza, à Criação, em comunhão, portanto, com Deus, de quem mais se achegaria. E a estética da Vida completaria a escalada para a Glória... para a Imortalidade.

— Oxalá possamos, terminada esta Guerra sem precedentes na História, escrever a Filosofia do Futuro, — pura, sublime, ideal, sem as incongruências e antagonismos que tanto têm desvirtuado o método científico, nessa ou naquela corrente, nessa ou naquela doutrina. Que as palavras AMOR, FRATERNIDADE, TRABALHO E JUSTIÇA — passem a ser o único manancial, o único Evangelho redentor desta pobre humanidade, tão desvairada em si mesma, pela vaidade, pela fatuidade, pela mesquinha...

sil, nos sertões do Araguaia—Tocantins, onde viveu, e viverá, intensa e proveitosa mente.

O serviço que à nação vêm prestando os religiosos Dominicanos é digno de admiração não só pelo seu lado humano, mas principalmente pelo seu lado cultural. Dos conventos de Goiás, Formosa, Conceição-do-Araguaia e Pôrto-Nacional (existentes ao tempo da narração) os seguidores de S. Domingos iluminam, desde 1881, a imensa área do Brasil Centro-Oeste.

Frei Reginaldo Tournier tem feito um trabalhão em Goiás. Do seu mapa, contribuição soberba para a nossa pobre cartografia, constam diversos acidentes até então não assinalados pelos geógrafos. Agora, aparece o seu livro — “LÁ LONGE... NO ARAGUAIA”. É um livro pequeno por fora, em que se contêm publicações feitas em revistas da congregação, pois os frades fazem intensa propaganda de nosso país, por meio de conferências, artigos, etc..

A obra descreve o itinerário que os bispos de Pôrto-Nacional e de Conceição-do-Araguaia, mais o autor — Frei Reginaldo — fizeram de Uberaba até aquelas duas cidades-sedes, no ano da graça de 1925.

Naquela era o automóvel estava principiando a engatinhar pelo sertão. O que falava verdade mesmo eram os burros velhos de guerra.

Tempo heróico!

Olhe aqui o itinerário:

Partindo de Uberaba a 25 de novembro de 1925, pela Mogiana, os religiosos vieram a Araguari. Aí tomaram a Estrada de Ferro Goiás e — café-

com-pão-café-com-pão-café-com-pão — desembarcaram em Tavares, ponto terminal da linha. Nessa efêmera localidade entraram para dentro de uma velha DODGE do serviço postal e, aos solavancos, aos espirros, em pleno novembro enlameado, — TRRRURRRRRURRRRU — passaram por Bela-Vista, vindo pousar a Campinas — a prometida, que não era mais que o convento dos Redentoristas. De Campinas, varando o matogrosso goiano, foram appear na porta do convento, no largo do Rosário, em Goiás. Na velha capital, depois de festas, foguetórios, visitas, etc., aprontaram os animais, arrumaram as bruacas, contrataram camaradas e — pacapá-pacapá-pacapá — surgiram em Leopoldina. Alugaram um batelão e chap-chap-chap, lá se foram rio abaixo, nos remos.

Passa Cocalinho, passa S. José-do-Araguaia, passa aldeia de tapuio. Não passam praias porque o rio está que não cabe na caixa, de tão cheio, e vão abicar na ilha do Bananal. Metem-se pelo seu braço direito, que, como explica o autor, não é visitado por exploradores desde que por ali passou Francis Castenau, no século passado. É êsse mesmo viajante francês que adverte constituir cometimento temerário arriscar-se pelo canal: existem índios bravios. Eram os canoeiros ou carijós, que infestavam o sertão de Amaro-Leite, que andavam por essas alturas.

Os Frades não encontram tribus ferozes, mas em compensação há um naufrágio. A barca afundou-se às 10 horas da noite de 10 de janeiro.

O rio era um imenso tacho de sabão-da-terra e o céu um pedaço de picumã. Os Frades tiveram que nadar, salvar a bagagem. A valia deles é que uma barca, de uma mulher, que descia de Registro para Santa-Maria, em companhia do filho, estava perto. Os bispos agarraram-se à borda da dita. Foi uma dura refrega em que se provou a resistência dos missionários, pois D. Carrerot já ia beirando seus setenta anos e D. Domingos não era também lá muito moço. O resto da noite passaram na borda do mato, sem fogo, sem teto, encharcados, com a carga quasi tôda perdida, sem recurso para fazer sequer um café. Para completar, sobrevém uma tempestade braba, apparece um jacaré, há tiros contra o bicho. O certo é que os Dominicanos passaram a noite inteirinha de pé, rezando.

Dêse ponto em diante, não poderão mais celebrar o santo sacrificio da missa e terão de caçar e pescar para seu sustento. De uma feita, matam 2 veados, pescam uma baita pirarara e matam dois queixadas. Já é uma boa provisão. É preciso, porém, que os Frades provem as agruras que o nativo amarga. A providência quer mostrar-lhes como é penosa a vida de sertão. Por isso o naufrágio lhes havia roubado anteriormente todo o sal e a carne fresca, ante ausência de tempero, pega a zangar-se, decompôr-se. Têm que atirá-la aos peixes.

A pesca nem sempre é certa e a fome ronda a caravana.

Após finalmente 49 dias de viagem, desde a partida de Uberaba, chegam os viajantes à foz do Riozinho, onde a caravana se divide: D. Sebastião continua descendo o Araguaia, demandando Conceição, e D. Domingos mais frei Reginaldo quebram o bra-

ço direito, para o nascente, em busca de Pôrto-Nacional.

Os últimos toram a cavallo, por trilhas incertas, visitando bibocas e malocas indígenas, no meio de planícies alagadas, a mesopotâmia. Nessa jornada se veem até na contingência de usarem da alfabeta pelota, feita de couro de boi, para travessia de certos rios.

Ainda hoje são poucos os *nêgos machos* capazes de tamanho arrôjo. Imagine-se agora tal viagem em 1925, em pleno inverno. Goiaz era uma coisa maluca—sem rádio, sem correio sistemático, sem aviação militar. Goiaz não tinha nada disso. Nem esse espírito benfazejo que assiste a todo o Estado—Dr. Pedro Ludovico!

Só pelo fato de falar sobre o Brasil Central e ser obra de viagem, o livro é uma contribuição custosíssima para o conhecimento do meio inacessível, visto e examinado por uma inteligência culta.

Uma coisa admirável é como os Frades sabem compreender a situação e o povo. Tem hora que tudo conspira contra os bandeirantes da fé. Eles, porém, não vacilam, não clamam, não se exasperam. Quando se veem comidos por muriçocas e piuns, não fazem, estupidamente, nenhum paralelo com a França, dentro de cujas comodidades milenariamente civilizadas se criaram. Têm a grande vantagem de compreender que França é França e que Beira de Araguaia é Beira de Araguaia. Porque nada é tão irritante a nós, que lutamos contra o sertão, do que ouvir alguns dêsses “pés-rapados” do litoral meterem o pau em tudo que é de Goiaz. Refiro-me a êsses “trem-à-toa” que chegam aquí, fecham-se dentro da maior hostilidade e dentro do mais azêdo descontentamento, e se transformam

numas feras, nada contribuindo, com esforço e boa-vontade, para o nosso progresso. Basta que uma carta de bobagens, dando notícias de que seus preciosos intestinos funcionam bem, se atrase de alguns minutos (como escrevem, os escomungados!) para descompor o correio:—Porquê em São-Paulo . . . Porquê no Rio . . .

—Ora bolas!

O Frade não fala mal. Trabalha e procura corrigir os males. É pensando nisso que a gente chega quasi a amar frei Reginaldo.

E o livro não é somente viagem, atribulação, percalço. Sagaz e inteligente, o Frade observa tudo; o caso de Antônio Perna de Pau, com 70 anos casando com uma preta de vinte e poucos; José Cachimbo, o chofer—rompe distâncias perdendo passageiros no tijuco; muitas outras coisas que fixam nitidamente o ambiente de luta.

Depois, os Frades vivem do mesmo modo que o nosso sertanejo: dormem em couro de boi, comem feijão tutú, comem carne isossa. Chegam até a preferir nomes feios, quando o cozinheiro, nessa displicência angélica do homem do mato, desperdiça, antieconômicamente os últimos paus de fósforos da última caixinha, longe milhares de léguas do derradeiro morador, que poderia fornecer êsse precioso elemento.

Como é bom aquele trecho em que S. Reverendíssima D. Domingos, bispo de Conceição, todo amarrotado, rasgado, mordido de mosquito, com fome, grita para o cozinheiro perdulário e imprevidente que passou a noite riscando fósforos: “DESGRAÇADO”.

Nesse oco de sertão Nosso Senhor faz de conta que não ouve essas coisinhas. Acha até graça.

Lute

O ALFAIATE QUE DÁ PERSONALIDADE. -- Dispõe do mais belo e variado sortimento de casemiras, linhos, tropicais e tussos de sêda. — Confecção esmerada. — Avenida Anhanguera — Goiânia

Legião Brasileira de Assistência, em Goiaz

Se há uma instituição que mereça, realmente, o título de grande, é ela, sem dúvida, a Legião Brasileira de Assistência, que representa a resposta da mulher brasileira ao apêlo da Pátria, neste instante grave da vida nacional.

A Legião é, nessa guerra, a mobilização espiritual, moral, sentimental e cívica da mulher. É a ordenação política dos sentimentos cristãos e patrióticos da mulher brasileira, no sentido de nossa defesa. É a terceira frente da batalha que se trava no mundo contra os bárbaros modernos. É um modo de ser guerreiro da mulher brasileira:— pessoal, típico, qualificativo, porém não menos heróico, nem menos eficiente do que o modo guerreiro de ser dos homens.

Fundada pelo espírito humanitário e patriótico da exma. sra. da. Darcy Vargas, que ombreia com seu admirável espôso na obra grandiosa de assistência social, no Brasil, a Legião, em Goiaz, é dirigida pela exma. sra. da. Gercina Borges Teixeira, que ombreia com seu ilustre consorte, o Interventor Pedro Ludovico Teixeira, no trabalho de amparo aos pequeninos de nossa terra.

Dona Gercina, que, desde a histórica cidade de Rio-Verde, de gloriosas tradições cívicas, fez de sua vida um apostolado do Bem, continuou, primeira dama do Estado, e com a mesma dedicação e patriotismo, a sua nobilitante tarefa. Católica sincera, ela procura realizar, na sociedade, em entidades efetivas, os princípios sublimes da religião de Cristo. Em seu coração cabem os sofrimentos todos de todos os corações, e seu espírito claro e forte se orienta, decidido, para a idéia de um mundo onde ninguém chore, onde ninguém sofra, onde as manhãs sejam claras e o ar puro, onde brilhem sorrisos e alegrias, onde todos sejam felizes.

Sob a orientação de uma figura assim, de tão alto porte, a Legião Brasileira de Assistência, em Goiaz, haveria, forçosamente, de ser o que é: — uma instituição admirável, ativa, fecunda, onde as mães, as espôsas, as filhas, as noivas e as irmãs dos que se foram para os campos de batalha encontram um lenitivo para suas aflições, um consolo para seus desesperos, uma satisfação às suas necessidades.

Em Goiaz, a Legião é, pois, uma realidade. Uma esplêndida realidade. Para comprová-lo, vamos, ago-

ra, fornecer alguns dados relativos à sua organização, suas finalidades, e sobre o que fez, está fazendo e poderá fazer em nosso Estado.

FINALIDADES DA LEGIÃO

A Legião Brasileira de Assistência, sociedade civil de intuitos não econômicos e duração ilimitada, tem



por finalidade congregar todos os brasileiros de boa vontade, no sentido de promover, por todos os meios e sob tôdas as formas, serviços de assistência social, prestados diretamente ou em colaboração com o Poder Público e instituições privadas, tendo em vista, principalmente, o seguinte: proteger a maternidade e a infância; amparar os velhos e desvalidos; prestar assistência médica às pessoas necessitadas; favorecer o reajustamento das pessoas moral ou economicamente desajustadas; contribuir para a melhoria da saúde do povo brasileiro, cuidando do problema alimentar e da habitação; incentivar, de todos os modos, a educação popular, inclusivê criando escolas, bibliotecas, etc.; procurar levantar o nível de vida dos trabalhadores; auxiliar, na medida do possível, as instituições cujos objetivos sejam afins com os seus; realizar inquéritos, pesquisas e estudos sobre assuntos de interesse social; organizar cursos e promover tôda sorte de propaganda e divulgação em favor do serviço social no Brasil.

Na atual emergência do estado de guerra, em que se encontra o país, a Legião Brasileira desenvolverá a

sua atuação mais incidentemente no sentido de: prestar ao governo integral apêlo e decidido concurso, apelando para a consciência cívica do povo brasileiro, a-fim-de arregimentar e aproveitar as atividades das pessoas não mobilizadas, habilitando-as a se tornarem úteis à Pátria; prover, sob a forma de serviço social básico, às necessidades das famílias cujos chefes hajam sido convocados; organizar serviços e promover tôda sorte de atividades que se fizerem mister ao bom cumprimento do programa legionário de assistência.

ASSISTÊNCIA AOS SOLDADOS GOIANOS CONVOCADOS

Neste sector a Comissão Estadual da L. B. A. desenvolveu as seguintes atividades: A) Remeteu aos soldados goianos, em São-Paulo, a quantia de oito mil cruzeiros, por intermédio do Pe. José Leopoldo Quintiliano da Silva, importância esta destinada a atender às necessidades de cada um. Esse numerário foi empregado na aquisição de cigarros e outros objetos de uso pessoal, de que os soldados estavam necessitados; B) Conseguiu, junto às autoridades eclesiásticas, a designação do Pe. José Leopoldo Quintiliano da Silva, ex-vigário de Bonfim, figura conhecida pelo seu caráter limpo e decidido, para capelão das forças goianas, em São-Paulo; C) Tendo em vista que o reservista, quando convocado, recebe na 7ª C. R. uma quantia insignificante, que não atende às despesas de alimentação e hospedagem durante o trajeto Goiânia-S.-Paulo, oficiou a Comissão Estadual ao Chefe da citada C. R., pedindo-lhe mandar os mobilizados necessitados à mesma C. E., a-fim-de receberem o auxílio de que carecerem; D) Oficiou, ainda, a C. E. ao exmo. sr. Ministro da Guerra, tendo em vista o caso citado na letra anterior, solicitando-lhe uma providência no sentido de aumentar a etapa do soldado convocado, demonstrando, matematicamente, que a quantia que o mesmo aqui recebe não dá nem para um têrço da viagem daqui a S.-Paulo; E) Representou, igualmente, ao exmo. sr. Ministro da Fazenda, encarecendo-lhe u'a medida assegurando moratória para o reservista convocado, em vista de estarem sendo protestados títulos vencidos e não liquidados do convocado, baseando-se, ainda, no

fato de suas famílias se debaterem, comumente, em grandes dificuldades, por motivos de dívidas deixadas pelo seu chefe, mobilizado.

COOPERAÇÃO COM O GOVERNO

No intuito de preparar a mulher para a prática do primeiro socorro, na eventualidade de seus préstimos se tornarem necessários, tomou a L. B. as seguintes providências: 1) Fundou, em Goiânia, o Curso de Samaritanas Socorristas, tendo o primeiro curso formado 35 alunas. A festa de formatura foi realizada, solenemente, no Palácio das Esmeraldas, contando com a presença do exmo. sr. Interventor Federal, sendo paraninfo da turma o ilustre oficial do Exército Nacional major Euclides Seabra, chefe da C.R.; 2) Por inspiração do Centro local, e obedecendo à orientação da Comissão Estadual, inaugurou-se na cidade de Goiaz curso idêntico, cuja primeira turma, integrada de 15 alunas, também já concluiu o curso, sendo paraninfo da mesma o dr. Joaquim Taveira; 3) Também o mesmo curso se acha em pleno funcionamento nas cidades de Morrinhos, Anápolis e Rio-Verde, contando, os mesmos com mais de cincoenta alunas; 4) Com o intuito, ainda, de preparar a mulher para substituir os servidores postal-telegráficos convocados, foi fundado, em Goiânia, Anápolis, Morrinhos, Itaberaí e Goiaz o curso de comunicações. Só nesta Capital acham-se matriculadas 162 candidatas. As aulas são ministradas pelo prof. Felicíssimo do Espírito Santo, sendo o trabalho orientado pelo dr. Cid Müller, Diretor Regional dos Correios, que tem sido incansável nesse mister. Já estão trabalhando naquele departamento 11 alunas, em substituição a funcionários convocados; 5) ainda com o objetivo de cooperar com as forças armadas, promoveu a Legião, no Estado, a campanha do alumínio e do estanho, coroada de pleno êxito, aqui e no interior, sendo envia-

das dezenas de quilos dos preciosos metais à Diretoria do Material Bélico do Exército; 6) Ainda no sector de cooperação com as classes armadas, a Comissão Estadual tomou a providência de fazer voltar ao selo da tropa o soldado Benedito Raimundo de Lima, que desertara. O mesmo fez com relação ao soldado Aureliano Lemes. Em ambos os casos a Legião custeou as despesas de viagem e alimentação desses soldados.

ASSISTÊNCIA AS FAMÍLIAS DOS CONVOCADOS

Este sector é o que tem exigido maior atividade da L.B.A.. A Comissão Estadual entrou em entendimentos com o Chefe da 7ª C.R. para lhe fornecer a relação de todos os goianos incorporados. Pouco a pouco estão sendo fichadas, nesta capital e nos municípios, as respectivas famílias.

Inúmeras proles, quer nesta capital, quer no interior, estão vivendo unicamente do auxílio da Legião. Este auxílio é feito por intermédio das comissões visitadoras, compostas de senhoritas e senhoras caridosas, que constantemente visitam as famílias necessitadas. O auxílio é dado em forma de medicamentos, gêneros alimentícios e roupas, nunca, porém, em dinheiro.

A L.B.A. tem mandado inúmeros officios a empregadores, exigindo o pagamento de vencimentos de soldados convocados e seus empregados. Muitas cartas e telegramas têm sido enviados pelas famílias aos soldados, ora em S.-Paulo, por intermédio da L.B.A.. A maioria dessa correspondência é redigida pelas damas das comissões visitadoras, visto existirem famílias compostas de gente só analfabeta.

Concluindo, segue uma lista das famílias que estão sendo assistidas pela L.B.A.. Inúmeras outras estão em vista de receber o mesmo amparo, faltando, para tanto, que seja concluída a inscrição nas fichas.

FAMÍLIAS ASSISTIDAS

PELA L.B.A.

Auxílio mensal: Em Goiânia: Evangelino José Bueno—Cr\$ 182,00; José Alves Ribeiro—Cr\$ 192,00; Malaquias P. de Sousa—Cr\$ 59,00. Em Anicuns: Laureano L. de Oliveira—Cr\$ 150,00; Eterno A. Pereira—Cr\$ 100,00. Em Bonfim: Geraldo Majela Nascimento—Cr\$ 200,00; Abelardo Dias da Silva—Cr\$ 150,00; Geraldo Majela Campos—Cr\$ 150,00. Em Caldas-Novas: Remessa total de Cr\$ 600,00. Em Santa-Rita-do-Paranaíba: Aresínio Cândido Vieira—Cr\$ 180,00. Em Pontalina: Aleido Mendes e Cristiano A. Machado—Cr\$ 350,00. Em Planaltina: Laerte Carlos de Alarcão—Cr\$ 150,00. Em Palmeiras: Antônio M. de Oliveira—Cr\$ 150,00; Neftali Rodrigues de Aibreu—Cr\$ 150,00; João Braz da Rocha—Cr\$ 200,00. Em Pires-do-Rio: Otacilio Ferreira da Costa—Cr\$ 200,00. Em Morrinhos: Remessa total: Cr\$ 600,00 a Júlio de Castro Monteiro, Antônio Duarte de Sousa, Avelar Lopes de Moraes. Em Caldas-Novas os socorridos foram os seguintes: José de Sousa Machado, João Godói, Manoel Ivo Pereira e Otacilio de Sousa.

CENTROS MUNICIPAIS

E' de se frisar, ainda, que foram fundados e se acham em pleno funcionamento, em todos os municípios do Estado, Centros Municipais da L. B. A., a esta diretamente subordinados, e todos compostos das figuras femininas mais expressivas nas sociedades locais.

Pelo exposto se vê que não há exagero em se qualificar de verdadeiramente grandiosa a instituição da L.B.A., cujo programa é tão amplo e tão belo, e cuja atuação tem sido tão útil à nossa gente. A L. B. A. merece, por isso, o apóio e o auxílio moral, intelectual e material de todos os bons brasileiros. A' exma. sra. da. Gercina Borges Teixeira e às suas dignas companheiras da L. B. A., os nossos aplausos sinceros.

INDICADOR PROFISSIONAL

Dr. Romeu Pires de Campos Barros

Advogado — Rua 12, nº 6 — Telefone 1157 — Goiânia.

Dr. Acary de Passos Oliveira

Advogado — Rua 4 — Tel. 1096 — Goiânia

Dr. Aderaldo Lyra

Advogado — Grande Hotel — Apart. nº 32 — Goiânia.

Oswaldo Gomes de Almeida

Dentista — Rua 8, esquina da rua 2 — Goiânia.

Dr. Paulo Augusto de Figueiredo

Advogado — Rua 68 — terceira casa depois da Igreja Presbiteriana — Tel. 1399 — Caixa Postal 74—Goiânia

Dr. Maximiano da Mata Teixeira

Advogado — Rua 24, nº 13 — Tel. 1181 — Goiânia.

Dr. Euclides Felix de Souza

Advogado — Rua 20 — Tel. 1198 — Goiânia.

Dr. João Augusto de Melo Rosa

Advogado — Rua 55 — Tel. 1354 — Goiânia

Dr. O. Manso Pereira

Oculista — Ex-interno do Instituto Burnier, de Campinas — Oftalmologista do Centro de Saúde
Tratamentos — Operações — Receita de óculos.
Rua 2 (Baixos da Higiene) — Goiânia.

«BATE-PAPO»

CARLOS DE FARIA

O Celestino sempre foi um camarada galhofeiro.

Gênio folgazão, como o de todo amante da natureza, é gema de primeira água entre os apreciadores da caça e da pesca, além de amigo de partidas interessantes, que é mestre em pregar com engenho admirável.

Integrava, de uma feita, uma caravana que se destinava às praias do rio Vermelho, para deliciosa temporada. Partilhava também dela Pedro Gomes — êsse mesmo Pedro Gomes pescador e caçador inveterado, humorista de gosto, contista renomado e conversador de fama, narrador de peças alheias, das quais é vítima, às vezes, raramente sem retribuição.

Iam mais diversos companheiros, — encarapitados num “fordezinho” vinte-e-nove, que costume apelidar de “Bandeirante”, por sua notável capacidade de penetração em regiões rebarbativas.

Enquanto o carrinho ia costurando os indecifráveis caminhos, qual um camondongo de metal que fugisse à própria cauda, ou à ausência dela, a palestra se desenrolava jovial entre os passageiros, alegres na prelibação dos incomparáveis momentos que os aguardavam nas praias longas e alvacentas do lindo caudal, abundante de peixes e de belezas.

A propósito da carabina atravessada no regaço de Celestino, a conversa se enveredou por fatos relacionados com perícia de tiro ao alvo.

— “O melhor atirador de que tenho notícia” — opinou o Celestino — “é o Neco da Luz, lá do Santo Amaro. E’ um baita! Apaga, pelo menos apagava, um pau de fósforo a duzentos metros”.

Intercalaram-se exclamações de assombro. O contador retomou o fio da meada, em sua linguagem pinturesca:

— “Uma ocasião, o terreiro de Nhô Neco estava sendo visitado por um gavião-de-penacho, que vinha agarrando, caprichosamente, os mais briosos frangos do regimento. O homem virou bicho porque, além do mais, o pessoal debicava o campeão de tiro que não podia criar galinhas, por causa dum gavião. Até que, afinal, o carniceiro, já cevado, um dia pousou orgulhoso num galho depenado do angico do pastinho, esperando oportunidade para defender o almôço.

O Neco ficou radiante. Apanhou o “Espalha-patrolha”, seu famoso rifle de papo amarelo, e, ocultando-se cautelosamente por trás da cerca do curral, dormiu no ponto.

Apinhado nas portas e janelas, o povo de casa — e mais visitas e

curiosos — aguardava a queda sensacional do gatuno.

A arma tropejou. E o gavião, virando o pescoço, indagativamente, pareceu averiguar a causa do zunido que lhe passou pelas costas.

Nhô Neco empertigou-se e empalideceu.

Ouviu-se o estalido do guardamato da carabina, e novo estampido atroou os ares. O gavião, intrigado, torceu o pescoço para o outro lado. Terceiro estrondo . . . é a ave Augusta nem sequer forceu o pescoço. Permaneceu, solenemente, no pôsto.

Ah! Mas que decepção! Nhô Neco — coitado! — combalido, abobalhado, ficou inerte, olhando a árvore. Tôda a gente respeitou o profundo abatimento moral do velho, cuja maior glória se esborrachava.

Entrementes, D. Marica, sua mulher, saiu da janela e, passinhos ligeiros, atitude decidida, caminhou para ele. Pensei que fosse esbordear o marido. Mas, não: tomou-lhe a arma das mãos, substituiu a cápsula, e apontou-a resoluta para o carrasco de seu quintal.

Deante do gesto imprevisível da despachada mulherzinha, ficámos em expectativa, olhar pregado na majestosa rapinante.

D. Marica raspou o dedo no gatilho”.

Nesta altura, quem se quedou em expectativa foi o pessoal do fordezinho, visto que o Celestino, interrompendo-se, esquadrinhava os bolsos, a procura do isqueiro com que pretendia acender o cigarro, depenurado dos lábios.

Pedro Gomes não resistiu: — “E o gavião tombou?”

Ao que retruca o Celestino: — “Não seja idiota! Pois se errou o Neco, que é mestre de tiro, — como é que podia acertar a Marica, que nenhuma prática tem dessas coisas?!”

Foi extraordinário o efeito de tão inesperado desfêcho.

Gargalhou-se durar e mais de légua. E a afamada presença de espírito de Pedro Gomes não se fêz valer. Ficou desarmado ante os tiros da troça, que o perseguiram por muito tempo.

Finalmente, outras idéias foram ocupando a atenção dos viajantes, e a pilhéria ficou esquecida.

Tempos depois, o “Bandeirante” venceu uma rampa escabrosa, e descortinou-se a suntuosa serra do Bugre.

Os cômoros bem contornados, as gargantas alcantiladas, as rochas nuas, as florestas do flanco, a conti-

nuidade da cadeia, — tudo formava um conjunto de pomposa beleza.

— “Bonita região”, — comentou o Celestino. — “Não sei como ainda não é habitada”.

— “Já foi, noutros tempos”, — informa Pedro Gomes, — “e aí se localizou a maior e mais bem aparelhada fazenda da antiga província”.

— “Sim, senhor! E de quem foi?”

— “Do Padre Vicente Vieira, um sujeito esquisitão e rico, como poucos. Plantou aqui a fazenda de S. João, e saturou esta zona de criação e lavoura. Mas foi perdendo tudo, a custa de sua excentricidade. No fim das contas, morreu pobre na capital, nos braços da caridade de alguns poucos amigos”.

— “Faça idéia! Então o homem era sistemático?”

— “Era, antes, maníaco. E uma de suas manias de mais curiosas consequências eram as apostas. Apostava em tudo e com todos. Outro aspecto singular de seu temperamento eram os desvelos que dedicava aos festejos anuais de S. João, sua idéia fixa.

Vou contar-lhe um dos muitos fatos originais, que a tradição guardou, relativamente ao Pe. Vicente”.

Pedro Gomes tirou da cabeça o amarfanhado boné de cachemira; alisou para um lado, com a mão espalmada, os escassos fios de cabelo, — preparando-se para entrar em minudências.

— “Realizava êle, certo ano, as obrigatorias festas na fazenda.

Conta-se que se reuniam ali cerca-de mil e muitas pessoas, vindas de tôda a parte e por todos os meios. Era isso, aliás, o prazer do Padre. Riquíssimo e só, deleitava-se em gastar um dinheirão, a-fim-de proporcionar ao povo três dias de espalhafatosa alegria.

Nesse ano, era enorme o entusiasmo.

O casarão estava atulhado de hóspedes, que abarrotavam ainda as inúmeras senzalas e as dezenas de ranchos de capim, levantados a propósito, — e mais uma quantidade de barracas que sarapintavam festivamente a campina.

Além das cerimônias de cunho religioso, havia, também, diversões profanas. Cavalhadas, corridas, toureiros em campo raso, dansas de tôda a sorte compunham apreciada parte do programa.

Foram famosas as comemorações do padroeiro da fazenda S. João.

Tiveram proporções de legítima romaria.

Nesse ano a que refiro, depois de empolgantes cenas de tóurada violentíssima, o Pe. Vicente, vibrante de incontido arrebatamento, saiu-se com esta: — “Dou de prêmio minha bêsta de sela a quem trouxer aos currais o **Trovão**. E a bêsta vai arreada”.

Tratava-se de encurralar o boi mais bravo que já vicejou nestas paragens. Era o **Trovão** um monstro de tamanho, força e ferocidade.

Pôr-lhe em cima os olhos já era mostra de denodo, — tanto assim que corriam dúvidas quanto a sua côr, que uns afirmavam ser de “fumaça”, e outros, “ruça”. Muitos negavam a existência do brutamontes, lançando-o no débito da lendã.

Dizia-se que vivia chafurdado nas profundas da “Mata Virgem”, aonde nem o gado manso se arriscava.

Por outro lado, a “Mimososa”, mula de sela do Padre, era recompensa digna da empresa, pois era larga sua fama, mesmo na capital da província. Seria tanto mais cubicável, se encimada pela ajazada arreadura, não menos famosa.

É fácil de compreender a excitação daquela gente, entre o perigo e a ambição.

Passado o assombro da proposta, movimentou-se a rapaziada mais expedita, e em pouco tempo cerca-de-oito piões cavalgavam os garanhões mais traquejados, para tentar a aventura surpreendente.

E rumaram para a “Mata Virgem”, sob a aclamação do povaréu, que permaneceu expectativo nas horas que se seguiram.

Mais tarde, desponta no alto do campo o grupo de vaqueiros.

Foi uma desilusão: vinham sem o boi e — o que é pior — esfarrapados, vários deles seriamente machucados, e todos desapontadíssimos. Inda bem que não houve morte a lamentar.

Simultaneamente, porém, com o regresso deles — e providencialmente, — surgiu na estrada real um cavaleiro, que atraiu a atenção do povo, ansioso por arranjar desculpa para contornar o assunto desagradável do fracasso dos piões.

Demais, o conjunto de cavalo e cavaleiro era realmente de se lhe tirar o chapéu: o primeiro, quasi cinquentenário, vinha trocando as pernas esqueléticas e sacolejando ruidosamente um arsenal de metal velho, que constituía a arreata — uma “cotuca” aposentada, com estribo de um lado e caçamba do outro; o segundo, em piores condições de idade, tinha sobre o primeiro a vantagem de estar por cima. Um velho alto e mirrado, três punhados de barba salpicados no rosto cada-vérico, corpo em arco e bambolean-te ao passo lerdado da andadura, e coberto por desabado chapéu de couro.

Foi-se chegando para o curral, com a sem-cerimônia do zanzante:

— “Bas tarde, meu povo. Tão se adevertino na festa do Pe. Vicente? O véio Grigório já num presta mais pra isso. Só qué qui menceis fais o favô de insiná prêle o camin do Lambari”.

— “Boa tarde, amigo. Vamos apear um pouco. Coma primeiro alguma coisa e aproveite o café do meio-dia. Depois segue viagem”.

— “Brigado”, — e o Gregório foi-se desmontando e entabulando prosa com um grupo de convivas. In-

teirou-se, assim, do desafio do Padre e do conseqüente mau êxito dos rapazes.

— “Êsses moço de hoje é patife” — censurou. “O véio Grigório vai buscá o boi”. Disse, emborcou a chicara de café e enganchou-se no rocinante.

Sua deslavada resolução foi acolhida entre risadas de ironia e ditos de desdém, dado o ridículo de sua pretensão.

Os comentários alastraram-se e, em breve, todo o mundo se apinhava nos currais para conhecer o “herói”, que já lavrava lá longe, ao passo bêbedo do rocim”.

Pedro Gomes riscou um palito de fósforo, protegido pela concha das mãos, acendeu o cigarro de palha e bafou gostosamente.

A atenção dos circunstantes, suspensa, aguardava a sequência da narrativa.

Continuou: “Mas ninguém admittia a possibilidade absurda daquele bagaço trazer o **Trovão**. Por sinal que, em alguns minutos, já estava esquecido êle e seu cavalo, e todos se preparavam para a cavallhada da tarde.

Por volta das quatro horas, quando a multidão inundava o campo da frente da casa, improvisado em pista, alguém comentou surpreendido: — “Não é que lá vem o velho Gregório?”

Todos os olhos se voltaram, assombrados, na direção da “Mata Virgem”.

E, com efeito, lá vinha o herói, no mesmo andamento, bambolean-te, chapelão a acenar com as abas, a cada passo do cavalo”.

Neste ponto, Pedro Gomes semi-levantou-se, espichou o pescoço para a janela do automóvel, como quem verificasse qualquer coisa interessante na margem da estrada. Interrompeu, dêsse modo, a narração.

Mas o Celestino não se aguentou:

— “Vinha arrastando o **Trovão**?”

Pedro Gomes assentou-se de novo, olhou bem na cara do Celestino, e desembuchou: — “Você é troucha? Pois se oito vaqueiros de primeira não conseguiram pegá-lo, — como é que podia conseguir aquele pobre diabo?”

Celestino não pescou naquela tarde.

W. Cavalcanti Nogueira

Muito moço ainda, W. Cavalcanti Nogueira deu um belo exemplo aos escritores goianos, editando, no ano passado, sua primeira obra de ficção: “DEPOIS QUE AS LUZES SE ACENDEM”, Editora Século XX, do Rio-de-Janeiro.

“OESTE” envia ao autor sinceras felicitações, fazendo votos para que produza novos trabalhos, para melhor renome de Goiaz.

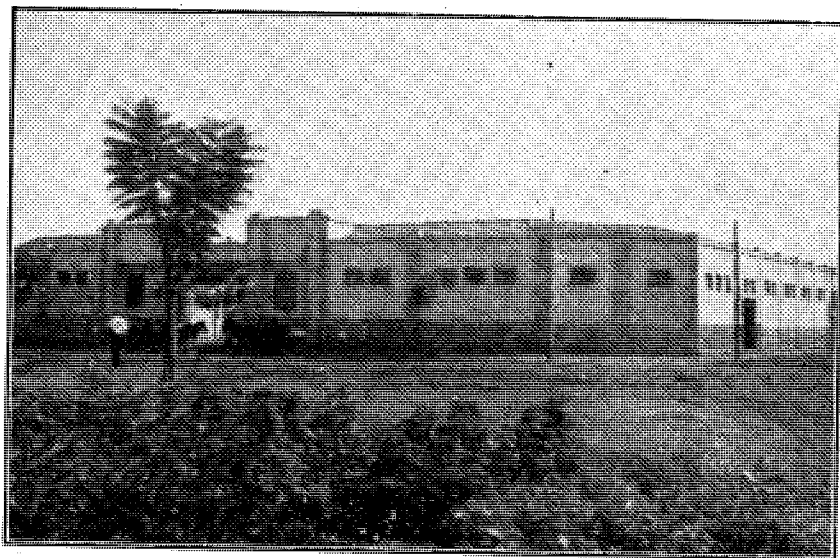
Casa dos Retalhos

A mais barateira e a mais bem sortida da cidade.

Compra diretamente das fábricas de São - Paulo e Rio e por isso não teme concorrência

Economize comprando na Casa dos Retalhos, onde não há preços de guerra.

Rua 6 - Goiânia - FONE 1040



Mercado Municipal de Goiânia

HOMENS NOTÁVEIS**ZOROASTRO****(BIOGRAFIA E DOUTRINAS)****V. GOELHO DE ALMEIDA**

I
Zaratustra, esplendor do ouro, foi o grande profeta dos primitivos arianos, quando estes ainda habitavam na região que desde as encostas da "montanha do Oriente" e do Pamir se estende a tóda a Bactriana.

Remonta êsse tempo a mais de três mil anos antes da era cristã: e foi, por certo, anterior à ocupação da Índia e da Pérsia pelos arianos, — povos êstes cujas religiões, embora deformadas, se alicerçam nos fundamentos lançados por Zoroastro.

Tendo vivido em era tão remota, as suas biografias foram de tal modo sobrecarregadas de lendas inverossímeis, que a bem pouco se pode resumir, sem receio de errar, o que de fato se deve attribuir a essa notável personagem.

Eis os traços gerais da sua vida: Era de estirpe régia, e sentiu-se escolhido por Deus para ensinar aos homens a verdade e o culto simples e agradável ao Creador.

A sua infância e juventude decorreram em provações, que serviram para lhe consolidar a virtude, sempre crescente.

Aos trinta anos, recebeu a revelação divina e soube que "o homem, para ser agradável a Deus, deve ter coração puro".

Illuminado pelo Ser Supremo, escreveu o Avesta, que é o mais antigo de todos os códigos religiosos. Levou-o ao rei e aos povos da Bactriana; mas, os sábios da côrte moveram-lhe sérios obstáculos e impugnarão a sua doutrina. Zoroastro, porém, pela eloquência e com prodígios, venceu os seus adversários.

Foi aceito o novo código religioso; e o seu autor ainda viveu longos anos, honrado e amado de todos, por ser santo o seu procedimento.

II — Doutrina religiosa

Não obstante o muito de interpolações e deturpações que con-

têm os livros atribuídos a Zoroastro, e que a religião por êle fundada tenha sido quasi totalmente desfigurada, ainda se podem coligir, de alguns textos mais antigos e autênticos, os traços fundamentais do Avesta. (V. Maspero, Hist. Ancienne, pag. 454). Eis a doutrina: Há um só Deus, infinitamente sábio e perfeito.

O Altíssimo é eterno e increado. Com o poder da sua palavra, fêz tudo do inexistente. Creou espíritos superiores, e fê-los cooperadores seus na constituição, na evolução, na consolidação do Universo. Auramazda (Ormuzd) é o grande espírito que preside a tudo. Entretanto, um dos principais espíritos, Ariman, rebelando-se, tornou-se mau e destruidor e arrastou consigo grande parte das potências do céu e dos anjos, que se tornaram *dévas* (demônio).

Estabeleceu-se assim a opposição do mal contra o bem, da desarmonia contra a perfeição. Surgiu pela primeira vez, em tóda a natureza, êsse contraste, que deu origem ao sofrimento e à dor. E assim continuará até ao fim dos tempos; quando todo o poder do mal será destruído.

Cada espírito bom e cada criatura humana tem um *fravarshi* (anjo protetor).

RELIGIÃO. A religião não deve ser sobrecarregada de fórmulas, nem de exigências fora do natural.

Ela é simples: "Crer em Deus. Dirigir-lhe orações. Ter coração

bondoso, palavra sincera, lealdade nos atos".

Quem assim praticar, cumpre a religião em tóda a sua plenitude, agrada a Deus e garante a sua felicidade eterna.

CULTO. A religião de Zoroastro excluía imagens, templos e altares.

Escolhia os altos das montanhas para a oração, o culto solene e os sacrificios. Ali se conservava o fogo *sagrado*, sempre aceso; símbolo da fé, que se não deve deixar amortecer, nem apagar.

Nesse fogo sagrado eram queimadas as vítimas dos sacrificios oferecidos a Deus.

DOUTRINAS. O Mazdeísmo primitivo cria na immortalidade da alma, no julgamento após a morte no céu, no tártaro, na ressurreição final.

A alma que caía no inferno tornava-se escrava de Ariman.

Dessa religião derivaram o Bramanismo, na Índia, e o Mazdeísmo dualista e supersticioso da Média e da Pérsia. São deturpações da doutrina de Zoroastro.

O Bramanismo declinou para o panteísmo; e o Mazdeísmo do Iran criou a dupla divindade do bem e do mal, o culto ao fogo, a adoração ao Sol, e oficializou o culto a Ariman, — no intuito de aplacá-lo.

Ademais, o sacerdócio iraniano praticava as monstruosidades da magia negra, — complemento natural do culto ao espírito do mal.

Encerraremos esta exposição de doutrinas com as seguintes máximas autênticas de Zoroastro:

"O homem deve contentar-se com a sorte que lhe coube na existência, cumprir a lei e praticar a justiça".

"O bom chefe de família, que a tudo provê, é um santo".

"A lavoura é o objeto principal do trabalho humano".

Quanto vale a mulher**Albatênio de Godói**

É um truísmo dizer que a mulher é a companheira do homem. Nem truísmo: é bobice. Ela que o diga . . .

Mas, mercê da "acelerada evolução" (revolução) por que passou e vem passando a sociedade moderna, êsse "companheirismo" passou a ser cooperação ativa. Não só

ativa, mas eficiente, benéfica, encarada sob o ponto de vista do fortalecimento material e intelectual de cada povo.

E por que não dizer fortalecimento moral? Deixei isto por último, para poder cortar as reticências do leitor passadista, do leitor que, de catecismo ou bíblia em punho,

investe contra a mulher moderna, à guisa de ampará-la com o manto de uma proteção que ela dispensa . . .

O certo é que a mulher de hoje, melhor do que a de ontem, presa ou emancipada de preconceitos místicos, tem uma compreensão muito mais alta e prática do que vale, como fator construtivo, para melhorar e dignificar as condições da vida humana.

E, sob êsse aspecto, escrevendo para uma revista de

Dr. Arquibando

F. PIMENTA NETO

sentido altamente brasileiro, quero falar dessa mulher que, no campo da assistência social, focaliza, no momento, as atenções do Brasil Central — d. Gercina Borges Teixeira.

É católica. É quasi tôda mulher brasileira é católica. Mas nem tôdas, bem poucas, alçam tão alto o vô para ver, compreender e realizar, e principalmente realizar, a máxima do Divino Mestre no que toca ao amparo e à assistência dos necessitados.

D. Gercina vivia a vida social do seu ambiente, até que, por circunstâncias históricas de todos os goianos sabidas, veio para a pequenina Goiânia, de dez casas apenas. Antes, o seu nome se impunha já como forte personalidade, nas cidades em que vivera.

Goiânia era o sonho de ouro dos que amavam Goiaz, dos que se sentiam humilhados com a designação pejorativa de "ficção geográfica" para a terra de tão inexauríveis tesouros.

O Estado de Goiaz vibrava então sob a emoção dos gestos atordoantes do seu Interventor.

A cidade cresceu rápida. Para ela foram afluindo, como para uma Canaan promissora, os forasteiros, egressos de todo o Brasil. Muitos deles mutilados, verminosos, fracassados, mas alentados pela esperança de melhores dias na terra tão decantada.

Mas o humano é precário. E daí os problemas de assistência a exigirem solução vertiginosa.

E dona Gercina compreendeu o momento. Perscrutou. Estudou o problema. E, com o prestígio de seu nome, a auréola do seu apostolado, em pouco, não medindo sacrifícios materiais, iniciou o trabalho de assistência social, indispensável ao equilíbrio, à obra de civilização iniciada por seu esposo, o in-

Ainda pairava nos ares o ruído festivo da formidável recepção que Jurucanga, cabeça de comarca, fizera, oito dias atrás, ao Dr. Arquibando Melo, recém-formado em direito e filho da cidade.

Após vinte e três anos laboriosos de estudos, não computando neste tempo os gastos em preparatórios, está êle à frente de seu escritório.

Filho de Undina Melo, portanto órfão de pai, desde pequeno tinha a sua carreira determinada. De princípio era desejo da mãe fazê-lo padre. A memória rebelde em guardar de cor as indispensáveis orações diárias o impediu de seguir a carreira.

A medicina sempre fôra o seu terror. Qualquer ferimento, sangrento ou não, em outras pessoas, era para êle uma síncope na certa.

De engenharia não se cogitou. O direito seria a única salvação. Nesta profissão é permitida, em público, a consulta de livros. Desta forma o Dr. Arquibando estaria livre de vexames ou fracassos, provenientes de sua falta de memória.

E ali no escritório permanecia há quasi seis dias, à espera de seu primeiro cliente.

Confirmando o axioma: — quem espera sempre alcança, veio o primeiro consulente.

Era o João da Jorbina. Casado há perto de três anos, fôra certa noite abandonado pela mulher, que, além dos troços da casa, ainda lhe levava um filho de dois anos. Deitada, vivia de léu em léu.

— Doutor, começou o João, eu vim fazer uma consulta e pedir os

terventor Pedro Ludovico, no sertão brasileiro.

Agora, além dos seus múltiplos encargos, está ela à testa da Legião Brasileira de Assistência. O que já fêz é do domínio de todos.

Estejam agora as famílias dos convocados, dos reservistas goianos tranquilas, até onde o permitam a separação e os acúlios da saudade. Porque d. Gercina não descansará um minuto, e velará por elas, enquanto houver uma família desamparada de seu chefe, um lar necessitado de conforto.

seus serviços.

— Sente-se, disse o advogado, e exponha o seu caso.

Pondo sôbre a sua mesa de trabalho os três únicos livros existentes em sua vasta biblioteca: Código Civil, Código Penal e um catálogo das edições da Livraria Acadêmica, para futuras compras, aguardou a exposição.

— Não vê o sr. Doutor, começou o João, que eu era casado até o mês passado com a Jorbina. Ela safu de casa levando a mobília, coisa que não importei. O meu caso é o nosso filho. A vida que ela está levando não é boa, e ela.

Êste negócio de pátrio poder, atalhou o dr. Arquibando, a quem a sorte, favorecendo, havia feito êle abrir o catálogo da Livraria Acadêmica justamente num ponto em que illustre juriscônsulto fazia longo comentário sôbre um livro que tratava do assunto. — Êste negócio de pátrio poder, repetiu o advogado, é um caso muito debatido. Cada país encara-o por um prisma diferente. Os bastardos, na história do direito, têm a sua gênese e forma. A sua origem remonta de séculos, está prescrita na monogamia, na poligamia e na poliandria. Na constituição legal, há acepções que implicam tácitamente às condições de costume. Em nossos dias é fator preponderante, para tornar em condições precárias a vida conjugal, o estado dos filhos legítimos.

"Per subsequens matrimonium". — A situação dos filhos legítimos, meu caro amigo e cliente, está fortemente implicada em relação ao regime de bens do casamento. O direito romano e canônico dá, para o processo de legitimação, regras completamente opostas e leis em completo desacôrdo com as atuais vigentes da República. O seu caso contudo é simples. Da contestação da paternidade e filiação, nada teremos a temer da parte contrária. O conceito do casamento putativo, hoje em dia, é de fato escabroso e afeta, nos seus alicerces, a lei social. Historiando, contudo, os dispositivos e as formalidades do casamento, principalmente no seu caso, a boa lógica e jurídica definição, nada terão a imputar de ilegal.

Da perfilhação solene do velho direito e dos dispositivos do velho código, tenho como certo que para os seus braços voltará o anjinho inocente a receber de seu pai santos ensinamentos, pondo no esquecimento a mãe adúltera e perjura.

— Mas, senhor Doutor, a Jorbina quer que eu fique com o menino, e eu não quero.

— Então volte amanhã, por hoje está encerrado o meu expediente.

Foi êste o primeiro caso jurídico do dr. Arquibando Melo.

TECIDOS — A GOIÂNIA — ARMARINHO

Chapéus — Calçados — Perfumarias — Brinquedos — Roupas Feitas — Objetos Para Presentes

SEMPRE NOVIDADES — CARVALHINHO — Rua 7 — Goiânia

O Aniversário do Presidente Vargas

Em todos os recantos da pátria, toda gente sabe que, a 19 deste mês, faz anos o sr. Getúlio Vargas, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Toda gente sabe, porque o brasileiro é, antes de tudo, grato. E o brasileiro sabe o que era o Brasil e o brasileiro enxerga e sente o Brasil de hoje.

Pois essa data assinala, sim, o natalício daquele homem que, à frente de uma revolução integrada por todas as classes sociais, arrebatou o país a uma camarilha que o explorava em proveito próprio, restituindo-o, já saneado moralmente e perfeitamente predisposto à realização de seus históricos destinos, àquelas mesmas classes que hoje o desfrutam como povo livre e conciente de seu importante papel no seio da nacionalidade.

Essa magnífica obra de brasilidade teve o seu advento com a revolução de 30, e foi grandemente melhorada com a instituição do Estado Nacional, em novembro de 1937, quando sentiu o grande estadista a necessidade premente de coibir a intromissão de ideologias alienígenas no organismo da Nação, e que iam, a pouco e pouco, perturbando a execução do maravilhoso programa de reconstrução nacional, que se impuseram os pródromos revolucionários.

Aí, então, com o chamado ESTADO NOVO, é que se fere o mais importante acontecimento da história pátria: lan-



ça-se a campanha da NACIONALIZAÇÃO DO BRASIL. Como resultante, cumpre-se, à risca, o mais monumental programa político de que já tiveram conhecimento as sucessivas gerações brasileiras, e o Brasil começa a caminhar, afanoso e soberbo, rumo ao seu incoercível destino de nação predestinada a uma posição de marcante relêvo na comunhão internacional.

A nova ordem política dominante, instituída pelo Presidente Vargas, com o reforço de autoridade com que investiu o Poder Executivo, possibilitou-lhe encarar com mais carinho os ditos e debatidos problemas nacionais, que, apesar de complexos e onerosos, vêm sendo atacados pelo governo com o afã patriótico de conseguir uma solução definitiva. Antes, porém, já havia compreendido o nosso Presidente que o vulto da obra em propositura estava a exigir o esforço conjunto de todas as forças vivas da Pátria. Por isso, pre-

liminarmente, unificou o Brasil, principalmente em sentimento e em espírito. Criou uma regeneradora escola de civismo, disciplinadora do cidadão. E, assim, por intermédio de admiráveis campanhas de patriotismo, conseguiu fazer de cada brasileiro válido uma força espontânea acrescentada ao grande esforço comum, a serviço da causa suprema. E o Brasil começou a trabalhar. Em todos os seus quadrantes e em cada um dos seus sectores de vida se fez sentir a salutar reforma. Não teve classe que não recebesse o seu quinhão, na distribuição geral das benesses governamentais.

Nesse magnífico ambiente de labor e paz, concórdia e satisfação, íamos construindo o nosso futuro, quando surge um grande imprevisto: o estrangeiro agride a soberania nacional. Mais uma vez, então, é pôsto à prova o valor do estadista que nos conduz. Não se abateram os nossos brios de povo livre, dentro de uma Pátria livre. Revidámos o insulto. Aceitámos a guerra, e a vimos continuando sem solução de continuidade naquele maravilhoso programa que vínhamos executando.

E tudo isto devemos ao Presidente Vargas, que já se tornou credor da gratidão e respeito da nação inteira, pelo muito que tem feito por nossa grande pátria comum. E, por isso mesmo, é que a sua data natalícia já se transformou em um dia de festa nacional.

Associação de Proteção à Infância e à Maternidade de Goiânia

Goiânia é uma cidade de bom coração. Atestam esta verdade as várias instituições que possuímos, de assistência social. E entre estas, em posição de assinalado relevo, a "Associação de Proteção à Infância e à Maternidade". Trata-se de uma organização profundamente cristã e que, com anônimo sacrifício, com dedicação, amor e patriotismo, um grupo de conceituadas senhoras e senhorinhas de nossa sociedade vem transformando em um admirável veículo do Bem.

Dirigida, desde sua fundação, pela Exma. Sra. Da. Aída R. Teixeira, esposa do exmo. sr. dr. João Teixeira A'lvares Júnior, D. D. Secretário Geral do Estado, e dama de altas e marcantes virtudes, a Associação se situa, hoje, em nosso meio, como uma entidade magnífica, dada a soma enorme de benefícios que vem prestando à nossa gente.

Foi fundada a Associação em 10 de Junho de 1941, em sessão solene, presidida pelo Exmo. Sr. Dr. Pedro Ludovico Teixeira, D. D. Interventor Federal, ficando a sua primeira diretoria assim constituída: — Presidente: Da. Aída R. Teixeira; Vice-Presidente: Da. Ruth Neddermeyer; 2ª Vice-Presidente: Da. Alice B. Cruvinel; 1ª Secretária: Da. Maria Paula Fleuri Godói; 2ª Secretária: Srta. Semíramis Soares; Tesoureira: Da. Noêmia Viana; Chefe da Secção de Costuras: Da. Aurora Pereira, — senhoras e senhorinhas tôdas da nossa melhor sociedade e que não mediram sacrifícios no desempenho de suas nobres funções.

A primeira sede da Associação consistia em uma sala alugada, dum prédio de residência particular, passando, mais tarde, para um edifício que lhe foi doado pelo Interventor Pedro Ludovico, que o mandou construir especialmente para tal fim.

De início, a sociedade não possuía fundos, devendo-se a constituição de seu patrimônio aos esforços e boa vontade de algumas senhoras e senhorinhas, entre as quais é justo destacar os nomes de

Das. Aída Teixeira e Ruth Neddermeyer, que foram batalhadoras infatigáveis da humanitária causa.

A primeira renda obtida proveio de festivais beneficentes e da contribuição de um reduzido número de associados, hoje já mais volumoso.

Integra a Associação uma falange de cooperadoras que, além de concorrerem pecuniariamente para a manutenção da mesma, se dedicam aos trabalhos de costuras, para gestantes e recém-nascidos.

Com o produto de festas, bailes, donativos, etc., a Associação adquiriu um prédio, à rua 23, nesta Capital, onde se instalou o "Pôsto de Puericultura "Santo Antônio", que foi solenemente inaugurado há dias, e cujo objetivo está em garantir assistência às gestantes, aos recém-natos e às crianças até à idade escolar. O Pôsto está convenientemente aparelhado para os fins a que se destina e seu valor atual se calcula em Cr\$ 80 000,00. A Associação comprou, ainda, um terreno vizinho ao Pôsto, como medida de previdência a futuras ampliações. O patrimônio da Associação não produz rendas, mas a mesma recebe do govêrno estadual uma subvenção anual de vinte mil cruzeiros (Cr\$ 20 000,00). A Associação tem feito, amiudadamente, farta distribuição de gêneros, roupas e medicamentos aos necessitados.

Por iniciativa da diretoria da Associação foram fundadas, em várias cidades do interior, instituições da mesma natureza.

Pelo exposto bem se vê como tem sido eficiente a administração da Exma. Sra. Da. Aída Teixeira, e como tem sido ela bem coadjuvada, em seus misteres, pelas suas dignas e operosas auxiliares. A obra que a Associação está realizando, assim, quasi silenciosamente, é dessas que dignificam o gênero humano. A' ilustre Presidente da Associação e às suas cooperadoras, os nossos aplausos e a nossa solidariedade.

Para finalizar, vamos dar a atual diretoria da Associação, que está assim constituída: — Presidente —

Da. Aída R. Teixeira; 1ª Vice-Presidente — Da. Ruth Neddermeyer; 2ª Vice-Presidente, Da. Alice B. Cruvinel; 1ª Secretária — Da. Lucí Veiga; 2a. Secretária — Da. Guiomar Graumont Machado; Tesoureira — Da. Noêmia Viana.

"O homem, êste terrível fazedor de desertos..."

A propósito da publicação do trabalho sob o título acima, em o último número de "Oeste", recebeu o Professor Iron Rocha Lima o ofício que abaixo publicamos:

Anápolis, Goiaz, 22/3/43.

I — Tivemos, hoje, o grande prazer de ler a vossa brilhante e oportuna produção intitulada «O homem, êste terrível fazedor de desertos. . .», publicada às páginas 12 do "Oeste", em que demonsttra de modo irrefutável a necessidade inadiável de preservar-se a nossa rica floresta contra a velha escola de devastação sistemática e o aniquilamento consequente de nossa tão afamada exuberância de solo.

II — Esta Delegacia Florestal Regional neste Estado, cumprindo as mais especiais ordens emanadas do Serviço Florestal, em sua secção de Proteção das Florestas, não tolerará qualquer derrubada desproporcional, ou qualquer martírio às árvores, quer de ornamentação pública, quer de notória e venerável idade, quer, finalmente, pela propriedade sanitária de sua essência, sem se fazer, especialmente quanto à desmatação, observar das cautelas necessárias à reserva florestal.

III — Contamos, pois, com a vossa decisiva colaboração, de homem culto e fino intelectual, a-fim-de-que possamos dar ao Código Florestal, uma das mais sábias leis do país, seu completo vigor.

Atenciosas saudações.

Adahyl Lourenço Dias,
Delegado Florestal Regional.

Astros, Estros e Ostras

Conto de
Castro Costa

Felipe Monteiro era a exceção da turma, no ginásio. Enquanto os outros nos procurávamos divertir, sem a preocupação sequer de saber quem foram Aristóteles, Miguel Ângelo ou Napoleão, vivia êle imerso numa densa nuvem de sentimentalismo, lendo livros e livros de filosofia, romances e versos — dos quais conseguia fazer uma salada notavelmente saborosa. Citava frases suntuosas de Vitor Hugo, de Rui Barbosa e declamava, com voz trêmula e retumbante, Guerra Junqueira, Olavo Bilac e outros vates de aquém e de além mar.

Só falava de literatura e de estudos. Por isso era de uma infelicidade única em matéria de amor.

— Você conhece “Helena”, de Machado de Assis? e “Os Párias”, de Humberto de Campos? — perguntava êle com uns ares de sabido a uma garota de 15 anos, com quem iniciasse um flerte promissor.

E’ claro, a garota dizia que sim e fugia ao assunto. Ela esperava — nada mais lícito à idade — uma promessinha dourada qualquer, ou, com mais realidade, um convite para a matinê cinematográfica do próximo domingo. No-entanto, Felipe a decepcionava francamente com a sua mania.

Fracassava no amor. Até eu, que era o mais tímido de todos, lhe fazia séria concorrência numa disputa dessa natureza. Êsse insucesso, porém, acendia chamas novas no entusiasmo de meu colega. Estudava ainda mais.

— Quero mostrar a essas meninas fúteis o que é um homem de pensamento — regougava na pensão, depois de um baile familiar, durante o qual não conseguia dansar com ninguém.

Eu me regozijava com o seu despeito, mas intimamente lhe tinha uma inveja danada, em-virtude-de seus vastos conhecimentos literários. Criei a-respeito inabalável complexo.

— Felipe é muito mais inteligente do que eu — monologava todo dia. Como é que êle já sabe tanto de autores e livros, ao-passo-que eu, de sua mesma idade, mal co-

nheço o “Português Prático”, de Marques da Cruz, e o “Epítome de História Universal”, de Jônatas Serrano?

Pensava assim e ficava aborrecido da vida. Não gostava também de conversar com Felipe Monteiro, porque diàriamente êle trazia nos lábios uma novidade em matéria de suas leituras. Dera-se certa vez a ler escritores estrangeiros, cujos nomes me eram de-todo desconhecidos.

— Sabe, Carlos, acabei de ler ontem *Ressurreição*, de Tolstoi — dizia-me logo após o cumprimento. E’ uma obra excelente, uma obra excelente... Lembra-se daquela cena do trem, em que o príncipe quer conciliar-se com sua amada?

— Sim, é... a cena do trem... — tartamudeava eu humildemente.

— Não acha que aquela mulher encarnou tôda a dignidade feminina, ao recusá-lo?

— De-fato, foi um belo gesto — prosseguia eu tateante.

— Qual é sua opinião sôbre êsse livro, Carlos, como contribuição aos estudos da sociologia?

Com os diabos. *Minha* opinião. Aí não dizia mais nada e me considerava o sujeito mais burro do mundo, por não conhecer a obra de Tolstoi...

Morávamos juntos na mesma pensão. Jamais proferi uma palavra de elogio sôbre Felipe, a-despeito-de alimentar por êle uma surda admiração que o alçava aos páramos dos gênios.

Minha inveja se vingou, em parte, quando alguns colegas começaram a dizer que o meu ídolo íntimo era de uma besteira terrível, cretino como poucos. Que não tinha o senso do ridículo, que vivia a vomitar tolices a-propósito-de tudo. Mas sou seguro para invejar. Imaginei que os detratores de Felipe eram também despeitados, como eu. Resultado: o rapaz crescia ainda mais na minha admiração inconfessada. Fiquei verdadeiramente amargurado, um-dia, quando ouvi o seguinte de meu amigo:

— Você, Carlos, é uma das pou-

cas pessoas a quem confio minhas aspirações, meus planos do futuro. Sabe que vou publicar um livro sôbre a situação social da humanidade?

— Não. Não sabia.

— Pois vou. Olhe o índice — prosseguia com naturalidade, passando-me às mãos um pedaço de papel mal dactilografado.

Os capítulos tinham títulos pomposos. Eram alguns, de que me lembro: “O homem depois da guerra”, “Para onde marcha o socialismo balofo”, “As aspirações humanas não têm dirigentes”, “Como se deve encarar o problema”, “O escopo desejado depende de colaboração duvidosa”, “Salvação” e outros. O livro se chamava “O destino tumultuário da humanidade decadente”.

— Onde estão os originais? — inquiri, depois-de ler o índice.

— Os originais? Ainda não escrevi o livro, apenas fiz o esquema...

Recordo-me que, nessa tarde, mal jantei. Perdí o apetite. Palavra.

— Até livro Felipe vai publicar — fermentava eu o assunto, mentalmente. E que tema! Não sei patavina disto e já tenho 18 anos. Sou mesmo burro. Sou, não resta dúvida...

Que complexo eu tinha! Nem a opinião unânime dos demais colegas, que faziam chalaça de sua parolice, me demovia daquela ingrata admiração. A-despeito-da voz geral, que o reduzia a simples cretino, a imbecil perfeito, Felipe Monteiro prosseguia em sua faina de estudar e arquitetar publicações de livros, os quais constituiriam invulgares sucessos de livrarias. Edições e edições se espalhariam pelo Brasil afora, em esplêndida difusão de idéias e pensamentos.

Eu acreditava em tudo. Sabia que Felipe triunfaria. Êle não se dava a escrever crônicas no jornal de classe, mas livros de fôlego. Livros de assuntos adultos.

Além-do ensaio sociológico, era intenção sua publicar uma coletânea de poesias e um volume de contos. Já tinha os índices respec-

Geraldo Alfaiate - O ALFAIATE que não promete, FAZ
Avenida Anhanguera - Goiânia

tivos. Oh! nunca lhe faltavam os índices. Nem os títulos. Tinha-os sempre à mão.

— Bom dia, Carlos — dizia-me, com um sorriso matinal, assentando-se à mesa, para tomar o café. Qual o nome que você acha melhor para os versos? Estive imaginando ontem de-noite. “Albores dalma” ou “Queixas do coração”? Qual lhe parece melhor?

— Qualquer um é bom. O segundo me parece agradar mais.

— Você gosta? — replicava vivaz. E, para os contos, que tal “Astros, estros e ostras”?

— Magnífico! — gemia eu com inveja.

Com-efeito, aquele título para um livro de contos me souu tão bem, tão sonoramente, a-peçar-de não o entender minha cachimônia, que cheguei a antevê-lo aplaudido incondicionalmente pela crítica nacional, do Oiapoc ao Chuí e do Javari à ponta das Pedras. “Astros, estros e ostras”! Que engenho! Como eram cantantes ao ouvido essas palavras! E o índice? Ah! êsse era de pôr boquiaberto um técnico de editora em títulos arresados. O nome era uma intimação irrevogável à leitura. Aguçava a curiosidade. Lembro-me de alguns. Eram mais-ou-menos assim: “São Pedro não está no céu”, “A moça que comeu a mãe”, “Por que Joanhina não sorri”, “A mulher do meio-dia”, etc..

“Astros, estros e ostras”... Felipe era mesmo um portento. Só êsse título o elevaria de-certo ao pináculo da fama literária. Não restava dúvida. Demais, possuía uma boa biblioteca, em que não se encontrava sequer um volume das coleções populares. Era só coisa séria. Até Darwin, Nietzsche, Pascal, sim, senhor.

Terminado o curso ginásial, dei-xei Felipe Monteiro com seus livros, não sem pesar (afora meu despeito, gostava dele deveras). Não com os livros da estante, mas com os que ainda estavam em sua privilegiada cabeça e cujos índices êle trazia na ponta da língua.

Durante o longo tempo de minha ausência de Goiânia, no qual estive imerso em paragens sertanejas e bravias, não tive notícias da vida literária de meu prezadíssimo colega. Jamais me esqueci, porém, dos sonoros “Astros, estros e ostras”, que seriam, certamente, sua obra-prima.

Cheguei há pouco. Procurei na cidade a Felipe e, nas vitrines, a seus livros. Nem um nem outros. Informaram-me com certeza. O autor era fazendeiro, e as obras, inéditas.

— Felipe? Vai bem. E’ outro homem — explicou-me um nosso amigo comum. Há tempos, êle mandou os originaes dos três li-

vros, de uma vez, a diversas editoras do Rio e São-Paulo. E aguardou a resposta, antegozando o sucesso da venda disputada dos direitos autorais. Decorreram meses, e ninguém se interessou.

— Ninguém?! — indaguei, entre surpreso e incrédulo.

— Ninguém, ninguém. Êle blasfemou um pouco contra as “panelinhas literárias”, criou um complexo e se casou, por-fim.

— Casou-se?

— Há mais de dois anos. Mora daqui a 15 quilômetros, em bela fazenda. Amanhã tenho de ir visitá-lo. Se quiser ir comigo, mandarei o automóvel à sua porta. São poucos minutos de viagem.

Aceitei o convite. Queria ver o meu promissoríssimo Felipe Monteiro, o autor dos melhores títulos que vi no tempo de ginásio, o organizador inimitável de índices de suas próprias cerebrações, o Felipe estudioso, o Felipe inabalavelmente entusiasmado dos bancos liceais.

No outro dia, cêrca das 10 da manhã, cheguei, em companhia de meu colega informante, à sede do sítio Serra-Azul, de propriedade do grande escritor gorado. O aspecto demonstrava organização perfeita. Recebeu-nos com um forte apêto de mão nada literário.

— Por onde tem andado você, Carlos, que não dava notícias? Já se casou também?

— Nada, nada. Mal tenho um flerte inocente com uma interna de colégio de freiras.

— Pois olhe, meu amigo, a vida vale é pelo casamento, pelo trabalho braçal tanto quanto possível, pelo...

— Trabalho braçal? E seus estudos, seus livros? — perguntei-lhe.

— Deixei a literatagem! — tornou com ar orgulhoso. Hoje amanho a terra.

— Recebendo o conselho de Rousseau — atalhei, pensando dar impressão.

— Nada de Rousseau. Planto batata, arroz, café — para ganhar dinheiro. Crio gado, galinhas e perús — para ganhar dinheiro. Entende, meu caro?

— Entendo — volvi, perplexo diante daquela metamorfose de-facto estupefaciente.

— Felipe levou-me a ver seus livros de hoje.

— Estão ali mesmo, num canto da sala — explicou.

De-fato, havia alguns volumes em-cima-de uma mesinha tosca e limpa. Compulsei-os, um por um. “A monografia do ovo”, de Rufino Pantaleão; “Como criar pintos saudios e sem gôgo”, de Pedro Ribeiro; “A cultura da batata doce e seus parasitas”, de Fulano de Tal; “Os suínos e sua criação racional”,

de Beltrano da Silva, e vários outros do mesmo gênero. Gostei de ver o ânimo de Felipe, mas fiquei triste, olhando pela janela.

Não era possível que se perdessem tantos títulos bons e tantos índices organizados tão cuidadosa e inteligentemente como os que êle tinha. Não era possível. Havia uns tão harmoniosos e sugestivos. Tão cantantes aos ouvidos da gente.

Então, aqueles sonoros “Astros, estros e ostras”... Não era possível...

ADVOGADOS

Drs. Paulo Fleury da Silva e Souza e Alaciel Prado
(Advocacia geral)

Escritório: Avenida Anhanguera, nº 21 — Fones: 1209 e 1150—

— Goiânia —

Líder - Bar

— N. GABRIEL —

O maior e melhor de Goiânia.

Latarias — Bebidas finas, nacionais e estrangeiras — Sorvetes — Bombons Café — Especialidade em refrescos — Tem de tudo do melhor e do mais barato. — Frequente o BAR DA ELITE GOIANA.

Av. Anhanguera

Goiânia — Fone 1074

« Os povos que não tido algum valor, que têm ganho algum valor, não o obtiveram com instituições liberais; o grande perigo os fez dignos de respeito; êsse perigo que é o único que nos ensina a conhecer nossos recursos, nossas virtudes, nossos meios de defesa, nosso gênio e que nos constringe a ser fortes. Primeiro principio: é preciso ter necessidade de ser forte; do contrário, não se chega jamais a sê-lo»

NIETZSCHE.

CASA CONFIANÇA

A Sua Casa de Confiança

— de AMARAL, FILHO & CIA. —

Preços Módicos — Seriedade absoluta

— Mercadorias de boas qualidades —

Presteza e completa higiene.

Defenda seus interesses comprando nesta casa

— A que melhores condições lhe oferece.

— Mercadorias em geral —

AVENIDA ANHANGUERA (Prédio Santa Branca)

GOIÂNIA — Est. de Goiaz

Expressivo Telegrama do Presidente Getúlio Vargas ao Diretor de "Oeste"

O jornalista Gerson de Castro Costa, diretor desta revista, vem de receber do Presidente Getúlio Vargas expressivo telegrama, o que demonstra, mais uma vez, a atenção que o Chefe da Nação dedica às coisas do espírito, do mesmo passo que evidencia o agrado com que s. excia. recebeu o nosso magazine.

O Presidente Vargas, que já conhecia a grandeza econômica da terra de Pedro Ludovico, tomou, assim, contacto com o outro lado de nossas atividades, — o espiritual, que a todos sobreleva, porque é eterno no tempo e transcende de tôdas as contingências. OESTE, levando ao conhecimento do primeiro Magistrado do país o esforço cultural dos nossos intelectuais, mostra, assim, o alto propósito que a anima, de bem servir à gente brasileira de Goiás.

E' o seguinte o telegrama do Presidente Vargas:— "Palácio Rio Negro — Petrópolis — RJ—580—30—29—21 — Presidente República tomou conhecimento sua carta 18 corrente, incumbindo-me de agradecer o oferecimento de um exemplar da revista OESTE e a homenagem que lhe foi prestada pela sua direção. Cordiais saudações. Luiz Vergara, Secretário da Presidência".

...E OS SOFRIMENTOS SERÃO ALIVIADOS

GENESÍ DE CASTRO SILVA

NO DIA em que inauguraram, em S.-Paulo, a nova penitenciária — a das mulheres — houve certamente aleluia no ar e, na terra, alegria sã para os que se apiedaram dos sofrimentos alheios.

Foi de certo um dia claro e ensolarado, como calma e confortante é a piedade dos corações.

Não sei de instituição mais útil e sociável; não sei de idéia que melhor nos lembre, a todos, o dever sagrado de olhar pêlos mais infelizes, pelos seres que, privados de assistência na infância, de amparo na mocidade, tiveram os dias de maturidade ensombrados pelo espesso véu do crime.

Do crime, na maior parte, fruto da ignorância e de ímpetos inexplicáveis, de faltas acoimadas pelo subconsciente turbado pelas taras e vícios.

Guiadas pelas irmãs, religiosas especializadas no assunto, peritas em localizar o ponto sensível daquelas consciências aparentemente endurecidas, terão ainda essas mulheres, na vida, momentos de certa felicidade, da felicidade que, mesmo fragmentada, é como o raio de sol que inva-

de aposentos, iluminando cada recanto como se inteiro ali estivesse.

Não sei de medida que inteira, em si, tanta grandeza e caridade!

E a medida é contagiante; desce rumo a oeste, parecendo querer se reproduzir em Goiânia, que, em sua vida curta e já tão cheia de belos empreendimentos, terá mais um a alicerceá-la, tornando-a duradoura e admirável.

O Conselho de Assistência Social de Goiânia cogita, não ainda de separar penitenciárias, não ainda de organizar pavilhões onde as pobres mulheres possam, em relativa tranquilidade, remover a dureza de seus destinos, mas de criar, modesta a princípio, uma casa para os menores desamparados, para as crianças que, sós na vida, iriam, mais tarde, integrar o número dos candidatos às prisões e aos crimes.

Para as moças será um sustentáculo necessariamente forte e enérgico bastante, capaz de, às vezes, desviar inclinações fortemente arraigadas, tendo, no entanto, suave energia, pois, dos cortes indisponíveis, surgirão tendências novas, sentimentos antagônicos que jaziam

abafados pela miséria em todo seu triste cortêjo.

Para as meninas será, o estágio nesse ambiente, como escora sólida, atada fortemente à haste da planta vicejante, a-fim-de que possa subir direita e resoluta.

Revestida de solicitude, a planta humana, sensível ao carinho e à dedicação, nem mesmo sentirá a transformação de sua vida.

E para ambas, o futuro será modificado radicalmente: livres de jugos incapazes as crianças terão, da vida, outra idéia, outra compreensão e, libertas de cuidados interesseiros, as adolescentes darão outro valor à sua possibilidade na existência, terão ocasião de viver dias tranquilos e saudáveis.

Realizando o plano — pequeno, em materialização e infinito em consequências, o Conselho de Assistência terá realizado grande parte de sua finalidade — compreensão e amparo aos inúmeros entes que, do meio da miséria e do vício, entreveem o grande plano social — amparo e guia a sua felicidade ameaçada.

Teu Retrato

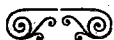
Eu quisera pintar, num soneto gentil,
Que fosse, ao mesmo tempo, um cântico e um retrato,
O encanto singular de teu nobre perfil,
Envolto num clarão de amor e de recato.

Terias, no sorriso, uma graça infantil;
Na fronte, o resplendor de um pensamento exato;
Nas faces, o frescor das auroras de abril,
E, no olhar, a doçura imensa de um regato.

Mais tarde, quando viesse a neve da velhice,
Relerias, talvez, com saudade e meiguice,
Os meus versos de amor... (belo conto de fada!)

E, revendo-te então, no fulgor de outros dias,
Através de meu poema, a çismar, tu dirias:
—Como eu era formosa e como fui amada!

Guilherme Xavier de Almeida



Aquarelas ...

Como brasa viva,
Há, em minha lembrança,
Uma casa de engenho, branca e boa,
Tão boa e tão branca
Que, na verdura da mata que a circunda,
Põe uma nota clara
Como o sol vermelho, no céu azul...
Meninas de lenço à cabeça, vestidos de chita,
Ingênuas e queridas...
A figura simples de Sinhá,
A preta velha que viu mamãe nascer
E que nos embalava, carinhosa,
Cheia de doce ternura,
Numa cantiga velha e esquesita,
Que ela aprendeu não sei como
E não sei onde...
A imagem amiga da Vovôzinha,
Com a cabeça prateada,
—Uma saudade do passado, nos olhos—,
E umas mãos macias a acariciar-me o rosto,
Ao sol pôsto,
Contando-me histórias coloridas...
Depois, lua branquinha,
Beijando uma rua deserta,
Onde, com outras meninas,
Eu cantava canções bonitas...
O beijo sincero de Mamãe,
Como bênção do céu,
E o sono bom num leito branco...

Como brasa viva,
Há, em minha lembrança, insistente,
A imagem doce e quente
De um menino claro, de calças curtas,
Que brincava comigo, ao pôr do sol,
E que me despertou para a vida
Com a ilusão mais ardente e mais querida
E dela fez um santuário,
Onde meu coração se ajoelha, comovido,
Tôda noite e todo dia
Para a prece eloquente de meus sentidos embriagados,
Na luz divina da alegria
E da felicidade...

Nelly Alves de Almeida

Velhas Cartas

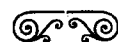
Em rara sanha de limpeza e zêlo
Hoje estou a rever coisas antigas,
Rebuscando, entre traças e formigas,
Velhos papéis e cartas em atropêlo.

Entrego tudo às chamas, sem apêlo...
Frases formosas, doces ou de intrigas,
Frases de amor, promessas e cantigas,
Nada fascina o meu olhar de gêlo.

Um pequeno envelope, todavia,
Um trapo velho e sujo de bolor,
Veio avivar-me um sonho que morria.

Era um bilhete tímido e incolor
Que ridiculamente me trazia
A evocação de meu primeiro amor...

Júlio Miranda



Simbolo

Havia na minha terra —
vilazinha humilde,
perdida nos confins do norte esquecido —
uma rendeira quasi centenária.

Pobre residuo humano,
ao sol do sofrimento caldeada,
ela passava os dias e as semanas
Ao lado da almofada.

Das suas feias mãos grosseiras,
longas, sêcas, encardidas,
mãos defeituosas,
onde os bilros duros pulavam,
baralhando as linhas
dando-se umbigadas,
estaladas,
safam rendas que eram puras maravilhas!

Eu ficava horas esquecidas,
ingênuamente embevecido,
a admirar a agilidade dos seus dedos;
dedos nervosos,
dedos de fada, encantados, analfabetos,
que teciam tão lindos arabescos
e escreviam poemas tão lindos!

De instante a instante,
parando o jôgo frenético dos bilros,
ela mudava os alfinetes perfilados,
disciplinados,
que iam assinalando na almofada
o caminho a percorrer.

Rendeira centenária da minha terra!
eras um simbolo que eu hoje compreendo!
havia no arabesco das tuas rendas,
tão lindas, tão complicadas,
de alfinetes cravejadas,
a história tôda do destino humano!

Francisco de Brito

NÃO DESTRUIRÁS

AO PROFESSOR IRON ROCHA
LIMA, GRANDE AMIGO DAS
ÁRVORES.

— Zecchi Abrahão —

É mandamento a que urge o Governo Estadual fazer incluir de seu código administrativo. A devastação das florestas em Goiás, e, agora, muito particularmente no Município de Goiânia, se vem fazendo ao arbitrio de lavradores industriais e não industriais.

De tal modo assim, que as coisas já vêm gritando os seus efeitos; que já deixam entremostar a irregularidade de nosso regime pluvial, aforante outros característicos daí conseqüentes.

Nas redondezas da Capital, a sem cerimônia dos deserteiros galga excessos que repercutem no presente, e que mais repercutirão de futuro, através de todo o nosso sistema de economia agrícola.

As próprias reservas florestais, delimitadas pelo Governo, que lhe monta a mais carinhosa guarda, sofrem da sanha arboricida. O machado ronda os parques naturais da Capital, e o fenômeno vai em crescendo, à proporção que nos afastamos das áreas menos vigiladas, e mais arredias da cidade.

Não se culpe daí a administração. Vai parecer que não dispomos de legislação previdente; de legislação que preveja eficiente amparo às matas; de legislação que puna os devastadores inconcientes. Há-a, e bem inspirada.

O de que precisamos, no caso, seria a eficiência, a decuplicação dos métodos repressivos indicados pelo Código Florestal. A imposição de multas avantajadas e sensíveis à bolsa, assumiria, talvez, êxito relativo. Destruindo, o povo lhe ignora as conseqüências do trabalho negativo. Fá-lo parte, por ignorância, por ganância, outra.

A penalidade pecuniária, cumprenos somar um serviço inteligente de publicidade preventiva; de vulgarização técnica. O regime de cartazes, a exemplo de como está iniciando a Delegacia Florestal de Anápolis, faz resultados. Afixem-se mesmo taboetas explicativas e sugestivas. Que as matas são úteis. Que sua destruição provoca a pobreza da gente; provoca a desvalorização da terra; provoca o regresso do homem à cidade. Que as florestas são bens comuns de saúde. Que as chuvas fugirão de chegar com regularidade. Que a carestia de gêneros nos ameaçará.

A imprensa é auxiliar das mais eficientes. Pode colaborar com vantagem na fixação de tais verdades.

Objetará com exemplos de povos sacrificados. Apoiará em fatos e em números que firmem eloquência.

Há outro raciocínio de ordem técnica a impor.

Nossa posição geográfica exige a efetivação da medida. As terras próximas da cidade não são floristicamente bem povoadas. Terras próximas da Capital, bem dizer, sem que nós restrinjamos a olhar uma só parte.

O problema é quasi geral no País. Mas o palco destas observações é particularmente Goiânia, cidade nova, ainda a tempo de habilitar-se. Quem daqui se afasta um pouco colhe, de surpresa, o desaparecimento das matas. Ontem, ao nascer da cidade, as florestas superpovoavam a terra vizinha; hoje, o carreamento de lenha é indústria lucrativa. Poucos se interessam pelo aproveitamento integral do mato. Adquirida sua parte, o proprietário se apresisa a desnudá-la; depois, o abandono.

Não há ainda aqui movimentos ativos de reflorestamento. O reflorestamento dá trabalho. O reflores-

tamento é o inverso da indústria da lenha. É a inversão do material comerciável.

O Governo de Goiás nos está resolvendo o maior problema de todos os tempos. O problema do fracionamento das terras agricultáveis.

Instituiu plano feliz. Plano que permitiu aos trabalhadores rurais pobres aquisição fácil de terras. O latifúndio está sofrendo em favor do pequeno agricultor. Realizado o que, a intervenção oficial está convocada para soluções de novos problemas.

A falta de departamento próprio, poderíamos servir-nos de uma seção da Diretoria Geral de Produção e Trânsito, aqui no Estado. E em matéria de organização, inspirar-nos no Estado de S. Paulo. Na administração Fernando Costa. Na Secretaria da Agricultura, gestão do sr. Paulo de Lima Correia.

Atentariamos ao texto do recente decreto-lei ali baixado, pelo que faz o governo criar mais uma extensa reserva florestal limitada a quasi trezentos mil hectares.

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

Somos sumamente gratos aos nossos confrades do Triângulo Mineiro pelas desvanecedoras expressões que tiveram para OESTE nesta nova fase de sua edição. Transcrevemos abaixo as notas que a respeito publicaram dois dos mais lídimos expoentes do jornalismo mineiro, “O Triângulo” e a “Gazeta do Triângulo”, que, saídas das penas dos eméritos jornalistas que os dirigem, são para nós, mais que uma cativante gentileza, um grande estímulo para continuidade e sempre maior perfeição de nossa revista.

“OESTE”

Numa edição caprichosamente feita, reaparece a magnífica revista OESTE, que ora se publica sob o patrocínio do Governo de Goiás.

OESTE é um repositório de cultura e visa especialmente propagar os valores intelectuais e materiais do florescente, rico e grande Estado central.

Sob a provecta direção do fulgurante jornalista Castro Costa, OESTE, que é uma revista de feição moderna, possui um seletto corpo de redatores, que sobremaneira honram e dignificam a imprensa brasileira.

O número dêste mês, que marca o advento do seu reaparecimento, apresenta-se magnificamente impresso em excelente papel, ilustrado de variados clichês e com uma série de artigos vazados em estilo fluente e em linguagem escorreita, versando assuntos de mérito e de interesse cultural.

Aos diretores de OESTE os parabéns de “Gazeta do Triângulo”, que se congratula com o povo goiano por possuir mais êsse veículo de cultura, índice insofismável da grande evo-

lução que se opera no opulento Estado de Goiás.

(“Gazeta do Triângulo”, de 25-3-43)

“OESTE”

Goiânia possui ótima revista literária, publicada mensalmente, com o título que encima estas linhas.

OESTE, que reúne nos quadros redatoriais e de colaboradores figuras das mais expressivas dos meios intelectuais goianos, é impressa nas oficinas tipográficas do Estado Central.

O número que recebemos constitui um eloquente atestado da arte e da inteligência dos diretores e redatores da publicação, destinada a prestar os mais significativos serviços à cultura dos nossos irmãos de além Paranaíba.

A nova revista, jubilosamente recebida em todo o Estado Central e no Triângulo Mineiro, tem por diretor o sr. Castro Costa e por redatores os srs. B. Elis, Frederico de Medeiros, Hélio A. Lobo, J. Décio Filho, Paulo A. de Figueiredo, Zecchi Abrahão e, por secretários, os srs. J. B. Felix de Sousa e Carlos Faria.

Os nomes indicados, muito conhecidos nos meios jornalísticos goianos e triangulinos, constituem uma garantia segura do êxito da revista.

A gerência de OESTE está a cargo do nosso distinto conterrâneo sr. Gabriel Anconi, que durante longos anos vem militando na imprensa do **hinterland** brasileiro com notável eficiência e galhardia.

Desejando a OESTE vida longa e próspera, “O Triângulo” agradece a remessa do exemplar que lhe foi dirigido.

(“O Triângulo”, de 27-3-43)

MINHA VIDA

AUGUSTO RIOS

Não sei se devo alegre contemplar
desta colina dura de galgar,
os dias do passado,
ou se será melhor, mercê de Deus,
dar parabéns a mim e aos manes meus
por algo ter gozado . . .

Viver! Ninguém descreve o que é a vida,
são tantos os enganos que, iludida,
a alma não acompanha
as curvas da existência e os dias passam
nas ilusões de sempre, como esvoaçam
as nuvens da montanha . . .

Tristeza dêste nada, que nos prende
vivemos sem saber, ninguém entende
o porquê da existência . . .
E' certo que p'ra vida nos impele
um destino qualquer, qual fibra imbele,
à lei da obediência . . .

Fala-se na mocidade, a flor da vida,
entanto tive a minha entristecida,
batida só de lutas . . .
Fala-se em gôzo, quando a gente é nova,
e a juventude minha numa cova
passei, entre labutas!

O certo é que na vida é tudo vário,
há muito fato fora do ordinario,
que faz-nos meditar . . .
Felicidade é cousa muito rara,
porque feliz é ter-se a alma clara,
alegre, sem pesar . . .

Vale muito o viver, se a gente sente
o calor da afeição, num puro, ardente
enlaçar de amizade . . .
Então, afãs, tormentos, dores, lutas,
as pelepas mais fortes e mais brutas
nada são, é verdade.

Eu não posso queixar-me de meu fado,
tenho sido feliz, afortunado,
só cantando vitória! . . .
Muito jovem, já era convencido
da mais nobre missão, fui decidido
professor, doce glória!

Depois voltei as vistas para o Belo,
pus-me a adorar, num culto mui singelo,
o berço meu natal . . .
Cantei-lhe os hinos mais sagrados d'alma,
dei-lhe o máximo ardor, o estro, a palma,
com unção filial!

Quando escreví, imerso em fantasias,
as minhas pobres, loucas poesias
jamais brilharam, sei;
mas um dia hei-de traçar inda um poema
que seja a minha confissão extrema,
p'ra dizer o que amei!

Não me importa a colina que transmonto,
melhor será agora, dêste ponto
assim mais elevado,
por certo eu sentirei o arrôjo grande,
pedindo ao Deus bondoso que me mande
um canto aprimorado!

Eu creio em Deus, porque desde menino
me ensinaram que um Ser puro e divino
regeria o universo . . .
E essa crença inda vive no meu peito
com o vigor de um dogma perfeito,
que trouxe do meu berço! . . .

Mais de trinta anos sirvo à Lei e tenho
a máxima certeza de que venho
cumprindo o meu dever:
Juiz — tenho enfrentado os desvarios
das injustiças tôdas, com brios
dum honesto viver!

Passaram as fúrias, ódios e os tormentos,
das chamas de espíritos incruentos
ficaram reticências . . .
São êsses pontos negros que inda falam
contra o meu nome, êles que propalam
não ser eu indulgências . . .

Não me julgo vencido, e, sim, alçado
a maior pedestal, pois hei lutado,
só de viseira erguida . . .
Nunca fui um covarde que pedisse
aos inimigos tréguas, sempre disse:
hei-de honrar minha vida!

Não sei se nesta vida existe um termo
pela mão do Destino, ao são, ao enfêrmo . . .
a morte é lei do Fado . . .
Eu já hei visto casos bem patentes
de individuos às tumbas já pendentes
ter à vida voltado!

Choramos os que morrem, mui sentimos
o passar dos amigos, confundimos
o nosso pranto aos mais . . .
Faz falta neste mundo o generoso,
todo aquele que serve e é prestimoso
merece nossos ais! . . .

A velhice só há quando co'a idade
o triste tédio da vida nos invade,
então é crua a sorte . . .
Mas quantas cãs se mostram sorridentes,
brincando, alegres, fortes e frementes
a mil léguas da morte!

Eu me sinto feliz e a paz me cerca;
nada almejo, contanto a que não perca
minha lira a vibrar . . .
Mais do que rei, que gênio, que gigante
aspiro só à glória fulgurante
de sempre o Belo amar! . . .

"A VANGUARDA" A Maior Livraria de Estado de Goiás.

Livros Escolares, Literários, Jurídicos, etc. — Recebe diariamente tôdas as novidades literárias, cobrando os mesmos preços dos editores. Para os srs. Advogados plano de vendas a prestações razoáveis.

Outras Secções: Papelaria, Instrumentos musicais, Louças, Artigos de presentes, Perfumaria.
Atende Pedidos para qualquer localidade do Estado mediante vale postal ou pelo Serviço de Reembolso Postal.

CAIXA POSTAL 63 — GOIÂNIA — FONE 1130

Farmácia Americana

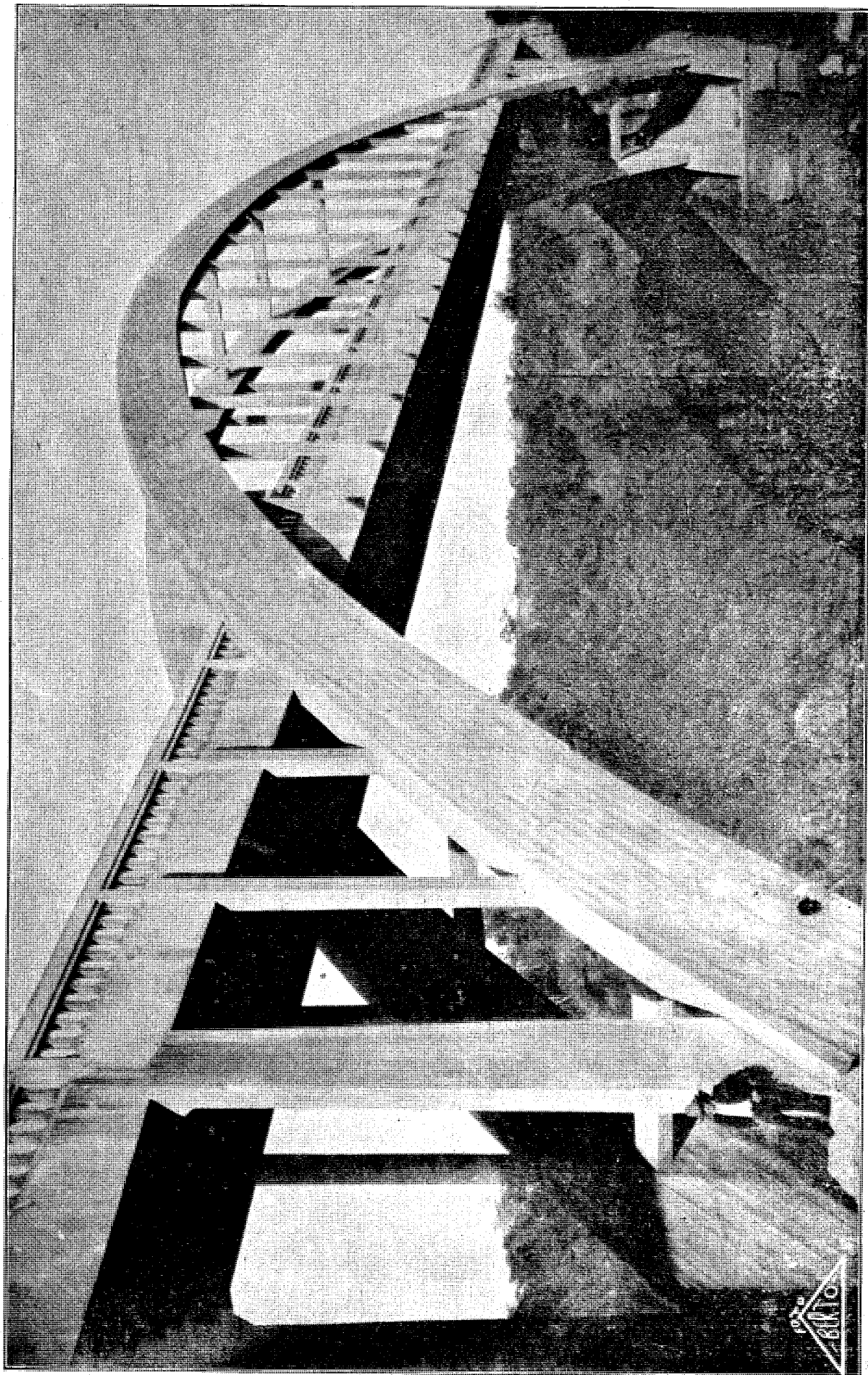
Produtos Farmacêuticos em Geral — Perfumes Finos
— Artigos Para Presentes —

— TUDO DA MELHOR QUALIDADE E PELOS MENORES PREÇOS —
Telefone 1062 — Caixa Postal 88

Avenida Araguaia

(Em frente ao Instituto Médico Cirúrgico)

GOIÂNIA — Capital do Estado de Goiás



A ponte sôbre o Canal de São Simão — ligação do sudoeste goiano ao Estado de Minas - Gerais

LEIAM em nosso próximo número as colaborações de J. Lupus, Desor. José Campos, Erico Curado, Léo Lynce, Jorge Salomão e outros. Como as tenhamos recebido depois de impressa quasi tôda a revista, não figuram neste número essas colaborações, que, por si só, nos asseguram um brilhante número para maio.

OESTE

REVISTA MENSAL

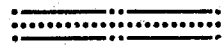
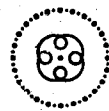
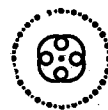
Ano II

Goiânia, Maio de 1943

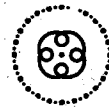
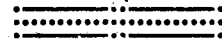
Núm. 4



A abolição da escravatura não foi exclusivamente a consagração dos princípios morais e cristãos de nos-



so povo, mas foi também a afirmação admirável do sentimento mais arraigado em sua alma — o amor à liberdade.



— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Maio de 1943

NÚM. 4

O 1º de Maio de ontem e o de hoje

Comemora-se, dia 1º do corrente mês, o dia do trabalhador. Esse dia, antigamente, era um dia de apreensões. Consagrada, a data, aos proletários, estes dela se serviam para, em passeatas, em comícios e pela imprensa, mostrar à sociedade os seus sofrimentos e as suas necessidades, lançando brados de revolta e de maldição. Desfilavam, então, pelas ruas das capitais, verdadeiros exércitos de farrapos de homens. Os operários eram, bem, àquele tempo, os homens que Deus esquecera. Deus e os governos, também. Os demagogos e os agitadores se aproveitavam, então, do ensejo esplêndido, e investiam contra a ordem, semeando, nas almas feridas, o germe das idéias deletérias.

Era um dia de tristeza, o 1º de Maio. Dia em que os homens de bem tomavam consciência de grandes tragédias invisíveis. Em que a miséria se exibia, em toda a sua eloquente nudez, aos olhos dos homens de boa vontade. Em que a voz da fome se fazia ouvir, poderosa e prenunciadora de graves acontecimentos. Dia em que os espaços se povoavam de choros de crianças, de soluços de espôsas aflitas, de imprecacões de chefes de família desesperados. Dia de reconhecimento, pela sociedade, de sua culpa, de sua máxima culpa.

É que os trabalhadores, no defurto regime liberal, em que dominavam os grupos dos banqueiros, dos jornalistas mercenários, dos políticos profissionais, não eram tratados como seres de carne e osso, mas como coisas, de que os magnatas se utilizavam como simples mercaderia. O trabalho, então, era simples instrumento de exploração capitalística. A “questão social”, que os que não sentiam fome nem frio diziam não existir no Brasil, era con-

siderada, pelo próprio governo, como um mero “caso de polícia”. Os proletários que reclamavam pão, direitos e justiça eram tidos por bandidos perigosos e, como tais, repellidos a metralhadoras e patas de cavalo, em seus movimentos reivindicatórios. Era a escravidão, que, sob novas formas, se prolongava até os nossos dias. A escravidão branca, apenas fantasiada de liberdade pela hipocrisia jurídica liberal.

Todavia, a 10 de Novembro de 1937, instalou-se, no Brasil, o Estado Nacional, firmando-se na sua chefia a figura imponente e ímpar do Presidente Getúlio Vargas. E naquele dia memorável, único em nossa história, raiou uma aurora nova nos horizontes trabalhistas de nossa Terra. O sol da justiça e da liberdade, que durante tanto tempo só aquecera o ninho de sêda dos plutocratas, levou sua luz até às choupanas e casebres, iluminando com a esperança os corações torturados. E a vida amanheceu para os trabalhadores.

A nova política brasileira, profundamente humana e nacionalista, penetrou fundo as nossas realidades, e, no intuito de formar um Grande Povo e criar uma Grande Pátria, pôs na valorização do trabalho e na dignificação do trabalhador um dos seus propósitos fundamentais.

O Presidente Vargas, porém, não vê classes:— vê homens. O seu conceito de trabalhador é elevado e amplo, contém todos os que produzem, em qualquer sector, todos os que, de algum modo, contribuem para o engrandecimento da nação. O trabalhador, para êle, é um valor humano respeitável. Por isso, o que em outras plagas custou ao trabalhador lutas, viuvez e orfandade, conseqüência êle, aqui, espontânea-

mente, das mãos compreensivas e humanas do governo:— salário mínimo, lei das oito horas, férias, lei dos dois terços, pensões, seguro contra acidentes, justiça especial, casa própria, refeitório coletivo, biblioteca, escolas para seus filhos, maternidades para suas espôsas, órgão de classe, assistência médica, etc., etc..

É o homem o ponto central de referência da nova política, o seu eixo de gravitação. Por isso, no Brasil não se veem classes, mas uma só classe:— a classe dos homens. Não se distinguem questões, pois só há uma questão:— a questão nacional. O Estado Nacional, modelar, único no mundo, visa formar um homem novo, um homem em que todas as faculdades se desenvolvam normalmente, harmoniosamente, plenamente. E aí está porque dispensa tantos cuidados e atenções aos trabalhadores, que recebem, agora, do Estado, toda a garantia e toda a assistência de que carecem.

Não existe mais a denominada “questão social”. Mas não existe porque foi resolvida. Os extremistas e demagogos não têm mais, na massa obreira, pasto em que alimentar os seus ideais anarquistas. Ficaram falando sózinhos . . . Dentro dos quadros sociais do novo Estado, todos, inclusivê os operários, têm um lugar definido, uma atividade determinada.

E eis porque o 1º de Maio, hoje, é um dia de alegrias sãs. Um dia em que os operários bebem e dansam. Um dia em que os espaços se enchem de aleluias festivas. Um dia em que, ao invés de “passeatas da fome”, há concentrações cívicas nas ruas, com bandeirolas e banda de música, o retrato do Presidente Cidadão substituindo, nos estandartes, as antigas lendas revolucionárias.

O OPERÁRIO NÚMERO 1 DO BRASIL



Getúlio Vargas é um dos grandes vultos contemporâneos. Um dos líderes políticos do momento. Seu nome enche todo um século. Sim, porque a sua obra se perpetuará na história, terá repercussões imortais no tempo, ressoará pelo futuro como uma bênção sagrada do destino ao Brasil.

Ele foi o Salvador da Pátria. É um predestinado. Surgiu quando devia surgir, quando só um homem da sua estatura poderia arcar com as responsabilidades do leme do governo de um país como o nosso, em tão difícil instante.

Getúlio Vargas revelou ao mundo uma mensagem nova. Sua obra é grandiosa e única. Pensador profundo, rico em qualidades de condutor, o nosso Presidente ascendeu ao Poder numa época terrível, uma das mais trágicas da história. Era de transição entre um mundo que mor-

re e um mundo que nasce. Não uma época de decadência, como julgam os superficiais e os pessimistas. Mas uma época de gestação de uma nova época. Estamos como que mergulhados em uma nova Idade-Média, em que se prepara, talvez, uma nova renascença, em que virá, como na primeira, um novo humanismo, — mas um humanismo menos literário e mais social, menos jurídico e mais político, menos abstrato e mais concreto, — um humanismo de outra natureza, outra profundidade, outro sentido, outras dimensões.

Pois o Presidente Vargas, com senso verdadeiramente divinatório, está preparando a nossa Pátria para os novos tempos que aí vêm. A democracia que revelou em doutrina e está realizando na prática, democracia social, econômica, biológica, — democracia integral, é uma prova da asserção que fazemos. O Estado

que criou e dirige, com sabedoria, tolerância, habilidade e decisão, é como que o embrião dos Estados futuros que se implantarão no mundo de após guerra.

Por isso, o Chefe da Nação procura erguer seu povo até um nível em que esse povo seja capaz de apreender o sentido dos tempos novos que aí vêm. Daí o caminho que ele, pela sua política, vem trilhando, buscando preparar o trabalhador, de corpo e alma, para a homérica empreitada dos dias vindouros, a-fim-de que o Brasil possa ir ocupar, amanhã, o posto que lhe está reservado no mundo. O trabalhador terá, na tarefa imensa, um lugar insubstituível, e por isso o Presidente lhe dedica tôdas as atenções e cuidados. O Chefe da Nação não dorme. Seu gabinete é uma oficina de trabalho incessante e fecundo. Getúlio Vargas é, sim, o Operário nº 1 do Brasil.

O OPERÁRIO NÚMERO 1 DE GOIAZ



É difícil caracterizar figuras do porte de Pedro Ludovico Teixeira. São homens complexos demais. Indivíduos que compendiam um mundo em sua personalidade. Entretanto, alguns traços há, em tais tipos, mais fortes, mais visíveis. No Interventor Pedro Ludovico, por exemplo, ertas linhas são marcantes: — a vontade firme, a inteligência intuitiva, a honestidade inapelável. Nestes três sinais estão a chave do segredo de seus triunfos magníficos, tão grandes que já o fizeram merecedor do título de Pedro o Grande de Goiaz. Pela semelhança de sua obra com a de Pedro o Grande da Rússia. Semelhança inegável, profunda, que ressalta logo à vista dos que conhecem a história da Rússia e a história de Goiaz.

Contudo, a marca mais singular do caráter do atual Interventor de Goiaz está, indubitavelmente, no seu, digamos — *medular* sentimento de humanidade. Pedro Ludovi-

co é, antes de tudo e sobre tudo, humano. Seu coração é tão grande quanto o mundo; cabem nele as angústias tôdas e tôdas as esperanças dos fracos, dos humildes, dos oprimidos. Homem do povo, com o povo e para o povo sempre viveu. Por isso, é um homem que sabe sentir o povo, que compreende o povo. Em conversa, em discursos; no lar, nas ruas, no palácio; em tôdas as suas palavras e atitudes; em seus sentimentos e em sua inteligência; em todo o seu ser, em suma, está sempre presente, vivo, vigilante, o homem do povo. Cristo está sempre presente no coração e nos gestos do maior dos goianos. E onde está Cristo, está o amor aos pequeninos, o amparo aos necessitados, a esperança para os descrentes, o castigo para os perversos, o chicote para os vendilhões do templo . . . É, assim, o interventor goiano, um homem que fez do governo um instrumento de edificação do povo. Ele não espera que

o povo suba até êle, para lhe expor sua situação e reclamar medidas que o favoreçam. Não; o povo está, permanentemente, em suas cogitações de estadista de escol. Por isso o interventor vai diretamente até às massas, espontaneamente, para ouvir a sua voz, conhecer os seus problemas, dar-lhe o de que êle precisa.

E aí está porque as massas trabalhadoras consideram o Interventor goiano como um verdadeiro companheiro. Aí está porque Pedro Ludovico, um dos maiores vultos do Brasil Novo, discípulo dos melhores do Presidente Vargas e soldado dos mais valorosos e sinceros do Estado Nacional, é por todos considerado como o operário número um de Goiaz. Aí a razão desta nossa homenagem ao idealizador e construtor de Goiânia, obra que engrandece uma raça e imortaliza um nome, obra esplêndida, que simboliza a própria conquista do Brasil pelo Brasil.

O jejum do Senhor dos Passos

Pedro Gomes

("O Pito Aceso", recém-publicado livro do professor Pedro Gomes, é, antes de mais nada, uma obra preñhe de sadio humorismo, em cujas páginas a vida pitoresca de nossa gente é fixada com uma ironia terna e despreziosa. OESTE tem o prazer de oferecer, hoje, um dos contos de "O Pito Aceso" a seus leitores).

Não havia imagem de Senhor dos Passos no florescente arraial da Mula-Morta.

Como todo arraial que se preza, Mula-Morta não dispensava as festividades religiosas, principal característico dos arraiais que nascem, vivem e morrem arraiais, como nasce, vive e morre sua pleniota e reduzida população.

Mas o não haver imagem de Senhor dos Passos não era dúvida: havia anualmente a procissão respectiva.

Possuía a igreja do vilarejo um "bruto" andor, construído com pesados champrões de cedro, com capacidade para dois mil quilos de santos e lotação para trezentas palmas naturais e artificiais, sem prejuizo dos lugares para os anjinhos, que a habilidade dos mula-mortenses concretizava com algodão e retalhos de chita, e mais um par de asas de garçeta.

Para o elevado pôsto de Senhor dos Passos, era chamado, todos os anos, o Calimério, cuja *magricelidade* desafiava a inveja ao mais indolente obeso. Depois de oito dias de jejum integral, passados na sacristia da igreja matriz e única, fazia um figurão, de joelhos sobre o andor, coroado de espinhos, túnica roxa, cintura envolvida em grossa corda de jangada tingida de urucum, circundado de palmas e anjos, conduzindo o pesado lenho e conduzido, por sua vez, por quatro ou seis *coronéis da briosa*.

E Mula-Morta tinha também sua festa de Passos.

Naquele ano, porém, na-

quele ano em que teriam a visita do Bispo, Calimério malquistou-se com Padre Tristão. Não quisera o Vigário consentir em que êle recitasse, em casa do coronel Bartolomeu, à mesa de lauto jantar oferecido ao *humilde* representante da colmeia do Vaticano cá na Província um discurso que êle próprio, Calimério, escrevera, — especialmente para homenagear o Bispo. — copiando página e meia duma gazeta. Zangou-se, e não mais quis exercer o "espinhoso" cargo de Senhor dos Passos. Sua recusa melindrou também o Coronel Bartolomeu, que não queria, naquele ano, procissão com menor brilho, visto como havia subido o partido conservador, de que era chefe supremo em Mula-Morta, e sobretudo porque tinha recebido de presente uma "opa" nova, com suas iniciais no *reirão*, bordadas a prata entre duas dragonas entrelaçadas por seis galões.

Ora, tinha o coronel, em sua fazenda "Pássaro-Preto", excelente competidor para Calimério: o Calixto Espinha, magro até na consciência.

Mandou chamá-lo com oito dias de antecedência.

Calixto veio porque, afinal de contas, não podia deixar de vir: devia quatrocentos mil réis ao chefe político. Veio, entretanto, contrariadíssimo com a prebenda que lhe impedia, por quasi duzentas horas, de dar expansão a seu corrosivo apetite, frisante contraste com a sua insuficiência de rotundidade.

Em chegando ao arraial, foi logo conduzido à sacristia, para a abstinência regulamentar. E por lá ficou até Domingo de Passos.

À tarde dêsse dia, quasi morto de fome, foi paramentado e colocado no lugar tantos anos abrilhantado por Calimério da Assunção.

* * *

Sai a procissão.

Abre a marcha o *pendão* levado por cinco latagões, dirigidos por Canuto Cacheado, professor público local que, a-fim-de por em ordem o pessoal, não cessa de repetir: "*Fais aula, fais aula, gente.*"

A *irmandade* acompanha o *pendão*; em seguida, os anjinhos, puxados a mão pelos papás, cada qual mais solene e convencido de apresentar seu pimpolho como expoente máximo da graça e da beleza.

Depois as *aulas* dos moços e moças e, logo, o andor, tendo agarrado, num dos varões, o coronel Bartolomeu envergando a *opa* nova.

Fecha o préstito a corporação musical Santa Cecília, composta de nove instrumentos de sôpro e três de pancadaria e sob a regência do clarinetista Martinho Coberto Com Ovos.

Badalam os sinos. As portas e janelas de Mula Morta se entopem de gente, a ver a procissão que segue por aí a fora.

Calixto vai "arrancando" de fome, e, vendo tôda a gente com cara de já ter jantado, mais se lhe aguça o apetite. Ao passar o desfile pelo armazém de secos e molhados do português sr. Domingos Vieira, Senhor dos Passos empalidece; todos compreendem o motivo: as grossas linguças de porco, ex-

BRASIL DESCONHECIDO

ALFREDO DE CASTRO

O centro do Brasil, em sua parte ainda inexplorada, é motivo permanente de atração para os estrangeiros.

Periódicamente caravanas de turistas ou exploradores penetram os sertões de Goiaz, visando fins diversos:— estudo da flora e da fauna, uns, estudos geológicos, outros.

E, todos êles fazem, em literatura de estilo duvidoso, os relatórios de suas excursões que são avidamente acolhidos pelas casas editoras de Paris ou de Londres e aos quais não falta sequer o sabor das narrações de um SAVAGE LANDOR, o novelesco e exagerado descobridor de sertões, que percorreu o Brasil, sob o paralelo 12, guiado apenas pelos fios telegráficos do General Rondon...

A démangeaison d'écrire

postas à venda, ferem as sagradas vistas da imagem faminta.

— “Anda, gente!” — brada o coronel — “anda!”. Depois, em voz baixa, a Calixto: — “Tem paciência, Calixto; daqui a pouco você tem uma boa janta”.

O coronel fazia questão fechada de que Senhor dos Passos aguentasse o *baque* pelo menos até sua casa, onde estava *armado o passo* mais importante, por isso que ali prêgava o vigário o sermão de encontro. Fêz, portanto, apressar a marcha, o que sobremaneira agradou a Calixto.

Assim é que logo lá chegaram.

Detêm-se o préstito. A “Santa Cecília” tropeja uns motetos, enquanto padre Tristão, debruçado sobre um púlpito adrede preparado, medita no sermão que vem repetindo àquele povo há mais de quinze

entre os turistas é um prurido ao qual não escapam os *Amundsen* equatoriais, que, não podendo localizar o centro dos polos, contentam-se, modestamente, com descobrir o centro do Brasil; é uma cócega que inquieta os Tartarins modernos, trazendo-os à serra Dourada, tão distante dos Alpes e, não obstante, amplo cenário para os dramas heróicos de caçadas emocionantes e perigosas...

Até aqui, tudo vai muito bem e no melhor dos mundos.

O Brasil precisa mesmo tornar-se sempre e mais conhecido; suas riquezas já tão decantadas em prosa e verso nacionais, necessitam de quem as descreva e divulgue no estrangeiro. Infelizmente porém, muitos desses officiosos plumitivos, ao tentarem

anos.

Terminados os motetos, levanta-se padre Tristão. Joga o capuz para as costas, persigna-se, faz um gesto largo e começa:

— “Mãe, eis, ali, teu filho! Filho, eis ali tua mãe! . . .”

Nisto, grande grito faz estremecer a multidão, grito que partiu da casa do coronel Bartolomeu e que se conheceu ser do Zuzú, filho único do conceituado chefe político.

Todos os olhares para lá convergem: Zuzú, na janela, próximo ao andar de Senhor dos Passos, arma uma chorradeira infernal.

O coronel deixa o varão do andar, chega-se apressadamente para a janela e pergunta quasi a gritar: — “Que é que foi, Zuzú?”

— “Foi seu Calisco!” respondeu o menino, chorando — “Foi seu Calisco! ai! ai! Foi seu Calisco que tomou minha guaiaba! . . .”

escalar as alturas da imortalidade literária, à custa de *blagues* sensacionais, de tudo se lembram, menos, naturalmente, de dizerem o que viram e como o viram.

Eis aí a fonte dessa literatura tão procurada, mas que tanto mal nos tem feito, causando fora do Brasil a impressão de que no centro do imenso deserto sulamericano vive, entre bananeiras e macacos, um povo de negros que, depois de associar-se aos índios, batizou-se pomposamente com o título de brasileiros!

Essas e outras considerações nos vêm à mente no momento em que acabamos de receber uma carta em que a autora de mais um livro de viagens nos comunica que vai entregar ao prelo uma obra da qual já conhecemos alguns capítulos em original, e na qual Goiaz ocupa uma das partes principais.

Queremos nos referir ao livro “BRÉSIL INCONNU”, de autoria da Marquesa Basili de Saint Pierre, ilustre dama francesa que, há anos, passou alguns meses em viagem de estudos nas florestas do Norte de Goiaz.

Ao tempo, distinguidos pela fidalga gentileza da escritora, tivemos o prazer de ouvir alguns capítulos desse livro e confessamos aqui a impressão altamente favorável que dele colhemos.

Antes de mais, digamos que se trata de trabalho consciencioso, produto da observação cuidadosa de um espírito culto e pesquisador, guiado por excepcionais qualidades de método e síntese, servido ainda por estilo fluente e agradável, que o torna nada menos que encantador.

Na parte concernente a Goiaz, tivemos ocasião de observar a grande simpatia que a autora concebeu por esta terra e por seu povo.

Sem parcimônia e sem exageros, essas páginas, escritas na calma ardente dos sertões tropicais, refletem estes d'alma perfeitamente sen-

“Oeste” registrada no D. I. P.

Tão logo reiniciamos nossa circulação em 1943, após a promulgação do decreto-lei estadual n. 7.045, de 3 de fevereiro último, que oficializou nossa publicação, tomámos providências junto ao Departamento de Imprensa e Propaganda no sentido de conseguir o registro legal de “Oeste”.

O “Diário Oficial”, da União, do dia 14 do mês transato, noticia já agora que o Conselho Nacional de Imprensa, em sessão realizada sob a presidência do Diretor Geral do D. I. P., Major Antônio José Coelho dos Reis, lançou o despacho de “Registre-se” no requerimento de nosso Diretor no qual era pedida a legalização de “Oeste”. Ao trazer tal ocorrência ao conhecimento de nossos colaboradores e leitores só temos que nos congratular com todos aqueles que desejam ver, de-fato, coroados de êxito os esforços do grupo de moços que o Interventor Pedro Ludovico escolheu para orientar o esplêndido movimento de revigoração intelectual que esta revista simboliza.

“Oeste” dá, com isso, mais um passo à frente, no caminho da realização de seus objetivos.

tidos e melhor traduzidos em linguagem sóbria e elegante.

Em traços largos e vigorosos está feita a descrição do nosso *habitat*, em quadros esplêndidos, nos quais a côr local transluz e se transfunde com justeza e intensidade.

Num climax delicioso se faz o estudo psicológico dos habitantes, seus usos e costumes, e se apresentam deliciosas lendas colhidas no ambiente, ao lado de consciencioso resumo histórico da descoberta de Goiás, tudo escrito por pena adestrada, a serviço de um espírito agudo e de delicada sensibilidade.

“BRÉSIL INCONNU” vem

alistar-se entre os melhores trabalhos que existem no gênero, tendo entretanto, sobre todos os que conheço, a superioridade de haver sido escrito sem visar finalidades comerciais, em obediência a um plano previamente prefixado pelos editores:—é simplesmente o resultado de estudos e das tendências literário-científicas da autora, já bastante conhecida em seu país, nesse mesmo caráter.

Estamos ansiosos pelo dia em que nos seja dado o prazer de manusear o texto definitivo de “BRÉSIL INCONNU”, que, em resumo, é um hino aos esplendores da natureza

tropical e uma retificação de erros sedícios, e no qual se faz inteira justiça a nossa gente, hábitos e caráter.

Não temos mais problemas regionais; todos são nacionais e interessam ao Brasil inteiro.

GETÚLIO VARGAS



A liberdade não é uma dádiva do céu: é um fruto do trabalho. Não é um meio de expansão dos egoísmos, nem de conformidade e tolerância com os desvarios e ambições individuais: é um princípio de equilíbrio, de respeito aos outros homens, de auto-domínio e de auto-limitação em benefício da justa expansão das personalidades e aspirações dos nossos semelhantes.

ALMIR DE ANDRADE

Olhos benditos

Olhos benditos, olhos que contemplo,
Lindos, maguados, de expressão piedosa;
Olhos que lembram tardes côr-de-rosa
E pombas brancas sôbre a paz de um templo...

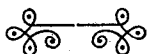
Olhos benditos que minh'alma ansiosa
Segue na vida como um bom exemplo;
Olhos benditos, olhos que contemplo
Velados sempre de uma luz saudosa.

Olhos benditos que os meus olhos beijam
Num silêncio de plumas que voejam
No ouro das tardes roxas de verão...

Olhos que vi em prece ao pé da Cruz,
Iluminando as chagas de Jesus,
Olhos, enchei de luz meu coração!

MCMXLIII

ERICO



Oeste

Aquí tenho sob a vista,
Formosa e leve, a elegante
"Oeste", grande revista
Que já surgiu triunfante.

De feitura modernista,
E' um florilégio brilhante,
Que se arma para a conquista
De um renome cintilante.

Glória, portanto, a Goiaz...!
Glória! é o brado que me apraz
Dar saudando a nobre empresa,

Que já vem abrindo em luz
A marcha que nos conduz
Para o progresso e a grandeza.

XXII—III—MCMXLIII

ERICO

A Pinta Preta

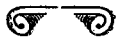
*A pinta preta que tu tens no rosto
E uma pinta mimosa e tão pequena,
Que te dá mais encanto e mais amena
Graça, qual nuvem leve em céu de agosto.*

*Faz um soldado abandonar seu posto,
Faz queimar-se na luz uma falena,
Inveja os anjos da mansão serena
A pinta preta que tu tens no rosto.*

*E eu imagino até, bela menina,
Que Deus de ti, um dia, enâmorou-se
E chorou de pesar e de desgosto...*

*Chorou... e a branca lágrima divina,
Gota do céu, caindo, transformou-se
Na pinta preta que tu tens no rosto.*

Hígino Rodrigues



Serenata

*Noite escura. Sertão. Rua deserta.
Doze horas batem compassadamente.
Tudo silêncio sem rumor de gente.
Sôzinho e mudo, da janela aberta,*

*Contemplo a escuridão. Mas de repente
Ouço estranho rumor! Alento, alerta,
Eu percebo que, paulatinamente,
Um vulto se aproxima e o passo aperta.*

*Mais outro, outro, mais um. E na mesma hora
Tinem violões e o clarinete chora
No silêncio da vila tão pacata...*

*O grupo avança. A orquestra continua
E a pouco e pouco vem surgindo a lua
Saudando a maviosa serenata...*

João Acioli

Nel Mezzo Del Camin

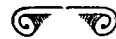
*Romeiros do ideal, filhos da luz.
Como vós que passais buscando a glória,
Essa deusa imortal que nos seduz,
Com seus louros e palmas de vitória,*

*Eu também procurei deixar na história
O meu nome gravado e então me pus
Em caminho... levando na memória
Da esperança o padrão que nos conduz!*

*Cedo, porém, cansei-me e então, sôzinho,
Sentei-me triste, à beira do caminho...
E não me animo a prosseguir, eu não!...*

*Está longe ainda o ponto desejado!
Ide vós que eu aqui fico parado...
Só bendizendo os que passando vão!*

Arlindo Cesta



Resignada

*Roubaram-me da vida a luz formosa,
Meu pobre coração despedaçaram.
Uma esperança, uma ilusão ditosa,
Nada ficou; de tudo me privaram.*

*Nem uma estrela rútila deixaram,
Nesta, em que vivo, noite pavorosa.
Oh! é demais! a vida me tornaram
Numa agonia lenta, dolorosa...*

*Contudo, não lastimo; resignada,
Da dor empunho a taça envenenada,
Seguindo vou meu triste itinerário.*

*Apenas sinto um longo desalento.
Ai! pesa tanto a cruz do sofrimento
E está tão longe ainda o meu Calvário!*

Leodegária de Jesús

P a l m a r e s

O d o r i c o C o s t a

No ano 72 antes de Cristo, Roma estava transida de susto: Espartaco, originário de uma horda nômade da Trácia, à frente dos escravos sublevados, estava submetendo as legiões romanas, mandadas em sua perseguição, às mais cruéis humilhações. Além de derrotar os mais célebres capitães romanos da época, Espartaco havia conseguido fazer prisioneiro o pretor Cláudio Pulcro e, para mais ferir o orgulho de Roma dominadora, em uma festa, havia feito com que trezentos jovens, pertencentes à mais alta aristocracia romana, prisioneiros do derrotado exército de Pompeu e Luculo, lutassem para desfazimento dos escravos, tal qual estes lutavam para gáudio dos romanos...

Em Palmares, na heróica república dos Palmares, temos um episódio de tanta grandeza, de tanta extensão e de tanta profundidade que nada fica a dever a essa impressionante história das sublevações dos escravos romanos.

Palmares não teve cronistas. Tudo o que a respeito sabemos é de tal maneira confuso, que nem a localização exata dessa república negra é uniformemente indicada pelos historiadores.

Oliveira Viana denomina Palmares de **Tróia Negra**, que teve **lances de uma Híada**, e na morte de Zumbi vê o **mais belo e o mais heróico de todos os protestos de escravo**.

Para que se possa compreender bem o que foi a luta dos Palmares, precisamos de encarar o negro sem essa prevenção secular que nos foi transmitida criminosamente de que o negro é inferior ao branco. Os depoimentos modernos da antropologia revelam que o negro possui traços de capacidade mental em nada inferior às mais raças e o professor Boas, citado por Gilberto Freyre, diz que o negro **possue considerável iniciativa pessoal, talento de organização, poder de imaginação, aptidão técnica e econômica**.

A apregoada inferioridade cerebral do negro rue fragorosamente ante os estudos das médias cerebrais, citados pelo mesmo autor de "Casa Grande & Senzala". O cérebro do branco pesa, em média, 1341 gramas e o cérebro do negro pesa 1292 gramas. A mulher branca, entretanto, possui uma média cerebral inferior à do negro: o seu cérebro pesa, em média, 1250 gramas. Comparando esses algarismos, poderemos chegar a **espantosas conclusões**.

O negro africano trouxe, para o Brasil, alguma coisa mais além da simples energias para o trabalho brutal. Trouxe civilização e trouxe, mais, uma elevadíssima contribuição para o nosso progresso moral e

material. Eschwege, oficial alemão que, no primeiro quartel do século XIX, desempenhou importante missão no interior do país, revela que foi o **africano que trouxe para o Brasil a mineração do ferro**. Foi ele que ensinou os brasileiros a talhar os metais, a criar o gado e, ainda mais, a cozer os seus alimentos.

Em paga, que foi que demos ao africano?

São bem conhecidos, ainda hoje, tantos anos após a extinção da escravatura, os tormentos dos cativos nas fazendas brasileiras, tormentos que, por vezes, possuíam um requinte espantoso de crueldade. **Houve senhor que lançou escravos na caldeira fervente dos engenhos ou fez passar escravos entre as moendas dos banguês, para vingança ou por castigo**, relata Lúcio de Azevedo. Brandão Júnior, também, conta que, em certos engenhos do Norte, o fazendeiro, para não perder o trabalho das negras, **fazia com que seus filhos, crianças de mama, ficassem enterrados até a cintura em buracos abertos no "tejupabo", para evitar que os mesmos gatinhassem e se perdessem pelos arredores ou fossem devorados pelos porcos**...

Foi imenso o martirólogo do preto escravizado. A sua vida, nesse tempo, era um pouco abaixo dos animais de tração. Ao menos estes não eram subalimentados e não eram torturados...

O negro, passados os primeiros dias de estupor causado pela viagem, começava a possuir, pela terra e pelo homem, um ódio profundo. Ódio de vencido, ódio de escravo, ódio de raça, ódio de classe. E, daí, as suas fugas dramáticas através das selvas imensas, afrontando tôda a hostilidade das brenhas, afrontando a sanha sanguinária dos capitães do mato, pago a \$500 por preto capturado. Tôdas as agonias da fuga desvairada, todos os tormentos da mata agressiva eram preferíveis à ignomínia da escravidão.

Palmares enche de estranho fulgor uma grande nega da história colonial brasileira. Pelos documentos agora exumados dos arquivos, está exuberantemente provado que não houve um só Palmares. Houve muitos, em todos eles palpitando um dementado espírito de liberdade, uma revolta terrível contra o branco, um ódio profundo contra o escravizador. Sabe-se, mais, que na luta contra os negros aquilombados mobilizaram-se duas nacionalidades: os portugueses e os holandeses, uns e outros con-

vencidos de que Palmares era um perigo e era uma humilhação, um e outro com a mesma convicção de Roma ao tempo de Espartaco: era o brio nacional que estava ofendido com a existência desse foco de rebelião...

Sôbre cada Palmares destruído, surgia imediatamente um novo Palmares. Dificilmente a Fênix da lenda encontra um símile mais expressivo que o renascimento de um novo Palmares sôbre cada Palmares destruído. Palmares, destruído pelos holandeses comandados por Baréo, ressurgiu cheio de vida em 1675, para ser, mais tarde, destruído furiosamente pelo sargento-mor Manoel Lopes. Palmares ressurgiu, depois, em 1677, para ser, a seguir, destruído por Fernão Corrilho, e Palmares ressurgiu, por fim, na formidável república dos Palmares, na República de Zumbi, cuja destruição custou rios de sangue. Ainda assim, depois de espetacular arrasamento, que deixou sulcos em nossa história, Palmares ainda teimou em viver. Há notícias mais ou menos precisas de que a fortaleza destruída em 1675, como querem uns historiadores, ou em 1677, como querem outros, há notícias de que, em 1703, Palmares ressurgira, Palmares era uma nova república dirigida pelo negro Camangô.

Para completar a semelhança entre Zumbi e Espartaco, semelhança magnífica nos fins liberatórios, nos motivos econômicos e no sentido social, temos, até, a vitória do africano rebelado contra o paulista Domingos Jorge Velho, episódio que vale, exatamente, pela vitória do gladiador tráico sôbre as legiões do pretor Cláudio Pulcro.

Domingos Jorge Velho era o tipo completo do andarilheiro da era colonial. Foi contratado **para conquistar, destruir e extinguir totalmente os negros dos Palmares**. O contrato possui 16 artigos e nele se dispôs, de maneira expressa, que as presas de guerra seriam vendidas no Rio-de-Janeiro e Buenos-Aires; que o governador de Pernambuco **forneceria pólvora e chumbo para a primeira entrada, munições de boca de 2 em 2 meses, mil cruzados em armas e outros petrechos de campanha, concessão dos quintos das presas e produtos dos negros vendidos, concessão de sesmarias nas terras dos Palmares, 4 hábitos das três ordens militares, 3\$000 por cada negro cativo em campanha resgatado por seus antigos senhores**.

O contrato fixava outras conces-

sões ao paulista e foi retificado, depois, a 3 de dezembro de 1691 pelo governador Marquês de Montebelo.

O primeiro choque entre paulistas e quilombolas foi uma derrota cruel para Domingos Jorge Velho. No campo da luta, só do lado dos paulistas, ficaram mais de 400 mortos. Do lado dos africanos as baixas não foram menores. O paulista, abatido, com seu exército desmoralizado, foi forçado a recuar para Fôrto-Calvo, onde recebeu reforços. Vieram seis mil homens e o cerco dos Palmares foi recommçado com violência.

A cidadela resistiu com uma bravura que chegou ao ponto de resvalar pela demência. O cerco parecia se eternizar sem que houvesse esmorecimento de parte a parte. Os viveres começaram a faltar quando, certo dia, traído por um dos seus immediatos, Zumbí viu quebradas as tronqueiras, despedaçadas as cercas e transpostos os fossos da fortaleza. Os brancos invadiram a cidadela durante a noite, acometendo a negraria com inaudita impetuosidade.

Um depoimento do que foi essa terrível noite ficou em documento oficial. É uma comunicação, de 18 de fevereiro de 1694, do governador de Pernambuco, Caetano de Melo Castro, ao Conselho Ultramarino. Em certo trecho dessa comunicação, o governador diz que *nessa confusão se arrojaram os pretos desesperadamente na mesma noite à estacada, com que tinhamos cercado suas fortificações, e não houve em os nossos toda a resistência necessária pelos poucos defensores que se achavam naquele distrito, mas sendo socorridos se lhe deu uma carga de espingardaria, aos que estavam já da parte de fora da cerca, donde se mataram muitos, e foram tantos os feridos que o sangue que iam der-*

ramando serviu de guia às tropas que os seguiram e aprisionaram muitos e outros se tornaram a recolher, mas errando o caminho se despenhou grande parte deles de uma rocha tão alta que se fizeram em pedaços.

A descrição dessa matança assombra: mulheres desatinadas atiravam-se aos pés do invasor e eram mortas a pauladas e a punhaladas; as crianças eram espatifadas ou estripadas e os feridos, numa bravura inútil, se agarravam aos invasores, com os dentes como derradeira arma...

Zumbí, formidável em seu heroísmo, em sua fascinação pela liberdade, recua combatendo e, afinal, grimpendo um rochedo inacessível, na serra da Barriga, de lá, como um semi-deus destronado, assiste ao desbaratamento de sua gente, ao arracamento de sua república.

Mostrando não amar a vida na servidão, diz um historiador, Zumbí, com todos os seus capitães que o acompanharam na hora negra da derrota, atirou-se da eminência de um rochedo.

Esse ato, diz Rocha Pombo, de infância, digno dos maiores homens da história, ofereceu aos vencedores um espetáculo que se não pôde imaginar sem espanto.

Esse episódio afinal, de tamanha bravura e — (para que não dizer?) — de tamanha beleza, tem sido contestado por alguns historiadores, o que, todavia, não diminua a grandeza do espírito predominante na revolta dos Palmares e a heroicidade cementada dos negros de Zumbí.

Sabe-se, mais ou menos, como era a organização social do Estado Negro dos Palmares. Gaspar Barleo, historiador holandês, contemporâneo da primeira guerra dos Palma-

res, relata que os negros daquela república reconhecem-se todos obedientes a um rei que se chama Gunga-Zumbí, que quer dizer Senhor Grande; a este têm por seu rei todos os mais, assim naturais de Palmares, como vindos de fora; têm palácios, casas de família e o seu rei é assistido por guardas e oficiais, como costumam ter as casas reais; os que chegam à sua presença põem logo o joelho no chão e batem palmas na boca, sinal de reconhecimento e proteção de sua excelência por majestade falam-lhe e o obedecem por admiração.

Aires Casal relata que os Palmares constituíam uma república bem organizada a seu modo. Todos os negros fugitivos que conquistavam a sua liberdade a conservavam entre os habitantes de Palmares. Todos os que se arrancavam à força das fazendas ali ficavam como escravos.

Nina Rodrigues completa as informações da organização social dos Palmares relatando que ali eram punidos de morte o homicídio, o adultério e o roubo; de morte se puniam ainda aqueles que, já sendo livres em Palmares, voluntariamente regressavam ao cativeiro. A suprema lei da manutenção de Palmares era a capacidade de liberdade adquirida: faltar a esse dever era desertar e trair a causa comum e o máximo da punição devia correr em auxílio dela, a erguer e a sustentar os ânimos dúbios.

Em Palmares é preciso que nós todos, que trazemos no canudo das veias o generoso sangue africano, vejamos uma das afirmações mais brilhantes do espírito libertário do preto, do preto que foi um vector admirável de civilização e de prosperidade econômica para o Brasil.



UNS BRAÇOS...

Louise Colet posava no "atelier" de Pradier, e Flaubert achava se presente. Sorrindo, o famoso modelo perguntou-lhe:

— Sabeis que encontraram os braços da Venus de Milo?

— Onde? — madame — Interrogou-lhe o romancista.

— Nas mangas do meu vestido, senhor...



Vista de uma piscina em Furiú-Alegre — Goiás

AS SAUDADES DA PRETA JOANA

— J. B. Felix de Sousa —

A preta Joana lembrava as bruxas das histórias que nos contavam. Encarquilhada, muito feia, muito trêmula, ainda tinha as mãos aleijadas, parecendo duas garras só com a pele negra a cobrir os ossos. Ela muitas vezes apareceu nas noites de pesadelos para me carregar para alguma gruta tenebrosa. Por isto quando ela passava pedindo esmolas eu me escondia medroso.

Passaram-se anos e eu já ouvia, não histórias de fadas e bruxas, mas de vice-reis, D. João VI, Deodoro. Estas não me perturbavam o sono, mas quando falavam dos tempos da escravidão eu via sempre a preta Joana nas senzalas, nos quilombos, nos troncos, requebrando-se tôda nos batuques e candomblês à noite e trabalhando sob o chicote dos feitores o dia inteiro.

Passei a sentir pela preta velha um misto de curiosidade e dó quando ela passava, resmungona, todos os sábados, a pedir esmolas.

Tentei muitas vezes ouvir suas histórias, mas ela sempre dependurava a beizorra num muchocho de impaciência e ficava me olhando com os seus olhos miúdos, perdidos entre as pálpebras, e resmungava uma macriação.

Um dia, porém, ela parou cansada na minha porta e, depois de agradá-la com fumo para o pito de barro, consegui que ela falasse, entre-cortando os períodos com muchochos e cusparadas pelo chão.

— “Quando a preta nasceu, Nhonhô, já nasceu cativa lá no engenho, grudada na labuta desde menina, cum mêdo doido do Sinhô me vendê e me apartá de minha mãe. A mãe — coitada! — morreu de febre ruim. Não adiantô ben-zê, não adiantô despacho.

Quando eu já era mocinha, o Sinhô-moço andô me rudiano, me tentano por tôda parte. Eu que paguei.

— Negrinha sem-vergonha! Descarada!...

E chicotada e mais chicotada. Que mão pesada tinha o João Capataz!

O Nhonhô devia vê a preta véia no terreiro. Surrava o “agogô”, arranhava o “xaquerê” e a negra dansava, dansava, até o “santo” vim, sem tremê, sem caí...

Eu e o Joaquim (que negro bão, Nhonhô!) se gostava e ia se casá. Mas nós cativa podia se recusá? Um dia Joaquim descobriu que eu ia tê um fio. Contei tudo e êle ficou meio doido e cresceu em cima de Sinhô com a faca.

Mandaram os negros rudiá o tronco. Joaquim amarrado nele. E bateram, bateram até êle amolecer cumo morto. Ninguém podia levá água pra êle e até madrugada êle gemeu triste amarrado no tronco e a cachorrada latia, parecia que chorava, cortando o coração da gente. Quando eu fugi pra vê meu negro, Sinhô já tinha mandado enterrá o corpo.

Chorei um tempão, Nhonhô...

Depois nasceu o menino e a feição do diabo do negrinho era tal e qual a do Sinhô. Pra que? Sinhá nunca mais me deu sossêgo. Por um nada, chicote. Serviço pesado, de negro.

Quando o menino já andava um dia, na quadra da moagem, eu batia a garapa numa tacha e o negrinho me rudiano, mêxe praqui, mêxe pracolá.

— Sossega, negrinho enca-petado!

Êle a me tentá, bulino com tudo.

— Quêta, tucum!

De repente — ti gúm! Êle caíu na tacha e eu fiquei

doida e enfiei os braços lá pra tirá o meu negrinho daquela fervura. Me seguraram senão eu entrava também na tacha. Fiquei como louca muito tempo e achava que rapadura era escura por causa do meu negrinho que morreu no melado fervendo.

Por causa disso todo mundo chorou lá no engenho. Sinhá, não.

Fiquei aleijada assim e não podia mais cum serviço. Quando veio a lei eu já era fôrra por causa dessa desgraça. Vivia de esmola de fazenda em fazenda, ouvindo as cantigas dos negros, espiano as dansas. Depois garrava a chorá lembrano do Joaquim e do meu menino...

A preta Joana calou-se. Acendeu desajeitada o pito de barro e ficou pensativa olhando a fumaça. Eu sentia um nó na garganta a pensar nos sofrimentos da velha. Sofrera tôdas as torturas e todos os vexames; escrava, não tivera direito nem à honra, nem ao amor; só trabalheiras de sol a sol; só sofrimentos.

Para esquecer a fadiga e a dor teve somente as cantilenas monótonas e tristes que a mãe trouxera da África e as dansas lascivas das senzalas, os batuques noite a fora.

Sentia até remorso do mêdo que tive da bruxa que povoou meus pesadelos e um grande dó por tudo quanto ela sofrera.

— Felizmente passou, não é Joana, êsse tempo triste de tanto sofrimento...

A negra velha olhou longe com seus olhos miúdos, perdidos entre as pelancas das pálpebras.

— Tempo bão, Nhonhô, tempo bão!...

E entre as figas e benti-nhos do seu colar de missangas caíu uma lágrima de saudade e de ternura.

MOISÉS SANTANA

VEIGA NETO

“O cérebro do homem é uma arma mais terrível do que a garra do leão”.

(SCHOPENHAUER)

A 7 de fevereiro de 1879, nascia em Goiás uma criança que na pia batismal recebeu o nome de Moisés.

No santuário augusto em que se realizou a cerimônia não houve um *Simão* que profetizasse à mãe aflita o futuro daquele pequenino ser. Se o houvesse, uma espada de dor traspassaria o coração materno quando ressoassem pelas arcadas do templo estas palavras: — Moisés, serás irrequieto, tempestuoso. . . Armarás vendavais, furacões tremendos em águas adormecidas. . . Voarás como águia real, de asas possantes, mas, não te serão, desgraçadamente, estranhas as planuras. . . Tornarás conhecido o gênio de tua terra e suscitará ódios mortais aos hipócritas invejosos. . . Tombarás no campo de batalha, ferido pela bala assassina, e teu nome se perpetuará pelas gerações do futuro aureolado de glória. . .

É-nos impossível, em pequena nota biográfica, traçarmos a vida acidentada deste goiano ilustre que, no dizer de Coelho Neto, foi o polemista mais audaz e vigoroso de seu tempo.

Moisés iniciou os estudos primários no Seminário de Santa Cruz, na antiga capital de Goiás. Foram seus discípulos Manoel de Macedo Carvalho Júnior e Vítor Coelho de Almeida, ambos, luminas das letras goianas. A facilidade com que aprendia os ensinamentos que lhe ministravam atraía a atenção do Reitor do Seminário, que iniciou imediatamente uma bem dirigida campanha a-fim-de que aquela jovem inteligência se voltasse inteiramente ao serviço da Igreja. Tão bem orientada foi a política eclesiástica que, ao

término do curso primário, Moisés julgou-se chamado à carreira sacerdotal.

Voltou ao Seminário e aí completava os estudos de humanidades quando, por circunstâncias particulares, foi obrigado a deixar o estabelecimento, ingressando no Liceu de Goiás, onde terminou o curso secundário.

Aspirou então o militarismo; em brilhantes provas intelectuais Moisés ingressou na Escola Militar, na Capital Federal.

Ainda uma vez o seu gênio bulhoso não se contentou. Nas férias regulamentares não voltou mais para o Exército.

Em sua terra iniciou a campanha jornalística verberando críticas tremendas contra os políticos da época e contra todos os exploradores das liberdades do povo.

Eleito Deputado Estadual, pronunciou orações tão vibrantes e cheias de patriotismo que foram reproduzidas em vários jornais do país seguidas de comentários sobre a personalidade de seu autor.

Data daí a sua fama: O *Correio da Manhã*, de Manoel Vitorino e Gil Vidal, franqueou-lhe as colunas da primeira página; Júlio Mesquita ofereceu-lhe a direção de seu esplêndido diário paulista; propostas quasi impossíveis de serem realizadas foram feitas ao jornalista goiano. Nada porém o fazia afastar-se de sua terra e de seu Estado. Rejeitou todos os oferecimentos de seus admiradores e contentou-se em enviar artigos para os jornais, ora verinas irretrucáveis, ora trechos descritivos das paragens sertanejas que faziam furor na imprensa indígena.

Tornou-se conhecido nos

meios intelectuais brasileiros como o homem temível, o homem que fazia da pena a arma por excelência.

Perseguido pelos seus inimigos, dos quais apontava os erros, viu-se obrigado a mudar constantemente sua residência. Foi assim que fixou-se em Pirenópolis, Catalão, Bonfim, Uberaba e outras cidades.

Em Catalão foi tão intensa a perseguição de seus inimigos que o jornalista viu-se na contingência de abandonar a cidade auxiliado por alguns amigos e embarcar na Estrada de Ferro de Goiás envolvido em um colchão. . .

Aventuras como estas Moisés Santana teve-as às dezenas.

Culminou-as o episódio trágico que o roubou à vida na cidade mineira de Uberaba.

Foi a 20 de maio de 1922. . .

O grande jornalista achava-se na redação do jornal e ali escrevia o artigo do dia. Encetara seus trabalhos críticos e comprazia-se a estudar os efeitos que produziam os primeiros artigos. Não eram, porém, de sua autoria certos escritos que haviam saído em números anteriores e que atacavam personagem influente da sociedade local. O seu gênio traía-o agora. A sua presença na cidade parecia confirmar os fatos.

O assassino colheu-o de surpresa e tombou-o morto sobre a mesa da redação. Ele morreu abraçando-se àquela mesa, sua companheira e confidente, osculando as laudas cobertas de manuscrito regular: na dextra crispada o lapis parecia ainda querer traduzir os pensamentos que iam por aquele cérebro no ins-

M A R I A E M Í L I A

José Campos

(DO TRIBUNAL DE APELAÇÃO DE GOIAZ)

Lá fora, num galho de jenipapeiro, um galo solta estridente e sucessivos cantos precursores da madrugada. A lua cheia, num céu límpido, encontrava-se no seu zênite.

Maria Emília, morena vigorosa e bonita, com os seus trinta anos, deitada ao lado de seu marido, que ressonava, acordada, sobressaltada, com um barulho na porta, seguido de uma voz baixa, muito meiga: Regina! Regina!...

Maria Emília, com os cotovelos fincados no travesseiro, levanta a cabeça e olha para a porta: Trémula, vê um vulto, de manso, encaminhar-se para o seu quarto.

— João! João! diz Maria Emília, baixinho, ao ouvido do marido, sacudindo-o pelos ombros.

João Severino, que se tinha deitado tarde, muito cansado, lembra-se, amuado, pergunta:

— Que foi Maria?

— Um homem está entrando pela nossa casa!!

João Severino volve os olhos para o lado da porta e vê, assustado, um homem aproximar-se de seu quarto.

Célere, sem articular uma palavra, levanta-se e dirige-se resolutamente para o vulto, atacando-se com êle. Lutam freneticamente. Maria Emília, horrorizada, aos gritos, põe-se também de pé com

o fito de socorrer o marido. Mas antes que o fizesse, um corpo tomba pesadamente ao solo, e um homem alto, magro, claro, sai da casa, correndo.

Maria Emília, aos gritos, soluçando, abraça o marido já nos estertores da morte: Um profundo golpe de um pontegudo facão tinha-lhe atingido o coração. Com dificuldade, arrasta-o para a cama, onde o coloca, ensanguentando-se toda. Dirige-se em seguida para a janela, que escancara, e grita várias vezes para os seus vizinhos:

— Senhor Chico! Dona Rita! Valha-me Nossa Senhora! Acudam!

A pacata e pequena poveação do Jardim-da-Luz, entregue a um tranqüilo sono, é posta em alvoroço com êsses gritos. E uma notícia corre celeremente: João Severino, aquele homem bom e inofensivo, fôra assassinado!

Rita Faustino, velha metida a sabichona, palradora, de ditos cheios de reitência, com uma colcha às costas, é a primeira a aproximar-se do cadáver, benzendo-se. Atrás dela entra seu compadre Chico Carpinteiro, quinquagenário, inspetor do quartirão, homem atilado e desconfiadíssimo.

Outras pessoas circundam o cadáver e todos, quasi que ao mesmo tempo, indagam de Maria Emília,

que, em prantos, de joelhos, abraçava o cadáver, de que modo se tinha dado o assassinio, e quem tinha sido seu autor. Maria Emília, em soluços, narra o crime e, com relação ao autor do mesmo, só podia afirmar, visto não conhecê-lo, ser um homem claro, alto e magro, tal como tinha visto ao sair da porta, à claridade da lua.

— Mas justamente com o João Severino, homem bom, pacato, sem inimigos que se conhecessem, é que foram fazer isto! redarguem todos sentidamente.

Rita Faustino olha para a cama em desalinho e cheia de sangue, para as vestes de Maria Emília, também ensanguentada, para a sua figura airosa e bela, e medita. Um rápido pensamento passa-lhe pelo cérebro. Pega imediatamente pelo braço de Chico Carpinteiro, levando-o para o quintal e, a sós, lhe diz:

— Precisamos assuntar êsse negócio direito, compadre. Não viu o estado em que se encontravam a cama e as vestes de Maria Emília?

Chico Carpinteiro encara sua comadre, coça a cabeça, perscrutalhe o pensamento, adivinha-o mesmo e, sem nada dizer, volta para o interior da residência, olhando para todos os recantos à procura de um fio que pudesse pôr a descoberto a meada. Depara-se-lhe, repentinamente, um facão debaixo do velho catre onde se encontrava estendido o cadáver. Apanha-o com sofreguidão. Todas as vistas se voltam para o facão em poder de Chico Carpinteiro.

— Ensanguentado! diz êle.

— Foi com êle que o assassino matou João Severino, afirmam todos.

— Uai! Êsse facão é do João Severino, diz Manoel Martins, amigo da vítima.

Esta circunstância põe todos estarrecidos. Maria Emília não sabe explicar o fato. Apenas diz que, na tarde anterior, seu marido o tinha amolado para matar uma vaca para o Zequinha Ladeira, e o tinha deixado sobre o banco, na entrada da sala.

Rita Faustino, ante essa cena, com um leve e significativo sorriso, olha como que vitoriosa para Chico Carpinteiro, que a contempla. Foi o mesmo que lhe ter dito:

— Não tinha eu razão ao acon-

tante supremo em que se despediu da vida.

De sua obra pouco resta: quasi tudo espalhado em jornais e revistas FLORES DO SERTÃO foi o título de um livro publicado quasi todo em jornais. Uma obra póstuma de 1928 intitulada: VULTOS E FATOS DE GOIAZ, edição da Papelaria Brasil, em que o autor estuda os principais homens de seu tempo no cenário político do Estado de Goiaz.

Moisés era possuidor de um estilo puro, isento dos estrangeirismos pernósticos que a cada momento encontramos nos modernos jornalistas. Em suas descrições pode-se notar a riqueza de

vocábulos e a admirável ordem no plano concebido.

São enérgicas, veementes, magnificas e, por vezes, sublimes as suas produções oratórias.

Lamentamos não existir uma coleção completa de todos os seus escritos oratórios e literários, pois, como disse José Avelino, "não é como jornalista político que Moisés há-de viver imorredoiamente na memória de seus contemporâneos".

A sua morte, geralmente sentida, cobriu de luto toda a imprensa do Brasil, e Coelho Neto dedicou à memória do jornalista sertanejo uma crônica admirável no jornal A NOITE, do Rio.

selhá-lo a que fosse assuntar o "caso" ?

— Se alguém tivesse entrado aqui com a intenção de matar João Severino, teria trazido consigo sua própria arma e com ela cometido o crime, disse convincentemente Manoel Martins, ao ouvido de Chico Carpinteiro, para incriminar Maria Emília.

E o zunzum, no dia seguinte, em toda a população, é que Maria Emília, por este ou aquele motivo, tinha sido a autora do crime.

— Talvez para amancebar-se com o Costinha, rapagão do lugar, com quem ela conversava muito, dizia a Joaninha, baixinho, através da cerca, à Sebastiana Rocha, sua vizinha.

Um portador, muito cedo, parte, à pressa, para a cidade de Morrinhos, a fim de dar parte do ocorrido às autoridades. Às duas horas da tarde gira, pelo lugarejo, buzinando, um "Ford" velho: Era o Delegado de Polícia de Morrinhos acompanhado de duas praças.

Após a perícia, feita por um farmacêutico local, o Delegado entretem uma longa conversa com Chico Carpinteiro, inspetor do quartirão. Ouvem-se outros habitantes. Apreende-se, em seguida, o facão tinto de sangue.

João Baiano, soldado de polícia, célebre pelas suas façanhas na captura de criminosos, dirige-se arrogantemente para Maria Emília, ordenando-lhe que o acompanhasse.

— Que fiz eu para acompanhá-lo ?

— Deixe de "chanha", mulher. Vamos embora! Depressa! Assassina perversa!

— Eu, a matadora de meu pobre, do meu querido João, eu que nunca lhe dirigí uma ofensa ?

E, banhada em lágrimas, soluçando, ajoelha-se junto ao cadáver, abraça-o, beija-o em delírio:

— João! O' João! Meu amor, meu filho, meu tudo, estão dizendo ser eu a sua assassina, ouviu ? . . .

Nesse momento, um puxão tira-a de junto do cadáver e, aos empurrões, à força, é posta no automóvel. Este gira velozmente e, numa nuvem de pó, desaparece no horizonte.

Maria Emília estava presa havia seis dias e, ainda, por mais que se esforçassem, não tinha sido possível às autoridades obter-lhe a confissão.

— Maria, dizia-lhe uma das suas companheiras de prisão, já alta noite, por que não confessa o crime para, deste modo, pôr termo aos seus sofrimentos ?

— Confessar, Rita, um crime que não cometí e, ainda, contra meu marido ? O', não, antes morrer !

— Mais tarde você desmente, diz

que foi obrigada a confessá-lo, retrucou-lhe Rita.

Mal acabou Rita de pronunciar essas palavras eis que surge, à porta, o carcereiro acompanhado de um soldado, justamente quando o velho relógio da cadeia batia, compassada e plangentemente, meia-noite.

— Maria Emília, o Delegado deseja ouvi-la, disse-lhe o carcereiro.

Lá em cima, ao lado de uma mesa, Maria Emília senta-se sobre um banco, trêmula de frio. Olha, em seguida, desconfiada, para um aparelho exquisto que está sobre a mesa: Era um eletrogero.

— Segure esse bastonete, diz-lhe o Delegado.

Maria Emília o segura e um grito lancinante sai-lhe do peito. Seus olhos tornam-se esbugalhados, e faz ingentes esforços para largar o bastonete mas não o consegue. A corrente elétrica tornara-a como que petrificada.

— Foi ou não foi você quem matou João Severino ?

— Sim.

— Por que ?

Maria Emília não respondeu. Lágrimas e lágrimas deslisaram-se sentidas de seus olhos, rolando pela face . . .

A corrente elétrica, nesse momento, tornara-se mais forte.

— Para amasiar-se com o Costinha, não é ?

— Sim.

Desliga-se a corrente elétrica e o bastonete de metal cai estridentemente sobre a mesa.

A confissão é reduzida a termo e assinada por Maria Emília.

No dia seguinte, pela manhã, duas testemunhas completam-na: o Ramiro Carroceiro, morador próximo, e José Malvina, liquidante, que, àquela hora, passava pela frente da cadeia.

Cinco dias depois é dada a denúncia. Maria Emília negou peremptoriamente a autoria do crime, em todo o curso do sumário. E' pronunciada no artigo 294, § 1º, da antiga Consolidação das Leis Penais, nos termos pedidos pela denúncia.

O Juri estava marcado para o dia 8 de novembro de 1936.

Havia uma indignação geral em Morrinhos contra Maria Emília.

— Raul, vamos ver se desta vez vocês são capazes de condenar alguém, diz-lhe, nesse dia, Ernesto Lopes, conceituado negociante da praça.

— Aquela desavergonhada merece força, grita lá de dentro dona Tana, mulher de Ernesto.

— Se eu figurar no Conselho de Sentença, Senhor Ernesto, a urna só receberá de minha parte bolinhas pretas, fique certo, responde-lhe Raul, um dos jurados, a caminho do Tribunal

A sala do Juri estava repleta de pessoas de todas as classes. Um jovem, mas culto e íntegro magistrado, estava na presidência. Um promotor, também jovem e muito inteligente, e um dos mais cultos advogados locais já se encontravam nos seus respectivos lugares.

— E' verdadeira a imputação que se lhe faz ? — pergunta o Juiz à ré ao ser interrogada.

A ré não responde à pergunta e o Juiz insiste noutros termos:

— Foi a senhora mesmo que matou seu marido ?

— Nunca! Senhor Juiz. Como podia matar meu marido se combinávamos muito, se gostava tanto dele ? respondeu humildemente Maria Emília.

Feita a leitura do processo ouve-se a única testemunha presente: Rita Faustino. Descreve ela a cena que se lhe deparou ao chegar a casa da vítima.

O Promotor pergunta-lhe:

— Por que motivo teria levado a ré a cometer um crime tão bárbaro ?

— Vossa Excelência está fazendo insinuações, intervém imediatamente o advogado, antes que a testemunha respondesse à pergunta. A pergunta de Vossa Excelência é capciosa com a pressuposição de uma afirmativa que a ré não fez.

— O povo diz que foi por causa do Costinha, com quem a ré desejava amasiar-se. Eu porém de nada sei . . . é o povo que diz, respondeu Rita Faustino logo que o advogado terminou seu aparte. O Promotor olhou com ar vencedor para o seu adversário. Parte da assistência o aplaude intimamente.

Seguem-se os debates orais.

— Senhores do Conselho de Sentença, vós acreditaríeis seria possível que alguém pudesse entrar em vossa casa, desarmado, para matar-vos ? Podia esperar valer-se de vossa própria arma quando dentro de vossa casa, às escuras ? pergunta o Promotor, enfaticamente, erguendo numa das mãos o facão homicida, tinto ainda de sangue.

— Podia preferi-la à que consigo levasse, ao vê-la sobre um banco, quando entrou, atalhou o advogado da ré.

— Nenhuma testemunha, senhores jurados, afirmou que o facão se encontrasse sobre um banco, na sala de entrada. Quem fez tal afirmativa foi a ré, testemunho suspeito portanto . . .

O Promotor faz referência à confissão. A defesa diz que foi extorquida. O Promotor redargue afirmando que não houve ainda uma confissão na polícia para os advogados que não fosse extorquida. Põe às alturas, pateticamente, a hediondez do crime, o risco que correrá a Sociedade se for absolvida . . .

Findos os debates, que foram a-

calorados, e formulados os quesitos, os jurados se retiraram para a sala secreta.

— Será que desta vez os jurados vão condenar um réu? pergunta para os circunstantes Sebastião Couto, barbeiro, da rua do Comércio.

— Qual o que, não acredito. Condenam nada. Não se lembra do Antão, que matou a mulher para poder casar, como se casou, com a Joana? Desde que aqui moro não soube de condenação alguma feita pelo Juri de Morrinhos, responde-lhe, irônico, Neca Batista, comprador de gado.

Passada uma hora, o Juiz volta à sala de debates e uma campanha soa fortemente: Ia proceder-se ao julgamento. Os jurados já se encontram nos seus respectivos lugares. Tomam-se os votos. O Juiz lava a sentença. Soa novamente a campanha. Tôda a assistência se põe de pé, num silêncio profundo.

O Juiz lê a sentença:

“De acôrdo com o que decidiu o Juri . . . condeno Maria Emília a sete anos de prisão . . .”

Houve um movimento geral de espanto na assistência: Havia muitos anos que se não sabia de uma condenação pelo Juri de Morrinhos.

Maria Emília, ao ouvi-la, levanta vagarosamente o braço direito e, com a manga da blusa, enxuga as lágrimas que lhe corriam pela face.

Lá em baixo, na prisão, Rita abraça-comovidamente Maria Emília, e lhe diz:

— Entrega tudo para Deus, Maria.

— Que Deus? Se existisse Ele não viria logo em meu socorro, sabendo, como deveria saber, da minha inocência, dos meus injustos sofrimentos? Não teria atendido às minhas súplicas? respondeu Maria Emília chorando convulsivamente.

O advogado da ré tinha apelado da sentença condenatória.

Meses depois é julgado o recurso pelo Tribunal de Apelação do Estado.

— “E’ jurisprudência pacífica dos tribunais, Senhor Presidente, diz o Relator, um dos mais cultos magistrados do Estado, que a confissão feita perante as autoridades policiais faz prova plena desde que coincida, esteja em harmonia com outros elementos probantes do crime . . . Alem da confissão existem os indícios veementes de ter sido encontrada a apelante com as vestes ensanguentadas, bem como a apreensão da arma homicida, que é de propriedade da vítima, marido da apelante . . . Nenhuma pessoa entraria mesmo na casa da vítima para assassiná-la a não ser com a sua própria arma e não com a daquela. Ademais não se viu

pessoa alguma entrar ou sair da casa da vítima na fatídica noite do crime. Há, ainda, a voz do povo que acusa a apelante como autora desse horrível, frio e nefando crime. A pena aplicada foi muito benévola . . . Nego provimento ao recurso para confirmar a sentença”.

Os demais membros componentes da turma julgadora, no mesmo diapásão, o acompanharam, e a sentença apelada foi, assim, confirmada.

O último recurso, a última esperança de Maria Emília tinha-se esvanecido! Iria cumprir a pena que lhe foi imposta.

Meses depois é atirada a uma das mais infectas prisões conhecidas: a da cadeia de Goiaz (1), cuja construção data há mais de cem anos.

* * *

Três anos e meio depois, em fins de 1939, eis a discussão que se trava entre dois moços, que se encontravam a cavalo, numa estrada erma, ao deparar-se um com o outro:

— Soube hoje que você foi denunciar-me às autoridades de Morrinhos como raptor e deflorador de sua irmã, disse Camilo Borges, filho de um dos mais ricos fazendeiros locais, a José Trindade, que fôra criado pelo pai daquele.

— E não é verdade?

— Pois bem, retruca-lhe Camilo, hoje vou denunciá-lo também às autoridades como o verdadeiro matador de João Severino! Confiou-me o segredo, jurei-lhe que o guardaria, mas você foi ingrato para comigo. Maria Emília não mais sofrerá por você!

Em seguida, sem se despedir, meteu Camilo, nervosamente, as esporas no animal, cavalgando ve-lozmente para a cidade de Morrinhos.

* * *

Como se deu o crime? pergunta o Delegado de Polícia, agora um militar, a José Trindade, moço alto, claro e magro, tal qual o tinha descrito Maria Emília ao vê-lo sair de sua casa, à claridade da lua.

— Minha residência, nessa ocasião, começou êle, distava de Jardim-da-Luz sete léguas. Nessa povoação residia uma conhecida de nome Regina, com quem passava tôdas as noites de sábados, conforme combinação havida entre nós. Na noite desse dia não recebia ela outra pessoa a não ser a minha. Tinha o costume de abrir eu mesmo, através de um buraco, a porta por fora, e ir diretamente ao seu quarto.

Acontece, porém, que, por doença, passei um sábado sem procurá-la. No seguinte fui, chegando lá à meia-noite mais ou menos, tendo, antes, deixado meu animal pastando junto a um campo de futebol,

fora da povoação. Tôda a região estava iluminada por um bellissimo luar, a ponto de ter descortinado, de muito longe, a povoação, onde apenas ouvira o latir de um cão e o cantar dos galos. Como de costume, abri a porta por fora e, ao entrar, à luz do luar, que penetrava na casa, notei diferença no mobiliário da sala de entrada. Sobre um alto e tosco banco estava um facão. Ouí nesse momento, uma voz como que parecida de homem no quarto de Regina. Um vago temor passou-me então pelo corpo. Peguei instintivamente do facão e continuei a andar.

José Trindade, nessa passagem, chora convulsivamente e diz:

— Não tinha intenção alguma de matar alguém. Nem ao menos tinha visto algum dia João Severino, como depois fiquei sabendo ser êsse o seu nome. Mais tarde é que soube de todo o meu equívoco, de tôda a confusão: Regina, oito dias antes, tinha transferido sua residência para Catalão, indo João Severino com sua esposa residir na casa em que ela morava . . .

— Continue, diz o Delegado.

— Ao penetrar no quarto João Severino vibrou-me uma forte bofetada, atirando-me ao chão. Levantei-me rapidamente e quis correr. João Severino, porém, estava à saída da porta, procurando tirar da parede um objeto qualquer. Quis impedir-me a saída segurando-me pelos braços. Desvencillei-me dele a custo e, rápido, vibrei-lhe fortemente o facão, não tendo, porém podido saber a região em que o tinha atingido. Ao vê-lo cair exangue, atirei o facão, a esmo, pelo quarto, e corri. Montei no meu animal e, ao romper da aurora, no caminho de minha residência, apeei na casa de meu tio Bento Custódio, que se tinha levantado, e onde também se encontrava um seu sobrinho, arreando um animal. Ao cumprimentá-lo perguntou-me por que me encontrava ensanguentado. Respondi-lhe, sem tergiversação, que, naquela madrugada, sem o querer e sem conhecer a vítima, tinha matado um homem. Pedi-lhe segredo de tudo (2). Mais tarde confiei também êsse segredo a Camilo Borges, com quem fui criado, terminou êle.

José Trindade, em todo o processo que se lhe moveu, não negou o crime. Mesmo em face dos jurados, quando era julgado, respondeu afirmativamente ser verdadeira a imputação que se lhe fazia. Foi condenado a seis anos de prisão celular pelo Tribunal de Apelação.

* * *

— Maria Emília! Maria Emília! grita, alegre, Joaquim Leocádio, velho e estimado carcereiro da antiga cadeia de Goiaz, metendo uma enorme chave no buraco da fechadura das grossas gradês em que se

encontrava presa, tenho uma boa notícia para dar-lhe: O verdadeiro assassino de seu marido apareceu! Pode ficar provisoriamente em liberdade — é a ordem que tenho — até que se requeira a revisão de seu processo.

Maria Emília levanta-se de uma velha esteira num recanto do cubículo e sai, cambaleante, da prisão, sorrindo tristemente.

— Parabéns, Maria Emília, grita José Piriquito, sentenciado, ao passar ela em frente de sua prisão.

— Não ficou satisfeita com a notícia, Maria Emília? pergunta-lhe bondosamente o velho carcereiro.

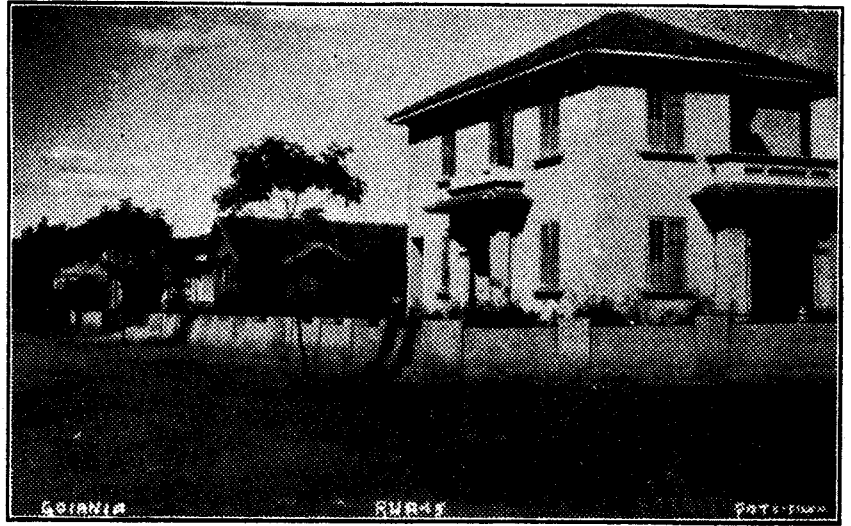
— Veio tarde demais, senhor Joaquim. Não presto para mais nada, respondeu ela tristemente, com uma voz cansada, rouquenha.

De fato. Uma figura macilenta, esguia, com os cabelos em desalinhado, de face magra, chupada, com os temporais à mostra, e os olhos enterrados nas órbitas, caminhava, gingando, pelo corredor afora. Não! Não era uma figura! Era um espectro de mulher. Era um cadáver ambulante. A tuberculose tinha-lhe minado o organismo.

— Justiça, será essa aquela morena esbelta, aquela robusta e bonita mulher? — Que fez você, Justiça, de Maria Emília, aquela espôsa exemplar, cheia de vida? Quantas iniquidades, ó Justiça, se cometem com o seu nome!

Esse fato que acabámos de narrar, com matizes sentimentais, românticos mesmo, o que fizemos propositadamente para melhor retratar a alma humana, não é uma invenção nossa, um mito. É uma pura realidade. Por ele se vê quão falível é o juízo humano, e que nem sempre a confissão, os indícios, por mais veementes que sejam, nem tão pouco a opinião pública, em conjunto, fazem prova plena de um crime. Aliás o **vox populi**, **vox Dei**, hoje, não é mais do que um privilegiado provérbio da retórica.

Narrámo-lo, cumprindo um propósito nosso quando se julgou a revisão, para pedir ainda um pouco de caridade, de Justiça para Maria Emília. Ela não está ainda redimida. Ela que tinha, e tem, um direito indiscutível de ser indenizada pelos seus grandes sofrimentos morais e físicos por parte dos poderes competentes, não está ainda reabilitada. Custa-nos dizê-lo, mas uma maioria ocasional do Tribunal de Apelação, a que confirmou a sentença condenatória, talvez por querer resguardar a infalibilidade da Justiça, ou por esquecer-se de que a grandeza da alma humana, apanágio dos espíritos sublimados, está no emendar os seus próprios erros, em desarraigar iniquidades, em corrigir clamorosas injustiças, procurou uma escapatória para o



Vista parcial da rua "15", em Goiânia — Goiás

caso e reconheceu, na revisão criminal requerida, a favor de Maria Emília, a justificativa da legítima defesa própria. Esse reconhecimento porém é como que um parto difícil em que se deseja ficar livre imediatamente do feto à força, e o faz, contra a técnica. Daí o aleijão. Reconhecimento que Maria Emília não pediu, nem podia pedir, porque o fundamento ÚNICO de seu pedido para a revisão do processo era o da sua inocência no crime pelo qual foi condenada. Nem podia pedir porque tal justificativa nunca poderia encontrar apoio algum nos autos, tal a hediondez do crime que se lhe atribuiu. O verdadeiro criminoso, sem ligação alguma com Maria Emília, que nem ao menos a conhecia, como se certificou posteriormente, foi condenado pelo mesmo crime e está cumprindo pena na penitenciária do Estado.

Tornou-se também tuberculoso. (3). Nesta Capital já narrou o crime para várias pessoas. O próprio Juiz que formou a culpa, pronunciou-os e presidiu ao julgamento de ambos, o desembargador Machado Júnior, hoje um dos mais eminentes colegas do Tribunal, nunca teve a menor dúvida em proclamar a inocência de Maria Emília. Deus-lhe a liberdade, sim, não resta dúvida, mas com a pecha de ter matado seu próprio marido, sendo inocente, e com a destruição de um direito que se lhe não podia recusar: o de ser indenizada. Ela não pode ficar no olvido, nem morrer com êsse estigma na testa. Enquanto se não extirpar essa iniquidade praticada contra ela uma mancha horrenda ficará denegrindo o bom nome de que goza, e sempre gozou, a Justiça de Goiás. É necessário que se faça nova revisão do processo, nova revisão da revisão feita, admita-o ou não a lei. Maria Emília, a sofredora, pre-

cisa ser redimida, precisa ser amparada pelos poderes públicos, precisa ser reabilitada integralmente perante os homens porque também é sensível, porque também é humana.

1) Goiás possui hoje, embora pequena, uma penitenciária, situada em Goiânia, dotada de todos os requisitos modernos.

2) No processo instaurado contra José Trindade essa passagem é inteiramente confirmada por Bento Custódio, tanto no inquérito como no sumário.

3) Perguntado por que não requeria a revisão de seu processo desde que havia outra pessoa acusada pelo mesmo crime, respondeu:

— Receio que me aumentem a pena! na ignorância de não se poder fazer isso.

Existe no Brasil, presentemente, um ambiente de confiança em que cada qual pode exercer a sua função, certo de que terá a recompensa do seu esforço. Se houver um abuso de autoridade, há para quem apelar, não ficando sem exame ou sem castigo a reclamação feita a quem de direito

Por isso, é palpitante o progresso em todos os quadrantes brasileiros. O nosso solo abençoado recebe carinhosamente todos os que nele queiram viver, entregando-se a um labor honesto.

E esta situação nós a devemos à vontade enérgica, bem intencionada, patriótica, de um só homem — o Presidente Getúlio Vargas, que pode falhar em alguns detalhes, não transgindo, porém, na sua nobre missão de fazer feliz o Brasil.

PEDRO LUDOVICO

A escravidão, não foi o brasileiro que a instituiu

Paulo Augusto de Figueiredo

A escravidão, como regista Vacca-ro, é a mais antiga das instituições sociais. Tão antiga, talvez, quanto o homem mesmo . . . Todos os povos, quasi, a conheceram; conhecem-na, ainda, algumas nações negras da África.

Para falar somente dos povos mais civilizados, lembraremos que, em Esparta, havia 45.000 cidadãos e 240.000 escravos; e, em Atenas, 21.000 homens livres, para 400.000 servos. Em Roma, o escravo não era pessoa, porém coisa — “res se moventes”, como os animais. Aristóteles e Platão achavam a escravidão uma coisa natural. E Lincoln, mesmo, o grande apóstolo e mártir da abolição nos Estados-Unidos, segundo informa E. Duverger Haurranne, teria dito assim:— “Eu quisera poder salvar a União sem libertar um só escravo. Somos de raça diferente; é melhor que vivamos separados”.

O regime foi, pois, universal. E teve seus defensores, mesmo entre nomes dos maiores de todos os tempos.

Não escapou nossa Pátria à “mancha negra” que enodoou o mundo. E o nosso intuito, já que estamos em Maio, é tecer, ligeiramente, alguns comentários acerca da instituição. Vamos, sim, fixar o problema da escravidão no Brasil. Não, certamente, para estudar o negro, o que seria obra especializada de antropologistas e etnólogos. Estudaremos a escravidão mesma, mas sob o ponto de vista político-económico, como um aparelho social que, apesar de inegavelmente odioso, tirânico, teve as suas vantagens, a sua utilidade, a sua necessidade momentânea, revelando-se, até, como o único sistema compatível com a realidade brasileira, ao tempo em que existiu.

-:-

Poremos a questão nos seguintes termos:— seria ou não necessária a escravidão? O Brasil teria seguido o ritmo evolutivo que seguiu sem essa forma de organização social que Gilberto Freire qualificou de “agrária escravocrata e híbrida”? Emergeria o negro, tão do, das condições de elementaridade cultural, sem que o fosse pela mão do branco? Conseguiria êle atuar tão extensa e intensamente em nosso processo histórico, sem que o impulsassem as forças imperativas do sistema escravocrata? Por si, entregue à livre expansão de seus impulsos psíquicos e recur-

sos culturais, abandonado aos seus sentimentos, credos e usanças, desobrigado de suas subordinações para com o branco, teria feito no Brasil a obra que fez e chegado até onde chegou? Teria integrado, como de fato integrou, tão profundamente, a “alma” nacional?

-:-

Impressionado com a paisagem humana “colored” que se lhe apresentou, degradada e degradante, quando de viagem para a Europa, em São-Vicente, o socialista Ingenieros assim se exprimiu:— “Julgando severamente, é forçoso confessar que a escravidão — como função protetora e como organização de trabalho — deveria manter-se em benefício destes desgraçados (os negros), da mesma maneira que o direito civil estabelece a tutela para os incapazes e com a mesma generosidade com que se asilam nas colônias os alienados e se protegem os animais. A escravidão seria a sanção política e legal de uma realidade objetiva, puramente biológica”. Donde se vê que Ingenieros — defensor dos ideais igualitários, inimigo dos despotismos — ao defrontar-se com o espetáculo de negros sordidos, recuou em seu lirismo ideológico, penetrando melhor a realidade das coisas humanas e chegando a aconselhar, para elles, os benefícios da escravidão . . .

Quanto a nós, — é bom dizer, logo — apesar de não sermos arianistas, de não crermos em superioridades raciais, e acharmos falsas e perigosas as doutrinas dos Lapouge e dos Gobineau, cremos que, até certo ponto, Ingenieros tem razão. Contudo, é necessário frisar bem que falamos da escravidão no Brasil e no momento em que ela existiu. Como uma “ponte” histórica. Justificámo-la, aí, e tão somente. Porque, então, ela fazia jus ao lugar que ocupava. Hoje ela seria tão absurda e prejudicial quanto útil e lógica foi ao seu tempo.

Que não nos venham objetar que havia “nações” negras de civilização superior. Sabemos disso. Reconhecemos, com Maurice Delafosse, que, se os negros são crianças, são “crianças que podem crescer e que crescem”. Que “cresceram” nos Estados-Unidos e no Brasil, dando ao mundo tipos humanos de alta linhagem e atingindo às alturas da civilização branca. Sabemos que, em determinados espaços nacionais africanos,

em certas épocas, houve Estados tão bem organizados, quasi, quanto os melhores Estados europeus seus contemporâneos. Sabemos que o negro teve a sua arte própria, a sua moral razoável, a sua poesia, a sua música, a sua escrita, o seu sistema típico de trabalho, a sua organização social bem interessante, o seu direito, a sua política. Sabemos que a raça pródziu, entre nós, figuras como as de Tito Lívio, João de Deus do Rêgo, Eliseu César, Patrocínio, Cruz e Sousa, Luiz Gama, Vicente Ferreira, André Rebouças, Henrique Dias. Sabemos que o negro teve, também, o seu quinhão de glória na grande epopéia bandeirante, o movimento mais brasileiro e mais fecundo de nossa história. Sabemos disso tudo e de mais alguma coisa que os livros nos ensinaram. Mas, falamos do negro em sua generalidade. Do negro barro humano reclamando artista para plasmar a estátua. Se bem que partidários da igualdade de raças, pelo menos no que toca às suas possibilidades culturais, — e admitindo, no negro, capacidade bastante para subir até o branco, — cremos que, sem a tutela portuguesa, a sua evolução seria tão lenta, em nossa Terra, que prejudicaria, fatalmente, o andamento da sociedade brasileira.

Estamos, por isso, em que a escravidão, tomada no conceito de Ingenieros, — isto é, vista de um ângulo político-cultural, foi u'a máquina de largo alcance. Pelo menos, orientou racional e realisticamente os fatos e “adiantou” o negro, guindando-o a um estado social que, se largado às suas próprias forças, talvez só atingisse muito tempo depois. A prova disso está em que, como assinala Azevedo Amaral, “na senzala o negro conservou-se africano”. Foi na Casa Grande, aprendendo catecismo com o capelão, e sob os cuidados da “nhanhá”, que o moleque se civilizou; foi na Casa Grande que “Mãe Preta”, contando histórias e dando de mamar a filho de branco, confundiu costumes, sangue, almas; foi catando piolho nas sinhazinhas derretidas, ouvindo-lhes os segredos, fazendo doces e mexericos, que a negra aproximou o coração branco do coração preto; foi na Casa Grande que se processou, nos paióis ou nas moitinhas do mato próximo, a importante obra do nosso cruzamento étnico, de tanta previdência política; foi na Casa Grande que se misuraram culturas e caracteres, na Casa Grande que o negro deixou de ser africano e o branco deixou de ser branco . . .

-:-

Escreve Oliveira Viana:— “Estabelecido, nesses remotos tempos, o sistema da grande propriedade e da grande cultura, a organização do trabalho não pode deixar de ter por base a escravidão: num país despojado e novo, onde, a princípio, o homem da plebe, o trabalhador bra-

çal rareia, é impossível a grande cultura por meio do trabalho livre". E'. A portuguesa não vinha... O português não chegava para as encomendas: —Portugal, Índias, Brasil... Impossível multiplicar-se, assim, como mandava Cristo. Impossível colonizar, assim. Teve de recorrer ao índio, mas o índio não "resolveu". Recorreu, então, ao negro. Deu certo. Daí a escravidão, de causa quasi que exclusivamente econômica. Escravidão que, uma vez tendo existido, devemos examinar politicamente, isto é, — objetivamente, sensatamente. Escravidão que, vista assim, se nos apresenta como tendo sido duplamente proveitosa: para nós, porque o negro foi um dos fatores mais influentes da nossa grandeza; e para o próprio negro, porque a sua civilização foi acelerada, de muito — talvez de séculos — ao contacto com o português. Pois o português, no Brasil, foi como que tutor do negro. Este, relativamente incapaz, teve naquele o seu condutor, brutal, às vezes, mas que deu conta do recado. O português alargou o círculo cultural do negro. Rasgou-lhe perspectivas sociais, econômicas e espirituais, novas e amplas. Integrou-o no ritmo da sociedade ocidental, pondo-o conhecedor das técnicas da civilização européia. O branco disciplinou o negro. Orientou-lhe as tendências, canalizando-as, com método, para fins mais altos. Deu-lhe um sentido às atividades. Traçou-lhe rumos. Preparou-o para uma situação de equilíbrio e independência, quando ele se libertasse. Capacitou-o para conseguir mais tarde, por si, o que então só o poderia com os ensinamentos do branco. O português fez isso tudo, embora ganhando, também, experiências africanas desconhecidas, de que se aproveitou, com êxito, em suas realizações tropicais. A influência foi recíproca. Um regime de perde e ganha. Mas, culturalmente falando, foi o negro que mais lucrou. Basta, para comprovar esta verdade, comparar a situação atual do negro brasileiro ou americano com a do negro em seu meio nativo, mesmo descrita, esta, por negros assim da estatura de um René Maran ou como êsse curioso Lobagola.

O luso educou o negro com certa brandura. Nada feito a ferro e fogo, o que, se sucedesse usualmente, degeneraria o negro, ocasionaria reações violentas e motivaria desordens, prejudicando o interesse do senhor de engenho. Este, português ou de sangue luso, com um senso agudo de realismo político, não era, por isto, de um modo geral, cruel. E' verdade que houve senhores até atrozes, como alguns do Maranhão e mesmo de São-Paulo e Estado do Rio, além de outros. E' verdade que o tronco, o vira-mundo, o cepo, as correntes, as algemas, o libambo, a gargalheira, a peia, o colete de cou-

ro, a gonilha, os anjinhos, a máscara, etc., são nomes de instrumentos de suplício de tenebrosa lembrança. E' verdade que existiram os capitães do mato. E' verdade que corre mundo a lenda triste e pungente do negrinho do pastoreio. No entanto, a crueldade, entre nós, não era regra, na escravidão, e sim exceção. "O Brasil — observa Júlio Nogueira — jamais recusou aos indivíduos de raça negra o papel social a que eles fizeram jus pela sua bravura ou pela sua inteligência. Nunca houve entre nós o preconceito de raças, criador de castas. A escravidão, não foi o brasileiro que a instituiu, e, proclamada a nossa independência política, ela dentro em pouco era abolida num gesto magnânimo, que arrastou o trono". Negros houve, até, e em grande quantidade, que, libertos, preferiram continuar com os seus antigos senhores, como os que o tenente-coronel Paula Barroso alforriou, antes de 13 de Maio, e que lhe ofereceram, espontaneamente, um ano de serviço, em reconhecimento, fazendo, até, promessa de festa a Santo Inácio, para conseguirem manter a palavra e irem até ao fim, havendo, entre eles, uma negra, que, em prantos, emocionada, declarou a Paulo Barroso:— "Não agradeço a liberdade que me dá, mas o tratamento que me deu".

Do exposto, e mais do que adiante veremos, pode-se concluir que o regime escravocrata trouxe grandes benefícios à nossa formação. E ao negro, também. E não só no que concerne à economia, mas em tudo que diz respeito à cultura. Há tinta africana em nossas letras, em nossas artes, em nossa cozinha. Há sangue negro em nossas veias. Há traços africanos em nosso caráter. Há sentimentos africanos em nosso coração. Há pedaços de alma negra na alma brasileira. Em compensação, demos muito de nós e do que é nosso aos africanos:— não só castigos, não só algemas e cepo, mas também nossos métodos de produção, nossa língua, nosso sistema social de vida, nossas técnicas, nossos pensamentos, nossa religião. No tocante a esta, então, foi enorme a influência branca, e da mais alta repercussão. Só os cegos não veem o papel admirável da religião católica no condicionamento moral do negro, na dignificação de sua pessoa. Sem o catolicismo, talvez o negro vivesse ainda, por muito tempo, embrenhado nas teias de um paganismo rudimentar e bárbaro. E' certo que o catolicismo também sofreu a influência dos credos africanistas, não em sua essência, mas em seus processos. Dá cá, toma lá. E todos lucraram. Mas até isso vem em favor de nossa tese, visto que, se "sólto" o negro, as religiões européia e africana não se interpenetrariam, — seriam, ao contrário, fonte de odiosidade, de lutas, de sangrias. Ainda aqui é de se louvar o senso portu-

guês, pois, na América espanhola, a tarefa de catolicização processou-se de maneira mais rude e menos eficaz.

E que dizer da fusão de epidermes, da combinação de caracteres, etnização das etnias? Nada disso se teria realizado, entre nós, sem a organização escravocrata. Foi o interesse econômico, principalmente, que fez o português "lidar" com índias e negras. Mas nisso entrou, também, algo de temperamental. O português multiplicou-se no negro. E de multiplicação em multiplicação o negro desapareceu. O negro virará branco. Já está virando. Pois essa obra étnico-genética, realizada em nossa Terra, é uma das grandes conquistas do lusitano, de que não foram capazes os ingleses, nem os japoneses, nem os holandeses, nem os espanhóis, e de cujos frutos melhor falarão os pósteros.

Ao mesmo tempo, e acima do trabalho biológico, de cruzamento e reprodução farta da espécie, e da tarefa de entrelaçamento de costumes, hábitos e sentimentos, no convívio social do trabalho e das festas e das relações domésticas patriarcais, estava a religião, desempenhando, superiormente, e muito humanamente, a sua nobre missão. Foi a religião, talvez, a arma mais eficiente de dominação com que o branco contou. Arma estupenda, que subjugou sem derramar sangue; que disparou dogmas e preceitos, ao invés de balas mortíferas, como aconteceu na colonização espanhola e na inglesa. Prometendo o céu aos sofredores, e aos malvados o inferno, perdoando faltas, levando Cristo aos corações, o catolicismo foi, para pretos e brancos, um instrumento eficientíssimo de ordenação política, social e econômica.

-:-

Por tudo isso, e por muito mais, cremos que a escravidão, no Brasil, foi necessária ao tempo em que existiu; que o Brasil não teria, sem ela, seguido o ritmo econômico, social e político que seguiu; que o negro, fora dela, não teria atuado tão extensa e intensamente em nossa formação; que o escravo preto, mau grado os castigos, os sofrimentos e a opressão, lucrou, culturalmente falando, com o regime — enfim, estamos em que a escravidão, "como função protetora e como organização de trabalho", foi de mérito indiscutível, entre nós, porquanto representou, nada mais nada menos, na era colonial e durante o império, a "sanção política e legal de uma realidade objetiva".

AUTORES CONSULTADOS — Gilberto Freire: "Casa Grande e Senzala"—Maia e Schmidt Ltda.—Rio, 1934; J. Ingenieros: "Itália"—F. Sempre y Compañía Editores—Valência, 1905; Nina Rodrigues: "Os africanos no Brasil"—Comp. Editora Nacional—S. -Paulo, Brasil; Azevedo

As cidades antigas vivem na recordação das suas lendas. Cada cruz plantada nas estradas poeirentas e esburacadas, tristes e despovoadas, tem a sua história, geralmente a lembrança dum crime perpetrado em nome do amor, quando não da vingança. Cada esquina de ruas solitárias possui a sua assombração, alma-penada que implora gemendo ao notívago uma oração. Cada casa velha, a recordação da mãe-preta e o vestígio do tóco, onde se aprisionava, chicoteava e matava o escravo preguiçoso e desobediente. Uma infinidade de histórias, uma semelhante a outras, contadas ao entardecer à garotada atenta.

Tôdas as crianças nascidas e criadas nas cidades antigas lutam até a adolescência contra o temor covarde que lhes ficou na memória desde que ouviram, com os nervos chocados e arrepios no corpo, as lendas tristes do velho inválido, quasi sempre vete-

Nas cidades antigas...

rano da guerra do Paraguai, contadas ao crepúsculo. Queridos Atanásios que fizeram as tradições vivas como a alma das cousas; eternas como a saudade do berço natal, indestrutíveis como o amor à terra onde se nasceu! Histórias longínquas de senhores de escravos. Fatos passados nas minas doentias, vividas entre a inveja daquele que bateia inútilmente o cascalho pobretão e a alegria do faisgador feliz que descerra o vên da ganga bruta acobertador do veeiro milionário. As galantes narrações sôbre o amor infeliz do forasteiro assassinado porque roubou, por sob os larenjais em flor, o encanto da inocência de sua enamorada. As lágrimas da donzela que vivia presa entre quatro paredes e achava belo o sol que penetrava pelas clarabóias e venezianas; mágica, de endoudecer, a voz ardente e apaixonada do amante sentimental.

Sempre histórias encantadoras, atraentes, que levavam a criança curiosa aos suspiros, invejando os tempos bons e diferentes da meninice dos seus avós. O velho contador de lendas sabia histórias variadas, de cavalhadas, festas na casa grande, mil e uma cousas diversas, fervendo imaginações, cintilando belezas, refletindo almas e corações.

E quando o velho, na quietude morna das tardes, olhando o bando vadio que o rodeava, contava histórias de animais que falavam, no tempo em que o mundo era melhor e não havia na terra tantos pecados, qual a criança que deixava de fazer mentalmente o compromisso de transformar a sua vida, afimde-que pudesse entender a linguagem bonita das aves, o ganir dos cães nas madrugadas sombrias e o miar lu-

M. A. Felix de Sousa

xurioso dos gatos pelos telhados poeirentos?

O velho contador de lendas sabia histórias de negros que dansavam "reinados de congo", sambavam e sapateavam, cantando nostalgias da terra longínqua e tropical. Cantos de lágrimas. Dansas de sangue. Lamentos tristonhos murmurados em ais. A noite avançando, a madrugada chegando e o dia de suor, chicote e trabalhos aproximando.

Senzalas... Estupros, deshonras, tiranias e cadeias de ferro batido cruzados nos pés. Cantos chorados enquanto o machado derruba árvores gementes, a enxada martiriza a terra, a foice debasta arbustos, a picareta penetra o solo duro na pesquisa da gema brilhante, na cata amarelada do metal criminoso.

Eito infernal numa vida cativa.

Há histórias que falam ao coração. Histórias que energem. Histórias que angustiam. Histórias que embalam a imaginação.

Mas tôdas as histórias das cidades antigas, de todos os Atanásios, formam tradições e constituem laços que predem o passado ao presente, prolongando-se indefinidamente, indestrutivelmente, pelo porvir de suas gentes, de geração em geração.

Getúlio Vargas afastou-se das antigas pinacotecas constitucionais, para modelar no barro plástico das realidades. Veio das fronteiras do sul para o centro do país. Sentou-se à mesa do operariado. Chamou a juventude. Teve sede das caatingas. Foi olhar os índios. Conversou com as populações e as elites. Fêz da Amazônia uma tribuna para as multidões do norte no discurso profético do grande rio. Cruzou todos os meridianos e quer igualar, para cima, a terra e o homem.

ALEXANDRE MARCONDES FILHO

Amaral: artigo de jornal; Oliveira Viana: "Evolução do Povo Brasileiro"—Companhia Editora Nacional—S.-Paulo, Brasil, 1933; Cassiano Ricardo: "Marcha para Oeste"—Liv. José Olímpio, Rio, 1942; Artur Ramos: "A cultura negra no Brasil"—Comp. Editora Nacional—S.-Paulo, Brasil, 1943; M. Ângelo Vaccaro: "Gênese e funções das leis penais"—Livraria Clássica Editora — Lisboa, 1914—trad. de H. de Carvalho; Aristóteles: "Política"—Espasa Calpe, S.A.—Madrid—Nueva Biblioteca Filosófica—Vol. LXIX — trad. esp. de F. Gallach Palés, 1933; J. Papaterra Limongi: "Economia Política e Finanças"—Comp. Editora Nacional—São-Paulo, Brasil, 1934; Maurice Delafosse: "Les Nègres"—excertos publicados na revista "Espêlho"—Rio—Julho, 1935; Lobagola: "Lobagola"—Edições Cultura Brasileira—Tradução de Adeli- na Fernandes — São-Paulo, Brasil; Renè Maran: "Djumá, cão sem sorte"—trad. de Aristides A'vila—Edições Cultura Brasileira—São-Paulo, Brasil; José Vieira: "Música e poesia negras no Brasil"—publicado na revista "Espêlho"; Júlio Nogueira: "O negro e a língua do Brasil"—publicado na revista "Espêlho"; Alberto Lamago Filho: "A planície do solar e da Senzala"—Livraria Católica — Rio — 1934.

P O E M A S

OS OLHOS DA DESCONHECIDA

Onde estão teus olhos, teus olhos impossíveis
que acenderam mistérios na minha alma desamparada
e atearam a flama diabólica do desejo
no fundo do meu corpo aflito ?

Por onde andarão teus grandes olhos ?
Eu os vi num instante supremo
e êles, ansiosos, me prometeram
o ingresso num mundo terrível e desconhecido.
Tive medo e fugi das cintilações que coruscavam
na penumbra de suas pálpebras sombreadas,
como se fuge da vizinhança de sugestões perturbadoras.

Hoje tive um desejo violento dos teus olhos
e clamei ardentemente por êles
do fundo da minha inquietação irremediável.
Mas se os visse outra vez
como naquele instante de receptividade emocional,
eu sairia de novo fugindo, correndo loucamente,
como um fantasma escorraçado pela luz.

POEMA DAS SOMBRAS

Pouco antes da velha noite chegar,
as sombras iam crescendo
como nuvens de chuva num céu indiferente.

O momento era de calma e contemplação.
Só o que havia,
perturbando aquele remanso de quietude
feito para a germinação dos sonhos
e o apassentamento das quimeras,
era uma nota de infinito desconsólo,
o lamento abafado,
a queixa inútil do cansaço humano
por mais um dia perdido
em busca de inalcançáveis perspectivas.

UM ENCONTRO COM A POESIA

Na varanda em penumbra
do casarão tranquilo da fazenda,
a luz trêmula do lampião
fazia dansar as sombras na parede,
brincando de assombração.

A música monocórdia dos sapos,
nos úmidos beirais,
embalava a luz das estrelas,
das louras deusas inatingíveis.

E enquanto a prosa amiga cochilava
na sonolência dos assuntos familiares,
minha dor,
feita de inquietação e incertezas,
desmanchava-se aos afagos capitosos da poesia,
da poesia que jorrava límpida e virginal
do seio primitivo das cousas simples e eternas.

PÁGINA ANTIGA

QUASI UM CONTO...

MARILDA PALÍNIA

— E' um engano. O sertão não é apenas a natureza maravilhosa, vislumbrada através das miragens deslumbradoras de Coelho Neto. E' ainda a traição. a cada passo e sob todos os aspectos espreitando, invisível e ameaçadora. Nem o sertanejo será a figura ideal e cavaleiresca que os romances de Alencar evocam...

— Então, o sertanejo é o Jeca-Tatú de Monteiro Lobato, sem tirar nem pôr?

— Algumas vezes, sim. O Jeca é uma caricatura do nosso roceiro pobre, mas caricatura da mais flagrante realidade, e, como caricatura, fixando melhor características morais e físicas do que o retrato. Quem conhece o interior de nossa terra, povoada, em grande parte, de gente doentia, ancilostomiada, triste e deprimida, não dirá nunca que o Jeca é uma ficção antipatriótica.

A roça é uma delícia para o homem culto, para o fazendeiro inteligente e abastado, que ama a terra e sabe torná-la fonte dos mais puros prazeres morais e de riqueza material. A roça é um paraíso para nós outrós, que vivemos o ano todo a vida mortal das cidades e por um mês ou dois, cansados, nervosos, neurastênicos, esgotados, vamos buscar no ar puro das nossas florestas, nas suas águas fartas e frescas, e no sol que nos reanima e tonifica o sangue envenenado pela atmosfera viciada dos grandes centros — o elixir da saúde e da longa vida.

Para nós a roça é, certamente, um reservatório de energias; mas, para essa gente pobre e doentia, que vive aprisionada no deserto verde, é a luta sem tréguas e sem fim contra a natureza, luta inglória da qual o homem sai sempre vencido: o corpo depauperado pelas endemias, pela má alimentação, pelo álcool e pelo fumo.

— Você exagera, mas o roceiro realmente não é feliz; é apenas um resignado. E' um ser de paciência, mas da paciência filha da indiferença, da apatia... "Tinha de ser, Deus quis. é sorte, estava escrito" — são as fórmulas de sua resignação mórbida.

Há alguns anos, quando passei dois meses em "Buritizal", observei de perto a silenciosa tortura do roceiro.

A família que me hospedava, você conhece, os Dias, boa gente, honesta e trabalhadora, vive em relativa fartura; mas, na vizinhança amudam-se as taperas. Aqui, ali, por toda a parte, num quarto de légua ou meia légua ao redor, aparecem as misérrimas choças dos agregados, com a rocinha e o canavial ao pé, abrigo de famílias numerosas.

Numa dessas choças — a mais miserável — vivia um tal Anastácio, remanescente da escravidão, cérebro estreito ensombrado de feitiçarias, corpo hercúleo gasto por uma longa vida de trabalhos e privações e uma doença do coração nos últimos termos.

Sabia-o pobre, mais que pobre, arrastando com a mulher a maior penúria.

Uma tarde sai e fui levar-lhes alguns mantimentos que, na roça, — pareça-lhe isto o paradoxo dos paradoxos — geralmente faltam.

O rancho era em pleno campo, numa baixada, no meio de um terreirinho muito varrido. Um pouco distante corria tranquilamente um riacho. E muito longe, para além da ondulação verde do campo, a Serra Dourada cintava o horizonte de uma faixa pálida de setim azul.

Era uma paisagem tão serena, tão bonita, tão risonha, que dava vontade de se desejar como o poeta, apenas "uma choupana e um coração", esquecendo um instante que esta frase hoje em dia é ridícula, porque muita gente aceita a vida... sem coração, mas ninguém é capaz de suportá-la sem conforto, sem dinheiro.

Ao aproximar-me do rancho, um cachorrinho rabugento saltou de dentro, latindo furiosamente. Ao mesmo tempo um vulto de mulher assomou à porta.

— Sossega, Capucho, resmungou ela para o cachorro que, na mais extraordinária das mudanças, pôs-se a ganir de prazer, agitando a cauda freneticamente.

Suja e feia, um lenço encardido amarrado à carapinha grisalha, os pés descalços, Benedita caminhou ao meu encontro. Tive receios ao vê-la aproximar-se em curvaturas de escrava, rojando-se quasi a meus pés, os gestos humildes e uns olhos súplices de cão batido. Parecia uma louca.

— Sinhazinha veio vê a preta véia?

E como eu lhe estendessem as mãos cheias de embrulhos, tomou-os sófregamente, apalpando-os:

— Sal, carne, café? Quanta coisa boa, sã dona. Deus lhe pague e lhe dê um noivo muito rico...

— Prefiro um muito bom, respondeu sorrindo e entrando no rancho.

No estreito quarto colmado de folhas de buriti, a claridade crepuscular penetrava através dos paus mal unidos que formavam as paredes e pela única porta que havia.

Tiras de cipó amarradas ao teto suslinham trapos mal enxutos. A um canto um fogãozinho com duas painelas de barro; do outro lado, recostado em uma bruaca, o corpo estendido sobre uma esteira que mal disfarçava a dureza do chão, estava um preto velho, inchado e disforme, vestindo simplesmente calças de algodão, o largo dorso lúcido arfando de cansaço.

Vendo-me, tentou levantar-se.

— Não se incomode, Anastácio, pedi. Como vai a saúde?

— Male, nhanhã, gemeu. Por favor, abanque neste tóco. Casa de pobre... Sinhazinha já ouviu falar na Iria, a feiteira de estas bandas?

— Sim, ouvi falar... mas, isso de feitiçaria são histórias...

— Qual história, nhanhã, é coisa séria, verdade pura como Deus tá no céu. Aquela véia danada me botou mau oiado e virou meu rasto...

— Virou o rasto?

— Pois não sabe, nhanhã, que se vira o rasto de um vivente pra móde atrasá e adoecê? Pois eu estou assim depois que aquela bruxa virou meu rasto. Haverá de tê mais de ano. Uma tarde lusquefusque, eu estava bem assussegado na porta de casa, pitando meu cachimbo e oiando meu canaviá tão verdinho, quando na vorta da estrada apontou um vurto. Afirmei a vista. Era a caipora da véia. Esperei. Ela chegou perto, sirrindo... — Queria comprá umas cana.

— Espere aí, dona, vou cortá; não custa nada. A véia ficou no terreiro assuntando. Quando eu voltava, dei de cara com ela, que já vinha na minha batida. discurs-

pando que era tarde e tava escuro. Juro pru Deus que aquela marva-da feis reza braba e virou meu ras-to.

— No outro dia amanheci mofino, perrengue, e não houve chá de mezinha que me desse vorta. Cada veis perrengando mais. E fiquei o que sinhazinha tá vendo . . . um caco à-toa . . . sem serventia . . .

— Não diga isso, Anastácio; você está doente e doença é Deus quem manda . . .

— Nem tôdas, nhanhã, nem tôdas. Sinhazinha é nova, não conhece o mundo, não assuntou a mardade. O tinhoso também mata. Eu sei o que é feitiço, reza braba, mau oiado, praga de muiê⁶ véia e reivosa que sabe fazê porquêra . . . Escurecia.

— Até à vista, Anastácio, disse eu, levantando-me. Está ficando tarde, preciso ir. Não vá encontrar o saci, gracejei.

— Saci não sei, nunca vi; mas a mãe-do-ouro mora destas banda, num oco de gameleira . . . Deus lhe pague a esmola. E se eu ficá bão, saio dêste cafundó pra sempre.

* * *

No sitio contaram-me a história de sá Iria. Era um nome temido. Viera dos lados de Pilar — terra do feitiço — havia muitos anos. Ela e o marido. Era uma cabocla nova, sem filhos. Bonita como poucas, com uns olhos grandes e febris e dentes muito alvos, cortados em ponta. Não trazia nada. A roupa do corpo. E não queriam amizades. Retraídos. Exquisitos. Pouco tempo depois, morreu o marido de sá Iria assassinado por um vizinho. Este, mal livre da cadeia, casa com a viúva.

O assassino era homem de poucas falas, sombrio, metido consigo mesmo, mas trabalhador. Sa Iria era também valente no cabo da enxada. O casal prosperava. Num noite de tempestade, uma foice elétrica fulmina o segundo marido de sá Iria, à porta do rancho. Ninguém viu. E no outro dia, com o auxílio de um rapaz meio idiota, sua cria, ela abre uma cova e, sem mais formalidades, enterra o homem. A fama de feiteira que lhe vinha de longe culminou então. E sá Iria ficou vivendo uma vida misteriosa, temida e odiada como uma divindade funesta.

— E' o gênio mau destas redondezas, e só de mêdo nada lhe fizeram ainda . . .

— E' uma grande infeliz, pensei comigo.

* * *

Alguns dias depois, estávamos sentados à porta do sitio, conversando tranquilamente.

Era de tarde e suave claridade envolvia a terra num véu de melancólica beleza. Os olhos repousavam no vasto descampado forrado de capim mimoso e cortado, a-

quí e alí, de sinuosos trilhos. Reses aos grupos ruminavam plácida-mente. Um colorido mais forte da vegetação denunciava o córrego que fugia num alegre murmúrio. E a Serra Dourada arqueava o dorso azul ferrete, barrando o horizonte.

A conversa morria preguiçosamente, enquanto gozávamos a inebriante poesia daquele crepúsculo.

De-repente um acauan começou a piar, longa, dorida, perdidamente.

— Mau agouro, murmurou Dias, nervoso. Cala a bôca, diabo! ralhou, ameaçando um cachorro que se pusera a uivar.

Nisto distingui, na extremidade de um dos trilhos fronteiro à casa, um vulto branco.

— E' sá Iria, disse o Dias, franzindo o sobrecenho. Bem dizia eu, mau agouro! Veio decerto ver a moça da cidade. Má visita. Queira Deus . . .

E levantando-se, ordenou aos camaradas:

— Recolham os bezerrinho novo no curral do fundo. E' por via do mau olhado, explicou.

— A senhora vai ver que mulher feia . . . Feiura não vale nada, ninguém tem culpa, mas nela é um sinal.

Sá Iria chegou. Era u'a mulata encardida, alta e magra, de idade indefinível e de fealdade acentuadamente má.

— Boa tarde, minha gente, saudou amável, depondo sobre a mesa um punhado de hervas.

— Boa tarde, dona, respondeu o Dias. A casa é sua. Abanque.

— Como vai a obrigação? tornou ela.

— Assim, assim . . . E a senhora?

— Eu? Como hamera de passá uma pobre véia sem ninguém por si? Isto aquí, explicou, apontando as hervas, são mezinhas pra môde o reumatismo e a tosse braba. Ando perrengue . . .

— Qual o quê, dona, retrucou Dias. Não há mal que lhe entre. A senhora é até muito forte. Basta dizer que é sôzinha e ainda planta, tem criação . . .

— Planto pra comê com a ajuda dos vizinho. E esta moça aquí, disse, voltando-se para mim, é a moça da cidade que veio vê os pobres? Tá gostando daqui?

A inteligência luzia-lhe no fundo dos olhos pretos e sinistros, encovados sob hirsutas sobranceiras, e um quê de brutal havia nos seus lábios grossos fortemente vincados nos cantos. Mas, debalde procurei vestígios da antiga beleza naquele rosto trigueiro e vincado de rugas.

Falava com desembaraço e usava de expressões vagas e de reticências misteriosas.

Um momento interrompeu u'a

mocinha que, alheia à nossa conversa, ria muito.

— Terá de chorá, sentenciou com dureza.

Estremeci, mas sá Iria já abrandara a voz, continuando a palestra.

— Já vou indo, disse ela, de-repente. Tá escuro e daqui até meu rancho é um estirão prá uma véia cumo eu.

* * *

No dia seguinte resolvi voltar para a cidade e, no momento da partida, apareceu-me sá Iria. Despedi-me dela, abraçando-a, como é costume, mas senti estranha sensação, um arrepio indefinível, misto de mêdo e asco, percorrêr-me o corpo ao contacto daquela mulher.

— Cismas . . .

— Não sei . . . Mas, logo depois, o cavalo que eu montava, por sinal muito manso, tomou o freio nos dentes e, inesperadamente, começou a saltar. Não fosse eu perita cavaleira . . .

— Isto nada prova, interrompeu minha amiga, rindo; mostra apenas que você tem nervos impressionáveis e acreditou nessa história toda de feitiços que lhe contaram. E sá Iria? Que rumo levou? Morreu?

— Não. "Exalou", como diria Anastácio.

— Desapareceu? Como?

— Alguns meses depois de meu passeio ao "Buritizal", uma criança, filha do mais próximo vizinho de sá Iria, brincando à beira do córrego, caiu nágua. Foi o que aconteceu. Nada de sobrenatural, mas o nome fatídico acudiu a tôdas as bôcas: sá Iria.

E, numa noite tenebrosa de ventania, atearam fogo ao rancho da velha . . .

Ⓛ que hoje reconhecemos como "ordem", fixando-o em constituições "liberais", não passa de uma *anarquia feita costume*. Chamamos a isso democracia, parlamentarismo, autonomia do povo, mas de fato é a simples não existência de uma autoridade conciente das suas responsabilidades, a falta de um *governo*, e com esta também a de um verdadeiro *Eslado*.

SPENGLER

|||

Ⓛ governo do Presidente Vargas nem é o 3 de Outubro nem o 10 de Novembro. E' mais do que isso: é algo de parecido com um aluvião, que arrasta no seu movimento grande quantidade de idéias, planos, esperanças e reivindicações que se vão cristalizando lenta e seguramente no decurso do tempo.

OSVALDO ARANHA

|||

Busque-se no estrangeiro informação, mas não modêlo.

ORTEGA Y GASSETTE

Lenda do Sabiá



Tôdas as tardes, quando o Sol morria,
 Ele vinha cantar na laranjeira,
 Em frente à minha porta . . .
 Arrulhava a companheira
 No quente ninho de penagens feito,
 E a natureza morta
 Parece que vivia
 Ao calor amoroso do seu peilo . . .

Quia o sabiá. Ele cantava
 Moçando as asas no seu ninho amigo.
 E feliz se embriagava
 Com a própria canção,
 Enchendo de harmonia o lar antigo,
 Mas tardes sonolentas do sertão . . .

Construira o seu ninho entre outros ninhos,
 E vivia ditoso,
 Par venturoso,
 No amor da companheira e filhotinhos . . .

Mas, uma noite veio a tempestade,
 E à sua fúria nada resistiu . . .
 Foi-se a felicidade
 Que a ventura construiu . . .
 O sabiá, depois, no outro dia,
 Por sobre a laranjeira,
 Voava procurando a companheira . . .

— II —

No desespero, na última agonia,
 No laranjal em flor,
 E o ninho perlo,
 Ele viu o seu ninho tão deserto,
 Deserto o seu amor!

Modulou um trinado . . . Foi seu horro . . .
 Deitou as asas, louco, moribundo,
 E caiu morto,
 Pois morto lhe ficara todo mundo! . . .

Ao longe uma cascata,
 No seu eterno maravilhar insano,
 Chorou de mágua o sabiá goiano,
 O meu saudoso sabiá da mala!

LUIZ DO COUTO

TESE com que se apresentou à "Semana Ruralista", promovida pelo "I. D. O. R. T.", em São-Paulo, o dr. João d'Abreu

*"Arruma sua matulinha
Vai subianu pelos camim
Leva a caiga nu mercado
Vendi tudo baratin.*

*— Não apurei quais nada
Meu Deus qui será di mim!
Eu quiria um lumbriguéro
Pr'a levá prús pansudim!*

(Folclore Goiano)

Desde o alargamento físico de nossas fronteiras — fadigas, sofrimentos — levando para a frente as linhas de TORDESILHAS, até se tornar capaz de ser ambiente de instituições como o IDORT, — sublime conquista cultural, — São-Paulo teve sempre a preocupação de vanguardeiro.

De intermédio, quanta luta, quanta glória, quantas bênçãos!

E prossegue na senda ascensional de seu futuro, de seu destino, sempre para o alto, rumo ao belo, caminho do bem.

Bendita ambição nacional.

E é mesmo a São-Paulo que cabe essa tarefa.

A êle, que fêz povoar os sertões, deixando aqui e ali, nos confins do nosso território, os núcleos de habitações, insulados na imensidão das selvas, cumpre resolver o problema, criado, aliás, também, pelo "gôzo tranquilo da liberdade em que viveram os nossos ancestrais", permitindo que o País se fosse povoando por aí a dentro, artes que pudessem os Governos acompanhar os arrojados bandeirantes, levando-lhes os meios de civilização: — estradas, saúde, instrução.

Deve, pois, São-Paulo, que é a própria bandeira, empunhar também a do "ruralismo".

Êle, que "enfrentou o rancor vigilante de um adversário forte; que investiu contra um continente hostil", não foge à responsabilidade que lhe assiste, hoje, marcando o rumo a seguir, na redenção do nosso sertanejo.

Esta é uma campanha tão noore como as demais em que êle se tem empenhado, — econômica, patriótica e humana — movimento de solidariedade.

São-Paulo não parou. "Se a

bandeira para, é só porque precisa caminhar de novo".

E agora se decide a proporcionar ao homem rural, aos "trinta milhões de brasileiros que vivem nos campos, sem saúde, sem alimentação e sem ensino, asfixiados e sem ânimo", — esta maior riqueza econômica do Brasil, que deve ser a **CONCIÊNCIA DE SEU VALOR**, dando-lhe os meios de **SENTIR-SE ALEGRE**, na faina cotidiana do trabalho.

O próprio Chefe da Nação já nos conclamou:

"Temos a enfrentar corajosamente sérios problemas de melhoria das nossas populações, para que o conforto, a educação e a higiene não sejam privilégio de regiões ou zonas! Os benefícios que conquistastes (referindo-se aos operários da Cidade) devem ser ampliados aos operários rurais, aos que, insulados nos sertões, vivem distantes das vantagens da civilização. Mesmo porque, se o não fizermos, corremos o risco de assistir ao êxodo dos campos e ao superpovoamento das Cidades, desequilíbrio de consequências imprevisíveis, capaz de enfraquecê ou anular os efeitos da campanha de valorização integral do homem brasileiro, para dotá-lo de vigor econômico, saúde física e energia produtiva. Não é possível mantermos anomalia tão perigosa — como a de existirem camponeses sem gleba própria, num país onde os vales férteis como a Amazônia permanecem incultos e despovoadas de rebanhos pastagens soberbas como as de Goiás e Mato-Grosso"

**"PLANTA E CRIA E TERÁS A-
LEGRIA"**

E' um dos sugestivos chamamentos ao CAMPO, adotados por esta campanha.

E' a voz de DEUS. E' a própria NATUREZA que nos acena com êsse CANTO mavioso.

Sim!

Cabe-nos, porém, disciplinar os meios de concretizar o significado dessas palavras.

A convicção dêsse estado de alma deve ser real, deve ser sentida

e não imposta aos espíritos isolados, doentios, já desiludidos, que mourejam sós, no mais pesado abandono.

E de que forma o conseguiremos?

Aí está a finalidade dessa grande obra do IDORT.

E', certamente, chegar a êsse objetivo o que êle se propõe.

A nós outros está reservada a missão de apresentar os fatos e as sugestões.

Filho dêsse meio, sentindo-o até hoje, com prazer e com tristeza, alegra-me poder estar aqui, atendendo a honroso convite do IDORT.

E' pobre a minha colaboração.

Mas se todos devemos servir a causa como nos for possível . . .

Quase que me limito a dizer que é oportunníssima esta campanha, que é SANTA — e formular sinceros votos para que os seus efeitos sejam salutares ao País.

Dou apenas o meu testemunho pessoal.

Ouso adiantar que atribuo principalmente o estado atual de nossa gente do campo à falta da mais comezinha assistência financeira, por parte dos poderes públicos, a ponto de fazer com que, em defesa instintiva, haja ela já criado a couraça TER MENOS NECESSIDADES PARA O QUE TIVER SER BASTANTE.

Estudei, para Goiás, a maneira de se corrigir, ou pelo menos de se atenuar o mal, apresentando ao Governo, que o está executando, **UM PLANO COOPERATIVISTA QUE SE ADAPTE AO MEIO.**

Que se adapte ao meio, sim, porque, por mais sábias que sejam as leis vigentes, que permitam o financiamento à lavoura ou à pecuária, não se AJUSTAM elas às condições do nosso pequeno produtor, como bem o afirmou o atual Diretor da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, encarregada de ir ao encontro dessa pobre gente.

Ao lado dessa primeira medida, **UMA ESCOLA RURAL**, em cada Município.

Uma ESCOLA que preencha os requisitos indispensáveis: — que

Conceito de Democracia

Castro Costa

no Estado Novo

Constitue tradicional confusão o conceito de democracia como liberalismo despeado e incondicional. A tradução simplista de "governo do povo", que é tomado num plano rigorosamente literal, sem maiores estudos e observações, é, em última análise, a responsável imediata por esse fenômeno. O homem de cultura medíocre, num verbalismo que reputa reivindicador, via-de-regra apregoa aos quatro ventos as prerrogativas sociais que êle próprio reconhece algo obscuras e indistintas na bruma ideológica das classificações políticas.

Se procurássemos conhecer, **ab initio**, a significação dessa palavra, através de sua acidentada jornada histórica, desde o dicastério ateniense, cêrca de quatro séculos antes de Cristo, o qual se compunha de mais de 1.000 membros, tirados em ordem alfabética da lista geral dos cidadãos, talvez acabássemos concluindo filosoficamente, como Aristóteles, que a expressão encerra em verdade um grande paradoxo, eis-que "governar é coisa mui complicada para ter suas dificuldades resolvidas pelo maior número". Concluíríamos, por extensão, que a democracia eleger, por intermédio das comédias

eleitorais de hoje, a minoria aristocrática que constitue o governo, desvirtuando a essência de sua organização e provando a sua impraticabilidade dentro da rigidez etimológica do vocábulo.

Democracia não é isto, porém. Não significa a interpretação ingênua de um termo gramatical, mais um conjunto de circunstâncias sociais encaradas sob o ponto-de-vista da ciência política. Sua característica fundamental é a igualdade de todos perante a lei, lançando-se dessarte por terra todos os tabús raciais e religiosos. Não há privilégios pessoais, quando muito os há de classes, assegurados por intermédio dos institutos cooperativistas. Não chegamos, é certo, ao entusiasmo de subscrever os conceitos da declaração da independência dos Estados-Unidos, para afirmar que "todos os homens nascem iguais", eis-que se trata de assunto muito discutível. "Os homens não nascem iguais, nem livres — diz H. G. Wells; nascem em uma múltipla diversidade e emaranhados em uma contextura social antiga e complexa. Nem é nenhum homem convidado a assinar o contrato social ou, não o fazendo, a partir para a soli-

dão". Não se poderia, pois, pretender deduzir que a democracia, decorrendo da liberdade inata do indivíduo, seja uma consequência natural da organização da sociedade humana.

Contrariamente, democarcia é o produto científico das experiências dessa mesma sociedade, fôrjado sob os imperativos mais dignos e igualitários de que o homem se pode orgulhar. E', assim, obra do estudo e do esforço, em cujo holocausto a humanidade derramou e sempre derramará rios de sangue, e não obra cega de uma fatalidade inerente a uma condição irrefutavelmente feita, a qual não possuímos ao nascer. Por-outro-lado, não se pode fazer a apologia de nenhuma forma de governo isoladamente, considerada em teoria, ou ao pé da letra. Somos obrigados a procurar, dentro de um critério mais conciliador, aquela que maiores vantagens propicia à indole e às circunstâncias históricas do povo que a adota. Comentando um dos maiores pensadores da antiguidade, já afirma Will Durant: "Com as salvaguardas da religião, da educação e da organização da vida familiar, quasi tôdas as formas tradicionais de governo se equivalem. Tôdas contêm em si coisas boas e más". E', de-certo, a falta desse raciocínio tolerante que provoca, através dos tempos, as gigantescas lutas das filosofias políticas. Nessa conjuntura, temos que aceitar que cada nacionalidade deve estudar os múltiplos fatores de sua existência para pôr em prática os preceitos de administração que mais lhe convêm.

Está exatamente contido neste juízo superior de observação o conceito democrático no Estado Novo. Sem desprezar os liames tradicionais do panamericanismo, aproveitando antes os seus mais sábios e edificantes princípios, o governo brasileiro erigiu êsse monumento admirável que é a Constituição de

ensine HIGIENE DE HABITAÇÃO, e PESSOAL: como se deve PLANTAR E CRIAR: o que se deve PLANTAR E CRIAR economicamente, racionalmente.

Que ensine também ECONOMIA DOMÉSTICA: PEQUENAS INDÚSTRIAS e outras Técnicas úteis à região.

TUDO MAIS QUANTO POSSA TORNAR ATRAENTE A VIDA RURAL.

—o—

DEZ CENTAVOS de impostos acrescidos a cada charuto ou carteira de cigarros e a cada garrafa de vinho, cerveja ou de aguardente, eis o RECURSO NECESSARIO PARA A OBRA.

Mãos a ela. Que já tarda.

Atendamos ao toque de chama-

da do Presidente Vargas: —

—"E' essa a cruzada nova para a qual convoco as energias nacionais. Ao Estado Novo cabe, sem dúvida, a missão de resgatar a dívida de 400 anos, a que aludia o grande escritor intérprete da alma dos sertões, contraída pelos homens do litoral com os habitantes das terras altas, descendentes esquecidos dos desbravadores e pioneiros que dilataram meridianos e ampliaram os horizontes pátrios. E assim, o sertanejo, confiante no futuro, será como a árvore que mergulha raízes em terra fértil e dadivosa. A redenção dos sertões e revalorização da Amazônia são capítulos essenciais do programa traçado pelo Governo para dar ao Brasil a prosperidade e a cultura que merece".

Americano do Brasil

na literatura Goiana

Jorge Salomão

1937. Não se abeberou nas ideologias alienígenas, nem tampouco se inspirou nos interesses de uma oligarquia transitória e sem fundamentos que não os da ganância e das preferências pessoais. Auscultou os anseios de um povo que aspirava, de há muito, ter o seu lugar junto ao sol e canalizou seu patriotismo pela senda gloriosa da liberdade — dessa liberdade insubstituível e palpitante de que as plagas americanas, da Terra-do-Fogo ao Alasca, jamais deixaram de gozar, a partir de sua separação das potências que as descobriram.

O regime criado pelo Presidente Vargas não se reveste das formas falazes de uma liberdade decadente, mas encarna com vigor as características inequívocas de uma democracia bem dirigida e eminentemente nacional. Nunca nos parecerá demasiado lembrar Bolívar, quando se fala do sentido da obra getuliana. São palavras do Libertador, ditas no Congresso de Angostura: "O espírito da lei não deve estar de-acôrdo-com o espírito do povo que deve reger? Que é uma raridade que esta, quando apropriada a um povo, se ajuste a outro? Que as leis devem observar a conformação e a situação do país, as imposições do clima, a qualidade do solo, sua expansão e o modo de vida de seus habitantes? Que deve conceder a liberdade na medida a não permitir que seja transgredida e de-acôrdo-com a religião do povo, de suas inclinações, sua riqueza, seu número, seu comércio, seus hábitos e suas possibilidades? E' éste o código que devemos consultar, e não o de nenhuma outra nação! Precisa-se, assim, dar ao país um governo que, resguardando as bases do sistema republicano, conserve, no-entanto, a firmeza necessária para obrigar o povo ao respeito da moral e das necessidades do Estado".

Não existem palavras mais sábias. Traduzem o extraordinário gênio do homem que as pronunciou, tornando-o ao-mesmo-tempo um símbolo eloquente das tradições liberais do continente americano. E' nesse diapasão, de alta compreensão dos destinos de nossa raça, que Getúlio Vargas vem realizando sua obra de engrandecimento do Brasil, por intermédio de uma democracia *sui-generis*, que não se copiou de ninguém. E. subscreve, por

"OESTE", a interessante revista que está sendo editada nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado, mediante autorização do Governo goiano, depois de permanecer paralizada por alguns meses, volta a circular muito oportunamente, num momento em que os meios culturais do nosso Estado prescindiam de um veículo de divulgação semelhante aos que possuem outras unidades do País.

No mês de fevereiro, saiu o seu primeiro número, e nessa segunda fase a divulgação cultural de Goiás começou muito bem.

Uma boa parte dos intelectuais goianos já iniciou a sua colaboração, entre eles conta-se uma plêiade de moços vibrantes e cultos.

Com a minha estréia em "Oeste", devo frisar, aqui, que não me vou considerar um moço vibrante e culto. Pertencço, apenas,—e me dou por satisfeitíssimo,— à ala dos entusiastas, isto é, daqueles que se não cultivam ao menos admiram a arte literária. Falo, assim, desprendido de qualquer sintoma falso que, por ventura, viesse acobertar a minha menor pretensão de possuir o bafejo das letras.

E o trabalho que apresento, embora seja pequeno, demanda não só cultura como também o fator tempo. Por essa razão, parece-me escusado dar maiores esclarecimentos quanto às falhas que êle, por certo, conterà.

Trata-se de um ligeiro e modesto estudo sobre Antônio Americano do Brasil, na literatura goiana. Bem sei que é um estudo bastante complexo, porque Americano do Brasil foi um homem de letras

uma afinidade de idéias digna de nota, a quintessência das meditações do Imperador dos Andes sobre questões políticas: "O sistema mais perfeito de governo é aquele que comporta maior quantidade de satisfação, de segurança social e de estabilidade política".

dos mais fecundos e que escreveu muito e publicou pouco de suas produções literárias.

Parecia que êle se preocupava mais em dar vazão ao espírito do que notoriedade à sua própria pessoa.

Se não conseguiu acumular uma farta bagagem de tudo que escreveu, foi porque não se deu ao cuidado de condensá-la ordenadamente, e publicá-la, enquanto vivo, com exceção de poucas obras, pois a sua existência, dedicada a atividades múltiplas, êle a consumiu em servir, unicamente, à sua terra e ao seu povo. Olhava menos para si do que para os outros. Não fruiu os efeitos da introspecção, e as suas coisas não receberam o desenvêlo necessário.

Dono de uma inteligência invulgar, alicerçada por uma cultura vastíssima, e, acima de tudo isso, era um artista maravilhoso, de cuja pena brilhante nasceram belos versos e impressionantes trabalhos em prosa, que lhe valeram o título de homem de letras.

Embora tudo o que de seu conseguiu publicar haja tido repercussão, infelizmente as suas obras principais permanecem inéditas, as quais se esfacelaram com a sua morte. E' pena que tantos esforços e tanta vontade criadora se esvaissem no vácuo da desagregação.

E, para publicá-lo em "Oeste", à mingua não só de dados necessários, bem assim à dificuldade de uma análise mais penetrante sobre o assunto, eu me abalancei à temerária empreza com a convicção de que outros o lançassem de modo mais completo, vazado em um tom mais atraente.

Praticariam, pois, um ato louvável os que estudassem com ardor a obra literária que nos legou a quele goiano inteligente, de temperamento insondável.

M.s, Americano do Brasil, que era médico, não foi, apenas, poeta,

escritor e historiador, pois a sua atuação na imprensa e na tribuna granjeou-lhe a figura personíssima de grande talento.

Firme nas suas intenções, abraçava, com entusiasmo, as idéias esboçadas pelo seu temperamento apaixonado, o que provocava quasi sempre as mais furiosas reações de seus contemporâneos, chegando, às vezes, a atingir as raias do exagêro. Os seus contemporâneos, via de regra, não compreenderam nem o homem, nem as suas intenções e muito menos as suas idéias.

Não é que retrocedesse, ao fim, ante a avalanche dos seus inimigos. Ao contrário. Preferiu afastar-se, cautelosamente, do seu meio, sem se intimidar com os grilhões forjados ardidamente pelos espíritos bisonhos.

A morte arrancou-lhe a vida, precisamente na época da maturidade, quando se unem em fraternal harmonia a inspiração com a experiência, aquelas duas forças poderosas que se completam para gerar, no cérebro humano, as belezas do pensamento. E' a fase em que o homem tudo ausculta, tudo vê e a tudo sente. Mais ainda: é o reverso das divagações transitórias em que a mocidade experimenta a cada momento uma nova sensação.

Porém, antes de estudá-lo como homem de letras, acrescente-se que Americano do Brasil tinha um grande coração e era daqueles que prezavam a profissão de sua clínica médica, com a qual mitigava as aflições de seus semelhantes, sem se preocupar com as ambições desregradas e inquietas pelo interesse pecuniário.

Pelo singular efeito da atração afetiva, envolvia em tórno de si toda a massa popular, com exceção de seus desafetos.

Contra estes desfechava a sua melhor arma: a força impulsiva e diabólica de sua inteligência.

Mesmo assim, pode-se dizer que Americano do Brasil era o homem do povo e que viveu para o povo.

* * *

O POETA

Como poeta, Americano do Brasil possuía as qualidades necessárias: a fantasia deslumbrante das imagens que se casam com as tonalidades exatas da imaginação. Era o poeta por excelência.

"Nos rosais do silêncio", consi-

derada a sua principal obra no gênero, infelizmente permanece inédita.

Esparsos, existem, uns publicados, outros não, muitos poemas e sonetos de valor, os quais se fossem enfeixados em um volume consagrariam, por si só, a imortalidade do poeta.

Em quasi tôdas as suas produções poéticas, Americano do Brasil usava o pseudônimo de *João de Goiaz*.

"Nos rosais do silêncio" o autor estilizou os seus versos em prosa animada e harmoniosa, enclausurada em formas rítmicas.

Aí êle so grafou a emoção.

E' uma obra de transição para as normas rítmicas de prosas sonoras, vagas, mas sem modelo em nossa literatura. Nela há passagens que marcam instantes alegres ou desgraçados do coração, como se fossem simples máquina registradora das oscilações da vida do próprio autor.

Têm um sabor de matizes premeditados, vazados nas normas do estilo, porém sem se submeterem os seus versos à rudeza do metro. E' de um lirismo absorvente, cujo ritmo se assemelha às cadências poéticas de Vargas Vilas, de Wat Whitman e de Emile Verhaeren, o famoso poeta de Flandres.

"Sinfonia Bárbara", condensado em "Nos rosais do silêncio", é um dos seus melhores poemas.

Outro poemeto, também, muito interessante é "As vozes das lápides", cujo lirismo se abeira às trovas antigas. Vazado em prosa rimada, terna e harmoniosa, que evoca, nos momentos de angústia, as reminiscências febris, causadas pela inspiração súbita.

A obra divide-se em cinco partes, e cada uma exprime sensação diferente, em que as imagens vicejam a beleza sedutora dos versos.

A cadência deslumbrante do movimento, a sensibilidade sentimental com vislumbre de ansiedade e amargura, tudo isso transpõe a alma do leitor para um mundo diferente.

Se o poeta não teve o benefício da originalidade, contudo, culminou, no seu tempo, pela força da criação imaginária.

Mas, mesmo assim, direi que a exuberância e a perfeição de seus versos o colocaram na galeria dos maiores poetas goianos.

* * *

O ESCRITOR

Como escritor, presume-se que tenha deixado importantes trabalhos inéditos.

Porém, de tudo que conseguiu publicar, em vida, existem alguns contos e poucas lendas, além da obra intitulada "Cancioneiro do Brasil Central", prefaciada por João Ribeiro. Trata-se de um estudo interessantíssimo sobre o folclore goiano. Aí o autor mostra conhecer profundamente as nossas tradições, interpretando, com rara habilidade, o sentimento do nosso caboclo.

Mas, o que há de mais atrativo em seu livro não é só a interpretação de nossas coisas e de nossos costumes. Há mais: o poder de erudição, talhada em um estilo ameno e simples, em que são retratados, de maneira sublime, os encantos da natureza, a harmonia dos nossos rios e a beleza dos nossos campos verdejantes.

A gente lendo êsse livro tem a impressão de que Americano do Brasil sentia o contacto do passado e se embebia com o segrêdo estonteante da natureza.

Sobre assunto, também, folclórico deixou inédito outro trabalho de monta, que é a dialetologia goiana. Quasi chegou a catalogar todos os termos criados pela nossa jírria. E' lamentável que essa sua interessante obra não tivesse sido publicada, porque a língua portuguesa seria enriquecida com mais essa valorosa contribuição goiana.

* * *

O HISTORIADOR

Como historiador, além da súmula da história de Goiaz, publicou, isoladamente, em folhetos, os fatos principais da vida goiana.

A sua súmula foi organizada, precipitadamente, para preencher a falha do ensino histórico de nossa terra nos estabelecimentos de curso normal. Por isso, ela não foi bem recebida pela maioria dos críticos, que viam nela lacunas imperdoáveis.

De fato, houve duas correntes que se contrapunham, uma que a censurou acremente e outra que procurou esclarecer a causa de tantas falhas.

Compendiada, como foi, de afo-gadilho para atender a um fim especialmente didático, os fatos, em sua quasi totalidade, sofreram cer-

tas alterações que não se coadunaram com a documentação histórica.

Peceu nos relatos das minúcias e particularidades de somenos importância, em que o autor foi muito prolixo.

Mas, a história goiana que Americano do Brasil planeou e que chegou até a organizar constitui um trabalho bem mais completo, dividindo-se em quatro partes, as quais compreendem a história política, a história administrativa, a história militar e a história religiosa.

Focalizou, com maior relevância, os fatos de ordem militar e, muito especialmente, os de ordem religiosa.

Inegavelmente, a vida passada de Goiás se prende muito mais aos acontecimentos militares e religiosos do que propriamente aos assuntos políticos e administrativos.

Embora pouco se conheça quanto à profundidade de sua história, a opinião dos nossos historiadores foi unânime em reconhecer em Americano do Brasil uma autoridade no assunto.

* * *

O JORNALISTA

A sua vocação para o jornalismo partiu desde o tempo da mocidade.

Nos primeiros artigos, turbulentos e temerários, e nas primeiras crônicas, a incerteza e o inevitável nas produções de estréia formavam o ponto de partida: ou o caos que se abria ao iniciante, ou a ascensão que lhe sorria.

Pouco, a pouco, a frase se aclara e o jornalista arroja-se pela tira em branco, que, depois de transmutada por imagens sedutoras, surpreende a todos. Surge, então, o jornalista de escol, em cujo decurso de sua vida se tornou assíduo colaborador dos principais órgãos da imprensa do Brasil Central.

E' o jornalista que possui a sobriedade dos traços, o colorido e a elegância airosa e fácil.

Com o decorrer dos tempos, Americano do Brasil, que se dedicava, de corpo e alma, à sua profissão médica, ingressa na política e trava fortíssimas polêmicas com os intelectuais goianos de maior envergadura, e o sucesso quasi sempre pende para o seu lado, a-

brindo-lhe um vasto campo para novas pugnas.

E a profundidade de seus artigos? Descia à análise minuciosa dos fatos com uma vivacidade que estonteava o adversário mais hábil e mais perspicaz que fosse.

Aparelhado pelo manejo fácil da arte de escrever, o desfêcho das polêmicas tomava um rumo, quasi sempre, penosíssimo, a que o antagonista preferia entregar os pontos. E' que Americano do Brasil punha a sua alma em tudo que escrevia.

O mais interessante é que êle digladiava no jornalismo com quem quer que fosse e sobre qualquer assunto, exprimindo, com invejável segurança, a ironia e a ternura, mas tudo debaixo de uma forma brunida e elegante.

Conhecido por *João de Goiás*, em quasi todos os trabalhos literários, era o pseudônimo de que usava também no jornalismo, com um estilo dextro.

Americano do Brasil causou, em nossa imprensa, grande sucesso na época.

Frise-se que foi um dos mais ativos jornalistas de seu tempo, e jamais auferiu lucros materiais às expensas das gazetas. Era simplesmente um amador entusiasta que escrevia por achar bom.

Colabrou, com mais assiduidade, em a "Voz do Povo", porta-voz do partido oposicionista de então, e em "A imprensa".

No gênero literário do jornalismo, Americano do Brasil deixou traços de grande valor.

* * *

O ORADOR

Em tôdas as suas atividades literárias, demonstrou ter sido igualmente um homem de letras.

Mas, é na oratória que se vai encontrar o verdadeiro artista, o orador exuberante de ricas imagens e preciso nos conceitos.

Neste terreno, os discursos e trechos de sua oratória que se conhecem mostram-nos o dom de um grande talento da expressão verbal.

Político militante, muitas vezes, por meio da arte da palavra, suscitou divergências e desafiou ataques.

Quem lê os seus discursos pronunciados no parlamento, quando deputado por Goiás, poderá aqulatar a beleza e a construção im-

pecável da frase.

Defendendo, com ardor, os interesses de sua terra perante uma maioria esmagadora, conseguia convencer os seus pares por meio da eloquência natural que lhe saía aprimoradamente, dentro dos mais puros moldes da arte de bem dizer.

Através de seu verbo inflamante, prestou inestimável serviço à sua terra. Os seus principais discursos, felizmente, estão enfeixados volumes, e cada um trata de reivindicações pleiteadas pelo povo que representava no parlamento.

São célebres aqueles em que se discutiram as questões litigiosas entre Goiás e os Estados de Mato-Grosso e Minas-Gerais, assim como teve larga repercussão o que foi feito ao ensejo do lançamento da pedra fundamental do Distrito Federal no planalto goiano.

Há neles, além da verdade, a beleza da forma, que retrata o tesouro de idéias sublimes do orador consagrado, em cujos debates assombrou os titãs da inteligência nacional.

O que ficou, para a posteridade, como assinalando eternamente a personalidade intelectual dêsse idealista, há-de ser o seu amor pela terra em que nasceu, expresso com a mais pura eloquência.

Americano do Brasil, como improvisador do verbo portentoso, fulgiu entre os maiores do seu tempo, que ecoaram em todos os quadrantes do território nacional pela eloquência alcandorada.

Sem menor favor, foi um dos grandes astros da oratória goiana.

* * *

Morreu há pouco mais de dois lustros, assassinado, brutalmente, deixando de sua passagem pela terra um sulco de luz inapagável.

Nos últimos anos de sua existência, a qual atingira quasi meio século, viveu Americano do Brasil insulado em meio agreste e indiferente à sua arrojada glorificação literária.

A separação do seu meio foi a causa de sua morte súbita.

Ⓛ homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, comete o crime de covardia, é mau cidadão.

— JÚLIO RIBEIRO

O TRABALHADOR INTELECTUAL NO BRASIL

COLEMAR NATAL E SILVA

É assunto encarado e debatido por vários prismas o estudo da posição do operário intelectual em nosso País.

Merece comentário e análise profunda.

Percorra-se a legislação social brasileira, meça-se, com imparcialidade, a curva ascensional da franca, notável evolução que ela apresenta na maior parte dos sectores de atividade remunerada e a conclusão será a de que, em matéria de amparo ao proletário da inteligência, a obra legislativa nacional está bem distanciada do que deve, do que precisa e do que pode ser.

Basta considerar que não existe propriamente, com as características legais devidas, a profissão de intelectual: existem, sim, quer na Capital Federal, quer em todos os Estados, do Brasil Norte, Sul, Centro, milhares de homens e centenas de mulheres que vivem da profissão de escritores, que fazem da pena o seu ganha-pão, mal ganhando para atender as necessidades materiais elementares.

Quanto drama doloroso por aí, sob os céus constelados de nosso Brasil, para os que fazem da inteligência o seu pão de cada dia!

Ao Estado Nacional, que está corrigindo, um por um, todos os excessos do individualismo político e do liberalismo econômico do século XX, compete dar solução harmônica e feliz a essa face, ao mesmo tempo, nobre e complexa do problema social brasileiro.

Não se falando nos casos isolados de amparo e proteção aos escritores, não se cogitando, apenas, dos muitos e nobilitantes exemplos de socorro que o Governo Federal e os Estaduais, bem assim muitos dos Municipais, dispensaram a escritores de renome, caídos em estado de miséria, nessa meia centena de romancistas, poetas, escultores, pintores que, morrendo paupérrimos, deixaram rica a descendência que editou, negociou ou vendeu aquilo que eles produziram, mesmo não se cogitando de pensões e auxílios individuais muitas vezes concedidos, como remédios isolados, que mitigam mas não curam a chaga social, encontramos um toque de alerta, um grito de esperança e um brado de fé na Constituição Federal de 1937, quando deu aquela magnífica demonstração de estar bem apercebida da excelsa magni-

tude desse problema nacional, inscrevendo em capítulo especial — Da educação e da cultura.

Prescreve o artigo 128. — “A arte, a ciência e o seu ensino são livres à iniciativa individual e à de associações ou pessoas coletivas, públicas e particulares.

É dever do Estado contribuir, direta ou indiretamente para o estímulo e desenvolvimento de umas e de outras, formando ou fundando instituições artísticas, científicas e de ensino”.

É mais a propósito:

Art 136 — “O trabalho é um dever social. O trabalho intelectual técnico e manual têm direito à proteção e solicitude especiais do Estado”. — Esse dispositivo constitucional é o caminho aberto para o início das justas reivindicações da classe.

Não basta, contudo, existir o preceito. É mister dar amplo ensejo à sua aplicação.

Mas, poucas obras tenho lido que precisem melhor o sentido das diretrizes que inspira esse texto, do que um livro recente da autoria do Professor A. Teles Neto, da Faculdade de Direito de Recife e ora em exercício na Faculdade de Direito do Rio, sob o título: “Como proteger a atividade literária em face da Constituição Brasileira”?

A crítica favorável teve razão de acentuar que, nesse tocante, o direito brasileiro está atrasado meio século, frente à legislação dos chamados países líderes da cultura e civilização. De fato, na França, na Inglaterra, na Suíça, Itália, em tantos outros países, já vai bem longe o tempo em que a profissão de intelectual era desamparada, relegada a segundo plano.

Avoluma-se a corrente do pensamento nacional que quer a rápida evolução de nosso direito, também nesse aspecto.

O abalizado autor, por nós citado, apregoa a reforma visando três pontos que considera básicos:

- a) defesa rigorosa do direito moral do escritor;
- b) estabelecimento do Domínio Público remunerado, em substituição do Domínio Público gratuito;
- c) necessidade de um órgão de classe para a defesa do direito autoral.

Embora tenhamos restrições a o por ao plano, como solução ao problema do trabalhador intelectual,

devemos confessar que é uma contribuição assaz valiosa para debate mais amplo.

A posição do escritor merece ser enquadrada, de modo positivo, harmonioso, equânime dentro da legislação brasileira que regula o exercício das profissões.

Para melhor aquilatar o que ainda há a fazer, basta considerar que inexistente a profissão de escritor: ninguém, mesmo possuidor de grandes méritos intelectuais, poderá fazer da pena o seu único meio de vida, a não ser que, possuindo dotes excepcionais, se alce, desde logo, à consagração: mesmo assim estará sujeito às flutuações das preferências literárias que variam tanto na média dos leitores — e estão em relação direta com um nível cultural que ainda não está tão elevado quanto fóra de desejar.

Viver da pena é, assim, ter uma profissão não regulamentada. Eis porque é uma verdade ao alcance de qualquer observador: a enorme maioria de nossos escritores, romancistas, sociólogos, poetas ou pensadores, não vive da pena. Ocupam funções públicas, às vezes, cheios de trabalhos e atribuições que desviam sua rota intelectual, que muitas vezes abafam, derivam, destroem notáveis vocações.

Neste nosso imenso Brasil, ainda é o problema do ganha-pão, das necessidades imediatas, o maior obstáculo à produção intensiva de obras em qualquer gênero de labor intelectual que exija atenção concentrada.

É sedição, nem por isso menos verdadeira, a observação: só o editor que ganha. E se essa observação tinha procedência há longos anos atrás, que dizer dela, hoje, em face da complexidade atordoante dos problemas que a vida contemporânea nos oferece? Não se pode dizer tóla, levemente: “produza, escritor!” Antes, se deve analisar a série de fatores que inibe de produzir.

Quando da fundação da Academia Goiana de Letras — o primeiro e o mais alto brado levantado à causa da intelectualidade em Goiás — tivemos ensejo de afirmar:

Não basta o culto das letras. A literatura não medra senão em terreno bem trabalhado. Um dos fatores essenciais à eclosão de nossas riquezas literárias é, sem dúvida,

AUTORES GOIANOS

(BIBLIOGRAFIA)

— J. Lupus —

Movido por manifesto desejo de reviver nomes de escritores goianos já desaparecidos, bem como dos atuais, damos em seguida breve relação dos inúmeros livros que sabemos ser de autores da terra anhangue-rina.

Professor Alcides Ramos Jubé: — “Ensaio de Corografia de Goiás” e “Geografia de Goiás”.

Desor. Augusto Ferreira Rios: — “Bouquete” e “Prima Carmina” — versos.

Arlindo Costa, já falecido: — “Lí- rios do Vale” — versos (1907).

Dr. Antônio Americano do Brasil, já falecido: “Súmula de História de Goiás”, publicada em 1931, “Polê- mica Genealógica”, “Pela Terra Goiana” — discursos parlamentares, publicados em dois volumes, “No convívio com as traças” — 1920, “Li- mites Goiaz-Pará” — 1920, “História de Goiás” — (Escrita para o Dicioná- rio do Instituto Histórico, Geográ- fico e Etnográfico Brasileiro), “Can- cioneiro e Trovas do Brasil Cen- tral”; deixou inéditos, em manuscri- to, diversos trabalhos de grande valor literário e histórico.

Antônio José da Costa Brandão: — “Almanaque da Província”, publica- do no ano de 1886, para cujo fim foi dado ao autor o auxílio de Cr\$ 200,00 pelo govêrno provincial, conforme lei nº 777, de 13 de novembro do di- to ano.

Dr. Antônio Felix de Bulhões Jar- dim, já falecido: “Poesias”. O mar- ginado foi um dos mais brilhantes intelectuais de sua geração.

Poetisa Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina): “Canção das A’guas”.

Professor Antônio Eusébio de Abreu: “Gramática da Língua Por- tuguesa”.

Bráulio Prego: “Folhas Esparsas” e “Austrais” — versos.

Dr. Cyllenêo de Araújo (Léo Lyn- ce): “Ontem”, versos — 1928.

Dr. Colemar Natal e Silva: “Rui Barbosa” (conferência pronunciada no Instituto da Ordem dos Advoga- dos Brasileiros, no Rio, a 20 de a- gosto de 1928); “História de Goiás”, (dois volumes — 1932), obra prefa- ciada pelo Conde de Afonso Celso, “Pareceres e Decisões” — doutrina, legislação e jurisprudência — 1940,

“Na Tribuna e na Imprensa” — cole- tânea de trabalhos literários, artigos e discursos, “Na Procuradoria Ge- ral do Estado” — 1940 — (súmula de iniciativas, trabalhos e realizações em prol do Ministério Público.

Dr. Domingos Neto de Velasco: “Sal da Terra” — 1939, e “Comentá- rios ao Código Eleitoral”.

Dr. Derval Alves de Castro: “Anais da Comarca do Rio das Pe- dras” e “Páginas do Meu Sertão”.

Dona Eurídice Natal e Silva, con- sagrada escritora: “Traços Biográfi- cos do Ministro Guimarães Natal” — 1937.

Erico Curado: “Luminúrias” — versos.

Dr. Francisco Xavier de Almeida Júnior, já falecido: “Luta contra a Velhice” — 1928.

Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, já falecido: “Folhe- to sobre a data Gregoriana do Des- cobrimento do Brasil”, trabalho que mereceu elogios do Barão Homem de Melo e que foi, posteriormente, transcrito na “Revista do Clube Co- rintiano”, do Paraná; “Trabalho sô- bre o Ano Inaugural da Era Cristã”, “Anuário Histórico e Geográfico de Goiás” — 1909 — único no gênero que possui o Estado; “Páginas A’ri- das” — 1913, “Considerações Gerais sôbre as Quantidades Negativas”, folheto publicado em 1919. Deixou inédito um dicionário analógico da nossa língua, trabalho relevante que, apreciado na Academia Brasileira de Letras, recebeu honrosos elogios de seus membros.

Dr. Guilherme Ferreira Coelho: “Expedição Histórica nos Sertões” — 1937.

Historiador Gelmiros Reis: “Dicio- nário Histórico e Geográfico de Santa-Luzia”, “Efemérides Luzia- nas”, “Genealogia Luziana”, Princi- pais Efemérides da História de Goiás”, “Almanaque de Santa-Lu- zia”, “Efemérides Goianas”.

Dr. Gastão de Deus Vitor Rodri- gues, já falecido: “Páginas Goianas” e “Agapantos”.

Gercino Monteiro Guimarães: “A Obra Literária do dr. Hugo de Car- valho Ramos”.

Dr. Hugo de Carvalho Ramos, já falecido: “Tropas e Boiadas” — 1917.

Dr. Hermenegildo Lopes de Mo- rais, já falecido: “Em prol de Goiás”.

Major Henrique Silva, já faleci- do: “As Caças e Caçadores no Bra- sil Central” — 1898; “Poetas Goianos” — 1901; “Fauna Fluviátil de Goiás” (dois volumes) — 1905-1906; “Indús- tria Pastoril” — 1902, “Esbôço Bic- gráfico do Comendador Francisco José da Silva” — 1907; “Sumé e o des- tino da Nação Goiás” — 1910, “Con- tribuição para a Geografia Zoológi- ca do Brasil” — 1911; “A extinta Na- ção Goiana” — 1914, “Pérolas e Con- chas perlíferas do Araguaia” — 1915;

o amparo às letras. Quanta prodi- galidade, quanta riqueza esbanja- da, quanto talento esterilizado na tortura do ganha-pão, na estreita contingência do ambiente?

Quanto ao nosso patrimônio in- tellectual, honro-me em repetir a- gora, tantos anos passados: nin- guém nega que o temos.

Goiaz de outrora e mesmo Goiaz contemporâneo possuem, na poesia, nas letras, gemas de valor.

Certo é que, na maioria dos ca- sos, a pobreza, os empecilhos mate- riais, sempre graves e complexos, não permitiram que essas riquezas circulassem como era de mister.

Quem quer que saiba se abebe- rar nas fontes de nossa intelectua- lidade, estudando, observando, a- nalizando o meio, chegará a essa mesma conclusão.

O que vem à lume não é o prin- cipal.

As riquezas maiores estão guar- dadas, existem, mas escondidas aos olhares do grande público. Só a quem procura, com empenho, é dado vê-las.

No entanto, assim, não pode ser

por todo o tempo. Precisamos, quanto antes, fazer circular nossas riquezas. Nesse sentido já se vai formando ambiente.

Mas, êsse problema não é só nosso. E’ problema de grande par- te dos Estados do interior do Bra- sil.

Por isso deve ser estudado em conjunto.

OESTE, que nasceu em hora tão oportuna, sob tão bons auspícios, e promete realizar obra fecunda e duradoura, além de fazer circular as nossas riquezas literárias, deve ir mais longe, fazendo-se intérpre- te e propugnadora de uma causa que, vitoriosa, abrirá horizontes largos e luminosos à causa da inte- lectualidade brasileira.

O momento é mais de que propi- cio, porque encontramos à testa dos governos Federal e Estadual e Municipal homens que têm uma noção exata da magnitude dos as- suntos que se relacionam com a o- bra da reconstrução nacional em marcha acelerada para a conquista definitiva de seus objetivos pri- mordiais.

Goiania, 17 de abril de 1943.

"Duas variedades novas de Eletrofóride do Brasil Central"—1915, "O Pescador Brasileiro"—1915, "O Folclore do Brasil Central"—1916, "Memória Justificativa dos limites de Goiás com os Estados de Minas-Gerais, Mato-Grosso, Baía e Pará"—1920, "A Bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722", 1917; "Qual a principal cabeceira do rio Paraná?", "Nostalgia" (paisagens sertanistas), "Eu Acuso" e diversos trabalhos não publicados.

Dr. Inácio Xavier da Silva: "O Crime do Coronel Leitão" (sedição na Comarca de Boa-Vista-do-Tocantins)—1935.

Igino Rodrigues, já falecido: "Dinamites", "Pampeiros" e "Flores do Deserto"—versos.

Ivan Geraldo Americano do Brasil: "Lendas e Encantamentos do Sertão"—1938.

Josias de Almeida: "Do Araguaia às Índias Inglesas".

Financista dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, já falecido: "Discursos proferidos na Câmara dos Deputados"—1882; "Discursos sobre a conversão do papel moeda"—1882, "Meio Circulante", "Abolição dos Escravos"—1883; "Discursos proferidos na Câmara dos Deputados", em 1884, 1885; "Relatórios do Ministério da Fazenda" (1902, 1904, 1905 e 1906).

Dr. João Augusto Perilo: "Páginas do Coração".

Dr. José Xavier Júnior: "A Canção do Planalto"—versos—1942.

Dr. José Honorato da Silva e Sousa: "Na Constituinte e na Imprensa" e "Ante-projeto da Constituinte do Estado"—1934.

Dr. João Acioli Martins Soares: "Olho d'Água"—versos, e "Barro Preto"—romance.

Dr. João Licínio de Miranda: "Você... Você" e "Pequena Antologia de Poetas Goianos".

J. Nunes: "Ninho de Sonhadores" e "Imaginários"—versos.

J. Azzi: "Catalão ilustrado"—1937.

Dr. João Teixeira Álvares, já falecido: "Mortalidade das crianças em São-Paulo", "Questão Científica", "Montezuma", "Drama Histórico", "Eleuza", "Barolas", "O Cego e a Leprea", "Cancioneiro", "Secchi Oculi", deixando ainda inúmeros trabalhos literários e científicos.

Joaquim Bonifácio de Siqueira, já falecido: "Alvoradas"—1902, "Aituns Versos"—1913, "Plaqueta"—versos; "A Descoberta de Goiás"—1921, "Através dos Séculos"—1921, "Esbôço Genealógico da família Siqueira"—1921, "Fonte da Cambaíba"—1921; deixando diversos trabalhos históricos e literários que não foram divulgados.

Luiz Maria da Silva Pinto, já falecido: "Dicionário da Língua Brasileira", o primeiro que foi publicado em nosso país. (1832).

Dr. Luiz Ramos de Oliveira Couto: "Violetas"—versos—1904, "Lilazes"—versos—1914, "Viagem ao Norte de Goiás"—1910, "Alice, História de um Coração", "Moema"—versos. Obras inéditas do mesmo autor: "Páginas de História de Goiás", "Alma Sertaneja", "Goiás, Terra de Sol" e "Goianos do meu Tempo".

Poetisa Leodegária de Jesus: "Coroa de Lírios" e "Orquídeas"—versos.

Moisés Santana—já falecido: "Anotações ao texto das viagens do dr. Virgílio Martins de Melo Franco". Após ao seu desaparecimento foi publicado o folheto "Vultos e fatos de Goiás". Seus trabalhos inéditos e avulsos dariam matéria para muitos volumes.

Professora Dona Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro: "Como Nasceu Goiânia", "Goiás, Coração do Brasil" e monografia do município de "Caldas-Novas", trabalhos de grande destaque, que honram de um modo especial a sua ilustrada autora.

Olímpio Jaolino, já falecido: "Esbôço Histórico de Formosa"—1931.

Dr. Olegário Herculano da Silveira Pinto, já falecido: "Interesses de Goiás", "Estrada de Ferro Goiás", "Proteção aos Índios" e "Damiana da Cunha", (discursos parlamentares).

Pedro Gomes de Oliveira: "Na Cidade e na Rocha" e "O Pito Aceso"—1924 — 1942.

Cel. Pedro Cordolino de Azevedo: "A Epopéia de Mato-Grosso no Bronze da História"—1926, "Inauguração do Monumento dos Heróis de Laguna e Dourados"—1938; "Pontes de Campanha sistema Christensen"—1912, "Organização é tática das marchas"—Tese de concurso—1913; "Organização e tática da Infantaria Brasileira"—Lições dadas na Escola Militar—1920; "Campanha austro-prussiana de 1866"—idem em 1923, "Campanha do Uruguai"—1924, e "Terra Distante" (Impressões de Goiás)—1925.

Ricardo Paranhos, já falecido: "Borboletas Azues"—versos.

Dr. Sebastião Fleuri Curado, goiano dos mais ilustres, que sempre gozou do maior destaque em nossas letras: "Três Memórias Históricas", contendo os capítulos: Um Episódio dos Tempos Coloniais, (1749), A Estada do dr. Sabino Alves da Rocha Vieira em Goiás (1837-1841), a Proclamação da República em Goiás (1889).

Seabra Guimarães, já falecido: "Almanaque Cachoeirense".

Dr. Yitor de Carvalho Ramos: "Mãe-Chi", "O Descobrimto de Goiás e seu Bi-Centenário" é "História da Literatura Goiana".

Dr. Vasco dos Reis Gonçalves: "Pelo Estado Novo".

Dr. Valporê de Castro Caiado: "Comentários ao Código do Processo Civil".

FALANDO DO PASSADO E DO PRESENTE

HÉLIO A. LOBO

Um dos grandes males do Brasil, antes de 10 de novembro de 1937, eram as disputas e rivalidades inter-estaduais, em que o poder central não podia intervir, sob pena de arrostar com a mais cerrada crítica dos valentes paladinos da máxima autonomia para as unidades federativas.

O que se procurava ressaltar, em qualquer oportunidade, não era o espírito de unidade nacional, mas o predo-

minio, político sobretudo, de uns Estados sobre outros.

Cada Estado procurava insular-se dentro de um conceito mórbido de autonomia, fazendo desta um "nolle me tangere" absoluto, que afrouxava cada vez mais os laços de unidade nacional. Insuflando o separatismo. Fomentando regionalismos. Ameaçando de morte a continuidade política do território enorme.

Tudo faziam os Estados

para se apresentarem, intrínseca e extrinsecamente, como verdadeiras nações independentes. Cada qual com sua bandeira, com seu hino, com seu brasão.

É aqui que queremos chegar. Sim, os brasões estaduais. Se não me engano, até Fernando-de-Noronha tinha o seu...

Alguns, belíssimos de fato. Artísticos, sintetizando de modo admirável as mais relevan-

tes tradições históricas da terra que simbolizavam.

Outros, menos felizes, deixando transparecer até mesmo uma pontinha de orgulho e regionalismo . . .

Todo nosso interesse ao Estado em que nascemos, à cidadezinha que nos serviu de berço, é justo, é natural. O que não é justo, o que não é natural, é que esse nativismo sirva de barreira a sentimentos de unidade e brasilidade.

Voltando, porém, aos escudos estaduais, lembrémos-nos do de Goiás.

Nele figuravam, em relêvo, um coração e um prato de aguardente em chama . . .

O coração era o coração do Brasil.

O prato de aguardente ali estava, diziam, para lembrar o famigerado arдил de Bartolomeu Bueno, que lhe valeu o apelido de "Anhanguera".

O inesquecível poeta Joaquim Bonifácio, legítimo orgulho das letras goianas, que consagrou invulgar dedicação à história de Goiás, era in migo acérrimo do nosso brasão estadual, justamente por causa do célebre prato de cachaça a queimar indefinidamente o coração da Pátria.

Dizia Bonifácio, baseado em farta documentação, que o velho Bueno, ao penetrar em nosso território, já trazia sua alcunha.

O tal estratégia não passava de lenda, ou então foi pôsto em prática não em terras de aquém-Paranaíba, mas nos sertões de Minas-Gerais.

Há, também, quem assegure que foi a extrema fealdade de Bueno que lhe valeu o apelido, pois o grande bandeirante, além do mais, tinha vazado um ôlho.

O mavioso poeta de "Alvoradas" assim terminava uma de suas arremetidas contra o escudo de Goiás:

"Dia virá, por certo, em que alma piedosa de legislador faça retirar dali aquele prato inquisitorial, que é uma afronta à estética, à história

No Limiar da História Goiana

Omar Santos

Ao raiar do século XVII a colonização no Brasil, de princípio circunscrita em estreita faixa da orla atlântica, começava agora o seu impulso, impelida pela força centripeta das causas econômicas e demográficas, para outro centro de gravidade: os altos sertões.

Começaram destarte as investidas, peçadas de uma heroicidade sem par, pelo *hinterland* do Brasil, que mostrara até então somente a cara direita do adamastor adormecido.

O foco irradiador das grandes iniciativas fixou-se, como sabemos, em São Vicente de Piratininga, onde se acostavam pobres forasteiros e cavalheiros de alta estirpe, todós sedentos de glória e de riquezas . . .

Dai partiam em grande alvorôço e magnificência os regimentos reforçados, em demanda de terras longínquas e desconhecidas sobre que corriam várias lendas a re-peito de fabulosos tesouros sepultados nas suas entranhas.

Todos nós conhecemos de sobejo a epopéia de Fernão Dias que, enriquecendo de heroicidade as páginas memoráveis da nossa história, inspirou a Bilac a sua obra mais brilhante e encantadora, em que o vate patricio alcançou para o imponderável da poesia os lances mais dramáticos e os feitos mais emocionantes do grande visionário, desse místico sonhador, que já nos frêmitos da morte apertava sôfregamente entre os dedos crispados as esmeraldas de seu pensamento, que na realidade não passavam de simples turmalinas e frios desenganos . . .

De Goiás, dizem velhas crônicas que o primeiro bandeirante a apor tar em suas plagas foi Sebastião

e às regras da heráldica".

O apêlo do poeta-historiador, cujos restos mortais já fazem esquecidos no cemitério da lendária Bonfim, foi atendido. Amplamente atendido pelo Estado Nacional.

O que paira hoje, acima de tudo, sobre as cinzas daqueles brasões-mirins, são única e exclusivamente as Armas da República, jóia magnífica da heráldica, símbolo admirável do Brasil sem ódios, do Brasil sem lutas de irmãos, do Brasil unido para sempre pela concórdia sem jaça de todos os seus filhos.

Marinho, no ano de 1592. E se pretendemos acreditar nas suas linhas, como o fêz Americano do Brasil, e mesmo Capistrano de Abreu, teremos que aceitá-lo como autêntico descobridor, ao passo que a prioridade já consagrada à memória de Bartolomeu Bueno se reduzirá a uma significação mais restrita de primeiro revelador das riquezas, que ficaram durante séculos escondidas na cornucópia das terras por outro descobertas.

Sem embargo, a convicção arraigada dos entendidos, que são unânimes em festejar o nome de Anhanguera como o Colombo de Goiás, não nos aparelha, por enquanto, para tomar qualquer campo de apêlo, pois provas em contrário, seguidas de opiniões diversas e igualmente persuasivas, descem diante de nós um véu misterioso de duvidosa instabilidade.

Outrossim, umas das principais bandeiras de que temos noticia certa foi a de Belchior Dias Carneiro, que em 1687 largou de Piratininga, ou São-Paulo, com numerosa legião. Mas, morrendo em meio da jornada o capitão, substituiu-o Antônio Raposo, que pisou as terras dos terríveis Bilreiros, ou Caiapós, nas margens do rio das Mortes, no oeste goiano.

Outra algarada que se celebrou nos nossos fastos foi, sem dúvida, a de Manuel de Campos Bicudo, que, conta-se, encontrando-se em pleno sertão com Bueno, lhe situou a região dos Araés, de onde trazia enorme quantidade de pepitas de ouro e grande carregamento de índios escravizados. Esse fato quasi lendário paira ainda no domínio da incerteza, pois a maioria dos historiadores e cronistas são coesos em afirmar que Bueno somente empreendeu sua viagem de exploração lá para o ano de 1684. Como então já em 1673 conferenciava com Bicudo nos remotos sertões brasileiros?

Incertezas da história . . . Nos meados do século XVII relegou-se a completo esquecimento o território goiano, sem haver contudo qualquer solução de continuidade no progresso da campanha tão auspiciosamente encetada. E os aventureiros, no afã de ampliar cada vez mais as conquistas para o príncipe reinante, se entregaram inteiramente ao devassamento meridional, colimando até as fronteiras dos domínios espanhóis no rio da Prata.

Seduzido depois pelas formidáveis riquezas, escondidas no âmago das terras mineiras, infiltrou-se-lhe no espírito a ambição pelas novas posses, agora auríferas, e o bandeiran-



O clichê ao lado mostra uma parte da Praça 24 de Outubro, na cidade de Goiaz, vendo-se ao fundo a "cadeia de Goiaz", referida pelo desor. José Campos em "Maria Emília", à página 13.

te se deixou levar, então, pelas aventuras romanescas, em busca das famosas minas gerais — o novo Eldorado — onde, contava-se, jorravam cascatas de esmeraldas em terrenos alfombrados de ouro e minerais em profusão!

Absorvido assim o élan bandeirante pela nova presa, pôde então o território dos goiazes dormir a longa sesta, e descansar das contínuas incursões que o rasgaram em todos os sentidos, na faina iconoclasta dos aventureiros que o perlostraram.

Mas o sono do ciclope não duraria mais muito tempo. Não tardou que Goiaz voltasse ao campo das preocupações

D. Rodrigo de Castelo Branco, administrador das minas, patrocinou diversas arremetidas pelo interior, agora exclusivamente em demanda de plagas auríferas e diamantinas, pois um breve papal, proibindo a escravidão vermelha, sufocou no adventício a inclinação curricular para essa espécie de comércio barbarizado.

Nesse interim outro evento importante se assinalava. Aumentava-se e engrandecia cada vez mais a obra de catequização pelos discípulos de Loiola. E durante muito tempo esses heróis obscuros, que a história não pode esquecer sem prevaricar, puderam mourejar mais calmamente na empresa que lhes confiara a Igreja, sem os percalços e a emulação dos colonos a quem muito preocupava, agora, a extração do vil mineral, que doirou os sonhos imorredouros de Fernão Dias, com o qual os pósteros se lo-cupletavam!

E os "homens de botas" ficaram durante largo tempo sem acometer os rédutos goianos com suas façanhas demolidoras de vândalos cristianizados. E os Jesuítas, com seu trabalho insano de homens abnega-

dos e despreziosos, logravam com grande êxito levar a cabo a sua tarefa, conseguindo dos bárbaros mais com a dialética do que a violência armada dos bandeirantes, de um exclusivismo hostil e avançado...

No terceiro quartel do século XVII, aparece, finalmente, a figura indômita de Bartolomeu Bueno da Silva, o velho, que partia de São-Paulo em busca dos adustos sertões planaltinos, acompanhado de seu filho ainda menor.

É de todos conhecida a história singular desse Ulisses batizado Suas fantasiosas aventuras vulgarizaram-se de tal maneira que não é lícito deixarmos de lado a passagem pitoresca do seu convívio entre os goiazes, em cuja memória a sua sombra pairou eternamente, com algo de místico e sombrio, refletindo em suas arestas o perfil terrível de um energúmeno...

À vista da resistência do gentio em revelar o local do ouro com que suas mulheres se enfeitavam, Bartolomeu, como Cortez, no México, foi, contudo, mais compassivo do que seu émulo espanhol quando na mesma intenção sacrificou o bravo Guatmozim. Eis que inflamando álcool que trazia numa cuia, sob ameaça de incendiar todo o rio, como o fizera àquela "água", os indígenas caíram por terra, ante tal prodígio, supersticiosos e amedrontados!

Conseguiu o que queria o valoroso aventureiro, e de volta a Piratininga trazia consigo fabulosa quantidade de metais e escravos, como se tivesse encontrado rediviva a lendária Ofir dos contos fênicos.

Muitos anos depois, graças à carta régia de 14 de Fevereiro de 1721, partia a caravana expedicionária de Bartolomeu Bueno, o segundo Anhanguera, constituída de 152 homens de armas, 39 cavaleiros, 3

padres, além do cabo e seu imediato.

Largando de Piratininga, atravessam, daí a dias, o Paranaíba, atingindo as regiões sombrias do Iaraopeba, ou Tocantins, nas imediações de São Felix. Aqui cinde-se a bandeira, descendo João Leite da Silva Hortiz com uma parte sobre as águas do Tocantins, e outra parte, sob o comando de Bueno, se dirigiu para o sul, onde, havia quarenta anos, estivera esse bandeirante em companhia de seu bravo pai

Em que pese certas contradições, foi por essa ocasião que Bueno, passando pela localidade do Ferreiro, atingiu o rio Vermelho. E aí, em região aprazível e pitoresca, alcantilada de morros e colinas, lançou a pedra fundamental da povoação de Sant'Ana, hoje a lendária Goiaz, tão cantada por seus filhos como o baluarte imortal das suas tradições e dos seus costumes que revivem...

Entrementes o movimento comercial do ouro intensificava-se sempre, e ora em ora descobertas sucediam a outras... E o povo, na ânsia incontida de enriquecimento, aliciava homens e mulheres, escravos e brancos, dirigindo-se em formidáveis avalanches para extirpar a virgindade daquelas minas inexploradas.

Anhanguera não sobreviveu muito tempo ao grande feito. Poucos anos depois o grande benemérito terminava seus dias em extrema penúria e desenganado dos homens, sem a mínima assistência da Côrte, a cuja ostentação e glória sacrificara em holocausto toda a sua vida, deixando-lhe um legado muito maior do que a França ou Alemanha!

Com o ousado aventureiro encerrava-se o ciclo bandeirista. Era o fim. Goiaz já se desvendara em toda a amplitude, aos olhos do ex-



Lupicino de Araújo

A SENTENÇA DE PÔNCIO PILATOS

Naquele dia negregado, em que o centurião romano, escolhido para espionar a Jesús, quando em missão divina, tornando homem, pregava sublimes postulados de pura moral e de fraternidade universal, recebera ordens terminantes para o prender, como um apóstata infenso à lei mosaica, achava-se o meigo Nazareno circundado pelos seus apóstolos, no meio da gama judaica, sob o manto celígeno da Palestina, nos arredores de Jerusalém, com a sua fisionomia grave, mas serena, matizada de infinita amargura.

Toldavam-se-lhe os últimos bruxoleios daqueles olhos de incomparável penetração, de cujas pupilas irradiavam centelhas suavíssimas de bondade, porque êle já lobrigava nas trevas da ignorância pagã, no lôdo da maldade humana no imo tenebroso dos que o iam julgar, imbutos dos mais torpes preconceitos, a pavorosa abantesma da tragédia que se ia desenrolar e cujos dolorosíssimos episódios, desafiando o poder dissolvente da anésia dos séculos, se arraigavam na consciência universal.

Mesmo assim, não se arrefece a luta em tôrno da inconfundível personalidade do sublime Galileu.

Uns tentam desarvorá-lo dos atributos divinos; outros procuram diminuir ou apagar-lhe a indelével cena histórica.

Alguns querem reduzi-lo, em proporções vulgares, a simples figura de homem finito e contingente, restando ainda os que sustentam a unidade simultânea de que êle era u-

pansionismo, todo o seu patrimônio territorial, mostrando à saciedade, para gáudio da sede humana, todo aquele lastro colossal de riquezas que durante séculos e séculos reteve acorrentado aos grilhões inquebrantáveis de um hermetismo ferrenho e implacável.

ma personalidade humana e divina.

Abstraindo-me dos conceptos filosóficos, para somente deambular pela parte jurídica, a que ora me interessa, direi que a sentença condenando Cristo à morte foi lavrada em processo que encerra o maior acervo de iniquidades de todos os tempos, de vez que aquele processo, enquistado de paixão e de ignomínias, é visceralmente nulo.

Por isso, a sua condenação preferiu-se contra o direito. Sendo Cristo Judeu de nascimento, pois que é filho de Nazaré, cidade da antiga província da Galiléia, então uma das quatro divisões da Palestina, e versando a sua pregação exclusivamente sobre Moral e Religião, pois jamais se intrometera na trama política da sua época, sendo-lhe falsa a pecha de conspirador, o seu processo não podia nem devia ser político-religioso.

Jesús foi injustamente incriminado de sedição e, ao mesmo tempo, acusado de blasfemador. A turba multa, porejando servilismo, vasquejando aos pés da casta timocrática, o intrigava perante os corifeus políticos, insistindo em convencê-los de que êle se empenhava em ardis sediciosos no sentido de aniquilar o poder de Tibério César na Judéia, negando-lhe tributo e autoridade, rebelando-se contra as leis romanas.

Isolado em sua prisão incomunicável; destarte, malograda a sua defesa; apupado pelos beleguins subservientes e pela soldadesca infrene, é de ver que, assim manietado, os perjúrios haviam de coroar o infamante processo.

Mesmo assim, não ficaram provados os elementos legais que, ainda naquelas pristinas eras, caracterizavam o crime de sedição. As atividades do inigualável Rabino; as suas doutrinas coadas no filtro da moral mais sublime somente poderiam nobilitar as instituições mais exigentes e enobrecer a humanidade, ainda que alterada ao requinte dos mais acrisolados sentimentos.

A célebre máxima — a César o

que é de César — da qual Jesús foi o criador e protagonista, pois constantemente a proferia, conceituava e pontificava aos apóstolos e à plebe judaica, evidencia como o Divino Mestre respeitava e aconselhava a obediência à hierarquia do poder constituído em César.

Como, pois, podia ser conspirador êle que era o mais lídimo pregoeiro da paz, da tolerância, da mansuetude, da longanimidade?

Na **iníto litis**, levantaram contra Jesús a acusação de blasfêmia, mas a sequência de tal imputação era ineficiente e insuficiente para arrastar o meigo Rabino ao crucifixo.

Afigurando-lhes fraca a denúncia de blasfêmia, que poderia levar Pilatos a decidir que a condenação era improcedente, deixando de aplicar penas, quando lhe subisse o processo, em grau de recurso, do Sanedrim, a camarilha dos filisteus, destinada vilmente a serviços escusos, passou a tecer, desde logo, os negros fios da intriga, do enredo, da calúnia e da infâmia. E a insídia começou a desenvolver a sua tarefa macabra.

No conselho presidido pelo pontífice, onde se reuniam os fariseus, discutiu-se a incongruência da acusação, demonstrou-se a fragilidade das provas e concluiu-se que, pela forma com a qual estava sendo conduzido o processo, Jesús seria absolvido como inocente e, assim, a sua influência mais e mais se intensificava, consolidando-se definitivamente o prestígio sincero e justo que desfrutava entre as massas.

Diziam que, se êle ficasse livre, traria essa liberdade grave ameaça ao poderio dos fariseus e sustentavam pêrfidamente que Jesús pretendia arrebatá-lo.

Arrebatá-lo iam os romanos os lugares e as vantagens conferidas e delegariam ao extraordinário Rabino a hegemonia daquela província romana, e, em tais condições, as águias e as imagens do poderoso imperador Tibério, que adornavam os estandartes de Pilatos, transferir-se-

iam a Jesús, cujos anelos, cujas ambições, no bronco entendimento daqueles bárbaros, eram a posse da Judéia.

Foi quando a figura serena, plácida, majestosa de Cristo lhes feriu a retina com destacado relêvo e vultuoso, no escuro daquelas consciências pedernalinas, como apóstata, como réprobo, como um "perigoso agitador".

A traição estava urdida: a malevolência venceu! A denúncia contra êle, apresentada ao Sanedrim, versava apenas, de começo, sobre o delito de blasfêmia, pois Cristo se proclamava tão somente filho de Deus e os fatos nela narrados, acaso mesmo provados, eram de somenos importância.

Mas aqui o grão de areia foi transformado em montanha; os leves nimbo, que não podiam embarciar o espaço, logo se converteram em terribilíssima procéla a desencadear-se sobre o mensageiro do bem, trazendo já do sacro berço a predestinação... Insuflaram no espírito fraco e tacanho de Pilatos, que Jesús, dizendo-se filho de Deus e proclamando-se rei dos judeus, lançava um sarcasmo, uma afronta à majestade de Tibério, ultrajando assim as insígnias augustas da águia romana.

Ouvindo essa nova acusação, o espírito do preposto de César fraquejou, bambaleando no tique da pusilanidade com o receio de incorrer no desagrado de Roma, perdendo, em consequência, a hegemonia do poder.

Por isso, facilitou e incrementou a nova acusação a Jesús, consentindo que se enredasse a tecelagem de aleives, de perfídias, de falsidades, de abjeção e tirania contra o sublime evangelizador.

Pilatos, que então gozava da mais saliente posição em face do cruel imperador, governando a Judéia discricionariamente, podia, se o quisesse, exercer o magno papel no processo de Jesús, rehabilitando-o, com justiça, da imputação de vitupério.

Preferiu, todavia, alapardar-se no antro das misérias, enodeando o seu nome eternamente e negreando, para todo o sempre, a história do seu nefando governo.

Ao Sanedrim, senado dos judeus, competia condenar a Cristo, se militassem contra êle provas plenas, mas a execução (ou reforma do julgamento) cabia a Pilatos, que bem sabia ser êle um inocente.

Assim, pela natureza da denúncia, Cristo, quando muito, podia responder a um delito de blasfêmia, em se dizendo filho de Deus, concepto êsse, àquele tempo, infenso à lei mosaica.

Mas incriminá-lo conspirador, para o processarem como sedicioso, delito político, era isso uma nova e infamante acusação, que vinha al-

terar a hermenêutica do processo, focalizando assim outros termos de nova ação em uns mesmos autos!

Não foram inquiridas testemunhas sobre esse ponto especial e Jesús jamais confessou tal delito a Pilatos.

Portanto, no atinente a essa capital acusação, nenhuma prova se fez.

No transcurso do processo, o mandatário de Tibério, no afã de arranjar a confissão pela violência a Cristo, submeteu-o à flagelação, sem que o acusado fosse previamente notificado, como preconizava o texto legal.

Em face da lei romana, a confissão pelo suplício somente seria provocada, depois de satisfeita a exigência do antecipado prégão e nada disso fizeram, sobrepondo-se ao dispositivo legal os caprichos da felonía! Ainda mais: como preceituava a lei judaica, se, acaso, existissem indícios veementes de delito, era admissível aplicar-se a lapidação, pena cruel, mas que não era considerada infamante, e, entretanto, êle

foi flagelado!

Supplicium in servilem modum!!!

Isso quanto ao horrído papel de Pilatos, e no concernente ao dos juizes do Sanedrim? Uns eram prevaricadores até a médula; outros verdadeiros paranóicos.

O povo marcava-os com o traço do mais feroz sarcasmo, gizando-os com a lâmina da mais jocosa ironia.

Havia um juiz que era trôpego, estropiado, cambaio: andava zigzagando nas ruas de Jerusalém, atritando e ferindo os próprios pés, como um papagaio verde do bico dourado; outro vivia com o rosto entumecido de equimoses, a bater e ferir a testa nos muros da cidade, porque andava de olhos fechados, para não ver mulheres.

E foram homens dêsse jaez que processaram, julgaram, condenaram e crucificaram Jesús entre dois ladravazes, êle — o Cristo — com uma palavra tão cheia de encantos e doçura, com aquelas máximas repletas de ensinamentos, com os seus silogismos tão perfeitos, com aquelas parábolas tão sábias e lindas, na sua auréola de infinita bondade!...

"OESTE" VISTA PELOS OUTROS

"OESTE"

Essa magnífica revista mensal que se edita em Goiânia reapareceu com a esplêndida edição de março. É o segundo número que circula, após quasi um ano de interrupção forçada. Nessa edição, «Oeste» promete marcha rítmica, escudada, como está, nos poderes do Estado, que teriam manifestado neste caso, também, interesse em amparar o mundo intelectual de Goiás. No caso de «Oeste», o sr. Interventor goiano em boa hora assinou decreto-lei, que põe a salvo a dispendiosa questão econômica, o maior empecilho para os que vivem do pensamento e entregues às letras.

Aliás, não se poderia compreender de outra maneira a manutenção de uma revista essencialmente literária, entregue à direção de moços que compreendem e professam, mesmo, a incompatibilidade sensível que existe entre a cultura intelectual e o lastro econômico. "São duas coisas tão grandes que uma só mão não pode abarcar" —

dizem os entendidos e convencem-se os demais.

O exemplar de «Oeste» que temos à mão revela bem claro o intuito dos seus dirigentes no sector das letras e o de seus confeccionadores, na parte material, dando-lhe a feição que merece.

(De «O Estado de Goiás», de Uberlândia, edição de 4-4-43).

—o—

"OESTE"

Em julho do ano passado, por ocasião dos festejos inaugurais de Goiânia, Goiás ganhava para o seu escrínio histórico duas fases que se faziam de mister: a entrega, pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, da capital caçula ao Brasil e o aparecimento da primeira revista literária nos meios de leitura do Estado. Esta, «Oeste», veio marcar um surto de elevação da cultura de Goiás, nivelando-se com outros da União.

«Oeste», a-pesar-de ter sido esgotada rapidamente, sem mesmo que interessados de outras cidades a pudessem

O Sr. Getúlio Vargas e o Trabalhador Nacional

Zoroastro Artiaga

No tempo e no espaço viveu sempre uma singular endemia, espécie de obsessão incoercível e contraditória, a acidentar a marcha das aspirações generosas do aperfeiçoamento humano.

E' o espetro da rotina que empesta o tempo e o espaço, dirigindo legiões que geram doenças da alma atrapalhando o progresso.

E' natureza viva, peculiar ao ser humano, que, contaminado, passa a admitir só o que os antecessores faziam, adotando os seus usos, os seus erros, os seus hábitos e seus vícios.

E' obstinação cega, fatalismo borolento que atua em nome da cultura dos ancestrais.

Complexo psíquico, agarramento automático à tirania da tradição, sistemática incorrigível que só permite entender aquilo que estava feito pelos avoengos e usado nos séculos precedentes.

Andam de mãos dadas, há milênios, a praxe e o costume, criando doenças mentais formadoras de fenômenos mórbidos e de obstáculos à inovação.

Atuam de preferência nos espí-

ritos conservadores, e conformistas que não aspiram nem admitem evolução das instituições, quer religiosas quer políticas ou culturais.

Dessas endemias originam-se hiatos, mais ou menos longos e prejudiciais ao bem geral da coletividade.

—o—

Estas considerações vêm a propósito da reforma das leis trabalhistas que não estão sendo cumpridas como elas foram feitas.

Quando usufruímos um grande bem, raramente nos lembramos dos sacrifícios que outros fizeram para o alcançar, nem nos ocorre rememorar os embaraços que a idéia sofreu na sua trajetória.

A imperfeição do nosso espírito impede-nos a visão, e ainda não podemos exercer, plenamente, a fidelidade da gratidão.

Quantas lutas, quantos dissabores perturbaram a evolução do instituto e perpetuaram heroísmos de devotados ao interesse social.

Quantas dificuldades foram afastadas para deixar passar o progresso.

A legislação vigente do trabalho

de que desfruta o operariado do Brasil graças ao gênio realizador do Presidente Vargas, já está sendo vilipendiada.

Essa conquista gloriosa, que não exigiu de nós sacrifício algum, gerou guerras e revoluções em outras nações.

A mais arrojada e corajosa das reformas do século foi-nos dada pelo espírito cristão e benevolente do ilustre estadista brasileiro, pela sua supervisão, pelo seu gênio bondoso, patriotismo e compreensão das necessidades do Brasil.

Antecipamos, no continente, às gloriosas etapas da grandeza e do progresso social.

Analisando a trajetória dessa legislação, que hoje culmina, em favores à coletividade, ficamos perplexos diante do progresso realizado, tais foram os contratemplos por que passaram, até se integrem no concerto nacional e terem aplicação plena, em todo o Brasil.

Tôdas as instituições, desde que tivemos soberania, passaram pela sua VIA-SACRA.

A legislação trabalhista, criada para atender a empregados, a empregadores e a trabalhadores, em geral, não pode aplicar-se estritamente aos operários sindicalizados.

Operário é todo indivíduo que trabalha e produz alguma coisa útil à coletividade seja o trabalho manual, intelectual ou artístico.

O conceito geral da denominação ficou estabelecido, e já é renhecido em todos os centros cultos, tanto que o imposto sindical atingiu a todos.

No interior estamos ainda impregnados da velha doença, e ainda hesitamos na aplicação da legislação trabalhista, dentro do seu superior espírito de solidariedade humana e social.

Alegamos não estar regulamentada a legislação e haver pontos obscuros.

Casos há perfeitamente típicos da legislação trabalhista que continuam sendo ajuizados no fóro comum em vários pontos do país.

A outra justiça ficou para os operários sindicalizados.

Não me refiro a Goiaz, porque aqui se cumpre religiosamente a legislação do Estado Novo, com que

conseguir, ficou paralizada por algum tempo. O sr. Interventor Federal, todavia, compreendendo a necessidade daquela publicação, num gesto de magnanimidade e de aplauso à iniciativa dos seus fundadores, resolveu, por decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943, autorizar a Imprensa Oficial a confeccioná-la, dando-nos, agora, em ótima apresentação gráfica, o segundo número.

Traz "Oeste" variada colaboração de nomes representativos da cultura de Goiaz, e é orientada pelos srs. Castro Costa, como diretor, B. Elis, Frederico de Medeiros, Hélio A. Lobo, J. Décio Filho, Paulo A. de Figueiredo e Zecchi Abrahão, como redatores, J. B. Felix de Sousa e Carlos de Faria, como secre-

tários, e Gabriel Anconi, como gerente.

Além desses, a novel revista agasalha em suas páginas colaborações do dr. Albatênio de Godói, de Hugo de Carvalho Ramos, numa homenagem sincera dos que laboram hoje nos meios de letras, àquele que honrou o Estado em outros dias, e várias outras notícias, notas e artigos.

Se "Oeste" ainda não é bastante divulgada, não tardará a ser o expoente da intelectualidade moça do Brasil Central, cooperando pelo brilho da sua glória, polindo interiormente o bronze que atesta mais um brasão na cultura do grande Goiaz de Bartolomeu Bueno.

(Do "Anápolis")

TECIDOS — A GOIÂNIA — ARMARINHO

Chapéus — Calçados — Perfumarias — Brinquedos — Roupas Feitas — Objetos Para Presentes

SEMPRE NOVIDADES — CARVALHINHO — Rua 7 — Goiânia

estamos integralmente identificados.

Aquí tôda Justiça trabalhista segue rigorosamente o direito moderno, que aplica com inteligência, tanto que não tem aparecido reclamação alguma contra ela.

Refiro-me ao interior do Brasil, onde a Justiça comum continua conhecendo dos casos de reclamações entre patrões e empregados.

Não pode ser isto.

Duas justiças funcionando simultaneamente para os mesmos casos, para decidir as mesmas questões entre empregados e empregadores, com a diferença única de que as vantagens são exclusividade dos sindicalizados, e os outros teem a justiça comum.

Se fosse assim o sentido da lei, ficaria sendo uma justiça especial, um fôro privativo para uma parcela da sociedade, uma espécie de privilégio de poucos trabalhadores.

E' mister que, no interior, a jurisprudência do trabalho seja mais divulgada, para que as leis se apliquem dentro do seu verdadeiro objetivo.

Não podemos nos conformar com a limitação do âmbito dessa Justiça com a aplicação dos sábios princípios contidos nos decretos-leis para uma reduzida parcela social.

A falta de atenção às elucidações e à divulgação feita pelo rádio, pela imprensa e por meios outros e dos comentários escritos pelos juriconsultos e entidades da elite cultural é que dá lugar às interpretações errôneas das novas leis.

Esta situação é mais perigosa do que a anterior, na antiga República, em que homens turbulentos e astuciosos procuravam desvirtuar os intuitos da instituição incipiente que tinha, adstrita a apoucada legislação, defeituosa e falha, como a dos acidentes, e aproveitá-la para seus interesses políticos.

Procuravam, através da imprensa venal, apaixonar as multidões, noutra direção. O Estado desinteressava-se de interferir nas questões de economia e de trabalho, deixando que a classe indigente fosse escravizada pela abastada, munida de fartos recursos materiais.

Com o advento do Estado Novo, raiou um novo sol resplendoroso que inundou de luz as trevas do obscurantismo.

O homem de hoje já não é o de 1937.

Tivemos muita sorte.

Não sofremos os sacrifícios que outros povos cultos sofreram, de vez que tais reivindicações fizeram a sua VIA-SACRA da dor, em voltas por revoluções tremendas em que sucumbiram mártires, sacrificados pela tirania da rotina, pela miopia dos políticos.

Ainda assim não conseguiram o adiantamento almejado, que os nossos códigos encerram.

As suas greves eram dispersadas com violência.

Os *leaders* eram logo apontados como agitadores comunistas a sôlido de potências estrangeiras; eram, de plano, considerados como indesejáveis, processados sumariamente, deportados para zonas insalubres ou para o exterior.

E que pediam êles ?

Férias, salários justos, repouso para gestantes.

Para o processo bastava apenas, e basta ainda, em outros países, os seguintes elementos:

- a) um perseguidor;
- b) três testemunhas venais;
- c) um juiz impregnado do zelo pela tradição, ou pela ortodoxia da lei antiga.

Entre nós o castigo era a Clevelândia, na Europa a Sibéria e a África do Norte.

Na América, a cadeira elétrica, na Argentina, a Terra-do-Fogo.

O Estado Novo redimiu cinco milhões de operários, criou um ciclo novo de vida dando ao indivíduo e à sociedade o equilíbrio preconizado pela encíclica papal *Rerum Novarum*.

A sociedade ganhou vantagens sôbre o indivíduo mas distribuiu-as com êle generosamente.

As paixões individuais dos usufrutuários das posições políticas foram refreadas, julgadas, agrihoadas pela nova ordem, facultando-se ao obreiro intelectual e manual perfeita estabilidade, noção de segurança dos seus direitos, dentro dos limites das possibilidades de país novo.

A insegurança, a tirania do patrão, a vigilância de uma censura hostil, em nome do Estado, tão temida, uma eterna espada suspensa sôbre a cabeça do operariado, que não via apôio onde acolher-se contra as injustiças, onde abrigar-se nos dias de perseguição, tiveram os seus últimos dias com o golpe libertador.

Antes era o capricho da fraqueza humana, imperando nos espíritos medíocres que jamais conheceram a solidariedade social; que fa-

lava, e agia, em nome da democracia, sôbre liberdade, fraternidade e Justiça, sem jamais terem os homens de então procurado compreender o seu verdadeiro destino.

Antes era também o desvirtuamento dos princípios constitucionais que gerou revoluções periódicas tremendas.

Era o arremêdo de democracia, que praticávamos, nada mais do que feudalismo, desvirtuado em funestas oligarquias regionais, cheias de poder que exerciam faculdades tremendas em nome da República, destruindo a honra nacional.

Atos desastrosos para a Nação foram praticados, com o impulso de fortes sensibilidades, dando aos feudos outorgas e franquias tão desastrosas que os tornavam atrevidos, soberanos e nefastos.

Abstendo-se da lei sem sentimentos de altruísmo, sem sinceridade cívica, cuidavam, não da ordem social e econômica, mas de organizações violentas de diretórios políticos, nas sedes de feudos eleitorais, onde pontificavam partidos cevados à custa do tesouro público, fazendo política em tórno de famílias.

Os orçamentos alimentavam eleitores e cabos incondicionais, técnicos em fraudes eleitorais destros no manejo dos vícios de eleições a bico de pena.

Não raro alimenta caudilhos e milícias irregulares, jagunços e bandos armados como garantia dos feudos, contra a própria República.

Tudo isto foi banido pelo golpe memorável e redentor de 10 de Novembro. Hoje é a Nação feliz.

Ao festejarmos o dia do operário procuraremos qual foi o ponto inicial dessa nova legislação.

Num dia, em 1920, em Pôrto-Alegre, no bairro operário, S. Excia., então Presidente do Estado, recebeu u'a manifestação pública.

Respondendo às saudações S. Excia. proferiu a seguinte afirmação:

"Encontro-me satisfeitíssimo em um bairro operário, bairro que é uma colmeia de trabalhadores. Prometo, se chegar à Presidência da República, tudo fazer pelo operário, cuja nobre classe não só não olvidarei, mas será minha primeira finalidade dedicar-me, com carinho, à causa do operariado, digna, sob todos os pontos de vista, do cuidado e da dedicação do Governô".



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de Goiânia e desta Revista

VERBO DE DEUS

Léo Lynce

*O homem acordou dentro do sonho,
como quem abre os olhos num mergulho,
como se fosse um louco que, de repente,
recobrasse a razão;
e, espantado, olhando em tórno, a esmo,
perguntasse a si mesmo:*

— O que sou?

— De onde vim?

— Para onde vou?

*E, no fim
da milenar contenda em que se empenham sábios,
a última palavra dorme nos lábios
da Esfinge.*

*A ciência, saltando o obstáculo, finge
despreocupação
ante o magno problema e a única questão.
— Deus —*

*Aterradora contingência da criatura
a procura
do próprio Criador.*

*Mas, à luz interior
de uma alma recolhida
na imensidade da dor
das dores desta vida;
na auréola do martírio,
ou na glória do triunfo,
quando a Justiça esplende
na majestade da reparação
e a alegria invade
o coração da gente;
no olhar da criancinha;
no ai gelado que o moribundo arranca
das profundezas d'alma;
numa bênção de mãe
que as lágrimas estanca,
ou no beijo de uma noiva em noite calma,
sob a ternura infinita das estrelas,
do abismo recôndito do Espírito,
algo vem, como um bálsamo e um perfume
— essência de todo o amor,
de todo o bem, que se resume
na lágrima de um verso.*

*E, dando forma aos pensamentos seus,
o poeta crê nessa mensagem,
porque o verso é a linguagem
— a divina e peregrina imagem
do Universo;
porque o verso é o Verbo de Deus.*

A Vingança

*Pátria que além ficou! Há-de sempre lembrá-la,
Durante o cativeiro amargurado e longo,
Na saudade, no banzo, e no sonho que fala
De uma vida feliz nas florestas do Congo.*

*Quando agora procura a tristonha senzala
Alegrar com o batuque, — às pancadas do gongo
Ja responde o feitor com o azorráque que estala,
Impedindo, malvado, os gingados do jongo.*

*Do branco não lhe vem um gesto de carinho,
E, em paça do trabalho, o açoite, o pelourinho,
A cruz do sofrimento alçada a vida inteira.*

*Mas o negro se vingá: e o sangue do cativo,
Surrateiro, se mescla ao do senhor altivo,
Na mista formação de raça brasileira.*

J. Lopes Rodrigues



GOIÂNIA

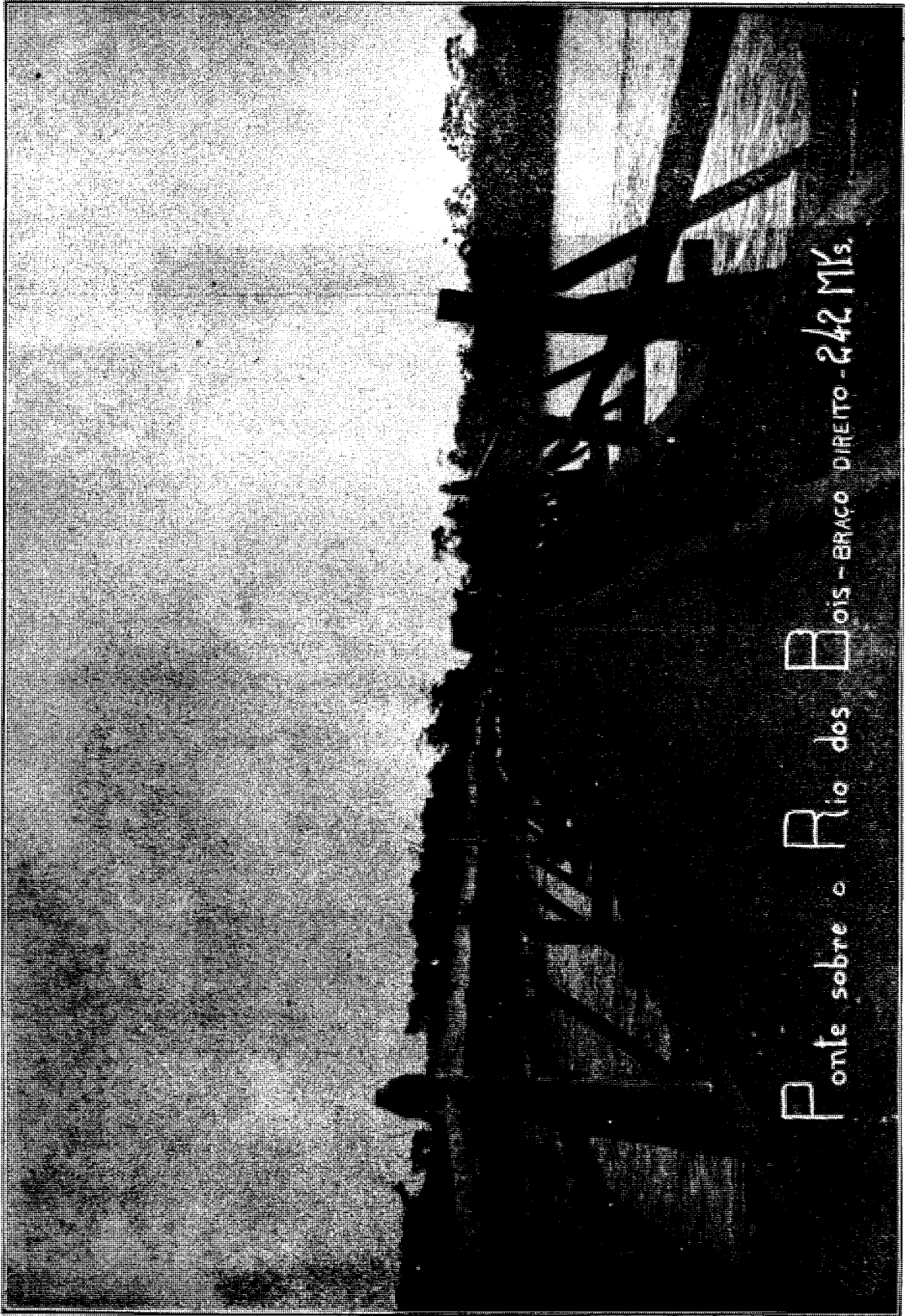
*Metrópole caçula e sem par na beleza,
Irmã gêmea talvez da prometida terra,
Cidade portentosa e que risonha encerra
O soberbo esplendor de quem nasceu princesa.*

*Um quê de maravilha em seus contornos erra
Corre estranho rumor em tôda sua grandeza,
E o braço de um titã bondoso, com certeza,
De um brilhante porvir as cortinas decerra.*

*Sonho imortalizado em granito e cimento,
Da campina surgiu como um deslumbramento,
E de encanto e de sons formosa se reveste.*

*GOIÂNIA! Jóia sem par num Estado inda pobre,
És a filha ideal de um pensamento nobre
E o passo triunfal da « Marcha Para Oeste »!*

Ely Brasiliense



Ponte sobre o Rio dos Bois - Braço Direito - 242 Mts.

DECÁLOGO DO ESCRITOR

O escritor Celso Vieira, da Academia Brasileira de Letras, entrevistado por "A Manhã", brilhante órgão da imprensa carioca, enunciou o "Decálogo do escritor", sintetizando-lhe os deveres essenciais nos dez seguintes mandamentos:

- I — Amar o Brasil Unido sobre tôdas as cousas;*
- II — Prezar no americanismo a expansão fraternal da sua brasilidade;*
- III — Contribuir para a formação educativa do homem brasileiro, estilizada em harmonia com as tendências e os costumes nacionais;*
- IV — Rever na família a síntese moral da pátria, na bandeira o símbolo de uma glória nascente;*
- V — Honrar a tradição católica e cívica do Brasil eterno para o nosso culto;*
- VI — Servir com o mesmo devotamento às armas e às letras;*
- VII — Cumprir fielmente os deveres da vida pública;*
- VIII — Lidar pela causa do ensino primário, defesa inicial da língua e da raça;*
- IX — Seguir como se fossem preceitos religiosos as grandes lições dos antepassados;*
- X — Santificar pela mesma fé nacionalista os dias heróicos da pátria e os dias úteis do trabalho.*

13 DE MAIO

Daudet nos fala do "dia de ouro" que se registra em cada vida humana, que é justamente aquele no qual um conjunto complexo de circunstâncias influe, com vigor, perante as forças subterrâneas do destino, dando ao indivíduo rumos novos e luminosos em sua permanência na sociedade. Parafraseando o irônico criador de "Tartarin", podemos dizer que as nações também possuem os seus "dias de ouro"—aqueles votados às grandes comemorações nacionais, rememoradores dos feitos e dos acontecimentos notáveis de sua história.

O 7 de Setembro, o 15 de Novembro, o 10 de Novembro, o 13 de Maio constituem, no Brasil, dessas datas áureas. São, inegavelmente, páginas brilhantes da História Pátria, que a todos nós cumpre admirar e dignificar no grande e inviolável altar de nosso patriotismo de povo livre e conciente. A-fim-de que sejamos justos para com os grandes vultos de nosso passado, somos obrigados a relembrar, nesses dias, a contribuição que trouxeram à formação histórico-social desta terra abençoada que havemos de eternamente defender.

Celebramos no dia 13 do corrente a data da abolição da escravatura no Brasil. Implantada em nosso país quando a consciência nacional ainda não se podia manifestar, em virtude do regime colonial em que vivia, a escravidão negra foi mais uma consequência inevitável do expansionismo econômico da civilização ocidental, em dado momento do aproveitamento das terras descobertas, do que um objeto de movimentação agrícola de acôrdo com a índole brasileira. A verdade é que os senhores de engenhos e outros, incrementando suas indústrias, não podiam de nenhum modo abrir mão de um elemento tão poderoso como era o braço negro, sob pena de um colapso na própria economia nacional.

Mas é inegável — honrosamente inegável — que o nativo brasileiro sempre foi infenso a êsse processo de exploração do trabalho humano que entrou em nosso país trazido nos porões de navios estrangeiros de diversas nacionalidades. Prova disto foram os esforços e os sacrifícios de homens como Eusébio de Queiroz, Pedro II, João Alfredo, que lutaram enérgicamente contra os interesses ameaçados de uma classe politicamente poderosa, tal era a dos agricultores e dos mineradores de nosso interior territorial, naquele tempo. Prova disto foi o gesto das províncias do Amazonas e do Ceará, em 1884, que libertaram espontaneamente vários milhares de escravos, sem nenhuma interferência do poder coativo do governo.

E, como remate a tudo, o ato da Princesa Isabel, que trocou um grande império pela liberdade do elemento negro no Brasil. Êsse ato, por si só, resgatou todo o pecado social que, a êsse respeito, forças externas infligiam ao Brasil.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Junho de 1943

Núm. 5

SÔBRE "OESTE" O INTERVENTOR PEDRO LUDOVICO ESCREVEU:

A revista OESTE, nos seus primórdios, no início de sua existência, já demonstra o poder intelectual dos seus colaboradores. Razão por que não lhe regateamos os encômios a que faz jus.

Além de estar muito bem composta na sua parte material, no seu feitio de periódico mensal, tem sido feliz nas suas publicações. Estas vêm proporcionando prazer real aos seus leitores, quer hauridos nas expressões parnasianas ou românticas dos seus versos, quer na atualização ou profundidade de seus demais artigos.

Revelou mesmo a capacidade, o grau de eficiência espiritual de elementos residentes nesta Capital, cuja inteligência não se punha em dúvida, mas cuja produção era apenas conhecida em determinados setores.

OESTE vem provando que possuímos escritores notáveis, dignos de figurar em qualquer página do periodismo nacional.

Os assuntos nela versados afiguram-se-nos de grande valia e nos trouxeram inestimável distração psíquica.

Através de sua leitura se tem a impressão ora da madureza dos conceitos emitidos, ora da imaginosa riqueza dos seus tropos literários.

Dessarte, vimo-nos na obrigação de trazer o nosso modesto julgamento ao valor de OESTE, cujo aparecimento veio preencher um grande hiato no jornalismo goiano, que se ressentia, há muito, de uma revista como esta.

É-nos grato, pois, transmitir aos seus criadores e a todos os que nela atuam os nossos efusivos cumprimentos. Tendo-se em vista o entusiasmo dos seus grandes obreiros, a vitalidade que emana de sua aurora jornalística, o nobre desejo de ser útil à administração e coletividade goianas, é de se lhe augurar uma longa e brilhante vida.

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquantó se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Junho de 1943

NÚM. 5

PRIMEIRO CONCURSO DE CONTOS DE “OESTE”

OESTE, visando incentivar as atividades dos escritores goianos e dando cumprimento objetivo a importante parte de seu vasto programa de aprofundamento das ainda incipientes letras regionais, institue agora o seu primeiro concurso literário, sob o patrocínio da firma J. Câmara & Irmãos, proprietária do jornal “O Popular”, o órgão de imprensa de maior circulação do Estado, e da livraria e papelaria do mesmo nome.

O Primeiro Concurso de Contos de OESTE será realizado nas seguintes bases:

a) ao autor classificado em primeiro lugar será conferida a obra “História da Literatura Brasileira”, de Sílvio Romero, em cinco belos volumes, encadernados em percalina americana verde, os quais serão brevemente expostos numa das vitrines da livraria Popular;

b) além do primeiro prêmio haverá duas menções honrosas;

c) OESTE se compromete a publicar em suas páginas, com ilustrações e referências especiais do parecer escrito da comissão julgadora, o conto classificado em primeiro lugar e os dois das menções honrosas;

d) os originais devem ser entregues até o dia 15 de agosto do corrente ano, não podendo constar de menos de três e de mais de 12 páginas, formato ofício, dactilografadas de um só lado, a dois espaços;

e) será lícito à comissão julgadora não conceder o prêmio e as menções honrosas, se não encontrar trabalhos em condições de merecê-los;

f) será desclassificado o trabalho que sair do

gênero conto, bem-como o original cuja autoria, direta ou indiretamente, for dada a conhecer;

g) os contos devem ser inéditos;

h) os originais devem ser assinados com pseudônimos, trazendo em envelope separado e fechado o nome e o endereço do autor; e

i) não poderá concorrer a este certame nenhum dos integrantes da redação de OESTE.

A comissão julgadora será composta dos escritores Joaquim de Carvalho Ferreira, B. Elis, Paulo de Figueiredo e Carlos de Faria. Os originais, bem-como toda a correspondência relativa ao concurso, deverão ser dirigidos ao secretário do mesmo, Carlos de Faria, à avenida Tocantins, edifício do “Correio Oficial”, Goiânia, Estado de Goiás, mencionando sempre nos subscritos: “Primeiro Concurso de Contos de OESTE”.

Chamamos a atenção dos interessados para a “História da Literatura Brasileira”, que Manuel Bonfim chamou de “a catedral do pensamento brasileiro” e que já se achava esgotada há mais de trinta anos, constituindo uma raridade bibliográfica. Trata-se de uma terceira edição feita pela Livraria José Olímpio Editora, muito aumentada, contendo todo o material esparso ou inédito deixado por Sílvio Romero para a presente reedição. Seus luxuosos cinco volumes contêm nada menos de perto de duas mil páginas.

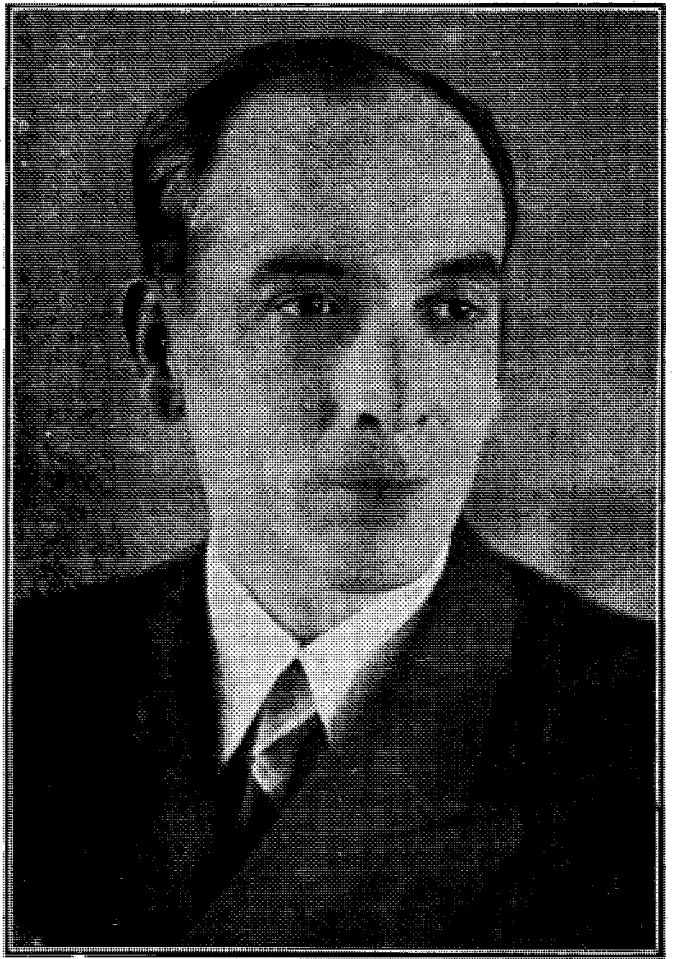
OESTE lança um apelo à inteligência do Brasil-Central, ao ensejo da instituição de seu primeiro concurso literário, esperando que todos os cultores do gênero conto prestem sua colaboração ao certame.

Goiaz de ontem e de hoje

Os regimes políticos, sejam quais forem — liberal, fascista, monárquico, etc. — valem pelos seus chefes. Mas não apenas pelos seus chefes. Porque há regimes bons em si, como há regimes maus em si. Regimes cuja estrutura fundamental impossibilita ao chefe uma direção segura. Se é verdade, como pensa Spengler, que a “história é o Estado pensado em movimento”, havemos de concordar em que, sendo o Estado a nação politicamente organizada, a história será um reflexo dos regimes políticos, que são a cristalização social de concepções do mundo e do homem, que são, pois, a continuidade prática de filosofias políticas. Donde dependerem os homens do sistema existencial coletivo do Estado em que vivem. No Estado liberal, por exemplo, cujos valores fundamentais se manifestaram, praticamente, em valores opostos — a liberdade em capitalismo, que é forma de escravidão; — a igualdade jurídica em desigualdade social, pelo processo da livre concorrência econômica, pelo monopólio dos postos de comando nas mãos de grupos e indivíduos afortunados; o equilíbrio ideal em desequilíbrio real, pela antagonização de classes artificialmente diferenciadas e sobrepostas, pelo desenfreio das atividades humanas: — no Estado liberal, abstêmio, atomístico, ateleológico, os chefes, mesmo se de alta linhagem, viram-se impedidos em sua ação política, pois esbarravam a cada momento com princípios tidos como sagrados e que lhes tolhiam uma atividade mais ampla. Num Estado onde há poderes não há poder — a observação é de Francisco Campos —, num Estado onde o poder não se encarna na pessoa do chefe, este é irresponsável e o poder é um mito, — num Estado assim a autoridade é uma abstração, e, por isso, não há ordem, não há métodos, não há fins. Um Estado assim é um Estado injustificável. E era assim o Estado liberal. Daí o se terem afogado na voragem dos apetites partidários ou grupistas os ideais mais levantados dos nossos homens de tino. Daí o nada terem conseguido algumas figuras positivas de chefe, que tivemos no antigo regime, nada ou muito pouco, e em âmbitos restritos. O homem romântico de Rousseau criara um Estado romântico, e talvez tenha sido por isso que os nossos pródromos liberais não tenham passado de líricos sonhadores a divagar sobre o “mundo da lua”, que era o Brasil de antes revolução...

O golpe de 30 substituiu o regime. Deu nova fisionomia à nação. Efetivou, em instituições sociais, concepções de vida mais realistas, mais profundas, mais humanas. Os nossos legisladores baixaram os olhos para a terra e edificaram o nosso mundo jurídico-político segundo as nossas realidades telúricas, sociais e anímicas. Daí, com a direção, pelo Estado, dos negócios públicos, o novo surto de progresso que passou a ritmar os movimentos de nossa Pátria. Adveio um regime de responsabilidade e de responsabilidades. E é na hora da responsabilidade que se revela o Chefe. Foi quando se impôs o vulto de Getúlio Vargas, um dos grandes nomes contemporâneos. Foi quando surgiu Pedro Ludovico, um dos grandes nomes do Brasil.

Que era nosso Estado, antes de 30? Uma ficção geográfica? — Não. O mapa continha, no coração do Brasil, a figura de Goiaz. Uma ficção política, uma ficção econômica, uma ficção social? — Também não, porque as nossas riquezas aí estavam, aí estava a nossa gente, aí estava um tipo de governo. E aí, a



tragédia. Goiaz de ontem não era uma ficção, mas uma realidade, uma triste, uma dolorosa realidade: — riquezas se perdendo; a gente sofrendo, anulada em doenças e no analfabetismo; o governo desgovernado... Goiaz tinha, sim, a sua história. Mas uma história que não era história. Porque há história e há história. A história goiana, antes da revolução, foi um arremêdo de história. A história verdadeira, a História com “H” maiúsculo, de Goiaz, está só começou em 30. Com Pedro Ludovico. Foi este quem restaurou a nossa economia, organizou a nossa administração, moralizou os nossos processos políticos, personalizou a nossa sociedade, deu um sentido criador ao nosso espírito. Por isso, melhor fôra que Goiaz tivesse sido, mesmo, como disseram alhures, uma ficção. Antes o nosso Estado tivesse, realmente, amanhecido para a vida na madrugada outubrista. Porque, então, a nossa história seria uma história insuperável. Porque a realidade do Goiaz destes doze anos, a realidade do Goiaz moderno, a realidade do Goiaz que Pedro Ludovico criou, é uma realidade que reabilita os trópicos, que dignifica uma raça, — é uma realidade reveladora de uma profética mensagem histórica.

Nos Albores da Formação de Goiás

Odorico Costa

Verdadeiramente, a história é um ramo da crítica. Por isso, o historiador não pode limitar a sua ação a agrupar cronologicamente os fatos. A sua tarefa é mais vasta. Vai além dos acontecimentos e das idéias. Ele deve mergulhar no passado, levando um aguçado espírito de crítica e de análise, para poder sondar a origem e a essência dos incidentes, as necessidades e as exigências da vida, as condições existenciais do homem no meio coletivo, os alicerces da organização social. Para poder revistar todos os característicos do meio físico, do meio político e do meio econômico para, com esse material, analisando documentos e sopesando provas, fazer história com a mesma honestidade com que um magistrado profere uma sentença.

Os povos, dizia Tocqueville, ressentem-se eternamente da sua origem. As circunstâncias especiais em que ocorreu o seu nascimento e em que se processou o seu desenvolvimento predominam decididamente em todo o curso de sua existência, como um impiedoso fatalismo original. Essa predominância é tal, que transforma a terra mais hostil na terra mais amada, desde que a sua origem seja na dor e no sofrimento. O amor à terra está, assim, na ordem direta da dor que a sua posse motivou.

Examinando essa circunstância, o velho Varnhagen assinalava que, entre as principais terras da América-do-Sul, o Brasil fora a que mais custara e mais esforços e mores trabalhos dera aos colonizadores. Foi a terra que mais fêz sangrar os desbravadores, os que viveram antes de nós, e em cuja vida se antecipou a nossa, ou de cuja vida proviemos.

Os historiadores goianos não se aventuraram, ainda, a uma investigação mais ampla e mais minuciosa no sentido de devassar as linhas mestras da formação de Goiás. Não procuraram analisar o espírito predominante nas aventuras iniciais do desbravamento, nos conflitos primitivos que, em certo instante, chegaram a encher do soturno rumor das lutas sangrentas toda a extensão sertaneja em que surgiam os garimpos, onde o ouro sedutor reunia homens requeimados pelo sol adurente e incendiados pela mesma ambição dos achados.

Essa investigação não se fêz ainda.

No sertão goiano, entretanto, no tempo do desbravamento, registraram-se acontecimentos surpreendentes de beleza e de

heroísmo, todos êles inçados daquela mesma característica principal e constante que realizou o esplêndido trabalho da formação nacional: a liberdade. Nunca as lutas tiveram maior espírito libertário, nunca se insurgiu tanto contra os desmandos e exorbitâncias das autoridades, como nos períodos iniciais da história de Goiás.

A aventura de Bartolomeu Bueno registrou-se, exatamente, entre duas épocas. Entre um prólogo e um epílogo. Epílogo dos encantados jornadeios bandeirantes, através da terra chucra, epílogo da construção da grandeza territorial do Brasil. Prólogo dos lidadores, dos que se deram em holocausto pela independência da terra, prólogo da construção, na dor e no sofrimento, do mais belo patrimônio moral da gente brasileira.

Quando o descobridor das minas goianas regressou a S. Paulo, com as mãos cheias de ouro, quando Goiás ingressou na família colonial brasileira, ouviam-se, ainda, os cavos rumores do galope dos cavalos arrastando pelas ruas de Vila-Rica o corpo sangrento de Felipe dos Santos Freire e os incêndios ateados no casario de Pascoal da Silva não haviam se extinguido de todo. Havia dor e havia sangue nos capítulos iniciais de nossa afirmação como povo livre.

Nessa época, na beira dos rios paludosos, nos garimpos contaminados ou nos cates toscos, dentro dos ranchos, à beira dos caminhos, morriam os últimos bandeirantes, morriam os gigantes de botas de sete léguas, morriam os últimos desbravadores. Nessa época morriam, também, os primeiros sonhadores da libertação do Brasil do pesado jugo de Portugal.

* * *

Postas em curso as notícias da descoberta das minas goianas, para o sertão afluíu uma multidão imensa, procedente de todos os pontos, gente de toda a parte, aventureiros de pele tostada pelo sol dos trópicos, purificados em um vastíssimo noviciado de sofrimentos em procura de metais ou de pedrarias.

Essa gente, que esgaravatava a terra de outros sertões, em outras capitánias, sentiu todo o fascínio dos novos descobertos. Deixando os garimpos maninhos, tumultuariamente, em um grande "rush" invadiu os sertões goianos, entre grandes conflitos, entre desordens tão graves e sangrentas, que

chegaram ao ponto de cavar fundos sulcos na história inicial de Goiás.

Esse jornadaio alucinado dos entrantes durou anos seguidos. Homens de amplos chapelões desabados, de grossas sapatorras de couro cru, de barba agressiva, de olhar altivo e arrogante, de fala mansa e de andar cansado, botaram-se à aventura, a caminho das minas goianas, furando o sertão a esmo, por trilhos desconhecidos e partindo de todos os lados.

Contra essa gente alucinada levantavam-se perigos terríveis. Em primeiro lugar, estava a indiada Caiapó, brava e altiva, que dominava os sertões desde o rio Grande até além, muito além de Vila-Boa, nesse tempo nascente ainda. Depois, eram os negros fugidos que, em grandes hordas, corriam os sertões chucros, atacando as comitivas nos pousos ou nos pontos de travessia dos rios. Mas, mais do que esses perigos, estavam as condições particularíssimas dos novos descobertos. *O sertão goiano era agressivo, hostil, inhóspito e sem recursos. Os ares eram insalubres e havia abundância de miasmas. Os insetos e os répteis eram venenosos.* A longueira da caminhada através do sertão imane, os perigos circunjacentes, tudo contribuía para tornar negro o quadro das caminhadas dos primeiros entrantes, para tornar imensamente dolorosas as primeiras migrações realizadas desordenadamente na direção das minas de Goiás.

O contrário do que se experimentou nas Minas Gerais, onde o ouro aflorava e jazia nas mais amenas e saudáveis paragens, dava-se em Goiás. Os tesouros, ali, a natureza os havia escondido em ribeiros pútridos e confiados aos maiores inimigos da vida: aos miasmas e aos insetos venenosos. No Tocantins e nos Crichás, dizia-se, a fortuna vinha em um ano, mas a morte vinha em seis meses.

As condições do estabelecimento da ordem legal em Goiás, por outro lado, foram muito diferentes das até então observadas em outros pontos da colônia, onde, à medida da entrada dos povoadores, iam surgindo as guardamorias. A propriedade privada aparecia sob o amparo da lei, sem tumultos e sem conflitos.

Em Goiás o panorama foi muito diverso. As grandes hordas de entrantes tomaram os ribeirões e os córregos de assalto, não respeitando direitos adquiridos e não se detendo nem na prática de crimes. Lutou-se a tiros e a arma branca pela posse de ~~terras~~ ~~de~~ terra em que havia promessa de existência de ouro. *O país converteu-se em zona de alta concentração de filibusteiros.*

~~Partenciam capitães de São Paulo, Goiás e Vila Rica, muitos distantes para as terras descobertas, e a disciplina passava através da autoridade de~~

assegurada pela distância não, apenas aos que fugiam aos acertos de contas com a justiça, mas também aos que fugiam às impertinências e à impiedade de seus acredores.

Goiás transformou-se logo em um campo vasto e aberto de facinorosos e essa situação durou longamente. *Há na história de Goiás, como os fatos comprovam e todos os cronistas asseveram, um largo período, de cerca de vinte anos, em que as mais variadas e complexas causas concorreram para grandes abusos, irregularidades e crimes sem punição.*

Foi nessa época, de grandes ameaças e de grandes temores, com conflitos estalando por toda a parte, com negros e bugres dirigindo ferozes insultos e grandes hostilidades aos povoadores, com grandes hordas de entrantes devassando até os mais escondos escaninhos do sertão, que Goiás foi erigido em capitania, pela carta régia de 9 de maio de 1748, desmembrado da capitania de S. Paulo.

* * *

Os conflitos estalados em vários pontos do sertão goiano, desde os primeiros tempos do desbravamento, possuíam um duplo sentido: garantir a posse da terra e fugir às exigências das autoridades fiscais.

O batedor dos sertões chucros não podia ver com olhos mansos e com mente desanuviada a exigência das autoridades coloniais, levando, sempre, a melhor parte dos que trabalhavam e produziam. Se o fisco responde pelos conflitos estalados em vários pontos do sertão, os impostos respondem diretamente pelo empobrecimento da capitania. *O quinto empobreceu Goiás e o dízimo acabou de matá-lo.*

A 25 de abril de 1735, dez anos após o regresso de Bartolomeu Bueno de sua primeira entrada em Goiás, reúne-se em S. Paulo uma junta composta de cidadãos, de pessoas de reconhecida nobreza, distinção e capacidade, para estudar as medidas que se deveriam tomar para evitar os roubos e descaminhos que a Fazenda Real vem sofrendo no sertão de Goiás. Essa junta possui posição de invulgar relêvo na história de Goiás. Foi ela que elaborou a primeira lei goiana. Elaborou uma lei fiscal...

Os colonos, perseguidos pelos tributos escorchantes, passaram a mover verdadeiras hostilidades ao fisco sem entranhas. Não respeitaram as proibições de abrir caminhos no sertão, de circulação de dinheiro amoeado, de importação de mercadorias e de exportação de ouro. À exigência descabida do fisco respondiam com a insolência, com a provocação audaciosa. Essas desobediências chegaram a ter, em certo instante, aspecto de bravura soberba. Em Meia-Ponte, no Tocantins, em toda a parte, as exorbi-

tâncias das autoridades não ficavam sem protesto e êsses protestos, por vezes, assumiam aspecto de um nativismo soberbo.

A desobediência à proibição de exploração de certos rios reservados para uso e gozo de S. Magestade revela estados da consciência que já se formava nos sertões goianos. Êsses rios foram invadidos atropeladamente por uma grande multidão de aventureiros e, certa vez, no rio Pilões, o alferes de Dragões Luiz Pimentel de Sousa, realizando funções de policiamento, intimou os garimpeiros a abandonar a região e destes ouviu uma resposta soberbamente desconcertante: *Venha-nos tirar daqui, se é capaz: temos pólvora e chumbo em abundância.*

Dom Luiz de Mascarenhas, ao ter conhecimento dêsse fato, cobriu de qualificativos irados os colonizadores que ingressaram nos rios proibidos. *Ladrões, gente baixa e vil*, e mais cousas escreveu êle ao ouvidor geral de Goiaz Manoel Antunes da Fonseca, ordenando dissolver os agrupamentos de garimpeiros e recomendando não fazer fogo contra êles. *Acontecendo que as tais pessoas sejam tão insolentes que se ponham em resistência, as advertirá a que se entreguem e desistam dela, e não o fazendo, em tal caso as atacará sem lhes dar quartel e trará as cateças a Vila-Boa para se dependurarem nas entradas.*

Tôda a fase inicial da história de Goiaz se enche de tumultos libertários. Em 1751, dom Marcos de Noronha recomenda aos corregedores de tôdas as comarcas para agir severamente contra os turbulentos, *na forma que as leis do Reino o prescrevem.* A 31 de dezembro dêsse mesmo ano, dom Marcos mandou uma carta a Luiz dos Santos Perdigão, ordenando-lhe *sair para fora desta capitania no prazo de dez dias, levando sua mulher e suas filhas Bárbara e Clara.* O caboclo recebeu essa intimação por ser demasiado altivo, por alardear, em Meia-Ponte, que *não pagaria os quintos nem amarrado.* Por excesso de altivez e desobediência reiterada, dom Marcos escreveu a Diogo de Gouveia Osório recomendando-lhe *fazer uma severa repreensão a Antônio Francisco, seu sócio, para que êle se emende, e vendo que tal não acontece, mo remeterá preso e se V. Mcê. por parcialidade não cumprir esta ordem procederei contra V. Mcê. como mau executor daqueles que se lhe passam ao serviço de S. Magestade.*

O grito de altivez e rebeldia mais expressivo, dêsse tempo, foi o de Joaquim de Macedo Horta Rangel. O homem proviera das minas de Paracatú, onde andara garimpando no córrego Rico, e de lá trazia vastíssimos cabedais: negraria disciplinada e sadia, mercadorias sêcas em profusão e

alforges fornidos de muitíssimas oitavas de ouro. Furando os sertões agressivos, Horta Rangel foi sair em Vila-Boa e, certo dia, tomou uma deliberação alarmante: deu liberdade aos seus negros.

A notícia dessa resolução encheu dom Marcos de Noronha de sustos e apreensões. E as pessoas que lhe levaram essas notícias se encarregaram de exaltar as consequências que do ato de Horta Rangel poderiam advir:

— É um perigo o que êsse homem está fazendo. Se o seu exemplo for seguido, será a ruína destes governos . . .

Dom Marcos sentiu que era preciso agir e não teve dúvidas em tomar resoluções adequadas ao caso. No mesmo dia em que havia sabido da libertação dos negros de Horta Rangel, mandou-lhe a seguinte carta:

Faço esta para livrar V. Mcê. do engano em que o suponho, quando entende que neste govêrno há-de fazer as mesmas desordens que fêz em Paracatú. Consta-me por algumas pessoas que V. Mcê. tem dado liberdade aos seus negros, incentivando outros a que o façam também. Se á preciso que V. Mcê. tome as suas medidas ou sair logo, logo para fora desta capitania, ou emendar-se sèriamente para que me não cheguem cá outra queixus. Quando V. Mcê. não tome nenhum destes partidos, passará pelo desprezo de experimentar um rigoroso castigo, pois não é justo que do seu exemplo sigam tão perniciosas consequências.

Cento e muitos anos antes da campanha da abolição, que foi o mais belo movimento em que o Brasil conseguiu reunir tôdas as suas forças espirituais, nas minas de Goiaz um caboclo rude já sofria pela liberdade alheia.

Examinando-se êsses acontecimentos desenrolados nos primeiros tempos do desbravamento de Goiaz, não há como não convir que Goiaz formou-se sob a égide daquela *caraterística principal e constante que realizou o esplêndido trabalho da formação nacional: a liberdade.*

BIBLIOGRAFIA

- Americano do Brasil, "Súmula de História de Goiaz".
 Colemar Natal e Silva, "História de Goiaz"
 "Documentos Interessantes", do Arquivo do E. S. Paulo
 Documentos do Arquivo do Estado de Goiaz
 Gilberto Freire, "Casa Grande e Senzala"
 Diogo de Vasconcelos, "História Antiga de Minas-Gerais"; "História Média de Minas-Gerais"
 José Maria dos Santos, "A Política Geral do Brasil"
 Livro de Atas da Câmara de S. Paulo
 Registro Geral da Câmara de S. Paulo
 Rocha Pombo, "História do Brasil"
 Varnhagen, "História Geral do Brasil".

Homem, não classe

Paulo Augusto de Figueiredo

Escreve Oskar Georg Fischbach —(1)—: “El Estado es una unidad teleológica. Por muy notables que sean las alteraciones que sus fins hayan sufrido en el transcurso de los tiempos, y aunque el Estado pueda perseguir los fines individuales más diversos, es indudable que como unidad teleológica tiene que propulsar el interés común (bienestar colectivo) en contraposición a los intereses de los individuos o de determinadas clases”. Este comentário do ilustre publicista, sobre conceituar o Estado de maneira exata e elevada, toca, mesmo, no âmago de seu problema capital: o de seus fins últimos. Fischbach nos dá, na expressão — “unidade teleológica, uma concepção precisa, orgânica, do Estado. O termo nos fala de uma entidade viva e conciente, que se propõe a busca de algo: o bem-estar coletivo. Falamos do Estado como a “nação adulta” de Pedro Calmon —(2)—, como a própria nação superiormente ordenada, do Estado como um prolongamento juridicamente disciplinado da nação, como o entende a escola alemã, em oposição ao Estado acessorio da escola liberal francesa, já caduca.

A conceituação de Fischbach é, sem dúvida, verdadeira. O Estado é, sim, essa unidade homogênea, dinâmica, teleológica. Em consequência, os fins do Estado transbordam dos fins dos grupos e das classes, porque são os fins de todos os homens, são os fins da nação. E' o interesse comum, o interesse de todos, o interesse nacional, em suma, a meta final do Estado. O interesse, portanto, da sociedade mesma, e não o de alguns grupos ou classes que a integram, — como acontece nos Estados Marxista e Liberal — nem o interesse do Estado mesmo, tomado em si, como individualidade distinta, super-nacional e super-humana, qual sucede no Estado Totalitário.

As instituições só são frutuosas quando em correspondência natural e lógica com as solicitações existenciais da natureza humana. O homem deve ser a medida dos valores institucionais. Porque as instituições sociais, são os homens que as plantam, para se servirem a si próprios. Logo, só o Estado humano é real, e só é humano o Estado que se identifica com a nação, o Estado que tem na nação o seu espírito, que é corpo de uma nação. Só um Estado assim — ordenação jurídica da nação — pode afirmar-se como uma

técnica de **construção** do povo, e, em última instância, como um instrumento de **realização** do indivíduo.

O Estado dissociado da nação, como o Liberal; o que é órgão de uma classe, como o Marxista, e o que se sobrepõe à nação, como o Totalitário, são Estados que fogem a sua missão legítima e natural. Porque só serve ao homem o Estado que serve a todos os homens: “O Estado se desvia dos seus fins naturais quando, ao invés de aproximar-se das necessidades de todos os homens, se põe a serviço de grupos ou de classes, ou se embriaga com a perspectiva de ideais abstratos e de soluções alheias às grandes exigências da vida social”, salienta Almir de Andrade —(3)—. Isso pôsto, vê-se que o Estado Liberal, — instrumento passivo nas mãos dos plutocratas; o Estado Marxista, de dominação de classe, e o Estado Totalitário, — arma de um partido, às vezes, outras vezes entidade mística, a que se dá valor quasi divino, são, conseqüentemente, tipos de Estado que, fugindo às necessidades totais do homem, à sua natureza, portanto, o contrariam, o sufocam, o aniquilam em sua dignidade de pessoa humana. São Estados sem fins, ou de fins ilegítimos. Servem a grupos, a classes, a princípios, mas não servem ao homem, porque não servem a todos os homens.

O homem não se distingue pela classe; a profissão não pode ser um critério de diferenciação nem de valorização do homem; a divisão de trabalho não implica divisão do ser humano. E' que o homem sobrepára às categorias sociais. Há algo que liga todos os homens por sobre toda a variedade existencial dos indivíduos profissionalmente grupalizados. E' esse **algo**, esse **abstractum** profundo dos homens, — esse **humano** irreduzível dos homens que deve orientar toda filosofia política, informar todas as instituições, qualificar todos os Estados. Esse **eterno** do homem, que ultrapassa as esferas de sua atividade particular, que transcende fronteiras étnicas, geográficas e sociais, deve ser a constante de toda política, a semente e a bússola de todo Estado.

Diz Guyau —(4)—, e diz bem, que “há uma profissão universal, que é a de homem”, e é esta a única profissão que deve interessar à política, e, por conseguinte, ao Estado, cuja vida é função da política regular e dirigir, visto que, como recor-

da Azevedo Amaral, —(5)— “o homem, ponto de partida do processo sociogênico, é em todas as etapas do desdobramento deste o fator predominante que, no mecanismo das reações entre a sociedade e o ambiente, dá a medida das manifestações do organismo social e encaminha as suas finalidades para as realizações construtivas da civilização ou para o declínio a formas inferiores de vida”. Donde se conclue que o Estado depende do homem e que o homem depende do Estado, pensamento esposado por Osvaldo Spengler —(6)— quando diz que “Estado é história sem movimento, — história, Estado pensado em movimento”. Por isso, o mal e o bem históricos são o mal e o bem dos Estados, o mal e o bem dos homens. Os séculos se perpetuam nos vultos que os marcam. Assim, de homens superiores só se pode esperar um Estado superior, uma história superior, um mundo superior, e, de homens inferiores, um Estado inferior, uma história inferior, um mundo inferior. O Estado reflete, pois, o estado sentimental, intelectual, moral e espiritual do povo que o integra. E o povo vale pelos indivíduos que o compõem. Donde a importância do Estado como técnica de construção do próprio indivíduo, através do povo. Porque é através do Estado que o homem informa a história, o mundo.

Verifica-se, do exposto, que para ser **grande**, é preciso que o Estado estabeleça condições de grandeza para os homens, é preciso que ele possibilite e garanta aos homens um superior desenvolvimento. Como? —Visando a formação de um homem pleno. E' preciso tentar a realização dos fins essenciais do homem, e para tanto torna-se necessário que o Estado ponha na pessoa humana o seu eixo de gravitação, o seu ponto básico de referência, a sua **medida**.

Estamos — e já é um lugar comum dizê-lo — em uma era de transição. Tudo é, assim, muito confuso, muito amorfo, muito problemático. Agoniza um mundo, e o mundo novo que aí vem ainda está em ebulição. Renovam-se princípios, transmutam-se valores, novos rumos se esboçam. Tudo está muito impalpável, muito fugidio. O pior é que um grande número de espíritos chegou a uma compreensão excessivamente pessimista do homem. Só se pensa no pecado original, na queda do homem, esquecendo-se, os pessimistas, que também somos filhos de Deus, feitos à sua imagem e semelhança... A origem desse inhumano pessimismo proveio, sem dúvida, da transfiguração do homem pelas condições existenciais firmadas por uma política utilitária, materialista, atéia. O homem foi confundido com as coisas, o Criador com a criatura, a criatura com a criação. O criado afogou o criador, o homem sentiu-se pequenino e im-

potente ante a grandeza de suas próprias construções. O darwinismo, o marxismo, o freudismo, o tecnicismo, o liberalismo e o totalitarismo romperam a unidade orgânica do mundo e do homem; esvaziaram o homem e o mundo de sentido. Animalizaram o homem, mecanizaram a sociedade, atomizaram o universo. E o homem descreu de si. Perdeu-se num inhumanismo sem precedentes. E aí a sua maior tragédia, porque, fraco ou forte, escravo ou soberano, fera ou anjo, o homem **durará** na história, e a história será o que ele for, porque, como acentua Benedetto Croce, qualquer "que seja o esquema daquilo para onde vai o mundo, esse esquema será preenchido por homens, e será real somente nos pensamentos, nos sentimentos e nos atos de homens, e terá a realidade que eles lhe derem, sendo tanto melhor quanto melhores forem aqueles homens"—(7).

Felizmente, porém, uma corrente oposta à pessimista, e já bem forte, crê no homem e procura fazê-lo retomar o pósto que lhe cabe, de centro terreno do universo. Não se trata de um otimismo vulgar, piegas, romântico, à Rousseau ou à Marden, tão do sabor das mulheres e dos adolescentes, e sim — sem paradoxo — de um **otimismo trágico**. Acredita-se na capacidade do homem; mas não se desconhece a sua fraqueza. Sabe-se que, embora imperfeito, o homem é capaz de um constante aperfeiçoamento. Situa-se a civilização como luta, como um esforço perene, difícil, do homem em busca de formas cada vez mais elevadas de existência. Admite-se que o homem pode elevar o nível dos tempos históricos a um alto grau. E, ao que tudo indica, será esta a corrente que traçará os contornos do mundo de amanhã.

O homem se distingue na classe; mas não se distingue por classe. Por isso, agir por esta ou aquela classe é agir **contra** o homem, pois a vitória de uma delas seria a vitória de um grupo de homens contra os outros grupos diversamente classificados. O que se deve desejar e perseguir é a vitória do homem, porém, — **na classe de homens**, o que só é possível pela harmonia das classes e a integração de todas elas, em termos de equilíbrio e de hierarquia funcional, na sociedade nacional, — no Estado.

Quem observa o panorama total do novo Estado Brasileiro percebe, já, que ele se antecipa à grande solução. Suas linhas mestras como que desenham os caminhos do futuro. É que o Estado Novo, através de uma democracia integral — biológica, econômica e social —, de uma democracia cultural e autoritária, intenta a valorização do homem brasileiro segundo os postulados fundamentais desse humanismo nascente. Para atingir a solução do

grande problema, o primeiro passo, na ordem interna do Estado, está em neutralizar, **no homem**, a contradição das classes, — logo, em se retornar à unidade essencial do ser humano. E o Presidente Getúlio Vargas caminha firme nessa direção: — "Sempre senti e expressei com clareza minha opinião a vosso respeito — intelectuais, artistas, operários fabris, comerciários, bancários, lavradores — considerando-vos como valores humanos respeitáveis, e não simples máquinas de produção; foi sempre elevado o meu juízo sobre vossas reservas de energia patriótica, dentro da ordem, para maior bem da família e tranquilidade do trabalho, criador da fartura e propulsor do aperfeiçoamento cultural" —(8). Aí está o sinal da nova política brasileira. Aí, nesse humanismo integral. Todos os homens, das classes todas, — os intelectuais, os operários fabris, os lavradores, os bancários, os comerciários, etc., — cada qual em sua profissão, em sua classe, cujos peculiares interesses o Estado procura satisfazer — e todos, na condição única de homens — os quais, na busca da plenitude do homem, o Estado favorece, dando-lhes condições de vida adequadas a um superior desenvolvimento — são, pois, valores humanos respeitáveis.

O Estado Nacional não vê apenas o proletário, como o Estado Marxista; não vê apenas os nobres como o Regime Feudal; não favorece apenas à burguesia, como o Estado Liberal; nem se sobrepõe ao homem, fazendo deste um atributo seu, como o Estado Totalitário. No Estado Nacional, como ensina Francisco Campos, é a pessoa humana a "preocupação dominante, não, como no liberalismo, a pessoa abstrata, mas a pessoa no seu meio natural, na família, na escola, no trabalho: — o pai de família, o operário, a infância, a juventude" —(9).

É, pois, o homem o objeto último do Estado Nacional. O que a política getuliana objetiva é a formação de valores humanos reais positivos, altos, respeitáveis. Procura ajudar o homem a realizar o seu ideal supremo. Contudo, qual será o ideal maior do homem? A resposta é Max Scheller quem a dá, quando diz que o "sumo ideal do homem é — si há de dársele apelativo — el hombre plenario, el **todo hombre**, no el **super-hombre**" —(10). Ora, o **todo homem** não pode ser o "homem econômico" do marxismo, o "homem eleitor" do liberalismo, o "homem polichinelo" do totalitarismo. Como não pode ser o inhumano "super-homem" de Nietzsche, nem o "homem anjo" de Rousseau, nem o "homem fera" de Hobbes, nem o "homem sábio" de Linêo, nem o "homem político" de Aristóteles, nem o "bipe-de implume" da lenda. O **todo homem** pode ser um operário, tanto

quanto um nobre, um clérigo, um intelectual. O **todo homem** pode existir em qualquer profissão, pertencer a qualquer classe. O **todo homem** é o homem pleno. O homem cristão, que se liga à terra pelo pecado e a Deus pela sua origem. O homem que é deus na terra. E é esse o homem que o Estado Novo persegue: "A tendência espiritual do governo — proclama o Presidente Vargas — afirma-se no reconhecimento de alguns valores eternos do homem, como índices de sua formação cristã" —(11). Pois, o que mais valoriza o homem é o fato de ser ele uma pessoa — uma universalidade de bens sentimentais, intelectuais, morais e espirituais, — um conjunto harmonioso e dinâmico de forças materiais e imateriais, ordenadas no sentido das alturas, — uma unidade orgânica, super-terrena e infra-celeste, que participa da terra pela carne e do céu pelo espírito, que informa as coisas e é informada por Deus. Nessa compreensão total do homem, e no respeito à sua dignidade essencial, está o elemento permanente do Estado Novo. Aí, nessa subordinação à pessoa humana, está o seu traço mestre, que o distingue dos demais Estados contemporâneos e o superioriza.

Não há dois dias iguais no tempo, os problemas se renovam a cada momento, a história muda a cada instante, e, por isso, os **processos** do Estado Nacional não-de variar, não-de se modificar as **formas** de suas instituições, mas o seu núcleo inspirador sendo o **homem pleno**, a sua diretriz capital há-de informar todas as ordens existenciais do futuro, visto que fugir desse rumo seria fugir do homem, e o Estado que se alheia ao homem é incapaz de cumprir um destino histórico. É aí, nesse humanismo, que o Estado Brasileiro é eterno, nisso que o queremos definitivo.

Nem todos, é certo, compreenderão o sentido novo da política getuliana. Uns, por serem cegos de espírito; outros, por não quererem ver... Todavia, o sentido apontado está patente no novo sistema político brasileiro. Há uma filosofia política no Brasil, de 1937 para cá, que tenta explicar o mundo e organizar a Pátria em acôrdo com as solicitações essenciais do homem. Filosofia complexa, cujos princípios só muito lentamente se vão corporizando em entidades concretas. Filosofia difícil, inacessível, mesmo, ao entendimento mediano, tanto mais quanto este entendimento está viciado pelos prejuízos culturais do critério de apreciação da defunta "filosofia" liberal. A verdade, no entanto, é que o Estado Novo busca um homem novo, um homem total, pleno, — o **todo homem** de Max Scheller, — e o busca através de uma cultura total. Homem total, dentro da cultura total: a fórmula que Almir de Andrade

propõe para o mundo é a fórmula do Estado Nacional.

Repitamos: — a filosofia política que nos orienta talvez escape à compreensão comum. Entrementes, os seus postulados básicos são visíveis a olho nu, porque são verdades elementares, de cuja percepção todos são capazes. Tudo está em querer-mos ver e em nos livrarmos de preconceitos políticos, de insuficiências doutrinárias e de prejuízos culturais, que a tradição de cento e cinquenta anos enraizou em nossa mentalidade, deformando-a. Uma elite, tão só, basta para alcançar a grande meta; pois foram sempre as elites que dirigiram os povos. Por isso, e como diria Maritain — (12) — “uma doutrina comum pode ser evidenciada, ao menos no que diz respeito às verdades mais gerais; e, para o resto, o importante é que uma direção de conjunto verdadeiramente precisa e prática se forme para um número suficientemente grande de espíritos”. Ora, há, incontestavelmente, um grande número de espíritos de eleição que, identificados com o Estado Nacional, esclarecem-lhe os propósitos, mostrando as suas razões históricas, a sua legitimação política, o seu conteúdo sentimental, as suas finalidades espirituais. O povo, mesmo, na sua sabedoria instintiva, já percebeu que há algo de grandioso na obra do Presidente Vargas. E, pois, de se ter esperança no Estado Nacional. E de se crer que o Povo Brasileiro se torne um Grande Povo e que o Brasil se transforme numa Grande Pátria.

Bibliografia

- 1) O. G. Fischbach — “Teoria General del Estado” — tradução espanhola de Rafael Luengo Tapia — Editorial Labor, S.A. — Barcelona — Buenos-Aires — pág. 38;
- 2) Pedro Calmon — “Curso de Direito Público” — Liv. Freitas Bastos — Rio, 1938 — pág. 17;
- 3) Almir de Andrade — Fôrça, Cultura, Liberdade” — Liv. José Olímpio — Rio, 1940 — pág. 205;
- 4) Guyau — citado por J. E. Rodó, in “Ariel” — Ed. Prometeo — Valência — pág. 28;
- 5) Azevedo Amaral — “Ensaioes Brasileiros” — Omena e Barreto — Rio — pág. 274;
- 6) O. Spengler — cit. por Pedro Calmon, ob. mencionada, pág. 17;
- 7) Benedetto Croce — “Orientações” — Atena Editora, Rio — pág. 76;
- 8) Getúlio Vargas — “A Nova Política do Brasil” — Liv. José Olímpio — Rio — Vol. VI — pág. 118;
- 9) Francisco Campos — “O Estado Nacional” — Liv. J. Olímpio — Rio, 1941 — pág. 214;
- 10) Max Scheller — “El porvenir del hombre” — Espasa Calpe, S.A. — Buenos-Aires — México — 1942 — pág. 27;
- 11) Getúlio Vargas — Entrevista

HOMENS NOTAVEIS

CONFÚCIO

Biografia - Doutrinas - Máximas

I

Confúcio nasceu e viveu na China, durante o 6.º século antes da era vulgar. Foi contemporâneo de Daniel, Buda, Ezequiel, Pitágoras e Sólon. Exerceu mesteres humildes e viveu pobremente; apesar de que sempre se vestia com apuro, era modesto, cheio de dignidade sem orgulho, e muito reservado no falar. Aplicou-se, desde jovem, ao estudo das leis antigas. Ouviu as lições do sábio Lao-Tsé, cujas teorias abstratas não despertaram nele interesse. Durante algum tempo o elevaram a altas dignidades na província de Lú. Tinha então 51 anos de idade, e foi sucessivamente magistrado, administrador, ministro da Justiça. Mas, isso durou pouco, porque era tal a sua retidão que encontrou opositores; e foi demitido.

Regressou então ao magistério. Viajava a pé, instruindo e aconselhando. Fugia, porém, de tratar abertamente de assunto religioso, para não irritar o clero, caso se sentisse prejudicado na sua indústria. Cessou de viajar e abriu escola, quando já contava 68 anos de idade.

Defendia, contra o feudalismo, o princípio de centralização do Estado. Dava máximo destaque ao valor da personalidade, que deve ser educada individualmente.

Neste intuito, nenhum homem normal pode ser deixado à margem; pois, a sociedade é constituída de indivíduos, e cada homem exerce tal e qual influência

no conjunto, de modo que se deve procurar que o faça com elevação de espírito e de caráter.

Eram seus assuntos, quasi exclusivos, o homem comum, do povo, — a família, — o Estado, — o rei; e expunha doutrinas positivas e práticas sobre estes temas.

Nada de abstrações.

Promovia o estudo das leis naturais e do modo de preservá-las, a fim de que sirvam para educar o povo, elevar o padrão de vida social, e facilitar ao Governo a sua missão de garantir o bem-estar geral.

Confúcio faleceu aos 73 anos de idade.

II. DOCTRINAS

São estas, em resumo, as doutrinas do grande sábio chinês:

Há três poderes supremos: o Céu, o Governo e povo. — O Céu cria as leis; o Governo as reforça e aplica; o povo as executa e cumpre.

Não há lugar justificável para a existência de castas sacerdotais, porque as leis naturais são simples, claras e universais.

Há três assuntos humanos: 1.º) Relações espontâneas entre as leis naturais e a conduta religiosa e civil dos indivíduos, das famílias, dos povos e dos governantes, sem interferência de castas sacerdotais. 2.º) Relações naturais entre os governantes e o bem-estar do povo, em geral, das famílias e dos indivíduos. 3.º) Instrução e educação de cada indivíduo, para o bem geral.

Do cultivo da pessoa depende a boa ordem do povo: a pessoa é a raiz, e a massa do povo é a árvore.

O homem deve alcançar a

ao “Paris Soir”;

12) Jacques Maritain — “Humanismo Integral” — Comp. Editora Nacional — trad. de Afrânio Coutinho — S.-Paulo, Brasil — 1942 — pág. 116.

perfeição, guiado pelas leis sábias da natureza, de origem divina; de modo que cumpre a cada indivíduo aplicar-se ao cultivo do próprio caráter, ampliar os seus conhecimentos, melhorar a sua família e o círculo das suas relações sociais.

A finalidade do Estado é promover o bem-estar do povo, de acôrdo com as regras do Céu (leis naturais).

O governante, filho do Céu porque de Cima lhe veio o poder, é mediador entre o Céu e o povo, e deve manter a fiel observância das leis sábias.

Aquilo que o Céu outorgou chama-se Natureza. A harmonia com a natureza chama-se caminho do dever. A ordenação com esse caminho chama-se instrução.

Não é comum ver-se o homem equilibrar-se no caminho do meio termo, porque o indivíduo inteligente vai além dele, e o estúpido não chega a alcançá-lo.

(Vide: *Confúcio*, por Alfredo Doebelin).

III. MÁXIMAS

Observa o que um homem faz. Acompanha os seus argumentos. Examina em que

se apoia. Saberás então qual é o seu caráter.

O homem superior é universal, não parcial; o homem inferior é parcial.

Quem quiser ser perfeito, seja lento e cauto no falar.

Há no homem superior dignidade natural, sem orgulho; e no homem inferior, orgulho, sem dignidade natural.

Pela palavra, leal ou enganadora, firme ou leviana, digna ou depravada, tolerante ou rigorista, justa ou injusta, conhecerás o homem. Atende, pois, às palavras, observa os atos, e foge dos maus!

Pode-se fazer com que o povo siga um caminho de ação, e não se pode conseguir que o povo o compreenda.

O homem superior aplica à retidão o seu pensamento; mas, o homem inferior só atende ao proveito.

Não faças nada precipitadamente, porque o que assim fizeres sairá mal feito.

As boas recomendações lançam, no seio do povo, raízes mais profundas que as boas disposições governamentais; porque o povo teme o bom governo, ao passo que ama as boas recomendações.

Se um homem se despreza

a si mesmo, os outros também o desprezarão.

Deves considerar a sinceridade e a fidelidade como princípios fundamentais dos teus atos e das tuas palavras.

Há três amizades convenientes e três prejudiciais. São convenientes: a amizade com o honrado, com o sincero, com o homem muito observador. São prejudiciais: a amizade com o homem que aprova o bem e o mal, com o maleável e com o incontinente no falar.

Um jovem deve ser considerado com respeito; porque o jovem de hoje será o homem de amanhã.

Levantando-te cedo, indo dormir não muito tarde, e aproveitando bem o teu tempo, honrarás a quem te deu o ser.

V. Coelho de Almeida

Ⓢ Estado Novo tem como programa reconstruir os quadros da vida nacional, e, para isso, faz-se necessário, imprescindível, imperioso, mesmo, criar uma mentalidade renovadora, expurgada dos velhos vícios da politicagem e do regionalismo, vigilante e construtiva, capaz de aplicar, no trato e solução dos negócios públicos, as mais altas virtudes do patriotismo e do caráter brasileiros. — GETÚLIO VARGAS

Desde quando se usam penas metálicas?

Segundo os autos do processo de Robert D'Artois existente no Arquivo de Paris, os falsários às ordens do conde escreveram com pena de estanho os autos falsos de que ele tinha necessidade.

Anteriormente ao século XIV, os patriarcas de Constantinopla tinham o costume de escrever suas cartas com "farpas de prata". Quanto à verdadeira pena metálica, sua invenção é devida a um mecânico francês, chamado Arnaux, que a fabricava desde 1750, a título de curiosidade. Foi somente em 1816 que se fundou em Birmingham uma fábrica de penas de ferro, com ponta de aço.



Aspecto de um garimpo, no município de Mineiros — Goiás

T R Ê S P O E S I A S

João Acioli

Domingo

Estou de novo debruçado na mesa,
esperando o domingo escoar-se,
esperando a chuva passar.

Que vontade de ir-me embora, meu Deus!
não sei para onde, para o Piauí, para o fim do mundo talvez,
para qualquer lugar
onde pudesse torcer o ritmo dessa vidinha
quietinha,
boazinha,
arrumadinha,
certinha,
estúpidadinha,
sem deslize, sem escorregão,
bonde na mão,
ônibus na mão, tudo na mão...

Eu tenho necessidade de voar,
de expandir-me, de acender novas luzes,
de sofrer, de fomentar arruaças!

E a chuva continua cantando, estralando
nas vidraças.
(Rimou).

Indiscrição

Minha linguagem é meio indireta mesmo, sim senhor.
Minha linguagem é meio esquiva, sim senhora!
Mas pode ser direta e certa
como a frecha de boa pontaria.
Vejam:
— Aquele menino não tem o que comer.

Quando eu morrer...

Eu quero flores no meu túmulo, sim.
Quando eu morrer, derramem flores sobre meu caixão.
Cubram-no de flores silvestres, flores do campo, flores agrestes,
flores desconhecidas dos jardins.

Dêem-me um caixão de madeira roliça,
de pau seco coberto de pano berrante
de côr espantada, sem muito gosto.

Onde encontrarem uma árvore seca,
descarnada, sem nem uma folha, inteiramente despida,
guardem a árvore para mim.

Deponham meu corpo na primeira forquilha do tronco,
prendam-no bem, para que não caia ao balanço do vento.
Cubram-no depois com as flores do campo, com folhas secas
e gravetos do mato, catados a deus dará.
Envolvam também com cipós e coivaras
— a árvore desnuda.

E metam fogo na árvore.

Economia Goiana

Zoroastro Artiaga

Esta guerra gerou necessidades gritantes de matéria-prima para os grandes maquinismos norte-americanos, que ficaram isolados dos antigos fornecedores pelas consequências da guerra no Pacífico. Lucramos algo com isto.

Grande foi o incremento notado na exploração dos minérios e minerais estratégicos dentro do Brasil e quicá em toda a América-do-Sul.

Entre os elementos preciosos estão o quartzo, o rutilio, a cromita, o salitre e o minério do níquel.

Nós, goianos, afirmamos que nenhuma região do mundo possui maiores e melhores depósitos de cristais-de-rocha, de garnierita, de óxido de titânio, de cromo e maiores furnas salitrosas do que a de Goiás.

Nossos cristais estão sendo classificados como excelentes pelos norte-americanos, os grandes compradores da nossa produção.

Mesmo alguns quartzos impuros, óxido de silício ou sílica anidra, se apresentam em variadíssimas formas e tonalidades, tôdas derivadas do sistema básico com propensão para se transformarem em geodas e drusas, tendo valor econômico. Até as missangas, que são fragmentos da limpeza, (miúdos), valem atualmente e são bem vendidos.

Muita gente ignora a maior razão desta procura, que é filha das necessidades da guerra.

Supõem os leigos que os cristais se apliquem na manufatura exclusiva de óculos, aparelhos de ótica, espelhos, vasos e objetos de adorno.

No entanto, o maior emprego e a utilidade desse precioso material tem sido

na construção de aparelhos de precisão para mira, nos bombardeiros, como nos de rádio-telegrafia, porque a peça que controla a frequência só pode ser de cristal.

Os electro-sondadores são também de cristal e não foi possível ainda um sucedâneo.

Estes aparelhos são utilizados nos aeroplanos para evitar os choques em cordilheiras, quando haja pouca visibilidade, e, especialmente, são utilizados nos submarinos.

Tais empregos dêsse nobre material têm, ainda, vastíssimo campo para a engenharia, observatórios, navegação, postos meteorológicos, etc..

Os cristais puros são, também, largamente empregados em aparelhos que determinam a rádio-atividade dos minerais, dos gases finos e dos líquidos.

Na ótica sua maior utilidade está na permeabilidade excepcional dos raios ultravioletas, o que facilita a fabricação dos espectrógrafos, de vez que um simples espectrograma permite a detenção simultânea de todos os elementos existentes na amostra.

O seu baixo coeficiente de dilatação e elevado ponto de fusão fazem do cristal puro uma riqueza valorizada de que Goiás dispõe na sua vasta cornucópia, das imensas jazidas laterais à serra das Divisões.

Estes depósitos não foram ainda inteiramente tocados.

Todo trabalho de garimpo tem sido superficial e não sei de nenhum que empregasse desmonte ou o método de maquinário.

As minas de quartzo de Goiás têm localização certa, e sinais externos, e não precisa a gente ser técnico para procurar o cristal e para

achar os ninhos, sem necessidade mesmo de afloramentos ou emprego de prospeções.

O garimpo de Pium, de onde está saindo uma quantidade notável de ótimo cristal, que é trazido de caminhão para Anápolis para ser exportado pela E. F. Goiás, enriqueceu já muita gente, desde o simples cavouqueiro até o alto comprador endinheirado.

A fabricação de aparelhos de utilidade na guerra está exigindo de nós maiores esforços.

O uso largo, na defesa de costa, dos pequenos engenhos feitos com cristal, aplicados nas minas, permitindo fazê-las explodir a grandes distâncias, quer pelos aliados quer mesmo pelas Nações que ainda não entraram no conflito, mas se preparam para sua defesa, valorizou o quartzo hialino de modo espetacular.

Tais aparelhos são maravilhas modernas, de vez que, se não for possível fazer explodir u'a mina e ela por acaso se desprendia, pelo dito aparelho será possível localizar exatamente o ponto onde ela se encontre para sua captura, o que é feito sem grande esforço.

Estão usando do cristal nos aviões sem pilotos e nos cabos coaxiais, que permitem a transmissão telefônica simultânea de 240 conversações por um único fio, economizando-se gastos imensos por evitar muitas linhas.

Os manômetros para a determinação da pressão ocasionada pela explosão de uma pólvora são construídos com cristal.

Também o são os aparelhos de fabricação de petróleo sintético, porque o cristal é

o único mineral que produz os ultra-sons.

Os aparelhos de sondagem submarina se fazem com esse precioso material; e eles determinam, imediatamente, a altura da água, controlados por um mosaico de cristais.

Quando passei eventualmente pelo serviço de divulgação do Estado obtive que um técnico de cinematografia fosse aos nossos garimpos para filmar o trabalho dos garimpeiros com tôdas as particularidades e detalhes, afim de fazer, como fiz, que a película percorresse os cinemas do Brasil, no complemento nacional, merecendo o fato elogios calorosos da imprensa de S. Paulo.

Esse filme não teve somente o caráter de propaganda das riquezas de Goiás, que visei, mas foi, igualmente, educativo, porque o técnico compreendeu bem o sentido econômico dessa iniciativa e focalizou esplêndidamente os ninhos rendosos e inebriantes de magnífico cristal achado pelos garimpeiros de Cristalina e descreveu todos os informes e detalhes na fita, explicados anteriormente por um artigo que publiquei no "Correio da Manhã".

Para concluir este modesto trabalho informo que o cristal em Goiás é encontrado em 14 municípios e está atualmente em evidência o garimpo de Pium, em Pôrto-Nacional. Também há garimpos em São-José-do-Tocantins e Santa-Maria-do-Araguaia e o transporte é feito por avião ou por meio de caminhões até Peixe, à margem do Tocantins, tendo este rio navegação contínua.

Trabalham atualmente nos diversos garimpos cerca de 18.000 homens.

O Governo do Estado acaba de facilitar, por um decreto-lei, a todos, o acesso às minas, liquidando com as dificuldades opostas pelos proprietários de terras requeridas ao Estado, cujos processos já foram arquivados.

Nada pagarão aqueles que, devidamente investidos de au-

Regulamentou-se a Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos"

Damos a seguir, com o máximo prazer, o regulamento da Bolsa de Publicações «Hugo de Carvalho Ramos», que o Prefeito Venerando de Freitas Borges baixou recentemente. OESTE, fazendo esta publicação, pede a atenção dos intelectuais goianos para o simpático ato do jovem chefe do executivo municipal, o qual constitue uma inequívoca demonstração de amor às cousas espirituais.

DECRETO N. 599

Regulamenta a Bolsa de Publicações «Hugo de Carvalho Ramos»

O Prefeito Municipal de Goiânia, no uso de suas atribuições e de conformidade com o decreto-lei n. 475, de 25 de março de 1943, resolve aprovar o regulamento da Bolsa de

torização legal, queiram se enriquecer com a exploração das jazidas inúmeras do Norte, onde abundam, já, os novos-ricos. Os quartzos ali são separados e classificados cientificamente empregando-se aparelhos elétricos, de luz intensa, para a descoberta dos defeitos invisíveis, no cristal, a olho nu.

São estas, por hoje, as informações sobre o que se passa no sector da mineração do preciosíssimo material, que tem alcançado até 500 cruzeiros por quilograma, e sobre o qual há um grande interesse na hora presente.

Este estupendo surto deixa à distância a epopéia do ouro, da era setecentista, e podemos dizer que o cristal bateu o *record* não só porque é trabalho sistemático, positivo, sem os riscos que o ouro, na sua famosa glória de 1770, arrastava, como terror de todo empreendimento de mineração, como também pela valorização, até dos resíduos, que têm valor econômico.

Acrescento que a zona de Pium vai ser beneficiada, dentro de alguns dias, pelo serviço de saneamento federal, graças à interferência do ilustre Dr. Pedro Ludovico Teixeira, que está agindo nesse sentido.

Publicações «Hugo de Carvalho Ramos», que com este é baixado.

Capítulo I

Das finalidades

Art. 1º.—A Bolsa de Publicações «Hugo de Carvalho Ramos», instituída pelo decreto-lei n. 475, de 25 de março de 1943, tem por finalidade:

a) — publicar obras literárias ou científicas de autores contemporâneos residentes no Estado de Goiás; e

b) — publicar obras literárias ou científicas de autores goianos falecidos

§ único — Em qualquer das duas hipóteses do presente art., a Bolsa fará exclusivamente primeiras edições, não patrocinando a publicação de trabalhos que já tenham sido editados, mesmo em época remota.

Capítulo II

Do crédito

Art. 2º. A Bolsa terá uma verba anual de R\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), que constará do orçamento geral da Prefeitura.

§ único — Essa verba será destinada a ocorrer às despesas das publicações e das gratificações concedidas aos membros das comissões julgadoras dos trabalhos.

Capítulo III

Do julgamento dos trabalhos

Art. 3º. — A Prefeitura constituirá e designará uma comissão composta de três membros para examinar os originais de cada trabalho que lhe for encaminhado para publicação por intermédio da Bolsa.

Art. 4º. — Essa comissão, que será formada de pessoas de reconhecida idoneidade intelectual e moral, apresentará ao Prefeito um parecer detalhado, por escrito, sobre o trabalho que lhe for confiado, opinando, com justificativas claras, pelo seu aproveitamento ou não.

§ único — Esse parecer está sujeito a aprovação do Prefeito, que, se não concordar com seus termos, poderá designar nova comissão para julgar o trabalho.

Art. 5º. — Aprovado o parecer a que se refere o art. anterior, a Prefeitura tomará imediatamente providências para a publicação do livro.

§ único — No caso de parecer con-

As fontes de inspiração

J. B. Felix de Sousa

trário à publicação, os originais serão arquivados, não se devolvendo ao autor.

Art. 6º.—Cada membro da comissão julgadora fará jus a uma gratificação de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), que será paga depois de encaminhado o parecer respectivo à apreciação do Prefeito.

Capítulo IV

Dos editores

Art. 7º.—A Prefeitura entregará a publicação do livro à editora que julgar conveniente, estabelecendo com a mesma os pormenores de cada edição.

Art. 8º.—De cada edição serão tirados vinte (20) exemplares para o autor.

Art. 9º.—Ficará a cargo dos editores toda a publicidade necessária a respeito da obra editada.

Capítulo V

Dos candidatos

Art. 10º.—Os candidatos aos benefícios da Bolsa encaminharão seus trabalhos, sob registro postal, ao seguinte endereço: «A Prefeitura Municipal de Goiânia (Bolsa de Publicações «Hugo de Carvalho Ramos»)».

Art. 11º.—Os originais estarão sujeitos às seguintes condições:

a) — ser dactilografados em espaço dois, de um só lado do papel;

b) — obedecer ao limite mínimo de 120 páginas de papel almaço, não havendo limite máximo;

c) — trazer a assinatura do autor e a numeração das páginas; e

d) — ser encaminhados com cópia a carbono.

Art. 12º.—Não há limite de idade para os autores contemporâneos.

Art. 13º.—As associações culturais, ou os parentes ou os amigos dos autores falecidos poderão tomar a iniciativa de candidatar suas obras.

§ único.—No caso do presente art. será dispensada a assinatura do autor, que será substituída pela da pessoa ou entidade responsável.

Art. 14º.—Os trabalhos destinados à Bolsa poderão ser encaminhados em qualquer data do ano.

Capítulo VI

Da Receita da Bolsa

Art. 15º.—Os autores contemplados, ou seus parentes legalmente representados, terão direito a 50% (cincoenta por cento) do produto da venda efetiva de exemplares de sua obra, revertendo o restante aos cofres municipais.

Art. 16º.—Na hipótese de publicações de obras de autores falecidos que não tenham parentes vivos, os 50% que lhe deveriam tocar serão revertidos em favor da Bolsa, constituindo um fundo especial destinado aos mesmos fins de que fala o art. 1º do presente regulamento.

Art. 17º.—Se os 50% (art. 15º) que devem reverter aos cofres municipais forem, dentro de cada exercício, superiores à dotação orçamentária da Bolsa, a diferença será

A que devemos tôdas essas obras de arrebatadora beleza, de inigualável perfeição, imorredouras e sublimes, que nos deixaram Miguel Ângelo, Vergílio, Beethoven, Dostoiewsky? Que teria guiado o cinzel de Escopas, quando esculpiu a Venus de Milo, ou o de Fidias, quando fez a estátua de Zeus de Olímpia, uma das sete maravilhas do mundo antigo e que Epicteto considerou ser uma desgraça morrer sem vê-la? Que teria inspirado Rafael, da Vinci, Fra Angélico? Qual seria a fonte inspiradora de "Hamlet", da "Eneida", de "Crime e Castigo", da Quinta Sinfonia?

Para os filósofos, quando um artista cria uma obra, é a imaginação criadora que lhe fornece o tipo interno sobre o qual aplica sua inteligência. Diz Maupassant que a inteligência, cega e laboriosa desconhecida, nada pode saber, nada pode compreender, nada descobrir senão pelos sentidos e que são eles os únicos intermediários entre a Natureza Universal e Ela. Para ele só poderia sentir e exprimir a beleza do mundo quem pudesse ver as côres, os movimentos, as formas; só poderia ser músico quem pudesse sentir todos êsses sons, tôda essa harmonia que vibra nas cousas e no espaço. No entanto Milton, já cego, escreveu o "Paraíso Perdido", faltando-lhe embora a intermediária entre a Natureza Universal e sua inteligência, não podendo, como também Castilho, contemplar as côres e as formas. Beethoven já estava completamente surdo quando compôs a Segunda Sinfonia e êsse gênio que produziu as mais portentosas e belas páginas musicais não podia sentir tôda a harmonia que vaga pelo espaço e buscar nela o "leit motiv" de suas obras, como Mendelssohn, que, ouvindo o quebrar das ondas na gruta de Fingal, escreveu um dos

encaminhada para o fundo especial referido no art. anterior.

Capítulo VII

Disposições finais

Art. 18º.—Os casos omissos no presente regulamento serão resolvidos por portarias do Prefeito.

Art. 19º.—Êste regulamento entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Gabinete da Prefeitura Municipal de Goiânia, em 30 de abril de 1943.

Vencrando de Freitas Borges,
Prefeito Municipal.

J. Crispim Borges,
Secretário.

seus célebres poemas sinfônicos.

A Marcha Fúnebre da "Heróica", a Pastoral, a Sétima e Nona Sinfonias seriam frutos da chamada alucinação auditiva que dizem inspirar todos os musicistas? Ou em que recôndito de sua alma estava todo êsse mundo de paixões que vibra em tôdas as obras de Beethoven?

Sócrates dizia que ouvia uma voz que lhe ditava as concepções e atribuía a uma divindade essa voz.

Na beleza de suas lendas os gregos atribuíam à fonte de Castália a virtude de inspirar quem bebesse da linfa bendita. Eram as Musas, porém, que davam a inspiração aos seus eleitos. Ficaram elas, criação da poesia que eram, pelos séculos a fora inspiradoras e amantes só dos artistas que as criaram — os poetas. E elas os vêm inspirando desde que os "Homeros" gregos com seus tetracórdios cantavam pela Helade inteira as glórias e os feitos dos deuses e dos bravos; depois, os menestréis a perambularem de castelo em castelo cantando os seus infelizes amores ou a beleza excelsa dalguma inatingível castelã; depois, à porta do Inferno pede Dante o seu socorro "para retrair sem erro a mente" tôda sua jornada e é a elas que invoca, para cantar os heróicos feitos lusitanos, Camões quando sente a lira destemperada e a voz enrouquecida.

A poesia, assim, épica primeiro, lírica e dramática depois, será inspirada pelas Musas e os poetas ouvem sua voz como Sócrates ouvia a de uma divindade?

Uma voz, um clarão constante ou fugidio, um sopro divino, qual será a fonte da inspiração?

Seja o que for: a ela devemos ter de Mona Lisa o sorriso eterno da "Joconda"; sem ela Bice Portinari não seria a imortal Beatriz e a "Vitória Alada" não seria senão um bloco de mármore perdido nos campos da Samotrácia; sem ela não teríamos a "Eneida", "Atala", os sonetos de Petrarca, as Madonas de Rubens; nem ouviríamos a "Apassionata". Mas as Musas se corporificaram; e sonho, ideal, aspiração de cada artista delas sabemos o nome e conhecemos a formosura. Afirma-se que não fôra Laura e não teríamos os mais belos sonetos que existem; que todo encanto das valsas de Chopin devemos a George Sand; que não fôra Beatriz morrer aos vinte e quatro anos, em todo esplendor de sua beleza, e Dante não atravessaria o Inferno e o Purgatório para a rever no Paraíso.

Porque a verdadeira fonte da inspiração é o Amor.

"L'Amor che muove il sole e l'altre stelle".

LEVANTA-TE,



BRASIL!

Goiânia, 19 de Abril de 1943

Nelly Alves de Almeida

Levanta-te, Brasil, Pátria querida!

Desperta para a glória, para o amor, para a vida!

Balança a cabeleira teia da quente verdura

De tuas matas, sempre lindas, e de perenes doçuras

Coroadas. Abre as pupilas cheias de luz

Pelo brilho inequívoco das estrelas soltas no espaço.

Como poeira doirada de fagueiras ilusões!

Estende os braços gigantes à carícia eloquente

Da data alviçareira que, hoje, a alma te acalenta,

Hoje em que há, na vastidão colorida de teu território,

A música divina dos palácios encantados

A doirar-te a fronte com o sol, da glória e do esplendor!

Esse pedaço vasto de terra que se chama BRASIL

É teu corpo moço e quente, é teu peito amigo e varonil!

Cada rua das cidades que nel se levantam, maravilhosas,

É desse corpo quente uma veia voluptuosa...

E cada filho teu que nelas pisa, feliz, festivo, sorridente,

É uma gota do sangue heróico que te alimenta,

Na visão divina de um porvir de glórias!

No borborinho das praças em festas, um só nome se ouve, uma só data se lembra:

GETÚLIO VARGAS! 19 DE ABRIL! data divina

Em que o RIO-GRANDE-DO-SUL se levantou

Pressuroso e valente, a te ofertar, sorrindo,

Pelos braços robustos de seus pampas famosos,

O presente mais caro com que já foste mimoseada:

Trouxe-te, em concha de esmeraldas, refulgente de glórias, a deslumbrar o mundo.

O super-homem que tua voz canta e denomina

-- O PIONEIRO DA MAJESTOSA GRANDEZA NACIONAL! --

A morte levou a matéria do MARECHAL DE FERRO, DE CAXIAS E DE OSÓRIO...

A morte ocultou-nos aos olhos as figuras destemidas de TIRADENTES e de FELIPE DOS SANTOS...

Mas os espíritos desses heróis, desses teus filhos,

Que do destino te guiam, no escabroso trilho,

Moram em ti e legaram-te ao nome a imortalidade!

E a Buena Dicha que te leu a sorte e te acalentou o coração

Viu, na palma deslumbrante de tua linda mão,

Que o futuro traria bravo parceiro aos filhos teus que, ao infinito, se foram,

Pra formar, no céu, a constelação de ouro...

Porque, Pátria querida, a bravura que, nêles, divisaste,

O valor que acariciou

E, até à morte, acalentou

As almas desses vultos que a História canta e não esquece,

Reflete-se todo, como brasa viva,

Na alma soberba que, na época significativa que atravessas,

Te levanta à altura dos ombros férreos,

Te estreita contra o peito sincero e forte,

Te beija a fronte, ora ultrajada, te chama MÃE e te defende!

Tôda aquela bravura passada, aquele passado valor

Veio morar na alma destemida de GETÚLIO VARGAS,

— O MAIOR ESTADISTA NACIONAL QUE SE CONHECE —

E a quem teu destino, constante, entregaste,

Na certeza alviçareira de que serás feliz!

Levanta-te, Brasil!

Estende ao mundo teus olhos de anil

E fala-lhe, pela bôca de teus verdes mares, que o inimigo não temes!

Fala ao Mundo que a guerra desalenta

Que a fatal brutalidade do inimigo egoísta

Tu a esmagarás, sem piedade,

Pelas mãos de teus filhos, que se sabem guiar, à voz ativa de GETÚLIO VARGAS!

Conta ao Mundo, pela voz possante do vento, que acarícia os ouvidos de teus céus,

Que, hoje, celebras uma grande data, na voz dos passaros e no ciclar das brisas...

Conta-lhe que embalas, em teus braços amigos,

A data natalícia de teu PRESIDENTE

Com teu coração de MÃE, heróico por possuí-lo, feliz por amá-lo e nele confiar!

Não, não era muito grave

Conto de CASTRO COSTA

— Alfredo! Alfredo!

Voltei-me. Era Vó Genésia que me chamava, com cara assustada.

— Como veio parar aqui tão cedo, meu filho?

— De automóvel — respondi naturalmente.

Mas... Vó Genésia não estava morta? Seria possível que me haviam mentido? (Vó Genésia não era minha avó, mas eu gostava dela como se o fosse. Quando criança, eu sempre ia a casa dela comer mamãos. Depois me mudei de Trindade, guardei o seu nome, a lembrança de sua bondade. Nunca porém sabia como era a fisionomia daquela velhinha boa — Vó Genésia dos mamãos doces e gratuitos).

— De automóvel?! Não gracieje, menino — disse-me ela. Já viu — continuou mudando o tom da voz — os outros lá de Barro-Preto (Trindade se chamava Barro-Preto ao seu tempo) — seu tio Filogônio, o velho Constantino?

Essa pergunta me assustou. Meu tio Filogônio e o velho Constantino haviam falecido (tinha certeza) há muito tempo. Se ia vê-los, era claro que eu também estava... Não! Não era possível. Lembra-me bem que estava com febre alta, quando meu pai, acompanhado de minha irmã, veio buscar-me.

— Em casa é melhor — disse êle. Por muito boa e dedicada que seja a dona da pensão, não pode comparar-se à própria mãe.

E eu entrei no automóvel com êles, achando até que a viagem me faria bem. Ah!... quem sabe houve um desastre e eu morri? Seria isto?...

— É ali, Alfredo — era Vó Genésia, levando-me por umas paragens silentes, sombrias, se-bem - que apresentassem

um aspecto agradável de paz e de confôrto sossegado. Seu tio — prosseguia — vai gostar das notícias frescas que você lhe traz da Terra. Sabe de uma coisa? Fazia hoje justamente dois meses que não morria ninguém em Barro-Preto. Já andávamos ansiosos pelas novidades. Você assistiu à festa dêste ano? Qual foi o padre que celebrou a missa principal do domingo da romaria?

Coitada de Vó Genésia. Era tão rezadeira, tão boa.

Eu não me estava sentindo bem ali, a seu lado. Sentia-me leve, exquisito, nem a dor-de-cabeça me aborrecia. Para melhor dizer, sentia-me bem, mas desambientado. Mêdo agradável, como diria Byron.

Lá adiante estava o tio Filogônio, sentado à sombra de uma árvore de franças levemente balançadas pelo vento vespéral. Estava brincando com... com um gatinho branco! Sempre o mesmo, o tio Filogônio.

Dei-lhe tôdas as notícias que sabia. Êle as ouviu com interêsse. Lastimou a minha chegada, chamando-me inteligente:

— Você vai fazer falta à família, Alfredo. Todos esperavam muito de seus estudos. Sempre me lembro disto aqui no céu, conversando com dona Genésia.

— Por falar nela, onde está?

— Você não viu um anjo chamá-la? Está com São Pedro — é uma das auxiliares do Chaveiro. Sempre que vem alguém lá de nossas bandas, ela ajuda a fazer o interrogatório preliminar. O Santo gosta dela.

Admirei a cotação de Vó Genésia, aliás achando que ela bem o merecia, e me lembrei de que não tinha ainda

visto São Pedro — não havia, pois, passado pela porta. Teria de-certo entrado clandestinamente, por baixo do pano. Êsses hábitos de moleque...

Fiquei tomado de profundo aborrecimento por isto. Seria expulso. Punido. Talvez me prendessem, me maltratassem. De-fato, já vinham a meu encontro uma teoria de anjos, com ares de já sabermos de tudo. Eram da polícia celeste (conheci pelos distintivos dourados presos às tunicas diáfanas).

— Já encheu a ficha, irmão? — perguntou-me um deles, o chefe provavelmente, com uma bela auréola a iluminar-lhe o rosto corado, mal escondendo a certeza de ser eu um desconhecido seu.

— Não, meu querido anjo. Não me foi apresentada ainda — respondi confuso e culpado.

— Como?! — gritou. Escoltem-no até os limites do céu e soltem-no — ordenou, divinamente irritado, aos outros, os quais sollicitamente atenderam.

E, terminando, como quem limpa as mãos sujas de pó:

— Que venha pelos canais competentes, ora essa!

(Lembrei-me de minha escassa prática de repartição: "Selado, volte, querendo").

Segundos depois, sentí que meu corpo, havia pouco tão leve, rolava pelo espaço, vertiginosamente. Eu suave a bicas, miseravelmente. Seria que ia parar na Terra outra vez?

Assaltou-me essa dúvida atroz. A incerteza me amargurava.

E se fosse para outro planeta, cujas linguas não conhecesse, cujos habitantes fossem talvez diferentes dos vaidosíssimos moradores do

Indústrias Patifaria Limitada

ZECCHI ABRAHÃO

Parece que as agitações do mundo inteiro vão refletir, em particular, na conduta egoística do homem isolado. Parece que o indivíduo recolhe para si esse complexo das loucuras coletivas.

Haverá um fenômeno de contágio psico-patológico-social?

Estas considerações de rosto voltam a propósito das chamadas organizações de exploração popular, que, ultimamente, bem rotuladas, coguem pelo Brasil afora. Já o adivinharam, de-certo, os leitores, tal já é o hábito que experimentamos com ser vítimas de desembolso indevido. Pois adivinharam. Referimos mesmo às companhias siderúrgicas sem ferro e às empresas construtoras de casas teóricas. Já desce a quasi hábito essa história moralmente insustentável de se fundarem aqui no Brasil sociedades de mil finalidades especulativas. Os forjadores das arapucas mal financeiradas não se servem só da economia alheia; não só vasculham senciermosamente a bolsa miserável do povo; não só prometem, a trêco de um cruzeiro, quatro casas ou três ações e dividendos fabulosos. Não. As empresas dessa categoria correm mais longe que a credulidade pública. Para aliciar a freguesia de fácil boa fé, melhor disséssemos para zombar de nós, o pessoal da administração faz preceder a inauguração da patifaria de uma literatura já característica. Característica e ofensiva, a um tempo. Pois que os bandidos falam agir em nome da Pátria, em nome da economia do povo; em nome do progresso geral, e em nome de tantas coisas bonitas. Quem ler a poesia inspirante desse propagandismo sórdido há-de entender que a idéia é colossal; que, se não surgir mesmo a coisa prometida, o Brasil será retalhado a lambadas da baio-

neta de outras gentes que falam outras línguas. Misturam os patifes civismo com ferro doce; Pátria com maquinaria; brasilidade com fornos de alta temperatura; independência com três cruzeiros. Isto é que é o menos perdoável para o brio nacional. Os patriotas financeiros desnudam o povo, vivendo o Brasil; berram liberdade, escravizando o vizinho; forjam planos de salvação econômica, arruinando homens bem intencionados. Aqui está biografada a primeira sub-classe dos patifes-industriais. Após de hospitalizar a boa fé dos "acionistas", a companhia encrenca com o dinheiro arrecadado. Houve obstáculos; o povo não lhe soube interpretar a intenção; a contribuição não persistiu; e o diabo. Mas os cruzeiros vão adiante e a companhia fica atrás.

Na esquina da cidade do sertão; no café da Capital; na casa grande da fazenda, as estatísticas particulares se movimentam. João comprou só três ações. Ainda foi feliz. O Joaquim, coitado. Mais parecia sócio que simples acionista. Comprou oitenta e cinco ações.

A técnica de lesar o próximo vai evoluçionando, e ninguém toma cuidado com as imitações. Boa fé que não caleja. O brasileiro é patriota, e concorre sempre para as boas causas do País. Daí a preferência por este tipo de propaganda de afinidade psicológica com o brasileiro; e daí o consequente descanalizamentó pecuniário.

Outra sub-classe, irmã da primeira, com quem guarda semelhança hereditária.

São as empresas construtoras de casas. Vem o pessoal inicial na frente. Alugam uma casa (?), para servir de sede às "atividades". Chovem as promessas de casa própria. E quem não quer casa própria? Tôda

pessoa capaz de gastar um pouco por mês terá casa própria. E, curioso, é só mesmo a empresa é que fica sem casa. Constrói para todo o mundo; e não constrói para si mesma. Filantropia de rato! Modéstia superior!

Confessamos sinceramente, e o leitor de-certo o confessará também, que das dezenas de empresas construtoras, que falam em construir até um tecto para o Brasil, a maioria jamais construiu coisa alguma. E já viu o prezado leitor os planos das ditas empresas? Literatura bonita. Casinhas bem desenhadas no papel, bem entendido; crianças gordas e rosadas brincando no jardim (jardim da casa que vão construir); fumacça subindo da chaminé, e outros acidentes domésticos sugestivos.

Acabamos de descobrir a seguinte américa: a tal propaganda vem é estimulando os casamentos e abreviando as noivaturas crônicas. Campanha indireta de povoamento. Campanha direta anti-celibatária. Respeitem-se-lhes ao menos esta virtude, se casas mesmo não podem construir.

Esta classe de castores humanos brinca menos com o nome do Brasil. Preferem, assim, o nome da Família, em particular.

Não corre a tanto de chegar a incluir o nome mesmo do sr. Getúlio Vargas como sócio da organização, conforme aconteceu há pouco com um audacioso, que se servia do próprio nome do Chefe do Governo para estimular a aceitação da clientela.

E vai o pior: não é só a economia financeira privada que sofre. E', antes, o sofrimento da economia cívica do povo. Economia cívica, sim.

Estas operações comprimm o povo à descrença das instituições do bem público. Nasce o descrédito das coisas e das iniciativas. Vinga a apatia, que pode contaminar a disposição patriótica individual. O brasileiro fica ameaçado a perigosa descrença. Perde um dia a esta companhia; outro dia, àquela empresa, e o pessimismo é gerado. De resultado a resultado, ameaçamo-nos de receio, de desconfiança mútua, de inatividade, de fobia econômica, de ódio.

E, de resto, as companhias legitimamente boas, legitimamente idôneas, que trabalham e que promovem a industrialização do País ou o hábito da previdência pessoal, não encontrarão muitos a beneficiar. Muitos já lhe fogem à aproximação acarretando o duplo prejuízo: ao beneficiante e ao beneficiário.

E' providência urgente o saneamento das indústrias patifaria.

O mais infame, o mais sórdido, o

orbe terráqueo, que Darwin diz originarem dos primatas? Sentia que suava, suava frio, descendo como uma pedra pelo espaço ilimitado.

Abri os olhos a custo. Minha irmã estava explicando ao médico:

— É isto assim, doutor. Ele fica nessa aflição, coitado. Parece até que tomou um suadouro.

— Está neste estado desde ontem?

— Não. Hoje, quando o

pusemos no automóvel, estava até de bom humor. Falou que desejava mesmo um passeio. Mas antes de chegar aqui começou a delirar dessa maneira, chamando por Vô Genésia e pelo tio Filogônio, que já morreram há muitos anos.

O esculápio olhou de esguelha a informante. E ela se assustou, como se estivesse vendo confirmado um diagnóstico secreto:

— É muito grave, doutor?

Lamento Índio

Goiás do Couto

O rio dorme e escorrega majestosamente por entre as barrancas alcantiladas e praias vastas... As águas claras são coloridas pelo reflexo verde das árvores, pelo azul estupendo do céu, pelo cinzento contemplativo dos olhos que sonham acordados...

É o lendário Araguaia! Deserto de areias brancas com oasis pululando em sequências infinitas.

A vila de Leopoldina dormita sôbre clara barranca e no seu pôrto se entrechocam, marulham e se espreguiçam embarcações. Os pequenos motores têm inveja das *ubás* indígenas, simples, humildes, heróicas, românticas e boas.

Acima do ancoradouro, perto da vista, o rio Vermelho casa-se com o Araguaia num abraço plebeu e grandioso ao mesmo tempo.

mais anti-patriótico, que se deduz de tudo, é a promiscuidade dos elementos, com que os industriais deliberam e tentam realizar sua propaganda.

E', antes de tudo, à propaganda que se deve opor contrariação legal; a propaganda desbragada é a oportunidade da reação penal contra os locupletadores e empreseiros inidôneos.

A campanha está intensificando, felizmente, depois de alguma liberdade.

Para particularizar, lembremos nossa providência estadual. A Chefia de Polícia de Goiás já apresenta estoque e mostruário consideráveis de títulos, de ações, folhetins de literatura, e outros instrumentos de iludir os outros, tudo isso apreendido dos profetas salvadores da miséria do povo, os veiculadores da felicidade.

Nossas leis são adequadas a uma feliz repressão. Folheemos, com mais assiduidade, a tabela legal que repugna os Crimes contra a Economia Popular. E verão os leitores que a mesma lei parece biografar nossos já conhecidos avançadores. Muitos retratos fiéis serão apanhados dentro de todo este grande País.

E, além da cadeia propriamente dita, deve o governo correr a impedir que os patriotas financeiros continuem misturando o nome do Brasil com as suas atividades pouco ou nada escrupulosas.

As águas, díspares e contrastadas, amalgamam-se, unificam-se e povoam-se de *garças* brancas, que acutilam os ares com as suas asas espalmadas, e os *colheireiros* pintam de rosa o azul puro do céu. *Manguaris, mergulhões, jaburús, gaivotas*, em policromia caleidoscópica, encham os ares com a sinfonia selvagem dos seus gritos e cantos. As canoas ciscam o rio imenso e, sôbre a planície líquida, descansa a paz inútil e a vadiação espiritual.

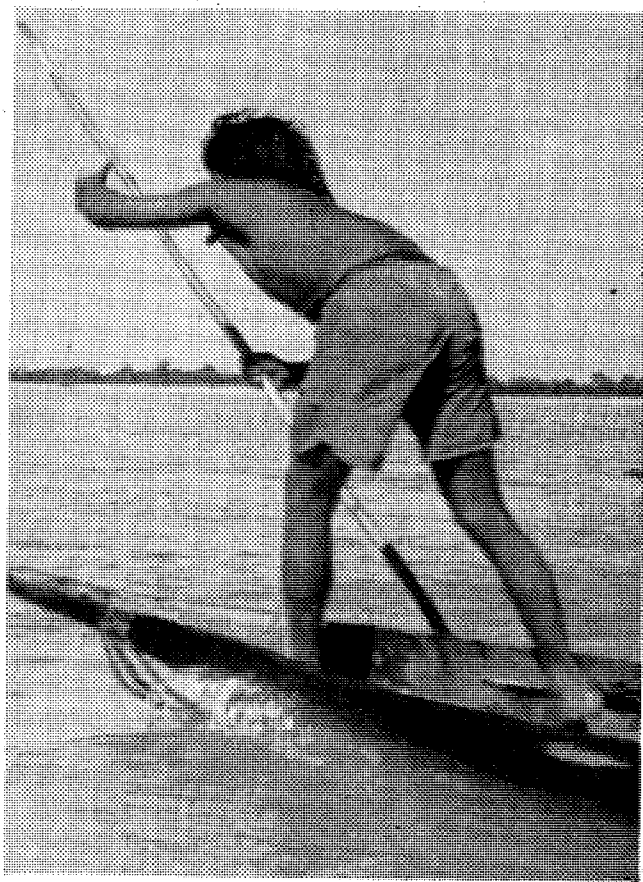
Da vila quieta à aldeia Carajá, mais quieta ainda, talvez duzentos metros sejam demais. Os habitantes de ambas se nivelam na apatia e se afastam na idiossincrasia ancestral. E também sofrem, embora diferentemente. Uns pela degenerescência da raça descuidada e perseguida, espúrios da civilização, e os outros pela indolente mestiçagem caldeada pelo tropicalismo fácil da terra e pelos vícios e inércia de semi-civilizados que nada desejam e

carregam a verminose no corpo, a hospitaleira bondade no coração e a tristeza imortal dentro da alma.

E o índio, abastardado na sua liberdade, sonha com os seus irmãos de outras tribus bravias ainda não amolecidas pelo que o progresso lhes pôde dar de pior.

Silencioso, apático, indiferente, morno, esmulambada a alma, triste, resignado, o índio ribeirinho, acostumado à injustiça, de revolta só sabe ter o platonismo de um lamento. O seu choro não tem lágrimas, por tê-las secado inutilmente ou talvez por inexplicável resquício de dignidade — é uma onomatopéia rítmica e infindável. Choro com tendências a canto.

Na sua filosofia primitiva, nas suas frases de profunda sensibilidade, numa síntese pagã de rara beleza, interpretam a sua mágoa centenária em "haikais" felizes. *Tori*, o cristão, toma aspecto de imortal e feliz, e o carajá integra-se no fatalismo angus-



Um carajá singra as águas do Araguaia na sua frágil e veloz ubá

Foi em uma romaria

Genezi de Castro e Silva

tante de raça subjugada e punida pelos seus deuses.

Quando o luto humano bate à porta de sua taba, da sua aldeia, da sua choça rústica e mísera, de palhas feita e coberta, casa-se ao luto maior das almas roxas dos aborígenes. Morto um membro da minguada coletividade, dentro do ritual bárbaro e comovente, juntam-se os componentes da tribo para lamentarem a desgraça que os feriu de perto.

E o lamento índio, belo na sua sensibilidade, humano na suas expressões, dolorosamente inútil e de queixumes cheio, entra pela ronda das horas a dentro e se esparge pelo infinito das águas cruas e ermas do Araguaia:

*"Torì" vira pedra,
Carajá morre. . .
Carajá não vira pedra
E "Torì" não morre. . .*

O *torì*, o homem branco, dentro da tara pungente dos índios alquebrados, toma a feição de imperecível, superior ao tempo e às cousas: — é a pedra indestruída e forte.

E o carajá, frágil, vítima da injustiça e de um estado que lhe foi imposto e não buscou, sente-se imbuído de danação resignada e compassiva dos que já não podem e não sabem revoltar-se. . .

Permuta o canto guerreiro, vibrante e forte de antanho, pela sublimação de um lamento agônico. É a humilhação de um resto de povo que se quer civilizar por civilizados que se asselvajam.

E, ante o poema deslumbrante e líquido do Araguaia, anemia-se, enlanguedece e extingue-se o carajá. Mas a vida continua, porque

*"Torì" vira pedra
e carajá morre. . .*

O homem ativo, confundido com os ociosos, fracos e sem esperança, entre companheiros só aparentemente ocupados, mas que não fazem outra coisa senão se agitar e se debater, o homem ativo precisa olhar para trás a fim de não ser invadido pelo desespero e pela redundância — NIETZSCHE.

Na pequena povoação o bimbalar dos sinos enchia de alegria o ambiente.

Barracas branquejavam nos campos, atestando o número dos fiéis que, abandonando as roças, vinham, com toda a família, festejar a padroeira do lugar.

E eram cantos, modulados ao som das violas . . . e eram risadas das moças que passavam, garbosas, em vestidos sonhados meses e meses, encarnando, à sua ingênua faceirice, o modelo das elegâncias, a caricatura das vestes das cidadinas . . .

Eram, ainda, rapazes, tímidos, dentro de ternos demasiadamente engomados, sofrendo o tormento de botinas rangedoras e apertadas . . .

E, para toda aquela mocidade, a felicidade parecia estar presente na alegria sadia de viver, na alacridade do ar, no festejar dos sinos.

Para algum espectador alheado à intensidade de vida, ao encantamento quasi que chocante daqueles festeiros, havia ainda um quadro interessante à primeira vista.

Separados da massa do povo, instalados sobre a relva, em círculo, havia pessoas que olhavam o conjunto, espelhando, no olhar, a ironia dolorosa de quem já bebeu, da vida, todo o amargor, aceitando, do destino, tudo mais que quisesse vir.

Eram morféticos, e um único, dentre eles, dava impressão de trato, de certos rudimentos de civilização.

A êle chegavam os caridosos . . . a êle entregavam o óbolo destinado ao grupo.

Era o chefe, o dirigente daquele conjunto de doentes.

E, cumprindo uma promessa, contava, ao seu mundo, a história de sua vida.

Fôra em povoação de São-Paulo.. lá vivera acalentado pelo sol benfazejo de sua terra.

Meninice sadia, a sua, em que os sentidos se entregavam à alegria delirante de viver, empolgado pelo colorido da paisagem.

Correrias saudosas, aquelas, pelo verde dos cafezais, brinquedos inéditos os em tórno dos pomares em flor.

Sintetizava, tudo, as despreocupações de quem goza o momento, na ignorância da fatalidade que o es-

preita, implacável, em cada esquina da vida.

E fêz-se moço, entregando-se, então, ao ganha-pão.

Um dia, dormências, insensibilidades e toda uma seqüência de sinais que, passageiros à sua compreensão de leigo, foram-lhe revelados, pelo médico, como a mais cruel das moléstias . . . estava leproso.

E êle, abandonando tudo, fugindo à reclusão de um leprosário, ao rigor necessário ao bem da coletividade, viajou, sem destino, até chegar à terra dadivosa e boa, à terra acolhedora que, no momento, separando, embora, os tristes portadores do mal sem remédio, deixava-lhes a ilusão da liberdade que, bem compreendida, seria melhor vivida no ambiente preparado e saneador dos pavilhões da cidade do povo de Hansen . . .

E, aqui eŝtou . . . concluiu em aparência imperturbável, escondendo aos que não o podiam compreender o imenso drama que o sacudira de então para cá, fazendo cair, dia a dia, uma ilusão que ainda tentava esconder-se em sua mocidade triste e desamparada.

E ali estava, realmente, de corpo presente, porque . . . sua alma . . . lá ficara em seus campos brilhantes de sol, seu espírito . . . retivera-o a sua juventude feliz e amada . . . conservaram-no seus ideais de moço, seus planos de vida, de amor, de ventura . . .

E, olhos ao longe, contemplava, sem ver, um grupo casamenteiro que se dirigia à igreja branca branquejante de luz: noiva na frente, lenço na mão, lágrimas nos olhos, esquecendo-se, no momento, de imitar a moça da cidade que, em maioria, afeta irresponsabilidade e incompreensão ante o ato mais grave da vida de uma mulher . . . esquecendo-se, felizmente, na brancura imaculada de seus véus, de seguir a moda condenável dos casamentos em trajes de passeios, em "toilette" de quem vai a um "cock-taill", de quem vai a uma visita . . . como se não fosse o véu um simbolo, como se não fosse o nível das vestes uma tradição respeitável e confortadora . . .

E, em seu íntimo, talvez provocado pela confidência recalçada, no vácuo deixado pela ilusão de felicidade fugidia, sentiu o doente derramar-se um bálsamo de resignação — dádiva suprema (quem sabe) da milagrosa protetora do povoado . . .



CONFLITO

Conto de
J. Décio Filho

Naquela roda de rapazes discutiam-se coisas comuns. Todos êles, recém-egressos da adolescência, eram exuberantes de vitalidade e gostavam da vida com essa volúpia quasi torturante que caracteriza os jovens.

À maneira dos noviços que deixaram o convento para levar uma existência livre e se revoltam contra os padres, procurando escandalizar os crentes com heresias voltairianas, aqueles moços falavam de mulheres com uma desenvoltura verdadeiramente chocante. Ensaíavam um processo prático de auto-encorajamento. Cada qual procurava narrar um caso mais escabroso, para demonstrar experiência na matéria, pontilhando os demais com exclamações ardentes os detalhes fortes e impressionantes. A imaginação pegava fogo. Tentavam as primeiras escaladas da descoberta de um novo mundo, cheio de seduções e torturas.

No meio deles, porém, Alceu conservava-se calado, num silêncio erizado de agonias. Seus traços contraídos no rosto pálido e eloquente denotavam fundas angústias. Mas não se retirava dali: queria ouvir tudo para sofrer mais e mais. O demônio do masoquismo envolvia-lhe com garras de polvo a alma tempestuosa.

Os companheiros começavam a descobrir o constrangimento de Alceu e, embora se sentissem menosprezados com aquela atitude, não tinham coragem de debicá-lo. Sabiam-no tímido e, no entanto, paradoxalmente áspero e violento quando alguém tentava pisar-lhe o calo. Era deixá-lo.

Neste momento, quando a prosa se esfriava, chega um dos companheiros, o Martins, todo esbafo-rado e arrasado de emoção. Com uma voz vacilante e entrecortada

pela respiração ofegante, foi dizendo sem mais preâmbulos:

— Puxa, acabei de brigar ali com o Joaquim, dei-lhe uma surra danada! Vai se meter comigo, já disse que não sou graça. Parece até que o diabo atenta. Besteira dele que me quis desmoralizar na frente de umas garotas. Despeito puro, garanto! E, nesse tom, Martins foi contando a história, parando somente a-fim-de tomar fôlego e poder recomeçar. Os rapazes não deram importância ao incidente e logo debandaram, numa insultuosa demonstração de pouco caso.

Alceu agarrou Martins pelo braço e saiu com êle, a-fim-de ouvir o remate da briga. Após ouvir tudo, ficou uns instantes em silêncio, como se estivesse incubando alguma resposta, e de repente começou a conversar.

— Então, você bateu no Joaquim? Foi uma pena, pode crer. Se eu estivesse lá interviria na encenação. Coitado do Joaquim — continuou Alceu, pensando em voz alta — gosto muito dele, gosto mesmo, sabe? Nele o que mais me agrada é sua falta de senso de *humour*. Tenho um fraco pelas pessoas sem espírito. São demasiado comoventes e engraçadas. Joaquim, por exmplo, é incapaz de achar sal numa piada espirituosa, contada com a maior desenvoltura possível. Não entende a coisa, é por isso. Não tem noção de ridículo nem sabe ver o lado grotesco das pessoas e dos fatos. Imagine que certa vez, só por experiência, contei-lhe uma anedota tôda especial que eu lera e êle não teve a mínima reação. Guardou-a, porém, e dias depois me transmitiu, mas sem a chave humorística, que êle omitiu, dizendo que havia esquecido um pedacinho sem importância . . .

— Extraordinário, o Joaquim,

como vê. Êle é, por tudo isso, uma criatura boníssima, pois já observei que os indivíduos verdadeiramente bons são desprovidos de espírito. Daí, com certeza, a origem daquela frase de Cristo: "abençoados os pobres de espírito . . . etc".

Martins ouvia a dissertação de Alceu com um espanto mesclado de incredulidade. "Que coisa, gente! exclamava em pensamento — que complicação!". Todavia, não deixou de retorquir, após alguns minutos de meditação:

— Pois é, você pode ter razão, tudo é possível neste mundo atrapalhado. Mas o Joaquim é um sujeito emburrado e entrão. Um cabra impossível, certas horas. Dei nele e não há mais remédio.

Ditas estas palavras, ficou pensando no amigo, ali presente. Achara o Alceu um tipo, um camarada confuso. Lembrou-se que certo dia, quando os rapazes discutiam em roda sobre pornografia, Alceu lhe dissera confidencialmente: — "Fico horrorizado, não sabe? Sei que sou capaz de atos piores, mas não suporto essas conversas. Fico com nojo do mundo, vem-me um desencanto amargo pelas coisas. Isto é, eu não suporto, mas geralmente as ouço, como quem deseja esgotar a taça do sofrimento. Acredito, aliás, que êles fazem tudo por simples fanfarronada e são mais ingénuos do que eu. Sou realmente capaz de tantos males . . . que sei, afinal? Fico quasi doido só de pensar nisso".

Certamente êle ficara embaraçado com aquela confissão, mas pôs-se a matutar sobre o caso e veio-lhe à memória uma observação que ouvira a respeito do Alceu. Foi o Arlindo que cortara uma discussão em que se diziam coisas e lagartos contra seu amigo: "Vocês estão enganados e não compreendem o moço. Eu o compreendo muito bem. E' um tipo assim, meio absurdo, não resta dúvida. Acho que está muito acima de nós. E' melhor e pior do que nós, eis a questão". Ninguém pescou nada daquelas palavras, mas todos se calaram. O Arlindo era tido na conta de amalucado.

Alceu cortou de súbito o exame retrospectivo do outro, para dizer-lhe que sua noiva estava passando mal, quasi à morte.

— Mas assim, Alceu? E eu que não sabia! Que foi, apendicite?

— Não sei, é uma doença complicada e os médicos não descobrem nada. Uns dizem uma coisa, outros contradizem, não entendo êsse povo. E a pobre da moça vai definhando, definhando. Passo lá com ela várias horas da noite e fico numa agonia horrível. As vezes chego, assento-me numa cadeira próxima ao leito e ela me olha com tal rancor no olhar, que me petrifica. Não troca uma palavra comigo, e só de

vez em quando os olhares ferozes. Mas não saio logo, fico lá amarrado, como os sapos pelas cobras. Outras vezes, chora, clama por mim, mandando-me chamar. Quando entro no quarto é aquela alegria doida, alisando-me o cabelo, acariciando-me com uma algaravia de nomes carinhosos inventados na hora. Um caso terrivelmente sério.

— E' um fenômeno triste — comentou Martins — de pôr uma pessoa com os miolos fervendo. Tenho pena de você, Alceu. Hoje darei uma chegada até lá para ver de perto a Leontina. Sinto por ela grande estima e a considero u'a moça realmente notável, muito interessante.

— Eu o espero, então. De lá sairemos juntos e daremos uma volta pela cidade. Ando abafado, com um peso bruto aqui dentro, e preciso de sua companhia.

* * *

A noite Martins saiu com destino à casa da noiva de Alceu. Ia assoviando ao compasso de suas próprias pisadas no calçamento. Achava-se eufórico como nunca. O céu era tranquilo, parecendo um lago imenso. Noite morna de verão, embalada pelo vento que vinha das serras, um vento acariciante como palavras de amor. Que noite, meu Deus! Diluam-se as fibras do coração. Martins mergulhava-se nela entupido de voluptuosa satisfação de viver, cheio de gratidão pelo mundo, êste velho mundo incrivelmente ruim, miserável, e, no entanto, supinamente maravilhoso, às vezes. Sentiu vontade de cantar bem alto, de beijar aquela dona cruelmente bonita que êle vira certo dia, nem sabia mais em que lugar. Na esquina deu de cara com um bêbedo discutindo sozinho, xingando alto: "Amanhã não fica nenhum guarda na rua! Prendo tudo no xilindrô! Êsses canalhas bagunceiros, senvergonhas..."

Martins ainda assoviava o último trecho da Marcha Nupcial, quando estacou de súbito. Achava-se em frente à casa de Leontina, e era necessário preparar-se para uma entrada mais digna, de acôrdo com as circunstâncias.

Naquele momento lembrou repentinamente de si mesmo, há dois anos atrás. Tinha sofrido uma paixão violenta pela Leontina e ela nem deu por isso. Nunca descobriu seu segrêdo torturante, por mais

que êle ajudasse, inventando meios engenhosos para a descoberta do mal, sem remédio. Cansou-se, afinal. Também, qual a criatura capaz de suportar isso incubado por tanto tempo? "Moça fria, aquela. Fria ou lerda, profundamente lerda — raciocinou Martins, ainda com uma pontinha de ressentimento, apesar dos dois anos de distância—. Agora não, estava curado, curadíssimo. Estaria mesmo? Bem, conformara-se; conformado era o termo exato.

No entanto, com o Alceu, sem mesmo êle querer de verdade, foi aquele alvoroço, uma transformação inesperada. Tudo por causa de um sujeito desleixado, maníaco, cheio de fobias absurdas. Cad: uma que acontece..."

Mas, que via êle? Uai, era Alceu mesmo, que vinha descendo as escadas, de cabeça baixa, quasi cambaleando. Foi ao encontro do amigo e o pegou pelo braço, vendo que parecia um sonâmbulo, um corpo sem alma.

— Morreu?

— É, Martins, um horror, nem posso acreditar!

Viu que sua voz estava profundamente alterada, voz cavernosa, de defunto. Não procurou consolá-lo e saiu amparando-o pelas ruas, num silêncio constrangedor.

Adiante Alceu desvencilhava-se dos seus braços, dizendo que ia para casa, não tinha mais forças para andar. Foi a contragosto que o abandonou, presa de misterioso mêdo dalguma desgraça iminente. (Sua noite e sua euforia estavam totalmente estragadas, pensou, entre parênteses). Entretanto...

No dia seguinte, quando Martins se achava no ponto costumeiro das reuniões, aguardando os amigos para anunciar-lhes o fato e, com êles, fazer uma visita fúnebre ao Alceu, Maria Rosa o descobriu ali, por acaso.

Maria Rosa — expliquemos de relance — era uma baiana chegada de pouco à cidade, grande atração do momento. Morena, muito bem feita de corpo, cheia de denges excepcionais. Diziam até que seus beijos bambos davam vertigens diabólicas. Sua beleza, um tanto indigesta para uns, era, pela maioria, positivamente apreciada. Mulher perigosa, e, de certo modo, incômoda.

Pois ela viu Martins assim cas-

murro, e foi-se aproximando, sem cerimônia.

— Uê, por que é esta tristeza, morreu alguém da família?

— Nada, estou pensando no Alceu, sabe? Aconteceu ontem uma tragédia com êle, sua noiva morreu...

A baiana fêz com os lábios um momo de incredulidade e exclamou, acintosamente: — O Alceu? Você ficou doido? Imagina, contando dessas lorotas logo para mim, seu Martins! O Alceu, meu filho, passou a noite comigo, e fizemos uma farra louca, de arrasar! Nunca o vi daquele jeito, pois antes até parecia ter ódio de mim, o que eu não ligava, não era mesmo? Tanta gente por aí, pois não é?...

— De repente — foi ontem à noite — me encontrou, parecendo já meio embriagado, mas não estava. Me convidou logo para beber e só vendo a alegria dele. Falava, ria, me elogiava, um verdadeiro capeta. Até incomodavam a gente os modos dele. Às vezes ficava exquisito, como um fantasma, mas era só um instantinho e voltava às boas. Bebemos até altas horas e depois fomos para casa. Passou a noite todinha comigo e estava mesmo com o diabo no corpo. Que homem aquele, seu moço?

E — agora você a me contar essas coisas! Aonde que vou acreditar, ultimou a baiana, retirando-se com um sorriso sibilino nos lábios arrepanhados.

Martins, percebendo que tudo era verdade, por causa de certos indícios, não teve forças para dizer nada. Completamente desnor-teado, tinha o ar palerma, como se o houvessem arrancado de um poço muito fundo onde por um tris não perdera a vida. Apalpou-se timidamente para ter certeza de que ainda existia de fato.

A capacidade de ser livre, só a adquirem os homens aprendendo a dominar-se, a disciplinar-se, a sacrificar-se pelo bem comum. A liberdade é um preço de lutas, um corramento de esforços incessantes, um prêmio de respeito e dedicação à causa da paz, do equilíbrio e da solidariedade humana — e nunca uma forma de comodismo, um pretexto de personalismos ou um meio de exploração da maioria em proveito de grupos, classes ou indivíduos privilegiados.

Almir de Andrade

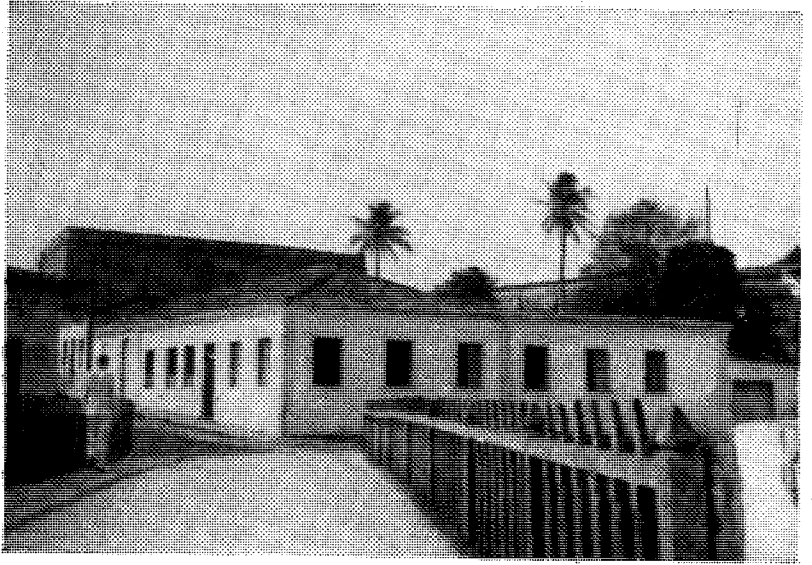


Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de Goiânia e desta Revista

VELHA

CASA

Marilda Palínia

A casa é velha,
pesada,
chata,
branca.
Olha o rio,
olha a ponte,
olha as árvores
com os olhos apagados e vazios das janelas abertas.
Quando a noite abre
um grande guarda-sol preto sôbre a terra,
começa a melopéia sonora dos sapos.
Outras vezes,
no terreiro varrido do céu,
correm vagalumes,
piscam, piscam,
e se apagam.
Outras vezes,
chove luar.
Uma chuva,
mansa e luminosa,
que enche de pó de arroz a face branca da velha casa
e enverniza de prata as águas do rio
e as folhas verdes das árvores.
E a velha casa
cerca os olhos apagados das janelas
e adormece.

* * *

Na velha casa,
pesada,
chata,
branca,
eu vejo a avôzinha,
alta, morena e forte,
com uns lindos olhos inteligentes,
sentada em larga rede cuiabana,
no meio dos retinhos,
que correm
pulam,
gritam,
cantam,
brigam,
e como um punhado de borboletas
se espalham pelo pátio.
Eu me vejo entre êles,
pequena,
ágil,
travêssa,
trigueira como uma Índia.
E vejo a sala de visitas,
sempre fechada,
sempre fresca,
sempre cheirosa,
cheia de retratos severos
e móveis antigos
alinhados pelas paredes.

Vejo
também
um velho piano
dentro de uma capa de casemira bordada.
E sôbre o piano
numa rica moldura
um homem formoso e triste,
de grandes olhos negros,
segue-me por tôda a parte.
É meu avô,
que não cheguei a conhecer
e que não chegou a me amar.
E vejo
um grande relógio-armário
encostado à parede,
com bizarras figuras de dragões
rodeando o mostrador;
e jarrões de louça antiga,
cheios de flores!
E albuns luxuosos
cheios de velhas fotografias.
E vejo
as flores do pátio
debruçadas nas seis janelas da varandá.
Ouço a risada vegetal das flores.
Vejo
a dansa doirada das abelhas
sôbre os jasmims,
os cravos,
as rosas,
e as dalias
na festa primaveril da terra.

* * *

A casa é velha,
pesada,
chata,
branca.
Olha o rio,
olha a ponte,
olha as árvores
com os olhos apagados e vazios das janelas abertas.
Mas, lá dentro já não vejo
a avôzinha,
alta, morena e forte,
de lindos olhos inteligentes,
nem a ronda vadia dos netos,
nem os móveis pesados,
nem os retratos antigos,
nem o piano velho,
nem o relógio-armário,
nem as flores do pátio.
Gente nova,
desconhecida,
novos objetos,

novas cousas,
vieram para o bojo da velha casa
pesada,
chata,
e branca ...

* * *

Não importa!

Quando eu quero ver a velha casa,
não passo por lá.
Fecho os olhos.
Fecho os olhos
e de repente
vejo a avôzinha,
alta, morena e forte;
e a ronda das crianças,
e o retrato do vovô.
e os móveis pesados,
e os quadros antigos,
e o piano velho,
e as flores do pátio ...

Vejo tudo, tudo ...
E me vejo, entre eles,
pequena,
ágil,
travessa,
trigueira como uma fúria.

Vejo tudo, tudo ...

A vida que já foi,
a vida que já não é,
a vida que não mais será,
... mais nunca!
dentro da velha casa,
pesada,
chata,
branca,
que olha o rio,
olha a ponte,
olha as árvores,
com os olhos apagados e vazios das jane-
[las abertas.

GOIAZ OU MATO-GROSSO ?

B. Rocha

Deverá inaugurar-se, em 1º de Janeiro de 1944, o novo quadro territorial do País.

A Lei 311, de 2 de Março de 1938, em que se baseiam os planos quinquenais das nossas divisões administrativas e judiciárias, foi um dos sábios atos do Presidente Vargas. Estabeleceu normas para a criação, extinção e desmembramento de distritos e municípios. Fixou o tempo da vigência do quadro territorial, que durante o período de 5 anos deve permanecer imutável.

Dessa forma, não mais pesam na balança administrativa, para efeito de criação ou extinção de distritos e municípios, os interesses particulares ou políticos. Mas entram em cena somente números insubornáveis, que são o índice perfeito do progresso ou do regresso da localidade que deve criar-se ou extinguir-se.

A prova de que o ato foi sábio está na perfeita ordem em que se decorreu o plano prestes a extinguir-se, e que teve, como primeira vitória, o levantamento das cartas geográficas de todos os municípios brasileiros.

O Conselho Nacional de Geografia, órgão técnico do assunto, segundo nos informam os diários da Capital da República, vem de baixar normas sistematizadoras para a fixação do novo quadro quinquenal, a ser feito mediante cuidadosa revisão da divisão territorial vigente. Isso comporta não só o estudo da situação dos atuais distritos e municípios, quanto à sua manutenção, extinção ou desmembramento, como também a atualização das descrições das respectivas divisas intermunicipais e interdistritais, e, ainda, a eliminação, no País, das duplicatas de nomes de cidades e vilas.

O trabalho é vultosíssimo. Nada menos de 4.842 municípios e distri-

tos devem ser revistos. Nada menos de 1.135 nomes devem ser mudados por haver denominações iguais em outras localidades.

Proibindo, na escolha das novas denominações, o uso de nomes estrangeiros, de nomes de pessoas e daqueles formados por mais de uma palavra, o Conselho de Geografia recomenda a adoção, sempre que possível, de nomes indígenas, com propriedade local. Nada mais justo nem mais equitativo. De fato, não é um contrasenso existirem no Brasil, quando é tão rica a nossa língua e inesgotáveis são os recursos do mavioso tupi-guaraní, cidades cujos nomes nos dão a impressão de nos acharmos em plena Europa?

Estabelece, ainda, o Conselho que, para os casos de duplicidade, permanecerá o nome para aquela cidade ou vila de maior categoria ou para aquela que o usar há mais tempo.

E é isso, justamente, o que nos traz à baila. Perguntamos: Qual dos dois deverá mudar-se, Corumbá de Goiás ou Corumbá de Mato-Grosso?

O problema não é assim fácil de resolver. Se a Mato-Grosso assiste o direito de maior categoria da cidade, Goiás ganha histórica e geograficamente.

Desconhecemos a história da "urbs" matogrossense e ignoramos mesmo o motivo certo da sua denominação. Todavia, somos de crer que a Goiás coube a primazia no uso do nome. E' o que rezam os nossos anais.

Em recente artigo publicado a meu pedido no "Anápolis", Padre Trindade, profundo conhecedor das coisas goianas, assim se exprime:

"Corumbá-rio aparece no cenário de nossa história nos primeiros albores anhanguerinos com a denominação de **Guá-Corumbá**, (rio de

grandes bancos de cascalho), como se lê na célebre carta de sesmaria que o Capitão General de São-Paulo, Rodrigo César de Menezes, concede a Bartolomeu Bueno da Silva, em 2 de Julho de 1726. Entre muitas mercês, a de proprietário, por três vidas, da passagem do rio Guá-Corumbá. Este local chamou-se, por muito tempo, Pôrto Velho do Corumbá, depois Pôrto da Eulália, filha bisneta do grande bandeirante, hoje convertido na silenciosa estação ferroviária de "Roncador". Foi, portanto, o rio Corumbá que deu nome à cidade homônima, aliás fato generalizado e costume repetido pelos cabos das bandeiras: os acidentes geográficos emprestando os seus nomes às povoações fundadas por eles".

"No livro primeiro de óbitos (do arquivo paroquial de Pirenópolis) — é ainda o Padre Trindade quem está com a palavra — encontra-se o registro de Jorge Antunes, casado com Domingas Morais, residentes "NO CORUMBÁ", sepultada na Matriz de Meia-Ponte. Traz a data de 21 de Outubro de 1737".

Nove anos mais tarde, em 1746, cita ainda o articulista, já aparecia naquele livro a expressão de "DIS-TRITO DO CORUMBÁ".

Em 1751, já havia na povoação a Capela de Nossa Senhora da Penha do Corumbá, filial da Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Meia-Ponte. Aí, com licença do vigário meiapontense, o seu primeiro Capelão, Padre Antônio Fernandes Soares, em 24 de Junho daquele ano, "batiza a Manoel, filho natural de Benta". (Livro 1º de Batizados, fls. 57 v., citado pelo articulista).

Em 2 de Novembro de 1756, o fundador da povoação, Padre Manoel da Silva Maia, obtém de D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora, Conde de São Miguel, Governador da Capitania, carta de sesmaria do local, cujo auto de posse já se lavrara em 14 de Novembro de 1740.

"Em 1778 é sepultada em a Capela de Corumbá certa escrava do Cap.

Bartolomeu Bueno da Silva". (Pai-re Trindade, artigo citado).

Americano do Brasil, em sua "Sú-mula de História de Goiaz", também se refere à sesmaria de 2 de Julho de 1726, em que D. Rodrigo César de Menezes concede ao Anhanguera o direito da passagem do Guá-Co-rumbá, assim como seis léguas de testada às suas margens (pag. 40), registrando logo adiante:

"Réparadas as fôrças combalidas, refeitos os estragos da tropa, recebida a provisão de 2 de Julho de 1726, Bartolomeu Bueno, ao mesmo tempo que D. Rodrigo entrava para Cuiabá . . ."

Mas a fundação da cidade mato-grossense não se deu nessa entrada, e sim muito depois, já na segunda metade do século XVIII (Aroldo de Azevedo, "Geografia para a 4ª série secundária"), recebendo o nome de **Albuquerque**, em homenagem ao grande benfeitor de Mato-Grosso. Um século depois foi que veio a chamar-se **Corumbá**, talvez pela existência de numerosos estratos calcáreos nas barrancas do rio Paraguai, onde se acha localizada.

Ernesto Schiller dá para a palavra **Corumbá**, oriunda do tupi, (Curu + mbaé) a significação de "banco de cascalho". Segundo Gelmires Reis, ilustre historiador goiano, **curu** quer dizer ainda: **sarra, seixo, cascalho, camisa - sem - mangas, roncador; e mbaé: coisa, que, o que, algo.**

Outros dão-lhe o significado de "rio que ronca" ou "rio roncador". (Teria nascido daí o nome daquela estação ferroviária da margem do rio?)

Há ainda a lenda dos **Corumbés**, citada por alguém com o pseudônimo de Olga Rozy numa literatura de "A Rosa", jornal que se editava na Cidade de Goiaz, de 16-1-908. **Corumbés** eram pequenas bateias usadas pelos primitivos bandeirantes. Reza a lenda que, certo dia, um deles havia deixado nas barrancas do rio goiano, para serem lavados depois, vários **corumbés** atupetados de cascalho aurífero, mas na manhã seguinte, ao voltar ao trabalho, verificou, com enorme decepção, que, durante a noite, a enchente havia arrastado em sua voragem tôdas as bateias, levando-lhes as fagueiras esperanças águas abaixo. E, de então, o rudo instrumento de garimpagem ligara seu nome ao rio. De **Corumbés** ter-se-ia passado a **Corumbá**.

Em qualquer das hipóteses, porém, a origem do vocábulo gira em torno do rio ou do ouro que causaram a fundação da cidade goiana. Não há motivo, pois, para se dar a Mato-Grosso o direito de usá-lo.

Seria justo divorciarem-se rio e povoação que nasceram quasi juntos, no mesmo sonho aventureiro dos intrépidos bandeirantes?

Já que seja impraticável mudar-se também a denominação do histó-

PERSEVERANÇA

A nem todos a sorte benfazeja
Estende a mão amiga e dadivosa;
Que, se a tantos se mostra generosa,
Recusa a muitos o que aos mais sobeja.

Se nem sempre a ventura te corteja,
Se a vida não te é sempre côr de rosa,
Não te queixes da sorte caprichosa;
Não lhe digas jamais: — Maldita seja!

Antes que a própria dor te faça triste,
Deves lembrar que, mais que a tita, existe
Muita vida infeliz por entre o povo.

Aceita do infortúnio o golpe rudo:
E, ainda quando for perdido tudo,
Sempre é possível começar de novo.

J. Lopes Rodrigues



Um aspecto dos babaçuais que cobrem imensa área do município de Boa-Vista — Goiaz

rico curso d'água, não seria equitativo ficar aqui o Corumbá-rio e em Mato-Grosso o Corumbá - cidade, quando ambos são marcos venerandos das gloriosas entradas que reve-

laram Goiaz ao Mundo.

Que meditem no assunto os ilustres membros da Comissão encarregada de elaborar o novo quadro territorial do Estado.

Joaquim Bonifácio, o poeta

de "Alvoradas"

Jaime Gonzaga Jaime

A poesia, um dos gêneros mais difíceis e belos da língua brasileira, teve, em Joaquim Bonifácio, um cultor apaixonado.

Como a quasi maioria dos seus conterrâneos, o cantor de "Alvoradas" nasceu poeta. Artista sublimado, espírito emotivo, os seus versos constituem ainda hoje relicário de arte e filosofia, de cantos românticos às coisas incognoscíveis.

De Joaquim Bonifácio, o lírico poeta goiano, eu nada conhecia a não ser um ou outro soneto esparso nos jornais da terra.

Veiz por outra descubro algo de valor nas viagens que empreendo à querida "terra distante", que diz respeito à grandeza cultural de meus patrícios, a quem presto culto de admiração.

Ainda agora, por gentileza de Paulo Jaime, exemplo de trabalho e perseverança, moço apegado ao estudo e à arte de Bilac, veio parar às minhas mãos o livro de versos — "Alvoradas" — de Joaquim Bonifácio.

Esse livro, impresso em 1903, no Pôrto, vem precedido de um estudo crítico de Carvalho Ramos, o festejado autor de "GOIÂNIA", poema épico até hoje na liderança das letras goianas. A obra representa três características de grande valor: O prefácio do Dr. Manoel de Carvalho Ramos, talento de incomensurável prestígio que a Baía nos mandou para Goiaz, onde lhe nasceram três cerebrações: Hugo, Vitor e Américo de Carvalho Ramos.

Vem depois o valor dos versos. Perfeitos, impecáveis na forma, "revelam não raras vezes belos dotes de uma viva imaginação vazada em estilo fácil e corrente" e, por último, o intrínseco, de raridade.

Vê-se logo que a obra é de um novo, de um cérebro em formação, em luta com as teorias demolidoras, ferinas e sarcásticas de Antero de Quental e Guerra Junqueiro.

A prova dêsse tremendo acicate à Igreja, à sua divindade, está no final de "Dor Suprema", que abre o livro. Carvalho Ramos também anatematizou-o. Achou-o esporádico, e qualquer espírito de bom senso repudia-o, ao comparar que Jesús não sentiu

"A dor que sente o pai tombado sôbre o berço
Do filho que morreu!"

Joaquim Bonifácio pertenceu à boêmia,

aos amigos e aos fandangos de Vila-Boa. Amou, sofreu e sentiu os efeitos das lutas travadas no seu *ego*. Atirado ao leito por enfermidade que o maltratou imenso, notou que sua alma não resistia "aos embates cruéis dêste sofrer ingente..."

Doente, afoito e perambulando já pelos páramos de outra existência, divagava com Nirvana, dizendo:

"Em breve morrerei... Porque não sê-lo agora?
Ao látego da sorte o corpo já estertora
E minh'alma, meu Deus, soluça o teu perdão..."

Tira-me a vida, ó Deus! e eu morrerei cantando,
Ao teu nome bendito hinos entoando,
Ó Pai Celestial! ó Deus da Criação!..."

Não estou criticando o bardo triste, porque me falecem fôrças para tanto. Mas, quero, neste trabalho, apenas apreciá-lo na sua razão de ser. Sentí-lo em seus desregramentos de pecador, nas incompreensões íntimas.

Em "A Um Namorado", êle teve o doloroso engano de um amor não correspondido, chegando a dizer, colérico,

"Que todo êsse primor que um anjo tem
É todo falso e só traduz — traição..."

Como todos os mortais apreciadores do *paratí*, nome que Ricardo Paranhos mudara para a antonomásia de *para-mim*, o bardo da boêmia, revoltado contra a tirania dos costumes sociais, deseja beber, transformar-se em bandido, ser salafário, ser canalha. E êle foi um acérrimo e "virtuoso" adepto de Baco, nas horas vazias de sua vida, horas que quaisquer outros sentem quando a gente deseja desfazer-se de um "caso" muito complicado, íntimo e doloroso.

Modulou Bonifácio, em "Moléstia do Século", êsses conceitos atrozes, onde pôs muito da sua dor espiritual—:

"Beber é meu destino, é meu fadário
De doído lupanar viver à porta."

Creio e posso afirmar que Joaquim Bonifácio, pelo fato de ser poeta, era olhado com maus olhos pelos "papás" das meninas casadoiras. Fossem aos diabos, os poetas! A musa naqueles tempos áureos não era muito apreciada pelos senhores chefes de

O PENSAMENTO POLITICO DO PRESIDENTE

“Cultura Política”, a vitoriosa revista cultural do DIP, associando-se às homenagens que o Brasil inteiro prestou ao Presidente Getúlio Vargas, no dia de seu aniversário natalício, publicou, sob o título “O pensamento político do Presidente”, um substancioso volume, de mais de quatrocentas páginas, contendo uma série de artigos, selecionados entre os publicados em seus vinte e cinco primeiros números e firmados pelos nomes mais representativos da nossa cultura política.

No volume em aprêço, artisticamente confeccionado pela Imprensa Nacional, são estudados o vulto e a obra do Presidente Vargas através de todos os prismas, valendo a obra, por isso, como verdadeiro manual de filosofia e de sociologia política, dada a seriedade da colaboração, tôda meditada e documentada.

Assinam os estudos, entre outros, os seguintes escritores: — Azevedo Amaral, Bezerra de Freitas, Rosário Fusco, Sílvio Peixoto, Nelson Werneck Sodré, Jaime de Barros, Belfort de Oliveira, Almir de Andrade, Gilberto Freire, Nei Cidade Palmério, José Maria Belo, José Augusto de Lima, Júlio Pires, Jorge Maia, José Veríssimo Filho, Lourival Fontes, Raul de Azevedo, Francisco Galvão, Mário Sete, Paulo Augusto de Figueiredo, Artur Hehl Neiva, Oto Prazeres, Wolfgang Hoffmann Harnisch, Reinaldo Bastos.

“O Pensamento Político do Pre-

Serra Dourada

Por manto verde louro recamada,
Sob o céu do Ocidente, rufilante,
Mostrando o teu perfil, além, distante,
Sempre te vejo, ó musa idolatrada!

Se de longínquas plagas o viandante
Percorre esta paragem decantada,
Defém-se deslumbrado e extático, ante
O teu raro esplendor, Serra Dourada!

Quanto fesouro no teu seio jaz!
No colo teu, que pedraria infinda,
Altaneira montanha de Goiás!

Por seus encantos e riquezas mil,
Tu és, ó serra majestosa e linda,
A princesa das serras do Brasil.

Emir Omá

sidente” foi um belo presente dos homens de estudo do Brasil ao nosso grande Presidente.

É preciso democratizar as democracias.

José Honorato da Silva e Sousa

famílias e ela não dava o provento necessário para viver com regalia. . .

Mesmo assim o seresteiro alado das noites enluaradas de Vila-Boa alçou vãos românticos ao reino de Cupido; cantou a sua Dulcinéia versos de emotividade magnífica, apoteótica.

Há às vezes, nos cantos do poeta de minha terra, algo de estranho e doloroso. Estruge amargura em todos os versos e revolta em tôdas as estrofes, mirando um só alvo, um só ponto invulnerável: a sociedade. É bem possível que êle haja sustentado um duelo tremendo com esta Hidra terrível, que desfere golpes de morte, à traição. . .

Num soneto perdido no centro do livro, há êsses conceitos leoninos:

“Não posso acreditá-lo!.. Ó louco, és bem ditoso!
Tu tens — que felicidade! — Um coração trevoso,
Alheio a tôda mágua, indiferente à dor!..”

Nota-se na obra do sonhador romântico de “Alvoradas” um alheamento profundo às coisas da Igreja. Seria incréu? Pouca

coisa soube com referência à pessoa do poeta, nas muitas perquirições que hei feito. Teria o vêzo de apaixonar-se pelas morenas côr de jambo, olhos e cabelos negros, que brilham nos salões da sociedade goiana? Tempo houve, na agitação de sua vida, em que o poeta gostava de cantar as formas puras da mulher, num sensualismo à Castro Alves, numa loucura inconcebível à moda satírica de 1900.

Joaquim Bonifácio podia ter deixado uma bagagem completa e selecionada, que o imortalizasse. Seu talento era suficiente e seu estro o recomendava à posteridade. Lá se vão tantos anos de sua morte e os seus versos continuam ainda hoje na bôca dos seus admiradores, nos serões e nos bailes de província. Vívidos, marcando passo com êsses poetas novos que vêm surgindo por aí, tomando a dianteira de muitos astros que se eclipsaram.

Sempre admirei Bonifácio e serei sempre amigo dos poetas que têm enaltecido Goiás com a sua cultura e a sua lira.

FAGUNDES VARELA

OMAR SANTOS

O mundo literário brasileiro festeja este ano o centésimo segundo aniversário do nascimento desse vate apolinico que foi Luiz Nicolau Fagundes Varela. Justamente há cento e dois anos atrás que, em Rio-Claro, via a luz do mundo, deste mundo que mais tarde passaria a odiar, porque só encontrou nele os desenganos mais crus da realidade da vida.

A obra desse poeta merece ainda estudada, pois, sob vários aspectos, oferece-nos, muitas vezes, algo de enigmático e sombrio, refletindo assim a sua própria personalidade humana, também profunda de insondáveis mistérios. Sua passagem pela vida foi um misto de brilho sideral de pureza, borrifado de lama e de poeira. Discípulo fervoroso de Orfeu, começou desde logo, ao alvorecer da mocidade, a perulstrar o caminho enevoado da devassidão, numa obediência servil aos acenos bacanaes de Lúcifer. É com profunda comiseração que lemos a sua triste história de poesia e de pecado! Sua existência foi mesmo o calvário que imortalizou, cantando a seu filho aquela elegia que nos traz doces recordações dos tempos escolares:

“Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias con-
[duzia
O ramo da esperança . . .”

Vivendo na Paulicéia, onde estudava, frequentando a Faculdade de Direito, imiscuiu-se, ainda inexperiente dos homens e das coisas, no contubérnio de moços sedentos de glória e de prazer. E, como a abelha do conto oriental, tonta de luz e de calor em torno ao “abat-jour” de luxo, ele também, na embriaguez febricitante do desejo, envôlto num ideal por tantos sonhado de subir cada vez mais alto na escalada luminosa do pensamento, foi poeta e boêmio, pois ser boêmio e poeta era exaltar o conceito literário naquela época impregnada de um baironismo que atingiu a obsessão. Imperioso

influxo exerceu Byron, esse poeta aventureiro e sensual, que chegou a ser amante da própria irmã, no temperamento poético de então. Sua poesia satânica influu de tal forma no senso literário dos bardos deste lado do Atlântico, que, não satisfeitos com imitá-lo, foram além: copiaram também dele uma vida ostensiva de libertinagem ilimitada. Desse fanatismo não se pôde eximir o espírito volúvel e sutil do olímpico cantor de EVANGELHO NAS SELVAS.

E’ assim que, compulsando as páginas históricas da sua passagem cá na terra, sentimo-nos tomados, ao mesmo tempo, de sentimentos que se tocam pelos extremos: orgulho, vaidade, comiseração e revolta, porque foi toda a sua vida um tecido feito de grandeza e elevação, de miséria e de pecado . . . Todavia, o que se alteia e sobreleva é a sua poesia fluente como a brisa e, em certos pontos, tempestuosa como o quebrar das ondas nos rochedos seculares! O lirismo de Varela dá-nos impressão perfeita da flacidez da seda. Mas, quando naquelas crises históricas de amor próprio ofendido, via-se do estro para revidar invectivas, então a delicadeza poética do gênio transformava-se magicamente num turbilhão de fogo e lavas vulcânicas. . .

Não fôra a cachaça, e então seria muito mais belo contar a história da sua vida. O álcool fez dele um martir do próprio destino. Tornou-se mau filho, mau espôso e mau pai! Sim, mau pai também, pois aquele filho que ele tão tristemente imortalizou no CÂNTICO DO CALVÁRIO não fôra em vida objeto de seus carinhos nem de sua atenção. Aquele ser frágilimo que durara apenas três meses esticava-se no leito, à míngua de recursos e sem assistência ao menos das carícias paternas, pois que quem lhas poderia dar só retornava a casa altas horas da madrugada, trazido por amigos, quasi sempre embriagado.

Os últimos dias assinalaram-se por uma decadência sem medida no homem. Porque o poeta, esse conti-

nuava cantando solenemente a epopéia de sua vida. Andava pelas ruas e vielas, maltrapilho e sujo, sem apóio e sem roteiro como o Ashaverus da lenda. Otoniel Mota conta que ouviu de seu pai a narração de um fato impressionante: “Estava, certa manhã, à porta da nossa casa de sítio, perto da estrada que vai de Pôrto-Feliz a Sorocaba, quando avistei pelo caminho do pasto um vulto que se aproximava, a pé, envôlto em capa espanhola. Era uma bela figura loura, afável e comunicativa. Desejava descansar um pouco para prosseguir na peregrinação. Entrou. Deu-se a conhecer. Era Fagundes Varela. Pouco havíamos conversado quando minha mãe apareceu na sala. Apresentei-a e Varela, mui cortêsmente, ergueu-se para cumprimentá-la, deixando cair de sob a capa uma garrafa de aguardente, que se fez em cacos. — Oh! minha senhora! exclamava ele. Eu sou o homem mais desgraçado deste mundo”.

Não obstante toda a timidez e modéstia, o seu humorismo atingia, às vezes, à temeridade. Certa vez, a propósito do aniversário natalício de D. Pedro, escreveu uma ode ao Imperador, a qual foi pomposamente estampada no “Jornal do Comércio”. Ninguém percebeu a trama. No dia seguinte, um órgão republicano publicava novamente a ode, agora com as primeiras letras em tipo maior. Foi grande a estupefação! Pois a tal poesia genetiíaca não passava de um acróstico ferino e insultuoso ao Imperador. Assim dizia: O bobo do rei faz anos!

Mais, muito mais poderíamos falar ainda sobre esse vulto imortal das letras brasileiras, de sua vida sentida e pitoresca. Mas fiquemos por aqui.

Aos primeiros albores de 18 de fevereiro de 1875, finalmente, calava de mansinho a voz imarcescível de um dos maiores bardos que a Academia recebeu em seu seio. Silenciou para nunca mais, para nunca mais cantar . . .

Na Presidência de Honra do “Centro Literário Madre Carolina” do Ginásio Auxilium”, de Anápolis, o sr. Paulo Augusto de Figueiredo

Há, indiscutivelmente, um florescimento cultural, em Goiás, nesta hora que passa. Animam-se as nossas agremiações literárias, fundam-se jornais, aparecem revistas, criam-se bolsas de estudos, etc.. A terra goiá como que amanhece para as

coisas do espírito, sob o impulso que vem do alto, da ação compreensiva e benemérita do grande interventor Pedro Ludovico, um como que Mecenas de nossas letras. E não só em Goiânia se verifica esse renascimento cultural, que “Oeste”

lidera, mas em todo o Estado.

Entre as muitas notícias a respeito, uma nos chega que nos é particularmente grata: — a fundação, no Ginásio “Auxilium”, da adiantada cidade de Anápolis, do “Grêmio Literário Madre Carolina”, para o qual foi escolhido patrono o nosso companheiro, dr. Paulo Augusto de Figueiredo. A escôlha, como se vê, não poderia ser melhor, e com ela

Descoberta de Hugo de Carvalho Ramos

Domingos Felix de Sousa

Já advinhava a pergunta: — E Hugo de Carvalho Ramos? Como considerar “terra sem literatura” o Goiaz que produziu o autor de “Tropas e Boiadas”?

“Tropas e Boiadas e muitas coisas mais; muitos deliciosos contos espalhados por aí, e dos quais Vitor de Carvalho Ramos deverá dar conta, para gáudio dos que lhe admiram o irmão.

Claro que eu conheço Hugo, nos, so Hugo. Tive também o meu momento emocional ao percorrer-lhe as páginas, numa integração completa com nossa terra comum, no seio de nosso povo que êle retrata com a máxima fidelidade, ouvindo o linguajar capitoso de nossa “genta da gleba”. Lembra-me ainda aquela notazinha ao fim da “Revista do Brasil”, número antigo, mais ou menos de 1918, a noticiar-lhe a primeira edição:

“... Tropas e Boiadas — do grande escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos”. Grande escritor goiano! Nada sabia dele, como os goianos nada sabem de Goiaz. E lembro depois o sôfrego enlevo com que lhe percorri as páginas, cheias de vida, transbordantes da alma do Brasil-Central, no encanto de seu sincero regionalismo.

Reconheço que êle é admirável, e estou com Mário de Andrade quando afirma que, se há vinte anos conhecer autores como Hugo era um fato individualista de maior ou menor “civilização”, hoje conhecê-los é uma exigência de cultura.

Sim, uma necessidade cultural, e muito mais para nós, os seus regionais. Para mim (e muitos estarão comigo) nenhum conto regional, nenhum, superou ainda em originalidade, em força de expressão, em fidelidade ao tema e à realidade, êsse encantador e pequenino “Ninho de Periquitos” — do qual poucos notam a emocionante

nos rejubilamos todos os da revista.

A fim de comunicarem ao dr. Paulo Figueiredo a escolha de seu nome para a Presidência de Honra do mencionado Grêmio, esteve no Departamento Administrativo, que aquele nosso companheiro preside com alto espirito público, a revdssma. Irmã Anita Felix de Sousa, muito digna diretora do Ginásio “Auxilium”, a qual se fez acompanhar de uma Irmã professora.

Ao grêmio “Madre Carolina”, vida longa e proveitosa.

sensibilidade sertaneja. Numa síntese:

Aniversário do filho. Dez anos tristonhos na beira da mata.

— Papai, não se esqueça dos filhotes de periquitos, lá no fundo do grotão, num cupim velho ao pé da maria-preta.

— Ora, deixassem lá em paz os passarinhos...

Mas não iria por tão pouco amuar o pequeno no dia de seus anos.

Busca a velha árvore no fundo da macega. Alça cautelosamente a destra calosa, buscando lá por dentro os dois filhotes, e retira-a de repelão, num repente brusco, surpreendido por uma picadela fina, dolorida, ao mesmo tempo que a cabeça repugnante de uma urutú aparecia à aberta do cupinzeiro. Mas, sem remédio! Num gesto instintivo o cabloco, sacando o largo facão mateiro, amputa num golpe certo a cabeça do réptil, e, sem vacilar, no movimento brusco das supremas cartadas, amparando a mão ofendida ao tronco nodoso, decepa-a cerce à juntura do pulso. E, estancando o sangue em farrapos da camisa de algodão...

... saiu do cerrado, calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triunfante apontando da mata companheira, mas assassina, mas perfeitamente traçoieira...

Um final de poema.

“Ninho de Periquitos” e outros assim, como êsse tão vívido “Má-gua de Vaqueiro”, como o “Poldro Picaço” — em que êle põe, no expressivo linguajar de um filho de nossa gente, um pequeno drama de nossas fazendas de criação, e onde não falta mesmo aquela nota sentimental e tocante: “Que fazer? coisas do coração...”

“Gente da Gleba”, sentimo-lo, não é tudo que nosso Hugo queria fazer no gênero. A-pesar-de completa, equilibrada, conexa — falta alguma coisa à novela; talvez maior amplitude, pois devera constituir um romance à parte, e não uma segunda parte de seu livro. Mas há-de se admirar e emitir-se o inteligente aproveitamento de nossos motivos folclóricos, quando descreve, através de suas festas, a velha cidade de Goiaz e seus velhos costumes: as Dansas dos Tapuios, as Congadas, o Bumba-Meu-

Boi, o “Quebra”, as Dansas de Velhos...

— “Ah, as doces ingênuas tradições goianas!...”

Admirável a adaptação da linguagem ao tema, e a fidelidade do temas e as descrições aos aspectos da vida real e da natureza que rodeia os seus pequenos dramas. Para nós, os goianos sertanejos, há um suave encanto em tudo isso que sua pena nos traz e seus pedaços de vida nos evocam.

Hugo foi grande, sim, ou é grande, ainda agora, na imutável beleza manente de sua obra sempre atual. E é belo que, nesse refflorir de nossas letras, nesse belo impulso que no presente levam os nossos meios e as nossas individualidades culturais, voltemos, os moços, os olhos para a sua figura. Seja mesmo um modêlo. Mas Hugo não é u’a meta, uma finalidade. Admirável, sim; inimitável de originalidade, talvez; mas nunca inigualável, nunca insuperável. Não é um fim a se alcançar: é um ponto de referência. Não deve ficar isolado, estabilizado, na admiração de seus conterrâneos. Êle é a base; ergamos o edifício por cima.

Há uns belos espíritos aí, cheios da alma da gente, cheios do espírito da terra, aptos a iluminar com sua centelha de genialidade a nossa vida regional. E “contos roceiros”, não! Também a cidade tem alma; é regional também o oficial de justiça que vai subindo alí pelo macadame da avenida. Há regionalismo nas calçadas. Há alma da terra também nos jardins públicos. E Goiânia, embora não seja uma cidade goiana, tem uns incomparáveis quadros de vida, uns belos cromos pelos bairros que se erguem, umas belas nuanças de suor, de sangue, de lágrimas, de fortunas que se fazem, de um povo que se caldeia, de uma sociedade que se forma.

Goiânia é um belo campo de provas.

Saberia Carvalho Ramos “expressimir” Goiânia?

Tivemos tanto tempo um regime que se dizia liberal e democrático, e, no entanto, só vivia de rótulo, praticando-se à sua sombra tôdas as violências. Nunca os poderes estiveram tão achincalhados, tão desacreditados e tão corrompidos como nessa época.

Pedro Ludovico Teixeira

Madrugada em GoiazB. Elis

Agora,
o sino do Rosário tocou a missa das quatro.
Na madrugada claramente rosada
meninos gritam :
— bolo de arroz quente,
bem quente !

Mulheres passando com potes d'água à cabeça,
o cuitêzinho boiando n'água morna da madrugada.
O vento morno
sopra o penacho dos coqueiros da baía,
onde já cantam pássaros-pretos.
Tão alegre,
tão bonito.

Minha avó
vai para a igreja,
rentinha da parede,
por causa do vento que zumbe na rua.
Minha avó tem passinho miúdo,
a cabeça metida no seu chale preto.

Os sinos batem.
Uma corneta rabisca no dia que se ensaia
a curva bélica dum toque de alvorada.
Tão claro,
tão diáfano.

Os coqueiros da baía estão tremendo,
contra um céu de ardente azul.

Poema do amante da viúva do tuberculoso

Para mim, és um mito.
És o fantasma de teu marido,
que morreu tossindo de madrugada,
engasgado em sangue.
És o símbolo do tísico,
és o tuberculoso vestido em carnes novas.
A presença real de teu marido
agarra-se inexorável à floração de tuas carnes,
na minha obsessão.

Terror diabólico, que me inibe do prazer,
receio angustioso, que me veda a satisfação !
Preciso possuir-te brutalmente,
para não sentir tocar-me o peito batido,
as pernas magras,
a pelvis saltada do tísico.

Teu amor seria tão bom
se o defunto tivesse morrido mesmo.
Meu mal foi conhecer teu marido tossindo a noite inteira,
a luz acesa coando por baixo da porta.

Como vai a patroa?

== R. Moreira ==

Quem não conhece o Hinterland não pode fazer uma idéia das privações por que passam aqueles que se arrojam a palmilhar os sertões da nossa terra, desta boa terra que dá de tudo, assim seja semeado e tratado.

A terra é fértil e o sertanejo é trabalhador; mas, devido à carência de meios de transporte, êle se limita a cultivar o estritamente necessário para a manutenção do lar.

Não vou dizer com isto que, uns e outros, mais interesseiros, não se estendam a um embora exiguo intercâmbio.

A falta de recursos, a moleza tépida do meio ambiente, essa estagnação das atividades, instilam na alma do caboclo essa apatia endêmica, contagiosa, quasi abulia, que a pena privilegiada de Euclides da Cunha tão bem descreve.

Qual o homem que, não levando a vida afanosa dos centros demográficos, não seria capaz de cultivar pés de manivá, milho, abóbora e batata doce, que chegassem para matar a fome, sua, de sua mulher, de seus filhos; engordar seu porquinho, suas galinhas, e ainda sobrar para os animais silvestres?

O Brasil é a Canaan do Novo Mundo. Quereis pão? Aquí está a mandioca. Careceis de hidrato de carbono? Vitamina? Eis a cana de açúcar, o mel, as frutas. Proteína? Lipide? Aquí estão os rebanhos, as caças, os peixes, os côcos e, entre êles, o baobá.

É o nosso porquinho! Nosso porquinho isento de peste e das epizootias que assolam outros países! Nosso porquinho onívoro, que engorda com buriti, rizomas e raízes das charnecas, goiabas e minhocas!

Entretanto, a gente viaja por

êsse mundão de Cristo, dias a fio, sem comer toucinho...

É engraçado. A gente pergunta a um morador:

— Ó amigo, o senhor não pode arranjar-me uma temperaduriuha de gordura?

— Num tem... Tinha um capadinho no chiquêro, mais porém num tinha nada pra cumê, foi perciso matá êle, e isso aquí... é memo qui porva.

— Uns ovos?

— Num tem... Tiú num dêxa...

— E um frango?

— Num tem... Bicho do mato cumeu tudo...

— Um pouquinho de milho para dar ao meu cavalo.

— Tamém num tem... Eu prantei u'a rucinha, mais porém chuveu pôco; as praga istragou caje tudo... Ficou u'a ribulêra, mais... foi só cabá de cuiê e cabá de cumê.

Por falar em falta de toucinho, lembrei-me de um caso passado há muitos anos.

Viajava um senhor de nome Malaquias, com um camarada, levando uma pequena comitiva, pelos sertões de Goiaz.

Havia dias, comiam feijão pagão e arroz canjã, pois não encontravam uma ôlha de gordura pelas moradas onde passavam.

Um dia, aportaram à fazenda dum tal Sr. Epifânio, no meio de um ermo

A recepção não foi agradável. O dono da casa tinha cara de poucos amigos, cousa de se admirar no sertanejo, pessoa de índole habitualmente pacata, e amável.

Contudo, o nosso viajante, engulindo em sêco, aventurou as palavras sacramentais:

— O senhor tem aí um naco de toucinho para me vender?

— O que?... Toicim?...

Ocê tem corage de falá ni toicim? Isso aquí é crime

Estava decidido. Nem pre-

cisava falar mais nada. Foram os dois pobres apear na "casa de passageiros" e o camarada desarreou os animais.

Malaquias gemeu: Que faremos sem toucinho!

Nisto, o camarada começa a farejar no ar. O patrão, notando-o, perguntou-lhe:

— Ó rapaz, você está sentindo algum cheirinho de torresmo?

— Eu estou sentindo um cheirinho, mas não é de torresmo, não sr.. Eu estou sentindo uma catinguinha, mas é de chiqueiro...

— É mesmo. Eu também estou sentindo, Martim, meu rapaz! Vá sondar aí pelos fundos!

Daí a pouco chegava o camarada.

— Patrão, patrão! Um capadão no chiqueiro!

— Não diga! Que achado! Corra à casa do velho. Veja se consegue induzí-lo a matar o suino.

— Eu... Virgem Maria! Oh patrão, eu não tenho coragem de falar nisto! Aquele sujeito é capaz de me largar um tiro na cara. Deus me livre!

— Então eu mesmo vou.

É foi. Bateu à porta. Seu Epifânio saiu com a cara amarrada.

Malaquias ensaiou eloquência... tossiu... temperou a guela... sem resolver.

— Qui é qui qué? urrou o proprietário.

— Vim ainda pedir-lhe. Tenha pena de um pobre viandante! Arranje-me o toucinho...

— Ind' evém? Ind' evém? Já disse qui num tem toicim.

— Mas, amigo... eu trago dinheiro... pago bem... Talvez o senhor tenha aí algum porco. V. Sa. podia matá-lo e eu comp...

— Matá m'ô poico?... Matá m'ô poico? Ora dá-se! Isto só é qui fartava! Num mato não... Vai cantá nôta friguia.

— Mas, amigo...

— Já falei... Num tema cumigo não... Vai sê besta

mais adiante. Ora, ora, ora! Matá m'ô poico!

E o bicho-fera rangia o resto de dentes, batia o pé, fungava, que estava uma cousa medonha.

Malaquias voltou desiludido para o rancho.

— Martim, meu negro! Não pude dar volta no bicho, não. Vá você! Experimente. Rogue. Suplique. Faça-lhe carícias...

— Ora, patrão! Se o sr. não pôde, que direi eu?

— Vá, meu bom Martim! Só você conseguirá convencê-lo. Você é mais jeitoso do, que eu. Vá... Esgote suas lábias, mas me traga o toucinho.

Foi o Martim. Com muito jeito... muita humildade, apenas pôde evitar nova crise de nervos; mas, convencer aquela alma perra, isto não.

Rodando o chapéu na mão, foi dizendo até logo. Deu um suspiro e concluiu:

— Aqui é a terra onde "doutor" passa sem comer toucinho!

— O que?... Seu amo é dotô?

— É, sim sr., fez o Martim, reprimindo o riso.

— Ora! Pruquê quêle num falô! Vai chama êle! trais êle aqui já!

Chegado ao rancho, Martim cientificou o amo da novidade e os dois combinaram os planos.

Quando Malaquias, já enfronhado no seu papel, pisou o alpendre do fazendeiro, notou-lhe a transformação psíquica radical.

— Ai seu dotô! Vancê me perdôa! Eu num sabia qui vancê era dotô! Caje caje qui vancê vai simbora sem eu sabê. M'a muié tá passano munto perrengue. Mandei chamá vancê pa oiá prela. Ela tá c'ua barriga praquí ansim. Vancê entra lá dento pra vê ela.

O nosso improvisado clínico entra no quarto. Aí estava a mulher deitada na cama, arquejando, com uma anasarca enorme.

Ora, o Malaquias era um sujeito corrido, mas não era

lido. Muito pouco sabia de português, e, de medicina, nada! Nem era capaz de dar um purgante de sal amargo. Entretanto, procurou assumir a pose de um médico.

Pulsou a enferma pelo lado exterior do ante-braço; auscultou-a no ventre; fez-lhe diversas perguntas, cada qual mais disparatada. Ouviu da doente a narração cansada, enquanto o marido, com uma solicitude nervosa, aguardava o terrível diagnóstico.

O "doutor" Malaquias, espichando o lábio inferior, foi batendo com a cabeça, pausada e repetidamente. O marido atreveu-se a perguntar:

— O má é grave, seu dotô?

— É... é gravíssimo.

— O qui é quela tem, seu dotô?

O Malaquias estava dando tratos à bola à cata de um nome espaventoso para dar à moléstia. Por fim achou um.

— Sua patroa está com uma enfermidade terrível!

— Quê quela tem?

— Hum! Está com uma tipografia na barriga.

— Hum, hum, hum, hum! fez o pobre homem a benzer-se.

Naquele tempo a palavra *typographia* ainda era um neologismo.

— Ih! seu dotô! Essa mulestra é munto harrorosa; né?

— Se é!

— O qui é qui cura?

— Banha de porco sem sal.

— Cumé qui toma?

— Assim. Todos os dias, de manhãzinha em jejum, dê-lhe uma chícara de banha derretida.

Daí a minutos, o porco gritava na faca.

Não é preciso dizer que o "doutor" ganhou uma boa manta de toucinho, muita carne, e algumas dúzias de "Deus-te-ajude", quando disse que a receita não custava nada.

— Martim. Arrume estes trens nas bruacas, depressa! Arreie os animais; vamo-nos embora e... taca nos burros!

Daí a pouco despediram-se

os viajantes e partiram...

* * *

Passaram meses, durante os quais Malaquias realizou seus negócios.

Agora é a volta! Tinham de regressar pela mesma estrada e não havia desvio, pois o sítio do Epifânio era encravado entre duas serras.

Quando estavam perto, Malaquias perguntou ao peão:

— Martim, meu rapaz, não haverá meios de desviar, não?

— Não há, patrão. Não tem jeito. Temos que passar no pátio da casa e então... será o que Deus quiser!

Ambos estavam inquietos. Sobretudo o patrão.

— Então, se não há outro recurso, tire um molho de capim, tape o sincerro da "madrinha" e vamos devagarinho. Não tanja os animais. Não seria bom atar-lhes os beiços para não esturrarem?

Ao aproximarmos da casa, deixemos a estrada e vamos por dentro do mato, rodeando-a, até lá adiante.

Assim iam. Quando senão quando... deram de testa com o Epifânio. Vinha da caça, com uma "chumbeira" ao ombro.

Quando Malaquias viu aquela cara e aquela espingarda, gelou-se-lhe o sangue nas veias. Sentiu uma sensação esquisita na região abdominal e quasi caiu do cavalo.

E seu Epifânio, quando o avistou, foi logo gritando:

— Ai seu dotô Malaquia! Vancê aqui pur essas onda? Adeus! Cumo tem passado? Foi bom de viage? Vanceis tão perdido. O camim lá de casa é pruculá. Vamo pra lá. Seu dotô vai posá cum nós. Eu tem munta coisa pra conversar c'o sinhôro. Eu puxo o carguêro da frente e vanceis mi acompanha.

O ex-doutor estava interdito. Tão perturbado se achava, que até se esqueceu de indagar pela mulher.

Ainda não bastava para fazê-lo recuperar a serenidade, ouvir estas palavras:

— Ai seu dotô! O sinhô vei mandado do céu! Aquele re-

VARIAÇÕES SOBRE "OESTE"

Hélio A. Lobo

Há um aspecto novo, sob o qual cresce de vulto a significação de "OESTE". É que esta revista veio à publicidade numa época das mais difíceis para as iniciativas desse gênero.

Sòmente muita audácia, muita temeridade, muito otimismo e entusiasmo poderiam determinar o arrôjo de tal realização, nos dias inquietos que estamos vivendo.

A verdade é que atravessamos uma fase de grande marasmo intelectual. Aquí, ali, em tôda parte.

Poderíamos apontar a guerra como causa desse hiato, dessa estagnação?

A resposta não pode ser dúbida. Há-de ser pela afirmativa. Quem não crê numa íntima conexão do fato literário com o fato econômico-social?

Não é sòmente falta de açúcar e de gasolina que a guerra traz em seu bojo. Também as letras caem no racionamento... E o racionamento literário assume proporções ainda mais graves, pois não é só quantitativo. É também qualitativo, exceto quanto à poesia (estamos falando em poesia e não em "calamida-

des" poéticas) que, em tempo de guerra, não sofre tanto o "acionamento" qualitativo, pois é, como muitas vezes a música (a "Marselhesa" por exemplo), diletta companheira do "trágico".

Existe, portanto, o racionamento literário, tendo a guerra como grande responsável, sem ser única.

Aliás, não podia ser de outra forma, pois a guerra interpenetra tôdas as idéias, tôdas as atividades, tôdas as vidas.

Traz sobressaltos, incertezas, desequilíbrios. A literatura não podia fugir à contingência geral.

E foi exatamente nestes dias vacilantes e incertos que surgiu "OESTE". O que conforta, o que é incentivo, o que é estímulo, é que encontrou o mais franco e caloroso apóio da inteligência goiana.

Esta esplêndida vitória se agiganta admiravelmente em face da época convulsa em que se assinala. Ela é o melhor penhor de que a obra não perecerá. Há-de continuar, cimentando-se cada vez mais, até que alcancemos a paz definitiva, cujos sinais precursores dia a dia se apro-

ximam, anunciando a derrocada final da opressão diante deste magnífico e inestimável a que o homem jamais renunciará: a liberdade.

Depois da tormenta, quando as idéias se assentarem, encontrando afinal o ponto de apóio que a guerra lhes rouba, tornando-as instáveis e oscilantes, há-de desaparecer este marasmo literário de agora, em face de diretrizes definidas, que por certo advirão.

"OESTE", que vem vencendo galhardamente o mar revólto, alcançará então novos e mais expressivos triunfos, que não-de consagrará não apenas como surpreendente realidade, mas principalmente como formidável vitalidade, dentro das letras do Brasil Central.

A democracia, para sobreviver, necessita de se adaptar aos novos tempos, na procura de um equilíbrio dinâmico entre as concepções políticas que a negam ou querem subvertê-la. O velho conflito da autoridade e da liberdade só admite a sabedoria das soluções concretas e realistas, conforme os sentimentos e as exigências de cada época.

Getúlio Vargas

O Estado Novo não se filia, com efeito, a nenhuma ideologia exótica. É uma criação nacional, equidistante da licença demagógica e da compressão autocrática, procurando conciliar o clima liberal, específico da América, e as duras contingências da vida contemporânea, cheia de problemas e de riscos e varrida de ondas de inquietação e de desordem, instável no seu equilíbrio, obrigado a criar novas formas para o trabalho, a produção, a distribuição dos bens, o manejo do capital e da moeda, e, sobretudo, as novas configurações políticas, sociais e morais, em que o turbilhão de idéias, de sentimentos e tendências encontra o seu estado de satisfação e de repouso.

Francisco Campos

A política do Estado Nacional Popular se fundamenta no fortalecimento dos fatores que determinam a compreensão mais profunda das nossas realidades. E conseguintemente o homem brasileiro jamais experimentou uma quadra de valorização igual à que se observa neste momento culminante da história.

Aleamar Vidal

méido! Qui reméido santo!

O "enviado do céu", entretanto, estava mudo e quêdo. Parece mesmo que tinha perdido a loquela.

Finalmente arriscou-se a perguntar com voz quasi sumida:

— Como vai a patrôa?

— Ai seu dotô! tá bo... inha!

— Ela se deu bem com a... com a...

— Ca banha do poico? interrompeu o velho. Aquilo foi um reméido protento!

Eu fiz dereitim quem vancê me arricumendou. Todo dia, diminhãzinha cedo, eu impurrava u'a chirca de ba-

nha na véia e... miô bem... a véia danô a dá de coipo... qui era u'a coisa medonha! Era inriba da cama memo... E a barriga foi desmanchano... foi desmanchano... inté cabou.

Agora só se vê! Tá lá bôa, lutrida, trabaiano quem um'a moira.

Vancê vai vê cumé quela tá bunitona e sacudida!

Mas o Malaquias não estava satisfeito.

Sua consciência atormentada dizia-lhe que aquele homem... aquele homem... estava-lhe aprontando uma traição...

Frigorífico Triângulo Mineiro S/A

Assim se manifestou o nosso colega "Lavoura e Comércio", prestigioso órgão da imprensa uberabense, em sua edição de 11 de Maio d'êste, sôbre a Diretoria do FRIGORÍFICO TRIÂNGULO MINEIRO S/A, dando também sua valiosa opinião sôbre o projeto dos estatutos dessa grandiosa emprêsa:

"Empreendimento de indiscutível importância social e econômica é, sem nenhuma dúvida, o Frigorífico Triângulo Mineiro S/A, que se está organizando nesta região e tem a sua Sede Comercial em nossa cidade.

Essa iniciativa, que merece o melhor apóio de nossas forças conservadoras e de todos aqueles que desejam apoiar os movimentos de puro nacionalismo em prol do engrandecimento de nossa economia e da solidez da mesma, é, entre todas as congêneres, a que indispensáveis garantias oferece e a que especial interesse e atenção deve despertar entre nós.

Isso porque o Frigorífico Triângulo Mineiro S/A será a maior companhia frigorífica do país a realizar-se com capitais nossos, razão por que todos nós devemos nos empenhar decididamente pela sua vitória e consolidação.

Não se trata de um empreendimento de caráter municipal, regional e estadual, mas uma emprêsa que interessará a todo o país, porque pelo Brasil inteiro se disseminarão as suas ações, chamando todos o elementos de trabalho e de capacidade financeira a cooperarem para o êxito de iniciativa tão louvável.

E se na parte da organização o Frigorífico Triângulo Mineiro S/A já demonstra a sua eficiência e os seus planos bem claros de trabalhar pelo engrandecimento da economia nacional, trazendo, particularmente, para Uberaba, grandes capitais que aqui terão o seu ponto de convergência, ainda mais se recomenda essa sociedade pelos elementos nela integrados, ocupando postos de destaque na sua diretoria.

Publicando hoje o seu manifesto, os seus estatutos e, ao mesmo tempo, a sua diretoria, é nosso propósito divulgar o mais possível, para conhecimento de todos os atuais e futuros interessados, as bases sólidas em que se cimenta a arrojada emprêsa.

No manifesto e nos estatutos, encontramos inteligivelmente expos-

tas as linhas mestras da orientação geral e já aí podemos ver que se trata de uma iniciativa das mais idôneas, vazada em planos consistentes e de execução plausível, atendendo a todas as exigências técnicas, econômicas e mesmo jurídicas; e na lista de seus diretores deparamos figuras de maior realce em nossos meios sociais, pecuaristas, comerciais, industriais, intelectuais e culturais.

Êsses elementos, pelas suas qualidades pessoais e pelos seus abalizados conhecimentos profissionais e sua idoneidade moral e econômica, são penhores seguros da própria probidade e solidez do futuro frigorífico.

Na sua presidência, figura o sr. cel. Joaquim Machado Borges, uma das expressões mais altas da nossa pecuária e incrementador desta fonte de nossa riqueza, que é o gado indiano. A seu lado, notamos, respectivamente, na vice-presidência e como diretor-secretário, dois elementos de prestígio nos meios pecuaristas desta região, srs. Torres Homem Rodrigues da Cunha e sr. dr. J. S. Rodrigues da Cunha, que aliam às suas qualidades de fazendeiros as de farmacêutico e laboratorista abalizados. Como diretor-tesoureiro está o sr. dr. Mozart Furtado, médico dos mais capazes e acatados em nossos meios e também destacado criador e proprietário. Salienta-se, no meio d'êstes diretores, o nome do sr. dr. Antônio Severino Coelho, que, como diretor-superintendente, é o elemento de maior responsabilidade dentro da diretoria, o principal orientador e organizador da grande emprêsa. Suas qualidades excepcionais de engenheiro e técnico em assuntos como o que lhe está agora em mãos são das mais reputadas e recomendáveis.

No Conselho Fiscal, alinham-se nomes de não menor projeção nesta região, pecuaristas evolutivos, como os srs. Licínio Cruvinel Rato, Mário de Almeida Franco; comerciantes e industriais de muito crédito, como os srs. Joaquim Alves Pereira, Tubal Vilela da Silva, além do ilustre e incorporador da firma sr. dr. Afonso Negreiros de Lobato Júnior e o abalizado médico e industrial, sr. dr. Jorge A. Franço.

Compõe-se a Diretoria, ainda, de um Conselho Consultivo, onde se destacam os seguintes elementos, figuras de prol da pecuária, do co-

mércio, da indústria, das classes liberais e conservadoras do Triângulo Mineiro: srs. Afrânio Francisco de Azevedo, Aureliano Luiz da Costa, Argemiro Vicente Lopes, Ranulfo Borges do Nascimento, Lamartine Mendes dos Santos, Adelino Borges de Araújo, Joaquim de Oliveira Prata, Antônio Zeferino dos Santos, Antônio Fontoura Borgês, dr. Alírio Furtado Nunes, Celso Rodrigues da Cunha, José Miranda, José Toubes Barca, Antônio Alberto de Oliveira, adiantados e inteligentes criadores; srs. Santiago Sabino de Freitas, Jaime Soares Bilharinho, Antônio Sebastião da Costa, conceituados proprietários nesta cidade; drs. Sabino Vieira de Freitas e Alvaro Teixeira, abalizados médicos; drs. Aristides Cunha Campos, Milton Grandinetti, Homero Vieira de Freitas e Georges de C. Jardim, advogados em nossos auditórios; dr. Tomaz Bawden de Camargos, engenheiro, diretor do Departamento de Eletricidade e Água de Uberaba; sr. Abel Reis, ilustrado engenheiro civil; dr. David Carvalho, conceituado farmacêutico; sr. Antônio Alcarraz Pires, banqueiro e gerente do Barco Mineiro da Produção; sr. Nicanor de Sousa Júnior, diretor de "O Triângulo".

Como se vê, trata-se de uma organização alicerçada em concretas bases e amparada por nomes os mais conceituados desta região, integrantes de seu conselho diretor, o que lhe garante um sucesso certo e êxito pleno, o que, aliás, lhe desejamos neste registro que aqui fazemos como complemento de seus estatutos e manifestos"

Somente um Estado que se encarna num chefe pode ser um Estado popular. O Estado sem chefe é uma entidade para juristas, algebristas e especuladores da política, da bolsa, da indústria e da finança, interessados em que o Estado seja amoral, apolítico, neutro, indiferente, uma disponibilidade a ser usada nas combinações ou na concorrência de interesses. O povo, como o Creador, não conhece vontade abstrata; a vontade, para êle, encarna-se na pessoa. O povo não conhece o Estado desencarnado, reduzido a símbolos e esquemas jurídicos. O Estado popular é o Estado que se torna vizível e sensível no seu chefe, o Estado dotado de vontade e de virtudes humanas, o Estado em que corre não a linha da indiferença e da neutralidade, mas o sangue do poder e da justiça — FRANCISCO CAMPOS

11 DE JUNHO

A admirável coerência política da América não é um fato que possa, porventura, ser justificado ou mesmo explicado pelo sentimentalismo da fauna liberal, sempre imersa em divagações de teorias inadaptáveis à realidade das contingências quotidianas. É algo que ressuma dos mais altos exemplos continentais, sereno e imutável como a alma livre e altaneira que anima o organismo imenso e forte dessa grande pátria de nobres ideais que vai do Alasca à Terra-do-Fogo. O panamericanismo está eloquentemente atestado nas páginas da história dos povos ocidentais, que, se lutaram entre si, alguma vez, o fizeram exclusivamente em nome de seus mais sãos princípios de ética política e de solidariedade inquebrantável. Se aqui ou ali surgem elementos que procuram quebrar o ritmo excepcional em que vivem todas as grandes nações da grande América, poder-se-á então afirmar que haverá dissidências, as quais, no-entanto, só têm um fito, em sua essência — a perpetuação da liberdade e da fraternidade no maravilhoso mundo de Colombo.

O 11 de Junho de 1865, que registou a batalha de Riachuelo, é um exemplo vivo dessa irrefutável assertiva. O Brasil e o Paraguai, duas grandes nações, se defrontaram numa extraordinária luta naval, a maior do século XIX, como disse Ernesto Sena. De um lado, o lado brasileiro, estavam as forças insubjugáveis dos ideais libertários da democracia, estava a tradição imor-

redoura das plagas do Novo-Mundo, simbolizadas na figura patriarcal de Dom Pedro II, o imperador democrata, no dizer de seu contemporâneo Charles Ribeyrolles. Do outro lado, estava em combate a tirania de Lopez, representante de um processo político que não medra entre os povos americanos — a ditadura. Entre Mezza e Barroso existia uma grande diferença: um defendia as aspirações de um homem ambicioso e o outro defendia o patrimônio inviolável de um continente. E nem os fatores, via-de-regra tão ponderosos, da surpresa e do frio planejamento da batalha, com que contaram as hostes ditatoriais, foram suficientes para abalar as energias da esquadra brasileira. As águas turvas do rio Paraná se tingiram trágicamente de sangue, mas não foi isto em vão, porque seria o Brasil, que naquele dia encarnou a liberdade da América, o vencedor supremo do feito excepcional. E a gloriosa bandeira nacional não se arriou no "Paranaíba", porque as suas cores espelhavam, não as ambições pessoais de ninguém, mas a consciência definida de suas numerosas irmãs.

Episódios como a batalha de Riachuelo, em cujo decurso a bravura brasileira mais uma vez se pôs

em honrosa evidência, devem ser respeitosamente relembrados como exemplos que são da invejável unidade política da América, que a tirania nunca vencerá. Essa unidade jamais foi quebrada, e jamais o será, porque ela paira acima das circunstâncias momentâneas de um ou outro governo transviado do tradicional caminho seguido pela magnífica família americana. Serenados, todavia, os ânimos, volta o ritmo internacional dos povos por excelência livres em todo o globo — os povos americanos. Volta a cordialidade característica dos que vivem e trabalham, honradamente, sob um mesmo imenso teto.

Ao se falar da batalha de Riachuelo, que simboliza a vitória da democracia sobre os insólitos agentes da opressão, não será hoje, decerto, inoportuno fazer referências ao recíproco tratamento amistoso do Brasil e do Paraguai, tão calorosamente demonstrado, ainda no mês transato, quando o General Higino Morigino, ínclito Presidente do grande país irmão, esteve em visita ao admirável e objetivo panamericanista e eminente brasileiro Getúlio Vargas. Duas grandes figuras de duas grandes nações — unidas, porém, por um único ideal político: a liberdade democrática. Quando desse modo representadas por homens de tal estatura, não há dissidências nas terras abençoadas do continente colombino. Os ressentimentos se esquecem e as dívidas se perdoam.

Essa é a verdadeira América. Unida e invencível.

Brilha, lá fora, a turma de "Oeste"

O dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Departamento Administrativo e Professor da Faculdade de Direito, e que é, também, um dos redatores de "Oeste", acaba de ser honrosamente distinguido pelo conhecido e abalizado professor paulista, dr. Alfredo Gomes, autor de várias obras didáticas de inegável mérito, muitas das quais adotadas em vários estabelecimentos de ensino secundário do país. É que aquele conceituado professor incluiu, no livro de sua autoria: "História do Brasil", 4ª. série, na parte referente à Segunda República e no capítulo em que estuda a nova orientação política brasileira, um longo trecho do trabalho que, sob o título — "O Estado Brasileiro e o sentido do nacionalismo", o nosso ilustre redator publicou em "Cultura Política", revista que se edita na Capital Federal, sob os auspícios do DIP.

A distinção é tanto mais honrosa quando seguiu o professor Alfredo Gomes um critério rigoroso na seleção dos trabalhos citados, entre os quais existem alguns de autoria de nomes do porte de Euclides da Cunha, Ronald de Carvalho, Afonso Celso, Varnhagem, Júlio Maria Belo.

A propósito, recebeu o dr. Paulo de Figueiredo a seguinte carta do mencionado pedagogo paulista: — "Exmo. Sr. Dr. Paulo Augusto de Figueiredo,

D. D. Presidente do Departamento Administrativo,
Goiânia,
Respeitoso saudar.

O ilustre presidente do D. A. do Estado de Goiás receberá com grande surpresa este livro, porque estará longe de imaginar que um autor paulista teve a idéia de ligar seu nome a um trabalho didático.

Mas a explicação é demasiado fácil. Lendo quasi tudo que se publica pelo nosso Brasil e que lhe diga respeito, não me escapou a excelência do trabalho "O Estado Brasileiro e o sentido do nacionalismo", de sua lavra. Tendo adotado em meus livros uma orientação brasileira para brasileiros, fruto do forte espírito que me anima de ser útil à minha Pátria, resolvi aproveitar parte do seu trabalho como oportuna e valiosa leitura final de um dos capítulos do livro "História do Brasil", para a 4ª. série ginásial. Agora, não seria elegante deixar de oferecer a tão ilustre colabora-

dor um exemplar da modestíssima obra de minha autoria. Pago-lhe a boa contribuição com esta oferta espontânea. Resta-me apenas aguardar notícia referente à chegada em mãos dos livros.

E protestando a mais elevada e respeitosa consideração, subscrevo-me,

a) Alfredo Gomes"

* * *

Outra distinção expressiva vem de ser concedida ao nosso diretor, Gerson de Castro Costa, figura de relêvo em nossa administração, onde ocupa o alto cargo de diretor Geral do D.S.P., jornalista e literato de raros méritos, e cujo nome já transpôs as fronteiras do nosso Estado. É que um seu artigo, publicado em "Correio Oficial", sob o título "O maior cumpridor de promessas do Brasil", foi aproveitado pela revista "Dos jornais", editada na Capital da República.

Sabendo-se que aquela revista seleciona artigos publicados em todos os jornais do Brasil, avulta de valor tal transcrição, colocando-se, o nosso ilustrado diretor, na vanguarda do jornalismo brasileiro.

E aí estão dois triunfos com os quais "Oeste" e, com "Oeste", todos os goianos se rejubilam.

A Poética de Felix de Bulhões

G. de Sousa Rio, abril de 43

“Sem vinho nem poesia, não teria propósito nenhum a existência das colinas e da água; sem a companhia de mulheres formosas se dispensariam as flores e a luz. Os homens de talento que são ao mesmo tempo belos e as lindas mulheres que também sabem escrever não poderão viver por muito tempo. Isto não é somente porque os Deuses tenham ciúmes deles, e sim porque este tipo humano não é unicamente o tesouro de uma geração, mas o tesouro de todas as épocas, de modo que o Criador não quer deixá-los demasiado tempo neste mundo, por temor ao sacrilégio”. (LIN YUTANG).

E assim quis o Criador. FELIX DE BULHÕES, músico e poeta de talento de fins do século XIX, nasceu em Goiaz lá pelo ano de 1847, vindo a falecer em 1886. E adivinho, já dizia em seu

PRESÁGIO

Não sei que funesto agouro
 Me prevê meu coração . . .
 Talvez que a campa mui breve
 Seja a minha habitação.

Talvez que a foice da morte
 P'ra sempre me quebre a lira,
 Talvez . . . não sei o que sinto
 Meu peito geme e suspira.

Morrer, qu'importa, ainda moço
 Cheio de tanto vigor;
 Não morre em seu botão
 A linda e mimosa flor ?

O que logo surge em suas “Poesias” é um grande sentimento da Natureza, derivado, sem dúvida, das belezas maravilhosas que o cercavam, das variadas paisagens da terra goiana, de sua primavera florida, que ele nos descreve nos versos fluentíssimos:

Qual túnica gigantea, — o fumo da queimada em manto côr de cinza envolve a serra.
 De sob a gaze escura irrompe o rei do dia
 irrútilo, — enorme braza entreapagada.

É para no-la pintar, a queimada, a contorcer-se, a lavar:

Epiléptica, doida, em rígida lufada
 Brame lá pelos morros atra ventania,
 E das sarsas lambendo a rábida ardentia
 Em um banho de fôgo ulula desvairada.

Depois rasgando à cinza e o solo carbonado,
 Verdejam rebentões os montes e a planura,
 E vem depois da flor o fruto cubiçado.

E com o instinto de poeta, capaz de descrever sem alterar as leis da natureza:

E da primeira chuva a mádida frescura,
 Rejuvenesce e ri-se (é isto lei do fado)
 — Eterna salamandra — a próspera natura.

Com a retina plena das harmonias da terra natal, aquela terra de arróios murmurantes e madrugadas e crepúsculos sem par, o poeta observa:

O altivo Cantagalo ao norte a calva erguia;
 ao sul da Serradoiro alcantís luzentes;
 e, envolta em cache-nez de rosas esplendentes,
 Por sôbre o Dom Francisco a madrugada ria.

Da janela suspendo as tampas corredeças,
 Que do Cafarnaum que habito olham p'ra rua,
 Por gozar d'alvorada as límpidas primícias.

Para acabar nesta síntese da vida goiana:

Alí o povo mexe e vira e tumultua . . .
 Não é a natureza, não, que nele atua:
 — Comprava carne fresca e farejava missas.

Mas não eram somente a Natureza, as florestas, as queimadas de agôsto, as fontes de inspiração do poeta. No tema antigo e sempre novo do Amor e da Mulher, dava largas à expansão de sua personalidade transbordante. E ele diz meiga e delicadamente, divinizando a mulher:

Pérola fina de amor
 Em ti pôs a natureza
 O quanto achou de beleza
 Nas obras do Criador.

E, cantando-lhe as faces, os olhos, os cabelos, continua:

Ao burití sertanejo
 Colheu a graça e esbelteza
 — Donairoza gentileza —
 Que no teu porte eu vejo.

E depois roubou à Aurora
 Ésse tão casto sorriso,
 — Reflexo do paraíso, —
 Que em teu lábio mora.

E assim vai indo, para acabar suspiroso:

Ai! . . . não sei qual eu seria
 Se um só olhar tu me desses;
 Se esses olhos me volvestes
 Amorosos algum dia!!

Mas, a-pesar-de exclamar ébrio de ventura:

Coado na folhagem qual se fôra em filtro,
 Banha em ondas de luz teu lindo rosto e o seio!...
 Com inveja de mim estava o sol, — o biltre!

FELIX DE BULHÕES traduz, nas suas poesias, tristeza, melancolia e saudade. Eis como se queixa em um dos seus poemas:

Mas ai! filha, que a lira
 De há muito já não canta — geme e chora.
 Peço-lhe uma canção — ela suspira.
 Quero agora cantar — soluça agora.

O meu pobre jardim está tão pobre . . .
 Tão pobre que faz dó:
 Busco uma rosa em vão, só me descobre
 Saudade . . . saudade só.

Este raio de sol tão claro e vivo

Que me está afagando,
 P'ra os outros alegria, p'ra o pobre cativo
 Vai-se em melancolia transformando.

Queria mandar-te um canto,
 A lira m'o recusou,
 Vai uma gôta de pranto
 Que a saudade arrancou.

Não se pode transcrever num simples apanhado toda a beleza e flexibilidade dos seus versos, cujos ritmos pareciam originados do ritmo do seu coração. E é o poeta gentilíssimo que escreve:

“Lembrança e saudade” mandaste-me ó! filha,
 Na branca rendinha
 De linho de França;
 Do linho de França não faço os encantos,

Mas torno-te em cantos
"Saudade e lembrança!"

Para terminar nestes versos ternos e amargos de saudade:

"Lembrança e saudade"! Foi nota sentida
De um'alma querida
Que a ausência não cansa.

Descansa, que a ausência, qu'as almas corrompe,
Nesta alma não rompe,
"Saudade e lembrança"!

E solitário, com aquela melancolia que sempre o acompanhava e transparece em muitas de suas poesias, com a alma cheia das visões dos horizontes e serranias natais, diz e pressente com a coragem que só as almas de escol o sabem ter, nos versos magníficos do

— SO' —

Parei! — chegado havia ao cimo da montanha
Aspérrima e tamanha — o sol morria além!

Parei; sentei-me-à beira do caminho,
Sentei-me ali sòzinho,

Eu só sem mais ninguém.

O vencido estádio orcei de um lance d'olhos
Sem contar os abrolhos. Muito, muito além,
Nas veigas serpeava o trilho venturoso

Que eu correrá ditoso,

Eu só sem mais ninguém.

Atrás deixava o prado, a vida, a flor, o aroma,

E o doce amor que assoma à juventude. Além,

Além a névoa densa, a dúvida insegura,

Além a bruma escura,

Eu só sem mais ninguém.

Avante a escarpa está de crua descambada
Precípíte e eriçada, um passo mais além,
Eu vou com passo firme, resoluto e certo,
Para o eterno deserto,
Eu só sem mais ninguém.

Poeta, filósofo e pensador, FELIX DE BULHÕES vai traduzindo, na cadência de suas poesias, a luta universal, a desigualdade das vidas humanas, inda que envolva a crua verdade no véu diáfano da fantasia. E' quando nos diz:

A VIDA HUMANA

... é um mar que embala e que espedaça,
A' tona fulge a luz, no fundo é noite escura;
Luta em baixo febril a turba da desgraça,
Folga em cima feliz a turba da ventura.

A que luta na sombra é fraca, mas espera;
A que se embala ao sol é forte, mas descansa;
Sonha a de cima erguer-se à mais brilhante esfera,
Busca a de baixo erguer-se à lúcida bonança.

Vêde agora a batalha: A forte s'enfraquece
Nos ócios e no amor; a fraca se avigora
No trabalho e no amor; triunfa quem trabalha.

Vencida pela sombra a enfraquecida desce;
Sobe da noite ao dia a outra, vencedora.
Sempre assistí de longe à trágica batalha.

* * *

Como já o disse, é impossível anotar e comentar tôdas as suas poesias. Contento-me com estas, alargando-me por concorrer na ressurreição do grande poeta, cuja memória augusta honra a minha terra.

Nos tempos coloniais e no Império, nobremente eficaz foi a ação civilizadora da Igreja da terra anhanguerina.

Nos dias passados da velha e primeira República, é justo se reconheça que por Goiaz e por seu progresso espiritual muito se esforçaram os virtuosos bispos d. Cláudio José Gonçalves Ponce Leão, d. Eduardo Duarte e Silva, d. Prudêncio Gomes da Silva, cujos nomes ficaram, como beneméritos, inscritos na nossa história.

E nos dias presentes, a partir de 1923, aí está d. Emanuel Gomes de Oliveira, arcebispo da nossa Arquidiocese, a trabalhar infatigavelmente pelo nosso engrandecimento, pelo nosso progresso, prestando os mais relevantes benefícios à Igreja Católica, porquanto S. Excia. Reverendíssima sempre revelou notável descortínio político-administrativo.

Bonfim, onde derrama benefícios; é o centro de sua ação apostólica, cidade de clima privilegiado e que, por ser ponto central, reúne me-

PATRIOTAS

J. LUPUS

lhores facilidades de comunicação com tôda a Arquidiocese, permitindo irradiação de seu trabalho com mais eficiência.

Assim, é de salientar-se a criação, naquela lendária cidade, do Ginásio Anchieta, do Colégio de "N. S. Auxiliadora", educandários modelos que honram sobremodo a difusão do ensino no Brasil Central.

Recentemente, à margem da Estrada-de-Ferro, próximo à estação que serve a dita cidade de Bonfim, foi edificado suntuoso prédio destinado ao Seminário de Jesús Adolescente, cujas obras ascendem a mais de duzentos contos de réis, ou sejam Cr\$ 200.000,00.

Patriótica e benéfica foi também em Goiaz a atuação

de monsenhor Inácio Xavier da Silva, sacerdote virtuoso e goiano distintíssimo, que manteve na antiga capital, de 1890 a 1897, o órgão denominado "Estado de Goiaz". Humilde e singelo foi monsenhor Francisco Inácio de Sousa, mineiro de nascimento e goiano de coração, obreiro denodado do progresso católico de Catalão e Campinas, hoje elegante bairro de Goiânia.

Digno de louvor foi o paroquiano de Corumbá, de monsenhor Francisco Xavier da Silva, num período de mais de cinquenta anos. Querido e popularíssimo foi monsenhor Joaquim Confúcio de Amorim, que viveu na ex-capital do Estado, sempre acatado e estimado por todos, deixando perpetuado o seu nome à causa da Igreja.

Diversos outros sacerdotes seculares também souberam trabalhar em nobilitante apostolado religioso e patriótico em Goiaz, cuidando com especial carinho do *munus* sacerdotal e sempre se interes-

Amplia-se a grande obra da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência

A Legião Brasileira de Assistência, essa simpática instituição, sediada nesta capital pela Comissão Estadual e distribuída por todo o interior por intermédio das Comissões Municipais, continua intensificando cada vez mais o seu esplêndido programa de atividade, dentro do magnífico plano que se traçou de manter sob a sua carinhosa proteção as famílias de todos os reservistas convocados para o serviço ativo do Exército Nacional.

E, na execução desse programa, inspirado não só no mais sadio patriotismo, como no mais elevado e sublime sentimento de solidariedade humana, não espera a L. B. A. que às suas portas venham bater os que de seu auxílio necessitam, antes, pelo contrário, envia as suas legionárias, quais guardas avançadas desse grandioso Exército do Bem, em investigações por todos os recantos do Estado, em busca constante e sistemática de um caso a socorrer. Esse serviço é possibilitado pela perfeita organização da entidade, compreendendo o magnífico entrosamento das diversas comissões, de maneira a fazer canalizar para

saram por tôdas as boas causas do povo goiano.

A justiça da história e a gratidão popular obrigam fazer-se menção especial aos nomes das ordens religiosas, às quais o progresso de Goiás muito deve: a dominicana e a redentorista, que foram as primeiras a palmilhar Goiás, e a congregação salesiana, posteriormente.

É, pois, com grande satisfação que se regista a obra civilizadora da Igreja Católica neste Estado.

a sua sede, no Palácio das Esmeraldas, nesta capital, o conhecimento de todos os fatos constatados, onde são fichados todos os membros das famílias de convocados, que, desde então, passam a receber mensalmente, não só auxílios pecuniários, como tôda a modalidade de assistência, na proporção da necessidade de cada um.

E tem-se revelado da maior eficiência êsse trabalho. Enquanto no mês passado contava a Comissão Estadual da L. B. A. com trinta e poucos casos de famílias sob a sua proteção, no corrente mês êste número já ultrapassa a casa dos sessenta, atingindo por isso mesmo a despesa da instituição, nesse particular, a elevada soma de dez mil cruzeiros mensais.

Os relatórios enviados ultimamente pelas Comissões Municipais trouxeram ao conhecimento da Comissão Estadual, controladora do serviço, expressivos casos de famílias que estão a merecer assistência, principalmente nos municípios de Pontalina, Catalão e Goiás. Resumimos, a seguir, as informações das respectivas presidentes dos C. M., para que se tenha uma idéia precisa dos detalhes a que desce o serviço, na organização das fichas das famílias a serem socorridas.

De Pontalina — “A esposa do convocado é opilada e fraca, por ser sub-alimentada. A filhinha mais velha é mais ou menos sadia. A segunda, com três meses de idade, tem lábio liporino e nariz torto. É muito doente, raquítica e sub-alimentada. Chora muito e tem sub-pêso. O pai sofre maleita, contínuas dôres de cabeça, desfalecimento e é muito pálido. A mãe sofre reumatismo agudo, maleita e

contínuas dôres de cabeça. Devido à falta de recursos, não têm assistência médica. Estão temendo o frio, por falta de cobertores. Necessita de imediatos cuidados médicos a filha mais nova, sob pena de se a deixar morrer”.

De Catalão — “A progenitora do convocado, com 50 anos, doente e bastante enfraquecida, já se submeteu a dez operações. Existem uma irmã de 27 anos, paralítica, e um irmão muito enfraquecido e com a visão deficientíssima, havendo diversos casos de cegueira na família”.

De Goiás — “É realmente miserável o estado em que se acha a família desse convocado. Ela se encontra em estado precário; tendo há dias perdido uma filha, lutou para fazer o enterramento, pois teve que recorrer ao público. Há uma menina que sofre de acessos e que ainda não foi medicada, por falta de recursos. Em sua companhia mora ainda um irmão sandeu. Posso afiançar tudo isso, por ter-me certificado *de vista*”.

Hoje, as famílias desses convocados, cujos nomes omitimos propositadamente, estão sob o amparo da L. B. A., que, com as minúcias das informações acima, pode fornecer-lhes a assistência na proporção direta de suas necessidades.

Assim se desenvolve a obra maravilhosa da Legião Brasileira de Assistência em Goiás, essa maravilhosa instituição que dignifica e enobrece o espírito da mulher goiana.

A verdade integral só se obtém articulando o que o próximo vê com o que eu vejo, e assim sucessivamente. Cada indivíduo é um ponto de vista essencial.

ORTEGA Y GASSET.

REGULAMENTO INTERNO DA REVISTA "OESTE"

CAPÍTULO I

Das finalidades

Art. 1º — A revista "Oeste", de acôrdo com o decreto-lei nº 7.045, de 3 de fevereiro de 1943, terá por finalidade:

- a) divulgar assuntos de cultura em geral;
- b) fixar de modo particular, sempre que possível, as tendências literárias e sociológicas regionais;
- c) instituir concursos literários;
- d) incrementar e patrocinar publicitariamente a publicação de obras da literatura goiana;
- e) contribuir para a orientação do pensamento brasileiro num sentido nacionalista; e
- f) entender-se com as associações culturais no intuito de estabelecer com elas mútua colaboração.

CAPÍTULO II

Da Administração

Art. 2º — A revista terá sua Administração constituída da seguinte maneira:

- a) 1 Diretor;
- b) 6 Redatores;
- c) 1 Secretário; e
- d) 1 Gerente.

Parágrafo único — O Diretor, se julgar conveniente, poderá designar 1 Secretário, a mais, ao qual competirão as mesmas atribuições do primeiro.

Art. 3º — O Diretor é o responsável pela revista, cumprindo-lhe orientá-la conforme a lei de imprensa e consoante os interesses das culturas regional e nacional.

CAPÍTULO III

Do Diretor

Art. 4º — Ao Diretor compete:

- a) superintender tôdas as questões relacionadas com a revista;
- b) assinar a correspondência oficial;
- c) representar a revista ou delegar poderes aos membros da Redação para o fazerem;
- d) vetar, mediante justificação escrita, as decisões das Comissões de Censura relativamente a trabalhos de natureza política;
- e) coordenar a matéria a ser publicada, determinando-lhe a colocação e destaque; e
- f) distribuir trabalho aos membros da Redação.

CAPÍTULO IV

Dos Redatores

Art. 5º — Aos Redatores compete:

- a) redigir a matéria que lhes for atribuída pelo Diretor;
- b) desempenhar as atribuições que lhes forem cometidas perante as Comissões de Censura; e
- c) auxiliar nos trabalhos da Redação, quando solicitados.

CAPÍTULO V

Dos Secretários

Art. 6º — Aos Secretários compete:

- a) redigir a correspondência da revista;
- b) superintender os contratos e recebimentos de anúncios, de acôrdo com as instruções da Gerência;
- c) organizar os serviços que lhes são afetos; e
- d) desempenhar outras atribuições dentro de seu setor de trabalho, quando indicadas pelo Diretor.

CAPÍTULO VI

Do Gerente

Art. 7º — Ao Gerente compete:

- a) supervisionar os trabalhos da parte comercial da revista;
- b) fixar e modificar os preços de assinaturas e de anúncios;
- c) subscrever com o Diretor os talões de recebimentos de numerário; e
- d) dirigir e fiscalizar a confecção tipográfica da revista.

CAPÍTULO VII

Das atribuições comuns

Art. 8º — A todos os membros da Administração da revista compete em comum:

- a) zelar pelos assuntos da Administração, procurando trabalhar em regime de mútua colaboração;
- b) recortar tópicos e curiosidades de jornais e revistas;
- c) copiar frases curtas notáveis, mormente de autores nacionais; e
- d) procurar desenvolver as finalidades da revista.

CAPÍTULO VIII

Das Comissões de Censura

Art. 9º — A revista terá as seguintes Comissões de Censura:

- a) Comissão de Censura de Prosa, composta de quatro (4) Redatores; e
- b) Comissão de Censura de Poesia, composta de dois (2) Redatores.

Art. 10º — As Comissões de Censura tomarão decisões unânimes.

Art. 11º — Nos trabalhos que merecerem publicação será lançada a palavra "Aprovado"; nos julgados

inaptos para a publicidade, a palavra "Recusado" — devendo, num e noutro caso, ser a decisão subscrita por todos os censores da comissão julgadora.

Art. 12º — A censura não se restringe às questões gramaticais ou artísticas, tão apenas, devendo estender-se às observações políticas e administrativas.

Art. 13º — As Comissões de Censura serão designadas pelo Diretor.

Art. 14º — Os trabalhos submetidos à censura deverão ser devolvidos à Secretaria dentro do prazo máximo de oito (8) dias, após seu encaminhamento à comissão respectiva.

Art. 15º — Os redatores serão substituídos, nas Comissões de Censura, pelos Secretários.

CAPÍTULO IX

Das colaborações

Art. 16º — A Redação não endossa os conceitos emitidos em colaboração devidamente assinadas

Art. 17º — As colaborações deverão ser encaminhadas à Redação trazendo a assinatura, de próprio punho, dos colaboradores.

Parágrafo único — A exigência de que trata este artigo persiste mesmo nos casos de trabalhos apresentados sob pseudônimos.

Art. 18º — Os trabalhos não deverão exceder de oito (8) páginas dactilografadas, em espaço de dois (2), ficando ao Diretor a competência de decidir da publicação daqueles que não possam respeitar esse limite.

Art. 19º — Não serão publicados, no mesmo número, dois (2) ou mais trabalhos assinados de um autor, salvo quando se tratar de páginas especiais.

CAPÍTULO X

Disposições finais

Art. 20º — Os casos omissos neste regimento serão resolvidos pela maioria dos membros da Redação, sob a presidência do Diretor, aí se incluindo os Redatores, os Secretários e o Gerente.

Art. 21º — O presente regimento entrará em vigor na data de sua publicação no "Correio Oficial", revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Goiaz, em Goiânia, 26 de Maio de 1943.

João Teixeira Alvares Junior,
Secretário Geral do Estado.

OESTE

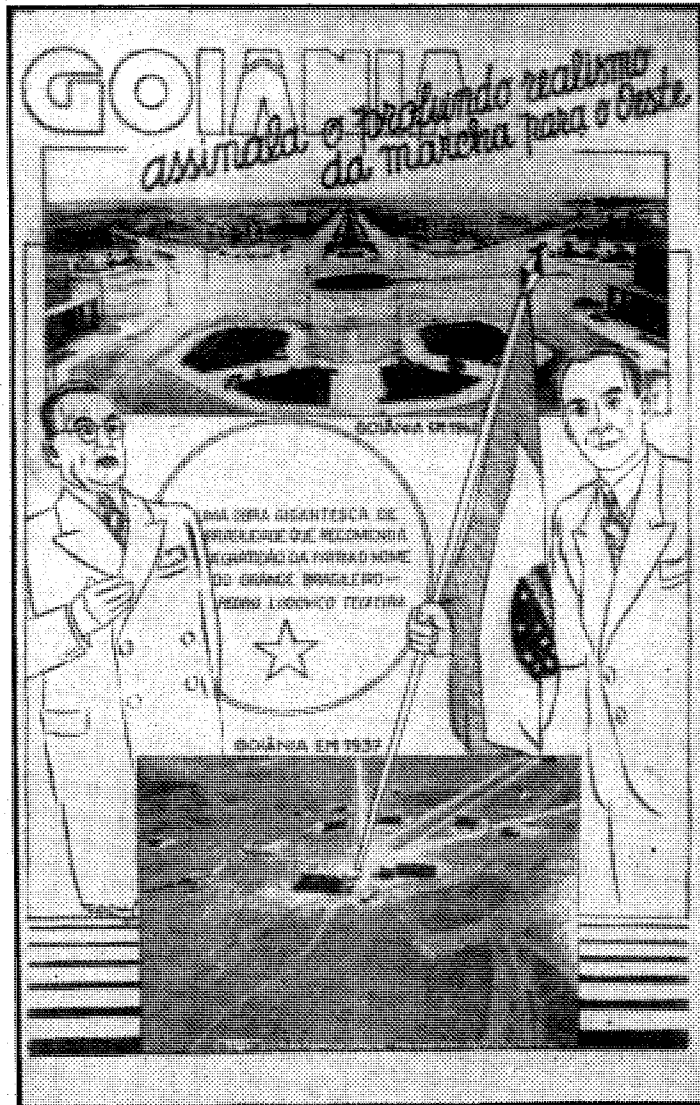
REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Julho de 1943

Núm. 6

O Governo Nacional, no propósito de impulsionar o Brasil como um todo orgânico e equilibrado, continuará a prestar-vos amplo auxílio, principalmente no que se refere ao desenvolvimento das comunicações e transportes ferroviários, fluviais e aéreos. Os benefícios resultantes dessa transformação em vossa existência econômica e política são evidentes e não constituem, por certo, obra do acaso ou efeito de circunstâncias fortuitas. E' preciso reconhecer, e desejo fazê-lo aqui, que, para alcançá-los, foi necessário colocar à frente do governo um homem da inteligência realizadora do dr. Pedro Ludovico Teixeira, devotado, desde 1930, ao bem público e ao serviço de seu povo. GETÚLIO VARGAS.



Goiânia apareceu com um objetivo de oxigenamento e progresso para Goiás. Surgiu como farol para iluminar o Estado. A velha terra de Anhanguera precisava de ser abalada por qualquer acontecimento que a fizesse lembrada e que a fizesse vibrar. Vivia sob tal modorra, sob tal apatia, que dava a impressão de que vivia de cócoras. "Tudo pequeno, vazio, rotina, burocracia", como dizia Benedito Silva. Goiânia foi o estímulo, o excitante, o choque que obrigou o nababesco paquiderme a levantar-se. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiás

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-let n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Julho de 1943

NÚM. 6

UM HOMEM E UMA OBRA



Dr. Pedro Ludovico Teixeira — Interventor Federal

Comemora-se, a 5 do corrente, o primeiro aniversário do “Batismo Cultural de Goiânia”. Tendo-se em mente a verdade proclamada pelo Presidente Getúlio Vargas, de que “o verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o oeste” — frase que sintetiza

toda uma compreensão sociológica de nossos problemas e indica um rumo político consentâneo com os imperativos de nossas realidades — a data se reveste de um cunho efetivamente singular, apresentando-se rica em evocações e plena de sentido. Em evocações históricas; de sentido nacional. Porque Goiânia, que no dizer de Pedro Ludovico, seu idealizador e construtor, “apareceu com um objetivo de oxigenamento”, é uma cidade que, pelo seu significado profundo, transborda dos limites das realizações comuns, positivando-se como algo que se confunde com o destino mesmo da nacionalidade.

Um acento forte distingue, entre outros, a nova metrópole sertaneja:— o seu caráter bandeirante. Nem foi por outros motivos que Dom Aquino Correia, em oração memorável, qualificou o Interventor Pedro Ludovico de — “O terceiro Anhanguera”. E nesse sinal, nesse cunho bandeirante, está o valor maior de Goiânia, o traço que a personaliza e a superioriza. Porque bandeirismo é sinônimo de forças nacionais profundas se agitando em busca de altas expressões: é movimento de energias raciais aristocráticas orientando-se no sentido de afirmações edificantes; é a nação mesma em seus instintos de vida mais naturais marchando no caminho da glória; é ânsia de liberdade, é manifestação de força, é desejo de conquista, é vontade de domínio, é estruturação e hierarquização de valores, é ordenação democrática. Bandeirismo é movimento tipicamente nacional, é revelação original da capacidade dos trópicos, é afirmação de personalidade do homem brasileiro.

E por ser bandeirismo, e porque o bandeirismo foi o fato mais brasileiro de nossa história, Goiânia apresenta, ainda, uma feição profundamente nacionalista. Nenhuma cidade mais brasileira do que ela, onde, como tantas vezes já foi dito, encontram-se e se fundem, em uma unidade milagrosa, viva, homogênea, dinâmica, o Brasil de leste e o do oeste, o do norte e o do sul.

Goiânia é como que a miniatura do Brasil integral. Assim, não foi só para Goiás que Goiânia cumpriu o seu objetivo de oxigenamento, mas para o Brasil inteiro, pois que, se por um lado arejou e purificou a atmosfera social estadual, vitalizando a civilização anhanguerina, por outro lado realizou, também, embora de maneira indireta, o objetivo de oxigenamento

tão desejado pelo Estado Nacional para o ambiente social brasileiro, viciado que estava este, até há pouco, pelas pútridas exalações do corrupto e corruptor regime liberal, de tão triste memória. Sim, porque a nova cidade foi bem uma Cidade Nova: — consubstanciou e concretizou, inegavelmente, alguns dos propósitos fundamentais da política getuliana, dentre os quais a marcha para o oeste, de que é ela o marco inicial.

Pelo papel que está destinada a desempenhar em nossa economia, devido à sua esplêndida localização geográfica; pela função social que está exercendo, de integradora de nossos hábitos e costumes, visto que aqui se tocam, harmonizando-se num modo de viver novo, grupos humanos variados e diferenciados, vindos de todos os pontos do país; pelo fato de se estar constituindo, também, em elemento de integração étnica de nossos tipos antropológicos, oriundos das florestas amazônicas, das caatingas do nordeste, das caxilhas do sul e da orla litorânea, e que aqui se cru-

zam, misturando sangues e caracteres, com o que se vai plasmando um tipo étnico mais brasileiro; e, enfim, pela atuação política, que em consequência de tudo isso vai desenvolvendo, altamente nacionalizante, porque, aproximando grupos populacionais variados, que aqui se amalgamam social e biologicamente, possibilita a formação de uma democracia social e biológica, tão da essência do Estado Nacional, Goiânia se situa, no Brasil, como uma cidade ímpar e o seu fundador adquire, por isso, o relêvo dos gênios.

Goiânia é, pois, como que um sôpro que veio do alto para movimentar as coisas nacionais no sentido das alturas. Pedro Ludovico, ao criá-la, constituiu-se numa réplica brasileira de Pedro o Grande da Rússia, por isso que revelou à Pátria uma mensagem profética, anunciadora de grandes destinos. Por tudo isso, o dia 5 de Julho ficará, na vida brasileira, como uma radiosa madrugada.

Salve, pois, a Cidade-caçula! Salve o Terceiro Anhanguera!

Variações em tórno de Goiânia

Paulo Augusto de Figueiredo

Repitamos ainda uma vez: — Goiânia não é coisa para ser vista; é coisa para ser compreendida. Não é um espetáculo para os olhos, mas um convite à inteligência. Não vale pelo que é, porém pelo que significa.

De fato: para que se compreenda o significado profundo de Goiânia é necessário que se tenha um critério integral de apreciação de valores. E' preciso que se possua o sentido da totalidade. Porque, só com um poder analítico que incida em todos os elementos do fenômeno, penetrando-lhe as últimas raízes, e com uma visão ampla, que o surpreenda em seu conjunto, em sua natureza, em seus motivos, em suas relações históricas profundas com as outras classes de fenômenos nacionais, se poderá entender o fenômeno Goiânia. Assim, só através de um exame integral da nova *urbs*, em que se pésem todos os fatores e circunstâncias, de ordem política, social, étnica, econômica, etc., se poderá situá-la em sua devida posição e se compreender o papel que ela está fadada a desempenhar em nossa história.

Encarada a cidade "em si", não se perceberá muito claramente o seu lugar nos quadros dos valores nacionais. Goiânia, — repitamos ainda — vista "objetivamente", não é mais do que uma cidade como outra qualquer. Mas, como *realização*, é algo que está além e acima de qualquer cidade brasileira. Vale como uma afirmação da raça; mais ainda: — vale como uma afirmação de raça, tomado o termo no sentido que lhe dá Spengler. Desarte, para localizá-la com exatidão,

para se ter uma compreensão precisa de seu sentido, faz-se mistér considerar os imponderáveis, integrá-la no conjunto de tôdas as nossas realidades, surpreender-lhe os elementos fundamentais, as ori-



Dr. Paulo A. de Figueiredo — Presidente do Conselho Administrativo — Professor da Faculdade de Direito — Redator de "Oeste".

gens primeiras, buscar-lhe as razões de ser, entender-lhe o caráter, — sem o que não se compreenderão as funções políticas nacionais que já exerce, importantíssimas, nem se chegará à sua significação verdadeira, de dado cultural valiosíssimo na formação nacional, de condição de realização do próprio destino da nacionalidade — enfim, sem essa largueza de vistas é im-

possível perceber o pôsto singular que a cidade de Pedro Ludovico ocupa na tábuca dos nossos valores políticos.

POSIÇÃO HISTÓRICA DE GOIÂNIA

Fixando a cidade em todos os seus aspectos; relacionando-a com o nosso passado; equacionando-a com as nossas necessidades e confrontando-a com as nossas realidades; vendo-a em nosso ambiente atual e penetrando-lhe as possibilidades e a *capacidade*, podemos advinhar-lhe um belo futuro. Assim encarada, Goiânia se nos apresenta como sendo, em relação ao Brasil, o que é Suez para a Inglaterra, o que é o canal do Panamá para os Estados- Unidos: — um elemento essencial à nossa vida. Não há exagero, aqui, mas apenas uma constatação histórica de fatos, uma intuição política, talvez...

Goiânia, no panorama nacional, não é só fator de desenvolvimento econômico, mas também, e principalmente, um fator de unificação política. Tem a cidade um sentido bandeirante, porém compreendido este como síntese viva de todos os processos sociogênicos nacionais, condensados no oeste e nele atuando e se desenvolvendo. O bandeirismo em outro tom, com outras côres, outras formas. Bandeirismo século XX. Contudo, bandeirismo, bandeirismo se sedimentarizando no espaço, porém se movendo no sentido das alturas. Bandeirismo vertical.

Goiânia é como que a própria expressão, em termos urbanísticos, do Brasil Novo, do Brasil que se redescobriu, do Brasil unificado num

só corpo e num só espírito, do Brasil que ordenou todas as nossas forças, orientando-as para fins altos e nobres, do Brasil que se ergueu do "berço esplêndido" e começou, já, a cavalgada da glória.

A MISSÃO CIVILIZADORA DE GOIÂNIA

Goiânia desempenhará, em nossa história, um relevante papel: confundirá norte, sul, leste, oeste, litoral e sertão, num todo homogêneo e harmônico, reduzirá a elementos de equilíbrio as nossas diferenciações étnicas, neutralizará as particularidades regionais, unificará o nosso caráter, enriquecerá e planificará os nossos ideais. Devido a fatores diversos, mas principalmente dada a sua localização geográfica, está destinada a exercer, no meio nacional, funções civilizadoras as mais complexas e decisivas:

— Uma função econômica, porque será importante centro de concentração e de irradiação de riquezas. A meio-caminho quasi, entre norte e sul, leste e oeste, — entre regiões agrícolas e pastoris admiráveis, próxima de zonas mineralógicas insuperáveis, Goiânia, uma vez aparelhada tecnicamente, ocupará, no futuro, posição saliente em nossa economia;

— Uma função social, porque nela se encontram, já, e nela se completam, o litoral e o sertão, o norte e o sul, com o que está lançada a base para a construção de uma sociedade equilibrada, verdadeiramente nacional, onde se ajustarão os traços diversos da nossa psicologia para formar um tipo novo, onde se anularão os antagonismos regionais, se corrigirão as deficiências e as insuficiências e se apurarão as qualidades de nossas gentes. As instituições de Goiânia hão de se erguer sobre esse equilíbrio psíquico-social, o que vale dizer: serão mais nacionais;

— Uma função étnico-genética, miscigenadora e criadora de tipos. O que, no campo social, se traduzirá em planificação psicológica, no plano biológico propriamente dito se espelhará em unificação étnica. Tipos antropológicos do norte, do centro e do sul aqui estão, não apenas sofrendo a influência do meio físico e social, mas também reagindo sobre esse meio, influenciando nesse meio, — e, mais, estão, todos esses tipos, se cruzando, se adaptando, combinando não só costumes mas ainda misturando sangue diferentes, — enfim, se estão completando não apenas em seus sistemas sociais de vida, porém também em seu caráter;

— Uma função política, portanto, — porque, pela função econômica, que aproximará os mais distantes centros produtores, concentrando e distribuindo riquezas,

entrelaçando e coordenando interesses; pela função social, que corrigirá as diversificações locais, que exprimirá o "mínimo" nacional das necessidades e aspirações das diversas populações brasileiras; e pela função étnico-genética, que trabalha, já, embora lenta e imperceptivelmente, a formação de um tipo racial que será, no futuro, o tipo brasileiro por excelência, visto que se fundirão nele os caracteres de todos os tipos antropológicos do Brasil, — pelo exercício constante e prolongado dessas funções principais e de outras subfunções derivadas, Goiânia cumprirá um papel centralizador de nossas atividades e unificador do nosso espírito — será, portanto, um instrumento de solidificação e de superiorização da nacionalidade.

SIGNIFICADO CULTURAL DE GOIÂNIA

Com um conteúdo tão complexo e tão rico, e com capacidade para exercer funções tão sérias e decisivas, Goiânia se nos apresenta com um sentido verdadeiramente *cultural*, pois que a sua tarefa será a de integração, fortalecimento e superiorização de nossos valores vitais e o seu encaminhamento no sentido da *organização* e da *realização* nacional. E isso é missão da *cultura*, tomada a palavra como sinônimo de *civilização*.

Fator de desenvolvimento econômico, de estruturação social, de integração étnica, de ordenação política e de unificação espiritual, Goiânia, incidindo, assim, nas áreas todas da vida nacional, situar-se-á, ainda um dia, em nossa história, como um dos centros vanguardeiros da civilização indígena.

Ponto de união entre os extremos da Pátria, em Goiânia se mesclam, ao goiano, os nortistas e os sulistas, gentes do leste e do oeste, das montanhas, das planícies e do litoral, cada tipo e cada grupo trazendo, à formação da nossa gente, a contribuição de seus sistemas de vida, de seu temperamento, de sua inteligência, elementos que aqui se vão fundindo entre si e com os elementos locais, se fundindo e se corrigindo, se apurando, se completando. A pluralidade de planos que se ajustam e se equilibram na nova capital dará em consequência um plano nacional de vida. Eis o que já se pode perceber, eis o sentido *cultural* profundo de Goiânia.

SENTIDO NACIONALISTA DE GOIÂNIA

Goiânia é, assim, espécie de cadinho, em que se cozem e purificam os nossos vários caracteres. Nela, mais do que em outro ponto qualquer, se encontram os dois Brasil — o do litoral e o do sertão

—, nela se está formando a célula do Brasil integral.

E', pois, sobretudo nacionalizante a missão de Goiânia, uma vez que desfaz antagonismos, anula contrastes, depura imperfeições, refina qualidades, aproxima extremos.

E, porque, encravada no coração do Brasil, para ela afluem elementos de todas as partes do organismo pátrio; — e porque está fadada a receber todas as influências; — e porque, enfim, as forças todas que para ela convergem e convergirão, dela se irradiarão, em retorno, já nacionalmente disciplinadas, para todo o Brasil, Goiânia adquire uma fisionomia inconfundível e a sua posição se delinea, sob o ponto de vista nacional, verdadeiramente única.

GOIÂNIA E O ESTADO NOVO

O Estado Nacional é o resultado lógico da Revolução de 30. E a revolução de 30 foi a condição de realização de Goiânia. Temos, aqui, uma ideologia determinando um fato. No entanto, entre os fatos e as idéias, há os homens, que os relacionam. Sem a revolução, Goiânia não passaria de um simples sonho; mas também não existiria sem Pedro Ludovico. Répítamos, pois, uma vez mais: — não se pode destacar o criador da criação. As coisas, em si, não têm significação; é o homem quem, nelas imprimindo a sua vontade, dá-lhes caráter, sentido, vida, destinação. Daí a feição individual de toda obra, mesmo a mais impessoal. O ditado — é pelo dedo que se conhece o gigante — contém uma profunda verdade. Não se pode, assim, separar Goiânia de Pedro Ludovico. Goiânia é obra de Pedro Ludovico. Todavia, não se pode, também, destacá-la da Revolução de Outubro: esta foi a sua *condição política*, como Pedro Ludovico foi a sua *condição humana*. Dentro das circunstâncias determinantes da nova República, a conquista do Brasil pelo Brasil, isto é, a marcha para oeste, era um intuito inicial, um propósito básico. E Goiânia foi a manifestação prática desse movimento profundo da nacionalidade. A história apresentou a oportunidade, era só o homem aproveitá-la. O homem surgiu, aproveitou a oportunidade e criou Goiânia. A história possibilitou Goiânia; e Goiânia vai modificar o curso da história.

Getúlio Vargas e Pedro Ludovico se ligam por liames históricos profundos, por misteriosas relações do destino. Porque Getúlio Vargas, realizando a Revolução, favoreceu o advento de Pedro Ludovico. E este, criando Goiânia, plantou um dos marcos mais sólidos da nova política nacional, efetivando a marcha para oeste, que Sílvio Romero já considerava co-

mo o sentido por excelência da civilização brasileira e que Getúlio Vargas colocou como norte de sua conduta política.

SÔBRE O HOMEM E A HISTÓRIA

A's vezes a história apresenta aos povos condições magnificas de grandeza; todavia, não existindo, então, homens à altura de tais momentos, perdem-se êsses instantes esplêndidos. Outras vezes, existem homens, mas não há meio em que atuar — nem meios com que atuar — desviando-se, assim, as suas energias, para outros fins, ou se perdendo, por falta de objeto. Grandes homens e grandes horas só se confundem em instantes históricos excepcionais. Pois no momento brasileiro houve coincidência de meio e agente — de história e homem — de oportunidade e chefe. Getúlio Vargas surgiu justamente quando o Brasil reclamava Getúlio Vargas. E Pedro Ludovico,

quando Goiás exigia Pedro Ludovico.

A história pode fazer o homem. Porque os acontecimentos, quasi sempre, condicionam atitudes, impõem normas, traçam caminhos, apontam diretivas. O homem, assim consideradas as coisas, é um reflexo do meio. Por isso, vivemos, de um modo geral, conforme a história. Entretanto, os homens também podem modificar a natureza das coisas, dirigir os acontecimentos, submeter os fatos à sua vontade, dar-lhes sentido e destinação, impulsioná-los para fins conscientes, pre-determinados. Podem fazê-lo, sim; mas tão só os homens excepcionais e exponenciais. Tais homens se não deixam dominar pelas coisas: — sôbre elas atuam, dão-lhes formas e sentido, criando mundos novos. E' a tal classe de homens que pertencem, sem dúvida, o *Presidente Cidadão* e *Pedro o Grande de Goiás*. Eles estão fazendo história.



Dr. José Ludovico de Almeida -- Diretor Geral da Fazenda

GOIÂNIA

na opinião nacional

Goiânia, pois, não é tão somente uma flor destes cimos soalheiros, dominados, ao longe, pela poesia altaneira dos Pireneus e da Serra Dourada: é muito mais. Goiânia é uma flor miraculosa do Estado Novo, que nela tem hoje um monumento de sua política de realizações; nela tem hoje um troféu de vitória para os seus ideais de renovação da nossa democracia, em moldes mais consentâneos com a razão e a índole da gente brasileira; nela tem hoje, enfim, um farol radioso, levantado no centro do país, para nortear os caminhos do nosso verdadeiro engrandecimento, tal como, em épocas de antanho, os alterosos coqueiros incendiados encaminhavam o índio, na vastidão imensurável destes verdes e floridos desertos. DOM

AQUINO CORREIA

Esse impulso vigoroso da civilização, visando o domínio completo do patrimônio que nos legou o espírito bandeirante, encontrou em Goiânia a sua primeira e vitoriosa etapa. E' um exemplo magnífico de compreensão objetiva dos problemas nacionais; é um milagre da inteligência eridora do homem brasileiro; é uma demonstração a mais da nossa capacidade para as empresas grandiosas — esse espetáculo de fé nos destinos do Brasil que Goiás nos oferece, como exemplo admirável de predestinação histórica.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES.

Goiânia é, a um só tempo, testemunho e símbolo. Símbolo da política de integração do Brasil e da nova era da nossa história, em que, para benefício nosso, da América e do mundo, vamos despertar as energias

latentes dêsse amplíssimo latifúndio geográfico confiado ao nosso labor construtivo, ocupando a vastidão do seu território e criando nele a civilização magnífica que a história espera. E-testemunho também. Testemunho de que o nosso ânimo realizador, a nossa coragem de avançar e a nossa tenacidade na luta nos tornam dignos da missão que nos está confiada.

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS.

Longe dos grandes centros do litoral, sem ligação ferroviária direta, com estradas bastante mediocres, em uma região que há cerca de dois séculos vive vagarosamente, constrói-se uma cidade inteiramente brasileira. Tais são os fatos em sua eloquente brutalidade. Os agentes do telégrafo da nova capital já transmitiram provavelmente um bom número de telegramas oficiais; eu desejaria, porém, que a primeira mensagem enviada de Goiânia aos poderes federais tivesse sido redigida assim: — BANDEIRISMO NÃO MORREU.

PIERRE MONBEIG.

Goiânia surpreende e encanta. Goiânia é uma afirmação e é uma lição. Viajar-se no meio de extensa vegetação, para, depois de horas e horas de reflexo de paisagens verdes, e só verdes, encontrar-se um núcleo urbano, moderno, planejado, cheio de habitações, de movimento e de vida, em que se respira a ânsia do progresso, é qualquer coisa de surpreendente e constitui uma afirmação expressiva, afirmação de vontade e de confiança, pelo que se realiza hoje na visão do futuro. Viajando-se de avião, a miragem de Goiânia longínqua, envolta numa extensa massa vegetal circundante, é uma surpresa que conduz à meditação profunda da vontade humana a impor-se no quadro colossal da natureza imensa. CRISTÓVÃO

LEITE DE CASTRO.

Goiânia, tão no coração do Brasil, aí está, obra de brasileiros, povoada e construída por brasileiros, criação exclusiva brasileira, êxito completo brasileiro.

OTO PRAZERES.



*Dr. João Teireira Álvares Júnior — Secretário
Geral do Estado*

Goiânia, vista "objetivamente", não é mais do que uma cidade como outra qualquer. Mas, como "realização", é algo que está acima e além de qualquer cidade brasileira. Vale, a meu ver, como uma afirmação da raça; mais ainda:— como uma afirmação "de raça"; tomado o termo no sentido que lhe dá Spengler. É um desmentido dos trópicos aos Lapouge e aos Gobineau; é um desafio dos trópicos aos Átilas do século XX. Porque Goiânia é, sobretudo, a revelação da capacidade do homem brasileiro. Para mim, mesmo que Goiânia não possuísse senão choupanas, não valeria menos; nem valeria mais se fora toda construída de mármore e ouro. Goiânia vale pelo seu conteúdo ideológico, pela sua "capacidade" histórica, pelas suas possibilidades sociais, pelo seu sentido político profundo. Vale como expressão das virtudes "aristocráticas" da nossa gente. Pedro Ludovico, criando-a, transformou-se em símbolo: o símbolo do homem tropical. PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

A estratégia da marcha para oeste mandava Goiás pôr-se em comunicação mais rápida com o sul, para adquirir os meios capazes de conduzi-lo a maiores arrematadas. O que não impediu a aventura de Pedro Ludovico de ter um cunho quixotesco. Ninguém acreditava no futuro daquela meia-dúzia de casas: uns, porque os interesses lesados os predispunham à má vontade; outros, por natural cepticismo. O Interventor porém, foi vencendo, um a um, todos os obstáculos, todos os sorrisos de descrença. E continuará vencendo, porque a obra ainda não está terminada e ninguém se mostra mais apto para levá-la a cabo do que esse sertanejo teimoso e rijo. Há doze anos que o Presidente

Vargas, com seu alto senso político, confiou Goiás a Pedro Ludovico, e ele se tem mostrado ali o homem necessário. É o dr. Pedro:— a certeza da equidade para todas as pendências: o educador. Em Goiás, mais do que em qualquer outra parte, a palavra governar tem o sentido de educar. BRITO BROCA.

Goiânia é um capítulo, o mais importante, da história de minha terra. Põe à prova a energia de um cérebro, consubstancia o anseio de um povo e retrata a larga visão de um estadista. É o marco que separa dois períodos históricos: — o da estagnação e o da ascensão. E então, daquele só restarão ruínas, e deste, como iluminuras estonteantes, Goiânia atestará a grandeza e o apogeu. VENERANDO DE FREITAS BORGES.

Goiânia dá tradição ao goiano, capacita-o para se orgulhar de sua terra. Do simples trabalhador ao mais destacado elemento do governo, existe uma satisfação traduzida pela iniludível valorização local do homem e de suas atividades. As palavras proféticas de Pedro Ludovico, escritas em 1933, preconizando "uma capital acessível, que irradiasse progresso e marchasse na vanguarda, coordenando a vida política e estimulando a economia", encontram agora perfeita ressonância na realidade que Goiânia já representa. GERSON DE CASTRO COSTA.

Bem haja, pois, a iniciativa em virtude da qual se fundou Goiânia, pois serviu para libertar tanto uma capital aprisionada entre montanhas, como uma geração enrodilhada em preconceitos, marcando indubitavelmente o advento do moderno bandeirismo, capaz das mais arrojadas realizações. AFRÂNIO DE CARVALHO.

Descortinando para o norte as redes fluviais que se espriam no majestoso vale amazônico e, para o sul, o dorso encachoeirado da vertente platina; assistindo a oeste o desbravamento ferroviário de Mato Grosso, uníssono com o espetáculo entreaberto, a leste, da grande siderurgia nacional, a nova capital é bem o coração da pátria, agitado pela energia nova da unidade brasileira. JOÃO DE LOURENÇO.

A cidade de Goiânia não foi construída para satisfazer a vaidade pessoal do administrador. Foi, sim, uma inspiração eloquente e inequívoca do seu patriotismo, porquanto foi criada para nuclear o desenvolvimento de uma civilização, para reatar as tradições do Brasil do passado, restabelecendo aqui o fenômeno bandeirismo. JOSE' MARTINS RODRIGUES.

É injusto falar em era de progresso de Goiás sem fazer menção do nome desse caboclo irrequieto e necessário que é Pedro Ludovico. Porque Goiânia foi o ponto de referência e a razão mais séria desse deslumbrante renascimento. E a nova capital, que surgiu como um milagre dentro do Brasil, constitui a realização de uma idéia exclusiva do Interventor a que ele deu corpo e cuja paternidade ninguém lhe nega. JOÃO ACIOLI.

Goiânia é uma obra de arte, porque não é apenas uma formosa cidade que se edifica no coração do Brasil, mas contém uma sugestão profunda, que encanta e comove. O Chefe do Governo Goiano não é só o plantador de cidades, ele é sobretudo um animador do Brasil moderno. RENATO DE ALMEIDA.

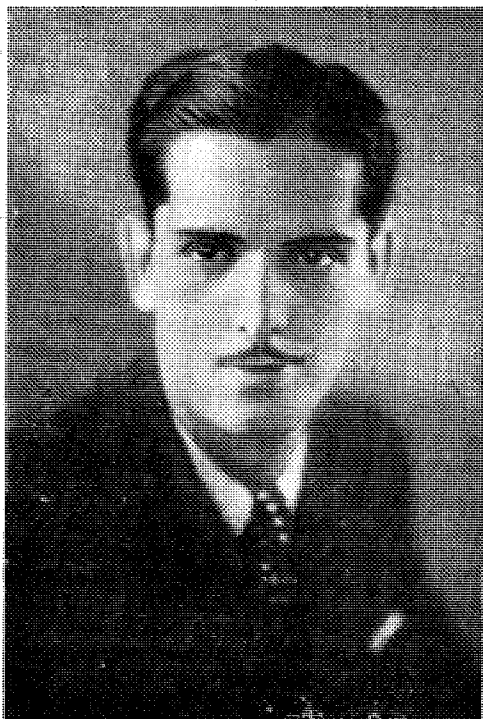
Eu disse o exmo. sr. Interventor Pedro Ludovico Teixeira figura emérita de educador, e o confirmo, porquanto não se educa somente pela palavra ou na cátedra, mas também, e sobretudo, pela ação e pelo exemplo. "Longum iter per precepta, breve et efficac per exempla". Aquí vemos e palpamos cheios de emoção, de reconhecimento e de admiração, a sua obra imortal: Goiânia, a "urbs" portento. E' o caso de se dizer: aquí vemos o dedo do gigante, do homem excepcional, do patriota insigne, do bandeirante de novo gênero, do desbravador indômito, do pioneiro desassombrado, do obreiro indefeso da civilização sertaneja de que o Brasil precisa para mobilizar a sua produção e as suas riquezas, redimir a sua economia, desempenhar a missão grandiosa e sublime que a providência lhe reservou no concêrto dos povos. Padre BRUNO TEIXEIRA.

Há, no entanto, um outro Pedro que veio desbançar o grande feito de Cabral, agora em pleno século XX. E' o homem que descobriu o modo de fazer milagres. De um velho Estado, eternamente primitivo, esquecido e quasi nulo, êle tirou um mundo novo e, dentro dele, faz emergir a tradição de um Povo, a ressurreição de uma causa perdida — Goiânia. E' a metempsicose dos gênios: Goiaz renasce na "criança" admirável e perfeita que é Goiânia. INÊS PIACESI.

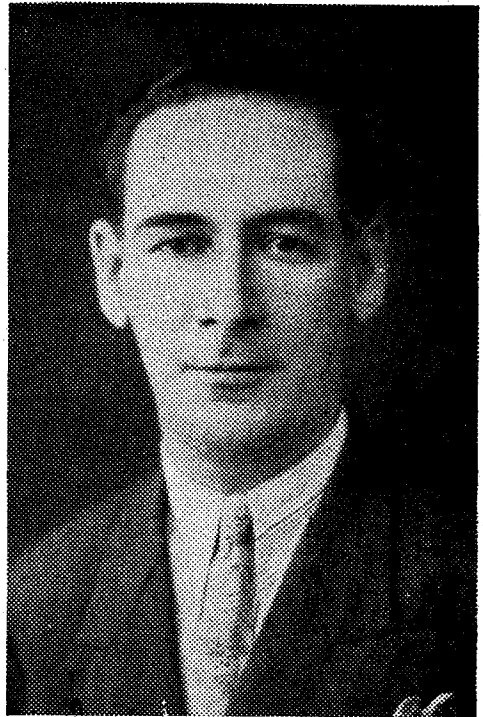
Goiânia, graças ao Interventor Pedro Ludovico, se afirma como uma realização da capacidade criadora dos brasileiros, como um marco da nossa obra civilizadora. OSVALDO ARANHA.

Pedro Ludovico é um nome que já passou à imortalidade. General SOUSA DOCA.

Para uma grande parte do gênero humano, a nova metrópole, a nossa Goiânia querida, será, quando muito, um pontinho a mais nas cartas geográficas. Para nós, brasileiros, porém, Goiânia é o prelúdio físico da realização de um velho sonho, longamente



Dr. Paulo Fleuri da Silva e Sousa — Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento e Prof. da Faculdade de Direito



Dr. Solon de Almeida — Diretor do Escritório Central de Vendas de Terras

acalentado — o sonho de estender pelo Brasil a dentro, até as fronteiras oesteiras, a civilização litorânea. BENEDITO SILVA.

Goiânia não será somente uma capital do rico Estado Central de nossa Pátria. Goiânia não será apenas o atestado material de que em todos os tempos o Brasil teve homens capazes de feitos ciclôpicos. Goiânia, dentro de um lapso de tempo reduzidíssimo, será o centro cultural, econômico e industrial mais importante de todo o Brasil que não é litorâneo. Coronel LÍSIAS RODRIGUES.

Como se houvéssemos mergulhado de súbito no mundo fantástico das mil e uma noites, assistimos, maravilhados, ao nascer e à instantânea formação de uma grande capital. Chicago germina de novo, e se repete no Brasil. E' Goiânia, a realização milagrosa do cérebro e do coração de Pedro Ludovico. ALMEIDA JÚNIOR.

Goiânia foi um remédio político providencial, que veio curar males considerados incuráveis. Pedro Ludovico foi o médico milagroso, que transformou o corpo inerte de Goiaz em um organismo cheio de vitalidade. MOISÉS COSTA GOMES.

Pedro é um nome lapidar. As tiaras e as coroas projetaram-lhe em tórno uma auréola de grandeza. Gênios e Apóstolos o immortalizaram.

Tantos "DONS" o precederam, que êle se encheu de infinitos dons.

Tantos ordinais o marcaram na cronologia, que êle se tornou um marco na cronologia dos maiores povos.

Raça de fortes, o povo Goiano saudou por fim o advento de um Chefe capaz de o conduzir.

Pedro, êle traz êsse nome grato aos deuses e familiar à glória

E Pedro, inda uma vez, nomeia um cérebro de gênio e um coração de apóstolo.

Goiânia é a Idéia que raiou dêsse cérebro e a Fé que transbordou dêsse coração.

VASCO DOS REIS.

ALUMBRAMENTO

Outro dia amanheci alegre, muito alegre mesmo.
 Não sei. Amor não podia ser.
 Era uma alegria diferente, assim de supetão,
 que me pegou de surpresa ao sair da cama,
 naquela manhã ensopada de sol e de vida.

Senti uma vontade esquisita de viver,
 de sorver a largos pulmões
 aquele ar que a noite molhou de sereno
 e a madrugada abençoou com sua pureza.
 Sair passeando à-toa pelos campos,
 como se estivesse nascendo outra vez.

E ainda mais um desejo tolo de agradar,
 oferecer presentes aos outros
 sem mais nem menos,
 saudar os desconhecidos que encontrasse na rua,
 falar de minha vida aos estranhos,
 abrir o coração e contar coisas
 e inventar que já tive uma namorada louca por mim...

Foi assim.

Momento inédito, alvorada de ouro,
 parêntesis luminoso no meu cotidiano,
 fogueira de são-joão dentro da minha alma
 que me queimou todos os pensamentos tristes,
 que fez de mim um sujeito diferente,
 parecendo até um camarada feliz!



José Décio Filho -- Redator da Imprensa Oficial -- Redator de "Oeste"

Epitáfio inútil

A pena que sôfrega deslisava no papel,
 naquela hora retrospectiva
 aguçada de lindas e inúteis lembranças,
 estacou de súbito
 como se dissesse, num reparo triste:
 — Para que tudo isso,
 se ela não volta mais?

Bela - Vista

(Ao Léo Lynce)

Manhãs cheias de pássaros cantando
 na fronde fresca
 das jaboticabeiras dadasivas.

Lá na praça,
 no ar finíssimo da tarde,
 uma andorinha plina bem alto
 e desce como uma flecha
 para pousar na torre cinzenta da igreja.

Ninguém aplaudiu!

J. Décio Filho

O EDIL DE GOIÂNIA

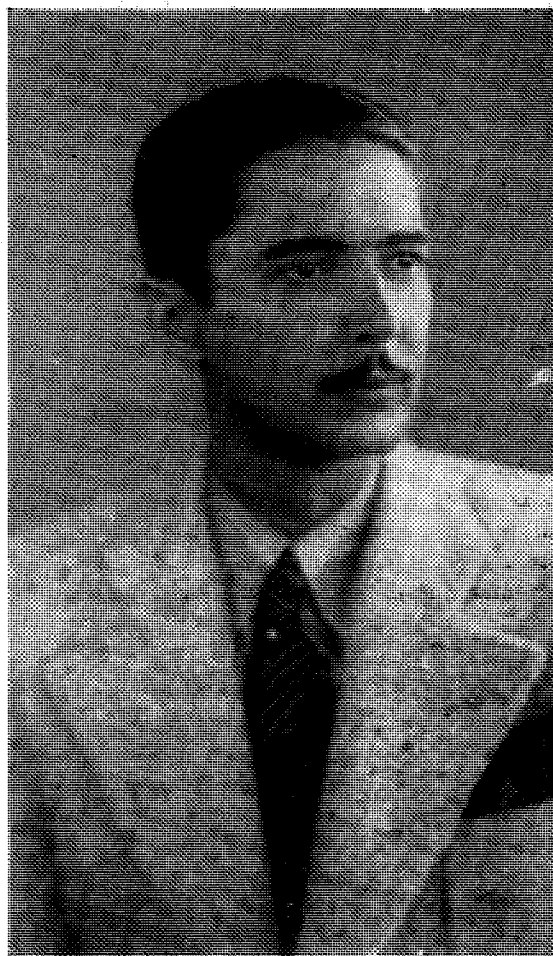
Impõe-se-nos à lembrança, neste momento, o nome de Venerando de Freitas Borges, o jovem e progressista governador da cidade.

Moço inteligente, enérgico e probo, possuído de um grande amor à sua cidade, o Prefeito de Goiânia; mercê de suas marcantes realizações, firmou-se no conceito geral como um administrador de fôlego, positivando-se como um dos mais eficientes auxiliares do governo goiano.

Se bem que, por força de disposições legais, sua atuação administrativa se faça sentir mais objetivamente no bairro de Campinas e nos distritos, zonas em que, aliás, se tem feito sentir das mais brilhantes, nem por isso o prefeito tem deixado de incidir nos limites de sua competência, e de modo muito proveitoso, nas coisas de Goiânia mesma, bastando, para atestar o afirmado, lembrar a construção do mercado municipal, um dos melhores do Brasil.

Quanto aos distritos, têm, todos, sentido os efeitos de sua ação benfazeja, com a criação de escolas, abertura e melhoria de estradas e outros serviços públicos.

Membro das Comissões de Tabela-mento de Gêneros Alimentícios e Ra-



Prefeito Venerando de Freitas Borges

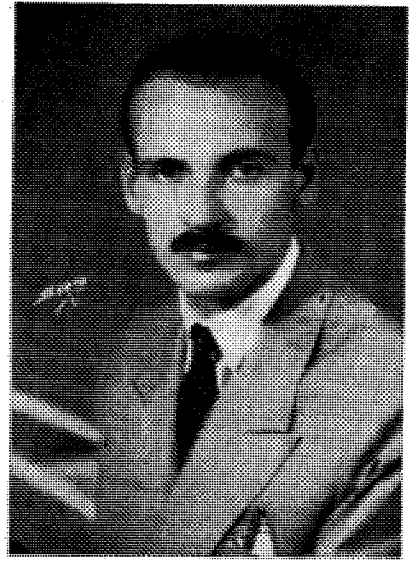
cionamento de Combustível, o professor Venerando de Freitas tem, ainda neste setor, sido incansável, procurando, por todos os meios a seu alcance, resolver os graves problemas que a guerra nos tem criado, impondo medidas salutares em defesa do povo.

No campo cultural, porém, é que tem sido das mais belas a conduta administrativa de Venerando de Freitas Borges, e, ainda recentemente, a criação de uma Bolsa de Publicações veio demonstrar, mais uma vez, a sua alta visão de político moderno e esclarecido.

Resumindo: — Goiânia tem, no Prefeito Venerando de Freitas, um dirigente à altura. Daí a razão desta nossa homenagem.

Um duelo que ninguém viu

B. Elis



Bernardo Elis -- Oficial de Gabinete
da Prefeitura Municipal e
Redator de "Oeste"

Naquela tarde, encontrei o cel. meio triste. Sentado na soleira da porta da rua, espiava à-toa uns relâmpagos impertinentes que fuzilavam pras bandas dos Pireneus. Relâmpagos rápidos de seca.

— Está triste, cel..

— E' mesmo. Faça idéia que morreu um companheiro meu de tropa, o Moisés.

Não encontrei nada que dizer. Desviei a vista para um bando de pássaros-pretos que catavam no largo quasi pelado de capim, pela seca. A cidade estava calma. O largo deserto. Só da loja de seu Dominginho vinha um barulho confuso de conversa, de risos. Na outra rua tocavam piano. Monotonamente. Havia, muito longe, no outro mundo, uma voz aboiando gado. Devia ser na chácara da outra banda do rio, tão bom, tão calmo.

O bando de pássaros-pretos, porque um gado passou correndo pelo largo, voou e foi pousar na gameleira, num tataral espalhafatoso de asas.

Vão-se acabando os companheiros de tropa, — disse o cel., como se durante todo aquele eito de tempo estivesse revivendo seu tempinho de moço, — o diabo do caminhão botou o nosso sertão bôbo. Um arriero como êsse que morreu, o Moisés, era bicho destorcido. Tropa da gente era boa tôda a vida.

O cel. foi nesse tom mascado, gostoso, lembrando eras ferozes, em que Araguari era ponta de linha. Lá iam ter tôdas as tropas que abasteciam Goiaz e até Mato-Grosso de manufaturas e sal. O cel. tangeria muito burro por essas estradas terríveis, em todos os sentidos, acordando ecos virgens nos ocos de brocotós, espantando pinhens-pinhens pelos gerais malvados de Goiaz — Burro, diabo! — Tá, o pirai estalando feito um foquete.

A casco de burro e a pião de carro de boi abriram-se as estradas dêsse mundão analfabeto de Brasil.

— Eta chão parado!

Moisés fôra seu arriero um lote de anos. Baiano enxuto, macio de fala, fiel de coração. Os dentes a-

pontados a faca davam-lhe ao sorriso um ar ameaçador de bicho carniceiro.

— Baiano dos ligite, como dizia o cel., mas não hávera de beber. Bastava cheiro de cachaça para fazer dêle uma onça. Em Araguari, em muitos outros pousos, metera-se em frejes dos trezentos, de que saíra todo marcado de ponta de punhal, e uma vez com um balaço de 44 pro riba da volta da pá direita.

No outro dia, estava muito seu bão dêle ajeitando a tropa, lenção de alcaçaça amarrado na cabeça, por baixo do chapéu de couro, levantando carga. Pegava aqueles fardos de algodão, boliava, dava um gemido fundo, e sapecava uma tapa estalada no fundo do dito. Arrumava os dobros, ajeitava os ligares, arrojava a sobrecarga, dava umas ordens secas e eis a tropa tilintante, em fila, atrás da madrinha, num trotão estugado, levantando a poeira das pontas de rua.

— Té a volta, seu Moisésinho — era uma mulher de avental, lenço à cabeça, mão à cadeira, na porta do rancho.

— Se deus for servido!

Quando o sol tניה, descambava o corpão para uma banda dos arreios, estalava o pirai, dava um assobio agudo, afirmava o cabo do rêlho na badana, escorando-se nele, e lá se ia choramingando uma toada.

O cel., que saía sempre do pouso depois da tropa, ia encontrá-lo, já sol alto, no descanso do almoço. Contava-lhe então que durante a noite houvera brigas, que tinham morrido tantas pessoas, que outras tantas estavam feridas.

— Viche Nossa Senhora do Muquem, — exclamava Moisés, — tirando o chapéu. Nem perguntava quem eram os mortos, os feridos, com coisa que não fôra êle o autor de uma das desgraças.

Era negro, porém de confiança.

Moisés mais o Angelino, uma vez, vinham de Goiaz (velha capital), aonde foram levar carga. Tinha deixado Itaberai e o sol já estava meio baixo. Angelino tirou uma garrucha e meteu fogo num tamanduá, assim na beirinha da es-

trada. O meleta morreu no baque. Moisés cuspiu de esguicho, estalou o pirai no ermo pasmado da tarde, e não disse nem arroz, numa indiferença humilhante.

— Cum essa bicha eu infrento intê o cão, Moisés.

Como Baiano dos bons, Moisés zombou: — Isso pra mim nun tem serventia. Eu gosto de vê mas é o ferro véiu, — e cuspiu novamente de esguicho.

— Bamo vê intãoce, baiano, quar que vale mais: sua pernambucana ou minha tronchada.

— Bamo, uai! E' só ocê segurá o ponto. Se ocê num me matá no baque do catulé, eu te pico ocê nessa neguinha — e desembainhou uma baita faca aparelhada, de dois palmos de lâmina.

A tropa foi rompendo pela estrada poeirenta, vermelha, chata e se perdeu na curva do capão de mato. No crepúsculo parado, cheio do tilintar alegre dos guizos da madrinha, penachos espetrais de buritis espiavam tetricamente por trás da vereda tocaiando a paisagem.

Já tinha curiangu soluçando nas trevas, quando o capitão Filó Simões deu por fé daquele lote de burros rondando a porteira do seu curral, perto da rebaixa, que era o rancho das tropas. Os burros carregados gemiam, metendo o focinho pela porteira, escarvando a terra poída pelas patas dos animais. Outros já se haviam deitado com a carga, numa posição incômoda, sem forças para levantar.

Filó Simões mandou recolher e descarregar a tropa, porque tinha visto a marca dos machos e mesmo porque tinha reconhecido aqueles bichos lisos do cel. Já estavam



Sr. Moisés Costa Gomes -- Membro do Conselho Administrativo

arraçoando os bichos, quando se ouviram latidos de cachorro, batido de porteira e a voz açucarada do Moisés: — ôi de fora.

O Baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca, com a ruana do companheiro amarrada à cauda do seu pêlo de rato. Ambos eram uma papa de sangue. Angelino tinha o ventre atado por um lenço de alcobaça, aquele mesmo que Moisés usava na cabeça, por baixo do chapéu.

Houve um reboição na fazenda do capitão Filó Simões. Angelino pediu que cuidassem só do balaço dos peitos de Moisés, porque êsse podia sarar, e meia hora depois estava estendido no jirau da sala, as mãos morenas entrançadas sobre o peito e o lenço do buxo minando sangueira.

Seu Cel. foi buscar a tropa na fazenda do Capitão Filó Simões e trouxe também o Moisés convalescente. Quando, seis anos depois, Moisés saiu livre, automóveis e caminhões chispavam pelos chapadões empoeirados. Uma vez por outra, ouviam-se tinidos de guizos de tropas nas ruas, ou algum tropeiro atrasado armava seu pouso, — um quadrilátero de ligares — no largo do cemitério.

Moisés nunca mais tangeu tropa. Meteu-se pela roça, onde vivia, de fazenda em fazenda, tocando viola,

cantando recortado, tirando terços e velando defuntos.

Não se casou. Não usava arma de espécie alguma. Até fumo pro pito êle picava com as unhas. Morreu depois de um pagode, onde cantou a noite inteirinha um catire doido, cheio de morena e ai-ai.

—:-

O vento esparramou o funil de fumaça cheirosa que o cel. soprou na noite.

— Êsse fuminho é daqui mesmo, cel. ?

Êle nem respondeu, o olhar perdido no espaço borrado da trepidação violácea do crepúsculo.

A loja iluminada de seu Dominginho abria um retângulo branco no largo escuro. O piano martelava a solidão.

Liberdade é a força individual, a força de cada um; autoridade é o sistema das forças individuais, — a força de todos. Encarando-se assim as coisas, incluindo-se a força menor na maior, os conceitos de liberdade e autoridade, longe de se repelir, se completam. A autoridade será, então, a própria liberdade organizada.

PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

Cada BONUS DE GUERRA comprado é um tiro dado no coração do fascismo.

Adquirir BONUS DE GUERRA é apressar a vitória das democracias sobre os regimes escravocratas.

Na Presidência do Centro Acadêmico 11 de Maio, da Faculdade de Direito, o Diretor de "Oeste"

"Oeste", frisemos, não é uma revista *literária*, tomando-se esta palavra no seu sentido restrito. É, antes, uma revista *cultural*, ou seja, literária no sentido amplo. Aí por que as suas páginas não se colorem somente com poemas ou contos, mas acolhem tudo quanto, de um modo ou de outro, represente contribuição à tarefa a que nos propuemos: — orientar o nosso espírito num sentido construtivo. Por isso é que, desde o nosso número de estréia, vimos publicando estudos de natureza variada — econômicos, sociais, políticos, administrativos, etc., — buscando uma compreensão total de nossos valores, visto crermos que, só assim, nessa aspiração da totalidade, poderemos realizar obra útil e fecunda.

Não se estranhe, portanto, o noticiarmos hoje, aqui, coisas referentes à Faculdade de Direito. Esta é o nosso único instituto de ensino superior, além do que — sabem todos — o estudo do direito inclui o estudo de importantes disciplinas sociais do mais largo alcance e da maior incidência na vida da coletividade.

Feitas tais considerações, é-nos grato trazer a público que foi eleito, para o cargo de Presidente do "Centro Acadêmico XI de Maio" daquele sodalício, o nosso ilustrado diretor, acadêmico Gerson de Castro Costa, jornalista de real mérito e literato de vanguarda da nova geração goiana. Ainda Bernardo Elis Fleurí Curado e Hélio de Araújo Lobo, redatores de "Oeste" e figuras de relêvo da inteligência moça de Goiás, foram eleitos, também, para os postos de Vice-presidente e Secretário geral, respectivamente. Aos nossos companheiros, nosso abraço de parabéns, com votos de feliz gestão. A seguir, a chapa vitoriosa nas eleições:

Presidente: — Gerson de Castro Costa.

Vice-Pres.: — Bernardo Elis Fleurí Curado.

Secretário Geral: — Hélio de Araújo Lobo.

Tesoureiro: — Antônio Saturnino de Melo

Procurador: — Joaquim Leite.

Os estudantes eleitos para os cargos de tesoureiro e procurador, são, também, valores da Faculdade, e daí a justiça de suas eleições.



Odórico Costa -- Brilhante colaborador de "Oeste"

Na era do desbravamento de Goiás

Odórico Costa

Os portugueses colonizaram o Brasil entre flagrantes manifestações de canhestrismo. O que os documentos históricos, a cada exame, revelam é que bem poucas nações colonizadoras se conduziram com o mesmo desconhecimento de causa e de efeito, com o mesmo descaço pelo homem e pela terra com que Portugal se conduziu para com a sua imensa colônia americana.

Descoberta a terra, para ela enviados os primeiros pioneiros, a primeira solicitação que a Metrópole lhes dirigiu foi em forma de tributos. E essa solicitação cresceu, sempre, na ordem direta da descoberta das riquezas, até chegar ao ponto de uma sordidíssima, de uma desmedida ganância fiscal que anemiava todos os surtos da colônia e tôdas as iniciativas dos povoadores.

As riquezas do Brasil desvairaram Portugal e os administradores à colônia enviados só queriam ouro e pedrarias, pouco se lhes dando que os "valores enviados ao erário de S. Majestade" fossem embrulhados em lágrimas, em sangue e em maldições.

O sistema tributário inicial, pôsto em andamento no Brasil, se alicerçava no princípio de que "a terra era de Deus, mas como El-Rei fosse o mestre da Ordem de Cristo, os sesmeiros deviam-lhe o dízimo de todos os frutos colhidos e deviam-lhe, mais, a vintena, o fôro, o quinto, a siza, a meia siza, redízima" e uma longa série de tributos escorchantes e absurdos, empobrecedores do homem e anemadores da terra.

Esse sistema tributário foi se complicando de tal maneira que, em certo tempo, ninguém mais sabia como cobrar impostos no Brasil. O fisco português reagiu logo contra essa situação anômala, levantou estatísticas do valor das riquezas particulares existentes na colônia, criou novos cargos de natureza fiscal, reorganizou "a arrecadação que estava mui desordenada e a administração da Fazenda Real mui coartada" e, segundo um cronista, essas providências foram tomadas com energia "para regularizar a administração do Brasil, onde a Fazenda Real vai muito prejudicada e desordenada".

Oitenta anos depois da descoberta, Portugal muito pouco sabia a respeito do Brasil. A colônia parecia ainda cercada de lendas e de mistério. Entretanto, o fisco português sabia com relativa exatidão qual a situação dos colonos. Estes já possuíam 60 engenhos para o fabrico do açúcar, exportavam 2.800.000 arrobas desse produto e pagavam, só de direitos de exportação, mais de 700.000 cruzados. E o fisco sabia,

ainda, que só "na Baía havia mais de cem moradores que têm cada ano de mil cruzados até cinco mil de renda, e outros que têm mais; cujas fazendas valem vinte até cinquenta e sessenta mil cruzados e vantagemem". A estatística fiscal revela, ainda, que nos últimos anos do primeiro século da descoberta, "havia em Pernambuco homens muito grossos de 58 a 80 mil cruzados de seu".

Nesses tempos, o pavor dos colonizadores não era a bugrama altiva e indomada, nem os rios misteriosos e cheios de perigos, nem as matas sombrias. Era o fisco. Pagava-se imposto de uma maneira cruel e desumana. Pagava-se imposto sob todos os pretextos.

Pelo tempo a dentro, a ganância fiscal cresceu tanto que, por fim, o sistema tributário vigente no Brasil complicou-se novamente. Surgiram os tributos mais extravagantes. Até os alfinetes das princesas portuguesas ou o casamento de uma rainha inglesa serviam de motivo para que aos colonos brasileiros se exigissem novas contribuições para o "erário de S. Majestade". Para o casamento de uma princesa portuguesa, em "donativos voluntários", o fisco português arrancou do Brasil 125 arrobas de ouro que, ao baixo preço de 1\$500 a oitava, renderam cerca de 750 contos de réis, quantia fabulosa para a época.

A ganância dos encarregados da arrecadação dos tributos, no Brasil, subiu tanto que, em certo ponto, "multa e porcentagem eram palavras que andavam pela boca dos administradores com mais frequência que o bom-dia na boca dos administrados".

As ferozes exigências dos "administradores da Fazenda Real" eram amparadas por um complicado aparelhamento punitivo em que "confisco, prisões, desterro e, não raro, a morte", era o que esperava a quantos pretendessem resistir a esse regime de ferro, sob o qual o Brasil se estorceu durante mais de três séculos.

As proibições vigentes no Brasil, na era setecentista, assombram pela sua dureza e, sobretudo, pela sua brutalidade e pela sua falta de visão. A 5 de janeiro de 1785, dona Maria I, atormentada de furores místicos, proibia terminantemente a existência, no Brasil, de "fábricas, manufaturas ou teares de galões, de tecidos bordados de ouro e prata, de veludos, brilhantes, cetins, tafetás, e outra qualquer qualidade de seda". A proibição real enumerava todos os tecidos que a colônia não podia produzir, com penalidades

terríveis aos que a tal proibição desobedecessem e permitia, apenas, a fabricação de “tecidos de algodão grosso, que servem para o vestuário dos negros”.

Em Goiás, desde os primeiros dias da descoberta, as proibições e as restrições opostas pelo governo ao desenvolvimento da terra e à prosperidade dos entrantes se fizeram sentir graves e pesadas, dando causa a que surgisse reação e estalasse motins em vários pontos do sertão. O colono reagiu com bravura contra os despropósitos administrativos e fiscais, chegando ao ponto de ensanguentar garimpos e caminhos.

A proibição da existência de mais de uma estrada para as minas de Goiás foi a forma menos inteligente que as autoridades administrativas adotaram para “evitar descaminhos de ouro e prejuízos à Fazenda Real”. A proibição da circulação do dinheiro amoadado foi, também, causa de tumultos e, a despeito da severidade da fiscalização, “nos subúrbios das minas de Goiás os donos desses dinheiros compravam gravíssimas partidas de ouro em pó, a 1\$280 e 1\$300 a oitava, com evidentes prejuízos para a Real Fazenda de S. Majestade.

No início do desbravamento de Goiás, proibiu-se tudo aos entrantes. Proibiu-se o trânsito das tropas, proibiu-se a abertura de picadas e caminhos, proibiu-se a passagem de certos córregos, proibiu-se a importação de certas mercadorias, proibiu-se a exportação de determinados produtos da terra, “proibiu-se a criação de vaques, sob pretexto de favorecer a propagação da raça cavalariça, proibiu-se o exercício de numerosas profissões”. Para que se possa compreender por que o fisco proibia o exercício de certas atividades e de certos ofícios, é preciso que se recorde que, na época, era esse o meio de se emancipar das exigências fiscais. As riquezas só podiam ser conquistadas com o concurso dos escravos e os escravos estavam sujeitos a severos tributos. Os artífices não possuíam escravos e, por conseguinte, não pagavam impostos. “Eram os escravos”, assinala um historiador, “o único meio de adquirir riquezas e só quem exercia um ofício mecânico podia subsistir sem eles”.

As exorbitâncias de natureza fiscal eram tantas, nessa época, que ao colono só ficavam dois encargos: “pagar impostos e morrer”. Tudo o mais lhe era defeso.

Os primeiros povoadores, submetidos a esse regime torturante, reagiram de mil maneiras diferentes, chegando, muitas vezes, não somente a zombar das autoridades como, ainda, a lhes lançar verdadeiros desafios. Essa atitude dos primeiros desbravadores, cheia de bravura, de altivez, de coragem desmedida e de um acentuado espírito nativista, constitui, sem a menor dúvida, um dos mais brilhantes motivos da história inicial de Goiás.

Para favorecer o comércio da Índia e para proteger a fabricação de aguardente em Portugal, dom João V, em 1732, determinou proibir, na capitania de São-Paulo, a que Goiás pertencia, a existência de roças de cana e de engenhos de açúcar. Em Goiás, coube ao próprio descobridor das minas, Bartolomeu Bueno da Silva, então superintendente geral, a incumbência de “mandar deitar bando”, tornando público que “nenhuma pessoa, de qualquer condição ou grau, não poderá ter em suas roças e fazendas a referida planta de cana e os que a tiverem a destruirão e queimarão logo, para o que lhes concedo o tempo de sessenta dias”.

O bando do superintendente geral foi deitado com toda a encenação da época: “toque de caixa e anúncio em altas vozes” e terminava fixando as penalidades a que ficariam sujeitos os colonos que desobedecessem à ordem real: “multa de cem oitavas de ouro para a Matriz desta Vila e mais cinquenta oitavas para as despesas da justiça e prisão por trinta dias”.

O cumprimento dessa ordem verificou-se entre motins e tumultos sangrentos. A caboclamia rude, desbravadora de mato, de pele tostada pelas soalhei-

ras inclementes, no seu convívio anterior com as autoridades das Minas-Gerais, de São-Paulo, da Baía e de outras capitanias, havia aprendido até que ponto devia temer as ameaças destas e, por isso, reagiu com bravura aos “encarregados da destruição de suas roças de cana e da queima de suas engenhocas de açúcar”.

As desordens alastraram-se rapidamente por todo o sertão, tendo sido mais violentas, com fartos jactos de sangue, em Tocantins e Meia-Ponte.

Em 1747, quinze anos depois do bando do malaventurado superintendente geral das minas de Goiás, ainda havia reação, em toda a longueza sertaneja, contra a ordem brutal. O intendente de Tocantins, João Mendonça, no exercício de suas funções, foi destruir roças de cana e queimar engenhos de açúcar que lhe haviam denunciado existir naquelas minas, e defrontou-se com uma reação impressionante: os colonos tirotearam com os soldados dos dragões e, pondo em fuga a força atacante, mandaram ao intendente um recado atrevido. Não se conformariam com a destruição de suas roças e de seus engenhos e, se o intendente teimasse em fazer a destruição, “agiriam de acordo com as circunstâncias, contendendo com V. Mcê. ou com seus sucessores, que felizmente, para os abusos, ainda há recursos nas armas e nas leis”.

Mais ou menos nessa época, na Alemanha, quando o arquiteto Knobelsdorff, cumprindo ordens de Frederico, o Grande, iniciou a construção de um castelo, em um alto, acima de Potsdam, um moleiro, convidado a vender o seu moinho que atravancava a colina, deu uma resposta mais ou menos semelhante . . .

O intendente de Tocantins, cheio de temores, alarmado com a extensão dos acontecimentos, tudo revelou a dom Luiz de Mascarenhas, em carta que lhe dirigiu para a Vila de Santos. O faustoso conde d'Alva que, depois, seria vice-rei da Índia, tomou conhecimento do fato e, em carta de 4 de dezembro de 1747, procurou tranquilizá-lo. “Da observância das ordens de S. Magtde. não se pode seguir ao executor delas o mais mínimo prejuízo, porque os senhores de engenho se sentem prejudicados, não podem nem devem usar dos meios impróprios, como o que eles querem ter com V. Mcê., mas, sim, o recorrerem ao dito Senhor, que é que, por ora, pode conhecer o conhecimento dessa matéria”.

Ao contrário do moleiro de Sans-Souci, os senhores de engenho das minas de Tocantins não encontraram apóio na lei para a sua defesa. Venceu a ordem do rei português. Os seus engenhos de açúcar e as suas roças de cana foram destruídos.

BIBLIOGRAFIA

- A. Tavares de Lira, “Organização Política e Administrativa do Brasil”.
- Americano do Brasil, “Súmula de História de Goiás”.
- Antônio Torres, “Razoens da Inconfidência”.
- Colemar Natal e Silva, “História de Goiás”.
- Diogo de Vasconcelos, “História Antiga das Minas Gerais” e “História Média de Minas Gerais”.
- “Documentos Interessantes”, do Departamento do Arquivo do Estado de S.-Paulo.
- Frei Vicente do Salvador, “História do Brasil”.
- Gabriel Soares de Sousa, “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”.
- Max Fleiuss, “História Administrativa do Brasil”.
- Rocha Pombo, “História do Brasil”.
- Varnhagen, “História Geral do Brasil”.
- Documentos oficiais do Arquivo de Goiás.
- A. Torres, “Razoens da Inconfidência”.

GOIÂNIA E SEU FUNDADOR

Por MATMA NAGO

Quem observa este fenômeno social que é Goiânia sente, de logo, o extraordinário papel que ela vem desempenhando em nosso desenvolvimento, no progresso da coletividade goiana, material e imaterialmente, e sua profunda projeção em nossa história de amanhã.

Somos daqueles que ouvem no grito de "rumo ao campo!" uma palavra de ordem de redenção. Nem por isso podemos deixar de considerar as capitais de Países, de Estados, como os pontos de referência, como a medida de engrandecimento dos povos. Elas representam, em miniatura, a vida das nações, estereotipam civilizações: — são Bizâncio, Atenas, Roma, Cuzco, Londres, Rio-de-Janeiro e tantas outras metrópoles do presente e do passado. Por isso a França se prosternou mal ferida, quando caiu Paris. Por isso os russos defenderam heróicamente

Moscou, nesta Revolução Social Mundial.

Quem contempla Goiânia, erguida nesta encantadora altiplanura; quem se embevece ante suas avenidas, seus edifícios, seus contornos, suas adjacências magníficas e seu traçado incomparável, se não for bem conhecedor de nossas cousas não poderá calcular o que foi a luta pela sua fundação.

Debalde se procurará entre suas ruas e logradouros um nome que lembre o de seu fundador, que, a artéria principal, na planta da cidade, portadora de seu nome: "Avenida Pedro Ludovico", Pedro Ludovico, por decreto seu, denominou "Avenida Goiaz", em expressiva homenagem à sua cidade berço — a velha Capital.

E pouca gente sabe que um jovem estudante de medicina, três décadas atrás, terminadas as férias escolares e de regresso ao Rio, onde fazia seus estudos, extasiando-se diante da beleza do cenário, pouco adiante, no pouso que lhe oferecia uma das margens do rio Meia-Ponte, exclamava: "Que belo lugar aquele para a capital do meu Estado!"

Mas, todo mundo sabe que este jovem, amadurecido no ideal de bem servir a sua gente, décadas depois presidia a apoteótica solenidade da instalação oficial de Goiânia em Campininha.

Antes, porém, muita coisa se passou.

Incompreendido, Pedro Ludovico teve de, ao lado daqueles que em Goiaz formaram ao lado da causa da Liberdade, percorrer terreno acidentado, deserto, hostil, espinescente, só transponível pela vontade dos que na luta, nas dificuldades vêm incentivo para o triunfo.

Espírito combativo, a revo-

lução outubrista ao estalar já o encontrou a postos.

E foi como prisioneiro de guerra civil que, de sórdida prisão em Rio Verde, no sudoeste goiano, êle saiu, para ocupar o posto mais elevado no governo de seu Estado.

Em liberdade, recebido em triunfo por seus coestaduanos, o jornalista cuja pena era um pesadelo para o adversário que acabava de derrotar, o lutador que se tornara perigo alarmante para o partido dominante que decaíra, em sobre humano autodomínio, deixou entre as grades do cubículo que ocupara tudo o que foi de ódio e de sentimento de vindita e de represália, transportando, tão somente, em sua bagagem de vencedor, o ideal que o animava na pugna.

E, nesta bagagem de ideais, veio o antigo e sempre novo ideal de dar à sua Terra uma nova sede de governo, outra revolução em Goiaz, dentro da própria revolução.

De sua ascensão ao poder até a concretização de seu esplendoroso sonho, a peleja foi terrível.

O povo goiano estava tão mal preparado para a transformação, nossas possibilidades, ou melhor, impossibilidades econômicas eram de tal forma que a idéia da mudança parecia — e como tal era tida — fantasia de um visionário, projeto de um apolítico que praticava o haraquirí em sua carreira.

Em que isso pese à suscetibilidade de alguns, a verdade é que o cometimento era tão grande, era tão inacreditável dentro da época que a nova urbs deixou empós seu surgimento, como o faz a luz ao chicotear as trevas, que muitos acompanhavam o Interventor Pedro Ludovico em sua arrancada, mais pelo



Desor. Dario Cardoso -- Presidente do Tribunal de Apelação e Diretor da Faculdade de Direito



A. Juruena Di Guimarães — Diretor do Departamento Estadual de Estatística

comodismo muito humano de quem quer estar ao lado do govêrno, a-fim-de com êste ficar bem, certos de que, desiludido e desesperançado o Interventor, teria m, continuasse êle no poder, a recomendação dos que com êle tentaram uma empresa fracassada, mas perigosa, mas arriscadíssima. Ganhariam, assim, merecimento.

A História está pontilhada de feitos decorrentes da Fé indômita de um, auxiliada pela descrença de uma grande maioria.

Pedro Ludovico é um ambicioso impessoal. Nada para si. Tudo de si mesmo. Governando, vê nisso apenas uma oportunidade de servir ao agregado social de que faz parte. Daí o seu despreendimento desconcertante, quasi irritante, o seu desapêgo pela posição que vem ocupando há mais de doze anos.

Compreendidos os planos da mudança, frente à vastidão dos preparativos ficou sobejamente claro que ela se ia transformar em realidade.

Surgiu, em consequência dessa perspectiva, o colapso, o golpe de 1936, felizmente frustrado: — os deputados dissidentes, partidos dentre o número dos mais decididos de seus correligionários, presen-

tes seus interesses particulares, viram, também, enfim, que a cousa não era brincadeira e que Goiânia estava em via de ser uma realidade. Tarde de mais!

A uma tentativa de acôrdo, em que os revoltados-arrepêndidos lhe acenavam com a certeza de sua permanência no poder em troca da desistência da idéia e da efetivação da mudança, êle, então Governador do Estado, respondia com sua célebre carta, em a qual, com a determinação de um predestinado, lançou os destinos de Goiás: — "Só Deus terá poder para me fazer recuar"!

Louco para os antimudancistas, sonhador para aqueles mesmos que desejavam a mudança, dias houve em que somente um homem nesta acreditou: — o louco, o visionário Pedro Ludovico Teixeira!

Longe vai o tempo — dez anos! — em que tudo isso se passou. E a realidade que era para o seu sonhador é hoje um quasi sonho para todos nós!

Longe vai o tempo em que conhecido intelectual goiano, que honra o nome do nosso Estado além fronteiras estaduais, afirmava em artigo publicado na imprensa indígena que o Palácio das Esmeraldas e o edifício das Secretarias e o Grande Hotel, três colossos ainda esqueléticos que quebravam as antigas visões dêstes campos, serviriam para futuros leprosários.

Tudo passa.

E êsse mesmo consagrado intelectual, dois anos atrás nos deleitava naquele Palácio das Esmeraldas, já palácio de verdade, com agradabilíssima conferência. . .

Goiânia é um encantamento para a vista. Um espetáculo admirável, u'a maravilha de arquitetura.

Goiânia, acima de tudo, e um livro aberto para o historiador e um campo de estudos e pesquisas para o sociólogo.

Pedro Ludovico é o democrata, o primeiro funcionário

goiano, o primeiro OPERÁRIO goiano. É um exemplo a seguir pela nossa mocidade.

A fundação de Goiânia representa para Goiás verdadeira revolução social.

Goiânia foi nossa revolução político-administrativa: — morte de oligarquias, extermínio de familiocracias, organização de uma nova elite, finalmente, um Goiás-Novo.

A frase aplicada com sua sabedoria costumeira pelo Presidente Getúlio Vargas ao Brasil, com relação às suas Unidades, se ajusta perfeitamente à nossa, relativamente às suas circunscrições territoriais: — em Goiás não há municípios grandes nem pequenos. Grande é Goiás!

Festivamente, em plena Avenida Goiás se lançou, faz dois anos, o quilômetro 0 da ferrovia goiana, ora em demanda desta Capital.

E Goiânia é o quilômetro 0 da marcha para o Oeste.

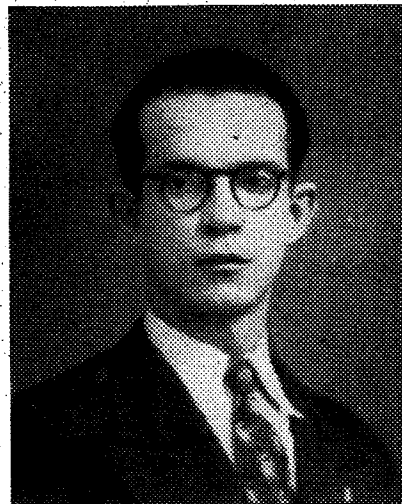
O BONUS DE GUERRA é um título garantido pelo Govêrno. Empregue bem o seu dinheiro, adquirindo BONUS DE GUERRA, que, além de render juros, contribuirá para a vitória dos aliados.



Dr. Humberto Ludovico de Almeida — Diretor do Departamento de Geografia e Cadastro

A lírica mensagem de Alfonsina Storni

José Bittencourt



Dr. Agenor de Lima Negrão -- Diretor Geral de Saúde

Calou-se no fim do ano de 1938 uma das mais sonoras líras da Argentina, representada na poesia de Alfonsina Storni. O mundo literário internacional, todo inteiro, em uníssono, chorou o desaparecimento da grande poetisa que, de há muito, havia se tornado uma glória latino-americana.

Sem dúvida alguma, não se pode negar que a autora de OCRE ocupou um lugar insubstituível na música poética deste lado do hemisfério, ao lado de Amado Nervo, Ruben Darío, Santos Chocano, Leopoldo Lugones e Garcia Llorca. A suprema sensibilidade das suas canções de tristeza, dos seus hinos de adoração pela natureza e, sobretudo, dos seus poemas intimistas, deram-lhe, com acentuada justiça, esse trono de honra e de doçura.

Por falar a verdade, não sei bem explicar porque as mulheres assumiram no continente americano a vanguarda da poesia. No Chile, a voz extraordinária de Gabriela Mistral tem alguma coisa adocicada que embevece e extasia o mais cruel dos mortais. No Uruguai, o canto sensual, lírico e cheio de volúpia da meiga Juana Ibarbourou dá-nos um estranho frescor pelo corpo. Nomes outros se arregimentam nessa imensa família, como Eugênia Vaz Ferreira, a peruana Magda Portal, a mexicana Maria Enriqueta e Delmira Agustini, dona de uma apaixonada vocação para escrever singelos vocábulos amorosos aos que sentem e amam a vida. Na Argentina, até novembro daquele trágico ano de 1938, ouviu-se a melodia triste da grande Alfonsina Storni, impregnada de enormes pressentimentos, porém de um encanto fora do comum.

A morte da cantora de IRREMEDIÁVELMENTE foi desesperada e angustiada. Numa tarde alegre foi ao Mar del Plata e procurou, entre as suas águas, um eterno refúgio. As leves ondas beijaram as suas faces, fizeram-lhe a última despedida e o cenário de toda aquela tragédia foi-lhe um como que aceno de saudade pelas imensas dôres do seu mundo interior. A beleza daquela praia contribuiu, no seu tormento de artista, para o efeito do gesto. Aliás, em muitas das suas poesias, está bem patente a atração que o mar exercia no sentimento da filha de Corona, na Província de Santa Fé.

Eis, nesse trecho do poema "Dolor", uma quasi que profecia do seu destino, a espontaneidade dos versos brotando numa naturalidade espantosa:

"Quisiera esta tarde divina de Octubre
Pasear por la orilla lejana del mar;
Que la arena de oso y las aguas verdes,
Y los cielos puros me vieram pasar".

No poema "Silêncio", também, há uma sugestiva presença de confiança "desagradável" (como classificaria Bernard Schaw) na previsão do seu último dia na terra, parecendo, assim, uma espécie de obsessão marítima. Desvenda-se, nele, o seu segredo: querer unir o mar com a morte. E' quando ela fala:

"un dia estaré sola, como está la
montana
entre el largo desierto y la mar
[que la bana...]"

Lendo a esmo alguns dos versos de Alfonsina Storni, a gente fica impressionado e chega a concluir que, na sua poesia, existe um ponto de interrogação. Ela mesma não se compreendia em suas próprias atitudes e não chegava a ter completo um certo determinismo vital. Dentro de sua flexível lógica poética, há reticências agudas, frequentes desassossegos, mudanças bruscas de paisagens e observações panteístas primorosas. A natureza respira na sua linguagem, alarga-se em aproximações extensas e se filia em todos ou quasi todos estados os emotivos do seu canto.

Disse Gabriela Mistral que, na sua sede feminina, residia um impulso entravado, uma vontade imensa que Alfonsina tinha de se retratar em sua temática. No livro "Inquietude del Rosal", por exemplo, fica-se conhecendo a verdadeira dona daqueles versos harmoniosos e líricos. E' o livro-bíblia de sua existência, o diário minucioso das suas paixões incontidas e quasi sempre irrealizáveis. Ela mesma o escreveu para não morrer como se expressou na sua autobiografia, almejando atingir a perfeição na sua Arte, querendo vencer a visão apocalíptica de um amor desenfreiado.

Mesmo assim Alfonsina se descon-

de e não é como Juana Ibarbourou que clama nos seus versos e abunda em inspiração, comunicando ao mundo tudo o que sente e quer. Há vozes estranhas nas suas mensagens referendo em genésicas pujanças, como muito bem acentuou o cubano Medardo Vidier. Há incríveis pre-ságios, coros lúgubres, elementos entrecruzados que são horríveis obstáculos para a obra de compreensão da sua poesia. Aparecem signos fúnebres, mas Alfonsina foi uma mulher que amou a vida e a buscou ansiosa como seiva criadora. E' a sua plenitude vital que se descobre aqui:

"si el corazón me fuera percutido,
pudiera ser que resonara a muerto,
pero pudiera ser que diese ruido
de pajaros cantores em un huerto"

numa agonia tenebrosa de motivos dignos de menção especial. E, adiante, mais uma revelação extraordinária na estrofe seguinte:

"Vela sobre mi vida un grave amor
[imenso:
cuando llegué a la vida yo traia em
[suspenso
en el alma y la carne la doçura en-
[miga,
el capricho elegante y el deseo que
[hostiga]"

O essencial está suscitado nessa meditação artística que foi todo o tema da vida de Alfonsina. Integral e humana, os seus sentidos foram governados pelos clarões do espírito. A "alma" e a "carne" denunciam uma feminilidade preocupada, um instrumento erótico cuja finura mostra uma tensão dramática e emotiva, mas é um fenômeno transitório, uma atitude que ela adota com frequência e que nunca procurou descrever.

Sincera, anotei nos seus poemas uma fervorosa mensagem de humanidade, um convite à meditação, uma fecunda beleza que, vinda do belo, comunica uma claridade inesperada



Dr. Belarmino Cruvinel — Membro do Conselho Administrativo

debuxada em paisagens mais plásticas do que musicais. Varona soube dizer "las cosas tristes que son ay!, las más belas de la existencia", exclamando nesse fenômeno estético uma avivada noção do eterno, agente do sofrimento, causa da fecundidade. Nessa impressão monocórdia Alfonsina Storni surge radiante, experimentando a dôr universal, aproximando-se de Arturo Capdevilla, partindo do seu próprio sofrer à angústia humana.

Falam os críticos de língua espanhola que a arte da grande poetisa argentina foi de transição e nessa afirmação vai, também, um pouco da autoridade de Medardo Vidier, metucioso analista da sua literatura. E' verdade que uma profunda força agiu em sua mentalidade, abrindo profundidades inexplicáveis com vislumbres místicos e penumbras contemplativas. A horrível máscara do destino ficou fotografada na sua poesia humana, numa revelação concentrada, cujos índices e modalidades deram-lhe uma justeza formal. Capdevilla soube muito bem experimentar a angústia da humanidade, absorvendo-se de todo em direção à piedade do mundo. Alfonsina vai de si à própria pena dos outros, numa procura irrequieta de alívio, remediando no alheio as suas lutas realistas e nostálgicas.

Justamente por isso, a sua mensagem lírica é uma humana noção de desenvoltura poética. Ela integraliza no seu conteúdo uma parcela da amargura universal. E' uma mensagem de tensão, um bulício de seiva que é refôrço de plenitude vital, um instrumento de dôr que se converte num fenômeno artístico. Fundamentalmente agônica, Alfonsina soube falar ao mundo. E, nos seus detritos e cinzas, o mundo se curva ante aquele seu poder de compreensão, ante os seus versos nobres e listos.

"OESTE" VISTA PELOS OUTROS

A propósito do artigo "Maria Emília", estampado em o número de maio desta revista, de autoria do ilustrado desembargador José Campos — juiz cujo nome já ultrapassou as fronteiras estaduais, firmando-se mesmo na Capital Federal, onde alguns trabalhos seus mereceram transcrição em livros de notáveis publicistas patrícos — o conhecido literato e jurista dr. Melchiades Picanço publicou, no "Diário da Manhã", do Rio, edição de 30 de maio do corrente ano, interessantíssimo trabalho, em que comentou, com o brilho que lhe é peculiar, o curioso caso judiciário ferido pelo desembargador José Campos naquele conto.

OESTE se rejubila com a repercussão que teve a produção daquele nosso distinto colaborador, principalmente por ter o dr. Melchiades Picanço qualificado o nosso magazine de "esplêndida revista".

-:-

Também o revdo. Pe. Antônio Wasik, conceituado intelectual polonês e professor do Ginásio Anchieta, de Bonfim, oferecendo-nos o folheto em que editou um magnífico discurso sôbre a vida e a obra de Henrique Sienkiewicz, o imortal autor de "Quo vadis?", usou da seguinte dedicatória: — "Brindando a revista OESTE, o mais belo florão intelectual goiano, que leio com gôsto e propago entre a juventude ginásiana, a seus dignos redatores e componentes, ofereço esta brochura".

-:-

Ainda o dr. José Arruda de Albuquerque, diretor do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, em carta dirigida ao nosso prezado colaborador dr. João d'Abreu, assim se exprimiu sôbre OESTE: — "Esta publicação é mais um motivo de admiração pelo povo goiano e, especialmente, pela elite que o orienta".

-:-

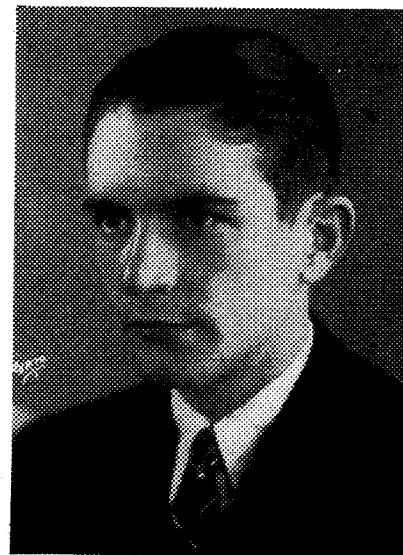
Finalmente, o vitorioso poeta e romancista patríco dr. João Acioli, autor de "Ôlho d'água" e "Barro Preto", em longa e minuciosa carta dirigida à redação de OESTE, teve, para com ela, palavras as mais entusiásticas: Diz o festejado escritor: "Há muito tempo recebi, enviado pelo Faria, um número da revista. Bom, bem orientado, bem feito, e, principalmente, bastante arejado. Gostei, sem muitas restrições, da revista. Ela me encantou muito. Sei quanto é difícil e ingrata a tentativa de renovar, sobretudo no setor do pensamento, sobretudo, ainda, na esfera das belas letras. Mas se não houver alguém que se lembre disso e meta mãos à obra, nada será fei-

to, pois não é o "medalhão" que se há-de lembrar disso..." Diz, ainda, João Acioli: — "Muita gente irá ter vocês na conta de inimigos. Não se importem. Metam o braço, pela imprensa! A recompensa virá depois, envolta no reconhecimento de todos. Precisamos destruir os falsos ídolos". E, terminando: — "Recebam, com meu abraço, os aplausos pelo êxito de OESTE, a que não venho desejar triunfos porque já venceu e se credenciou como a mais arejada das publicações goianas".

-:-

E aí estão alguns comentários sôbre a nossa revista. Palavras confortadoras, que nos servirão de estímulo para ajudar a vencer os tropeços inevitáveis, que existem e continuarão existindo. Palavras que nos alegram, por vermos que o nosso escopo principal está sendo atingido: — tornar Goiaz melhor e mais conhecido nos Estados irmãos. Palavras que nos dão certeza de estarmos cumprindo o nosso dever, correspondendo à confiança que em nós depositou o benemérito Interventor Pedro Ludovico.

O BONUS DE GUERRA é um título que rende juros. Comprando-o, você não está apenas contribuindo para o triunfo da causa nacional, mas também para o bem-estar de sua família.



Dr. Orivaldo Borges -- Diretor do Colégio Estadual de Goiaz

Música e Músicos de Goiás

Zoroastro Artiaga

Não há terra alguma que goste tanto de música, possua tantos cantores e compositores e que tão pouco escreva sobre assuntos musicais. A não ser as crônicas de Lucílio, pseudônimo de Frederico Campos, maestro e literato do sul do Estado, quasi nada conheço de publicidade, tratando da arte divina dos sons.

Cada goiano sabe um pouquinho de música. Eu, que sou dos mais obscuros, passei pela mocidade com um "pinho" debaixo do braço, a cantar modinhas debaixo das janelas alheias, alta noite, e cheguei a tocar piano de ouvido, fazer madrigais em dueto, e por muitos anos executei numa orquestra de Catalão, no tempo em que o cinema precisava de música, um rabeção que ficou notável, porque eu tocava com três, duas e até numa corda única, quando o empresário se recusava a substituir as que o rato roía. Cada goiano sabe um pouco de música, porque é um músico de nascimento. Ao nascer traz a alma cheia de sons, e cultua sua sensibilidade arrancando das cordas vocais as mais plangentes melodias. O goiano canta com a dolência da sua tendência nostálgica, sempre em tom menor, quer seja sofredor de amores mal correspondidos, quer esteja sendo martirizado pela dor da saudade. Os jovens namorados, sob as janelas de suas Estelas, nessas noites enluaradas que tanto foram cantadas pelos vates de Vila-Boa, fazem, todos eles, as delícias de suas leituras, como encantam a todo o mundo que os ouve, porque aquelas queixas sonoras encerram para todos um mundo de recordações. Todos passaram por "isso". É todos tivemos razão! No sertão, os motivos de poesia e de arte estão relacionados com a Natureza. Poetas, músicos e pintores giram em torno das maravilhas naturais, dos sentimentos humanos e do amor, que, na terra ditosa da Igreja de Sta. Bárbara, é a coisa mais séria do mundo.

Os luars de Goiás foram sempre temas prediletos para as artes e para a poesia. A música sertaneja inspirou-se nos luars de lá, que, devido ao calçamento de lages muito brancas e devido à areia tão alva que realça o clarão, aumentando-lhe a beleza, são diferentes de todas as outras cidades. A denominação das peças prova o sentido da inspiração.

É preciso dizer que as antigas músicas das festas de Igreja, das folias, cavalhadas, teatros, cavali-



Dr. Zoroastro Artiaga -- Membro do Conselho Administrativo

nhos, e outras reuniões, fixaram-se na alma como na memória de todos nós.

Essas melodias ficam fazendo parte da vida de todos os que viveram no sertão. Em Goiás houve abundante produção musicista. Em todos os municípios destacaram-se nomes notáveis de compositores de elite. Manda a justiça recordar Mestre Braz, João de Araújo, Joaquim Marques, Alberto, Heitor, e da geração nova Benedito Azevedo, que compõe clássicos, João Ribeiro, João Antunes e outros já falecidos, como dos modernos compositores destacam-se novos valores com o dr. Joaquim Edson de Camargo à frente. No interior, João Pirahy, mestre Quincas, de Catalão, Mestre Quilú, de Jaraguá, Filadelfo Jorge da Silva, de Rio Verde, Antônio Sabino dos Passos, Joaquim de Sousa, que deixaram ótimas composições. Frederico Campos tem ótimas composições musicais impressas. Edilberto Santana reuniu por uma Editora, das nossas músicas, reais preciosidades de arte e bom gosto.

No meu tempo o estilo predileto era o de "chôro". As valsas sentimentais, do gênero "Saudade de Matão", sempre em ré menor ou si menor, passando para maior na última parte com segunda cheia e animada, eram o tipo-padrão. Confinavam um mundo de encantamento na beleza ritmada das suas harmoniosas melodias. O programa da saudade da Rádio difusora, de vez em vez, traz uma dessas jóias.

Muitos "dobrados" tivemos.

Era corrente o estilo do "Uberaba Esporte".

Estavam em moda o Silvino Rodrigues, o Desterrado, que gastava 40 minutos para entrar no trio e virava daí numa recapitulação a 40 HP.— As valsas de rua, usualmente empregadas nos enterros de crianças, eram do estilo da "Amor e gratidão", capazes de virar para o avesso um coração ferido.

Inúmeras valsas fizeram época: Quiquita, Sonho de Noiva, Noites calorosas, Pic-nic trágico, 20 de Outubro, Goiabeiras, e outras.

* * *

Estava em moda no começo deste século a célebre dança aristocrata que substituiu a "Lanceiros", a "Príncipe", a "Rocambole", e que se denominava "Quadrilha Francesa Geral".

Todas tinham música própria.

Exigiam aparatos, mestre-sala, um marcante, uma porção de coisas. Não existia baile algum que não começasse pela quadrilha cerimoniosa, em que os pares deviam ser os namorados, noivos ou casados que se amavam.

Era da pragmática. A primeira devia pertencer aos que se estimavam mutuamente.

Antes de se colocarem para dançar, o cavalheiro ia pedir o par, que era "V. Excia." para todos os efeitos.

A música dava sinal para quadrilha, uma espécie de característica musical com entusiasmo barulhento. O marcante batia palmas e o pessoal entrava em forma.

Era uma dança respeitosa, solene, cerimoniosa, um pouco cheia de medidas e lagaduxos, mas, onde a elegância feminina era plenamente exibida e admirada. Veio mais tarde a quadrilha americana, que substituiu a antiga, simplificando-a e reduzindo o número de seus pares.

Para essas dansas, as bandas de música possuíam um esplêndido repertório e ensaiavam noites e noites a fio, para uma fiel execução no festival ou no baile.

* * *

Belos tempos. Não havia casa de família que não cultivasse a música, que não tivesse instrumentos, e onde não houvesse saraus.

Não havia cidade em que faltassem orquestras e grupos musicais.

Fez época em Goiás o "Clube Pau", de que há remanescentes aqui. Também o "Clube Esperança" de Goiás deixou tradição. Hoje, com a

DUAS CIDADES

Marilda Palinia



Dr. Vasco dos Reis Gonçalves -- Diretor Geral de Educação

dissolução mundial de costumes, desapareceu a arte, surgiu o ritmo, veio a orgia de sons ocupar o lugar dos acordes dos violinos e as almas enamoradas já não sentem a sublimidade artística de um dueto por volta da madrugada enluarada.

Depois do jazz-band e do samba, os músicos alistaram-se nas fileiras dos adversários das melodias, dispensando o esforço da educação artística musical. Não gosto da música moderna, porque ela tornou-se mecânica, um produto da lei do menor esforço. O americano do norte teve sempre chamegos com a África e foi de lá que levou o estilo do negro para os salões aristocráticos das cidades faustosas. A dança americana é bárbara. Tem mais de barulho selvagem do que de arte. Há mais africanismo numa "La Conga" do que sentimento artístico. Há mais sapateados bárbaros nos salões de N. York do que nas choças de Moçambique. O próprio samba nasceu nos morros das ladeiras para "abafar" a música distinta e artística da sociedade culta, porque conseguiu aproveitar o espírito carnavalesco do carioca. O rádio acabou de liquidar com o estudo da arte. Basta girar um botão de comando e o rádio nos apresenta as melhores músicas do mundo. Mas está longe da perfeição: sempre fahnoso, sempre metálico.

Mas existe um setor que escapou os futurismo e à dissolução das conquistas do espírito: a zona rural, onde vive e viverá eternamente, dentro dos peitos, donde a sinceridade nunca saiu porque é o último reduto da sinceridade, o derradeiro abrigo da realidade brasileira, assim como aconteceu com a fauna que foi acossada para os confins do Oeste, escondendo-se do progresso e da civilização.

Nada mais lindo, mais expressivo do que a poesia espontânea da

Descansa num refêlho da minha ingrata memória a imagem, por certo feliz, de um dos nossos cronistas, comparando as casas a semblantes humanos, cheios de expressão e de sensibilidade.

Esqueceram-me as palavras, fugiu-me o nome que as ditou, mas a lembrança persiste sempre e sempre me assalta o pensamento, quando observo as casas, abertas e alegres pela manhã, tão ávidas de luz: e calor como as próprias plantas, ou silenciosas e fechadas no seio veludoso da noite, parecendo dormir com os seres que nelas se abrigam.

Casas ensolaradas e alegres, claras e risonhas como faces irradiantes de moças felizes; casas escuras e soturnas como rostos de criminosos, ensombrados de maldade. E, ainda, casas antipáticas, fisionomias impassíveis e impenetráveis, mascarando almas frias e egoístas.

E eu levo mais longe a similitude. As cidades possuem também algo de espiritual e humano. Há cidades frescas e ridentes como figurinhas rosadas de crianças; e há cidades pesadas e brutais como vultos lerdos de idiotas.

Há cidades estranhas e misteriosas, outras Cleópatras dotadas de raro poder de sedução; e há cidades tristonhas e evocativas, eternas Julietas, amorosas e sentimentais.

GOIAZ e GOIÂNIA. Duas cidades irmãs. Uma já velha, a outra começando a crescer, menina ainda. Tão diferentes ambas e ambas tão sedutoras na sua beleza diferente!

Afirma Olavo Dantas que "em todos os panoramas há a predominância de uma côr. O Rio-de-Janeiro é o reino da safira e a Amazônia é o reino da esmeralda".

Ele diria — se as conhecesse — que é Goiaz o reino da ametista e Goiânia o reino do rubí.

Goiaz, poética e romanesca, ba-

roça, de braço-dado com a música do meu tempo, que uma viola inteligente sabe ajeitar ao lado de uma sanfona sentimental.

A poesia nativa, sem preocupação de estilo e de adôrno com frases bonitas, se mostra com toda a sua beleza. Elas dizem numa quadra plangente o que um poeta do litoral não conseguirá fazer num poema de vinte páginas.

E que a poesia é espírito, como a música o é, e não cabe dentro de uma caixa de metais como cabe no âmago de um peito amoroso.

Em síntese, a música vive na cascata dos arroios, no balanço das folhas do acuri, no farfalhar dos ventos da terra sertaneja.

nhada de sol, faiscante de luz, encerrada na redoma de cristal de um céu de incrível pureza e aprisionada na moldura forte dos seus montes estranhamente verdes, tem, apesar do seu colorido e da pujança de sua vegetação, uma atmosfera violácea, um halo de saudade, envolvendo-a toda.

Faz o coração mergulhar em doce melancolia. É a cidade das tradições, dos que sabem sentir a alma do passado, dos que sabem ouvir-lhe a voz misteriosa, que ressoa naquelas ruas estreitas, forradas de pedras seculares, naquelas casinhas brancas e aconchegadas como tímidas velhinhas, naqueles horizontes profundamente luminosos e que ficam bem perto de nossos olhos. É a cidade-violeta, é a cidade-saudade.

Goiânia, trêfega e buliçosa, côr de sol e côr de sangue, na variada gama do vermelho, que sobe do scio acobreado para os telhados côr de brique, dourando as construções de estilo, a maioria em tons auri-purpúreos, fala do futuro, fala da esperança.

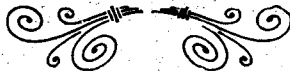
É a cidade dos nossos filhos, a cidade dos largos horizontes e das largas possibilidades, num convite impetuoso e permanente à luta, na certeza de que é ela o preço da vitória.

É a cidade de amanhã, com os defeitos e as qualidades dos organismos jovens, cheios de pujante vitalidade, e que sentem em seu sangue e em seus nervos, em seu coração e em sua inteligência, a capacidade realizadora de todas as loucuras, na divina escalada dos mais belos ideais!



Tte. Cel. Benedito da Silva Albuquerque -- Chefe do Gabinete Militar da Interventoria

As Inspiradoras de Pedro Ludovico



Falando da obra máxima de Pedro Ludovico, não poderíamos olvidar os nomes de Dona Josefina Ludovico de Almeida e Dona Gercina Borges Teixeira, mãe e esposa do ilustre patricio.

A sombra tutelar desses dois vultos de mulher nunca abandonou Pedro Ludovico em sua trajetória pela vida pública, vitoriosa, sim, porém cheia de tropeços e de obstáculos, que Dona Josefina e Dona Gercina souberam, com seu estímulo, com a sua assistência sentimental e moral, constante e confortadora, ajudar a vencer.

Se não chega a constituir uma regra, é contudo comum aos grandes homens o terem mães e esposas à altura. A mulher, em todos os tempos, de um modo ou de outro, ativa ou silenciosamente, tem sido a inspiradora máxima das obras duradouras. Talvez devamos a Beatriz a obra imortal de Dante, como a Marília devemos a de Dirceu; Lincoln reconheceu e proclamou publicamente que, tudo o que foi e fez, deveu-o à sua "santa mãe"; Garibaldi teve em Anita uma companheira do mesmo porte.

Pois, Pedro Ludovico — seu julgamento está feito — é um



Da. Josefina Ludovico de Almeida



Da. Gercina Borges Teixeira

grande. Sua modéstia talvez se ofenda com a verdade assim proclamada, mas, já dizia Tolentino, a verdade deve ser dita, ainda que cause escândalo... E Pedro Ludovico venceu. — Venceu, porque foi um forte, teve um nobre ideal na vida, lutou por êle. Porque teve confiança, teve fé, teve vontade. Venceu porque é quem é. Mas é quem é, em grande parte, porque teve em sua santa mãe e em sua esposa dedicada uma base sentimental e moral sólida, uma fonte perene de estímulo, um reduto contra as asperezas das lutas, uma força secreta e podero-

rosa que o impulsionou sempre para a frente e para o alto. Porque teve, em Dona Josefina Ludovico de Almeida e em Dona Gercina Borges Teixeira, companheiras que souberam, uma — Dona Josefina — formar-lhe o caráter forte e reto, capaz de suportar, vitoriosamente, os duros embates da vida, e outra — Dona Gercina — incentivá-lo com essa força misteriosa que brota do fundo do coração das esposas dedicadas e que tudo vence.

Eis porque, ao falarmos da obra máxima de Pedro Ludovico, não poderíamos esquecer as figuras das exmas. sras. Donas Josefina Ludovico de Almeida e Gercina Borges Teixeira.

J. Lopes Rodrigues escreveu:

Goiânia

*Liberta de um passado centenário,
Tu surgiste, Goiânia peregrina,
Das pegadas impressas na campina
Por novo bandeirante temerário.*

*Plasmada por mãos rudes de operário,
A beleza que prende e que fascina
Ressombra do teu corpo de menina,
Filha Augusta de um sonho visionário.*

*Cidade — idéia que se fez certeza —
No teu porte soberbo de princesa,
Cujos encantos teu perfil revela,*

*E que a vaidade feminil aprova,
Se és do Brasil, de tôdas, a mais nova,
És de Goiás, de tôdas, a mais bela!*

João Acioli escreveu:

Ôlho d'água

*A ponta do diamante perfurou
o ventre da pedra incrustada na serra.*

*E um ôlho d'água brotou
das paredes fundas da terra.*

*Salta um filete. O veio esguicha e cresce. Escorre
deslizando morro abaixo.*

*A pouco e pouco as águas se avolumam
e a toada macia das mesmas sôbre o leito
parece uma ária pianíssima de Schumann.*

O ôlho d'água transformou-se em riacho.

*Mas de repente, o riacho e os ribeirões vizinhos
pararam de correr.*

*Folhas caídas perdeu-se nas grotas
num desatino doido de morrer.*

*Ante a inclemência do verão
tôdas as águas se intimidam:
o ôlho d'água perdeu-se terra a dentro
infiltrando-se no chão!*

Os olhos d'água também se suicidam! . . .

Afonso Felix de Sousa escreveu:

Poema da dôr anônima

*Molhando a palidez de minha face,
De minha face mascarada de sorrisos,
Duas gotas brotaram de meus olhos.*

*Não havia razão para que eu chorasse
Mas duas lágrimas desceram de meus olhos.*

*Junto de mim passava a multidão alegre.
E eu fiquei imaginando quanta dôr e sofrimento
Se escondem sob a face prazenteira
Da tumultuosa multidão.*

Assim pensei na dôr da humanidade inteira.

*E só então compreendi por qual razão
Duas lágrimas desceram de meus olhos.*

Sonetos de Augusto Rios

Efêmero...

*Mudam-se os tempos, tomam outra côr,
com êles, nossas ilusões primevas. . .
Vês como nasce o sol, com que esplendor,
e como expira à tarde em densas trevas?*

*Tudo é fugaz como o viver da flor,
cujas pétalas se vão — o vento leva-as. . .
Morre dentro em nós a ilusão, o amor,
morrem as nossas ilusões primevas. . .*

*Na vida é tudo assim. . . Feliz de quem
por ela passa descuidado sem
os sonhos ver morrer pelos caminhos. . .*

*Na vida é tudo assim. . . Quando pensamos
que inda por sôbre pétalas pisamos,
já temos nossos pés por sôbre espinhos!*

Minha formação lírica

*Lembro-me bem. Era inda criancinha
e já sentia essa volúpia imensa
de um não sei que de vago que me vinha
por umas tardes de saudade densa. . .*

*Lia os poetas mais mimosos. Tinha
maior predileção, ardor de crença
por Cassimiro e Castro Alves. Minha
inspiração se abria em onda intensa. . .*

*Pelas manhãs sentia no meu peito
desejos de voar, de ir direito
às doces planíferas da ilusão. . .*

*E, às tardes, tendo n'alma uma agonia
de dôres e soluços. . . escreveria. . .
uos primeiros sonetos punha a mão. . .*

Suprema Lex

*O mundo é bom, tem gozo, tem ventura,
p'ra quem por êle passa descuidoso;
não vale procurar ser venturoso
nem tão pouco falar em amargura. . .*

*No entanto, quanta gente se tortura
nessa ambição de ser o mais ditoso,
e, quanto mais anseia, mais queizoso
se faz, achando a vida ingrata e dura! . . .*

*Há nesta vida lei, e lei eterna
a regular tôda uma essência interna
e a dar a cada um o que merece. . .*

*Feliz o que perscruta intimamente
tudo o que a alma deduz internamente
num aí, numa emoção, ou numa prece! . . .*

O QUE FALTA A GOIÂNIA

HÉLIO A. LOBO

A construção de Goiânia constitui uma verdadeira epopéia da gente goiana.

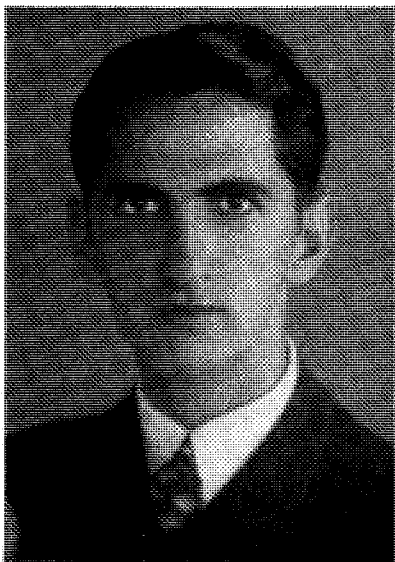
O surpreendente desenvolvimento da nova capital goiana é uma página das mais expressivas e arrojadas na história das cidades brasileiras.

Goiânia de hoje é um centro admirável de trabalho, de vida intensa, de múltiplas e incansáveis atividades. É a realidade mais eloquente e mais bonita que Goiás até hoje pôde mostrar ao Brasil.

Falta-lhe, porém, qualquer coisa. Ressente-se Goiânia de uma grande lacuna. Seu comércio, sua indústria, tôdas as suas classes sociais sentem de perto o que representa para a cidade a ausência desta sua tão cara desconhecida: a estrada de ferro.

Não é possível continue esse isolamento da rede ferroviária nacional.

O Brasil espera que cada brasileiro adquira o seu **BONUS DE GUERRA**, que é a arma do civil nesta batalha de vida ou de morte.



Jorge Salomão -- Secretário da Imprensa Oficial



Hélio de Araújo Lobo -- Delegado do I. A. P. I. e Redator de "Oeste"

Urge solução urgente, cabal, decisiva.

Rodovias não bastam.

Alguém já disse do relevante papel que coube aos caminhões na mudança da capital das fraldas da Serra Dourada para o Sul ("Em pleno Sul a Capital"... Lembram-se de Egerineu Teixeira?).

Bem mais importante, sem dúvida, foi a contribuição dos caminhões na construção propriamente dita. Dos caminhões que noite e dia, ao sol e à chuva, vencendo obstáculos de toda ordem, ajudaram Goiânia a crescer e até hoje continuam a servi-la, como único liame entre a cidade e as paralelas de aço. Não bastam, porém. Goiânia precisa é de ligação ferroviária.

Já decorreram anos e a pequena distância Bulhões-Goiânia continua a desafiar a chegada dos trilhos.

Justo é que se reconheçam as dificuldades da hora presente. Se não é possível, de pronto, a imediata ligação de Goiânia à única via-férrea do vasto território goiano, há uma solução que no momento talvez pudesse atenuar a incômoda situação.

Esta solução, parcial embora, seria a intensificação dos trabalhos até à metade do percurso, isto é, até pou-

co adiante do local onde se encontra atualmente a vanguarda dos serviços de terra do futuro leito ferroviário.

Uma vez trazidos os trilhos até esse ponto, ficaria Goiânia a trinta e quatro quilômetros aproximadamente da "Goiáz".

Se formos esperar a conclusão de todo o trecho até à capital, para depois correrem os trens, muitos sacrifícios e muita protelação ainda háo-de vir.

Faça-se, pois, com toda urgência, essa ligação parcial.

Dela advirão os mais promissores resultados para a economia da capital do Oeste.

Aguardemos, sobre o assunto, a palavra autorizada dos técnicos e das nossas autoridades, a cujo zelo e interesse pela coisa pública toda a coletividade goiana sabe fazer justiça.

Brasileiro: — sua Pátria está em luta pela sua liberdade. Auxilie o Governo nos seus esforços pela vitória, comprando **BONUS DE GUERRA**.



Sr. Garibaldi Teixeira -- Diretor Geral do D. E. I. P.

Grande - Hotel

J. B. Felix de Sousa

O automóvel fez a curva lentamente e lentamente parou à porta do Grande Hotel.

Magda desceu e lançou um olhar cheio de cansaço e desânimo pela Avenida Goiaz, até o Palácio, depois para o hotel, até seu último pavimento. Só então olhou o "hall" e reparou que sua presença chamara a atenção de todos, tendo, um dos homens que ali se achavam, parado um gesto que ilustrava o caso que contava, para a examinar. Virou-se e instintivamente passou a mão pelo cabelo que fugia do turbante e acertou o vestido que só agora reparava como amarrotara na viagem.

Júlio saiu do carro com uma valise na mão e um embrulho sob o braço, e foi entrando, como vinha fazendo em todos os hotêizinhos em que se tinham hospedado, distribuindo risos e cumprimentos para todos.

Não sabia porque uma irritação profunda, contra tudo e todos, foi tomando conta de seus nervos, culminando quando apertou inutilmente o botão do elevador e alguém a avisou delicadamente que ele não funcionava e percebeu que o mesmo homem que ficara olhando-a impertinentemente apertara a ponta de uma orelha, rindo cheio de malícia para um outro que estava assentado, com as pernas estendidas, como se todo o "hall" lhe pertencesse.

Subiu.

Deixou-se cair assentada na cama, olhando desanimada as malas cobertas de poeira. Pela janela via,

além das últimas casas, os morros e as matas. Que diferença de São-Paulo . . .

São-Paulo! Por que só agora se lembrava de São-Paulo? E Carlos? Que estaria fazendo neste momento? Três horas . . . Segunda-feira . . . Era certo estar nalgum café com algum colega, comentando os jogos e as corridas de ontem.

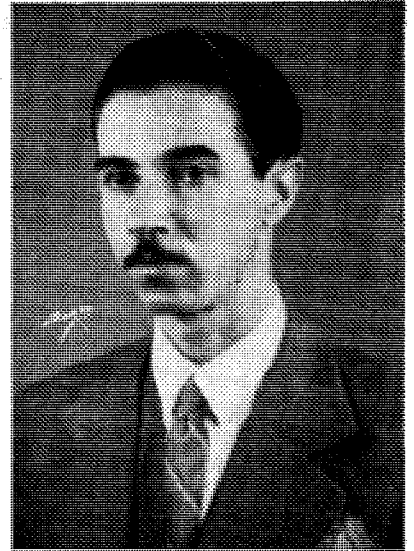
Mas, não . . . Sua fuga transformara completamente sua vida e a dele e Carlos decerto nem fôra ao campo, nem ao escritório, para não ver os colegas e amigos, porque ela o abandonara . . . Mas por que o deixara?

Desde o Carnaval, Júlio vinha procurando conquistá-la. Depois éic desaparecera e só voltara nos primeiros dias de maio e seu assunto, quando se encontraram, foi mais contar sua viagem pelas "praças", os negócios que fizera, que lhe falar de suas saudades e de seu amor . . .

— Não quer tomar banho agora, Magda? Então vou eu . . . Preciso começar logo a "fazer a praça".

"Fazer a praça"! Como a irritava isto! Por tôda parte deixá-la só e, sobraçando aquela pasta imensa, sair com o eterno sorriso e os eternos cumprimentos . . . Fazer a praça"! Depois, de pijama na sala de jantar dos hotêizinhos por aí, a fazer a correspondência.

Conheceu que Júlio começara a se banhar. Era aquilo sempre: resmungava, fungava, falava sozinho... (Carlos cantava, com uma voz boni-



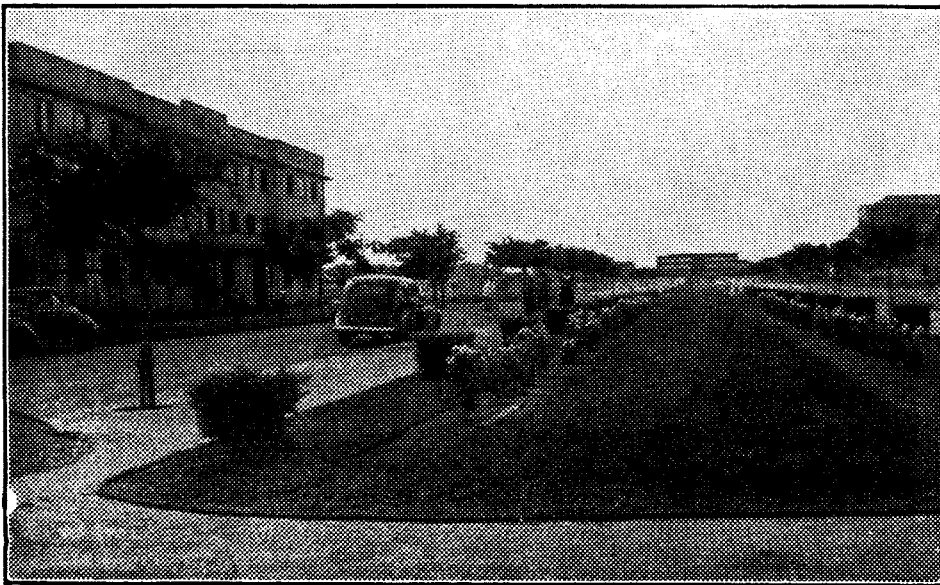
*José Bernardo Felix de Sousa,
Procurador Geral do Estado — Pro-
fessor da Faculdade de Direito e
Secretário de "Oeste"*

ta de barítono, trechos de ópera).

Levantou-se e foi até à janela. Lá em baixo, numa roda, discutiam a "última rodada". Fla-Flu, Leônidas.

Se Carlos estivesse ali, estaria a contar vantagens do "Corinthians", esbravejando contra o "Palestra" ou o "São Paulo". Ela tinha raiva dessa mania de Carlos por futebol, mas às vezes ia com ele e, sem sentir, começava a bater palmas, a gritar "fora!" . . . Uma vez, quando um jogador marcou um ponto, ou tento, como dizia o Carlos, éle a abraçara gritando "hurrahs", enquanto os torcedores do outro clube lhes davam uma vaia ensurdecedora . . . Riram um mês inteiro . . .

Uma lágrima caiu na mão que pousava no peitoril, e Magda, mordendo o lábio, ficou olhando-a a



Vista parcial da Avenida Goiaz, vendo-se ao lado o Grande-Hotel

Rossini e Meyerbeer

Tendo morrido Meyerbeer, um so brincho longínquo do grande maestro desaparecido compôs uma marcha fúnebre, da qual enviou um exemplar a Rossini.

Algumas semanas mais tarde, encontrando o jovem compositor, o sobrinho perguntou-lhe o que pensava de sua marcha fúnebre.

— Ouça, — respondeu Rossini, — com franqueza, teria preferido que o desaparecido fosse o senhor e o compositor da marcha fúnebre o seu tio.

brilhar, esquecida de Goiânia, de Júlio . . .

— Está gostando? Que tal a cidade, Magda?

Estremeceu assustada.

— Ora! para quem vem de São Paulo . . .

— Mas, filha, Goiânia é mais nova uns trezentos anos que sua Paulicéia. Olha o “Bandeirante” lá em baixo. Saiu da Praça da Sé para descobrir isto aqui. Eu vou lhe mostrar depois como aqui tem coisas de espantar, feitas só em sete anos. E depois, meu bem, é aqui que se ganha a “grana”.

“Grana”! Essa palavra a irritava como um desaforo. Que imbecil!

Imbecil . . . Por que só agora fazia o confronto entre Júlio e o marido que abandonara? Quando aceitara o “flirt” não tinha malícia alguma. Pura faceirisse, vaidade. Depois êle se tornara mais insistente e não sabia como aceitara sua banal proposta de fuga (“em Goiânia alugarei uma casa e moraremos lá. Vamos?”). Júlio não tinha nada de romântico, nada dos galãs das fitas que vira, ou dos heróis de seus romances favoritos. Carlos era tão terno, tão bom . . . Por que, então, o deixara por uma aventura que quebrou irremediavelmente todo o ritmo de sua vida, dessa vida de que tantas vezes se queixara e de que se julgava cansada, enfadada, pela sua monotonia, e de que agora sentia tanta saudade?

Magda começou a se vestir. Estendeu sobre a cama o vestido.

— (“Você nem pode imaginar como lhe fica bem um vestido preto... mas como você fica linda com êsse costume claro!”)

Como Carlos sabia dizer as cousas! Assentou-se soluçando, enxugan-



Sr. Frederico de Medeiros -- Secretário do Departamento Estadual de Estatística e Redator de "Oeste"

do as lágrimas com o seu costume claro.

Lembrou-se de Júlio, que podia chegar a qualquer momento, e vestiu o primeiro vestido que encontrou.

— (“Que penteado esquisito você arranhou hoje, Magda”.)

E ela, faceirando para êle:

— “Verônica Lake”.

— Nada! Maria Madalena . . . mas bem bonita”.

Modificará o penteado.

..

— “Gosto dêste perfume. E você?”

— Eu também.

— Então você o usará para que eu o sinta.

— Egoísta!”

Como ela gostava mesmo daquele perfume!

..

Magda deixou o vidro de perfume. Não, não podia ficar naquele quarto. Parecia ver e ouvir Carlos em tudo e sentia, cada vez mais cruciante, saudades dele, da vida monótona, mas sossegada, que levavam; um desejo de voltar, recomeçar tudo.

Deixaria que êle lesse todos os jornais que quisesse e não ficaria importunando-o até que a levasse ao cinema. Ouviria atenta suas opiniões sobre a guerra, como outrora, quando eram noivos, ouvia os verdadeiros discursos que fazia sobre política. Voltaria. Seria outra. Seria feliz e Carlos também.

..

Chegou até o terraço do segundo pavimento. Olhou a Avenida Goiaz, os transeuntes, a estátua do “Bandeirante”, como despedindo deles, sem saudade, com o coração cheio de alegria. Ia voltar! Recomeçar . . .

Carlos, tão bom que era, a perdoaria, compreendia tudo e veria

que o passo desastrado que dera servira para que ela visse o quanto o amava. E tudo seria esquecido, para recomeçar tudo de novo, ao lado dele.

Olhou todo o Grande Hotel, cheia de reconhecimento. Qualquer coisa tiveram essas paredes cor de rosa que lhe transformara e lhe iluminara o coração.

Lá em baixo, a mesma roda continuava a discussão. Quando ouviu alguém se referir ao “São Paulo” teve vontade de gritar, como o Carlos nas torcidas:

— “Galinha morta!”

Sentia tentações de gritar que ia voltar, ia abandonar Goiânia, o Grande Hotel, Júlio, tudo, e rever Carlos, que a esperava ansioso, ardente, como ela ansiava e ardia por o rever.

Como êle estava apaixonado quando ela voltara de uma estação de águas que fizera com sua família (a única vez que se separaram)!

Carlos . . . Só êle podia ter aquelas idéias! . . .

Começou a cantarolar, tamborilando o parapeito.

Ouviu o ronco forte de um avião.

— A VASP está chegando — disse alguém.

— Vem de S.-Paulo? — perguntou Magda à primeira pessoa que viu.

— Vem. Volta amanhã de manhã.

E se ela fugisse?

— A que horas chega lá?

— A's onze horas.

Como poderia ir depressa! Antes de Carlos almoçar ela estaria nos seus braços, para sempre, para nunca mais o deixar.

..

O automóvel fez a curva lentamente e lentamente parou à porta do Grande Hotel.

Seria sonho? O, meu Deus, que



Dr. Antônio de Queiroz Barreto -- Chefe de Polícia



Dr. Eurico Viana -- Diretor de Produção e Trânsito

GOIÂNIA, FLOR MILAGROSA DO ESTADO NACIONAL

Ao ensejo da comemoração do primeiro aniversário do "Batismo Cultural de Goiânia", impõe-se-nos o dever de levar ao Chefe da Nação o sentimento profundo de nosso reconhecimento. Getúlio Vargas habita o coração de todos os brasileiros, porque a cada Estado levou a contribuição efetiva de sua política construtiva. E, cuidando dos problemas de todos os Estados, cuidou de todos os brasileiros. A nós, brasileiros de Goiás, já começou a dar o do muito que nos prometeu e nos dará. Mas a nossa maior dívida para com êle está em nos haver dado Pedro Ludovico, sem o qual não teríamos Goiânia e que, na tão só construção da cidade, para não falarmos de seus altos e numerosos títulos, firmou-se como um dos baluartes do Estado Nacional.

Goiânia é, por isso, como disse Dom Aquino Correia, uma "flor milagrosa", a mais bela, talvez, do Estado Novo. Mas — poderão objetar os eternos maldizentes... — o Estado Novo não surgiu em 37, e Goiânia em 33? A estes responderemos que, sem sofisma, não se pode, a rigor, dizer



Presidente Getúlio Vargas

que o Estado Nacional surgiu em 1937, pois o golpe de 10 de Novembro apenas veio informar um estado nacional de coisas já existente, sentimental e espiritualmente considerado, desde 1930. Se é verdade que, de 1930 a 1937, a morfologia política brasileira tinha seus contornos determinados pela filosofia política liberal, não é menos verdade

que, mais além da superfície jurídica de nossa conformação política de então, o Presidente Vargas já trabalhava, resolutivo, segundo os princípios que, vitoriosos em 1930, afinal se cristalizaram na constituição do Estado Novo. Êste foi, assim, apenas uma expressão jurídica de um processo histórico iniciado com a vitória outubrista. Não fôra, pois, a revolução, que mudou radicalmente os nossos métodos governamentais, e não teria sido possível Goiânia, pois dentro dos quadros políticos do liberalismo anarquizado e anarquizante, Goiânia ainda hoje não passaria de um simples sonho. Dom Aquino teve razão, sim. Se Pedro Ludovico foi a *condição humana*, o Estado Nacional foi a *condição política* de Goiânia. E como Getúlio Vargas foi, a seu turno, a *condição humana* do Estado Nacional, segue-se que Goiânia é, sim, uma flor do Estado Novo.

E aí está por que, ao festejarmos o aniversário do "Batismo Cultural" de nossa "urbs", queremos prestar sincera homenagem, e justa, ao *Presidente Cidadão*.

sonho lindo!...

— Carlos querido!

O homem pálido, com olhos de louco, estacou como se tivesse recebido uma descarga elétrica.

Do terraço Magda abria, radiante, os braços para êle.

Ouviram-se dois tiros, sem que ninguém se apercebesse do gesto de Carlos.

Magda tombou sobre o parapeito. Os seus braços, pendidos para fora, balouçaram algum tempo e o sol pôs reflexos de ouro no cabelo que a brisa da tarde soprava.

Do peito de Carlos, caído na calçada, o sangue saía aos borbotões.

...

Na tarde que morria, o sol iluminava o Grande Hotel e os hóspedes e curiosos que se agitavam, urdindo mil versões sobre o drama que ali

tivera fim e que todos ignoravam.

Bastião "Burro Preto" olhou tudo com indiferença. Sentou-se na primeira cadeira que encontrou desocupada. Olhou lá longe a nuvem espessa de poeira que cobria Campinas e que ao sol doirado da tarde parecia uma nuvem de ouro brilhante sobre o bairro inteiro; olhou o céu; cuspiu e ficou a cismar em proezas de aviação.

SÔBRE O CORAÇÃO DE VOLTAIRE

Voltaire, num grupo de amigos, vendo aproximar-se Piron, exclamou com ar de zombaria:

— Bom dia, meu coração.

— Que lhe fiz eu para que me receba com uma injúria?



Dr. Albatênio de Godói -- Procurador Regional da República -- Presidente da Ordem dos Advogados -- Membro da Academia Goiana de Letras



Gerson de Castro Costa — Diretor Geral do Departamento Estadual do Serviço Público e Diretor de "Oeste"

Antônio Rosa tinha o coração grande como um elefante. Contava seus maduros e mansos quarenta anos, possuía uns cabelos brancos e ondulados e era senhor, dentre outras, de uma deliciosa mania. Sempre preludiava, numa conversa em que pudesse forçar vaza:

— Nós, os rapazes . . .

E ia por aí, inconciente como um soldado alemão. Tinha um prazer quase sensual ao se referir assim, chamando-se "rapaz". Isso o fazia ridículo como uma mulher obesa em trajes de equitação. Não bebia, não fumava. Dormia e comia como um porco. Tinha as faces ple-tóricas, bochechudas, e era funcionário público, com vinte e tantos anos de serviço. Entrara como praticante, quando mocinho, no tempo do seu Guedes.

— Um bom chefe — informava, enchendo a bôca com as palavras.

Quando jovem, ficou conhecendo Elza, menina bonita e bondosa, que sonhava com um lar. Amaram-se os dois desde o ginásio.

Terminados os estudos secundários, Antônio Rosa cavou o emprêgo público, comprou um guarda-chuva e ia esperar sua promoção a escriturário, com trezentos e vinte cruzeiros mensais (coisa de dois ou três anos), para se casar. Seu grande coração, todavia, o atrapalhava em tudo na vida. Um amigo de infância, Júlio, rapaz de pais ricos, se apaixonara doidamente por Elza. Confessara-o, com esfregamentos de mãos, a Antônio.

— Não é mal sem remédio — disse êste, depois de ouvir compadecido as queixas do outro.

E pensou na grande paixão do amigo, no seu desêspero — coitado! Depois, em Elza, que encontraria

O Rapaz Antônio Rosa

Conto de CASTRO COSTA

em Júlio muito melhor espôso, abastado, ao-invés-de um mero funcionário estadual, sem economias. O coração de Antônio Rosa quase empurrou algumas lágrimas sentidas a seus olhos bovinamente bons, também. Considerou a felicidade dos dois. Êle recusaria à sua ventura, pelo seu próprio amor a Elza, pela sua amizade a Júlio . . .

E, entre choros e xingatórios veementes, o noivado foi desfeito. Coitado do Júlio. Que paixão! . . . Elza não se conformou com a troca de noivos, falou em suicídio, em ser freira, mas hoje é mãe de três filhos de Júlio e é feliz.

Antônio passou de então a ser um bobo alegre na vida. Tivera depois um namorico com uma professora do grupo-escotar, moça de fora, que o abandonou por um musculoso jogador de futebol que organizava serenatas e dansava suin-gue muito bem.

Decorreram, mais ou menos assim, num vazio irritante de existência incolor, alguns anos monótonos como a leitura do Alcorão. Antônio Rosa gastou vários guarda-chuvas, tivera duas promoções, ganhando por-fim quase seiscentos cruzeiros por mês, começou a sofrer de hemorroidas e de reumatismo, e aumentou valentemente o patrimônio de suas pequenas manias.

Dava engulhos ouvi-lo falar de suas pretensões amorosas, usando palavras delicadas, esperando sempre a felicidade, com seu grande coração, com sua tola simplicidade.

— Só me casei com u'a menina ajuizada — dizia. Essas moças de hoje quase não reconhecem as boas intenções dos rapazes, são umas cabecinhas de vento . . . Mas . . .

— Isso mesmo! — arrastava um seu colega de repartição, que vivia na carraspana. São umas senvergonhas, umas serigaitas que só vivem de safadezas, aí pelos escuros. São umas servengonhas, tôdas elas.

— Há exceções — intervinha o bondoso Antônio. Há muita menina distinta por aí, ora essa!

— Há uma figa, uma banana!

O homem de grande coração não se desanimava, porém. Aumentava dia-a-dia suas manias. Ficou o tipo ideal do sujeito bom, direito, correto. Serviçal, de boas intenções, caridoso. Não fintava a dona da pensão nem o tintureiro, devolvevia, passados meses, dois tostões que tomasse de empréstimo a um amigo, no ônibus, por falta de trocado, trazia sempre no bolso um envelope de Guarânia e um selo de Educação, para servir a qualquer pessoa numa cefalalgia e na selagem de um requerimento. Pensava casar-se, mas sem namôro no portão e sem noivado na sala de visitas, atrás do piano, até as onze e meia da noite.

— Tem um selo de Educação aí, Pereira?

— Não. O Antônio Rosa tem. Procure-o lá dentro.

E tinha mesmo. Nunca deixava de ter.

— Ora! — fazia quase com muchochos. Não custa nada, é claro.

— Mas se não recebe ficarei acanhado se precisar outra vez.

— Oh! pelo contrário. Sempre às ordens, amigo.

E sentia-se feliz, com seu fenomenal coração aos pulos. Antônio era — quase me esqueci de dizer — um notável carnavalesco. Nas vésperas do tríduo de Momo, comprava uma camisa de meia, com listras vermelhas e brancas, um vidro de lança-perfume barato, de cem gramas, tirava do fundo da mala uma velha boina gaiata, também listrada de encarnado, e separava uma calça branca de brim. Metido nisto, munido disto, passava os três dias sem mais despesa. Sua-va muito, embora não bebesse, por hábito e por economia, e ficava um perú, vermelhão, arrastando as asas a tôda mocinha da sala. Oh! Como Antônio gostava das mocinhas, das "meninas"! Elas em unanimidade, porém . . . Seu coração é que remediava tudo. Nem notava que as garotas corriam dele. Todo ano ali estava, durante os três grandes bailes — calça branca, camisa de meia e boina avermelhadas, um vidro de lança-perfume à

mão direita, ameaçando os olhos alheios, sem se gastar.

Estava todavia satisfeito e explicava:

— Nós, os rapazes, precisamos brincar, não acha, Silva? Imagine quantos homens casados aí metidos nos cordões. E sabe duma coisa? São os que mais brincam. Sim, senhor.

Nunca se zangava, nunca maldizia a vida. Tinha a docilidade do cordeirinho das estampas de São João Batista.

Um dia . . .

Designada interinamente, começou a trabalhar em sua mesma repartição, na diretoria da Fazenda, u'a fêmeazinha raquítica, tipo de titia conformada. Antônio Rosa enxergou a sua admissão pelo prisma róseo da felicidade. Ele precisava casar-se, mormente agora que vislumbra as portas da aposentadoria, com vencimentos integrais. Compraria uma rede, que armaria entre os cajueiros do quintal (será que as casas de aluguel têm pés de cajú nos quintais?), far-se-ia sócio da Biblioteca Municipal (2 cruzeiros por mês), e iria passar a vida balançando-se, lendo a série Negra, folhetos policiais, sem a cacete exigência do ponto a assinar. No dia 31, iria à repartição, receberia os cobres, sem nenhum desconto, apenas o do "Correio Oficial". Moraria numa casa do Bairro Popular e, ao chegar, diria com displicência:

— Tome, Jovita. Mande você mesma pagar as despesas de armazém — e entregaria à esposa todo o ordenado.

(Jovita era a nova colega de seção, interina, cujas carquilhas disfarçadas pelo pó-de-arroz Antônio não via, bêbedo em seu sonho de amor inconsciente).

Jovita deixaria de trabalhar. A mulher foi feita para o lar. Para o lar, para os filhos . . .

Esses pensamentos lhe vinham na repartição, enquanto olhava de viés a nuquinha linfática de Jovita.

— Já fez a representação sobre o coletor de Trindade, seu Rosa? — berrava-lhe o chefe, autoritário.

Antônio assustava-se e caía na realidade, humilde:

— E' já, Chefe!

Ajeitava a máquina. Punha o papel e começava, com dois dedos, os indicadores:

Exmo. Sr. Dr. Diretor:

— Dois pontos . . . *Examinando os balancetes ou No exame dos balancetes? No exame dos balancetes de agosto, verifiquei . . . E' . . . No exame dos balancetes fica melhor . . .*

Começava de-novo a divagar: seria que a Jovita pensava em casar? Ele ia aposentar-se, estava aporrinhado daquilo.

— Não se esqueça de chamar a



Srta. Livia Borges Teixeira — Inspetora de Ensino Secundário

atenção do coletor para o art. 52º do regulamento fiscal, ouviu, seu Rosa?

— Sim, senhor, Chefe!

Precisava deixar a repartição de vez. Uns chefetes exigentes, metidos a sebo em tudo, sempre a perguntarem se o serviço já estava feito . . .

O rapaz Antônio Rosa fez de Jovita a esperança de suas boas intenções matrimoniais. Amava-a em silêncio. Um dia ele lhe falaria, pedir-lhe-ia a mão. Fez-se amigo da moça. Passava-lhe a xícara de café, com delicadeza, trocava-lhe a fita da máquina de escrever, sujando as mãos devidamente, servia-lhe enfim nas pequeninas coisas de repartição. Alvo de tanta solicitude, Jovita de-certo-modo se afeiçoara a Antônio. Conversava com ele, sorria-lhe, etc.. E como era melíflua a sua voz quando dizia "Muito obrigada, seu Antônio!" (aquele "seu" ele breve iria pedir a ela que não usasse mais).

Um dia (outro dia, é lógico) . . .

— Recebí carta de casa hoje, seu Antônio — disse ela na hora de assinar o ponto.

O coração, o grande coração de Antônio Rosa, sobressaltou-se, em pulsações desenfreadas. Devia ser carta da mãe, de algum parente, irmão talvez . . .

— Meu marido — continuou Jovita — está-me avisando de que vem trazer os meninos para ficarem comigo. Diz que não aguenta a barulheira que eles fazem.

— Seu marido?!

— Sim. Ele está liquidando seus negócios em Morrinhos e em janeiro, se Deus quiser, estará aqui. Ele pretende montar uma sapataria moderna. Eu vim na frente para alugar casa, e como arranjei este emprêgo . . .

Antônio Rosa (que grande coração!), pela primeira vez na vida, se utilizou do envelope de Guaraína que sempre trazia no bolso, para ceder a algum amigo ou conhecido de enxaqueca . . .

ESTRADAS--CAMINHOS ABERTOS À CIVILIZAÇÃO

AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

Voltemos, por uns instantes apenas, ao passado e volvamos a vista àquelas partes da terra onde a civilização primeiro estendeu o seu incomparável domínio.

Nota-se, aqui, uma condensação de grupos humanos, costeando o mar; ali, à margem de um rio, os homens, na sua inata tendência gregária, se acham reunidos, porque, assim, e eles já o descobriram, mais facilmente podem viver; e lá, mais além ainda, à beira daquele caminho, divisamos núcleos de povoamento. E' inegável, concordamos, a civilização se desenvolve ao longo dos caminhos.

Vejamos. Atingem um grau mais elevado de civilização os povos que se estabelecem próximos ou se aproveitam regularmente das vias naturais de comunicação; os que puderam entreter com seus vizinhos as, então, rudimentares práticas do comércio, lançando mão das primeiras produções.

E ali se encontram os povos navegadores e comerciantes, por excelência; mas não deixemos de analisar o ambiente propício em que vivem. Não podemos mesmo fugir à afirmação de que "o homem é o produto do meio".

Não nos é dado também, pelo que vimos, negar que a civilização cresce na ordem direta dos meios de comunicação e transporte de que dispõe um povo que saiba aproveitar as imensas riquezas naturais, seja através dos mares, dos rios ou da terra.

Reconhecemos que os "caminhos naturais de penetração" ocuparam posição excepcional no processo de adensamento da população.

E nem temos necessidade de buscar exemplos distante de nós. Ai estão as zonas banhadas pelo S.-Francisco e pelo Tieté, rios de penetração como sabemos, com elevados coeficientes demográficos, alcançando grande parte mais de 100 habitantes por quilômetro quadrado. A concentração de cidades aí e em zonas litorâneas é espantosa, em gritante contraste com o centro-oeste e norte do país, onde a média demográfica não alcança 1 habitante por quilômetro quadrado. O Amazonas, também caminho de penetração que foi, constitue exceção quanto à parte de povoação. Situada numa planície em terreno alagadiço constantemente perseguido pelas endemias, o maior Estado em extensão e o que ostenta a maior reserva flores-

tal do país até há pouco viveu condenado ao abandono. Nunca os governos se preocuparam com a sua sorte, alarmados, por certo, pela complexidade do problema. O Presidente Vargas incluiu em seu programa, 100% pa'riótico, o de sa-near, transformar aquele meio hostil e evitado em um ambiente são, onde o homem e a terra sejam valorizados. E nós bem o sabemos, a promessa está se tornando realidade.

Se no Brasil, "os caminhos que andam" tiveram papel relevante na tarefa de desbravamento de nossas terras, paralela e posteriormente as rodovias e ferrovias vieram exercer ação profundamente civilizadora.

Dizem, a estrada é que funda as cidades. Neste ponto, sentimo-nos orgulhosos por nos ser dada a honra de apresentar uma exceção. Podemos, aqui, dizer ao historiador que, distante o tempo dos nossos heróicos bandeirantes, teve nosso Estado um fundador de cidade. E' ele, e todos bem o sabem, Pedro Ludovico Teixeira, com muita justiça chamado o "Bandeirante do século XX". Fundou Goiânia — esta vibrante realidade — e criou para Goiaz uma nova era — a era do progresso e da civilização.

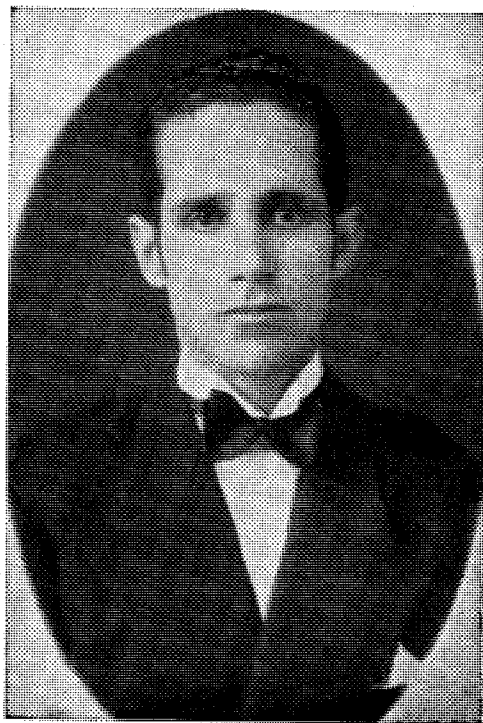
Não há negar que o aumento de

população e a difusão do desenvolvimento intelectual são consequências naturais de um bem organizado sistema de comunicações e transportes.

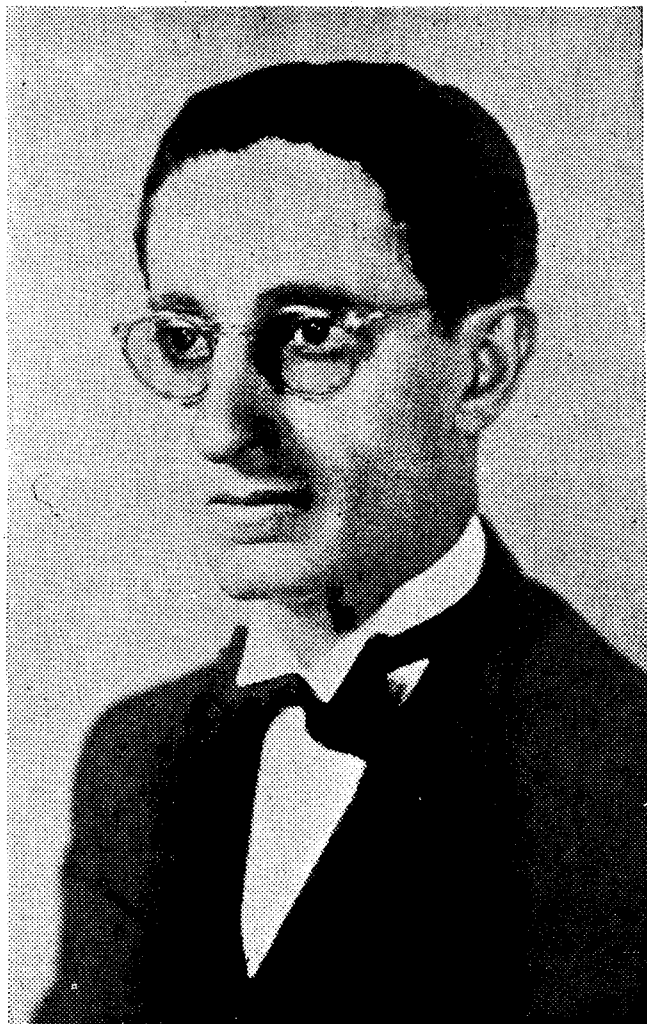
Mas, seria ingenuidade nossa o pensar que as estradas isoladamente pudessem ou possam exercer ação civilizadora; elas, ligadas ao problema da povoação, prendem-se, concomitantemente, aos da produção e consumo, para apresentar reais proveitos. São fatores interdependentes, e aos quais também se une o da educação.

Conhecemos o valor do sábio conselho de que as vias de comunicação devem se desenvolver conjuntamente com a população, e que os meios de transporte não teriam sentido completo se não estabelecessem um equilibrado plano de distribuição da riqueza, resultante da exploração da Terra; e, ainda, que a produção perde todo o valor, se inexistente o consumo. Por força, penetramos nos domínios da Economia Política, e lembramos, pois, o ciclo econômico de Gournay: a produção, a circulação, a distribuição e consumo das utilidades.

Mas, qual a orientação que deve o nosso Brasil tomar, senão aquela preconizada pelo Presidente Vargas, no memorável discurso a-



Dr. Joaquim Taveira -- Chefe
do Gabinete Civil da
Interventoria



Dr. João d' Abreu — Diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo

quí pronunciado, quando de sua visita à mais nova capital brasileira, em agosto de 1940? Foi o grande chefe que, em dando o melhor exemplo de brasilidade, veio, iniciando a patriótica campanha da "Marcha para o Oeste", ver e sentir, de perto, as realizações e necessidades do grande Estado da região centro-oeste do Brasil.

Afirmando que "o programa de Rumo ao Oeste é o reatamento da campanha dos construtores da nacionalidade, dos bandeirantes e dos sertanistas, com os modernos processos de cultura", o primeiro magistrado da nação nos diz ainda: "Precisamos promover esta arrancada, sob todos os aspectos e com todos os métodos, a-fim-de sanar os vácuos demográficos do nosso território e fazer com que as fronteiras econômicas coincidam com as fronteiras demográficas".

E quantas realizações, realmente, temos presenciado em diferentes pontos de nosso território, corrigindo nossas falhas!

Entre nós, apontamos a Colônia Agrícola Nacional, na Mata de São-

Patrício, para a qual têm afluído famílias de diferentes Estados. Estará dentro em pouco ligada a Goiânia por uma boa estrada de rodagem.

Pena é que as terras, excepcionalmente dotadas, formadas por aquela mata imensa, não sejam apenas cedidas àqueles que realmente vão habitá-las para cultivar a terra. Sabemos que há uma concorrência desleal, condenável, impatriótica, exercida por pessoas que, vivendo nas cidades, sem nenhuma intenção de delas sair, estão adquirindo terreno, tão somente para aumento de seu capital.

A intensiva campanha de fragmentação das grandes propriedades, levada a efeito com grande êxito em zonas diversas do país, vem fazendo com que o latifúndio, esse nosso terrível inimigo, vá desaparecendo do ambiente nacional.

E' visível, a estrada se constitui em elemento favorável a esse fracionamento de terras, que a-par-de estabelecer mais íntimo convívio entre agricultores, lhes facilita o escoamento de seus produtos.

Em todo o Brasil e, mui especialmente, na zona do sertão, desempenham as estradas papel relevante na aproximação do homem do interior aos centros mais civilizados; no aproveitamento de produtos, transportados aos centros consumidores; na formação de ambiente propício à difusão do ensino.

Goiás, ainda com mais elevado coeficiente demográfico que Mato-Grosso e Amazonas, apresenta população rarefeita, principalmente no norte do Estado, que não chega a ter 1 habitante por quilômetro quadrado.

E, temos notado, onde as vias de comunicação e os meios de transporte são escassos, aí, justamente, é que o coeficiente demográfico é desanimador e baixo o índice de cultura.

A projetada rodovia que cortará o país, de norte a sul, será um passo agigantado na marcha em que se encontra empenhado o Brasil. Passando por nosso Estado, cortando mesmo a cidade de Corumbá, importante centro agrícola, essa rodovia se fará linha mestra, a que muitas e muitas estradas se ligarão, partidas de pontos diversos do território pátrio.

Atravessando em nosso Estado uma zona de escassas matas, conforme nos mostra o mapa fitogeográfico do Brasil, porisso mesmo, sugerimos, ao longo do trecho goiano sejam as zonas favoráveis aproveitadas para a cultura racional da terra, esplêndido meio de se evitar a devastação extensiva de nossas matas.

Para ali, seriam mandadas famílias, doando-lhes pedaços de terra, nunca excedentes ao possível trabalho desenvolvido por cada um daqueles grupos. Se impossível doar, que facilite o Estado aos adquirentes o pagamento por parte das futuras colheitas ou, melhor ainda, pelo trabalho de conservação do trecho de estrada que serve sua zona.

E, seria fácil, pelo Serviço de Estatística, ao Governo conhecer da produção desses agrupamentos agrícolas, garantindo-lhes o escoamento e consumo de sua produção.

Povoando, unindo, não será difícil educar. As colônias-escolas encontrarão ambiência para o exercício de sua profunda ação socializadora.

O cinema educativo, a assistência médica e dentária, as instituições post-escolares, as diversões, enfim, o conforto encontrado nas cidades, tudo ali, também, estará presente.

A escola rural nas fazendas coletivas estará orientando a todos, formando técnicos na arte de tratar a terra, dentro do mais belo ambiente, onde nem faltam a educação e o conforto, saúde e diversões, e onde se goza o encanto im-

comparável da natureza.

Voltando às nossas vias de comunicação, lembremo-nos de que a rodovia Anápolis — S.-José-do-Tocantins, de capital importância econômica, pois ligará o maior centro niquelífero do mundo aos trilhos da Estrada de Ferro Goiaz, já se acha em construção. A exploração de nossas riquezas veio exigir um caminho por onde pudessem elas chegar ao consumo; assim, nunca abandonamos aquele ciclo econômico, já citado.

Como em nenhuma outra época, os países que se vêem batendo, heróicamente, pela vitória final das democracias, carecem dos mais variados elementos para a confecção das máquinas de guerra e de produtos destinados à manutenção das valorosas forças aliadas.

E o Brasil tem, de maneira inconfundível, prestado a sua colaboração, sincera e eminentemente patriótica, lutando ao lado daqueles que tudo têm feito pela sobrevivência da moral e da justiça.

Não seríamos sinceros se, sabendo a guerra um malefício, não a vissemos por outra face, a que nos beneficia, antecipando como antecipam realizações de vulto para a grandeza das nações. Poderemos, por acaso, afirmar que não seja a guerra

fenômeno natural da evolução humana?

As estradas que surgem, ali e acolá, na imensa região semi-deserta do setentrião goiano, já aproximaram de muito os sulistas dos nortenses; bem mais sensível se mostra o intercâmbio entre essas duas zonas tão distantes, quão desconhecidas uma da outra.

Dianópolis, a antiga S.-José-do-Duro, na sua fase reconstrutora, com a ajuda do Estado, se acha empenhada na construção da rodovia Dianópolis-Barreiras, que ligará Goiaz a Baía, com quem os norte-goianos mantêm ativo comércio.

Há pouco, concedeu o governo goiano ao município de Natividade, também situado na zona norte, um auxílio para tornar realidade o traçado Natividade-Peixe, essa à margem do caudaloso Tocantins. Essa estrada vem prestar relevante serviço a todos os norte-goianos, como é de se ver.

Não somente "na seca" poderão a outras zonas mandar os seus produtos, ou empreender sua gente viagens ao sul, mas em qualquer época do ano. As estradas, somente as estradas farão chegar até ao norte distante elementos outros de progresso social.

Não serão as estradas caminhos abertos à civilização?

Dr. M. A. Teixeira de Freitas



Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas — Secretário Geral do I. B. G. E.

Neste número, dedicado a Goiânia, que comemora o primeiro aniversário de sua inauguração oficial, não podíamos deixar de render justa homenagem ao Dr. Teixeira de Freitas.

Esse brasileiro, dos mais eminentes, é credor, por muitos títulos, de nossa grande estima e gratidão. Tem êle, por muitas vezes, demonstrado o seu aprêço a Goiaz e, principalmente, a Goiânia, a Cidade-Fanal, a que se referiu no bellissimo discurso pronunciado na sessão solene de 5 de julho do ano passado, sendo prova disto a privilegiada situação de nossa capital na redistribuição político-administrativa por êle proposta para ser adotada no Brasil.

OESTE, porta-voz do pensamento moço de Goiaz, nesta simples homenagem ao ilustre Secretário Geral do I. B. G. E., tem a certeza de, manifestando de público a admiração e o aprêço em que o tem a mocidade goiana, estar falando em nome de Goiaz inteiro.



Sr. Nicanor Brasil Gordo — Chefe da Divisão do Material do D. S. P. e grande incentivador do esporte em Goiânia

Cruz da estrada

Há uma cruz encravada à beira do caminho.
O morador mais velho em tôda a redondeza
contou-me certa vez, tomado de tristeza,
que existia essa cruz quando era pequenino.

Sôbre o seu corpo o João de Barro fez o ninho
e a hera se enlaçou com graça e singeleza.
Pensativa essa cruz, na rústica beleza,
lembra um Cristo a rezar, esquecido e sòzinho.

Sua história, talvez, é conto doloroso
de um malfadado amor, de um crime pavoroso
ou sonho desfolhado em louco torvelinho.

Sem da imaginação as asas ter de alçar,
quem pode, ao certo, a triste história desvendar
de uma cruz encravada à beira do caminho?

Versos íntimos

Minha mãe, eu lhe venho, em lágrimas, pedir
para o pranto estancar dos olhos de seu filho.
Não vê que já não tem aquele estranho brilho
de ideal, meu olhar cansado de carpir?

Eu já não sei, mamãe, como dantes, sorrir
e a lira já, do amor, eu triste não dedilho.
Eu partí a cantar e volto maltrapilho,
destruíram sem dó meus sonhos do porvir.

A todos ofertei os sonhos orientais
da minha alma gigante e encheram-na dos ais
que agora tem. Que grande e rústica maldade.

Eu, que a cantar partí, voz cristalina de água,
volvo agora trazendo a indescritível mágua
de ser velho na dôr em plena mocidade!

Desejo

Quisera ser Jesús (eu acalento,
há muito, êsse ideal de idolatria),
não Jesús que nasceu na estrebaria,
o supremo Senhor do pensamento.

Nem Jesús que, das lanças ao tormento,
com seus lábios dulcíssimos sorria,
tampouco o bom Jesús quando trazia
todo o pêso da cruz, curvado e lento.

Quisera ser Jesús crucificado,
mas o Jesús em ouro trabalhado
que tens preso no colo tentador,
para, ao teu passo lépido oscilando
e sem que tu sentisses, ir beijando
teu perfumado seio, meu amor!

Sobre a Queda da Bastilha

Celebra-se, a 14 do corrente, mais um aniversário do fato culminante da Revolução Francesa de 1789: — a tomada da Bastilha, presidio que passou para a história como um símbolo de opressão e cuja queda foi considerada, também simbolicamente, como a aurora de uma era nova para a humanidade, mais bela e mais feliz, onde se iriam efetivar, então, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade...

Entretanto, decorridos cento e cinquenta e quatro anos da denominada Grande Revolução, impõe-se-nos situá-la de outro modo. Depois dela, outras revoluções vieram. Outras guerras. O mundo deu muitas voltas. E a "inteligência" da Revolução Francesa passou a adotar critérios de apreciação diferentes, mais realistas e mais profundos, tendo sido o espectador obrigado a colocar em outras posições, diversas das iniciais, os dados de vida que ela enquadrara nos moldes de seus princípios político-filosóficos.

Positivou-se que, ao contrário do que sonharam os filósofos, juristas e economistas liberais, a vida não pode ser posta em função da "razão"; que a sociedade não obedece em seus processos evolutivos ao mesmo ritmo da natureza; que o direito não pode afastar-se dos imperativos históricos; que o Estado não pode ser conceituado como um produto perfeito e acabado da "vontade" livre dos homens.

A vida venceu a ficção. E o mundo da Revolução de 789, — o mundo liberal, ruíu estrondosamente. A liberal democracia, como sistema es-

tatal de vida, foi relegada à categoria das coisas de valor meramente histórico. Mesmo os países mais arraigados às tradições liberais tiveram que ceder ante às solicitações inalienáveis da realidade, substituindo o liberalismo pela social-democracia, regime cujo embrião talvez possamos encontrar na Constituição de Weimar e cuja expressão mais positiva é o Estado Nacional brasileiro.

Por isso tudo temos, hoje, de olhar a Revolução Francesa sob dois aspectos distintos: — quanto aos seus motivos e quanto aos seus resultados.

No que toca às suas origens, é-nos forçoso reconhecer que o grande movimento inspirou-se em fontes as mais puras, visando ordenar a sociedade em formas adequadas a ideais humanitários e alevantados. Foram nobres princípios, — porque foram os direitos fundamentais do homem — que a Revolução fixou como a meta final de seus objetivos, como a sua razão de ser, como a sua legitimação. Aqui, nada a lhe opor...

Todavia, quanto aos seus efeitos, a Revolução perde muito de sua eloquência. O mundo se organizou, sim, à imagem e semelhança do liberalismo vitorioso. Mas os povos se influenciaram demasiado com um tão só aspecto — o jurídico — da vida. Acreditaram em excesso nos dogmas puros da razão. Ficaram olhando para a lua e as estrelas: — Rousseau implantara no mundo um estado de romantismo integral. E os homens, embalados pelo lirismo triunfante, esqueceram que não eram anjos, que o mundo não era um paraíso. Esqueceram a outra revolução, a de 1770, revolução silenciosa, menos visível — porque mais profunda —, muito mais séria, de muito mais graves consequências. E foi justamente a revolução industrial de 1770 que desvalorizou, de muito, a revolução política de 1789. Porque revolveu um terreno de que o liberalismo se alheara: o das realidades terrenas... E porque o liberalismo fugiu à tremenda realidade do mundo transformado pela máquina, os modelos que propôs à vida não satisfizeram, contrariaram a vida, deformaram a vida, fizeram sofrer à vida... Mas a vida se vingou: — donde as revoluções bolchevista de 1917 e fascista de 1922, que procuraram, cada uma a seu modo, conciliar os dois termos: — idealismo e realidade...

Voltemos, porém, ao assunto em tela. Para resumir, o que nos cumpre dizer, ao ensejo de mais um aniversário da Queda da Bastilha, é o seguinte: — como "intenção", isto é, "em seus motivos", o acontecimento



Dr. Colemar Natal e Silva — Procurador Geral do Estado — Presidente da Academia Goiana de Letras e do Instituto Hist. e Geog. de Goiás

que a Bastilha simboliza merece ser perpetuado na memória dos povos e tem lugar garantido na história, porquanto foi uma expressão vigorosa da força do idealismo dos homens, posta a serviço de sua dignidade essencial; como "realização", porém, isto é, "em seus resultados", não correspondeu à expectativa, tendo, mesmo, se constituído no culpado maior das grandes catástrofes contemporâneas, visto que, destruindo uma "ordem existencial" alicerçada em elementos definidos, não foi capaz de substituir por outra, deixando o mundo ao sabor de forças inimigas que se destruíram, livre e mutuamente, em lutas gigantescas de efeitos ainda imprevisíveis.



Sr. Carlos de Faria — Professor do Colégio Estadual de Goiás e Secretário de "Oeste"



Sr. Abel Soares de Castro — Diretor do Depart. das Municipalidades

INGRATIDÃO

VEIGA NETO

Nhá Lica estava sentada à sombra da árvore da estrada, quando passou o magote de soldados conduzindo um prêso.

A velhinha fez um esforço sobre-humano e conseguiu levantar-se. A-pesar-de seus oitenta invernos, a curiosidade não a abandonara.

Encostou-se ao tronco nodoso e procurou com o olhar conhecer o prêso. Mas foi impossível. Havia mais de dez soldados em volta dele. Além disso, o homem passou de cabeça baixa, parecendo envergonhado de se ver ali, entre os agentes da Justiça.

Um dos soldados afastou-se do grupo. Nhá Lica aproveitou a oportunidade e perguntou-lhe:

— Nhô moço, quem é o prêso?

O soldado olhou-a.

— E' um tal João da Antônia, morador do Arraial do Pimenta. Assassinou um velho com quem morava há muito tempo. E' um tipo perigoso.

— Que pena, um rapagão tão guapo fazer uma cousa desta — e monologo — Que pena . . .

O João da Antônia foi recolhido à cadeia e ocupou uma das salas térreas em frente do edifício. Uma única janela engradada por varões de ferro dava para a rua. As aranhas teciam no teto um tapete de fios escuros. O chão, úmido e frio, possuía o cheiro acre das cousas velhas. Seus companheiros, além das aranhas, eram dois morcegos, dependurados no teto, à espera da noite, para iniciarem as caçadas.

Nhá Lica passou diversas vezes em frente dessa célula escura, para ver o criminoso.

Um dia ela o viu em frente à janela engradada.

Como era jovem! Mal lhe apareciam os primeiros fios da barba. O olhar manso e humilde jamais poderia ser o de um criminoso.

Nhá Lica fitou-o longamente e a simpatia começou a nascer no coração da octogenária.

O prêso, vendo-se observado, sorriu para a velhinha, estendeu-lhe o braço através das grades. Nhá Lica apertou ternamente, com amor quasi, aquela mão robusta.

Não, este homem não poderia ser assassino. João não era culpado. Mais uma vítima da injustiça, isto sim, que ele era. Nhá Lica sentia dentro de si o bater descompassado do coração — o órgão que não envelhece — E este bater confirmou-lhe a inocência do prêso . . .

Desde esse dia o seu cérebro entrou a trabalhar a-fim-de salvar o rapaz das garras da justiça.

Numa tarde daquela mesma semana, Nhá Lica apareceu na prisão, sobraçando um embrulho. Acercou-se timidamente do guarda e pediu-lhe:

— Nhô moço, eu queria dar esse presentinho ao prêso lá do outro lado. Mas achei bom vir pedir licença.

— Pois não, minha velha, a cousa é fácil — respondeu-lhe o guarda, tomando o embrulho e passando-o ao carcereiro — Sebastião, examina isto e depois leve-o ao João da Antônia.

O carcereiro desamarrou o embrulho: era um pacote contendo biscoitos, roscas, torradas e pães. Os soldados fizeram boa colheita e a sobra foi levada ao prêso.

Naquela noite João da Antônia teve fome e partiu um dos pães que a velha lhe mandara. Surpreendeu-se ao encontrar dentro dele um objeto duro e áspero. Com a escuridão reinante, não pôde precisar o que fosse, mas, o tacto, revelou-o logo.

— Uma lima . . . — monologou — Que sorte . . . a velha quer me auxiliar . . .

Em verdade, era uma lima; uma lima de puro aço inglês, de quinas vivas e ásperas.

Imediatamente experimentou-a nas grades. Era uma maravilha: roía o ferro como a serra rói a madeira.

Mas o ruído era capaz de despertar suspeitas. Parou e pôs-se a escutar. O guarda caminhava a passos lentos em frente do edifício.

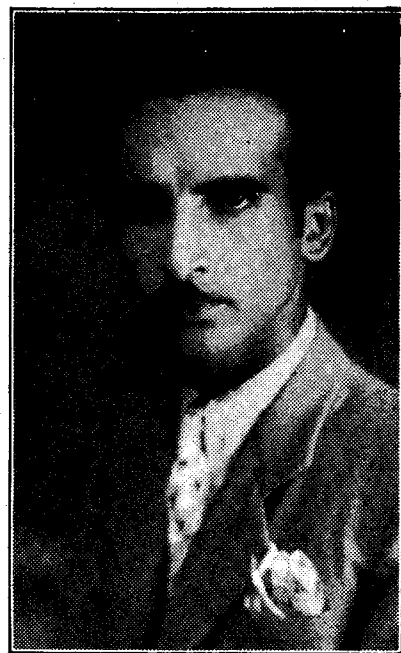
— Será melhor deixar para amanhã. Durante o dia a oficina de ferreiro em frente, com o barulho que faz, me auxiliará.

Ainda não eram sete horas da manhã e já o Manoel ferreiro batia o ferro na bigorna; o aprendiz limava sem cessar as peças de uma carroça e João também trabalhava com a lima nas grades da janela. Era raro o transeunte naquela rua e, quando tal sucedia, o prêso parava o trabalho e escondia-se rápido por detrás da janela.

Assim passaram-se os dias.

No quinto dia de serviço a grade estava tôda limada, restando somente alguns milímetros em cada varão. Uma sacudidela e . . . estava livre.

Foi numa noite sem lua que João separou-os um a um, espreitou de



J. Lopes Rodrigues -- Director da Escola Normal Oficial e tri-hante colaborador de "Oes'e"

um lado e de outro e, rápido, escaloou a janela. O guarda, distraído, cantalorava baixinho encostado à guarita de vigia.

João correu rente às paredes das casas e desapareceu na esquina vizinha.

Um pensamento, porém, ocorreu-lhe à mente: a velha que o livrara... Precisava vê-la.

Aproveitou-se da escuridão e acercou-se de um homem que passava.

— Moço, onde mora uma velha chamada Nhá Lica?

— Siga esta rua até o fim, dobre à esquerda. E' a primeira casa em frente — respondeu-lhe o transeunte.

Dez minutos depois João batia à porta de Nhá Lica.

Uma voz, do interior, perguntou:

— Quem é?

— Abra logo, respondeu João.

A porta abriu-se e apareceu a velha segurando com mão trêmula o castiçal da vela de sêbo.

Ao reconhecer o ex-prisioneiro soltou um grito de alegria misto de espanto:

— Meu filho, você? Até que enfim saiu da prisão — depois, como que se recordando da situação. — Fuja, meu filho, fuja imediatamente. Aproveite a noite.

— Não minha velha, não posso fugir sem te agradecer o que fizeste por mim.

— Meu filho, não tem nada a agradecer-me. Tome isto e fuja — replicou a velha estendendo ao seu protegido um grande cobertor de lã.

— Não, não me afasto daqui antes de pagar o que te devo — respondeu

«OESTE»

João, percorrendo com a vista tôda a casa. Sôbre a mesa da varanda estava uma grande faca de cozinha. Um pensamento varou o cérebro do celerado ao olhá-la. — Ouve, minha velha, vou dar-te o pagamento. Tu me salvaste da morte, a mim, moço, cheio de vida. Agora eu também vou te salvar. E's velha, já bem perto da morte. Sei que sofres com as doenças de tua idade: reumatismos, erisipelas, dôres lombares... Vou te livrar d'esses sofrimentos... Vou te matar!...

— Não, meu filho, não me mate. Não quero morrer... — retrucou a velha, tremente, com os olhos fora das órbitas, afastando-se para a parede interior da casa — não soffro nada... deixa-me viver...

— Não sofres?... — replicou o monstro apossando-se da faca. Não é possível... Além disso a policia descobrirá que me auxiliaste a fugir. Virão os soldados e obrigar-teão a confessar o teu crime.. Não... Toma!...

Em um gesto de arremêso, o aço foi lançado contra a velha. A lâmina cortou o ar e cravou-se inteira, com ruído sêco, no peito de Nhá Lica encostada à parede.

A velhinha teve fôrças para segurar o cabo da arma assassina e dizer de envolta a um vômito de sangue:

— Fuja... meu filho...

—:—

Dez meses depois um trôço de soldados deu caça ao assassino no Norte do Estado, conseguindo capturá-lo. João confessou o crime com o maior cinismo e a mais fria indiferença.

O advogado de defesa, escolhido no momento, pelo juiz, durante a sessão do juri, citou Freud e explicou demoradamente aos jurados que o réu possuía forte dose de idiotismo moral a par de sérios índices de algolagnia ativa proveniente de disposições hereditárias e de blastofortismo alcohólico...

Mas, tantos vocábulos científicos e desconhecidos não modificaram em nada o modo de proceder dos jurados: João foi condenado à pena máxima.

—:—

João da Antônia enlouqueceu na cadeia, depois de cumprir dois anos de pena. Logo depois sobreveio morte repentina.

O atestado de óbito resava: — Colapso cardíaco.

A Pátria precisa de armas, de navios, de aviões, para defender a liberdade e a soberania de seu povo. Brasileiro: cada BONUS DE GUERRA que você adquirir é mais um tijolo colocado no edifício da vitória.

OESTE também faz anos êste mês. O dia 5 do corrente marca a data da circulação de seu primeiro número, ocorrido em 1942, quando se realizaram os grandes festejos do batismo cultural de Goiânia.

Em-virtude-de diversos motivos, cuja explicação não é, de-certo, necessário reiterar aqui, houve um hiato em nossa publicação, o que somente nos permitiu voltar à tona em 1943, já agora todavia perfeitamente organizados e amparados pelo poder público, circunstância essa que veio de-muito incentivar o idealismo que nos anima. Como disse o Interventor Pedro Ludovico, Goiaz se ressentia de uma revista como OESTE: bem feita e imparcial, laboriosa e responsável — revista enfim integral, dentro de seus objetivos culturais. E é o que estamos procurando fazer. Muitos foram os que nos vaticinaram vida efêmera, dizendo mesmo que OESTE não seria, em seu terreno, a última tentativa frustrada.

Não nos cabe, é claro, refutar com palavras assertivas dessa natureza, ainda porque quasi tôda discussão redundaria em futilidade. Mas vimos procurando, com ações, mostrar aos profetas pessimistas que seus prognósticos nem sempre correspondem à realidade. OESTE não nasceu para forjar e proteger uma igreja de meia-dúzia, nem tampouco para saciar as vaidades pessoais de três ou quatro, muito-embora saibamos que, mesmo neste ponto, haja por aí pessoas que vivam a proclamar o contrário. A êsses elementos, verdadeiros críticos comodistas de olhos e ouvidos fechados, pedimos que considerem as naturais dificuldades do meio, que nos assediam, e, também, o franco convite que dirigimos e reafirmamos quotidianamente à classe intelectual goiana, reclamando-lhe ajuda e interêsse, a-fim-de levar a bom térmo nossa empreitada. Só se furtam a colaborar conosco os de pouca vontade e os que precisam de tempo para criticar e detrair o esforço alheio.

OESTE tem como apanágio o trabalho construtivo e desinteressado. Assim está dirigida, e não há-de traír suas finalidades, sob pena de desaparecer. Sem intuito de blasonar, o que não é de nosso feitio, pode-se lembrar aqui algo do que está procurando realizar, não em-proveito de seus redatores, mas em-proveito geral do movimento de revigoração cultural que esta inegavelmente liderando. A-par-de sua organização, regulamentação e registro legal no D.I.P., OESTE re-



Cap. Gabriel Anconi — Chefe Administrativo da Imprensa Oficial e Gerente de "Oeste"

cebeu do espírito lúcido do Prefeito Venerando de Freitas a incumbência de patrocinar publicitariamente a Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", já instituída e regulamentada e por cujo intermédio serão brevemente publicados livros de autores regionais. Tem em realização dois concursos literários — um de contos e outro de poesias, dos quais não podem expressamente participar os integrantes de sua redação. O governo estadual, sempre solícito em amparar as iniciativas da cultura goiana, entregou-lhe a orientação da publicidade em-tôrno do livro "Goiaz — usos, costumes e riquezas naturais", do doutor Vítor Coelho de Almeida, membro ilustre da Academia Goiana de Letras.

OESTE vem procurando, afinal, corresponder ao escopo que se propõe, talvez realizando pouco, é verdade, mas não deixando incumpridas as promessas que faz.

O mês de julho, pois, mês áureo na história de Goiaz, por assinalar a inauguração oficial de Goiânia, é para nós particularmente festivo, porque marca o aniversário de nossa revista. Aliás, OESTE não passa, em última análise, de um promenor de Goiânia. Foi o mesmo espírito idealista que criou Goiânia que fundou OESTE. Talvez não se possa conceber, já hoje, a metrópole do oeste sem o magazine representativo de sua cultura. OESTE, esforçada e eclética, integra o concêrto cosmopolita e admirável que é Goiânia.

Eram três cartas...

M. A. Felix de Sousa

Francamente aquilo era para encabular até a paciência de um santo. Muitas vezes eu via, na minha bisbilhotice garota, a tia Magda retirar de dentro de seu oratório um cofrezinho de madeira preta. Abria-o, e, cautelosamente, retirava de seu bojo algumas folhas amarelecidas de papel. Lia-as atentamente a suspirar vezes seguidas, acabando por levar até aos olhos míopes a barra de sua vasta saia de chita escura.

Levantando o olhar ao teto, carcomido de seu quarto, trazia aos seios bamboleantes e emagrecidos de solteirona as folhas de papel, para depois guardá-las dentro do cofrezinho misterioso, o qual jeitosamente depositava por detrás da imagem venerável de Santo Antônio, que morava tristonho e sujo no oratório recamado de enfeites estapafúrdios, de côres escandalosas.

Esta cena repetia-se todo o santo dia e em horas certas. E sempre certo e pontual lá estava eu ao buraco da fechadura, procurando, por aquele vãozinho de nada, descobrir o segredo do cofrezinho.

Parecia-me até que a velha já fazia aquilo tudo mecânicamente, sem nenhuma emoção. Também uma mulher formidavelmente feia como a tia Magda não podia ter a veleidade de alguma emoção. Sômente saía de seu casmurrismo cotidiano quando ouvia contar histórias de almas-do-outro-mundo, ou quando um ratinho insignificante cortava ligeiro e medroso a largura da sala de jantar em disparatada corrida.

O que eu achava melhor de tudo isso é que acabei por decorar os gestos da tia Magda. Horas a fio, fingindo estar estudando, ditava à tia Magda os gestos que deveria de executar, a atitude a tomar.

E nunca errei coisa alguma. Era um gôzo.

Mas, a minha determinação era descobrir o segredo do cofrezinho. Fazia cálculos infinitos com aquilo. Chegava até a imaginar serem apólices (eu havia ouvido do meu pai esta palavra bonita) que seriam deixadas para mim, como herança. E confesso, pedia, por isso, a morte de minha tia.

O mais encabulante para mim era o cofre ser sempre depositado num lugar certo do oratório, por detrás de uma imagem que eu achava feia de meter vergonha e suja como os pés dos moleques que passavam vadiando pela rua o dia todo.

A dificuldade estava no fato de ela passar o dia todo a costurar uma eterna colcha de retalhos, sentada

numa banquetta, debaixo do oratório.

Desvendar aquele arcano parecia-me bem mais difícil que roubar goiabada na prateleira da dispensa.

Certa manhã minh'alma encheu-se de alvoroço. Acabava de assistir à saída da tia em rumo da igreja, onde ia acompanhar a cerimônia da missa do sétimo dia da morte de um sujeito qualquer, que deixara na orfandade e pobre uma rédua de filhos todos doentes (de lombrigas, dizia a mamãe). Um deles, era uma menina, além de idiota, sofria dumas cousas exquisitas e feias.

Tive dois grandes mêdos em minha vida. E todos dois uns mêdos bestas. O primeiro foi quando me deparei na sacristia da matriz com a imagem de Nosso Senhor dos Passos. Uma baita imagem, trazendo grande cruz ao ombro e uns olhos brilhantes e profundos que penetravam a alma da gente, forçando suar e o corpo estremecer. O segundo, quando tive oportunidade de descobrir o segredo da tia Magda. E porque, nem me convem contar.

Entrei no quarto, abri o oratório e peguei o cofre... Troço vagabundo! Uma caixa de madeira negra, com umas incrustações a metal. Na parte superior, em alto relêvo, três letras maiúsculas, quasi consumidas pelo tempo.

M. T. C. — Madalena Teixeira de Cintra, o nome inteirinho da tia Magda.

Abri a geringonça já completamente desiludido de minha aventura. Os papéis caíram debaixo de meus olhos. Não havia apólice nenhuma ali. Eram três cartas.

E que surpresa! Cartas de amor.

Eu julgava não ter havido sujeito que tivesse a triste ventura de se enamorar de minha tia, uma velha feia, encarquilhada, reflexo de uma mocidade igualmente grotesca e desvalorizada. Pois até aquela carcassa humana teve, numa época qualquer, o seu admirador.

A curiosidade fez-me ler as cartas. O final da primeira assim rezava:

"meus olhos vêem na lua a palidez diáfana de tua cutis; na natureza, o retrato fiel da tua formosura angelical; no carmim, as pétalas luminosas e macias da rosa rubra que forma a tua boca deliciosa; o teu corpo... não e não! Não permite a minha sensibilidade de poeta enamorado que eu desvende a maravilha escultural de teu corpo estranhamente espiritual. Amo-te... Não te amo! Amar é pouco para a minha ardente e vulcânica paixão.

Adoro-te com idolatria. E juro que hás-de ser minha, mesmo que tudo se revolte e se coloque contra essa minha adoração.

Do teu,

TOTONHO".

Fiquei apalermado com o que li. Seria possível que ela fôra assim bonita, inspirando aquele palavreado todo? Então, depois de seu amor, a pobrezinha sofrera alguma doença. Só assim para compreender tudo, pois ela, além de capenga, é corcova.

Mas quem seria o tal Totonho?

Sômente conheci um Totonho em minha vida. Era o jagunço de confiança do coronel Joca, o chefe político de minha terra. O tipo mais sórdido e asqueroso de que já se teve notícia. Ruim como o capeta e burro como o jumento que puxa a carroça da prefeitura. Não poderia ser êle o apaixonado pelos irrelvelados encantos da tia Magda.

A segunda carta vinha recheiada de adjetivos, escrita às pressas, como a esconder alguma cousa. Despistante e vaga. Terminava assim:

"Não posso ir aí. Sigo urgente para o Rio. Adeus. TOTONHO".

O sujeito estava ficando diferente...

O certo era minha desconfiança que por um triz eu estivera para ser sobrinho do gajo. Fiquei a imaginar um tio camarada, bondoso, trazendo as algibeiras sempre cheias de docinhos para o regalo de seu sobrinho. Presumivelmente não teriam filhos. E para que? Sômente para atrapalharem a minha vida? Esta idéia me fez sorrir e desejar uma cousa boa e retrospectiva.

Mas a terceira carta... Não era bem uma carta e sim um cartão par-



Zecchi Abrahão -- Professor do Colégio Estadual de Goiás e Redator de "Oeste"

A tribu me deu calogí (1)

=====
 José Afonseca
 =====

Há muitos brasileiros que não compreendem o índio. Olham-no com desdém e repugnância, como olham para criminosos lombrosianos. Acreditam na perversidade dos nossos indígenas, das qualidades negativas do seu caráter. Ouvem histórias de fantasistas que mal observam uma cabana indígena no ponto de contacto com a civilização, ou assistem a películas cinematográficas de pelões-vermelhas atacando colonizadores americanos. E, em grande parte, êsses brasileiros servem de espelho àqueles cujos interesses econômicos estão em atrito com o indígena. Os de melhor cultura querem depois falar de cátedra, assumindo ares de etnólogos ou antropólogos.

Outros há que são inimigos tradicionais. A qualquer noticiuzinha vinda do sertão de que tal tribu atacou um re-

duto de civilizados, aparecem logo procurando insuflar os seus pares contra o indígena em geral. Então, lá vem uma notícia de “sempre os índios”. Mandam para o seu jornal predileto. Isso o fazem mal-dosamente, para que os leitores façam côro com o seu intuito, como “sempre os índios” fossem criminosos, como “sempre os índios” tivessem indole para a matança de mulheres e crianças civilizadas, como “sempre os índios” percorressem as regiões palmilhadas por civilizados, à cata de sangue para saciar sua sêde de eternos perversos.

Em todos êles, em todos os inimigos dos indígenas se destacam dois tipos marcantes: o primeiro é o que fala por ouvir dizer, sem procurar colher na História da Civilização Brasileira os motivos determinantes do estado de guerra entre tribus hostis e civilizados; o segundo é o tipo que tem a tendência filosófica impulsionadora de todos os partidários do eixo Roma-Berlim-Tóquio. Se se prende ao primeiro caso, revela um mau brasileiro por desconhecer a história de sua Pátria, interpretando o presente sem perquirir as causas do passado. Se se prende ao segundo caso, merece um campo de concentração por benevolência, para que não ajude os endeusadores da supremacia de raça a escravizar o mundo, a escravizar o Brasil, a própria Pátria. Por-

=====
 ticipando o casamento de um tal Antônio Araújo Ribeiro com uma mulher do Rio.

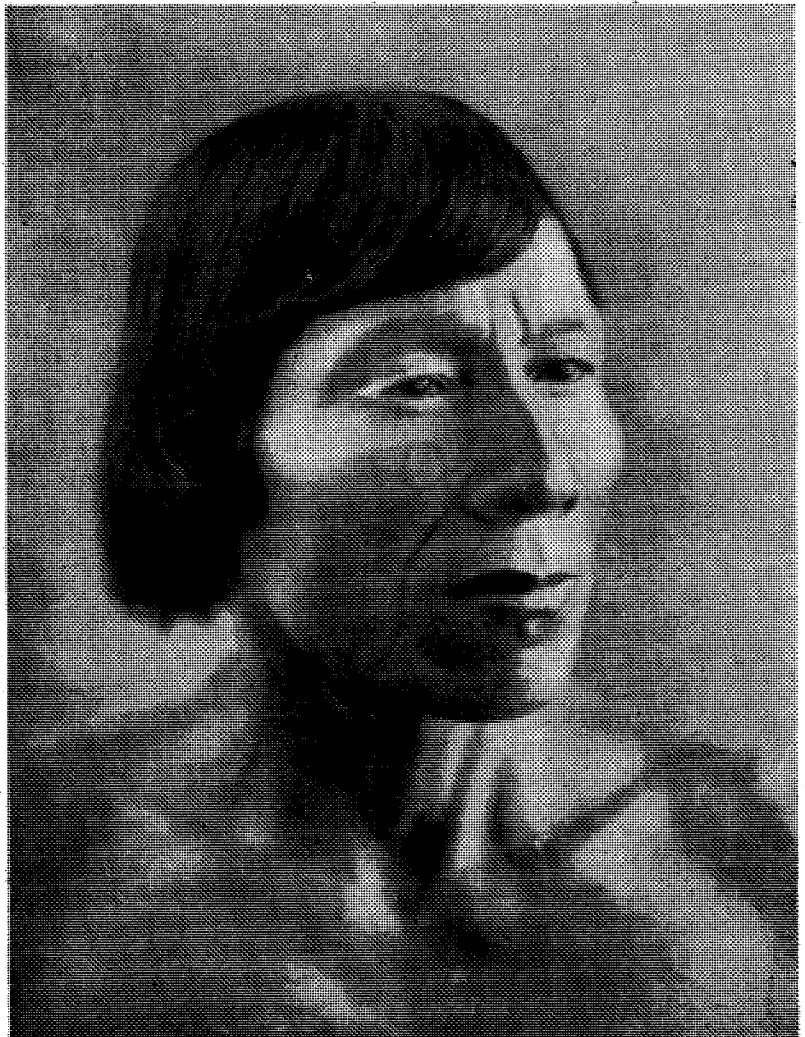
Compreendí as lágrimas, os suspiros, os olhares ao céu, como a exprobar a Deus um êrro notável na harmonia das cousas. O Totonho casara-se. Não fôra preciso uma revolta da natureza para acabar com aquele amor. Fechei o cofre, danado da vida com o meu ex-tio. Seria tão agradável outro desfêcho ao romance . . . morte repentina do Totonho; uma facada tomada em defesa de uma senhora . . . , qualquer cousa assim. Por que não morreu o Totonho mesmo de desinteria?!

Ainda chocado, parei no corredor, escutando a mamãe dizer ao papai:

—“Coitada da Magda . . . Abandonada, sem nenhuma razão, pelo Araújo, e ainda foi assistir à sua missa de sétimo dia”.

Não quis ouvir mais nada. Já sabia que o Totonho que tão safadamente ludibriara o sonho de amor da tia Magda era o mesmo sr. Araújo, tabelião não sei de que officio, um tipinho indecente, fracassado na academia, na vida e no casamento.

Também, para tão mal cheiroso defunto, não precisava a tia Magda gastar tanta cêra.



Um Índio Carajá

que não são as raças que fazem as civilizações e sim as civilizações que fazem as raças: a terra e o trabalho criam a cultura e esta apresenta o homem, seja alemão ou inglês, americano ou japonês, grego ou romano.

No primeiro caso, há ignorantes e letrados. Uns não frequentaram escola primária. Outros usaram de artifícios quando se tratava de História Pátria. Ambos ignorando nos livros infantis aquele belo quadro de Vitor Meireles, pollicromizando a primeira missa no Brasil, e mostrando frei Henrique celebrando o ato religioso na Ilha de Vera Cruz, ao qual compareceram almirante e tripulação da nave portuguesa e a que assistiram índios colados na ramagem das árvores ou sentados na relva. Os nossos índios não receberam os primeiros civilizados com sa-raivadas de flexas ou golpes traiçoeiros de tacapes, como podiam tê-los recebido, fosse o seu temperamento reveladamente cruel. Mas, não. Eles assistiram admirados e ingênuos à primeira invasão (como nós podemos classificar a chegada cabraliana), como que oferecendo a terra "dádiosa e boa", nessa expressão máxima do espírito hospitaleiro de um povo. Somente foi com o mau comportamento dos primeiros portugueses che-gantes, que o revide indígena iria se revelar com os donatários, como resposta de povo digno àqueles que os tratavam com maldade e queriam prostituir as suas mulheres. No entanto, nas capitâneas em que entrou em jôgo a persuasão, a ação pacífica dos governadores — Pernambuco e São Vicente — é que o sistema feudal das donatárias conseguiu prosperar, ficando os primeiros alicerces da economia rural brasileira. É conhecida a colaboração de Tibiriçá, no embrião da cidade de São Paulo. O grande cacique é considerado hoje o primeiro cidadão paulista. (Cidadão, de *civitas*).

Os dias passam-se e vem

a história negra da escravidão indígena, quando os chamados bandeirantes penetram armados nas florestas invias, à cata de força humana para mover engenhos de açúcar e cuidar das culturas agrícolas.

Essas penetrações reduzem as aldeias aos resquícios do bacamarte, ora carregando mulheres e crianças, ora al-gemando homens fortes que a grande inferioridade de armas não conseguia opor resistência, despojando-os de tudo que era útil aos invasores, instaurando assim o massacre e o roubo, erguendo pilares para o edifício da destruição e da pilhagem, e que mais tarde, nas mãos dos seus descendentes, iria ser considerado o templo da propriedade privada.

Essa mesma História regista casos de resistências heróicas, a-pesar-do desequilíbrio bélico, em que o viver em liberdade sobrepuja a própria vida. Então, as aldeias foram destruídas. Outros, como os índios goiás, iludidos pela astúcia do Anhanguera, foram despojados do ouro que servia de adorno às suas mulheres e filhas, para o bem-estar do bandeirante ou para orgulho de Nossa Senhora do Pilar, em Sorocaba. (2)

Por toda parte, como prelúdio do ciclo do ouro, a caça ao índio pelo bandeirante. E mais tarde, como os indígenas não se adaptassem ao chicote dos feitores, porque fossem ciosos de sua liberdade, os senhores instituem a escravidão negra. Silencia o canto heróico de Gonçalves Dias e abrem-se os porões imundos do "Navio Negroiro" de Castro Alves.

O som do bacamarte do período da caça-ao-índio soou pelas florestas, e os feitos hediondos de bandeirantes cruéis passaram de gerações para gerações pela tradição oral das tribus, fazendo com que os mais fortes, aqueles que ainda não querem se sujeitar à escravidão, resistam, e resistam *staltin gradescamente*, como querem resistir tô-

das as nações indígenas hostis.

O território brasileiro era deles, era sua a pindorama. O português invadiu-a. O bandeirante fê-lo recuar. Ele recuou mas tomou novas posições, defendendo o pedaço de terra que lhe dá a caça preferida ou o fruto silvestre.

O civilizado avança novamente, apoiado na potencialidade da Winchester 44, tomando-lhe a terra para o território, ou retirando da floresta côcos ou castanhas. Ao ser espoliado dêesses frutos, o indígena não se conforma com essa nova invasão. Faz-lhe guerra, como nós faremos a qualquer alemão, italiano ou japonês que desça armado em nosso território. E para eles, como para nós, a guerra tem as oscilações dos avanços e recuos.

* * *

Qualquer simpatizante do nipo-nazi-fascismo é apologista da filosofia regedora da supremacia de raça, porquanto foram as pílulas doiradas de Spengler, pelos porta-vozes de Goebbels, que diariamente intoxicavam o povo alemão, como intoxicaram os seus satélites. É essa mesma filosofia que anima e arma os civilizados contra os índios, querendo estabelecer na consciência de muitos a superioridade dos primeiros contra os segundos, desprezando a razão dos direitos dos povos em favor dos mais capazes, como se estes fossem elementos escravizadores daqueles.

Dizem ainda os civilizados adversários da causa indígena: "queremos que os índios trabalhem como nós trabalhamos, paguem impostos como nós pagamos, etc.". E, dizendo isto, o fazem maldosamente ou ignorando que os nossos selvícolas estão no estágio econômico da caça, da pesca, e da colheita de frutos silvestres — como já estiveram nossos ancestrais — enquanto que o mundo civilizado está passando pelos estertores da Revolução Industrial. E que não é da noite para o dia que os nossos

selvícolas, primitivos como são, irão passar do seu estágio econômico, o mesmo da idade paleolítica, para o sistema agro-pecuário em que vivemos. Pois, essa passagem, ocorrida no período neolítico com os nossos ancestrais e que constitui a Revolução Agrícola, não se verificou no intervalo de uma simples geração. Que dizermos nós a respeito dessa catástrofe que ensopa de sangue, suor e lágrimas o solo europeu, que tinge de rubro as águas de todos os mares, e que já veio encher de luto muitos lares de brasileiros? Isso não é obra de civilizados, desses glorificadores da filosofia splengeriana? Precisamos ser coerentes: se estamos em inferioridade técnico-industrial relativamente ao povo alemão, e por isto adotamos o princípio de liberdade dos povos, devemos também adotar o mesmo princípio com o indígena, estando em superioridade técnico-agrícola em relação a eles. Ao queixarmos de ataques indígenas contra redutos isolados de civilizados, fazemos a mesma coisa que fez Hitler ao se queixar dos russos porque resistiam em Stalingrado.

Hitler, Mussolini e Hiroito, ao mandarem os seus exércitos invadir terras alheias, disseram também querer que os outros povos trabalhassem como trabalham os arianos, os romanos da nova era, e os filhos do Sol Nascente. Não falam eles de uma nova ordem, não falaram de um pretenso ataque inglês, russo ou mesmo americano? Não foram eles que invadiram a Polónia, atacaram traiçoeiramente Pearl Harbour ou a União Soviética? Não acham eles que a *nova ordem* deles é melhor que as instituições dos aliados? Democráticos e soviéticos não estão resistindo galharda e heróicamente?

Pois bem: da mesma maneira, pelo espírito de liberdade que anima os povos aliados, pelo princípio de auto-determinação regedor da coligação universal contra os ditadores,

é que nós somos pela defesa do indígena, pela sua integração na comunidade brasileira. Do mesmo quilate da nova ordem européia é o novo regime de trabalho que o civilizado quer impor ao indígena, invadindo-lhe as terras, tomando-lhe os meios de subsistência.

Ao fazermos a defesa do índio, não pretendemos, com isto, apoiar nem estimular ataques indígenas contra civilizados. Dizemos que é apenas um acontecimento causado pelo índio revoltado contra o esbulho e a violência praticados contra ele através de todos os tempos. Porque ainda são bem recentes as dolorosas cenas de covardia de que foi teatro o terreno habitado pela nação *craô*, no município de Pedro Afonso, quando 26 pessoas indígenas, na maioria mulheres e crianças, tombaram sem vida pela ação criminosa de fazendeiros e sequazes assaltantes. Fizem os *craôs* alguma vingança? Não. Apenas exigem da nossa Justiça que os responsáveis por esse assalto espiem no cárcere o crime cometido.

* * *

Pertencemos a um corpo de funcionários cuja direção foi plasmada no seio das selvas, no contacto direto com muitas nações indígenas, mais pacíficas umas, arredias outras, muitas hostis. Ela conseguiu sobreviver da jornada heróica, durante a qual a hostilidade das selvas e dos próprios índios ceifou muitas vidas, como ainda ceifa. (3) Instituiu a legislação atual de proteção aos indígenas, cor-

porificando a dedicação dos primeiros seguidores de Inácio de Loyola, da ação de Pombal, das intenções de José Bonifácio, do canglor poético de Gonçalves Dias, do ardor de Couto de Magalhães, e finalmente da energia de Rondon, orientando e animando todos os funcionários do Serviço de Proteção aos Índios. Filho dileto da Comissão Rondon, o S. P. I. tem o problema indígena como uma questão nacional das mais transcendentes. Pretende ele por fim ao tratamento de ferro-e-fogo a que os nossos indígenas foram submetidos até então, opondo-se à tragédia dantesca que se desenrolava no coração da floresta brasileira, evitando a invasão das terras dos índios pelos civilizados.

Não só ao S. P. I. como a todo bom brasileiro, é dever de eriar um ambiente de respeito recíproco entre o índio e o civilizado, de conquistar o índio pela persuasão e bondade, já que somos nós os responsáveis históricos por esse estado de animosidade, de luta esporádica entre tribus hostis e civilizados.

(1) Calogí é o prato predileto do carajá, feito de cereais, principalmente de milho, pela mão habilidosa da mulher carajá. E qualquer forasteiro que chegue à cabana carajá recebe logo a oferta do calogí. Por isso, o título significa a hospitalidade indígena em geral.

(2) Não queremos com isto menosprezar o valor do trabalho de Auhanguera. Sua glória esmaeceu com o transporte de índios algemados e de ouro goiano.

(3) É recente a morte do dr. Genésio Pimentel Barbosa e cinco rapazes, todos serventários do S. P. I., sacrificados pelos índios chavantes quando se dedicavam à atração dessa tribo hostil.



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

UMA PÁGINA DE XAVIER JÚNIOR

GOIÂNIA

Na elevada planura a cidade aparece,
 Palácios ostentando e moradas modernas,
 Como as que junto à areia, ante as ondas eternas
 Ouvem do oceano a voz, que se alteia e esmorece.

Enquanto arranha-céus e bangalôs alternas,
 Escutas, ó Goiânia, as campinas em prece,
 E os aplausos da mata ao sertão que floresce,
 E a sereia estridente e a voz das aves ternas.

A civilização avança alviçareira,
 Abrindo no sertão a esplêndida clareira
 De uma grande cidade erguida no planalto.

Renova-se o valor audaz dos bandeirantes.
 E, junto do esplendor das selvas luxuriantes,
 O progresso desdobra os seus lençóis de asfalto.

ARAGUAIA

Plácido curso de água verde-clara,
 Mar sem ondas e rio sem cachociras,
 Quem seus matizes trêmulos pintara,
 Do sol às lentas luzes derradeiras ?

Se do leito surgisse alguma iára,
 Lascivo o gesto e as formas feiticeiras,
 Quem sabe, aos seus encantos se entregara
 O índio que busca as ermas ribanceiras ?

Dansa a ubá sôbre a tona, leve e esguia.
 O índio, de pé na proa, o arco distende
 E sonda o fundo com a mirada fria.

A emoção de ferir um peixe enorme
 Sacode o corpo todo ao brônzeo duende.
 E a noite desce . . . e o grande rio dorme . . .

JAÓ

Sob o arvoredado que adormece,
 O córrego não geme só.
 Perfuma o silêncio uma prece . . .
 Uma ave canta — Eu sou jaó !

Na sombra da noite que desce,
 O córrego não geme só.
 Das estrelas desponta a messe . . .
 Uma ave canta — Eu sou jaó !

Ao traduzir a intensa mágua
 Que extravasa dos olhos-dágua,
 O córrego não geme só.

Acompanhando-o, há uma tristeza,
 Irmã na sonora beleza . . .
 Uma ave canta — Eu sou jaó !



MONUMENTO AO BANDEIRANTE—oferta da mocidade estudiosa de São Paulo ao povo goiano, símbolo de uma grande epopéia e expressão de fé nos destinos da nacionalidade.

PRIMEIRO CONCURSO

— DE —

POESIA DE "OESTE"

OESTE, que, em maio transato, lançou as bases de um concurso de contos, institue agora, prosseguindo em seu vasto programa de incentivo das produções culturais em nosso meio, o seu segundo concurso literário, sob o patrocínio da firma A'lvaes & Machado, proprietária da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", instalada à avenida 24 de outubro, nº 88, e com uma filial no centro da Capital, funcionando no Edifício Rio-Bonito, na qual se nota uma impecável organização comercial à altura dos foros de progresso do povo goianiense. Traça-se de um certame de poesias, o primeiro da série que esta revista pretende realizar.

O Primeiro Concurso de Poesia de OESTE será realizado nas seguintes bases:

- a) cada concorrente deverá apresentar um trabalho poético versando livremente sobre Goiânia, em que se fixem sua realização e suas influências presentes e futuras na vida do Brasil mediterrâneo;
- b) as poesias não poderão ter menos de dez e mais de cinquenta estrofes; as estrofes não poderão ter menos de três versos, não havendo limite máximo;
- c) os trabalhos poderão pertencer a qualquer escola literária;
- d) ao autor classificado em primeiro lugar será conferida uma coleção Nobel de literatura, composta de mais de trinta belos volumes encadernados, edições da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, os quais serão brevemente expostos numa das vitrines da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", no Edifício Rio-Bonito;
- e) além do primeiro prêmio, haverá duas menções honrosas;
- f) OESTE se compromete a publicar em suas páginas, com ilustrações e referências especiais do parecer escrito da comissão julgadora, a poesia classificada em primeiro lugar e as duas das menções honrosas;
- g) os originais devem ser entregues até o dia 31 de outubro do

corrente ano, devendo ser dactilografados de um só lado do papel, formato ofício, a dois espaços;

h) será lícito à comissão julgadora não conceder o prêmio e as menções honrosas, caso não encontre trabalhos em condições de merecê-los;

i) será desclassificado o trabalho que sair do gênero poético, bem como o original cuja autoria, direta ou indiretamente, for dada a conhecer;

j) as poesias devem ser inteiramente inéditas;

k) os originais devem ser assinados com pseudônimos, trazendo em envelopes separados e fechados os nomes e os endereços dos autores;

l) cada candidato terá direito a apresentar um único trabalho; e

m) não poderá concorrer a este certame nenhum dos integrantes da redação de OESTE.

A comissão julgadora será composta dos escritores Alfredo de Castro, J. Décio Filho, J. B. Felix de Sousa e Hélio A. Lobo. Os originais, bem como toda a correspondência relativa ao concurso, deverão ser dirigidos ao secretário do mesmo, Hélio A. Lobo, à avenida Tocantins, edifício do "Correio Oficial", Goiânia, Estado de Goiaz, mencionando sempre nos subscritos: "Primeiro Concurso de Poesia de OESTE".

Pedimos a atenção dos interessados para os volumes da coleção Nobel de literatura, dados como prêmio ao vencedor do presente concurso. São edições encadernadas da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, feitas em primorosas traduções brasileiras. Trata-se de grandes livros da literatura universal, consagrados unânimemente pela crítica. Essa coleção constitui verdadeira preciosidade numa biblioteca.

OESTE lança um apêlo à inteligência do Brasil-Central, ao ensejo da instituição de seu segundo concurso literário, esperando que todos o cultores da poesia prestem sua colaboração ao certame.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Agosto de 1943

Núm. 7



(TEXTO NA 4ª PÁGINA)

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Agosto de 1943

NÚM. 7

O SENTIDO REVOLUCIONARIO DE “OESTE”

Pedro Ludovico assumiu a chefia do governo e Goiás renasceu. Desenvolveu-se a agricultura; a pecuária também; a população aumentou, as terras se valorizaram, cresceram as indústrias, as estradas se multiplicaram, ativou-se o comércio, as rendas subiram. Tudo por causa de Goiânia. A nova capital, criada com o objetivo de “oxigenamento”, veio, de fato, dar vida nova a Goiás.

Goiás progrediu. Encheu-se de fé e de confiança.

Uma coisa, porém, ficara estacionária, mau grado as louváveis intenções de alguns:— a literatura goiana. Mais, mesmo, do que estagnária:— incriada. Neste terreno, vivia-se somente de recordações fragmentárias, de tradições uninominais. A inteligência anhanguerina estava como que adormecida. Ademais, sofria-se, além do que fôra de desejar, a influência do utilitarismo moderno:— só se falava, quasi, em cristal, em zebú, em fumo, em níquel, em babaçú, em compra e venda de lotes . . . Sinal dos tempos, talvez; contudo, mau sintoma, pois nem só de pão vive o homem; nem há verdadeira civilização sem literatura, que é a expressão superior da vida de um povo.

Foi quando surgiu OESTE. Surgiu como um sol novo de raios novos. Iluminando. Fertilizando. Vivificando. OESTE, indiscutivelmente o esforço mais honesto, mais sincero e mais fecundo já feito em prol do alevantamento do nosso nível cultural, veio sacudir a inteligência goiana. E eis que, de um deplorável estado de apatia, passamos a outro, de sã inquietude intelectual. Há, hoje, inegavelmente, um como que renascimento, em nossas letras. Nada de “genial”, nada com pretensões a “imortalidades”, nesse sadio e desassombrado movimento que OESTE vanguarda. Estamos num começo, tão só; e o caminho é longo e difícil. Contudo há muita vontade de servir, muito desejo de ser útil, muito anseio de aperfeiçoamento. Trabalha-se. Estuda-se, sobretudo porque se sabe que se não formam valores legítimos sem o estudo constante, paciente e bem orientado, pelo único de esclarecer os homens. E mais ainda se estuda porque

os integrantes dêsse movimento cultural que OESTE lidera compreenderam bem a posição que compete ao intelectual tomar em face dos dias tormentosos que vivemos, quando problemas formidáveis se equacionam em todos os quadros da atividade humana, reclamando argúcia para a sua solução, argúcia que só se pode conseguir mediante um cultivo apropriado da inteligência.

OESTE simboliza, dessa maneira, um estado de espírito revolucionário. Reflete um intuito de vida superior. Traduz um afã de construção. Renova. Edifica.

Goiás está lendo mais e melhor. Goiás está escrevendo mais e melhor. Os goianos estão aparecendo mais e melhor.

Apuram-se e depuram-se valores. Ajustam-se e reajustam-se valores. Separa-se o joio do trigo. Agonizam os “medalhões”. Caem no ridículo os bobocas metidos a sebo. Perdem o prestígio os “coronéis” das letras. Firmam-se vocações promissoras. Discute-se. Critica-se: E, acima de tudo, constrói-se.

No meio de tudo, ressalta a verdade inculcável:— é OESTE o fator predominante dessa renovação cultural.

Nossa civilização não estava completa:— veio completá-la OESTE. Cuidava-se da economia, da administração, da justiça. Tratava-se da terra, dos animais, do trabalho, do funcionalismo, das riquezas naturais, do urbanismo. Faltava, porém, pensar a literatura, que é o instrumento mais nobre de edificação de um povo.

Entretanto, é de justiça salientar que, ao mesmo tempo em que ia resolvendo, com energia, honestidade, clarividência e patriotismo, as questões tôdas do Estado, Pedro Ludovico, compreendendo que se não realizam grandes obras sem homens capazes, ia abrindo escolas de tôdas as espécies, auxiliava a todos os institutos particulares de educação, favorecia a todos os grêmios de intenções culturalistas. Dessa maneira,

ia melhorando, aos poucos, o nosso clima "cultural". Faltava, todavia, "qualquer coisa". Essa qualquer coisa surgiu: — OESTE, espelho fiel dessa atividade criadora da inteligência goiana, remoçada e revitalizada pela política tonificante e integral de Pedro Ludovico, sempre pronto a ajudar aos homens de boa vontade. E quanto valor de verdade OESTE revelou, gente que se mantinha — ou era mantida . . . — em criminoso esquecimento! . . . E quantos nomes gloriosos revividos, quantos nomes de mérito atuando mais amplamente! Com apenas seis números editados, — lutando com uma soma bem grande de dificuldades de toda sorte, — não tendo, ainda, atingido a forma que seus dirigentes almejam, — a-pesar-disso tudo OESTE já conseguiu chamar para Goiás muita da atenção dos demais Estados. Chegam Gois, de todo o Brasil — da Capital Federal inclusive — e de vultos altamente situados em nossos meios culturais, palavras carinhosas de compreensão, de estímulo e de aplausos. Vemos, com irreprimível satisfação, que além do babaçu e do fumo, além do índio e da onça, além do cristal e do Araguaia, já se conhecem, lá fora, poemas, contos, ensaios e crônicas de autores

goianos, alguns dos quais têm tido trabalhos transcritos e comentados favoravelmente, em publicações dos grandes centros. Vemos, com insopitada alegria, que já se não fala, lá fora, somente da economia goiana, mas também da inteligência goiana.

- . . . -

Pois OESTE, como tudo que há-de grande e de belo em nossa terra, é, também, obra de Pedro Ludovico, o qual, diga-se de passagem, é um terrível "devorador" de livros. Sem Pedro Ludovico, OESTE não existiria. Mas, existe Pedro Ludovico, e, com êle, OESTE. E ela, enquanto êle estiver à testa do governo, viverá. Para gáudio dos bons goianos e, também, para desespero dos negativistas, dos invejosos, dos despreitados, dos incapazes. Mas viverá, enquanto Pedro Ludovico for interventor no Estado; sobre isso não resta dúvida nenhuma. Dêsse modo, é a êle, à-quele que, no dizer do ilustre oficial do glorioso Exército Brasileiro, General Sousa Doca, "passou à imortalidade", é a Pedro Ludovico, portanto, que devemos render graças por essa nova revolução que OESTE está processando em nosso meio.

Padre José Caetano Lobo Pereira

As riquezas do Brasil desvairaram Portugal e, o que é peor, Portugal não soube aproveitar as imensas riquezas que o Brasil lhe remetia.

Julgando inexauríveis as minas de sua colônia americana, os reis portugueses não cuidaram de refrear os gastos e de ordenar as despesas, não cuidaram de acautelar o futuro. Antes, a preocupação de todos êles era gastar, era esbanjar o mais depressa possível as enormes quantidades de ouro que, para Lisboa, o Brasil constantemente remetia.

"Só das naus que vieram do Rio-de-Janeiro e da Baía", relata o insuspeitissimo Camilo Castelo Branco, em o "Perfil do Marques de Pombal", "vieram, em 1764, para os cofres de Portugal, 220 arrobas de ouro em pó, 15 ½ milhões de cruzados, 437 arrobas de ouro em barra, 48 arrobas de ouro lavado, 8871 marcos de prata, 42.803 peças de 6\$400 e 3.086 oitavas e 5 quilates de diamantes".

Dom João V foi o soberano português que mais esbanjou as riquezas procedentes do Brasil. Gastou a mãos largas, gastou doidamente, gastou com inaudita prodigalidade, gastou como nenhum outro rei português poderia gastar.

Esse rei, doente e fanático, delirava no meio das riquezas procedentes do Brasil. Os seus gastos, com obras suntuárias, assombram e estarrecem ao mesmo tempo. Só na construção do paço-mosteiro de Mafra, "gastou 120 milhões de cruzados", sendo de notar que "os paramentos da igreja custaram mais que todo o edificio..."

Dom João V "deu dinheiro a rêdo aos fidalgos e aos frades e comprou do Papa, a peso de ouro, tôdas as

ODORICO COSTA

concessões que a sua piedade lhe sugeriu. Para indulgências, bulas e canonizações, mandou para Roma cerca de 200 milhões de cruzados, mandou rezar para mais de 700.000 missas e enriqueceu as igrejas e conventos de Portugal e dos países amigos".

Quando, em 1742, foi acometido do primeiro ataque de paralisia que, depois, o empolgaria todo, Dom João V, para obter melhoras, para comprar aos santos a cura que os seus físicos e os seus médicos não lhe podiam dar, "encheu de ouro as igrejas e passou a ouvir missa sobre missa", num verdadeiro delírio religioso. Paralelamente, numa corrida inútil para obter melhoras, o rei português passou a usar de beberragens, de "filtros preparados por gente de baixa condição", procurando, por tôdas as formas, deter o progresso da miséria física que o devorava irremediável e impiedosamente.

Esse rei, que delirava no meio do fausto e do esplendor das riquezas, deixava Portugal na mais dolorosa de tôdas as situações. O país não tinha estradas para a circulação das riquezas e para o progresso do comércio, mas o rei mandava atacar a construção do palácio de Vendas Novas, que custaria um milhão de cruzados. Portugal não tinha exército, não tinha forças para a defesa de suas fronteiras, mas Dom João V negociava com o Papa. "em troca de milhões de cruzados, a criação da Patriarcal . . ."

Os historiadores que se referem a esse rei beato e pródigo reconhecem que êle "não soube ou não quis aproveitar, em benefício da nação, das imensas riquezas que o Brasil lhe mandava desde que haviam sido descobertas as minas".

Foi durante o reinado de Dom João V, "de tão altíssimas prodigalidades e de tanta fé esbraseada", que um paulista chamado Bartolomeu Bueno da Silva, furando o sertão áspero e hostil, descobriu as minas encantadas de Goiás.

-*-

Numerosas figuras da história de Goiás, da era do desbravamento, emergem dos tumultos iniciais, estalados nas minas recém-descobertas, inteiramente desfiguradas pelos documentos oficiais.

Tais documentos, redigidos por portugueses, por autoridades enviadas ao sertão, apenas, para a rigorosa cobrança dos tributos, não poderiam se referir senão com muita severidade às insurreições dos primeiros povoadores contra as exorbitâncias das autoridades administrativas, fiscais ou militares, insurreições causadas, umas vezes, pelos gravames e humilhações recebidos, segundas vezes por motivos ferozmente econômicos e, a maior parte das vezes, por um exaltado espírito nativista que já se firmava vitoriosamente entre os homens que vasculhavam o sertão de Goiás.

No rol das figuras da história de Goiás, desfiguradas pelos documentos oficiais, está o Padre José Caetano Lobo Pereira. Esse sacerdote, orgulhosamente brasileiro, cioso de suas prerrogativas de liberdade, e-

mérge dos documentos oficiais como um "homem de péssimos costumes e péssimo proceder, turbulento e atrevido, de poucas concórdia e harmonia".

Entretanto, a verdade é que o Padre José Caetano Lobo Pereira teve, na sua época, uma atitude digna e relevante. Na defesa de seus direitos, levantou-se contra os capitães-generais, afrontando a cólera destes e até, mesmo, a cólera do próprio rei de Portugal . . .

Vamos, apoiados em documentos oficiais, principalmente em peças de correspondência de Dom Luiz de Mascarenhas e de Dom Marcos de Noronha e Brito, reconstituir o que foi a atuação desse padre valente e destemido, residente no arraial de Meia-Ponte, no segundo quartel da era setecentista, quando mais intensos lavravam os tumultos nas minas de Goiás.

Nos princípios de 1746, o capitão João Monteiro de Azevedo teve notícias de que, em um dos ribeirões das proximidades de Meia-Ponte, precisamente no ribeirão do Peixe, haviam sido verificadas "positivas informações" da existência de ouro.

Alvorocado com essa notícia, o guarda-mor Clemente Simões da Cunha tratou imediatamente de "lançar manifesto do novo descoberto" e se dirigiu, a seguir, ao capitão-general de São-Paulo, Dom Luiz de Mascarenhas, comunicando-lhe "a grata nova dos novos descobertos" e comunicando que havia organizado um grupo de "pessoas práticas, para socavar e fazer exame nas areias e terras do ribeirão em questão".

Clemente Simões da Cunha, cioso das funções de seu cargo, foi, pessoalmente, dirigir essa diligência e, mal iniciara os trabalhos nas barrancas do ribeirão do Peixe, quando lhe surge pela frente o feitor do padre José Caetano Lobo Pereira, acompanhado de grande número de negros, "impedindo, sem a menor consideração por sua autoridade, a realização dos exames e a consumação da diligência".

Foi grave, muito grave o incidente, nesse dia, nas margens do ribeirão do Preto. O guarda-mor reagiu e, em certo instante, chegou a fazer predominar a sua autoridade, efetuando a prisão do feitor. Os negros, entretanto, atacaram a força do guarda-mor, tomaram o preso e expulsaram a tiros de pederneiras e pontações de lança e espada os soldados invasores. "O feitor do Padre José Caetano Lobo Pereira tinha oitenta armas de fogo que começou a mandar descarregar sobre os oficiais dessa diligência", relata Silva e Sousa.

A 30 de agosto de 1746, o faustoso Dom Luiz de Mascarenhas, capitão-general de S.-Paulo, recebe notícia desses acontecimentos. O futuro conde d'Alava deliberou a execução das mais sérias providências para a

punição dos criminosos e restabelecer "as cousas nos seus justos lugares e desafrontar as autoridades desacetadas".

Em carta dirigida ao capitão Antônio de Sá Pereira, comandante dos dragões de Vila-Boa, Dom Luiz de Mascarenhas deu ordens terminantes para que, "se lhe fosse requerida alguma ajuda a favor da execução dessa diligência, V. Mcê. o socorrerá com os soldados dos dragões que aí se acharem".

Ao guarda-mor de Meia-Ponte, Dom Luiz de Mascarenhas escreveu comunicando estar inteirado do "absurdo que cometeram o feitor e os negros do padre José Caetano Lobo Pereira, impedindo-lhe o exame no ribeirão que se lhe tinha dado manifesto, cuja diligência ordeno V. Mcê. vá logo fazer outra vez, nomeando para ela pessoas capazes que hajam de socavar e fazer uma exata averiguação e procurará saber as datas que estiverem lavradas e por lavar e as pintas de umas e de outras".

Ao intendente e provedor da Fazenda Real em Goiás, dr. Manoel Caetano Homem de Melo, as ordens de Dom Luiz de Mascarenhas foram mais enérgicas: queria a abertura de um rigoroso inquérito para apurar as responsabilidades desse "fato escandaloso e prejudicial à Fazenda de S. Magtde. e tranquilidade de seus povos". No caso de se apurar, nesse inquérito, a procedência da denúncia que lhe dera o juiz ordinário de Meia-Ponte, "V. Mcê. mandará prender o feitor do Padre José Caetano Lobo Pereira e alguns escravos daqueles que constar são mais temerários e me remeterá o dito feitor do dito Padre na ocasião dos quintos, com o sumário que fizer, para dar conta a S. Magtde."

Com relação ao Padre José Caetano Lobo Pereira, a cousa era mais grave e mais séria. A sua prisão não poderia ser feita sem colisão com as autoridades eclesiásticas, cousa que, na época, nenhum governador se atreveria a fazer. Por isso, o capitão-general de S.-Paulo determinou ao intendente e provedor da Fazenda Real em Goiás que tivesse "prevenção e cautela", que o dito padre fosse "notificado para despejar das terras minerais desta capitania dentro de três dias". Essa notificação, entretanto, só deveria ser feita depois da prisão do feitor e dos negros, para que ela não servisse de aviso para que os mesmos fugissem. "E no caso que o dito clérigo esteja provido de alguma ocupação eclesiástica para fraudar as ordens de S. Magtde. e escrapar ao extramônio, nesse caso V. Mcê. requererá da parte do dito ao senhor Vigário da Vara o suspenda da dita ocupação e não o fazendo êste, sempre V. Mcê., com efeito, o fará despejar e, recusando-se êle, o mandará prender e o remeterá ao Vigário da Vara, re-

querendo a êste o faça remeter preso ao Rio-de-Janeiro, ao seu prelado".

Dom Luiz de Mascarenhas deu ciência do ocorrido ao soberano português e êste, não somente lhe aprovou todas as providências tomadas, como, ainda, revigorou-as, ampliando-lhes a severidade. A carta de 24 de abril de 1747 determina que se "fizesse despejar o dito padre de todo o distrito de Goiás".

Dom Luiz de Mascarenhas voltou a tratar do assunto com as autoridades destacadas nas minas de Goiás, determinando-lhe promover sem mais demora "a expulsão do Padre José Caetano daquelas terras minerais, dos distritos dessa comarca".

Até 1749, quando Dom Luiz de Mascarenhas deixou a capitania de S.-Paulo para ir ser Vice-Rei da Índia, não existem outros documentos a respeito de "tão audacioso e tão insolente sacerdote". O que é certo, entretanto, é que o Padre José Caetano Lobo Pereira deixou-se ficar em Meia-Ponte, na posse de suas terras, na beira do rio dos Peixes, não permitindo que as autoridades "lhe turbassem a posse delas". Ficou calma e sossegadamente tratando de seus gârimpos e de seus mistérios espirituais.

Quatro longos anos, tumultuários e turbulentos, passaram sobre os últimos documentos oficiais, assinados por Dom Luiz de Mascarenhas, a respeito do Padre José Caetano Lobo Pereira. A 15 de abril de 1751, entretanto, Dom Marcos de Noronha e Brito mandava ao rei de Portugal uma carta contendo preciosos esclarecimentos a respeito desse sacerdote. "Antes de tomar posse deste governo", dizia Dom Marcos, "encontrei, no arraial de Meia-Ponte, o Padre José Caetano Lobo Pereira, e como já vinha informado de sua desordenada vida e costumes, e de alguns eclesiásticos que se achavam naquele arraial, fiz-lhe saber que havia de proceder severamente contra êles, na conformidade das ordens de V. Magtde., se me constasse que êles perturbavam o sossego e a quietação pública dos moradores; inteirados desta notícia e da recomendação que fiz ao Pároco da freguesia, tomaram a resolução de saírem para fora do distrito deste Governo e neste número entra também o Padre José Caetano Lobo Pereira. Caso tornem a voltar, o que bem pode suceder, procederei contra êles como V. Magtde. determina".

Nunca mais se teve notícia desse sacerdote, "tão ativo e tão insolente", que, na defesa de seus direitos, levantou-se contra os capitães-generais, afrontando a cólera destes e até, mesmo, a cólera do próprio rei de Portugal . . .

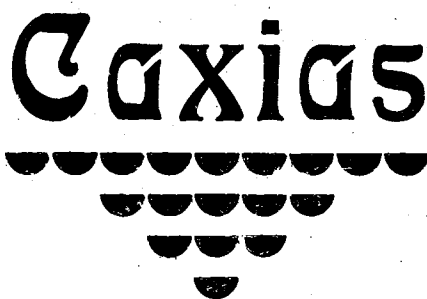
Bibliografia

Americano do Brasil, "Súmula de

No dia 2 de agosto de 1803, na Vila da Estrela, Estado do Rio-de-Janeiro, nascia Luiz Alves de Lima, que seria o maior dos nossos generais e a maior glória do nosso Exército.

Sua figura — a mais grandiosa do Segundo Império — invocamos neste momento decisivo de nossa história, não somente como o Patrono invencível do Exército, mas como o verdadeiro nume tutelar da Nação, para que, à sua invocação, possamos cumprir o nosso dever, como em Avaí, Itororó e Lomas Valentina, sob o seu comando, o fizeram os nossos avós.

Disse o general Góis Monteiro que a Nação precisa ter cem por cento de espírito de soldado e a entrada do Brasil na guerra acordou em cada brasileiro, na caserna, ou fora dela, o mesmo espírito de decisão, energia, disciplina e destemor, fazendo de cada bra-



sileiro um soldado digno das tradições gloriosas que nos legaram os heróis de Laguna e Dourados e de Tuiuti.

Graças à clarividência e sã política do Presidente Vargas, o Estado Nacional, “recuperando o tempo perdido, de abandono e de esquecimento, tem acelerado cada vez mais o aparelhamento e a renovação do Exército, com a promulgação das leis necessárias à sua organização e com os recursos indispensáveis à produ-

ção e à aquisição do material que sua eficiência vinha reclamando”. A êle devemos a fábrica de motores para aviões, a moto-mecanização de nossas forças, o equipamento, as armas necessárias para a guerra moderna. A êle devemos a Nação fortalecida na unidade nacional. A êle devemos ser o Brasil hoje uma potência militar, o que, no conceito de um dos nossos mais brilhantes generais, é aquela nação que, dispendido de potência de motores, seja igualmente uma potência de vontades firmes na decisão de vencer.

O momento é dos fortes. Fazemos o Brasil forte pela nossa união.

E invocando o exemplo de coragem, de patriotismo, de disciplina e lealdade de Caxias, seja cada brasileiro um soldado, com Getúlio Vargas, de pé pelo Brasil, para a Vitória.

História de Goiás”.

Colemar Natal e Silva, “História de Goiás”.

A. Torres, “Razoens da Inconfidência”.

Pedro Calmon, “História da Civilização Brasileira”.

Gabriel Soares de Sousa, “Tratado Descritivo do Brasil”.

Basílio de Magalhães, “Expansão Geográfica do Brasil Colonial”.

Pandia Calogeras, “Problemas de Administração”.

Livro de Atas da Câmara de São Paulo.

Registro Geral da Câmara de São Paulo.

Documentos interessantes do Arquivo de São Paulo.

Documentos oficiais do Arquivo de Goiás.

Rocha Pombo, “História do Brasil”.

Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”.

Diogo de Vasconcelos, “História Antiga e História Média de Minas Gerais”.

Bar Pinguim

Maçãs — Peras — Uvas — Sorvetes, etc. — Atende pedidos de doces para festas, doces para revendedores — descontos especiais.

Bar Pinguim - Av. Anhangüera

Dr. Paulo A. Figueiredo

O dia 5 do corrente mês assinalou a data natalícia do dr. Paulo A. Figueiredo.

Figura das mais brilhantes no nosso meio intelectual, não é êle unicamente um dos redatores desta revista, mas à sua inteligência, cultura e entusiasmo deve ela muito do seu brilho e grande parte de sua existência.

Já tendo ocupado diversos cargos em Goiás, como Promotor Público, Procurador Fiscal e Advogado do Estado, é êle hoje Presidente do Conselho Administrativo. Sua atuação em todos êsses cargos foi sempre uma afirmação de seu amor ao trabalho, de seu interesse pela coisa pública e de seu elevado critério.

Foi um dos fundadores desta revista e, ainda estudante em Belo-Horizonte, foi ali também um dos fundadores e redatores da revista “Surto”, que teve como colaboradores homens como Francisco Campos, Gustavo Campanema, Gustavo Barroso, Ciro dos Anjos, Guilhermino César, Emílio Moura, Cristiano Mar-



tins e outros nomes de projeção nas letras pátrias. Nessas revistas, como em “Cultura Política”, do Rio, de que é assíduo colaborador, tem, com a mesma fecundia e brilhantismo, abordado os momentosos assuntos políticos e sociais de que, como raros em nosso meio, tem o mais elevado descortínio.

Cristo em César

Paulo Augusto de Figueiredo

(“... nada melhorará, no futuro, se as soluções vierem a ser apenas de ordem militar, política ou econômica —

TRISTÃO DE ATAÍDE)

A guerra mais séria virá depois. A guerra contra a guerra. A guerra da paz. Sim, pois é mais fácil destruir cidades do que edificar uma civilização; mais fácil é matar do que “construir” homens. O liberalismo completou o seu ciclo; e os totalitarismos não satisfizeram. Nova civilização há-de vir, estruturada em novos elementos. Contudo, que rumos virão? Que configurações sociais prevalecerão? Que sistema econômico vigorará? Qual a morfologia política do futuro? Qual a reação das massas ante as novas solicitações existenciais? Qual o comportamento das elites perante os destroços da Cidade Moderna?

—:—

Salienta Leonel Franca —(1)—: “Queiramos ou não, conciente ou inconcientemente, é uma visão filosófica da vida, é uma metafísica do mundo que norteia a nossa atividade. Todos os problemas, econômicos e políticos, morais e sociais, resolvem-se, em última análise, em problemas “humanos” e pedem soluções “humanas”, inspiradas num conceito da natureza e dos destinos do homem”. Mais: —“Sem uma orientação total, que desça ao íntimo das consciências onde se elaboram as decisões dos grandes rumos, tôdas as esperanças de reconstrução social estão fadadas a um malôgro inevitável”. Estamos com o ilustre prelado. Cremos que tudo dependerá, assim, da concepção que o homem de após guerra formar de si próprio e do mundo, isto é, da “atitude” do homem em face do universo. Portanto: — da metafísica que se impuser aos povos. Porque é negável que são as ideologias que informam as sociedades, e uma ideologia é, sempre, uma explicação da vida, uma justificação do homem, uma compreensão do universo. Ao contrário do que pretendiam os materialistas, já se vai firmando a convicção de que a história do mundo é a história das idéias.

—:—

As situações de dôr são situações de sagrado recolhimento, isto é, das indagações últimas, das verificações fundamentais, dos grandes gestos, das decisões heróicas. Ou seja. — situações de “tomada de consciência”, entendida a expressão em todo o seu profundo significado. Pois o fato é que o mundo sofre. Terrivelmente. E’ de se prever, por isso, que a catástrofe imensa faça o homem vol-

tar-se para si próprio. O retôrno do homem ao homem, que se anuncia, já, na “inquiétude” filosófica contemporânea, talvez venha a se constituir no sinal dos novos tempos. E porque o mundo há-de ser feito para o homem, êste partirá do ponto zero para a sua nova marcha histórica.

As perguntas inalienáveis, aquelas que qualificam o homem, de novo se imporão: — Que sou? Por que sou? Para que sou? A filosofia que melhor as responder modelará o mundo. E’ de se supor, por isso, que a filosofia que virá há-de ser profundamente humana. Porque os sofrimentos aproximarão os homens todos da terra, e então se sentirá que por sob a superfície das pigmentações epidérmicas, por dentro das conformações craneanas tipificadas e por cima das fronteiras geográficas, das barreiras sociais e das contingências históricas, há algo de comum a todos os homens, algo que confunde todos os homens, algo que “autentica” o homem. A conquista dessa verdade essencial mudará a forma do mundo e dará outro ritmo à cadência histórica dos séculos.

—:—

Melhorará a natureza humana só pelo fato de se tornar mais conhecida? — Não. A grande tarefa, a que oxigenará a atmosfera universal, estará em, conhecido melhor o homem, encontrar-se a ordem existencial adequada a uma natural movimentação e a um pleno desenvolvimento da pessoa humana. E isso, na esfera dos fatos sociais, faz pensar em disciplina, em gradação de funções, em escalas sociais, em limites políticos, em hierarquia de valores, em suma: — na “ordem”. Mais do que nunca, por conseguinte, se reclamará “comando”.

—:—

A voz primeira terá de vir do alto, pois só um apêlo vindo de cima poderá congregar os homens. Será preciso que de novo Cristo baixe à terra. Não mais, porém, para morrer na cruz, não mais para nos apontar um reino que “não é o dêste mundo”; não mais um Cristo que transfira para “além” da vida os fins últimos “da vida”. E’ preciso que de novo Cristo desça ao mundo, não mais em altares, em andores, em hóstias, mas em cada coração, em cada consciência, em cada vontade. Não falamos de um Cristo sim-

bólico, porém, de um Cristo real, de um Cristo feito espírito em cada espírito, sentimento em cada sentimento, ato em cada ato. Sim, porque não basta “representar” Cristo; é necessário “viver” Cristo. Queremos de novo Cristo, mas Cristo feito homem; Cristo feito todos os homens. Um Cristo que realize “na terra” a ordem cristã. Um Cristo que seja também César. Porque só pela multiplicação de Cristo nos homens se atingirá o humanismo integral, e só êste humanismo salvará os homens e o mundo.

—:—

Cristo “fortificado” em César, César “limitado” por Cristo: — eis uma fórmula capaz de atender às solicitações essenciais do homem em sua vida política, pois o homem, amanhã, necessitará, mais do que em qualquer outra época, de Cristo e de César. Logo: — Cristo na economia, no direito, na política, na administração, na moral, etc. . . Cristo no tempo. Cristo na história. Cristo atual, presente, vivo. Cristo no Estado. Cristo em César. E’ possível que aí esteja a direção da melhor das correntes que orientarão o pensamento político de após-guerra.

—:—

Uma corrente oposta à precedente é, também, admissível. Contra Cristo, cujo reino “não é dêste mundo”... e contra César, que, separado de Cristo, foi desfigurado. Daí poderá surgir um falso humanismo, um humanismo que não será o definido por Charmont —(2)—: “une relation de l’homme à l’Infini”, uma “relation de toutes choses à l’homme”, — humanismo êsse cujo eixo de gravitação é o “homem todo”, o homem pleno, integral, — humanismo orgânico, que é ordem, equilíbrio, hierarquia, — humanismo caminho de Deus; poderá surgir um humanismo ateu, baixo, sem roteiro: — o humanismo do nivelamento, o humanismo superficial e — sem paradoxo... — deshumano dos materialistas de tôdas as côres.

O raciocínio será fácil, a lógica sedutora: — se Cristo falhou — “por evasão” — e se falhou César — “por contrafação” — que se tente um mundo sem Cristo e sem César. Descrentes do valor Cristo e do valor César, talvez porque não se tenham conjugado, tais valores, em uma unidade diretora de atuação e finalidade comuns — fugindo Cris-

to da vida, e deformando-se César em caricaturizações grotescas, que tiranizaram a vida — poderão os homens procurar os caminhos da vida em valores opostos: — no anti-Cristo e no anti-César, donde a possibilidade de uma filosofia negativista e nihilista. Não tendo encontrado a felicidade no alto (“alto espiritual”: Cristo, e “alto político”: César), poderão os homens persegui-la no baixo (“baixo espiritual”: materialismo, e “baixo político”: governo de massas). Não tendo encontrado a felicidade no “SIM”, poderão os homens tentá-la no “NÃO”. Se Cristo prometeu a felicidade para “outro” reino, e se César, sem Cristo, não poderia dar a felicidade, poderão os homens compreender a felicidade sem Cristo e sem César.

O advento de um regime em que dominem “homens massas” é, assim, o maior perigo — é, mesmo, um perigo iminente — e uma errônea compreensão do fenómeno russo (aliás tão rico de acentos inéditos, tão admirável como experiência ideológica, tão heróico como realização humana, tão comovente como tentativa de felicidade) pode possibilitá-lo, ou, pelo menos, indicá-lo como solução. E está nos “homens massas” o maior perigo porque — e mais do que nunca — será no após guerra que se não-de impor as elites, a bem da própria massa, visto que o que se há-de buscar, como sempre, é a perfeição, e a massa, “em relação à perfectibilidade social, possui o mesmo valor que a argila em relação à estátua”, como bem observa o insupeitíssimo Adolfo Agorio —(3). Assim como a matéria só se transforma em monumento nas mãos dos artistas, o povo só se constrói nas mãos de um César, chame-se este Gandi, Roosevelt, Getúlio Vargas ou Stalin... Será do “artista” o mundo de amanhã, que será um mundo como que no primeiro dia da criação. Será no após guerra que os homens superiores terão seu trabalho mais árduo, pois o mundo estará amórfo, caótico, incriado, e só eles serão capazes de informar as coisas, traçar caminhos, indicar direção, eis que, como resalta Spengler (4), — “os grandes indivíduos são os que fazem a história”, tendo a massa, lembra Ortega y Gasset, (5)—“venido al mundo para ser dirigida, influida, representada, organizada — hasta para dejar de ser masa, o, por lo menos, aspirar a ello”, carecendo, consequentemente, “referir su vida a la instancia superior, substituída por las minorias excelentes”. Será no após-guerra que os “homens excelentes” terão a sua tarefa máxima, — a luta pela ordenação dos valores — logo, luta contra a massa (se bem que “pela” massa), pois esta, como regista Karl Jaspers —(6)— “se convierte, más cada vez, en algo inhumano, sin espíritu”, tornando-

se “vida sin existencia, superstición sin fé”, e cuja “tendencia es no tolerar nada independiente, ni grande, y someter en cambio a los hombres hasta convertirlos em hormigas”. Ora, essa confusão da “cidade da formiga” com a “Cidade do Homem”, tão do paladar dos “avançados”, é algo de tão terrível e deshumano quando possível, e essa “filosofia”, tida ainda por “moderna” pelos homens “emancipados” (emancipados de tudo, menos do rabo que Darwin lhes deu...) precisa ser superada, mas só o poderá ser pela submissão da massa (empregamos a palavra “massa” como sinônima de homens em estado cultural grosseiro; homens de sentimentos primários e inteligência pouca, que ainda não se desligaram inteiramente das coisas e dos animais; — como sinônima de indivíduos não individualizados, donde se conclue que podem existir homens superiores mesmo nas classes operárias, e homens massas mesmo nas ditas classes altas...) a instâncias mais elevadas, a Cristo e a César. Os homens massas são incapazes de ordenações superiores, não distinguem tons nem distâncias, não possuem o senso da medida nem o sentido das graduações necessárias, são cegos aos limites naturais, desconhecem as diferenciações infrangíveis, as hierarquias irredutíveis, sendo de baixo estalão o seu juízo de valores.

Pois o fato é inocultável: — homens massas estão sonhando com ordens existenciais de massa: — a “totalitária”—fascista ou bolchevista — onde a pessoa humana é aniquilada, sendo impossível, assim, o humanismo, pois este assenta na “liberdade” do homem, isto é, na sua dignidade essencial; e a “liberal”, que se alheia à pessoa humana, situando-a em planos abstratos, fora da vida — na qual, também, não pode medrar o humanismo verdadeiro, porque a pessoa humana, ponto central de referência política, é um todo complexo e vivo, hierárquico, harmonioso, ordenado, real, não podendo, assim, ser reduzida, como o é no liberalismo, a uma simples figura aérea...

O hiper-estatismo, fascista ou comunista, é um movimento típico de massa. Movimento anonimizante, despersonalizante, nivelador. Movimento contra a vontade, a consciência, a liberdade. Movimento que mutila, rebaixa e asfixia a pessoa humana, porque aliena parte do homem, ou o homem todo, a entidade que, por natureza devendo estar a serviço do homem, se sobrepõe ao homem, pondo-o a seu serviço.

Diga-se, de passagem, que o anti-estatismo é, também, um movimento de massa. Sensualista. Desenfreado. Dos que odeiam a ordem, dos que não entendem a autoridade, dos que desvirtuam o sentido da liberdade. Dos que aspiram ao nada.

Movimento amoral e apolítico. Portanto: — movimento contra o homem, ser por excelência social e moral, motivado e teleológico.

Dessarte, totalitarismo e anarquismo, sob o ponto de vista da pessoa humana, são estradas que conduzem ao mesmo fim: — a deshumanização do homem.

E o liberalismo? Há, ainda, em alguns poucos de espíritos — últimos remanescentes de uma sociedade em decomposição — o desejo do seu retorno, o intento de projetá-lo, ainda, no futuro, concebendo-o, os seus adeptos (“racionalistas” que são) como um produto perfeito e acabado da “razão infalível”, eterno no tempo e universal no espaço... — Pois bem, e para não perder muito tempo com defuntos: — no terreno político, o voto é tudo, na liberal democracia. Voto de massas, elegendo representantes de massas, que agem como homens massas: — sem vontade própria, sem meio pessoal de ação, sem liberdade de opinião (que é partidária), sem independência de idéias, sem responsabilidade individual, presos a compromissos, incapazes de decisão...

-:-

E’ tempo, pois, de se ir preparando os espíritos para a reconstrução do mundo. Grandes nomes já começaram a desenhar as estradas do futuro. Algumas vozes já vão tendo ressonâncias profundas em todo o mundo, e Maritain é uma delas.

Uma coisa é certa: — queremos a democracia. Entrementes, não se deve esquecer que a democracia não exclue “um elemento aristocrático, que consiste em estabelecer la superioridad de los mejores”. Quem falou assim? — Um dos pioneiros dos ideais democráticos: — J. E. Rodó —(7)—, que acrescenta ser dever do Estado “predisponer los medios propios para provocar uniformemente la emulación de las superioridades humanas dondequiera existam”, uma vez que, “más allá de esta igualdad inicial, toda desigualdad estará justificada”.

-:-

Outro fato que poderá advir no após guerra — como tem vindo no após de quasi todas as guerras, entre povos vencedores e vencidos, e nestes principalmente, — é um nacionalismo exacerbado. Senão certos, são pelo menos possíveis, para então, o ódio francês, o ódio russo, o ódio alemão, o ódio polonês, etc., como “estados sentimentais coletivos” capazes de se manifestarem em situações políticas hiper-nacionalistas. Se tal viesse a acontecer, nada poderia a “razão” (o direito) contra esse fato de sangue e de nervos, só superável pela transferência desse ódio contra o povo inimigo para um ódio contra a guerra — quer dizer: — pela sublimação do ódio, coisa também possível, pois os homens pode-

rão, como já vimos, favorecidos pela terrível situação de dór, “descobrir” o “homem” que existe em todos os homens, e, desse modo, ultrapassarão as fronteiras do ódio. A verdade, no entanto, é que esse nacionalismo extremado e bestial poderá vir, ainda uma vez, e um nacionalismo desse teor tem todos os característicos de movimento de massa: — cegueira, intolerância, fanatismo.

Ainda outra corrente, adversa da anterior e também radical, pode constituir-se, dogmática e romântica, esquecida dos valores nacionais legítimos e necessários, para tentar a realização de um internacionalismo wilsoniano, piégas e ineficaz, como forma de convivência para o mundo futuro. Ora, essa volta ao “racionalismo” universalista, weimariano, à Kelsen, — esse desprezo pelas realidades nacionais indiscutíveis, essa fuga dos imperativos históricos categóricos, essa renúncia à “pessoa nacional” dos povos, esse desenraizamento cultural, — tudo isso é algo de abstrato e de inhumano, tudo isso é, também, mau grado as aparências contrárias, sonho de massa. Sim, porque o desejo de padronização, no mundo das coisas humanas, é típico do homem massa; o homem superior, ao contrário, busca uma crescente individualização. Os povos que abdicam de sua personalidade são povos condenados ao perecimento.

—:-

Qualquer que fosse a “forma” da civilização vindoura, Cristo deveria ser o “fim” a atingir. E não só: — deveria também estar no “princípio” e no “meio” de todo sistema de vida. Mas: — Cristo “no” mundo. Não há “fraqueza” no cristianismo, como pretendia Nietzsche. No cristianismo “como existência”. Só o cristianismo como “evasão da vida”, como “fuga do real”, como “redução contra o humano”, é sintoma de impotência. Todavia, essa espécie viciada de cristianismo só a almejam os assexuados, os anônimos, os sem vontade. O cristianismo “vívido na vida”, o cristianismo que enfrenta e vence o mal, o cristianismo que modela a realidade — esse é um cristianismo de que só os fortes são capazes. E’ o cristianismo “autêntico”. Porque o cristianismo é, em síntese, o “amor”, e o amor é difícil, mais difícil do que o ódio. Mas: — o amor dinâmico, e não o estático; o amor que é ação, e não apenas contemplação; o amor “guerreiro”; o amor que é vida, e não morte. Falamos do amor “que constrói para a eternidade”. O ódio é próprio das almas escravas, dos “homens massas”. Por isso, compreende-se Brutus assassinando César, porém de César só se poderia esperar o gesto de orgulho e a palavra de espanto, viril, soberana: — “Até tu?” — Compreende-se o beijo de Judas, mas de Cristo só se

poderia esperar o perdão. A “massa” é Brutus, é Judas; o chefe é César, é Cristo. O que falta é confundir “na vida” os dois valores — Cristo e César. Confundi-los e ordená-los: — Cristo dentro de César, limitando a César. Cristo em César.

Nem todos aceitaram, e nem todos aceitariam, o cristianismo como religião; contudo, é possível que todos o aceitassem como uma “filosofia”, como uma direção social e política de vida. Neste sentido, cremos, mesmo, que todos — cristãos ou não cristãos — estariam acordes: — fora do cristianismo é impossível a salvação. A nosso ver, o cristianismo, como um sistema existencial, é necessário a uma boa ordenação do mundo. A sua realização, entretanto, não pode ser tentada através unicamente das igrejas, mas, também — e, para nós, “principalmente” — por uma intensa atividade “política”. O cristianismo não deve ser apenas um ideal das igrejas, uma doutrina para católicos ou protestantes. Deve ser, sobretudo, um ideal do Estado. A religião, em nosso entender, não esgota o cristianismo; os homens podem ser cristãos fora das igrejas. Assim entendidas as coisas, a força será imprescindível à efetivação da ordem cristã. E a força: — é César. Não chega, pois, ter Cristo nos lábios, não basta tê-lo como fim religioso, não é suficiente simbolizá-lo. Resumindo: — não basta “adorar” Cristo morto; urge traduzir Cristo em formas de existência. E’ necessário Cristo vivo. Que se não separe Cristo de César, e sim se embeba César de Cristo, ponha-se César a serviço de Cristo. Porém: — do Cristo que transcende as igrejas; do Cristo que existiu, virtualmente, no primeiro, e virtualmente existirá no último homem; do Cristo de que foi Jesús a expressão suprema, a fórmula plena e definitiva. Não se cuida, bem se vê, de uma civilização teocrática ou teológica, mas de uma civilização humana, superiormente humana, plenamente humana. Humana em Cristo. A fórmula seria: — o homem como centro do mundo, Cristo como centro do homem. A fórmula de um humanismo integral. Cristo, pois; porém, na terra; trabalhando para a vida, o que não o impediria de trabalhar também para a morte. Cristo em César, portanto; porque somente César possibilitaria a “realização” de Cristo.

—:-

Cremos que o Brasil está, mais que qualquer outro país, no caminho do futuro. Primeiro, porque somos um povo naturalmente cristãos, e a “nosso civilização é qualitativa” — (8). Com o que temos Cristo. Segundo, porque o Presidente Getúlio Vargas nos deu um Estado que “não é uma controvérsia nas nuvens, mas uma realidade na terra” — (9) —, como diz Francisco Campos; um Estado onde “é a pessoa humana a pre-

ocupação dominante” — (10) —, um Estado no qual se procura “acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística” — (11) —, um Estado que se afirma “no reconhecimento de alguns valores eternos do homem, como índices de sua formação cristã” — (12) — um Estado, conseqüentemente, que diferencia, disciplina e hierarquiza valores, que opera sobre bases reais, que vê o mundo sem esquecer a pátria, que olha para o céu sem se desprezar da terra firme, — em que, por tudo isso, já se vai compreendendo o sentido nobre da força, quando orientada esta para o alto. Temos, portanto, César. Pois, nessa combinação do nosso espírito cristão com a forma de Estado cesarista que o Presidente Getúlio Vargas criou, está, talvez, o embrião do Estado de após guerra.

Na América sem ódios históricos, sem preconceitos religiosos e sociais, sem castas, sem antagonismos nacionais irredutíveis, as coisas serão menos difíceis. E mais fáceis ainda serão no Brasil, onde o povo, composto de quasi todos os povos da terra, estará, por isso, mais apto a sentir o mundo universalmente e a penetrar o sentido da totalidade, que deve ser a aspiração máxima dos homens.

BIBLIOGRAFIA

- 1) — Leonel Franca — “A crise do mundo moderno” — Liv. J. Olímpio — Rio, 1942;
- 2) — citado por Leonel Franca — ob. ref., pág. 45;
- 3) — Adolfo Agorio — “Os deuses Vermelhos” — Empresa Editora Unitas — S.-Paulo, 1931, — trad. de Afonso Simit — pág. 216;
- 4) — O. Spengler — “Anos de decisão” — Edições Meridiano — Pôrto-Alegre, Brasil — 1941 — pág. 159 — trad. de Herbert Caro;
- 5) — Ortega y Gasset — “La rebelion de las masas” — Espasa Calpe, S.A. — Buenos-Aires;
- 6) — Karl Jaspers — “Ambiente espiritual de nuestro tiempo” — Editorial Labor S.A. — Barcelona — Buenos-Aires — pág. 38 — trad. esp. de Ramon de La Serna;
- 7) — J.E. Rodó — “Ariel” — Editora Prometeo, Valência;
- 8) — Pandiá Calogeras — “Formação histórica do Brasil” — pág. 359 — Comp. Editora Nacional — S.-Paulo, Brasil, 1936.
- 9) — Francisco Campos — “O Estado Nacional” — Liv. J. Olímpio, Rio, 1941 — pág. 214;
- 10) — Francisco Campos — ob. cit. — pág. 215;
- 11) — Gustavo Capanema — “Lei orgânica do ensino”, publicada em “Cultura Política”;
- 12) — Getúlio Vargas — entrevista ao “Paris Soir” — pub. em “Cultura Política”

C A S A V E L H A

(SÔBRE O POEMA DE MARILDA PALÍNIA)

Vovó morava no largo da matriz,
 num sobradão feioso, de beirais enormes,
 cheios de andorinhas, cheios de morcegos.
 As janelas em arco, feito as de igreja,
 tinham vidraças embaçadas de malacachetas.

Havia na casa quartos mudos,
 escuros de mistérios.
 E salas austeras,
 de grossos paredões severos,
 forrados de papel,
 donde pendiam retratos sizudos,
 de antepassados barbudos,
 muito sérios,
 ridiculamente sérios.

Ainda me lembra a varanda,
 os tamboretas, a mesa.
 E ao fundo a rede que ia e vinha,
 num nhen-nhen molengo de acalanto.

E a porta do meio,
 (porta pesada do corredor calçado a lage,
 tramelão enorme de madeira)
 que porta danada pra chiar!

Andava em tudo a quieteza,
 no calor dos longos meios-dias.
 A casa muito fresca, varridinha,
 galos, galinhas, no quintal,
 à sombra verde das mangueiras,
 cantavam horas inteiras,
 horas inteiras, tomando banho no pó.

Paz sombria das igrejas,
 úmida sombra verde das mangueiras,
 guínchos fininhos de zumbí.

A rede cantava e vovó,
 numa paz de velhos desenganos,
 fazia puçá e croché.
 Alí era tudo antigo,
 tudo amigo, tudo antigo
 — casa, móveis, o ar até.

B E R N A R D O E L I S

HOMENS NOTAVEIS

M O I S É S

BIOGRAFIA - DOCTRINAS - SENTENÇAS

I — BIOGRAFIA

Moisés, Moschéh em Hebraico, foi o libertador e legislador do povo Hebreu: homem de grande cultura, rara energia e excepcional dedicação à honra e glória de Deus.

Ocorreu em Tebas, no Egito, o seu nascimento, por volta do ano 1.500 antes da era cristã. Seus pais, Amram e Jocabed, para lhe salvarem a vida, durante três meses o ocultaram em um cestinho de vime, calafetado com betume, pôsto entre os canços da margem do Nilo. E' que o rei do Egito havia decretado fossem mortos todos os recém-nascidos do sexo masculino, filhos de Hebreus.

Entretanto, indo a princesa Temutis banhar-se e deparando com o menino, teve dó; e, com o consentimento do rei, o adotou.

Moisés, criado na côrte, adquiriu profundo saber. Chegando à idade de 40 anos e assistindo, certa vez, à injusta agressão a um hebreu por um egípcio, tomou a defesa do seu irmão israelita e deu morte ao agressor. Essa ocorrência o obrigou a fugir. Homiziou-se no deserto do Sinai, onde o sacerdote Jetro lhe deu abrigo durante quarenta anos de exílio. Casou-se com Séfora, filha de Jetro, e dela teve dois filhos: Gér-sam e Eliézer.

Contava Moisés 80 anos quando, aparecendo-lhe no deserto um mensageiro de Deus, mandou que fosse libertar os Hebreus do cativoiro do Egito.

Obedecendo à ordem divina, e acompanhando do seu irmão Arão, apresentou-se Moisés a Faraó e pediu permissão para os Hebreus irem oferecer a Deus um sacrifício no deserto. Negando-lhe obstinadamente o rei do Egito tal licença, o taumaturgo realizou, em períodos sucessivos, dez prodígios, que foram terríveis castigos, para quebrantar a resistência de Faraó. E vencendo-a, saiu apressadamente com os Hebreus e atravessou a pé enxuto o mar Vermelho.

Acampado junto do monte Sinai e já livre do exército egípcio, recebeu e promulgou os Dez Mandamentos da Lei de Deus.

Daí por diante, decorreram outros 40 anos, em que os Hebreus peregrinaram no deserto, em demanda da terra de Canaan, que Deus lhes ha-

Vitor Coelho de Almeida

via prometido por herança. Moisés foi sempre o seu chefe, guia e defensor, nas lutas que houveram de travar com diversos povos, através do seu caminho, até que chegaram às lindes da Palestina.

Terminou assim a missão do grande Legislador, que contava já 120 anos de idade, e, contudo, conservava plena lucidez de espírito, perfeita visão, dentadura intacta, — segundo o texto do Deuteronomio: "non caligávit óculus éjus, nec dentes illius moti sunt".

Despediu-se, pois, do seu povo, confiou a Josué a chefia que até àquelé momento exercera, subiu ao monte Nebo, donde avistou a terra transjordânica, e entregou a sua alma a Deus. Foi o seu corpo enterrado em lugar até hoje ignoto.

II — DOCTRINAS

Autor do Pentateuco, além de legislador, filósofo, criador de uma religião que avassalou o mundo por meio do Cristianismo, que a completa, foi Moisés o historiador ao qual devemos o que se sabe da origem da humanidade e do seu desenvolvimento, desde os tempos mais remotos.

Firmou a doutrina da unidade da espécie humana, proveniente de um casal, cujos nomes foram ISCH e ISCHÁ, no estado de inocência, — ou Adão e Eva, depois do pecado. O homem foi criado perfeito, mas decaiu, e transmitiu à sua prole essa decadência. Com a perda do poder espiritual, sobrevieram-lhe a luta pela subsistência e a dôr.

Moisés atribue cerca de 2.000 anos de duração à primeira era da vida humana, que terminou com a grande inundação, ou dilúvio. Cita os patriarcas dêsse largo período, os quais teriam tido longa existência. — A segunda era transcorre de Noé até Abraão. Atendendo-se a evidentes êrros cronológicos dos copistas, também durou cerca de 2.000 anos essa outra fase da vida humana. — A terceira, datando do "sacrifício de Abraão", terminaria com a vinda do Messias: outros 2.000 anos, mais ou menos.

Nos dez mandamentos da Lei de Deus, está resumida a moral, que corresponde aos ditames da razão. Em religião, condena a idolatria, professa a unidade de Deus, criador do Universo, a existência de um mundo invisível de seres inteligentes, uns bons e fiéis ao Criador, outros decaídos e perversos, chefiados por Satanaz. Fortalece a crença na vida futura e no juízo de Deus. Proclama a bondade, a misericórdia, a justiça do Altíssimo. Estabelece a semana, consagrando seis dias ao trabalho e o sétimo à oração e ao culto.

Encerra o Pentateuco a história da raça semita e da humanidade; a doutrina religiosa mais pura; moral, filosofia, preceitos de higiene, minúcias relativas ao culto, conselhos, profecias. Revela o caráter enérgico e reto do grande criador de uma Nação, que, a-pesar-de tantas vicissitudes através de 3.500 anos, ainda persiste, e, desprovida de pátria, sempre tem exercido enorme influência no mundo.

Atribue-se a autoria do livro de Job, um dos mais admiráveis volumes da literatura universal.

Respiguemos nos seus escritos o que há de mais substancioso:

III — SENTENÇAS

Deus fez o homem à sua imagem e semelhança.

Tu és pó, e retornarás ao pó.

Comerás o pão com o suor do teu rosto.

Quem derramar sangue humano será punido com a efusão do seu próprio sangue.

Crescei; multiplicai-vos, e enchei a terra!

Em ti (Abraão) serão benditas todas as nações da Terra.

Olha para o céu e conta, se podes, as estrelas: assim se multiplicará a tua posteridade.

Levanta-te, Agar, toma o menino!... Eu o farei pai de um grande povo.

Disse Deus a Moisés: "Eu sou o que sou. Assim dirás: Aquele que é me mandou a vós".

Não tomarás o nome de Deus em vão.

Trabalharás seis dias; o sétimo dia, porém, é o descanso do Senhor. Lembra-te de santificar o dia do



ENVELHECER

MARILDA PALÍNIA

Envelhecer . . . A tristeza da velhice, a resignada melancolia dos que se sentem envelhecer!

Amáveis moralistas, professores de energia e otimismo, que ensinar se propõem, aos homens fracos e viciosos, o caminho da vida sã e feliz, apontando, numa ingênua confiança, a fonte de Juventude — no respeito às leis de higiene e moral, asseguram que só começamos a envelhecer realmente quando o sentimento da velhice, ou antes, a deprimente sensação de envelhecer nos auto-sugestiona a tal ponto que, intoxicando-nos o cérebro e o coração, vem refletir-se lamentavelmente em nossa vida física e intelectual.

descanso.

Honra a teu pai e tua mãe, para teres uma dilatada vida sobre a Terra.

Não admitirás palavras de falsidade, nem darás falso testemunho.

Não seguirás a multidão para fazer o mal.

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.

Não atarás a bôca ao boi que triha na eira as tuas messes.

O Senhor deu, o Senhor tirou... Bendito seja o nome do Senhor!

Nada acontece sem motivo; e da terra não nasce a dôr.

Bemaventurado o homem a quem Deus corrige! As mãos divinas o curarão.

Deus não rejeita o homem sincero, nem dá a mão aos malignos.

A sabedoria acha-se nos velhos, e a prudência na vida dilatada.

Os olhos de Deus estão sobre os caminhos dos homens, e considera todos os seus passos.

Deus faz reinar o hipócrita por causa dos pecados do povo.

Põe como um selo sobre a mão de todos os homens, para que cada um conheça as suas obras.

Para Marden, como para tantos outros, a velhice é quasi uma superstição e não é mais do que uma doença da . . . vontade curável, no entanto.

Só envelhece quem quer e quando quer.

Aos fortes e aos bons a velhice chega devagarinho, de maneira tão sutil, tão suave, que se torna uma segunda maturidade, aureolada de esplendor.

Envelhecer . . .

A dorida máguia de se sentir viver . . . A amarga certeza de se sentir morrer . . .

Também a ilusão doce de passar pela vida, sem que ela nos toque, nos modifique, nos deforme, antes da inevitável destruição da morte.

Depois da embriaguez dourada da mocidade, o repouso, a fôrça, o equilíbrio, a calma, o bom senso da idade madura, na qual o cérebro, os nervos e o coração desejam estacionar, invejando a robustez dádiosa das grandes árvores que anualmente se cobrem de flores e fruto, e são, ao mesmo tempo, primavera e outono, promessa e realidade.

Envelhecer . . .

Envelhecer é como crescer.

Quem poderia acompanhar a lenta e misteriosa transformação da menina em moça?

Nem mesmo os que de mais perto, dia a dia, hora a hora, instante a instante, vigiam e observam a criança, se dão conta da maravilha.

E' uma transição insensível, que não fere a vista nem impressiona o espírito, mas que se opera fatalmente, sem um segundo de paralisia, tornando, em pouco tempo, a adolescente desgraciosa na formosa criatura, cheia de todos os encantos da mocidade.

Um dia, um estranho faz a revelação, patenteada numa frase de in-

contida surpresa, que marca a metamorfose por que passou a criança.

E' como se a natureza tivesse dado um salto mortal. Despertados, de súbito, só então enxergamos a realidade.

Assim a velhice.

Vamos para ela docemente, mansamente, insensivelmente, inconscientemente.

Nada em nós lembra ainda o declínio, trai a decrepitude. Sentimos o corpo ágil, o espírito lúcido, a imaginação viva, o coração alegre. Somos jovens!

De repente um sinal, uma palavra, um olhar, qualquer cousa de imprevisível, de insignificante, nos faz compreender, com a rapidez da fâsca elétrica, a significação desta palavra terrível, e duplamente terrível para a mulher: — velhice.

Envelhecer . . .

A dôr de sentir que a morte nos ronda e vigia, infatigável e ativa, fazendo a sua macabra colheita entre crianças, moços e velhos.

A todo instante nos manda um aviso. Mas, num otimismo egoísta, pensamos sempre:

— A morte? Está longe, com certeza. E' cedo . . .

Entretanto, recordando uma reunião qualquer em que tomamos parte, verificamos que, dos alegres convivas daquela passada hora de prazer, poucos, ah! bem poucos vivem ainda.

E destes que restam, somos, talvez, o mais velho. Os outros, quasi todos, já dormem o sono funesto que não tem despertar.

E' o rebate da velhice. Ei-la que chega, que nos mostra o rosto pálido e engelhado e nos estende a mão adunca e fria.

Reagimos. Lutamos. E' tão cedo ainda.

Sim, é o entardecer, mas a tarde é vizinha da noite. E' a tarde de um belo dia estival, mas é quasi o crepúsculo também. O sol, ainda alto, cobre a terra de luminosa pbalha, redôira o cimo dos montes e dá viva cintilação ao azul metálico do céu.

A paisagem, reverberante de luz, ofusca e faz desejar a penumbra remansosa das sombras, a poesia melancólica das meias-tintas, como o viajor exausto busca sôfregamente o oasis entre frondes escuras, depois de interminada caminhada sob um sol de fogo.

Daquí a pouco será noite . . .

E é quasi com ardor que esperamos a noite plácida, mãe do silêncio, do repouso e do esquecimento, povoada de sonhos bons . . .

Envelhecer . . .

Para muita gente, a velhice terá o

NOTAS DE VIAGEM

Zoroastro Artiaga

Dentro de um carro da Paulista, por acaso, viajavam diversos jornalistas com destinos diferentes.

O trem desliza sobre os trilhos tão suavemente que apenas percebíamos o ruído da deslocação do ar, semelhante a um vendaval, quando o trem entrava nos cortes mais profundos.

O nome de Goiânia tinha sido lançado na conversação, porque o leram no rótulo de minha mala.

Quando se falou em Goiânia, diversos olhares se voltaram para nosso grupo. Pessoas atentas, curiosas de saberem algo do sertão, aproximaram-se de nós, mudando-se para as poltronas que estavam mais perto.

Um rapaz eloquente falava com vivacidade; pelos seus apetrechos e arranjos, parecia ser caixeiro-viajante. Vi, logo, que aquele jovem conhecia bem o interior, principalmente o Estado de Mato-Grosso, devido à sua palestra a respeito de coisas de Campo-Grande e Corumbá.

Meu companheiro de viagem, o sr. Álvaro, prestava aos curiosos todos os esclarecimentos, informes detalhados sobre a vida de Goiás. Discorria sobre pecuária, agricultura, viação, indústrias, vida econômica, ensino, nível cultural e social, mineralogia, tudo, tudo, e com uma precisão verdadeiramente estatística.

Um rapaz de óculos, tendo vários jornais e revistas ao colo, vestido com uma luxuosa capa cinza, perguntou se Goiânia já tinha sociedade organizada:

— Para mim, essas cidades novas, de ponta de linha, devem ter sociedade muito mesclada, assim uma espécie de garimpo, não é verdade?

— Não, não, engana-se, meu senhor. Goiânia não é isso. Ela nasceu feita. Formou-se a sua sociedade com a civilização da velha Goiás, de que deriva, e com elementos de elite que foram para lá, no começo de sua construção. O resto veio de-

saudosos encantamentos das evocativas noites de luar.

Para outros será a noite tropical, misteriosa e ardente, na refulgência de mil estrelas, crepitando a flor do abismo negro do céu.

Para muitos, ainda, chegará a velhice bruscamente, violentamente, brutalmente, como certas noites que nos surpreendem numa transição rápida, noites caliginosas, pesadas, ermas, tudo envolvendo na treva absoluta, compacta, opressiva, letal.

pois, e foi preciso apenas um pequeno trabalho de seleção.

— Isso mesmo, afirmou o jornalista ao nosso lado, atalhando a conversa. Eu estive lá, duas vezes, e atesto por ter visto. Numa festa, a que assistí, contei mais de 100 cavalheiros trajados de "smoking". As damas, tôdas a rigor. E dansaram tão bem como em qualquer salão do Rio. O ambiente que vi era de luxo. Iluminação feérica, orquestra magnífica.

— Sim, sim, concordavam eles. Aquela cidade é um milagre de realização. É um prodígio de administração. Com seis anos já tem 4.000 prédios.

— Perfeitamente, perfeitamente, apoiava um outro, de óculos, que parecia professor de Universidade. São exemplos de capacidade, de organização, de honestidade administrativa. Felizmente, no Brasil, ainda há homens como o dr. Pedro Ludovico, capazes de engrandecer, ainda muito, e dignificar a nacionalidade; de realizar grandes coisas, mesmo sem grandes recursos.

— De acôrdo, assentaram todos. Todo mundo parecia interessar-se pelas informações sobre Goiânia, dos prealços da construção, das lutas, do desassombro das atitudes, das obras de assistência social já frutificando, da reforma de costumes, da evolução política consequente dos exemplos dados pelo "condotiére" Pedro Ludovico, cujo espírito público criou e orientou escolas de sadio nacionalismo e virtudes cívicas, tão necessárias à construção nacional.

— Quem diria que, nos altiplanos de Campinas, que palmilhei a cavalo, tantas vezes, como representante de uma casa de ferragens e emarinhos, em tão pouco tempo emergiria, do chão, uma cidade assim?!

— E que cidade, exclamou o Álvaro. Tem a sua vida cultural já organizada. Não se limitou às realizações de ordem material, de urbanização e arquitetura. Tratou, logo, de sua vida espiritual, estabelecendo centros culturais de primeira ordem. Já temos uma Academia de Letras, um Instituto Histórico e Geográfico, uma Biblioteca Pública, vários centros literários, um Sindicato de Intelectuais, uma Associação de Imprensa, uma revista de primeira categoria: —OESTE, várias instituições de estudos e investigações científicas, um ótimo teatro, uma Escola Superior, Ginásios, Escola Técnica Industrial, Escolas Normais, Auto-

movel Clube, jornais, boas livrarias, etc..

— Como o sr. falou em dança, poderia dizer-nos algo sobre a dança antiga no seu Estado? — perguntou um cavalheiro de "cavagnac", que devia ser, pelo menos, advogado nos auditórios de S.-Paulo. Gosto de conhecer as particularidades da vida dos vizinhos e escrevo num diário de São-Paulo sobre usos e costumes antigos do Brasil.

— Com muito gosto, respondeu o Alvaro com vivacidade. Goiás, que por muito tempo foi apenas uma vasta extensão geográfica, embora povoada de gente muito hospitaleira, originária de S.-Paulo e Minas, sempre se deu bem com a dança. Em tôdas as casas, quer das cidades, quer da zona rural, existiram os mesmos costumes, a mesma polidez, a mesma formação espiritual e social, a mesma sinceridade e grandeza de alma que herdamos dos mineiros e paulistas. Os que nasceram lá continuaram com os bons predicados de seus antepassados. Formou-se, mais tarde, ambiente próprio, vida local, sociedade muito respeitosa. Até nos saraus das fazendas, onde, nos casamentos da roça e nas festas de S. João, noites venturosas passaram muitas gerações, substituídas por outras que foram continuando os mesmos hábitos e costumes, nota-se o mesmo "clima" de nobreza de sentimentos, pureza de costumes e respeito às tradições. Mas, falemos da dança. A dança antiga era atraente e respeitosa. Os salões de baile eram adornados, infalivelmente, com flores naturais. O assoalho das casas era dias antes lavado e parafinado para o deslize das valsas, daquelas valsas dos patinadores, em que os pares voluteavam num corrupto tremendo, como num prélio. As paredes ostentavam quadros com grandes retratos dos maiores. O salão mais espaçoso da casa era destinado às dansas de conjunto: — quadrilha geral, lanceiro, príncipe, rocambole, miudinho e outras. A orquestra se instalava à vista. A quadrilha era muito bonita. Ao sinal para o seu começo, todo mundo entrava em forma, se ajeitando. O marcante ordenava em francês as figuras que os pares deveriam executar. Nem sempre era num francês correto: na maioria das vezes, mal pronunciado, onde havia mais som do que palavras... Como ficasse o marcante na cabeceira e fosse obrigado a executar, antes dos outros, a figura que ordenara, os outros faziam também o mesmo, olhando para o vis-à-vis. Cada parte, das cinco que constituíam a quadrilha geral, continha, em ordem, as figuras da dança, com os passos que deveria executar, para dar impressão da beleza do conjunto. Os que olhavam de fora apreciavam imensamente essa dança, linda e divertida para quem dançava e para quem a ela assistia.

A assistência, às vezes, era maior

do que o número de convidados do baile. Platéia "sui-generis", tomou o nome de "sereno". Ficaram sendo tradição as reuniões de fora dos bailes. O "sereno" era quem saía por último... No fim da quinta parte, que podia estender-se enquanto durasse a música, havia o "miudinho". Era uma dança complementar. A dama saía sozinha, ao toque característico de música própria, e dansava com muita graça e elegância, para escolher o seu novo par, que deveria sair com ela até que a música desse o sinal da troca. Esse remate de quadrilha tinha alguma coisa de oriental, um certo sabor sensualista, capaz de provocar reclamações se por acaso a dansarina "peneirava" de mais.

Revezavam-se os pares com trejeito e encanto, o que constituía o melhor da dança, tal a alegria que despertava, alegria que contaminava a própria orquestra, que, muitas vezes, não queria parar de tocar. Da quadrilha faziam parte diversas figuras, que permitiam os revezamentos. Quando marcante, tinha eu o capricho de não deixar certos namorados se tocarem: trocava-os, ditatorialmente, pelo poder que exercia, os pares todos.

Das dansas de roda, destacavam-se a polca, a mazurca, o tango — este em nada parecido com o atual. A polca era dansada com uns passos de "ida e volta", três a três, e uns rodopios por volta dos últimos compassos da música. O "schotisk" era outra dança muito atraente e original. O tango tinha outro ritmo: era agitado, animado, cheio de passinhos miúdos para arrematar com passos musicais, ora recuando, ora avançando sem rumo definido. A mazurca foi sempre uma delícia. Dansava-se, porém, de longe, respeitosamente, o lenço na mão para o suor não manchar o vestido de cassa rendada...

Cada dança tinha música adequada, que por si mesma "ensinava", pelo ritmo, aos que não tinham escola. A valsa de roda foi mais tarde substituída pela valsa moderna, de que ainda hoje resta alguma coisa. As damas se queixavam muito dos seus calos pisados por sapatões sem educação social. A quadrilha geral foi substituída pela americana, que reduziu as figuras, o número de pares e modificou o cerimonial dos salamaleques. A francesa só podia ser organizada com oito pares, no mínimo. Na americana, podiam ser até

Dr. Luiz da Glória Mendes

(Da Saúde Pública)

Médico pela Universidade do Brasil

Clínica geral Pediatría Fisioterapia
Imunização e vacinação preventivas

Atende à Rua 20—GOIÂNIA

— Fone 1110 —

Consultas e chamados são pagos no ato

quatro. Houve um expurgo de velharias, que faziam da "geral" uma espécie de "Príncipe" ou "Rocambole", já pertencentes ao arquivo, desde 1870.

O que mais impressionava nos salões era a distinção de maneiras com que o cavalheiro tratava as damas. Para pedir um par era preciso apresentação prévia, e o rapaz ia, cerimoniosamente, até onde estava a moça, dizendo: "—V. Excia. quer dar-me a honra de dansar comigo esta quadrilha?"

A dança do "Príncipe" tinha algo de "La Conga". Música própria, correspondendo a cada configuração uma nova expressão de sons, ela era uma beleza, ao seu tempo.

O trem estava chegando em São-Paulo quando a conversa terminou. Todos se despediram como velhos amigos, o que não é muito comum hoje em dia, devido à influência da civilização, que torna muito difícil a intimidade entre desconhecidos, principalmente numa viagem de trem tão curta; mas, foi o nome mágico, cheio de brasilidade, repleto de sentido, que foi proferido, que deu um cunho diferente à palestra. Sim, foi teu nome, minha querida Goiânia, foi tua magia, porque és a cidade do futuro; porque não distingues entre os teus filhos os outros filhos do Brasil; porque queres a Pátria grande e unificada; porque aqui são todos cidadãos de Goiânia. Em teu seio ainda há lugar para milhões de brasileiros que queiram viver felizes como nós outros, que assim nos consideramos. Tu, Goiânia, em toda parte amada e dignificada, pois em todos os corações há lugar para ti. E bem o mereces, cidade abençoada, sentinela avançada da civilização e do progresso, entreposto das relações internacionais futuras com as repúblicas vizinhas, símbolo da grandeza nacional. Salve, Goiânia.

O Autor de «Quo Vadis?»

Henrique Sienkiewicz, romancista polonês, foi, sob certos aspectos, um dos maiores escritores de todos os tempos. Seus livros, quasi todos de fundo histórico e superiormente orientados para altos fins construtivos, tiveram larga repercussão e influência, principalmente na Polónia. onde serviram como que de roteiro para o povo nas suas horas difíceis.

Grande escritor, foi também Sienkiewicz um grande homem, tendo sido bela e nobre a sua existência, toda dedicada à obra de engrandecimento espiritual e material de sua Pátria.

Seus trabalhos: — "A ferro e fogo", "O dilúvio", "Sem dogma", "Os cavalheiros da cruz", "Quo vadis?" e outros, são, cada um, uma verdadeira obra prima, pois que são todos ricos em sentido construtivo, plenos de moralidade, ricos de acentos grandiosos, revelando, em seu autor, um caráter puro, um patriota ardente, um cidadão exemplar, e, sobretudo, um artista incomum.

Pois foi sobre esse vulto tão raro que o Pe. Antônio Wasik, intelectual erudito, antigo professor em Mato-Grosso e hoje no Ginásio de Bonfim, neste Estado, pronunciou oportuna e admirável palestra, no Grémio Literário D. Bosco, do Colégio Salesiano Santa Tereza, de Mato-Grosso, palestra que aquele ilustre prelado publicou em folheto, do qual nos ofereceu um exemplar.

A conferência do Pe. Wasik está vasada numa linguagem escorreita, e nela o conceituado professor, num estilo vigoroso, com bom gosto, medida, talento e cultura, estuda o vulto e a obra do imortal escritor polonês, extraindo dos romances de Sienkiewicz as nobilitantes lições de civismo e de moral que eles comportam. A conferência é como que uma pequenina e movimentada biografia de Sienkiewicz, valiosa pelos dados que contém e, principalmente, pelo seu nobre sentido construtivo.

Está, pois, de parabéns o Pe. Wasik, pela excelente contribuição que trouxe às nossas letras, pintando-nos, assim, a côres tão nítidas, uma vida que é um exemplo a seguir, especialmente em épocas como a atual, quando os homens andam desorientados e as forças do mal sôltas sobre a terra.

Laboratório Rádio-Técnico "MARCONI"

— DE —

Raimundo N. Rodrigues dos Santos

Avenida Anhanguera

«:»

Goiânia - Goiás

Equipamento moderno e completo — Consertos e reforma de qualquer marca de rádio e ampliador de som. Montagens. GARANTIA E PRESTIÇA NA EXECUÇÃO DO SERVIÇO.

A Escola de Pedro Ludovico



Há um aspecto ainda pouco explorado na "posição" de Pedro Ludovico nos quadros de nossa história. Queremos referir-nos a esse "estado passional" que se vai formando, aos poucos, como consequência "política" de seu exemplo edificante, e que, tudo faz crer, perpetuar-se-á nas gerações que o grande brasileiro vai aqui modelando. Porque a verdade é esta: — para alguns homens de Goiás, Pedro Ludovico deixou de ser chefe para se transformar como que em uma "virtualidade", em um "sentimento", em algo de "orgânico". Em cada um deles há como que um pequenino Pedro Ludovico. Pedro Ludovico como princípio, como idéia, como fim. Assim, é de se crer que, quaisquer que sejam os futuros dirigentes da província de Goiás, sejam quais forem as formas sociais e políticas de amanhã, Pedro Ludovico "durará". Porque ele é, incontestavelmente, — (em que a afirmativa pese à suscetibilidade de mela dúzia de despetados impenitentes e de "estadistas" fracassados impertinentes) —, o maior goiano de todos os tempos. Não somos nós, apenas, que o dizemos. Disseram-no um

General Sousa Doca, um D. Aquino Correia . . . Por isso, durará, sim; e não somente porque vá o seu nome inscrever-se em centenas de placas de avenidas e praças de todas as cidades do Brasil; e não somente porque a sua figura "aristocrática" se vá realçar, por toda parte, no bronze e no mármore. Isso acontecerá, inexoravelmente. Mas não é "nisso" que ele "permanecerá," visto que, com isso, Pedro Ludovico não passaria de um "símbolo"; e ele será mais do que símbolo, será um "símbolo vivo", será sempre "atual" no coração, na consciência, e sobretudo na vontade e nos atos dos que procuram compreendê-lo e segui-lo. Ele estará sempre "presente" em quantos lhe tenham aprendido as lições. Em suma: — Pedro Ludovico fará "escola". Assim como, em literatura, pode-se falar na "escola" de Gide, em religião na de Cristo, em filosofia na de Bergson, em psicologia na de Freud, e, no campo político e entre nós, na "escola" de Castilhos, de Pinheiro Machado, de Getúlio Vargas, assim também se falará em Goiás, futuramente, na "escola" de Pedro Ludovico. Escola de honestidade infrangível; da bondade sem fraqueza; da energia sem violência; do humanismo sem pieguices; do nacionalismo sem patrioteiras; do regionalismo sem bairrismo; do senso da realidade, do senso da medida, do equilíbrio, da harmonia, etc., traços esses que não se cristalizariam na estátua fria, mas que, sem dúvida, hão-de transmitir-se, pelos discípulos sinceros de Pedro Ludovico, às gerações vindouras. Porque, cada discípulo de Pedro Ludovico será como que uma estátua viva de Pedro Ludovico. E isso é confortador. Sim, no meio do utilitarismo acachapante dos dias modernos, no meio de tanto ceticismo, de tanta incompreensão, de tanta ganância, de tanta má fé, incompreensão, maldade e burrice, é consolador averiguar que já se vai formando, aqui, um grupo de homens idealistas, da "escola" de Pedro Ludovico, seu grande guia e amigo. Homens destinados a sofrer e a lutar, mas que, possuídos daquela qualidade de Pedro Ludovico — "ambição pessoal", na feliz expressão de Mata Teixeira — hão-de conseguir, custe o que custar e haja o que houver, realizar alguma coisa de proveitoso para o nosso povo. Em resumo: — já se estão formando homens que "viverão" Pedro Ludovico; que ensinarão a seus filhos "viver" Pedro Ludovico; que tentarão fazer Goiás "viver" Pedro Ludovico.

Seja previdente e seja patriota. O dinheiro gasto com BONUS DE GUERRA é dinheiro economizado e multiplicado, além de ser dinheiro que nos levará à vitória.

DESENCONTRO

CONTO DE J. Décio Filho

“A montanha desce até as águas agitadas,
mas o seu cimo esconde-se dentro de uma nuvem escura.
No pedaço de tronco de um pinheiro morto
cresceu uma flor delicada.
A substância do meu amor é a Vida
e no seu caminho não há morte.”

(J. Krishnamurti -- A Canção da Vida)

A diferença era que naquele instante havia um sorriso esplêndido, enfeitando o rosto de Anamaria. Que poderia ser?

Normalmente ela era demasiado quieta e séria. Tinha-se até a impressão de que fosse doença, uma doença do coração. Outros indagavam: Será preguiça, falta de vida ou orgulho? Eu, no entanto, tinha plena certeza de que não era nada daquilo. E como achava bom ser o único a saber! O único, meus senhores! Exceto ela, está claro.

Sabia que toda aquela sonsidão era o sonho, a inveterada mania de sonhar que se apoderou de Anamaria, nem sei quando: Ficava horas perdidas imersa naqueles devaneios inacabáveis, os olhos grandes de veludo boiando lá longe, no país sem fim das elocubrações. Que ciume doido eu tinha! Era preciso, — racionava comigo, — fazer uma revolução, a-fim-de mudar tal estado de espírito. Uma revolução toda especial, em que houvesse um só combatente e um só herói: eu. Mas, como?

Vinha-me um desânimo danado, que por pouco não se transformava em cólera impotente contra mim e contra Anamaria.

Quasi não me falava, embora evidente a satisfação que sentia ao meu lado. Ouvia sem dizer nada, visivelmente ansiosa, quando me dava na cabeça discorrer sobre coisas inúteis. Sua presença era um magnífico estímulo para que eu perdesse a noção do ridículo e desandasse a dissertar sobre assuntos verdadeiramente incompreensíveis e malucos. Como ela me ajudava, exprimindo-se com os olhos, com a testa, a cabeça e os lábios frementes! Afundava-me, num abandono incrível, à palestra sem rumo e sem objetivo. Aliás, aquela sua propriedade de excluir a vigilância do ridículo dava-me um bem-estar enorme. Descanso extraordinário, propiciação deliciosa para minha desenvoltura, geralmente precária quando a irrisão se faz sentir.

Perguntei-lhe, certa vez, quasi de súbito, cortando um longo silêncio:

— Você tem medo, Anamaria?

Embaraçara-se com a pergunta, olhando-me com um espanto de pássaro engaiolado. Mas refez-se logo, retorquindo:

— Medo de que, do mundo?

— Sim, do mundo, precisamente. Dêste mundo largo e estranho que você não conhece e apenas entrevê no emaranhado dos sonhos. Sinto que você teme a tortura das experiências por que há-de passar ainda. Receia o encontro cara a cara com a vida. Falta-lhe armas para a luta, pois vive demasiadamente entregue a si mesma, não é?

Minhas palavras caíam nela como se caíssem num bolo de cera quente. Sua receptividade devia ser terrivelmente incômoda. Abria-se às sugestões como uma flor à chegada da primavera.

Depois de um intervalo pequenissimo, a-pesar-de muito sensível, alçou as sobrancelhas para responder:

— Por que havemos de lutar?

Acho absurda essa mania de viver lutando, lutando interminavelmente contra tudo e contra todos. E' um disparate, não acha? Desgastamos no fim das contas. Se, por acaso, sairmos vitoriosos, de nós não restará mais nada aproveitável. Somente destroços. Heróis imprestáveis. Não poderia haver espetáculo mais deprimente. E, de resto, deixaríamos um exemplo infinitamente execrável para os que vierem depois.

Não, não tenho tanto medo assim do mundo. Deixar-me-ei levar, procurando apenas distinguir o caminho que me cabe. Porque todos nós possuímos os nossos caminhos. Uns encontram, outros não. Hei-de encontrar o meu. Tenho um pouco de medo é de mim própria, sabe? Pois o mundo para mim será aquilo que eu puder ser. Sou um manancial de vida que deseja se expandir. E há tanta gente dentro de mim, lutando, conversando, discutindo. Espero. Quem tiver com a razão me arrastará, depois de aniquilar os ou-

tros. Seleção de valores. E tenho tanta confiança naquele que vai triunfar no fim! Pois aquele de que falo sou eu mesma, na minha verdadeira essência. Entretanto, às vezes tenho medo, um medo misterioso, criado pela imaginação fabricadora de perspectivas.

Houve uma pausa. As impressões acumulavam-se dentro de nós, carregadas de eloquência.

Decididamente, achava-me surpreendido ante Anamaria. Nunca imaginei que ela falasse assim. Um fenômeno. Só podia amarrotar meu espanto com esta palavra: fenômeno. Lei do menor esforço. Realmente, os palavrões como sensacional, assombroso, fenomenal, só servem para isto: dar tréguas ao pensamento, a-fim-de que ele se acomode melhor ao fato, desvendando a verdadeira posição das coisas.

Percebi logo que Anamaria não se achava à vontade, parecendo se considerar como que despojada de um segredo. E esse despójo não lhe era sofrível, sim comprometedor. Seu sofrimento, tão visível no rosto estranhamente belo, teve o condão de me comover a fundo. Por isto que daí a pouco senti dentro das minhas sua mão quente e palpitante como um pássaro ferido. Capacitei-me de quanto era viva e extraordinariamente jovem. No silêncio que se seguiu ao desabafo, houve um abandono mútuo, um consentimento de gratas intimidades. Recíproca e simultânea deposição de armas. Éramos dois seres que se procuravam, em busca de apóio.

Há instantes em que o pensamento falha, a palavra manca, e só se deseja uma presença humana, um ponto de apóio em que haja calor, vida, compreensão tácita e interpretação desvencilhada de censuras. O mundo pára, de súbito.

Anamaria se abandonava sem constrangimento, sem medo: naturalmente. Como a árvore que insurge da sombra à procura de luz. Sentia contra mim seu corpo vibrando, o coração batendo. O rosto era uma lâmpada acesa e os olhos cintilavam na penumbra das pálpebras.

A primeira vez que isso acontecia. Mas não houve surpresa, não houve nada. Um momento já tantas vezes antecipado em imaginação. Tínhamos plena certeza de que aconteceria. Não obstante, foi maravilhoso.

Despedimo-nos sem outras palavras, além das usuais. Para que palavras?

...

A noite já ia alta, com poucas estrelas no céu. Parecia até não existir céu. Aliás, posso garantir que não existia mesmo. Somente as estrelinhas dependuradas nas alturas pavorosamente inalcançáveis. O resto era o sem fim abismado em si mesmo. Noite desconsoladora.

Sai andando, carregado só pelas pernas, pois o espírito ficara preso

aqueles momentos inesquecíveis. Fui rompendo, como um sonâmbulo, dentro da noite. Ebriez total, que expulsa tôdas as contingências, tôdas as certezas desoladoras! E, no entanto, havia uma fração do meu ser que espiava o resto, gozando o espetáculo. Espiava, mas não interferia em nada. Como interferir, se havia tanta força capaz de aniquilar as maiores resistências de crítica? O jeito era conformar-se e fazer o espectador divertido, porém distante.

Fez-se uma neblina dentro de mim, baralhando os pensamentos. Lá do fundo da neblina emergia um rosto transfigurado pela emoção. Não era bem um rosto, eram uns olhos mais ou menos impossíveis e um sorriso quasi improvável. O restante eu compunha, para resultar em Anamaria. Desde então ela teria que andar comigo, como um agri-doce fantasma acomodado na minha imaginação. Tortura e enlêvo, esperança e desconsôlo, ao mesmo tempo.

Eu teria dormido esta noite? Não estou certo. E, convenhamos, seria terrível lembrar de tudo, sem falar nada. O meu capeta particular, sempre me espiando com o rabo do olho, dava risadinhas sarcásticas, gozando-me. Mas seu escárneo era abafado, medroso, não convincente. Simplesmente irritante.

Minha ebriez era inatingível. Não havia água que chegasse para apagar a fervura. Abandono e esquecimento, exaltação integral que anestesias tôdas as inibições.

Entretanto, como eu ia dizendo no princípio desta história, havia naquele instante um sorriso invencível boiando nos lábios da Anamaria.

Era no dia seguinte nosso primeiro encontro depois do alumbramento. Embora fosse à boquinha da noite, numa hora aguçada de apreensões tristes, ela parecia u'a madrugada de maio, com orvalho e tudo. A beleza quasi pura, mais sugestiva ainda por não ser totalmente pura, amanhecia nos seus traços. Como que havia a conjugação de todos os elementos nobres do ser para a revelação máxima do seu encanto.

Fiquei quieto, mirando-a um minuto imantado de eternidade. O cumprimento que lhe fiz saiu rouco, balbuciante:

— Boa-tarde!

— Boa-tarde ou boa-noite? — arruui-me, persistindo no sorriso, triunfalmente.

Essa pergunta serviu para atenuar

minha pasmeira e por as coisas nos devidos lugares, sem, todavia, quebrar de todo o extase.

Conversei sobre vários assuntos, dos quais não me lembro, tão preso me achava a ela, ao seu "elan" magnetizante. Evitei galanteá-la, pois tinha certeza de que tudo que dissesse seria assustadoramente ridículo. A única homenagem ajustável era o silêncio, mas para mim tornava-se impossível sustentá-lo. Seria demasiado asfixiante e atemorizador. Busquei em vão uma saída para me por à vontade. Enquanto, porém, o raciocínio buscava uma saída, a alma se entregava num abandono lamentavelmente delicioso.

Achando-me confundido, disse-lhe impensadamente: — Que noite absurda, hein?

Senti a exclamação reboar dentro de mim como um bando de chocalhos desafinados. Era vergonhoso dizer uma coisa dessa. Teria corado? Todavia, como era uma simples frase, um conjunto de palavras e nada mais, não esperei pela resposta, que, felizmente, não veio.

Anamaria, porém, depois de algum tempo, teve coragem de iniciar uma conversação de verdade, pegando logo pelo nóculo do seu pensamento.

Sabe de uma? — interrogou-me de súbito — ontem, logo que se foi, tive a surpresa de vislumbrar o meu caminho. Você que mo descobriu. Não sei bem o que será, mas estou certa de que teremos de procurá-lo juntos. E' o caminho que me indicou o coração. Descobriremos o nosso mundo no meio das incertezas.

Falava calmamente, espiando a minha reação, demasiado visível para seus olhos familiarizados comigo.

Achava-me desarrumadíssimo para receber semelhante revelação. Suas palavras caíam em mim qual uma ave do mato, que, perdendo a direção do vôo, entra repentinamente numa casa cheia de gente. Desambiência e confusão. Uma revoada de sentimentos bateram asas aflitas no fundo de meu ser. Que seria de mim?

Disse-lhe uma porção de coisas, sem dar uma solução definitiva à sua proposta sedutora. Quando nos despedimos, com a promessa de voltar no outro dia para um verdadeiro ajuste, percebi nos seus olhos uma sombra de tristeza que me deixou consternado. Era quasi desesperança.

Fui-me embora sem perceber direito a minha retirada. Agarrava-me um incrível sentimento de culpa, horrorosa decepção para comigo

próprio. U'a música estranha e patética encheu-me a alma. Lembro-me bem que nesta noite não dormi.

Ficarão contrariados, eu sei, se lhes disser que não voltei a encontrar Anamaria. Seu convite era extraordinariamente tentador, não resta dúvida. O caminho que ela me propôs devia ser o mais suave de todos os destinos. Entretanto, a vida larga e incerta, misteriosa e estranha, apresentava-se-me então e até hoje como a mais invencível das tentações. A volúpia de viver tomava conta de mim. Tinha uma vaga idéia dos sofrimentos que me esperavam, mas queria sentir tudo, desvendar o maior número de horizontes possíveis.

Anamaria mostrou-me um só caminho, o do coração, e eu desejava experimentar tantos destinos, tortuosos bem sei, mas carregados de múltiplas perspectivas que me abarrotariam a vida de alegria e de dor, de prazer e de tristeza. Por isso que não fui encontrá-la. A's vezes ainda me pergunto: — Teria sido só por isso?

O NOVO DIRETOR DO DIP

Para substituir o Tte.-Coronel José Maria Coelho dos Reis, na direção geral do Departamento Nacional de Imprensa e Propaganda, foi nomeado, pelo exmo. sr. Presidente da República, o Capitão Amílcar Dutra de Menezes, que vinha exercendo as funções de Diretor da Divisão de Rádio daquele Departamento.

A escolha do novo titular daquele importante órgão da administração foi festivamente recebida em todo o país, onde o nome do Capitão Amílcar Dutra de Menezes já se tornou amplamente conhecido e admirado, mercê das raras qualidades de cultura e de caráter que fazem, daquele distinto oficial do glorioso Exército Brasileiro, um dos vultos mais eminentes do Brasil Novo, a cujo serviço êle tem posto o melhor de seus esforços.

Espírito patriótico e esclarecido, integrado perfeitamente no Estado Nacional, a que serve com sinceridade e ardor, é o Capitão Dutra de Menezes dessas figuras que dignificam qualquer função, e eis porque estamos certos de que, na direção geral do DIP, o jovem e brilhante patriótico prestará à Pátria os mais assinalados benefícios.

UNGARELLI -- **O ALFAIATE**
QUE VESTE GOIÂNIA

O CANTO É ETERNO

Elisa Orzeszkawa

(Tradução do Pe. Antônio Wasik)

Ao cair do crepúsculo, um anjo baixou ao oasis do deserto, para desempenhar o papel de guarda noturno.

O mensageiro celeste, depois de apoiar a sua harpa gemedoura sobre uma palmeira, começou a dedilhar as cordas, começou a tocar para que as palmeiras não murchassem, para que não fenecessem nas trevas da noite tropical e as aves do paraíso, aninhadas por entre os seus leques, não desmaiassem numa letargia que desconhece os sonhos e o doce despertar.

As trevas cada vez mais espessas cobriam as amplidões do deserto e o anjo tocava... As folhas das palmeiras ciciavam movidas pelo débil eco do canto e as aves do paraíso volviam os seus olhos vigilantes para o lado da aurora matinal.

Porém, à meia noite, quando, do seio do ermo todo envolvido num manto caliginoso, subiu uma respiração ofegante do temor e da dor, o guarda celeste, vencido pelo cansaço e oprimido pela saudade, suspirou:— "Senhor, estou cansado, deixai-me voltar à eterna morada da paz!" Estendeu as asas, adejou, sumiu-se e a harpa emudeceu. Por entre as folhas das palmeiras, por entre as penas das avezitas passava o calafrio anti-mortal...

Silenciou o canto do anjo...

Ainda estendia o seu domínio uma noite escura e espessa, ainda o sol dormia por detrás daquele mar tão longínquo... quando realizou-se um prodígio. Que foi? Que sucedeu?... A harpa tangeu novamente!... Uns acordes novos, doces, potentes e profundos levam através da escuridão a fé e o amor. Por sobre o manto da noite tão escura cintilam as fagulhas da esperança... Divisa-se o vislumbre da fé... E no meio dessa geral quietude soam as palavras de vida, soam as invocações... Reviveram as palmeiras e as avezitas. Pelas suas folhas e pelas suas asas agora perpassa um estremecimento de alegria... E quem ousou tocar a harpa desde que o anjo partiu?

Quando a aurora matinal, com a faixa rosicler, cingiu os confins do deserto, quando o sol tendo já despertado levantou a sua fronte nimbada de áurea glória, lá sob os le-

MÃES

O' mães dos tuberculosos
e dos leprosos;
mães dos ceguinhos
e dos que tombam assassinados;
vós que os destes à luz;
vós que lhes destes o leite
e os amparastes quando pequeninos;
vós que lhes daríeis
a própria vida, para os ver felizes,
quanto sofreis ao vê-los desgraçados!

Vós, cujo amor imenso
o verbo humano não traduz;
vós sois, entre tantas outras santas,
as Nossas Senhoras das Dóres
de um altar onde não sobe o insenso,
nem trescalam flores,
nem brilha a luz.

Senhor,
se não existe um céu para essas mães;
se tudo acaba neste mundo triste,
como pensa o incrêuo;
enlouquecei-as então!
Enlouquecei de dor as coitadinhas,
para que cada qual tenha a ilusão
de que o filho de seu amor
— o desgraçado —
seja um glorioso Príncipe Encantado.

LÉO LYNCE

ques da palmeira todo banhado de luz solar, com as suas asas estendidas para a claridade celeste estava genuflexo perto da harpa um outro guarda celeste sucessor do primeiro, que, ao dedilhar as cordas, cantava o cântico da vitória e do triunfo...

Os gênios de canto e poesia, cansados pela contínua vigília e pela incessante produção em meio dos incultos desertos da terra, esvoaçam para o azul dos céus, ao eterno descanso do Senhor. No entanto, pela graça de Deus mandados, descem à terra outros cantores, desta maneira, o canto sempre é eterno.

Dr. Aluizio Bahia F. de Barros

— ADVOGADO —

Marmo - Hotel

Goiânia

NOTA: — Esta é uma bela alegoria de Elisa Orzeszkawa, escritora e poetiza polonesa, trecho escrito em Grodno em 1901, sobre a importância que exercem na sociedade os verdadeiros poetas. Trata-se aqui duma carta da referida escritora dirigida ao novel poeta e músico Henrique Skirmunt, o qual deixou de publicar as suas belas e profundas criações líricas.

APRESENTANDO UM LIVRO

LUPICÍNIO DE ARAÚJO

Silvio Pélico de Miranda, o iluminado vate que acaba de produzir o clássico e empolgante Poema Dramático sob o grandioso título — O Cristo E A Mulher Samaritana — destinado à luz da publicidade, não necessita de prefácio como credenciais encomiásticas e recomendatórias, para, do gabinete onde o compôs, assomar triunfalmente à gama cultural do país.

Oficial da Reserva do Exército e ex-aluno da Escola Militar, guarda, como precioso relicário, o garbo fidalgo e varonil de que justamente se ufana a nobre classe das Armas.

Residindo atualmente em Santa-Rita-do-Paranaíba, cidade marginal ao caudaloso rio de onde lhe promana o nome, a ouvir os murmúrios dessa imensa serpente de prata liquefeita, cantando hinos sonorosos à munificência da Natureza, aqui cinzelou os ritmos da sua prodigiosa imaginação.

E' um espírito de apóstolo transvivente.

Hábil psicólogo a perscrutar os homens e as cousas, sabe suportar, com o estoicismo de um atlante, todos os acúleos da ingratidão humana.

Leal e ativo, com uma nítida consciência das realidades da vida, não tem a retina ofuscada pelas imagens mirabolantes da ilusão sobrepairando em horizontes jamais alcançados; e, por isso, alheiou-se aos ferveiros do mundanismo absorvente e estéril, onde se estiolam os sentimentos mais acrisolados.

Certamente, o poeta não surgiu do seio das ondas refulgentes, como a sereia da mitologia com os seus cantos enganadores, nem brotou da terra como Antêo.

Episodiando os fenômenos existenciais ou fantasiando divícias e sonhos, em doçuras de néctar e âmbrósia, é o cantor das musas, antes de tudo, um ente racional e livre que traz na contingência biológica o estigma dos mortais, retratando em cada ser humano a feição moral que o simboliza.

Abeberando-se nos textos sagrados da Bíblia — fanal eviterno da fé cristã — o ínclito poeta hauriu naquela fonte límpida o divino assunto, elevando o seu pensamento às celsitudes olímpicas em que se alçandoram os gênios.

Com uma encantadora mística, o fulgurante autor deste livro, com o seu espírito alvoreado de belas concepções, diafanizou o drama com o mais puro idealismo.

Os moldes mais aprimorados da eurtmia poética se harmonizam esplendidamente no livro, evocando as prístinas eras em que se desenrolou, na incomensurável tenebridade do paganismo, a tragédia horrída do Gólgota.

O Cristianismo, que germinou, floriu e frutificou lá na Terra Santa — a Judéia — nos legou o Evangelho, sacrário de tôdas as virtudes, aro de luzes; é o doce manancial de onde borbotaram os ensinamentos de moral puríssima, a regar eternamente a árvore da redenção, cujos frutos sazonados embalsamam as origens da vida com o seu aroma purificador.

Penetrando fundamente no coração do homem e imprimindo-lhe na alma o sentimento do bem, aclarou, com o farol daquela divinal doutrina, a consciência dos povos que viviam submersos no mare-magnum das mais sórdidas extravagâncias.

Irradiou-se pela vasteza do orbe que, até então, estrugia no mais ceço materialismo.

E a suavíssima doutrina evangélica, moldada nos princípios regeneradores, vivificantes, de sã moral, cantando hinos de fraternidade universal e formando a poesia da religião, inundou o mundo de benéficos eflúvios.

Cristianizando os povos, aflandolhes o sentimento da dignidade e erigindo o dogma da lei moral, o Evangelário condenou a soberbia, as ações iníquas, o cepticismo, sublimou as virtudes teológicas e aniquilou a jactância da filosofia pagã.

Difundindo as concepções da vida terrena sob a égide das verdades eternas e da espiritualidade da alma, o Cristianismo resistiu, impávido e luminoso, a tôdas as lufadas da malevolência humana e destruiu, com a força de suas apodioxes, as hipóteses da metafísica.

Em bela sinédoque, disse Camões — épico imortal — que o vate é "O intérprete da voz do Onipotente, Que o distante futuro tem presente".

Sob o ponto de vista semântico, o festejado autor do Poema Dramático em aprêço é, além de poeta distinto, um legítimo vate, de vez que soube reunir, nos entrecchos e harmonias dos versos, arte e inspiração: escreveu com o cérebro e com a alma, com o pensamento e o coração.

Poesia de fina espiritualidade, há-de causar júbilo às nobres inteligências, revelando, desde o início do livro, as pompas de um espetáculo magnífico.

Esta jóia poética se impõe logo a uma admiração generalizada, uma vez que é de grande valor artístico.

Os enredos, que a sutileza expressional do ilustre dramaturgo soube transar na epífrase dos diálogos, formam, no conjunto harmonioso dos versos, uma tecelagem formosa e macia, vestindo o poema de galas facinorantes.

Do princípio ao fim, é magistral pela fertilidade de sua imaginação, pela elegância do estilo, pela justeza dos conceitos e pela fluência das rimas castas e pujantes, sobrelevando o espírito e o coração.

Mantendo em todo êle o mesmo esplendor, dir-se-á tocado por um impulso divinatório.

Composto à luz da moral cristã, com uma irrepreensível disposição de cenas em que o dramaturgo representa simultaneamente o duplo e difícil papel de autor e ator, o grandioso drama do Capitão Silvio está constituído de uma forma original, fazendo com que mais se realce neste quadro de lindas nuanses.

Inspirados na musa de Tália, são-lhe os versos uma verdadeira melodia.

Os lances arrebatadores enchem de rara beleza as páginas fulgentes do livro e tocam a alma com a graça das coisas sagradas, transportando nosso espírito ao azul-celeste, onde brilham os astros.

As rimas deslisam-lhe pelas fôlhas, maviosas como o sussuro da brisa nas franças das árvores; cristalinas como as linfas de Castália e vibrantes como as notas da harpa mirífica de Boanerges, o Cisne da Galiléia, quando, em doces melopéias, encantava a pecadora e languorosa Madalena, a Pérola da Betânia.

A figura central do "Poema Dramático" é o meigo Nazareno, que o diviniza com aquela sublime expressão de pureza aureolada de infinita bondade...



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiania e desta Revista

Um tiro à meia noite

J. Décio (pai)

— Fui desfeitoado, Mané Luiz, pelo Zé Baiano, aquele negro sen-vergonha, unicamente porque quer que eu retire a mansinha, a vaca pintada, lá da beira do riacho do Capoeirão, onde está pondo em nada o seu arrozal. Não faz cêrca que preste. Se êle tem um punhado de terras eu sou o maior condômino da Fazenda e minha vaca de estimação não sairá. O negro me disse com tôda ousadia e ma-criação, que, se encontrá-la na ro-ça outra vez, a matará na certa. Que desaforo! Vou acabar com essa **pendenga!** Você é a única pes-soa da minha inteira confiança e hoje mesmo irá virar o pé daquele atrevido, para êle saber respeitar homem.

Falava assim a Manoel Luiz, seu afilhado e filho de criação, o coronei Terêncio Pontes, homem de muitos haveres e senhor supremo e absoluto da Fazenda do Barreiro Vermelho.

Manoel Luiz sabia que seu pa-drinho tinha por hábito não ser contrariado nas suas decisões, por mais absurdas que elas fossem. Mal respondeu:

— Inhor sim.

— Tenho ali, no canto, o meu clavinote paraguaio, carregado com uma boa carga de chumbo reúnio e uma bala de cobre, curada dia de sexta-feira da paixão. Examine bem a cassoleta, pra vê se o ouvido está escorvado e, ao escurecer, vá ficar na beira do riacho do Capoeirão, no caminho da casa da Rosinha do Retiro, para onde ele vai tô-das as noites. Mandingueiro só quebra a pauta quando pisa ná-gua. Quando o negro entrar no riacho despeja-lhe sem pena a carga do paraguaio, que nunca mentiu fogo.

— Inhor sim.

Manoel Luiz, criado sob o regime da mais absoluta obediência, não obstante ser de boa índole e incapaz de, por si só, fazer o menor mal a seus semelhantes, não dis-cutiou.

Pegou da arma, examinou-a se de fato estava bem carregada e, turvando o dia, com sua capanga a tira-colo, dirigiu-se para o riacho do Capoeirão, em cujo barranco se postou, junto ao tronco roliço de um copado buraen, meia légua boa da Fazenda. A lua cheia parecia um grande queijo de prata.

O coronel que, a-pesar-de pre-potente e genioso, nunca teve o menor desejo de tirar ou mandar tirar a vida ao próximo, porquanto a sua religião mesclada de catolicismo e superstição proibia termi-nantemente matar, ao cair da noite, começou sofrer terrível remorso, conjecturando de quais seriam as consequências de tamanha insensa-tez.

Mandar matar um pai de família numerosa, por causa de uma sim-ples vaca, para quem possuía cen-teras ou milhares!

Como ficariam essas crianças sem pai e sem mãe, pois esta fale-cera de maleita, ainda não fazia um ano?

Nada que se faz em cima da ter-ra fica oculto. O seu crime seria, mais hoje ou mais amanhã, fatal-mente descoberto.

Êle que nunca fôra processado nem preso, pelo contrário, sempre funcionou como jurado, dos bons, lá na Vila do Queimado, teria que passar pela maior das vergonhas de se assentar no banquinho duro dos réus, ombro a ombro com o seu criado, moleque sem qualida-des, que mal servia para limpar-lhe as botas.

Todos os habitantes da Vila e do Município se abalariam a-fim-de assistir ao espetáculo doloroso do julgamento do sisudo e opulento coronel Terêncio. Que escândalo!

O promotor público, antes tão respeitoso para com êle, iria dar-lhe os mais insultuosos epítetos. Classificá-lo-ia de individuo lom-brosiano, de covarde assassino, ho-mem sem entranhas, que, por uma torpe vingança, deixa ao desampa-ro, em completa miséria, umas in-felizes crianças, etc., etc..

Seus adversários políticos iriam gozar da sua desdita.

Sua família, uma das mais res-peitadas, sofreria as maiores humi-lhações, seria uma vítima certa da maldade dos seus inimigos.

Poderia sair livre com algum prestígio que desfrutava no seu partido, mas tal mancha ficaria para sempre.

Não! Isto não poderia acontecer!

Pensou em correr, ir atrás de Mané Luiz, mas teve receio de al-larmar a sua mulher e de chegar ao ponto tarde demais.

Só mesmo um milagre poderia salvá-lo, salvando da morte o po-bre do Zé Baiano. E pediu, pediu muito, de coração, à Nossa Senho-ra da Abadia do Muquem que o socorresse, que desvias e os passos do seu desafeto do caminho infalí-vel da morte. Prometeu doar to-dos os anos, erqi anto vivesse, uma vaca das mais gordas aos pobres da Vila.

Deitou-se, mas não conseguiu dormir um minuto, rolando na ca-ma, como se estivesse sôbre em-inhos.

D. Genoveva, sua digna consor-te, pensando que seu marido esti-vesse sofrendo de algum mal do es-tômago, propôs levantar-se e ir à cozinha fazer-lhe uma mezinha, mas êle se opôs, dizendo que não havia de ser nada, apenas uma pe-quena indisposição e dormiria logo. Fingiu depois que dormia.

Enquanto a sua companheira, com a consciência tranquila das boas donas de casa, ressonava pro-fundamente, o coronel pestanejava, com o cérebro em brasa, como se fosse um condenado a morrer no dia seguinte em cadeira elétrica.

Esperava a cada momento o a-núncio da sua ruína para sempre.

Um galo cantou no galho da goia-beira do fundo do curral. Outro respondeu, mais outro e, além, muito longe, outros galos dos vizi-nhos também cantaram.

E tudo entrou no mais profundo silêncio, rompido de vez em quando pelo grito lamentoso do gavião de penacho no meio da mata. Não demorou muito, um tiro redondo, co-mo o de uma roqueira, reboou das margens do Capoeirão e se espalhou de quebrada em quebrada até se perder pelos lados do morro da furna grande.

Novo silêncio, mais profundo, mortal, envolveu o mundo. Até o gavião de penacho ficou mudo.

Ao ouvir o grito das quero-que-ro e o chio dos gonzos da cancela do vaquejador, o coronel correu presu-roso ao encontro do seu cúmplice:

— Fez o serviço?

— Inhor sim. Quando o negro pisou nágua, barrí-lhe fogo e ouvi o baque. Sei que não será outro, porque ainda ontem o vi de cami-sa branca e casaco preto, bem as-sim como apareceu no ponto de al-godão do paraguaio. Vim para van-cê me judá a escondê o bicho an-tes do sol sair, para o povo não descobrir.

Ao chegarem ao local do crime, lá estava, de pernas para o ar, es-cornada, a vaca pintada de estima-ção, que, nesse mesmo dia, foi dis-tribuída em postas aos pobres da Vila do Queimado.

“OESTE” NA OPINIÃO DO DR. ABGAR RENAULT

Abgar Renault faz parte do grupo dos nossos poetas autênticos. Provam-no os seus poemas magníficos e as versões que tem feito de poemas de Tagore e poetas ingleses famosos para o vernáculo, versões tão admiráveis que valem como verdadeiros novos grandes poemas. Além disso, o talentoso vate nacional é possuidor de uma cultura polimorfa e sólida. Tôdas essas qualidades, aliadas a uma educação esmerada, fazem do dr. Abgar Renault uma das figuras mais expressivas de nossos meios intelectuais e sociais.

Pois foi êsse brasileiro ilustre, que hoje ocupa o alto posto de Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, quem “sponte sua”, enviou ao nosso diretor a missiva abaixo transcrita, cujos dizeres nos honraram muito e muito nos envaideceram,

constituindo mais um valioso estímulo ao cumprimento do programa que nos traçamos em prol da cultura do Brasil Central.

E’ a seguinte a carta do dr. Abgar Renault:

“Ministério de Educação e Saúde. Departamento Nacional de Educação. Em 28 de Julho de 1943. Prezado Senhor Gerson de Castro Costa: Agradeço cordialmente a remessa do nº 6 de OESTE, mensário que, pela sua feição material e diretrizes intelectuais, rivaliza com o que de melhor no gênero é publicado nos mais adiantados centros culturais de todo o país, concorrendo dêsse modo para a grande obra civilizadora que Goiânia realiza no oeste do Brasil. Atenciosas saudações. (a) Abgar Renault, Diretor Geral”.

Certamente o leitor está pensando que lhe vou contar, agora, uma história de Al Raschid ou um daqueles contos orientais de Malba Tahan, todos tão ricos de mistérios e fantasias. Se estiver, engana-se, entretanto. A coisa é verdadeira, e, não obstante, tem posto muitos historiadores em palpos de aranha, para desvendarem o “abre-te césamo” da questão.

A-pesar-de acontecimentos mais culminantes absorverem quasi por completo o espírito humano nesta hora trágica em que vivemos, nem por isso deixa de ser interessante trazer à baila, de vez em quando, certas curiosidades encontradas por acaso nos confis olvidados da história universal. Aqui está, por exemplo, uma pergunta um tanto retardatária, ingênua mesmo à primeira vista, mas que tem, como muitas outras, a sua razão de ser. O Delfim morreu ou não no Templo de Paris, onde se encerrara com seus desventurados pais? E a interrogação ainda perdura palpável e indissolúvel através dos tempos, pois até hoje nenhuma resposta positiva há que possa solver a grande dúvida histórica.

Senão vejamos.

Diz a história, num argumento, ao que parece, sensato, que no dia 10 de Termidor, isto é, em 28 de julho de 1794, Barras, sabedor da fuga de Luiz Carlos, do Templo, para lá se dirige pressurosamente a-fim-de inteirar-se da verdade tão alviçareira, pois era êle o único amigo que ou-

O MISTÉRIO DO TEMPLO

Omar Santos

sava interessar-se pela sorte da família real, naquela época tão cheia de apreensões e de terror.

Entra, e depara com um quadro horroroso de dôr e de misérias! Deitado fora do leito, em gemidos dilacerantes, jazia um corpo inerte de criança, que pedia água... Trazida a caneca, a pobrezinha nem pôde soerguer-se, tão inchadas lhe estavam as articulações. Aquele inocente tão cedo arrebatado dos carinhos domésticos, num terror desenfreado e impenitente, à mercê de uma alcatéia de lobos famintos de sangue e de vingança, pagava, ali, naquela cela fétida e escura, havia cerca de seis meses, a leviandade pecaminosa de seus pais. “Nada de mal direi dos guardas”, murmurava amedrontado.

Pois bem. Três dias depois a criança foi visitada pelo Comité de Segurança, e, também, no dia 27 de fevereiro de 1795, por membros da Convenção, inclusivê um tal de Harmand, de cuja visita fez o relatório,

reconhecendo “naquêle menino de nove anos mais ou menos” o legítimo primogênito de Luiz Capeto e Maria Antonieta. Tinha já, naquele tempo, os sentidos quasi todos hipertrofiados. Os balbúcios comovedores que escapuliam de seus lábios ressequidos não correspondiam em nada à facilidade das palavras que se esforçava por dizer. Os olhos, que havia muito não recebiam as carícias vivificadoras da luz, revelavam, pela fraca lucidez e pouca vivacidade das pálpebras, uma cegueira incipiente e ameaçadora.

Afinal, dizem alguns, expirou no cárcere sórdido daquele templo tenebroso, e no mais detestável abandono, quem nascera com um destino sumamente contraditório e paradoxal. Fadado a ser um dia Rei de França, via-se, no raiar da vida, condenado, por irrisão da fortuna, a morrer como o mais vil réu, capciosamente odiado na sua inocência angelical, por causa das muitas faltas que nem os próprios pais cometeram dolosamente, mas apenas por inexperiência e leviandade. Morreu no dia 8 de junho de 1795, com a idade de dez anos e dois meses. Isto na opinião de muitos.

Até aqui parece que a coisa vai muito bem. Tudo muito direito. Não encontramos nenhum tropêço que nos fizesse deter na caminhada. Mas, eis que o obstáculo surge de repente ante nossos olhos e ficamos como que extáticos à dificuldade que se nos apresenta para desatar o

OS QUE QUERIAM SER ESTADISTAS...

novíssimo nó górdio, de Alexandre.

Com que, então, a Convenção diligenciou "uma busca rigorosa" em tôdas as províncias, a-pesar-de passados quatro dias da morte da criança? Esta informação que nos fornece Otto Flacke, longe de clarear, ainda mais nos obumbra a compreensão, pois não sabemos qual o caminho a seguir: se o de Deus ou se o do diabo... Vê-se claramente que nem os contemporâneos daquela triste e sangrenta época tinham certeza absoluta sobre quem seria aquela criança defeituosa que definhava na prisão infeta do velho casarão medieval! Era o Delfim para Barras, para Harmand e, enquanto vivo, para os próprios convencionais.

Nada justifica aquela medida policial "post-mortem", senão concluindo-se que a dúvida suscitou-se somente na Convenção, quando os dois médicos que autopsiaram o "cadáver do Delfim, duque da Normandia", se desavieram e entraram em contradição. Agora, mesmo seguindo esse caminho, poderíamos acreditar mais num que no outro? E as provas? Onde buscá-las? A própria Convenção não tinha o menor indício para constatações, pois as feições somáticas da criança, tão alteradas pela força dos sofrimentos e privações, não ofereciam margem a qualquer conclusão satisfatória, senão para divagações e conjecturas em torno de revelações que mais visavam o desprestígio mútuo, a "caveira", como diz a nossa gíria de hoje, de dois homens que se engalfinhavam numa luta estéril de interesses pessoais.

O certo é que a tal diligência resultou improdutivo, pois não houve nenhum Caim que revelasse o paradeiro do Abel procurado. Tudo em vão! E enterraram solenemente o cadáver, como se fôra o último descendente masculino da linhagem dos Capetos...

Mais tarde afirmou a mulher do sapateiro Simon, o único sapateiro que se tornou imortal, a quem fôra confiada a guarda da criança, e afirmou categoricamente até exalar o derradeiro suspiro, que na noite de 19 de janeiro de 1794, subornada por alguns girondinos, entregara o Delfim a um emissário de Condé, sendo aplicado nesse estratagem a um método de evasão inteligentemente troiano, pois teve papel como protagonista principal um cavalinho lili-pútiano de papelão, que levou nas entranhas o produto humano daquela estranha aventura noturna.

Por outro lado, Maria Tereza, que se achava também presa, então, num quarto contíguo, disse que, após ter ouvido certo barulho no do irmão, olhou através da fechadura e viu sobre a mesa um amontoado de bagagens, inclusive um chapéuzinho de criança, e que ninguém lhe respondeu quando ela o chamou pelo nome.

A' vista de tais contradições, que

Em aquele seu magnífico e indelével discurso, pronunciado na adiantada cidade de Anápolis, o exmo. sr. Interventor Federal, dr. Pedro Ludovico Teixeira, soldado dos mais ilustres e discípulo dos mais leais do Estado Nacional e do Presidente Getúlio Vargas, teve ocasião de, com o seu proverbial desassombro, e com muito senso de oportunidade, reverberar, em palavras contundentes, a atitude impatriótica dos liberais carcomidos, nostálgicos de um passado já morto e que insistem em voltar a um regime que de democrático só tinha o rótulo. Ninguém mais autorizado a fazer calar essas vozes de além túmulo — (vozes que ainda distinguem entre brasileiros, entre "nativos" e "paus rodados"; que ainda confundem nacionalismo com fascismo; que ainda identificam liberdade com licenciosidade; que ainda igualam estadista e demagogo, etc., ...) — do que homens como o Presidente Getúlio Vargas e o Interventor Pedro Ludovico, pois que, incontestavelmente, noventa e nove por cento dos brasileiros e dos goianos com eles estão e, em pugnas eleitorais, "mesmo como as passadas" — simulacros de eleição — seriam, sem dúvida, como o foram — por sufrágio universal ou por aclamação — eleitos para ocupar os postos que tanto vêm dignificando. Já se vê que "não é porque queiram permanecer no poder", como insinuam os liberais da "velha guarda", que os pró-homens do Brasil defendem e consolidam o Estado Nacional, e sim porque, pondo acima de tudo os altos interesses da Pátria, e tendo viva na lembrança a miséria do regime decaído, não podem permitir — e não permitirão — o retorno a uma forma de governo incompatível com a dignidade humana e que só beneficiava aos plutocratas e aos inescrupulosos.

nos resta fazer? A mesma série de perguntas do princípio! Quem era a criança vista no Templo por Barras? De quem o cadáver autopsiado a 8 de junho de 1795? Era ou não era o do futuro Luiz XVII? Seria verdadeira a confissão da mulher de Simon?

Nada sabemos e nem saberemos tão cedo, ou talvez nunca mais, pois até hoje não se conseguiu dissipar esta dúvida, que continua a dansar irônica e nas páginas da história, desafiando, com certo ressaibo de malícia, o snobismo exótico dos des-trinçadores de alfarrábios...

E' inútil, portanto, estejam os carcomidos a tentar, com fuxicos e tramóias, através de sociedades secretas de auxílio mútuo, ressuscitar defuntos. O Estado Nacional, solução brasileira para o problema brasileiro, é indestrutível, pois assenta em nossas tradições autênticas, cristãs e democráticas. O Estado Nacional é a própria Nação Brasileira em movimento; e a Nação Brasileira é imortal. E' por isso que todos os bons brasileiros, de todas as classes, estão perfeitamente identificados com ele.

O após guerra — estejam certos disso os "saudosistas" inveterados — nada mais fará, vitoriosos os aliados, entre os quais o Brasil, que consolidar o regime de 10 de Novembro. Ninguém se iluda a esse respeito. Porque o Presidente Getúlio Vargas, um dos líderes contemporâneos, soube realizar aqui, como já se observou alhures, a "síntese do mundo" — solução política para o mundo de amanhã. O Estado Brasileiro é como que o embrião do Estado futuro — anti-fascista, anti-comunista, anti-liberal, — humano, nacional, cristão.

A verdade — aliás proclamada na Carta do Atlântico — é que cada povo deve determinar-se a si próprio, de conformidade com o seu temperamento, suas idiossincrasias, suas simpatias, suas tradições, seu meio físico, social, moral e político, suas necessidades, suas realidades. E o povo brasileiro encontrou no Estado Nacional a "melhor" forma de organização nacional brasileira. Estado com falhas, sem dúvida, humano que é; Estado que se transformará, por vivo, segundo os imperativos naturais da lei da evolução e do aperfeiçoamento. Mas Estado que, em seus traços capitais, só tende a consolidar-se pelo futuro a dentro. Que saibam disso aqueles que o desejo de ser estadistas, por tão intenso, cegou às nossas realidades. Que saibam disso os "salvadores" da Pátria — à custa do bem coletivo e de compromissos excusos... é claro. Porque, hoje, não mais se improvisam estadistas. Não mais se "elegem" estadistas. O regime liberal jaz a sete palmos debaixo da terra. E as vozes liberais... ninguém mais as ouve.

Aconselharam a Felipe, da Macedônia, a exilar um súdito inconveniente, que dizia mal dele.

— Qual, deixem-no aqui. Ele repetiria essas colzas em toda parte...

A vitória do São Melquiades

CONTO DE Frederico de Medeiros

No terceiro trago, sorvido devagarinho, com gostoso estalejar de língua, são Melquiades tinha, já, a cabeça pesadona, equilibrada entre as mãos. Cotovelos fincados na mesa, olhos congestionados, abstratamente postos em cima do copo recém-esvaziado, deu de parafusar na memória. Pensar, escarafunchar idéias, tornara-lhe quasi um vício. Ainda mais quando açulado, assim, pela aguardente, o tóxico preferido, que dizia libertá-lo da presença incômoda de si mesmo, atirando-o docemente ao mundo vaporoso e inconsistente do espírito. Então, semi-cerrava as pálpebras, já flácidas à força da repetição do exercício, e dava asas à imaginação, pondo-se a viajar pelo passado em busca dos retalhos de reminiscência que viriam reconstituir a sua malograda história, mil e uma vezes assim repisada pelo cérebro. Chamava a isso o seu exame de consciência, com a qual, no final das contas, nunca se achava em débito.

Vinte e oito anos, contava. Era até bem moço ainda. E que trajetória custosa tinha sido a sua até ali. Por quanta cousa havia passado! No começo, vida estúpida, sem finalidade definida. Cheia de desejos tolos, ainda bem que agora o reconhecia: ter dinheiro no bolso, bastante, carteira gorda de notas, com o retrato da namorada por dentro; ser tenente do Exército, bem empenadinho, farda apertada, bem cintadinha, no corpo espigado, por cima ainda um talabarte lustroso, botando inveja nos seus companheiros e água na boca das garotas mais bonitas e mais importantes do seu meio. Era o seu ideal de calças curtas, quando andava batendo pernas pelas ruas, namorando os cartazes de cinema e pregando olhos gulosos nas vitrinas das confeitarias. Nem sabia como não passara fome. Filho de pai morto, que deixou viúva com uma feira de guris de barrigas ávidas, passou seus maus pedaços, embora a cabeça sempre a tivesse cheia de sonhos, numa vontade danada de cousa-melhor, num meio de gente empavonada e que muito pouco ligava para as aperturas alheias.

Com tantos desejos insatisfeitos, é natural que fosse crescendo cheio de recalques, de vontade de não ser o que era, com ódio da felicidade dos outros e no propósito firme de não

ficar por baixo de ninguém, embora no fundo se sentisse inferior a toda gente.

Estudar? Estudou, sim. Com mil dificuldades, passando vexame por não poder comprar um pantógrafo e um caderno de cartografia, mas a sua farda de ginásiano era das mais bonitas. Lá isto era... esverdeada, quasi como a dos tenentes do Exército. Custara-lhe os olhos da cara, noites a-fio como praticante de tipógrafo a trinta cruzeiros mensais. Gravata preta, de retalho de guarda-chuva velho. Camisa de peito e punho de tricoline branco, o resto de morim vagabundo. Botinas lustrando de casca de banana. Mas não ficar por baixo! O seu fardamento, de excelente aparência, estava até mais alinhado do que o de muitos filhos de coronel do interior, que recebiam mesadas gordas.

Na aula fazia figura. Os professores o apontavam como exemplo. Trazia as lições na ponta da língua, decoradas vírgula por vírgula. Era, mesmo, inteligente, um menino de futuro — os professores o diziam. E os professores — santo Deus! — eram as figuras mais importantes do mundo. Monumentos de saber, embora, por sua vez, decorassem as aulas em casa para vomitá-las, enfatuados, para a classe no dia seguinte.

Não havia dúvida, fôra mesmo um herói. Suportou todas as exigências do ginásio (e com os pobres as exigências não eram brincadeiras), pois queria vencer e, por aí, suas aspirações eram já mais avantajadas, mais bem orientadas. Estudou loucamente, queimou pestanas, mas foi rompendo galhardamente a primeira, a segunda, a terceira, a quarta e, finalmente, a quinta e última série ginásial. Bacharel, enfim! Sem uma bomba. Bacharel em Ciências e Letras. Nome pomposo, bonito, soando bem aos ouvidos. Estava vencida, dominada, a primeira etapa. Era qualquer cousa, trôço na vida. Colou grau, com todas as formalidades de estilo: colarinho duro, valsa, madrinha, parabéns dos amigos... Lá estava o seu retrato, na moldura grande, junto com os outros, confundindo com os mais importantes da turma. Traje a rigor, todos, uniformizadinhos com o único **smoking** emprestado por um figurão do lugar, que se gabava de ser amigo dos novos, patrão dos estudantes.

Estava feito. Tinha o Curso de Humanidades — e o mundo a seus pés. Aquilo era a base, bem que os professores diziam. Mesmo que não fosse a estação de fuga da mediocridade, agora podia galgar qualquer carreira. Todas as portas estavam abertas. Era só escolher: médico, advogado, químico-industrial, tenente do Exército, da Marinha e até da Aviação... o diabo, nem precisava estudar para dentista que os outros chamam de doutor só para agradar.

O primeiro passo, entretanto, seria o Rio-de-Janeiro, o sonho bonito de todo provinciano que se candidata ao triunfo nas ciências. Depois, lá é que estão os cursos... Aqui o são Melquiades (ainda não tinha o são) teve um estremecimento. Como ir ao Rio? E o dinheiro? Mesmo que aventurasse de bolsos vazios, como ficaria a família, de que era irmão mais velho e, portanto, condenado a garantir-lhe a subsistência a qualquer preço?

Esse imprevisito quasi endoidece o provinciano de boa-vontade, que via crestados os seus anelos. Entretanto, desesperar não era possível. Encontraria um derivativo que lhe permitisse arrostar com sua carga para o futuro... E, bafejado, assim, pelo senso realístico da vida, tomou o melhor partido — adaptou-se, procurando nova forma para o seu destino.

Dependurou-se, então, em um emprêgo público, cavado a custo, fez um casamentinho por amor e vai tocando sua vidinha, sem arestas nem emoções. Da casa para a repartição. Da repartição para a casa. Necessidades ajustadas aos vencimentos. Filho chorão. Mulher econômica, muito boazinha quando o marido não chega depois das nove. Cinema e macarrão aos domingos. O resto é torcer, que se tornou seu esporte favorito. Torce na guerra. Torce no futebol. Torce pra mulher não ter mais filhos. Torce para o feijão baixar de preço...

Aqui, são Melquiades, já sonolento, empurra o último gole e ri amarelado, resignado, terminando a revisão mental de sua história. Dá de ombros e conclue, em voz alta, como se procurasse engulir a pílula de consolação: "enfim, estou de bem com a Consciência, pois já não é uma vitória compreender a Vida e a ela se adaptar?"

MESTRE ÂNGELO

Nelly Alves de Almeida

Molha-me as pupilas uma lágrima doce e santa tôdas as vezes em que a figura de mestre Ângelo me bafeja a lembrança: muito asseado e competente, muito carinhoso e muito amigo. A tez morena, que os anos marcaram com sua sucessão infatigável, casava-se, harmoniosamente, com a doçura dos cabelos brancos. Os olhos, meigos, tornavam-se penetrantes, inflamados, quando sua voz se erguia, clara, distinta, transmitindo-nos seus conhecimentos sólidos e aproveitáveis. A bôca, bem feita, tinha, sempre, sorriso animador, igual para todos nós: pobres ou ricos, os alunos eram, sempre, afavelmente tratados.

Era riograndense; diàriamente, quando chegávamos à escola, (jamos aos grupos) dávamos com êle saboreando seu chimarrão, que nossos costumes não o fizeram esquecer. Tomava-o com delícia e carinho, sorvendo-o gota a gota como se fôra um licor ideal, embriagante e raro.

Vivia só. Jamais se lhe conheceu o passado. Que motivo o fizera deixar sua terra natal, a beleza decantada dos pampas famosos e vir buscar a solidão de nosso meio, onde parecia viver contente e onde soubera angariar a simpatia geral?! Todos o ignoravam. O fato é que a figura de mestre Ângelo sempre fora querida para nós, e, quando a morte o levou desta vida, não houve quem o não lamentasse.

Quanto a mim, sempre sentí sua estima e, hoje, em que a desgraça me tornou sua prêsa, dou graças a Deus por êle já não existir: tenho a grata certeza de estar poupando sofrimento inaudito a uma alma que me queria bem.

Lembro-me muito de como o deixei confuso num dia em que, quando todos escrevamos e havia silêncio profundo em nossa sala de aula, lhe fiz essa pergunta:

— Mestre Ângelo, por que há tanta desigualdade na vida?!

Ele me olhou, fixamente, como que meditando na grandeza de minha pergunta e respondeu-me, com amargura:

— Porque a Humanidade é muito egoísta, meu filho. Escreva.

De fato, até hoje ainda não conseguí solucionar êsse problema, cujo enigma me persegue, desde a infância; por que jamais pude, principalmente após a morte de meu pai, possuir um velocípede, trazer os

bolsos recheiados de bonbons e manejar uma infinidade de brinquedos originais como muitos de meus amigos ricos?!

Por que jamais tive à minha disposição sequer uma garrafa de guaraná e uma taça de sorvete, gulodices que só provava com os olhos ávidos, famintos, enquanto sentia a bôca sêca, a garganta queimante?

E por que, hoje, em que meus vinte e dois anos me aquecem a pele num florescer virente de primavera, meu sangue me escalda as veias numa necessidade de expansão, eu me sinto asfiziado, vendo sem ver, odiando a própria vida, odiando tudo?!

Por que as manhãs não têm encanto para mim e por que minhas noites são sem luar, quando as outras criaturas pisam estrada estrelada de rosas sem espinhos?!

Nasci marcado ou não sou humano?!

Goiânia, junho, 942.

(Do livro em preparo "Valéria").

Castro Costa

Gerson de Castro Costa é, hoje, um dos nomes de maior relêvo da intelectualidade goiana, já tendo, mesmo, ido ecoar fora do Estado, no Rio inclusivê.

Moço estudioso, inteligente e erudito, Castro Costa trabalha, com igual perícia, vários gêneros literários: — o ensaio, o conto, a crônica, etc., tendo publicado valiosas produções em revistas e jornais da Capital Federal, do triângulo mineiro e dêste Estado. Já venceu concursos literários da revista "Carioca", do Rio, e da Academia Goiana de Letras. Dirigiu, com habilidade e proficiência, "Folha de Goiaz", e está, atualmente, à testa de OESTE, revista que lidera o nosso movimento culturalista.

Na administração pública, depois de passar por vários postos de destaque, veio ocupar a direção geral do D.S.P., onde se tem havido com bastante eficiência, revelando-se um dos mais eficazes auxiliares do governo.

Pois o dia 2 do corrente foi o "dia do Gerson", isto é, dia em que fez anos o nosso estimado companheiro, que, ao ensejo, e pelas razões acima expostas, foi alvo de várias manifestações de simpatia, às quais juntamos as nossas.

Monumento ao Presidente Vargas

O Centro Acadêmico da Faculdade de Direito de Goiaz, que de um ano a esta parte tem agitado os meios intelectuais e estudantis do Estado, acaba de lançar uma idéia que bem a carate-



riza pela audácia e majestosa significação — a ereção de uma estátua ao Presidente Vargas, nesta Capital.

Isso representa claramente o amor que a população do Oeste tem pelo fundador do Estado Nacional. O monumento ao Presidente Vargas, sôbre comemorar a nova era que se abre ao Sertão Brasileiro, destina-se a perpetuar a lembrança de que foi o Presidente Vargas o primeiro Chefe da Nação a visitar Goiaz, fato de primordial relevância, pois representa a integração do Oeste à comunhão nacional.

Dando início à concretização da idéia, já entrou o "Centro Acadêmico", pelo seu Presidente, em contacto com escultores nacionais, com o intuito de obter orçamento e projeto da magnífica obra, devendo, brevemente, ser lançada a campanha destinada à obtenção do numerário bastante para a realização da idéia.

É mais uma iniciativa que dignifica a mocidade de Goiaz.

DITADURA

Conto de

CASTRO COSTA

Os regimes políticos de antanho criavam no interior do Brasil tipos verdadeiramente pitorescos. Eram, entre outros da mesma estirpe, os chefes políticos das vilas e povoados. Ignorantões, imbecis, na maioria das vezes guindados a essa posição por circunstâncias meramente acidentais, tornavam-se os factotuns das populações de suas respectivas tabas. Chamavam-se coronéis.

O coronel Lúcio Francisco, de Darova, cuja história vou tentar reproduzir, foi um autêntico representante dessa casta tão pródiga para com o anedotário nacional.

Era mulato, muito aproximado de negro. Sua vida começou, lá pelo ano de 1895, como simples candieiro, guiando, por entre bibocas escarpadas, carros de bois que transportavam produtos da lavoura de uma para outra fazenda, nos interiores goianos.

Era então o que se poderia dizer um moleque esperto.

— Ôa! Fasta, Mimoso, fasto! — ei-lo, ligeiro, a bater rijamente com a vara-de-ferrão nos chavelhos de um pobre bovino.

De candieiro passou a barganhar de garruchas e revólveres velhos, a comprador de cavalos, a líder de botequim.

Quando, alguns anos depois, se fundava Darova, apareceu Lúcio Francisco, acompanhado de u'a mulher de sua classe e côr, entendida em bruxarias e rezas bravas. Estabeleceram-se.

Os darovinos falaram de sua procedência incertamente. Teria matado um garimpeiro de diamantes na estrada de Pirenópolis, roubando-lhe quarenta mil cruzeiros que levava, seria o autor de um saque à igreja de Córrego-Manso, teria herdado de um padrinho sem filhos — eram versões que rodavam de-bôca-em-bôca, procurando justificar os mil réis que Lúcio trazia na burra.

Aí viveu até que o lugarejo, com o tempo, virou vila, com meia dúzia de votos à política dominante. A independência financeira, entre uma gente miserável que hoje plantava nos quintais o que havia de comer

amanhã, o fez o figurão de Darova. Naturalmente indicado, fez-se o chefe de todos, cabendo-lhe decidir sôbre o direito a um leitão que porventura houvesse fugido de uma para outra chácara, e questiúnculas do mesmo quilate.

As honras de coronelato chegaram-lhe nessa época. Coronel Chicão... Gostava do aumentativo, porque lhe dava umas ressonâncias respeitadas de capador e de torcedor de peçoços.

Esse prestígio lhe lançou dentro dos bolsos alguns níqueis a mais, autorizando-o a estabelecer-se com o comércio varejista de tecidos, armarinhos, ferragens, etc.. Era a "Casa Chicão", de Lúcio Francisco — a mais antiga da praça.

Já aí o homem era um coronel convencido de sua inabalável importância. Engordara extraordinariamente, alcançando cem quilos à balança, ganhara papadas de suino e sabia desenhar o nome, cavalgando no nariz chato uns óculos baratos de aros azinhavrados. Ei-lo assentado em seu grande tamborete, a uma extremidade certa do balcão:

— Pedro! Peeedro! Menino, diabo! Vá buscar o café lá dentro, correndo! Ande!

Ninguém poderia ocupar seu tamborete, entre os demais da loja. Era especial, amplo, e o couro crú não era inteiriço, como nos outros: era de duas largas tiras dispostas à-feição-de uma cruz grega.

— Isso é para ventilar — explicava êle, instalado.

Era aí, sem mais protocolos, que dava audiências. Decidia de tudo. Era juiz, delegado, conselheiro, sem ter nenhuma função pública. Mas ia de-vez-em-quando à Capital e de lá voltava contando intimidades de Carvalho (Carvalho era o presidente do Estado), de-modo-que a população o elevava a ilustrado, a diplomata.

— Conversando com o Carvalho — começava êle numa roda, de-tarde, à sua porta — êle me disse francamente (não dispensava um "francamente"), assim, pra mim, que não está satisfeito com o Zói de Gato.

Zói de Gato era o sub-intendente. Todo mundo aí tinha o seu apelido pejorativo, à força de cuja malícia se designava alguém que estivesse ausente, amigo ou inimigo. O próprio Lúcio Francisco era chamado Pançudo, mas — ai! — se soubesse...

Outra vez lhe apareciam dois roceiros, de roupa suja, que vinham em traje de trabalho discutir uma questão qualquer.

— Coroné, nós viemo aqui para resorvé um negoço...

— Vai dizendo lá!

— Nós tinha combinado que a coiêta do miio dêste ano...

E o Coronel lá estava, ouvindo, empavonado.

Na intentona de 1924, quando um bando atrevido de homens percorreu o interior de Goiaz, dizendo-se elementos de Isidoro Lopes, não se temeu a queda do governo por cá. O coronel Chicão, nessa época, bancou o valente. Arregimentou gente na zona rural, para "manter a legalidade". Se era preciso, mandava até laçar um tabaréu arisco.

Quando, porém, estalou a revolução de 1930, suas convicções partidárias se abalaram miseravelmente. O primeiro telegrama o fulminou.

— Hun... Minas e o Rio-Grande? Tamo perdido, cumpadre.

O homem adoeceu. Já não comia linguça com feijoada às 10 da noite, antes de ir para a cama.

— Vamo pro sítio, cumpadre? Isso tá cheirando estrume de gente...

Na sua fazenda, a três léguas da vila, atafulado ainda mais no interior, portanto, o Coronel vivia doido por notícias, andando de um lado para outro, na varanda da casa. Mandava vaqueiros a Darova, a-fim-de saber das novidades. Mas nada lhe vinha de positivo. Eram boatos e mais boatos, que mais o martirizavam. Sentia-se como culpado de alguma coisa e emagrecia a olhos vistos. Dizia-se vagamente que os revoltosos triunfaram e que Carvalho estava preso.

— Cumpadre, a coisa tá preta, cumpadre. Nós vamo agora mesmo pra o Fundão.

Uma semana depois, o coronel Chicão de papadas de suino e de cem quilos à balança desaparecera. Na invernoada do Fundão, ocupava seu esqueleto um sujeito de olhos espantados, assustadiço ao menor ruído, metido dentro do rancho de pescadores, que lá iam em épocas propícias. Quasi não comia e vivia sob uma tensão nervosa de causar pena. Não mandava mais ninguém, frequentemente, à-cata-de notícias, temendo que na volta servisse de pista a seu esconderijo.

Enquanto isto as coisas se transformaram de-fato. Em Darova também. Os novos decuriões do Estado comissionaram um tenente da Polí-

A Jovem América

— e —

Waldo Frank

José Bittencourt

cia para ficar uns tempos como sub-intendente, o qual mandara trancafiar o Zói de Gato e mais alguns da terra.

Um preto velho, que ficara na vila com ordens de só ir ao Fundão no caso de assunto muito importante — importante “como vela pra defunto” — no dia dessas mudanças de chefes locais, julgou que o mundo havia acabado. Ouvira dizer, numa rodinha de esquina, que a oposição, ora assumindo as rédeas do governo, ia fazer o diabo, ia fazer e acontecer.

— A coisa está feita — dizia o Maneco Fiscal ao farmacêutico. O sr. vai ver que limpa, ali, na dura.

O boticário, talvez forçando uma rima (tinha a mania de rimar a prosa) para a última palavra que ouvira, recitou em voz pausada:

— Isto! Na dura! O que vamos ter é uma ditadura! Uma ditadura, sim, senhor!

Aquilo pareceu ao negro velho, que não sabia o significado do termo, o anúncio dos infernos.

— Que coisa horrível, meu Deus! — teria pensado.

Montou seu rocinante pedrês e foi bater no Fundão, a-galope. Esbafo-rido, visivelmente emocionado, pôs-se diante do patrão para dar a notícia:

— E'... é a ditadura! Já prender todo mundo — exagerou, querendo condensar os fatos em poucas palavras.

O Coronel, por sua vez, nada entendeu e supôs de-certo qualquer catástrofe irremediável, a polícia — quem sabia? — que o vinha prender também. Esbugalhou os olhos desmesuradamente e tentou falar, numa expressão de curiosidade molenga de idiota:

— Dita... ta...

E se derramou no chão. Morreu.

Nota do autor: — Qualquer similitude com pessoas ou fatos reais será mera coincidência. Este conto é fruto exclusivo de fantasia.

UMA DE LUIZ XIV

Anunciaram a Luiz XIV a morte do Cardeal Mazarino.

— Sire, S. Eminência entregou a alma a Deus.

— Duvido que Deus a tenha recebido.

GABINETE ELÉTRICO

DE

Alvarenga Peixoto

Especialista em dentaduras anatómicas com ou sem abóbada palatina, cirurgia da boca e remoção de protuberâncias para adaptação de aparelhos protéticos.

Trabalha a palacril. Serviço rápido com o mais luxuoso acabamento

Rua 20 — Goiânia

O clima da América é propício a um sentimento comum de uniformidade no pensamento espiritual. Há uma curiosa mensagem de beleza e de indagação instintivas nas suas mais diferentes paisagens. A América não se distingue por este ou aquele povo, esta ou aquela nação, mas como um novo continente, abrangendo o norte e se estendendo até ao sul com um admirável sôpro social de unidade. O fenômeno de suas introspecções sociais é uma complementariedade de culturas principiadas pelo desejo de uma criação mais pura de inteligência e de trabalho. Essa nobreza democrática é uma conquista expressiva dos latino-americanos, promovendo a união dos contactos diretos pelo amor da perfeição natural que vitaliza as forças de solidariedade entre as nações do continente. Talvez isto seja uma consequência do prolongamento de valores históricos, projetados, no futuro, à luz da convivência prodigiosa de homens que substancializaram a sua fé nos mais fundamentais princípios da liberdade dos povos que defenderam e continuam a defender com entusiasmo.

Em Waldo Frank, o secreto impulso de melhor conhecer a gloriosa ascensão espiritual da América foi uma intuição que se completou, mais tarde, no trajeto de sua vida de escritor universal. Ele fez o seu itinerário na descoberta de uma presença de vitalidade comum nos povos americanos que consubstancia a sua obra de revigoramento social e político formando uma nova mentalidade de compreensão e atitudes correspondentes. Foi sincero proclamando a sua paixão pelo que encontrou nos sentimentos dos brasileiros, argentinos, uruguaios e chilenos, isto é, aqueles mesmos laços de espiritualidade que possuem qualquer coisa de idêntico aos dos filhos da grande nação ianque. Aqui, ali e mais adiante, como lá, existe um novo sentido social, um humanismo poderoso e fecundo que faz desaparecer as diferenças raciais ou linguísticas, confirmando a virgindade de uma só aspiração configurada numa só etapa da vida continental.

Esta teoria, manifestada através de uma admirável fraternidade de

olhares, é um fluxo diferente de emoções e de aspectos íntimos. Os escritores desta geração americana foram sempre unânimes na preferência genérica de uma mesma idéia que os levassem a promover a abolição da fronteira linguística no hemisfério ocidental. O mundo americano não pode, jamais e em tempo algum, ser considerado como um trágico acaso na conformação de sua geografia ou no estudo da sua história. Alfonso Reyes, Waldo Frank e outros, contemporâneos ilustres que foram os batalhadores dessa conciliação generosa e construtiva, generalizaram, intuitivamente, o objeto do esclarecimento social da América e instauraram um pensamento vivo que é, hoje em dia, a soberba realidade complementar do panamericanismo.

A América para ser compreendida, efetivamente, necessita da utilização dos seus propósitos históricos, readaptando-os ao estudo da sua anatomia política. E foi assim mesmo que Waldo Frank, coerente com as interpretações panorâmicas de todos os homens e de todas as raças, divulgou a homogeneidade do destino político-poético americano, aprofundando, com riqueza de documentário, as suas afinidades genéricas essenciais à perene totalidade dos impulsos da cordialidade humana. Eis porque os seus livros devem penetrar na substância da alma do homem que habita o “mundo do futuro”, incutindo, nele, o jovialismo de uma doçura fraterna que simplifica a computação dos seus sentimentos contemporâneos. E o inesperado deste propósito de elevada significação continental é a recomposição das energias desencontradas dos que, martirizados por ideologias exóticas, não aspiram o ar puro de sua liberdade, incapacitados que estão de lutar pelo triunfo das suas idéias emancipadoras. Na América, definiu bem Waldo Frank, não há fronteiras de raça ou de línguas. O que há é um povo unido, coeso, forte, vivendo à sombra do progresso, construindo a sua história sob o influxo de nobres princípios, necessários à defesa de sua soberania e ao respeito pelos direitos que têm os povos do mundo.

UMA POESIA CÉLEBRE

— XAVIER JÚNIOR —

Há uma poesia modernista que está ficando célebre. Intitula-se "No meio do caminho" e é do sr. Carlos Drummond de Andrade. O título é antigo. E' a tradução do começo de um verso de Dante. O erro de gramática, no fim da primeira linha, prejudicaria a prova de português de um aluno primário, mas é um requinte ao sair da pena do poeta. O erro se repete como estribilho, para não haver dúvida. Na sétima linha (escrevo linha, pois somente na quinta é observada a cadência, que define o verso) há outro erro de gramática, evitado duas linhas acima. Eis a poesia:

"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

"Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra."

Afirmam os apreciadores que se trata de poesia pura. Não há retórica. Não há gramática. Não existe artifício. Não impressiona agradavelmente o ouvido. Não estimula a inteligência. Não atinge a sensibilidade. E' poesia pura.

Se o vento soprar, esbarrará na pedra que está no meio do caminho. Se trouxer poeira no seu movimento, alguns grãos de areia ficarão na pedra. Se transportar sementes, elas não conseguirão brotar sobre a pedra. Se chover, algumas gotas molharão a pedra, sem resultado. Se passar um pedestre descalço, poderá machucar na pedra a ponta do artelho. Se o transeunte fôr um burro, dará nela com a ferradura ou o casco. Se o viandante for um cachorro, levantará a perna, ao passar por ela . . . E isto lhe trará melhor sorte, do que se um pássaro displicente sobrevoar o meio do caminho . . .

O mineral, o vegetal, o animal e o homem terão percebido que

"no meio do caminho tinha uma pedra".

Aí está a razão da notoriedade. Dispensa a compreensão. Pascal achava que o nosso coração possui razões que a razão desconhece. A poesia pura dispensa as razões do cérebro e as razões do coração. Está além do sentimento e do raciocínio. Além, do próprio irracional. Além, do vegetal. Confunde-se com o mineral. Precede a evolução das espécies ou o Gênesis, antes que Deus dissesse: "Haja luz". E houve luz. Ora, se a poesia pura busca ser mais primitiva do que a própria criação, mergulha nas trevas do caos, e é "sem forma e vazia" . . . Corresponde ao desenho em que o garatujador se esforça para imitar o rabisco de uma criança, manejando o lapis pela primeira vez. Pode ser negação da arte, mas adquire celebridade.

O sr. Gilberto Freyre, num artigo recente, depois de apresentar os motivos pelos quais recusava uma polêmica, resumiu-os na citação do estribilho do sr. Carlos Drummond de Andrade. Deu a êsse o sentido, que não possuía, de uma dificuldade intransponível. Incorporou-o, como idiotismo, à língua portuguesa do Brasil. De agora em diante a pedra continuará no meio do caminho:

"No meio do caminho tinha uma pedra".

EU TENHO UM BUGRE DENTRO DE MIM



Eu tenho um bugre dentro de mim, tenho . . .
Sinto-o nesta paixão antiga por caçadas,
no prazer infantil de andar no mato,
na profunda afeição pelas coisas agrestes.

Eu nasci nas matas do Rio Doce.
"Minha bisavó foi pegada a laço" . . .
Talvez seja por isso que eu não gosto de arranha-céus
— estes jequitibás mortos, sem folhagem,
no carrascal das cidades;
não gosto de apartamento onde o ar
só entra pelo conta-gotas das janelas;
não gosto de asfalto . . . Deixa o solo
sem poros como cicatrizes de queimadura;
nem de estátuas eu gosto,
lembram cadáveres congelados . . .

Eu tenho um bugre dentro de mim,
diluído no meu sangue, tenho . . .
Sinto que êle me arrasta
para a fragrância balsâmica das matas,
para a música das cachoeiras,
para as noites leitosas de luar,
para a majestade serena dos grandes rios,
para o marulhar cantante dos regatos,
para o verde dos mares,
para o azul dos céus,
para o silêncio repousante dos lagos adormecidos. . .

Ainda é êle, o bugre, que me impele
para a árvore de junco do teu corpo,
para os galhos roliços dos teus braços,
para a floresta escura dos teus cabelos,
para as águas dormentes dos teus olhos,
para o fruto vermelho da tua boca,
para os passarinhos que cantam na tua voz . . .

Eu tenho um bugre dentro de mim, tenho!
Por que, Senhor! não fiquei só no bugre?
No bugre livre de sêlo,
livre de folhinha,
livre de relógio,
livre de roupa . . .
No bugre livre! livre! livre!

RIO — MAIO — 943

DEMÓSTENES CRISTINO

Jeremias vivia dos seus sonhos

M. A. Felix de Sousa

“Cada doido com a sua mania”, sempre ouvi o Manoel das Moças repetir isso. Acabei apredendo a cousa, dando na mania de procurar as manias de cada sujeito das minhas relações.

O Manoel das Moças, êle próprio, tem a mania dos ditados e anexins. Num deles encontrei o vêzo de fazer perguntas inúmeras a respeito das maiores insignificâncias; noutro, o trabalho de perder uma hora no dia a fazer a sesta em uma rede; em outro, a mania da grandeza, grandeza esta revelada em bruto anel de brilhante no dedo magro; noutro, enfim, o inferno de contar anedotas, mesmo as imorais.

O peor doido que encontrei foi o Jeremias, o cara mais exquisito que já ví. Tôda a sua biografia: viver inútilmente, dentro de um arcaico terno preto, acompanhado duma bengala e duma lata de rapé.

E quem mo apresentou foi justamente o Manoel das Moças, êste velho gaiato que, enfezado com a vida, há pelo menos trinta anos não põe os pés nas ruas da cidade. Vive numa janela de sua casa a espreitar quem lhe dê um dedinho de prosa, e aguenta, em troca de gostosa chicara de café, com paciência, os seus inúmeros ditados.

O sujeito sabe da vida de todo o mundo. A começar da vida do Juiz de Direito. E' uma língua terrível. Creio que o Manoel das Moças existiu antes da cidade. E' velho, rijo como o jatobá. Muito às escondidas de sua mulher, que não gosta de brincadeiras, conta baixinho uma bruta pornografia. Para os velhos há sempre um desconto em suas safadezas. Há êsse desconto como se perdoa a quem até hoje dota uma bengala para ocupar uma das mãos vadias.

Recordo-me agora de outra mania obsedante. E esta à minha, muito minha. Sou incapaz de contar um caso resumidamente. Gosto do flocado; adoro ser prolixo. E, então quando me meto a falar de bengala e de homem que a use, principalmente se o tal é um gordo bonachão, Deus nos acuda! . . .

A mania de Jeremias era contar os sonhos seus. Tôdas as noites o diabo do homem sonhava e sempre com cousas boas. Tenho a impressão de que o Jeremias jamais teve um pesadelo, nem mesmo o corriqueiro, que tôda gente tem, de correr loucamente, impunemente, de um touro bravo.

Se êle sonhasse e ficasse com o sonho para si, muito bem! A desgraça é que ficava doidinho para encontrar, logo de manhã, um desprevenido que lhe ouvisse a história.

Encostava-se a um poste, à espora. Lá vinha o incauto subindo a rua para ir ao açougue.

— “Venha cá, moço, escute isso!”

E ninguém conseguia escapular do Jeremias.

— “Sonhei esta noite, moço, uma cousa extraordinária. Imagine que, envolto em leve e alva túnica, assistí a uma aula de Aristóteles, junto à Acrópole de Atenas. . . .”

O camarada logo se enfiava, não sabendo patavina dêsse negócio de Aristóteles, Acrópole e Atenas.

Justamente isso que o Jeremias desejava. Devagarzinho retirava do fundo da algibeira incomensurável a lata de rapé. Dava-lhe uns piparotes antes de abri-la. Extraia uma pitada e, antegozando a história, sorvia, pelas narinas escuras, umas dez gramas do pó. E estava prontinho para martirizar a humanidade personificada em sua vítima eventual. Eis a grande oportunidade de externar sabedoria. A Grécia antiga via fogo com o homem. Ia por tudo aquilo, descrevendo maravilhas de um mundo morto.

— “E, moço, você não sabe o quanto sentí acordar!”

Certo dia o cara pegou-me de rijo. Uma história completa de Venêza, que ouvi. No sonho êle era doge e passeava, risonho e contente, pelo grande Canal. Rodeava-lhe uma porção de pequenas estontes-antes, cantando o “Gondoleiro do amor”. Houve quasi uma grande tragédia.

Certo jovem se enamorara de uma das pequenas. Enraivecido ao vê-la na gôndola do doge amoroso, não sufocando o ciúme, precipitase de uma ponte sôbre a embarcação e . . .

— E, moço, você não sabe o quanto sentí acordar. Creio que mataria o homem. Legítima defesa de minha pessoa e de minha satisfação de navegar sôzinho entre garotas. . . .”

O fato é que possuia escandalosa fama de conhecer a fundo tudo o que se refira à história da humanidade. Tanto banzava seu pensamento pelos recantos mais remotos da história, que parecia ter dêsses sonhos maravilhosos, terminados sempre no ar, por uma ocorrência inesperada.

Medos e persas. Civilização indú e chinesa. Dário, Leônidas, Cleopatra, Cesar, Cromwell. Mouros e gauleses. Navegações, descobrimentos, grandes invenções. . . . o diabo, enfim, o homem conhecia.

Para não prejudicar ao ouvinte, acabado o relato do sonho, discorria longa e deliciosamente sôbre o seu assunto.

Tornei-me amigo do Jeremias. Gostava. Aprendia aquelas cousas em que eu era leigo inveterado. Manhosamente dava um jeitinho para penetrar em seu gabinete de trabalhos, lugar vedado rigorosamente a todos os estranhos. Ali, naquele gabinete, Jeremias emprendia (era voz corrente) uma grande obra destinada a ser o ponto final das pesquisas humanas através da história.

— “Sei, moço, que não valho nada; mas tenho os sonhos de um varão de Plutarco”.

Não sabia o que vinha a ser varão de Plutarco. Ficava, silencioso, mastigando o dito. Decerto um daqueles varões escrevera grande obra sômente sobrepujada pela que o Jeremias compunha.

O maior admirador do homem, no entanto, era o Manoel das Moças, cujo maior prazer cifrava-se em ouvir as palavras do Jeremias, enquanto êste, descansando a lata de rapé, tragava devagarinho o café da d^a Maria.

— “Sua senhoria deve prestar muita atenção no Jeremias. E' um grande homem. Sabe cousas do arco-da-velha. Sabe mais que o juiz de direito”.

Ante a minha dúvida cautelosa e justificada, dizia:

— “Sua senhoria já ouviu o juiz falar em cousas assim bonitas? Discursos do Jeremias até os anjos gostam de ouvir. Êle possui uma papelada que dá para encher a igreja. O juiz, que tem? uns livrinhos de direito. . . terminava com desprezo.

Na manhã mais linda de minha vida, encontrei-me com o Jeremias em casa do Manoel das Moças. Lata de rapé que sai do bolso; dedos que nela penetram e saem sujos de pó; dedos que vão ao nariz e um sôrvo profundo e gostoso.

— “Venha cá, moço, escute isso!”

— “Sonhei esta noite, moço, uma cousa extraordinária. Você nem pode de leve supor como é agradável navegar longamente em caravelas ligeiras. Imagine com quem viajei?! Com o Cabral, menino, o

DONA GERCINA BORGES TEIXEIRA



grande almirante Cabral! Uma festa”!

— Parou uns minutos esperando que eu me mostrasse confuso sem saber qual foi o negócio do Cabral; mas, eu sabia. — “Fomos — continuou — navegando pelo mar bravio, evitando as ocidentais calmarias africanas. Eis senão quando avistamos terra. Era o Brasil, moço! eu sabia que era. Velejamos breve e conseguimos aportar em vasta e fresca baía, cercada de palmeiras esguias, batida pelo sol. O que vimos, então? Uma garota bronzeada que pula nas venerandas barbas de Cabral; outra que se enrosca e se perde na vastidão da batina de frei Henrique; mais outra, outra mais, um rosário de garotas pulando para a embarcação. Caiu-me uma nos meus velhos braços... Uma delícia! Quando a cousa estava ficando formidável, o safado do frei Henrique manda Vaz Caminha tocar a campainha para a missa, — a primeira missa que se rezava no Brasil. Para evitar a xaropada, corro com a garota para a mata e... e, moço, você não sabe o quanto sentí acordar!”

Havia sorrisos sensuais nos lábios do Manoel das Moças.

Dias após soube que o Jeremias passava mal de uma congestão. Corri para a sua casa. Entrei pelo quarto a dentro sem nem mesmo me lembrar de pedir licença. Olhei-o. Dei um dedinho de prosa com a sua comadre e resolvi passar a noite com êle.

Entristecia-me saber que nunca mais poderia ouvir a sua palavra. Jeremias dormira...

A comadre chorava, desconsolada.

Cutras pessoas, chegadas à última hora, rezavam.

Furtivamente passei ao gabinete de Jeremias. E sobre tósca mesa descansava, poeirento e velho de uso, o único livro que ali se via: um compêndio de história universal

A ÚLTIMA DE VOLTAIRE

Voltaire, já às últimas, recebeu a visita do padre:

— Senhor, venho confessá-lo, como ministro de Deus.

— Apresente, então, as suas credenciais...

E' difícil, sem dúvida, comentar datas natalícias como a da exma. sra. da. Gercina Borges Teixeira. Porque, sinceramente, não encontramos palavras suficientemente expressivas com que, ao grato ensejo, falar de sua figura inconfundível e de sua obra marcante.

Contudo, tão admirada e querida se fez a primeira dama do Estado, de seus compatriotas, mercê das magníficas qualidades que lhe ornaram o caráter e o coração, que, por este lado, é-nos fácil falar, sem constrangimento, do dia 26 de Agosto, em que se celebra a feliz efeméride. E' que, elogiar pessoas do poder é sempre perigoso, pois se corre o risco de não ser compreendido. Todavia, em relação ao caso presente, cremos que é impossível a incompreensão. Porque dona Gercina é dona Gercina: — vulto ímpar de alta linhagem, que, desde longos anos, vem realizando, em Goiaz, um verdadeiro trabalho de missionária. Suas mãos sempre se estenderam aos pobres, seu coração sempre se abriu às queixas dos humildes, sua vontade sempre se traduziu em gestos esplêndidos de caridade.

Mãe extremosa, é ainda dona Gercina esposa exemplar e cidadã de alto porte, a ela devendo o nosso grande Interventor parte influente em sua vitoriosa carreira de homem público.

A' frente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência e de outras instituições

filantrópicas, a ilustre aniversariante ampliou a sua esfera de ação benfazeja, cunhando de um brilho inextinguível a sua atuação nesses setores de atividade.



Por tudo o que aqui vai dito, e por muito mais ainda, foi dona Gercina, com muita justiça, cognominada a “Mãe dos humildes”. Dia 26 de Agosto é, por isso, um dia em que de cada lábio de mulher goiana sobe aos céus uma prece pedindo pela ilustre dama. Eis o porque desta nossa homenagem, que foge, como se vê, ao convencionalismo protocolar.

É preciso organizar a economia dentro dessas idéias de amor e de fraternidade dos povos pela colaboração, pelo comércio pacífico, suprimindo, custe o que custar, as tiranias e os imperialismos. — GETÚLIO VARGAS.

ARAÚJO - ALFAIATE

CASEMIRAS - LINHOS - BRINS e TUSSORES

Avenida Anhanguera -- Goiânia

“Sôbre as Ondas” -- Valsa

J. B. Felix de Sousa

Maria dos Anjos sentiu-se cansada. Era sempre isto. Arranjava as “bandeiras” com laçarotes e flores de papel vermelho; preparava o chá; ajudava a fazer os bolos; servia e vigiava as crianças; sabia a hora de mandar servir licor de genipapo ou murici para os convidados e conhaque para os músicos. Depois, antes da festa se acabar, seu desejo era só tirar os sapatos, deitar-se, desaparecer dali.

No salão, os pares se enlaçavam, dansando. Por tôda parte, rodas de velhas tagarelando, homens discutindo. No terreiro a criançada brincava e as sombras dos meninos se projetavam enormes, exquísitas, na parede. O vento fazia as labaredas da fogueira bailarem numa sarabanda louca, enquanto mil fagulhas subiam para o céu. Na ponta do mastro, na bandeira vermelha, São João debruçava-se sôbre o cordeiro.

As fôlhas de bananeira iam e vinham baluçando e as fôlhas da mangueira, sacudidas pelo vento, refletiam o clarão da fogueira, parecendo mil estrelas buliçosas e distantes.

Maria dos Anjos estava mais cansada que triste. Debruçou-se na janela e ficou olhando as crianças brincando de roda e escutando suas cantigas e algazarra.

Lá dentro nem a orquestra nem os pares se cansavam.

Só ela não se divertia, nem achava graça mais em nada. Por que?

Lembrava-se dos tempos em que um baile era um acontecimento em sua vida, da alegria que era para ela uma festa de São João, da ansiedade com que esperava a festa do Divino ou de São Sebastião. Para cada uma delas tinha um vestido, sapatos, tudo novo. E sempre uma nova esperança. Esperança de que? Ia tão longe êsse tempo que ela mesmo nem se lembrava mais.

Depois vieram os tempos em que ia aos bailes sem muito entusiasmo, com um pouco de receio. Já ia ficando esquecida num canto, “fazendo croché”, sem poder revelar sua amargura, sua inveja e despeito. E com que raiva e vergonha saía com algum tio velho e desfrutável que dansava mal, ria, falava alto com todos, fazia graçolas e ainda se metia a “marcar” a quadrilha!

Depois, nem isto. Era arranjar altares e andores e bandeiras de São João; ajudar todas as festas; vestir todas as noivas e todos os “anjinhos” da cidade. Só. Mas ela era ainda, como nos tempos em que fôra o

melhor par dos salões, imprescindível em qualquer festa. E ia a todas elas como quem cumpre uma obrigação.

Fora disso, suas rezas, seu gato e suas saudades.

Suas saudades . . . Não falava de inúmeros pedidos de casamentos enfeitados, que as “títias” sempre contam, à guisa de consôlo, ou como uma satisfação para que não pensemos mal ou duvidemos de sua reputação ou de sua beleza passadas. Ninguém nunca descobrira com ela velhas cartas, flores murchas, restos dalgum velho amor esquecido. Se saudades tinha, ou recordações guardava do passado, era no recôndito do coração. E a ninguém jamais quis revelar.

O terreiro já estava silencioso. As crianças tinham ido para a cama. No salão o baile continuava ainda animado.

Uma voz gritou:

— Uma valsinha, maestro!

E o piston cantou, acompanhado por um gemebundo bombardino, o violão e o cavaquinho, uma valsa antiga.

Maria dos Anjos foi sentindo como se alguém fosse lhe apertando o coração entre as mãos, cruelmente, devagar. E seu pensamento fugiu da festa, do lugar em que estava, e a levou até a casa de seu pai; há quantos anos já?

Não dormira ainda. De repente ouviu passos na calçada. Alguma serenata? “Ele”? Não resistira e fôra até a janela. Abriu a fôlha um pouquinho e através da veneziana olhou lá fora. Lá estava “êle” dando corda num gramofone, que pusera no chão. Ouvira um chiado e depois saíra da bôca do aparelho, que parecia o baixo que Quilú tocava na banda “Santa Cecília”, uma voz grossa: “Sôbre as Ondas — valsa” . . . E ficara escutando a valsa, sem se arredar da janela, olhando a silhueta “dele” através da veneziana. Depois (teria adivinhado?) “êle” se aproximara da janela e dissera baixinho:

— Eu te espero no portão.

Como lutara entre o desejo de ir e o medo e a vergonha! Com que sobressalto ouvia cada pequeno barulho enquanto se vestia no escuro e às apalpadelas fôra até o fundo do quintal!

Lá, silenciosamente, “êle” segura-

ra sua mão; depois a enlaçara e a beijara longamente. Que sentira? Só que o coração parecia querer saltar e que as pernas se dobravam trêmulas. Sentira mais angústia que prazer. Depois, arrependimento.

Alguém vira?

Começou a achar que todos a tratavam diferente. Uma vergonha, um desejo de desaparecer para sempre e nunca mais encontrar os olhos da mãe . . .

E “êle” partira para sempre, levando seu coração e deixando-lhe só a pungente recordação daquela valsa e daquele beijo . . .

— Que isso, Maria dos Anjos? Você está chorando?

— Oh! Não! . . . Não! E’ a fumaça da fogueira . . .

No meio do terreiro deserto e escuro brilhavam, como rubis perdidos, as últimas brasas da fogueira.

Cinco Vultos

Meiapontenses

Editada pelo Instituto Genealógico Brasileiro, acaba de aparecer a obra “Cinco Vultos Meiapontenses”, escrita por Jarbas Jaime, o conhecido literato goiano, que se tem dedicado a estudos sociais do Brasil Central, principalmente de história e genealogia, dos quais revela profundos e metuculosos conhecimentos. Espírito ágil e alerta, Jarbas Jaime é ainda dotado de grande encanto pessoal, que faz dele hábil “causeur”. Numa linguagem agradável, rica de detalhes pitorescos, o autor estuda a vida de cinco vultos nascidos em Meia-Ponte—Pirenópolis atual, mas que tiveram projeção marcante no cenário estadual e nacional.

São os seguintes os biografados:

- 1º — General Xavier Curado
- 2º — Comendador Joaquim Alves
- 3 — Padre Camargo Fleuri
- 4º — Vigário Nascimento
- 5º — Senador Gonzaga Jaime.

No início da obra há essa advertência do autor “Em nosso humilde trabalho a seguir, não pretendemos senão perpetuar a memória de cinco varões ilustres de nossa terra, a-fim-de que seus nomes não sejam lançados em esquecimento, à fúria destruidora do tempo”.

Na verdade, Goiás tem um grande patrimônio histórico-cultural que já vem sendo estudado; e à mocidade cumpre perpetuar a memória de vultos do estalão dos biografados por Jargas Jaime, que forneceu à história de Goiás um cabedal de alto valor.

Se a Polícia

“Cismasse”...

Hélio A. Lobo

Estamos no século dos esportes, das luzes, do “farol”, da criança (observa Tristão de Ataíde que o século da criança lhe dá todos os direitos, menos o de nascer...), das guerras mundiais, da propaganda. Sim, da propaganda principalmente.

Propaganda em todos os sentidos. Per todos os meios possíveis e imaginários. Em toda parte.

Nas grandes metrópoles, ela infesta as ruas de “camelots” imperitinentes, vendendo por migalhas elixires de longa vida ou o grande prêmio da Federal, com a dezena da cobra ou a centena do jacaré.

Invade os estribos democráticos do bonde, atordoando os ouvidos do “pingente”, doutor sem dinheiro ou capitalista analfabeto e pão-duro, a proclamar a delícia do pacotinho de balas muito sujo, é verdade, mas que é “de luxo” e custa apenas quarenta centavos.

Ganha os muros, as paredes, as pedras, os merros, os terrenos baldios, o asfalto e o tópo dos arranha-céus.

Domina a imprensa a tal ponto que muitas vezes se desconfia até do “artigo de fundo”, com o receio de que sua “chave de ouro” seja a indicação de uma droga ou pílula infalível para o fígado...

Arrabata o espaço, através das rádio-emissoras, cantando em prosa e verso, pela voz de tenores e sopranos, o perfume de um sabonete ou o sabor de uma sardinha...

Reveste-se, enfim, dos mais variados matizes, das mais excêntricas roupagens.

Até nas mais recônditas regiões do “hinterland” encontramos a propaganda.

Nas tábuas descoradas de uma velha porteira. Nos penhascos dos caminhos empoeirados e longos do serão. Nos quadros ingênuos de uma folhinha “de desfolhar”, disputado “brinde a amigos e freguezes”, ou nas côres berrantes de uma ampla folhinha repleta de anúncios de produtos farmacêuticos, verdadeiro Chernoviz de parede...

Nas páginas encardidas de um almanaque cheio de horóscopos para gregos e troianos ou de círculos cabalísticos que mãos nervosas de roceirinhas casadoiras percorrem a medo, sondando o futuro.

Até mesmo na voz lenta e preguiçosa do pregoeiro, nos leilões de

POEMA DO ORGULHO HUMILHADO

Sentí que o orgulho imenso de ser homem
Erguia minha fronte para o alto inatingível
E soberbo caminhei por entre os homens.

Ouvi a gargalhada louca dos que riem e dos que gozam.
Ouvi a voz dos grandes, dos nobres e dos vitoriosos.
E ouvi os hinos de triunfo de todos os homens.
Mas meus olhos erguidos para o inatingível
Sorriam num espasmo de ânsia e de infortúnio
Como se contemplassem a grandeza, a glória e imarcessíveis gozos...
... E orgulhoso segui por entre os homens.

Ao escutar porém a voz de um miserável
Encelhido sobre um montão de entulho
Baixei a fronte ao peso do meu grande orgulho.

AFONSO FELIX DE SOUSA

novenas, ao som de charangas desafinadas, que “rasgam” valsinhas e dobrados, diante de barraquinhas ricas de bandejas de frutas, de perús e até de leitões assados, com condecorações de limão...

Tudo isto é natural, é humano e até divertido. Mais ainda: é século XX, como vimos, e portanto técnica também. Uma das tantas técnicas que por aí existem. E técnica “granfina”, incluída como cadeira autônoma nos cursos comerciais, e que reclama de seus “fans” muita psicologia, senso artístico, economia política.

A boa propaganda é necessária, absolutamente imprescindível.

O que é horrível, verdadeira calamidade, é a propaganda sem espírito e sem... gramática.

Que vontade danada a gente tem de ser pintor, por exemplo, e sair, como o maniaco daquele conto que se celebrou, a corrigir, armado de escada e pincel, pelo menos os letreiros garrafais que assassinam o vernáculo no cartaz de um botiquim que vende “çal” e carvão de “gáz ó geno”, ou no anúncio de um pão, que é o mais “ygiemco” da cidade...

Se a polícia “cismasse” com essa gente...

Nenhum bacharel menos bacharelesco do que o Presidente Getúlio Vargas governou o Brasil. Nenhum inclinou-se tanto às soluções sociológicas e econômicas dos problemas, dos quais alguns têm visto e sentido de perto. Nenhum mais lido naqueles escritores antes naturalistas do que retóricos, que desde Gabriel Soares e Souza nos põem em contacto com a terra crua do Brasil e com a gente nativa, mestiça ou adventícia das várias regiões.

GILBERTO FREIRE

“BRASIL”

COMPANHIA DE SEGUROS
GERAIS

Sede: Rua Boa-Vista, 127 — 2º andar
Caixa Postal 796 — SÃO PAULO

AGENTE GERAL PARA
O ESTADO DE GOIÁS

Willmar Guimarães

AV. ANHANGUERA

Edifício “MARMO-HOTEL”

CAIXA POSTAL, 69 — FONE: 1115

Goiania — Est. Goiás

Capital Inteiramente Realizado:
Cr \$ 5 000 000

✻

Opera nos seguintes
ramos de seguros:

“Fogo” — “Transportes Marítimos, Ferroviários e Rodoviários” — “Acidentes no Trabalho” — “Automóveis” — “Responsabilidade Civil” — “Acidentes de Trânsito” — “Acidentes Pessoais” —

Ricardo Paranhos

Pitanga do Prado

A 19 de abril de 1942, na modesta cidade de Corumbaíba fechou os olhos para a vida o eminente escritor e consagrado poeta Ricardo Paranhos.

Ao que se sabe, o desaparecimento do fogoso vate patricio não foi chorado com o devido sentimento, por parte dos seus inúmeros colegas de imprensa. Em tôrno dele observou-se, ao contrário, um grande e profundo silêncio, e apenas alguns jornais limitaram-se a noticiá-lo, isso mui lacônicamente.

Veterano da imprensa indígena, tendo palmilhado durante quasi tôda a sua vida a estrada sinuosa do jornalismo, Ricardo Paranhos construiu um nome respeitável através de campanhas memoráveis, de cruzadas magníficas, em prol das quais pusera todo o brilho da sua inteligência e todo o calor do seu patriotismo.

Quem quer que perlustre as coleções dos jornais em que trabalhara, há de notar, através de crônicas magistrais, a pujança de seu talento e a elegância de suas atitudes quando comentava os assuntos mais importantes e melindrosos da época.

Em tudo que escrevia, Ricardo Paranhos punha um pouco do seu espírito e da sua alma, produzindo páginas inesquecíveis, salpicadas, aqui e ali, de uma ironia fina, qualidade que lhe era inerente.

Era, às vezes, sensacionalista, relatando episódios impressionantes, cheios de mistério e de arcanos. Nesse gênero, Ricardo Paranhos deixou várias produções, entre as quais figura a que êle denominou de ENNES e MARIA. Trata-se de um infeliz mancebo que, por desdita, enamora-se de uma jovem camponesa, pela qual não tardara a morrer de amores.

Certo dia, querendo ver a mulher de seus sonhos e de suas vigílias, dirigira-se à sua humilde choupana que distava cêrca de duas léguas do povoado em que morava.

Acontece, porém, que a poucos

passos da porta daquela casa de campo deslisava um riacho de águas barrentas, gorgolejantes e traiçoeiras. As chuvas da véspera aumentaram-lhe consideravelmente o volume, que agora extravazava o leito.

Cheio de saudade, com o coração a saltar dentro do peito, eis que ENNES se aproxima do rio.

Do outro lado, na ribanceira, Maria, formosa como nunca, sacode-lhe o lençinho branco, num convite de alucinada ternura.

Mas, como atravessar o rio, se nas proximidades não havia um único meio de transporte? As embarcações que o poderiam conduzir à outra margem haviam sido levadas pela fúria das correntes.

Era preciso voltar e voltar não era o seu desejo.

Maria continuava a acenar-lhe, agora com mais veemência, com mais ardor, com tôda a pujança do seu afeto.

O jovem hesitou um pouco, compreendendo o perigo que se lhe adivinhava. Mas, vencido pela insinuação da noiva, ansiosamente atira-se nágua e tenta vencer o turbilhão das ondas.

Na margem oposta, Maria ri-se, orgulhosa, da façanha do seu amado.

Braçando vigorosamente, eis que Ennes sente que alguma cousa lhe impossibilita os movimentos e o arrasta para o fundo do rio. Em vão tentou libertar-se daquele obstáculo, empregando todos os seus esforços de exímio nadador.

Maria assistiu, afinal, ao lento sossobrar do noivo dos seus encantos, tragado por um enorme e desconhecido peixe.

Três meses depois, — particulariza o escritor, — entregara-se, ardente e submissa, ao primeiro homem que passara pelo seu caminho . . .

Ricardo Paranhos foi, não há dúvida, um prosador de raros méritos, não só pela elegância do estilo e

correção de linguagem, como também pelo gênio inventivo, pela sagacidade com que apanhava os assuntos e os coordenava para deleite daqueles que o liam.

Ainda está na memória de todos os seus leitores a série de artigos que publicou na imprensa triangular acêrca-da personalidade inconfundível de Bernardo Guimarães. E' um trabalho originalíssimo, baseado em fatos da vida do luminoso autor de "O Garimpeiro", ao tempo em que fôra Juiz Municipal em Catalão, no Estado de Goiás.

Poeta por temperamento, Ricardo cultivou com maestria todos os gêneros da poesia nacional, tendo as suas produções, nesse setor das letras, revolucionado os meios cultos e civilizados das grandes metrópoles brasileiras.

O Estado de Goiás tem um grande dever a cumprir para com a memória dêsse seu filho ilustre, que tanto o amou e o dignificou lá fora, graças à sua cultura e ao seu talento privilegiado.

Agora que a Associação Goiana de Imprensa tomou a si a gloriosa tarefa de prestigiar a classe dos intelectuais goianos, sobretudo de reviver a memória de todos aqueles que honraram Goiás nas belas letras, é de esperar-se que algo se faça nesse sentido.

Ricardo Paranhos merece um lugar ao lado de Higinio Rodrigues, de Felix de Bulhões, de Americano do Brasil, de Moisés Santana, de Hugo de Carvalho Ramos, de Joaquim Bonifácio, de Arlindo Costa, de Gastão de Deus, de Vítor Rodrigues, de Henrique Silva e de tantos outros nomes de valor, que vivem na saudade e no afeto do grande povo goiano.

Casa Azul

- DE -

Clementino Coelho

Tecidos, Chapéus, Calçados,
Armarinhos, Sêdas, Ferragens
Louças e Roupas feitas.

CAIXA POSTAL, 45 - FONE 1175

End. Telegráfico: "CASUL"

Av. Anhanguera

BAR E SORVETERIA PAULISTA

DE

Av. Anhanguera ■ IZIDORO HERRERO ■ Goiânia — E. Goiás

Bebidas Nacionais e
Estrangeiras — Doces
— Conservas — Etc.

Convite

A estrada do mar não deixa vestígios.
 Percamo-nos, Amada, nas águas do mar.
 A estrada do mar não deixa vestígios.
 O mar é longo, o mar é grande, o mar é hospitaleiro.
 O mar é o caminho de todos que como nós se acham perdidos.
 O rumor do mundo não abafa o nosso choro.
 Mas o canto do mar, as suas ondas afogarão nosso pranto.
 O canto do mar nos adormecerá.
 Partamos, Amada, pela estrada do mar,
 que o caminho do mar não deixa vestígios.

Poema

Que vento é este que atravessa a noite?
 Ele é calmo, tépido, amorável e docemente burocrático.
 Nada diviso nele de trágico ou furioso.
 No entanto, as pombas brancas abandonaram os ninhos,
 estão voando atônitas, apavoradas, inquietas,
 as penas assanhadas, como se sofressem.
 E as estrélas, meu Deus, se escondendo atrás de nuvens calmas,
 e as flores se despetalando, pendidas, exaustas,
 como guerreiros após terrível batalha.
 O vento é calmo, tépido, amorável e docemente burocrático.
 Porém tudo se transformou como por encanto
 à passagem desse vento tranquilo e suave.
 Que há no vento, meu Deus?
 Que vento é este que me põe arrepios na carne,
 acaricia-me os cabelos como mãos de mulher amada,
 acelera o ritmo de meu coração,
 impregna-me de um cheiro forte e desconhecido,
 e me impele, como mãos enérgicas e ásperas,
 para o escuro sensual, ansioso por um corpo níveo que me receba?

JOÃO VIANA DE OLIVEIRA



Quebra manual do babaçú -- Boa - Vista -- Goiás

Euclides da Cunha

15 de agosto marcará o 34º aniversário da morte de Euclides da Cunha. Embora escrevesse obras políticas, geográficas, exercesse funções públicas e militares e exercitasse a profissão de engenheiro, foi deveras com seu livro "Os Sertões" que se fez imortal, porque foi nele que a sua personalidade se afirmou na inteira pujança de sua coragem e de sua inflexibilidade.

Se outra pessoa qualquer, dotada de igual cultura, escrevesse a obra, teríamos um erudito relatório da Campanha de Canudos, ou quando muito uma monografia curiosa. Mas a luta dos jagunços broncos e rezadores na paisagem angustiosa das catingas baianas assumiu para o temperamento especial do artista aspectos apavorantes de grandiosidade dramática. Tão identificado estava o autor com a alma nacional, que a rebeldia, as ânsias, as amarguras, as dôres, as alegrias que atormentavam os fanáticos eram as mesmas ânsias, amarguras e rebeldias que amarrotavam a alma do artista. Fixando o drama caboclo, Euclides purgou seus conflitos mesmos, conseguindo realizar-se integralmente como idealista convicto. Daí o sopro de paixão que calda o livro, o entusiasmo adolescente que se evapora dele, a vivacidade das cenas, sobre cuja paisagem agressiva recortam-se tipos genéricos admiráveis de vaqueiros, sertanejos, altareiros feitos heróis.

Há quem veja no livro uma crítica ao militarismo, a cujo seio pertenceu o escritor, ou obra política, em que se mostra ao basbaque do asfalto o ineditismo do sertão bruto e flagelado, onde populações abandonadas a seu próprio destino, movidas por impulsos tradicionalistas, jazem em criminoso isolamento.

"Os Sertões", porém, excedem a isso. O livro é a necessária e imperiosa afirmação de uma personalidade aflissurada; afirmação feita através da interpretação de uma paisagem social sentida por sensibilidade apurada, chicoteada por angústias e recalcamientos.

O que salvou Euclides foi o seu estilo anguloso, geométrico, plástico, escultural, com recortes em arestas de cardos, chique-chiques e mandacarus. Seu estilo é a própria ambiência da catinga esturricada, retorcida, emaranhada, quebrada em ângulos, descarnada, de solo corroído, queimado e esfarelado pelo sol.

A consistência e a robustez da obra põem-na à parte nas letras

nacionais. Pela inteligência e pela cultura, o autor pôde conceber e realizar trabalho de grandiosa unidade harmônica. Examinam-se os múltiplos fatores concorrentes para a epopéia fanática de Canudos, inclusive o ambiente adequado ao desenvolvimento. Perfinácia tenaz, inteligência fornida e cultura sólida exigiam-se para abranger em síntese tão larga as condições cósmicas, étnicas, econômicas, sociais — atuais e remotas — explicativas da gênese e da existência de Antônio Conselheiro.

Nesse particular muito característico de "Os Sertões", ninguém poderá deixar de aproximá-lo de "Facundo Quiroga", de Sarmiento, obras cujos planos se assemelham na parte referente ao estudo preparatório dos vários fatores que propiciaram o desenvolvimento de dramas sociais fixados num e noutra livro.

Esse estudo preparatório generalizado empresta a "Os Sertões" um aspecto diferente, que o faz fugir do romance, por ser por demais fiel à realidade dos acontecimentos e por não conter ficção; não o permite arrolar-se entre os livros cientí-

ficos por ser muito exuberante e examinar os fatos sob um prisma fortemente sentimental e estético. É, enfim, obra superior a tudo isso, por que é obra social, com um conteúdo humano que transborda o limite material da própria obra, gravado por um estilo de arrebatador e capcioso sensualismo vocabular, de grande expressão simbolista.

Como afirma Nelson Werneck Sodré, "a obra de Euclides fixa um momento da evolução nacional — a volta à terra, para estudá-la e interpretá-la — para explicá-la, em suma". Data daí o estudo do Brasil. O homem do litoral mudou a posição de sua cadeira. Colocou-a com o espaldar voltado contra o Atlântico.

Resultou também uma inversão de valores. A paisagem, por exemplo, que foi o grande mal da nossa literatura, de que Alencar foi um deprimido, em "Os Sertões" ocupa plano diferente. Antes, o homem — sacudido geralmente por sentimentos excessivamente individuais e chocados — existia em função da paisagem. Era um motivo lírico para descrições paisagísticas. Já em Eu-

clides a paisagem existe para por em relêvo o homem, cuja ação domina todo o ambiente geográfico. Seus personagens lutam por princípios que, embora errados, foram sedimentados por anos de cultura em busca de valores vitais. São seres bravios, procurando penetrar o mundo que habitam, dentro do qual estavam segregados, condenados a lenta asfixia.

As citações são sempre amolantes, porque o citador parece que se submete às idéias do citado; ou porque mostra com a citação um pouco de cabotinismo. Mas não tem jeito: vá a citação de Gilberto Freire, que é sempre simpático:

— "Esta foi a grande mensagem de Euclides: que era preciso unir-se o sertão com o litoral para salvação — e não apenas conveniência — do Brasil. Mensagem transmitida aos homens da República de 89 em palavras de artista interessado pela Política".

Acho que esse trecho de Gilberto é bastante para atestar o valor de Euclides. Citado de comêço, quanta verborrêia poupada!

Que pena!



Uma festa cívica no Município de Catalão — Goiás

BAR AO PONTO CHIC

de ALDO LETRY

ESPECIALIDADES — Bebidas em geral, Conservas, etc.
Atende com a máxima presteza.

AVENIDA ANHANGUERA, s/n

GOIÂNIA

PRIMEIRO CONCURSO

— DE —

POESIA DE "OESTE"

OESTE, que, em maio transato, lançou as bases de um concurso de contos, institue agora, prosseguindo em seu vasto programa de incentivo das produções culturais em nosso meio, o seu segundo concurso literário, sob o patrocínio da firma A'lvares & Machado, proprietária da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", instalada à avenida 24 de outubro, nº 88, e com uma filial no centro da Capital, funcionando no Edifício Rio-Bonito, na qual se nota uma impecável organização comercial à altura dos foros de progresso do povo goianiense. Trata-se de um certame de poesias, o primeiro da série que esta revista pretende realizar.

O Primeiro Concurso de Poesia de OESTE será realizado nas seguintes bases:

a) cada concorrente deverá apresentar um trabalho poético versando livremente sobre Goiânia, em que se fixem sua realização e suas influências presentes e futuras na vida do Brasil mediterrâneo;

b) as poesias não poderão ter menos de dez e mais de cinquenta estrofes; as estrofes não poderão ter menos de três versos, não havendo limite máximo;

c) os trabalhos poderão pertencer a qualquer escola literária;

d) ao autor classificado em primeiro lugar será conferida uma coleção Nobel de literatura, composta de mais de trinta belos volumes encadernados, edições da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, os quais serão brevemente expostos numa das vitrines da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", no Edifício Rio-Bonito;

e) além do primeiro prêmio, haverá duas menções honrosas;

f) OESTE se compromete a publicar em suas páginas, com ilustrações e referências especiais do parecer escrito da comissão julgadora, a poesia classificada em primeiro lugar e as duas das menções honrosas;

g) os originais devem ser entregues até o dia 31 de outubro do

corrente ano, devendo ser dactilografados de um só lado do papel, formato ofício, a dois espaços;

h) será lícito à comissão julgadora não conceder o prêmio e as menções honrosas, caso não encontre trabalhos em condições de merecê-los;

i) será desclassificado o trabalho que sair do gênero poético, bem como o original cuja autoria, direta ou indiretamente, for dada a conhecer;

j) as poesias devem ser inteiramente inéditas;

k) os originais devem ser assinados com pseudônimos, trazendo em envelopes separados e fechados os nomes e os endereços dos autores;

l) cada candidato terá direito a apresentar um único trabalho; e

m) não poderá concorrer a este certame nenhum dos integrantes da redação de OESTE.

A comissão julgadora será composta dos escritores Alfredo de Castro, J. Décio Filho, J. B. Felix de Sousa e Hélio A. Lobo. Os originais, bem como toda a correspondência relativa ao concurso, deverão ser dirigidos ao secretário do mesmo, Hélio A. Lobo, à avenida Tocantins, edifício do "Correio Oficial", Goiânia, Estado de Goiás, mencionando sempre nos subscritos: "Primeiro Concurso de Poesia de OESTE".

Pedimos a atenção dos interessados para os volumes da coleção Nobel de literatura, dados como prêmio ao vencedor do presente concurso. São edições encadernadas da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, feitas em primorosas traduções brasileiras. Trata-se de grandes livros da literatura universal, consagrados unanimemente pela crítica. Essa coleção constitui verdadeira preciosidade numa biblioteca.

OESTE lança um apêlo à inteligência do Brasil-Central, ao ensejo da instituição de seu segundo concurso literário, esperando que todos os cultores da poesia prestem sua colaboração ao certame.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Setembro de 1943

Núm. 8



"INDEPENDÊNCIA OU MORTE" — Quadro de Pedro Américo

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Setembro de 1943

NÚM. 8

Primeiro Concurso DE «Oeste»

Revestiu-se do maior êxito possível o primeiro concurso, de contos, organizado por OESTE, sob o patrocínio da firma J. Câmara & Irmãos, que deu como prêmio ao primeiro colocado uma coleção, de cinco volumes, da “História da Literatura Brasileira”, de Sílvio Romero.

Lançado em maio do corrente ano, o certame veio marcar uma nova era de interesse e entusiasmo pelos assuntos culturais em nosso Estado, onde, como sabemos, os concursos literários sempre despertaram pouca atenção. Chegaram-nos de diversas localidades de Goiás, e mesmo, de Minas e do Distrito Federal, 29 trabalhos, todos dentro do gênero especificado nas instruções baixadas, resultado êsse que nos autoriza a dizer que estamos inteiramente satisfeitos com aqueles dos quais devemos esperar cooperação para chegarmos ao escopo que visamos.

A comissão designada para apreciar o farto material enviado, que é composta dos escritores Joaquim Carvalho Ferreira, Carlos de Faria,

Paulo Augusto de Figueredo e Bernardo Elis, está a braços com o serviço de seleção preliminar, a-fim-de poder chegar à conclusão final que dirá qual o detentor do primeiro prêmio. Há, ainda, duas menções honrosas, além de poder OESTE, utilizar-se dos demais contos, mesmo não classificados, para posterior publicação. O prêmio dos srs. J. Câmara & Irmãos se acha exposto em suas vitrines, na Avenida Goiás.

Em nosso número de outubro daremos à publicidade os nomes dos vencedores e pseudônimos de todos os concorrentes. A publicação dos três primeiros trabalhos será feita com ilustração, para o que irão ser feitos os clichês necessários.

Trazendo a público êste resultado, OESTE se rejubila ao poder noticiar tão animadora cooperação por parte dos intelectuais goianos ou não, que, atendendo a sua iniciativa, vieram trazer o estímulo de sua compreensão para o prosseguimento da luta que empreendeu.



Dois aspectos da administração Pedro Ludovico

Sob qualquer aspecto por que se encare o governo de Pedro Ludovico, ele se apresenta brilhante, pois em todos os setores da administração há o marco inconfundível de sua atividade construtiva e fecunda. Sobretudo, envolve o trabalho governamental uma sã atmosfera de moralidade, orientando-se a política de Pedro Ludovico por princípios éticos inapeláveis. Eis, aí, o segredo do "milagre de Goiás". Eis por que tanto se tem falado do atual governo goiano, sendo o nome de Pedro Ludovico admirado, querido e respeitado em todo o Brasil, onde o nosso Interventor é considerado, com justiça, como um dos mais legítimos valores do Brasil redimido de Getúlio Vargas, de quem é ele, sem dúvida, um dos mais leais companheiros e um dos mais valentes soldados.

Dois aspectos há, entretanto, na administração goiana atual, e dos mais significativos, que não têm sido devidamente focalizados. Queremos referir-nos à proteção que Pedro Ludovico vem dispensando à nossa cultura, buscando favorecê-la e estimulá-la de todos os modos, e à seleção que tem sabido fazer no corpo de seus auxiliares, a maioria dos quais, cheia de veneração pelo seu grande condutor, espalha-se, por todo o Estado, plena de idealismo, procurando elevar o nosso Estado ao nível dos mais adiantados da Federação.

Realmente: nunca os nossos intelectuais foram tão protegidos, nem tão incentivadas as nossas letras, como atualmente. Não se limita, o governo goiano, a abrir escolas primárias e técnicas e a auxiliar os institutos de ensino profissional e superior. Vai além. Ledor inveterado, espírito em dia com as publicações modernas de todas as espécies, o dr. Pedro Ludovico Teixeira é, por isso, um enamorado da cultura. Daí

o acercar-se de intelectuais, chamando-os a altos postos na administração, garantindo-lhes, dêse modo, condições materiais de vida a cavaleiro de dificuldades comprometedoras do trabalho intelectual, ao mesmo tempo que, com isso, se utiliza do serviço esclarecido dos mesmos em sua profícua administração. Daí o apóio moral e a ajuda material que dá aos nossos institutos culturais, como sói acontecer em relação à Academia Goiana de Letras, ao Instituto Histórico e Geográfico, ao Grêmio Teatral, à Biblioteca Pública, etc., destinando-lhes verbas, comparecendo a sessões e representações lítero-musicais, etc. Daí o patrocinar, amiudadamente, a vinda, a esta capital, a expensas do Estado, de pianistas, cantores, conferencistas. Daí, a ampla publicação de livros por conta do Estado, a doação de prêmios para concursos literários e acadêmicos. Daí — como remate — a criação de OESTE, revista que se vai firmando nos altos centros culturais do país, levando até eles o trabalho produtivo da inteligência goiana, por ele amparada e estimulada.

Quanto ao senso com que se tem havido na escolha dos seus auxiliares, basta, para comprová-lo, ver-se o grau de progresso atingido pelo Estado, depois que ele assomou ao poder. Não é só Goiânia que é um "milagre", mas o Estado todo. Porque é milagre renderem trinta e quarenta mil cruzeiros municípios que, há dez anos, rendiam setecentos e trinta e setecentos e sessenta cruzeiros anualmente. E' milagre o volume atual de nossa população. E' milagre o nosso incontável rebanho bovino. E' milagre a atual quilometragem de nossas rodovias, comparada com a anterior ao seu governo. E' milagre o número de nossas escolas. E' milagre o nosso florescimento industrial e agrícola. E' milagre a nova mentalidade que aí está. E' milagre . . . Mas, será milagre, mesmo, tudo isso? — Não, nada disso é milagre; tudo isso é apenas o resultado lógico da atividade esclarecida de um Interventor patriota e honesto. E que soube escolher, para prefeitos, delegados, professores, fiscais, juizes, diretores, promotores, para auxiliares, enfim, homens possuídos de boa-vontade e de amor à terra, inteligentes, zelosos, patriotas. Como em toda parte, funcionários existiram, existem e existirão, que não terão sabido corresponder à confiança do Interventor; uns serão mais produtivos do que outros, é lógico; outros, até poderão constituir-se em óbice à administração. Contudo, a verdade é que, no seu conjunto, os auxiliares do atual governo goiano constituem uma legião magnífica de cooperadores eficientes, o que explica aquilo que se convencionou qualificar de "milagre".

E aí estão, suscitadamente apreciados, dois aspectos da administração Pedro Ludovico.

Amigos da Natureza

Pela Professora AMALIA HERMANO TEIXEIRA

Conquanto indeciso ainda em certas regiões do país, é bastante animador nos dias que correm o movimento de proteção aos nossos bens naturais.

Generalizou-se, afinal, quanto perdeu nosso rico Brasil, por des-caso, imprevidência, impatriotismo. Há muito, brasileiros de todos os quadrantes ouvem o grito de *proteger, prevenir, reparar*.

Proteger as maravilhas da natureza, que como dádivas divinas chegaram até nós; zelar por esses bens, indispensáveis à própria vida do homem, mas que êle, num utilitarismo alarmante, vem impiedosamente destruindo.

Em sua Biogeografia Dinâmica, A. J. de Sampaio, falando-nos da interdependência dos seres vivos, declara que a riqueza, via de regra, impera onde há muito o que consumir; mas é o mesmo brilhante e culto apaixonado de nossas cousas quem assim conclue: "onde, porém, o homem se esqueça de que, não há bem que sempre dure, e imprevidente vá consumindo o que exista é claro que acabará morrendo à mingua!"

E a esse triste fim teríamos nós chegado, se em caminho não fossemos detidos, não só pela palavra clara e convincente dos que previram terríveis dias para a nacionalidade, mas, e principalmente, por aqueles que, levados por essas mesmas apreensões, fazendo-nos parar, souberam nos conduzir e orientar-nos a novas trilhas, àquelas que, realmente, devíamos seguir.

A. J. de Sampaio, entre outros, pertence a este 2º grupo, que de par com suas inúmeras realizações no campo da prática, nos deu "Fitogeografia", uma obra magistral, preparando ambiente para nos presentear com "Biogeografia Dinâmica", a que acima nos referimos, o melhor guia, sem dúvida, de proteção à Natureza.

Os que não tiveram ainda a oportunidade de ler êste livro, que procurem fazê-lo; é uma obra atraente, maravilhosa, educativa por excelência; nunca se está cansado de sua leitura, pois sempre em suas páginas encontramos oportunos ensinamentos, belíssimos versos de nossos grandes poetas, agradáveis e instrutivos trechos de prosa de consagrados escritores patrióticos.

Em Biogeografia Dinâmica, a

Ciência alia-se à Poesia para, juntas, de maneira a mais feliz, instruir e encantar. O autor toca profundamente a alma sensível do brasileiro, indica-lhe o caminho a palmilhar e em seu trabalho aplica, em tôda a extensão, a sentença de Humboldt:

"E mister que a Poesia se alie à Ciência e que esta se eleve até a Poesia".

Foi Roquete Pinto, notável antropologista, e ilustre prefaciador dessa consagrada obra educativa quem disse: "Biogeografia Dinâmica precisa ser um livro de todos os lares e de tôdas as escolas".

Calcada nos são ensinamentos de Torres, ela estuda de modo interessante, vivaz, a natureza e o homem no Brasil. E' mister lembrarmos sempre que Biogeografia Dinâmica é um guia seguro de Proteção aos nossos bens naturais.

Dissemos, inicialmente, *prevenir*, no sentido de tudo fazermos para que evitado seja aos porvindouros o mal que nos legaram nossos antepassados.

Protegendo as riquezas naturais do país, fazendo ver a quantos conosco convivem, a imperiosa necessidade dêsse cuidado, envidando esforços indispensáveis à conservação das reservas de que as gerações futuras hão-de necessitar, estaremos, sim, realizando sã obra de patriotismo, pois teremos em vista não o nosso passageiro interesse, mas a grandeza da Pátria, que é imperecível.

Todos bem conhecem o ímpeto de destruição de nosso homem, ímpeto êsse ditado pela ignorância a alguns, pelo utilitarismo condenável que exclue do pensamento a preocupação pelo futuro, a outros.

A todos esses malfetores conscientes ou inconscientes, por parte dos Governos e de particulares vem sendo movida uma campanha intensiva, que, infelizmente, ainda não é extensiva. Todos os meios tem sido empregados nessa realização de agigantado vulto. Somam-se à ação do Poder Público a dos cientistas, literatos e educadores. A colaboração do professor é uma das mais eficientes, pois que a êle é dada a oportunidade de influir poderosamente nos espíritos em formação. E' por isso que A. J. de Sampaio, traçando normas, citando experiências, quando diz da cooperação da mulher brasileira, no setor da proteção à Natureza,

za, apresenta já trabalhos, realizações notáveis, orientações seguras de educadores que puzeram sua atividade a serviço da educação moderna.

Urge também enfrentarmos a tarefa de reconstrução do que os ancestrais houveram por bem desbaratar.

Não é empreitada de que se dê conta em pouco tempo; requer paciência, ação enérgica, constante, generalizada, animadora.

Aquí, vemos estas zonas semi-desérticas, sêcas, temidas, originariamente cobertas de florestas, ricas de humus, regadas de rios, segundo o testemunho de inúmeros naturalistas que nos visitaram, e que não esconderam o assombro diante da destruição implacável de nossas florestas.

Quantas espécies vegetais e animais condenadas ao desaparecimento em vista da destruição incessante e avassaladora do homem!

O grande Euclides da Cunha, na obra que o consagrou, ao descrever, com fidelidade incomparável a fisionomia desoladora dos sertões, mostra-nos que não é a natureza a criadora infalível de desertos. O homem, sim, tem empregado suas forças contra os elementos naturais da Terra. Afirma o grande sociólogo patriótico que o homem, em nosso país, desde os primeiros tempos vem desempenhando o papel de *fazedor de desertos*.

A princípio, o fogo a serviço dos servícolos a esterilizar extensões sem fim de preciosas matas. Foi também empregando o fogo que o colonizador transmutou a selva em campos imensos, instalando, ali, o regime pastoril. E, mais adiante, une-se ao fogo o não menos terrível machado. Impressionante e calamitosa a tarefa de nossos distantes irmãos do passado!

Entanto, é mesmo Euclides da Cunha quem afirma poder o homem que fez o *deserto*, êle mesmo, extingui-lo, reparando os erros primitivos. Cita o celebrizado autor de "Os Sertões", o edificante exemplo dos romanos na Tunísia, achando-se esta em condições idênticas ao de nosso sertão. Ali, por meio de extensas redes de barragens, açudes e desvios, conseguiram os romanos irrigar aquela zona, até então ressequida e estéril, transformando-a em terra fértil por excelência ao ponto de ser considerada "a terra clássica da agricultura".

Com êxito, a França se valeu dêsse sistema, modificado apenas em algum ponto.

No Brasil, segundo a valiosa opinião do ilustre geólogo brasileiro, essa tentativa daria resultado seguro. A Comissão encarregada das Obras contra a Sêca no Nordeste muito tem feito, seguindo orientação tão sábia, achando-se o

grave problema nacional em marcha para sua solução.

Podemos aquilatar, somente por este fato, entre muitos, quão funestas são as consequências da destruição das florestas, com muita propriedade chamadas por Alberto Torres "as fontes da vida no Brasil".

Grande responsabilidade pesa sobre nós: proteger, prevenir, reparar nossas riquezas naturais. A colaboração de cada um será valiosa nessa campanha tão séria quão imperiosa, para o êxito da qual faz-se mister a atividade poderosa dos Governos.

Ao imortal Coelho Neto devemos gratidão enorme, pois, foi o grande jurista e amigo da natureza quem na Câmara dos Deputados criou ambiente propício para que outros brasileiros notáveis organizassem o Serviço Florestal no Brasil. O projeto aprovado pelo Governador Federal foi transformado em lei por decreto nº 23.773, de 20 de janeiro de 1934.

Assim, temos o nosso Código Florestal e outros visando todos a a proteção de nossos bens naturais, tais sejam no Código de Caça e Pesca, Leis das Expedições Científicas e Artísticas, Código de Minas, etc..

Mas a simples existência dos Códigos nada representa se não são observados, cumpridos. A observância a essas leis depende de uma arregimentação extraordinária de elementos, e acha-se em função do grau de cultura de um povo.

Os propugnadores por essa campanha aconselham, pedem mesmo aos cientistas vulgarizem seus ensinamentos de maneira a serem integrados no plano de aducação.

Ao educador, por certo, é que cabe integrar essas noções nos programas de ensino, com habiidade e precisão.

A ignorância em que vive o nosso homem rural é um fator negativo à campanha pró conservação de nossas reservas naturais. E foi, justamente, meditando sobre esse magno problema que a Nova Constituição estabeleceu o ensino rural no país, pois, somente a educação agrícola pode operar o milagre da volta do homem à natureza. Conhecendo os benefícios que dela advêm, aprende o homem a amá-la e a respeitá-la.

Inútil será pensar em proteger a natureza, antes de preparar o homem que vive em contacto íntimo com ela; perdidos serão todos os esforços do Governador e legislação enquanto o sertanejo permanecer na situação de desamparo moral, intelectual e material em que, em grande parte, se encontra.

Nos centros onde a escola rural exerce já sua benéfica ação sobre a mentalidade do sertanejo, as campanhas cujas finalidades são proteger, prevenir e reparar os

nossos bens naturais, encontram ambiente propício e apresentam resultados animadores.

Exemplos não nos faltam a mostrar a boa vontade, a dedicação e o amor à terra em nosso país. Quem, falando em reflorestamento, não se lembrará de Major Archer e da Tijuca, esse recanto poético e evocativo da capital do País? Levamos a Tijuca ainda a lembrar Humberto de Campos, um dos grandes amigos da natureza.

E encontraremos sentimento e delicadeza comparáveis às inscrições do Prof. Pedro Bruno vistas ao pé de velhas e respeitáveis árvores e nos mais belos recantos da sempre querida Paquetá, a "Ilha dos Amores", do autor de "A Moirezinha"?

A lição de Archer, reflorestando a Tijuca, que não passava de um morro pelado, demonstra a possibilidade de reparar as nossas falhas, transmutando os aspectos desoladores em recantos belíssimos.

O Professor Bruno a cada momento lembra-nos o dever de respeitar as belezas naturais, através dos mais expressivos e harmoniosos versos de nossos poetas amigos da natureza.

Quantas pessoas não se comoveram diante do amor e cuidados dispensados por Humberto de Campos, cronista tão querido de todos, ao seu cajueiro em Parnaíba, onde passou os primeiros anos de sua vida?

Sob as mais variadas formas os amigos da natureza veem, no decorrer dos tempos, prestando seu inestimável auxílio à conservação e proteção de nossas riquezas naturais.

Mesmo de passagem desejamos fazer referência aos Parques Nacionais que visam a conservação da flora e fauna brasileiras, com a particularidade de serem franqueados ao público.

Lembramos a proposta de S. J. Sampaio para a criação de Parques Nacionais, tendo-se em vista as espécies vegetais e animais; entre os 20 parques localizados em pontos vários do País, citamos aqui o da Tijuca e o da Ilha do Bananal, este em nosso Estado. Cuida-se, atualmente, da criação de Parques Municipais, dependentes da cooperação das Prefeituras. Além de reunirem as nossas essências florestais, os Parques criam ambiente favorável ao estudo e pesquisa da classe estudantina, facilitando ainda ao lavrador a escolha de espécies aconselháveis ao reflorestamento de suas terras.

Os Parques vêm, como se vê, auxiliar consideravelmente a campanha do reflorestamento levantada por alguns Estados, tendo à frente São-Paulo, nessa fase decisiva de proteção à natureza.

Duas apreciações sobre "A Canção do Planalto"

Dentre as numerosas apreciações feitas por cartas a respeito de "A Canção do Planalto", o vitorioso livro de versos de Xavier Júnior, publicado em 1942, conseguimos furtar ao autor duas missivas das quais vamos abaixo publicar excertos, para mostrar a nossos leitores como foi recebido por duas figuras de valor da cultura do Brasil Central as poesias do querido vate anapolino.

Uma é de Vitor de Carvalho Ramos, residente em Uberaba, que assim se expressa: "Não foi para mim uma surpresa, pois, já o sabia um grande poeta, um intelectual dos mais brilhantes do Brasil Central. Título sugestivo, poesias encantadoras, que a gente lê sentindo-as. Simplesmente admiráveis os versos com que v. descreve o destino dos três cursos d'água do nosso continente. "Jaó" tem o ritmo lamentoso dessa ave crepuscular, clamando pela companheira no fundo das matas e dos capões. "Goiânia" é um soneto lindo, tão lindo como a moderna metrópole patricia que dá idéia da capacidade criadora de nossos coestaduanos. Enfim, é-me impossível destacar aqui, uma a uma, as poesias de "A Canção do Planalto". Tôdas maravilhosas, cheias de um alto e original lirismo. Faço votos para que v. não fique nesse livro só, mas continue a dotar as letras de nossa terra com outras criações espirituais, pois, não lhe faltam talento, cultura e inspiração".

A outra é de Marilda Palínia, residente nesta Capital, que teve as seguintes palavras: "Já conhecia, através dos jornais de nossa terra, algumas das poesias que o sr. teve a feliz lembrança de reunir em volume; foi, porém, com renovado prazer que as reli agora. Outras me foram deliciosa novidade, principalmente aquela formosa "Oração à Árvore", em que o poeta soube tocar de beleza e sensibilidade inéditas um velho tema".

Assim é que o Serviço de Reflorestamento tem feito se plantarem milhões e milhões de árvores em zonas desflorestadas, ao mesmo tempo que às nossas matas se vem dispensando uma fiscalização mais enérgica e eficiente.

Este é o movimento que deverá atingir as mais diversas regiões de nosso extenso Brasil.

FATOS DA HISTÓRIA DE GOIAZ

ODORICO COSTA

OS DESCOBRIDORES

Quem foi o descobridor de Goiaz?

— Foi Sebastião Marinho, na era de 1592, afirmam Taunay, Capistrano de Abreu e Americano do Brasil.

— Foi Manoel Correia, afirmam Alencastre, Silva e Sousa, Saint' Hilaire e Colemar Natal e Silva.

Os historiadores não estão acordes nesse particular. Nesse terreno, infelizmente, o que existe não passa de conjecturas, de hipótese. As bandeiras que, primeiro, devassaram a terra virgem do sertão goiano, nela não deixaram sinais. Não deixaram sinais na terra, nem documentos nos arquivos.

O que parece sem dúvida, entretanto, é que quando o banderismo ensaiou os seus primeiros arremessos, na direção do Oeste encantado, os seus primeiros passos se dirigiram na direção de Goiaz. A terra imensa deve ter sido pisada, muito cedo, ainda, pelas sapatórias de couro-crú dos desbravadores, deve ter tido, no primeiro século da descoberta, contactos com o branco povoador.

Considerando essa possibilidade, Diogo de Vasconcelos não teve dúvidas em afirmar que *ainda que inverossímil, certíssimo é que as terras de Mato-Grosso e Goiaz foram conhecidas muito antes que esta nossa, em que se erigiu, mais tarde, a capitania das Minas-Gerais.*

Ao findar o século XVI, em 1596, parte de São-Paulo uma bandeira espaventosa. O seu designio era o de fazer a guerra da Parnahiva, o que vale dizer que era para prear bugres, que estes, segundo legislação vigente na época, só podiam ser aprisionados em guerra legítima. A' testa dessa bandeira estava o capitão João Pereira Botafogo, capitão-mor e figura de proa no arraial piratiningano. A bandeira botou-se sertão a dentro, varando a agressividade da terra primitiva e, nas margens do rio Paranaíba, Botafogo foi preso e preso regressou a São-Paulo.

Essa bandeira deixou um mistério sedutor que os historiadores em vão procuram decifrar. Por que teria sido preso Botafogo? Há muita conjectura a esse respeito mas, na verdade, não se sabe qual a causa da prisão do cabo dessa tropa.

Parte da bandeira de Botafogo, comandada pelo capitão Domingos Rodrigues, barafusta-se pelo sertão

goiano e dele regressou, em 1600, conduzindo fartíssimo rendimento de guerra.

O DRAMA DO DESBRAVAMENTO

Essa entrada aventureira abriu o ciclo do banderismo caçador de índios em Goiaz. Na era seiscentista, vezes sem conta, o sertão goiano foi talado pela algaras paulistas. Belchior Dias Carneiro, Antônio Pedroso de Alvarenga, Francisco Lopes Buenavides, Antônio Soares Pais, Bartolomeu Bueno de Siqueira, Lourenço Castanho e, por fim, o façanhudo Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, vasculharam o sertão encantado e dele regressaram com *compensadores proveitosos.*

Mas, ao lado dessas entradas afortunadas, surge o rol das expedições desgraçadas, das grandes tragédias processadas no recesão das matas, nas margens dos rios, nas fraldas das serranias empinadas e barbaçadas de mata.

Martim Tenório de Aguiar, à testa de bandeira bem organizada, deixou Piratininga, em 1608 e ingressou no sertão de Goiaz. O seu designio é a caçada do bugre, o combate aos Bilreiros que, nas suas malocas, possuíam material humano de primeiríssima para o comércio piratiningano. O homem avançou vitorioso, como um gigante de botas, dominando o sertão chucro. De súbito, em um ponto que as crônicas não localizaram, defronta-se a bandeira com a horda dos Bilreiros. Roncaram inúbias e estrondaram pederneiras. O branco foi vencido. A expedição foi esmagada. Dela não ficaram sobreviventes para relatar os pormenores dessa tragédia sombria da conquista do sertão.

Em 1670, Luiz Castanho aprestou uma expedição a Goiaz. O homem era de boa estirpe. Vinha de um tronco robusto de sertanejos atrevidos, que furaram terras e combateram a bugrama indomada. O seu itinerário ficou bem nítido na terra e, um ano depois, seguindo os sinais por ela deixados, Antônio Soares Pais foi encontrar, estarecido, os indícios de uma tragédia imensa: ossos de aventureiros branquejavam na sombra das árvores e, na mata, corriam, ainda, ásperos cheiros de carniça. Não ficaram sobreviventes para relatar como se deu o destroça-

mento da bandeira de Luiz Castanho.

Um ano depois, Sebastião Pais de Barros barafusta-se no sertão goiano, à caça de bugres. O paulista nunca mais voltou dessa jornada aventureira. O sertão áspero e misterioso enguliu essa leva de gigantes de botas de sete léguas.

Depois, foi a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera. Foi em 1673, como querem uns historiadores e pode ter sido, também, em 1682, como o querem outros. O que é certo é que essa expedição recortou o sertão, de sul a norte e foi se encontrar, depois, com a expedição de Manoel Bento Bicudo que de Mato-Grosso avançava para os lados do leste. De todas as bandeiras que abriram gilvazes nas selvatiquezas de Goiaz, essa é a mais importante. Foi a que marcou o destino da terra riquíssima. Deixou plantada, no sertão imenso, uma semente de civilização que, mais tarde, no segundo quartel da era setecentista, deveria germinar esplendorosamente integrando as riquezas de Goiaz na riqueza do Brasil.

A DESCOBERTA DAS MINAS GOIANAS

Quarenta anos depois dessa aventura, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que nela tomara parte com 14 anos apenas, residia entre os rios Pará e Paraopeba, nas Minas-Gerais. Era homem com a cabeçorra alvejando já, cheia de cabelos brancos causados pela vida ruim, e sobretudo, pela pobreza. Bartolomeu Bueno *estava pobre, tão pobre como nunca estivera e com nove filhas por casar.* Em vão esgaravatava êle o chão, socava a terra e revirava a areia dos rios, em busca de granetes do ouro sedutor. A sorte lhe era adversa, com caprichos de madrastra.

Em 1720, Bartolomeu Bueno escreveu uma carta a dom João V, que delirava no meio das riquezas do Brasil e nos braços de soror Paula, freira do convento das Odivelas. O aventureiro queria botar-se sertão a dentro *para descobrir metais, para serviço d'El Rei.* Nessa carta iam duas outras assinaturas: de seus genros Domingos Rodrigues do Prado, casado com dona Leocler de Gusmão e João Leite da Silva Ortiz, casado com dona Isabel Bueno, este afazendado em Cural d'El Rei, onde hoje Belo-

Horizonte se situa e, aquele, afa-zendado em Pitangui, fugindo à justiça de São-Paulo, pela morte do mestre de campo, regente Carlos Pedros de Silveira, por *ê* abatido a tiros na praça mais pública de Taubaté.

Dom Rodrigo César de Menezes, capitão-general de São-Paulo, acoçoou a organização dessa expedição e, em carta dirigida ao de-livante soberano português, sugeriu que, *no caso que o descobri-mento que êsses homens fizerem seja grande e de utilidade à Fazenda Real, Vossa Majestade lhes deve conceder algumas mercês, principalmente o hábito de Cristo, que esta gente é tão vaidosa que só lembra de honra e despreza conveniência.*

A 3 de julho de 1722, a bandeira parte de S.-Paulo. O seu efetivo é de 152 homens dentre brancos, pretos e bugres, êstes em número de vinte, fornecidos pelo capitão-general de S.-Paulo.

Essa bandeira não teve cronistas. Teve um detrator: o alferes José Peixoto da Silva Braga. Esse militar português, por causas que não estão bem esclarecidas, foi um elemento de indisciplina na tropa e, finalmente, em pleno sertão goiano da bandeira se desgarrava e, polando pelas águas do Tocantins, em uma aventura incrível de coragem e de padecimentos, foi sair em Belém, no Pará, onde foi preso, e, depois, conduzido para S.-Paulo.

Quatorze anos depois dessa aventura, o alferes Silva Braga escreveu uma carta ao padre Diogo Soares. Essa carta é um libelo atroz contra o descobridor das minas de Goiás. Silva Braga atribuiu-lhe defeitos terríveis, desconhecimento dos caminhos, ignorância do sertão, desvario mental, caráter maleável e falho, propósitos assassinos e, por fim, até apropriação indébita de um negro, bom matreiro, de nome Pascoal.

A carta do alferes Silva Braga, mau grado o seu conteúdo evidentemente injusto com relação a Bartolomeu Bueno, é um documento de apreciável valor: serve para restabelecer o itinerário seguido por essa expedição aventureira, de tanta sabedoria na história de Goiás.

A bandeira de Bartolomeu Bueno esteve, três anos, três meses e dezto dias no sertão goiano e, quando retornou a São-Paulo, onde chegou a 21 de outubro de 1725, o rompedor de mato levava as mãos cheias de ouro. Levava oito mil-oitavas. Quasi trinta quilos do metal sedutor.

Dizia Antonil que Deus tinha permitido se descobrisse tanto ouro pura com êle castigar o Brasil. A verdade, porém, é que a fatalidade perseguiu até a morte os principais descobridores. Princi-

palmente os descobridores de Goiás. Bartolomeu Bueno, depois de ter sorvido até o fundo a taça amaríssima da ingratidão, morreu paupérrimo, tão ignorado que, até hoje, não se conseguiu saber onde pairam seus ossos. João Leite da Silva Ortiz, em caminho para Lisboa, onde ia se queixar ao rei das injustiças contra os descobridores de Goiás, perpetradas por Caldeira Pimentel, por ordem dêste foi envenenado pelo padre Matias Pinto, em Recife. Domingos Rodrigues do Prado, depois de tantas aventuras nos sertões paulistas, mineiros e goianos, depois de ter lambusado de sangue as suas mãos encoscoradas, resolveu reconciliar-se com Deus e com os homens: botou-se a andar, partindo de sua fazenda, onde hoje se situa o município de Catalão e foi morrer em caminho, em lugar que não se conseguiu identificar ainda. Urbano do Couto Menezes, o mais audacioso andarilheiro da era setecentista, o homem que socavou lombada de morros e lavou areias em todos os quadrantes de Goiás, morreu pobre, *tão pobre que não deixou com que comprar o hábito de São-Francisco em que desejava ser amortilhado.*

A FUNDAÇÃO DE VILA-BOA

Dom João V, empolgado pela paralisia geral, delirava. Sobre a primeira fase da euforia, sobreveio a depressão. O soberano queria comprar a sua cura aos santos e aos eleitos, já que os médicos e os físicos não conseguiam curá-lo. Por isso, esbanjou em obras pias e suntuárias tôdas as imensas riquezas que o Brasil lhe remetia.

Por carta régia de 11 de fevereiro de 1736, dom João V mandou que se erigisse uma vila em Goiás, *em sítio mais a propósito, que seja o que parecer mais saudável, e com provimento de boa água e lenha.*

A ordem foi dada ao conde de Sarzedas e êste, quando intentava lhe dar desempenho, morreu em Trairas, roído de maleitas. Coube a dom Luiz de Mascarenhas essa tarefa e êle dela se desobrigou a 25 de julho de 1733.

A fundação de Vila-Boa possui minudências interessantíssimas que, por enquanto, ainda se conservam nos documentos dos arquivos. A carta régia de 11 de fevereiro, por exemplo, é um primor de urbanismo. É um documento dirigido no sentido do futuro, contendo mandamentos que, ainda hoje, norteiam a engenharia sanitária. *E logo determinareis, diz a carta régia, sítio para a praça no meio da qual se levante o pelourinho e se assinale a área para o edifício da Igreja, capaz de receber o competente número de fregueses, ainda que a povoação se aumente e que fa-*

çais determinar a área para as casas com seus quintais e se designe o lugar para se edificarem a casa da Câmara e das Audiências e a Cadeia e mais oficinas públicas, que tôdas devem ficar na mesma área determinada para as casas dos moradores, as quais pelo exterior sejam tôdas pelo mesmo perfil, ainda que no interior as farão cada um dos moradores à sua eleição, de sorte que em todo o tempo se conserve a mesma formatura da terra e a mesma largura e junto da Vila fique bastante terreno para logradouros públicos e para nele se poderem edificar novas casas.

O DESENVOLVIMENTO DE VILA-BOA

O progresso não se opera sem choques. Vila-Boa, depois de sua instalação, prosperou rapidamente, mas êsse desenvolvimento não se fez sem sacrifícios, sem penas que chegaram a fazer sulcos na história.

Para Vila-Boa, de certa altura em diante, acorriam aventureiros de tôda a parte, seduzidos pelas notícias dos achados das minas fabulosas. A densidade demográfica de Vila-Boa aumentava incessantemente e o perímetro urbano se alargava vitoriosamente em todos os sentidos.

Êsse progresso desordenado poz em evidência o espírito latifundiário que carregamos, herdado do passado distante e nebuloso. As novas ruas que se abriam em Vila-Boa foram tocar em terrenos particulares e os proprietários dêstes, defendendo o seu direito de propriedade, se insurgiram contra o desenvolvimento urbano.

Luiz Antônio Ribeiro, procurador da Câmara Municipal de Vila-Boa, viu tais cousas, que se sentiu na imperiosa necessidade de, no seio da edilidade vilaboense, apresentar um veemente protesto contra os maus cidadãos que estavam obstando o desenvolvimento urbano e desprestigiando a própria Câmara.

E no seu protesto, o procurador municipal relatou as ocorrências com tôda clareza: a Câmara havia doado datas de terras aos primitivos moradores, com a obrigação de construção de casas e desde que tais construções não impedissem o prolongamento ou a abertura de novas ruas que se fizessem necessárias.

Entretanto, o que se estava verificando é que os moradores, assim agraciados, não estavam correspondendo à generosidade da Câmara: deixavam seus terrenos baldios e não permitiam que por êle se projetassem novas ruas. A abertura da rua da ponte do Cambaúba, por detrás da capela de N. S. do Rosário, até a capela de S.-Barbara, estava nesse caso. O dono das tér-

ras que essa rua recortava, havia levantado embargos à ação municipal, não permitindo que a nova rua por ali passasse nem permitindo que outras pessoas construíssem casas nos terrenos novos doados pela Câmara. Por esse modo, declarou o procurador municipal, foi desfigurada a boa intensão do soberano e tornada sem efeito a autonomia da Câmara, revogada a regalia da Câmara de conceder terras a quem faça casas, quando é certo que contra a República não há posse nem título, quando interesse o bem público.

Depois de denunciar os principais proprietários que estavam monopolizando os terrenos municipais, que estavam embargando a expansão do vilarejo, o procurador pediu enérgicas providências no sentido de se aplicar um remédio para evitar a fraude com que estavam vendendo terras em prejuízo das regalias desta Câmara, suscitando infinitas demandas.

Os velhos manuscritos que manuseei não dizem como foi o fim dessa pendência urbanística. O que parece certo é que, pelo menos agora, no Estado Nacional, está victorioso o seu ponto de vista: contra a República não há títulos nem posse, quando interessa o bem público.

UMA VISÃO DE VILA-BOA NA ERA SETECENTISTA

Como era a vida social de Vila-Boa nesse tempo?

Precisamos de lembrar que os portugueses colonizaram o Brasil canhestremente. Nunca demonstraram penhores para a fixação na terra descoberta. Nesta vinham, apenas, buscar riquezas ou se purgarem de penas transitórias e temporárias. A vida independente, no meio das selvas e do deserto, tendo cada qual de contar com o seu próprio esforço e com a sua iniciativa, predisporia a colônia para o estabelecimento de costumes livres, sem severidade. A colonização brasileira foi feita entre manifestações de licenciosidade. Os colonos, deixando a família na Europa e dando com a simplicidade da moral indígena, começaram por entregar-se ao concubinato, e caíam, em seguida, numa devassidão desenfreiada. Em vez de lar, tinha o colono o seu alcouce. Comprava-se uma mulher por um alfinete... Jogava-se abertamente. Dansava-se dentro das igrejas...

Essé panorama, aberto desde as primeiras etapas da colonização, prolongou-se pelo tempo a dentro, generalizado em toda a extensão da colônia riquíssima.

Vila-Boa, assim, não poderia escapar, como não escapou, à regra geral. Não podia ter uma vida social diferente da que imperava em Minas, em S.-Paulo, no Rio, na

Baía, em toda a parte.

Pelas ruas tortuosas da vila, nesses tempos que a distância bissecular esfumou, passava um amálgama confuso de sertanistas de andar cansado, de cavaleiros sofrendo a custo as montarias ardegas, de negros-minas chapinhando na lama ou na poeira os pés cascudos, de mulátos de ventas largas e prosa cantarolada, de soldados de pedestres ativos e arrogantes na fardeta vistosa, de caminheiros anônimos, de pele requemada por todos os sóis, de garimpeiros de fisionomia irracionalizada, de faiscaadores estropiados pela longueira das caminhadadas inúteis, de negros forros, de índios de andar felino, de meninos sujíssimos, de gente vestida de couro, de gente vestida de molambos, de gente vestida de cres vistosas e garridas, passava toda uma vasta fauna humana, do mais variado aspecto exterior, caminhava um mundo de gente que, nas ruas de Vila-Boa, sofria e morria...

Vila-Boa, nesse tempo, vivia entre sobressaltos e sustos terríveis. A bugrama Caiapó que dominava o sertão por onde caracolava a estrada de S.-Paulo, levava-lhe o sono e, à notícia de cada assalto perpetrado contra os entrantes, o vilarejo se erigava de zangas e de revoltas. Prometia vinganças terríveis.

Por outro lado, a ganância do fisco punha Vila-Boa cheia de tremuras. A cobrança dos quintos enchia Vila-Boa de clamores. E, provavelmente, os impostos que geraram o espírito libertário dos Estados-Unidos, causaram idéntico efeito em Goiaz. Pelo menos, foram os impostos que, em grande parte, deram causa ao estabelecimento do exacerbado espírito nativista vigente em Goiaz desde as primeiras etapas da colonização.

Os costumes de Vila-Boa não eram os mais severos. Não eram os mais puros. A licenciosidade imperava em quasi todos os quadrantes sociais. Saint-Hilaire, que esteve em Vila-Boa já não era oitocentista, deixou um retrato muito vivo do que era a vida social da antiga capital da província sertaneja.

Esse episódio da formação geral de Goiaz serve para demonstrar que não fugimos à química da formação brasileira. Foi feita com os mesmos defeitos e sob as mesmas falhas, defeitos e falhas que, no final, se transformaram em virtudes, dando em resultado a formação dessa raça de machos atrevidos que conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas, como não há iguais no mundo.

TRES ETAPAS DA HISTÓRIA DE GOIAZ

Para mim, a história de Goiaz possui três cumeadas gloriosamente luminosas: a descoberta das

minas, a navegação dos grandes rios e a construção de Goiânia. Ao lado dessas três elevações pinaculares, três titãs: Bartolomeu Bueno da Silva, Couto de Magalhães e Pedro Ludovico.

A descoberta das minas goianas foi uma aventura. A navegação dos grandes rios sertanejos foi uma epopéia de patriotismo. A construção de Goiânia foi uma supervisão de técnica.

O bandeirismo piratiningano quando se botou na direção da terra encantada de Goiaz, quando ferrou o sertão agressivo, quando desvirginou matas, vadeou rios e escalou serranias ásperas, escrevia a última página do grande drama do desbravamento brasileiro. Lançava os últimos retoques à obra de formação de nosso patrimônio territorial.

A navegação do Araguaia, realizada nas condições em que o foi, coloca Couto de Magalhães na posição de um desses arquetipos que as pátrias só de quando em quando possuem. No material de navegação fluvial que o tempo desgastou melancolicamente nas margens do grande rio goiano, pode estar a expressão de um fracasso doloroso, mas está, também, o símbolo de uma peléja idealista que forma o segundo pavimento monumental da história de Goiaz.

A construção de Goiânia não foi uma aventura e não foi um delírio de patriotismo. Foi obra meditada e foi obra de técnica. Obra alicerçada na fé na terra dadivosa e alicerçada na confiança nos destinos da grande gente de Goiaz. É obra que serve a Goiaz, mas serve, muito mais, ao Brasil. É obra que exalta a gente goiana, mas honra e exalta muito mais a raça brasileira. As nações assimilam e herdam as civilizações. Goiânia é um impressionante marco de civilização. É uma grande oração brasileira, rezada ao nosso próprio destino, afirmando a serena confiança no futuro e na grandeza da Pátria.

Pedro Ludovico, com a construção de Goiânia e com a sua admirável obra administrativa, demonstrou a profunda verdade existente no conceito sedição de que as sociedades pedem da organização política. O aperfeiçoamento político se transforma em aperfeiçoamento social. Pedro Ludovico venceu e superou a sua época. O homem para ser valioso, clamava um ensaísta brasileiro, tem necessidade de ser de sua terra e de ser do seu tempo. Pedro Ludovico tanto foi de sua terra e tanto foi de seu tempo, que se desintegrou de uma e superou o outro. Emerson, procurando símbolos para o século XIX, disse que este se corporifica em Napoleão e em Goethe; como se dissesse que há homens

A Alemanha Nazista e a Mulher

Marilda Palina

Que a mulher é quem mais sofre com a guerra e quem mais a detesta, é verdade de todos conhecida e quasi tão velha como a terra. Afetiva e carinhosa por natureza, fazendo do lar o seu mundo, a mulher tem da vida e da felicidade concepção simplista e egoística.

É mais ou menos insensível ao hipnotismo das ideologias que empolgam o homem e o arrastam à execução das maiores loucuras. Quer viver em sua casa — modesta ou luxuosa — entre o carinho e o afeto de entes muito queridos.

Pouco lhe interessam, de um modo geral, os grandes problemas econômicos ou políticos que agitam a humanidade.

Seu universo se encerra nas paredes claras de seu "home" e é, como este, pequeno e risonho, sereno e acolhedor.

Por isso a mulher é incapaz de compreender as razões sutis que justificam as guerras e as tornam desejadas na vida dos povos. Assim foi ontem, assim é hoje e, possivelmente, será assim amanhã.

Ela só compreende e sente que a guerra é um cataclismo, é a destruidora de sua alegria, a maior inimiga de sua felicidade.

Atingida em pleno coração pela guerra, vê desfeito o seu ciclo afetivo. E vê, ainda, que lhe foram arrebatados, inesperada e brutalmente, pai e irmãos, irmão, marido ou

filhos, para muitas vezes nunca mais lhe serem restituídos.

E sôzinha, abandonada, perdida num mundo convulsionado pelo ódio, a mulher é a principal vítima da guerra.

É a sua vítima principal e a mais fraca, mas é também aquela da qual todos, no entanto, acham que podem exigir prodígios de serenidade e valor, tanto mais difíceis, quando a mulher, fraca e vibrátil por índole, é a menos influenciada pelos "motivos" da guerra. Ela não os "sente" não os compreende, não os justifica; apenas os aceita, vencida pela força incoercível de circunstâncias fatais.

O mundo inteiro, neste momento, acompanha febril e ansioso o ocaso de uma nação e o aniquilamento de seu chefe, que tentou realizar o sonho alucinante do domínio universal.

Sôbre uma pirâmide de cadáveres, ao som macabro do mais horrível hino de morte, entoado por milhares de vozes enrouquecidas pelo desespero, ao clarão sanguíneo das grandes cidades incendiadas, o Nero moderno assiste ao ruir fragoroso de seu plano diabólico de pan-germanismo.

A utopia criminoso de um povo superior, raça privilegiada que deveria escravizar tôdas as mais do Universo, vai se dissipando lentamente.

É já começa, também, a "campanha

na da piedade" hábilmente pregada pelos nazistas.

É preciso que a mulher tenha a coragem de ser a voz acusadora que, após guerra, num futuro talvez não remoto, há-de se levantar, clamando justiça, exigindo punição.

A mulher tem o direito de odiar o homem que, na realização de feroz ideologia política, a nivelou aos irracionais: negando-lhe coração e inteligência, sensibilidade e pudor.

Em todos os países civilizados a mulher tem sido a eficiente colaboradora do homem no trabalho, a sua companheira na alegria e na dor, a inspiradora dos seus mais belos ideais de Beleza e de Justiça.

Mas, não é assim na Alemanha. Nem mesmo nos confins mais selvagens da África selvagem, a mulher desceu tanto quanto na Alemanha de Hitler.

O mundo luminoso do espírito, o mundo afetivo do coração, tudo quanto a mulher tem de bom e de nobre, foi destruído friamente, implacavelmente, "cientificamente".

E, na terra dos semi-deuses, conseguiram tornar a mulher um animal passivo, sabendo apenas realizar "cientificamente" a única tarefa permitida: fabricar soldados para Hitler.

Para tudo o mais o seu concurso se tornou inútil, mesmo porque a palavra de ordem é esta: "os meninos serão soldados e as meninas mães de soldados".

Enquanto na terra dos super-homens a mulher vive escravizada, degradada até o último degrau da escala humana, equiparada aos animais, a monstruosa besta apocalíptica ergue a cabeça e avança para o mundo civilizado, transformando-o num inferno dantesco.

É tal o horror da tragédia coletiva das nações em guerra, que o drama individual de cada homem desaparece, como nota em surdina, inaudível em infernal sinfonia.

Mane . . . Thecel . . . Phares . . .

A profética sentença que invisível mão misteriosa traçou nas paredes da sala em que se realizava o famoso festim babilônico e foi o aviso da destruição de poderoso império, está agora inscrita em letras de sangue nos céus caliginosos que esmagam a terra maldita, terra do crime e da rapina, do orgulho e da perversidade, terra sem mulheres, sem piedade, sem amor . . .

Nesse amanhã que se avizinha numa aurora de redenção para a Humanidade, flagelada, a mulher simbolizará a Justiça eterna e implacável, que há-de pedir contas à Alemanha de seus crimes e há-de julgar severamente os executores desses crimes.

A mulher há-de lembrar aos povos, porventura já contagiados pela "campanha da piedade", que a Alemanha é uma ameaça permanente, e conservá-la como nação livre é varrer da face da terra, para todo o sempre, a paz e a felicidade.

que incarnam uma época e corporificam uma fé. Não se pode compreender a obra revolucionária, a renovação brasileira sem Pedro Ludovico. No cenário nacional ninguém melhor que ele para simbolizar uma arrancada de patriotismo, ninguém melhor que esse homem simples, de mãos limpas e de mente profilaticamente desanuviada que dia a dia mais se projeta na estima e na admiração de todos quantos possuem parcela de amor pelo Brasil.

Os brasileiros só terão energia para agir, para criar grandes forças econômicas que o seu território promete, quando tiverem coragem para a independência de caráter para pensarem sôzinhos. Goiânia é uma cristalização de um pensamento amorável dirigido ao Brasil.

Bendita seja Goiânia. Pelo muito que ela simboliza e pelo muito que ela representa. Bendita seja essa Goiânia que não é coisa para ser vista, é coisa para ser compreendida. Não é um espetáculo para os olhos, mas um convite à inteligência. Essa Goiânia que não vale pelo que é, porém pelo que significa.

BIBLIOGRAFIA:

Americano do Brasil, "Súmula da História de Goiás".

Colemar Natal e Silva, "História de Goiás".

Diôgo de Vasconcelos, "História Antiga das Minas-Gerais".

Alfredo Elis, "O Bandeirismo Paulista".

Vítor Viana, "Histórico da Formação Econômica do Brasil".

Max Fleiuss, "História Administrativa do Brasil".

Saint'Hilaire, "Viagem às Nascentes do Rio S.-Francisco".

Gilberto Freire, "Casa Grande & Senzala".

Basilio de Magalhães, "Expansão Geográfica do Brasil Colonial".

Rocha Pombo, "História do Brasil".

Paulo Augusto de Figueiredo, "Variações em torno de Goiânia", em "Oeste" de julho de 1943.

Documentos Oficiais do Arquivo do Estado de Goiás.

Varnhagen, "História Geral do Brasil".

Henrique Silva, "A Bandeira do Anhanguera em Goiás, em 1722".

O Estado Nacional

e o mundo de amanhã

Paulo Augusto de Figueiredo

Parece-nos certo o diagnóstico de Leonel Franca:— “Não sofremos só de um desequilíbrio econômico ou de uma desorganização política, como em outras eras. Desorienta-nos uma crise espiritual que atinge os fundamentos da própria vida humana pessoal e coletiva”. Com isso concordam, entre outros, Berdiaeff e Maritain. E’ que já se foi o tempo em que se considerava o homem como um barco sem leme ao sabor das correntezas deterministas; hoje já se vai admitindo, aliás com fundamento, que são as filosofias que informam, através das ideologias políticas, as sociedades humanas, donde se ter concluído não ser “essencialmente” econômica ou política, mas “principalmente” humana, a crise em que se debatem os povos. Crê-se, hoje, que foi a crise do homem que motivou a crise do mundo, tanto mais que “todo progresso material revelou-se incapaz de satisfazer às exigências profundas da nossa natureza. E’ a lição mais trágica que nos dá o mundo contemporâneo inquieto e convulsionado. Em face do aperfeiçoamento maravilhosos dos meios, esquecemos o fim”— (Leonel Franca).

O homem perdeu o seu eixo natural de gravitação: — Deus. Confundiou-se com as cousas, nelas se anulou. O homem tem tudo, mas continua inquieto e sofrendo. Por que? — Porque o mundo não foi “feito” à medida do homem. A obra do homem foi além do próprio homem. Este está, assim, perdido e desorientado, no meio de cousas maravilhosas, que sabe “como fez”, mas ignora “por que” e “para que” fez. A falta de um fim, — e de um fim humano — é, pois, o motivo primeiro da ineficácia de certos regimes políticos contemporâneos.

—o—

Desordenada, inergânica, ateleológica, pois que fruto do luteranismo individualista, do romantismo rousseauiano e do cartesianismo atomístico, a liberal democracia, alheando-se à pessoa humana — e, por conseguinte, sem motivos e sem fins humanos — agiu em planos abstratos, longe da vida, a que, consequentemente, não podia satisfazer. De fato, com tais raízes, “a democracia é indiferente à direção e à essência da vontade do povo, não dispõe de critério algum para julgar da direção em que se exprime a vontade popular, nem para definir o valor dessa vontade. O poder popular é desprovido de objetivo, não é ordenado a nenhum objeto. A democracia permanece indiferente ao bem e ao mal” — (Berdiaeff) Desarte, indiferente ao bem e ao mal, e como crente na “bondade natural” do homem, esqueceu que ele é, “também”, o “lobo do homem”, — deixando, assim, os homens entregues livremente às suas forças e à natureza, não procurando ordená-las no sentido do bem-estar geral, — aconteceu que a liberal democracia traduziu-se, socialmente, num regime existencial cheio de vícios e misérias.

Lidando com ficções, a liberal democracia reduziu o mundo a uma simples categoria jurídica, a um

mero produto da “razão”, “pondo” a vida em função da lei. E então? — Então, o “homem, armado de um mundo de direitos políticos; o homem que se julga soberano diante da urna eleitoral, sente-se desamparado um minuto depois, na fábrica quando vende o seu trabalho, em casa quando olha para a família, na sociedade quando compara as posições e os privilégios. E’ um drama terrível esse do “cidadão soberano” que morre de fome”, ressalta Miguel Reale, que assinala ainda: — “Juridicamente soberano, o Estado viu roubada esta soberania pelos sindicatos obreiros e capitalistas. A — intervencionista, foi obrigado a interferir na economia como empregado desta ou daquela parcela de povo. Representante da Nação, passou a representar forças anti-nacionais, fragmentando-se no domínio dos partidos”.

“Racionalista” e “universalista”, é o Estado liberal um Estado sem substância histórica e nacional, sem raízes, sem “caráter”. Portanto: um Estado desprovido de substância humana. Logo, o Estado liberal “não é”.

Por tudo isso, o mundo liberal, desligado, assim, do eixo natural de gravitação da política — o “homem”; sem, portanto, uma “informação” humana, foi um mundo amorfo, caótico, apolítico, donde a razão da crítica de Berdiaeff: — “A democracia reconhece a soberania e a autonomia do povo, mas ignora o próprio povo; não há povo nas democracias. Não se pode dar o nome de povo a esta geração humana, desenraizada do grande passado, agarrada a um farrapo de tempo, à só geração contemporânea, e não ainda toda ela, mas a algumas partes dela, que se consideram árbitros dos destinos históricos. O povo é um grande conjunto histórico, compreende todas as gerações ligadas entre si, não apenas as vivas, mas também as do passado, as de nossos pais e avós”.

—o—

Vê-se, pelo exposto, que a democracia não é uma solução para os problemas das sociedades humanas. Frizo, todavia, que estou empregando o termo “democracia” como sinônimo de “liberal democracia”. Sou democrata; mas, “por isto mesmo”, não sou liberal. A distinção se impõe, pois a confusão entre as duas cousas quasi foi fatal à democracia. Não quero dizer que o liberalismo não contivesse, “também”, democracia. Continha, sim; mas não continha “a” democracia. A liberal democracia era uma democracia puramente “intencional”. Contudo, foi justamente porque era, em “teoria”, democrático, e porque se mostrou incapaz em sua “demonstração prática” da democracia, que o liberalismo, fracassando, deu impressão de fracasso da democracia mesma, sendo isso a causa dos regimes totalitários, que se propõem o esmagamento da democracia, justificando-se, em sua negação democrática, nessa falência liberal...

—o—

Da “abstração” do homem, no regime liberal, passou-se à “estatização” do homem, nos regimes to-

talitários. O homem, que era esquecido, foi lembrado, agora, porém: — para ser aniquilado. No Estado totalitário, absorvente e onipotente, o homem se transforma em cousa, em autômato, em algo de inhumano. O remédio totalitário para o mal liberal foi um mal maior, pois, francamente, para ser o que é, nos Estados totalitários, melhor fôra que o homem continuasse esquecido . . .

A “chave” da solução para o mal-estar do mundo estaria, sem dúvida, em situar o Estado em sua devida posição de órgão a serviço da sociedade, de técnica de “construção” dos povos, de instrumento de “realização” dos homens. Em dar ao Estado uma “natureza humana”, em ver nele uma “pessoa coletiva”. Ao contrário disso, deu-se ao “Estado em si” o valor de cousa absoluta, com fins próprios e superiores aos das pessoas humanas nele existentes. Em vez de se tentar a humanização do Estado, aplicou-se, sistematicamente, a estatização do homem, e eis porque, no Estado totalitário, “la sociedad tendrá que vivir “para” el Estado; el hombre, “para” la máquina del Gobierno. Y como a la postre no es sino una máquina cuya existencia y mantenimiento dependen de la vitalidad circundante que la mantenga, el Estado, después de chupar el tuétano a la sociedad, se quedará hético, esquelético, muerto com esa muerte hurrumbrosa de la máquina, mucho más cadavérica que la del organismo vivo”. — (J. Ortega y Gasset).

—o—

Substituindo-se à democracia surgiu, primeiro, o comunismo. Em 1917. Apregoando a extinção do Estado, mas se traduzindo num Estado tirânico; pleiteando a extinção das classes, mas implantando a ditadura de uma classe; alardeando a liberdade do homem, mas asfixiando a pessoa humana; apostolando a paz, mas se militarizando para a guerra. Regime com motivos, o soviético, e motivos bem aceitáveis; porém, sem fins, ou de fins que não podem ser colocados no polo das aspirações supremas do homem. Regime que, por totalitário, está mecanizando o homem. Regime quantitativo, sem substância vital; regime que nega os valores mais altos da vida. Que subordina o maior ao menor. Que dá às cousas relativas um valor absoluto. Regime que reduz a vida a uma função vegetativa. Ora, salienta Berdiaeff: — “a socialização dos meios de produção não é nem a verdadeira finalidade, nem a verdadeira substância da vida. Nada encontrareis na sua economia que se refira, não aos meios, porém aos fins da vida. A igualdade econômica não é o fim da vida. Nem tampouco o trabalho material organizado e produtivo que o socialismo diviniza. A divinização socialista do trabalho, em detrimento dos valores qualitativos, provém do esquecimento da finalidade e do sentido da vida”. E, continuando: — “A substância do socialismo é puramente aparente. Com a sua dialética fatal, não faz mais do que demonstrar a ausência de toda substância espiritual na civilização contemporânea. A “idéia” do proletariado, em nome do qual tanto sangue se derrama, que tão fanática adesão atrai, aparece como uma idéia desprovida de substância. Fala-nos dos meios de vida, mas nada diz a respeito da própria vida. O socialismo é impotente para chegar até os fins da vida. As charlatanices lamentáveis sobre a alma nova proletária e sobre a nova cultura proletária criam certo sentimento de embaraço entre os próprios socialistas. Nenhum indício se manifesta de uma alma nova; esta continua sendo a alma antiga do velho Adão, cheia de concupiscência, de inveja, de raiva, de espírito de vingança”. Não pode, pois, o Estado bolchevista, cumprir o legítimo papel do Estado, que está em favorecer o aperfeiçoamento integral do homem. Falta espírito à Cidade Vermelha, e onde não se cuida do espírito não se cuida do homem, que só pelo espírito se distingue dos animais e alcança os

objetivos supremos da vida.

—o—

Depois, em 1922, surgiu o fascismo, que passou a servir de antítese ao comunismo, embora não nascesse com êsse intuito, e que viria a ser outra tentativa frustrada de solução para os males do mundo. Já em 1934, quando ainda estudante de Direito, escrevia eu, em artigo publicado no “Estado de Minas”, de Belo-Horizonte: — “A meu ver, a chaga maior do fascismo está no hiper-nacionalismo, e, portanto, no culto exagerado do Estado. Porque isto cega. O Estado, individualizando-se ao máximo, hipertrofia-se. Sobee à categoria de deus. Os homens passam a viver para o Estado. Ora, o Estado, em si, é uma abstração. Ter por fim o Estado é um erro fascista, porque se vai dar no absolutismo. O Estado e o Indivíduo só se justificam em suas relações recíprocas: — o indivíduo vivendo para o Estado, o Estado para o indivíduo”. Mais: — “O Estado é o lobo do Estado, poderiam dizer os fascistas, parodiando a sentença de Hobbes”. Ainda: — “O Nacionalismo, mal entendido como está sendo atualmente pelos seus fanáticos acólitos, que não o querem como instrumento político para aperfeiçoar o seu povo, mas sim como u’a máquina de destruição, deve e precisa ser combatido pelos que amam verdadeiramente a família, a pátria e a humanidade”. Era isso o que eu já escrevia em 1934, ANTES do advento do Estado Nacional, quando o fascismo estava no apogeu e os integralistas faziam comícios e passeatas por tôda a parte. E o escrevia em artigo em que condenava, igualmente, a “liberal democracia” (dizendo: — “Estado conservador, sem diretrizes, o Estado liberal é incapaz, por ter parado em um estágio passado de evolução política, de compreender o ritmo evolutivo das sociedades, e vai, por isso mesmo, isto é, por estar em colisão com a realidade, passando para a categoria das velharias imprestáveis”) — e o “comunismo” (dizendo: — “materialismo grosseiro de Marx corta as asas à personalidade, e esta, impossibilitada de voar, compraz-se em rastejar” — “E’ por causa dele, certamente, que o homem, na Rússia, está se anonimizando nas massas”). Ainda em outro artigo, publicado em “Literatura”, da Capital Federal, repetia: — “Não nos serve a democracia. Nem o fascismo. Nem o comunismo”. Escrevia tudo isso em um momento em que a liberal democracia ainda era viva e dominavam os partidos e em que a 3ª Internacional agia abertamente, preparando-se para a intenção de Novembro do ano seguinte. Tal era a minha atitude de estudante pobre, atitude nada “oportunistata”, nada “comodista”, nada “política”. Atitude, como se vê, profundamente coerente com a que “continuei” assumindo depois da instalação do Estado Nacional, que veio efetivar as minhas aspirações políticas, visto que vai assegurando os cinco direitos fundamentais que Pontes de Miranda pôs nos fins do Estado: — direito ao trabalho, direito à educação, direito à subsistência, direito à assistência, direito ao ideal. Eis a minha atitude política de há nove anos, “igual, em essência”, à de hoje, aliás mais fortalecida, agora, pois os partidos extremistas foram postos fora da lei e a liberal democracia jaz a sete palmos debaixo da terra . . .

Voltemos, porém, ao fascismo. Quer no Estado do extinto tipo italiano, quer no do tipo alemão, a Pessoa é anulada. Neles, como no Estado comunista, o homem é transformado em cousa. A fórmula é a de Mussolini: — nada contra o Estado, nada fora do Estado, nada acima do Estado. O Estado é um valor absoluto. O fascismo é irracional, instintivo. Movimento de “homens-massa”. Se o regime comunista “puro” é um ambiente para “anjos”, o regime fascista é um ambiente para “feras”. Marinetti vem em nosso favor, quando, filiando o fascismo ao futurismo, declara que o “fascismo contém e conterà sempre aquele bloco de patriotismo otimista e orgulhoso, violento, prepotente, guerreiro, que nós, futuristas, primei-

ros entre os primeiros, pregamos à multidão italiana”, esclarecendo que o futurismo é “um grande movimento anti-filosófico e anti-cultural de idéias, intuítos, instintos, sócos, ponta-pés e bofetões renovadores, purificadores e velocificantes, criado em 20 de fevereiro de 1909, por um grupo de poetas e artistas italianos geniais . . . Vitorio Veneto e o advento do fascismo ao poder constituem a realização do programa mínimo futurista”. Será necessário falar mais? O fascismo é bem isso: — um movimento anti-filosófico e anti-cultural. Logo: — um movimento contra o homem, que só pela cultura se humaniza, e contra a vida, que, sem direção filosófica, carece de sentido. Por isso, o homem jamais poderia, no regime fascista, desenvolver-se natural e plenamente, sendo, ao contrário, obstado em sua liberdade de expansão, em seus movimentos em busca da perfeição. Dessa maneira, nos regimes totalitários, fascista e comunista, “el pueblo se convierte en carne y pasta que alimentan el mero artefato y máquina que es el Estado” — (Ortega y Gasset).

Vemos, assim, como nota Maritain, que, segundo essas três concepções — a liberal, a comunista e a fascista — a “sociedade política é desvirtuada, e a pessoa humana sacrificada; na concepção burguesa individualista, que confundia a dignidade verdadeira da pessoa com a ilusória divindade de um indivíduo abstrato, que se bastaria a si mesmo, a pessoa humana era abandonada a si própria, sózinha e desorientada; particularmente, a pessoa dos que não possuem, era largada sem defesa diante dos possuidores que a exploravam. Nas concepções comunista e racista, a dignidade da pessoa é desconhecida, e a pessoa humana é sacrificada ao titanismo da indústria, que é o deus da comunidade econômica, ou ao demônio da raça e do sangue, deus da comunidade racial”. E aí está porque concordamos com Tristão de Ataíde, quando escreve: — “A vitória das Nações Unidas é tão necessária aos destinos da civilização como será depois uma vitória dessas Nações sobre si mesmas e sobre as ideologias que elas absorveram em muitos séculos de descristianização e que foram a raiz de toda a mitologia totalitária”.

Que rumos seguir, então? Que “Cidade” haveremos de querer? — Uma em que se estabeleçam e garantam condições naturais de vida favoráveis à plena “realização” do homem, eis que é esse o papel legítimo do Estado, pois a “sociedade política é destinada a desenvolver condições de vida comum que, procurando primeiramente o bem, o vigor e a paz do todo, ajudam positivamente cada pessoa na conquista progressiva desta liberdade de expansão, que consiste antes do mais na floração da vida moral e racional, e dessas atividades interiores (“imanescentes”) que são as virtudes intelectuais e morais”, ensina Maritain. Como se vê, não é só a perfeição de “cada homem” o que o Estado deve objetivar, mas também a de todos os homens em seu conjunto, ou seja: — a perfeição do Todo e é isso mesmo o que nos diz Antônio Osmar Gomes: — “Se assim não fôra, se o gênero humano fosse nada mais do que um conjunto de elementos compostos de suas próprias perfeições, a cada desses elementos informativos competiria apenas fazer valer-se a si mesmo. Mas, Todo orgânico que é, o gênero humano tem pela interação e mútuos serviços de seus membros, não só a fecundidade como, sobretudo, o esplendor e a saúde para a vida. Embora não esteja o destino da Pessoa condicionado ao destino exclusivo do Todo, é agindo, em espírito de solidariedade e com amor, pelo destino do Todo, que a Pessoa encontra o ritmo do seu próprio destino”. De tudo se deduz que a sociedade melhor a se desejar, no futuro, seria uma sociedade cristã, democrática, orgânica, humana, nacional.

Haverá indícios de uma sociedade assim?

Há. A Sociedade Brasileira. O Estado Nacional. Estado síntese, que tem o senso da unidade das monarquias, a compreensão de hierarquia das aristocracias e o fundo popular das repúblicas. Estado forte, e não tirânico; cristão, e não comunista; nacional, e não “nacionalista”; humano, e não classista; popular, e não plebeu. Com tais sinais, é o regime brasileiro atual substancialmente democrático: — “A Constituição é de inspiração puramente democrática, presente em todos os seus capítulos, particularmente no que se refere à ordem econômica, à educação, à cultura, às garantias e aos direitos individuais. O povo é a entidade constitucional suprema; tudo, na Constituição, se organiza e dispõe no sentido de assegurar-lhe a paz, o bem-estar e a participação em todos os bens da civilização e da cultura” — (Francisco Campos). O nosso sistema é, assim, basicamente democrático. Apenas, a nossa democracia não é mais uma “democracia” simplesmente formal, jurídica, e sim uma democracia orgânica, viva, cultural. Somente, ela não é liberal . . . Distancia-se, sim, e muito, da antiga liberal democracia, pois esta não passava de um belo amontoado de ficções: — “A igual oportunidade para todos reduz-se apenas à igualdade do sufrágio. O boletim do voto é o direito do homem. Os demais direitos, os direitos substantivos, o direito ao trabalho, à saúde, a segurança, ao bem-estar, tudo isso se presuppõe adquirido se o cidadão adquiriu o direito do voto. A participação de todos nos bens da civilização e da cultura resume-se apenas num pedaço de papel, em que cada um pode escrever um nome. Depositado o boletim de voto, cessam as relações entre o cidadão e o Estado” — (Francisco Campos). Era assim, na liberal democracia: — o Estado de um lado e o indivíduo do outro; o Estado alheio às finalidades dos homens e estes indiferentes à vida do Estado. Não existia, assim, aquela identificação do homem com os negócios do Estado, aquela participação ativa do indivíduo na obra pública, que constitui um dos traços marcantes da vida democrática. Em resumo: — os sinais característicos do liberalismo não são os que qualificam a democracia: — “Democracia não quer dizer governo transitório, não quer dizer governo mutável, para que se possam contentar todas as ambições políticas. A política liberal criou a ambição dos postos de governo, tema que só pode interessar aos indivíduos que aspiram ao poder. O governo devia ser distribuído sucessivamente a vários indivíduos para que cada um tivesse a sua vez. O governo desviou-se de sua finalidade, que é a realização do bem público, para servir apenas aos grupos que dele se apoderem periodicamente” — (Francisco Campos).

1937, extinguindo o liberalismo, e, depois, o fascismo e o comunismo nascentes, veio dar ao Brasil a verdadeira democracia: — “O espírito do atual regime brasileiro, expresso nas palavras textuais do seu doutrinador e dirigente, é que o Estado Brasileiro coloca o bem-estar, a cultura, a alegria, a felicidade humana, acima dos seus interesses puramente políticos. O Estado Brasileiro é feito para o homem e para a vida. Inspira-o esse imenso e profundo respeito à pessoa humana, que é a essência do pensamento democrático e pelo qual se veem batendo heróicamente séculos e séculos de civilização” — (Almir de Andrade). Ao contrário dos Estados totalitários, o Estado Nacional pôs-se a serviço do homem. Inclue, nos seus, os fins do homem; este nele se articula, mas como pessoa e para mais facilmente elevar-se em sua dignidade de pessoa. Por isso, o nosso homem se vai “edificando”, assim, através do Estado, que fixa situações necessárias à plena formação e superior desenvolvimento dos homens. Não há, mais, separação absoluta entre o campo de atuação do indivíduo e o do Estado, ou melhor: a diferença que existe entre

a atividade do homem e a do Estado é somente de "grau", e não de "natureza", visto ser humana a natureza do Estado Brasileiro, onde, por isso, e como registra o Presidente Getúlio Vargas, nem o "indivíduo se opõe ao Estado, no velho conflito, que degenera frequentemente em agitações demagógicas, da concepção liberal clássica, nem o Estado o reduz à posição de escravo, segundo algumas fórmulas extremadas dos tempos modernos. Toda originalidade do Estado Brasileiro reside na sábia dosagem de um sistema de direitos e deveres recíprocos. Nesse sistema, o Estado reflete a vontade da Nação organizada, como uma entidade viva, e o cidadão, tendo um lugar marcado dentro da organização nacional, dispõe de um espaço livre para o exercício de suas liberdades fundamentais". E', pois, medularmente democrático, o Estado Nacional. E, além disso, cristão. Aliás, sendo "nacional", êle tinha de se estruturar nesse sentimento popular, e eis porque o cristianismo se situa como que a sua base metafísica: — "E' sôbre a sólida formação cristã das consciências, é sôbre a conservação e defesa dos mais altos valores espirituais de um povo que repousam as garantias mais seguras da sua estrutura social e as esperanças mais fundadas da grandeza, estabilidade e desenvolvimento das suas instituições", proclama o Presidente, que acrescenta: — "O brasileiro possui nos fundamentos cristãos do seu caráter qualidades preciosas de adaptação e aperfeiçoamento moral. Cultivadas e disciplinadas essas qualidades, fortalecidas pelo ideal de alcançarmos um estágio superior de civilização, será êle o homem do futuro". Razão por que o Chefe da Nação funda a sua política "no reconhecimento de alguns valores eternos do homem, como índices de sua formação cristã". E aí está, evidente, que, sôbre ser democrático, é o Estado Nacional substancialmente cristão, pelo que persegue um estado existencial em que possam os homens conseguir a plenitude. O homem novo, o homem capaz de uma vida social mais perfeita e feliz, o homem cristão, o "todo homem" de Scheller, eis o grande objetivo do Estado Nacional, que apresenta, dêsse modo, uma grande afinidade com a "ordem" cristã de Maritain, — igualmente anti-liberal, anti-comunista e anti-fascista.

Vemos, pois, que, extranho aos totalitarismos e ao liberalismo, — humano em seus motivos e fins, porém nacional em seus processos, — fundado em nossas realidades totais, — estruturado em nossa história autêntica e inspirado no cristianismo, pôde o Estado Nacional constituir-se um tipo de Estado singular no mundo, Estado que se revela, mesmo, em seus lineamentos capitais, como o mais próximo do Estado do futuro. Não só o parentesco entre êle e a ordem cristã pretendida por Maritain, de que já falamos, firma, a nossa presunção, mas ainda outros indícios.

Um deles está na recente visita que fez ao nosso país o sr. Paul Van Zeeland, Presidente da Comissão de Estudos dos Problemas de Após-Guerra, o qual, em telegrama ao sr. Osvaldo Aranha, assim se exprimiu: — "Levo de seu país uma profunda impressão. O Brasil entrou num novo período de sua história, período êsse feito de realizações admiráveis e de promessas sem limites". Encheu-se, pois, o notável contemporâneo, de admiração pelas nossas "realizações" e pelas nossas "promessas", isto é, pelo que "está feito" e pelo que se lhe afigurou possível fazer, dentro da nova organização nacional. E por que essa admiração de figura tão ilustre? — Porque, diz Van Zeeland, para "ter paz duradoura precisamos olhar duas realidades. Uma é a economia: o desenvolvimento geral do mundo sob o signo de expansão de todos os países. A outra, que os homens de Estado deverão ter bem presente no espírito, é a paz social. Aqui no Brasil os problemas sociais e econômicos se confundem. Seria repetir o pensamento do Presidente Getúlio Vargas: — orientar-se sempre para os fins sociais". Outro indício é o já famoso "Plano Beveridge", tido como admirável para os problemas capitais de após-guerra e que, como demonstrou o sr. Almir de Andrade, já vem sendo realizado, em seus aspectos principais, pelo Estado Brasileiro.

Por tudo isso, caducos os Estados totalitários e o liberal, não há como não se acreditar seja o Estado Nacional um Estado padrão. Um esboço do Estado de amanhã

BIBLIOGRAFIA:

- 1) Leonei Franca: — "A crise do mundo moderno".
- 2) N. Berdiaeff: — "Uma nova Idade Média".
- 3) Miguel Reale: — "O Estado Moderno".
- 4) J. Ortega y Gasset: — "La rebelion de las masas".
- 5) Paulo Augusto de Figueiredo: — "Um tipo de Estado" (publicado no "Estado de Minas", de Belo-Horizonte) e "Estado de fins Precisos" (publicado em "Literatura", da Capital Federal).
- 6) Domingos Saudino: — "Gênese do Fascismo" (publicado na revista "Socialismo", de São-Paulo).
- 7) Jacques Maritain: — "Os direitos do homem".
- 8) Tristão de Ataíde: — "Mitos de nosso tempo".
- 9) Francisco Campos: — "O Estado Nacional".
- 10) Almir de Andrade: — "Força, Cultura, Liberdade".
- 11) Getúlio Vargas: — "A nova política do Brasil".
- 12) Max Scheller: — "El porvenir del hombre".
- 13) Noticiário de "A Manhã", da Capital Federal.
- 14) Almir de Andrade: — "O Plano Beveridge" — publicado em "A Manhã", da Capital Federal.
- 15) Antônio Osmar Gomes: — "Compreensão do humanismo".

O ritmo evolutivo da Estatística em Goiaz

Sob a epígrafe acima, o número de abril-junho da Revista Brasileira de Estatística, órgão oficial do Conselho Nacional de Estatística e da Sociedade Brasileira de Estatística, editado na Capital da República pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicou um substancioso trabalho do nosso redator, acad. Frederico de Medeiros, que é também assistente e secretário do nosso Departamento Estadual de Estatística.

Circulando em edição especial dedicada à comemoração do sétimo aniversário de instalação do IBGE, o número em apreço da importan-

te publicação trouxe uma colaboração de cada um dos responsáveis pela orientação dos serviços estatísticos no País, quer na esfera federal, quer nos diversos Estados da Federação.

A representação do nosso Estado, que esteve a cargo de um dos mais antigos funcionários de nossa organização regional, logrou receber do dr. M. A. Teixeira de Freitas, Secretário Geral daquela entidade e diretor da Revista, elogiosa referência, em telegrama dirigido ao autor, pois o artigo em apreço, abordando o assunto proposto pelo Instituto desenvolve-se em várias

páginas de estudo do desenvolvimento da estatística em Goiaz, sendo os fatos postos em ordem cronológica desde os tempos do Império até os nossos dias, ressaltando o autor os fatores mais importantes que concorreram para o maior alevantamento da organização estatística de Goiaz, dentre os quais classifica em primeiro plano o constante amparo a ela dispensado pelo governo goiano a partir de 1930, e a assistência ininterrupta do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão supremo diretor e orientador da Estatística Nacional.

VALORIZEMOS NOSSO CÂMBIO!

Nice Monteiro

Há algum tempo, vem saltando aos olhos de minha observação uma realidade contristadora — a queda da intelectualidade feminina de Goiás. O florescer de OESTE veio reforçar esta impressão: em todos os números publicados, só quatro nomes femininos brilharam em suas colunas! Nomes já conhecidos em nossa imprensa e que formam a harmonia de um Lar enfeitado de crianças.

E as moças de Goiás? Onde estão?

Sabemos que, em nosso Estado, há uma predominância sensível do sexo frágil. Nossas cidades estão povoadas de moças que enchem de alegria a Escola Normal que, geralmente, completa o patrimônio de cada cidade goiana. Tôdas estudam e, no fim, aparece, no quadro de nossas realizações, êste desinteresse por uma intelectualidade mais acentuada, de acôrdo com nossos princípios tradicionais de cultura.

E' dissonante êste desinteresse justamente quando temos, no Brasil, um movimento tão forte da vitalidade feminina, quando, na literatura mundial, os melhores livros trazem um nome de mulher em primeiro lugar.

A-pesar-do otimismo do período acima, para ser sincera consigo mesma, tenho que dizer uma verdade já conhecida de todo o mundo — a desvalorização da mulher vai se acentuando, geralmente, em cada dia que passa. E' uma inflação esquisita, sem fatores predominantes nascidos de uma revolução social. Alguém dirá: — "Não Sra.! E' o "modernismo". A transformação dos sentimentos da verdadeira mulher!" Vou protestar, naturalmente, como boa "modernista" que sou...

Esta evolução natural dos direitos femininos só proporcionou vantagens para a harmonia mundial. Ficamos concientes de nós mesmas e de nossas possibilidades. Fomos incluídas na marcha da Civilização. Caiu o "tabu" da inferioridade da mulher que "foi criada com uma costela de Adão". Tôda gente esquecia que Deus usou das atribuições que lhe conferia a... seleção! Deu-nos a melhor costela e deixou aos homens as menos qualificadas... Daí a eterna lei da compensação: o que nos faltou em quantidade, sobrou-nos em qualidade...

Quando a mulher alcançou a cer-

teza de seu poder, parou, maravilhada, sôbre seus passos. Borboleta livre da crisálida, rodopiou, num narcisismo tonto, sôbre o lago de suas conquistas, sem abrir o largo vôo que os horizontes lhe ofereciam.

Filha de tôdas as facilidades, a mulher Século XX quis simplificar a própria responsabilidade. Para que esta complicação de caminhar com a auto-crítica nos corredores do sub-conciênte? Psicologia é negócio trabalhoso — para entender a palavra é preciso decompô-la...

E aí está a banalização da grande cruzada

No ambiente de nossas atividades, raramente chegamos à completa compreensão de nossos deveres. Os funcionários, não porque o Estado queira auxiliares zelosos, caminham com sua grandeza apenas. Queremos o ordenado que o emprêgo nos dá. Escorremos uma carreira, não porque o sanitário estudar Medicina ou asárias as luzes do Direito. E, finalmente, é cartaz seguir um curso superior e tão prestigioso ter o aplauso de colegas! Até neste momento de grandeza cívica em que se empenha o Brasil, manifesta-se a avassaladora futilidade da mulher moderna — preocupa-nos mais a estética do uniforme de enfermeira que a profunda finalidade de suas atribuições. Em todos os passos de nossa vida, grita a banalidade. O próprio Amor já não é a corola escolhida do coração. A moral tornou-se relativa. Dentro dêstes princípios, o borboletear cheio de narcisismo continua... No fim o casamento vem, sem convicção, como uma encruzilhada no caminho do celibato que ainda não é uma carreira convincente!

E sobem os sacerdotes aos púlpitos, falam os homens nos quatro cantos da terra: — "E' o "modernismo" que está matando o espírito feminino: a mulher foi feita para o Lar!" Que injustiça para a maravilhosa evolução dos dias! Sômente nós, com nossa futilidade, somos culpadas desta desvalorização.

A mulher está à altura de qualquer emancipação no mundo. Pode ser do Lar. E pode multiplicar-se em todos os setores onde queira exercer sua atividade. Basta querer. A verdade, porém, é que não queremos coisa nenhuma. Interessamos apenas vaguear como bone-

cas cacheadas dentro de um vestido de florões dêste tamanho!

Desculpa-se à menina do século passado ter sido vazia e ingênua. Para nós, entretanto, isto é um crime que teremos de pagar perante a vida. Temos, aberta aos nossos olhos, a trilha de tôdas as realizações. Vivemos na arena da inteligência onde, apesar de tôdas as injustiças humanas, vencem o valor e a capacidade. E' preciso lembrar que, hoje em dia, até o burro, às vezes, dá-se à vaidade de ser Burro Canário...

Eu sei que esta vulgarização é uma epidemia remediável. A mulher pode reagir — temos, no fundo do coração, queimando, viva e intensa, a chama das Vestais. Não quero dizer, naturalmente, que, nesta reação, a moça goiana, em geral, comece a compor versos e escrever prosas desalinhas como esta. Não. Cada uma procure ter Alma no setor que escolheu para viver sua vida. Assim é que não podemos continuar — falta-nos vontade, falta-nos responsabilidade. E' isto: falta-nos Ideal.

Tudo na vida precisa de corante. Para ficar mais bonitã, a mulher recorre ao "rouge". Os glóbulos do sangue, estando anêmicos, pedem ferro para servir de... "baton". O espírito também quer um "maquillage" à Max Factor. Vamos dar-lhe um corante à base de Ideal?

Você, minha amiguinha, que teve a paciência de ouvir-me até o fim, está franzindo a testa morena para dizer-me: — "Como é que pode falar mal de si mesma dêste jeito!"

Sorriu para você e busco a resposta na velha sabedoria popular:

— "Para grandes males, grandes remédios! E você sabe que "quem fala verdade..."

E minha amiguinha acabará dizendo-me cheia de confiança:

— "E' mesmo! Vamos valorizar nosso câmbio!"

A nossa nova política não procura mais que aquilo que *socialmente* for mais útil para todos. É êsse o papel da democracia: conciliar as verdades do momento que passa com as verdades humanas eternas e imutáveis.

ROSÁRIO FUSCO.

ELÉGIA

Estava imóvel, imóvel.
O vento brando brincava em seus cabelos
que exalavam um perfume rescendente e desco-
[nhecido.

Pensei que estivesse dormindo.
Inclinei-me sobre ela
e não senti em minha face o calor de seu hálito.
Chamei-a pelo nome. Nada.
Gritei então desvairado. O mesmo silêncio.
Louco, apertei todo o seu corpo em meus braços.
Beijei-a desesperadamente na boca.
E um frio de morte gelou-me os lábios.
Contudo, nesse instante em que percebi que real-
[mente eras possuída da morte
e que somente de tua lembrança viveria meu po-
[bre coração,
nem uma lágrima sequer me aflorou aos olhos
e apenas uma infável serenidade me invadiu.

LUA

Certamente vem da lua essa volúpia,
êsse desejo de corpos claros e tenros,
de amores pecaminosos e suspiros lúbricos.

Certamente é a lua que anda semeando
o jóio da sensualidade pela noite em fora:
corpos entregam-se nos caminhos brancos,
animais espojam-se nos matagais luarentos,
gatos miam luxuriosos no telhado alvo do casario.

Sim, é da lua, gélida filha de Satan,
assexuada e fria luz que os poetas
onanistas proclamam símbolo da pureza,
é da lua que desce sobre os seres
essa atormentadora e doentia concupiscência
— nívea e pálida lua, impuro e sensual ventre
onde, sob a luz distante e indiferente das estrelas,
os sete pecados mortais são concebidos.

João Viana de Oliveira

Zecchi Abrahão

A data de 13 do corrente assinala o dia dos anos de Zecchi Abrahão, um dos mais patentes valores da atual geração de moços de Goiaz.



Jornalista emérito, já havendo, com notável proficiência, dirigido a Imprensa Oficial do Estado e o jornal "Folha de Goiaz", Zecchi Abrahão, que ocupa presentemente as funções de professor de português do Colégio Estadual de Goiaz, é uma das figuras de maior projeção nos meios culturais do Brasil Central. A suas indiscutíveis qualidades de intelectual, de moço inteligente e culto, êle sabe aliar uma extrema bondade de coração — de modo que todos os que teem a ventura de privar consigo se tornam, sempre, seus admiradores e amigos.

OESTE, que contou com a colaboração de Zecchi Abrahão desde seu primeiro número, quando apareceu como seu diretor, e que conta, ainda hoje, com o seu entusiasmo, tem grande satisfação em noticiar essa efeméride, que lhe pertence, também, de certo modo.

Economia, e não personalismo

Zoroastro Artiaga

A política hoje é feita em torno de problemas econômicos e sociais e não em torno de personalidades e de castas.

Vivemos a hora da socialização.

Estamos chegando ao termo de uma organização falida que não deixa saudades nem benefícios.

As nações evoluídas cuidam de socializar-se.

A Sociologia, como bem a classifica Comte, é a ciência das formas da vida em sociedade, ou dos fatos sociais, e tem por fim o progresso coletivo; é a ciência da evolução das sociedades.

Giddings disse um dia que ela procura explicar a origem e crescimento, a estrutura e as atividades sociais por meio de causas físicas, vitais, psíquicas, operando em conjunto num processo de evolução lenta.

Sim, é ciência das relações de troca, entre os homens, das tendências fundamentais do progresso social, ciência da sociedade considerada em seus elementos genéticos, estáticos, tecnológicos, ciência dos fatos sociais, dos que implicam entre seus elementos, a associação, uma reciprocidade mais ou menos consciente de ação, entre indivíduos, ciência da natureza, estrutura, vida e leis do total da sociedade.

E ainda: convivência de vários seres inteligentes e livres que, juntos, cooperam para o bem comum.

Uma sociedade, como todos sabem, é o agrupamento de indivíduos organizados, inteligentes e livres, que trabalham de maneira estável para o bem comum.

Ela pode ser um Estado, uma nação, como pode ser uma simples sociedade cultural, esportiva, científica, deve, porém, ser estável, com vínculos indissolúveis, harmônicos, com fim moral, útil e honesto.

Spencer admitiu uma perfeita analogia entre uma sociedade e um organismo vivo, composto de células, cooperando para a vida do todo.

Esta divagação não vem à guisa de doutrina; vem a propósito da mudança que estamos realizando, que já estamos sentindo, do plano deletério do "personalismo" para o de ordem social.

Antes, vivíamos fazendo política e administração, deturpando e corrompendo a beleza democrática que estava nos sonhos de Aristides Lôbo e de Rui, girando em torno de personalidades, de famílias tradicionais, com fôros de sangue azul, propagan-

do o feudalismo rotulado com um liberalismo letal que quasi nos levou à condição de protetorado e à bancarrota. Muitas vezes endeuávamos mediocridades que eram ídolos de barro, estadistas improvisados por fraudes eleitorais que se agarravam nos cargos, que se eternizavam nas posições de comando, nas posições da alta administração, tudo por injunções do regime, devido ao excesso de "liberdades" facultadas pela carta de 1891.

Felizmente a nuvem passou, para nós, mas não se foi, ainda, de todo, para o mundo.

Os homens ricos, assim como as nações ricas, tinham, nas suas mãos, os melhores negócios, as melhores sinecuras, e, escassa minoria, dominando a maioria, manejava a economia e a finança, a seu talento, possuindo o controle do pensamento, porque escravizou a imprensa e fez do jornalista um necessitado ao seu serviço.

Uns por ambição, outros subjogados pela miséria, êsses operários intelectuais, postos ao serviço dos partidos, cujas injunções respeitavam, atendiam a imperativos de ordem política, enchiam os jornais de bajulações e lisonjas, dando credenciais de improviso a todos os candidatos dos diretórios dominantes.

Ficavam de fora os que tinham qualidades para as investidas, os verdadeiros estadistas, que, derrotados pelos conchavos, ou pelas depurações das comissões do calamitoso parlamento, principalmente ao tempo de Morro das Graças, em que o general Pinheiro Machado mandava como ditador, em pleno regime constitucional, iam para o ostracismo, em detrimento dos sagrados interesses da Pátria.

Hoje valem somente aqueles que tem valor intrínseco, inteligência, capacidade, operosidade, dinamismo e não prestígio eleitoral a bico de pena.

Por êsse motivo foi que progredimos.

Realizamos mais em cinco anos, com o Estado Novo, do que em quarenta anos de república.

Os "medalhões" foram para a reserva, estigmatizados pela ação da fatalidade histórica, e de lá não mais poderão sair, porque mudaram os tempos . . .

A sábia legislação vigorante traçou rumos novos à civilização brasileira, organizou o trabalho em

moldes tão humanos e tão racionais que devemos esperar para os nossos filhos uma vida melhor e mais farta, pelo trabalho honesto e salutar.

A mesma inteligência organizou as bases para uma nova civilização, criou um ciclo novo de vida, dando ao indivíduo e à sociedade, o equilíbrio preconizado pela notável e tão admirada incíclica papal: a "Rerum Novarum", que é a estrutura do Estado Nacional.

A sociedade ganhou vantagens sobre o indivíduo, e distribuiu-as com êle, generosamente.

Os antigos aproveitadores do trabalho humano, corações indiferentes ao sofrimento alheio e anestesiados à solidariedade social, usufrutuários de posições conquistadas pela riqueza, já não são absolutos.

As iniquidades foram juguladas, a escravidão operária destruída, e o indivíduo tem a proteção que lhe faltava, de leis que asseguram o seu bem-estar, que lhe dão garantias contra a indigência, o infortúnio e a miséria.

O Estado Novo foi uma conquista gloriosa que tivemos, graças à supervisão do venerando Presidente da República, e êsse regime ideal será o regime universal, será o padrão de que se utilizarão as nações unidas para darem ao mundo dias melhores, dentro de um plano cristão que a incíclica contém, um sentido mais prático de democracia social, sem os exageros perniciosos que não condizem com a liberdade útil, com a solidariedade humana e social, e com a fraternidade bem compreendida e bem praticada.

Faz parte dos seus postulados a cooperação financeira.

Êle preconiza a criação de cooperativas de consumo, de crédito e de produção.

Entre nós há ambiente próprio, e todos trabalhamos com entusiasmo sincero para a consolidação desses postulados do Estado Novo; e, a própria cidade é uma expressão do Estado Nacional, uma prova de fé cívica, um exemplo de capacidade renovadora, realizadora e vitalizante, representando um estímulo, um incentivo ao Brasil.

Os benefícios de que gozamos, da Assistência Social, dados pelo regime, aí estão desafiando toda análise.

Hospitais, colégios gratuitos, preventórios, caixas de socorro, instituições de caridade, asilos, manicômios, orfanatos, leprosários, maternidades, institutos de puericultura, casas de saúde subvencionadas, etc..

Colaboremos ainda, illustre leitor amigo, com o Estado Novo, nas realizações que tem em vista.

Nesta capital estão em organização novos bancos de crédito agropastoril, bancos nossos, que se destinam a proteger as classes de lavradores e pecuaristas do Estado.

E' dever patriótico ajudar a êsses

VALE A PENA ESTUDAR DIREITO?

— HÉLIO A. LOBO —

Muitas vezes, quando o estudante se decide pela carreira jurídica, conselheiros gratuitos tentam dissuadi-lo dêsse propósito, a que chamam nem mais nem menos que de loucura e má compreensão das tendências mais profundas do mundo atual.

É que para êsses falsos profetas o Direito de há muito se refugiou na estufa esquecida de velhas bibliotecas, onde apenas se conserva a título de curiosidade histórica, definitivamente fossilizado diante da realidade presente.

Para êles, o momento é da técnica. Admitem tôdas as técnicas, mas não podem conceber uma técnica para o Direito. Não, dizem, o Direito é coisa vã, incorpórea e sobretudo morta. Não pode encontrar abrigo na árvore frondosa da técnica.

Aí sòmente podem figurar coisas sensíveis, reais, e sobretudo "práticas". Nada de teorismos balofos e inconsequentes, como o Direito.

abnegados servidores da economia goiana.

Tomemos com êles a cruz, levemo-la ao Calvário da nossa vitória comum.

E' política no bom sentido, devemos fazê-la com tôda convicção do dever, porque é à sociedade que beneficiaremos, é ao Estado, é à Pátria.

Não mais a política personalista, egoísta, dispersiva que o país levou fazendo por tanto tempo, desde a abertura dos portos, porém, a recuperação econômica, o aumento da produção pelo financiamento a prazo longo e a juros módicos, baixos, baratos, que a carteira rural do B. do Brasil não nos pôde conceder.

Êsses Bancos resolverão o problema, porque visam os métodos modernos de cooperação, e não os objetivos do antigo capitalismo absorvente e demolidor.

E' o capital honesto, construtor, útil e incentivador do trabalho.

E' o capital bem intencionado, e, para êle devemos ter tôda boa vontade e dar a êle todo nosso apôio, e com fé, porque é pelo Brasil que o fazemos, porque o Brasil tudo espera de nós.

Eis porque tanto lastimam o desacêrto daqueles que se entregam ao estudo da ciência jurídica, aprofundando-se em velharias rançosas, ao envés de optarem por qualquer coisa prática e "técnica", segundo o conceito que endossam.

Estes acácios do tecnicismo são, a-pezar-de tudo, lídimos representantes da nossa época, ou, melhor, de uma época que vai ficando para trás, depois de se julgar imperecível: a época dos totalitarismos agnósticos e sanguinários.

Foram êles que aniquilaram o Direito. Que estrangularam a liberdade. Que escravizaram o homem. Que impuseram o culto da força contra o domínio do espírito. Que levaram ao óleo de rícino, às masmorras, aos campos de concentração e aos fuzilamentos em massa todos aqueles que tiveram a ousadia heróica de se insurgirem contra o novo credo, ou mesmo de se lhe mostrarem indiferentes.

Decisivamente, não podia haver, nesse clima, logar para o Direito. Foi preciso que emigrasse para outras paragens ainda não inoculadas pelo veneno infame, pois o Direito não comporta tergiversações e jamais se afasta de Liberdade.

Houve um momento em que o mundo oscilou diante da perspectiva tremenda do domínio absoluto do monstro. Foi quando as hordas totalitárias cresceram para os povos que tentavam obstar-lhes as passadas triunfais, com todo o poderio de seu fanatismo sem medidas.

Arrancando vitórias retumbantes contra nações desprevenidas. Espalhando tragédias. Massacrando populações indefesas. Alardeando pelo

mundo, através da arrogância de suas trombetas, a invencibilidade de seus exércitos.

Foi então que mais se acreditou no colapso definitivo do Direito. Só a força dominaria o mundo. "Viver perigosamente", com a força e pela força, seria o novo lema da nova humanidade.

Quando, porém, tudo estava a indicar que a sapatorra medonha subjugara o mundo, surgiram paradoxalmente os primeiros lampejos de esperança, indicando que a batalha não estava terminada, nem muito menos perdida.

Sucederam-se os dias e hoje o que vemos é a Vitória avizinhar-se cada vez mais, levando de roldão o orgulho e a arrogância dos tiranos que se julgavam eternos e invencíveis.

E o Direito, cuja decadência analistas apressados proclamavam por céus e terra, mostra-se dia a dia mais prestigiado, firmando-se sôbre os escombros dos pregoeiros de sua derrocada.

O Direito continuará. A paz futura não pode prescindir dêle, como base. Nêle é que se alicerçará, para ser segura e fecunda, a organização da paz.

Se os meios até hoje empregados para a manutenção da harmonia entre as nações não têm produzido resultados satisfatórios, não é porque os obstáculos a vencer são múltiplos e persistentes, mas principalmente porque o que se tem procurado é apenas criar embaraços à guerra, sem maiores preocupações de natureza moral.

É no Direito que há-de fundar-se, para ser perene, a instituição da paz, com todos os seus benefícios de ordem moral, intelectual e econômica.

Só assim poderemos realizar aquilo a que Tristão de Ataíde chama de "ideal da Justiça", isto é, dar a cada um o que lhe pertence, na proporção natural entre o que devemos e o que nos é devido.

Quaisquer que sejam os re-

gimes políticos dominantes no após-guerra, não poderão manter-se fóra do Direito. Entendemos aqui o Direito em sua concepção legítima e perene, muito além das conceituações caricatas, frutos de partidos ou da vontade de um chefe, antítese de toda justiça e de toda caridade.

Na passagem de mais um onze de agosto, data das mais expressivas no calendário jurídico do Brasil, revigoremos nossa fé nesse Direito sem jaça, meta de todos os povos livres.

Proclamemos bem alto que o Direito não morreu, nem morrerá jamais. Ele existirá sempre, enquanto existir o homem, como justa medida nas relações de indivíduo a indivíduo, de nação a nação, do homem para com a sociedade e desta para com aquele.

Colegas, orgulhem-nos, pois, da carreira que abraçamos, exatamente aquela em que todas as outras buscam a segurança e a garantia, sem as quais não podem exercer-se.

Aprofundemo-nos cada vez mais no estudo da ciência jurídica, sen a qual não é possível a realização da Justiça, pedra angular da sociedade, ideal a que se atêm todos os homens e todos os governos que buscam a ordem e a prosperidade.

Agradecemos aos escravos do tecnicismo, aos vassallos da força, os seus conselhos e as hipócritas lamentações que choram diante da eça ridícula que erigiram ao Direito. Deixemo-los em paz...

(Palavras pronunciadas na Faculdade de Direito de Goiaz, nas comemorações do Onze de Agosto).

Evitando aqui a implantação dos regimes de compressão totalitária, dos sistemas de ditaduras de partidos, o Estado Nacional conjurou os fantasmas da servidão e da desordem, reintegrando-nos na paz, no tradicionalismo e na fraternidade da América. Foi assim o nosso atual sistema de governo, uma reafirmação da ordem nacionalista do Brasil na ordem continental da América —

SÍLVIO PEIXOTO

O SIGNIFICADO DE UMA CONFERÊNCIA

Firmo Gomes de Castro

No cenário majestoso da Guanabara reuniu-se há poucos dias uma das mais importantes conferências americanas. Advogados de diferentes países do novo mundo ali acorreram levando consigo o teor de cultura jurídica e de aspirações de paz e de justiça dos seus respectivos povos. Tal foi a II Conferência Interamericana de Advogados.

Com essa realização, digna de registo especial na história do continente foi, pode dizer-se, aberta a segunda frente. Uma frente que no atual momento representa ainda mais do que as frentes estratégicas — A frente espiritual — E, quando ponderamos que na hora mesma em que fala mais alto a voz do canhão, que já se disse ser a última razão dos reis, um punhado de homens de boa vontade transpõe fronteiras internacionais, não com exércitos em armas, mas com idéias em marcha, para se estenderem mãos amistosas e discutirem teses jurídicas, cresce em nós a convicção do que afirmamos — Porque? Exatamente porque no momento em que se nega o valor do Direito Internacional e dos tratados que o consagram, êsses juristas americanos cerram fileiras e lançam ao mundo a sua resposta literal.

A muitos pareceria falta de senso de oportunidade a realização dessa conferência, quando todas as energias devem convergir para o esforço de guerra. Lembrariam os torneios bizantinos que aceleraram a queda do Império do Ocidente. Essa, entretanto, a conclusão apressada dos que julgam pelas aparências.

O que os juristas americanos estão fazendo agora, com uma notável previdência política, neste verdadeiro "conselho de família", para usar da expressão do Presidente Vargas, é o que não souberam fazer os malogrados triunfadores de 1919. Eles estão preparando, em ambiente de serena compreensão, as bases jurídicas de uma paz futura. Eles estão procedendo ao exame de todas as experiências do passado, à revisão das normas jurídicas que vêm regendo as relações entre os povos, tirando de umas e de outras os ensinamentos aproveitáveis na construção de um mundo melhor. Dêsses concílios sairá, por certo, um novo estatuto político da humanidade, uma Lei Magna, meta constitucional de que a "Carta do Atlântico" foi apenas o preâmbulo e em que virão impressos em caracteres de sangue as máximas invioláveis do direito de após-guerra. Invioláveis, sim, porque terão como garantia o quinhão de sofrimento de cada um dos povos emergentes desta provação universal. No bojo dêsse livro já está reservado o lugar para essa página importante constituída das nove resoluções adotadas pela Conferência. Resoluções que exprimem o mínimo das aspirações políticas dos povos americanos, tais como o fortalecimento da Democracia, a cooperação internacional na repressão à criminalidade, a precisão em termos insofismáveis da declaração dos direitos do homem, o respeito às decisões judiciárias e arbitrais assegurado pelas sanções econômicas, financeiras e até pela força, a realidade da Côte

Permanente de Justiça re-
pousante no princípio funda-
mental da independência do
poder judiciário e na sepa-
ração das funções legislativa,
judiciária e executiva, a a-
cessibilidade da Côrte tam-
bém pelos indivíduos quando
os Estados violarem os seus
direitos fundamentais, pois que
o fim último do direito das
gentes é a proteção dos di-
reitos do homem, a precisão
das fórmulas do direito posi-
tivo internacional e a orga-
nização da sociedade inter-
nacional sôbre a base do di-
reito e tendo como escopo a
justiça e por fim as Conven-
ções Pan-Americanas de as-
suntos diplomáticos, comerci-
ais, econômicos e financeiros.
Aí estão, em rápido bos-
quejo, os resultados concre-
tos da Conferência.

Não são formulações teóri-
cas de aspirações platônicas,
mas sim resoluções livremente
adotadas por delegados de
povos livres, povos embora
jovens ainda, mas já acostu-
mados a resolver os seus li-
tígios dentro do clima jurí-
dico, povos acostumados a
respeitar as decisões dos
tribunais arbitrais e a repe-
lir as pretensões da força
que não tem argumento em
si mesma.

Esse é um dos caracterís-
ticos da história da civiliza-
ção americana.

Reveja-se o mundo nesses
espelhos e volte, enquanto é
tempo, ao império do Direito
porque este é o único impé-
rio que não é despótico.

Filosofia integral, compreendendo
a multiplicidade das manifestações
vitais de uma nação, a filosofia de
que nasceu o Estado Novo, e que o
íntegra e dirige, é toda uma con-
cepção ousada mas firme, substan-
ciosa e profunda, de um povo que
se achou a si próprio. Suas raízes
estão na História, seus meios na
Política, seus fins no Direito. E den-
tro do quadro, como objeto máximo
de interesse — o HOMEM. A com-
preensão do Brasileiro, a explicação
de sua vida, a procura de sua alma,
a determinação de seu destino, eis
os fundamentos da filosofia que
orientou o Estado Novo em sua for-
mação e regula a sua marcha pelo
desconhecido.

Paulo Augusto de Figueiredo

O Colosso em marcha

Goiáz dormia o sono profundo dos gigantes, a cabeça
enterrada no vale do Rio-Vermelho e o braço granítico da
Serra-Dourada sôbre a frente, a tapar-lhe os olhos cansados
de mesmice.

Vieram acordá-lo uns homens, impertinentes, uns bár-
baros, filhos embora de seu sangue.


Entre êles, um havia, dos mais moços, que lhe tomou
o pulso, de repelão, traduzindo para o idioma nacional o
“surge et ambula” bíblico e falando outras coisas novas,
na sua linguagem esquesita e maluca.

E eis que o colosso se põe de pé. Distendendo a mus-
culatura entorpecida e aprumando o busto másculo, ergue
a cabeça faiscante de esmeralda e ouro na ensolarada
altiplanura da cidade mais nova e surpreendente do Brasil.

Em tal postura — frente ao alto, músculos em tensão,
olhos afeitos às grandes miradas e ouvidos alerta à voz
de comando de Pedro Ludovico — o gigante se agita, re-
soluto e fremente, vanguardeando a Marcha para Oeste.

E o velho Anhanguera, na imobilidade do bronze vo-
tivo, erguido pela mocidade das Arcadas em meio à es-
tupenda floração de cimento armado que é Goiânia, as-
siste, orgulhoso e deslumbrado, à passagem de seus des-
cendentes, em marcha para a realidade tangível e glorio-
sa de novos Araés.

Leo-Lynce

 Foto “BERTO”

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

NO SEU NATALÍCIO

*Esta noite eu vi você em sonhos,
Mãe querida.*

*Não foi preciso o esforço, a ânsia
de cerrar os olhos para ver melhor
porque no meu sonho
não havia, entre nós,
a presença dolorosa da distância!*

*E até mim você veio. . .
Vulto moreno de andar compassado e grave,
cabelos negros, tão lisos,
e a estrada branca que os divide ao meio!*

*Eu vi seu rosto sereno
sem o menor vislumbre de vaidade. . .
a bôca firme
a me dizer bondade,
e seus olhos,
êsses olhos soberbos
que, infelizmente, não herdei de você;
tão altivos, profundos, inteligentes,
quando a fitar frente a frente,
e humanos, compassivos, repousantes,
quando a estender a sombra do perdão!
E na felicidade dêsse sonho
os seus olhos me olhavam felizes,
com ternura imensa,
com saudades até.*

Depois, na penumbra suave da varanda tran-

[quilha,

*a rede sôzinha,
vazia,
viviua do meu corpo,
que tantas vezes nela se embalou. . .*

*Em frente à rede,
o retrato de Pai e seu retrato triste,
pregados na parede.
Como a casa está quieta! . . .
Os maninhos na escola. . .*

*O macio divan guardando ainda
a forma quente de um corpo qualquer. . .
O piano, esquecido dos meus dedos.
lá num canto, a repousar!*

*O meu piano. . .
O meu piano querido
que, talvez, neste instante,
mãos estranhas procurem despertar!
E em cima do piano,
Branca de Neve e os sete anões
a marchar. . . a marchar. . .
Mestre, Dunga, Zangado. . .*

*— Mas, que tem o Zangado, hein?
— Foi Marília, coitadinha,
ela é tão boazinha,
— É... as netinhas são sempre boazinhas! . . .
E por ser a netinha boazinha,
lá vai o Zangado,
coitado,
com a perna quebrada,
a marchar. . . a marchar! . . .*

*Oh! como é bom recordar!
como é bom somar à nossa felicidade
as alegrias passadas!
E hoje que é seu aniversário,
Mãe querida,
eu fico imaginando como deve estar alegre
nossa casa!*

*E nesta página de saudade
peço-lhe guardar sempre, em seu carinho,
um cantinho
para essa sua filha
que, mesmo distante,
estará sempre a seu lado!*

Rosarita Fleuri

PRIMOGENITO

FRANCISCO DE BRITO

Maneco entrou na farmácia de seu Oscar e pediu um purgante de *A'gua vienense*. A mulher andava perrengosa e para o seu mal não havia remédio melhor indicado.

Enquanto o empregado manipulava a xaropada êle saiu novamente à porta para reler o retângulo de papel que acabara de receber e que apertava febrilmente na mão suja e calosa.

Passou um caminhão carregado de mercadorias. Na única rua do vilarejo o mesmo intenso movimento de todos os domingos. A porta das casas comerciais dezenas de cavalos amarrados indicavam o auge da freguezia. Grupos de roceiros iam e vinham, conversando e rindo, entravam nas vendas para matar o bicho. Na barbearia da esquina uma vitrola moía uma valsa do tempo do onça.

Maneco sentia-se só naquele ambiente.

Ninguém se dava conta dos graves acontecimentos que iam pelo mundo. Era como se Divinópolis fosse um recanto esquecido, até onde não chegavam as notícias tenebrosas de bombardeios, de torpedeamentos, de batalhas sangrentas...

No povoado não havia rádios, é certo. Mas o farmacêutico assinava jornais e sempre referia ao povo êsses tristes acontecimentos que iam enlutando a humanidade.

— Será que é verdade, seu Dito, tôda essa desgraça que seu Oscar anda lendo nas fôlhas?

— Qual o que, criatura. O mais é propaganda. Se morresse a metade do que eles contam não havia mais gente neste mundo. Papel aceita tudo...

Ninguém acreditava. E depois a guerra estava tão longe, da banda de lá do mar e era como se estivesse noutro planeta.

Entretanto aquele pedaço de papel queimava as mãos de Maneco e dizia-lhe que a Pátria estava em perigo e precisava urgentemente dos seus serviços.

Era a convocação. Dentro de um mês teria que apresentar-se em I-pamerí para receber ordens...

As letras dansavam, baralhavam-se diante dos seus olhos, mas a verdade é que a emoção não excluía um certo orgulho de ter sido êle o primeiro convocado.

Num instante deu um balanço na sua vida. As colheitas estavam terminadas, havia fartura no seu rancho e no terreiro os bacorinhos se multiplicavam. Também não tinha dívidas e era seu o pedaço de chão

onde morava. Podia, pois, partir tranquilamente, na certeza de que ao menos durante um ano a subsistência dos seus estava garantida.

Sòmente uma coisa lhe servia de empecilho: a mulher, em véspera de lhe dar o primeiro filho...

Ritinha era a sua grande paixão. Por amor dela, quando solteiro, quasi curtiра cadeia, quando esbordou o Donato (preto pachola, metido a sebo!) numa incontida explosão de ciúme. Depois até se arrendera. Mas o certo é que o cabra no correr de um pagode se permitira uma tantas gabolices e êle, namorado apaixonado, não estivera pelos autos: moera-lhe os costados com o cabo do piraf. Logo em seguida saíra sorteado e só Deus sabe as dores que suportara naquela ausência de um ano.

Uma vez casado metera-se naquelas brenhas onde comprara uns alqueires de terra e agora estava à espera do primeiro fruto do seu grande amor...

Desmoronavam-se subitamente, diante da convocação, os seus planos de comprar mais uns litros de terra e iniciar no próximo ano o plantio de uma lavoura de café. Mas não havia jeito a dar. Como reservista não lhe assistia o direito de escolher. Deixaria Ritinha com a mãe e partiria no cumprimento do seu dever. Aquilo lhe custaria muito, pois não, mas era preciso obedecer.

— Pronto, seu moço!

Maneco pagou, meteu o embrulho no embornal de algodão alçado à cabeça do lombilho e pôs-se a caminho de casa, perdido em divagações.

Com o escoar dos dias o sentimento patriótico de Maneco foi sofrendo profundas cutiladas. Ao calor do afeto envolvente de Ritinha o seu coração fraquejava. Aproximava-se o termo do prazo em que devia se apresentar e êle não tomava nenhuma providência. Falta-lhe coragem para deixar a mulher naquele estado e partir, sem saber mesmo com que destino.

E o filho?

Ah! Quantas vezes sonhara com êsse rebento, fruto sadio de um grande amor! Havia de se parecer com a mãe, mas com certeza traria também as características físicas do pai. Devia ter uns olhos rasgados e negros, como os de Ritinha, a pele clara e rosada, os cabelos castanhos e anelados... Ritinha queria que fosse homem; êle desejava muito que fosse uma menina.

E ficavam os dois horas a fio fazendo castelos, discutindo nomes, êle a escutar extasiado e comovido as pulsações do ser em cujas veias já corria o seu sangue ardente e impetuoso.

E se não voltasse?

A essa idéia terrível o seu espírito baqueava, a sua vontade se anulava.

Pensava em Ritinha viúva. Pensava nela casada outra vez, seu filho entregue à malvadez de um padraсто...

O prazo ia-se esgotando. A mulher não despachava e Maneco se acabrunhava. Ritinha, com essa profunda e sutil intuição feminina, adivinhara que algo de anormal se passava no coração do marido. Surpreendera-o mais de uma vez em longas meditações e até os seus carinhos tinham sabor diferente, com qualquer coisa de quasi ferocidade. Estranhava-o. Seria ciúmes?

— O que é que ocê tem, Maneco? Ocê tá doente?

— Eu? Nada...

Deitava no colo da mulher, fechava os olhos e ficava muito quieto, a sentir-lhe as carícias feínas, com a alma nadando em lágrimas. Não lhe diria nada para evitar um choque que poderia ter consequências funestas. Ademais chegava a ter medo de saber a opinião de Ritinha. No íntimo já alimentava uns vagos desejos de faltar ao chamamento da Pátria, de meter-se com a mulher e o filho aí por êsses cafundós, onde ninguém os iria descobrir. Mas a êsse pensamento de infame covardia sentia que o sangue lhe subia ao rosto.

Era em junho e já havia pelas redondezas fortes indícios de que naquele ano S. João seria entusiasticamente festejado. Maneco teve então uma lembrança feliz: prometeu ao santo milagroso que se a guerra acabasse naquele mês daria a seu filho o nome de João ou Joana...

— A bença, mãe...

— Deus lhe abençõe, meu fio. Cumo vai a Ritinha?

— Bem mal, coitada. Desde ontem nessa peleja...

D. Carola, alta e angulosa, saltou do cavalo com a leidez de quem contasse vinte anos de menos. E enquanto o filho amarrava o pedrês a sombra de uma arvore foi contando que também ela não andava lá muito boa com uns velhos achaques que sempre a traziam de canto chorado.

Um grito agudo partiu do interior do rancho. D. Carola precipitou-se seguida de Maneco. No quarto escuro, entre colchas de algodão e lençóis brancos, Ritinha se contorcia, gemendo, gemendo. A parteira, gorda e afobada, ia e vinha, sem saber mais o que fazer.

Já aplicara todos os seus conhecimentos, sem resultado. Ritinha já estivera durante algum tempo agarrada a uma corda que pendia do teto. Já ficara de pé no meio da casa com o chapéu do marido na cabeça. Maneco, por sua vez, já dera inúmeras voltas em torno do rancho, vestindo e desvestindo a sua camisa pelo avêso. E nada.

D. Carola examinou a nora com ares de entendida e depois, virando-se para o filho:

— E' preciso mandar no comércio buscar um vidro de Gotas Salvadoras. Depressa.

Maneco saiu correndo. Num minuto estava com o cavalo arreariado. Mas não chegou a montar porque lá de dentro partia um choro forte de criança.

Com os poderes de Deus o caso estava resolvido.

Maneco sentiu as pernas bambas e sentou-se num tronco de árvore. Depois começou a chorar baixinho. A sua felicidade era tão grande que extravasava do seu peito molhada de lágrimas.

Não demorou muito tempo e D. Carola surgiu à porta do quarto com um embrulho de trapos nos braços.

O seu semblante estava compungido e Maneco sentiu-se desfalecer.

— Ritinha morreu, mãe? . . .

D. Carola não disse nada. Mostrou ao filho o recém-nascido que aconchegava ao peito.

Maneco olhou e recuou aterrado: o que êle via não podia ser seu filho: era um entezinho cor de café mal torrado, o cabelinho escasso e enroscado a denunciar estranha procedência . . .

Mãe e filho fitaram-se em silêncio. Silêncio eloquente, angustiante.

Um soluço espedaçou o peito do caboclo.

Maneco teve um ímpeto de matar Ritinha, de acabar com tudo numa tragédia terrível.

Mas pensou que não podia desertar, que tinha um dever sagrado a cumprir.

Nada mais o prendia ali e precisava andar depressa para chegar a tempo em Ipameri.

D. Carola também compreendeu que o filho era demais naqueia casa.

— Adeus, mãe . . .

— Deus lhe abençõe, meu fio.

As lágrimas lhe corriam por entre as rugas do rosto, silenciosamente.

Anoitecia, e pouco-a-pouco o tropel do cavalo perdeu-se na distância.

Do livro em preparo — **TERRAS BÁRBARAS.**

TORNEIO DE ORATÓRIA DO CENTRO ACADÊMICO XI DE MAIO

O Centro Acadêmico XI de Maio, da Faculdade de Direito de Goiás, promove anualmente um torneio de oratória entre os alunos de todas as séries desse importante estabelecimento de ensino jurídico. Há, em cada série, preliminares em que ficam escolhidos dois nomes, sendo, depois, os primeiros classificados submetidos a uma prova final para escolha do campeão. Os temas das preliminares são conhecidos na tribuna.



Acadêmico Hélio de Araújo Lobo

Em 1943, êsse torneio oratório se revestiu de brilho invulgar, havendo mesmo agitado os meios culturais de Goiânia, que tiveram oportunidade de assistir a um certame que atesta, indiscutivelmente, o entusiasmo e o valor da mocidade goiana. A fase final se realizou no dia 26 de agosto transato, no Jôquei Clube de Goiás, com uma assistência numerosa e seleta, e teve por tema o seguinte: "Conceito de liberdade no Estado Moderno". Os cinco oradores representantes das diversas séries percorreram brilhantemente a respeito da matéria proposta, havendo conseguido alcançar o título de campeão o acadêmico Hélio de Araújo Lobo, redator de "Oeste", classificando-se, em segundo lugar, o bacharelado Wellington Seabra Guimarães, Diretor da Receita do Estado e elemento de grande projeção nos meios intelectuais desta capital.

O acadêmico Hélio de Araújo Lobo, passageiro de um avião da Vasp, seguiu no dia 31 do mês passado com destino ao Rio-de-Janeiro, onde representou a Faculdade de Direito de Goiás em outro

torneio de oratória, êste agora promovido pelo Instituto da Ordem dos Advogados entre estudantes de direito de todo o Brasil.

O Cooperativismo em Goiás

O sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, interventor federal neste Estado, referindo-se ao Cooperativismo, que, por iniciativa do seu governo, tão auspiciosamente se irradia por todos os pontos de Goiás, emitiu os seguintes e valiosos conceitos:

"Creio no Cooperativismo como sistema econômico-social de cuja prática, fundada no auxílio mútuo, na solidariedade, na melhor distribuição das riquezas, advirá um período de franca prosperidade.

Êsse sistema defende os preços; remunera melhor o trabalhador porque aumenta o valor aquisitivo do salário; assegura um nível de vida condizente com a dignidade humana, dentro do conforto, da higiene e da confiança.

Aplicado em nosso meio, principalmente na zona rural, espero, em breve, um notável surto de progresso em Goiás, em virtude de poder o Cooperativismo organizar e movimentar recursos de crédito, indispensáveis para o aumento geral da produção, e elevar o valor de alguns nossos produtos, de ótima qualidade, mas, infelizmente, ainda pouco conhecidos nos mercados consumidores.

Cumprido, pois, divulgar o conhecimento do Cooperativismo.

Entregando a sua direção ao prof. João d'Abreu, que o organizou e adaptou à realidade do Estado, sob os auspícios de meu governo, espero ver farta messe de frutos dessa sementeira que tão oportunamente estamos fazendo.

Recomendo, por isso, a todas as autoridades que prestem seu decidido apoio a essa importante Campanha, cooperando quanto couber em suas atribuições, em prol da vitória do empreendimento".

DEEM CRÉDITO AO OESTE!

HENRIQUE GOULART GONZAGA

O cataclismo avassalador que assola o mundo reflete consequências sobremodo concretas e imensas, notadamente no setor econômico, não só dos países envolvidos no conflito como também de tôdas as demais nações que por força de afinidades distintas entre um ou outro beligerante, não podem de forma alguma ficar alheias aos acontecimentos e nem deixar de sofrer influência direta das operações militares que se desenrolam em terra, mar e ar.—

Na opinião de comentaristas abalizados, a própria guerra tem seu "leit motiv" exclusivamente na questão econômica e o domínio comercial pretendido por Hitler & Cia. foi encoberto como tábua de salvação na teoria do "espaço vital" para suas bravatas de invadir pacíficas terras e respectiva escravização ao regime nazista.

Oriundas da guerra, lamentáveis consequências, como não podiam deixar de ser, fizeram-se sentir no Brasil de forma tão acentuada que, no devido tempo, o nosso seguro Governo determinou medidas acauteladoras da economia pátria, confiando-as aos mais capazes homens da administração pública.

País essencialmente agrícola, cuja industrialização somente agora vem de se esboçar, o Brasil tem sua economia repousada nos produtos da agricultura, que a situação presente afetou, criando valores elevados no fiel da balança mercantil aos produtos originários da lavoura.—O consumo interno e a exportação, ocasionando altas enormes e especulações no comércio de gêneros de toda espécie, constituem ameaça à segurança nacional, sendo o controle de preços e razão de produtos básicos o objetivo das autoridades competentes na defesa econômica do Brasil.

Entretanto, embora incentive-se por propaganda à produção de mais e mais para a vitória, "não sabemos de providência que, por forma racional", rápida e eficiente, cuide do desenvolvimento agrícola das regiões produtoras do interior do país, na forma de fomentar a policultura e ampará-la, a fim de que resultados positivos se ofereçam prontamente à nação.—

Conhecedor capaz de todos os nossos problemas, o Presidente Vargas, pelos canais competentes, vem criando colônias agrícolas de alta finalidade, localizando-as em zonas apropriadas, instituições que visam primariamente a expansão e racionalização agrícola do interior, ao lado da educação do lavrador no amanho da terra e demais benefícios instrutivos.— Entretanto, para

que essas colônias logrem resultados materiais, indiretamente, para o país, acreditamos ser indispensável o auxílio também material ao lavrador para o cultivo de suas terras, o adiamento de dinheiro, o crédito.—

É o crédito agrário, na nossa opinião, o estimulante vital ao lavrador brasileiro. A Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil, única que oferece, embora restritamente, o crédito sobre a produção em plantio, tem sido de resultados enormes em regiões onde essa aplicação é difundida.

O nosso lavrador ainda não tem uma assistência bancária que fuja das garantias imóveis reais, palpáveis, para o crédito-fomento, o crédito concedido pelo empenho do credor em estimular, orientando e amparando, a atividade do devedor.—Os nossos bancos particulares, todos de depósito, não operam com a elasticidade exigida pelo crédito agrário e cá pelo interior, plantar, custear a lavoura, colher e beneficiar o produto, somente ao fazendeiro abastado e evoluído, capaz de lograr bons aavais, é permitido; enquanto os pequenos lavradores, lutando com o pagamento de suas glebas adquiridas a latifundiários que nunca faltam, angustiam-se no cultivo de poucos alqueires, vivendo asfixiados não só com falta de capital como também com insuficiência de braços.—

Se até aqui apenas os bancos ofi-

ciais encararam o problema do crédito agrícola, parece-nos oportuno aos demais, nesta hora grave que o Brasil atravessa, colaborando no nosso esforço de guerra, a introdução do crédito à agricultura, nas restritas bases em que deve ser estudado, pois a efetividade dessa medida trará ao país todos os benefícios característicos, funcionando como sangue novo na vida econômica do Brasil.—

Essa instituição, principalmente para o nosso Estado, viria agora muito a propósito, quando, por iniciativa do governo federal, uma grande expedição — qual "bandeiras" modernas de novos Anhangueras em marcha para oeste, cruzará os sertões de Goiaz em demanda das margens do Xingú, à Serra do Roncador em Mato Grosso, para desbravar ubérrimas regiões e plantar no coração das selvas núcleos colonizadores que se desenvolverão com rapidez e atração, forçosamente, grupos de lavradores que, para o futuro, legarão a Goiaz o fruto que seus braços hercúleos fizeram surgir do solo abençoado desta terra, onde corre majestoso o Araguaia.—

Oportuníssimo, pois, se essa avançada para o sertão fosse acompanhada de uma campanha de maior difusão do crédito agrícola, sendo para Goiaz de excepcional relevância e um passo de gigante na marcha para Oeste.—

Deem crédito ao Oeste, que os juros se multiplicarão!

VICENTE UMBELINO

Acaba de ser nomeado pelo Sr. Presidente da República para o alto cargo de Diretor da Divisão de Organização e Assistência Sindical do Ministério do Trabalho o sr. Vicente de Paulo Umbelino de Sousa.

O nomeado, que é filho da cidade de Bonfim, neste Estado, já tomou posse do alto cargo com que vem de ser distinguido, na Capital Federal.

A nova Constituição, colocando a realidade acima dos formalismos jurídicos, guarda fidelidade às nossas tradições e mantém a coesão

nacional, com a paz necessária ao desenvolvimento orgânico de tôdas as energias do país.

GETÚLIO VARGAS

I N D I F E R E N Ç A

Conto de CASTRO COSTA

Gení, ouvindo o barulho do cachorro de ferro sem o prévio anúncio da campainha, levantou-se do sofá, onde estava lendo um romance da moda. Afofou os cabelos e puxou o vestido levemente amarranhado. Paulo chegava do trabalho.

Beijaram-se com delicadeza, descolando os lábios devagar.

— Passou a tarde lendo, querida? — falou antes o engenheiro.

— Sim. É um livro interessante — respondeu ela. A que hora prefere o jantar?

Paulo passou os olhos sem curiosidade pelo livro e disse, deixando sobre a mesa os jornais do dia, que trouxera da rua:

— Logo após o banho. Nessa quadra de chuva geralmente o apetite é mais solícito.

Gení chamou pela cozinheira, enquanto o jovem senhor se retirava para o vestiário.

Finda a refeição, foram ter à sala-de-leitura.

O homem fumava um bom charuto, franzindo o sobrolho diante da secção industrial de uma gazeta local. A mulher metia os olhos lânguidos e sonhadores pela vidraça.

A tarde, de pouco sol e de chuviscos intermitentes, dera lugar a uma noite fria e úmida. A iluminação pública dava reflexos monótonos ao asfalto. Um ou outro transeunte passava apressadamente, segurando a capa ao pescoço. Um deles passava sem pressa e sem capa: seria mendigo ou poeta.

Os olhos de Gení, fitos na vidraça, se agitaram em dado momento quase imperceptivelmente, percorrendo, breves, toda a extensão da janela da frente: passou pela rua, em marcha lenta, um moderno *coupé* azul.

Paulo era simpático e espadado. Contava trinta anos, tinha invejável independência financeira e jamais se preocupou com o casamento. Conhecera, havia dois anos, uma encantadora odalisca que vivia em companhia de um jornalista. Não obstante sua nenhuma propensão a aventuras amorosas, empreendeu uma, fazendo-se rival do redator da *Fôlha do Povo*. A conquista não lhe fôra obra de péso. Dentro de duas semanas de encontros mais ou menos regulares, com algumas flores e muitos abraços, já se sentia instalado à-vontade naquele escaçozinho hospitaleiro.

— Possuo uma casa à rua Carlos Borges, num dos bairros mais isolados e pacatos da cidade. Se quiser, mandarei por-lhe mobília nova...

Gení não vacilou. Mudou de galho. O plumitivo que se arranjasse.

O bangalô da rua Carlos Borges recebeu mobília nova. E se povoou de três pessoas: um casal elegante e uma criada.

Paulo passava o dia em seu escritório, num edifício do centro, ou em exames de prédios em construção. Vinha a casa tomar as refeições. Vinha de automóvel. Após o jantar, que se servia entre as sete e as oito, ficava a ler, tendo ao lado Gení, quando não saíam para o teatro ou para o cinema, ou mesmo para o cassino.

— Gostaria de dansar hoje, querido.

— Prepare-se então. Iremos às onze e meia.

Dir-se-ia um pequeno paraíso aquela casa. Nunca fôra cenário da menor desinteligência. O engenheiro e a hetaira se entendiam deveras.

Quando a noite não convidava a

um passeio, ficavam em casa, a se contarem os incidentes do dia. Ele, de pijama de tricoline. Ela, de *pegnour* de seda, se o tempo não exigia melhores agasalhos. Não tinham visitas.

Paulo a amava. Melhor, admirava-a, eis-que, em sua idade, não se ama com-efeito sem precauções de certa ordem. Sabia ele que o jornalista podia um dia sentir-se vingado, vendo o engenheiro também abandonado. Seu amor era pois sem estos, mas moderado e seguro como as vigas de ferro que formavam o arcabouço de seus edifícios.

Ele começava a desconfiar de um *coupé* azul que vira várias vezes percorrendo devagar a rua Carlos Borges.

— Já notou, Gení — perguntou um dia, calmo — como essa barata azul é amiga de nosso bairro? Moraria o dono aqui por perto?

— Não sei, querido — respondeu-lhe a mulher, com delicadeza e levemente surpreendida pela observação.

Paulo tomou um charuto e o mordeu sorrindo. Gení pôs-se a examinar as estantes, procurando o que ler. Tomou um romance realista e folheou as páginas com ruído. De costas, exhibia, aos olhos enamorados de seu companheiro, as formas exuberantes de sua mocidade em floração outoniça.

Quando se virou, ambos riram sem ressentimentos.

Certa vez, o engenheiro, ao regressar, à-noitinha, do trabalho, não encontrou ninguém lendo um romance qualquer da moda. Jantou só. Nada perguntou à criada.

E jamais viu o *coupé* azul, na rua Carlos Borges...

Se a democracia não é incompatível com a ordem e tem capacidade para se defender das forças destruidoras que lhe invadem os quadros, o regime de 10 de Novembro veio fortalecê-la, armando-a contra os inimigos de dentro e de fora. Se por democracia se deve entender a instabilidade crônica, com a desordem dos partidos e a luta das facções, salvamos, então, o Brasil, e não essa ordem de cousas.

GETÚLIO VARGAS

Quaisquer que sejam os métodos de governo dos povos amigos ou vizinhos, o Brasil conservará o sistema de que precisa, sem prejuízo de suas relações internacionais. O reconhecimento internacional dessa soberania, desses direitos sagrados que exigimos para sustentáculo do nosso sistema de organização interna — é condição *sine qua non* da cooperação brasileira para a ordem, a paz e a solidariedade continental.

ALMIR DE ANDRADE

A transformação que o advento do Estado Nacional operou na vida política do país, na consciência dos cidadãos e na mentalidade social, substituindo as paixões partidárias, as rivalidades de clan e as hostilidades pessoais pelo espírito de associação e por um ideal coletivo de paz, de disciplina e de trabalho, traduz-se em infinidade de empreendimentos de interesse geral, que os regimes passados dificultavam ou impossibilitavam.

GETÚLIO VARGAS

Eu preciso sofrer, miseravelmente, porque fui, miseravelmente, mau. Ensinava-nos Mestre Ângelo, o bom e honrado Mestre Ângelo, citando Henri Lacordaire —, que todos temos, a dominar-nos a alma, o germe de um santo e o de um celerado. Cumpria-nos, dizia êle, o dever sagrado de zelar pelo bom, fazê-lo crescer, forte, vigoroso, dominando o mau, subjugando-o, abatendo-o, corajosamente, para uma possível felicidade.

Jamais me esquivei às suas palavras: sempre procurei cultivá-las devidamente; portanto, dei ao mau germe que, naturalmente, me habitava o espirito, o necessário combate e, não raras vezes, acreditei havê-lo dominado, por completo; porém, hoje, sou obrigado a crer que o triunfo foi seu.

Rebuscando minha infância, não me vejo, entretanto, mau menino: filho dedicado, aluno obediente, amigo sincero. De manhã e à noite, minhas orações subiam a Deus, pedindo-lhe, em repetição às palavras santas de minha pobre Mãe, que fiz, tão cruelmente, morrer, um destino claro, simples e fácil, onde a luta pela vida não fosse muito árdua e onde o luar da tranquilidade fizesse dormir seus raios transparentes.

Lembro-me, saudosamente, de minha primeira refeição de menino

ANGÚSTIA...

Nelly Alves de Almeida

pobre: uma xícara de café e um pedaço de pão sem manteiga — aquisição de minha Mãe, no dia anterior, depois de muita roupa lavada e passada. E, de roupa limpa, os cabelos penteados, asseadinho, dirigia-me à escola: casarão alegre, arejado, onde a algazarra de meus colegas punha nota alegre e festiva. E desfila-me tôda a infância ante os olhos, em festividade louca: penetram-me, então, a alma, um raio de luz e um perfume vago de alegria, que se eclipsam, logo, porém, como por encanto, deixando-me mergulhado, infeliz, em triste angústia.

Revejo, depois, minha adolescência... minha adolescência verde e entusiasta e boa! minha sede de vencer na vida, ser honesto, forte, amparando a velhice sublime de minha Mãe, que sofrera tanto, que lutara tanto! o desejo ardente de fazer feliz minha Marina, minha doce coleguinha de escola, minha incomparável companheira de

brinquedos, o meu amor, o meu querido amor!

E pesa-me a cabeça, como se estivesse coroada de chumbo! buscam meus olhos a claridade da vida com que sonhei: há uma escuridão tão sombria em torno de mim, um cheiro tão forte de perdição, um hálito tão pronunciado de desgraça, que sinto mãos de aço apertarem-me a garganta! e dançam, em torno de mim, em orgia pagã, bárbara, centenas de demônios, cantando, cruelmente, a vitória alcançada sobre mim; comentam-me o crime, elevando-o, ampliando-o tanto, que me sinto enlouquecer!

E, entre êles, bela, altiva, mais infernal que o próprio inferno, a diabólica VALÉRIA, a personificação de meu sofrimento, meu infortúnio, minha perdição! Sorrindo, ela me aponta, com o dedo branco e fino, a figura de meu tio, que a bala certa de meu revolver transformou num corpo inerte e empapado de sangue!

Onde estou?!

Em cela sombria, medonha, em que a imundície e o desespero imperam e donde não sei se quero sair para a Vida ou para a Morte!

(Do livro em preparo — "VALÉRIA").

"OESTE" vista pelos outros

Continuamos a ser recebidos festivamente pelos centros culturais de outras plagas, pela imprensa e pelos que têm lido a revista de Pedro Ludovico. Constantemente nos chegam moções de aplausos, de solidariedade e de estímulo, realçando, os nossos críticos, em comentários sempre lisonjeiros, o grande sentido educativo de OESTE.

LELIS VIEIRA, diretor do Departamento do Arquivo Público do Estado de São-Paulo, jornalista de admiráveis recursos, com um passado referido dos maiores serviços prestados à coletividade brasileira, historiador honesto e criterioso, — em carta de 12 de agosto, dirigida ao sr. Odorico Costa, diretor da Imprensa Oficial, escreveu o seguinte sobre a revista OESTE:

"Recebi a revista OESTE. Múltiplo grato. Magnífica, esplêndida publicação que bem diz da cultura, do progresso e da beleza dessa gente tão boa, tão nobre e tão amiga. Meus parabéns por mais êsse documento do brilhantismo goiano".

A **"GAZETA"**, prestigioso órgão que se edita na capital de São-Paulo, assim se expressou sobre o 6º número desta revista:

"OESTE" — Recebemos o nº 6 (Ano II) de OESTE, revista de divulgação cultural de Goiânia e que congrega os mais brilhantes espíritos da atual geração intelectual de Goiaz, como sejam: Castro Costa, B. Elis, Frederico de Medeiros, Hélio A. Lobo, J. Décio Filho, Paulo A. de Figueiredo, Zecchi Abrahão, J.B. Felix de Sousa, Carlos de Faria, Odorico Costa, Matma Nago, João Acioli, J. Lopes Rodrigues, Edésio Daher, José Afonseca e muitos outros jornalistas, escritores e poetas. OESTE é uma realização digna do melhor registro, pois que representa algo de apreciável, no setor da inteligência e da cultura, da administração do interventor Pedro Ludovico".

Também o nosso distinto amigo, professor Venerando de Freitas Borges, D.D. Prefeito desta Capital, recebeu, da senhorinha Rosa Santos, culto ornamento da sociedade de Campinas, Estado de São-Paulo, uma longa missiva, em que aprecia, com palavras de entusiasmo, êste magazine. Depois de agradacer ao prof. Venerando a remessa dos dois últimos números da revista mensal OESTE, diz que, "se Goiânia continuar nesse crescente progresso, al-

cançará logo o apogeu". A seguir aprecia algumas colaborações dos números enviados, terminando por dizer que, "resumindo, OESTE é o exemplo máximo do espirito trabalhador e uma prova indiscutível do alto grau de cultura intelectual dos goianos".

Aí estão comentários que enchem a todos os da revista da mais justificada alegria.

O político democrático-liberal sempre quis mal ao Exército, porque sabia que as classes armadas contrariavam os obscuros desígnios da grei partidária, não consentiriam no predomínio das parcelas contra a soma de interesses nacionais, e, em meio da corrupção, eram a exceção berrante e, portanto, importuna. Por isso, tudo lhe negava, desde o respeito, caluniando-o, quando proclamava que era uma "casta", até o aparelhamento material, só obtido à custa de uma energia que assombra pelos óbices vencidos. Foi necessário o Governo de Getúlio Vargas para que a Nação pudesse ter o Exército digno da sua tradição e da sua missão continental. — JOSÉ VERÍSSIMO FILHO.

Um tema que não é goiano

Domingos Felix de Souza

"Muito de novo e de velho temos a dizer de nós, como Selma, aproveitando os velhos motivos folclóricos de nossa Terra"

Qual a minha opinião sobre Selma Lagerlöf?

Positivamente, nada tem de goiano este assunto. Ou bem pouca afinidade terá o espírito escandinavo da grande escritora sueca com a feição meridional de nosso espírito. E eu gosto dos assuntos que se relacionam diretamente com minha terra, minha gente e a alma de meu povo. E' bom deixarmos um pouco esses eternos jardins de Academus, esses batidos Campos Elíseos, e ainda essas longínquas almas nórdicas, e voltarmos para nós, para nossa terra, nossa gente e a alma de nosso povo, em busca da compreensão de nós mesmos. Porque muito de novo e de velho temos a dizer de nós mesmos, como Selma, aproveitando os velhos motivos folclóricos de sua terra, tanto de novo e belo soube trazer à nova literatura.

O motivo deste estudo ligeiro, desta crônica, aliás tão anacrônica, sobre ela, é o desejo de satisfazer a teu pedido de grande admiradora da fina e delicada romancista. E some-se a isso a minha própria e grande admiração pela admirável escritora.

Morreu em março de 1940, e, não fosse a guerra que avassala nestes tempos todos os jornais e todos os espíritos, muito se teria falado dessa morte.

Selma Lagerlöf é a alma escandinava — porque, é toda a alma da longínqua Escandinávia que fala nos livros de Selma. Essa alma lendária e lírica do país distante, como que esvoaça pelas páginas do encantador "Livro das Lendas", que inda menino li, e passa-nos adejante sob os olhos nos inesquecíveis capítulos da "Lenda de Uma Quinta

Senhorial", que vim a ler depois.

Já se disse que o povo norueguês tem grande predileção e inigualável carinho para com a natureza e pelo inanimado. Penso não errar fazendo a observação psicológica relativa ao povo extensiva a toda a raça peninsular. De feito, em Selma Lagerlöf, alma de sua gente, se nota acendrado amor aos inanimados, e até nos lembra a emocionante fraternização de São Francisco de Assis, chamando a tudo, no seu idealismo sublime, "fratel mio".

Ouçamos o poema de amor universal que há em trechos como este: "Eu temo ferir a terra caminhando-lhe em cima; e temo abrir a água tocando-a com os remos. Nas plantas, nos animais, sinto como que fraternidade... e espero que a terra se abrirá amigavelmente para acolher-me morta".

Depois, dá voz a um violino, que dita palavras de consólo:

"Não passo de um mísero violino. Mas sou o consólo e a riqueza de um pobre cego. Sou a luz e o colorido e a claridade de sua vida. Por minha causa se esquece êle, por instantes, de sua pobreza, de sua velhice e de seus olhos sem fulgor".

E em tantas outras páginas assim, é o mesmo espírito sensível de mulher a ouvir a alma das coisas.

E' comum essa tendência que temos de comunicar-nos com o inanimado, pendor êsse que se revela como impulsos naturais do místico, que há no fundo de nós mesmos, no poeta, que fala nos movimentos mais íntimos de nosso ser, e na criança, que eternamente permanecemos.

Quanto nos comove a simplicidade daqueles velhos anacoretas, perdidos nos oásis longínquos e nas grutas de escarpadas montanhas, a conversar familiarmente com um lagarto, uma aranha, um inseto qualquer, uma palmeira, como a fingir a presença confortadora de um alguém...

Conhecem os homens de minha geração essas velhas histórias? Não,

decerto. Infelizmente para êles. Espíritos fortes, como se apelidam, deixam à margem, desdenhosamente, êsses encantos de poesia, piedade, profunda psicologia, que são as vidas encantadoras de anacoretas, monges e monjas, solitários no deserto da vida, e que nos sorriem por entre os livros do "Flos Sanctorum", para se irem (ironia ou estultice!) imergir no maremagno dessa literatura frívola e oca de copistas que abunda por aí.

A presença confortadora de um alguém. A eterna presença das coisas. O pendor natural do homem, que é místico, poeta e criança.

O místico é levado a comunicar-se com a criatura, pois que tudo lhe evoca a presença do Criador. E em Selma Lagerlöf há muito de místico na pureza de suas obras, na limpidez de seus temas, na evocação de suas lendas bíblicas.

O poeta, talvez no mesmo ímpeto místico para o alto, parece querer dar alma a toda a natureza. E em Selma Lagerlöf vibra a poesia em cada página de seus livros e em cada linha de suas páginas.

A criança dá alma e vida a seus brinquedos, e a tudo que a rodeia. E Selma Lagerlöf, sendo mulher, sempre guardou em si algo desse encantamento infantil e ingênuo da criança — que as mulheres jamais perdem.

"C'est dans le fond des esprits que son les littératures", no pensamento de Joubert. É na alma que está a literatura. É no fundo do espírito de uma raça que dormem ou se desenvolvem as suas letras. Selma Lagerlöf, alma de sua gente, trouxe-nos em seus livros essa mesma alma escandinava que lhe insuflava a vida, e, como fonte perene de emoção, procurava revelar em suas páginas imortais de sensibilidade. Foi do espírito forte, belo, amante, da velha raça peninsular, que nasceram suas obras.

E hoje, à sombra dos olmos e ciprestes do cemitério de Estocolmo, é seu extremo e mais glorioso louro, mais valioso mesmo que sua glorificação internacional pelo Prêmio Nobel, essa admiração como a tua, que por essas mesmas obras de tradições, de poesia e de simplicidade, sentem os leitores que no mundo inteiro soube ela conquistar.

EM GOIÂNIA PROCUREM

Casa Rádio - Luz

RUA SETE - Caixa Postal, 8

Material elétrico - Instalações - Rádios - Ferragens - Tintas - Acessórios para bicicletas.

Preços baixos em artigos de qualidade

VANTAGENS DO COOPERATIVISMO

MOACIR VIEIRA DE BARROS

Quanto melhor organizada economicamente uma nacionalidade, quanto menos acentuada a distância social das classes que a integram, mais resiste às tentações de movimentos extremistas.

Admitida a tese sociológica de que na interação dos fenômenos sociais, o fator econômico é a base real sobre que se eleva a superestrutura jurídica e política, artística e científica, e outras criações puramente espirituais que são reflexos ideais da infraestrutura econômica, nenhum perigo imediato ameaça uma Nação alicerçada numa ordem econômica equilibrada.

Um dos institutos, que mais interessam à nossa estrutura social e configura-se sob vários aspectos o mais apropriado para contrabalançar futuras e múltiplas consequências da atual tensão social, por solucionar moderadamente com a sua adoção numerosos problemas materiais, políticos e sociais, harmonizando-os com as novas tendências socializadoras do Direito, eliminando fatores impróprios para a vida em comum, é o — cooperativismo.

A instituição e funcionamento do cooperativismo estão alhures vitoriosos nos planos da produção e consumo. As cooperativas de consumo na Inglaterra, as de produção na França, as de crédito na Alemanha, as de construção na América do Norte, as rurais na Dinamarca, há muito iniciadas, facilitam e realizam importantes objetivos do Socialismo, produzindo novas condições de segurança e bem-estar individual e coletivo.

Entre nós, está sendo introduzido auspiciosamente, prometendo dentro de breve acomodação ser a palavra de fé que congregará todas as atividades sociais para realizar uma nova etapa civilizadora.

O cooperativismo tem raízes em inolvidável preceito da religião cristã. Shulze-Delitzsch, conhecido como o mais dedicado propulsor desse movimento, fá-lo promanar da idéia de que somos todos filhos de DEUS: Irmãos. A cooperação é um fenômeno antiquíssimo, a qual vem sendo aperfeiçoada pelo conhecimento das experiências econômicas, desenvolvimento da produção e meios de comunicação.

Todos os problemas do cooperativismo são perfeitamente exequíveis. O seu estudo não tem complexidade. É uma doutrina das mais claras, das mais úteis e mais humanas que

possue a economia política.

Procura o equilíbrio social preparando uma melhor democracia, produzindo o mais elevado grau possível de civilização e bem-estar para todos, ricos e pobres, igualmente atendidos em suas possibilidades de viver feliz e nobremente.

Unir as fontes de produção à do consumo, aperfeiçoando a produção, diminuindo as despesas e o trabalho, são as finalidades próximas dessa triunfante instituição. Propõe-se ainda a outras reformas e melhoramentos no sentido de realizar uma organização estrutural suscetível de efetuar uma produção planificada, intensiva, pelos mais adequados meios da técnica, responsável pela função social que representam as matérias primas, as energias cósmicas e as forças mecânicas.

Países há que se transformaram em potência econômica em virtude do cooperativismo. "Na Bélgica, escreve Luiz do Amaral, tudo se faz cooperativamente".

Encerra o cooperativismo a norma de "todos por um"; consequentemen-

te é uma aplicação do ensinamento do Divino Mestre, quando disse: AMAI-VOS UNS AOS OUTROS. Essa prescrição de amor ao próximo contém tudo que há de sublime e altruístico nas relações entre os homens. "Essa inspiração moral, afirma Gide, foi o elemento místico que propagou o movimento cooperativista como religião entre as populações da imensa Rússia".

O homem fora da interação social, não integrado na sociedade, tem sua atividade cerceada, deficiente, ou inutilizada — seria até uma abstração inútil para a interpretação sociológica. Ao passo que congregado sob bandeiras de ideais e interesses comuns, encontra ambiente propício para todas as grandes ações, disseminando os bens e predicações que DEUS lhe atribuiu em benefício de seus semelhantes. Sendo o homem um **zoon politikon** por excelência, como já o disse um pensador grego, só pode ser compreendido como um ente dinâmico, social.

Assim, com a prática do cooperativismo veremos extinguir-se cada vez mais toda demarcação social condensada pelas leis divinas e naturais. Os cooperados se aproximam, unem-se uns aos outros, diminuindo o injusto e perigoso desequilíbrio da ordem econômica, estabelecendo, por conseguinte, a harmonia democrática e assegurando a eficácia do pensamento e da ação.

NO PRELO

O Livro do Escritor Vitor de Almeida

OESTE, que, em um de seus primeiros números, anunciou haver recebido do governo estadual a honrosa incumbência de patrocinar publicitariamente a publicação do livro "Goiás — usos, costumes e riquezas naturais", de autoria do dr. Vitor Coelho de Almeida, tem agora a satisfação de trazer ao conhecimento de nossos meios culturais que os originais da obra em referência já se encontram em poder de uma importante firma impressora de São-Paulo.

O livro do conhecido sociólogo patricio será exposto à venda ainda no corrente ano, possivelmente na primeira quinzena do mês de novembro.

Ao trazer essa auspiciosa notícia a seus leitores, OESTE quer deixar consignado aqui seu agradecimento ao Interventor Pedro Ludovico, que tão solícitamente tem sabido corresponder ao entusiasmo dos que mourejam nesta redação — fato mais uma vez comprovado pela abertura de um crédito especial de Cr\$ 10 000,00 para a publicação do livro do dr. Vitor Coelho de Almeida

AUTO DE RECONHECIMENTO

É desvanecedor para os descendentes de um grande homem, que a sua memória se torne objeto de um culto quasi místico, durante mais de vinte anos, indiferente às transformações radicais operadas na sociedade em que viveu, sem que para tal contribua outro motivo além da sincera admiração pelo só exemplo de uma vida pura.

A gratidão do Estado de Goiaz aos seus filhos ilustres mostra uma pertinácia admirável, manifesta-se a cada passo com uma emoção confortante, animando esperanças no povo goiano, tão cioso de tradições inspiradoras dos novos espíritos na luta pelo engrandecimento progressivo da História do sertão de Anhanguera.

A publicação de frequentes referências ao nome de Moisés Santana, feita em vários números de "Oeste", é a prova mais atual dêsse amor acendrado ao acervo de nossas imperecíveis tradições.

Percebe-se, porém, nos artigos sôbre êsse goiano, uma angústia, uma espécie de vontade de dizer aos leitores: "Viva 40 anos atrás e acompanhe a viagem dêsse nosso conterrâneo pelas nossas terras; assista aos trechos da sua vida aventureira; sinta o calor e a luz da sua presença!"

Sômente isto explicaria suficientemente, para a atual geração de 22 anos, afora a tradição oral—que facilmente descamba para a lenda,—porque o nome de Moisés Santana aparece nas praças, nas ruas, nos grupos escolares, nas publicações, na Academia Goiana de Letras e no coração dos seus contemporâneos.

Os que já se atreveram a tentar a reprodução de instantâneos biográficos de Moisés Santana podem esclarecer a verdade ou a falsidade da impressão que me causam.

Sinto confessar a impossi-

LUIZ PAULISTANO

bilidade, em que me encontro, de prestar qualquer contribuição acima do par à memória do meu pai. Muito antes que pudesse compreender a sua extraordinária potência e seguir-lhe os passos, mataram-no.

Ccnsigo, aprender, contudo, que a aparente dispersão de sua incessante atividade adornou apenas a unidade presente a todos os seus atos: o amor à terra em que nasceu. Quem lhe descrever a existência terá condensado um volume de História de Goiaz.

Não houve, com efeito, um só fato, um pensamento, uma lágrima, uma alegria do povo goiano que não fosse pensamento, lágrima ou alegria de Moisés Santana.

Espírito combativo, senhor de verbo incendiário ditador da palavra, escrita ou falada, violento na ação e no estilo, debruçava-se deleitado sôbre a sua terra e lhe sorria com a alma enamorada.

Era Goiaz o seu sonho, o seu amor e o seu tormento.

Não serei monstruoso acusando a família numerosa de o haver prejudicado bastante na conquista de uma glória maior.

Desviar-lhe o olhar para as dificuldades domésticas, tolher-lhe os movimentos de vários modos, limitá-lo por escrúpulos de lidar com a sorte de outras vidas por que era responsável, roubar-lhe do trabalho grande parte de tempo e atenção, foram pecados que todos nós cometemos e só um compensou: Antensina.

Meu Pai morreu muito moço, justamente quando sofria projetos de tranquila estabilidade, um dêsses muitos esporádicos hiatos que o fizeram comprar casa em Santa-Ritad-Paranaíba, adquirir a fa-

zenda "Lages", tentar residência aqui e ali, procurando subsistência dentro das fronteiras do Brasil Central.

A madureza talvez lhe trouxesse a concentração precisa para ordenar o esforço, concentrar a atividade, harmonizar e concluir seus estudos de assuntos goianos.

Levado pela juventude estuante, jamais resistiu aos apelos atraentes da Aventura, que o chamava como a um filho submisso. E traçava, então, um plano de motim para depor o governo estadual, ou, em maior escala, uma conspiração monarquista absolutamente avêssa à sua formação liberal.

Encantou-o, possivelmente, a oportunidade futura de depor Sua Majestade o Imperador D. Luiz d'Orléans e Bragança.

Quasi padre, quasi militar, fugiu em tempo a essas disciplinas para respirar livremente o ar estimulante da imprensa, da política, da literatura e da advocacia.

Foi o tumulto que não se descreve, lançado por um lirismo pungente às cruas cavalaria da política sertaneja. Se não criou História, animou-a. Amava os fatos tanto quanto as idéias e não soube propugnar por estas sem se envolver naqueles. Não consentiu, nunca, em cômodas indiferenças. Por isso mesmo, pouco deixou, do que podia. Mal encetado um trabalho, lançava-se a outro, que o absorvia de corpo e alma até que outro acontecimento o desviasse, envolvendo-o.

Quem lê, por exemplo, "Flores do meu Sertão", sente que tinha como normal o estudo e o canto das maravilhas goianas. O resto eram apenas i n t e r v a l o s. Infelizmente, os intervalos ocuparam a maior parte da sua existência.

Tem um irresistível sabor profético afirmar que a pressa de correr como um relâmpago

pela história política e intelectual de Goiaz foi, em Moisés Santana, o pressentimento de um fim trágico. Acredito, antes, haver êle recebido herança do ambiente goiano, que tanto amou, que tanto sentiu e trasparece orgulhosa neste trecho das suas inéditas "Ephemérides Goyanas":

"Fevereiro, 26—1804—Deixa o governo da Capitania, por ter sido dele destituído, o governador D. João Manuel de Menezes. O seu governo durou 4 anos e 1 dia e foi muito agitado pelas paixões partidárias.

"A D. João deve ter causado estranheza o estado de ânimo que encontrou em Vila-Boa, quando ali chegou. Naqueles tempos de poder discricionário e despótico, de obediência sem limites, veio, no entanto, encontrar em Vila-Boa um partido de opposição ao seu antecessor, movendo-se com virulência e constantes explosões.

"Viu, depois, os partidários do ex-governador se oporem à sua autoridade, agindo com uma energia que era atrevimento.

"A gente de Vila-Boa se não curvava ante o poderio da farda vermelha dos governadores, que eram poderosíssimos.

"Isto há mais de cem anos... Foi planta que deitou raízes. Até hoje nenhum governante ficou sem opposição e missão sem maior dificuldade é agitar-se em Goiaz uma corrente opposicionista.

"Parece que, quando não houver quem faça opposição, as pedras se encarregarão de fazê-la. Daí os entraves e dissabores dos capitães-mores, antigos e dos nossos tempos..."

Não se conclua, daí, que Meu Pai praticasse o esporte da opposição. Êle a fez porque o seu espirito abominava a subserviência premiada pela distribuição dos cargos públicos ou pelas facilidades de uma boa situação pessoal. Tinha por obrigação fiscalizar a função social do governo, condenar-lhe os cochilos, evi-

Suprema Paixão

Amo os teus olhos claros, verde-mar,
ladrões do cintilar dos de Maria,
olhos feitos de cética magia,
que ensinam conjugar o verbo amar.

Amo-te os lábios — lírica poesia,
e as mãos e o colo — perfeição sem par. . .
Amo demais teu dólcido cantar,
mais terno que o cantar da colôvia. . .

Tudo que te compõe, ó Colombina,
anjo adorado, estrela peregrina,
eu amo com o fervor de um desvaivado. . .

E aumentam-me a amplitude da paixão
os mil contos, que aos bolsos me entrarão,
quando eu, feliz, for teu esposo amado.

== FELIX SÁPENDO ==

tando o endeusamento que conduz à deturpação dos melhores propósitos.

Mas, de tudo, o que mais condenou foi o esquecimento a que se entregam, por snobismo ou outros motivos, alguns conterrâneos exportados. Em apóio, citemos outro pedaço das "Ephemérides", êste extraído de 9 de julho de 1898, tratando da sucessão do coronel Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim pelo dr. Urbano Coelho de Gouveia, no governo de Goiaz, fato a que se refere assim: "A sua designação à presidência tem um lado extremamente antipático e repugnante aos princípios democráticos: vem robustecer a teia de domínio oligárquico, pois sai o governo das

mãos de um cunhado para as de outro cunhado".

Neste excerto sente-se a mágoa de ver a sua terra curvada à discricião dos potentados. Mais adiante, porém, depois de vibrantes elogios a Leopoldo de Bulhões, transparece o sofrimento que lhe causa o crime de um goiano desinteressar-se de Goiaz:

"Leopoldo de Bulhões é Brasil. Como o Brasil é vasto, êle não chegou para Goiaz, não teve coração aberto para a Terra natal. Não lhe deu êle, de bem, a centésima parte do que a sua autoridade pessoal e as posições conquistadas lhe permitiam dar. O Brasil pode não olhar para isto, mas, Goiaz se não esquece de que assim é".

Estêvão e seu velho pai chegaram finalmente à chácara que possuíam nas imediações da cidade. Era à tardezinha.

O velho, homem acostumado às brutalidades da vida do sertão, mostrava, nas rugas fundas que lhe encarquilhavam o rosto, os traços característicos de um belo caráter. Havia muito tempo que deixara ali, ao léo, aquela propriedade, enquanto, pelo sertão em fora, procurava vender grande partida de gado. Desta vez não foram inúteis os seus esforços! Ambos ganharam bastante.

Por isto mesmo estavam êle e o filho incomodados, com a notícia que corria pela redondeza, sobre um gatuno que matava para roubar. O povo alarmara-se extraordinariamente com as últimas falcatruas do medonho degenerado. A idéia de um possível roubo do produto de seus ingentes esforços metia medo aos dois. O velho, dêsse de pouca prosa, trabalhador e enérgico, era tido como dos mais ricos da vizinhança, o que constituía, naturalmente, mais uma recomendação para que o ladrão não se esquecesse dele.

— E a cidade estava tão distante! — pensaram ambos.

Aos poucos, a tarde foi-se filtrando no manto escarlate que coroa o findar dos dias de sol e uma névoa espessa foi-se inclinando sobre os bambuais, farfalhantes, que se erguiam à frente da fazenda. A brisa transformou-se num vento forte, e ribombos distantes anunciaram alguma chuva. Berravam, no curral, alguns garrotes — sobra da venda que haviam efetuado.

Estêvão dependurou os dois arreios no paiol, tocou os animais para o pasto, raspou o "fuzil" na pedra, acendeu um cigarro de palha e acocorou-se no baldrame da porta, ao lado do pai. A casa era frágil, com paredes de adobes já corroídos pelo roçar das manadas de éguas que o sertanejo criara, tinha o assoalho meio esburacado e as janelas presas por uma taramelinha sem resistência.

Conversaram os dois sobre os negócios por bem tempo, até que a noite abafou de todo o cantar dos pássaros-pretos nos raminhos de bambú e um grupo de coriângos torvelinhou na escuridão. Era hora de repousarem.

Estêvão empurrou a porta, apalpou aqui e dali, fez fogo de povo e uma candeia de azeite, com pavio de algodão, espantou de leve a escuridão da sala. Entrou pelo corredorzinho, foi ao quarto contíguo, pegou um colchão de palha e estendeu-o na sala para o pai; voitou, em seguida, fez a sua cama, abriu a boca num bocejo e tirou as botinas fedorentas de mateiro.

— Estêvão? Olha se tudo está

O Ladrão

Conto
de
Rômulo Gonçalves

bem fechado — recomendou o velho.

Estêvão pegou da candeia e saiu apalpando as taramelas e escorçando as portas já podres de velhas. Não tinha medo de nada, mas, naquele dia, não estava preparado para experimentar a sua coragem. Talvez as conversas que tivera com o pai a respeito do ladrão o puseram cismado.

— Quá! Cabêco é cabêco — dizia de si para si.

E continuou a correr o casarão abandonado.

Enirava num e outro quarto, olhava debaixo dos catres cobertos de teias de aranha, experimentava as portas, esbarrava num e outro móvel antiquíssimo e continuava animando o cigarro na asa da candeia. Chegou ao limiar da porta que, por uma escada de pedras, dava para a cozinha. Sem querer, ao avistar aquelas pecumans caídas do teto, aquele negrume de fumaça sentiu um quer que seja de estranho que o encheu de medo. Pôs o pé nos degraus da escada e foi descendo.

Fora a treva dominava de todo.

De-repente, uma rajada de vento, qual matilha desenfreada, entrou gritando pelo casebre fora e apagou a candeia, ao mesmo tempo que uma coisa mole lhe enroscava ao pescoço. Um ruflar de asas de morcegos passou-lhe juntinho do rosto.

— Credo em cruz! Cruz credo — disse Estêvão, levando a mão rápido, ao ombro e atirando o objeto ao longe. Um tremor horripilante corria-lhe o corpo.

Procurou a binga no bolso da calça, mas, para mal dos pecados, esqucera-a no quarto. Proferiu um novo esconjuro, encostou-se à parede para orientar-se, sacou da faca e foi caminhando às apalpadelas para a janela de onde a ventania berrava. Queria gritar o pai, mas tinha medo de alguém estar perto e descobri-lo. Uma janela estalou e ao sertanejo pareceu ouvir qualquer barulho do lado de fora. Ficou atento.

O bambual farfalhava aos rebates da ventania doida e o assobio do vento no telhado cortava a treva

densa da noite. Seus cabelos se eriçaram e um arrepião de medo correu-lhe o corpo. Foi apalpando a parede, até que deu à janela aberta. Olhou fora. A noite, mais negra que nunca, metia medo a quem quer que fosse. O céu era um só manto de nuvens pretas.

— Valha-me N. S. da Guia — cochichou consigo mesmo, benzeno-se religiosamente. O vento, furioso como o desabar de búfalos, entrou de novo pela janela, impelindo Estêvão para trás, fazendo-o dar de costas num objeto espinhento que o feriu de leve. Deu dois passos para frente, pegou da faca à cinta e investiu contra aquilo que o ferira. A lâmina, rompendo a escuridão na mão hábil e musculosa de Estêvão, foi encravar-se num objeto resistente. Ouviram-se o estalido de metais que se encontram e o sibilar de pedaço de ferro que voa na treva. A faca quebrara-se.

Estêvão, desesperado de medo, gritou o velho:

— Pai! Oh! Pai! Traz a luz.

Do novo, os morcegos ruflaram junto dele.

Aquilo parecia o anjo mau. Já benzeu-se novamente. Já tremia como varas verdes. Escorou-se na janela e ficou esperando. Lá fora os garrotes berravam incomodados.

— Que foi, Estêvão? — perguntava o velho.

O rapaz nem podia falar. Seus olhos procuraram logo o objeto que o ferira. Era um ralo velho para mandiocas. Olhou no chão e viu que o objeto que lhe caíra ao pescoço era um rôlo de pecuman que se despregara, com o vento, do telhado.

— Ah! Que alívio!

Apanhou o candieiro no chão, aticou o pavio, escorou bem a janela e as portas e foi para o quarto.

Tudo revistado. Era impossível que houvesse alguém dentro da casa!

Pegou a carabina de viagem, olhou as balas, pôs uma na agulha, encostou-a na cabeceira do catre e deitou-se.

O candieiro chamejava de um prego no portal, lançando seus reflexos frouxos naqueles paredões mal reboçados e, de quando em quando, algum fio de vento estraviado, quasi o apagava. Só se distinguíam, mais ou menos, os objetos.

Estêvão encolheu-se nas cobertas, quiz tapar a cabeça, mas não conseguiu. Tinha medo de algum vulto ou fantasma pegá-lo descuidado. Fechou os olhos, rezou um "Creio em Deus Padre" e procurou o sono.

A tempestade lá fora estava prestes, o vento continuava roncando em redor da casa, como o chagal ruge escarneando a presa.

A Academia Goiana de Letras irá entregar, Incentivando a êste mês, os prêmios aos vencedores de seu último concurso literário nossa cultura

Como é do conhecimento de todos, a Academia Goiana de Letras organizou em 1942, ao ensejo da inauguração oficial de Goiânia, um interessante concurso literário cujo tema era a fundação da nova capital de Goiás.

Foi inicialmente instituído um único prêmio de Cr\$ 5 000,00, que seria concedido ao primeiro colocado. Posteriormente, porém, atendendo a circunstâncias supervenientes, o prestigioso cenáculo de letras goiano criou, dentro do certame, mais dois prêmios de . . . Cr\$ 1 500,00 cada um. Após os debates da comissão encarregada do julgamento dos trabalhos apresentados, foram classificados três escritores goianos, da seguinte maneira: 1º lugar — Gerson de Castro Costa, diretor do OESTE, com Cr\$ 5 000,00; segundos lugares — Marilda Palínia e Rosarita Fletri, com Cr\$ 1 500,00 cada uma. O trabalho, em prosa, que conquistou o primeiro lugar, intitulado "Goiânia, a metrópole do oeste", é uma rápida monografia histórica da jovem capital do Estado e contém cerca de 90 páginas dactilografadas.

Os prêmios do importante certame irão ser entregues durante o corrente mês de setembro, em sessão especial a se realizar no Jôquei-Clube.

A Academia Goiana de Letras, cujo Presidente, dr. Colemar Natal e Silva, tanto se tem feito cre-



Dr. Colemar Natal e Silva — Pres. da Academia Goiana de Letras

dor da cultura anhanguerina, está, como se vê, realizando sua obra de animadora de nosso progresso espiritual, vencendo os óbices naturais que encontra no caminho de suas realizações. A instituição de concursos literários dessa natureza será, não resta dúvida, um dos maiores fatores para a consecução de seus louváveis objetivos.

As pálpebras já lhe doíam e o sono não chegava. Um estalido, um cicío, um vozear estranho que o vento trazia tudo feria o ouvido atento de Estêvão.

— Deve ser alta noite — pensou ele.

Virou-se, para tapar o ouvido direito, puxou a colcha sobre o esquerdo, trancou bem as pálpebras e esperou o sono.

Alguns pingos de chuva começaram a tilintar no telhado. De súbito, uma pancada, como de alguém que falseasse o pé, despertou o sobressaltado, naquela confusão inconsciente de quem sonha com fantasmas, demônios, ou assassínios. Abriu os olhos. O candieiro bruxoleava no portal.

— Que medonho pesadelo! — segredou consigo mesmo. Sonhou que fôra assassinado à faca por um bandido, quando dormia. Aquilo o impressionou mais. Estêvão pega a carabina, chega-a mais perto de

si e procura dissipar-se. Conseguiu, a muito custo. Ressonava levemente.

Aquelas contrações do corpo denunciavam que êle sonhava com coisas medonhas. De repente, acordou.

Aquilo era impossível! Não podia dormir! Mas, desta vez, ouvira perfeitamente passos no cômodo ao lado. A porta do quarto, que estava cerrada, rangiu de leve como se alguém a procurasse afastar.

Estêvão, com as mãos tremendo, leva a carabina ao ombro e espera.

Um vulto, metido num manto escuro, a cabeça coberta por um lenço branco, e uma faca enorme na mão direita, aparece na porta.

Estêvão não vacila, calcula mais ou menos e pucha o gatilho. Um baque ressoa pelo casebre e um corpo tomba estrebuchante.

— Pai! Oh . . . Pai! . . .

E uma voz agonizante, cortada de soluços, responde:

O professor de Teoria Geral do Estado, da Faculdade Livre de Direito, dr. Paulo Augusto de Figueiredo, vem de tomar uma interessante iniciativa, instituindo, para os seus alunos, um concurso de teses, a serem apresentadas até dia 15 de Outubro próximo.

Trata-se de uma idéia louvável, que alvoroçou os estudantes da primeira série, e que, por certo, marcará um tento em nossa vida acadêmica, estimulando o gosto dos nossos moços pelos altos estudos e favorecendo, assim, o desenvolvimento da nossa cultura.

O tema a ser ventilado pelos alunos — "Fins humanos e políticos do Estado Nacional", é dos mais sérios e atuais, e exigirá, dos acadêmicos, leituras pacientes e meditação demorada, tornando-os afeitos ao trato de grandes problemas jurídicos, políticos e sociais.

Serão distribuídos os seguintes prêmios:

Ao 1º colocado: — uma obra jurídica, oferta particular do Exmo. Sr. Interventor Federal no Estado, dr. Pedro Ludovico Teixeira;

Ao 2º colocado: — uma obra jurídica, oferta do Exmo. Sr. Dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo e Professor na Faculdade de Direito;

Ao 3º colocado: — uma obra jurídica, oferta da conceituada firma desta Capital, J. Câmara & Irmãos.

Os trabalhos serão julgados pelo professor da cadeira.

— Matou-me, meu fi . . . lho . . . quando . . . vinha ve . . . lar o teu . . . so . . . no . . .

Um jato de sangue ensopa o aposento, esborroando-se na parede.

Estêvão adeanta-se, arregala duas órbitas de desesperado e cai morto sobre o cadáver do pai.

O susto matara-o.

As cinco pedras da muralha

XENOFONTE FILHO

Havia uma cidade, na Inglaterra, onde jamais aparecera um rouxinol. Foi por isso motivo de grande alvoroço o aparecimento de um desses pássaros, certo dia, num prado próximo. Tôda a população acorreu para escutar-lhe os trinados, em respeitoso silêncio, como num recital da Ópera. Apenas uma grande tristeza prejudicava o espetáculo. Pairava sôbre a cidade a ameaça de perder o seu maravilhoso rouxinol.

Reunido o conselho dos melhores cidadãos, resolveu-se, então, construir um muro altíssimo em tôrno do campo, afim de prender para sempre o pequeno grande artista. Arautos conclamaram a multidão a lançar-se ao trabalho, naquela mesma noite, de modo a impedir-lhe a fuga.

Não houve uma só opinião discordante. Até as crianças, os velhos, os inválidos e as mulheres procuraram cooperar na grandiosa obra. Os velhos, oferecendo a cidra; as crianças, nos serviços de comunicação; os inválidos, na cronometragem e as mulheres entoando preces a Deus pelo bem que dEle adviera.

Quando a madrugada chegou, estava concluída a obra monumental: imponente muralha, alta, de cem metros, cercava o prado.

Quando soaram os primeiros gorgheios do rouxinol, todos os olhos se humedeceram e todos os pensamentos se elevaram aos céus, rendendo graças. Mas, logo o pássaro ergueu vô e transpôs a muralha, perdendo-se, longe, no espaço. Calcularam os desolados cidadãos, pela altura do vô, que haviam faltado cinco pedras para evitar a fuga.

x x x

Sempre que o historiador

ergue em tôrno da exatidão de uma narrativa a muralha de suas pesquisas, vê-se obrigado a confessar, afinal, que faltaram as cinco pedras.

Não é, pois, com a intenção de corrigir nem de condenar o excelente artigo do snr. Veiga Neto sôbre Moisés Santana que nos julgamos obrigados a referir certas restrições, principalmente focalizando o episódio de Catalão, em que se disse haver Moisés fugido pela Estrada de Ferro Goiaz, envolvido num colchão.

Entendo que estas coisas merecem um esclarecimento, não só por constituírem involuntárias injustiças à memória de um homem nada timorato, como, também, porque o exemplo dêsse homem deve ser acompanhado por muitos jovens e, salvo os colchoeiros, ninguém se aproveitaria de tão triste passagem.

x x x

Passando aos fatos: corria o ano de 1908. A política se travava com a mesma violência de todos os tempos. Em Catalão dominavam os Paranhos. Moisés dirigia, na mesma cidade, o jornal de opposição "Sul de Goiaz", pertencente a uma sociedade anônima. Os Paranhos eram truculentos, como todos os chefes contemporâneos, e o seu ânimo se exaltava com a destemida campanha movida por Moisés, cuja inteligência não encontrava rival do lado contrário para limitar disputa a têrmos de linguagem.

Além disso, estoura um dia o escabroso roubo praticado, por um bando de mascarados, em casa de Mariano Casado. Os filhos de Mariano contratam Moisés para acompanhar, na sua qualidade de advogado, o rumoroso caso. O de-

legado Manuel Dias apura os fatos até um certo ponto e estaca. Moisés, porém, não era homem de recuos. Prossegue, enfrentando a prepotência até prender o maior culpado e lançar tôda luz sôbre o mistério do crime.

Aí a política se assanha. Manobrando, consegue no fóro um processo de cobrança de dividendos do jornal. Boatos circulam de que Moisés será chamado a Juizo e aí assassinado. Repetem-se as ameaças blasonantes de Quincas Músico, um elemento situacionista, que se teria gabado assim:

— Eu, sôzinho, com quarenta homens, vou lá, mato o Moisés e empastelo o jornal dele! . . .

Confirmando os boatos, Moisés recebe em sua casa a visita de Randolpho Campos, escrivão, que lhe apresenta os autos do processo dos dividendos, comunicando que o acusado tinha 24 horas para estudá-los e devia comparecer no dia seguinte ao Juizo, para se defender das acusações.

Moisés conhecia o processo difamatório. Internou-se na residência, voltando instantes após com uma bacia nos braços. Dentro da bacia, as cinzas dos autos, cujos remanescentes ainda recebiam os últimos beijos de uns restos de labareda purificadora.

Randolfo Campos empalidece:

— Moisés! Que fez você!? Isto me compromete!

Moisés chama então para testemunhas Joaquim Araújo e João Damasceno, explicando-lhes todo o ocorrido, assumindo-lhe a responsabilidade e arrostando-lhe as consequências, para tranquilidade do escrivão.

Depois disso era impossí-

vel permanecer na cidade. Mandou buscar três cavalos e, como estivessem mal feridos os animais, mandou ferá-los. Gastou o resto da tarde em ultimar providências que a sua súbita saída exigia. Às nove horas da noite, despediu-se do pessoal das oficinas e deixou a cidade, em companhia de Fulgêncio Sampaio e Francisco Rosa, transferindo-se para Bela Vista. Nesse tempo não havia a Estrada de Ferro Goiaz, terminando a linha férrea em Araguari.

D. Cassiana, esposa de Moisés, permaneceu ainda, com 3 filhos, em Catalão, pelo espaço de dois meses, rumando então para a companhia do marido, levada na viagem por Augusto Mesquita. Pousando na Fazenda do Palmital, ouviu os últimos comentários sobre o fato nesse diálogo:

— E êsse tal de Moisés Santana, que fim levou?

— Ah! Isso? Formiga já comeu a bôca dêsse danado! Chico Pereira já saiu da prisão, com certeza dobrou o corpo dele pr'as formigas.

x x x

Tanto quanto pode ser fiel a memória humana trinta e cinco anos depois, aqui fica restabelecido o episódio de Catalão. Deve-se, no entanto, fazer notar que essa foi a única saída a que se pode chamar fuga, na vida de Moisés Santana. Ele dormiu entre cadáveres de companheiros em Canudos e quando abandonou a sua posição foi para buscar reforços com o general Elesbão dos Reis, que está vivo e pode confirmar.

Mais uma vez peço que me perdôe o ilustre senhor Veiga Neto, mas, se me atrevo a contestar um único ponto de seu esplêndido trabalho, posso valer-me, à guisa de penitência, de uma figura de Anatole France, nos seus "Contes de Jacques Tournebroche".

Temo que uma carreira tão linda cause, para a geração

Conquista do ouro J. LUPUS

A guisa de curiosidade e mesmo por se tratar de precioso documento de mais de dois séculos, transcrevemos, em seguida, parte da Carta Régia que Dom João, Rei de Portugal, enviou ao governador da então capitania de São Paulo, capitão-general Rodrigo César de Menezes, em data de 13 de maio de 1726, estranhando que nas remessas de ouro pertencente à Fazenda Real não fosse mencionado o obtido no nosso Estado.

"... e que se não pode deixar de reparar o não falardes nos dos Goiazes, tendo representado, que esperaveis ser ainda de maior rendimento que as de Cuiabá e que assim deveis dar a razão disso para se poder saber o motivo que houve para se desvanecer aquela esperança com que prometeis de serem mui avultados os seus rendimentos". (Extraída da "Brochura de Docs. Interessantes" — Arquivo do Estado de S. Paulo — vol. XVIII — pag. 211).

O documento transcrito demonstra de modo irrefutável a sêde de ouro que tanto preocupava, nos tempos coloniais, o Reino de Portugal, que procurou por todos os meios aumentar a sua riqueza aurífera extraída do solo da nossa pátria, notadamente dos Estados de Minas Gerais, Goiaz e Mato Grosso, o primeiro dos quais possui a mina Vila Nova, conhecida por mina do Morro Velho, a mais profunda de todo o Continente, cujos rios e córregos so-

nova, por culpa de um simples lapso, o efeito que o espelho do confessor Terelure causou na vida de Madame Violante.

frem explorações desde aqueles tempos.

* * *

A conquista do ouro faz parte de um dos grandes capítulos da história colonial do nosso Estado.

Desde César Menezes, já referido, até Fernando Delgado Freire de Castilho, todos os Capitães-móres visaram a extração de maior quantidade de ouro em Goiaz.

Tudo era abandonado: a lavoura, a pecuária, as pequenas indústrias.

Afrontaram a quasi absoluta falta de gêneros alimentícios, mas a mineração não se interrompia.

Chegaram a ter nesse trabalho milhares e milhares de escravos.

E da ubertosa colônia goiana, milhares e milhares de arrobas do preciosíssimo metal foram canalizadas para o reino Português.

A ganância dos Governadores das capitanias pelo ouro, a cobiça dos funcionários do fisco, a ambição de todos os que queriam enriquecer-se rapidamente, foi o primeiro quadro da civilização colonial da nossa terra.

O regime criado pelo Presidente — Getúlio Vargas — não se reveste das formas falazes de uma democracia decadente, mas encarna com vigor as características inequívocas de uma democracia bem dirigida e eminentemente nacional. — Gerson de Castro Costa.

Ⓔ Estado Nacional é definitivo, no sentido de que dele não é possível mais nenhum retrocesso. Não podemos jamais retornar ao eleitorado, ao parlamentarismo, aos partidos, ao predomínio das forças dos regionalismos particularistas ou à ascendência oculta e perigosa do super capitalismo cosmopolita, que nos governa através das assembleias políticas. Para trás não se pode dar mais um passo. E por êste motivo a ordem estabelecida em 10 de Novembro de 1937 é definitiva — AZEVEDO AMARAL.

PRIMEIRO CONCURSO

— DE —

POESIA DE "OESTE"

OESTE, que, em maio transato, lançou as bases de um concurso de contos, institue agora, prosseguindo em seu vasto programa de incentivo das produções culturais em nosso meio, o seu segundo concurso literário, sob o patrocínio da firma A'lvares & Machado, proprietária da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", instalada à avenida 24 de outubro, nº 88, e com uma filial no centro da Capital, funcionando no Edifício Rio-Bonito, na qual se nota uma impecável organização comercial à altura dos foros de progresso do povo goianiense. Trata-se de um certame de poesias, o primeiro da série que esta revista pretende realizar.

O Primeiro Concurso de Poesia de OESTE será realizado nas seguintes bases:

a) cada concorrente deverá apresentar um trabalho poético versando livremente sobre Goiânia, em que se fixem sua realização e suas influências presentes e futuras na vida do Brasil mediterrâneo;

b) as poesias não poderão ter menos de dez e mais de cinquenta estrofes; as estrofes não poderão ter menos de três versos, não havendo limite máximo;

c) os trabalhos poderão pertencer a qualquer escola literária;

d) ao autor classificado em primeiro lugar será conferida uma coleção Nobel de literatura, composta de mais de trinta belos volumes encadernados, edições da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, os quais serão brevemente expostos numa das vitrines da Livraria, Papelaria e Tipografia "Brasil", no Edifício Rio-Bonito;

e) além do primeiro prêmio, haverá duas menções honrosas;

f) OESTE se compromete a publicar em suas páginas, com ilustrações e referências especiais do parecer escrito da comissão julgadora, a poesia classificada em primeiro lugar e as duas das menções honrosas;

g) os originais devem ser entregues até o dia 31 de outubro do

corrente ano, devendo ser dactilografados de um só lado do papel, formato ofício, a dois espaços;

h) será lícito à comissão julgadora não conceder o prêmio e as menções honrosas, caso não encontre trabalhos em condições de merecê-los;

i) será desclassificado o trabalho que sair do gênero poético, bem como o original cuja autoria, direta ou indiretamente, for dada a conhecer;

j) as poesias devem ser inteiramente inéditas;

k) os originais devem ser assinados com pseudônimos, trazendo em envelopes separados e fechados os nomes e os endereços dos autores;

l) cada candidato terá direito a apresentar um único trabalho; e

m) não poderá concorrer a este certame nenhum dos integrantes da redação de OESTE.

A comissão julgadora será composta dos escritores Alfredo de Castro, J. Décio Filho, J. B. Felix de Sousa e Hélio A. Lobo. Os originais, bem como toda a correspondência relativa ao concurso, deverão ser dirigidos ao secretário do mesmo, Hélio A. Lobo, à avenida Tocantins, edifício do "Correio Oficial", Goiânia, Estado de Goiás, mencionando sempre nos subscritos: "Primeiro Concurso de Poesia de OESTE".

Pedimos a atenção dos interessados para os volumes da coleção Nobel de literatura, dados como prêmio ao vencedor do presente concurso. São edições encadernadas da Livraria do Globo, de Porto-Alegre, feitas em primorosas traduções brasileiras. Trata-se de grandes livros da literatura universal, consagrados unânimemente pela crítica. Essa coleção constitui verdadeira preciosidade numa biblioteca.

OESTE lança um apêlo à inteligência do Brasil-Central, ao ensejo da instituição de seu segundo concurso literário, esperando que todos os cultores da poesia prestem sua colaboração ao certame.

SETE DE SETEMBRO

Assim se exprimiu o sr. Francisco Campos, em esplêndido discurso: — “A Pátria não é mais, como em épocas felizes, um dom do acaso, da natureza ou da história. Ela tem de ser conquistada todos os dias, pelo trabalho perseverante, a ininterrupta vigilância e a disciplina da inteligência e da vontade. A hora não é apenas a do trabalhador, mas também, e principalmente, a do soldado, a hora da ordem, da atenção e do silêncio, a hora da vigília, a hora em que a sentinela escuta, vigia e espera”. Nada de mais expressivo se poderia encontrar, mormente neste instante, para iniciar um comentário sobre o Dia da Pátria. E isso porque, como salientou o Chefe da Nação, em oração magnífica, “a comemoração do Dia da Independência, se teve nos últimos anos o cunho de puro culto cívico, reveste-se hoje de significação maior”, pois “assume o caráter de um movimento de mobilização geral das forças morais e materiais da Nação”, e serve “para conclamar os brasileiros ao cumprimento de obrigações penosas, impostas por circunstâncias incontrolláveis, para as quais não concorremos, mas a que temos de fazer frente com quantas energias possamos dispor”.

E' que estamos em guerra. As pátrias estão em perigo. Eis por que, mais do que nunca, precisamos sentir, em tôda a imensidade de seu significado, a gloriosa Data da Independência.

A “brava gente lusitana”, que, ao tempo do descobrimento da Terra de Santa-Cruz, constituia o primeiro povo do mundo; a brava gente lusitana — de quem herdamos o sangue viril e tradições imorredouras — realizou no Brasil, no dizer de Gilberto Freire e Oliveira Viana — os dois maiores sociólogos brasileiros vivos — uma civilização admirável, nova no mundo, singular em seu feitio, única nos trópicos, de que foram incapazes os ingleses, os estadunidenses e os japoneses em suas colônias, e que talvez se explique, em parte, por nos ter trazido o português, principalmente para Pernambuco e São-Vicente, uma plêiade de tipos humanos de alta linhagem eugênica, social e política. E do alto senso de realismo político lusitano nasceu, aqui, uma nação vigorosa, rica em qualidades, e que, com o correr dos anos, se foi diferenciando e destacando de seu tronco original, adquirindo, aos poucos, personalidade até, que, adulta e pelas mãos, ainda, de um português — que hoje os historiadores autênticos dizem um dos maiores brasileiros — Pedro I, proclamou, a 7 de Setembro de 1822, a sua independência política. Por tudo isso disse o Presidente Getúlio Vargas, falando aos portugueses, que “ninguém pode ser bom Presidente do Brasil se não tiver estima pelos descendentes dos nossos gloriosos povoadores”. Acrescentemos: “ninguém pode ser bom brasileiro se não quiser bem àqueles

que, no linguajar camoneano”, por atos e feitos valerosos, se vão da lei da morte libertando”. Só se pode amar a Pátria se a considerarmos em sua eternidade, e se nos impõe, por isso, dela falando, lembrar as raízes onde ela se firma e haure as inspirações primeiras.

De 1822 a 1889, é, então, a história do Brasil, a história de um povo que, cheio de um sã orgulho nativista, busca, por meios próprios, uma civilização própria, um destino próprio. E o consegue. Pedro II chega a ser qualificado, por Vítor Hugo, como o neto de Marco Aurélio. Depois, veio a república liberal, obra de importação, que, por não se ajustar às nossas realidades, quebrou a nossa unidade política, contrariou o nosso temperamento, desvitalizou as nossas instituições, desfigurou a fisionomia nacional. Foram quarenta anos de ficções, os do liberalismo, mas nem por isso a voz da Terra se deixou de fazer ouvir, poderosa e solene, através de vultos eminentes — dos quais Alberto Torres e Euclides da Cunha são dois símbolos imortais — reclamando o retôrno da Pátria a sí própria. Como, e na expressão de Mata Machado, vivemos, durante êsse tempo, “com os pés no Brasil e a cabeça na Europa”, aconteceu que a Pátria ficou distante, esquecida, incompreendida, e, dessa maneira, o Sete de Setembro era apenas **celebrado**, e não **vivido**, a não ser por alguns brasileiros que sabiam sentir todo o profundo significado do grandioso evento. Apesar disso, dí-lo o Presidente da República, a “Nação organizou-se, consolidou as suas fronteiras, povoou grande parte das suas terras, substituiu a escravatura pelo trabalho livre, reforçou a sua estrutura econômica, criou as suas indústrias, desenvolveu os seus transportes e adaptou-se às modernas condições de vida, de trabalho, de higiene e de cultura”. E mais ainda progredimos quando foi ouvido o apêlo profundo da Terra a 10 de Novembro de 1937, eis que Getúlio Vargas, livrando-nos de um regime verdadeiramente caótico e dissolvente, como que proclamou, pela segunda vez, a nossa independência. Livre o Brasil do jugo de forças anti-nacionais, retomou a sua autenticidade. E o 7 de Setembro readquiriu o sentido dos acontecimentos perenes. Cada 7 de Setembro comemorado no Estado Nacional é um dia a relembrar um ano de vertiginosa ascensão a um glorioso futuro. Por tudo isso, como muito bem diz um intelectual patricio, o “7 de Setembro deixou de ser um simples pretexto para ócios burocráticos, férias estudantis e reuniões mundanas, transformando-se em uma data que tem corpo — porque pesa realmente, em nossa história, como algo de positivo, — que tem, sobretudo, alma, pelo muito que nos evoca, pelo muito que nos faz meditar, pelo muito que nos faz crer”.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Outubro de 1943

Núm. 9



O Interventor Pedro Ludovico Teixeira, cujo aniversário se comemora a 23 do corrente, realizou em Goiás a grande obra de redenção político-social preconizada superiormente, para o Brasil, pelo Presidente Getúlio Vargas.

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SEÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiania — Estado de Goiás

ANO II

Outubro de 1943

NÚM. 9

DOUTOR PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

O mês de outubro é marcado com uma pedra branca no calendário da história de Goiás. Não só é o mês da Revolução, de tão decisiva influência para o nosso Estado, como, também, assinala a data natalícia do maior de seus filhos: o dr. Pedro Ludovico Teixeira.

O ilustre aniversariante nasceu na cidade de Goiás, aos 23 de outubro de 1891. É filho do saudoso médico e beletista, dr. João Teixeira Álvares, e da exma. sra. dona Josefina Ludovico de Almeida. Fez seus primeiros estudos em uma escola tradicional, dirigida pela famosa educadora Mestre Nhola, com quem aprenderam outros patricios ilustres, entre os quais Afrânio de Melo Franco. Terminado o curso secundário, no Liceu Goiano, Pedro Ludovico Teixeira ingressou na Faculdade Nacional de Medicina, por onde, após um curso brilhante, se doutorou em 1915, vindo, então, exercer a sua profissão em Bela-Vista, daí passando a Rio-Verde.

Pelo seu profundo sentimento de fraternidade, pela sua penetrante visão dos nossos problemas essenciais, pelo seu patriotismo, idealismo e coragem, o dr. Pedro Ludovico, que auscultava de perto as necessidades, os sofrimentos e os anseios do nosso povo, e que fazia da medicina um verdadeiro sacerdócio, angariou grande simpatia entre os seus concidadãos.

Convencido de que o antigo regime era incapaz de resolver as nossas questões principais, verdade de que se certificou depois de tentar todos os meios suávorios para solucionar certos problemas estaduais, lançou-se, integrado na Revolução, em tremendas lutas políticas, seu prestígio crescendo dia a dia, especialmente entre os humildes, que nele sempre viram um guia valoroso e desinteressado. Perseguido pelos

senhores feudais da política dominante, ameaçado de todos os meios e modos, lutando, enfim, com terríveis dificuldades, jamais o dr. Pedro Ludovico se deixou intimidar em sua campanha, nem nunca desanimou em seus propósitos sadios de renovação, e, assim, vitoriosa a Revolução de 30, saindo do cárcere para a curul governamental, pôde iniciar uma nova era para Goiás, era que ficará, na história goiana, como a “era pedroludoviquiana”, eis que foi s. excia., pelo seu exemplo e pelas suas obras, que transformou o Goiás anêmico e inexpressivo de outrora nessa pujante unidade política e administrativa que é hoje e de que se orgulham todos os bons brasileiros.

Goiania foi a obra máxima de Pedro Ludovico. Os outros benefícios incalculáveis da administração de s. excia. são uma consequência da nova capital. A Cidade-Menina, idealizada e realizada, como diz o seu próprio fundador, com o intuito primordial de “oxigenar” o ambiente, veio, de fato, possibilitar, em Goiás, uma obra de profilaxia integral, purificando a atmosfera e condicionando o surto inigualável de progresso que hoje se nota neste pedaço do Brasil.

Sereno e enérgico, perspicaz e tolerante, valente e generoso, Pedro Ludovico não dorme sobre os louros colhidos, e, assim, em cada dia que passa novo tijolo é colocado no grande edifício de sua inexcedível administração, o que faz dele um verdadeiro ídolo para sua gente.

E aí está por que o mês de outubro é marcado com uma pedra branca no calendário da história de Goiás. Aí está por que o dia 23 do corrente é, hoje, uma verdadeira data nacional. Aí está a razão desta homenagem de OESTE àquele que, o maior dos goianos, é, também, um dos maiores brasileiros.

Cada Organização Operária deve ser uma Embaixada do Estado Nacional

Paulo Augusto de Figueiredo

O silêncio, às vezes, é um crime. Na hora que vivemos, por exemplo, quando um mundo agoniza e nasce um novo mundo, quando tudo está confuso e os caminhos são muitos, é dever sagrado dos homens pedirem a palavra e fazerem ouvir a sua voz, para dizerem o que pensam e o que querem.

Nenhuma geração viveu, como vive a nossa, um momento tão cheio de sofrimentos e ao mesmo tempo tão cheio de promessas; nenhuma viveu, em toda a sua grandeza, mas também em toda a sua tragédia, uma era tão plena de contrastes, tão rica de possibilidades, tão carregada de esperanças, tão pesada de responsabilidades. De nenhuma se exigiu, por isso mesmo, tanto sacrifício, tanta definição de princípios, tanta "atitude" perante os grandes problemas da vida.

Aí está a razão por que nenhum homem se pode calar, neste instante ímpar da história do mundo. Aí está por que a palavra é, hoje, mais soberana do que nunca. Porque, mais do que nunca, ela há-de ser a indicadora dos grandes rumos. Mais do que nunca ela há-de ser um facho luminoso a clarear os caminhos misteriosos da existência. Por isso mesmo, mais do que nunca a palavra precisa de ser, hoje, uma palavra medida, uma palavra que traduza meditação, uma palavra que seja útil e sincera, uma palavra compreensiva, uma palavra que irmane os homens e os oriente para a frente e para o alto, uma palavra construtiva, uma palavra que seja amor e seja verdade, uma palavra cristã.

Eis porque, operários de Goiás, minha palavra não será, como a palavra dos antigos políticos profissionais, uma palavra florida e sonora, porém hipócrita, venenosa, interesseira, palavra de Judas e de Caím. Minha palavra será a palavra singela e franca de um trabalhador como vós, e que, como vós, põe acima de tudo os sagrados interesses da Pátria. Quem aqui vos fala não vos fala com intuito de obter votos nem angariar prestígio, pois o tempo da exploração dos trabalhadores pelos viçados demagogos da política individualista já morreu, e vós não consentireis que ele ressuscite. Quem vos fala nada vem prometer-vos, porque nada tem para vos dar. Quem vos fala é apenas um companheiro vosso, que, como vós, luta muito pela vida; um trabalhador como vós, que quer uma Pátria forte e unida, quer um mundo mais tranquilo, mais justo, mais feliz. Quem aqui vos fala não tem compromissos partidários; só tem, como vós, um compromisso: o compromisso de todo o brasileiro, o compromisso de tudo sacrificar pela grandeza da Pátria. Por isso, meus companheiros e meu amigos, não estou aqui para me fazer admirado à custa de frases bombásticas e fingidas, e sim para me fazer compreendido, através de uma conversa simples, de uma conversa sincera e sem artifícios. Aqui estou, atendendo a um gentil e honroso convite do dr. Câmara Filho, para conversar convosco sobre cousas brasileiras.

Camaradas:

Hoje é o Dia da Pátria, e o Dia da Pátria é o Dia do Trabalho, porque as pátrias são justamente o resultado do trabalho material, moral e espiritual de seus filhos. Nenhum assunto mais digno, por conseguinte, poderia encontrar para tratar convosco, neste

dia glorioso de sagrado recolhimento, do que o relativo à posição que incumbe aos operários tomar, neste momento difícil do mundo.

Sabemos, todos, que o trabalho é a medida do valor das sociedades e que o homem é o "denominador comum de todas as atividades". O trabalho vale, pois, o que vale o trabalhador. Vale o que vale o homem. Assim sendo, o problema do trabalho é, antes de tudo e sobretudo, um problema moral. Quanto melhor for o homem, quanto mais completo, tanto mais produtivo será o seu trabalho, tanto mais bem organizada será a sua sociedade. Esta vale, afinal, o que valem os seus homens de trabalho.

E' preciso, portanto, neste instante em que, comemorando a nossa independência, estamos todos ajoelhados ante o altar da Pátria, o coração em preces pela sua grandeza, é preciso, sim, companheiros, que façamos, neste instante tão significativo, uma tomada de contas de nossos governos e dos nossos regimes, para que possamos precisar qual governo foi bom ou mau para o trabalho, qual o regime que serviu ou desserviu ao operário, qual sistema político procurou dignificar o trabalhador, qual ordem social devemos pretender. E então, em consciência, feito um balanço imparcial dos sistemas políticos brasileiros, havemos de distinguir, na história do trabalho nacional, duas épocas bem diferentes: a do antigo regime e a do Estado Nacional.

E o que veremos, dessa comparação? Veremos que, no antigo regime, que se dizia democrático mas que não era sinão plutocrático, porque nele só os magnatas encontravam um ambiente de vida favorável, nesse regime liberal, de triste memória, a "questão social" não passava de um simples "caso de polícia". Per isso, os trabalhadores, na velha república, eram tratados como escravos e como criminosos, viviam subordinados aos patrões, cheios de obrigações e sem nenhum direito, humilhados em sua condição humana, famintos, esfarrapados, enfurecidos, sofrendores. Quando reagiam, em defesa de suas esposas e de seus filhinhos, os seus movimentos eram repellidos à bala e a patas de cavalo, as ruas se juncavam de cadáveres operários, os hospitais se enchiam de feridos operários, as cadeias se abarrotavam de chefes de família operários, os espaços se povoavam de lágrimas de mães operárias e de chôros de meninos operários. O trabalhador, no antigo regime liberal, não passava de um simples objeto, de uma cousa qualquer, de que os magnatas se utilizavam para aumentar seus capitais e satisfazer sua ganância sem limites. Por isso, o trabalho, naquela época miserável, não passava de simples mercadoria, sujeita à lei da oferta e da procura. Por isso, o trabalhador brasileiro, durante o regime liberal, só era lembrado em tempo de eleição, quando os políticos mercenários, com muita lãbia e pouca vergonha, tentavam obter seus votos, prometendo-lhes um paraíso que não poderiam dar, porque na alma deles não morava Cristo, porém Satanaz.

Assim foi, todos o sabeis, na defunta república dita liberal. Entretanto, todos sabeis, também, a 10 de novembro de 1937, o grande Presidente Getúlio Vargas implantou, no Brasil, um Estado verdadeiramente democrático, o Estado Nacional, humano e

cristão Sim, em 1937 inaugurou-se, no mundo, uma nova democracia: a democracia brasileira. Democracia de fatos, e não de palavras vazias. Democracia verdadeira, onde todos têm direito ao trabalho, à assistência, à subsistência, à educação, ao ideal. Democracia onde só não há lugar para os que confundem os interesses da coletividade com os seus próprios interesses, dos que pensam que o Estado deve ser um negócio nas mãos dos potentados e não um instrumento de felicidade nacional. Foi o Estado Nacional que inaugurou uma nova era para o trabalhador brasileiro. E' que o Presidente Getúlio Vargas, o grande guia e amigo dos operários, não mais considerou a questão social como simples caso de polícia, e, sim, como a mais importante de tôdas as questões, como a questão nacional por excelência. A ela êle tem dedicado o melhor de sua inteligência, de sua boa-vontade, de seu patriotismo. Ela tem sido a preocupação dominante de seu governo, porque o Presidente vê, na solução da questão social, a solução de todos os nossos problemas. O Presidente, como êle mesmo tem dito tantas e tantas vezes, e como tem demonstrado em seus métodos governamentais, considera-vos "valores humanos" respeitáveis. Consideravos, portanto, como homens, e não como cousas. E é por ter essa compreensão cristã do trabalhador que o Presidente Getúlio Vargas conseguiu dar ao operário brasileiro uma legislação social exemplar no mundo. Uma legislação tipicamente brasileira e muito mais adiantada do que a dos mais adiantados países do mundo. Uma legislação que tem enchido de admiração aos legisladores de algumas nações das maiores do mundo, como a Inglaterra e os Estados-Unidos, que aqui têm enviado especialistas para estudar e aprender o nosso direito social. Uma legislação que alguns dos maiores pensadores da atualidade consideram como a legislação que há-de prevalecer no mundo de após guerra, para garantir a paz e a felicidade dos vários povos. E' que as questões operárias essenciais: da duração do trabalho; do salário mínimo; das férias; da higiene e segurança do trabalho; da assistência médica, dentária e judiciária ao trabalhador; da nacionalização do trabalho; da proteção ao trabalho da mulher e dos menores; da regulamentação do trabalho noturno; da proteção à maternidade; das caixas de aposentadorias e pensões; de acidentes no trabalho; do contrato individual e coletivo do trabalho; da estabilidade do trabalho; da organização sindical, da justiça do trabalho, etc., etc., tôdas elas foram devidamente estudadas e humanamente resolvidas pelo Estado Nacional, constituindo, o conjunto de nossas leis trabalhistas, um direito social verdadeiramente exemplar no mundo, do qual, por isso, nos devemos orgulhar.

O que, em quasi todos os países, os trabalhadores só conseguiram, e assim mesmo em parte, a trêco de muitas lutas, de muito sangue derramado, de muita viuvez e orfandade; o que os trabalhadores da maioria dos outros países ainda coloca como a sua suprema aspiração, conseguiu, o trabalhador brasileiro, do Estado Nacional, que, por isto mesmo, se firma como um Estado verdadeiramente democrático, realmente popular. Por isso, trabalhadores do Brasil, onde quer que estejais deveis ser defensores do Estado Nacional. Cada organização vossa — sindicato, escola, clube, etc. — deve constituir uma verdadeira embaixada do Estado Nacional.

Meus companheiros:

Eu cometeria uma injustiça imperdoável se, antes de terminar, não me referisse a um nome que todos vós guardais no mais fundo de vossos corações: o nome do Interventor Pedro Ludovico Teixeira. Homem simples e bom, homem de alma pura e de ideais alevantados, homem valente e generoso, o dr. Pedro Ludovico é com razão considerado por todos vós como o operário número um de Goiaz. Soldado do Estado Nacional, o Interventor Pedro Ludovico vem

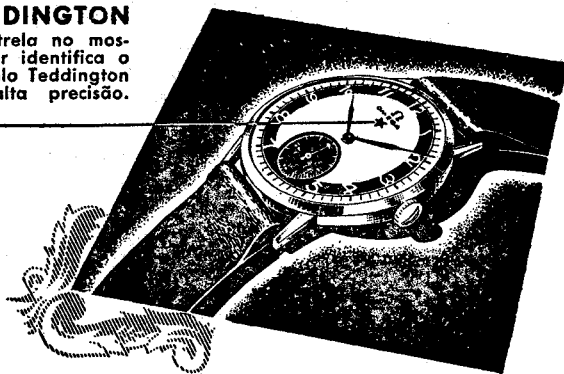
realizando, aqui em Goiaz, a sábia e humana política do Presidente Getúlio Vargas, de quem é êle um dos mais leais amigos e companheiros. E' por isso, trabalhadores de Goiaz, que os que combatem o Presidente combatem também o Interventor, é por isso que os antigos políticos profissionais, freitados em seus apetites nojentos, contrariados em seus interesses inconfessáveis, procuram lançar confusão em vosso espírito, porque sabem que o Estado Nacional tem em vós a maior garantia de sua estabilidade. Procuram lançar a confusão em vosso espírito, sim, com o que duvidam de vossa inteligência, eis que vos julgam incapazes de distinguir os vossos verdadeiros dos vossos falsos amigos, crendo, ingenuamente, que fosseis capazes de permitir o retôrno a um regime em que êreis escravos dos potentados, um regime de anarquia econômico-social, de miséria e de podridão social.

Operários de Goiaz: hoje é o Dia da Pátria. O Dia do Soldado e do Trabalhador, soldado e trabalhador que, com seu trabalho, suas armas, seu patriotismo, estão construindo, pelo Estado Nacional, a Pátria mais feizi do mundo, a Pátria que há-de ser, pelo Estado Nacional, a potência maior do mundo de amanhã. Neste momento, pois, em que o nosso pensamento está voltado para a Pátria, façamos, todos, em consciência, o juramento de, em qualquer emergência, contra os inimigos externos e internos, quaisquer que êles sejam, estarmos todos, vigilantes e confiantes, em tôrno do maior vulto do mundo contemporâneo: o Presidente Getúlio Vargas.

(DISCURSO pronunciado em Anápolis, durante a concentração trabalhista realizada naquela cidade, dia 7 de Setembro).

★
**O MODELO
TEDDINGTON**

A estrela no mostrador identifica o modelo Teddington de alta precisão.



Nunca houve um relógio

DE TÃO ALTA PRECISÃO!

Este relógio tem máquina igual à do que obteve o melhor resultado de precisão até hoje registrado na célebre Prova Internacional de Teddington. É pois, um relógio de pulso de precisão oficialmente comprovada que o Snr. terá orgulho de possuir.



OMEGA

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE
OMEGA GENEBRA — SUIÇA

Tissot

ALENCASTRO VEIGA & IRMÃOS
Agentes exclusivos para GOIAZ e GOIÂNIA

D
o
i
s

I
n
é
d
i
t
o
s

d
e

J
o
ã
o

A
c
i
o
|
i

MORTE

Chegará o dia terrível.
Chegará o dia do fim.

Depois, a hora do pranto geral.

As coroas aparecendo,
os conhecidos chegando,
os curiosos entrando,
tudo ando, ando, ando...

e eu estirado, macilento, de rosário nas mãos,
de olhos profundos,
parados no rumo do teto da casa repleta.

Por que chorais?

FÔLHA

O outono cobriu o chão de fôlhas amarelas.

As fôlhas rolam sêcamente por aí.
Que têm elas com a vida?

Fôlhas caíndo, quanta recordação!

(Fôlha de Flandres,
de pagamento,
de zinco,
de bons serviços,
de pau terra,
fôlha corrida).

Caiam, caíam, fôlhas amarelas,

que os poetas hão de esmigalhá-las uma a uma!

OS HOMENS SE REPETEM NOS HOMENS...

— ODORICO COSTA —

O espírito de subserviência, tão dominador nesta época amaríssima em que vamos vivendo, para exaltar as potestades que transitória e encerram em suas mãos os raios fulgurantes do mando, inventou que, em certas figuras de primeiro plano no cenário mundial, estão nítidas e fidelíssimas revivescências de grandes vultos da história da humanidade. Para êstes adoráveis incensadores da vaidade humana, o ex-famoso Kronprinz da Alemanha seria uma perfeita reencarnação de Frederico, o Grande; o ex-famoso chefe do governo italiano, Benito Mussolini seria uma segunda edição encadernada de Júlio César e, nessa sucessão, dêsse jeito, muitos outros.

Uma inglesa, a senhora Gervee, aproveitando-se dessa interessante tendência predominante entre todos quantos, à mingua de méritos pessoais, se servem da adulação para conseguir proveitos, abriu, em Londres, um consultório especial para a "investigação ancestral", para a pesquisa de vidas anteriores, para a revelação do papel e da época em que determinados indivíduos tomaram parte, na distância milenária.

Depois de fazer curiosos estudos a respeito dos personagens mais em evidência no cenário europeu, a senhora Gervee colocou a sua estranha ciência ao dispor de todos quantos queiram descobrir os mais remotos mistérios de seu passado, de suas existências anteriores. E o mais interessante do noticiário a respeito das atividades da senhora Gervee é a afirmação de que o seu consultório tem tido invulgar clientela, tem recebido uma afluência invulgar, com evidentes êxitos financeiros...

...-

A doutrina da transmigração da alma foi admitida desde a mais remota antiguidade. Na Índia é dogma religioso e serve para justificar a existência de clamorosas injustiças e gritantes desigualdades sociais. No Egito, as crenças na imortalidade da alma a esta atribuíam a faculdade de arrojadas excursões pelo mundo animal: logo após a morte do corpo, a alma humana ia se encasular em qualquer animal, de onde, três mil anos ou mais depois, regressava à sua forma anterior, para reiniciar nova peregrinação. Os astrônomos egípcios auxiliaram essa crença, criando o "ano grande": em determinada época, o sol, a lua e todos os demais astros e planetas dêste nosso miserável sistema regressavam a uma posição anterior, provocando, no mundo humano, uma regressão, um retorno semelhante a um determinado ponto de partida. Nesse instante, nesse retorno que se operava nos espaços imensos, almas humanas que erravam, encasteladas em corpos de animais, regressavam a uma posição anterior, aos seus envêlucros primitivos. Reincarnavam-se... Na Grécia, a doutrina da transmigração da alma foi aceita por todos os sistemas filosóficos. Só os epicuristas repudiaram essa crença.

O Cristianismo, inscrevendo entre os seus dogmas a imortalidade da alma, recusou-se, entretanto, a admitir a tendência turística que outras religiões emprestavam a essa centelha divina.

O Espiritismo, esposando a crença na reencarnação, confirma aquela observação de que tôdas as religiões são construídas sobre os escombros de outras religiões, são edificadas com os destroços de religiões extintas. Adotou, mais ou menos, as crenças egípcias, no tocante ao jornadaio da alma, dando-lhe como veículo de peregrinação, não o corpo de um animal, mas o corpo de outra criatura humana.

O estudo da metempsicose encerra fascinações ir-

resistíveis. O mistério do outro lado da vida atrai e subjugava. Subjugava tanto, que até os grandes gênios da humanidade, os arquetipos das raças não se desdenharam da preocupação de devassar êsse mistério encantado e sedutor.

Fournier, adotando a teoria da unidade universal, admite que a alma humana, depois de uma existência de 27 mil a 54 mil anos, perde a consciência de si mesma e se integra e se perde nos abismos da alma universal. Jean Rainaud admite que a alma humana, dentro de determinadas circunstâncias, em uma mescolagem especial, pode ter reminiscências exatas de suas existências anteriores.

Myers, em "Personalidade Humana", atribue aos sonhos a faculdade específica que o homem possui de dar mergulhos nos abismos de sua memória. E' a lembrança remota de outras existências, de outras vidas, de outras impressões, que palpita nesse estado especial do homem, em torno do qual gravitaram, sempre, as religiões antigas.

Leon Dénis, o grande poeta do Espiritismo, chegou ao ponto de ouvir, partidas dele mesmo, as vozes remotas e longinquas de outras incarnações. Sentiu-se formado de um aglomerado de outras vidas. Sentiu o chamamento angustiante de outras existências que sobre ele se completavam, em camadas superpostas, em etapas distintas.

Filosoficamente, a mentira tem metade da verdade, como a verdade tem metade da mentira. De onde, então, poderemos concluir que, no terreno da imortalidade da alma, de sua transmigração, de seus avatares, de seus jornadaios através de gerações, há muito em que se crer e há muito em que se não crer... Melhor será acreditar, como Tomaz Alva Edison, que, mais dia, menos dia, o homem conseguirá descobrir uma aparelho super-sensível, capaz de permitir comunicações com os espíritos, com os que estão do outro lado da vida...

...-

Paul Gibier, o adorável Paul Gibier de "Análise das Causas", referindo-se aos trabalhos dos espiritualistas e dos materialistas, disse que uns e outros estão como duas turmas de trabalhadores que, em sentido oposto, atacam a perfuração de uma montanha, para a abertura de um túnel. Um dia hão-de se encontrar em determinado ponto. Êsse ponto, evidentemente, se referirá à alma, a essa essência clara e luminosa que anima a vida. Não é concebível que essa essência seja um vulgar metabolismo de células vivas, perfeitamente organizadas. Deve ser alguma coisa mais complexa, mais profunda e mais perfeita.

Em que idade da existência essa coisa profunda, essa coisa misteriosa e complexa, essa alma, êsse espírito toma parte na movimentação de nosso organismo, "penetra" no corpo humano?

Evidentemente, no estudo dessa matéria é que as religiões, de um certo modo, se ligam à ciência. Os egípcios achavam que cada indivíduo era veículo, não de uma, mas de cinco almas distintas. Para os estoicos, a alma penetrava no organismo com o primeiro jacto de ar chegado aos pulmões. O Código Justiniano achava que no quadragésimo dia da concepção a alma chegava ao feto. Outras correntes e algumas delas bem modernas concluíram que o início da vida individual ou, melhor, a recepção da alma, se opera no instante supremo em que o óvulo recebe o espermatozóide fecundante. Ludwig Buchner irreverentemente destruiu essa hipótese sedutora, exa-

minando meticulosamente um óvulo fecundado ao microscópio. Nele não achou elemento algum capaz de demonstrar que ali já residisse uma alma, mesmo uma alda de aspecto grosseiro, de estrutura primitiva...

A-pesar-de tantas teorias, de tantas hipóteses que se inçam de essências místicas e filosóficas, o mistério, nesse sentido, continua profundo e completo. Estamos, ainda, naquele mesmo ponto em que estava o famoso rei Salomão quando dizia, cheio de melancolia, que a vida do homem era a mesma vida dos animais e que tudo é nada . . .

A psicologia, no capítulo da paramnésia, trata da estranha sensação que nós todos possuímos, em maior ou menor intensidade, variando extraordinariamente de indivíduo para indivíduo, "do já visto, do já vivido, do já sentido". Dromard e Albes chegaram ao ponto de estabelecer curiosas relações entre os sentimentos em um "estado atual" que está nesta vida ou, mais propriamente, que é esta vida, e um estado anterior, que é o passado nebuloso e desconhecido.

Kenkós, filósofo japonês, do século quatorze, analisando essas impressões subtis, êsses destroços de outras existência que, por vezes, parecem emergir do caos e flutuar passageiramente na memória, fazia esta interrogação dolorosa: "Eu pergunto se sou o único a sentir essa impressão, a ouvir palavras que já ouvi, a sentir cousas que já senti e a ver imagens que já vi anteriormente? E me pergunto quando, em que época isso se deu?"

Êsses estranhos fenômenos, hoje integrados no rol das cogitações dos grandes cérebros da espécie, possuem, por vezes, manifestações desconcertantes. Em uma ambiência evoluída, surge um tipo retardatário ou, então, registra-se a presença de organizações morais e cerebrais absolutamente incompatíveis, no sentido positivo ou no sentido negativo, em determinado lugar e em determinado tempo.

Um fato absolutamente desconcertante, dêsse caráter, verificou-se bem recentemente na Índia. Em determinada cidade, apareceu uma criança de cinco anos apenas, conservando memória precisa e perfeita de uma existência anterior, de uma existência de

alguns meses apenas . . . Contou que, em outra existência fora casada com determinado alfaiate, residente em tal rua, com o qual tivera um filho. As investigações realizadas provaram, de maneira estupefaciente, que o alfaiate existia, que existia o filho do alfaiate e que a mulher dêste morrera, nas condições relatadas pela menina, meses antes. E o mais surpreendente e estonteante é que o alfaiate encontrou, na menina, uma semelhança notável com a sua falecida esposa.

A menina, de revelação em revelação, foi contando as mais íntimas minudências da vida do casal e, por fim, exigiu no lar do alfaiate o lugar que ali possuía, que era seu . . .

O jornal em que fui encontrar essa notícia passa a relatar, dessa altura em diante, a parte cômica do fato: as autoridades judiciárias da Índia foram solicitadas a se pronunciar no assunto, para dirimir êste impressionante litígio: de um lado, os pais da menina que não admitiam a sua união com o alfaiate; do outro lado, a menina e o alfaiate reclamando o levantamento de embargos levantados ao prosseguimento de sua vida conjugal transitória e interrompida pela morte de um dos componentes que, agora redivivo, nessa mesma vida vinha tomar lugar . . .

As notícias, infelizmente, não relataram o desfêcho dêsse caso.

Passamos pela vida desolados e aflitos, sem conhecer desta as formas sutis e nebulosas, tôdas elas encerrando forças e energias que, evidentemente, possuem imediata interferência nos destinos dos mortais. Para nós, o infinito é o ponto em que duas linhas paralelas se encontram e o Além é a região onde não chegamos os nossos sentidos . . .

Mas o universo será isso só, só a cristalização do que podem atingir e perceber as nossas imperfeitíssimas faculdades, os nossos falhíssimos sentidos? Evidentemente, não. Há mais cousas além disso. O melhor, porém, será não pensar nelas. Melhor, será pensar como aquele velhíssimo poeta persa que, cheio de bom humor e de profunda sabedoria, dizia aos homens tristes e de seu tempo: "Escuta a voz da sabedoria, que te repete o dia inteiro: a vida é breve e tu não és como as plantas que reverdecem depois de podadas".

"RABISCOS"

Recebemos de Pedro Celestino Filho, residente em Morrinhos, neste Estado, o folheto "Rabiscos", contendo, precisamente, uma dezena de poemas.

Trata-se de uma coletânea de versos despretensiosos, como o próprio título indica, mas deve-se dizer que alguns versos são bem interessantes, a métrica nos sonetos é respeitada, a cadência agradável, a rima quasi sempre natural. Algumas produções são fracas, sem dúvida; certos versos corriqueiros; a tecnica às vezes defeituosa; mas é inegável que, em alguns lances de algumas produções, se constata no autor apreciáveis qualidades.

Os poemas, quasi todos têm no amor o seu motivo, mas existem outros versando assuntos diferentes. O que mais distingue Celestino Filho é a sua delicadeza de sentimentos e a sua nobreza de espírito. Uma boa amostra de sua capacidade é o

PEQUENO ALIADO

Lépida, pela rua, a meninada
Se espalha rumorosa e prazenteira:
Invade lares de qualquer maneira,
Sempre à procura de borracha usada . . .

Cada criança deseja ser primeira
Entre tôdas as outras colocada,
Para mostrar, garbosa, à causa aliada
Que ela é, também, a causa brasileira!

No entanto, longe, nos confins da rua
Olha as outras, tristonha, duma esquina,
Uma criança, aos farrapos, quasi nua . . .

Súbito, um riso a face lhe ilumina:
Em dar, pensara, tímida, em segredo,
O estilingue (o seu único brinquedo!) . . .

Poema inspirado, humano, atual. Em suma: "Rabiscos", espécie de cartão de visita com que Celestino Filho se apresenta ao mundo literário, revela que o autor deve insistir em seus propósitos, visto que faculdades não lhe faltam para o êxito, bastando, para tanto, aprimorá-las.

A Borracha

(Estudo Químico)

A. A. Fleury

Em 1926 escrevia Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, prefaciando o livro "A Borracha", de José Carlos Macedo Soares, que dois motivos forçavam imediata intervenção do governo do problema da borracha em nosso país. "E' o primeiro — disse ele — o de que não nos é lícito, em prol do nosso desenvolvimento, manter no abandono fonte de valiosos lucros. E' o segundo o de que nos cumpre o dever de assistir, com o concurso das nossas matérias primas inexploradas ou sobressalentes, à vida industrial de outros povos que delas venham a ter necessidades imperiosas".

Isto foi escrito em 1926; nos nossos dias, em 1943, o mesmo problema se apresenta mais vultoso. O dever apontado no segundo motivo transformou-se em imperativo de honra.

Em abono do nosso orgulho patriótico, entretanto, devemos ressaltar, com ufania, que nenhum brasileiro há jamais faltado ao dever cívico, estando todos a postos e atentos, colaborando intensa e eficazmente na grande campanha da vitória. E a vitória está exigindo borracha. No Norte a luta já está travada procurando dominar primeiramente os empecilhos à grande e necessária produção de borracha, tais como as cheias, as inundações, os insetos, as epidemias e a vastidão das florestas. Na região Centro-Oeste, para felicidade nossa, não esbarramos com tantos obstáculos. Aqui, nos imensos chapadões goianos, pode o homem entregar-se ao trabalho sem maiores preocupações e conse-

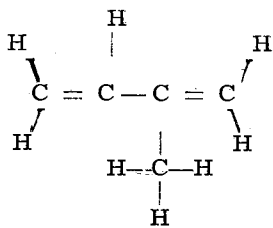
visível avanço do Brasil em todos os setores do progresso — é devido à unidade espiritual da Nação, cada vez maior para sua felicidade coletiva. É devido também à sistematização do ideal de pátria, pela unificação de sentimentos e pensamentos sociológicos, trazida pelo Estado Novo, afim de harmonizar a estrutura jurídica com as exigências das profundas transformações sociais e políticas, a reclamarem novas aspirações e novas modalidades, elaboradas no país pela constante lei da evolução. Por isso, consolidou-se esse Estado Novo sob a serena inspiração do seu criador e de seus patrióticos colaboradores — General RAMÍREZ — (Presidente da República Argentina).

guir o máximo rendimento.

Urge, porém, que não fique isolado no seu afã cotidiano: outros trabalhadores, nas cidades, nos escritórios, nas cátedras, se devem articular com os do campo, orientando-lhes a produção, para que esta seja sempre maior e melhor. Foi nessa esperança que coligi as notas seguintes sobre a borracha, contando ainda que sirvam de estímulo a estudos orientadores do assunto.

...

O "látex", matéria prima da indústria extrativa da borracha é, em nosso Estado, exsudado quasi exclusivamente da mangabeira. Ao primeiro exame ele se apresenta como mistura de sais minerais alcalinos, açúcares, água e uma substância líquida, de aspecto oleoso, não miscível com água, mas bastante fluida, sendo de 33° C o seu ponto de volatilização. E' este último componente o mais importante da mistura. Em química é classificado como hidrocarboneto linear e tem o nome de isopreno ou metilbuta dieno. Está na mesma classe das essências ou óleos essenciais retirados das resinas. Quando submetido à análise elemental, fornece carbono e hidrogênio na proporção de 5 do primeiro para 8 do segundo. Desta circunstância decorre sua colocação entre os hidrocarbonetos não saturados,

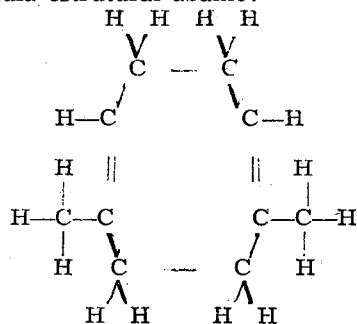


bastante complexa; contudo descobrem os químicos, entre eles, laços caraterísticos de semelhança, razão por que são grupados em famílias, ditas séries. Cada série dos não saturados difere da subsequente por apresentar, para o mesmo número de átomos de carbono, dois átomos de hidrogênio a menos. Três séries se alinham, portanto. Na quarta, porém, para se ligar cada carbono a outro e ao hidrogênio, não há recurso senão grupá-los segundo a genial concepção de Kekulé — em ciclo. Agora se denominam hidrocarbonetos cíclicos, em contraposição àqueles cujos carbonos se ligam em linha reta — os hidrocarbonetos lineares.

A impossibilidade de, teoricamente, esquematizar a fórmula de um círculo como se fosse linear, traduz-se, na prática, por comportamento químico diverso, de tal modo que pela vida afora procedem, ambos, como seres distintos, vivendo vida autônoma: nascem os lineares, se transformam de maneira variada e desaparecem como lineares, enquanto os cíclicos nascem cíclicos, se transformam segundo as leis químicas,

recebem as vezes cadeias laterais lineares, mas conservam até o fim a sua constituição cíclica.

Parece, no entanto, que em relação ao isopreno como dispersgente do colóide "látex", passa esse hidrocarboneto, em determinadas condições físico-químicas, de linear a cíclico, pois que, polimerizando-se, forma o isopreno nova molécula, novo corpo, — o octadieno — ou — dimetilciclo octadieno, como mostra a fórmula estrutural abaixo.



Depois da transformação aparece a principal propriedade da borracha — a elasticidade.

Haverá correlação entre a nova estrutura molecular e a elasticidade? Ou esta aparece em consequência da polimerização acompanhada de mudança de série? E o efeito Joule, que consiste no aparecimento do calor quando se alonga a borracha, fenômeno diverso do observado com os outros corpos elásticos, — será resposta à segunda interrogação? Será o resultado do atrito entre as duas moléculas de isopreno contidas no octadieno?

Ainda mais — se acompanharmos os fenômenos sofridos por outras substâncias colóidais semelhantes ao "látex", notaremos o desenvolvimento de idênticas transformações, em todos, sob a ação dos agentes físicos e químicos; não encontraremos, porém, a elasticidade. Não se há de notar também a transformação de substância de constituição linear em cíclica.

Procurando estabelecer comparação, lembremos o leite animal, que, como o "látex", é excretado em estado coloidal e sofre coagulação pelos ácidos e pelo calor, tal como o "látex", mas dessa coagulação não resulta corpo elástico. Causa semelhante acontece com a clara dos ovos.

No desejo de encontrar a explicação para fenômenos aparentemente semelhantes, mas na realidade bem diversos, entregam-se os químicos a pesquisas várias, colhendo novos conhecimentos, descobrindo novas propriedades da matéria.

Logo de início se observa que a semelhança entre o leite dos mamíferos e o "látex" da mangabeira não resiste ao confronto, mesmo superficial, pois que o leite da mangabeira possui como dispersgente um hidrocarboneto — o isopreno — de constituição molecular instável, capaz de polimerizar-se sob ação de a-

gentes físicos, enquanto que o leite animal tem como dispersante a água.

...

De posse de todos esses conhecimentos teóricos, tiram-se para a prática as seguintes conclusões:

a) Para que o "látex" se conserve líquido é preciso evitar o contacto dos ácidos, mesmo em mínimas quantidades. Tendo de ser transportado, juntar substâncias básicas — de preferência amônia líquida — capazes de ir neutralizando os cationes ácidos porventura formados posteriormente. É pequena a tolerância do "látex" com relação ao cation ácido. Ao ser exsudado possui o pH=7,2. Se este índice baixar a pH=6,7, dá-se a coagulação.

b) Alguns sais alcalinos, tal como os ácidos, gozam da propriedade de coagular o leite de mangabeira; não deve, pois, o talho da árvore, no momento da sangria, ser profundo, evitando dêsse modo que seja atingido o lenho e dêste exsuda a seiva ascendente, que conduz sais alcalinos.

c) Ao sofrer o isopreno a coagulação, transformando-se no cíclico octadieno, prende em suas redes, grandemente anastomosadas, boa porção da água contida no colóide. Esta água deve ser, toda, eliminada, o que se consegue submetendo a lâmina de borracha à pressão em cilindros apropriados, colhendo-se, depois, a borracha corrugada e sob esta forma é entregue ao comércio.

Por outro lado, conclue-se ainda:

a) que a borracha natural, pelas suas ótimas qualidades e pelo seu baixo custo e, mais ainda, pelos melhoramentos constantes que a sua indústria extrativa comporta, — não será, nunca, suplantada comercialmente pelo produto sintético, devendo, ao contrário, o seu consumo mundial crescer sempre, como matéria prima que é de muitas indústrias importantes e indispensáveis à vida atual;

b) que, em consequência, deve ser estimulado o plantio sistemático da mangabeira em nosso Estado. Nativa, medra muito bem nos nossos infundáveis chapadões e nas encostas das cordilheiras, justamente em terrenos até agora inaproveitados pela agricultura ou pela pecuária. Não exige o mínimo trato e em tempo igual ao que exige o café para a primeira colheita, permite a mangabeira a sua primeira sangria.

c) que o fruto, amadurecido em novembro, possibilita a criação de indústria semelhante à do marmelo. O doce do fruto é saboroso, delicado e se conserva muito bem em compotas.

d) que, finalmente, esta matéria prima não deve permanecer na dependência da indústria estrangeira para ser beneficiado. Fundemos, nós mesmos, aqui em Goiás, fábricas ou oficinas de artefatos de borracha, pois, — bem o sabemos — para essa realização só nos tem faltado a iniciativa.

Rio Branco, Legionário da Paz

Pedro Celestino Filho

Com justo orgulho, celebramos a nossa Independência no dia de hoje, que, por isso mesmo, é chamado o Dia da Pátria.

É' comovedor, é grato contemplar-se a garbosa Juventude de Morrinhos comemorar com entusiasmo a data magna da nossa vida política.

Sete de Setembro é o dia que envolve, carinhosamente, numa síntese milagrosa, todas as nossas glórias, todos os nossos sacrifícios, todos os nossos heróis: guerreiros, sábios ou diplomatas.

O dia de hoje é o símbolo forte, vivo e lúcido do espírito soberbo de nosso povo; é o símbolo da coragem, da energia de nossa gente que, familiarizada por demais com o exuberante viço da natureza, não rações honestas, embora seja desconhece peias para as saus deliberecossário, para a suas realizações, o sacrifício de seu sangue.

Felizmente poucas são as folhas sangrentas da grande árvore brasileira. Dentro de todos os limites possíveis da concórdia, temos solucionado os nossos problemas internacionais.

Eis por que, celebrando o fúlgido dia de hoje, queremos exaltar a figura empolgante de José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, legionário da Paz, soldado do Direito, legítimo conquistador da nossa integridade geográfica, fixador sereno dos nossos limites.

Na vida dêsse grande homem há três pontos luminosos que, como a lâmpada sagrada, conservam sempre claros aos olhos dos brasileiros o vulto simpático de Rio Branco: Amapá — Missões — Acre.

Neste último litígio, êle conquistou para o Brasil — 191.000km.q..

Com a sua inteligência, com a sua vontade, com o seu estudo, com a sua cultura e com o seu espírito pacifista, êle sozinho, sem nem uma vida sacrificada, sem uma gota de sangue, incorporou ao Brasil um território que, pela força, só seria conquistado com o luto a orfanidade e a viuvez.

Enquanto estamos enxergando as questões territoriais serem resolvidas a pontas de baionetas e a coices de fuzil, é-nos confortador contemplar, no passado, o gênio cordial do brasileiro que, no dizer de Rui Barbosa, realizava os seus "combates singulares, transfigurados pela civilização cristã num duelo jurídico de argumentos e provas"

A memória destes heróis é que nós devemos cultivar com um amor carinhoso e constante, para

que os seus exemplos frutifiquem nas gerações que passam e se multipliquem na gerações futuras.

O espírito superiormente manso e humano do Barão do Rio Branco se percebe nos atos de sua vida política.

A atilada observação de fino homem de Estado germinou-lhe na alma as semente do monroísmo.

O repúdio à pressão do forte sobre o fraco, o desprezo ao domínio pela violência, o sonho de fraternidade da família americana, a fé no futuro do novo continente impeliram-no a prever, sãbiamente, o valor, para o Brasil e suas irmãs americanas, de uma política de união para mútua-defesa, aos moldes da doutrina de Monroe.

E pôs nisso toda a sua inteligência. Assim é que, depois de conseguir mudar o eixo da política internacional de Londres para Washington, vêmo-lo passar um telegrama a Joaquim Nabuco, cuja primeira frase é esta: "Como sabe, o ponto mais importante para nós é Washington".

Visão evoluída e segura teve o nossos reivindicador, conquistando mais uma vitória moral para os brasileiros e mais um louro para a sua coroa de glória.

Mocidade! o sr. dr. Prefeito Municipal acaba de dar-vos um exemplo de que o grande brasileiro deve ter um lugar em nossos corações, emprestando-lhe o nome a uma das ruas principais de nossa cidade.

Cabe-vos, agora, imitar-lhe os atos, lembrando-vos, sempre, que as vigílias do estudo são o caminho áspero que devem seguir aqueles que aspiram a bem servir a Pátria.

(Discurso pronunciado em Morrinhos, durante os festejos do Dia da Independência).

Dr. J. RIBEIRO GUIMARÃES

— ADVOGADO —

COBRANÇAS COMERCIAIS-TRABALHOS NO FORUM EM GERAL

E: CRITÓPIO:

AV. 24 DE OUTUBRO, 221 — Telefone 1416

Bairro Campinas

Goiania - Estado de Goiás

F O R A D A V I D A

M A R I L D A P A L Í N I A

O relógio da matriz batera compassadamente doze badaladas, que ressoaram na calmaria da terra silenciosa. Meio dia . . .

Lá fora, um mormaço ardente de junho marasmava a cidadezinha sertaneja. E dentro da sala, o cheiro peretrante das flores que se estiolavam rapidamente ao calor das velas de cera, entorpecia.

Três ou quatro senhoras de fisionomias compungidas velavam o cadáver.

Da janela, junto à qual me sentara, avistava a fita larga e vermelha da estrada, que subia, caracolando, entre campos ainda verdes. Mais longe, serras azul-ferretes recortavam o céu cinzento, quasi branco.

— O senhor conheceu dona Lúcia? perguntou-me uma senhora simpática, de olhar inteligente.

— Tão pouco . . . Estou aqui há três meses apenas. Mas, sempre tive a impressão de que dona Lúcia era extremamente bondosa.

Sim. Boa, resignada, caridosa. Conheci Lúcia ainda moça. Ela completava agora 50 anos, quem o diria?

Olhei para o centro da sala. Sobre a mesa, forrada de preto, interaçava-se um corpo de mulher, amortalhado em seda roxa e coberto por finíssimo véu de "tule", também roxo.

Olhos bem cerrados, o nariz alto e fino, a bôca entreaberta num quasi sorriso — máscara serena, plasmada pelos dedos divinos da morte, — era, no entanto, muito diferente da dona Lúcia que eu conhecera, olhos vivos brilhando através do pince-nez de ouro, sorriso triste contrastando com a palavra animada e alegre.

D^a Lúcia . . . Fôra a melhor prosa que eu conhecera na cidade. Nem maledicências, nem queixas, nem sequer a resignação passiva das mulheres do sertão, que têm incapacidade de pensar e preguiça de falar. Aquela, não. Era um espírito ágil, curioso, devorando quantos livros encontrasse e gostando de discutir as idéias que êstes lhe despertavam, com inteligência e bom humor.

Emprestara-lhe romances, pois preferia literatura de ficção. E quantas vezes, quantas, não deixara eu a palestra insulsa das mocinhas para conversar com ela?

Na calmaria daquela manhã brumosa, a notícia má circulou rapidamente: dona Lúcia falecera.

Como de costume, despertara cedo e, depois do café, sentara-se na "preguiçosa" para ler, rente à janela aberta para a rua silenciosa e deserta. De repente, sentiu-se mal. Uma indisposição súbita, uma ansiedade . . . Pediu um copo d'água. Quando lhe trouxeram, a cabeça pendia-lhe sobre o peito. Parecia dormir. Estava morta.

— Esta soube morrer, pensei numa vaga inveja. Livrou-se do prosaísmo das longas enfermidades que desfiguram e martirizam o doente, exaurindo a paciência e as forças dos que o rodeiam. Não deixou que a morte desfizesse no espírito dos que ficavam a

lembrança amável da mulher — se não feliz — bem conformada com a vida.

Horas depois, quando a vi pela última vez em seu leito fúnebre, parecia mais moça, a face plácida sem uma ruga, conservando o ar de fidalguia que a tornava tão diferente das pessoas que a cercavam.

A meu lado, a voz amiga desfiava o rosário das recordações

"Quando conheci Lúcia, tive a impressão de que ela trazia consigo a felicidade e possuía o dom de transmiti-la aos que amava.

Era moça, muito moça, bonita, comunicativa. Sentia-se nela um irresistível impulso para viver em sociedade. Educada com extremos de carinho em um grande centro, o eu casamento com Totônio, um boiadeiro formoso como Apolo, fôra um rude golpe de que seus pais jamais se consolaram. Ela, não.

Amava Totônio e aceitara sorrindo a fatalidade do amor. Totônio enfeiticara-a com o seu porte de atleta, sua pele morena tismada de sol, seus grandes olhos negros e ardentes, sua franqueza selvagem de sertanejo. Êle a adorava e por isso mesmo fantasiou haveres que não possuía. Casaram-se. Logo depois Totônio trouxe a mulher para sua cidade natal, em pleno sertão goiano.

Não tardaram os maus dias. Totônio deixara a vida andeja que era a sua em solteiro, e empenhara todos os seus bens na aquisição de uma fazenda para onde levara a mulher, na eperança de que alguns anos de trabalho intenso lhe permitissem adquirir uma pequena fortuna, facilitando-lhes a vida numa cidade maior. Mas os seus planos foram frustrados. E os anos se sucederam, pesados e lentos, cheios de duros sofrimentos inúteis. Êle, desesperado pelo sacrifício da companheira e pela impossibilidade de se libertar da situação que se criara. Ela, resignada, suportando sem uma queixa a tortura de viver isolada, lidando com gente rude e grosseira, incapaz de auxiliar o marido, de adaptar-se ao meio, pois tudo a incompatibilizava com a terra e os seres que a cercavam: sua educação, gôsto artístico, tudo, tudo . . . Os criados não a entendiam e serviam-na de má vontade. E os negócios iam de mal a peor. Lúcia não sabia que, no sertão, a patrôa é a primeira e a mais ativa da servas, aquela que não tem direito a um instante de folga ou de repouso e que, vigilante, fiscalizava o serviço de todos e de cada um, corrigindo êste, auxiliando aquele . . .

Nada disso compreendia Lúcia. Inteligente e fina, seu espírito naturalmente inclinado para as cousas de arte, sofria e se rebelava contra a vida mesquinha, vegetativa, que se tornara a sua.

Revolta surda e vã . . . Afinal, exaustos de lutar sem resultado, voltaram para a cidade com grande prejuízos. Êle vendeu a fazenda e comprou uma chácara. Ela fez-se professora de primeiras letras. Continuaram vegetando. Mas, o destino não estava sacia-

do. Totônio adoecera e, depois de longos meses de sofrimento, que lhe esgotaram os últimos recursos pecuniários, expirou.

Sem filhos, perdidos os pais, sem coragem e sem meios de se afastar da cidade morta, na qual o destino a aprisionara, Lúcia, a-pesar-de moça ainda, aceitou resignadamente as inclemências da sorte.

Continuou como professora. Pouco a pouco, devido à sua bondade, conseguiu emancipar-se dos trabalhos domésticos, que sempre lhe tinham desagradado. Uma mocinha pobre, que a sua caridade agasalhara em condições especiais, quando o puritanismo tartufo do lugar pequeno a repudiara impiedosamente, era uma escrava espreitando-lhe os menores desejos.

Retirada do magistério, a aposentadoria trouxe-lhe horas de lazer . . . Vivía lendo. Lendo e palestrando, pois tinha a casa sempre cheia, principalmente de moças. Mas, nunca, nunca a sua palestra descambou para a maledicência ou para a calúnia.

Nunca de sua bôca ninguém ouviu uma palavra de censura áspera ou de condenação a quem quer que fosse. Aprendera a perdoar e . . . esquecer. Conhecia a vida. Sabia quanto era dura, implacável, impiedosa, mesquinha e . . . invencível. Ela mesma era uma vítima da vida.

Tinha um defeito, que não procurava ocultar. A vaidadezinha pueril de ser ainda moça e bonita.

E repetia sempre: — “Não quero viver muito. Para que? Tenho uma repugnância enorme de me ver trêmula, curvada, arrastando os pés, fraca e triste, nessa decadência física dos velhos. Também tenho horror a uma longa enfermidade, que me faça sofrer muito” . . .

E a amiga continuou, os olhos rasos de lágrimas:

— Lúcia nunca foi feliz. Nem poderia sê-lo. Conhecia-lhe a alma em tôda profundeza de sua bondade, mas nunca, nunca pude avaliar bem o sofrimento que a minava silenciosamente. Cheguei mesmo, a princípio, a julgá-la insensível, tal a frieza com que Lúcia parecia receber os repetidos golpes da sorte adversa. Mas, pouco a pouco, comecei a compreendê-la e muitas vezes através da máscara de seu riso fácil e de suas palavras despreocupadas, eu vislumbrava uma angústia latente, quasi desespero. E como supor indiferente e duro um coração que se apiedava ante qualquer sofrimento e tinha delicadezas e sutilezas raras para compreender e consolar a dor alheia?

Ela era, sim, uma altiva, uma estoíca, uma forte”.

Lembrei-me então de uma palestra que tivera com Lúcia, dias antes, e que me parecera estranha, mas, na verdade, era uma ponta do véu, um instante levantado sôbre o abismo daquela alma torturada.

— “Não sei como lhe agradecer os livros que me tem trazido, disse. E’ uma caridade que o sr. faz. Aquí a gente precisa ainda mais do pão espiritual, não acha?”

— E eu sou doída por um livro, mesmo porque só a leitura me dá um pouco de equilíbrio . . .”

— Não diga isso, protestei. A igualdade do seu gênio, sempre jovial, causa inveja.

— “Aparências, atalhou vivamente. E’ exato, porém, que a leitura, um vício para mim, me dá uma exaltação fictícia, um entusiasmo passageiro, fazendo-me viver fora da vida.

— Mas, se me acontece ficar alguns dias sem leituras, parece-me que vou enlouquecer, tal o nervo-

sismo que se apossa de mim; porque eu não posso . . . não quero . . . viver minha vida. Preciso, devo esquecer . . . E consegui o milagre de andar quasi sempre fora da realidade. Há momentos em que tenho a impressão nítida de que meu espírito, está inteiramente liberto do corpo e do ambiente que o cerca. Quando tenho um romance entre os dedos esqueço tudo, tudo. Vivo a vida daqueles personagens imaginários nos cenários em que se movem, e com êles sofre e goza. Fechado o livro, quantas vezes a imaginação continua a história interrompida?

E, como arrependida de ter falado demais:

— “O senhor sabe. Nós, mulheres, temos nervos que vibram, às vezes, por tão pouco . . . Somos tão impressionáveis, tão fracas, tão oscilantes de humor” . . .

Compreendí-a, agora, pela primeira vez e pela vez primeira, lia no livro de sua vida, já cerrado pela morte, uma história aparentemente vulgar e desinteressante, mas, na verdade, esmaltada de virtudes humildes e de nobres sofrimentos, dignamente suportados.

Perdido o espôso, cujo amor devera ter sido a única flor no deserto de sua vida árida; paupérrima, sem filhos e sem afeições, insulada em um meio inferior e hostil a que nunca se acostumara, aquela pobre alma, que nascera para a beleza, agasalhou-se no sonho, na ilusão.

Foi pedir à vida — que não era a sua — a sombra de uma paz e de uma ventura que jamais experimentaria.

A morte, ao menos, lhe fôra piedosa.

Levou-a delicadamente, sem magoá-la, sem desfigurá-la, quando, como sempre, ia embarcar para outros mundos, nas páginas impressas que lhe davam o precioso bálsamo do olvido.

Fora da vida . . . Nesta frase dona Lúcia concentrara a fórmula da felicidade.

Felicidade! Dolorosa interrogação que punge eternamente as almas e, depois de extenuantes vigílias consumidas em longos estudos e aturadas observações, enche bibliotecas de alentados volumes para — ironia da Sorte! — permanecer cada vez mais viva, irrespondível sempre?!

Felicidade! Onde te ocultas? Como encontrar-te? Como, principalmente, aprisionar-te, pássaro erradio e esquivo, que, em manhã primaveril, buscas um coração para teu pouso e mal desferes a divina canção, já alças o vôo para longe, bem longe?

E a vida passa . . .

E o coração vazio, triste, saudoso, espera, espera sempre, espera até a morte que o formoso pássaro volte e recomece a canção que o enfeitou.

Mas, o pássaro volúvel nunca mais voltará, porque jamais, jamais buscou duas vezes o mesmo abrigo. Jamais!

A fôrça unitiva do trabalho é de uma eficiência insubstituível. Foi mister que se obliterasse de todo esta alta significação da atividade humana, para fazer do trabalho um princípio de divisão entre as classes e um fermento de ódio entre os corações. As doutrinas incapazes de fundar em sólidas bases espirituais a consciência viva da fraternidade não poderão exaltar o aspecto social do trabalho nem contribuir para a paz e a prosperidade de uma civilização — LEONEL FRANCA.

A DESCOBERTA DE MANOA

O velho cacique tupinambá, com os olhos cravados no poente, ia acompanhando o descambar monótono do sol, por detrás da serra azul.

De vez em quando, o chefe índio, lentamente, levava aos lábios um cachimbo de barro, sem desviar-se, porém, da contemplação mística daquela paisagem.

Era como um espectro de faraó mumificado, perdido em pleno sertão do Brasil.

No terreiro da tribo, por todos os lados, iam e vinham silenciosos indígenas, enquanto pequenos curumins distraíam-se com belas aves de plumagem e outros animais silvestres.

A' roda da cabana do pagé, índias velhas cantarolavam toadas enfadonhas, em seu linguajar selvagem.

A taba dos chavantes estava coberta de tristeza.

Ao largo, o Araguaia passava majestoso, culminando de encanto e de beleza.

Abandonei o meu esconderijo, na lura de um grande pé de sapoema, e resolvi aproximar-me do cacique. O velho chavante, entretanto, recebeu-me com a maior frieza deste mundo. Por minutos, conservou-se calado, sem que também em me dispusesse a proferir qualquer palavra. Depois dêsse lapso de tempo, perguntou-me, enfim, num gesto formal de hospitalidade indígena, o que desejava dos chavantes.

Foi, então, que perguntei ao cacique se poderia informar-me, por acaso, a direção da cidade de Manoa, Capital do Eldorado, que, havia tempos, vinha procurando pelos sertões afora.

O velho índio tupinambá olhou-me, desta vez, mais detidamente, como se se surpreendesse da interrogação, e principiou a proferir um longo e eloquente discurso, que ficou, indelevelmente, guardado no fundo de minha recordação.

— Vós, brancos, principiou o selvícola, ainda sois crianças e não tendes tradições. Muito antes da vinda de Sumé, já as nossas tribus, em incursões na direção do grande rio, haviam ouvido das mulheres guerreiras, que habitam às margens do Lago da Lua, muitas versões acerca de Manoa.

Esta muiraquitã, que aqui vedes, foi trazida daquelas paragens longínquas e vem servindo de amuleto sagrado aos chavantes, através de suas gerações.

Vós brancos ainda sois ingênuos e nada sabeis do dia de ontem, em comparação com a nossa gente, que

J.

A.

VASCONCELOS

(Este artigo foi escrito em 1936, pelo actual prefeito de Uberlândia, quando ainda era estudante de Direito em em Belo-Horizonte)



antecedeu à própria vingança de Tamandaré.

Tôdas as luas, os nossos guerreiros partiam para os lados em que nasce e morre Guaraci; acompanhavam todo os cursos d'água, até às cabeceiras; varavam as florestas; subiam e desciam as montanhas; atravessavam as campinas; cortavam os taboleiros; mas os que conseguiam voltar dessas longas caminhadas nada podiam dizer dos vestígios de Manoa.

Entretanto, as peregrinações continuavam e hão de continuar, através dos tempos, enquanto viver a grande nação que ora vos hospeda.

Mas podeis crer que existe essa cidade encantada de ouro e prata. Ninguém melhor do que o cacique dos chavantes vos poderia afirmar essa verdade. Passei as minhas existências de caçador e de guerreiro percorrendo terras desconhecidas e desbravando os nossos sertões. Conheci muitas outras tribus que, também, andavam à procura dos vestígios de Manoa.

Cheguei mesmo até à região dos grandes pantanais, que separam as nossas terras dos domínios de outros povos; mas, essa cidade a que vos aludís continuava, como um mistério indecifrável, a esgotar as nossas esperanças.

Lá para as bandas onde habitam

os brancos vossos semelhantes, fica uma cidade ainda muito jovem, cuja existência não atingiu a duas luas.

Na penúltima viagem que fizeram os nossos guerreiros para o sul, tudo ali ainda era silêncio e natureza. Ao voltarem, depois de decorrida uma enchente no Araguaia, encontraram, na campina, um país maravilhoso, aparecido no transcorrer apenas de uma lua.

Um grande chefe branco havia erguido a cidade, de uma noite para o dia.

E' Manoa, a cidade encantada, dos crepúsculos de ouro e púrpura e de céus de prata, nas noites calmas dos plenilúnios sertanejos.

De tôdas as bandas, estão chegando os brancos, em busca de riqueza e em procura de felicidade.

Lá em Manoa existe riqueza e há felicidade.

Enquanto sobem e descem as águas dos rios e os campos secam e tornam-se de novo verdejantes, a civilização da cidade vai crescendo, vai aumentando sempre, assombrando os próprios brancos.

Fica lá, na direção das grandes campinas do sul. Lá, onde os brancos vossos semelhantes moram!

— Acreditei nas palavras do velho tupinambá. Desci o rio e, algumas luas depois, chegava a uma

O D. A. S. P. e o problema do material

Georgina Felix de Sousa

Completando o seu quinto aniversário de brilhante atividade, o Departamento Administrativo do Serviço Público fez realizar nos salões da Escola de Belas Artes uma exposição, na qual, através de suas 7 salas, procurou demonstrar a evolução e soluções dadas ao problema do material do Serviço Público.

O D. A. S. P. é um órgão normativo encarregado de centralizar os estudos do pessoal, administração e material. Sua ação envolve um campo vasto, abrangendo tôdas as esferas da ação administrativa federal. Em cinco anos de luta infatigável, o D. A. S. P. conseguiu modernizar e lubrificar a máquina administrativa que estava enfiada pela ferrugem de uma velha e atrasada mentalidade.

A ação do D. A. S. P. não se limitou somente à criação da Divisão de Seleção do Pessoal. Mostrou-nos o que se pode conseguir com a padronização do material e a centralização das compras, realizando importante economia.

A entrada da exposição, a primeira sala é destinada à Compra Racional. Depara-se, à esquerda de quem entra, com um painel demonstrando a despesa orçamentária do material do Serviço Público, que se eleva a uma porcentagem de 17% do total da despesa pública.

A segunda sala é destinada à Evolução da Verba do Material, demonstrando as diversas rubricas orçamentárias em relação ao material.

A terceira sala é dedicada à centralização das compras do material. Os painéis demonstram o mecanismo de aquisição do material através do Departamento Federal de Compras, o órgão centralizador.

Na quarta sala deparamos com o almoxarifado modelo, prateleiras, material em estoque, utensílios e fichas de controle. Após, os resultados da Simplificação do Material promovida pelo catálogo. O Catálogo do Material institue a uniformização e simplificação.

Sexta sala — Padronização, "Padrão e uma base de referência e um índice de comparação. A padronização é um fenômeno natural

e representa um estado de equilíbrio. Não é um problema somente de laboratório, mas também de organização social e econômica. Influe no desenvolvimento econômico do país". No salão destinado à padronização deparamos com um templo grego, representando a padronização e as linhas góticas arquitetônicas que obedecem à padronização do material.

Neste tempo encontramos em miniatura todo o material padronizado e os do Serviço Público e, finalmente, a apuração com o aproveitamento do material, bem assim, um "stand" especial com a padronização do sistema monetário brasileiro em cruzeiros, de tre-

zentas e tantas variedades de moedas, transformadas em notas e moedas. São encarregados da padronização: o Intituto Nacional de Tecnologia, Comissão de Meteorologia, Observatório Nacional, Serviço de Economia Rural e Associação Brasileira de Normas Técnicas.

A novel Associação dos Servidores Cívicos do Brasil, cooperando com o D. A. S. P., realizou no auditório, especialmente preparado dentro do recinto da exposição, horas de arte, com a colaboração de servidores, artistas, como: maestro Villa Lobos, Mignone, Magdalena Tagliaferro, Sua Carolina, Olegário Mariano, Bastos Tigre, Borghetti, Chiafitelli, etc.

Tal tem sido a tarefa que o D. A. S. P., o seu presidente Dr. Luiz Simões Lopes, o seu orientador e criador — o presidente Vargas, travaram contra a velha rotina, para o bem da ordem e progresso do povo brasileiro.

Rio, 18-8-943.

"O ESTADO E O INDIVÍDUO" - Édouard Laboulaye

Coleção "Os Grandes Pensadores" — Casa Editora Vecchi

— RIO, 1943 —

Edouard Laboulaye foi um conspicuo estadista, juriconsulto e literato francês. Nasceu em Paris, em 1811, e faleceu na mesma cidade, em 1883. Estudou direito, havendo ingressado no fôro em 1842. No ano seguinte tinha acesso à Academie des inscriptions, e em 1849 era nomeado professor de legisla-

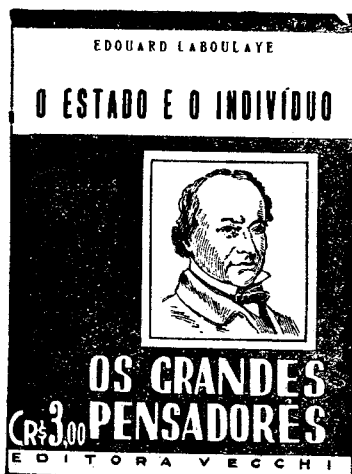
Dedicando-se à política, formou nas fileiras da oposição liberal, e, após a queda do império, foi eleito em 1871 deputado por Paris, tendo apoiado o governo de Thiers.

Além do renome que granjeou como estadista, Édouard Laboulaye careou fama universal com a publicação de muitas obras sobre política, direito, moral, educação e história, nas quais o primor do estilo corre parrelhas com o vigor da lógica.

Uma de suas obras mais notáveis é "O ESTADO E O INDIVÍDUO", que em boa hora a Casa Editora Vecchi, do Rio de Janeiro, vem de publicar em elegante volume na sua vitoriosa coleção "Os Grandes Pensadores".

Nessa obra universalmente célebre o grande político e escritor francês expõe conceitos tão profundos como atuais sobre os limites da ação do Estado e os direitos do indivíduo em face da sociedade.

"O ESTADO E O INDIVÍDUO" foi magistralmente traduzido por Líbero Rangel de Andrade.



ção comparada no Collège de France, instituto que ulteriormente havia de administrar. Fundou em 1855 a "Revue historique de droit".

cidade bonita, cheia de felicidade e de riqueza, tal qual como o cacique a descreveu. Em verdade, ficava muito longe dos chavantes. Lá, nas campinas do sul, onde os brancos meus semelhantes moram.

— Era a cidade de GOIÂNIA!

A música inlocalizável

quebra o silêncio da noite

C o n t o d e C a s t r o C o s t a

A música longínqua, tocada por mãos e por lábios invisíveis, atravessa o silêncio da noite e vem inquietá-lo. Será música, ou será alucinação? Há queixas surdas de violoncelos e lamentos de violinos em côro, manejados por dedos esguios de namorados românticos e insatisfeitos. Há, também, naquela música inlocalizável, uma evocação de amor e de tristezas — um chamamento retrospectivo para uma quadra cheia de esperanças malogradas. Como é angustioso pensar nisto!

Júlio se levanta e liga o interruptor, inundando o quarto de luz. Consulta o relógio. Três da manhã. Assenta-se à mesa e recomeça seus pensamentos lúgubres. Há três dias que a insônia o persegue, cravando suas impiedosas tenazes sobre seu corpo e seu espírito. A idéia de Sônia o martiriza, mas êle não consegue desfazer-se dela, como se fosse uma teia-de-aranha em suas mãos. Sônia — a dona de um amor tão grande que não coube neste mundo...

Os olhos do rapaz percorrem, melancólicos e sem interesse, o luxo e o conforto de que está cercado. Acha tudo inútil como a policromia de u'a manhã de primavera para um cego. O acidente do trem se desenha, em sua imaginação inflamada, com um colorido psicológico tão intenso que o deixa de fisionomia transtornada. Era a morte de Sônia. Horrível. Ela estava caída, com os membros inferiores presos na porta do vagão e com as mãos delicadas acima da cabeça, arranhando o chão, num esforço irrito para se desprender do carro em chamas. Êle estava a seu lado, com o rosto queimado, as costelas fraturadas e os braços sangrando, a rasgar, como um louco, seu vestido e suas carnes morenas, para a tirar dali. Os gritos, os gemidos e o desespero dos passageiros, o aspecto trágico dos mortos estendidos na terra, os socorros médicos tardios, o hospital. Horrível.

— Meus pêsames, cavalheiro. Sua esposa...

Essa frase está a martelar sua cabeça, como um refrão recitado por mil bruxas desgrenhadas. "Meus pêsames, cavalheiro. Sua esposa..." "Meus pêsames, meus pêsames, meus pêsames..." Sente o peso de um camartelo gigantesco, no cérebro, a marcar o ritmo exasperante.

Júlio deixa a mesa e abre a janela, num gesto semi-automático. A música inlocalizável se acentua e parece vir-se aproximando, mais clara. Ah! As queixas surdas de violoncelos e os lamentos de violinos em côro representam os gritos e os gemidos das vítimas do desastre do trem. A orquestra imaginária executa uma peça triste em homenagem à memória de Sônia, cuja figura bonita e querida sobrepára, envolta em seda branca, diante dos olhos alucinados de Júlio, que retorna à mesa precipitado, como impellido por uma força estranha. Lança um olhar ao guarda-roupa, onde há, em-baixo, um revólver embrulhado numa toalha. Sempre que apanha uma peça de roupa, sente-se seguro ao apalpá-lo, mas não gosta de vê-lo. Em pensamento, não lhe liga a imagem do nome, como se fosse algo cuja utilidade conhece e não sabe denominar. Surge-lhe nebuloso, como se fosse visto na neblina, a distância: não lhe agradam seus pormenores. Essa arma representa sua possibilidade de fuga àqueles sofrimentos. Basta dez segundos... "Meus pêsames cavalheiro, meus pêsames". Basta dez segundos...

Ouve-se, em seguida, o estampido de um tiro, que põe o hotel em rebuliço.

x x x

Júlio está em convalescença. Foi removido anteontem da casa-de-saúde para o hotel. Esteve não sabe quanto tempo fora de si. Depois, esteve pelo menos duas semanas sob os cuidados impertinentes de uma enfermeira estrábica e nariguda. A bem dizer, era só a fisionomia dessa enfermeira que o aborrecia na casa-de-saúde. Era um atentado a seus sentimentos de estética, a seu gosto artístico refinado. No mais, deitado de-costas, sentia-se bem, leve, leve, como um balão no ar sem vento. As perseguições dantescas das figuras geradas pela insônia haviam desaparecido. A idéia de Sônia estava numa camada muito superior do pensamento, esfumada, de-modo-que não chegava a intranquilizá-lo. Não havia sofrimentos.

Já agora, no-entanto, parece que a atividade psicológica é reiniciada com o exercício do corpo. Júlio está andando devagar. É de novo inquieto. Seu quarto fica ao-lado-da-sala-de-visitas, onde dona Lurdes costuma reunir, nas tardes dos do-

mingos, após o ajantarado, algumas vizinhas jovens e u a mocita chamada Garida, que vive em sua companhia. Seu nome de-certo é Margarida, correndo a aférese por conta do afeto da velha viúva. Ouvem rádio, discutem questões insignificantes, jogam dama e dão trotes pelo telefone. Júlio ouve tudo como se estivesse também na sala. Dona Lurdes faz croché, de-parte, e entra na conversa de-vez-em-quando para aprovar, com um "É mesmo", uma niquice qualquer. Nunca discorda. No máximo pede, meio distraída, que não façam barulho. Teme uma réplica de Garida, que é atrevidinha e segura de sua estima. Diz apenas:

— Meninas, há hóspedes nos quartos!

Há hóspedes nos quartos. Júlio tem a impressão, como agora, de que a advertência é feita por sua causa. Ninguém deixa de sair num domingo, embora domingo sem sol. O único hóspede que não deixa dona Lurdes mais à vontade é êle, que, ao-invés-de querer sair, tem ímpetos de abrir a porta, dar um berro selvagem e exigir silêncio. Silêncio. Não vêem que o perturbam, que baralham seus pensamentos? Por que não vão tagarelar na cozinha?

Estão metendo a língua em uma garota que mora no outro quartelirão abaixo e que quase tôda semana aparece no hotel. Por mais que se esforce por não ouvir, não consegue desviar a atenção da vizinha esganiçada de uma delas:

— Só vindo! Ela acha que todo rapaz é apaixonado seu. E não tem vergonha de falar, não.

— Quanto mais aquela, coitadinha! — intervém outra, arregaçando com desdém o lábio inferior. Com aquelas pernas secas de cambito e aquele hálito! Vocês já repararam no hálito que ela tem? Xi! Deus me perdoe!

Mocinhas linguarudas. Podiam procurar trabalho, ser samaritanas, por-exemplo, para ajudar a ganhar a guerra. Precisavam aprender a pensar feridas, a fazer chás, a dar banhos em doentes, suportando cheiros ainda menos poéticos que o mau hálito periódico de suas amigas.

Júlio fica contrariado, devido ao falatório da sala. Vai sair, mesmo

O quarto centenário da morte de Copérnico

1543 — 1943

Esboço biográfico -- ligeira adaptação feita pelo Pe. Antônio Wasik

porque já é tarde e não haverá jantar.

Ao por a gravata, nota ao espelho que suas feições estão desfeitas e se acha muito magro. Reconhece carquilhas nas faces chupadas. Isto o aborrece e o faz infeliz. Ao abrir a porta, enquanto troca a chave para o lado de fora, as linguarazes da sala suspendem por um instante a sessão e o ficam olhando de-espelha, imóveis. Lembra-se das cenas dos filmes norte americanos *tar-west*, quando o mocinho novato na localidade entra pela primeira vez no botequim, onde a arraia-miúda se degrada a fumar e a beber. Todos o fitam com desconfiança e com um respeito de basbaques. Júlio se sente mal no papel de mocinho e procura alcançar o alpendre, de olhos baixos, envergonhado. Mas não o faz. Volta do meio da sala e se mete no quarto, onde a madrugada o vai encontrar assentado à mesa, imerso em seus pensamentos.

Tudo é quieto, àquelas horas, mas a música inlocalizável volta, com a angústia de Júlio, a quebrar o silêncio da noite. O convalescente tem a impressão de estar naufragado, em pleno oceano de sua alucinação. Seus olhos congestionados não buscam o guarda-roupa, porque sabe que ali não se encontra mais a jangada que lhe permitiria evadir-se do mundo íntimo e agitado de seus pensamentos. O ritmo exasperante das bruxas desgrenhadas retorna-lhe aos ouvidos, e o vulto de Sônia, envolto em seda branca, sobrepára como uma sílfide diante da mesa, numa atitude de inexplicável indiferença.

Júlio deixa o quarto e sai a gritar como um doido. Como um doido?! Não o estará?...

A IMPERIAL

Tecidos, Calçados, Chapéus, Armarinhos, Sêdas, Roupas feitas, Lotes de linho e Roupas de cama e mesa — OFICINA DE COBRIR BOTÕES

Nair Loureiro Braga

Caixa Postal, 79

Rua 4 - Goiânia E. Goiaz

Fora dos quadros estabelecidos pela técnica do Estado Novo, não há solução para o problema social e político do Brasil, a menos que uma nação possa viver e realizar o seu destino dentro de um constante estado de desassossêgo, de desordem e de insegurança, sobrepondo aos valores permanentes, condição da vida coletiva, os valores efêmeros, fundados no capricho e na mobilidade humana.

FRANCISCO CAMPOS

Nicolau Copérnico, astrônomo polonês o maior gênio slavo, pai da astronomia moderna, nasceu em Torun, a 19 de fevereiro de 1473.

O pai de Nicolau pertencia à burguesia de Cracóvia. Dedicado ao comércio, transferiu-se a Torun, onde se casou com a Bárbara Watzelrode, filha de ricos burgueses poloneses de Torun e irmã do bispo de Warmia.

Este prelado cuidou da educação do sobrinho, substituindo-lhe o pai, que falecera cedo. Sob a orientação deste tutor, o futuro astrônomo fez os seus primeiros estudos e aos 18 anos foi enviado à Universidade de Cracóvia, que estava então no apogeu do seu florescimento.

Por quatro anos cursou as faculdades de Filosofia, Teologia, Humanidades, Matemática e Astronomia, tendo como professor o famoso Adalberto de Brudzewo, autor do livro "Sobre a teoria dos Planetas".

No fim da vida, o próprio Copérnico confessou que tudo o que sabia da Matemática o devia à Universidade de Cracóvia.

Aqui concebeu as primeiras dúvidas sobre o sistema de Ptolomeu.

Cabe também à Universidade de Cracóvia a glória de ter iniciado o Copérnico nas ciências astronômicas.

Em 1495, deixa a antiga capital polonesa para receber as ordenações sacerdotais no pequeno distrito de Warmia (parte da Pomerânia polonesa).

Em 1496, viaja para Bolonha, onde passa vários anos, aperfeiçoando-se na mais antiga e mais célebre Universidade italiana. Cursa por três anos a jurisprudência, continuando sempre os seus estudos e as suas observações astronômicas.

Em 1499 toma o grau de doutor na Universidade de Roma, onde por um ano leciona a astronomia e a matemática.

A seguir, estuda a medicina em Pádoa e recebe o diploma de doutor em leis canônicas em Ferrara.

Em tôdas estas universidades, matricula-se como "estudante polonês". Por esta época recebe de Melancton uma carta em que o denomina "o astrônomo sarmata".

Pela Europa então irradiava o renascimento, que trouxe a convicção da potência do pensamento humano e a coragem para a independência do mesmo, fatores que, sem

dúvida, abriram os horizontes ao jovem astrônomo para abalar e proscrever o sistema de Ptolomeu.

Cercado de lauréis volta à Polónia e serve de secretário ao tio D. Lucas, bispo de Warmia e seu grande benfeitor.

E' nomeado cônego e em 1512, depois da morte do bispo, Copérnico estabelece-se em Fromberk, onde constroi o seu observatório astronômico. Em 1520, quando a província Warmia foi invadida pelos Cavaleiros Teutônicos, êle pessoalmente dirige a defesa do forte "Olstyn", construindo uma máquina hidráulica, para abastecer os sitiados de água.

Toma parte nas missões políticas e sociais. Exerce a medicina. Dirige a construção de aquedutos. Executa trabalhos topográficos e geográficos. A pedido do rei da Polónia, apresenta o seu projeto para a reforma monetária. Participa da reforma do calendário Gregoriano.

Escreve poesias em grego e em latim. Convence-se da falsidade do sistema ptolemáico (geocêntrico) e arquiteta o plano de nova teoria. Consulta as obras de antigos sábios, mormente de Pitágoras e chega à conclusão, que abalou o mundo científico.

Por volta de 1506, Copérnico escreve o relatório sobre a sua teoria heliocêntrica.

Na fala do povo, êle, o Copérnico "Fez parar o sol e moveu a terra".

Em 1542, a pedido dos amigos, decide-se em publicar a sua obra na íntegra. Sai então à luz da publicação a sua teoria: "De Revolutionibus Orbium Celestium. Libri sex".

O grande astrônomo, no leito da morte, já agonizante, apenas poude acariciar com a mão o seu livro, que operou a maior revolução no mundo astronômico. Faleceu a 24 de maio de 1543.

Kepler e Galileu, em sua correspondência datada de 1597, confessam-se partidários de Copérnico e apoiam a sua teoria.

Há uma falsa maneira de ser patriota: — é a dos que se arvoram em intérpretes das necessidades e aspirações nacionais, quando realmente só pensam nos próprios interesses e vaidades

GETÚLIO VARGAS.

Filho de pais pobres. Humildes. Sem nome. Gente simples e boa. Estudos? Frequentou sim, embora sem constância e sem convicção, algumas escolas primárias de sua terra natal. Mais nada.

Baixo, pálido como um chinês, cabelos encaracolados, testa ampla, andar gingado e lento, cavaqueador de lei, cuja prosa viva e chistosa era disputada por todos os seus amigos. Era, enfim, Adelino Roque de Sousa, verdadeiro tipo brasileiro de moleque inteligente, e cujos dotes artísticos bem fizeram dêle uma espécie de "Aleijadinho" de nossa terra.

Pintor, escultor, fotógrafo, desenhista, cartógrafo, roceiro, orador, artista da ribalta, jornalista, pedreiro, sacristão, funcionário público, que é que Adelino não foi?

Foi escrívão de órfãos. Cansou-se, porém, da marcha rotineira dos autos e lá se foi para o campo, plantar roças, criar galinhas e vacas leiteiras, repicar a viola nos "pagodes" domingueiros ou nas noitadas de junho.

Voltou para a cidade, para sua querida Bela-Vista, que tanto soube amar.

Tomou o pincel. Produziu lindos quadros, testemunho de seu gênio

ADELINO

HÉLIO A. LOBO

artístico. Enriqueceu a Matriz, a bela Igreja de Nossa Senhora da Piedade, uma das maiores de Goiás, com expressivas pinturas religiosas.

Retomou sua máquina fotográfica e bateu chapas e mais chapas de crianças, moços e velhos; de casamentos, batizados e entêrros; de eleitores, de noivos, de cavalhadas.

Fez a planta e acompanhou de perto a execução do monumento cívico-religioso da cidade.

Foi figura indispensável na organização e na ornamentação de festas religiosas, cívicas e sociais.

Foi autor de mapas tão perfeitos, tão felizes, que despertaram o interesse e a admiração de altas autoridades do Estado. Em consequência, foi chamado para Goiânia, para prestar seus serviços técnicos,

como cartógrafo, ao govêrno estadual.

Foi ao Rio-de-Janeiro, fazer curso de especialização no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Fez bonito lá na Guanabara, pois chegou a ser escolhido para falar nas solenidades comemorativas da conclusão do curso, entre colegas de todo o Brasil.

Adelino, porém, não tinha estabilidade. Etava sempre em transição.

Já pensava em voltar para sua Bela-Vista, quando lhe foi proposta melhor situação funcional. Pai de família, Adelino renunciou a seus planos de regresso e foi efetivado em novo cargo, que não chegou a assumir, pois o ato oficial de sua nomeação foi publicado dois dias depois de sua morte...

Na madrugada de 18 de setembro deste ano, assistido por um filho, pelas preces de um sacerdote e pela dedicação de um médico amigo, que tudo fez para salvar-lhe a vida, Adelino se foi.

E com sua morte, realizou de maneira definitiva seu plano de regresso à cidade natal: foi o cemitério de Bela-Vista que lhe deu a última morada...

"OESTE destina-se a uma obra profunda de doutrina, inspirada no pensamento do Presidente Vargas"

OESTE, revista criada para revelar, aos Estados irmãos, a face superior de nossa civilização, continua sendo encomistamente recebida nos meios intelectuais e jornalísticos do país. Cada dia que passa, novas demonstrações de apreço nos chegam, dos mais adiantados centros, o que, como é natural e lógico, nos enche de justa satisfação. Escritores, poetas, políticos e administradores, dos mais ilustres, nos têm trazido a sua palavra de apôio e de estímulo, e jornais dos mais conceituados têm comentado as nossas edições de modo o mais lisonjeiro. Tudo isso é motivo de júbilo para nós, constituindo poderoso incentivo aos propósitos que nós traçamos em prol do alevantamento cultural do Brasil Central.

A's muitas manifestações de simpatia que nos têm sido feitas, vem de se acrescentar a do "Jornal de Niterói", que se edita na capital fluminense e é um dos órgãos mais prestigiosos da imprensa nacional. E' com especial agrado, por isso, que assinamos o comentário que aquele apreciado jornal teceu a nosso respeito, tanto mais que se trata de uma nota bastante expres-

siva, que põe de relêvo a missão política de OESTE, revista a serviço dos altos ideais do Estado Nacional. O registro, que aqui agradecemos, foi feito em termos altamente honrosos para o nosso magazine, o que muito nos envaidece. Ei-lo:

"Está circulando OESTE"

Recebemos o primeiro número da bem feita revista OESTE que circula em Goiânia, sob os auspícios do govêrno, desenvolvendo um programa de brasilidade dos mais expressivos, porque consubstancia nos seus planos de ação a patriótica iniciativa do Presidente Vargas, em desbravar o Oeste e todos os caminhos daquela região sempre ignorada pelos govêrnos anteriores.

Revista de divulgação cultural, OESTE destina-se a uma obra profunda de doutrina, inspirada no pensamento do Presidente Vargas.

A Claro de Godói, nosso colega de imprensa e ex-deputado federal por aquele Estado e representante de OESTE no Rio e nesta capital, agradecemos a remessa de um exemplar".

D O I S B E L O S S O N E T O S

HUMANIDADE

Bem haja aquele que o enfermo assiste
 E o pão reparte com o infeliz mendigo;
 Que sempre acolhe o que lhe pede abrigo
 E ençuga o pranto e dá consôlo ao triste.

Bem haja o que sabe ser amigo
 E cuja vida só no amor consiste;
 Que no caminho do dever persiste
 E bom se mostra, e vive em paz consigo.

Procure, companheiro, desde agora,
 Ao que padece, ao que soluça e chora,
 Tornar-lhe os dias claros e serenos.

Seja pronto a servir, não importa a quem:
 E, quando não puder fazer o bem,
 Que o mal também não faça, pelo menos.

J. Lopes Rodrigues

ESPERA

Tu não vens, meu amor, porque te espero
 e nunca o amor, quando o esperamos, vem...
 Quanto mais tardas mais e mais te quero
 e, se aqui estás, eu mais te quero bem.

Espero-te e supponho que ninguém
 pode refer-te aí se aqui te espero:
 — és meu amor, és meu e é meu também
 teu coração, onde obedeço e impero.

Mas tu não vens... E eu olho para a estrada
 como quem olha para um eterno nada
 ouvindo as aves, só, sem compreendê-las...

E ainda te espero à noite êrma e deserta
 até que os olhos eu confunda, incerta,
 na luz de vagalumes e de estrêlas...

Maria Braga Horta

O CHEFE DA REVOLUÇÃO

Igual, pode haver; mas não existe, no mundo contemporâneo, estadista maior do que o Presidente Getúlio Vargas, vulto que sintetiza as virtudes maiores da gente brasileira, que está caminhando, sob a sua chefia providencial, para altos e gloriosos destinos.

O que foi a Revolução, e o que está sendo ela, em suas novas formas, é algo de verdadeiramente grandioso, pois que representa um processo gigantesco de renovação de todos os nossos valores e o seu emolduramento em quadros definidos, ou seja, representa a fixação de uma nova ordem no mundo, a ordem nacional brasileira, que se vai distinguindo como uma realização política genial.

A Revolução de Outubro, a cada dia que passa, se vai traduzindo, multiplicada, em termos edificantes. Ela significa, em essência, a conquista do Brasil pelo Brasil. Foi uma expressão vigorosa da consciência nacional, da vontade nacional, da personalidade nacional. E o seu chefe, o Presidente Getúlio Vargas, foi o homem predestinado, em quem se cristalizaram os traços mais nobres da Raça, e que, por isso, soube, compreendendo a nossa alma, efetivar, pela Revolução, as aspirações supremas do nosso Povo.

Getúlio Vargas é a imagem viva da Revolução.



HUGO DE CARVALHO RAMOS

A Livraria Martins Editora, de São-Paulo, acaba de lançar no mercado livreiro do país uma bela coletânea de contos intitulada "As obras-primas do conto brasileiro", organizada por Almiro Rol-

mes Barbosa e Edgard Cavaleiro. Hugo de Carvalho Ramos, o maior escritor, do gênero, com que Goiaz já contou, teve uma de suas descrições de "Tropas e Boiadas" transladada para as páginas do livro em referência,

precedida de uma ligeira apreciação crítica. OESTE, prestando um tributo à memória do querido contista patricio, transcreve, a seguir, as palavras dos editores, bem como "Ninho de Periquitos".

CARVALHO RAMOS -- Hugo de

"Livro único de um escritor que tão cedo e trágicamente deixou a vida, "Tropas e Boiadas" pode, perfeitamente, ser colocado no mesmo plano em que pairam "Pelo Sertão" e "Os Caboclos", de Afonso Arinos e Valdomiro Silveira. Estes volumes, um sôbre os sertões mineiros, outros, sôbre os sertões paulistas, e aquele sôbre os sertões goianos, possuem seu grau de parentesco, uma vez que seus autores, ao fugirem do litoral, puderam nos deixar em páginas vivas e fortes, não só a paisagem, até então completamente abandonada pelos nossos fisionistas, mas também o homem rústico e bom, heróico e humano, em todos o seus conflitos sentimentais.

Hugo de Carvalho Ramos conhecia a palmo êsses sertões goianos que com tanta arte e humanidade soube ficar no volume marcante e definitivo que nos legou. Suas descrições, sempre vigorosas, másculas mesmo, lembram, de certa forma, Euclides da Cunha, um Eucli-

des menos torturado é verdade, mas com aquele mesmo apuro de detalhes, aquele mesmo farto e original vocabulário, a se casar tão bem como o assunto abordado. Quer ao tratar do pobre perdigueiro engulido pela sucuri, ou da valente galinha que enfrenta, em defesa do ninho, a guizalhante cascavel; do velho vaqueiro, abandonado pela filha ou das doces e ingênuas tradições e crendices do seu povo; do estudante longínquo e nostálgico que suspira pelos seus campos ou do prepotente senhor que nada respeita, ou ainda dêste heróico Domingos que não hesita em decepar o próprio punho, o estilo está sempre em harmonia com o assunto e em momento algum o contista perde a sua força, a poderosa capacidade de fixar em linhas indeléveis o detalhe que mais de perto o seduziu.

Há páginas em "Tropas e Boiadas", que exigem leitura pausada, em voz alta. Sem variar de cenário, explorando em todos o seus

trabalhos a terra que tanto amou e tanta facinação exercia sôbre o seu espírito, consegue prender o leitor, enleando-o num fascínio que só os grandes livros sabem exercer. Acentua-se que nem sempre o anedótico predomina nas histórias que narra. Mesmo ao contar uma lenda, como a da "Mãe de Ouro", não faz mais do que tomá-la como simples pretexto ou ponto de referência, para evocações de um passado morto para os outros, mas vivo e presente para a sua sensibilidade de filho querido da gleba. Descritivo por excelência, com que carinho se demora nos trajes de um vaqueiro ou na descrição de uma tropa que lá vai, estrada afora, sob o sol inclemente e o céu impassível! A natureza áspera e selvagem está viva em suas páginas. E como saem, fundidos em bronze, da sua pena, estes rostos rudes dêstes simples e leais sertanejos! "Ninho de Periquitos" é um exemplo típico da intensidade dramática que

êle consegue insuflar em suas páginas.

Pouco se poderá dizer da vida de Hugo de Carvalho Ramos: infância e mocidade atribulada, e um suicídio cortando para sempre sua vida inquieta, quando mal completara 28 anos de idade”.

Ninho de Periquitos

Abrandando a canícula pelo virar da tarde. Domingos abandonou a rede de imbirá onde se entretinha arranhando uns respontos na viola, após farta cuia de jacuba de farinha de milho e rapadura que bebera em silêncio, às largas colheradas, e saiu ao terreiro, onde demorou a afiar numa pedra piçarra o corte da foice.

Era pelo domingo, vésperas quasi da colheita. O milharal estendia-se, na baixada das velhas terras devolutas, amarelecido já pela quebra, que realizara dias antes, e o veranico, que andava duro na quinzena.

Enquanto amolava o ferro, no propósito de ir picar uns galhos de coivara no fundo do plantio para o fogo da cozinha, o Janjão rondava em tórno, rebolando na terra, ôlho aguçado para o trabalho paterno.

— Não se esquecesse, o papá, dos filhotes de periquitos que ficavam lá no fundo do grotão, entre as macegas espinhosas de “malícia”, num cupim velho do pé de maria-preta. Não esquecesse . . . O roceiro andou lá pelos fundos da roça, a colher uns pepinos temporões, foi ao paiol de palha d’arroz, mais uma vez avaliando com a vista se possuía capacidade precisa para a rica colheita do ano; e, tendo ajuntado os gravetos e uns cernes de coivara, amarrava o feixe e ia já recolher caminho de casa, quando se lembrou do pedido do pequeno.

— Ora, deixassem lá em paz os passarinhos.

Mas aquele dia assentava o Janjão a sua primeira dezena triste-nha de anos; e, pois, não valia por tão pouco amuá-lo.

O caipira pousou a braçada de lenha encostada à cerca do roçado; passou a perna por cima, e pulando do outro lado, as alpercatas de couro crú a pisar forte o epinhal ressequido que estralejava, entrou-se pelo grotão — nesses dias sem pinga d’água — galgou a barroca fronteira e endireitou rumo da maria-preta que abria ao mormaço crepuscular da tarde a galharada esguia, tôda tostada desde a época da queima pelas lufadas de fogo que subiam da malhada. Ali mesmo, na bifurcação do tronco, assentada sôbre a forquilha da árvore, à altura do peito, escancarava a bôca negra para o nascente a casa abandonada dos cupins, onde um casal de periquitos fizera ninho essa estação.

O lavrador alçou com cautela a destra calosa, rebuscando lá por dentro os dois borrachos. Mas tirou-a num repente, surpreendido. E’ que uma picadela incisiva, dolorosa, rasgara-lhe por dois pontos, vivamente, a palma da mão.

E enquanto olhava admirado, uma cabeça disforme, oblonga, encimada a testa duma cruz, aparecia à aberta do cupinzeiro, fitando-o, persistentes, os seus olhinhos redondos, onde uma chispa má luzia, malignamente . . .

O matuto sentiu uma frialdade mortuária percorrendo-o ao longo da espinha . . .

Era uma urutú, a terrível urutú do sertão, para a qual a mêzinha doméstica, nem a dos campos, possuía salvação . . .

Perdido . . . completamente perdido . . .

O réptil, mostrando a língua bí-

fida, chispando as pupilas em cólera, a fitá-lo ameaçador, preparava-se para novo ataque ao impertuno que viera arrancá-lo da sesta; e o caboclo, voltando a si do estupor, num gesto instintivo, sacou da bainha o largo “jacaré” inseparável, amputando-lhe a cabeça dum golpe certo.

Então, sem vacilar, num movimento inda mais brusco, apoiando a mão molesta à casca carunchosa da árvore, decepou-a noutro golpe, cerce quasi a juntura do pulso.

E enrolando o punho mutilado na camisola de algodão, que foi rasgando entre dente, saiu do cerrado, calcando duro, sobranceiro e altivo, rumo de casa, como um deus selvagem e triunfante apontando da mata companheira, mas assassina, mas pèrfidamente traçozeira . . .

(TROPAS E BOIADAS)

JOÃO PESSOA

Êle vive ainda, de fato, no coração do Brasil. Vive na Revolução, que prossegue, para, como êle sonhava, conduzir a Pátria a um nobre destino histórico.

Os heróis não morrem, e João Pessoa foi um herói. Um herói autêntico.

No momento decisivo de nossa história, no instante em que o Brasil ameaçava chafurdar no lodo do descrédito total, o bravo paraibano, ao lado de Getúlio Vargas, chamou a si a responsabilidade de sua salvação. E o que foi a sua atuação revolucionária, sabem todos os revolucionários de 30, que são todos os brasileiros dignos: — uma revelação extraordinária da capacidade de nossa gente, uma afirmação estupenda de fé, de coragem, de civismo.

João Pessoa, pelo que fez, ficou em nossa história como credor eterno da gratidão nacional. O seu vulto cada dia cresce mais na obra do Estado Nacional, e, no instante grave que atravessamos, êle serve como uma farol a iluminar os caminhos do futuro.

Nesta hora trágica do mundo, a lembrança de João Pessoa equivale a um hastear da gloriosa bandeira auri-verdes campos de batalha.

Hoje, mais do que nunca, se evidencia a necessidade de orientar a democracia para novos rumos, dando-lhe uma diretriz de acôrdo com os imperativos do momento e obedecendo às exigências de cada povo. *Democracia sub lege!* Seria razoável sacrificar as mais prementes, as mais justas reivindicações de um povo, que são o seu bem estar material, dele decorrendo o espiritual, que vem de uma educação baseada na moral, para que se permita aos elementos de uma insignificante minoria, falssos representantes de uma maioria sem convicções, fazerem-se estadistas?

PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

Com a obra de justiça social implantada em nosso país e que há de tornar-se cada vez mais ampla e viva, assentou o Presidente Getúlio Vargas, de forma definitiva, uma das pedras angulares da nossa democracia, de uma democracia que — passada a grande tormenta, a universal tormenta que encheu o mundo de ódios e ilusões — não viverá apenas de declaração de princípios e de pugnas de homens e partidos, mas sobretudo do impulso da vontade, do anseio do coração dos homens, dos homens realmente livres, porque devotados ao trabalho e capazes de trabalhar.

GUSTAVO CAPANEMA

Evocação de Rui

Colemar Natal e Silva

Senhores,

E' bem êste o lugar onde melhor se possa sentir a sobrevivência da obra de um homem.

Sim: diante da algeidez comovente das campas, que a todos confundem numa aterradora igualdade material e na insignificância do mesmo pó, é que mais alto se sente a magnificência imperecível das cousas da inteligência e do espírito.

E quando o brilho social se apagou e se distancia, quando as posições de relêvo nada mais valham, quando fortuna, relações, prestígio, influência e fama são esmagados sob as inscrições das lápides, aí sim, é que a obra de um político, de um pensador ou de um sociólogo poderá ser medida e avaliada através de seu valor, tanto no cenário do passado quanto do presente e até para os dias do futuro.

Se é verdadeira a definição, ao mesmo tempo poética e filosófica com que Lamartine conceituou a história-voz do túmulo, eco de tudo que tomba no caminho do gênero humano — ouçamos essa voz, ao longo desse caminho que é o nosso caminho.

Havemos, então, de sentir, evocando a obra de Rui Barbosa, que a inteligência é imortal quando posta a serviço do bem; que o direito e a justiça são fonte inesgotável de inspiração para o saber; que, das armas do homem, é a palavra uma das mais poderosas e temíveis; que a liberdade do pensamento, sob tôdas as suas formas, é a pedra angular da felicidade — social-condição fundamental no vasto trama da evolução humana — uma dessas condições que, através das variadíssimas características dos tempos, representa um mínimo para a evolução social e política de um povo.

E' tão extensa, tão vasta, tão complexa a obra de Rui no cenário brasileiro que seria insânia querer resumí-la ou mesmo bordar considerações mais largas sobre ela agora.

O que importa é trazê-la presente, invocando o manancial fecundo que ela inspira.

Diante desta lápide não é possível deixar de sentir a significação

eloquente daquele epitáfio que Rui Barbosa se traçou: amou o trabalho, estremeceu a justiça, não perdeu o ideal.

Cá estamos oh Rui Barbosa!, juristas do Norte, do Sul e do Centro, de todos os recantos da pátria, inclinados à beira do teu túmulo.

O Congresso Jurídico Nacional não traz, apenas, a reverência profunda qual a merece desta, e das gerações que hão de vir; não reafirma só admiração pelo vulto de tua obra de gigante, em tantos e tão largos setores do pensamento humano, na política, na oratória, nas letras, na ciência; não rememora apenas, a força eloquente de teu exemplo, que encerra um programa; nesta hora convulsa e incerta, no entreechoque brutal de tantas paixões, neste momento cruciante de provação para os povos no cortejo de problemas que atordoam o espírito na crueza de uma realidade brutal, quando o mundo todo está na encruzilhada de um novo destino, nós, os juristas brasileiros, não podemos nos contentar com a môle imensa de todo êsse material que está ao nosso alcance.

Eis porque a nossa visita é, ao mesmo tempo, uma reverência e uma invocação.

Lá das alturas infinitas do azul e da eternidade, onde paira, a esta hora, o teu espírito condoreiro, baixa as tuas vistas para o quadro dantesco dêste mundo em convulsão e dirige o teu pensamento e o teu olhar para tua, nossa pátria bem amada, para estas montanhas e estas planícies das Américas, onde respiraste o ar da vida, onde atuaste como um precursor, como um verdadeiro evangelizador de princípios que ainda têm atualidade.

Desanuvia com a tua inspiração a fronte dêste pugilo de *leaders* da humanidade que sonha, que pensa, que trabalha para construção de um mundo melhor.

E a voz que sair do teu túmulo, sairá das próprias entranhas da América, com tôda aquela ressonância cristalina de princípios baseados numa justiça internacional equânime e tão sonhada.

Tudo aquilo que pregaste em Haia, o direito de sobrevivência dos mais fracos, a igualdade jurídica internacional, a solução arbitral dos conflitos, está de novo no tablado da discussão para uma solução definitiva.

Apenas, o anfiteatro é muito maior, extraordinária e apocalipticamente grandioso, ante a platéia espectadora de uma humanidade fatigada, triste, exausta.

Mais do que nas lições da vida quotidiana, mais do que nos ensinamentos dos livros e dos doutrinadores, na experiência haurida, mais do que na simples doutrina ou na discussão, é aqui, no silêncio de tua morada última, perto de tua campa, que nós vimos colher a serenidade, a meditação, a inspiração de que carecemos para o êxito completo de nossos árduos trabalhos.

Oh RUI BARBOSA inspira e guia o Brasil!

(Discurso proferido à beira do túmulo de Rui Barbosa, no Rio, em nome do Congresso Jurídico Nacional).

○ trabalho dos homens, agora, está justamente remunerado, a estabilidade lhe garante o futuro e a previdência lhe ampara a velhice. O trabalho da mulher foi enobrecido na fórmula que garante para trabalho igual remuneração igual, e protegidos ficaram os sublimes sofrimentos da maternidade. O trabalho dos menores apadrinha-se na autoridade defensiva do Estado, que funda berçários para as crianças e escolas profissionais para a juventude. Leis de proteção, leis de assistência, leis de amparo, leis de processo, leis de previdência, emanadas da sabedoria do Presidente Getúlio Vargas e coroadas pela lei de proteção à família numerosa, fundaram no Brasil a Justiça Social e colocaram a Nação ao lado dos povos mais civilizados do mundo.

ALEXANDRE MARCONDES FILHO

Dois Poemas

PURA

Permitirei todos os pensamentos a teu respeito, mesmo os mais abjetos.
 Permitirei que te caluniem, te amaldiçoem, te desprezem,
 te denominem infiel, adúltera, sádica ou prostituta.
 Consentirei em tudo isso, sem protesto e indignação
 pois sei que não és tu quem desperta tais pensamentos,
 nem teus atos, nem tua alma, nem teu corpo, nem tua vida.
 A tua pureza é radiante como o sol,
 as nuvens da maledicência jamais a ofuscarão.

★ ★ ★

Vida, Alegria e Glória

Desde tôda a eternidade
 Deus me constituiu teu amante e teu amado.
 Para que eu possa te declarar amor e contemplar tua beleza,
 deu-me os dons da palavra e do olhar.
 Fez-te meu adjutório,
 a-fim-de que estando a mim submissa,
 como estamos ambos sujeitos a Seu suave jugo,
 nos amássemos assim como nos amamos,
 sem contenda e desharmonia,
 num amor que jamais conhecerá o fim.
 Como não és sem mim, não sou sem ti,
 pois se nasceste de mim,
 procedemos ambos das mesmas Mãos,
 que criaram as estrêlas, as águas, as flôres,
 os pássaros, os anjos e as crianças.
 És a minha vida, a minha alegria e minha glória.

João Viana de Oliveira

A ÚLTIMA ILUSÃO DE "SEU" MANOEL

(UMA HISTÓRIA SIMPLES)

J. B. FELIX DE SOUSA

Sempre quis contar a história de "seu" Manoel. Mas é uma história simples demais, quasi banal, que talvez não agrade, nem prenda a atenção de ninguém. Depois, sempre que me vem à mente escrever qualquer coisa, recordo-me de duas pessoas que conheci quando menino: um dos meus professores e um contador de histórias. O tal professor era um sujeito metido a sebo. A's vezes interrompia a aula, entre regrinhas de gramática e contas de multiplicar e dividir, para nos ler, horas a fio, nuns livros empoeirados e velhos, cousas de que não tínhamos a menor noção, enquanto nosso pensamento vadiava longe, pelas margens do rio. Noutros dias estava menos erudito e mais azêdo e clamava contra as injustiças dêste mundo: os ricos serem uns burros (olhássemos o Major Pereira e o Coronel Maneco) e burros os detentores de todos os bons cargos da comarca (não víamos o tabelião Chico Neiva e o promotor Anastácio?), enquanto êle, que sabia inglês e álgebra, era um simples professor. Um dia, depois de ler por um tempo infinito num dos tais livros, nos asseverou, baixando a voz, não sem antes olhar pela janela se alguém o ouvia, que descendemos do macaco e falou umas duas horas em evolução. Graças a Deus ficamos na mesma.

Outro era o Bindito Coelho. Começava suas histórias sempre assim: "disse que tinha um dia . . ." e lá vinham os mesmos príncipes, fadas, almas do outro mundo, reinos encantados. Mas ouvíamos horas a fio, esquecidos do *sansarão*, da *ronda* e outros brinquedos de todas as noites, suas histórias incríveis.

Por isso, sempre que escrevo sou tentado a começar como Bindito Coelho: — "disse que tinha um dia . . .".

Outros preferem propor complexos problemas psicológicos, de soluções mais diversas; falam em sociologia, em psicanálise, e rematam o conto ou a narração ao sabor de sua imaginação. Também é moda deixar o problema no ar, sem solução. O leitor que se dane...

Para contar a história simples, quasi banal, de "seu" Manoel, não poderia, entretanto, nem intercalar aqui e ali uma erudiçãozinha, como o meu professor, nem também fantasiá-la ao gosto dos ouvintes do contador de histórias.

A pasmaceira de Lerdópolis, a imutabilidade dos assuntos, a chatices da vida, a mesmice da política e dos fuchços teriam explicação em

compêndios de sociologia, seriam resolvidos pelos princípios de economia política, teriam explicação na história? Ora, bastava-nos a explicação de que tínhamos ali uma cabeça de burro enterrada.

Era irremediável. Que estávamos para fazer?

Assim também a vida de "seu" Manoel correu como tódas as vidas dos seus concidadãos e seu fim não teve para o falatório local outra explicação de que assim acabam todos os que perdem a vergonha depois de velhos. Outros, mais tolerantes, limitaram-se a dizer que aquilo já era caduquice.

"Seu" Manoel era escrivão da Coletoria. Tinha cincoenta anos mais ou menos, era solteiro e pobre. A pobreza e duas irmãs "titiás", único legado que o pai ao morrer lhe deixara, nunca permitiram que êle pensasse em casamento. Mas não! Dona Tereza me contou que êle gostara muito (tivera uma "paxa" — dizia ela) de Maria Izabel, mulher do tabelião Chico Neiva e com ela quisera se casar. A "tábua" é que o desiludira para sempre.

Sinhá Rosinha e Sinhá Joana eram as duas irmãs que povoavam com seus cacarecos a sua casa, aquela casa triste e feia da rua Direita.

Um dia, ao despertar, Sinhá Rosinha estranhou que Sinhá Joana não estivesse pronta já para a missa das seis. Morrera talvez, dormindo. Silenciosamente como passara a vida.

Sinhá Rosinha nunca saiu de casa, nem para ir à missa. Depois, num dia claro de maio, indiferente para o brilho do sol e os encantos da terra, como vivera indiferente para tudo neste mundo, morreu também.

"Seu" Manoel olhou, cheio de tristeza, Sinhá Rosinha morta, estendida na sua pobre cama de solteira. No quarto havia um cheiro esquisito de flores machucadas, fazendo nova e naftalina. Num canto ainda estava a cama de Sinhá Joana, com o colchão enrolado e na cômoda antiga e enorme, no outro canto, ficara esquecida, junto do oratório, a dentadura da morta, rindo ao brilho dos círios.

Nêsse momento cheio de angústia, a única cousa de que se lembrava era de retirar aquela dentadura dali.

O meu professor talvez quisesse

entrar nesta história com alguma citaçãozinha, cousas de psicanálise, que sei eu?

Mas "seu" Manoel mesmo tinha para tudo uma interpretação muito simples, por mais complexo que fôsse o problema que lhe sugerissem, e aquele desvio de sua atenção, naquele momento, da morta querida e da dôr de sua perda, para aquela dentadura, teria uma explicação qualquer, simples e nada científica.

Sinhá Rosinha morreu e o seu gato gordo e preguiçoso, que já nem saia nas noites estivais à procura das gatas da vizinhança, desapareceu. Chamou-o alguns dias, mas nem de leve supôs que êle poderia ter fugido da desolação em que ficara a casa ou amargurado pela perda de sua dona, porque não acreditava que um animal, principalmente um gato, pudesse ter sentimentos, como nós outros, cristãos. "Seu" Manoel ficou sozinho na velha casa da rua Direita, com suas ilusões e seus sonhos.

Aquí é necessário que explique que, amigo e vizinho do velho escrivão, dele me tornei confidente.

Pois velho e feio, com aquela cara séria, tinha muitas ilusões o meu amigo e, como todos os solitários, muito tempo para as alimentar.

Uma sorte na loteria e a promoção ao cargo de coletor eram sonhos que traziam outros: viagens, casa e roupas novas, conquistas, aventuras, a inveja de muita gente boa . . . Tinha outras ilusões mais modestas: que tocava bem bombardino (e de fato fazia figura na Filarmônica), que era ainda bem moço e apessoado e namoraria qualquer moça. E outras. Não fôra a língua comprida e maldosa de dona Tereza e eu, a-pesar-de-nossa amizade e de suas confidências, jamais saberia sua idade, zelosamente escondida, com irredutível silêncio e tintas e loções.

Eram, afinal, fraquezas, a que todos estamos sujeitos, como fraqueza eram suas paixões pelas filhas do Major Pereira e que não passavam de inocente adoração. Maria Izabel lhe dera o "fora" doloroso e inesquecido, passou a fazer a côrte (inapercebida, coitado!) para a Elza.

Elza casou-se e a paixão pasou para a Terezinha. Com o casamento desta, êle vivia suspirando à lembrança de Glorinha, a caçula do Major.

Aquí o meu professor apanharia pressuroso um dos tais livros cheios de poeira e confusão e Freud

entraria triunfante na vida de "seu" Manoel.

Mas na banalidade de sua vida não teve lugar para a ciência ou para a fantasia.

— X —

Num dia de Natal êle chegou até minha casa, cedo ainda.

— Soube da novidade, vizinho?

— Ora, então tivemos novidade aqui?

— E da boa! ("seu" Manoel ria esfregando as mãos). Ontem, depois da Missa do Galo, o cabo Inácio encontrou a mulher com um sujeito. Descarregou o revólver, meu caro! O sujeito está morto. Não quer ir ver lá na sacristia? A Joana está ferida no braço. Cousa sem importância. O cabo fugiu.

— Sim senhor! Mas, "seu" Manoel, então a Joana, aquele "pancadação" não é séria, hein?

— Está vendo o que nós perdemos?

— O que? A Joana ou uns tiros do cabo Inácio?

— A Joana, homem! Com jeito tudo se arranja sem tiros de mario-ciumento...

E ria, superiormente entendido da matéria, "seu" Manoel.

Joana era uma morena bonita. Tinha um olhos grandes e brilhantes que todos nós, em Lerdópolis, graças a Deus, éramos suficientemente ignorantes para os admirar apenas e não para, vendo-os, ficar a pensar em certas glândulas que tem influência neles.

Agora, de repente, ela ficara mais sedutora. Essas aventuras rodeiam a "heroína" de um halo de sedução, de encanto. Os homens são assim, mesmo os mais pacatos; e quando dessas aventuras de amor, com tiros, ciúmes, a mulher—como a Joana—escapa com vida, que prestigio cria, que curiosidade de a ver e admirar, como se se transformara noutra mulher!

Também eu, não nego, não resistira ao feitiço daquelas carnes e daqueles requebros, e, como todos os Dons Juans roceiros de Lerdópolis, estava arrastando as asas para a Joana. Um dia perguntei-lhe:

— Tem notícia do cabo Inácio?

— Foi pro inferno!

— Mas escuta, menina, você não tem saude dele?

— Dele quero distância e sossêgo...

Meu coração bateu mais depressa. Engoli sêco.

— Então... quem sabe você já tem um outro aí "de ôlho"?

— Homem não faz falta nesse mundo. Tem uns senvergonhas me rodeando. Mas êsses "prontos"? Pra lá!

Estriei, sem graça.

Pois eu notei que "seu" Manoel era um dos tais também.

— Cuidado, "seu" Manoel!

— O que? Não, meu caro, eu não vou nisso. Macaco velho...

Mas... ela é um "pedaço", você não acha?

— Que dúvida! Mas toma cuidado, amigo velho!

"Seu" Manoel não tomou cuidado, mas a Joana por sua conta. Tomou-se de "rabicho" por ela e montou-lhe casa.

Em todo caso — convenhamos — só um tôlo deixa uma mulher maluca por um conselho sensato.

Quando em janeiro começaram as festas de S.-Sebastião, êle já estava perdido de tudo de amores. Se conferira, obsedado que estava, o bilhete da loteria do Natal, foi porque o desejo de ganhar o prêmio se prendia ao de deslumbrar com a inesperada fortuna a incontentável e sedutora Joana. A Filarmônica teve de improvisar um bombardinista e o coletor se cansava de se queixar do seu escrivão, cada vez mais relapso, relaxado.

Andava sujo, não se barbeava, nem cuidava de suas roupas, antes sempre limpas. Tudo era para a Joana, que andava *chic* e perfumada, mais bonita e descarada que nunca. Raramente via "seu" Manoel. Quando às vezes entrava em sua casa eu o via às voltas com garrafadas que um raizeiro lhe trazia escondido. Num dêsses dias estava amuado e num desabafo queixou-se de todos os homens de Lerdópolis que invejavam a sua sorte e queriam arrebata-la. Até um velho como o Major Pereira mandara fazer propostas à Joana e andava rondando sua casa, mal saía para a repartição. Depois começou a elogiar a mulher.

Descreveu os encanto da Joana com minúcias que me embaraçavam e que noutros tempos êle mesmo coraria se as ouvisse.

— Ah! Você precisa gozar a vida, rapaz! Arranja uma mulher como a Joana. Se você a visse com uma combinação de seda que mandou fazer... Nenhuma filha do Major Pereira já teve igual! E olha: as pernas da Glorinha parecem cambitos pertos das dela! E que côxas, meu amigo!...

E assim foi, misturando queixas com indiscreções. Contou de sua paixão, do medo de perder a Joana, de umas dôres que estava sentindo no peito, do prazer de dar à mulher bons perfumes e roupas finas. Ouvindo-o foi que reparei o quanto se transformara nesses últimos tempos: envelhecera, adquirira uma côr terrosa, os olhos empapuçados, o bigode caído sobre a boca murcha, banguela; tremia, estava lerdo, distraído, não ligando duas frases de um mesmo assunto.

De repente levantou-se. Bebeu uma colher da raizada de uma das garrafas e saiu pelos fundos da casa, esquecido de mim. Ia ver a Joana. Muita gente faria daquela conversa do meu vizinho a nota de sensação desta narrativa, mas sei

que outros me viriam falar logo em recalques, libído, Freud, ou não, cheios de malícia, explicariam a composição e utilidade daquelas garrafadas do raizeiro.

Por respeito à memória de "seu" Manoel, que foi um homem simples e sério, mesmo com risco de perder o interesse de muitos psicanalistas e de muita gente tão simples e tão séria quanto o meu amigo, não conto tôda sua conversa indiscreta e libertina.

Isto não é um conto para terminar, de acôrdo com minha fantasia, aqui, com o suicídio de "seu" Manoel, sua loucura, seu casamento com Joana, ou mesmo nada disto.

— X —

Passaram-se alguns meses. Um dia soube que o meu vizinho estava doente. Fui vê-lo.

Estava entevado e perdera o emprêgo, a bem do serviço e de um filho do Major Pereira, e curtia sua vergonha e sua miséria sôzinho como vivera. Joana, sua última ilusão, fugira com um chofer, deixando-lhe um desfalque na coletoria e muitas moléstias.

"Seu" Manoel que durante tôda a vida alimentara tantas ilusões, tivera aquela grande ilusão de amor e felicidade. Terminara assim: cheio de desenganos e de moléstias.

— Bem feito! — disseram muitos dos que o invejaram.

Morreu pouco depois. Não pertencia à Filarmônica, onde por tanto tempo e tão bem tocara bombardino, e ela não o acompanhou até o cemitério com uma marchinha triste.

Só o sacristão, indiferente e preguiçoso, tocava o sino da Matriz quando o seu pobre caixão desceu à cova.

Poucas pessoas foram ao seu enterro. Como tôdas elas, atirei três punhados de terra sôbre o seu caixão lá no fundo da cova.

Ninguém fez nenhuma consideração filosófica sôbre a morte ou a instantaneidade das glórias e misérias dêste mundo.

Conversávamos, de volta do cemitério, sôbre os desmandos do Major Pereira e seus apaniguados e sôbre o próximo jôgo de futebol com o clube de Chatuí.

No largo da Matriz brincavam os meninos de sempre e sôbre as bananeiras e mangueiras cantavam os bentevis de tôdas as tardes.

Era uma tarde como outra qualquer.

Não se ergue uma Nação sôbre alicerces de papel.

FRANCISCO CAMPOS



GOIÂNIA,

CIDADE-

RELÂMPAGO

(CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DE GOIÁS)

pele

Prof. Luís Gonzaga da Fonseca

(Do Sindicato Mineiro de Jornalistas Profissionais e do Magistério Oficial de Minas)

PALAVRAS DE UM AUSENTE

Sou contra. Inteiramente contra o exclusivismo de que só deviam escrever a respeito de Goiânia os que com ela privam de perto, ou os que a conheceram e sentiram "in-loco".

Conhecer e sentir Goiânia... Ainda não fui contemplado por essa dita insigne. De longe embora, advinho a sinto Goiânia perfeitamente através de quanto sôbre ela se tem escrito e através do entusiasmo dos seus visitantes.

De há muito que eu vinha advinhando Goiânia, desde quando, vasculhando arquivos do oeste mineiro e coisas da literatura bandeirantista, empreendi escrever a história da cidade e município de Oliveira; tarefa que me ensinou perceber melhor o parentesco detinacional das cidades. Agonias, decadências espreitam, já no início, as que nasceram a esmo da mineração e da aventura como as filhas da **Picada de Goiás**, em Minas. Ao passo que esplendoroso é o destino reservado às que, como Belo-Horizonte e Goiânia, surgiram de um

processo técnico e calculado.

Explicada fica, dêste modo, a minha simpatia por Goiânia e o motivo por que rabisquei as linhas que se seguem, aproveitando intervalos ensejados pela minha modesta atuação jornalística e pela cátedra de língua nacional por mim regida no Ginásio Oficial de Oliveira, cá neste trecho semi-paulista e semi-goiano do oeste mineiro, a cujas almas já chegam retalhos dessa luz emilida pela fulguração nova de Goiânia, a cidade-relâmpago.

O TROPISMO DO MAR

A civilização brasileira tem seguido o seu impulso primitivo em sentido centrípedo. Vir da periferia para o centro, em passos de tartaruga. Vir do litoral para o sertão machucada de nostalgias oceânicas.

Já Frei Vicente do Salvador, nosso primeiro historiógrafo, faz "Blague" com êsse nosso desprezo pelo sertão e êsse nosso namôro com o litoral, dizendo que isso vem lá dos portugueses. Embora grandes conquistadores de terras, êles não as sabiam aproveitar, conten-

tando-se com andarem "arranhando-as ao longo do mar como caranguejos".

E' velha essa mania de *oceanotropismo* e de *caranguejamento* de que ainda sofremos.

Urge, porém, voltar os olhos para o Brasil Central. Lá para o âmago do Continente, seguindo o roteiro natural da civilização; isto é, o curso aparente do Sol, ou seja

MARCHA PARA O OESTE

"O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o Oeste".

Tornando *slogan* de uma geração e de um ciclo histórico, êsse pensamento é do Presidente Getúlio Vargas em 1938, em memorável discurso pronunciado no limiar do ano novo que então se abria. Disse mais que, por razões geográficas, nossa civilização tem-se estendido mais em sentido longitudinal, ao longo das águas atlânticas, do que em sentido latitudinal, na direção dos paralelos.

Temos permanecido na orla litorânea, sem retomar "A trilha dos pioneiros que plantaram no coração do Continente, em vigorosa e

épica arremetida, os marcos das fronteiras territoriais". No coração da terra, lá nos vales férteis e vastos, lá nas entranhas do Brasil é que devemos ir buscar o "metal com que forjar os instrumentos da nossa defesa e do nosso progresso industrial". Não será obra de uma única geração. Por certo. Mas se no toca iniciá-la, a ela consagraremos "o melhor dos nossos esforços"; pois é a obra que tem de ser feita.

Estamos com Getúlio Vargas e, por isso, cremos em Goiânia.

SURGE UMA METRÓPOLE

Foi dêsse sentido de verdadeira brasilidade que nasceu Goiânia, a nova capital de Goiás. Empreendimento novo na sua realização, porque, de há um decênio apenas, é todavia antiquíssimo na sua idealização.

Seus primeiros sonhadores já o justificavam com as minguadas possibilidades da velha capital do Estado e com a necessidade cada vez mais premente de a transferir para outro local.

Com mais de duzentos anos de existência, a velha e pachorrenta capital — **Goiás (I)** — permanecia retrogradante, inerte, numa irremediável decadência, em parte devida ao seu trancafiamento em velhas e sedições tradições, em parte aos óbices naturais da sua topografia e da sua situação geográfica. Daí provinha grande atraso para o Estado, porque a capital deve ser sempre a cidade-líder.

Urgia mudar a sede do Governo. Ideia bicentenária, fermentada de geração em geração.

Segundo Luiz d'Alincourt, já em 1737 era apresentado pelo governo de Goiás o projeto de se mudar a capital da então província para **Meiaponte**, localidade mais tarde elevada a vila a 10 de julho de 1832 (hoje cidade de **Pirenópolis**). E Saint-Hilaire, lembrando ali por 1819 êsse projeto, reafirmava que, realmente, mais do que Vila-Boa, merecia tornar-se a capital de Goiás essa pitoresca **Meiaponte**, onde o sábio francês, além de outro meio e dum elemento humano mais apto, encontrou com surpresa um jovem instruído e hábil, de origem francesa, o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleurí, um desses bravos Fleurís que muito fizeram por Goiás.

Entre os primeiros e maiores paladinos da idéia, relata a história o nome do General Couto de Magalhães, que, em 1863, como governador da província, e na sua inextinguível obra "**Primeira Viagem ao Araguaia**", empenhou toda a sua dialética e experiência de pioneiro nas razões que perfilhavam a mudança da capital.

Outros administradores de Goiás ratificaram tal gesto. E na Constituição Goiana de 1891, advinha-se esta subconsciência bissecular e

coletiva no artigo 5, título Iº, que assim reza: — "A cidade de Goiás continuará a ser capital do Estado, enquanto outra cousa não deliberar o Congresso".

Aquele "*enquanto outra cousa*" é muito significativo. O desejo era uma imanência geral em todos — povo e dirigentes.

No relatório apresentado em 1933 ao Presidente da República pelo atual Interventor Federal, lembravam-se também ecos dêsse desejo partidos de todos os lados, sobretudo os expressos pela palavra autorizada do saudoso mineiro dr. Carlos Pinheiro Chagas, do engenheiro Arlindo Luz, ex-diretor da Central do Brasil, e do urbanista Armando de Godói que dizia categoricamente não se poder mais adiar a solução de tal problema.

Só faltava o ímpeto arrojado de um corajoso que botasse abaixo não só as dificuldades materiais inerentes à obra, mas principalmente os ressentimentos dos saudosistas, a resistência dos oportunistas e proprietários da velha capital, a má-fé e a ignorância dos retrógrados.

E êsse corajoso apareceu.

No movimento revolucionário de 1930, a marcha sobre Goiás nas passadas rijas e audazes de Quintino Vargas, Carlos Pinheiro Chagas e outros revolucionários intemeratos, tinha à frente o Dr. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA, homem de inteligência realizadora como o qualificou o Presidente Getúlio Vargas, ou varão "nascido para a luta, empreendedor e de uma tenacidade invejável", no dizer do arquiteto-urbanista Atilio Correia Lima, autor do plano urbanístico de Goiânia e iniciador de sua construção.

O Interventor Pedro Ludovico seria, como disse alguém, "o artífice de Goiânia".

"*Ontem, revolucionário na oposição; hoje, revolucionário no governo*" — muito bem se definia êle próprio em 1933, no relatório já mencionado.

De nada valeram reações contra; inclusive duas bem insensatas.

Uma, a que a demagogia saudosista fez um dia passear pelas ruas, ao som de tambores, em cartazes assim: — "Votai contra a mudança da Capital".

Outra, a desfaçatez dos que enviaram ao Rio um emissário encarregado de pleitear, pela imprensa carioca e perante o Presidente da República, a não mudança da capital de Goiás.

O dia 20 de novembro de 1935 marca, porém, a derrocada da má-fé, da rotina, do saudosismo e do oportunismo interessante: essa foi a data da instalação de Goiânia.

GOIÂNIA E GOIÁS

Goiânia nasceu da técnica. Goiás nasceu da aventura. Esta é

obra do acaso; aquela, obra do pensamento.

Houve tempo em que para se fazer dinheiro em Goiás **bastava raspar as paredes**. E' o que conta a tradição.

Manuel Correia, Bartolomeu Bueno da Silva **Anhanguera (II)**, Bartolomeu Bueno da Silva Filho, Silva Ortiz e muitos outros destemidos haviam revelado ao mundo a riqueza prodigiosa dos sertões dos caiapós, abrindo na história do nosso oeste o *ciclo do ouro goiano*. Ciclo atormentado e pródigo que provocou uma verdadeira debandada para o Oeste, rabiscando sertão adentro, sobre antigos roteiros de sertanistas e bandeirantes, desde São-Paulo e Rio, até o *hinterland* goiano, essa rede de atalhos, trilhas e veredas, chamada por aqui **Picada de Goiás**, dando origem a um rosário de cidades mineiras como Itapecerica, Oliveira, Piuí, Araxá, Paracatú — todas filhas dum aventura efêmera e imprevidente.

Tanto era o ouro goiano e tamanha a fiscalização e opressão portuguesas, que o ouro em pó em Goiás caiu logo no contrabando. Disfaravam-se de todo jeito, inclusive nas paredes sob camadas de rebôco ou cal, à espera da oportunidade para raspá-lo dali e pô-lo em circulação.

Leiam Americano do Brasil ou Colemar Natal e Silva, historiadores de Goiás; leiam Eschwege, Cunha Matos, Sait-Hilaire, e conheçam a história atribulada de cada lavra, de cada córrego, de cada rio — e êsse passado nababesco dos primórdios goianos, logo precipitados na exaustão e na indigência.

Construindo uma casa à margem do afluente araguaiano rio Vermelho, o bandeirante Bartolomeu Bueno Filho, em ansiosa procura dos sítios auríferos em que outrora estivera com seu pai Anhanguera, fundou, entre 1722 e 1727 (III), uma localidade a que chamou "Sant' Ana", mais tarde elevada à categoria de vila por decreto régio de 1736. Decreto êsse executado somente em 1739 pelo então governador de S.-Paulo, a que ainda pertencia Goiás, D. Luiz de Mascarenhas, conde de Sarzedas, que deu à localidade o nome de **Vila-Boa-de-Goiás** — A antiga **Vila-Buena** dos antepassados — homenagem ao nome de Bartolomeu Bueno, fundador do lugar. Um decreto do rei D. João VI elevou Vila-Boa à categoria de cidade e capital da província, com o nome de **Cidade de Goiás**, a 18 de setembro de 1818. Denominação desconveniente que não só repete na capital o nome do Estado, como também apaga do seu batismo inicial o nome do grande Anhanguera Filho.

Nascida assim a esmo como toda as cidades filhas da mineração,

Vila-Boa estendeu-se irregularmente pela serra Dourada, achando-se, como a viu Saint-Hilaire em 1819, numa espécie de funil, rodeada por todos os lados por morros de altura desigual, que fazem parte do Corumbá e Tocantins, dizia êle (IV).

Banhada ao meio pelo rio Vermelho, cujas águas se tornaram de absoluta impotabilidade, Vila-Boa com seu excesso de igrejas e seu amontoado de casas velhas, sem estética e sem condições de higiene a salubridade, foi, com pequenas exceções e quasi sempre, o que dela dizia o mesmo Saint-Hilaire há 125 anos atrás:

"Esta urbs, edificada numa depressão onde o ar não circula como nas montanhas e na planície, onde as águas parecem pouco saubras, onde o calor é às vezes excessivo durante a sêca, onde a umidade deve ser horrível na estação das chuvas, não pode ser favorável aos homens da nossa raça (os brancos)".

E termina dizendo que aí eram muito encontrados casos de hidropisia, enfermidades do peito e . . . papudos cuja deformidade no pescoço lhes impedia até de falar!

Com uma população de 4.000 almas naquele tempo, Vila-Boa talvez não possuía 10.000 habitantes atualmente. O encanto e o esplendor do início foram logo substituídos pelo pobreza: a extração do ouro cessou aí muito antes de Vila-Rica, antiga capital de Minas.

Basta lembrar com o historiador Southey que, em 1753, o quinto do ouro em Vila-Boa era de 169.080 oitavas (ou sejam 202:896\$000, valor daquela época!), enquanto que, em 1755, decrescia para 59.569 oitavas (ou 71:482\$800), não se recolhendo quasi nada mais, depois de 1820. Esgotadas estavam as lavras. Hoje em dia, um ou outro mulato pobre ou garoto desocupado é que se arriscam a bater no cascalho exaustivo do velho rio.

Pouco progresso; pouca vida econômica e social.

No relatório de 1933, a que nos reportamos acima, apresentado ao Presidente da República, o atual Interventor Federal, filho embora da velha cidade, reobservava essa decadência no índice das construções em Goiás: de 1890 a 1914, não se construiu aí a média de uma casa por ano; e de 1914 a 1932 — era do automóvel, do avião e de tantas transformações favoráveis ao progresso — foi de 1½ a média de construção aí por ano. E a população? Com 4.000 habitantes em 1819, possuía 10.000 em 1840, agora decrescida para 8.256, senão para menos, mercê do êxito provocado pelo tropismo novo de Goiânia.

Para Vila-Boa, vítima do seu nascimento, inúteis seriam quais-

quer cirurgias urbanísticas para torná-la moderna e simétrica: se uma avenida em cidade velha é obra duma geração inteira, como a Avenida Getúlio Vargas, no Rio, que dizer da remodelação duma urbs tãda que é um velho aleijão de nascença?

O ambiente monótono, tradicionalista, rotineiro, ensimesmado, insalubre — estava, pois, desmerecendo dos foros de capital dum Estado que cumpria avançar e progredir, rompendo a crosta da velha mentalidade goiana.

Aquí em Minas, temos nas cidades de Sabará, Diamantina, Ouro-Preto, Caeté, Itapecerica e outras, o exemplo das localidades nascidas da imprevidência e da riqueza efêmera, para logo se involuarem na decadência, na rotina, no marasmo.

Comparem-se Belo-Horizonte e Ouro-Preto. A primeira nasceu da técnica e do cálculo pensante; a segunda, da aventura e do esmismo colonial. Uma avança e se expande prodigiosamente; a outra permanece estacionada na sua velhice heroica e na suas linhas encruadas.

Goiás e Goiânia repetem o fenômeno:

Somos por Goiás, enquanto cultuamos uma velhice honrada e longeva a que se devam carinho e respeito; mas entregamo-nos inteiramente a Goiânia, enquanto promessa jovem e morena que traz em si todas as possibilidades assim de crescer e se expandir, como de irradiar um ciclo novo de civilização sobre o Estado inteiro, e quiçá sobre todo o centro do Continente.

COMO NASCEU GOIÂNIA

Nomeada pelo Interventor do Estado uma comissão composta de pessoas de destaque e de comprovada idoneidade moral e cultural, por ela foi escolhido, em 1933, para a nova capital, a região do município de Campinas.

Isto, depois que técnicos duma sub-comissão especial, composta dos engenheiros João Argenta, Jerônimo Curado Fleuri e o dr. Laudelino de Almeida, haviam percorrido todo o Estado, a estudar região por região.

Campinas, sede do município contemplado por tamanha honra, era uma cidadezinha estacionada, com uns 500 habitantes no máximo, a 700 metros de altitude, vegetando entre as águas históricas dos rios Meiaponte e Anicuns e o ribeirão Cascavel. Como tãda localidade improvisada no ciclo do ouro, Campinas passara pelos três ciclos das cidades ricas no bêrço, mas empobrecida para o resto da vida: o ciclo pecuário. Ciclos aí sem técnica e sem evolução.

Dando testemunho disto, por Campinas passaram Eschwege, Pohl, Cunha Mato e Saint-Hilaire, andarilhos da ciência que percorreram, há mais de cem anos, quasi to-

do o Brasil, estudando-lhe a terra e o homem, para nos legar escritos hoje preciosos e indispensáveis ao conhecimento do nosso passado e da nossa gente sertaneja.

Rivalizando com Campinas nessa escolha, caiu também sobre Bonfim a preferência da sub-comissão técnica, que pendeu finalmente para a pimeira, cuja situação geográfica privilegiada a põe na intersecção de caminhos vitais na civilização goiana e na equidistância cêntrica da pare mais povoada do Estado.

Examinada criteriosamente tãda a topografia da região dentro dum raio de doze quilômetros, recaíram as vistas da sub-comissão sobre a pitoresca paragem a sete quilômetros ao sul de Campinas: um planalto de 160 metros de altitude, derramando-se, por todos os lados, em horizontes espraiados e escarpados.

Como Babilônia, Nínive, Londres e outros núcleos nascidos sempre à beira da água viva, à futura capital ter-se-ia de prever cursos d'água capazes de a abastecer perpétuamente. Dentro da área percorrida, depararam-se, em invejáveis condições hidrológicas, três rios e dois ribeiros: o rio Meiaponte, a 7 quilômetros, descarregando por hora mais de 15 milhões de litros e oferecendo na corredeira Jaó possibilidades para captação de energia hidráulica com um potencial de 450 cavalos, ou muito mais se se recorrer à queda artificial. O rio Santo-Antônio, a 6 quilômetros, com quasi 6 milhões de litros em sua descarga horária. O rio Anicuns, a 7 quilômetros, descarregando por hora quasi 10 milhões de litros. O ribeirão Cascavel, a 8 quilômetros, com uma descarga horária de 1 milhão e 200 mil litros. O ribeirão Macambira, a 12 quilômetros, com 800 mil litros por hora.

Quer dizer que, dentro do raio de duas léguas, a região dispõe de uma carga horária de cerca de 33 milhões de litros de boa água captável facilmente por elevação artificial, dada a ausência local da necessária gravidade em planalto.

Sobre a fertilidade dessa região, basta dizer que, em 1819, o sábio francês Auguste de Saint-Hilaire tecia elogios ao excelente pão fabricado em Vila-Boa com farinha de trigo originária então de grandes culturas feitas nas paragens hoje escolhidas para a nova capital.

Perfeitamente enquadrado dentro do ângulo da conveniência topográfica hidrológica, demográfica e climatérica, o local dista poucas léguas da cidade de Goiás, a noroeste.

Feitos todos os estudos técnicos e todos os cálculos requeridos ao caso, realizava-se, às 9 horas do dia 4 de março de 1933, a reunião fi-

nal da comissão incumbida da escolha do local, tendo por presidente D. Emanuel Gomes de Oliveira, arcebispo de Goiaz, por secretário o dr. Colemar Natal e Silva, e por membros os drs. Laudelino Gomes de Almeida, Iraní Alves Ferreira, Jerônimo Curado Fleuri, João Argenta, Antônio A. Santana e Mário da Costa Ferreira.

Três meses depois, isto é, a 18 de maio de 1933, assinava o Interventor Federal o decreto 3.359 aprovando a escolha, autorizando a construção da nova cidade, abrindo crédito para isso e estipulando o prazo máximo de dois anos para a transferência definitiva da sede do governo para a nova capital.

Por decreto de 6 de julho do mesmo ano, era encarregado o urbanista Afílio Correia Lima de estabelecer o projeto da futura capital. Apresentado pouco depois esse projeto, algumas modificações técnicas lhe foram introduzidas à proporção que a cidade se foi erguendo.

Logo as estradas começaram a formigar de imigrantes.

Goiânia hipnotizava.

Ergueram-se, em pouco tempo, os edifícios mais necessários e importantes para as funções públicas; e tudo sem a superfluidade dos bistrinismos arquitetônicos, mas dentro da elegância, da simplicidade, do conforto e da higiene, com bases e possibilidades para futuros aumentos em sentido vertical, ou em sentido horizontal.

A 23 de março de 1937, pelo decreto 1.816, transferia-se da antiga Vila-Boa para Goiânia a sede da capital de Goiás.

Quanto ao nome da novel metrópole, foi ele escolhido em concurso popular promovido pela imprensa goiana e encabeçado pelo hebdomadário "O Social". Alguém, sob o pseudônimo expressivo de *Caramuru Silva do Brasil*, sugeriu com muita felicidade o nome *Goiania*, logo tomado entre muitos e oficialmente aprovado por decreto de 2 de agosto de 1935.

Hoje, Goiânia pompéia, nas suas linhas modernas e ousadas, como cidade esplendorosa, prestes a rivalizar em tudo com as demais metrópoles do Brasil. Possui aeroporto, vias de comunicação aéreas e terrestres, avenidas amplas e arborizadas, praças e jardins, piscinas e parques, campos de esportes, escolas de ensino primário, secundário, superior e técnico-profissional, leprosário, casa de saúde, indústrias diversas, casas de diversões, bons hotéis, todos os edifícios públicos federais, estaduais e municipais — e tudo sobre o perfeito urbanismo em que se delineou de início a cidade.

O dinamismo aí é contagiante; e o tempo para os goianienses é realmente dinheiro.

— Nas ruas de Goiânia não se

vê gente desocupada em dia de semana: todo mundo trabalha!

Tal o supremo elogio de Goiânia, que ouvi pela boca de uma graciosa moreninha de Paracatú, *fan* ardorosa da mais jovem capital do Brasil.

GOIÂNIA, CORAÇÃO DO BRASIL

A parte aquela comparação grosseira de que o Brasil tem a configuração de um pernil de porco, bem mais interessante é a de Frei Vicente do Salvador que diz ter o Brasil "a figura de uma harpa".

Sim; uma harpa imensa cujas cordas são os Estados e suas capitais, cabendo a Goiânia ser a corda mais nova e, por isso memo, a mais cristalina e sonora, como também a de som mais profundo e brasileiro, porque situada lá bem no meio do Brasil.

Melhor ainda é o lirismo daquele conto tupinambá que acha a configuração do Brasil semelhante à de um pombo, pondo a Baía como coração desse pombo; privilégio que os goianienses bem poderiam reclamar para a sua cidade, porque ela é que palpita lá bem no âmago da terra brasileira.

Bendigo o nome de Deus que suscitou na minha geração os construtores de Goiânia, coração do Brasil!

GOIÂNIA, CIDADE-RELÂMPAGO

E' uma surpresa brutal em meio ao descampado! — exclamam os jornalistas, educadores e técnicos que a tem visitado por terra ou pelo ar.

Imagino a veracidade desse passo no explodir de interjeições dos aero-turistas que em cada avião descortinam lá embaixo as edificações da cidade em contraste com o sertão circundante.

Obra de braileiros, povoada e construída por brasileiros, criação exclusiva brasileira, êxito completo brasileiro, no dizer de Oto Prazeres —, Goiânia representa "a concretização de um ideal de gerações e de um imperativo geográfico, político, social e econômico", como muito bem disse certa vez, na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, o Professor Venerando de Freitas, primeiro e atual prefeito de Goiânia — jovem governador de uma cidade jovem.

Tanto mais rápida a seta, quanto mais amplo e demorado o retesamento do arco: Goiânia surgiu como o relampejar de uma seta, porque fruto de um ideal de gerações porque resultado dum desejo retesado bissecularmente na História.

O Presidente Getúlio Vargas, a 7 de agosto de 1940, visitando Goiânia, teve ensêjo de, no Palácio do Governo, declarar-se estupefacto

diante duma cidade como aquela, improvisada em pleno descampado — dizia êle — e soerguida justamente no vasto planalto central, miradouro do Brasil.

Em Goiânia está cumprido, de chôfre e de fio a pavio, um vaticínio que Saint-Hilaire fez, ao percorrer, em 1819, o chapadões do sertão goiano:

"Tempo virá em que cidades florescentes tomarão o lugar das miseráveis choupanas, nas quais eu mal podia encontrar abrigo; e então os habitantes gozarão de vantagem que raramente se tem na Europa".

Terminemos, agora, com um filósofo da Técnica.

Tratando das grandes obras levantadas pela técnica moderna, Splenger dizia que, nelas, a luta do homem contra a Natureza é a história de um rebelde que cresce para erguer a mão contra o própria mãe.

Tanto é o arrôjo dessa cidade-relâmpago surgida ontem no descampado, que a gente não teme dizer que ela é como um punho erguido contra a Natureza...

(I) Nossa preferência pela grafia **Goiás** com *s* baseia-se na etimologia tupi-guarani. Os indígenas desconheciam a pluralização por meio do *s*, letra só mais tarde anexada à forma singular dos nomes em *a*. Cf. *Ananás de Ananá*, (forma primitiva ainda sobrevivente em alguns lugares); *Goiá, Goiás; cataguá, cataguás, Cataguases*, sendo este último um plural cumulativo, hoje topônimo em Minas. Cândido de Figueiredo grafa *Goiás* como mais certo, não obstante o "Vocabulário" de Gonçalves Viana registrar *Goiaz*.

(II) Mais conforme com a etimologia indígena é a pronúncia *Anhanguera*, sem se ferir o *u*, como fazem alguns pronunciando erradamente *Anhanguera*. O nome provém de *Anhang*, alma ou demônio, mais *era*, semelhante — conforme o histórico estratagem usado pelo sagaz Bartolomeu Bueno. Sômente pela posterior junção da duas palavras é que apareceu aquele *u* mudo como mero sinal de guturalização do *g*, sem constituir ditongo com o *e* seguinte.

(III) Segundo o dr. Colemar Natal e Silva, na sua "*História de Goiás*", a fundação do lugar se deu, conforme o costume português, no dia de Sant'Ana, isto é, 26 de julho de 1725.

(IV) "*Voyages aux sources du Rio S.-Francisco et dans la Province de Goyaz*", III partie, ed. de 1847.

GOIAZ E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Goiaz, antes de 30, era um Estado praticamente nulo. Dele só se lembravam, lá fora, ao ensejo de piadas e anedotas. Tudo, aqui, era amorfo, caótico. Vivíamos como que à margem da história do Brasil, as riquezas abandonadas, as gentes sofrendo, o ambiente político asfíxiante.

Só uma cousa palpitava, naquele mundo morto de Goiaz antigo: o coração brasileiro dos goianos idealistas, que, por todos os modos e meios, lutavam, com bravura, fé e esperança, contra tudo e contra todos, buscando, para o seu torrão natal, um lugar ao sol entre os demais Estados da Federação.

E então, e como que para vingar todos os vexames por que passara a nossa Terra, quis a Providência dar-lhe, para condutor na sua hora decisiva, um filho que, por tão grande que se tornou, veio, situando-se entre os maiores vultos da nossa Pátria, redimir, em sua obra imensa, todos os pecados dos nossos antigos dirigentes: — Pedro Ludovico Teixeira, que, coadjuvado por alguns companheiros destemidos e patriotas, conseguiu, pela Revolução, iniciar uma nova era para o nosso Estado.

Goiaz é, talvez, a unidade federativa que mais se beneficiou com a vitória outubrista. O fator decisivo da extraordinária evolução do Estado foi Goiânia, pois foi a começar da mudança da capital que tudo aqui passou a cadenciar-se por um ritmo acelerado de progresso. E Goiânia é fruto da Revo-

lução; sem esta, ela não passaria de um sonho, eis que, no velho regime, onde predominavam egoísmos personalistas e compromissos excusos, a serviço de u'a mentalidade rasteira e des-honesta, não cabia uma realização como esta Capital, obra de puro idealismo.

A Revolução foi o balão de oxigênio que salvou Goiaz. Mas é preciso não olvidar que foi Pedro Ludovico o médico da aplicação milagrosa; sim, foi Pedro Ludovico a condição humana do êxito da Revolução em Goiaz, como Getúlio Vargas o foi do seu êxito no Brasil.

Grandes estadistas, se num mau regime, pouco podem realizar, como ficou demonstrado durante a vigência do liberalismo no Brasil, quando brasileiros dos mais dignos tiveram entravada a sua ação pela aparelhagem jurídico-política. Mas é verdade, também, que regimes bons sem chefes capazes pouco adiantam. A sorte do Brasil foi a coincidência, no tempo, de dirigentes e regimes à altura das nossas necessidades. Foi esta, ainda, a sorte do nosso Estado. Daí o milagre de Goiaz post-revolucionário. Milagre que é um milagre dentro do grande milagre do Brasil moderno.

Em síntese: o que representa Getúlio Vargas para o Brasil, representa Pedro Ludovico para Goiaz. E dizendo isto está dito tudo o que se poderia dizer sobre a Revolução na Terra de Anhanguera.

RUI BARBOSA, ÊSSE COMPLEXO ROMÂNTICO

OMAR SANTOS

Tinha, de fato, razão o primo Albino, quando repetidamente e em tom repreensivo advertia Rui, a aquele jovem inteligente e atilado: "Seu Rui, talento não é juízo". "Realmente, aquele rapaz já se mostrava, muito cedo, de um temperamento arrebatado e propenso às grandes responsabilidades políticas, demonstrando, assim, uma singular afinidade moral com seu pai, o velho João Barbosa, também um homem que tinha a política como a suprema finalidade da vida.

Aliás, o pai, vendo no filho, desde a criancice, o despontar de um gênio, tomou a si o encargo de fazer dele um grande homem de saber, mas nunca lhe passou pela idéia fazê-lo político, e com isso estava de acôrdo a mãe de Rui, a boa Maria Adélia, que nunca se vangloriou da carreira seguida por João Barbosa, da qual só mereceu como recompensas desgostos, trabalhos e ingratidão. E não foi preciso muita insistência para incutir na criança o espírito dos grandes ideais, pois, Rui manifestou, logo ao entrar em contacto com as primeiras letras, verdadeira paixão pelos livros, seus únicos amigos de infância.

E era de ver aquele menino maricela e feio ensaiando os primeiros passos para a tribuna, já vislumbrando, talvez, em seus sonhos encantados, o sol da imortalidade. Quando não estava lendo ou escrevendo, era um pequeno Demóstenes, trepado em velha mala, a proferir pequenos e arrebatados discursos, gesticulando conforme as lições de seu pai e fazendo ares de superioridade.

Dessa infância cheia de preocupações intelectuais o seu temperamento foi se amoldando e enrigecendo como o ferro ao choque do malho na bigorna. A sua mocidade não foi como a dos outros rapazes de sua idade, feita de futilidades e folganças, e sim, pelo contrário, afeita aos graves problemas da vida, e, por isso, foi sempre um menino triste e retraído. A estar com os amigos nas diversões, preferia o doce aconchego do lar, onde possuía os carinhos de Maria Adélia, sua mãe, o entusiasmo de seu pai, e, também, para variar, as arellias com Brites, irmã mais nova do que éle. Além disso, a conversa silenciosa com os livros durante horas esquecidas bastava para en-

cher-lhe o vazio da existência, cuja alta significação já lhe pesava bem na balança do raciocínio e da compreensão. Essa vida sedentária e fria fez nascer naquele jovem, que devia ser como os demais, um gênio introspectivo, tímido e reservado. Pensava muito e falava pouco, a não ser com os de casa e os amigos íntimos da família.

Como era natural, isto provocava entre os colegas uma série de comentários, pois que diabo tinha aquele fedelho que os olhava sempre "por cima", e nos recreios, ao invés de tomar parte em suas diabruras, ficava em um canto, solitário e pensativo, a ler, com ares de importância, aqueles livros exquisitos, sem figuras atraentes, que não despertavam a mínima curiosidade? Muitas vezes, somente para experimentá-lo, um daqueles rapazes mais ousados tomava-lhe o lugar preferido, no páteo de recreio. Mas éle, pacientemente, sem uma palavra sequer, sem um olhar ao menos de admoestação, esperava que o intruso dali se safasse, e com a maior indiferença deste mundo voltava ao seu ponto favorito.

Sempre frio e pensativo, mais pensativo e frio se tornava quando alguém o ofendia, ou humilhava com palavras dúbias ou indiretas. Mas nunca rebaixou a sua dignidade para revidar qualquer alusão a sua pessoa, limitando-se, apenas, a olhar com desprezo o malfeitor.

Uma análise psicológica da natureza de Rui nos mostra nitidamente que essa força de autocontrole, esse esforço de domínio sobre si mesmo, que fazia constantemente, muito contribuiu, e até ousou dizer, foi a causa eficiente, na expressão spinoziana, da sua configuração espiritual que se perpetuou, depois, para o resto da vida. Porque Rui Barbosa, é mistér que se assinale aqui, foi uma natureza recalcada, um raro exemplar de complexo humano. Borbulhava dentro de si um mixto paradoxal de tendências opostas, de sentimentos que se tocam pelos extremos. Metódico e dispersivo, simples e presunçoso, tímido e ousado, humano e vingativo. Tôda a gama de variedades sentimentais nos oferece o estudo analítico do espirito desse homem, que, por isso mesmo, pode comparar-se, sob esse aspecto, a uma pedra hieroglífica,

à espera de um novo Champôlion que a decifre.

Mas de tudo o homem se cansa, até de reprimir os ímpetos naturais. Com o correr dos tempos aquele menino tímido e contemplativo foi adquirindo uma personalidade mais consentânea com a natureza humana.

Quando iniciava o curso jurídico pensou até em ser padre, pois ao seu temperamento não podia haver carreira mais adequada, porque os tímidos sentem, de ordinário, verdadeira repulsa pelos tumultos da vida cá fora. Mas já, a esse tempo, que era o das grandes mutações psicológicas, no dizer de Humberto de Campos, se degladiavam dentro dele dois elementos morais, numa luta titânica e infernal: a timidez e a ousadia. Foi, então, que travou conhecimento com mais esta força moral que começava a nascer lenta mas num crescendo contínuo, mau grado a hostilidade dos sentimentos contrários. E essa luta que éle sentiu pela primeira vez dentro de si foi a constante psicológica da sua vida, e, muitas vezes, era necessário um esforço sobrehumano para conter-se em impulsos arrebatados, ou dominar-se em êxtases de timidez e vacilações, quasi mêdo. E foi naturalmente por isso que o bom conselheiro Albino lhe chamou certa vez atenção, confundindo naquele rapaz genial uma crise vertiginosa de arrebatamento com simples falta de juízo.

Os tímidos geralmente tendem para o romantismo, e quando encontram, de chôfre, nas esquinas da vida, a bela desconhecida, entregam-se de corpo e alma aos enlevos de Cupido, e adeus . . . Lá vêm as serenatas, as poesias e o diabo. Pois bem, Rui, nesse ponto, não faz exceção, e, se não se celebrou como os Dante, os Petrarca, os César e outros, teve também as suas aventuras amorosas, nem sempre coroadas de êxito.

Aliás, ao que consta, somente conheceu, durante a mocidade, três náiades apenas que lhe transbordaram o coração de amor. A primeira foi uma tal de Brasília Silva, a que Rui, a-pesar-de nunca ter sido poeta, embora o tenha tentado muitas vezes, mas infrutiferamente, ofereceu umas quadrinhas brejeiras como esta:



Um aspecto do "Garimpo do Cedro", no Município de Mineiros, em Goiás

"Pois ouve... não fujas, não...
Escuta o gemer da brisa;
E' minha alma que deslisa
Nas asas da viração".

O rapaz estava mesmo apaixonado, e esta notícia muito preocupou o velho João Barbosa, que tinha o filho na conta de verdadeiro gênio, e não queria vê-lo equiparar-se aos outros rapazes de sua idade, metido com nomóricos que só serviriam para atrapalhar a carreira, em que o filho já começava a ganhar fama, como um advogado de "bonita reputação literária", simplesmente

Como todos os pais fariam, João Barbosa chamou-lhe atenção para o êrro que estava cometendo. Mas Rui também em matéria de amor era impertinente e teimoso, como em tudo o mais em que se metia. Foram baldados os esforços do pai para persuadir o rapaz de que não estava procedendo como homem de juízo, e Rui só se convenceu da verdade quando descobriu, mau grado seu, que tinha um rival na sua frente. Se se tratasse de um adversário político, o pequeno Davi não recuaria diante de qualquer Golias, porque a política foi a mulher que sempre destemerosamente disputou aos outros, e dificilmente perdia os trunfos, somente não conseguindo ser Presidente da República, mesmo assim porque não quis insistir, sendo, quasi sempre, infelizmente, nesse último aspecto, o soldado das batalhas perdidas. Mas, voltemos ao assunto, a mulher, agora, era mulher de carne e osso, e cujos encantos êle não podia de modo nenhum disputar ao outro, que era um jovem esbelto e simpático, ao passo que êle, em matéria de amor, não passava de um poltrão feio e pobre, e, so-

bretudo, "sem açúcar", como dizem hoje as mocinhas de avenida...

Tratando-se de um indivíduo comum, tal incidente seria logo esquecido, pois o homem mediocre não tem também o devido senso para aquilatar o valor das pequenas coisas. Mas o homem superior, o homem de gênio, tem a natureza sentimental muita mais apurada, e enxerga tudo com aparente exagero, mormente êsses casos patológicos do coração. Para êle, Rui, o romântico inveterado, o mal não tinha remédio, e, como sempre, em circunstâncias tais, refugiou-se com mais ardor do que nunca no retiro solitário do estudo e do trabalho.

Mas não tardou muito. Pouco tempo depois dêsse fracasso irremediável já estava às voltas novamente com as tentações afrodisíacas de Cupido. E agora, ao que parece, com muito mais ardor do que antes, e tão logo enamorou-se de Maria Rosa, pediu-a em casamento. Ficou noivo. Desta vez também foram em vão os esforços do pai para demovê-lo daquela situação, talvez pela pouca fortuna da pequena, que era, a-pesar-de bonita, muito prendada. E o próprio conselheiro Albino, que se comprazia em dizer-se o patriarca da família, entrou na dança. Mas, qual! o rapaz estava, com efeito, enfeitado pelos encantos da menina, e quando o primo Albino lhe falou, respondeu-lhe em tom de cômica elevação: "Estou dominado por um sentimento mais forte que os cálculos comuns de conveniência".

Mas, francamente, parece que o Romeu não estava fadado a ser feliz com a sua Julieta, pois um ano após ela morria, e, infelizmente, não morria de mentira, como na

Estado Nacional é um Estado revolucionário e portanto tem um sentido inconfundivelmente progressivo. Dentro das configurações ideológicas em que se inscreve a ordem nacional estabelecida pelo Presidente Getúlio Vargas em 10 de Novembro, não há lugar para a estagnação, que é o sintoma precursor da morte. Um Estado gerado pela força criadora de uma revolução como a nossa não se subordina às formas cristalizadas das constituições escritas, a que a mentalidade tabelliôa dos estadistas formados nos moldes do formalismo jurídico atribua valor semelhante ao dos contratos de compra e venda lavrados nos cartórios.

AZEVEDO AMARAL

cena shakeaspereana, sendo-lhe fatal a tuberculose. No íntimo sofreu amargamente, porque sentiu sozinho todo o pêso da dôr incoercível, sem que a deixasse transparecer aos olhos dos amigos, a não ser dos mais íntimos. E inspirado nessa "amargura acerba e louca" se desabafou na poesia que, a-pesar-de mau poeta, foi sempre o seu fraco: "Densa tristeza me escurece a mente...". O conselheiro Souto foi, nessa contingência, o seu consolador, e, como o teria feito noutros tempos o velho João Barbosa, procurou por meios suasórios tirá-lo daquela medonha melancolia, que já se fazia sentir na saúde do feroso apaixonado, já minada pelos excessivos trabalhos do jovem advogado. E, fazendo valer a sua indiscutível autoridade de celibatário e de grande entendido em questões de tal natureza, tanto que nunca quis casar-se, dizia ao desventurado rapaz, com tôda a convicção de homem maduro: "Qual, seu Rui. Isso passa. Uma paixão mata outra". O diabo do homem era, de fato, um grande especialista em moléstias sentimentais. Realmente, o jovem Rui se refez relativamente cêdo do golpe inesperado que tanto o abalara, e logo estava pronto para outra...

Não sei, mas a língua do povo costuma produzir alguma coisa que presta. Certas proposições há na linguagem vulgar que possuem certo fundo filosófico, e, por isso mesmo, encerram muitas verdades. Dizemos, por exemplo, que "três e sinal de força".

Realmente, Rui parecia mesmo querer enforçar-se, e caminhava para o patíbulo, sereno como o próprio Tiradentes, de frente erguida,

olhar fixo no horizonte, como a procurar no infinito o carrasco que ainda não aparecera. Mas, finalmente surgiu-lhe na frente o verdugo. E outro não era senão o próprio quem dias atrás lhe enxugara as derradeiras lágrimas que vertera em holocausto à bela e desventurada Maria Rosa: o conselheiro Souto.

Os solteiros à medida que envelhecem vão adquirindo manias interessantes e bisonhas. O velho Souto, por exemplo, tinha o louvável hábito de patrocinar casamentos entre os moços.

Sua casa, por isso, era o ponto de reunião daquela turba trêfega de rapazes bem encaminhados na vida e de moças casadoiras e belas. E foi numa dessas reuniões que o conselheiro arditosamente aproximou Rui de Maria Augusta, uma menina que tinha o dom de enfeitiçar todo o mundo, menos pela sua beleza propriamente do que pela candura e atração espiritual, que consubstanciavam toda a sua graça. Tinha, porém, como Maria Rosa, um defeito que naquela época constituía séria agravante à situação financeira de Rui. Era pobre.

Mas o rapaz sentia verdadeira atração pelas belezas de bolsa via-sia, e talvez se julgasse compensado nesse ponto, por ter um coração cheio de amor. Bem o conselheiro Souto lhe dissera aquela frase sibilina e cheia de verdade, de uma paixão matar outra.

Como sempre, um amor desenfreado surgiu repentinamente, como caçarata, de Rui para Maria Augusta. A pequena, porém, custou decidir qual dos dois: se Rodolfo ou se Rui. Rodolfo, filho do conselheiro Dantas, amigo inseparável de Rui, era o tipo acabado do rapaz elegante. Folgazão, galanteador e ousado com as mulheres, fazia, por isso, sério contrastte com seu amigo, empre retraído, triste e também muito feio. Com toda a desvantagem porém, o nosso Rui conseguiu captar a simpatia daquela pequena extremamente insinuante, e entre ambos surgiu um singular afeto que se eternizou incondicionalmente.

E Rui escreveu, então, algures, deixando extravazar todo o fogo candente de sua paixão: "Desde que a encontrei, tornou-se ela o princípio e o fim da minha existência". De fato, quem ler com atenção a história da vida de Rui Barbosa verá, com efeito, que o encontro com Maria Augusta produziu uma transformação radical em Rui. O gênio curtiu durante muito tempo, e mais do que ninguém, uma vontade implacável de amar e ser amado. Sentia no seu isolamento intelectual toda a tristeza de que um rapaz daquela idade se sente tomado, à falta de uma mulher, principalmente quando não se tem mais o coração amigo dos pais e



Uma vista do Rio Vermelho — Goiás

dos irmãos, onde se possa refugiar das dôres e angústias, como era o caso de Rui. Só, extremamente só, de um temperamento sentimentalista que atingia as raias da feminilidade, não podia, de maneira alguma viver sem uma companheira em quem pudesse confiar abertamente, e que lhe enchesse a vida de alegria e amor, a que todos os viventes têm direito neste mundo de Deus.

O aparecimento de Maria Augusta foi providencial, e, graças ao bisbilhoteiro Souto, tudo ia às mil maravilhas. Rui, não obstante as advertências de sua amada, de que não se devia precipitar, não vacilou um minuto. Ficou noivo de Cota, como intimamente lhe chamavam, e, com a mesma pressa, passou a considerar sua família toda a parentalia da noiva, e, num requinte de amabilidade, passou a chamar a sogra de "mamãe".

Mas a situação financeira de Rui não era das melhores, e, portanto, precisava de arranjar-se a-fim-de poder enfrentar o casamento. Tirante um modeto emprêgo que tinha na Santa Casa, o que lhe rendia apenas uns miseráveis níqueis, nada ainda havia se definido na sua carreira, pois era voz corrente que o excesso de cultura muito o prejudicava no exercício da profissão.

Todos reconheciam nele um robusto talento, mas era forçoso que deixasse a Baía e fosse tentar a vida na Côte, onde seu nome já era conhecido como grande cerebração e notável orador. Todavia, o tímido, embora reconhecesse a necessidade de zarpar, não se aventuraria a tentar tal empresa fora do convívio de seus concidadãos, e, so-

Pela proteção à família, pela planificação da pedagogia pela humanização do trabalho e dignificação do trabalhador, pela consideração fundamental às nossas realidades, pelo aproveitamento das ciências e das artes na obra de restauração dos valores nacionais, pelo fortalecimento das nossas forças armadas, pela resolução dos nossos problemas essenciais, enfim por uma política que pesa todos os dados de existência coletiva e os orienta, a todos, no sentido do bem comum, vai o Estado Nacional estabelecendo as condições favoráveis à realização de seu fim último: — a formação de homens superiores, de uma sociedade superior, de uma nação superior.

PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

bretudo, longe de quem, naquela ocasião, representava toda a sua vida: Maria Augusta.

E' nessa conjuntura que começamos a admirar essa mulher, que exerceu em Rui notável influência durante toda a vida pública. A noiva, ao contrário do apaixonado, abstraiu-se de todo e qualquer sentimentalismo, no sentido de convencê-lo de que êle não poderia vencer naquele ambiente provinciano, onde imperavam, apenas, hostilidades mesquinhas e intrigas de bastidores. Sim, Rui precisava partir o quanto antes, pois é muito certo que a audácia conduziu ao êxito: "audaces fortunat juvat".

Muito custou a Rui tomar uma decisão definitiva, e quando quis fazê-lo, muito a contra gôsto, surgiu-lhe na frente um grande obstáculo: o dinheiro para a viagem. O grande Ulisses não tinha um vintém no bolso para enfrentar um

HÉLIO DE ARAÚJO LOBO

destino tão incerto para êle quanto o fôra para o herói grego a vitória em Tróia. Ainda aqui entrou em cena a bela Penélope, que não mediu sacrifícios em contornar mais êsse óbice difícil na vida do noivo, e tanto fez até conseguir todo o necessário, pois no íntimo tinha plena convicção de que toda aquela luta e todas as dificuldades seriam mais tarde recompensadas, porque Rui havia de criar coragem e vencer, como outros tantos o haviam feito.

A história muitas vezes não faz a devida justiça com as mulheres, como falor decisivo no destino da humanidade. E, não raro, desempenham notável papel ao lado dos grandes homens, para se tornar esquecidas. Não fôra o incentivo amoroso de Maria Augusta e sua ascendência moral sôbre Rui, e talvez não o teríamos como o primeiro entre tantos outros para orgulho de nossa pátria. E podemos dizer com absoluta convicção que foi ao despedir-se de Maria Augusta na Baía que Rui começou a caminhar serena e confiantemente para a imortalidade e para a glória.

Aniversaria-se a 17 do corrente o acadêmico Hélio de Araújo Lobo, um dos redatores desta revista.

Jovem inteligente e de um caráter sem jaça, Hélio Lobo, desde há muito, impôs se, em nosso meio, como uma figura de grande projeção social.

Sua atividade jornalística, já bem longa, porque vinda dos bancos ginasiais, é das mais fecundas e brilhantes.

Quanto à sua vida pública, é das mais intensas e proveitosas, exercendo o aniversário, com alta proficiência, o cargo de Delegado do I. A. P. I.

Em "Oeste" o seu trabalho tem sido dos mais expressivos, dedicando-se Hélio Lobo de corpo e alma aos misteres que lhe estão afetos.



Ao nosso valoroso companheiro, o nosso abraço amigo e os nossos votos de felicidade.

Sucedâneo da gasolina

As experiências que a guerra determinou no Brasil, com o gasogênio e outros combustíveis, como o álcool-motor, são objeto de um interessante estudo recém-publicado numa revista técnica americana, que as considera como valiosas para orientar a introdução de um sucedâneo de gasolina. Uma das possíveis fontes dêsse eventual sucedâneo é um sub-produto — até agora considerado sem utilidade — de fabricação de papel com polpa de madeira. É o extrato de sulfito, que era até ná pouco inteiramente desperdiçado pelas fábricas de papel dos Estados Unidos e do Canadá. Recentemente as experiências feitas pelos técnicos da Ontario Paper Company, do Canadá, revelaram que o álcool derivado dêsse sub-produto da polpa de madeira é magnífico para as indústrias bélicas da borracha sintética e de explosivos. Como se sabe, o governo dos Estados Unidos, em seu programa de produção intensiva de álcool, necessita mensalmente 10.000.000 de fardos de

cereais — milho e trigo. Calcula-se que o extrato de sulfito agora desperdiçado pelas fábricas de polpa dos Estados Unidos e Canadá daria para uma produção anual de 86.000.000 de galões de álcool, equivalendo ao consumo de 36.700.000 fardos de cereais. Conclue-se facilmente que com a utilização dêsse sub-produto, conseguir-se-á uma forte redução no custo de produção do papel de imprensa para o continente americano. Os técnicos da Ontario Paper Company afirmam que a nova fonte de álcool poderá ser explorada como um bom sucedâneo de gasolina nos países não produtores de petróleo.

MARMO-HOTEL

Avenida Anhanguera

Telef. 1204

Goiânia Goiaz

Segundo sua forma e seu conteúdo, é o Estado Nacional derivado, de todo, de pressuposições, brasileiras. Sua essência, seu programa, seus métodos são genuinamente brasileiros. Com o Estado Nacional o Brasil tornou-se exclusivamente brasileiro.

Wolfgang Hoffmann Harnisch



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de

Goiânia e desta Revista

ABSTRAÇÃO

*Na noite silenciosa a solidão desceu à minha vida,
Envolveu-me no silêncio morno de meu quarto
E sufocou os ruídos misteriosos das cousas noturnas.*

Senti-me alheio ao tempo, alheio ao mundo, alheio à vida...

Calou se nesse instante a interminável música dos instantes.

O mundo para mim

Perdeu o encanto das visões noturnas

E só era o silêncio, a insônia e a escuridão da noite...

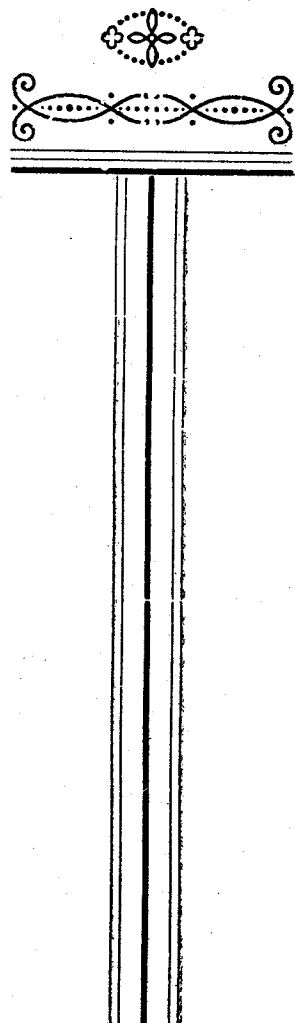
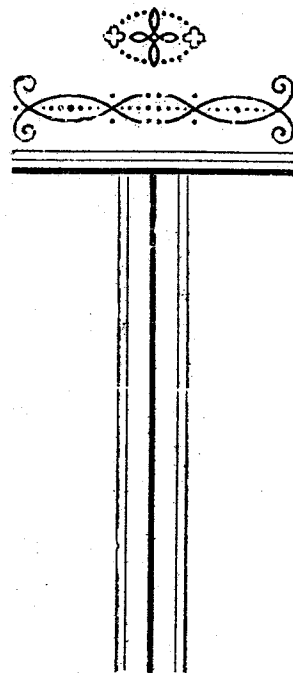
Mas, com o pensamento e a imaginação vagando a esmo,

Perdidos e voltados para dentro de mim

A perscrutar mistérios nunca vistos antes,

Sofri a grande angústia que o homem sofre em face de si mesmo.

AFONSO FELIX DE SOUSA



VAI PASSAR O BRASIL!

*Graças a Deus por ter nascido brasileiro,
e por viver feliz, servindo à Pátria,
bem debaixo da luz abençoada
do Cruzeiro
do Sul!*

*Terra dos verdes mares de Iracema,
da fé, da liberdade e da riqueza,
és um verso perdido
na imensidade azul
da natureza!*

*Muitos povos têm sagas mentirosas
e vivem na penumbra da saudade...*

*Mas tu sômente tens uma legenda:
- o sentido profundo da existência,
dentro da mais perfeita realidade...*

*Porque tu és o presente,
a esmeralda custosa da esperança
e o diamante inciso da verdade!*

*Para trás esses povos hipócritas,
cansados, gastos, suicidas,
matadores selvagens das maiores conquistas do espírito,
assassinos conscientes de uma grande civilização!*

Sim... para trás...

Antes que vos esmague o carro do progresso de uma jovem Nação...

Para trás!

*Vai passar uma raça mais nova,
mais belo...*

mais forte...

Vai passar o Brasil!

ANDERSON HORTA

A Revolução de Outubro

Outubro assinala mais um aniversário da Revolução de 30. Da nossa Grande Revolução. Aquela que descobriu o Brasil a si próprio; aquela em que a Voz da Terra se fez ouvir, poderosa e soberana, revelando-nos uma grande mensagem histórica; aquela que despertou o "gigante adormecido", como era qualificado o Brasil liberal, erguendo-o para a caminhada da glória.

Outubro é bem, assim, em nosso tempo histórico, um momento de sagrado recolhimento. Um instante de êxtase cívico, pleno de brasilidade. Um minuto de autenticidade nacional, que ficou ressoando pelos espaços em sonoridades esplêndidas.

Outubro é a Grande Hora da nossa Pátria.

-...-

O Brasil liberal era um Brasil fictício. Um Brasil abstrato, algébrico. Porque era um Brasil "feito" nas oficinas de Paris, de Londres, de Washington. Um Brasil sem substância nacional. Logo: um Brasil manequim, em que os nossos bacharéis coimbrões se julgavam com o direito de experimentar as mais extravagantes indumentárias políticas. O Brasil verdadeiro, o Brasil brasileiro, êste estava perdido no passado com os bandeirantes e os heróis do Paraguai, guardado nos livros de Euclides e de Alberto Torres, escondido nos sertões ou preso nas enxovias com os revolucionários autênticos, sepulto em Caxias, José Bonifácio, Feijó, Pedro II.

O Brasil liberal vivia, sim, como dizia o deputado Pedro da Mata Machado, com a cabeça na Europa e os pés no Brasil. Acorçado em nossas praias, olhos voltados para as maravilhas de além-mar.

Brasil mascarado, o Brasil liberal. Brasil — importação. Ridículo, falso Brasil.

-...-

Foi a Revolução que repôs a nossa cabeça em seu devido lugar. Daí o retôrno do Brasil

às suas origens. Daí a volta à nossa civilização. Daí o repúdio ao liberalismo. Daí a procura da nossa alma. Daí, em 1937, como o começo de uma nova etapa da Revolução, o Estado Nacional, solução brasileira para os problemas brasileiros, síntese admirável de nossas realidades, expressão magnífica de nossos anseios mais profundos, retrato soberbo do Brasil brasileiro.

Hoje, não são mais teóricos de outras plagas que nos ditam leis e costumes. As nossas instituições são, agora, "made in Brazil". E' que a Revolução de 30 abraçou o Brasil. O golpe de Outubro foi como que um movimento de introspecção nacional. Voltando-se para dentro de si próprio, o Brasil compreendeu que, para ser Brasil, precisava guiar-se no mundo por si mesmo, em caminhos brasileiros, para fins brasileiros. Por isso, as estradas da nossa cultura não vão mais dar em Londres, em Paris, em Washington. O sentido da nova civilização brasileira é o Tieté E' Goiânia. E' o Oeste.

-...-

A Revolução foi, dessa maneira, um movimento nacionalmente motivado e nacionalmente orientado. Veio, firmando-se em razões brasileiras, dar-nos um modo brasileiro de ser, propor-nos obra brasileira a fazer, traçar-nos rumos brasileiros a seguir, fixar fins brasileiros a atingir. Foi, pois, uma atitude política de auto-determinação. Um gesto brasileiro de legítima defesa. Uma decisão histórica irrecorrível.

Resumindo: — expressão suprema de um impulso irresistível da nacionalidade, a Revolução de 30, por tudo que presenciamos de miserável no antigo regime e por tudo que estamos vendo de edificante no Estado Nacional, situa-se, bem, como a aurora de uma nova era para o Brasil, — a era de Getúlio Vargas, era que há-de ficar, na história pátria, como a nossa idade de ouro.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Novembro de 1943

Núm. 10



PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA BRASILEIRA
(TELA DE HENRIQUE BERNADELLI)

« OESTE »

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo.com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro, Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Sõmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

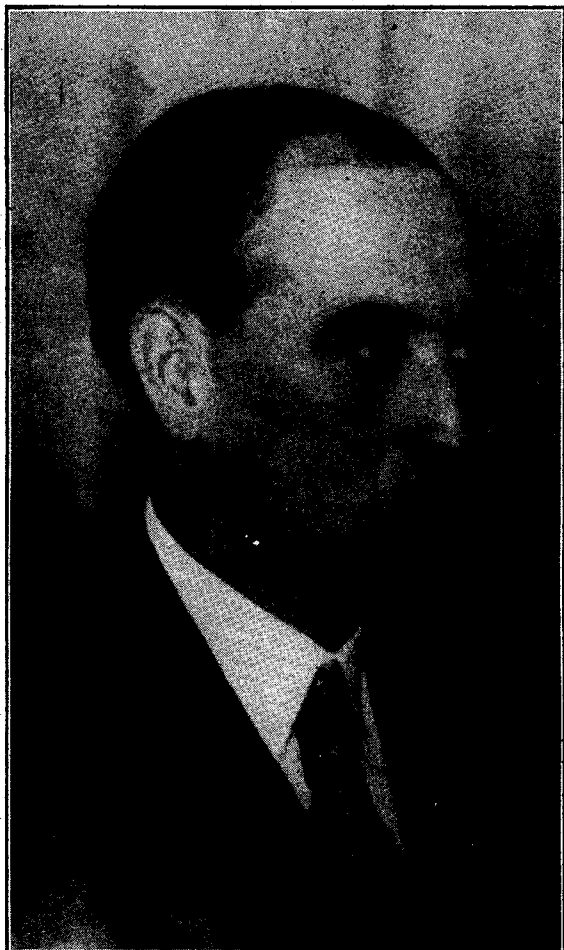
Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Novembro de 1943

NÚM. 10

Goiaz no Estado Nacional



O verdadeiro sentido da civilização brasileira, como bem esclarece o Chefe da Nação, é a marcha para o oeste. Este, também, é o sentido do Estado Nacional, pelo qual o Brasil retornou a si próprio. Sim, estabelecendo, no país, uma ordem jurídica adequada à nossa realidade; preocupando-se, por conseguinte, com os nossos problemas capitais; buscando, por isso, satisfazer as nossas necessidades totais, o regime de 10 de novembro, através de um aparelhamento próprio, estabeleceu e

garantiu as condições de que o Brasil precisava, para se desenvolver espontânea e plenamente. Foi, então, possibilitado aos homens públicos realizar programas administrativos eficientes, eis que o novo regime proporcionou-lhes os meios necessários a uma atividade a cavaleiro das agitações partidárias estéreis. Foi quando se revelou, em toda a sua pujança de estadista de raça, a figura de Pedro Ludovico Teixeira, que, novo Anhangüera, o 3º deles, como o qualificou D. Aquino Correia, construiu uma obra tão grandiosa, que o ilustre General Emilio Sousa Doca disse ser êle um vulto que “já passou à imortalidade”.

Que era, ontem, o Estado de Goiás? Que é, hoje? A verdade é inocultável: — Goiás, de após Revolução, é um Goiás que foi tirado do nada e elevado ao infinito, na escala do progresso. Um milagre político. Um acontecimento inédito. Um fato eloquente, único. Se se pudesse interpretar a história por meio de sinais algebricos, seria até cabível simbolizar a história de Goiás de antes de 30, por um sinal negativo. Sim, o Goiás liberal era um “menos” Goiás; no terreno político, pesava “contra”, na balança dos valores nacionais. Isso pôsto, e encarando-se a realidade esplêndida do Goiás moderno, a conclusão se impõe, espontânea, lógica, irrefutável: — foi a Revolução de 30 a condição política da grandeza atual de nosso Estado. Quer dizer: — o Estado Nacional, de que a Revolução foi apenas o impulso inicial.

Ninguém nega: — sem o Estado Nacional a Revolução não se teria “realizado”. Ninguém duvida: — sem a Revolução, vigente o liberalismo, Pedro Ludovico não teria assomado à chefia do governo goiano. Ninguém discute: sem Pedro Ludovico não existiria Goiânia. E — é incontestável — sem Goiânia o nosso Estado, ainda hoje, estaria de “cócoras”, como o Goiás liberal na expressão cabocla de Benedito Silva. Compreende-se, assim, a razão por que foi Goiás um dos Estados que mais lucraram com o regime de 10 de novembro, em que, por isto, se acha plenamente integrado.

Já afirmamos, e o repetimos sem receio de contradição, que o que representa o Presidente Getúlio Vargas, para o Brasil, representa Pedro Ludovico para Goiás. Tem razão, por isso, a nossa gente, quando reconhece êsse fato, com o que apenas proclama uma verdade já fartamente conhecida: — “que o “Presidente Cidadão” tem, no atual interventor goiano um dos mais leais e valorosos companheiros, aquele justamente que, à frente dos que efetivam a marcha para o oeste, vai realizando o intuito primordial do Estado Nacional.



O 15 DE NOVEMBRO

O mês de novembro, tão fértil em acontecimentos de marcante civismo nos anais da história pátria, viu passar, êste ano, o quinquagésimo quarto aniversário da instituição da República Brasileira, cuja proclamação, em 1889, constituiu a mais expressiva exaltação nativista dos sentimentos liberais-democráticos do nosso povo que, àquela data, banindo a Corôa, chamou para si a responsabilidade de detentor e conservador da soberania nacional.

A gente brasileira propensa, por índole, às idéias republicanas, desde os tempos coloniais já manifestava êsse sentimento através dos movimentos de 1720 e 1789, em Minas-Gerais, e 1817, em Pernambuco. E a chama de seu ideal se manteve acesa mesmo após a Independência, conforme bem atestam os capítulos soberbos da Confederação do Equador, da Revolução do Major Miguel de Frias, da Sabinada, da Guerra dos Farrapos, movimentos êsses dirigidos, todos, no sentido do mesmo grandioso objetivo republicano que, entretanto, só veio manifestar-se, em campanha aberta, depois da Guerra do Paraguai, campanha essa que, liderada por eminentes vultos patricios, credores imortais da gratidão e do respeito nacionais, teve o seu desfêcho vitorioso a 15 de novembro de 1889, com o histórico brado de Deodoro, insuflado pela alma do grande Benjamin Constant.

Estava proclamada a República. O maior feito de nossa história, ideado, trabalhado e executado por brasileiros, sem a dádiva de nenhuma interferência de príncipes estrangeiros. Consumara-se o maior ideal nacionalista, passando o nosso país a ser conduzido pelas representações populares, rumo aos seus destinos democráticos, por cujos princípios se bate até hoje o nosso povo, êste povo nobre e viril que já tem firmada, no conceito internacional, a sua posição de detentor do mais elevado espírito de liberdade, dentro do direito e da justiça, pelo engrandecimento, cada vez maior, da grande e inviolável Pátria Brasileira.

Sobre a Falência do Liberalismo

Raulo Augusto de Figueiredo

Não foi só no Brasil que a liberal-democracia fracassou, mas em todo o mundo. Devem-se buscar motivos de sua falência não só nas condições particulares de vida ou no caráter de cada povo, como, também, na doutrina política mesma.

Os elementos específicos dos vários Estados, naturalmente, influíram na questão, desse ou daquele modo, com maior ou menor intensidade. Todavia, o fato iniludível da ineficácia política da liberal-democracia é universal, verificável em todas as latitudes, e por isto, acima das razões "locais", existem sem dúvida outras, mais gerais, que explicam, em origem, a sua insuficiência.

Onde, tais razões? São de ordens várias: — filosóficas, políticas, morais, sociais, econômicas, étnicas, culturais, geográficas, etc. Dentro da área própria de cada uma dessas ordens, podemos distinguir, com nitidez, os dados fundamentais que invalidam a liberal-democracia como regime político.

Procuraremos, neste pequenino e desprezível ensaio, averiguar, em cada uma de tais ordens, os motivos universais e os motivos nacionais que determinaram, no Brasil, a falência da liberal-democracia. Para tanto, analisaremos a questão por partes.

RAZÕES DE ORDEM

FILOSÓFICA

A influência do homem sobre o meio e do meio sobre o homem é recíproca. É verdade que é o homem a medida do valor das coisas, mas o homem só se "conclui" incluindo-se na sociedade, quando, então, dilata-se o seu campo de atividade. — "O homem — lembra Ferrando de Azevedo — não é apenas um "ser vivo", mas um "ser consciente", ou por outras palavras, não apenas uma individualidade biológica, mas uma individualidade social, que só por abstração podemos separar do meio cósmico, físico e social, em função do qual se constitui e de que se torna, por sua vez, um componente". Intensifica-se, então, a vida do "homo". Complicam-se seus problemas. Já agora se terá de equacionar em termos equivalentes aos do problema do seu destino individual, o problema do seu destino histórico. O indivíduo se amplia, agora, no cidadão, e este se traduz, aumentando, no povo. Mas indivíduo e cidadania são apenas imagens do homem, que permanece uno, que constitui, integrável o eixo em torno e em função do qual giram todas as coisas. É

ai que entra em cena a política, que deve ter, por isso, um caráter fundamentalmente humano. Porque é por ela que os homens plantam instituições, que, obra do homem, são, a sua vez, instrumento de aperfeiçoamento dos homens. Por aí se vê como é extenso e profundo o campo de atuação da política. Por aí se vê que só uma compreensão integral, dinâmica e profunda da sociedade, torna legítima, real e fecunda uma doutrina política. Pois, o liberalismo, proclamando a dissociação filosófica entre os homens e as coisas" (Tristão de Ataíde), desligou o mundo do seu centro terreno de gravação: — "o homem".

Não só os indivíduos querem saber "por que" e "para que" vivem e "como" devem viver, "onde" estão, "o que são", "até onde podem e devem ir". Também os povos, que, só por isso, fizeram guerras, inventaram religiões, criaram leis, seguiram os profetas, os santos e os heróis. É que a procura da razão de ser das coisas é um imperativo da natureza humana.

Assim sendo, a política — ciência do Estado — arte de governar, isto é, de organizar a sociedade, a vida dos homens em comum, não pode afastar-se dessas solicitações supremas do homem. Deve, portanto, enquadrar-se em uma filosofia, pois, só esta pode responder às últimas interrogações, sejam as dos indivíduos, sejam as dos povos.

Nem sempre coincidirão, é certo, as razões individuais de existência, de homem a homem. Mas, as razões básicas de existência de um povo são as mesmas para todos os homens que o compõem. Os homens divergirão em seus processos e em seus fins individuais de vida, mas terão, todos, um mesmo conceito da finalidade do seu Estado, que deverá estar na promoção do bem de todos, na felicidade nacional. Tudo na vida tem um fim, e por isso, se pudessem existir indivíduos ou povos que "vivessem por viver", sem na vida encontrar outros motivos ou finalidades, esses indivíduos e esses povos teriam outra natureza que não a humana.

E aqui alcançamos o elemento metafísico da política, aqui, nessa procura dos primeiros princípios e dos fins sociais últimos, concluindo-se, assim, que o centro da atividade da política é o homem e que todo sistema que se afasta desse centro está fadado a inevitável fracasso.

Pelo exposto, deduz-se que a liberal-democracia, nesse ponto essencial, não está capacitada para cumprir a missão política. Porque ela tem, no mundo, não uma concepção orgânica,

porém, uma concepção mutilada, atomística, mecânica. Fragmenta o mundo em categorias irreduzíveis. Separa forças que, isoladas, não se podem manter. Filha do racionalismo cartesiano, que perdeu "de vista a unidade orgânica do mundo" (Almir de Andrade), a liberal-democracia transportou, para o terreno político, as contradições daquele, e daí, como consequência lógica, ter sido o indivíduo colocado contra o Estado, isto é, contra a condição política de seu desenvolvimento.

Divide a filosofia política liberal, o homem, que é uno e indivizível, em "homem econômico", "homem sábio", "homem cívico", etc.. Decompõe o homem e a sociedade. Daí a sentença de Nietzsche: — "En todos los tiempos la democracia ha sido la forma de decomposición de la fuerza organizada". Perde-se, com a liberal-democracia, a noção do conjunto. Com ela, nota Spengler, "a nação, que na sua qualidade de sociedade, era anti-gamente um tecido orgânico de famílias, ameaça, a partir da cidade, decompor-se numa quantidade de átomos particulares". Está, pois, a liberal-democracia em desacordo profundo com a natureza das coisas. E, fazendo do indivíduo uma abstração, acaba por amesquinhar a individualidade. Ora, a nação é um organismo, de que é célula-mãe o homem. Mal situado este, deformado assim pela política, esta não poderá cumprir o seu papel de organizadora da sociedade e governadora dos homens.

Desprezando essa verdade essencial, o liberalismo tinha que fracassar. O racionalismo foi ter no irracionalismo. Donde ser o "coletivismo" o "individualismo" pelo avesso, pois, ambos esses sistemas são formas de vidas viciadas porque anti-humanas, anti-naturais, visto neles se não situarem os valores em suas devidas posições, nem se considerar a natureza desses valores. Por isso, escreveu Berdiaeff, ampliando o pensamento de Spengler: — "Tendo criado uma espécie de atomização da sociedade, o individualismo conduz ao socialismo, que não é mais do que a face inversa da decomposição em átomos, uma amálgama mecânica de átomos". Ora, uma concepção atomística da sociedade não pode satisfazer, porque não é humana, não é "política", mas tão somente "física", mecânica — sem vida, sem realidade. Só uma política que veja, na sociedade, um todo orgânico, uma "integração" de átomos, uma constelação de valores — entre estes preponderando o homem — é real, efi-

caz, construtiva.

Se o homem vota, terá para a liberal-democracia, cumprido o seu dever de cidadão. Exercido o seu direito político fundamental. Se o homem não tem trabalho, nem saúde, nem educação, nem instrução, não se importa com isso o sistema liberal, que julga ter dado tudo ao homem na simples declaração de direitos, cuja condição de efetivo exercício o Estado não assegura, visto que, para tanto, teria de incursionar a órbita de atividade particular dos homens, o que seria negar-se a si próprio. Assim como, no plano filosófico, o "racionalismo" separa o espírito do corpo, as realidades visíveis das realidades supra-sensíveis, as parcelas do todo, a liberal-democracia, no plano político, separa o homem das realidades ambientes e da sua própria realidade.

Diferenciam-se os homens, "naturalmente", em talento, saúde, capacidade de ação, etc.. A missão da política está em, respeitando essas desigualdades naturais, dar a cada homem a sua função própria, a cada classe de homens uma posição adequada na sociedade, isto é, um "estado" em que possam tais indivíduos desenvolver-se espontânea e plenamente em suas virtualidades específicas. Não, pois, de se distinguir os direitos e os deveres dos homens, não, é lógico, quanto à "natureza", mas em seus "planos de execução". E assim, sendo a liberal-democracia o regime do "deixa fazer, deixa passar", é claro que os indivíduos e as classes mais afortunados se situam, "artificialmente", em posição ilegítima na sociedade, favorecidos, que são, por fatores alheios à natureza e oriundos de situações de desequilíbrio, que o regime possibilita, eis que desconhecendo o homem, do qual se alheia, é incapaz de propor instituições que ao homem beneficiem. Dêse modo, uns poderão, em tal regime, completar o seu ciclo individual, outros não. E por isso mesmo nenhum povo jamais poderá "realizar-se" em tal regime.

Divorciando o indivíduo do Estado, dando-lhes planos de atividade que nunca se encontram — porque paralelos — o regime liberal opera sobre bases falsas.

A política, em última análise, é o governo dos homens pelo Estado, isto é, o desenvolvimento do homem pelo Estado. Deve ter, por conseguinte, um conteúdo humano. O Estado é, em suma, um instrumento de "realização" do homem. Aí o grande sentido da política, de que carecia a política liberal. E eis porque o liberalismo não correspondeu aos sonhos dos revolucionários de 789.

RAZÕES DE ORDEM POLÍTICA

Liberdade e autoridade são os dois termos básicos da política, e tudo está em os conciliar. Esta conciliação, porém, só é possível em um regime que se interiorise numa filosofia integral, que enquadre todos os valores vitais numa tábua orgânica, onde eles,

disciplinados e hierarquizados, sejam ligados a um centro diretor inicial, pelo qual se expliquem e justifiquem e em função do qual atuem. Tal centro, é o "homem", que deve, consequentemente, ser o ponto de partida e a meta final de toda política.

Em um Estado estruturado nessa substância humana, a liberdade consistirá na garantia de condições de vida que possibilitem ao homem, como "indivíduo", desenvolver-se plenamente; e a autoridade estará no poder organizado, capaz de, regulando o jogo das forças individuais, favorecer o desenvolvimento de "todas elas", em "todos os indivíduos", ou seja — no povo. Liberdade será, desse jeito, a "força individual", a "força de cada um"; e a autoridade, o "sistema das forças individuais", a força de todos. Encarando-se assim as coisas, incluindo-se a força menor na força maior, os conceitos de liberdade e autoridade, longe de se repelir, se completam. A autoridade será, então, a própria liberdade organizada.

Os fins do homem — fins substanciais — não estão senão na satisfação completa de suas necessidades e na realização total de suas aspirações. Na consecução da plenitude. E também os fins dos povos. Entretanto, grande povo só é possível com grandes indivíduos. Pois, assim como nenhum indivíduo se "organiza" sem controlar as suas próprias energias, orientando superiormente as suas faculdades, corrigindo as más e desenvolvendo as boas tendências, sem o que não poderá "construir-se", — porque só assim será dono de si mesmo, só assim será soberano e livre — também só um povo que se discipline e se ordene no sentido de um ideal definido e alto poderá edificar-se e cumprir um nobre destino histórico.

Se somos a autoridade de nós próprios, no plano de nossa vida individual, a autoridade de nós todos, no plano de vida pública, é o Chefe da Nação. O chefe é o indivíduo em que se somam, em maior número, as qualidades de comando. Por isso, o chefe é um símbolo; mais — uma necessidade. Regime que não tenha autoridade, em que esta não se corporise num chefe, jamais será suficiente. Se deixa os homens entregues à própria disciplina, concebe anarquicamente (ou melhor, — anarquizadamente...) o conceito de liberdade; se excede os limites da compreensão do poder — cuja órbita não vai além das verdadeiras necessidades da ordem, em benefício do bem-estar geral, — transforma-se em elemento desvirtuador das forças individuais, desvirtuando o conceito de autoridade, que ficará, desse modo, confundida com despotismo. E' preciso atingir o meio termo, alcançar o centro de equilíbrio entre as forças contrárias. Ora, se os fins dos indivíduos, em sociedade, só se podem efetuar com a intervenção do Estado, pois, só este tem força suficiente para estabelecer e garantir a harmonia social, conclue-se que só a autoridade poderá assegurar a li-

berdade, sendo, mesmo, condição dela do mesmo passo que se chega à compreensão de que só as necessidades da liberdade legitimam a autoridade.

O fato, no entanto, é que tais verdades não espelham no firmamento liberal. Começa por não existir, verdadeiramente, "Estado liberal", pois, o liberalismo tem do Estado uma concepção passiva, estática, quando o Estado é caracteristicamente ativo e dinâmico. E não há, no regime liberal, poder autêntico e sim governo, mas governo de partidos, e partidos traduzem idéias, sentimentos e interesses distintos e divergentes. Idéias, sentimentos e interesses de classes, de grupos, de indivíduos — e não "dos homens", não "do povo"; não sentimentos, idéias e interesses nacionais, que só o Estado autêntico pode representar e só o Poder verdadeiro é capaz de garantir. Por isso, a liberal-democracia nunca espelhou a fisionomia da nação, refletindo, apenas, alguns de seus aspectos. Por isso, nela, os antagonismos, os conflitos, e o crescer de problemas nunca solucionados.

Só em um regime onde indivíduo e Estado hajam em harmonia, num clima de mútuo entendimento, é possível se irmanarem liberdade e autoridade. E a política liberal, sem motivos, sem conteúdo e sem finalidades humanas, — distinguindo entre fins individuais e fins do Estado, — operando em planos abstratos, — jogando, assim, com fórmulas vazias, — uma política assim, tão contrária à vida e à realidade, tinha que fracassar.

A autoridade é, pois, a condição primeira de eficiência e de suficiência de qualquer regime político. Mas, qual deve ser a natureza da autoridade? — Deve, sem dúvida, expressar-se na pessoa do chefe: — "Se a política é, por excelência, o domínio da vontade, da decisão e da responsabilidade, a primeira categoria da política, a categoria fundamental, há-de ser a pessoa; — a pessoa que decide, o centro de vontade e de responsabilidade, o chefe, o homem que a confiança pública aceita ou designa como encarnação do Estado. O povo representa o Estado sob forma da pessoa humana. As ficções e os artifícios jurídicos, o espírito das combinações, próprias da índole especulativa, tanto no sentido político quanto no sentido econômico do liberalismo, impediam que o povo identificasse o chefe", diz, magistralmente, o sr. Francisco Campos. Essa identificação do poder com a pessoa do chefe está, também, no pensamento de Berdiaeff: — "O poder nunca pertenceu e jamais pertencerá ao grande número. É coisa que contradiz a natureza mesma do poder". Ainda Spengler depõe assim: — "As grandes questões existem para que cabeças de valor se quebrem nelas", e acrescenta: — "Os grandes indivíduos são os que fazem a história. Aqueles que se apresentam "em massa" somente podem ser um objeto para ela".

O poder é, assim, o chefe, uma pessoa, — o HOMEM. A procura do che-

fe é, mesmo, uma tendência inata nos indivíduos grupalizados. Um imperativo histórico. Identifica-se, assim, o poder com a pessoa do chefe. E, quando não, inhumaniza-se, desnatura-se. Não se compreende, pois, poder anônimo, irresponsável. Não se concebe poder de chefes. Apesar disso, critica Berdiaeff, na liberal-democracia quem governa é “uma íntima minoria de chefes de partidos, de banqueiros, de jornalistas”. Ora, nota Francisco Campos, “as abstrações, as coletividades, os parlamentos, os conselhos, as entidades incorpóreas ou ideais, não são capazes de vontade, de decisão e de responsabilidade”, e eis por que o Estado liberal é “uma presa, uma posse, uma coisa, a cujo propósito e a cuja custa alguns homens combinavam” — (Francisco Campos).

Não possui, vimos, a política liberal, nem motivos, nem conteúdo, nem fins humanos. Consequentemente, o Estado liberal não tem um plano humano de atuação. Considera, sim, o indivíduo; mas, através de um prisma falso, deformando-o, fazendo dêle uma simples categoria jurídica. E obrando em órbita distinta da do Estado. Este deixa de ser uma unidade dinâmica e teleológica, transforma-se em um dado estático nas mãos dos grupos, das classes, dos partidos. Ao invés de dirigir, é o Estado dirigido. Ora, “o Estado não podendo ser encarado senão como um poder único, incontestável e soberano deverá, forçosamente, ser compreendido como uma síntese máxima da unidade nacional, constituida de tôdas as forças cooperantes, e nunca como um agente pessoal de uma das correntes de opinião pública em particular. Assim, o que cumpre é, em vez de convertê-lo em intérprete de grupos, de castas, de classes ou corporações de objetivos exclusivistas, o que cumpre, repitamos, é guindá-lo até a eminência do seu papel de verdadeiro propulsor da grandeza e felicidade comuns” — (Monte Arrais). Pois o Estado liberal, longe de ser o “propulsor da grandeza e felicidade nacionais”, nada mais é do que o propulsor do bem-estar e da felicidade de alguns indivíduos ou grupos, representado no partido dominante, em detrimento do bem-estar e da felicidade dos indivíduos pertencentes aos partidos dominados e dos que não pertencem a nenhum partido. Foge, por conseguinte, à sua missão, donde a crítica de Lourival Fontes: — “O interesse do partido, do grupo, mesmo quando tenha ideologia definida ou represente qualquer força de opinião, fala sempre mais alto do que o interesse público, procura fazer no governo a sua própria política e do Estado um negócio privado”.

Partidos indicam, teoricamente, ideais opostos. Praticamente, porém, e descontando as exceções, sempre traduziram, em nosso país, “apetites” opostos. Daí a colisão dos partidos, a sua luta em torno dos postos de mando, mau grado alguns de seus chefes terem sabido, por vezes, esconder os

seus interesses tribais no “manto róseo” do idealismo, confundindo o povo, que, não raro, lançou-se à luta, iludido e iludindo-se... Tivemos, então, por causa disso, a história das revoluções intermitentes e intermináveis, graças às quais, como notou traqui-humoristicamente José Brasil, o “Brasil deixou de ser um vasto hospital, passando a ser um vasto hospital militar”.

Desintegrando o homem do universo, separando a política da cultura, dissociando Estado e Nação, porque — mal essencial — não considera o homem em sua integralidade; encerrando, em consequência, apenas, alguns aspectos da vida, e assim mesmo “em si”, isolados, destacados do conjunto universal, o liberalismo tem do mundo uma falsa concepção, pois divide o que é indivizível, afasta elementos que se reclamam e que, insulados, não podem exercer normalmente as suas funções, o que só seria possível por uma conjugação racional de forças.

“A política é solidária das outras formas de cultura”, observa Francisco Campos. Inclue a cultura. E cultura é integração, superiorização e encaminhamento de valores para fins humanos definidos. Este trabalho, na esfera das coisas públicas, compete ao Estado. Porque cultura “é vida”, sobretudo, e é a organização da vida dos homens em comum e o favorecimento de condições particulares de vida para cada homem, a função verdadeira e nobre do Estado. Por isso, a política há-de incidir em tôdas as zonas de atividade humana. A política unilateral, parcial, que recolhe apenas alguns elementos da vida, fale. Pois, a liberal democracia viu os homens e as coisas de um ângulo exclusivamente jurídico. Ora, disse-o Lacassale, “não se mantêm os governos. sôpre bases jurídicas, mas sôbre bases sociais”; e Francisco Campos: — “Não se ergue uma nação sôbre alicerces de papel”. Contudo, os nossos “políticos”, na velha república, ignoraram completamente as nossas realidades, — geográficas, econômicas, sociais, étnicas, morais, etc. — e daí, levados por um diletantismo nefasto, o terem insistido no sistema que, como se vê, não poderia ser eficaz. pois, contrariava a nossa liberdade de movimentos.

RAZÕES DE ORDEM MORAL

Produziu a liberal-democracia, no mundo moral, os mais tenebrosos efeitos. Não só no que diz respeito à moral pública, como, também, à particular. Porque o regime liberal degenerou os homens, estimulando-lhes os baixos instintos, e, assim, todo o critério de apreciação de valores resentiu-se dessa decadência do homem: — “O mito da igualdade — registra Alexis Carrel — o amor do símbolo, o desdém pelo fato concreto, são, em grande parte, culpados do decaimento do indivíduo”.

Tendo sido, o Estado liberal, um

Estado de dominação de classe — a burguezia, caracteristicamente agnóstica, sensual, mercantilista, — sucedeu que a sua “filosofia” foi a dominante, e não só entre os burguezes, mas entre homens de tôdas as profissões, excluindo-se, sómente, os grupos “concientemente” revolucionários. Dividiu a sociedade entre ricos e pobres. Quem tinha mais, valia mais. A riqueza produziu o luxo, o egoísmo, a ociosidade, o licenciosismo; a pobreza gerou a debilidade física, a inveja o despeito, o ódio, a prostituição. Os pobres querendo ficar ricos, para valerem qualquer coisa; os ricos temendo ficar pobre, com medo de passarem a não valer nada. Havia uma materialização geral, de cima abaixo da sociedade, e daí as manchas morais do liberalismo, tão negras que levaram João Grave à terrível sentença: — “En la sociedad actual hay que ser ladrón ó robado, opresor ó oprimido” e Paulo Mantegazza a essas palavras de fogo: — “Nuestra sociedad es ya tan añeja, que hiede”.

Aos ricos, era tudo permitido; aos pobres, nada era perdoado. Os ricos “mandando”, o Estado à sua mercê. No “lugar ao sol” não cabiam todos, nem o podiam todos conquistar. Era inútil o esforço dos que não tinham sido bafejados pela fortuna ou pela sorte, e as exceções, que existiram, servem sómente para confirmar a regra. Donde um estado geral de mal estar, o pessimismo do nosso povo, a tristeza de nossa gente, a angústia dos “homens bons”, a revolta dos idealistas...

A política não pode, sem se desvirtuar, fugir do círculo da moral, que a contém: — “A ciência política fornece os meios de ação; a moral nos guia na escolha dos fins” — (Miguel Reale). No mundo liberal, todavia, tal não se verifica. A liberal democracia, antiorgânica, atomística não vê no mundo um “todo”, apreciando-o apenas por partes, que ela isola em categorias independentes, e daí, separada a moral da política, degenerar esta — por falta de um sentido que só a moral pode fornecer, pois, só ela distingue entre o Bem e o Mal — em processo de inferiorização do homem.

O Estado, sendo formado com homens e para os homens, deve orientar-se no sentido do Bem: — “Si toda agrupación tiende al bien, la ciudad o sociedad política, que es la superior entre ellas y las comprende todas, tiende al bien en mayor grado que las demás, y al mejor bien”. — (Aristóteles). Não acontece assim no Estado liberal, e as consequências práticas desse “amoralismo”, que depressa se converteu em “imoralismo”, estão nos quadros dolorosos do nosso mundo liberal, vivos demais em nossa memória para que precisemos descrevê-los.

Cada um de nós tem, sem dúvida, um critério próprio de apreciação de valores. Há, assim, muitos critérios. Mas só há um “Critério”, e por isso, por mais que nos diferenciemos em nossos gostos e atitudes, há sempre

Registro Literário

J. B. Felix de Sousa

ROMAIN ROLLAND — Entre tantas notícias que o rádio e os jornais nos trazem diariamente, enchendo-nos de indignação e desespero, nestes dias trágicos em que o chamado Século das Luzes mergulhou na noite cheia de trevas, angústias e maus preságios, vem-nos a da morte de Romain Rolland num campo de concentração.

Perde o mundo um dos maiores escritores destes últimos tempos e os pacifistas um dos mais ardorosos e inteligentes de todos quantos sonharam e sonham por um mundo de paz e concórdia.

"Jean Christophe" é sua obra máxima e quem a lê compreende as lutas, os anseios e esperanças da elite intelectual da Europa, no período anterior à Grande Guerra, contra a hegemonia da Fôrça. Obra biográfico-psicológica, é a história de um jovem e ardoroso alemão, que crê na bondade, na amizade, na paz e vive eternamente revoltado contra a vergonha e a hipocrisia, procurando na música, na literatura, na política, por tôda parte, em todos os homens, a Verdade. Odiado na Alemanha por seu caráter independente, por combater o militarismo, refugia-se em Paris, onde sofre os efeitos benéficos de uma civilização que alcançou o cimo.

E tôda a história de "Jean Christophe", desde sua infância, em "Alvorecer", as lutas de seu gênio artístico em Paris ("A Feira dos Jo-grais"), seu encontro com o Amor ("O Novo Dia") e a Paixão ("Sarça Ardente") é uma afirmação brilhante do romancista, do ensaísta e

do sociólogo que foi Romain Rolland, uma das glórias da cultura e inteligência latinas. Mereceu o Prêmio Nobel de Literatura em 1916 e foi com êle que ressurgiu a literatura francesa entre nós.

Velho e doente, afirado a um campo de concentração pela brutalidade dos nazistas, Romain Rolland testemunhou trágicamente o fim, a falência de todos os seus sonhos de amor, compreensão e paz, num mundo de ódios e destruições.

Mas a Noite passará e breve o mundo ouvirá, como Christophe no seu sonho:

— Sou o dia que vai despontar!

* * *

OS THIBAULT — A Livraria do Globo, que inestimáveis serviços tem prestado à cultura brasileira, apresenta-nos agora uma versão completa de "Les Thibault", com que Roger Martin du Gard conquistou o Prêmio Nobel de Literatura em 1937, "pela fôrça artística e pela verdade com que retratou os conflitos humanos e os fundamentos da vida contemporânea", como se expressou a Academia sueca. Para Stefan Zweig essa obra é um dos poucos documentos humanos e literários que com tôda certeza sobreviverão a nosso tempo e para André Maurois a obra prima de Roger Martin du Gard "é um dos romances verdadeiramente grandes da literatura mundial".

O laureado não era conhecido bastante senão na França, sua pátria, desde que publicou "Jean Barois", que também só há pouco apareceu em versão portuguesa. O romance foi escrito em épocas diversas. As duas primeiras partes foram escritas em 1920 e 1921 e publicadas em 1922 e só em 1940 apareceu a última parte, o "Epilogo".

O pergaminho que a Academia sueca lhe ofereceu pretende simbolizar o romance por meio de uma árvore que se ergue na paisagem parisiense: a família Thibault que se enraíza e se estende sobre a Cidade Luz. A ação, todavia, passa-se não só na cidade como em tôda Europa e não é o romance de uma família, mas de muitas famílias. Como em "Jean Barois", em "Os Thibault" suas figuras e ações se misturam com fatos e personagens da história, resultando daí, como se expressou Howard C. Rice, não só um esplêndido panorama de idéias, mas a penetrante análise de um momento fático na história do mundo.

Para bem se compreender êsse li-

vro formidável, que deve ser lido, é aconselhável o conhecimento da apreciação crítica de Howard C. Rice feita sobre ela e de que tiramos esta ligeira nota.

x x x

LIVRARIA DO GLOBO — Fundada em 1883, há sessenta anos a Livraria do Globo, de Porto-Alegre, vem trabalhando incessantemente em prol das letras e da cultura brasileiras, quer editando livros de nossos patricios, quer fazendo traduzir escritores estrangeiros, devendo nós aos esforços e boa vontade dos seus dirigentes o conhecimento de tantos nomes e tantas obras que são a glória da literatura universal.

Suas coleções, como a "Nobel", Biblioteca dos Séculos, "Tapete Mágico" e outras têm nos proporcionado a leitura de obras como "Contraponto", "As Aríes", "Guerra e Paz", os Contos de Maupassant e tantas mais.

Sob a orientação de Erico Verissimo, que é seu editor literário e consultor-geral, de Henrique Bertaso e Maurício Roseblatt não podiam deixar de ser esplêndidas, como são, as publicações da grande Livraria, que honra o Rio-Grande e o Brasil, e que desejamos continue prosperando sempre, para o bem de nossas letras e nossa cultura.

x x x

ERMOS E GERAIS e **ANTOLOGIA GOIANA** — Já foram entregues à casa editora os originais de **Ermos e Gerais**, de Bernardo Elis e da **Antologia Goiana**, de Veiga Neto. Brevemente, assim, teremos publicadas as duas primeiras obras que concorreram à Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", instituída pela Prefeitura Municipal de Goiânia pelo decreto nº 600, de 30 de abril deste ano.

São os primeiros frutos — e brilhantes — dessa nobre instituição que por si só recomenda a fecunda administração do Professor Venerando de Freitas Borges.

"Ermos e Gerais" é uma coletânea dos melhores contos do nosso melhor "conteur".

A Antologia Goiana foi organizada por Veiga Neto com carinho e paciência e, sobretudo, com inteligência.

Registrando o brilhante início das publicações da Bolsa não posso deixar de louvar o Prefeito Venerando Borges, que tornou efetiva uma aspiração de todos nós, que sempre desejamos ver possível a publicação das obras de nossos intelectuais.

Getúlio Vargas é um grande estadista que está realizando, na América, a obra notável que já mereceu o julgamento favorável da história. **TOMAZ BERRETA**, (ministro das Obras Públicas do Uruguai).

um ponto neutro onde todos os critérios se tocam, sempre há algo que constitui um "Bem para todos" e algo que "para todos constitui um Mal". E isso, não só no plano individual de vida, mas — e principalmente — também no plano de vida coletiva. Todos os povos distinguem o Bem Nacional do Mal Nacional. O Bem não poderá, certamente, estar no favorecimento dos incapazes, na proteção aos inescrupulosos, na escravização do homem pelo homem, na insolvência dos problemas nacionais, nas doenças irremediáveis, na desmoralização da justiça, na insuficiência e ineficácia das forças armadas, na submissão econômica a países estrangeiros. Pois tudo isso existia durante o regime liberal, que era, portanto, na prática, um sistema político profundamente imoral.

O FUNCIONABILISMO GOIANO NO ESTADO NACIONAL

Odorico Costa

Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Goiás.

O servidor público madrugou nos destinos do Brasil. Ele penetrou em nossa história antes que nela penetrassem os colonizadores, os desbravadores seduzidos pela aventura na terra misteriosa recém-descoberta.

Em 1501, uma expedição correu larga extensão das costas de Vera Cruz. Essa expedição, sob o comando de dom Nuno Manoel, ficou famosa na história por dois grandes motivos: por iniciar a colonização da terra descoberta por Cabral, nela deixando instalada uma feitoria, e por ter rompido as hostilidades com os nativos. Foi com gente dessa expedição que se registrou o primeiro choque sangrento entre duas raças que mal, apenas, se defrontavam.

As feitorias, na organização portuguesa da época, possuíam caráter militar e comercial. Serviam para garantir a posse da terra, para reprimir contrabandos, para especular especiarias com os nativos e serviam, ainda, de postos de abastecimentos às naus da rota das Índias.

A feitoria de 1501, provavelmente instalada em Cabo Frio, foi o primeiro estabelecimento político e administrativo do Brasil e, nela, nessa semente civilizadora, perdida num mundo selvagem e agressivo, de que nem sequer se conheciam os contornos, que não se sabia se era ilha ou continente, estavam os primeiros servidores públicos brasileiros. Eles chegaram à terra primeiro que os colonizadores.

Dois anos depois, em 1503, uma nova esquadra portuguesa explorou largamente o litoral brasileiro. Nela estava o famoso navegador Américo Vespucci e a notícia dessa viagem deu-a ele, em carta de 4 de setembro de 1504, dirigida a dom Manoel. Depois de expor, com abundância de pormenores, todos os incidentes ocorridos na derrota da esquadra, as suas arribadas, os seus sofrimentos, os seus naufrágios, Vespucci relata que, "fora da linha equinocial da parte sul em 18 graus, e além da posição de Lisboa a ocidente", havia sido instalada uma feitoria.

Essa segunda, feitoria foi fundada em bases fortificadas e nela "foram deixados vinte e quatro cristãos, com mantimentos para seis meses, doze bombardas e muitas outras armas".

Desse estabelecimento perdido na distancia plurissecular não se teve mais notícia. A terra hostil enguliu-o inteiro, com os seus vinte e quatro cristãos, com seus mantimentos, com as suas bombardas. Foram esses os primeiros servidores públicos que morreram pelo Brasil.

A organização administrativa da terra recém-descoberta adquire notável incremento com a expedição de Martin Afonso de Sousa. O fundador de São-Vicente veio com poderes amplos "para escorraçar os franceses e fazer descobrimentos de alguns rios que El Rei manda descobrir", e trouxe um regimento, contido em três cartas, datadas de 20 de novembro de 1530, pelas quais podia julgar os homens, podia absolver ou condenar, "podia nomear tabeliães e mais oficiais necessários à justiça e governança do Brasil".

O regimento de Martin Afonso de Sousa transfigurou a terra americana. Esta não era mais a terra bruta, de homens vermelhos, dominados pela razão bruta da força. Era a terra redimida pelo batismo lustral de uma lei. Os homens já se organizavam, já instalavam órgãos com a altíssima finalidade de dar a cada um o que era seu.

Em São-Vicente, na organização de

Martin Afonso, o funcionário público ganhou notável projeção. Não era mais o traficante e não era mais o militar. Era, também, o oficial de justiça.

Depois vieram as donatárias brasileiras. "Os donatários podiam nomear ouvidores, meirinhos, escrivães e quaisquer outros oficiais necessários e costumados no reino".

Nas vilas que, como sementes de civilização iam surgindo na terra brasileira, (e elas surgiam rapidamente, pleiônicas de seiva: em 1548, já existiam 15 povoações no litoral) o direito do voto madrugou também. Desde muito cedo começamos a conviver com o instrumento democrático que faz governos e os desfaz. Os primeiros colonizadores votaram com o maior entusiasmo cívico, escolhendo entre eles, "entre os homens bons", os vereadores ao "Senado da Câmara, os provedores, os juizes ordinários".

Nessa altura de nossa história, surgem os oficiais da Fazenda, os encarregados da exação e da fiscalização das rendas. O fisco chegou à terra brasileira e, nela, pelo tempo a dentro, muito sofrimento iria esparramar.

Na organização quincentista, feita "para povoar a terra e reduzir o gentio à fé católica", as questões da Fazenda estavam a cargo de um provedor, servido por feitores, almoxarifes, contadores e oficiais, "todos nomeados pela Corôa".

Quando a organização administrativa do Brasil perde a forma rudimentar de esboço e mais se projeta, entretanto, é nas cartas régias de 17 de dezembro de 1548, servindo de regimento a Tomé de Sousa, primeiro governador geral da imensa colônia portuguesa do Novo Mundo. Essas cartas, para grande número de historiadores, "são um precioso modelo de bom senso, de notável tino administrativo".

Tomé de Sousa trouxe poderes amplos e completos para organizar a administração da terra e, na parte relativa ao funcionalismo, "podia prover em officios de justiça e de fazenda os degredados que houvessem prestado bons serviços nas armadas ou em terra", e podia, mesmo, "mandar fazer adiantamentos dos vencimentos ou ordenados" aos funcionários que de tal se mostrassem dignos.

O regimento do provedor-mor que acompanhou Tomé de Sousa, o honestíssimo Antônio Cardoso de Barros, é o documento inicial, o esboço da contabilidade pública no Brasil. "Assim ordenareis", diz esse regimento, "se fazer em ramos apartados as rendas e direitos que eu tiver e me pertencerem em cada uma das capitãcias, anexando a cada ramos aquela parte das ditas rendas e direitos que vos parecer que melhor se poderão arrecadar, do que se fará assento no livro dos regimentos dessa provedoria".

Na parte contábil, propriamente dita, o provedor-mor veio autorizado a "ordenar o estabelecimento das casas em que se fizesse o negócio da Fazenda Real por contos, com os livros a esse fim necessários, dos quais um em que se assentarão as rendas e seus títulos; outro de forais, regimentos, provisões, ordenados, tenças, contratos, arrendamentos e matriculas da gente de soldo".

Com Tomé de Sousa, os funcionários públicos que já tinham ingressado nos destinos do Brasil, alugam-lhe cômodos; em caráter definitivo, na história. Os seus nomes começaram a ficar registrados, "para boa memória dos vindouros". Com o primeiro governador geral do Brasil, entre outros, vieram os seguintes ser-

vidores: Francisco Mendes da Costa, escrivão e provedor da fazenda; Antônio dos Reis, escrivão da provedoria da alfandega e defuntos; Pedro Ferreira, tesoureiro das rendas; Miguel Móis, escrivão dos contos; Crisóstovão de Aguiar, "almoxarife dos mantimentos"; Manoel Lourenço, vigário; Diogo de Castro, boticário; Luiz Dias, mestre de obras da fortaleza; Lopo Machado, mestre de obras gerais; Miguel Martins, mestre de fazer cal; Diogo Peres, mestre pedreiro e, assim, muitos outros. Tomé de Sousa trouxe mais de 1.000 pessoas para o Brasil e, dentre estas, 320 vencendo ordenados. Foi a maior leva de funcionários públicos chegada à terra americana. Maior que essa, só a leva que acompanhou dom João VI, cerca de três séculos depois.

Tomé de Sousa trabalhou valiosamente pelo Brasil. O fidalgo português fez uma fartíssima sementeira de benéficos e chegou, mesmo, a se deixar tomar de intenso afeto pela colônia.

Conta-se que, ao meirinho que lhe veio anunciar estar no pôrto a frota que trazia o seu substituto, Tomé de Sousa disse estas cousas expressivas:

—Vêdes isso, meirinho? Verdade é que eu desejava muito e me crescia água na bôca quando cuidava em ir para Portugal; mas, agora se me seca a bôca de tal modo, que quero cuspir e não posso..."

—

Em Goiás, os primeiros funcionários públicos foram os próprios descobridores: Bartolomeu Bueno da Silva e João Leite da Silva Ortiz.

Bartolomeu Bueno da Silva foi o superintendente das minas "com jurisdição amplíssima no civil, e crime, na Fazenda Real e na dos Defuntos e Ausentes; e João Leite da Silva Ortiz foi o Guarda-Mor, até o ano de 1730".

Com a morte de João Leite da Silva Ortiz, em 1730, Bartolomeu Bueno ficou investido das funções de superintendente e guarda-mor das minas e, nesses dois cargos, tratou de dar organização administrativa à terra sertaneja. Segundo tudo parece indicar, os primeiros servidores públicos goianos foram nomeados pelo próprio descobridor. As primeiras nomeações feitas, infelizmente, não tiveram bom êxito. Bartolomeu Bueno não soube escolher os seus auxiliares. "As nomeações recaíram em gente má".

Os tumultos estalados em Meiaponte revelam que, muito cedo, Bueno começou a receber a paga ingrata dos benéficos por ele distribuídos. As complicações administrativas surgiram muito cedo na história de Goiás.

Os primeiros funcionários públicos de Goiás eram do triplice aspecto dos funcionários gerais: militares, sujeitos ao Guarda-Mor; oficiais da Fazenda, subordinados ao Provedor Geral; e oficiais da justiça, sujeitos à autoridade do Ouvidor Geral.

Em 1732, o conde de Sarzedas, capitão-general de São-Paulo, escrevia ao rei relatando que "tinha notícias de que o descobridor das minas de Goiás, em Santana, havia mandado fazer uma excursão por oficiais de justiça e me resolvei a escrever-lhe mandando-lhe que se abstivesse de todo mando, suposta a nulidade com que havia provido os referidos oficiais".

Essa carta do infortunado capitão-general de S.-Paulo, na ausência de outro documento, serve para demonstrar que Bueno tentou organizar a vida administrativa das minas goia-

nas, para elas nomeando os primeiros servidores públicos.

Ainda em 1732, o conde de Sarzedas escreveu ao rei, comunicando haver deliberado modificar a ordem de cousas vigente em Santana. A medida era em desprestígio de Bueno, "mas era necessária". "Para organizar as cousas da Fazenda, que vão em má situação," tinha deliberado por em Santana um superintendente, um guarda-mor e um regente, escolhendo para esses cargos "pessoas despidas de paixões particulares e mais zelosas aos serviços de Vossa Magestade, remetendo-lhes as ordens necessárias e um regimento para se governarem". Esse regimento foi o esboço de um verdadeiro estatuto do funcionalismo público civil de Goiás.

Em 1750, Goiás já tinha posição na família das capitâneas brasileiras. Dom Marcos de Noronha e Brito já se empossara no cargo de capitão-general e já fizera eleger os vereadores do Senado da Câmara de Vila Boa. Em carta de 4 de janeiro desse ano, o primeiro capitão-general goiano relatava ao rei que a sua capitania era deficitária. Arrecadava 56:603\$833 e tinha de pagar despesas no montante de 80:911\$510, dos quais 24:857\$637 aos "filhos da folha" como, então, eram denominados os servidores públicos.

Quando os primeiros orçamentos de Goiás começaram a ser publicados, as despesas com o funcionalismo avultavam. Em 1836, para uma despesa de 31:800\$, Goiás gastava com os seus servidores civis a quantia de 19:438\$, que representa mais de 60% sobre o total das despesas públicas. Em 1847, para uma despesa de 67:844\$, as despesas de Goiás com o funcionalismo ainda eram maiores de 60% sobre os gastos públicos. Eram de 41:820\$.

-:-

No Império, como na República, o funcionalismo público brasileiro foi, sempre, uma vítima indefesa no meio dos arrelamentos partidários, dos choques políticos havidos no país.

Um retrato muito fiel da dolorosa situação do funcionalismo, no tempo do Império, nos dá Viana Moog, em "Heróis da Decadência". "No Brasil Imperial, com o espetáculo indecoroso das derrubadas em massa, causa remota de várias gerações de desilbrados e pusilanimes, a burocracia só era verdadeiramente propícia aos que não medissem mãos para as palmas a tudo quanto fizesse o gabinete momentaneamente no poder. Mas os que caíam no índex do gabinete por terem tido a veledade de usar dos direitos de pensar e de ter opinião, de colaborar pelo exercício da pena e da palavra no combate dos erros públicos, eram logo votados ao destino de beduínos errantes. E não havia de sair da nova situação por outro caminho que não o da capitulação incondicional."

Na República, a situação do funcionalismo mais se agravou, adquiriu tonalidades mais sombrias. Ainda não se apagaram de todo na memória dos homens as revoltantes derrubadas realizadas no funcionalismo federal, estadual e municipal, as demissões em massa por ocasião dos pleitos políticos, derrubadas e demissões destinadas a provar que, no Brasil, o funcionário público servia ao político e não à Nação e que a liberdade era uma concessão, uma simples questão de indulgência de governos...

O Estado Nacional rehabilitou o funcionalismo público. Libertou-o de uma servidão, de uma escravidão ignominiosa. Deu-lhe uma verdadeira carta de alforria.

Não se compreende bem como, no Brasil, país com todos os foros de civilização, tenha a questão do funcionalismo sido relegada a um plano absolutamente secundário, ausente das cogitações dos administradores, dos diretores de nossos destinos, durante tão grande trecho de nossa história.

Como observou Duguit, sem um funcionalismo estável, garantido em seus direitos, protegidos em suas necessidades, em condições de manter um padrão de vida digno e honesto,

não poderá haver nem progresso, nem eficiência nos serviços públicos. Sem essas garantias elementares, o Estado nunca conseguirá obter funcionários probos e competentes.

A idéia da organização de uma lei, basilar, de um estatuto para o funcionalismo público de cada país, nasceu, pela primeira vez, no Congresso Internacional das Ciências Administrativas, reunido em julho de 1910, em Bruxelas. O Brasil, presente a esse importantíssimo conclave, assumiu compromisso formal da organização desse estatuto e só veio a cumprir essa promessa cerca de trinta anos depois.

De 1910 a 1930, em nosso país, foram feitas, nesse sentido, algumas tentativas que, infelizmente, não conseguiram êxito. Em 1931, o Governo Provisório organizou uma comissão para elaborar o ante-projeto desse estatuto, tendo o resultado do trabalho dessa comissão sido encaminhado à Câmara dos Deputados que não chegou a aprová-lo.

Com o advento do Estado Nacional, outras rotas se abriram na frente dos destinos do Brasil. Passamos a compreender, finalmente, que não se pode viver de fantasia, em um regime afastado da própria realidade nacional, que "na atividade dos povos, como na dos homens, nenhum esforço deve ir além da dosagem estritamente necessária para a solução de cada problema e para a remoção de cada obstáculo".

A situação dos servidores públicos foi estudada por um órgão técnico e, a 8 de dezembro de 1938, o Departamento Administrativo do Serviço Público apresentou ao presidente Getúlio Vargas a lei basilar do funcionalismo civil da União. O projeto foi estudado detidamente e, afinal, depois de corrigido e atualizado, foi convertido em lei. É o decreto-lei nº 1.713, de 28 de outubro de 1939.

Esse decreto-lei, por todos os motivos, deve ser encarado como um instrumento de redenção dos servidores públicos, como uma grande conquista por estes realizada pacificamente.

O Estado Nacional não, apenas libertou o servidor público. Dignificou-o também, e fez a sua incorporação ao patrimônio nacional, como um dos mais nobres elementos, mais nobres e mais valiosos, dando-lhes tôdas as oportunidades de aperfeiçoamento, criando-lhe uma situação de verdadeira independência, favorecendo a formação de uma carreira de serviço público, com os atributos de competência e estabilidade, garantia de decência e segurança de amparo em caso de invalidez, de maneira a colocá-lo a salvo das vicissitudes da política, bem como dos cuidados e apreensões com a própria subsistência.

O presidente Getúlio Vargas é o grande amigo do funcionalismo. O seu amigo de tôdas as horas. O seu protetor e o seu libertador.

-:-

Em Goiás, o funcionalismo público tem realizado e está realizando notáveis caminhadas evolutivas.

Libertado de uma legislação anacrônica e imprópria, vinda, ainda, de uma época de violências e de despotismo, "em que o funcionalismo era encarado, exclusivamente, como parte integrante da máquina eleitoral", o funcionário público de Goiás, é, hoje, uma força disciplinada e conciente, é um elemento da mais aristocrática qualidade, formado na comunhão dos grandes valores que denodadamente estão realizando a soberba metamorfose de progresso da encantada terra goiana.

O interventor Pedro Ludovico, desde a sua ascensão ao governo, dedicou e está dedicando aos servidores públicos a sua melhor e mais carinhosa atenção, assistindo-os em tôdas as suas necessidades, proporcionando-lhes aparelhos de proteção, assistência e defesa.

Nesse particular, de certo modo, o Estado de Goiás antecedeu a União na reforma dos serviços públicos. Antes que esta realizasse a grande tarefa de aperfeiçoamento da maquinaria

burocrática, Goiás já realizava esse trabalho.

O primeiro movimento, nesse particular, foi feito em 1936, quando, procurando maior rendimento dos serviços públicos, novas normas burocráticas e seleção do pessoal, o governo goiano entrou em entendimento com o IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho), com sede em S.-Paulo, "para a racionalização dos serviços de sua administração".

Os técnicos do IDORT trabalharam exaustivamente e, em 1937, apresentaram o resultado geral do levantamento da organização existente em vigor.

"Com o advento do Estado Novo e liberto o governo dos entraves que o regime anterior opunha às iniciativas dessa natureza, foi possível dar execução pronta à idéia. A 4 de novembro de 1938, pelo decreto-lei nº 1.247, após estudos minuciosos, foi aprovado o plano geral da reforma. O projeto foi submetido à apreciação do Departamento Administrativo do Serviço Público que, em parecer emitido encareceu o alto alcance da iniciativa e fez oportunas observações a respeito, que foram levadas na devida conta".

Dessa época em diante, as reformas dos serviços públicos de Goiás e as conquistas do funcionalismo goiano se precipitam auspiciosamente.

A máquina burocrática de Goiás modernizou-se rapidamente, libertando-se de uma ambiência com todos os ranços coloniais. As repartições oxigenaram-se. O funcionalismo emancipou-se.

Em 1941, as reformas administrativas de Goiás atingem o seu ponto culminante. Surge o Departamento do Serviço Público, com a finalidade de "estudar pormenorizadamente as repartições, do ponto de vista de economia e eficiência, bem como das modificações a serem introduzidas na organização dos serviços públicos" e foi adotado, ainda, "o princípio geral da formação da carreira para o funcionalismo civil estadual". O decreto-lei número 4.680, de 23 de agosto de 1941, escancarou a máquina administrativa de Goiás às grandes reformas projetadas pelo interventor Pedro Ludovico.

A 11 de setembro de 1941, pelo decreto-lei número 4.752, foi aprovado o regulamento do Departamento do Serviço Público, definindo as suas atribuições e o âmbito de sua competência. A 20 do mesmo mês, pelo decreto-lei número 4.783, foi aprovado o regulamento de promoções dos funcionários públicos civis de Goiás e, ainda no mesmo mês, a 27, foi baixado o decreto-lei número 4.795, dispondo sobre o pessoal extranumerário, traçando normas para a sua admissão e fixando as suas garantias e prerrogativas.

A 28 de outubro de 1941, foi baixado o decreto-lei número 4.920, contendo o estatuto do funcionalismo civil do Estado. Esse decreto-lei realizou a emancipação completa dos servidores públicos goianos. Definiu o funcionário como "pessoa legitimamente investida em cargo público". Traçou os direitos e prerrogativas dos servidores públicos e definiu-lhes os deveres, obrigações e responsabilidades. Dignificou os servidores do Estado.

Os decretos-leis números 5.560 e 5.966, de 14 de abril de 1942 e 28 de julho do mesmo ano, trouxeram novas realizações no sentido do aperfeiçoamento do funcionalismo goiano. O primeiro dispôs expressamente sobre a frequência e assentamento dos servidores do Estado e o segundo dispôs sobre a organização do funcionalismo civil, corrigindo tôdas as lacunas até então observadas na legislação vigente.

Tais são, em linhas mestras, as grandes reformas operadas na maquinaria burocrática de Goiás e tais são as grandes conquistas que o funcionalismo goiano tem realizado auspiciosamente.

No Estado de Goiás, hoje, não existem mais situações incertas. O Governo vive em uma ambiência enso-

Goiaz também é Brasil

Hélio A. Lobo

Os livros didáticos devem merecer sempre os melhores cuidados e os maiores desvêlos do educador.

A sua apresentação, a exposição da matéria, a preocupação do vernáculo, tudo isto deve ser levado em conta, a par de inúmeros outros fatores pedagógicos e psicológicos, que variam em função das condições peculiares à classe de alunos a que a obra se destina.

Os livros didáticos para o curso primário devem, principalmente, subordinar-se a normas especiais, que visem a formação moral da criança, ao lado do desenvolvimento intelectual.

Entre os autores deste gênero, em nosso País, há um que já se colocou, pela excelência de sua produção, em justa posição de vanguarda. É Hildebrando de Lima.

Empreendendo viagens, entrando em contacto com o interior brasileiro, para melhor conhecer nossa gente e nossa terra, Hildebrando de Lima tem procurado realizar trabalho verdadeiramente meritório e digno de aplausos, não só pela segurança de sua orientação didática, como também pelo sentido cívico de suas obras.

Sua última produção, "Nosso Brasil", antologia para os cursos de admissão e quinto grau primário, não foge à regra que se traçou. O autor focaliza todos os Estados do Brasil, dando, de cada um, ligeiro resumo histórico, limites, produções, um mapa ilustrado, um trecho em prosa e uma

poesia de autores nascidos no Estado focalizado.

Na parte de S.-Paulo, por exemplo, há um trabalho em prosa e uma poesia de autores paulistas.

O mesmo acontece com todos os outros Estados menos com... Goiaz! Sim, houve uma exceção clamorosa para Goiaz!

Na parte relativa ao nosso Estado, lá estão o mapa, o resumo histórico, limites, produções e... um trecho de autor baiano e um soneto de poeta carioca...

As letras goianas ficaram numa situação de desprestígio desconcertante... Em todos os outros Estados, Hildebrando de Lima encontrou prosadores e poetas dignos de sua antologia, menos em Goiaz...

Na apresentação de sua obra, diz o autor que ela "é o próprio Brasil, representado pela produção de TODOS os Estados, do litoral ao CENTRO (os versais são nossos), do extremo norte ao extremo sul".

Os goianos, porém, exatamente os filhos do Coração do Brasil, ficaram esquecidos, ou, melhor, foram alijados da antologia de Hildebrando de Lima.

Evidentemente, houve um menospêzo gritante do autor para com a terra de Hugo.

Entretanto, esqueçamo-nos da ausência com que nós "distinguiu" Hildebrando de Lima, pois, queira ou não queira o autor de "Nosso Brasil", Goiaz também é Brasil!

rada, afastado do regime de vacilações, indecisões e incertezas que caracterizam os governos do passado.

O funcionalismo goiano sabe e sabe com certeza que a sua estabilidade não provém mais do vigor de sua solidariedade aos transitórios ocupantes do mando. Ele sabe que a sua estabilidade provém de leis sábiamente redigidas, de profundo sentido humano.

Passando-se em revista as conquistas realizadas pelo funcionalismo goiano, a conclusão que surge é a de que se o servidor goiano melhorou, se conquistou direitos e prerrogativas que sempre lhe foram negados, o Estado também melhorou. A vida burocrática de Goiaz é outra. A maquinaria administrativa modernizou-se e, o que é muito melhor, modernizou-se sem a química do sofrimento, sem tornar a felicidade inacessível aos seus servidores.

Bibliografia

- Almir de Andrade, "Fôrça, Cultura e Liberdade".
Raimundo de Araújo Castro, "O Estatuto dos Funcionários Públicos da União".
Pedro Taques de Almeida Pais Leme, "Informação sobre as minas de São-Paulo".
Pedro Ludovico Teixeira, "Relatório de 1939".
Vitor Viana, "Histórico da formação

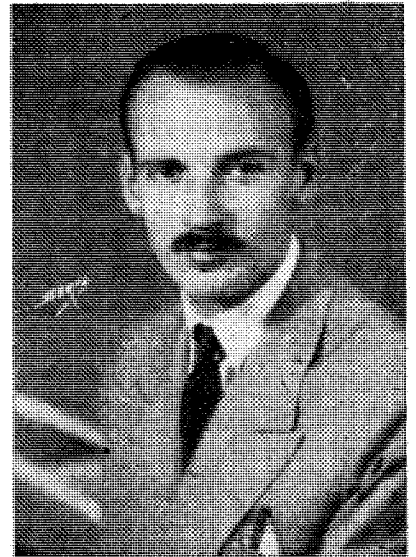
- econômica do Brasil".
Frei Gaspar Camargo de Deus, "História da Capitania de S.Vicente".
A. Tavares de Lira, "Organização Política e Administrativa do Brasil".
Alberto Torres, "A Organização Nacional".
Pandiá Calógeras, "Problemas de Administração".
Rocha Pombo, "História do Brasil".
Varnhagem, "História Geral do Brasil".
Frei Vicente do Salvador, "História do Brasil".
Jordão de Freitas, "A expedição de Martim Afonso de Sousa".
Pedro Azevedo, "A instituição do Governo Geral do Brasil".
"História da Colonização Portuguesa do Brasil".
Viana Moog, "Heróis da Decadência".
"Documentos oficiais do arquivo de Goiaz".

Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender nossa época e remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis. GÉTULIO VARGAS.

Expressão de um dinamismo criador, em avançada ininterrupta, o Estado Nacional tem em si mesmo o poder de uma permanente constituinte, cuja autoridade renovadora pode ser exercida em tôdas as direções, através da vontade criadora e orientadora do mandatário da Nação, o chefe permanente da revolução em marcha, que é o Presidente Getúlio Vargas. AZEVEDO AMARAL.

Bernardo Elis

Faz anos a 15 do mês em curso B. Elis, Técnico do Departamento de Assistência ao Cooperativismo e um dos redatores de OESTE.



O nome de B. Elis, contista dos mais expressivos da presente geração de Goiaz, poeta de fino gosto, já deixou de pertencer exclusivamente ao âmbito regionalista de nosso Estado, para transpor o Paranaíba, na missão louvável de falar das coisas goianas. É ele, sem dúvida, um dos mais populares e apreciados vates goianos, estando sua obra esparsa pelas revistas e jornais da terra e do Triângulo Mineiro. No entanto, brevemente teremos o prazer de ler o seu primeiro livro de contos, que a Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos" vai publicar. O parecer que a comissão respectiva emitiu a respeito de seu trabalho é verdadeiramente um atestado de seu valor, havendo os componentes da mesma afirmado que B. Elis será, indiscutivelmente, o continuador da obra de Hugo de Carvalho Ramos.

No setor da poesia, sabemos que B. Elis possui também uma coletânea de versos à espera de conveniência de publicação.

Levamos ao nosso distinto redator os cumprimentos de todos os que mourejam nesta redação.

Esfinge

Mulher.
 Branca.
 Leve.
 Esguia.
 Olhos dourados, largos e profundos como ós de uma novilha.
 Bôca sangrando de "rouge".
 Não sabe sorrir.
 Não olha as criaturas.
 Busca as almas.
 Não vê as cousas.
 Mira a essência.
 — Esfinge?
 — Mulher.
 Um dia falei-lhe.
 Mãos frias. Voz opressa. Espreitei o mistério.
 Mas a esfinge não soube responder.
 Falava.
 Não tinha idéias.
 Nem sentimentos.
 Nem sensibilidade.
 Nem amor.
 Mas procurava nas cousas a essência.
 Nas criaturas a alma.
 E para tôda gente ficou sendo mulher-esfinge.
 E era mulher como as outras.
 Um pequenino cérebro de mecanismo simples como um realejo.
 A repetir a mesma cantiga.
 A moer a mesma toada.
 Um coração de dar horas como um relógio.
 A corda: a ambição.
 A máscara é que enganava.
 — Esfinge?
 — Não. Mulher como as outras.

MARILDA PALÍNIA

Isolamento

Estar sôzinho na vida.
 Sentir em tôrno como risos de ironia
 O peso do silêncio, a solidão sem termo
 E a presença inseparável da vida.

A vida me apavora
 E eu estou sôzinho em face da vida.

O que fazer diante da face sinistra ?

Eu chamo pelos homens, mas os homens não respondem.
 Se tento chamar por Deus
 A consciência do meu nada me impede e me angustia...
 Já levado por meu imenso desespero
 Eu chamo por mim mesmo...
 E só escuto, como risos cheios de ironia,
 Os écos de meus lamentos e de meu desespero.

Estar sôzinho na vida.
 Ouvindo os gritos da consciência horrorizada,
 Sentir a voz, a própria voz morrer.

Prosseguir tal um louco na grande caminhada.
 Apresentar-me em face desta vida
 Como um espectro angustioso ou uma sombra perdida.
 E sentir sempre como um castigo irreparável
 A tortura incessante de viver.

AFONSO FELIX DE SOUSA

Havia no ar um convite à quietude

Conto de

CASTRO COSTA

Amadeu abriu os olhos, sem se mexer na cama. Não tinha dinheiro algum para o dia. Quantas horas seriam? Umas oito? Era fácil ver o relógio: estender o braço direito e levantar um pouco a cabeça, que a mesinha estava próxima. Mas não queria quebrar a imobilidade de seu corpo. Apenas as pálpebras se moviam. Havia no ar um convite à quietude. Parecia que, a bem das injunções universais dos sistemas planetários, ele devia estar ali, queto como uma estátua, impassível como um cadáver. Sua missão, deitado e mudo, era de verdadeiro sacrifício em prol da humanidade. Em prol da regularidade e da perfeição dos movimentos estelares. Ele era o parafusinho de que dependia, naquele instante solene, o estado de todos os sóis e de todos os vermes do Universo. A sua preguiça era soberana e fantasista.

A mulata da pensão estava no alpendre, entusiasmada com o filho da vizinha:

— Mariço, ocê gota de mim? Gota, hein, safadinho?

O menino, de alguns meses de idade, fazia em tom de alegria:

— Aaá... aaá... aaaaá...

E o diálogo prosseguia invariável, com um disco estragado que repisasse o mesmo trecho da gravação. Havia variantes de vez em quando:

— Dê um rinho pra Dita, dê... pra Dita, pra Dita...

Mas logo voltava:

— Ocê gota de mim, hein, safadinho?

Lembrou a figurinha de Maurício. Claro, olhinhos redondos, sempre de chupeta à boca. Gordinho. Nunca chorava, a não ser que fosse contrariado. Menino forte, normal. Gostava de tomá-lo nos braços também, quando bem humorado.

Amadeu, de costas, continuava imóvel, com exceção das pál-

pebras. Os olhos agora começavam a examinar os objetos do quarto. Aquele dicionário enciclopédico, adquirido a prestações, ainda não estava pago, e já havia vários meses que não mandava um tostão aos vendedores. Se atrasasse mais aquele mês será que lhe tomariam a obra? Protestaria enérgicamente — não assinou reserva de domínio, ora essa. Protestaria, sim. "Reserva de domínio"... Não tinha convicção da eficiência de um protesto, porque desconhecia a lei. A velha estante, com livros em desalinho que lhe foram mandados por editoras e autores estreantes. Aquele par de sapatos lá do canto precisava de meia-sola. A prego, doze cruzeiros. A ponto, vinte. Vinte cruzeiros! Por quarenta compraria um novo. No fim do mês mandaria fazer o conserto, a prego.

— Miau! Miau! Miaaau!

Era o disco estragado que variava.

A' evocação da imagem trêfega de Maurício, o pensamento de Amadeu voa do quarto abafado para o bairro de Gení. Pequena interessante. Jovem, bonita e pobre. Seria tolice escolher moça pobre pra casar? Não, não devia ser. Pode-se casar com u'a moça rica sem dote, é verdade, e viver com a cabeça mais ou menos erguida. Mas a diabinha já vem mal acostuada da casa dos pais, metida a luxinhos, a reclamações — enfim só vive pensando por intermédio de um insustentável paralelo que estabelece entre a casa modesta do marido humilhado e o palacete suntuoso do pai... Garota pobre, sim. Podem-se-lhe comprar uns sapatinhos de cinquenta cruzeiros e ela agradece com um beijo e uma compota de doce de figo, feito por ela própria, na ausência do espôso.

Para que pensar isto? Gení

era bonita e pobre, efetivamente, mas já estava noiva do rapaz sorumbático da Empresa Construtora Jiquitibá Ltda.. Empresa Construtora Jiquitibá Ltda... Um nome bonito! Mas o moço sorumbático não era bonito. Era de sorte. Era noivo de Gení.

Amadeu ia mexer-se na cama, apanhar o relógio, ver as horas. A preguiça todavia continuava a subjugar-lo. Precisava levantar-se, fazer a barba, escrever umas cartas — antes do almoço. Depois ir para o trabalho, aguentar, com mentida aprovação, as besteiras do novo Diretor, que prometera ao Governo consentar a repartição.

— Conto com os senhores, é claro. Pretendo pôr o serviço em dia, reorganizar a Contabilidade, impor mais ordem ao Protocolo...

— Pois não, chefe, pois não. O que depende de mim...

Amadeu não acreditava. Já ouvira aquelas palavras a vários Diretores nos primeiros dias de investidura. Falam, falam e a final vão para o olho da rua.

O alpendre está em silêncio. O disco estragado saíu. Vem um grito estridente da rua:

— Leite!

— A quanto está vendendo? — é uma voz feminina da porta.

— Cinquenta centavos o litro.

— Dê cá dois.

Vai-se ter leite na pensão hoje. Coisa rara (de-certo há algum hóspede doente). Um cruzeiro de leite — dois litros. Precisava cavar o vale com seu Perilo, tesoureiro da repartição. Um vale, um vale de vinte cruzeiros, do contrário não poderia ir ao baile, onde espera encontrar Julieta, que só bebe guaraná.

— Que você prefere tomar?

— Guaraná. Só bebo guaraná.

ná. Não gosto de cerveja, é amargoso.

Lúcia é mais bonita, mas só toma uisque. Não convém a Amadeu, pois.

A idéia de ocupar o tesoureiro, que sempre serve os colegas de cara amarrada, depois de muita insistência, quasi o anima a sair da cama. Precisava agir. Pensou em dar um salto e meter os pés nos chinelos de solados de borracha. Saíria do quarto vestido com o roupão de banho, que nunca vai lavado, por falta de substituto. Não se mostra sujo porque é marron, côr de terra, mas já tem um cheirinho característico.

A' porta do banheiro, a dona da pensão noticiaria, com solicitude:

— Lúcia telefonou perguntando pelo senhor...

— Então — diria êle — o vale será cinquenta.

— O que ?

— E' cá um pensamento — explicaria amargamente, lembrando-se da má vontade de seu Perilo.

E continuou deitado, imóvel. Resolveu ficar rico, ganhando logo um milhão de cruzeiros na loteria. Viu-se, imediatamente, cercado pelo mulherio da cidade, que vivia pelas ruas a esmurrar-se por sua causa, causando escândalo dos diabos. Houve uma que ganhou a corrida: suicidou-se, ingerindo formicida. Isto o estava aborrecendo levemente, devido à publicidade da imprensa... Um estabelecimento de caridade tomou o seu nome, em virtude de um gordo do nativo que lhe fizera. "Abrigo à Velhice Amadeu da Silva". Todos o elogiavam e o bajulavam, menos uns três ou quatro relapsos que diziam que êle era um ignorante, um imbecil de marca. "E' despeito". Resolveu dar um passeio a plagas longínquas, visitar a Europa, a Asia (para isto acabou com a guerra). Imaginou-se um turista, com uma boa máquina fotográfica a-tiracolo. tirando vistas marítimas com gavotas sobrevoando o convés de um grande transatlântico. E por aí foi... Perdoou seu Perilo, lembrou-se, com saudades, do tempo em que precisava tomar emprestados vinte cruzeiros para ir a um

baile. "Bons tempos! Duros, sim, mas bons" (mentira de novo rico).

Interrompendo seus pensamentos, a mulata da pensão está cantando pèssimamente a "Manolita", enquanto bate a carne do almôço. A preguiça de Amadeu, perseguida pela voz esganiçada e imprudente vinda da cozinha (um presidiário em fuga e u'a matilha de cães em seu encalço — como canta mal a mulata!), perde seu império diante da realidade. E Amadeu levanta-se, pensando no tesoureiro da repartição...

Cap. Gabriel Anconi



O 15 do corrente foi um dia particularmente grato a esta revista. E' que se aniversariou, naquela data, o sr. Gabriel Anconi, a cujo zêlo, bom gôsto, honestidade e competência, deve OESTE muito de seu brilhantismo.

Homem leal, probo e inteligente, Gabriel Anconi tem dado o melhor de seus esforços às boas causas, desde a Revolução de 30, quando foi um dos mais dedicados e valentes companheiros de Pedro Ludovico. De então para cá, ingressando na vida pública estadual, tôda a sua vida tem sido um desdobrar constante de energias, em prol do engrandecimento da terra anhanguerina, sendo das mais fecundas a sua atuação na Imprensa Oficial do Estado, que a êle deve, sem favor, grande parte de sua atual eficiência.

Na gerência de OESTE, Gabriel Anconi se tem mostrado uma figura realmente imprescindível, tanto é o esmero com que êle se entrega aos misteres que aí lhe estão afetos.

Na sociedade, impõe-se pela sua

Um colaborador de "Oeste" na apreciação do Acadêmico Vítor Coelho de Almeida

O dr. Vítor Coelho de Almeida, professor do Colégio Estadual de Goiás e membro ilustrado da Academia Goiana de Letras, dirigiu, há pouco, uma carta ao jornalista Odorico Costa, Diretor da Imprensa Oficial do Estado e um dos mais assíduos e apreciados colaboradores de OESTE, fazendo referências sôbre suas publicações históricas, carta essa que temos o prazer de publicar, a seguir:

"Amigo e sr. Odorico Costa. Há muito que, atenta e proveitosamente, venho acompanhando os seus magníficos escritos de cunho histórico, cuidadosamente investigados e documentados relativos a Goiás.

OESTE tem sido enriquecida com êses valiosos estudos, que, aos seus já notórios predicados de culto e correto homem de letras, vêm acrescentar a rara qualidade de luminoso crítico, que esclarece de vez muito dos pontos mais obscuros da história de Goiás.

Isso resultá, certamente, de esmeroso estudo; no que se tornam ainda mais apreciáveis e valiosas as suas locuções.

Permita, pois, que um dos seus mais ardorosos admiradores, se bem que mínimo, se apresente a felicitá-lo, confiante em que o reconhecimento do valor de suas vigílias o anime a prosseguir.

Afetuosamente,

(a) Vítor Coelho de Almeida".

Antes do regime criado sob a ins-piração da lei orgânica de Novembro de 1937, as possibilidades de aperfeiçoamento técnico e de conhecimento das realidades do meio social não eram muito amplas e tudo se resumia no esforço isolado de cada um. Estamos, agora, de posse de uma série de soluções indispensáveis ao domínio dos imensos trabalhos sociais que nos foram atribuídos nesta parte do continente americano e que vão sendo realizados, no tempo e no espaço, com singular e inconfundível espírito de solidariedade humana. BEZERRA DE FREITAS.

conduta exemplar.

Por tudo isso, e por muito mais ainda, Gabriel Anconi criou um vasto círculo de amigos e admiradores, entre os quais se incluem todos os componentes de OESTE, que aqui lhe trazem, com o clássico abraço de parabéns, votos de vida longa e feliz.

TERRA NATAL

Vitor de Carvalho Ramos

VILA-BOA

Na evocação da minha infância, a cidade de meu berço, pequenina e humilde, me parece sempre ao espírito numa auréola de luz, num halo de luar. Nas horas de saudade, vejo-a distintamente, no seu trono de montanhas, derramando-se pela encosta das colinas, as casas brancas e acachapadas agarrando-se umas às outras, acompanhando a tortuosidade das ruas ou galgando, graciosas, as ladeiras dos bairros distantes... Aqui e ali, dominando o casario, a agulhada de uma torre, a copa de uma palmeira, a ramagem de uma árvore centenária. À tarde, os sinos da igreja do Rosário alertam os devotos. É a hora da reza, do têrço diário para consôlo dos que creem, para alívio dos que sofrem.

Por detrás do D. Francisco vêm descendo as sombras da noite. Andorinhas retardatárias, em vôos rápidos, mergulham no espaço em busca de seus ninhos. Ao longe, o poente é uma fornalha em chamas. Recorta-se no horizonte, mui distante, o perfil azul-escuro da Serra Dourada, com seus picos abrutos, testemunha silenciosa do drama das conquistas. Depois, o véu da noite envolve a paisagem. Começam acender-se os lampeões e o céu se abaixa sobre a cidade, coroando-a de estrelas.

Se há luar, a gente tem a impressão de que vive num mundo de sonhos, de gnomos e fantasmas... Todo o passado da terra desperta às carícias do luar. Bartolomeu Bueno passa levando a "bandeira"... Pelas margens do rio Vermelho cuida-se ouvir a voz dos auricídias, mergulhando as mãos ávidas nos veieiros e guapiaras. Derredor, os montes parecem mover-se dentro da noite numa sarabanda de sombras gigantes, enquanto a música dolente de uma serenata quebra o silêncio do bairro longínquo...

Sente-se um apêrto no coração. Saudades... Mas saudades de que? De tudo o que há-de bom na vida. Mesmo das horas de sofrimento.

**Pequenina cidade de meu berço,
humilde, entre montanhas, escondida,
tu vives na saudade de meu verso
como a imagem de outrora, mais querida.**

**E's um dos raros cantos do universo
onde pude viver, sonhar na vida...
E's bela ao vir da tarde, à hora do têrço,
e à noite, ao claro luar, adormecida.**

**Viverás no fervor de minha prece,
minha Terra Natal, de casas de óca,
de povo hospitaleiro, sempre amigo;**

**e na minha memória, que te evoca
e na minha alma, que jamais te esquece,
e no meu coração, que está contigo!**

RUA TREZE DE MAIO

Para Anatole France o mundo parisiense, que êle conheceu em criança, limitava-se ao cais Malaquias, que bordeja o Sena. Para mim, na minha adolescência, todo o universo se concentrava na rua Treze de Maio, no meu bairro de Santana. Aí nasci e passei os anos mais encantadores de minha infância. A casa de meus avós, velha de quasi um século, só me falava de lendas e tradições, de quando os primitivos moradores iam esconder os surrões de ouro em pó, nas paredes largas do porão ou os escravos se atiravam das janelas do sobrado. Na minha imaginação fértil de criança, os corredores

enchiam-se de espectros e duendes. Alí tive a ventura dos carinhos da Mãe-Chi, a santa velhinha que trazia, sempre, nos lábios, um sorriso de bondade e de perdão para os netos. Ainda agora eu a vejo vir para mim, no seu vestido de chita, estendendo a mão trêmula para o ósculo de sua bênção matutina.

Hugo passeia, triste e meditativo, de um a outro canto da sala, na elocubração de seus contos magistrais. Tem nos olhos a inquietação do mundo e da vida, que o levaria precocemente ao túmulo.

No quintal, lá em baixo, as fôlhas lanceoladas dos coqueiros farfalham brandamente ao sôpro leve do vento, enquanto Maria do Padre Pio sobe as escadas do pátio com o pote de água da cisterna.

Tudo tão simples. tão patriarcal, mas, apesar-de tudo, como a vida era tranquila e boa, como o mundo me parecia um conto de fadas e as estrelas baixavam tanto sobre as montanhas que eu supunha poder agarrá-las com a mão, do alto do D. Francisco...

**Rua Treze de Maio. Trecho amado
de minha infância. A gente sofre quando,
entre tantas lembranças do passado,
recorda os dias que viveu, sonhando.**

**Lindo nome o da rua. Fica ao lado
o D. Francisco; ao longe, aves em bando;
ao fundo o cais, que vai para o mercado
por onde muita vez passei, brincando.**

**A casa em que nasci, de largas portas,
alí se alinha, no seu canto dorme
o sono secular de idades mortas...**

**E eu creio ver daqui, entre as ramadas
das árvores do pátio, a sombra enorme
de Hugo, escrevendo "Tropas e boiadas".**

RIO VERMELHO

Tu foste, ó rio Vermelho, o Tejo que me embalou os primeiros sonhos!

Quantas vezes, na estação chuvosa, eu te ví descer aos borbotões, urrando estrepitosamente, em redemoinhos furiosos, comprimido entre os paredões de pedra de teu leito! Eu ficava, então, horas a fio, a olhar-te, assombrado com a fôrça e a fúria de tua correnteza. Arrastavas de roldão, à flor de tuas águas barrentas, árvores e destroços que se afoitavam a impedir-te a marcha do destino.

Em épocas de antanho, Vila-Boa acordou à beira de uma catástrofe. Numa cheia pavorosa, quebraram-se-te os diques e o volume de tuas águas se precipitou pela cidade a dentro, invadindo lares e arrancando de seus alicerces a igreja da Lapa, a primeira que assistiu à raça de heróis e gigantes plantar à tua margem o primeiro marco de uma nova civilização.

Hoje, que mais resta de teu antigo esplendor? De teus veieiros auríferos. Das pepitas com que ornavas o seio bronzeado dos goiazes? Um filete, uma gota de lágrimas correndo através de paisagens mortas... E em noites estreladas, quando o luar se derrama pelas tuas ribanceiras, tu passas desfiando o rosário de tuas recordações e, como um filho amoroso, vais banhar a sepultura de Bartolomeu Bueno, perdida na solidão de teu vale...

Rio Vermelho, desces de Ouro-Fino
caminho do Araguaia, em campo aberto;
sendo tão breve o teu percurso, certo
êle não corresponde ao teu destino.

Por séculos rolaste no deserto
comprimido em teu leito pequenino,
ora calmo, ora irado, ao desatino,
até que foste um dia descoberto.

Desde, então, nunca mais se ouviu à beira
de teu curso invadido a voz troante
dos golazes, em tórno da fogueira.

Mas vingaste! Na dôr que te consome
se o olho sobrou à gente bandeirante,
ela, no entanto, sucumbiu de fome!

"Sá" URSULA

Na minha rua Treze de Maio deve existir ainda
uma casinha onde morou "sá" Ursula. Lembrou-me tanto
dessa velha goiana anônima! Alta e magra, distraía-
se com as bafuradas de seu cachimbo. Um pequeno
bócio deformava-lhe o pescoço. Vivia solitária no mun-
do de seus pequenos nadas. Há pessoas cujo destino na
terra é aguardar a hora de sua morte. Realizam, às ve-
zes, sem que o saibam, obras humanitárias, feitos de que
depende o curso da história. Mas, nem elas, próprias se
apercebem disso, nem os que, no turbilhão da vida, lhes
cruzam o caminho. São os santos e heróis anônimos.
Ninguém lhes conhece a genealogia, nem sabe quando
e onde, depois de mortas, se lhes gravou o epitáfio.

Em horas aziagas, quantas vezes recebemos de al-
guém, cujo nome até ignoramos, palavras de conselho
e conforto, que vão influir em nossos atos por toda a vi-
da. A lembrança de seus traços fica-nos no pensamento,
o seu sorriso de bondade grava-se no fundo de nossos
corações e quando nos recordamos dessa pessoa é para
bendizer-lhe a memória e rogar a Deus pela sua alma.

"Sá" Ursula é uma dessas criaturas que ficaram na
minha imaginação. Quando menino, muita vez batí a
sua porta para comprar guloseimas.

"Sá" Ursula, doceira em Vila-Boa,
vivía no meu bairro, sossegada,
com seu cachimbo. Nunca vi pessoa
que fosse neste mundo mais prendada.

Sua única ambição era ser boa,
ou, aos domingos, pela madrugada,
vender bolos-de-arroz, biscoito e brôa,
que sabia fazer com mãos de fada.

Há vinte e tantos anos que meu pé
não transpõe os degraus de sua porta
para comprar bem-réis de carajé...

Há tantos anos... Estou velho. Enfim,
onde estás a estas horas, viva ou morta?
Se já morresté, roga a Deus por mim!

OS SETE SÁBIOS DA GRÉCIA

O Liceu Goiano foi sempre um centro de cultura
humanista. Estudava-se ali. Havia estímulo. As bancas
examinadoras eram rigorosas nos exames. Só se apro-
vava quem, de fato, sabia. Nem "pistolões" nem afilhã-
dismo. Porisso, inúmeros foram os compatriotas que se
destacaram na política, no jornalismo, nas letras e que
lá fizeram seu curso de humanidades: Leopoldo de Bú-
lhões, Guimarães Natal, Xavier de Almeida, Joaquim
Bonifácio, Hugo Ramos e tantos outros que honram hoje
a intelectualidade de nossa terra.

No meu tempo, o Liceu gozava de justa fama. Trans-
ferira-se da rua dr. Corumbá para o largo do Chafariz,
com sua fonte bissecular e o curioso edifício da Cadeia
Pública, monumento de arte colonial, cujo sino, depen-
durado de uma torreola, no cocuruto do prédio, só alar-

mava Vila-Boa, badalando furiosamente, por ocasião do
juri, quando havia incêndio ou moça fugida...

Pela porta do Liceu passavam as meninas que iam
para o colégio das Irmãs Dominicanas. Muitas delas não
ousavam enfrentar os namorados e davam a volta pelo
passeio oposto

Tipos de rua, que se aventuravam a transitar por
ali, nos minutos de recreio, eram vítimas da maldade
dos estudantes, que, de longe ou à queima-roupa, os
enfureciam, chamando-os pela alcunha.

Tudo isso desapareceu, mas vive na lembrança e na
saúde de meus versos.

Éramos sete. Vale a conta. Sete
candidatos ao grau de bacharel.

— Essa turma, dizia um professor, promete.

Mas ninguém pria
nas palavras que o mestre nos dizia.

Nós éramos os sete sábios do Liceu:
Lupicino, Brasil, Natanael,
Albatênio, Raul, Renato e eu.

O Liceu funcionava num pardieiro géringoneza,
estilo colonial do "tempo do onça",
de largas portas e janelas de vidraça.
Era feio por fora e sombrio por dentro.
Quilava bobamente para a Praça
do Chafariz. Havia um chafariz no centro
do largo, com uma cauda enorme. Parecia
monstruoso escorpião espichado na praça.
A' noite, a garotada ia e vinha às carreiras
pelo rabo do monstro, a fazer tropelia.
O Intendente estrilou. Pôs avisos. E ao cabo
de inúteis editais, mandou corta-lhe o rabo.
Ficaram-lhe a cabeça e os olhos das torneiras.

Defronte do Liceu uma árvore esquelética,
pelada e triste, abrindo o guarda-sol dos galhos,
abrigava os fujões das aulas de aritmética...
A's vezes por ali, arrastando os frangalhos
da roupa, Mané-boí passava surrateiro.
E do grupo uma voz ferina sussurrava:

— Boí curraleiro,
Mané bobó!...

E êle, fechando os punhos, retrucava:
— E' tua avó!

E ao palavrório porco juntava as pedradas.
A gente dava, então, gostosas gargalhadas.

Outros tipos de rua eram vítimas da
turma! — "Sá" Clara, Bola no-ar, "Jacinté-pas".

Dentre todos os mais popular e gozado
era Chibiu, um pé-rapado
que desafiava Deus e meio mundo:

— Chibiu,
sua gata fugiu,
seu pé bolou,
você não viu!...

Ele mostrava no ar a faca afiada e amiga:

— Cala essa boca, vagabundo,
senão te furo a barriga!

A turma ria,
ria de gozo quando, no outro dia,
êle passava de algodão no ouvido...

O sino do Liceu batia a badalada...
Era hora da lição. Entrávamos um a um.
Vinha Artur, o bedel, e fazia a chamada:

— Raul?
— Pronto!
— Brasil?
— "Présent"!

— Lupicino?

— "Ego sum"!

(A classe se compunha só de políglotas).
Entrava o mestre. Ouvia o aluno. Dava as notas.
Nós éramos os sete sábios do Liceu
A saudade ficou daquele tempo que morreu.
E da turma que tanto prometia.
resta só realizar a profecia

OS SINOS

Mas, agora, o rapazola esperançoso de ontem se transformou no homem resignado de hoje. No percurso da adolescência às portas da velhice, sentiu que a vida não foi boa nem má. Foi o que deveria ter sido e não o que desejaria que ela fosse. Compreendeu, já muito tarde, que os repiques festivos de sinos da meninice se misturaram e se confundem com os dobres a finados da derradeira etapa. A alvorada de sonhos mergulhou no crepúsculo de sombras. O sol primaveril da floração se transmutou no luar triste das últimas fôlhas do outono. Mas o espírito não envelheceu, nem envelhecerá. A alma imortal sobreviverá ao aniquilamento da matéria. Partem-se as cordas do violino, mas a

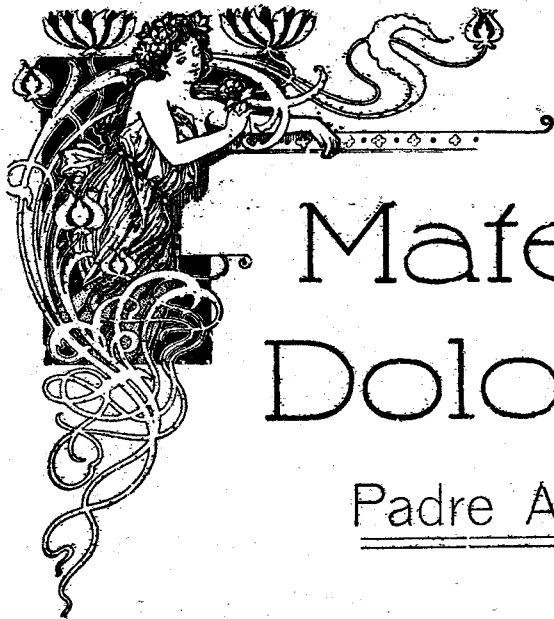
harmonia que elas espalharam pelo espaço ficará vibrando na luz dos astros, no zumbido das abelhas, no marulho do oceano, eternamente, eternamente . . .

Badaladas de sino, badaladas . . .
Gritos de dor das velhas catedrais,
quantas recordações e já passadas
máguas, vibrando, assim, me despertais!

Vozes altas de sino, articuladas
pela fundida boca dos metais,
clamando pelas almas transmigradas
em explosivas lágrimas finais!

Sineiro, a tua música é um lamento!
Como piedosa e boa é a tua mão
interpretando o nosso sentimento!

Sino divino, os teus gemidos são
— não badaladas de aniquilamento,
mas badaladas de ressurreição!



Mater Dolorosa

Padre Antônio Wasik

Os países, as metrópoles e as cidades cultas ufanam-se de numerosos monumentos erigidos a seus grandes homens. Esse culto votado aos heróis e magnos vultos é legítimo, contudo é incompleto.

A história povoando o mundo de monumentos, esqueceu-se daquelas que puzeram o primeiro alicerce dessa grandeza.

A história não contempla as mães desses personagens tão eminentes, no entanto, precisamente foram elas que os geraram, aleitaram e educaram.

Numa palavra, foram elas que plasmatam a sua grandeza. O que seria dos fracos por exemplo, se não tivessem o coração de uma Cornélia?

Uma exceção no caso, forma o Evangelho. Fala-nos do Grande Filho. Fala-nos igualmente da sua grande Mãe. Não estranhemos a presença dessa adorável Senhora ao lado do Divino Infante em Belém ou em Nazaré.

Porém, sua impressão e nomeve muito a sua presença ao longo do Via Crucis, no alto do Calvário ou

junto ao sepulcro de seu Divino Filho.

Aqui, a sua figura respira tanta dor, que espontaneamente aplicamos à Mãe Dolorosa as palavras de Jeremias: "O' vós omnes: qui transitis per viam". . . O' vós todos que passais pelos caminhos, paraí e considerai se há uma dor como a minha".

O que o Evangelho relata com parcimônia, a arte cristã, inspirada na riqueza e profundidades destes sentimentos, desenvolveu e ampliou largamente. Um gigante, um titã da arte medieval, Miguel Ângelo, criou uma obra monumental, da qual, através dos séculos, porta abundantemente "a magestade da dor" . . . Temos diante de nós, na expressão viva do mármore branco, uma escultura primorosa chamada "a piedade", admirável execução de duas figuras: A Mãe Dolorosa com o Filho morto em seus braços.

É preciso assinalar que a época do renascimento foi a encarnação eloquente da alegria, do gozo, da felicidade e do sorriso e este titã da arte cristã criou um "abismo da dor" . . . Talvez, porque sofreu muito, como sofrem as almas elei-

tas . . . Talvez, porque quis apresentar ao mundo que endoidecia uma "magna realidade"? . . .

Passaram-se os séculos e estas duas figuras nos falam sempre com a mesma eloquência: O Cristo, duro, frio e desfigurado, estendido sobre o regaço materno parece nos repetir os impropérios da Sexta-Feira Santa: Popule meus quid feci tibi!.. "O' povo meu, o que te fiz porque assim comigo procedestes?" . . . E Maria, muda de dor, parece-nos murmurar: "O' vós omnes . . . "O' vós todos, que passais, paraí e considerai se existe uma dor igual à minha"? . . . O mundo atual, não só é uma grande quaresma mas, parece ser uma larga Sexta-Feira Santa . . . Quantas nações não se parecem com a Mater Dolorosa! . . . Mas, principalmente, a católica Polônia, que através dos séculos tanto fez pela cultura e pela civilização da Europa, agora não se parece com a "Pietà", de Miguel Ângelo? E ela parece clamar bem alto as palavras de Jeremias: O' vós omnes . . . "Quizera eu ressuscitar o gênio de Jeremias ou de Miguel Ângelo, para retratar a dor da Polônia: Cidades fumegantes, os lares destruídos, centenas de milhares de famílias arrastadas aos campos nazistas ou à gélida Sibéria, as moças desonradas, as crianças inocentes perseguidas — uma nação sem igrejas, sem sacerdotes, sem crendas — que calamidade — que desolação! . . . E os filhos da nobre pátria, souberam morrer, quer no campo da batalha, quer na arena das perseguições nazistas e parecem repetir os impropérios de Jesus: "Popule meus" . . . O' Europa, o mundo, o que fizemos nós para sofrerem tanto? . . .

O que vemos no realismo da atual política brasileira, que os seus adversários chamam de oportunismo, é uma fórmula perfeita de equilíbrio entre elementos que dificilmente se harmonizam e conciliam. JAIMÉ DE BARROS.

O JURAMENTO

CONTO DE Euclides Felix de Sousa

Naquela manhã de junho, pesada de neblina e fria de doer os ossos, a velha, mal se levantara, ouvira vagidos abafados vindos do lado de fora do rancho. Jogara um trapo nas costas encarquilhadas e, ao abrir a porta, deparara-se com o moleque envolto nuns paninhos velhos, feito um pacote. Apenas resmungara:

— Raça da peste! Fazem as suas poucas-vergonhas e a negra velha que se aguenta!

Mas, desde essa manhã cuidara do menino, como já se tomara de cuidados pelo “Veludo”, o das orelhas felpudas, aquele outro engeitadinho da sorte.

Durante cinco anos o moleque vadiou a danar. A velha Sinhana tratou dele como pôde: na maridocia e no ensopado de mamão. Mesmo assim, Neca Simão era forte e bonito, mais bonito e mais forte que Camboge, o primogênito do povo da “Raizama”.

Completava êle os seus seis anos, quando a madrinha se fôra. Lembra-se mais ou menos dos fatos: uns homens sizudos vieram vê-la, estirada no girau, com o peito arfante. Um dêles, falando baixo, tomara-lhe o pulso, puzera-lhe a mão na testa pergaminhada, abriu-lhe com o polegar e o indicador os olhos encovados e murmurara displi-centemente:

— “Esta está despachada para hoje. Podem cuidar do caixão e do menino”.

No dia seguinte a negra Nhãnhã alizara-lhe a cabeça despenteada e lhe dissera, mirando-o meigamente nos olhos esverdeados e profundos:

— “A madrinha foi pro céu, meu bem. Venha comigo pra “Lagoa Grande”.

O que fôra a sua vida na “Lagoa”, nessa quadra venturosa dos seis aos dezoito anos, que narrem as pacas e os coelhos perseguidos em suas correrias caçadoras, com o “Veludo” escaramuçando a passarada e Camboge perdendo para êle na pontaria; que contem as margens pedregosas do “Lageado”, onde passavam horas apostando derrubar “Frutas de lobo”, atirando certo nos caules delgados, baloiçando ao sabor da brisa ribeirinha. Camboge voltava sempre amuado dêsses jogos porque era ruim de mira e Neca, Santo Deus!, cortava tôdas as frutas, na primeira!

Aos dezoito anos era um rapagão desempenado, pau pra tôda a obra. Daí porque o patrão, “Só” João Leite, lhe demonstrava um apêgo diferente, assim como bem querer de pai para filho. Neca não tinha nada de seu, nem mesmo a palha de cigarro; mas a saúde lhe era mais rija que o aço da enxada “Jacaré”. Ninguém o vencia

no madrugada, nem mesmo o patrão: quando “Só” João Leite se levantava — e como o fazia cedo, puxa! — já há muito Neca Simão pitava, à beira da fornalha, olhando de través a vacada mestiça, “um despropósito de cobre!”

Completava a maioridade, quando chamou-o, o patrão:

— Neca, entra pra cá... Senta aí! então, moleque, me fazes homem, eim? Está bom... Sabes que eu gosto dos teus modos? E's homem, não resta dúvida... Mas, Deus que me perdoe, aqui ninguém trabalha de graça. Criei-te como filho porque era minha obrigação. Como filho meu... Tu és macho, gosto mesmo dos teus modos! Sempre bem mandado, sempre trabalhador! Bom no “ponto”, eim! seu senvergonha? Já sei... andas com a minha “Winchester” de conto e quinhentos fazendo despique ao bobo do Camboge... Hi! Hi! Hi! Gente da “Raizama” não presta mesmo!... Olha lá: vou te pagar, dagora pra frente, sessenta por mês — Que tal?

— Não carece, patrão! O senhor faz as vezes de meu pai, e pai não paga filho...

— Não sou teu pai, não! Meus macaquinhos estão lá pra dentro: o Chico, a Clemência, o Elisiário, Murilo, Paulista, Moreninho. Mas, és daqui do meu peito. Vais ganhar sessenta, já disse!

Apertou com a mão o estômago, exclamando:

— Ui! a porqueira da dôr!

E cuspinhando o sarro do “palheiro”:

— Eu até queria te confessar uma coisa: estou ficando velho, sei que duro pouco. Ando “perrengue”... aquela dôr, sabes? me pega agora nas cadeiras e responde no estômago. Perdi a Carolina, tive que criar a meninada só com a ajuda da Nhãnhã. Esta mesmo, coitada da negra, anda mais judiada que eu. Si eu morrer Neca... si eu morrer, juras zelar da filharada? Juras mesmo? Pela Senhora da Abadia? Meninada bobinha ainda, tú vês... O Chico, um perdido, não pode ver dinheiro nem folia! A Clemência, tão tontinha, tão vaidosa, me preocupa! O resto, um bando de sanhaço... Juras, moleque?

Neca sentiu, emocionado, uma bola na garganta. Com os olhos úmidos, afirmou:

— Está certo, patrão, enquanto eu tiver fôrças!

De como “Só” João Leite se fôra para melhor, naquela noite prateada, nem era bom recordar! Como foi o desastre, soubera-o pela boca dos presentes, que êle não pudera ir assistir a inauguração do “pari”. Ficara na propriedade ajudando Nhãnhã cardar

um mundo de algodão. Não culpava a ninguém, mas, bem que avisara o patrão de que os esteios não aguentariam a correnteza! Tôdo o mundo já sabia do chuvão medonho que vinha caindo há duas semanas nas cabeceiras do “Lageado”. Chamara mesmo a atenção do empreiteiro, dias antes do acidente, para a fôrça das águas abalandó os caibros da “esteira”. O caudal levôa a obra de roldão, cheinha de gente! Acharam o corpo do patrão, muito abaixo que vinha na garrancheira do “afunilado”, ossos, fraturados, barriga inchada, o rosto picado de peixe...

Quando recebeu a notícia, Neca sentiu uma zonzeira esquisita, como se houvesse levado uma bordoadada. Pensou na meninada: “Chico”, um perdido, Elisiário, Paulista, Murilo, Moreninho... e Clemência (tão tontinha, tão desinquieta!). Dois anos menorzinha que êle. Seria bonita mesmo? Bem, logô lhe arranjaria um marido às direitas. Olhos grandes e negros; sempre lavados, aquele jeito seu de sorrir mordiscando o lábio inferior... Clemência, tão bela! Sim, arranjaria na certa um bom marido para ela. E quem poderia sê-lo? De quem havia de gostar aquela tonta?

Foi durante o velório do corpo do patrão que êle atacou o assunto com Nhãnhã, ao notar a menina tôda atenta às gabolices que Camboge contava, parolando alto, sem respeito ao defunto:

— Eim! Nhãnhã, não acha a Clemência na idade de quietar com um marido? Ando querendo caçar-lhe um... Cabra maco, trabalhador, bom na rédea, de boa raça... Você não tem um ná cachola?

A negra, sabida, correu onde êle queria:

— Prá que deixar que gente extranha entre aqui na “Lagoa”? Você não gosta dela? A mim ninguém passa mel na boca... Case com ela, menino, porque não?

Apanhado no seu segredo, Neca ficou trêmulo. Quis resistir:

— Nunca falamos nisso, não sei se me gosta...

— Por que não? Assunte com ela mesmo!

Mas, nessas questões de coração, faltava ao Neca aquilo que sobrava a Camboge: — desembaraço, atrevimento, manha, embora êste, como homem, fôsse bem menôs parecido: retaco, cabeça quadrada, enorme cabeleira côr de cobre polido.

Foi por causa da timidez de Neca que as coisas correram num sucedendo desconcertante. Na véspera, Camboge ali ainda estivera à compra de gado, tendo travado discussão larga com Simão, sem nenhum resultado. Pegaram no preço:

— Dou duzentos e cinquenta, pode a-
artar as donzelas...

— Você, Camboge, não me leva a
acada desse jeito. E' especial. Che-
a trezentos e pode sumir com as ra-
arigas, fora a "cabeceira"!

Chegou a noite e logo se descobriu
que se o boiadeiro lhe não comprara
o gado a duzentos e cinquenta, lhe fur-
ara, todavia, a "cabeceira"...

Neca Simão e Nhãnhã bem que ou-
viram, madrugada ainda, um tropel
extranho de cavaleiros no curral do
sitão. Levantaram-se, adivinhando o
ato consumado, mas temendo enfren-
tá-lo. Na casa inteira, nada de Cle-
mência... Apenas, espalhada pelos
quartos, sono solto, a meninada miu-
ia. Desceram ao quintal, cruzaram os
currais, vasculharam o paiolão, cha-
mando, à médo:

— Clemência! Ô... ô... iii! Cle-
mência!

Nada...

Neca Simão cerrou os dentes de a-
margura. Como era bela, a malvada!
Viu logo que era o Camboge, com a-
quelas partes, na véspera, de com-
prar o gado... Bem, tinha que cum-
prir o juramento que fizera ao pa-
trão, chegara a hora! Vestiu-se mes-
mo no escuro, apertando a cartuche-
ira nos quadrís. Examinou se a "Win-
chester" tinha uma bala na agulha.
Passou uma revista na meninada, pe-
dindo à negra Nhãnhã que lhe acen-
desse o "palheiro" na fornalha. A
negra deu-lhe o cigarro acêso, mur-
murando:

— Vai com Deus, meu filho!

Amanhecia, quando Neca Simão sal-
vou, à entrada do curral grande, a
peonada da "Raizama", madrugada-
ra. Notou, imediatamente, uma atitu-
de suspeita no modo por que o fita-
vam. Perguntou:

— Bom dia! O patrão ainda dorme?
Ninguém lhe respondeu.

Repetiu a pergunta, o mesmo silên-
cio constringedor. Então, não se
dando por achado, apeou do "Pampa"
calmamente, afagando o pescoço do
animal, todo brilhando de suor da ga-
lopada. Ageitou a carabina a tiracolo,
exclamando pausadamente:

— Compreendo a situação de vo-
cês... Não vim aqui matar ninguém,
isto é, conforme... Vim ver se limpo
a memória do meu patrão, que o
seu sujeito esta noite!...

Insinuou, caminhando em direção à
casa da fazenda:

— Vocês sabem... Questão de fa-
mília alheia ninguém deve se meter,
só mesmo os interessados...

Deparou Camboge e Clemência es-
tremunhados, sentados em torno da
mesa rústica de refeições. Camboge,
pegado de surpresa, quis desconver-
sar; mas, Neca foi direito ao assunto:

— Camboge, você praticou uma a-
ção miserável. Sabe que eu jurei ao
finado patrão zelar de sua família?
Vim pedir-lhe que se case com a me-
nina. Porque perdê-la?

Camboge mirou a peonada que se
pusera curiosa, aos magotes, pelas ja-
nelas e corredores. Isso deu-lhe cora-
gem. Enfrentou o rapaz:

— Você veio buscar a moça pra
seu biquinho, não vê... isso é dôr de
cotovelo...

— Você é um infame, Camboge.
Pois você vai levar a moça para o pé
do padre é agorinha mesmo!

E mal disse, já estava de pé com a
"Winchester" em ponto de fazer des-
graça. Camboge tornou-se lívido, ver-
de de médo, tremendo como um palu-
dado. Do seu lado, Clemência olhava
Neca Simão com um sentimento des-
conhecido de enamorada surpresa. O
rapaz, de arma em riste e de costas
para a parede, parecia-lhe arrogante
como o "Cacheado", o garrote de
sangue da "Lagoa"!

Pouco mais de mês era passado após
o casamento e nem tudo ia bem lá na
"Raizama". Já por três vezes viera
recado de lá, de Clemência para Neca
Simão, queixando-se de abandono
por parte de Camboge. No último,
que a Maria Flor, mulher de Emeren-
ciano, trouxera na forma dum bilhe-
te curto, Clemência ameaçava, suici-
dar-se, se não a fossem buscar de
volta à "Lagoa Grande". Neca dera
de ombros: — "Tonta! Lugar de mu-
lher é junto do marido!..." Nem de
longe acreditou na ameaça; Clemên-
cia incendiaria o Mundo, jogaria uns
contra os outros, mas não tinha a
"pinta" do suicídio...

Poucos dias depois, entretanto, ao
voltar do engenho, onde desde alta
madrugada labutara com os meninos
na moenda da cana, defronta-se com
a cabocla, encostada na parede da co-
zinha e quieta como uma estátua, com
as duas negras tranças descendo pelos
ombros robustos sôbre os seios empi-
nados.

Olhou-a firme nos olhos:

— Camboge?

— Ficou...

— Vens de visita?

— Vim de vez...

Acercou-se mais da mulher, fitan-
do-a sempre nos olhos escuros e en-
ganadores. Clemência, assustada, bai-
xou a cabeça, como quem se entrega
resignadamente ao castigo. Mascava
nervosamente uma fava de baunilha
e foi à médo que se excusou.

— Vim de vez... saudades dos
maninhos... daqui da "Lagoa"...

Fez uma pausa curta, como quem
busca força para continuar. Ergueu
com dignidade a cabeça, rescendendo
a óleo de jasmim, e confessou:

— Saudade de você!

Neca, seduzido, chegou-se ainda
mais, até sentir o calor do seu corpo
envolvendo-o numa onda insidiosa de
desejo. Segurou-a brutalmente pelos
ombros, como se o fizesse a um ho-
mem. Clemência estremeceu e en-
frentou-o, cruzando os braços roliços
atras da cabeça e curvando, o rosto,
onde se abriram, num sorriso ilumina-
do, os lábios túmidos de desejo. Mor-
discou o lábio inferior, desafiadora-
mente:

— Que espera, Neca?

Fascinado, o moço respirou forte
como animal acuado pronto para a
luta. Sentiu tremuras nas pernas, um
desatino na cabeça, nuvens nos olhos.

Enlaçou-a como sucúrf, como se de-
sejasse quebrar-lhe os ossos, partir-
lhe as espinhas num abraço derra-
deiro, transbordante de amor recal-
cado, de velhas ânsias incontidas.
Clemência tornou-se pálida, cerrou os
olhos, abandonou-se...

Súbito, Neca Simão reagiu àquela
tentação diabólica. Sacudiu a mulher
com brutalidade, exclamando por en-
tre os dentes:

— Eu jurei, perdição do mundo, eu
jurei!...

Rugiu:

— Volta para teu marido, anda,
volta!

Clemência, sem descerrar os olhos,
balançou negativamente a cabeça. Neca
desarvouou:

— Mulher perdida!

Deu-lhe uma bofetada violenta, a-
fastando-se precipite, alucinado pelo
desejo insatisfeito e de remorso in-
definido. Mas, se voltasse, poderia
ver Clemência soluçando baixinho,
cortada de humilhação.

Mais uma vez o "Pampa" galopava
rijo na estrada poeirenta, rumo da
"Raizama". Neca Simão ia buscar
Camboge, convencê-lo de que o lu-
gar da mulher é junto do marido, co-
mo havia de ensinar o finado "Só"
João Leite. E... e se êle não quises-
se vir? Ora!, trá-lo-ia nem que fosse
de barbicaço!

Cregou à "Raizama" já noitinha.
Camboge ainda jantava à luz mortiga
dum candieiro a querozene, rasgando
com as mãos grosseiras nacos de carne
para a canzoada debaixo da mesa.

— Chegou na hora, Neca. Senta pra
cá. Tudo bem lá na "Lagoa"?

— Camboge, Clemência está por
lá...

— Sei... faça bom uso! Não va-
mos brigar por causa de mulher...
Quer a menina para você? Pois fique
com ela, que a mim as "tetéias" não
faltam...

— Não, Camboge, não quero nada
com ela. E' sua mulher legítima, vim
pedir-lhe para ir buscá-la. Mulher
casada largada do marido ninguém
respeita...

— Eu, o Camboge, ir buscar aque-
la bisca? Ora, você não tem nenhum
direito de me obrigar a viver com
quem não quero! Ora, esta é muito
boa!...

— Pensa bem, Camboge, ela carrega
o seu nome, pode perder a repu-
tação, você conhece o que é a male-
dicência do mundo...

— Não me faz diferença o destino
que tenha essa vaca. Sabe o que mais,
Neca? Ferre-a com a sua marca, a-
quele "Ene" tamanho duma porteira!
Ah! Ah! Ah! Ferre-a mesmo, na an-
ca, a vaca!

— Não se insulta assim uma mu-
lher, Camboge! Bem, não há jeito ne-
nhum? Então a filha do finado "Só"
João Leite fica mesmo como "mulher-
dama"?

— Não me faça diferença, já disse!
— Pois então se levante cachorro,
que é melhor que ela fique viúva, que
perdida!

Neca manobrou a carabina bem no

peito do boiadeiro. Este, para ganhar tempo, atirou um osso aos cães e pôs-se a tamborilar com os dedos no tampo da mesa. Voltou para Neca Simão, sorrindo alvarmente:

— Vire essa taquara para lá, que a vida é curta e risonha! Mulher nenhuma vale a nossa pólvora, meu caro. Pois vamos buscá-la, ora se vamos! Amanhã cedinho! Você pouca comigo, não?

Quando a madrugada veio, sanguínea, cheirando a estrume de gado e capim queimado, Camboge e Simão puseram-se a caminho da "Lagoa Grande". Iam emparelhados, na estrada carreira corroída pela erosão, mas não falavam um com o outro. Camboge deixava-se levar pelo passo descansado da besta, fumando um cigarro em cima do outro. O seu rosto sombrio escondia-se sob as grandes abas do chapéu de couro fino, todo bordado a preto e branco e rosetas de metal dourado. Vez em quando mirava de soslái Neca Simão, cavalgando ao lado, todo entregue aos seus pensamentos, enquanto assoviava uma velha melodia paracatuana, muito em surdina.

Em o vendo tão calmo, Camboge compreendeu quanto o odiava. O'dio amargo de quem se sente inferior em tudo, ódio cego, ódio assassino.

Ao chegarem às margens do "Lageada". Camboge alegou sede e propôs que apeassem um pouco. Dirigiram-se cuidadosamente os animais pela descida escorregadia do barranco, por um pequenino atalho pedregoso. O boiadeiro agachou-se na margem lamacenta e bebeu pouco. Levantou-se deixando ainda Neca Simão, de costas, limpando com as mãos espalmadas a superfície da água, cada vez que a colhia para um sorvo. Neca, ensimesmado em suas recordações da meninice, recordações que lhe vinham sempre que se punha a namorar aquela paisagem do córrego, toda feita de lages brancas como cal e de água escachoando no "afunilado" do leite, não deu pelo ataque inópino de Camboge senão quando um tiro ecoou em suas costas e sentiu um ardor no ombro e o frio de algo que lhe escorria pelo braço esquerdo. Felizmente, a bala riscara apenas de leve o músculo do ombro. Voltou-se ligeiro como um gato: Camboge fugia acorvar dado, galgando o barranco pedregoso num galope metálico e sem firmeza de cavalo ferrado.

— Canguçu maldita! murmurou Neca apertando com um lenço o ombro ferido. E rápido, colhe do arreio a carabina para a justiça sumária do energúmeno, mas nem chega a levá-la aos olhos porque o "Pampa" furtado, extranhando o cavaleiro e escorregando a miude nas lisas lages do barranco, tomara os freios nos dentes e corcoveava como um potro bravo. Camboge esforçava-se desesperadamente para subjugar o animal e fugir, tentando mais a reação de sua vítima que uma queda do cavalo.

No entanto, foi esta que veio, e veio brutal, jogando o boiadeiro de costas

sôbre as lages de pedra. Pelo sangue que lhe manchava a cabeleira côr de fogo, empastando-a, por certo que a pancada fôra grave. Porém, examinando-o de perto, Neca percebeu que ainda vivia, estando apenas desacordado pelo choque.

— Bem, disse consigo mesmo, não se atira em homem desmaiado . . .

E levou-o, na garupa, para a "Lagoa", rebocando pelo barbicacho a besta vagarosa.

Chegam à fazenda ainda sol a pino. Assustados, os meninos gritam, os cães ladram, a casa toda se alvoroça. Auxiliado por Nhãnhã, carrega o boiadeiro, ainda sem sentidos, para dentro.

Clemência encantoara-se num vão da varanda espaçosa e escura como a nave duma catedral. Estava quieta, mas atenta como uma gata farejando buraco de rato. Olhou os homens por baixos dos longos cílios negros, numa expressão vaga de desconsôlo da vida, de sensação de fracasso, consciência de sua derrota às mãos dos fados. Quando Neca Simão lhe disse: — "Venha cuidar do seu marido, não está bom não!", Clemência levantou-se lentamente, estremecendo como se despertasse dum sonho mau. Caminhou para a cama onde o marido jazia já agora gemendo baixo e pôs-se a despir-lhe a blusa de riscado, puxando-a desanimadamente pelas mangas, sem vontade, enjoada da vida. Gritou para dentro:

— O' Nhãnhã! Traga daí uma bacia d'água e uma toalha!

Tomou a toalha, mergulhou-a na água, pondo-se a refrescar, repetidas vezes, com a compressa, a testa lívida do boiadeiro. Quedou-se um momento pensativa, mirando o rosto enorme de Camboge, com aquela barba vermelha, muito crespa e suja de sangue, aquelas orelhas acabanadas emergindo grosseiras da cabeleira côr de cobre polido. O! Como eram vulgares aquelas feições! Ouvia a voz máscula de Neca Simão, chegando lá da soa-lheira do quintal, tão sua velha conhecida:

— "Murilo, Paulista, Moreninho, êi! cambada ruim! Vamos carrear mais cana, vagabundos!"

Clemência sentiu vontade de correr ao encontro do rapaz e confessar-lhe a intensidade de sua paixão. Lembrando-se, porém, da humilhação da véspera, resistiu ao impulso num gesto de feminina dignidade, suspirando desolada de renúncia:

— Vamos, Clemência, toca a tua vida para frente!... Que remédio?!...

Com o Presidente Getúlio Vargas, a base da técnica do govêrno deixou de ser puramente política: — deslocou-se para as soluções sociológicas e econômicas. A própria democracia brasileira deixou de ser uma democracia puramente política, para se orientar no sentido de uma **democracia social e econômica**. ALMIR DE ANDRADE.

"Avião Epitácio Pessoa"

O ilustre Procurador Regional da República em Goiaz, dr. Albatênio Caiado de Godói, ofereceu-nos, gentilmente, um exemplar do opúsculo com o título desta nota.

Trata-se de uma reportagem completa sôbre a campanha do Ministério Público Nacional em prol da aquisição de um avião para as nossas forças armadas, esforço que, como se constata da leitura do noticiário do folheto em aprêço, coroou-se do êxito mais completo.

A "plquette" contém notícias publicadas n' "O Jornal", referentes a tôdas as cerimônias relativas ao batismo do "Vultee" "Epitácio Pessoa", doado ao C.P.O.R. de Pôrto-Alegre, inclusive os discursos pronunciados, ao ensejo, pelos srs. dr. Gabriel de Rezende de Passos, Procurador Geral da República; Ministro Pires e Albuquerque; dr. Assis Chateaubriand, Diretor dos Diários Associados, e sr. Rafael Pardelas, genro do patrono do avião e que representou a família Epitácio Pessoa nas festividades.

Foram arrecadados, pelos promotores, quasi trezentos e cinquenta mil cruzeiros, o que bem fala do patriotismo dos "cavaleiros andantes do Estado", que deram, assim, mais uma demonstração de sua cultura cívica, aí estando o motivo por que o dr. Gabriel Passos, em seu discurso de oferecimento do aparelho, teve seu pensamento voltado para o "modesto Promotor de Justiça de Comarca, perdida nos rincões profundos de nossa Pátria, que está comun-gando com todos os seus colegas no mesmo pensamento de servir à sociedade".

Em síntese: — O Ministério Público Nacional, lavrou um tento de honra nessa nobre campanha, praticando, a um só tempo, dois atos de alta expressão: prestou uma justa homenagem à memória de um grande brasileiro e contribuiu, valiosamente, para o adextramento de nossas forças do ar, tão precisadas desses gestos de solidariedade, na luta contra o inimigo comum.

PRIMEIRO CONCURSO DE CONTOS DE «OESTE»

Alcançou inegável êxito o Primeiro Concurso de Contos de OESTE, cujas inscrições foram abertas em maio do corrente ano. Nada menos de 29 concorrentes tiveram seus trabalhos devidamente apreciados pela comissão julgadora, que, em virtude do grande volume da matéria apresentada, só agora pode dar o produto de sua laboriosa seleção.

Esse concurso, que, até hoje, foi o que maior interesse despertou entre nossa classe intelectual, veio demonstrar uma grande e irrefutável verdade, que apenas imaginávamos: há muitos, muitíssimos contistas em Goiás, vivendo no anonimato por falta de tratarem mais intensivamente de questões literárias. Afora dois ou três concorrentes, todos demonstraram capacidade para o gênero, fato que nos veio alegrar de verdade, porque ficamos agora a saber que o que nos falta é, realmente, incentivo. Os escritores, embora publicando pouco de suas produções, aí estão. Tanto isto é verdade que não iremos furtar a nossos leitores o prazer de poderem ler muitos dos trabalhos que, não obstante não premiados, foram considerados de muito mérito, trabalhos

esses que serão publicados, com vagar, através de nossas colunas, com a devida autorização dos autores.

O resultado da comissão julgadora do Primeiro Concurso de Contos de OESTE é o seguinte:

1º lugar — “O doutor Tadeu”, de Ibiê Serano, pseudônimo de Domingos Felix de Sousa; 2º e 3º lugares (menções honrosas), respectivamente — “O testamento do defunto”, de K. Lombo, pseudônimo de Raimundo Moreira dos Santos, e “O fantasma da Grota Funda”, de Dom Casmurro, pseudônimo de Hélio de Faria Merheb.

Alguns trabalhos, que fugiram à observância das Instruções do Concurso, foram desclassificados, antes da identificação.

A entrega do prêmio que coube ao primeiro colocado será feita na primeira quinzena do mês de dezembro, sendo que na próxima edição publicaremos, na íntegra, o parecer da comissão julgadora e iniciaremos a publicação do trabalho premiado e das duas menções honrosas, com ilustrações, como prometemos aos nossos leitores

ORAÇÃO À BANDEIRA

Francisco Campos

Neste campo, em tôrno dessa bandeira que acaba de ser hasteada, por entre as aclamações do povo, eu sinto a presença do Brasil, a evocação do seu espaço e da sua história, a revivescência do seu passado e a afirmação do seu presente, o compromisso e o juramento, no coração da juventude, de devotamento, fidelidade e sacrifício pelo Brasil maior, o Brasil que cada um de nós traz no pensamento e na vontade, o Brasil de que somos apenas os operários efêmeros e modestos, o Brasil em crescimento, o Brasil continuação e perpetuidade, maior que o do passado e o do presente, mas igual a si mesmo, porque fiel às virtudes que o modelaram em nação, o Brasil simples e unido como um rio, cada vez maior e sempre o mesmo, o Brasil que não sabemos se mais amar na recordação ou na esperança, nas suas modestas nascentes do passado ou no imenso estuário do futuro, em que não se sabe onde o rio acaba e onde começa o oceano.

Neste campo, à sombra dessa Bandeira, o Brasil concentra-se num ato de meditação e de fé. Aquí, o Brasil se recorda e revive na memória o seu passado; aquí, nesta curta pausa de sol, que se abre na continuidade de seu trabalho, o Brasil transfigura-se em símbolo, reduzida, no mundo interior, a sua imensidade a uma imagem visual, e no coração, o amor dos brasileiros pelo seu país, em um sim uníssono e jovial, um

sim ao Brasil que foi e ao Brasil que é, um sim ao seu passado e ao seu presente, a aceitação do Brasil como a história o fez, do Brasil brasileiro, do Brasil com o nosso céu, a nossa luz, as nossas águas, o nosso sentimento, os nossos costumes, a nossa fé, a nossa civilização e a nossa língua.

A pátria não é, porem, apenas uma dádiva do céu. Os homens constroem a sua pátria como os pássaros o seu ninho, as termitas as suas cidades de mistérios e de silêncio, os rios o seu curso e o coral os seus arquipélagos de sonho. Cada uma dessas construções representa esforço, trabalho, sacrifício, tenacidade na luta, obstinação no instinto ou na vontade, continuidade na ação, e, nas construções humanas, as difíceis e raras virtudes de modéstia na grandeza, de desinteresse, de disciplina, de humildade, porque a construção da pátria pelos homens é uma construção no tempo para a eternidade.

Cada geração, trabalhando no seu tempo, com as suas limitações, as suas contingências, os seus erros, cada individuo no seu ofício, na sua profissão, na estreiteza do horizonte cotidiano da sua vida está, sem o saber, contribuindo para a obra comum, cujo perfil no tempo sómente nos é dado representar no espírito, nos raros momentos como este, de emoção coletiva, quando no plano da nossa vida individual se projeta, por um instante, a imagem dessa cons-

relação de sentimentos — do sentimento da terra, do céu, da língua, das lembranças e dos acontecimentos vividos em comum, e que abre ao nosso espírito e ao nosso coração, sobre os tempos passados e os tempos a vir, a imensidade desse horizonte virtual, em que o sentimento da pátria alarga no sentido do eterno as pequeninas dimensões da nossa vida. O sentimento da pátria dá ao homem uma nova dimensão — a dimensão ideal que prolonga a sua vida na linha do passado e na linha do futuro, dando-lhe o sentimento de que a sua vida não é apenas um efêmero acidente no oceano do tempo, mas, como o coral, um elemento destinado à edificação de continentes.

Em tôrno desse edifício, porém, nem sempre o tempo é sereno, os ventos favoráveis e as águas unidas e tranquilas. Há, na história, épocas de inquietação e de insegurança, de intranquilidade e de perigos, épocas em que os homens sentem que a sua nação, o seu país, a sua pátria, para que continue a ser construída e defendida, exige vigilância, coragem, virtudes fora do comum, severa disciplina, exemplar devotamento, mobilização da inteligência e da vontade e, sobretudo, ordem e paz interiores, a fim de que do interior da própria casa não se abra a fenda destinada a minar os alicerces do edifício.

No nosso tempo, as pátrias estão em perigo. Sopra sobre elas, principalmente sobre as fracas e pequeninas pátrias, o vento da inquietação e da ameaça. A hora que o destino nos reservou na história não é a do sossêgo, da confiança e do repouso, a hora dourada em que, depois de

haver trabalhado, o homem espera, cantando, que os frutos e as searas amadureçam ao sol.

Depois de haver trabalhado, os homens, se querem colher, devem montar guarda às suas searas. A pátria não é mais, como nas épocas felizes, um dom do acaso, da natureza ou da história. Ela tem de ser conquistada todos os dias pelo trabalho perseverante, a ininterrupta vigilância e a disciplina da inteligência e da vontade. A hora não é apenas a do trabalhador, mas também, e principalmente, a do soldado, a hora da ordem, da atenção e do silêncio, a hora da vigília, a hora em que a sentinela escuta, vigia e espera.

Esta advertência é a lição do nosso tempo: as pátrias estão em perigo. A hora não é das dissensões, das agitações e das discórdias internas. A hora não é dos estandartes, que separam, mas da bandeira, que reúne, congrega e irmana. Em nenhum tempo, talvez, à festa da Bandeira se possa atribuir o sentido que tem a de hoje: o sentido de advertência e de convocação. A' sombra dessa Bandeira, cada brasileiro é um soldado e, seja qual for o seu ofício ou a sua profissão, a sua alma há-de ser uma alma de soldado, pronta a atender, disposta a obedecer, preparada para a privação e para o sacrifício.

Brasileiros, cerrai fileiras em tôrno dessa Bandeira, com ela e por ela, para diante e para cima, ainda que por entre a tempestade; com ela e por ela, seja qual for a hora que nos reserve o destino; com ela no coração e as mãos em continência — o compromisso de nunca faltarmos ao BRASIL!

(Do livro: "O ESTADO NACIONAL")

A Justiça do Trabalho e sua crescente divulgação

Vicente de Paulo Umbelino de Sousa

Irmã caçula da Justiça Comum, surgiu a Justiça do Trabalho como um corolário das necessidades sociais do século industrial que percorremos.

Cristalizaram-se, a pouco e pouco, até se imporem definitivamente, consubstanciando-se em normas jurídicas esparsas que acabam de ser refundidas e englobadas em uma só lei, os princípios gerais do direito, aplicáveis à grande massa trabalhadora.

A princípio, muito a medo, foram lançados os alicerces da Justiça do Trabalho, reconhecendo-se ao trabalhador uma série de direitos até então vigentes no campo abstrato das idealizações.

Estabilidade, indenização, horário de trabalho, férias, trabalho de mulheres e de menores, acidentes de trabalho, tudo foi objeto de cuidadosas leis, elaboradas ao correr dos anos, trazendo à realidade a mais justa aspiração da classe proletária.

Parece, entretanto, que ficou apenas na lei o reconhecido direito do trabalhador, pois que raramente batia ele às portas da justiça para salvaguardar suas nobres prerrogativas.

A demora em solucionar as ques-

tões, que, por vezes, andavam cinco a dez anos a correr pelo "foro" comum, e mesmo o custo da justiça que estava sempre muito além da pobre bolsa do operário afugentavam os mais ousados que tentassem impor os direitos que a lei assegurava.

A criação da Justiça do Trabalho, órgão independente e autônomo, especialmente destinado a dirimir os litígios entre empregado e empregador, solucionou a questão.

A imprensa divulgou casos concretos frisantes, fazendo crer a todos que não era apenas na lei que se amparava o empregado.

Antes, o trabalhador ou não conhecia os seus direitos ou não se queria prevalecer deles; com a Justiça do Trabalho foi que tomou novo incremento a vida nova do Direito do Trabalho.

As Juntas de Conciliação e Julgamento, os Conselhos Regionais do Trabalho e a Câmara de Justiça do Trabalho começaram a funcionar com um número irrisório de processos relativamente à grande massa de trabalhadores do país.

Havia, é claro, um vultoso número

de processos ainda pendentes de julgamento que vinham dos atrasados tempos em que a Justiça Comum julgava questões trabalhistas. Estes processos superlotaram inicialmente as Juntas e o Conselho, mas, isto não era obra da nôvel Justiça, era a mal acabada obra do passado, que vinha às suas mãos para ser concluída.

Tirante estes processos antigos, o movimento inicial foi pequeno e pobre, o que em nada atesta que o fim colimado, amplo e nobre, não seria atingido.

Dois anos apenas faz que se instalou o órgão da Justiça proletária e os resultados alcançados já dão mostras do grande impulso que lhe reserva o futuro.

E' realmente assombrosa a classe trabalhadora da nação, cujos direitos estão guardados e escudados no amplo raio de ação da Justiça do Trabalho.

Infelizmente, não estão ainda vulgarizados os direitos que a lei atribue ao operário e muito menos a organização jurídica e processual do órgão que aplica essas normas legais, que revigora e vitaliza os princípios consubstanciados na lei.

A acessibilidade da Justiça, facultando ao espoliado em seu direito a possibilidade de reclamar, por si mesmo, sem intermediários, como sejam procuradores ou representantes; a criação de sindicatos de classe, que não só defendem os interesses gerais da categoria representada, como também amparam, diante da Justiça do Trabalho, os interesses individuais do associado, tudo isto representa conquistas novas das classes trabalhadoras, agora plenamente realizadas com o desenvolvimento do Direito Social.

A rapidez do processo, a isenção de selos em muito contribuíram para o

MENSAGEM DOS INTELLECTUAIS GOIANOS AO PRESIDENTE VARGAS

Os intelectuais goianos dirigiram ao Presidente Getúlio Vargas uma mensagem, da qual será portador o nosso companheiro de redação, dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo do Estado, que, em comêços deste mês, seguiu, de avião, para a Capital da República, onde representa Goiaz na Conferência dos Membros dos Conselhos Administrativos dos Estados. Esse documento, que exprime a admiração, o respeito e a simpatia da classe intelectual de Goiaz ao Presidente Getúlio Vargas, representa também uma afirmação de confiança, de fé e de solidariedade ao Chefe da Nação, neste momento decisivo para os destinos de nossa Pátria.

Escrita em pergaminho, nela Américo Pontes fez artístico e sugestivo desenho, alegórico à grandeza do Brasil.

Publicamos, a seguir, o texto da mensagem em referência:

“Excelentíssimo Senhor Doutor Getúlio Vargas, D. D. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil.

Nesta hora, decisiva para os destinos da humanidade e do Brasil, os intelectuais goianos vêm, cheios de júbilo patriótico, trazer a Vossa Excelência a sua moção de confiança e de solidariedade.

E' a Voz do Oeste que por nosso intermédio se faz ouvir, plena de brasilidade, para dizer ao Grande Chefe que, tendo em sua palavra um leme seguro e em Goiânia um símbolo imortal, os brasileiros oestinos vão, orgulhosos e entusiasmados, realizando, num novo ritmo bandeirante, a grandiosa marcha do Brasil sôbre o Brasil, para a conquista integral do Brasil.

Tenha, Senhor Presidente Getúlio Vargas, a absoluta certeza de que os intelectuais da terra de Pedro Ludovico, soldados concientes que são do Estado Nacional, estão ativos e vigilantes, congregados em tôrno do vulto ímpar de Vossa Excelência, sempre atentos às suas ordens e prevenidos, sempre, contra os inimigos da Pátria, externos ou internos.

Senhor Presidente.

Vanguardeiros do ideal maior do Estado Nacional — a Marcha para o Oeste, pela qual Vossa Excelência retomou o caminho autêntico de nossa civilização, os intelectuais goianos se sentem satisfeitos e honrados em vir declarar a Vossa Excelência que o seu nome está guardado no coração de todos os brasileiros do sertão e que a sua obra imensa, que tem o brilho estranho das obras perenes, é motivo de justo envaidecimento para todos nós.

Aceite, Presidente Getúlio Vargas, os nossos protestos de simpatia, compreensão e apôlo incondicional”.

rápido expandir da Justiça do Trabalho, que, aos poucos, vai se tornando conhecida, procurada e praticada desde os centros civilizados aos mais afastados cantões do país.

Todo princípio é difícil. Foi o que se deu com a Justiça do Trabalho, que, inicialmente, era pouco conhecida, seus órgãos técnicos bastante irregulares e não dispuha de pessoal especializado. Foram enormes as falhas do comêço.

O tempo, entretanto, a compenetração de que a finalidade da Justiça era o mais humano postulado da socialização do Direito, corrigiram as falhas e suprimiram as lacunas.

O ponto atingido, hoje, longe de ser o ideal, já é bastante consolador, se tivermos de vista as monstruosas injustiças do passado, em que o operá-

rio era igualado às máquinas, exigindo-se-lhe tudo e negando-se-lhe até a condição humana!

O trabalhador nacional, qualquer que seja sua atividade, desde a indústria domiciliar às grandes fábricas de tecidos, desde o comércio simples da vila perdida no sertão ao gerente dos grandes magazines, desde o escavador sujo das minas de carvão ao empregado dos mais luxuosos e higiênicos escritórios, o trabalhador de tôdas as classes, de tôdas as categorias, encontra na Justiça do Trabalho a salvaguarda certa e imparcial dos seus direitos.

E' então, extraordinário, o trabalho, o campo de ação e o futuro mesmo da Justiça do Trabalho.

A Consolidação das Leis de Proteção ao Trabalho, recentemente pro-

mulgada, veio completar a obra. Hoje, facilmente se consulta qualquer parte da lei, através de seu bem organizado índice remissivo. A dificuldade do passado, em que leis e leis esparsas regulavam a mesma matéria — trabalho — foi abolida com a sábia inclusão de tôdas em um texto único.

A divulgação das leis, e, consequentemente, do direito que assiste ao indivíduo, em tôdas as manifestações da vida social, é obra que bem se pode comparar à medicina, mas a medicina aplicada à cura das mazelas sociais, aos desequilíbrios das situações econômicas, ao reajustamento constante das situações, de fato criadas pela desigualdade social.

E, é esta obra que realiza a Consolidação, facilitando o conhecimento dos direitos, sobretudo dos que amparam o mais fraco.

Os sindicatos cooperam plenamente na campanha de divulgação, fazendo chegar ao mais humilde trabalhador a voz do seu direito, a certeza de que o Estado vela pela sua garantia e pela sua saúde, através da legislação bem aparelhada reunida na Consolidação. Ministram as entidades sindicais aulas e palestras a propósito da parte da Consolidação de interesses imediato para a classe representada.

Assim, a pouco e pouco, toma vulto a campanha, impregnando-se a massa indistinta dos que trabalham do amparo sereno que a lei lhes assegura.

E tudo isto que é senão a Justiça do Trabalho que começa a frondejar, a brigando sob a sombra amena dos seus galhos a população laboriosa do país?

Confirma-se, assim, a divulgação crescente que vem tendo a Justiça do Trabalho.

Em dias de um futuro não muito remoto, teremos a Justiça que salvaguarda ao Direito Social, ampla em suas manifestações, realizando a harmonia do capital e do trabalho, defendendo os direitos do operário e do empregador, prevenindo o futuro da prole que é, em ultima análise, o futuro da nação.

E é isto que se espera deste órgão que constitui a maior realização do Estado Nacional, obra que, por se só já basta para consagrar um regime e já chega para justificar a glória de uma personalidade.

Aos tribunais do trabalho o futuro reserva a tarefa gigantesca de humanizar o Direito na aplicação da justiça à solução das questões sociais; portanto, a eles cabe a proteção da própria vida, que a vida nada mais é que uma forma de trabalho!

LÉO LYNCE escreveu:

CANÇÃO DA FELICIDADE

(AO DR. PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO)

Houve um poeta que cantou
uma só canção,
uma canção de amor
que começava assim:
— Quando virá a minha Dona das Graças
trazendo a felicidade para mim ?

Um dia, de repente,
trazendo a felicidade,
a Dona das Graças chegou.

Mas o poeta, desgraçadamente,
o poeta nunca mais cantou.

ESTRADA DE HUGO

(AO ODORICO COSTA)

Uma estrada atravessando todo o Brasil,
êste Brasil imenso de cidades e sertões.

Estrada cheia de pégadas de caboclos rudes.
Estrada cheia de pó das velhas gerações.

Estrada das bandeiras, das tropas e boiadas,
através de cordilheiras, de matas densumbrosas;
de campos e de rios, de várzeas e taludes.

Estrada de escarpas perigosas,
onde um poeta cantou:
— Eu só, sem mais ninguém !

Estrada cheia de cruzes,
semeada de urzes e de flores
(mais espinhos do que rosas),
por onde raros vão além.

Estradas das porteiras gemedoras,
das pontes e meias-pontes duvidosas,
de abismos negros e promessas louras.

Gloriosa estrada onde todos nós paramos
em meio da jornada

— estrada de Hugo de Carvalho Ramos.

Garimpeiro, êste o nome porque era designada certa casta de aventureiros, dados a exploração furtiva de diamantes, nos locais de mineração legal.

Ainda hoje o garimpeiro é o mesmo tipo aventureiro nômade dos tempos primeiros do Brasil colonial, das vastas terras de "ninguém", à mercê das expedições "gloriosas" compostas de indivíduos sem nome e sem "pátria", tendo por casa a choça de "pé no chão" e por móveis e utensílios a "bateria".

O garimpeiro é o homem obcecado pela idéia de "liberdade" de ação, indo e vindo, de um recanto a outro do Brasil central, sem destino certo nem orientação segura, na ânsia de encontrar o minério a flor da terra, sem grandes canseiras ou compromissos. E, quando o encontra, logo se expande em bárbaras farras, não raro lhe acarretando a perdição.

O garimpeiro de hoje, difere exclusivamente talvez, do seu antepassado, na substituição do clavinote boca de sino pelo renovado "38", seu companheiro inseparável de aventuras, objeto de suas expansões de alegria. a demandar-se em cerrado tiro-teio a esmo e a granel.

O garimpeiro não pertence a nenhum Estado do Brasil; geralmente, êle é o "baiano", donde quer que proceda. Sujo, todo coberto de pó, cabelos empastados em desalinho, cara suarenta, pronto a mudar de pouso sempre que lhe seja dito que determinada zona está "bamburrando". Onde vai, leva consigo o seu séquito; são seus companheiros inseparáveis — o jogo, a bebedeira, o meretrício rameiro e sórdido, a desordem e a bagunça, pois onde está o garimpeiro abunda a sífilis com o seu cortejo de misérias.

Inimigo do trabalho organizado e produtivo, êle é o flagelo da lavoura, criando a escassez do braço trabalhador; êle o "inventor" da vida encarecida das regiões que infesta.

Ludíbrio dos incautos e desprevidos perseguidores da fortuna fácil, está pronto a engazopar o primeiro "meia-praça" que lhe fique ao alcance da mão, pelo ocultamento do "xi-biu" cobiçado, para zarpar logo que possível, à cata de outras paragens, à busca de novas proezas. Despreocupado da vida, explora, sob todos os prismas, o seu associado, que de tudo lhe supre.

Infenso às responsabilidades, o garimpeiro, anarquicamente, não conhece a propriedade privada; invade-a desde que "sinta" existir ali o ambicionado minério.

"Profissional" inveterado, não conhece nem sabe fazer outra cousa senão "garimpar". Meses após meses, e até anos, nada faz, nada encontra, para viver às custas do "meia-praça", já arruinados ambos. E, se certo dia vem o "bamburro" (bamburrio), o garimpeiro esquece então, todo o tempo de sua penúria, para aplicar a sua "meia" nas custeiras extravagâncias. Logo supre-se do necessário mantimento para o seu estimado "38";

Os Garimpeiros

Epiphania Beserra

adquire uma sanfona de 48 baixos, enquanto o mulherio desclassificado se empanturra de cerveja e . . . tudo, à custa dêle, aventureiro. Dias depois, está o miserável a desfazer-se de quanto adquiriu, pela metade do preço, quando não pela quinta parte ou menos, no bodegueiro da "corrutela", que vive à espreita de tôda essa casta de aventureiro desprevidido.

E, o caso é que o garimpeiro, vagabundo, irresponsável e bagunceiro, só veio à terra, para enriquecer uns tantos aventureiros, outros que lhes sugam o trabalho sacrificado. Vários são os seus sugadores, subindo em escala, a partir do homem do "boteco" e do bordel ordinário, ao "capangueiro", passando pelos vários intermediários, até o magnata do escritório de compras nas capitais. Todos comem do garimpeiro maleitoso. Sim, maleitoso, porque, em geral, as zonas de garimpagem são infectadas pelo anofelismo do impaludismo devastador.

Mas, se o garimpeiro tem as suas sombras, o seu lado negativo, justiça se lhe faça, tem também o seu lado claro e positivo. Êle tem sido o desbravador de invias e inhóspitas regiões do Brasil central; o pioneiro do progresso sem chegar a ser "bandeirante", deixando a outros o trabalho de burilar a sua obra, filha da ignorância e da inconsciência.

Muitos dos núcleos populosos dos Estados de Goiaz e Mato-Grosso, são criações do garimpeiro nômade. E, o toco e primitivo abarracamento, de pano ou de fôlha de buriti, de biqueiras" no chão, a se transformar em aldeamentos e "corrutelas" saneados pela assimilação e absorção do virus endêmico de tôdas as pragas locais; e, mais tarde, tornado-se em prósperas cidades e povoações — Santa-Luzia, Cristalina, Baliza, etc., no Estado de Goiaz; Lageado, Poxorêu, Cassununga, em Mato-Grosso, tudo isso é criação do garimpeiro . . .

O garimpo é semelhante a uma loteria; dentre mil garimpeiros, um "bamburra", para esperança e entusiasmo da maioria que jaz na miséria. Por isso e tudo mais, necessita a garimpagem de ser regularizada e racionalizada a sua extração.

Como ficou dito, o garimpeiro tem prós e contras ao seu labor. Todavia, outros existem menos interessantes

que nenhum proveito deixam à comunidade, porquanto vivem exclusivamente da atividade alheia — é o intermediário, agente comprador.

Há duas espécies de intermediários: o "capangueiro", propriamente dito, e o agente recebedor em determinadas cidades dos Estados de Goiaz, Mato-Grosso e Minas-Gerais, os quais, à sua vez, levam o produto da colheita aos grandes centros exportadores, onde imperam os magnatas das finanças, a ditarem os preços com as suas oscilações repentinas e bruscas em detrimento da "arraia miúda" de "capangueiros" e garimpeiros. A êsses intermediários bem poderíamos chamá-los de "capangueiros" indistintamente, sem nenhum desar, pois se um vai de garimpo em garimpo, "capanga" a tiracolo, coletando o minério precioso; o outro, em seu escritório, permanece a coletar dos diferentes agentes espalhados pelas regiões várias do centro brasileiro para, valise recheiada, recambiá-lo ao abastado capitalista.

O intermediário é, via de regra, o beneficiário do segundo plano, nem sempre conciente do valor do sacrifício alheio; explora quanto possível, a ingenuidade do bisonho "baiano garimpeiro". Entretanto, se o garimpeiro, pleno de luz e sombras, na sua faina sacrifica a saúde em busca do diamante precioso, absorvendo todos os miasmas regionais, longe de tudo e de todos, o "capangueiro" intermediária, que nada produz, nada sacrifica nem mesmo o legalmente devido, serve apenas para sugar-lhe as energias, arrancando-lhes quanto possa, em benefício de terceiro, ao seu labor. Uns e outros estão a exigir certa diretriz de quem de direito, cessando, de vez, essa anomalia de atividades sem contrôle, trazendo a pacificação dos espíritos preocupados do "arigó" displicente dos sertões centrais, no Oeste Brasileiro.

No garimpo não há lei nem ordem, porquanto o garimpeiro não conhece nem respeita, "amparado", como se presume, na própria legislação interpretada ao sabor de interesses de outrem que lhes vão inoculando desorganizadamente, o germe da rebeldia.

Em traços gerais, esta é a situação de vastas regiões do Brasil central, onde abunda o minério, infestadas pela garimpagem, enquanto o pequeno proprietário de terras, inexperiente e desprevidido, sentindo a ausência de maior amparo, nem recebe a sua parte mínima de uns tantos por cento, estabelecidos em lei.

Urge, pois, detido exame, a questão ora ventilada.

O regime instituído em 10 de Novembro de 1937 tem por base administrar. De administração é que precisava o Brasil, como queriam as classes produtoras e o povo, para sua felicidade, dentro do progresso da Pátria. SALGADO FILHO.

Estradas de penetração

Zoroastro Artiaga

Sempre fui dos que receberam as primeiras notícias de estradas de ferro para Goiás, acreditando tratar-se de estradas de penetração, vias de incursão e desbravamento.

Isto aconteceu ainda no tempo do saudoso Rebouças, nos primeiros estudos feitos por conta da Mogiana até Itapirapuan.

Bem sabia que, cedo ou tarde, o plano do Império teria que realizar-se, ou por imperativos de defesa nacional ou por circunstâncias de economia regional.

Mais tarde, quando Luiz Schnoor fez os estudos para a Estrada de Ferro de Goiás, ainda predominava, no Oeste, como a única probabilidade de atrair a ferrovia, a necessidade de defesa militar.

E' que, tanto em Goiás como em Mato-Grosso, há grandes extensões deshabitadas, imensos vácuos demográficos, ora em terneiros alagados, ora em matas agrestes onde as pestes e os perigos impedem a penetração do progresso.

Esses vãos totais preocupam seriamente o Governo, porque concorrem para que os gráficos se apresentem dando a impressão de abandono da região, e de isolamento.

Esta afirmação vem a propósito da expedição do Coronel Vanique ao Xingú, através da Serra do Roncador.

Conforme é do domínio público, essa bandeira moderna objetiva o desbravamento de zonas, onde, jamais, o pé humano comprimiu o solo; sôbre as quais, há lendas célebres como a dos tesouros dos Araés, com a dos arabescos dos rochedos do Roncador, como a dos martírios, esculpidos na pedra, sem que alguém possa ter decifrado o enigma.

No vale do Rio Fresco há uma jazida de carvão de pedra, de onde tem vindo, trazidas por garimpeiros de Mato-Grosso, inúmeras amostras, que os técnicos afirmam ser da melhor qualidade possível.

Essa imensa reserva do Rio Fresco, em terrenos que pertencem agora ao Pará, já teriam sido assinaladas por jesuítas, que subiram o Xingú, quando, também, estes padres teriam feito as esculturas a que me referi, linhas acima, quando o padre Vieira pregava contra tais incursões.

Inteligentes, e profundamente organizados, não afirmaram a natureza da descoberta que fizeram. Só agora o fato se esclarece, por coincidir com a latitude e a longitude indicadas nos roteiros, pois, naquele tempo, todos pensaram tratar-se de minas de ouro.

O sr. ministro João Alberto, acaba de escolher o local de onde partirá a bandeira, que fica na confluência do

Rio das Garças, no Rio Araguaia.

Essa escolha alterou profundamente os detalhes do plano inicial, que tomava o porto de Leopoldina para ponto de contacto entre a civilização e a selva.

Todo tráfego terá que se fazer, agora, de Uberlândia para o Oeste, pelas estradas que servem aos garimpos, passando por Rio Bonito.

E', por isso, oportuno, falar da necessidade do prolongamento da E.F. Goiás, buscando essa região sudoestina.

Logo que se inaugure este trecho de estrada que está sendo morosamente construído de Bulhões para Goiânia, poderemos tratar do prolongamento dos trabalhos, rumo Oeste, passando por Trindade, Nazário, terras de Paraúna, e de Rio-Bonito, até o vale do Rio Grande, a-fim-de encontrar o marco zero da expedição, exatamente no local escolhido pelo sr. ministro João Alberto, para ali se edificar uma nova cidade-colônia, que deverá ter todos os característicos de cidade moderna.

Sem a estrada de ferro será muito difícil, e muito penoso, realizar um trabalho desta natureza, nós o sabemos porque assim ajudamos a construção de Goiânia, mas, aqui, tivemos um Pedro Ludovico, e não sei se haverá outro tão abnegado e desprendido, tão idealista e de cultura igual.

O prolongamento é, pois, agora, além de um imperativo econômico, imediato, uma necessidade social.

Continua sendo estrada-estratégica, e continua sendo estrada de desbravamento, à qual compete despertar a vida e o progresso do ocidente, como integrar os planos de defesa nacional na imensa faixa de fronteiras que procura, naturalmente, atingir.

Não seria um erro de visão a sua penetração porque ela enriqueceria o país com a colonização de uma zona de ináuditas possibilidades, para a pecuária, como para a lavoura, indústrias e aproveitamento das reservas mineralógicas, já pesquisadas e estudadas.

Beneficiaria patrioticamente o país com as suas obras de tão grandioso alcance, no ponto de vista civilizador, para a execução do plano Teixeira de Freitas, que é ideal para a ocupação do Brasil.

O prolongamento da E.F. Noroeste abriu enormes possibilidades, criou Baurú e improvisou excelentes cidades.

As estradas, naquele patriótico impulso de penetração para oeste, abreviaram o progresso de Mato-Grosso.

Veio a Itapura como consequência

da realização da Noroeste, que levou a Corumbá suas paralelas de aço.

A Goiás realizou também nessa época, a sua maior odisséia fazendo surgir Goiandira, Urutá, Pires-do-Rio e outras cidades que jamais existiriam sem o seu advento.

A Paulista atingiu o Rio Grande e prosseguiu seus estudos para as margens do Paraná, abrindo caminho entre os espigões do Rio do Peixe e do Aguapeí.

A Sorocabana de Botucatu prosseguiu para as barrancas do Paraná.

A São Paulo-Paraná, rasgou matas virgens, a partir de Ourinhos na direção do Guaíra, na fronteira com o Paraguai.

A fusão da Noroeste com a Itapura ligou o Atlântico a Corumbá com o objetivo de ligar futuramente os dois Oceanos.

A Araraquarense está se estendendo do até o Pôrto do Taboado, empregou, para obter vantagens, economia de tempo e dinheiro, grupos mecânicos, que executaram apressado movimento de terra em poucos meses.

Araçatuba, Santo Anastácio, Rio-Preto, Londrina, Marília e outras, surgindo como as cidades miraculosas do Transcontinental do Pacífico; desbravaram, e construíram uma civilização, onde pululam vilazinhas modernas, higienizadas, com luz elétrica até nas fazendas, pavimentadas, com algumas ruas asfaltadas.

São-Paulo já tem 7.500 quilômetros de linhas cortando suas terras; S.-Paulo tem a totalidade das boas vias-férreas.

Na civilização do território que o sr. ministro João Alberto vai desbravar, com a sua bandeira ultra civilizada, aparelhada científica e mecanicamente como nenhuma outra expedição dessa natureza, não haverá lugar para homens estagnados.

Urge que, mesmo antes da inauguração de Goiânia, se procedam os estudos de locação para o Oeste.

Não compreendo um trabalho tão árduo sem o auxílio da estrada de ferro porque o caminhão não tem estabilidade, e devemos pensar em construí-las antes, criando zonas, centros de produção, núcleos de trabalhos, também outras cidades, que aparecerão como consequência do advento ferroviário, desde a construção, desde a locação.

A Mogiana, estimulada por qualquer meio, poderia, de Uberlândia procurar o rumo do oeste, prolongando sua rede a Cuiabá, passando pelas cidades sudoestinas, que são centros pastoris de grande valor. Aproveitando o traçado da Norte de Mato-Grosso, teria as vantagens da colonização das zonas despovoadas. Daria solução aos problemas da exportação de minérios, estimulando a exploração do petróleo na região que fica entre Coxim e Rio-das-Mortes. Se a Mogiana despresou os projetos de penetração, compete a Goiás realizá-los, sem demora alguma.

O Brasil acompanha com o maior interesse possível a realização da

grande obra internacional, destinada a completar o plano das estradas Pan-Americanas, num traçado transcontinental destinado a coordenar a corrente industrial das duas Américas, no sentido de encaminhar o traçado pela América Central, pelas Guianas Inglesa e Neerlandesa.

Apoiado das correntes do Brasil e da Bolívia, está se realizando o velho sonho de ligação internacional, que tomou vulto após a arrancada cívica de 1930, quando o Brasil, desiludido do falso federalismo que consumira energias imensas, na troca de favores partidários, ansiando por novos métodos de trabalho, novo aparelhamento político, novas leis sociais, e resolveu realizar a sua marcha para o futuro, para a civilização, e para a cultura, dentro de um sadio nacionalismo, e dentro de uma pureza absoluta de ideal, rompendo de vez com o derrotismo, no inesquecível 10 de Novembro de 1937.

Em 1930, o Brasil, sentindo a necessidade do progresso rodoviário e ferroviário deu novo impulso às iniciativas, especialmente as que interessavam a economia nacional no ponto de vista político e econômico internacional.

Em 1935 existiam 38.106 quilômetros de linha sobre controle de empresas que, em São-Paulo, Sul de Minas e Distrito Federal, em uma pequena área, monopolizaram dois terços da viação férrea do Brasil.

No interior a densidade ferroviária é praticamente insignificante.

Os créditos de construção concedidos às estradas de grande desenvolvimento quilométrico, em vez de serem aplicados nos prolongamentos, foram desviados para consolidação e conservação da Via Permanente. Sempre existiu o critério de que não pode haver linhas novas, sem perfeita conservação das linhas velhas.

Foi essa a causa da paralização em Anápolis da estrada de ferro de Goiaz, cuja consolidação e obras de renovação, absorveram, sempre, os créditos destinados a penetração de suas linhas para o interior, e parte das rendas ordinárias, desde 1934.

As grandes estradas levam a desvantagem das grandes distâncias entre localidades e estações, servindo zonas desabitadas e estéreis, que não dão renda imediata, no período de após inauguração, e até que formem, elas mesmas, ao longo de suas linhas, a vida econômica, industrial e comercial necessária, os "deficits" são inevitáveis.

As estradas brasileiras, para barateamento de suas construções, procuram, sistematicamente, os espigões e divisores de águas, zonas estéreis, terrenos safaros, onde não é possível o estabelecimento de vida imediata.

Foi esse um dos erros da Mogiana, fatores de DEFICITS no trecho do Rio Grande a Uberaba.

Será preciso, pois, para a ligação da Bolívia, que está sendo feita através de zonas inhóspitas e de imensos chapadões, que o critério escolhido se-

Frederico de Medeiros

O dia 19 do corrente é de festas para OESTE, em virtude de se aniversariar, nessa data, Frederico de Medeiros, Assistente Técnico do Departamento Estadual de Estatística e redator desta revista.



Frederico de Medeiros é, sem favor, uma das inteligências mais brilhantes da presente geração de intelectuais goianos — afirmação essa que está patente num sem número de belos trabalhos prestados ao jornalismo e à literatura de nossa terra. Modesto e portador de um talento de escol, só raramente nos apresentava com uma produção de sua lavra, mas, quando o faz, deixa ressaltar em cada período o vigor de seu estilo e a força de seu caráter exemplar.

Já prestou ao Governo assinalados serviços, em diversos setores, tendo sido Delegado Seccional do Serviço Nacional de Recenseamento no norte do Estado, funções que soube desempenhar com um descortínio singular. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística acaba de publicar, em separata, o seu excelente trabalho intitulado "O Ritmo Evolutivo da Estatística em Goiaz", o qual mereceu dos técnicos do assunto as mais lisongueiras referências.

Não podia, pois, deixar de ser festivo, para nós, o dia dos anos de um tão prestimoso e culto companheiro.

ja mais condizente com a experiência adquirida, tendo-se em vista o melhor sistema de conjugação do transporte usado, assim como o melhor que corresponda ao fim principal, que é a captação da rede Boliviana aos nossos portos, trazendo para o Brasil a

A concepção individualista dos direitos humanos tem evoluído rapidamente, com os tremendos sucessos deste século, para uma transformação incomensurável nas noções jurídicas do individualismo, restringidas agora por uma extensão, cada vez maior, dos direitos sociais. Já se não vê na sociedade um mero agregado, uma juxtaposição de unidades individuais, acutelados cada qual no seu direito intratável, mas uma entidade naturalmente orgânica, em que a esfera do indivíduo tem por limite inevitável de todos os lados, a coletividade. O direito vai cedendo à moral, o indivíduo à associação, o egoísmo à solidariedade humana. Estou, senhores, com a **democracia social.** RUI BARBOSA.

É no Brasil, é no pensamento político do atual Presidente da República, que pela primeira vez encontramos, realizada na prática e simultaneamente explicada na doutrina como tal, uma democracia não liberal, ou seja, uma democracia onde a idéia de justiça social, de equidade, de liberdade justa e socialmente útil importa muito mais que a idéia individualista da liberdade em si, não raro prejudicial à felicidade coletiva e à justa distribuição dos interesses comuns. ALMIR DE ANDRADE.

amizade e o intercâmbio da Bolívia.

Para a grande obra, os recursos não há de faltar, além dos 30 milhões de cruzeiros consignados ao Plano Quinquenal

As realizações do Oeste, além da construção do ramal de Campo-Grande a Ponta Porã, que visa ligarmos ao Paraguai, a do prolongamento da Noroeste, de Pôrto Esperança a Corumbá, que completará a articulação da Corumbá a Santa Cruz de La Sierra, na extensão de 700 quilômetros, serão acrescidos, em próximo futuro, do grande projeto de penetração da Araraquara, com o traçado que virá a atravessar as regiões de Santana, Garças, Baús, Sta. Rita, Alto Araguaia, rios Taquari, Aporé, Araguaia, Pequirá, Correntes, divisores do Itiquira e Poguba, do rio das Garças, chapadões do Tadarimana e Jorrique, Serra da Saudade, fraldeando a Mata Grande, Serra da Giboia, o chapadão do Rio Manso até descer a serra para Cuiabá.

A Goiaz poderia entroncar-se em Itapura, porque haverá mais tarde uma bifurcação para Angra dos Reis, quando o bruto do petróleo Boliviano vier, em suas imensas remessas, congestionar o tráfego da Noroeste, com destino a Santos, via única de saída.

Voltarei a tratar deste assunto, em outro artigo, para o qual pretendo apresentar alguns elementos valiosos de informação, que serão depoimentos, apenas, mas, de quem aprendeu a geografia do Oeste cavalgando lombo de animais, um sincero trabalho em prol do grande transcontinental ferroviário, sem os exageros do otimismo do litoral.

Como julgar Pedro Ludovico ?

Colemar Natal e Silva

“SENHORES,

Pouco será preciso dizer, além do que traduz o sentido desta nossa reunião, eloquente e expressiva só por si.

Não é, apenas, a comemoração de uma data natalícia. Se para qualquer ser humano, por mais apagado e humilde, é de festas o dia em que nos seus olhos brilhou a centelha da vida, essa alegria e êsse júbilo crescem e se multiplicam em razão da utilidade e do valor que saiba dar à sua existência.

Eis por que transcende da esfera familiar para a das multidões a comemoração das datas natalícias dos homens que, por seu valor pessoal, por seus feitos, deixam de se pertencer ou de serem, apenas, de sua família, para se constituírem em bem comum, em patrimônio da coletividade.

É este o caso do 23 de outubro, dia do nascimento do dr. Pedro Ludovico Teixeira.

Quando a luz do entendimento começa a clarear o caminho, quando raia o alvorecer da razão, o homem se sente em face da inquietação das primeiras indagações, começa, aí, a se definir para ele esse complexo extraordinário que se chama a personalidade.

É quando se revela o signo da sua missão.

Quem quer que se detenha no estudo da vida dos homens a quem se possa dar, com propriedade de expressão, o adjetivo de grandes homens, terá na análise fria de todos os seus dados biográficos, elementos os mais expressivos e concludentes para um julgamento.

Sem dúvida, é esse um dos gêneros mais atrativos de literatura.

Dentre muitas outras conclusões expressivas, pode-se chegar a de que há muitos traços comuns na vida desses excepcionais.

O sofrimento e a luta são pedras de seus pedestais. E se a psicologia nos revela que uma das leis humanas mais certas, mais inexoráveis, é a lei das compensações, vê-se, para logo, que a glória nunca deixa de cobrar um pesado tributo de seus eleitos.

Por isso mesmo, o que há-de mais nobre, de mais sedutor no estudo dessas vidas singulares, não suo, propriamente, as suas conquistas ou vitórias senão o sacrifício que se impõem para obtê-las.

O aspecto de altruismo que há na renúncia da tranquilidade, tão propícia às vidas humildes, para construir a felicidade coletiva — é o que de mais meritório se possa imaginar.

Bater-se por um ideal superior, fa-

zer dele o objetivo fundamental da própria vida, sofrer para atingi-lo — é meritório e nobre.

Mas, sonhar um ideal, bater-se, sofrer por ele e vê-lo realizado — é um privilégio que o Destino concede a poucos.

Eis o que conseguiu Pedro Ludovico, o nosso homenageado.

Fôsse ele um espírito egoísta e acomodaticio, teria a sua existência calma, serena, confortável, entregue ao labor compensativo de sua clínica, dedicando-se tão só à ciência que abraçou e aos lazeres familiares.

E, talvez, isso mudasse o próprio curso da vida goiana. Preferiu a luta, a inquietação, o sofrimento, enfim, a glória.

Quantas e quantas vezes o vemos, nessas lindas manhãs batidas de sol, de alegria, prisioneiro de seu palácio, quando, cá fora, a vida se desenrola livre e agradável, fecunda e atraente, sob o ritmo de paz, de ordem, de progresso que a sua ação equilibrada e prudente criou e mantém para todos nós ?

Após tantos anos de luta e de trabalhos, o quanto não lhe seria agradável, gozar a alegria sã da vida campestre, não se sentir sob o peso constante de tão alta soma de responsabilidade, por-se liberto do poder ?

Não raro há-de ter sentido, lá no seu presídio dourado, ouvindo tantas delações e intrigas, quanta malvadez, quanta falsidade, quanta ambição, descabida e condenável, revela, às vezes, a fraca humanidade.

Como deve ser grande, pesado, o sacrifício de apôr a tudo isso o equilíbrio restaurador de uma ação, ao mesmo tempo prudente e equânime, enérgica e justa, previdente e neutralizadora !

Já agora não é, apenas, a garantia de continuidade de bem-estar do povo goiano que o prende à testá do Governo.

É aquele mesmo sentimento de que fez, desde o início de sua luta, uma das mais altas diretrizes. — o amor ao Brasil.

Afigura-se-me cedo para traçar a biografia do dr. Pedro Ludovico.

Embora ele vá deixando, atrás de si, de ano para ano, bem talhadas as pedras para o seu pedestal, embora ele “viva no coração do povo”, embora esteja à mão todo o material para sagrado de sua glória, não é este o seu momento.

Sob todos os múltiplos prismas de atividade, através dos quais se exerce a ação do governo, é assás ampla e complexa a obra do Chefe do Executivo de Goiaz.

Para bem aquilatar quanta grande-

za ela encerra, basta considerar que o tempo, o grande destruidor das cousas humanas, se incumbirá de engrandecê-la, porque, Goiânia, a sua principal realização, vai ser, pelo futuro a dentro, cada vez maior.

Como julgar Pedro Ludovico ?

Que se lhe aplique o critério usado por Rui Barbosa para a crítica ao autor das Viagens de Gulliver: “Na balança onde houverdes de pesá-lo, os elementos de julgar são, ao lado de seu gênio, as características do meio e do tempo, os motivos, os intuítos, os resultados”.

A medida exata do valor de um homem está na sua ação, nas suas realizações, por isso, sempre se me afigurou um crime, banalizar os estadistas, cobrindo de adjetivos e encômios a sua pessoa.

Muito mais eloquentes, espressivas, concludentes falam, por si mesmo, as suas obras.

Mais de que uma rememoração por menorizada, mais de que uma recapitulação minuciosa às suas realizações, em todos esses setores, já amplamente divulgadas, assás conhecidas, estão na consciência do povo goiano que as sente e julga em tôda sua plenitude e variedade.

Infelizmente, os eternos caluniadores, os insatisfeitos em suas ambições pessoais, se esforçam, às vezes, para empanar o brilho de sua glória.

Deles poderá dizer Pedro Ludovico, como disse a Águia de Haia: “Oh, nós não podíamos ter a veleidade de acreditarmos superiores a esse escote doloroso que os maiores nomes da história pagaram às paixões contemporâneas.

“Eu não temo a cabeça coleante do réptil que uma cipoada vingadora da verdade bastará para deixar mutilado no chão, estorcendo-se, na impotência de seu veneno. Não temo porque a minha consciência é forte, sã e inteira”.

No entanto, urge deixar bem claro que é mínimo, reduzidíssimo o número desses inimigos que possa ter o fundador de Goiânia — porque, é verdadeiro proclamar, nenhum chefe de governo jamais gozou, em nosso Estado, tão grande popularidade.

Pouco importa que os impenitentes saudosistas de uma demagogia perniciosas, clamem contra esse estado de cousas.

Repetimos, agora, com prazer, o que nos foi dado asseverar perante o Congresso Nacional do Ministério Público em São-Paulo: “Nunca mais teremos uma democracia de estereis lutas partidárias, de mesquinhas competições pessoais, de predomínio dos interesses de grupos, em nome de uma liberdade

que serviu a todo mundo, menos aos interesses vitais da própria nacionalidade.

Teremos, sim, a purificação da fórmula democrática pela sagração definitiva do Estado Nacional adaptada às diretrizes superiores, que o fim da guerra nos trará, por certo.

“A democracia que o Brasil de hoje compreende como a única digna de sua experiência histórica, é ao contrário, a “democracia orgânica” nascida da força do trabalho organizado em suas expressões naturais. Essa democracia não se realiza mediante renovados e insinceros retoques na legislação eleitoral; não se dá por satisfeita com a declaração precária dos direitos fundamentais do homem, em artigos de constituições valetudinárias; nem encobre a opressão com a bandeira da liberdade e da fraternidade; e nem tampouco se limita a endeusar o homem como um ser “votante” triturado pelas engrenagens de partidos políticos, pretensos intérpretes de uma opinião pública, que tanto mais deformam quanto mais cobrem de lisonja”.

Em nenhum outro momento de nossa vida político-social-administrativa iremos precisar mais de nosso grande chefe, de que, no instante, talvez próximo, em que o Brasil tenha de dar estruturação definitiva ao seu regime.

Seja-me lícito dizer, de novo: “É incontestável que, nem só o nosso Estado como todo o Brasil atravessam uma fase de franca evolução política. Tudo indica que caminhamos para melhor.

E no período de agitação contemporânea, na hora de instabilidade mundial que atravessamos, nesse instante de renovação ou dissolução o que mais se exige no homem público é a coerência com os seus princípios, é a firmeza de atitudes, é a linha reta na trajetória pública, porque essa política de transigências oportunistas, essa política de trucs, ao inteiro sabor de interesse pessoal dos chefes, só pode lhes dar e só lhes tem dado um prestígio, efêmero, instável também.

Como seu amigo dos mais certos que tenho sabido ser, vejo, cheio de sã alegria, que o prestígio de Pedro Ludovico não vem do cargo que ele conquistou, aliás, pelo seu valor próprio e que tão honradamente tem sabido manter.

Na hora que parece próxima, em que se precisar de quem não transija, de quem saiba colocar o seu ideal acima de todas as conveniências pessoais e partidárias, inclusive ao aceno das fascinações doiradas do poder, na hora de se encontrar o homem capaz de nortear a sua vida política pelo seu ideal — veremos não só Goiaz, como o Brasil procurar vultos, como o de Pedro Ludovico, que ainda existam pelo país afora como reserva da nacionalidade.

A tais homens o povo sente que pode acompanhar, porque eles não o abandonam em quaisquer emergências”.

São êsses os sentimentos que nos inspira o significado desta comemoração, a data de início dessa existência fecunda.

Mas, o nosso objetivo principal, é focalizar a ação magnífica de seu governo no setor do amparo e incentivo à cultura.

É porque, sobre as bases do progresso material que criou para o Estado, está levantando as bases duradouras do saber e da cultura que nos sentimos mais à vontade para enaltecer a obra de Pedro Ludovico.

Sim, nenhuma glória é maior para um chefe de governo de que aumentar a cultura de seu povo.

“A história nos conta de grandes imperadores que alargaram de muito os seus domínios, subjugando e vencendo outros povos, ganhando batalhas tremendas e arriscadas, aumentando o seu patrimônio material. Cobriram-se de glórias, ganharam poderio e fama. Passaram para a história. Mas que ficou de duradouro destas conquistas?

Que resta da obra de Napoleão?

A triste lembrança da ilha de Elba. Ao passo que o patrimônio intelectual da França é imortal.

E a Grécia será sempre a Grécia, porque a luz de sua intelectualidade jamais se apagará; porque lá é que nasceram a arte, a filosofia, o livre pensamento, a curiosidade da investigação. O prestígio da civilização grega sobreviverá enquanto sobreviver o espírito humano!”.

Por isso tivemos ensejo, à época da fundação da Academia Goiana de Letras, em 29 de abril de 1939, de lançar este apêlo: “A Goiânia, cidade das realizações ousadas, dos empreendimentos felizes e construtores em todos os setores da atividade humana — cidade que já nasceu grande e já traduz tão bem a vertigem do progresso e da civilização contemporânea — não bastam os palácios luxuosos, as vivendas principescas: ela precisa projetar bem longe as luzes de sua intelectualidade, precisa manter sempre acesa essa partícula de luz que traz a grandeza material e inorredora das cidades”.

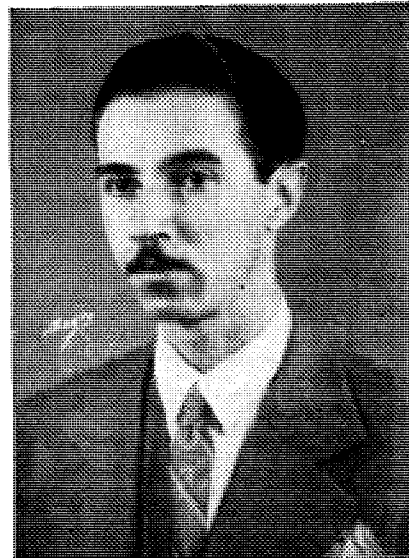
—:—

Aos votos de felicidade, aos aplausos uníssonos que hoje, embora ausente de nosso Estado, se destinam ao seu insigne dirigente, juntam-se os nossos, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz, da Academia Goiana de Letras, da Revista OESTE, do Centro Acadêmico “XI de Maio”, do Grêmio Literário do Colégio Oficial, do Grêmio da Escola, Normal Oficial, do Grêmio Teatral “Pedro Ludovico”, da Grande Orquestra de Goiânia, da Ordem dos Advogados, enfim de todas as associações culturais e artísticas que se criaram e se mantêm, nessa esplêndida atmosfera de apêlo e de amparo de sua administração, sob tantos aspectos, modelar”.

(Discurso pronunciado na ma-

J. B. Felix de Sousa

O dia 21 do mês de novembro assinala a passagem do aniversário natalício de J. B. Felix de Sousa, ilustrado Procurador Fiscal da Fazenda do Estado e Secretário de OESTE.



Só muito recentemente o público leitor de Goiaz começou a conhecer os trabalhos de José Bernardo Felix de Sousa, que, a-pesar-de sempre ter escrito, guardava àvaramente suas produções nas gavetas da mesa de seu escritório. Não foi sem alguma dificuldade que amigos seus conseguiram convencê-lo de que precisava trazer à publicidade tanto conto interessante e tanta crônica expressiva que estavam, daquele modo, votados à faina das traças. Surgiu, então, o admirável “conteur” que todos hoje conhecem e prezam, portador de um estilo definido e vigoroso, a serviço dos quadros simples que cotidianamente se nos deparam na vida.

Como jurista, vem ele prestando assinalados serviços ao Governo do Estado, à testa, como está, de uma repartição tão importante como a Procuradoria Fiscal da Fazenda, onde se estudam numerosos assuntos de sumo relevo para a Administração. Como intelectual, jamais deixa de prestar seu apêlo a toda causa que promete propugnar pelo bom nome das letras de nossa terra, sendo seu trabalho, como Secretário de OESTE, dos mais expressivos e inesquecíveis.

Por tudo isto, não podíamos deixar de consignar em nossas colunas a efeméride de 21 do corrente.

nifestação prestada ao Interventor Pedro Ludovico pelas classes intelectuais de Goiânia, ao ensejo de seu aniversário).

Maria Clara amanhecera com uma vontade louca de cantar. De gritar como aqueles pregoeiros das ruas:

— Olha o leeeite! Padeeeiro! Oooo-lha a banaana madura!

Com um desejo exquisito de saltar, de dar pulos, de fazer cabriolas malucas como os artistas de circo... De subir pelas árvores e de lá se atirar ao chão, as saias enfunadas como paraquedas. Com uma necessidade inadiável de se expandir, de dar largas áquele entusiasmo diferente que lhe ia na alma, fazendo-lhe cócegas do pé à cabeça. Ela precisava, enfim, entoar um hino à primavera que nessa manhã surgia malucamente bonita. 22 de setembro! O jardim estava florido, as árvores cobertas de fôlhas novas, lavadas pela chuva, as jaboticabeiras vestidas de branco. Em breve tornar-se-iam verdes e depois pretas. Verde: esperança. Preto...luto. Não, Maria Clara não queria pensar nessas coisas tristes que seriam um contraste para aquela manhã tão bonita. Pensaria apenas nas flores. Sim, só nas flores. Que imagem bonita lhe veio à cabeça. O professor de Português iria gostar: "As jaboticabeiras estão vestidas de branco para receberem o pólen da fecundação". As abelhas alcoviteiras iam e vinham carregando pólen. (Aula de História Natural. O professor velho, óculos cavalgando o narigão adunco, a voz fahnosa: "O pólen descendo pelo estilete vai fecundar o óvulo. Preste atenção Maria Clara!") Jaboticabas... Por que será que as jaboticabas não ficam vermelhas quando estão maduras? Seria tão bonito se as jaboticabas fossem vermelhas. Mas não, elas que são tão gostosas preferem a cór preta. Outra vez o preto! Preto é sinal de luto. Preto dá azar. Para desviar êsses pensamentos, Maria Clara deu um impulso no balanço e sentiu a sensação agradável das alturas. O galho da árvore estalou. E se as cordas do balanço se partissem? Melhor seria voar num avião do Aéro Clube. Voar... Transpor distâncias infindas. Basgar o céu azul. "O avião riscou o cerúleo do firmamento qual fosse uma flecha" (outra frase bonita para a aula de Português).

O balanço voava carregando Maria Clara. A mangueira tremia-se tóda, numa convulsão de nervos, derramando sôbre a moça uma chuva de flores e pequeninos frutos. Andava no ar o cheiro agradável das flores entreabertas. Maria Clara recebia no rosto a carícia leve da brisa perfumada; que lhe entrava pelas narinas a dentro, enchendo-lhe os pulmões, que colava ao seu corpo o vestidinho leve, fazendo salientarem-se os seios virgens, que mal apontavam.

— Primavera, como é bonita! Assim na realidade és muito mais encantadora do que te pintaram no baile de ontem. Sentindo-te através das flores, das fôlhas novas, das "jaboticabeiras vestidas de noiva", das abelhas conduzindo pólen, do cheiro acre de terra molhada, do perfume das flores, tu te apareces muito mais prima-

A Filha

CONTO de B. Rocha

vera do que as decorações grotescas que te fizeram no salão de festas do clube, com aqueles galhos murchos de jaboticabeiras, com glicínias e laranjas murchas penduradas. (Jaboticabeira não dá glicínia nem laranja).

Também dentro de Maria Clara havia uma primavera que nascia. Também dentro dela havia perfumes, havia flores, havia anseios inexplicáveis. Sim, Maria Clara amava.

Agora, a cabeça recostada ao tronco da mangueira, ela revivia o baile de ontem. A primeira vez que dansara num baile. A vovó, a pedidos insistentes das amiguinhas, havia consentido. E que coisa deliciosa! "De-li-ci-o-sa" como diz a Maura com aquele beijo comprido e vermelho dela. Os sambas... os foxes... as congas... ("Você está dansando muito bem! Não parece ser a primeira vez"). Os pares elegantes e atenciosos. ("A senhorita quer dar-me o prazer?"). Os aplausos da assistência. ("Muito bem! Está no tempo de divertir-se. Vai fazer 16 anos"). E os galanteios? ("Eu quizera ser uma beija-flor para oscular a margarida que tu trazes no peito"). Bobo! "Um beija-flor". "No peito". (Merece zero em Português). Mas êle não. Êle... Ai! Se vovó soubesse?... Bem que ela disse: "Aposto como amanhã estarão aí rapazinhos babosos rondando-me a porta". Por que será que vovó não gosta de bailes? Deve ser por causa da mamãe. Ela fala sempre nisso, mas por alto, de uma maneira obscura. O certo é que mamãe fugiu de um baile com um rapaz louro. Depois a Maternidade mandou Maria Clara de presente a vovó. O resto ela não entende bem. Rapaz louro... Êle também é louro... Vovó vai ficar furiosa quando souber. Mas, que há-de fazer? Está doidinha por êle. E' tão gentil. Pena foi que conversassem tão pouco. Não houve tempo. A Maura disse que êle é velho. Está com inveja. Mas a dona Antoninha do "seu" Feliciano falou que êle tem um ar circunspecto. Circunspecto! Vovó sempre diz: "Maria Clara deve casar com um rapaz circunspecto" Muito melhor que o namorado da Maura que é um estróina sem eira nem beira. Mas como se chama? Ficou tão acanhada que nem perguntou o nome dele. Será Pedro? Manoel? João? (João é nome bobo). Valtrudes? Vilmar? Não, deve ser Roberto. Sim, Roberto. Quando casar com êle só o chamará de Bob. Deve ser funcionário público ou empregado de Banco. (Usa relógio pulseira). Quando êle vier para o jantar ela irá esperá-lo à porta: "Alô, Bob!"

D. Mariquinhas encheu o retângulo da janeala da sala de jantar com a sua

cara gorda e enrugada.

— Apronte-se, menina! Está na hora do colégio.

Maria Clara acordou do seu sonho para encarar a realidade. As abelhas continuavam transportando pólen, os beija-flores chupando o mel das corolas, mas ela tinha que ir para o colégio.

.....

Maria Clara anda pelas ruas movimentadas na sua abstração deliciosa. Hoje é quarta-feira, pensa ela, dia de matemática. Regra de três. "Bob está para Maria Clara assim como..."

— Ai! Que moleque malcriado!

A bola suja de lama deixou uma roda vermelha no uniforme de Maria Clara.

Por que será que ontem no baile ela sentira tanta saudade da mamãe? Daquela mamãe bonita, morena, olhos grandes, cabelos pretos e encaracolados que ela vê diariamente no retrato a óleo da sala de jantar, mas que nunca conheceu na realidade? Por que será? Talvez que mamãe gostasse do Bob. Devia de ser mais evoluída que a vovó. (Vovó nunca teria coragem de fugir com um namorado). Certamente consentiria no casamento e até estimaria muito. Mandaria cartões com letras douradas participando do noivado: "Dr. Roberto Miranda (êle deve ser doutor) e Maria Clara de Magalhães, Noivos". Tôdas as suas colegas têm mamãe, só ela é que não.

O vento está agora soprando forte. Faz redemoínhos indiscretos. Derrubou o chapéu do padre. Ergueu o vestido leve da melindrosa. Ainda bem que o uniforme de Maria Clara é de casemira pesada. (Custou 300 cruzeiros. "Uma coisa horrórosa!" — fala a vovó). As janelas das casas estão batendo por causa do vento. Aquela mulher magra que não tem o que fazer tomou a veneziana no rosto.

— Bem feito! pensa Maria Clara. Vive só olhando a gente pelas gretas da veneziana.

Da carroça do lixeiro saiu uma nuvem de papéis sujos que se espalharam pela rua. O burro da outra carroça assustou e derrubou o boleeiro na sargeta. Quasi que houve um desastre.

— Fon-fon-fon!

A barata do Prefeito passou com o para-choque raspando nas pernas de Maria Clara.

.....

Irmã Eugênia está no quadro negro explicando a regra de três. Maria Clara escreve com letra caprichada, na capa amarela do caderno de matemática, a palavra Bob. Mas a professora pode ver. O melhor é continuar a palavra escrevendo Bobice, Bobagem, Bobas.

— Vamos, Maria Clara! 25 está para 10 assim como 10 está para...

— Bob.

— Que é isso, menina. Você está ficando maluca?

Volta Irmã Eugênia para o quadro negro e Maria Clara para o seu so-

nho. Agora ela está pensando se deve ou não aceitar o convite. Ele pediu para esperá-lo, hoje, às 9 horas da noite no portão do jardim. Deve ir? Sim, ela irá. Não pode deixar de ir. Deve ser assunto importante. Mas se a vovó descobrir? Não, não descobrirá. Para tudo se arranja um jeito. Ficará estudando no seu quarto até aquela hora. Não. O melhor é ir à casa da Ditinha e ficar lá até às 9. Tem uma visita de aniversário para agradecer. Ditinha mora ali mesmo, do outro lado da rua, no número 228. Ela escreve na capa do caderno: 228... 228... 228... Número 228.

A professora interroga:

— Você, Maria Clara. Multiplicam-se os meios e divide-se o produto pelo... pelo...

— ...pelo número 228.

— Ah! ah! ah! Uma risada reboia pelo salão.

Maria Clara fica um tanto ruborizada, mas aos poucos vai se esquecendo da aula para mergulhar-se novamente em seu mundo interior, que é muito mais bonito do que o mundo das matemáticas.

Voltando da casa de Ditinha, justamente quando o carrilhão da sala bater as 9 horas, ("Ih! já são 9 horas. Vovó deve estar furiosa! Tchau!") ela se ocultará entre as glicínias que circundam o portãozinho de ferro. Ele não deve tardar. Que irá dizer? Naturalmente serão declarações de amor. Se lhe falar em fuga, será franca. Basta o exemplo da mamãe. Se lhe pedir um beijo... Não pedirá. Não se usa mais pedir beijos. Ela se entregará mansa e pacificamente. Num beijo não há nada de mais. E' a declaração muda do amor. Deve ser delicioso um beijo! A Maura sempre fala isso. Principalmente o primeiro beijo. ("O primeiro amor e o primeiro beijo nunca se esquecem.") Ela escreve "Primeiro beijo", "Primeiro amor" e pinta um coração atravessado por uma flecha na capa do caderno. Depois apaga tudo com a borracha. O beijo do Bob deve ser ardente, feroso e demorado como os do Spencer Tracy (a Maura pronuncia "treice"). Nesse caso ela deve usar um "baton" de qualidade para não comprometê-lo. Michel? Colgate? Coty? Royal Briar? O melhor seria usar o processo que a Maura lhe ensinou: passasse o "baton", enxugasse levemente com um paninho, usasse pó de arroz por cima, com abundância, e depois humedecem-se os lábios com a ponta da língua. A pintura fica inalterável.

.....

Maria Clara não era capaz de conversar direito com Ditinha. Estava sem assunto. Os ponteiros do relógio não queriam andar de jeito nenhum, seria melhor pedir a Ditinha para tocar piano. Assim ficaria dispensada de conversar.

— Toque a "Manolita" para mim, Ditinha. Gosto tanto...

Ditinha não se faz de rogada. E enquanto os seus dedinhos ágeis per-

corria mo teclado branco, narrando a paixão da espanhola pelo bravo toreiro, Maria Clara se entrega de novo aos seus pensamentos íntimos. Quem sabe se ele se chama Pedro? Não. Pode haver alguma Cacilda e isso não dá certo. Fica sendo Bob mesmo. E' mais bonito e mais moderno. Olha o relógio, afrita. Daí a 15 minutos estará junto ao portãozinho, no meio das glicínias, esperando Bob. Ele virá de terno azul. Sem dizer nada, segura-a pelas mãos, cinge-a num abraço apertado e beija-a. Ela dirá umas frases de amor que ele sufoca com outro beijo.

.....

Já fazia dez minutos que Maria Clara se achava naquela posição encômoda, no meio da folhagem, esperando, quando um vulto apareceu na esquina. O coração de Maria Clara bateu com força. Será ele? Sim, ele mesmo. Maria Clara identifica-o quando parou debaixo do poste para olhar no relógio-pulseira. Vem um pouco desconfiado, chapéu puchado na testa, a gola do paletó virada para dentro, como se estivesse fazendo frio.

— Por que será? — pensa Maria

Clara.

Examina o jardim. A casa. A rua. Ninguém. Vovó está ouvindo rádio na sala de jantar. Ditinha fechou a porta. Não há perigo. Depois a iluminação daquele quarteirão é muito fraca.

O vulto vem andando de vagar. Por sua vez examina tudo em arredor, como se fosse cometer um crime. E depois de se certificar de que ninguém o vê, passa pelo portão assoviando uma canção qualquer.

Maria Clara, coração batendo forte, a voz sumida, salta do seu esconderijo e vem ao limiar do portão.

— Alô!

O homem para. Olha Maria Clara de alto a baixo. Examina-a em todos os seus detalhes. Avança para ela. Segura-lhe nas suas as mãosinhas trementes. Acaricia-lhe depois os cabelos encaracolados. Abraça-a com fúria. Afasta-a de si para mirá-la outra vez e novamente apertá-la contra o peito. Beija-a longamente na testa. E lhe diz, num êxtase de ternura e satisfação:

— Maria Clara, minha filha! Como estás crescida e bonita! Minha filha!...

Este certificado vale um **Tissot**
E UMA COMPLETA
Garantia Contra Acidentes

Tissot é um relógio anti-magnético de absoluta precisão. E possui um certificado de Garantia Contra Acidentes, válido por um ano. Se o seu Tissot sofrer qualquer avaria, inclusive a quebra do vidro, será consertado gratuitamente, ou substituído por um novo, caso o conserto seja impossível. Tissot é um relógio de classe por preço módico.

Tissot

PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE
OMEGA GENEVRA — SUÍÇA

Tissot

ALENCASTRO VEIGA & IRMÃOS
Agentes exclusivos para GOIAZ e GOIÂNIA

GRANDEZA DO NOSSO BRASIL, EXEMPLO DA NOSSA AMÉRICA

JOSÉ BITTENCOURT

Foi o Estado Nacional quem restaurou o Brasil estruturando os seus vínculos ancestrais e eliminando os entraves da sua livre expansão. A índole do brasileiro não se retrata no bairrismo e no separatismo de grupos políticos, retemperados pelas a-berrações passageiras de interesses esparsos emergidos da incoerência do liberalismo balofo. Sem homogeneidade político-social o país estava desvirtuando da órbita de suas tradições históricas, afastando-se das conquistas da civilização e desprezando até mesmo a sua própria projeção continental.

O milagre da restauração foi uma consequência lógica e imediata do regime de 10 de Novembro. Pode-se dizer agora que nenhuma força é capaz de demover o destino do povo brasileiro totalmente reintegrado num ambiente de labor, construindo um futuro de trabalho e de gigantescas realizações. O Brasil foi restaurado nas suas raízes essenciais. Reconstituiu-se e moldou o seu organismo interno fixando as suas bases na solidez da nova política nacional. E após seis anos da sua instituição pode orgulhosamente o presidente Getúlio Vargas apontar o Brasil como sendo um padrão de ordem e de tranquilidade, um país em o qual cada homem se ocupa da atividade que lhe é peculiar.

A consciência brasileira está escudada numa consciência humana e os caracteres formadores da individualidade perene da lei hoje se consubstanciam na harmoniosidade jurídica, servindo de pedra basilar ao edifício do Estado, concebido dentro do mais rigoroso princípio da ética. Nas velhas repúblicas os chefes dos partidos particularistas, ensimesmados com a ganância do poder e preocupados no ludíbrio de seus eleitores, jamais se lembraram de revolver as necessidades de nossa gente, procurando saná-las ou remediá-las através de métodos ou providências salutares. A triste realidade do Brasil, era, na expressão pessimista de um político do Império, a de que o país mais se parecia com "um gigante sem pernas e sem braços".

O nosso redescobrimento foi obra do presidente Getúlio Vargas, o condutor sereno e resoluto, brasileiro nacionalista e legítimo cidadão da América. A revolução outubrista de trinta foi o início dessa reestruturação do organismo nacional, dêsse conjunto harmonioso de forças e energias criadoras que hoje propulsionam o destino das nossas aspirações. Todavia, o gol-

pe de novembro, ou melhor a Constituição de 1937, foi o passo decisivo de nossa emancipação do jugo de inescrupulosos indivíduos, daqueles pregadores da liberdade fictícia que se locupletavam no parlamento, gorgendo discursos laudatórios aos supostos gênios que os ajudaram a galgar aquelas macias cadeiras de deputados ou senadores.

As comemorações do sexto aniversário da instituição do Estado Nacional dão ensejo a que se olhe uma de suas mais importantes invocações expressas no grito de "rumo ao oeste" Aliás êsse é um dos aspectos mais admiráveis da obra reformadora do presidente Getúlio Vargas e particularmente nos interessa, pois que Goiânia representa o marco zero dessa caminhada pela hinterlândia nacional. Muito a despeito dos comentários lisonjeiros de jornalistas apressados e corriqueiros, a nova capital de Goiás é a seta que indica aos viajores do sertão a presença do Brasil ou do Estado Nacional realizando em qualquer parte do país a política que se traçou.

O Estado Nacional é um exemplo de solidariedade humana e um paradigma da direção unificadora do Brasil. Vejamos Goiânia e digamos que ela está perfeitamente integrada naquele "sentido dos paralelos" aludido pelo chefe do governo na sua preocupação de resolver todos os nossos problemas. O rumo e a orientação da cidade é um modelo de associação técnica cuja amplitude foi reclamada pelo seu fundador, quando das memoráveis providências finais que determinaram a sua construção. Esse sentido realista é um aspecto da unidade nacional que se fixa no "paralelo" da nossa marcha pela conquista de tudo quanto seja nosso, de tudo que esteja jazente na sublimidade das históricas tradições do povo brasileiro.

A realização do interventor Pedro Ludovico, cidadão-paradigma da mocidade do Brasil, pode ser — como realmente é — uma eloquente afirmação da nova mentalidade introduzida pelos nossos atuais governantes, evoluída num sentido de brasileirismo nacionalizador. O presidente nele tem um dos seus mais fiéis delegados e um dos mais notáveis exemplos de sua política renovadora. Diferenciado do particularismo inexpressivo e derrotista do velho regime, o interventor Pedro Ludovico conduz o Estado que governa para um rumo nitidamente brasileiro, consultando os

interesses coletivos do seu povo e os equacionando de acôrdo com as necessidades mais urgentes do momento.

Todavia, o nosso artigo começou por falar no Estado Nacional e eis que, ao concluirmos, estamos nos referindo ao governo do admirável estadista goiano. A razão é muito clara. O Estado Nacional é um Estado Brasileiro e o sr. Getúlio Vargas foi o nosso primeiro presidente da República a visitar Goiás. Não é só. A nova política do Brasil apontou o rumo ao campo. Goiânia é o monumento que simboliza a voz do oeste. E o interventor Pedro Ludovico é o homem-padrão do bandeirante dêste século, marchando com "botas de sete léguas" e elaborando a conquista de nosso futuro histórico.

Justificamos o nosso ponto de vista e queremos crer que não fugimos ao essencial dos conceitos que formulamos acima. Não nos é dado o direito de esconder a verdade, mormente quando estamos vivendo um período da mais franca prosperidade e todos nos encontramos gozando das delícias de um ambiente cujo senso de liberdade a própria Constituição de 1937 nos assegura. E' certo que as diretrizes da marcha para o oeste estão assentadas na expansão do trabalho humano para o centro do Brasil. E isso tudo é o que realiza o presidente Getúlio Vargas e o que executa, em Goiás, o interventor Pedro Ludovico.

O sexto aniversário do Estado Nacional é uma data convidativa à meditação e ao estudo dos nossos problemas. Os brasileiros podem, sem receio, relancear as suas vistas para todos os setores de nossa vida político-social e não deixarão de constatar o que foi feito em todos os quadrantes do território. Tudo foi renovado. Tudo está transformado. Há reformas em tôdas as partes. Surgem edifícios ali, hospitais acolá e rodovias aqui. Ampliou-se o nosso sistema rodoviário, melhorou tudo, enfim. Por outro lado aí estão a Justiça Social, o Salário Mínimo, a Assistência ao Trabalhador, a Elevação de nosso Nível de Cultura. Um sem número de realizações. Obra do Estado Nacional. Obra do presidente Getúlio Vargas. Grandeza de nosso Brasil. Exemplo para a nossa América.

Dr. J. RIBEIRO GUIMARÃES

— ADVOGADO —

COBRANÇAS COMERCIAIS-TRABALHOS NO FORUM EM GERAL

ESCRITÓRIO:

AV. 24 DE OUTUBRO, 221 — Telefone 1416

Bairro Campinas

Goiânia - Estado de Goiás

Academia Goiana de Letras

A Academia Goiana de Letras realizou, no dia 22 de outubro, uma interessante sessão, que contou com o comparecimento de numerosa e seleta assistência.

Realizou-se a solenidade às 20 horas, no salão de festas do Palácio do Governo, sob a presidência do dr. Colemar Natal e Silva.

Abrindo a sessão, o dr. Colemar Natal e Silva declarou que ia proceder à entrega dos prêmios a que

Procedeu-se, depois, à entrega dos prêmios, sob calorosos aplausos da seleta assistência.

Novamente com a palavra, o dr. Colemar Natal e Silva apresentou o orador inscrito, o Rvmo. Padre Antônio Wasik, brilhante figura do clero polonês no Brasil, membro ilustre do corpo docente do tradicional Ginásio Arquidiocesano Anchieta, da cidade de Bonfim.

Com a palavra, o culto sacerdote pronunciou magnífica conferência sobre Adam Mickiewicz, o maior poeta polonês, de cuja obra imortal, profundamente patriótica, toda a Polônia se orgulha.

O orador, com muita eloquência e precisão, discorreu longamente sobre o grande bardo de sua terra gloriosa e mártir, conseguindo, ao terminar, os mais francos e calorosos aplausos de toda a assistência.

OESTE, ao dar esta notícia da última reunião da Academia Goiana de Letras, congratula-se efusivamente com o conferencista e com os premiados, nomes dos mais ilustres no cenário das letras goianas.

Gerson de Castro Costa, prezado Diretor desta revista, dotado de raríssima capacidade de trabalho, jornalista de largos recursos, é o intelectual brilhante e fecundo, cujos altos dotes intelectuais já o consagraram como uma das figuras mais brilhantes e mais representativas da geração moça de Goiaz.

Marilda Palínia é essa figura admirável, cuja pena brilhantíssima já tem conseguido para a terra goiana, mesmo nos grandes centros culturais do País, posições de grande relêvo, que honram as nossas letras. Marilda Palínia já se impôs, graças às suas magistrais produções, como lídima representante da inteligência e da cultura da mulher goiana.

Rosarita Fleuri é a poetisa em que não sabemos o que mais admirar: se a espontaneidade, se a simplicidade de seus versos magníficos, acoitados sempre com prazer pelo pe-

riodismo goiano e também por inúmeras revistas de além fronteiras. A todos, nossas calorosas felicitações.

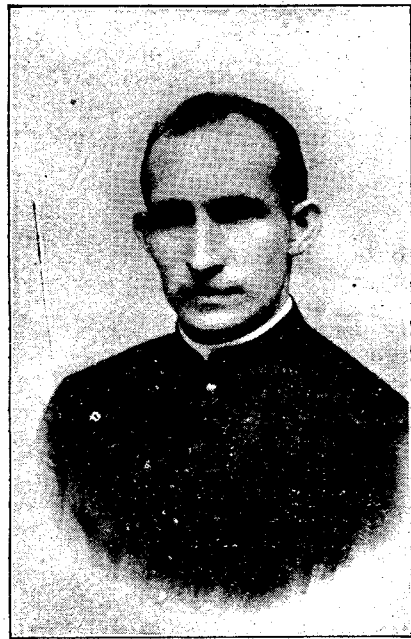
E' com muito prazer que transcrevemos aqui, encerrando esta nota, o honroso telegrama recebido pelo dr. Colemar Natal e Silva do Ministro da Polônia em nosso País, sobre a conferência patrocinada pela Academia Goiana de Letras:

"Dr. Colemar Natal e Silva, Pre-



Adam Mickiewicz, o grande poeta polonês, de cuja obra imortal toda a Polônia se orgulha

fizeram jús os vencedores do concurso aberto para elaboração de uma monografia sobre Goiânia. Falou, então, o ilustre Presidente da Academia sobre os altos méritos intelectuais de Gerson de Castro Costa, Marilda Palínia e Rosarita Fleuri, justamente premiados no curso.



Revmo. Padre Antônio Wasik, brilhante figura do clero polonês no Brasil e ilustre membro do corpo docente do Ginásio Arquidiocesano Anchieta, da cidade de Bonfim, neste Estado

sidente Academia Goiana de Letras.

Apresento v. excia. meus melhores calorosos agradecimentos por ter promovido conferência Padre Antônio Wasik sobre poeta polonês, Mickiewicz, nessa cidade de Goiânia. Atenciosamente, Tadeu Skowronski, Ministro Polônia".

Se, consoante dizia Pasteur, a verdadeira democracia é aquela onde cada indivíduo pode dar seu máximo de esforço, o Estado Nacional realiza esta suprema perfeição. General EURÍCO GASPARDUTRA.

O Estado Nacional mobilizou as forças do país tendo como lema a **organização** — segredo de todas as vitórias. A resultante dessas forças é a **eficiência** que o caracteriza. LUIZ SIMÕES LOPES.



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

O Braço da Lei

Conto de FRANCISCO DE BRITO

Dos agregados de meu avô o que mais dó me causava era o velho Raimundo.

Eu tinha muita pena de todos, pois me parecia excessiva a trabalhadeira em que viviam metidos. Mas, o velho Raimundo tinha assim um ar de fadiga, de quem já está cansado de viver, que me enternecia profundamente.

Devia ter uns sessenta anos e andava meio curvado, sem pressa, os olhos empenbrados, as rugas do rosto mal disfarçadas pela barbicha rala e grisalha.

Era o empreiteiro de café e sempre que eu ia passar uns dias na fazenda de meu avô, notava que ele nunca faltava ao trabalho. Tôdas as manhãs, chovesse ou fizesse sol, lá ia o velho Raimundo com a enxada ao ombro rumo ao cafezal onde o serviço parecia que não tinha fim.

Sempre o ví com o mesmo chapéu rôto à cabeça, os pés descalços, às vezes encolhidinho de frio, mas sem palitô, as calças de algodão amarradas com palha de milho acima do tornozelo.

— E' um homem e tanto, o Raimundo, dizia meu avô. Não mente, não furta, não compra o que não pode pagar e não perde tempo. Homem é até ali . . .

Pois, com tôdas essas qualidades o certo é que ele nunca melhorava de situação. Havia alta e baixa nos negócios. Havia crises e ondas de prosperidade. O velho Raimundo continuava no mesmo nível de vida — com as mesmas roupas, as mesmas necessidades, a mesma tarefa rude.

Certa vez, cedendo à minha curiosidade de menino, dei um pulinho ao seu rancho. E aí é que eu fiquei ainda mais penalizado. Era lá no fundo da fazenda, numa volta de córrego e se parecia demais com um monte de cisco. O velho Raimundo estava ausente, no eito. A mulher dêle — a d. Generosa — uma mulher magrinha e pálida, sem um tóco de dente na bôca, serviu-me café numa tigelinha de beijos quebrados e ofereceu-me uns beijos muito alvos, feitos de polvilho de mandioca. Havia muito asseio em tudo, mas a pobreza era extrema. Nenhum móvel, nada que propiciasse conforto, e mesmo os trens de cozinha eram escassos e de má qualidade. Pratos de fôlha, colheres de pau, cime-las em lugar de bacias. D. Generosa contou-me que ela, além de fazer sôzinha o serviço da casa e tomar conta da filharada — dez, ao todo — ainda fiava e tecia para vestir tôda a família. Nunca me hei de esquecer da expressão com que me olhava a criança-

da maltrapilha. Um pequeno mais curioso não resistiu ao desejo de tocar no meu fato de casemira.

Voltei dêsse passeio profundamente impressionado, a indagar-me por que meu avô, que era tão rico, que possuía milhares de réses e centenares de alqueires de terra, não melhorava a situação daquela pobre gente. E' verdade que, em rodas de camaradas, eu ouvia sempre francos elogios à sua pessoa. Era um patrão como poucos. Não furtava nas contas, não maltratava ninguém, e adiantava dinheiro aos seus empregados sempre que havia necessidade. Mas intimamente eu achava que ele podia fazer mais alguma coisa ao menos em beneficio do velho Raimundo, que mal dava conta de não deixar a família morrer de fome.

— Bom dia, seu coronel . . .

Era o velho Raimundo que lá ia, rumo ao eito, naquele passo lerdo de quem sabe que há de chegar e que não adianta correr.

Certa noite, enquanto mexia um tacho de goiabada, a preta Joana, a quem eu revelara a pena que me causava o empreiteiro de café, contou-me que ele já fôra rico como meu avô, senhor de muitas terras, de muitos haveres, de muita praça . . .

— Riqueza é assim, meu fio, hoje p'ra mim, amanhã p'ra ti . . .

Essa história deixou-me ainda mais impressionado. Quem diria que aquele coitadinho já possuía fazendas, gado, empregados! E fiquei a pensar como meu avô se arranjaria se de um dia para o outro perdesse tôda a sua fortuna. Velho, achacado, sempre a queixar dôres nos rins, com o armário cheio de drogas — de pílulas, de xaropes, de sais — como se arrumaria ele se tivesse de ganhar a vida enforcilhado num cavalo trotão ou curvado no eito de sol a sol?

A partir daquela noite eu não tive mais sossego até que pude ouvir da bôca do próprio Raimundo a sua singela e dolorosa história.

Era domingo e ele apareceu na casa da fazenda com o mesmo aspecto de homem vencido e resignado. Jogou o chapéu atrás da porta e aninhou-se num canto da sala com as nádegas apoiadas nos calcanhares. Aficou sem dizer palavra, raspando com o canivete as unhas duras e encardidas.

Num dado momento não me contive e fiz-lhe a pergunta que há muito ardia-me na lingua:

— E' verdade, seu Raimundo, que o senhor já foi muito rico?

Ele sorriu um sorriso sem côr e des-

conversou:

— Eu, rico? Tem graça . . . Quem lhe disse isso, menino?

— Não precisa negar, "seu" Raimundo, eu já sei de tudo, mas queria que o senhor mesmo me contasse a sua história . . .

Ele coçou a canela, puxou as falripas de barba e ficou muito tempo calado. Afinal desembuxou, foi contando tudo, numa toada mansa de reza:

— Rico, rico, eu nunca fui, meu fio. Mas a verdade é que já possuí algum recurso.

Mudou de posição, estalou as juntas dos dedos.

— Meu pai veio de Minas, isto faz muito anos, e comprou uma parte de terras aí no município de Morrinhos. Naquele tempo isto por aqui era um sertão bruto. Gente muito pouca. O mato era virgem e deu um trabalhão para ser desbravado. Mas o velho era uma fera no çabo do guatambú. Acabou fazendo um sítio que dava gôsto ver. Eu nasci e cresci nesse pedaço de chão. Aprendi a trabalhar nele.

Calou-se um instante, como a lembrar o passado e continuou, depois de mudar mais uma vez de posição:

— Quando meu pai e minha mãe morreram eu fiquei dono da fazenda, já então cheia de gado. Logo depois casei com a Generosa e os filhos vieram chegando. Um por ano. Mas com os poderes de Deus ia sempre prosperando . . .

— Mas, como foi que o senhor perdeu tudo isso?

— Ah! meu fio, neste mundo a gente tem que levantar da cama com duas espadas na mão, uma furando e outra defendendo. Quem não fizer assim, acaba sendo engulido . . . Um dia apareceu lá em casa um advogado, um tal dr. Veloso, e me disse que um colega dêle ia demandar comigo. Os donos primitivos da fazenda haviam aparecido. Ele achava que eu tinha direito nas terras, mas se não quisesse perder precisava dar a êle, dr. Veloso, procuração para defender os meus interesses. Dei a procuração. E aí é que começou a minha perdedeira. De vez em quando êle me aparecia pedindo mais dinheiro para custear as despesas da demanda. Fui dando, fui dando, e quando abrí os olhos tinha vendido todo o meu gado . . .

— E depois?

— Depois, quando eu não tinha mais nada para gastar, o dr. Veloso entrou em combinação com o colega dêle e os dois ficaram com a fazenda.

Eu nem sei explicar o que foi que

RUI E A FALÊNCIA DO REGIME DE 91

Em anteriores comentários, vimos como Rui abandonou o individualismo jurídico, filho da velha corrupção liberal em política, para manifestamente abraçar a democracia social, nos termos, por ele mesmo citados, do Cardinal Mercier, e, segundo os quais, satisfazer às aspirações das massas trabalhadoras é — antes de ser um impositivo da fraternidade cristã — um rigoroso dever de justiça social.

Batendo-se, de há muito, pela reforma da Constituição de 91, da qual foi principal autor, achava Rui novo e poderoso argumento para a sua tese revisionista, na flagrante incompatibilidade do estatuto vigente, com os novos rumos sociais da democracia. E, pois, dizia “ser mister rever a nossa constituição, para habilitar o poder legislativo a tomar as medidas que a questão social lhe reclame”.

E aí mesmo, nessa conferência de 1919, atesta público e raso, a falência do regime constitucional de 91, do seguinte modo: “A Nação inteira está descontente do seu regime constitucional, não só dos abusos de sua execução, mas também dos erros e lacunas do seu mecanismo, que deixou sem corretivo abusos tais...”

Esses erros e lacunas não eram, todavia, só da nossa constituição de 91. Rui os encontrava nas constituições do seu tempo, pelo que se tornavam elas já obsoletas e inadaptáveis à evolução geral do mundo. Tanto é assim que diz: “As constituições não podem continuar a ser utilizadas como instrumentos, com que se privem dos seus direitos, aqueles mesmos que elas eram destinadas a proteger, e que mais lhes necessitam de proteção”. E em seguida: “As nossas constituições tem ainda por normas as declarações de direitos, consagrados no século dezoito. Suas formas já não

eu senti quando recebi ordem de despejo. Tive até vontade de morrer. A minha velha adoeceu de paixão.

— Mas o senhor não protestou, não reagiu?

— P’ra que? Era a lei . . . e com a lei não se brinca. Arrumei os meus trastes num carro e desocupeei a casa. Não gosto de lembrar a tristeza daquele dia: a mulher e os filhos choravam e até o carro, gemendo, parecia me acompanhar naquela magua sem fim. Disse um adeus àquele recanto onde nasci e me criei e vim morar de favor de seu coronel . . .

Os olhos empenhados do velho Raimundo iluminaram-se de repente, num lampejo de indignação. Mas foi só um instante. Limpando o nariz com a manga da camisa de algodão ele repetiu mais uma vez, humilde e resignado:

— Era a lei . . .

correspondem exatamente à concepção jurídica do Universo. A inflexibilidade individualista dessas cartas imortais, mas não imutáveis, alguma coisa tem de ceder (quando lhes passa já pelo quadrante o sol do seu terceiro século) ao sopro da socialização, que agita o mundo”.

Se bem que aí, nessa mesma conferência, Rui ainda se apegava à utopia do voto, no estilo do sufrágio universal, como remédio às deturpações do regime, o seu encanto dura pouco pois, linhas adiante, interpreta o que os partidos costumavam chamar “a maioria das forças políticas da Nação”, como “mecanismo geral da fraude clássica na história das nossas eleições, a união dos grandes estelionatários coroados na especialidade brasileira de adulteração do voto popular pela convivência da autoridade com o crime”. E carregando nas cores: “Com uma tal aviltação política, o Brasil não é só um baidito abandonado às experiências e avidezas dos aventureiros nacionais: é uma presa voluntária oferecida às liberalidades e intrigas da absorção estrangeira”.

Portanto, o que legítima e cristalinamente se infere daquela citada conferência de Rui, em 1919, um dos últimos e extraordinários lampejos do seu espírito, é que ela significa uma clara revisão da sua doutrinação política, em face das transformações do direito e da democracia.

E daí, também, se conclue não mais ser permitido, dentro da lógica e da

honestidade, que o nome de Rui seja invocado para patrocinar velhas idéias por ele corajosamente repudiadas, ou sirva de bandeira para os saudosistas, partidários da “penitência” e do regresso nos erros do velho regime...

(Transcrito de “A Manhã”, do Rio).

Geraldo-Alfaiate

Casemira-Linho-Tussor
Tropicais - Brins

Avenida Anhanguera, 73

GOIÂNIA - Est. Goiás

OS ideais reformadores foram pouco a pouco se concretizando, fazendo prevalecer os princípios por que, de longa data, ansiava o Brasil. Mas, para que o nosso país não voltasse ao que era dantes, ou melhor, para que se implantasse um regime mais consentâneo com as nossas necessidades e mais apto a defender as conquistas conseguidas a custo de ingentes lutas, quer nos prélios cívicos, quer nos embates armados, foi preciso que o Chefe da Nação desse o golpe de 10 de novembro de 1937. Esse ato foi a resolução mais acertada de seu governo. PEDRO LUDOVICO.

O Presidente Getúlio Vargas saberá levar o Brasil a cumprir o seu grande destino, dando mais brilho e fulgor às máximas aspirações humanas: — **Liberdade e iguais oportunidades para todos** CALVINO FILHO.

“O Ritmo Evolutivo da Estatística em Goiás”

Frederico de Medeiros, distinto e ilustre redator de OESTE, é, incontestavelmente, um dos melhores técnicos da organização estatística de nosso Estado.

Inteligente, culto e operoso, Frederico de Medeiros, que exerce entre nós, com todo o brilhantismo, o cargo de Assistente do Departamento Estadual de Estatística, realizou um interessante trabalho, a que denominou “O ritmo evolutivo da Estatística em Goiás”.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão que orienta o sistema estatístico nacional, reconhecendo os méritos do valioso trabalho daquele nosso companheiro, acaba de publicá-lo em separata nº 14, ano IV, da Revista Brasileira de Estatística.

Por esse motivo, trazemos aqui, ao Frederico, as nossas mais calorosas felicitações.

"OESTE" vista pelos outros

BANDEIRA DO BRASIL

A's inúmeras referências feitas a este magazine, tôdas as mais lisonjeiras, vêm de juntar-se as de "Lavoura e Comércio" e "Uberaba-Jornal", de "Revista de Educação", publicada nesta capital sob a direção de J. Lopes Rodrigues, de "O Triângulo" e de "Correio de Uberlândia", que a seguir publicaremos, agradecendo aos nossos ilustres colegas de imprensa as palavras de estímulo que tiveram para conosco.

OESTE — Temos em nossas mãos mais um excelente número desta magnífica revista goiana, que se edita na nova capital do próspero Estado mediterrâneo.

OESTE é bem a revista de Goiás e para Goiás, pois que nas suas colaborações, editoriais, na sua parte literária, e na sua reportagem ilustrada, procura sempre focalizar o progresso e a grandeza do grande torrão central e focalizar a sua exuberante florescência como o marco luminoso da marcha para o oeste.

Ler OESTE é, pois, conhecer melhor Goiás e tomar contacto com a gente culta e realizadora da terra de Pedro Ludovico, razão por que esta revista tem ampla divulgação em todo o país e é aceita com agrado em tôda parte.

Somos gratos á direção de OESTE, pela oferta que nos fez de um exemplar de seu último número.

(“Lavoura e Comércio”)

x x x

OESTE

Goiás está de parabéns. Até há bem pouco tempo a “Revista de Educação” era a única existente no Estado. Esta, porém, pela sua natureza, de feição puramente educacional, não se prestava a veículo que servisse de expansão aos arroubos literários da nossa intelectualidade moça. Circunscrevia-se apenas à esfera do professorado e não oferecia margem a revelação de valores, que permaneciam em estado de vida latente, e, por isso mesmo, ignorados.

A verdade, pois, é que nos faltava uma revista literária, essencialmente cultural, que desse, através de suas páginas, o testemunho eloquente e frisante do quanto podemos no campo da pena e no domínio do espírito, oferecendo, conseqüentemente, um desmentido formal aos que ainda se obstinam na negação das letras goianas.

OESTE veio preencher essa lacuna. Revista, cujo primeiro número circulou na data da inauguração cultural de Goiânia, como se quisesse significar também a inauguração de uma fase renovadora, de uma época de re-

Salve! bandeira bendita!
Salve! bandeira bonita!
Pedaço de pano sagrado,
Côr de papagaio créo,
Que tem no centro — estrelado —
Um pedacinho do céu . . .

Símbolo de um grande povo,
Do Império ao Estado Novo
Foste sempre o pavilhão
Da ORDEM e do PROGRESSO
Que é o lema que tens impresso
No centro . . . no coração.

E's tu o estandarte eleito
Da Justiça e do Direito:
Tu nunca levaste o luto,
A dôr a quem quer que seja;
— Sempre o pendão impoluto,
A bandeira benfazeja!

Em mais de um séc'lo de vida
Nunca tu foste vencida
E nem jamais humilhada
Porque a gente do Brasil
— Êste povo varonil —
Fez-te grande e respeitada !

Hoje, entanto, um povo vil,
O' bandeira do Brasil !
Lançou-te a afronta no rosto,
Feriu-te no coração . . .
Mas nunca terá o gôsto
De ver-te na escravidão !

Pois quando soar a hora
— Hoje, amanhã ou agora —
De o Brasil te defender
Da garra adunca estrangeira,
Trocando tiros na guerra,
Lutará até vencer
Ou morrer por ti, bandeira . . .
Bandeira da minha terra!

nascimento, — é bem a síntese do pensamento moço e vibrante de Goiás.

Dando-lhe o apóio oficial como garantia segura da sua vitalidade, é ainda OESTE uma das manifestações do governo do dr. Pedro Ludovico Teixeira no tocante ao estímulo dos valores mentais.

Penhor seguro do seu triunfo está evidente na plêiade de moços que constituem a sua direção e o seu corpo redatorial.

Como diretor—Castro Costa e, como redatores, B. Elis, Frederico de Medeiros, Hélio A. Lobo, J. Décio Filho, Paulo A. de Figueiredo e Zecchi Abrahamão e ainda, como secretários, Carlos de Faria e J. B. Felix de Sousa todos intelectuais de valor. A gerência está a cargo de Gabriel Anconi, jornalista também conhecido em nosso meio e no Triângulo Mineiro e a quem se deve a feição artística de OESTE.

A esta sua colega de Goiânia a "Revista de Educação" deseja uma vida longa e uma trajetória brilhante.

("Revista de Educação")

x x x

OESTE

O número de setembro desta importante revista que se publica em Goiânia, sob a esclarecida direção e gerência, respectivamente, dos jornalistas Castro Costa e Gabriel Anconi, está volumoso e cheio de variada matéria literária.

OESTE é de publicação mensal e sempre satisfaz pela perfeição de sua feitura tipográfica e farta de editoriais que abrangem todos os interesses do grande povo goiano.

Em OESTE Goiás tem magnífico reflexo de suas ricas possibilidades econômicas e do seu grande desenvolvimento de cultura, e valor dos grandes homens que o dirigem.

Parabéns ao pessoal de OESTE pelo número de setembro e gratos ficamos pela gentileza da remessa do exemplar que folheamos.

("Uberaba-Jornal")

x x x

OESTE

Magnificamente impresso e contendo excelentes artigos assinados pelos nomes mais exponenciais dos círculos intelectuais e jornalísticos de Goiânia, circulou o número de setembro corrente, do vitorioso mensário daquela capital.

OESTE, revista cujo nome se projeta muito além das fronteiras de Goiás, envolto numa justa e sincera admiração, cada vez se impõe mais perante os seus inúmeros leitores, pela sua notável feição de publicação moderna e perfeitamente aparelhada.

A capa da revista, reproduzindo o quadro da "Independência ou Morte", de Pedro Américo, constitui uma significativa homenagem à grande data nacional e um belo trabalho artístico.

("O Triângulo")

OESTE

Chegou-nos o número de OESTE, referente a setembro, magnificamente bem trabalhado quanto à feitura material e excelentemente elaborado quanto ao plano intelectual, onde o ardor que anima a atual geração intelectual goiana, reverbera soberbamente.

OESTE sintetiza todo movimento espiritual da terra de Pedro Ludovico, dando-nos conta do surto que vão tomando as letras goianas, ao influxo de poderoso incentivo por parte do Governo, que empenha vivamente a elevar seu Estado às culminâncias da cultura brasileira.

A' redação de OESTE agradecemos sinceramente pela remessa do exemplar.

("Correio de Uberlândia")

Bar Ao Ponto Chic

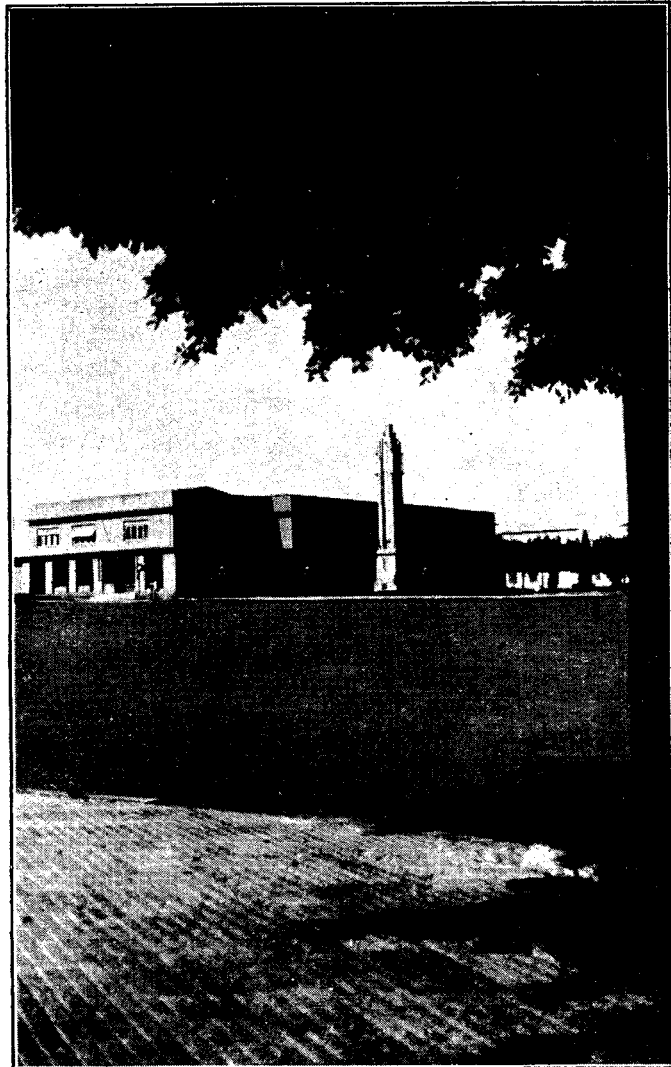
Especialidades — Bebidas em geral — Conservas — Etc.

Atende com a máxima presteza

Avenida Anhanguera, s/n
GOIÂNIA Tel. 1100

Aldo Lettry

Estado Nacional é o Estado brasileiro, segundo as tradições brasileiras, orientado no sentido das nossas realidades. GETÚLIO VARGAS.



Vista parcial da Praça Cívica de Goiânia, vendo-se ao fundo o edifício onde funciona o Tribunal de Apelação e várias outras repartições estaduais.

Governo do Presidente Getúlio Vargas é algo de parecido com uma aluvião, que arrasta no seu movimento grande quantidade

de idéias, planos, esperanças e reivindicações, que se vão cristalizando lenta e seguramente no decurso do tempo. OSVALDO ARANHA.

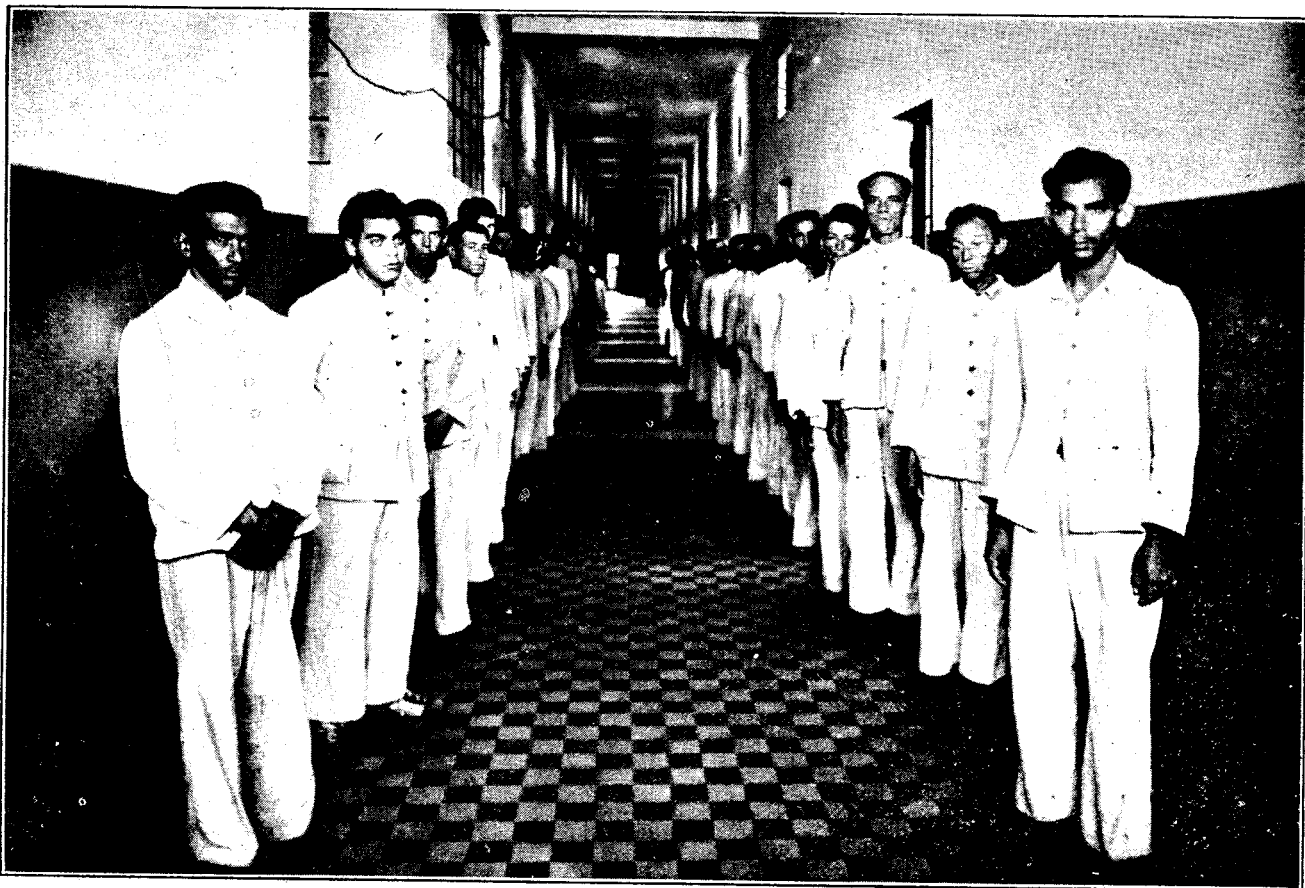
A PENITENCIÁRIA DO ESTADO DE GOIAZ

OESTE, no intuito de trazer ao conhecimento do público a organização de vários estabelecimentos que honram os foros de nosso progresso social, começa hoje uma série de reportagens especiais sobre tudo que possa atestar o esforço construtivo do povo goiano e a orientação segura dada a esse

esforço pelo governo do Estado.

É nossa intenção visitar, oportunamente, a Colônia Santa Marta, a Casa da Criança, a Maternidade Dona Gercina, o Colégio Estadual, o Ateneu Dom Bosco, o Ginásio Santo Agostinho, o Preventório Afrânio de Azevedo e tantos outros estabelecimentos que são causa

de verdadeiro orgulho para o povo de Goiânia e de todo o Estado. Iniciamos, hoje, com uma notícia a respeito da Penitenciária do Estado, que tantos serviços já está prestando à sociedade e ao Governo, a-pesar-de sua relativamente recente instalação.



Vista de um corredor do estabelecimento, com os presidiários à porta de suas celas

A Penitenciária do Estado de Goiaz foi construída recentemente pelo governo estadual e integra o concerto admirável das grandes realizações que constituem a edificação de Goiânia. E' sem dúvida, um pormenor da administração Pedro Ludovico que, por si só, vale por uma excelente recomendação, mormente se formos considerar que outros Estados, de receitas bem maiores, só há pouco levaram a efeito a construção de casas penitenciárias, em atenção às necessidades igualmente maiores. Goiânia é, talvez, a cidade-previdência, que se prepara para uma sociedade que ainda não chegou de todo — isto é, cidade-antecipação, em que as precisões sociais não raro são previstas e remediadas previamente. A Penitenciária do Estado, de organização moçelar, de acórd com as mais modernas exigências do assunto, é bem uma prova dessa antecipação.

Sua construção veio colocar Goiaz em magnífica situação perante as demais unidades federativas, porque comprova o esforço oficial em atender a todos os setores da vida do Estado.

Organização interna

Conduzidos pelo dr. Hegesipo de Campos Meireles, operoso diretor da Penitenciária, fomos, imediatamente, ter à secção dos serviços de administração, onde se encontrava, por sua vez, o sub-diretor, sr. Régio Maria Teixeira, orientando os trabalhos, ordenando anotações de fichas, conferindo formulários, etc.. Foi-nos dado aí apreciar a verdadeira ordem que reina no estabelecimento, no tocante à escrituração de tudo que diz respeito aos presidiários, cujos menores atos são anotados e examinados, sem a omissão sequer do menor fato, como a desistência da xícara de café após

a refeição. Todos os detentos e reclusos têm a vida escriturada minuciosamente no estabelecimento, inclusive os antecedentes que se colheram na formação do processo policial. Dir-se-ia que o presidiário está ali completamente a nú, de modo que nada, absolutamente nada, relacionado consigo é ignorado.

Além-das fichas individuais, existem, perfeitamente organizados e escriturados cotidianamente, os prontuários, dos quais constam, entre outros pormenores, fichas dactiloscópicas, circunstâncias e julgamento do crime, base de execução das penas, etc..

Sistema penitenciário

A Penitenciária do Estado de Goiaz adota o sistema penitenciário progressivo, que, como é sabido, se divide em três fases distintas:

a) reclusão — de 15 dias e 3 meses, durante o qual o indivíduo é como que chamado a meditar sobre o ato que o levou à prisão;

b) convívio em trabalho comum, em que o presidiário executa pequenos afazeres manuais, aprendendo, muitas vezes, ofícios que o interessem;

c) parque, ou serviços externos, ao ar livre; e

d) livramento condicional.

Nessas gradações, há uma preocupação suprema: é a de tornar o indivíduo capaz de prestar serviço à sociedade, incutindo-se-lhe o verdadeiro senso de utilidade social, através de um regime humano e regenerador.

Trabalho remunerado

O presidiário é pago pelo serviço que presta. Quer como artífice, quer como ajudante em trabalhos diversos, fora do estabelecimento, ele está constituindo o seu pecúlio, de maneira que se torna possível até a formação de regulares economias. Não lhe é permitido gastar, também, tudo que ganha, imprevidentemente. Há a parte chamada de reserva, que, uma vez cumprida a pena, lhe é entregue para as primeiras despesas em contacto com a sociedade. O Estado não explora o indivíduo, mas, pelo contrário, lhe dá todos os ensejos possíveis de manter consigo um contrato assegurado de reciprocidade de serviços.

Capacidade da Penitenciária

A Penitenciária do Estado de Goiás

ainda não está com sua construção terminada, em definitivo. Por enquanto, só o primeiro pavimento do primeiro pavilhão está edificado. Mas, dentro em breve, mais um pavimento será erguido, após o que terão início os trabalhos de mais dois pavilhões, um dos quais ficará destinado à administração. Já existe, também, a dependência da Enfermaria.

A capacidade desse único pavimento é para 99 presidiários, sendo que, de lá muito, se encontra literalmente lotado.

Ordem, limpeza

Duas características da Penitenciária do Estado são uma ordem absoluta e uma limpeza irrepreensível. A impressão que tem o visitante, ao entabular conversação com qualquer dos detentos ou reclusos, é a de que ninguém está ali contrariado ou aborrecido, sentindo-se vítima do tratamento ou das condições gerais circundantes. Há, pelo contrário, uma espécie de orgulho pelo seu setor de trabalho, de tal sorte que o aprendiz de alfaiataria faz questão de examinemos um palitô de sua confecção, e o ferreiro-mestre quer que tenhamos em mãos os objetos, os utensílios agrícolas que ele faz, aproveitando ferro velho vindo do Almoarifado Central do Estado. Em suma, existe em cada coração uma esperança de reintegração na sociedade, em melhores condições do que aquelas sob as quais viveu anteriormente à sua entrada para ali.

Debaixo de uma ordem admirável,

todos trabalham e votam uma consideração espontânea aos servidores da Penitenciária, demonstrando uma deferência especialíssima pelo dr. Hergesipo de Campos Meireles, que conversa com todos, amistosamente, chamando-os pelos nomes como se eles estivessem no gozo das mesmas prerrogativas sociais de qualquer cidadão da avenida.

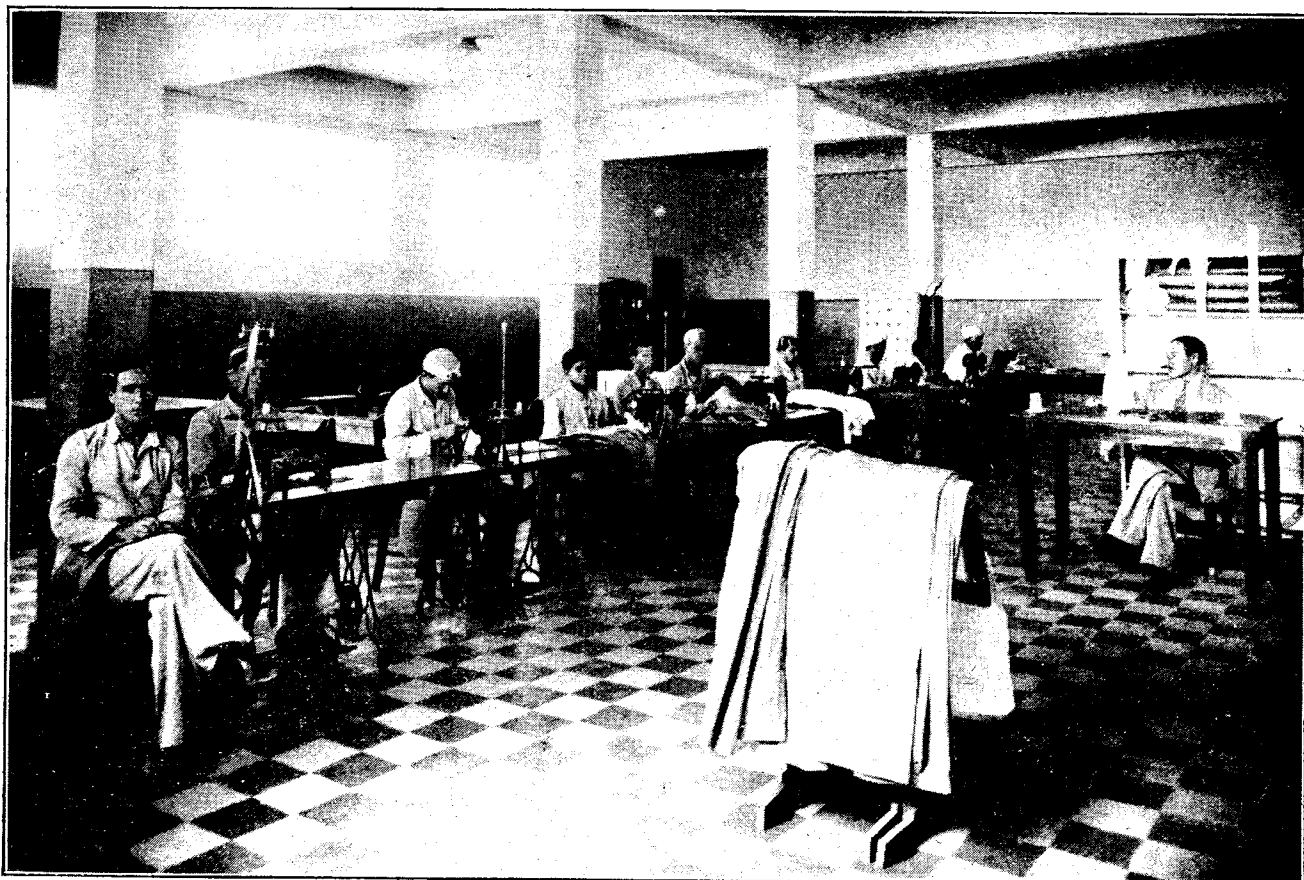
A limpeza verificada nas celas, é, por certo, digna de nota. Os ocupantes são responsáveis pelo asseio, de modo que não se nota, em nenhuma delas, o menor indício de sujidade. São tôdas enceradas impecavelmente.

Almoarifado

Debaixo de um controle seguro, o almoarifado, além de prestar seus serviços ao estabelecimento, propriamente, serve aos presidiários, fazendo-lhes pequenas vendas, de acordo com as prescrições aconselháveis.

Oficinas, Barbearia

Existem na Penitenciária do Estado de Goiás uma Alfaiataria, sob a direção de oficial competente, especialmente contratado, uma Colchoaria, uma Ferraria — as quais vêm prestando um grande benefício aos presidiários que querem aprender qualquer dessas artes. Muitos se fizeram aí verdadeiros oficiais, capazes, quando deixarem o estabelecimento, de conseguir boa colocação num desses setores. No mesmo caso estão a Sapataria, a Carpintaria e a Barbearia,



Aspecto de parte das Oficinas — a Alfaiataria, que executa trabalhos para o consumo interior e exterior

cabendo a esta a incumbência de atender a todos os detentos e reclusos.

Hortas

Quando foi instalada a Penitenciária, foi feita uma tentativa de plantio no terreno cercado do estabelecimento, tentativa frustrada em virtude da qualidade da terra. Essa circunstância serviu de oportunidade ao Diretor para dar um exemplo do valor dos adubos aos presidiários, e, depois de um tratamento especial, as hortas estão satisfazendo às necessidades internas e ainda fornecendo legumes para ser vendidos na cidade — fato que despertou o interesse e a admiração geral entre os agricultores, ora cumprindo pena.

Enfermaria, Gabinete Dentário

Fomos conduzidos à Enfermaria, sob a direção do dr. Edilberto da Veiga Jardim, que lá estava auscultando vísceras e palpando músculos, numa azáfama de abnegado. Notamos, com certa surpresa, que não havia sequer um único presidiário na Enfermaria, o que vale dizer que não havia nenhum caso grave de doença. Se bem que bem instalada, com sala de operações ligeiras, com medicamentos em estoque, etc., a Enfermaria presta serviços diários, em casos de pequenos acidentes, de moléstias sem maiores consequências ou crônicas. Mas não há casos de gravidade. Aliás, sob o regime em que vivem os presidiários, fazendo ginástica todos os dias, trabalhando, alimentando-se convenientemente, não é de se admirar que as condições sanitárias do estabelecimento sejam as mais linsonjeiras possíveis, como na realidade são.

No Gabinete Dentário, anexo à Enfermaria, se prestam os serviços dentários à população carcerária, sem despesas, a não ser em casos de prótese, quando se cobra, apenas, o material, a preço de custo.

Dentro do Duodécimo...

Todo esse conjunto excelente de organização e administração, está sendo realizado dentro das dotações orçamentárias consignadas originariamente pelo governo, sem a quebra do regime duodecimal. As despesas do estabelecimento são feitas rigidamente conforme as dotações próprias, sem prejuízo, é claro, do bom andamento dos serviços.

Conclusão

Ao concluir nossa ligeira reportagem sobre a Penitenciária do Estado de Goiás, que é, repetimos, um motivo de justo orgulho para nossa organização social, não queremos cometer a injustiça de omitir os nomes daqueles que, de qualquer maneira, contribuíram para sua existência. Em primeiro lugar, desejamos lembrar o nome desse Pedro Ludovico que tanto tem feito a Goiás, de tal sorte que todos os elogios que lhes queiramos fazer parecem ter força expressional insuficiente. Foi êle, inegavelmente, o ad-

O PODER INDUSTRIAL DO BRASIL VISTO PELA INGLATERRA

Jaime Soares

Nos círculos econômicos e industriais da Inglaterra repercutiu favoravelmente a declaração formulada pelo embaixador brasileiro sr. Moniz de Aragão, segundo a qual existiam funcionando no Brasil 76.000 fábricas, as quais desdobravam os seus esforços, a fim de atender às necessidades dos aliados. Em comentário a essa declaração do nosso embaixador, o "Times" escreve: "essa auspiciosa notícia divulgada sobre as esplêndidas possibilidades industriais do Brasil não quer dizer que o Brasil, após a guerra se tornará um mercado fechado aos industriais britânicos". Acrescenta o "Times": "— que pelo contrário as necessidades de após-guerra do Brasil, serão consideráveis. A demanda de mercadorias de consumo será

provavelmente menor que em 1938, mas na eventualidade de uma melhora geral dos preços, que restabeleça, de modo favorável, o padrão de vida mundial, o poder aquisitivo do povo do Brasil pode ultrapassar a sua capacidade atual, resultando na exigência de um maior volume para o seu consumo". A seguir o jornal londrino historia as grandes possibilidades do Brasil no que diz respeito ao algodão, aos produtos químicos, à borracha, à siderurgia. Neste último particular, escreve o "Times" que o Brasil fabricará anualmente cerca de 400.000 toneladas de aço e que esse total poderá ser elevado para mais de 500.000, o que abre excelentes perspectivas para a siderurgia brasileira.

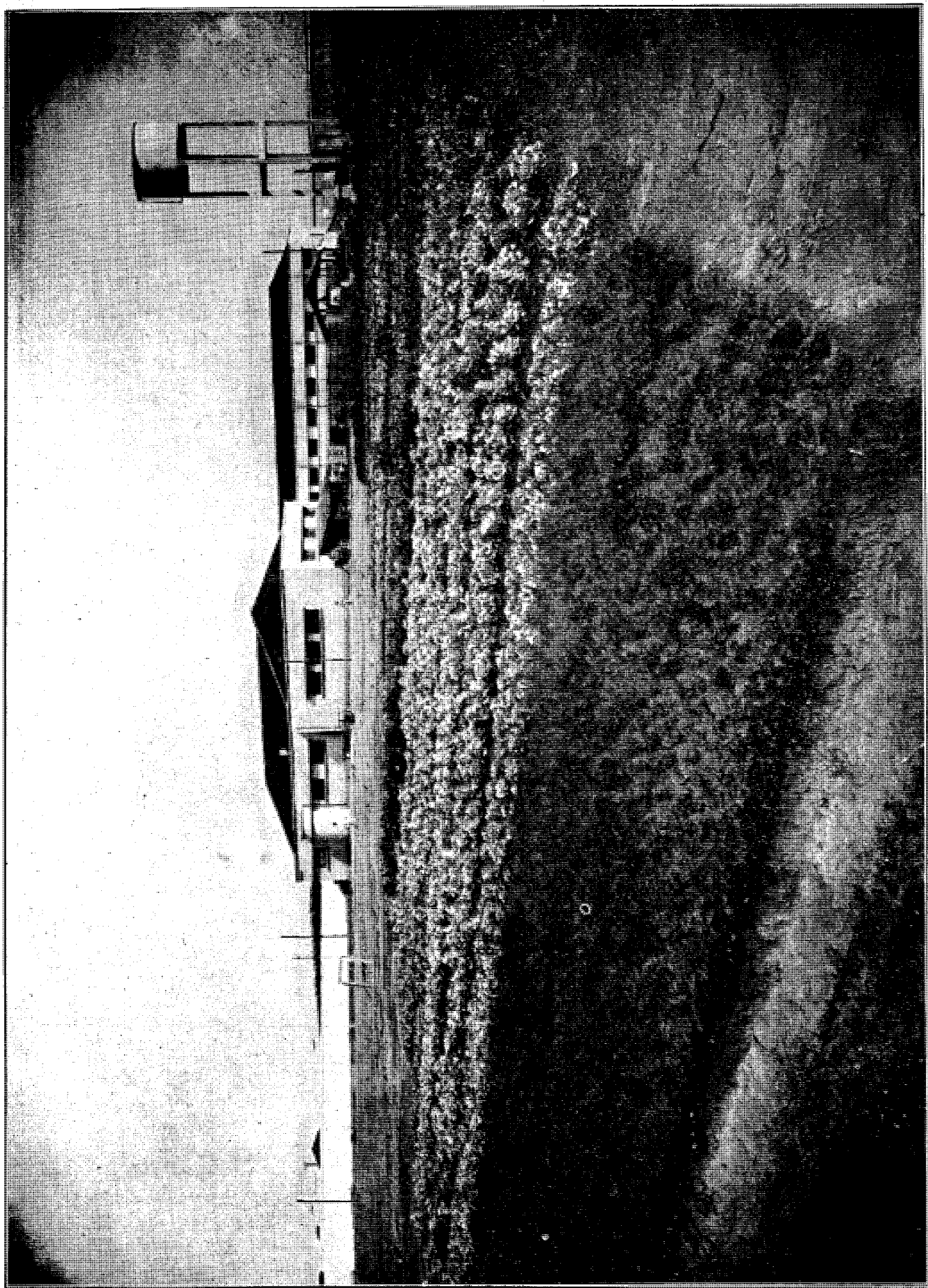
A Constituição de 1937, sendo uma Constituição orgânica, é mais que uma simples catalogação de dogmas jurídicos. Não é uma tábua de princípios rígidos e imutáveis. Fruto de uma inspiração humana, ela ordena os elementos eternos da vida, pois é a vida que ela fixa, como base de uma política. Tem, por isso, elasticidade bastante para permitir que, dentro dos motivos e dos fins supremos da vida, possam os homens, pelas instituições que ela cria, — e que são, por isto, instituições humanas — dar inteira expansão aos seus impulsos construtivos. PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

E nesse diapasão, de alta compreensão dos destinos de nossa raça, que Getúlio Vargas vem realizando sua obra de engrandecimento do Brasil, por intermédio de uma democracia *sui-generis*, que não se copiou de ninguém. E subcreve, por uma afinidade de ideais digna de nota, a quintessência das meditações do Imperador dos Andes sobre questões políticas: — "O sistema mais perfeito de governo é aquele que comporta maior quantidade de satisfação, de segurança social e de estabilidade política". GERSON DE CASTRO COSTA.

ministrador atilado que à grande obra de Goiânia quis acrescentar mais essa outra grande obra que é a Penitenciária do Estado.

A seguir, lembramos os nomes dos drs. Galeno Paranhos e Antônio de Queiroz Barreto, o primeiro que tanto se bateu pela construção, animando a idéia, e o segundo, que vem prestado inexcusável apoio a tudo que diz respeito ao estabelecimento. Um e outro, Chefes de Polícia do Estado, são credores de gratidão. Por último,

queremo-nos referir a esse homem admirável que é Hegesipo de Campos Meireles, que o Governo Estadual, em boa hora, chamou para dirigir a Penitenciária. Estudioso, bom, inteligente, bem intencionado, vem êle realizando uma obra de verdadeira regeneração entre os penitenciários, investigando as tendências de uns, atendendo às necessidades de outros, como um sacerdote quasi, em busca da felicidade para aquela parcela da sociedade que lhe está entregue.



Aspecto do pavimento térreo do primeiro pavilhão da Penitenciária do Estado, vendo-se, no primeiro plano, a horta do estabelecimento

10 DE NOVEMBRO

Palavra de coragem cívica e de sabedoria política, densa e profunda; palavra esperada pela Nação inquieta, que a ouviu em sagrado recolhimento, como uma mensagem vinda do alto; palavra que empolgou todo um Povo angustiado, num momento decisivo de nossa vida histórica; palavra cheia de sol, pela qual a Nação foi restaurada “na sua autoridade e liberdade de ação”; palavra magnífica, que deu ao país os “instrumentos de poder real e efetivo” para sobrepôr-se “às influências desagregadoras, internas e externas”; palavra grandiosa, que abriu à Pátria estremeçada o caminho por onde ela pôde começar a “construir livremente a sua história e o seu destino”; palavra de um Chefe autêntico, salvadora e imortal, foi a palavra com que o Presidente Getúlio Vargas anunciou à Nação, a 10 de novembro de 1937, sob as bênçãos sagradas do povo, o advento do Estado Nacional.

O Estado de anarquia a que chegara o Brasil, vítima indefesa de partidos sem nenhuma expressão, não tolerava mais contemporizações, sob pena de uma derrocada total, e “o homem de Estado — diz Getúlio Vargas — quando as circunstâncias impõem uma decisão excepcional, de amplas repercussões e profundos efeitos na vida do país, acima das deliberações ordinárias da atividade governamental, não pode fugir ao dever de tomá-la, assumindo, perante a sua consciência e a consciência dos seus concidadãos, as responsabilidades inerentes à alta função que lhe foi delegada pela confiança nacional”.

A atitude de Getúlio Vargas em 10 de novembro foi a resposta ao apêlo da Pátria, tão amesquinhada pelas circunstâncias criadas por um regime que, de nenhuma significação para nós, motivou um estado de coisas verdadeiramente alarmante, e aí está por que, como salienta o sr. Francisco Campos, “o 10 de novembro resultou, antes de tudo, da profunda e urgente necessidade de integrar as instituições no senso das realidades políticas, sociais e econômicas do Brasil, num momento em que essa necessidade se impôs com a força inapelável de um imperativo de salvação nacional”. Sim, o 10 de no-

vembro foi um verdadeiro gesto de legítima defesa nacional. Porque os quarenta e tantos longos anos de liberalismo — regime de importação e que entravou os nossos movimentos espontâneos, eis que não se ajustou às nossas realidades não soube traduzir os nossos anseios, nem orientar as nossas energias num sentido construtivo — representam um verdadeiro processo de decomposição da nacionalidade, processo que só não chegou ao termo do nosso completo descrédito por causa, justamente, do golpe redentor de 10 de novembro, quando, inaugurando-se o Estado Nacional, uma nova era se iniciou, fecunda e brilhante, para a história pátria.

Sem direção, porque ateleológico; sem substância humana, visto ter figurado a pessoa humana em termos abstratos; sem conteúdo nacional, em virtude de seu caráter universalista, logo — sem planos, sem métodos e sem rumos, — o liberalismo não passou de um jogo bizantino de idéias, de um torneio floral de princípios vazios, de um certame discursivo e sem finalidade, enfim: — de uma verdadeira pantomina, ficando o Estado à margem da vida, esquecidos, assim, os nossos problemas, cuja compreensão escapou aos nossos “políticos” de então, cegos que eram eles às nossas realidades, surdos que foram à voz da Terra, distantes que se mantiveram da Pátria, onde só tinham o corpo, porque o espírito . . . estava perdido nas brumas de além mar, e basbacado com os Rousseau, os Descartes, os Hamilton . . .

Chegara, assim, o país, à beira da bancarrota. E, foi então que Getúlio Vargas, num gesto providencial, pôs termo à barbúrdia completa em que vivíamos, criando-nos, pelo Estado Nacional, uma organização naturalmente brasileira, porque informada no próprio cerne da nacionalidade. Data de então a recuperação do Brasil pelo Brasil. Data de então a reconquista de nossa autenticidade. Data de então o início da grande marcha do Brasil em busca de um grandioso porvir. Porque o Estado Nacional é o próprio Brasil em sua ascensão para um destino imortal.

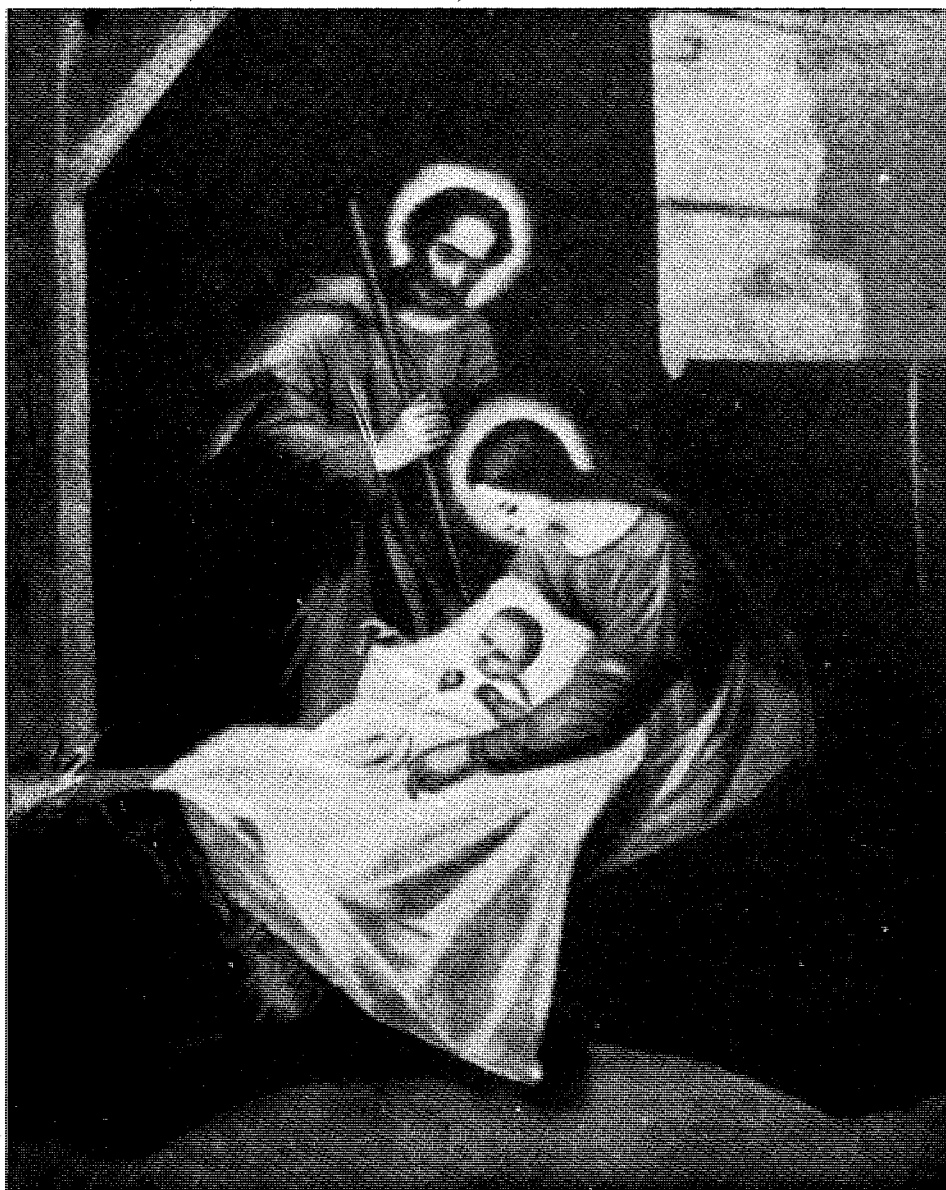
OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II

Goiânia, Dezembro de 1943

Núm. 11



NATAL (texto no verso da capa)

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originals não serão devolvidos.

Sõmente serão publicados trabalhos cujos originals não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

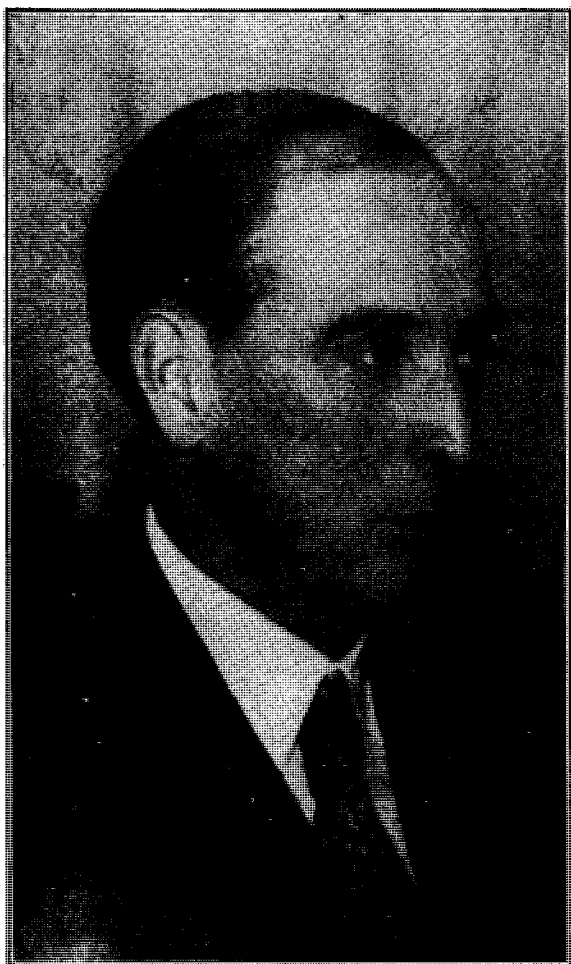
Goiânia — Estado de Goiás

ANO II

Dezembro de 1943

NÚM. 11

EM TÔRNO DE UMA ENTREVISTA



A substanciosa entrevista coletiva concedida à imprensa goiana e triangulina, pelo interventor Pedro Ludovico, em novembro transato, é um documento de alto valor que atesta, de modo decisivo e solene, os propósitos maiores de uma administração honesta.

Abordando, em concisa exposição, os mais palpi-

antes problemas do Estado, o ilustre e dinâmico interventor fez como que uma recapitulação de seu patriótico programa futuro de governo, baseando-se em dados positivos da receita pública e em cálculos seguros da economia de Goiás. Nessa importante entrevista se podem reconhecer as múltiplas qualidades de administrador que fizeram do interventor Pedro Ludovico o homem admirado e respeitado perante toda a Nação. O economista, o incrementador da cultura e da assistência social — enfim, o estadista está aí, claramente denunciado, de maneira incontestável e serena. Dentro de um magnífico critério de cooperação nacionalista, sua excelência se referiu a tudo quanto de perto, e em futuro próximo, possa interessar ao Estado de Goiás, estabelecendo e apontando o caminho que deverá trilhar todo aquele que, como goiano, quizer propugnar pelas grandezas nacionais, que são as únicas consideráveis.

Referindo-se às possibilidades econômicas do Estado, espelhadas em seu orçamento para o exercício de 1944, o interventor Pedro Ludovico teve as seguintes excelentes palavras: “A estimativa da arrecadação foi feita sem exagerado otimismo, tendo em vista, apenas, os resultados apresentados pelo considerável desenvolvimento das fontes de receita e produção do Estado, e o fato altamente sintomático de se ter mantido, nestes últimos anos, um auspicioso “superavit” entre a previsão orçamentária e o resultado da arrecadação”. A seguir, disse dos empreendimentos que seu governo levará a efeito no próximo ano, entre os quais figuram um Abrigo à Velhice Desemparrada e um Patronato Agrícola para Menores Abandonados, que custarão cerca de três milhões de cruzeiros e serão construídos em colaboração com a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência. Falou, também, da edificação do prédio destinado ao Centro de Saúde Modelo, em Goiânia, cujo custo deverá ascender a cerca de um milhão e trezentos mil cruzeiros. Não se esqueceu, igualmente, de falar sobre as questões da instrução, para cuja resolução serão empregados mais de três milhões de cruzeiros, mormente no setor do ensino primário; sobre o grande e promissor papel da Fundação Brasil-Central, que conta com a inestimável ajuda do espírito realizador do Ministro João Alberto; sobre os planos que tem a respeito do rodoviário goiano, incluindo, aí, a execução das obras da Transbrasiliana sô-

bre a ligação ferroviária Bulhões-Goiânia, ora empecilhada pela falta de máquinas e braços; sôbre as riquezas do setentrão estadual, que pretende visitar brevemente — enfim, sua excelência se aprouve em dar aos jornalistas que o entrevistaram uma prova irrefutável do muito que tem feito e do muito que pretende fazer pela grande terra goiana.

Rematando sua entrevista, o interventor Pedro Ludovico pronunciou as seguintes palavras, a respeito do Estado Nacional, palavras que identificam sua excelência como um dos mais objetivos e eficientes colaboradores do presidente Getúlio Vargas: “Não devo

silenciar o meu entusiasmo pelo Estado Nacional. O presidente Getúlio Vargas, com o golpe de 10 de novembro de 1937, redimiu o Brasil. Abriu novas rotas na frente dos destinos brasileiros e evitou, com patriotismo, que recaíssemos na mesma dolorosa situação em que nos achavamos na época pre-revolucionária de outubro. Em 1937, a situação brasileira não era lisonjeira. Os costumes políticos eram péssimos e o país estava servido por um Congresso já bastante inclinado às corrupções de outrora. O Estado Nacional surgiu, assim, como uma aurora, como uma cristalização das necessidades brasileiras, como um grande benefício feito ao Brasil”.

ANHANGUERA

Ely Brasiliense

Mata sinistra e feia !

Terra inculta e má

Onde silva a cobra e a onça campeia

E vive o índio goiá.

Sertões bravios de mistério e arcano,

Da jandaia assustada

E do tigre soberano.

Natureza desconhecida e encantada

Do Brasil nudista e inocente

Nunca pisado por estranha gente.

— “Esta terra tem dono” ! Pássaros aos milhares

Furam o céu em diversas direções.

Terra de buritís gigantes e árvores seculares

E de imensos chapadões.

Terra má, sinistra e feia !

Terra boa, alegre e bonita !

Ruídos de tan-tans, de maracás, e zun-zuns

De arirês-cun-cuns.

Dansa exquesita !

— “Esta terra tem dono” ! Quem é dono de tudo isso ?

Esta terra tem ouro, tem diamante, tem feitiço.

Certo dia, porém, a taba do selvagem

Se alvoroça. O veado corre veloz, para, escuta,

Pois estranhos pés fazem ruídos estranhos na folhagem.

O índio se apresta para a luta

E para os boqueirões sinistros foge a fera.

Surge então um vulto vestido de couro naqueles sertões.

ANHANGUERA ! ANHANGUERA !

Seria algum fabricante de raios e trovões ?

— “Esta terra tem dono” !

Ninguém morrerá de sede nesta terra, mas Anhangá

Mandou pôr fogo na água. Para que essa resistência obstinada ?

O pobre goiá

Não resistiu, porém, ao cheiro da cachaça queimada,

Dobrou os joelhos e disse uma praga.

— “Diabo velho, diabo velho ! Esta terra tem dono !”

IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA SANTANA DE GOIAZ

ODORICO COSTA

Manuseando velhos documentos, tão velhos que a sua leitura se transforma em pena acerba, tanto a traça os cominuiu e o tempo os injuriou, fui encontrar elementos da história de uma velha igreja da cidade de Goiaz.

E' uma história esfarrapada, quasi sem sequência, revelando pormenores de um tempo nebuloso, perdido na bruma da distância plurissecular, em que Goiaz, subordinado à capitania de São-Paulo, era tomado de grandes tumultos e desordens, promovidos pelas grandes levas de aventureiros que invadiram e devassaram o seu imenso território.

E' a história da velhíssima igreja matriz de Nossa Senhora Santana de Goiaz.

Nas vezes que estive na cidade de Goiaz, eu me detive demoradamente a olhar as paredes limosas da nova igreja de Santana que, em lugar da primitiva, ali se tentou edificar e, salteado de um doce misticismo, deixei-me levar pela imaginação, chegando, mesmo, a ver, escorrendo daquelas paredes, o caldo grosso de muita prece desesperada, dirigida ao Grande Espírito que construiu este mundo, pedindo alívio para penas e sofrimentos da grande tragédia da vida . . .

Existe, no fundo de cada um de nós, é certo — tão friamente educados que sejamos — um resto de misticismo; e basta, às vezes, uma paisagem soturna, o velho muro de um cemitério, um êrmo ascético, as emolientes brancuras de um luar, para que esse fundo místico suba, se alargue como um nevoeiro, encha a alma, a sensação e a idéia e fique, assim, o mais matemático ou o mais crítico — tão triste, tão visionário, tão idealista — como um velho monge poeta.

A contemplação daquelas paredes enegrecidas pela injúria do tempo me levou, muitas vezes, a dolorosas considerações em torno da inaniidade das cousas deste mundo e me despertou a imaginação, fazendo-me concluir que nas igrejas festivas, repletas de fiéis, parece que Deus está ausente . . .

Quando Bartolomeu Bueno da Silva voltou a Goiaz, em 1726, veio disposto a tomar posse das minas e a nelas organizar, tão depressa quanto possível, a máquina da administração, procurando evitar os conflitos e desordens verificados no desbravamento das Minas-Gerais.

Recebendo o título de **superintendente das minas, com jurisdição amplíssima no civil e crime, e na Fa-**

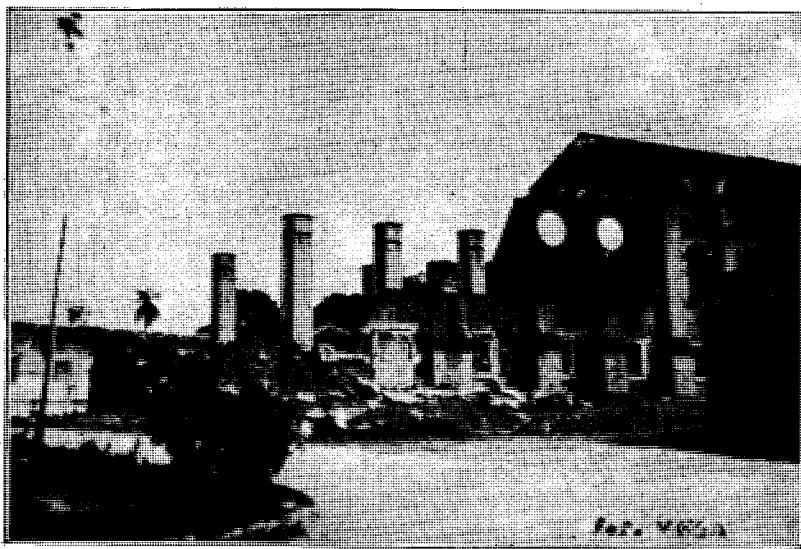
zenda Real, o descobridor tratou, inicialmente, de construir uma igreja para que, em torno dela, surgisse uma povoação e era, também, para conquistar as boas graças de Deus e dos eleitos para o seu empreendimento e para a terra recém-descoberta. O primeiro esteio dessa igreja foi fincado **no dia em que o calendário católico comemora a festa de Santana e, por isso, a igreja a essa heroína foi dedicada.**

Se bem que os historiadores goianos não estejam de acôrdo na data exata em que se verificou a construção dessa igreja, parece fora de dúvida que a sua inauguração se tenha verificado em 1728, pois, há notícias de que, em 1729, nela **oficiava o padre doutor Pedro Ferrei-**

Dom Luiz de Mascarenhas, fausto conde Dalva, capitão-general de São-Paulo, veio a Goiaz e, na conformidade da carta régia de 11 de fevereiro de 1736, **demarcou o lugar da vila, designou o lugar da praça da Matriz, da câmara, da cadeia, do pelourinho e dos principais edifícios e pegou na ponta da corda, servindo de pião, para, então, se demarcarem os logradouros públicos.**

A praça da Matriz, citada pelo historiador, era a em que estava situada a igreja colocada sob a invocação de Nossa Senhora Santana, construída pelo descobridor das minas.

A construção desse templo, entretanto, fôra má. A pressa de se levantar, naqueles mundos sertanejos,



Igreja Matriz de N. S. Santana de Goiaz (até onde alcançou a tentativa de sua reconstrução)

ra Brandão, com provisão do bispo do Rio-de-Janeiro, dom frei Antônio de Guadalupe.

A igreja de Nossa Senhora Santana representa um grande marco na história de Goiaz. Foi nela que rezaram os desbravadores. Foi nela que os índios, trazidos à fé católica, trocaram Tupã por Deus. Foi nela que se batizaram os primeiros goianos. Foi nela que se realizaram os primeiros casamentos, marcos iniciais da formação da família goiana. Foi nela que se fizeram os primeiros sepultamentos e foi nela, ainda, que os aventureiros, rudes, vestidos de couro, com o coração bravo batendo descompassado de ambições, ouviram a palavra dos ministros de Deus aconselhando moderação nos instintos, freios nas paixões e indulgência para as faltas do próximo.

uma casa para os ofícios divinos e devoções do espírito, não permitira a escolha dos materiais de primeira qualidade nem a observância de certas exigências arquitetônicas em condições de garantir a duração da obra. Por isso, em 1743, a igreja estava quasi em ruínas, em transe de desabamento.

O ouvidor geral de Goiaz, Manoel Antunes da Fonseca, uma autoridade concussionária, má e prevaricadora, viu, na reconstrução desse templo, uma oportunidade muito auspiciosa para fazer silenciar seu fôro íntimo, para fazer calar sua própria consciência revoltada pelos crimes por ele perpetrados. E deliberou, então, demolir a igreja construída pelo descobridor das minas e, em seu lugar, edificar uma outra, **mais de acôrdo com as necessidades e decência deste govêrno.**

A correspondência trocada, nessa época, entre o capitão general de São-Paulo e o ouvidor geral de Goiás, possui fisionomia edificante. Dom Luiz de Mascarenhas não somente não aprovou os atos de Manoel Antunes da Fonseca, ligados a essa construção, como, ainda, procurou demovê-lo de um intento que colidia com ordens explícitas do rei.

As cartas que dom Luiz de Mascarenhas dirigiu ao ouvidor geral de Goiás sofreram cruéis mutilações das traças e do tempo mas, ainda assim, com frases incompletas, deixam compreender perfeitamente o seu conteúdo.

... tem sido para mim matéria digna de reparo... que V. Mcê. tomou... de demolir a Igreja Matriz dessa Vila, devendo saber... Padroado o não devia fazer sem mo comunicar e não só ata... como porque S. Magtde. por ordem especial sua foi servido declarar... nas igrejas dêste Estado se não devem fazer obras sem intervenção...

Bem mais adiante, em outra parte dessa longa carta, datada de 25 de janeiro de 1744 e escrita em Santos, o conde Dalva diz mais o seguinte: não capitulei a V. Mcê. sobre buscar o arquiteto que delineasse a planta da igreja e, sim, adverti a V. Mcê. que considerasse no empenho em que se metia por ser contra as ordens d'El Rei fazer obras na Capela-Mor da Matriz sem permissão do General, quanto mais mandar V. Mcê. demolí-la, e meter-se no empenho de fabricar uma igreja conforme a sua idéia, fiado em promessas...

Dando resposta a essa carta tão áspera, o ouvidor geral de Goiás, depois de vários agachamentos, relatou que não havia dúvida que a igreja se faria, estando os homens bons da Vila dispostos a ajudar com prendas e donativos.

O capitão-general de S. - Paulo apreciou devidamente essa notícia e, em carta de abril de 1744, disse o seguinte, em termos menos rudes: vejo que o espírito do... nos... dos homens para concorrerem com as esmolas necessárias à construção da nova igreja, como V. Mcê. me referiu, do que tive notável contentamento.

O ouvidor Manoel Antunes Fonseca, entretanto, para acelerar essa construção, deliberou usar de um recurso valioso: empregar nela os donativos que as povoações goianas haviam feito para a campanha contra os Caiapós e Tapirapés, contratada com o coronel Antônio Pires de Campos.

Quando dom Luiz de Mascarenhas teve notícia dessa resolução, a sua zanga subiu de ponto. Em carta de abril de 1745, dirigida ao intendente geral de Goiás, Manoel Caetano Homem de Melo, disse veementemente: se por conta do donativo que se prometeu a Ant... Pires de C... o-

bra da igreja que o mesmo ouvidor mandara... e ser... pedindo-me que lhe aprovasse a resolução, a que eu... não ordeno... nem aprovo...

Como a Câmara da Vila de Goiás se manifestasse favorável a essa resolução, de se empregar na construção da igreja o ouro reunido para pagamento do coronel Antônio Pires de Campos, dom Luiz de Mascarenhas, visivelmente irritado, escreveu o seguinte: ... duzentas oitavas de ouro desta aplicação... ouvidor me diz já por junta se fez, se aplicarão para as obras da Matriz as faça V. Mcê. logo tornar a repor nos Cofres da Fazenda Real, sem adm... réplicas do ouvid... nem dos Camaristas.

Escrevendo ao ouvidor geral de Goiás, o conde Dalva nestes termos ásperos deixou o seu pensamento: Não posso deixar de estranhar a facilidade com que o provedor da Fazenda manda dar o ouro que nos Cofres d'El Rei se acha à Fábrica da Igreja que a devoção de V. Mcê. erigiu, tendo o mesmo ouro outra conta muito diversa.

Depois de se estender em outras considerações, sobre o mesmo assunto, dom Luiz concluía aconselhando Manoel Antunes Fonseca a desistir desse intento e a cobrar os tributos dos mineiros, para a guerra ao gentio, com o que evitará muitos distúrbios e desordens.

A contribuição dos povoados nascentes nos sertões de Goiás, para a campanha das circunferências destas minas, para evitar insultos e mortes que o gentio Caiapó tem feito, era pesada e deshumana. Além dos tributos comuns, cada qual mais oneroso, as povoações tiveram de pagar as seguintes contribuições para a guerra aos Caiapós: Vila-Boa, 1 arroba de ouro; Pilar, 250 oitavas; Crixás, Meia-Ponte e São José-dos-Tocantins, 256 oitavas de ouro cada. Esse donativo serviu para pagar o façanhudo mata-bugre e, ainda, para pagar a organização de uma companhia de vinte até trinta soldados do mato, para auxiliar o coronel Antônio Pires de Campos, no caso que sejam necessários.

A reconstrução da igreja matriz de Nossa Senhora Santana de Goiás, mau grado esses tropeços, foi feita. Um cronista da época relata que a reconstrução se fez à custa do povo, que contribuiu com 8.000 cruzados, a Câmara com 800 oitavas de ouro e a Fazenda Real com 5.000 cruzados.

Não foi boa, porém, a obra executada. Arquitetos bons, naqueles tempos, não ingressavam no sertão, não furavam a terra virgem. Os mestres pedreiros que ingressaram em Goiás queriam mais a lida dos garimpos do que, mesmo, os trabalhos de arte. Foi tão má a obra feita pela devoção do ouvidor Antunes que, quatorze anos depois, em 1759,

veio abaixo todo o teto da igreja.

Vila-Boa estremeceu-se inteira ante o desastre. Não faltou, até, quem visse na ocorrência um castigo e uma advertência. Esse desastre se verificou quando o marquez de Pombal rompia as hostilidades contra os jesuítas e mandava prender dom Álvaro José Xavier Botelho de Távora, conde São Miguel, segundo governador privativo da capitania de Goiás.

O povo de Vila-Boa reuniu toda a fortaleza de sua fé, deu-se a novos sacrifícios e tratou de mandar reconstruir a igreja. As obras foram feitas no sentido de consolidar as fundações do templo, umas vezes; de consolidar as paredes, outras vezes, e, finalmente, no sentido de garantir a duração do teto.

Esses cuidados, infelizmente, não valeram. A construção inicial tinha sido má e a igreja de Nossa Senhora Santana de Goiás vezes sem conta exigiu serviços custosos para evitar o seu desabamento.

Em 1872, a igreja estava em ruínas. A sua estabilidade estava seriamente comprometida. As suas paredes, ventrudadas e desaprumadas ameaçavam ruir e o teto desabava-se melancolicamente, com o madeiramento roído pelos cupins.

Foi deliberada a sua reconstrução, tomando parte, na campanha que então se fez em toda a província, o bispo dom Joaquim de Azevedo e o presidente Antero de Assis que conseguiram do governo central um vultoso crédito para as obras, com o qual foram construídos os alicerces do novo templo.

A obra projetada, entretanto, era grande demais para as posses de Vila-Boa. As grandes crises econômicas do fim do século XIX, não permitiram que a construção fosse concluída. Foram assentadas as portas e janelas, tudo de cantaria até o primeiro pavimento. Essa igreja tinha nove altares, ornados com colunas de madeiras, de grandes dimensões, todas douradas.

Aquí termina a história da igreja matriz de Nossa Senhora Santana de Goiás. As obras desse templo foram paralizadas há muitos anos e há muitos anos é lá está, com as paredes verdes de limo, num melancólico abandono e numa melancólica inutilidade.

BIBLIOGRAFIA

Americano do Brasil, "Súmula de História de Goiás".

Colemar Natal e Silva, "História de Goiás".

Augusto Saint-Hilaire, "Viagem às nascentes do rio S.-Francisco e pela província de Goiás".

Francisco F. dos Santos Azevedo, "Igrejas de Goiás", em "Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo".

Alencastre, "Notícia Histórica".

"Documentos Interessantes", do Arquivo de São-Paulo. Documentos oficiais do arquivo de Goiás.



Elogio da Árvore

Cristiano Cordeiro

Eis-nos de novo diante de vós. Somos as mesmas personagens, os mesmos espectadores e analistas do quadro cuja significação procuramos desvendar na brilhante festividade do dia 7. Mas a paisagem de hoje é algo diferente. Na primeira, de fundo essencialmente moral, o homem era o centro de interesse; na de agora, porém, embora se presume a existência do homem — sem o qual o próprio universo não se reconheceria — o seu objeto, conquanto dêste mundo, é todavia classificado noutra reino da natureza — é a árvore, a nossa irmã mais velha . . .

A presença do homem, escreveu Eça de Queiroz, é o motivo que dá vida à paisagem; o que vale dizer que a paisagem só existe para o paisagista, para o observador. É pois através do homem, isto é, de sua imaginação, do "véu diáfano de sua fantasia", que vamos tentar a visualização da árvore e aprender o seu simbolismo em alguns dos aspectos e momentos da história da cultura humana.

A vida é uma grande sinfonia (1). Não vamos, entretanto, surpreendê-la nos seus primeiros acordes, na expressão musical dos seus motos vorticosos, antes, muito antes que a energia cósmica estivesse em via de atingir os mais ínfimos estádios do psiquismo físico, de cujos arcanos insondáveis emergiu no fundo da noite dos tempos o seu vegetal, na humildade das algas, a princípio, e, depois de milênios, soberbas, na fronde majestosa dos carvalhos, para celebrar com o criado a festa da criação, na apoteose da luz e das cores.

Consoante o monismo espiritualista de a "A Grande Síntese", os elementos com que a vida compõe a sua veste orgânica, ao mesmo tempo expressão e elaboração de psiquismo, são **hidrogênio, carbono, azoto e oxigênio**, existentes na atmos-

fera, em grande abundância, no momento das gêneses. A planta, continua a inteligência que concebeu êsse empolgante plano unitário de explicação do universo, "é a máquina própria e especial para a construção dêsse material orgânico, por meio daqueles quatro elementos. O maravilhoso quimismo das fôlhas verdes iniciou a transformação da matéria morta em matéria viva, captando e armazenando ao mesmo tempo a energia da grande fonte solar".

A planta, pois, conclue, "pertence a glória de haver realizado o trabalho da primeira construção orgânica, sem o que a vida animal superior não teria podido formar-se e subsistir".

Se isto é verdade que a ciência afirma e a filosofia confirma, o instinto da humanidade sempre o presen-tiu. Desde o simples totem vegetal até a mais complicada simbólica da fitologia teúrgica, a árvore jamais deixou de ser a paisagem favorita do homem, inteiramente unida à sua existência e ao seu destino, depois de ter sido, nos longes incalculáveis da pre-história, a sua própria casa perdida no país encantado da floresta.

P. Vallet, em seu substancioso estudo "L'idée du beau dans la Philosophie de Saint Thomas A'Aquin", assim define a arte: "O esforço do homem para representar o belo visível ou ideal por meio dos seus sinais mais expressivos".

"Não reside o belo na superfície das coisas", raciocina o tomista, "antes vem do interior, da essência, da idéia". E partindo do princípio de que — "le fait tout seul — apenas fala aos sentidos, e a idéia pura — L'idée toute seule — só ao espírito fala, conclue que a arte "deve realizar êsses dois extremos da natureza humana, e fazer com que a idéia

resplandeça através de uma **envelope sensível**".

Conquanto do transcendente problema da natureza da idéia — espécie de divisor das águas da filosofia — se espraíem a perder de vista as grandes vertentes do pensamento humano, agrada-nos todavia essa concepção teleológica da arte, ou mais explicitamente, o conceito de sua função sintetizadora, e nestes termos aceitável, ao que nos parece, independentemente de qualquer espírito de escola, até mesmo da moderna metafísica pragmatista, pelo conteúdo de realidade, de vida e de eficiência pragmática que comporta, no melhor e no mais alto sentido dessas palavras.

Não iremos procurar com Platão no romance do infinito o desenvolvimento dialético das idéias da árvore, nem mesmo conceber essa idéia em companhia de Aristóteles no ato perfeito e acabado da árvore. Correríamos o risco de perder a árvore e de não encontrar a idéia . . . Contentemo-nos, pois, com a visão terrena do ideal do belo, despido de suas deslustrantes vestes metafísicas, para se apresentar, tal como realmente é, através das "enveloppes" sensíveis", das quais a árvore é sem dúvida uma das mais sugestivas, ao limitado poder de compreensão e de amor dos homens . . .

Desde o início das eras históricas, na vida ou na lenda, a árvore é sempre presente no sangue e na imaginação dos homens, em cujo organismo se transformam em calorias os seus frutos dourados, e em cuja psiquê a sua seiva desabrocha nessas flores espirituais que são as idéias, no mais surpreendente, empolgante e misterioso dos metabolismos vitais.

Escasseiam-nos imaginação e cultura para bosquejar o quadro histórico dessa velha amizade sincera, dêsse idílio, por vezes, entre o ho-

mem e a árvore. Faltam-nos os meios e o tempo para uma viagem transcontinental nesse setor do conhecimento, pelo que só nos permitimos visitar aqui e ali, num superficialismo verdadeiramente turístico, alguns dos mais explorados sítios históricos. W. Durant seja o nosso principal "cicerone".

Consoante a nossa tradição judaico-cristã, a história da árvore está endêmicamente ligada à história da Ciência. A Sombra da árvore da Ciência Adão conheceu o Amor e Eva deu à luz a humanidade.

No Egito, instrue-nos Will Durant — êsse grande poeta da filosofia e êsse filósofo da história — "os mais humildes vegetais tinham os seus devotos", e até o fim dessa multimilenar civilização "os egípcios de alma simples faziam oferendas aos pepinos, às uvas e aos figos". E informa que "Taine se divertia em mostrar que a cebola, tão desagradável a Bossuet, havia sido uma divindade nas margens do Nilo". (2).

E ao lado dessas plantas que dão ao homem o pão do corpo, destaca-se o papiro, que lhe dera o pão do espírito. E como um sorriso no deserto, uma carícia e um adeus ao viandante, a flor do lotus vai de longe em longe pontuando a paisagem, esotêricamente.

Na lendária Pérsia, de Ahura-Mazda, o senhor da Luz e do Céu, realizou-se na planta **hoama** o milagre da concepção: o anjo da guarda de Zaratustra penetrara-lhe na torrente da seiva e com esta passava para o corpo dum sacerdote, no momento em que o mesmo oferecia um sacrifício divino.

Nesse instante um raio da glória celeste iluminou o seio de uma virgem aristocrática. "O sacerdote desposou a virgem; o anjo assimilado pelo sem corpo misturou-se com o raio aprisionado — e surgiu Zaratustra".

Na literatura judaica vemos que a árvore foi sempre a inseparável companheira do homem nos seus transportes de alegria ou nas suas crises de tristeza.

Relembrando o cativo sob Nabucodonozor, cantou um poeta de Israel, "num dos maiores cantos da história";

"Junto aos rios de Babilônia nos puzemos a chorar com o pensamento em Sião.

Nos salgueiros existentes penduramos nossas harpas" . . .

O rei Salomão não encontrou nos tesouros de sua arte verso mais lindo para exaltar a sua amada do que quando lhe disse: "A tua estatura é assimilada a uma palmeira" . . . (3) (Também tinha o talhe gracioso da palmeira o corpo de Iracema — "a virgem dos lábios de mel" — que o nosso José de Alencar adorara como num sonho salomânico no mistério das selvas brasilei-

ras . . .).

Domina ainda a palmeira, bela e airosa, na poesia dos Samos, ao lado do cedro magnífico e viril: "O justo florescerá como a palmeira; crescerá como o cedro no Líbano". (No dia do soldado brasileiro ouvimos na Praça Cívica de Goiânia a ressonância dêsse verso bíblico na palavra inspirada de um sacerdote católico. Também no Brasil um justo — o Duque de Caxias — crescerá como um cedro na gratidão da pátria . . .)

Na velha e sempre nova Índia misteriosa dos Vedas e do Gitanjali de Tagore, o deus-árvore contou por milhares os seus crentes e os seus altares. **Bhodj** é a árvore sagrada do tempo de Buda. Na "calma majestática de sua sombra" — o Gautama meditava sobre as grandes quatro verdades sublimes que deveriam levar os monges à vitória sobre a dor, e, através do caminho dos oito ramais, conduzi-los ao Nirvana . . .

E os que lá não fossem capaz de chegar pela porta estreita da renúncia e da oração, que invocassem a **soma**, — "planta sagrada, de sumo embriagante para os homens e deuses, e que era também um deus, um Dionísio hindú, que inspirava o homem com a sua essência inebriante".

De um passado longínquo da velha China, da fantástica Kitai de Marcos Polo, nos acaricia ainda hoje o coração, ao sôpro de uma planta de bambú, esta canção de estranha candura:

"De que vale uma frase ou verso
[so fino ?

Diante de mim só há montanhas,
[espessas florestas, negroses.

Penso em vender todos os meus
[objetos d'arte e livros

E só beber na fonte pura a bebida
[da que a natureza dá.

Quando a paisagem é bela.
Devagar eu caminho. Amo de-
[xar que a beleza me ressaie na

[alma.

Gosto de passar a mão pela pen-
[na das aves,

Enfio fundo os dedos para al-
[cançar a penugem interna.

Também gosto de contar os es-
[tames

e de pesar o ouro do pólen.
Que prazer sentar-me na relva !
De vinho não preciso aqui por-
[que as flores me embriagam . . .

Até ao fundo de meus ossos
[amo as velhas árvores e as

[águas azul-jade do mar".

Ou ainda estes versos, que nos fazem lembrar os oito anos do nosso Casimiro de Abreu, "a sua infância fagueira despreocupadamente vivida à sombra das bananeiras, debaixo dos laranjais.:

"Peço-te, querido,
Que deixes minha cabana
E não quebres meus salgueiros";

Peço-te, querido,
Que não saltes o muro,
Nem estragueis minhas amorei-
[ras":

Peço-te, querido,
Que não saltes para meu jardim,
Nem quebres minhas árvores
[de sândalo";

E Confúcio — o grande mestre, na manhã de sua morte, vergado ao peso de 72 janeiros, assim se despediu da vida:

"A grande montanha tem que
[cair,
O forte raio de luz precisa apa-
[gar-se
E o sábio desaparece como a
[planta".

No antigo Cipango também havia poesia . . . Mas lá o culto da árvore sempre esteve implicitamente contido no culto das flores, porque mais requintado. O coração do homem, disse um filho do Sol, Tsu-rayuki, "nunca pode ser compreendido: mas na minha aldeia as flores soltam o seu perfume como sempre o fizeram".

Acaso ainda o fazem hoje, depois de Pearl Harbour ?

Na chamada idade de ouro do Japão, um jovem poeta de nobre família Minamoto, na manhã mesma em que foi assassinado, nomeara a sua árvore predileta testamenteira de suas saudades e de seus amores:

"Se não mais eu voltar,
Ô ameixeira aqui perto da mi-
[nha porta,
Não te esqueças de, como sem-
[pre,
Florir na primavera".

E outro poeta amarelo suplica compassivo:

"Águas do monte, que ides ansiosas para o mar,
Sofrei mais um pouco as som-
[bras do arvoredado . . . "

Sim, vamos agora sofrer essas sombras do arvoredado noutro sítio do planeta, no cenário histórico da Palestina, no horto de Getsemane . . . Elas nos falarão — essas sombras indescritíveis — da agonia do Nazareno. Na paz das Oliveiras em flor retemperou o Mestre dos mestres o seu espírito, para vencer a guerra do ódio humano com as armas do perdão e do puro amor. E num tronco de árvore abatido **Ele** foi, logo mais, a flor humana mais bela que já recendeu no vale de Josafá . . .

O santo lenho é de fato na história do mundo a mais alta glorificação da árvore: é a sua divinização. Assistindo ao drama do Calvário, um indú exclamaria: **Soma** volta ao seio de Brâma nos braços de Vixnú ! . . . Na cruz o Filho do Homem se transforma em Deus . . . A Índia cristianiza-se . . . A árvo-

re sobe aos céus e se ilumina na visão de Constantino: — é a sua apoteose.

x x x

Mas, como tôdas as religiões têm os seus cismas, e todos os deuses os seus negadores, e o próprio Cristo o anti-Cristo, a árvore que foi, na Grécia, presente aos mistérios Eleusis, não conquistou o amor de Sócrates, a quem se atribue esta apóstrofe: "Nada tenho com as árvores!".

Queremos crer, porém, que não queria Sócrates com tais palavras fulminar as árvores nem incendiar as florestas. O que êle tinha em mira era humanizar o homem, elevá-lo da vida puramente vegetativa, da grosseira materialidade dos sentidos, para mostrar-lhe introspectivamente as belezas de sua própria alma, do seu mundo interior desconhecido. . . . Que o homem socrático se debruçasse sobre as janelas que dão para dentro do ego, a-fim-de identificar no seu imo as verdades morais — flores e frutos do espírito — ainda que fossem alguns desses frutos e algumas dessas flores ietais como a cicuta. . . . E tanto assim foi, que os céus epígonos se reconciliaram com a natureza exterior, acamradando-se filosoficamente com as árvores. Platão, Aristóteles, Epicuro joeiravam pensamentos imortais, ao mesmo tempo em que colhiam flores. E êsse ateniense desgarrado no mundo contemporâneo, que se chamou Anatole France, sublimando num dos seus melhores livros (qual foi o melhor livro de Anatole France?) essa adorável convivência das flores com as idéias, deu-lhe o título expressivo de "**O Jardim do Epicuro**". . . .

Mas, o jardim, dirão, é o cárcere da árvore; a floresta, sim, é o seu "habitat", o seu verdadeiro reino. Rubem Braga, o cronista invejável de "O Conde e o Passarinho", referindo-se aos jardins da praça Paris, do Rio, assim definiu a cretinice: "A cretinice é uma árvore chamada ficus". E o nosso ilustre e muito estimado colega prof. Irom, costuma, vez por outra, "perambular pelas matas e grotões", com o propósito quasi anacorético de "purificar-se dos contactos humanos" e de esquecer, por momentos, a bárbara irreverência, a gritante impiedade do "machado dendrocalsta". . . . E nos seus êxtases de saudosismo botânico, apela, ou antes, concentra nesta súplica comovente o seu inofensivo programa mínimo: "Olhai os ipês floridos". . . . (4).

Entre o jardim e a floresta propomos um acôrdo. Talvez nos moldes do estetismo de Wordsworth, em que pese a crítica sutil de Aldous Hexley. "A vida dessas enormes massas de vegetação cerrada é estranha e hostil ao espírito humano", escreveu o autor de "Visionários e Precursores". A verdade, porém, é

que o espírito humano se vem afirmando precisamente através do lento e penosíssimo triunfo sobre "a jangla maravilhosa, fantástica, magnífica", mas também "terrificante e profundamente sinistra". Aqui, como em tudo, **in medio virtus**. Nem a "selva selvaggia ed aspre e forte". das visões dantescas, povoada de aspectos e maldições, onde "os lobos trotam" (Irom), nem a caricatura vegetal da árvore palaciana, que "se modela em forma de poltrona para o perfeito conforto do assento do Rei (Rubem Braga). A própria floresta irá sendo humanizada, à proporção que o homem vá deixando de ser por sua vez o lobo do homem. . . . Não há diminuição para a árvore no fato de ser assimilada à civilização e até mesmo, em alguns casos, policiada. Na "História do Futuro" já previra o moderno profeta Wells a reconciliação do campo e da cidade, valendo por uma garantia dessa simbiose social o estonteante progresso da aviação, nas asas de enxames de helicópteros.

A urbe, escreveu Ortega y Gasset (5), "é a invenção de uma espécie de espaço, muito mais nova do que o espaço de Einstein. É o espaço civil. Até um certo tempo só existia o campo. O homem do campo é todavia um vegetal. Sua existência, quando pensa, sente e quer, conserva a modorra inconciente em que vive a planta. As grandes civilizações asiáticas e africanas foram neste sentido grandes vegetações antropomorfas. Até Alexandre e Cesar, respectivamente, a história da Grécia e de Roma consiste na luta incessante entre dois espaços: entre a cidade racional e o campo vegetal, entre o jurista e o labrego, entre o jus e o rus". E o traço de união entre a cidade e o campo, entre o jus e o rus, é, nos nossos dias, o Código Florestal, o novo código dos direitos da árvore. Quando o mundo se tornar menor espacialmente pelas conquistas da civilização material e o homem maior pela cultura e pela virtude, a cidade e o campo se interpenetrarão para melhor se compreenderem no apóio mútuo das forças conjugadas da agricultura e da indústria. Só então Ceres Celebrará com Plutão as suas bodas de ouro. E Virgílio ressuscitado novamente cantará a excelsa paz dos campos nos divinos ócios que entremeiam o trabalho sagrado e fecundo:

"Tityre, tu patulae recubans
[sub tegmine fagi
Siliestrem tenui musam me-
[meditaris avena". . . .

As florestas metropolitanas dos altos fornos e arranha-céus contrastarão nesses tempos, alternativamente, com os palácios vegetais dos "Joãos-congos barulhentos", na visão deslumbrada do homem socialista. E nos buritizais de Goiânia as

jaós continuarão a cantar saudades, porque a saudade é a própria sombra do homem, a sombra amiga que o acompanha até ao túmulo. . . .

Então, na cidade, como no campo, o Deus de tôdas as coisas que se há revelado ao prof. Irom, ali n'osítio do Leprosário ou às margens do Meia-Ponte, se manifestará nos ipês floridos, nos lírios dos campos, nas aristocráticas orquídeas roxas tão caras à estesia de Oscar Wilde, como também nos caules de aço dos pára-raios e nas tôrres babélicas das modernas Babilônias indústrias.

Êsse mesmo Deus de tôdas as coisas é o mesmo Deus Desconhecido que já o apóstolo Paulo descobrira em Atenas, a confusão mitológica da Acrópole. É ainda o mesmo que brilhou, qual jóia estranha, nas mãos de Baruch Espinosa, quando o grande filósofo judeu polia humildemente as lentes telescópicas do observatório astronômico de Amsterdã, em troca do pão de cada dia. . . .

E aqui tendes, senhores professores e estudantes, nossa apagada contribuição para a festa da árvore. Disse o Pe. Vieira que um bom discurso deve ser feito como uma árvore, de tal modo lhe pareceu a árvore um símbolo de perfeição. Esperáveis certamente que eu vos ofertasse uma árvore literária completa, pelo menos tão bela no seu artificialismo como as de Natal, de robusto tronco e galhos verdejantes sopesando flores raras e pomos de ouro. . . . E no entanto a minha indignação vos exibiu, como na parábola evangélica, uma figueira seca. . . . Coitada da figueira estéril, que não pode imitar a caridade e a nobreza da aristocrática árvore do Sândalo — êsse Cristo vegetal — que cobre de perfume o ferro que o fere. . . .

"L'homme de bien, paisible au
[moment qu'il expire,
Tourne sur ses bourraux un
[oeil religieux,
Et bénit jusqu'au bras qui cause
[son martyre
Tel l'arbre de sandal qu'frappe
[un furieux,
Couvre de ses parfums le fer
[qui le déchire" (6)

Essa fala odorante do Sândalo compassivo, traduzida em linguagem humana, ou melhor, super-humana, ou talvez, arqui-angélica, quer dizer simplesmente isto: " — Pai, perdoai-lhes, êles não sabem o que fazem". . . .

(1) "A Grande Síntese", Pietro Ubaldi.

(a) (2) "História da Civilização".
"Nossa Herança Oriental".

(3) O "Cântico dos Cânticos".

(4) "Oeste".

(5) "Rebelião das Massas".

(6) Fabre d'Olivet — citado no:
"Versos Áureos de Pitágoras, A. Seabra.

Tia Mariquinha

Marilda Palina

Natal !

Festa de esperança para os moços. Saudade e melancolia para os que se avizinham da tarde da vida.

Para estes, cada Natal traz uma saudade nova, mais funda melancolia, recordações mais pungentes, tantas que, ao chegar um novo ano, os olhos do coração insensivelmente se voltam para o passado, buscando cousas e pessoas que não verão mais nunca.

Vésperas de natal.

Recordo os dias distantes da meninice, no poético recanto de Goiaz. Mas, dos queridos vultos que povoavam os meus natais de antigamente, muitos já se foram para sempre.

E, neste ano, mais um desertou o meu círculo de afetos. Tia Mariquinha . . .

Pelo Natal, um ano antes, procurei a velha casa, onde morava a velha tia.

E esta, como sempre, me apareceu bondosa e amável.

Para mim, tia Mariquinha era um ser privilegiado, diferente das outras mulheres. Pensava assim em criança e cresci pensando assim. E como a via sempre amável e risonha, interessando-se pela nossa vida, num modo sutil de agradecer e cativar, acreditava que nenhuma tristeza poderia jamais lhe ensombrar o coração, nem que as pequeninas contrariedades diárias poderiam nunca vincar-lhe a fronte

Mal transpunha os umbrais de sua casa, esquecia tudo. Esquecia que a vida é, às vezes, dura e hostil e que as criaturas, não raro, são ingratas e fracas. Esquecia os insignificantes aborrecimentos domésticos que, no entanto, descontrolam os nervos fracos das mulheres. Esquecia tudo.

E junto dela me sentia repousada e feliz, ouvindo-lhe a prosa inteligente e sensata, no remanso da vasta sala de jantar, muito fresca, onde um velho relógio marcava para mim as horas, apressadamente

Expansiva e afável, tia Mariqui-

nha gostava das longas palestras, mas fugia de falar de si, ou dos outros. Sabia conduzir com arte admirável a conversação, sem descair para a maledicência, nem se diminuir em queixas e lamúrias. Entretanto, tinha sofrido.

Quasi môça enviuvara, mas, nem o luto que, desde então usou sempre, nem a dôr inconsolável da perda do espôso a tornaram intratável ou misantropa.

Passaram-se os anos. Minha vida mudou. A de tia Mariquinha também. A morte de quando em quando lhe batia à porta, arrebatando-lhe seres ternamente amados.

Ausentei-me de Goiaz por vezes. Mas, ao regressar, meu coração buscava ansiosamente o velho teto familiar, onde uma serena figura de mulher me estendia as mãos em carinhosa acolhida. Ela era a mesma, na mesma moldura da casa antiga.

Envelhecia devagar.

E eu a buscava com a mesma certeza de antes. Eu a buscava certa de encontrar a tranquilidade, a paz. O meu afeto pela tia-avó, que eu queria particularmente porque nunca me soubera ralhar, com o correr dos anos se transformou em veneração profunda, comovida a ardente admiração.

Velha, no fim da vida, batida pelos dissabores, enfraquecida pelos achaques de uma longa existência, que forte coração era o daquela mulher, que sabia concentrar a dôr no fundo d'alma, com uma energia nunca vista, e apresentar a todos que a cercavam rosto sereno e afável ! Que pudor de sentimentos ! Que coragem na adversidade !

Tia Mariquinha ! A lembrança que dela me ficou é uma só, inalterável: risonha, atenciosa, mas sem expansões vivas de alegria; discreta e prudente; enérgica e delicada.

Por mais longe que busque na minha recordação, não me lembra frase áspera, gesto brusco, expres-

são de dureza ou de intransigência, alterando-lhe a harmonia do perfil.

Sempre me apareceu calma e bondosa e foi assim que a vi pela última vez: o rosto quasi moço, o busto ainda ereto, a mesma voz macia, os mesmos gestos cheios de doçura.

Foi assim que a vi pela última vez, admirando-lhe a lucidez do cérebro e a fidelidade da memória, mal acreditando nos seus oitenta anos já vencidos.

E foi assim que Deus a levou, num colápsio, depois de umas horas de prosa íntima com os filhos e netos, sem que a mão sacrílega da Morte desfizesse no espírito dos que que a amavam a lembrança da mulher admirável, da "senhora", nobre vulto de anciã e de avó, que a geração de amanhã dificilmente conhecerá . . .

Dr. J. RIBEIRO GUIMARÃES

— ADVOGADO —

COBRANÇAS COMERCIAIS—TRABALHOS NO FORUM EM GERAL

ESCRITÓRIO:

AV. 24 DE OUTUBRO, 221 — Telefone 1416

Bairro Campinas

Goiania - Estado de Goiaz

Penetrando na realidade de nossa história republicana, abaixo das fórmulas constitucionais de superfície, ninguém pode alimentar a dúvida de que o regime representativo tenha sido entre nós mais do que uma falaz ilusão de doutrinadores teóricos ou uma exploração ignóbil de sindicatos eleitorais entrincheirados nas urnas falsas. O regime de 10 de Novembro pôs a nú a verdade dessa situação e assumiu, sem subterfúgios e trâmites prejudiciais às soluções administrativas, a responsabilidade integral de dirigir os interesses da nação acima das paixões partidárias e regionais e conduzi-la a salvo por entre os extraordinários e recrescentes obstáculos da crise atual do mundo. General MENDONÇA LIMA.

M A R I A L O U C A

J. B. FELIX DE SOUSA

Maria Louca assentava-se na porta do rancho de Mané Pépé e horas a fio cantava, com uma voz grossa e forte, palavras, frases sem nexo que ninguém entendia e que se ouvia até cá em cima na rua Direita e na rua das Flores.

As lavadeiras do rio Vermelho paravam de bater as roupas nas pedras das margens, quando ela cantava nos dias de sol, e nós a ouviamos impressionados quando sua voz vinha até cá na cidade, nas noites bonitas de lua.

Não fazia mal a ninguém. Mas faziam mal à gente aquele seu riso distante e aqueles olhos grandes, injetados de sangue, que pareciam querer hipnotizar, fixos por um tempo sem fim, nas cousas ou nas pessoas.

Assim ficava ela olhando o seu irmão Mané Pépé quando êle saía pelos campos a correr, coxeando, no meio do capim jaraguá, parecendo um "saci-perê" que tivesse sido surpreendido pelo sol e que corresse tonto para se esconder no escuro da mata. E ela ficava sôzinha no rancho, olhando a cidade lá longe ou a serra que vem morrer a seus pés. Maria Louca teve uma filha. Agora ela cantava sempre, com a voz mais baixa, rouca e feia, ninando e olhando o dia todo a negrinha embrulhada nos seus mulambos.

Um dia a menina começou a chorar, depois a gritar, por horas e horas. E a mãe ficava olhando, com aqueles olhos feios, a filha a se es-

torcer e de repente começava a cantar, cantar, com aquela voz forte que se ouvia até cá em cima na cidade. Quando a negrinha calava, arfante, e começava a gemer baixinho, ela também parava de cantar e ficava, com os olhos vermelhos, cheios de espanto, olhando-a.

Mané Pépé experimentou uns chás, umas raízes. Veiu a benzedeira. Apanhou um raminho verde e começou a fazer passes com êle e a remexer a beijorra com o seu responso. De vez em quando escancarava a bôca enorme, desdentada, num bocêjo imenso. E continuava a fazer cruces com o raminho e a rezar sobre a doente a estrebuchar no colo da mãe.

Depois atirou longe o raminho que ficara murcho e foi-se.

Também Mané Pépé saiu a correr pelo campo à procura de raízes e Maria Louca ficou olhando sua cabeça negra a dansar perdida no capinzal.

A menina agora parecia dormir de olhos abertos e só de vez em quando gemia baixinho. Maria Louca ninava a filhinha batendo-lhe suavemente a mão enorme, cheia de calos.

A cabeça lhe pendia de cansaço e sono. Mas as lavadeiras do rio Vermelho não a deixavam dormir. E ficava escutando-as batendo roupas nas pedras, ou cantando sambas e "sarandí".

Depois foi se irritando a pouco e pouco e sua mão foi batendo cada

vez com mais força nas pernas magras da filhinha.

Depois arregalou os olhos vermelhos e começou a gritar com toda força, imitando o bater das roupas nas pedras:

— Plaf — Plaf ! Plaf ! . . .

E batia, a cada grito, com mais força na filha.

A negrinha começou a gemer, depois a soltar uns débeis gritos.

De repente Maria Louca levantou-se, os olhos terríveis, as narinas dilatadas.

Agarrou a filha pelas pernas e começou a bater a cabeça da negrinha no esteio do rancho, gritando:

— Plaf ! Plaf ! Plaf ! . . .

Gritos selvagens que o eco devolveia da serra.

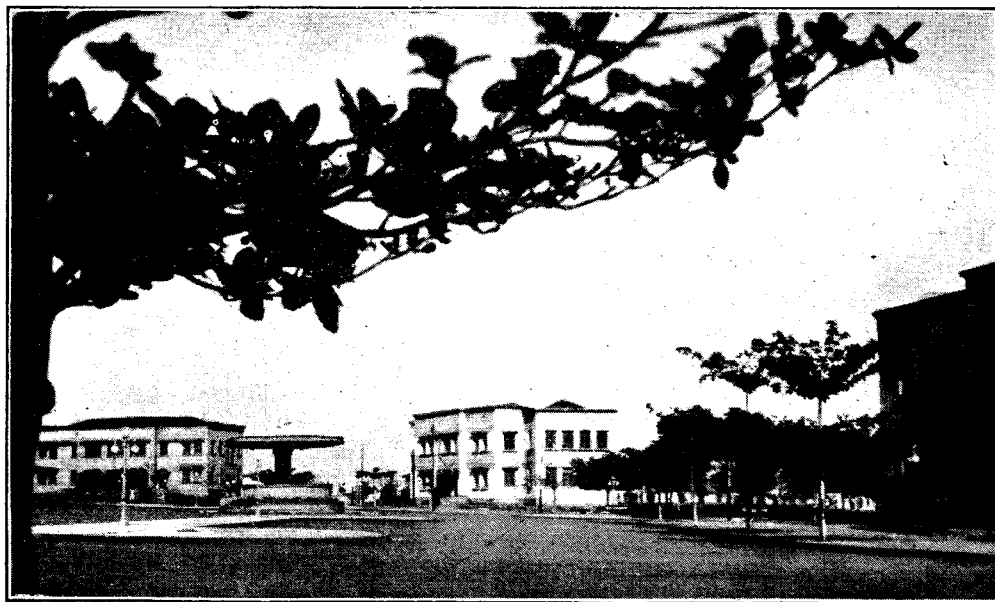
As lavadeiras pararam espantadas escutando-os e depois recomeçaram a sua faina.

Maria Louca assentou-se de novo, colocando carinhosamente no colo a filhinha morta.

Começou a cantar baixinho, batendo com a mão brandamente no corpo magro, sem cabeça, agora silencioso e quieto, indiferente para o sangue que corria do pescoço da menina e empapava sua roupa imunda e para os restos de sua cabecinha preta espalhados pelo chão do rancho.

Cantou baixinho, por muito tempo, uma cantiga de embalar, de frases sem nexo, que ninguém podia entender.

E, cansada, dormiu tranquilamente.



Panorama da "Praça Cívica de Goiânia" — vista parcial



UM BOM RECLAME

- Garçon!... Garçon!...
- Pronto, senhor.
- Há cabelos nesta manteiga!
- Já sei, senhor. São de vaca. Foram colocados na manteiga, de propósito, para que os frequentes não julguem ser a mesma falsificada.



B A L A D A I N G Ê N U A

Não há mistério no mundo.
O mundo é tão natural!

Só há mistérios nos circos,
nas belas contorcionistas,
que se embodocam pra trás;
que se desmontam todinha
montando a própria cabeça
feito um boneco de trapo.

Só há mistério na artista,
bonita, jovem, de noite,
na juventude lavável,
mas que velha atira fora,
na água que lava o rosto;
não sabe cantar mas canta
e todo o mundo quer bis:
os estudantes quebrados,
os fiscais da prefeitura,
pobres, ébrios, etc.

Por não ter mistério o mundo,
por ser tudo natural,
eu quero a bela do circo,
a moça que come brasas,
lambe ferro de engomar;
há-de curar nostalgia
a minha dispepsia

E quando eu sair com ela,
pelas ruas da cidade,
grave, sisudo, importante,
tal qual um bode embarcado,
irei de braços com ela,
mas ela de pernas pro ar.

Por não ter mistério o mundo,
por ser tudo natural.

Quando estiver sossegado,
mais calmo que o cel.,
ela andaré pelo arame,
numa altura de 100 pés,
meu deus, eu morro de susto,
aguardando, desesperado,
a moça se esborrachar.

Mas não tem mistério o mundo
é tudo tão natural!

E por ser tão natural,
as belas belas de circo,
que coisa misteriosa!
são velhas moças de noite
de dia moças velhinhas.

Bicentenário de Lavoisier

A. A. Fleury

Não passou despercebido em Goiânia — e nem podia ter assim passado numa cidade culta como é — o dia 26 de agosto deste ano. Sem as festividades ruidosas, mais consentâneas com a transitoriedade ou pequenez do fato comemorado, a efeméride de Lavoisier foi lembrada em seu ambiente próprio, nas aulas, nas bibliotecas, nas palestras dos profissionais da Química.

Se quisermos traçar fortemente, na História, o início do quarto e último período do desenvolvimento da Química, temos de recuar ao dia 26 de agosto de 1743. Nasceu nesse dia, em Paris, Antoine Laurent Lavoisier.

Recebendo educação aprimorada desde seus primeiros anos de vida, teve, mais tarde, como guias na senda do saber, os grandes mestres Bernard Jussier e Guilherme Francisco Rouelle.

“Memórias sobre o melhor sistema de iluminação de Paris”, foi o seu primeiro trabalho, escrito aos 23 anos de idade. A Academia de Ciências de França concedeu-lhe, por esse trabalho, o honroso título de sócio.

Dotado de inteligência arguta e trêfega, gozou Lavoisier das prerrogativas de pensar e de agir livremente em assuntos científicos, investigando, sempre que possível, a origem e a veracidade dos fatos.

Em suas experiências teve ensejo de observar que algumas substâncias, notadamente o mercúrio e o cobre, sofriam determinados fenômenos para os quais a teoria dominante naquela época — a teoria do flogístico — não possuía recursos de explicação clara ou aceitável. Segundo as idéias desenvolvidas por essa teoria, as substâncias simples formadoras do Mundo eram três somente — éter, água e terra.

A primeira — o éter — era a que possuía maior soma de atividades, capaz, por isso mesmo, de mover-se e de mover as outras. Era ainda capaz de determinar o aparecimento do frio, quando se colocasse em repouso; ou do calor, se entrasse em movimento.

O ar era considerado mistura de éter, de eflúvios aquosos e de exalação dos corpos sólidos.

A água, o segundo componente do Mundo, dotada do poder moderador das ações do éter e colocada entre este e a terra, desempenhava o importante papel de equilibrar as atividades do éter sobre a terra.

Finalmente, esta última, de constituição complexa, possuía quatro naturezas distintas, uma chamada — natureza vitrificável — reunia todos os corpos vítreos ou cristalizados; a outra era a natureza sutil, formada pelos líquidos (com exclusão da água), havendo ainda a natureza calcárea abrangendo todos os corpos sólidos

(com exclusão dos cristalizados) e, finalmente, a mais importante — a natureza móvel — criação de George Ernest Stahl. Esta era constituída por alguns corpos pertencentes às demais naturezas, diferenciados, porém, pela existência, neles, de um agente difícil de ser apercebido pela inteligência humana — o flogístico — palavra formada por uma raiz grega, que significa — eu inflamo.

Stahl e todos os sábios da terceira época da história da Química procuravam explicar os fenômenos químicos de acordo com a teoria do flogístico e o conseguiam em parte. Admirava-se hoje como a Lógica é suscetível de ser moldada à vontade dos sábios! Embora assentada sobre base frágil e mantida fora do equilíbrio ditado pela Verdade, pode, no entanto, viver a teoria do flogístico mais de cem anos. Com os artificios armados pela Lógica receberam alguns fenômenos explicações aceitáveis; outros, porém, — e isso havia de acontecer, de vez que à teoria faltavam bases firmadas na verdade dos fatos, — não recebiam explicação alguma. Foi justamente para estes últimos que Lavoisier dirigiu sua inteligência privilegiada.

A luz da teoria de Stahl, qualquer corpo, quando fosse dotado de natureza móvel, possuindo, portanto, o flogístico, podia, em consequência mesmo das ações da natureza móvel, perdê-lo totalmente ou em parte, adquirindo em troca os característicos de uma das outras naturezas.

Como exemplo era citada a água do mar. Esta, quando submetida à ação do calor, se transformava em terra vitrificável (sal).

Explicação mais clara se conseguia observando a combustão. Os corpos combustíveis adquiriam, quasi todos, a natureza calcárea depois do desprendimento do agente móvel. Outros continham unicamente a natureza móvel e, quando eram deflogisticados, desapareciam, “perdendo”, portanto, tôdas as naturezas: deixavam de existir como matéria.

A deflogisticação podia se processar por vários graus, vindo acompanhada sempre da “criação” de outras naturezas. A madeira podia sofrer vários graus de deflogisticação antes de adquirir a natureza calcárea (cinza).

Da observação de todos esses fenômenos nasceu a regra; “toda substância, ao ser deflogisticada, perde peso”.

A força persuasiva gerada pela a-

presentação de argumentos selecionados pode existir até o momento em que “a ação corresponda reação igual e contrária”.

Observando os pontos fracos de perder e de criar naturezas, Lavoisier, sozinho e sem querer, derrubou, brusca e completamente, o edifício já secular do flogismo.

Queda assim, tão brusca e tão completa, não podia deixar de causar sustos. Alguém, nessa época, atribuiu a Lavoisier a maldade de destruir um sistema filosófico bem aceito, tal como era o do flogístico, sem o substituir por outro, circunstância essa que justificava o epíteto dado, então, a Lavoisier — de criador de caos. Ainda mais — contra Lavoisier e seus companheiros de estudo foi atirado o título pejorativo de antiflogistas, no desejo de reduzir o esforço todo a simples trabalho de destruição de teoria criada por um sábio alemão.

Foi no calor das respostas a essas “injúrias”, que Lavoisier assumiu perante o Mundo o compromisso moral de restabelecer a verdade dos fatos químicos, plantando-as sobre bases sólidas, como a seguir se verá.

Já antes de Lavoisier o alquimista Jean Joachim Becker havia observado que certos corpos, ao serem deflogisticados, tinham seu peso aumentado; logo, nada perdiam. Outras observações traziam ao espírito dúvidas e confusões. Pode-se lembrar o fato da obtenção do cobre, cujo nome antigo era venus. Este corpo é encontrado no solo ora nativo, ora combinado. No primeiro caso recebia dos partidários de Stahl o nome de venus deflogisticada; e no segundo o de venus flogisticada. O calor só podia alterar venus flogisticada, isto é, os minérios de cobre. Estes, sob a ação do calor, se transformam em mate bronze, chamado então venus incompletamente deflogisticada. Separada a escória e de novo submetido o composto à ação do calor, aparece mate branco, sendo preciso adotar-se para este, agora, o nome de venus medianamente deflogisticada. Finalmente a ação do calor em presença do carvão vinha transformar venus medianamente deflogisticada em completamente deflogisticada.

Contra toda previsão da teoria de Stahl, quando venus completamente deflogisticada é aquecida em contacto com o ar, transforma-se em substância preta com aumento de peso.

Não havia explicação para este último fenômeno.

Lavoisier preferiu em suas demonstrações o mercúrio em vez do cobre. Aquecendo-o demoradamente numa retorta, viu que na superfície livre do líquido aparecia película vermelha, havendo, ainda, desequilíbrio de

As Três Repúblicas

==== Firmo Gomes de Castro ====

A história da democracia brasileira assinala, em três fases sucessivas, a sua marcha evolutiva, na busca da forma final, aquela que mais corresponde ao anseio popular e à realidade político-social. A primeira fase veio do 15 de novembro.

Precedera-o, entretanto, um longo trabalho de preparação doutrinária e pregação política. Buscando suas origens mais remotas na Revolução Francesa e seus teóricos, Rousseau à frente, e mais próxima na grande República norte-americana, a idéia republicana teve o seu proto-martir na figura legendária e heróica de Tiradentes e um século após os seus pregadores, Benjamin Constant, Silva Jardim.

Mas, a figura paternal, o governo brando e essencialmente democrata de Pedro II se contrapunha com incontestável prestígio às vantagens apregoadas pelos profetas da nova era. E o povo se mostrava, por isso, indiferente ao movimento. O próprio monarca, ciente da propaganda republicana, não se abalçou a sufochá-la, certo como estava de ser compreendido e amado pelo seu povo.

O golpe militar da manhã de 15 de novembro surpreendeu, constrangeu mesmo a alma nacional. Tudo não passava de uma questão de classe, levada às alturas de uma causa nacional pelo excessivo zelo das altas patentes militares. O po-

pressão entre a parte interna da retorta e a parte externa ou a atmosfera.

Dessa observação deduziu êle que uma porção do ar contido na retorta havia se combinado com o mercúrio. Como confirmação, retirou o ar vital, ou oxigênio, do composto vermelho produzido pelo aquecimento do mercúrio e voltando a examinar o gás restante contido na retorta, encontrou aí um corpo desprovido de afinidades, como que sem vida — o azoto.

Embora todos êsses fatos pudessem ser explicados claramente, sem a interferência do flogístico, teve Lavoisier, mesmo assim, de sustentar forte luta em defesa de suas novas idéias, realizando demonstrações públicas e respondendo a interpelações de todos os feitos.

Tôda luta tem seu lado benéfico, diz a sabedoria popular.

Durante a luta sustentada por Lavoisier, novos fenômenos foram estudados e a teoria da transformação cada vez mais se firmava, de tal modo que pôde ser por êle enunciada a primei-

vo não estava preparado para receber o regime. Deodoro entrou na posse do governo provisório forçado pelas circunstâncias, êle o amigo e pupilo do Imperador. As arestas do seu temperamento de explosões, de encontro às paixões do Congresso, determinaram dentro do primeiro ano a sua renúncia. Seguiu-se-lhe Floriano que governou no ambiente agitado por muita guerra civil. Desastrosamente se inaugurava o regime, com duas ditaduras militares. Havia uma incompreensão profunda, um distanciamento entre o governo e o povo, um abismo de incompatibilidades entre o executivo e o legislativo. As eleições puzeram por terra o mito do sufrágio universal. Quadriênios se sucederam, enveredando por experiências políticas mais desastrosas. Criou-se uma nova forma de parasitismo social: o profissionalismo político. Nos estados, consubstanciavam-se os clãs partidários chefiados pelos "coronéis" em tôrno dos quais se agrupavam solícitos os pretendentes às cadeiras parlamentares.

Povo—essa palavra, expressão de uma realidade social permanente, transformou-se no tema favorito da retórica eleitoral. Matéria prima das manipulações eleitorais, êle e seu bem estar eram sempre olvidados pelos candidatos da véspera.

Caminhava assim a situação, contra a qual já apareciam as reações

ra lei a Química: — Na Natureza nada se perde, nada se cria: tudo se transforma.

E' idéia corrente, hoje, de que não somente no terreno da Química, mas também nos domínios da Biologia, — nada se perde, nada se cria, sendo destruída de vez a geração espontânea de Spallanzani e, de certo modo, confirmado o texto das Escrituras Sagradas na parte em que pede ao Homem lembrar-se de que é pó e ao pó voltará.

Parece que o próprio Universo se transforma periódicamente, passando pelas diferentes fases de nebulosas, matéria ígnea, condensação de vapores, concentração das massas, seguidas de degradação da molécula e do átomo, até de novo se desfazer em energia tão somente para voltar a nebulosas e realizar novo ciclo, sempre se transformando, sem contudo nada perder de sua massa.

A França hoje está sofrendo. E terá de sofrer ainda muito como castigo por haver condenado o seu grande filho à execução de cepto, a mais degradante das mortes.

das consciências bem formadas. Eram os primeiros lampejos de uma aurora que se anunciava.

1930, a grande revolução brasileira veio cristalizar o anseio renovador da consciência nacional, inaugurando a segunda república. Após a ação destruidora das armas, o processo reconstrutivo definindo uma fase de experiência de idéias e de homens. E' quando se projeta definitivamente no cenário brasileiro a figura de estadista de Getúlio Vargas.

Preso ainda a compromissos firmados na véspera da campanha, responsável por um movimento de tal envergadura, não lhe fôra possível na primeira hora afastar os que o pudessem estorvar na sua ação saneadora. Serenadas, porém, as expansões da vitória, começava o momento de separar o joio do trigo. Muitos descontentamentos surgiram então, partidos de todos os "profiteurs" de revoluções. Mas, o estadista, indiferente às críticas mal inspiradas, procurava sanar os males existentes, orientando-se por uma política nacionalista, impessoal. Arrostando e conjurou duas crises alarmantes: o saudosismo separatista que mais uma vez tingia de sangue o solo brasileiro e a infiltração comunista manifestada na manhã sangüinolenta de 27 de novembro de 1935. Sentiu-se na era revolucionária o surto de desenvolvimento material em todo o país, no nordeste ressequido, no centro e no sul ao par da tranquilidade dos espíritos baseada na força moral do governo.

Mais uma vez, entretanto, ia-se apelar para a solução das urnas, uma vez que cessaram todos os motivos que a ela se opunham. Mas, restabelecido o clima da propaganda política, acordaram de novo as velhas raposas adormecidas e reencetaram os seus negregados processos de iludir a opinião pública. Outro mal, maior ainda, surgia com proporções assustadoras: uma assanhada campanha verde desejosa de implantar a ferro e fogo os regimes discricionários de além mar.

Foi então que a penetração de espírito do Presidente anteviu e evitou a eclosão da catástrofe e em boa hora despertou a Nação para o sentido da sua realidade, no golpe de Estado de 10 de novembro de 1937. A Nação recebeu o novo estado de coisas com o desafogo de quem desperta de um pesadelo. E' a terceira república, aquela já idealizada no realismo político de Oliveira Viana e que pode proporcionar esta vitalidade econômica que assistimos, essa paz interna em que vivemos e dentro da qual poderemos enfrentar o inimigo insidioso.

Dentro dêsse regime de realismo político e mais forte coesão nacional, podemos afirmar que a democracia brasileira encontrou afinal a fórmula que a define.

A idéia maldita

Conto de JOSÉ CRISPIM BORGES

Positivamente, aquela idéia me instalara no cérebro com a persistência das coisas obstinadas. Tentei distraí-la com passeios, limpá-la da cabeça com alguma boa leitura. Mas nada. Ela lá estava persistente, tenaz, obstinada. Mesmo no sono, eu via a idéia monstruosa, como um corvo maldito, devorando a minha consciência.

Não tive mais descanso. Cá da minha mesa de trabalho, eu via o caixa do banco enrolando os pacotes de notas, recontando-as com folheações verdes, pondo esperanças na minha alma danada. O cofre ficava num canto da enorme sala, recostado à parede, desafiando, na sua constituição de aço, as intenções sujas dos homens.

A's vezes, nas horas de trabalho apertado, mais por descuido do que mesmo por confiança, o caixa lá deixava a chave enfiada no minúsculo olho da fechadura e então o suor, frio, gelado, escorria-me pela face, como se a idéia medonha me apertasse a garganta, a exigir-me a monstruosidade.

Fiquei doente, pálido, nervoso. As largas insônias me deixavam ao redor dos olhos fundas manchas rúxas. Aos poucos, a idéia miserável me absorveu de tal maneira que me tornei insuportável na coletividade forçada do banco. O Silva não me aturava mais. O Melo já andava dizendo que me faria engulir o primeiro monossílabo bruto que eu lhe respondesse. E assim todos os companheiros de trabalho, com exceção de um só. Um que eu tinha feito o melhor dos meus amigos. Ou por outra, o único, porque eu não tinha outro, que a minha idéia sinistra cercava de atenções, rodeava de delicadezas, deslumbrando-o com presentes finos e jantares caros em restaurantes elegantes.

O meu magro ordenado era todo consumido com o caixa do banco. Uma cerveja aqui; um presente para o filho mais novo ali; acolá um jantar de aniversário. E assim por diante, a família do Oliveira me comia os setecentos cruzeiros que eu recebia mensalmente.

Comecei a frequentar, quasi que diariamente, o bangalô do Oliveira. Jantava cedo e lá ia palitar os dentes e sofrer dor-de-cabeça, assentado na porta da sua casa. Sim, porque aquele mólho de chaves escorrendo da sua cintura magra era um transtôrno medonho para a minha digestão. E parece que êle fazia de propósito. Nessas tardes nunca vestia o paletó, por mais que do-

na Ilda insistisse e o vento frio, vindo da praia, chicoteasse as suas costas sêcas.

A's vezes, até, tirava as chaves terríveis e ficava a bater com elas nos joelhos, displicentemente, exasperando, com tilintações metálicas, a minha idéia maldita, que me pregava os dentes na consciência.

Deu, depois, para me dar informações exatas do movimento bancário. Olhava assim, distraidamente, a superfície ilimitada das águas, a se estender em frente, e com a maior naturalidade dêste mundo deitava as palavras:

— Ficaram hoje em caixa cinco milhões duzentos e trinta mil e quatrocentos cruzeiros. Que dinheirão, hein! Só com o quebrado estaríamos ricos e então havíamos de pregar um bruto chute nesse banco.

Um arrepio frio, como uma corrente elétrica, percorria-me o corpo. A vista turvava-me. A dor-de-cabeça apertava mais. Eu pedia licença e retirava-me. A noite era para mim insuportável. A cama parecia-me um leito de brasas. Rebolando de um para outro lado, no quarto escuro da pensão ordinária, eu erguia o esqueleto dos meus planos. A insônia queimava-me o cérebro. Era lastimoso o meu estado.

Resolvi, finalmente. Não tanto pela perspectiva feliz de ficar rico mas pelo pensamento bom de me ver livre daquela idéia fatal que me ia aos poucos dando cabo da vida.

A' tarde, no intervalo do café, encontrei-me com o Oliveira. Estava de bom humor e falou bastante:

— Sabe, chegou dinheiro da matriz. Coisa grossa, moço! Vão dormir hoje em cofre nada menos de oito milhões, quatrocentos e vinte mil cruzeiros e cinquenta centavos. Fechamos o caixa agora. Os diretores precisariam tomar mais cuidado. Deixar tanto dinheiro num casarão isolado dêste, confiando apenas na resistência do cofre, é muita

coragem. Ainda mais depois que o segredo dele não anda lá muito bem, como lhe contei. Enfim, são brancos, façam como quizerem. Presto-as minhas contas e não me incomodo com o resto. Que se avenham!

Passei o resto do dia numa impaciência louca. A tarde, como de costume, fui à casa do Oliveira. Já entrando para a varanda, quando um amontoado de chaves e correntes, em cima da mesinha da sala, me chamou a atenção. Voltei rápido. O coração bateu-me forte. Seria? Apanhei as chaves e saí calado.

E finalmente quando, às duas horas da madrugada, depois do esforço imenso de arrombar a porta do banco, eu não conseguí, com a última chave, abrir o cofre, a minha desilusão foi grande, mas o meu ódio muito maior. Sim, passei a odiar, terrivelmente, o Oliveira. O Oliveira que por não poder conduzir as chaves do cofre, porque os diretores as levavam, mandara fazer aquelas falsas para dar maior importância ao seu emprêgo e me trans-tornar a digestão.

A previsão do perigo em que nos achávamos e que era sentida por todos levou-nos, decisivamente, à unificação política da Nação, que a isso equivale o regime de 10 de novembro. O Estado Nacional corporifica, portanto, vontades e idéias que se impõem e se afirmam, dispostas a lutar, em qualquer terreno, contra todos os fatores de dissolução e enfraquecimento da Pátria: — extremismos, comodismos e sabotagem. Êle mobilizará o que possuímos de mais são e melhor, para realisar o ideal da Nação forte, digna e feliz. GETÚLIO VARGAS.



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de

Goiânia e desta Revista

DISCURSO DE PARANINHO

(Temos a honra e o prazer de publicar, em nossas páginas, o admirável discurso pronunciado, a 11 do corrente, no Jôquei Clube, pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, muito digno Interventor Federal neste Estado, na solenidade de colação de grau da turma de bacharéis da Faculdade de Direito de Goiás, de 1943, de que foi paraninfo).

“É esta a segunda vez que a mocidade acadêmica da Faculdade de Direito de Goiás me investe da honrosa e elevada missão de ser o seu paraninfo, ao ensejo da sua colação de grau, ao término de atraente e laborioso curso.

Não me esquivei à nobilitante incumbência, desta feita, como da outra, porque percebi, imediatamente, a intenção de distinguir quem jamais poupou esforços para amparar ou melhorar a situação daquele estabelecimento de ensino superior.

Claro é que no seio de vosso professorado encontraríeis inteligências invulgares que melhor desempenho dariam a esta tarefa.

Teríeis à mão culturas do Direito, que inebriariam o vosso espírito com as filigranas e sutilezas do que há de mais moderno sobre esta ciência, que tanta margem dá para os torneios e arroubos do *psiquismo*, sempre ávido de desbravar novos mundos na ânsia de conhecimentos.

Sacrificastes, assim, um prazer espiritual em favor de um sentimento de gratidão.

Preferísteis cumprir um imperativo de consciência a vos entreter com uma diversão intelectual, que vos proporcionaria algum dos vossos mestres, ilustrados e argutos e que devem estar à *la page* quanto à recente evolução da ciência de *Ihering*.

É tão complexo, tão vasto, tão rico este ramo do saber humano, que só deve ser questionado, em caso como este, por técnicos selecionados na sua interpretação e no seu manuseio.

Mas, como o Direito é o bom senso, *in prima ratio*, cada um se permite a atribuição de penetrar nos seus meandros, quando uma oportunidade se oferece ou se impõe.

De mim não penseis que a audácia vá a tanto.

Entretanto, não caberia surpresa, se, no decorrer da minha argumentação, eu opinasse sobre superficiais conceitos quanto à Política e Administração, que são elementos básicos e essenciais da portentosa ciência do Direito, que se acham em perene contacto com quem tem nas mãos as rédeas de um governo.

Se grandes conhecimentos não auferi dessas parcelas do Direito, no trato da administração pública, alguns esclarecimentos obtive, quer nesse trato, quer na leitura das obras

sobre sociologia, cuja dialética não raro se envolve com as suas concepções.

A política, sobre vários aspectos e, principalmente, sobre o de governar, ocupou frequentemente o pensamento dos povos, desde os primórdios da vida em sociedade.

Organizados em governo, surgiam o problema político, quando não acontecia o contrário, aparecendo a política antes de uma organização governamental.

No correr dos séculos a política passa a se referir a diversas expressões da vida social.

É de uma variedade notável e interessante o conceito da política através dos tempos.

Com essa variedade de interpretações e de doutrinas, enriquecem-se vários ramos do Direito, inclusive o administrativo.

A experimentação de diversas formas de governo ainda mais concorreu para esse enriquecimento.

Todos os sistemas têm sido elogiados e combatidos, têm tido os seus adeptos e os seus opositores.

Nesse entrechoque de idéias e de atividades, as nações se aperfeiçoam, quer no exercício de suas modalidades administrativas, quer na maneira de encará-las, tendo em vista um fim mais elevado, mais humano.

Remontando a idades pregressas, não mui remotas, como ao século XVI, encontramos em plena efervescência o pontifício político de Machiavel, com o Príncipe e o Discurso de Tito Lívio.

Os soberanos de então, responsáveis pelo governo de não poucos países, influenciaram-se com as suas doutrinas. Abeberaram-se nas fontes de sua inspiração, a-fim-de manter mais seguramente as suas posições nos postos de mando. Assim dizia êle: “Tôda política que não tem por base a realidade efetiva é votada ao fracasso. O fim justifica e exige os meios. Estes meios, força das armas, recursos de inteligência, apóio de tôda espécie, não são submetidos às limitações da moral e da honra”.

O célebre escritor florentino, em outra ocasião, afirmava que se devia honrar e recompensar a virtude, não desprezar a pobreza, estimar os hábitos e as ordens da disciplina mili-

tar, constringer os cidadãos a se amarem uns aos outros.

De sorte que os sentimentos de Machiavel pareciam contraditórios, tanto assim que críticos há que, hoje e outrora, o reconhecem como o menos maquiavélico dos homens.

Preconizava o rigor político para determinadas épocas por que passam tôdas as nações, admitindo o liberalismo nos momentos felizes, de paz interna e externa, não deixando, porém, de declarar que os profetas armados venceram e os desarmados pereceram.

Entre os séculos XVI, XVII e XVIII apareceram brilhantes e profundos pensadores em matéria de filosofia política. Avultam entre outros Gróccio, Hôbbes, Spinoza, Locke, Montesquieu, Rousseau, Kant, Fichte e Hegel.

Foram intelectuais que não se meteram nos arcanos do espírito e da cultura por simples aventura, por euforia mental.

Entregaram-se intensamente à missão de descobrir na política um meio de amenizar as condições de existência precária da vida dos povos, subordinados a regimes que, em tempo algum, podiam fazê-los felizes.

Entretanto, de acôrdo com a época, defendiam idéias autocráticas, de puro absolutismo, por não crerem que medidas de caráter liberal pudessem dar resultados satisfatórios.

Sustentavam que nos homens predominavam os instintos perversos, que só a força poderia coibir. O Estado é o grande “Leviathan”, gigante construído por todos os homens, que em si contém a unidade absoluta e o poder soberano.

Lock foi um farol que iluminou os seus contemporâneos, tendo exercido considerável influência nos precursores da Revolução Francesa e mesmo nas leis constitucionais da América. Opoz-se à teoria do direito divino defendida por Filmer e à do absolutismo, prégada por Hobbes.

Spinoza, estrêla de máxima grandeza, que tanta luz jorrou nos mistérios e profundezas da filosofia, também dedicou enorme parte de suas locubrações espirituais à política em um sentido geral.

Spinoza não admite o Estado como um mal necessário, mas, ao contrá-

rio, que se impõe para assegurar a liberdade dos indivíduos, que jamais e respeitariam por um sentimento espontâneo, embora não fosse ao ponto de aceitar tudo pela razão de Estado, como queria Richelieu.

Nem sempre este é o fruto de um acôrdo, de um consentimento, de um pacto, como pensava Rousseau, mas a imposição de um elemento forte, proveniente da coação ou da conquista, mesmo porque a organização social, de que é causa ou efeito o Estado, não representa uma aspiração unânime, sendo resultado de um espírito de conservação do indivíduo, da família e, posteriormente, do clã ou do grupo.

Houve, como sabeis e como vêdes, as mais dispare interpretacões sobre a forma de govêrno.

Os povos viveram, décadas e décadas, sob o guante de governos reacionários, cuja legalidade se defendia como de origem extraterrena, por cuja sobrevivência se combatia, por considerá-la a única compatível com a época.

Afirmava-se que nada havia de definitivo sobre conceitos de Estado e Govêrno, pois, as circunstâncias é que podiam determinar a sua modalidade, e que estas instituiçõs, como tudo na terra, estão sujeitas às leis do movimento e da evolução.

A razão prática deveria orientar a sua formação, conforme o opinar dos utilitaristas, dos mercantilistas e outros.

O realismo devia predominar sobre quaisquer veleidades filosóficas nessa matéria em que se jogavam com a liberdade do indivíduo e a felicidade dos povos.

No passado, como no presente, a construção jurídica das nacionalidades se acha sempre exposta à crítica dos políticos, dos filósofos, dos técnicos, desejando frequentemente a sua reforma, por não mais satisfazer às necessidades sociais.

Pensadores há que consideram o sentimentalismo, senão mais útil, pelo menos mais eficiente, neste terreno, dizendo: "O espirito humano é pobre e acanhado no domínio de suas possibilidades naturais. Realiza prodígios, é certo, mas naqueles domínios em que se lhe exige somente o sacrifício físico. Aí é capaz de todos os esforços e de todos os sofrimentos. Mas quando se lhes exige que domine o seu mundo moral e passional, ao serviço de objetivos racionais, o homem claudica, mesmo contra a sua própria vontade. Impelem-no mais as paixões do que a razão. Por isso a história é feita por aqueles que exasperam as multidões e não pelas próprias multidões. São os caudilhos e não os povos que decidem os rumos da História".

Nos nossos dias, porém, a humanidade se encaminha para ideais mais alevantados, mau grado essa

onda de sangue, de barbaria que a invade, mau grado o pessimismo demonstrado por muitos na regeneração dos costumes e no aperfeiçoamento moral do homem.

E' que, muita vez, os fenômenos se dão, os acontecimentos se precipitam sem orientação coletiva, mas guiados por uma elite que representa a essência, a finalidade de forças que se formam, se chocam e se amalgamam no cadinho da História, oferecendo a síntese imposta pela fatalidade.

Dêsse torvelinho de interesses econômicos contrariados, de ambições pessoais, de bons propósitos por parte de alguns, de delírio de grandeza por parte de outros, deverá surgir um movimento de altruísmo com relação à massa dos anônimos, que são as maiores vítimas, quer na paz, quer na guerra, da cobiça, do egoísmo, da maldade das minorias afortunadas.

Já se percebe positivamente esta tendência na Inglaterra, nos Estados- Unidos, líderes das democracias e da civilização, onde pontificam os reis das grandes indústrias e das colossais organizações financeiras do mundo capitalista. Os seus estadistas bem intencionados já se convenceram de que este é o caminho certo, justo, que se defronta aos povos no após guerra.

Querer iludir-se com falsas posições, é expor-se a uma diretriz errada, sinuosa, falha, que pode levar as nações a um futuro indesejável.

Si é possível, por meios inteligentes e pacíficos, dirigir os regimes para uma melhoria e aperfeiçoamento morais, que se impõem por um sentimento de justiça e de equidade, por que desprezar essa possibilidade tão agradável aos princípios de solidariedade humana e aos imperativos da razão?

Devemos todos fazer votos e esforços para que o mundo de amanhã se reajuste em um sentido coletivo, de forma a não apresentar este espetáculo confrangedor, desagradável e profundamente injusto, de desigualdade e de misérias gritantes.

Vós, srs. bacharelados, que sois jovens, tereis a ventura de ver um mundo reformado por um processo evolutivo.

Pela educação das massas e pela mudança da mentalidade das minorias dirigentes, durante séculos imbuidas de sentimentos reacionários, se conseguirá uma estrutura política, que harmonizará todos os homens.

Sentireis o prazer de colaborar nessa colmeia, onde o homem não será desapiedadamente explorado pelo seu semelhante.

Para gáudio nosso, as medidas governamentais no Brasil já se encaminham para esse objetivo, visando um bem-estar social, que

ponha a nossa Pátria ao abrigo de reivindicações à custa de rebeldias, sempre causadoras de excessivas violências.

Ao término dos trabalhos que me destes, sinto-me satisfeito em declarar que estou possuído de grande júbilo por ter sido paraninfo de uma turma de acadêmicos inteligentes, cultos e operosos, sendo testemunho do que afirmo o brilho com que se houve o vosso intérprete no desempenho de seu mister.

Este vasto e complexo arsenal de sabedoria e de observações, de agitação e equilíbrio que é o nosso planeta, se abre, agora, ao vosso descortínio, às vossas especulações, à vossa análise, às vossas indagações profissionais, e nesse exercício de imperativos biológicos, experimentareis sensações intensas que, dia a dia, aprimorarão o vosso espírito.

E nesse caminhar pela estrada da vida, desejo-vos alcanceis os píncaros de um Himalaia, onde se situam a perfeição moral e o bem como finalidade suprema do homem".

O regime instituído a 10 de Novembro de 1937, foi um imperativo histórico, que se concretizou pela vontade forte de um homem. O Presidente Getúlio Vargas personificou a vontade coletiva, para dar ao Brasil um sistema político e uma ordem social integrados profundamente na realidade nacional. LOURIVAL FONTES.

x x x

NO decurso de cento e vinte anos da nossa vida independente, duas transformações de excepcional relêvo, pelo que significaram e pelo acêrvo de suas consequências, impõem-se, de modo particular, ao exame do estudioso da história política brasileira: — a reação monárquica, inaugurada em 1837, e a instauração do Estado Nacional, cem anos depois. Dois documentos de considerável importância definem esses pontos de inflexão do **processus** político nacional: a célebre Declaração de Bernardo de Vasconcelos e a Proclamação de Getúlio Vargas, a 10 de Novembro. A' prospecção sociológica dificilmente deparar-se-á outra modificação que tenha marcado mais profundamente nossa geologia política do que os acontecimentos referidos. Alguma, talvez, aparenta maior vulto. Com exceção dos dois, porém, patenteiam todos o evoluir de velhos princípios dos nossos grupos partidários, à conquista de novas formas. Cap SEVERINO SOMBRA.

“...PARA QUE HAJA MAIS HOMENS FELIZES”

HÉLIO A. LOBO

Instituição das mais felizes e das mais expressivas, as comemorações da Semana da Criança falaram profundamente à alma brasileira e vêm despertar, em todos os quadrantes da Pátria, novas manifestações de aplausos às sábias determinações legais de nosso governo, em favor da infância.

O Departamento Nacional da Criança, órgão dos mais eficientes da alta administração federal, teve a felicidade de nascer inteiramente livre do signo perigoso do burocratismo, tão inimigo do verbo realizar, tão contrário ao verbo produzir, antitese de toda evolução.

Servido por homens retos e operosos, seguramente orientados no sentido do bem comum, esse Departamento, embora de existência relativamente curta, já se impôs à estima e à admiração da nossa gente, pela sua fecunda atuação, cujos reflexos alcançam todos os rincões de nossa terra, na defesa daquilo que temos de mais belo, de mais puro, de mais sagrado, na floração de nossa raça: a criança brasileira.

Eis porque as comemorações da Semana da Criança não se circunscrevem às grandes capitais, aos centros mais avançados da nossa cultura. Elas abrangem todo o território nacional, procurando concentrar a atenção de todas as camadas sociais, de todas as classes, de governantes e governados, para os magnos problemas da criança.

Lembremo-nos de que, se atentarmos bem nessa causa, se lhe dermos todo o esforço que merece, se lhe votarmos toda a dedicação que requer, se quisermos levá-la avante como deve ser levada, haveremos de colher os mais surpreendentes, os mais promissores resultados.

Nada para apagar tanto o sentido das palavras como um lugar-comum. Expressões felizes e oportunas se tornam corriqueiras e exaustivas à custa de sua repetição.

“Homens de amanhã”, eis aí um dos lugares-comuns que mais se encontram. A expressão, tão exata, tão rica, tão bela, perdeu toda sua força, toda a pujança de sua magnífica significação.

Hoje, porém, quando estamos em plena Semana da Criança, atentemos um pouco para essa expressão.

“Homens de amanhã”.

Estejamos certos de que um mundo melhor que o nosso não é utopia. Um mundo apanágio da Paz, da Justiça, da Prosperidade, da Fraternidade, de todos os requisitos necessários à felicidade do homem, pode existir.

Está em nossas mãos realizá-lo.

Está na decisão de nossa vontade fazê-lo surgir num futuro não muito longínquo.

Pará isto, não precisamos de lutas, não precisamos de choques, não precisamos de subversões, não precisamos de golpes de força.

Basta que saibamos educar a criança de hoje. Basta que lhe formemos o espírito dentro de normas salutaras. Basta que lhe orientemos as tendências e inclinações no sentido da harmonia e da consonância dos sagrados direitos do homem com os legítimos e irrecusáveis reclamos da sociedade.

Se soubermos formar os “homens de amanhã”, teremos plasmado também esse mundo sem ódios, sem guerras, sem escravizações do homem pelo homem, sem desigualdades gritantes, sem subversão de valores, esse mundo aspiração de todos, esse mundo diferente, que hoje nos parece impossível, mas que é um anseio de todos os homens de boa vontade e que será amanhã esplêndida realidade, se soubermos dirigir a educação da criança.

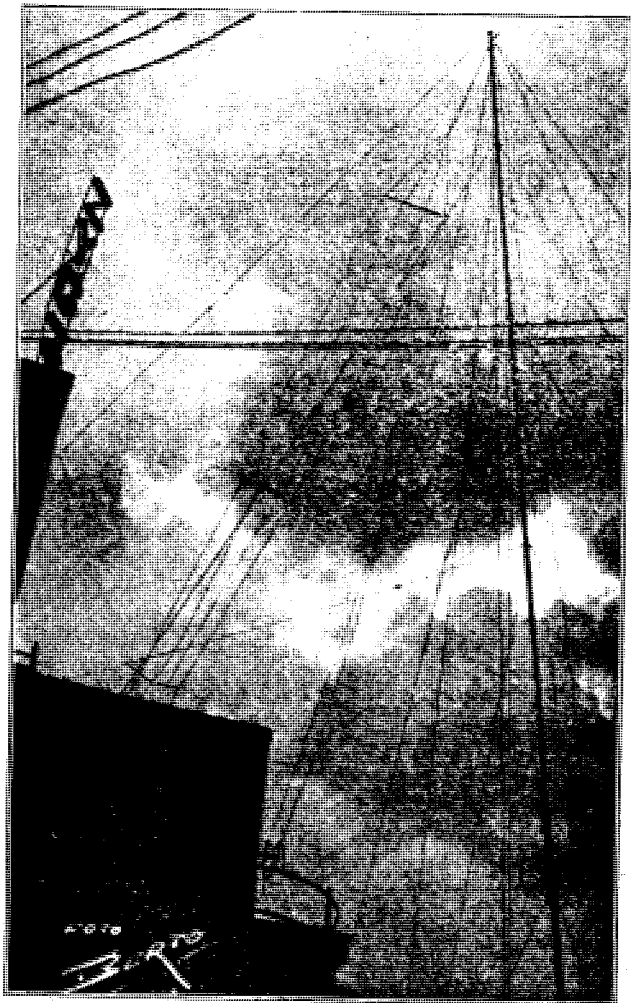
Vamos entregar-nos a essa tarefa.

Vamos dar todo nosso esforço pelo seu cabal desempenho. Vamos hipotecar todo nosso apóio, todos nossos aplausos, a essas entidades, associações e fundações, tão úteis, tão necessárias, tão credoras da nossa estima, que se consagram à proteção da infância.

Lembremo-nos, de modo particular, das que temos em nesse meio, tão perto de nós, derramando a mancheias auxílios e benemerências, exemplos vivos de abnegação e boa vontade, operosidade e espírito de sacrifício e, principalmente, de uma dedicação sem limites às diretrizes nobilitantes e altaneiras que a vêm conduzindo triunfalmente na cruzada esplêndida que encetaram, em favor da criança.

Da criança, que é vida, que é esperança, que é enlévo; da criança, que é essa massa plástica que precisa ser cuidada, que precisa ser trabalhada com desvelo e com carinho, para que haja, no futuro, menos descontentes, menos desajustados, e mais homens felizes.

(Colaboração à Semana da Criança, em Goiânia — 1943).



Estação da Rádio Clube de Goiânia -- Emissora Associada -- Goiânia

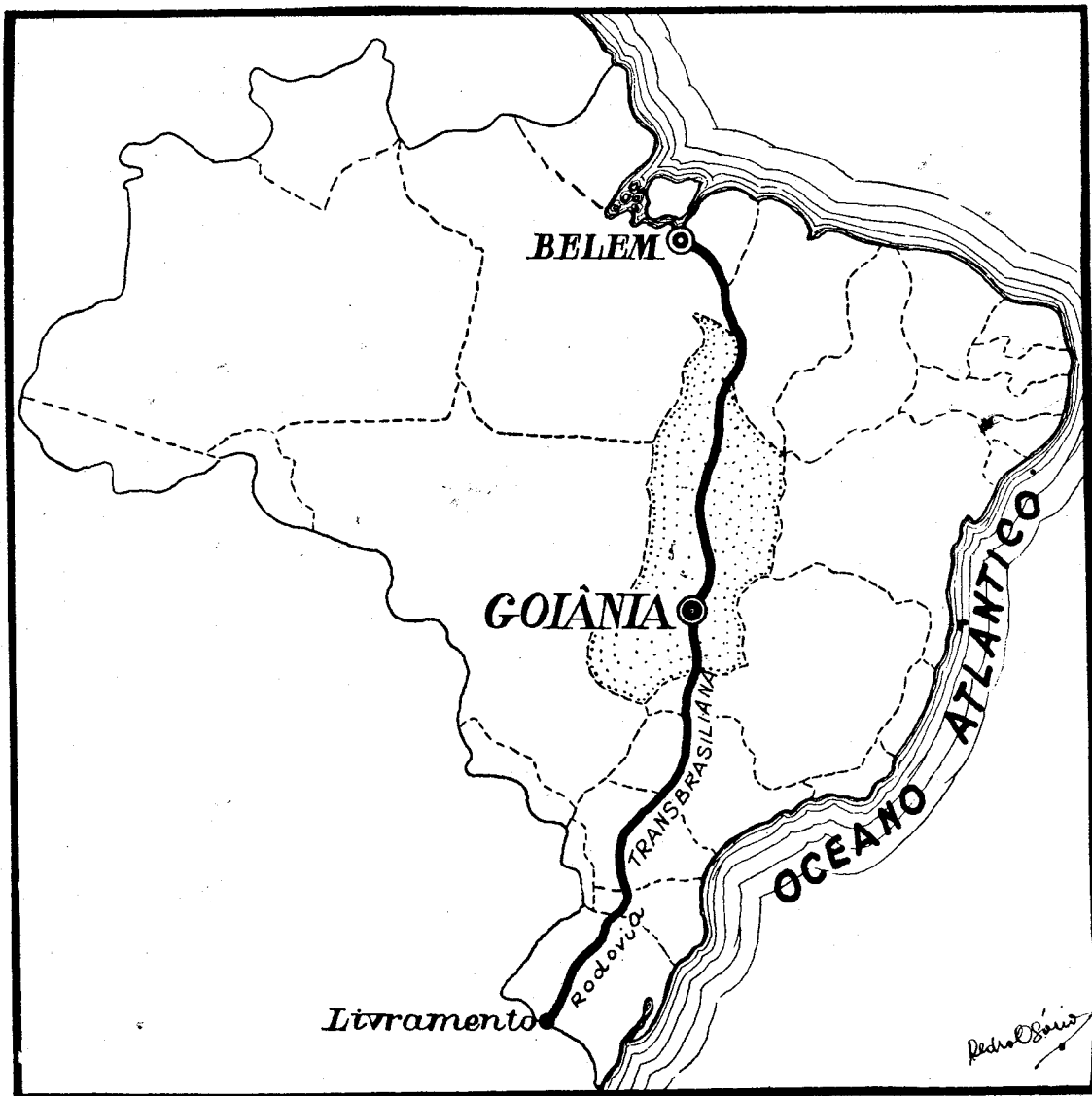
A TRANSBRASILIANA

FREDERICO DE MEDEIROS

A chamada "Marcha para Oeste", esse símbolo interpretativo da política nacionalista do presidente Vargas, de desenvolver aplausível esforço de interiorização das forças civilizadoras do país, teve o seu período teórico — é natural, quando servia de recursos oratórios e de assunto preferencial, principalmente pela imprensa do interior, não se falando no seu outro aspecto de excelente motivo às grandes e frequentes excursões de embaixadas a-

pação efetiva dos nossos imensos desertos verdes, tão cheios de possibilidades, quanto de necessidades. E essa transição, coube operá-la ao próprio chefe da nação, que a iniciou com o estímulo de sua visita pessoal às mais recônditas regiões do território pátrio, esquadrinhando-o em todos os sentidos com um percurso de mais de três milhões de milhas quadradas, com o que pôde observar "in loco", inspecionar e auscultar as necessidades dos seus remotos sertões.

Já há um novo ritmo de vida a palpitir no "Inferno Verde" da Amazônia. Os cuidadosos preparativos que precederam à expedição Roncador-Xingú, já internada nos gerais matogrossenses, depois de perulstrar as plagas goianas, deixa ante- ver o que serão os resultados de sua missão civilizadora, considerado o termo na sua mais ampla acepção. Dêstes, se destaca a Fundação do Brasil Central, ao que supomos, instituto de caráter permanente, destinado a servir de uma espécie de ele-



cadêmicas pelo "hinterland".

Essa fase, entretanto, passou, para dar lugar a outra, de medidas práticas e eficientes, encaminhadas no sentido do solucionamento do maior problema brasileiro — a ocu-

Daí, desse fato até então inédito nos anais da história administrativa do país, é que começou a aplicação de fato do patriótico princípio esposado pela nova política do Brasil. E os resultados já se fazem sentidos.

mento de ligação entre os grandes centros de progresso do país e o seu interior. Empolgou-se toda a nação com a criação, há pouco, dos cinco novos territórios federais, localizados, todos, em regiões onde a abun-

dância de espaço, contrapondo-se à insignificância do índice demográfico respectivo, estava a constituir verdadeira angústia para os Estados a que pertenciam.

E' assim que se vão sucedendo as providências tendentes à consecução do grande ideal da mais completa unificação nacional. Fala-se, agora, no encaminhamento de uma nova iniciativa, a que consideramos das mais importantes — o lançamento da "Transbrasiliana".

Mais importante, porque a solução de cada um e de todos os chamados problemas brasileiros depende do preparo preliminar de um sistema de comunicações o mais perfeito possível.

E essa colossal estrada projetada, cortando o Brasil de ponta a ponta, detém-se perfeitamente na posição destacada de eixo principal daquele grande sistema desejado e necessário.

A Transbrasiliana lançar-se-á de Livramento, no Rio-Grande-do-Sul, projetando-se rumo ao norte, até tocar Belém, no Pará. Além desses Estados extremos, servirá ainda Santa-Catarina, Paraná, São-Paulo, Minas, Goiás e Maranhão. Entretanto a ligação de Livramento até a cidade de Anápolis, em nosso Estado, praticamente já existe, como toda gente sabe, estando a depender apenas das necessárias adaptações aos fins propostos pela referida rodovia. O mais difícil, portanto, será o trecho restante, dentro do qual está compreendido o nosso Estado, com uma extensão de mais de mil quilômetros, vindo, depois, o Maranhão, com uma quota relativamente pequena, e o Pará, com uma parte de trezentos quilômetros. Os interventores destas duas últimas Unidades, ao que se sabe, já iniciaram os estudos para construção dos percursos correspondentes aos respectivos territórios. Também o nosso interventor comprometeu-se a mandar construir o extensíssimo trecho da Transbrasiliana nas terras goianas.

Desses compromissos implicitamente firmados, se infere que a importante e vultosa obra se fará às expensas dos governos regionais, numa natural distribuição de responsabilidades e tarefas para a consecução de uma utilidade comum. Acontece, porém, que, no caso presente, o encargo tocado a Goiás vem acusar um desequilíbrio nesse critério de distribuição, porque à sua responsabilidade ficará a extensão maior a ser construída, em desproporção, portanto, com a sua posição de Estado de finanças mais modestas, relativamente à quasi totalidade dos demais incluídos no acôrdo. Além disso, se, por um lado, a topografia da região goiana auxilia de certo modo a execução do trabalho, por ser o terreno mais ou menos plano, por outro lado não se deve es-

quecer que, se tratando de zona cortada por rios caudalosos, servidos por incontável número de pequenos afluentes, outras tantas serão, por certo, as obras de arte a se levantarem para o prosseguimento da rodovia que, desse modo, absorverá elevadíssima percentagem das rendas estaduais, embora se possa perfeitamente economizar quatrocentos e oitenta quilômetros de extensão da estrada, com o aproveitamento do percurso Tocantínia — Carolina, da via fluvial do Tocantins, francamente navegável em qualquer época do ano, e que poderia, assim, incorporar-se ao plano de ligação norte-sul do Brasil.

E, sendo a Transbrasiliana um empreendimento de tão elevada significação nacional, considerada mesmo como "espinha dorsal do Bra-

sil", ao qual advirão de seu lançamento inumeráveis resultados de ordem político-social, econômica e, mesmo, estratégica, muito natural seria fosse a mesma levada a efeito sob a responsabilidade técnica e financeira do governo federal, cabendo aos Estados tão somente a sua conservação permanente. Senão isso, fosse ao menos subvencionada pelos cofres da União.

Entretanto, o nosso interventor prometeu a sua parte no grandioso empreendimento, e todo o país já o sabe, também, um grande "cumpridor de promessas". Mas não se nos afigura justo que um Estado de rendas relativamente módicas venha a arcar com a responsabilidade mais pesada na execução de uma obra, como dissemos, de tão elevada significação nacional.

"A LUTA PELO DIREITO" — Rudolf von Ihering Coleção "Os Grandes Pensadores" — Editora Vecchi — Rio, 1943

"Os Grandes Pensadores", a coleção filosófica mais econômica, mais completa e mais criteriosa que até o presente se publicou em língua portuguesa, acaba de ser enriquecida com mais um valioso tomo — "A LUTA PELO DIREITO", de Rudolf von Ihering.

Rudolf von Ihering, célebre juriconsulto alemão, nasceu em Aurich, em 1818, e faleceu em 1892. Após haver-se doutorado em di-

próprias concepções pessoais e a largueza de vistas do exegeta.

Foi Ihering uma das mais sonoras vozes que se elevaram na história em defesa da justiça, tendo careado fama universal a sua obra "A LUTA PELO DIREITO", na qual exalça o sentido moral do direito em oposição às concepções rasteiramente pragmáticas e materialistas que viciam tão transcendental questão.

"A LUTA PELO DIREITO" foi conciosamente traduzido por Persiano da Fonseca e editado em elegante volume pela conceituada Casa Editora Vecchi, do Rio-de-Janeiro. E' o nono tomo da coleção "Os Grandes Pensadores", de que já vieram a lume os seguintes volumes: "O amor, as mulheres e a morte", por Artur Schopenhauer.

"Ideário político", por Simon Bolívar.

"Aforismos, anedotas e julgamentos Salomônicos", por Voltaire.

"Arabescos filosóficos", por Charles Baudelaire.

"O crepúsculo dos ídolos", por Nietzsche.

"O estado e o indivíduo", por Edouard Laboulaye.

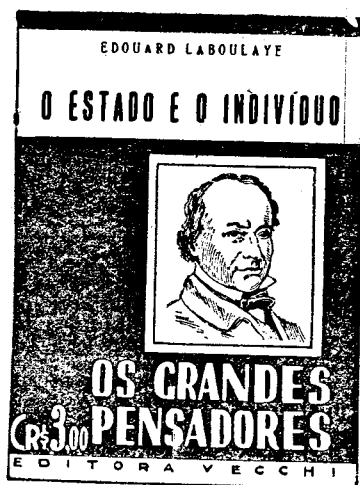
"Breviário do homem de bem", por Benjamim Franklin.

"Caracteres e anedotas", por Chamfort.

"A luta pelo direito", por Rudolf von Ihering.

"Os doze livros da sabedoria", por Marco Aurélio.

"A ira", de Sêneca.



reito, em 1842, consagrou-se ao magistério, tendo sido professor em várias universidades européias.

Profundo conhecedor do direito romano, escreveu sobre o mesmo diversos tratados dos mais completos, além de professá-lo de cátedra.

Discípulo de Savigny e Stahl, refletiu-se-lhe nas obras a orientação ideológica de seus ilustres mestres, de par com a originalidade das suas

Mistério duma noite histórica

Pe.
Antônio Wasik

Já se vão vinte séculos desde que se deu o maior acontecimento na história da humanidade, acontecimento que dividiu a história em duas grandes metades, em duas grandes partes.

E surge novamente diante dos nossos olhos o mistério duma noite histórica, a noite de 24 para 25 de dezembro, aniversário do nascimento do Menino-Deus.

Enquanto o mundo é mundo, nunca se viu um caso semelhante: Deus deitado numa pobre mangedoura, não tiritando de frio, pois, em vez das estufas, o aquece o cálido bafo dum boi e dum jumento.

E nós inclinamos a frente repetindo enlevados e enternecidos: realmente este é um grande mistério, é uma grande epifânia, é uma insuperável revelação . . .

E' verdade que a Semana Santa, com a opulência da sua liturgia, com o sangrento drama do Calvário, sacode o torpor das nossas almas, alarga os nossos corações pela consideração duma tragédia tão empolgante; no entanto, a noite do Natal possui algo de misterioso, algo de sugestivo . . .

A cena de Belém, embora banhada por uma luz sobrenatural da fé

e dos profetas, permanece envolvida por uma noite histórica. . . Deus, assumindo a natureza humana, encheu o abismo que separava a matéria do espírito, a Deus do homem e lançou uma ponte sobre este abismo.

O maior mandamento do cristianismo é o amor de Deus. Mas, como amar a Deus que é um espírito intangível? Como amar a Deus envolvido por um mistério insondável da Santíssima Trindade? Como fazê-lo? Nós somos tão terrenos, tão materiais! . . .

Eis que o próprio Deus vem em nosso auxílio:

E nós, imitando o exemplo dos pastores, seguindo as pégadas dos Reis Magos, dobramos o joelho diante do presépio e os nossos lábios presos duma ternura inefável murmuram o conhecido verseto bíblico:

"Et verbum caro factum est . . .".

Os nossos lábios repetem comovidos o brado de S. João, o brado dessa água altaneira dos evangelistas: "E o verbo se fez carne e habitou entre nós! Oh! Filosofia Divina que veio em auxílio do homem!

Agora, amando o Divino Infante

que nos sorri, que nos estende os seus bracinhos adoráveis, cumprimos a lei — amamos a Deus.

E amamos com maior força, porque a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, assumindo a natureza humana, tornou-se verdadeiro Emanuel — Deus nobiscum — Deus conosco!

Por isto, S. Paulo, o mais ardoroso e o mais humano dos apóstolos, escrevendo a Tito, levanta um pouco a nesga deste mistério dizendo: Apparuit benignitas et humanitas salvatoris nostri Dei — Apareceu a bondade e a humanidade do nosso Salvador Deus! Não mais com o dilúvio, chuva de fogo, não mais entre os relâmpagos e trovões do monte Sinai, mas através do gracioso Divino Infante, Deus-Pai fala à humanidade.

Nunca Cristo falou tão alto, nunca alcançou maiores vitórias e maiores triunfos do que no presépio e na cruz.

Com seus débeis vagidos no presépio, com as palavras "Sítio" proferidas na cruz, o nosso Messias conquistou o mundo.

E agora, quem pode resistir diante dos encantos da cena do presépio? Quem pode ficar insensível perante o drama do Calvário?

E eu adoro essas lições do Mestre dos Mestres, lições belíssimas, lições inauditas, lições de um Deus . . .

TÉRMO DE JULGAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DOS CONTOS APRESENTADOS AO PRIMEIRO CONCURSO DE "OESTE"

Depois de lidos paciente e cuidadosamente os contos recebidos para o primeiro concurso de contos promovido pela revista "OESTE", concluímos pela seguinte classificação:

1º lugar — o conto "O Doutor Tadeu", de Ibié Serrano;

2º lugar — o conto "O Testamento do Defunto", de K. Lombo;

3º lugar — o conto "O Fantasma da Grotta Funda";

"O Doutor Tadeu" mereceu a primeira classificação por ser um conto serenamente irônico, natural, fino, bem imaginado. O autor demonstrou ser cuidadoso nos tratos dos livros e meiguamente bibliófilo.

A técnica é boa e o estilo interessante; e o enredo, singelo, simples, prende deliciosamente a-pesar-de vasio. Houve uma precisão desprezível.

"O Testamento do Defunto" é um conto interessante, vivo, com situações ridículas e desconcertantes, retratando um meio burguês, mesquinho, agitado somente por sentimentos de ambições pecuniárias.

O caso da catalepsia é vulgar, quasi idiota, mas tolerável ante o desencontrado do desenlace final. E' um conto cheio, bem dirigido, pondo-

lhe o autor uma dosezinha de comicidade, de que são tão pobres nossos escritores

"O Fantasma da Grotta Funda" é um conto de vivo sabor regional. A cena da viagem, à noite, a cavalo, por um lugar desmanchado e cheio de assombramentos, está bem fixada e bem conduzida. Os diálogos e mesmo o desenrolar de toda a história são bastante interessantes, embora o desfêcho trágico seja um pouco sedizo e ingênuo.

Merecem ainda referências especiais — Mãe do Ouro, — onde a vida sertaneja é muito bem descrita; Tropeiros e outros.

Dona Gramática não foi violentada.

De um modo geral, os concorrentes demonstraram poder de observação, de fixação do ambiente e de técnica no desenrolar do enredo, havendo predileção pelo motivo sertanejo do Brasil Central.

O diretor da revista "OESTE", criador, orientador e animador do concurso, merece elogios e aplausos pela edificante iniciativa

Goiânia, 31 de Outubro de 1943.

(as) Paulo Augusto de Figueiredo, .

Bernardo Elis,

Hélio de Araújo Lobo.

O DOUTOR TADEU

Conto de Domingos Felix de Sousa

Ilustração de KAIKA

Aquilo nem é homem, — era o velho resmungo da velhota. Aquilo nem é homem . . .

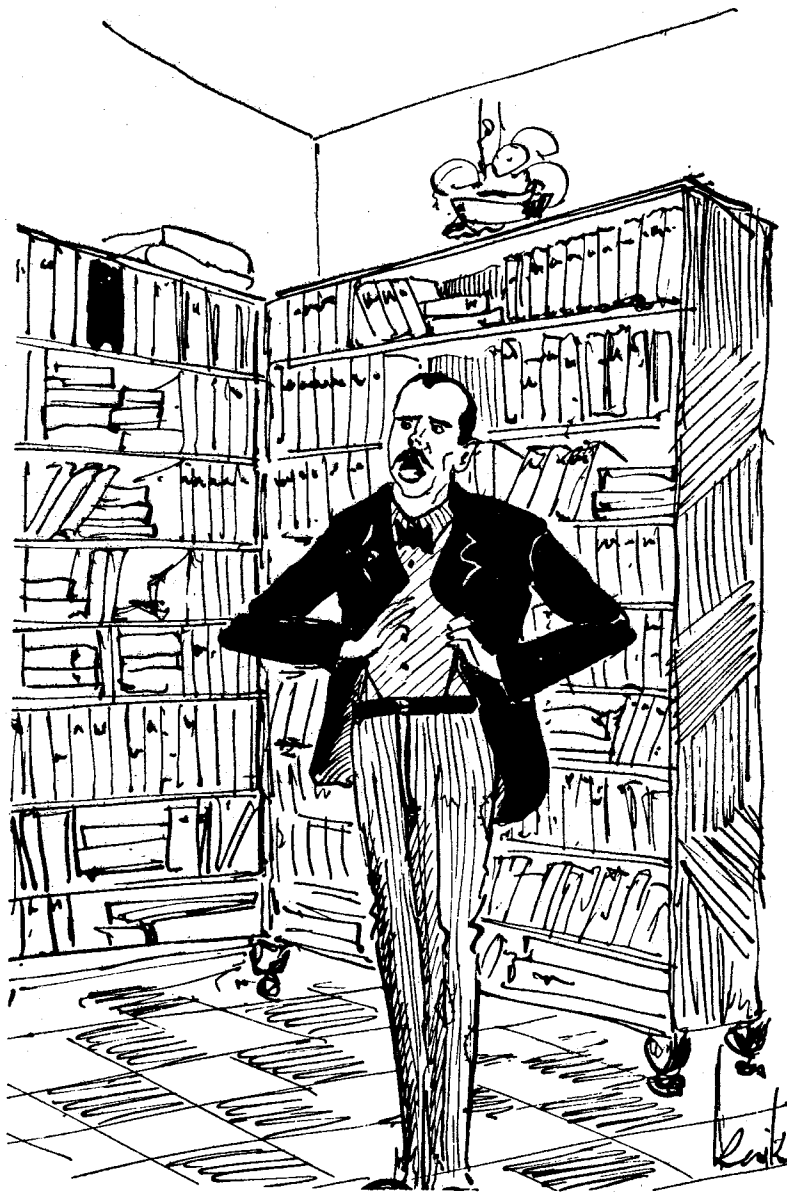
Bom, afável, pouco vaidoso, ganhara a estima de sua roda, onde todos, como tradição da época em que, na antiga capital, era doutor casadouro, lhe guardavam o café em casa. Doutor Tadeu, porém, passara inabordável os seus bem fornidos trinta anos, indiferente às seduções de tantos olhos lânguidos, que o cercavam quebrantados — daquelas mesmas matronas respeitáveis e titias linguarudas em cujo meio gostava hoje de ficar. Sômente D. Marciana, casadeira oficial da cidade, não lhe perdoava até hoje o não haver caído a uma das tantas ciladas que se cansara de lhe armar.

—Aquilo nem é homem, resmungava ela até hoje, humilhada ainda pela sua única derrota, ela também titia.

Homem de seus cinquenta anos, mas bem conservado ainda, sempre bom conversador, e bem falante, morava o Doutor Tadeu em seu chulé, num canto sossegado do bairro novo. Em tempos tirara licença de advocacia. Daí seu doutor. A fortuna sorria ao bom moço, tendo-lhe deixado um tio solteirão tóda a sua honrada e bem nutrida "bagagem". Esse mesmo tio, que nos últimos anos sofrera perigosa inflamação na vista, proveniente de uma catarata incurável, mandara-lhe, pelo sucesso de inolvidável defesa no foro, seus oito caixotes de livros.

E aqui é que entra o doutor em meu caminho. Não quero dizer que lhe fui abrir os caixões e meter-lhes o conteúdo nas prateleiras adrede preparadas. Não, o meu caso veio quinze anos depois.

Vamos ao homem e aos livros. Abertos os caixotes, começou o doutor de metê-los, por ordem de tamanho, nas prateleiras para isso armadas na sala de trabalho da casa em que então vivia, em Goiaz. Quando se esgotou o último caixão, Doutor Tadeu quedou-se emocionado ante sua nova riqueza, que lhe dava à sala, à morada, à vista e à alma uma impressão maravilhosa. Ao seu espírito surpreendido, antolhavam-se dias e anos de suave convívio entre aqueles velhos tomos. Passava-lhe já pela alma a deliciosa impressão da surpresa causada em sua roda habitual pela sabedoria herdada e de-



corada naqueles mestres sublimes, que lhe ornavam agora a sala e a casa. E o Doutor Tadeu sorria complacentemente, como se já estivesse ante a surpresa e bôca aberta do auditório.

Correram porém alguns dias, e êle, passada já a emoção, voltou à biblioteca. A rigidez daqueles volumes antigos, em marroquim e carneira empoada, levou-lhe o entusiasmo; o volume estrangeiro retirado por acaso à estante, tirou-lhe a boa vontade; o enorme volume de uma Bíblia entrevista de

longe, o desanimou, e, ao chamado de um amigo para combinado churrasco à Carioca, arrancou-se àquela vista e àquela sala, onde o acobrunhava terrível depressão interior.

E as extensas prateleiras, atulhadas de sabedoria, cobriram-se de pó e esquecimento.

Passaram-se nove anos, e a biblioteca sofreu uma alteração que é preciso registrar, para fidelidade e integridade de sua história. Ê que, visitando-o um dia certo acadêmico de direito, aconteceu vies-

se êsse a tomar entre as mãos "A Cidade Antiga", de Fustel de Coulanges. O doutor ainda lembrava êsses nomes, o título e o autor, devido às vezes sem conta que os repetira ao acadêmico, em entusiástica dissertação, feita ali mesmo, sobre o valor da obra. O caso é que o rapaz lha pediu entusiasmado, e a levou. Levou-a e não a trouxe mais. Êsse desfalque se deu seis anos antes de entrar eu na história da biblioteca.

Há cinco anos, tendo de mudar-se para Campinas, pensava já em desfazer-se da livrallhada, dando uns e vendendo outros, quando foi visitá-lo um amigo de igual destino, a-fim-de combinarem preços da viagem, e disse após larga contemplação:

— Feliz do doutor, que vai ornar sua nova casa com tão encantadora biblioteca, tão ótimos livros . . .

O doutor, querendo mudar de assunto, e pensando nas malas de roupas:

— Quanto ao frete . . .

— Ora, isso não seja a dúvida. O caminhão do Egídio leva tudo, depois de amanhã. Eles (tratava-se dos livros) . . . uns oito caixotes chega. E isso não fica muito caro.

Assim os livros, novamente em oito caixotes, vieram ter ao chalé do Doutor Tadeu. Isso três anos antes de entrar eu na história da biblioteca.

Dessa vez não foram os volumes colocados em prateleiras adrede preparadas, mas amontoados em escuro quarto. E três anos se passaram sobre êsse desprezo. Visitando-o, então, em companhia de meu mano, de sala em sala, dou com a preciosidade. Doutor Tadeu virou a cara enfasiado. Eu porém, que por êsse tempo andava louco por livros, meti-o delicadamente em brios, falando-lhe da necessidade de arrumar-se aquela biblioteca, a qual não devia ser deixada a estragar-se assim. E o seu valor. E a sua beleza. . . Devo ter sido bem eloquente, pois o homem concordou, e convidou-me a realizar aquela obra, na secreta esperança, talvez, de que eu não aceitasse. Mas eu aceitei, e comecei logo no dia seguinte. Enquanto eram preparadas as prateleiras, o que durou cinco dias, preparava eu os livros a serem postos nelas.

Ah ! O doce encanto dos belos livros velhos ! Mergulhado naquele mar de volumes mofados, mal cheirosos, esquecia-me de mim mesmo, e, de página em página, frontispício a frontispício, deixava-me levar nesse fluxo de encantamento literário, enquanto o serviço ia-se adiantando numa cadência morosa e esquecida.

Mas era preciso dar fim áquilo. Pús logo de lado umas succulentas carneiras portuguesas, e mais al-

guns volumes de deliciosa lombada, que os ratos e baratas vinham há tempos saboreando. Dividi depois o grosso restante, tornei a dividir, subdividir, empilhei, desarranjei, reformei. E veio após isso a limpeza dos volumes e nisso um vidro de álcool e uma lata de azeite fino prestaram ótimos serviços. Sômente sei que, metidos os volumes nas prateleiras, rebrilhantes e novos, foi um deslumbramento. Chamei o doutor e lhe mostrei a obra. Ficou mesmo deslumbrado.

— Aqui, doutor, as obras em português, tôdas essas prateleiras . . . leitura amena . . .

— Que encanto !

— . . . Obras históricas . . .

— Ó, vale a pena !

— . . . Direito, bem à mão, visto que . . .

— Ó, sim ! Usá-los-ei.

— E . . . o resto.

— Que resto ?

— Estes volumes.

— De que tratam ?

— Filosofia, psicologia, estudos vários. Coisas profundas ! . . .

Doutor Tadeu virou o nariz a essas coisas profundas. Lembrei-me então do "que encanto !", respeito à leitura amena, e lhe propus:

— Doutor, vejo que esta biblioteca, a-pesar-de ótima, não possui as obras primas do romance moderno. Seria um encanto se lhe ajuntássemos mais algumas dessas "leituras amenas".

— Ó, vejo que você é inteligente e de iniciativa ! Ainda que eu conheça as obras modernas, não feria o gosto que tem você para escolhê-las. Tome aqui êstes duzentos e cinquenta, e traga-me êsses livros.

Era suficiente. Daí a pouco entrei de volta com levantada montanha de brochuras, que fui organizando pelas prateleiras, sob os olhos espaniados do doutor. Volumes da coleção Nobel, as grandes biografias, os principais livros de Machado de Assis, na recente edição do centenário, alguns livros brasileiros de maior sucesso nos últimos anos, tudo isso leitura amena.

O doutor não se conteve.

— Mas você é sublime, meu menino ! Ah ! . . . você merece . . . tome êste, que é maravilhoso.

E metendo a mão ao acaso nas prateleiras mais ao alcance, trouxe-me de lá um volumezinho de velha e caprichadíssima edição, elegantemente enfeixada em preciosíssima encardenação gálica, com frisos e lombada em ouro. "Voyage Autour De Ma Chambre", De Maistre. Talvez devido a êsse presente, sempre misturo em minha lembrança o Doutor Tadeu com a teoria da alma e da besta.

E continua a história do doutor. A organização que lhe dei à biblioteca foi para êle uma revelação. Talvez pela primeira vez em dias

de sua vida, compreendia o valor de uma biblioteca, ao menos pelo lado extrínseco de adôrno. Começou a consultar catálogos, e num dêles encontrou o pensamento: "É verdade que os livros não foram feitos para adôrno, mas nada há que tanto orne uma casa como êles". E todo êle se desmanchava em sorrisos para seus livros.

Não ficou porém o doutor só em sorrisos e mesuras. Arriscou-se mesmo ao intrínseco de seus valores literários, isto é, os valores literários de sua propriedade. E é que, ante as trevas pavorosas dos horizontes europeus, compreendeu, como homem das conversas nas esquinas, a necessidade de aprofundar um pouco esta questão. Tomou o "Quatro Ditadores" de Emil Ludwig, e o abriu. Penso mesmo haver lido o volume todo. Demais, era um livro pequeno. Como quer que seja, porém, o certo é que o abriu.

No mais, como reconhecimento pelo meu trabalho, abriu-me de par em par as portas de seu templo do Saber. Ora, acontecia que as visitas eram tôdas levadas até ali, e eu o surpreendia na sua profundidade:

— Aqui tenho meus livros, poucos mas bons.

— Que maravilha ! exclamava o visitante, deslumbrado e invejoso, ante os olhos radiantes do doutor.

— Aqui, as obras em português, tôdas essas prateleiras . . . Leitura amena . . .

— Que encanto !

— Obras históricas

— Oh !

— Direito, bem à mão, visto que . . .

— Quantas !

— Sociologia, filosofia, psicologia, estudos vários . . . Coisas profundas ! . . .

Olhava extático para as prateleiras, e após para a face da visita, saboreando, com evidente delícia, o efeito sempre maravilhoso de suas "coisas profundas", em que o U nasal se prolongava grave, em sequência com um gesto largo de profundidade.

— Ali, as obras estrangeiras. Muitos volumes. Todos ótimos.

Abismava-se novamente na contemplação de suas sabedorias, e novamente, um tique nervoso na face risonha, contemplava o rosto de seu visitante.

— Trabalhei a vida tôda para obter isso tudo que aí vê, mas a recompensa paga o esforço, e bem.

Vendo-me nesses momentos ao lado, com um volume Nobel ao colo, acrescentava logo.

— Nos últimos tempos o amiguinho ali deu a meus livros boa demão, arranjando-os em nova ordem, mais moderna, para satisfazer aos modernos, que lêem os livros e autores por gêneros. Nós, os antigos, líamos os livros por serem

O BRASILEIRO DE AMANHÃ

Ofélia S. do Nascimento Moteiro

Em nosso calendário cívico figuram o dia do soldado, o dia do funcionário, o dia das mães . . . a semana da criança. Mas por que em vez de um dia, temos uma semana da criança? Será ela mais importante que o soldado, que o funcionário, que as mães? Sim. A criança é mais importante porque representa o funcionário, o soldado, as mães do Brasil vindouro. Entre essas cabeceiras louras ou castanhas estão as cabeças daqueles que, num futuro não muito remoto, serão o supremo dirigente do País, os ministros de estado, os magistrados, os professores, os doutores da lei e das ciências, os cardiais, os bispos, as mães . . . enfim, todo o mundo brasileiro de amanhã!

E a nós, os brasileiros de hoje, é que cabe a gloriosa tarefa de tallar o futuro da Pátria. As crianças de hoje são a matéria prima com a qual devemos modelar o homem de amanhã. Por isso devemos manejar com arte e perícia o nosso cinzel, lembrando que um só traço mal bu-

livros, e os autores por haverem escrito livros. Nossas bibliotecas eram uma salada, no seu pensar, mas nós cá éramos homens enciclopédicos, de conhecimentos variados . . .

E vinha aí uma velha e rebatida apologia de sua geração.

Depois, arrependido talvez de seu desprêso pelos modernos, ali representados por mim, ajuntava enfático:

— Sem embargo, fez-me ótimo serviço. Ó, sim! O senhor (ou a senhora) não o conhece. Esse menino é sublime! . . .

A uma dessas visitas encontrei um dia no ônibus.

— Ótima pessoa o Doutor Tadeu, não acha? E homem de conhecimentos! Sociologia, e tudo quanto é filosofia. Coisas profundas! Como sabe de livros! . . .

Como sabe de livros . . . Como sabe . . .

Considere então que, na verdade, "êsse menino (que era eu) é sublime", pois com um pouco de boa vontade, muita paciência, um litro de azeite fino e algumas palavras, fizera do Doutor Tadeu um homem de conhecimentos, grande sabedor de livros e de coisas profundas, filósofo consumado de todas as filosofias, a-pesar-dos-velhos resmungos de Dona Marciana:

— Aquilo nem é homem . . . Aquilo? . . .

rilado pode, às vezes, deitar a perder uma obra que prometia ser maravilhosa.

Compreendendo a magnitude da tarefa que nos incumbe executar, o Governo instituiu a semana da criança.

CRIANÇA! Quanta poesia e quão doce encanto encerra esta palavra! Ela nos faz lembrar a primavera engalanada de miríades de flores, risos cristalinos, alegre bimbalar de sinos, músicas festivas, marchas triunfais! Ela nos traz à retina os vultozinhos louros e os ternos olhos azues de nossos amados filhos.

Mas, enfim, o que é a criança?

Dizem uns: um anjo, todo pureza e candura, todo bondade, trazendo em si, em estado latente, apenas inclinações boas. O meio ambiente com suas maldades e maus exemplos é que faz murchar as boas tendências, que enfraquecem e morrem, sendo substituídas pelos vícios.

Outros dizem: a criança, ao nascer, é um conjunto de más tendências, um pequeno demônio, com inclinações somente para o mal. Portanto deve ser educada com rigor tal que sufoque as más tendências. A educação compete matar o demônio que nela existe, fazendo nascer o homem.

Terceiros afirmam: a criança é o homem em miniatura. Assim como, para se tornar adulto, só precisa crescer, assim a personalidade do futuro homem já existe na criança, com os mesmos defeitos e virtudes, apenas em ponto menor.

Mas a psicologia moderna, por sua vez, diz: nem anjo, nem demônio, nem homem em miniatura. A criança é massa plasmável que a mão do educador e o meio ambiente vão modelar. Sendo bom o meio, esmerada a educação, bom será o futuro homem. Em caso contrário as falhas da educação e os vícios do meio farão da criança um mau homem.

E a hereditariedade? E as taras morais? São tendências mais pronunciadas, mas que podem ser anuladas pela educação. Do mesmo modo que o filho do leproso não nasce leproso, assim o filho do ébrio e do criminoso não tem, forçosamente, de ser um ébrio e um criminoso.

É só afastá-lo do contágio diário com o ascendente viciado como se procede com os filhos dos morféticos, que são colocados nos preventórios.

Mas a criança não é só o espírito, a parte moral. É também o ser fisi-

co. Já diziam os antigos — "mens sana in corpore sano". E essa é uma verdade indiscutível. Dai a Giomar Novais, a insigne pianista brasileira, um piano desafinado, com teclas sem som e cordas partidas e ela não conseguirá dar às músicas a mesma beleza e harmonia que obtem num bom instrumento.

Eis a razão porque a pedagogia moderna cuida com tanto carinho da educação física.

E o Brasil precisa de homens fortes sadios e inteligentes.

A guerra tremenda que tenta submergir a civilização atual em um oceano rubro veio provar ao mundo que a paz desarmada é uma utopia. Porque, como nos primórdios do mundo, o verdadeiro direito é o direito da força. O fraco é dominado pelo mais forte. Para que haja paz é necessário que todos os povos sejam igualmente fortes. Só assim haverá respeito mútuo. Haverá paz.

Para que o Brasil vindouro seja forte, mister se torna dotá-lo de homens vigorosos e sadios. Por isso foi que o Presidente Vargas voltou os olhos para a infância. Quer preparar uma geração futura perfeitamente eugênica. Para tanto criou a Proteção e Assistência à Maternidade e à Infância. Não basta fortalecer as crianças já existentes e curar-lhes as enfermidades, delas cuidando com carinho desde o nascimento. É preciso ir além, bem além. A necessidade do exame pre-nupcial se impõe: — pais doentes dão filhos fracos.

Com a proteção e assistência sistemáticas às gestantes visa o Governo melhor as condições de vitalidade do nascituro. Daí nasceram os postos de assistência pre-natal e as maternidades, onde as mães pobres encontram todo o tratamento especializado de que necessitam.

Para que os seus bebês cresçam sadios as mães encontram nos centros de puericultura os ensinamentos indispensáveis. Os lactários lhes fornecem o leite que não podem comprar. Médicos pediatras lhes curam os filhinhos.

E assim, amparando as mães e os filhos, prepara o Presidente Vargas a futura gente brasileira.

Mas, além dessas crianças, outras há — e quantas! — que não têm o amparo de mãe e de pai. São as órfãs, as crianças desamparadas, fadadas, por isso, ao crime e ao vício. Essas — coitadinhas! — não têm uma doce mão que as guie na senda que leva à bondade, braços amorosos que as amparem nos seus desfalecimentos, corações que lhes dê algum amor!

E no entanto, quantas senhoras sem filhos, quantas moças de idade sem um ser a quem se dedicar!

Senhoras, não deixem seus lares vazios, tristes, pela ausência de um riso infantil, do alegre tagarelar de uma criança. Encham-nos com

Natividade

Solitária descansa ao pé da serra,
 Junto ao Praia que, manso, rumoreja,
 Minha velha cidade, minha terra,
 Que aos niveos raios do luar branqueja.

Bem longa história seu passado encerra!
 E do Rosário a secular igreja,
 No silêncio de pedra, em que se aferra,
 Guarda um tempo que há muito não viceja.

No delírio de um sonho transitório,
 Foi sede do govêrno provisório
 Do Norte, que aspirava liberdade.

Sabendo as glórias que já teve outrora,
 E vendo-a triste, como vive agora,
 Quanta pena me dá, Natividade! . . .

J. LOPES RODRIGUES

Antônio Bailão

(Juiz de Direito de Boa-Vista)

Naquela tarde silenciosa, fria,
 Quando a bruma da noite já se avista,
 Amargurado e com pezar sabia
 Da morte do Bailão, em Boa-Vista.

Tão moço e cheio de esperança, um dia
 Partiu tranquilo, impávido, à conquista
 Da ventura e da glória fugidia,
 E agora tomba na traiçoeira pista! . . .

Destino mau, inexorável tanto! . . .
 A sua mãe deixou, pobre coitada,
 Na mágoa imersa e no dorido pranto!

Embora! . . . Em paz eterna hoje se encerra,
 Entre os mais justos, na mansão sagrada,
 — Quem a Justiça distribuiu na Terra! . . .

FRAUZINO SOBRINHO

Fôlha da Saudade

Não são as que o salgueiro solta ao vento,
 Nas tredas negras noites hibernais.
 E são levadas pelos vendavais
 Num turbilhão confuso e poirento.

Não são também as que num só momento
 Repousam nas estradas maternais
 E partem logo em loucas espirais
 Pra longe dormir no esquecimento.

Não . . . Há fôlhas que o tempo não murchece
 Que zombam do tufão, da tempestade
 E dormecem no seio duma prece.

São as fôlhas d'A'rvore da Humanidade
 Que o vendaval da angústia não empalece
 São as fôlhas perenes da saudade.

MARTH SANTOS.

Minérios de Radium em Goiaz

(Ao Instituto de Pesquisas Tecnológicas de S. Paulo)

— Zoroastro Artiaga —

Insistindo na publicação de artigos relativos à ocorrência de minérios radíferos do Arqueano e da Série de Minas, temos que fazer uma pausa para comentar o artigo do sr. Edgar Lothe, publicado no último número de "Seleções", do Reader's Digest", número de outubro, pág. 55, sobre ocorrência do mesmo minério de S.-José-do-Tocantins, no Canadá.

Este artigo veio dar muita força aos nossos trabalhos sobre a existência de minérios radíferos no Brasil.

O sr. Edgar Lothe afirma que, em 1930, em todo o mundo somente havia 300 gramas de radium, e foram necessários vinte anos para se produzir essa quantidade.

O preço de cada grama sempre foi fixado em 70.000 dólares e todo o estoque de radium mundial valia 21 milhões.

A reserva atual de radium no mundo é de 800 gramas tendo o preço descido para 25.000 dólares por grama por pressão dos belgas.

Essa baixa foi, contudo, em favor da humanidade, porque tornou acessível aos hospitais menos favorecidos a posse de maior estoque do precioso material.

O sacrificado pela baixa foi o sr. Gilbert La Bine, um grande benfeitor da humanidade e da ciência, que tem consagrado toda a sua vida à investigação de recursos do sub-solo canadense, e que ultimamente se dedicou inteiramente à exploração das jazidas de Cobalto de que deriva a Pechblenda.

Explorador e ao mesmo tempo empresário, o sr. de La Bine abriu, com a sua tenacidade, novas regiões desertas daquele país para o bem da ciência.

as crianças desamparadas, criando-as como filhas, dando-lhes todo o amor e carinho. Desta forma darão à Pátria mais um cidadão útil e arrebatarão à prisão um futuro pensionista.

Goianas, tomem, como suas filhas, as crianças desamparadas a-fim-de que seja ouvida a prece do Poeta:

"Choça ou palácio que seja,
Senhor, que jamais se veja
de crianças vazio — o LAR !".

(Oração proferida na Semana da Criança).

O ilustre homem tem agora 50 anos, e continua trabalhando.

Em 1905 trabalhou em minas de Cobalto, adquiriu grande prática e descobriu várias jazidas, que dele fizeram homem de negócios muito conhecido nos meios financeiros do Canadá, principalmente em Toronto e Montreal.

Em 1913, o dr. W. G. Milles, geólogo oficial, realizou uma série de conferências sobre a pechblenda, que é um minério que vem sistematicamente junto ao Cobalto, contendo urânio, do qual Mme. Curie extraiu, pela primeira vez, o radium metal.

O conferencista afirmou que, onde há Cobalto há forçosamente pechblenda, e onde há pechblenda há urânio que é a principal fonte de radium.

É uma lei em geologia, variando porém em teor metálico, com maior ou menor porcentagem.

Discorreu sobre a probabilidade de ocorrência no Ontário.

Em 1916 Gilbert meteu mãos a obra.

Explorou inúmeras regiões e com o auxílio do aviador canadense que melhor conhecia as regiões desertas, com ele assentou os planos de um novo reconhecimento da região do Grande Lago do Urso, onde vira manchas cor de rosa nos rochedos.

Estes sinais são indícios certos de cobalto.

La Bine raciocinava que onde existe cobalto existe prata, porque a pechblenda é um minério preto de chumbo que sempre vem associado ao níquel, ao bismuto, ao cobre, em região aurífera, porém contendo urânio, que é fonte certa de radium-metal.

Ao decolarem-se do Grande Lago, pela última vez, pediu La Bine ao piloto que percorresse a praia margeando a Serra, enquanto ele observava as rochas com o binóculo.

De repente, exclamou alvoroçado: "Alí, olhe".

E viram uma rocha salpicada de todas as cores imagináveis.

"Alí estão a prata, o cobalto e o ouro", disse o explorador ao piloto.

Estava satisfeita a sua principal aspiração.

O sr. Edgar Lothe descreve, então, a série de dificuldades que teve La Bine para a organização da Companhia, os percalços da exploração, os sofrimentos por que pas-

sou, até chegar ao feliz descobrimento dos atuais depósitos, que rivalizam com os mais importantes assinalados nestes últimos 800 anos.

Os vieiros de pechblenda não são ricos como os que Mme. Curie descobriu, com o teor de uma grama por 8 toneladas, mas, são imensos, ganham em abundância.

Este fato se passou no verão de 1930.

As análises de laboratório ultrapassaram as expectativas.

Passa o escritor a relatar o que aconteceu, desde a visita do técnico do Departamento da Produção Mineral do Canadá, até o verão de 1932, quando, mais de 100 toneladas de pechblenda eram armazenadas para seguirem de avião para a uzi-na.

Alí o processo tinha se aperfeiçoado.

Marcel Pochon, proprietário de uma pequena refinaria de radium da França, sabedor das dificuldades com que La Bine estava lutando, ofereceu-lhe ajuda.

Antigo discípulo dos Curies era de opinião que, todos os que trabalham em radium devem se unir em benefício da humanidade.

Ele tinha o seu processo próprio, novo, e mais econômico, com 33 experiências em vez de 45 conforme o antigo sistema dos Curies.

Em 1933, o Canadá produziu 3 gramas de radium.

Em 1935, oito e meia, e em 1936 quinze e meia gramas.

As usinas da Bélgica então forçaram a baixa do preço para 25.000 dólares, mas os grandes depósitos do minério permitiram resistir à baixa.

O progresso canadense em matéria de radium se acentua dia a dia.

Os médicos e radiologistas sonham com o dia em que o precioso metal possa ser distribuído de maneira a satisfazer as necessidades do mundo inteiro.

O magnífico trabalho acima comentado, deve ser lido por todos os que se interessam pelo progresso da Nação brasileira e pelos que duvidam sem base lógica da existência dos minérios de radium em nosso país, como se a ocorrência dos minérios radíferos fosse privilégio geográfico da Europa.

Nada explica que os japoneses que trabalhavam nas jazidas de níquel deste Estado tenham extraído tanto Cobalto de S.-José-do-Tocan-

Os agradecimentos de "Oeste" à firma J. Câmara & Irmãos

Terminado o Primeiro Concurso de Contos de OESTE, cujo primeiro e único prêmio foi entregue ao vencedor, snr. Domingos Felix de Sousa, na quinzena transata do corrente mês, cabe-nos vir de público agradecer à firma J. Câmara & Irmãos, proprietária e editora de "O Popular", a

excelente colaboração que nos prestou, oferecendo, para a realização desse concorrido certame, uma bela coleção, encadernada, da "História da Literatura Brasileira", de Sílvio Romero.

Deixamos, nestas breves palavras, os nossos agradecimentos.

tins, que êles diziam ser para medicamentos e para tintas de louça.

Apertei, certa vez, ao engenheiro nipônico, que era um professor catedrático da Universidade Imperial de Ozaka, muito meu amigo, bem antes da guerra, para dizer-me o verdadeiro destino do Cobalto, por milhares de toneladas, que seguia para o Japão.

Êle explicava que era para uma nova fórmula catalítica, para fabricar, com o urânio da pechblenda obtida dos resíduos do minério, a gasolina sintética.

Durante a palestra explicava êle: "A catálise é o fenómeno que determina a transmutação de certas substâncias pelo contacto com uma outra substância de constituição diferente, sem que perca a densidade".

Ora, o fenómeno catalítico só se realiza com a presença do radium; e, também, ocorre, em favor da conjectura, o alto preço que os nipônicos pagavam, na mina, para obterem o Cobalto, transportarem-no em caminhões, e depois por estrada de ferro, até Santos, e ainda a alfândega, o transporte marítimo, essa "gasolina" não podia ficar muito barata... Pela "Informações Estatísticas", nº 4, verão as últimas partidas de cobalto exportadas.

Para tintas de louça, como para medicamentos, não valia a pena mandar buscar do outro lado do mundo para produzir um material tão comum.

O cobalto como liga do aço não é grande coisa, não supera o manganês.

Vem, também, em nosso favor, a afirmativa de um outro químico, que trabalhou desde o início nos laboratórios da Cia. Commercial do Niquel e partilhou de tôdas as experiências, para a redução, não só do minério do níquel, a garnierita, como da pedra matriz, do peridotito, assim como tôdas as do cobalto, dos seus resíduos, manganês, crisoprásio, etc..

Trata-se do eng. dr. Silva Jr., o qual confirmou a existência da pechblenda, na minha presença, ao

exmo. sr. interventor federal. O dr. Pedro Ludovico é o homem que deu ao Brasil o níquel suficiente para abastecer o mundo, por muitos anos, por sua fé, por seu patriotismo, pela sua tenacidade, financiando uma propaganda de 10 anos, fazendo entrevistas, conferências, indo ao Rio, tratando com ministros, com técnicos, e tudo pelo mais sadio patriotismo, pelo desejo de engrandecimento do Brasil. Declarou a s. excia. que, nas suas experiências, encontrou sempre o urânio nos resíduos.

Urânio é a melhor fonte de radium.

Desta maneira tornou-se bem fácil o exame pelo processo fotográfico ao alcance de qualquer amador, dos resíduos de cobalto, para o qual peço a atenção dos Institutos de estudos de mineralogia.

Há radium em muitos Estados do Brasil. Ainda não houve esforço nesse sentido, tem faltado iniciativas orientadas no interesse de encontrar os minérios radíferos principalmente do Algonquiano inferior.

O radium acompanha muitos minérios, não vem só no urânio.

São conhecidas as jazidas do Divino de Ubá, com a Euxenita, que pertence ao grupo das aesxinitas, classe dos minerais ortorômbicos, que já era exportada antes da guerra para a Europa.

Na família dos columbatos (niobatos) e titanatos de ítrio, erbio, cério e urânio, acha-se a Policrase, que é rádio-ativa, porém, menos do que a Euxenita.

Para concluir, afirmamos que, no Brasil, há imensas possibilidades de ocorrências, além das já assinaladas.

O radium tanto pode estar na Pechblenda como nos seguintes minérios e minerais: Areia monazítica, Brogerita, Uranofana, Gremita, Cleveita, Cornolita, Autonita, de urânio, Torberita, Torogonita, Anerodita, Samarsquita, Euxenita, Fergusonita, Sifilita, e pode também vir nos pegmatitos, nos gases nobres, nos sulfuretos metálicos e nos feldspatos; isto afirmo com a autoridade do

respeitável mestre Luiz Caetano Ferraz, da Escola de Ouro-Preto, e do dr. Odorico de Albuquerque, ilustrado catedrático de Mineralogia e de Geologia da Escola de Minas.

O VERDADEIRO triunfo do homem público consiste em realizar o bem-estar da coletividade. Nenhuma reforma, nenhuma mudança institueional ou substituição de quadros administrativos pode ter justificação fora desse imperativo de ordem política. Os regimes nascidos de grandes e profundos movimentos de opinião trazem como signo a necessidade de realizar as suas conquistas e ampliá-las até se estabilizarem e se consolidarem. As revoluções não podem deter-se e estacar na contemplação do passado ou na admiração do presente. — **Getúlio Vargas.**

NA Constituição brasileira de 10 de novembro não figura nenhuma das características da forma parlamentar; o que nela predomina, como traços fundamentais, são os princípios do regime republicano presidencial, acomodados às nossas próprias peculiaridades e às circunstâncias de ordem geral dominantes em todo o universo. — **Monte Arrais.**

VIMOS que a política brasileira moderna é uma política nacional e humana, humana em seus motivos e finalidades, nacional em seus processos. Por ser humana, orientase por princípios universais, a que, aliás, deve obedecer tudo que se proponha servir ao homem. Entretanto, sendo também nacional, olha de frente as situações de cada povo, e, por um critério realista, fixa normas de conduta que se revelem úteis ao nosso povo, em cada momento de seu tempo histórico. — **Paulo Augusto de Figueiredo.**

Sobre a Falência do Liberalismo

II (Conclusão)

Paulo Augusto de Figueiredo.

Razões de ordem social

Entre as razões sociais da falência da liberal-democracia, anotaremos as seguintes, apenas, as mais visíveis e constantes no Brasil:

1º) o descaso pela chamada "questão-social";

2º) a insuficiência da justiça comum;

3º) a degeneração da polícia-política em polícia partidária.

1º) O Descaso pela questão social

Escreve Roquete Pinto: — "Para as nações modernas não há problema tão importante quanto o da população. Tudo depende da gente; do número e da qualidade. Riqueza natural — é agora água parada que não move os moinhos. Nesse tempo, o trabalho vale mais do que o capital. E o trabalho — é o homem".

Grandes verdades, estas. O trecho focaliza dois aspectos cardiais — do problema: — a valorização do homem e a valorização do trabalho. Ou melhor: — a valorização do homem, pela valorização do trabalho.

Já vimos que, na liberal-democracia, o homem é expresso em termos abstratos. Busquemos, agora, deduzir as consequências práticas dessa dissociação entre o humano e o político, no que concerne à questão social.

No antigo regime, os operários e os camponeses viveram sempre esquecidos dos governantes. Não intervindo o poder no âmbito das atividades individuais, deixando os homens entregues à própria sorte e às próprias forças, muito pouco poderiam conseguir os homens pertencentes às classes ditas trabalhistas. Assim, os trabalhadores, no regime liberal, não passam de simples objeto de exploração capitalística. São coisas, de valor meramente econômico, visto que a economia liberal é amoral, imoral, mesmo, sendo portanto imoral o sistema social nela estruturado, o capitalista. É que, recordemos ainda, o Estado liberal não é um elo coordenador e orientador de relações humanas. No liberalismo, fica o Estado de um lado, o indivíduo de outro; a política obrando num plano, n'outro a moral; a economia aqui, o direito acolá, e assim por diante. Ora, na vida só há um pla-

no: — o plano humano. Direito, Economia, Moral, Política, etc., existem para o homem, valem como expressões de necessidades humanas, como "instrumentos" de regularização da vida social dos homens, como meios de aperfeiçoamento dos homens. Quando não existem pelo homem, existem contra o homem. Foi o que sucedeu no regime liberal. No caso em tela, não intervindo o Estado no jôgo dos interesses contrários, resulta que, na luta pela vida, vencem os mais "poderosos" — isto é, os mais ricos, os mais protegidos, os menos escrupulosos. O regime favorece, dessa maneira, a escravização do homem pelo homem. Degenera em plutocracia: — "O regime democrático do tipo que se impôs no século XIX — comenta Azevedo Amaral — correspondia plenamente ao psiquismo e às necessidades da classe capitalista". E foi por isso que a chamada questão social ficou, mais do que qualquer outra, longe das cogitações dos "estadistas" liberais: — "A chamada questão social, que envolvia os interesses das classes proletárias, porque nasceu ela, precisamente, das lutas do trabalho e do capital, do conseqüente abandono econômico em que se encontravam os operários das fábricas e do campo, e, também, pela nenhuma proteção legal visando a sua saúde e o seu trabalho — quer por parte dos industriais, quer por parte do próprio Estado — passou como desapercibida em nosso democrático clima político de 91" — (Fernando Calaje). Só uma classe dessas mereceu um pouco da atenção dos liberais: — aquela que, por vários motivos, pesava na balança eleitoral: — a dos ferroviários: — "Tôda a atividade republicana, até 1930, resume-se nas disposições esparsas pelas leis civis e comerciais, mesmo assim restritas ao campo de um pequeno grupo de trabalhadores — os ferroviários, reducto eleitoral de fama nos fastos da chamada República Velha" — (Bel-fort de Oliveira).

2º) A insuficiência da justiça liberal

Outro resultado desse estado de coisas que vimos analisando, e uma causa a mais do descrédito da liberal-democracia, foi a insuficiência de sua justiça, e sua conseqüente desmoralização. Especialmente no

tocante ao juri, instituição a mais próxima do povo, a mais entravada em sua emotividade, a mais compreensível à sua inteligência.

Ricaços e políticos, e seus filhotes, parentes e apaniguados, sempre viveram a cavaleiro das leis repressivas. No interior, o promotor estava sujeito a tôda espécie de ameaças, e o juiz não estava livre de vexames. Todavia, mesmo quando livres em sua ação tais agentes da justiça, nada podiam fazer, porque quem mandava no município era o "coronel", de quem dependiam algumas dezenas ou centenas de votos, e, que, por isto, tinha todo o apôio do governo, podendo perdoar impostos, perseguir, prender, fazer transferência de funcionários, sua promoção e remoção, e, assim, testemunhas e jurados ficavam à sua mercê.

Filho de rico e de político influente podia deshonrar mocinhas pobres impunemente. O juri absolvía sempre. Podia dar pancada, fazer distúrbio, até matar. Lá estava o juri soberano para absolver. Gente pobre não tinha direito a nada, só se estivesse sôb a proteção dos "mandões", e assim mesmo apenas de quatro em quatro anos; assistência diária, aliás muito boa, só a tinham os "capangas", assassinos profissionais. Se um destes facinoras era condenado, coitado do promotor que apelasse: — estava no "pau". E o juiz que contrariasse a vontade de um desses deuses municipais? — Já se sabe: — era égua magra e foguetório. E de tudo redundava uma descrença geral no único poder que, soberano, poderia, teoricamente, defender os humildes e os desprotegidos.

Pois, bem, lembram Alexandre e Staub, "numerosos fatos históricos podem servir como demonstração do efeito desmoralizador que têm os erros da Justiça sobre cada tipo de organização social". Ora, se um simples erro, que é o contrário da verdade, sim, mas contrário por ignorância, contrário inconciente, contrário "sem querer", produz efeitos assim desmoralizadores, imaginem-se quais não seriam os efeitos da mentira, que é o contrário da verdade por fraude, contrário conciente, doloso — que é o erro intencional. Pois as decisões do juri, e inúmeras das do juiz mesmo (que jul-

gava baseado nas peças do processo), eram, geralmente, mentiras legalizadas . . .

No que diz respeito ao juízo civil, tinha este as portas trancadas aos pobres, por demais onerosos que ficavam os seus processos. E o pobre perdia, também, a vaca que fugira para o pasto de um "mandão" qualquer, o leitão que fuçava a horta de um apaniguado do "coronel", alguns palmos de terra que um ricoço qualquer lhe "abiscoitara", coisas que muito lhe valiam, sim, mas que não valiam o preço de um processo demorado e de resultados duvidosos, o preço da justiça liberal. . .

3º) a polícia-política liberal-democrata

Encerrando este capítulo, iremos discorrer, ligeiramente, sobre a instituição da polícia-política do antigo regime. Qual o fim dessa instituição político-social? Responde René Foinet: — "La police politique tendant à veiller à la sûreté de l'Etat et du gouvernement (surveillance et expulsion des étrangers, surveillance des éléments révolutionnaires, etc)". Não foi essa, evidentemente, a atuação política da polícia-liberal competente. A instituição, àquele tempo, e entre nós, antes de zelar pela segurança do Estado e do governo, de vigiar a conduta de estrangeiros e nacionais segundo os altos interesses da sociedade, descambou para o terreno das paixões partidárias, das competições grupistas, deixando de ser órgão mantenedor do equilíbrio social para adquirir, especialmente no interior, um caráter de verdadeiro instrumento de opressão e de terror, sobretudo em períodos de agitação eleitoral. Tudo se conduzindo, no antigo regime, em função da "política", e como esta era simples arma nas mãos dos poderosos, a polícia teve a sua missão desvirtuada. Deixou de ser uma instituição social para se converter em uma instituição partidária. Deixou de ser elemento de segurança nacional, virou fator de desordens. Deixou de ser agente da Justiça, ficou sendo um óbice à Justiça. Transformou-se em **polícia da situação**. E não só a polícia-política, mas também a polícia-administrativa, a polícia-social.

Miséria, injustiça, anarquia, eis, a largos traços, o panorama social liberal-democrata.

Razões de ordem econômica

Os males que vimos enumerando são males de super-estrutura. Prendem-se todos, na base, a razões de ordem econômica, e foi "precisamente o efeito do liberalismo na órbita econômica que apressou a crise do Estado liberal" — (Miguel Reale). Porque o pecado original da liberal-democracia é o liberalismo econômico. A livre concorrência entre concorrentes de forças desi-

guais é a responsável maior pela fragilidade dos andaimes superiores do edifício liberal.

Fragmentando o mundo político em parcelas irredutíveis a um denominador comum: — o homem; separando a economia da moral, a política do direito, a ciência da vida, a vida da filosofia, a filosofia de Deus, a liberal-democracia, a — humana, amoral e a — teleológica, converteu, em seu pluralismo político, o "trabalho em mercadoria, fazendo da economia política uma ciência física, arrancando a vida econômica à sua subordinação à vida moral" — (Tristão de Ataíde). Sendo, assim, a economia liberal, terra onde quem colhe não é o que planta, mas o que pode mais, vencem, no regime liberal, os mais ricos, os de mais sorte, os mais "maleáveis", que, assim, dominando a economia, têm em suas mãos a chave da política, e, portanto, o leme do governo. Daí a crítica de Francisco Campos: — "A vida econômica não tinha outro regulador a não ser a vontade dos fortes, isto é, daqueles que, graças à espoliação ou às conjunturas favoráveis ao livre jôgo econômico lograram constituir seu feudo. A livre concorrência era uma corrida sem fim para objetivos puramente individuais". E eis por que, carecendo de um sentido humano, de uma finalidade social, de um conteúdo ideológico, e desprovida de uma cobertura moral, a economia liberal se constituiu em terreno impróprio a uma construção política estável.

A "economia não é um reino independente", assinala Spengler; esta ligada intimamente "à alta política". Entretanto, no Estado liberal, inorgânico e ateleológico, as coisas não são entendidas desse modo. Assim como o racionalismo cartesiano fragmentou o homem e os seres em categorias distintas e irredutíveis, a liberal-democracia, seu retrato político, divide em unidades independentes o organismo social, esquecendo o elo profundo que aproxima todas as coisas. Isola-se, assim, a economia, num mundo próprio, insubmissa aos primeiros princípios e aos fins últimos da vida, e daí abalar-se tãda a super-estrutura social que nela tem suas raízes.

Sem servir ao homem, sem divisação social, sem substância ética, — servindo apenas a grupos, que, na luta econômica, se utilizam **livremente**, dos processos mais deshumanos e imorais, — é o mundo econômico liberal, por isso tudo, o paraíso dos ricos e o inferno dos pobres, donde a justiça do juízo severo de Berdiaeff: — "O sistema econômico do capitalismo é o retrato de uma concupiscência devassadora e destruidora".

Razões de ordem cultural

Regime simplista, poderia o regi-

me liberal ser tolerado, quando muito, em um mundo de condições simples de vida. À proporção, porém, que a civilização evoluiu, tornando-se complexos os problemas humanos, agudas as crises de toda espécie, novas as técnicas de produção, diferentes as formas sociais de vida, — tinha, a liberal-democracia, torçosa mente, de ser superada. Era preciso que a política acompanhasse o progresso das ciências, as quais iam criando, dia a dia, novos processos de vida, dando ao homem novas possibilidades, abrindo-lhe novos horizontes existenciais. Era preciso que a política acompanhasse a marcha da vida, e isto não se verificou: "Enquanto permanecia estacionária a política, as ciências progrediam, os conhecimentos aumentavam" — (J. Pedro Muller). O Estado liberal ia vendo o mundo correr como um simples espectador. Deixando fazer, deixando passar. . . À margem da vida, que acabou deixando-o para trás. . . Esquecia, a liberal-democracia, que "as últimas consequências da revolução industrial criaram, aos governos, novas e complexas funções, estendendo a área do seu controle de maneira a envolver na sua deliberação questões para cuja elucidação se exigem conhecimentos técnicos especializados cada vez mais remotos ainda à compreensão das pessoas cultivadas" — (Francisco Campos). Continuavam, os adetos do liberalismo, parlamentaristas, sufragistas, neutros, não intervencionistas, num mundo assim. . .

Eia, pois: — a liberal-democracia não refletia o estado cultural vigente. E como cultura é expressão de vida, é a própria vida superiorizada, a sobrevivência da liberal-democracia implicaria um choque com a própria vida. Ora, a política, que é "solidária da cultura", deve atuar em todas as esferas de atividade humana. Tem, por isso, de espelhar as novas conquistas da civilização, de acompanhar o progresso das demais ciências. Cumpre-lhe, portanto, obedecer a certos princípios, e estes não de ser buscados nas realidades sociais, étnicas, morais, econômicas, físicas e espirituais da nação.

Há uma complexidade crescente dos fenômenos sociais, tornando-se imprescindível que os órgãos administrativos se adequem às funções que têm a desempenhar. Tal, entretanto, só é possível num quadro onde os valores sejam disciplinados e hierarquizados, dentro, pois, de um Estado capaz, forte, não absorvente, porém de poder centralizado, incontestável e equidistante das várias forças sociais. E' isso o que ensinam as ciências político-sociais modernas, enriquecidas com a contribuição das ciências físicas e naturais, cujas descobertas e invenções elas tomam na devida consideração.

A liberal-democracia, porém, per-

maneceu longe dos progressos do engenho humano (de que só os indivíduos se souberam aproveitar, em benefício próprio), alheia às transformações do mundo, incapaz e insuficiente para a vida. E aí está mais uma razão de sua derrocada.

Razões de ordem étnica

Os três tipos étnicos preponderantes na formação de nossa "raça" apresentam psicologia diversa e provêm de distinta cultura; cada qual tem seu temperamento, sua organização, orientando-se, as suas tendências, em sentidos diferentes e, não raro, opostos. Os traços peculiares ao negro, ao índio e ao português, fundidos no tipo em gestação do brasileiro, deram a este um caráter que se não ajusta aos moldes liberais: — "No caso brasileiro, observa Azevedo Amaral, a coexistência de culturas contraditórias em permanente conflito, não apenas na sociedade como também na mentalidade individual de cada um dos produtos da mestiçagem, parece criar uma causa irremovível de inevitável fracasso de tôdas as tentativas de adaptação ao regime democrático. A estabilidade mental, a atitude equilibrada de relativismo no aprêço dos postulados políticos e os fatos concretos a que eles têm de ser aplicados não se podem encontrar em povos de heterogênea formação étnica como o nosso. A democracia, isto é, em última análise, o governo orientado pela média das tendências que se manifestam na coletividade, é por esta própria definição uma forma de organização política em que se exige como base insubstituível a possibilidade de um ajustamento de correntes intelectuais e emotivas, de modo a que delas se possa tirar uma resultante mais ou menos representativa de um psiquismo comum. Esse psiquismo não existe no Brasil".

Aí está um motivo tipicamente brasileiro a impossibilitar, entre nós, a liberal-democracia, e que foi um dos fatores determinantes do seu repúdio.

A tarefa do Estado, no caso, será a da integração dos grupos étnicos. Coercitivamente, embora através de uma aparelhagem jurídico-pedagógica. Tal seria impossível à liberal-democracia, que, destituida de sentido nacional, jamais se traduziu numa política forte e realista, que estudasse o temperamento do nosso povo, procurando corrigir os nossos defeitos, resolver os nossos complexos, apurar as nossas qualidades, encaminhar as nossas tendências. Deformando, ao contrário, o verdadeiro sentido de solidariedade que deve existir entre os povos, e por ser não-intervencionista, permitiu a formação, aqui, das chamadas "ilhas étnicas", tão perigosas à nossa segurança política quanto à nossa unidade racial.

Só um regime forte, ao mesmo tempo humano e nacional, poderia controlar as forças dispare e ajustar as culturas em conflito. Verificados os caracteres étnicos primários sobreviventes e atuantes nos nossos tipos constitutivos, caberia ao governo aproveitá-los, conforme a sua natureza, a sua energia específica, a sua capacidade, orientando-as num sentido construtivo. No regime liberal, "igualitário" e romântico, de partidos e grupos, as determinantes psíquicas dos grupos populacionais diferenciados, sem uma coordenada política, se contradiziam e se chocavam, neutralizando-se e anulando-se. Não seria possível, então, aproveitar essas forças, sublimá-las, nacionalizá-las, coisa só concebível e cabível através de uma política viril e integral, de fins definidos e métodos realistas, de que só um Estado forte seria capaz.

Razões de ordem geográfica

Imenso o nosso território; com deficiência e insuficiência de comunicações entre si, os vários Estados; isoladas as nossas populações em zonas geo-econômicas definidas, de riqueza própria e com sistemas diferentes de produção e formas sociais de vida variáveis; alguns agrupamentos se distinguindo em seus traços psíquicos e somáticos; a literatura se regionalizando; idéias separatistas nascendo, — a liberal-democracia, exagerando a autonomia das unidades federadas, possibilitou e estimulou a política localista, que, por isto, valeu como um fator de discórdia e de separação. O descaso por algumas províncias pelo governo federal, a proteção privilegiada a outras, as alianças políticas entre os Estados de maior potencial demográfico, econômico ou territorial, e o predomínio dos mesmos nos negócios nacionais, tudo isso recae sobre os ombros da liberal-democracia como um tremendo libelo.

Em um território extenso, de zonas econômicas tão distintas e contendo populações com traços, algumas, acentuadamente típicos, só seria aconselhável um regime de poder centralizado e forte.

O território nacional era, assim, uma força desagregadora, que o império já provara só se poder dominar por um poder uno e incontrastável, de ação constante, e incontestável sobre toda a área geográfica da nação. Pois Estados com governos autônomos e populações isoladas das de outros são coisas que, pelos motivos indicados, levariam, forçosamente, ao separatismo. Só um regime autoritário poderia enfrentar as dificuldades que a extensão territorial poderia opor, e opôs, à obra de integração étnica, de equilíbrio social e de unificação política do Brasil.

Conclusões

São os seguintes, em resumo, os motivos principais, universais e nacionais, determinantes da falência do liberalismo no Brasil:

1º) De ordem filosófica: — a liberal-democracia desintegra o homem do universo, fazendo dêle uma categoria abstrata, e atomisa a sociedade, dividindo-a em realidades distintas e antagônicas, com o que se quebra a harmonia natural das coisas;

2º) De ordem política: — a liberal-democracia age num plano exclusivamente jurídico, desprezando as realidades concretas (antropológicas, sociais, econômicas, etc.) das nações, das quais se distancia, eis que as focaliza através de um prisma universal, fundando-se em elementos imutáveis e encarando a vida em função de princípios abstratos;

3º) De ordem moral: — a liberal-democracia não dá um sentido ético à vida humana, desenvolvendo-se os seus processos sociais à mercê do acaso, sem nenhuma subordinação a um princípio e sem tender a nenhum fim superior, que só a moral pode traçar;

4º) De ordem social: — a liberal-democracia favorece o desenvolvimento, não do homem, mas de pequenos grupos, que preponderam, em detrimento da maioria; e, não sendo intervencionista, alheia-se à questão social, ocasionando antagonismos, privilégios, sofrimentos e desordens;

5º) De ordem econômica: — tirando à economia o seu sentido moral, esvaziando-a de sentido social e destituindo-a de finalidade nacional, e, mais, não a dirigindo segundo os interesses de todos, transforma-a, a liberal democracia, em instrumento de dominação do homem pelo homem;

6º) De ordem cultural: — a liberal-democracia, alheia à vida, propõe formas de existência em contradição com as necessidades sociais sempre renovadas pelo constante progresso das ciências físicas e sociais;

7º) De ordem racial: — a liberal-democracia está em colisão com a nossa étnica;

8º) De ordem geográfica: — não serve em territórios grandes, que, pela diferenciação de riquezas, deficiência de comunicações e insulamento dos grupos populacionais, são fatores de desagregação política, só controláveis por uma política centralizadora.

Natal

Dezembro assinala a passagem de mais um Natal em plena guerra. Em vez da harmonia dos sinos e dos carrilhões, o que se ouve em grande parte da terra conflagrada é o estrondo dos bombardeios e das metralhas, na luta do homem contra o homem.

A grande causa dessa catástrofe implacável, a mais trágica que até hoje recaiu sobre a humanidade, é que a ambição, o ódio, as paixões humanas ainda não se deixaram vencer pela palavra de Amor, de Paz e de Fraternidade, pregada por Jesús.

Enquanto o homem for escravo de seus vícios e cultivar em seu coração a semente maldita de um egoísmo sem entranhas, as guerras, os desencontros e as hecatombes hão-de suceder-se indefinidamente, em novos conflitos, cada vez mais sangrentos, cada vez mais devastadores.

O sonho de uma vida tranquila, sem guerras, sem rancores, sem escravizações, sem atentados à liberdade humana, somente será um dia realidade se o homem voltar-se inteiramente para Deus. Fora da doutrina cristã, tôdas as fórmulas, tôdas as soluções, por mais completas que pareçam, não passarão de meros paliativos.

Vamos fazer votos para que o Natal do próximo ano possa ser cristãmente comemorado em tôda parte, num mundo sem lutas, sem convulsões, apanágio do Direito, da Justiça e da Solidariedade Humana, na harmonia sem jaça de uma verdadeira civilização.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III

Goiânia, Janeiro de 1944

Núm. 12



Uma enfermeira especializada traz nos braços dois recém-nascidos internados no Preventório "Afrânio de Azevedo", em Goiânia. (Vide página 21 - Reportagem de José Bittencourt)

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devclvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO III

Janeiro de 1944

NÚM. 12

“Oeste” entra em seu terceiro ano de existência



Ninguém acreditava na vitória. Ninguém não, — poucos. Uns tantos moços idealistas, apenas. Moços que, logo de início, tiveram de lutar contra toda sorte de obstáculos.

Contudo, OESTE venceu. Venceu, mau grado o boicote dos invejosos e despeitados, apesar das pragas dos negativistas que, incapazes de construir se comprazem em destruir. E venceu porque teve o apoio decidido e constante do nosso grande Interventor, dr. Pedro Ludovico Teixeira, que bem compreendeu o esforço dos que, à frente da revista, procuraram, com desinteresse, dedicação e até sacrifício, servir a Goiás e ao Brasil.

Vencendo, OESTE entra, com este número, em seu terceiro ano de existência. De existência inegavelmente fecunda, haja vista o conceito em que é tida nas altas esferas políticas, intelectuais e administrativas do país, até onde tem levado o produto do trabalho da inteligência goiana sadia e criadora.

Figuras das mais expressivas do Brasil moderno, representativas das mais diversas categorias profissionais, bem como os jornais e as revistas de maior prestígio na imprensa, se vêm manifestando lisonjavelmente a nosso respeito, desde o primeiro número do aparecimento da revista, e literatos de todos os recantos do país disputam as nossas edições.

Sem modéstia, pois, OESTE é, hoje, um dos melhores magazines, no gênero, de todo o país, como bem assegurou o festejado poeta patricio, Abgar Renault. Isso, para nós, é um estímulo, e, para Goiás, uma honra. Todavia, a glória maior dessa projeção da revista — nunca é demais lembrá-lo — cabe a sua excelência o sr. dr. Pedro Ludovico, sem dúvida alguma o maior incentivador da cultura anhanguerina, de que OESTE é, no momento, a expressão mais séria.

Agitando a nossa inteligência, remexendo questões das mais palpitantes, criticando, revelando valores, apoiando iniciativas, realizando concursos literários, patrocinando publicações de livros de autores goianos, mostrando aos nossos irmãos de outras plagas os aspectos vários da civilização goiana, OESTE se dedica, ainda, a uma obra política eminente, qual seja a de contribuir, através de uma propaganda bem orientada, para a consolidação definitiva do Estado Nacional, que, sob a orientação do Presidente Vargas, vai edificando um Brasil unido, forte e feliz.

Ingressando a revista no seu terceiro ano de vida, queremos, ao ensejo, agradecer, sinceramente, a quantos nos têm ajudado de qualquer modo, ao mesmo tempo que apresentar, de público, os nossos protestos de não esmorecer em nossa luta pelo alevantamento constante do nível cultural da sociedade goiana.

MODERN GIRL

15 anos:

magra,
serpentina,
leve.

Pinta o cabelo.

Pinta as pálpebras e as sobrancelhas.

Pinta as faces.

Pinta a boca.

Pinta as unhas.

Pinta . . . o sete !

Estiliza o olhar.

Estiliza o gesto.

Estiliza a voz.

Estiliza o sorriso.

Estiliza o andar.

Braços nus.

Nuas as pernas.

O colo nu.

O cérebro vazio.

— Menina ?

— Mulher.

-:-

20 anos:

coração insensível,

gasto,

cansado,

sem sonhos,

sem ideal,

sem emoções.

Esgotou a taça da Ilusão,

sorvendo de um trago,

febrilmente,

freneticamente,

doidamente,

desvairadamente,

o delicioso veneno

diluído no vinho forte do Amor.

— Mulher ?

— Mulher . . .

Marilda Palínia

Fragmentos do Mundo Liberal

Paulo Augusto de Figueiredo

O CRIMINOSO

Não havia pão nem agasalho naquele lar. O que havia era sofrimento só.

A mulher estava tísica, os filhos morrendo aos poucos e o homem desesperado.

O homem pediu a Deus que lhe desse roupa e alimento. Mas o que Deus lhe mandou foi uma ordem de despejo.

O homem saiu pelas ruas pedindo trabalho. Mas a polícia pensou que ele era vagabundo e mandou-o para o xadrez.

Quando saiu da cadeia, resolveu pedir esmola. Mas as velhas caridosas das portas de igrejas diziam-lhe que tinha boa saúde e que fosse trabalhar.

A mulher morreu de tanto sofrer. O homem ficou mais desesperado ainda e resolveu roubar, para poder dar alimento e remédio e roupa para os filhinhos, que estavam quasi morrendo também.

Entretanto, o guarda noturno, que recebia gordas gorjetas do dono daquele palacete, e que não sentia fome nem frio, foi atrás do homem desesperado e lhe deu ordem de prisão.

O homem desesperado contou-lhe a sua história e lhe disse que aquilo não era roubo, não, — era apenas a justiça da necessidade. Mas o guarda noturno, que não sabia o que era necessidade, não quiz saber de conversa.

Então o homem desesperado matou o guarda noturno.

E no dia seguinte os jornais davam o retrato do homem desesperado, com entrevistas dos criminalistas, que diziam que ele era o tipo do "criminoso nato".

E o homem desesperado foi condenado a trinta anos de prisão pelo juri canalha que o capitalista comprou.

A PROSTITUTA

Helena era a moça mais disputada (e com razão: -- era bonita e rica), nos salões luxuosos daquela cidade cristã.

Mas um dia seu pai — que era banqueiro — faliu, deu um tiro na cabeça e deixou a família na miséria.

A mãe de Helena tornou-se costureira para poder viver, porém pouco depois também morreu, tuberculosa.

Helena pediu auxílio aos paren-

tes e amigos que seu pai protegera. Mas os parentes e amigos deram uma porção de desculpas e não fizeram nada por ela.

Helena soube que havia vaga num ministério, pediu emprêgo ao ministro e o ministro prometeu arranjar. Contudo, veio um chefe político do interior, pediu a vaga para seu filho mais velho (futuro herdeiro de seu prestígio e de sua fortuna), e Helena continuou desempregada.

Então, depois de muito lutar, Helena viu que não conseguia nada e resolveu alimentar-se das suas próprias carnes.

Durante algum tempo foi rainha no "bas-fond", disputada que era pelos que outrora a ambicionavam por esposa e tinham nela, agora, carne boa, fresca, quasi virgem.

Porém, Helena adoeceu, ficou feia, virou trapo, perdeu toda a cotação e nem ganha mais para pagar pensão . . .

Hoje, vegeta pelas ruas da cidade. Os antigos amigos não a conhecem. Nem os parentes também. Mas, nos salões luxuosos da cidade cristã há muita moça com jóias que ela deu e muitos rapazes que só têm dinheiro porque seu pai, quando vivo, lhes deu colocação.

RICOS E POBRES

O palácio estava todo iluminado. Havia bolas de côr na varanda e bandeirolas, em fios dourados, no jardim.

No salão, o "jazz" refletia, num "blue", a alma africana (não aquela que o cachimbo inglês queima na África) e as sêdas se confundiam com as casacas vistosas.

Em uma seleta ao lado havia cigarros caros, conversa sobre câmbio, baralho, taças, risos histéricos e cocaína.

Na casa vizinha, u'a mãe sofria, porque não tinha dinheiro para comprar bolas de côr iguas às que enfeitavam a varanda do palácio iluminado e que um filhinho raquítico lhe pedia choromingando.

O poeta, que estava no palácio iluminado, fez um poema para a filhinha do capitalista, que fazia anos. Mas o capitalista pensou que o poeta fosse pedir dinheiro emprestado e disse a ele que não gostava de poemas.

Então o poeta, que vira a cena triste do menino pobre, fez um poema sobre a dôr, vendeu o poema para o diretor de uma revista literária, — que também estava no palácio iluminado, — deu o dinheiro para a mãe aflita e ganhou o coração inteiro de uma família proletária.



Suprema desilusão

Na alcova alvinente e perfumada,
Onde se armara um ninho de doçura,
Entra o noivo, estuante de ventura,
Acompanhando a noiva idolatrada.

Ela, tristonha, pálida e calada,
Tem no semblante um rito de tortura.
Êle afaga-a, beijando-a com ternura,
E ela se esquiva, trêmula, assustada . . .

Reina um silêncio mudo. Em dado instante,
Ouve-se a voz convulsa e soluçante
Da desposada a suplicar: Perdão.

Levanta-se o infeliz; e, em aflição,
No desvario de incontida ira,
Crava o punhal no peito que o traíra.

JOVELINO DE CAMPOS.

1837.

QUARTA FEIRA 11 DE OUTUBRO.

N.º 53.

CORREIO OFFICIAL DE GOYAZ.

Publica-se ás Quartas, e Sabbados na Typographia Provincial. A assignatura he 1\$000 réis por trimestre, pagos adiantados: os N.ºs avulsos vendem-se a 80 réis na Casa da Typographia.

SÃO NOS GOVERNOS CONSTITUCIONALES A LUZ, E A PUBLICIDADE, O ALIMENTO NATURAL DA LIBERDADE.

Pensamento do D. J. A. Fragozo.

Goyaz 1837. Na Typographia Provincial.

ARTIGOS DE OFFICIO.		Transporte.	2.491U409
Continuação do N.º antecedente.		Secretario, e expediente.	48U000
Transporte.	2.049U403	Com o Ordenado do Porteiro.	12U000
§ 6.º		Com o Ordenado do Carcereiro, inclusive para accio, e luzes da Cadea a que fica obrigado.	16U000
Camara de S. Luzia.		Com Despesa do Jury, e aposentadoria do Juiz de Direito.	16U000
Com o Ordenado do Secretario, e expediente.	52U000	Com Despezas Judiciaes.	24U000
Com o Ordenado do Porteiro.	12U000	Com Despezas d'Eleições.	20U000
Com o Ordenado do Carcereiro, inclusive para accio, e luzes da Cadea a que fica ob.	16U000	Com Despezas eventuaes.	8U000
Com Despesa do Jury, e aposentadoria ao Juiz de Direito.	20U000		138U000
Com Despezas Judiciaes	20U000	§ 8.º	
Com despezas d'Eleições.	20U000	Camara de Pilar.	
Com Livros, e Sellos.	30U000	Com o Ordenado do Secretario, e expediente	42U000
Com edificação do Carral	30U000	Com o Ordenado do Porteiro.	12U000
Com reparo da Ponte da Villa, e concerto da Cadea.	200U000	Com o Ordenado do Carcereiro, inclusive para accio, e luzes d'Cadea a que fica obrigado.	12U000
Com a compra de padrões para o Julgado de Couros.	32U000	Com Despesa do Jury, e aposentadoria ao Juiz de Direito.	16U000
Com o pagamento da Divida passiva de 1834 a 1836 desde ja. 87\$500		Com concertos de estradas, e pinguellas.	20U000
Com Despezas eventuaes.	10U000	Com Despezas Judiciaes	24U000
	442U000	Com Despezas d'Eleições	20U000
§ 7.º		Com Despezas eventuaes	8U000
Camara de Catalão.			148U000
Com o Ordenado do Se-			2.777U408
	2.491U403		

“CORREIO OFFICIAL” Na conformidade das conclusões adotadas na Primeira Reunião dos Diretores de Imprensa Official, realizada no Rio-de-Janeiro, em maio do corrente ano, a 31 de dezembro vigente cessará a publicação do “Correio Official”, órgão dos poderes do Estado. Em seu lugar surgirá o “Diário Official.

O velho jornal goiano, testemunha de tôdas as grandes modificações evolutivas operadas no Estado, desaparece aos 107 anos de idade, tendo prestado, embora o seu caráter rigidamente official, os mais assinalados serviços ao progresso e à cultura de Goiaz.

Infelizmente, dêsse precioso patrimônio cultural, não existem coleções completas. Nem, mesmo, o primeiro número de “Correio Official” existe nos arquivos do Estado ou nos arquivos das associações culturais.

O mais antigo exemplar do “Correio Official”, que se conhece, é o de que damos, aqui, um cliché. Não nos consta haver, neste Estado, número mais antigo que êsse.

Êsse precioso documento, de tanto valor histórico, pertence ao sr. Gabriel Anconi, chefe da Secção Industrial da Imprensa Official e gerente desta revista.

Os Jesuítas em Goiás

— Odorico Costa —

A obra jesuítica, na colonização do Brasil, tem sido apreciada através de critérios exagerados, ao ponto de verdadeira exaltação, umas vezes; e ao ponto de verdadeira detração, outras vezes.

Não se pode negar, efetivamente, que na atormentada infância do Brasil a Companhia de Jesus teve notável interferência no comando dos acontecimentos, fazendo obra boa e valiosa na construção de nossa unidade religiosa e na construção da unidade do nosso direito. Mas, por outro lado, "parcialismo ou demência fôra negar, quando os fatos o evidenciam, que, por vezes, pela ambição e orgulho de seus membros, chegou ao ponto de provocar no país não poucos distúrbios".

Um historiador austero, o Visconde de Pôrto Seguro, apreciando a obra dos jesuítas no Brasil, frisa que "a abolição da Companhia foi favorável aos povos" e avançam que os missionários loiolanos prestaram ao Brasil, apenas três serviços: "a conversão dos índios, a educação da mocidade e a construção de alguns edifícios públicos que passaram a ser propriedade do Estado".

A obra jesuítica em Goiás, é, ainda, capítulo mais ou menos obscuro e o pouco que a respeito se sabe revela que essa obra é de altos e baixos, de flutuações, mais ou menos sem sentido e mais ou menos sem consistência. Parece certo que essa obra avulta no sentido da descoberta da terra, e se contrai no sentido da colonização. Pelo menos, da descoberta das minas à expulsão dos jesuítas, de 1725 a 1759, os missionários da Companhia não fizeram obra que se cristalizasse no triplice sentido a que se refere o autor da "História Geral do Brasil".

OS JESUITAS E A DESCOBERTA DE GOIAZ

Está perfeitamente provado que os jesuítas ingressaram em Goiás nos primeiros quartéis da era seiscentista. Há notícias de uma bandeira fluvial, dirigida pelo jesuíta Cristovão de Lisboa, nos sertões do Tocantins, em 1625, e o doutíssimo padre Serafim Leite contradiz, mais ou menos, essa notícia quando afirma, de maneira peremptória, que "o primeiro jesuíta que esteve no rio Tocantins foi Luiz Figueira, em 1636".

Em 1653, o padre Antônio Viei-

ra, com os padres Francisco Veloso, Antônio Ribeiro e Manoel de Sousa, meteu-se pelos sertões do rio Tocantins. A viagem foi feita em canoas, subindo o rio, e dela o padre Vieira deixou notícia pormenorizada em carta escrita em 1564, dirigida ao provincial dos jesuítas no Brasil, padre Francisco Gonçalves.

Quatro anos depois, o padre Tomé Ribeiro, chefiando uma grande expedição fluvial, tentou catequizar os Carajás do Araguaia que lhe "mataram alguns cristãos entre os índios que levava".

Em 1659, nova expedição jesuítica sulca as sujas águas do Tocantins. Essa expedição era chefiada pelo padre Manoel Nunes, "mui prático e eloquente na língua geral da terra", e levava 450 índios de arco e de remo, 45 soldados portugueses de escolta e um capitão de infantaria. Avançando tão profundamente quanto permitiram os seus recursos, essa expedição, seguindo todos os cálculos, conseguiu atingir territórios onde, hoje, estão situados "os modernos Estados de Maranhão e de Goiás".

Dois anos depois, os padres Gonzalo Veras e Sebastião Teixeira, com 70 canoas, conduzindo numerosos índios catequizados, subiram o Tocantins atingindo, com certeza, os sertões goianos. Essa expedição se destinava a averiguar até que ponto ia a verdade na comunicação recebida dos Aruaquis de que as suas aldeias "tinham sido invadidas pelos portugueses do Brasil, a que chamam paulistas de São Paulo, gente desalmada y alevantada que no hace caso ni de las leys del Rey ni de Dios".

Qual seria o bandeirante paulista que, no segundo quartel da era seiscentista, tão alto atingiu o sertão goiano?

A pergunta fica sem resposta, como um desafio lançado a todos quantos se dedicam ao estudo das entradas desses homens rudes que, na pena e no sofrimento, construíram a mais bela Pátria do mundo.

O ciclo das bandeiras jesuíticas na região do Tocantins sofreu uma sinalefa. De 1671 a 1721, os padres não se aventuraram pelas águas do grande rio. A última expedição, a que encerrou, definitivamente, as viagens jesuíticas pelo Tocantins, foi chefiada pelos padres Manoel da Mota e Jerônimo Gama, em 1721.

Está fora de qualquer dúvida que os jesuítas foram os primeiros

exploradores do Tocantins. A grande região sertaneja, onde estava um fartíssimo cabedal humano em condições de ser catequizado, exercia uma verdadeiro fascínio sobre os padres da Companhia.

O Tocantins tanto "atraía os jesuítas" que o padre Antônio Vieira chegou a projetar "uma exploração mais vasta", subindo o grande rio, "ao descobrimento das cabeceiras do Iguacú".

OS JESUITAS E AS MINAS DOS "MARTÍRIOS"

As repetidas entradas dos jesuítas nos sertões banhados pelos rios Tocantins e Araguaia deram causa a que, na época, a respeito dessas entradas, se fizessem as mais arrojadas conjeturas e se formassem as lendas mais interessantes. Dizia-se, notadamente no Pará, "que os reverendos iam ao sertão explorar grandes minas de ouro".

João de Sousa Azevedo, destemido aventureiro, subindo o Tocantins, percebeu um rio de águas turvas que no Tocantins fazia barra e concluiu que "essas águas só se poderiam sujar por trabalhos de minas". E saiu a assoalhar que essas minas que assim sujavam as águas desse rio eram as minas dos jesuítas.

Ficou na história, ainda, a notícia de que os jesuítas possuíam, sem outro fim conhecido, "um grande armazém nas margens do Tapajós, que forneciam de víveres todos os meses, sem que jamais se encontrassem os importadores com os exportadores".

Essas minas, misteriosamente exploradas pelos jesuítas no sertão mais agressivo, seriam, segundo o pensamento da época, as famosas minas dos Martírios, "em pedra de jaspêto burnido que as cousas se miram nela como em um espelho".

Para revigorar a crença de que os jesuítas possuíam fabulosas minas de ouro no sertão, há um fato singular: o padre Antônio Vieira, de uma feita, quando o sertão era vasculhado pelos aventureiros, à procura das minas que "possuíam os instrumentos da Paixão gravados", pronunciou um sermão, em Belém, "dissuadindo o povo do Pará da veracidade de umas minas cujas amostras corriam pela cidade, dizendo que o ouro era fundido".

O padre José Manoel de Siqueira, autor de famosa monografia sobre a descoberta da mina dos Martírios, registra essa ocorrência, estranha êsse sermão do padre Antônio Vieira e declara não poder compreender como um orador do caráter desse jesuíta "possa, sem prevenção, formalizar um sermão de mistério com amostras fal-

sas ou verdadeiras aparecidas em Belém do Pará”.

A MISSÃO DE SÃO-FRANCISCO XAVIER

Reveste-se de todos os caraterísticos de uma tragédia a história da Missão de São-Francisco Xavier, situada nas regiões nordestinas de Goiás.

Para pacificar os índios Gueguês, Xacriabás e Acoroás, dom Marcos de Noronha e Brito cometeu essa incumbência aos sertanistas Manoel e Gabriel Alves, “que tinham fama de experimentados nessas lides”.

A incumbência foi desempenhada com tanto êxito pelos dois sertanistas que, em 1750, estava fundada a Missão S.-Francisco Xavier, composta das reduções de Formiga e Duro, em que se aldeiam milhares de bugres.

A administração dessa missão foi atribuída ao tenente-coronel Wenceslau Gomes de Oliveira e a direção espiritual dos catecúmenos foi atribuída aos jesuítas Bento Soares e José de Matos, êste no encargo de superior.

Durante cinco anos residiram na Missão, sendo os dois primeiros padres substituídos, depois, pelos missionários José Vieira e José Batista, que na missão “fizeram pregação da lei de Deus” e fizeram, ainda, farta “sementeira de intrigas, no que eram habilíssimos”.

As intrigas urdidas pelos dois padres produziram resultados trágicos: “os índios se revoltaram, cometeram atrozes morticínios e regressaram às selvas”.

O padre Silva e Sousa, historiador de honestidade à tóda prova, dessa tragédia sertaneja do setecentismo, traçou o seguinte retrato: “cinco anos depois, fazendo grande mortandade na aldeia, os mesmos índios se rebelaram e meteram ao sertão, atacando os viajantes e, principalmente, os do sertão da Baía, com as mesmas armas de fogo de que os nossos lhes tinham ensinado o uso. Imputam esta revolta aos jesuítas missionários, que até então governavam as aldeias a seu gosto”.

Alencastre, nos “Anais da Província de Goiás”, reforça as acusações do padre Silva e Sousa e adianta que os “padres José Vieira e José Batista fizeram mais visível o seu concurso na rebelião, desamparando tôdas aquelas ovelhas do rebanho de Jesús Cristo, que se achavam entregues aos seus cuidados”.

A culpabilidade dos dois jesuítas, nessa tristíssima ocorrência, é indissolúvel. Contra êles depõe até o bispo do Pará, em carta que, na época, dirigiu ao capitão-general de Goiás.

A Missão de São-Francisco Xavier

voltou a ser povoada pelos mesmos bugres quando dom Álvaro José Xavier Botelho de Távora, conde de São-Miguel, segundo capitão-general de Goiás, conseguiu restabelecer a harmonia entre o tenente-coronel Wenceslau Gomes de Oliveira e os jesuítas, “de quem sua família sempre fôra muito amiga, e entre êles se contavam muitos de seus membros”.

O RECOLHIMENTO DAS URSULINAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESÚS

Em 1742, os jesuítas deliberaram fundar, em São-Luiz, no Maranhão, um recolhimento para a educação de moças e entregaram a direção do mesmo às religiosas Ursulinas do Sagrado Coração de Jesús, de que soror Maria José de Jesús era a superiora.

O jesuíta frei Manoel da Silva, que andava pelo sertão “com licenças régias e pontificias,” ofereceu-se para auxiliar êsse “estabelecimento de fé e de caridade”.

Correndo o interior do Maranhão, arrecadando, sempre, vultosos donativos, frei Manoel da Silva transpôs as fronteiras de Goiás e “recolheu-se a Natividade e, alí, os empregou abertamente, com a maior desfaçatez, no estabelecimento de fazendas e gado”.

As religiosas ursulinas em vão reclamaram lhes fossem entregues pelo jesuíta os donativos angariados. Essas queixas tiveram tal ressonância que foram ecoar, em certo instante, no palácio episcopal de Belém e no palácio do governo de Goiás. O bispo do Pará, dom Miguel de Bulhões, em carta escrita ao capitão-general de Goiás, dom João Manoel de Melo, lamenta a ação do padre Manoel da Silva e declara estar “inteiramente persuadido de que, por intermédio de V. excia. terá o “Recolhimento” melhor fortuna”.

As religiosas ursulinas de São-Luiz ficaram tomadas de tal ressentimento, em face do que o padre Manoel da Silva fizera, que deliberaram, em 1769, trocar de hábito, “porque o das Ursulinas do Sagrado Coração de Jesús se parecia um tanto com a roupeta da Companhia”.

O padre Manoel da Silva foi preso em companhia do padre Pedro Fibaldi que, “vindo do Pará, se supunha querer fugir para as terras de Castela”. Alencastre afirma, com certa veemência, que a prisão do padre Manoel da Silva foi feita em virtude de ordens reservadas, vindas de Lisboa, e dirigidas ao capitão-general de Goiás.

O doutíssimo padre Serafim Leite modifica muito a posição do padre Manoel da Silva na história dos jesuítas em Goiás. Para o autor da “História da Companhia de

Jesús no Brasil”, o padre Manoel da Silva “tratava de colocar em bases sólidas o patrimônio” do Recolhimento das Ursulinas do Sagrado Coração de Jesús, de São-Luiz do Maranhão. E diz, ainda, que quando tais notícias corriam a respeito dêsse jesuíta, estava êle “incomunicável nas prisões pomboalinas, sem poder se defender, nem suspeitar do que faziam correr por sua conta”.

O padre Manoel da Silva morreu nos cárceres de São-João-da-Barra, a 16 de abril de 1766. “Vir valde zelosus et austeræ penitentiae”.

ALDEIA DE SANTANA DA BARRA DO RIO DAS VELHAS

Para consolidar a pacificação dos Caiapós, “subjugados pelo coronel Antônio Pires de Campos com inaudita ferocidade”, dom Marcos de Noronha, capitão-general de Goiás, a 27 de junho de 1750 dirigiu-se ao reitor do convento da Companhia de Jesús em São-Paulo, pedindo-lhe “fizesse passar para esta capitania os dois missionários que, há dois anos, estavam naquele convento”.

Os dois missionários foram conduzidos até Vila-Boa e, dali, foram destacados para a aldeia de Santana do Rio das Velhas, “onde era grande o contingente de índios aldeados e onde mais era necessária essa assistência espiritual, para evitar que os caminhos ficassem tão expostos às hostilidades dos feroces e indomáveis Caiapós”.

Em carta de 19 de novembro de 1750, dom Marcos relatava ao rei a chegada dos dois missionários, o destino que lhes havia dado e comunicou que, de acôrdo com o regimento de 19 de janeiro daquele ano, “êsses missionários foram assistidos com a congrua de 40\$ por ano e que seu transporte até Vila-Boa havia custado 1:376\$870, que foram pagos pela Fazenda Real”.

Nessa carta, dom Marcos de Noronha manifestava ao rei ser irrisória a congrua de 40\$ atribuída aos jesuítas da aldeia de Santana da Barra do Rio das Velhas. “É muito diminuta para um país como êste, adonde tudo tem preços caríssimos e é impossível que se possa sustentar cada um dos missionários que assistirem o caminho de São-Paulo com menos de 80\$ em cada um ano”.

Os dois missionários da aldeia de Santana da Barra do Rio das Velhas prestaram relevantes serviços na redução dos Caiapós e, para lhes exaltar a obra, ficou na história referência a um sério desentendimento surgido entre êles e o coronel Antônio Pires de Campos, famoso mata-bugres, “chefe das campanhas das circunferências des-

tas minas, contra o gêntio Caiapó e Tapirapé”.

Em carta dirigida ao intendente das minas da Repartição do Norte, dom Marcos relatava que “os jesuítas do caminho de São-Paulo deitaram uma grande roça e tiveram uma prodigiosa quantidade de mantimentos” e que o coronel Antônio Pires de Campos, na suposição de que os mantimentos dos jesuítas fariam baixar os preços dos seus, “contra êles ficou tomado de ódio insopitado e grande prevenção, e estas são as razões de suas reclamações em contrário”.

A EXPULSÃO DOS JESUITAS DE GOIAZ

O ingresso dos jesuítas em Goiaz, segundo tudo está a indicar, foi feito na era seiscentista, por três vias de acesso: pelo sul, na aldeia de Santana da Barra do Rio das Velhas que, segundo se presume, foi fundada por um jesuíta desgarrado das reduções do alto Paraná, “na época da guerra dos paulistas”; pelo norte, através do rio Tocantins, e, finalmente, pelas fronteiras da Baía, na época do “desbravamento do sertão de dentro”. As missões de Natividade, Duro e Formiga devem pertencer a este último ciclo.

Quando sobreveio ordem para a expulsão dos padres da Companhia, estes não deviam ser em grande número nas aldeias e missões de Goiaz.

Coube a dom João Manoel de Melo, severo e honesto terceiro capitão-general de Goiaz, “um papel muito saliente na história dos jesuítas na capitania, tendo sido um severo cumpridor das ordens de Pombal”.

Na sentença proferida contra os réus da conjuração contra dom José I, em Lisboa, a “Companhia de Jesús era clamorosamente denunciada como autora do atentado, havendo, no processo instaurado, farta documentação provando que “os jesuítas tinham feito grandes usurpações nos domínios portugueses de ultramar, especialmente no Paraguai e no Maranhão”.

Em consequência dessa parte do processo, dessa devassa terrível, várias diligências foram realizadas no Brasil, sendo preso o segundo capitão-general de Goiaz, dom Alvaro José Xavier Botelho de Távora, conde de São-Miguel, e, certa noite, em 1762, nas fazendas denominadas “Quinta” e “Santo-Izidro”, numerosos elementos da família Távora, ali residentes, “foram presos e assassinados em execução quasi sumariíssima”. Essas fazendas estão situadas no município de Itaberai, e, ainda hoje, na tradição oral, naquele município, há referências ao espantoso morti-

cínio dos Távoras, ordenado pelo capitão-general dom João Manoel de Melo.

Em Natividade foram presos os padres Manoel da Silva e Pedro Fibaldi que, segundo presunção vigente na época, pretendiam “passar às terras de Castela”.

No sul, na aldeia de Santana da Barra do Rio das Velhas, onde, hoje se levanta a cidade de Indianópolis, no Triângulo Mineiro, foram presos os jesuítas Manoel da Cruz e Francisco José. O padre Manoel da Cruz era íntimo amigo de dom Alvaro José Xavier Botelho de Távora que o reputava “portador de tantas virtudes como se fosse um segundo São-Francisco Xavier”.

A prisão dos missionários jesuítas foi feita por soldados dos dragões e a sua condução foi feita para São-Paulo, onde chegaram depois de um mês de viagem.

Não se sabe bem se devido à viagem tormentosa, se devido aos sofrimentos que lhes foram infligidos, o que é certo é que os dois jesuítas desertaram. A sua fortaleza na fé quebrou-se. “Tendo viajado sãos e salvos, chegados ao termo, naufragaram na vocação, antes que se reunissem aos seus irmãos do Rio-de-Janeiro”. Um cronista, referindo-se à deserção do padre Manoel da Cruz, diz que êle “ou nunca mereceu tal elogio, ou esmoreceu diante da tempestade que aparecia já no horizonte”.

OS BENS DOS JESUITAS DE GOIAZ

Os bens dos jesuítas, em Goiaz, foram sequestrados, sendo nomeados seus depositários Antônio Alves Maia e Antônio Nunes do Vale que, depois, “os passaram às mãos do intendente das minas da Repartição do Norte, bacharel Manoel Gomes da Costa”.

A suposição generalizada de que os jesuítas, em Goiaz, possuíam riquezas fabulosas, foi destruída completamente pela apreensão de seus bens. Estes não representavam grande cabedal. “Eram, segundo todos os documentos e cronistas, compostos de oito fazendas de criar, situadas nas margens do rio das Almas, em S.-Tereza e Cana-Brava, com 2.000 cabeças de gado, além de 1.000 espalhadas fora”.

Os bens dos jesuítas, arrecadados em Goiaz, foram os seguintes: “oito fazendas de criar, dezessete escravos, em sua maioria da nação Mina, e 7:450\$720 em letras e créditos a cobrar”. Havia, ainda, bens provenientes de doações, dos quais os jesuítas não possuíam posse legítima na época da expulsão, “pois não se tinham lavrado, ainda, as competentes escrituras, e dos quais nos seus livros e documentos

estavam anotações e existiam as respectivas clarezas”.

As fazendas de criar, formadas pelo padre Manoel da Silva, nos sertões agrestes de Amaro-Leite, “apesar da excelência e formosura de suas terras, pereceram de todo. Ficaram ao abandono e foram invadidas pelos índios Canoeiros, que condenaram à morte a sua grande prosperidade, devido à sua grande riqueza”.

BIBLIOGRAFIA:

Americano do Brasil, “Súmula de História de Goiaz”.

Alexandre de Sousa Barbosa, “Primórdios de Uberaba”.

Colemar Natal e Silva, “História de Goiaz”.

Cônego João Pedro Gay, “História da R. Jesuítica do Paraguai”.

Derval de Castro, “Anais da Comarca do Rio-das-Pedras”.

General Couto de Magalhães, “Viagem ao Araguaia”.

J. M. Pereira de Alencastre, “Anais da Província de Goiaz”.

“Marquez de Pombal”, obra comemorativa de seu 1º centenário.

Pedro Taques de A. P. Leme, “A expulsão dos Jesuítas do C. de S. Paulo”.

Padre Antônio P. C. Fernandes, Missionários Jesuítas no Brasil, no tempo de Marquez de Pombal”.

Padre Serafim Leite, “História da Companhia de Jesús no Brasil”.

Rocha Pombo, “História do Brasil”.

Varnhagem, “História Geral do Brasil”.

É JA' uma tradição comemorar o

Exército o dia 10 de novembro de modo todo especial, pela circunstância de lembrar a efeméride da implantação no Brasil de um regime de vitalidade nacional, de serenidade e ordem, em cujo ambiente sadio se vem processando o reerguimento do país, com a recuperação incontestável de décadas e décadas perdidas dantes em agitações estéreis e que, se perdurassem por mais tempo, certo nos haveriam de conduzir à anarquia e ao desaparecimento, quicá, de nossa unidade e da própria soberania nacional — Gal. Eurico Gaspar Dutra.

ELOGIO DA ÁRVORE

No artigo com o título supra, publicado em nosso último número, passaram alguns erros de revisão que o leitor inteligente facilmente verificará e devidamente relevará. Entretanto, passou, ali, um **endemicamente** que não foi escrito pelo seu ilustre autor. A frase certa, por este escrita, foi “**edenicamente ligada à tradição judaico-cristã**”.

TERRA MORTA

J. B. Felix de Sousa

Naquele ano a Natureza foi inelmente e má.

Primeiro foi o sol, depois das primeiras chuvas, que tostou o milho e o arroz, que brotavam promissores entre as coivaras negras das roças. Depois, chuvas intermináveis, que transformaram as plantações em brejais, onde brincavam as marrecas.

Não bastando tais prenúncios de miséria e de fome, em fins de junho, como uma língua de fogo, a geada lambeu o sertão inteiro, queimando bananeiras, que ficaram balanceando suas folhas murchas e desconsoladas, quando soprava cáldo o vento, em agosto, e os capins nas invernações, onde o gado magro e cheio de bernês, atormentado por enxames de mutucas, procurava em vão um brôto verde.

E com a minguada colheita e a peste dizimando o gado veio a fome e despovoaram ranchos e casas tósocas dos "principiantes", dos agregados, dos pobres, dos que não tinham um pedaço de chão "de seu", que os segurasse. Depois as hipotecas, fantasmas que destroi velhos lares na roça, espantou os pequenos proprietários, gente remediada que tinha só um pedaço de terra para cultivar e umas cabeças de gado, que a peste levava.

Assim foi se despovoando aquela zona onde viveram a alegria e a fartura por tanto tempo.

Em vez dos "pagodes" de todos os sábados, da sanfona a convidar alegre para as dansas noite a fora, nos ranchos cheios de laçarotes e alegria, do espoucar dos foguetes e dos tiros nas salvas, só se ouviam, nas noites povoadas de pirilampos, as jaculatórias e ladainhas das novenas no rancho de "Nhá" Chica.

Num canto, numa mesa tósca, forrada com uma toalha com franja de croché, uma imagem de Nossa Senhora da Guia e ajoelhados e contritos, em redor, os roceiros tôdas as noites vinham pedir bom tempo e fartura.

Mas as novenas de "Nhá" Chica não abrandaram os céus.

Todos os dias ela via passar, chorando ou resignados, os seus vizinhos e conhecidos, gente que ela vira nascer ali; os homens a cavalo, com filhos na garupa ou à frente do arreio; mulheres a pé, levando na cabeça as trouxas de seus pobres haveres; meninos manquitolando, cansados; famílias inteiras em carros de bois.

Todos se foram à procura de terra menos ingrata, esquecidos das dádivas de tanto tempo pela desgraça desse ano.

"Nhá" Chica foi ficando sôzinha,

porque teimosa não quiz ir com os outros. E nas noites intermináveis já não ouvia ladrar os cães da vizinhança, que todos, esqueléticos e de rabo murcho, partiram acompanhando os donos, nem os galos enchendo as madrugadas com seus cantos.

Só as cauans cantando triste no cerrado.

Ficava rezando ajoelhada diante da imagem de Nossa Senhora da Guia, agora sem sua lamparina de azeite, porque também para ela sobrara da pobreza de tôda zona.

Saía todos os abrasadores dias de agosto e setembro pelas velhas roças abandonadas à procura de qualquer cousa para matar a fome, ouvindo, única voz do sertão desolado, os grilos, milhões de grilos, que a acompanhavam como uma obsessão o dia inteiro e ainda à noite pareciam ficar trilhando nos seus ouvidos. E era feliz quando encontrava morangas e girimuns que levavam horas e horas de fervura para amolecerem, ou maldições finas que mal engrossavam o caldo dos quibeques.

Interessante Publicação da ZYG-3

Ao ensejo do aniversário natalício do interventor Pedro Ludovico, a emissora associada Rádio Clube de Goiânia prestou a sua excelência uma significativa homenagem cujo programa, organizado cuidadosamente, foi editado pela Imprensa Oficial do Estado num belo e artístico folheto.

A parte material nada deixou à desejar porquanto a feição gráfica teve uma feliz orientação e uma execução verdadeiramente digna de nota. Traz a citada "plaquete" os discursos pronunciados a 23 de outubro, data genélica do Chefe do Executivo, pelas pessoas mais representativas não só da administração como dos meios culturais goianos, nomes que dispensam quaisquer comentários, porque a opinião pública já os consagrou mercedamente. As citadas peças oratórias, proferidas ao microfone da Z Y G — 3, são do dr. Vasco dos Reis Gonçalves, Diretor Geral de Educação; dr. Paulo Augusto de Figueiredo, presidente do Conselho Administrativo do Estado e redator de "Oeste"; acadêmico Hélio A. Lobo, Delegado do I. A. P. I. nesta Capital e redator de "Oeste"; acadêmico Gerson de Castro Costa, diretor de "Fôlha de Goiás" e de "Oeste"; dr. O. dorico Costa, diretor da Imprensa O-

Um dia, Deus sabe saído de onde, o fogo ardeu nos campos e nos matos, trazendo as cobras para o meio das estradas, secando o rêgo de que só ficaram pequenas poças de águas verdes, lodosas.

A's vezes soprava um vento quente, que levantava nuvens negras das queimadas, ou rodemoinhava sacudindo as galharadas sêcas.

Depois voltaram a calmaria e um silêncio de morte.

Mas desse silêncio e calmaria, súbito, um dia se transformaram o céu e a terra. O céu cá em baixo, côr de chumbo. O ar parado, sufocante.

E "Nhá" Chica sentiu no corpo velho e fraco a mutação do tempo: o coração a bater mais apressado, dores pelas juntas, falta de ar, a morte dentro do peito magro.

Deu uns passos tontos pelo terreiro para apanhar umas fôlhas de herva cidreira para um chá calmante; levou as mãos sobre o peito opresso; abriu a bôca para sorver num hausto angustiante o ar que lhe faltava e café de bruço no chão.

Nesse instante começaram a cair aqui e ali pesadas gotas de chuvas, que levantavam tênue poeira.

Depois caiu, forte, a primeira chuva, enchendo tudo com o fátum da terra morta e ressequida, molhando as árvores e os caminhos e o corpo de "Nhá" Chica, que os urubús comeram no dia em que "levantou o tempo".

ficial do Estado; desor. José Campos, do Tribunal de Apelação; dona Maria Paula Fleuri de Godói, em nome da mulher goiana; srta. Vandí de Freitas Costa, em nome do Ginásio Santo-Agostinho; dr. Mozart Smith de Camargos, em nome dos Sindicatos Profissionais; dr. Paulo Fleuri da Silva e Sousa, em nome dos advogados de Goiás; sr. Hélio França, em nome das classes conservadoras; padre Pedro Pinto Ferreira, em nome do clero; ginasiano Antônio Balduino de Sousa, em nome dos alunos do Colégio Estadual; srta. Mariana Rassi, em nome das alunas do Colégio Santa-Clara e da Escola Normal Oficial; sr. Danilo Costa, pelo esporte goianiense; professor Venerando de Freitas Borges, Prefeito Municipal de Goiânia; acadêmico Bernardo Elis, funcionário do Departamento de Assistência ao Cooperativismo e redator de "Oeste". Além dessas primorosas colaborações traz, ainda, a referida publicação uma interessante alegoria dramática, de autoria do conhecido novelista radiofônico Pimenta Neto, cujos trabalhos têm merecido os justos aplausos dos que apreciam o difícil e complexo gênero dramático. Destaca-se ainda a "Voz do Caboclo", saudação pronunciada por Zé Bombinha, em nome da gente simples do sertão.

Trata-se de uma publicação verdadeiramente interessante, essa feita pela Rádio Clube de Goiânia.

A PROJEÇÃO DE GOIAZ NO CENÁRIO NACIONAL



Jamais foi tão sólida e tão brilhante a posição de Goiaz no cenário da vida nacional. E o fato é mais relevante, ainda, porque essa projeção se sucedeu a um período de verdadeiro obscurantismo, em que a nossa província viveu como que à margem da vida brasileira.

Quem não nos conheça, procurará ver, na ascensão vertiginosa do nosso torrão à culminância do progresso, um milagre. Contudo, quem prive de perto com as gentes e as coisas da terra de Anhanguera, de logo encontrará explicação para o grande acontecimento, que está na administração patriótica, esclarecida e honesta do Interventor Pedro Ludovico. Porque sabem hoje todos os brasileiros, desde o Chefe da Nação ao mais humilde dos nossos patriotas, que Pedro Ludovico foi a alavanca poderosa que ergueu o Estado de Goiaz da condição inferior em que êle se encontrava, antes de 30, para erguê-lo à magnífica situação em que atualmente está.

Os jornais e as revistas da Capital Federal e de todo o país trazem, diariamente, noticiário farto sobre as possibilidades do nosso Estado e as realizações do nosso governo. Em toda a parte, pessoas de responsabilidade, em artigos, em conversa, em discursos, etc., não escondem seu entusiasmo pela administração de Pedro Ludovico, cuja figura admiram, estimam e respeitam. Representantes de Goiaz em Congressos efetuados na Capital Federal são distinguidos de modo especial pelas altas autoridades da República, como vem de acontecer com os srs. Dario Délio Cardoso e Paulo Augusto de Figueiredo, presidentes, respectivamente, do Tribunal de Apelação e do Conselho Administrativo, que foram escolhidos, entre representantes de todos os Estados, para, em nome dos mesmos, saudarem o sr. Ministro da Justiça, o mesmo tendo acontecido ao sr. Coleman Natal e Silva, Procurador Geral do Estado, designado por seus companheiros para falar numa homenagem à memória de Rui. Nossos jornalistas vêm seus artigos transcritos e elogiados nas folhas dos Estado irmãos, e até em livros. Nossos escritores vencem concursos literários, como sucedeu a Gerson de Castro, já por duas vezes vitorioso em certames promovidos no Rio, e a Marilda Palínia, triunfante, também, em torneio da mesma natureza. As iniciativas dos nossos homens públicos, como está sucedendo em relação ao Congresso Econômico do Oeste, idéia do dr. Câmara Filho, prefeito de Anápolis, são bem recebidas nas altas esferas da administração do país. E assim por diante, tudo isso demonstrando, à farta, o interesse que esta unidade federativa desperta, no momento, em todos os recantos da Pátria. E tudo isso patenteando, de maneira inequívoca, quão benéfica tem sido, para Goiaz, a administração de Pedro Ludovico.

Preocupando-se com os problemas estaduais de toda ordem — sociais, econômicos, políticos, administrativos e culturais, os quais examina em suas relações de interdependência; buscando, em tudo, soluções harmoniosas; orientando-se por princípios humanitários, extraídos de uma sólida filosofia política; atendendo às peculiaridades regionais; agindo com tolerância, zelo, energia e probidade, por tudo isso Pedro Ludovico, que encontra no atual regime brasileiro elementos favoráveis a uma conduta governamental livre das peias dos partidanismos estéreis, vem elevando, bem alto, o nome de Goiaz, que hoje se situa em posição destacada nos quadros políticos da Nação, o que, sobre tornar ainda mais querido e prestigiado o nosso Interventor, nos enche de justa satisfação.

Isso posto queremos, ao alvorecer de 1944, levar a sua excelência, com os protestos de nossa solidariedade e confiança, votos de profundo reconhecimento pelo muito que vem fazendo pela nossa terra, do mesmo passo que lhe desejar, sinceramente, e a todos que lhe são caros, um ano muito feliz.

A DEMOCRACIA de hoje, aquela que foi consagrada pelo Estado Nacional, aquela que vai invadindo, a passos de gigante, todas as nações empenhadas nesta Segunda Guerra Mundial, é uma democracia diferente da de ontem, porque são diferentes as próprias aspirações e necessidades populares em que ela se funde. O Presidente da República

da. A democracia de ontem era liberal, porque o liberalismo se impunha aos homens do século XIX como um imperativo de libertação do povo em massa, contra os privilégios da nobreza e da realeza que disputava o governo; a democracia de hoje é uma democracia social e econômica — como tantas vezes já o tem esca — porque os seus problemas são

fundamentalmente econômicos e os seus objetivos são a realização do máximo de justiça social, dentro de uma sociedade de interesses divididos pelas próprias contingências da distribuição da riqueza e da utilização do trabalho humano — **Almir de Andrade.**



Dois Poemas de B. Elis

RIO VERDE

Outro dia estive em Rio-Verde.
Gostei da cidade e mais ainda do povo.

Acontece que tinha estado doente uns dias
e nesse meio tempo a estação do ano mudou
e houve uma série de fatores cósmicos e fisiológicos
que enfeitaram Rio-Verde diante de meus olhos,
meus ouvidos, meus sentidos.

Havia sabiás misteriosos cantando no fundo quente dos quintais,
onde haveria probabilidade de sérios encontros amorosos.

Havia pessoas fantásticas aprendendo trobones e frutas por
trás das paredes velhas,
onde certamente velhinhas cegas passam os dias resmungando
rezas pelos filhos seresteiros e jogadores.

Havia mocinhas romanescas tocando piano por trás das
vidraças fechadas e tristes;
moças que seriam puríssimas,
mas que a temperatura ambiente e o relaxo dos costumes
pervertem impiedosamente.

Sexo, chuva, sabiá, campos brotando.

Nas salas,
nos bares, nas vendas, nas barbearias,
retratos de zebús que valem somas absurdas.

As Femininas do Beco

As mulheres do beco
vivem às claras,
de portas escancaradas.

Entram homens,
saem homens:
uns fumando, de chapéu,
outros calmos, assoviando.

A's vezes há gritos,
mortes, raramente.

Mas um são caetano,
maliciosamente,
pula o muro.



REIS

MAGOS

Genesi de Castro e Silva

Era uma estrêla, era um clarão luminoso a guiar-lhes os passos, reafirmando-lhes a doce segurança dum sonho realizado.

Desde o deserto imenso no branco areial, magnifico pela grandeza, soberbo pelo mistério de suas pompas, uma voz clarividente chamara-os à recompensa duma fé constante e sincera.

E eram três, três corações a viver da promessa suave, eram três almas sequiosas dum refrigério, dum bálsamo.

Confiavam, firmes e ansiosos pela revelação do acontecimento prometido pelas tradições e assegurado pelos padres zeladores das palavras de Deus.

E não haviam hesitado em dirigir-se ao oriente, à região onde nascia o sol ardente e caricioso, onde a alva, apontando no fim do deserto, irradiava luz calma, um clarão triste, belo como o amor, feliz como a confiança.

Em regiões diversas, cugestionados por diferentes paisagens, passando pelas cintilações abrasantes dum areal ardente, admirando os verdes leques das palmeiras protetoras dos pequenos oásis, atravessando os profundos leitos dos rios completamente secos, tendo, à vista, terreno repleto de granitos, de rochas basálticas, haviam conservado, impoluta, a grande fé de espírito profundamente superior, de uma crença insuperável.

Prosseguiram em rumo do oriente.

Havia-lhes sido prometido o Salvador e eles queriam vê-lo; longe deles o ceticismo da época; possuíam, profundamente arraigado, o amor das tradições.

E o longo reflexo perlado, o grande facho de luz salpicado de irradiações róseas, incarnadas, não poderia ser o produto de illusória miragem.

“Só Deus é grande” era o grito a animar-lhes as aspirações.

E não poderia deixar de ser grande o Deus que os dirigira à excursão quasi inverossímil, não poderia deixar de ser magnânimo o Soberano que lhes concedera o inapreciável tesouro dessa fé imperecível.

Conseguiram chegar à gruta encantadora, à cidade de David, onde, uma manjedoura, ser-lhes-ia apresentado o Mentor do mundo, o Rei da Vida, o Amigo da humanidade.

Seriam benditos pela posteridade. Eram almas puras, eram homens simples.

Os Magos possuíam a crença, a constância e não conheciam o egoísmo; dir-se-ia que representavam a Fé, a Esperança e a Caridade, tão somente nascidas com o humilde Mestre.

E a trilogia da felicidade, por si só, representa a evolução da vida humana; nada tão admirável como a fé.

E' como que uma árvore de aspirações tôda azul e oiro; é como véu de prata a encobrir a imperfeição dos ideias; é a suprema doçura, a alegria sã e desenvolta que nos engalana os dias.

A esperança é subjetiva à fé; completam-se mutuamente; cremos e esparamos no que há de vir; no que nos promete uma convicção profunda já que, em todos nós, bem no íntimo, domina o egoísmo, ainda que em pequena parcela, ainda que apenas vicejante.

E a Fé e a Esperança dão lugar à ventura; felizes, sentimos a necessidade de emprestar um pouco de alegria que nos doira as emoções, aos que adivinhamos menos crédulos e menos felizes.

Assim se pratica a Caridade que nos aumenta a satisfação íntima, que reverdece a esperança, que, mais do que nunca, encarna a fé e a delícia de viver.

O NOVO DIRETOR DA DIVISÃO DE DIVULGAÇÃO DO DIP

O sr. Presidente da República nomeou, para o cargo de Diretor da Divisão de Divulgação, do Departamento de Imprensa e Propaganda, o conhecido jornalista Heitor Moniz, moço de cultura, possuidor de formoso espírito e que, através de uma série de artigos eruditos, vem prestando meritórios serviços ao Estado Nacional.

O ato do sr. Presidente vem, mais uma vez, demonstrar o alto critério de que se utiliza s. excia. na escolha de seus auxiliares e o aprêço em que tem os moços que desejam, verdadeiramente, contribuir, de algum modo, para o engrandecimento do Brasil.

OESTE, em cujos propósitos se inclue o de estimular o espírito nacionalista de nossa gente, regozijando-se com a nomeação em aprêço, eis que Heitor Moniz se empenha num trabalho de cunho nacional altamente construtivo, leva ao recém-nomeado sinceras felicitações.

NÃO fosse a atual Constituição Brasileira um imperativo das nossas realidades, uma fórmula destinada à segurança, unidade e fortalecimento da pátria, um meio de proteger a nacionalidade contra os males que a torturavam, um instrumento que tão assinalados serviços vem prestando ao Brasil na manutenção da ordem, no desenvolvimento econômico, na realização de tão vultosas obras no campo social e jurídico, certo não apresentaria a firmeza que a caracteriza, nem teria o apóio integral da nação — Severino Uchoa.

Onze de dezembro de 1943 foi uma data que se fixou definitivamente no vasto cenário nacional das nossas letras.

Foi precisamente nesse dia, entre manifestações de aplausos de todo o Brasil, que completou o cincoentenário de seu nascimento um dos vultos mais vigorosos e mais inconfundíveis da intelectualidade brasileira: Alceu Amoroso Lima, ou, melhor Tristão de Ataíde.

Seu cincoentésimo aniversário não se registrou apenas no noticiário convencional das colunas sociais de nossa imprensa. Foi muito além. Provocou, em todos os quadrantes da Pátria, ensaios e estudos de sua vida e de sua obra, sessões comemorativas especiais, mensagens de simpatia e admiração de seus inúmeros discípulos e seguidores.

A causa dessa repercussão nacional do jubileu desse grande buscador de afirmações e definições é que a incansável atividade do autor de "Idade, Sexo e Tempo", abrange os mais dilatados horizontes culturais.

Como crítico literário dos mais perfeitos, dos mais completos e dos mais fecundos que até hoje tivemos, Tristão de Ataíde completou, com os seu cinquenta anos de idade, vinte e cinco de crítica literária. É a mais longa atividade de crítica regular, em folhetins se-

Tristão de Ataíde

— Hélio A. Lobo —

manais, que já foi realizada no Brasil, e uma das mais longas em tôda a literatura universal", proclama Álvaro Lins.

Sociólogo, pensador, ensaísta, sempre sereno, sempre equilibrado, sempre preciso, sempre indicando roteiros decisivos, o grande mestre de "Meditação sobre o mundo moderno" tem dedicado aos nossos problemas sociais estudos do mais alto valor, que o situam entre os mais profundos conhecedores das realidades brasileiras.

Entretanto, a maior, a melhor, a mais forte e a mais corajosa característica da vida e da obra de Tristão de Ataíde é a sua dedicação sem limites à grande causa que abraçou. A essa causa sempre presente em tôdas as consciências, provocando definições; a essa causa que não tem fronteiras; a essa causa cuja essência não pode admitir veredas indecisas: a causa de Cristo.

Tristão de Ataíde, pela sua completa integração nessa causa tão cheia de incompreensões, mas que é a maior de tôdas, é dessas figu-

ras marcantes diante das quais temos de tomar posição.

Falando desse traço predominante da personalidade do autor de "Itinerário", disse um de seus comentadores, aliás daqueles que dele "se separam irremediavelmente, tanto no campo religioso como político", o seguinte:

— "Desde o seu famoso adeus à disponibilidade intelectual, para aderir, de corpo e alma, com tôdas as forças de seu espírito e de seu coração, a uma causa de vida ou de morte, para tomar uma posição filisófica diante da vida, para se definir, em uma palavra, que Tristão de Ataíde se tornou uma espécie de divisor de águas, de ponto de separação de duas mentalidades antagônicas no Brasil. Desde esse momento, Tristão de Ataíde passou a ser além do nosso maior crítico literário, um mestre e um guia, que a sua geração segue com entusiasmo ou combate com fervor".

O cincoentenário do nascimento de um lutador como esse, desse expoente tão alto da inteligência brasileira, não podia assinalar-se friamente, convencionalmente, nas letras e na sociedade de nossa terra. Tinha de ser o que foi, isto é, uma verdadeira festa nacional.

Lembremo-nos, com Álvaro Lins, de que "através de tais manifestações da vida literária, uma literatura mostra que existe e tem grandeza".

KLEBER

Gira por tôdas as terras e em tudo encontrarás beleza: na música das cascatas e no ritmo de um verso; no frágor das batalhas e num beijo de amor; nas côres do crepúsculo e na frescura do ar; na imponência da ira e na dignidade da renúncia; no cérebro dos homens e no corpo das mulheres.

Basta sondares todos os meridianos olhando, com olhos de ver beleza, quer a estepe gelada, quer o charco tropical ou a areia sem fim dos mares mortos.

Porque só a beleza é fecunda, ela é quem atira os homens à luta, cria as grandes vidas e inspira os maiores crimes.

E quem não aplaude a sua eterna escandalosa festa universal sofre o suplício cruel de não ser.

Mas, terá conquistado tôdas as coisas belas do mundo quem, ante uma criança adormecida, puder, sorrindo, dizer:

— Meu filho !

LUIZ PAULISTANO

"Contos da Gleba" -- memorável estréia literária

Conto de CASTRO COSTA

Qualquer motivo era aproveitado para um conto. Qualquer pilhéria, qualquer anedota, êle tentava transformar, escrevendo um comentário, numa página literária. Chamava-se Afonso Pinto, ou, melhor, Affonso Pintto, com duas consoantes geminadas. Explicava essa singularidade com sua inabalável crença na numerologia.

— Todos os homens — dizia — que têm treze letras no nome são impedidos, na vida, pelas auras da felicidade e do triunfo.

Citava muitos exemplos, a começar por Affonso Daudet, de que era leitor ferrenho, e terminava dentro das fronteiras do Brasil e de Goiás:

— Quer um exemplo irrefutável, — dizia com ares convincentes. Getúlio Vargas, presidente da República. Pedro Ludovico, interventor federal no Estado. São todos nomes de treze letras.

Confiando à cabalística dos números as suscetibilidades de seu talento duvidoso, o pobre rapaz se complicou na assinatura. Era Affonso Pintto, com dois "ff" e dois "tt"...

Sua grande mania era escrever contos. Todo o tempo que lhe sobrava dos afazeres da repartição, êle o applicava confiantemente na produção desse gênero literário. Havia de triunfar. Economizaria o suficiente para publicar seu livro de estréia, cujo título, também de treze letras, era "Contos da Gleba". Mostraria aos que andavam mangando de seus esforços, pondo-lhes diante do nariz um volume com seu nome no frontispício, em caixa alta. Em caixa alta!

Os jornais e revistas locais não davam valor à obra, à produção de Afonso Pinto. Isso o irritava deveras, e não o conseguia demover de suas intenções artísticas unicamente devido à sua excelente educação mardeana. Era paisagista. Gostava de pintar situações e tipos num ambiente. Não apreciava o lado puramente psicológico de suas figuras, a descrição introspectiva. Dessarte, lançava mão dos indivíduos que lhe estavam ao redor, de seus amigos, de seus conhecidos. Descoberto o lado ridículo da vida de uma pessoa, interessava-se por ela.

— Eis ali um sujeito aproveitável. Vou fazer um conto a seu respeito.

E descrevia, com-efeito, as fraquezas do pobre camarada. Era muito fiel, não fantasiava quasi nada. Não raro aproveitava até frases habituais do outro. Afonso se dizia realista;

— Não dou asas à fantasia. Descrevo a vida como ela é, como ela se nos apresenta...

Depois-de uma série de dificulda-

des de tôda ordem, de meses e meses sem ocupar alfaiates e sem frequentar cassinos, veio à publicidade o livro-co, editado por dois mil e quinhentos cruzeiros, dinheiro curtido e chorado atavés de muito tempo. Trazia na capa:

Afonso Pintto

CONTOS DA GLEBA

1941

Esperança Editora Ltda.

Goiânia

Afonso ficou radiante ao compulsar a brochura de papel barato. Tomou alguns volumes para distribuir à imprensa e seus raros amigos. Lembrou-se, nesse momento, de oferecer uns exemplares a meia dúzia de seus inspiadores. Sim, isso seria curioso...

— Êles vão achar interessante o retrato que lhes faço — teria certamente refletido.

E ofertou seus contos, efetivamente, a alguns latagões da cidade, dêsse que jogam sinuca com mangas de camisas arregaçadas, exibindo suspensórios de vidro e sapatões de cinco solas. Dois dêles não gostaram. O grande admirador de Daudet os transplantou para as páginas de sua publicação com incrível fidelidade. Quem lesse os trabalhos correspondentes não deixaria de exclamar:

— Ah! Aquele é o João Canhoto e êste é o Pedro Tarzan!

São dois campeões. O primeiro, de futebol e o segundo, de natação. A cidade é pequena — é o diabo. Demodo-que os escândalos do namoro rançoso do futebolista, a cuja descrição, não faltou sequer a fuga da garota pela janela de seu quarto, a deshoras, êsses escândalos, que naturalmente já eram públicos, ficaram impressos em letras de forma. Por-outro-lado, Tarzan não gostou que sua lãbia e desfaçatez para com os diretores do Cuscús-Clube fossem devassadas de modo tão indiscreto, para, conforme textualmente dizia o livro, "se livrar das contribuições mensais a que estão sujeitos os sócios".

Feitas as dedicatórias de praxe, e mais essas outras extraordinárias, o autor falhou ao expediente da repartição, sem avisar, o que jamais fizera.

Hoje, o diretor mandou chamar-me, exibindo sua gorda cara de nevro-pata, muito amarrada:

— Seu Afonso não veio hoje ainda?

— Não veio, não, chefe — respondi, humilde, como se fôra culpado de alguma coisa (sou tímido por natureza, e me julgo sempre responsável pelas desgraças alheias).

— Vá chamá-lo, o sr. que é seu amigo, ou ver o que êle tem. Talvez esteja doente.

Fui à pensão em que mora o con-tista estreante.

— Está no Hospital Santa-Tereza, há três dias. O sr. não sabia?

— Não, Maria — respondi à quarta, aflito e saindo.

Afonso Pintto, a-despeito-das treze letras de seu nome, ou talvez por isso mesmo, estava no hospital, no quarto nº 34... (fui diretamente ao 13, mas me enganei). Todo empacotado em gaze e esparadrapo, tinha uma clavícula partida ao meio, além-de outros estragos suplementares, como o arroxeadado de alguns galos já desaparecidos, na cabeça, e ferimentos mais leves distribuídos profusamente na testa e no nariz...

Almir de Andrade na direção da Agência Nacional

Designado pelo ilustre Diretor Geral do D I P, Cap. Amilcar Dutra de Menezes, assumiu a direção da Agência Nacional o conhecido escritor patricio, dr. Almir Bonfim de Andrade.

Autor de obras filosóficas, políticas, sociológicas e literárias de repercussão universal; professor de Direito Constitucional na Faculdade Nacional de Direito; diretor da importante revista "Cultura Política", Almir de Andrade, moço possuidor, realmente, de uma cultura invulgar, e dotado de uma inteligência rara, era, bem, a pessoa indicada para dirigir a importante agência, eis que se vem revelando um dos mais qualificados doutrinadores do Estado Nacional, a cujas finalidades tem dado o melhor de seus esforços.

O Cap. Amilcar Dutra de Menezes, escolhendo Almir de Andrade para dirigir os serviços da Agência Nacional, patenteia alto critério e demonstra tôda sua dedicação à nova política nacional.

Ao Almir de Andrade, em quem contamos um amigo sincero e dedicado, os nossos parabéns.

Honrosa missiva

Do ilustre intelectual polonês, Padre Antônio Wasik, atualmente servindo à cultura goiana, no Ginásio de Bonfim, recebeu o nosso companheiro Paulo de Figueiredo a seguinte e expressiva missiva:

“Desde muito tempo, desejava eu escrever ao exmo. sr. doutor, para felicitá-lo pelos esplêndidos escritos na “Oeste” e nos outros jornais, escritos em que revela o saber dum sociólogo e filósofo, servindo-se de uma forma impecável de linguagem.



Dr. Paulo A. de Figueiredo

E, como sinal prático da minha admiração pelo ilustrado e culto escritor, agora tão distinguido, envio um trabalho meu sobre “A unidade moral do Brasil”, esperando que vá agradar. O presente trabalho poderá o sr. dr. recomendá-lo quer a “Oeste”, quer ao “Correio Oficial”, quer a qualquer outro periódico de Goiânia se o mesmo servir e puder fazer algum bem aos leitores.

Com isto, quero mostrar ao senhor doutor os meus sentimentos pelo Brasil e que não somente me ocupo dos assuntos referentes à Polônia, mas, com o mesmo gosto, com o mesmo afeto, abordo os assuntos da bela e generosa terra de Rui Barbosa, a qual me acolheu tão bem, e na qual já trabalho uns 16 anos em prol da juventude e da sociedade.

As cidades de Corumbá e Cuiabá podem atestar sobre o meu seguro e pronto concurso nas festas e nos movimentos cívicos locais.

Ilustre Amigo: — as razões destas linhas estão na confiança que deposito no senhor doutor. Esta prova de confiança o sr. dr. a conquistou com aquela apreciação sobre o meu opúsculo “O autor de Quo Vadis?” e com aquelas palavras animadoras que me dirigiu na nossa recente despedida: — “Escreva sempre em “Oeste” sobre a Polônia”. Obrigado por tanta alma e tanto coração amigo da Polônia!

Eu não sou um fanático, porém consideraria uma grande covardia se negasse o meu fraco auxílio à Polônia, agora, quando ela mais o precisa, ao ver-se desamparada, à mercê dos novos verdugos. . .

E mais, sr. doutor: os bons brasileiros sempre gostaram destes meus escritos e muitos continuamente nos pedem e me encorajam, como o amigo o fez em Goiânia.

Já tive oportunidade de escrever e falar muitas vezes aos intelectuais de Mato-Grosso como existe muita afinidade entre o Brasil e a Polônia em todos os

sentidos e em todos os campos. A única coisa que nos separa é precisamente a barreira da lin-



Pe. Antônio Wasik

gua polona, tão difícil a superar e transpor para o maior entendimento mútuo.

Mas, devo terminar, pois a carta vai longa.

Renovo as minhas felicitações.

Do admirador e amigo,

Pe. Antônio Wasik”.



Noite de insônia



“Conheço um coração — tapera escura,
Casa assombrada, onde andam penitentes
Sombras e ecos de amor, e em que perdura
A saudade — presença dos ausentes”.

OLAVO BILAC.

Não consigo dormir. A natureza dorme
Sonhando amor talvez. Lá fora ruge o vento,
Como se ressonasse o vasto firmamento
Escancarando à terra a boca azul e enorme.

Embora eu acalmar procure o pensamento,
Sinto dentro de mim um turbilhão disforme.
Embora um sonho bom infantilmente eu forme.

Vem perturbar-me sempre um mau pressentimento.
Doze horas bateu o meu relógio antigo:
Meu coração cansado, enquanto as horas sigo,
Do pêndulo acompanha o brando tique-taque.

Estou certo de que és, meu coração asceta,
O velho casarão de que falou o poeta.
Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac.

ELI BRASILIENSE.

BOAS FESTAS, PRESIDENTE VARGAS

Desde quando, em 1930, se iniciou no Brasil a era getuliana, cada ano que se vence marca, na história pátria, um tempo pleno de significação, dado o vulto das realizações governamentais em cada exercício administrativo.

Por isso, Getúlio Vargas, a cada dia que passa, mais se eleva no conceito e na simpatia dos seus concidadãos, do mesmo passo que cresce, cada vez mais, em importância, a posição internacional do Brasil.

Tão grande é a obra do Chefe da Nação, tão alto se projetou ele, que a sua figura é considerada, hoje, como uma das maiores da humanidade, ao lado de Stalin, Roosevelt, Churchill

A bibliografia, nacional e estrangeira, sobre o nosso Presidente, é vastíssima, dele e de sua obra se havendo ocupado os nomes de maior destaque nas letras, na política e no jornalismo de todo o mundo, distinguindo-se, entre outros, os seguintes autores: — Jonh Gunther (Inside Latin America); Jean Gerard Fleuri, (Getúlio Vargas President des Etats Unis du Brésil); Karl Lowenstein (Brazil under Vargas); Jack Harding (I like Brazil); Vera Kelsey (Seven Keys to Brazil); Ricardo Saens Hayes (El Brasil Moderno); José Joaquim da Silva (El reformador del Brasil); Paul Fischauer (O Presidente Cidadão); Stefan Zweig (Brasil, país do futuro); Wolfgang Woffmann Harnisch (O Brasil que eu ví); Ricardo Montalvo (Getúlio Vargas y la unidad brasilena); Almir de Andrade (Fôrça, Cultura, Liberdade); Francisco Campos (O Estado Nacional); André Carrazoni (Getúlio Vargas); Alfredo Pessoa (Um homem que governa); Azevedo Amaral (Getúlio Vargas Estadista); Epitácio Pessoa (Getúlio Vargas); Gilberto Amado (Perfil de Getúlio Vargas); Elói Pontes (Ação do Presidente Getúlio Vargas); Severino Sombra (Diretrizes da nova política



do Brasil); Gil Duarte (A Paizagem Legal do Estado Novo); Cassiano Ricardo (Marcha para oeste); Alcides Gentil (As idéias políticas do Presidente Vargas); Rubey Wanderley (Getúlio Vargas, político e escritor); Joraci Camargo (Getúlio Vargas e a inteligência nacional); Jaime de Barros (A política do Brasil na América); Licurgo Costa (Cidadão do mundo); Monte Arrais (O Estado Novo e suas diretrizes); Marcondes Filho (O Presidente Getúlio Vargas); Rosário Fusco (Política e Letras); Pedro Batista Martins (Getúlio Vargas e a renovação do direito nacional), e inúmeros outros, não se falando de estudos publicados em jornais de todo o mundo.

Dirigido por um homem assim, o Brasil não poderia deixar de ser o que atualmente é:— uma grande Pátria, onde vive um povo que se sente feliz e seguro de seus destinos.

Por tudo isso, OESTE, neste ralar de 1944, formula ao Presidente Getúlio Vargas, em nome da intelectualidade de Goiaz, os mais ardentes e sinceros votos de felicidade pessoal, junto à sua família.

R a ç a

Um impulso ancestral me impele para a frente
vibrando em meu espírito, estuando-me no sangue,
falando-me na voz de meus sentidos, ardente,
na vibração de tudo o que é meu ser.
Um impulso ancestral que não posso conter.

Sinto um grito de guerra de negros africanos
preparando a dura lança para a entrada do deserto.
E no imo de mim, alí, além, bem perto . . .
há zabumbas, ribombos, confusão
de batuque estocando a aspereza do chão.

Retine em minha mente a grita larga, longa,
de um oboé selvagem que se alonga
na amplidão da floresta americana,
enquanto os velhos de pele bronzeada
falam baixo, em conselho, apontando o mar, lá longe,
onde branquejam velas
e a ameaça de homens de alma sobrehumana.

Sinto dentro do peito o ressonar sonoro,
entre as váscuas brilhantes do ferro batido,
de um canto lusitano que recorda, em canções,
velha lenda de batalha ou de torneio
por trás dos torreões.
Entanto, fora,
na amplidão da planície que se alisa ao além,
se estende em linha, pronta para o assalto,
a turba de moslem.

E um impulso ancestral me impele para a frente.

Estar agora estendido num fronte qualquer
e olhar, por entre o fumo das batalhas,
deixando ir longe o pensamento, ao léu,
as estrêlas brilhar num outro céu . . .

Banzo. Sentir no rosto o sôpro ardente da saudade . . .

Ver o amigo tombar ao nosso lado
e sentir a volúpia, a vaidade
de matar em vingança . . . de matar:
por vingança ! . . . Vingar ! Sem saber, mas vingar.

E tombar num impulso, no assalto final,
ignoto e imortal, na fé de um ideal.

DOMINGOS FELIX DE SOUSA

Guerra Química

A. A. Fleury

Deve constituir motivo de sérias apreensões para os povos atualmente em luta a possível irrupção da guerra química.

Desgraçadamente, boatos já circulam nesse sentido. O Japão teria lançado, há pouco, nuvem de gases venenosos contra os chineses. O grau de deshumanidade desta arma de guerra pode ser medido pelo silêncio em que, a respeito dos gases tóxicos, se conservam os países litigantes até agora — decorridos já quatro anos de luta intensa — sendo certo que de ambos os lados há enorme quantidade de agressivos químicos armazenados à espera da hora do desatino.

Cinco anos antes do início da atual luta, era a Polônia o país melhor aparelhado para a defesa e para a agressão no terreno da química. A Rússia vinha, em ordem decrescente, imediatamente após. A Alemanha, não dando, propositalmente, publicidade aos seus preparativos bélicos em qualquer setor, não pôde, no entanto, ocultar os trabalhos realizados no sentido da defesa coletiva contra ataques aeroquímicos. Está no espírito da raça alemã, notadamente belicosa, atacar sempre e em primeiro lugar; os cuidados com a defesa vêm em segundo plano. Ora, si grandes preparativos de defesa chegaram a ser conhecidos no exterior, é que a parte agressiva já deveria estar pronta no grau máximo de sua potencialidade. A França publicava oficialmente instruções pormenorizadas de defesa individual e coletiva contra os agressivos químicos. A Itália criou uma comissão de defesa ante-aérea e a Inglaterra, votando enormes verbas destinadas a intensificar os estudos do "Chemical Warfare Committee". prestava grande atenção à arma química.

Se os países europeus silenciavam quanto aos preparativos de agressão, o mesmo não fizeram os Estados- Unidos-da-América.

Mais sinceros, fundaram um arsenal de química de guerra, em Edgwood, para o estudo e o aperfeiçoamento dessa nova arma.

Foi aí que, já no fim da grande guerra, o professor de química da Universidade de Nova Orleans e capitão de artilharia, W. Lee Lewis, desenvolveu a preparação do líquido de cheiro de gerânio já conhecido e estudado por Griffin e outros desde 1904 e ao qual foi dado o nome de lewisita (ou levisita).

No açodamento de responder aos alemães com armas ainda mais eficazes, prepararam os laboratórios químicos-militares norte-americanos, sob orientação do professor Lewis, em fins de 1918, cerca de 150 toneladas do líquido por processo em grande parte empírico.

Não havia tempo para maiores estudos: sabia-se que o veneno líquido, marsite, isto é, o triclorureto de arsênico, já empregado como tal na guerra tanto em estado de pureza como misturando ao foscênio ou ao ácido cianídrico, — se fosse agitado com o triclorureto de alumínio em pó e durante a agitação se fizesse chegar à mistura gás acetileno completamente seco, haveria o desenvolvimento de uma reação catalítica exotérmica. Terminada esta, o resíduo teria de ser tratado pelo ácido clorídrico a frio, a-fim-de ser prevenida a explosão durante o aquecimento necessário à destilação final.

Como resultado desta aparecia um líquido incolor, muito denso, de cheiro semelhante ao da flor de gerânio.

A variabilidade de certos característicos físicos indicava tratar-se de uma mistura. De fato, submetido à análise, esta mostrou a existência de 3 tóxicos: o di e o triclorovinil clorarsina e o clorovinildicloroarsina. Para a finalidade de guerra são todos eles "preciosos" e pode ser usada a mistura tal como aparece.

A experimentação biológica demonstrou que, em contacto com a pele, mesmo em quantidade pequena, algumas gotas, não há a princípio reação alguma, nem dor. Somente alguns instantes depois é que a pele se torna vermelha, eritematosa. Nessa fase inicial do ataque, o tóxico líquido já tem começado a dissolver a queratina da camada córnea da epiderme, possibilitando a penetração no interior do tecido. Dissolvida a queratina e alcançada a camada lúcida, nenhuma resistência encontra por parte da eleidina, que também é dissolvida.

Assim, a parte protetora do organismo humano é aniquilada em prazo mais ou menos curto e o tóxico nada mais tem a fazer senão esperar o concurso de outros venenos de origem biológica.

A reconstrução do tecido destruído é lenta, dando tempo ao desenvolvimento de germens saprófitas. Estes, protegidos pela escamação do tegumento destruído, elaboram suas toxinas e terminam o quadro mórbido.

A agressão é traiçoeira: quando a pele acusa reação, tornando-se eritematosa, já o agressivo químico marcha profundamente no tecido epidérmico, fugindo à ação dos antídotos, de nada valendo mesmo a retirada da vítima do ambiente envenenado. De qualquer maneira, o tóxico alcança a fase final de sua terrível atuação, dias, meses depois, tanto mais demoradamente, quanto maiores forem os cuidados de que possa a vítima ser cercada, de vez que a levisita somente prepara o terreno, mas são os germens, os cócos, que executam a sentença de morte.

A quantidade de um dedal do líquido, aproximadamente 1,4 cm³, é capaz de determinar a morte de um homem somente pelo contacto com a pele, sendo necessário que, na assistência aos gasados de levista, usem os enfermeiros luvas próprias.

Este veneno não chegou a ser usado na primeira grande guerra.

Noticiaram os jornais, em épocas posteriores, que o líquido devia ser lançado por meio de aviões providos de tanques e pulverizadores.

Numa antevisão macabra, alguém disse que sobre os exércitos inimigos haveria de cair o orvalho da morte — "the Dew of the Death".

Tomando parte nos comentários jornalísticos de após guerra, escritores alemães deixaram transparecer incredulidade sobre o grau de toxicidade da levisita, atribuindo aos norte-americanos a propagação de cálculos exagerados com relação aos efeitos mortais do "rócio da Morte perfumado de gerânio".

O governo norte-americano, porém, conhecendo melhor a ação do agressivo químico e acreditando na impossibilidade de guerras depois da criação da Liga das Nações, mandou que as 150 toneladas prontas e embarcadas com destino à Europa, fossem jogadas ao mar em lugar bem distante da costa e onde o oceano tem a profundidade de 2.700 metros.

De 1918 a 1943 a química desenvolveu ainda mais os processos sintéticos, de tal modo que já podem os químicos pensar numa determinada substância e logo produzi-la no laboratório; podem corrigir "defeitos" encontrados numa molécula, quer exaltando ou atenuando seus característicos físicos, quer acrescentando-lhe grupos atômicos chamados toxóforos, que a tornam venenosa, ou au-

Romain Rolland e a humanidade futura

Gabriel Tondella

A evocação de Romain Rolland me faz pensar em duas abstrações: o tempo e a vida. "O mesmo não volta, a não ser para trazer o diferente", escreveu certa vez Delboeuf na "Revue Philosophique". A vida é uma série de dissemelhanças. Os ídolos de hoje serão os fantasmas do futuro. Cada época acaricia novos mitos. O homem tem sido apenas a vítima dos "eus sociais". Leopardi, revoltado contra tudo e contra todos, exclamou aos pais de todo o mundo: "Perché di tanto inganni i figli tuoi?".

Romain Rolland com o facho da Poesia na mão. Não da poesia literária dos cânones pré-estabelecidos da métrica. Sua alma jamais poderia ser um aranzel de regras. Foi uma criança grande, encantada pela vida, que brincou com os dados da adversidade. Criou literariamente a linguagem das almas, descobrindo-se no pensamento musical de Beethoven. Não escrevia com modelos clássicos, o seu estilo às vezes tem escarpas. Doutrinava da cátedra das nuvens. Sonhou a idade do ouro, enquanto os outros sonhavam a Idade do Inferno. Procurou compreender o nazismo e morreu num campo de concentração nazista. Odiava a tirania e teve como amigos íntimos, apologistas da violência, como Barrés. Queria ser contemporâneo de Miguel Ângelo e herói da Revolução Francesa. Falava no Paraíso da Paz, como Jesús da sal-

vação dos homens. Era um misto de Rousseau, de Tolstoi, de Beethoven, de Turgueniev. Adorou a Renascença. Não gostava dos labirintos cerebrinos, como Valéry. Não se definiu em escolas literárias. Dizem-no angélico, mas esse angelismo é humanitário e não metafísico. Precursor da literatura popular, ideou o teatro para o povo. Entre ele e um Rilke há um abismo. Humano por excelência, protestou contra tôdas as deshumanidades. O seu Deus era a Humanidade. Não se eliminou, à maneira de Estefan Zweig, porque nunca descreu do homem e da vida. Lutou até o fim. Poderão negar-lhe esta glória?

Quando queria lutar contra os canhões, as fortalezas voadoras, os submarinos pérfidos, evocava os grandes homens e dizia, por exemplo: — "Beethoven me auxiliou na minha luta". Sobre os heróis, exclamava: — "Chamo heróis sómente aqueles que foram grandes de coração". No coração imenso de Romain Rolland podiam abrigar-se tôdas as desgraças do planeta. Morreu velho, é verdade, mas em plena juventude. Não vendeu sua alma aos tiranos vencedores. Deveria ser enterrado de pé. E' o símbolo de uma época. Romain Rolland. . . ensaios são ensaios. . . Eu não quis escrever nenhum estudo profundo sobre você. Sou apenas um anônimo que procura compreendê-lo.

totoxóforos, que aumentam ainda mais o grau mortal, do mesmo modo que se pratica na química das cores com os cromóforos e auxocromos da molécula da anilina.

Qual será atualmente a produção dos laboratórios de agressivos químicos? Em livros aparecidos recentemente há referências a grande número de substâncias preparadas e conservadas mais ou menos em segredo pelos litigantes.

A América-do-Norte prepara o C N S, gás lacrimogênio, muito denso, inativo em presença d'água, bastando 75 centigramas por metro cúbico de ar para matar. A Rússia diz possuir a "Lepra galopante", misto de lepra e de tuberculose, gás corrosivo-grangrenoso, atuando até sobre as pedras, tornando-as friáveis, e sobre a madeira, carbonizando-a. Da Inglaterra vem a notícia de um gás, que, mesmo diluído no ar na proporção de 7 para 10 milhões, produz a morte de animais em um minuto. Po-

de ser transportado em gasogênios próprios, comprimido, e atirado nas cidades. Um só avião do tipo comercial que conduzisse 4 toneladas de gasogênios poderia infetar uma região de 40 quilômetros quadrados, isto é, área maior que a ocupada por Londres.

O Japão fabrica o ácido aceto amino oxifenlarsínico, capaz, quando ingerido, de lesar o cérebro, determinando perda do equilíbrio e da orientação, impossibilitando a marcha. Os alemães fazem referências ao isocianato de cacodila, que fulmina; ao chumbo tetraetilo e ao telurodietilo, cem vezes mais violentos que a estricnina.

Deve, pois, constituir motivo de sérias apreensões para os povos em luta a possível irrupção da guerra química; e o dr. Timbauba da Silva, em seu livro "Guerra Química Total", deixou como ponto final a seguinte frase — Que Deus guarde o Brasil.

Jamais acreditei na Glória. A Glória de certos grandes homens é feita de lágrimas de sangue. E a vida não é mais espetáculo: — é espectadora. E' estranho, mas parece que os homens calaram para as coisas falarem. . . O tempo dos adjetivos já passou. Estamos desnudos perante a vida. A gratidão não existe. Tudo se resume nisto: necessidade, interesse, loucura, sexualidade. . .

Romain Rolland. . . Os ventos levam as palavras. Mas você, digo-o com sinceridade, mais do que Zola, é um minuto da consciência do mundo.

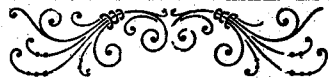
Um dia, não muito remoto, quando os ídolos antigos forem queimados e morrerem os deuses sanguinários e a justiça entronizar-se no coração do povo, você, Romain Rolland, estará vivo no seio dos homens, clamando pela verdadeira Renascença. . .

A GORA compreendo bem o homem providencial que o destino colocou à frente da nacionalidade, e entendendo profundamente a República brasileira que ele fundou. E' o pensamento da lei que me faz vibrar e que me emociona junto aos moços da minha terra, e, sobretudo, junto às vocações jurídicas que se entreambrem. Getúlio Vargas afastou-se das antigas pinacotecas constitucionais, para modelar no barro plástico das realidades. Veio das fronteiras do sul para o centro do país. Sentou-se à mesa do operariado. Chamou a juventude. Teve sede das caatingas. Foi olhar os índios. Conversou com as populações e as elites. Fez da Amazônia uma tribuna para as multidões do Norte no discurso profético do grande rio. Cruzou todos os meridianos e quer igualar, para cima, a terra e o homem. Está elevando todos os vales. O do Amazonas, com a borracha. O do São Francisco, com a colonização. O do Rio Doce, com o ferro. O do Paraíba, com as matérias primas e as indústrias. — Alexandre Marcondes Filho.

A atitude do Presidente Getúlio Vargas, no dia 10 de Novembro, foi a dos grandes, dos autênticos homens de Estado, nas horas agudas da história. Tomou a perigosa decisão de mudar o rumo dos acontecimentos, a decisão revolucionária de substituir a crise pelo ideal. E por esse ideal, o ideal do Brasil vencedor de tôdas as dificuldades e riscos, rompeu o caminho, com fé, com energia e com a disposição de aceitar os sacrifícios que se oferecessem. Tal chefe merece a veneração do seu povo. GUSTAVO CA-PANEMA.

Dom Bosco em Goiânia

Pe. Antônio Wasik



Um dos mais belos prédios de Goiânia, um dos ornamentos urbanísticos da Capital Caçula, é sem dúvida o Ginásio e o Santuário "D. Bosco", erigido em curto lapso de tempo ao lado do aprazível Bosque dos Buritis. Este soberbo prédio, com suas linhas arquitetônicas modernas, unido ao Santuário, que fere o azul dos céus com a sua massiça torre, chama à mente a empolgante figura de D. Bosco.

Como para a conversão do mundo pagão Deus serviu-se de instrumentos mais ineptos, dos simples pescadores da Galiléa, da mesma maneira, para a regeneração e recristianização da juventude e da sociedade, Deus serviu-se dum simples pastorzinho de Bechi, pobre, falto de meios materiais, a quem nós chamamos com o nome de S. João Bosco.

Precisamente no ano 1815, quando se eclipsava a estrêla efêmera de Napoleão Bonaparte, quando o Grande Corso seguia o caminho de exílio a Santa Helena, no mesmo ano, raiava uma nova estrêla no firmamento da Igreja: nascia S. João Bosco, cujo astro acendeu sem jamais se apagar porque a glória dos santos, porque a estrêla dos heróis de Cristo é eterna, como Deus é eterno.

Aos dias 31 de janeiro, ocorre a festa litúrgica de D. Bosco. O dia da morte para os santos não é um dia de tristeza e de luto, antes é o dia de triunfo e exaltação. Os heróis do cristianismo morrem, para viverem eternamente na pátria celeste. Passam dêste vale de lágrimas para uma vida melhor. Assim se deu com D. Bosco. No dia 31 de janeiro os sinos de Turim, em tristes acordes, em dobres plangentes, bimbahavam pela perda do Pai, Guia e Protetor da juventude; anos depois, em abril de 1934, os sinos do Vaticano a-

nunciavam "urbi et orbi", a máxima exaltação do servo de Deus, por entre os fulgores da radiosa Páscoa, a qual foi chamada "A Páscoa Salesiana". No dia da maior festa da Cristandade, o grande e saudoso Papa Pio XI, que conheceu pessoalmente a D. Bosco, que o beatificou e canonizou no dia da Páscoa, rezou a Missa do Santo recém-canonicado.

Os poetas possuem a sua musa, os grandes homens a sua inspiradora. Qual foi a Musa dêsse poeta dos corações juvenis? Qual foi a inspiradora dêsse gigante do Trabalho? Não sabeis? Foi a VIRGEM AUXILIADORA! Criatura celestial, digna do pincel de Murillo ou Miguel Angelo, com o Divino-Infante no braço, o diadema a cingir-lhe a fronte, o cetro real na dextra e o meigo sorriso nos lábios, — tal como a encontramos nas Igrejas e capelas dos Colégios salesianos — essa foi a Divina Musa — essa foi a celeste Inspiradora de D. Bosco.

Quantas vezes não lhe apareceu a partir dos verdes anos infantis? Quantas vezes não lhe falou dando ordens, avisos e indicações relativas à educação da juventude e à obra social... Ele, o moderno taumaturgo, a cada passo, a cada instante fazia os prodígios, realizava os milagres pela intercessão de Maria Auxiliadora. A grandeza de D. Bosco podemos medir e avaliar pela confiança e pela filial devoção a esta Divina Musa, a esta celeste Inspiradora. O que Maria Auxiliadora foi para o Pai e Fundador continua sê-lo para os Salesianos.

A D. Bosco agrada o perfil moral de S. Francisco de Sales. Encanta-o essa fortaleza aliada à suavidade, doçura e mansidão do grande Bispo de Genebra. D. Bosco quer reproduzi-lo não somente em própria pessoa, mas

perpetuar a figura moral de Sales através dos séculos. Portanto, funda a Congregação, que chamará Salesiana, congrega em torno de si, alunos, depois filhos espirituais, cujo nome oficial soarà sempre: SALESIANOS!

Inspirado nos feitos dos apóstolos, copiando o zêlo do melífluu Bispo de Genebra, toma como lema para si e para sua Congregação a seguinte divisa: Da mihi animas et coetera tolle! — Dai-me as almas e levai o resto!

O Papa Pio XI disse que Deus galardoou a Dom Bosco um coração imenso, com que êle abrangia todo o mundo (latitudinem cordis). Foi por isto que Dom Bosco mandou os seus filhos para levarem o archote da fé aos índios da Patagônia, Terra de Fogo, aos Iroquezes, Borôros, Tucanos e outras tribus da América do Sul, através de tais argonautas da fé como: Cagliero, Fagnano, Costamagna, Lasagna, Malan, Massa, etc., que a Igreja distinguiu com elevadas dignidades eclesiásticas.

Dom Bosco fundou escolas profissionais e agrícolas, fundou colégios, ginásios e orfanatos, ideou os oratórios festivos, erigiu três Igrejas e duas Basílicas — então o coração do santo transbordava de gratidão para com a sua Musa Celeste. E não se conteve até que ideou, até que lançou as primeiras bases duma Congregação irmã dos salesianos, fundando o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora", que conforme as suas próprias palavras deve ser "Um hino perene de gratidão a Maria Auxiliadora" por todos os favores ou, em outras palavras, esta providencial instituição se me afigura como uma lâmpada votiva, acesa por Dom Bosco, a arder diante da celestial Inspiradora, iluminando e dirigindo os passos da juventude feminina, para a regeneração da família, da socie-

Lenda Goiana

José de Faria Ribeiro

José de Faria Ribeiro

O famoso guerreiro Araruna, depois de derrotar as tribus que lhe tolhiam a passagem da Amazônia ao espigão central de Pindorama, chegou afinal um dia às vertentes mais altas das bacias do Araguaia, Tocantins e Paraná.

Mal sabia êle que estava no coração do Brasil. Como estivesse resolvido a formar sua taba, procurou amizade com os vizinhos, onde certo dia foi surpreendido pela linda Goiandira, que, portadora de uma beleza rara, semeou na alma do valente Araruna, o sonho de uma vida em comum.

Realizou-se a união dos dois com o ritual do estilo, e Goiandira foi ser rainha da taba do Imperador do Planalto.

Cinco luas já haviam passado, sem que o idílio dos dois amouros houvesse sido perturbado, mas quando passava pelo cérebro da bela índia a lembrança de que iria ser mãe, começou a mesma a perguntar a si mesma se a sua felicidade não viria a ser perturbada por alguma surpresa, que pudesse desmantelar aquele paraíso encantado.

dade, para a elevação da mulher.

D. Bosco, o santo moderno, como foi chamado, acompanhou o espírito do tempo, e, ao lado da Eucaristia, ao lado da devoção à Virgem-Mãe, ergue o facho da devoção ao Sagrado Coração de Jesús e lá na Cidade Eterna, sobre as ruínas pagãs do Castro Pretório, ergue o templo votivo ergue a Basílica do Sagrado Coração de Jesús, o Senhor dos corações, o rei dos lares, de quem tanto precisa o mundo moderno todo convulsionado.

Ainda uma faceta muito importante da vida do santo, forma a sua devoção ao Papa, ao Representante de Jesús cá na terra. Poucos santos tiveram tanto respeito, tanto amor, tanta devoção ao Papa como D. Bosco. Falava com os Papas sempre de joelhos e nos momentos críticos e difíceis D. Bosco era chamado e sempre era consultado, mormente pelo Papa Pio IX.

Era Tupá que lhe transmitia êsse presságio.

Não passou outra lua e certa noite chegou à taba de Araruna, um mensageiro da taba do pai de Goiandira, para avisá-lo que na margem esquerda do Paranaíba, a vinte sóis de distância, estava acampado um exército de guerreiros que ameaçavam conquistar a nação Goitacaz.

Era Anhanguera.

E até ao amanhecer, rufaram os tambores de guerra chamando os guerreiros, que se apressavam a chegar.

Goiandira não sufocava o sentimento de perceber a sua felicidade perturbada e ao mesmo tempo se orgulhava ao ver o seu senhor e companheiro, com as mais altas insígnias dos guerreiros de sua nação.

Araruna entrou na maloca e, antes de despedir-se de Goiandira, quebrou um tacape que existia dependurado no tapume de palha, e tirou de dentro do mesmo um pequeno envólucro de imbirá. Entregou-o à sua companheira e disse-lhe: "Pode ser que eu não volte da guerra e por isso vou confiar-te um segredo.

Quando o último pagé, que era meu pai, pressentiu a morte, lá nas margens do Amazonas, me chamou e me entregou umas sementes que encontrarás aqui.

Disse-me que seus ascendentes as haviam guardado, desde o outro lado onde a terra é mais estreita, e os grandes lagos quasi se tocam no Panamá.

Disse-me que as desse à mulher que eu mais amasse e que esta deveria plantá-las quando pressentisse o sinal de ser mãe, para que das folhas de tal planta fizesse o leito onde deveria repousar o fruto de um grande amor, pois não só serviria para afugentar os insetos, como também o preservaria de muitas doenças.

Disse-me ainda que a terra que viesse a receber as primeiras sementes da planta destinada a fornecer folhas para a cama da creatura predestinada produziria pela Eternidade um produto tão diferente, que chamaria a atenção de tôdas as tribus da terra".

Araruna partiu, deixando ali o coração despedaçado e Goiandira ficou com a alma torturada, não se esquecendo, no entanto, de plantar as sementes que o seu bem-amado lhe havia entregue e também, tôdas as noites de pleni-

lúnio, ajoelhar em frente a Rudá e pedir-lhe que não deixasse o guerreiro branco roubar a vida ao pai do fruto que guardava no seu corpo de estátua grega.

Algumas luas se passaram e na taba de Araruna, certa noite, escutou-se o vagido de um goitacaz que, pela conformação física, surpreendeu o Pagé da tribu, que o batizou com o nome de Goiaz.

Perto do regato crescia a planta filha das sementes que o velho Pagé havia entregado ao filho antes de morrer.

Goiandira olhava - a extasiada todos os dias, procurando mitigar as saudades do bem-amado, quando notava os colibrís sugando o mel das flores e ao mesmo tempo observava se o amarelo das folhas já permitia a colheita destinada ao ninho do pequenino Goiaz.

As folhas ficaram de boa colheita.

Da guerra não houve mais notícias.

O filho de um curto, mas grande amor, esbracejava na maciez de um presépio de folhas perfumosas.

Dezoito vezes o Ipé soltou flores roxas, qual luto da formosa apaixonada, que jamais viu em homem algum uma pequena semelhança com o seu querido Araruna.

Só quando o homem branco se veio aproximando do planalto é que Goiandira percebeu que o seu companheiro idolatrado não existia mais.

E, soluçando, aproximou-se do filho e disse-lhe:

"Parte, filho do guerreiro mais forte dos goitacazes, e leva pelas colinas que seguem ao sul as sementes da planta cheirosa, para que, pela Eternidade, fique perfumado o solo que Araruna pretendeu defender com a vida.

Pelas colinas do espigão do Corumbá, Meia-Ponte e Rio-dos-Bois rescende o aroma inconfundível do fumo Goitacaz.

E lá no planalto, em noites de plenilúnio, vê-se, de quando em vez, o vulto de uma mulher formosa, em prece a Rudá, implorando a esta a defesa do seu bem-amado das tiranias do homem branco.

○ GOLPE de 10 de novembro de 1937 foi o ato de consagração nacional do Presidente Getúlio Vargas. Depois da laboriosa evolução do ambiente brasileiro, preparado cada cidadão para tirar por si as conclusões sobre a imperativa necessidade de uma transformação do sistema político, o Presidente agiu com firmeza, já então como executor natural das aspirações populares mais nobres e progressistas. — **Alfredo Pessoa.**

O Educandário “Afrânio de Azevedo”



Vista do edifício do Preventório “Afrânio de Azevedo”

“Oeste” focaliza hoje, em prosseguimento à série de reportagens especiais iniciada num de seus últimos números, o Educandário “Afrânio de Azevedo”. Significa com isso que a nossa revista vai apresentar aos seus leitores um aspecto desta cidade nova que se levantou em pleno sertão brasileiro. É verdade e profundamente real esta afirmativa porque naquele estabelecimento hospitalar ou de assistência social vive a cidade um dos dramas mais íntimos de sua pequena existência.

Eram 16 horas. O sol já rumava para o declínio. O repórter imaginou que era uma hora muito própria para visitar as criancinhas do Educandário “Afrânio de Azevedo”. E não poupou tempo. Chamou o fotógrafo, entrou num automóvel e seguiu para aquela colina afastada do centro da cidade, lá bem longe, perto do bairro de Campinas. Pouco tempo depois, eis que estávamos todos — o repórter e o fotógrafo rodeados por pequeninas crianças entregues aos cuidados de senhoras bondosas de nossa sociedade e sob a proteção da Sociedade de Assistência aos Lázarus e Defesa contra a Lepra. O quadro, então, encerrava uma magnitude admirável. Ali estava a presença de espírito da caridade humana, da solidariedade, do consólio maternal, de tudo enfim que possa parecer com os ensinamentos prégados pelo Cristo quando de suas peregrinações pela Judéia.

O Educandário “Afrânio de Azevedo” é uma pequena congregação de pobreza e de bondade. São pobres as crianças que nele estão

abrigadas e são bondosas as pessoas que delas cuidam com carinho e abnegação. Se nos permitirem uma digressão ligeira, diremos que todo aquele conjunto de abnegação e de solidariedade nos faz lembrar logo as histórias da vida do padre Damião, do padre Flammagan, de Edith Cawell e de outras figuras que hoje enchem as páginas mais belas do livro da humanidade. Sim, o Educandário “Afrânio de Azevedo” é uma continuação desses admiráveis capítulos da história escrita pelos baluartes humanos que mitigam a sede do próximo, aliviam os seus sofrimentos, dão-lhe pão, comida e agasalho . . .

Cerca de 200 crianças vivem naquele edifício que se ergue ao alto da colina que está situada ao norte de Goiânia. Todas elas têm um regime especial. Levantam-se cedo, tomam o café, vão à escola, brincam, almoçam, passeiam pelos bosques próximos, trabalham, descansam, jantam, ouvem histórias de príncipes e rainhas e, afinal, antes das 20 horas, dormem sossegadas, após um dia intenso de atividade. Eis um pequeno resumo da vida interna do Educandário “Afrânio de Azevedo”.

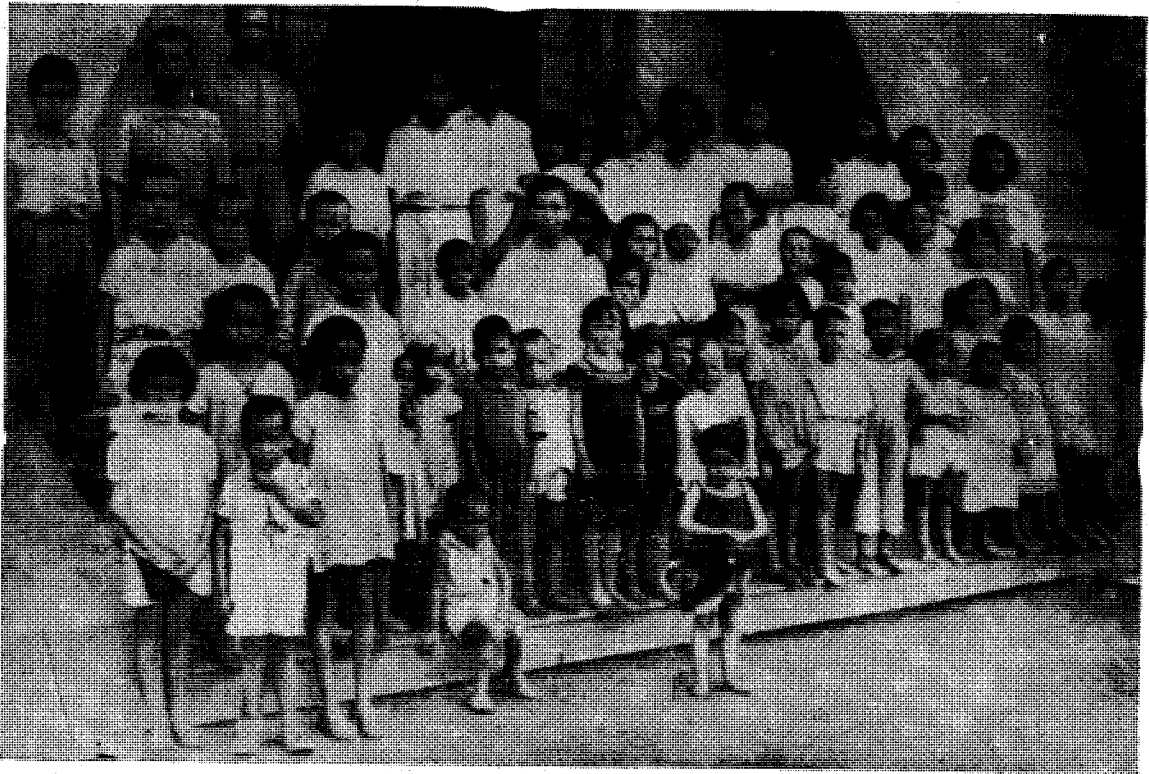
A dr^a. Maria de Lourdes Moraes é a responsável pela clínica das crianças. O dr. Mário Purri, leprólogo que dirige a Colônia Santa-Marta, cuida dos internados com desvelo e carinho, examinando-os quinzenalmente, de acordo com as necessidades de cada um. Tudo que se faz no Educandário “Afrânio de Azevedo”, com rela-

Um trabalho verdadeiramente filantrópico — O carinho e o zelo dispensados à criança nascida de pais leprosos — Um exemplo de trabalho e organização.

ção às crianças, é com permissão explícita desses dois médicos especialistas, inclusive o sistema de alimentação diário.

Há uma figura que se projeta em todas as direções do Educandário “Afrânio de Azevedo”: é a da sra. Ione Guimarães, esposa de um dos obreiros da construção de Goiânia — na frase do Interventor Pedro Ludovico — que é o dr. Carlos de Freitas. Ela dirige com firmeza e absoluta convicção o Educandário, dita ordens, guia com solicitude e carinho as crianças, que a obedecem religiosamente. O povo local já acostumou a ver dr^a. Ione correndo à pressa, trabalhando pelo Educandário, fazendo compras, pedindo donativos, promovendo festivais, solicitando tudo enfim que seja para o benefício das criancinhas que ali vivem sob o cuidado de mulheres dedicadas.

Dissemos acima que a cidade tem no Educandário “Afrânio de Azevedo” um dos seus mais íntimos dramas. E é verdade. O drama tem o seu fundo social e assume proporções de grandeza humana. É o drama retrato da psicologia da mulher goiana entregue à obra de caridade cristã, ao serviço da sociedade e da própria civilização, sem interesse ou vantagens pecuniárias. Por isso a cidade deve olhar sempre com carinho e respeito aquela colina localizada no norte da capital, onde se ergue o edifício do Educandário “Afrânio de Azevedo”.



Aspecto da maioria da população infantil que recebe assistência no Preventório "Afrânio de Azevedo"

QUE VIRÁ DEPOIS ?

Anderson Horta

Estudando atentamente a história da humanidade, mesmo sem idéias preconcebidas ou métodos pedantescos, duas cousas ressaltam aos nossos olhos: — as fontes tradicionais de valor e as coordenadas da crença uniforme. E então, não nos será difícil perceber a importância que esses dois fenômenos, por demais complexos, representam no campo da cultura, ou melhor, da civilização.

Conclue-se daí que eles existem em função da História, de maneira que o gráfico do progresso oscila ao sabor de sua influência.

E assim, torna-se-nos fácil compreender perfeitamente a estabilidade dos povos, os momentos de crise, as transformações e o ciclo contínuo e muita vez lento das diversas modificações político-sociais. E' a geografia no tempo. E' o climax da História. E' o drama da humanidade, a um tempo desempenhado e assistido pelos próprios protagonistas.

Com efeito, tal não escapou aos mais atilados espíritos da antiguidade, assim como muito se tem salientado aos olhos de nossos modernos observadores. Momentos exis-

tem na História em que os mais poderosos e oportunos fatores de fixidez, de homogeneidade e unificação, enfim, não são devidamente aproveitados e nem tão pouco dirigidos pelos homens capazes de fazê-lo. Os motivos ? Aí depende de ter ou não havido oportunidade, porque ou o clima histórico não estava maduro, ou os frutos do pensamento universal estavam ainda embrionários. Em compensação, felizmente talvez, momentos existem em que o caldo da História e as idéias-líderes do pensamento universal se concentram em determinado empreendimento. Damos para exemplo, na antiguidade, o Cristianismo. E na idade contemporânea, o Socialismo.

Aquele, como fonte tradicional de valor e como crença uniforme, radicalmente revolucionário, como nem poderia ter deixado de ser, deu ao mundo o espetáculo assombroso de seu advento. Foi o farol poderoso nas trevas do sentimento ocidental. Foi a flor maravilhosa que surgiu na terrível amazônia dos povos. Foi a ordem no coração do caos e da anarquia. Foi tudo, enfim, que faltava à velha ordem moribunda. A ordem, subver-

teu-a por completo. Fixou-se. Progrediu.

Entretanto, nem mesmo com o poder extraordinário dos Papas, na idade Média, teve força ou inspiração de realizar a unificação dos espíritos ou, quando menos, traçar e seguir o plano de uma evolução mais ou menos uniforme e coerente.

E tudo ele possuía para tão grande e natural empreendimento, de vez que possuía o maior poder do universo, baseado no sofrimento universal ! Mas, os cismas, o excesso de poder mal dirigido, a praga dos séculos, que é a velha rotina, e um vasto complexo de causas, de vasta e atual repercussão, lhe atravancaram o caminho, adiando para outros momentos a linda oportunidade que deixou escapar . . .

A outra, o Socialismo, vemo-lo ainda no berço, não comportando, pois, afirmativas.

Com efeito, que se poderá afirmar desse fator contemporâneo ? Será oportuno, coerente, homogêneo e bem intencionado ? Será o que as outras forças não foram no plano uniforme da História ? Eis aí que tôdas as afirmações são perigosas, para não dizer desleais e impertinentes. E quem afirmar nesse terreno, de qualquer forma, não é superior.

Entretanto, foi possível adivinhar Napoleão Bonaparte e vislumbrar, nos horizontes conturbados da civilização brasileira, o glo-

rioso movimento de 30. Mas, para tanto, é preciso saber ler na cartilha da História. E ela apresenta tantos pontos difíceis aos alunos incautos!

Comparando ambas as forças, seus antecedentes, seu nascimento, lutas, prosseguimento, atualidade e determinação histórica, nós ficaremos assombrados com a identidade dos fenômenos! Mas tudo isso num plano superior, é claro, porque logicamente um e outro fenômeno participam do berço comum: a angústia da humanidade e o sofrimento universal. Quanto ao mais, tudo são hipóteses.

Não foi à toa que o filósofo contemporâneo se impressionou com a quebra dos padrões, na "Decadência do Ocidente".

A Grande Guerra veio mesmo à propósito. Trouxe a morte dos preconceitos e o túmulo das crenças. Confundiu os homens e matou as idéias. Elas, porém, não morreram estupidamente: morreram como os mundos que se chocam: fragmentando-se, multiplicando-se e transformando-se.

Depois, era natural que o mundo esperasse ansioso a substituição. Mas só apareceu o deserto. Entretanto, não é bem o deserto que David Daiches apregoa, pois tudo indica que estamos em franca transição. E a transição não é o deserto. A transição é o caos!

Mas o caos só é deserto em relação à ordem. Quanto ao mais será, antes, um mundo novo, poderoso e vasto, prenhe dos mais heterogêneos e exclusivos complexos. E esses complexos são o resumo dos grandes sonhos da humanidade, dos choques recíprocos e das idéias-fôrças, que aguardam, apenas, a voz de comando do ordenador do caos.

Nessa altura, relanceando os olhos sobre o panorama político-social de nossa querida Pátria, depara-se-nos um espetáculo inédito e confortador. E então seria como se mirássemos o plano de uma nebulosa imensurável, em cujo seio apenas dois ou três pontos brilhassem. Seria a gradativa formação das estrelas, a mecânica da ordem no coração do caos e da anarquia!

Efetivamente, quando o Presidente Vargas assumiu o supremo comando da nação brasileira, o país estava à beira da anarquia. Em 37, si não fossem seu pulso de ferro e atitude decidida e patriótica, talvez que o germe da desagregação tivesse corrompido o edifício da própria nacionalidade. E atualmente, nos dias enlutados dessa terrível carnificina, o Brasil é como aquela estrela nova que se destaca da nebulosa irreduzível, é um sonho maravilhoso dentro do pesadelo universal! Haja vista o

tino que demonstrou na escolha de seus imediatos colaboradores, salientando-se entre todos, a figura mácula de Pedro Ludovico Teixeira, Interventor neste Estado.

Getúlio Vargas está para o Brasil assim como Pedro Ludovico está para Goiás. De maneira que, em extensão, guardadas as devidas proporções, a intensidade de sua política é a mesma que vem animando o vasto organismo da nação brasileira. Eis, pois, o segrêdo do Brasil atual: ter um chefe sob cuja voz de comando trabalham seus ilustres colaboradores. É a política da Verdade, do Trabalho, do Patriotismo, da Sinceridade e das Intensões Retilíneas. Eis aí, pois, que a voz de comando é o Estado-Novo, e o ordenador é o Presidente Getúlio Vargas.

Ficamos, pois, em evidência no grande parêntesis da inqgnita universal. Temos a voz de comando e o poder consciente. Já não somos ridículas quimeras na caldeira das explosões inconcientes. Somos a força dirigida. Somos o Brasil unido e forte! Naturalmente que o Brasil não ficou impassível à onda avassaladora de renovação social que os povos cultos experimentam, pois somos um elo considerável na corrente dos pensamentos elevados. As novas aspirações político-sociais, a quebra do espírito acadêmico e o advento do modernismo literário, modificaram as fontes tradicionais de valor e as coordenadas da crença uniforme. Entretanto, como um livro imenso, o Brasil-novo se apresenta aos olhos de quem tenha capacidade para lê-lo. E não será difícil compreender que essas modificações se resumem em um simples gráfico: confiança nos dirigentes da Pátria, espírito de renúncia e de cooperação e fé nos destinos da Nacionalidade! Com essas fontes e com essas novas coordenadas, o Brasil iniciou, dentro do Estado-Nacional, a grande jornada do Progresso e da Vitória!

Mas . . . que irá pelo mundo? Qual será a voz de comando? E quem será o ordenador?

E uma voz, perguntando, nos responde:

"Que virá depois?"

RELATÓRIO DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Recebemos do sr. Belarmino Cruvinel, membro do Conselho Administrativo do Estado, uma "plaquette", contendo os relatórios apresentados pelo Presidente daquele sodalício, sr. Paulo Augusto de Figueiredo, ao sr. Ministro da Justiça, e referentes às atividades daquela Casa, durante os anos de 1941 e 1942.

Por êsse trabalho, magnificamente impresso pela Imprensa Oficial, constatamos o quão tem sido benéfica à administração a conduta política do Conselho Administrativo, dado o volume e a importância dos estudos nele realizados pelos conselheiros, que se demonstram, assim, autores silenciosos de uma grande obra administrativa.

Resumindo, podemos dizer que a leitura dos relatórios em apreço positiva, de modo irretorquível, como andou certo o sr. Presidente da República ao criar os Conselhos Administrativos, órgãos que vieram substituir com inegável proveito, as antigas câmaras de deputados.

Gratos pela remessa do exemplar.

O ESTADO NACIONAL, idealização e criação do presidente Getúlio Vargas, posto em marcha no Brasil, no meio das flutuações de toda sorte do momento histórico instado e traído pelas correntes políticas mais divergentes, num ambiente de antagonismos acirrados, foi a fórmula sábia, a única apta a capacitar o Brasil de sua missão histórica, que se molda na índole ordeira de seu povo, no seu caráter ainda não contagiado, na sua vontade inquebrantável — **Gomes de Moura**.

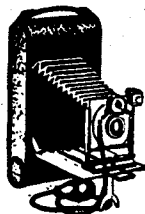


Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

Dois
poemas
de
José
da
Rua

Poema sem nome

Há uma noite imunda
Noite suja
Que Deus esqueceu para sempre
Sombra de minha alma.

Há uma pessoa cansada
Alguém sem rumo alguém
pedindo so-cor-ro mas seu grito
é sempre inútil porque as outras vozes alegres
esparzem o rumor,
indistinguem a voz que é minha e que não suportará
mais o organismo exausto —
alguém que passou a vida até aqui
“não sabendo porque os homens são trágicos”
os homens lembrando infâncias que não tiveram
a vida foi-lhes muito má para ter infâncias . . .

Alguém mudo, de olhos amargos,
Alguém que conheceu mulheres
Alguém que teve notícias de muitas alegrias sem nomes
— êsse alguém sou eu . . .
Alguém que sonhou um dia amar
— pois sonhei um dia amar . . .

Alguém cuja alma escura reconheceu na transparência lúcida
de Guiomar que ela seria para sempre essa mulher tranquila
jogada no disparate da vida sem ao menos sequer revoltar-se
ou pedir a Deus que lhe desse vida melhor que a sua estava
por demais medonha —

a Guima ou Guiomar que recebeu a morte sem medo
pois foi uma mulher que morreu muitas vezes consigo mesma.

Eu me cansei de pensar que a vida
não seria mais um dia . . .
Guiomar, me explique !
Você nasceu pequenina foi moça
Me perdoa o aço de minhas palavras
que elas te respeitam !
mas você foi embora e não fala mais nada.
Eu estou aqui e te esperarei nesta enxurrada
que há muito tempo a minha vida é uma noite
de minutos lentos
de minutos lentos
lentos enxurros que a noite esqueceu
vorazes, duros — sujos enxurros
que a noite esqueceu dentro de minha alma.

Poema patético

Alí está o homem de smoking
Gravata azul, cravo azul na lapela.
Está satisfeito e fuma charuto.
Atrás dêle não há mosquitos.

Os homens de trajes a rigor são muito sérios para serem
atormentados por mosquitos
No entanto êle seria capaz de escrever esta frase:

“Quando eu morrer, vocês morrerão comigo,
porque senão eu morrerrei de medo . . .”

Mas o homem de smoking não morrerá.
Os homens de trajes a rigor são muito sérios para
serem atormentados pela morte.

O Negro Tobias

(De Vitória Helena)

Foi na fazenda S.-Domingos. O sol dobrara a esquina do meio-ida.

A frescura da casa do monjolo convidava à sesta. A água cristalina do rêgo musicava o ambiente. O moinho e o monjolo de um e outro lado, trabalhavam.

Arrancháramos ali, Maria, João, Chico, Bertolina e eu. De repente, surge o Tobias. Nas pontas dos pés veiu chegando, sorrateiro. Teria uns noventa anos, mas nenhuma rúga lhe sulcava o rosto magro. Só a pela lhe grudara aos ossos, mumificada pelo tempo. Ficara-lhe a beicorra caída, que aos antropófagos daria dois bons bifes...

A carapinha cortada rente era níveo contraste com o pixe de sua tez. Cara, barba e sobranceiras pareciam traços e sombras caricaturais, desenhados a giz num quadro negro.

Comprido cigarro de palha espremia-se entre as têmporas e a orelha enorme. Suas roupas estavam limpas. Vestia camisa de cretone branco aberta ao peito, onde se lhe dependuravam ao pescoço as bugigangas, smuletos, espantam feitiço e máu olhado...

A manga do braço direito, arregaçada até o cotovelo, contrastava com a do outro, descida até o punho desabotoado.

O pé caloso e rachado, de dedos arreganhados, estava descalço.

A calça de ganga anilada era presa aos tornozelos por elástico, à moda dos ciclistas, e, em cima, por um cinturão de couro cru. Dêste, pendia, luzindo fora da bainha, o cabo metálico de um facão jacaré. Em volta da cintura via-se a correia com que pearia a leitôa, para levá-la aos ombros de regresso à casa. Fôra justamente para isto que chegara até à fazenda.

Irradiava daquela creatura modesta um ar sobranceiro que impressionava a gente.

— Buas tarde, dona, foi logo dizendo.

— Bôa tarde, respondi. Vamos conversar também. Qual é o seu nome?

— Eu me chamo Tobias Fidelis Calixto, falou e sentou-se cruzando as pernas, decidido...

E continuou, desembaraçado:

— Eu num tenho pronúncia, mas de quarqué geito eu pruseio. Vancê sabe, quanto mais se veve mais se aprende. Eu tomém já fui marinheiro de premêra viaje. Qué vê? Pois iscuíta o qui vô contá...

O macróbio limpou a guela, cuspinhou de banda, acendeu o pito, provou duas fumaçadas e deu comêço à história:

— Sim — sinhô e sim — sinhora, dona, num tira pedaço de ninguém. Hoje, ao dispois do qui me cunteceu, eu chamo de dona todo o mundo, seja véia ou seja moça. Entonce, não me fartou mais nem pouso e nem comida.

Tobias contou então como vira à janela de uma casa pintada de fresco uma cabrita a quem perguntara pela dona da moradia. A mulher, onça da vida, respondera-lhe que não tinha patrôa, que era ela própria a senhora da casa.

— Entonce, dona, arrematou na sua linguagem típica — eu qui nem havia apiado da besta, maginei qui clá ia me sapecá fogo. Foi memo qui garôa na binga, amassou a tampa e furou intê o fundo... Ispuriei o punha e êle saú qui saú cum seladô cumprido. Nunca mais vortei praque-las bandas, mas aprendí, dona. Quem num trupica num cái...

Como se calasse, insisti para que contasse outro caso. A prosa do negro me interessava.

Acendeu novamente o cigarro e, satisfeito, prosseguiu:

— Dona, eu cunhicí uma muiê faladera tuda vida. Era ansim: quando cabava de falá dos ôtro, prinspiava a falá de vancê; quando cabava de falá de vancê, prinspiava a falá dela memo; quando cabava de falá dela memo, prinspiava a falá de Deus.

Tobias, gesticulando, mostrava os poucos dentes finos num sorriso sábio.

Narrou-me, então, como a conhe-cera.

Fôra à sua casa “lambê umas taboca” quando ela veiu para junto dêle meter a tesoura no mundo.

Ao ouvi-la, na sua alma simples de sertanejo nasceu uma revolta contra aquela desbocada.

— Eu virei pra ela, dona, e pringuntei: — iscuíta, o anzole é torto ou é direito. — Ela respondeu pra mim qui era torto. Eu falei qui era direito. Nóis fiquêmo ansim num bate bôca intê qui eu rematei:—ôia, se o anzole fosse torto, num pegava os peixe. O direito do anzole é sê torto... — Chi! dona, a muiê ficou braba qui neim cascavé quando chocáia. Ainda hoje ela magina qui eu só o capeta em pessoa...

Encantava-me a filosofia primitiva daquele homem. Vendo que se levantava para ir-se embora, pedí-lhe que ficasse mais um pouco.

— Num sinhora, respondeu, eu pudia já tá no meu sirviço e vancê tá me trapaíando. Perciso fazê pru seu Pacífico dois pilão de monjolo. Dois é certeza treis é na dúvida

— Escute, insisti, quero escrever suas histórias. Conte-me ao menos mais uma.

Numa risadinha crítica, retorquiu:

— Quá, dona, vancê bamburrou dessa veis. A premêra enchente le-va o cisco manêro; dispois inchumba, fica moiado e vai incorano...

E irrevogável, pedindo “cum licença, dona”, foi pondo-se ao largo, ligeiro e sem ruído como viera.

Vi-o ainda na curva da estrada. Lá se ia orgulhoso no seu andar gingador de sertanejo.

Vocabulário:

“Amassar a tampa e furar intê o fundo” significa “ficar desapontado”.

Num tenho pronúncia — “não ter instrução.

“Sair cum seladô cumprido — “animal que saí em disparada”.

“Lambê taboca — tecer jacá”.

“A sinhora bamburrou — “a se nhora saú lograda”.

“Dispois inchumba — “depois fica pesado”.

Mensagem dos intelectuais goianos ao Presidente Vargas

Em o nosso número de novembro, noticiando que o sr. presidente do Conselho Administrativo do Estado, dr. Paulo Augusto de Figueiredo, seria portador de uma mensagem de solidariedade e confiança dos intelectuais goianos ao Presidente Getúlio Vargas, dissemos que o trabalho artístico, constando de uma bela alegoria sôbre a marcha para oeste, da aludida mensagem, era de autoria do sr. Américo Pontes. Trata-se de um engano, que vimos, aqui, retificar. O desenho é de autoria do ilustre arquiteto, dr. José Neddermeyer, artista de largos méritos, altamente conceituado. O trabalho do sr. Américo Pontes, aliás muito bem feito, também, consistiu no desenho das letras do texto da mensagem.

Aquí fica a retificação, com os pedidos de desculpas ao prezado amigo dr. José Neddermeyer pelo equívoco.

ECONOMIA RURAL

ZOROASTRO ARTIAGA

Tôdas as fortunas do Brasil Central foram feitas à custa da pecuária, ou dos ramos de vida, negócios e especulações relacionados com o gado.

As indústrias, mesmo as dependentes da lavoura como da criação, dão, apenas, para uma relativa folga financeira, isto devido à fatalidade das distâncias dos grandes mercados.

Em Uberaba, por exemplo, os grandes capitalistas vieram todos das granjas de gado fino.

No Sudoeste, da criação de gado comercial para boiadas, e muitas foram adquiridas com a engorda, ou simples éra, que constitue um dos melhores meios de ganhar bastante.

Por ser isto uma verdade notória, devemos ter o maior carinho com as fontes de produção, zelo imenso com a pecuária, a exemplo do que faz o Triângulo.

Tais riquezas oriundas dessas atividades ruralistas, neste Estado, poderiam ser maiores, para o bem público e para o bem do próprio Estado, porque, cada fazendeiro é célula do todo, e seu bem-estar é o bem-estar geral de toda a classe.

A prova disto é que, quando o gado entra em crise, tudo o mais se desorganiza.

O êxito aqui provém, geralmente, do bom emprêgo da inteligência, e dos métodos de negócio, tanto assim que os fazendeiros e invernistas já compreenderam a necessidade de se organizarem em classe, para se defenderem das organizações que levam os seus melhores lucros.

Essas associações visam, primeiramente, a seleção dos rebanhos, depois a fixação de zonas de preferência para determinadas raças, de vez que o Indubrasil foi um estímulo, e não devemos ficar com a vitória das primeiras tentativas e a assistência e a orientação do criador, apontando-lhe os erros em que pode incorrer, induzido por falsos técnicos, com prejuízos para a sua economia e para a economia geral.

Visam assistência, proteção financeira, num ambiente de solida-

riedade, de cooperação, de confiança, de que é modêlo o projeto da Sociedade Goiana de Pecuária, dirigida pelo talento e pela experiência do dr. Moura Pacheco.

Os homens são a garantia da vitória das instituições que dirigem.

Assim como Goiânia é o fruto de um idealismo puro, a Associação, sob as luzes do dr. Altamiro de Moura Pacheco, vencerá e triunfará.

O mesmo entusiasmo dos grandes condutores ilumina os objetivos colimados pela S.G.P., que, em boa hora, assumiu os destinos das classes sob a mesma bandeira, para o bem de nosso Estado e dos próprios sócios.

Deu início à campanha de que resultou a fundação da nobre entidade, a necessidade da localização e construção de um estabelecimento destinado a industrializar os produtos pecuários.

Cansados de contribuir inútilmente para a economia estranha, os boiadeiros, criadores e invernistas de Goiás resolveram entrar em forma para a cooperação, afastando as sangrias dolorosas na economia coletiva e particular, com os golpes desferidos em Barretos por imperativos de negócios que só interessam aos grandes capitalistas.

Para conseguirem suas vitórias, adquiriram êles grandes extensões de terras com excelentes invernações, e não as alugam ao boiadeiro, o qual é levado ao negócio do mesmo modo que o boi é conduzido nas charqueadas, até o ponto em que deve ser sacrificado, por currais que se estreitam.

E mal vamos nos organizando, outros frigoríficos, com organização similar, visam os rebanhos de Goiás, e fora dos nossos limites não há senão gado fino, que não pode ser abatido como o boi comercial. Fora de Goiânia, qualquer localização de frigorífico não nos interessa, porque temos o direito de possuir, aqui, estabelecimentos destinados à industrialização dos produtos pecuários, aproveitando a capacidade industrial e o sistema dos transportes de

que esta capital é ponto de convergência, com um escoamento que está garantido com a próxima inauguração da estação ferroviária aqui.

Não vamos ao ponto de renunciar ao nosso direito de instalar indústrias dos derivados, que, pela razão natural, ficam junto às charqueadas e frigoríficos, devido à interdependência de interesses e de necessidades, e, podemos dizer, que são satélites dos grandes estabelecimentos.

Pesa sobre os homens do momento a responsabilidade do estudo desses problemas, que exigem muita atenção.

O tempo é de organização e de defesa.

Boas lições temos recebido.

A tendência geral é para nos reduzir, eternamente, a contribuintes, a meros fornecedores de matéria-prima.

Não consta que o capital usufrutuário haja transposto as fronteiras para vir acudir aos criadores de Goiás.

Goza mas não gasta, não protege, não ajuda, e tem razão de agir assim, porque em Goiás os criadores não querem saber de cooperação, e agem isoladamente, ao leão da sorte, não só para criar como para erar, engordar e vencer.

Devemos lembrar que os boiadeiros frequentemente vão à bancarrota, sofrem fracassos tremendos, inesperados, e a profissão é das mais traiçoeiras.

Aquilo que êles ganham num ano, ou em vários anos de lucros, uma simples boiada pode retirar de uma vez.

Certo dia ouvi dizer que Barretos era uma espécie de Monte-Carlo, e só não tinha o lugar próprio de morte voluntária.

Tudo isto falta de cooperação.

E' necessário proteger a produção com medidas práticas de orientação do criador, mostrando-lhe os erros que levam os seus lucros, os perigos, e dando-lhe assistência fi-

GOIANOS ILUSTRES

Professor Manuel Sebastião Caiado

27 - 9 - 1853 — 4 - 6 - 1910

(Dados biográficos)

J. LUPUS

nanceira com empréstimos a prazos longos e juros baratos.

E' o que a S.G.P. está querendo fazer.

No ponto de vista de seleção, muito temos que fazer.

Vários são os municípios que já têm o seu plantel, raças de vários tipos capazes de enfrentar os melhores do Triângulo, figurando em destaque os do Sul.

Num gesto de defesa regional, foi preciso interferências para evitar o êxodo, pela tentação dos negócios, sendo Ipameri um dos poucos municípios que escaparam ao golpe, e mantém ainda integral a sua criação de gado fino.

Goiaz tem condições excepcionais para a criação e para a adaptação, para tôdas as raças assimiláveis, não só de gado bovino como de cavalari e lanígero.

Uma vitória não significa que devamos deixar o terreno.

Foi um trabalho inteligente e fecundo no qual Goiaz colaborou eficazmente, de que muito temos aproveitado, feito pelos estancieiros do meio, que frutificou em proveito de todo o país.

Uberaba que foi o centro principal das atividades da pecuária sertaneja, teve em seu favor todos os nossos elementos, irmanados pelos mesmos ideais de cooperação e de solidariedade, para obtenção do tipo que deveria triunfar no Brasil Central.

Esse boi deveria ter resistência, pêso, carnes macias, beleza e fortaleza para, desde o primeiro ano, se transportar a grandes distâncias sem aniquilamento.

A raça indiana foi a preferida, adaptou-se inteiramente, dando aos três Estados centrais inexaurível tesouro com os segredos dessa nova tática biológica usada no Triângulo para se obter o Indubrasil.

Aplaudindo calorosamente a Sociedade Goiana de Pecuária, que tomou aos ombros os destinos da sua classe, congratulo-me com os seus associados pela acertada escolha de direção que é capaz de levá-la, muito cedo, ao mais completo e integral êxito, para grandeza e satisfação do Estado de Goiaz e do Brasil.

Filho legítimo de Salvador José Caiado e de dona Maria Vicência de Azevedo Caiado, nasceu na cidade de Goiaz, ex-capital do Estado, a 27 de setembro de 1853.

Fez o curso de humanidades no extinto Seminário de Santa-Cruz, dêste Estado, educandário de honrosas tradições, abraçando após ao término do mesmo a nobilitante profissão de professor.

Neste mister, foi lente catedrático de português e literatura no Liceu Goiano — hoje Colégio Oficial do Estado, onde lecionou também as cadeiras de latim e grego.

O saudoso professor Manuel Sebastião Caiado soube empenhar-se no serviço da instrução, em nosso Estado, à qual dedicou tôda sua mocidade, lecionando por mais de seis lustros, transmitindo a ciência do saber a centenas de discípulos. Nesse verdadeiro sacerdócio, foi um dos mais acatados professores do Liceu, em seu tempo, educando tantas gerações que ali passaram, com invulgar inteligência.

O professor Caiado nasceu para a profissão que adotou, trazendo-lhe tantos títulos de glória.

Sabia impressionar aos discípulos, não pelo pavor, nem pela benevolência excessiva, mas analisando as qualidades e defeitos de cada um, buscando sempre aprimorá-los ou corrigi-los, sem estrépitos, antes pela persuasão, que era a sua principal arma.

Impunha-se a unânime respeito.

Todos o acatavam e queriam extraordinariamente.

Foi grande filólogo, profundo conhecedor da língua vernácula, e latinista que não encontrava dificuldade na tradução de qualquer autor, nessa língua mãe.

Em sessão da Congregação do Liceu Goiano, realizada a 21 de agosto de 1910, foi apresentada pelo dr. Nuno Pinheiro de Andrade, distinto advogado, que então se encontrava em Goiaz, onde gozava do melhor conceito, e que foi depois substituir o saudoso professor Caiado na cadeira de português e literatura, uma proposta no sentido de, por iniciativa da mesma Congregação, ser levada a efeito a inauguração, no salão nobre do Liceu, do retrato do professor extinto, que foi verdadeira glória do magistério dêste Estado, proposta que

foi aceita com o maior agrado por todos os lentes.

O professor Francisco Ferreira de Azevedo, de saudosa memória, que foi grande amigo e admirador do professor Caiado, ampliando a proposta da inauguração do retrato, propôs que se deveria também construir um mausoléu, para que assim ficasse por mais essa forma perpetuado o nome do ilustre morto, o que também foi aceito com aplausos de todos os membros da Congregação, pois no caso tôdas as homenagens seriam merecidas a quem, como o professor extinto, tudo fez pela instrução neste Estado.

Tinha prazer em dar aulas particulares, mas nada recebia dos alunos pobres e nem tão pouco dos filhos de seus parentes, ainda que em linha remota.

Coração caritativo, tinha grande satisfação em destinar mensalmente parte de seus vencimentos de professor, na época, Cr\$ 60,00, aos desprotegidos da sorte.

A então Câmara Municipal da cidade de Goiaz, ex-capital do Estado, num gesto muito louvável, deu a uma das ruas da cidade o nome de "Professor Caiado", — justa homenagem, sendo que foi também dado o seu nome a uma das salas do Liceu, hoje Ginásio Oficial de Goiaz, que funciona na dita cidade.

Faleceu na manhã do dia 4 de junho de 1910, portanto com a idade de 57 anos incompletos.

Os funerais do nosso biografado, que foi incontestavelmente um dos maiores e mais competentes membros do magistério goiano, foram feitos às expensas do Estado, conforme decreto nº 2.700, de 9 de junho de 1910, num total de Cr\$ 376,40, decreto assinado pelo então presidente do Estado, marechal Urbano Coelho de Gouveia, e secretário de Finanças dr. Joviano de Moraes, ambos já falecidos.

A POSIÇÃO em que a Constituição vigente situou as forças do capital e do trabalho na entrosagem das novas instituições comprova a superioridade de orientação impressa ao nosso governo representativo, relativamente, quer aos seus similares continentais, quer aos de feição corporativa implantados na Itália, Alemanha e em outros países do continente europeu. — **Monte Ar-**

Mãe - do - Ouro

Conto de DURVAL PEREIRA

A ânsia à cata do ouro no sertão não acaba nunca. O mesmo entusiasmo com que os bandeirantes varejavam o solo pátrio, à busca do precioso metal, formando núcleos demográficos que hoje são prósperas cidades, ainda anima os sertanejos dos nossos dias; não tanto à procura de garimpos onde, trabalhosamente, possam extrairlo, mas atrás de tesouros enterrados que os jesuitas teriam deixado, ou que ricaços avarentos teriam escondido receosos de guerras e revoluções que lhes arrebatassem suas fortunas.

Notícias de garrafas, garrafões e potes cheios de ouro em pó, ocultos em plena mata-virgem, são dadas, com segurança, por respeitáveis pessoas que viram sinais da existência daqueles guardados, cujos donos faleceram, há anos, deixando em pleno segredo o lugar exato de tais fabulosos tesouros.

Uns contam ter visto o "ouro encantado" flutuando, à noite, sob a forma de fogo, sobre o lugar do tesouro; outros viram a Mãe-do-Ouro sentada no local onde jaz toda aquela riqueza; outros, ainda, tiveram avisos, por sonhos, de pessoas da família, já falecidas, que vieram contar o lugar exato do esconderijo.

Esses guardados, porém, só podem ser retirados à noite, sob certas cerimônias secretas que requerem boa dose de coragem de quem quiser desenterrá-los.

Nos municípios de Corumbá e Plaquemine, corre a lenda do "ouro do Urbano": fantástica riqueza que tem sido motivo do esburacamento de quintais e lugares ermos.

No norte de Goiás, principalmente em Peixe, é corrente a notícia de grandes tesouros escondidos.

Mas o que é mais interessante é o ouro que sabem existir no leito do Paranã e Tocantins, e nas margens dos pequenos rios e córregos, ouro aquele guardado pela Mãe-do-Ouro.

Mãe-do-Ouro aparece a moças e crianças, raramente a homens. É uma menina muito bonita, de cabelos de ouro, toda nua, sempre sentada sobre uma pedra à margem das águas, em cujo leito reside, no seu palácio que é todo de ouro.

Para escravizá-la é necessário batizá-la com sangue cristão; a pessoa que a vê deve dar um talho no dedo e deixar cair algumas gotas sobre ela. Então todo o ouro, que só ela sabe onde está, lhe pertencerá.

Isto, porém, jamais aconteceu por-

que Mãe-do-Ouro não deixa que gente maldosa se aproxime dela. Entretanto no sertão esperam poder encontrá-la um dia a jeito de batizá-la.

E assim raro é o sitiante que não tem esperanças de se tornar rico do dia para a noite, pois muitos já viram sinais do ouro em seus sítios.

Alguns espertalhões têm tirado vantagens dessa ingenuidade sertaneja explorando a crença nesses guardados misteriosos.

Zé Belá é um dos que crê piamente na existência de tesouros nos seus terrenos. Por várias vezes vira o ouro encantado flutuando lá para as bandas do córrego, à noite. Sua mulher também vira e alguns camaradas também.

Além-do-mais, Belá fôra avisado, em sonhos, pela sua defunta avó que lhe indicara direitinho o lugar na raiz daquele jequitibá junto ao córrego.

Eram quatro potes de barro, atulhados de ouro em pó e muitas jóias; guardados de uns padres que ali residiram, antes da abolição dos escravos, e que desapareceram, da noite para o dia, sem que ninguém soubesse porque e para onde teriam ido.

Mas para desenterrar aqueles potes era preciso reza especial que êle ignorava.

Ouvira dizer que o Chico Baiano, um camarada "chegante", sabia tais rezas. Esperava uma ocasião oportuna para tocar no assunto. A discreção e o segredo são a alma do negócio. Era preciso conhecer melhor esse tal baiano. Parecia bom sujeito: calado; trabalhador, casado, tendo um casal de filhos. Esperaria, pois.

Certo dia ia para a cidade, cavalcando seu burro preto. Viajava pensativo, o ouro não lhe saía do sentido, quando ouviu tropel de animal atrás de si. Olhou, era Chico Baiano que também ia à cidade.

"Esbarrou" o animal para esperar o Chico.

— Bom dia patrão.

— Bom dia Chico, onde vai?

— Vou na rua comprá sá e uns paninhos pras criança.

— Então vamos juntos, também vou pra lá.

— O prazer é meu.

E ambos continuaram juntos a viagem.

O sol escaldava, em plena seca, que nos sertões de Goiás, principalmente no norte, é abrasadora e arrasadora, uma calamidade.

Córregos com regular volume dá-gua secam, inteiramente, a ponto de se poder atravessar a pé a areia que forra seus leitos, areia que quequeima os pés. A vegetação fica ressequida e o capim acaba. Um tormento para os criadores, pois o gado não tem que comer de julho a setembro.

— Calor danado, Chico. Disse Belá cortando o silêncio e procurando assunto para prosa.

— Não presta pra viajá, patrão. Eu si fosse rico que nem o sinhô, não viajava nesse tempo. Por isso mesmo quero "enricá".

Belá riu-se e respondeu:

— Rico nada, Chico, tenho vontade de ficar.

— E não tá longe, sentenciou o Baiano, no seu sítio tem muito ouro porque já vi siná dêle.

Belá arregalou os olhos, fitou Chico, que ferira em cheio o assunto que mais o preocupava, e indagou:

— Você já viu algum sinal Chico?

— Já, e muitas vezes.

— Onde?

— Perto daquele pé de Jequitibá, junto do corgo.

— Já que você tocou no assunto, Chico, eu vou contá.

E Belá contou toda a história do "ouro encantado" que êle e a mulher tinham visto; contou o sonho que tivera com sua avó e o desejo de encontrar aquele tesouro para descansar um pouco da labuta da roça. Queria comprar uma casa na "rua", botar os filhos na escola e gozar o resto da vida sem canseiras.

Quando terminou sua exposição, perguntou à queima roupa:

— Diz que ocê sabe reza pra desencantação de ouro?

— Sei. Na Baía, uma vez, desencantei três garrafas de ouro de um patrão que tive lá.

— E quanto êle te deu?

— Nada. Quando se piou rico me despachou.

— Pois Chico si ocê desencantar o meu ouro eu te dou um pote. São quatro e eu com três fico sastifeito.

— Bamo tratá disso na vorta. Eu intê tava cum vontade de ir se embora, porque estou devendo uns cobres a um sujeito de Conceição-do-Duro que tá me atropelano...

— E é muita coisa?

— Pra mim, é, dez conto!

Tornaram a mergulhar em silêncio

enquanto cada um pensava nos seus problemas. O Belá como devia arranjar o ouro e o Chico como arranjar os dez contos.

— Pois é isso, Chico, ocê estuda la o meio de me desencantá êsse ouro e eu te dou um pote.

Chico esperava a deixa para propor:

— Se o patrão me promete sério mesmo eu não quero pote, fico satisfeito com os dez conto.

Belá refletiu um pouco e respondeu:

— Minha promessa é séria. Si ocê me desencantá o ouro, basta eu só vê o lugá que êle está, eu te dou os dez conto.

Quando chegaram à rua, patrão e “pião” estavam na mais cordial camaradagem, como se fossem velhos amigos, tal a confiança que nascera entre êles naquele percurso de cinco léguas.

— Onde ocê vai “arranchá”, Chico?

— Não sei ainda, patrão.

— Arranche “mais eu” na casa de minha irmã assim podemos conversar “a prazo” sôbre o assunto.

E assim foi. Arrancharam na casa de D. Cocota.

Três dias depois estavam de volta com as garupeiras cheias de compras. Durante tôda a viagem falaram sôbre o tesouro escondido, e agora com tôda a certeza de descobri-lo. Esperariam a primeira sexta-feira. Chico dera provas de ser entendido na matéria de desencantamento: rezara cada oração forte para o patrão ouvir, que êste ficara de pé-lo ouriçado.

Fôra Deus quem guiara o Baiano para o seu sítio. Agora sim, ficaria riquíssimo.

Ao despedir-se do Chico na encruzilhada que ia para a sua casa afirmou:

— Pois é, aminhá eu venho dá um passeio lá no seu rancho. Té aminhá.

— Té aminhá, patrão.

E o Chico esporeou o seu cavalo. Tinha pressa em chegar à casa, pois havia concebido um plano onde empregaria tôda a sua treta de baiano viajado para chupar os dez contos do patrão.

Sua mulher ao vê-lo chegar alegre e sorridente, veio ao seu encontro:

— Ocê viu passarinho verde? Vem cantando, alegre...

— Cala a bôca, tamo rico.

— Rico?

— Sim, deixa desarrriá, dá mio pro cavalo e eu tamem comê, que te conto tudo.

— Dicomê tá te esperano.

Depois de ter comido e cachaceado regaladamente, Chico contou à mulher tôda a conversação que tivera com o patrão e o plano que fizera para pilhar os dez contos.

— Oia, Chico, isso vai dá embruio pra nós.

— Quar nada, quando êle descobriu nós já tá longe e êle não sabe pronde nós foi.

E chamou sua filha, uma viva menina de 10 a 11 anos:

— Jovelina?

— Já vou, pai.

Carinha suja, descalça, vestido de algodão roçando o tornozelo, lenço de chita à cabeça, sorridente, Jovelina correu para junto do pai.

— Truxe um presente pra ocê, mais é pra ocê fazê um mando do pai.

— Cadê o presente?

— Tá li na garupeira.

— Chô vê.

Baiano desatou a garupeira e tirou de dentro dois cortes de chita, um vermelho e outro azul, ambos com grandes flores, e pô-los nos braços da menina.

— E' pra ocê, mas pra fazê um mandado do pai.

— Faço.

— Aminhá seu Belá vem cá. Depois que êle tivê aí um tempinho, ocê vem correno me contá que viu Mãe-do-Ouro na beira do corgo de baixo daquele pé de jequitibá.

— Pra que pai?

— Pra nois enricá. Mas não deixe seu Belá vê ocê, quando êle chegá, daí se encherga o caminho, ocê vê êle, se esconda e só apareça depois que nois conversá...

— Eu mando ela; disse sua mulher.

— Só isso pai?

— Só.

Jovelina saú pulando de alegria sobrajando os cortes de chita para mostrá-los ao irmão.

No dia seguinte, depois do almoço, Belá chamava no terreiro;

— Eh de casa!

— Eh de fora!

— Dá licença?

— Bamo acabá de chegá.

Chico esperando o patrão junto à porta, segurou, como é de praxe, o burro pelo cabresto para que o patrão apeasse, e o amarrou à sombra da monguba.

Belá entrou e sentou-se.

Conversa vai, conversa vem. Veiu o café com bejú de tapioca. A mulher do Chico trouxe cigarros para ambos. Era só conversa do ouro encantado que saía.

— Já fiz oração.

— E o que aconteceu?

— Tô no rumo.

Nesse momento chega Jovelina, correndo, cansada:

— Pai, vi Mãe-do-Ouro!

— Onde fia?

— Na beira do corgo de seu Belá, debaixo do pé de jequitibá.

Os dois homens se entreolharam significativamente.

— Quando, fia?

— Agora mesmo. Fui lá, brincando, e ela me chamou.

Chico piscou o olho para Belá e falou baixo:

— Já é oração, e virando-se para Jovelina: Vá lá pra dentro fia.

Jovelina despreendeu-se do pai e correu para o interior da casa. Tinha representado bem o papel a pequena atriz.

— Bamo lá hoje, Chico? Chamou Belá.

— Não, só sexta-feira, hoje é terça. Tenha carma.

Belá estava radiante. Perspectiva de riqueza fácil o comovera seriamente. Chico compreendeu bem a situação e aumentou:

— Quero fazê o serviço bem feito. Sexta-feira o sinhô tá rico, e eu remediado.

Conversaram bastante ainda sôbre o assunto e depois Belá se despediu.

Mal apenas o patrão se afastou, Chico correu ao pasto, arreiou o burro e partiu para a rua a-fim-de pôr em execução o seu plano.

Logo que chegou foi à casa do Juca onde havia muitos artigos baratos de bijouteria. Comprou muitos cordões, anéis, pulseiras, broches, tudo quanto tinha brilho semelhante ao ouro.

— Pra que tanta bugiganga, Chico?

— Vô vendê lá no sítio.

— Boa idéia, mas é preciso guardar em lugar seco senão empretece.

— Tenho cuidado. Tem lima?

— Que lima?

— Lima de amolá machado.

— Ah terho.

— Me dê duas.

Ajeitou tudo na garupa e voltou para a casa.

Naquela noite Chico e sua mulher passaram limando, com muito cuidado, quatro orelhas de tacho, de velho bronze, que sua mulher arranjava com os vizinhos. Pela manhã estavam as quatro orelhas de tacho reduzidas a pó, a limalha fôra cuidadosamente colhida numa garrafa branca.

O resto do dia Chico passou cochilando na rede. A' noite, logo que as crianças dormiram, êle mais a mulher, munidos de enxadas e um saco com dois potes, garrafas, etc., rumaram para a margem do córrego onde estava o pé de jequitibá.

Em pouco tempo tinha aberto um buraco da profundidade de um metro. Começou então o serviço feito apenas à luz do luar: pôs areia da praia nos potes e acabou de os encher com a limalha e a compra que fizera na loja do Juca. Cobriram a bôca de ambos os potes com algodão em rama, amarraram-nos com pedaços de saco, e puzeram-nos com todo o cuidado dentro do buraco cavado, enchendo-o de terra. Depois alisaram a superfície com a enxada. Tiraram com todo o cuidado pequenos taboleiros de capim e os colocaram sôbre o lugar dos potes, disfarçando com fôlhas e galhos os vestígios de terra revolvida.

Terminada a tarefa, voltaram para a casa. Os galos já começavam a cantar. Os dois filhinhos dormiam tranquilamente.

No dia seguinte Chico foi à casa de Belá. Logo que êste o viu foi perguntando:

— E' hoje?

— Não, hoje é quarta, depois de aminhá, si Deus quizê.

— Tô cum pressa.

— Aminhá passa ligeirinho.

Conversaram muito e depois se separaram.

Chegou, finalmente, sexta-feira.

Belá amanhecera alegre, contara tudo à sua mulher que também ficou contente. Já havia separado os dez contos para o Chico: vinte notas de quinhentos. Mas valia a pena, quatro potes de ouro!

Pouco depois de meio-dia chegou o Chico. Trazia seu mocó com os preparativos: uma toalha branca, um rosário, uma imagem de Santo Onfre, incenso e quatro velas bentas.

Deu o mocó para guardar recomendando que não deixasse ninguém bulir nele.

Jantaram. Deram um passeio pelo curral, durante o qual ficou combinado que iriam sós, êle e o patrão, depois que todos se acomodassem, pois o serviço tinha que ser feito à meia-noite em ponto.

E assim foi. Quando Chico julgou chegada a hora convidou:

— Bamo?

— Bamo.

E lá se foram os dois, cada qual com sua enxada ao ombro, rumo ao pé de jequitibá. Caminhavam silenciosos. Belá levava certo receio, apesar do desejo de ficar rico. Mexer com coisa de defunto áquelas horas? Nunca tivera inclinação para tais coisas.

Chegaram, afinal, ao local. Silêncio sepulcral reinava em tôda a parte. As moitas de mandacarú, à tênue luz do minguante, semelhavam-se a sepulturas. Os galhos pendidos à margem do caminho, pareciam braços estendidos para o agarrar. Um pavor indescritível enchia-lhe o cérebro. Por mal dos pecados uma coruja gargalhava sinistramente pousada à copa da árvore.

Chico Baiano estava impassível e sereno. Silenciosamente abriu o mocó. Tirou a toalha, estendendo-a na relva. Apanhou as velas, enterrando-as em forma de cruz no chão mole e acendeu-as. Juntou alguns gravetos que pôs fogo para fazer brasas e deitou pequena porção de incenso em cima. Tênué fumaça subiu, enchendo o espaço ambiente com o perfume de incenso. Depois ajoelhou-se sôbre a toalha, pôs o rosário ao pescoço e rezou à meia voz, de modos que Belá escutasse: "São Marcos-Brabo, São Marcos-Manso, São Cipriano, Senhora-dos-Guardados, Espírito-dos-Tapuias, Nêgo-dágua, tôdas as força poderosa venha a meu serviço e fique às minhas orde pra me mostrá onde fica o guardado que aquí está pelos séculos dos séculos. Santo Inácio de Loliola, meu padroeiro, armas do purgatório minhas camarada, me dê podê de dominá a Mãe-do-Ouro e ir direito em riba do guardado".

Parou um pouco como que para escutar.

Belá tremia como varas verdes, seus olhos esbugalhados, sua cara pálida de pavor, impressionava a quem o pudesse ver metido naquela aventura.

Chico Baiano levantou-se e gritou: Mãe-do-Ouro! Mãe-do-Ouro!

Uma voz feminina respondeu de trás de uma moita:

— Dê suas orjes!

— Onde está o guardado que você sabe?

— Sete passo à sua esquerda onde tem uma cruz de pau verde no chão.

Belá quasi morria de mêdo. Como é que aquele baiano tinha poderes para invocar Mãe-do-Ouro?

Chico contou sete passos à esquerda, baixou e apanhou uma cruz de madeira verde amarrada com cipó. Era alí. Ordenou:

— Venha seu Belá, não temo tempo pra perdê.

Belá parecia pregado ao solo, seus pés pesavam como chumbo.

— Venha seu Belá, traga as enxadas, não podemo demorá, temo que arrancá o tesouro antes que o galo cante a terceira vez. Tenha fé em Deus home!

Belá se envergonhou de tanta covardia ante seu camarada, reagiu. Pegou as enxadas e marchou para o lugar onde o Baiano o chamava. Começaram a cavar no lugar indicado. Em menos de dez minutos Chico ordenou: Pare seu Belá deixe que eu só cave daqui por diante.

Belá parou e Chico continuou cavando. De repente esbarrou num objeto duro. Era um pote.

— Traga uma luz aquí, patrão.

Belá correu, apanhou uma vela e alumiou o local que seu camarada indicava.

Qual não foi sua alegria ao ver um pote de bôca amarrada.

Chico pegou nele e pôs fora do buraco continuando a cavar. De repente outro pote. Ia continuar quando a mesma voz feminina avisou:

— Por hoje basta. Vejam o que têm êsses dois potes e tornem a enterrá-los com duas velas, só daqui a sete dias é que podem vir tirar. Seu Belá pode vir sôzinho, si quiser, porque até lá está quebrado o encanto.

— Então bamo pará, disse Chico. Mãe-do-Ouro fala nois bedece.

E saindo para fora do buraco foi abrir os dois potes. Ao destampar o primeiro deu um grito de alegria, estava cheinho de ouro em pó.

Veja seu Belá, veja que beleza, ouro em pó!

E pôs na palma da mão a limalha que alí colocara, passando-a para as mãos do patrão.

Belá julgou que estivesse sonhando. Um pote de ouro!

Mas não era sonho alí estava o ouro, pesado, brilhando que era uma beleza, à luz da vela.

— Ponha no pote seu Belá, ordenou Chico.

— Nem êsse tiquinho posso levá pra Nhã vê?

— Tem tempo seu Belá, tem tempo, sexta-feira que vem até ela pode vir cá para ajudá a levá os potes.

Belá despejou o ouro no pote.

Chico destampou o segundo.

— Vixe! Aquí é jóia pra daná!

E suspendeu entre os dedos aquela porção de colares, brincos, anéis, broches e badulaqueiras que havia comprado no Juca, e que visto alí, à luz da vela, àquela hora e sob aquela impressão, parecia o tesouro de Ali-Babá.

Passou um punhado daqueles troços brilhando para as mãos de Belá, a-fim-de que êle se certificasse do valor das jóias.

Belá ficou estarecido. Um pote de jóias. E os outros dois que só na outra sexta-feira poderia ver?

— Deixe guardá tudo patrão, antes que os galo cante.

Em menos de meia hora os potes estavam enterrados novamente e os dois de volta para casa.

Belá caminhava silenciosamente e pensava: Foi Deus que mandou êsse baiano pra cá. Sou o homem mais rico do município. Posso deixar a lavoura e ir para a rua descansar.

Ao chegar em frente ao rancho Belá convidou:

— Bamo chegá?

— Não, é muito tarde e eu preciso drumi.

— Aminhá ocê sai cá pra nois acertá nossos negócio.

— Sim sinhô. Intê aminhá.

Chico seguiu para casa. Belá entrou no rancho onde sua mulher o esperava acordada.

— Cadê o ouro, home?

— Chi Nhã, mais é uma imundície de ouro, um horrô!

— E' certo?

— Tão certo como a luz do sol. Estive com êle na mão.

— E porque não trouxe?

— Belá explicou tudo, contando como se passaram os acontecimentos.

D. Nhã ouvia-o boquiaberta. Quando êle acabou ela disse:

— Então tamo muito rico?

— Podre de rico, Nhã!

E foram dormir como os entes mais felizes dêste mundo.

Pouco adiante a mulher do Chico o esperava no caminho.

— Que cara que o Belá estava. Chico. O hominho tava pra morrê de pavô.

— Você é uma Mãe-do-Ouro pra lá de boa!

— Oia Chico, isso vai dá embruiada pra nois.

— Quá, não dou pulo em gaio sêco.

E os dois caminharam juntos até o rancho.

Depois do almoço Chico foi se encontrar com o Belá conforme haviam combinado. Belá recebeu-o alegremente.

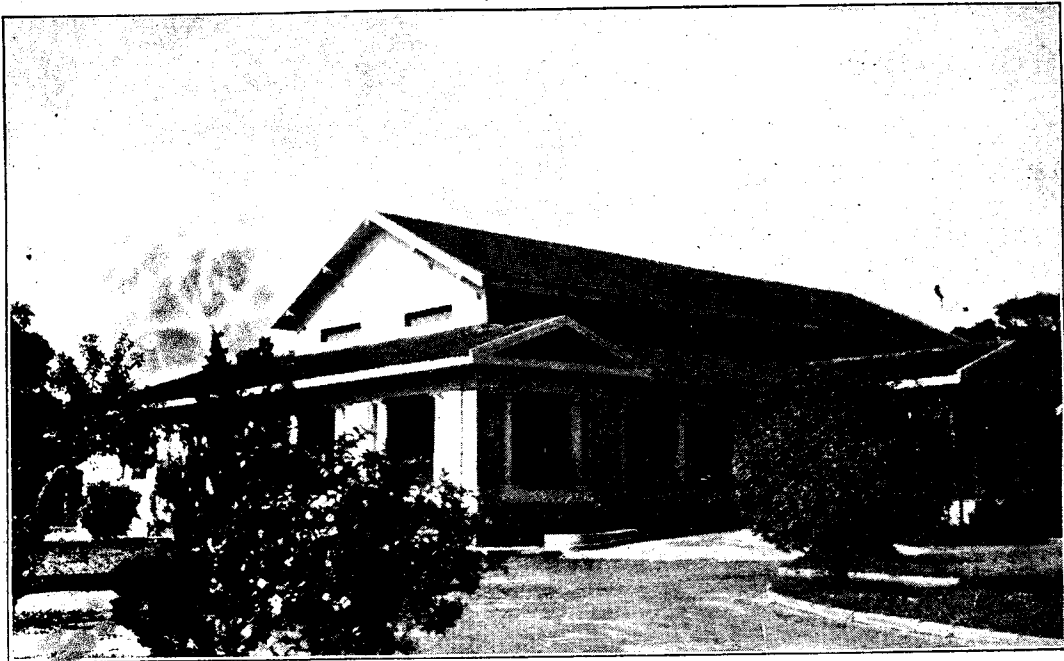
— Você é dos bão.

— Baiano véio não faia patrão.

— Sente aí e espere um pouco, ordenou Belá.

Chico sentou-se enquanto Belá sumia para o interior da casa, voltando pouco depois com vinte notas de quinhentos mil réis.

— O que é prometido é devido, dis-



Vista do edifício do Jôquei Clube de Goiás — Goiânia

se enfiou no a Chico as vinte notas.

Chico contou-as e guardou-as pensando consigo: Pagou pena o trabalho.

Pois e seu Belá, se eu morrê neste sexta-feira, o sinhô já sabe onde está o trem e pode tirá sozinho. Apanhá quero ir na rua fazê umas comprinha.

Quer meter o pau no dinheiro!

Nhor não, é de precisão.

Conversaram um pouco mais. Chico despediu-se, precisava trabalhar ainda.

Quando chegou em casa, sua mulher já estava com a bagagem arrumada para a viagem, pois, prevenido como era, o Chico ordenara que ajeitasse tudo para sair no mesmo dia, pois o Belá poderia dar na cabeça de ir lá desenterrar o tesouro e descobrir toda a patifaria. Em pouco tempo estava tudo arrumado, os dois cargueiros e os dois animais arreitados. Puzeram os garotos na garupa e tomaram rumo muito diferente do da rua.

Três dias se passaram sem que o Chico ou sua mulher aparecessem em casa do Belá, o que foi motivo de estranheza para êste e sua mulher.

— Será que o Chico adoeceu? comentou Belá à hora do jantar.

— Quem sabe? disse D. Nhã, o trabalho foi grande.

— Bamo lá? convidou Belá.

— Vai ocê. Animal tá aí facinho, arreia, pode sê motivo de doença.

Pouco depois Belá cavalgava rumo à casa do Chico.

De longe viu que o rancho estava fechado.

— Uê, resmungou, mode que não tem ninguém em casa. Pronde foi êsse povo?

Chegando junto ao rancho gritou:

— Chico! Chico!

Ninguém lhe respondeu.

— Diacho, resmungou Belá, pra di-zê que Chico fugiu... Não ai rezão prisso, só se o demonho carregou cos pote.

Apeou. Deu volta ao rancho. A porta da cozinha estava aberta. Entrou. Correu toda a casa. Estava vazia. O Chico havia se mudado pois os trens de cozinha e de dormir não estavam lá.

— Estou roubado, gaguejou.

E tratou de voltar, precipitadamente, para a casa.

De longe foi gritando para a mulher:

— Nhã, tamo roubado. Chico azulou.

— Que diz, home?

— Tamo roubado. Chico cuspiu.

— E agora?

— Bamo vê nosso guardado?

— Bamo.

De enxadas ao ombro Belá e D. Nhã marcharam para o local onde estava enterrado o tesouro que só sexta-feira, à meia-noite, poderia ser desenterrado.

—E si Mãe-do-Ouro zanga e esconde novamente a fortuna? comentou D. Nhã.

—Quá, quá, porque Chico fugiu?

Silenciosamente chegaram ao local dos potes.

—E' aqui. Falou Belá. E meteu mãos à obra auxiliado por D. Nhã. Dentro em pouco os potes apareciam.

Belá sorriu satisfeito. Se Chico fugira, fôra por outro motivo, porque o ouro estava ali do mesmo jeitinho.

Por mais que cavasse não descobriu os outros dois, saiu do buraco para descansar e examinar bem o achado. Desatou a bôca do primeiro. Tirou o algodão. Lá estava o ouro

em pó, brilhando agora ao sol da tarde.

Enfiou as mãos, tirou um punhado de limalha misturado com areia. Pôs no chapéu, enfiou as mãos mais no fundo. Desta vez só veio areia.

— Tô roubado, Nhã.

Destampou o segundo e foi puxando aquela badulaqueira. Era só uma pequena camada, o resto era areia.

— Tô roubado memo, Nhã, nem que isso seja ouro não vale dez conto.

— Dê parte à polícia.

— Pode ser que a Mãe-do-Ouro se zangasse e escondesse o guardado.

— Quá nada, disse D. Nhã mais sagaz que Belá, aqui nunca teve ouro, foi treta do Chico, pra piá os cobre.

— Mas eu escutei a Mãe-do-Ouro falá prele...

— Mãe-do-Ouro nada, bêsta, combinação dêle coa muié pra te lo-grá...

Até hoje, porém, Belá ainda crê que tem ouro no seu sítio, pois o ouro encantado anda por lá "navegando" no seu terreno.

Do Baiano nunca mais teve notícias, mas espera tê-las da Mãe-do-Ouro.

FOI preciso Getúlio Vargas derrubar a instituição podre da liberal-democracia, para poder proclamar bem alto que os brasileiros pobres têm o mesmo direito à vida que têm os ricos, e que o capital na sua origem e na sua destinação é social, não é propriedade dos que o possuem, os quais são apenas meros administradores dessas riquezas, que pertencem à sociedade e devem sempre ser empregadas com um fim social em vista — **Viriato Vargas.**

Uma página de João Viana de Oliveira

Genealogia

Ignoro a qual imagem e semelhança foi criado o teu corpo
ignoro em que ventre foste concebida e qual o ser que te gerou.
Creio que tu sejas a filha do Tempo e do Espaço
— criações de Deus —
aquela que precedeu a tudo e a todos
e que serviu de modelo à criação dos sêres.

Naufrágio

Os desejos impuros de meu corpo
esmagam a pureza de meu coração.

Tudo me convida ao pecado, tudo :
estas mulheres me acenando,
estes corpos tão belos me convidando.

O olhar angélico de minha mãe,
a doçura inesquecível de meu irmãozinho morto no caixão azul,
o meu anjo da guarda,
a minha fé,
a Amada, a terna Amada,
— tudo, agora, está tão distante
que é como se não existisse.

Os ventos do mal rodopiam furiosos por sôbre mim
e não vejo um só pôrto onde me abrigar.
Como é forte a tempestade !
Que mêdo, Senhor, de sossobrar !
Abrí-me os braços, abrí-me os braços
para eu não naufragar !

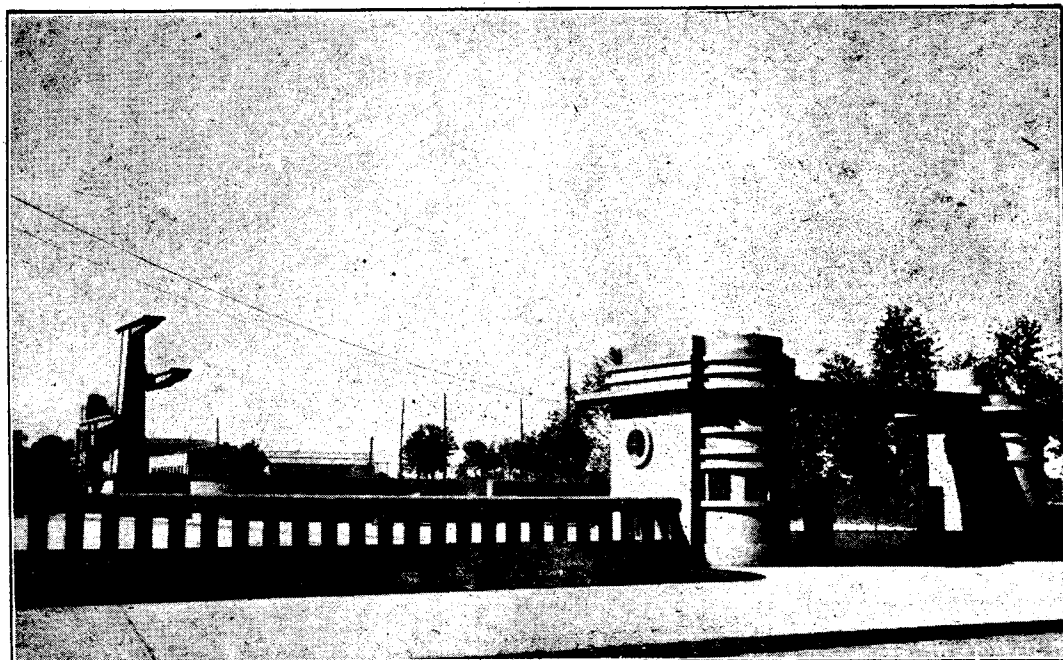
OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III

Goiânia, Fevereiro de 1944

Núm. 13



Uma vista da piscina do Jôquei Clube de Goiaz — Goiânia

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
SECÇÃO INDUSTRIAL

«OESTE»

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registrada no D. I. P., de-acôrdo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3 de fevereiro de 1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Avenida Tocantins — Telefone 1161 — Goiânia - Estado de Goiaz

Diretor

Castro Costa

Redatores

B. Elis

Frederico de Medeiros

Hélio A. Lobo

J. Décio Filho

Paulo A. de Figueiredo

Zecchi Abrahão

Secretários

J. B. Felix de Sousa

Carlos de Faria

Gerente

Gabriel Anconi

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério da Redação. Em qualquer hipótese, os originais não serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, dos colaboradores.

A Redação não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

OESTE É A ÚNICA REVISTA EXCLUSIVAMENTE LITERÁRIA PUBLICADA NO BRASIL MEDITERRÂNEO.

“OESTE”

REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL PUBLICADA MENSALMENTE

(Registada no D. I. P., de acordo com a lei, e editada pela Imprensa Oficial do Estado por autorização do decreto-lei n. 7.045, de 3/2/1943)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Edifício do CORREIO OFICIAL, à Avenida Tocantins — Tel. 1161

Goiânia — Estado de Goiás

ANO III

Fevereiro de 1944

NÚM. 13

Situação Financeira de Goiás

Todos nós temos defeitos. Tem-nos, também, o dr. José Ludovico de Almeida, ilustre Diretor da Fazenda do Estado. Mas ninguém, de boa-fé, lhe negará três qualidades: honestidade, franqueza, capacidade de trabalho, traços verdadeiramente marcantes de sua personalidade de homem público. Daí o não simpatizarem com êle os amigos dos negócios excusos,



Dr. Pedro Ludovico Teixeira — Interventor Federal em Goiás

os técnicos do subterfúgio, os ociosos parasitários. Mas daí, também, a razão por que se vem revelando tão fecunda a contribuição daquele diretor ao governo de Pedro Ludovico, através de uma exemplar gestão dos negócios afetos à sua pasta. O fato incontestável é que é através de homens públicos como o dr. José Ludovico que o Estado Nacional responde, construtivamente, às jeremiadas nihilistas dos leguleios em férias.

Mas, a que vem esta introdução? Vem a propósito do dito: — “os números falam”... Contemos, porém, a história:— outro dia, aproveitando-nos do ensejo de um encontro fortuito, pedimos ao dr. José Ludovico de Almeida, ou melhor, ao dr. Juca, como o chamamos na intimidade, alguns dados sobre a situação financeira do Estado de Goiás, dados que nos foram prontos e gentilmente fornecidos e que, como se verá, são capazes de tornar otimistas mesmo os mais céticos dos nossos conterrâneos. Agora, a entrevista relâmpago, que fala por si:

— Qual a posição de Goiás entre os demais Estados, no tocante às rendas?

— O Estado, relativamente às rendas, ocupa, atualmente, o décimo segundo lugar entre os demais da Federação. Para nós, que até trinta marchávamos na rabada dos Estados irmãos, o fato de termos nos zdiantado a oito dêles, alguns litorâneos, é, sem dúvida, motivo de grande contentamento.

— Qual a renda estadual, quando v. excia. assumiu a direção da Pasta da Fazenda e qual a atual? Quando assumiu a direção da mesma?

— Assumi o cargo de Diretor Geral da Fazenda no dia 18 de dezembro de 1940. Naquele ano o Estado arrecadou a quantia de Cr\$ 18 897 124,60. Em 1941 a arrecadação foi de Cr\$ 24 450 586,20. Em 1942 de Cr\$ 29 293 313,80. Para o exercício de 1943 os dados estão ainda incompletos, pois faltam os dos meses de outubro, novembro e dezembro, porém a arrecadação atingirá, com toda a certeza, a quantia superior a 39 milhões de cruzeiros. Quanto ao exercício corrente, como sabe, foi a receita orçada em quasi quarenta e três milhões de cruzeiros.

— A que atribue o crescimento das rendas?

— Em primeiro lugar, a Goiânia. Inegavelmente, com a concretização desse arrojado plano administrativo — a mudança da capital — cresceu a confiança de todos os brasileiros nas possibilidades deste grande Estado. Foi só depois de Goiânia que vieram as valorizações, pois grande foi e continua sendo a procura de como empregar o capital em o nosso Estado e ex-

tracordinárias são as nossas possibilidades, dada a variedade e a natureza de nossas riquezas.

— Há possibilidades imediatas de maior aumento?

Com o vasto plano administrativo, conscientemente elaborado e que está sendo pôsto em prática pelo nosso governo, acredito que, dentro em breve, no máximo até o próximo triênio, a nossa renda atingirá a casa dos sessenta milhões de cruzeiros.

— O Estado tem dívidas? Em caso contrário, qual o seu ativo?

— O Estado nada deve. Está com os seus pagamentos rigorosamente em dia e, ainda, tem quasi quatro milhões de cruzeiros depositados nos Bancos locais.

— Quais as maiores fontes de renda do Estado?

— Goiás tem as suas melhores fontes de renda nos impostos de Vendas e Consignações e Transmissão de Propriedades.

— Qual a atitude do Interventor Pedro Ludovico em relação às iniciativas da Diretoria da Fazenda?

— O nosso grande Interventor sempre recebeu com especial interesse e sempre incentivou com o carinho de grande patriota que é, tôdas as iniciativas bem intencionadas de qualquer de seus auxiliares. Nunca s. excia. disse um "não" a quem lhe propuzesse um plano realmente construtivo.

— Hgve seleção no pessoal encarregado da fiscalização?

— Com vagar está sendo feito o necessário seccionamento no pessoal encarregado da fiscalização. Os meus auxiliares, nesse setor, estão, quasi todos, capacitados de que está nas mãos dêles a maior ou menor renda do Estado, e por isso, patriotas que são, trabalham sempre no sentido de melhorar, cada vez mais, a situação financeira desta unidade federativa.

— Qual tem sido a atitude do contribuinte de Goiás em relação ao fisco estadual?

— O contribuinte goiano, diante dos insistentes ensinamentos recebidos da parte da fiscalização, tem mantido uma atitude correta, o que, de certo modo, muito tem facilitado a nossa tarefa. Compreende, o contribuinte, que o imposto que paga é para a realização dessas notáveis obras que para o povo vem realizando o benemérito Interventor.

Eis a entrevista, da qual ressaltam, axiomáticas, essas duas verdades: — 1º — que nada fala melhor do progresso de um Estado que o aumento de suas rendas, e que, por isto, o governo de Pedro Ludovico bem merece o alto conceito em que é tido em todo o país; 2º — que o Interventor se está cercado de auxiliares à altura de sua admirável administração, —

dessas verdades redundando a situação de relêvo que hoje Goiás ocupa no cenário da vida nacional. Mas não esqueçamos, também, que foi o Estado Nacional que possibilitou aos governadores locais uma administração a cavaleiro das peias dos partidarismos estêreis, o motivo primeiro do notável progresso que se nota por todo o Brasil.



Dr. José Ludovico de Almeida — Diretor Geral da Fazenda do Estado de Goiás

DE LUTO A ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Acaba a Academia Brasileira de Letras de ser rudemente golpeada, pois que, no curto espaço de quarenta e oito horas, desapareceram dois de seus membros mais eminentes: — Fernando Magalhães e Pereira da Silva, ocupantes, respectivamente, das cadeiras 33, da qual é patrono Raul Pompéia, e 18, cujo patrono é João Francisco Lisboa.

Fernando Magalhães foi diretor do Hospital da Maternidade do Rio, membro do Conselho Universitário da Capital Federal, do Conselho Nacional de Educação, professor do Instituto Franco Brasileiro de Alta Cultura, diretor da Faculdade de Medicina, reitor da Universidade do Rio-de-Janeiro, diretor da Beneficência Por-

tuguesa, diretor do Hospital Pró-Matre, presidente, duas vezes, da Conferência Nacional de Educação, e deputado pelo Estado do Rio à Assembléia Constituinte, em 1933. Por aí se vê que tão relevantes postos só poderiam ser ocupados por um cientista do valor de Fernando Magalhães, que foi, simultaneamente, um orador brilhante e um escritor de largos recursos. Além disso, era um caráter reto e um coração magnânimo. Seu nome, que honra a cultura sul-americana, há de se perpetuar, pois, na admiração e no reconhecimento das gerações vindouras, como um exemplo digno de ser imitado.

Antônio Joaquim Pereira da Silva, outro dos desaparecidos, era uma figura do mesmo naipe de Fernando Magalhães. Poeta suave e triste, es-

critor de sensibilidade acurada e de muita penetração psicológica, seus trabalhos, quer em prosa, quer em verso, eram sempre recebidos com agrado pelo público leitor, constituindo uma verdadeira festa para a inteligência. Colaborou em vários jornais e revistas do Rio. Entre os seus livros, destacam-se: — "Solitudes", "Beatitudes", "Vai Soli", "Holocausto", "Senhora da Melancolia".

Como se vê, são irreparáveis as perdas que vem de sofrer a Casa de Machado de Assis, que está, assim, duplamente de luto, e com ela o próprio Brasil, tão precisado, nesta hora difícil para o mundo, de homens da estatura intelectual e moral de Fernando Magalhães e Pereira da Silva.

Para não dizerem tanta bobagem...

Paulo Augusto de Figueiredo

Que um sujeito seja comunista ou facista, compreendo. Respeito, até, os que sinceramente o sejam, eis que, embora em meu modo de ver estejam errados, são, todavia, indivíduos que têm concepção definida do universo, e, conseqüentemente, uma conduta conciente no mundo, visto se orientarem para um fim determinado, no modo de ver deles o mais desejável.

Agora, o que não posso conceber é que um camarada, nos dias atuais, possa ser liberal-democrata. Porque ser liberal, hoje, é ser uma figura ridícula, digna de dó. Admito, sim, um leguleio em fêrias liberal. Admito um tipo de espírito enferrujado liberal. Admito um magnata sem entranhas liberal. Só não posso — porque isso ofende a inteligência da gente, o sentimento de dignidade humana da gente, a vontade de justiça social da gente, o desejo nacionalista de progredir da gente — é imaginar um moço liberal . . .

Mas será que existe, mesmo, algum moço liberal-democrata? . . . Parece que sim, infelizmente. Causa piedade, sim, tanta estupidez. É lastimável, tanta inconsciência! . . . Mas, parece que existe. Pelo menos, liberais se dizem, até com certa jactância, alguns rapazes. E que jovens, alguns desses liberaizinhos! Metidos que nem que! Alguns até escrevem comentários em jornais e revistas. E o pior é que atribuem ao pobre do povo as suas "convicções" liberais, como se o povo não tivesse feito uma grande revolução para acabar com o liberalismo . . .

Passaram, esses infelizes mocinhos, os olhos por um compêndio qualquer de história para crianças, escritas por um burguês qualquer, aprenderam a cantar a "Marselhesa", ouviram dizer que a Revolução Francesa trouxe igualdade, liberdade e fraternidade para o mundo e . . . zás! — arvoraram-se em liberal-democratas, crendo que, ao se proclamarem tais, passaram à categoria dos heróis, dignos, portanto, de um lugarzinho na história, senão do mundo, senão de sua pátria, pelo menos da biboca onde viram pela vez primeira a luz do dia . . . E enquanto isso, as magnatas espertalhões, tão amantes de um regime em que empanturraram o ventre à custa do suor, do sangue e das lágrimas do povo, jogam esses ingênuos mocinhos contra os

que querem, realmente, melhorar a sorte do mundo, entoando loas às qualidades excelsas da juventude briosa e indomável . . .

Não posso conceber um sujeito liberal, pois o liberal não é nada, e prezo muito à nossa condição de homem, — ser motivado e teleológico, nacional e inteligente, incapaz, por conseguinte, de existir num regime sem inspiração e sem finalidade humanas e que carece de conteúdo nacional, como se homens e pátrias fossem criações arbitrárias e abstratas . . .

Mas haverá, mesmo, algum moço liberal-democrata? — Bem . . . certeza, mesmo, eu não tenho, não; contudo, há moços que se dizem liberais. Talvez, porém, eles não sejam, mesmo, o que pensam. Talvez sejam, no fundo, rapazes muito bem intencionados, muito desejosos de serem jornalistas ou coisa parecida. Talvez que sejam, até, no íntimo, excelentes brasileiros. Talvez — coitados . . . — que o que eles pensam que são, ao se dizem liberais, é democratas, confundam aliás um tanto ou quanto perdável em rapazes insuficientemente cultivados, pois que existente até no espírito de muito figurão . . . É que eles ignoram, por completo, os mais rudimentares

conhecimentos de religião, de filosofia, de política, de sociologia, de economia, de antropologia. Não sabem, por exemplo, alguns belos mocinhos liberais e católicos, que as origens religiosas do liberalismo estão na Reforma. Não sabem, alguns que se dizem tão práticos, que o sistema liberal é uma expressão de romantismo . . . Não sabem, tão amigos dos pequeninos, que os pequeninos, no regime liberal, nada mais são do que joguetes nas mãos dos potentados. Não sabem que adotam a teoria do homem naturalmente bom, de Rousseau, e por isso falam de Hitler e Hiroito como de homens naturalmente maus . . . Enfim, desconhecem, inteiramente, as raízes, a natureza e o valor da liberal democracia, não desconfiando, nem de longe, que ela seja a tradução política de uma falsa concepção do universo, nem desconfiando, também, que, se ela pudesse ressuscitar, mataria o Brasil, como quasi o matou, não fora o advento do Estado Nacional, que, por ser democrático é visceralmente anti-liberal.

Moços, liberais, estudem mais, pensem, mais, falem menos, não escrevam nada. Sobretudo, não falem nem escrevam. Para não dizerem tanta besteira . . .

Teus olhos

Olha-me sempre, pálida creança.
Dá que me envolve a luz serena e pura.
Dêsse olhar meigo e cheio de ternura
Que é de meus dias rútila esperança.

Olha-me sempre terna, sempre mansa,
Virgem querida, rara formosura.
Olha-me sempre amável, com doçura,
Que de te ver o meu olhar não cansa.

Como prende, meu Deus, como domina,
A luz suave e doce, a luz divina,
Que se desprende desses olhos vivos,

Plenos de graça e de meiguice tanta.
Olhos piedosos, olhos compassivos,
Olhos sagrados, divinais, de Santa!

JOVELINO DE CAMPOS

(Do livro "MAGNÓLIAS", inédito).

••••• N A T A L •••••

Natal, Natal, Natal chegou!
 Vibra a cidade,
 cantam as Igrejas,
 abrem-se as flores,
 repicam sinos,
 e, pelas ruas, correm meninos
 maravilhosos,
 os olhos grandes,
 esbugalhados,
 cheios de sonhos e de desejos,
 olhos que ficam dependurados
 no colorido das vitrinas.

Lembro-me bem, foi no Natal passado.

A meninada
 alverçoada,
 tecia sonhos, sonhava acordada . . .
 Sapatos velhos,
 já muito usados,
 acalcanhados,
 até furados,
 sem exceção,
 foram chamados
 para formarem o batalhão!
 E todos eles levaram graxa,
 fizeram guarda junto ao fogão.
 A meninada dormiu cedinho
 para que a noite viesse logo
 matar a tarde,
 para que a noite
 trouxesse sombras, escuridão
 à terra tãda,
 pois só assim
 Papai Noel
 do Céu viria,
 tranquilamente,
 sem recear ser assaltado
 pelos ladrões.
 E a sala clara ficou deserta
 da meninada.

Em volta à mesa
 outras pessoas comemoravam o santo dia.
 Rostos alegres, vozes vibrantes,
 e, a todo instante,
 o riso sonoro
 ia perder-se, pela janela,
 no seio escuro da noite fria,
 lá bem distante.
 De quando em quando,
 de longe em longe,

alguém olhava uma cadeira
 que, junto à mesa,
 estava vazia.
 — Demora tanto, demora tanto! . . .
 Rostos ansiosos,
 expectativa,
 ansiedade,
 apreensão
 E a palestra, novo se erguia,
 vibrante e alegre, cheia de vida.
 — Quasi meia-noite . . . Será que vem?
 — Creio que não! . . .
 E novamente outros assuntos,
 outros sorrisos a se perderem na escuridão.

Mas, de repente
 batem à porta!

Há correrias . . .
 todos disputam a primazia
 de dar a êie as boas-vindas.

E . . . entra na sala
 um telegrama que assim dizia,
 tristonhamente:
 —“Não tive licença.
 Feliz Natal. Muitos abraços
 do filho soldado”.

Um silêncio grande,
 um silêncio pesado
 apagou os olhares,
 apagou os sorrisos,
 tomou conta da sala.

Junto ao lugar que ficara vazio,
 o telegrama triste
 já repousava tranquilamente.

E . . . lentamente,
 bem lentamente e sem ruídos,
 as mãos nodosas, de grossas veias
 as mãos idosas
 do chefe da casa,
 ergueram a taça cheia de vinho.
 E o vinho trêmulo
 brilhava, brilhava,
 como se fossem lágrimas.
 E com voz forte e bem segura,
 ouviu-se o brinde:
 —Feliz Natal . . . Viva o Brasil cheio de glória!
 E as outras vozes:
 —Feliz Natal, Vitória . . . Vitória! . . .

Tragédias do Desbravamento

— Odorico Costa —

O desbravamento dos sertões do centro do Brasil foi feito em condições altamente penosas e particularmente trágicas.

Nas Gerais, onde as condições eram favoráveis, onde o ouro aflorava em paragens saudáveis, ainda assim, o desbravamento foi um vastíssimo estendal de sofrimentos. Não se conta a história dos aventureiros infelizes, dos entrantes desgraçados, das caminhadas inúteis em pós a miragem fugidia dos achados fabulosos.

Em Mato-Grosso e Goiaz as condições gerais eram muito outras. A natureza era má e hostil. "Os tesouros estavam escondidos em ribeiros pútridos e confiados à guarda dos maiores inimigos da vida: aos miasmas e aos insetos nocivos". A indiaia, por outro lado, reagiu com violência à invasão do branco e, ensanguentando as picadas e os registros de travessias dos rios, "chegou, em certo instante, a fazer perigar a exploração do sertão".

Se o desbravamento de Minas-Gerais foi uma tragédia, o desbravamento de Mato-Grosso e Goiaz foi mais que isso: foi um inferno, com todos os seus horrores.

As jornadas dos aventureiros, na direção do imenso sertão central, se içavam de perigos terríveis, de embarcações capazes de levar ao desânimo os espíritos melhor temperados: rios profundos, de negras águas misteriosas, corredeiras imensas, seranias empinadas, lagoas paludosas, cerradões intermináveis, sem a menor gota d'água, sol rescaldante e, sobretudo, os índios traiçoeiros, "fazendo grandes insultos e hostilidades aos entrantes", fazendo com que os trilhos e as picadas obertos através dos sertões ásperos ficassem marcados de cadáveres.

"Esses homens que assim devassavam a terra virgem, partiam deixando o lar sossegado, mulher e filhos, fazendas, negócios, cargos públicos, metendo-se pelos sertões em busca da terra prometida ou do paraíso encantado, tiveram grandes padecimentos, sofreram grande mortandade de gente por falta de sustento, por doenças, por assaltos de feras e outras misérias".

Para exaltar a bravura desses homens atrevidos, de amplos chapelões desabados, de sapatotras de couro de bezerro, precisamos considerar a sua absoluta ignorância das condições gerais da terra que iam percorrer. Essa ignorância, mais que os índios, mais que a fome, mais que as doenças, encheu de claros os efetivos de todas as comitivas de entrantes. Esses homens não sabiam pescar, não sabiam caçar, desconheciam completa-

mente o sertão agressivo e a sua ignorância ao ponto de não ser de seu conhecimento o uso de toldos para proteger as cargas das embarcações ou das tropas contra as chuvas...

"Houve conserva de canoas em que morreram todos, sem ficar um vivo", relata Barbosa de Sá, referindo-se ao desbravamento de Mato-Grosso. Há notícias de bandeiras que ingressaram no sertão goiano e dêle não regressaram. "Foram engolidas pelas hostilidades", pelas febres, pela fome, pela bugrama indomada.

Um cronista, mais prolixo, referindo-se à invasão das minas de Cuiabá, fala com horror das monções infelizes, das reservas de canoas destroçadas, das canoas arrebetadas nas corredeiras, dos mantimentos corrompidos pelas chuvaradas, dos sertanejos famintos, arrazados pela "fome pavorosa que a tantos ceifava, ou servindo de pasto às feras, depois de tormentados por milhões de mosquitos". Fala dos bandeirantes abandonados moribundos nas margens dos rios, fala de seus delírios no auge dos acessos de febre, fala nas monções que vinham depois, encontrando uma esteira trágica: "canoas abandonadas, tresandando podridões e, nos ranchos, dentro das redes em que se haviam deitado antes, os cadáveres dos aventureiros, nas posturas em que a morte os deixara".

A cronologia das monções de Mato-Grosso, como das bandeiras que desbravaram Goiaz, menos estas e mais aquelas, assombra e estarrece. Há dor e há sofrimento em demasia nesses lanços admiráveis da conquista do sertão, da formação do Brasil.

Os felizes, os que conseguiram vencer as asperezas dos caminhos, chegavam ao seu destino em miserável estado físico: "roidos de mosquitos, pustulentos, deformados pela anasarca, tremendo de maleitas, com os esfínteres anais dilatados, transudando sangue pelo maculo ou corrupção". Esses felizes, haviam feito uma viagem estarrecedora de sofrimentos, "tendo por único alimento", às "vezes, a água do céu e a que seus olhos derramavam"...

Um retrato muito nítido das desgraças verificadas no desbravamento de Mato-Grosso ficou na correspondência de Luiz Vaia Monteiro, governador da capitania do Rio-de-Janeiro, dirigida ao ministro de Estado, Diogo Mendonça, da Corte Real. Em 8 de novembro de 1726, o capitão-general do Rio-de-Janeiro escrevia relatando que a São-Paulo haviam chegado tropas procedentes de Mato-Grosso e que grande era a condução de ouro daquelas minas. Falava-se em "sessenta arrobas pertencentes a

particulares e em seis arrobas dos quintos". Mas, ao lado dessas notícias alviçareiras, Luiz Vaia Monteiro registrava as queixas: nas minas não chovia havia seis meses, não havia água para lavar a areia e "os dilatados campos em que tiram o ouro com pouco mais profundidade de cinco palmos não têm rios". E o capitão-general do Rio-de-Janeiro terminava veiculando esta notícia estuporante: "disse-me um mineiro que andavam na diligência de trazer água de sete léguas, e que, conseguindo, sairia muito ouro".

"Água de sete léguas"... Consi-dere-se, ainda que por um minuto só, o mundo de sacrifício que essa "água de sete léguas" deveria motivar: os negros, sob o látigo do feitor, abrindo o régo interminável sob o sol adurente, os imensos bicames ligando colinas e outeiros, as rochas arrebetadas a picaretas e a pólvora negra...

Mau grado essas notícias tristíssimas, a invasão das minas do centro do Brasil se fazia impetuosamente. No dorso das águas revôltas ou através das selvaticquezas do sertão agressivo, os entrantes avançavam, em grupos, em magotes, em verdadeiras alcatéias, dementados pela ambição dos achados, com a cabeça refervente de delírios às notícias de que, em Mato-Grosso, "substituiu-se por granêtes de ouro o chumbo das espingardas" e, em Goiaz, "bastava arrancar touceiras de capim para achar ouro grudado nas raízes".

x x x

Quando dom Rodrigo César de Menezes, capitão-general de São-Paulo, deliberou realizar a viagem a Cuiabá, anunciada desde 1723 e deliberada para o mês de julho de 1726, surgiu uma séria desinteligência entre o dr. Francisco da Cunha Lobo, ouvidor de S. Paulo, e o dr. Antônio A'lvares Lanhas Peixoto, ouvidor de Paranaguá. Ambos queriam fazer parte da comitiva do capitão-general de São-Paulo.

A questão teve notável repercussão, cabendo a Luiz Vaia Monteiro, capitão-general do Rio-de-Janeiro, denunciá-la ao rei de Portugal. E êle o fez em carta de 25 de maio de 1726, em que dizia, sem reboços, que o ouvidor Cunha Lobo "afirma que há de ir ainda que seja disputando à força, alegando que ninguém lhe pode impedir que vá de correçam, porque aquelas minas são de sua comarca".

O ouvidor de São-Paulo, mau grado as suas ameaças, não acompanhou dom Rodrigo César de Menezes nessa aventureira viagem. A 6 de julho

de 1726, em 23 canoas empavezadas, "cada qual carregando de sessenta a setenta arrobas de mantimentos cobertas com encerados", dom Rodrigo largou pelo velho Anhembi a baixo, levando figuras de prola do arraial piratiningano e, com estas, o ouvidor de Paranaguá, dr. Antônio A'lvares Lanhas Peixoto.

A 16 de novembro de 1726, depois de paradas em várias localidades, onde mais gente meteu no bojo das canoas, dom Rodrigo chegou a Cuiabá e, segundo relatam crônicas da época, "os moradores o receberam com as festas que o tempo e o lugar permitiam".

O ouvidor Lanhas ficou em Cuiabá, no exercício de suas funções e, em pouco tempo, indisps-se sèriamente com o vigário Lourenço de Toledo Taques que chegou, mesmo, a excomungá-lo, "por se intrometer e perturbar a ação do juízo eclesiástico, em uma questão com o padre Manoel Francisco Rabelo".

As funções do ouvidor Lanhas eram demasiadamente penosas. Para agravá-las, surgiu, ainda, o próprio dom Rodrigo Cesar de Menezes que o queria forçar a sentenciar os indivíduos que não tinham tido a felicidade de lhe despertar simpatias. E essa indisposição foi crescendo ao ponto de chegar o ouvidor de Paranaguá a "deixar os cargos que exercia e se deixar ficar nas minas como simples particular".

Em meados de 1730, parte de Cuiabá uma monção rumorosa: "dezenove canoas de carga e quatro de pescaria e, dentro delas, quatrocentas pessoas de nomeada e certas arrobas de ouro pertencentes à Corôa".

De súbito, "passados vinte dias de marcha", os índios Paiaguás caem sobre a monção. "O inimigo safu da cilada dando um grande urro, e disparando mais de quinhentas flechas". "Sobre as frágeis embarcações dos paulistas avançam cinquenta canoas dos bugres, "cada qual conduzindo dez a doze agigantados atacantes". A carnificina foi tremenda.

"Atemorizados os nossos remeiros, pela maior parte escravos africanos, atiraram-se quasi todos à água, e deixaram as canoas sem govêrno e, por conseguinte, sem o meio já cinchido de defesa contra tais ataques, que era alcançar uma das margens, onde perdiam êles índios a superioridade com que nos combate governavam suas canoas", relata um cronista.

Deixemos ao cronista a descrição dessa tragédia. Deixemos a êle essa tarefa dolorosa. "Debalde os chefes aconselhavam a resistência, como o único meio de se fazerem temer e respeitar dos próprios inimigos; debalde uns gritavam que desordenados e insubordinados se enfraqueciam; debalde lhes lembravam que a morte era comum e certa a todos, pelo que mais valia que viesse honradamente. A nada atenderam. Travou-se, entretanto, a peleja: os escravos que se haviam lançado à água, afogaram-se ou foram mortos e presos no inimigo,

que além disso conseguiu apoderar-se de dezesseis canoas".

A luta durou um mundo. Foi de 9 horas da manhã até as 2 horas da tarde. A carnagem foi tremenda. O rio correu vermelho de sangue.

"A mortandade foi terrível", relata um historiador, "e mais terrível o saque. O maior saque de que há memória na história do bandeirismo: quatrocentos mortos e cem arrobas de ouro pilhadas".

Entre os prisioneiros estava a linda dona Domingas Rodrigues, recém-casada com Manoel Lopes de Carvalho, abatida na luta. Três meses depois, os Paiaguás apareceram em Assunção e a ofereceram a resgate, "com mais dois moços, duas meninas e trinta e tantos escravos".

O governador do Paraguai, dom Carlos de los Reys Valmaseda, em carta de 4 de novembro de 1730, relata que dona Domingas "estava com as pestanas e cabelos rapados e que o gentio tinha tal abundância de ouro que por gêneros no valor de cinco pesos chegava a dar duas libras"...

Essa tragédia ficou registrada nos "Anais da Câmara de Cuiabá", nestas linhas concisas: "Com nove milhas de marcha chega-se a uma ilha outrora chamada "Ariacuné", nome também de uma escante que entra no braço esquerdo e presentemente chamam rio Negrinho. Foi, dizem, nessa paragem (pretendem uns que foi no rio Paraguai) que, em junho de 1730, uma expedição de canoas, em que iam de Cuiabá para São-Paulo o ouvidor dr. Antônio A'lvares Lanhas Peixoto e mais 400 pessoas, levando 60 arrobas de ouro, foi atacada e completamente derrotada pelos índios, depois de renhido combate que durou desde as 9 horas da manhã até às 2 horas da tarde. Só cito dos cristãos escaparam".

Das vinte e três canoas da monção escaparam sete e nelas estava o capitão João Antônio Cabral Camelo, a quem se deve a notícia desse espantoso morticínio. "Cabral conseguiu varar em uma pequena ilha de tijuco e fortificar-se nela precipitadamente, o que fez com que o inimigo se recolhesse à pressa".

Mal refeitos do pavor da luta por êles presenciada, os paulistas cuidaram de enterrar os seus mortos. "Os corpos do dr. Lanhas foi encontrado meio despido à margem do rio, sendo enterrado no tijuca".

Foi essa a tragédia da monção de 1730.

x x x

De onde vinham os índios Paiaguás? A que nação pertenciam? Onde ficavam as suas malocas,

Os Paiaguás eram índios canoeiros, "os senhores dos rios" e "se reputavam progênie do peixe pacú". Viviam no dorso das águas dos rios Taquari, Paraguai, São-Lourenço e até o Cuiabá.

Os Paiaguás andavam nús, eram nadadores destemorosos, "mergulhando em uma voragem, iam sair a uma grande distância, conservando-se

tanto tempo debaixo d'água, que era crença que êles levavam taquaras por onde respiravam".

As suas canoas, sem pôpa e sem prôa, em forma de lua crescente, podiam se movimentar com incrível rapidez, em qualquer direção. Os seus ocupantes manejavam um remo afiado que lhes servia, também, de lança nos combates. "Por mais raivosos que andassem ventos e ondas, nada temia o Paiaguá, que, pôsto em uma das extremidades da sua embarcação, fazia-a correr metade fora d'água".

Aliando-se aos Guaicurús, índios cavaleiros de Mato-Grosso, os Paiaguás encheram vasta extensão do primeiro e segundo quartéis do século XVIII, do estrondo dos combates e dos alaridos das lutas em que, muitas vezes, foram êles os vencedores.

Ficou na história o registro de uma suposição de que os Paiaguás eram índios domesticados pelos jesuítas e por estes açulados contra os paulistas, para se vingarem dos gravames recebidos dêstes, com a destruição implacável das reduções do alto Paraná. "Os jesuítas, para se vingarem dos paulistas, que haviam bárbaramente destruído as suas missões, insuflavam nesses selvagens ódios insopitáveis contra os de S.-Paulo", relatam Toledo Piza, M. de Oliveira e Paulo Setubal.

O capitão-general do Rio-de-Janeiro, em carta ao ministro Côrte Real, relata que "morreu quasi tôda a gente que vinha nas próprias canoas e dizem muntamente que os ditos índios levaram o ouro que a nossa gente trazia, do que infiro que aquela empresa seria fomentada pelos Castelhanos, e que viriam nela os índios das Aldeias, que administram os Padres da Companhia, porque em outros encontros que nossos Mineiros têm tido com os índios, sem embargo de matarem gente, nunca fizeram caso do ouro".

Algum tempo depois, referindo-se ao morticínio da monção de 1730, o capitão-general do Rio-de-Janeiro, em carta dirigida ao capitão-general de S. Paulo, deixou pingar de sua pena esta frase cruel, que revela com fidelidade a tragédia do desbravamento de Mato-Grosso: "sinto muito a desgraça das canoas de Cuiabá e também a morte do ouvidor Antônio A'lvares Lanhas, o que é certo é que aquelas minas têm dado mais perda que proveito, pelo trabalho da viagem por terra e água".

, x x x

E o dr. Francisco da Cunha Lobo, o façanhudo ouvidor de São-Paulo, que tanto queria ir em companhia de dom Rodrigo para as minas de Cuiabá?

A sua história tem seguimento. Por provisão régia de 13 de dezembro de 1726, "foi dado por acabado o seu tempo de ouvidor" e ao capitão-general do Rio-de-Janeiro "foi ordenado que tanto que chegue êsse sujeito, o façais embarcar na primeira embar-

Por culpa de Ponson du Terrail

CONTO DE GUIBERME XAVIER DE ALMEIDA

Há um episódio da minha infância que nunca se me apagou na memória. Teria 12 anos quando comeci a ler romances. Viviam a sonhar com os personagens de Montépin e Ponson du Terrail. Os antros de Paris, aquelas tavernas escurecidas pela fumaça dos cachimbos, onde se viam, em redor de mesas imundas, figuras patibulares tramando crimes horríveis, concertando planos de roubos e assassinatos, de tal forma impressionavam minha viva imaginação, que me pareciam cenas reais a que eu tivesse assistido.

Foi por esse tempo que penetrei na floresta emaranhada de horrores inacreditáveis que é o Rocambole.

Andava a ler a primeira parte das aventuras do invencível bandido quando, lá pelo meio do livro, uma coisa me chamou a atenção: a cada passo as heroínas do romance desmaiavam. Uma notícia alarmante, a possibilidade de uma agressão, uma carta de ameaça bastava: o desmaio era certo, matemático, infalível. E a expressão do autor, ou antes, do tradutor, sempre a mesma: Deu "um grito e perdeu os sentidos".

Nascido e criado no sertão, vivendo

cação para este reino, não consentindo que tenha comunicação com a gente de S. Paulo".

Essa ordem parece não ter sido cumprida. Em julho de 1727, o capitão-general Luiz Vaia Monteiro escrevia ao ministro Côrte Real informando que "até o presente não chegara o ouvissor que foi de São Paulo".

Em 1732, o dr. Francisco da Cunha Lobo, foi portador de uma carta do capitão-general do Rio-de-Janeiro ao seu colega da capitania de S. Paulo. Nessa carta há uma referência ao ex-ouvissor de S. Paulo. Foi a última que encontrei nos documentos manuscritos. Diz o capitão-general Luiz Vaia Monteiro que "o desembargador Francisco da Cunha Lobo com razão vive desvanecido do favor que sempre deveu a vossa senhoria".

BIBLIOGRAFIA

Diogo de Vasconcelos: "História Antiga das Minas-Gerais" e "História Média de Minas-Gerais".

Documentos Interessantes do Arquivo de S. Paulo.

Documentos do Arquivo de Goiás. Rocha Pombo, "História do Brasil". Paulo Setubal, "Ouro de Cuiabá". Washington Luiz, "Capitania de S. Paulo".

Varnhagem, "História Geral do Brasil".

entre mulheres fortes, ocupadas com os cuidados da maternidade e os arranjos da casa, e que não dispunham de ócios para afinar os nervos, eu nunca tinha visto mulher alguma sofrer uma vertigem. Vira mães perderem filhos, irmãs perderem irmãos, espósas perderem maridos, chorando sinceramente a sua morte; mas nunca, em minha presença, nenhuma se lembrara de "dar um grito e perder os sentidos".

E eu fiquei curioso de ver aquilo. Queria testemunhar uma mulher "dar um grito e perder os sentidos".

Mas a ocasião não se apresentava.

Um dia, no teatrinho da cidade, houve um rôlo. Dois bêbados que lá se achavam a dormir, ouvindo, de repente, dois tiros disparados, no palco, pelo vilão (um jesuíta) contra o herói do drama, despertaram sobresaltados e fizeram tropejar seus "38" em plena plateia.

Foi uma debandada dos infernos. Enquanto alguns homens dominavam e desarmavam os desordeiros, o resto do povo disparou como doido — mulheres, marmanjos e crianças misturados na mesma ânsia de fuga — pulando pelas janelas, comprimindo-se à porta, subindo para o palco, numa gritaria dos diabos.

Eu, encolhido a um canto, arregalei os olhos e pensei: "E' agora! Até que enfim vou assistir a uma mulher "dar um grito e perder os sentidos". Mas, qual! Nenhuma desmaiou. Parece que, na pressa de fugir, não houve tempo para pensar nisso. Dentro em pouco, o teatro estava quasi vazio. Só restavam alguns homens que haviam segurado os ébrios, a polícia e um dos atores, o Aniceto de Gouveia, primo de um dos valentões. Aniceto, com sua autoridade de parente, furioso, ofendido no seu orgulho de artista por ver a peça interrompida no ato mais dramático, descera da ribalta ainda vestido de jesuíta, com uma rodela de papel branco colada na parte posterior da cabeça, a-fim-de fingir corôa de padre, e, feroz, castigava o primo embriagado com uma saraivada de peçoções.

Fui para casa aborrecido. Positivamente não havia meio de ver concretizada num fato real a frase do Visconde du Terrail.

Como a vida não me apresentava, mesmo, espontaneamente, o espetáculo desejado, resolvi crear a cena, arranjar circunstâncias que levassem, fatalmente, uma senhora a ter uma síncope à minha vista.

Chegara, havia poucos dias, uma família de fora à nossa pequenina

cidade. Tratava-se do novo juiz de direito, vindo, com sua senhora e dois filhos, do Estado do Rio.

A senhora chamava-se d. Augusta. Andava pelos trinta e cinco anos. Quasi não saía de casa, onde se arastava, lânguida e branca, sem passear, ao menos pelo jardim, pois o médico lhe proibira descer e subir escadas, sendo-lhe prejudicial à saúde qualquer esforço. Era formosa. Os olhos negros se lhe destacavam melancólicos, na aivura do rosto.

Eu ia à sua casa, de vez em quando, com minha mãe, e, às vezes, sózinho, a convite de d. Augusta, que simpatizava comigo e sempre me guardava alguma gulodice.

Contemplando-a fraca, a evitar excessos, rodeada de conforto e resguardo, achei que ela devia ser boa para desmaiar. E, com esta idéa, enquanto recebia e comia os bonbons que ela me dava, ia delineando o meu plano. Já se haviam passado mais de quinze dias depois que eu escolhera a espósa do dr. Belisário Cunha (era esse o nome do juiz) para vítima da minha experiência, quando se deu, no forum, durante o expediente, uma forte altercação entre elle e o rábula Antônio Bezerra, que se gozava da fama de homem valente e violento.

A contenda não passara de um bate-bôca. E, ao deixarem a sala das audiências, os dois já se haviam reconciliado. D. Augusta, porém, ficou apreensiva, ao saber do fato, e teve, naquele dia, muita palpitação, sendo quasi obrigada a recolher-se ao leito.

Sabendo disso, na inconsciência dos meus doze anos, resolvi desfechar o golpe, que, segundo os meus cálculos, me permitiria, afinal, ver uma dama "dar um grito e perder os sentidos".

Assim foi que, dois dias após o aludido incidente, me encaminhei para sua casa, decidido a fazê-la desmaiar.

Sabia que ela costumava passar longas horas no alpendre, recostada numa "chaise-longue", lendo algum livro ou contemplando as rosas do jardim. Para lá me dirigí a correr. Percebendo-me a subir a escada, ela se ergueu com um sorriso doce, todo feito de carinho, e me estendeu os braços num gesto de mãe.

Eu, então, mal parando, a ofegar da carreira, lhe bradei: — "O Bezerra acaba de matar o dr. Belisário!"

No semblante de d. Augusta, que se fez côr de cera, houve um repuchão exquisito; pareceu-me que as carnes de seu rosto se sumiam com sangue e tudo, aderindo a pele aos ossos. E, efetivamente, como eu esperava, ela "deu um grito e perdeu os sentidos".

Ao contrário, porém, das heroínas de Ponson, que, cinco minutos após desfalecer, novamente se erguiam, d. Augusta não mais se levantou da cadeira em que tombara.

A boa senhora, coitada, era cardíaca. E fui eu que a matei, ajudado, segundo me explicou, há tempos, um estudante de direito, pelo seu "estado mórbido anterior".

SENSIBILIDADE

Sensitiva e amorosa, estremecees ao mais leve contacto com o mundo.

E sofres e entristeces, porque sôbre ti passou um olhar pérfido e feriu-te o ouvido uma frase áspera, ou talvez sentiste a dureza de um gesto brusco.

Assim é a vida. Foi sempre assim. E assim será. O sorriso de veludo envolvendo o estilete da ironia pérfida; o veneno da maldade gotejando em cada palavra. E o olhar falso e insidioso ferindo e mordendo; picando como alfinetes; rasgando como dentes afiados de lobo; revolvendo entranhas d'alma, como punhais remexendo feridas.

Abroquela a alma; resguarda o coração; endurece o olhar; afia o sorriso; acostuma a palavra a vestir o pensamento, ocultando a sua fraqueza, ou a sua miséria.

Arma-te e defende-te.

Queres, acaso, alma cândida, receber os ataques do mundo perverso com essa franqueza fraca da bondade passiva, que não sabe disfarçar, nem resistir, nem recusar?

Serás vencida e, aí de ti! porque avida é implacável e impiedosa.

Mas, não! Sê forte, sê vitoriosa e sê . . . sensível.

Mas, que a tua sensibilidade seja assim: esplêndido tesouro guardado àvaramente, que olhos cúpidos jamais verão e que, num perpétuo

enlêvo, deslumbrará os olhos meigos, os olhos bons dos que te amam.

Para os outros, para a grande turba grosseira, que passa acotovelando-se brutalmente, terás o olhar frio, a palavra indiferente, o sorriso enigmático.

Que o teu rosto — formosa máscara de mais formosa alma — não reflita nunca as tuas emoções, nunca revele tua vida interior.

Sê como essas águas silenciosas, escondidas sob frondes espessas; águas frias, dormentes, cuja misteriosa, perturbadora transparência, de balde o olhar tenta devassar.

Que tu'alma seja assim: esquiva, fechada, impenetrável, para a grande turba grosseira, mas serena e doce — lago azul encaestado no seio verde de uma terra primaveril — enlevando os olhos meigos, os olhos bons dos que te amam.

Sê incompreensível e sê . . . feliz, porque a felicidade só te sorrirá, se fores misteriosa esfinge, tão insensível aos golpes rudes da sorte má como aos brandos afagos da fortuna inconstante.

E, enquanto o mundo te julgar insensível e enigmática, tua sensibilidade desabrochará ao influxo do amor.

E viverás ignorada e feliz a vida formosa e cruel, sorrindo e chorando diante só dos olhos meigos, dos olhos bons dos que te amam.

Marilda Palínia

DISCURSO SÔBRE A LIBERDADE

Na manhã de ontem achava-me eu nesta casa gozando em silêncio os meus 15 minutos de intervalo, numa atitude de defesa passiva contra a táctica improvisada pelos estudantes, do "dia da imprensa", espirituoso eufemismo da velha malandragem do "dia impressado"... Estava só. Ruminaava pensamentos. Um deles, remanescente de uma agradável palestra que tivera na véspera com o douto colega Alfredo de Castro, alçou-se nas asas translúcidas do estro de José Martí — o insigne libertador cubano — segredando-me à alma enlévada, assim:

"Cultivo uma rosa branca,
Em julho como em janeiro,
Para o digno companheiro
Que me dá sua mão franca".

"E para o cruel, que me arranca
O coração com que vivo,
Cardo nem urze cultivo,
Cultivo uma rosa branca".

Inebriado pelo incomparável, perfume dessa rosa branca da fraternidade universal — rosa mística do sonho de Cristo — o meu espírito vagava absorto pelos jardins do infinito, onde as flores se transformam em estrélas, em girassóis "formidáveis"...

Precisamente nesse momento ótimo em que me esforçava por compreender através da poesia — pobre de mim! — a filosofia da tolerância e do perdão, eis que três guapos e generosos rapazes, num assalto de Blitzkrieg, me fulminam com o inesperado mas honroso convite para ocupar a tribuna do Grêmio Literário deste Colégio, na solenidade inaugural deste salão de festas.

E por instantes viví no limiar de dois mundos, sem que "apercebesse" nitidamente, as fronteiras obscuras e movediças entre o sonho e a realidade... Mas, considerando que o Sonho é também realidade, uma de suas expressões menos conhecidas, mas uma grande força social, como disse Sílvia Romero, sem esforço anuí ao chamamento dos moços para viver com eles nesta boa hora de alegria, a veemência, a seiva transbordante, a energia comunicativa do seu "élan" vital... E trago ainda nas mãos, trêmulas pela comoção, a rosa branca com que o immaculado poeta e herói da libertação americana me apresentou no meu sonho...

Oxalá possa o seu perfume espiritual suavíssimo dizer às vossas almas o que as minhas palavras, por inópia, não serão capazes de transmitir aos vossos ouvidos.

Sim, meus senhores, também eu... também eu cultivo uma rosa branca... E hoje a ofereço, em nome dos

meus colegas e da briosa juventude deste Educandário, ao digno companheiro e chefe que nos "dá sua mão franca", sua amizade e seu prestígio.

Há meses, recebeu este salão, no seu batismo, o nome de "Orivaldo Borges". O jovem e ilustrado prof. Edmar Fleurí, disse, então, do significado e do valor dessa homenagem, que agora se completa com a aposição da placa comemorativa — numa como que confirmação do batismo.

Senhores: nesta festa, de inteligência e de simpatia, há que buscar, primeiro que tudo, o seu espírito, o que vale dizer, a sua essência, ou ainda, a sua verdade.

E essa verdade sob dois aspectos, antes de outros, se nos apresenta: moral e estético. O primeiro, aliás, é redutível ao segundo, se aceitarmos com Kant que duas grandes e incomparáveis belezas existem no mundo: — o céu estrelado sobre as nossas cabeças e a lei moral dentro de nós. Sendo assim, a lei moral, a beleza suprema, a Estética, com fundamento na moral, sobreleva na filosofia e na vida, ou, pelo menos, se quiserem, na filosofia da vida...

Procuremos pois compreender, em última análise, isto é, esteticamente, o espírito de verdade que paira nesta cerimônia, ou dito de maneira mais plástica — a estética deste gesto, "de ce beau geste"...

A verdade, filosofa o esteta patricio Flávio de Carvalho, "não é uma condição lógica nem raciocinada ou raciocinável, é muito mais profunda que a dialética regional de uma lógica". (1)

A verdade, continua, "surge da "atmosfera" do quadro, e só pode parecer verdade para aqueles que compreendem a "atmosfera". E a atmosfera de um objeto qualquer, explica, "é a soma algébrica de todas as sugestibilidades perceptíveis no objeto".

Temos, pois, diante de nós um quadro e somos nós mesmos figuras desse quadro, cuja atmosfera tanto melhor compreendemos quanto é certo que vivemos nela como seus próprios elementos integrantes.

A sugestibilidade deste quadro, a sua atmosfera, a sua soma algébrica, encontram sua expressão neste nome: "Orivaldo Borges".

Este nome é, assim, para me expressar esteticamente, uma síntese sugestiva. Constituem seus elementos integrantes a energia e a afabilidade, a tolerância e o dever, a disciplina e a sociabilidade, o amor e a justiça.

Esta a atmosfera do nosso quadro colegial, em que alunos e mestres se compreendem e cooperam em torno de uma tarefa comum, e de um ideal também comum, quais sejam a tarefa e o ideal de alargar culturalmen-

Cristiano Cordeiro

te os horizontes político-sociais da Pátria Brasileira.

Além das referidas sugestibilidades, outras ainda se resumem na inscrição que ilustra e nomeia esta sala: — são as "idéias-fôrças", as sugestões milagrosas da fé, da esperança e — sugestão das sugestões — a sugestão da mocidade.

As primeiras justificam a simpatia, a confiança, o acatamento da juventude estudiosa. Mas as últimas ganham-lhe o entusiasmo, e, sobretudo, esse inestimável espírito de camaradagem espontânea, leal e respeitosa, que constitui o segredo das fortes e sábias organizações democráticas e da solidez e prestígio da liberdade bem compreendida.

Eis os motivos, aparentes ou ocultos, por que o instinto da juventude elegeu "Orivaldo Borges" o parainfo do seu salão de festas.

O seu sexto sentido de pronto nele descobriu, além dos valores estritamente didáticos com que sabe honrar o magistério goiano, outras sugestibilidades que polarizam as almas moças, ávidas de simpatia e de carinho.

Por tudo isso, a festa de hoje é uma festa de inteligência e de sentimento. É uma vitória do Espírito. É uma manifestação de aprêço ao gênio de Ariel, em defesa do qual, hoje mais do que em qualquer outro período agitado da história, devem todos os povos da terra, a mocidade na vanguarda, mobilizar tôdas as suas forças morais.

Estudantes goianos, estudantes brasileiros:

Neste dia de hoje — o maior dia da Pátria — meditemos com a maior concentração possível sobre o profundo sentido do grito do Ipiranga, ultrapassando-lhe o significado limitadamente brasileiro, para atingir, se possível, o problema universal da própria liberdade humana.

O poeta latino Juvenal, comenta o filósofo argentino Garcia Morente, "dizia dos patricios degenerados de sua época que sacrificavam ao amor de viver as causas que tornam digno o viver. "Et propter vitam, vivendi perdere causas". (2)

E dentre as causas que tornam digno o viver, concluimos, a maior, a mais forte, a mais indeclinável, a causa das causas, por assim dizer, é sem dúvida alguma a Liberdade.

E o lúcido filósofo da vida, como base de uma nova edificação metafísica, diz-nos ainda que "a vida, nós outros na vida, somos livres; podemos fazer ou não fazer; podemos fazer isso ou aquilo. Porém, temos que fazer algo forçosamente; para ser, temos que fazer, para viver temos que viver nossa vida. Quer dizer: para

DO PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS

Como vimos noticiando, o dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo e redator desta revista, quando de sua ida ao Rio, em novembro do ano próximo findo, a-fim-de representar o Estado de Goiaz, em Congresso lá realizado, foi portador de uma mensagem dos intelectuais goianos, mensagem de solidariedade e confiança ao senhor Presidente Getúlio Vargas.

Desincumbindo-se da honrosa missão, o ilustre portador daquele documento fez entrega do mesmo, recebendo, agora, a seguinte carta da Secretaria da Presidência:

“Rio-de-Janeiro, 17 de janeiro de 1944.

Ao doutor Paulo Augusto de Figueiredo.

O Presidente Getúlio Vargas recebeu com particular aprêço a manifestação de solidariedade dos intelectuais goianos e, por seu intermédio, lhes transmite cordiais e sinceros agradecimentos.

Atenciosas saudações.

(a) LUIZ VERGARA, Secretário da Presidência”.

AOS INTELECTUAIS DE GOIAZ

viver livres, para viver livremente, para ser livres vivendo, temos que fazer essa liberdade, posto que a vida é um que-fazer. Assim, a “liberdade”, no seio da “vida”, coexiste irmanada com a “necessidade”; é “liberdade necessária”.

A vida é, pois, o valor; e a liberdade é o preço da vida, a estimativa do valor. Valorizemos êsse preço, isto é, vivamos a liberdade, ainda que nessa nobre porfia nos surpreenda a morte, porquanto a morte, no dizer do talentoso mestre da Universidade de Tucuman, “é algo que acontece à vida”...

Mas não basta viver. O bruto também vive; as plantas vivem; mesmo as pedras acaso vivem. A natureza tôda vive; mas só no homem vive integralmente, só nele se revela a si mesma no epifenômeno da consciência. Há que viver pois a vida conscientemente, o que importa dizer nobremente, dignamente, altruisticamente, de tal modo que o sentimento vivo da solidariedade se torne, por assim dizer, o plasma social da moral, da política e do direito.

E como a organização da sociedade humana encontrou a sua “vivência”, a sua forma existencial, através de longo e complicado processo histórico, no Estado de direito, que êste cresça e se aperfeiçoe, não só em função da “vida”, mas de uma “vida melhor”, na frase feliz de um publicista contemporâneo. E que, ao invés do monstruoso Leviatã do sonho trágico de Hobbes, se transforme em o novo Hércules da civilização redimida, o libertador de Prometeu, ora

acorrentado nos campos de concentração da Europa nazista, depois que o demiurgo da guerra, abalando até nos últimos recessos a velha alma eslava, sonhadora e indomável, varreu pela última vez os abutres liberticidas dos cimos caucasianos, onde fica situado o Olimpo dos novos direitos do homem e do cidadão, do homem e do cidadão de um novo mundo que vem nascendo entre “lágrimas, suor e sangue”, em que se transmudaram os naturais e fundamentais elementos da antiga cosmogonia jônica...

Mas... lágrimas, suor e sangue... que são, afinal, senão modos e côres da vida mesma, da vida estuante, insopitável, eterna; da vida igual a si própria, única nos seus vários aspectos e matizes, quer refulja num sorriso de mãe, quer se confunda com as lucubrações do sábio, ou transborde de amor no coração da juventude, ou inflame o peito dos guerreiros da liberdade?

Sim, a vida que contém a morte, contém, outrossim, a vitória sôbre a morte, contém o germe imperecível da Esperança, visto que realiza no seu sempiterno fruir a superação de todos os contrários.

E neste “curriculum-vitae” da Esperança, sois vós, moços, estudantes, os nossos mestres, e nós, mestres, os vossos tímidos discípulos...

Professores de Esperança, dai-nos, moços de Goiaz e do Brasil, com o penhor sagrado do vosso patriotismo, a segurança de uma pátria livre e a convicção de que, nos céus e campos dêste planalto magnífico, jamais se

projetará, como nuvem negra de opróbio, a sombra gigantesca e sinistra de Prometeu encadeado...

Gostamos de recordar estas palavras de Wagner, no seu livro “Valor”: “O dogma fundamental é crer na vida; a suprema heresia é perder a esperança”. E’ que nos apraz crer na vida, pelo que não seremos nunca apóstatas da esperança. E isto porque cremos em vós, que sois o corpo e o sangue de nossa crença — a eucaristia do nosso patriotismo; e porque muito esperamos de vós, que sois o verbo da própria Esperança, vós que sois a promessa, vós que sois a alvorada...

A todos vós que me ouvís complacentes, mestres e discípulos, senhoras e senhores, a todos vós desejo com abundância de coração uma vida longa e feliz, livre e próspera, para maior glória do Brasil e ainda para maior bem da Humanidade.

E para vós, particularmente, prof. Orivaldo Borges, estas palavras finais: — semeai, semeai, semeai. O prazer do semeador é a sementeira.

Só à Pátria caberá um dia recolher, nas grandes debulhas cívicas do porvir, os frutos opimos das sementes que plantais.

Que uma compensação, todavia, vos baste: a certeza de que a árvore futura já se contém potencialmente na incôgnita semente de agora. E essa certeza só por si justifica a alegria de uma vida útil, de uma vida bem vivida.

(1) — “Ossos do Mundo”.

(2) “Lecciones de Filosofia”.

O FOLIÃO FRACASSOU

CONTO de FREDERICO DE MEDEIROS

Foi nos tempos do carnaval ingênuo de Vila-Boa. Não o carnaval do "entrudo", que não peguei. Nem o carnaval pulado, de que não gostei, aquele introduzido ali, em nossa cidadezinha pacata, por uma garôta sapaca, que veio do Rio de encomenda para puxar uns cordões à carioca. Mas aquele outro carnaval, simples e gostoso, que se interpôs entre os dois. O Clube dos Tigres, muito honesto, com um novenário preliminar de zé-pereiras, sem máscara, à meia noite. O pessoal da Rua Direita botando cadeira nas portas, às quatro horas da tarde, para assistir ao vai-vem ininterrupto daquela fieira de automóveis de capotas ariadas, agrilhoados uns aos outros pelas correntes multicôres das serpentinas. O desfile solene do Bloco-da-Bola-Vermelha, só de gente fina, executando músicas locais. Muito direitinho, com os seus membros, quase todos de óculos (coincidência), muito compenetrados na sua fantasia de calças brancas bem vincadas, blusão de sêda preta luminosa e bonêzinho das duas côres, torto na cabeça. Na praça da matriz, duas turmas dando voltas no jardim — o pessoal de segunda por fora, o de primeira por dentro. Ali, naquele largo ensombrado de seculares cajazeiras, esplendia o carnaval. Além do preto-e-branco, côres do quadro de futebol da elite do lugar, predominavam nas fantasias o vermelho e o verde. Não havia caracterizações exóticas. Cada qual procurava vestir-se de maneira a exaltar os seus dotes físicos. Perseguiu-se o belo, a perfeição, corrigindo cada um o defeito que suspeitava possuir. Assim, para as moças altas, vestido curto. Para as baixas, vestido comprido. As gordas, roupas justas. As magras, fantasia folgada. Para o marmanjo de cabelo "não-nega", um gurro, um bonê, qualquer cousa por cima do cocuruto. E, no final, tudo saía bem. Brincavam-se a valer, num ambiente alegre, sem exageros nem complicações, a não ser a presença incômoda de uma caterva de moleques entregues à sua faina diabólica de arrebatam vidros de lança-perfume das mãos dos incautos.

Pois é. Foi nesse tempo, num desses folguedos, que o Jeromo de Sá Teodora se meteu a estrear-se como folião. O coitado padecia de um mal secreto, que lhe trazia uma vida interior agitadaíssima. Queria, por toda a lei, mudar de condição. Ser gente. Passar para aquele outro mundo, tão belo, tão convidativo. Ser igual aos outros, com acesso às melhores rodas. Fazer amizade com as pequenas, ter uma namorada e andar de "bonde" no jardim. Principalmente isto — ter

uma namorada e passear com ela pelo lado de dentro do jardim público. Não sabia porque, mas não era capaz de se manter ali. Não era proibido, bem sabia. A polícia não se incomodava. O fiscal da intendência só estava ali para evitar que os moleques pulassem o arame ou pisassem na grama. Não fazia nada dessas cousas, mas não era capaz de ficar ali dentro. Sentia-se constrangido, deslocado, com a impressão de que todo mundo estava a olhar para ele — o moleque de tableiro de há pouco tempo — agora ali metido a gente. Era isto, o passado, que o acabrunhava.

Fôra criado na miséria. O pai, cabo de polícia chefe de destacamento, não voltara de uma de suas diligências. A mãe, Sá Teodora, para dar de comer ao filho sem pai que herdara do matrimônio, caiu duro no serviço. Lavava roupa para os outros, passava, buscava água na carioca a duzentos réis a lata e, à noite, ainda achava tempo para fazer doces, que o Jeromo, à noite mesmo, vendia na porta do cinema, que durante o dia estava na Escola de Oficina, a-pesar-de seus doze anos incompletos, padecendo com a turbulência desenfreada de seus colegas, todos péssimos rapagões de maus costumes.

De ofício nada aprendeu na escola. Em compensação, lucrou um curso primário regular e aquela alcunha, que o mortificava. Mais tarde, quando mais crescido, conseguiu a ocupação de vender pão quente, à noite. Levou, assim, longos anos. Tableiro à cabeça, sacola de repuxo a tiracolo, apregoando por toda a cidade, que o conhecia invariavelmente por Jeromo de Sá Teodora. E, ao ver-se rapaziinho, a vaidade natural da idade muito o fizera lutar para mudar de profissão e impor o seu verdadeiro nome — Jerônimo Pereira de Andrade, filho de dona Teodora de Andrade Pereira. Mas não havia jeito.

Julgava-se com acentuado pendor para o comércio, aliás único ramo de vida que achava poder abraçar. Pois não queria ser soldado, com o exemplo do pai. Para funcionário público, faltava-lhe proteção. E outro que fazer não havia no seu meio. Correu, assim, por diversas vezes, todas as casas comerciais da cidade, mendigando um emprêgo de caixeiro. Baldado, cada lojista ou "barracônista" tinha, invariavelmente, um filho, um sobrinho, um irmão mais moço, qualquer parente, para tomar conta do balcão e barrar a intromissão de estranhos. Até que um dia, grande dia aquele, estabeleceu-se na praça uma loja diferente das outras — as Casas Pernambucanas, que aceitava gente de fora.

Deus tarda, mas não falta. Foi a conta. Parece que veio de encomenda para o Jeromo. Assim foram abertas as portas da nova casa, lá estava ele, todo pimpão, com o encargo de varrer a loja e levar os embrulhos nas residências dos fregueses. Não demorou, entretanto, essa situação. Diligente, trabalhador, caíu logo no gotto do patrão, pegando o acesso de medidor de fazendas. Suspirou, aliviado. Enfim, reconheciam-lhe o mérito. Considerou uma grande vitória. Estava radiante. Bem instalado na vida, podendo finalmente descansar a mãe de tanta trabalhadeira.

Colheu-o, no entanto, inesperada e tremenda decepção. A-pesar-da nova posição, nova roupa, nova camisa, novos sapatos, lapis na orelha, a-pesar-de tudo aquilo continuava a ser para toda a gente simplesmente isto — o Jeromo de Sá Teodora. Ninguém lhe dava importância. Nenhuma pequena olhava para o seu lado. E, quando, vencido o medo, esboçava uma conquista era repellido com toda a energia e o maior escárnio. Não podia compreender esse desprezo. Fôra sempre um rapaz pobre, mas honesto, honrado. E agora, ocupando posição decente, tratando sempre todo mundo muito bem, sem ser lá tão feio assim (bem o reconhecia), a cousa não mudava? Era para endoidecer. Mas, quem sabe se as uvas ainda estavam verdes? . . . Considerou. Pois essa nova situação datava de tão pouco tempo! . . . Resolveu, então, esperar, começando daí a executar um plano cuidadoso para fazer ambiente. Tratava todo mundo com uma gentileza que raiava pelo servilismo. Levou longos meses sem comer o menor deslize na sua conduta, estudando maneiras de andar, falar, cumprimentar os fregueses, com a destinação de preparar bem o terreno, antes de lançar uma investida com probabilidades de êxito.

Marcara, finalmente, o grande dia. Seria no próximo carnaval. Carnaval facilita tudo. E faltavam, apenas, poucas semanas. Esmerou-se nos preparativos. Fez economias, delineou planos, com a idéia fixa naquele grande dia, em que lhe abriria as portas a cidade tão ambicionada. Estava certo do sucesso, pois parecia que todo mundo já lhe tinha amizade. Muita gente chegava até o cumprimentar com alegria.

Foi, por isso mesmo, com muita ansiedade que viu passar, em claro, a noite de sábado para o domingo gordo. Não saiu durante o dia, morrendo de desejos pela vinda da tarde. E, mal havia dado três horas, começou a preparar-se. Primeiro a pintura,

responsável por um papel importante no seu plano. Um corado discreto, espalhado pelas bochechas. Bastante po de arroz por cima. As costeletas alongadas, pelo concurso de rôlha de cortiça queimada. Com o mesmo material, um refôrço em regra no bigode e nas sobranceiras. Mirou-se no espelho . . . estava até simpático, bonito mesmo (por que não dizer?). Mas, achou que ainda estava a faltar qualquer cousa no conjunto, e . . . cavalgou uma bruta pinta preta, em forma de coração, no alto do canto esquerdo da bôca. Depois, passou à fantasia, vestida com todo o cuidado, para não desmanchar a quina das calças, caprichosamente engomadas por sua mãe, que nisto era perita. Estava pronto. Fantasiado de malandro, não fosse aquela escandalosa faixa de sêda vermelha, muito brilhante, marcando o encontro das calças brancas com a camisa listrada. Na cabeça nada, além de uma farta dosagem de vaselina perfumada. Nos bolsos traseiros dois gordos rigolêtos-cem-gramas.

Quando chegou à porta, sentiu-se sem coragem de sair naquela vestimenta e teve um arrependimento cruciante de não haver comprado u'a meia máscara de veludo que, agora, atenuaria o seu acanhamento. Depois de formular os mais veementes protestos de vencer aquela covardia e ganhar rua sem dar confiança a ninguém, resolveu esperar pela noite, caindo, desolado, em uma cadeira.

Já havia passado de sete horas, quando bruscamente saíu porta a-fora, andando muito ligeiro, quasi correndo, sem olhar para lado nenhum, rumo à praça da matriz. Alí, parou no escuro amigo de uma cajazeira, para tomar fôlego. O movimento do jardim, onde precisava penetrar, arrefeceu-lhe o ânimo. Esteve para voltar para casa, correndo, desistindo de tudo. Mas, não era possível, se já havia vencido a primeira etapa . . . Agora, só lhe restava entrar e cavar a namorada. E isto tinha de ser feito, pois não era esta sua grande e última cartada, acalentada e cuidadosamente trabalhada há mais de ano? . . . Tomou uma resolução. Deitou uma farta porção de lança-perfume no lenço e levou-o ao nariz, sorvendo devagarinho o anestésico delicioso. Foi um renascimento, um verdadeiro milagre. Levantou a cabeça e, altivo, senhor da situação, dono do mundo, transpôs a cancela do jardim, caminhando direito para a pista do passeio. Parou, novamente, pondo-se a observar a multidão que se movimentava incessantemente, rodeando o coreto central — as moças num sentido, os rapazes no outro, com a vaptagem de proporcionar, em cada volta, dois encontros e dois consequentes flêrtes.

Já havia conseguido bastante, entretanto restava-lhe ainda quasi tudo — escôlher a sua Dulcinéia e bater-se por ela. Não demorou muito, e estava feita a seleção — u'a moça nem bonita, nem muito feia, gorda e pouco ou quasi nada percebida pelo elemento masculino. Aquela, pensou o Je-

romo, dava certo. Parecia até uma alma irmã da sua, desprezada. A oferta estava, assim, na mesma intensidade da procura . . . Entrou-lhe na retaguarda, contra-a-mão, é verdade, dando de cara com os marmanjos, mas assim era melhor, evitaria atingir o ôlho da pretendida, quando se dispusesse a dar o esguicho inicial . . .

E lá ficou êle, dando volta, dando volta, atrás da moça, com o vidro na mão, sem coragem de fazer uso dêle. Para não perder tempo, ia fazendo castelos. Não era lá muito bonita, mas era moça de sociedade, importante, filha de chefe de secção de repartição pública. E, desprezada como parecia estar, seria um absurdo se o enjeitasse. Já se via de bonde com a pequena pelo jardim. Depois, no cinema, sentados juntinhos, cara-a-cara. Mais tarde, quem sabe, noivado, casamento, filhos e uma posição digna, respeitável, na cidade. Afinal, não era só o seu patrão, o gerente da Pernambuco, quem podia escolher à vontade bom partido para casamento . . .

E o nosso herói já estava verdadeiramente apaixonado, quando resolveu dar o tal esguicho inicial no cangote da zinha. A rapariga, com a surpresa daquele jacto prolongado, teve um estremecimento. Encolheu-se com muita arte e, tôda coquete, voltou-se risonha para travar conhecimento com o galanteador insistente. Mas, ao reconhecer o agressor, tomou uma atitude hostil. Esperava topar um rapaz de gente bôa, bonito, tipo Tarzan, e dava de cara com o Jeromo de Sá Teodora, o môleque de tableiro, filho daquela doceira atôda da rua do cemitério. Aquilo era um insulto, dos grandes. E tratou de revidá-lo:

— Qui dia qui já te dei essas confianças, seu muleque de tableiro! Não "se" enxerga não, atrevido! "Vai" procurar genticinha de sua láia.

O Jerômo, fulminado com essa recepção, ficou pateta, com o vidro suspenso. A cara lascando de vergonha. A cabeça tonta no ar, ouvindo um som longínquo de música carnavalesca de mistura com a estrepitosa váia que lhe dava a garotada que foi juntando. E a saraiçada da moça prosseguia:

— Hum! agora qui eu tou recunheceno, seu Jeromo. Foi você memo o muleque qui inda gorinha tomou o lança-perfume de minha irmázinha. Vium seu L-A-D-R-A-O !

Aquilo era demais. O Jeromo de Sá Teodora sentiu subir-lhe do fundo do sêr uma onda de revolta, que explodiu num lampejo genial. Levantou o braço mais alto ainda e . . . bumba! Sapecou o rigolêto-cem-gramas no alto do bestunio daquela importância. O vidro espocou com um ruído de tiro e a rapariga foi ao chão, desmaiada. Formou-se o tumulto, com gritos, protestos e muita polícia, enquanto o Jeromo de Sá Teodora se infiltrava pela multidão. Correu como um louco, pisou na grama, pulou o arame do jardim, atravessou como uma bala o pedaço de praça necessá-

rio, galgou os muros velhos do tapêrão da matriz e sumiu-se nos labirintos daquelas rufnas seculares.

Pela madrugada, quando o movimento da cidade se reduzia àqueles poucos fôlões que voltavam, exaustos, do baile do Liceu, o coitado do Jeromo, ainda temente da polícia, com a fantasia tôda amarfanhada, se esgueirava pelas paredes, muito ressaabiado, como se tivesse cometido o maior dos crimes — procurava o rumo de casa, lá na rua do cemitério. . .

Não tenho dúvida de que o Presidente Getúlio Vargas é um líder dinâmico, cuja política, do Estado Nacional, está realizando milagres no Brasil — JAMES FARLEY — (Ex-secretário de Estado Americano e antigo conselheiro de Roosevelt).

A popularidade do Presidente Vargas entre o povo é imensa e aumenta cada ano. Raríssimamente algum líder político no Brasil conseguiu ter um prestígio aproximado do que tem o Presidente Getúlio Vargas — JOHN W. BRUNK — (Ex-vice consul americano no Brasil).

Admiro profundamente o Presidente Vargas, a quem considero uma das mais notáveis figuras de estadista que até hoje conheci — DOUGLAS FAIRBANKS JÚNIOR — (Oficial das Fôrças Expedicionárias Americanas na Inglaterra e Embaixador Cultural dos Estados-Unidos na América-do-Sul).

MADRIGAL

Quando, risonha, ela passa,
Tôda minh'alma suspira.
E cantam a sua graça
As côrdas de minha lira.

Seu porte, grácil, pequeno,
Contemplar sempre me apraz.
Ao seu olhar, tão sereno,
Tôda mágoa se desfaz.

Que anseios sinto, profundos,
Se mesmo ao longe a diviso,
Com seus lábios rubicundos
Entreabertos em sorriso.

O seio é jardim olente
De cálida emanção,
Onde florescem, sômente,
Duas rosas em botão.

Nas ondas — finos anéis —
De seus cabelos macios,
Vagam os leves batéis
Dos meus sonhos fugidios.

E' uma deusa perfeita
De raríssimos primores
Essa única flor que enfeita
O vergel dos meus amores.

EMIR OMA.

A Esmeralda do Oeste

Alvaro de Campos Goes
(Advogado no Rio-de-Janeiro)

O avião rasgava serenamente os espaços, rumo ao setentrão brasileiro. Em baixo as matas virgens davam um aspecto maravilhoso ao cenário da natureza acolhedora. Os rebanhos de gado, naquela inconsciência característica dos irracionais, pastavam mansamente. Atravessamos os grandes cafezais da gleba bandeirante e havíamos penetrado no Triângulo Mineiro. A chuva começara a cair vertiginosamente, alagando os prados verdejantes e provocando quedas bruscas de barreiras e pequenas árvores.

A tarde descia suavemente e o sol, genuinamente tropical, debruçava-se preguiçosamente por entre as elevações do majestoso planalto de Goiás.

O avião estava quasi vazio, pois a maioria dos passageiros tinha descido em Uberaba e Uberlândia. Não tinha a menor idéia do lugar para onde dirigia-me. O aparelho deu uma volta por sobre a urbe goiana.

Fazia uma temperatura agradável e deparei-me no Aeroporto com um cidadão bem apessoado, dirigindo-se em seguida ao meu encontro. Disse-me ser o Chefe de Polícia do Estado. Confesso que tive enorme satisfação em conhecer este cavalheiro deveras gentil e que é o dr. Antônio de Queiroz Barreto, tipo perfeito do policial discreto, enérgico e dinâmico.

De longe não podemos formar o menor juízo a respeito da nova capital de Goiás. As notícias são as mais exageradas possíveis, de maneira que o melhor é fazer-se uma observação direta e imparcial.

Encontrei em pleno coração das florestas do oeste brasileiro, uma esplendida esmeralda perdida nos sertões longínquos deste Brasil triunfante e invejado.

Goiania é, inegavelmente, a consequência lógica do eterno dinamismo de Pedro Ludovico, este Celyne da Administração Brasileira, como já tive oportunidade de escrever em novembro de 1942, na revista *Brasilidade*, editada no Rio-de-Janeiro, por ocasião da Conferência dos Interventores Federais.

O Interventor Pedro Ludovico Teixeira é uma das expressões mais fortes do Estado Nacional e um produto vivo da revolução de 1930.

Erradamente muitos brasileiros falam e escrevem sobre a indolência do caboclo do nosso interior. Aqui, neste recanto afastado do litoral, onde existe quasi só o elemento nacional, vim descobrir uma colossal forja de heróis anônimos, onde sentimos pulsar com intensidade a alma do verdadeiro patriotismo, o estelo possante da nacionalidade desejada pelos

brasileiros criteriosos e cômicos de seus deveres.

Era um sonho que eu vinha alimentando desde a infância. Hoje, conhecendo este planalto de Goiás, sinto que ele foi plenamente realizado.

E' necessário atravessarmos as terras férteis, em todos os sentidos, para que possamos ter a noção exata da grandeza de nosso país.

O que está se operando na Capital deste Estado, é obra de larga envergadura e que somente os homens honestos, empreendedores e amantes de sua pátria são capazes de levar a efeito com bom êxito.

Goiania, sob a orientação do senhor Pedro Ludovico, tem sido estudada como sendo um dos fenômenos do Oeste Brasileiro, porque, é preciso que se note, esta cidade moderna tem apenas oito anos de existência e a sua febre de progresso muito se assemelha ao norte-americano.

O senhor Pedro Ludovico é duma felicidade impressionante na escolha dos seus auxiliares imediatos. Está, este eficiente administrador, cercado duma pléiade de cidadãos notáveis, honestos, abnegados e sinceros nos seus bons propósitos de bem servir à causa nacional.

A cidade de Goiania foi lindamente traçada, segundo os modernos planos urbanísticos e vemos aí um dos artifícios desta grandiosa obra, o engenheiro dr. Eurico Viana, um dos bons auxiliares do Interventor Ludovico, que está à frente da Secretaria de Viação e Obras Públicas.

Sentimos aqui a sensação das grandes empreitadas.

O forasteiro, como eu, sente-se empolgado com as realizações dos nossos patriotas, nesta parte do Brasil Mediterrâneo.

Clima temperado, altitude ótima, a terra é boa e o povo hospitaleiro, nascendo com uma facilidade incrível tudo que é acolhido no seio da gleba dadivosa.

Os goianos são os modernos bandeirantes do Oeste Brasileiro.

O Estado de Goiás está verdadeiramente necessitando, nestes dias agitados para toda a humanidade, dum maior e urgente apoio do Governo Federal. Este auxílio deverá ser a brinde estradas de ferro e boas rodovias, rasgando o sertão em todos os quadrantes, facilitando o escoamento dos produtos, fomentando desta maneira o desenvolvimento da pecuária, que é a maior fonte de renda desta Unidade da Federação, vindo estimular o lavrador e consequentemente nascer a verdadeira Marcha para o Oeste, segundo diz o Presidente Vargas.

Goiaz está aparelhado, presentemente, do elemento humano indispensável às grandes obras duma nação nova e que deseja ser cada vez mais forte e respeitada.

Os edifícios públicos de Goiania são modelos de arte moderna, com o máximo conforto, onde os funcionários trabalham num ambiente salutar. Belas avenidas asfaltadas vão sendo rasgadas em todas as direções, ruas largas e bem arejadas. Hospitais, escolas, cinemas, teatros, jardins e parques interessantes, praças encantadoras, jôquei clube e diversões públicas, tudo é encontrado decentemente em Goiania, esta Esmeralda do Oeste Brasileiro.

A Penitenciária do Estado é um modelo de modernismo. Tratamento humanitário aos sentenciados, alimentação dietética, trabalho industrial e agrícola, dando desta forma uma nova mentalidade ao condenado e proporcionando-lhe meios eficientes para sua regeneração.

A justiça é muito severa, porém revestida, em seus atos jurídicos, duma honestidade incorruptível. Homens graves e ciosos de seus deveres de magistrados, regem sãbiamente os destinos de milhares de seres humanos.

Nesta zona do Oeste é necessário que os homens sejam fortes em todos os sentidos, mormente na repressão aos delitos.

O coeficiente de criminosos de furtos e roubos é quasi nulo, e isto revela plenamente o grau de honestidade desta gente laboriosa e que é levada ao crime de morte por simples imprevistos do destino e nunca fazendo disto meio de vida ou profissão.

Hotéis confortáveis, casas de chá, ginásios bem aparelhados, enfim o que se pode desejar numa capital moderna, vamos encontrar nesta encantadora e estonteante Esmeralda do Oeste Brasileiro, o sonho de Pedro Ludovico, que é Goiania, símbolo das cidades novas, e transformado o ideal em realidade concretizada.

A' semelhança do que aconteceu na Rússia Soviética, o Governo Federal poderá aproveitar as quedas d'água, a começar pela cachoeira de Dourados, e retirar enormes quantidades de energia, aproveitando na eletrificação das futuras estradas de ferro e fazendo mover as indústrias pesadas do país.

O inimigo nosso está de todos os lados. Há uma tendência natural desses elementos invisíveis, no sentido de fazer o Brasil marchar a passos de tartaruga, mas nós os homens amantes do progresso, desejamos quebrar estes grilhões que nos prendem aos estranhos e fazer nossa independência industrial, como é do programa do nosso Presidente Vargas.

O Brasil necessita de muitos Pedro Ludovico em sua administração.

Após esta guerra, que vai desmoronando o mundo civilizado, há urgência em abriremos as portas à imigração bem selecionada, fazer que

SINAL DE CRENÇA E DE ESPERANÇA

HÉLIO A. LOBO

A elevação do padrão de vida do povo brasileiro é um dos grandes problemas nacionais.

Já não somos aquele país "essencialmente agrícola" de antanho. Caminhamos a passos largos para a industrialização. Hoje, não são somente pequenas e médias indústrias que se instalam em nossa terra.

São realizações gigantescas que se sucedem. São organizações industriais básicas que se equipam. São poderosas forças novas que se dirigem no sentido do desenvolvimento nacional, com a decisão inabalável de assegurar nossa independência econômica.

Por toda a parte, seja na lufa-lufa incansável de Volta-Rendonda, seja nos seringais imensos da Amazônia ou na arrancada magnífica da Expedição Roncador-Xingú, através das florestas virgens da hinterlândia, sempre encontramos esse espírito de realização, dirigindo, concretizando, fortalecendo novas bases para a nossa redenção econômica.

E no quadro geral dessa atividade, o homem não tem sido esquecido. Aliás, não podia ser deslembado, de vez que aos seus verdadeiros interesses devem subordinar-se todos os outros.

Agora, por exemplo, dentro da nossa legislação social surgiram três decretos-leis dos mais significativos, voltados para uma finalidade única, profundamente humana e de larga repercussão: a elevação do poder aquisitivo das nossas classes trabalhadoras.

Estes três atos do governo federal, respectivamente aumentando o salário mínimo, elevando o salário adicional para a indústria e instituindo o salário de compensação, representam um passo considerável na melhoria do padrão de vida do trabalhador brasileiro, dentro do salutar princípio do salário justo e compatível com a dignidade humana.

Os reflexos dessa elevação de salários hão-de fazer sentir-se favorável-

mente até mesmo no Seguro Social, cujos planos de benefícios, no Brasil, estão estreitamente vinculados ao nível de salário do segurado.

A economia industrial brasileira, conservando salários baixos, como vinha fazendo, impedia, no conceito de Plínio Cantanhede, um dos nossos maiores técnicos em assuntos sociais, "não só o aumento da capacidade imediata de consumo da grande massa dos economicamente fracos, como também o desenvolvimento efetivo de uma política social de garantia aos que perdem sua capacidade de trabalho".

Eis porque as medidas consubstanciadas nos referidos decretos-leis, além de alcançarem profunda repercussão na vida econômica do país, são também um sinal de crença e de esperança no Brasil, que, no caos da hora presente, dá ao mundo um exemplo tão alto de que os legítimos interesses do homem constituem a meta de todos os seus ideais.

VARGAS fez muito para impor uma ordem em uma nação despedaçada por distúrbios que malbaratavam as suas energias. Melhorou a moral administrativa e pôs termo a alguns flagrantíssimos abusos. Demonstrou verdadeiro interesse pelo pobre. Fez um esforço honesto para melhorar suas condições — **HUBERT HERRING** — (Escritor norte-americano).

estes homens marchem verdadeiramente para o Oeste, pois aqui é que está inegavelmente a grandeza e o futuro deste país privilegiado.

As riquezas adormecidas no subsolo de Goiás, precisam de braços novos, de bons exploradores e que estes sejam orientados pelos brasileiros patriotas e que aspiram o desenvolvimento de sua pátria.

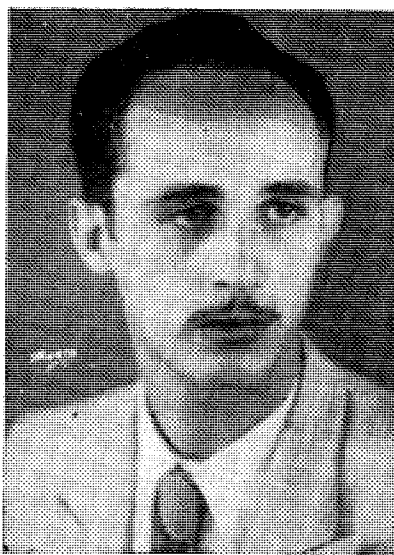
Venham os do litoral do Brasil e verão, no Setentrão de nossa terra, como se ama esta grandiosa gleba e se trabalha para que ela se torne mais forte e respeitada por todos.

Aquí nestas paragens longínquas, o homem aprende a devotar-se ao seu torrão natal, neste clima de pura e sadiã brasilidade.

Num pequeno trabalho desta natureza, seria absurdo dizer-se o surto de progresso que vai avassalando o Estado de Goiás. Estas impressões de um peregrino no planalto goiano, são os resultados de suas observações diretas e com absoluta imparcialidade.

Os goianos estão de parabéns com o grande administrador que é o Interventor Pedro Ludovico.

CARLOS DE FARIA



Prof. Carlos de Faria

Fez anos a 20 do corrente o prof. Carlos de Faria, secretário de OESTE e uma das figuras mais brilhantes do magistério goiano.

Culto, inteligente e operoso, o prof. Carlos de Faria, que ocupa a cadeira de Português, no Colégio Estadual do Estado, já se impôs perante seu vasto círculo de amigos e admiradores, pelas suas raras qualidades de espírito e de coração.

Dispondo de grandes simpatias entre a nossa mocidade estudiosa, já teve oportunidade de paraninfar, pela escolha unânime de seus alunos, uma das maiores turmas que até hoje já saíram do estabelecimento padrão do ensino secundário, no Estado de Goiás.

OESTE, associando-se às justas homenagens que o prof. Carlos de Faria recebeu, pela passagem de seu aniversário, envia-lhe, nestas linhas, seu cordial abraço, com votos de inúmeras felicidades.

Só uma coisa sobrevive a todas as guerras, só uma coisa renasce permanentemente de todas as hecatombes: a procura de uma fórmula sempre melhor de viver honestamente e de beneficiar cada um, sem prejuízo de ninguém. "Honeste vivere, neminem laedere, suum cuique tribuere". Essa a grande missão do Estado Moderno, que se entranhou tão profundamente no espírito do Estado Nacional — **ALMIR DE ANDRADE**.

O Presidente Getúlio Vargas pôde se orgulhar de seus anos de governo. Lutando denodadamente contra fatores provenientes de causas pelas quais ele não era responsável, conseguiu transformar o Brasil em uma potência de primeira ordem, à base da unidade nacional e do harmonioso desenvolvimento de seus recursos de produção — **ANTHONY PATRIC** — (Do "Chicago Tribune", E. U.).



P O E M A Q U A S I D E A M O R

Ela não soube jamais o que eu lhe quis dizer,
porque seu entendimento
estava nublado pelo desengano e o cansaço da renúncia.
Ela se afundara no definitivo anestesiante,
receiando as oportunidades improváveis.

E eu não quis dar um salto direto,
pois a rede era frágil e tive medo de cair,
medo de me espatifar.
Queria descer devagarinho
para não assustar mortalmente os expectadores
e evitar o tombo admissível.

Mas nem assim eu fiz.

Por isto tudo se passou normalmente,
sem desesperações nem tropeços.
Arrumadinho
como nas histórias educativas.

Que romance comovente ! . . .

J . D É C I O F I L H O

Orizona

José da Costa Pereira

Destarte se vai chamar Campo-Formoso. Por amor disso, do topônimo em aprêço, caíram-me em mãos três cartas, a que respondo, aqui, prazenteiramente. Abençoado o interesse, quando dicente ao bem!

Mas, da correspondência citada a-vulta a em que, com espírito de Aristarco, se me indigitam três supostos erros quanto à forma da palavra e à sua apresentação. Ei-los: infringir ordens legais sôbre a matéria, desrespeito às leis fonéticas e nenhuma concordância entre o nome proposto e a vida econômica do município.

Eis aí. Cumpre-me a defesa.

x x x

Deu-se-me, em telegrama de outubro último, o prazo de 10 dias para sugerir nova designação a êste município.

E me esclareceram sôbre o seguinte: a) não haver outra no país; b) não ser composta; c) não ter origem estrangeira nem de pessoa viva.

Não desejando impor a minha vontade exclusiva em assunto tão importante; e, como se têm preferido nomes tipicos a casos semelhantes, lembrou-me o "Dicionário da Língua Tupi" (1), de Gonçalves Dias, lancei mão dêsse vocabulário e organizei lista de nomes, assim indígenas, a se proporem à escolha por parte de intelectuais e de comerciantes, aqui residentes.

Antes, como importava, procedi à supressão dos "nomina locorum", inscritos, já, no livro "Divisão Territorial dos Estados Unidos do Brasil" (2), bem como à dos que figuravam no "Guia Levi".

Submetida a lista à mercê de quem quisesse opinar, médico local, sabidamente douto, propôs o acréscimo dos seguintes:

ORIZONA e Jubara.

Elegeu-se, por maioria de votos, Orizona, isto é, recebeu êste 24 votos, quando Oriza 8, Manhãna e Caruaba 5, Coema e Porangatú 4, Potira e Jubara 3, conforme apuração devida e rigorosamente fiscalizada.

x x x

Apresentei, portanto, Orizona, que não fugia aos requisitos formulados por autoridade superior.

Pergunto: há sinônimo em nosso país? Não. Composto? Estrangeiro? Não. Refere-se a pessoa viva, notável, por aqui e por ali? Não. De prolação fácil, eufônica? Sim.

x x x

Bem sei que "oriza" é palavra latina (3), oriunda do grego (4) — "oriza" — e não viva no seio de nosso idioma.

Correm, porém, cognatos dela, eruditos, dicionarizados: orizicultura, orizicultor, que os toreutas da forma, os amigos do bom dizer preferem aos galicismos "rizicultura, rizicultor", patente a raiz "riz", de fonte espúria, escusada.

Já Ribeiro de Vasconcelos (5) dou-

trinava em obra utilíssima que "... desde a vinda de tropas francesas a coadjuvar D. João IV na guerra com a Espanha, que a importação de palavras francesas se tornou em verdadeira doença, de que tem largamente enfermado a nossa língua. Galicismos desnecessários e injustificáveis se introduziram por moda e "pepantismo" literário

E (6) mais adiante:

"De todos os princípios do português a gente erudita e literária recorreu ao latim para satisfazer as deficiências do vocabulário; primeiro ao baixo latim, e mais tarde, aí pelo século XV, quando se familiarizaram mais com os escritores da antiga Roma, foi ao latim clássico que recorreram. Desde então ATÉ HOJE não deixou de se fazer uso, em mais ou menos larga escala, desta fonte..."

E' certo: sômente quando mãe latina e, depois, mãe grega não podem socorrer a sua filha portuguesa, é que importa a ajuda de outras madrastras. . . estranhas. "Última flor do Lácio inculca e bela..." poetou admiravelmente Olavo Bilac.

x x x

Orizona postula "oriza". Significa "de arroz", como Mariana "de Maria", assim notáveis alguns vestígios do genitivo latino. Objetou, porém, um dos missivistas, a que respondo: neste caso, ter-se-ia "Orizana", resultado de "oriz" mais o morfema "ano, a".

Não fôra a analogia e não sei como se explicara sem número de palavras.

Escreve (7) Mário Barreto: "Se é grande a influência da analogia na alteração de construções e acepções, não o é menos a que exercita na forma material das palavras...". E, concluindo uma série de artigos excelentes (8) na "Revista de Cultura", pontifica o sr. Sá Nogueira: "... quatro são os processos que possuímos para formar vocábulos em português: a) por posposição de uma partícula a um vocábulo; b) por pre-posição de uma partícula a um vocábulo; c) por justaposição de dois ou mais vocábulos; d) por DEDUÇÃO ANALÓGICA".

Mediante êsse último processo se explica foneticamente a voz Orizona.

Como se chamava aquela cidade dos romanos, dedicada à família Vera? Verona. E Ortona, outra cidade, não se deriva de "orta" (nascida)? E Narona? E Bonna? E Carmona? Salona? Cremona? Alvona, etc.? Tôdas (9) inscritas "in" Saraiva, o mais moderno, segundo (10) Rui, que o não dispensa (11)? Divona, a cé-

lebre fonte, não postula, indubitavelmente, "diva"?

x x x

Entretanto, ao médico local, douto, muito douto, ao apresentar o topônimo Orizona, lembrou-lhe outra forma de composição (12) assaz simples. Tomou do papel, da pena e grafou: "oriza" + "zona" — ori (za) zona. De mesma sorte se deriva idolatra de idololatra, bondoso de bondadoso. "Exemplos haplológicos, que tais, assim como de aposição, há-os que far-te; e trazer à estampa gramáticos e filólogos, que o versaram, seria fastidioso, e fôrça é que se fuja, delicadamente, a isso.

x x x

"Arizania", segundo proposta de outro missivista, não teria defesa.

Para Cândido de Figueiredo (13), do árabe "arroz" procede o substantivo (arroz) em balha, cujo primitivo, segundo asiático inteligente, é "arz" — sempre "r" forte; — e, embora a definição sarcástica de Voltaire (14), para que a etimologia é uma ciência onde as vogais nada fazem e as consoantes muito pouco", devem-se acatar as leis fonéticas sob pena de barbúria.

Além disso, ignoro a maneira como se havia de justificar o sufixo "ia" de "Arrizania" (e não "Arizania") ou de "Orizônia". A razão é de ordem científica ou literária. Baste ver, por exemplo, aquele passo de pg. 69, de "O Meu Idioma" (cart. 8ª ed.), em cuja obra didascálica mais uma vez manifesta o seu profundo saber vernáculo o grande mestre, Otoniel Mota, latinista, grecista, e a quem, sôbre outros trabalhos meritórios, valiosíssimos, se devem duas conferências primorosas, uma referente a Virgílio e outra a Fagundes Varela.

x x x

Campo-Formoso é cidade, sede de município que produz bastante arroz; e êste, com a pecuária, canaliza dinheiro aos bolsos de quasi todos os habitantes, principalmente aos dos pequeninos, maioria. Eis a razão por que se vai chamar ORIZONA.

Campo-Formoso — Goiás.

- (1) Rev. de Ling. Port., nº 1 a 39
- (2) Pg. 282 a 326.
- (3) Saraiva, "dic."
- (4) Chassang, "Nouveau Dict. Grec — Français".
- (5) "Gram. Hist.", pg. 122.
- (6) Op. cit., pg. 130.
- (7) "Novis. Est.", pg. 66 (1a. ed.).
- (8) nº 50, pg. 91.
- (9) Op. cit.
- (10) "Rev. de Ling. Port.", nº 9, pg. 93.
- (11) Idem, nº 8, pg. 57.
- (12) Carneiro Ribeiro, "Serões". (2a. ed.).
- (13) Dic., 4a. ed.
- (14) "Rev. de Ling. Port.", nº 4, pg. 110.

O Precursor do Príncipe

XAVIER JÚNIOR

A satisfação que sinto “sous la coupole” goiana não é suficiente para desfazer o embaraço com que, dias atrás, antes de começar a escrever sobre “Alguns Versos”, único livro que consegui de Joaquim Bonifácio de Siqueira, fixei um pequeno retrato dos meus dezoito anos.

Ao rapazinho, vinte anos mais novo e vinte quilos menos pesado que o vosso atual confrade, eu impús, perentoriamente, que não frequentasse nenhuma roda literária, no Rio, que não comprasse livros de literatura, que não decorasse poemas, que não fizesse verso nem prosa.

E êle com bastante relutância, a princípio, mas, depois, conformado e contente, deu à Faculdade de Medicina e à Santa Casa de Misericórdia o cérebro e o coração que retirava às musas.

Justamente no ardor da mocidade, quando o sangue pulsa mais forte, quando a fantasia multiplica as paisagens do sonho, impedi que o rapazinho que eu fui cultivasse espontânea e alegremente as flores que se abrem às margens da fonte Castália.

E, agora, metamorfoseado quasi como aquela personagem de “Entre Naranjos” de Blasco Ibanez, me encontro numa Academia de Letras, deixando que, na vizinhança dos quarenta, o meu espírito se compraza nos assuntos que lhe vedei aos vinte.

Tenho a desculpa da luta pela vida, da necessidade de uma profissão para quem não vive de rendimentos, e da obrigação de ser útil à coletividade.

Se havia, naquele tempo, algumas horas vagas, incapaz de evitar que o sonho e o devaneio as invadissem, eu dominava, pelo menos, o gesto de pegar na pena e deixava que as imagens se desfizessem de manso, como nuvens esgarçadas pelo vento.

O que talvez explique a produtividade atual, evidente, embora desvaliosa e escassa, é que, a-pesar-de o contacto com a realidade ter reduzido o horizonte da imaginação e secado a nascente do sentimentalismo, em vez de fugir aos momentos de inspiração, como outrora, procuro, hoje, fixar as oportunidades raras, em que, fugaz e esquiva, a fantasia e a sensibilidade ousam povoar os intervalos da labuta cotidiana.

Uma dessas oportunidades é o agradável dever de falar uma vez na Academia.

Evocando o patrono da cadeira que me destes a honra de ocupar na Academia Goiana de Letras, lembro-me do mais fulgurante poeta de sua geração.

O primeiro poeta goiano a quem os seus companheiros de parnasos conferiram o título de príncipe é o sr. Leo Lince.

O parlamentar, historiador e poeta Americano do Brasil, quando, isolando-se em Santa-Luzia, acordou, entre as colunas do “Araguari”, a musa, que o político transformara, nos anos de atividade, numa bela adormecida no bosque do subconciente, Americano do Brasil creio que foi o primeiro a chamar de príncipe ao aedo de “Ontem”.

E todos ou quasi todos os goianos que se manifestaram nos jornais sobre o livro cujos versos “Bordando...” foram citados até em Coimbra pelo professor de literatura brasileira na velha universidade, Manoel de Sousa Pinto, todos os goianos que celebraram o aparecimento dos vitoriosos poemas confirmaram aquele título.

Mas eu quero falar-vos de Joaquim Bonifácio de Siqueira, que pode ser considerado, na poesia de nossa terra, como o precursor do príncipe.

Não estudarei o historiador que êle foi também, e dos melhores.

Pude estacionar a minha miopia e não pretendo proçô-la com o manuseio fatigante dos velhos manuscritos. Gosto apenas das crônicas impressas, e, ainda, ao percorrê-las passo apressado, de memória leve, pelo intrincado de datas e de nomes, buscando, como résteas de sol em mataria espessa, as palpitações de vida que, nos annos arquivos, espantam as traças pacientes e deslumbram os estudiosos, que tanto mais admiro, quanto menos consigo imitar.

Há vinte annos, era costume dizer que as modas literárias europeias chegavam ao Brasil com um atraso de decênios. Nessa afirmação houve naturalmente muito exagero, por isso que as modas literárias nem sempre obedecem a uma sucessão rigorosamente cronológica e, muitas vezes, são contemporâneos os escritores representativos de escolas que significam fases de evolução ou de reação do pensamento de uma época, manifestando-se em continuidade ou em antagonismo dentro de outra.

O sr. Afrânio Peixoto escreveu nûm de seus livros de ensaios uma deliciosa página, dando o romantismo e o classicismo como duas faces do temperamento artístico, através dos tempos, numa classificação que iniciou na Grécia e trouxe até os nossos dias, taxando de românticos a todos os espíritos exaltados e subjetivos e de clássicos aos que interpretam, de preferência, calma e objetivamente a natureza e a vida.

Se o problema fosse tão somente êsse, não teria a repercussão que teve na França e no mundo a estréia das peças audaciosas de Vitor Hugo.

Quem percorre os livros românticos verifica um entusiasmo exagerado pelo mundo exterior, uma pintura palavrosa da paisagem, o absurdo das comparações, ligado pelas semelhanças transitórias e escassas objetos antagonicos. O excessivo se mostra também nos sentimentos que procuram o absoluto na relatividade das emoções. Li, não me lembra onde, que nunca se falou tanto em amor singular e eterno, ao passo que as biografias de todos os românticos nos provam, ao contrário, quanto êles amavam no plural.

Em compensação, há parnasianos (e êles representaram um retorno ao apuro clássico) subjetivistas, como Raimundo Correia, e cheios de ardor sensual como Bilac.

Os críticos pacientes que corrigem as generalizações apressadas de quantos percorrem as cordilheiras literárias de aeroplano, já acentuaram a grande influência de Vitor Hugo, o romântico, sobre Bilac, o parnasiano.

Outro comentário muito frequente é o que attribue à morte prematura de Casimiro de Abreu, de A'lvares de Azevedo, de Castro Alves, os seus descuidos de forma. E' preciso lembrar que o primeiro livro de versos de Bilac, já rigorosamente parnasiano pela perfeição do estilo, foi publicado aos vinte e poucos annos, na idade, por conseguinte, com que procuram desculpar os românticos.

E' mais justo attribuir o descuido ao modo de escrever adotado pelas figuras culminantes do romantismo. Vitor Hugo traçava cem versos tôdas as manhãs, como aperitivo para a primeira refeição.

Castro Alves, segundo referiu sua irmã, quando foi celebrado o seu cinquentenário, escrevia rapidamente, sem corrigir, mordiscando os bigodes.

Era a inspiração, era a musa, era o estro, era uma curiosa manifestação mediúnica, um fenómeno de auto-

sugestão, fazendo preferir a primeira forma assumida pela idéia, como sublime e perfeita.

A reflexão era colocada em segundo plano, a exaltação em primeiro.

O poeta não burila o poema que saíu torto. Rasga-o. Faz outro. Aproveita-se de nova inspiração, de novo transe . . .

É o contrário do método parnasiano, em que o aedo, repetindo em voz alta, vinte vezes, a mesma estrofe, ainda acorda à noite, como Flaubert, ao compor a sua prosa requintada, e perde o sono, para substituir o adjetivo, que não foi perfeito, exato, único, insubstituível. . .

Ao artista verdadeiramente talentoso e, melhor, ao gênio, é possível aperfeiçoar-se através de qualquer dos dois processos.

Naturalmente o número de obras do romântico será maior que o do parnasiano. Este seleciona enquanto escreve, aquele depois da obra concluída.

Em cada poema considerado isoladamente, o romântico está mais sujeito aos altos e baixos, à vizinhança do sublime e do grotesco, frequente em Guerra Junqueiro.

Enquanto o parnasiano, de tanto conter-se, fica ariscado a não sair da planície, como aconteceu a quasi todos os epígonos.

A diferença principal, portanto, está somente na forma.

Ora, os poetas goianos, salvo numa ou noutra poesia, foram apenas românticos, até Joaquim Bonifácio de Siqueira, o precursor do príncipe.

Os sr. Erico Curado, que mereceu elogios de Osório Duque Estrada, encarnou o simbolismo.

O príncipe refez o caminho de Joaquim Bonifácio de Siqueira, passou pelo simbolismo e chegou até o modernismo, numa fase de transição. E a poesia inteiramente moderna tem o seu representante no sr. João Acioli, citado em Norte-América.

Joaquim Bonifácio, mestre de si mesmo, passou de romântico a parnasiano e uma referência do sr. Vasco dos Reis confirma este asserto.

Quando, nos últimos anos de Liceu, o sr. Vasco dos Reis reuniu as suas produções poéticas, onde o simbolismo e o parnasianismo se irmanam admiravelmente, num livro inédito, a que pretendia dar o nome de "Humbra!l", mostrou-o a Joaquim Bonifácio de Siqueira. Este elogiou calorosamente os poemas. Mas, em seguida, contou ao jovem aedo que estava comprando por dez mil réis, para queimar, cada volume das "Alvoradas", que vendera, valdoso e feliz, a cinco mil réis . . . alguns anos antes.

A auto-crítica se desenvolvera no romântico, tornando parnasiano.

Nossa independência literária relativamente a Portugal se fez com os contemporâneos de Gonçalves Dias, embora em Gonzaga a paisagem de Vila-Rica já tivesse deixado a sua marca, como o nativismo já teria aparecido no "Caramuru" de Santa-Rita-Durão.

Machado de Assis seguiu os autores ingleses, tornando-se émulo, em vez de imitador de Eça de Queiroz.

Na prosa é o começo da superioridade da antiga colônia sobre a antiga metrópole.

Com o parnasianismo, o verso brasileiro se mostrou, pela primeira vez, mais perfeito que o verso lusitano.

Os alexandrinos importados da França pelo mestre luso da arte de Horácio, Castilho Antônio, tornados amplos e sonoros por Junqueiro, na introdução a "A Morte de D. João", suavizados em música de câmara por Gonçalves Crespo e o sr. Júlio Dantas, só atingiram a perfeição em língua portuguesa no plectro de Bilac, de Alberto, de Raimundo, de Vicente de Carvalho.

A língua espanhola até hoje permanece refratária à censura perfeita do verso alexandrino. E talvez não venha jamais a possuí-la. A poesia moderna, libertando o ritmo, tornou antiquada a cadência harmoniosa na qual as línguas românicas se aproximavam da beleza imortal dos versos de Virgílio.

É verdade que o hexâmetro continha um máximo de dezessete sílabas poéticas, enquanto as do alexandrino são apenas doze.

É possível que, depois da liberdade excessiva, surjam novos cânones, fixando um ritmo que se aproxime ainda mais da cadência da Eneida . . .

A linha de separação, por conseguinte, entre o romantismo e o parnasianismo, no Brasil, é de tal ordem, que, ao passar de uma para outra escola, o poeta que o consegue inteiramente, como Luiz Delfino, Machado de Assis ou Joaquim Bonifácio de Siqueira, olha com desdém a produção anterior.

Todos sabeis de cor os versos românticos de Joaquim Bonifácio aos luars da Velha Goiaz:

"Luars brancos, albertes,
Luars alvinitentes,
De indesvendáveis arcanos!
Vossa pureza arrebatá,
Luars brancos de prata
De plenilúnios goianos!

"Morenas fadas catitas,
As goianinhas bonitas
Adoram-vos o dulçor . . .
Quantos encantos encerra
Um luar de minha terra,
Falando coisas de amor!

Lembra exatamente a maneira de Casemiro de Abreu. Vejamos, em seguida, os versos inspirados numa página de Henry Smith sobre a "Múmia".

Antes, porém, quero chamar a vossa atenção para dois alexandrinos defeituosos: os que terminam a quarta e a oitava quadras.

O delíse confirma o que venho dizendo sobre a transição que, do descuido romântico, passa ao apuro parnasiano.

"Carne! ser carne assim e ser como uma estátua,
Severa eternamente, eternamente só!
Múmia! tu dizes alto o quanto é louca e fátua,
A passagem da Bíblia em relação ao pó . . .

Viveste para além das épocas remotas
Do velho barbarismo estúpido do Egito . . .
Quem sabe quem tu foste e que visões ignotas
Relembras nessa calma, impávido e exquisito?! . . .

"Tiveste um nome ilustre ou fome padeceste
Tiveste a Lei por ti ou contra ti a Lei?
Mas dize quem tu foste! Em que época viveste?
No tugúrio de um pobre ou nos passos de um Rei? . . .

"Ou quer que fosse um nulo ou quer que fosse um nobre,
Vivendo para além, nas umbrosas idades,
No peito dessa Múmia a carne eterna encobre
Talvez as mais pungentes e íntimas saudades . . .

"Ah! quem pudera ler os íntimos refolhos
Da alma que nessa Múmia outrora palpitou! . . .
Quantos olhos, meu Deus, já fitaram seus olhos,
Quanta bôca querida esta bôca beijou! . . .

Sonhos de Amor talvez, talvez sonhos de Glória,
De Moeris a utopia, a conquista dos hicsos,
Dias de escravidão e cantos de vitória,
Fizeram palpitar êsses teus membros fixos . . .

E assim calada e triste, a relembrar mistérios,
Como alguém que se põe, uma tarde, a cismar,
Esta Múmia já viu mil derrotas de Impérios,
Mil tiranos por terra e mil sonhos pelo ar . . .

O outrora a Múmia viu, enorme, extraordinário,
Um fato que outro igual ninguém jámais há visto:
Pendente de uma cruz, nos cimos do Calvário,
No extertor da agonia viu expirar o Cristo . . .

Ao troar dos canhões e explodir de bombardas,
Entre gritos de morte e gritos de alegria,
Viu surgir em Paris, por sôbre as espingardas,
A luz da Redenção e da Democracia . . .

E a Múmia aí ficou, a pensar, silenciosa,
Com seu corpo pesado e seus braços inermes,
Que fôra bem melhor a família chorosa
A's chamas tê-la entregue ou tê-la entregue aos vermes...

Carne! Ser carne sim, mas ser como uma estátua,
Calada eternamente, eternamente só! . . .
Múmia tu dizes alto o quanto é louca e fátua,
A passagem da Bfblia em relação ao pó! . . . ”

Aquí a influência técnica já é de Guerra Junqueiro,
que os estudantes de todo o Brasil traziam de memória
no comêço do século.

Vem, depois, o reflexo da leitura de Bilac.

Quasi que se nota a confirmação de que os epígonos
fixam mais nitidamente os defeitos do que as qualidades
dos mestres.

Um dos cochilos de Bilac é conferir ao ouvido um a-
tributo da inteligência:

“Pois, só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrélas”.

O cochilo é explicado fâcilmente pela influência do
francês, língua em que ouvir se traduz por “entendre”...

No soneto de Joaquim Bonifácio de Siqueira, “Galé
da Dor”, os dois verbos vêm juntos, em ordem inversa,
num fenômeno comum de fixação:

“Noite. No céu trevoso, inquieta e vaga,
Vésser sòmente, a pelejar, cintila . . .
E lágrimas de luz a luz distila,
Enquanto a treva as solidões alaga . . .

“O’ noite triste, plácida e tranqüila!
Por tua paz na terra se propaga,
A voz das coisas mortas, vós pressaga,
Que tremo eu próprio, ao entendê-la e ouví-la . . .

E enquanto dorme tudo — homens e coisas,
Enquanto, ó minha amada, tu repousas,
Na paz das almas sãs, imaculadas,

Como um galé que sombra atroz persegue,
Sinto que a dor, na treva, a espiar-me, segue
Meus passos pelas urzes das estradas . . . ”

Quem chegou ao maior virtuosismo em técnica par-
nasiana, empregando menos os sufixos pouco usados do
que Martins Fontes, foi Hermes Fontes.

A estréia do poeta das “Apoteoses”, pelo seu es-
plendor, caberia no título do livro. O seu poder verbal
no verso era comparado ao de Rui na oratória.

Depois . . . a invenção não correspondeu à expres-
são. A sua produtividade se dicotomizou entre poemas
humorísticos, em que ostentava malabarismos de métri-
ca, e poemas sentimentais, delicados e amargos, em que
a frase tornada simples, lhe conferia um lugar de re-
lêvo entre os poetas menores . . .

A promessa grandiloquente de um épico se desfizera.
Mas deixou, como sombra, um primoroso lírico . . .

Uma das habilidades poéticas, postas em moda pelo
talentoso e infeliz aedo sergipano, foram os sonetos con-
tendo nas rimas tôdas as vogais.

Joaquim Bonifácio de Siqueira, num soneto sôbre o
“Seren”, para chamar de “burro” a um poeta, que os
seus contemporâneos poderiam impiedosamente se encar-
regar de descobrir quem foi, usa rimas que imitam o
zurrar de um jumento: arro, erro, irro, orro, urro . . .

Casimiro de Abreu, Guerra Junqueiro, Olavo Bilac,
Hermes Fontes, o aperfeiçoamento da técnica subindo
desde o romantismo até o alto da montanha no “Caçador
de Esmeraldas”, e decaindo no maneirismo dos epígo-

nos, nas vésperas da poesia desarticulada e moderna, se
projetou, portanto, nos poemas do precursor do príncipe.

Acabais de percorrer comigo, do modo superficial
que é próprio do meu espírito em assuntos de literatura,
pois guardo a minúcia para a medicina (e mesmo aí como
dever de ofício), acabais de percorrer comigo a escala
do aperfeiçoamento técnico de Joaquim Bonifácio de Si-
queira.

Senhor do verso, acima das influências, vitorioso e con-
tente, o poeta descansa à janela e faz o seu melhor so-
neto para a mais linda das suas patrícias, que os seus
coevos, como gentishomens, poderão identificar em crô-
nicas ou memórias:

“Vejo-a de longe, airosa e prazenteira.
Minhã alma treme, o coração palpita . . .
Dizem meus olhos: “Deus, como é bonita!
Quem dera à gente vê-la a vida inteira! . . .

“E mais se chega . . . e mais . . . e mais . . . Ligeira,
Passa por entre a multidão que a fita . . .
Vendo-a tão perto assim, meu ser se agita
E minha alma se expande alviçareira . . .

“Chega-se mais . . . E eu, pálido, me assusto,
Concertando a laíngue para, a custo,
Corresponder a um doce cumprimento . . .

“Que esperança! Calada e majestosa,
Ela passou, simpática e formosa,
Com o narizinho arrebitado ao vento . . . ”

Não sei porque os versos mais felizes celebram sem-
pre amores desventurados.

Como ouvistes, a musa não cumprimentou o poeta.
Teve a indiferença da inspiradora de Felix d’Arvers,
autor do mais célebre soneto francês.

Numa comemoração do famoso poema, alguns crí-
ticos louvaram a virtude de Mme. Nodier, que obrigara
o poeta a sublimar, em vez de fruir, o seu amor.

Outros ficaram furiosos contra a impassibilidade da
musa. Disseram que o seu nome devia ser esquecido. E,
no entanto, tinha o prêmio da imortalidade . . .

Também Corneille eternizou a recusa de uma linda
mulher, traduzindo numa pequena poesia o seu despeito.

Eu não saberia falar mal das mulheres que se re-
cusam. São as melhores.

Quasi estou de acôrdo com o apaixonado que dizia
a sua deusa: “Mas se eu te amo . . . que tens tu com
isto?”

No Rio, um professor da velha Faculdade definia a
existência: “A vida é o cabedal eterno de que os sêres
vivos são meros depositários efêmeros”.

Se até a vida é assim, que diremos da beleza?

Os aedos e as musas têm o seu minuto de mocidade
e formosura. Uns e outras envelhecem.

Raras mulheres deslumbram os homens até na ve-
llice, como Aspásia.

Raros homens idosos chamam a atenção das mulheres
sem tingir os cabelos brancos, como Joaquim Nabuco.

A mulher que deu origem a um poema deve ser lem-
brada, quer o tenha imortalizado, amargurando o poeta
com a recusa, quer o tenha inspirado no suave abandono,
que transforma numa eternidade a recordação de uma
hora bem vivida . . .

O que parece dar razão aos aedos contra as musas
é que os seus versos, quando não são esquecidos, conser-
vam uma imperecível juventude, sobrevivem à decadên-
cia do corpo e à própria morte.

O narizinho arrebitado que desprezou Joaquim Boni-
fácio de Siqueira, se ainda não se afilou na agonia e
se respira ainda, deve estar enrugado e sardento . . .

E o soneto, cheio de mocidade, continua cantando,
numa perene primavera, a depositária efêmera da beleza
eterna . . .

Estive algum tempo na Velha Goiaz e, tanto quanto
pode ser informativa a observação de um tímido, notei

a pureza dos namoros goianos. Passeios em bando, ao luar. Olhares à distância. Serenatas. Respeito. Discreção.

O amor vilaboeta, no seu aspecto de tradicional recato, é menos comprometedor que um simples "flirt cinematograficamente moderno.

Portanto, o fato de ter sido a namorada de um poeta pode orgulhar sem enrubescer a qualquer matrona cercada de filhos ou de netos . . .

Tôda mulher tem pelo menos uma idade em que foi bonita e conserva pelo menos uma fotografia de seu esplendor.

Se o retrato das musas viesse a enfeitar as páginas da Revista da Academia Goiana de Letras, quando ela transpuzesse as nossas fronteiras, as inspiradoras, com a sua beleza estática, seriam as advogadas dos aedos, que torturaram com a sua beleza dinâmica . . .

Sem dúvida, esta sugestão está subordinada ao tempo. Já murmurava Diderot a Voltaire: "Que importa daqui a um século, que esta página seja minha ou tua, quando os nossos ossos estiverem misturados debaixo da terra!"

A mais discreta afeição transitória obriga ao silêncio, quando os que se quiseram ainda estão em idade de amar.

Bem sabeis que as manifestações artísticas em nossa terra não passaram da música, da poesia, do conto e da crônica.

No teatro, como realização única, temos a "Revista", do sr. Vasco dos Reis.

Onde estão os nossos romancistas? Os nossos pintores? Os nossos escultores?

Um esultor acaba de ser revelado pelo sr. João Rescala, que pintou o Chafariz de Goiaz. Resta verificar se as imagens de José Joaquim da Veiga Vale, uma das quais, um menino Jesús, está no Vaticano, foram inspiradas em criaturas que conheceu ou se limitam a ser reproduções de outras imagens . . .

Na matriz de Pirenópolis há trabalhos em prata, em cujos anjos se surpreendem os cenhos carregados de fisionomias nitidamente lusas. Quem seria o ourives?

Nem mesmo o fundidor do sino de Pilar, Manoel Cotrim, deixou discípulos . . .

Um arquivo de jornais antigos e mesmo contemporâneos, de velhos albums de fotografias, que fosse instalado no Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz, que é uma vitória do sr. Colemar Natal e Silva, permitiria que mais tarde os pintores tivessem uma fonte de inspiração.

O trabalho áspero do sertanejo, entravado pelas dificuldades de transporte, somente agora começa a facultar um aspecto de riqueza aos lares goianos.

Não existe ainda o bom gosto nem a capacidade aquisitiva para a estatuária e a pintura, excetuados os vitrais e outras obras de arte do palácio do governo, como a justa homenagem, o bronze do sr. Pedro Ludovico Teixeira, fundador de Goiânia. Palácio do governo, que o pioneiro da renovação material do estado e precursor da marcha para oeste, num gesto de intelectual clarividente, consentiu fosse o berço da Academia Goiana de Letras.

Deixemos reunido, em crônicas e em fotografias, o material indispensável às gerações futuras, de modo que possam, além de fixar o seu tempo, reviver, num gesto carinhoso de recordação, a nossa época e o período de tradições ainda meio coloniais, em que os nossos patronos amaram e versejaram.

E, assim, um pintor futuro conseguirá evocar a musa de Joaquim Bonifácio de Siqueira, passando pela janela de uma casa colonial da Velha Goiaz . . . Ou, num quadro mais amplo, immortalizará a boêmia daquela geração, fazendo uma serenata ao luar esplendoroso de Vila-Boa, luar tão claro, tão límpido, sobre lages e areias imaculadas, que deixa, na alma de quem alguma vez o contemplou, um eterno deslumbramento de saudade.

(Conferência pronunciada em sessão solene da Academia Goiana de Letras).

As poesias publicadas em "Oeste" em janeiro

Recebemos do dr. A'lvoro de Campos Góis, do Gabinete do Chefe de Polícia do Distrito Federal, que, recentemente, esteve em visita a esta capital, a seguinte carta:

"Meu caro diretor da encantadora Revista OESTE,

Lí o número de janeiro dêste ano da sua preciosa revista. Inicialmente tenho a lhe dizer que não sei ao certo o que havia de melhor dentro de suas páginas interessantes e que prendem de início a atenção do leitor curioso.

Quero chamá-lo ao meu encontro, espiritualmente, para o que diz respeito à poesia por mim encontrada nesse órgão mensal, confessando-lhe ter ficado maravilhado com o desenvolvimento espontâneo desta parte difícil de nossas letras.

"Raça", da autoria de Domingos Felix de Sousa, é uma poesia empolgante, revelando o poeta grande imaginação, cultura profunda de uma tendência patriótica muito natural e peculiar dos espíritos bem formados.

Encontramos em "Noites de insônia", de Eli Brasiliense, a vibração das criaturas formadas na escola de Bilac e outros gêneros da poesia brasileira. Uma graça original e os seus versos têm um sabor misterioso de coisa gostosa.

B. Elis é um poeta um tanto futurista. Há uma movimentação notável em seus poemas de frutas, paredes velhas, bares, seresteiros, encontros amorosos e outras cousas agitadas e pitorescas. E' a demonstração viva duma bela pena a serviço do cérebro arguto e malicioso, da velha escola voltairiana.

Jovelino de Campos, em "Suprema desilusão", numa síntese característica dos grandes espíritos cultos, dá-nos um encantador soneto, onde o autor revela a sua extraordinária cultura e uma inspiração invejável, notando-se muita arte na sua maravilhosa maneira de exteriorizar sua alma de poeta brasileiro.

Marilda Palínia, em "Modern Girl", traz-nos uma exposição do seu pensamento sobre a moça moderna. Há uma semelhança de poesia futurista. Gostei da sua maneira de poetizar, mas não compreendo bem a poesia futurista.

"Poema sem nome", de José da Rua, contém o tratamento "você" e "tu", para uma só pessoa. Deve haver êro gráfico.

"Naufrágio", de João Viana de Oliveira, é uma poesia que está à altura dos grandes poetas. Nela encontramos tudo que se pode desejar de melhor no seu gênero. Vigor, imaginação".



DEPOIS DE LER SÃO PAULO

E porque não toco em mulher
a não ser em ti,
denominam-me impotente.
E porque proclamo que sómente
para orar,
chamam-me hipócrita.
E porque proclamo que somente
tu tens poder sôbre meu corpo,
apelidam-me escravo.
E porque não há entre nós fornicção
e ainda não nos servimos do fermento
da malícia e da corrupção
para celebrar nossas festas,
proclamam, invejosos e maledicentes,
que nosso amor amor não é.
De nada valem, porém, tais juízos e acusações,
pois sabemos, por nosso amor,
que o corpo não foi feito para o pecado
e sim para o Senhor,
e que se tudo nos é permitido
nem tudo nos convém.

SENDA

Não procuro porque sei incapaz
o motivo que me leva a te querer assim
como cousa essencial.
Não me importa a indagação dêsse motivo,
a causa de minha quasi loucura por ti.
Certo de que somos instrumentos na mão de Deus
deixo-me levar ao sabor de Sua vontade
a que ninguém pode fugir
e procuro em ti, em ti sómente, a única senda
que me desviá da miséria terrena
e me conduz aos alegres átrios do Senhor.

JOÃO VIANA DE OLIVEIRA

A Sorte Grande

J. B. Felix de Sousa

Jacinto de Deus, desde menino, engraxate na porta do hotel, só falava em ser rico, tornar-se um dia milionário.

A custo de penosa e longa economia conseguiu comprar o "Bar Mineiro", que crismou, em vistosa taboleta, "Bar Elite". Era pomposo, mas a seu gosto.

Seu assunto continuava o mesmo. Repetia para todos os fregueses dos aperitivos, como para os "paus-d'água" que ficavam chateando até alta madrugada, que um dia seria milionário, poderia comprar toda aquela cidade, uma cidadezinha como outra qualquer ali da "Zona da Mata".

Um dia um caixeiro viajante, que lhe fôra cobrar uma duplicata, lhe disse:

— Aqui você nunca ficará rico. Só se tirar a sorte grande. Em Goiaz, sim: lá é que se faz a vida.

E contou mil vantagens da terra distante e boa, promissora sempre de mêsse farta, de empregos ou batatas.

Com as futuras riquezas e grandes, ficaram Goiaz e suas possibilidades, desde então, a fazer parte de suas conversas e seus desejos.

Conseguiu vender o bar e tudo quanto possuía, apurando uns seis contos de réis e seus conterrâneos viram-no, não sem inveja, tomar um dia o trem, rumo à terra da promessa, à aventura.

Da janela do carro disse adeus ao seu pai, ao chefe da estação e aos carroceiros e carregadores que estavam por ali e proclamou, cheio de convicção:

— Aqui só volto podre de rico!

Os bancos duros dos carros de segunda classe, os persejeos das pensões, o cansaço, fizeram Jacinto, que saíra com um ar de conquistador destemeroso, chegar em Goiânia abatido e desanimado.

Hospedou-se numa pensãozinha no bairro de Campinas e logo na manhã seguinte começou a andar daqui para ali, procurando o meio mais fácil e rápido de se enriquecer. Ouvia por toda parte falar em ótimos negócios, em centenas de contos, em riquezas. Mas não via onde empregar suas economias. Essa dúvida fazia mal. Andava o dia todo, conversava, indagava, para, cansado e cheio de desânimo, ir tarde para a pensão, já com uma ponta de arrependimento de ter vindo.

Foi numa noite dessas que dois sujeitos, chegados na jardineira de Leopoldo-de-Bulhões, ficaram conversando com êle, indagando como poderiam empregar aqui seus capi-

tais. Jacinto, que estava sozinho, aproveitou para se vingar de sua desilusão.

— Aqui? De jeito nenhum! E' só farol, meus caros! Eu apurei uns cobres em Minas e estou vendo que volto sem fazer nada.

Os dois rapazes mostraram interesse. Ficaram conversando por muito tempo ainda, numa porção de cousas, mas sem falar em dinheiro. Mas êste era o assunto perpétuo de Jacinto que, de vez em quando, voltava a perguntar pelo capital dos dois, cu contava suas próprias esperanças.

Afinal foram os hóspedes para seus quartos e mal Jacinto tirou o paletó bateram à porta. Era um dos moços.

— Você desculpe, amigo, mas eu e meu companheiro vimos logo que é boa pessoa e que não devemos fazer misterio, principalmente porque nós queremos que o amigo, sendo mais experiente da vida, nos dê uns conselhos.

— Ora... ora...

— Sim, senhor! Aachamos que podemos contar com o amigo.

— No que puder, disponham... Pois não...

— E' isto: nós compramos um bilhete. Agora fomos conferir. Ganhamos, amigo velho! Quinhentão!

Jacinto arregalou os olhos e sentiu inveja dos moços. Bem lhe tinham dito: a sorte grande ou Goiaz. Êle não tentou a sorte e agora se arrependia de ter vindo. Aqueles dois rapazes, ricos de uma hora para outra e êle pobres como sempre!

— Estão ricos e eu é que podia precisar de vocês...

— Engano, amigo! Você imagina que o cambista diz que só nos pagará se provarmos que já somos maiores e não temos documentos aqui.

Jacinto reparou que os dois eram bem moços mesmo.

— Então telegrafe para sua família.

— Já pensamos nisto. Mas você tem confiança no telégrafo? Nós, não. Então pensamos que o amigo talvez queira ir buscar os papéis para nós. Pagamos bem seu serviço.

O moço assentou-se na cama de Jacinto e mais baixo acrescentou:

— Também, como é perigoso perdermos o bilhete ou êle ser roubado na viagem, pensamos em irmos, nós mesmo, confiando ao amigo o bilhete até nossa volta.

— Ora, mas eu... vocês não me conhecem...

— Nada disto: resolve qual o meio que acha melhor e amanhã cedo fa-

zemos de acêrdo.

Bateu amistosamente no ombro de Jacinto e foi para seu quarto.

Jacinto não dormiu a noite toda, pensando no bilhete, nos quinhentos contos ali tão perto dêle. Quando ouviu barulho na sala de jantar saiu para tomar café e ficou logo apreensivo por não ver os dois rapazes da sorte. Já na hora do almoço apareceram êles. Um dêles piscou para Jacinto e quando os três entraram para seu quarto, foi, cautelosamente, fechada a porta.

— Acabamos de conferir o bilhete de novo. "Canta" lá para nós.

Jacinto leu no pedaço de papel que lhe deram:

— 2-8-5-6-4.

— Justo!

Os dois, que olhavam o bilhete, apertaram as mãos, radiantes.

— Estamos ricos!

— O diabo agora é receber o dinheiro.

— O amigo vai nos ajudar.

— Ajudo. Não tenham dúvida.

— E'. Deixamos o bilhete em seu poder e buscamos os documentos que êles estão exigindo para provar nossa maioridade.

— Mas vocês não me conhecem... Como deixamos o bilhete comigo?

— Ora, logo vimos que é homem direito. Está até mais seguro no seu poder que no nosso.

— Então eu preciso dar um recibo, um documento...

— Nada... Nada disto... Já vamos arrumar as malas.

Um dêles fez uma cara de fazer dó.

— Mas, companheiro, se não temos o dinheiro para viagem...

O outro assentou-se, desanimado, coçando a cabeça.

— Imaginem: rico e sem poder nem arranjar jeito para receber o que é seu!

Jacinto concordou, penalizado, e disse:

— Eu posso arranjar.

— Ora, amigo, você é muito bom, mas para todas as despesas de viagem, ida e volta, fazer justificação de idade, o diabo, por lá, vamos precisar de uns oito contos.

— Tanto assim?

Jacinto pensou um pouco, depois, resolvido como quando entendeu de comprar o "Bar Mineiro", disse:

— Confiança por confiança! Eu posso arranjar o que tenho: uns cinco contos. Em sua terra arranjarão o resto.

Os dois moços saltaram de alegria e apertaram as mãos de Jacinto.

— Isto é que é amigo! Você vai receber isto com juros dobrados, amigo velho!

Num instante aprontaram as malas e entregaram o bilhete para Jacinto que o guardou com cuidado no bolso e tirou de um lenço amarrado à cintura, por baixo da camisa, o resto de suas economias, entregando, sem contar, aos dois rapazes que o abraçaram com efusão e se foram.

A posse do bilhete não deu mais cossêgo a Jacinto. Mudava-o de um bolso para outro, apalpava-o a todo instante para ver se não desaparecera, escondia-o entre papéis, chegou a abrir o traveseiro para escondê-lo.

Não resistindo à tentação, foi até a Avenida 24 de Outubro para conferir o bilhete e emocionado puxou-o, sem o tirar do bolso, só até lhe ver o número e sentiu um calafrio quando viu coincidir o primeiro número escrito no quadro negro da casa de loterias com o do bilhete.

Imaginem! Ele com quinhentos contos no bolso! Seu sonho desde menino fôra esse: ter o bolso abarrotado dos afortunados!

Foi quando, insidiosa, lhe entrou na cabeça a idéia de ficar com o prêmio.

Sua consciência lutou um pouco, sem convicção, nem vontade. Os rapazes não tinham prova que lhe deram o bilhete e depois de estar ele rico, que poderiam lhe fazer? Nada, nada mesmo.

E tanto pensou e tanto foi tentado que, depois de ter fumado uns dois maços de cigarros e bebido muitas chécaras de café, andando para baixo e para cima na Avenida, às sete horas entrou na casa onde conferira o bilhete.

— Vim ver se pagam esse bilhete — disse baixo, a medo.

O cambista olhou o bilhete, aproximou-o da lâmpada e ficou branco, tremendo.

— Em cima! Que sorte!

Depois tornou a reparar no bilhete, mais próximo da lâmpada, fechou a cara e começou a esfregar a unha do polegar sobre os algarismos do número e dois deles foram soltando.

— Que isso? — E olhou com raiva para Jacinto.

— Que? . . . O que? . . .

Gaguejava, sentindo as pernas dobrarem e a vista escura.

Ouviu uma outra pessoa dizer:

— Também o bilhete de sábado era amarelo e éste é alaranjado.

— Esse coitado caiu no "conto".

— Ou queria passar . . . Porque veio conferir de noite?

Jacinto ouviu tudo bestificado, suando, sem poder dizer nada. O cambista enfiou-lhe o bilhete na mão, dizendo que fazia muito em não chamar a polícia e ele desceu devagar, com a cabeça ôca, sem pensar em nada, até à pensão.

Entrou para o quarto e ficou olhando o bilhete e esfregando a unha no número do gasparino que ficava à mostra e logo todos os gasparinos ficaram com o mesmo número.

O dono da pensão veio vê-lo.

— Entrou com uma cara que pensei que estivesse doente . . .

— Não . . . Escuta aqui: sabe o que me aconteceu?

E contou, num desejo de desabafar, tudo que lhe acontecera e ao seu dinheiro ganhou tão penosamente.

— Como foi confiar em gente que o senhor não conhece. Espere. Vou buscar um cafezinho para o senhor.

Jacinto foi até o corredor e ouviu o dono da pensão passar aos outros hóspedes a sua história e os comentários que faziam.

— Mas ainda existe muita gente trouxa neste mundo!

— Trouxa nada! Ele quis foi bancar o esperto. Não foi receber o dinheiro? Ele queria era ficar com o prêmio e passar a perna nos malandros.

— Bem feito! Se ele não tivesse má fé não caía no embrulho!

Jacinto não saiu mais do quarto. Nessa noite sentiu febre e delirando contava punhados de notas de quinhentos e quanto mais contava mais o tal cambista da Avenida lhe dava e todos os hóspedes da pensão ajudavam a contar e amontoavam pilhas e pilhas de notas sobre sua cama. Depois os dois rapazes do bilhete eram engraxates e suavam engraxando seus sapatos, enquanto todos os fregueses do "Bar Elite" vinham delicados oferecer-lhe bebidas que o juiz de direito e o prefeito (que nunca tinham entrado no seu bar), vestidos de garçons, punham nos copos.

Passou mal, febril, sempre delirando, uma semana ou mais. O dono da pensão conseguiu o endereço do pai de Jacinto e o chamou para levar o filho.

O velho só conseguiu embarcá-lo na jardineira porque queria que ele fosse comprar a sua cidade lá em Minas só para ele. Quando chegaram em Leopoldo-de-Bulhões Jacinto já tinha comprado o "Grande Hotel" e o "Bandeirante" e já era dono de todo o gado e tôdas as fazendas que viu pelo caminho.

No trem, no dia seguinte, contou a cada um dos passageiros do carro de segunda o quanto lhe custara comprar aquela estrada-de-ferro, que agora era sua, bem sua.

Em tôdas as estações descia correndo com os outros passageiros para tomar café e dizia, cheio de importância, para as vendedoras espantadas:

— Quem paga sou eu! Qual é a despesa de todos?

— De todos? Deixa ver . . . 3\$600.

— Só? Ora, que miséria! Que é isto para quem tirou a sorte grande? Tome lá dois contos de réis e não se fala mais nisto!

E num gesto largo de nababo caprichoso enchia a mesa e os taboalheiros com bilhetes corridos e recortes de jornais.

○ Presidente Getúlio Vargas é um grande e sincero brasileiro. Ele se empenha extraordinariamente e com grande eficácia, para colocar seu país na vanguarda das nações americanas e das potências do mundo — JEFFERSON CAFFERY — (Embaixador Americano no Brasil).

Quando se tiver de investigar os benefícios que o regime de Vargas tem prestado ao Brasil será preciso inventar um novo sistema de medição, pois nenhum aparelho existe capaz de medi-los exatamente ou, ao menos, aproximadamente — KARL LOEWENSTEIN — (Catedrático de Ciência Política do Amberest College, Estados-Unidos).

Estudantes paulistas em visita a Goiânia

Goiânia hospedou, no começo deste mês, uma caravana de acadêmicos de Direito e de Odontologia e Farmácia da Universidade de São-Paulo, composta dos seguintes elementos: Nelson Polo, Oliveiros Vilaça, Rafael Renato Velego, Romero Chiaramelli, Olavo Luz, Euclides Jorge de Lima e José Fonseca.

Realizando essa excursão, em visita de cordialidade ao nosso Estado, os acadêmicos de São-Paulo estiveram em estreito contacto com os seus colegas goianos e com as nossas instituições culturais, deixando entre nós as melhores impressões.

Várias homenagens lhes foram prestadas, especialmente pelo Centro Acadêmico XI de Maio, evidenciando-se em tôdas a melhor cordialidade entre os acadêmicos de S. Paulo e seus colegas de Goiaz.

Prof. Tito Fulgêncio

Com o falecimento do prof. Tito Fulgêncio, ocorrido a 22 de janeiro último, em Belo-Horizonte, perdeu o Brasil um de seus maiores juristas e uma das figuras mais brilhantes e mais dignas do magistério superior do País.

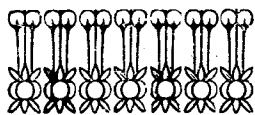
Bacharelando-se em Direito pela tradicional Faculdade de S. Paulo, o prof. Tito Fulgêncio regressou a Minas-Gerais, seu Estado natal, onde teve oportunidade de exercer, sempre com muita cultura e muita dedicação, vários cargos, como magistrado. Nomeado desembargador, aposentou-se como Presidente do Tribunal de Minas.

Entretanto, sua maior vocação estava no magistério.

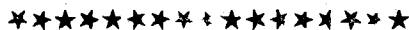
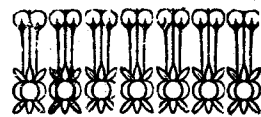
Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Minas-Gerais, viu o ilustre mestre passarem pelos bancos escolares milhares de jovens, que se orgulhavam de tê-lo como professor.

Sua autoridade de mestre transpôs as fronteiras pátrias, indo projetar-se no exterior, como um dos maiores conhecedores da ciência jurídica no mundo moderno.

Foi, portanto, um grande brasileiro que desapareceu, deixando de luto as letras jurídicas nacionais.



ENVELHECER



Envelhecer . . .

Murchar a pouco e pouco,
lentamente . . .

num crescendo de óleo que se infiltra . . .

Reter a infância no cofre da memória . . .

Ver, de olhos fechados, um passado longínquo . . .

o açude da fazenda . . . os colegas de escola . . .

a vovó, de joelhos, frente ao oratório . . .

um galo triste a cantar,

recordando a madrugada de um velório . . .

Envelhecer . . .

Sentir a marcha à ré das energias
na decadência das orgânicas funções . . .

Um pouco morrer todos os dias,
assistindo aos funerais das próprias ilusões . . .

Envelhecer . . .

Curtir uma saudade amarga de outros tempos . . .

De tudo que se foi . . .

Dos sonhos que se perderam . . .

de uns olhos grandes . . . de uma valsa . . .

de parentes e amigos que morreram . . .

Envelhecer . . .

Ver que a bôca que procura foge da sua bôca . . .

que os olhos que fita desviam dos seus olhos . . .

que o mundo é sempre contra a gente . . .

e que a enxada que sulca é a de um coveiro . . .

e que o sino que tange é a finados . . .

e que a sombra que busca é a de um salgueiro . . .

Envelhecer . . .

Murchar a pouco e pouco,
lentamente . . .

num crescendo de óleo que se infiltra . . .

Nunca mais ser o que era !

Envelhecer . . . envelhecer . . .

ruína . . .

tapera . . .



Demóstenes Cristino

O DISCURSO DO INTERVENTOR

Anderson Horta

“Se precisássemos descrevê-lo com uma simples palavra, diríamos apenas: PEDRO LUDOVICO É A FÉ!”

Achamos muito interessante o conceito de Stefan Zweig de que “O mexerico literário não é peculiar duma determinada época, mas de todos os tempos”. Eis aí que pela observação cotidiana dos fatos, nós o estendemos a outros paralelos, de vez que os turbulários do poder não são peculiares a uma determinada época, mas a todos os tempos.

Com efeito, em todos os tempos e regimes, não faltam os turbulários cegos e inconcientes, insinceros, portanto, na ronda deselegante aos detentores do poder. Seria um mal generalizado e de tristes consequências, si êsses homens ilustres não estivessem preparados para isso . . . Mas, felizmente, o homem público, nos países civilizados, faz um longo aprendizado antes de receber as rédeas do governo. É o estímulo das vocações superiores. O exame vestibular da governança. A escola política da Vida !

A crítica sinceramente fundamentada e o elogio merecido, — eis tudo o que o homem público exige das grandes elites. Quanto ao mais, tudo quanto se traça fora dessas coordenadas, só poderá contrariar êsses grandes caudilhos do pensamento motorizado. Ao contrário, nada fere mais a consciência do homem superior, que as injustiças e as atitudes crepusculares em relação ao seu tempo, ao seu espírito e à sua obra. Entretanto, por isso mesmo que é superior, sabe compreender e perdoar, com sublime ironia, a fragilidade e as atitudes mesquinhas dos espíritos apaixonados !

Pedro Ludovico, em todos os sentidos, não é apenas goiano: é brasileiro ! Trocou o palco limitado da província, para brilhar na História do Brasil. E nas pautas imensas da harmonia nacional, na grande sinfonia da Pátria, êle compôs a canção do trabalho e do patriotismo !

Geralmente podemos identificar o valor e a fibra de um homem público através de suas obras. O mesmo não se dá, entretanto, em se tratando de seu coração. Aí o estudo é mais difícil. Há de mister penetrar o complexo da personalidade. E, para tanto, nem podemos desprezar as atitudes, os

gestos e as palavras, por menores que se nos pareçam. Foi assim, apesar da obra notável que vem realizando, e de amigos sinceros e inteligentes, que encontrei o coração do grande Interventor. É mais do que goiano. Mais do que brasileiro. É um coração humanista, na acepção cristã do vocabulo.

Êsse discurso eu o guardei com carinho. E é com carinho que o releio sempre porque, como o garimpeiro venturoso recolhe, nas grupiarias profundas e nas grunras ensolaradas, o diamante cristalino, — eu surpreendo, aqui e ali, as pepitas custosas da inteligência. Mas, eis senão quando, um diamante maior avulsa: — é o coração. O coração que fala a linguagem simples e corajosa da fraternidade. Corajosa, sim, porque, nesses dias que passam, o estadista precisa ter coragem para ser bom ! Eis aí o resultado dessa memorável oração à mocidade acadêmica de Goiás: a inteligência em função dos ensinamentos profundos. A inteligência abriu o caminho, e o coração falou !

Talvez tenham passado despercebidos alguns caracteres fundamentais do nosso grande Interventor. Si é certo que as construções novas exigem a demolição das existentes, si é verdade que nas grandes revoluções o homem de pensamento precede o homem de ação — o dr. Pedro Ludovico apresenta, no êxito de sua notável empresa, uma feliz e rara exceção. Efetivamente, apenas uma cousa tem procurado destruir: as paixões inferiores e o espírito de rotina, que ambos são filhos legítimos da intolerância. É oportuno salientar, entretanto, que êle não usa da mesma arma para combater as paixões. Um homem de sua envergadura não desceria jamais à identidade dos meios peculiares ao erro, nem mesmo para combatê-lo. Si não transige, também não se identifica. Prefere usar dos meios familiares a seu espírito de eleição. E o remédio sempre usado é êsse: colocar-se num plano superior. É, pois, dêsse plano elevado que vem, a um tempo, dirigindo êsse grande Estado mediterrâneo e revolucionando os métodos de governo.

Por outro lado, êsse notável estadista reúne em si o pensamento e a ação, a crítica e a reforma, a poesia — realidade estática; e a realidade — poesia dinâmica. De maneira que tem feito mais do que os espíritos sonhadores e muito mais do que o simples homem de ação, porque sonhou traçou e construiu. E, não satisfeito ainda, foi além: assistiu e está assistindo ao desenrolar de sua obra-prima, na colheita merecida do reconhecimento coletivo.

Perfeito conhecedor dos Mestres, inimigo do empirismo grosseiro, não se contenta com dirigir bem. Quer saber como e porque governa. Daí sua vida intelectual e sua luta no campo da experiência e da ação. Daí sua palavra autorizada aos bacharéis de 1943. Daí suas advertências e conselhos, que constituirão para êles, no mundo agitado da vida profissional, uma sequência de luzes, tendo a Verdade por meio e a Esperança por fim. Verdade, na aplicação da Justiça e Esperança na fraternidade universal.

Estudando os conceitos dêsse discurso memorável, notamos quatro pontos capitais: a modéstia, a erudição, o sentimento e a fé.

Pela modéstia, êle vem mais uma vez reafirmar, no plano da História, a premissa maior, a prova de fogo dos espíritos superiores. Com efeito, somente os espíritos de escola têm a faculdade de cultivar essa flor delicada, habitante mimosa das grandes altitudes. A modéstia é filha da sinceridade. Quanta vez os espíritos acanhados a apregoam ! Mas, quanto mais o fazem, tanto mais evidenciam o reverso da medalha . . . Quanto mais a vestem, tanto mais se desnudam ! Não é feita de palavras, senão de atitudes, de vez que é a grande virtude dos santos e dos verdadeiros heróis . . . Vós que sois brasileiros, tereis naturalmente percebido a peregrina flor de sua personalidade. Sem dúvida, como fundou êle Goiânia ? De seu gabinete ? como dirige o Estado ? De sua cadeira ? Como recebe êle o povo ? Inacessível ? Não ! Como poderia o artista fazer a obra-prima, senão trabalhando-a com as próprias mãos ? E foi assim que êle fundou Goiânia. Como dirige os estadistas os

Matar para viver

Aurélio de Sousa

estados superiores, senão de pé ? E é assim que ele governa ! E, finalmente, como pode um grande homem receber os pequeninos ? Estendendo-lhes a mão, E é assim que ele nos recebe ! Não estranha, portanto, que S. Excia. tenha usado de tanta modéstia, a-pesar-de não concordarmos com S. Excia., de vez que ninguém melhor que sua pessoa poderia ocupar o lugar que ocupou.

A erudição não é imprescindível aos grandes homens. Entretanto, si não é um alicerce, constiue, sem dúvida, um delicado atavio. Mesmo no terreno politico-administrativo ela não constitue elemento decisivo e insubstituível, porque governar é, em última análise, distribuir Justiça. Mas a Justiça é a Razão. E a Razão é empírica, quando menos para os espíritos equilibrados. Mas S. Excia., como dissemos acima, não tem amor ao empirismo. Quer saber como e porque governa. E foi por isso que, num cenáculo de juristas, ele se mostrou cultor do Direito no terreno politico-administrativo. Os fenômenos sociais são auscultados com carinho e expostos com clareza. Assim tem sido em quasi tôdas as orações que pronuncia. Assim foi na Faculdade de Direito.

Que isso sirva de estímulo a esses jovens que têm um grande caminho a percorrer e u'a grande missão a desempenhar. Ser advogado não é ser fenício. Ser advogado não é ser mediocre. Ser advogado não é ser pragmatista. Ser advogado é atender aos imperativos da razão. É ter a capacidade de auxiliar, na medida de suas forças, o destino da nacionalidade, pois não é à toa que o Direito gravita nas órbitas imensas da Moral!

O SENTIMENTO: — Ser bom é ser grande. É ter a sublime capacidade de penetrar o sofrimento das massas e auscultar as necessidades coletivas. É compreender a angústia. Ser bom é mais, ainda: é sentir, como suas, as aflições das pequeninas almas oprimidas, abrindo o coração e a bolsa aos desprotegidos da sorte. É, portanto, consolador, nesses momentos de expectativa e transição enigmática, elevar o olhos à curul governamental de um Estado e sentir de perto a consciência retilínea do governo. É deveras consolador perceber o ritmo e o calor de um grande coração, maximè quando ele habita o homem que nos governa. Nesse discurso, como aliás em todos os momentos de sua vida, o dr. Pedro Ludovico Teixeira abre o coração e trai o sentimento e a bondade, ao se referir à onda de sangue que ameaça tragar a civilização. Nota-se perfeitamente seu pesar pela flor maligna da injustiça, da miséria e das "desigualdades gritantes". E é com um travo de amargura que ele se refere às maiores vítimas dos

erros sociais e à exploração do homem pelo homem. Dia virá em que as elites governamentais de todos os povos se mostrarão dignas da liderança. Dia virá em que as massas, pela educação dirigida, se mostrarão dignas do governo. E já se vão rareando, felizmente, a insensatez e o sadismo das "minorias afortunadas" !

A FÉ:—A fé sem fanatismo, mas com energia e com critério. Essa sim, é capaz de remover montanhas, de construir cidades, de formar caracteres e mudar o curso da História. Eis aí a fé de Pedro Ludovico. É a fé de um filho da Revolução e de um firme esteio do Estado Nacional. E para assim pensar nem houvera mister que lêssemos sua oração à mocidade. Não. Porque se precisássemos descrevê-lo com uma simples palavra, diríamos, apenas: Pedro Ludovico é a Fé !

Fé na regeneração dos costumes e na moralidade dos homens. Fé nos ideais sublimes ! Fé na educação dos povos e nos novos rumos das elites governantes. Fé na sublime harmonia das relações sociais. Fé no altruísmo e no antídoto da guerra, da coibiça, do egoísmo e da maldade. Fé na Mocidade, que é o pólen doirado das gerações futuras. Fé na "perfeição moral e no bem como a finalidade suprema do homem". Fé no Brasil !

Foi assim que S. Excia. falou aos novos advogados, na Faculdade de Direito de Goiaz.

E é assim que S. Excia. sempre fala ao povo que dirige e à mocidade contemporânea: com a força da inteligência e com a poesia do coração !

Finalmente, si um simples verso pode immortalizar um poeta, e si um pequeno gesto tem, às vezes, a força das sagrações definitivas, que mais podemos exigir desse moderno semeador de bandeiras, mágico sublime da cultura goiana ?

No dizer de Emerson, "tôda instituição é a sombra alongada de um homem". Assi, também, no coração dos goianos reconhecidos, a realidade palpitante de nosso grande Estado é a sombra alongada de Pedro Ludovico. E isso não é demagogia. Não são palavras soltas, não ! É a própria História quem fala. A História, que ele vive. A História, que num gesto sublime, quis sagrá-lo em vida !

Somos novos, é verdade. A ronda dos séculos não nos bate à porta. Entretanto já podemos mostrar capacidade na seleção real dos valores inconfundíveis e dos caracteres metálicos.

E os fardões doirados de nossas academias deveriam honrar-se com sua investidura, porque o dr. Pedro Ludovico Teixeira tem-se mostrado um dos grandes paladinos do pensamento dirigido !

Creio na redenção da humanidade, não obstante a medonha hecatombe que, presentemente, vitima os povos na maior conflagração de todos os tempos.

Creio na bondade humana como um dom precioso e peculiar a ambos os sexos e em qualquer idade.

Creio, ainda, não tardará o dia em que, genuflexos, mãos em prece, contritos, agradeceremos ao Onipotente nos ter libertado deste horrível pesadelo, que é a guerra atual.

Não acredito que instintos primitivos e tentaculares que, de quando em quando, se manifestam nos dirigentes de um povo, contaminando esse povo de um virus peçonhento e asqueroso, possam medrar quando um regular grau de cultura usufruir essa gente.

Todos são bons, mas não se compreendem e são incompreendidos. O que lhes falta é saber discernir um bom govêrno, magnânimos dirigentes. Elegem carrascos, os próprios carrascos.

Côncios de que estão errando, obedecem, entretanto, porque a disciplina férrea assim o exige e os pelotões de fusilamentos estão sempre de gatilhos levantados, prontos a punir os faltosos.

Este é o caso da Alemanha, cujo povo ludibriado em sua boa fé, pela palavra inflamada de Hitler, o acompanhou na luta mais nefanda e inglória que jamais assolou o mundo.

Como consequência daquela tenebrosa e execranda aventura, tiveram as democracias de se unir para defenderem e proclamarem a liberdade humana, sacrificando, como estão, milhões de seres úteis, enquanto, simultaneamente, o luto invade igual número de lares. O'rfãos, viúvas, mutilados, insanos, aberrações de tôda a ordem são as sobras desta titânica guerra. E' uma herança bem triste, que legaremos à posteridade, mas que seria bem peor se não fosse assim. Os remanescentes desta "carnificina", serão um atestado vivo dos sofrimentos da geração atual.

Estes atavismos se manifestam em tôda a sorte de taras e espalham-se nestas ocasiões, como uma peste fazendo refluir impulsos maus e condenáveis, que permaneciam em letargia, em estado de purificação desde os primórdios ancestrais.

A honradez é um mito; o amor, fonte fecunda de todo o bem, é uma farsa; a desordem tomou, à fôrça, o lugar da harmonia; o egoísmo banii a caridade; a mentira incorraçou a verdade; a especulação impera, impiedosa e concientemente, por tôda a parte, ludibriando-se ao pai, à mãe, aos irmãos, ferindo-se os mais sagrados laços de sangue, contanto que disso se extraia

OS DOIS VENCIDOS

Conto inédito de JOÃO ACCIOLI

(Especial para "Oeste")

Terminada a labuta da ferração dos novilhos, logo após o tira-jejum, João Cativo monta o alazão, poltro fogoso de dois anos, quebra o abalarga na testá e descamba trilheiro abaixo, até sair no caminho mais curto que desemboca na invernada do Marinho.

No capãozinho do Borá — divisa com as terras do Teixeira — deve estar o bezerro novo que a mãe, a "Formosa", amoitou para o livrar do campeiro e do curral. Enganou-se, porém, o vaqueiro mestre. Ali, nem sombra de bezerro novo ou de uma só rês de criar.

Na restinga do lado de lá do desbarrancado, é besteira procurar: os rastos frescos encontrados na única passagem existente, são do "Mansinho", marruco pedrês com bicheira no umbigo, recém-vendido por preço de pechincha a Jonas, que o há de incluir na boiada de corte, quando na sua volta de Amaro Leite.

— Mas onde tará a novilha? — diz consigo João Cativo, parado debaixo de um mandiocão e acendendo o cigarro de palha no cornimboque de chifre, cheio de isca de algodão queimado — na malhada do Catingueiro gado não vai agora, porque o provisório está sêco e criação não gosta. No vargado mais prá baixo eu não piso nem por Santa Maria, pois tô nos casos de topar o Silviniño, casado de novo, mcrador aí assim e que não me quer ver nem pintado de ouro! Qual. Vou ver no Valinho, entre a pedreira das Almas e o ribeirão da Estiva. A invernada é um mundo, mas a "Formosa" está lá dentro. Sair e que não saíu: a cêrca é nova e os córregos

proveito; mas isto e todo o cortêjo de maldades se pratica de manhã à noite, do por do sol ao raiar da aurora, nas 24 horas do dia.

Mas, estejamos certos, tôda esta série de males passará, como passam as tempestades, os terremotos, as grandes dôres, os sonhos maus! . . .

Estes movimentos animalescos com o tempo tenderão a desaparecer e, então, o mundo será um Eden, onde cada um poderá viver a seu modo, de conformidade com seus gostos e tendências.

Do gigantesco cadinho, onde a humanidade referve e se contorce, sairão povos acrisolados, purificados, que saberão dar o devido valor a todos os bens, a tudo que é bom, porque souberam o que é o maior dos sofrimentos: Matar para viver.

nunca dão vau. Mas se o demo da vaca sungou naqueles tapumes, o dia-bo a leve.

E ajuntando o rabo de tatú na anca e as esporas nos sovacos do macho espirituoso, rompe num trote socado, dando pulinhos na sela, ao mesmo tempo que a andadura, sungando o cavaleiro para cima e para baixo, num movimento constante e renitente, faz aparecer atrás a ponta de sua camisa suada, de riscado vermelho. Quando a custo, com taquaras estralando no rosto e perseguido pelas muriçocas sedentas de sangue, trazidas pelo mormaço quente, João Cativo conseguiu apumar no tope do "morrinho" para começar a descer o trilheiro, entulhado de tapiocangas partidas, que vai ter no Valo, escutou um rumor exquisito, um trote apressado que vinha de trás e se aproximava cada vez mais dêle.

Quebra as rédeas à esquerda, desvia-se às pressas um pouco, e sem perder a calma das horas de apuro, inclina-se, firma o pé esquerdo no estribo e espera atento o que der e vier. Mal acaba de virar assim, uma rês passa ventando em direção retilínea, arrebentando nos cascos as pedras e entulhos que a enxurrada acumulou.

— Formosa, diab'! Ei-ráá!!

Esta, que pressentira de longe a intenção do campeiro mestre, muge e, correndo ainda, vai amparar de perto o filho escondido logo aí numa moita de aroeirinha rasteira.

Mas, no momento em que acaba de varar a pedreira para embicar na várzea, sai um vulto veloz de sob o anigico podre deitado entre duas grandes pedras e u'a moita de gravatá e, num pulo, alcança o corpo da novilha e se some.

"Formosa" dá um salto para trás e, num bufo, pula por cima da Touceira, corre ainda uns dez metros, até alcançar a aroeirinha onde dorme escondido o filho báio, primeira reprodução do Serra Azul indiano. Muge. Chega-se até êle, reconhece-o, lambe-o e, amolecendo, cai e estrebucha-se no solo.

— Timbó não pode ser! fala sôzinho João Cativo: herva, não tem. Será bicho mau? Logo esta, malvado!

Sem perder tempo, apeia, amarra, calmo, o animal numa pororoca ao lado e com as mãos cheias de pedra vai espreitando com cautela e de vagar o ponto em que a novilha recuara virando-se nos pés. Sapateia muitas vezes no capim e atira algumas pedras no pau oco deitado, de onde vem um

retinido áspero que lhe fere os ouvidos.

— E' aqui!

Dá volta por cima, abaixa-se bastante quasi arrastando a barriga no chão, e enxerga a poucos passos o rôlo de cobra já pronto para outro bote. Mas não tem tempo para nada. Num relâmpago, esta, mais espereta, lhe salta na mão, picando-lhe o pulso!

João Cativo arranca dos pulmões virgens um grito forte de ódio, seguido de uma investida voraz e certa de pedradas sôbre a cobra amoitada. Outra vez é picado e desta vez no dedão.

Mas avança de novo! E' a luta corpo a corpo de duas feras que se estrangulam. Luta bárbara de dois rivais, gigantes na coragem e na audácia!

João Cativo não esmorece e, num derradeiro esforço, arremete sôbre o inimigo invencível a força muscular do pé descalço! Atira-o para trás, mas sem força interior para prosseguir. Turva-lhe a vista, falta-lhe equilíbrio, mas não recua. Joga o próprio corpo sôbre a cobra, cai sôbre ela que não mais pode sair de sob seu péso férreo e forte.

Dos ouvidos, da bôca e das narinas de João Cativo brotam filetes de sangue preto. E - as duas feras morrem aí mesmo, agarradas uma a outra, ambas vencidas, como adversários dignos um do outro, ambas vencedoras!

Dois dias depois, a um campeador mais moço que rondava por ali, se deparou este cenário crú, pungente e ao mesmo tempo grandioso: João Cativo, morto, a cobra e a novilha mortas e o bezerro novo, devorado vivo pelos urubús famintos.

Devemos todos fazer votos e esforços para que o mundo de amanhã se reajuste em um sentido coletivo, de forma a não apresentar êsse espetáculo confrangedor, desagradável e profundamente injusto, de desigualdade e de misérias gritantes. Pela educação das massas e pela mudança da mentalidade das minorias dirigentes, durante séculos imbuídas de sentimentos reacionários, se conseguirá uma estrutura política que harmonizará todos os homens. Para gáudio nosso, as medidas governamentais no Brasil já se encaminham para êsse objetivo, visando o bem estar social, que ponha a nossa Pátria ao abrigo de reivindicações à custa de rebeldias, sempre causadoras de excessivas violências — PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

x x x

Senhor Presidente Getúlio Vargas: Sei, como sabe todo o povo do Continente, quanto é grande a dívida de gratidão de todos nós à esclarecida visão e diretivas de v. excia. — FRANKLIN D. ROOSEVELT — (Presidente dos Estados-Unidos).

MADRIGAIS

Enquanto do amor a chama
 Envolve-me como louca,
 Peço-te cousa bem pouca:.
 Na minha bôca derrama,
 Para afogar-me os desejos,
 Da taça da tua bôca
 O doce mel dos teus beijos.

* * *

Amo-te muito e, não raro,
 Recebo o desprezo amaro
 Em paga dos meus carinhos.
 Mas, pouco importa, formosa !
 Ante a beleza da rosa,
 Esqueço a dor dos espinhos.

* * *

Silêncio ! Silêncio agora.
 Deixa a linguagem sonora
 E os olhos vamos ouvir:
 Nesse diálogo mudo,
 Teus olhos me dizem tudo,
 E os lábios . . . podem mentir.

* * *

Quando estou de ti distante,
 Caprichoso, torturante,
 O tempo custa a passar.
 E agora, estando a teu lado,
 Vai o relógio apressado.
 Ponteiro, mais devagar !

J. LOPES RODRIGUES

GOIANOS ILUSTRES

Dr. Joaquim Xavier de Almeida

Dados Biográficos — 1873 - 1902

J. LUPUS

Filho legítimo do cel. Francisco Xavier de Almeida e dona Luiza Isolina da Silva, nasceu na cidade de Goiaz, ex-capital do Estado, no ano de 1873.

Quando, com brilhantismo inextinguível, cursava o quinto ano de Direito, na tradicional Faculdade de S. Paulo, acometido de grave enfermidade veio a falecer a 30 de agosto de 1902.

Deu imensas provas do vigor do seu talento, da sua pena primorosa, em produções literárias, em prosa e verso, aptidão que demonstrou ainda muito moço.

O prematuro passamento do nosso biografado de hoje foi uma perda bastante sensível para a nossa terra, de vez que a ela teria prestado os mais relevantes serviços no campo cultural, com a sua peregrina inteligência.

Foi estudante dos mais aplicados, dotado de um caráter reto e justo, que soube conquistar geral estima na classe estudantina do seu tempo, bem como entre seus professores, conforme ficou demonstrado com o seu falecimento, em consequência do qual foram suspensas as aulas da Faculdade de Direito, por um dia, tendo os seus colegas tomado luto por três dias, homenagem póstuma que raramente se verificava.

Era afável e possuía o dom de atrair pela bondade de coração, sem o mais leve preciosismo, caracterizando se por uma lhaneza que cativava geralmente.

Como republicano ardoroso, foi um dos primeiros estudantes que se alistou como soldado no Batalhão Acadêmico, permanecendo durante o tempo da revolta da armada, na fortaleza de Santa-Cruz, onde se portou com correção e bravura.

Tinha o curso de engenheiro geógrafo, feito na antiga Escola Politécnica de S. Paulo, onde deixou traços de sua robusta inteligência.

Os funerais do dr. Joaquim Xavier de Almeida foram acompanhados pelo então diretor da Faculdade de Direito, dr. João Pereira Monteiro, pelos lentes drs. Antônio Dino da Costa Bueno, que na ocasião exercia o mandato de deputado federal e líder da bancada paulista; Manuel Clementino de Oliveira Escovel e Vergueiro Steidel, tendo também o então presidente do Estado de

S. Paulo feito se representar pelo seu ajudante de ordens, cap. Pedro Arbuis.

Ao baixar o corpo à sepultura, usaram da palavra os acadêmicos José Rodrigues Alves, pela Academia, Luiz Leite pelos 4º e 5º anos e por Goiaz o dr. Marcelo Francisco da Silva, ilustre conterrâneo do morto.

Encerramos estas ligeiras notas com a transcrição sua última produção poética:

"A VOZ DIVINA"

"Que segredo possui a tua voz divina?
Que filtro singular nela ondeia e palpita ?

Essa voz enamorada
E' uma prenda talvez custosa e encantadora
Que te doou no berço a mão alva e bendita
De uma celeste fada.

Ouvindo-te cantar, estático emudece
O próprio sabiá pousando na palmeira.

A rola suspira,
o suave arrulhar terníssimo fenece
Ante aquela ideal meiguice feiticeira
de tua voz formosa.

Quando cantas, parece um ditoso sonho
Ir-nos a alma cativa pouco a pouco entrando
E cuidando que as alas

Dos serafins nos vão conduzindo a um risonho
Paraíso etereal, fulgindo, fulgurando
Entre luzes e galas.

Não sei . . . mas acredito que se acaso às flores
Fosse dado cantar, a sua voz teria
O timbre dulçoroso

Dessa voz musical de quebras sedutores,
Mais donoso que a brisa em laranjal, cicia
Teu canto harmonioso.

E duvido até que o guerreiro arquejante,
Tendo no bravo peito uma lança encravada,
Olvidasse o pensar,

E sorrisse enlevado em seu extremo instante,
Julgando ouvir da glória, a música adorada
Que o vem acalentar.

S. Paulo, 1905.

NOTA — Esta foi a última poesia do dr. Joaquim Xavier de Almeida, que a dedicou à senhorita Margarida Kraus, de nacionalidade austríaca, esmerada cantora nos salões de S. Paulo, ao tempo em que o poeta era estudante.

Agradecimento de Vitor de Carvalho Ramos

Goiatuba, 3 de novembro de 1943.

Meu caro Paulo de Figueiredo:

Cordial abraço.

Ainda trago nas retinas os encantos mágicos de nossa menina Goiânia, tímida e culta, que não se desfigurou com a "maquillage" de suas velhas irmãs do litoral, mas em toda a pureza de seu viço sertanejo, em todo o esplendor de sua adolescência magnífica. E' a índia goiá, de linhas másculas, de tez bronzeada, de cabelos negros, cheirando a resinas, com o arco distendido, pronto a disparar a seta, rumo do futuro...

Ainda soam aos meus ouvidos as palavras amigas dos amigos, que iluminaram meus dias aí com o brilho de seu talento, com a bondade de seu sorriso, com a generosidade de sua benevolência.

Goiaz! Como é bom a gente ser goiano! Por onde, nos anos que me restam de vida, minha sombra se arrastar pela terra, levarei, agarrada a ela, a sombra de meu berço natal, a imagem dos que foram

para mim, dentro do meu Estado, um ponto luminoso no meu caminho.

Quero, pois, meu Paulo de Figueiredo, você que se dignou honrar-me com sua linda oração, seja você o intérprete de minhas saudades e agradecimentos, pessoal ou pela "Oeste", junto a todos os que me distinguiram com sua visita ou tomaram parte nas homenagens que me foram tributadas.

Envio para a revista "Oeste" um trabalho de minha filha Vitória Helena, esposa do dr. Otávio Marquês, aqui residente. Ela tem escrito bons contos, tomando para tema assuntos sertanejos. Influência do tio Hugo.

De Uberaba lhe remterei as páginas de "Turris Eburnea" e "Hinário", de Hugo. Convém reeditar essas páginas admiráveis, que poucos conhecem.

Quanto à "História da Literatura Goiana", já terminada, de minha autoria, sempre que houver uma sobra de espaço na "Oeste" irei enviando os capítulos.

Com um cordial abraço,

(a) VÍCTOR.

ÚLCERA NO CORAÇÃO

(Do livro "ZNACHOR", de Tadeu Dolenga — Mostowicz)

(Traduziu do polonês P. A. W.)

— Especial para "OESTE" —

Na sala das operações reinava um perfeito silêncio . . . De vez enquanto era interrompido por um agudo e rápido estampido dos instrumentos cirúrgicos de metal luzido a caírem sobre um disco de vidro. O ar aquecido a 37 graus de Célsius saturava um adocicado odor de clorofórmio e o cheiro do sangue arterial, que penetrando através das máscaras respiratórias enchia os pulmões e dava a sensação duma mistura insuportável.

Uma das enfermeiras assistentes desmaiou num canto da sala, porém, ninguém correu para socorrê-la, pois os restantes não podiam abandonar a mesa das operações. Não podiam e não queriam . . . Os três médicos assistentes não tiravam o seu olhar perspicaz e atento do fundo duma abertura vermelha dum corpo humano, por cima da qual moviam-se de vagar e quasi sem jeito as grossas mãos do professor Wilczur.

Cada mínimo movimento destas mãos precisava compreender imediatamente. Cada som da voz sumida do professor, que de tempo em tempo saía sob a máscara, continha uma nova disposição compreensível aos médicos assistentes e que devia ser executada à maneira dum relâmpago. Jogava-se pois não só a vida do paciente, mas alguma cousa mais importante: o bom êxito desta operação tida como impossível e sem esperança alguma, podia no entanto converter-se em um novo grande triunfo da cirurgia e podia trazer ainda maior glória não só ao professor Wilczur, não só à sua clínica, aos seus discípulos, mas, à tóda a ciência médica polonesa.

O professor Wilczur operava uma úlcera no coração. Agora o conservava precisamente na mão esquerda e com um rítmico movimento dos dedos applicava as massagens contínuas, pois o coração rapidamente se enfraquecia. Através duma ténue luva de borracha sentia êle cada batida, cada leve borbulho e quando as válvulas recusavam a obediência com os dedos que quasi endureciam, obrigava-as ao trabalho. A operação já se prolongava por quarenta e seis minutos. O dr. Marzewski, que vigiava sobre o pulso, já pela sexta vez imergia na pele do paciente a seringa applicando a injeção de cânfora e atropina. Na mão direita do professor Wilczur brilhavam continuamente os instrumentos cirúrgicos; bisturis, lancetas e colheres em rápidos movimentos.

Felizmente a úlcera não ia ao fundo do músculo do coração e tomava forma dum perfeito cone. A vida do en-

fêrmo estava para ser — salva. Oh, se resistisse ainda oito ou nove minutos. . .

— Mas, ninguém teve a coragem . . . pensou com certo orgulho o professor no seu íntimo — Sim, nenhum operador, nem de Londres, nem de Paris, tão pouco de Berlim ou Viena . . . — Trouxeram o doente aqui à Varsóvia — e todos recusaram a glória e um colossal honorário . . . — Êste honorário servirá para construção dum novo pavilhão da clínica e para uma viagem de Beatriz com a pequena às Ilhas Canárias. Lá passarão o inverno. Esta separação para mim, pensou o professor, será insuportável, mas à espósa e à filha fará bem . . . Os nervos de Beatriz nos últimos tempos . . . Neste ínterim, a azulada-rósea almofada do pulmão encheu-se de espasmático respiro e encolheu-se repentinamente. Um, dois, três . . . E um pedaço de carne viva na mão direita do professor estremeceu . . . Da pequena ferida, sobre a violácea pelezinha correram algumas gotas de sangue. Nos olhos de todos os circunstantes brilhou o assomo dum espanto. Sou um leve sibilar do oxigênio e a agulha do Record entrou novamente sob a pele do doente. Os dedos grossos do professor se contraíam e estendiam rítmicamente. Questão de alguns segundos e a ferida estava limpa. Uma finíssima linha cirúrgica cumpria agora a sua obra. Uma, duas e três agulhadas. Isto era incrível que estes grossos dedos do professor eram capazes de tanta precisão . . . Por fim com todo cuidado colocou êle o coração na caixa torácica e nele cravou o seu olhar perspicaz. O coração entumecia e baixava num tempo desigual, mas o perigo já passou. O professor Wilczur apurou-se e deu o sinal. Do fundo dos panos brancos esterilizados o dr. Skorzen tirou a parte serrada da caixa torácica. Ainda alguns movimentos indispensáveis e o professor ponde respirar . . . O resto já pertencia aos médicos assistentes. Podia confiar nelles com tóda a segurança. Deu ainda algumas disposições e passou para a sala do vestuário. Tirou a máscara respiratória e sorveu satisfeito o ar natural. Tirou as luvas, o avental e o gorro salpicados de sangue. Espreguiçou-se estendendo as mãos. O relógio marcava duas horas e trinta e cinco minutos. Novamente atrasaria para o almôço . . . No dia em que ocorria uma efeméride mui grata . . . A Beatriz sabe quão importante hoje faz operação, contudo, êste atraso não deixa de lhe causar um grande desprazer. Pela manhã, ao sair de casa,

de propósito não deu a perceber que se lembrava da data: o oitavo aniversário do seu casamento. Contudo, a Beatriz sabia que êle não podia esquecer . . . Cada ano ela recebia um novo e belo presente, cada ano um mais mimoso, cada ano um mais caro e valioso, à proporção como cresciam a sua fama e sua fortuna . . . O professor apressava-se trocando rapidamente o traje. Ainda teve que visitar uns pacientes, um no segundo andar e o doente há pouco operado. O médico assistente o dr. Skorzen referiu brevemente: Temperatura trinta e cinco nove. Pressão cento e quatorze. O pulso muito fraco com uma leve arritmia de sessenta para setenta e seis. . . — Graças a Deus — sorriu para êle o professor. O moço médico lançou um olhar de veneração sobre a colossal e ursulina figura do chefe . . . Foi seu ouvinte na Universidade . . . Depois ajudava-lhe na preparação ao material para as suas obras científicas, quando ainda o professor Wilczur trabalhava nos campos da ciência. Quando porém abriu a própria clínica, dr. Skorzen encontrou ali uma ótima pensão e um vasto campo de trabalho. Talvez lastimasse que o professor, assim repentinamente, resignou das ambições de douto e que se limitasse em lecionar na Universidade e em fazer o dinheiro, contudo, devido a esta nova situação, não podia deixar de prezar o professor, menos do que antes. Sabia êle, como o sabiam todos em Varsóvia, que o professor não fazia isto para si, que trabalhava como o escravo, que nunca hesitou tomar para si a responsabilidade e frequentemente realizava verdadeiros milagres como aconteceu hoje por exemplo. — Professor! O senhor é um gênio disse com tóda a convicção o dr. Skorzen! O professor Wilczur riu-se com o seu baixo e bondoso riso, que enchia de paz e confiança os seus pacientes. — Sem exagero, sem exagero meu companheiro vós também a isto chegareis.

Mas, devo vos confessar que estou contente. Em todo caso, se precisar de mim mande telefonar logo. — Porém espero, que será desnecessário. E preferia que assim fosse, porque hoje tenho uma festa em casa. De lá por certo, já telefonaram. Enquanto corria êste diálogo, no gabinete o médico-chefe, o dr. Dobraniecki conversava com a secretária da clínica senhorita Janowiczowna discorrendo sobre a festa em casa do diretor da clínica o prof. Wilczur e sobre o lar tão feliz que êle, formou. Nisto, como um raio, entra ao gabinete o dr. Bang e grita:—

A DITA

Conto de Nita Fleurí Curado

Todo mundo correu. Corri também. Era uma mulher morta.

Bonita, morena. Olhos verdes. abertos, bem abertos.

— Sempre tive medo das mulheres de olhos verdes. São mais falsas que as outras.

— E' a Dita, murmuraram.

— Coitada! Tão moça!

— Tão alegre!

— Ah! mas tinha de acabar assim... Era má . . .

— Má mesmo. E para namorar . . .

— Namorar . . . Todo mundo namora.

— E'; mas nomorar dois ou três de uma vez . . .

— Era bonita demais! Todo mundo tem inveja da beleza, — falou uma velha olhando para u'a moça de nariz arrebitado e de cabelos tintos.

— Mas quem é?

— E' a Dita, filha da Gerôncia.

— Ah!... fiquei na mesma.

— Que Dita sem dita, diz um engraçado.

x x x

Desde pequena a Dita fôra diferente das outras meninas: enquanto estas se entretinham a brincar com bonecas, costurando roupinhas debaixo da frondosa mangueira, a Dita, lá nas grimpas, ria alto, atirava fôlhas nas companheiras, assobiava às pessoas que passavam na rua.

Estupendo! A operação safu bem, o paciente vai viver! Com todo entusiasmo, não cabendo em si começou a narrar o teor da operação a que assistiu. Só e unicamente o nosso professor podia assim arriscar! E mostrou o que sabe, acrescentou a senhorita Janowiczowna. — Não exageremos — respondeu o dr. Dobraniecki os meus pacientes nem sempre são os lords ou milionários, talvez não tenham 60 zlotys, contudo a história conhece um grande número das operações felizes feitas sobre o coração. Até mesmo a história da nossa medicina. O operador de Varsóvia o dr. Krajewski com uma idêntica operação ganhou a fama mundial. E já vão uns 30 anos dêste acontecimento. Ao gabinete afluíram ainda alguns membros do pessoal da clínica. E quando apareceu o professor Wilczur encheram-no de gratulações. Ele ouvia-os com o sorriso de satisfação nos lábios, todo radiante e satisfeito, porém cada momento lançava um olhar para o relógio de bolso. Passaram uns bons vinte minutos até que se achou em baixo em sua grande preta "limusina". — Para casa — gritou ao chofer e sentou-se comodamente no auto.

A mãe chamava, ralhava; mas qual, ela não atendia. Outras vezes dependurava-se num galho, sustida por um só braço e gritava às amigas que a aparassem, pois ia cair. Ria-se depois do susto das meninas.

Já mocinha fôra a uma romaria. Só então ficou sabendo ser mesmo bonita. Tanta gente olhando... Tanto palpite na bôca dos homens.

As mulheres, depois que ela passava, olhavam também e ela, só para rir, virava-se rapidamente, ainda em tempo de notar como os olhares femininos fugiam, desviavam-se, fingindo indiferentismo.

Havia autos na romaria. Um sucesso. E Dita, quando avistava um em marcha ligeira, gostava de ir andando ao seu encontro, até chegar bem perto, embora a buzina desse alarme.

— Sou a princesa que vai ser devorada pelo dragão de olhos de fogo, redondos como pires.

Depois afastava-se rindo. O "chauffeur" jogava uma praga, a mãe dizia assustada:

— Você está doida, menina. Olha! Quem ama o perigo, nele perece.

— Então nada há a recear, pois eu só amo a mim mesma.

Mais tarde conheceu um rapaz metido a poeta, pálido, magro, olheirento. Tornaram-se namorados. E era um nunca acabar de versos. A' tardinha, junto à janela onde a Dita se debruçava, retirava êle do bolso um papel cuidadosamente dobrado, cheirando a perfume barato, e lia com ênfase:

"A deusa morena dos meus sonhos". Mas nunca chegava a terminar. Dita o interrompia com uma gargalhada estrondosa ou mandava que parasse com aquele enjôo, e fingia-se amuada.

Para judiar com o poetaastro, ficava tôda prosa quando chegava outro "fan", o Lao, alto, espaduado, atleta.

Verdadeiro contraste. Um — fraco, poeta, amoroso; outro — forte, jogador de futebol, sem idéias. Êste era mais querido. As mulheres apreciavam tanto um homem sem idéias . . .

E assim ia a vida: "embromando" o poeta e o futebolista.

Se brigava com o poeta, dizia que só se casaria com um atleta, tinha horror a homem fraco, magro. E revirava os olhos verdes de tal modo, que o poeta sentia-se logo inspirado. E era mais um soneto "à deusa morena". Mas, impressionado com as palavras da Dita, comprou "Meu Sistema" de Muller e tôdas as manhãs,

bem cedo, esmurrava o ar em diversas direções, procurando tornar rijos os músculos para agradar a namorada. Mas no fim de três dias desistia.

— Ah! Como é difícil ser atleta. Antes fazer cem sonetos.

Zangando-se com o futebolista, dizia amuada, juntando os lábios carnudos num muchocho:

— Qual, eu aprecio os homens que cultivam as letras. Os escritores são homens superiores. Sabem falar sem errar. Todo mundo tem inveja dêles. Têm os nomes nos jornais. Quando publicam um livro, põem na primeira página "A' minha querida esposa, d. Fulana"... Lindo! Isto sim, é que é ser delicado.

O futebolista ficava abstrato, vermelho e não desviava os olhos daquela bôca bonita, mas que só sabia dizer coisas maldosas.

Um dia deixou de ir ao treino. Comprou uma gramática. Leu-a todinha, e com voz grossa e arrastada repetia as interjeições: Ai! Ui! Aquí del rei! Leu tudo até o fim.

E assim ia a vida.

Chega na terra o filho do coronel. Formado. Não era bonito nem simpático, mas era filho do coronel. E Dita, durante a reza tôda não se fartou de corresponder aos olhares do rapaz.

O poeta suspiroou tristemente; o futebolista mastigou uns nomes feios. Mas o filho do coronel ficou sendo o número três da roda junto à janela de Dita.

E ela dava esperança aos três. Ah! as mulheres de olhos verdes! Fugam delas! São mais falsas que Judas. Do que Judas? Não; do que as outras.

Mas tudo tem um fim. O poeta perdeu a inspiração e meteu-se em mutismo.

O futebolista ameaçava. E Dita ria.

— Você há de deixar de rir um dia.

E Dita ria mais ainda, mas sentia vago temor do atleta.

— Não ligou atenção ao mutismo do poeta.

E foi o poeta, o lírico, que numa fúria incontida cravou o punhal naquele coração leviano.

Hoje, o filho do coronel é amigo inseparável do jogador de futebol.

E o poeta?

Deixou de fazer versos. Casou-se com u'a moça rica.

E' um graúdo da terra. Até engordou.

Esta vida . . .

VARGAS concentrou-se nos problemas de utilidade mais premente para o país. Tomou em conta o excesso de capacidade de exportação asfixiado pelas condições do câmbio estrangeiro e pela estrutura da dívida. Viu as tendências separatistas dos Estados, com suas disputas e ciúmes, suas polícias que eram verdadeiros exércitos, suas tarifas interestaduais. Remediou a todos êsses males para tornar possíveis a unidade e o progresso econômico do país — DUNCAN AIKMAN — (Escritor norte-americano).

EMÍLIO MOURA é considerado, pelos nossos críticos de elite, como um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos. Seus poemas, inspirados, densos e profundos, re-passados de uma espécie de humanismo místico, têm ritmo, têm emoção, têm beleza e harmonia. Lendo-os, a gente como que cai em êxtase, sentindo que Emílio Moura vai além dos limites humanos conhecidos, atingindo, em lances de rara intuição, a própria essência do infinito, revelando-nos estranhas mensagens.

“Ingenuidade” e “Canto da Hora Amarga”, seus dois livros já publicados, são, por isso, verdadeiras coletâneas de obras primas da nossa poesia. Pois foi essa figura exponencial das letras pátrias quem nos enviou, de Minas, especialmente escrito para OESTE, êste admirável poema.

POEMA

Será possível esquecer que a noite desceu sôbre os campos
e que ninguém, aqui, acredita mais que tudo o que os corações perderam
[há-de ressurgir um dia ?

Será possível esquecer que só a perplexidade é que nos domina,
que o próprio tempo já não conta mais e que já estamos mortos e bem
[mortos ?

Será possível esquecer, mas esquecer, como quem nasce de novo,
que esta noite é mesmo noite ?

Podem pedir que os sinos cantem ;
podem pedir que os horizontes recuem, docemente, para o vôo desinteres-
[sado das asas plácidas.

Podem pedir que venha a Amada
e que diante de sua aparição mítica os nossos pensamentos brinquem
De que nos valerá pedir tanto, se as consciências já se fecharam e os cora-
[ções dormem ?

Em lugar dêles o que se levantou foi uma coluna de fogo.

Porque não pedem silêncio?
Porque não gritam que já morremos ?
Oh ! é impossível esquecer, eu bem sei, mas esquecer como quem nasce
[de novo,

que já estamos mortos e bem mortos.
Quem explicará aos que vierem depois de nós que a nossa verdade foi so-
[terrada,

Se não há uma só palavra dentro de nós que possa exprimir a nossa expe-
[riência de agora ?

Quem há-de entender as nossas almas,
Se ainda somos daqueles que assistiram ao próprio ato da criação,
Se pertencemos, ainda maravilhados, à infância mesma do mundo ?

EMÍLIO MOURA

ODORICO COSTA

Odorico Costa, nosso ilustre colaborador, fez anos a 25 do corrente. E como era de se esperar, os seus numerosos amigos e admiradores aproveitaram o ensejo para, mais uma vez, fazê-lo alvo de inequívocas provas de aprêço ou de expressivas manifestações de simpatia, dignas, aliás, da parte de quem tão justiceiramente as mereceu.

Personalidade multiforme e variada, cujos aspectos de atividade intelectual se desdobram em diversos ângulos culturais, Odorico Costa é um desses devotados espíritos formados na escola do esforço próprio e regado pelas fórmulas metódicas do trabalho produtivo. Historiador, poeta e jornalista, em torno de si, reúne qualidades mestras de um perfeito homem de letras, emprestando aos diversos ramos literários a que se dedica o fulgor cintilante de sua inteligência, a-par-de uma constante perseverança na admirável arte por que norteia os rumos do seu pensamento.

Todavia, é no jornalismo que Odorico Costa mais se distingue, através de sua pena ágil e do seu talento perspicaz. E tal vem sen-



do o laborioso culto que devota à imprensa, que o seu nome já se projeta em todo o país, aureolado pelo cognome de ser, com justiça, o “mestre do jornalismo

do Brasil Central”. Honrando essa tradição que o cerca, aqui o temos em Goiás, emprestando o seu concurso ao governo estadual, na direção da Imprensa Oficial, onde a sua passagem apresenta traços indelévels de sua ação reformadora no que diz respeito à reorganização de todos os serviços dêsse importante órgão da administração pública.

Historiador, possui diversas obras inéditas e nas quais focaliza com desusado amor ao passado, cenas e costumes do nosso povo, fatos e personagens de varões ilustres que honraram as tradições que hoje todos cultuamos com respeito. E, além disso tudo, através dessa faceta do seu multiforme talento, Odorico Costa, não desprezando o conceito de que todos os brasileiros já nascem poetas, à poesia se entrega produzindo magníficos poemas e odes nos quais exalta a caminhada dos bandeirantes piratininganos pelos nossos sertões.

Ao nosso colaborador, portanto, embora tardiamente, daqui enviamos efusivos abraços e felicitações de todos os que mourejam na redação dêste magazine.

O Estado Novo deu ao Brasil o caráter de uma república federativa. Os radicais, dentro e fora do Brasil, logo viram nessa mudança um trampolim para a ditadura fascista, nazista, ou até satlinista. O fato, porém, é que o novo governo não corresponde a nenhuma dessas modalidades européias. Levando em consideração a situação nacional e internacional, a situação política e social, parece que nenhuma outra solução se abria para o Brasil — VERA KELSEY — (Escritora norte-americana).

x x x

GETÚLIO VARGAS é o primeiro governante sul-americano que soube superar as esquemáticas fórmulas do século XIX, fazer obra sem apelar para a violência ou para o abuso. Gosta de percorrer o país, visita todos seus cantos, porque é desses espíritos que aprendem com as ressonâncias de caminho; eu não sei se é um criador, mas um captador pertinaz. Ajusta-se à realidade, mas não se submete a ela, senão que procura adaptá-la, melhorá-la. **Justo Pastor Benitez.**

Depois desta guerra, que ganharemos unidos, há de caber-nos a missão de construir, também unidos, uma paz duradoura, a qual faremos repousar sobre a doutrina fundamental da revolução do povo. Unidos trataremos de criar um mundo no qual os povos se vejam livres do fantasma da miséria. Mas o Brasil poderá dar a êsse Mundo Novo uma contribuição ainda maior, uma solução que o Brasil já encontrou e que eu espero um dia admirar “in loco” — HENRY WALLACE — (Vice-Presidente dos Estados-Unidos).

A democracia visa, acima de tudo, o bem estar do povo, a segurança do trabalho, a justiça social bem distribuída, com a concessão de igualdade de oportunidades a todos na luta pela vida e com a consagração do bem comum como finalidade do Estado e como princípio de limitação das liberdades individuais. Isso o que temos praticado nestes últimos anos. Essa a atitude fundamental do pensamento político do Presidente Getúlio Vargas — ALMIR DE ANDRADE.

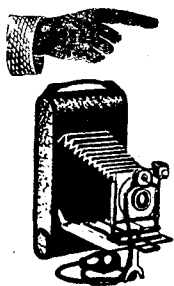


Foto “BERTO”

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

O Fantasma da Grota Funda

Conto de Hélio de Faria Merheb

(Menção honrosa no «Primeiro
Concurso de Contos» de Oeste)

Quando as derradeiras luzes daquela tarde chuvosa de outubro se perdiam, tristonhas, no sorvedouro da noite, dois cavaleiros palmilhavam, vagarosamente, a estrada que liga S. João-da-Mata com a fazenda Samambaia.

Chico Viramundo, que montava o cavalo baio, era um cabra famoso. Suas proezas de valentão profissional tornaram-n'o conhecido — e mais do que isso — temido e respeitado em uma larga faixa de terra. Era bandedeiro contumaz, jagunço conforme a ocasião, e até mesmo delegado, quando as contingências políticas de seus protetores o exigiam. Era de ver, então, como se compenetrava êle do papel de mantenedor da ordem — papel para o qual parecia talhado, com a sua elevada estatura, rompante vozeirão, e uma boa dose de coragem verdadeira. Depois, vinha a reviravolta política e com ela a infalível demissão do Chico. Este, porém, não se apertava por tão pouco. Tinha — afirmava sempre — a sua profissão, que lhe dava o suficiente para uma existência confortável. Nunca explicava a natureza dessa profissão, que constituía para alguns um ponto obscuro, embora outros a conhecessem perfeitamente.

Naquele instante, o valente ex-delegado de S. João dirigia-se para a fazenda Samambaia, do “coronel” Almerindo, seu constante protetor. Conquanto houvesse sido deposto no dia anterior, não se sentia abatido. Esperava-o na fazenda Samambaia o seu único parente no mundo, o Justino, irmão bem mais moço, a quem êle consagrava uma afeição fora do comum. Experimentava, além disso, uma grande satisfação pelo acontecimento que iria se realizar no dia seguinte: o casamento do “menino” (como êle chamava o irmão) com a filha do cel. Almerindo, a linda e vizava Maria Aparecida.

Eram, assim, amenas as emoções que prevaleciam em seu espírito, e êle se sentia disposto a tagarelar um bocado com o companheiro de viagem, o Manoel Guará, vaqueiro da mesma fazenda e velho amigo do Chico. Era homem decidido, que ouvia muito e falava pouco.

— Pois é, Guará — disse o seu colega — como cê já sabe, eu arresorvi dechá uns tempos a Delegacia de Pulça. Prá falá a verdade, êles bem que insistiu que eu ficasse, mais eu

já tô cansado dessa trabalhêra de mantê a orde . . .

Guará sabia muito bem que a história tinha sido diferente e no íntimo achou graça da maneira eufêmica pela qual o amigo se referia à sua demissão. Murmurou qualquer coisa em sinal de aprovação e em seguida achou prudente encaminhar a conversa para o assunto predileto do Chico: o irmão.

— E' memo verdade que o Justino já tirou o diploma de doutô, Chico?

— Uai! Entonces ocê ainda num sabia? Pois o menino diplomou o ano passado e já começou a rancá tudo que é dente ruin dêsse povaréu aí da redondeza . . . E baixando cautelosamente o tom de voz, como se confiasse ao amigo um segredo de Estado:

— Aquí entre nós, Mané: até o cel. Almerindo já entrou na buticão do Justino!

— Num diga, homem! Pois antão o menino tá mesmo importante . . .

E a conversa em tórno do Justino — menina dos olhos do irmão — prosseguiu animada, enquanto a noite estendia sôbre os dois viajores a sua túnica imponderável, negra e sinistra como uma mortalha.

Duas horas mais tarde.

— Oia, Guará, disse o seu colega (inspecionando, ao derredor de si, a escuridão que se adensava) eu, como cê bem sabe, num arreceio de coisa alguma dêste mundo, mas cum espírito, arma penada ou lobisome, eu num brinco.

E persignou-se, respeitoso.

— Bestêra, meu véio — retrucou o outro, estalando a língua em sinal de desprezo. — Eu prá aquerditá nisso só veno. E assim memo é difíci. E concluiu enfaticamente:

— Deche de bobage e me dá aí seu isquêro.

Viramundo não disse nada. E silenciosos continuaram por longo tempo a sua marcha, que se desenvolvia penosamente por um caminho alagado e sob as mais espêssas trevas. A chuva já havia cessado, mas o céu se apresentava ainda toldado por grossa camada de nuvens escuras e ameaçadoras, que os viajantes encavam com justificado pessimismo.

Um pouco antes de chegar à ponte sôbre o rio Doce, há um desbarrancado produzido pela enxurrada, que a constante erosão tem ampliado consideravelmente. E' conhecido por “Gro-

ta-Funda”. A estrada passa dentro dêsse desbarrancado, num trecho assaz longo. De noite, o local provoca infalivelmente penosa impressão no mais corajoso dos viajantes. E' lúgubre e melancólico, cheio de morcegos e aves noturnas que procuram aquelas sombrias paragens para construir seus ninhos. Diziam que o lugar era mal-assombrado, pois, alí, haveria uns doze anos, fôra bárbaramente assassinado um capataz da fazenda Samambaia. Afirmavam os crédulos que a alma dêsse pobre homem costumava perambular no local do crime e suas adjacências, mormente nas noites escuras e tempestuosas, em que, como se sabe, o próprio repouso das almas do Além é perturbado.

Quando se aproximavam do desbarrancado, Chico Viramundo, cujo maior suplício era transpor aquele trecho durante a noite, por isso que compartilhava de tôdas as crenças e lendas espalhadas a seu respeito, começou a ficar inquieto. Remexia-se constantemente no arreio, como se estivesse mal acomodado. Os sinais do mêdo já se estampavam de modo iniludível em seu rosto, e os olhos, muito abertos, brilhavam fortemente.

Seu companheiro, que não ignorava aquela idiosincrasia do amigo, fitava-o curiosamente, mas em silêncio. Quando chegaram mais perto do local, não se conteve e bradou com energia:

— Largue de moleza, home! Cê tem mêdo de sombra? Ora, tá bão! Até num parece aquele Chico que derribou treis pulças duma vêis na furupa do Zé Belarmino.

A recordação do passado ato de bravura parece que elevou o ânimo do Chico. Mas foi só por um instante. O pio remoto e agourento de uma coruja, vindo, ao que parecia, justamente do ingazeiro sob cuja fronde o capataz transpuzera as portas do Além, funcionou como um porrete na artificial coragem do Viramundo. Freiando o animal, êle falou, numa voz que era quasi um estertor:

— Qual, Mané . . . Eu num passo alí, não . . . tô c'o o coração bateno qui nem asa de bêja-flô. E a coruja tá avizano nós . . . Alí tem coisa, Mané . . .

Manoel relanceou os olhos no amigo e teve pena, ao verificar o seu estado lastimável. Estava como que aparvalhado o pobre Viramundo. Manoel freiou, também, sua alimária.

Sentiu, com uns laivos de irritação, que estava se contaminando do mal do Chico. Parecia que seu ânimo e sangue frio esboroavam-se como um castelo de cartas. Passou as mãos ir-resolutamente pelas faces e depois escarrou ruidosamente, como se com isso quisesse exorcismar imaginários duendes. E exclamou com raiva: “Diacho! Será que tou ficano medroso?”. Riu alto, pretenciosamente, mas não logrou convencer-se do contrário. Seus olhos, muito arregalados, não se desfitavam do velho ingazeiro, que, na noite de breu, era uma massa informe, agitando a ramagem ao sabor do vento ululante, como um espetro monstruoso. A seu lado, o ex-delegado de S. João murmurava, febricitamente, desconexas orações, encolhido no arreio como uma fera acuada.

— Bamo s'imbora ou num bamó, Chico! bradou o Manoel, num asso-mo da antiga coragem. Onde já se viu dois marmanjos dessa idade com mêdo de sombração! Toca!...

E enfiou a cavalgadura pelo caminho, com enérgicas chicotadas, seguiu pelo apavorado Chico. Quando já estavam a uns dez metros do ingazeiro fatídico, algo fez com que o cavalo do Manoel, refugando, empinasse.

Já com o espírito alerta, Manoel sentiu o coração enregelar-se de terror. Com os cabelos hirtos, a bôca aberta e os olhos esbugalhados, assim permaneceu em angustiada expectativa. Poucos segundos após, ouviu a voz do amigo que a custo articulava, horrorizado:

— Mané!... O... o... lha alí! N... n... ingazeiro! ...

E então, descerrando os olhos, êle lobbriou, sob a frondosa árvore um vulto branco que se recortava, com alguma nitidez, no fundo negro da noite. Pela forma da silhueta e elevada estatura, devia ser de homem. Quis gritar, mas não conseguiu emitir senão uma exclamação rouca e incompreensível. O coração pulsava-lhe desordenadamente, e os nervos, relaxados, desobedeciam ao seu comando, enquanto que grossas bagas de suor frio escorriam-lhe pelas faces trânsidas. Estava quasi alucinado.

Súbito, o vulto começou a mover-se em direção aos dois cavaleiros.

Vinha muito lentamente, como se deslissasse sôbre o terreno, — e como que tangido pelo vento forte que soprava, produzindo, ao açoitar as ramagens do arvoredó, bizarra melodia.

E já bem próxima dos dois amigos, a estranha aparição falou, em voz fugaz e impessoal:

— Boa noite! ...

Aquilo foi como uma injeção de eletridade no ânimo exangue do Manoel. Nem havia se extinguido ainda o eco daquela voz mortíça, êle, no paroxismo do mêdo, não viu outra solução: num ápice fez o animal girar e esporeando-o e açoitando-o com terríveis chicotadas, partiu em louca disparada, como se o acossassem tôdas as Fúrias... E por muito tempo ainda se ouviu o estrépito sur-

do daquele desesperado cavalgar.

Já com o infeliz Chico Viramundo sucedeu o contrário. A princípio tentou imitar o seu companheiro. Cavalgou um pedaço, mas logo parou. A comoção o impossibilitava de segurar as rédeas e esporear o animal. Êste, desgovernado e algo enraivecido com a atitude insólita de seu dono, estacou resolutamente. Notando que a aparição se aproximava dêle e já quasi às vésperas de um distúrbio nervoso, teve uma derradeira inspiração, que honrou o seu passado de homem destemido: reunindo as forças que lhe restavam, sacou do possante revólver que trazia à cinta e fazendo pontaria no espetro, desfechou, tumultuariamente, os seis tiros... Antes mesmo que morresse o eco da última explosão, o fantasma se desvaneceu de sua vista, e aos seus ouvidos pareceu chegar o som de um débil gemido. “Qual! pensou. Foi a ventania”. O certo é que, desaparecido o vulto branco, êle cobrou ânimo. Respirou fortemente e encarou firme a escuridão, como se tivesse acabado de vencer dura refrega. E depois, então, já senhor de si, tocou o animal, pensando, com seus botões:

— Onde andarâ o Manoel? ...

x x x

Amanhecia, quando êle chegou à Fazenda Samambaia. Causou-lhe surpresa o deparar, na porteira da entrada, com todo o pessoal da casa, que, parecia, estivera, alí, muito tempo à sua espera. Recompondo a fisionomia, onde julgava ainda se apresentassem vestígios do episódio da “Grotta-Funda”, fez uma saudação geral, no seu estilo exuberante.

Destacando-se do grupo, Maria Aparecida, foi a primeira a falar:

— Mas que demora! E o companheiro, onde ficou? — inquiriu, pressurosa.

— O Guará? respondeu êle, apeando-se e amarrando o cavalo, — si num mi engano tá correno té agora.

— E' pelo meu noivo que estou perguntando, Chico — retrucou a moça. — Que é feito do Justino?

— O Justino!? Uai, num tá aqui? O coração começou a bater apressado, enquanto pressentimentos fortes lhe assaltavam o espírito.

— O Justino saú ao seu encontro — explicou então o coronel Almerindo, adiantando-se também do grupo. — Disse que se esconderia na Grotta-Fundo se a chuva o pegasse. E' impossível que você não tivesse enxergado o homem: êle estava todo de branco ...

Ouvindo aquilo, Chico ficou lívido como um cadáver. Seu rosto contraíu-se, exprimindo, confusamente, a dor e desespero que lhe estrangulavam a alma. Cambaleou. Segurando-se no braço do coronel Almerindo, com a voz embargada, quasi em pranto, êle murmurou, então, num sôpro:

— Eu vi o Justino, sim... Lá na “Grotta”... Eu dei seis tiros nele... Meu Deus!

x x x

Neste ponto, o coronel Almerindo, que me estava relatando esta história, fez uma pausa. Seus olhos fitaram ternamente o semblante da filha, que, sentada a nosso lado, na ampla varanda da fazenda, parecia alheia a tudo. Dir-se-ia que a presença da filha o desencorajava de prosseguir. Percebendo, porém, a causa do silêncio, ela, voltando para êle o belo rosto moreno onde o sofrimento tinha como que cinzelado as delicadas linhas, disse-lhe:

— Continue, meu pai. Não se importe comigo ...

E êle, então, assim completou a sua narrativa:

— O pretensô fantasma era mesmo o Justino. O resto, o senhor pode advinhar:

O Chico Viramundo tinha muito boa pontaria... E atirou à queimadura...

— E que foi feito dêle? perguntei já no momento de despedir-me.

— Morreu o ano passado. Completamente doído.

x x x

Na volta, passei pela “Grotta-Funda”. O lugar pareceu-me ainda mais êrmo e triste. Na margem da estrada, ergue-se uma segunda cruz de madeira. Notei que estava ornada de perfumosos lilases. E não pude deixar de enternecer-me, diante daquela piedosa evocação de um sonho prematuramente desfeito: eu tinha visto, nas brancas mãos de Maria Aparecida, um pouco antes de partir, um lindo ramalhete de lilases. Ah! A constância do amor feminino ...

VARGAS resolveu “abrasileirar” os 20 Estados da gigantesca República. Criou ministérios de saúde pública, trabalho, educação e comércio. As suas novas escolas reduziram à metade o número de analfabetos do país. Os seus parques nacionais contribuíram para uma melhoria na saúde e no moral. As suas obras contra as sêcas aumentaram as safras. Reduziu enérgicamente a tradicional dívida externa e multiplicou as cooperativas de consumo e a produção agrícola e industrial — HENRY C. WOLFE — (Comentarista internacional norte-americano).

x x x

SE o Brasil é um tapete gigantesco, bordado com tôdas as variedades de linha, de “maneira” e de côr flamejante, Vargas é uma espécie de foco de luz projetando-se de uma aurela a outra, clara, inspecionando e meditando o tecido. Se o Brasil é uma combinação monstruosa de várzeas desoladas e costa estratégica e floresta ressumante, o “humus” fumegante à superfície, os seus vastíssimos reservatórios inexplorados, Vargas é uma espécie de microfone humano, atento a cada sussurro — JOHN GUNTHER — (Escritor americano).

A fonte que secou

Cinco horas da manhã !
 Acordei assustado,
 com vontade de sair correndo,
 embrenhar-me no mato,
 e beber água da cabeceira
 na concha da mão.

Abrí as janelas do meu quarto
 e fui espantar o galo que me acordou:
 Pobre galo !
 Estava num pau sêco,
 cantando sem cessar.

Bem na frente,
 escondida pelos galhos também sêcos,
 estava a lua.

Olhei a lua.
 O galo a olhava também.
 Olhava e cantava,
 como se estivesse desafiando
 o outro galo da lua . . .

Corri pelo caminho tortuoso,
 As árvores atiravam-me gotas d'água,
 dentro do mato.
 mas eu queria água da fonte,
 na concha da mão.

Cheguei à cabeceira
 com a mão recurvada.
 E cheio de espanto,
 com muita sêde,
 ví que a fonte secara
 para me enganar . . .
 Foi praga daquele galo.
 Ora se foi !

Antônio Leão Teixeira



Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras

Tomou posse na cadeira 37 da Academia Brasileira de Letras, de que é patrono o inconfidente poeta Tomaz Gonzaga, e na vaga do saudoso escritor Alcântara Machado, o Presidente Getúlio Vargas, que para a mesma já fôra eleito há bem tempo.

O fato, pelo que significa, merece um registo todo especial, eis que marca um momento novo em nossa cultura, pleno de sentido.

A entrada do Presidente Vargas na Casa de Machado de Assis patenteia que já vamos tendo uma compreensão ampla, viva, dinâmica e profunda, da cultura, que já agora se revela, oficialmente, integrada na vida, de braços dados com a política, que, no bom sentido, é a cultura aplicada. Sim, sendo a cultura o meio específico de superiorização e humanização dos homens e dos vários valores existenciais, e sendo a política o instrumento por excelência de organização da vida dos homens em comum, conclue-se que, como nota Francisco Campos, a política é solidária da cultura, é mesmo a própria cultura em sua aplicação social. Compreendendo essa verdade, a Academia Brasileira de Letras, oficialmente o nosso mais alto instituto cultural, manifesta uma visão inteiriça, orgânica, da sociedade, capacitada, portanto, para exercer, fecundamente, a sua alta e nobilitante missão.

Mostra, pois, o ingresso do sr. Getúlio Vargas no "Petit Trianon", que já se percebeu, no Brasil, que a literatura é, mesmo, a "expressão da sociedade", devendo traduzir, por conseguinte, os estados culturais todos do povo, com o que deve a Academia acolher em seu seio aqueles que em

cada categoria particular da cultura se revelem as figuras exponenciais. Inadmissível seria, sim, que se continuasse a situar uma Academia de Letras como uma simples Academia de "literatos", ou seja, como o reduto dourado para os que, por meio de criações imaginosas e imaginárias, apenas, procurassem evadir-se da vida. Fôra assim, e a Academia Francesa não teria tido a glória de possuir, entre seus membros, os vultos esplêndidos de Clemenceau e Foch, nem a nossa contaria com um sociológico da linhagem de Oliveira Viana, ou com cientistas e sábios do valor de Santos Dumont, Osvaldo Cruz, Fernando Magalhães.

Um dos três ou quatro maiores vultos contemporâneos, no dizer de Sumner Welles, o presidente Getúlio Vargas é reconhecidamente um pensador político profundo, um orador excepcional, uma sólida organização cultural. A obra que lhe abriu as portas da Academia é "A Nova Política do Brasil", que Júlio Dantas, o elegante e festejado poeta e prosador português, em discurso recente, classificou de admirável, e através da qual êle vem expondo, em linguagem apurada e estilo inconfundível, uma nova doutrina política — a da democracia brasileira, sistema hoje louvado por importantes personagens de todo o mundo.

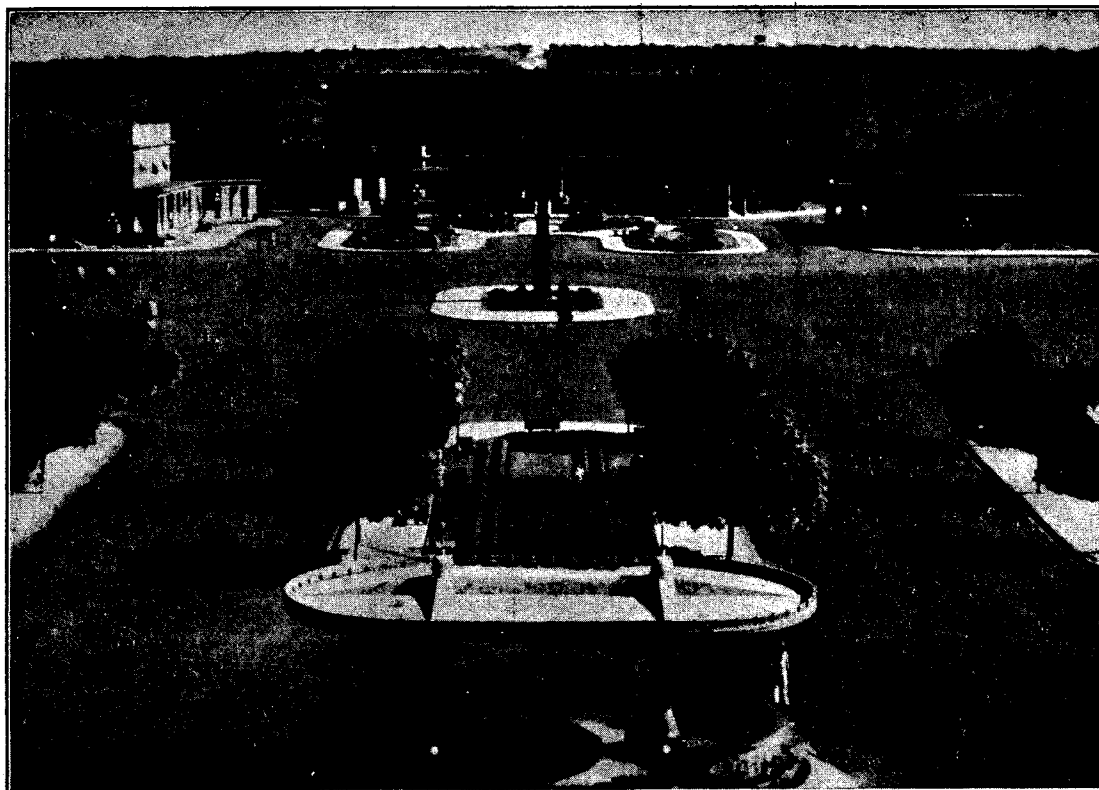
O discurso de posse na Academia, em que o novo acadêmico fez um estudo admirável sobre a função social do escritor, é uma peça magnífica, cheia de altos conceitos, prenhe de nobres finalidades.

Por tudo isso, está de parabéns a Academia Brasileira de Letras.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III | Goiânia, Março de 1944 | Núm. 14



GOIÂNIA — cuja construção é uma afirmação da nossa capacidade realizadora e da nossa confiança nos destinos de nossa terra, oferece, a cada momento, em consequência de seu progresso incessante, os mais surpreendentes aspectos. Na fotografia acima, a Praça Cívica aparece no seu conjunto admirável, batida de sol, na manhã luminosa.

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

A Nova Direção de “Oeste”

Houve por bem o sr. Interventor Federal modificar a estrutura legal de OESTE, a-fim-de, corrigindo certas deficiências em seu modo de funcionar, melhor adaptá-la às suas verdadeiras finalidades.

Pelas novas disposições, a administração da revista estará a cargo de um Diretor, um Conselho de Censura, composto de três membros, e um Gerente, todos cargos de confiança imediata do Chefe do Executivo.

Pelo estatuído no novo decreto-lei e no novo regulamento interno da revista, publicados neste número, o leitor facilmente verá que o nosso

magazine muito lucrará com as alterações.

A direção pessoal de OESTE, foi, também, mudada.



Dr. Vasco dos Reis Gonçalves

Para Diretor, foi escolhido o nome do sr. Vasco dos Reis, jornalista, orador, poeta e prosador de méritos invulgares, autor do livro **PELO ESTADO NOVO** — recebido oncomiasticamente pela crítica do país. Era Vasco dos Reis o elemento naturalmente indicado para o posto, eis que suficientemente capacitado, por todos os títulos, para conduzir a revista segundo o seu alto programa cultural.

Para o Conselho de Censura, com responsabilidades sérias e definidas, nomeou o sr. Interventor Federal os senhores Antônio Juruena Di Guimarães, Odorico Costa e Paulo Augusto de Figueiredo.

Juruena Di Guimarães, espírito ágil, cultivado e vivo, possuído de um raro senso de “humour”, é um

veterano da imprensa goiana, já se tendo definitivamente situado em nosso mundo literário como um dos nossos melhores cronistas.

Para falar de Odorico Costa, basta recordar uma frase do sr. Interventor: — “é o maior jornalista do Brasil Central”. Polígrafo, historiador metuculoso, panfletário brilhante, Odorico Costa tem, de fato, um lugar de relêvo em nossas letras.

Quanto a Paulo de Figueiredo — cujo pedido de demissão, aliás o primeiro apresentado ao sr. Interventor Pedro Ludovico quando da recente “crise”, não foi aceito por s. excia. — nada é preciso acrescentar ao que dêle se tem dito na imprensa de todo o país: — é um dos valores positivos da nova geração.

A Gerência continuará com Gabriel Anconi, o que representa uma garantia, pois que, além de companheiro leal, inteligente e operoso, Gabriel Anconi tem larga experiên-



Jornalista Odorico Costa



A. Juruena Di Guimarães

cia dos misteres que lhe foram afeitos.

Procurando corresponder à confiança do sr. Interventor Federal,



Dr. Paulo Augusto de Figueiredo

os novos dirigentes de OESTE tudo farão para que esta revista se firme, de fato, como um veículo da cultura goiana e sirva, construtivamente, aos reais interesses do Bra-

sil e do Estado. Alterações de fundo e de forma serão feitas, por isso, em nosso magazine. Já no presente número apresentamos algumas secções novas, que serão permanentes: — “Política Internacional”, “Política Nacional”, “Política Estadual”, “Literatos Goianos do Passado” e “Cidades Goianas”, a primeira delas a cargo do sr. Maximiano da Mata Teixeira, ilustre advogado e intelectual que pertence à elite cultural goiana. De abril em diante, passaremos a contar, também, com uma Secção Jurídica sob a orientação do desembargador José Campos, nome dos mais acatados da magistratura brasileira moderna, mercê de seus valiosos trabalhos jurídicos e com uma secção “Direito do Trabalho”, sob a direção do dr. Paulo Fleuri da Silva e Sousa, um dos nomes mais expressivos da intelectualidade goiana. Pari-passu com tais modificações, começaremos, de já, uma selecção mais rigorosa, sob todos os aspectos, nas colaborações publicadas em OESTE. E muita coisa pretendemos fazer, mais.

Finalizando, queremos, ao ensejo, consignar de público o nosso reconhecimento ao Interventor Pedro Ludovico, pela confiança com que



Cap. Gabriel Anconi

nos distinguiu, prometendo, de nossa parte e em nosso setor, ajudá-lo na grande obra que vem êle realizando neste imenso pedaço do Brasil.

Teu Retrato

Celso Hermínio

Como se acaso tu já fosses morta,
Contemplo teu retrato, tristemente,
E nele deposito um beijo ardente,
Beijo sem vida, mas que me conforta.

Beijar a ti não posso, mas que importa?
Eu beijo o teu retrato, êle consente...
Quando se ama verdadeiramente,
Um beijo no retrato ja conforta.

Ah! quem me dera se te alguém dissesse
Esta grande paixão que me enlouquece,
E que eu escondo com o maior recato!

Muito feliz, então, me sentiria,
Si te beijar pudesse, todo dia,
Assim como te beijo no retrato.

Rio-Verde, 1922

O que vemos agora, por todo o país, desafia o deprimente e velho espetáculo das opressões políticas e cambalachos partidários. Estrutura nona na economia, métodos científicos, técnica adiantada, combustíveis, siderurgia de base, mineração, energia elétrica, transportes por terra, mar e ar; uma mocidade sadia e viril nas escolas e nos estádios, bons operários nas fábricas, lavradores prósperos nos campos, pesquisadores nos laboratórios — são as nossas preocupações absorventes, são os propósitos e realizações do Estado Nacional — GETÚLIO VARGAS.

Getúlio Vargas: eis um homem e uma doutrina. A doutrina, dispersa nos tomos de sua obra admirável, cristalizou na Constituição de 1937. Nela se preconizam, para os problemas brasileiros, soluções brasileiras. Nela se renovam os padrões políticos e se definem os métodos e os processos originais, conducentes à melhor estruturação e vertebração da nacionalidade; à mais sólida concentração do poder; à instauração de uma democracia nova, fundada no princípio do fortalecimento do Estado pelo engrandecimento das massas, à progressiva subordinação da fórmula política ao imperativo dos fenômenos econômicos e sociais — JÚLIO DANTAS — (Notável escritor português, membro da Academia Portuguesa)

POLÍTICA INTERNACIONAL

O reatamento das relações diplomáticas de duas grandes pátrias

Por **MATTA TEIXEIRA**

Indiscutível, inegável é a ação catalítica que sobre a união das famílias, das cidades, das regiões, das nações, exerce um perigo comum.

E melhor exemplo desta assertiva não se poderia encontrar que na presente Revolução Mundial, nesta luta dantesca de titãs, dentro da qual a cada passo se observa o surgimento da mais estreita união entre povos os mais distanciados pelas raças e pelas religiões.

E' que a aproximação ditada pela necessidade instintiva de defesa mútua faz com que melhor conheçamos aqueles a que nos ligamos na luta, num período da história da humanidade em que todos os países, pelo rádio e pela aviação, são vizinhos uns dos outros, e em que os antípodas conversam, não raro, entre si, com maior facilidade que habitantes de prédios confinantes.

Por isso foi que recentes declarações do chanceler Osvaldo Aranha sobre a viabilidade do reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a Rússia causaram a maior e justificada sensação entre todas as esferas do pensamento brasileiro.

Surgissem essas declarações anos atrás e sem dúvida grande seria a celeuma que elas provocariam em nosso meio. Porque muitos enxergavam na URSS o bicho-papão que era pintado pela insidiosa propaganda de seus inimigos e particularmente pelo nazi-fascismo. Segundo este, a Rússia era pintada como um país onde o sentimento de Pátria não existia, onde a moral atingira ao último degrau de degradação, e a família ao de seu aviltamento, e onde a idéia de Deus tinha sido banida para sempre.

Daí a surpresa causada quando, tão logo traiçoeiramente atacada, invadida a URSS pela Alemanha, o Chefe da Igreja russa concitava todos os fiéis a formarem ao lado de seu governo e aquele povo — homens, mulheres e crianças — se levantava como um só homem na defesa de sua pátria e da civilização do mundo.

Pouco depois, numa demonstração cristalina de seus propósitos para com as demais democracias, dissolvido era o Komintern, importando esse ato na mais categórica

afirmação de que a URSS renunciava a qualquer ingerência nos negócios internos dos outros países.

Todos os povos democráticos da terra estão unidos sob uma única Bandeira: — a Bandeira do Exército da Liberdade.

O reatamento das relações dos dois povos, em continuação de uma amizade que perdurou mais de século — 1808 — 1920 — é mais um serviço que o ínclito chanceler

Osvaldo Aranha, dentro de sua alta supervisão, prestará à nossa Terra.

Puerilidade seria a daqueles que, por falta absoluta de bom senso, de visão, vissem no estabelecimento ou restabelecimento de relações diplomáticas a adoção de regimes políticos ou de sistemas de governo. Não somos um reino por mantermos nossas inquebrantáveis relações com nossa poderosa aliada,

a Inglaterra; e não fomos nazistas e nem facistas pelo simples fato de termos mantido relações diplomáticas com a Alemanha de Hitler e a Itália de Mussolini.

Aguardemos, pois, com simpatia, dentro do espírito de confraternização universal do governo brasileiro, o reatamento dos laços de amizade que se não rebentaram e apenas se desataram de dois grandes colossos que hoje se contempnam sem a desfiguração da distância e da falsa propaganda que a guerra extinguiu.

Pouco importa que tal acontecimento vá ferir os melindres, a má fé ou a ignorância pura ou estuda-da de alguns que lastimam ainda termos declarado guerra à Alemanha e até hoje morrem de amores e têm adoração quasi religiosa pelo bigodinho bisonho de Adolfo Hitler.

«Cultura Política»

Com o número dêste mês entra "Cultura Política", a vitoriosa revista carioca de estudos brasileiros, no seu quarto ano de existência. De existência realmente fecunda, visto ser ela, no momento, o nosso mais sério magazine cultural, onde se debatem, mensalmente, e sempre sob um prisma brasileiro, temas de alta indagação filosófica, política, social, econômica, jurídica, etc..

Tão eminente é a função desempenhada em nosso meio por "Cultura Política", tão graves as questões que ventila e tão autorizados os seus colaboradores, que Roberto Lira, jurista e crítico literário de renome, disse dever ela chamar-se "Cultura Brasileira".

Seu diretor, Almir de Andrade, é uma das mais sólidas expressões da cultura indígena. Professor de Direito Constitucional na Faculdade Nacional de Direito, Diretor da Agência Nacional, compositor musical dos mais inspirados, sociólogo dos mais acatados, jornalista no verdadeiro sentido da expressão, é Almir de Andrade autor de várias obras, algumas de projeção internacional, tais como: — "Da Interpretação na Psicologia", "Fôrça, Cultura, Liberdade", "A Verdade contra Freud", "Formação da Sociolo-

gia Brasileira", "Aspectos da cultura brasileira" e outros trabalhos esparsos, já estando no prelo, também, o livro "Duas Irmãs", com que fará sua estréia no romance. Sob tal chefia, a revista tinha, naturalmente, de projetar-se intensamente em todos os círculos culturais do país, e até mesmo no estrangeiro, o que realmente acontece, sendo enorme o interesse nos Estados Unidos e em outras nações americanas pelas suas edições, e contando ela, só no interior, com mais de dois mil assinantes.

Isso posto, OESTE envia a "Cultura Política", ao ensejo de mais um aniversário, votos de vida longa, a bem dos altos interesses do Brasil.

O sindicato é o advogado dos interesses individuais dos seus associados dentro de sua atividade profissional, quer sejam empregados ou empregadores. Mas é preciso preservar esses sindicatos da influência deletéria dos demagogos, tipos sem escrúpulos, vagabundos que nada produzem e que sempre viveram, uns da exploração do egoísmo do rico e outros da exploração da miséria do pobre, prometendo todos eles o que não têm nem podem dar, com o intuito de promover a anarquia, a-fim-de que não lhes escapem das unhas as vítimas de cuja desgraça se nutrem — VIRIATO VARGAS.

BUGRINHO

Jurema da Rocha Lima

O menino vinha descalço chutando pedras alvas pelo caminho marginal do rio. Trazia nas mãos uma armação de taquara e no rosto claro uma ardente expressão de felicidade. Olhou o céu azul que se arqueava, amigo, sôbre a paisagem sertaneja. Respirou fundo como se quisesse sorver de um trago todo o ar puríssimo das matas. Inclinou-se à sombra protetora da Gameleira, limpou pacientemente um pedaço de terreno cheio de gravetos. Armou a arapuca, por baixo da qual salpicou grãosinhos de arroz, que tirara dos bolsos cheios. Levantou-se contente e saiu cantarolando: "Qual cisne branco, que em noite de lua" . . .

Ao longe, a Serra Dourada ondeava, em curvaturas imponentes, como um abraço grandioso que se fosse alargando pelo horizonte afogueado da manhã. O Rio Vermelho corria sereno, cantando a velha canção das correntezas borbulhantes. Aquí e alí, surgiam esguios coqueiros de flabelas úmidas ainda de orvalho, que se balançavam, doidas, na ciranda alucinada dos ventos . . .

Do outro lado do rio, oculta pela vegetação, ficava a choupana de Orissanga, robusto mestiço que o Padre Inácio criava. Todos na vila o conheciam por Bugrinho. Viera do Araguaia aos 7 anos.

O outro, era o Zé de João Matoso. Morava na povoação próxima. Uma hora depois, êle voltou. Vinha cauteloso, pisando de leve na ponta dos pés. Espiou. A arapuca estava desarmada e Orissanga tentava escapar pelo capão de mato. Zé Matoso ficou possesso.

— Intão foi ocê, seu bugre dos inferno . . . Tomá lá, bandido! Rápido, ofegando, prostou o índio com violenta pedrada. E fugiu incontinenti. A ferida fôra profunda: impossibilitara a vítima de qualquer reação. Eram companheiros de escola os dois meninos! Mas desde o triste incidente, nunca mais se falaram. Evitavam-se com rancor, principalmente Orissanga, que assumira atitudes exquistas e misteriosas.

Duas semanas depois, o corte ainda sangrava na cabeça do índio e em seu coração, um ódio recalcado procurava explodir. Mas Padre Inácio, que tinha a velhice rica de virtudes, não desanimava. Trocava sempre os curativos e procurava abrandar aquela alma selvagem. A's vezes, o menino passava o dia todo no mato, só apare-

cendo à noite para jantar. Vinha encasmurrado, resmungando por qualquer cousa, numa rusticidade inquietante.

Uma tarde, Padre Inácio regava as trepadeiras que se enroscavam pela cêrca de taquara, quando Bugrinho passou desconfiado, escondendo debaixo do braço a faca de cozinha.

— Onde vai, Orissanga? Que vai fazer com isto?

— Bugrinho vai matá êle, Padre. Índio num sussega, enquanto Zé Matoso num pagá . . .

— Não, meu filho, você não pode fazer isto. Só pode tirar a vida o nosso Papai Grande, que está no Céu.

E o velho padre erguia para o alto a mão descarnada.

— Ouça aquí, Orissanga. Seu pai pertencia à tribo dos Chavantes, mas era um índio manso. Serviu de guia e intérprete na última Expedição Rondón.

— Foi pai de Orissanga qui in-sinô matá inimigo, atalhou o menino.

— Só existe uma lei para todos, meu filho: é a lei de Deus, que manda perdoar as ofensas. Depois, você não descende só de bugres. Conheci seu avô, pai de sua mãe. Era um bom velho que se sacrificou, atirando-se na frente do patrão moço, para salvá-lo da picada venenosa de uma cascavel enfurecida, quando trabalhavam juntos numa roça em Crixás. Por que só você quer ser mau, Orissanga?

Padre e índio permaneceram um instante calados.

Nas tintas vermelhas do entardecer, as serras se arroxavam, num desmaio lento de côres . . .

O índio prosseguiu.

— Bugrinho gosta munto de Padre. Mais índio qué voltá pr'u mato. Tostá cara no só forte das praia. Araguaia é grande, bonito e chama bugre qui tá longe . . .

— Pois bem, Orissanga, diz-lhe pausadamente o padre. Por êsses dias, deverá passar pela cidade de Goiaz um grupo de exploradores do sertão do Norte de Goiaz. Êsses homens irão até o Pôrto de Leopoldina, de onde subirão o Araguaia, com destino aos sertões do Amazonas. Olhe, se você não fizer nada pr'o Zé Matoso, deixarei você acompanhar a Expedição.

E, dando-lhe nas costas uma palmadinhas amigas, acrescentou:

— Aceita o trato?

Bugrinho desatou a rir, um riso amarelo, que mais parecia chôro

naquele rosto selvagem. Depois, pulou de um salto a rústica porteira e desapareceu pelo milharal já sêco.

Os dias que antecederam a 19 de março trouxeram muita chuva. Uma chuvinha manhosa, persistente, com raras estiagens.

O Rio Vermelho se avolumara muito. Corria agora apressado e turvo. Saiu de seu leito e arrasava pinguelas, arrasava campos.

— E' enchente de S. José, diziam na vila.

E acorriam todos às margens do velho rio. Iam admirar a grandiosidade do espetáculo. Pouco a pouco foi se desvanecendo a curiosidade popular e ninguém ligou mais para a enchente.

Mas o instinto de Bugrinho trouxera-o àquela hora, naquele mesmo lugar, em baixo da Gameleira. Não se enganara. De cócoras, à beira do rio, Zé Matoso pescava distraído. Grilos riscavam a quietude do crepúsculo com seus cri-cri monótonos. Uma lua, redonda, espiou atrás do morro e foi subindo devagar . . .

Impelido por força inexplicável, Zé Matoso volta-se para trás. Crescem-lhe de pavor as pupilas ardentes. Cai-lhe das mãos trêmulas a vara d'ê pescar. Em passadas felinas, o índio se aproximava.

— Perdão, Bugrinho. Juro pr'u Virgi Nossa Senhora que num sei nada. Deixe-me, deixe-me . . .

Em voz rouca, ressumando ódio, pronuncia o índio umas palavras estranhas e, num sopetão, atira ao rio o menino apavorado.

Em vão Zé Matoso se debate nas águas. Seu corpo exausto desaparece pela primeira vez, para ressurgir mais adiante, perto da correnteza. Seria o fim. A fisionomia do índio torna-se grave. Com olhos ansiosos, segue os movimentos desesperados do companheiro. Súbito, resfolegando, atira-se também às águas.

O luar inundou o rio de luz e espichou sombras esguias pela terra inda molhada. Tocadas de vento, as sombras estremeceram de susto e desenharam rendas escuras, nas clareiras desertas . . .

Em largas braçadas, alcança Bugrinho o corpo de Zé Matoso. Agarra-o pelo braço, atira-o às costas. Pouco acima vinha rolando um grande galho de árvore, que a cheia derrubara. Pressente o índio o perigo. Mas era tarde. Impelido pela correnteza, o galho bate-lhe, certo, na ferida inda aberta. O sangue jorra aos borbotões, deixando um rastro escuro nas águas iluminadas. Nem a dor desanima o índio. Continua nadando para a praia . . .

Os braços de Zé Matoso já alcançavam as vegetações fortes da margem, às quais se agarram, mas seu corpo boia, sem apóio, sôbre

Minas e Goiaz

Zoroastro Artiaga

O grandioso acontecimento da inauguração oficial de trecho da E. de F., entre Monte-Carmelo e Ouvidor, da R. M. V., com a honrosa presença de dois chefes do Executivo Estadual dos Estados interessados, foi o fim glorioso de uma jornada vitoriosa, e o início de uma nova cruzada que Minas e Goiaz têm de realizar, com urgência, para que a grande obra atinja seus fins e colhamos os frutos desse sacrifício inaudito.

Trata-se da campanha de relações de comércio, de transportes e do estímulo econômico entre as praças e os povos mineiro e goiano.

Já é tempo das primeiras demarques no sentido de provocarmos a mobilização das Associações Comerciais, de lá como daqui, pondo-as em frente uma da outra, pedindo-lhes que cuidem, rapidamente, da vinda de caixeiros-viajantes que façam o entrelaçamento dos negócios entre as praças industriais e comerciais. Isto equivale a uma geral convocação dos homens de negócio, do capital honesto, aos quais está entregue uma tarefa educativa, patriótica, que é, ao mesmo tempo, u'a missão histórica. Façamos a propaganda recíproca, real, exata, com o documentário preciso a-fim-de fazer gerar a confiança. Será bom dizer-lhes que o nosso comércio paga religiosamente o que compra, e isto compete aos bancos mineiros que aqui trabalham, e são excelentes colaboradores da obra gigantesca realizada pelo sr. Interventor Federal no Estado de Goiaz.

Para os nossos importadores existe a razão ponderável do encurtamento das distâncias, da rapidez dos transportes, e da presteza dos serviços atuais da R. M. V., sem baldeações, sem comissários, sem intermediários, isenta de interferências nocivas ao trânsito e à eficiência dos transportes.

Lancemos a crédito das nossas

as águas. Com dificuldade, sobe em terra e, inquieto, lança aflitos olhares em redor. O índio havia desaparecido. O menino começa a chorar. Grita, soluçando:

—Bu... grinho... Bugri...nho...

Mas já longe, boiando ao sabor da correnteza, ia o corpo azeitonado de Orissanga, como se procurasse por túmulo o leito profundo do Araguaia, em cujas margens nascera.

conveniências o menosprêzo com que as antigas empresas e companhias cuidaram dos nossos interesses, a maneira desatenciosa e descortês com que temos sido tratados por elas, acostumadas como estão à impunidade e a fazer como querem os seus negócios e os seus serviços.

Quem criou indústrias à margem destas ferrovias, quem teve casa comercial dependendo delas, pode depor e contar como é difícil obter delas os vagões, ou simples despachos de mercadorias, principalmente na E. F. Goiaz.

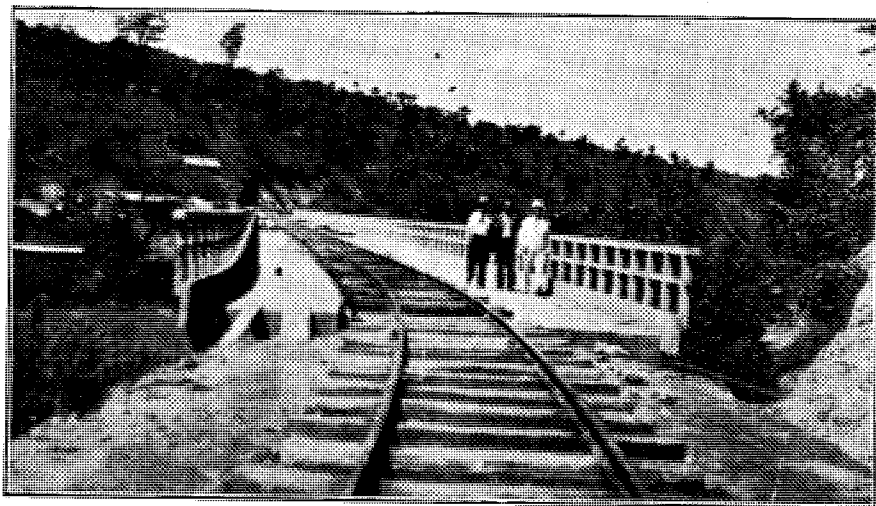
Infelizmente nada conseguimos, a despeito dos nossos protestos em favor do povo, porque as ditas empresas, acostumadas com os reclamos e seguras da sua intangibilidade, continuam desprezando passageiros e cargas, orgulhosas e

lar das injustiças que sofremos, das espoliações, dos desvios de verbas, que eram nossas, dos recuos de traçados de penetração, isto por imperativos de política, quando o Brasil era dirigido por profissionais anestesiados para o amor da Pátria.

Nada de retrocessos, porque, primeiro, devemos olhar para os horizontes da frente, e não para os de trás, que têm os panoramas distantes de batalhas vencidas.

O momento é de ação e não de nostalgias . . .

Advoguemos esta causa, sem oferecer possibilidades hipotéticas ou reclamando direitos à piedade paternal da Nação, tal qual a assistência aos necessitados, mas, com a prova da nossa potencialidade, com a razão eficiente da nossa ca-



Ponte sobre o rio Paranaíba, na Rede Mineira de Viação, no quilômetro 1150, ligando Minas Gerais e Goiaz.

importantes, pontificando do alto da sua soberania . . .

Que fazer? Tentar a vida por outro lado? Que lado? A Paulista, a melhor organização ferroviária da América-do-Sul, não conseguiu saltar o Rio-Grande.

A Araraquara, a-pesar-de possuir seus estudos até Pôrto Taboado, vai gastar muitos anos, ainda, para chegar à fronteira. Ambas estão longe de causar ciúmes às duas únicas vias-férreas que não gostam de transportar a nossa produção.

A história é muito extensa e muito antiga. Não desejo rememorar, agora, os precalsos da ligação deste Estado à rede geral, para fa-

pacidade de produção, para a defesa nacional, porque as linhas do interior do país são, também, estratégicas, haja vista a falta que faz agora a ligação da Central, de Pirapora a Belém, que ia ser feita há 30 anos atrás; e, se ela existisse, não estaríamos racionando o açúcar, que se obtem por meio de filhas e de cartões de 700 gramas por semana, quando o Nordeste está com estoques colossais sem transportes de cabotagem, praticamente vedados pelos torpedeamentos.

Não estamos satisfeitos com as estradas que temos porque elas não transportam a nossa produção senão em sobras de retorno, a seu belprazer, depois de muitos empe-

nhos e pistolões, e outras coisas desagradáveis.

Essas estradas podiam dar-nos transporte condigno, e, no entanto, que temos? Vagões sujos, mal cheirosos, devido à deficiência de limpeza nas horríveis instalações de cada carro de primeira, trens morosos, desarticulados, falta de noção de responsabilidade, coragem de sacrificar vidas sobre linhas mal conservadas e mal consolidadas. Há anos que pleiteamos um trem noturno na Mogiana para evitar o pernoite em Araguaí, que tanto dano tem causado a Goiaz.

Por tudo isso queremos que Minas e Goiaz se aproximem, se unam, porque ambos têm as mesmas necessidades, as mesmas reivindicações, e aos dois Estados está reservada u'a missão histórica, devendo juntos fortalecer os seus ideais de fraternidade e de solidariedade social, dentro, é lógico, da comunhão nacional.

Como para as grandes realizações materiais é preciso também esforço para as do espírito e as de ordem moral.

Nosso trabalho não poderá ser somente de caráter econômico e político, porque temos que estreitar os laços de fraternidade já existentes, para que os nossos vindouros usufruam os bons resultados da nossa atuação.

Tudo depende, entre nós, do transporte.

E' o problema principal em torno do qual giram todos os outros.

Os americanos do Norte, quando buscavam solucionar a sua crise e organizar os elementos necessários à construção de uma grande pátria, persistiram na política do desenvolvimento sistemático de um gigantesco plano ferroviário, visando a acudir aos reclamos de seu imenso território.

Enfrentaram resolutamente a batalha, construíram, sem hiatos, vias-férrreas para tódas as direções, sacrificando dinheiro, vidas, energias, lutando com a natureza, sofrendo ataques de índios, assalto de bandidos, e, ao termo de tamanhas lutas, o progresso transformou o país em uma das mais ricas nações do planeta. A manutenção dessa política foi seguida pelos governos, sem solução de continuidade; e, quando o Brasil possuía seus 14.609 quilômetros de trilhos em tráfego, os E. Unidos atingiram 296.986, ao mesmo tempo que a Rússia tinha 45.683, a Inglaterra 34.486, e a Alemanha 46.000.

Com relação a essa política, S.-Paulo fez, aqui, o que os E. Unidos fizeram no continente: abriu, como pôde, estradas para todos os rumos.

Os Estados que têm tamanha extensão territorial, com alarmantes vazios demográficos, não podem contentar-se com o transporte mo-

torizado, porque é caro e sujeito a imprevistos; é precário, instável, depende de carburantes, e apenas satisfaz como meio subsidiário, e não efetivo, de locomoção, como a ferro-via, que cria a confiança e força o povoamento.

Dentre as 55 estradas de ferro brasileiras a Rede Mineira de Viação sobressai, atualmente, com os seus 4.000 quilômetros. O atual governo de Minas não se descuidou da política dos transportes, compreendendo que o passado retardou o progresso, para paralisar os serviços como zona essencialmente agrícola, subsidiária do litoral, fornecedora de matéria-prima para os seus parques de indústria.

S. excia. quebrou os elos tradicionais dessa cadeia econômica, e deu logo os precisos passos para prover Angra-dos-Reis dos meios para escoamento dos produtos do Brasil Central como de Minas. Remodelou a R. M. V., que foi logo dotada de farto material rodante, fixo e de tração, fez consolidar as linhas velhas, reconstruir em grandes extensões trechos defeituosos, com a preocupação de adaptá-los para ser a Rede uma das melhores estradas do país.

Anteriormente chegou a R. M. V. a tamanha precariedade que adquiriu fama de estrada deficitária e desorganizada. Isto porém passou. Hoje ela possui uma excelente organização. Tem nada menos de 286 locomotivas e 2.262 vagões. O valor global dos seus bens é aproximadamente de: próprios nacionais, Cr\$ 26 806 251,00; de via-permanente, Cr\$ 408 385 260,00, de instalações telegráficas, Cr\$ 5 444 817,00; de usinas e oficinas, Cr\$ 14 941 467,00; de material rodante, e de tração, Cr\$ 87 598 920,00; de outros valores, Cr\$ 26 026 379,00. Neste cálculo não está ainda incluída a nova linha inaugurada e não levamos em conta a valorização dos dois últimos anos, que o preço do material ferroviário subiu de 200%. Trata-se, pois, de uma E. de F. que se acha aparelhada para bem servir, enquadrada em uma organização moderna, eficaz, capaz de poder atingir suas finalidades, corresponder plenamente a tódas as expectativas dos que dela se servem. Não é mais deficitária. Não é mais a antiga estrada que teve as sua lendas e a sua história negativa. Como medida preliminar estamos pleiteando o estabelecimento de um trem noturno que deverá partir de Goiandira após a passagem do trem de Anápolis, a-fim-de poder merecer a preferência dos nossos conterrâneos essa nova rota que se abriu entre Goiaz e o Oceano Atlântico.

Esse trem resolveria o problema de tempo e das distâncias. Não haveria mais baldeações nem per-

noites. Logo que se estabeleça o tráfego dêsse noturno de Goiandira para Leste, iniciaremos a nossa campanha pelo deslocamento dos candidatos a viagens, lembrando-lhes o horror atual, os apertos de embarques, as correrias para marcação de lugares nos poucos assentos dos carros que chamam, por luxo, de poltronas. Evocaremos as viagens de pé, à míngua de assentos, a impossibilidade de obtenção de leitos, o desligamento arbitrário de carros à última hora, sem aviso prévio, plenamente lotado de passageiros, senhoras e crianças que se vêem na contingência de uma perigosa transferência turultuária para os carros restantes; tudo isso, mais ou menos parecido com o tráfego de caminhões vindos do Nordeste para Montes-Clares, espetáculo desolador, porém que diariamente pode ser apreciado, e serve para estigmatizar uma época de ambições de lucros contra tódá noção de conforto e respeito à dignidade humana e de solidariedade social. Aguardemos, confiantes, a ação dos homens do alto comércio de Belo-Horizonte, principalmente do parque industrial mineiro. Esperemos o que vão fazer as Associações Comerciais. Estou certo de que elas compreendem o seu papel e saberão cumprir a sua missão civilizadora.

Essas entidades têm por finalidade principal o progresso das relações de comércio. Antigamente elas faziam a lavratura de atas e arrecadação das mensalidades. Hoje são células vivas, inteligentes, plasmam situações e criam ambientes favoráveis para reivindicações legítimas e aspirações justas e úteis.

Aguardemos também a ação dos chefes da R. M. V., que será proficiente e fecunda.

Senhor Presidente Getúlio Vargas, temos todos a garantia da sua ação benéfica sempre mais numerosa e progressiva, na plena confiança com que o povo do país espera de tão notável inteligência e clara compreensão dos deveres públicos, a multiplicação dos motivos da sua verdadeira felicidade — S. S. PAPA PIO XII.

A eleição do Presidente Getúlio Vargas para a Academia deve ser encarada como uma das mais austeras manifestações dos tempos novos do Brasil, umas das afirmações mais eloquentes de que o Brasil está se desencasulando de concepções errôneas, está se emancipando de tradições anódinas e sem expressões, está se desencastelando de convicções atritantes e incompatíveis com a sua própria realidade — ODORICO COSTA.

Afinal, o sol nasceu para todos

Que é a Legião Brasileira de Assistência. Quando a inteligência é posta a serviço do coração. Notável obra de humanidade e de patriotismo. Uma grande realização democrática. O norte de Goiás não é a terra que Deus esqueceu. Outras notas.

Mais fácil é ver um gato raciocinar do que rir ou chorar. A observação é do grande Miguel de Unamuno, que dela se serviu para defender a tese de que, antes de racional, é o homem um animal sentimental. Porque só o homem é capaz de rir e chorar . . .

Pois foi pensando em Unamuno que saímos do gabinete da exma. sra. da. Gercina Borges Teixeira, presidente da Legião Brasileira de Assistência, em Goiás, após uma entrevista em que tomamos um melhor conhecimento do que é aquela notável instituição de assistência social criada pelo Presidente Getúlio Vargas.

Um animal sentimental, sim, também é o ser humano, pois só o coração teria antenas suficientemente poderosas para tão bem captar as angústias profundas do povo; mas um animal racional, também, visto que só a inteligência humana poderia, sob o comando de um coração bem formado, planejar e realizar um empreendimento tão grandioso como o que vem realizando, entre nós, a L. B. A..

A tarefa que, sob a orientação serena, cristã e segura, de dona Gercina Borges Teixeira, vem cumprindo os rapazes e as damas que trabalham na L. B. A., é alguma coisa de extraordinário, que fala bem alto das virtudes morais e cívicas da nossa gente, fazendo-nos esquecer a mesquinhez dos homens, para só nos lembrar a sua capacidade de grandeza. Obra notável, de humanidade e de patriotismo. Uma realização verdadeiramente democrática. Um governo que cria uma instituição como a L. B. A., é, queiram ou não os escravos das fórmulas caducas, um governo democrata. A L. B. A. se constitui uma das mais positivas respostas aos saudosistas que morreram no tempo e que não puderam, ainda, ter a felicidade de compreender que democracia não é demagogia . . .

Que é a L. B. A.? Que fez? Que está fazendo? Que fará? A entrevista que se segue, gentilmente concedida pela exma. sra. da. Gercina Borges Teixeira a OESTE, esclarece bem todas essas perguntas.

— A Legião é uma instituição provisória ou definitiva?

— A Legião é uma instituição de-

finitiva, ou melhor, de “duração ilimitada”, consoante rezam os seus estatutos.

— Qual será a tarefa da Legião no pós-guerra?

— Congregando os brasileiros de boa vontade e promovendo, por todas as formas, serviços de assistência social, prestados diretamente ou em colaboração com o Poder Público e as instituições privadas, visará a L. B. A. em tempo de paz, notadamente o seguinte:

a) proteger a maternidade e a infância;

b) amparar os velhos e os desvalidos;

c) prestar assistência médica, em todas as suas modalidades, às pessoas necessitadas;

d) favorecer o reajustamento das pessoas, moral ou econômica-mente desajustadas;

e) contribuir para a melhoria da saúde do povo brasileiro, atendendo, particularmente, ao problema alimentar e da habitação;

f) incentivar a educação popular, inclusive cooperando na criação e no desenvolvimento de escolas, bibliotecas e outras entidades educativas;

g) desenvolver esforços em favor do levantamento do nível de vida dos trabalhadores e promover o aproveitamento racional dos lazes do povo, principalmente estimulando a organização de centros de recreação, aprendizado de ofícios, etc.;

h) auxiliar, sempre que possível, as instituições especializadas cujos objetivos tenham afinidade com os da L. B. A..

I) realizar inquéritos, pesquisas e estudos, sobre matérias do serviço social, particularmente os relacionados com as atividades da L. B. A..

J) organizar cursos e promover todas as formas de propaganda e divulgação em favor do progresso do serviço social no Brasil.

— A quanto montam os gastos mensais da Legião, em Goiás?

— Os dispêndios da Legião oscilam de mês para mês, podendo-se afirmar, contudo, que vão num crescendo contínuo. Meses há em que os pedidos de auxílios, oriundos dos municípios e destinados às instituições locais de assistência, atingem um número maior, e a L. B. A. jamais deixa de atender a esses pedidos. Tomemos por ba-

se o mês de fevereiro, quando, para atender às famílias dos convocados, foi feita a seguinte distribuição, por município, em cruzeiros:

Anápolis: 2 510,00; Anicuns: .. 740,00; Araguaatins: 500,00; Arraias: 500,00; Baliza: 500,00; Burití-Alegre: 500,00; Caldas-Novas: 740,00; Catalão: 1 250,00; Corumbá: .. 720,00; Corumbáiba: 500,00; Cristalina: 150,00; Formosa: 650,00; Goiandira: 1 670,00; Goiatuba: .. 860,00; Goiás: 1 080,00; Inhumas: 680,00; Ipameri: 1 580,00; Itaberaí: 2 430,00; Jataí: 1 100,00; Luziânia: 1 650,00; Mataúna: 740,00; Morrinhos: 740,00; Natividade: 500,00; Niquelândia: 500,00; Paranã: .. 500,00; Piracanjuba: 640,00; Pirenópolis: 900,00; Pires-do-Rio: .. 860,00; Pontalina: 680,00; Planaltina: 180,00; Pôrto-Nacional: .. 800,00; Rio-Verde: 1 750,00; Silvânia: 1 400,00; Sítio d'Abadia: 500,00; Suçupara: 500,00.

Enviou, ainda, a L. B. A., como auxílio aos estabelecimentos de assistência, as importâncias abaixo discriminadas para os seguintes municípios:

a) onze mil e duzentos cruzeiros (Cr\$ 11 200,00) para Ipameri, dos quais dez mil para ajudar a “Conferência Imaculada Conceição” na manutenção de 167 famílias indigentes e para a conclusão das obras do “Azilo de S. Vicente”;

b) dez mil cruzeiros (Cr\$ 10 000,00) para Pôrto-Nacional, como auxílio à “Conferência de São-Vicente de Paulo”, a-fim-de ampliar o edifício do “Azilo dos Desamparados”;

c) cinco mil e trezentos cruzeiros (Cr\$ 5 300,00) para Morrinhos, sendo cinco mil para o “Dispensário dos Pobres”, no sustento que prodigaliza a 120 desajustados, e trezentos para a alimentação e vestuário dos alunos do “Grupo Coronel Pedro Nunes”.

Na sede, — continua a ilustre entrevistada, somente com aquisição de material para o novo pavilhão cirúrgico da Santa Casa de Misericórdia, gastou a L. B. A., vinte e três mil cruzeiros (Cr\$ 23 000,00); de auxílio para a construção do Jardim da Infância da Associação de Proteção à Infância e Maternidade, dispendeu esta C. E. dez mil cruzeiros (Cr\$ 10 000,00); com a aquisição de gêneros, roupas e medicamentos para as famílias de convocados e desajustados, de material de expediente para a C. E. e os C. C. M. M., de mobiliário para as suas novas instalações, e de outros pequenos auxílios concedidos a diversos, teve a Legião

uma despesa de quarenta e sete mil cruzeiros (Cr\$ 47 000,00).

Tudo somado, perfiz a despesa da L. B. A., em fevereiro último, o total de cento e vinte e nove mil e quatrocentos e sete cruzeiros e setenta centavos (Cr\$ 129 407,70), quantia que, diga-se de passagem, é bem superior à dotação que recebeu da Comissão Central.

— *Quantas famílias em Goiaz estão sendo socorridas pela Legião?*

— Sòmente de convocados temos cento e trinta. De desajustados é bem mais elevado o número, que, embora não seja possível precisar com exatidão, ultrapassa a casa dos duzentos. Podemos afirmar, sem receio, que temos em Goiaz cerca de quatrocentas famílias que vivem unicamente às expensas da L. B. A.

— *A atuação da L. B. A. na guerra se restringe ao socorro das famílias dos convocados?*

— Não. O seu programa é muito mais amplo. Na atual emergência, de estado de guerra, em que se encontra o país, a L. B. A. desenvolve a sua ação no sentido de:

a) prestar todo o apóio ao Governo, inclusivè apelando para a consciência cívica do povo brasileiro, visando a arregimentar e aproveitar as atividades das pessoas não mobilizadas, habilitando-as e encaminhando-se, quando conveniente, às autoridades civís e militares, ou aproveitando-as nos serviços da L. B. A.;

b) prover, sob a forma de serviço social básico, as necessidades das famílias cujos chefes hajam sido mobilizados;

c) organizar serviços e promover tôdas as formas de atividade condizente com o programa relativo à atual emergência.

— *A L. B. A. tem promovido campanhas e cursos de guerra?*

— A L. B. A., em pouco mais de ano de efetiva existência, já promoveu diversos movimentos patrióticos, merecendo destaque os seguintes:

a) Campanha do estanho e do alumínio;

b) Curso de Samaritanas Socorristas;

c) Curso de Comunicações;

d) Campanha da Borracha Usada;

e) Campanha da Granada da Borracha;

f) Campanha do Livro para o Combatente.

No movimento pró-coleta de materiais imprestáveis de estanho e alumínio foram colhidos centenas de quilos dèsses metais, os quais foram remetidos à Diretoria do Material Bélico do Exército.

Nada menos de cem (100) senhoras e senhorinhas da melhor sociedade do Estado obtiveram o certificado de Samaritanas Socorristas, nos cursos de Goiânia, Goiaz, Anápolis e Rio-Verde. Cerca de outro

tanto conseguiu diploma do Curso de Comunicações Telegráficas, recentemente realizado nesta Capital.

Quantidade superior a setenta mil quilos de borracha usada foi arrecadada na campanha respectiva, promovida nesta capital e nos municípios goianos, pela C. E., em cooperação com os centros filiados.

Ainda, mais de mil quilos de latex de mangabeira foram coletados na campanha da "Granada da Borracha", há pouco encerrada, da qual saíu vitorioso o ginasião Antélio Borges dos Santos, desta cidade.

Mil volumes, aproximadamente, se encontram nesta Comissão Executiva, angariados nesta capital e nos municípios, ao ensejo da "Campanha do Livro para o Combatente", feita pela Legião.

— *Qual a posição do povo em relação à L. B. A.?*

— Temos recebido, por parte do povo, em geral, a maior ajuda. Nota-se, já, em Goiânia e no interior, grande interesse e viva compreensão, relativamente aos trabalhos da L. B. A.. Essa ajuda se traduz no auxílio que muitas senhoras e senhorinhas estão, desinteressadamente, dispensando aos seus serviços. Entretanto, necessitamos, ainda, da colaboração de mais gente. Novas ampliações estão sendo feitas no programa de assistência da Legião. Consequentemente, vamos precisar de corpo organizado de visitadoras, para visitas domiciliares. O auxílio aos desajustados, como vem sendo feito, notadamente aqui em Goiânia, não está, ainda, correspondendo. E' que, no meio de muita gente assistida, há os que pedem sem necessidade, o que constitue uma exploração condenável. Pelas colunas brilhantes da nossa querida revista OESTE, lanço um apêlo às senhoras e senhorinhas goianienses, para que se alistem como voluntárias da Pátria, nesse corpo de visitadoras que vamos organizar, e através do qual, controlando mais eficazmente o serviço de assistência, poderemos amparar melhor àqueles que realmente reclamam a nossa proteção.

— *Que tem feito o Governo Goiano em favor da L. B. A.?*

— A contribuição do Governo do Estado, em favor da Legião, tem sido de um valor inestimável. Temos conosco, à nossa disposição, um corpo de funcionários do Estado; contamos com um grande número de móveis e máquinas tirados de diferentes repartições e ocupamos, gratuitamente, excelentes acomodações em prédio do Estado.

Por outro lado, o Governo nos ajudou, decisivamente, em tôdas as campanhas que promovemos. Para o "Abrigo da Velhice Desamparada", obra de valor superior a um milhão e quinhentos mil cruzeiros, que estamos edificando nesta capi-

tal, concedeu o Governo Estadual uma quadra de terreno e um auxílio de duzentos mil cruzeiros . . . (Cr\$ 200 000,00), no exercício de 1943, sendo que, no corrente exercício, vamos receber igual importância. Além disto, são constantes as recomendações do Chefe do Executivo aos prefeitos e demais chefes de repartição, no sentido de em tudo colaborarem com a L. B. A.. Como se vê, é enorme a contribuição material e moral do Poder Público à Legião

— *E o norte do Estado, tão esquecido pelos antigos governos, foi lembrado devidamente?*

— O norte, na atual administração goiana, deixou de ser a terra que Deus esqueceu. Também a L. B. A. tem prestado inúmeros favores àquela imensa região de nossa terra, e, se não fez mais, é porque não temos ainda ali instalados todos os Centros Municipais. Para cada uma de quasi tôdas as comunas norte-goianas está sendo remetida a dotação de quinhentos cruzeiros (Cr\$ 500,00), destinada aos desajustados. Além disso, encaminhamos a quantia de cinco mil cruzeiros (Cr\$ 5 000,00) para Araraias, a-fim-de auxiliar o "Azilo S. Vicente de Paulo" no sustento dos indigentes ali internados; enviamos, também, como dissemos, dez mil cruzeiros (Cr\$ 10 000,00) para Pôrto-Nacional, a-fim-de ajudar nos trabalhos de sua Casa de Caridade, ampliando-lhe as instalações, etc.. Remetemos mil e quinhentos cruzeiros, como auxílio, à Caixa Escolar de Posse; e, presentemente, estamos atendendo a um pedido de auxílio vindo de Peixe. Estudamos, ainda, um meio de criar em três cidades do norte goiano — possivelmente em Formosa, Araraias e Pedro-Afonso — três pequenos porém bem aparelhados hospitais, de cuja falta muito se ressentia aquela região, que só agora vai sendo melhor servida de vias de comunicações.

— *Quais os planos futuros da Legião, em Goiaz?*

— A C. E. possui presentemente, funcionando nesta capital, uma secção de assistência aos convocados; outra de costuras; outra de Registro Civil, disseminada por diversos municípios; e, finalmente, uma de Desajustados. Vai criar, dentro de breves dias, o serviço de ambulatório, chefiado por um médico. Logo teremos, também, uma Secção de Alimentação.

Além dos três hospitais no norte do Estado, é nosso intuito construir, ainda este ano, uma "Casa da Criança" e uma crèche, juntas à Santa Casa, nesta capital. Esperamos ver concluído, ainda no decorrer de 1944, o prédio do "Abrigo da Velhice Desamparada", obra que, com já acentuamos, ficará em



EXMA. SRA. D. GERCINA BORGES TEIXEIRA,
D. D. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA
DE ASSISTÊNCIA EM GOIAZ

O Grande Historiador Patrício

(QUASI UM CONTO)

JURUENA DI GUIMARÃES

Com permissão de Gongora, o poeta extravagante que chamou as cigarras de "sinos de epiderme sonora", e os passarinhos de "guitarras voláteis", eu quero, também, achar muita semelhança entre as ostras e certas lembranças que se agarram ao nosso cérebro. Estas, porém, são ostras que nem sempre cultivam pérolas.

Tal observação vem a propósito de um episódio de somenos importância ocorrido na minha meninice, e que está, sempre, comigo, agarrado nas paredes da memória.

Frequentava eu a casa do dr. Raposo, grande e bom amigo de minha família, onde me entretinha, horas, na leitura de robustos volumes de descrições de viagem e aventuras.

Era o meu amigo um espécime perfeito de solteirão convicto da sua situação privilegiada com as mulheres, já pelos seus quarenta e cinco conservadíssimos janeiros, já pela sua melhor conservada fortuna. Microbiologista e psicólogo, preferia ao estudo das lâminas o estudo da alma.

E foi assim que o conheci, sempre rodeado de amigos com caras de cobaias.

A' sua mesa se reuniam, tôdas as noites, para o chá das vinte horas, alguns palradores, dentre os quais o jornalista Pancrácio Boaventura, terrível panfletário, como de si mesmo dizia, e senhor e

possuidor de perigosíssimos pruridos de historiador e terror dos políticos.

— Certa vez, começava êle, desanquei a madeira no Ministro Tal, pela imprensa. Foi uma campanha tremenda! e continuava: — vocês sabem, com a minha velha Malat estou acostumado a derrubar os bichões do Himalaia do Poder, mesmo que estejam nos píncaros. E' para estas ocasiões que tiro da engenhoca da inteligência o caldo do pensamento. Isto, o dr. Boaventura dizia e sorria largo, gozando o seu imenso prestígio que se derramava pela mesa como u'a imensa mancha de óleo.

— De outra feita, dizia, quando da célebre questão de limites entre Tranpinsonga e Gambasulândia, o Governador Fulano mandou que eu fosse ouvido sobre a parte histórica da questão. Citei datas precisas e preciosas, falei da primeira galinha que botou ovo à margem da linha divisória, etc. . .

E o jornalista tornava a sorrir.

Eu, da extremidade da mesa, lugar a que me impunham os meus maliciosos doze anos, tirava, de vez-em-quando, as vistas de um excelente exemplar de Júlio Verne para observar o sorriso sugestivo do dr. Raposo, sorriso onde se balançava a mais diplomática das ironias represadas.

Naquela noite o número de filantes das saborosas torradas do

dono da casa estava aumentado com a presença de um setuagenário espigado, moreno, de cabeleira e barba brancas.

Depois da rápida apresentação protocolar, constante, apenas, da frase "um velho amigo", o nosso Historiador subiu à ribalta. O homenzinho estava, mesmo, atacado do virus historiocócos. Contava cenas de lances homéricos; tudo com rigorosa precisão de datas e nomes por extenso.

Em dado momento resvala o assunto para a Guerra do Paraguai, essa página forte do nunca desmentido civismo da gente Brasileira. O dr. Raposo, ainda com aquele seu sorriso infernal, pergunta, então, ao Historiador: — conhece você a passagem heróica do cabo Cândido Braga da Silva Mota?

— Si conheço . . . ! E é Alfredo D'Escragnolle Taunay quem no-la revela, em vivíssimas páginas de sã literatura patriótica:

Aí o dublê de historiador e jornalista se levanta.

— Foi ao cair da noite. O inimigo ataca munido de arma branca. Há uma luta de fera contra fera. (o dr. pronunciava a palavra fera com muita ferocidade). Um soldado paraguaio, cujo nome era Miguel Cozenza Y Martinez, investe, brutalmente, contra o grande cabo brasileiro; êste, negando o corpo, num momento de pouca destreza, deixa cair a arma. Antes, porém, que o infame pudesse cravar-lhe o ferro cruel, de um salto, pega-o pela garganta e morde-lhe o pulso. Aquele, espumando cólera, se desprende e crava no adversário a arma assassina. Ter tempo, ainda, o moço brasileiro exclamar esta frase sublime de heroísmo: "Morro confortado pela suave clangor da Vitória que vem perto. Vivo, portanto!"

Quando o nosso grande Historiador patrício novamente procurava ofegante, a sua cadeira, o ancião estava cândida e heróicamente mordendo, com guloso frenesi, uma avantajada torrada. Era o então de há muito já reformado Major Cândido Braga da Silva Mota, que vira e ouvira, estôicamente, o dr. Pancrácio Boaventura matá-lo com tanta ferocidade.

O dr. Raposo continuava com o mesmo sorriso . . .

mais de um milhão e quinhentos mil cruzeiros (1 500 000,00).

Como se verifica, podemos assegurar que nunca se fez, no Brasil, o que a Legião Brasileira de Assistência está fazendo. Na luta que, com as outras nações democráticas, sustentamos contra a barbaria legalizada dos totalitários sanguinários, a Legião é como uma segunda frente de batalha, aquela em que a mulher brasileira, revelando tôda a grandeza de seu patriotismo e tôda a beleza de seus sentimentos de fraternidade, coopera decisivamente para a vitória final da causa da liberdade, da justiça e do direito. Aquí em Goiaz, silenciosamente, porém cheias de fé e de entusiasmo, da. Gercina e suas auxiliares vêm, a inteligência posta a serviço do coração, praticando o sublimar preceito cristão do amor ao próximo. A L. B. A. é uma col-

méia de trabalho, de trabalho pelo Brasil e pela humanidade.

Num Estado que, pode dizer-se, nasceu para o Brasil em 1930, com o advento ao poder de Pedro Ludovico, — logo: — num Estado de recursos financeiros ainda reduzidos — fazer o que a Legião está fazendo é algo que se assemelha ao apostolado, algo que não se pode traduzir pela palavra, algo digno de verdadeira veneração. Louvando os esforços da benemérita Presidente da Legião em Goiaz, de suas operosas e patrióticas colaboradoras, do Governo e do povo em geral, reconhecemos, também, com sinceridade, que um departamento assim como a L. B. A. — (duvidamos que existam muitos países que possuam órgãos iguais) só seria possível num regime efetivamente democrático, isto é, onde o Governo tivesse, realmente, interêsse em beneficiar o povo.

Não seria demasiado, senhores, se lhes pedisse que, entrelaçando com os nossos corações o Brasil inteiro, e pensando em Getúlio Vargas, aristocrata do pensamento e do coração, ecumênico e continentalista no ideal americano, filho predileto de um povo, que não seria muito se eu pedisse que o elegêssemos, todos de pé, cidadão honorário da América — JULIAN R. CACERES — (Chanceler de Honduras).

Súplica

Tu sempre foste meu amor. Entanto,
Feliz eu não te fiz como devia,
Que, se te dei momentos de alegria,
Fui, muitas vezes, causa do teu pranto

Se dêsse rosto de sublime encanto
Apaguei sombras de melancolia,
Também, por minha culpa, noite e dia,
Teus lindos olhos já choraram tanto.

Assim sempre tem sido. E não mereces
As dores — que em silêncio tu padeces —
De feridas que abri sem desejar.

Mas, pelo muito com que nos queremos,
Pelas horas felizes que vivemos,
Esquece as vezes que te fiz chorar.

J Lopes Rodrigues

POLÍTICA NACIONAL

— I —

 VASCO DOS REIS

O dom da infabilidade é, felizmente, teórico. Pelo menos, o homem, o mais perfeito dos seres conhecidos, tem o direito e até por vezes o dever de errar. Esse atributo é justamente o que lhe possibilita o mérito. A precisão absoluta excluiria as qualidades, o esforço e, logicamente, o aperfeiçoamento; que enobrecer a vida.

Em política, mesmo na boa e sã política, o raciocínio se ajusta. Ainda que restrinjamos o campo de nosso objetivo à política nacional, vale o conceito.

Não ainda das mais longas, mas já por certo das mais variadas e instrutivas é nossa história.

Governar o Brasil, depois de individualizado em suas características, que circunscrevem um conjunto invejável e invejado de bens, conversíveis pelo trabalho em fontes de opulência e poderio, restringe-se a uma fórmula aparentemente simples: transformar um grande país em uma grande nação, ou, em termos mais em harmonia com as frequentes desarmonias humanas, em uma grande potência.

De início, os administradores, economistas centrifugos, se assim se podem dizer, agindo dentro de um critério facilmente compreensível, usaram a fórmula desta maneira: transformar um grande país em celeiro de outra nação.

Veiu a autonomia nacional, mas parasitada ainda por germes coroados, de ação desnacionalizante.

As monarquias de sangue, dito azul, por motivos cromotrópicos a que talvez não seja estranha a terapêutica anti-malárica, não podem amoldar-se à idéia exclusivista de uma pátria. Há, por cima de tudo, razões dinásticas a preservar. O dever de um príncipe se refere principalmente a sua Casa. "Nós", dizem eles, e esse "nós", ou antes, esses "nós" os amarram de tal forma, que eles sempre reinam, mas . . . desgovernam.

Não tardou o Brasil a desvencilhar-se do trono. Era um bom velho, quem, por acaso, lá se achava sentado. Mas uma tonelada, mesmo como uma bela águia empoleirada em cima, pesa mil quilogramas . . .

Raiou, por fim, o mais americano de todos os regimes: a república. Desde então, temos tido cidadãos de mérito à frente do governo. Mas, aquela formulazinha extre-

mamente simples, "transformar um grande país em uma grande potência", não encontrava solução satisfatória.

Negar o mérito de muitos, da maioria de nossos Presidentes, fôra uma iniquidade. Grandes militares, grandes juristas, diplomatas eminentes, moderados uns, outros ardorosos, foram chamados a conduzir-nos. Deram de si. Extremaram-se em bem servir o Brasil. Alguns teriam mesmo atingido a imortalidade e a glória, se as circunstâncias lhes não tolhessem o passo a elevados desígnios. A uns sobrou arrôjo e faltou serenidade. Em outros, demasiados serenos, a "sagrada chama" não crepitou . . .

Vieram os movimentos salutaros. Eram as enchentes.

O país transbordou. A última das revoluções construtoras expun-giu, sacudiu, mobilizou.

O país subiu de nível.

Quando, tempos volvidos, cogitaram metê-lo de novo entre as antigas ribas, já não coube. Rompeu os diques, rasgou novo leito, espumando, bramindo, impetuoso e afôito. Atingira plano mais alto e cor-pulência adulta.

Contrastar seus impulsos, limitar-lhe a expansão, conter-lhe os surtos, seria iníquo, se não fosse ilusório.

A política nacional, então, moldou-se à nova situação.

Foi previdente e lúcida, para ser eficiente. E' realista e sincera. A ilusão, a mistificação não poderiam sobreviver em uma época em que a consistência das cousas é medida a disparos de canhão.

O Estado não poderia estacionar, quando tudo evolucionava. O'rgão

de direção e de contrôlo, acompanhou o surto progressista, pondo-se à altura da nova situação objetiva que era mister encarar.

Para tanto, urgia desembaraçar-se do nocivo e mesmo do inútil. Muitas destas cousas eram necessárias, algumas mesmo indispensáveis em uma dada época, em um estádio anterior da vida evolutiva.

Há quem se esforce para não compreender isso, procurando fazer confusão. A esses, direi que uma nadadeira, tomada de modo absoluto, é utilíssima. Podemos argumentar pesadamente dentro desse ponto de vista. Ninguém nos oporá razão consistente. Mas, se apressadas fulminantemente as transições biológicas, chegarmos a uma situação extra-aquática superior à dos peixes, já as nadadeiras seriam embaraçantes e absurdas . . .

O Estado Nacional, que alguns malsinam, porque, apressando transições que se faziam morosamente, desenvolveu-se e eliminou órgãos tornados inúteis e adotou medidas vitais à nova situação, é democracia evoluída, realista e ativa.

Assim o entendemos. E, dentro dêle, agimos com sinceridade. Mas, afirmamos, de início, que nem todos acertam cem por cento.

O próprio sr. Getúlio Vargas esqueceu-se de alguma cousa, quando organizou a pujante ordem estatal vigente: Um viveiro para as *aves tagarelas*, de todos os matizes, que vivem a papagaiar livremente, contra um regime que proclamam sem liberdade . . .

Elas servem para alguma coisa. E principalmente para isso mesmo: atestam a tolerância do regime . . .

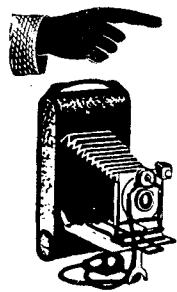


Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista

JUSTIÇA DO TRABALHO

VIRIATO VARGAS

Atendendo a um convite nosso, o sr. ministro Viriato Vargas, escritor cuja inteligência, caráter e cultura todos admiram, enviou-nos, para OESTE, uma palestra que proferiu no "Instituto Nacional de Ciência Política", importante instituição cultural sediada na Capital da República e que se propõe obra política meritória. A deferência honra-nos sobremaneira e muito valoriza a nossa revista, eis que o ilustre brasileiro ocupa um posto de merecido destaque em nosso

mundo intelectual. Filósofo, sociólogo, economista, o sr. Viriato Vargas tem produzido trabalhos notáveis, todos de sentido nacional altamente construtivo. Através de linguagem clara e incisiva, e com uma franqueza não raro contundente, vem êle, corajosamente, advogando as belas causas do Brasil, apontando a todos o caminho do dever. A conferência aqui publicada patenteia seu grande valor e a nobreza de seus ideais.

O decreto sôbre dissídios coletivos, fazendo dependerem essas manifestações de consulta ao Ministro do Trabalho, não tem sido bem interpretado. O Governo organizou e vem todos os dias aperfeiçoando os órgãos de amparo ao trabalho. Entendamos, porém, o que é o trabalho. É a conjugação de três elementos: o capital, a matéria prima e o trabalhador. O capital e a matéria prima de que servem sem o trabalhador? E que valor tem o trabalhador se não houver a matéria prima e o capital para comprá-la?

Havendo couro e dinheiro para adquiri-lo, mas não havendo sapateiro, não haverá sapatos. Havendo sapateiro, mas não havendo couro e dinheiro para obtê-lo, também não haverá sapatos. Para que haja sapatos, é preciso que haja couro por preço razoável, sapateiro com ordenado justo, que lhe dê para viver decentemente, e dinheiro para pagar o preço do couro e fazer viver folgadoamente o operário. Isso é que é orgânico, é o que cumpre alcançar: harmonizar o capital com o trabalho. Para tal fim é que devem tender todos os nossos esforços. O ponto de vista estúpido de luta entre o patrão e o trabalhador é que temos de abandonar.

Um não pode viver sem o outro. Da harmonia dos dois é que nasce o bem estar de ambos e a felicidade humana.

Eis o que vem procurando fazer Getúlio Vargas, com esse enorme acervo de leis trabalhistas, a criação dos órgãos de proteção e amparo ao trabalho, que vivia desamparado, antes do Regime Presidencialista de 10 de Novembro.

Nesse tempo justificavam-se as greves, explicavam-se as revoltas de desespero dos homens das fábricas que morriam de fome, enquanto os patrões nadavam em ou-

ro. Mas com aquele regime que Getúlio Vargas fundou para poder incorporar o proletariado à sociedade, decretando a elevação de seus salários à proporção que se eleva o custo da vida, amparando suas mulheres, seus filhos, sua velhice, fixando-os nos empregos, marcando o salário mínimo, estabelecendo aposentadoria, não há razão para a anarquia das greves.

Então, para que se criou a Justiça do Trabalho? Não foi exatamente para resolver, sem violências, as desinteligências entre operários e patrões? Qualquer desacôrdo leva-se ao Ministro, êste examina-o, se for discutível entrega-o à Justiça, e esta, serenamente, à luz do direito estabelecido, resolve as contendas. Não há lutas. Há discordâncias, apenas. Resolvidas pelo poder competente, não há vaidades feridas e os contedores chegarão sem dificuldades a um "modus vivendi", pois, de antemão, os que recorrem à Justiça, ficam comprometidos a aceitar seu "verdictum".

É preciso fazer ressaltar que essa Justiça, organizada especialmente para pôr de acôrdo capitalistas e operários, deve ser por ambos considerada como um altar, diante do qual se sacrificarão em holocausto à sociedade e à Pátria.

Os interessados, para seu bem, têm que prestigiar sua organização, facilitando o esforço de apaziguamento das paixões, a concordância de interesses que a todo momento preocupam o Ministro, cujas decisões devem ser acatadas.

Mas, para saber interpretar essas decisões, é preciso que uns e outros se coloquem sempre sob o ponto de vista do interesse coletivo, e não sob o ponto de vista de um feroz egoísmo.

Essa época em que cada um esbravejava sempre agressivo, clamando por seus direitos, sem levar em conta o direito alheio, numa

explosão contínua de individualismo exacerbado a cada momento pelos exploradores políticos, já passou.

Ninguém tem direitos. Todos nós temos é deveres — o patrão para com o operário, o operário para com o patrão, e ambos para com a sociedade, pois todo homem de bem não vive para si, vive para outrem, seja êsse outrem seus pais, ou sua espôsa, os seu filhos, ou seus netos, ou mesmo o seu amigo, ou a própria coletividade.

A consulta prévia ao Ministro não é mais que um dos artigos do necessário Código que estabelecerá a forma pela qual se recorrerá à Justiça, e que é imposto pela necessidade da ordem, para que os agitadores não tumultuem os processos, para evitar a exploração do operário bem intencionado pelos politiquieiros, comunistas ou saudosistas que, fingindo defender pretensos interesses individuais, tratam de turvar as águas para poder pescar, levando a anarquia e o esfacelamento aos sindicatos profissionais, cuja fundação o Governo está promovendo para fazer a organização social sôbre uma base sindical, organização esta que tornará eficiente e construtora a ação dos mesmos sindicatos, transformados em órgãos governamentais pela delegação que lhes fará o governo de muitas de suas atribuições. Tudo isto, porém, tem que ser feito por processos de sã política, que é filha da moral e da razão, e não promotora de lutas e violências que nada constroem.

A consulta prévia ao Ministro em nada prejudica o amparo indispensável aos interesses individuais, pois dito Ministro é órgão da defesa dos sindicatos, a mais de que patrões e operários têm para seu resguardo, além dos sindicatos, além dos tribunais, além do Ministro, o recurso de apresentação ao Presidente da República, direito que o nº 7, do artigo 122, de nossa Constituição nos outorga.

Chamo a atenção do povo brasileiro e principalmente do operariado, que é o mais exposto ao perigo: quando vos aparecer um indivíduo fanático pela democracia e como um D. Quixote a gritar pelos direitos alheios com surpresa muitas vezes dos próprios interessados, verificaí bem e vereis que, ou é um comunista disfarçado, que não pode respirar na atmosfera de paz e de calmo esforço para uma vida melhor em que temos vivido ultimamente, ou um saudosista dos escândalos e subsídios parlamentares.

Um desinteressado, um amigo do trabalho, um patriota, é que não é.

Auscultando nosso ambiente político, sente-se infelizmente o princípio de um trabalho subterrâneo, mas profundamente dissolvente,

ERA UMA FESTA...

GENESÍ DE CASTRO E SILVA

feito por êsses maus patriotas, que procuram malévola-mente envenenar o espírito público, atribuindo aos funcionários do Governo tôdas as dificuldades que nos traz a guerra e faz o povo sofrer, e ao Governo todos os erros por acaso cometidos por alguns dêsses funcionários, erros êsses inevitáveis ao serem iniciados serviços tão complexos, e por agentes não especializados, por tratar-se de serviços nunca dantes aqui estabelecidos.

O Governo não abandona um só instante o seu esforço de conciliar o capital com o trabalho. E' preciso, porém, que produtores, capitalistas e trabalhadores confiem em nosso Presidente, façam-se com êle solidários nesse empenho de conciliação em que êle tanto se afana.

O sindicato é o advogado dos interesses individuais dos seus associados dentro de sua atividade profissional, quer sejam empregados ou patrões. Mas é preciso preservar êsses sindicatos da influência deletéria dos demagogos, tipos sem escrúpulos, vagabundos que nada produzem e que sempre viveram, uns da exploração do egoísmo do rico e outros da exploração da miséria do pobre, prometendo todos êles o que não têm, nem podem dar, com o intuito de promover a anarquia, a-fim-de que não lhes escapem das unhas as vítimas de cuja desgraça se nutrem.

Só um Governo bem intencionado, como o nosso, tem força para promover reformas capazes de resolver a questão social, pondo de acôrdo os interesses dos ricos e dos pobres.

Que benefício a essas classes trouxeram até hoje êsses cabos eleitorais, agitadores de ofício?

Até 1930 a questão social era pelos nossos governos considerada questão de polícia, sem que isso garantisse de qualquer forma os capitalistas.

Foi preciso Getúlio Vargas derubar a instituição podre da liberal-democracia, para poder proclamar bem alto que os brasileiros pobres têm o mesmo direito à vida que têm os ricos, e que o capital, na sua origem e na sua destinação social, não é propriedade dos que o possuem, os quais são apenas meros administradores dessas riquezas, que pertencem à sociedade e devem sempre ser empregadas com um fim social em vista.

E' para êsse regime de fraternidade que Getúlio Vargas nos conduz.

E' preciso, pois, ser cada vez mais solidários com êle, combatendo a desordem, apareça com o nome que aparecer, enxotando das nossas organizações todos os propagandistas e sabotadores, que quiserem nos desviar do caminho que êle nos aponta.

Em meio do terreiro caprichosamente varrido destacava-se o rancho de palha; e como parecia interessante, à distância, aureolado, quasi, pelos inúmeros vultos que lhe saltitavam à roda, multicores, assemelhando-se a enzame de besouros em volteios de gala! eram crianças de todos os tipos, em suas chitas engomadas, em sua alegria típica!

Reunia-se, o pessoal, para o mutirão. Na encruzilhada vinha, já, um grupo de moçoilas, alegres, trazendo, cada uma, sua roda de fiar, prontas para o trabalho e dispostas para o dia que decorreria rápido, ajudado pelas histórias, pelos cantos e, melhor ainda, pela "brincadeira" em que pares dançavam conforme a moda da região.

E o costume permitia somente, em primeiro lugar, a dança de homem com homem e depois, então, os rapazes dariam uma volta com as moças, lépidas, encantadas com a animação e cheirando a pomada.

E dizia-nos a velha Sá Geroma "minhas fia já sabe; si vejo elas trocando palavra, no meio da sala, com moço, seja branco, seja preto, seja êle quem fô, me retiro logo e a sambança é em casa".

E concluiu o seu Joaquim: "Já falei pru meu fio: "ocê num precisa tá pageano moça, prá casá; bô-tô sentido numa, caminha direito prá casa dela e conversa com o pai de família; tudo fica ranjado, ué!"

E que encantadora simplicidade a que preside as festas daquela gente!

Entra-se pela sala de visita, sempre a cozinha, no caso, ampla, longa, engalanada pelas inúmeras rodas, movimentadas pelos pés descalços, ágeis, das mulheres rustidas

pela vida, pelo trabalho e pela falta de trato e, no entanto, tão pacientes, tão submissas às inúmeras eventualidades da vida, sempre prontas ao riso, fiando, fiando de continuo, tendo, muitas, um filho ao peito, enquanto as mãos enrolam, uma, o fio no ar e a outra maneja o algodão, aumentando o patrimônio da dona da casa, da organizadora da festa!

Que lição, às vezes, às senhoras da cidade que, à menor contrariedade, julgam-se preteridas pelo destino, maltratadas pela sorte...

E como são naturais, recebendo as amigas, aquelas donas de mutirão!

Entra uma convidada, deposita suas coisas e, logo, dirige-se ao fogão e cõa o café; vem outra e vai mechendo o doce em preparo; vê-se além, ainda, uma terceira, torrando panelada da preciosa rubiácea que, em seguida, é pilado simultaneamente por duas mulhere; enquanto um pilão bate, outro está no ar; assim em seguida.

Costume expressivo, êsse, e sãbiamente adotado; não se afoba a dona de casa: suas convidadas ajudam-na a preparar o necessário ao passado do dia. E ajudam com a impressão de estarem festando, numa animação crescente e verdadeira.

E vem, depois, o dono passar os olhos no ambiente; alegre-se-lhe a vida, percebendo o quanto, graças a Deus, sua casa é considerada — "e tá repleta, num fartando quasi nenhum vizinho; é a maior recompensa que o Senhor Jesús me deu; tô cheio de família e de respeito dos homes de bem . . ."

E' a vida ao natural . . .

Sem ordem, sem disciplina, o nosso Presidente não poderá terminar sua grande obra, em que quer transformar o operário de pária em cidadão, e o capitalista de vampiro sugador de seiva alheia em cooperador da regeneração humana.

Deixando prevalecer a demagogia e a licena, ruirá fragorosamente tôda a obra de Getúlio Vargas em vosso favor e voltareis, pela pressão dos partidos políticos que se organizarão, à miserável condição em que vivíeis antes, uns sofrendo avarentamente com o terror de lhes saquearem as riquezas,

e outros, comendo o pão da miséria.

Sou insuspeito para aconselhar.

Sou um velho patriota que de uns e de outros nada deseja, que pertenceu sempre à classe média e desde sua juventude se bate pela conciliação de trabalhadores e capitalistas, incorporando aqueles à nossa sociedade: somos todos irmãos e, para vivermos felizes e tranquilos, é necessário vivermos fraternalmente, criarmos uma alma coletiva, deixando de viver desintegradamente, para sermos em definitivo a Comunhão Brasileira.

Outubro, 1943.

Breves considerações sôbre o problema da nacionalização dos serviços de saúde pública

Mário Augusto de Figueiredo

E' quasi desnecessário insistir sôbre a grande vantagem de se subordinarem os serviços de Saúde Pública, no Brasil, a uma orientação única, de modo que tôdas as organizações sanitárias espalhadas pelo território nacional, embora com autonomia de iniciativas e com bem dosada liberdade de ação, fiquem subordinadas a um órgão diretor central, que lhes dite as normas gerais de atuação. Teremos, dessa forma, a "frange única" sanitária. E assim será possível a continuação, ou melhor, o prolongamento efetivo, em tal setor, da política instituída pelo Estado Nacional.

Obrigatória a contribuição mínima de 10% sôbre a renda dos Estados e a de 5% sôbre a renda dos municípios, disporá o Governo Central de fundos suficientes para estender os benefícios da Saúde Pública a todos os recantos do Brasil, eugenizando-se o nosso homem, que, assim, ficará mais capacitado para os grandes empreendimentos históricos.

A nacionalização, apenas, dos Serviços de Leprosia, Tuberculose, Malária, Febre Amarela, etc., não basta. Torna-se indispensável a nacionalização completa de todos os serviços de Saúde Pública.

Dentre os muitos outros problemas médico-sociais que temos a enfrentar, um há que ficou descuidado até hoje e que precisa ser olhado com muita atenção. Trata-se da "Doença de Chagas", cuja solução redundará em eficaz proteção às gerações vindouras. Ocupa, a referida endemia, entre tantas outras constatáveis no Brasil, uma posição de destaque, sendo encontrada, difusamente, nos Estados de Minas-Gerais, Mato-Grosso, Goiaz, Espírito-Santo, Estado do Rio, e outros.

O combate à "Doença de Chagas", deve ser uma preocupação constante do Governo, pois o problema que ela constitui está ligado diretamente ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do homem brasileiro. O mal atinge não só a "morfologia", mas também a tôda a "constituição" do indivíduo, intervindo, consequentemente, em todos os seus processos orgânicos, psíquicos e mentais, donde o seu largo e funesto alcance anti-social.

Lado a lado com a lepra, a sífilis, a malária, a tuberculose, etc., é a "Doença de Chagas" um dos

OESTE, sendo uma revista "cultural", é, logicamente, uma revista "política", pois, política é cultura aplicada. Claro, portanto, que devemos dar guarida a tudo quanto vise a valorizar o homem e a sociedade, que tal é o fim da cultura. Procuraremos, assim, publicar estudos os mais variados, de economia, direito, antropologia, etc., etc., e não só coisas de literatura de ficção. Tal é o caso do presente artigo, que, a pedido nosso, nos foi enviado pelo dr. Mário Augusto de Figueiredo, Inspetor Sanitário do Estado de Minas. Sanitarista dos

mais abalizados do país, o dr. Mário Figueiredo tem uma fôlha bem grande de serviços prestados à Nação, motivo por que seus trabalhos mereceram as mais lisonjeiras referências de vultos como Carlos Chagas, Belisário Pena, Raul de Almeida Magalhães, Ernani Agricola e outros. Seus estudos sôbre o "Mal de Chagas" são dos mais valiosos. Enfim, o dr. Mário de Figueiredo, que hoje honra a nossa revista com um artigo especialmente escrito para ela, é um dos valores maiores da nossa Medicina Social.

nossos grandes flagelos sociais. Constitue um dos maiores fatores de desagregação e enfraquecimento de forças que deveriam estar sempre harmonizadas na contextura econômica, étnica, social e política da nacionalidade, pois que são essas forças, consideradas em seu conjunto, vistas em sua atividade e em suas relações de interdependência, nas suas trocas de energias e nas suas diversas canalizações, a própria "individualidade" da Nação.

Problema complexo e torturante, se bem que de solução relativamente fácil, está o problema do "Mal de Chagas" em estreita ligação com uma série de outros problemas, afetando de um modo particular a Economia, com reflexos, portanto, em tôda a super-estrutura social. Interessa, por conseguinte, à Eugenia, à Moral, ao Direito, e muito especialmente à Criminologia, que muito se enriqueceu depois do advento da escola endocrinológica, que veio mostrar, de maneira positiva, a influência das glândulas de secreção interna no condicionamento da conduta humana.

A "Doença de Chagas" expressa um estado deficitário de energias físicas e morais, o que significa um aniquilamento de forças ativas, que se transformam em forças negativas e vão atuar, desfavoravelmente, em todo o complicado organismo social, abalando-o em todos os seus departamentos. "Ela já passou da ordem precípua dos nossos alarmes censitários, não só pela vastidão mas pela profundidade de aspectos, devorando a vida do sertanejo, deformando-lhe o físico e o moral, entravando-lhe a desenvoltura orgânica e mental, reduzindo-

lhe a estatura a centímetros, a inteligência a reflexos, aleijando, paralisando, estuporando, criando uma falange de cretinos, anões, papudos de baços e terrosos cuja inércia e cuja abolia estão muito abaixo da capacidade vital e da iniciativa nutritiva do próprio barbeiro que os aferrôa e dissora", proclama, com justeza, o professor Lopes Rodrigues.

E' urgente e imprescindível, para que se consiga resultado satisfatório em prol da saúde dos nossos patrícios, que sejam nacionalizados todos os serviços de Saúde Pública, depois de uma reforma radical nos já existentes, quer se trate do federal ou dos estaduais.

Poderíamos, para justificar o acerto de nosso ponto de vista, aliás defendido hoje pela maioria, apresentar inúmeros fatos e ocorrências. Não desejando, todavia, alongar-nos demasiado, vamos somente fazer referência ligeira a mais um problema que exige imediatas providências.

Não sabemos porque, mas a verdade é que as doenças venéreas gozam de uma situação privilegiada, entre nós. Por tôda parte elas progredem abertamente, e assustadoramente, no meio de atenções carinhosas e criminosas de homens que lhes dedicam, inexplicavelmente, um respeito supersticioso, cheio de melindres . . .

Para tôdas as doenças infecto-contagiosas, os homens se deram ao trabalho de erigir um conjunto de medidas enérgicas, penalidades rigorosas, visando ao benefício da coletividade. Assim com o sarampo, a lepra, etc.. Ora, por que o portador de sarampo deve ser trançado, sob vigia rigorosa e ameaças de tôda sorte, e o venéreo continua

INJUSTA OMISSÃO

Marilda Palínia

O sr. Hildebrando de Lima, que oferece aos estudantes uma antologia para os "cursos de admissão", não é um estreante nas letras, pois já escreveu uma série de livros primários intitulada "Nosso Brasil".

Nesses livros passeia o autor pelo país, em instrutiva viagem, que o leva a voltar, talvez por simpatia, a alguns Estados já percorridos, enquanto outros, como Goiás e Mato-Grosso, ficam inteiramente esquecidos e desconhecidos para os pequenos leitores.

O mesmo escritor agora apresenta "aos professores e alunos" uma antologia com a mesma epígrafe "Nosso Brasil" em que reúne "fragmentos de prosa e verso, de autores, filhos de TODOS os Estados do Brasil" (o grifo é nosso).

Nada realmente mais louvável do que a realização de tal idéia. Seria mesmo de relevante utilidade uma coletânea literária em que "às produções dos escritores de nomeada" se juntem "os trabalhos dos novos intelectuais".

Mas, escolhendo apenas um trecho em prosa e outro em verso para cada Estado, a dificuldade é manifesta.

O autor teria de fazer meditação e cuidadosa seleção, dada a variedade e a riqueza do material existente.

Talvez o critério mais seguro fosse optar pelos valores mais representativos, pelos nomes

realmente consagrados no mundo das letras.

Assim, foi com interesse e curiosidade que tomei do livro, na esperança de encontrar em "Nosso Brasil" "a produção de filhos de todos os Estados, do Litoral ao Centro, do extremo norte ao extremo sul", como assegura o autor.

Logo, porém, à página 19 (Rio-de-Janeiro), vejo, com estranheza, um Machado de Assis ou um Taunay substituído pelo suave Macedo, d "A Moreninha" e d "O Moço Louro".

Há descuidos mais graves no livro, que se propõe, aliás, dar aos estudantes "o panorama do Brasil intelectual".

Senão vejamos:

Na Baía foram esquecidos Rui Barbosa e Castro Alves, nomes de tal brilho, que constam e devem constar obrigatoriamente de tôdas as antologias brasileiras.

Para Santa-Catarina foi o autor buscar um poeta carioca, tão pouco lhe mereceram Cruz e Sousa, o grande poeta negro, e Luiz Delfino, que Sívio Romero chega a apontar como o "maior poeta do Brasil".

Porém a minha surpresa e a minha admiração foram realmente enormes ao ver o Rio-Grande-do-Norte e Goiás na situação de extrema penúria intelectual, pois o sr. Hildebrando de Lima não encontrou UM NOME sequer de prosador ou poeta para êsses Estados.

lhe demonstrar que seu crime pode perpetuar-se? . . .

E' preciso mais coragem e menos preconceitos. O venéreo precisa ser olhado com mais rigor. E' preciso, pelo menos no setor em apreço, onde as coisas são mais fáceis, dependendo somente de dinheiro e boa vontade, salvar a humanidade dos perigos e males que a infelicitam. Pois estamos em que, para conseguir chegar às últimas finalidades da Saúde Pública, o primeiro passo está em nacionalizar os seus serviços.

Que triste impressão não teria o joven leitor, que não conhece ainda a nossa literatura, já tão rica e tão extensa, ao ver que dois Estados do Brasil não possuem vida literária, é dizer, não possuem cultura?!

Entretanto, no que nos toca mais de perto, ninguém pode negar que existe aqui uma pléiade de escritores novos e velhos, portadores de nomes de projeção nacional nas letras.

Citarei, no momento, dois conhecidos de tôda a gente que lê: Hugo de Carvalho Ramos — na prosa, e João Acioli — na poesia.

O Rio-Grande-do-Norte foi tão infeliz quanto Goiás.

Como Palmira Vanderville, a talentosa poetisa norte-riograndense, também

... "eu me fico tão triste"
"tão triste! só em pensar"

que Nísia Floresta, a romancista e ensaísta de tanto valor, e Auta de Sousa, a infeliz poetisa de tão delicada sensibilidade, não tenham merecido figurar nas páginas de "Nosso Brasil".

Esta guerra não é feita para garantir privilégios e amparar monopólios, mas para estabelecer a paz com justiça e assegurar a todos uma vida melhor, subordinando as vantagens individuais aos deveres para com a coletividade — GETÚLIO VARGAS.

Vendo a nova política, nos trabalhadores, "valores humanos", e não "máquinas" de produção, conclue-se que o trabalhador, no Estado Nacional, não é mais uma "fôrça transitória" de produção, uma "coisa de oportunidade", um "valor intermitente", na sociedade, mas um elemento "permanente" de progresso, uma "constante" da evolução nacional, uma célula vital do organismo pátrio. Logo, o trabalho não é somente um meio de "ganhar" a vida, mas também um meio de servir à pátria. Daí não se ver mais no trabalhador um mero objeto de exploração capitalística e sim uma fôrça ativa e construtiva, um elemento de "realização" nacional, devidamente protegido pelo Estado — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

Getúlio Vargas é um dos três ou quatro grandes líderes atuais da humanidade — SUMNER WELLES — (Sub-Secretário de Estado das Relações Exteriores dos Estados- Unidos).

com a faculdade de transmitir por aí afora, impunemente, males de efeitos muito mais graves? Por que o leproso é obrigado, quando bacilífero, a isolar-se, e a prostituta infectada pode continuar o seu comércio, prejudicando, com facilidade muito maior, um sem número de cidadãos? Por que o indivíduo é passível de penalidades por não consentir que lhe inoculem a linfa específica e aqueles que transmitem a semente da lues é olhado com certa negligência, cercado de mil preconceitos que só servem para

POESIA

Nas alturas iluminadas do sem-fim
uma fronte inclinou-se sôbre o abismo

ouvido atento às orquestrações dos astros e dos sêres
olhar atônito banhado pelas claridades estelares

narinas sôfregas
lábios vermelhos de vinho do amor

mãos paradas em prece

o mundo lá em baixo

o pensamento perdido
mas o Universo se ergueu
o verbo se fez verso

e a poesia nasceu.

CHUVA

Chove. Chuva. Chuva fria

O mundo todo dissolvido em bruma

Ninguém sabe do sol.
Margarida sumiu. Cadê Margarida?

Margarida tinha só uma echarpe clara
esvoaçante como a névoa.

Eu fiquei sòzinho num retalho de rua.
Em todo o mundo, só havia eu.

A névoa é a echarpe de Margarida
E eu sou a mágoa que choveu.

== LEO LYNCE ==

CIDADES GOIANAS

O MUNICÍPIO DE GOIAZ

Reportagem de M. LEITE DE SANTANA

Estamos na manhã do dia 10 de março de 1944.

O repórter, neste instante, acha-se em viagem de ônibus que roda para a histórica cidade de Goiaz, em pleno coração do Brasil. Inhumas, Cruzeiro-do-Sul e Itaberaj ficaram para trás e, neste minuto, transpomos o piscoso Urú. Ao longe, no horizonte, divisamos a portentosa Serra Dourada, e estamos, doravante, a percorrer o promissor município de Goiaz.

Tantas são as belezas, tantas são as maravilhas naturais que se desenharam na retina curiosa do repórter, mormen'e quando se encontra na hinterlândia brasileira, que ele se sente impotente para descrever o que seus olhos vêem. Aquela faina desmedida que tem, de narrar tudo o que vê, tudo o que sente, parece desvanecer-se diante dos encantos panorâmicos do universo. Na sua mente desfilam os prodígios da natureza, as belezas inconfundíveis do solo, do céu, da mata, do povo, enfim toda esta imensidão de dons onímodos de que se reveste esta progressista comuna goiana. De um lado são os arvais que florescem verdejantemente, apresentando-nos a magnitude de Ceres, envolvendo com sua túnica divina as fecundas terras anhanguerinas. Do outro, é o ouro que reluz, é o manganês que jorra, ou o cristal de rocha que reverbera nas cumiadas da serra Dourada ou no leito opulento do rio Vermelho. Elevados algarismos, constituindo dados estatísticos de produções, se fixam em nossa mente, demonstrando-nos, duma maneira iniludível, os resultados duma administração benéfica, honesta e bem intencionada, dirigida pelo cérebro criterioso dum administrador.

Ouvimos, ainda, o labutar insano do operário, manejando, com seus rijos músculos, uma potente picareta, na faina de construção e remodelamento das vias públicas. Mais à frente, é o lavrador amanhando e cultivando suas glebas, ou os garimpeiros, tal qual os aurícidias bandeirantes, a olhar as pepitas reluzentes do ouro a ornamentar os fundos de suas bateias. Nas mais verdejantes pastagens notamos, a seguir, o gado vacum, o cavalari, modelos dos espécimes goianos, oferecendo-nos um

espetáculo campestre inigualável.

Nas brenhas da mata virgem a mais variada fauna e flora se nos apresentam; é o tapir que passa



Sr. Divino J. de Oliveira, operoso prefeito do Município

num tropel destruidor, ou uma vara a estalar suas agudíssimas presas; ou, então, é a juriti que suspira nas altas frondes das perobei-

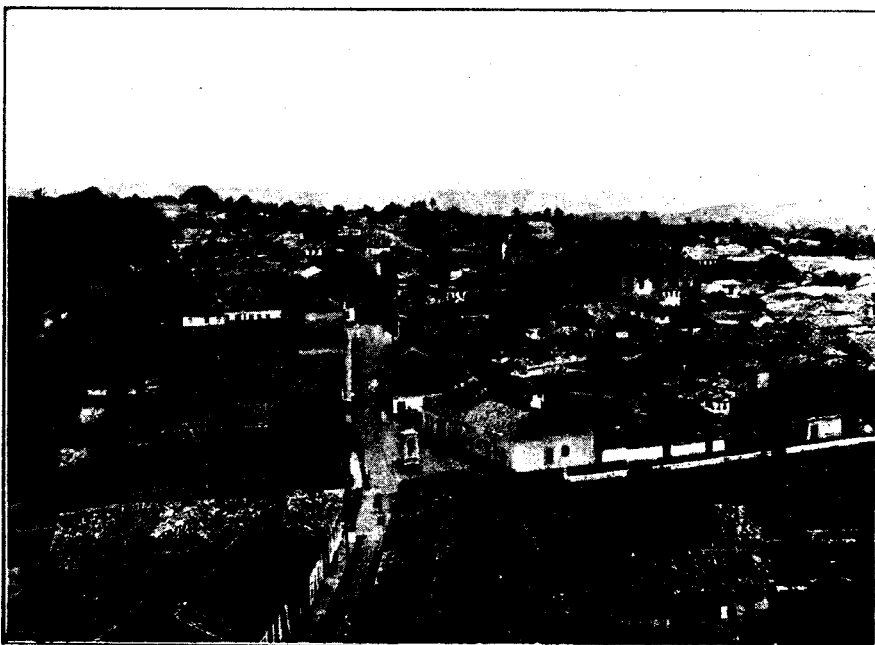
ras e buritizais. Na bela Goiaz, vemos, ainda, o reboiço incessante de um povo, cheio de ideais, trabalhando para um bem comum, tal qual o pulular duma civilização que renasce.

Este é o aspecto que deparamos ao lançarmos um olhar por sobre o mais rico município goiano. Não irá pensar o leitor, que, com este proêmio, o repórter irá levá-lo, num olhar retrospectivo, a uma Cuzco ou uma Nápata, a uma Atenas ou uma Tiro. Goiaz é uma cidade, indiscutivelmente, misto da histórica e moderna, que renasce em pleno século XX.

Irei, pois, penetrar nos umbrais seculares do fertilíssimo município goiano e narrar os progressos da "capital espiritual do Estado de Goiaz", não obstante a incapacidade que sinto de descrever todos os encantos, tôdas as curiosidades encontrados naquele rincão de Anhanguera, e que, somente "de visu", o leitor poderá aquilatar.

O MUNICÍPIO

O município de Goiaz, fundado em 1726 por Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera), é um dos mais extensos do Estado, abrangendo uma área de 35 mil quilô-



Vista panorâmica da velha e sempre bela "Vila-Boa"



A primeira visita do Prefeito Divino de Oliveira ao próspero distrito de Xixá, em 24/10/43. Na gravura acima vêem-se além do prefeito o dr. Urbano Berquó, Mons. Frei Cândido Penso e o dr. Inácio Bento de Lodiola, juiz de direito da comarca de Goiás. Em pé, a delegação da Cooperativa de Produção e Consumo.

metros quadrados, atravessada por fartos caudais d'água, notando-se os rios Vermelho, Urú, o Claro, o Bagagem, o Fartura, etc.. Suas terras são, em sua maioria, fertilíssimas, apresentando-se rica em humus, próprias para a cultura dos principais cereais, destacando-se, também, vastos campos pastoris, onde crescem os mais belos espécimes goianos. O arroz viceja nessas paragens com uma exuberância sem igual, acontecendo o mesmo com o feijão, o milho, o café, dos quais o município é um dos maiores produtores estaduais. O algodão aí cultivado, em grande escala, apresenta-se-nos com fibras alvíssimas, o que nos leva a crer ser a região sílica-argilosa produtora de um dos melhores tipos.

A riqueza do sub-solo, a fauna variada, a flora riquíssima, levam-nos a considerá-la como sendo o município de Goiás, uma das regiões mais pródigas do Estado. No solo goiano extraem-se o ouro, o diamante, o cristal de rocha, o manganês, o rutílio, sendo que em Iporá, antiga Itajubá, cresce, assombrosamente, a percentagem de extração do diamante, cuja região, nas cercanias do rio Claro, é uma das mais privilegiadas do Brasil. Nas margens do rio Vermelho, onde grandes veios auríferos, "hors-ligne", são conhecidos, mormente em Buenolândia, acabam de ser descobertas grandes rochas de quartzó, cujas reservas supõem-se ser imensas.

A situação topográfica do município é um pouco acidentada na

sua parte central, prolongando-se para o norte, formando, desta maneira, a encantadora serra Dourada, zona rica em quartzó, ouro e outros minerais. Na sua parte sul, leste e oeste encontram-se vastas matas, virgens em sua maioria, em um terreno plano, recortado por rios e riachos, com campinas verdejantes, que se contrapõem ao azul purpúreo dos céus.

Na parte sudeste está localizada a sede do município, Goiás, com altitude de 500 metros, apresentando-nos um clima saudável e ameno, atraindo os veranistas e turistas que lá vão gozar de uns dias suaves por entre as campinas e riachos que circundam a histórica "cidade de prata", no dizer de José Cazais, em seu livro intitulado "Um turista no Brasil".

Nestes últimos anos, Goiás se tem desenvolvido em todos os ramos de suas atividades, graças ao número de imigrantes que aumenta, consideravelmente, dia a dia e, também, ao extraordinário progresso agrícola e pastoril.

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

A artéria principal do município é a que, partindo do Urú, prolonga-se até Aruanã, antiga Leopoldina, na margem direita do Araguaia. Imenso é o valor desta rodovia, pois, de um lado põe o município em contacto com Mato Grosso e com o Norte do País, por via fluvial; por outro lado leva à Capital do Estado, Goiânia, e, também, mantém comunicação com o

ramo terminal da Estrada de Ferro Goiás, em Anápolis e Leopoldo-Bulhões, sendo, por isto, o escoadouro, por excelência, do município. Além desta, outras vias terrestres cortam o município, em todos os sentidos, pondo as partes produtoras em contacto com a sede e, conseqüentemente, com os centros consumidores do Estado. E' de salientar-se, aqui, a estrada que, partindo de Goiás, vai a Iporá, embrenhando-se por entre os recônditos produtores do município, situados, principalmente em Mossamedes, Córrego-do-Ouro e circunvizinhanças, zonas estas inigualáveis na produção do arroz, milho, fumo, café, cana de açúcar, etc.. Atualmente, esta via, no trecho compreendido entre Goiás e S.-José-de-Mossamedes, acha-se com suas pontes e mata-burros completamente remodelados e entregue ao trânsito, com corrida semanal de ônibus.

A atual administração cogita também, de remodelar e prolongar essa via até Registro-do-Araguaia, passando por Córrego-do-Ouro e Iporá, o que será de grande valor para a comuna, que terá, assim, mais um escoadouro para seus produtos, rumo M. Grosso e Norte do País. De grande importância, também, é a estrada que liga a sede a Xixá, zona riquíssima em cereais e que se acha atualmente, servida por uma linha de ônibus.

Pleiteia o município inaugurar, em breve, uma rede de telefone e correio para os distritos que não os tiver. Além das vias terrestres enumeradas, encontram-se muitas outras, juntamente com a navegação fluvial, nas águas do Araguaia, em ligação com Belém do Pará, formando, dêsse modo uma rede de comunicações e transportes, das mais extensas do Estado, e que se acha em ótimo estado de conservação, graças ao operoso administrador, prefeito Divino José de Oliveira.

OBRAS PÚBLICAS

E' verdadeiramente empolgante o ritmo crescente de progresso, que se nota no município de Goiás. Dia a dia, melhoramentos surgem por todos os lados, beneficiando todos os ramos de atividades, em variados pontos da comuna. Uma febre de trabalhos percorre o organismo gigante do município, deixando, em todos os setores, rastros refulgentes de engrandecimentos e benefícios.

Além dos serviços de melhoramento das vias públicas dentro da cidade e das estradas de rodagem, grandes empreendimentos estão sendo levados a efeito pelo Prefeito atual. Turmas de operários trabalham, avidamente, nas construções e remodelamentos das estradas de rodagem, em trechos que antes achavam-se quasi a desapa-



Srtas. Terezinha e Maria Luci Alencastro Veiga, um atestado das belezas femininas de Goiás

recer, tornando, assim, mais fácil o transporte entre a sede e regiões produtoras, principalmente as zonas de Canastra e Fartura, riquíssimas na produção de arroz e outros cereais.

Os serviços de limpeza e saneamento das margens do rio Vermelho estão sendo realizados dentro dos métodos exigidos pela técnica sanitária moderna, o que será uma garantia contra possíveis epidemias.

Salienta-se, com grande esplendor, na administração atual do prefeito D. José de Oliveira o maior e há muito premeditado empreendimento, do qual carecia enormemente a cidade de Goiás e que se acha, agora, em vias de realização —um balneário no rio Vermelho. Os serviços para construção deste balneário, prosseguem ativamente, esperando-se, em breve, a sua entrega para o uso público, dando-se, dessa maneira, um grande passo para o aperfeiçoamento eugênico de nosso povo, com a prática sistemática, pela juventude goiana, de todos os esportes náuticos. A cidade toda passa por uma série de melhoramentos, que só mesmo o cérebro laborioso do prefeito Divino poderia idealizar e realizar com esse fino dom, que tem, de tornar pequenas as grandes dificuldades e vencê-las separadamente. As ruas, os passeios, edifícios públicos, passam por uma reforma adequada, tornando-os mais higiênicos e melhores, com manutenção, permanente, de uma turma de operários encarregados de suas conservações.

O jardim público, localizado na praça Getúlio Vargas e embelezado pelas frondes poéticas e clorofiladas dos cajazeiros, encontra-se numa fase de reforma e embelezamento. E' projeto do prefeito Divino de Oliveira, construir na praça monsenhor Confúcio (Lago do Chafariz) um suntuoso jardim com todo os requisitos da técnica moderna, onde serão erigidos bustos,

estátuas, etc., em homenagem a fatos e goianos preeminentes. Cogita, também, o sr. Prefeito, edificar, no lugar em que se acham as ruínas da construção inicial da igreja Matriz, bem no centro da cidade, na praça Getúlio Vargas um hotel modêlo, dotado de tudo que possa ter de melhor no gênero com acomodação para grande número de hóspedes, com possibilidade de ser o maior e melhor hotel do Brasil Central.

ADMINISTRAÇÃO E EDUCAÇÃO PÚBLICA

O município de Goiás, berço avoengo dos mais ilustres goianos, portador, como é, de uma das mais sadias tradições vividas no Estado de Goiás, tanto na vida político-social como no meio intelectual de nosso caro Brasil, acha-se, atualmente, vivendo um período de la-

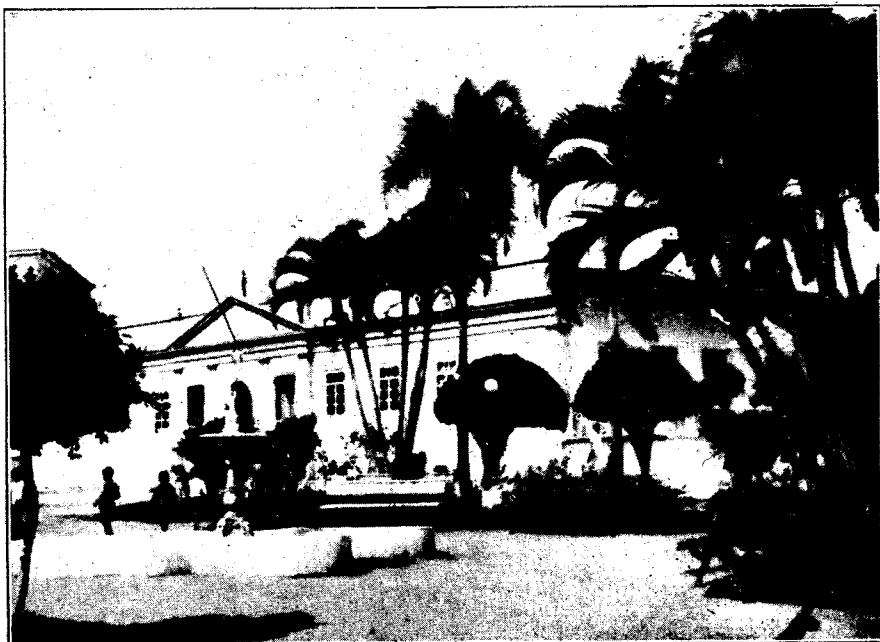
bor, de prosperidade, de solidariedade absoluta entre seus munícipes.

O decreto do Poder Executivo que nomeou o contador Divino José de Oliveira para exercer o cargo de Prefeito do município de Goiás foi um ato de grande relevância para aquela comuna, de vez que a beneficiou com um governador de espírito clarividente, contínuo administrativo sem igual, dotado de capacidade de trabalho insuperável, e grandemente estimado por todos os goianos, que vêem nele um amigo sincero, inteligente e honesto.

Jamais o município de Goiás teve um Prefeito tão estimado como o atual. Visitando todos os recônditos do município, êle mantém contacto direto com seus governados, auscultando e sanando suas necessidades, dotando-os de melhoramentos imprecindíveis, dentro das possibilidades municipais.

Assumindo a direção do município em julho de 1943, êle se deparou com uma máquina contábil-administrativa tecnicamente desajustada e mal orientada. Logo, porém, deu início à reforma completa dos métodos até então adotados, revisando o sistema de lançamentos tributários, imprimindo grandes melhoramentos para a cobrança do imposto pastoril, territorial e outros, aumentando, desta maneira, a renda para os cofres municipais.

Grandes outros melhoramentos foram executados naquela comuna, principalmente quanto à educação pública, que é, em particular, beneficiada pelo espírito lúcido do sr. Prefeito. No Convênio Nacional de Ensino Primário, realizado no ano próximo passado, os municípios signatários do mesmo com-



O tradicional palácio "Conde dos Arcos", onde funciona atualmente a Prefeitura Municipal



Um pequeno rebanho de gado bovino atravessando o rio Vermelho

prometeram-se a gastar uma percentagem ascendente a começar de, no mínimo, 10%, a partir de 1944, o que foi antecipado pelo município de Anhanguera que, em 1943, gastou 10,65%, sendo que para o exercício corrente, foi fixado para 12,41%, tornando-se, desta maneira, o município que mais gasta, atualmente, com educação pública.

Na cidade de Goiás mantêm o município, a expensas próprias, um bem montado Grupo Escolar, além de 10 outras escolas isoladas, localizadas nos melhores pontos do município, com elevado número de alunos. Salienta-se, também, a cooperação dada pelo Estado que, além de auxiliar nas construções de estradas, vias públicas, parques e balneário, mantêm na sede do município um Ginásio Oficial equiparado, berço inegável de vultos preeminentes da História de Goiás, fundado pelo saudoso goiano dr. Corumbá, e 2º estabelecimento secundário fundado no Brasil, atualmente dirigido pelo pedagogo professor Alcide Celso Ramos Jubé, eminente catedrático do Colégio Estadual de Goiânia. Existe, também, na cidade o Educandário Santana, dirigido pelas mães dominicanas, com cursos complementar e normal, além do primário com elevado número de alunas que lá recebem instruções.

Dirigido por uma diretoria, também existe, em Goiás, um Aero-Clube, denominado "Anhanguera", com campo de pouso, e destinado a formar pilotos civis.

TURISMO — ÁGUAS DE "SÃO JOÃO"

Como ponto de recreio o município de Goiás se nos apresenta como uma das mais suaves estações de veraneio, atraindo, todos os anos, uma onda de pessoas que co-

nhecem, ou desejam conhecer, os prediados salubérrimos do clima goiano, juntamente com outros dons naturais procurados pelos veranistas e turistas, que lá encontram curiosidades características, tão cantadas pelos escritores patrióticos e mesmo estrangeiros que, porventura, conheceram ou conheceriam Vila-Boa de Goiás. Quem não ficaria extasiado ao se encontrar sentado nas balaustradas que circundam o pico da colina da ermida de Santa Bárbara! Naquelas noites enluaradas, para lá seguem rapazes e moças trocando palavras de amor, e a ver, lá em baixo, o campo estrelado de luzes da cidade de Anhanguera. Lá nascem amores, crescem romances, mas lá não se fazem casamentos.

E o Bagagem, o Bacalhau, o Areião, como não é agradável um passeio por estes lugares! As colinas e campinas verdejantes circundam a cidade, oferecendo-nos o frescor amenizante de seus ares, facilitando a longevidade, o que notamos pela grande percentagem de pessoas de idades avançadas existentes na cidade. Distante 84 quilômetros da sede municipal, existe uma fonte de água mineral, denominada "São João", descoberta por um frade, em 1902, ponto para onde convergem inúmeras pessoas, conhecedoras dos poderes medicinais das aludidas águas, que são comparáveis aos de Araxá, Caixambú, etc. Aplicadas, largamente, nos casos de doenças do estômago, in estinos, fígado, colites agudas e crônicas, essas águas oferecem um alto poder curativo, devido à sua percentagem sulfurosa-alcalina, que vem torná-las procuradas por todos e fazendo com que as autoridades dispensem, a elas, os maiores cuidados para a sua popularidade, facilitando o acesso até suas fontes. Outros lugares para veranear exis-

tem no município de Goiás, mas é lícito frizar que, nas margens de mais lindo rio do mundo, o Araguaia, encontra-se um dos pontos mais pitorescos do Brasil, pela pujança cristalina de suas águas e pela alvura resplandecente de suas praias. Para lá seguem, todos os anos, ondas de turistas, nacionais e estrangeiros, apreciadores das maravilhas prodigiosas do rio Araguaia. Por todos os recantos anhanguerinos, encontramos os mais saudáveis lugares, que representam um privilégio concedido pela natureza ao portentoso e fecundíssimo município da antiga Vila-Boa, coração propulsor desse gigante, que é o Brasil.

FINANÇAS

Quem vem acompanhando o movimento financeiro do município de Goiás, nestes últimos exercícios, poderá notar o movimento crescente verificado nas arrecadações feitas naquela comuna, a-pesar-de a população não ter sido onerada de qualquer tributo, a não ser os de há muito cobrados.

O quadro que segue poderá dar, ao leitor, a apreciação das arrecadações feitas naquela comuna, neste último quadriênio.

ANO	ARRECADAÇÃO
1940	Cr\$ 409 374,60
1941	Cr\$ 469 232,00
1942	Cr\$ 527 448,80
1943	Cr\$ 604 742,20

Para o exercício de 1944, foi orçada a receita do município em Cr\$ 600 000,00, mas é de se esperar que esta quantia eleve-se para Cr\$ 800 000,00, devido à boa orientação dada aos negócios municipais pelo magnânimo Governador Municipal.

A renda tributária do último exercício foi orçada em

Cr\$ 279 200,00, alcançando no fim do exercício a quantia de Cr\$ 396 333,50 havendo, por isto um "superavit" de Cr\$ 117 133,50.

Apenas num quadriênio as rendas municipais goianas aumentaram Cr\$ 195 367,60, quasi 50% da arrecadada em 1940, a-pesar-do estado de guerra.

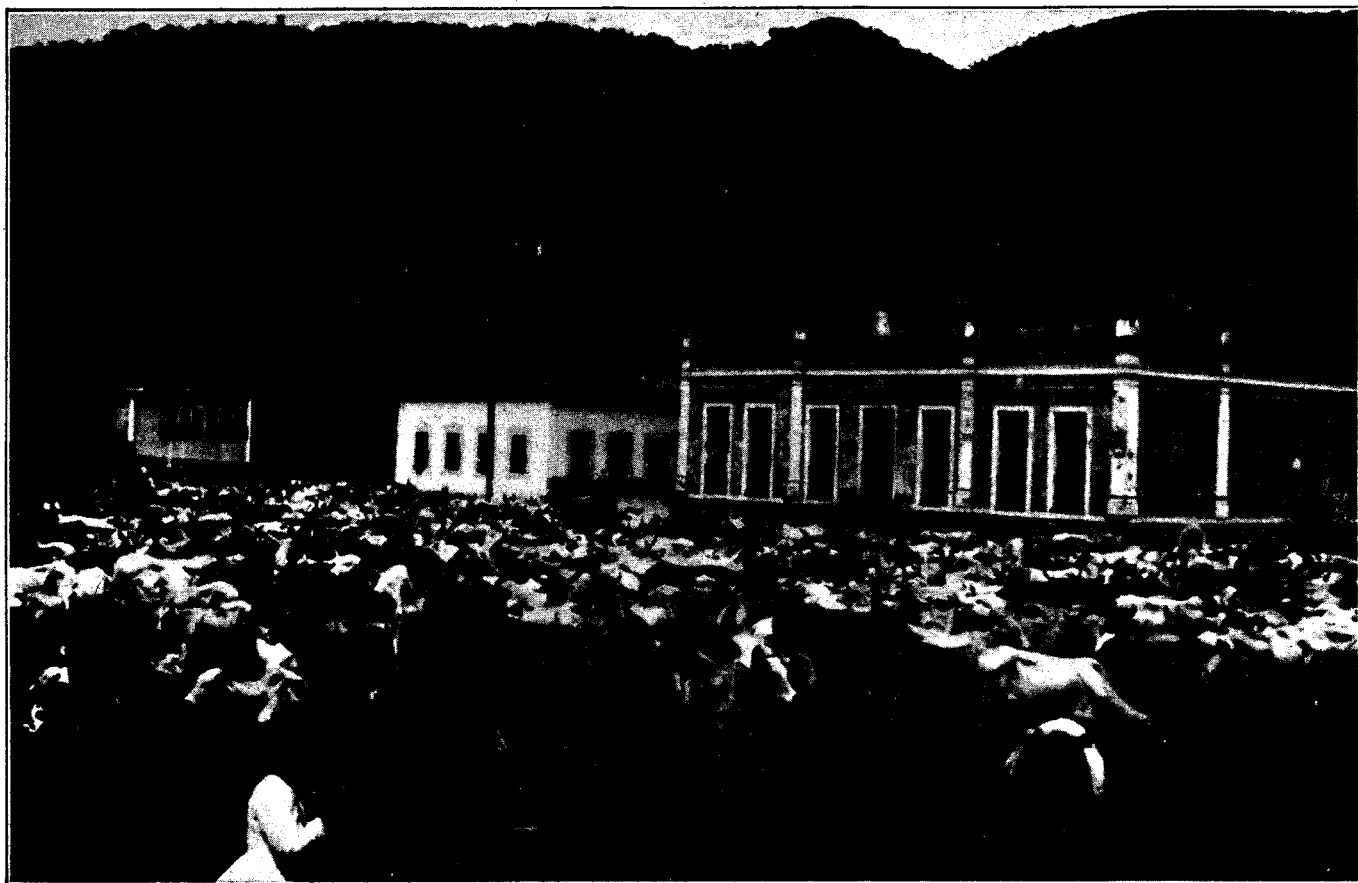
Nem por isso Goiaz deixou de progredir, fato êste que nos pode-

rá levar a concluir qual seria o progresso do município de Goiaz, se o mundo estivesse num período de paz e trabalho tranquilo!

Enfim, são vastas as possibilidades econômicas do município da ex-Capital do Estado de Goiaz, para onde convergem, dia a dia, levadas de imigrantes dos Estados limítrofes, atraídos pela riqueza de seu solo, pela uberdade das suas

terras, pela salubridade de seu clima e pela amplitude verdejante de suas pastagens.

Tudo em Goiaz se movimenta e progride, deixando em sua marcha um rastro reluzente de benefícios incontáveis para a comunidade, o que nos possibilita a crer, realmente, que tudo lá prossegue, sempre, PARA A FRENTE E PARA O ALTO.



Uma valiosa partida do especial gado de Goiaz, à entrada da cidade

São tradicionais os laços de sincera amizade que ligam o Brasil aos Estados-Unidos. Desde os primeiros tempos de nossa vida política independente que as nossas relações com a grande nação são as mais estreitas, desenvolvendo-se num "clima" de alta compreensão.

O Governo de Getúlio Vargas, implantado em 1930, seguindo as linhas de nossa tradição diplomática, vem, de longa data, mais ainda incentivando essa aproximação entre os dois países, buscando ampliar, cada vez mais, os círculos de nossa atividade, visando, em consequência, um entrelaçamento maior de interesses de tôda ordem.

Ainda agora, sob os melhores auspícios, estão sendo criados, em todo o país, institutos de cultura

CENTRO CULTURAL BRASIL — ESTADOS UNIDOS

com a denominação Brasil — Estados-Unidos, cujos fins estão em tornar reciprocamente conhecidos, nas duas grandes nações, as conquististas do espírito de seus povos, com o que se dará, sem dúvida, um passo agigantado no caminho de uma identificação maior de propósitos entre os dois povos.

Goiânia já conta com tal centro, fundado recentemente com tôda a solenidade e com a presença e o apóio das autoridades e do povo. Foi, já, eleita a primeira diretoria do "Centro Cultural Brasil — Estados-Unidos", nesta cidade, estando assim constituída:

Presidentes de Honra: — Dr. Pedro Ludovico Teixeira e dona Gercina Borges Teixeira.

Presidente: — Dr. Vasco dos Reis Gonçalves.

Diretora: — Da. Joan L. Bowen.

Gerente: — Da. Ofélia Sócrates do N. Monteiro.

Secretário: — Dr. Vicente Mesquita.

Representante do Escritório do Coordenador Americano: — Da. Dorotéa Thompson.

Auxiliar de Escritório do C. C. B. E. U.: — Luiz N. Monteiro.

Professores: — Da. Dorotéa Thompson, da. Daisy Tipple, Mr. Archibald Tipple.

Aulas de conversação: — Da. Joan Bowen e da. Dorotéa Thompson.

Houve um sorriso...

Conto de

Domingos Felix de Sousa

Saía altas horas da redação. De vez em quando o doutor Genésio me acompanhava até ao cruzamento das avenidas. Quando não, descia lá metido com meus pensamentos, meus sonhos singelos e medíocres — porque é preciso que saibamos ser medíocres também.

As ruas mal iluminadas não me tiravam para fora de mim mesmo. Algumas vezes percebia, ao cruzarem comigo, uns vultos apagados, aos quais a meia escuridão dava um ar de cansados. Via também, recorde-me, silhuetas de mulheres apoiadas aos postes de iluminação. A luz apagada, pingando das lâmpadas, lhes dava um ar de coisa imaginária, de imagens entrevistadas na atmosfera em claro-escuro dos sonhos. Decerto foram sonhos mesmo.

A quietude das ruas, a meia luz das esquinas, o reflexo vago das vidraças, punham-me na alma um tumulto de frases e melodias. E antes de dormir escrevia poemas.

Depois comecei a notar aquela janela fechada, onde eu percebia o coar-se de uma luz trêmula, cheia de sombras a bailar, sem a fixidez prosaica das lâmpadas elétricas. Era a luz de uma vela, a tremer sobre os caixilhos e as grêtas da veneziana. E desde então pús-me a compor carinhosamente a história da velhinha que morava ali. Porque decerto havia de ser uma velhinha. E naquele quarto, com imagens de santos pelas paredes, erguia-se um oratório singelo. E havia um rosário antigo nas mãos da velhinha.

Amanhã mesmo contaria aquela história na redação.

— Já sei. E' uma *pequena tragédia*. Você sempre nos conta *pequenas tragédias*. Vamos ver se arranja um repertório bem salgado de boas piadas para a gente! . . .

Assim diria amanhã Seu Policarpo, o velho tipógrafo, que tinha, a-pesar-de seus chistes, uma terna e confessada admiração por mim.

— Você tem entusiasmo, gritava êle, acostumado a dar ordens há trinta anos, junto ao sacolejar ensurdecedor daquela Marinoni infernal e amiga.

Você tem hoje entusiasmo, gritava êle, passando as mãos, num velho sestro, pelos bigodes suados. Mas isso passa, continuava; o jornal é que não fica. Já estou acostumado. Imprimí quinze jornais. Todos levaram o diabo que os trou-

xe. Pudera! O diretor, depois de muito barulho, passa das descomposturas e das idéias para a vida sossegada de funcionário. Um se tornou fazendeiro. Fazenda de criação. Casamento rico. Hoje lê jornais do Triângulo — até os anúncios, por fôrça do hábito. O redator acaba escriturário, subalterno aí em qualquer repartição ou prefeitura. Rabisca ofícios o dia inteiro. Mas você, pudera! Você tem que prestar. Ou leve o diabo que o trouxe.

E saía mascando a palha ensaliçada de seu tóco de cigarro".

Mas amanhã diria jocoso: "Já sei. Uma *pequena tragédia*..." — Eu me faria desentendido, e tocaria para a frente minha história simples da velhinha por detrás da janela.

— Mas você é muito novo para ter vivido tantas histórias, meu menino.

— Sei lá, Seu Policarpo. E' que eu vivo de olho aberto.

O velho tipógrafo, diziam, vivia de olhos fechados. Lia as tábuas de impressão e as segundas provas com os olhos semicerrados, de nariz apertado contra o texto. Assim me deixaria contar. E eu começaria então, um rôlo de provas nas mãos sujas de tinta. Seu Policarpo disfarçava-se lá com uma página já revista, e abria o ouvido atento.

Ela não era feia. Ia ali pelos vinte e cinco anos, e tinha uma carnadura rija. Talvez tivesse mesmo as cadeiras um pouco largas, mas isso não chega a ser defeito. O certo é que os homens e matronas comentavam nas calçadas:

— Não é bonita.

— E está passando.

— Qual! Aquilo vai longe, com aquelas carnes socadas.

— Boa menina. Séria . . .

— O certo é que não arranjou noivo.

— Esta fica.

— Nada! Tem uns olhos bonitos . . .

E ela passava, indiferente e séria, dentro do ar claro e suave da tarde.

Um dia o moço bonito chegou da capital. E no meio de tantas a descobriu. Ela, parece, o esperava certa, pois mudou logo seus modos e sua vida.

No meio daquele baile em casa do Coronel Fagundes, no rodar de uma valsa, o moço bonito lhe falou de amor. E a chamou para

fora, para o pequeno jardim, onde a luz era pouca e os sonhos chegavam suaves do interior.

Parece que se beijaram, e mais de uma vez. Êle tirou, do bolsinho do colete lustroso, aquela pequena aliança de ouro, aquela mesma que até hoje ela traz no dedo encarquilhado.

— Toma. Foi de minha mãe. Tem o nome de meu pai, que é o meu também. E se beijaram novamente. Houve um grande sorriso no jardim, um sorriso cheio de luz das estrêlas e sons esmaiados de orquestra. Um sorriso largo que iluminou a noite. Houve um sorriso na vida simples daquela velhinha, que hoje reza à luz da vela, por detrás da janela sempre fechada.

Depois, veio aquele dia triste, em que a moça viu passar à sua porta a rede em que ia o seu noivo doente, de volta dos garimpos pestilentos, trazendo em febre danada a bonita cabeça, cheia de sonhos bonitos.

E a tarde fria em que, dias depois, passou em frente da porta o seu caixão roxo.

Pouca gente ficou sabendo que a moça fôra noiva. Recolheu-se a seu oratório, agarrou entre os dedos o rosário que fôra da mãe de sua mãe, e nunca mais o largou.

Continuou sua vida sossegada e sempre triste. E, em companhia do irmão mais novo, solteirão e hipochondriaco, viera um dia parar ali, no canto escuro da rua, à margem do bairro que se ergue.

Penso que nunca mais pôde rir, até hoje. Mas houve um grande e claro sorriso em sua vida simples.

Assim contaria eu amanhã, carinhosamente, a história da velhinha que morava ali, por detrás da janela iluminada pela vela trêmula.

— "Houve um sorriso . . ." — Seu Policarpo rir-se-ia de mim, comentando entre dentes minha "pequena tragédia". Mas eu tenho certeza de que, se contasse uma piada, o velho tipógrafo me descomporia sem dó, gritando-me, os olhos semicerrados:

Moleque atrevido! . . .

Porque Seu Policarpo vivera muito, e bem sabia que há na vida, deveras, muitas pequenas tragédias, que são a marca da passagem dos homens sobre a terra.

A unidade do Brasil foi um milagre histórico. Poderia a anarquia ter feito várias republiquetas anêmicas daquilo que o Império estreitou num laço de ferro. Apareceram sintomas de desagregação com a República, em 89. Mas é uma justiça que se deve ao presidente Vargas, ressaltando nossas doutrinas: — êle consolidou a unidade irrevogável do Brasil — OTÁVIO AMADEU — (Antigo Embaixador argentino no Brasil).

POLÍTICA ESTADUAL**Segurança Pública**

“Il est plus facile de paraître digne des emplois qu'on n'a pas que de ceux que l'on exerce”, sentenciou La Rochefoucauld.

Parodiando a máxima do francês imortal, poderíamos, matutando sobre certas críticas feitas às autoridades, dizer que é mais fácil falar mal dos que estão no poder do que exercer as suas tarefas... Tais considerações calham, como uma luva, no comentário de hoje. Sim; é que ser autoridade é ser incompreendido. E os que não compreendem o valor da autoridade, — geralmente indivíduos incapazes de possuírem... — são useiros e vezeiros em lhe fazer as maiores injustiças. Os “críticos” de porta de hotel e de rodinhas pelas mesas dos cafés não “dormem”:

— Que absurdo, uma coisa dessas!

— Só fazendo uma revolução para acabar com isso!

— Se eu fosse autoridade daria um jeito nesse caso!

E assim se manifestam muitos dos que se veem “brecados” em suas “tramóias” por uma autoridade cônica de seus deveres, principalmente se por uma autoridade policial, que é quando as coisas ficam mais “apertadas”...

--

Entre as mais combatidas, no Brasil como em todo o mundo, estão as autoridades policiais. Porque a Instituição da Polícia, pela sua função corretiva de abusos, é das mais antipatizadas. Por estranho e incompreensível paradoxo, o órgão por excelência de defesa da sociedade é dos mais visados pela sociedade. O motivo? — Está em que temos uma exquísita tendência para achar que a repressão é necessária para todos, menos para nós... donde despejamos contra a Polícia a nossa ira, sempre que fraquejamos em nossa conduta.

--

A Polícia, em Goiás, não fugiu à regra. Por isso, vemos considerados, por aí, como “santos”, “inocentes” e “vítimas”, vários elementos por ela surpreendidos em atos puníveis. Só a “pobre” da autoridade policial é ruim, perversa...

--

O fato ocorreu com Brito Broca, esse admirável crítico literário pátrio, que aqui veio para visitar as nossas cidades antigas, impellido pelo seu acurado senso artístico. Queiria conhecer a cadeia e o chafariz de Goiás, o sino de Pilar, Santa-Luzia, Corumbá, Pirenópolis. Não conhe-

ceu. Mas, em compensação, conheceu Goiânia, acêrca da qual, depois, escreveu uma bellissima crônica. E em Goiânia, conheceu o exmo. sr. dr. Antônio de Queiroz Barreto, à casa de quem fomos juntos. Falou-se, na visita, de Vítor Hugo, de Alberto de Oliveira, de Hugo de Carvalho Ramos, de Oliveira Vianna, de Getúlio Vargas. Só não se falou de... polícia. Já na rua, espantava-se o Brito Broca:

— O Barreto está deslocado. Um moço assim, tão instruído e tão educado, não era para ser Chefe de Polícia.



*Dr. Antônio de Queiroz Barreto,
Chefe de Polícia em Goiás*

Barreto fôra, para o cronista, uma “descoberta” mais interessante do que o sino de Pilar e o chafariz de Goiás. O Barreto como Chefe de Polícia.

--

Brito Broca, fino e culto, foi traído pelo inconciente. Sim, todos nós temos, no fundo, uma idéia falsa da autoridade policial, que imaginamos grandalhona, ignorante, brutal. Talvez por culpa de uma revolta surda, nossa, contra a autoridade...

Diferente, pois, o dr. Antônio de Queiroz Barreto tinha que fazer, na Chefia de Polícia, uma administração diferente. E fez. Apoiado pelo Interventor Pedro Ludovico — sempre sábio na escolha de seus auxiliares e sempre possuído de um desejo sincero de engrandecer seu Estado, de todos os modos e sob todos os aspectos — Barreto vem, dentro

das possibilidades financeiras do Estado, realizando, através do departamento que dirige, uma obra verdadeiramente meritória. Prova dessa verdade, temo-la na seguinte entrevista, colhida de surpresa, entre dois goles de café e um cigarrinho de Bela-Vista:

— Qual a situação geral da Polícia Estadual, antes de 1930?

— A Polícia Civil, antes de 1930, não atingia, absolutamente, o fim a que se destinava. Indiscutivelmente, a culpa era da época. A instituição era dirigida, quasi sempre, para a violência e os espancamentos se verificavam até nas prisões. A Polícia Civil, antigamente, não era um instrumento de ordem, de repressão e de justiça, mas, sim, um elemento de força, nas mãos dos politiquinhos, que até eleições costumavam fazer à sua custa.

— Qual a situação geral, atualmente?

— Com o advento do novo regime de 37 melhorou consideravelmente a situação, pois tôdas as instituições foram integradas em suas verdadeiras finalidades.

— Qual o estado atual do aparelhamento técnico da Polícia Civil e que tem feito v. ex. cía. neste setor?

— Na parte técnica, quer material, quer pessoal, começamos, agora, a evoluir, pois já vamos organizando gabinetes apropriados e procuramos, para cada secção, uma chefia especializada. Além do fato de que são acusados, estudamos os indivíduos em seus antecedentes, em sua situação social, em sua constituição orgânica, psíquica e mental, enfim, — em sua “história”. Na Penitenciária do Estado, subordinada a esta Chefia, e que vem, com eficiência, sendo dirigida pelo dr. Hagesipo Meireles, os estudiosos de assuntos de criminologia já têm muito que ver, quanto às pesquisas científicas relativamente à vida pregressa dos reclusos.

— Qual o estado atual da Polícia, quanto ao pessoal?

— Bom, embora seja a Polícia a repartição do Estado onde haja o menor número de funcionários. Resente-se, principalmente, de pessoal técnico, em alguns setores, porém, o Governo já está providenciando as medidas que se fazem necessárias, em cada caso.

— Quais os índices que comprovam a eficiência da corporação?

— A eficiência da corporação é comprovada, dentro da repartição,

pela ordem e presteza dos serviços, não mais se verificando aquela estagnação geral, oriunda de falta de interesse pela coisa pública. Fora, nas circunscrições policiais, é positiva pela repressão sistemática, mas sempre legal e serena, em consequência de ordens emanadas do Centro. Merece um louvor especial o "Serviço de Estatística Policial Judiciária Criminal", impecavelmente orientado pelo sr. Braga Sobrinho. E' de se notar que, mau grado o crescimento fabuloso da população do Estado, devido ao vertiginoso progresso de Goiás depois da construção de Goiânia, houve uma grande melhoria no índice geral de criminalidade. Tal afirmativa, à primeira vista, parece tendenciosa, pois a estatística, aparentemente, revela outra coisa. Expliquemos, porém: em alguns municípios "parece" ter havido aumento de crimes, mas não houve, pois o que se verificou foi apenas uma eficiência maior da Polícia, não só reprimindo crimes recentemente ocorridos, mas, também, "desenterrando" uma quantidade enorme de outros, de que pouca gente tinha notícia... Eis aí porque o Serviço de Estatística registra, em algumas comarcas, um como que aumento na criminalidade.

— Qual a posição do povo, em geral, diante da Polícia?

— Tem-se feito tudo para tornar a Polícia Civil um elemento educativo, pelo severo porém sereno cumprimento de seu dever. "Fôrça de cheque", é, consequentemente, combatida, principalmente pelos desordeiros, criminosos, irrequietos, e ainda por elementos do "velho regime", "reis" que perderam a "majestade", os quais, querendo fazer prestígio à custa dos delegados, sentem-se desambientados quando não são satisfeitos em seus interesses inconfessáveis. Todavia, a sociedade boa, sã, honesta e justiceira, esta, tenho certeza, está satisfeita com a ação da Polícia Civil, apesar das suas falhas, aliás infalíveis em qualquer instituição humana. Desejo ressaltar que a Polícia Civil tem sido eficazmente auxiliada pela Fôrça Policial, cujos comandos, o geral e os dos batalhões, não têm poupado esforços no sentido de manter a segurança da nossa sociedade.

— Que tem feito o atual Interventor em benefício da Segurança Social?

— O dr. Pedro Ludovico jamais poupou esforços em benefício da Segurança Pública. S. excia. não só prestigia, inteiramente, a ação das autoridades, como ainda procura, a cada dia que passa, dar-lhes os elementos materiais de que elas carecem para um bom desempenho de suas funções. Chefe, no verdadeiro sentido da palavra, o Interventor Pedro Ludovico, pode-se dizer, "participa" dos trabalhos de seus auxiliares, aconselhando, ajudando, animando, mostrando-lhes a estrada

larga e clara da boa administração. E' o Interventor goiano um guia esclarecido e sereno. Dêle emana o que é justo e reto. O erro e a falta de eficiência correm por conta do auxiliar, tal a liberdade de ação que ele garante aos seus subordinados.

—

Eis a entrevista. Por ela constamos, mais uma vez, que o 1930 foi, de fato, o início de uma nova era construtiva e fecunda, para o Brasil.

Vê-se que a Instituição Policial, hoje, já não é mais um simples órgão de partido da situação, ao sabor de caprichos "coronelescos", mas um aparelho capaz e produtivo, que zela pela segurança de todos nós. E de tudo vemos como é justo o alto conceito que desfruta o Interventor Pedro Ludovico, como estadista de méritos invulgares, que tudo olha, por tudo zela, tudo faz em benefício de seu povo, para bem de sua terra e do Brasil.

Goiânia, hoje, é uma colmeia no altiplano

Victor de Carvalho Ramos

Goiânia me avareceu, à noite, logo à minha chegada, como uma cidade estranha aos meus pagos. Não era daquele Goiás que eu conhecera em criança. Minha primeira impressão foi de aturdimento, a mesma por mim descrita no último capítulo de "Mae-Chi". Ninguém conhecido. Saí à rua para certificar-me de que estava realmente entre conterrâneos. Por toda a parte fisionomias desconhecidas. Sim, Goiás havia mudado, adiantando-se de um século na marcha de seu progresso. E fui deitar-me pensando no lindo verso de Musset:

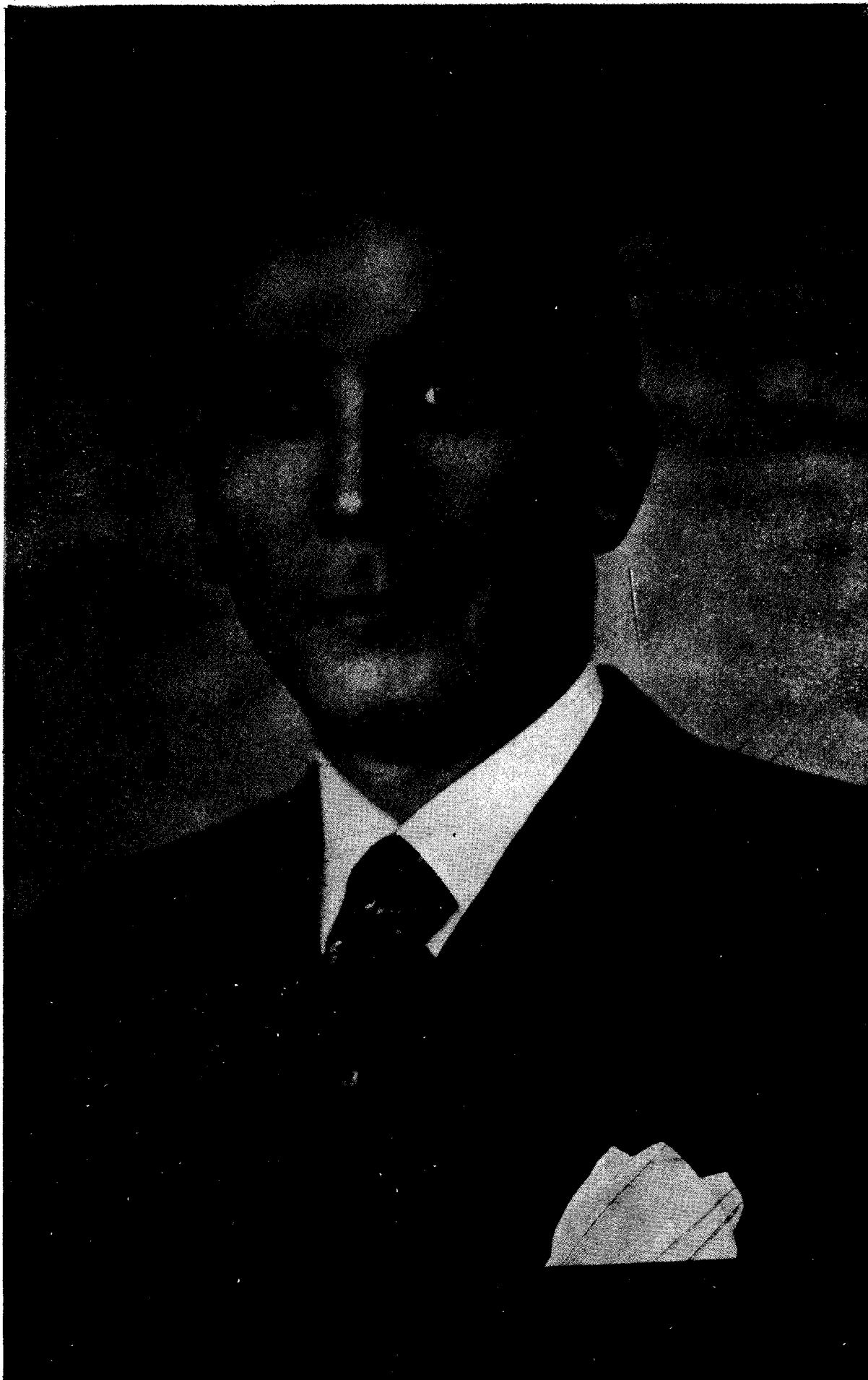
Je suis venu trop tard dans un monde trop vieux.

O mundo, porém, que eu tinha diante de mim não era velho, mas novo, novíssimo em folha. Eu é que tinha envelhecido. Todavia, em meu íntimo, Goiás não mudara. Ele ressurgiu logo, aos meus olhos, na tradição de hospitalidade de sua gente, no milagre de inteligência de seus filhos, no encanto mágico de suas paisagens, na história dramática de sua conquista. Para mim Goiás continuava sendo o mesmo de antigamente. Apenas o gênio realizador de Pedro Ludovico enriquecera o patrimônio material e artístico do Estado com uma jóia — Goiânia — que se tornara o orgulho dos brasileiros. Goiânia, hoje, é uma colmeia no altiplano. E' uma colmeia nova, mas as abelhas são as mesmas. Plantou-se ali, no divisor de águas, como um marco divisorio entre dois períodos decisivos da evolução de um povo — o passado em que se firmaram a posse e o domínio dos goiazes, e o futuro, que é a esperança de recompensa a tantos sacrifícios.

Goiáz, ex-capital, e Goiânia são dois símbolos. O ouro da descoberta criou a primeira; a visão do estadista, concebeu e edificou a segunda.

Se Goiás caldeou os sentimentos afetivos da gente goiana e lhe aprimorou o caráter, enraizando-lhe no coração o profundo amor à gleba natal, Goiânia veiu mostrar-lhe que o espírito de iniciativa dos bandeirantes ainda lhe flue da alma e de que magnificas realizações ela é capaz no tempo e no espaço.

Eu precisava apresentar ao Interventor meus cumprimentos e felicitá-lo pelo acerto de sua administração. Sei como essas visitas são protocolares e desconcertantes, sobretudo para mim, de trato simples e alheio às atitudes simuladas. Pedí aos meus amigos Joaquim Taveira e Garibaldi Teixeira, membros do Governo, transmitissem-lhe minha intenção. Teria certamente, para ser admitido à sua presença, de aguardar dia e hora. E urgia meu regresso a Goiátuba. Pensei entrar em palácio com as solenidades do estilo, cerimoniosamente. Durante a entrevista, duas palavras de cumprimento, eu e ele empertigados na cadeira, com ar solene de quem vela defuntos. Mas nada disto. Deu-se-me liberdade de escolher dia e hora para a visita. E sem constrangimento, como se subisse a escadaria de uma casa amiga, eu e Albatênio Godói atravessamos sozinho os amplos salões do Palácio das Esmeraldas, cheios de enormes vitrais com motivos da história de Goiás, para palestrar democraticamente com o chefe do governo goiano, esse que elevou bem alto a sua comuna, para que ela recebesse, mais de perto, a bênção das estrelas.



DR. PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA
INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO DE GOIAZ

O mundo está morto; viva o mundo

Paulo Augusto de Figueiredo

A história do mundo é a história do homem em busca da felicidade. Conseguiu-a, já, alguma vez? — Alguns homens, talvez; a humanidade, não. E' que, como diria o poeta, a felicidade "está sempre onde nós a pomos" e "nunca a pomos onde nós estamos".

Expliquemo-nos: o homem ainda não se "olhou" convenientemente. Ainda não se "viu". Quer dizer: não se compreendeu em sua capacidade de grandeza e de miséria. Saiu de si, pôs-se fora de seus limites naturais, isto é, dos limites humanos. Daí ter situado o alvo de suas aspirações,—sua "felicidade", ora em entidades místicas, ora em seres abstratos, ora nas coisas materiais, ora no nada. Adorou deuses e coisas, apenas. Donde o culto do Nirvana, da Raça, da Fôrça, da Técnica, da Riqueza, da Idéia, do Estado. O "culto do homem", êste ainda não existiu, ou, pelo menos, não existiu como de- vêra existir.

E porque o homem ainda não se conquistou em sua integralidade e em sua perenidade, em seu pecado e em sua santidade, em sua fôrça e em sua miséria, é que o vemos multiplicado em homens que se odeiam e se entredevoram.

A grandeza do homem está em ser êle tão grande, embora sendo tão pequeno; e a sua fraqueza está em ser tão fraco, conquanto sendo tão forte. Seu mal, o não se ter visto em sua grandeza e em sua miséria.

Capaz das coisas mais sublimes, é também o homem capaz de todos os crimes. Pode ir além de si mesmo e transfigurarse em Cristo, como pode ficar aquém de si mesmo e revelar-se num Judas.

Essa compreensão do homem bastaria para indicar aos homens um caminho para a felicidade, o qual estaria em procurar, para êles, situações existenciais favoráveis ao desenvolvimento de suas virtualidades sãs e capazes de obstar o progresso de suas virtualidades más.

Enfileiramo-nos entre os que pensam que o ideal de felicidade humana só poderá ser satisfeito através da "política". Admitimos, assim, que o problema da felicidade pode encontrar, "na terra",

uma solução. Mais positivamente: — cremos estar no Estado a chave com que abrir aos homens os horizontes de um mundo melhor. No Estado considerado como uma fôrça integradora e orientadora de valores existenciais humanos. Como uma técnica de "construção" dos povos.

Gregário, o homem há-de viver societariamente. Fraco, precisa de corretivos e de amparo. Passível de aperfeiçoamento, carece de condições externas de vida que garantam o encaminhamento de suas energias construtivas no sentido das alturas. E é o Estado, ordem existencial por excelência dos homens em sociedade, sistema de pesos e contrapesos onde se corrigem tendências e apuram vocações, o elemento indicado a propiciar aos homens todos uma participação mais justa nos bens da cultura e da civilização. Logo, o Estado poderá ser um instrumento de felicidade para os homens.

Para ser feliz, é necessário que o homem seja pleno. Nunca o será, totalmente; e por isso jamais será inteiramente feliz. Há-de se contentar com as aproximações. Pois o meio de o aproximar do "todo-homem", da plenitude, está na educação, que é o processo que faz o homem cada vez mais homem. Ora, o Estado é a entidade política única cuja área de atuação é todo o "território humano" das nações. Consequentemente, só o Estado poderia constituir-se num método de educação eficaz de "todos" os homens.

Conclusão: — necessitamos de um Estado pedagógico.

Estatismo? — Não; apenas uma compreensão, digamos — "antropológica" e "antropocêntrica" do Estado. E' da vida que cogitamos. E' da felicidade "na" vida o de que cuidamos. E pensar na vida é pensar no homem, na sociedade, no Estado.

Admitamos que as religiões tenham resolvido o problema da morte, que os homens já se tenham tranquilizado acerca do que "virá depois". A verdade, todavia, é que as questões "desta" vida não as resolveram as religiões, existentes desde que o mundo é mundo, tão antigas, pois, como a luta dos homens contra os homens, como a luta dos homens em busca de um mundo melhor, como a luta dos homens em perseguição à sua felicida-

dade, da felicidade "nesta" vida.

O céu para os bons, está certo; para os que creem no céu e forem bons. Mas: para os que são bons e não creem no céu e não se sentem felizes e querem um pouco de céu na terra? E para os que quizerem ser bons e não puderem ser bons? E para os que, não acreditando no céu, acreditam no inferno que lhes deram na terra e dêle se querem livrar?

Felicidade absoluta, jamais haverá. Nem para o indivíduo nem para a humanidade. Contudo, uma fatia de felicidade para todos, isto é possível, só negando essa possibilidade aqueles que não querem enxergar as causas dos males sociais que têm afligido e ainda afligem a humanidade.

O branco odeia ao preto, o amarelo odeia ao branco; o católico odeia ao protestante, o espírita odeia ao ateu; os homens que estão do lado de cá odeiam aos homens que estão do lado de lá; o homem rico odeia ao homem pobre, o pobre ao rico; o feio odeia ao belo, o estúpido odeia ao inteligente; os homens se odeiam. Por que? — Porque os homens fugiram do "homem". Porque o homem está fragmentado e disperso pelos homens-não-homens, que encham o mundo de ódios e sofrimentos.

Mas, por que a geografia separa os homens? Porque as profissões, as raças e as religiões antagonizam os homens? Por que os homens não se sobrepõem às contingências étnicas, sociais, místicas e telúricas? Por que os homens negam e deformam o homem?

A resposta tem que ser dada com franqueza e coragem: — porque o sistema existencial capitalista degenerou os homens. E por sistema existencial capitalista deve-se entender não apenas uma ordem econômica, porém uma ordem geral de existência que é a tradução política de uma concepção do universo, logo — de uma filosofia, incluindo, pois, uma ética, uma sociologia, uma antropologia, — uma ontologia, afinal.

Se o homem fosse homem, se compreenderia. E, se se compreendesse, veria que, em essência, é igual a si mesmo em todos os lu-

gares e em tôdas as épocas, irre-dutível, por coneguinte, às solicitações temporais e espaciais; um sêr que, seja qual for a coloração de sua epiderme, viva nas estepes ou nos trópicos, é sempre uno, universal, indivisível; um ente cuja felicidade substancial está em ser cada vez mais homem — isto é, em aperfeiçoar-se, em se tornar “todo-homem”, em se fazer pleno. Para tanto, são necessárias condições exteriores de vida em correspondência com os reclamos da natureza humana. Entretanto, o sistema capitalista transmutou os homens em sêres que em nada se parecem com o homem. Transformou em interesse de indivíduos o que é interesse de todos os homens, em interesse de um povo o que é interesse de toda a humanidade. Donde a luta dos homens contra os homens e das pátrias contra as pátrias.

* * *

Acabar com as pátrias? — Não. A pátria é uma realidade tão humana, tão universal e positiva quanto a humanidade mesma. Mas, ver as pátrias em função dos altos ideais humanos: — “As diversidades entre nossas diferentes nações são irracionais. Cada uma delas tem o mesmo direito—ou necessita ter o mesmo direito — a suas peculiaridades. Um homem que seja justo e razoável deve hoje em dia, na medida em que o permita sua imaginação, participar do patriotismo dos rivais e inimigos de seu país— um patriotismo tão inevitável e comovedor como o seu. Como a nacionalidade é um acidente irracional, do mesmo modo que o sexo ou o caráter orgânico, a lealdade de um homem para seu país deve ser condicional, pelo menos se é um filósofo. Seu patriotismo tem que subordinar-se à lealdade racional a coisas como a humanidade e a justiça”, ensina êsse admirável filósofo que é George Santayana. Portanto: — amor à pátria, sim, mas dentro do amor universal. Justifica-se, dessa maneira, por lealdade à justiça e à humanidade, a deslealdade do “homem” alemão a seu país, isto é, à Alemanha nazista. Deve-se, pois, ver as pátrias como departamentos, ou melhor — como prolongamentos da humanidade. Ver, nelas, como que um modo de divisão do trabalho histórico dos homens em busca de seu destino. Ver, dessarte, no interesse “nacional”, o interesse humano de uma parcela da humanidade, diferenciada em seus processos locais de vida, da vida que, como vida, é a mema das outras parcelas tôdas da humanidade, diversamente localizadas.

O comêço da estrada está, assim, em se conciliar o humano e o nacional, sendo de se lembrar, no caso, como exemplos edificantes, duas recentes medidas do governo rus-

so: — a criação do Hino Nacional e a completa libertação das Repúblicas soviéticas. Tudo está, assim, em se ver no homem o sêr ao mesmo tempo eterno e contingente. Pois essa compreensão foi também alcançada pela nova política brasileira, que visa, pela educação, como acentuou o ministro Gustavo Capanema em sua exposição de motivos à lei orgânica do ensino, a formar, no homem que aqui vive, a consciência humanística e a consciência patriótica.

* * *

Igualar homens “naturalmente” desiguais? Também não. Não se podem igualar quantidades heterogêneas. O feio nunca será belo, jamais será bom o mal, a verdade há-de sempre distinguir-se do erro. Sômente, não ver na classe um critério diferenciador dos homens; apenas, colocar os homens acima das classes, confundir e elevar todos os homens em sua dignidade de pessoas humanas. Igualar “condições”, jamais a “natureza”. Ainda aqui parece que estamos no bom caminho, pois o presidente Getúlio Vargas tem repetido continuamente que não distingue entre o operário e o intelectual, entre o canponez e o médico, entre o comerciante e o advogado, visto que todos os profissionais são, para êle, homens, “valores humanos” respeitáveis.

* * *

A religiões nada, ou muito pouco, conseguirão. Faltar-lhes-ia, na melhor das hipóteses, um elemento essencial à tarefa: — poder legal de sanção. Existem, é verdade, o céu e o inferno; porém . . . “para depois” da vida e para os que neles acreditam. Ora, há-de haver, “na” vida, um poder “para” a vida, capaz de nem servir à vida. E êsse poder, é César. E’ o Estado. Só êste é capaz, ordenando devidamente as situações existenciais das várias nacionalidades, de conduzir os homens no sentido do Bem, da Verdade e da Justiça.

Poder-se-ia objetar que também o Estado, tal as religiões, é quasi tão antigo quanto a infelicidade humana. Haveria, entretanto, uma resposta a essa objeção, e estaria em afirmar que o homem ainda não encontrou o Estado de que necessita: — um Estado humano, feito à medida do homem tendo na felicidade do homem o seu objetivo supremo. E tanto é assim que a luta dos homens se desenvolve, em última análise, em torno de uma forma de Estado, eis que cada grupo revolucionário, excetuado o anarquista, que prega a sua extinção, vê no Estado que idealiza e pelo qual propugna o meio de trazer a paz, o bem estar e a justiça aos povos. Em política, há católicos contra católicos, protestantes contra protestantes, espíritas contra

espíritas, mas não há marxista contra marxista, nem fascista contra fascista, nem liberal contra liberal.

“Feito” o Estado “para” o homem, — capaz, assim, de evitar, no homem, o mal, e nele desenvolver o bem, ou seja — conseguido um Estado realmente capaz de “educar” o homem, então estaria achado o bom caminho para os povos, neste mundo, coisa impossível às religiões, cujo fim supremo está na “outra” vida, e que, quando muito, poderiam favorecer o Estado indiretamente, através, por exemplo da doutrinação moral dos homens.

Todos os Estados de todo o mundo, situados como Estados pedagógicos e pondo na felicidade do homem a sua finalidade, é claro que os homens de todo o planeta se compreenderiam melhor e melhor se ajudariam, eis que todos, cada povo pelos processos “nacionais” mais aconselháveis, estariam visando a u’a mesma meta.

Agora, enquanto o brasileiro, o americano, o inglês, o chinês, o russo ou o japonês, considerarem apenas as “suas” necessidades nacionais, e não as do homem, que é o mesmo no Brasil, nos E. Unidos, na Inglaterra, na China, na Rússia ou no Japão, nada se conseguirá em favor dos homens, como nada se conseguirá enquanto se considerarem os interesses do intelectual, do operário, do funcionário — da “classe”, enfim — e não os dos homens de tôdas as classes, “do homem”, em suma, que está acima de tôdas as classes.

* * *

O mundo capitalista está morrendo. Se não morrer, outras guerras virão, até êle morrer.

Lá nos campos de batalha, entre lágrimas e sangue, é possível que o homem se pergunte por que luta . . . é possível que russos, alemães, ingleses, chineses, japoneses, brasileiros e americanos “descubram” que todos os homens, a-pesar-das fronteiras e das conformações craneanas tipificadas, são homens de carne e osso, com dois braços e duas pernas, um estômago, um coração, uma alma, uma inteligência. E’ possível que os corações encontrem o caminho do coração e que ensinem êsse caminho à inteligência. Se tal acontecer, então o novo mundo que aí vem será, realmente, um mundo novo. Enquanto, porém, êle não chega, esforcemo-nos por ir ao seu encontro. E reconhecamos, com sinceridade e um pouco de orgulho, que o Brasil está dando os primeiros passos para o atingir, como, entre tantos outros, proclama o insuspeitíssimo Calvino Filho: — “Nesta guerra, que a Igreja não evitou com todo o seu poder, que diz ser divino, já morreram milhões de rapazes, a fina flor da mocidade do mundo, a mais perfeita de corpo e de espírito; milhões

A Caraíba

DERVAL DE CASTRO

de lares foram arrazados; a desgraça campeia por tôda parte; todavia, a tudo enfrentamos corajosamente, na doce esperança de que após tão impressionante tragédia teremos conquistado, pelo menos, a "Liberdade" e o "Direto" a uma vida mais decente, em que não haja tanta riqueza individual nem tamanha miséria coletiva. Felizmente para o Brasil, o presidente Vargas é um observador sereno, objetivo, realístico, de visão clara, cultura superior, que se não deixa envolver nas malhas dos interesses subalternos de classes ou camarilhas que se fingem de apavoadas com as reivindicações proletárias, para melhor mascararem seus interesses inconfessáveis. E sômente por isso caminhamos na vanguarda do mundo na conquista de direitos inconcussos para o trabalhador. A legislação social do presidente Vargas é uma revolução branca, que garantirá ao proletariado brasileiro, no futuro, uma situação privilegiada, porque se lhe dará todo o amparo material e intelectual, defendendo-o da ganância impiedosa dos exploradores do trabalho alheio, sem se lhe tocar na liberdade de pensamento. Tranquilizem-se os ignorantes e acautelem-se os reacionários de dentro e de fora da Igreja, pois que o Presidente Vargas saberá levar o Brasil a cumprir o seu grande destino, dando mais brilho e fulgor às máximas aspirações humanas: "Liberdade e iguais oportunidades para todos".

AUTORES CITADOS

George Santayana: — "Três Poetas Filósofos" — Editorial Losada, S. A. — Buenos Aires — 1943 — trad. esp. de José Ferrater Mora.

Calvino Filho: — "Duas palavras", in "O Cristianismo e a Nova Ordem Social na Rússia", do Deão de Canterbury — Editorial. Calvino Limitada — trad. de Eduardo de Lima Castro — Rio — 1943.

Gustavo Capanema: — Exposição de motivos à Lei Orgânica do Ensino.

A companho com real interesse a ação administrativa e política do presidente Getúlio Vargas e considero-a mesmo um belo exemplo para o mundo. A legislação social que ampara o proletário sem ferir o capital; o saneamento das regiões insalubres; o combate às endemias; a unificação nacional e ainda a ação neutralizadora das infiltrações estrangeiras, tudo isso constitue um conjunto consagrado — PEDRO AGUIRRE CERDA — (Ex-presidente do Chile).

— Caraíba, por que nasce em tôda a parte, num propósito insultuoso de provocar a terra? Por que vegetas, ora nas planuras dos cerrados de "paus-terra" cascudos, ora nas matas úmidas, ora nos "peraus" das serranias, ora nas pequenas elevações da crista terrestre, entre os "unhas-de-gato" arranhadores e os "veludos espinhentos" ?

— Porque sou a rainha das árvores, a árvore que encanta e deslumbra. Não vês como sou elegante no meu porte gracioso, como fico bela como nenhuma árvore do inverno para a primavera? Pois é nessa ocasião que cubro a nudez do meu corpo com a minha roupagem de ouro, e que todos dizem ser feita de revêrbos do sol em manhãs de abril.

Baloçando de mansinho no espaço, impregnando-o com o hálito rescendente de minhas flores, sou a inspiração maravilhosa dos sabiás — alados tenores do sertão, que vêm com o seu ritmo dolente entoar madrigais em meu louvor.

Atuando no coração das donzelas casadouras do meu sertão, assinalo a época do himineu quando floresço.

— Quando te casas, morena ?

— Quando a "caraíba" marelá de fulô — responde a matutinha na melifluidade cantante da voz macia.

E a "caraíba" no amarelo vivo de suas flores, no jalde deslumbrante da floração, é como se lhe tivessem cristalizado nos galhos os raios de sol quando no zênite.

Nela não se vêem senão flores, pois as suas fôlhas caem, vão forrar o solo como que para contemplá-la amorosamente, numa ansiedade louca de receber a sua produção floral quando fanada.

Hosanas a ti, ó "caraíba" em flor, manto dourado das matas de meu sertão, árvore-rainha do sertão da minha terra !

1º CONCURSO DE POESIAS DE "OESTE"

Levamos ao conhecimento dos que concorreram ao "Primeiro Concurso de Poesias", promovido por esta revista, que os trabalhos já foram devidamente julgados e classificados.

Era nosso intuito, já neste número, publicar o "veredictum" da comissão julgadora, bem como o poema que obteve a primeira colocação. Entretanto, uma série de contratempos não nos permitiu assim proceder, o que faremos em nossa edição de abril próximo.

Desde já, no entanto, levamos aos concorrentes os nossos agradecimentos pelo apôio que nos deram e os nossos parabéns pelos trabalhos remetidos, a maioria de fino labor literário.

Literatos goianos do passado

O recente livro "Nosso Brasil", do sr. Hildebrando de Lima, escrito, aliás, com a melhor das intenções, veio provar que, infelizmente, muito pouco se conhece dos nossos intelectuais, aí por fora. Goiaz, a-pesar-dos seus Americano do Brasil, dos seus Moisés Santana, dos seus Arlindo Costa, dos seus Joaquim Bonifácio, dos seus João Teixeira A'lvares, dos seus Hugo de Carvalho Ramos e tantos outros nomes de real valor, não teve, na obra em apêço, um representantê seu, para a sua literatura... E' verdade que a falha lamentável do sr. Hildebrando de Lima fere menos a Goiaz do que a êle mesmo... Contudo, o facto deve ser tomado em consideração por quantos, como nós, tentam revelar, às gentes cultas das outras uni-

dades federativas, os legítimos valores da terra de Anhanguera. Daí a criação desta secção permanente. Em **Literatos goianos do passado** editaremos, mensalmente, uma página em prosa ou produções poéticas dos antigos literatos goianos. Só dos falecidos. E os Hildebrando de Lima, de cujos bons propósitos não podemos duvidar, poderão, então, verificar que o Estado de Pedro Ludovico teve e tem nomes capazes de figurar em qualquer antologia. Iniciaremos essa tarefa publicando, hoje, duas crônicas de Hugo de Carvalho Ramos, o saudoso goiano que, aos dezessete anos de idade, produzia, em "Tropas e boiadas", um dos grandes livros de nossa literatura regional.

Ascensão

Vida, és a Ode unitária surgida no concêrto do Caos. Sentir é vibrar; na harmonia da luz, há o sangue a escorrer, a vida palpitando, seja no germe rudimentário da flora embrionária ou no átomo platônico das últimas metamorfoses.

Matéria, és inteligência e és espírito, na escalada vital à última perfeição.

Caos, evolução primária, cérebro primitivo de pedra, a sonhar a perfeição futura do nirvana...

No ciclo ascensorial da suprema transmigração, toca-se a harmonia inexpressa da Unidade divina.

Astros! Olhar-vos é sonhar e antever quantos poucos intermediários na milenária romaria!

Carne, genuflexão religiosa ante êste hino, destacado no missal da Natureza. Em tí, tange a gama secreta da alegria exagitada, da dor secular transfigurada, expressando-se na múltipla e constante vibratibilidade de tuas variações.

Sangue, ditirambo sagrado celebrando os mistérios luminosos de Hélios; cadeia magnética de sonâncias, ligando-se em ondas hertzianas de luz à orquestração maravilhosa do Universo.

Sangue e luz, espírito e matéria amoldando-se transfundidos no cadinho magno dessa vontade que anda pelo Infinito equilibrando esferas!

Evoé, à consagração de Baco, na hóstia santificada do corpo exangue do Ungido!

Osiris e Mitra no ciclo perpétuo dos deuses, luz transfigurada em homem, se há glorificação mais vivida e pujante à sua força sempre nova, e o endoamento convicto de tôdas as alegrias da terra!

Prazer, abstração, luz nova, novo som, nova tinta, a celebrar as tonalidades embriagantes de seu culto, ante o qual o turíbulo oficiante vá de espelhar mais estas nuvens de fumo precioso.

Morte, aspiração dos infelizes, um passo avante à ascensão da luz.

Luz! vibração suprema, encarnação cristalizada da Bondade inexpressa!

Alegria de moço, a beleza vital e serena duma encarnação apolínea. Nas circunvoluções do cérebro que pensa, há reerguida ao culto de todos os deuses e fetiches a mais vasta catedral, onde é cabível desde a dualidade de Ormuz e Arimon, Visnunú e Siva, ao endoamento progressivo das últimas filosofias!

Templo, ó velho Templo!...

Sibilino

Renuncio ao meu Sonho.

Volto os olhos para a Vida, e volto os olhos para a Morte; abaliso o dualismo da concepção, e vejo o negativo de uma, e a negação da outra.

Tanta ânsia vá em libertar-me de uma, tanta esperança illusória em integralizar-me na outra.

O meu eu é um reflexo passageiro do que deve existir.

Não sei donde vim, não cuido para onde vá.

Astros! afastai-vos da retina embaciada de meus olhos, poupai-me o esforço inútil da Aspiração.

Inútil? Tudo tende a algum fim...

O esplendor solar envenena-me o ser, absorve o entendimento e transporta o indivíduo à loucura divina na Luz.

Tenho medo de Hélios; é o meu máximo almejo.

Que resta? E faquir ficarei, como uma pernalta sombria, à margem da corrente da existência remirando no espelho turbado das águas a passar, a imagem consecutiva dos próprios pensamentos...

Qual o ponto de partida, qual o ponto final, nessa imensa parábola?

Ginsofista da Mágoa, repouso a cabeça no leito que se me estende; que seja êle de espinhos, transmudarão em flores tão logo descanse aí o meu cérebro fatigado. Demais, não vale os suplícios da carne torturada.

Doer — é o inópino duma vibração; o hábito gera o descanso, a paz, a felicidade...

Bebo a fonte perenal dos meus próprios pensamentos...

Ser ou não ser, problema devassado.

Fonte eterna do que é, agradeço-vos o conhecimento relativo do que sou.

O que cogitei uma vez na vida, jamais cogitou pessoa alguma no mundo...

Renuncio ao meu Sonho.

Março — 1914.

HUGO DE CARVALHO RAMOS

De "TURRIS EBÚRNEA".

“Correio Oficial”

Odorico Costa

“Correio Oficial” foi criado pela lei número 31, de 16 de março de 1836, sancionada pelo presidente José Rodrigues Jardim.

Adquirida a oficina tipográfica pertencente ao comendador Joaquim Alves de Oliveira, conforme autorização nº 24, também de 16 de março de 1836, foi providenciado o transporte e montagem da tipografia na capital da Província e, enquanto tal se fazia, enquanto os carros de bois renchinavam na estrada, conduzindo o material de Meia-Ponte para Vila-Boa, surgiram acontecimentos de relevância no tablado político: o presidente José Rodrigues Jardim concorreu a uma eleição e foi eleito senador do Império, passando o governo, a 20 de março de 1837, ao padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri, nomeado para o cargo por “carta imperial, assinada pelo Regente, em nome de dom Pedro II, a 16 de janeiro do mesmo ano”.

Embora encontrando a Província assoberbada por graves problemas administrativos, o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri cuidou carinhosamente do estabelecimento da Imprensa Oficial. O antigo jornalista, redator intemerato de “A Matutina Meiapontense”, que oferecia asilo a todos os perseguidos políticos, emergiu nele e sobrepujou, mesmo, o homem público angustiado pelos problemas de governo, o diretor dos destinos administrativos de riquíssima Província do Império do Brasil. Se ao presidente José Rodrigues Jardim cabem as glórias de ter sancionado as leis e resoluções que criaram a Imprensa Oficial de Goiaz, ao padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri não cabem glórias menores: foi ele o verdadeiro fundador do jornal oficial de Goiaz.

A data exata em que foi publicado “Correio Oficial de Goiaz” a primeira vez foi interessante preocupação de historiadores goianos, em virtude de ter desaparecido o primeiro número desse jornal.

Para Americano do Brasil, tão honesto e tão exato em suas afirmações, “Correio Oficial de Goiaz” teria sido editado, a primeira vez, em 1837, no mês de março. Para Luiz do Couto, historiador de indiscutível autoridade, “Correio Oficial de Goiaz” surgira ao lume da publicidade a 17 de junho de 1837, “sendo o seu primeiro diretor o monsenhor

Joaquim Vicente de Azevedo, e a tipografia montada em Goiaz, na antiga rua da Cambaúba”. Posteriormente, entretanto, depois de acuradas consultas a documentos de seu arquivo, Luiz do Couto afirmou, de maneira peremptória, que o jornal oficial de Goiaz foi publicado, a primeira vez, a 3 de junho de 1837. “Eu disse, numa carta, que o primeiro número do “Correio Oficial” saiu a 17 de junho. A 17 de junho foi a segunda edição do primeiro número especialmente para publicar o expediente do governo de Cuiabá e correspondência do Juiz de Fóra”.

Posteriormente, a 22 de julho de 1837, em carta dirigida à redação do “Correio Oficial”, Luiz do Couto apresentou uma nova data para o jornal oficial do governo goiano: “só em 26 de agosto de 1837 começou a circular o “Correio Oficial”, pois durante dois meses esteve suspenso, devido à pneumonia de que foi vítima o primeiro tipógrafo Joaquim Aires da Maia”.

José Lobo, pesquisador infatigável e um dos conhecedores mais perfeitos da história goiana, afirma que “Correio Oficial” circulou, a primeira vez, em 3 de junho de 1837.

A data de 26 de agosto de 1837, foi comemorada como a do centenário do “Correio Oficial”, tendo o governo, a respeito, baixado o decreto número 2.197, de 25 de agosto, “mandando considerar feriado o dia 26 de agosto corrente, em comemoração ao centenário do Órgão Oficial do Estado”.

Tôdas essas datas alinhadas pelos historiadores aqui citados se afastam da realidade, não representam a data exata em que veiu ao lume o primeiro número do “Correio Oficial de Goiaz”.

Há um documento que esclarece completamente esse assunto, de modo a não deixar mais a menor dúvida a respeito da data em que circulou o primeiro número desse jornal. É o número 1 do “Correio Oficial”, em sua segunda fase, editado a 11 de maio de 1864. Nesse jornal, monsenhor Joaquim Vicente de Azevedo, diretor da Tipografia Provincial, assim escreve: “Se no ano de 1837, por ato da presidência, datado de 31 de maio, fomos nomeado Diretor da Tipografia Provincial, e fizemos aparecer, “pela primeira vez nesta capital”

uma fôlha com o título de “Correio Oficial de Goiaz”, etc..

Com esse depoimento, prestado pelo diretor do “Correio Oficial de Goiaz”, verifica-se de maneira a não deixar dúvidas, que o jornal “foi publicado a primeira vez em 31 de maio de 1837”.

“Correio Oficial”, até 1937, adotou a data de 11 de maio como a de seu aniversário, talvez em consequência da publicação do primeiro número de sua segunda fase, a 11 de maio de 1864. Em 1937, comemorando o que supunha ser o seu 82º aniversário, o jornal oficial de Goiaz dizia que “a data que hoje deflue é sumamente grata para os que mourejam nesta casa de trabalho, pois que ela assinala mais um ano de existência de nosso jornal. “Correio Oficial” completa 82 anos de vida útil e proveitosa ao nosso Estado e à nossa gente”.

Essa contagem de tempo estava errada, evidentemente. Por ela, teríamos que o jornal oficial de Goiaz teria surgido em 1855, ano em que “Correio Oficial” não circulava. . . . A Tipografia Provincial tinha sido arrendada ao coronel Felipe Antônio Cardoso Santa Cruz que nela fazia publicar o “Tocantins”, em cujas colunas se fazia a publicação do expediente do governo.

“Correio Oficial de Goiaz”, foi publicado com relativa regularidade, duas vezes por semana, durante o governo do padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri. Depois que este, a 4 de setembro de 1839, deixou a presidência da Província, roído pelas intrigas e perfídias, desalentado pela maledicência e supliciado pelo reumatismo, retirando-se para Meia-Ponte, “onde permaneceu estendido no leito de dores”, o jornal começou a claudicar em sua circulação. Perdeu a rígida regularidade que caracterizava os seus primeiros tempos.

As despesas necessárias ao funcionamento da Tipografia Provincial e à publicação do jornal oficial constituíam séria preocupação do governo e eram mal compreendidas. Não se “via lucro imediato para o dinheiro empregado nessa repartição”.

Por isso, com o intuito de aliviar o governo desse encargo financeiro, o presidente Antônio Cândido da Cruz Machado, pela lei nº 6, de 6 de novembro de 1854, foi autorizado a arrendar a Tipografia Provincial.

O governo provincial relutou em realizar esse arrendamento. Tanto o relutou que, no mesmo mês, pela lei número 18, do dia 13, o presidente da Província foi autorizado a despender imediatamente, “além da quantia de 1:550\$ votada na lei orçamentária, mais a de 600\$, com a Tipografia Provincial, a fim de pô-la em estado de poder publicar, na fôlha oficial, ao

menos sumariamente, os trabalhos da Assembléa Provincial”.

Essa providência não produziu o desejado resultado. O arrendamento autorizado pela lei número 6, foi feito ao coronel Felipe Antônio Cardoso Santa Cruz e este fez circular, então, o jornal “Tocantins”, que “fazia a publicação dos atos oficiais mediante a retribuição anual de 1:050\$, pagando a Província, entretanto, os vencimentos do compositor.

Vencido o contrato do arrendamento da Tipografia Provincial, reentregue esta ao govêrno, nela foi feita a publicação do jornal “Gazeta Oficial”, que durou de 1859 a 1864.

No dia 11 de maio de 1864 “Correio Oficial” voltou a circular. Já não era mais o velho jornal fundado pelo padre Luiz Gonzaga de Carmargo Fleuri. Não era mais “Correio Oficial de Goiaz”. Era, simplesmente, “Correio Oficial”.

No seu artigo de apresentação, linhas atrás referido, de autoria do mosenhor Joaquim Vicente de Azevedo, existem outros pormenores interessantes: por êle sabe-se que a tipografia “possuia 2 prelos, suficientes tipos e todo o material necessário” e que nela trabalhava, ainda, “o sr. Mariano Teixeira dos Santos, antigo e hábil compositor, habituado a cumprir rigorosamente seus deveres, tendo por auxiliares um ajudante, dois colaboradores, e um servente, que serve de impressor e batedor.

O govêrno tratou de melhorar rapidamente a Tipografia Provincial, armando-a de meios bastantes para a execução de seus serviços, consignando nos orçamentos de 1861 a 1864 verbas apreciáveis para êsse fim.

De 1864 a 1890, “Correio Oficial” foi publicado com relativa regularidade. A 26 de abril de 1890, entretanto, o presidente da Província, major Rodolfo Gustavo da Paixão, determinou a suspensão de sua publicação, justificando a medida pela necessidade de adquirir nova tipografia, “visto como a que estava sendo usada, adquirida em 1836, não se prestava mais aos seus misteres”.

A velha tipografia, em que fôra editada “A Matutina Meiapontense”, em que foram publicados o “Correio Oficial de Goiaz”, a “Gazeta Oficial e o “Correio Oficial”, foi vendida em leilão, sendo arrematada pelo sr. José Leopoldo de Bulhões Jardim, “que a conservou durante muitos anos, como relíquia histórica da terra goiana”.

Os atos oficiais do govêrno passaram a ser publicados pelo semanário “Goiaz”, desde a data da venda da tipografia. Nesse jornal, a 13 de agosto de 1894, foi publicado um edital chamando concorrentes para a “publicação dos atos oficiais”, aparecendo como li-

citantes mosenhor Inácio Xavier da Silva, Pacífico Marques Aranha e Benedito Felix de Sousa.

Monsenhor Inácio Xavier da Silva, alegando que as bases contratuais estavam em desacôrdo com a sua proposta, retirou-a, sendo, então, aceita a de Pacífico Marques de Aranha, com quem, a 21 de setembro de 1894, foi firmado o contrato respectivo.

A 4 de outubro de 1894, em consequência dêsse contrato, surgiu o “Semanário Oficial” que tinha como diretor Pacífico Antônio Xavier de Barros. Êsse jornal apresentou-se com a declaração de que “não somos gazeta de combate ou propaganda; mero publicador dos negócios oficiais do Estado, inteiramente alheio às lutas dos partidos”.

“Semanário Oficial” interrompeu a sua circulação, com o número 221, a 30 de setembro de 1899, passando os atos do govêrno a serem publicados pelo jornal “A Imprensa”, dirigido por Pacífico Marques de Aranha.

A 16 de janeiro de 1904, com o número 222, reaparece “Semanário Oficial” que circulou até 27 de fevereiro de 1907. Êsse jornal reapareceu em 1909, interrompendo a sua publicação, em caráter definitivo, com o número 491, a 23 de dezembro dêsse mesmo ano.

De 1910 a 1911, a publicação do expediente do govêrno foi feita pelo jornal “Goiaz”, do qual Luiz do Couto faz o elogio, dizendo que “êsse jornal foi uma época de rara beleza, uma página sem par das reivindicações democráticas no coração do Brasil”.

Em 1911, reapareceu “Correio Oficial”. A duração dessa fase do órgão oficial goiano foi curta: em 1913 estava essa publicação suspensa, passando os atos oficiais a serem publicados pela “A Imprensa”.

Em 1915, reapareceu “Correio Oficial”, editado, mediante contrato, na tipografia de Pacífico Marques de Aranha. A 11 de maio de 1918 passou o jornal a ser editado na Tipografia Estadual, criada pela lei número 316, de 30 de julho de 1907, instalada naquele mesmo ano de 1918.

“Correio Oficial” foi publicado, com relativa regularidade, semanalmente, até o dia 15 de novembro de 1930, quando passou à publicação diária.

O sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, ao assumir o govêrno do Estado, a 22 de novembro de 1930, dirigiu as suas vistas para a Imprensa Oficial e, principalmente, para a imprensa goiana, antes tão violentada, procurando servi-la por tôdas as formas e procurando, mais, promover o eficiente aperfeiçoamento do órgão dos poderes de Goiaz.

Uma demonstração muito expres-

siva do muito que a imprensa goiana lhe merece, deu-a êle, logo no primeiro dia de sua permanência no poder, quando mandou expedir a todos os jornais do Estado um aviso de que “era inteiramente livre a crítica da imprensa aos atos do govêrno, que essa crítica era absolutamente livre, sem a menor restrição, declarando, ainda, reconhecer na imprensa um dos melhores colaboradores para o êxito de qualquer administração honesta”.

A 8 de abril de 1936, foi publicado o primeiro número do “Correio Oficial”, na nova Capital do Estado.

Pelo decreto-lei número 8.304, de 31 de dezembro de 1943, “Correio Oficial”, nos moldes das conclusões adotadas pela Primeira Reunião de Diretores de Imprensa Oficial, realizada em maio daquele mesmo ano, no Rio-de-Janeiro, cessou em caráter definitivo a sua publicação, sendo substituído por “Diário Oficial” que é, hoje, o órgão dos poderes do Estado de Goiaz.

Despedindo-se, “Correio Oficial” publicou um artigo de que se destacam estes trechos:

“Com cento e sete anos de fundação, com a sua publicação interrompida várias vezes, conforme o exigiam as prementes contingências financeiras da Província ou os interessess políticos, “Correio Oficial”, mau grado a sua fisionomia austera de órgão dos poderes públicos, tomou parte decidida em tôdas as jornadas evolutivas de de Goiaz, procurando, na esfera de sua ação, dar bom e valioso desempenho à sua tarefa de doutrinar as multidões e de preparar a opinião pública para tôdas as conquistas e para todos os acontecimentos.

Não é sem pesar que suspendemos a publicação de “Correio Oficial”. Não se destroe impunemente uma tradição. E “Correio Oficial”, podemos afirmar sem falsa modestia, representa uma das mais nobres tradições de Goiaz.

Devemos declarar, porém, que só realizamos essa medida, que só transformamos “Correio Oficial” em “Diário Oficial” pela certeza de que essa providência é uma necessidade imposta pelo progresso, pela certeza de que essa transformação vai trazer largos benefícios ao progresso e ao aperfeiçoamento dos serviços públicos”.

BIBLIOGRAFIA

- Americano do Brasil, “Súmula de História de Goiaz”.
- Coleções do “Correio Oficial”.
- Coleções de “Semanário Oficial”.
- Jarbas Jaime, “Cinco Vultos Meiapontenses”.
- José Lobo, “Imprensa Oficial”, divulgado em “Correio Oficial”, em 28 de agosto e 2 de dezembro

Maria Joana queria se casar...

José Amaral Meddermeyer

Quando entrei aquela tarde no Clube das Moças, do qual eu era sócia, encontrei algumas amigas em palestra animadíssima, em torno da mesa de chá. Uma delas convidou-me com um gesto a tomar assento a seu lado.

Como eram jovens e alegres falavam e riam sem parar.

— Pois comigo já se dá o contrário, dizia Maria Joana, depois de ouvir uma amiga que acabara de contar algo chistoso que não cheguei a tempo de escutar. E continuou.

— Como vocês sabem, eu sou nervosa, irrequieta, tagarela. Já alguém disse que nas festas, à aproximação dos rapazes, começo a rir, a falar, a cochichar sem propósito, que não tenho “modos”, afinal.

Tenho notado que algumas de minhas amigas, embora aparentem calma e serenidade nessas ocasiões, fazem-nò por cálculo, não sendo de todo insensíveis às expansões de alegria que eu sinto e demonstro, às vezes com exuberância.

Algumas tomam grandes atitudes, sabendo-se observadas . . . lançam olhares lânguidos, estilo Marlene . . . procurando fazer crer que são sempre assim . . . ao natural.

São diferenças de tática, apenas. Não censuro isso, pois também gosto de “rouge”, “baton”, fitas, perfumes que “espiritualizam” e que são sem dúvida artifícios e recursos para agradar enganando . . . para enganar os outros e nos enganar.

E como é doce e confortadora essa ilusão! . . . mesmo quando só por alguns instantes de um baile . . .

São fugas da realidade, onde o sonhador sonha escapar do mundo presente, em busca da felicidade, porque o Passaro Azul atrai sempre a fantasia do romântico. E’ o desejo de sermos diferentes do que somos, que exerce em nós grande atração . . . porque essa cousa de sermos sempre a mesma, vivermos sempre essa nossa vida de todos os

dias não nos dá mais sensação nenhuma.

Temos que nos renovar constantemente se nos quisermos tornar interessantes . . . e interessante e bela a nossa vida.

Conheci num baile de máscaras um bonito “espanhol” . . . aí de Catalão. Depois disso, ví-o muitas vezes, pelas ruas, bem trajado, elegante . . . mas para mim, quando o fitava, era sempre o espanhol bonito que ví pela primeira vez, fantasiado.

A’ medida que falava, suas amigas comentavam e lhe dirigiam a rir frases irônicas sem conta, porém Maria Joana sem se alterar continuava, às vezes, a rir também com as amigas, pois era desembaraçada, brincalhona e espirituosa.

E prosseguia.

— Nisso de artificialismo e de fantasia, nós mulheres somos entendidas: vamos com a maior semcerimônia, desde o sorriso até as lágrimas, se necessário. Mas, que fazer? os homens gostam das faceiras, das que pintam a bôca, das que sorriem a cada passo, das que parecem fúteis, contanto que também gostem dêles . . . só dêles e são, então, exigentes . . .

Temos, pois, que ser bonitas e bobinhas.

Ser estouvada, tontinha, graciosa, qualquer de nós seria capaz. Acho que eu, por exemplo, não necessito fingir: Sou mesmo “fogeteira” . . .

Agora quanto à beleza . . . há três espécies de mulheres, dizia Maria Joana, a falar como uma maitaca, — as bonitas, que são bonitas a tôda hora, mesmo pela manhã, sem pintura, e mesmo quando maltrapilhas; as irremediavelmente feias . . . e um milhão de outras que estão classificadas entre as duas primeiras.

Eu pertença a esta última série, modéstia à parte. Como vocês sabem, nesta classe de mulheres nem tudo são rosas. Há dias que a nossa pele se mostra ruim, áspera, quando uma espinha no nariz não nos prende em casa alguns dias.

O nosso moral se abate nessas ocasiões porque a beleza na mulher é noventa por cento de sua cotação. Mas em compensação a “resistência” é grande nas feias ou quasi feias. Afinal, chega um dia que tudo nós favorece: à tarde, bem dispostas, vestimos, após o banho, um vestido novo e nos enfeitamos e embelezamos o mais possível.

A rigor, a beleza aparente resulta de escondermos com arte os defeitos.

O espelho, o nosso espelho, cruel e amigo, nos diz então admirado: o que, Maria Joana! você hoje engana qualquer um! . . .

Então . . . então, à tarde, nesses dias, costume sair só. Nada de amigas. Há quem diga que é negócio a companhia das feias para nos sobressairmos como bonitas ou menos feias.

Mas, pensando bem, é melhor irmos só.

A confiança em nós mesmas aumenta e com ela a nossa “graça”. Há faíscas em nossos olhares cintilantes, que procuramos encobrir de certo modo, a-fim-de parecerem “encantos naturais” . . .

Sentimos, temos consciência que “estamos” bonitas. Eu, no meu andar caprichado, bamboleio os quadris. Mas não pensem que há exagero nisso: faço-o com naturalidade.

Aliás, não sou feia de corpo.

Noto que os rapazes reparam em mim, nessas ocasiões. Alguns me olham mesmo demoradamente . . . e como isso anima a gente!

Afinal fico com a impressão que ainda sou capaz de fazer um “estrago” num coração masculino.

Mas escutem . . . há poucos dias, fui apresentada por um conhecido a um rapaz moço ainda e muito bonito.

Aparentava ter dezenove ou vinte anos de idade e foi com êle que me encontrei à tarde do dia seguinte, em certa esquina desta cidade. Veiu ao meu encontro cumprimentar-me pòlidamente.

Ficamos a conversar, passeando pelas calçadas da nossa avenida.

Pude então reparar como eram perfeitos e finos os traços do seu rosto e o porte do seu corpo alto.

O que mais se fazia notar era a sua maneira natural de conversar, seu riso, seu andar sem afetação.

Dir-se-ia que êle não sabia que era bonito, que êle ignorava ser tão sedutor.

Sua conversa era até certo ponto ingênua.

Sentamos, depois, em um banco do jardim, e enquanto êle falava eu o olhava, admirada do modo atencioso com que me dirigia a palavra, contando suas viagens pelas Américas. Punha-me então a pensar como um rapagão daqueles tinha conseguido atravessar a terra, de um lado a outro, saindo ileso do

de 1941.

Luiz do Couto, conferência no centenário do “Correio Oficial”, pronunciada em Goiânia, no dia 26 de agosto de 1937.

Documentos oficiais do Arquivo Geral de Goiaz.

Relatório do presidente major Rodolfo G. da Paixão.

O mundo que há-de vir...

Todos os grandes líderes dos povos, mesmo os de decidida predominância na direção dos acontecimentos, se esquivam quasi obstinadamente de falar a respeito do mundo que há-de vir, da nova ordem de cousas que há de surgir dos escombros desta guerra que vai dilacerando a humanidade. Esquivam-se de falar, de fazer vaticínios, tão profundos são os golpes desferidos nos patrimônios mais nobres da humanidade, conquistados e construídos na dor e no sofrimento das gerações, e tão profundas vão ser as reformas nos organismos sociais e políticos, em todos os setores deste pobre planeta angustiado e aflito.

O que é certo é que, nesta guerra, estão sendo torrados patrimônios e prerrogativas que o homem sangrou para conquistar e o que parece certo é que dessa vastíssima sangueira o homem vai sair mais apto para o exercício da liberdade, mais humanizado, mais próximo da felicidade.

O ministro Osvaldo Aranha, a 24 de fevereiro, esteve em S. Paulo e

foi homenageado pelo governo paulista, que lhe ofereceu um almôço no palácio dos Campos Elíseos. Discursando nesse ágape, o chanceler brasileiro disse cousas admiráveis a respeito da guerra e do mundo que dela há-de surgir.

"Esta guerra, disse êle, não será ganha por nenhuma nação; o Brasil não vai sair vitorioso nesta guerra; apenas sabemos que algumas nações e alguns povos terão que ser derrotados e talvez destruídos — coisa que nunca deveria passar pela mente de um homem como indispensável à vida dos outros homens. A verdade é que, nesta guerra, a Alemanha e o Japão devem desaparecer, porque são as fontes da perturbação da paz e dos horrores desta guerra.

As Nações Unidas têm interesses criados, divergentes, e a reunião para combater não poderá subsistir no momento em que voltarem elas a produzir, a comerciar, a reconstruir. A guerra não será ganha, também, por nenhuma forma de governo".

E o ministro das Relações Exte-

riaque de tantas mulheres terríveis que, com certeza, cruzaram com êle por êsse caminho.

Mas, afinal, êle estava ali, ao meu lado, parecendo-me presa fácil, dada a sua pouca idade e o seu ar inocente.

Acudiu-me, então, a idéia de conquistá-lo. Dêste instante em diante não tive mais sossêgo: pareceu-me que eu tinha o diabo no corpo.

Procurei interessar-me pelo que dizia êle. Mirava-o bem nos olhos. Sorria. Puz fôgo nos meus olhos. Cheguei a pegar-lhe nas mãos a pretexto de ver o anel que trazia. Afinal cansei . . .

— "Devias passar uma corda grossa no pescoço dêle, e o levar para casa", disse a essa altura uma das ouvintes, e outra, que tinha estado calada até então, propôs com timidez que o moço devesse ser apresentado ali, ao auditório, para ser observado e estudado como um caso raro.

— Cansei, como disse, continuou Maria Joana. Nada dava resultado.

Eu tinha mesmo que deixar escapar êsse partidão. Mas qual! pensei, reagindo: eu devia ser mais ousada!

Sabem o que fiz? Pedí-o em casamento! . . .

Afetando ser muito exigente, observei-o de alto a baixo, como convinha a uma entendida no as-

sunto. Puz-me em seguida e intencionalmente a olhar como que encantada o seu rosto. Fitei-o com doçura e fui dizendo: o senhor está mesmo — bom — para se casar comigo . . .

Calculem o que aconteceu . . .

Não adivinham? Ao ouvir o que eu dissera, não se alterou. Tirou do bolso um caderninho, tomou calmamente um lapis e pediu-me o nome por extenso.

E eu, bôba, dei-o: Maria Joana Calunga.

Notei então que naquela fôlha do livrinho haviam outros nomes e que todos eram numerados.

Perguntei o que significava aquilo — Êle explicou-me.

"Você é a 347ª moça que me pede em casamento".

Fiquei perplexa. E êle concluiu muito naturalmente: "não posso aceitar seu honroso pedido porque o meu contrato não me permite casar antes de 1950"

Que contrato era êsse? indaguei admirada e já percebendo que tinha dado um golpe errado.

Então, você não sabe, respondeu êle, que sou "galã ingênuo" da Metro Goldwin Meyer? . . .

Abri a bôca, espanada, enquanto êle, entre risonho e irônico me dizia: — então Maria Joana, você, trabalhando de "vampiro" contra mim, hein? . . .

Uma gargalhada estourou na sala. Maria Joana tinha cada uma . . .

riores do Brasil, sem vacilações, afirma, a seguir, de maneira peremptória, que "a verdade, porém, é que esta guerra não será ganha pela democracia, como muitos, ilusoriamente, acreditam e como eu desejaria. E' fora de dúvida que não será ganha nenhuma forma definida de governo que nós conhecemos, mas para a incerteza, para o inesperado, para um esforço do homem no sentido de conquistar uma forma de viver, onde haja igualdade, talvez mais liberdade, mas cuja estrutura escapa à nossa percepção e, sobretudo, às nossas aspirações.

Os maiores homens, os grandes líderes, incluindo o discurso de ontem do grande Churchill, mostram que o mundo de amanhã ainda não foi forjado, porque escapa à nossa visão e, mais, ainda, à nossa previsão".

Essas palavras, tão cautas quanto melancólicas, auguram para a humanidade muito sofrimento, ainda, antes da conquista da meta da paz. Vamos ter, na terra, muita confusão, muita ambição desçaímada, muito tumulto nas consciências e muita angústia nos corações, antes que possamos atingir a enseada da felicidade.

O ministro das Relações Exteriores do Brasil alinhou uma feira de verdades incontestes. A guerra não cessará com o último disparo de canhão, nem com a desmobilização dos exércitos. A luta, essa luta tremenda em que a humanidade delapida os seus tesouros mais nobres, prosseguirá ainda. A guerra da paz empolgará todos os povos.

Seja qual for, entretanto, o resultado de tudo isso, um só dever possuímos: o de preservar o Brasil. Êste patrimônio, que as gerações passadas construíram com a amálgama de eu suor e de seu sangue, deve passar incolume por esta tormenta e deve incólume ser transmitido aos nossos sucessores. Êsse o grande dever desta hora, de nós todos, de todos os brasileiros. Devemos, portanto, satisfeitos e honrados, aceitar todos os encargos desta hora, ter fé em nosso presente e, sobretudo, ter fé e ter confiança em nosso governo.

AO presidente Getúlio Vargas se admira na minha terra como o arquiteto incomparável do engrandecimento de sua pátria, como o artifice magnífico de sua unidade, como o condutor sagaz, predestinado, pela Providência, na abrupta e áspera marcha evolutiva de seu grande povo, para conduzi-lo ao pôrto feliz de seus superiores destinos, através tormentas perigosas e incompreensões injustificadas — LUIZ ARGANA — (Ministro das Relações Exteriores do Paraguai).

POETA MORTO

Quintiliano Jardim

Foi em 1903 a última vez que o ví.

Estava muito magro, o rosto socavado, coberto de um livor esverdeado e os olhos com um brilho sinistro.

Como sempre ébrio, bastante ébrio e falando cavernosamente, arrastando as palavras.

Devia restar-lhe pouco dos pulmões, que grande parte já havia deitado pela boca — foram tantas as hemoptises!

Mesmo assim, não cessava de falar, quasi sempre a sós, com gestos desordenados.

Fazia-lhe mal aquele excesso, êle mesmo o sentia, arfando de cansaço, tossindo a cada frase.

Essa derradeira vez que o encontrei foi num restaurante, tomando aguardente aos copos, sua bebida predileta, a **branquinha**, como êle a apelidava, longe dos fregueses, num canto, solitário e abandonado das gentes.

Atraíu-me a atenção sua voz estragada e a tosse que, nesse dia, vinha em acessos desesperados.

Não o reconheci logo, a tísica devastara-lhe horrivelmente o físico e transformação acentuada se fizera na sua fisionomia.

Foi mister recorrer ao garçon, um italiano-zito que escorchava a língua com barbarismos e solicismos.

Custei a apanhar-lhe dos lábios o nome perdido, enquanto que **embriago**, **vagabondo** e outros epítetos saíam-lhe com tôdas as sílabas, espevitadamente.

O Higino?! Infeliz boêmio! como está acabado! exclamei, dirigindo-me para êle.

Já não me conhecia; o álcool havia anuviado aquela memória prodigiosa.

Além disto, era corrido muito tempo que não nos víamos, dez anos talvez, talvez mais: fôra ali por 93 ou 94, quando viera dêsse Goiaz tropical, trazendo o cérebro ardendo em fantasias e o coração aflorado de esperanças, fantasias, falenas doiradas que espalhará a mãos cheias numa prodigalidade nababesca por jornais e folhetos; esperanças, minaretas aurilavradados erguidos nos seus sonhos de poeta e desfeitos ao sôpro das desilusões, amontoadas dolorosamente sôbre a sua alma sensitiva e boa.

Não lhe foi fácil reconhecer-me; só o conseguiu depois de reconstruir-lhe uma página do passado, querida para nós ambos.

Levantou-se então, cambaleante, arrastando cadeiras, quebrando copos, e veio para mim abrindo os braços esqueléticos e compridos. Apertei-o num abraço carinhoso, sentindo no rosto o bafo quente e cheirando a aguardente de sua boca.

Depois, afastando-se um pouco, disse-me com aquela sem-cerimônia que lhe afugentara os amigos:

“Passa-me uma de cinco aí, é para o vício”.
Dei-lha.

— Agora, para que não me acoimes de filante, retorquiu, leva isto que nada vale.

Eram dois folhetos — “**Dinamites**” e “**Flores do Deserto**”, que êle trazia sempre no bolso do casaco enebado e puído nos cotovelos para impingir, como dizia, ao burguês e sustentar o vício.

Agradeçi. Quís palestrar com êle, saber de sua vida; foi impossível, estava intolerável e banalíssimo. Deixei-o penalizado de seu estado, de sua saúde, certo de que não o tornaria a ver.

Viveu ainda bastante; a enfermidade foi crudelíssima poupando àquela vida dois anos mais, vindo a morrer por uma manhã invernososa, triste, sem um gazilar de pássaro, sem um raio de sol, num hospital, onde lhe cerraram as pálpebras para a “grande viagem” as mãos fidalgamente mimosas de uma irmã de caridade.

Hoje, revendo velhos papéis, depararam-se-me os dois folhetos e me lembrei, saudoso, do Higino Rodrigues.

Reli-os; primeiro, **As Dinamites**, uma versalhada revolucionária, escrita sôbre os joelhos, cheia de adjetivos vermelhos, com rimas explosivas no fim de cada verso. Deviam ser mesmo assim aquelas estrofes, eram dedicadas à memória de Floriano, o super-homem, por quem êle tinha uma admiração fanática.

Depois, as **Flores do Deserto**, de um lirismo plácido, repleto de sua alma apaixonada e já descrente.

Fez-me mal a leitura dos últimos versos, porque neles ouvi as inspirações do vencido, senti o soluçar do abandonado, a par das blasfêmias berrantes do que passara cantando sem ser compreendido pelos de sua época.

E êle foi tudo isto, e no entanto possuía um talento formoso servido por um cérebro ardente e fecundo, que os vapores alcoólicos aniquilaram, mais a descrença no futuro e o indiferentismo dos seus contemporâneos.

Seria o maioral dos poetas da terra que o legendário Anhanguera descobriu, se a sua inteligência encantadoramente fantasista dispusesse de uma vontade poderosa que lhe tivesse evitado a queda na voragem dos vícios.

Ainda assim êle está na vanguarda dessa pleiade de bardos goianos da antiga e atual gerações e versos como estes, vibrados pelo seu pentacórdio, agora emudecido, hão-de por força

ganhar a posteridade, porque não empalidece-
rão ao lado das mais mimosas produções do par-
naso brasileiro:

A PINTA PRETA

A pinta preta que tu tens no rosto
E' uma pinta mimosa e tão pequena
Que te dá mais encanto e mais amena
Graça, qual nuvem leve em céu d'agôsto

Faz um soldado abandonar seu pôsto,
Faz queimar-se na luz uma falena,
— Inveja aos anjos da mansão serena —
A pinta preta que tu tens no rosto!

Eu imagino até, bela menina
Que Deus de ti um dia enamorou-se
E chorou de paixão e de desgôsto...

Chorou!... E a branca lágrima divina,
Gota do céu, caindo, transformou-se
Na pinta preta que tu tens no rosto!

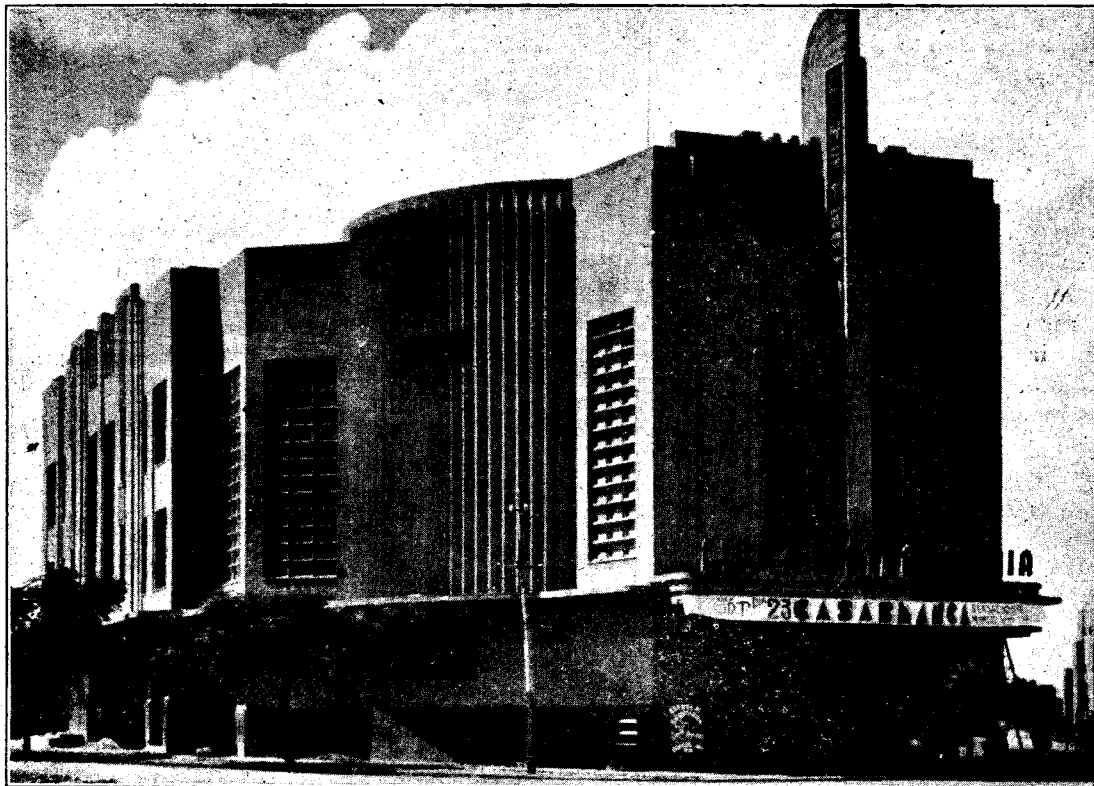
E no entanto quem escreveu estes delicados

carmes, repassados de um lirismo tão suave, jaz,
confundido entre as valas comuns de um cemi-
tério paulista, talvez sem ter o seu nome num
braço de cruz protetora, assinalando a sua últi-
ma morada.

Foi um desgraçado na vida! Quem sabe se
não será um esquecido na morte!

Quintiliano Jardim, que subscreve o artigo "Poe-
ta morto", se enquadra no rol dos lídimos valores da
intelectualidade do Brasil Central. Príncipe dos jor-
nalistas triangulinos, poeta inspirado, diretor de "La-
voura e Comércio", diretor da rádio-emissora de
Uberaba, Quintiliano Jardim consagrou a sua exis-
tência aos altos misteres da inteligência e apresenta,
hoje, um farnel de amplísimos serviços prestados a
tôda a região do interior brasileiro. Goiaz, principal-
mente, muito lhe deve pela defesa de seus interêsses,
que incessantemente tem feito pelas colunas de seu
vitorioso diário.

O artigo "Poeta Morto", que honra esta revista,
sobre um poeta goiano, tão inspirado e tão infeliz, foi
escrito em novembro de 1908 e publicado na revista
"A Instrução", que então se editava em Uberaba, da
qual era redator um poeta goiano: Arlindo Costa.



CINE-TEATRO GOIANIA

Lembrando, no seu aspecto externo, uma galera romana, essa casa de diversões, situada
na esquina das avenidas Anhanguera e Tocantins, foi montada com todo gôsto e capricho
pelo govêrno do Estado, que a dotou de uma moderníssima aparelhagem sonora e de exi-
bição e de um mobiliário perfeito e confortável.

O REGIME DE 10 DE NOVEMBRO E A NOSSA TRADIÇÃO POLÍTICA

RUBINSTEIM ROBERTO DUARTE

"Se há, realmente, uma mística para todos os brasileiros, de agora, esta mística há de ser a que procura restaurar o poder central na sua velha e secular missão, que a Constituição de 91, com o seu extremado federalismo, lhe havia negado, a de fundador da Nação porque organizador supremo da sua unidade política, e da sua ordem legal. No fundo, esta mística se resumiria em restaurar, dentro do regime republicano, o grande programa legalizador e nacionalizador dos estadistas do tipo "autoritário" do período imperial" (1)

De Alberto Torres:

"A ação governamental não oscila mais nas sociedades contemporâneas, entre os termos opostos do individualismo e do socialismo; um e outro extremos são falsos, perante os novos deveres dos dirigentes para com os destinos dos povos, condenados à anarquia, à revolução, ao despotismo, a um quasi certo retrocesso, se os governos não assumirem a direção de todos os movimentos da sociedade" (2)

Não se completam e não se ajustam perfeitamente aos princípios de política objetiva que vem realizando o presidente?

Se vivo fosse Alberto Torres, não haja nenhuma dúvida, ele aí estaria, formando na linha de frente, com o sr. Oliveira Viana, em defesa dos postulados e das diretrizes do regime instituído a 10 de novembro de 1937. Basta confrontar o texto de sua obra e o que está sendo realizado pelo regime.

Também temos certeza de que, se vivo ele fosse, seria visto com os olhos da inveja e do despeito, porque suas idéias não visavam a defesa de nomes, nem de grupos, mas tão somente a grandeza nacional. O seu pensamento e a sua obra política eram incompatíveis com os "politiqueiros" que infestavam o país. Ficaram à espera de melhores tempos. Hoje, que desapareceu o "homem" e ficou a "idéia" criam-se sociedades de amigos de Alberto Torres, para estudar, propagar e realizar as suas idéias. Os "clubes agrícolas" são uma realização desse gênero.

Alberto Torres representava na sua época a chamada "filosofia da idéia" no campo nacional. Faltava-lhe, contudo, aquele "sôpro" da

realização, ou seja, a "filosofia da ação", apanágio dos homens predestinados.

Getúlio Vargas realizou o milagre. Conjugou a "filosofia da idéia" com a "filosofia da ação" e aí está a obra tão profunda nos seus alicerces, que não poderá jamais ser destruída. Arquitetou e executou. Foi o artífice máximo da nacionalidade e a posteridade será quem melhor poderá reconhecê-lo, porque, então, os vendavais das paixões terão passado. A varinha mágica com a qual realizou a grande transformação para a grandeza nacional, chama-se "unidade". Foi essa "unidade" que, mesmo depois de proclamada a República, conservou na alma brasileira a mística do Império, já observada por diversos pesquisadores. O mal do Império, na consciência nacional e para todos os povos livres, está na dinastia e nas castas privilegiadas. Veiu a República, proclamada por um grupo de patriotas, e acabou com o princípio absurdo de ser o chefe de Estado reconhecido por direito de nascença. Extinguiu um grande mal, mas não soube conservar um grande bem — a unidade nacional. Na pressa de elaborar uma constituição, os constituintes de 91 deram ao país, não um estatuto político à altura dos seus desígnios, mas uma cópia de constituições estrangeiras, inadequada às nossas realidades e à nossa civilização.

Pelas nossas condições mesológicas, pela formação racial — fusão de três raças, o europeu, o negro e o índio — e pelas condições especialíssimas de nossa geofísica, temos um tipo próprio de civilização, com as peculiaridades intrínsecas e extrínsecas características do povo brasileiro, como bem observou Cassiano Ricardo, em sua magistral obra "A Marcha para o Oeste", repositório dos verdadeiros fundamentos da sociologia brasileira. A nossa civilização é diferente da civilização européia, é diferente da asiática e também de todas as outras. Cada povo deve ter sua constituição política e suas instituições de acordo com o tipo de civilização que possui. A Inglaterra, por exemplo, que é um país conserva-

dor e possui em alto grau a chamada "civilização industrial", não possui propriamente uma constituição política. Rege-se por um conglomerado de leis esparsas e pelas tradições (3). Mantém a dinastia com um rei e a Côrte, porque isso convém ao seu tipo de civilização e corresponde à vontade do povo britânico. (4). É uma grande nação e a ela estão presos por gratidão imorredoura todos os povos amantes da liberdade, porque, graças à sua resistência e heroísmo, foi possível esmagar a víbora nazista.

No Brasil, o elemento nativo — Aborígene; a escravidão; o ciclo da cana de açúcar, o ciclo do café passando da monocultura para a policultura; a "marcha para o oeste"; a imigração européia; os quistos raciais; a mineração e, agora, a indústria pesada, formam um complexo decisivo na nossa formação sócio-econômica.

Churchil é o salvador e o gênio da Inglaterra porque soube despertar naquele povo a fibra da resistência e soube resolver o complexo dos problemas criados pela guerra. É o mesmo homem extraordinário da outra guerra que tomou a iniciativa de introduzir nas batalhas os tanques de guerra contra os alemães, levando o pânico e a desmoralização às hostes do inimigo. Roosevelt é outro gênio tutelar da Norte-América. Para enfrentar os magnatas da indústria americana, criou o "New Deal", verdadeira ditadura econômica, em bem do povo e das classes trabalhadoras. Colocou-se até em oposição à famosa Côrte Suprema, quando foi necessário, em defesa dos sagrados princípios. Atacado pela paralisia infantil, mesmo assim soube prestar serviços inestimáveis à sua Pátria e à Humanidade, merecendo a estima e admiração de todos os homens de bem. Getúlio Vargas é o gênio brasileiro, só comparável na história da América Latina a Simon Bolívar, o Libertador. Realizou a política da Justiça Social e Econômica, na ordem interna. Na ordem externa, foi devido em grande parte à sua sabedoria política que o facismo italiano foi derrubado, porque, tendo facilitado aos americanos as bases do Nordeste, tornou possível a

“campanha da África” e, em consequência, a queda de Mussolini. No quadro atual da guerra, favorável aos aliados, foi “magna pars”, porque se se mantivesse irredutível na neutralidade, o panorama da guerra seria outro e talvez estivéssemos a esta altura sofrendo as consequências das bases alemãs instaladas em Dakar.

Os três grandes chefes do executivo das três grandes nações justificam perfeitamente estas palavras escritas por Nicolas Murray Butler, presidente da Universidade da Colúmbia:

“Na realidade, se há algo que a experiência política dos Estados Unidos demonstre, é o fato de que o ramo executivo do governo é o representante e a voz mais eficaz que a vontade popular tem; assim o demonstrou Lincoln, na Guerra Civil; Cleveland, na luta por um sistema monetário saneado; Teodoro Roosevelt na cruzada contra o privilégio e a cobiça”. (5).

Essa observação do notável professor americano torna-se um corolário da concepção político-científica de Augusto Comte, pela qual, num governo verdadeiramente sábio, o chefe deve ter amplos poderes e ser responsável perante a opinião pública, que será o Grande Juiz dos seus atos. Dirigir um povo é uma ciência bastante complexa e quem melhor a compreendeu e fixou as suas normas fundamentais e racionais foi o genial autor do sistema positivista, no qual se inspirou o nosso grande Benjamin Constant ao fundar a República.

Os excessos do individualismo contudo, fizeram com que, durante quarenta anos de República, ficássemos paralisados na estrada do progresso. Proclamada em 89, logo em 92 estava decretado o estado de sítio. E daí para cá foi uma sucessão de confusão, estados de sítio, revoluções, alternados com curtos períodos de paz e trabalho. O próprio Rui Barbosa foi uma vítima e um revoltado contra o sistema político que surgiu com a queda do Império, ao qual dera a sua colaboração, tendo sido obrigado a refugiar-se na Inglaterra. O grande idealista morreu sem ter conseguido decifrar o enigma da esfinge política brasileira.

Já em 1920, escrevia o nosso embaixador Abelardo Roças que “No fundo, a justiça social é uma verdade vitoriosa e em marcha que dirigirá sempre as sociedades futuras como a estrêla polar orienta no mar aos navegantes. Pouco importa também a glória da França, como ponderou Rodó, que a experiência e a ciência política depurem o conceito de democracia e de república para adaptá-los a uma noção mais justa do direito, a um sentido mais claro da realidade” (6). Antes, porém, da Re-

volução Francesa, em 1776, o Congresso de Filadélfia já havia proclamado como princípios básicos da democracia: 1º) os governos não se instituem senão para garantir a todos os direitos de vida, de liberdade e de felicidade; 2º) a legitimidade do poder é o consentimento dos governados”. A liberdade ideal, contudo, não deve ser a do nihilista Bakounine, que a desejava total, o que, segundo Artur Desjardins, é uma quimera. (7).

E a prova indiscutível dessa verdade está em que o individualismo com o excessivo liberalismo criou a escravidão econômica do homem pelo homem. E’ ainda Abelardo Roças quem nos diz:

“O erro é quasi sempre a degeneração da verdade e o peor, segundo um velho provérbio latino, é muitas vezes a corrupção do melhor. “Optimi corruptio pessima es”. A Economia, deixada sem “controle” à evolução natural e espontânea de suas próprias leis, desenvolveu-se unicamente no sentido de seus fins, sobrepôs seu ideal ao da humanidade, elevou a riqueza acima da sociedade, a propriedade mais alto que a própria vida, o luxo superior à necessidade, criando um poder econômico no mundo, tão funesto pelas suas consequências materiais e morais, como o poder político dos tempos do despotismo”. (8). Quanto ao “liberalismo”, diz o mesmo autor:

“O liberalismo, tão bem expresso na forma moderna pelo lema spenceriano “individualismo contra socialismo” transformou-se de fato numa ilusão, exaltando-se até ao suicídio e acabando assim por constituir exatamente a negação do que pretendia ser no seu começo. Penetrados de uma intensa atividade econômica, entendendo por igualdade a ausência de desigualdades legais, os Saxões, longe de procurarem atenuar ou prevenir as desigualdades naturais, agravaram-nas, ao contrário, deixando o campo aberto inteiramente à luta, ao triunfo ou à exaltação da individualidade. A liberdade criou por este processo uma hierarquia tão grande na sociedade como na natureza e se os súditos ingleses e os cidadãos americanos são todos iguais, disse um escritor, os ingleses e os americanos deixaram de sê-los. Sob o regime liberal da concorrência e do “laissez faire”, o ideal de liberdade reverteu assim ao primitivo ideal natural de seleção, de força, de energia, eminentemente aristocrático, promovendo o surto das superioridades mais fortes e a eliminação seletiva dos débeis. O divórcio da liberdade com a democracia foi, pois, completo. Susentar realmente que a democracia é a liberdade seria justificar a força, aplicar as leis naturais de seleção à sociedade, legitimar a injustiça e desenvolver

sentimentos anti-sociais ou contrários à comunidade”. (9).

Diante, pois, das nossas realidades e da filosofia política, só nos restava uma solução. Criar um sistema político e as nossas instituições de acordo com as nossas necessidades. “O verdadeiro símbolo do progresso parece estar na divisa da Academia de Ciências da França: *Invenit et perfect*. Inventar e aperfeiçoar, um trabalho combinado de gênio e de paciência, de criação e de pureza, de crescimento e de forma, aumentando de um lado continuamente a humanidade de partículas do novo desconhecido e inesgotável esparsas pelo infinito, e procurando, de outro, sempre e sem cessar, a expressão final das verdades e das cousas, porque, assim como as águas correntes só se purificam na vastidão do oceano, as verdades igualmente só se aperfeiçoam na imensidade dos séculos. A vida, segundo uma expressão feliz de Nietzsche, é um meio contínuo e eterno de conhecimento”. (10).

Getúlio Vargas, dando-nos a Carta Política de 37, criou um sistema político brasileiro original, atendendo aos imperativos do momento histórico que atravessamos, e observou na elaboração do texto constitucional as sábias palavras de F. Ancillon: — “*L'équilibre entre le principe conservateur et le principe moteur, rénovateur, ou du moins la limitation et l'action reciproque de ce deux principes, est le chef d'oeuvre de la législation, et doit être le principe supérieur de toutes les bonnes constitutions. Les anciens nont pas su organiser cet équilibre ou établir le principe modérateur à côté de la force impulsive ou du principe moteur*”. (11).

Após seis anos de experiência do regime, seus resultados estão a confirmar os seus fundamentos racionais. Justiça do Trabalho, integrando o trabalhador na sociedade; unidade política, extinguindo idéias separatistas; unidade das leis do processo; petróleo; siderurgia; aviação; nova Marinha de Guerra; leis de economia popular, etc.. Quem perscrutar sinceramente o âmago da alma nacional, verificará que Getúlio Vargas é hoje o ídolo do povo brasileiro, quer queiram ou não os demagogos e os saudosistas. Sem êle será o caos, que trará a todos, não se iludam os “pescadores de águas turvas”. Getúlio Vargas tem a confiança da Nação.

Ainda está bem vivo em nossa memória o exemplo da França, pátria da Liberdade, sacrificada e mutilada pela desunião provocada pelos seus políticos. Não nos basta esse exemplo para compreender que as lutas internas, a desarmonia e a desunião, no momento gravíssimo que atravessamos, só nos poderão

conduzir para o abismo?

O Presidente indicou o caminho e prometeu que, terminado o conflito, tôda a opinião nacional será consultada a respeito da constituição política definitiva do país, dentro de um mundo novo do após-guerra. Todos, então, terão oportunidade de apresentar suas divergências de natureza subjetiva ou objetiva. Os grandes problemas serão revistos e discutidas tôdas as soluções. E, acima de tudo, o sr. Getúlio Vargas terá sempre em vista o bem do povo.

Não foi, pois, sem razão o que o ex-senador e brilhante jornalista sr. Costa Rêgo dizia, certa feita, conforme testemunhamos, ao sr. Paulo Filho, diretor do "Correio da Manhã", a propósito da escolha de Volta-Redonda, no Estado do Rio, para a instalação no país da grande siderurgia.

Explicando as conveniências dessa escolha, assim se pronunciava: — "Quando o sr. Getúlio Vargas é o árbitro do interesse nacional, êle decide empre a favor da Nação".

(1) "A Unidade Nacional e a missão do Poder Central", "A Manhã", de 28-11-43;

(2) "A Organização Nacional";

(3) "La Constitution de l'Angleterre se compose de lois et de traditions. Elle a des documents considerables, comme la grande Charte, à la base de ses institutions; mais la Grande Charte n'était qu'une ordonnance royale. Elle a de grandes lois comme le Bill of Rights (Lois des Droits) au centre de son système politique; mais le Bill of Rights n'était qu'une loi du Parlement. Elle n'a pas de constitution écrite, et le Parlement peut, en théorie, changer, par une simple loi, toute la structure et le principe même des institutions anglaises. Mais, en fait, le Parlement n'ose pas aller plus vite que l'opinion publique: en Angleterre, est éminemment et puissamment conservatrice". ("L'Etat", de W. Wilson);

(4) "Certes, la République ne suffit pas à faire la démocratie, mais elle la rend possible. Il est de très bons rois justement populaires mais il est presque interdit de penser à une monarchie démocratique (I), car une monarchie s'accompagne presque toujours d'une cour, c'est-à-dire, d'une noblesse, et l'existence des classes héréditaires est incompatible avec la démocratie. Aussi doit-on enregistrer comme un succès durable de la démocratie la destruction de quatre trônes historiquement formidables".

(I) Non pas théoriquement. En 1783, Wimpfen eut voulu qu'on proclamât la France "une démocratie royale". Bonaparte eut pu la

A organização modelar da Colônia Santa-Marta

De há muito o dr. Mário Purri, diretor do Serviço de Lepra no Estado, convidara o repórter para uma visita à Colônia Santa-Marta. Jamais aparecera uma oportunidade real, até que, na manhã clara daquele domingo em que havia muito sol a inundar as avenidas da Capital, dando preguiça aos transeuntes, que se abrigavam sob as sombras da arborização da metrópole do oeste, surgiu, à porta do hotel, numa insistência objetivíssima do convite, o automóvel da direção daquele estabelecimento, trazendo o dr. Domingos Albino Alves, leprólogo, que tinha como missão especial conduzir à Colônia o dr. Paulo Augusto de Figueiredo, presidente do Conselho Administrativo, o dr. Celso Hermínio Teixeira, juiz de direito desta comarca, o dr. Fiori Murano, médico aqui residente, o sr. J. S. Cavalcante, comerciante de São-Paulo então em visita a Goiânia, e o promotor jornalista.

Após alguns minutos de agradável viagem, chegamos à Colônia Santa-Marta, onde nos aguardava o dr. Mário Purri, que, em primeiro lugar, protestou contra o adiantado da hora, esclarecendo que nos esperava antes, por julgar que tomássemos o carro tão logo chegássemos ao centro da cidade. Feitas as desculpas protocolares, fomos ter à residência do ilustrado diretor do Serviço de Lepra do Estado, em que tivemos um lauto almoço, durante cujo decurso se falou de muita coisa, especialmente das belezas dos panoramas do local, a que empresta ativa colaboração o

fonder, mais son premier soin fut de faire une noblesse. La démocratie royale n'est pas une absurdité: elle est un rêve".

"La Democratie Entre Deux Aïmes", de Pierre Flottes;

(5) "Democracia e pseudo-democracia";

(6) "Civilização e Democracia", de Abelardo Rôças;

(7) "De la Liberté Politique dans L'Etat Moderne";

(8) "Civilização e Democracia";

(9) Idem;

(10) Idem;

(11) "De l'Esprit des Constitutions Politiques".

(Transcrito de "A Manhã", de 10-12-43).

O Leprosário de Goiânia é uma verdadeira cidade em movimento — Ai o indivíduo se integra no ritmo de uma nova vida, a ideal para sua situação de doente segregado da sociedade — Um autêntico processo de humanização do tratamento dos portadores do mal de Hansen — "A gente lá fora não tem gôsto para nada", eis uma frase simples que define um estado dalma — A obra de alta benemerência dos Governos Federal e Estadual.

rio Meia-Ponte, que serpeia pelo vale verde.

NA ZONA SÃ

Terminado o almôço, fomos conduzidos, da residência do dr. Mário Purri, ao núcleo populacional da Colônia Santa-Marta.

— Há duas zonas — uma sã e uma doente. Estamos na zona sã, onde residem os médicos, as enfermeiras, o padre, as irmãs de caridade e todo o pessoal da administração, durante o expediente. A zona sadia termina naquela casa acolá — ia-nos explicando o nosso guia.

Passámos, em seguida, ao Pôsto de Observação. Aí são recolhidos todos os suspeitos da doença que se encaminham ao Leprosário, submetendo-se a um rigoroso e científico processo de observação, durante o qual são feitos reiterados exames no intuito de constatar a existência ou não do bacilo no sangue dos pacientes. Verificam-se casos de serem recambiados às cidades e às fazendas de origem pessoas que são tidas, pelos leigos, positivamente como contaminadas pelo mal de Hansen. Foi-nos apresentado um casal nestas circunstâncias, que já estava aprestando sua bagagem para regressar ao lar. Tratava-se de um par jovem que, como fruto de seu casamento, já tinha dois filhinhos, que fora obrigado a abandonar a cuidados alheios para procurar a Colônia.

— No dia em que lhes dei a notícia de que não sofriam nada, ambos choraram por longo tempo emocionados — explicou-nos o dr. Purri.

No Pôsto de Observação predominam geralmente as crianças. Uma vez recolhidos os pais, doentes, tem-se como obrigatório um estágio dos filhos que, pela sua vi-

da em comum, trazem sôbre os ombros a possibilidade da contaminação. Todavia, grande e animadora é a percentagem de menores que só chegam até o Pôsto de Observação, onde lhes é dispensado um tratamento eminentemente higiênico, com bons dormitórios e boa alimentação.

Daí ao Vestiário eram dois passos — o primeiro prédio abaixo. Tudo em perfeita ordem. Roupas pessoais para o serviço. Cada peça lavada é servida apenas uma vez, após o que é imersa na autoclave, para a esterilização sob a pressão de algumas atmosferas.

Saimos do Vestiário, e, antes de transpormos os limites da Zona Sã, já a nossos pés, tivemos uma visão geral da Colônia, cuja praça principal estava bem a nossa frente. Aí se encontra um artístico coreto recém-construído que tem múltiplas funções, sendo, simultaneamente, guarita, porta-bandeira e relógio público.

NA ZONA DOENTE

Imergimos na Zona Doente.

Constatámos uma verdadeira cidade em movimento, com a azáfama do povo em busca do pão de cada dia, com suas autoridades constituídas, com suas diversões, com seus romances, com suas intrigas de amor . . . Há Prefeito, Delegado, sendo éste, de nome Gervásio, procedente de Catalão. O dr. Purri nos afirmou que é pura coincidência . . .

Pelas ruas há velhos, moços e crianças. Uns conversam despreocupados, uns se aproximam da Enfermaria e outros olham curiosos os visitantes. Estávamos na avenida principal da Colônia, em que já se estão lançando as mudas da futura arborização.

Fomos, a seguir, levados ao Hospital. Ao saltarmos uma pequena linha de tijolos, de cinco centímetros de altura, fomos avisados de que estávamos, de novo, na jurisdição exclusiva dos sãos. As entradas para os doentes são laterais. Fomos apresentados ao pessoal técnico: médicos e enfermeiros. E começamos a ver as dependências, salas de curativos; de injeções; fichas de controle de medicamentos; fichas de identidade na qual são anotados todos os pormenores da vida dos doentes; fichas de registro geral da moléstia; óbitos; registro da população do Leprosário — 420 internados; aparelhos para tratamento disto e daquilo . . . Oftalmologia, otorrinolaringologia . . .

O REPÓRTER SE ENCONTRA COM UMA CONHECIDA

Na Enfermaria, o repórter se encontrou com uma conhecida, que veio ter à Colônia como portadora do bacilo. Após os exames, ficou apurado que, devido ao regime die-

tético a que se submeteu pacientemente durante alguns anos, estava sã, isto é, sofrendo uma forma abacilar da moléstia.

— Como vai, Fulano? — disse ela sorrindo.

— Oh! Vou bem, obrigado. E você?

Era Bertília, uma conhecida de infância do repórter. Foi-nos declarado que, em virtude de seu estado, lhe é permitido retornar ao lar. Mas ela não quer, a despeito de ser moça extremosa para com seus parentes. Prefere estar ali, como enfermeira, ajudando aquela legião de doentes a amenizar seus sofrimentos. E' inteligente e caridosa, e tem uma palavra de conforto para cada um que se lhe aproxima.

O repórter ficou meio confuso e, à saída, apenas disse um "até logo" ligeiro. Quando estava já fora do Hospital, arrependeu-se de não ter rememorado alguns episódios da cidade natal de Bertília e lhe ter dado algumas notícias.

"O SANTA MARTA"

Saídos dali, fomos visitar as Escolas, cujas instalações, embora modestas, satisfazem plenamente a suas finalidades. A essa altura, o dr. Paulo Augusto de Figueiredo sugeriu a fundação de um jornal para a Colônia.

— Vai ser fundado — respondeu, incontinenti, o dr. Purri. Já estamos providenciando. Chamar-se-á "O Santa Marta".

O CLUBE

Há, sim, um clube na Colônia, onde se encontram um bar e uma biblioteca, em cômodos distintos, é lógico. No primeiro se pode realizar um joguinho simples, sem compromissos de ordem monetária. — Todos os sábados se dança aqui, animadamente — informavam-nos.

— Mas . . . e a música?

— Olhem ali uma boa vitrola, oferta de dona Gercina Borges Teixeira. E' a jaz dos doentes.

Alí se pode jogar pingue-pongue, também.

Antes de sair do clube, local de diversão, o repórter se lembrou de perguntar sôbre se os internados tinham hora certa para se levantar e se deitar.

— Não, não. Levantam-se e deitam-se quando querem. A êsse respeito há inteira liberdade. Demais, existe o policiamento rigoroso da cidade, conjurando a possibilidade de desinteligências e casos de embriaguês.

Depois dessa informação, ficamos convencidos de que a Colônia Santa-Marta vive democráticamente.

O CEMITÉRIO

Foi-nos apontado, de longe, o cemitério. E ocorreu-nos a pergunta:

— Tem havido muita morte?

— Não. A maioria dos óbitos se registra entre os velhos, dada a circunstância de se tratar de lepro-sário novo, ao qual aportam doentes já decrépitos e no fim da vida.

CAMPO DE FUTEBOL, TAMBÉM

Menos distante que o cemitério, estava o campo de futebol, onde, aos domingos e feriados, os pebolistas preliam corajosamente.

O dr. Purri, entusiasmado, começou a apontar para as imediações, onde há hoje sômente uma vegetação rasteira, esclarecendo que, dentro em breve, existirão, também, quadras para basquetebol e voleibol, e serão construídos um parque infantil e uma piscina, além de um rinque de patinação.

COMÉRCIO, LUXO . . .

A Colônia tem, igualmente, suas lojas de armarinhos e tecidos. Seus aparelhos de ondulação de cabelos, manicuras. Tudo isto é explorado por elementos doentes, que, no entanto, não podem aproveitar, para estabelecer o câmbio negro, a situação de seus fregueses, que não vão além das fronteiras do estabelecimento buscar concorrentes. Aquele que preferir poderá comprar qualquer produto em Goiânia, por intermédio da administração da Colônia.

E' interessante assinalar que, na Colônia Santa-Marta, trabalham exclusivamente aqueles que desejam trabalhar, sendo remunerados pelo que fazem. Quem quiser, ali, receber algo mais do que o julgado necessário pelo Governo, como roupa e alimentação, pode trabalhar e fazer o seu pecúlio, para comprar livros, ternos sobressalentes, rádios ou outros objetos. Existem casas de aluguel. Ao invés de viver em pavilhões, mais ou menos em comum, os internados que têm independência econômica alugam casas reparadas, onde são estabelecidos verdadeiros lares.

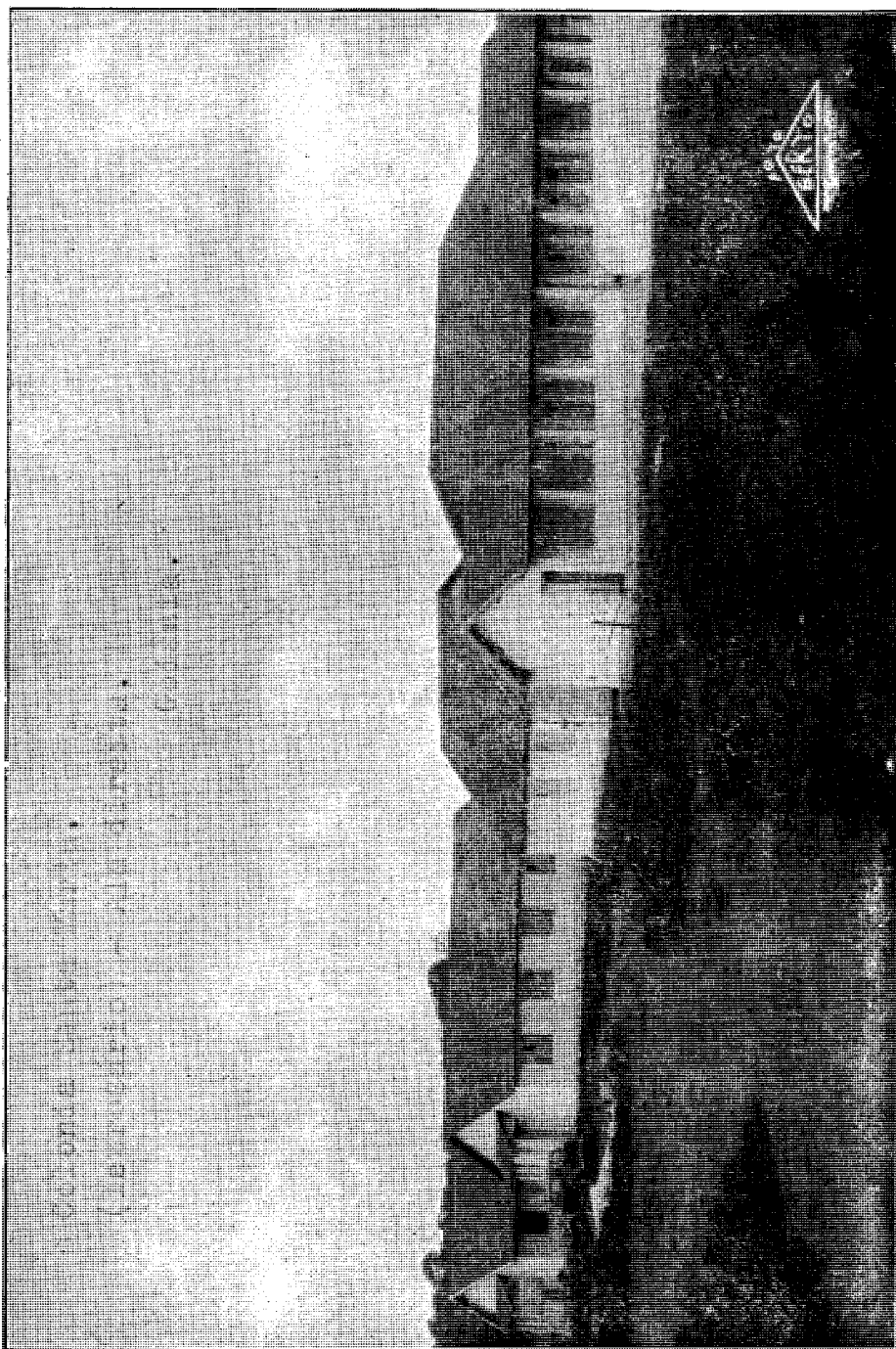
A ÁREA DA COLÔNIA

— A área total da Colônia Santa Marta é de 60 quilômetros quadrados — falou o dr. Purri, apontando-nos, próximo do riacho que serve ao estabelecimento, a estação de tratamento de detritos.

Podem-se fazer plantações amplas, no intuito de proporcionar serviços aos internados que conhecem agricultura e, ainda, abastecer de gêneros a população doente. Êsse grande território possibilita e assegura o progresso futuro do Leprosário, que poderá em dias porvindouros alargar, sem dificuldades, o campo de suas atividades agrícolas.

O PRIMEIRO NATAL DO ESTABELECIMENTO

A Colônia Santa Marta comemorou o seu primeiro Natal em 1943. Foi uma festa de incomparável



significação social entre os hansenos. Tôda a população local colaborou no engalanamento dos pavilhões e das ruas, que ofereciam assim um aspecto caracteristicamente festivo. Houve profusa distribuição de doces e guaranás, oferecidos pelas associações de assistência social de Goiânia, inclusive a Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência.

— Fizeram a primeira comunhão vinte e duas crianças — informaram-nos. Os doentes nunca sonharam, conforme êles mesmos disseram, com um Natal como êsse. Houve câoro, procissão . . . Dava gôsto ver . . .

Conduzidos pelo dr. Purri, já nos encontrávamos diante da cape-

la da Colônia. E' provisória, feita de pau a pique e de cobertura de capim. E' que a pressa do padre Rodolfo Tellmann fez questão de inaugurar, imediatamente, ali, o serviço religioso, antes mesmo que fosse edificada a igreja definitiva. Talvez dizendo que para o intercâmbio do homem com Deus não se exigem aparatos. E, mesmo tosca, a capela existente vem satisfazendo plenamente as suas piedosas finalidades, congregando os crentes, diariamente, sob um ideal reconfortador de vida extraterrena.

UMA FARINHEIRA, TAMBÉM!

O dr. Fiori Murano estava queimado de sol e cansado, mas o dr. Purri, ouvindo embora suas quei-

xas, não parava um minuto sequer de explicar aos visitantes os pormenores das instalações da Colônia. Levou-nos a ver a cozinha, o refeitório, onde um garçon nos fez uma saudação quasi à militar (os lâzaros, habituados a não estenderem a mão a ninguém, cumprimentam sempre, ali, levando a mão direita em forma de continência). Quando o repórter notou que existia em cada mesa u'a moringa, e o disse, o garçon se apressou a acrescentar, com orgulho:

— E uma farinheira, também!

Passamos à lavanderia, à barbearia, e, já próximos da avenida principal, o dr. Purri nos dizia da arborização e do ajardinamento da

Colônia, soltando esta frase, que nos fez rir:

— Esta avenida vai ficar igual à avenida Goiaz!

E não parava de falar, entusiasmado. Será feito isto, aquilo e aquilooutro . . .

CENA DE CIVISMO

A população do estabelecimento foi acordada, no dia 1º de janeiro deste ano, logo de madrugada. A data ia ser festejada. Hasteou-se o pavilhão nacional, no coreto, bem no centro da praça principal.

Todos os doentes o fitaram com respeito e com os peitos arfantes. Alguns choravam, derramando lágrimas grossas e silentes. Cantaram, em câoro, a seguir, o Hino Nacional, fazendo ecoar pelas colinas próximas as suas notas vibrantes. Foram dados vivas ao presidente Getúlio Vargas e ao interventor Pedro Ludovico.

E' curioso observar como o sentimento patriótico não se apaga nos habitantes de uma instituição dessa natureza. Antes se torna mais vivo e mais à tonã de exteriorizações.

NA REPRÊSA

Fomos levados à reprêsa da Santa-Marta. Logo mil metros abaixo, num vale em que passa um ribeiro de águas claras.

— E' o córrego "Caldeirão". Tôda a área que está hoje ocupada pelo açude era, há pouco, um pântano. A drenagem foi fácil, e o trabalho, sôbre assegurar o fornecimento de água encanada à Colônia, veio contribuir para o seu embelezamento.

— Essa reprêsa não é suficiente para fornecer energia hidráulica para luz? — perguntamos.

Foi-nos esclarecido que isto faz parte do programa da administração. Será tentado futuramente, mesmo porque o estabelecimento, precisando de cerca de 25.000 volts, só recebe 5.000 da Empresa Fôrça e Luz de Goiânia, o que deixa a desejar. O repórter quis gloriar a informação, para ressaltar a inoperância dos arrendatários do serviço de energia elétrica de nossa Capital, mas o dr. Purri se voltou sério e solícito:

— E' verdade. Mas, olhe, não escreva isto, não, ouviu?

Adiante, viam-se as plantações de milho, mandioca e outros produtos. A partir do segundo trimestre de 1944, a Colônia se abastecerá a si própria de todos os gêneros de primeira necessidade.

DE VOLTA A' ZONA SADIA

Estávamos de volta à Zona Sã, onde um bom café nos esperava na residência das Enfermeiras. Ao

passarmos pela praça central, foi chamado o Delegado, o senhor Gervásio, que veio a nossa presença de terno novo e elegante. O sr. J. S. Cavalcanti, da caravana visitante, aproveitou a oportunidade e lhe pediu que distribuísse, entre os internados, 300 maços de cigarros que havia levado da cidade, para o que se pôs disposto, prontamente.

Perguntado sôbre o tratamento que é dispensado aos doentes, o Delegado teve palavras lisonjeiras a êsse respeito, e, para comprovar o que acabava de dizer, mandou chamar uma jovem que havia sido internada recentemente. Fizemos-lhe a mesma interrogação, e a sua resposta foi simples e expressiva:

— Aquí é muito bom. A gente lá fora não tem gôsto para nada . . .

Estávamos satisfeitos e extenuados também, como o dr. Fiori, pelas duas horas de soalheira. Rumo, pois, à administração, na Zona Sadia. Aí o dr. Purri ainda nos queria mostrar a farmácia, os móveis, às máquinas dactilográficas. Mas protestamos, em uníssonos, dizendo que era tarde e precisávamos regressar a Goiânia. E êle nos falou, desolado:

— Eu ainda não lhes mostrei tudo . . .

COLÔNIA SANTA-MARTA

A Colônia Santa-Marta possui, atualmente, cerca de quatro dezenas de edificações, contando-se os pavilhões, as casas de aluguel e os prédios destinados à administração, e dista 10 quilômetros de Goiânia. Êsse número de casas, no entanto, cresce de acôrdo com o aumento de sua população hanseana. Foi construída pelo Governo Federal e instalada pelo Governo Estadual. E', também, ao Estado que cabe a sua manutenção, prevista em um milhão de cruzeiros anuais, contando-se especialmente as despesas de pessoal e de material de consumo.

CONCLUSÃO

A Colônia Santa-Marta é um atestado eloquente da obra de alta benemerência que os Governos Federal e Estadual vêm realizando pelo estado sanitário de nosso povo. Os mais modernos métodos de tratamento de lázaros são aí introduzidos, confirmando, a um tempo, o duplo valor da criação de lepro-sários bem organizados — a diminuição de possibilidades de contaminação do mal, pelo segregamento dos atacados do meio social, e a humanização dos processos de que se lança mão para se conseguir objetivo tão recomendável e filantrópico.

Goiânia, janeiro de 1944.

Getúlio Vargas é o primeiro governante sul-americano que soube superar as esquemáticas fórmulas do século XIX, fazer obra sem apelar para a violência ou para o abuso. Gosta de percorrer o país, visita todos seus cantos, porque é desses espíritos que aprendem com as ressonâncias de caminho; eu não sei se é um criador, mas um captador pertinaz. Ajusta-se à realidade, mas não se submete a ela, senão que procura adaptá-la, melhorá-la. Vale a pena repisar êsses conceitos, porque Vargas é um homem de Estado que consulta o meio e o momento, as duas coordenadas da história — JUSTO PASTOR BENITEZ — (Diplomata e escritor paraguaio).

Estou com Azevedo Amaral, quando êsse notável publicista afirma que só houve, na realidade, uma revolução no Brasil. Sim, porque as demais não passaram de golpes de Estado. Essa revolução, verdadeiramente social, teve no senhor Getúlio Vargas um grande chefe, que pôde realizar uma obra ímpar na História do continente. Carrazoni e Amaral deram-me uma visão exata da revolução de 1930 e do seu líder, o presidente Vargas, cuja figura admiro sincera e profundamente, pois se trata de um homem em tôda a extensão da palavra. Um grande homem. Um político com P grande — RAMON VASQUES — (Jurista, sociólogo e historiador argentino).

Saudamos no Brasil o amanhecer da humanidade do futuro. Em seu exemplo temos a maior certeza da vitória. Em seu exemplo temos a certeza de que o ódio e a discórdia devem desaparecer dos corações das multidões, a fim de estabelecer essa cordial civilização que fará de cada homem um irmão do homem. As palavras do presidente Getúlio Vargas uniram ainda mais as almas americanas, estimulando-as a fortalecerem o mesmo pensamento e a mesma vontade que animam os povos dêste Continente na defesa dos nossos bens morais e materiais contra os inimigos da civilização, da liberdade, do direito e da justiça — EZEQUIEL PADILHA — (Ministro das Relações Exteriores do México).

O seu trabalho gigantesco de governante austero, a unidade de sua capacidade excepcional no campo do pensamento e da ação, as suas virtudes cívicas e a sua prudência e cultura fazem com que a personalidade de Getúlio Vargas transcenda os limites que costumam marcar as definições da personalidade humana — HIGINO MORÍNIGO — (Presidente da República do Paraguai).

Regulamento da revista “Oeste”

Decreto nº 5, de 28 de fevereiro de 1944

*Aprova o Regulamento da Revista
“Oeste”.*

O Interventor Federal, neste Estado, usando da atribuição que lhe confere o item I, do art. 7º, do decreto-lei federal nº 1.202, de 8 de abril de 1939, resolve aprovar o Regulamento da revista “Oeste”, que com êste baixa, e assinado pelo Secretário Geral do Estado.

Palácio do Governo do Estado de Goiaz, em Goiânia,
28 de fevereiro de 1944, 56º da República.

Dr. Pedro Ludovico Teixeira
João Teixeira Alvares Júnior

REGULAMENTO DA REVISTA “OESTE”

CAPÍTULO I

Das finalidades

Art. 1º — A revista “Oeste”, de acôrdo com o decreto-lei nº 7.045, de 3 de fevereiro de 1943, terá a seguinte finalidade:

- a) divulgar assuntos de cultura em geral;
- b) fixar de modo particular, sempre que possível, as tendências literárias e sociológicas regionais;
- c) instituir concursos literários;
- d) incrementar e patrocinar publicitariamente a divulgação de obras de mérito de autores goianos;
- e) contribuir para a orientação do pensamento brasileiro num sentido nacionalista;
- f) colaborar com o Governo e as Instituições particulares na solenização dos dias de Festa Nacional;
- g) divulgar as realizações do Governo, sempre que as mesmas se enquadrem nas suas finalidades;
- h) manter intercâmbio com as associações culturais de dentro e de fora do Estado.

CAPÍTULO II

Da administração

Art. 2º — A revista terá sua Administração constituída da seguinte maneira:

- a) um Diretor;
- b) um Conselho de Censura, composto de três (3) membros; e
- c) um Gerente.

Art. 3º — O Diretor é o responsável pela revista, cumprindo-lhe orientá-la conforme a lei de imprensa e consoante os altos interesses do Brasil.

CAPÍTULO III

Do Diretor

Art. 4º — Ao Diretor compete:

- a) superintender tôdas as questões relacionadas com a revista;
- b) assinar a correspondência oficial;
- c) representar a revista ou delegar poderes aos seus membros, para o fazerem;

d) coordenar a matéria a ser publicada, determinando-lhe colocação e destaque;

e) distribuir trabalho aos membros do Conselho de Censura;

f) visar a matéria destinada a publicação.

§ único — Quando tiver de se ausentar da Capital o Diretor designará para substituí-lo um dos membros do Conselho de Censura.

CAPÍTULO IV

Do Conselho de Censura

Art. 5º — Aos membros do Conselho de Censura compete:

a) redigir matéria de interesse da revista;

b) redigir a matéria que lhes for atribuída pelo Diretor;

c) apreciar, aprovando ou rejeitando, os trabalhos enviados à revista para publicação.

Art. 6º — O Conselho de Censura, quer na aprovação, quer na rejeição de trabalhos, decidirá por maioria de seus membros.

§ único — Na ausência de um censor, o Diretor tomará parte nos julgamentos e terá direito ao voto de Minerva.

Art. 7º — A decisão do Conselho de Censura é inapelável, devendo o Diretor, logo após o pronunciamento dos Censores, inutilizar os originais rejeitados.

§ único — A não publicação de um trabalho significa que o mesmo não foi aceito pelo Conselho de Censura, não sendo os originais, em nenhuma hipótese, devolvidos ao seu autor.

Art. 8º — Nos trabalhos que merecerem publicação será lançada a palavra *Aprovado*; nos julgados inaptos, a palavra *Recusado*, devendo, num e noutro caso, ser a decisão subscrita por todos os Censores.

Art. 9º — A censura se estende às observações de ordem política e administrativa.

Art. 10º — Os trabalhos distribuídos ao Conselho de Censura deverão ser devolvidos ao Diretor, devidamente julgados, dentro do prazo de cinco (5) dias.

CAPÍTULO V

Do Gerente

Art. 11º — Ao Gerente compete:

a) dirigir e fiscalizar a confecção gráfica da revista;

b) fixar e alterar os preços das assinaturas;

c) subscrever os talões de recebimento de numerários;

d) providenciar a expedição da revista, para isso podendo utilizar-se de um funcionário da Imprensa Oficial.

§ 1º — O Gerente só aceitará para publicação matéria que lhe for entregue pelo Diretor, e por este visada, depois de censurada pelo Conselho.

§ 2º — É defeso à revista publicar anúncios comerciais.

Art. 12º — Os trabalhos de revisão e distribuição da revista ficam a cargo das secções competentes da Imprensa Oficial.

CAPÍTULO VI

Das atribuições comuns

Art. 13º — A todos os membros da Administração da revista compete:

- a) zelar pelos assuntos da administração, procurando trabalhar em regime de mútua colaboração;
- b) recortar tópicos e curiosidades de jornais e revistas, maximé quando digam respeito às pessoas e às coisas de Goiás e estiverem dentro do espírito da revista;
- c) copiar frases curtas notáveis, de sentido construtivo, mormente de autores nacionais;
- d) decidirem, em conjunto e por maioria, as questões omissas neste Regulamento.

CAPÍTULO VII

Das colaborações

Art. 14º — A Administração não se responsabiliza por conceitos emitidos em colaborações assinadas.

Art. 15º — As colaborações deverão ser encaminhadas ao Diretor trazendo a assinatura, de próprio punho, dos colaboradores.

Art. 16º — Não serão publicados trabalhos assinados por pseudônimos.

Art. 17º — Não se devolverão os originais, sendo imediatamente inutilizados, após o julgamento pelo Conselho de Censura, os trabalhos rejeitados.

Art. 18º — Os trabalhos não poderão exceder de oito (8) páginas dactilografadas, em espaço dois (2).

Art. 19º — Não serão publicados, no mesmo número, dois ou mais trabalhos de um mesmo autor, ainda que se trate de trabalhos de diferentes gêneros literários, salvo quando se tratar de produções poéticas ou de páginas especiais, a critério do Diretor, ouvindo-se o Conselho de Censura.

CAPÍTULO VIII

Disposições finais

Art. 20º — Os casos omissos serão resolvidos pela maioria dos membros da Administração, incluindo-se o Gerente, sob a presidência do Diretor.

Art. 21º — O Diretor deverá entregar a matéria para publicação ao Gerente até o dia 30 de cada mês.

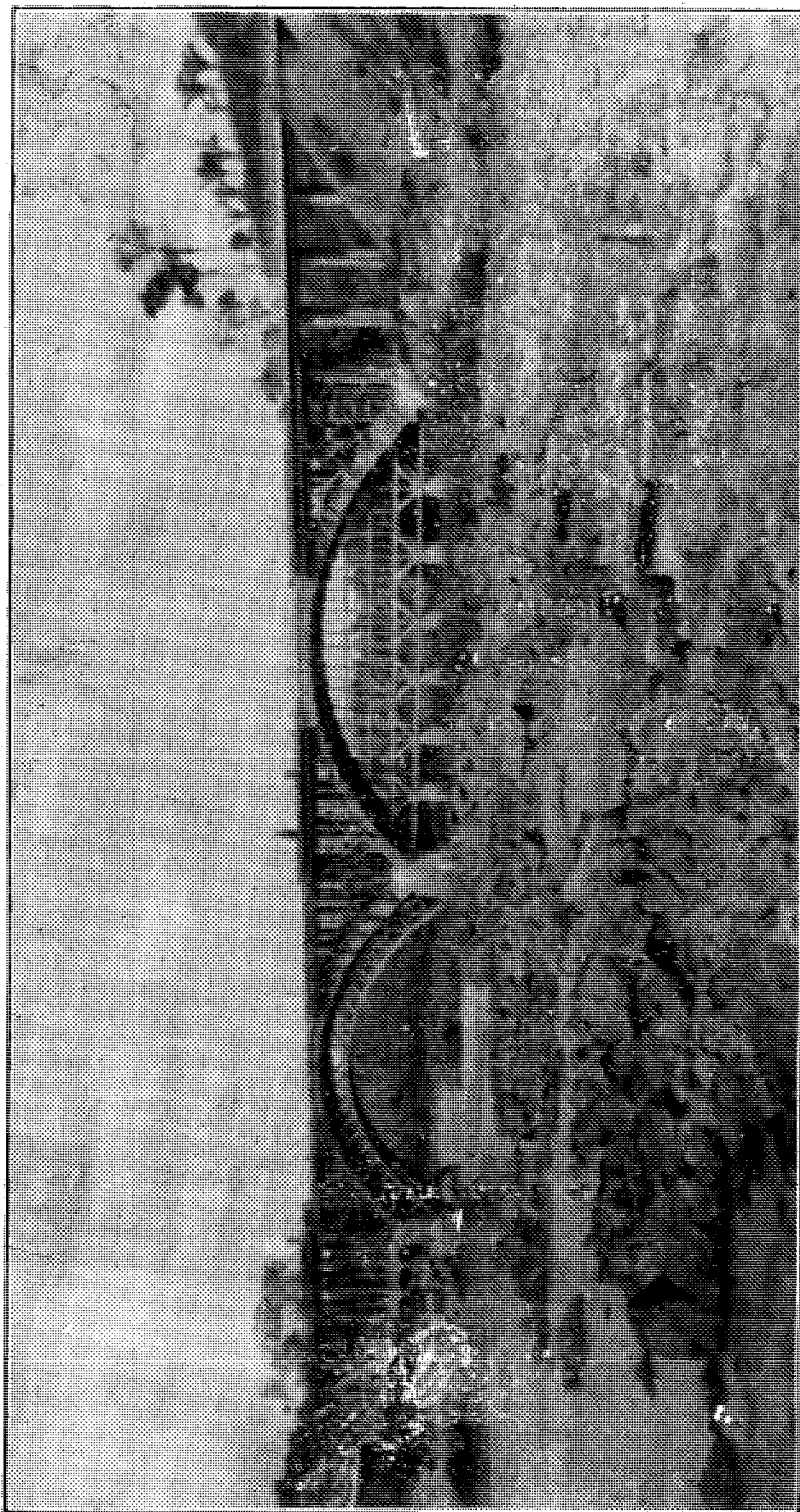
Art. 22º — Os membros do Conselho de Censura se reunirão mensalmente, sob convocação e em local indicado pelo Diretor, para o julgamento dos trabalhos que lhes tiverem sido distribuídos.

§ 1º — Além dos trabalhos redatoriais, o Diretor e os membros do Conselho de Censura são obrigados a publicar uma colaboração assinada em todos os números da revista.

§ 2º — O não comparecimento, sem causa justificada, a uma (1) reunião, importa em renúncia do cargo, devendo o Diretor providenciar, junto ao Chefe do Poder Executivo, sua substituição.

Art. 23º — O presente regimento entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Goiás, em Goiânia
28 de fevereiro de 1944, 56º da República.



*Outro aspecto da ponte sobre o rio Paranaíba, referida à página 5, no artigo "Minas e Goiás",
de autoria do dr. Zoroastro Artiaga.*

« OESTE »

BOLETIM MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Tocantins, n.º 7

(Imprensa Oficial)

Telefone — 1161

Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:

Vaseo dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:

A. Juruena Di Guimarães

Odorico Costa

Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:

Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada ao boletim "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, enderêço acima.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III

Goiânia, Abril de 1944

Núm. 15



DR. GETÚLIO DORNELES VARGAS - PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL,
CUJO ANIVERSÁRIO SE COMEMORA A 19 DO CORRENTE E QUE É, NO DIZER DE SUMNER
WELLES, UM DOS TRÊS OU QUATRO GRANDES LÍDERES ATUAIS DA HUMANIDADE

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

POLÍTICA NACIONAL

O ANIVERSÁRIO DO PRESIDENTE

VASCO DOS REIS

A data de 19 de abril é uma data nacional. O egrégio cidadão, cuja efeméride natalícia comemora, é um apóstolo. Seu culto cívico impõe-se ao fervor nacional. O apóstolado, em cada fase histórica, assume fisionomia peculiar. Uma circunstância, porém, o distingue e identifica, como traço comum a todos aqueles que atingiram tal esfera de perfeição: O altar e o holocausto. O altar é a obsessão sublime, a mística, o ideal de altruismo que exalta e transfigura. O holocausto reclama a consagração da própria vida, em fervorosa oblata, como a sarça ardente de uma Fé, crepitando sob as tábuas sagradas de uma Lei.

Tiradentes foi o Apóstolo da liberdade. O proto-Martir, o Messias. Seu sangue jorrou, por que esse sangue, que alimentava no cérebro e no coração, a centelha divina, tinha de orvalhar a terra; tinha de lançar a luz a viva apóstrofe de seu rubro candente; tinha de perpetuar no espaço e no tempo, o anseio infinito que se encerrava nas gotas místicas, como o Verbo na óstia, ou a imagem do universo na Célula Cinzenta.

José Bonifácio vem depois. O que realizou Joaquim José da Silva Xavier na ordem ideológica, fê-lo o Patriarca, na ordem política. Criou-nos Caxias uma consciência militar, couraça que individualiza a Pátria em seus limites, élo que coordena as virtudes másculas da raça em um núcleo, de altivez e valor; índice vital dos povos, desde que as teocracias estacionárias cederam o passo às formas evolutivas do Estado. Por último, inaugurando o advento de uma época de renovação absolutamente sincera, porque destinada a subtrair o país às influências partidárias degeneradas em espírito de clan, substituindo-as pela cooperação eficiente da economia coletiva organizada, uma nobre corrente se

impôs com firmeza, atraindo todos os mananciais de energia para um amplo esforço comum. Viu-se assim reforçada a instituição republicana e conjurada a crise democrática que prenunciava um desequilíbrio profundo, iniciado na luta partidária, irrelevante e episódica, mas que revelaria fatalmente na convulsão de classes, orgânica, cruenta, implacável. A autoridade conjurou a ditadura. A coluna imponente do poder, apoiada na ordem e na lei, restaurou o prestígio de um regime debilitado e afastou as insídias de um futuro tenebroso, em que a tirania se agachava para o bote mortal. Getúlio Vargas, com uma intuição profética e uma coragem cívica que só a fé inabalável pode alentar, surgiu no acêso das agitações políticas e falou à Nação. Os amigos de sempre, os adversários de ontem, os indiferentes e descrentes, até então, o ouviram comovidos. Era apenas verdade o que dizia. O povo o aplaudiu. Estava e está com ele. Segui-lo-á como o tem seguido, porque ele possui as qualidades máximas de energia e circunspeção, indispensáveis a um verdadeiro Chefe de Estado: suas leis são sábias e justas. Graves e ponderadas suas decisões. Poesue o senso exato da proporção e do equilíbrio, na atitude, nos atos, nas palavras. Terá inimigos. Quem não os tem? Mas éle os ignora, salvo quando são inimigos do Brasil. Com seu ânimo sereno e sua nítida visão dos acontecimentos preservou a democracia de uma derrocada de imprevisíveis consequências para os destinos de nosso povo. Ao Novo Estado constituido outorgou uma lei básica, de acôrdo com os princípios tradicionais do povo brasileiro e à altura da evolução social do mundo, no que ela tem de justo e equitativo, consultados os interesses das classes, num ambiente de ordem e equilíbrio. Assim não fosse e o conflito mundial nos teria co-

lhido de surpresa, com um aparelhamento governamental inadequado às circunstâncias. Porque esse aparelhamento se convertera em um organismo falto de autoridade centralizada, e insuficiente para enfrentar com êxito as forças desagregadoras que se haviam insinuado com o intuito de subverter a ordem e enfraquecer a unidade nacional. E o país resvalaria talvez no epílogo melancólico do desmoronamento de nossa soberania.

Getúlio Vargas interveio a tempo de evitar a catástrofe. O preparo material e psicológico, fruto de uma organização forte e operante, permitiu-nos reagir de pronto à agressão estrangeira, equipada com seus métodos traiçoeiros, inauguradores de uma verdadeira patogenia social e política. Procurava ela, por todos os meios, infiltrar no país uma cadeia secreta de metastases perigosas, que levam, na simulação covarde, a morte e a escravidão, como ocorreu a outros povos fortes e aguerridos. A acuidade dos órgãos nacionais, reajustados e vigilantes, pressentiu a ameaça do trabalho subterrâneo e uma ação enérgica e oportuna o julgou de pronto. Frustrados seus sinistros intuitos, longamente arquitetados, exasperaram-se os celérrimos, afundando nossos barcos e metralhando com furor os sobreviventes indefesos. Menos perigosos que suas blandícias traiçoeiras, os torpedos semearam o luto em muitos lares brasileiros, mas voltaram contra o inimigo nossas armas de guerra. E elas, ao lado das armas vitoriosas das Nações Unidas, hão-de acossá-los onde quer que se embosquem, até a vitória final. Mas, Getúlio Vargas não dorme sôbre as vitórias. Devemo-lhe o Brasil fortalecido, que não buscou a guerra, mas aceitou-a como imperativo imprescritível da dignidade nacional e da segurança continental. E na expressão — Brasil fortalecido — queremos traduzir

as realizações máximas, em todos os ramos da atividade pública, que allcerçaram o soerguimento da nação: A Educação e Saúde, preocupações básicas do progresso humano, constituidas em objeto exclusivo de um novo ministério, receberam vigoroso impulso, que se fez sentir em seus múltiplos setores. Na esfera trabalhista, deu-nos o Presidente Vargas, na organização que traçou ao ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, por êle também criado, a glória da precedência em todo o Continente, constituindo as leis que regulam a justiça privativa as mais avançadas conquistas mundiais em matéria de política social. Coordena a organização sindical a cooperação de tôdas as classes, no reforçamento racional e orgânico do Estado. No setor agrícola tem-se avantajado a proteção às nossas riquezas e o fomento à produção num ritmo jamais atingido. A natureza dadivosa, que desde a época do descobrimento vinha sendo dessagrada em suas fontes, entregues ao arbitrio inconsciente, quasi sempre divorciado de um critério justo de proveito coletivo, encontra por fim, no Estado, a proteção e o desvêlo há tanto tempo reclamados em vão. O Espaço, que o gênio brasileiro conquistou para o domínio da civilização e que é como um infinito oceano comum a tôdas as regiões da terra, encheu-se de asas brasileiras, afirmando-se nossa existência na expansão das novas fronteiras e dessa outra dimensão que o cérebro de Santos Dumont acrescentou ao patrimônio da humanidade. Também o pensamento jurídico do Brasil acompanhou o trepidar das hélices a alturas desconhecidas, dando-nos um Código do Ar que é um primor no gênero, sobrelevando-se a tudo quanto o espírito humano já codificou nesse domínio do saber. E em todos, em todos os quadrantes em que a técnica administrativa convencionou dividir as atividades do governo, a mão incansável do Presidente Getúlio Vargas, a serviço de seu cérebro potente, imprimiu considerável impulso, resultando desse progresso harmônico e simultâneo o surto magnífico que define nosso crescente destaque no panorama internacional. Avulta nossa importância econômica e essa política, aliás, exprime a característica mais forte da atual democracia brasileira. E assim vamos atingindo os limites da industrialização, isto é, a categoria das grandes potências mundiais. Um passo mais na esfera siderúrgica, na coqueificação do ouro-negro, na utilização do potencial hidráulico e "nossas fronteiras econômicas corresponderão às nossas fronteiras políticas" e o Brasil crescerá para dentro de si mesmo até às barreiras do Oeste, completando-se um programa de governo que o Presidente Getúlio Vargas concebeu e delineou. E esse programa traça a mais curta e segura trajetória para a glória e a grandeza do Brasil. Se-

jamos cautos ao traçar vaticínios. Mas tudo nos diz que a fórmula de equilíbrio social, condensada no Brasil pelo Estado vigente, encontrará no mundo de após guerra uma definitiva consagração. Não nos surpreenderemos se aquele, que é para o Brasil um Apóstolo, se tornar para o mundo, um Precursor. OESTE, que encontra em Pedro Ludovico a inspiração e o estímulo para o prosseguimento em sua vida, devotada à causa de Goiaz e do Brasil, registra com emoção a data luminosa de 19 de abril. E reflete nesta homenagem sincera a devoção com que a alma brasileira comemora o natalício do preclaro Chefe da Nação.

Rodrigo Otávio

Com o desaparecimento, há pouco, do dr. Rodrigo Otávio, perde o Brasil um dos seus filhos mais ilustres.

Sua vida pública foi um desdobrar incessante de esforços em prol da grandeza de sua Pátria e de sua gente. Jurista emérito, político no bom sentido da expressão, diplomata esclarecido, magistrado verdadeiramente íntegro e escritor dos mais cultos e talentosos, Rodrigo Otávio foi, por isso mesmo, uma figura exponencial na sociedade brasileira, destacando-se, enormemente, em cada ramo de atividade que exerceu.

Desempenhou, o notável pátrio, os seguintes cargos e funções: ministro do Supremo Tribunal Federal; delegado plenipotenciário do Brasil em diversas Conferências Internacionais: — de Direito Cambial, em Bruxelas; Científica Pan-Americana, em Washington; da Paz, em Paris, assinando o Tratado de Versalhes; representante do Brasil na Primeira Assembléia da Liga das Nações, da qual foi um dos vice-Presidentes; membro da Comissão Internacional de Jurisconsultos Americanos, reunidos no Rio, em 1927; Sub-Secretário de Estado, no governo Epitácio Pessoa; membro da Comissão Permanente para a Codificação do Direito Internacional e da Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde fundou a cadeira Tavares Bastos, nº 35. Era Doutor "Honoris Causa" das Universidades do México, La Plata, Buenos-Aires, Lima, Havana e Arequipa. Foi, ainda:— Professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio-de-Janeiro; membro do Instituto Americano de Direito Internacional e dos Institutos de Advogados de Havana, Lima, Lisboa e Buenos-Aires; membro estrangeiro do "Comité de Legislation Etrangère e de Droit International" do Ministério da Justiça da França e cor-

Antônio Juruena Di Guimarães

Antônio Juruena Di Guimarães, nosso distinto companheiro na direção de "Oeste", vem de ser nomeado para o alto cargo de Diretor de Divisão do Departamento do Serviço Público Estadual, fato com que nós todos, acompanhando a opinião geral, nos rejubilamos sinceramente.

Que andou certo o sr. Interventor escolhendo o Juruena para o relevante cargo, não se discute. O brilhante cronista goiano, tão apreciado no mundo das letras, é, ainda, um es-



tudioso das questões administrativas, tendo em todos os cargos porque tem passado se revelado um funcionário zeloso e competente.

Estamos convictos de que, nas suas novas funções, o Juruena saberá corresponder à confiança do sr. Interventor Federal, desempenhando a contento os seus encargos.

A êle, o abraço dos companheiros de "Oeste".

respondente da Academia de Ciências de Lisboa; membro do Corpo Consultivo da Academia de Ciências Políticas e Sociais, de Filadélfia.

Fez diversas conferências nas Universidades de Paris, Roma, Varsóvia e Montevideu e um Curso sobre os "Selvagens Americanos Perante o Direito", na Academia de Direito Internacional de Haia.

Como se vê, eram realmente grandes os títulos de Rodrigo Otávio, títulos que êle mereceu, mercê de suas grandes qualidades. Por tudo isso, o seu passamento deixou de luto tôda a Nação, que teve, nele, um filho que muito a honrou e enobrecceu.

O ESPERANTO E A EDUCAÇÃO

M. A. Teixeira de Freitas

A evolução humana está historicamente situada entre a unidade biológica que foi o primeiro Homem e a unidade sociológica da Espécie.

É a esta unidade final que as forças do espírito vão procurando, cada dia, caracterizar mais nitidamente, plasmar em linhas mais puras, enquadrar em moldes mais compreensivos e mais estáveis.

As lições da História dão-nos neste sentido os mais claros e sugestivos ensinamentos.

Do rude entrelaço dos egoísmos individuais cu coletivos parece, a princípio, que só ficam destroços, deixando-nos a impressão de que a injustiça campeia e as sociedades humanas cada vez mais se antagonizam em rivalidades e ódios irreduzíveis. Mas as forças superiores que guiam os destinos humanos, permitindo toda liberdade e toda espontaneidade à agitação dos indivíduos e dos povos, conseguem sempre resultados maravilhosos. Esgotados os impulsos de egoísmo que geram os acontecimentos anti-sociais, as forças do altruísmo recolhem os destroços das lutas travadas, aproveitam os movimentos que obedeceram originariamente ao espírito de destruição, e conseguem realizar uma imprevisível construção de alto significado espiritual. Os indivíduos, grupos ou povos, que se entrecrocaram, são arrastados por um movimento de conjunto que leva sempre as sociedades humanas a um plano superior de convivência, de interpenetração, de mútuo entendimento, no qual, a seu pesar muitas vezes, as entidades ontem antagonicas já se sentem sob o signo de um destino comum. E não raro, dissipam-se sem deixar vestígios as rivalidades e as incompreensões que as impeliram antes umas contra as outras.

Mas, além desse admirável mecanismo da História, que conduz a humanidade para o alto, ainda quando ela parece perلustrar os mesmos caminhos em que já realizou dolorosas e inúteis experiências, deparam-se-nos também os impulsos intencional e eficazmente dirigidos para a concórdia e unidade da família humana, isto é, para o verdadeiro progresso, porque inspirados pelo espírito de fraternidade entre os povos e de cooperação entre os homens, tendo em vista a conquista da felicidade coletiva.

Assim que, na sabedoria do plano providencial, os esforços antagoni-

De tão empregados, algumas vezes até sem cabimento, os adjetivos "ilustre" e "grande" quasi que não são mais, hoje, entendidos em seu exato significado. O "jus utendi" e o "jus abutendi", no caso, têm sido exercitados à farta pelos nossos comentaristas.

Entretanto, não são tantas, assim, as pessoas realmente grandes e ilustres. Poucas, até. Mas, entre elas, não se pode deixar de incluir, no Brasil, a figura singular do dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

De fato: o Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Director de Estatística do Ministério da Educação é um brasileiro notável, efetivamente grande e ilustre, eis que são bem raras as qualidades que lhe ornaram a inteligência e o caráter e inexcedível é a sua dedicação aos negócios pátrios.

Inteligência portentosa, cultura ampla, polimorfa e sólida, caráter exemplar, coração imenso, Teixeira de Freitas fez de sua vida um sacerdócio do Bem, da Verdade e da Justiça.

Os estudos que fez dos problemas brasileiros, nos quais revela a profundidade de seus conhecimentos filosóficos, sociológicos, políticos, sociais, econômicos e administrativos, são páginas soberbas, sempre ricas em sentido construtivo, e ne-

cos — de um lado, os ditados pelo altruísmo e pelos mais formosos ideais humanos, e do outro, os que têm origem no espírito de discórdia, intolerância ou prepotência, de violento egoísmo, em suma convergem todos, nos seus resultados últimos, em virtude do invisível poder ascensional que impele a humanidade aos seus destinos, a uma finalidade de unificação entre todos os interesses humanos.

Sem embargo, porém, desse imanente poder que vai dignificando a humanidade e preparando-a para a integral fraternidade que há de uní-la um dia, mal grado os erros dos homens, — sem embargo, repetimos, dessa influência misteriosa, cumpre que as forças que visivelmente procuram o polo positivo da ordem humana, se empenhem, solidarizadas cada vez mais, no esforço construtivo que lhes cabe.

Ora, essas forças são todas aquelas que procuram unificar a sociedade humana graças à progressiva harmonização das vontades, dos propósitos e dos ideais. É a atividade religiosa quando sinceramen-

tas os nossos estadistas podem encontrar, sempre, caminhos admiráveis para a felicidade nacional. É famoso, e hoje mais oportuno que nunca, o seu plano de redivisão política do país, a pedra angular da segurança e do progresso de nossa Terra. Seus ensaios sobre questões municipais e educacionais constituem seguros roteiros para os nossos administradores. Enfim, sempre que examina um problema — e são tantos os que examina! — fá-lo conciente e sabiamente, apontando, com franqueza, as falhas que encontra, e, com júbilo patriótico, o que nele vê de bem conduzido.

Herdeiro de um nome glóriofo, tem sabido honrá-lo o dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas. É ele, sem nenhum favor, um verdadeiro apóstolo da grandeza nacional. Um brasileiro realmente grande e ilustre.

E aí está por que OESTE se sente, hoje, profundamente honrada e envaidecida, publicando um trabalho seu — O ESPERANTO E A EDUCAÇÃO —, escrito para esta revista e "Fôlha Carioca", do Rio, com o que Teixeira de Freitas, atendendo fidalgamente a instantes pedidos nossos, mostrou, mais uma vez, a atenção que dispensa às coisas goianas.

te empenhada na procura da verdade e do bem, sob a inspiração da caridade; são as belas campanhas altruistas que procuram, desconhecendo fronteiras, a extirpação dos males físicos ou sociais que afligem a humanidade; são os esforços construtivos dos governos procurando canalizar as atividades dos respectivos povos, de forma que, sem atritos, busquem o bem geral; são aquelas medidas por meio das quais se uniformizam, se padronizam, se solidarizam e se unificam as mais complexas rédes de interesses econômicos, sociais, científicos e morais.

Moeda, pesos e medidas, calendário, terminologia técnica, empreendimentos científicos de interesse mundial, repressão a todas as formas de domínio ou exploração de ser humano, relações de direito público e privado, combate aos grande flagelos sociais de ordem sanitaria, controle do tráfico dos entorpecentes, e quantos assuntos mais, foram e estão sendo objeto de organizações e atividades específicas, que se desenvolvem no terreno da cooperação in-

ternacional, submetidas a normas ou tipos, aceitos e praticados por muitos ou por todos os povos, tendo por fim facilitar o entrelaçamento das relações entre os homens, sem que os detenham as barreiras criadas pelas linhas de jurisdição dos governos.

Ora, a este movimento de íntima confraternização na sociedade internacional faltava o instrumento por excelência, o da própria expressão do pensamento. Um idioma que todos os homens da terra pudessem facilmente aprender e utilizar nas relações de povo para povo, mas sem o risco de com isto se sentirem feridos os melindres nacionalistas, ou se acobertarem veleidades de predomínio.

A esta aspiração, a mais nobre entre todas, veio satisfazer de modo mais cabal e inteligente, esse engenhoso idioma auxiliar, essa sonora, elegante, rica e fácil língua universal — o Esperanto, a maravilhosa criação do gênio de Zamanhof.

Generalize-se o uso desse idioma admirável, universalize-se o emprego do Esperanto, que todas as campanhas humanitárias, todos os mais formosos ideais de paz, cooperação e fraternidade entre os homens estarão rapidamente vitoriosos.

Mas a causa da educação, principalmente, esta será a grande beneficiária do triunfo do Esperanto.

Já não falando do quanto lucrará a humanidade em aperfeiçoamento moral graças ao espírito de fraternidade que se desenvolverá rapidamente com a prática da inter-comunicação entre os cidadãos de todas as nacionalidades; já não falando dos surtos de idealismo, das nobres correntes de pensamento e de emoção que essa intensa correspondência internacional pode e há-de provocar, — imagine-se o estupendo poder para difundir ensinamentos, aspirações, concitamentos, enfim, todos os fatores de aperfeiçoamento mental e moral entre os homens, que poderão ter as campanhas educativas lançadas em Esperanto pelo livro, pelo rádio, pelo filme sonoro, pelo disco, quando a universalidade dos homens for acessível à expressão através do nobre idioma da esperança e da fraternidade! . . .

Que poder de emoção tem este alto pensamento: que um dia pode vir, há-de vir, — e talvez já não esteja longe — em que as vozes de nobre comando ou de generoso conselho, que se levantam no seio da humanidade, possam repercutir na totalidade dos corações e das consciências! . . . E como essa expectativa deve ser grata aos idealistas que anseiam por essa Idade de Ouro, essa era de fraternidade e paz entre todas as Nações!

Que é preciso então? O que é preciso, o que é indispensável, o

Sexta-Feira Maior

No tumulto dos séculos que passam atropeladamente, das gerações que nascem e das gerações que desaparecem, na confusão de povos e nações que se amalgamam na poeira do nada, há um instante em que reis e mendigos, conquistadores e desherdados, todos os impressionantes matizes sociais se irmanam e se fundem, ligados pelos mistérios imperscrutáveis da memória: é quando as criaturas aflitas da terra triste se lembram de que um Deus compassivo veio a este mundo, conviveu com os homens e por estes se deu em holocausto, por estes se fez matar, entre imensas torturas, entre sofrimentos sem nome.

De todos os recantos da terra cristã, onde palpita um coração cheio de amor, Jesús, nessa semana trágica que aí passou, na primeira quinzena deste mês, foi glorificado em suas dores, amado em seus sofrimentos, amado com veemência em sua morte, em sua ternura, em sua compassividade.

Os séculos rolam cheios de angústia, a ciência humana, árida e sombria, coroa de festões a frente dos descobridores, dos arquetipos das raças, o homem alarga os limites de seu domínio, mas a terra continua triste, o homem continua desolado. As glórias e as conquistas não lhe claream o espírito cheio de dúvidas sombrias. Dentro dele rugem as dúvidas, as indecisões, as certezas cruéis da inanidade dos esforços para conquistar a paz e a tranquilidade. De uma só cousa o homem tem certeza. De sua natureza perecível de seu nascimento para a morte.

Voltando-se para o suave perfil do ameno pregador judeu, analisando-lhe os ensinamentos de ternura, amando-O em sua bondade, em seu sacrifício, os homens como que se vestem de claridades gloriosas. Sentem a imortalidade. Em Jesús há a glória e a vida. Jesús é o princípio e o fim de todas as cousas.

que é urgente, é que todos os esforços se congregam para que o Esperanto o mais cedo possível, conquiste a plenitude de sua maravilhosa eficácia. E para isso duas cousas são aconselháveis: que cada um de nós, primeiro, se apresse em dar-se o prazer intelectual de aprender o Esperanto, e, depois, faça dele a maior propaganda possível no campo da sua atividade e no seu círculo de relações.

Com esse esforço tão simples e tão fácil, estaremos trabalhando para a formação dessa super-comunhão humana que, coordenando no trabalho fecundo as atividades nacionais, preparará a humanidade para os milagres de que é capaz, quando triunfante, a boa vontade dos homens.

“Uma” de Diógenes

Um libertino fez inscrever por cima da porta da sua casa as palavras: “Aqui não entrará o mal”.

— Então, onde vais viver?, perguntou Diógenes ao dono da casa.

Os comunicados nazistas

A's portas do Céu compareceram certa tarde seis pilotos nazistas, batendo violentamente. S. Pedro chegou, abriu o guichê, e o porta-voz dos seis perfilou-se, bateu os calcanhares e declarou premeptório:

“Somos aviadores alemães. Fomos derrubados e mortos sobre as Ilhas Britânicas. Abre essa porta e deixa-nos entrar!”

S. Pedro fechou o guichê e retirou-se. Os nazistas batiam com furor teutônico. Daí a pouco, S. Pedro voltou acompanhado de S. Gabriel com sua espada, abriu a porta e disse: “Está bem. Dois podem entrar”.

“Mas somos seis!” protestou o porta-voz. Que é dos outros quatro?”.

“Lamento, rapazes”, retrucou S. Pedro. “O comunicado do Alto Comando alemão diz que hoje só se perderam dois pilotos sobre a Inglaterra. Dois podem entrar — os outros que vão para o inferno!”.

POLÍTICA INTERNACIONAL**Uma nova Humanidade**por **MATA TEIXEIRA**

Os egípcios adoraram o boi A'pis; e objeto de idolatria foi um bezerro de ouro. O boi A'pis e o bezerro de ouro se apresentam agora ao mundo dito supercivilizado sob a forma de um zebú, ou de um gir, que roubam leite ao bezerro plebeu e à criança pobre, e que, em estátuas, ameaçam concorrer nas praças com os nossos vultos do passado; ou, antropomórfos, na pessoa de um Hitler, ou de um Mussolini, ou, entre nós, de um Plínio Salgado, roubam a Paz e a Tranquilidade ao Mundo.

Rangendo eu ouvi vagões, rindo dos trilhos, como se pudessem rodar sem êles.

E vi netinhos motejando de seus avós, como se pudessem ser netinhos sem que os seus avós também o tivessem sido.

Rimo-nos, não raro, de nossos atos de ontem, porque hoje nos julgamos mais evoluídos que ontem. E amanhã nos riremos do que fazemos hoje.

Mas acaba de nos chegar uma grande pergunta, que é um *test* de difícilíssima solução, sobre o que fomos, o que somos e o que seremos.

E nós, os da atual geração, dessa geração flagelada, que vinhamos gargalhando à custa do passado, porque dêste já nos chegamos pudesse surgir sem a experiência de tudo o que ficou para trás, deixamos de gargalhar.

Julgávamos-nos, já dentro da civilização, um capitel, e acabamos verificando que não passamos de simples pedestal.

Porque rebentou esta guerra, a afastar abruptamente o veu de cegueira de muitos, de muitíssimos anos. E ela veiu de tal forma que não mais ousamos rir do passado, porque dêste já nos consideramos um pedaço, mau grado o título glorioso, pomposo, que já nos dávamos, qual o de gente do Século XX, o Século das Luzes que, no fim de seu segundo quartel, nos fez compreender, impiedosamente, que nos encontramos, ainda, em plena penumbra.

E passamos a julgar os momentos que vivemos como os mais dramáticos e os mais decisivos já vividos pela Humanidade.

Reivindicamos, assim, não mais a glória de conquististas, mas, tão só-

mente, humildemente a de sofrimentos, a de provações.

E' que esta guerra, que melhor denominada seria a Grande Revolução, vem, não há fugir, marcar um novo período histórico, de tal maneira está influenciando e continuará ela a influir nos destinos do mundo.

Iniciamos uma nova etapa de nossa História.

Desgraçadamente, as maravilhosas transformações que se processam não são gravadas ou inscritas com cinzel, estilete ou pena, pois, em lugar disso, elas exigem instrumentos diferentes e os mais variados: — são sabres, fuzís, metralhadoras, morteiros, granadas, canhões, bombas e tantos outros.

Exigem elas tinta toda especial: — sangue humano, pouco se importando com as raças a que êle pertença, bem como com o sexo, a idade e a religião de seus voluntários ou forçados doadores.

Ao contemplarmos a presente hecatombe, ao observarmos que indivíduos de uma só e mesma geração participam como comensais do banquete macabro que lhes oferecem duas conflagrações, ao vermos uma nação como a Filândia, esta infeliz aliada da Alemanha, em muito menos de um lustro entrar em luta duas vezes e duas vezes ser compelida a pedir a paz ao mesmo vencedor, compreendemos bem que não somos senhores, como nos julgávamos, e sim pobres passageiros da vida, sujeitos aos caprichos dos empresários da morte.

Justo é, portanto, nos insurjamos contra êsses empresários, para que, como o não foram pela Revolução Francesa, não sejam em vão os rios de sangue, de lágrimas, de privações e de sofrimentos que embebem a face da Terra.

Há milhões de crianças em todo o orbe cujos lábios ainda não se entreabriram num sorriso, êste bailado dalma que não puderam copiar do rosto aflito, amargurado, de suas desventuradas mães.

Tolos foram aqueles que sonharam ficariam a cavaleiro de tudo, de palanque, como meros epectadores, pela situação geográfica de suas pátrias ou fortaleza de sua gente, esquecidos de que esta guerra, como o quizeram seus inventores e provocadores, teria que mo-

bilizar tôdas as nações, por isso que nela se jogam os destinos de todos os homens.

No entanto, pela suas conquistas materiais, nunca os homens estiveram em melhores condições para maiores e mais definitivos entendimentos.

Chegamos, utópicamente, a imaginar um mundo, um mundo bem dirigido, — uma cabeça descomunal, — possuidor de um cérebro imenso — a soma do cérebro de todos os seus habitantes — com tôdas as suas células a vibrarem sincronizadamente, movidas pela mesmas aspirações, dominadas pelo mesmo ideal.

Entretanto, nada mais contraditório que aquilo que vai pelo cérebro caótico do mundo. E isso porque o mundo ainda não quiz abrir os ouvidos e os olhos à voz e à luz da Razão.

Mercê de Deus, nunca foi e nunca será de balde o sacrifício dos que se bateram e se batem pela causa da Liberdade, de que é síntese a democracia, da democracia, este-reotipação da Liberdade.

E dia chegará em que a Humanidade iniciará a colheita dos frutos, logo após esta longa estação de chuva de sangue. E ela terminará a-pesar-do arrepio que ao se falar em seu fim sentem alguns compradores e fornecedores de cristal, gado, aviões, tanques e canhões, porque o fim da guerra acarretará a ruína de seu mercado consumidor.

A chuvarada está a terminar. Que seja esta a última chuvarada de sangue.

Para que isso, porém, aconteça, é preciso, de logo, se esboce a partilha do que a guerra vai transmitir à Paz, através do sacrifício daqueles que combateram e combatem a escravidão, hoje requintadamente aparelhada e disfarçada sob a diabólica bandeira do nipo-nazi-fascismo, cruzamento, de que nasceu aqui, aqui se aclimando, êste monstro híbrido que é o integralismo.

E um reajustamento geral se impõe: — reajustamento entre indivíduos da mesma coletividade; e reajustamento entre a coletividade das nações: —

entre indivíduos, para que uns não absorvam os outros; para que uns não explorem o trabalho dos

ou'ros; para que seja aproveitado o valor, a capacidade de cada um, sem privilégios de famílias ou de castas, tendo-se, para isso, em vista, não nobreza estulta, mas aquela nascida do valor humano: — cérebro e coração; para que todos se estimem e se respeitem mutuamente, vivendo dentro dum padrão de vida compatível com a dignidade humana, a todos se oferecendo as mesmas oportunidades; para que desapareça a desconfiança e reine a sinceridade, tudo cercado do mais ardente espírito de cooperação, com o desaparecimento do grande capital privado, água-régia dissolvente de tudo aquilo que o homem tem de nobre, dissolvente do maior dos capitais, que é a nossa liberdade, do maior tesouro, que é a moral.

Reajustamento entre nações, para que desapareçam os imperialismos internacionais, e, conseqüentemente, os nacionais; para que haja a liberdade de cada povo governar-se a si mesmo; para que haja a liberdade dos mares, a liberdade de comércio entre todos os países, sem odiosos empecilhos, restrições ou proibições; para que se não fale em superioridade ou inferioridade de raça e para que se dê a mais ampla liberdade a todas as crenças; para que o espírito de solidariedade dos membros de cada agregado humano se manifeste no conglomerado das nações.

Todos os homens de todas as partes do mundo estão mobilizados. Desde aqueles que pagam seu tributo nas frentes de batalha aos que nas mais longínquas retaguardas combatem o quin'acolumna ou entregam, de seu suor, sua contribuição ao câmbio negro, à chusma, também mobilizada, mas a serviço do inimigo, de açambarcadores, aos exploradores que loucamente gozam os últimos estertores de um sistema econômico que logo será cousa do passado. De um sistema que, paticularizando-se, de há muito vem sofrendo, no Brasil, os mais rudes golpes, nesta revolução branca, científica e pacientemente chefiada pelo governo brasileiro.

Que mesmo aqueles que se acham isolados dentro da carapaça revoltante de seu egoísmo se preparem para a alvorada, que uma nova Humanidade não tarda a surgir.

Quem dera ! . . .

Certo dia, um neutro visitava Berlim e estava curioso sobre a situação alimentar. Voltou-se para o nacional que lhe servia de guia e perguntou-lhe:

"E' verdade que os senhores, alemães, estão comendo carne de cavalo?"

"Ah!, suspirou o nazista, "aqueles bons tempos!"

MAGNÓLIA

JURUENA DI GUIMARÃES

"Ela é mesmo a cara do pai". Assim comentavam os que conheciam Magnólia, a neta bastarda do major Cincinato Belem, opulento Senhor de Engenho na zona do Japecanga.

Viera Magnólia ao mundo de um encontro do filho mais velho do major com a mucama Rita, cabócla de olhos pestanudos, encarregada do forno de farinha da Fazenda Sta. Tereza, numa noite de S. João, quando a fogueira do terreiro já estava apaga, não apaga . . .

Órfã de mãe, vivia a menina com o avô, viuvão ranzinza e cheio de complexos raciais. Apesar de fingir reconhecê-la como sua neta, o major Cincinato trazia-a à certa distância dos mais íntimos do seu solar apatado, onde u'a mobília de jacarandá sisudo e alguns quadros de *ilustres mortos* tentavam ilustrar o ambiente com uns restos de fidalguia...

Crescia, assim, aquela criança, num ambiente de recalques, e quasi sem carinhos. O seu mundo se circunscovia ao convívio analfabeto dos empregados da casa, de quem ouvia, não raro, palavras que eram, diante daquela alma ainda branca, como uma borboleta negra que se chocasse contra a superfície de um espelho.

Estava Magnólia com quinze anos, idade em que as meninas ricas são chamadas debutantes, e as pobres, taludinhas. Nessa fase em que Menina e Mulher, na precipitação de uma ceder lugar a outra, se encontram, dando à adolescente um aspecto de boneca de pau.

Foi, então, que ela conhecera Carolino, molecote de 18 anos, mais mulato do que moreno, sempre de pernas, camisa caqui, lapiseira no bolso. Senhor de uma cabeleira corrida e negra jogada para a esquerda, o novo empregado da fazenda, de início, enfeiticava a infeliz neta sem avô. E o namôro teve o seu começo justamente naquele dia em que o herói levava um "tombo" de um poldro que estava "repassando", e Magnólia lhe oferecera um copo de salmoura. Foi nesse instante que o jovem enamorado percebeu que já havia no todo insinuante de sua quasi amada alguma coisa de inquietas alvoradas.

E o tempo foi-se arrastando na estrada indolente dos anos... Magnólia se fez, definitivamente, mulher. As curvas graciosas de seu corpo bonito entonteciam o moleque Carolino. A musa da poesia começou a fazer cócegas na sensibilidade do namorado, e ele perpetrara "uns versos" que começavam assim: "mulher, amar-te é o meu fado". Magnólia lera-os com lágrimas nos olhos.

O major resolvera mandar um carregamento de aguardente para Cuiabá. Ninguém melhor para tal incumbência do que Carolino, "menino-homem", como dele dizia o senhor de engenho.

O sol das nove horas batia na porteira do curral, empurrando-a para a frente no chão poeirento, quando eles se despediram ali. Carolino estava um "cow-boy" dos bons: lenço preto no pescoço, com um anel de chifre metido, servindo de atadura; chapéu de abas largas, "38" niquelado, guaiáca cheia, ainda com a glória de ir montado na "Cambraia", mula de sela do patrão.

"Óia lá, menino, muito juízo!" Era o major recomendando, lá da varanda.

Não era visto com maus olhos, pelo avô, o namôro da neta com o Carolino. "Menino esperto, trabalhador, já tem alguma coisa de seu", dizia êle do fundo de sua ganância de atrazidão, reforçada pelo desejo de se ver livre da neta.

A menina, agora, passava os dias volutuosamente vivendo o seu sonho. Cada carta que lhe chegava de Cuiabá era um vento fresco e suave naquela alma esperançosa como um canavial novo. Elas começavam sempre assim: "Magnólia, minha noiva, ao pegar da pena para lhe traçar estas mal traçadas linhas"... isto, em papel roxo, estreitinho, encimado por um beija-flor com um ramo no bico.

O tempo já havia andado muito sobre si mesmo, depois daquele dia em que viera a notícia da fuga de Carolino para o Paraguai, e o major tivera um ataque apoplético ao recebê-la.

A fazenda, agora, estava entregue ao Fernando, pai de Magnólia, que viera chamado de Barretos, onde se metera no profissionalismo do barcará.

"Sinhô! Sinhô! O corpo da menina tá boiano nu açudi". Era a Gervásia, escrava velha, que, com a beicorra tremendo, vinha dar parte do suicídio de Magnólia, a quem procuravam desde o meio-dia.

Por uma dessas coincidências que só o Destino sabe proporcionar, eram justamente nove horas, e o sol batia na porteira, quando a rede que conduzia o corpo de Magnólia passou, balançando pesado, rumo ao cemitério do arraial, e foi ainda Gervásia quem comentara, lá da porta da cosinha: "Ela ficou uma noiva tan bunita, cum u vestido de sitineta i o véu di filó!"

Orientação vocacional

Pela Professora

AMÁLIA HERMANO TEIXEIRA

Para que alcance o homem êxito decisivo em qualquer atividade, terá de seguir o método, levar em conta suas tendências, empregar técnica apropriada. A experiência mostra-nos a desorganização, o desequilíbrio dos primeiros tempos, em que o homem, desmedidamente ambicioso irresponsável absoluto aplicou métodos e processos ditos selvagens. Reflexos dessa atitude humana primitiva, nós, infelizmente, ainda os encontramos nos dias que correm. Que nos seja aqui permitidos lembrar a destruição inominável que nativos e colonizadores do Brasil recém-descoberto levaram a efeito privando-nos de soberbas florestas, de espécies vegetais, quem sabe quantas, e legando-nos zonas deflorestadas hoje semi-áridas, como o nosso tão falado nordeste.

E quanto vivemos nós a assistir essa danosa devastação de riquezas naturais, sem nos abalarmos com o futuro, entregues a um intelectualismo tólo, pois divorciado das tendências e necessidades do país.

Com tamanha e evidentes carência de orientação decidida no setôr da agricultura, o fim visado, o ideal era e ainda o é, talvez por mera imitação, o bacharelato, num flagrante depoimento da mal dirigida política educacional.

Nos dias atuais quando se ouve a todo momento que não mais o Brasil é um país essencialmente agrícola, que se transforma num campo aberto à industrialização, mais evidente se nos apresenta o valor da orientação vocacional, pois que, aqui, a especialização das funções torna-se indispensável, forçosa mesmo.

Si nos reportarmos aos Estados Unidos da América do Norte, ponto de partida da mais ampla e sadia propaganda da agricultura em nosso continente, lá encontraremos nos cursos primários, secundários e superiores, secções especiais destinadas a ensinar a maneira racional de se cultivar a terra, valorizando-a.

O ensino elementar inclue um curso prático de "amanho da terra; incontáveis são as escolas rurais, todos os Estados mantêm cursos efetivos de agricultura e administração doméstica. A Rússia, o gigante nessa guerra de ideais, povo que assombrou todo o

mundo pela formidável reorganização operada em tão curto tempo, com tanto cuidado e sabedoria, inclue os ensinamentos de agricultura em seus dez anos de curso ginásial, que o sonho da maioria dos moços consiste em se tornarem agricultores e essa carreira os leva muitas vezes à fortuna, pois sabem racionalmente cultivar a terra.

Já tivemos, inúmeras vezes, ocasião de falar sobre os Clubes Agrícolas Escolares, os chamados 4H Clubes nos Estados Unidos da América do Norte, donde se espalharam por todo o continente. Desenvolvendo atividades as mais diversas, levando a criança a "aprender fazendo" e, desde cedo, a enfretar situações diferentes a cada instante êsses clubes se constituem no mais inestimável instrumento de pesquizas vocacionais. Observando as tendências e predileções da criança, anotando-as fiel e pacientemente em fichas especiais, após o currículo escolar é ela encaminhada a cursos condizentes com as suas aptidões.

Trabalho feito com gosto é trabalho bem feito, reza a sabedoria popular. Infelizmente, ainda se luta por fazer o que se pode bem fazer e muita gente ainda trabalha naquilo para que não tem nenhuma aptidão. Em se tratando do magistério, a seleção do pessoal deveria ser rigorosa, pois em nenhum outro setôr a atitude, a personalidade exerce tamanha influência.

Essa minha afirmação cresce de valor, si considerarmos a atual orientação dispensada ao problema educacional, no tocante a administração escolar, até agora tão descuidada.

Evidentemente, exige-se do professor, além do diploma, cultura geral e científica bastante para ministrar ensinamentos à infância e juventude, mas, não se cogita da sua capacidade de direção, do seu conhecimento de administração escolar.

A convite do diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Professor Lourenço Filho, assistí, em fevereiro de 1943, no Rio, a diversas aulas; palestras e conferências sobre administração escolar referentes a pontos do vasto programa estudado por professores-diretores de quasi todos os Estados do país. Pude constatar o alto valor dessa matéria e da necessidade de se difundirem êsses ensinamentos por

todo o Brasil, para o bom andamento das questões educativas.

Louvável, pois a resolução da Diretoria Geral de Educação de nosso Estado ao adotar em seu plano o método de seleção e promoção de professores pelo grau de aproveitamento apresentado por seus alunos em determinado espaço de tempo, abandonando o velho sistema de concurso, que nêsse setôr causa sempre decepções.

A orientação agrícola na escola, além de transformar o ensino livresco, rotineiro em ativo útil, interessante, vivo; de certo modo seleciona o professorado, pois a atividade do mestre moderno não consiste em apenas ministrar aulas em dias e horas determinadas, mas dirigir, orientar seus alunos em ocasiões diversas, colocando sua inteligência, imaginação, entusiasmo e atividade a serviço da causa educacional e o que é muito importante se constituir exemplo para seus alunos.

Estas afirmações têm suas bases não em teoria educativa, mas na prática, através de longa e ativa fase de trabalhos.

Em 1936 e 37, fundamos e orientamos Clubes Agrícolas Escolares em vários municípios goianos, quando prestava meus serviços à Secção de Ruralismo do então Departamento de Propaganda e Expansão Econômica, sob a direção do agrônomo Câmara Filho. Já em setembro de 1936, nada menos de 21 Clubes Agrícolas funcionavam em todo o Estado, recebendo todos assistência da nossa Secção, e sementes, mudas e ferramentas do Ministério da Agricultura. E segundo artigo do jornalista Odorico Costa, incerto em o "Correio Oficial" de 21 de setembro de 1943, Goiaz está colocado em 6º lugar quanto ao número de Clubes Agrícolas escolares.

Chamada em março de 1937, pelo governo para, ao lado do agrônomo Manoel Alves de Almeida, organizar os programas para a Escola Profissional Rural de Rio-Verde, deixei a citada Secção de Ruralismo.

O professorado desanimou e êsses Clubes só existem em nome, atualmente.

O decreto-lei nº 7.298, de 16 de setembro de 1943, baixado pelo Interventor Federal em nosso Estado, dr. Pedro Ludovico Teixeira, instituindo o ensino normal rural e profissional agrícola, vem de criar uma decisiva fase para as atividades agrícolas em nosso Estado, atendendo assim à recente determinação do Ministro da Educação, que tornou obrigatória a orientação agrícola em todos os estabelecimentos de ensino.

A Diretoria Geral de Educação, agora empenhada na transformação de nosso sistema educacional, na melhoria do elemento existente e criação de elementos novos, inclue em seu vasto plano a criação de instituições de orien-

tação agrícola nas escolas.

Como acima dissemos, acham-se criadas essas instituições, bastando seja pelo Governo instalada a Superintendência do Ensino Rural que controlará esse movimento em todo o Estado, dando vida e calor às inúmeras escolas com que contamos.

E, então, teremos hortas, pomares e jardins; sopa-escolar, merenda, leite, feiras e cooperativas; criação de bicho da seda, de abéllhas e de aves em geral; bibliotecas, museus, círculo de pais e mestres, colônias de férias, visitas, excursões, cinema educativo, reuniões festivas; uma farta, rica e perene fonte de motivação para os professores tornarem suas aulas vivas, e, sobretudo, proveitosas.

Professores numa tarefa mais ativa; mais eficiente, mais humana; meninos e moços numa atividade mais real, mais afetiva, professores e alunos mais unidos e melhor preparados para, juntos, prestarem a sua contribuição à nossa grande Pátria.

Caminho do Céu

O conde de Essex dizia a um frade: — Merecias que eu te atirasse ao Tâmisia.

Respondeu o frade:

— O caminho do Céu é tão curto por água como por terra.

Dr. Vasco dos Reis



O dia 5 do corrente assinalou mais uma **primavera** na existência do nosso diretor, e isso serviu de motivo para que o ilustre intelectual goiano constatasse, ainda uma vez, o quanto é benquisto e admirado na sociedade goianiense.

Médico competente e probo, Vasco tem feito da Medicina um verdadeiro sacerdotício; na Faculdade de Direito, como professor de Medicina Legal, é estimado pelos discípulos e pelos colegas, mercê da fidalguia de seu trato e das aulas conscienciosas que dá; na Diretoria Geral de Educação sua atividade está marcada por uma série considerável de realizações muito úteis, em favor da causa do ensino; na Academia Goiana de Letras, prima pela seriedade de seus estudos; no jornalismo, seu nome se situa em posição de vanguarda

Enfim: Vasco dos Reis é, sem favor, um dos legítimos valores da terra de Anhanguera.

Porisso tudo, e por muito mais, que-remos, ao ensejo, embora tardiamente, levar ao festejado companheiro o atrazo de parabens de turma de "Oeste"

Razão matemática

Estranhavam em presença de d'Alembert que as cantoras raras vezes enriquecessem, quando quasi que não havia dansarina que não disputasse de cabedais:

— De que se admiram? respondeu ele: é uma consequência das leis do movimento...

A INCONFIDÊNCIA DE 1789

A 21 de abril corrente transcorre mais um aniversário de José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, a figura mais impressionante de nossa história, o homem em cuja morte o Brasil deu uma das mais majestosas demonstrações de sua vitalidade, da formação de sua consciência.

Simple alferes de cavalaria, Tiradentes encarnou todos os anseios de uma Pátria nascente ainda. Melhor será dizer, até, que o Brasil começou a viver em Tiradentes. Pelo menos, foi em Tiradentes que a idéia da liberdade, surgida no suplício de Felipe dos Santos, se cristalizou na alma brasileira. O que era um vago anseio transformou-se em uma força indômita e impetuosa que faria, tempos depois, o 7 de setembro e o 7 de abril.

O perfil psicológico de Tiradentes é cheio de majestosa beleza. O santo, o herói e o mártir nele se entrelaçam de tal maneira que esse homem, humilde de genealogia, de árvore originária confusa, se sobrepõe a todos os demais inconfidentes, a todos os lí-

ricos conspiradores em cujo rol havia as mais fulgurantes afirmações da inteligência e da cultura da época. Se nas baldadas tentativas de inocentamento de todos os conjurados encontramos uma verdadeira depressão, uma fratura cívica, no heroísmo e na bravura com que Joaquim José da Silva Xavier reivindicou tôdas as responsabilidades da conjura, encontramos uma elevação só de claridades, uma afirmação de uma alma forte, empolgada por uma idéia luminosamente generosa.

Tiradentes é um conglomerado de belezas imortais. No afã da propaganda libertária, na serenidade perante os ferozes inquisidores, em tôdas as fases do longo e moroso processo da devassa, na execução afrontosa sente-se que esse homem viu o futuro, viu um Brasil que os outros homens não viram, sentiu em sua frente as carícias imponderáveis da imortalidade. Entre Tiradentes, que é um herói e um mártir sul-americano, e Leônidas, que é o maior herói espartano,

como entre Tiradentes e todos os heróis das pátrias do mundo, existem afinidades flagrantes. Sim, porque só são heróis os homens que se sacrificam pela Pátria, por uma idéia generosa em favor da humanidade.

Os povos do mundo, sempre apressados na consagração de seus conquistadores, de seus arquétipos, talvez não possuem como o Brasil possui, um herói em que os sentimentos de nobreza se revestem de tanta magnitude, de tanta grandeza mansa e meditada.

E' que os heróis, em linha de regra, encarnam o presente. Sofrem por um mal atual, imane e imanente. Tiradentes, maior na sua grandeza, encarnou o porvir. Sofreu pelo futuro de sua Pátria. Foi o homem que se deu em holocausto, que recebeu o sacrifício por um Brasil nascente ainda, naquela época. Por um Brasil que só agora começamos a conquistar em tôda a sua plenitude.



OS INCONFIDENTES — Oleo do Prof. Carlos Oswald

FUNDAMENTOS CONSTITUCIONAIS DOS DIREITOS DO TRABALHADOR, NO BRASIL E NA URSS

PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

OS ADORADORES DA RÚSSIA

Referi-me, em meu discurso de saudação ao sr. Ministro da Justiça, proferido em nome dos representantes dos Conselhos Administrativos dos Estados, quando do Congresso realizado na Capital Federal, em novembro de 1943, a indivíduos que, conquanto ainda existam no espaço, já morreram no tempo...

Incidia, então, a minha crítica, mais diretamente sobre os liberais, que ficaram, em espírito e em sentimento, "parados" em 1789.

Todavia, não só aos liberais se aplica a assertiva. Também aos comunistas, que, a-pesar-do fracasso das profecias de Marx — cuja doutrina se inspirou em condições sociais de vida peculiares à Europa, em dado momento do século passado —, e a-pesar-de, na própria Rússia, Stalin, com o seu alto senso de realismo político, haver transformado o "sistema universal" em "sistema nacional russo", adequando o marxismo às solicitações infrangíveis da natureza humana, dando-lhe, na prática, feição inteiramente nova, — ainda insistem, o "Manifesto" nas mãos e meia dúzia de frases feitas na boca, em pregar ao operariado o advento do paraíso na terra...

Como o liberal-democrata, que vê na liberal-democracia uma doutrina absoluta, capaz de servir em todos os tempos e em todos os lugares, o comunista, qual monge do ateísmo, dá ao "Manifesto" o valor de uma bíblia, considerando seus princípios como verdades eternas.

Aliás, nada há de estranho nessa identidade de atitude dos liberais e comunistas, pois o comunismo é um resultado lógico, a consequência última, do liberalismo: "O individualismo contribuiu para o movimento igualitário, que apaga toda diferença entre as individualidades. Tendo criado uma espécie de atomização da sociedade, o individualismo conduziu ao socialismo, que não é mais do que a face inversa da decomposição em átomos, uma amálgama mecânica de átomos"—(N. Berdiaeff).

A verdade, porém, é que o marxismo, hoje, tem apenas um valor histórico. E por isso "morreram", com Marx e sua doutrina, aqueles que, embora vivos, sentem e pensam "retrospectivamente", podendo, dessa maneira, ser qualificados como uma outra categoria de "saudosistas". Não foi por outro motivo, talvez, que Stalin, russo legítimo, espírito realista e objetivo, condenou

Trotsky ao ostracismo e fuzilou todos os trotskystas que pôde...

OS CEGOS DO BRASIL

E', sem dúvida, boa, a situação do proletário, na URSS. O trabalhador russo, — comparadas as suas condições de vida no atual regime com as da era czarista — foi, efetivamente, "redimido". Mesmo em confronto com a maioria dos países, a Rússia está em posição de relevo, no atinente à chamada questão social.

Entretanto, devido aos resíduos sobreviventes da filosofia que informou a sociedade bolchevista, há a notar que, sob o ponto de vista do verdadeiro humanismo, existem, na organização social soviética, graves inconvenientes. A posição legal do trabalhador, na URSS, é segura; contudo, se penetrarmos o sentido da legislação trabalhista soviética, buscando-lhe os motivos primeiros e os fins últimos, a sua natureza, a sua "capacidade", então a realidade social bolchevista perde muito de sua eloquência. Porque veremos, afinal, que o direito social soviético, expressão de uma filosofia materialista, acaba por alienar a dignidade da pessoa do trabalhador à indústria e ao Estado, com o que se aniquila o "homem".

Melhor do que a do russo, é a situação do trabalhador brasileiro, perante a Constituição. Sim; os fundamentos constitucionais dos direitos do trabalhador são, aqui, mais sólidos e mais amplos. Como muito mais elevado, — porque cristão, — é o conceito brasileiro de trabalho. Fruto, essa vantagem nossa, da filosofia que modelou o regime de 10 de novembro, a qual, verdadeiramente humanista, deu à pessoa humana, na ordem das coisas terrenas, um valor absoluto, colocando-a como eixo de gravitação do Estado.

Deduzida dos postulados constitucionais, temos, no Brasil, uma legislação trabalhista admirável. Sabem disso todos os brasileiros sinceros e que se preocupam realmente com a sorte do povo. Sabem disso, e isso louvam, eminentes personagens contemporâneos. Só desconhecem essa verdade aqueles brasileiros que, cegos às nossas coisas, vivem, até hoje, voltados para além mar, ignorando a revolução silenciosa e profunda, a grande, a autêntica revolução, que se processa em nosso país.

Não cuidaremos, neste ensaio, de códigos de trabalho russos e brasi-

leiros, assunto cujo exame exigiria alguns volumes, mas somente da análise, a mais sucinta, dos princípios constitucionais que, nos dois países, informaram as respectivas legislações do trabalho.

Antes, porém, vejamos como se deve conceituar o trabalho, pois só assim, firmando uma compreensão do trabalho, teremos uma medida para julgar do valor das cartas trabalhistas. Estas não expressam apenas uma categoria de necessidades sociais, e sim, também, os princípios superiores de uma concepção geral e total da vida, segundo os quais ordenam aquelas necessidades.

CONCEITO CRISTÃO DE TRABALHO

O sentido cristão é o sentido da totalidade (não o confundam com "totalitário"). Ou seja: o cristianismo vê o mundo como um todo orgânico, onde cada coisa tem o seu lugar e o seu valor, todas elas se entrelaçando numa rede de relações necessárias e interdependentes. E, dentro desse conjunto harmonioso, dinâmico e vivo, do mundo, põe o cristianismo, na ordem terrena, a pessoa humana como o centro em torno e em função do qual tudo se movimenta, enquanto que a pessoa humana tende à Perfeição, — a Deus.

Como, pois, dispõe o cristianismo sobre o problema do trabalho humano? Vejamos.

Escreve Leonel Franca: "E' preciso arrancar a atividade do homem à consideração exclusiva de sua materialidade e ao plano vulgar da vida econômica para reintegrá-la na ordem superior da nossa perfeição espiritual e restituir-lhe a grandeza de seu valor transcendente. O trabalho aparece então em toda a sua nobreza como criador de valores eternos e colaborador fiel do homem na conquista de seus destinos". Já vai, aqui, uma alta definição do trabalho, que não é, pois, simples atividade produtora de utilidades, mas uma "atividade ordenada a um fim", e a um "fim humano". Aí o seu valor "transcendente", que não existe quando o trabalho é considerado como tendo um fim em si mesmo ou quando o homem, pelo trabalho, serve, em última instância, ao Estado ou à indústria.

Uma concepção meramente econômica do trabalho é uma concepção animal. Aliás, o burro e o cão, por exemplo, não "trabalham", apenas se "movem" no espaço, a servi-

ço do homem, que, este sim, neles tem um "instrumento" de trabalho. Quando muito, o cão e o burro se "agitam", em busca de alimento, quando estão com fome. "Instintivamente". Ora, o trabalho humano é "racional". Portanto, só o trabalho humano transcende o plano econômico e se firma como uma verdadeira "dignidade", no exercício da qual o homem se conquista, se aperfeiçoa, tenta a plenitude, — no que está o fim de toda atividade humana, individual ou coletiva, quando bem orientada. Aí o conceito cristão de trabalho, tão bem esclarecido por Antônio Osmar Gomes: "Encarado sob o seu prisma humanista, cristão, o trabalho possui uma dignidade e um valor específico. É um ato criador, que redundando em alegria espiritual, diante da plenitude da coisa criada. No trabalho, assim, é que o homem se eleva, pela sua liberdade plena de criar valores e de realizar, entre os homens, na sociedade, a sua missão de ser homem, isto é, de ser homem completo".

A pessoa humana é, dessarte, na concepção cristã da vida, o "centro" da sociedade. Tudo se move pelo homem e para o homem. As coisas estão, todas, a serviço do homem. Já o mesmo não sucede na sociedade comunista, onde, assinala Jacques Maritain, "a dignidade da pessoa é desconhecida, e a pessoa é sacrificada ao titanismo da indústria, que é o deus da comunidade econômica" — onde, por conseguinte, o homem vive "para" o trabalho, "para" a indústria, "para" o Estado, havendo, desse modo, uma transferência de dignidade da pessoa humana para um mito, com o que se processa, na vida, uma inversão e deshumanização de valores.

Feitas essas divagações, vamos ao confronto dos fundamentos constitucionais dos direitos do trabalhador, no Brasil e na URSS.

OS DIREITOS DO TRABALHADOR NAS CONSTITUIÇÕES SOVIÉTICA E BRASILEIRA

Estabelece a Constituição Soviética, no artigo 12: "O trabalho é, na Rússia, uma questão de dever e de honra para todo cidadão fisicamente capaz. Essa obrigação é baseada no princípio: "quem não trabalha não come".

Como se vê, o legislador russo conceituou o trabalho como um dever, uma honra e uma obrigação. Conceitua bem, embora defeituosa a redação do artigo e apesar de não ter precisado a "natureza" desse dever, dessa honra e dessa obrigação, que é o trabalho. Maugrado isso, considerou, implicitamente, os traços essenciais do trabalho: o moral (honra), o social (dever) e o jurídico (obrigação). Falho é o dispositivo, quando fala em "cidadão fisicamente capaz". Lapso do legislador, talvez por culpa do materialismo, que fez o constituinte olvidar que o trabalho não é monopólio

dos "fisicamente" capazes, pois não há "só" o trabalho manual ou braçal, mas "também" o intelectual, o científico, etc., de que muitos indivíduos fisicamente capazes são incapazes...

Mais completo, sem dúvida, é o conceito que do trabalho tem a Constituição Brasileira, quando estatue, no artigo 136: "O trabalho é um dever social. O trabalho intelectual, técnico e manual tem direito à proteção e solicitude especiais do Estado. A todos é garantido o direito de subsistir mediante seu trabalho honesto e este, como meio de subsistência do indivíduo, constitui um bem que é dever do Estado proteger, assegurando-lhe condições favoráveis e meios de defesa".

Do confronto dos dispositivos, ressalta a superioridade do nosso. Sim; situando o trabalho como um "dever social", deu-nos o legislador uma concepção cristã, e portanto integral, do trabalho. Quer dizer: foi o trabalho compreendido na integralidade de seus elementos constitutivos. Tanto é assim que, longe de objetivar apenas o "cidadão fisicamente capaz", a nossa Constituição deixou, explicitamente consideradas, todas as categorias de trabalho, mesmo a dos fisicamente deficientes, não raro os mais intelectualmente eficientes. Onde a especificação do "trabalho intelectual, técnico e manual". Superou, ainda, à russa, a nossa Carta Magna, ao taxar a obrigação, pelo Estado de "proteger" o trabalho, "assegurando-lhe condições favoráveis e meios de defesa".

—:—

No artigo 118, prescreve a Constituição Soviética que o "cidadão da URSS tem o direito de trabalhar, o que implica garantia de emprego e do pagamento pelo seu trabalho, de acordo com a espécie e a produção do mesmo". Preceito justo, que distingue o esforço, em qualidade e em quantidade, de cada trabalhador, premiando "diferentemente" o trabalho de cada um, conforme seja esse trabalho "melhor" e mais "rendoso".

Não ficou atrás, no entanto, a nossa Constituição, eis que, pela letra "h", do artigo 137, estabeleceu, para todos os trabalhadores, indistintamente, a garantia do "salário mínimo, capaz de satisfazer, de acordo com as condições de cada região, as necessidades normais do trabalho", e, na letra "c", que "a modalidade do salário será a mais apropriada às exigências do operário e da empresa".

—:—

No artigo 119, proclama a Constituição Soviética: "O cidadão da URSS tem direito ao descanso. O direito ao descanso é garantido pela redução do dia de trabalho a sete horas para a maioria dos trabalhadores, pela instituição das férias anuais com salários integrais para operários e empregados, assim como pela assistência hospitalar, co-

lônias de repouso e clubes, que provêm as necessidades dos mesmos".

A primeira vista parece que, no caso, a Constituição Soviética leva a palma sobre a nossa, eis que fala em "dia de trabalho de sete horas". Notemos, entretanto, que o horário citado não é para "todos", mas para a "maioria" dos empregados e operários (na URSS distingue-se entre os trabalhadores...). Ora, trabalhador é todo aquele que exerce uma atividade útil. Isso pôsto, lembremos que os funcionários públicos, os bancários, os industriários, etc., etc., têm, no Brasil, dia de menos de sete e até mesmo de menos de seis horas de trabalho, não se falando no sábado, quando a maioria dos trabalhadores tem sua atividade limitada à metade do tempo diário normal. Em detalhe, são as seguintes as garantias da Constituição de 1937, a respeito: na letra "d", do artigo 137: "o operário terá direito ao repouso semanal e, nos limites das exigências técnicas da empresa (onde, digamos, se confundem interesses do patrão e do operário) aos feriados civis e religiosos, de acordo com a tradição local"; na letra "i": "dia de trabalho de oito horas, que poderá ser reduzido e somente suscetível de aumento nos casos previstos em lei"; letra "j": "o trabalho à noite, a não ser nos casos em que é efetuado periodicamente por turnos, será retribuído com remuneração superior ao diurno"; letra "k": "proibição de trabalho a menores de quatorze anos, de trabalho noturno a menores de dezesseis e, em indústrias insalubres, a menores de dezoito e a mulher"; letra "l": "assistência médica e higiênica ao trabalhador e à gestante, assegurando a esta, sem prejuízo do salário, um período de repouso antes e depois do parto".

Pelo exposto, só um cego não vê que a nossa Constituição, ainda aqui, deu muito mais amplos direitos ao trabalhador do que a russa, demonstrando um especial e sábio cuidado em relação aos menores e à mulher. Falemos, entre parêntesis, que o trabalho físico e a maternidade são incompatíveis, e que, sendo a missão da mulher, no mundo, a de ser mãe, o ideal seria que ela não trabalhasse, com o que chegaríamos a um estado mais humano e natural de organização social. E' o que acentua Gregório Marañon: — "Somente uma razão econômica que creio vergonhosa para nossa civilização, pode prevalecer sobre as razões naturais que aconselham a supressão do trabalho sistemático das mães"; ainda: "a mulher, como "sexo-tipo", não deve trabalhar, ainda que na realidade caibam muitas exceções — infecundidade, celibato, períodos extramaternais das mães — que pondo a fêmea à margem de sua sexualidade fundamental, lhe abram legitimamente as portas dos trabalhos físicos. Na Natureza, a fêmea mãe não trabalha em nenhuma espécie zoológica". Considerando, mais, que a

missão da mulher não é somente "procriadora", mas principalmente "criadora", e dadas as condições personalíssimas, físicas, temperamentais e psíquicas, da mulher, o ideal seria só permitir que ela trabalhasse em serviços adequados à sua natureza.

Passando adiante: é certo que o dispositivo russo fala em clubes, em colônias de repouso, etc., porém isso são coisas próprias de leis especiais, não são princípios básicos de direitos, mas simples realizações, passíveis de haver até na mais hermética sociedade capitalista. Ademais, se fossémos descer ao exame de leis especiais e regulamentos trabalhistas, bem como às organizações operárias de assistência e recreativas no Brasil de hoje, seriam precisos vários tomos.

—:—

Diz a Constituição Soviética, artigo 120: "O cidadão na URSS tem o direito ao amparo material na idade avançada e também em caso de moléstia ou de incapacidade para o trabalho". Corrigiu-se, neste artigo, a falha do artigo 12, firmado no princípio: "quem não trabalha não come". No mesmo sentido protetor da velhice e da invalidez, dispõe a Constituição Brasileira, no artigo 137, que a legislação do trabalho observaria: letra "m": "a instituição de seguros de velhice, de invalidez, de vida e para os casos de acidentes do trabalho"; letra "n": "as associações de trabalhadores têm o dever de prestar aos seus associados auxílio ou assistência no referente às práticas administrativas ou judiciais relativas aos seguros de acidente do trabalho e aos seguros sociais".

Além de tais garantias constitucionais, o Estado Nacional dá outras aos trabalhadores, tais com as das letras "a", "b", "e", "f" e "g", do citado artigo 137, relativas aos contratos coletivos de trabalho, licença anual remunerada, indenização, estabilidade no emprego, etc..

Não é demais recordar que, quanto aos funcionários públicos, que também são trabalhadores, estão eles, no Brasil de hoje, cercados de enormes favores, o mesmo sucedendo aos trabalhadores magistrados, que usufruem das vantagens de vitaliciedade no cargo, inamovibilidade, irredutibilidade de vencimentos, etc..

Salientemos, finalmente, que o artigo 139 da Constituição de 1937, criou a Justiça do Trabalho, instituição admirável, hoje em pleno funcionamento em todo o país.

CONCLUSÕES

De tudo que vimos e confrontamos, podemos dizer, afinal, que a diferença essencial das situações do operário russo e brasileiro está em que o primeiro trabalha, sempre, para o Estado; e o segundo se serve do Estado para criar, pelo trabalho que o Estado garante, valores eternos, para crescer nesses valores, fazer-se mais homem. Aqui, há o "contrôle"

do Estado, que intervem unicamente para assegurar a liberdade de expansão de cada pessoa humana e o equilíbrio entre os direitos do indivíduo e da coletividade; lá, só se objetiva o interesse da coletividade, o indivíduo deixando de ser pessoa para ser um átomo na sociedade, esta mecanicamente concebida; aqui, não sendo o indivíduo "absorvido" pelo Estado, este servindo, ao contrário, à formação superior e plena do indivíduo, dentro do todo social, é a pessoa humana respeitada, colocando-se o trabalho como um meio de aperfeiçoamento de homem e da sociedade; lá, o trabalho é um dever, uma honra e uma obrigação, sim, mas do indivíduo para com o Estado, que, totalitário, anula a personalidade do homem, transformando-o em simples máquina de produção.

Por tudo isso, podemos repetir, em sã consciência: No Estado Nacional trabalho não é sinônimo de castigo, não é critério de diferenciações sociais, não é um meio de exploração do fraco pelo forte, não é um onus, não é simples mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura; porque o trabalhador não se distingue por classes, não se inferioriza na classe, não é órgão do Estado, não é "coisa" sujeita às flutuações das crises, não é elemento de exploração capitalística. Visto como um "dever social", é o trabalho visto num ponto muito alto, e é assim visto por que o trabalhador foi "pôsto" em sua dignidade de pessoa humana. E' o trabalho, segundo a palavra do próprio Chefe da Nação, um ato "criador da fartura e propulsor do aperfeiçoamento cultural". Eis aí: visa, o trabalho, à "fartura" (aquí o seu aspecto econômico) e ao "aperfeiçoamento cultural" (aquí o seu aspecto humano, pois cultura é o meio por excelência de humanização do homem, o meio que faz do homem o "rei" dos animais: "Cultura é humanização, é o processo que nos faz homens, visto do ponto de vista da natureza infra-humana; porém, por outro lado, é este mesmo processo um intento de progressiva "auto-deificação", visto da imponente realidade que existe e atua por cima do homem e de todas as coisas finitas" — Max Scheller).

—:—

Reuniu-se em Montreal, Canadá, em julho de 1943, umá assembléia de peritos em questões sociais, para discussão de importantes problemas. Nessa discussão tomaram parte representantes da Inglaterra (William Beveridge), Estados-Unidos (Arthur I. Altmeyer), Canadá (Leonard C. Marsch), Brasil (Oscar Saraiva), Chile, Perú e México, de países, portanto, os mais evoluídos em matéria de direito social.

Irradiando, pela "Canadian Broadcasting Corporation", uma palestra entre os delegados do Brasil, Inglaterra, Estados-Unidos e Canadá, o escritor canadense, Callaghan, disse, ao encerrar os seus comentários:

"Enquanto falava o dr. Saraiva, estava eu pensando que bem podia êle nos referir coisas sobre a organização brasileira de segurança social, e que haviam de ferir um pouco, talvez, o nosso orgulho"...

Só o orgulho saxão? Não. Também o orgulho soviético. Não foi só a Europa que, mais uma vez, curvou-se ante o Brasil. Também os Estados-Unidos. Também a Ásia...

Bibliografia

- 1) Constituição Soviética, de 5 de dezembro de 1936;
- 2) Constituição Brasileira, de 10 de novembro de 1937;
- 3) Nicolau Berdiaeff: "Uma Nova Idade Média";
- 4) Leonel França: "A crise do mundo moderno";
- 5) Antônio Osmar Gomes: "Compreensão do Humanismo";
- 6) Gregório Maraion: "Três ensaios sobre a vida sexual";
- 7) Max Scheller: "O saber e a cultura";
- 8) J. Maritain: "Os direitos do homem";
- 9) Paulo Augusto de Figueiredo: "A Pessoa Humana no Estado Nacional";
- 10) Getúlio Vargas: "A Nova Política do Brasil";
- 11) Noticiário de "A Manhã", do Rio.

O BRASIL de hoje é um modelo para a América. Venho acompanhando desde o início a evolução da política administrativa do Presidente Vargas e com êsse conhecimento posso considerá-lo um dos maiores vultos políticos da atualidade. **Juan Bautista Rossetti** (Ministro do Exterior do Chile).

NA realidade, a situação política, econômica e social do novo governo do Brasil, que se conhece sob o nome de Estado Nacional, não é um regime copiado da Europa. Trata-se de uma nova organização política nascida de forma adequada, que interpreta um sentimento profundamente brasileiro e resolve seus problemas mais importantes. O Brasil buscou sua modalidade administrativa, resolvendo suas características regionais e solucionando seus próprios problemas, sem se ocupar, de modo algum, das formas de governo que têm uma estrutura contrária à democracia. **Carlos Müller Rivera** (Publicista, advogado e parlamentar chileno).

REDUZINDO os extremistas ao silêncio, o Presidente Vargas vem de dar ao Brasil uma Constituição Nova, na qual são traçadas diretrizes sábias em um programa social e econômico capaz de elevar o país aos mais altos destinos. — **Francis d'Aguez** (Comentarista internacional francês).

Literatos goianos do passado

Ricardo Paranhos

Ricardo Paranhos, há dois anos e pouco falecido em Corumbaíba, tem um lugar de extraordinário relêvo nas letras goianas. Foi político exaltado, teve assento na Câmara Estadual, foi industrial abastado, mas, sôbre tôdas essas atividades, a que faz o seu nome lembrado é a das letras.

Ricardo Paranhos foi um escritor de raros recursos, de estilo ameno e agradável, e foi poeta inspirado. Nos seus versos o lirismo mais doce se casa, muitas vezes, à irreverência, ao desdém, à chocarrice, à crítica impiedosa aos homens, às mulheres e aos costumes destas e daqueles.

Uma fase muito interessante da poesia de Ricardo Paranhos pode ser encontrada em um jornal literário, que, de 1916 a 1918, se publicava em Araguari. Depois de ter editado "Borboletas Azues", em que se reúnem as poesias líricas e sentimentais de Ricardo Paranhos, êste fez publicar versos estranhos, dedicou-se ao que poderemos denominar de "poesia anatômica", escrevendo versos ásperos e contundentes a respeito de pés, de mãos, de bôcas, de orelhas, de narizes e de caras que encontrou na vida.

As suas poesias dêsse caráter são numerosas e tôdas elas magníficas, cheias de chiste e de espírito. De espírito pesado e, algumas vezes por demais irreverente, mas, ainda assim, de muito espírito e de muita originalidade.

Pertencem a essa coleção de versos do poeta de "Borboletas Azues" a poesia ao lado transcrita, publicada a 25 de novembro de 1916, em "O Melro", de Araguari.

NARIZES

Eu conheço alguns narizes
em cujas ventas — matrizes,
entrar podem dois mascates
com dois grandes baús às costas,
mãos nos bolsos, ou mãos postas,
a fazer só disparates.

São narizes - promontórios,
com salões para escritórios
e p'ra jogos de rolêta . . .
Eu conheço um tão disforme,
que o seu dono quando dorme,
chega até a tocar cornêta . . .

Há também uns ponteagudos,
como os há muito rombudos
e outros tão de forma escapos
e aos defeitos tão sujeitos,
que, parece, foram feitos
amassados, a sopapos . . .

Outros, outros eu conheço,
nos quais tudo se vê avêso,
vê-se tudo atrapalhado . . .
Não são narizes humanos,
mas garruchas de dois canos,
com um dos canos encravado . . .

Narizinhos há, chibantes,
como há trombas de elefantes,
muito próprios para esbarro;
mas nos tais eu não dou murro,
como couces não dá burro,
com receio do catarro . . .

Eu qualquer nariz tolero,
quando não me destempero;
porém raiva atroz me invade
ante os tais arrebitados,
por que andam arreganhados,
a cheirar a humanidade . . .

GETULIO VARGAS NA OPINIÃO MUNDIAL

Quando um Chefe de Estado se vê querido e admirado pela quasi totalidade do povo que governa, é, isto, motivo para que se possa, com justiça, qualificá-lo de um "estadista". Mas, quando o Chefe de um Estado, sôbre ser assim considerado pela sua gente, vê-se cercado de respeito e veneração em países estrangeiros, tendo seu nome altamente conceituado no juízo dos mais ilustres personagens estrangeiros, então se pode dizer que êle é, de fato, um "grande estadista".

Tal é o caso do Presidente Getúlio Vargas.

O fundador do Estado Nacional, tão simpatizado entre os brasileiros, é, ao mesmo tempo, uma figura sólidamente situada na opinião internacional.

Neste abril, portanto, quando o ilustre Presidente comemora mais um aniversário natalício, torna-se oportuno, a título de homenagem a sua pessoa, transcrever alguns juízos expendidos sôbre o seu vulto e a sua obra, por destacadas personalidades modernas.

Ei-los:

De S. S., Papa Pio XII: "Sr. Presidente Getúlio Vargas, temos todos a garantia da sua ação benéfica sempre mais numerosa e progressiva, na plena confiança com que o povo do país espera de tão notável inteligência e clara compreensão dos deveres públicos, a multiplicação dos motivos da sua verdadeira felicidade".

Do Presidente dos Estados- Unidos, Franklin Roosevelt: "Sei, como sabe todo o povo do Continente, quanto é grande a dívida de gratidão de todos nós à esclarecida visão e diretivas de v. excia".

De Sumner Welles, sub-secretário de Estado norte-americano: "É um dos três ou quatro grandes líderes atuais da Humanidade".

Do embaixador americano no Brasil, Jefferson Caffery: "O Presidente Vargas é um grande e sincero brasileiro. Êle se empenha extraordinariamente e com grande eficácia, para colocar seu país na vanguarda das nações americanas e das potências do mundo".

De Douglas Fairbanks Júnior, famoso ator cinematográfico, oficial das Forças Aéreas Norte Americanas e Embaixador Cultural dos Estados- Unidos junto aos países sul-americanos: "Admiro profundamente o Presidente Vargas, a quem considero uma das mais notáveis figuras de estadista que até hoje conheci".

De John Gunther, famoso escri-

tor americano, autor de importantes estudos sôbre vários países: "Vargas é uma espécie de microfone humano, atento a cada sussurro".

De Vítor Maurtua, diplomata peruano, uma das figuras mais notáveis de político na América: "Percebe-se e reconhece-se sua admirável idéia de grande homem de Estado, que une, concilia e realiza duas disciplinas que parecem antagônicas — a das revoluções evolucionistas e a das evoluções revolucionárias".

Do chanceler de Honduras, Julian R. Cáceres: "Não seria demasiado, senhores, se lhes pedisse que, entrelaçando com os nossos corações o Brasil inteiro, e pensando em Getúlio Vargas, aristocrata do pensamento e do coração ecumênico e continentalista no ideal americano, filho predileto de um povo, que não seria muito se eu pedisse que o elegêssemos, todos de pé, cidadão honorário da América" — (discurso pronunciado na Conferência de Ministros das Relações Exteriores, realizada no Rio).

Do chanceler mexicano, Ezequiel Padilha: "As palavras do Presidente Getúlio Vargas uniram ainda mais as almas americanas, estimulando-as a fortalecerem o mesmo pensamento e a mesma vontade que animam os países deste Continente na defesa dos bens morais e materiais contra os inimigos da civilização, da liberdade, do direito e da justiça" — (discurso proferido na Reunião dos Ministros das Relações Exteriores).

Do chanceler cubano, Aurélio Fernandez Conchoso: "O discurso do Presidente Getúlio Vargas é um grito de alerta para o presente e uma advertência para o futuro. Precisamos atentar nos seus altos conceitos, que unem, ainda mais, numa só família, as nações deste Continente". — (discurso feito na Conferência dos Ministros das Relações Exteriores, no Rio).

Do Presidente do Paraguai, Higinio Morínigo: — "O seu trabalho gigantesco de governante austero, a unidade de sua capacidade excepcional no campo do pensamento e da ação, as suas virtudes cívicas e a sua prudência e cultura fazem com que a personalidade de Getúlio Vargas transcenda os limites que costumam marcar as definições da personalidade humana".

De Pedro Aguirre Cerda, antigo Presidente do Chile: "Acompanho com real interesse a ação administrativa e política do Presidente Getúlio Vargas e considero-a mesmo

um belo exemplo para o mundo. A legislação social que ampara o proletário sem ferir o capital; o saneamento das regiões insalubres; o combate às endemias; a unificação nacional e ainda a ação neutralizadora das infiltrações estrangeiras, tudo isso constitue um conjunto consagrador".

De Otávio Amadeo, diplomata argentino: "A unidade do Brasil foi um milagre histórico. Poderia a anarquia ter feito várias repúblicas anêmicas daquilo que o Império estreitou num laço de ferro. Apareceram sintomas de desagregação com a República, em 89. Mas, é uma justiça que se deve ao presidente Getúlio Vargas, ressaltando nossas doutrinas: êle consolidou a unidade irrevogável do Brasil".

Do ministro das Relações Exteriores do Paraguai, Luiz Argaña: "Ao Presidente Getúlio Vargas se admira na minha terra como o arquitecto incomparável do engrandecimento de sua pátria, como o artífice magnífico de sua unidade, como o condutor sagaz, predestinado, pela Providência, na abrupta e áspera marcha evolutiva de seu grande povo, para conduzi-lo ao pôrto feliz de seus superiores destinos".

De Ramon Vasques, afamado jurista, sociólogo e historiador argentino: "Um grande homem. Um político com P grande".

De Ricardo Montalvo, escritor argentino: "O trabalho realizado pelo Estado Novo e o que ainda falta realizar, constitue, como acabamos de verificar, um grande programa de governo. E se este programa tiver a necessária continuidade, colocará forçosamente os destinos do Brasil dentro das aspirações do seu laborioso povo e justificará amplamente as esperanças que todos os brasileiros depositam no desprendimento, patriotismo e espírito de sacrifício do estadista que suporta hoje a grave responsabilidade de dirigir os negócios públicos da grande nação sul-americana".

De Raul Morales Beltram, Ministro do Interior, do Chile: "O Presidente Getúlio Vargas é um dos estadistas mais notáveis da América, com características de um governante dotado de profundo sentido do futuro".

De Emil Ludwig, famoso escritor alemão, autor de várias biografias de renome mundial: "Estudando a sua fisionomia, achei-a impressionante. Fala sem arroubos, com timbre metálico, mas denotando uma grande melancolia. O Presi-

dente Vargas é um homem sem "snobismos" e que parece dispensar o comentário alheio . . . "

De Paul Frischauer, escritor austriaco, autor de "Gayibaldi", "Beaumarchais" e outras biografias que alcançaram sucesso em todo o mundo: "A explicação dessa carreira extraordinária está no conhecimento dos homens e na capacidade de lidar com eles, que Getúlio Vargas adquiriu no transcurso de uma luta pela vida, dura e cheia de alternativas".

De Jean Gerard Fleury, um dos maiores escritores da França contemporânea, autor da conhecida obra "Un homme libre chez les Soviets", que conseguiu enorme êxito de livraria, obtendo prêmio honroso de famosa Instituição: "O Presidente Vargas assumiu uma posição muito clara. Americano antes de tudo, isto é, impregnado da influência da Declaração dos Direitos do Homem, êle expressou seu respeito ao indivíduo. Não admite a escravidão do indivíduo ao Estado e foi para poupar aos seus concidadãos a ditadura comunista ou a ditadura fascista que êle reforçou a autoridade presidencial".

De Lord Davidson, conhecido político inglês que nos visitou há pouco: "O Brasil deu uma interpretação brasileira ao fenômeno de democracia. E o regime, pelo que me foi dado observar, consulta aos interesses nacionais e aos ideais da maioria dos brasileiros. Um regime que está de acôrdo com a vontade da maioria. E um regime que está de acôrdo com a vontade da maioria realiza um ideal democrático".

De Wolfgang Hoffmann Harnisch, antigo professor da Universidade de Berlim, escritor e jornalista muito conceituado: "Que o povo o aclama, como em tôda parte do mundo aclamou a um chefe de Estado, isso não tem importância. O que conta é que a multidão lhe sorri quando o encontra, e que o seu sorriso encontra seu reflexo na fisionomia da multidão. Êste sorriso parece ter influenciado êste povo cético. Acho que êle vale por muitas batalhas ganhas".

De Henry Torrès, notável advogado e escritor francês: "O Presidente Vargas é um homem dotado de excepcional inteligência e fortemente imbuido de um realismo americano e de um humanismo latino. As afinidades intelectuais dos Presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt, servem de sólida muralha a tôda influência subversiva".

De S. Harcourt, prestigioso político inglês: "O Presidente Getúlio Vargas introduziu a ordem no caos — eis a exata crítica que se pode fazer do homem a quem o Brasil confiou os seus destinos".

De J. Tellechea, festejado jornalista espanhol: "Antes de se lan-

çar a uma empresa, estuda-a a fundo, e desdenha em seguida o perigo. E' calmo quando decide, enérgico perante o perigo e conciente em face da responsabilidade".

Francis d' Aguez, influente escritor francês: "O Presidente Getúlio Vargas é uma dessas personalidades fortes, decididas, indomáveis, para as quais a hesitação representa fraqueza e o horror das responsabilidades uma traição".

Do grande diário americano, "New-York Sun": "E' severamente nacionalista, mas não contra os estrangeiros; amigo definitivo dos Estados-Unidos; procura levantar o nível intelectual de seu país e goza do respeito e do apoio da grande massa popular do Brasil".

Do "Diário de Barcelona", um dos maiores jornais da Espanha: "A permanência de Getúlio Vargas à frente dos destinos do seu povo destaca-se pelo impulso dado a tôda vida nacional: indústria, comércio, obras públicas e, em definitivo, como é natural, uma política exterior cada vez mais influente".

De "Notícias Gráficas", um dos mais importantes órgãos da imprensa argentina: "Reconhecemos em Vargas um dos estadistas americanos que têm uma noção mais clara, definida e profunda dessa pedagogia política, cuja aprendizagem proporciona ao condutor de povos elementos de convicção para prevenir e preparar os acontecimentos".

E aí está como consideram o Presidente Getúlio Vargas alguns dos maiores chefes de Estado, políticos, escritores, diplomatas e jornalistas da atualidade. Lembremos que inúmeros são os livros publicados no estrangeiro, assinados por autores de reputação universal, sobre o Chefe da Nação Brasileira e a obra que vem êle realizando no país. E eis porque o criador do Estado Nacional pode ser, com inteira justiça, e como o proclamou Sumner Welles, qualificado como um dos três ou quatro líderes do mundo contemporâneo.

Sapateiro, não passes do calçado

Certo dia, um sapateiro achou que criticar na sandália de uma das figuras representadas num quadro de Apelis, o mais célebre dos pintores gregos, que viveu na côrte de Alexandre Magno. Apelis corrigiu o defeito. No dia seguinte, o mesmo sapateiro entendeu que devia igualmente criticar outras partes do quadro, mas Apelis saiu do seu esconderijo e disse:

— Sapateiro, não passes do calçado!

Daí o provérbio latino: Ne, sutor, ultra crepidam".

ZOLA

Em 1840, a 2 dêste mês de abril, nascia, em Paris, Emílio Zola, um dos maiores vultos da literatura francesa.

O primeiro contacto de Zola com as belas letras teve lugar em Aix, na Provença, onde escreveu dois ensaios rimados.

Tendo sido reprovado no ginásio, empregou-se, com um ordenado de 60 francos. Largou, pouco depois, o emprêgo, dedicando-se então, pobre e sem recursos, à sua arte, escrevendo a trilogia de "Rodolfo", "Ariana" e "Paolo", bem como a comédia "L'Amoureuse comédie", em agosto de 1861.

Até aquele momento Zola era um poeta a escrever em prosa. Sua verdadeira personalidade de escritor só se firma ao entrar para a Editorial Hachette, como chefe de publicidade, quando trava relações com os escritores da época. Escreve, nessa ocasião, "Contos a Ninon", e, pouco depois, "Novos contos a Ninon". Em 1865, tendo deixado Hachette, publica "A confissão de Cláudio", escrevendo, também, crônicas de crítica literária no diário "L'Événement". Aperfeiçoando-se mais e mais, Zola edita, em 1867, sua famosa "Tereza Raquim". Casa-se, a êsse tempo. Pouco antes da guerra franco-prussiana, publica o 1º volume da série dos "Rougon": — "La fortune des Rougon", como rodapé do diário "Siècle". No folhetim "La Cloche" edita "La Curée" e "La conquete de Plassans". Em 1875 sai o seu "La faute de l'abbé Mouret", seguindo-se: "Son Excellence Eugene Rougon", "L'Assommoir", "Une page d'amour". Escreveu, mais tarde, já em sua residência de Medam: "Germinal", "Nana", e "La Terre", saindo, após, "Pot-Bouille", "La joie de vivre", "Au bonheur des dames", "L'Oeuvre", "Le rêve", "La bête humaine", da série dos Rougon, e "L'Argent" e "La Debacle". Publica, em 1894, a trilogia "Lourdes"; "Roma," em 1896; e "Paris", em 1898.

Intervindo no famoso caso Dreyfus, publicou Zola "J'accuse", o que lhe valeu uma condenação de um ano de cadeia e três mil francos de multa, pena que só não chegou a sofrer por se ter refugiado em Londres, onde escreveu: "Fecondité". Voltando a Paris, editou: — "Travail", "Verité" e "Justice", suas últimas obras.

Faleceu em Paris, a 29 de outubro de 1902, vítima de emanações de uma chaminé.

À MARGEM DA VIDA JURIDICA

O crime de José Purcina (1)

JOSÉ CAMPOS

— Naquele dia vingaria. A morte de seus quatro porcos não ficaria incolume. João da Mata, sítio vizinho, matára-os, comera-os, tendo ainda, por cima de tudo, se queixado às autoridades de Capelinha que os seus porcos estavam devastando os mandiocais de sua propriedade, obrigando-o a comparecer perante o Juiz Distrital, de quem sofreu as maiores censuras e ameaças. Era demais! Não poderia ficar nisto, não! ia José Purcina matutando pelo caminho a fora, à busca de seu esconderijo previa e adredemente preparado, levando a tiracolo sua carabina.

Sabia que, naquela manhã, João da Mata tinha ido montado numa égua, a Capelinha, a fim de fazer compras. Esperá-lo-ia, quando voltasse, na moita que ficava próxima à porteira do buritizal da fazenda "Boa-Vista", de propriedade de José Pereira, e, quando fosse abrí-la, a hora azada lhe surgiria.

Ao aproximar-se do local escolhido, voltou os olhos para atrás e para a frente do caminho, entrou cautelosamente na moita, quebrou alguns galhos para tapar um dos lados através do qual, da estrada, se podia lobrigá-lo, procurou um apóio para a sua carabina e, depois de fazer vários exercícios de pontaria, tendo como alvo a porteira, sentou-se ao chão com a carabina por cima das pernas, à espera de seu fidalgo inimigo.

Horas decorriam sem que aparescesse. Ele porém não se esqueceu da matula, composta de farinha de milho e carne, e, à medida que comia, seus olhos, cheios de rancor, não se despegavam da curva da estrada por onde forçosamente iria aparecer.

Justamente quando o sol se ia encobrendo, ei-lo, enfim, que surge!

José Purcina, ao vê-lo, num ápice, tremendo, põe-se de pé, persigna-se, e leva a carabina à pontaria.

Vinha João da Mata assobiando calmamente, com um enorme chapéu de palha inclinado para a nuca, trazendo à garupa um alforje repleto de compras.

Ao aproximar-se da porteira, refreia seu animal, leva a mão direita à mesma para abrí-la e, ao fazê-lo, eis que dois tiros ribombam, ecoando surdamente pelas encostas.

João da Mata cai, como que fulminado, ao chão, onde soltou os últimos suspiros. A pontaria fôra certa, tendo-lhe atingido em cheio o coração. A égua em que cavalgava se assusta com os tiros e a queda do corpo; contudo, permanece no local, olhando para a moita de onde vinha surgindo José Purcina, empunhando a sua velha carabina. Ao ver inerte no chão o corpo de João da Mata, de cuja bôca saía um filete de sangue, num frêmito de alegria, que lhe foi impossível sopitar, grita:

— Conheceu, caboclo, como se matam e comem porcos alheios!

Estava vingado. O seu ódio era como que um grande e doloroso tumor que o vinha fazendo sofrer muito e que acabava de vir a furo. Daí a alegria, o alívio que, em todo o seu ser se verificou, ao ver João da Mata estendido no chão.

Repentinamente a alegria se lhe esvai, sua testa se franze, um vago temor o envolve, e permanece algum tempo meditativo. E' que se desvencilhara de seu rancoroso inimigo, mas como devia fazer agora para desvencilhar-se da ação da Justiça? Era preciso que se consumissem todos os vestígios do crime, portanto. Era necessário, assim, que se desse sumisso ao cadáver, à égua e a todos os objetos que trazia.

— Como devia fazer para apagar esses vestígios si nem ao menos tinha trazido uma enxada, e não podia buscá-la em sua casa, de vez que esta se encontrava a quatro léguas do local, e a noite se aproximava?

Depois de algum meditar, aproveitava de um rápido pensamento que lhe passa pelo cérebro como que caído do céu, pega imediatamente do cadáver e, com grande esforço, consegue colocá-lo, em pronação, no arreio; amarra os pés às mãos de um lado a outro, por baixo da barriga da égua e, em seguida, faz desaparecer o sangue que se encontrava na estrada sobre a areia, que atira longe, e cobre com outra o lugar ensanguentado. Conduz a égua pelo mato a dentro com o cadáver e tudo quanto vinha sendo trazido sobre os arreios e na garupa. Depois de ter percorrido mais ou menos dois quilômetros, chega a um claro onde cresce um

sapezal. Tira o cadáver, que coloca no chão, e desarreia a égua, amarrando-a curta e fortemente a um tóco; saca de seu ponteagudo e afiadíssimo facão e o crava no sangradouro da égua, prostrando-a ao chão, onde, com algum esforço, acabou de matá-la. Coloca-a, em seguida, com anteparos, em decúbito dorsal, abre-a com o seu facão num trecho compreendido entre a vulva e o meio do ventre, e lhe tira parte dos intestinos, colocando-os de lado. Despe o cadáver de João da Mata, põe de lado um bonito revolver que trazia à cinta e, à pressa, com um esforço inaudito, consegue intrometer o cadáver na barriga da égua, sendo que os pés ficavam para o lado da vulva, encolhidos ao corpo. Feito isto, corta em pequenas tiras o cabresto e a rédea e, já ao lusco-fusco, consegue costurar a barriga, que prendia fortemente o cadáver no seu interior, tendo servido de agulha o seu ponteagudo facão. Concluído o trabalho, retira os anteparos e faz que a égua fique em posição inversa da que estava, de modo que ficasse encoberta a costura feita. Então, ao vê-la nessa posição, disse para si mesmo:

— Não é que a égua ficou tal qual era! Amanhã os urubús darão conta de tudo, e ninguém dela se aproximará em virtude do mau cheiro.

Reune, depois, o arreio e seus apetrechos, roupas e demais objetos, exceto o revólver, leva-os para bem longe do local em que se encontrava morta a égua, e coloca-os numa depressão natural do terreno, entremeando tudo com capim, fôlhas e galhos secos, tendo tido, antes, a precaução de fazer, com o facão, um aceiro em volta, para que o fogo não se propagasse pelo cerrado. Ateia fogo ao monte feito, e espera, calmamente, durante horas, que tudo ficasse reduzido a cinzas. Quando tal aconteceu, já às altas horas da noite, cava a terra com o facão e, com o chapéu, atira-a sobre as cinzas para que mais depressa o brazeiro se apagasse, tendo ainda jogado por cima de tudo alguns galhos com fôlhas verdes para melhor dissimular o que se tinha feito ali. Retira-se exausto para casa, onde chega pela madrugada, não tendo, porém, resistido à tentação de levar consigo o

revólver de cabo de madreperola
"Smith Wesson", de João da Mata.

No dia seguinte, à tarde, passava pelo buritizal da fazenda "Boa-Visita", onde se deu o crime um carro de bois com um chio melancólico. Era Manuel Ventura, velho preto agregado de José Pereira, que, com seu filho Benedito à frente guiando os bois, se dirigia à fazenda, vindo de Capelinha, onde fôra buscar algumas sacas de saí.

— Benedito, gritou Manuel Ventura, pára os bois e vai ver que carniça é aquela que se encontra no espigão. Há muitos urubús esvoaçando lá, e talvez seja alguma rez transviada do compadre Zeca que tenha morrido por ali.

Benedito, com a guiada ao ombro, atende à ordem do pai e, celeremente, se intromete pelo mato a dentro para verificar que carniça era a que os urubús devoravam. Passados alguns minutos, ei-lo de volta, numa corrida louca e, com os olhos esbugalhados, diz, em palavras entrecortadas, a Manoel Ventura:

— Pai, é uma égua que morreu parinco "gente"!

— Parindo "gente"! . . . deixa de besteira, Benedito, quem já viu égua parir "gente"!?

— Pois é verdade, pai, "gente" tal qual como nós!

Depois de ter José Purcina cosido a barriga da égua, talvez pela inturgescência do cadáver e perfuração da vagina pelos urubús, ou por outra circunstância qualquer, o certo é que as pernas do cadáver de João da Mata se puzeram de fora pela vulva, numa demonstração nitida de um parto.

Manuel Ventura não deu crédito às palavras do filho e, com êle, se dirige ao local da carniça; ao chegar ali pára, estupefato, dizendo:

— Credo! Não é que é mesmo!

Mira e remira por todos os lados a égua, e teve um ímpeto de puxar as pernas para verificar se o resto do corpo era mesmo o de uma pessoa. Desistiu, porém, do intento, pois que desejava chamar outras pessoas da fazenda "Boa-Vista", que ficava meia légua próxima, a fim-de que ficasse comprovado o fato.

Ao chegar à fazenda com o carro onde desatrelou os bois, a primeira pessoa a encontrar foi Joana Cassimira, mulata gorducha e muito maliciosa, a quem comunicou o fato.

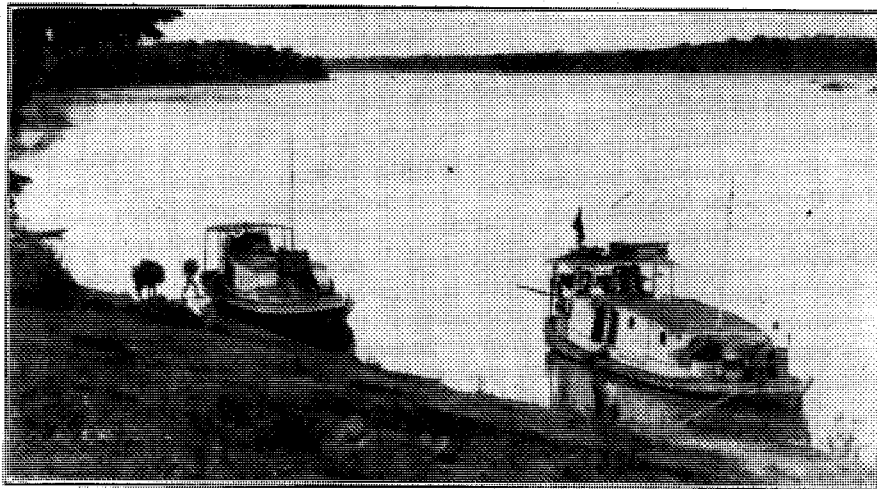
— Cruz Crêdo! Virgem! E' verdade mesmo?

— Sim, Joana.

— Já com as pernas saindo, dona Joana, atalhou Benedito.

— Isto então é arranjo de algum homem desavergonhado, retruca Joana.

— E de que côr era o "anjinho"?



Uma vista do pôrto do Município de Tocantinópolis, onde se processa, em grande escala, o movimento comercial no norte de Goiás

Último poema

AFONSO FELIX DE SOUSA

Quem ouvirá o meu último poema ?

Meus lábios estarão frios e sem vida.
A vida a se extinguir ante meus olhos espantados.
E sobre mim o peso imenso da angústia suprema.

Meus olhos assombrados
Se abrirão em ânsias infinitas
Com o espanto que se sente no fundo de um abismo
Ao encontrar saídas inatingíveis.
De meus lábios frios e sem vida
Escaparão como o canto de triunfo de um forte
Murmúrios loucos e frases ininteligíveis.

E nos versos sombrios dêsse estranho poema
Terei dito afinal os segredos da vida e da morte.

Mas ninguém compreenderá o meu último poema.

pergunta ainda Joana, numa grande ansiedade para saber de todos os pormenores.

— Branca.

Ao ter esta resposta, medita um pouco, e chega ao ouvido de Manoel Ventura, e lhe diz baixinho:

— Não acha que isto deve ser "coisa" do patrão?

— Do compadre Zeca? . . . êle, pai do anjinho? . . . Não é possível!

— Ora, Manuel Ventura, êle é daqueles . . . Joana Cassimira não teve tempo de completar as suas palavras maliciosas, pois que a notícia já tinha tomado curso e todos da fazenda, apressadamente, procuravam Manuel Ventura, cercand-o e crivando-o de perguntas sobre o estranho caso.

— Talvez seja um fenômeno, compadre, diz afinal, Zeca Pereira, a Manuel Ventura.

— Fenômeno, senhor Zeca? . . . interveiu Maria Cassimira, num sorriso além de malicioso.

José Pereira reuniu alguns camaradas e, com êles, se dirigiu ao

local onde se encontrava morta a égua, conduzindo os utensílios necessários para completar o parto.

Não lhe foi difícil constatar logo que se não tratava de um parto e grande foi a sua surpresa ao verificar que se tratava de um crime, e que o cadáver era o de seu amigo João da Mata.

Também não foi difícil encontrar-se o autor do crime, de vez que tôdas as circunstâncias do ocorrido indicavam que a autoria não poderia recair sinão na pessoa de José Purcina, que confessou pormenorizadamente o fato delituoso, ao ver ser apreendido o revólver de João da Mata na sua residência, ao ser esta vasculhada pela Polícia.

Só lamentou José Purcina que a égua tivesse abortado e, assim, exposto o fêto, fruto de seu crime...

(1) — Êsse fato, com leves alterações, é verídico e se desenrolou, há vários anos, no então distrito de Quirinópolis, município de Rio-Verde.

Um Capítulo do Romance “Abdias”

Ciro dos Anjos

Nos últimos três meses não pús a mão nestes cadernos. A derradeira página, escrita depois do Natal, parece haver enfiado, em minha vida, o ciclo da insânia. Se ainda experimentei recidivas, foram breves e espaçadas como as chuvas com que o tempo das águas se despede.

Minha situação doméstica normalizou-se, e, como se se houvesse operado em mim um renascimento, recomecei a trabalhar, empreendendo tarefas novas e arrebatando antigas.

Revi as provas da monografia sobre as “Cartas Chilenas”, que estavam jogadas no fundo de uma gaveta, e acrescentei ao estudo uma apreciação de dados estatísticos reunidos por jovem pesquisador contemporâneo, do grupo dos que afirmam a autoria de Gonzaga.

Agora, cuido de enfiar alguns ensaios literários num volume que se editará por conta da filantrópica “Sociedade dos Amigos do Livro” — espécie de associação de socorro mútuo a que nos amparamos nós, escritores provincianos de quem os editores do Rio costumam descartar-se com polidez, persignando-se mentalmente ante a possibilidade de um “encalhe” que farejam dentro da pasta pejada de originais . . .

Exerço, no mundo das letras, uma atividade modesta. Não sendo um criador, minha função é a das muitas formigas que sem cessar

Ciro dos Anjos é, entre os nossos modernos romancistas, o herdeiro afortunado das qualidades que fizeram a glória de Machado de Assis. O vitorioso autor de “O Amante Belmiro” possui aquele mesmo senso grave de “humour”, aquela mesma penetração psicológica, aquela mesma compreensão de medida, aquela mesma sensibilidade refinada e aquela mesma precisão de linguagem do imortal criador de “Braz Cubas”. E, por isso, um autor para as elites. Mas por isso mesmo a sua obra permanecerá.

Além de um dos vultos maiores das nossas letras contemporâneas, *Ciro dos Anjos ocupa, ainda, no*

mundo político-social, uma posição de muito relêvo, eis que é o atual Presidente do Conselho Administrativo do Estado de Minas, onde, também, já ocupou, entre outros, os cargos de Diretor da Imprensa Oficial e de Secretário do Governador. Pertence ainda à Academia Mineira de Letras.

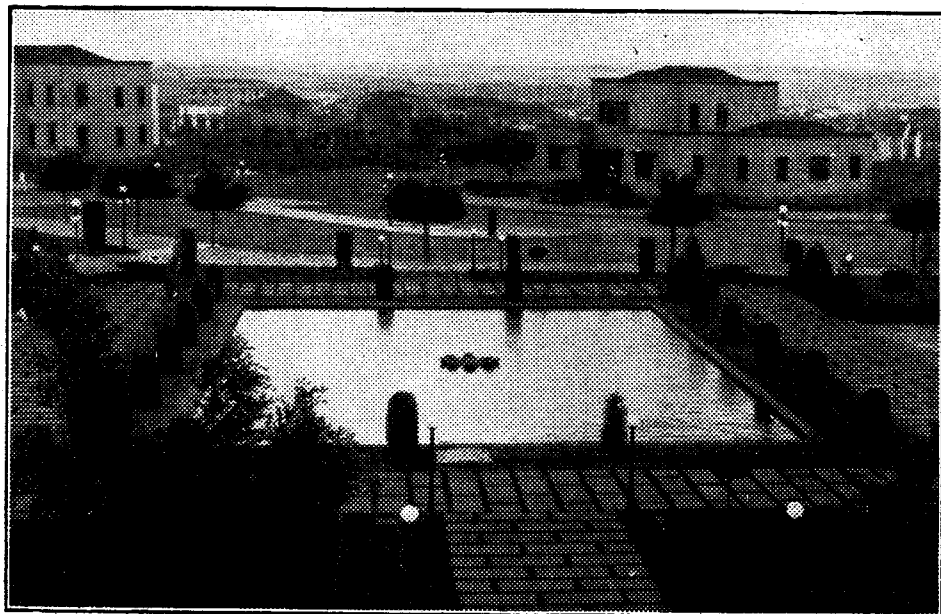
Pois foi essa figura de tanto destaque quem, atendendo gentilmente a um convite nosso, enviou-nos, para OESTE, um capítulo inédito de seu novo romance — “Abdias”, prestes a sair e que, estamos certos, há-de alcançar êxito igual ou maior ao que conseguiu “O Amante Belmiro”.

carreiam para o celeiro literário os frutos quasi anônimos do seu trabalho: um estudo subsidiário, uma pesquisa, um pequeno ensaio crítico.

Da esterilidade que me veio com as agitações do amor, creio, porém, poder inferir que a paixão amorosa é, em essência, incompatível com a criação artística. Quando Hegel afirma que nada de grande se realizou, nem jamais poderia realizar-se sem as paixões, acredito que seja exato, mas somente quanto às obras em que a ação entra como elemento preponderante. Direi, com a ênfase do germânico, que aquelas outras que pedem meditação ou

longos e extenuantes esforços em procura da beleza, essas nunca poderiam ser levadas a termo sob o império das paixões.

Responder-me-iam que não é sob o império, mas com as reminiscências da paixão amorosa que o artista molda a sua obra. Eu objetaria, então, que o verdadeiro artista só ama na medida em que o amor constitui estímulo para a criação. A arte é paixão mais que tôdas exclusiva e supera as que, como a amorosa, estão a serviço de um meio, e não de um fim. O artista procura, no amor, apenas a excitação intelectual ou a paz física. Só o poeta lacrimoso se entrega.



O clichê ao lado mostra-nos uma das fontes luminosas da Praça Cívica de Goiânia.

P E D R O E J U D A S

MARILDA PALÍNIA

Noite escura, torva, tenebrosa, cortada de pios sinistros de aves agoureiras, aquela em que Jesús tragara até a última gota o cálice da amargura.

Deixára as sombras espetrais do Jardim das Oliveiras e, entre a soldadesca brutal, caminhava, carregando em sua consciência de Imaculado o péso esmagador de tôdas as culpas da humanidade.

Momentos antes, quando o crepúsculo violáceo desenrolára sobre a terra funéreas colgaduras e a luz do dia se refugiára nos céus ainda claros, Jesús suára sangue no abandono do Getsêmani, ao antever que, pelos séculos dos séculos, o gesto de Judas se repetiria incessantemente.

O homem traria sempre o estigma da traição. E a febre do orgulho, a fome do ouro e a sede das paixões haveriam de torturá-lo eternamente.

Ao beijo de Judas e ao acorrer da soldadesca armada, fugiram os discípulos. Um, porém, esboçara um gesto de defesa, tirando a orelha a Malco; depois seguira Jesús, de longe, embuçado na sombra, receioso e cauto. Era Pedro.

No pátio da casa do príncipe dos sacerdotes, entre a soldadesca e os fâmulos que se agrupavam em torno do fogo, Pedro esperava.

Fazia frio. Um frio úmido, doentio, penetrante, enregelando carnes e filtrando-se no coração. Pedro tinha frio no corpo e na alma.

O clarão vacilante das chamas ensanguentadas riscava cabeleiras rubras, doidas, ondeantes, fugidias na ardósia da noite escuríssima. O céu pesado, baixo, negro, caliginoso, oprimia como as paredes de um túmulo.

E o tempo passava.

Então, uma das servas, chegando-se a Pedro, disse:

— Tu também estavas com o Galileu?

E o discípulo, o predestinado, o apóstolo, negou firmemente:

— Não o conheço.

E segunda, e terceira vez, com o calor arrogante de quem sustenta luminosa verdade, Pedro, exaltado, negou a Jesús.

Foi quando o galo cantou e aos ouvidos de Pedro voltaram as palavras do Mestre:

— “Antes que o galo cante, me negarás três vezes”.

E nesse momento Jesús, entre os esbirros, passou por êle e lhe voltou um longo olhar de doce aprovação e infinita piedade.

Pedro sentiu o coração mordido de remorso, disparar-lhe no peito.

E, como um louco, saiu soluçando.

* * *

Fugira a noite lenta.

A manhã lívida esboçava vagamente o contôrno das cousas.

E Pedro tinha nas faces maceradas o sinal de sua traição em dois sulcos profundos, cavados pelas pungentíssimas lágrimas que chorára.

* * *

Passára a grande noite, a noite máxima!

Jamais condenado algum se viu tão só e tão triste, tão abandonado e tão perseguido, como Jesús naquelas horas memoráveis.

Só, rezára no Jardim das Oliveiras e sorvera o cálice de tôdas as agonias. Depois, o beijo de Judas, a fuga precipitada dos discípulos, a prisão e a noite horrível entre a turba covarde e furiosa, que o feria num encarniçamento de feras sanguinárias.

Finalmente, o último golpe da negação de Pedro.

* * *

Judas e Pedro . . .

Judas, desesperado, presa enfim do remorso, preferiu a danação eterna ao arrependimento e à expiação.

O orgulho perdeu-o.

Pedro, arrependido, nunca mais fraqueou.

Dia e noite, lágrimas de fogo renovavam em suas faces o sinal do seu crime e seu coração pusilânime tornou-se rijo, duro, forte, de pedra.

E nunca mais sua alma perderia a lembrança da traição e nunca mais o medo, a vilania, nela acharia guarida.

Foi fiel a Jesús na vida e na morte.

* * *

Pedro e Judas têm sido os grandes símbolos da humanidade.

Mas, pelo correr dos séculos, o homem, ambicioso e ingrato, orgulhoso e covarde, esquecido de sua origem divina, quasi sempre modelaria seu coração fraco, à imagem do de Judas.

E, pelos séculos dos séculos, a descendência do traidor, como as estrélas do céu e as areias do mar, se multiplicaria, incontável . . .

* * *

O Cristianismo é o milagre perpétuo.

Doze homens rudes, doze humildes pescadores, espalhariam pelo mundo inteiro a palavra de Jesús.

E a cristianização da humanidade se faria fatalmente, implacavelmente, mesmo quando a raça do traidor pareça avassalar o mundo, submergindo-o numa onda feroz de cupidez e brutalidade, de sensualismo e loucura.

* * *

Passará a onda . . .

E, bracejando no alto as longas frondes, sempre verdes, a A'rvore Divina acolherá à sua sombra redentora os homens de tôdas as raças e de todos os climas, unidos, na mesma dolorida ânsia de Paz, que só Aquele que é a Verdade, a Luz e a Vida pode deramar nos corações.

Basilio de Brito Malheiro do Lago

Odorico Costa

A Inconfidência de 1789 foi uma lírica aventura de poetas e de bacharéis. Os ingênuos demagogos mineiros não conheciam a técnica revolucionária. Tiveram, mesmo, um clamoroso erro inicial: quizeram fazer uma revolução a poder de leis liberais. Dedicaram-se com demasiado afincamento a essa tarefa e se esqueceram de reunir armas e de amealhar dinheiro, dois elementos indispensáveis e basilares para a sorte das guerras.

Essa conspirata, em que encontramos uma das mais brilhantes e robustas afirmações da existência da raça brasileira, porque os povos só começam a existir com a idéia da liberdade, teve a estranha virtude de reunir, entre conjurados e delatores, os mais impressionantes tipos da fauna humana. Dos simples aos sonhadores, dos místicos aos fanáticos e, encerrando êsse edifício do mais puro idealismo, os rancorosos.

No rol dêstes últimos em primeiro plano, avulta Basilio de Brito Malheiro do Lago, tenente-coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar de Paracatú. Natural de Vila de Ponte de Lima, comarca de Viana, Arcebispado de Braga, morador nas Lavras do Palmital, comarca de Serro Frio, com 46 anos de idade, Basilio de Brito Malheiro do Lago, com Joaquim Silvêrio dos Reis e Inácio Correia Pamplona, mestre-de-campo-regente de Bambuí, forma a triade sombria que denunciou e forneceu os maiores elementos de provas contra os conspiradores mineiros. De um modo particular, Basilio de Brito foi maior do que os dois outros porque mais inteligente, mais arguto, mais rancoroso, mais exhibicionista em seus propósitos de patriotismo, de dedicação ao rei, "pela obrigasam que tenho de vasalo, e o sou muito lial e onrado, e além da obrigasam de vasalo, por natureza sou apayxonado pelo meu Prineepe; pelos meus Generais, e por todo o omem de bem".

Basilio de Brito Malheiro do Lago, em sua carta de 15 de abril de 1789, dirigida ao Visconde de Barbacena, denunciando todos os conjurados, oferece um retrato muito vivo do estado dos espiritos, naquela época, na riquíssima colônia portuguesa. A idéia da libertação era um motivo obsessante em todos os nativos. "Desde que vim para America, nos nasionais dela sempre conhesi um Imterno desejo de se sacodirem fóra da Obdiensia que devem prestar aos

seus legitimos soberanos, mas antes patenteam hua interior vontade de fazerem do Brazil hua Republica libre, assim como fizeram os Americanos Ingleses".

Continuando a descrever o estado de espírito de Minas, naquela época, nessa mesma carta, Basilio fala da conversa que tivera com o próprio Visconde de Barbacena, quando lhe fóra levar pessoalmente, "as primeiras noticias da revolução projetada": "Respondy a V. Exa. que todos os nasionais a desejam e que tambem se lhes unira alguns filhos de Portugal, destes que não tem modo de vida".

Os conspiradores mineiros não tinham reserva alguma de seus planos. Falavam em demasia. A sua conjura era feita às escâncaras, à luz meridiana, sem reboços. Tanto falaram a respeito de seus projetos, que êstes começaram a ser assunto de tôdas as conversas, até mesmo entre os que mais tarde haviam de fazer denúncia do projetado movimento. "Já se ouvia as pessoas da ultima classe da gente desta terra, como sam negros e mulatos, que estava para aver hum levante".

Basilio de Brito, contando estas cousas, ao visconde de Barbacena, não ocultava o desgosto que tais ocorrências traziam ao seu patriotismo exacerbado, à sua fidelidade à soberania portuguesa. "Eu não quero outro premio por qualquer trabalho que posa ter em utilidade do estado mais que a minha soberana e v. ex. reconhesam que sou o vasalo mais lial que podem dezejar nestas conquistas, das quais me desejo ver fóra delas, pela Icomstancia que vejo nos seus avitadores". E mais adiante, nessa carta, o tenente-coronel Basilio repete com uma insistência irritante que "El-Rey nam tem vasalo como eu nesta capitania..."

Basilio sempre demonstrou, no correr de sua denúncia, a maior aversão aos conspiradores. Em certo ponto de seu depoimento perante a junta da devassa, conta que, na estalagem de José Fernandes, tivera com José Joaquim de Oliveira, êste diálogo surpreendente:

— "Sabe que mais, sr. Tenente-Coronel, aqui disseram que está para aver um levante nas Minas".

— "Só se for um levante de prostitutas, lhe respondi e fuy entrando para o meu quarto e nunca mais lhe perguntei por semelhante materia".

Em 18 de junho de 1789, e um mês depois, em 18 de julho, o tenente-coronel Basilio fez o seu depoimento perante a junta da devassa. Falou com clareza, sem omitir pormenores, sem esquecer uma só minudência. No último depoimento, de um modo particular, chega a demonstrar aversão ao seu companheiro de denúncia, ao mestre-de-campo Inácio Correia Pamplona, a quem atribue profundo desgosto por não haver lhe dado ordens de mando o Visconde de Barbacena, como o faziam os anteriores capitães-generais de Minas.

Longo tempo se arrastou o processo contra os conjurados de Minas, e afinal, lá se foram êles para o degrêdo, na África, e Tiradentes para a forca.

A execução de Tiradentes foi celebrada, no Rio, por grandes festas. A Câmara, em edital que fez correr, "declarou contar certo que todos os moradores da cidade deitariam luminárias por três dias, pois não esperava ser necessario punição e pena contra os que o contrário praticassem".

Em Minas, as festas foram celebradas no mês de maio, nos dias 21, 22 e 23. A Câmara de Ouro-Preto fez baixar edital, convidando o povo a "deitar luminárias" e tôdas as casas se ornamentaram, como era uso na época, de ricos damascos e sedas finas. Nas igrejas foram realizadas solenidades religiosas em ação de graças e o discurso de elogio à soberana portuguesa e de execração aos conspiradores foi feito pelo dr. Diôgo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, primeiro vereador da Câmara.

O povo, em Ouro-Preto, como no Rio, tomou parte saliente nas festas e se teve algum protesto contra tudo aquilo, êsse protesto não teve forma. Não chegou a sair da garganta...

:-

O tenente-coronel Basilio de Brito Malheiro do Lago, quatorze anos após o suplicio de Tiradentes, fez o seu testamento e êsse documento é ainda, um retrato perfeito da época. Da época e do estado de espírito de seu próprio autor. Aos sessenta anos, o tenente-coronel Basilio era forte, escrevia bem e conservava aquela mesma agudez de inteligência, que tanto o remarca entre os denunciantes da Conjuração.

Em 25 de outubro de 1806, em Sabará, Basilio tomou da pena e escreveu, de seu próprio punho, as suas últimas vontades. Depois de fazer protestos de fidelidade ao rei, a quem nunca, "nem por pensamento", fóra infiel, contou, ao seu filho, a quem as suas palavras se dirigiam, "que todo o povo das Minas, e mesmo de todo o Brazil me concebeu um implacavel odio, depois que se premeditou uma conjuração nas Minas para matarem o Visconde de Bar-



Um aspecto da Avenida Tocantins, em Goiânia.

bacena que os governava, e subtraíram-se da obediência de seus legítimos soberanos”.

O tenente-coronel Basílio, a seguir, passa a contar as ingratidões de que foi vítima de parte do Visconde de Barbacena. Este, “com promessas blandiciosas, com umas palavras fingidas a todos queria persuadir que me queria fazer os bens que pudesse”, lhe arruinou completamente a casa, “uma das maiores de Minas e que nada devia”.

Depois, num conselho veemente, de homem que olhou a vida de frente, que viu inútil toda a sua dedicação, que viu fracassadas todas as suas esperanças, Basílio diz estas cousas amargas ao filho: “por estas razões tão claras, a meu filho recomendo com o amor de pai que fuja sempre de tudo que for descendência da ilustríssima casa de Barbacena”. Mesmo no seu ódio, na sua máguia dorida pelas ingratidões recebidas, o tenente-coronel Basílio não se esquecia do respeito devido aos nobres. Essa “ilustríssima casa de Barbacena” é de adorável sabor de veneração e respeito...

Basílio tinha receio de ser assassinado. Sentia, vagamente, dentro dos limites do seu mundo social, hábitos esbraçados, convulsões de ódio e sombrias ameaças de morte. Foi se queixar ao governador Pedro Maria de Ataíde Melo, que “providência alguma lhe vejo tomar”.

Nessa altura do testamento, Basílio sente crescer nele o ódio contra a terra e contra os nativos. E deixa pingar no papel estas linhas terríveis: “os filhos dos homens de bem, que tem a desgraça de nascerem e serem criados no Brasil, não herdão de seus pais os estímulos de honra, mas adotão de boa vontade os costumes dos negros, mulatos, gentios e mais gente ridícula que há nesta

terra”. Para evitar ao filho essa convivência que tanto mal lhe fazia, Basílio lhe dá o conselho de vender, por “pouco ou muito”, os bens que herdar e “se passe ao reino”. Entusiasmado-se com essa idéia de ver o filho em Portugal, Basílio lhe dá, ainda, este conselho terrível: “não venda fiado... que isto cá é terra de ladrões...”

Num desabafo final, nesse documento ditado por um coração crucificado pelo remorso e ulcerado pelas ingratidões, o tenente-coronel Malheiro do Lago adverte ao filho que, contra ele próprio, grande ia ser o ódio do povo, do Brasil, “por ser filho de tal pai”, mas, para isso havia remédio: “os governadores em que ele habitar podem segurar-lhe a vida e a subsistência”.

E aqui termina o testamento do tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago, documento magnífico, que revela da maneira mais completa, que a semente plantada pelos ideólogos de 1789 não caiu em terreno maninho. O povo daquela era negra de despotismo já aprendera a odiar. Odiar o despotismo, rara amar a liberdade.

BIBLIOGRAFIA:

A. Torres, “Razões da Inconfidência”.

Autos de Devassa da Inconfidência Mineira.

J. Roberto, “Conjuração Mineira”.

José Agostinho, “O Tiradentes”.

J. Pedro Xavier, “Efemérides Mineira”.

Diogo de Vasconcelos, “História Média das Minas Gerais”.

Rocha Pombo, “História do Brasil”.

Varnhagen, “História Geral do Brasil”.

Lúcio J. dos Santos, “A Inconfidência Mineira”.

Confusão imperdoável . . .

Faz as delícias do povo em Oslo, Noruega, a história de uma “Nazi blitzmaedel” (mulher operária do exército) — que chegara atrasada para o trabalho e se desculpara, dizendo que não podia passar sem o seu café.

Em consequência, recebeu a ordem de comparecer antes da hora de serviço e gritar muitas vezes: “Eu posso passar sem café. Heil Hitler!”

Isto continuou durante vários dias até que certo dia apareceu muito antes do comum. Quando suas colegas lhe perguntaram por que viera mais cedo, retrucou que seu castigo fôra aumentado porque, na véspera, confundira e gritara:

“Eu posso passar sem Hitler. Heil café!”

Montesquieu e Benedito XIV

Montesquieu, antes de se retirar de Roma, foi-se despedir de Benedito XIV.

O pontífice lhe disse:

— Meu caro, antes de nos separarmos, quero que leve alguma prova da minha afeição. Concedo-lhe a isenção de jejuar e bem assim à toda sua família.

Montesquieu agradeceu e retirou-se. O bispo camarista conduziu-o à galeria. Foi expedida a bula de dispensa e apresentaram-lhe uma conta a pagar por êsse piedoso privilégio. Montesquieu, aterrizado com o imposto sagrado, devolveu ao secretário o alvará de mercê, dizendo-lhe:

— Agradeço a sua santidade pela sua benevolência! Mas o santo padre é homem de bem. Tenho a sua palavra, e é quanto me basta.

Trilhos e Dormentes

— Zoroastro Artiaga —

Goiânia, no seu atual ciclo de progresso, tem uma necessidade gritante, que é maior de tôdas as necessidades: O TRANSPORTE FERROVIÁRIO.

O nosso povo tem pressa da inauguração dos serviços, para dar um novo impulso à sua impressionante ascensão na escalada do ideal realizada pelo gênio de Pedro Ludovico.

Data de três anos a visita honrosa que nos fez S. Excia o sr. Getúlio Vargas; e, apesar da sua notória boa vontade em dar-nos a E. de F. o mais depressa possível, ainda não temos um palmo, sequer, de trilhos asentados nesta direção. A sua boa vontade tem sido tal que chegou a transferir o controle da E. de F. para o Ministério da Viação, a-fim-de apressar os serviços de prolongamento e inaugurar quanto antes, uma estação.

Não tem faltado esforço da parte das autoridades, mas há alguém que atrapalha a celeridade com que deveria ser feita esta obra, tanto que, as plantas daqui para S. Antônio, ainda não têm o acabamento preciso para ser aprovada difinitivamente.

Uma das firmas empreiteiras da construção já concluiu a sua obra, com terraplenagem pronta para receber trilhos.

O segundo trecho não têm tido gasolina suficiente para transportar o material destinado às obras de arte do Caldas, nem a quota de cimento precisa para a ponte e os boeiros daquele sector.

Enquanto isso se reajusta, não seria bom ir construindo a estação de Goiânia, armazens, casas de turmas e outras obras já locadas, para não demorar a inauguração ?

Apresemos o andamento do grande empreendimento, de vez que a guerra nada atrapalha os serviços de terraplenagem. Não nos preocupa o fornecimento de trilhos, que está assegurado, com a fabricação nacional já iniciada.

Monlevade já está produzindo trinta quilômetros de trilhos por mês. Acostumados a esperar por Volta Redonda, que se prepara para grandes realizações, esquecemos que outras colmeias humanas estão manufaturando, em respeitável escala, os utensílios e os materiais que suprem as nossas indústrias fabricando trilhos, peças de lavoura e outras utilidades, dando-nos uma indiscutível primazia

perante o continente e ao mesmo tempo cooperando para a independência econômica do país.

A interrupção do tráfego marítimo não causou o dano que era de se esperar, porque as siderúrgicas brasileiras estão, pouco a pouco, alimentando as indústrias-satélites nacionais, como as dos nossos vizinhos, e isto foi realizado sem nenhum cartaz.

São provas de pleno poder realizador, de capacidade que damos ao mundo, principalmente aos que nos consideram raça inferior; provas de que somos um povo de futuro, capaz de sacrifícios a bem da pátria; de realizar grandes cometimentos; como, também, prova de energias, organização e força.

Tôdas essas emprêsas engradem o Brasil e fazem a sua parte no esforço social, correspondendo integralmente aos legítimos anseios da nacionalidade. A Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira, por exemplo, está sendo a pioneira mais destacada no campo siderúrgico, porque ela mantém várias usinas. As de Sabará já contribuem com 50% da produção total do ferro por isso, que até em 1942, só produzindo ferro-gusa, se encheu de entusiasmo e passou a fabricar, diariamente, trilhos e outras utilidades, com o alto-forno que acaba de inaugurar.

A Usina Morro-Grande, está, por sua, vez, sofrendo reformas que permitirão que ela atinja as desejadas 70 toneladas por dia.

Pertence à Cia. Brasileira de Usinas Metalúrgicas. Muita gente ignora que Mato-Grosso também já tem a sua siderurgia.

Minas-Gerais assombra o país com as suas 19 instalações de altos-fornos. O Estado do Rio, na relatividade dos recursos, não fica muito distante com os seus quatro altos-fornos A de Mato-Grosso, que está montada em Urucum, tem capacidade para cinquenta toneladas diárias. Em Mogi das Cruzes existe uma instalação já quasi concluída, que produzirá 12 toneladas, e as suas construções se encontram bem adeantadas no terreno denominado Barueré. Estando a produção diária brasileira estimada em 85.000 toneladas de ferro-gusa, o C.C. Exterior calculou bem, prevendo um aumento de 25% na produção de 1944, com as novas instalações que se aceleram em Minas-Gerais.

Monlevade, agora, tem um bem

moderno "Siemens Martin", com capacidade para 40 toneladas por dia, para o aço. Será o quinto alto-forno de Morro-Grande. S.-Paulo também terá o seu "Siemens Martin", em Itopila, cuja inauguração se dará dentro de breves dias.

A primeira montagem da Cia. Siderúrgica de S.-José, está quasi pronta. Ela terá capacidade para produzir oito toneladas diárias.

A Cia. Brasileira de Aço, por sua vez, vai fabricar cinco.

Logo que as instalações de Volta-Redonda estejam prontas, poderemos pensar na execução do nosso antigo plano de expansão ferroviária, construindo linhas de penetração, conforme é desejo do sr. Presidente da República. Estas Inhas serão artérias principais que farão o papel de collector do sangue nacional. Receberão outras E. de Ferro; menos importantes, troncos e ramais, tanto ferroviários como rodoviários. Teremos a ligação do litoral, iremos do Chuf ao extremo Norte, de Pôrto-Esperança a Recife, de Santos a Cuiabá, de Pirapóra a Belém faremos a escalada dos altos sertões fundando novas Goiânias e abrindo colônias onde fi aremos o homem definitivamente.

Grande será o destino do Brasil, quando este plano estiver realizado. Haverá, porém, muito sofrimento e vai ser preciso muito heroísmo.

Muitos inoperantes quererão cargos, porque têm amigos que os protegem e lhes garantem a inatividade . . .

Eles, porém, são raros hoje, porque o Brasil que teve no passado homens como Rebouças, Paulo Frontin e Mauá, tem hoje moços valorosos como os que fizeram as proezas de engenharia destes últimos dez anos, em que o Brasil tanto progrediu.

A figura gigantesca de Mauá é uma bandeira para os jovens da engenharia ferroviária, exemplo de desmemor e de capacidade realizadora. Para grandes obras são precisos grandes homens. Ao lado dos empreendimentos notáveis deste século destaca-se uma gloriosa odisséia, que foi a escalada que fizeram a Noroeste a Itapura, em pouco tempo, quando ainda não tínhamos os recursos mecânicos e motorizados de agora. Ambas construídas rapidamente, atingiram as suas metas, e não se detiveram na contemplação do realizado; trataram logo da consolidação dos leitos de modo que não há nelas os desastres constantes

da Goiaz, nem os reclamos impertinentes do povo . . .

A engenharia brasileira não se deteve na contemplação dessa gloriosa realização: logo que veio a palavra de ordem, a escadala continuou para S.-Cruz, em ciclópica movimentação, e sem os recursos com que se esperava contar. Lá está uma etapa feita, imorredoura glorificação do orgulho nacional pela capacidade de seus engenheiros. Esta linha se faz através de todos os obstáculos da Natureza: pantanos, terrenos montanhosos ou chapadões arenosos e secos. Nada porém, impede a marcha triunfal dos jovens do Brasil, arquitetos da vitória, obreiros da supremacia econômica do país. Realizam uma linha capaz de garantir a crescente intensificação de tráfego no escoamento futuro da produção continental, principalmente quando o petróleo boliviano fôr aproveitado nas refinarias do Brasil. Nessa estrada de Ferro há obras de arte, tão importantes e tão custosas, que tem causado admiração aos mais célebres especialistas no assunto.

O desmonte penoso dos rochedos, feitos para não prejudicar a estética e a técnica do traçado, custou sacrifícios inauditos. Aludimos a esses empreendimentos para oferecer um paralelo entre eles e o acesso a Goiânia. A grande obra que ligará o Pacífico ao Atlântico, através do centro do Brasil, é mais um atestado vivo do nosso brio e da nossa noção de honra profissional, pois, foi resultante da obra de Rio Branco e, por muitos anos, descuidada pelos homens de velha república. Monlefade poderá incumbir-se dos nossos trilhos e já é bem tempo de pensarmos nisso. Há 36 quilômetros concluídos de terrapleno. Há meses venho escrevendo sobre a demora da construção, como, também, contra a inatividade dos trabalhos de consolidação e reparações da via permanente. Da Goiaz afirmamos que não tardariam os desastres, logo que viessem as chuvas. E' que a linha tem ainda os dormentes de 1910, em grande parte podres. Quando passa um trem as cabeças desses dormentes vão cedendo. O número de turmeiros da conserva é diminuto, dado o volume de serviços necessários e a pobreza do material, que está sendo utilizado, embora com graves riscos. Vidas e vidas estão sendo ceifadas, principalmente de maquinistas e foguistas, cujo quadro foi sempre desfalcado, dadas as dificuldades criadas para a primeira investidura, por concurso, sujeito à aprovação superior.

Não é preciso lembrar o S. P. R., cujos serviços da Serra são constantemente fiscalizados e zelados, embora feitos a cimento. O S. P. R. não perde de vista um único boeiro nos desvios de água pluvial. Nosso pessoal não tem culpa

do que ocorre na Goiaz, porque somos testemunhas do seu esforço, disciplina e competência; são excelentes obreiros ferroviários, e até sacrificados, com ordenados baixos. E' preciso que, da parte de cada um, haja essa grande força, que é a cooperação, no sentido de dar transporte à Goiaz.

E' necessário o espírito público.

a compreensão da maior aspiração do nosso povo. Aos homens que têm, no momento, as responsabilidades da construção, lançamos este veemente apêlo, pedindo que façam esforços no sentido de serem ativas as obras do acesso à Goiânia, para que possamos inaugurar o primeiro trecho já, antes de 1945.

JULGAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DOS POEMAS APRESENTADOS AO PRIMEIRO CONCURSO DE POESIAS DE "OESTE"

Examinados os poemas apresentados ao primeiro concurso de poesias de OESTE, chegamos à seguinte classificação:

- 1º lugar — o poema "GOIÂNIA", de A. Bastos Morbach;
- 2º lugar — o poema "METRÓPOLE DO OESTE", de B. Rocha, e
- 3º lugar — o poema "ERA UMA VEZ...", de J. Lopes Rodrigues.

"Goiânia", poema de A. Bastos Morbach, mereceu primeira classificação pela originalidade, pela pureza poética, pela simplicidade e beleza do próprio poema.

Figuram nele símbolos locais, agrestes, de um delicioso gosto sertanejo e goiano.

Há no poema uma ingenuidade folgazã e admirativa, uma alegria boa e espontânea que se comunica ao leitor.

"Metrópole do Oeste", de B. Rocha, é bem equilibrado, vado em bom estilo, havendo feliz desenvolvemnto da parte histórico-social do Estado de Goiaz, dentro das normas da sobriedade e da beleza de forma.

"Era uma vez...", poema de J. Lopes Rodrigues, tem inúmeras qualidades; faltou-lhe, porém, a vivacidade que se exige daqueles que cantam a obra de Pedro Ludovico.

Goiânia é um arrôjo temerário, incompreendido a princípio, que deslumbrou e continua deslumbrando o mundo. No poema de Morbach isso é bem fixado no simbolismo dos buritis bisbilhoiteiros; ante a incompreensão rude, mas bondosa desses guerreiros que assim conversaram: "um dia, quando a noite chegou":

. . . "Que é aquilo?"

O outro disse: "Crejo que foi um pedaço do céu que caiu, tantas são as estrélas que piscam sobre a campina !

A' comissão julgadora agrada haver o primeiro lugar cabido a um goiano que reside em Boa-Vista, extremo norte de Goiaz, onde a nova Capital é compreendida e sentida da maneira que o poeta a sentiu e a compreendeu.

Parabéns ao diretor da revista pela grande iniciativa.

Goiânia, 8 de novembro de 1943.

Cilenô de Araújo.
Alfredo de Castro.
Hélio Lobo.
Bernardo Elis.

GOIÂNIA

A. BASTOS MORBACH

— I —

No início da campina
buritizeiros sempre eretos, em fila,
criavam imagens diversas na paisagem agréste.
— Eram velhos guerreiros empenachados
sacudindo cocares verdes
ao ritmo dos ventos vadíos
— Eram grandes cálices verdoengos,
que se enchiam
de tôdas as bebidas fortes derramadas pelo sol
— Eram copos bojudos, côr de esmeralda
que, á noite,
se enchiam de cerveja preta das trevas
com espumas de estrélas
Eram taças de muiraquitãs
em que a lua-boêmia
derramava a champanha clara dos luares

Os anosos buritizeiros montavam guarda
em ronda perpétua
à campina estirada na languida preguiça
de um silencio sem-fim

Eles viram chegar, de repente,
uns vaqueiros exquisitos,
que não vestiam perneiras longas, nem guarda-peitos,
sem chapeirões de abas largas
Uns vaqueiros vestidos em terno cáqui,
caneleiras polidas,
e que traziam, à cabeça, chapéus coloniais
Não montavam cavalos
e nem traziam cordas à garupa,
mas lidavam com uma porção de giringonças
e pareciam namorar, em demasia,
a campina silenciosa
Aqueles vaqueiros irrequietos
desconhecidos
andaram,
viraram,
mexeram,
trocavam palavras difíceis
à compreensão-jéca dos buritizeiros anosos.

Quando aqueles vaqueiros excêntricos partiram,
as velhas palmeiras tiveram
um pressentimento qualquer
E cochicharam cochichos verdes
de palmas sussurrantes

— II —

Um outro dia os buritizeiros anosos
tremeram as palmas assombrados,
ciciaram orações verdes,
mussitaram impressões vegetais,
quando um grupo enorme daqueles homens
desconhecidos,
bivaqueou na campina

Havia mumúrio de enxame de uruçús-bois zangados !
Havia confusão de géstos,
de sons,
de caminhadas

Os buritizeiros nunca haviam lido a Bíblia,
mas sabiam, por ouvir dizer,
a história da Babél.
Por isso eles acreditaram que na campina violentada
ia haver outra balbúrdia de Babél.
Aqueles homens adoidados
furavam a terra
mediam-na
zangaiavam-se com lanças bicolôres,
riscavam-na tôda com riscos iguais
às estrêdas caprichosas das saúvas estradeiras !

Depois foram surgindo da terra ferida
daqueles riscos
daqueles cortes,
umas espécies de cupins cubados,
que cresciam
que subiam
e barravam o escampado da campina

Eram ranchos enormes
como nunca os buritizeiros haviam visto
construídos pelos vaqueiros conhecidos.

Tiniam ferros,
zonzuneavam canções,
catiras, sambas, cantigas extranhas
esturgiam gritos, écos, palavriados, balbúrdia
havia coriscos de gumes de aço refulgindo ao sol.
Era o ritmo do trabalho ritmando
ousadas concepções de avenidas e ruas

Era a eclosão da
Metropole Sonhada,
da Metropole Desejada
de muitas gerações !

— III —

Um dia, quando a noite chegou,
os buritizeiros estremeceram assombrados
Disse um: — “Que é aquilo ? ”
O outro disse: — “Creio que foi um pedaço de céu que caiu
tantas são as estrelas que piscam sôbre a campina ! ”
Falou um terceiro: — “Me parece brincadeira do Anhan-
[guéra
querendo incendiar o ar que respiramos ! ”
Um outro opinou: — “É a alma
de um garimpeiro-gigante
“apurando” na batêia da noite,
uma porção de diamantes pingo-dágua !

Era a Cidade-Recem-Nascida
tomando o batismo claro da Civilização !

— IV —

E os buritizeiros, dentro da noite,
sacudiram cocares verdes
em gestos de mandinga,
em ritmo de pagelança,
e cantaram qualquer cousa que o vento traduzia:
— Babél ! Babél !
A Babél das balbúrdias
e das harmonias urbanísticas !
Brinquêdo gigante de meninos grandes !
Improvização de gênios
sonho ousado de homens que não recuam
Cidade improvisada para a Glória !
Marco da Civilização nas fronteiras do Futuro !

E a madrugada que chegava
com côres de harmonias sempre eternas,
gritou triunfal, ousadamente:
Goiânia ! Goiânia !

(Poema classificado em primeiro lugar no “Concurso de Poesias” promovido por esta revista).

POLÍTICA ESTADUAL

Situação atual dos Municípios Goianos



Interventor Pedro Ludovico Teixeira

“Já se foi há muito o tempo do quero, posso, mando, e no seu lugar nasceu e está florescendo, não o direito de servir-se, mas sim o dever de servir”.

A frase, relativa aos governantes municipais, é de Menelick de Carvalho, Diretor Geral das Secretarias, em Minas, e antigo prefeito de Juiz de Fora e Uberaba, cidades que, sob sua orientação, progrediram extraordinariamente. Frase verdadeira, pela qual o autoriza o autor de “Administração Municipal” marca a diferença de “filosofias” dos chefes das municipalidades, antes e depois de 1930.

De fato: ninguém, honestamente, pode contestar que, para os antigos dirigentes das comunas, o poder era um meio deles se servirem dos seus jurisdicionados, não passando os municípios, àquele tempo, de “feudos” nas mãos dos “coroneis” ao mesmo tempo que ninguém, de boa fé, pode negar que, para a maioria quasi absoluta dos atuais chefes do executivo municipal, o poder é um meio de servir ao povo.

E' que, hoje, com a marcha para oeste, posta em execução pelo Presidente Getúlio Vargas, encaminhamo-nos (como pregava Teixeira de Freitas em Outubro de 1934,

num substancioso estudo intitulado “O problema do município no Brasil atual”, trabalho que era um candente e irresponsável libelo contra o estado municipal de coisas no antigo regime) rumo “ao Brasil interior, ao Brasil esquecido, ao Brasil combalido, ao Brasil — município”.

Exata e altamente situado o município, pela Constituição de 1937, e voltadas para êle as vistas atenciosas dos governos federal e estadual, daí surgiu, em todo o país, um como que renascimento das nossas comunidades, como, na parte respeitante a Goiás, podemos inferir da seguinte entrevista concedida a OESTE, pelo sr. Abel Soares de Castro, Diretor do Departamento das Municipalidades, órgão a que devem os municípios goianos uma soma bem grande de benefícios.

* * *

— Qual a situação geral dos municípios goianos, antes de 1930 ?

— Antes de 1930 os municípios goianos viviam entregues à sua própria sorte. Sem assistência de qualquer espécie, por parte do Estado, desprovidos de organização, podemos dizer que as intendenções



Sr. Abel Soares de Castro, Diretor do Departamento das Municipalidades, em Goiás

municipais consistiam numa coletoria, que funcionava sem horário na própria residência do procurador municipal. A câmara municipal era inoperante, visto que sua presidência cabia sempre ao chefe político local, tendo como membros os elementos mais destacados do partido dominante, de forma que as maiores irregularidades, sem transpirar, eram sancionadas, independentemente de qualquer exame, porque acima dos interesses da coletividade estavam os do partido então no poder. Para ninguém podiam apelar os prejudicados, pois aos “gerais” da política estadual

não interessava descontentar seus "baluartes" regionais".

— *Qual a situação atual dos municípios?*

— O Estado de Goiás tem passado por uma transformação radical, de 1930 para cá, devido ao notável interventor que têm e, também, ao regime instituído em 10 de novembro de 1937. Com diretrizes outras, os prefeitos goianos procuram imprimir um cunho de honestidade à administração da coisa pública e trabalhar segundo o exemplo que vem do alto. A consequência disso está nas cifras das respectivas arrecadações e na prática diuturna de atos que só podem concorrer para o benefício dos municípios. Se há alguns raros municípios que não puderam oferecer sensível aumento em sua arrecadação, a verdade é que outros, em grande maioria, apresentam não somente maior receita que a orçada, mas, ainda, apreciável "superavit", numa impressionante comprovação da eficiência dos novos princípios que passaram a presidir à organização da vida municipal. Para se ter uma idéia do progresso dos municípios goianos, de 1930 para cá, basta atentar para o quadro abaixo, que focaliza a arrecadação de cinco Prefeituras, tomadas a esmo, entre outras, como exemplos de nossas afirmações:

Municípios	Arrecaç.	Arrecad.
	1930	1942
	Cr\$	Cr\$
Anápolis	125 000,00	1 415 654,80
Anicuns	13 597,00	251 882,10
Pires-do-Rio	50 987,00	405 596,90
Posse	4 000,00	42 935,20
Suçupara	28 000,00	240 968,40

Dos cinquenta e cinco municípios goianos apenas dezessete rendem menos de cem mil cruzeiros, sendo que dois têm renda superior a um milhão de cruzeiros — Goiânia e Anápolis; vários — Goiás, Rio-Verde, Rio-Bonito, Catalão, renda superior a quinhentos mil cruzeiros; alguns — Bonfim, Jataí, Pires-do-Rio, Corumbáiba, Buriti-Alegre, Ipameri, etc., renda maior de quatrocentos mil cruzeiros; muitos com renda ultrapassando a casa dos trezentos mil e diversos com receita que vão além dos duzentos mil cruzeiros.

Essa situação lisonjeira, mesmo se comparada à dos municípios de alguns grandes Estados, nada mais é, porém, do que o reflexo da orientação inteligente e honesta do Interventor Pedro Ludovico, cuja obra grandiosa só a posteridade poderá julgar em todo o seu imenso valor

— *Melhorou a capacidade técnica do funcionalismo municipal?*

— O nível intelectual do funcionalismo do município elevou-se, na maioria das Prefeituras. Um fator

deve ser lembrado, para tanto: a codificação das normas financeiras, em boa hora baixada com o decreto-lei federal 2.416, de 17 de julho de 1940. Essa lei veio traçar novos rumos à organização interna das administrações estaduais e municipais, ao mesmo tempo que exigiu dos servidores mais sólidos conhecimentos de contabilidade pública. Além disso, mudou a mentalidade dos prefeitos, que, hoje, não fazem dos cargos públicos "cabides" para seus amigos e eleitores, nomeando, para ocupá-los, indivíduos capazes de bem os auxiliarem.

— *Qual a ação do D. M. junto às Prefeituras?*

— O Departamento das Municipalidades tudo tem feito para prestar aos municípios uma assistência técnica eficiente. Vejamos: *Quanto aos orçamentos municipais:* Antes de 1940 qualquer tentativa de comparação entre os orçamentos de dois ou mais municípios era impraticável, em face da diversidade de critérios adotados em sua confecção. As receitas fictícias, orçadas através de títulos diferentes e confusos; a despesa, classificada arbitrariamente; os processos de escrituração dificultavam a ação dos mais bem intencionados administradores. A lei 2.416, citada, padronizando definitivamente os orçamentos estaduais e municipais, abriu novos horizontes no estudo dos problemas administrativos estaduais e municipais. E essa padronização é, hoje, nos municípios de Goiás, uma esplêndida realidade. *Quanto aos balanços patrimoniais e financeiros:* A elaboração desses documentos constitui, sem dúvida, um passo adiantado no setor das administrações municipais. Trata-se de um trabalho muito útil, que devemos ao C. T. E. F. M. F., que tem sido coajuvado por este D. M.. Para salientar o nosso esforço, basta considerar que os balanços, como vêm sendo elaborados em Goiás, têm recebido aprovação e referências elogiosas da Secretaria do Conselho Técnico, da Capital Federal. *Quanto aos créditos adicionais:* Trabalho bastante penoso teve de enfrentar o D. M. junto às Prefeituras, no tocante à diretriz que deveriam seguir na organização de seus pedidos de créditos adicionais, tendo em vista as normas estabelecidas pela lei federal. Regista-se, no caso, porém, com justificada satisfação, que os postulados moralizadores do Estado Nacional reformaram velhos costumes, hábitos condenáveis que já não poderiam subsistir. Já não mais se abusa, hoje, de pedidos de créditos, que são, aliás, devidamente controlados pelos órgãos competentes, que os analisam devidamente e só os concedem quando necessários. *Quanto ao Código Tributário dos Municípios:* E' de se louvar a iniciativa da padronização

dos códigos tributários para os Estados e Municípios brasileiros, matéria estudada devidamente na 1.ª Conferência Nacional de Legislação Tributária, da qual participamos, representando os municípios goianos. Posteriormente, a mando do sr. Interventor Fedreal, elaboramos um ante-projeto de código tributário dos municípios, que já remetemos a S. Exa.. Acreditamos que o trabalho apresentado corresponde a uma necessidade da administração, à qual, pensamos, muito útil será ele. Quero frisar — continua o sr. Abel de Castro — que tenho, também, visitado a miude os municípios, auscultando de perto o de que eles precisam e orientando pessoalmente os senhores prefeitos. *Secção de Engenharia:* Já se observa a necessidade da cooperação direta do D. M. com as Prefeituras, no tocante aos assuntos relacionados com as obras municipais, cooperação essa a efetivar-se através de uma secção técnica especializada, incumbida dos estudos preliminares, elaboração de plantas, orçamentos, etc., de todos os serviços de obras públicas a serem levadas a efeito pelos administradores locais. No último relatório anual apresentado à Interventoria Federal fizemos constar um tópico focalizando tal medida. *Padronização dos cargos municipais:* Está recebendo os derradeiros reparos, neste Departamento, o ante-projeto de decreto-lei padronizando os cargos e vencimentos de todos os servidores municipais. *Plano rodoviário municipal:* Acabamos de apresentar ao sr. Interventor um ante-projeto de decreto-lei instituindo um plano rodoviário municipal, com aplicação obrigatória em todos os municípios goianos. O projeto tem por objetivo reconstruir, retificar, conservar e construir rodovias, a-fim-de capacitar os municípios para movimentar as nossas riquezas e não prejudicar o aumento de produção. O plano é quinquenal e deveria entrar em vigor em 1945, ficando cada município do Estado obrigado a contribuir com a percentagem mínima de dez por cento, calculada sobre o total da receita orçada.

— *Quanto renderam os municípios goianos em 1930, e quanto rendem atualmente?*

— Em 1930 a arrecadação geral foi de Cr\$ 2 168 206,00; em 1942 foi de Cr\$ 12 724 543,40, havendo, assim, em doze anos, um aumento de mais de dez milhões de cruzeiros, a-pesar das dificuldades que a guerra trouxe, entrando, grandemente, as realizações governamentais.

— *Que nos diz sobre os municípios do norte?*

— Incontestavelmente, chegou até o norte o surto de progresso

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

que, devido à administração do dr. Pedro Ludovico, vai aqui pelo sul. Muito contribuiu, para tanto, a construção da rodovia Anápolis — Peixe. Enorme tem sido a contribuição de elementos de outros Estados ao desenvolvimento nortense, pois atraídos pelo cristal, borracha e babaçú, afluem em massa para o setentrão. Também a localização da Sub-Diretoria da Fazenda e da Companhia da Força Policial, em Pedro-Afonso, bem como a criação de novos postos de saúde, o correio aéreo nacional, etc., têm sido fatores preponderantes no florescimento daquela outra esquecida região goiana.

— *Quais os principais problemas dos municípios goianos?*

— Os dois principais problemas dos nossos municípios, especialmente os da zona norte, residem no ensino primário e nas estradas. A Diretoria Geral de Educação acaba de propor ao Governo uma reforma que amparará, de modo satisfatório, a educação primária, em todo o Estado. No tocante às rodovias, Goiaz terá sua rede rodoviária muito ampliada e melhorada, ante as providências que vêm sendo tomadas pelo Interventor Pedro Ludovico.

— *Que tem feito o Interventor Federal em favor dos municípios?*

— Tudo tem feito o Interventor Pedro Ludovico em benefício dos municípios goianos. Aliás, melhor do que qualquer palavra, faia a sua obra, tão grande que ele já alcançou, através dela, a imortalidade, no dizer do bravo e ilustre general Emílio de Sousa Doca. Creio que poderíamos, ainda, dizer de Pedro Ludovico o que do Presidente Getúlio Vargas disse o escritor John Gunther: “é um microfone humano, atento a cada sussurro”. De fato: sua administração registra tôdas as necessidades do Estado, as quais o sr. dr. Pedro Ludovico vai satisfazendo, com zelo, probidade e clarividência.

Estavamos satisfeitos. Agradecemos e nos despedimos deixando o Abel esfregando os óculos, para descansar os olhos cansados de remexer papéis para nos apresentar documentos e dados informativos.

Como se vê, é verdadeiramente notável a obra que vem realizando Pedro Ludovico neste Estado, através dos vários órgãos da administração, cuja chefia ele entregou a elementos capazes e bem intencionados. Os fatos falam por si, e a situação privilegiada dos municípios goianos, comparada com a anterior a 1930, é um fato eloquente da administração de Pedro Ludovico. Um fato, entre tantos mais, a situá-lo como um dos grandes auxiliares do Presidente Vargas. Um fato contra o qual são inúteis tô-

“OESTE sob nova orientação —

O Interventor dr. Pedro Ludovico acaba de alterar a lei que criou a revista OESTE, excelente magazine de cultura que se edita em Goiânia, dando-lhe, ao mesmo tempo, novos dirigentes.

A revista terá sua administração a cargo de um diretor, três censores e um gerente.

Para diretor foi nomeado um dos maiores valores da intelectualidade anhanguerina, o dr. Vasco dos Reis Gonçalves, poeta, orador e publicista cuja fama já transpôs as fronteiras do grande Estado mediterrâneo, mercê de seus reais méritos. O seu livro “Pelo Estado Novo” foi muito bem recebido pela crítica.

Para os cargos de membros do Conselho de Censura, escolheu o sr. Interventor os nomes do dr. Paulo Augusto de Figueiredo, uma das figuras mais expressivas da intelectualidade moderna do Brasil, autor de vários e substanciosos ensaios sobre os mais sérios temas; do dr. Juruena Di Guimarães, veterano cronista da imprensa goiana, escritor possuído de um raro senso de “humour”, dispondo de valiosa bagagem literária; e do sr. Odorico Costa, elemento muito conhecido em nosso meio, como homem de imprensa e de letras.

Ao governo goiano os nossos aplausos pela justeza da escolha dos novos dirigentes de OESTE.

(“Lavoura e Comércio”, de Uberaba, Minas, edição de 13-3-944)

—

“OESTE”

OESTE, a excelente revista cultural que se edita em Goiânia, vem de passar por uma grande transformação, em sua estrutura legal e em sua direção pessoal.

O Interventor Federal em Goiaz, no intuito de melhor adaptar aquela

das as investivas dos leguleios em férias, que, aqui como ali, não se conformam com o terem escapulido de suas mãos as bolsas municipais, agora trancadas com a chave do contrôle severo e criterioso de órgãos eficientes. Um fato contra o qual de nada valem as arremetidas raivosas dos saudosistas que, cá como acolá, não tiveram ainda a felicidade de sentir na cabeça o estado providencial, capaz de os fazer entender que, no Brasil de Getúlio Vargas, o poder não é um direito que os administradores têm para se servir do povo, mas sim um dever sagrado, o dever de servir ao povo.

revista às suas finalidades, baixou decreto-lei regulando a espécie. Pelas novas disposições, a revista será dirigida por um diretor, um Conselho de Censura, composto de três membros, e um gerente, conforme acabamos de ver no órgão oficial daquela unidade federativa.

Para o cargo de diretor, foi nomeado o dr. Vasco Gonçalves, poeta, orador e publicista de renome, além de médico ilustre. O dr. Vasco é autor do livro “O Estado Novo”, que obteve muito sucesso, e em que se prega uma política de bitola larga, mostrando ao Brasil um regime desencastelado das fórmulas caducas do liberalismo.

Para membros do Conselho Censor, foram escolhidos os srs.:— dr. Paulo Augusto de Figueiredo, ilustre advogado, escritor e poeta que tem publicado excelentes produções nos mais acatados jornais e revistas do Brasil; dr. Antônio Juruena Di Guimarães, grande cronista goiano, prosador cheio de verve, muito admirado por todos; e o sr. Odorico Costa, jornalista muito conhecido aqui no Triângulo Mineiro e diretor da Imprensa Oficial de Goiaz”.

(De “O Triângulo”, de Uberaba, Minas, edição de 11-3-44)

ENQUANTO dormimos, enquanto se enfraquece a juventude, o Brasil, livre já das dificuldades que tolham o governo, inteligente, devotado e sábio, realiza paulatinamente sua transcendente tarefa. Constrói, e constrói sólidamente. O Presidente Getúlio Vargas tudo previu e à sua prudência se deve igualmente a preparação da defesa nacional, a tempo. As cifras revelam o agigantado progresso brasileiro nos dez anos de governo construtivo.— Alfredo Tarruella (Jornalista argentino).

—

OS Estados-Unidos-do-Brasil deram um exemplo a todos os povos ibero-americanos quando implantaram o regime do Estado Novo ou Estado Nacional, evoluindo, assim, para a democracia funcional. Essa evolução fora imposta não pelo capricho de uma ideologia pretendidamente dissolvente mas, ao contrário, pela marcha da civilização, pois o maravilhoso adiantamento científico conseguido pela Humanidade estabelece a democracia funcional como a melhor organização para a sociedade contemporânea. — Francisco A. Propato (Prof. e publicista de renome, na Argentina).

PRESENÇA DA POLÔNIA EM GOIAZ

Pe. Antônio Wasik

POLÔNIA

Vai, já, algum tempo, quando li, numa revista ou num periódico, que no interior de Goiaz, perto de Formosa, existe uma localidade chamada Polônia, a qual conta um século de vida.

Realmente: por volta de 1840, um oficial polonês chamado Szelwinski, que serviu no exército de Napoleão Bonaparte, foi recomendado ao Barão de Caxias, que, em troca de serviços militares, doou ao oficial, no vale do Paraná, ao norte de Formosa, cerca de 150 kms. de terras.

Com incrível energia e admirável perseverança, o oficial polono construiu, ali, uma grande casa de moradia, fazendo irradiar imensos benefícios por toda a circunvizinhança.

A fazenda de Szelwinski manteve a feição das propriedades polonesas dos confins orientais. Hoje, está em ruínas, mas ainda se pode ver, no local onde se erguia, o cunho de sua vontade indomável e do seu arrôjo.

Vive, por lá, o neto de Szelwinski, de nome Manoel, que ainda conserva com grande carinho e veneração o retrato do avô envolto em pano de seda, a envergar a farda de oficial, revelando feição de gentil-homem e traços marcantes de energia e coragem.

Há um outro descendente de Szelwinski, mais idoso, chamado José, porém mais conhecido pelo apelido de "Juca".

É curiosa a história da fazenda e do patriota polonês, que, deixando a farda de oficial, se fez peregrino, fazendeiro, encontrando no trabalho e na caridade, que distribuiu à farta, o consôlo na adversidade, depois que faliu a esperança de dezenas de milhares de poloneses que combatiam sob a chefia de Napoleão, aguardando que o Corso reconstruísse a pátria subjugada. A esperança dos poloneses faliu. E Napoleão reconheceu o seu erro, mas já era tarde: — estava como prisioneiro, na ilha de Santa Helena.

FREI EMANOEL WOLSTYNIAK

Em 1933, fazendo parte da primeira turma de Salesianos chegada a Goiaz, ainda como clérigo, lecionava eu no Ginásio Anchieta, em Bonfim. Devo notar que, como componentes daquela turma, existiam três elérgicos poloneses, que combinaram, desde sua chegada ao Brasil, e para melhor manêjo da língua portuguesa, não mais falar o polonês.

Após um biênio de permanência na encantada Terra de Santa Cruz, enorme foi a nossa surpresa quando, um dia, diante do Ginásio Anchieta, parou um auto e dele saltou um venerável dominicano, que nos saudou em puro polonês.

Era frei Emanuel Wolstyniak. Já conhecia de nome esse veterano, que consagrou mais de meio século de labor ao Estado de Goiaz.

Médico da alma e do corpo. Confessor e pregador zeloso. Missionário devotado. Fundador e Prior do Convento de Formosa. Trabalhador infatigável na antiga capital e em outras localidades. Frei Emanuel já tem, porisso, como tantos outros dominicanos, um nome em Goiaz.

Há momentos inexprimíveis, na vida da gente. Pois, foi um momento assim o meu primeiro encontro com Frei Emanuel. Contemplei, cheio de veneração, aquele veterano, que, tendo passado os setenta anos de idade, sentia-se moço no meio de nós. Recordo-me como ficou satisfeito quando, abrindo um parêntesis nos meus propósitos, dirigí-lhe uma pequena saudação em polonês. Frei Wolstyniak chegou a chorar de emoção. Depois, falou-nos que, a-pesar-das proibições de Bismark, a-pesar-das torturas e perseguições, conseguiu aprender o polonês, conseguiu beber a religião dos avós no seio da família, sendo sua mãe a educadora que não deixára morrer, nele, os sentimentos religiosos e patrióticos e quem lhe ensinara a língua de sua gente, — o que, aliás, passou-se em quasi todos os lares da Polônia.

Ouvimos, com religioso respeito, as narrativas de Frei Emanuel. Nós, jovens, fomos mais felizes, pouco sofremos do cativo, e já em nossa meninice saudamos a alvorada da liberdade e a redenção da Polônia sob a égide de Pilsudski.

O MINISTRO TADEU

GRABOWSKI

Muitos personagens ilustres visitaram Goiaz, mormente a bela e dinâmica Goiânia.

Entretanto, a primeira visita ilustre à cidade de Pedro Ludovico, no momento mesmo em que ela acordava para a civilização e o progresso, foi sem dúvida a do dr. Tadeu Grabowski, ministro plenipotenciário da Polônia no Brasil.

O que foi para a Polônia e para o Brasil o dr. Grabowski, pode dizê-lo a sociedade do Rio, onde S. Exa. passou quasi um decênio, gozando sempre de ótima reputação. Poucos diplomatas eram tão queridos e admirados pela culta sociedade carioca como o ministro Grabowski.

Que teria movido o ilustre diplomata a empreender a longa e penosa viagem ao interior do Brasil? Ele próprio afirmou aos jornalistas que foi a sua paixão pelo turismo. Creio, porém, que foi outro o motivo principal: — foi a admiração pela audácia e patriotismo do Interventor Doutor Pedro Ludovico, sentimentos tão caros aos poloneses, sempre em luta contra inimigos rancorosos. Foi a sua admiração por esse empreendimento grandioso, que é Goiânia, cidade plantada no centro do Brasil à custa de muita energia, de muita perseverança, de muita fé e de muito patriotismo. O ministro da Polônia quis, dessa maneira, com sua visita, dar como que o seu apoio moral ao dr. Pedro Ludovico, horrando Goiaz com a sua visita.

Afinidade curiosa: — àquele tempo, Goiânia, que apenas nascia, assemelhava-se muito a Gdynia, não só pelo nome como porque tal cidade fôra também construída, em alguns anos apenas, para pôrto que satisfizesse às necessidades da Polônia, que também renascera depois da Guerra de 1914. Quero lembrar que Gdynia, e mais a península de Hela, resistiram por mais tempo que a própria Varsóvia à fúria nazista, escrevendo páginas gloriosas na história da liberdade.

A visita do dr. Grabowski a Goiaz foi um marco indelével, um acontecimento significativo.

Quantos, até hoje, não se recordam da figura cativante e jovial do senhor ministro, o qual, na expressão do meu prezado amigo dr. Monteiro, "por aqui deixou de ser ministro e diplomata para se tornar um amigo e um admirador dos goianos".

No me mueve, mi Dios, para quererte

Quem o compôs? — Não se sabe ao certo. Só se sabe que é êle um dos mais inspirados e perfeitos sonetos que existem.

Uns o atribuem a São Francisco Xavier; outros, a Sta. Tereza de Ávila. A esta, pela "idéia"; àquele, pela "técnica". E todos podem ter razão, pois ambos os santos foram almas apaixonadas de Deus, capazes de sentimentos como os que informaram o famoso soneto.

Dizem uns: unicamente uma alma ardente

e devotada ao extremo poderia compor obra assim, tão densa de religiosidade e tão penetrada do mistério sagrado, e só uma Santa Tereza, num daqueles seus transportes místicos, arrebatada pelo amor ao Divino Espôso, poderia escrever o **No me mueve, mi Dios, para quererte**.

Alegam outros: — a técnica admirável do soneto revela que a sua paternidade deve ser concedida a São Francisco Xavier.

Com quem a razão? Sabe-o, apenas, Aquele a quem foi o soneto dedicado.

No me mueve, mi Dios, para quererte
El cielo que me tienes prometido,
Ni me mueve el infierno tan temido
Para dejar por eso de ofenderte.

Tu me mueves, mi Dios: mueveme el verte
Clavado en esa Cruz y escarnecido!
Mueveme el ver tu cuerpo tan herido!
Mueveme el ver tus afrentas y tu muerte.

Mueveme, enfin, tu amor y en tal manera
Que, aunque no hubiera cielo, yo te amara,
Y, aunque no hubiera infierno, te temera.

No me tienes que dar porque te quiera,
Porque, aunque lo que espero no esperara,
Lo mismo que te quiero te quisiera.

« O E S T E »

REVISTA MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:
Avenida Tocantins, nº. 7
(Imprensa Oficial)
 Telefone — 1161
Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:
Vaseo dos Reis Gonçalves
CONSELHO DE CENSURA:
A. Juruena Di Guimarães
Odorieo Costa
Paulo A. de Figueiredo
GERENTE:
Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

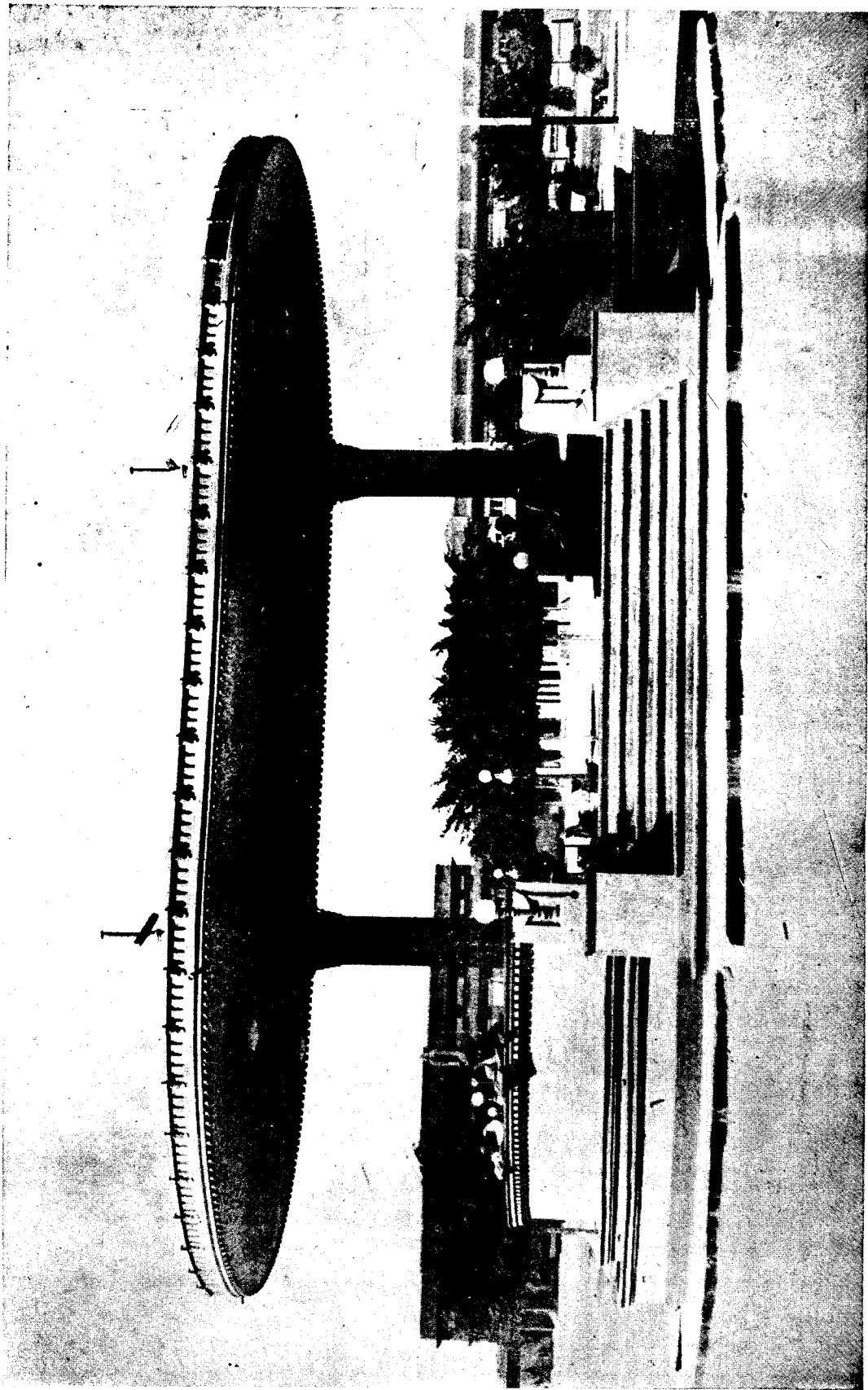
Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada à revista "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.



O CORETO DA PRAÇA CÍVICA DE GOIÂNIA

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III

Goiânia, Maio de 1944

Núm. 16

AS GRANDES CENAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA



A PRIMEIRA MISSA CELEBRADA NO BRASIL
(QUADRO DE VÍTOR MEIRELES)

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

O Estado de Goiás e as suas imensas possibilidades econômicas

Importante entrevista concedida pelo
Interventor Pedro Ludovico
ao “Correio da Manhã”

Esteve nesta Capital o sr. Pedro Ludovico Teixeira, interventor federal em Goiás. Procuramos ouvi-lo a respeito do seu Estado, que vem atravessando, nesses últimos tempos, maximé depois da construção da moderna cidade de Goiânia, um período de surpreendente evolução econômica.

O sr. Pedro Ludovico fez uma longa exposição acêrca do futuro econômico da Unidade Federal que dirige e da obra do seu governo. Das palavras do Chefe do Executivo goiano conseguimos fazer o resumo seguinte:

— Logo que assumí a direção dos destinos de Goiás, em 1930, procurei, sem maior demora, enfrentar o problema máximo do meu Estado e de cuja solução estavam dependendo o seu progresso e desenvolvimento econômico. Esse problema, hoje plenamente solucionado, era o da mudança da sede do governo para uma região apropriada, agrícola, de maior densidade demográfica e de fácil acesso a todos os quadrantes do território goiano. Construída a cidade de Goiânia, para a realização de cujo empreendimento tive que vencer sérias dificuldades de ordem financeira e de ordem política, transferí para ali a sede do governo. Este acontecimento veio, como já previa, descortinar ao meu Estado, em particular no âmbito de sua economia, perspectivas novas e verdadeiramente promissoras. Goiânia que já possui hoje uma população de quasi trinta mil habitantes, dada a sua privilegiada situação geográfica e como centro de fácil irradiação, vem exercendo em todo o Estado, principalmente nos seus

meios sociais e econômicos, uma notória atuação civilizadora.

Realizada esta primeira etapa, passei então a voltar as atividades do meu governo para o interior do Estado, onde tenho procurado intensificar o aproveitamento das forças geradoras de sua riqueza.

Presentemente, estão sendo atacados no hinterland goiano, com a colaboração direta do governo do Estado, vários e importantes melhoramentos, dentre êles se destacando, pelo seu vulto, os serviços de esgotos sanitários, abastecimento d'água e calçamento da cidade de Anápolis, cujos estudos já se encontram em sua última fase de conclusão.

Na cidade de Rio-Verde, onde construí um moderno edifício para o Batalhão da Fôrça Policial, ali sediado, está sendo executado pelo prefeito local um interessante plano de urbanização.

O PROGRESSO DO OESTE BRASILEIRO

— O progresso do oeste brasileiro vem se acentuando, numa proporção que não pode passar por despercebida. A política demográfica e nacionalista adotada pelo presidente Getúlio Vargas tem trazido à hinterlândia brasileira benefícios consideráveis, principalmente no setor das comunicações, saúde, educação técnica e economia.

A Escola Técnica, o Leprosário, o Preventório, a Colônia Agrícola, instalados em Goiás, por exemplo, já vêm prestando àquela região ótimos serviços.

Por outro lado, o Banco do Bra-

sil, pela sua Carteira de Crédito Agrícola, continua a fazer empréstimos aos criadores do Brasil Central. Vão ser atacados, também, com intensidade, ainda êste mês, os serviços da construção de uma rodovia de primeira classe, ligando Anápolis, ponto terminal da Estrada de Ferro, às famosas jazidas de níquel de Niquelândia, antigo São José do Tocantins e para cujo empreendimento a União já destinou uma verba de 27 milhões de cruzeiros. Estão sendo, também, ativados os serviços concernentes à ligação ferroviária entre a Estrada de Ferro Goiás e a capital do Estado.

O sr. João Alberto, grande conhecedor dos problemas da hinterlândia brasileira, está também concretizando no interior do país com a “Fundação Brasil Central”, uma obra de vulto e merecedora de aplausos.

Em seguida o interventor Pedro Ludovico passou a falar sobre o

PRIMEIRO CONGRESSO ECONÔMICO DO OESTE

— A idéia da realização lançada pelo prefeito municipal de Anápolis, do Primeiro Congresso Econômico, do Oeste, teve no país agradável ressonância. Nêsse certame, que terá a participação de administradores, militares, técnicos, doutos e homens do campo, serão debatidos, in-loco, os principais problemas decorrentes da Marcha para o Oeste. No aludido conclave será balanceada não só a obra já ali realizada pelo governo federal, como ainda traçado o planejamento de outros empreendimentos, de acôrdo com as necessidades da região, que por

muito tempo viveu esquecida e abandonada.

Acredito que o Primeiro Congresso Econômico do Oeste, onde não haverá ambiente propício para banquetes e discursos empíricos, rasgará, pelo seu cunho prático, para o interior do país e especialmente para o Brasil Central, novas e seguras possibilidades, de progresso, trabalho e civilização.

Nessa reunião, que vem merecendo todo o apóio e colaboração do meu governo, será também discutido e organizado um plano para o maior aproveitamento do incalculável potencial de riquezas do Oeste, principalmente referente às suas matérias primas, hoje utilizadas pelas Nações Unidas, na indústria de guerra.

SITUAÇÃO FINANCEIRA DE GOIAZ

— Ao assumir a direção do Estado de Goiaz — prosseguiu o interventor Pedro Ludovico — o meu Estado apresentava uma renda global inferior a cinco milhões de cruzeiros. Conhecendo os seus problemas, passei a enfrentá-los, sem desfalecimento, mormente os afetos a sua expansão econômica. E hoje a receita do Estado está orçada para o exercício de 1944 em quarenta e dois milhões de cruzeiros.

Espera-se, porém, que esta receita atinja a 50 milhões de cruzeiros, pois em janeiro a arrecadação ultrapassou 30% do arrecadado no mesmo mês em 1943.

Com o plano que tracei e que já estou executando, de maior aproveitamento dos fatores econômicos do Estado, em particular os relacionados com a sua riqueza rural, espero que a receita de Goiaz, em 4 anos, atinja a cem milhões de cruzeiros. A minha previsão está fundamentada, antes de tudo, no índice de aumento que a renda estadual vem apresentando nesses últimos anos, em virtude do desenvolvimento econômico verificado no Estado. Atualmente, apesar dos empreendimentos que meu governo vem realizando em todos os quadrantes do Estado, Goiaz nada deve. A sua situação financeira é, assim, das mais auspiciosas. Um empréstimo que realizei, junto ao Banco do Brasil, para o ativamente dos primeiros serviços de construção de Goiânia, já foi totalmente pago.

O NORTE DE GOIAZ

— O Norte é uma das regiões mais ricas do Estado, sobretudo no reino mineral. As terras daquela região se prestam admiravelmente para a Agricultura, em particular as localizadas nos vales de Araguaia, do Tocantins, Sono e de outros rios que formam o sistema fluvial daquela futura região.

O norte tem na palmeira do ba-

baçú um dos seus mais importantes fatores de riqueza popular. O rebanho bovino do setentrão goiano, que já começa a se valorizar consideravelmente, pela introdução ali de reprodutores de alta mestiçagem, se eleva agora para mais de um milhão de espécimes.

O sistema rodoviário do Norte do Estado é ainda sobremaneira deficiente, e isso tem em grande parte embaraçado o progresso daquela região. Sou o primeiro a reconhecer esse fato. Mas, acontece que, como já frizei, o meu programa vem sendo executado por etapas, sem precipitação, isso porque obedece a um plano de trabalho por mim traçado e que será realizado à risca.

Agora, porém, chegou a vez do Norte.

O meu governo já está com as suas atividades voltadas para aquela região, à qual tenho sempre procurado dar assistência, embora em pequena escala, porque outros problemas, de solução urgente, estavam a pedir — no sul de Goiaz, a minha atenção. Pretendo executar no norte, quanto antes, os empreendimentos que aquela região está a pedir, a começar pelo estabelecimento de uma rede rodoviária que consulte a sua realidade.

Estou adquirindo vários tratores. Quasi todos eles serão destinados à construção de estradas de rodagem no norte do meu Estado.

AGRICULTURA

— A agricultura no Estado de Goiaz — continuou o sr. Pedro Ludovico — está em franco desenvolvimento. O produto de maior exportação atualmente é o arroz, cuja próxima safra está estimada em mais de 3 milhões de sacas. Em seguida vem o café.

Possuimos no Estado mais de dez milhões de pés desta preciosa rubiácea, sendo que a sua produção só no município de Anápolis, se eleva anualmente, para mais de cinquenta mil sacas.

A exportação agrícola de Goiaz aumenta de ano para ano, consideravelmente. Os meios de transporte que contamos, já se mostram deficientes para dar escoamento à nossa produção aos grandes mercados consumidores do litoral. Além do café e do arroz, Goiaz produz, em quantidade apreciável, o fumo, o feijão, o milho, a batatinha, etc.

A cultura do algodoeiro, embora ainda em pequena escala e realizada por processos rotineiros, vem sendo ali desenvolvida com admiráveis resultados econômicos. As terras de Goiaz oferecem ao plantio desse vegetal, na opinião dos entendidos, imensas possibilidades de incremento e economia.

PECUÁRIA

— A pecuária é, não há dúvida,

a principal fonte de renda, atualmente, de Goiaz. Possuimos um rebanho bovino que se eleva para mais de cinco milhões de cabeças. O gado goiano, que já apresenta pelos processos de mestiçagem um notável coeficiente de perfeição, tem alcançado nesses últimos anos uma valorização excepcional. O criador goiano está assim se enriquecendo a olhos vistos e a pecuária vem atraindo, pela margem de lucros que oferece a quantos a ela se dedicam, atividades de quasi todas as classes do meu Estado.

Médicos, bacharéis e engenheiros estão abandonando a sua profissão para se dedicarem à indústria pastoril.

Goiânia é hoje um grande centro de negócios de gado bovino. Os seus hotéis vivem cheios de compradores de zebú. Ali têm sido negociados espécimes de valor superior a meio milhão de cruzeiros. A exportação pecuária do Estado, na sua grande parte, se destina ao Frigorífico de Barretos, em São-Paulo, e tem ultrapassado, nos anos anteriores, a trezentos e quarenta e cinco mil cabeças.

A indústria saladeril no Estado tem também pela frente um vasto campo de expansão. Já é elevado o número de xarqueadas, localizadas no sul de Goiaz, à margem da Estrada de Ferro, muitas delas com elevada capacidade de produção.

O problema máximo da pecuária em Goiaz é o da industrialização do boi no seu próprio habitat. Os nossos rebanhos, destinados à exportação, até alcançarem os frigoríficos de São-Paulo e Rio, emagrecem, e estão sujeitos às epizootias, o que representa, anualmente, uma grande perda para a economia coletiva do Estado. A Sociedade Goiana de Pecuária está interessada na instalação de frigoríficos no território goiano, iniciativa que vem merecendo do meu governo todo o apóio e colaboração.

COOPERATIVISMO

— O cooperativismo vem se desenvolvendo, auspiciosamente, em Goiaz, que já conta com um número apreciável de cooperativas em funcionamento, sobretudo de cooperativas de consumo.

Fundi, há tempo, o Departamento Estadual de Assistência ao Cooperativismo, o qual, contando também com o apóio e a assistência financeira do Ministério da Agricultura, vem concretizando neste sentido um programa de trabalho e realização que está a merecer registro.

MINÉRIOS

O Interventor Pedro Ludovico passou a falar sobre as incalculáveis riquezas do sub-solo do seu Estado, dizendo-nos o seguinte:

— Goiaz, em matéria de miné-

rios é um dos Estados mais ricos do país. A sua geografia geológica tem chamado a atenção dos técnicos, não só pela sua abundância, como também pela variedade de produtos que apresenta. Ali são encontrados, em larga escala, e economicamente exploráveis, quasi todos os minérios que estão sendo utilizados pelas Nações Unidas na indústria de guerra. Em uma exposição que o Estado fez em 1938, o Departamento de Propaganda de Goiaz conseguiu reunir e expor na Capital da República, cerca de 600 amostras de minérios, de espécies diferentes. Por aí se pode ter uma noção do potencial mineralógico do Estado mediterrâneo.

Os garimpeiros de cristal de rocha de Goiaz se estendem desde Cristalina até o norte do Estado, isso através de várias centenas de quilômetros. As jazidas do quartzo hialino ali são inesgotáveis, e o mineral goiano é considerado cosendo um dos melhores do mundo para fins bélicos. A mica e o rutilo já vêm sendo também explorados em Goiaz em escala apreciável. Temos, também, mica, ouro, amianto, bauxita, manganês, cobre, cromo, ferro, calcite, grafite, estanho, salitre etc., e uma infinidade de pedras preciosas, hoje de alto valor comercial.

GOIAZ NO ESFÓRÇO DE GUERRA

— Atendendo ao apêlo do presidente Getúlio Vargas, o meu Estado tem procurado cooperar o mais possível, para o esforço de guerra, não só enviando os seus filhos para participarem das forças expedicionárias, como ainda contribuindo economicamente para a vitória dos países aliados, com a remessa constante e cada vez mais crescente de carnes, de minérios, de borracha, e de óleos vegetais, principalmente o extraído da palmeira babaçú.

SISTEMA RODOVIÁRIO

— Com uma superfície territorial de 660.193 quilômetros quadrados, o meu Estado tem no transporte, um dos seus problemas de maior importância e atualidade. Compreendendo isso, tenho enviado, dentro dos recursos financeiros com que conto, todos os meus esforços para cortar o território goiano de rodovias que consultem, na realidade, os interesses de cada região, pondo, assim, a capital do Estado e a sede de todos os Municípios em contato direto e mais rápido com os centros de produção. Acabei, por completo, com o processo existente no Estado, antes de 1930, de se dar privilégios a particulares para construção e exploração de estradas de rodagem, isso pelo fato deles diso se aproveitarem para cobrarem taxas extorsivas o que constituia revoltantes obs-

táculos à circulação da riqueza coletiva. Tenho recomendado a todas as Prefeituras, por intermédio do Departamento das Municipalidades, que abram estradas, porque o problema de transporte e vias de comunicações é o que está mais preocupando, no momento, a minha administração. A muitos Municípios tenho dado auxílios financeiros para construção de rodovias; dentre esses auxílios se destacam os proporcionados à Prefeitura de Anápolis e a várias outras no norte de Goiaz. Autorizei, há pouco, o prefeito municipal de Anápolis a estudar possibilidades da construção imediata de uma grande rodovia, entre aquela importante cidade, que é ponto terminal da Estrada de Ferro Goiaz, e o Planalto Goiano.

Essa rodovia, que tem o objetivo de encurtar distâncias, ligará vantajosamente, via Planaltina, uma grande parte do Norte, inclusive a Chapada dos Veadeiros, região que oferece enormes possibilidades à cultura do trigo, à Capital do Estado, que é hoje um grande centro comercial.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

— A instrução tem merecido do meu govêrno particular interesse. Em 1943 tivemos uma matrícula de quarenta mil alunos. Já possuímos 63 grupos escolares no Estado. Vê-se, assim, que o número desses estabelecimentos escolares é hoje superior ao dos Municípios goianos. Estão funcionando, atualmente, 19 Escolas Normais, sendo 18 reconhecidas. Todas recebem subvenção do meu govêrno. Há ainda em Goiaz dois colégios oficiais, 7 Ginásios subvencionados e 336 escolas isoladas, fundadas pelo Estado, sendo 103 recentemente criadas. Além de vários grupos escolares, criei, ultimamente, 3 colônias-escolas, com capacidade para 250 alunos cada uma, situadas em zona do alto sertão, um instituto rádio-pedagógico, cinema educativo, e assistência buco-dentária ambulante. Por todos os meios tenho procurado incentivar a educação popular em Goiaz. Ainda há pouco acaba o meu govêrno de dar auxílio financeiro a vários estabelecimentos de ensino particulares, que estão construindo edifícios modernos para a sua sede. Deles se destacam os situados em Ipameri, Pires-do-Rio e Anápolis.

SAÚDE PÚBLICA

— Na qualidade de médico não poderia deixar de prestar à Saúde Pública do meu Estado o apôio e assistência que ela estava a pedir.

A Diretoria Geral de Saúde Pública passou, ainda há pouco, por uma completa remodelação, nos seus diversos departamentos de atividades. Além dos que já possuimos foram criados, recentemente, vários postos de saúde em diversos Municípios.

Na Capital e mesmo no interior, com a colaboração eficiente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência, a Diretoria Geral de Saúde vem executando um notável programa de trabalho, já estendendo as suas atividades aos recantos mais longínquos do território goiano, especialmente às regiões dos garimpos, sobretudo àquelas de maior aglomeração humana.

POVOAMENTO

— Estado de considerável superfície territorial, Goiaz, cuja densidade demográfica ainda é muito reduzida, tem no povoamento um dos fatores mais importantes e decisivos do seu progresso e de sua prosperidade econômica.

A vista disso, venho desde o início da minha administração procurando proporcionar todas as facilidades possíveis a quantos queiram, quer na agricultura, quer na pecuária, no comércio, na indústria, ou no garimpo, cooperar, para a grandeza do Brasil, com o concurso construtivo de suas iniciativas e de seu trabalho.

Existindo em Goiaz, uma grande área de terras devolutas na sua grande parte excelentes para a agricultura, tenho procurado vender esses terrenos a agricultores por preços relativamente módicos.

É esse um dos motivos por que o número de propriedades rurais, que há poucos anos atrás atingia apenas 17.000, já se eleva para mais de 70.000.

NAVEGABILIDADE AÉREA

— O Estado de Goiaz, dada a sua especialíssima situação geográfica, está destinado a ter papel importante no plano e nas atividades aéreas do nosso país.

Goiaz está, presentemente, a 3 horas de vôo do litoral, quando esse percurso é feito em grandes aviões. Goiânia é servida hoje pelo Correio Aéreo Nacional, pela Vasp e pela Panair. Fomos informados de que essas últimas empresas pretendem não só aumentar mais o número de viagens ao meu Estado, como também estenderem as suas rotas a outros pontos do Brasil, passando por Goiânia.

A Aérovia do Brasil já vem realizando viagens semanais entre o Rio e Miami, na América do Norte, passando por Anápolis, em Goiaz, onde vai construir uma grande base. Essa importante empresa vai adquirir outros aviões, não só para aumentar o número de viagens entre o dois continentes, como ainda criar novas rotas dentro do Estado de Goiaz, principalmente, entre Goiânia, Anápolis e as regiões de minérios do setentrão goiano.

Com essas palavras o interventor Pedro Ludovico deu por concluídas as suas declarações.

(Transcrito do "Correio da Manhã", do Rio, de 21-4-944).

1º DE MAIO

PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

O trabalho é um ato criador. Criador de valores materiais e espirituais. Um ato pelo qual os homens se expandem, "crescem", como homens.

A coisa criada é uma projeção do criador. Vivemos em nossas obras. O mundo vive nas obras dos homens todos. Por isso, o trabalhador produzirá obra tanto melhor quanto melhor ele for, isto é, quanto mais "homem", donde a necessidade de se elevar o trabalhador, para que ele, por seu trabalho, possa criar grandes coisas. Logo, o trabalho é um ato ordenado a um fim, e a um fim humano: a grandeza da civilização.

O trabalho aproxima e dignifica os homens. Traduz, em termos duradouros, a sua passagem pela terra. Só pelo trabalho o homem domina a natureza. Trabalho é luta, portanto; luta do homem por sua afirmação em face do mundo. E a luta irmana os homens, em suas dores, em seus fracassos, em suas alegrias e em seus triunfos. Por isso, só no trabalho os homens se compreendem e se solidarizam. A História, afinal, não é mais que o labor dos homens em busca de um estado coletivo de felicidade, ou seja, de um mundo onde todos participem equitativamente dos bens da civilização e da cultura.

Sim; no trabalho se confundem todas as categorias, apagam-se todas as diferenças, identificam-se todas as condições. Estadistas, filósofos, políticos, pregadores, operários, comerciantes, etc., todos os homens, cada qual em sua esfera particular de atividade, tentam a realização de um fim único: — o bem estar geral.

E tanto precisa o estadista do agricultor, que lhe dá o pão de cada dia, como o agricultor das diretivas governamentais do estadista, que lhe protegem o trabalho e os produtos; e tanto carece o operário da empresa do patrão, na qual encontra o seu meio honesto de subsistência, como o patrão da sua habilidade profissional, sem a qual não poderia a empresa funcionar; e tanto necessita o filósofo do artifice, que lhe fabrica o livro, como o artifice dos conhecimentos que o livro do filósofo lhe dá. Em sua espécie de trabalho, cada homem tem algo para dar e algo para receber de cada homem. E' no trabalho que os homens descobrem que todos os homens precisam de todos os homens. E eis porque o dia 1º de maio, consagrado ao trabalho,

é também chamado o Dia da Confraternização Universal.

-:-

O egoísmo dos homens maus, no entanto, tem desfigurado o sentido do trabalho, maculando-lhe a natureza, confundindo-lhe o valor, desvirtuando-lhe a finalidade. Daí as organizações defeituosas, onde, desconsiderado o trabalho, conceituado este como um castigo, os homens se dividiram e se odiaram, porque passaram uns a explorar os outros, a viver do trabalho dos outros. Daí as lutas sangrentas que a História registra. Daí as ideologias dissolventes, que tentam aprofundar o conflito, exacerbando os ânimos.

O mundo quasi todo, e porque o trabalho não foi devidamente situado em sua justa posição, tem se constituído em palco de contendas formidáveis entre os que trabalham e os que vivem do trabalho alheio, entre exploradores e explorados. E por isso, em muitos pontos da terra, o 1º de maio é um dia de tristezas e de apreensões, tristezas nos corações dos trabalhadores, apreensões no espírito dos que engordam ao preço do suor de seus semelhantes. Um dia em que os trabalhadores tomam uma consciência maior de suas misérias e as sociedades mal formadas sentem mais assustadamente suas próprias culpas. Um dia de angústias, de medo, de cautelas, de esperanças...

-:-

Em muitos pontos do planeta é assim. Em outros, porém, — raros, embora — o 1º de maio é, em verda-

de, um dia festivo, um dia do trabalhador. Um dia de sincera confraternização dos homens de todas as classes, — dos homens que, tratados, todos, de todas as profissões, como pessoas humanas, se irmanam, compreensivos e dignos, por sobre as categorias profissionais a que pertencem. Um dia, por conseguinte, de sãs alegrias espirituais.

-:-

O Brasil é um desses pontos raros na geografia política e humana do mundo. O Brasil do Estado Nacional.

Realmente: depois do advento do regime sociocrático de 10 de novembro, a questão social deixou, entre nós, de ser qualificada de mero "caso de polícia". E' que o Presidente Getúlio Vargas passou a ver, nos trabalhadores, "valores humanos respeitáveis", e não mais simples "coisas", de que os magnatas se serviam sem escrúpulos. Daí a legislação social admirável que entrou a vigorar no Brasil, de 1937 para cá, e pela qual o trabalhador nacional foi situado em uma nobre condição humana.

Por isso, se em todos os países existisse uma organização social como a nossa, não haveria 1º de maio de lágrimas e sangues; imitassem outros governos o do Brasil, e o 1º de maio seria, em toda parte, como é aqui, um dia de alegria nos corações e tranquilidade nas consciências; fosse aplicado, aos trabalhadores de todo o mundo, o nosso Código de Trabalho, e o 1º de maio seria, de fato, o Dia da Confraternização Universal.

completa — ALMIR DE ANDRADE.

-:-

AINDA agora, quando em um manifesto os democratas de Minas reclamavam a volta ao passado regime das esterilizadoras lutas das oligarquias estaduais para a formação da Câmara e Senado, nosso Presidente mostrou mais uma vez a firmeza de suas convicções, agarrando pelas orelhas os leguleios em férias e expondo-os ao julgamento público quando lhes perguntou: que fizestes, durante quarenta anos de domínio incontestado de vossa democracia, em benefício do país; para vos julgardes agora com o direito de, em plena guerra, exigir que volteemos a ela? — VIRIATO VARGAS.

A ESTATÍSTICA E A ELEVAÇÃO DO NÍVEL DE VIDA DAS POPULAÇÕES

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

O Professor Oscar Egídio de Araújo, da Escola Livre de Sociologia e Política e do Instituto de Direito Social de São-Paulo, que também chefia a Sub-Divisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais, da Prefeitura da Capital paulista, abordou, em uma substancial tese enviada ao 1º Congresso Brasileiro de Economia, estes interessantes temas: "Estatísticas necessárias ao estudo e orientação da economia brasileira. Índices do padrão de vida. Estimativas das necessidades da população quanto à alimentação e elementos de trabalho e bem estar".

No estudo do assunto, foi o Prof. Egídio de Araújo, o único congressista que focalizou as sugestões que a estatística já formula, ou pode formular, naquele tríplice sentido abrangido pela ementa: a melhor orientação da economia brasileira, a elevação do padrão de vida no país, e a determinação das medidas mais urgentes para melhorar a alimentação e os elementos de trabalho e bem estar das classes populares.

Parece-nos que o ponto de vista mais restrito em que se colocaram os demais autores se explica pela enorme extensão que o assunto nos ofereceria se encarado sob esse último ângulo. Isto é, quanto aos ensinamentos dos números de que já podemos dispôr. A dificuldade, porém, não seria insuperável. Poderia bem ser contornada, ou com o delineamento de um esquema geral, ou como o fez o Prof. Egídio de Araújo. Seu trabalho delimitou com habilidade um importante setor e o explorou de modo suficiente. Suficiente não só ao esclarecimento da matéria escolhida, senão também à exemplificação dos ensinamentos que as nossas estatísticas já oferecem aos que a quiserem analisar e interpretar. E isto, sobretudo, no que concerne ao campo, ainda pouco explorado, dos assuntos relacionados com o bem estar econômico da comunidade social.

Nessa parte original da tese a que nos estamos referindo, não procurou o Prof. Egídio de Araújo enumerar as estatísticas que existem, ou deveriam existir, para orientar as investigações relativas à condição social e econômica das mais humildes camadas da população. O que o autor pretendeu foi fixar algumas considerações e con-

O nome de Mário Augusto Teixeira de Freitas está sempre presente no pensamento e no coração dos brasileiros. É que o ilustre patriota, cuja inteligência (tão clara), cultura (tão sólida e ampla) e caráter (tão nobre), estão, permanentemente, a serviço das grandes causas nacionais, vem, de longa data, com seu exemplo — raro, entre nós — e sua obra — verdadeiramente grandiosa, sob todos os aspectos — truçando roteiros seguros a quantos se esforçam, sinceramente, pela grandeza da Terra de Santa-Cruz.

Particularmente, os brasileiros do oeste — e no oeste os de Goiás — têm em Teixeira de Freitas um amigo e um mestre, sempre pronto a auscultar-lhes as necessidades, interessando-se pelos seus problemas e buscando resolvê-los, junto a quem de direito.

Convidado por nós a colaborar nesta revista, o preclaro Secretário Geral do I. B. G. E., enviou-nos, para o número passado, um excelente e momentoso artigo sobre o Esperanto. E agora, como que para reafirmar o aprêço pelas nossas coisas, mandou-nos novo trabalho seu, escrito especialmente para "Fôlha Carioca", do Rio, e "OESTE". Trata-se de um estudo sucinto, porém meditado, de algumas das nossas mais sérias questões sociais, que Teixeira de Freitas analisa, tomando por ponto de referência uma tese do Professor Egídio de Araújo, da Escola Livre de Sociologia e Política, de São-Paulo.

clusões sobre as necessidades expressas pelos números, focalizando ao mesmo tempo a orientação capaz de atendê-las.

O estudo que a tese nos apresenta neste ponto, embora sem esgotar o assunto, é deveras impressionante. Positiva fatos de capital importância e aponta medidas que realmente se impõem, tanto aos homens de pensamento e de ação, como aos órgãos de Governo. Para não reproduzir todo o texto, referiremos apenas que o Autor teve em vista as distinções fundamentais que as investigações do gênero exigem — as de ordem geográfica, as de ordem social (níveis econômicos e classes) e as categorias fundamentais da subsistência. Várias tabelas ilustram o seu trabalho e confirmam seus pontos de vista. Vamos tentar resumir as generali-



Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas

"OESTE", que se sente honrada e valorizada com a nova prova de distinção, publica, prazerosamente, mais essa produção de Teixeira de Freitas, para a mesma chamando a atenção do leitor, eis que nela se ventilam assuntos de real interesse para todos que se preocupam com o bem estar do nosso povo e a grandeza de nossa Pátria.

zações que formula.

Em ordem de importância, assim se apresentam as necessidades da população: a) alimentação; b) habitação (aluguél, água e luz); c) vestuário (roupas, sapatos, chapéus); d) combustível (carvão, gás); e) instrução e recreação; f) despesas diversas (assistência médica, transportes, gastos pessoais, etc.).

Aplica-se, assim, a todo o Brasil e coincide com as conclusões obtidas nos mais diversos países, a afirmação de que as classes operária e média dedicam a maior parte dos seus recursos à alimentação, seguindo-se, como objeto de dispêndios mais pesados, a habitação e o vestuário.

O fato que a conclusão precedente registra é, em si mesmo, normal, pois que alimentação, habita-

ção e vestuário são as três maiores necessidades do homem na ordem física. Mas a anormalidade manifesta-se, exigindo atenuação, senão remédio, sob duas formas. A primeira é a exagerada predominância relativa dessas despesas nos orçamentos das famílias brasileiras, naqueles níveis de vida que abrangem talvez mais de três quartos da população nacional (a suposição é nossa). E principalmente a taxa referente à alimentação, que se aproxima de 50%, quando não ultrapassa esse limite sensivelmente, mesmo nas populações mais favorecidas, isto é, as de mais elevado nível médio de vida, como sejam as das grandes metrópoles — São-Paulo e Rio. A segunda forma da anomalia se revela pela qualidade — triplamente péssima — da alimentação, da moradia e do vestuário, que aquelas exageradas despesas podem proporcionar.

Essas considerações levam então o Autor da tese a justificar um apêlo ao Congresso para que aprove uma "recomendação" assim formulada:

"Para que o aumento de salários e vencimentos autorizado pela administração pública brasileira — Governo Federal, para operários em geral, funcionários federais e de autarquias, e Governos Estaduais, para funcionários estaduais e municipais — alcance completamente sua finalidade precípua de melhorar o nível de vida da população, acreditamos oportuno recomendar às Comissões de Preços e Abastecimento, para fixar, dentro do menor prazo possível, os preços das utilidades mais importantes, sobretudo dos gêneros alimentícios, a fim de evitar que aumentos excessivos neutralizem a elevação concedida para salários e vencimentos".

Relatando a tese em causa, tivemos o ensejo de frisar, quanto a esta parte, que o Autor concluiu menos do que deixara impressionantemente justificado. Se os números que cotejou demonstraram a penosa situação econômica da grande maioria das famílias brasileiras, e especialmente da quasi totalidade do proletariado rural, poderia a tese apontar explicitamente, em suas conclusões, providências capazes de remediar, ou ao menos de atenuar, progressivamente, tão aflitiva e dolorosa situação.

Não o fez. Mas, vê-se que isto esteve no seu pensamento. Diz realmente o Autor, no "desenvolvimento" da tese, que "a adoção de medidas de certa forma correlacionadas com a limitação de lucros sugerida (a fixação dos preços),

permitiria à administração pública brasileira um aproveitamento mais eficiente dos aumentos (da remuneração) há pouco efetivados. Assim a padronização de determinados produtos, a incrementação de cooperativas de produtores e consumidores, a extinção de intermediários desnecessários e a abolição do "câmbio negro", com o estabelecimento de fiscalização severa, multas elevadas e prisão". E encerra o capítulo com esta feliz e oportuna referência: "Roberto Simonsen, em seus trabalhos, sugere mais dois meios de manutenção e melhoria do nível de vida: colocação dos trabalhadores em lugares mais próprios a recuperação econômica, e preparo conveniente do elemento nacional, isto é, "a valorização do homem pela técnica, pela alimentação e pelo resguardo de sua saúde". "Acredita aquele economista — é ainda o Autor quem fala — que "o Instituto do Direito Social, fundado entre nós sob tão bons auspícios, poderia, talvez, entender sua esfera de ação, entrando no campo do Direito Econômico para ministrar, a todos, esses ensinamentos", (que são) basilares e capazes de valorizar o elemento humano de nossas classes pobres, racionalizar a sua alimentação e aumentar-lhe a resistência física e moral".

Ora, encarado o assunto da tese sob a larga e acertada compreensão que lhe deu o Prof. Oscar Egídio de Araújo, essa sugestão, relegada a um plano secundário no contexto, constituía, entretanto, o ponto capital a ser examinado, pois que se prestava a uma recomendação de extraordinário alcance. Que se sugira uma política de frenamento racional do custo da vida, como o fez o Autor, está certo. Mas não é tudo. O tratamento do grande enfermo, que é o nosso país, sob o ponto de vista social e econômico, não há-de constar apenas de uma terapêutica sintomática, que evite ou combata a elevação da temperatura. Há-de consistir, sim, num conjunto de medidas que restaurem as energias combalidas desse organismo em quasi caquexia, elevando-lhe o *tonus* vital, restituindo-lhe a euforia e dando-lhe uma efetiva capacidade de resistência aos agentes patogênicos. Aludir a tôdas essas medidas excederia por certo o objetivo da tese, que nos preocupa, mesmo porque é a isso que tendeu todo o trabalho do Congresso de Economia, a que o estudo em causa se destinou. Mas se entendemos o tema como o compreendeu o Autor, de maneira que a sua lição se deva complementar com a indicação das necessidades das populações quanto à alimentação e aos elementos de trabalho e bem estar, preciso é que se verifique se há, ou não, algo de específico que se possa tentar, — melhor

diria: que se deva tentar — além das medidas gerais de reajustamento econômico do país, a fim de que aquelas necessidades, onde elas se mostrem mais graves e exigentes, se vão atenuando gradativamente.

E se esta medida específica é apontada com tanta felicidade na própria tese, por que não se proporia um pronunciamento do Congresso a esse respeito?

Procurando então tirar da tese aquelas excelentes conclusões que ela nos poderia dar, abalancamos a lembrar que aquele esforço de recuperação econômica, a que alude o Prof. Simonsen, pode ser executado nas melhores condições possíveis por meio das Colônias — Escolas e das Colônias-Agrícolas modelo. E o Relator confessou-se feliz em propor esse complemento às conclusões do Autor, enriquecendo-as com o auxílio da própria tese. Suas considerações foram as que encerram este breve artigo, permitindo-nos, aliás, repisar um tema que nos é grato e que já abordamos nestas mesmas colunas.

O reajustamento social e econômico da população nacional, propiciando-lhe maior segurança, equilíbrio e bem estar, será em grande parte uma consequência do enriquecimento da Nação, à medida que for sendo melhor aproveitado o seu extraordinário potencial de riquezas, ainda quasi inexploradas. Completá-lo-á a recuperação, pelo trabalho organizado, das centenas de milhares de brasileiros que a grandeza territorial dispersou, e quasi inutilizou para o serviço da comunidade, no amplo "espaço geográfico" onde o esforço civilizador não pode ainda penetrar, para transformá-lo, como devia, num verdadeiro "espaço humano".

Pensam alguns que isto será questão apenas de melhor organização geral da nossa economia. Querem outros que tudo se resuma num problema de educação. E pretendem outros, ainda, que se trate apenas de uma questão de saúde e higiene alimentar. Todos têm alguma razão. Mas não está com qualquer desses pontos de vista a razão tôda. Nada se pode fazer de útil, — e nada que se fizesse, apesar de tudo, conservaria a sua utilidade, — seja em matéria de fomento econômico, seja de proteção à saúde e de educação, enquanto se mantiverem as condições fundamentalmente adversas à vida social em que vivem as dispersas populações brasileiras. Elas precisam antes de tudo condensar-se, isto é, *socializar-se*. O que não podem conseguir senão submetidas a uma desdobrada e eficiente obra de assistência. Seria, entretanto, agravar o mal com outro mal ainda maior, se fossem retiradas do seu *habitat* para serem

A ESCRAVIDÃO NAS MINAS DE GOIAZ

ODORICO COSTA

Presume-se e presume-se com evidentes visos de verdade que, muito antes que Bartolomeu Bueno se metesse pelo sertão, em 1722 à procura da mina encantada dos Martirios, já os pretos fugitivos, procedentes de São-Paulo, de Minas-Gerais e da Baía tivessem vasculhado as selvaticezas goianas, em busca do asilo acolhedor da terra virgem ainda, aliando-se aos bugres ou, então, formando redutos fortificados em que a vida comunal se desenvolvia mais ou menos à feição da organização das tribus de que a maioria desses escravos provinha.

As grandes torrentes humanas, desvairadas pela esperança de fartos achados nas minas de Goiaz, barafustaram-se pelos sertões e, nesse jornadaio, foram abrindo trilhas e picadas, valendo-se, muitas vezes, de trilhos e picadas antigos, abertos pela pretaria fugitiva, com esta, algumas vezes, se defrontando no recesso das matas ou nas anfratuosidades das serras.

O ingresso do preto nos sertões goianos, por essa forma, é fato de que não resta dúvida. Os historiadores mais autorizados admitem que os "pretos fugidos penetraram nos mais recônditos sertões e muitos nomes que não têm origem certa vêm deles; assim por notícias, verdadeiras ou falsas que traziam, muitas tentativas se aventuraram em procura de ouro".

O sertão da região ocidental de

incorporadas às populações das regiões já exploradas, ocupadas e organizadas. Pois isto implicaria em ampliar ainda mais a grande extensão do território nacional inteiramente despovoada. E esta ausência de posse efetiva também teria o indesejável significado de uma auto-lemissão da soberania brasileira como força de solidariedade humana, que não de simples domínio político, o qual, quando apenas nominal, se torna uma intolerável expressão de egoísmo, senão de incapacidade, quanto a um precioso patrimônio que lhe é dado a zelar e valorizar, mas para servir, de fato, à comunidade humana.

O que é preciso, portanto, é que as populações rarefeitas sejam congregadas no seu próprio meio geográfico, assumindo adequadas formas sociais, econômicas e políticas, a-fim-de conseguir ali mesmo, com a sua própria felicidade o papel que lhes deve caber no seio da Nação.

Isto, todavia, não é cousa que se obtenha pelo jôgo dos fatores naturais. Tais fatores só agiriam em

Minas, notadamente nas lindes de Goiaz era, nessa época, o refúgio de imensas hordas de negros fugitivos que, em certo instante, chegaram a constituir "verdadeira praga", obstaculando de maneira incisiva o tráfego pela estrada de Goiaz.

Dos morticínios levados a efeito, nas comitivas de entrantes, pelos negros aquilombados, ficou célebre o da caravana do padre dr. Marcos Freire de Carvalho. Enviado por dom Manoel, primeiro bispo de Mariana, aos sertões do rio das Velhas e cabeceiras do rio São Francisco, "mal o padre Marcos deixou a picada de Goiaz, sôbre ele caíram os africanos". A mortandade foi quasi completa. No campo da luta ficaram 42 mortos, toda a bagagem, tendo as armas e as munições caído em poder dos pretos.

O governo tratou de reprimir as desordens promovidas pelos africanos em todo o sertão e, como nota curiosa dos meios para esse combate organizados, ficou a sugestão da Câmara de Sabará, propondo que se tirasse de São-Paulo uns duzentos casais de tapúias, para se estabelecerem cinquenta em cada Comarca, e daí saírem à destruição dos quilombos de fugidios que frequentemente andavam a roubar e matar os viandantes".

As depredações perpetradas pelos

longos períodos e depois de eliminar gerações e gerações, que não podem ser assim sacrificadas, pois constituem um precioso patrimônio para a Nação. É indispensável a intervenção do poder público, mas uma intervenção que desenvolva esforços largos, pertinazes, segundo um plano orgânico, objetivando aquela tríplice assistência — à saúde, ao trabalho e ao espírito —, na qual cada modalidade torna viável as duas outras, assumindo alcance prático e condições de permanência nos seus próprios efeitos. Congregar os elementos demográficos dispersos em diversas áreas bem escolhidas e para isso preparadas, e aí exercer sôbre tais elementos o esforço de reintegração social e recuperação econômica, educando-os, dando-lhes saúde, uma técnica e hábitos de trabalho, além da propriedade da gleba, como unidades conscientes, que devem ser, de uma sadia e avançada organização agrária, — eis, afinal, o conteúdo exato do problema, cuja solução pode e deve ser dada pelas Colônias-Escolas e pelas Colônias-Medêlo.

pretos aquilombados chegaram a tal ponto que, para a sua repressão, foram aventadas as medidas mais violentas. O capitão-general de Minas-Gerais, dom Pedro de Almeida, conde de Assumar e, depois, marquês de Alorna, propôs a dom João V a promulgação de um Código Negro contendo as penas mais cruéis aos escravos fugitivos e dentre estas avulta a de se "cortar a todo preto fugitivo a perna direita e em seu lugar se pregasse uma perna de pau, isso para que o senhor de todo não o perdesse, visto ficar aleijado, mas servindo para alguma coisa".

Essa situação perdurou durante todo o período da invasão das minas de Goiaz, com sucessos trágicos ao longo da estrada por onde transitavam os entrantes, até que, em 1757, Gomes Freire atribuiu a Bartolomeu Bueno do Prado a tarefa de destruir os agrupamentos da negraria nos sertões lindeiros de Goiaz.

Um mata-negro invadiu os sertões ocidentais de Minas, destruindo os quilombos de Indaiá, da Marcela e do Zundú e, depois, penetrando em sertões pertencentes à capitania de Goiaz, destruiu os quilombos do Ambrósio, do rio Grande, de Dourados e outros, fazendo um morticínio tremendo em tais agrupamentos.

Pedro Taques de Almeida Pais Leme, em sua "Nobiliarquia Paulistana", conta, com evidente gaudio, que Bartolomeu Bueno do Prado, de volta dessa excursão, que durou seis meses, apresentou ao capitão-general como prova de sua bravura, "sem outro prêmio que a honra de se haver ocupado no serviço real", um rosário de três mil e novecentos pares de orelhas humanas...

..o..

Desde que começaram a circular notícias dos achados felizes das minas de Goiaz, para o sertão ocorreu, vinda de toda parte, uma multidão dementada de esperanças. A invasão das minas goianas foi feita tumultuariamente, tendo o governo, para evitar extravio do ouro, proibido a abertura de caminhos, proibição que não foi respeitada pois, como assinala um cronista da época, "para tanto seria necessário um exército". Tais entrantes, em sua generalidade, traziam escravos já afeitos aos serviços das minas e a deslocação de pretos chegou a ser tanto e tamanha que, em vários pontos do sertão estes predominavam absurdamente sôbre a população branca. Para cada branco havia 10 e mais escravos...

Esse imenso caudal negro trouxe todos os males próprios da raça. A tuberculose, a bôba e, sobretudo, a sífilis ingressaram em Goiaz com o preto como vetor. A variola, que surgiu em Goiaz em 1731, foi condu-

zida pelos africanos e foi exatamente entre estes que a sua devastação foi maior.

Submetidos a um regime deshumano de trabalho, mal alimentados e espremidos entre suplicios para forçar o rendimento de sua produção, os pretos das minas de Goiás, ainda que sem espalhafato, sem manifestações teatrais idênticas à pretaria das lindes do sul da capitania, também fugiram, também procuraram o asilo acolhedor das matas, também se organizaram em quilombos.

Há notícias de agrupamentos de escravos fugidos em vários pontos do sertão, na era do delírio da mineração e da alucinação das catas. Entretanto, o quilombo que maior sulco deixou na história de Goiás foi o das minas de Pilar.

Esse quilombo, organizado por pretos procedentes de vários pontos do sertão, chegou a ter notável número de indivíduos que "esparramaram o terror em grande extensão do país, perseguindo os moradores e trabalhadores das minas, atacando os viandantes, roubando-lhes gado e dinheiro e, finalmente, tudo o que estivesse ao seu alcance".

As desordens promovidas por esse calhambolas chegaram ao ponto de ter repercussão em Vila-Boa que, de certo modo, ficou transida de sustos. Dom Marcos de Noronha, sexto conde de Arcos e sétimo vice-rei do Brasil, então capitão-general de Goiás, deliberou por termo a essa situação tumultuária e, em 1752, organizou uma expedição para combater a pretaria do Pilar.

Essa expedição partiu de Vila-Boa sob o comando do ouvidor geral Sebastião José da Cunha Soares e, depois de uma campanha de cerca de quatro meses, regressou vitoriosa. Havia conseguido arrazar o quilombo, matar elevado número de pretos e capturar não menor número. Os pretos aprisionados em combate foram distribuídos entre os componentes da expedição.

—

A história da escravidão nas minas de Goiás é a própria história da mineração, dos garimpos de ouro. Não fosse o preto, tão bravo e ao mesmo tempo tão resignado, o sertão não teria sido tão facilmente desbravado, nem as minas goianas teriam produzido tanto.

Condenado a um trabalho brutal, com o lombo tostado pelo sol adusto, com a carne em estrias pelas chicotadas dos feitores, os escravos das minas de Goiás, morriam, aos montes, na beira dos rios, revirando a areia dos córregos, torrados pelas febres, tremendo de maleitas. Procedentes da Baía, de São-Paulo ou de Minas-Gerais, os escravos dos garimpos de Goiás não tiveram revoltas sangrentas, nem insurreições bravias, como o fizeram no Norte e como o fizeram em Minas. O quilombo de Pilar, insignificante redução de uma centena de escravos, era

nada, era um grão de areia em face da pretaria que havia nos sertões goianos, onde havia garimpos, como o do Machadinho, na beira do Tocantins, que, de uma feita, tiveram uma população servil de mais de doze mil almas.

Essa negraria, mesmo condenada a um trabalho feroz e devorador, não teve manifestações de rebeldia, de revolta, porque já havia feito noviciado de sofrimento em Minas, em São-Paulo e na Baía. Já tinha sido bestializada pelo trabalho e reduzida à passividade pelos castigos cruéis. Era de feitio muito diferente o escravo recém-desembarcado, conservando nos olhos, ainda, o esplendor da terra africana...

Em março de 1879, assume a direção dos negócios administrativos da província de Goiás o dr. Aristides de Sousa Spínola. O homem empunhou as rédeas do governo com decidida vontade de trabalhar, de deixar seu nome ligado a realizações de vulto. Construiu estradas, cuidou da reforma da instrução primária, regulamentou a arrecadação do imposto rural, regulamentou a Companhia da Força Policial de Goiás, e, por fim, a 5 de setembro daquele ano, pelo ato número 2.552, fundou a "Sociedade Emancipadora Goiana".

Essa organização, constituída nove anos antes da lei que extinguiu a escravidão no Brasil, constitui um marco da mais alta culminância na história de Goiás. Revela uma iniciativa oficial, realizada por um presidente de província, realizada com admirável coragem cívica, quando o governo central, surdo aos reclamos da consciência nacional, teimava em manter no país a ignomina da escravidão.

A Sociedade Emancipadora Goiana tinha por fim "promover a manumissão de cativos e promover a educação de ingênuos filhos de mulher escrava". O seu presidente era o presidente Aristides de Sousa Spínola, seu iniciador e seu fundador, sendo ilimitado o número de seus sócios, os quais estavam onerados com o pagamento de uma jóia de 5\$000 e de uma mensalidade de 1\$000. A jóia podia, em certos casos, ser paga em prestações, no máximo prazo de sessenta dias. "Nas famílias em que tiverem sócios femininos, e cujos chefes sejam também sócios, somente êstes estarão sujeitos à jóia". Os sócios que não pagassem suas mensalidades "em um ano social" seriam excluídos.

A Sociedade Emancipadora Goiana foi fundada com o prazo de duração de dez anos. Os seus estatutos fixavam, porém, com admirável visão de futuro, que, "no caso de desaparecer o elemento servil nesse tempo, a sociedade continuaria a subsistir, dedicando-se, então, a promover a educação de ingênuos filhos de mulher escrava".

Nos documentos que compulsei, nada mais conseguí saber a respeito dessa generosa iniciativa do presi-

Museu de Goiânia

Goiás é um dos Estados de maior interesse, sob o ponto de vista folclórico. Além disso, as riquezas do nosso sub-solo são imensas e variadas, o mesmo se podendo dizer relativamente à nossa fauna e à nossa flora. Também sob o ponto de vista histórico, está esta unidade federativa em condições para despertar atenção, bastando recordar que a marcha de Anhangüera teve aqui seu ponto final. Resumindo: — é enorme a contribuição que o Estado de Goiás pode trazer ao estudo de nossa formação histórica e social e da nossa cultura autêntica, bem como ao desenvolvimento agrícola, industrial e pastoril do país.

A-pesar-de tudo, Goiânia é uma das poucas capitais brasileiras que ainda não possuem um Museu Histórico e Geográfico, que se constitua como que num mositério de nossas coisas e de nossas possibilidades.

A lacuna parece, no entanto, que será, breve, preenchida. É que o sr. Gerson de Castro Costa, Diretor Geral do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, sob os auspícios do Governo, já está tomando as primeiras medidas para levar a efeito a criação de tal instituto, para o que contará com a colaboração do ilustrado membro do Conselho Administrativo do Estado, sr. Zoroastro Artiaga, um grande conhecedor das coisas goianas.

Como se vê, estamos em vias de contar com mais uma notável instituição, fadada a prestar os maiores serviços a Goiás e ao Brasil, merecendo a iniciativa os maiores aplausos.

"Oeste", registrando, com satisfação, esta notícia alviçareira, põe-se desde já, à disposição do Deip, naquilo em que puder ser útil à obra a se iniciar.

dente Aristides de Sousa Spínola. Também não era preciso conhecer mais. Bastou êsse ato, apenas êle, para alugar cômodos na história para o presidente goiano, para fazer seu nome recordado com amor, com simpatia.

A PÉROLA DE TOLEDO

(Paráfrase de uma página em prosa de Mérimée)

"Je vous dirai quelle est la plus belle des femmes:
c'est Aurore de Vargas, la perle de Tolède."

Prosper Mérimée — Mosaique

Guilherme Xavier de Almeida

Quem me dirá, por acaso,
Se é mais belo o sol nascente
Ou se é mais belo no ocaso,
Sumindo-se tristemente?

Quem me dirá, por ventura,
Se é mais formosa a oliveira,
Na sua graça e fartura,
Do que a gentil amendoeira?

Quem me dirá, quem, de plano,
Fará sobre o caso luz:
É mais bravo o valenciano
Ou é mais bravo o andaluz?

Quem me dirá num segundo,
Responda lá quem quizer,
Quem me dirá neste mundo
Qual é a mais bela mulher?

— Já sem dúvidas amargas,
Eu digo, e não é segredo:
É D. Aurora de Vargas,
A Pérola de Tolêdo.

Tuzaní, o negro rudo,
Ardendo em zêlo e esperança,
De pronto pediu o escudo,
Pediu sua boa lança.

De lança e broquel armado,
O mouro, com galhardia,
O sabre pendente ao lado,
Dirige-se à estribaria.

Contempla, por um momento,
As suas quarenta éguas,
Que, velozes como o vento,
Percorrem léguas e léguas.

— "Berja — diz êle — upa! upa!
Teu passo é seguro e ledô;
Trarei na tua garupa
A Pérola de Toledo.

Ou Córdoba, por Alá
E pelo Profeta eu juro,
Jâmais, nunca mais verá
Tuzaní transpor-lhe o muro".

Por entre o campo e o arvoredô,
Cavalga até que, por fim,
Encontra um velho em Toledo,
Defronte do Zacatin.

O seu ódio não esconde,
E diz-lhe: "Esta carta apanha
E vai já levá-la ao conde,
Don Guttiere de Saldaña.

Que venha, se não tem medo
Disputar com Tuzaní
A Pérola de Toledo,
Junto à fonte d'Almamí".

Sorrindo, de quando em vez,
Ao coração dando largas,
O conde joga xadrez,
Com a bela Aurora de Vargas.

O ancião entrega-lhe a carta.
Lê o cartel o cavaleiro.
Com um muro, feroz, aparta
As peças e o tabuleiro.

Erguendo-se, pede a lança
E pede o seu bom cavalo.
Mas a Pérola se lança
A' sua frente, a chamá-lo:

— "Don Guttiere, meu senhor,
Meu espôso e meu amigo,
Vinde jogar, por favor,
Outra partida comigo".

— "Êste jôgo já me cansa"
Responde: "Eu irei daqui
Ao fero jôgo da lança,
Junto à fonte d. Almamí".

E os prantos da bela Aurora
Não conseguiram retê-lo;
Pois nada prende ou demora
Guerreiro que vai a um duelo.

Mandando a um pagem que a monte
Na sua bêsta de sela,
A Pérola corre à fonte
Marcada para a querela.

Quando, de olhar assustado,
Chega à fonte d'Almamí,
As águas e a relva, ao lado,
Estão da côr do rubí.

Não é, todavia, o sangue
De um cavaleiro cristão.
Quem jaz de costas, exangue,
É o defensor do Corão.

A lança de Don Guttiere,
Num golpe firme, perfeito,
De quem sabe como fere,
Partiu-se-lhe bem no peito.

Chorando, a égua estimada
Contempla-o cheia de dor,
Porque não pode — coitada —
Dar lenitivo ao senhor.

A Pérola de Toledo,
Saltando de sua mula,
Em voz suave de aedo,
Êste consôlo formula:

— "Cavalheiro; vós vivereis
Para estes dias, ainda,
De acôrde com vossas leis,
Alguma coisa linda.

Minhas palavras agradecidas,
Com a voz do cavaleiro,
Sabem que são verdadeiras
Que faz o nome do cavaleiro".

Diz êle. — "O' Pérola branca,
Já quasi os meus olhos cerro;
Vem cá, do meu seio arranca
Êste pedaço de ferro".

Êla, chegando-se ao mouro,
Quasi a roçá-lo com a trança
Do fino cabelo louro,
Se enclina, sem desconfiança.

Mas Tuzaní se lhe agarra,
No esfôrço do extrêmo anelo,
E corta com a cimitarra
Aquele rosto tão belo.

PALESTRANDO

Especial para "Oeste"

Coronel MARCO ANTONIO FELIX DE SOUSA

Há anos afastado do Estado, por força das exigências da minha profissão; embora de longe, não tenho deixado de acompanhar seu desenvolvimento, as mutações rápidas por que vem passando, os grandes lances para frente em pouco tempo percorridos, numa progressão que honra os que concorreram e concorrem para esta realização.

Menos de duas dezenas de anos foi suficiente para Goiás deixar de ser uma simples expressão geográfica para se tornar uma unidade nacional de valor, conhecida e desejada, impondo-se e rasgando vastos horizontes, de grandes esperanças em seu futuro.

Vultosos capitais e milhares de braços emigram para esse *hinterland* promissor, em busca de aplicação e de trabalho, valorizando suas terras, sua produção, desenvolvendo novas fontes de produtos novos, multiplicando muitas vezes suas rendas, abrindo margem à pública administração para melhorar as condições de vida do povo, de sua gente, ampliando os campos de ação dos que trabalham pela certeza de remunerações que estimulam, compensando os esforços, as energias empregadas em produzir.

A leitura dos jornais, das revistas, as palestras com os conterrâneos e outros que de lá regressam: as cartas dos amigos e parentes nos dizem o que vai pela minha terra; a confiança com que falam no futuro, orgulhosos do presente, mostra, põe em destaque a convicção de que toda iniciativa de trabalho é e será fartamente recompensada.

Muitos, não compreendendo o momento, apresentam-se aturdidos com a valorização rápida e extraordinária das terras, citando velhas fazendas, quasi abandonadas, vendidas por preços jamais sonhados.

A Indústria Pastoril, viga mesra da economia do Estado, abandonando velhos processos, emparelha-se com a do Triângulo Mineiro, no mesmo ritmo de prosperidade, graças ao *Indiano*, outrora tão malsinado pelos criadores teóricos que aconselharam o seu abandono por outras raças que não podiam se adaptar aos nossos campos.

Nas colunas do saudoso órgão da Imprensa Goiana — "O Goiás" —, há mais de vinte anos, mantive polêmica em defesa do indiano, gado

"OESTE" tem merecido o maior acatamento nos altos círculos intelectuais do país. Sobre ela, como temos feito sentir em números anteriores, se manifestaram, do modo mais lisonjeiro, figuras do maior realce. E, ultimamente, atendendo a convites nossos, escreveram colaborações especialmente para ela nomes dos mais expressivos das nossas esferas culturais, literárias, políticas, médicas, admi-

que fez a riqueza do Triângulo e está fazendo a do Estado.

Nesta época — 1918 a 1922 —, acompanhava de perto, porque aí estava, a vida dos nossos criadores, seus anseios e suas dúvidas, a luta constante contra os males que dizimavam os rebanhos, acarretando sérios prejuízos.

Para os criadores só dificuldades e só o amor à terra e o apêgo às tradições os amparavam para continuação da luta.

Mesmo nas boas épocas, as recompensas não correspondiam aos sacrifícios e trabalhos despendidos.

O momento atual, com a guerra mundial, na qual somos parte, veio, pelas exigências desse grande mal, tudo valorizar com a procura do necessário à manutenção das enormes massas de homens em luta, diminuindo a oferta com a impossibilidade da concorrência de muitos países.

Esta situação ainda se manterá no após-guerra até a recomposição da Europa, mergulhada na fogueira ateadada pelos teutos.

Os rebanhos serão escassos ou não existirão, de modo que seremos nós, da América, os abastecedores dos mercados europeus.

Tôdas as indústrias dos países longe do teatro das operações, receberam um influxo pela procura sempre crescente de produtos, oferecendo vastíssimos lucros.

A Indústria Pastoril surgiu a sua maior época para recuperar sacrifícios e trabalhos de muitos anos.

Seu quinhão, embora mais modesto que o das outras suas irmãs, constitui um amparo para melhorar os seus rebanhos, seus campos e as sedes das fazendas.

Seu quinhão é mais modesto, porquanto as outras indústrias podem multiplicar muitas vezes seus lucros com o aumento da produção; a pastoril só recebe como recompensa de rude e penoso trabalho a diferença de preço e o aumento relativo de consumo; presa do limite

nistrativas, etc.. Faltava, porém, um representante da classe militar, e este aqui está presente: — o coronel Marco Antônio Felix de Sousa, alta patente do glorioso Exército Nacional, membro de tradicional família goiana, que, sponte sua, remeteu-nos a interessante palestra, hoje publicada. Muito honra, a esta revista, a gentileza do ilustre militar, e é com prazer que damos guarida à sua produção.

natural da produção, salvo para os imprevidentes que esgotam seus rebanhos, sem pensar no amanhã, empolgados pelo lucro imediato.

A indústria e o comércio auferem lucros extraordinários com a situação e o Governo já taxou estes lucros em benefício da coletividade.

A Indústria Pastoril, porém, é um caso especial, pois raríssimos são os momentos em que pode ser compensada dos seus labores e da rudeza da vida dos campos, tão conhecida por nós, filhos do sertão.

Uma apelação "sui-generis"

Durante o julgamento de certo prisioneiro, Felipe da Macedônia achava-se sonolento pela embriaguez, e, para finalizar, condenou-o à morte:

— Apelo! exclamou o prisioneiro

— Para quem? — perguntou Felipe, sacudindo o torpor.

O prisioneiro respondeu:

— Da parte de Felipe bêbado para Felipe em seu juízo.

A origem da stenografia

O grande Cícero tinha o hábito de falar e de ditar de um modo extraordinariamente rápido. Um dos seus escravos libertos, de nome Tirone, era encarregado de anotar as suas palavras; e, como não pudesse apanhar as frases inteiras, foi inventando sinais convencionais, surgindo, deste modo, o primeiro sistema stenográfico, mais tarde aperfeiçoado por John Willians, que lhe deu os princípios modernos.

POLÍTICA NACIONAL**TRABALHO E DEMOCRACIA****Vasco dos Reis**

Situado o trabalho em sua verdadeira posição, como fundamental elemento da trilogia econômica, e estudadas, com o máximo critério, as causas dos conflitos suscitados entre seus produtores e os fornecedores de matéria prima e capital, cuidou o Governo da remoção dessas causas, criando o ambiente de harmonia indispensável ao progresso. Não é preciso ser-se um observador muito arguto para que transpareça aos nossos olhos o bem estar que uma semelhante situação veio trazer às massas trabalhadoras.

E isto facilmente se explica. A velha questão social, oriunda de desequilíbrio entre a produção e o consumo, sempre trouxe como consequência uma forte tensão reinante no ânimo da classe operária, conseqüente ao acúmulo, cada vez maior, de reivindicações a que os mecanismos antigos de governo não lograram satisfazer.

Essa patina de insatisfação, sedimentada através de longo prazo, era hábilmente aproveitada pelos agentes e pelos simpaticizantes de ideologias extremistas, que sobre elas semearam a mandragora das agitações de classe, propícias aos seus funestos desígnios.

Aí está o segrêdo da influência perigosa que muitos desses elementos exerceram sobre certos grupos.

Falar em nome de direitos, por vezes realmente lesados e de necessidades, não raro existentes, para disso fazerem uma bandeira para seu credo, que, em verdade, não visa senão o poder.

O Presidente Getúlio Vargas, desdenhando métodos paleativos ou contraproducentes, atacou o mal em sua fonte, isto é, reconheceu e está remediando as necessidades que afligiam as classes obreiras, dando-lhes um Ministério, como órgão de Govern-

no, especializado no estudo e na solução imediata de seus problemas.

Os Messias teóricos ficaram duplamente desapontados: desapareceu o terreno para suas especulações e o Estado Nacional se mostrou mais eficiente que seus miraculosos ídolos; dá concretamente o que eles só conseguem prometer.

Consolidando, em 37, a obra de restauração iniciada em 30, o Presidente Vargas aperfeiçoou grandemente a política trabalhista de seu governo, dando-nos uma organização de tal maneira evoluída que, em muitos aspectos, deixa para trás a de todos os países do mundo.

Aí está de onde promianam a tranquilidade e a euforia de uma classe outrora agitada e aflita.

Integrado na esfera administrativa, pelos órgãos sindicais, servido por uma justiça própria; instruído cada vez mais, e cada vez mais conciente de seu papel, mas com realismo e sinceridade, constituiu o proletariado um dos mais sólidos esteios do Estado Nacional, cujos órgãos o Presidente nos promete completar, logo que "gozemos de novo os benefícios da paz".

Realizamos, assim, um alto ideal democrático, demonstrando que as questões sociais mais intrincadas só na democracia encontram a devida solução, de vez que essa Democracia, sem esquecer seus princípios fundamentais, não fique amarrada a preconceitos caducos e evolucione, adaptando-se ao espírito da época.

Os erros não derivaram, pois, do regime, mas, dos homens que o aplicavam. A democracia, bem compreendida e bem executada, atende os interesses de tôdas as classes, resolve a contento todos os problemas sociais, novos e

velhos, de um modo muito mais humano que qualquer outro sistema de governo, já experimentado ou ainda "in vitro".

Para tanto, não se fez necessário mudar o regime, mas, fortalecê-lo. Nesse sentido, evoluiu a democracia brasileira.

Batalha de Tuiuti

No dia 24 de maio de 1866, travou-se a batalha de Tuiuti, de tanta transcendência no desfêcho da guerra do Paraguai.

Os paraguaios, na manhã daquele dia, valendo-se de uma inadvertência do comando geral das tropas brasileiras, caíram inopinadamente, divididos em três colunas, sobre o acampamento, forçando divisões a um recuo desordenado, quasi a uma retirada desabalada. Entretanto, os brasileiros reagiram. Emílio Malet ordena um certo e mortífero fogo de metralha e de artilharia sobre o centro inimigo; as divisões Argolo e Sampaio reagem com desespero e, de súbito, a batalha se trava ferozmente. Osório, como um centauro, galopa por tôda parte. Onde surgia o perigo, onde os brasileiros recuavam ante uma carga dos paraguaios, aí estava êle a incentivar a reação, a comandar cargas terríveis.

O fogo brasileiro foi de tal ordem que a cavalaria paraguaia, aguerrida e amestrada, que primeiro delineára possibilidades de vitória para o seu lado, foi forçada a recuar. Às 4½ horas da tarde, depois de cerca de 10 horas de fogo, os brasileiros levantavam os louros da vitória na ação. Os paraguaios batiam-se em retirada com imensas perdas de material e homens.

Todos os historiadores, falando sobre a batalha de Tuiuti são unânimes em afirmar ter sido ela o maior encontro campal travado naquela guerra e que, se perdida pelos brasileiros, outros, bem outros, teriam sidos os resultados gerais daquele conflito.

A fase épica e grandiosa da guerra do Paraguai, segundo os historiadores mais autorizados, iniciou-se nessa batalha, no dia 24 de maio de 1866.

13 de Maio

Comemora-se, a 13 do corrente, mais um aniversário da lei que aboliu, definitivamente, a escravidão, no Brasil.

Instituição de há muito desaparecida do mundo civilizado, melhor fôra não a recordar de modo algum, tão chocante foi ela para a dignidade do homem, tanto mais que este a tolerou, e até a justificou, durante vários séculos . . .

Entretanto, conquanto trazendo à tona de nossa consciência todos os horrores dos tempos escravatõriaes, parece-nos não devemos deixar se passe assim, sem um registro, o dia 13 de Maio. E' que, vendo-se a outra face da questão, isto é — pensando em Zumbi, e, por associação de idéias, em Espartaco e em todos os que lutaram pela liberdade, iremos nos rejubilar, confortados, com a constatação do fato inequívoco de que o homem jamais renuncia à sua condição essencial: a de ser livre. A tão só recordação de episódios magníficos como Palmares, onde refulgiu, em toda a sua beleza, o sentimento de liberdade, justifica o comemorarmos o 13 de Maio, que melhor fôra, todavia, não tivesse, nunca, para motivo histórico de sobrevivência na memória do povo, a extinção de uma instituição que fôra preferível nunca ter existido.

A verdade, porém, é que, hoje mais do que nunca, necessitamos reavivar, na lembrança dos homens, figuras e fatos do passado que nos ajudem a enfrentar, resolutos, êsses bárbaros modernos, que almejam submeter-nos a novas formas de escravidão. Por isso, também, a bondosa princesa Izabel, se bem que tenha apenas praticado um ato que outros deveriam antes ter praticado, merece um lugar de relêvo na história pátria.

Não cabe, aqui, indagar ou não da necessidade, a seu tempo, da infame instituição, nem se foi ela um sistema de trabalho justificável, à sua época, nem se de sua extinção sem prévios cálculos político-sociaes surgissem crises comprometedoras da nossa economia. Não. O 13 de Maio de 1888 interessanos, hoje, somente em seu sentido humano profundo, valendo o ato abolicionista pelo seu valor intrinseco, universal.

Efetivamente: encarada em si, a escravidão foi uma ignominia imperdoável; e, encarada em si, a "lei áurea" brilha com um esplendor moral inexcedível. Valha, por isso, o registro da efeméride. E valha, ainda, como um ensejo para protestarmos o nosso reconhecimento e a nossa admiração a uma raça a que tanto devemos, raça nada inferior, como raça, e que, posta em situação cultural favorável, seria capaz,



como demonstrou, de feitos semelhantes aos dos arianos . . .

Salomão era da raça negra. Nos Estados- Unidos predomina a música negra, e, na dança americana, como notou Ronald de Carvalho, o negro vem à tona e domina o seu senhor. René Maran, romancista negro francês, vence os brancos em concursos literários, ganhando prêmio de academia famosa.

Não precisamos, porém, estar a invocar nomes e fatos negros de outros pagos. Há, no Brasil, com o que mostrar a grandeza da gente de Batualá. Nossa cultura está impregnada de traços africanos, desde as coisas culinárias até às literárias. Nosso sangue está povoado de glóbulos de sangue africano, tão vermelhos como os do branco. Mãe Preta é, por si só, um símbolo admirável do seu povo, que todos reverenciamos, comovidos e gratos. E não nos esqueçamos de que o africano, quando virou brasileiro, deu tipos do quilate do soldado Henrique Dias e do poeta Cruz e Sousa. Isso para não se falar do mestiço, tipo nem branco nem preto, criação genial do português, que resolveu, com raro senso, um problema que até hoje tortura os sociólogos estadunidenses. Do mestiço que se chamou, por exemplo, Tito Lívio de Castro.

"I, too, am América", cantou o grande poeta negro norte-americano, Langston Hughues. "Eu também sou Brasil", podem proclamar os negros brasileiros, poetas e não poetas. Todos os brancos sabemos disso. E foi para o dizermos bem alto que redigimos esta nota.

O CONCEITO DE RAÇA

ESPECIAL PARA "OESTE"

FREDERICO LANE

É vulgar entre nós falar da raça brasileira, consequente da fusão do branco, do índio e do negro. A verdade é que não temos raça no sentido científico do termo; nem nós e nem povo algum das Américas. Quanto aos Estados-Unidos, recente lista com 12.987 nomes de americanos, mortos nos primeiros 18 meses de guerra, é muito expressiva e indica de maneira insofismável a heterogeneidade da população norte-americana (Life, vol. 15, nº 1, jul. 5, 1943: 13-38).

Se pretendemos com a expressão "raça brasileira" indicar a futura média, resultante da miscigenação que se processa no nosso território, são prematuras as nossas deduções: ninguém poderá prognosticar, a não ser em linhas muito gerais, o tipo mais frequente do futuro brasileiro. Assim, considerar como raça um aglomerado de índios, brancos e negros, com tôdas as mesclas possíveis entre os três, só seria viável depois de prolongado período de anestesia política, em que o povo estaria pronto a acreditar em tôda sorte de baboseiras, como acontece hodiernamente na Alemanha. Devemos lembrar ainda que nenhum dos grupos citados acima é em si uma raça, como geralmente se presume.

Começando pelo índio, pode-se afirmar sem receio que vários eram os povos que ocupavam o Brasil, ao tempo do descobrimento. Com respeito ao prisma racial, qualquer antropólogo afiançará as inúmeras dificuldades que surgem no estudo do assunto, que não atingiu sequer a fase dos esboços compreensíveis. Quanto à parte histórica, recente e fragmentaria, pouco auxílio oferece ela à solução do problema; antes será beneficiada pelas pesquisas em outros setores.

O branco, considerado nas suas múltiplas variantes, é um problema não menos complexo e, por mais que se indignem certos nacionalistas de patriotismo duvidoso, o "russo das prestações" será mais tarde um avoengo tão merecedor do nosso acatamento quanto o foram os troncos do período colonial. Mas não antecipemos os fatos. Que era o português que aportou às nossas praias? Se a história não mente, a Península Ibérica foi povoada primitivamente por um elemento "não ariano", sobre o qual predominou depois o celta. Dessa mestiçagem resultaram as tribus encontradas pelas legiões de Roma

na conquista da Ibéria. Durante cerca de seis séculos os romanos dominaram a Península, até que as hordas germânicas (Vândalos, Alanos, Suevos, Visigodos) dela se apossassem. Em pouco mais de cem anos, depois de extinto o poderio romano, os Visigodos consolidavam a sua posição, abalada quatro lustros após pela invasão dos Mouros. Oito séculos esteve a Península Ibérica às voltas com o elemento mourisco e Portugal surgiu e consolidou-se em contato com ele. Convém lembrar ainda a contribuição israelita, que tantos elementos forneceu ao Brasil. Por conveniência de síntese, deixemos de lado as contribuições menores, como, por exemplo, as do intercâmbio grego e fenício. Chega-se assim à época do descobrimento da América e do Brasil. Novamente surge a pergunta: que era, sob o ponto de vista étnico, o português que aqui aportou?

Quanto ao negro, todos sabem que as levas que para cá vieram incluíam elementos de enorme extensão territorial do Continente Africano. E não se diga que não havia lá diversidade racial. Muitas são as denominações que ocorrem na nossa literatura para designar os tipos de negros importados da África (umas de emprêgo mais ou menos adequado, sob o ponto de vista racial, outras abrangendo verdadeiros aglomerados raciais): Haussás do Sudão, Nagôs de Yorubá, Mandingas do Guiné, Minas da Costa do Ouro, Gêges do Dahomé, Benguelas do Alto Congo, Bantús do Congo e de Angola, Macúsas de Moçambique, etc. Muitos negros sudaneses já eram mestiços de branco pelo contacto com elementos chamíticos e semíticos do norte da África; Fulahs de "puro sangue" também para cá vieram.

O problema do negro é para nós o que provoca maiores suscetibilidades. Constantemente nos preocupamos em comparar a nossa situação com a dos Estados-Unidos, mas não é ela muito diversa da que lá ocorre. O preconceito racial, aqui como lá, apenas varia de intensidade. A mestiçagem também lá se processa, em virtude de ser a tolerância pelo negro uma questão muito individual; os que repugnam o negro puro, nem sempre se esquivam do mestiço. Aqui o mulato claro é apenas "moreno" e classificado como branco; lá o mulato mais desbotado é ainda considerado negro. Mas, em questões

sentimentais, o jovem enamorado não perde em geral o seu tempo investigando a genealogia do objeto dos seus amores, lícitos ou ilícitos, e nessa última categoria as objeções são geralmente nulas. Qualquer confronto do problema racial americano com o nosso é pueril, pois o resultado final será praticamente o mesmo: a mestiçagem.

Fosse possível ao indivíduo ter uma visão panorâmica da sua árvore genealógica, abrangendo um bom número de gerações, certamente desapareceria o motivo de muita intransigência racial. As genealogias que por aí rodam são seletivas; os antepassados sucedem-se inexpressivamente; os de mais consequência são explorados nos seus mínimos detalhes; dos "esqueletos" quanto menos se escreve, melhor, sendo mesmo da maior conveniência deixá-los reduzidos a um simples nome, necessário tão somente como ele ao antepassado ilustre.

No começo do século XIX, no Brasil, a população negra e negróide quasi igualava a de brancos ameríndios e seus mestiços, tomados em conjunto. Passou em seguida a sobrepujar êsses elementos, em virtude do tráfico intenso da primeira metade do século. Apesar do grande contingente branco, europeu, introduzido para acudir a nossa lavoura, mesmo antes da libertação geral dos escravos, ainda em data recente como 1908, as proporções entre os diversos grupos, segundo Johnston, eram as seguintes:

Branços	8.000.000
Mamelucos	1.700.000
Ameríndios	2.000.000
Negróides (mulatos, cafusos e híbridos dos três grupos)	5.582.000
Negros mais ou menos puros	2.718.000
Total	20.000.000

Quanto ao elemento branco recente, é supérfluo insistir na sua heterogeneidade: está à vista de quantos a queiram enxergar.

Como remate final, ainda resta o japonês, em si um mestiço com certas características raciais próprias, resultantes de ambiente restrito e de longo isolamento. Essa etnia, então, é portadora de caracteres dominantes que, mesmo admitindo o seu mergulho no nosso "melting-pot", o que ainda não

COLÔNIA - ESCOLA, ESPERANÇA DO BRASIL

Floracy Artiaga Mendes

A nenhum observador dos problemas nacionais passaria despercebida a calamidade social para que estaríamos marchando, nós, os brasileiros do hinterland nacional, com o exodo das nossas populações rurais em busca do progresso e do conforto das cidades.

Já por demais tem sido estudado o fenômeno social da deserção das populações campezinas, atraídas pela vida da cidade, que, no caso, desempenha o papel de verdadeira bomba de sucção, responsável pelo despovoamento do interior e desequilíbrio da vida econômica do país.

As causas desse fenômeno preocupam de muito tempo sociólogos e administradores, aos quais se impôs a conclusão de que, só um adequado e perfeito sistema educacional o poderá solucionar, melhorando as condições de vida e de trabalho do homem do campo, proporcionando-lhe um ambiente com todos os requisitos de higiene e civilização, de modo a integrá-lo, de corpo e alma, ao seu habitat natural.

A criação de colônias-escolas,

ocorreu, aparecerão com frequência na nossa população.

Talvez o maior embaraço na apreciação do nosso problema racial, é que, os que mais entendem dele, menos o divulgam e discutem; os que mais o discutem, menos se aprofundaram nele.

O que cumpre fazer é aceitar o fato evidente e incontestável, e nada desabonador, de que somos um povo de mestiços, e unir esse aglomerado racial pelos laços de um sentimento patriótico construtivo.

N. R. — O autor deste artigo, escrito especialmente para OESTE, pertence ao Departamento de Zoologia, da Secretaria de Agricultura do Estado de São-Paulo. Trata-se de um elemento de real valor nos círculos culturais da Paulicéia. O presente estudo, aliás, fala, mais alto do que qualquer comentário, acerca dos méritos de Frederico Lane. Agradecemos ao abalizado etnólogo a deferência que teve para com esta revista, para ela enviando alguns trabalhos dignos da melhor aceitação, eis que neles são versados, com erudição e clareza, temas dos mais sérios e oportunos.

com a doação de terrenos devolutos para incremento do povoamento, dará ao pequeno proprietário o prazer de trabalhar para a própria economia, — já não mais para os latifundiários, arrendantes de terra ou grandes agricultores — e, ao mesmo tempo, formará sua consciência profissional em benefício da coletividade.

Essa promissora instituição social começa a se tornar realidade na administração educacional do país e, entre nós, no nosso Estado, em recente plano da nossa Diretoria Geral de Educação, já figuram duas colônias-escolas.

A colônia-escola é uma célula viva de nacionalidade, congregando forças, atraindo o povoamento, precursora de grandiosas possibilidades, cujos corolários imediatos serão: fomento de produção dirigida, racionalização de métodos de cultura, compreensão da necessidade de iniciativa privada na abertura e conservação de estradas em cooperação com o Governo para facilitar escoamento de produtos e circulação de riqueza e, principalmente, o despertar da consciência cívica do valor do trabalho como fator da grandeza nacional.

A educação virá, como consequência lógica e natural dessa valorização da gleba pelo trabalho e pelas vias de comunicação, e cessará, então, o grande "problema nacional".

Já não existirão pretextos para ineducação dos filhos de agrários, pois a escola será o centro da comunidade, o eixo em torno ao qual girará a vida daqueles aglomerados humanos, e nem mais prevalecerá a necessidade de "mudar para a cidade para educar os filhos", causa de abandono do campo.

A colônia-escola será a orientadora nas questões econômicas, na nacionalização dos processos técnicos do trabalho predominante na zona, — agrícola, pastoril, mineralógico, industrial, — e, além disto, será o mentor social, centro de coordenação cívico-cultural-recreativo, ponto de partida de todas as campanhas louváveis; será assim, a inspiradora de todos os movimentos úteis à coletividade.

Servirá à comunidade social, rural, como um autêntico dinamismo, gerador de força, de vida e de atividade. Terá função não simplesmente educativa na acepção comum, mas, especialmente, social,

de influxo altamente renovador.

O espírito de nacionalidade, esse sentido de unidade nacional da Escola Nova Brasileira, estará então autenticamente se formando, pois, esse sistema tem de ter um "sentido nacional ou deixará de ser brasileiro", no dizer de Macêdo Soares, "nacional na acepção tanto geográfica como social".

Para ser nacional terá de ser flexível, sem princípios rígidos, de molde a poder se adaptar às circunstâncias de vastidão territorial e diversidade de ambientes de norte a sul do País, dotada desse maravilhoso caráter de universalidade da Escola Ativa de Ferrière, logo, com princípios possíveis de aplicação em todos os recantos do mundo . . .

Não será a escola rural passiva, alfabetizadora e intelectualista de outrora, responsável por tantos desajustamentos, "deseducando" em relação à sociedade, pois, ao invés de "adaptar o indivíduo ao meio", como função precípua, desadaptava-o, com a preocupação de tornar "letrado", depois do que ele passava a aspirar à vida da cidade, mais condizente com o seu desenvolvimento intelectual.

Era uma "seleção às avessas", pois, na roça só deviam permanecer os que demonstrassem menor aptidão intelectual . . . e isto é tanto mais doloroso quanto mais precisaria o interior brasileiro de indivíduos bem dotados, capazes de levantar o nível étnico-social dessas pobres regiões incultas, abastecedoras das *urbs* aristocráticas . . .

"O de que o Brasil precisa, diz Sud Menucci, é de reabilitar a sua roça", e "toda a nossa legislação escolar é urbanista, como urbanista têm sido, até hoje, os nossos reformadores pedagógicos".

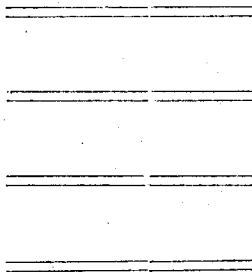
Essa afirmativa caberia também até há pouco a Goiás, mas, depois de ler a notícia do plano educacional recentemente elaborado pela Diretoria Geral de Educação do Estado, os professores goianos podem erguer a fronte satisfeitos, contemplando, num horizonte próximo, o luminoso esplendor de um novo ciclo educacional.

NO Estado Nacional, trabalho não é sinônimo de castigo, não é critério de diferenciações sociais, não é meio de exploração do fraco pelo forte, não é um onus, não é simples mercadoria sujeita à lei da oferta e da procura; porque o trabalhador, hoje, não se distingue por classe, não se inferioriza na classe, não é órgão do Estado, não é coisa sujeita às flutuações das crises, não é elemento de exploração capitalística. Visto como um dever social, é o trabalho visto num ponto muito alto, e é assim visto porque o trabalhador foi "posto" em sua dignidade de pessoa humana — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.



POLÍTICA ESTADUAL

Racionalização e moralização dos serviços públicos



Dr. Pedro Ludovico Teixeira Interventor Federal

O dia não estava muito propício para entrevistar o jovem, inteligente e operoso Diretor Geral do Departamento do Serviço Público. E' que, lá no Rio, o Fluminense F. C. levava uma "tunda" do Vasco, e, assim, Nicanor Brasil Gordo deveria estar "inhabitável", como diria o poeta Abgar Renault.

Contudo, estava nos planos do repórter conseguir a entrevista. E não há gente mais importuna nem inoportuna do que repórter, que não respeita máguia de ninguém, nem mesmo a "máguia" oriunda do futebol, que faz o brasileiro ficar "doente" por muito tempo. Por isso, rúramos para o edifício da Praça Cívica. Já à porta do gabinete do distinto auxiliar do governo goiano, assaltou-nos a dúvida: Não teria Nicanor ficado "de cama"? Não. Ele estava lá.

— Então, meu "velho"? Muita "dor de cabeça"?

— Não me fale em futebol. Aqui só se pensa no serviço público . . .

— Pois é por isso mesmo. Serviço público, no Brasil, às vezes faz pensar em futebol . . .

— ?!

— Porque? Porque se o brasileiro dedicasse ao serviço público a paixão que dedica ao futebol, teríamos a melhor máquina administrativa do mundo . . .

— Os serviços públicos — atalhou nosso entrevistado — depois da criação do D. S. P., órgão que é, no Estado, um como que prolongamento do DASP (uma das maiores realizações do Estado Nacional), progrediram muito. Hoje não mandamos só Leônidas e Domingos para o estrangeiro. Mandamos, também, técnicos para organizar serviços nos países amigos, como está acontecendo em relação ao Paraguai, onde delegados do DASP estão agindo em tal sentido.

A esta altura a palestra foi interrompida. Chegára, faceira e perfumada, uma "pequena" bonita, com uma carta para o Diretor do D.S.P.. Nicanor leu-a com atenção, e, em seguida, com delicadeza, falou:

— Não é possível, senhorinha. Sinto muito, mas os cargos só podem ser preenchidos por concurso.

E, voltando-se para nós, com ares triunfantes:

— Está aí. Noutros tempos essa moça estaria colocada, de qualquer modo. Nem que tivesse de ser criado um lugar para ela. E' que ela trouxe uma carta-pedido de um "figurão" que, em outras circunstâncias, não seria possível deixar de atender. Por aí você já vê que as coisas mudaram, mesmo.

Nicanor Gordo, ao que parecia, estava disposto a falar. Falando ele



Sr. Nicanor Brasil Gordo - Diretor Geral do Departamento do Serviço Público

afofaria, nas palavras, a lembrança amarga da derrota de seu clube. Resolvemos aproveitar o ensejo e tocamos-lhe, então, na entrevista.

— Para "Oeste", eu falo, pois ninguém pode negar nada a essa notável revista que tão alto vem elevando o nome de Goiaz e tão bem vem servindo aos reais interesses do Brasil.

Veio o café, sem açúcar. Depois, lá se foram as perguntas, e vieram as respostas.

— Quando foi criado o D.S.P.?

— O Departamento do Serviço Público foi criado pelo decreto-lei nº 4.680, de 23 de agosto de 1941, e instalado a 5 de janeiro de 1942.

— Antes da criação do D.S.P., qual a situação do funcionalismo

goiano, no tocante às garantias do cargo e à competência?

— Quanto à situação do funcionalismo goiano, no tocante à competência e às garantias dos cargos, não teve a criação do D. S. P., qualquer influência direta a esse respeito, porquanto é questão regulada pelo Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado, baixado pelo decreto-lei nº 4.920, de 28 de outubro de 1941, portanto posterior à criação deste Departamento e anterior à sua instalação. Antes desse Estatuto, obedecia o funcionalismo público do Estado ao baixado pela lei nº 227, de 27 de agosto de 1937.

— Como os funcionários receberam a criação do D. S. P.?

— O D. S. P., órgão criado para implantar, no serviço público estadual, as mais modernas normas de trabalho, removendo e eliminando os antigos e empíricos métodos e introduzindo reformas radicais em todos os setores da administração, encontrou, felizmente, um verdadeiro espírito de compreensão por parte dos servidores estaduais, que vieram assim mais um esforço do clarividente governo de Sua Excelência o Senhor Interventor Federal, em lhes proporcionar maiores perspectivas e melhores condições de trabalhos.

— Quais as principais reformas realizadas pelo D. S. P., nos serviços públicos?

— Vastíssimo é o campo de atuação das atividades atribuídas ao D. S. P., tais sejam o estudo pormenorizado das repartições, do ponto de vista de economia e eficiência, bem como das modificações a serem introduzidas na organização dos serviços públicos, sua distribuição e agrupamento, condições e processos de trabalho, relações de uns com os outros e com o público; estudar e rever o quadro de funcionários; estudar e coordenar a proposta orçamentária; selecionar os candidatos a cargos públicos e estabelecer normas para a admissão de extranumerários; promover a readaptação e o aperfeiçoamento dos funcionários; fixar padrões e especificações do material destinado aos serviços públicos e estabelecer normas para melhor aproveitamento e guarda do mesmo; efetuar a aquisição e distribuição de material, na forma da legislação que a respeito vigorar; inspecionar os serviços públicos; estudar e rever os regulamentos relativos à administração pública e os regimentos das repartições; estudar as lotações das repartições, a serem fixadas por decreto do Poder Executivo; centralizar os serviços de assentamentos dos funcionários e extranumerários, mantendo-os rigorosamente em dia; propor as nomeações e promoções, na forma das leis e regulamentos; e baixar as portarias de concessões de licença.

Como principais reformas introduzidas no serviço público pelo D. S. P., de acordo com o programa

acima discriminado, podemos citar a padronização dos móveis usados por todas as repartições estaduais, de acordo com os modelos adotados pelo D. A. S. P.; a simplificação e padronização de fórmulas e impressos, bem como de todo e qualquer material de expediente; a seleção, pelos mais modernos processos, do pessoal a ser admitido para os serviços públicos, quer se trate de extranumerário, quer pertencentes às diversas carreiras; o sistema de administração interna das diversas repartições por meio de Seções ou Serviços de Administração; os sistemas de aquisição e requisição de material; o estocamento do material de uso comum e frequente de todas as repartições; e os Regimentos internos de quase todas as repartições e serviços da administração estadual.

— O D. S. P. instituiu cursos de aperfeiçoamento? Quais os resultados obtidos?

— O Serviço de Aperfeiçoamento do Funcionalismo Público Estadual que, aliás, constitui uma das importantes missões atribuídas ao D. S. P., tem sido objeto de sua mais criteriosa atenção. Vários são os funcionários que, enviados ao Rio-de-Janeiro para estagiarem no D. A. S. P., que é o centro vital do grande movimento de reorganização e reforma da máquina administrativa de todo o país, prestam à nossa administração, nos respectivos setores de suas especialidades, os mais relevantes serviços.

Por outro lado, pela portaria nº 296, de 31 de maio de 1943, deste Departamento, foram instituídos e regulamentados os Cursos de Aperfeiçoamento do D. S. P., de acordo com o que estabelece o capítulo IV, do decreto-lei nº 5.966, de 28 de julho de 1942.

De acordo com o seu Regulamento constam os Cursos de duas fases distintas:

- I — Preparação fundamental; e
- II — Formação técnico-profissional.

Instalada em 1º de julho do ano passado, a primeira parte, a de Preparação Fundamental, destinada a proporcionar ao servidor as instruções indispensáveis ao melhor aproveitamento dos cursos técnicos-profissionais, funcionou regularmente num período predeterminado de oito meses, em que foram ministradas as seguintes matérias:

- Português;
- Matemática e Estatística;
- Organização;
- Administração de material;
- Mecanografia; e
- Legislação e Redação Oficial.

Os ótimos resultados obtidos atesta essa turma de 25 excelentes funcionários que brilhantemente concluíram essa primeira fase e esperam a instalação dos cursos técnico-profissionais que lhes irão dar o necessário e especializado treina-

mento nas diversas carreiras do funcionalismo estadual.

— Quais os benefícios trazidos pelo D. S. P., relativamente à matéria orçamentária?

— Relativamente à matéria orçamentária, além de procurar facilitar e racionalizar as propostas orçamentárias parciais de cada repartição, enviadas anualmente a este Departamento para a confecção da proposta Geral de cada exercício, fornecendo instruções e assistência técnica na época de sua elaboração, bem como quadros e impressos em branco a serem preenchidos, e ainda, estudo e resolução de questões sobre o assunto, é digno de nota o serviço de que se encarregou a Divisão de Organização e Orçamento do D. S. P., desde o ano passado, da elaboração de u'a monografia orçamentária de Goiás, desde o Império. Esse serviço, que já se encontra bastante adiantado e, por sem dúvida, constituirá um trabalho único no gênero em todo o país, catalogando toda a matéria de ordem técnica e ordem histórica do orçamento de Goiás, servirá, temos a certeza, de uma valiosa obra de consultas sobre as questões orçamentárias referentes ao Estado. Para a execução desse serviço, está a Divisão de Organização e Orçamento obedecendo ao seguinte programa:

PRIMEIRA PARTE — Primeiros orçamentos do Império.

I — Súmula do aspecto político-administrativo da nação e províncias brasileiras, por ocasião da Independência.

a) — Organização das Províncias segundo o decreto das Côrtes Portuguesas de 1º de outubro de 1821;

b) — A mesma organização segundo o decreto imperial de 20 de outubro de 1823.

II) — Os orçamentos do Império e da Província de Goiás até 1853.

a) — Evolução orçamentária, instruções e disposições dos orçamentos referidos. e mais leis sobre o assunto;

b) — Resumo do orçamento imperial até 1853;

c) — Resumo do orçamento provincial até o mesmo ano, receita e despesa, esta comparada.

III) — Os orçamentos da Província de Goiás de 1835 (baixados pela Assembléia Legislativa Provincial), a 1889.

a) — Principais providências alterando a confecção orçamentária;

b) — Resumo da despesa fichada de 1835 a 1889;

c) — Resumo da receita orçada no mesmo período;

d) — Extrato dos balanços financeiros da Província de Goiás no mesmo período.

SEGUNDA PARTE — Organização das Exatorias. Leis de receita e despesas.

I — Legislação regulamentadora das exatorias.

II — Evolução da legislação fiscal desde a Independência.

III — Leis da Receita.

IV — Leis da Despesa.

TERCEIRA PARTE — Leis e Regulamentos de Contabilidade.

QUARTA PARTE — Todos os fatos e ocorrência merecedores de menção.

— **Melhorou a situação do funcionalismo goiano, depois de criado o D. S. P.?**

— Muito tem melhorado a situação do funcionalismo goiano, depois da criação do D.S.P., quer se o considere em seu sentido geral, em sua movimentação, em suas normas e métodos de trabalho, quer se considere cada servidor isoladamente. Mais sentido e nítido se faz ver o espírito de solidariedade e cooperação, iniciativa e concisão nas execuções de suas atribuições, capacidade e profundo sentimento de verdadeira consciência funcional, caracterizado por um desejo visível de evolução, de acompanhar através de livros e publicações que lhe são facilitados pela Biblioteca do D. S. P., o ritmo crescente da reorganização da administração nacional, por seus órgãos técnicos e especializados.

— **Quais os benefícios que o D. S. P. trouxe, ao Estado, no tocante à aquisição e conservação do material?**

— No tocante ao arquivo, a aquisição e guarda de material, culminam os estudos e as experiências do D. S. P., no sentido de sua melhor e mais econômica execução, com a expedição do decreto-lei nº 7.856, de 10 de setembro de 1943, que, por proposta da Divisão de Organização e Orçamento, autoriza a Divisão de Material deste Departamento a adquirir e armazenar material para o abastecimento dos serviços públicos estaduais. Essa medida é mais um ato que demonstra a clareza e a supervisão do governo do Excelentíssimo Senhor Interventor Federal, principalmente na época atual, e veio resolver um dos mais angustiosos problemas com que vinha lutando o serviço público goiano. De acordo com o art. 6º, desse decreto-lei, que abre ao Departamento do Serviço Público, um crédito especial de Cr\$ 300 000,00 (trezentos mil cruzeiros), para as aquisições necessárias à constituição do estoque de material de uso comum e frequente das Repartições, já foi providenciada pela Divisão de Material, estando em vias de seu julgamento, a concorrência pública para a escolha do respectivo fornecedor.

— **Quais os planos futuros do D. S. P.?**

— Os planos futuros do D. S. P., que, aliás, são também os atuais, consistem no firme propósito de corresponder à confiança nele depositada por Sua Excelência o Senhor Interventor Federal desde a sua criação, mantendo o que de novo se

criou na administração estadual e introduzindo-lhe de acordo com as obrigações que lhe são atribuídas, os mais sãos princípios de reformas e racionalização dos serviços públicos, que é o verdadeiro ideal daqueles que militam nessa grandiosa e tão importante causa.

— **Que tem feito o Interventor Federal pelo D. S. P.?**

— Não tem Sua Excelência o Senhor Interventor Federal poupado esforços no sentido de dotar o funcionalismo estadual, através do D. S. P., dos melhores benefícios no tocante à aparelhagem e organização da máquina administrativa do Estado, bem como no que se refere ao conforto econômico e social de cada servidor individualmente, aceitando as suas sugestões sempre que visem à verdadeira meta almejada.

Agradecemos. E iam nos retirar, quando Nicanor Gordo nos convidou a uma visita às várias divisões e seções do Departamento, nas quais pudemos constatar muita atividade e ordem perfeita.

Afinal, deixamos o edifício da Praça Cívica e voltamos para a nossa "tenda", satisfeitos com o que vimos e ouvimos. Sim, uma alegria muito grande se apossara de nós, por vermos que o Brasil estava, a mais e mais, se libertando da rotina, fazendo funcionar a sua máquina administrativa de conformidade com processos capazes de levar a bom termo os serviços públicos, dos quais depende, enormemente,

uma série considerável de interesses de toda ordem. Constatamos, com entusiasmo, que o D. S. P. está, em Goiás, procedendo a um verdadeiro trabalho de profilaxia em nosso mundo burocrático, corrigindo abusos antigos e sanando antigas deficiências, segundo sãos princípios e mediante planos bem ideados e executados, com o que ganha o serviço público em eficiência, presteza e em moralidade, com proveito para todos. As palavras do Diretor do D. S. P. vieram reforçar ainda mais a nossa convicção de como é ampla a visão e de como são sadios os propósitos governamentais do Interventor Pedro Ludovico, que tudo ouve, tudo vê, por tudo se interessa, tudo quer melhorar, em seu Estado. E nos convenceram, também, que uma obra notável assim, como a que vem fazendo o Interventor goiano através do D. S. P., só seria possível num ambiente político como o do Estado Nacional, calmo, tranqüilo, seguro, onde os governos estaduais podem agir visando unicamente ao bem coletivo, a cavaleiro, portanto, das injunções partidárias e dos compromissos familiares, firmando-se a administração pública — ao contrário do que acontecia no velho regime liberal, tão preche de escândalos de toda espécie . . . como uma verdadeira e complexa ciência, cujo fim é melhorar, de todos os modos, e em todos os setores, as condições gerais do meio em que se processam as relações sociais, e a cujo aperfeiçoamento se dedicam homens esclarecidos, patriotas e de boa vontade.

Dr. Sebastião Fleurí Curado

Goiás vem de ser rudemente golpeado em seu patrimônio cultural e moral, com a perda, dia 2 do corrente, de seu ilustre filho, dr. Sebastião Fleurí Curado, um dos nomes que mais alto elevaram a sua terra.

Formou-se pela tradicional Faculdade de Direito de São Paulo. Antigo político, o dr. Sebastião Fleurí Curado teve o raro mérito de manter-se puro, no meio deliquescido do antigo regime liberal. Foi um dos pioneiros da propaganda republicana, a que serviu de modo positivo, e pertenceu à Constituinte de 1891, fazendo-se notar pela sua inteireza de princípios e pelo seu grande senso jurídico. Deputado, em duas legislaturas, sua atuação, nesse terreno, foi brilhante. Membro da Comissão Elaboradora do Código Civil, teve, aí, um desempenho notável. Como professor de nossa Faculdade de Direito, distinguiu-se pelas aulas magníficas que deu e pelo grande interesse demonstrado por aquele instituto de ensino. Foi, também, Procurador Regional da República e Juiz Seccional Federal neste Estado. Em síntese: o dr. Sebastião Fleurí Curado, quer como jurista, como advogado, como jornalista e como orador, foi um dos vultos mais brilhantes de Goiás.

M A R I N H E I R O

MARILDA PALÍNIA

Quanta vez me perguntei a mim mesma a razão de ser do meu encantamento — quasi menina ainda — por êsse estranho Pierre Loti, eterno caminheiro das largas estradas marítimas, e enamorado eterno das paisagens exóticas e distantes.

Nunca me pude explicar porque Pierre Loti era para mim o escritor único, impar, que me trazia presa ao fascínio de suas palavras dolentes, evocadoras de estranhos mundos e de seres quasi irreais.

Seria o paisagista inimitável, cuja pena era um pincel mágico, transfigurando as terras que evocava, nimbando-as de mórbido encanto?

Seria a "atração do desconhecido", a grande "poesia das águas largas", ou seria, ainda, a sedução da aventura, a vida volúvel de marinheiro, deixando, indiferente, em cada pôrto, um coração e um amor, saudade vaga, branca esteira de espuma que acompanha um momento o barco passageiro?

Não sei . . . Mas, durante anos, tive a obsessão dos longos cruzeiros e "vivi" em pleno mar.

"Fui" o pescador da Islândia e "fui" madame Crisanteme, frágil, leve, pequenina, preciosa porcelana japonesa . . .

Visitei o Oriente, admirei os coruscantes poentes de Stamboul e chorei as desventuras amorosas de Aziyadé e Djénane.

E o mar, que eu não conhecia vivendo em cidade sertaneja encravada no coração do Brasil, foi o meu sonho delicioso, miragem impossível como as fantasias de Loti.

Entretanto, ao sol posto, no céu distante, muitas vezes me absorvi na contemplação do mar, que eu "via" imoto e bonançoso, barrando o horizonte misteriosamente.

* * *

Volveram os anos. Minha vida mudou e eu mudei também.

Pierre Loti deixou de ser o meu escritor predileto. Deixou mesmo de ser um escritor que eu "pudesse" ler.

E muito tempo depois, um dia, ao ter nas mãos "Aziyadé", a pungente história de amor da linda oriental de olhos verdes, achei naquele romance um quê de artificial e gasto, que me desagradou profundamente.

* * *

Cousa estranha! O mar voltou a ser minha idéia fixa. Enche-me de novo o espírito numa obsessão quasi dolorosa.

Mas, debaixo o procuro, ao sol posto, no horizonte longínquo. A sua miragem fugiu-me dos olhos para sempre, embora continue a povoar-me o pensamento e a esombrar-me o coração.

E' que um filho, nascido e criado longe do litoral, prêso à terra forte do sertão, sentiu cedo a vocação do mar.

E não tardou a buscá-lo.

Hoje veste, com orgulhosa alegria, a farda de naval, feliz de cursar "essa escola de energia e bravura", que é a vida de marinheiro.

Com que entusiasmo não me descreveu êle o primeiro encontro com o seu grande amigo desconhecido, o mar, "o belo mar, selvagem"!

Com que enlevo não me fala da "sua" Escola, ninho de alciones, incrustado na safira líquida do oceano!

Será êle quem vai realizar os meus sonhos de menina.

Será ele quem irá conhecer distantes paragens, vestidas de luz ou veladas de brumas.

Será êle quem visitará metrópoles famosas, cheias de mulheres de perturbadora beleza, flores de civilização dasabrochando em painéis de raro esplendor.

E será êle quem dominará o monstro glauco, de cóleras tremendas, vivendo, entre o infinito azul do céu imenso e o verde infinito do imenso mar, a vida livre e aventureira de marinheiro.

* * *

E Pierre Loti continuará cantando aos meus cuídos a balada misteriosa do mar, sem que, contudo, a doce melopeia possa hoje, como outrora, me adormecer o inquieto coração.

○ Presidente Getúlio Vargas, com o golpe de 10 de Novembro, redimiu o Brasil. Abriu novas rotas na frente dos destinos brasileiros e evitou, com patriotismo, que recaíssemos na mesma dolorosa situação, em que nos achávamos na época pré-revolucionária de outubro. Em 1937, a situação brasileira não era lisonjeira. Os costumes políticos eram péssimos e o país estava servido por um Congresso já bastante inclinado às corrupções de outrora. O Estado Nacional surgiu, assim, como uma aurora, como uma cristalização das necessidades brasileiras, como um grande benefício para o Brasil — PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

EM vez de individualismo, sinônimo de excesso de liberdade, e de comunismo, nova modalidade de escravidão, deve prevalecer a coordenação perfeita de tôdas as iniciativas, circunscritas à órbita do Estado, e o reconhecimento das organizações de classes, como colaboradoras da administração pública — GETÚLIO VARGAS.

Ministro
Marcondes Filho

Não poderíamos, neste mês de maio, cujo primeiro dia é dedicado ao trabalho, deixar de, por justiça, prestar as devidas homenagens ao ilustre titular da Pasta do Trabalho, o Ministro Alexandre Marcondes Filho.

E' que Marcondes Filho, à testa do "Ministério Revolucionário", que é como foi batizado o do Trabalho, ao criá-lo o Presidente Getúlio Vargas, vem se revelando um brasileiro à altura do momento, demonstrando um conhecimento exato de nossas realidades e uma visão muito ampla em suas diretrizes ministeriais.

Político militante, ex-membro do Conselho Administrativo de São-Paulo, advogado de longa prática, intelectual esclarecido, o Ministro Marcondes Filho levou para o seu Ministério uma larga experiência de nossas coisas, o que tem sido de grande valia para o Governo, que, diga-se de passagem, nele tem um dos seus mais brilhantes e operosos auxiliares.

Nosso diploma trabalhista, que muito lhe deve, é uma realização admirável do Presidente Getúlio Vargas. Suas palestras semanais, na "Hora do Brasil", são de grande utilidade para os trabalhadores, que nelas muito aprendem e por elas muito se orientam.

Resumindo: — o ilustre autor de "Vocações da Unidade", espírito dedicado às grandes causas nacionais, vem, na direção do Ministério do Trabalho, trabalhando sem esmorecimentos, e com grande eficácia, em prol dos direitos do nosso operário, ao mesmo tempo que lhes mostra o caminho do dever, com o que presta relevantes serviços ao Estado Nacional, de que é um dos vultos mais eminentes.

LITERATOS GOIANOS DO PASSADO

Arlindo Costa

Arlindo Costa tem uma situação de invulgar saliência nas letras de Goiás. Melhor será dizer que nas letras do Brasil Central, pois grande parte de sua vida foi passada em Uberaba, onde é militou, com raro brilho, na imprensa. Foi, mesmo, um dos redatores da admirável revista "A Instrução", ali fundada em 1908, de parceria com Ernesto de Melo Brandão.

Essa revista surgiu com um altíssimo programa: batalhar pelo progresso intelectual da região. "Órgão do ensino público, representante da alma infantil desta terra, "A Instrução" tem por objetivo a educação da infância, isto é: lutar pelo desenvolvimento intelectual e moral dos alunos, facilitando a cada um o meio de aprendizagem e desenvolvendo-lhes o gosto pelas ciências, letras e artes; torná-los amigos da escola e dos livros; inculcar-lhes no espírito o amor à Pátria e à Família e os deveres que têm para com a Sociedade, ensinando-lhes, assim, a serem bons cidadãos, filhos exemplares, etc."

Poeta inspirado, jornalista de grandes méritos, Arlindo Costa deixou, nas letras desta região, uma larga contribuição que revidica, para ele, uma posição de primeira plana entre os literatos goianos do passado.

É da lavra de Arlindo Costa, a seguinte página, publicada na revista "A Instrução", de 15 de novembro de 1908:

Palmeiras de Minha Terra

"Minha terra tem palmeiras,
onde canta o sabiá".

GONÇALVES DIAS

Gonçalves Dias, o príncipe dos poetas brasileiros de seu tempo, na opinião dos mais aceitáveis críticos, foi quem cantou melhor o Brasil, nos seus primorosos versos, verdadeiras jóias da literatura brasileira.

Estava ele no Velho Mundo, quando, saudoso da Pátria, cheio de nostalgia, escreveu a mimosa poesia "Minha Terra", que se me afigura umas das mais lindas do poeta maranhense, já pela singeleza e brandura dos versos, já pelo grande amor patriótico que ela revela.

Quem, como eu, nasceu na terra das palmeiras, é que sabe amar os adoráveis versos de Gonçalves Dias. Goiás, o coração do Brasil, como muito bem disse Higinio Rodrigues, seu extremoso filho, de saudosa memória, é também o berço das elegantes palmeiras.

Em suas verdejantes campinas, onde vicejam as mais variadas famílias de flores, lírios multicores que desabrocham no fundo dos vales, perfuminas que embalsamam a atmosfera de suavíssimos aromas, açucenas mimosas abertas à beira dos caminhos, etc., elevam-se os buritizais sussurrantes, formando verdadeiras avenidas natu-

rais nas margens das nascentes e dos regatos que murmuram, correm e fogem serpenteando por entre as relvas luxuriosas daquela natureza rica, sadia, vigorosa, inigualável.

Na minha terra cidades há cercadas de buritizais que lhes servem de adornos, formando os mais belos e admiráveis bosques.

Neste número estão Pirancanjuba, meu adorado berço, e Bela-Vista, formosas e cultas e florescentes cidades sul-goianas.

.....
Como são belas as plagas
da minha terra formosa!
Que lindas são as palmeiras,
que relva tão perfumosa !

Há muitas flores bonitas
pelas campinas gigantes;
Há tantos, tantos, tão vastos
buritizais sussurrantes . . .

Pelas flores das sombrias
soltam queixumes de amores
os sabiás inspirados,
das selvas ternos cantores . . .

.....
Quem não aprecia, não admira,
não contempla a elegância e a majestade natural da palmeira do deserto ?

Ela foi, é e será sempre o encanto da vegetação e a beleza dos campos e florestas do Brasil.

1908, Uberaba.

"Goiânia"

O "Grêmio Teatral Pedro Ludovico", importante instituição cultural desta cidade, vai, breve, reiniciar as suas atividades, o que constitui, sem dúvida, motivo para geral contentamento.

O teatro, desde tempos imemoriais, foi sempre utilizado como um instrumento político de edificação nacional. Os gregos, compreendendo-lhe todo o valor e capacidade de sugestão, dele se serviram em sua crítica de costumes e em sua pregação política, por ele mostrando ao povo os caminhos do bem e da verdade. Entre nós, agora, tem também o teatro servido de excelen-

te veículo à obra cultural que se vem realizando no país, estando aí, a comprovar a assertiva, o "Teatro de Guerra" e o "Teatro Popular", amparados pelo Governo Central.

Também o eminente Intervenitor Pedro Ludovico, que muito tem feito pelo levantamento do nível cultural de nossa gente, ainda aqui não deixou de aparecer com o seu apoio. Daí, o "Grêmio Teatral Pedro Ludovico", cuja atividade, embora intermitente, tem sido das mais úteis.

O comentário vem ao ensejo da "reprise", anunciada para breve, da peça teatral "Goiânia", de autoria de Vasco dos Reis, o vitorioso intelectual goiano. Trata-se de um trabalho magnífico,

em que se põe de relêvo o significado profundo da realização máxima de Pedro Ludovico, essa "Goiânia" que D. Aquino denominou: "flor miraculosa do Estado Nacional". "Goiânia" foi reformada, para melhor, e, por isso, estamos certos, a sua próxima apresentação alcançará sucesso maior, ainda, que a anterior.

○ Estado Nacional surgiu de um grande impulso das forças de nossa própria história. Fê-lo nascer o sentido da ordem, que informa todas as transformações da nossa história, cujos marcos da evolução pacífica foram a Independência, a Maioridade, a Abolição e a República — AGAMENON MAGALHÃES.

POLÍTICA INTERNACIONAL

Que tínhamos a ver com esta Guerra ?

Por MATA TEIXEIRA

Porque entramos nesta guerra, que, como, muitas vezes, certo ou errado, já afirmamos ser a maior das revoluções mundiais; e porque ingressamos nesta luta apocalíptica de titãs quando tudo era nebuloso e ela atingia o seu climax; porque nos encontramos ainda num período em que se por um lado é certa a vitória das democracias, por outro lado são uma incógnita as condições de paz, alguns brasileiros, oportunistas, conciente ou inconcientemente a serviço do inimigo, perguntam, cândida ou cinicamente, por que entramos na presente conflagração.

Nossa entrada nesta, afirmam estes iluminados, que supõem ter em cada canto de suas casas um pequeno Itamarati, foi um erro, e disse já sã exemplo o sacrifício de nossos aviadores na Itália e o embarque de nossos soldados do exército expedicionário, quando é certo que, provocando a inversão da lei de seleção natural, o Moloc só quer carne moça, sadia e dos mais capazes.

E' preciso de início se lembrar que esta guerra nos foi imposta e ela nada mais é que a repercussão do grito de vingança das dezenas e dezenas de brasileiros, e que fosse um, que os nazistas esconderam covardemente no fundo do mar.

Mesmo não se houvesse verificado esse atentado, esse assassinio frio, inominável contra os súditos de uma nação reconhecida pelo seu pacifismo, mesmo assim não podíamos ficar indiferentes a uma luta em que se jogam não os destinos deste ou daquele povo, deste ou daquele continente, mas os destinos da civilização, a sorte da humanidade.

Lamentemos apenas não termos chegado mais cedo ao palco, hoje não mais com meia dúzia de atores, que a platéia está ficando cada vez mais vazia. Pouco importa continuem uns poucos espectadores se enriquecendo, à custa do sangue que corre do proscênio, se é incontestável que ali está se decidindo o destino de atores e espectadores.

Foi ante essa pergunta teoricamente sublime, mas estulta na realidade hodierna. "por que guerra?", que o nazismo, que, diabólicamente, perguntava "para que paz?", conseguiu atear fogo na Europa e incendiar todo o orbe.

Mesmo entre indivíduos da mesma coletividade não raro pratica legítima defesa aquele que toma a iniciativa do ataque.

E isso nos faz lembrar a profecia da sentença de Litvinoff, em Genebra, bem antes da guerra, mas quando a Itália já digerira a Abissínia e a Alemanha se banquetava com sua primeira vítima, quando o príncipe dos diplomatas modernos dizia des-sassombradamente que melhor uma

guerra então que uma guerra inevitável e mais terrível amanhã, amanhã este que é o hoje iniciado em 1939. O hoje do "papasha" Litvinoff dos russos já vai mui longe e o seu amanhã já começou há muito tempo.

Litvinoff compreendeu clarividentemente que a declaração de guerra da Alemanha ao mundo era fatal, e que a legítima defesa seria o ato de se precipitar esta guerra, levando o inimigo comum a sair a campo antes de atingir o máximo de sua preparação bélica.

As democracias gritam, porém:—"para que guerra?" E Chamberlain lançava moda pelo mundo:— o seu famoso guarda-chuva. E o nazismo se fortalecia, lançando-se sobre os pequenos para, fortalecido, poder devorar os grandes.

Ao fazer a crítica do nosso papel nesta guerra, não poucos são aqueles que procuram depreciar o nosso concurso como aliado. Fazendo côro com muitos estrangeiros, confirmando, dissolventemente, que somos uma raça inferior, uma sub-raça mesmo; que somos indolentes; que o homem de além-mar é que é inteligente e trabalhador, conseguimos a vitória de um absurdo:— a criação entre nós de um complexo de inferioridade.

Ora, é sabido que a subestimação de valores; como seu extremo, a super-estimação têm acarretado os maiores erros desta peleja.

Foi por ter subestimado o valor da China que o Japão tem aquele grande povo como um osso parte na garganta, parte fora; foi por ter subestimado o valor do Japão, que os Estados-Unidos sofreram no Pacífico espetaculares derrotas e só começaram a obter triunfos quando se compenetraram da força do adversário; foi por ter subestimado o poderio moral do desarmado povo britânico, enquanto, é verdade, superestimava seu poderio militar, que a Alemanha perdeu a batalha da Grã-Bretanha; foi por ter subestimado a Rússia, sob seu aspecto moral e militar, que a Alemanha se suicidou nas estepes russas.

Grande é o papel que vimos desempenhando nesta guerra, da mesma forma que grande é o papel que nos está reservado no após-guerra.

Não fôra o Brasil aliado, e os anglo-americanos não teriam conquistado as vitórias fulminantes, assombrosas do norte africano; e os Estados-Unidos teriam grande parte de sua marinha de guerra, escravizada em águas do Atlântico Sul. O ventre de nossa terra se convulsiona em milhares de crateras, fornecendo matéria prima para vitória, da mesma forma que para esta vem contribuindo sua superfície, com o produ-

to de nossas colheitas; e a Mãe brasileira, em holocausto à Mãe-Pátria, está enviando seus filhos para o "front".

Não conhecemos soldados mais valerosos que nosso. E' que só nos batemos por causas sagradas.

E hoje lutamos pela causa sacrosanta da Liberdade.

Entramos na guerra porque fomos agredidos, porque queremos defender nossa soberania, nossa dignidade e porque a neutralidade presentemente significa a prestação de valiosíssimo serviço aos inimigos das Democracias.

Devíamos e tínhamos de ser partícipes dessa pugna descomunal em que, através de reações as mais variadas, se processa a maior transformação social da humanidade.

Tínhamos de estar acordados, para que a nova alvorada nos encontre como um dos propugnadores de sua vinda.

E' certo que muitos, mesmo dos que defendem nossa causa comum, se acham petrificados, estratificados, olhando para trás, sonhando com a criação e perpetuidade de imperialismos, como se o não extermínio destes não importasse em transformar esta guerra, que todos esperamos ser a última, em a segunda de uma série infinita.

Ainda há bem pouco, entre contristados, estarrecidos e indignados, ouvimos um cabo aliado, exímio estrategista da guerra, mas detestável estrategista da paz, prognosticar permanência de antigo e criação de novo império, esquecido de que esta conflagração está a destruir dois grandes inimigos do homem: — o nazismo e o imperialismo. Igualmente, muitos estão despercebidos de que o grande capitalismo privado tem de desaparecer, após essa pleto-ria que o ataca no momento, da mesma forma que muitos diques se têm rebentado pelo excesso de água. Porque não mais poderá haver capital que não venha do trabalho, que nasça da especulação, da exploração de um indivíduo por outro; porque só é honesto o capital nascido do valor, da capacidade de cada um.

— Por que entramos nesta guerra?

Respondemos:— entramos nesta guerra porque ela é dirigida contra o nazismo, que quis escravizar o mundo e que é sinônimo de Escravidão. E combatemos pela nossa liberdade, da mesma forma que somos pela liberdade de todos os povos do mundo.

Mais tarde, no balanço de valores que contribuíram para a vitória da Civilização, da Liberdade, da Democracia, verificar-se-á que o Brasil contribuiu com porcentagem imensa.

À MARGEM DA VIDA JURÍDICA

A cruz das sepulturas os reconciliou

— José Campos —

Lá nas grimpas da serra de S.-Geraldo, no Estado de Minas-Gerais, num dos seus contrafortes, à beira de um penhasco, vê-se, de longe, uma cruz branca de madeira erguida sôbre seixos cobertos de espessa camada de sebo.

De vez em quando, nas noites límpidas e serenas, pequenas luzes tremeluzem em torno dela, iluminando-a tôda.

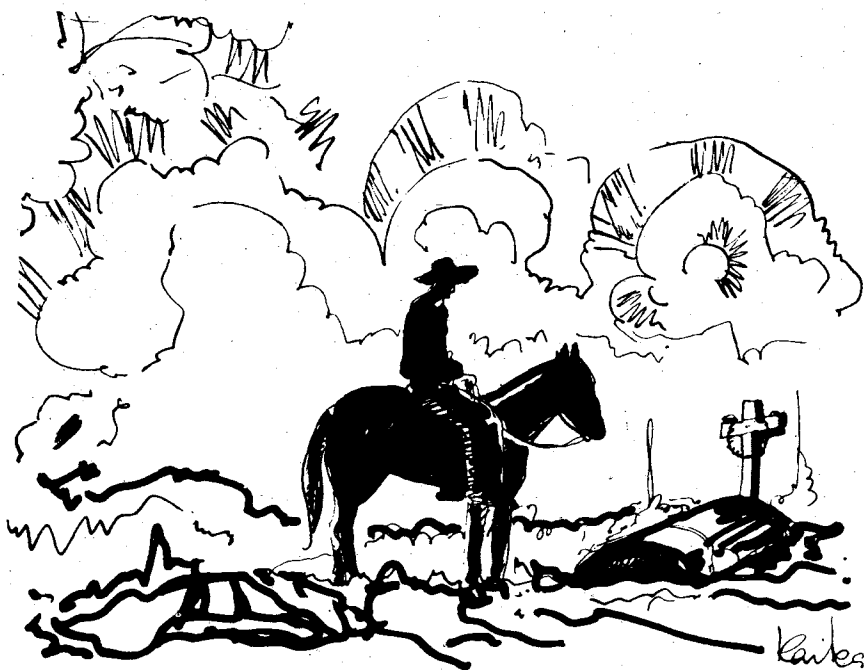
Os habitantes da redondeza, ao vê-la assim resplandecente lá no alto do rochedo, já sabem que, naquele dia, ali esteve alguma jovem cumprindo um voto ou rezando pelas almas dos que jazem naquele lugar, pedindo-lhes, ajoelhada e em profundo enlêvo, que a não deixem ficar solteira no mundo...

Ao afastar-se, certa de ter conseguido o que tanto acalentava no coração, deixa flores espargidas sôbre os túmulos e, em torno da cruz, velas acesas sôbre os fragmentos de rochas que, amonoadas, a sustentam. Aqueles que jazem ao pé dessa cruz se tornaram santos casamenteiros da região, e os milagres por êles feitos nesse sentido, maiores que os de Santo-Antônio, correram mundo e adquiriram tal fama, que muitas donzelas viajam léguas e léguas para o cumprimento de um voto em agradecimento ao que por elas fizeram quando invocaram os seus nomes, cu fazer-lhes comoventes pedidos de intercessões.

— E quem são êsses santos milagrosos que as jovens tanto admiram e veneram?

Era numa fria manhã de junho de 1855. Sentada sôbre uma rocha, aquecendo-se ao sol, Edina olhava, triste, para o lindo panorama que se lhe descortinava: Lá em baixo, os meandros graciosos de um limpo regato numa pradaria esverdeada, tendo ao fundo o casario esbranquiçado de um vilarejo; ao longe, os alcantís meio cobertos por nuvens baixas e cinzentas, encimados por um sol radiante.

Os raios solares, projetando-se sôbre as suas gentis faces rosadas e a longa cabeleira loira e ondeada que lhe caía docemente pelos ombros, deixando reluzir dois grandes olhos azues, davam-lhe um aspecto angélico e encantador, numa confirmação plena do que estava na voz do povo, de ser ela a mais formosa das formosas jovens das cercanias.



Cantava sempre e de tal forma suave que viandantes, ao passarem pela estrada próxima, retinham ou diminuíam seus passos para ouvir, enlevados, sua meiga voz. E é de tradição entre os camponeses que, numa dessas onde costumava ficar, os passarinhos, ao verem-na, corriam para lá em revoada, e, saltitando pelos galhos, entoavam melodiosos cânticos em louvor da mais bela aldeã.

Nessa altitude melancólica e contemplativa em que se achava, com as mãos entrelaçadas apoiando um dos joelhos, é tomada de um grande susto ao sentir seus olhos serem suavemente vendados por mãos acariciadoras de alguém que, por detrás dela, chegara de mansinho.

Ao reconhecer a pessoa que a envolvia assim tão meigamente, solta, trêmula, uma exclamação surda, e diz:

— Tu, aqui, Jorge! Foge depressa pelo amor de Deus que papai pode aparecer!

Já havia muito tempo que se amavam e, quando se viam, seus corações batiam aceleradamente, subindo-lhes o sangue às faces. Depois punham-se a olhar um para o outro ternamente, esquecidos de si e do mundo. Os seus pensamentos estavam sempre voltados um para o outro e, em horas certas do dia, acenavam-se à distância, ela, sorridente, lá de cima do penhas-

co onde está erguida a cruz, com a mão suspensa, em adeus, e, êle, lá em baixo, ao pé de um velho coqueiro, com o chapéu erguido, em giro, vibrante de entusiasmo.

E êsse amor crescia cada vez mais porque seus respectivos pais, alimentando um ódio antigo, em atitudes irrevogáveis, cavaram um abismo intransponível entre êles de forma tal que seus corações, na maneira por eles desejada, nunca se aproximariam um do outro.

São desses paradoxos inexplicáveis em que o obstáculo que se lhes antepunha, em vez de arrefecê-los e fazer esquecerem-se, os incentivava cada vez mais nessa onda recrudescente de amor, tornando a figura, a imagem fulgurante de um, a idéia fixa do outro.

E' que seus pais, por uma antiga rixa sôbre a divisão do quinhão que deu origem às suas herdades, se tornaram, desde êsse dia, inimigos ferrenhos e irreconciliáveis.

— Prefiro vê-la morta, dizia impulsivamente Francisco de Paula à Edina, sua única filha, a quem amava com tôdas as veras d'alma, que vê-la unida ao filho de Belisário Costa! Essas eram as mesmas palavras que Jorge, também filho muito querido e único, ouvia de seu pai, muito irado, relativamente à filha de Francisco de Paula.

Jorge, ao vê-la assim assustada e aflita, esforça-se para acalmá-la,

pega-lhe as delicadas mãos e, comovido, em atitude contemplativa para com ela, lhe sussura:

— Momentos como estes, Edina, são raros entre nós. Meu pai saiu, e vi o teu subir a encosta do outro lado do córrego, na direção da mata. Aproveitei, então, do ensejo para ver-te e mitigar as saudades. Há quanto tempo não nos viamos?

— Não sabes que meu pai é capaz de matar-te si te vir junto de mim?

— Bem o sei. Mas, como faremos, Edina, para realizar os nossos sonhos e sair, assim, dessa tormentosa situação em que nos encontramos? A minha vida sem a tua seria a eterna e gélida negritude da noite baixando sobre a terra, sem um brilho no céu. Seria a solidão, a tristeza em torno de mim. Como poderia viver num mundo destes sem ti?

— As coisas vão de mal para pior, Jorge. Parece que todos os fados conspiram contra nós. Papai, ontem, deu a entender-me que o primo Raul pretende casar-se comigo. Não dormi e chorei muito esta noite. Casar-me com outra pessoa a não ser com a tua, juro que tal coisa nunca farei!

— Edina! exclama Jorge, com os olhos vidrados de comoção, apertando-lhe efusivamente as mãos que tinha entrelaçadas às suas, ao ouvir estas palavras.

— Que Deus se compadeça de nós, continuou ela, e nos guie nessa tormentosa estrada por que seguimos. És, Jorge, a única pessoa que meu coração elegeu para estar ao meu lado no resto de minha vida. Ó, como seria belo o viver! Como seria esplendoroso este mundo em que vivemos se o conseguísse! Ao proferir estas palavras, Edina volta o rosto para o lado de sua casa, e, tremulante, vê seu pai dirigir-se para o lado em que estavam.

— Vai-te depressa! Meu Deus! — diz a Jorge numa comovente aflição.

Jorge nem tempo teve para despedir-se de Edina, e, num instante, corre velozmente, caindo aqui e ali, pela serra abaixo.

Francisco de Paula, possesso, grita para a sua filha, ordena o seu regresso a casa e, se nesse dia não houve consequências graves, foi graças à dona Mariana, mãe de Edina, que ali apareceu inesperadamente como que tivesse previsto tudo. Francisco de Paula, em seguida, pega um animal, arreia-o, cavalga-o e toma a direção do "Córrego-Fundo", onde residia seu irmão Antônio, pai de Raul.

Desde esse dia não mais trocou uma palavra com a filha, passando a andar taciturno, cabisbaixo.

Três dias depois desse fato, dona Mariana chama Edina e lhe anuncia que seu casamento com Raul estava marcado para dali a 18

dias. Edina, ao ouvir essas palavras, torna-se lívida, leva as mãos ao rosto, chora amargamente, e diz à mãe em palavras entrecortadas:

— Casar-me com quem não desejo, nem amo? O', não, minha mãe, é demais! Que Deus se apiade de mim!

— Teu pai o quer e tudo já está preparado, minha filha. Não ha poder agora que possa demovê-lo de suas pretensões. Conheces muito bem teu pai e sabes como é voluntarioso. Que fazer?! — responde-lhe a mãe condoida de sua situação, sem poder fazer nada por ela, nem ao menos entornar-lhe no coração o bálsamo da esperança.

No dia anterior ao casamento havia uma grande azáfama na fazenda de Francisco de Paula: Matronas para os adôrnos, doceiras e cozinheiras mais afamadas da redondeza e ajudantes voluntárias, já lá se encontravam num vai e vem incessante, de encontrões umas nas outras, e uma tagarelice tal que punham a casa toda em grande reboliço. Meninos e meninas, no meio de uma poeira e algazarra infernais, varriam os terreiros. Muitos homens, íntimos da casa, também para lá tinham acorrido, uns, aparelhando mesas no quintal, entre as laranjeiras e marmeleiros, para o banquete e armando suntuosos arcos de bambús às principais entradas; outros, à beira do régo d'água e da bica, matando, pelando e lavando leitões para serem assadas na manhã seguinte. Reinava completa alegria em toda a fazenda e de vez em quando, numa incontida antecipação, foquetes pipocavam no ar, para gáudio da meninada. Só lá em cima, num dos quartos do sobrado, é que a tristeza reinava por completo. Deitada de bruços sobre o leito, Edina soluçava sem cessar, procurando um caminho para a resolução de sua triste e precária situação. Em dado momento, levanta-se, enxuga as lágrimas que lhe molhavam o rosto, esforça-se para ter outra aparência, chega à janela com um ar forçado de alegria, e chama a Enéas, um pretinho de sua confiança e confidente de seus amores; escreve, depois, muito cautelosa, um bilhete, que lê e relê, e, com as recomendações habituais, o coloca por dentro de sua camisa para ser entregue a Jorge. O pretinho, disfarçadamente, assobiando, com o bilhete entre o corpo e a camisa, sai correndo na direção da casa de Jorge que, depois de pequena espera, lhe deu outro em resposta ao dela.

Já quasi meia-noite, dona Mariana, muito cansada com os preparativos da festa a realizar-se no dia seguinte, se dispõe a deitar-se mas, antes de fazê-lo, vai à procura da filha, zelosa como tôdas as mães,

para verificar como passava ela. Entra no quarto pé ante pé seguindo uma candeia numa das mãos, mas o encontra vazio, com o leito revólto. O vestido de noiva, que se encontrava no cabide envolto num lençol, não mais se encontrava lá. Um grande pressentimento logo se lhe apodera, empalidece, estremece-se toda e, como louca, chama pelo marido. Saem, ambos, desatinados, a gritar pela serreria e vales, com as candeias acesas nas mãos: Edina! Edina! E, em resposta, as quebradas a fora respondiam com um eco longo, triste e como vedor:

E-di-na! E-di-na!

A constelação de Orion, com as três Marias, e, mais adiante, Sirius, pareciam nesse dia possuídas de um resplendor fora do comum. Durante toda noite vasculharam a serreria, num desespero impressionante, em gritos angustiosos, lancinantes, sem que pudessem encontrá-la.

Ao romper do dia, com o céu matizado de rosicler, uma cena das mais impressionantes que se descrever possam, surgiu, ante seus olhos atônitos, lá em baixo no precipício: Edina e Jorge, ela vestida de noiva, tinham-se atirado, abraçados, pela rocha íngreme, numa despedida eterna deste mundo que lhes foi tão ingrato e cheio de lágrimas. E abraçados ainda se conservavam lá em baixo, ela, cingida com uma grinalda de flores de laranjeira, símbolos da pureza, e, ele, com vários botões na lapeia de um terno de noivado.

Casaram-se ante o céu que os abençoava, invocando, por certo, o nome de Deus para que pudessem viver eternamente num mundo melhor, e as cenas idílicas que, em seguida, se passaram, só as rutilantes estrelas poderão contar . . .

Um bilhete muito sucinto foi encontrado ao lado dos cadáveres, numa letra nervosa, emanada dos punhos de Edina:

— "Nossos pais:

Perdoai-nos o que fizemos e não lamenteis a nossa morte. Deus tirou-nos deste mundo de incompreensões para sermos felizes junto d'ele. Desejamos ser enterrados um ao lado do outro no lugar de onde nos atiramos. Foi nele que passamos os melhores instantes da nossa vida! . . . Adeus! Jorge, Edina".

Foram enterrados, como pediram, um ao lado do outro no lugar de onde se atiraram e, à cabeceira de suas sepulturas, sob cânticos religiosos, foi plantada uma grande cruz, que fica sobranceira às serras e vales da região.

E algumas vezes, à meia noite dos dias seguintes, os habitantes da serra viam, ao lado da cruz, um

esbelto e alvo vulto, todo nimbado, com uma das mãos erguida para o céu, a acenar lá para baixo onde se erguia o velho coqueiro . . . Era Edina, diziam, acenando para Jorge.

Justamene depois de um mês dessa fatalidade. Francisco de Paula, alquebrado, moido de remorsos, numa noite em que um lindo luar iluminava tôda a serra, colorindo-a de prata, em que as estrelas, num céu límpido, brilhavam com um fulgor nunca dantes visto, dirige-se, cabisbaixo, para a cruz cravada à beira da sepultura de sua idolatrada filha. Numa coincidência que parece ter sido preparada pelos céus, vê outro vulto, cambaleante, que para ela também se dirigia.

Reconhece-o. Era Belisário Costa.

Ajoelham-se ao pé da cruz, persignam-se e oram. Ao levantarem-se, instintivamente um encara o outro, e lágrimas amargas de sofrimento deslizam-se sem cessar e em jorros pelas suas faces macilentas. Como que impulsionados por uma força oculta, abraçam-se, num amplexo comoyente, muito fraterno, em convulsivos chôros.

A cruz das sepulturas os reconcilia.

A Constituição de 10 de Novembro não é agnóstica. Ela reconhece ideais e valores, e retira-os do forum da livre discussão. São valores indiscutíveis, porque constituem condição da vida nacional. Se, com isto, um futil intelectualismo é privado do prazer de dansar em público com certas ideias elegantes e suspeitas, a Nação ganha em substância, em consciência de si mesma, em tranquilidade, bem estar e segurança — FRANCISCO CAMPOS.

O Estado Nacional procedeu a um verdadeiro reajustamento de nossas categorias existenciais. Reajustamento vertical e horizontal, eis que partiu de uma filosofia política, e, seguindo os seus cânones, foi incidir em uma nova economia política, depois de passar, consequentemente, por uma nova sociologia política. Estado vivo, orgânico, teleológico, — em duas palavras, *Estado pedagógico*, deu ao país estrutura definida e à atividade nacional motivos determinantes e finalidades positivas. Descobriu causas, traçou caminhos, desenhou planos, fixou metas. Descortinou ao povo suas razões nacionais de existir, deu-lhe um modo nacional de ser, apontou-lhe objetivos nacionais a atingir — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

BELKISS ORSINI SPENCIERI



Uma vitória expressiva acaba de conquistar, no Rio, a jovem pianista goiana, senhorinha Belkiss Orsini Spencieri, que, submetendo-se a exame no Instituto Nacional de Música, conseguiu, entre oitenta candidatas, alcançar o primeiro lugar, entrando, de logo, no oitavo ano daquela famosa Casa de ensino.

Trata-se, sem dúvida, de um feito magnífico de nossa conterrânea, que, assim, elevou muito alto o nome de Goiaz.

Belkiss, que hoje conta com apenas dezesseis anos de idade, constitue, assim, no mundo da arte, uma das nossas mais promissoras esperanças.

Ao assinalar essa ocorrência, não poderíamos deixar de lembrar o nome da sra. da. Maria Angélica do Couto, a cuja dedicação e ensinamentos muito deve Belkiss de seu triunfo esplêndido.

Registemos, ainda, que o sr. Interventor Pedro Ludovico, por alguém já qualificado como o Mecenas goiano, concedeu uma subvenção a Belkiss, para custear seus estudos no Rio, o que revela o aprêço que se exicia, tem pelas coisas da cultura.

Finalizando, levamos à jovem e distinta conterrânea — que, digamos ainda, alcançou distinção em tôdas as matérias em que foi examinada — as nossas entusiásticas e sinceras felicitações pelo feito estupendo, que encheu de satisfação a todos os goianos.

LIBERTAS AUT NIHIL !

— Genezi de Castro e Silva —

Sôbre Tiradentes vai perpassando o segundo século, a poeira gloriosa de pouco mais de cem anos de bênçãos e de lembranças heróicas.

Vila Rica, a cidade natal do precursor da independência relembra, em noites soturnas e tenebrosas, a grande história do alferes entusiástico e temerário.

E, no coração de cada um de seus patrícios, renova-se o drama de continuo lamentado e sempre bendito.

Era ainda no tempo em que a natureza, pródiga, fazia surgir da terra, oiro em proporção considerável; o luxo aumentava sempre, com sério prejuízo para a moral um tanto depedrada, consequência quasi que necessária da ociosidade e moleza perniciosas.

Ia-se amontoando a riqueza, considerável, para servir, além do oceano, à metrópole egoísta.

E a terra cansava-se de dar; queria ser tida em conta, reclamava uma personalidade.

Vieram as idéias de Rousseau, sempre desejoso de estabelecer reformas; Montesquieu inspirado em falsos princípios de filosofia e Voltaire, imbuído de incredulidade suscitaram, nos corações brasile-

ros, ainda mais árdusos, as aspirações de independência.

E enquanto os governadores e fidalgos ansejavam pelo prazer, o coração popular, unisono, visava um único ponto: Joaquim Xavier o Tiradentes, era a mira em que se reuniam os ideais, em que se concentrava a confiança.

Leviano, insensato, o chefe amotinado não tomara as necessárias providências: tramava em público, pregava ao povó e glorificava-se em seu papel.

Gonzaga, Alvarenga Peixoto e outros companheiros participam de sua glória; eram auxiliares, sim, mas ajudantes estimulados; eram apenas corações que, sem o cabeça-cousa alguma fariam.

E quando Tiradentes, crendo fazer progredir sua causa, viajou para o Rio, não poderia suspeitar que se encaminhava para o fim ignominioso e, no entanto, tão belo em sua seqüência, tão justo em sua glória tardia.

Ergueu-se, no campo de Lampadosa, em noite tenebrosa e sombria, agourenta e trágica, o negro tablado de onde surgiria profético e patriótico, o dístico — Libertas aut nihil!

Foi em 21 de abril de 1793.

nistrativa que assinalava a época em que liberais e conservadores feriam as mais impressionantes justas pela posse do poder, o presidente da província de Goiaz falla sôbre as comunicações fluviais e, referindo-se ao que havia feito, deixou pingar o seguinte trecho, tão expressivo e tão comovedor.

“Chamo a atenção de v. excia. para esta matéria, na qual muito trabalhei, mas que, sem o esforço de v. excia. e de seus sucessores, terá de retroceder ao ponto em que eu a encontrei, e talvez ainda mais, o que verei com dor de qualquer parte em que eu esteja, não só porque do seu desenvolvimento depende a prosperidade desta província, e do interior do país, como porque é natural ao homem sentir que trabalhou em pura perda, e eu trabalhei muito com o espírito e com o corpo, como a v. excia. é patente e tanto que, quando me vierem as cãs da velhice, eu hei de ter algumas por conta do Araguaia”.

Couto de Magalhães, em sua permanência na direção dos destinos administrativos de Goiaz, semeiou benefícios a mãos cheias em todo o sertão. Obteve o auxílio do Governo Imperial para a navegação fluvial, para a conclusão de estabelecimentos de ensino e para a conclusão das obras do Seminário de Goiaz. Fundou o presidio de Jurupensen, nas margens do rio Vermelho, construiu estradas de rodagem para Jurupensen e Leopoldina, construiu o pârto fluvial desta última cidade e fundou as povoações de São-José-do-Araguaia e Monte-Alegre.

Nas efemérides goianas deste mês, Couto de Magalhães é lembrado com amor e com simpatia, creador incontestável da gratidão de todos os goianos. Foi a 28 de maio de 1868 que se inaugurou a navegação do Araguaia. O ato festivo realizou-se em Leopoldina e a êle compareceu tudo quanto Goiaz possuía de mais saliente e representativo. O primeiro vapor, constante da flotilha que Couto de Magalhães mandára buscar em carros de bois, em Mato-Grosso, largou ferros de Leopoldina no dia 29 de junho de 1868, chegando ao presidio de Santa-Marinha a 12 de julho, de onde regressou no dia 15 chegando a Leopoldina no dia 9 de agosto.

Na família humana, existem os homens cujos olhos não vêm mais do que o presente. Não transpõem os horizontes. Há outros que devassam as distâncias do espaço e do tempo. Bartolomeu Bueno, Couto de Magalhães e Pedro Ludovico, na história de Goiaz, viram o futuro. Os seus olhos devassaram as distâncias. Viram a vitória de Goiaz, na qual palpita, imensa, a vitória do Brasil.

O 28 de Maio e a Navegação do Araguaia

Na história de Goiaz existem três grandes épocas, assinaladas por três grandes marcos: a descoberta das minas, por Bartolomeu Bueno da Silva; a navegação dos grandes rios, por José Vieira do Couto Magalhães; e a construção de Goiânia, por Pedro Ludovico Teixeira.

A navegação dos grandes rios goianos é uma epopéia brilhante de audácia e de bravura.

José Vieira do Couto Magalhães assumiu a direção da Província de Goiaz a 8 de janeiro de 1863, dedicando-se afincadamente à tarefa de solucionar todos os seus problemas de ordem econômica e financeira e de reivindicar para ella todos os fatores de progresso.

Não cabe aqui, neste simples registro de efeméride do mês, historiar o que foi a permanência de Couto Magalhães no governo de Goiaz. Lembramos, apenas, que o grande brasileiro, além de solucionar o problema da navegação

do Araguaia, além de ir buscar em Mato-Grosso um vapor e fazê-lo boiar sôbre as águas do grande rio, esboçou um plano formidável de navegação fluvial que, até hoje, não se realizou ainda: as comunicações do Pará, via Araguaia; com São-Paulo, via rio dos Bois; com Cuiabá, pelo Taquari.

Ao passar a presidência da província ao vice-presidente João Bonifácio Gomes de Siqueira, o general Couto de Magalhães apresentou um relatório admirável de concisão. “Um ano, disse etc, não é tempo suficiente para que um administrador leve a cabo os melhoramentos que empreende; apenas chega a tomar pé nas questões, e quando as vai conhecendo, as exigências de nossa ordem atual de política requerem a sua transferência, e aí fica em princípio o que empreendeu”.

Depois dessas linhas, que tanto espelham a despreocupação admi-

AS CACHOEIRAS DE GOIAZ, UMA GARANTIA DO NOSSO FUTURO

— ZOROASTRO ARTIAGA —

“OESTE”, esse poderoso farol intelectual que irradia cultura pelo Cen ro-Brasileiro, não quer dispenhar-me do estudo de assuntos econômicos; e, como soldado obediente, não costumo discutir as ordens de comando, razão pela qual, em todos os seus números, sempre compareço com artigos massudos, cheios de algarismos e de termos técnicos. Apesar de não ter a competência necessária, estou procurando suprir uma lacuna, apresentando dados exatos, no intuito de concorrer para o conhecimento de uma região fito-geográfica bastante rica mas quasi desconhecida.

Desta vez, venho tratar das possibilidades econômicas de nossas cachoeiras, o que é assunto para muitos livros e tão para um artigo de revista, a qual pede síntese, a-fim de se dizer muito no espaço limitadíssimo de algumas colunas.

Não desejo tratar de potamografia, nem esta crônica tem pretensões professorais . . . Acredito, porém, com os documentos que posuo, poder contribuir para a elucidação de assuntos importantes para o futuro do Brasil Central, como sejam os do aproveitamento das cachoeiras, para a exploração dos recursos do sub-sólo, das essências vegetais, etc., tudo visando ajudar aos estudiosos das coisas desta região.

A lição da presente guerra, que nos trouxe a mais tremenda crise de carburantes de que temos notícia, deve ser ecaminhada para a previsão do futuro, porque as usinas de electricidade vão predominar, integralmente, com os melhoramentos provindos da experiência destes últimos anos, devido à necessidade de produzir força-motriz e calor, por preços baixos, sem necessidade da dependência do estrangeiro.

Os nossos caudais drenam águas para todos os rumos. Há riquezas sem limites em todas as bacias. Além das quedas d'água em razão dos rápidos desníveis, que dão possibilidades amplas para a construção de geradores de energia, altos-fornos elétricos e imensas realizações no campo da electricidade dinâmica, o Estado de Goiaz tem, ao longo dos rios, depósitos imensos de metais e de minérios, que um dia serão aproveitados em favor da humanidade.

“Cachoeira-Dourada”, “Canal de S. Simão”, “Cachoeira dos Freires”, “Cachoeira da Fumaça” e “Itabocas”, são as maiores, e todas elas

terão, ainda, o seu dia, desde que realizemos o genial projeto de Teixeira de Freitas para o preenchimento dos vácuos demográficos existentes no centro do Brasil.

A primeira — “Dourada” —, tem requisitos para se transformar numa grande central-elétrica, capaz de iluminar todo o grupo de cidades circundantes, eletrificando, ao mesmo tempo, todas as Estradas de Ferro que servem a esta zona. Há, nela, milhões de HP, como os há no canal de “S. Simão”, uma série bela de cachoeiras que derramam, por todos os lados, o volume imenso das águas do Rio Paranaíba, num desperdício doloroso de forças e de energias.

Tratarei, neste artigo, das pequenas quedas d'água, para mais tarde falar das maiores. Começo destacando, na bacia setentrional, as notáveis cachoeiras do “Machadinho”, no Rio Maranhão, com grande potência e volume d'água, a qual é histórica, por ter sido o teatro da famosa hecatombe da era setecentista, quando fizeram a sua barragem para o desvio das águas do Maranhão.

No Rio Vermelho contamos diversas: “Pereiras”, “Zé Rodrigues”, “Travessão”, “Poço - Redondo”, “Ferreiro”, “Camargos” e outras; no Araguaia, acima de Registro, há 32 corredeiras, com grande desnível, muito aproveitáveis e com as maiores possibilidades.

No Rio Claro, bacia do Araguaia, assinalamos 14. No Rio da Palma, bacia do Tocantins, além de inúmeras corredeiras com grande declividade, notamos uma ótima queda, que podera ser utilizada para iluminar diversas cidades.

O Rio Corumbá, afluente do Paranaíba, tem nada menos que algumas dezenas, duas já ocupadas e outras fora do eixo econômico atual; porém, com o progresso, poderão futuramente prestar ao Brasil muitos benefícios.

O Rio das Mortes, na bacia do Araguaia, nos oferece a célebre “Fumaça”, com o potencial semelhante ao da usina de Cubatão, em S. Paulo. Há ainda a do “Fumaçinha”, para milhares de H. P..

No município de Rio-Bonito, destacam-se as de “S. João”, com 50.000 HP; de “Fumaça” com . . . 20.000; e de “Caiapó” com 80.000. Contam-se, ainda, inúmeras outras menores, todas elas aproveitáveis para força motriz.

No município de Itaberaí, nos

rios Urubú e Pedras, contamos cinco, tendo as três mais volumosas capacidade para 15.000 HP, cada uma.

Sta.-Luzia possui a da sua usina, além de outras. Conheço 4 no S. Bartolomeu.

A “Itiquira”, no Bandeirinha, tem 129 metros de queda abrupta dos penhascos e descargas de milhões de litros por minuto. Sua capacidade é para 1.200 HP e serve à cidade de Formosa. É uma das maravilhas do Brasil Central. A cachoeira do “Estreito” tem 38 metros de queda, derrama 500 litros por segundo e possui capacidade para 200 HP. Foi medida pela Comissão do P. Central, juntamente com a “Úrsula”, que tem 80 metros de queda, descarrega 230 litros por segundo e possui capacidade para 200 HP.

No Rio-Preto, que nasce no Planalto, nas proximidades da cidade de Formosa, encontram-se as seguintes: “Facão” e “Cachoeira”, ambas com 7.400 H P. Há outras menores com diversas corredeiras aproveitáveis.

No Pipiripau há também cachoeiras interessantes.

Em Mineiros, há 4, todas elas aproveitáveis.

O Rio das Almas apresenta em seu curso superior 14, sendo 5 dentro do município de Jaraguá. As restantes ficam na parte inferior do rio, confrontando mais ou menos com a Colônia Agrícola Federal. Entre estas são notáveis as seguintes: “Catadupa”, com 33 metros de queda e 25.872 KW; “Taquatuba”, com 66 metros de queda e com 51.744 KW; “Facão”, uma das maiores, que, no entanto, não foi medida, estando situada a 14° 39' 27" de latitude e 5° 7' 06" de longitude L. Apresenta forte desnível.

Catalão, por sua vez, possui as poderosas quedas do “Dourado-Quara”, “Freires” e “Soledade”, todas no Paranaíba, calculadas cada uma com 25.000 HP.

O Rio Veríssimo tem duas muito potentes e várias corredeiras com bom desnível.

Sítio-da-Abadia tem a cachoeira do “Corrente” na Fazenda do Tórto, com 4.000 H. P..

O Rio Paranã oferece muitas, principalmente nas proximidades de Cavalcante. É zona acidentada e pouco explorada, sob o ponto de vista científico.

O Rio Tocantins que, na sua parte alta, tem as principais jazidas de

Luiz Alves de Lima e Silva

minérios, de grande valor estratégico, conta por dezenas as suas cachoeiras notáveis. As mais importantes são as seguintes: "Antas", muito volumosa, fica a 15° 10' e 29" Leste e 6° 18' e 51" W. Long.; "Araras" que está a 15° 30' 59" Lat. e 6° 10' 28" Long. W.; mais abaixo fica a de grande volume e de queda violenta, que o explorador Odebretch batizou por "Pitres" a 10° 0' de Lat. S. e 5° 0' Long. W.; "Três Barras" que está situada a 6° 20' de Lat. S. e 5° 0' Long. W.; "Serra Quebrada" a 5° 30' Lat. S. e 4° 30' L. W.

Tôdas elas dariam poderosas uzinas.

No Araguaia estão as seguintes: "Cachoeira do Campo", que está situada a 8° 53' L. S. e 6) 40' W.; "Cachoeira Comprida", que se acha a 7° 20' S. e 5° 45' W.; "Cachoeira Grande", a 6° 50' S. e 5° 3' W.; "Santa-Maria", que se encontra um pouco abaixo deste ponto; "S. Bento", a 5° 50' S. e 5° 15' W.; "S. Miguel", que fica a 8° 50' S. e 5° 15' W.

No rio das Balsas estão as grandes cataratas do "Fural" e "Mares".

No Dois Irmãos a do "S. André" e uma outra menor. Além das quedas d'água propriamente ditas, os nossos rios possuem "rápidos" de muitos quilômetros, com amplas possibilidades para barragem. De "Sta.-Maria" ao "Sêco de S. Miguel", contamos nove quedas d'água.

A notável cachoeira "Carreira Comprida" tem dez quilômetros e é tôda crivada de rochedos. A do "Tauriri" tem 14 léguas de desnível, é vencida em dez horas e consome 12 dias na subida, a motor.

Pelo resumo acima podemos calcular o imenso potencial com que poderá o Brasil Central fazer o tratamento dos minérios, iluminar suas cidades, alimentar os seus motores e eletrificar a sua alta siderurgia. Por falar em siderurgia, ao lado desses rios há minérios para mil gerações. Tesouros incontáveis. As futuras uzinas, como as grandes centrais-elétricas, fornecerão força para tôdas as utilidades, em futuro não muito remoto. Nessa ocasião o mundo poderá abusar das centenas de milhares de jazidas goianas. Milhões de toneladas de níquel-metal serão utilizados para lastrear as nossas emissões, evitando a desvalorização da nossa moeda; as jazidas de quartzo se multiplicarão com as novas investigações e novos métodos de pesquisas; teremos a exploração sistemática da prata, do ouro, do ferro, do nosso cobre, do titânio, da mica, das pedras coradas preciosas ou semi-preciosas; das esmeraldas puras, do amianto, da bauxita e do distênio; chegará o dia dos minérios de radium; aproveitaremos o rosso mármore, o cobalto, o mer-

Na história do Brasil, nenhuma personalidade mais brilhante nem mais sedutora que Luiz Alves de Lima e Silva.

Natural da Vila da Estrêla, na Província do Rio-de-Janeiro, Luiz Alves de Lima e Silva nasceu a 25 de agosto de 1803 e morreu na fazenda de Santa-Mônica, na estação de Desengano, hoje Juparanã, no município de Valença, no mesmo Estado do Rio, no dia 7 de maio de 1880, com setenta e sete anos incompletos. Essa vida foi tôda dedicada ao Brasil e ao Brasil êle serviu devotada e desveladamente, sem desfalecimentos e sem tibiezas.

Foi o protótipo do soldado, do chefe, do patriota, frizam todos os seus biógrafos e afirmam, também, todos os historiadores que a seu respeito se referem.

Em quasi todos ou, melhor, em todos os acontecimentos brasileiros da época mais agitada de nossa história, do fim do Primeiro Império à Regência e da Regência ao Segundo Império, Luiz Alves de Lima e Silva tomou parte, como diretor, como chefe, como coordenador. Em certo instante, mesmo, êle se defrontou com gigantes. Foi na revolução de 1842, estalada em São-Paulo, no mês de maio, e irradiada, depois, pela Província de Minas-Gerais. Nesse conflito, Caxias defrontou-se com Feijó, o regente do Império, de quem recebera ordens, em tempo.

Entrando em Sorocaba, que era o núcleo central da revolução liberal em S.-Paulo, Luiz Alves de Lima e Silva dirigiu-se à rua das Flores para prender Feijó. E o que se passou entre êsses dois homens, distanciados pelos modos diferentes de querer o Brasil, impressiona pela sua simplicidade e pela sua majestade:

— Só o dever de soldado me impõe o doloroso papel de vir prender o sr. senador Feijó, disse Caxias.

— Estou às suas ordens, respondeu o padre Feijó.

— Quer V. Exa. dar algumas pro-

cúrio, a calcita (excelente minério para cimento tipo Portland); apreciarão ao lado das uzinas colossais as destinadas a beneficiar o crisoprásio (metal verde) — o orgulho de S.-José-do-Tocantins.

Fico por aqui. Voltarei ao assunto, porque a redação não transige com os que abusam da paciência do linotipista, e sou forçado a fracionar o assunto, que deverá ser estudado a prestações mensais.

vidências ou levar alguns objetos? — De nada preciso. Só quero uma esteira para dormir . . .

Quando foi investido da incumbência de pacificar o norte conflagrado pela revolta denominada "Balaios", Caxias fez questão de declarar que era "militar e não era político". A pacificação deveria ser feita em nome dos altos princípios de patriotismo e não em nome dos interesses das fações então litigantes no Brasil.

Mais tarde, quando foi pacificar Minas-Gerais, depois do combate de Santa-Luzia, Caxias, dirigindo-se aos políticos que havia aprisionado, disse-lhes com bonomia:

— Meus senhores: isso é consequência do movimento, mas podem contar comigo para quanto estiver ao meu alcance, exceto soltá-los.

Nas atividades políticas, Luiz Alves de Lima e Silva conservou-se extremo de paixões. Foi um político sereno, fiel ao seu partido, mas reconhecendo nos outros políticos o direito de fidelidade ao partido a que pertenciam. Acima de tudo, porém, era um patriota. Patriota na mais alta e aristocrática acepção do termo.

Escrevendo sobre o Duque de Caxias, sobre êsse admirável "Duque de Ferro", hoje patrono das forças armadas do Brasil, Afonso de Carvalho assinala que Caxias conservou-se, sempre, afastado da política e desse afastamento da política, que era em nossa terra a arte ingrata de somar os votos e dividir os homens, lhe adveio a extraordinária força moral que sempre usou para glória do Brasil e engrandecimento do Exército. Caxias preferiu ficar com a espada do Império. Deu-lhe a ordem que precisava; a pacificação que pedia; os louros que merecia".

Por isso tudo, o dia 7 do corrente, que assinala mais um aniversário da morte do bravo soldado, deve ser lembrado, comovidamente por todos os brasileiros.

É preciso insistir firmemente nesse ponto, de capital importância para uma visão realista dos problemas políticos dos nossos dias: o liberalismo faliu por não ter conseguido realizar a democracia. Faliu por tudo que continha em si de anti-democrático, por tôdas as facilidades que oferecia às pretensões dos egoísmos e das forças inimigas da liberdade, da riqueza e da prosperidade dos homens que compõem a grande massa de energias vivas e produtoras das sociedades — ALMIR DE ANDRADE.

Borba gato

Juruena Di Guimarães

Osório Borba, cousa que não sei se é pseudônimo do homem, ou o homem do pseudônimo, em artigo publicado no "Diário de Notícias" de 26 de abril p. passado, sob o título: "A Religião Pedroludoviquiana", deu um pulo errado. Isto é, atacado da mania mórbida com que os plúmicos da sua espécie entendem de mostrar que vislumbram alguma cousa que esteja situada além do próprio apêndice nasal, arremete com piadinhas, ou miadinhas, contra o Interventor Goiano, servindo-se de frases isoladas de u'a nota publicada nesta revista.

É tão pândego o moço falante, se não miante, que seria um erro lhe não darmos uma respostazinha, para provocar-lhe, mais ainda, os pruridos de exibicionismo. O mundo anda cheio de aflições e tristezas; precisamos arejá-lo com um pouco de humorismo. Vamos, pois, amarrar uma lata vasia na cauda do gato.

Antes, porém, queremos explicar aos leitores que o título destas linhas nada tem com o intrépido desbravador paulista, pois o nosso gato não merece as honras do "g" maiúsculo.

Já que o mocinho teve atitudes tão graciosamente felinas, forçados fomos a batizá-lo, novamente, assim: — Osório Borba gato.

Não se espante o leitor, a felinidade (não sei se existe esta palavra) êle no-la revelou nas entrelinhas do seu artigo, onde não ficou bem esclarecido se é adepto ou, mesmo, integrante de certa ideologia . . .

Procedeu felinamente, mal-roçando. . . ronronando . . .

Como disse antes, não sei bem de quem se trata. Porém, "pelo dedo se conhece o gigante", já dizia Sancho Pança, 3.000 anos antes de Chico Bóia. Vamos, então, conversar com o nosso gato:

— Seu Borba, achei originalíssima a sua idéia de se fazer uma antologia no Brasil: "a da literatura do elogio". E' adoravelmente **borbeana** a sua lembrança! Vou dar-lhe uma sugestãozinha para a futura antologia: um gatinho na capa, vestido de capa, sendo esta de cor indecifrável, entre vermelha e verde . . .

Outra cousa: o sr. é literato e dos bons. Vejamos êste período: "ora, uma revista do **longínquo Brasil Central**, (o grifo é gostosamente nosso) impressa em papel azul celeste, nos fornece uma página dificilmente igualável para a futura antologia".

Azul celeste!... Como o rapaz gostou da cor da revista! Que faceirice é essa, mestre Borba?

Vem cá, meu prezado jornalista, o sr. notou

que o seu artigo vem publicado abaixo de uma notícia intitulada "Borracha virgem", e, ainda, ladeado por dois anúncios de sabonete Dorly e perfume Gally? Adoráveis coincidências...

Agora, escute: o homem que o sr. tentou ridicularizar está muito acima de suas **borbadas**. E' um Administrador honesto e culto, e um idealista puro. Não se colocou onde está, por meios fáceis e falsos, não. Subiu, batalhando pelos seus sinceros ideais libertários. Empunhou as armas e enfrentou os inimigos da Liberdade, aqueles brasileiros tarados que tentaram convélir a estrutura moral da Pátria Brasileira. A atitude dêsse homem que, há quasi três lustros se acha à frente do Governo Goiano, é toda ela gizada, rigorosamente, dentro dos princípios que nortearam a revolução de 1930 e consolidaram o golpe de 1937. E' o Interventor Goiano, repetimos, um idealista, na mais fiel expressão do vocábulo, pois o seu grande desapêgo às glórias do Poder, já por várias vezes demonstrado, e que todo o Brasil conhece, nos autoriza a fazer tal afirmativa. Não é o doutor Pedro Ludovico Teixeira um vaidoso, como o sr., **felinamente**, insinua no final de seu artiguete-abôrto, provam-no alguns fatos que, em rápidas palavras, vamos citar:

Quando se cogitou de dar o nome de Pedro Ludovico à principal avenida da cidade que êle construiu, homenagem essa que o povo lhe queria prestar, foi por êle pedido com insistência, mesmo, que se batizasse a nova via pública com o nome do Estado, e não com o seu, nada o demovendo da recusa.

Ainda, para se inaugurar o seu busto em bronze, no jardim principal do palácio do Governo, iniciativa inteiramente popular, foi preciso que se aproveitasse uma sua rápida ausência desta Capital, para que tal se realizasse. Recusou, também, o doutor Pedro Ludovico a sua eleição para membro-presidente da Academia Goiana de Letras, o tendo feito em caráter irrevogável. Note-se que é o Interventor Goiano médico dos mais ilustres, falando com perfeição vários idiomas, e conhecedor profundo do nosso vernáculo. Não seria estranha, pois, a sua entrada para o sodalício das Letras Goianas, tanto assim, que foi eleito, por unanimidade, para membro da Academia Paulista de Letras.

Vou lhe fazer um convite, meu prezado Borba gato: tomê um dos dois aviões semanais da carreira para esta Capital, e venha conviver alguns dias conosco. Assim, terá o sr. assunto para escrever alguma cousa que construa. Poderá contar aos seus leitores que esteve numa cidade mo-

derna, construída por um brasileiro arrojado e culto, para um povo ativo e trabalhador: poderá dizer que Pedro Ludovico Teixeira é um governante que sabe mandar, sem humilhar aos que o obedecem; que é democrata sem ser vulgar; que sabe ser justo com serenidade e condescendente sem fraquezas.

Está aí o convite, meu caro, mas estou quasi na certeza de que o sr. cá não virá; o gato é um animal teimoso e não gosta de se mudar de casa.

Espero, quasi com impaciência, a minha entrada para a sua **antologia**. Por certo, taxar-me-á, também, de **engrossador** ou de outro mimoso adjetivo **borbeano**. Porém, eu cá me fico, a fumar o meu rico charuto, às suas ordens, para **topar a parada**. Por hoje, o meu até-logo amável (como diria o locutor do rádio). Cante, agora, comigo, de mãosinhas postas, aqueles versos de uma anti-quíssima canção popular: "Senhora dona Sancha, coberta de ouro e prata, descobre o teu rosto que nós o queremos ver".

RETIRADA DA LAGUNA

No dia 8 de maio de 1867, as tropas brasileiras sob o comando do coronel Carlos de Moraes Camisão, retrocedem de Apa-Mi e iniciam essa formidável jornada de dor e de sofrimento que ficou em nossa história com a denominação de "Retirada da Laguna".

Perdida naqueles mundos sertanejos, sem aprovisionamentos de bôca e de peça, essa força brasileira demonstrou, nessa jornada, uma tão grande capacidade de sofrimento, de resistência e de ação, que honra e exalta tôda a nacionalidade.

Perseguidos pela fome, implacavelmente perseguidos pelos paraguaios, empolgados por tremendas doenças, os soldados brasileiros, em certo instante, atingem tão alto grau de grandeza e de majestade, nessa retirada, que se transformam em um símbolo. Naquele punhado de homens, rôtos, famintos, maltrapilhos, sobrevivia o espírito brasileiro, que desgraça alguma, que sofrimento algum, por mais intenso, poderá destruir.

A data possui uma singular significação para Goiás. Nesse punhado de homens estava um punhado de goianos. Na guerra do Paraguai, o setor em que os goianos mais avultaram foi, exatamente, nas tropas da "Retirada da Laguna". O Visconde de Taunay, crônista dêsse feito admirável, tem palavras de elogios, vezes seguidas, para com os soldados goianos. Umavez o elogio é para o 20º Batalhão de Goiás que, com imensa bravura contém arremetidas do inimigo, superior em homens e armas; outras vezes o elogio é mais incisivo, dirigido aos voluntários goianos, comandados pelo bravo capitão Ferreira de Paiva.

Rememorando êsse feito soberbo de bravura, essa caminhada trágica, de um punhado de brasileiros na terra hostil, sente-se que uma terra que possui gente assim não pode perecer nunca. Sente-se que o Brasil é imortal e que por êle somos capazes de tôdas as bravuras, de todos os sacrifícios. E somos, de fato

tuiu como que um momento de comunhão entre brasileiros e poloneses, no ideal de liberdade que une os dois grandes povos na sua luta contra o nazi-nipo-facismo.

Foi o seguinte o programa da reunião:

PARTE OFICIAL

- 1 — Hino do Brasil e da Polônia — pela Banda da Fôrça Pública.
- 2 — Apresentação do Festival pela Exma. Senhora Da. Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, em nome do C. C. B. U..
- 3 — Discurso Oficial — pelo Exmo. Dr. Vasco dos Reis Gonçalves, D. D. Presidente do C. C. B. U..
- 4 — Oração do Acad. Bernardo Elis Fleuri Curado em nome do Centro Acad. XI de Maio.
- 5 — Resistência Militar da Po-

lônia — palestra pelo Exmo. Cap. Carlos Hugo Bertolucci.

- 6 — Hino dos Estados- Unidos e da Polônia — pela Banda da Fôrça Pública.

PARTE ARTÍSTICA

- Orquestra.
- 2 — Voluntários da Morte (frag.) Pereira de Sousa — declamação pela Srta. Albertina G. Machado.
- 3 — Flotow — M'Appari Tout' Amour — III da Ópera Marta — canto pelo Sr. João Berquó.
- 4 — Valsa do Adeus — Chopin — piano — pela Srta. Alice Mascarenhas.
- 5 — D. Hungara, 5 de Brahms — solo de violino, prof. Édison Camargos.
- 6 — A' Polônia — Tobias Barreto — declamação — pela Sr'a. Cacilda do Carmo.
- 7 — Canto — pela Srta. Maria Mônica de Sousa.
- 8 — Chopin — soneto — Silveira Neto — pela Srta. Clarisse Pinto.
- 9 — Valsa de Chopin — piano — pela Srta. Francisca Veiga Jardim.
- 10 — Orquestra.
- 11 — Ode à Polônia — Rômulo Jucá — declamação pela Srta. Maria Cinira Viannay.
- 12 — Canto pelas Stras. Ninfra e Saline Bufaiçal.
- 13 — Dueto — Melodia Rubens- teim Opus III — piano e violino pelos Senhores Erico Pipper e José Beachel.
- 14 — Fenix — Lúcio Várzea — declamação pela Srta. Sílvia L. Nascimento.
- 15 — Canto — pela Srta. Nair Amorim.
- 16 — Dueto — Legenda Gwiliawski, opus 17 — piano e violino — Srs. Erico Pipper e José Beachel.
- 17 — Ode à Polônia — Clovis Nogueira — declamação — pela Srta. Léa E. Pereira.
- 18 — Canto — pela Sta. Nilsa Silveira.
- 19 — Orquestra.

Agradecendo as homenagens a Polônia, falou o intelectual Pe. Antônio Wasik.

Festa da Polônia

Por iniciativa do "Centro Cultural Brasil — Estados- Unidos", teve lugar, dia 3 do corrente, no "Cine-Teatro-Goiânia", uma interessante reunião político-cultural, comemorativa de mais um aniversário da promulgação da Constituição Polonesa de 1791.

A sessão, que foi concorridíssima, e que contou com a presença de altas autoridades, teve a presidência o sr. dr. Vasco dos Reis Gonçalves, Presidente daquele Instituto e que representou, no ato, o sr. Interventor Federal.

A orquestra esteve sob a direção do conhecido maestro prof. Édison de Camargo.

A festa foi magnífica, e consti-

Pedro Ludovico na opinião dos trabalhadores de Goiás

Um homem que não deixa passar a mosca pelo nariz. Interventor honesto e cumpridor de seus deveres. Dr. Pedro tem feito um bom governo. Um grande amigo da pobreza. O expoente máximo para o operariado. Se todos seguissem o seu exemplo... Nenhum Estado poderia desejar melhor interventor.

Os festejos de 1º de maio se tinham realizado pela manhã. A uma hora daquelas, mais de 12, os trabalhadores naturalmente estariam descansando. O dia não era, pois, favorável à empreitada que se propuzera o repórter. Como ouvir os operários, se era feriado, as fábricas e oficinas estavam paradas, as casas comerciais fechadas. As ruas quasi desertas?

Entretanto, era preciso agir, pois Gabriel Anconi reclamava os originais, para não atrazar a revista. E saímos, a esmo, pelas ruas da cidade, tentando a sorte. Felizmente a cigana não nos enganou. A "dicha" estava "buena". E' que os bares regorgitavam de gente: estudantes, juizes, bancários, comerciantes, funcionários públicos, etc., aproveitavam a folga e se dividiam em grupos pelas mesas redondas ou em tórno dos bilhares e "snookers". O repórter ficou mais aliviado, pois alguma coisa haveria de conseguir. E não perdeu tempo.

"Um homem que não deixa passar a mosca pelo nariz"

— Jornais! Revistas!

Era Giovanni Manarino, o encarregado das bancas de jornais e revistas em Goiânia e no bairro de Campinas. Manarino é italiano, natural de Paola, na Calábria. Já viajou pelos Estados-Unidos, vive no Brasil há quarenta e quatro anos e está há nove em Goiânia. Seu depoimento seria valioso, porque de um experimentado. Não deixamos escapar a oportunidade, e, depois de adquirir um exemplar de "A Noite Ilustrada", fomos diretos ao assunto:

— Manarino, que acha você de Pedro Ludovico?

Ele pensou um pouco e respondeu, com convicção, e por escrito, da seguinte maneira:

— "Il dotore Pietro Ludovico e l'uomo piú democrático de Goiaz. E l' uomo che no si fá passare la mosca per il naso. Il piú amico del lavoratore".

"Homem de caráter honesto e cumpridor de seus deveres"

Deixamos Manarino em paz e demos uma espiadela pelo ambiente. Lá ao fundo, no reservado do res-

taurante, estava o sr. Manoel Antônio Rocha, que, como bom português, saboreava uma bacalhoadá, tendo, à mesa, duas garrafas do "Ramos Pin'lo".

— A esta hora, "seu" Rocha? Isso é para capitalista . . .

— Qual capitalista, "dotôire". Hoje é feriado, e como "vom tras-muntano, bim tiráire a varriga da miséria".

— Meu amigo, dissemos. "Oeste" quer saber sua opinião sobre o dr. Pedro.

— Pois não, disse "seu" Rocha, "iscreba lá". E nos ditou o seguinte: O exmo. sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira é o Grande Benfeitor de Goiás. Conheci-o há três anos, e tôdas as vezes que o procurei fui atendido com delicadeza. O seu governo é notável. Acho-o um homem de caráter honesto e cumpridor de seus deveres.

Despedimo-nos, com um abraço, do amigo Rocha.

"Dr. Pedro tem feito um bom governo"

— Moço, quer tentar a sorte?

Era Constâncio Rodrigues Pereira, vendedor de bilhetes de loteria. Compramos um "gasparino" e entabolamos conversa com êle.

— Há quantos anos você está aqui, Constâncio?

— Três anos.

— Conhece o Interventor?

— Conheço.

— Que acha dêle? E Constâncio escreveu:

Para mim o dr. Pedro tem sido muito bom. Tem feito, de um modo geral, um excelente governo. Amigo dos trabalhadores.

A opinião de dois trabalhadores mirins

Deixamos o "Goiânia", em busca de outros lugares. A' porta do bar, porém, conversavam dois guris:— Lourenço Dias e Jair Barreto, êste engraxate, e aquele vendedor de jornais. Quizemos ouvir a opinião daqueles dois meninos, tão cêdo chamados às asperezas da luta pela vida:

— Lourenço, dr. Pedro é um homem muito ruim, não é?

— Não, protestou o garôto, com veemência. E' um homem traba-

lhador, muito bom, auxilia os pobres.

— Concorda com isso, Jair? inquirimos. E a resposta veio pronta:

— Concordo. Dr. Pedro é muito bom para a pobreza.

"Expoente máximo para nós, o operariado"

Já na rua, caminho do "Lider Bar", chamaram-nos com um "psiu". O repórter virou-se. Era o José Lisita, concertador de rádio, paulista, que reside em Goiás há quinze anos.

— Doutor, hoje tem "pizza" na politana, foi dizendo êle.

— Pode mandar uma para o jantar.

E ia o Lisita se retirando, quando o abordamos:

— Que juízo faz você do dr. Pedro?

— Não tenho expressões para falar sobre a pessoa e o governo de Interventor Federal. E' o expoente máximo para nós, o operariado.

"Se todos seguissem o seu exemplo esta terra seria uma maravilha"

Entramos no "Lider". A sorte continuava conosco, pois logo de entrada quatro operários, à volta de uma mesa, comentavam, entusiasmados, os discursos que foram pronunciados pela manhã, na Praça Cívica. Eram êles: José Tibúrcio Pereira Pin'lo, pernambucano estucador, residente em Goiânia há sete anos; Alberto Sarner, fluminense, que aqui se encontra há seis anos; Joaquim de Oliveira Campos, padeiro, natural de Minas-Gerais; e Felipe Pereira, carroceiro, filho da antiga Capital. Um grupo bem brasileiro, como se vê. Inquiridos, assim se expressaram aqueles proletários:

José Tibúrcio: Apesar-de ser difícil, hoje em dia, se fazer amigos, isto se consegue facilmente com a pessoa do dr. Pedro. Se todos os que devem seguir o seu exemplo o fizessem, esta terra seria uma maravilha, pois como auxiliar do Presidente Vargas é êle um dos mais notáveis e merece a admiração de todo o país.

Alberto Sarner: —O Interventor é bom, é raro encontrar elemento igual.

Joaquim de Oliveira Campos: — No meu modo de pensar o Interventor é uma boa pessoa e nada há que se queixar dele.

Felipe Pereira: O Interventor, a' é este momento, tem sido ótimo administrador.

“O Interventor não distingue classes nem profissões”

Saindo do “Lider” deparamos, logo em frente, parado junto a um poste, o dr. Mozart Smith de Camargos, que palestrava com um operário. Aproximamo-nos. Feita a apresentação, o repórter não deixou passar a “vasa”. E o operário, que era José Paula Espírito Santo, natural de Uberaba, carpinteiro, residente em Goiânia há seis anos, não se fez de rogado:

— Sou um admirador sincero do Interventor Pedro Ludovico, pelos atos praticados em seu governo. Ele é um homem que não faz distinção de classes ou posições e trata a todos, indistintamente, com muito carinho e consideração.

“As portas de seu gabinete se acham sempre abertas para todos que o procuram”

Acabáramos de combinar com o dr. Mozart Camargos fizessemos juntos o inquérito, quando veio aumentar o grupo o operário Francisco Carvalho, mineiro, que veio para esta Capital há seis anos.

— Esse moço quer sua opinião sobre o Interventor, disse Mozart ao recém-chegado, apresentando-o ao repórter.

O doutor Pedro tem sido um bom interventor. As portas de seu gabinete se acham sempre abertas para todos que o procuram, e ele atende a todos com igual atenção, o que o faz credor da simpatia geral.

Agradecemos. E fomos, nós e o distinto Procurador do Instituto dos Comerciantes, à cata de novas informações.

“Nenhum Estado poderia desejar melhor Interventor”

Os bons fados nos guiavam, sem dúvida. Porque, mal iniciamos a caminhada, vimos vindo o operário José de Oliveira Campos, logo reconhecido pelo abalizado causidico que nos acompanhava, e que, respondendo à nossa pergunta, disse:

— Penso que nenhum Estado poderia desejar melhor Interventor. O dr. Pedro Ludovico tem trazido bastante progresso para o Estado.

— Obrigado, Oliveira. E prosseguimos o passeio.

“Bom administrador e homem caridoso”

Já à entrada da cidade, lá para as bandas de Botafogo, despertou-nos a atenção um aglomerado de gente, disposta em semi-círculo. Que seria? Fomos ver: briga de gale. Mas . . . não é que Deus estava

mesmo ajudando o repórter?! E' que, no meio da turma que se divertia, estavam os proletários Luiz Gomes de Oliveira e José Correia.

— Que pensa do Interventor Federal, “seu” Correia?

— O Interventor é um bom administrador e um homem muito caridoso.

— E você, Luiz Gomes?

— Luiz Gomes, maranhense, que está em Goiaz há trinta e nesta Capital há um ano, assim se expressou:

— A primeira vez que tive oportunidade de ocupar o Interventor fui atendido com tôda amabilidade por S. Excia. e só tenho motivos para desejar o seu bem estar pessoal.

A voz da operária

O material colhido não era muito. Mas já bastava. Das opiniões colhidas já se podia fazer uma idéia exata de como é julgado o Interventor Pedro Ludovico pelas classes trabalhadoras. Por outro lado, fazia-se noite, e tínhamos ainda de pôr em ordem e dactilografar as notas colhidas, para entregá-las dia seguinte cedo ao Gabriel Anconi. Por isso, agradecemos ao dr. Mozart Camargos a gentileza com que se houvera e voltamos para casa. Chegámos no momento exato em que saía a empregada. Lembramo-nos, então, de que o belo-sexo ainda não se manifestara.

— Flora, qual a sua opinião sobre o dr. Pedro?

— Acho que ele é um homem muito bom e que tem trabalhado muito para Goiaz.

Eis aí o que pensam os trabalhadores de Goiaz acerca do Interventor Pedro Ludovico, que alguém já qualificou de “operário número 1 de Goiaz”.

Gente simples e boa, gente sem “manhas”, gente que não sabe esconder seus sentimentos no véu da hipocrisia nem medir suas palavras pelas regras das “conveniências” políticas, a gente proletária, por isso mesmo a sua opinião é das mais valiosas. O trabalhador, ademais, parece que tem mais apurado do que nós o “instinto” que faz reconhecer os seus verdadeiros amigos, aqueles que lhes desejam, de fato, uma melhor sorte no mundo. Basta ver como, nas respostas transcritas acima, os operários goianos fixaram justamente os traços marcantes da personalidade de Pedro Ludovico, facilmente reconhecíveis pelos que com ele privam mais de perto: — inteligência clara, profundo sentimento de fraternidade, honestidade de trato, espirito democrático, moral inatacável.

Os auxiliares do Interventor Federal não se cansam de louvarem a pessoa e o governo, porém tais louvores costumam ser mal in-

terpretados pelos que não são e desejariam ser seus auxiliares . . .

Também vultos pertencentes às mais altas esferas políticas, militares e culturais do país — por exemplo: o Embaixador Macedo Soares, o General Emílio de Sousa Doca, Dom Aquino Correia, etc., para não se falar do próprio Presidente Getúlio Vargas — veem no dr. Pedro Ludovico um homem de raros méritos, gabando, todos, a grande obra que ele vem realizando no oeste. Mas os “carcomidos” de Goiaz, por inveja e por despeito, levam tais elogios à conta de elogios protocolares, como se houvesse obrigação de elogiar por mero protocolo . . .

Mas, e agora? Ouvimos vários trabalhadores. E todos eles, como se viu, fazem côro com os auxiliares do governo goiano e personalidades de relêvo da administração do país. Para eles o dr. Pedro Ludovico é um grande homem e um grande administrador. Ora, eles não precisam do Interventor, este é que precisa deles. Eles não fazem “elogios protocolares”, pois são espontâneos e positivos em suas opiniões.

Mas, afinal, em que ficamos? — Nisto: — o dr. Pedro é, para todos, grandes e pequenos, sacerdotes, políticos, intelectuais, funcionários e operários, para pretos e brancos, para brasileiros, italianos e portugueses, um estadista notável. Mas . . . e os “carcomidos”? Eles também, no íntimo pensam assim; só não têm é coragem de dizer . . .

Aristóteles, também, não se incomodava . . .

Um desses “tipos” muito conhecidos foi, um dia, dizer a Aristóteles que andavam falando mal dele:

— Podem até bater-me . . . em minha ausência, redarguiu o imortal estagirita.

—

Orgulho contra orgulho

Assistindo a um banquete de Platão, onde se viam uns suntuosos tapetes, Diógenes, batendo nelas com os pés, exclamou:

— Assim piso o orgulho de Platão!

Ao que replicou o grego imortal:

— Com igual orgulho . . .

AS leis de amparo às classes trabalhadoras e de satisfação das suas justas reivindicações refletem o sentido superior de harmonia social, em que o Estado se coloca como supremo regulador e em que, sob sua égide, são mutuamente assegurados os direitos e impostos os deveres, nas relações entre as classes — GETÚLIO VARGAS.

O HOMEM NORMAL

LÉO LYNCE

É a espécie mais interessante do gênero humano.

O homem normal é inconfundível.

Equilibrado como o fiel de uma balança, metódico como um compasso de música, trás a vida pendurada nos ponteiros do relógio.

Levanta-se com o sol, toma o seu cafezinho ralo com pão e manteiga, almoça às 10 horas, ingere uma limonada às 12, serve-se de coalhada às 14, janta às 17, toma chá com torrada às 20 e deita-se com a exma. esposa (todo homem normal é casado) precisamente às 22. Entre as refeições, o trabalhinho regrado, um passeio à casa de um compadre igualmente normal; e, depois do jantar, uma ligeira leitura do noticiário do "Estado de S. Paulo", único jornal que lê, em razão da melhor qualidade de papel e consequente rendimento no péso.

O homem normal não tolera o fumo e não toma vinho, nem cerveja, nem mesmo champagne, por mais solene que seja o momento.

Empanturra-se, isso sim, de coalhada e limão. Mas morre do mesmo jeito.

O relógio — eis o seu deus. Uma diferença de 13 minutos no horário estabelecido produzir-lhe-ia no espírito efeito igual ao do deslocamento do centro de gravidade do Universo.

Profundamente honesto por necessidade de equilíbrio da consciência,

temente mais ao diabo do que ao Padre Eterno, respeitador das leis por conveniência própria e, além do mais, conservador e perseverante, o homem normal acaba por adquirir, ao cabo de muitos anos, uma fortuna relativa, e, com ela, necessariamente, a estima e a consideração sociais.

Mas esse homem não tem alma, não tem coração. É um egoísta, um aváro, um insensível moral, sem que o pareça. As esmolas que dá e as obras de benemerência a que liga o seu nome, obedecem a um cálculo frio: com estas pensa conquistar as boas graças do mundo; com aquelas julga abrir as portas do céu.

Intimamente, porém, a mais cruciente dor alheia — uma criança esmagada à sua vista num desastre de automóvel, um moço que se mata, ou um velho que mendiga, não lhe causará maior pena do que a ponta de reumatismo que o privou de ir à sua missa pela manhã.

Sim, a "sua" missa. Qualquer de nós diria simplesmente: Não fui à missa; ao passo que o homem normal acrescenta sempre o possessivo: "Não fui à *minha* missa; não tomei o *meu* banho, etc."

Tudo é d'êle, feito para êle, para seu uso e gozo. Ama a mulher e os filhos, porque são *seus*, exclusivamente *seus*, olé!

O homem normal tem uma maneira, uma forma especial e única para tudo. O traje é sempre da

mesma côr, com o mesmo talho, e feito pelo mesmo alfaiate. E assim, *mutatis mutandis*, o chapéu, a gravata, o guarda-chuva, o calçado, etc.. Até as cartas que escreve comecem invariavelmente com a mesma chapa: "Boa saúde juntamente com a exma família".

Tudo quanto lhe não traga vantagens imediatas e palpáveis, está fora de suas cogitações, não tem sentido para êle.

Descreve da ciência, porque a medicina não lhe curou o reumatismo, e detesta as artes e as letras, porque "isso de poesias e quejandas não vai ao bucho".

O homem normal é, no entanto, um elemento preciosíssimo de ordem, de paz e, indiretamente, de progresso.

É o bloco de granito pesado e inconsciente que entra na construção do edifício social.

É a massa bruta que o gênio plasticista e amolda.

É o leito firme que canalisa a torrente desordenada das idéias.

Mas o homem normal, êsse prodígio de método, de estabilidade e de equilíbrio, nunca fez, por si só, coisa alguma nesta vida.

Tôdas as conquistas da civilização e toda renovação social são obra dos que andam fora da pauta: os destemperados, os desaparefusados, os malucos.

Os reformadores, os revolucionários, os heróis e os gênios, são todos anormais.

Até os santos não passam de doídos — a loucura da Cruz.

Mas, no fundo, todos quantos não temos a pretensão de pertencer a qualquer das duas categorias, ou que nos mantemos na virtudezinha apagada do meio-térmo, vivemos a morrer de inveja do homem normal.

Divisão Territorial e Administrativa de Goiás



Instalação do Distrito de Xixá

Fotografia batida a 19 de março do corrente ano, na frente da residência do sr. Antônio Rabelo, em Xixá, logo após a incorporação dêsse futuro distrito ao mapa territorial do Estado de Goiás, como uni-

dade administrativa do município de Goiás. No clichê vêm-se os srs. drs. Joaquim Taveira, ilustrado chefe do gabinete da Interventoria Federal e, no ato, representando o exmo. sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira; dr. Inácio Bento de Lóiola, íntegro juiz de direito da comarca de Goiás; sr. Divino de Oliveira, operoso prefeito do município de Goiás, monsenhor Cândido Penso, virtuoso prelado da Ilha do Bananal; exma. sra. da. Maria de Oliveira, digníssima presidente do Centro Municipal da L. B. A., de Goiás; professores Goiás do Couto e Sebastião Veloso Peleja; Pedro Meireles, dedicado agente municipal professores das escolas públicas do distrito, Pedro Jorge das Dores, Maria Mendes e Ana Neri Meireles; tenente Tubertino de Sousa, enérgico delegado especial de Goiás; acadêmico Garibaldi Rizzo; aviador Hindemburgo Mendes; dr. Alvaro Machado, competente engenheiro; Ranulfo Xavier de Godói, dedicado coletor Estadual de Xixá; Antônio Rabelo, benquisto e destacado elemento da sociedade xixaense; Manoel de Brito Lemes e Sebastião José de Sá, respectivamente juiz distrital e suplente do mesmo e outras pessoas gradas.

CAPITANIA DE GOIAZ

No mês de maio está uma das datas mais salientes e valiosas do calendário goiano: a da criação da capitania de Goiaz, desmembrada da de São-Paulo.

Descobertas as minas goianas, o sertão inteiro foi assaltado por uma imensa horda de aventureiros, procedentes de todos os pontos do Brasil. As minas Gerais despovoaram São-Paulo e as minas de Goiaz, por sua vez, despovoaram as Gerais.

A terra daquívosa, pletórica de riquezas, entretanto, foi conquistada entre conflitos terríveis. Fartos jatos de sangue correram na beira dos córregos e ribeirões, pela conquista de terrenos auríferos.

Esses conflitos iniciais maior vulto tomaram quando se tornou pública a animadversão de Antônio da Silva Caldeira Pimentel, capitão-general interino de S.-Paulo, pelo descobridor das minas goianas, Bartolomeu Bueno da Silva, superintendente geral das minas por ele descobertas, com administração da justiça civil e criminal e também da justiça militar, começou, muito cedo, a ser o negro travo da taça da ingratidão.

A ouvidoria de Goiaz, durou vinte anos, e, nesse lapso de tempo, as desordens campearam em todo o sertão. Esses conflitos, assinala um historiador, provinham, segundo prova das devassas tiradas, das próprias autoridades que deveriam ser os sustentadores da ordem.

A data exata da criação da capitania de Goiaz ainda se apresenta nebulosa. Os historiadores goianos não estão de acôrdo nesse sentido.

Para monsenhor Pizarro, vereador Seixas, Silva e Sousa, Cunha Matos e Colemar Natal e Silva, a capitania de Goiaz foi criada pelo alvará de 8 de novembro de 1744, que a desmembrou da de S.-Paulo, tornando-a independente desta.

Esse alvará, entretanto, não foi encontrado nos arquivos rebuscados. *Por mais que todos os cronistas, competentes do assunto, historiadores do Brasil, etc., o buscassem, nunca lhes foi possível, como também conosco se deu, encontrar o celebre alvará de 8 de novembro de 1744, que criou a Capitania de Goiaz, independente da de São-Paulo, afirma Colemar Natal e Silva.*

Americano do Brasil, entretanto, afirma que esse alvará nunca existiu. Os historiadores confundiram as datas. 8 de novembro é a data da posse de dom Marcos de

Noronha e Brito na governadoria de Goiaz, não em 1744 mas em 1749. *O desmembramento das minas de Goiaz do governo de S.-Paulo teve lugar em 1748, pela provisão régia de 9 de maio, publicada em virtude do parecer do Conselho Ultramarino de 7 do mesmo mês e ano, escreve Americano do Brasil, afirmando, ainda, que a notícia desse alvará chegou em Vila Boa em 24 de agosto do mesmo ano.*

Americano do Brasil, nesse sentido, alinha as informações mais valiosas, de modo a bem esclarecer quanto à data da criação da capitania de Goiaz. Parece que essa data não é outra senão a de 9 de maio. Donde o presente registro.

Goiaz na Guerra do Paraguai

Quando o Brasil declarou guerra ao Paraguai, o seu exército era de 19.433 homens, inclusive 1.826 oficiais.

Foi com esse material, que hoje seria sorvido em uma simples escaramua, que iniciamos aquela guerra dolorosa que tantos sacrificios nos custaria e que duraria mais de cinco anos.

O Brasil enviou, ao todo, para os campos da luta, 108.621 homens. Esse total se formava do exército regular que possuíamos em 1865 e de corpos de voluntários, principalmente de pretos libertos, com carta de alforria dada por particulares, por ordens religiosas e pelo governo. O preto teve parte destacada naquela guerra, impondo-se à nossa estima e à nossa admiração, êle que já se impuzera ao nosso afeto pela sua valiosa contribuição na formação social e econômica do Brasil.

Desses 108.621 homens que mobilizamos para a guerra, perdemos cerca de 100 mil. O nosso prejuízo humano foi menos em consequência de combates e mais em consequência das vicissitudes da campanha: pelas endemias.

Os gastos do Brasil, nessa guerra, foram vertiginosos. Historiadores bem informados asseguram que "torramos", naquela luta, 397.742:151\$311, quantia imensa para a época.

De 1865 a 1870 a receita geral do Brasil subiu sempre. Foi de 58 mil contos para 94 mil, no último ano da guerra. Entretanto, toda a receita brasileira, nesse período, não

deu para pagar os gastos da guerra. Foi a tristíssima herança que desse conflito nos ficou, herança sombria que teria interferência direta em largo período de nossa história, influindo decididamente em todos os acontecimentos ligados ao nosso desenvolvimento econômico e político.

O exército de 91.218 homens que o Brasil mandou para os campos da luta foi formado com a contribuição de todas as províncias. A Capital do Império forneceu 11.467 homens e a contribuição das províncias foi a seguinte: Baía, 15.227; Rio-de-Janeiro, 7.851; Pernambuco, 7.136; São-Paulo, 6.504; Ceará, 5.648; Maranhão, 4.536; Rio-Grande-do-Sul, 4.483; Minas-Gerais, 4.070; Pará, 3.827; Mato-Grosso, 3.298; Piauí, 2.705; Alagoas, 2.695; Paraíba, 2.454; Sergipe, 2.254; Paraná, 2.022; Santa-Catarina, 1.537; Rio-Grande-do-Norte, 1.311; Espírito-Santo, 966; Amazonas, 724; e Goiaz 542.

A contribuição de Goiaz pode parecer pequena. Pode parecer, mas não o foi. Província imensa, inteiramente despovoada, estrangulada nos tentáculos de uma tremenda crise econômica que lhe anemiava todos os surtos, Goiaz não podia, naquela época, oferecer maior contingente para a defesa do Brasil. O seu esforço foi grande e o material por êle fornecido foi de primeiríssima.

No dia 15 de maio de 1865, deixou a Capital da Província o Batalhão de Caçadores e de Voluntários que, sob o comando do tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães se destinava aos campos da luta. A despedida foi tristíssima. Os homens ficaram com a garganta garroteada de soluços e as mães, as mulheres, molharam os olhos de lágrimas.

E o batalhão, garboso e ativo, ao som dos tambores, desfilou pelas ruas de Goiaz e lá se foi, lá se perdeu nas distâncias.

Não importa, evidentemente, saber qual a província que mais homens deu, para aquela guerra. Não importa, também, saber a que menos homens enviou para o teatro da luta. O que importa saber é que Goiaz foi chamado a fazer sacrifício pelo Brasil e o fez sem desfalecimentos, sem uma resistência, sem uma queixa. Deu-se ao sacrifício com bravura e com entusiasmo. Isso é que importa dizer. E por isso, também, o dia 15 do corrente ficará na história goiana como uma de suas datas mais gloriosas.

Estado Brasileiro fortaleceu a autoridade para salvar a liberdade, condicionando-a à conjuntura econômica, às exigências da ordem e conservação dos valores nacionais — AGAMENON MANGALHÃES.

BOLETIM DO TRABALHADOR

MOZART SMITH DE CAMARGOS

Dentre as realizações jurídicas de vulto do Presidente Getúlio Vargas deve-se, sem dúvida e inegavelmente, destacar a Consolidação das Leis do Trabalho, de vez que os interessados, com facilidade, nela encontrarão justo apóio aos seus direitos adquiridos e legítimas aspirações.

O decreto-lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, publicado no "Diário Oficial", de 9 de agosto do mesmo ano, que aprovou a citada Consolidação, foi assinado justamente no dia consagrado ao Trabalho, representando, portanto, aquele diploma legal, uma dádiva do governo constituído à laboriosa classe trabalhista.

As disposições constantes do referido decreto-lei entraram em vigor a partir de 10 de novembro do ano próximo passado, não tendo, entretanto, sido revogadas as "disposições transitórias ou de emergência, bem como as que não tenham aplicação em todo o território nacional".

O Egrégio Conselho Nacional do Trabalho, que é o Tribunal Superior de Justiça do Trabalho, o órgão de recursos em matéria contenciosa de previdência social e também o órgão consultivo do Governo em matéria de legislação social, composto na sua totalidade de verdadeiros mestres do novo direito em nosso meio, houve por bem recomendar fossem amplamente divulgados os principais dispositivos assinalados em seu ofício circular n.º DPS-DC-6. 798-43, de 4-11-43, esclarecendo as alterações surgidas, principalmente no domínio da previdência social.

"A maior alteração havida foi no que respeita à competência dos órgãos e autoridades do mencionado Conselho, bem como nos casos de recurso.

A Câmara de Previdência Social ficou com sua competência adstrita aos recursos em matéria de "benefícios", "contribuições" e "multas" (art. 706).

O Presidente do Conselho teve a competência ampliada para o julgamento dos casos de "recursos, interpostos pelos empregados das Instituições, das decisões lesivas de direito inerente ao respectivo cargo ou função" (art. 918), o que antes cabia à Câmara de Previdência Social.

O Diretor do Departamento de Previdência Social teve, igualmente, a competência ampliada para o julgamento dos "recursos" sobre matéria técnico-administrativa das

Esta secção, conforme anunciamos, deveria estar a cargo do dr. Paulo Fleuri da Silva e Sousa, ilustrado presidente da Junta de Conciliação e Julgamento, nesta Capital. Entretanto, por motivos supervenientes, não pode aquele conceituado causídico pôr em prática os seus desejos, que eram os de colaborar com esta revista na nobre missão cultural que ela vem desempenhando em nosso meio. Contudo, não ficará o leitor privado de tão útil secção, hoje iniciada por OESTE, mas sob a direção do dr. Mozart Smith de Camargos, Procurador do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comercia-

rios e Professor de Legislação do Trabalho, na Faculdade de Direito. O dr. Mozart Camargos é, em nossos círculos culturais, uma das figuras de maior projeção, e, assim, o trabalhador goiano, e quantos se interessem por questões de Direito Social, terão nele um orientador esclarecido e seguro. Assim, lamentando não poder contar com a cooperação brilhante de Paulo Fleuri, notícia que damos com pesar, temos, em compensação, o grato prazer de apresentar, como seu substituto, nesta secção, outro nome não menos abalizado, o de Mozart Smith de Camargos.

instituições, (art. 918, parágrafo único), o que cabia também à Câmara de Previdência Social, passando, portanto, a compreender-se na competência do Diretor do DPS todos os casos de recurso, em que se não tratar de matéria de "benefícios, multas ou contribuições", nem de "lesão de direito de empregados das instituições, inerentes ao seu cargo ou função". Caberá, também, ao referido Diretor, presidir as eleições para os Conselhos dos institutos e Caixas (art. 918, parágrafo único).

Foi suprimido o recurso das decisões da Câmara de Previdência Social para o Conselho Pleno. Essas decisões são consideradas de última instância, só cabendo revisão *ex-officio* ou mediante representação, pelo Ministro do Trabalho, no prazo de 30 (trinta) dias contados da publicação no O'rgão Oficial, condicionada, entretanto, à ocorrência de uma das seguintes hipóteses: — quando preferidas por voto de desempate; quando violarem disposições expressas de direito; ou quando modificarem jurisprudência até então observada (art. 734, alínea "a").

O prazo para a revisão, pelo Ministro do Trabalho, dos atos do Presidente do Conselho, em matéria de previdência social, foi reduzido para 30 (trinta) dias, igualmente (art. 734, alínea "b").

O Ministro do Trabalho poderá avocar ao seu conhecimento os assuntos de natureza administrativa referentes às instituições de previdência social, sempre que houver interesse público (art. 734, parágrafo único).

Outro ponto de grande relevância versado pela Consolidação é o que regula a situação do empregado aposentado, cujo contrato de

trabalho é considerado apenas "suspensão" durante o prazo fixado nas leis de previdência social para a efetivação do benefício (cinco anos), ficando-lhe garantido o direito à função que ocupava ao tempo da aposentadoria, no caso de cancelamento desta, ressalvado ao empregador o direito de indenizá-lo por rescisão do contrato de trabalho, se isto preferir (art. 475). Põe-se termo, assim, para o futuro, às situações aflitivas ou paradoxais dos aposentados que, readquirindo a capacidade de trabalho e tendo, por esse motivo, cancelada a aposentadoria, não podiam voltar a trabalhar, nem tinham direito a qualquer indenização, em virtude de recusa de seu aproveitamento, por parte do empregador a que pertenciam; o que, dora avante, não mais poderá ocorrer.

A Consolidação refere-se, ainda, expressamente, a assunto de previdência social, nos arts. 40, 397, 428, 476, 626, assim como em disposições várias do Título 8º, Cap. V e do Título IX.

E' de notar-se que continuam em vigor as disposições do decreto-lei n.º 3.710, de 14 de outubro de 1941, no que não foram alteradas ou revogadas pela Consolidação, nos artigos aqui referidos".

E' louvável a patriotica iniciativa do Colendo Conselho Nacional do Trabalho trazendo ao conhecimento geral as novas disposições e interpretação da Consolidação das Leis do Trabalho, por intermédio de seus Departamentos competentes, eis que, assim, contribue valiosamente, não só para maior compreensão dos direitos e deveres das classes trabalhistas, como também para dirimir a antiga luta existente entre empregadores e empregados.

O MUNICÍPIO DE SILVÂNIA

O surpreendente progresso da comuna — Grandes realizações municipais — Edificação de portentosos prédios para o serviço público — Administração do prefeito dr. Misach Ferreira Júnior, a alma do progresso de Silvânia

Reportagem de M. LEITE DE SANTANA

Depois de narrar as riquezas e magnitudes inconfundíveis do município de Anhanguera, o repórter, ávido de conhecer os pormenores da hinterlândia brasileira, transpõe os humbrais encantadores do rico município de Silvânia, ex-Bonfim. Era como se tivesse saído do âmago de uma glêba, em que o céu, o povo, o solo, achavam-se incrustados de ouro puríssimo e penetrasse no seio resplandescente de uma terra, onde tudo se apresentava com a pujança cristalina do diamante, circundado com a beleza natural da safira ou da turquesa.

Entramos em Silvânia, e, em nossa retina, desfilam os vultos preeminentes de Americano do Brasil ou de Henrique Silva, filhos queridos da ex-Bonfim, letrados de renome no cenário brasileiro.

Tudo se movimenta e progride num pulular insano, desde o mais rústico lavrador, amanhando suas terras, até o cidadão instruído, sentado em seu gabinete, a ditar normas de trabalhos ou a idealizar planos para novas realizações. É o apito da locomotiva que se ouve, ou é o mugir do gado que pasta, após termos visto os arvais verdejantes, ou então, depois de visitarmos as realizações profícuas do dirigente municipal. É Silvânia que se nos apresenta, com toda sua prosperidade, digna de ser invejada por todos. É Silvânia que se projeta do marasmo em que vivia, para formar entre os municípios melhor administrados, sob a direção de seu denodado filho, dr. Misach Ferreira Júnior.

Histórico — Situação Econômica

Silvânia, antiga Bonfim, foi descoberta em 1774, por José de Vasconcelos Sobral e Carvalho, 4º Governador da Capitania de Goiás. Este brilhante administrador, ao assumir o exercício de seu cargo, encontrou a Capitania completamente depauperada e despovoada e, numa hercúlea tentativa para o seu soerguimento econômico e demográfico, logo no início do ano de 1773, empreendera uma excursão pelo interior, em visita às suas decadentes povoações. Em todos os recantos da Capitania só encontrara pobreza e desânimo. O serviço de lavras, por falta de braços e estímulo oficial, estava tão reduzido que só um esforço sobrenatural poderia fazê-lo voltar ao seu antigo esplendor. Mesmo assim, o governador Vasconcelos, sem medir sacrifícios, procurou



Dr. Misach Ferreira Júnior, operoso prefeito do Município de Silvânia

remediar o mal, estimulando os antigos mineiros a empreenderem novas descobertas de veios auríferos. Com esse objetivo várias expedições foram organizadas, pesquisando a Capitania em todas as direções. Numa destas expedições verificou-se a auspiciosa descoberta das riquíssimas minas de Bonfim, cuja notícia divulgou-se logo e atraíu para lá uma leva de mineiros, alguns até abastados, residentes na vizinha povoação de Santa-Luzia, hoje Luziânia. Os primeiros exploradores das preciosas minas ergueram uma ermida, sob a invocação de Nosso Senhor de Bonfim, razão do nome recebido pela povoação nascente. Pelo decreto número 5, de 18 de junho de 1833, foi erigido em Vila o arraial de Bonfim. A partir de 1º de janeiro do corrente ano, a cidade passou a denominar-se Silvânia, em homenagem à família Silva, cujos membros foram grandes obreiros de nosso País. Atualmente conta o município com a população de 22.000 habitantes, com uma área de 4.911 quilômetros quadrados. Suas terras são fertilíssimas em quasi sua totalidade, apresentando-se-nos um terreno altamente rico em humus, produtor dos melhores tipos de arroz, milho, café, etc., que vêm tornar o município um dos maiores celeiros do Brasil, ante a quantidade crescente de produção, notada na safra do ano corrente.

Privilegiada em todos os reinos da natureza, a comuna é, em verdade, uma das mais ricas do Estado, com relação à criação do gado, cujo número de cabeças cresce enormemente, sendo que, atualmente, encontramos lá 23.000 cabeças de bovinos de ótima qualidade. No reino mineral é a comuna grande produtora de ouro e outros minerais de suma importância para a economia nacional.

Transportes e Comunicações

Silvânia é um dos municípios goianos melhor servidos de meios de comunicações e transportes, pois, além da Estrada de Ferro Goiaz, que já conta em seu território seis estações (Caraíba, Ponte-Funda, Vianópolis, Bonfim, Leopoldo de Bulhões e Engenheiro Valente), e que dentro em breve, com o prosseguimento de sua linha tronco em direção a Goiânia, partindo de L. de Bulhões, contará com várias outras, é ainda cortada de rodovias em todas as direções, num total de 484 quilômetros de estradas de rodagem. Atualmente, o prefeito Misach cogita de outras construções, dentre elas salientando-se a construção da rodovia Leopoldo de Bulhões — Corumbá, ligando aquela praça, que será o entroncamento da E. F. Goiaz, com o norte do Estado, já estando prontos mais de 30 quilômetros de estradas de 4 metros de largura, aauladas e com desvios para enxurradas.

Surpreende-nos, também, em Silvânia, a extraordinária rede de comunicações que põe a sede em contacto direto com suas jurisdições, tudo isso graças ao espírito lúcido do dr. Misach, conhecedor das vantagens, numa administração, de um perfeito serviço de comunicação.

O serviço telefônico existia apenas em caráter particular e para Vianópolis, mas agora, estendeu-se por toda a cidade e, também, ao distrito de L. de Bulhões, o que vem melhorar grandemente as atividades do laborioso prefeito.

A cidade é servida por Agência Postal e Telegráfica, proporcionando aos seus habitantes um benfazejo e indispensável conhecimento das últimas notícias e novidades. Existe uma amplificadora cultural, anexa ao "Jardim-Clube", entidade composta dos elementos da elite social de Silvânia.



O famoso "Poço da Roda", reminiscência da mineração nos arredores de Silvânia. Diz a lenda que desse poço foram extraídas centenas de arrobas de ouro.

Obras Públicas

Por encontrar-se na frente da administração do município de Silvânia, como dissemos, o dr. Misach Ferreira Júnior, moço inteligente, de espírito clarividente, avesso às fantasias, tudo naquela comuna progride vertiginosamente, salientando-se os serviços de utilidade pública, engrandecidos pelas mãos laboriosas do magnânimo governador municipal. Silvânia se ressentia da falta de um hotel que oferecesse ao viajante uma hospedagem confortável, segundo os preceitos da higiene, falta esta sanada, com a construção, na praça Getúlio Vargas, de um portentoso prédio, com dois pavimentos, com 28 quartos e 2 apartamentos, bar e outras dependências. Sua administração, caso não apareça arrendatário vantajoso ao município, será feita pela Prefeitura. É também projeto do sr. Prefeito edificar um Cine-Teatro, para o que adquiriu o terreno necessário, com a ajuda indispensável e valiosa do brilhante povo de Silvânia. O prédio do Forum, onde se acham instaladas tôdas as repartições federais, estaduais e municipais, passou por um período de remodelamento e embelezamento. Lá achavam-se instalados o presídio e delegacia, que passaram, atualmente, a funcionar em

prédio construído para esse fim, obedecendo-se às modernas exigências das leis penais, com dependências para homens e mulheres, separadamente, instalações sanitárias, banheiros, etc..

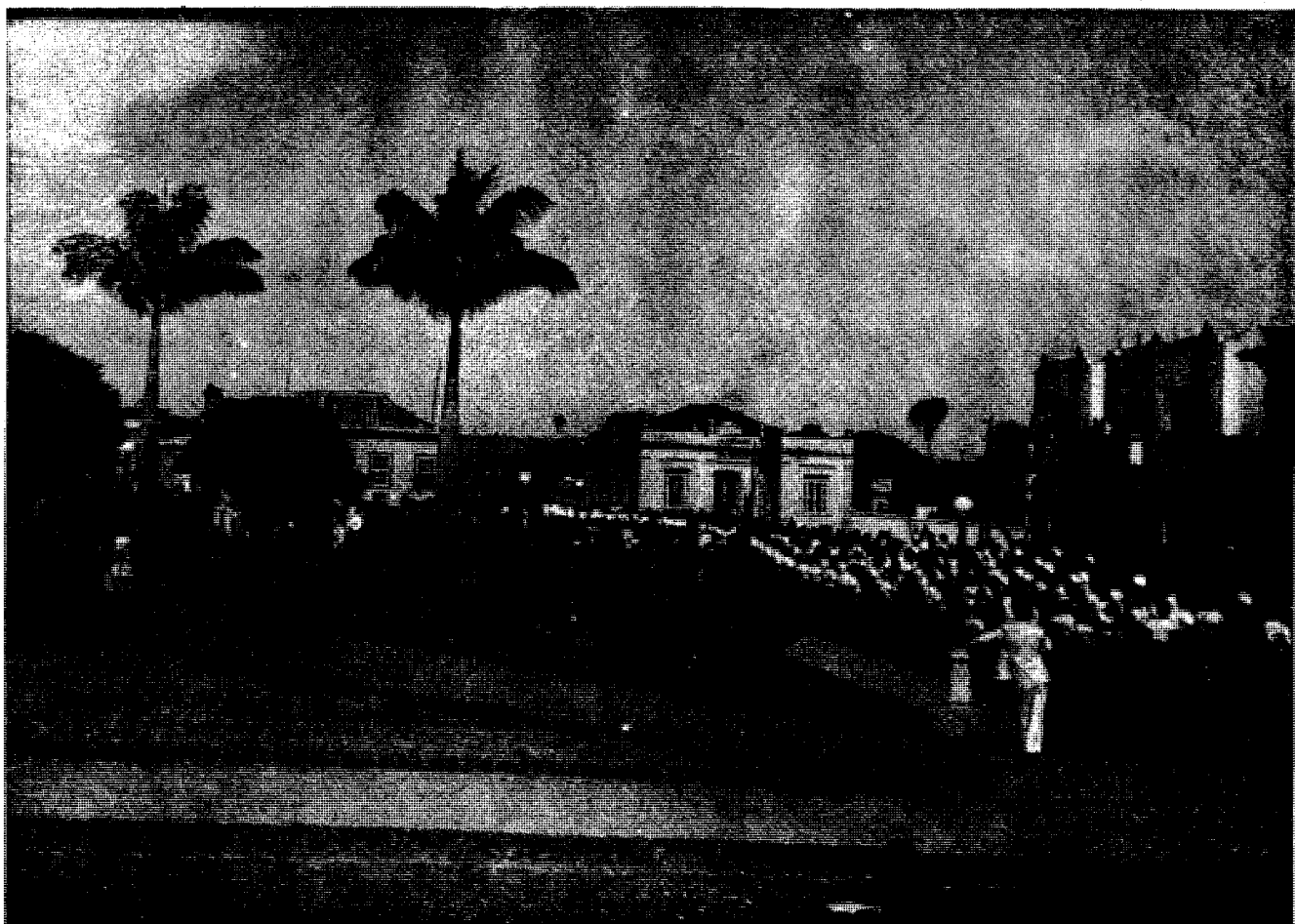
Construído pela Prefeitura, o aeródromo de Silvânia apresenta-se nos situado em ótimo local, com uma pista longitudinal de 1.300 mts. por 300 de largura, estando projetada a construção de outra transversal, juntamente com um moderno hangar. Melhoramentos imprescindíveis estão sendo feitos na praça Getúlio Vargas, o que levou o atual governador da cidade a desapropriar velhos prédios, de modo a alargar a praça, de acôrdo com a técnica moderna de urbanização. É indispensável citar, aqui, dentre outras tantas obras idealizadas e realizadas pelo dr. Misach, a reinstalação e nova aparelhagem da Casa de Saúde N. S. Auxiliadora, estabelecimento hospitalar construído especialmente para esse fim, pelo dr. Carlos Alberto de Freitas, inaugurado em 1928, e que se encontrava fechado há 10 anos, atualmente adquirido pela Prefeitura. Para o seu funcionamento e direção está o poder municipal em entendimento com um cirurgião de Belo-Horizonte, o qual, após visitar Silvânia e o pré-

dió referido, regressou ôtimamente impressionado, prometendo assumir a sua direção tão logo sejam feitas as reconstruções e limpezas ora reclamadas.

Também, foi criada em Silvânia, graças ao espírito brilhante do governador municipal, uma biblioteca pública, onde já se encontra grande número de livros de todos os gêneros, de autores brasileiros e estrangeiros. Junto à biblioteca encontra-se um salão para danças, jogos e outras diversões. É de se notar, igualmente, a inauguração, em dias do mês de março pretérito, do Aero-Clube, patrocinado pelo prefeito Misach, e presidido pelo monsenhor Abel Ribeiro, e que representa mais um passo dado, por aquela célula administrativa em prol da defeza nacional, com a formação de pilotos civis, estágio básico para nossa indispensável força aérea.

Educação Pública — Finanças

Sendo Silvânia um centro estudantil de renome em todo o Brasil, como é sabido por todos, lá chegam todos os anos, ondas de estudantes vindos do interior do Estado, e mesmo de Estados limítrofes, que lá vão instruir-se. Encontramos lá dois ginásios fiscalizados pela União, Escola Normal e Profissional. Existem, também, 12 escolas primárias,



Parada escolar realizada em 7 de Setembro de 1943, em frente ao edifício da Prefeitura, em Silvânia

3 grupos escolares e outros estabelecimentos de ensino particular. O ilustre governador de Silvânia não descarta da instrução primária. O Grupo Escolar "Moisés Santana", que poderia parecer em perfeitas condições para alguns administradores, assim não o foi para o prefeito Misach, que o reformou completamente, dotando-o, juntamente com o de Vianópolis, de todos os melhoramentos modernos para a instrução primária dos silvanenses.

Após ter transformado "in totum" as feições depauperadas do município de Silvânia, lançando suas benéficas realizações por todos os recônditos municipais, o brilhante governador deveria, em verdade, colo-

car os cofres municipais em estado de decadência, o que não se verificou, graças ao seu tino administrativo, notavelmente demonstrado com a situação atual do município, que não deve e tem saldo. Parece mesmo um milagre, mas é a puríssima verdade. Em 1930 a renda orçamentária do município acusou a cifra de Cr\$ 99 268,10, e em 1943, esta cifra subiu para Cr\$ 471 494,30, aumento que vem, mais uma vez, demonstrar as realizações profícuas dos dirigentes brasileiros após a revolução remodeladora de 30.

Depois de tôdas as realizações acima enumeradas, para um orçamento de Cr\$ 300 000,00, quantia prevista para 1943, era mais do que natu-

ral prever-se grande dívida municipal. Pois isso não é verdade. Ao invés, tem a Prefeitura tôdas as suas dívidas pagas e um saldo em caixa de Cr\$ 40 000,00.

E' mesmo empolgante a situação financeira de Silvânia, que nos vem demonstrar o que é uma administração bem orientada.

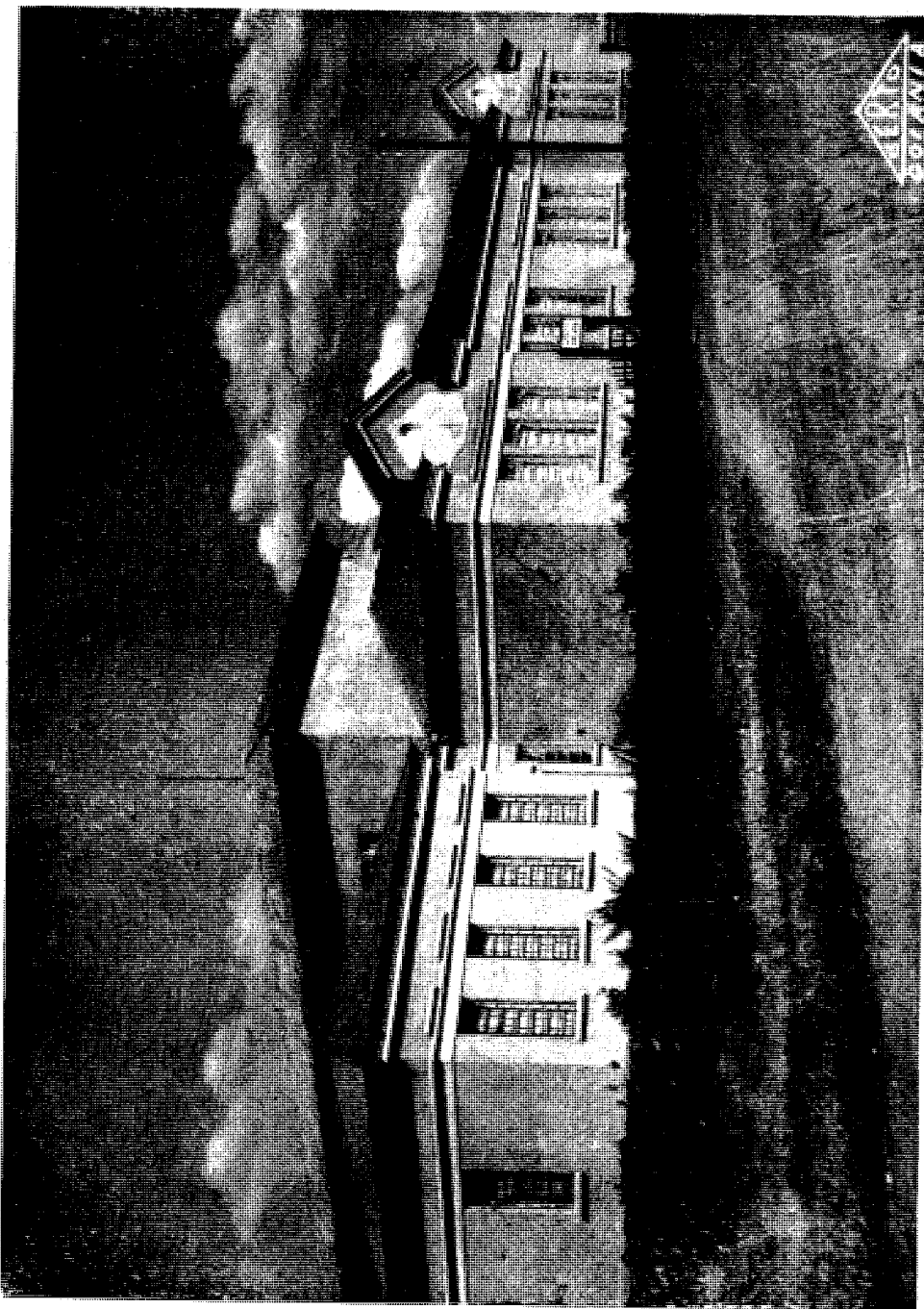
Para uma comuna um bom prefeito representa a alma de seu progresso, como vem demonstrar o município de Silvânia. O dr. Misach Ferreira Júnior é um desses homens que demonstram, à coletividade em geral, o verdadeiro sentido do conceito "querer é poder". Cercado de auxiliares competentíssimos, dentre eles salientando-se o dr. Acácio Felix de Sousa, seu secretário, o dr. Misach é digno de ser admirado por todos que crêem numa boa administração.

Lutando, às vezes, com pequenas rendas, está êle fazendo verdadeiros milagres administrativos, tornando-se, mesmo, exemplo para os municípios poderosamente orçamentados.



Foto "BERTO"

o fotógrafo da Elite de
Goiânia e desta Revista



O magnífico edifício do Ginásio e Escola Normal "Nossa Senhora Auxiliadora", de Silveira.

COMO FALOU O PRESIDENTE GETULIO VARGAS AOS TRABALHADORES BRASILEIROS

“Pela primeira vez, neste 1º de maio, altero a praxe de falar-vos da Capital da República. Vim a São-Paulo e daqui vos dirijo a palavra, atendendo ao apêlo de quasi meio milhão de obreiros da riqueza e do progresso do país, representados em duzentos e setenta sindicatos e seis federações.

Para alcançarmos resultados satisfatórios nestes dias difíceis e conturbados, em que os obstáculos se multiplicam, a vossa colaboração foi decisiva e o governo reconhece tão pratiótico devotamento. O vosso resolutio apóio de homens afeitos às duras labutas da indústria nunca faltou à administração e valeu por um encorajamento constante no sentido de fazer triunfar a justiça social. Mourejando solidários, em perfeito entendimento, vamos ajustando cada dia mais a mútua compreensão dos grandes e permanentes interesses nacionais. Os efeitos dessa cooperação tornam-se evidentes. Mesmo entre as agruras da guerra o país prospera e o ambiente de ordem interna, construtivo e saudável, mostra a firme disposição de trabalharmos sem descanso pelo seu engrandecimento.

A vossa conduta tem sido exemplar. Nem greves, nem perturbações, nem desajustamentos. Haveis compreendido, com a mesma inteireza de ânimo pos'a ao desempenho das tarefas quotidianas, as graves circunstâncias que atravessamos. Estais votados ao bem da Pátria, junto às vossas máquinas, nas vossas oficinas, como estarão amanhã os nossos jovens e bravos soldados nos campos de batalha. E' um esforço único, de admirável ritmo, que permite augurar para a Nação Brasileira dias de paz digna e de maior progresso.

A luta pela emancipação económica do país está iniciada com as indústrias de base e vamos entrar num ciclo de realizações que nos exigirá redobrado e persistente esforço. Não se atinge a maioridade como Nação sem vencer dificuldades de toda ordem. Mas felizmente para o Brasil, os elementos de discórdia, os motivos de desentendimento interno, não existem. A evolução das relações do trabalho e do capital não assumiu entre nós, graças às medidas adequadas do governo, aspectos insolúveis, como noutros países. Ao contrario, dentro de uma sadia concepção cristã estamos resolvendo, gradativa e satisfatoriamente, os dissídios

passageiros entre as duas grandes fontes de produção, mostrando a empregados e empregadores que a colaboração sob a égide do Estado, em beneficio do superior interesse da Nação, ao invés de advogar proveitos de grupo é a mais vantajosa solução para todos.

Já fizemos bastante, sem dúvida. Os frutos desse trabalho são magníficos, mas ainda há muito que empreender e aperfeçoar. E' nesse sentido que desejo anunciar-vos hoje a projetada reforma dos serviços de assistência social, em bases mais amplas, capazes de favorecer maior número de trabalhadores e amparar mais eficientemente as suas famílias.

Terminada a frase de experiência e solidificação dos institutos e caixas, cujas reservas vinham sendo aplicadas sob o critério de imediata segurança e rendimento certo, é tempo de iniciarmos uma política de mais largo alcance relativamente ao emprêgo dos fundos acumulados. Empres'ar os depósitos das organizações de seguro social para construções suntuárias ou fazê-los circular a juros bancários é afastá-los da finalidade superior que ditou a legislação trabalhista. Ao contrario disso, nas suas linhas mestras, a nova lei orgânica de previdência em elaboração, igualará os beneficios de todos os grupos profissionais, outorgará pensões na base dos encargos crescentes de família segundo o número de filhos menores e melhorará as aposentadorias, que passarão a corresponder, pelo menos, ao salário mínimo regional. Quanto às aplicações do capital também serão adotados rumos diferentes. Forneceremos aos trabalhadores sindicalizados utilidades básicas em forma cooperativista, elevando-lhes assim, automaticamente, os salários reais; com a colaboração das administrações municipais, que entrosarão os respectivos projetos nos seus planos de urbanização, construiremos cidades-modêlo nas proximidades dos grandes centros industriais, com instalações de tratamento de saúde, de educação profissional e física. As quotas reservadas a auxílios não deverão visar apenas o afastamento da miséria iminente, quando fica inválido ou desaparece o chefe da família; deverão assumir formas propulsivas, possibilitando melhor alimentação e melhor padrão de vida, com o funcionamento de restaurantes populares, escolas de trabalho, cen-

tros de saúde, lactários, campos de esporte e estância de repouso. A unificação de esforços dos grandes institutos e o condomínio das construções de seguro social tornarão as iniciativas dessa natureza perfeitamente viáveis. O cálculo da mobilização financeira das reservas atuais permite-nos anunciar o propósito de nelas inverter inicialmente quinhentos milhões de cruzeiros.

Concluindo esses aperfeiçoamentos no sistema de auxílio e estímulo ao operário industrial, o Estado atacará com idêntico empenho outro aspecto relevante do problema da produção. Estão adiantados os estudos para a promulgação de uma lei definidora dos direitos e deveres dos trabalhadores rurais. A quinta parte da nossa população total trabalha e vive na lavoura e não é possível permitir, por mais tempo, a situação de insegurança existente para assalariados e empregadores. Torna-se inadiável estabelecer com clareza e fôrça de lei as obrigações de cada um, o que virá certamente incrementar as atividades agrárias, vinculando o trabalhador ao solo e evitando a fuga do campo para a cidade, tão pernicioso à expansão da riqueza nacional.

Para o êxito completo dessas iniciativas, faz-se mister cerrar fileiras em torno das agremiações sindicais. A massa operária de São-Paulo, nos seus trinta e três mil locais de trabalho, concentra cerca de oitocentos mil trabalhadores e destes apenas cento e vinte mil se acham filiados aos órgãos de classe. Noutra oportunidade já vos dirigi um apêlo para que vos congregasseis por forma que os sindicatos representassem, realmente, um número de associados que fosse expressão total de cada atividade, apto a exercer ativa fiscalização dos direitos que lhes assistem. A reforma da lei orgânica cogita, por isso mesmo, da instalação dos postos de previdência, destinados a manter em cada empresa o contacto direto dos associados com os órgãos de classe.

São-Paulo, que conta entre os seus melhores trabalhadores o ministro Marcondes Filho, alta inteligência e personalidade dinâmica, e o interventor Fernando Costa, tão operoso e experimentado na administração como na agricultura e na indústria — São-Paulo, que manufatura metade dos vinte e quatro bilhões de cruzeiros da produção industrial do país, e tem no café

a lavoura de mais extensa cultura, precisa oferecer o exemplo de congregar nas agremiações trabalhistas a mão de obra que lhe garante tão excepcional situação. Essa modificação de mentalidade é tanto mais imperiosa e fácil de apreender quando se considera a rapidez das transformações da vida econômica e a revisão do próprio conceito de capital, que deixou de ser simples acumulação de dinheiro para representar energia social concentrada em incessante e fecundo movimento.

Tais são os propósitos do meu governo e para realizá-los plenamente conto com a vossa integral adesão. Porque, se as tarefas do presente são importantes, muito mais hão de ser as do futuro. O fim da guerra, com a vitória das Nações Unidas, aproxima-se. Depois de alcançá-la, dominados os inimigos externos, precisamos vencer os inimigos de outra ordem e não menos perigosos, que são as discórdias, a incompreensão, o egoísmo de classe, a intransigência dos interesses privados. A liberdade, no sentido estrito de franquias políticas, não basta para resolver a complexa questão social. Sem a independência econômica converte-se quasi sempre em licenciosidade e em ludíbrio para o povo, que não mata a fome com o direito de voto nem educa os filhos com o direito de reunião. Amparar economicamente os trabalhadores equivale a dar-lhes o verdadeiro sentido de liberdade e segurança para expressar as suas opiniões políticas. E, para isto, urge corrigir o desequilíbrio existente entre os que não encontram limites na exploração lucrativa dos meios de produção e os que labutam em permanente estado de necessidade, sem recursos para adquirir o indispensável à subsistência. As atividades produtoras nos tempos que correm devem subordinar-se aos interesses da coletividade e não à preocupação absorvente de lucro, à voracidade de intermediários e parasitas, tanto do capital como do trabalho. Impõe-se, por conseguinte, fazer reverter à comunidade os proventos derivados das circunstâncias de emergência, aplicando-os no desenvolvimento da produção para o consumo geral, que eleva o nível das massas e lhes permite usufruir os bens da civilização.

Quando num grupo social ou nacional a produção deixa de ser de utilidade para ser de mercadorias somente, sobrevêm inevitavelmente desequilíbrios profundos, de consequências fatais para a ordem social, porque a parte maior desse grupo passará a sofrer restrições e necessidades. Por isso mesmo, toda vez que o Estado recorre a processos evolutivos com o fim de resolver os problemas máximos da Nação nada mais faz do que evitar

as transformações violentas, os desperdícios materiais e humanos, sofrimentos e lutas cruentas. Precisamos meditar sobre os erros de organização social, conjurando preventivamente futuras e castatráficas perturbações.

O aumento de salários e vencimentos será sempre inoperante enquanto o custo da vida continuar a elevar-se. E, todos nós sabemos, ou remediamos com serenidade e justo senso das circunstâncias os males que afligem o povo ou este perde a confiança e a si mesmo se prejudica caindo em excessos condenáveis. Se pretendemos verdadeiramente viver como civilizados cumpramos não admitir, como condição para prosperar, o predomínio brutalizante da lei de seleção animal, a exploração do homem pelo homem. É possível subsistir ajudando-se mutuamente, oferecendo uns aos outros melhores oportunidades de progresso, principalmente num país novo e cheio de possibilidades como o nosso, cujo potencial de riqueza ainda não se esgotou, podendo criar indefinidamente formas mais nobres, e sadias de convivência.

O capital no Brasil não tem de que amedrontar-se se souber usar a profunda sabedoria da auto-limitação. O país entrou numa nova era de realizações. O governo está empenhado em iniciativas importantes e com o planeamento de grandes empreendimentos industriais que serão conhecidos em breve certamente sustentará o ritmo

do nosso desenvolvimento econômico e aumentará o giro dos negócios, assegurando a todos, capitalistas e trabalhadores, remuneração farta dos seus esforços.

Trabalhadores do Brasil.

Depois da tempestade que abala o mundo, fazendo tremer nos seus alicerces grandes impérios, devemos esperar dias de bonança e recomposição pacífica.

A cooperação e a solidariedade entre os grupos sociais, dentro de uma mesma nação e das nações entre si, operarão, sem dúvida, substancial acréscimo de bem-estar e prosperidade para maior número de seres humanos.

O Brasil, que, tanto no campo das relações internacionais como na solução dos problemas de caráter interno, foi sempre pioneiro das soluções amistosas, do arbitramento, da concórdia de classes, terá oportunidade de auxiliar a reconstrução do mundo e colaborar por todos os meios ao seu alcance no retorno das nações civilizadas aos largos caminhos do direito e da justiça.

Para essa missão de enorme responsabilidade é que vos conclamo — chefes de indústria, operários, agricultores, todos quantos nesta abençoada terra produzem e vivem do trabalho honesto — acreditando que, no após-guerra daremos o exemplo de um povo organizado, dono dos seus destinos, criador do próprio progresso, fiel aos ideais cristãos de fraternidade”.

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

Circulou OESTE sob a nova direção

Já se encontra em circulação o primeiro número da revista “Oeste”, sob a sua nova direção nomeada recentemente pelo sr. Interventor Federal, em virtude do pedido de demissão da antiga, que a vinha trazendo também sob uma orientação concisa e elogiável.

Agora “Oeste” tem à frente o nome do dr. Vasco dos Reis, secundando-o em conselho de censura, os srs. jornalistas Odorico Costa, prof. A. Juruena Di Guimarães e dr. Paulo A. de Figueiredo, e, continuando na gerência, o cap. Gabriel Anconi.

O número de “Oeste” de março trouxe variada matéria e veio acrescido de novos colaboradores. (Do “Anápolis”, da cidade de Anápolis, edição de 10-4-944).

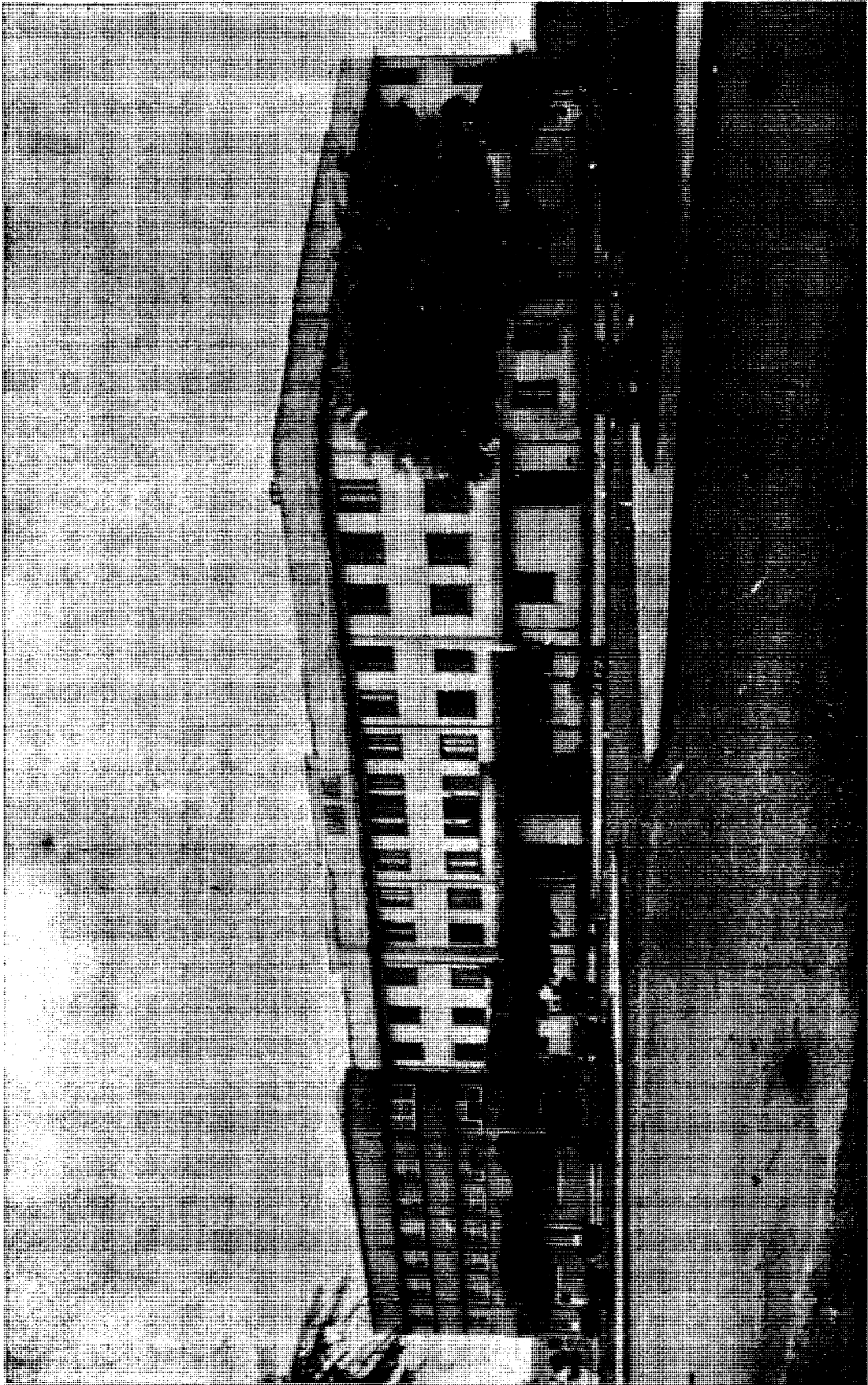
OESTE — Mais uma edição acaba de distribuir o excelente mensário “Oeste”, que se edita em Goiânia sob os auspícios do gover-

no do Estado. A brilhante revista vem de sofrer modificações na sua administração, tendo o interventor federal assinado um decreto-lei que lhe dá novo regulamento.

Em vista dessa transformação, o apreciado magazine passa a ser superintendido por um diretor, um conselho de censura composto de três membros e um gerente. Para o primeiro desses cargos foi nomeado o dr. Vasco dos Reis Gonçalves, nome assás conhecido no jornalismo goiano; para o conselho foram escolhidos os não menos conceituados jornalistas Odorico Costa, A. Juruena Di Guimarães e Paulo A. de Figueiredo; na gerência continuou o sr. Gabriel Anconi, técnico de notória competência.

“Oeste”, que melhorou sensivelmente na sua parte intelectual, trás artigos assinados pelas penas mais icôneas do Estado Central.

(Do “Correio de Uberlândia”, de Uberlândia, Minas, edição de 5-4-944).



Vista dos edifícios do Grande - Hotel e do Serviço Telefônico de Goiânia

« OESTE »

BOLETIM MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Tocantins, nº. 7

(Imprensa Oficial)

Telefone - 1161

Goiânia -- Estado de Goiaz

DIRETOR:

Vasco dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:

A. Juruena Di Guimarães

Odorico Costa

Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:

Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

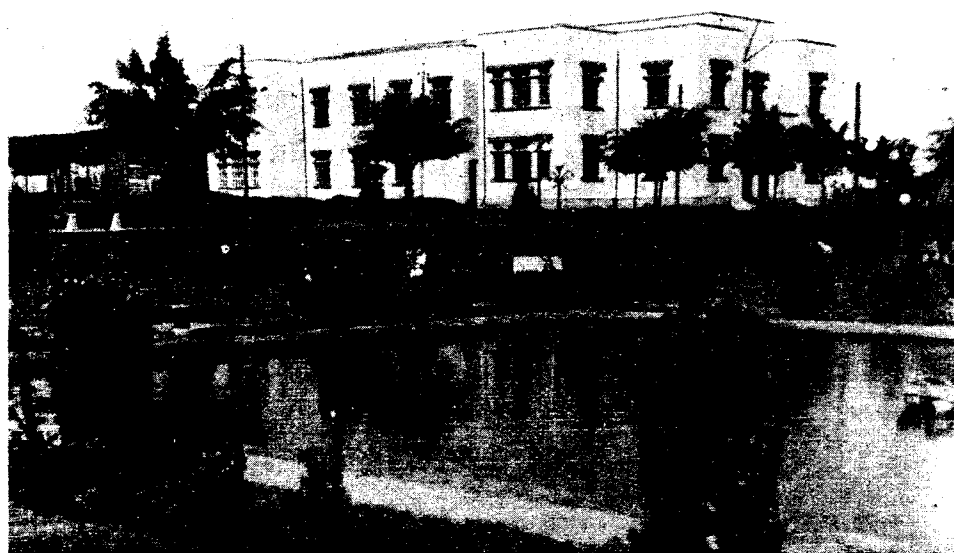
Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Toda e qualquer correspondência destinada ao boletim "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.

OESTE

REVISTA MENSAL

Ano II | Goiânia, Junho de 1944 | Núm. 17



EDIFÍCIO DA CHEFATURA DE POLÍCIA - GOIÂNIA

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

“ O E S T E ”

Ano III — Junho de 1944 — Núm. 17

O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA O SEU DEVER

Celebra-se, a 11 do corrente, a passagem de mais um aniversário da Batalha de Riachuelo, um dos feitos navais mais expressivos de todos os tempos e que demonstrou ao mundo, de maneira inequívoca, o patriotismo, a valentia e a inteligência da gente brasileira.

Estávamos em 1865. Decorria, violenta, referta de lances épicos, a guerra contra o Paraguai, quando, dia 8 de junho, resolveu Solano Lopez dirigir-se a Humaitá, a bordo do *Tacuari*, que seguiria comboiado pelos navios: *Paraguai*, *Salto Oriental*, *Jejuí*, *Igureí*, *Iporan*, *Rio Branco* e *Paraná*. Tencionavam os paraguaios atacar de surpresa a esquadra brasileira, estacionada esta na foz do rio Riachuelo, no Paraná, perto de Corrientes, e contavam, para tanto, com 8 vapores e 6 chatas, 47 canhões e 1.400 homens, sob o comando do almirante Mezo.

Lopez pretendia fazer com que a sua armada, antes do alvorecer, passasse ao largo dos brasileiros, aproveitando águas acima, a-fim-de, em posição favorável — eis que, então, em canal tortuoso, onde as nossas unidades, de grande tonelagem, dificilmente poderiam manobrar com êxito, maximiz tendo-se em conta que as guarnições inimigas seriam protegidas pelas tropas de terra, adredes ocultas nas florestas marginais — atacar-nos com probabilidades, para não dizer certeza, de vitória.

A nossa esquadra compunha-se do *Amazonas*, *Parnaíba*, *Mearim*, *Jequitinhonha*, *Iguatemi*, *Belmonte*, *Ipiranga*, *Beberibe* e *Araguari*, com 1.113 homens e 59 canhões.

Em marcha os vapores paraguaios, desarranjou-se a máquina do *Iburé*, que acompanhava, também, a expedição; e, assim, era já dia claro quando se defrontaram as duas armadas, travando-se, então, domingo, dia 11, a célebre Batalha de Riachuelo, que durou 10 horas, e na qual o Brasil cobriu-se de louros.

Foi, aquela, uma luta tremenda, rara, onde brasileiros e paraguaios provaram, de sobejo, tôda a bravu-

ra dos povos livres da América.

Francisco Manoel Barroso da Silva, Barão do Amazonas, o chefe vitorioso de nossas forças, colocouse, pelo valor revelado no formidável combate, ao lado dos mais notáveis marinheiros de que há lembrança na história, situando-se, por conseguinte, como uma das mais autênticas glórias nacionais.

Logo de início, içando o *Mearim* o sinal de *inimigo à vista*, Barroso falou eloquentemente aos seus comandados, naquelas palavras magníficas que não esqueceremos nunca: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. O bravo marinheiro renovava, em episódio semelhante ao de Trafalgar, a famosa exortação de Nelson; e como Nelson iria portar-se, para, como Nelson, vencer, pois os brasileiros souberam cumprir o seu dever, escrevendo, com o seu devotamento à Pátria, um dos capítulos mais grandiosos de nossa história.

A coragem e a calma de Barroso deve-se, principalmente, a vitória esplêndida, e é isso mesmo o que salienta o Visconde de Ouro Preto, em página de antologia: “Reproduzindo as palavras de Nelson, antes da batalha de Trafalgar, o chefe brasileiro não lhe ficou somente no arrôjo com que afrontou a morte, sendo, como êle, o primeiro a dar o exemplo do que exigia dos seus subordinados . . . Nelson entrou em fogo adornado com tôdas as suas condecorações, oferecendo-se assim como alvo aos tiros do inimigo. Debalde seus oficiais lhe representaram que a posição de almirante e chefe lhe impunha o dever de não se expor com tanto ardimento. Aí ficou até cair moralmente ferido . . . Também Barroso, de pé sobre a caixa de rodas, ondeando-lhe ao vento a comprida e alva barba, apresentava sua imponente e marcial figura como ponto de mira aos milhares de projéteis, que lhe choviam em tórno como granizo”.

Como o seu grande chefe, todos os nossos patrícios se portaram heróicamente, todos fazendo jus à

gratidão imorredoura da Pátria. Não será injustiça, todavia, se desataquem, entre aqueles marinheiros admiráveis, os nomes de João Guilherme Greenhalgh e Marcílio Dias. Greenhalgh, um quasi menino, descarregou seu revólver contra o oficial inimigo que o intimara a arriar a bandeira brasileira, hasteada no mastro do *Parnaíba*, quando já subjugado este, por força do número quatro vezes maior dos paraguaios que o atacaram. Marcílio Dias, simples marinheiro, perdendo o braço direito na luta, tomou o sabre na mão esquerda e combateu até cair no tombadilho. Esses dois gestos sublimes de nossos compatriotas bastariam para consagrar um povo.

O “Monitor Universal”, apreciando o triunfo por nós alcançado naquele pleito, assim se expressou: “A esquadra brasileira mostrou quanto pode a bravura aliada à ciência e à disciplina, e o modo por que manobram as canhoneiras colocou a esquadra do Brasil e sua oficialidade a par das marinhas européas”.

Em resumo: a Batalha de Riachuelo, fato culminante da Guerra do Paraguai, foi, como bem disse Afonso Celso de Assis Figueiredo, “um dos maiores feitos navais de que reza a história”.

Nesta hora, pois, em que assistimos, sob os auspícios do Estado Nacional, a renovação de nossa Marinha de Guerra, que, na patrulha do Atlântico Sul, está dando mostras de tanta eficiência; nesta hora, em que governos e povos do Brasil e do Paraguai esqueceram para sempre discórdias antigas e se estreitam, compreensivos, num mesmo sentimento americanista de unidade e engrandecimento continental; nesta hora, decisiva para os destinos da Humanidade, valha a Batalha de Riachuelo como exemplo e como inspiração às gerações brasileira e americana atuais, na luta em que todos, pela liberdade, estamos empenhados contra o inimigo comum: o nazi-nipo-fascismo.

MACHADO DE ASSIS

Quando os homens são grandes, grande é a Pátria a que eles pertencem. As nações vivem nos seus filhos que não morrem. Os grandes homens é que gravam, na história, o nome de seus países. Melhor: — são os homens excepcionais e exponenciais que escrevem a história dos povos. Assim, pois, os grandes vultos são como que condições de permanência das nações no tempo e no espaço. Pode-se mesmo, sem forçar muito a verdade dos fatos, dizer que não há povo que dure sem figuras que o registrem, superiormente, nos anais da história.

E porque as pátrias se fazem pelos seus filhos maiores, estes constituem verdadeiros patrimônios, que todos devem velar com religioso respeito. Donde o culto, em todos os pontos da terra, àqueles que, de um modo ou de outro, souberam elevar o nome de seus torrões natais.

Joaquim Maria Machado de Assis foi, no Brasil, um desses tipos singulares. Por isso, o dia 21 do corrente é um dia, para nós, rico de sentido. Porque foi a 21 de junho de 1839 que nasceu, no Rio, aquele brasileiro extraordinário.

Filho de pais humildes, Machado de Assis teve uma vida cheia de dificuldades, as quais soube vencer, porém, com ânimo forte, até alcançar as culminâncias da glória.

Jornalista, poeta, cronista, comediógrafo, "conteur" e romancista Machado de Assis revelou, em todos esses gêneros literários, e através de uma linguagem castíssima, um pensamento vigoroso, refinado e profundo. Penetrante, sutil, comedido e claro, êle escreveu páginas perfeitas, que o situaram entre os melhores escritores da língua portuguesa. "Memórias póstumas de Braz Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Memorial de Aires", "A mão e a luva", "Esaú e Jacob", "Helena", etc., são, entre muitas outras, verdadeiras obras primas que consagrariam qualquer literatura.

Rui Barbosa, dizendo adeus ao grande literato, quando seu corpo, antes de baixar à sepultura, repousava no recinto da Academia Brasileira de Letras, da qual Machado de Assis fôra fundador e primeiro Presidente, assim se exprimiu: "Modêlo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e a honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luiz de Sousa, e can-



tava como Luiz de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca se desligou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza".

Como se vê; — além de contista insuperável, de romancista perfeito, de humorista qualificado, de poeta de méritos, de cronista ameno e de crítico concienzoso, Machado de Assis, por isso mesmo considerado por José Maria Belo "o mais alto escritor contemporâneo da nossa língua", foi, ainda, cidadão correto, chefe de família exemplar e bom amigo.

Em 1909, a 29 de setembro, passado um ano de sua morte, a Academia mandou colocar uma placa de bronze na casa que êle habitara. Falou, oficialmente, na homenagem, Olavo Bilac, que proferiu um belo discurso, emocionante e sincero, do qual des'acamos o seguinte trecho: "Não nos sucedemos, apenas: também nos continuamos; mudam-se os nomes, mas fica o ideal que os encadeia; há-de perdurar na Academia, exemplar e consoladora, a memória do Mestre. E há o tempo de morder e devorar esta placa de bronze; hão-de as soalheiras e as chuvas arruinar e aluir esta casa; — mas, se um horroroso cataclisma social não dispersar esta nossa raça, e não aniquilar a língua que falamos, a nossa romaria de hoje terá sido o início de uma glória perpétua".

Nenhum ciclone social destruiu a nossa gente; e mais viva e mais bela continua a nossa língua. E Bilac acertou na profecia: aquela romaria ficou sendo, mesmo, o começo de uma glória eterna. Machado de Assis ganhou, sim, a imortalidade. E' um desses nomes em que o Brasil se perpetuará.

o Estado Nacional, que alguns malsinam, porque, apressando transições que se faziam morosamente, desenvolveu-se e eliminou órgãos tornados inúteis e adotou medidas vitais à nova situação, é democracia evoluída, realista, ativa — VASCO DOS REIS GONÇALVES.

Noite de São João

Esmeralda Rocha

A lua arregalou o olho redondo
muito grande,
muito claro,
para espiar a terra.
A brisa passou, de leve,
a mão gelada
na face aveludada
da cabocla brasileira.

No terreiro muito limpo,
varridinho,
acendeu-se a fogueira,
e o mastro de São João
foi subindo
como símbolo
da crença brasileira.

A sanfona,
encheu de sons fanhosos
o ranchinho pobrezinho
de Nhá Sinhãna.
As mulatas serigaitas
e os caboclos decididos,
batacaram a noite inteira
festejando a fogueira.

Que doce simplicidade
na festa de São João!
a mandioca bem assada,
a pipoca tão salgada,
a batata,
o quentão...

Foguetes estourando,
subindo os rojões...
Estrêlas, com malícia,
piscando aos balões,
convidando-os à ascensão.
E êles, fugindo das mãos infantis,
subindo... subindo...
tão sutis
e se perdendo na imensidão!...

Noites de São João,
Noites de fogueira,
Tendes o encanto
da alma brasileira.

SALARIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL ?

== M. A. TEIXEIRA DE FREITAS ==

Se na expressão está implícita a igualdade global do salário — sem distinção entre o valor da “contribuição individual” e o do seu “destino social” na pessoa de quem a presta — em cada espécie de trabalho, a fórmula está duplamente errada.

O mesmo salário para situações pessoais e sociais diferentes?

Salário desigual para o “trabalho social”, que é, ou deve ser, essencialmente o mesmo para todos os homens, desde que estabelecida, como de justiça, a equivalência do sacrifício pelas condições de sua prestação?

Não. Esta não é, ainda não pode ser, a fórmula que permita realizar a justiça social, em termos definitivos, visando a melhor ordem de convivência humana.

Em que pese ao gênio político e às generosas intenções de Churchill, que a mandou estudar por uma comissão, ao que informa o noticiário telegráfico dos jornais, o lema não nos dá a solução do problema crucial da nossa época. Apenas poderá criar condições algo favoráveis a que, vencidos os grosseiros preconceitos que ainda impedem os melhores homens e os mais argutos dirigentes de ver claro no assunto, se orientem as nações, afinal, na verdadeira direção que os acontecimentos lhes apontam, se quiserem encerrar a sombria “pré-história” do “homem social”.

A humanidade até hoje só pôde fazer a falsa felicidade de alguns e a real infelicidade de quasi todos. Acumulou erros, injustiças, sacrifícios e destruições. Sem conseguir dominar os tabús artificialmente criados pela obtusa egolatria de algumas classes sociais. E a história desenrolou, de era em era, o drama pungente da escravização do homem pelo homem, cavando cada vez mais funda a separação entre dominadores e dominados, mercê dos ardís e engodos de falsos privilégios ou pretendidos direitos. Daí, depois de dois milênios de cristianismo, esta nova “idade da pedra”, em que o mundo se plasma e se conforma segundo férreas estruturas ocultas, de interesses ferozes, éticamente inconcipientes, que reduzem as massas humanas a blocos inertes, submissos a tôdas as pressões, mecanicamente manejáveis na rigidez e aparente passividade do granito. Idade, numa palavra, em que, num apêlo sacrílego à liberdade, o que os governos mantêm é a tolerância para com “liberdades” liberticidas, que

E' com uma alegria enorme e sentindo-se bastante honrada que OESTE publica, hoje, mais um artigo que para ela e “Fôlha Carioca”, do Rio, escreveu o dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas.

“Salário igual para trabalho igual?” é, como verão os leitores, um estudo realmente admirável, em que Teixeira de Freitas fez uma análise criteriosa, serena e meditada de um dos aspectos mais importantes da chamada “questão social”.

Rico pelos conceitos que encerra, — pleno de verdades, grandes e eternas verdades que estão na consciência de todos os homens de bem, — claro, penetrante, atual, — cristão, autenticamente cristão, em seu

atentam a um só tempo contra o bom senso, os mais elementares princípios de justiça e a dignidade do homem.

São bem conhecidos êsses falsos ídolos.

Liberdade de malbaratar loucamente, sem medida nem finalidade social, ou de deter, para gozo privilegiado e exclusivo de alguns, os frutos do labor e do sacrifício coletivos. Por vezes, um enorme potencial de riqueza que, pertencendo a todos — porque só a colaboração social permite criá-la — erradamente se supõe possa constituir propriedade particular de poucos.

Liberdade de dissipação e declínio moral, em detrimento próprio e da sociedade, livre alvêdrio êsse que só se detém — quando se detém — nas raias da criminalidade.

Liberdade inconcebível de não trabalhar, de nada sacrificar de si, com o direito e os meios de parasitar o trabalho de outrem e utilizar a seu bel prazer, por bem ou por mal, o sacrifício alheio.

Liberdade de não adquirir uma profissão honesta e justa, e de não se dar a si mesmo mediante adequada educação — que exige esforço e disciplina da vontade — as condições mínimas de agradável convivência e fecunda cooperação social.

Liberdade de escravizar os semelhantes sob mil disfarces e artifícios. Porque, na “ordem do lobo”, em que vivemos, a personalidade humana permanece sem defesa quando precisa ganhar de qualquer forma o pão de cada dia, e o recebe, quasi sempre, de mãos avaras, injustas e inconcipientes, em migalhas que não bastam ao corpo, que humilham a dignidade humana, e impedem a expansão do espí-

sentido humano profundo, e vasoado numa linguagem franca e es-correita, o novo trabalho do illustre patricio é, sem favor, no gênero, um dos mais sérios e substanciais, merecendo, por isso, que sobre êle meditem os homens de boa vontade.

“A humanidade até hoje só pôde fazer a falsa felicidade de alguns e a real infelicidade de quasi todos”, diz — falando a verdade — Teixeira de Freitas, que, nesse esplêndido “Salário igual para trabalho igual?”, indica, com precisão, um dos caminhos pelos quais poderá a humanidade tentar a real felicidade de quasi todos, se bem que, para tanto, seja preciso acabar com a falsa felicidade de alguns . . .

rito. Em vez daquele quinhão farto e justo que os dons da natureza, se procurados pelo trabalho coletivo bem ordenado, que o poder da máquina centuplica, poderiam assegurar super-abundantemente — para fins de vida e não de morte — a todos os co-produtores.

Mas essas não são, não podem ser as “liberdades” do homem. Se o nosso conceito de sociedade de “homens livres” já não pudesse exprimir outra coisa senão o livre exercício ou a livre aceitação de tais prerrogativas, bem vergonhosa, e talvez sem remédio, já seria a situação social da espécie. Mas, felizmente, tais liberdades ainda não constituem para o nosso senso moral o pedestal da nobreza do homem. Ao contrário. Não passam de deformações que os erros acumulados de tôdas as tirajias foram es:ratificando à medida que se velavam e olvidavam as aspirações superiores do espírito, aquelas que traduzem imperativo de harmonia, de justiça, de lógica, estas, sim, inerentes à natureza ética do ser humano.

Mal da humanidade, se dos transees horrendos por que está passando, vertendo tanto “sangue, suor e lágrimas”, nesta hora de treva e de extermínio, só decorresse como ensinamento e experiência, a certeza do prodigioso poder da técnica, mesma a serviço do mal. Ou mesmo a confiança nesta quasi infinita capacidade de sacrifício e heroísmo de centenas de milhões de criaturas, que, a-pesar-de tudo, se deixam conduzir por uma certa forma de altruísmo, embora esteja êste submetido cegamente ao egoísmo monstruoso de poucos.

Mal da humanidade, se dessa crime sem par, que precisa ser a últi-

ma das horrendas sementeiras de vítimas, só colhêssemos, como frutos de vida, essa mesquinha conquista: *salário igual para trabalho igual*. A negação dos mais nobres e mais justos anseios do homem, assim na aplicação das suas faculdades, como na realização do seu destino. Note que só tem, a lembrar justiça e fraternidade, o adjetivo "igual" e a boa intenção de atenuar, sistematizando-os, a arbitrariedade delirante ou o acaso com que se implantam e se mantêm, machucando o homem, as tremendas injustiças inerentes à desordem social vigente.

Não, repetimos. Não é isto que o mundo espera. Não é isto que esperamos e teremos de conquistar. Mas praça aos céus que o conquistemos por uma evolução progressiva, graças ao supremo milagre da dolorosa tragédia em que se debatem todos os povos, o milagre de um mútuo entendimento e recíprocas concessões entre aqueles dois grupos, compreensivelmente bem difíceis de se entender, de que falou certa vez Guerra Junqueiro: o dos que jantam e o dos que são jantados.

Outra, pois, há-de ser a fórmula-chave para a instauração da nova ordem que o mundo aguarda. Do sofrimento sempre saiu a redenção. E à injustiça segue-se a reparação. E' a lei do espírito. A' humanidade foi imposto criminosamente êste sofrimento atroz, tão injusto quanto inútil, mesmo para os próprios fins egoísticos do predomínio efêmero de umas nações sobre outras.

Atingida em todos os seus valores, a sociedade humana estertora, convulsionada, na maior e mais estúpida obra de destruição que jamais viram as horas negras do passado. Mas ninguém duvide: algo de transcendente se está passando no íntimo de todos os corações; uma consciência nova de solidariedade humana se está formando em toda parte. A seiva poderosa da fraternidade, sublimada no sofrimento, reverdecerá, para uma florescência magnífica, mesmo os galhos aparentemente mais ressequidos da árvore eterna do Cristianismo. O lenho que parecia morto já se cobre de novos brotos, onde palpita uma vida nova. São os prenúncios de uma revolução dos sentimentos, que preparará a compreensão da verdadeira ordem social.

Não tardará que se reconheça e proclame, agora que se aproxima o "fim dêste comêço" —, que a fórmula da justiça social, sendo no fundo a expressão de que o homem não vive por si e para si, a não ser que viva, primeiro, pelos outros e para os outros, há-de firmar os lemas luminosos dos tempos que vão chegar.

Para todos, um trabalho social.
Para todo e qualquer trabalho

social, o homem preparado para êle, e que lhe tenha a vocação, manifestando-a no desejo de exercer as respectivas atividades, livremente escolhidas.

Para todo homem, a liberdade de empregar, como lhe aprouver, em emprêsas ou serviços privados, o tempo que lhe deixe livre o "trabalho social", dedicando-o, sem er-traves, e com os auxílios necessários, a empreendimentos reconhecidamente úteis à comunidade, e pessoalmente lucrativos ou não, de acôrdo com as exigências do seu temperamento, da sua vocação, das suas ambições. Mas isto em condições justas e sob normas uniformes, que a experiência e a justiça saberão encontrar. Suprimido, contudo, o jôgo do acaso, ou de interesses particulares, em relação a todos os setores de atividades, econômica ou social, de que dependa *essencialmente* a vida da comunidade.

E, finalmente, para o trabalho social — dever da cidadania, tornando equitativo pelas condições da sua prestação, tendo-se em vista o sacrifício *real* que representar, e não os gratuitos pressupostos de maior valia ou nobreza: — *salário igual*. Todavia, *igual*, isto é, uniforme, apenas nas suas bases, de maneira que seja sempre suficiente a confortável subsistência do individuo e da família, mas de fato variável, na globalização dos elementos que o constituem, *segundo normas iguais*, em função das condições, tanto "pessoais" como "sociais", do seu titular. Condições cuja diversidade, de individuo para individuo e de momento para momento, não se poderia deixar de levar em conta sem grave detrimento da justiça distributiva.

No fundo, o impostergável princípio de igualdade, sem consideração de privilégios, sejam quais forem, a exigir que todos os cidadãos prestem um trabalho social, que não será *igual* mas *equivalente*, dadas as condições de aptidão individual e a natureza mais ou menos *penosa* da tarefa a que cada qual for chamado. Compulsoriamente em princípio, porém, livremente de fato, pela faculdade de escolha. E desprezada qualquer hierarquização conceptual tendente a valorizar às avessas o "trabalho-sacrifício", isto é, reduzindo-lhe o tempo em função de pretendida nobreza, ou elevando-lhe a remuneração sob pretexto de "intelectualidade" ou maior "virtuosidade" desta ou daquela espécie. Cada um só *devendo* dar dê si, o de que for capaz — pela sua natureza física, intelectual ou moral; e não um segundo sacrifício — o da injusta inferioridade social em relação aos seus semelhantes. Porque só assim se exigirão, de todos, sacrifícios que se equivalham, a todos atribuindo-se o mesmo "direito de viver" — o

verdadeiro "seguro de vida", patrimônio inalienável — uma vez que a espécie impõe a cada um o "dever de viver" a *vida que lhe foi dada*, mas sob a garantia correlata e inobliterável, de não ser punido com a desqualificação social pelo fato de existir como a sociedade o fez.

E por sobre êsse tecido de igualdades — fundamento do justo, a desigualdade efetivamente resultante da variação real das situações individuais. Desigualdade sem cuja consideração a verdadeira "ordem do homem" jamais se integraria.

Não há novidades nestas idéias. Elas já penetraram em quasi todas as consciências e em muitos corações. Mas os velhos preconceitos, ao ouvi-las, ainda, se alvoroçarão arrepiados. Como é breve a coluna que nos acolhe, e o assunto é longo, voltaremos.

“Goiânia”

Noticiamos, em nosso número passado, que muito breve iríamos ter a satisfação de ver novamente em cena a peça teatral "Goiânia", de autoria do nosso diretor, Vasco dos Reis e musicada pelo maestro Joaquim Edison, e que tanto sucesso alcançou em suas anteriores representações.

Pôdemos adiantar, agora, que "Goiânia" será apresentada ao público no próximo dia 5 de julho, quando se comemora o 2º aniversário do "Batismo Cultural" da cidade.

Para que a sua próxima apresentação se revista do maior brilhantismo, processam-se, ativamente, os necessários preparativos. Os amadores que nela tomarão parte estão ensaiando com grande entusiasmo, o maestro Joaquim Edison tem caprichado nas músicas e o sr. Antônio Péclat se vem esmerando na confecção dos cenários. Por outro lado, Vasco dos Reis, com aquele seu "humorismo" admirável, vem, com muito talento, adaptando a revista ao momento histórico de Goiânia, para o que escreveu novos atos e desprezou outros, já considerados inatuais.

Por tudo isso é de se esperar que a apresentação de "Goiânia" constitua uma das mais oportunas e felizes contribuições aos festejos com que Goiânia comemorará o segundo aniversário de sua fundação oficial.

A mesquinha política dos grupos e interesses particularistas foi banida da nossa coletividade. Pensamos, todos, todos os bons brasileiros, em servir devotadamente à Pátria, dando-lhe pujança econômica e dotando-a de meios eficientes para defender-se, em qualquer emergência — GETÚLIO VARGAS.

POLÍTICA NACIONAL**SINDICALIZAÇÃO RURAL****VASCO DOS REIS**

Aqueles que, com verdadeiro e sincero interesse pela solução dos mais importantes problemas nacionais, vêm acompanhando a atuação segura e esclarecida do atual Governo, não podem esconder uma justa satisfação.

O ante-projeto regulador da sindicalização dos trabalhadores rurais autônomos, bem como dos empregados e empregadores, de atividade agrária, vem, finalmente, incorporar, organizar, definir a posição de uma classe, de básica significação econômica para o país, dentro da harmonia das outras classes e em face da esfera governamental.

E' muito velha a injustiça, direi, mesmo, a ingratitude que pesava sobre o homem do mato, ignorado e heróico, fator da abastança e da fartura de que gerações e gerações se vêm beneficiando, sem um pensamento, talvez, para os autores dessa situação de bem estar, estrênuos obreiros, a enxamear sob a inclemência da canícula ou o látigo dos aguaceiros, para que não escasseie em nossa mesa o elemento sem o qual não há doutrinas, nem teorias, nem indivíduo e muito menos coletividade.

A ingratitude, porém, não se confinava na omissão do preceito tributário, de comessinha equidade, em que o espírito cristão resume um equilibrado senso de justiça: "A Cesar o que é de Cesar". Desabusada e estulta, ia muito além: O nobre lavrador, crismado de "tabaré" e "matuto", além de outras alcunhas, de que é fértil a sementeira do baixo humorismo cidadão, era frequentemente exposto ao mais cruel ridículo, para que, no pelourinho amargo da irrisão, servisse de jogral para as explorações hilares de platéias da geral, mas, o que é mais grave, para aristocráticos e contidos bufos de sisudas poltronas complacentes. . . . Verdadeira casta de párias, os roceiros manifestam, na desconfiança, no constrangimento, no embaraço de maneiras com que se apresentam em rodas urbanas, o temor de que se viam empolgados, diante daqueles que, com razão, julgavam entidades privilegiadas e superiores, sempre prontas a atirar sobre eles a ducha glacial da zombaria ou a pimenta moída do escárneo urticante. . . .

Essa atitude medrosa e desconfiada se estereotipou em nosso "ro-

ceiro", dando-lhe a expressão embaraçada, confusa, hesitante com que se dirige ao homem da cidade, mesmo quando fala em nome de seus mais veementes e incontestáveis direitos.

Ela traduz e denuncia, como exteriorização, que é, de um complexo pungente, a sedimentação da má-gua recalcada e da injustiça estratificada em jazidas de amargura e de revolta.

Esse acerbo desprimor da sociedade para com os componentes que facultam, sem descanso e sem protesto, os meios de suprir aos reclamos orgânicos mais essenciais à vida, não fôra lícito perdurar em um país bem organizado, nem tolerado podia ser por um Estado principalmente apoiado na igualdade e no equilíbrio das classes.

Desde que se operou a transformação política a que devemos o atual regime, sensível e salutar influência educativa se tem exercido, em tôdas as camadas sociais, de modo que graves incompreensões, como a de que nos ocupamos, foram se atenuando e estão desaparecendo, para gáudio e edificação de nossos foros de civilização e de cultura.

Aquí, nesta vasta gleba central, habitada por cerca de um milhão de brasileiros, em sua grande maioria lavradores e pecuaristas, muito sensível foi a transformação verificada nesse particular.

O Governo patriótico do Interventor Pedro Ludovico vem cui-

dando, com dedicação especial, das questões atinentes às populações rurais, assegurando-lhes, dentro do possível, instrução e saneamento, além de lhes facultar, por todos os meios, facilidades e estímulos, visando o aumento e a melhoria da produção. Amparado pelos poderes públicos e tratado como igual pelos irmãos brasileiros, o "roceiro", o nosso bom e abnegado "roceiro" se desembaraça, aos poucos, de seus males físicos e intelectuais, endemias, analfabetismo e prejuízos outros, bem como dessa dolorosa depressão moral, que, indevidamente, o inferiorizava na convivência social de todos os dias.

Vem, agora, a sindicalização, isto é, a organização de suas atividades econômicas e políticas, dentro da coletividade e a orientação de seu concurso na esfera administrativa do País.

E' medida vital, medida orgânica, para a estruturação perfeita de uma Nação, como o Brasil, fadada à liderança e conduzida, como está sendo, a um plano exponencial, onde nenhum aspecto de perfectibilidade social e política podem ser omitido.

A' sabedoria onívota do Governo Getúlio Vargas, bem como a seu empenho de que nenhuma lacuna persista no bloco imponente da grande potência que está edificando, devemos mais êsse Estatuto, sábio e justo, que, mesmo em ante-projeto, honra nossa cultura e atesta nossa civilização.

"CS - 6 - GOIÂNIA"

Notícia a "Revista do Clube Militar" que o sr. Almirante Henrique Aristides Guilhem, ministro da Marinha, comunicou ao Chefe do Estado Maior da Armada, almirante Almério Vieira de Melo, que mandou incorporar o "C.S. 6 - Goiânia", à Fôrça Naval do Nordeste, esclarecendo mais que essa unidade da nossa esquadra já se encontra em operações de guerra, em serviços de patrulha e de combôios.

A nova, como se vê, se interessa fundamentalmente a todos os brasileiros, tem um sentido todo especial para os goianos, por isto que estes vêm, assim, a sua capital participando, simbolicamente, dessa luta de vida ou de morte em que se empenha a Democracia Brasileira, junto às demais democracias do mundo, contra o nazi-nipo-fascismo.

Na época em que se descobriram as minas de Goiás

Odorico Costa

Ao alvorecer da era setecentista, o Brasil era um deslumbramento. As notícias dos achados de suas minas saltavam o Atlântico, estrondavam em Portugal e se esparramavam pela Europa inteira, causando vertigens e alucinações. *Era o fato mais estrondoso naquela fase o aparecimento das minas mais ricas do globo.*

Desfeitas as alucinações das esmeraldas de Marcos de Azeredo Coutinho e de Fernão Dias Pais Leme, no Espírito Santo e em Vupabussú; esfareladas as demências da prata de Melchior Dias Moreira e de dom Rodrigo del Castel Branco, em Itabaiana e em Sabarabusú, surgiram os delírios do ouro. A terra americana abria-se em refulgências douradas. *Havia ouro em toda a parte, onde quer que se cásasse.* As notícias vindas das Minas Gerais eram de estarrecer. Enlouqueciam meio mundo. A terra selvagem era ouro só.

O que se contava, a respeito do sucesso dos entrantes, causava delírios. Antônio Rodrigues Arzão galgara a serra do Guarapiranga e, nas areias do rio Casca, encheu fartamento os bornais de ouro. Miguel Garcia, depois de peregrinar desnordeado pelo sertão escondo, foi sair na Iaverava e fartou-se nos achados de ouro. *Romperam os matos gerais e servindo-lhes de norte o pico de algumas serras, que eram os faróis na penetração de densíssimos matos, vieram estes generosos aventureiros sair finalmente sobre a Iaverava.* O coronel Salvador Furtado de Mendonça, depois de ter escalado serranias empinadas, descobriu os fartíssimos depósitos auríferos do rio do Carmo. Antônio Dias encontrou ouro a faltar e, nos seus garimpos, lançou os fundamentos de Ouro Preto.

Nessa fase da grande invasão do sertão, registra-se um fenômeno interessante: não era mais de S. Paulo, do vilarejo piratiningano, que partiam as bandeiras em procura de ouro. Era de Taubaté. Taubaté transformou-se em uma Sagres sertaneja, em um promontório de civilização, avançando audaciosamente pela terra bruta a dentro.

A cada notícia de achados felizes nas Minas Gerais, de Taubaté partiam novos entrantes. Partiam em bandeiras organizadas, em comitivas, em grupos, ou isoladamente. O sertão encheu-se de gente alucinada, *socavando terra, arranhando morros, revirando rios, iluminada*

de esperança, de achados felizes, bastantes para lhe saciar a fome de riquezas.

Das cidades, vilas, recôncavos e sertões vão brancos, pardos, pretos e muitos índios, relata Antonil. A mistura é de toda a condição de pessoas: homens e mulheres; moços e velhos; pobres e ricos; nobres e plebeus; seculares, clérigos e religiosos de diversos institutos dos quais não têm no Brasil convento nem casa, todos se botavam rumo ao sertão, num jornadaio dementado, rumo ao desconhecido. Os próprios estrangeiros, prossegue o cronista, que não seguiam passaportes de trânsito, embarcavam-se como parte das tripulações dos navios; e dos portos fugiam para o sertão, apenas chegavam às suspiradas praias visinhas do ouro.

A paixão pelas minas é descrita por todos os cronistas da época. Dessa fase alucinada da colonização ficaram testemunhos valiosos, alguns dos quais valendo por fotografias muito nítidas de um vastíssimo delírio coletivo, de uma corrida insensata em procura de bens que ninguém sabia onde estavam.

O padre Vieira, de uma feita, subiu ao púlpito e criticou severamente tanta materialidade existente nos corações. *Não havia de ser vosso o vosso escravo, gritou apostolarmente o jesuíta, nem vossa a vossa canoa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, senão para o manter e servir com ele. A roça haviam vo-la de tomar de aposentadoria para os oficiais das minas: o canalial haviam vo-lo de ficar em mato, porque os que cultivassem haviam de ir para as minas; e vós mesmos não havieis de ser vosso, porque vos haviam de apenar para o que tivesses, ou não tivesses prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos havieis de ser os moidos.*

A vertigem mineira se assenhoreava de todos e não havia perigos nem obstáculos que se não vencessem para alcançar a nova Canaan, escreveu um cronista. *As províncias litorâneas ficavam desertas e as lavours abandonadas e dada a desolação do povo em tais proporções que nunca se viram,* escreve outro cronista, pintando com as cores mais negras os bandos de aventureiros perdidos na terra bruta, entre incríveis padecimentos, *interrados por sertões estéreis, retrogradados à barbaria.*

Até o capitão-general Artur de

Sá e Menezes meteu-se na aventura sedutora. *Fez-se companheiro dos exploradores, votou-se à emprêsa com igual avidês e só dela desistiu quando pôde voltar muito rico.*

O formidável "rush" durou longos anos. Comerciantes, funcionários, artífices e até oficiais da administração, do govêrno, do fisco e da justiça, magistrado e militares deixavam os trabalhos do cargo e barafustavam-se pelo sertão sedutor. A demência não empolgou, apenas, o áspero Brasil setecentista. Ela repercutiu em quasi todo o mundo. *Na Europa, em muitas colônias espanholas e na América do Norte, no reino e em muitos outros países os aventureiros apresentavam viagem para vir disputar o seu quinhão nesse pábulo dourado de que se diziam maravilhas.*

A própria Câmara de São-Paulo, acoroçadora de tôdas as descobertas, estimuladora de tôdas as bandeiras, iniciadora de todos os descobrimentos, compreendeu logo a extensão do mal que o êxodo da população ia causar à capitania inteira e, por isso, *não hesitou em pedir ao rei que mandasse parar com o trabalho das minas, em vista da falta que estavam fazendo os índios. As lavours estão em abandono e, por tôdas as vilas e aldeias, se alargava o ermo.*

O delírio da invasão das Minas tem, em um cronista antigo, em Simão Pereira Machado, um retrato dolorosamente fiel: *a exuberância da cópia de ouro nestas minas deu logo estrondoso brado, cujos ecos soaram nos mais distantes e recônditos seios da América . . . em breve tempo das cidades e logarejos marítimos sobreveio inumerável multidão . . . os mesmos ecos levados nas asas da fama sobre os mares voaram à Europa . . . viu-se em breve tempo transplantado meio Portugal a este empório já celebre por todo o mundo . . .*

Um retrato mais fiel ainda, dos resultados dessa loucura, no-lo dá o cronista Nuno Marques Pereira. *Ide a Pernambuco, passai ao Rio-de-Janeiro, subi a São-Paulo, entrai na Baía, correi essas vilas e seus recôncavos: vereis a quantos a soberbo e os interêsses têm feito notáveis estragos e destroços. A uns arrimar bastões; a outros largar ginetas; a muitos encostar vengalas; a alguns deixar alabardas e fugirem muitos soldados; despejar engenhos, desamparar fazendas. E se perguntardes a essas ruínas quem lhes causou tão lastimosos es-*

tragos, nos responderão em ecos essas arruinadas paredes e medonhas fornalhas dos engenhos: que lhes procedeu da soberba e demasiada ambição.

* * *

Depois, foram as minas de Cuiabá.

Pascoal Moreira, paulista de boa estirpe, meteu-se pelo sertão, para prear a bugrama Coxiponé.

O homem avançou, seguindo as passadas ainda frescas na terra virgem do coronel Antônio Pires de Campos e, certo dia, cai como um furacão sobre as malocas da indaiada. Estrondejaram pedrneiras. Tinem ferros ásperos. Roncam inúbias e borés. Reboam maracás e, no imenso alarido do combate, o paulista recua. A sorte das armas não lhe sorriu. Ficaram nossas armas sem o triunfo, relata tristemente um cronista, ficamos com cinco mortos e catorze feridos.

Mas o destino tem caprichos. Pascoal Moreira, batido pelos Coxiponés, com a sua gente sucumbida e desmoralizada, alanceada de desespero, encontra, nas margens do Coxipó, um triunfo inaudito e absolutamente inesperado: um destacamento, ali deixado, para tratar de lavouras, descobre um fartíssimo depósito aurífero. O rio corria entre margens de ouro. . . Era tão farta a terra, que esta parecia se desfazer no cobiçado metal. Todos os que lavaram a areia das margens do Coxipó foram bem aquinhoados. Uns achavam cem oitavas, outros meia libra, outros cinquenta oitavas, conforme o que cada hum fez em carar com as maons, que outros estormentos de minerar não havia, conta cheio de entusiasmo um cronista venerável.

As minas de Cuiabá acabaram de endoidecer Portugal. Dom João V, rei freirático, delirava no meio das riquezas que o Brasil lhe mandava. A cópia de ouro que as minas lançam das suas veias é infinita, e o número das arrobas que delas se tiram torna quasi impossível saber-se para poder-se computar. Um emissário de dom João V, enviado ao Brasil para avaliar a produção das minas, em um relatório, afirmou com adorável otimismo que no Brasil há ouro para muitos séculos. . .

As notícias dos achados circulavam cada vez mais longe, alargando o âmbito cada vez, despertando ambições e fazendo convergir para as minas um mundo de aventureiros.

A situação chegou a um tal ponto, que as desgraças começaram a surgir de todos os feitios, promovendo os aventureiros as maiores desordens e perpetrando os maiores crimes. Os vadios que vão às minas tirar ouro, não dos ribeiros, mas dos canudos, em que os ajuntam os que trabalham nas catas usaram de traições lamentáveis e

de mortes mais que crueis, ficando estes crimes impunes, sem castigo, porque nas minas a justiça humana não teve tribunal.

As desordens e distúrbios nas minas, entretanto, atingiram tal ponto que os próprios entrantes cuidaram de organizar, entre eles, um código de honra e de sangue. Qualquer falta cometida contra os elementares princípios de honestidade e de lealdade era punida com a morte. E foi assim, com esse rigoroso recurso, que se fez estancar a demagogia brutal que ameaçava subverter aqueles descobertos.

Mas o "rush" prosseguia, agora aberto em duas direções: para as Minas Gerais e para Cuiabá. Prosseguia com intensidade sempre crescente, mesmo quando a respeito das entradas corriam notícias tristíssimas de fracassos sem remédio, de comitivas inteiras batidas pelos índios, dizimadas pelas doenças ou sucumbidas no meio dos sofrimentos dos caminhos.

As entradas na direção de Cuiabá, pelo dorso das águas sujas do velho e lendário Anhembí, o primeiro rio que se navegava quando se sai do povoado, prosseguiram alucinadas, num desvaivamento que marcou a história.

O drama da invasão das minas de Cuiabá não tem simile na história do desbravamento. Sofreu-se em demasia pela conquista da terra do Brasil.

Os paulistas não se detinham na frente de sofrimentos, de desgraças, de misérias. Avançavam sertão a dentro, vestidos de couro, desafiando a agressividade da terra virgem, desafiando tôdas as ameaças e todos os perigos. O "rush" para o "far-West" foi tal, apesar das inúmeras dificuldades da viagem e da enorme distância em que estava o Pactólo ocidental que, em 1721, já havia ali mais de 2.000 paulistas. E se mais paulistas não foram para Cuiabá é porque as Gerais tinham despovoado S. Paulo.

A crônica das entradas na direção de Cuiabá tem lances de estarecer. A desgraça acompanhava desde cedo os que nessa direção se metiam. Em 1720 partiram de S. Paulo inúmeras monções para as minas encantadas de Mato-Grosso. Nenhuma dessas expedições chegou ao seu destino. Morreram todos, sem que chegasse nesse ano pessoa alguma a Cuiabá.

De uma expedição de 300 homens, na monção de 1725, somente escaparam cinco pessoas: dois brancos e três negros. Os demais sucumbiram aos trabalhos e misérias, ou foram mortos pelos índios.

Foi nessa época assim alucinada, com os trilhos e picadas referentes de gente dementada pelo ouro; com aventureiros metendo canoas pelo dorso de águas miste-

riosas de rios desconhecidos; com homens estranhos, vestidos de couro, estourando de fome, de febre ou com as carnes furadas pelas flexas da bugrama, no recesso das matas, nas rêdes, nos pousos ou na beira dos córregos; com bandos rumorosos furando matas, galgando serras e revirando o leito dos rios à procura de ouro e pedrarias, foi nessa época encantada que se descobriram as minas de Goiaz.

BIBLIOGRAFIA

Alfredo Pimenta, "Elementos de História de Portugal"

Alfredo Elis, "Os primeiros Troncos Paulistas"

Antonil, "Cultura e Opulência do Brasil"

Diogo de Vasconcelos, "História Antiga das Minas Gerais"

Basílio de Magalhães, "Expansão Geográfica do Brasil Colonial"

Rocha Pita, "História da América Portuguesa"

Rocha Pombo, "História do Brasil"

Varnhagen, "História Geral do Brasil"

Washington Luiz, "Capitania de S. Paulo"

GOIÂNIA - Feitico do Oeste . . .

J. A. CORREIA

Bela cidade morena,
Batida de sol ardente,
Goiânia linda, serena,
Que deslumbras tôda gente...

Cidade nova, ditosa,
Encanto, feito ideal,
És a morena formosa
Do fértil Brasil Central...

Graciosa, feiticeira,
Cresceste com galhardia,
Para a gente brasileira
Se orgulhar de ti um dia...

Getúlio Vargas, com uma intuição profética e uma coragem cívica que só a fé inabalável pode alentar, surgiu no acêso das agitações políticas e falou à Nação. Os amigos de sempre, os adversários de ontem, os indiferentes e descrentes, até então, ouviram comovidos. Era apenas verdade o que dizia. O povo o aplaudiu. Estava e está com êle. Seguiu-o-á como o tem seguido, porque êle possui as qualidades máximas de energia e circunspeção, indispensáveis a um verdadeiro Chefe de Estado: suas leis são sábias e justas. Graves e ponderadas suas decisões. Possui o senso exato da propoção e do equilíbrio, na atitude, nos atos, nas palavras — VASCO DOS REIS GONÇALVES.

Legenda da Vida

(Diz Einstein que tôdas as ciências,
em sua última análise, se enquadram
na física, numa fórmula misteriosa que
poderia se traduzir por - ALGO SE MOVE)

José A. Neddermeyer

O equilíbrio está nisso: que é imutável,
um ponto neutro — em meio forças várias.
E' nada, alguma cousa que cessou
agora ou há mil anos . . .
E' ausência de todo movimento,
E' algo como o vácuo e qual a morte
é um pêndulo parado.

Esse mesmo equilíbrio é relativo
e pode-se dizer que não existe
já que tudo se move no universo
onde tudo palpita.

E num sentido lato: a própria morte
é mudança de forma e assim até
a morte é relativa . . .

A vida que — no Tempo — nunca morre
E' sempre luta, ação e reação.
E' chuva, é sol; é o vento, a calmaria.
São as ondas do mar.
E' o eterno vai-vém de alguma cousa
que se agita, que oscila, que não para,
que baila sem cessar . . .

E' vibração contínua de moléculas
que se colidem silenciosamente
e que em luta secreta, assim apenas
porfiam em viver.
E' força potencial que se consome
e que perenemente se renova:
tal um moto-perpétuo.

E' luz — que mais? E' força de atração
que sustém e que move e faz girar
nas órbitas, os mundos siderais
tão leves a rolar . . .
São os velozes elétrons girando
em tôrno do seu núcleo, qual minúsculo
sistema planetário . . .

E' pulsação, também, ritmada e oculta
de um coração que bate qual pancada
marcante de um compasso a registrar
o tempo da existência
êsse tempo que nós, espectadores
assistimos aqui e que é por fim,
sòmente uma ampulheta . . .

Passa a flama da vida assim por nós
e vai, por gerações, de vida em vida
a nos mostrar que a grã finalidade
da vida é a própria vida.
E a parecer que até, se nos faculta
nos deslumbrarmos ante a mesma vida
num convite a pensar . . .

Diviso a humanidade a desfilar,
a lentos passos através os séculos,
a se mover em massa para a frente
num imenso cortêjo . . .
a cumprir seu Destino: prosseguir
na estranha caminhada sempre em busca
de um entendimento ideal . . .

Antes, talvez, da aparição dos sercs
viventes conhecidos, já a vida
existisse latente — “in natura” —
nalguma de suas formas
de ambiente a expectação; formas ou germens
quem sabe? — preexistentes numa névoa
perdida do intermundio . . .

E assim também será para o futuro . . .
Quantas espécies hão de se extinguir
e outras hão por despertar, tão cedo
o meio se transforme?
Prescruto e vejo ao longe massas ígneas
se refundindo e um ou outro mundo
na aurora a renascer . . .

Espetáculo belo — o do universo!
Na noite escura dos espaços livres:
os sóes a trabalharem . . . obedientes
às fixas leis da física . . .
E o escondido microcosmo? — Ainda
por tôda parte, a vida: até lá, onde
nem mesmo suspeitamos . . .

Obra do Onipotente. Maravilha!
Mas afinal . . . que cousa é êsse “animus”
que em silêncio constróe e que é — a essência?
Mistério. Ninguém sabe.
Se alguém, que é mais capaz—busca e investiga
e mais por intuição, ao fim apenas
nos diz: que “algo se move” . . .

TUDO ESTADO REAL E' NACIONAL

Paulo Augusto de Figueiredo

Que é Nação? — E' um conglomerado de homens, ligados pelo idioma, pelos costumes, pela religião, pela "raça", pelas tradições, habitando um mesmo território, tendo um passado comum e cumprindo solidariamente um destino histórico.

E Estado? — E' a Nação politicamente organizada. A Nação posta numa ordem. A forma em que a Nação se movimenta, *validamente*, no concerto das Nações. E', pôde-se dizer, a Nação *legalmente* reconhecida.

A Nação está para o Estado como o espírito está para o corpo. A Nação é o conteúdo, o Estado é o continente. O Estado é a própria "Nação adulta", na expressão feliz de Pedro Calmon.

Assim, um Estado que se não estrutura em uma Nação é uma figura abstrata; e a Nação que se não cristaliza num Estado é, juridicamente, matéria amorfa. . . . Podemos adiantar, por isso, que quando coincidem Nação e Estado, este não será apenas uma soma de elementos racionalmente ordenados, mas um *produto* perfeito de tendências incoercíveis, a expressão última de um processo de forças que atingiram a plenitude.

Isso pôsto, vê-se que um Estado criado arbitrariamente, ou seja, uma ordem jurídica, soberana porém artificial, imposta coercitivamente a uma Nação — não apresenta garantia de permanência; por outro lado, uma Nação que não encontre uma ordem jurídica em que se integre e que a informe, controlando-a e dirigindo-a, tende a ser absorvida. Deve existir um equilíbrio entre a razão e o sentimento, entre o direito e o fato, entre o Estado e a Nação, e é isso mesmo o que faz notar Crossman, professor da Universidade de Oxford: "Um Estado deve possuir uma base de nacionalidade, e uma Nação deve submeter-se a uma forma de controle centralizado, se é que qualquer de ambas organizações quer perdurar". Aliás, fatos concretos comprovam essa verdade. O problema das minorias étnicas é um dêles: sabem, todos, que tais "minorias" conseguiam sempre, nos países onde existiam, estatutos próprios, pelos quais se regiam em sua conduta social, constituindo-se como que verdadeiros embriões de Estados dentro dos Estados em que se situavam. A seu turno, ninguém ignora que os "protetorados", frutos do Tratado de Versalhes, se bem que sujeitos a potências estrangeiras, tinham suas

atividades reguladas por leis que se acomodavam às circunstâncias nacionais dos povos protegidos, o que, mesmo assim não impediu constantes revoltas dos nativos, desejosos de fazerem de sua Nação um Estado.

Qualquer ordem estatal que vise superintender uma situação de convivência humana há de espelhar, pois, as solicitações do meio. Do meio físico, social, étnico, moral, cultural. O Estado há-de se enraizar no povo. Há-de, sempre, ser *nacional*. Exceções como o império Austro-Húngaro são aberrações, que logo desaparecem para deixar patente a verdade do princípio geral de que toda nacionalidade tende a se transformar num Estado. Nasce daí a diferenciação constitucional de Estado a Estado. Por outro lado, a regra evidencia a pouca probabilidade de um Estado universal. Este, que a razão aconselharia, está, pois, condenado pelos imperativos da história, das "raças", da geografia. Nesse terreno sempre prevalecerá, contra o ideal, a realidade viva e palpante da Nação-Pessoa, que, como ser biológico e moral, jamais renuncia à sua personalidade, expressa e reconhecida esta em uma forma de Estado. A Nação se traduzirá sempre no Estado. Por isso, este se multiplicará, sempre, em Estados. Esse processo de formação estatal parece, mesmo, algo de irrevogável: — "Em vez de que o sistema organizado seja a prova da nacionalidade, — ensina Kranenburg, professor da Universidade de Leiden — esta se tornou agora a prova para o sistema organizado, descansando a organização sobre a base da nacionalidade".

Não se poderia, então, como pretendem alguns, admitir a tese contrária: a de que o Estado é quem "cria" a Nação? — Sim; mas a hipótese é longínqua, quasi utópica. Se, por exemplo, o império Austro-Húngaro durasse por alguns milênios, seria possível que as populações nele incorporadas chegassem um dia — pela interpenetração étnica, linguística, social, moral, política e econômica; pelas alegrias e sofrimentos partilhados solidariamente; pelos interesses convergentes; pela história comum, enfim, a constituir verdadeiramente uma Nação, cuja origem teria sido o império, Estado artificialmente construído pela razão. Da mesma maneira, a perdurar a Federação Helvética, e para um futuro remoto, será possível a formação de uma Nação suíça, constituída dos povos

que vivem naquele Estado. Queiroz Lima feriu o ponto com acuidade: — "Dado o caso de uma nação constituir-se de populações até então divididas, por modo que os interesses individuais e coletivos encontrem o ambiente necessário nessa nova forma de organização, surgirá, necessariamente, um sentimento novo de patriotismo, que se estenderá à nação toda". Todavia, o citado império Austro-Húngaro e a Tchecoslováquia, para não falar nos impérios de Alexandre e de Carlos Magno, mostram o quanto seria difícil contrariar a ordem natural das coisas. . . .

O Estado, como bem define Fischbach, é "uma unidade teleológica". Logo, é, também, um ser motivado. Um "organismo", portanto. Já Platão o comparava ao "homem em grande". Pois bem; o fim do Estado está em correspondência com a sua constituição, e esta é determinada pela Nação. O Estado não é, pois, unicamente uma *ordem*; é uma ordem *nacional*. Não é, entretanto, uma entidade passiva, e sim ativa. A Nação, ao se constituir em Estado, transmuta-se em um super-ser nacional, que excede a si própria. Daí a capacidade do Estado para controlar e dirigir a Nação. Consequentemente, pode o Estado, inclusive, e pela Nação, contrariar a Nação:

Nação juridicamente ordenada, em busca de sua plena realização, não é, porém, o Estado, sômente a lei, o direito, a ordem jurídica. Em perigo, chega até a violar as normas do direito, como acontece estando em guerra, quando desprezita — legitimamente, porque em benefício de sua sobrevivência, que é a própria sobrevivência da Nação — direitos normalmente intocáveis: — o da liberdade de ir e vir e o da livre reunião, o da igualdade de nacionais e estrangeiros, o da inviolabilidade do sigilo de correspondência, o da livre manifestação de pensamento, etc. . . . Se é isso um bem ou um mal, não vem a pêlo discutir, aqui. Constatamos um fato, tão sômente. Um fato constante na vida de todos os povos e que favorece a nossa tese.

O Estado é a Nação num grau superior de evolução. Objetiva o aperfeiçoamento do *tudo*, que nele se integra. Onde o seu poder para, também, contrariar aquela parte da Nação que pretender fugir à vocação comum. Neste sentido, sim, pode-se dizer que o Estado "faz" a Nação: — "O Estado não é só um objeto atual, sinão futuro. Por esta razão, não se conduz se-

gundo a lei de seu peso específico e de sua forma, senão também segundo seus ideais", diz Hans Eckardt, que acrescenta: "aplicando uma imagem audaciosa poderia dizer-se que o Estado não é só um objeto, mas também um artista". Aí está por que podemos concordar com Spengler, quando êle diz que é, a "história, Estado pensado em movimento". Efetivamente: — é como Estados que as Nações se realizam, se fazem valer, politicamente; em face dos grupos estrangeiros.

Conclue-se, do exposto, que o Estado é uma situação de convivência. A mais elevada. É uma situação de ordem. O Estado traduz a Nação: esta, amadurecida, torna-se Estado. Há, pois, uma ligação orgânica entre Nação e Estado, o que Fischbach resalta, com precisão: "Da relação existente entre Estado e Nação, pode-se dizer o seguinte: o Estado é a forma expressiva da situação em que se acha a evolução nacional em um determinado período. O Estado são e a Nação são têm uma tendência natural a expandir-se. Fala-se de Estado nacional quando o Estado e a Nação coincidem".

O fato é que todo Estado se apoia, normalmente, em uma nacionalidade. Onde esta se firmou, aí surgiu um Estado. Quando um grupo se distancia, substancialmente, do todo a que pertence, visa a se fazer independente, a formar um Estado. É uma lei histórica, esta, contra a qual seria inútil toda objeção, eis que verificável na vida de todos os povos. E estes se organizam diversamente, em conformidade com os imperativos do meio em que vivem: extensão e situação da área geográfica ocupada, natureza (pacífica ou belicosa) dos povos vizinhos, recursos económicos de que podem dispor, qualidade e quantidade dos elementos alienígenas que vão entrando para a sua composição, clima, etc., etc. O Estado é, assim, algo de motivado, algo que se dirige, através de métodos peculiares, para fins próprios e determinados. Algo de natural, de necessário, de irresistível. Um ente que escapa às leis matemáticas e que se impõe com a energia de um ser vivo. Um fato que não pode deixar de ser. Por isso, criticando a concepção liberal, que vê no Estado mera soma de vontades individuais, escreveu Pedro Calmon: "O Estado não é um acessório da Nação. Não é uma resultante de vontades individuais. Não é um organismo efêmero. Encarado com realismo, é a própria sociedade nacional (população homogênea no idioma e na estrutura racial, ligada a determinado território, que é a Pátria) num alto grau de evolução. Poderíamos definir — dando importância total a esse fator de tempo,

"evolução" — é a Nação adulta".

Existe, no entanto, quem considere o Estado como uma simples ordem jurídica, independente, justificável por si, alheia às imposições nacionais. Confunde-se, então, o Estado com o Direito. Os que assim opinam, porém, vêm o Estado em abstrato, como uma existência em si. Um Estado desse teor não passaria de uma ficção jurídica. A verdade é outra, pois não é o Estado que caracteriza a Nação, esta é que lhe condiciona a forma. Mesmo ainda não sendo Estado, o grupo nacional apresenta-se como um todo diferenciado. É o que acentua Miguel Reale: "Ora, fazendo abstração do ordenamento jurídico que dá forma ao Estado, não temos diante de nós um conglomerado de homens sem relações íntimas, uma massa informe de seres sem nada que os una. Ao contrário — e a formação histórica dos Estados Modernos é fonte de informações seguras — a sociedade que se integra no ordenamento jurídico estatal já é, por si, uma realidade política "in potencia".

Hans Kelsen é o nome mais ilustre da corrente que identifica o Estado com o Direito. Racionalista ao extremo, o famoso chefe da "escola de Viena", impressionado com o volume dos "tratados", após a guerra de 14, chegou a ponto de admitir uma soberania internacional limitando as soberanias nacionais. Kelsen construiu um Estado ideal. Um Estado como devia ser, não o Estado como é. O Estado kelseniano é um Estado geométrico, não é um Estado político. Ora, o Estado não é uma coisa imaginada, é uma coisa produzida naturalmente. Não existe em si nem por si. Fundamenta-se. E seu fundamento é a Nação, sua base orgânica, sua alma, sua razão de ser. É, pois, a Nação que informa essa ordem jurídica, soberana e total, que se chama Estado, donde a crítica irônica que, à teoria de Kelsen, faz Hermann Heller: "A Teoria kelseniana do Estado sem Estado se apresenta como impossível porque, a sua vez, é uma Teoria do direito sem direito, uma ciência normativa sem normatividade e um positivismo sem positividade. Como o Estado é absorvido completamente pelo direito e, enquanto sujeito de direito, não é outra coisa que o direito como sujeito, as normas jurídicas de Kelsen hão de estabelecer-se e assegurar-se a si mesmas, ou seja, que carecem de positividade".

É a Nação, sim, que legitima o Estado. A forma do Estado varia com a qualidade da substância nacional. Mas é sempre a Nação que vitaliza a constituição do Estado. Por isso, só quando êste é nacional, é perfeito, no sentido de que é um produto acabado, um termo necessário de longo processo cultural, uma resposta às solicitações do

povo, uma satisfação às vocações nacionais. Dessarte, o Estado não-nacional seria como o, "homem-mecânico", que os norte-americanos quiseram inventar: um ser imperfeito, sem alma, injustificável. . . . Tem razão, por conseguinte, Del Vecchio, quando assevera que "um Estado que não corresponde a uma Nação é um Estado imperfeito; um Estado que não defende e promove justamente o caráter nacional é um Estado ilegítimo".

É certo que a Força pode criar e manter um Estado, por algum tempo, mesmo sem ou contra a Nação. Existiu, à força, o Estado tcheco. A seu turno, o Estado inglês — aliás *sui generis* — tem diversas bases nacionais. Entremetidos, adverte Miguel Reale, dizer "que o Estado é a concretização jurídica da integração nacional não significa, como se poderia pensar, que o Estado Moderno pressupõe necessariamente a Nação. Quer dizer, isto sim, que o Estado realizado como expressão de uma integração nacional é aquele que possui mais condições para preservar a própria soberania". Estamos, porém, em que, na espécie, caberia falar não de Estado, mas do Poder. Do Governo capaz de se manter, mesmo contra a Nação. Ora, Estado não é apenas o Governo. Nem se confunde com as suas formas. Como não se identifica, também, com o regimes políticos. O Estado russo é o Estado russo, ao passo que o Poder que o mantém, se hoje é dirigido pelos bolchevistas, esteve antes, sob o controle do tzarismo. O Estado supera as formas de governo, atravessa, incólume, as diferenciações de regimes. Quer como República ou Monarquia, permanece sempre o Estado igual a si mesmo no tempo e no espaço, só desaparecendo quando perde a soberania. Não deve, pois, ser o Estado tomado como o Poder, que é um dos seus elementos constitutivos. E porque incidiram nessa confusão, foram os marxistas alvos de severas críticas: — "Os erros maiores do pensamento político procedem de que se confunde o núcleo do poder que realiza positivamente o poder estatal com o Estado mesmo. Do fato, certamente exato, de que o Estado se apoia nesse núcleo do poder, se extrai a falsa consequência de que êste núcleo do poder é o Estado. Êste sofisma está na base de todas as inadmissíveis concepções que confundem o Estado com seu Governo e o poder do Estado com o poder do Governo. De um modo palmário o marxismo identificou o Estado com a classe que domina em cada momento" — (Hermann Heller). É por isso que os marxistas falam em Estado proletário. Não existe tal Estado, e a expressão pode ser usada apenas por questão de hábito. Como não

existe Estado burguez. O que existe é o Estado russo, ordem jurídica maior da sociedade nacional russa. Existe é regime bolchevista, o governo nas mãos do proletariado, como existiu o regime zarista, com o poder nas mãos dos aristocratas. Entretanto, a mudança do regime não implicou mudança de Estado, este continuou, em outras formas nacionais russas, igual a si mesmo: — uma ordem jurídica nacional, soberana e total. Também Queiroz Lima friza a confusão marxista: “Com a visão viciada pelos preconceitos do materialismo histórico, Karl Marx e seus discípulos só tiveram em atenção o Estado considerado como um poder de mando”, “não viram a nação, ambiente jurídico e político, círculo social e econômico, em que o Estado se produz”. E que os marxistas estavam errados está provando o próprio Stalin, que, em suas proclamações ao bravo soldado russo, não se esquece de invocar a “Mãe Pátria”; esse Stalin que, russo antes de tudo, ordenou a substituição da “Internacional” pelo “Hino Nacional”; esse mesmo Stalin que renunciou, oficial e publicamente, à bolchevização do mundo, e que, aceitando o princípio da *Carta do Atlântico* — de que cada povo deve organizar-se segundo a sua vocação histórica — demonstrou um respeito profundo pela sua e pelas demais nações.

Em resumo: não se compreende o Estado sem base nacional. E quando, por uma circunstância qualquer, “morre” um Estado, sem que haja morrido a Nação correspondente, esta tende a ressuscitá-lo. Tal é o caso da Polônia, que, mais de uma vez desaparecida como Estado, como Estado ressurgiu, porque não se extinguiu a Nação polonesa: “As Nações que deixam de ser Estado — como a Polônia — ou se decompuzeram em múltiplos Estados — como a Itália histórica — tendem à recuperação de sua dignidade própria, pela perseverança dos fatores morais e unificadores que as caracterizam. A teoria de Mancini — de que toda nacionalidade deve ser Estado, sacudindo o jugo estrangeiro, — é a transposição filosófica-política dessa tendência incoercível”, recorda Pedro Calmon.

Para finalizar, essas palavras de Queiroz Lima, que situou, com exatidão e clareza, o problema da natureza nacional do Estado: “Os conceitos de Nação e Estado são coincidentes. Estado é uma nação politicamente organizada. E’ certo que, em consequência de múltiplas causas deformadoras da ordem normal dos fatos políticos — guerras, tratados, revoluções, coligações internacionais, pactos de sucessão monárquica, influência avassaladora de um Estado poderoso entre fracos, etc., — é frequente o caso de uma nação, como a Polônia até 1919, se encontrar dividida entre

diversos Estados e privada de organização própria; da mesma forma, acontece que nações diferenciadas e, não raro, incompatíveis, se vejam reunidas sob a mesma autoridade de governo, formando um só Estado, como se dava com o extinto império Austro-Húngaro. Mas essas anomalias não infirmam o princípio geral de que a nação é o meio próprio em que o Estado se produz. O Estado nacional é o tipo perfeito de organização política”.

Sim, pelo exposto devemos concluir que o Estado nacional é, realmente, “o tipo perfeito de organização política”. Porque o Estado nacional é a expressão natural, legítima e superior, da nação. E’ a Nação madura. E’ a própria Nação cumprindo, em ordem e soberanamente, a sua missão histórica.

De tudo que dissemos, cremos se poderia, parodiando Hegel, formular o seguinte princípio: todo Estado nacional é real; e todo Estado real é nacional.

BIBLIOGRAFIA

- 1) R. H. CROSSMAN — “Bibliografia do Estado Moderno” — trad. esp. de J. A. Fernandez de Castro — Fondo de Cultura Económica — México — 1941;
- 2) R. KRANENBURG — “Teo-

ria Política” — trad. esp. de Juan Bazant — Fondo de Cultura Económica — México — 1941;

3) EUSÉBIO DE QUEIROZ LIMA — “Teoria do Estado” — Livraria Freitas Bastos — Rio, 1943;

4) HANS ECKARDT — “Fundamentos da Política” — trad. esp. de Rafael Luengo — Editorial Labor, S. A. — Barcelona — Buenos Aires — 1932;

5) OSKAR GEORG FISCHBACH (DR) — “Teoria Geral do Estado” — trad. esp. de Rafael Luengo — Editorial Labor, S. A. — Barcelona — Buenos Aires — 1929;

6) PEDRO CALMON — “Curso de Direito Público” — Livraria Freitas Bastos — Rio, 1938;

7) MIGUEL REALE — “Teoria do Direito e do Estado” — Livraria Martins — São-Paulo, Brasil — 1940;

8) HANS Kelsen — “Teoria Geral do Estado” — trad. esp. de Luiz Legaz Lacambra — Editorial Labor, S. A. — Barcelona — Madrid — Buenos Aires — 1934;

9) HERMANN HELLER — “Teoria do Estado” — trad. esp. de Luis Tobio — Fondo de Cultura Económica — México — 1942;

10) OSWALDO SPENGLER — “Anos de decisão” — Edições Meridiano — Porto-Alegre, Brasil — 1941 — trad. de Herbert Caro.

Invasão - o passo esperado para a libertação do mundo

Todo o mundo vibrou, à notícia da invasão, pelas Forças Aliadas, do continente europeu.

Inicia-se, assim, a última fase, e a decisiva, desta guerra tremenda, em que os povos amantes da liberdade, do direito e da justiça estão empenhados contra o nazi-nipo-fascismo — forma política moderna de escravidão dos povos.

O Brasil, que, sob a orientação genial do Presidente Getúlio Vargas, conseguiu, pelo regime de 10 de novembro, alcançar um sistema político existencial verdadeiramente democrático, exemplar, mesmo, no mundo, pois que os direitos fundamentais do homem vão tendo, em nosso país, garantias reais, e não mais apenas legais, rejubila-se com o fato formidável, eis que é um dos mais poderosos aliados, sendo, mesmo, o líder atual dos países latinos que contendem no imenso conflito.

Estamos, assim, num fim e num grande começo: o começo de uma era mais feliz para o mundo, quando todos os homens serão considerados realmente como homens e terão, nas organizações sociais a prevalecerem, condições de vida que lhes assegurem, de fato, o seu desenvolvimento pleno, físico, moral e espiritual. Nesse dia, que não deve estar longe, em que as Nações democráticas se assentarem em torno da mesa onde se traçarão os novos rumos do mundo, o Brasil, com a mesma energia com que hoje combate nos campos da luta, se imporá com o exemplo edificante de suas notáveis realizações político-sociais, eis que suas instituições, no consenso unânime de quantos as conhecem, situam-se como as que melhor satisfazem às verdadeiras aspirações democráticas dos povos em luta.

Rejubilemo-nos, pois, com a invasão, e aguardemos, confiantes, o término desta guerra, certos de que a humanidade encontrará, nos dias mais alegres de amanhã, uma compensação para os seus grandes sofrimentos de hoje.

ILUSÃO

Marilda Palínia

Na manhã baça, entre o nevoeiro denso, ao sol amarelô de agôsto, a cidade é azul, tôda azul. Mesmo a vegetação cerrada e crêspa que emoldura o casario, vista a distância, é de um azul cinéreo.

E, muito longe, serras irregulares são o anilado debrum de um campo todo de ouro, estendido sob um céu pálido e sem luz.

E' uma cidadezinha linda esta, com suas casas minúsculas entre verdes quintais, fechados de muros brancos.

E larga e ampla como uma avenida, rasga-se a primeira rua, maciamente enluvada de pelúcia "salmon".

Estou dentro de uma paisagem de morte e desolação, sinistramente iluminada pelo sol amarelo de agôsto.

Meus pés calcam um solo duro, árido, coberto de ressequida vegetação, que estala a cada passo.

E a sêca vitoriosa é como invisível vampiro, sugando, faminto, tôda a seiva da terra.

No entanto, ao lado da igreja tósca e colonial, e que é também quasi uma ruína, frondoso jatobazei. de folhagem espessa, envernizada de verde claro e lustroso, é vida, fôrça e alegria, na paisagem desolada.

A meus pés, não muito longe, dorme a cidade azul, na meia luz da manhã turva, pudicamente envolvida em flutuantes e charpes de bruma.

Volto para casa.

Eis-me na larga rua forrada de pelúcia. O céu triste tem um lanque sorriso para a terra exausta. E o sol amarelo põe placas escuras nas paredes desbotadas das velhas casas.

Os pés se afundam na terra fôfa, enquanto os olhos ardem, ofuscados por uma nuvem de finíssima poeira, que me envolve tôda, numa sufocante rajada.

E' uma tropa que passa à dispaçada, e que eu, quasi cega, mal vislumbro.

Ilusão . . . Tudo é ilusão.

E em qualquer ponto de vista em que nos colocemos, a ilusão é fatal. Não fossem os olhos o mais enganoso e fraco dos sentidos! Al-

guns metros de distância bastam para mascarar em formoso panorama um mesquinho recanto de terra.

Se os olhos do corpo são assim falazes, mais ainda se iludem os olhos da alma.

Se a natureza lucra em ser contemplada de algum alto e distante miradoiro, banhado de luz suave, que alargue horizontes, disfarce arestas, adoce côres, anuvie silhuetas agudas de serranias, mais ainda a pobre Humanidade, para que seja Harmonia e Beleza, precisa ser vista através da poeira deirada dos séculos.

Ilusão . . . Tudo é ilusão.

O maior bem da vida deve ser a Ilusão, que nos dá a felicidade máxima, silhuetando quadros de maravilhoso encanto para o perpétuo enlêvo dos olhos; aureolando de perfeição almas corruptíveis, debruçadas sôbre o mistério abissal dos nossos corações.

Antônio Juruena Di Guimarães



Faz anos, dia 13 do corrente, o nosso prezado companheiro, sr. Antônio Juruena Di Guimarães.

Juruena é um nome dos mais expressivos da intelectualidade goiana, tendo-se firmado, de há muito, como um cronista admirável, cheio de verve, de sutilezas, de graça. Seu conto — "O grande historiador patricio", por exemplo, publicado no número de março desta revista, em que Juruena fixou, com rara felicidade, a figura ridícula do falso-historiador, até hoje é comentado, favoravelmente, em nossos círculos literários, que viram naquela peça umas das nossas

melhores produções no gênero.

Não só como escritor, entretanto, se distingue Juruena Di Guimarães, mas também por ser um dos mais eficientes auxiliares do Governo Estadual, a que serve, com raro brilho, na chefia da Divisão do Orçamento do D. S. P..

Ainda como amigo situa-se Juruena como um elemento de escol, eis que, leal e franco, sabe êle ser um companheiro dedicado, e, por isso, estimado e admirado pelos que com êle privam.

Por tudo isso, "Oeste", que tem em Juruena um dirigente esclarecido, envia-lhe, aqui, o seu abraço de parabéns, fazendo-lhe sinceros votos de felicidade, junto à exma. família.

Os versos abaixo, escritos por um professor de línguas do Colégio Estadual de Goiaz, podem ser lidos, ao mesmo tempo, em português e em latim. Foram feitos, sem pretensão literária, para mostrar a afinidade existente entre o vernáculo e a língua "mater", a latina. Serve ainda de estímulo para os estudiosos do idioma do Lácio e para aqueles que almejam um conhecimento perfeito da língua portuguesa. Foi usada, intencionalmente, a ortografia chamada mista, por fazer lembrar a etimologia dos vocábulos.

"AURORA"

Vicente Mesquita

Eia, fulge, pulchra aurora,
Dealba valles profundos,
Roridos campos colora,
Inspira vates facundos;

Incita canoras aves,
Decora frondes virentes,
Provoca odores suaves,
Uvas matura pendentes;

Auras serenas excita,
Frigidas brumas expulsa,
Tenues flores agita,
Genios nocturnos repulsa;

Altos montes ilumina,
Labores duros invoca,
Somnos magnos elimina,
Jucundas preces evoca.

Eia, retorque, natura,
Decanta suaves hymnos,
Vestes formosas procura,
Degusta amores divinos.

Essas injustiças sociais podem ser remediadas...

Pedro Ludovico Teixeira

O interventor Pedro Ludovico iniciou, já há algum tempo, uma série de viagens pelo interior do Estado, a-fim-de conhecer, "in loco", as reais possibilidades econômicas de cada região, bem como as verdadeiras necessidades das respectivas populações.

A última dessas visitas foi a que fez a Itumbiara, dia 27 de maio próximo findo. Depois de visitar a cidade, auscultar os anseios de sua gente e ouvir o sr. Prefeito Municipal acerca de suas atividades e de seus planos administrativos, o sr. Interventor Federal, agradecendo uma homenagem que lhe prestou o povo de Itumbiara, pronunciou o discurso aqui transcrito. Trata-se de uma peça inegavelmente magnífica e muito oportuna. Como sem-

pre sóe acontecer, o sr. dr. Pedro Ludovico revelou, nesse discurso, uma visão muito humana e muito nacional de nossos problemas políticos, sociais e econômicos, estando a sua oração referida de belos conceitos, todos inspirados em nobilíssimos princípios. Sereno e equilibrado, justo é atual, e se demonstrando um conhecedor das coisas de sua Terra, o Interventor Pedro Ludovico falou como um estadista do século XX: com objetividade, clareza e uma exata intuição do futuro, apontando, com sinceridade e precisão, os caminhos sociais que deverão levar a um mundo mais feliz, no após guerra, do mesmo passo que lembrou, a todos, que é preciso continuar a grande obra social inaugurada no país pelo Regime de 10 de Novembro.

"Recebendo um convite do prefeito Gomes de Lima para visitar esta terra, aceitei-o, achando-me, hoje, aqui entre vós. De há muito não me era dado este prazer de um contacto pessoal convosco. Entretanto já se tornava necessário, pois Itumbiara é uma cidade que deve ser olhada, de quando em quando, pelo responsável pelos negócios do Estado. É uma urbe fronteiriça, sala de visita, como se diz do nosso intercâmbio com as outras unidades federativas. Felizmente, o seu prefeito se tem mostrado operoso, entusiasta e honesto no seu mister. Entregou-se à sua missão com o desejo de bem cumpri-la. Identificou-se com o ambiente e com o cargo de que é titular, fazendo tudo para que se objetivem os seus projetos em benefício desta comuna. A esses propósitos se ligou de tal forma que vem recusando os oferecimentos que se lhe fazem para servir como administrador em outros municípios, cujas rendas são três ou quatro vezes maiores do que as do que presentemente dirige. É uma prova forte, insofismável do seu carinho para com este pedaço do solo goiano. Se maiores fossem as possibilidades orçamentárias, mais vultoso seria o índice de serviços aqui realizados. Mesmo, porém, com recursos relativamente pequenos, notam-se obras de valor positivo, nesta cidade, que é a porta de entrada dos rincões sudoestinos. É a primeira que se depara à visão, de quem penetra em Goiás vindo do Estado de Minas, quer aos que demandam o sul, quer aos que se dirigem para o sudoeste. É o início de regiões fertilíssimas e prósperas do território goiano. São em grande número os forasteiros que por aqui passam com o intuito de adquirir propriedades rurais nas extensas faixas de terra de que é dotada a nossa hinterlândia. São milhares de garimpeiros que a atravessam frequentemente em busca das jazidas de diamantes, ouro, rutilo, mica, cristal de rocha, de que é referto o nosso solo. São muitos os compradores de gado que a penetram à cata das boiadas que existem em nossos rebanhos e que são necessárias ao consumo de outras populações que não as nossas.

A pecuária nos oferece um considerável intercâmbio comercial, cujos produtos, em sua maior parte, passam por Itumbiara, em trânsito para os grandes centros consumidores. A nossa estatística nos afirma que nos anos de 1940 a 1943 a exportação de gado vacum pela Ponte Afonso Pena atingiu o número 516.327 cabeças e o valor de Cr\$ 151 635 202,00. Este

município, que é importante pela sua situação geográfica, que possui ótimas terras, para a cultura agrícola, grandes quedas d'água para fornecimento de energia elétrica, será em futuro próximo um dos mais prósperos do Estado. Só a Cachoeira Dourada, que, talvez, brevemente, se transformará em uma Central Elétrica, cuja potência é calculada em algumas centenas de milhares de cavalos, poderá modificar inteiramente o aspecto econômico de todos os seus arredores. Aproveitada toda a força desta formidável catarata, tudo se revigorará aqui, como que por encanto. São as fábricas que surgem, as indústrias diversas que aparecem, novos processos de cultura mecânica para auxiliar a terra boa e fértil. E isso não é um sonho que nos embala o espírito. É uma realidade que se avizinha, e que já está em esboço, cujos estudos já se estão fazendo. Com o aproveitamento dessa energia que se acha agora em estado potencial, mas que em breves tempos será real, eficiente em inúmeras aplicações, se poderá, além do que foi previsto, eletrificar-se as vias-férrreas que servem parte do Brasil Central, dando um grande impulso ao nosso sistema de transporte. Revolucionar-se-iam os métodos de produção, oferecendo-se perspectivas as mais lisonjeiras para o trabalho encarado na sua generalidade. Um dos maiores sociólogos da humanidade já declarou que não poderia haver organização socialista sem eletrificação. Um país que não a desenvolve jaz na retaguarda, atrofiando-se, não se civiliza. O mundo vive a época da eletricidade. Com ela tudo caminha, o progresso avança a passos gigantes. E o Brasil tem todos os elementos para levar avante a grande epopéia, tirando de seus caudalosos rios e de suas diferenças de nível a força que lhe dará nova e imensa vitalidade. E isso se pode conseguir em todos os quadrantes brasileiros, pois em toda parte existem esses meios que nos proporcionarão a grande finalidade.

Quando tivermos a felicidade de ver na grande vastidão do nosso território pátrio gigantescas comportas, grandes barragens e altas torres sustentando fios com elevada voltagem, seremos a maior nação do planeta. Goiás, neste particular, terá um lugar de destaque, sendo aquinhoado pela natureza com as suas caudalosas correntes fluviais e suas grandes cachoeiras. O rio Paranaíba, de cujas margens nos achamos tão próximos neste momento, nos apresenta

a famosa Cachoeira Dourada e o Canal de São Simão, que, reunidos, nos podem dar mais de um milhão de cavalos. Como se vê, dispomos de fartos elementos para incrementar as nossas fontes de produção, que têm hoje na eletricidade o seu maior auxiliar. Os altos fornos de Volta Redonda, preocupação máxima do governo Getúlio Vargas, serão o elemento básico para a eletrificação do nosso país. Sem aço, sem ferro guza, não se levantarão barragem e nem se forjarão turbinas. Essa primeira instalação da indústria pesada formará o nosso grande parque industrial do futuro. Então o nosso ferro nos dará mais ouro do que todas as nossas minas guardadas nas entranhas do sub-solo e se confirmará o conceito muito repetido de que o índice de progresso de um país se mede pela quantidade de sua produção metalúrgica. Assim quando essas primordiais alavancas da indústria estiverem em pleno funcionamento, operando com intensidade e extensão, as nossas possibilidades de criar riquezas serão muito auspiciosas e a nossa economia tomará novos rumos, alicerçando-se em bases sólidas. Então, as nossas condições de vida terão novas oportunidades, abrir-se-lhes-ão numerosas fontes de trabalho. Poder-se-ão dar outras condições de vida às massas proletárias, que, embora amparadas por uma legislação sábia e humana pelo Presidente Getúlio Vargas, que muito tem feito em relação às mesmas, ainda não se encontram em situação lisonjeira, maxime as que labutam nos campos, as que vivem em ambiente rural. Poder-se-á organizar o trabalho em cooperação, articulando-se todas as atividades para um mesmo fim. Dessa congregação virá não só o seu fortalecimento como subirá o seu nível educacional e político.

Será mais fácil instruí-los e educá-los, melhorando-lhes as condições físicas e intelectuais e agrupá-los em sindicatos, que lhes defenderão os objetivos

políticos, sociais e econômicos. Evitar-se-á dessa forma o grande mal da pobreza generalizada, ao lado de uma riqueza de elites, que se torna agressiva aos sentimentos dos infelizes, que constituem a maioria. Evitar-se-á com a educação o desenvolvimento de idéias, muitas vezes falsas ou pouco nobres, relativamente ao estado atual da sociedade. Evitar-se-á o sentimento de ódio e de incompreensão, de violência nos ideais muito humanos de reivindicação social. O reajustamento econômico trará a toda massa de obreiros uma euforia proveniente da eliminação de males físicos e espirituais. Uns que lhes acometem o organismo, de pauperando-os, diminuindo-lhes a capacidade de trabalho, outros atormentando-os, irritando-os, oriundos da precariedade econômica, neles formando um complexo de inferioridade e de rebeldia às instituições. Entretanto, essas desigualdades, essas injustiças sociais podem ser remediadas satisfatoriamente. Um plano bem dirigido e bem aplicado transformará por completo essa inconveniência, essa iniquidade da existência de tanta miséria em um país de tanta riqueza. Mas esse plano, que já está iniciado no atual regime, terá fatalmente os seus continuadores, que farão a mais bela, a mais nobre obra governamental, que é a libertação dos oprimidos, dos que ainda vivem algemados à exploração gananciosa dos seus semelhantes, aplicando ainda o jus fruendi, utendi et abutendi.

Meus senhores.

Sou muito grato ao povo de Itumbiara, aqui representado por todos os seus valores, nesta homenagem que me presta. Esses agradecimentos são extensivos aos amigos das cidades vizinhas que compareceram a este banquete, trazendo-me o conforto do seu aprêço. Terminando, brindo com prazer o sr. Prefeito Gomes de Lima, o povo gentil desta terra e todos os presentes".

No dia 20 de junho de 1846, o Presidente da Província de Goiaz, dr. Joaquim Inácio Ramalho baixou a resolução número 9, criando o Liceu de Goiaz.

Já existia, em pleno funcionamento, na capital da Província, naquela época, um estabelecimento de ensino em que se ministravam aulas de gramática latina, geometria, filosofia racional e moral, mas o Liceu, propriamente dito, só foi criado quando, pela resolução citada, o presidente Joaquim Inácio Ramalho mandou que criadas as cadeiras de língua francesa e retórica, tudo se reunisse sob a denominação de Liceu da Província de Goiaz.

A lei que criou o Liceu de Goiaz, ficou com a seguinte redação:

"Artigo 1º — Ficam criadas, na Capital desta Província, uma cadeira de língua francesa, outra de retórica, reunidas às de gramática latina, geometria, filosofia racional e moral, com a denominação de Liceu da Província de Goiaz.

Artigo 2º — Os professores serão vitalícios, e só perderão os seus emprêgos por sentença condenatória, nos casos marcados pelas leis gerais.

Artigo 3º — Os professores das cadeiras criadas pelo artigo 1º, terão o ordenado anual de 500\$000 e o de geografia e história o de 600\$000.

Artigo 4º — Se aparecer difi-

culdades para que as cadeiras novamente criadas não possam ser providas legalmente, o Presidente da Província fica autorizado para encarregar da regência delas ou a alguns professores das outras cadeiras, ou mesmo a qualquer cidadão que tenha as necessárias habilitações.

Artigo 5º — No caso de realizar a hipótese do artigo antecedente, o Presidente da Província poderá mandar abonar aos professores interinos uma gratificação anual, que não exceda os ordenados estabelecidos para os vitalícios.

Artigo 6º — Haverá um diretor com o vencimento de 400\$000 anuais, da livre nomeação do Governador da Província, que terá a seu cargo, além da direção do ensino, as incumbências que o governo julgar necessárias.

LICEU DE GOIAZ

Artigo 7º — O Presidente da Província escolherá o local, em que se há de estabelecer o Liceu, e poderá dispender pela quota das eventuais a quantia que for necessária, a-fim-de ser instalado com brevidade possível.

Artigo 8º — Se algum professor tiver os precisos conhecimentos da língua francesa, poderá, por princípio de economia, ser encarregado de seu ensino, percebendo, além do seu respectivo ordenado, uma gratificação que não excederá de 200\$000 anuais.

Artigo 9º — As atribuições do Diretor, as obrigações, e direitos dos professores, e tudo o mais que convier, para o bom regime do Liceu, serão interinamente determinados nos regulamentos que o presidente da Província deve dar, os quais ficarão dependendo da aprovação da Assembléia Legislativa.

Artigo 10º — O Presidente da Província dará anualmente conta à Assembléia do estado deste estabelecimento, informando sobre o número dos alunos e seu aproveitamento.

Artigo 11º — Revogam-se todas as leis e disposições em contrário".

Com essa lei surgiu o Liceu de Goiaz, que, em 1946, completará um século de funcionamento, com os mais relevantes serviços prestados ao progresso moral e intelectual de Goiaz.

As duas iniciais

Conto de Juruena Di Guimarães

Incontestavelmente, era Carmem a moça mais bonita da cidade de Serro Velho. Filha única do Coronel Valeriano Botelho, fazendeiro abastado e ex-Intendente, por vários anos.

Morena de excelente estatura, basta cabeleira de penteado extravagante, senhora de trinta e dois dentes brancos e dois olhos pretos, era, mesmo, o tipo-modêlo da beleza sertaneja.

O Coronel Valé, apelido com que era chamado pelos íntimos e pelos seus devedores, vinha, de há muito, entabulando com dona Celeste, sua espôsa, ou, ainda, dona Cécé, um casamento para a filha, que “estava ficando cheia de tremeliques e cousas de cinema”, conforme definia êle, na sua psicologia de coronel, o histerismo da filha, que já havia completado “vinte e três rissonhas primaveras”, conforme noticiara, por ocasião do seu natalício, o *Bem-Te-Vi*, órgão noticioso e literário, redigido e manuscrito pelo brilhante intelectual patricio, Benício Manteiga, farmacêutico e amigo da família do Coronel.

— “Ah! Dizia dona Cécé, juntando as mãos sardentas à altura do queixo gordo, quem nos dera, para marido de nossa filha, o Doutor Bemfica! . . . — “Deus é pae, ajuntava, descendo as mãos”.

O dr. Romeu Bemfica, moço de apreciáveis qualidades morais, havia chegado ali, há pouco mais de um ano, vindo do Estado de Minas Gerais, de onde trouxera um diploma de Cirurgião-Dentista e muitas esperanças. Era de meia estatura, mais gordo do que magro, sempre limpamente vestido e calçado, um pouco dentuço, tornando-se, logo, o ponto de referência de todos e para tudo.

Parece que as rezas de dona Cécé estavam dando bom resultado: O dr. estava pelos beijos para os lados da Carmem, conforme já se comentava largamente.

“Qual, dizia o Romualdo Coletor, à porta da Matriz, depois da missa das dez, “o marmanjo já farejou longe o dote da pequena. Com certeza já lhe falaram dos chifres que o Coronel tem empastados na fazenda Vargem. Eu, sim, é que não me vendo. A morena me servia, mesmo que fosse pauperima. . . !”.

“As uvas estão verdes” Romualdo, respondeu o Benício, que ia saindo da igreja.

O certo é que o dr. Romeu, invariavelmente, subia, tôdas as tar-

des, mui *despreocupado*, a Rua Direita, passando pela porta do Coronel, justamente à hora em que a moça, pelo lado de dentro da janela da sala de visita, lia ou fingia ler, um romance, que devia ser de Deli.

Os passeios despreocupados do dr. Romeu tiveram o seu epílogo no pedido de casamento. Noivos!

Mais uma vez o *Bem-Te-Vi* deu literatura: “Com a pretendida Senhorita Carmem Botelho, diletta filha do nosso prestigioso chefe e amigo Coronel Valeriano Botelho, contratou casamento o nosso distinto amigo e assinante, Doutor Romeu Bemfica, competente Cirurgião-Dentista, nesta cidade. Os noivos têm sido muito cumprimentados”.

E o noivado seguiu o ritual corriqueiro de tôdas as tragédias banais. Carmem ofereceu ao noivo um par de abotoaduras de pedra corvina, encastoadas em ouro. O dr. presenteou-a com um relógio pulseira. Houve, ainda, alguns fuchicos e comentários maldosos dos frequentadores da rodinha da Coletoria e da Farmácia, todos amigos dos noivos. Venceu, porém, o *par de pombinhos amorosos*, sinônimo dado aos noivos pelo jornalista Benício Manteiga.

O casarão da rua Direita estava num lufa-lufa doido. Era aquele o dia do casamento da filha do Coronel Valé, acontecimento ansiosamente esperado por tôda gente, já pelo prestigio desfrutado pelos noivos, já por constituir motivo para novos comentários. . . O Romualdo passara quasi todo o dia ajudando Dona Cécé, tendo, mesmo, fechado a Coletoria. Ora arremovava um quadro, ora pregava uma cortina. Porém, onde êle mais se esmerara foi no arranjo da mesa para o ato civil.

“Aqui é o altar onde será lavrado perante Deus e os homens, o mais sagrado dos contratos”, sentenciou êle na sua literatura de talão e sêlo por verba.

Eram quatro horas e a casa estava repleta de convidados. Mesmo o Juiz, Doutor Percílio Alves do Prado, já lá se achava, acompanhado do Escrivão Simplicio. “A noiva parece uma Deusa antiga”. Ainda sentenciou o Romualdo, coçando a sua alopecia de estimação, collocada do lado esquerdo do queixo. Lá

dentro as moças cochichavam, maliciosamente, rodeando a noiva que, imóvel n’uma cadeira ao centro da alcôva, tinha um aspecto de vítima, dentro da sua indumentária de virgem.

Eram já cinco horas da tarde e o noivo ainda não havia chegado, apesar-de estarem marcadas as cerimônias para as quatro e meia. Começou a reinar um certo desapontamento, para não dizer desconfiança, entre os presentes. O dr. Percílio limpava, sem cessar, quasi automaticamente, o pence-nez. O Romualdo já arriscara um trocadilhosinho: “A demora do Dr. Bemfica não lhe fica . . . bem. . .”, e mastigou, com os dentes da alma, o piteusinho que o seu faro de mecheriqueiro já havia percebido. Era já enorme a intranquilidade, quando o futuro sógro resolvera ir buscar o genro à sua casa.

Volta, meia hora depois, e chama o dr. Percílio para uma conferência em particular. A ruga que trazia, como um imenso Til por sôbre os olhos, denunciava a sua angustiada preocupação.

Ao outro dia tôda a cidade comentava o sucedido da véspera. “Olha, você soube?”. “E’ esta?”. “Eram frases que se cruzavam da farmácia do Benício à Coletoria do Romualdo, num raio de quinhentos metros quadrados. E lá vinha o comentário:” o Doutor, quasi à hora do casório, recebera uma longa carta de sua velha mãe, residente em Sabará, confessando-lhe ser êle irmão da Carmem. Por isso é que sempre o Coronel gostava de contar as suas viagens pelo interior de Minas. . . O trem é verdade!”. E a história corria mundo. . .

“O tempo de tudo se incumbe”. Doutinou o Romualdo. E, de fato, dentro de poucos meses não se comentava mais o acontecido. A família do Coronel fôra passar uns tempos na fazenda.

A preocupação máxima de Dona Cécé, agora, era aproveitar o enxoval da filha, bordado com as iniciais C. R.. Que fazer daquele R, tão intruso ali?

O Cel. acqitara o pedido, a-pesar-dos quarenta burocráticos janelos do Romualdo, e dos protestos de dona Cécé que, a tôda hora, exclamava: “de Doutor a Coletor?”.

Carmem havia ficado noiva de Romualdo Bezerra. O *Bem-Te-Vi*, desta vez, não abriu o bico.

Dona Cécé se acomodara à nova situação, tão logo descobriu a coincidência das iniciais. O enxoval não ficaria perdido. Podia continuar ali, bordado nas peças, o R que tanto a fizera sofrer. . .

HEROÏNA GOIANA

LUIZ DO COUTO

Dominada pela Serra Dourada, dentro do sertão imenso, na aldeia de Mossâmedes, erguia-se a verde colina de Santa Maria, a seis léguas desta Vila-Bôa, sôbre cujo cimo o General Sobral de Carvalho construiu o palácio de estilo colonial-mourisco para descanso do Governador, enfeitando as fraldas dos outeiros vizinhos com parques e jardins, e plantado ao sopé dessa colina casinhas brancas, cheias de beleza e de frescura, com os seus pomares, as suas rosas entre os seus cristalinos regatos descendo em cascatas sussurantes para o leito do córrego *Fartura*, sinuosa serpente azulada, coleando, medroso, no vale soberbo sob o verde olhar das matas e o bizzarro cantar dos pássaros multicores.

Era em 1830.

Governava Goiaz o General Miguel Lino de Moraes. Os *caiapós* interceptavam o comércio de S. Paulo e minas de Cuiabá. As *Bandeiras* eram dizimadas, e Goiaz se isolava no coração da nacionalidade nascente.

Ferozes, os *caiapós* dominavam os sertões. Impunha-se a reação contra os índios, não a ferro e fogo como nos tempos do Conde de Serzedas, mas pelo amor, pela bondade e pelo carinho, chamando-os à civilização como irmãos e construtores da obra humana e cristã organizada no alvorecer do Primeiro Império.

Damiana da Cunha, filha adotiva do outrora Governador, General Cunha Menezes, de quem tomara o nome na pia batismal, era a mulher indicada para a penosa e árdua missão de se entender com os filhos das selvas e trazê-los ao convívio de uma sociedade cujos fundamentos eram ainda indecisos.

Além dos demais anteriores era mais um sacrifício imposto à nobre heroína que tão assinalados serviços, em excursões arriscadas, prestara ao Governo Imperial e antes à Capitania.

Damiana, embora alquebrada pelas lutas, não recusou a missão, e a 27 de maio de 1830 partiu para as terras de longe, para as distantes plagas de *Camapuan*, levando em sua companhia os índios Luiz e Maria, seus companheiros inseparáveis na conquista dos seus irmãos do sertão, e o seu marido, Manoel Pires da Cruz.

Longos mezes se passaram.

Um dia o General Lino de Moraes teve notícias de sua volta e aproximação. Vila-Boa engalanou-se. O Presidente, as mais altas autoridades, a população em péso, os índios

evangelizados, todos, radiantes, irreprimível alegria (os sinos repicando festas), foram ao encontro da mulher missionária.

Era a 21 de janeiro de 1831.

Foi a última vitória da evangelizadora.

Carregada nos braços de dois índios, fez Damiana a sua entrada triunfal, não mais como a linda mulher que vencera, mas como a sombra de uma vencedora que agoniza.

A febre dizimara o seu organismo; o asseitinado de sua pele perdera o brilho; queimadas as suas mãos pelas ardentias; o seu corpo ferido pelos combates nas agressivas florestas; curvo o seu busto outrora alívio como os buritis das várzeas, sem um riso, perdida tôda a sua antiga beleza, entrou Damiana em Vila-Bôa, sob a aclamação de um povo fascinado pela mulher admirável, embora intimamente angustiado pelo seu destino.

Não era a mesma mulher que voltava do campo de uma batalha civilizadora; era a heroína que caminhava para a morte; a mulher mártir que dera a vida pelo seu povo.

Sômente a luz dos seus olhos, já ensombrados pela fria noite do sepulcro, lançava os últimos raios de uma vida que se extinguia.

Dias depois, no seu modesto quarto, sob a benção de um povo agradecido, ela, a Missionária, o Anjo do bem, entrava em agonia.

E passou, então, pelas suas retinas subjetivas, tôda a sua vida de mulher predestinada.

O quadro dos seus primeiros anos, nítido, como um filme, desenrolou-se . . .

Era o sertão e era o deserto. Era a sua infância feliz, à margem do seu rio onde nas areias brancas se erguia a sua taba e crescia descuidosa, a sua gente, vivendo da caça e pesca, e se divertindo depois, nas noites enluaradas, à roda das fogueiras e ao som dos *inimbós* quebrando na melancolia das suas notas o silêncio do largo sertão amigo, sob o olhar macio das estrêlas indiferentes.

Era a inocência protegida pelos astros de Deus nas alturas.

E o rio cantava, na sua harmonia, estranhas endexas . . . e os pássaros perdidos nas entranhas das florestas, sôbre a frança das árvores, ou à beira dos seus ninhos cromatizavam românticas baladas dentro da noite adormecida . . .

E ela via e sentia, na evocação de uma alma que procura o azul na

dolorida saudade do último adeus, na suprema recordação de uma infância que se sumia nos longes dos tempos venturosos, tôda cena de sua humilde mocidade tapuia.

E Damiana viu ainda, à sombra de sua choça, à sombra das árvores amigas, um dia, chegar o homem branco, mais companheiros, carregados de sedutores presentes para os seus irmãos das matas, de fala doce e meigo olhar.

E o homem branco, o soldado Luiz que o Governador Cunha Menezes mandara, recebeu a hospitalidade do seu avô, o Cacique.

E depois de duas luas o avô, com grande parte de sua tribo, partira, levando-a já moçoila, com um irmãozinho às costas, para terras de longe, muito de longe, no país do capitão branco . . .

E a bugrezinha despediu-se do seu rio, das suas praias de areias brancas, das suas árvores banhadas pela luz da manhã, cobertas de verde, orvalhadas pelas lágrimas da madrugada que surgia para os lados côr de rosa do Levante; despediu-se da sua choça, dos seus brinquedos, dos seus pássaros que vinham pelas manhãs claras alimentar-se nas morenas conchas de suas mãos, e à noite adormecer nos galhos do cajueiro bravo, à beira da sua porta guardada pelos guerreiros da sua tribo . . .

E Damiana no seu leito de morte, ela que fôra uma das maiores heroínas do Brasil, via tudo isso passar pelo seu espírito já enublado pelas sombras da morte, combalida por infinita saudade.

Depois as longas caminhadas pelo deserto; as noites indormidas, os grandes caudais, as chuvas, o desbravamento das florestas virgens pelo passo humano; o uivo das feras nas caladas da noite constelada de estrêlas palpitantes desmanchando-se em poeira de prata, corando de luz a copa das árvores solitárias dominadoras do sertão . . .

E vieram os dias ardentes e as noites tranquilas, e os infindáveis campos cobertos de flores silvestres vitoriosas à luz do sol tropical.

Continuava a agonia . . . Continuavam as visões do seu passado.

Depois a sua chegada e dos seus à Vila-Bôa. Troaram os canhões, repicaram os sinos. Cunha Menezes, as autoridades abriram-lhe os braços enquanto as fanfarras e os clarins, numa aleluia sem par, celebravam a entrada dos filhos das selvas no convívio da civilização . . .

E Damiana, ao despedir-se da vida, tudo via no delírio dos últimos momentos . . .

E a sua volta, por diversas vezes, à procura dos *caiapós*, numa peregrinação dignificante que a história registra, ela cheia de anseios, de dôres, de sacrifícios, de esperanças e sofrimentos?

Continua o delírio . . .

E o Cacique, seu avô, de que era

Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri

a flor do ipê com o perfume da coriba roxa crescida à margem dos regatos, que vive um dia e morre numa noite depois de enfeitar os cabelos da noiva índia nas horas de amor, nas silenciosas caladas da lua cheia?

Damiana aproxima-se da morte.

O seu magro corpo soergue-se um pouco; o suor frio que lhe corre pela frente tapuia empasta-lhe os lisos cabelos já embranquecidos; os olhos perdem a sua côr; e as pupilas vão descendo mansamente... um véu fechando a derradeira cena do drama de uma existência...

Fora, três mil filhos das selvas evangelizados e perto de cinco mil reinós e *bandeirantes* e filhos de Goiaz, de joelhos, num só murmúrio de prece, partido do íntimo da alma, pedem a N. S. Santana, a Padroeira, que Damiana viva...

Ao lado do leito mortuário, o Padre Nunes, trêmulo, comovido, deposita suavemente o crucifixo em uma das mãos da moribunda, o o Governador, Marechal Lino de Moraes coloca em outra mão a vela cuja mortíca chama parece querer se apagar juntamente com aquela existência que expira...

Sacerdote e Governador prostram-se de joelhos...

Damiana olha em tórno; o seu olhar já não vê... e se vê é de além túmulo.

Lentamente o seu corpo desce sobre o leito; reclinando a cabeça, e os olhos se fecham para nunca mais se abrirem.

Fora, ajoelhado, o povo soluça.

A tarde cinzenta morria muito além para as bandas do Araguaia, e um pouco de luz do sol agonizante empalidecia os longínquos da Serra Dourada.

E sobre a comoção daquela multidão genuflexa, mansamente começava a descer a noite, enquanto os canhões davam as sete salvas funerárias e os sinos dobravam a finados...

Foi a apoteóse da Neta do Cacique...

Hoje, quando o pensamento democrático evolui, quando o individualismo liberal cede terreno a uma concepção nova da liberdade e do bem comum, quando as velhas fórmulas da igualdade puramente formal se transformam em meios concretos de assegurar a igualdade de oportunidade para todos na luta pela vida, quando o Estado renuncia à sua velha atitude passiva de contemplador das lutas sociais e procura intervir ativamente na solução dos grandes problemas nacionais — hoje, mais do que nunca, a imprensa adquire aquele caráter de sacerdotício, que lhe reconhece o Presidente, e hoje, mais do que nunca ela compreende a extensão das suas grandes responsabilidades —

ALMIR DE ANDRADE.

Há cento e cinquenta e um anos passados, no dia 21 de junho de 1793, nascia em Meia-Ponte uma criança do sexo masculino que teria, depois, pelo tempo a dentro, a mais larga preponderância na direção dos acontecimentos que empolgaram a Província de Goiaz. Foi o padre Luiz de Gonzaga Camargo Fleuri.

Filho do casal João Fleuri Coelho, capitão-ajudante, e Rosa Maria de Lima Camargo, o padre Luiz Camargo Fleuri descendia, pelo lado materno, da estirpe soberba dos Buenos da Riveira, em que avulta Amador Bueno, o aclamado, e, pelo lado paterno, provinha êle dos Fleuri, da mais lidima aristocracia gaulesa.

Com vinte e quatro anos de idade Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri, depois de um curso brilhante, recebeu as ordens de presbítero do hábito de São Pedro, em São Paulo, no dia 25 de julho de 1817.

Quando estrugiam, no Brasil, as grandes agitações libertárias, visando a desligação de Portugal, o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri assumiu posição de vanguarda, pouco se lhe dando os apanhos de violência esboçados pelo então capitão-general Manoel Inácio de Sampaio e Pina. A situação de Goiaz tanto se agravou, nessa época, com a capitania dividida em dois governos, um em Goiaz e outro em Cavalcanti, que a côrte se viu na contingência de determinar a única medida que no caso cabia: a desstituição de Sampaio e o estabelecimento de uma junta governativa, até que se organizasse, melhor, o governo da Capitania. Essa junta, escolhida e empossada a 30 de setembro de 1821, tinha a integrá-la o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri.

A província, visando pacificar a Capitania, não produziu resultado. Estalam motins e sedições no sentimento goiano, tendo o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri sido encarregado de pacificar Pilar, onde a revolta estalára bravamente, sob a direção do juiz de fora Manoel Antônio Galvão. E o padre Fleuri deu desempenho feliz a essa missão, contornando dificuldades e evitando efusão de sangue por causa de modos diferentes de desejar a independência do Brasil.

De idêntica missão foi êle incumbido, quando o norte de Goiaz desligou-se da capitania, com o estabelecimento de um governo, sob a presidência do ouvidor Joaquim Teotônio Segurado, em Natividade. E dessa feita, ainda, o padre Fleuri conseguiu vencer tudo, sem danos de vidas ou de haveres.

Regressando do norte, o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleuri teve notável recepção pública na capital da província. Foi recebido por enorme multidão e saudado como um apóstolo pacificador.

Quando o presidente Caetano Maria da Gama assumiu a direção dos negócios administrativos da Província, o padre Luiz Gonzaga foi escolhido para membro do Conselho Municipal e, em 1833, quando surgiu o primeiro jornal em Goiaz, o padre Fleuri foi o seu redator. "Matutina Meiapontense", redigida pelo ilustre sacerdote, teve notável atuação na vida política de Goiaz, e, quando se registrou o seu desaparecimento, o padre Fleuri ainda militava na política. Era o patrocinador da "Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacionais", de que o coronel José Rodrigues Jardim, presidente de Goiaz, era o diretor.

Tendo sido eleito senador, em 1832, o presidente José Rodrigues Jardim, o padre Fleuri, por carta imperial de 16 de janeiro, assinada pelo regente do império, foi nomeado presidente de Goiaz, cargo que assumiu a 20 de março de 1837 e em se conservou até 4 de setembro de 1839.

Foi durante o seu governo que se verificou a formidável enchente do rio Vermelho, que destruiu grande número de casas rebeirinhas, inclusive a igreja da Lapa.

O padre Fleuri foi eleito, em 1840, deputado geral, cargo a que deu todo o brilho e a que dedicou toda a sua inteligência.

Róido pela ingratidão dos homens, com o organismo minado pelo excesso de trabalho, com as células empobrecidas pela velhice, o padre Fleuri retirou-se, depois, para Meia-Ponte, onde morreu, a 29 de dezembro de 1846, cercado da estima e do respeito de toda a Província de Goiaz.

O Brasil tem um homem forte no governo, um homem cujo retrato está em todos os lugares públicos e a quem toda a gente (exceto seus inimigos), chama simplesmente Getúlio. E êle maneja bem o seu poder. No último decênio melhorou rapidamente as suas condições sociais, os serviços públicos, os meios de transporte, tanto quanto o espírito de união nacional — JACK HARDING — (E. Unidos).

São quase sempre bons sentimentos mal dirigidos que conduzem as crianças para o mal — ROUSSEAU.

BOLETIM DO TRABALHADOR

SALÁRIO MÍNIMO

Mozart Smith Camargos

Chamados a apresentar sugestões, na qualidade de Presidente da Comissão de Salário Mínimo deste Estado, sempre temos tido em vista que da comunhão de idéias entre empregadores e empregados é que pode haver melhor harmonia e equilíbrio entre capital e trabalho, entre a produção e distribuição de riquezas.

Antes do advento da instituição do Salário Mínimo em nosso país, assistíamos ao seguinte fenômeno: o empregador remunerava mal os seus empregados, porque estes não satisfaziam às imperiosas necessidades econômicas daqueles; por sua vez, os assalariados não produziam mais e melhor, porque não havia justa retribuição ao seu esforço ou à sua técnica profissional. Para resolver tal problema, foram nomeadas Comissões compostas de empregadores e empregados, encarregadas de fixar o salário mínimo em todas as regiões do país.

Feitos os devidos estudos, com o maior critério e espírito nacionalista, chegaram a conclusões satisfatórias, pelo que o então Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, dr. Waldemar Falcão, teve ensejo de expor a S. Excia. o sr. Presidente da República, dentre outras considerações, o seguinte:

"O salário mínimo estabelecido pela lei deve corresponder às necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte do trabalhador adulto, excluída, portanto, a idéia do salário profissional e afastada a do salário familiar, muito embora as correntes vitoriosas do pensamento e as tendências mais fortes da organização sindical já se reflitam em várias legislações modernas, modificando aquela primitiva concepção. O novo conceito, ao influxo da melhor compreensão de concentração capitalista que o teria ditado, em outros países, resultante do salário médio dos dados censitários, vai muito além, para incorporar aos fatores admitidos pela lei brasileira aos que se referem a estudo, recreação, seguro, paralisação do trabalho e desemprego.

Tendo de optar entre o salário social das mais adiantadas legislações e o salário vital das primeiras tentativas do Estado na fixação de um mínimo de remuneração, o nosso legislador optou pelo último, para não sujeitar os empregadores a exigências incomportáveis pela nossa economia, ainda muito distante da concentração capitalista

que teria ditado, em outros países, um mais amplo e generoso conceito de compensação do trabalho.

A lei, assegurando a todos os que trabalham um salário mínimo por serviço prestado, nas fábricas, em domicílio, ou nos campos, veio proporcionar reais benefícios ao proletariado, elevando-lhe o nível material de vida com iniludíveis vantagens para a economia nacional, de certo, revigorada com o aumento do poder aquisitivo da vultosa massa de trabalhadores que exercem a sua atividade profissional nos mais variados misteres, nas grandes concentrações urbanas ou nos centros rurais mais afastados e longínquos".

Assim, em 1º de maio de 1940, tivemos instituído em toda a nação, pelo decreto-lei nº 2.162, o salário mínimo a que tem direito, pelo serviço prestado, todo trabalhador adulto, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, como capaz de satisfazer, na época atual e nos pontos do país determinados em tabelas que acompanham dito decreto-lei, às suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte (artigo 1º).

Entretanto, para melhor ajuste da situação criada pela guerra, e a fim de ser evitado grave desequilíbrio econômico da massa trabalhadora, esta teve sensível aumento em seus salários, sem ocasionar, porém, prejuízo aos respectivos empregadores, eis que se procurou, mais uma vez, estabelecer equidade entre o capital e a compensação do trabalho.

O decreto-lei nº 5.977, de 10 de novembro de 1943, fixou novas tabelas de salário mínimo, que entraram em vigor a partir de 1º de dezembro do ano próximo findo, pelo que, em Goiânia e cidades marginais da Estrada de Ferro de Goiás, o salário mensal é de Cr\$ 240,00 e, nas demais localidades e distritos, Cr\$ 180,00.

O salário adicional para a indústria, instituído pelo decreto-lei nº 5.473, de 11-5-43, será pago na conformidade da tabela que acompanha o decreto-lei nº 5.978, de 10-11-43, sendo extensivo a todo empregado adulto, sem distinção de sexo, que, sob qualquer forma de remuneração, por dia normal de trabalho, preste serviços a empresa de transporte ou comunicação, inclusive as de caráter urbano.

Nesse caso, em Goiânia e cidades marginais da Estrada de Ferro de

Goiás o salário total é de Cr\$ 290,00, isto é, de Cr\$ 240,00 de salário mínimo vigente, mais . . Cr\$ 50,00 de adicional para a indústria, e, nas demais localidades e distritos deste Estado, é de Cr\$ 220,00 soma das respectivas parcelas de Cr\$ 180,00 e Cr\$ 40,00.

Para aqueles que percebem ordenado maior do que o novo salário mínimo, mas inferior ao dôbro desse salário, o decreto-lei nº 5.979, também de 10 de novembro do ano passado, fixou o salário de compensação, de acordo com as tabelas que o acompanham.

Exemplo: quem percebesse, até 30 de novembro de 1943, o salário mínimo de Cr\$ 187,60 (em Goiânia ou cidades marginais da Estrada de Ferro de Goiás) o tem elevado para Cr\$ 240,00, desde que não pertença a indústria, transporte ou comunicações. Quem percebesse salário de Cr\$ 240,00, o tem elevado para Cr\$ 290,00, independentemente da atividade profissional que exerça.

A elevação ocorre em função do vencimento ou salário efetivamente pago, não inflando a comissão que porventura o acompanhe, a qual não pode ser reduzida, "ex vi", do que dispõe o art. 5º, do decreto-lei nº 5.473, de 11-5-43, combinado com o art. 4º, do decreto-lei nº 5.979, de 10-11-43.

O pagamento do menor de 18 (dezoito) anos de idade, obedecida a proporcionalidade com o salário mínimo ou de compensação, será efetuado sobre a base uniforme de 50% (cinquenta por cento), e respeitará as normas e princípios que regem o pagamento do adulto.

Outrossim, a respeitável portaria nº SCM-54, de 8-10-43, de S. Excia. o Sr. Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, fixou "na conformidade da tabela anexa, o valor do salário base sobre o qual serão cobradas pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas as contribuições dos condutores de veículos que lhe são filiados, a partir de 1º de janeiro de 1944", determinando, ainda, "que o recolhimento de contribuições, atrasadas ou não, que se verificar a partir de 1º de janeiro de 1944, corresponda aos salários-base fixados pela presente portaria".

Vamos, assim, constatar que, pela tabela da referida Portaria Ministerial, o salário-base de que trata o art. 11, do decreto-lei nº 2.235, de 27-5-40, para os condutores de veículos de tração mecânica em Goiânia e cidades marginais da Estrada de Ferro de Goiás, é de Cr\$ 400,00, e, para os condutores de veículos de tração animal é de Cr\$ 200,00; outrossim, para os mencionados condutores, nas demais localidades e distritos deste Estado, os salários-base são, respectivamente, de Cr\$ 250,00 e . . . Cr\$ 150,00.

O TESTAMENTO DO DEFUNTO

CONTO DE

Raimundo Moreira dos Santos

— Mortó!

Esta exclamação, partida do íntimo da alma da sra. Eva Penedo, era como um grito de dor; não a dor de uma espósa amorosa pela perda do seu amado, mas sim, a queixa egoística da mulher que se sente momentaneamente lesada, roubada por aquele que morreu; morreu para prejudicar-lhe os planos de uma vida faustosa e regalada, negando-lhe um testamento . . .

Da. Eva, agora viúva Penedo, pela morte repentina do sr. Sinfrônio Penedo, não amava o marido. Nunca o amou.

Unira o seu destino ao dele por mera vaidade ou, por outros termos, para satisfazer o interesse pecuniário dos pais, que viam naquele enlace a sua salvação financeira.

Não haviam os dois cônjuges nascido um para o outro.

Ela, educada, ou meio educada em um ambiente diverso daquele em que vegetara o sr. Sinfrônio, tinha caprichos que eram, sempre que possível, satisfeitos.

Levava uma vida de meia liberdade. Digo meia, porque seu pai vivia sempre a braços com sérias dificuldades, acossado por credores, e por isso, nem sempre podia satisfazer as extravagâncias da filha.

Geniosa, voluntariosa, nunca pensou em ser, futuramente, uma terna mãe, uma boa dona de casa ou uma matrona útil à humanidade. Só pensava em cinemas, bailes, romances, modas, escândalos, desbragado mundanismo.

Nunca alimentou uma centelha de amor, nem mesmo a Alfredo, que fôra, desde a infância, seu amigo predileto.

Por seu lado, o sr. Penedo só aspirava uma coisa na vida: juntar dinheiro.

E ajuntava mesmo.

Nascido do nada; desde pequeno, órfão de pai e mãe, criado ao léu da sorte, viu cedo a necessidade de lutar pela vida, sem se atirar à malandragem e ao latrocínio.

Muito econômico, quasi tocando as raíais da avareza, começou a carreira comercial mascateando bugigangas.

Vestia-se modestamente, comprando, nas tinturarias, roupas reformadas. Quando cuidadas, serziava-as; rasgadas, remendava-as.

Comia o necessário para não morrer de fome. Suas comidas prediletas eram: cangica, tutú de feijão com torresmos, paçoca de carne seca, angú, quibebe de abóbora e outras semelhantes.

Nas padarias só comprava, a péso, pães queimados e os que, já velhos, esturricados e bolorentos, eram destinados ao lixo.

Assentava-lhe bem o epíteto de "pão duro".

Nos açougues comprava, regateando nos preços, vísceras, muxibas, osso de pescoço e lá um ou outro mocotó.

Cortava o cabelo de dois em dois meses e aproveitava uma lâmina Gillete até não dar mais no aparelho, a-pesar-de por-lhe calço.

Casas de diversões? Nem falar! . . . Frequentava sim, uma escola noturna municipal, onde aprendeu os rudimentos indispensáveis à vida prática.

Notando um negociante o quanto era êle interesseiro, ajustou-o para o balcão.

De uma probidade irrepreensível, nunca tirou do patrão o valor de um centavo. Foi até, por vezes, experimentada a sua fidelidade.

Nunca foi pegado por um fio de cabelo, o que lhe valeu, mais tarde, uma parte na sociedade e, pela morte do ex-patrão, uma gorda herança.

E atirou-se de cara na faina comercial.

Sorte, só ali. Cada dia mais rico.

Com o correr do tempo, começou a sentir necessidade de uma companheira para zelar os seus bens . . .

Por amor não casaria; mas, dado êsse passo, o amor viria.

Desejava unir-se a uma moça trabalhadeira, cuidadosa, econômica e, sobretudo, rica.

Os pais de Eva mantinham uma camuflagem de prosperidade. Assim, por meio de amizades, armaram a esparrela em que, não muito mais tarde, teria de cair sua vítima como um patinho . . . E assim aconteceu. Penedo caiu nela.

Primeira fase. Pedido de casamento. Noivatura oficial. Plataforma da vida conjugal.

Segunda fase. Matrimônio. Festa. Parabéns. Visitas. Lua de . . . de . . . que?

Terceira fase. Má vivência.

Ia-me esquecendo de dizer que, no ato do casamento, os nubentes adotaram o regime da separação de bens . . .

Êle casou porque precisava de uma mulher. Ela, por seu turno, aceitara o enlace por um pouco de despeito, pois o Alfredo arranjara um bom partido com uma mocinha rica, a qual faleceu logo no segundo ano de casada, em consequência de um desastre ferroviário em que pereceram, entre muitas vítimas, ela e o pai, deixando a Alfredo e Alfredinho uma regular herança e um pecúlio do valor de cem mil cruzeiros, pagos pela Sul América.

Contudo, o casal Penedo atravessou os umbrais da vida em comum.

Não vida de cão com gato ou de gato com rato, mas de gato com gata, embora sem se arranharem mutuamente.

Quantas vezes Sinfrônio não renegou da hora em que se uniu com Eva, deixando de lado a cunhada de Alfredo, senhorita Adelina, tão boa e simpática, e que agora era possuidora do valor de cem mil cruzeiros em dinheiro, além da herança de bens deixados pelo pai!

E ela gostava dêle! Deixára de manifestar-lhe essa afeição, desde o dia em que soube do seu compromisso com outra.

Dei um passo errado, pensava Penedo. Mas ia levando a sua cruz, a-pesar-dos pesares. Iria vivendo, até que a parca inexorável viesse libertá-lo dos laços em que se embaraçara.

Quem morreria primeiro?

A despeito do seu ceticismo, consultou um dia uma quiromante. Esta mostrou-lhe na palma da mão o sinal da viuvez. Mas isso nada significaria, pois, a mesma aventureira, uns dias atrás, não conhecendo nem um nem outro, tinha vaticinado a mesma sorte a da. Eva.

Imaginem! Marido e mulher, ambos ficariam viúvos!

Essa é mesmo de quiromante . . .

Da. Eva foi um dia avisada pelo médico, recomendando-lhe que procurasse meios de nunca contrariar o espóso, pois êle apresentava sinais evidentes de arteriosclerose. Contudo, poderia viver ainda alguns anos, se seguisse à risca as medidas higiênicas que lhe foram recomendadas.

Finalmente, era êle quem evitava contrariar a mulher. E ela ia onde lhe dava a veneta e fazia o que bem lhe parecesse.

Agora, no dia em que começa esta narrativa, chegando ela do cinema às 23 horas, encontra o marido inteiriçado no leito.

O abalo que sofreu foi inexprimível. "Mortó"! Sentiu uma dor aguda e parecia que o mundo lhe andava à roda. Sentiu-se mal, muito mal. Mas não teve ânimo de telefonar chamando o médico. Lembrou-se de que seu marido não fizera testamento e, chamar uma testemunha em sua casa, seria desastroso. A menos que essa testemunha fosse um homem da têmpera do sr. Ribeira.

Cumpria agir, e agir com presteza. Por isso, ao invés de ligar para o médico, ligou foi para o advogado.

O "Doutor" Ribeira, "advogado", amigo dos pais de Eva, homem sem escrúpulos, capaz de, por dinheiro, praticar as maiores infâmias, foi solícito em atender ao telefone.

A viúva estava trêmula e inquieta.

— Aí é o dr. Ribeira? — . . . —
Aqui é Eva Penedo. — . . . — Es-

lá só? — . . . — Tenho uma coisa extraordinária a referir-lhe, mas estou sem ânimo de dizer-lho pelo telefone. — . . . — O sr. está mesmo sozinho? — . . . — Não há aí por perto alguém que possa ouvir as suas palavras? — . . . — Então vou dizer-lhe: Sinfrônio morreu.

Se o aparelho fosse de televisão, ela poderia ver a cara que o homem fez.

— . . . — E' preciso que o sr. venha aqui já! Pegue o primeiro taxi que encontrar e venha correndo a cento e vinte. Quebre o automóvel, que eu posso pagar.

Dois erros: um é que seu Ribeira não arriscava a vida por uma coisa duvidosa; o outro é que ela nada possuía. Nem mesmo um seguro de vida o marido fizera.

Seu futuro dependeria do que pudesse realizar antes de ser divulgado o óbito.

Contudo, não demorou muito a que chegasse o homenzinho em um velho calhambeque Ford, daqueles de bigode . . .

Não é preciso traçar aqui o perfil do solicitador Ribeira. O leitor mesmo pode formar na imaginação uma fisionomia numa cabeça de antropóide, orelhas de morcego, calva luzente, nariz de judeu, olhos de jaboti, queixo prognata, barbiça mal cuidada, colarinho ensebado, roupa cor de burro na carreira . . .

Dizia-se "doutor", mas não passava de um simples rábula provisionado à custa de pistolões arranjados por chefe político de reputação análoga.

Asinus asinum fricat . . .
Ao entrar, foi dando a mão à viúva, que o esperava ansiosa, não percebendo que o amigo se esquecera de lhe dar os pêsames . . . E ela foi dizendo-lhe:

— Sinfrônio morreu de repente.
— E' . . . é . . . Partiu para a cidade de Pejuntos, sem aviso prévio. Sem levar chapéu nem passaporte para entrar no reino do Averno. Ah! ah! ah!

— Quando o senhor for, faça-me o favor de levar-lhe esses objetos.

— Oh! Com muito gosto. E até escolherei lá um magnífico apartamento para a senhora, quando for.

— Basta de troças. Morreu sem testamento . . .

— E' . . . é . . . Ab intestatus . . .

— Quero que me arranje um.

— Um, o que? Marido? Se eu não fosse casado . . .

— O sr. é muito atrevido e sem graça! Quero um testamento.

— Oh! Eu sou tão pobre . . .

— Já disse que deixe de brincadeira. O tempo urge. Quero que me arranje um testamento de meu marido.

— E' . . . é . . . Depende . . .

— Ih! Tanta reticência me enerva. Depende de que?

— Depende de uma garantia. A boa amiga sabe. Eu sou um homem honrado e por isso, só posso dar um passo arriscado, sem comprometer

a minha probidade, mediante uma garantia. Compreendeu?

— Mas eu não posso garantir nada. O êxito depende do próprio êxito.

— Então . . . nada feito. E a minha muito amiga senhora queria que eu quebrasse as costelas para efetuar um ato que podia reverter contra a minha ilibada honestidade, sem ter uma coisa em que me pudesse encerrar com segurança! Isto é o cúmulo do egoísmo! Ah! ah! ah!

— Não brinque. Tenho pressa. Precisamos de agir o mais breve possível.

— **Precisamos**, não. Não conjugue este verbo na primeira pessoa do plural.

— Doutor, não temos tempo para discutir gramática. Vamos ver logo em que fica o nosso negócio. Dou-lhe um décimo . . .

— E' pouco. Por essa quantia não me arrisco, a-pesar-de saber que o bicho . . . desculpe-me! que o homem era cheio dos cobres.

— Um quinto.

— Ainda é pouco.

— Então o sr. quer deixar . . .

— A raposa sem rabo? interrompeu o advogado.

— Faça o favor de respeitar-me. Não seja audacioso.

— Então . . . Até logo.

— Ó doutor! Não me faça esta! Pelo amor de Deus!

— Mas a sra. deve pensar. Eu vou arriscar a minha reputação. Tenho que arranjar duas testemunhas. Elas quererão também sua parte. Além disso, elas vão ficar comigo fechado nas mãos . . .

— Não. Nesse ponto o perigo é de parte a parte. O risco que corre um, correm todos.

— A senhora também.

— Não importa. Eu, para chegar ao fim, não encaro os meios. Estou disposta a tudo.

— Até a rachar o bolo?

— Não! Aí é de mais. O sr. é muito exigente. Mas, já que estou prestes a perder tudo, vai a última oferta. Um terço, serve?

O velho cofiou o bigode . . . Refletiu . . .

— Vá! disse por fim.

— Então, mãos à obra, disse Eva, olhando o relógio.

— Duas horas! O doutor, com suas lérias, roubou-me um tempo precioso. Já tem as testemunhas?

— Se tenho! Posso amigos, dignos de toda confiança.

— Então, vá chamá-los com a máxima urgência.

— Não é necessário. Os dois amigos que escolhi, são de tão boa fé, que eu posso assinar os seus nomes, e eles concordarão sem protestos.

— Neste caso, avie-se. E' capaz de imitar perfeitamente a firma do finado e das testemunhas?

— Perfeitamente. Para isto sou perito. Sabe que estas cousas são ossos do ofício . . . Mas olhe lá! Não vá comprometer-me! . . .

— Por isso pode ficar tranquilo, disse a esperta mulher, dirigindo-se

ao gabinete, acompanhado do grande homem de negócios.

— Quer que lhe dite as últimas vontades do morto? perguntou ela.

— Não! Iriamos deitar tudo a perder. Deixe ao meu cuidado.

Depois dos primórdios legais, escreveu:

"Eu, Sinfrônio Penedo, abaixo assinado, no gozo dos meus direitos civis e políticos, e das minhas faculdades mentais, declaro que:

1º — Deixo tudo o que possuo, em dinheiro, documentos, valores, jóias, bens de raiz, móveis e semoventes, à minha muito bem amada esposa, dona Eva Penedo.

2º — Desejo que o meu entêro seja feito sem pompa, com pouco acompanhamento, sem carro e sem música, em sepultura rasa, etc, etc."

— A data deve ser do mês passado, não é assim?

Lido e achado conforme, foi "devidamente" assinado, sobre as competentes estampilhas, pelo defunto e as testemunhas ausentes.

A mulher, muito satisfeita, exclamou: — Suiu às mil maravilhas! O sr. é mesmo extraordinário! Um gênio! Um portento!

O velho, todo ensimesmado, apanhou o chapéu, e dando a mão a viúva, disse:

— Muito obrigado. Nem tanta honra mereço. Até logo.

— Não! Antes de ir, ensine-me um jeito de . . .

— Sim. Já sei o que quer. Simule uma viagem, de onde vem chegando . . .

— E a empregada? interrompeu a mulher. Ficará sabendo de tudo. Ela sabe que eu tinha ido ao cinema . . . E já não são mais horas de se chegar de cinema. E assim, minha honra ficará maculada, pois o escândalo será inevitável.

— Neste caso, faça de conta que a sra. chegou, não quis incomodar o espôso . . . Têm camas separadas? Então, ótimo! Pela manhã, dá o estrilo . . . oh! quero dizer, o alarme . . . Grite bastante . . . Não serão mal empregados alguns chilikues.

— Então, está tudo combinado. E segredo! Nem sua mulher deve saber de nada.

— Ela nunca sabe dos meus negócios. As testemunhas também, nada saberão.

— Boa noite. Queira aceitar os meus sentidos pêsames. E ardentes votos de bom êxito.

— Obrigada. Apareça brevemente.

Pela manhã ouviram-se gritos e mais gritos, encarrilhando-se num berreiro medonho. Acode a criada. Acodem os vizinhos. Uma velha bisbilhoteira já estava dizendo às comadres que a da. Eva estava apanhando do marido. Que ficava na rua até alta noite, e mais coisas e mais coisas.

Logo mais, certificaram-se da "verdade": a mulher, tendo-se levantado, fôra ao quarto do espôso e encontrara-o morto.

Estou cansado de ser grande

Aglomeracão. Telefonemas. Medicina legal. Trâmites policiais. Morgue. Autópsia. Laudo médico. Causa mortis: colapso cardíaco.

Visitas. Pêsames. A viúva está inconsolável. Atavios funerários. Dobré de sinos. Plantão da polícia junto ao cofre. Velório durante toda a tarde. A' noite o sepultamento. Antes, o testamento saiu em cena. Tinham que satisfazer as "vontades" do morto. Entérro sem pompa, sem carro, sepultura rasa . . .

E' chegada a hora fatal. A hora em que o habitante se muda do prédio para não mais voltar. Abraços de despedida "até o dia de juízo", gritos histéricos, frases de consolacão e mais etiquetas . . .

Sai o féretro. Os amigos, arvorados em **gatos pingados**, saem com o caixão, para serem depois, rendidos, de um a um. O cemitério é distante.

Quando já iam perto, os carregadores sentiram como que um movimento . . .

Um murmúrio surdo e simultâneo de "Está mexendo"! saiu daquelas seis bocas, acompanhados de arrepios, da cabeça ao longo da espinha.

Depois, um gemido veio aumentar-lhes o pavor.

Largaram o féretro no chão e desabalaram numa carreira medonha, sendo acompanhados por todo o préstito.

Cada um disputava a palma de perito corredor, pois ninguém queria ficar para trás.

Contudo, um médico, enquanto corria, ia refletindo sôbre o caso, não muito raro, de morte aparente, razão pela qual muitos têm sido enterrados vivos e voltou . . . pé ante pé . . . mal dominando o pavor que o invadira . . .

Chegou enfim perto do caixão, levantou as aldrabas, destrancou-o e, antes de tentar erguer a tampa, esta saltou violentamente e o ex-defunto levantou-se a meio.

Correu os olhos em redor e perguntou: "Onde estou?"

O interpelado nem soube como responder-lhe.

O resuscitado, coordenando as idéias, explicou-se do ocorrido.

Como vinham aproximandó-se alguns indivíduos mais corajosos, impelidos pela força da curiosidade, o doutor chamou-os para assistirem ou acompanharem o sr. Penedo e mandou um deles levar a "feliz" notícia à "desolada" viúva . . .

* * *

Epílogo.

— Alô! — . . . — Aí é a Empresa Funerária? — . . . — Pode-se fazer a permuta de um caixão para homem, por outro menor, para mulher? — . . . — E' minha esposa . . .

— No momento em que recebeu a notícia da minha ressurreição, ficou tão alegre, coitadinha, que morreu! Mas morreu mesmo de verdade.

Lá na outra extremidade do fio, ainda não tinham perguntado; só agora.

Ah! se eu pudesse outra vez adormecer no colo de minha mãe, embalado pela sua doce cantiga de ninar . . .
Que sono feliz eu dormiria!

Depois, crescer um tantinho mais e ser o capeta que eu fui:
nadar, correr, trepar em árvores,
"plantar bananeira" com a digestão sempre feita!

Ah! se eu pudesse ser criança outra vez para pensar que tia Mariquinha já nasceu grande,
com aquele queixo de rabeça e faladeira . . .

Ti-Chico Vapor, Futrica, Tutúa . . .
Por que perdi o mêdo dessa gente?
Eu que nem de dia entrava no quarto onde morreu o Raimundo.

Já não creio no São Jorge da lua.
Mêdo não tenho de virar mulher passando debaixo do arco-da-velha.
Nem penso mais que se arranjasse um bambú Comprido . . . comprido . . . comprido poderia fazer tum-tum no "fôrro" do céu.

Ah! se eu pudesse ser criança outra vez para experimentar de novo a emoção de tirar uma juriti da minha arapuca, comer um pastel na porta do circo e pitar — escondido — o cigarro mais gostoso da minha vida!

Ah! se eu pudesse ser criança outra vez para soltar bôlhas de sabão contigo, ó meu irmão,
que já te encontras do outro lado da vida . . .
Para não rebentarem, estendas um cobertor onde pousavam. Eram tão bonitas as nossas bôlhas irisadas . . . Lembras-te?

Ah! se eu pudesse ser criança outra vez para sentir as delícias de tuas histórias, Padrinho Chico!
A do Príncipe Cerilo, a da Gata Borracheira, a da Branca de Neve . . .
Eu e meus irmãos te rodeávamos ansiosos, e tu com a tua voz grave e experiente começavas assim:
"Diz-que era um dia . . ."
Ou, então:
"Era uma vez um rei muito poderoso . . ."
Hoje, deves estar contando histórias para os anjos no céu, tu que fostes tão bom para os anjos da terra.

Ah! Padrinho Chico, como estou cansado de ser grande . . .

DEMÓSTENES CRISTINO

— "Quem está no aparelho?" . . . fosse "trote"?
— Sou eu, Sinfrônio Penedo.
Um clic seco indicou uma brusca interrupção.
Seria pavor? Ou pensaram que

(Conto classificado em 2º lugar, no "Primeiro Concurso de Contos", promovido por esta revista).

Goiaz e o Futuro da Aviação

Zoroastro Artiaga

Data de muito pouco tempo, quando o saudoso goiano Pedro Santérre Guimarães, grande industrial de madeira no Paraná, anunciou que iria à velha capital pilotando um monoplane Farmann, o primeiro acontecimento aviatório em nossa terra; pois, a-pesar-de não haver se realizado o vôo anunciado, todós ficamos de olhos fitos para leste, objetivando, no céu azul da serra, algum ponto movediço que se parecesse com um avião.

Veiu, depois, Pedro Dias de Campos, da Força Paulista, que desbravou os nossos horizontes azuis acompanhando a E. de Ferro até Roncador, e, mais tarde, sobrevoando Jataí, onde foi possível, sem campos de pouso, fazer uma pista de emergência. Coube ao Correio Aéreo Militar a glória de vôos sistemáticos, desde 1931, do Rio a Goiaz. A's quar-as-feiras, em verdadeiros "calhambeques", os pilotos jogavam a vida para manter uma linha de penetração, tão eficientemente, e com tamanha segurança, que jamais houve um único acidente por culpa dos fenômenos meteorológicos.

E desde então, veiu o entusiasmo dos jovens goianos pela nova arma; e, podemos dizer que êsse exemplo foi contagioso e se espalhou por todo o Estado, de modo que, hoje, confiamos com aeroclubes em inúmeras cidades e com diversos campos disseminados pelo vasto território goiano.

Veiu depois outro desbravamento, pelo aviador Lísias Rodrigues, que, prescindindo das cautelas e dos elementos para a sua segurança, rasgou a linha do Norte, abrindo ao Brasil o seu caminho natural, do Rio aos altos-sertões do Brasil, e para o Norte.

Essa rota permanece, para orgulho do Brasil, fazendo os vôos sistemáticos e regulares por S. Paulo, Araguari, Goiânia, Formosa, Palma, Pôrto-Nacional, Carolina, Marabá e Belém.

A "Vasp", uma das maiores conquistadas da civilização paulista, devidamente subvencionada pelo Governo do Estado e pela Nação, mantém desde 1936 as suas viagens semanais, com uma regularidade matemática, sem um único acidente oriundo do nosso "clima", que permite invejável inalterabilidade dos fenômenos de meteorologia.

Tem sido esta a razão principal da confiança que os jovens de Goiaz demonstram na aviação; pois podemos dizer que o Governo Fede-

ral cogita de instalar, aqui, um regimento de aviação, porque, em lugar algum do país existe um ambiente tão propício para o ensino-técnico e prático da nova arma, nem há, na América-do-Sul, um campo melhor do que o nosso e que será, como predisse Pierre Mombeig, o maior centro aviatório da América-do-Sul.

E' justo lembrar, aqui, que o enorme progresso aviatório de Goiaz, isto na relatividade dos nossos recursos, foi devido, em grande parte, ao patriotismo do nosso Interventor, a cuja supervisão eu sempre atribuí, desde que trabalho sob sua inteligência ímpar, o auxílio de uma iluminação provida de plano espiritual.

São homens que vêm de século em século, incumbidos de incentivar o progresso-social e humano, espíritos superiores que estão fora do alcance das influências deletérias do meio material.

Foi por isso que S. Exa. conseguiu dar a Goiaz tão rapidamente es'a situação admirável, reformando costumes, transformando homens, edificando cidades, realizando o milagre da reestruturação social de uma civilização que se havia encravado, estagnando-se entre os contrafortes da serra-dourada.

Para nós, goianos, a aviação não tem segredos, senão os de ordem reservada, que o aviador aprende em escolas superiores.

E' preciso dizer que os nossos fazendeiros já se transportam em avião, da cidade para suas fazendas, isto desde Uberaba até aqui.

Com o após-guerra, reajustaremos as coisas de au'o-giro, e iremos ao litoral sempre de avião. Eu, por exemplo, prometo não embarcar, jamais, nesse "calhambeque" pré-histórico que se chama E. F. de Goiaz, que há três meses matou uma centena de passageiros e que ainda não concertou o atêrro sinistrado, talvez por falta de recursos; não sei, porém, o certo é que, lá está, ainda hoje, uma fogueira de dormentes ameaçando destruir mais vidas e materiais preciosos.

Voltando ao assunto, uma Empresa Norte-Americana faz o tráfego de Cristalina e de Pium diretamente a Miami, nos Estados-Unidos, o que vale dizer que Goiaz está distante da América-do-Norte apenas três dias.

Em épocas normais faremos êsses vôos em viagem de turismo, vendo, em baixo, os contornos da paisagem, que é nossa, muito bela, muito cheia de verdes matizados, através

do Tocantins, rumando para a política da boa vizinhança.

Há pouco tempo houve um mal-entendido entre nós e os nossos bons vizinhos a respeito de nosso direito de "prioridade", adquirido por Santos Dumont, e antes por Augusto Severo. A lei de gravidade foi vencida pelo "Demoiselle", no célebre vôo da Torre-Eifel, quando o nosso patricio levantou-se do campo de corridas de Longchamps, sobrevoando Paris, contornando a torre, regressando ao ponto de partida e conquistando o prêmio instituído pelo Barão Deuth de La Motte.

Bartolomeu de Gusmão precedeu os Montegolfier, conseguindo elevar-se no espaço na sua aeronave denominada "Passarola", no terreno do Paço, de Lisboa, arriscando-se a ser queimado pelo Santo Ofício, que, sistematicamente, considerava sacrilegos os que violavam as leis naturais. Depois disto o mundo soube das experiências dos Montegolfier, até que, na guerra de 1870, Gambeta, em desespero, se utilizou de um balão livre para fugir ao cerco de Paris, a-fim-de improvisar um exército com o qual pudesse levantar as forças e repelir o "bóxe".

O balão, entretanto, continuava aos caprichos dos ventos. Vieram os motores de explosão, e então o capitão Renard Kreds, do exército francês e o inventor Lebaudy tiveram a idéia de aproximar a forma do balão à do charuto, colocando-lhe um motor na extremidade, o que foi conseguido para efeito de direção.

Foi essa a fonte em que se inspirou o nosso ilustre "pai da aviação".

Para o "Demoiselle" tomou por base a forma alongada, e a colocação do motor no extremo, mais com a forma de um peixe com azas do que com a de um pássaro feito com caixa de papelão.

Aqueles que vôam agora num moderno avião de bombardeio norte-americano, servido de rádio, com todos os requisitos de conforto, segurança e poder, certamente que se lembram dos sacrifícios ingentes que foram necessários para chegarmos aos resultados da presente hora, em que a aviação está ditando o destino da humanidade.

Estou entre os que acreditam que o futuro do Centro-Oeste do Brasil está principalmente na aviação, porque, para os rápidos aviões, que são utilizados como caça, na guerra atual, o Norte de Goiaz, e os chapadões dos Parecís, de Mato-Grosso, representam "café pequeno". Para tanto é preciso que a nossa juventude saiba tirar partido da oportunidade que se nos apresenta agora, com as facilidades concedidas às nossas escolas e com a trans-

GOIÂNIA, PRIMEIRA BASE GEODÉSICA DO BRASIL

Benedito Quintino dos Santos

Teve início nesta Capital, dia 18 de maio próximo passado, e sob os auspícios do Conselho Nacional de Geografia, o trabalho de triangulação geodésica do país, empreendimento de inegável relêvo, pois que é por êle que os nossos técnicos conseguirão determinar, com precisão, os marcos em que se apoiarão os levantamentos para a elaboração da carta geográfica do Brasil e de suas diversas regiões.

A escolha de Goiânia para ponto de partida de tão importante estudo constitui mais uma honro-

sa deferência do Conselho Nacional de Geografia para com o governo e o povo de Goiaz.

Falando na solenidade alusiva ao ato, à qual compareceram o sr. Interventor Federal e altas autoridades, o sr. dr. Benedito Quintino dos Santos, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas-Gerais e elemento de destaque nos meios culturais e sociais daquele Estado irmão, pronunciou o brilhante discurso aqui reproduzido e pelo qual bem se pode calcular o alcance da tarefa iniciada.

Incumbiu-me o professor Alirio de Matos de exprimir em nome desta Comissão, o nosso reconhecimento e júbilo pelo estímulo e pela honra que nos concederam o sr. Interventor e digníssimas autoridades, solenizando com sua presença o início de nossos trabalhos.

Coube-me esta designação em consequência dos laços de estima que me prendem aos goianos. Com efeito, durante minha longa vida profissional a serviço de meu Estado foi, sem dúvida, a investidura que recebi, de Delegado de Minas junto ao governo de Goiaz, no trato leal e definitivo da memorável questão de limites cujo epílogo representen a para os dois Estados e para a União uma decisão meditada, serena e justa, e uma vitória completa, cujos aplausos partidos do supremo chefe da Nação e dos preclaros estadistas que dirigem os destinos de Minas e Goiaz, com unânime ressonância de mineiros e goianos, são o melhor troféu dos que desempenharam a honrosa missão.

Em meu coração, em meu espírito, guardo com a maior estima e respeito a lembrança dos dias de trabalho ao lado dos ilustres representantes deste Estado, o saudoso professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo com o qual aqui assinei as bases para a demarcação da linha divisória e o dr. Colemar

ferência de Miami, de uma escola para S. Paulo.

A aviação civil representará papel preponderante no futuro de Goiaz, e devemos nos preparar para exercê-lo condignamente, para que o após-guerra nos venha encontrar aptos para a missão histórica que saberemos desempenhar.

Oxalá que todos os campos e aeródromos sejam como os nossos, e que todos os céus fossem limpos e bonito como os de Goiaz.

Natal e Silva, digno Presidente do Instituto Histórico de Goiaz, com o qual assinei, em Belo-Horizonte, o acôrdo final, que receberia a consagração a 29 de maio de 1941, quando homologado por a o solene do insigne Presidente Getúlio Vargas, em festiva reunião no Catete, com a presença dos componentes do egrégio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Bem podeis compreender, deste modo, a sa isfação com a qual, pela terceira vez, revejo Goiânia, esta jóia do Brasil Central, cujo impulso de surpreendente progresso, vence todos os obstáculos e vicissitudes próprias desta quadra árdua que o país e o mundo atravessam, sofrendo as agruras da guerra desencadeada pela vaidade, arrogância e incensatez do totalitarismo nipo-nazi-facista.

Ao agradecer-vos esta acclhida generosa, desejo congratular-me convosco por mais um notável empreendimento geográfico que se inicia em Goiânia sob os auspícios e iniciativa do Conselho Nacional de Geografia.

Todos nos ufanamos de nos encontrarmos aqui para desempenho de um trabalho técnico de vibrante interesse nacional e regional, tal como é o início de uma triangulação geodésica de 1.ª ordem, trabalho este que se realiza sob a orientação do ilustre colega e grande amigo Professor Alirio Huguebey de Matos.

Falando-vos em nome da Comissão cumpre-me, neste ensejo, expor-vos sucintamente os patrióticos objetivos da nossa incumbência. Os engenheiros e auxiliares aqui reunidos, com suas atribuições perfeitamente definidas, executarão operações geodésicas para a determinação das posições dos marcos nos quais se apoiarão, com segurança, os futuros levantamentos para a elaboração das cartas geográficas do Brasil e suas diver-

sas regiões, à medida que se lançarem no terreno os pilares que caracterizarão êsses pontos com suas coordenadas precisamente definidas.

A triangulada partirá deste esplêndido chapadão de Goiânia, onde estamos lançando a primeira base geodésica medida pelo Conselho Nacional de Geografia, com o máximo rigor que se pode obter pela técnica moderna e com o emprêgo de aparelhagem de alta precisão.

Um dos pilares desta rede geodésica, após demorados estudos astronômicos, geofísicos, geodésicos poderá ser estabelecido como o "datum" do continente sul-americano, isto é, o ponto de referência definitiva, de onde se irradiarão todos os cálculos das posições geográficas do continente. As triangulações primárias daqui desenvolvidas com a maior precisão, compensadas e verificadas de distância a distância por meio de outras bases igualmente rigorosas, serão lançadas em campanhas sucessivas anuais, cobrindo o imenso território do Brasil, ligando-se pelos dos países vizinhos em coordenação com os órgãos congêneres estrangeiros e por fim, através da América Central, irão ligar-se a golpes de inteligência e ousadia dos geógrafos do Brasil que nos sucederem e os dois países vizinhos, à rede geodésica norte-americana, cujo "datum" foi instalado em Medes-Rach, no Arizona, após completos estudos científicos realizados pelos abalizados colegas da grande Nação americana.

Eis porque este empreendimento, que tem como ponto de partida esta bela capital brasileira, demonstração da pujança da gente goiana, sob o governo esclarecido e forte do dr. Pedro Ludovico, constitui um fato histórico e geográfico de grande relêvo. Será este trabalho, uma valiosa contribuição do Brasil à Segunda Reunião Pan-Americana de Consultas de Geodésia e Cartografia que se realizará na Capital da República em agosto do corrente ano.

Para completo êxito da representação brasileira a êsse importante certame internacional o prof. Alirio de Matos tem se dedicado com toda sua alma de sábio e patriota. Em consequência ficará demonstrada a capacidade técnico-científica e a cultura dos geógrafos brasileiros.

Trazendo-vos de primeira mão esta comunicação, desejo afirmar-vos ainda quanto apraz ao governo esclarecido do dr. Benedito Vala-

O EXEMPLO DE GOIAZ

dares Ribeiro e como é grato aos técnicos mineiros participarem destas importantes operações geodésicas, trazendo uma colaboração ao alcance de suas possibilidades com entusiasmo e fé.

Em nome da Comissão desejo nesta oportunidade agradecer de público ao exmo. sr. Interventor, o apóio e o acolhimento que se dignou dispensar-nos, por intermédio do ilustre e incansável Prefeito da Capital e pelos dedicados e ilustres colegas do órgão geográfico do Estado, assegurando completo êxito de nossos trabalhos em território goiano.

Ao egrégio Instituto Histórico de Goiaz agradecemos sua nobre e expressiva solidariedade, que, partindo de um órgão cultural dos mais notáveis do país, representa para todos nós um encorajamento para a campanha tão bem iniciada sob este céu límpido que inunda de bênçãos a grande terra goiana. Agradeço particularmente aos destacados intérpretes do Instituto e do Governo do Estado os ilustres confrades drs. Eurico Viana e Zo-roastro Artiaga, cujas palavras repassadas de cativante bondade e cortezia profundamente nos desvanecem.

Tenho ainda a grata incumbência, ao ensejo desta honrosíssima visita do sr. Interventor ao nosso abarracamento e ao marco leste inicial de nossos trabalhos, de passar às mãos de Sua Excecelência, em nome da Comissão Mista de Limites, os termos de cravação dos marcos, que são os documentos históricos certificando a posição geográfica de cada um dos marcos que assinalam no terreno a linha divisória definitiva entre os dois Estados desde a barra do Rio Verde no Paranaíba até o "divortium-aquarium" das bacias do Amazonas e do Prata, próximo às cabeceiras do Carinhanha, na trijunção dos limites de Minas, Goiaz e Baía.

Finalmente peço permissão para nesta oportunidade prestar uma singela e justa homenagem ao meu ilustre confrade dr. Colemar Natal e Silva, digno Presidente do Instituto Histórico de Goiaz, entregando-lhe, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, seu diploma de sócio correspondente.

Assim o faço como uma demonstração de estima e apreço dos confrades mineiros que vêm neste ilustre patricio uma brilhante inteligência sempre a serviço da grandeza de Goiaz.

Com estas singelas expressões fazemos os nossos votos de constante prosperidade deste grande Estado, de um Governo esclarecido, de um povo laborioso, para que continuem sempre acompanhando os gloriosos destinos do Brasil.

Administrar é u'a missão espinhosa e difícil.

Há homens esforçados mas que não possuem as qualidades indispensáveis ao bom administrador, razão por que, as mais das vezes, fracassam sem se aperceberem do motivo.

Outros, porém, possuídos de admirável tato psicológico, se integram facilmente com a realidade da coisa que administram, chegando a realizar milagres.

O Estado de Goiaz nos oferece, neste sentido, um exemplo que não pode passar sem os nossos aplausos, no momento em que o Presidente Getúlio Vargas, seriamente empenhado no progresso do país, procura prestigiar, cada vez mais, os administradores que correspondem à sua expectativa. Nada mais justo, porque o Brasil só poderá ser grande, principalmente, no seu ângulo econômico, quando tiver à frente dos seus 1.574 municípios e dos seus Estados, dirigentes de visão, operosos e integrados com a causa coletiva. E' bem o caso de Goiaz. O Interventor Pedro Ludovico, em momentosa entrevista concedida à imprensa carioca, fez, com aquele espírito democrático e socialista que tem norteado o seu governo, uma longa exposição ao povo que dirige, relativamente a sua obra administrativa, já hoje de apreciável proporção. Através dessa entrevista podemos ajuizar do vulto dos empreendimentos levados a efeito em seu Estado natal pelo ilustre interventor goiano, os quais têm na construção da moderna e já agora populosa cidade de Goiânia, o seu traço característico e marcante. Ao assumir a direção da unidade central, logo após a Revolução de 1930, o Interventor Pedro Ludovico encontrou o Estado com uma receita inferior a cinco milhões de cruzeiros, e tudo, em matéria de administração, por fazer, maxilmè, no setor da instrução saúde e vias de comunicação.

Hoje, porém, essa receita está estimada para o orçamento de 1944, em quarenta e dois milhões de cruzeiros. Espera-se, no entanto, que ela se eleve para mais de cinquenta milhões de cruzeiros, pelo fato do primeiro imposto arrecadado no mês de janeiro haver apresentado um

aumento de 30 por cento sôbre a importância prevista.

O Interventor Pedro Ludovico ainda em sua entrevista assinala que, baseado no coeficiente de aumento que vem verificando de orçamento para orçamento, espera que a receita global do Estado de Goiaz, que há doze anos atrás, não atingia a cinco milhões de cruzeiros, conforme já frizamos, ultrapasse, por êsses dois ou três anos, a cem milhões de cruzeiros, para o que está intensificando o aproveitamento das reservas econômicas da terra goiana, em particular da sua riqueza rural.

(Transcrito da "A Manhã", do Rio, edição de 16-5-944).

Urge, no mundo moderno, um remédio heróico para a crise da democracia, que não é tão só, um assunto de debate doutrinário, mas também uma grave realidade política. Esse remédio é o Estado de Coletividade juridificado. Estado de democracia social, não se manifesta no terreno das atividades públicas, como o comunismo e o fascismo, pela onipotência, mas, na expressão de Bielsa, pela onipresença, confundido na luta quotidiana com a própria sociedade, incentivando, colaborando e protegendo — JOSÉ HONORATO DA SILVA E SOUSA.

E no Brasil, é no pensamento político do atual Presidente da República, que pela primeira vez encontramos, realizada na prática e simultaneamente explicada na doutrina, como tal, uma democracia não liberal, ou seja, uma democracia onde a idéia de justiça social, de equidade, de liberdade justa e socialmente útil importa muito mais que a idéia individualista da liberdade em si, não raro prejudicial à felicidade coletiva e à justa distribuição dos interesses comuns — ALMIR DE ANDRADE.

TROVADOR

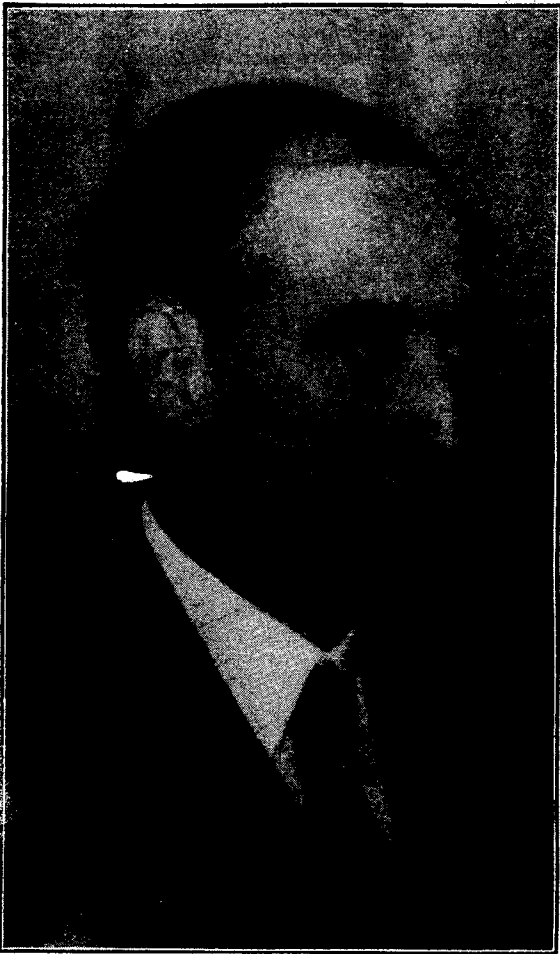
Sou devoto, sou um crente !
Não zombes, não rias, não !
Trago um rosário de trovos
no fundo do coração !

LUIZ OTAVIO

CONTRADIÇÕES

Vivendo em revolto anseio
da vida já desespero
neste amor com que te odeio
no ódio com que te quero !

CARDOSO DOS SANTOS



Interventor Pedro Ludovico Teixeira

“Erigindo leis econômicas que levam à organização da produção e distribuição das riquezas sôbre bases equitativas e racionais, o cooperativismo conduz a um conceito mais elevado da vida, o que é condição de uma nova ordem de coisas em que as relações sociais (econômicas, políticas, jurídicas, morais) de indivíduo para indivíduo, de grupo para grupo e de nação para nação, repousarão sôbre princípios de entendimento mútuo, afastado de seu âmbito o espírito de lucro e o egoísmo sem freio, e colimada apenas a satisfação de necessidades humanas, tendo sempre em vista as exigências do consumo”.

Tais palavras, proferidas por Fábio Luz Filho, um dos maiores batalhadores do cooperativismo entre nós, sintetizam, de modo claro, todo o valor imenso do sistema cooperativista, hoje aceito quasi unanimemente como um dos meios mais eficazes para a solução de graves questões de ordem econômica, política e social.

Libertando o produtor da aparelhagem comercial, que lhe consome o melhor do lucro de seu trabalho; concorrendo para aumentar a produção, o que faz segundo indicações técnicas; promovendo,

assim, o aperfeiçoamento dos produtos, que padroniza, e cujo mercado controla e garante; ligando diretamente o produtor ao consumidor, pela exclusão do intermediário, o cooperativismo é, por isso tudo e por muito mais, um processo político-econômico eficiente e democrático, visto que ampara e conquista direitos legítimos, impõe deveres, disciplina, estimula, racionaliza atividades úteis. E’ — tem provado a sua prática e o proclamam os seus propugnadores — um sistema que educa, moraliza, favorece o altruísmo, emancipa, capacita e democratiza, pois que faz do consumidor o seu próprio produtor, elidindo o conflito entre o vendedor e o comprador; não permite o embuste; fomenta a economia; faz de cada cooperado o dono dos produtos que lhe são necessários; seleciona os dirigentes e dá a todos participação ativa na sociedade; iguala direitos e deveres; zela pela qualidade dos produtos, etc., etc.. Ao contrário do “trust”, que maneja valores de troca, as cooperativas — diz Manoel Lopes, gerente de grande Cooperativa argentina — maneja valores de uso, donde a superioridade que apresenta.

Com tais excelências, o coopera-

POLÍTICA ESTADUAL

O

Cooperativismo em Goiás

tivismo é, sem dúvida, um bom rumo para a economia. E foi isso mesmo o que disse Luiz Amaral, quando, depois de analisar detidamente a nossa desorganização rural, situando-a como a causa primária dos nossos problemas econômicos, políticos e sociais, e após demonstrar os perigos a que estaríamos sujeitos se não encontrássemos um remédio eficaz a tal estado de coisas, escrevia, no prefácio de seu “Tratado Brasileiro de Cooperativismo”, em 1937, outubro, o seguinte: — “Seja visto este esforço apenas como mais um ato de quem, embora não considerando o Cooperativismo a panacéia para todos os males econômicos e sociais, e rindo-se com sarcasmo das projetadas ditaduras cooperativistas, concorda com Charles Gide, quando vê nele a “suprema esperança dos que sabem haver uma questão social a resolver e uma revolução a evitar”.

Pois foi isso mesmo o que percebeu, em sua clarividência, o Presidente Getúlio Vargas, que, por várias vezes, em seus discursos ao povo brasileiro, tem salientado as vantagens do cooperativismo. Assim é que, em ocasiões diversas, o Chefe da Nação, referindo-se ao assunto, disse:

Em 5 de setembro de 1933: — “O espírito associativo, desenvolvido com reconhecido proveito em muitos países, ainda não está, entre nós, suficientemente assimilado. No dia em que se compreender o alcance e vantagens de sindicalizar, sob a forma de cooperação, todos os esforços e interesses em jôgo no desenvolvimento das forças produtoras, teremos espontaneamente resolvidas muitas questões entorpecedoras do nosso progresso econômico, para as quais se reclama,

sem necessidade, a intervenção do poder público”;

Em 19 de abril de 1938: — “A fim de dar cumprimento a um dispositivo constitucional referente à matéria, cogita-se de ampliar e dar nova estrutura ao cooperativismo, fazendo das cooperativas as células da nossa organização econômica para amparo dos produtores. Numa época em que se reconhece, sem discrepância, o primado do interesse social sobre o individual, a organização cooperativista tem especial relevo”;

Em 10 de novembro de 1938: — “O que, porém, desejo acentuar, aqui, é a conveniência de estender a organização cooperativista. O governo, naturalmente, poderá ir ao encontro das necessidades gerais, nesse particular, mas a iniciativa cabe aos interessados. Concito-os, pois, a se organizarem, certos de contar com o apóio do poder público para as realizações que tenham em vista”.

Em 24 de outubro de 1939: — “Julgo oportuno acentuar que, nas condições especiais da nossa economia, os benefícios do crédito agrícola só poderão generalizar-se através de uma vasta rede de cooperativas de produção, já iniciada com evidentes vantagens sob a orientação dos poderes públicos. Assim, apelo para os agricultores, concitando-os a se agremiarem em organizações dessa natureza, porque, além de assegurarem ao capital aplicado as garantias indispensáveis, facilitarão a obra de assistência governamental”.

Passando da pregação à realização, ou seja, da teoria à prática, o Presidente Vargas deu-nos, e a vem aperfeiçoando dia a dia, uma legislação cooperativista excelente, e por isso, hoje, o cooperativismo está plenamente vitorioso no Brasil.

Goiaz, que sob o pulso firme de Pedro Ludovico, hoje acompanha, em pé de igualdade, o desenvolvimento dos demais Estados da Federação, não ficou alheio à magna questão, tendo o seu esclarecido interventor, um estudioso de nossos problemas sociais, espírito sempre preocupado com o bem estar do seu povo, criado um órgão especializado para superintender a questão, neste Estado: — o Departamento de Economia e Assistência ao Cooperativismo, que, sob a chefia entusiástica do dr. João d'Abreu — que em seus misteres vem sendo eficientemente coadjuvado por um grupo de moços idealistas — está prestando incalculáveis benefícios às classes produtoras de Goiaz.

“Oeste”, prosseguindo em sua série de entrevistas com os chefes de departamentos, procurou ouvir o dr. João d'Abreu, que, recebendo gentilmente o repórter em seu gabinete, fez interessantes declarações acerca do movimento cooperativista no Estado.



Dr. João d'Abreu, Diretor do D. E. A. C.

Depois de “cooperar” com o distinto Diretor do D. E. A. C., no café e no cigarro, iniciamos o “bate-papo”.

De saída, foi-nos dizendo o dr. João d'Abreu:

O COOPERATIVISMO E A GUERRA

— No momento, a cooperação representa arma de combate às forças totalitárias. Nos cinco continentes, pelas 612.613 cooperativas, a produção agrícola e industrial é acelerada e a distribuição e o consumo são organizados, de modo a formar a mais eficiente frente interna. Na China, na América do Norte e no Canadá foram essas sociedades postas a serviço da produção bélica. Ao mesmo tempo que presta tais serviços, o movimento cresce de vulto em todo o universo; no Brasil, jamais foi tão intenso, prometendo ainda maior desenvolvimento, porquanto recentes atos federais introduziram reformas e modificações benéficas, como a criação da Caixa de Crédito Cooperativo, cuja finalidade é financiar as sociedades, permitindo a expansão

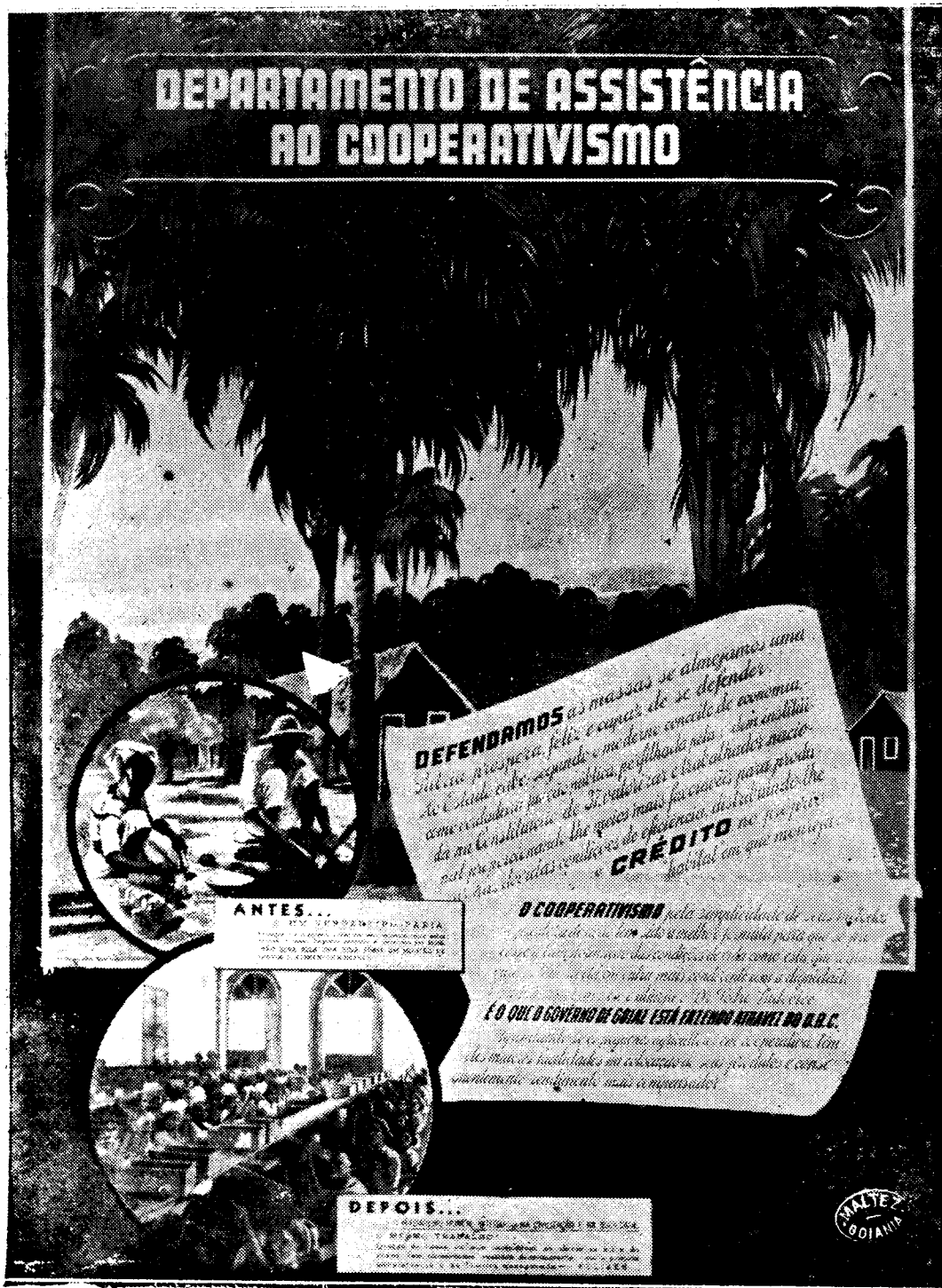
do sistema. Aproveitando uma pausa inquirimos.

— Que é, precisamente, o D. E. A. C.?

— O D. E. A. C. é um órgão estadual investido nas funções de delegado do Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, em virtude de acordo celebrado entre o Governo da União e o Estado de Goiaz. Cabe-lhe superintender, fiscalizar, orientar e assistir todo o movimento cooperativista nesta unidade da federação, inclusive estudar as possibilidades econômicas, com o intuito de organizá-las em bases cooperativistas.

— Como surgiu a idéia de se introduzir o regime em Goiaz?

— O interventor Pedro Ludovico é um velho entusiasta desse regime econômico-social, havendo, quando militava na imprensa, estudado e preconizado sua aplicação. Só agora, porém, em 1943, com a criação definitiva deste Departamento, veio aquela idéia concretizar-se em ato, iniciando S. Excia., resolutamente, a tarefa de amparo e proteção à nossa produção, pela prática de métodos adequados. An-



Cartaz imaginado pelo dr. João d' Abreu, por êle mandado confeccionar e distribuído pelo Departamento de Economia e Assistência ao Cooperativismo de Goiás

tes, êsse amparo era indireto: quer pela ampliação e desdobramento das vias de comunicação e transporte, quer pela racionalização das tributações e simplificação do sistema, de maneira a aliviar o contribuinte de taxas e sôbre-taxas inúteis.

O QUE JÁ FEZ O D. E. A. C.

— Que fez o seu Departamento, até agora, de modo positivo, em favor do cooperativismo, em Goiás?

— O D. E. A. C. vem pondo em prática seu árduo e extenso programa de ação, dentro de suas possibilidades. Como medida inicial, cuidou da fundação de algumas cooperativas de consumo e de produção rural. No momento, existem no Estado duas cooperativas de consumo, situadas nos dois maiores centros urbanos: Goiânia e Anápolis. A desta capital, que está funcionando desde fins de 1942, possui atualmente 700 associados,

garantindo, portanto, a igual número de famílias o abastecimento de artigos de uso e consumo pessoal e doméstico. Seu presidente, tem tomado medidas de largo alcance, de maneira a melhorar cada vez mais essa instituição, que fornece pão, leite, etc., contando, já, com uma bem montada padaria mecânica e uma torrefação de café. Em Anápolis, a sociedade foi instalada no dia 1º de maio do corrente ano, constituindo essa solenidade parte

do programa de festas comemorativo do Dia do Trabalho. Congrega mais de 100 associados e vem cumprindo satisfatoriamente suas finalidades, graças ao acolhimento favorável do povo e devido ao apóio do dr. Prefeito Municipal, Câmara Filho, da Associação Comercial e de outras instituições. Dentre as cooperativas rurais já fundadas, em número de seis, merece referência especial a de Rio Verde, que, inicialmente, está explorando o serviço de fornecimento de leite à população urbana, fabricação de manteiga e beneficiamento de algodão. Essa cooperativa, a cuja frente se encontram homens de muita visão e férrea vontade, como o prefeito Célio Leão e o dr. Cesar de Bastos, tem-se desenvolvido de maneira promissora. Além dessas — continua o nosso entrevistado — acha-se em funcionamento a cooperativa rural de Pouso-Alto, com sede em Piracanjuba, por cujo intermédio estão sendo realizados financiamentos à cultura do fumo, mediante contrato. Reunindo considerável número de fumicultores, essa sociedade poderá se transformar numa organização poderosa, capaz de controlar, fomentar e desenvolver extraordinariamente a indústria do fumo, que é, sem dúvida, uma das nossas maiores riquezas. É oportuno lembrar que a produção do fumo não deixava para Goiás senão poucos resultados. Os compradores adquiriam o produto aqui pelo preço de Cr\$ 5,00 o quilo, e o revendiam, nos grandes mercados, por preços às vezes dez vezes maiores, com sensível prejuízo à nossa economia. Somente em 1943, pela associação dos fumicultores em sociedade organizada, o fumo alcançou preços nunca dantes conseguidos, fato demonstrativo de que a cooperação defende os interesses dos produtores.

A QUESTÃO DO CRÉDITO

— *Que nos diz acerca do problema do crédito agrícola?*

— Sem um órgão de financiamento autônomo e adaptado às suas necessidades, que lhe conceda empréstimos a prazo longo e juros módicos, as cooperativas não podem servir eficientemente aos respectivos associados”, afirmou o ministro Apolônio Sales. Tão grande verdade se nos afigura maior quando encaramos o problema do crédito agrícola entre nós. Aqui não se podem tomar os recursos dos pequenos produtores, porque eles não os possuem; quando chegam a possuí-los, caem num individualismo feroz, procurando tirar desses poucos recursos as maiores vantagens possíveis, mal de que se deve culpar, sem dúvida, a defeituosa formação moral de nossa gente, à época da vigência do liberalismo

plutocrático e desintegrador. Assim, pois, o crédito, entre nós, é, na forma indicada, uma necessidade imperiosa.

CAIXA DE CRÉDITO COOPERATIVO

Depois de ligeira pausa, a-fim-de atender ao telefone, voltou a falar o dr. João d'Abreu:

— Por força do decreto-lei nº 5.893, de 19 de outubro de 1943, foi criada a Caixa de Crédito Cooperativo, que está sendo regulamentada e entrará em funcionamento muito breve. Eis aí a solução para o desenvolvimento da nossa agricultura. Em virtude disso, Goiás não criou ainda sua caixa de crédito rural, prevista no decreto que instituiu o serviço de cooperativismo. O crédito espalhado pela Carteira do Banco do Brasil vem beneficiando as classes já favorecidas da fortuna e que dispõem de crédito, deixando à margem, por falta deste, os pequenos produtores, que são justamente os que dele mais necessitam. Goiás não possui capital elevado empenhado na agricultura, razão porque é mister a congregação dos pequenos em cooperativas, para efeito de financiamentos englobados, sob direção de uma sociedade idônea. Para atender às exigências do momento, concedeu o Governo Estadual o empréstimo de Cr\$ 100 000,00, à Cooperativa de Pouso-Alto, destinado ao financiamento da produção de fumo. É ainda cedo para se analisar a repercussão desse ato, primeiro passo dado em prol do fomento à agricultura, mas estamos certos de que outros se seguirão, e em pouco tempo o rurícola de Goiás terá assegurado “um nível de vida condizente com a dignidade humana”, como proclamou o Interventor Pedro Ludovico. Não podemos, também, deixar de recordar que, com referência à Cooperativa de Consumo, o Chefe do Poder Executivo autorizou a integralização de quotas-partes de servidores públicos estaduais que a ela se associassem, medida correspondente a verdadeiro empréstimo, em benefício da classe dos funcionários.

BORRACHA DE MANGABEIRA

— Quero, agora, pô-lo ao par de uma iniciativa de grande interesse para a atualidade, já que estamos em guerra, disse-nos o ilustre Diretor do D. E. A. C., que assim dissertou: No momento atual, está o Departamento, em obediência a diretrizes do sr. Interventor Federal, dispensando toda a sua atenção para organizar a exploração da borracha sob o plano cooperativista. Como já ficou provado, Goiás pode produzir anualmente 3.600.000 quilos de borracha, matéria de grande valor econômico e de imen-

sa utilidade para a vitória das Nações Unidas, entre as quais a nossa. A mobilização dessa riqueza natural é uma contribuição para a nossa causa democrática, além de oferecer ensejo de beneficiar o trabalhador do campo. Para a realização de tal empreendimento, cujo arrôjo ninguém contesta, e tratar de assuntos ligados ao Departamento, fizemos uma viagem até o Rio, com o fito de obter crédito indispensável, por intermédio do Banco de Crédito da Borracha, sediado em Belém. As negociações nesse sentido tiveram solução satisfatória, já se encontrando entre nós o Inspetor Edgar de Medeiros, do Banco da Borracha que veio assinar o contrato de financiamento com a Cooperativa de Mangabeiros. Por outro lado, o Governo do Estado, que apoia decididamente a empreitada, baixou decreto-lei autorizando o D. E. A. C. a tomar empréstimo para aquele fim, a é o total de Cr\$ 1 300 000,00, sob sua garantia. Estamos convictos de que o Cooperativismo é o único sistema capaz de proporcionar o desenvolvimento dessa indústria, porque estimula o produtor mediante justa remuneração de trabalho, afastando os intermediários.

APÓIO DO GOVERNO ESTADUAL

— *Que tem feito o Poder Público em favor do cooperativismo?*

— O apóio dispensado à causa cooperativista pelo Governo Estadual pode ser traduzido pelos seguintes atos: Decreto-lei 6.210, de 16 de setembro de 1942, que institue o regime no Estado, designando um funcionário para proceder ao seu estudo e aplicação em nosso meio; decreto-lei nº 7.796, de 24 de outubro de 1943, que criou os cargos necessários ao funcionamento do órgão; decreto-lei nº 8.303, de 31 de dezembro de 1943, autorizando o Poder Executivo a integralizar quotas-partes de capital de servidores públicos estaduais que se associarem às cooperativas de consumo; decreto-lei nº 24, de 24 de janeiro do corrente ano, dando ao D. E. A. C., a nova denominação de D. E. A. C. e autorizando a assinar contratos para fomento à produção de borracha; decreto-lei nº 38, de 17 de maio deste ano, concedendo o empréstimo de Cr\$ 100 000,00, à Cooperativa rural de Pouso-Alto, para efeito de financiamento da produção de fumo.

UMA ORDEM SOCIAL MAIS JUSTA E MAIS HUMANA

Finalizando, disse-nos o dr. João d'Abreu:

— Embora instalado em 1943, não contando, ainda, com um ano de atividade, o D. E. A. C. vem trabalhando intensamente no sentido de difundir o conhecimento do

A MARGEM DA VIDA JURÍDICA

A Justiça de Debora

José Campos

"Sentava-se junto de uma palmeira a que se deu o seu nome, entre Rama e Béthel, na montanha de Efraim, e os filhos de Israel vinham junto dela para que resolvesse os seus pleitos". (JUÍZES — IV e V).

Havia um movimento desusado na montanha e o dia estava maravilhoso, sem uma nuvem no céu. As virentes frondes das palmeiras, tocadas pela brisa, em murmurinhos, impregnavam todo o ambiente de magnificência e festividade. Besteiros, com as suas flexas, em bizzaros vestuários, num impecável alinhamento, formavam duas alas que começavam no sopé da montanha e iam terminar próximo de uma alta, frondosa e elegante palmeira. Por baixo e encostado a esta, descansava, vazio, um elegante e acolchoado tripé, coberto de damasco, com um escabelo à frente. O chão, entre as alas, estava atapetado de odorantes pétalas de rosas. Por detrás das fileiras dos besteiros e em volta da palmeira, uma multidão de homens, mulheres e crianças se comprimiam, ansiosa, num grande vozerio.

— Qual a razão dessa magnifi-

sistema cooperativista entre o povo e constituir sociedades dos tipos já adotados como mais adequados ao nosso meio. A parte referente ao cooperativismo escolar tem também merecido o nosso cuidado, devendo dentro em breve ter início a organização de sociedades desse gênero nos estabelecimentos escolares. E, falando de educandários, justo é que se lembre o papel relevante que presta à educação de nossa juventude a Cooperativa Ginásio Municipal de Ipa-meri, uma das mais antigas instituições de ensino de nosso Estado e que se mostra cada ano mais eficiente e útil. E aí está o que temos feito. Nosso trabalho é pequeno, mas cumpre notar seu cunho idealista. Batemo-nos por uma ordem econômico-social mais justa, mais humana, mais cristã. E, para terminar, quero tornar público que todos os meus auxiliares, neste Departamento, estão possuídos da mesma fé que no cooperativismo têm o Presidente e o Interventor.

cência, dessa festividade a que compareceram quasi todos os habitantes das montanhas de Efraim?

— Que aconteceu de importância aos filhos de Israel para assim estarem reunidos cheios de alegria?

— E' que, nesse dia, Debóra, sua profetisa, chefe e juíza, antes da resolução do pleitos a lhe serem submetidos, ia cantar, com Barac, o herói, a estrondosa vitória que acabava de obter contra Sizera, capitão do exército de Jabin, rei de Canaan.

E' que as tribus, com essa vitória, acabavam de ser liberadas da dominação estrangeira. E' que os olhos do Senhor se tinham voltado, afinal, para os sofredores filhos de Israel.

Várias carruagens chegam às fraldas da montanha, onde as alas começam. Ei-la, enfim, que surge, descendo de um dos carros. Sob a montanha imponentemente, a passos lentos. Estava linda e magnificente nesse dia: Era alta, relativamente jovem, morena, e tinha um corpo bem formado, esbelto mesmo. Um grande lenço, ricamente bordado e guarnecido de franjas, cobria-lhe a cabeça, caindo-lhe pelas costas em ângulo, deixando porém transparecer seus negros cabelos ondeantes que lhe brotavam da testa. Uma blusa e saia de linho, bordadas de várias cores, era o resto de seu vestuário. Seu nariz levemente adunco e seus grandes e brilhantes olhos, com as sobrancelhas arqueadas e cheias, davam-lhe um ar majestoso, respeitável mesmo.

Ao seu lado, caminhando garbosamente, vestindo um saio de malha que lhe descia da cintura até os joelhos, seguia Barac, o vencedor de Sizera, com uma das mãos segura na espada que trazia à cinta.

A' frente, três bellissimas servas, com os pés e braços nus e as cabeleiras esparsas pelos ombros, vestindo alvas túnicas franjadas que lhe iam até os pés e cingidas, nas cinturas, por cordões entrelaçados, iam, com meneios gentis e ritmados, de um lado para outro, dansando e tocando seus adufes. Um pouco atrás caminhava o velho escriba Urias, de tez sulcada de rugas, de alvíssimas melenas e longas barbas brancas que lhe caíam pelo peito, vestindo também uma túnica, porém mais curta e ampla, e de mangas largas, com um

barrete vermelho à cabeça, conduzindo, numa das mãos, um comprido bordão e, na outra, uma pequena arca. Por fim seguiam seis donzelas conduzindo os seus alaúdes, entremeadas de seis mancebos, que tocavam flautas. A multidão, ao vê-los, prorrompeu em estrondosas ovações, acenando-lhes com as palmas que empunhava, e gritando para Debóra: — Bendita sejas sobre as mulheres! Bendita sejas sobre as mulheres!

Debóra, enfim, sempre sorridente para todos, aproxima-se da palmeira e fica de pé sobre o escabelo. Soam as flautas e os alaúdes mais vivamente. Dá, em seguida, as mãos a Barac, e, com elas erguidas, entoam, ambos, comovedoramente, o mais lindo acroama:

— "O' vós, reis; dai ouvidos, príncipes, pois que vou cantar ao Senhor, salmeando ao Senhor Deus de Israel. . . . Nessa cruenta batalha que tivemos até os céus pelejaram; até as estrélas, desde os lugares de seus cursos, pelejaram contra Sizera. . . . e o vencemos. . . . Vós os que cavalgais sobre jumentas brancas, que viestes resolver vossos pleitos em juízo, que andais pelo caminho, ide, todos, depressa, espalhar por todos os recantos a nossa retumbante vitória! . . ."

E Debóra e Barac cantaram maravilhosamente ao som das flautas e dos alaúdes ante a multidão agradecida e boquiaberta.

Terminado o acroama, ouvem-se prolongadas aclamações, retirando-se, em seguida, a multidão, só ficando aqueles que tinham pleitos a serem resolvidos.

Debóra senta-se sobre o tripé de baixo da palmeira, torna-se muito séria, e passa a resolver as contendas havidas entre os filhos de Israel, habitantes de Efraim. Urias, o velho escriba, no papel de consultor jurídico e de representante da lei, senta-se gravemente ao seu lado. Uma serva lhes traz, em rica bandeja de prata, túmidos e deliciosos favos de mel, que comem. Em seguida Debóra pergunta ao velho escriba:

— Venerável Urias, quantos julgamentos teremos hoje?

— Quatro, minha poderosa e sábia senhora.

Um oficial grita:

— Matanias e Josafá!

Aproximam-se, inclinam-se reverentemente ante a respeitável dama, e o interrogatório começa. Matanias, a vítima, faz a acusação:

— Ontem, quando padejava a cevada numa eira, próxima a uma grande nogueira, vi este homem subir ao muro da minha herdade e furtar duas tâmaras de uma das palmeiras que crescem rente ao mesmo e, então, com os meus servos, o preendi, trazendo-o à vossa presença para justicá-lo.

— Que diz dessa acusação, Josafá? — pergunta-lhe Debóra.

— Poderosa Senhora! Tinha ido a Jericó buscar um efa de trigo e, depois de transpor as montanhas, quando regressava à minha tenda situada em Gabaon, devido à grande jornada, senti-me com bastante fome. Vi, então, inúmeras palmeiras peçadas de tâmaras à beira da estrada. Não resisti à tentação de apanhá-las e comê-las . . .

— Qual a pena, venerável Urias?

— “Quarenta açoites, deitado de bruços, à vossa frente”, é a lei do Nosso Senhor.

Debóra olha para os olhos súplices de Josafá, medita um pouco, e decide:

— Ide embora, não sois ladrão. . .

— Minha respeitável Senhora! — intervêm o velho escriba — a pena não foi aplicada. E’ lei do Nosso Senhor açoitar o ladrão em tal hipótese!

— Nosso Senhor, justo e boníssimo como é, não aplicaria essa lei a este homem, embora seja dêle emanada. O criminoso é aquele que, tendo alimentos com fartura, os nega aos famintos, e ainda os persegue. . .

— Seja feita a vossa vontade! — respondeu-lhe Urias.

— Jod e Itiel! — grita o oficial.

Itiel, em mesuras, saúda a Debóra, e diz:

— Hoje, ao passar Nehemias, ao romper do dia, montado em uma jumenta, pela minha herdade, fez sem o querer, ao abrir a porteira, que passassem para a herdade vizinha três ovelhas do meu rebanho. Ao reclamá-las do meu vizinho Jod, afirmou-me êle que essas ovelhas são de sua propriedade, negando-me, assim, restitui-las, quando, de fato, me pertencem, jurando-vos!

— Não as trazia assinaladas?

— Não, minha poderosa Senhora.

— Quais as suas testemunhas?

— Apenas Nehemias.

Debóra ouve a Nehemias, que confirma as alegações de Itiel.

Em seguida comparece, ante Debóra, Jod, que presta as seguintes declarações:

— Creio que me fareis a mais lédima justiça negando as pretensões do meu vizinho Itiel. Trata-se de um mentiroso e velhaco que quer, à minha custa, aumentar o seu rebanho. As ovelhas reclamadas me pertencem. Essa história de passagem de ovelhas para minha herdade é trama urdida pelo meu vizinho Itiel com a testemunha Nehemias.

— Quais e quantas são as suas testemunhas?

— Três: Hanam, Pedaias e Elisib.

Ouvem-nas. Tôdas elas negam a veracidade do fato narrado por Itiel, e confirmam as palavras de Jod.

— Venerável Urias, como ordena a lei a resolução dessa demanda?

— “Uma testemunha contra nin-

guém se levantará por qual iniquidade: Pela boca de duas testemunhas, ou pela boca de três testemunhas se estabelecerá o negócio”, é a lei do nosso Senhor Deus. Portanto, minha magnânima Senhora, a verdade está com Jod, responde-lhe solenemente o velho escriba.

Ao ouvir essas palavras, Debóra fica pensativa. Pedê leite, que lhe é servido de um odre. Levanta-se, suspende os julgamentos e os adia para a manhã seguinte. Depois ordena a três de seus servos:

— Ide, ao descambar do sol, à herdade de Jod, ajuntai o seu rebanho, levai-o para junto da porteira, que deveis conservar aberta, nas lindes das duas herdades. Ao escurecer, deixai-o livre, observando-o de longe, e verificai a que curral se dirigem as ovelhas.

No dia seguinte os julgamentos continuaram. Debóra chama os três servos e lhes pergunta:

— Para que redil se dirigiram as ovelhas?

— Senhora! Três se desgarraram do rebanho e foram dormir no curral de Itiel. As demais, no de Jod.

Ao ouvir Debóra essas palavras, um sorriso se lhe esboça, levanta-se e diz:

— As ovelhas tresmalhadas são as que lhe pertencem, Itiel. Fique com elas.

— Poderosa e respeitável Senhora! — intervêm severamente o velho escriba, peço permissão para lembrar-vos que, com este julgamento, transgredistes a lei do Nosso Senhor!

— Nosso Senhor, ao legislar, venerável Urias, pensava na bondade humana e, consequentemente, na infalibilidade de seu testemunho, esquecendo-se, assim, de outros meios de prova dos quais também poderia surgir, cristalina, a verdade.

— Seja feita a vossa vontade! — responde-lhe Urias.

— Zacarias e seu filho Eleazar! — grita o oficial.

— Poderosa Senhora! — Diz-lhe Zacarias, inclinando-se reverentemente e levando a mão direita ao peito, meu filho Eleazar, de 10 anos de idade, é supinamente indomável, não dá ouvidos à minha voz: E’, ainda, um glutão e beberraz!

— Que diz venerável Urias?

— “Quando alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedecer à voz de seu pai e à voz de sua mãe, e, castigando-o êles, não der ouvidos . . . então todos os homens o apedrejarão, até que morra”, é a lei do nosso Senhor Deus!

— Nosso Senhor Deus não ditou a Moisés outra lei por onde se possa salvar da morte essa criança e encaminhá-la na senda do bem e da virtude?

— Não, respeitável Senhora!

— E’ então desumana e sumamente severa!

— Mas é lei do nosso Senhor Deus!

— Adriel! — grita Debóra para uma matrona de seu palácio — tomai conta dessa criança é impregnai-a das virtudes de que sois dotada; tornai-a um ser bom, obediente, útil à tribo!

Em seguida Debóra vira-se para o velho escriba, e lhe diz:

— Se Nosso Senhor Deus assistisse impassível à morte dessa criança pela forma por êle ditada, e o julgaria mau, eu o abominaria. não o consideraria Deus! — Não foi também nosso Senhor que ditou a Moisés que os juizes devem julgar com juízo de justiça? Assim o julguei, venerável Urias!

— Seja feita a vossa vontade, veneranda Senhora!

— Jamin e sua esposa Eleasa! — grita o oficial.

Aproxima-se Jamin, tendo ao lado Eleasa que, acompanhada de seu pai Natanael, se encontrava em copioso pranto. Jamin, reverentemente, se dirige a Debóra:

— A paz esteja convosco, sublimosa Senhora! Tomei ontem por mulher Eleasa e não a encontrei virgem . . .

Ao ouvir essas palavras as faces de Debóra se enrubescem mas, sem demonstrar a perturbação que lhe ia n’alma, pergunta:

— Qual a prova da acusação?

— Ei-la! — responde-lhe Jamin, distendendo um lençol de alvíssimo linho, sem a menor mácula.

— Que diz dessa grave acusação, Eleasa?

Eleasa, nesse momento, cai de joelhos ante Debóra, as lágrimas rolam-lhe abundantemente pelas faces e, desvairada, grita:

— Não me deixeis matar, minha poderosa Senhora, como se matam cães danados! Pequei, contrivim as leis do nosso Senhor, sim, é verdade, mas nunca fui mercadejadora de amores, uma rameira, não! . . . Ouvi minha história, vós que também sois mulher! . . .

— Diga.

— Excelsa Senhora! Contava apenas 13 anos de idade. Meu pai, com dois camelos, tinha ido a Geba vender nosso linho, já havia dois dias. Fiquei sòzinha na minha residência em nossa herdade, à beira do Mar-dos-Bosques, somente com meus irmãos menores, pois que sou orfã de mãe. Nesse dia, ao anoitecer, como de costume, fechei tôdas as janelas e portas, com as ovelhas balindo nos currais. Comecei a fazer bolos asmos para assá-los na manhã seguinte. Já no fim, quando meus irmãozinhos se encontravam dormindo, eis que ouço fortes argoladas. Corri para abrir a porta, persuadida de que fosse meu pai, de volta de Geba. Ao fazê-lo, quem vejo à minha frente? — Um moabita, um incir-

Letras Goianas

cunciso, um inimigo da nossa tribo, residente no lado oposto do Mar-dos-Bosques! Horrorizada, antes que pudesse dizer uma palavra, pegou-me, amordaçou-me, conduzindo-me para o Mar-dos-Bosques. Pôs-me, em seguida, dentro de seu pequeno barco, onde me violentou, com palavras insultuosas a mim e ao nosso povo. Depois de ter por muito tempo abusado de mim, atirou-me brutalmente à praia. Quando meu pai chegou, narrei-lhe, em prantos, o ocorrido. Meu pai, completamente alucinado com a notícia, prontificou-se logo a atravessar o Mar-dos-Bosques e ir ao país dos Moabititas para matar o incircunciso. Mas não o fez por não saber eu nem ao menos o seu nome, nem o seu lugar de residência. . . . Meu pai ordenou-me que guardasse segredo da minha desgraça.

— Tudo isso é verdade, Nata-nael? — interrompeu-a Debóra, dirigindo-se ao pai de Eleasa.

— Juro-vos pelo Deus do Céu e da Terra! — responde-lhe Nata-nael.

— Continue.

— Crescí. Tornei-me moça. Conhecí Jamin. Amei-o doidamente. Pediu-me em casamento a meu pai, e foi aceito. Lembrei-me do que me ocorreu quando menina. E passei então noites e noites em vigílias só pensando no que me aconteceria, e em o que deveria fazer na minha primeira noite de núpcias. Pensei em desfazer o noivado mas, ao mesmo tempo, me assaltou uma terrível idéia: a de ficar solteira o resto da minha vida, a de perder Jamin, e, ainda, a de ficar privada de ter filhos, sim, minha grande Senhora, de ter filhos, de ser mãe, a minha maior ambição! . . .

Eleasa, com a borda franjada de seu manto, enxuga as lágrimas do rosto que lhe obli'eravam as vistas, e continua:

— Pedí conselhos a meu pai, que m'os deu, dizendo que devia nessa noite, antes da união sexual, narrar ao meu marido a desgraça que me ocorreu e pedir-lhe, de joelhos, perdão. . . . Mas não fui atendida, não, minha excelsa Senhora! Jamin repudiou-me grosseiramente. . . . E sou agora uma desgraçada! Salvai-me! Salvai-me! Vós que conheceis os escaninhos do coração da mulher! . . .

Logo que Eleasa terminou a sua história, reinou completo silêncio em torno de Debóra. Os olhos das servas estavam marejados de lágrimas. Um dos oficiais de Debóra olhava para Eleasa com os olhos ternos, denunciadores de profunda simpatia que lhe estava votando, condoído de sua desgraça. Eleasa, além de tudo, era formosíssima.

— Qual a pena, venerável Urias?

O velho escriba passa as mãos pelas suas longas barbas brancas, impassível à cena que se desenro-

lava ante seus olhos, levanta-se, encosta seu cajado à palmeira e, em voz solene, pausada, lê uma das tabuinhas que tirara da arca:

— E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

“Quando um homem tomar mulher e não a achar virgem. . . então os anciãos atirarão a moça à porta da casa de seu pai, e os homens da sua cidade a apedrejarão até que morra” . . .

Nesse momento, uma luzente e adornada bandeja de prata é apresentada, por uma das servas, a Debóra, que, dela, vai tirando, pouco a pouco, belíssimos favos de mel, comendo-os vagarosamente. Depois se levanta, põe-se de pé sobre o escabelo, e se dirige para os seus oficiais presentes:

— Qual de vós é capaz de tomar por espôsa a linda Eleasa?

Um dos oficiais, que tudo presenciara, de nome Ehude, jovem e esbelto, dirige-se reverentemente a Debóra, afirmando-lhe que a desposaria.

— Levai-a então, ela o merece, ela será digna de vós! Que sejam felizes!

O velho escriba olha severamente para Debóra, bate fortemente com o cajado no chão, e diz:

— Permiti que vos lembre que as leis do nosso Senhor Deus estão sendo transgredidas abertamente, sublime e poderosa Senhora!

— A lei elaborada por nosso Senhor é uma norma de conduta aos homens, para que a Paz impere entre eles na satisfação dos seus respectivos interesses. Criou também o pecado visando a Perfeição do homem.

Trará perturbação à Paz entre os homens, ou ofenderá a Perfeição humana o fato de uma mulher querer unir-se a um homem, levada simplesmente pelo amor e, ainda, com a ambição sublime de ser mãe? . . . Não, venerável Urias, essa lei crudelíssima não pode ter sido emanada de nosso Senhor, personificação, como é, da infinita bondade, fonte de todo o bem. Moisés, prevalecendo-se de suas visagens de inspirado, a falsificou. Ademais, venerável Urias, se legítima, perdoai-me se nisto houver blasfêmia: Deus nunca foi mulher. Criou-a a seu modo e atirou-a ao nosso mundo cheio de misérias, sem nunca poder penetrar nos arcanos da sua alma que lhe assoprou, embora onipotente e oniciente. Se o pudesse, nunca teria baixado semelhante lei! Nunca! Nosso Senhor Deus não podia esquecer-se da sua reputação de prudência e longanimidade! Eleasa é humana, venerável Urias!

— Seja feita a vossa vontade, poderosa e muito sábia Senhora! — responde-lhe o velho escriba, sentando-se calmamente, e guardando as tabuinhas das leis de Nosso Senhor dentro de sua pequena arca.

É ainda bem pobre, inegavelmente, a bibliografia de autores goianos. Não que nos faltem elementos capazes. Prosadores e poetas existem aqui, de méritos reais, aptos a figurar, sem desdouro, em qualquer centro. Contudo, o esquecimento em que por longos tempos foi mantido o nosso Estado — situação que só melhorou de 1930 para cá —, a não existência de casas editoras, a carência do estímulo ambiente, e, sobretudo, a falta de recursos financeiros para publicar suas obras, impediam, juntamente com outros fatores, aparessem mais os nossos literatos. Por isso é tão deficiente, ainda, a estante goiana.

Agora, porém, novos rumos se estão abrindo à nossa cultura. E isso porque o Interventor Pedro Ludovico, bem coadjuvado, em seu esforço, pelo prefeito Venerando de Freitas Borges, vem dando todo amparo às coisas da inteligência, chamando ao Estado a tarefa de publicação de livros de autores goianos, o que constitui, certamente, um forte estímulo a quantos possuindo, efetivamente, merecimento, desejem contribuir com o seu quinhão para o florescimento das letras anhanguerinas.

Dessarte, OESTE, revista que chefiava o nosso movimento cultural, anuncia, prazerosamente, a exposição, nas livrarias do país de três livros de autores da terra: — “Goiaz — usos, costumes e riqueza natural”, do dr. Vitor Coelho de Almeida; “Ermos e Gerais” (contos) de Bernardo Elis, e “Antologia Goiana”, de Veiga Neto, êstes dois últimos editados pela “Bolsa de Estudos Hugo de Carvalho Ramos”, louvável criação do sr. Prefeito Municipal, e o primeiro pelo Governo Estadual.

Bernardo Elis, contista regional, um dos valores legítimos da intelectualidade goiá, é, dentre os escritores vivos goianos, o elemento fadado a reviver, para o nosso Estado, as glórias alcançadas, no gênero, por Hugo de Carvalho Ramos. Seu livro, estamos certos, há-de constituir uma estréia triunfal.

Veiga Neto fez trabalho metuculoso e honesto em sua antologia, selecionando o que de efetivamente melhor produziram os escritores goianos, razão por que seu livro será de grande proveito para todos, eis que nos dá uma visão geral da extensão e da qualidade de nossa literatura.

Vitor Coelho de Almeida, nome bastante conhecido é apreciado em Goiaz, escreveu obra louvável, e que mostra, com precisão e inteligência, aspectos interessantes da vida de nossa gente e de cousas da nossa terra.

E os julgamentos terminaram nesse dia.

E era assim que Debóra julgava os filhos de Israel.

Literatos Goianos do Passado

SEBASTIÃO FLEURÍ CURADO

Nasceu o dr. Sebastião Fleurí Curado na cidade de Goiaz, dia 22 de janeiro de 1864. Era o primogênito do casal João Fleurí de Campos Curado e Da. Mariana Fleurí Curado.

Em 1882 matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito de São-Paulo, por onde se bacharelou em 1886, tendo, como colegas de turma, homens notáveis, como Rodrigo Otávio, Hermenegildo de Barros, Francisco Sales, Firmino Withaker e outros.

Ainda estudante, a questão abolicionista era o assunto palpitante, e Sebastião Fleurí, demonstrando, cedo, grande pendor pelo estudo dos grandes problemas humanos e nacionais, a ela se dedicou com entusiasmo, escrevendo, então, os seus primeiros artigos, a favor da nobre causa, e que publicou no "Liberal" e na "Onda", este fundado por E. Muniz Barreto.

Aos 26 anos, foi eleito deputado à Constituinte de 1891, mostrando-se, embora sua pouca idade, à altura da relevante missão, eis que se demonstrou um moço patriota, esclarecido e culto, defendendo com ardor e conscientemente os princípios caridiais da Constituição e apresentando emendas bem pensadas e oportunas.

Eleito para a Comissão Elaboradora do Código Civil, tomou parte ativa, e sempre com brilhantismo, na discussão daquele diploma legal, tendo sido membro da Comissão dos 21, qualidade em que relatou, vitoriosamente, o parecer referente à matéria que vai do artigo 1.080 ao artigo 1.185 do Código.

Exerceu, pelo espaço de 20 anos, com zelo e competência, o cargo de Procurador Regional da República, neste Estado, tendo, também, sido deputado às câmaras estadual e federal.

Foi professor da antiga Academia de Direito deste Estado, onde lecionou quasi tôdas as cadeiras, sobressaindo-se por ter sido um mestre sempre em dia com as matérias ensinadas.

Foi o fundador do "O Goiano"

Como se vê, foi das mais expressivas a carreira pública do dr. Sebastião Fleurí Curado, o que não seria de extranhar, visto que era êle um espirito penetrante e culto, possuído daquela sã inquietude que não deixa o homem estagnar-se nas coisas feitas e vividas, fazendo-o buscar sempre fórmulas novas para resolver situações novas, que a vida impõe a cada dia. Por isso pôde o dr. Sebastião Fleurí, acompanhando, atentamente, a marcha evolutiva do mundo, estar sempre favoravelmente situado em face dos fenômenos renovados, de ordem política, social e

econômica, os quais soube, compreender em sua significação profunda e em seu alcance.

Vendo — seus escritos o revelam — no cristianismo não só uma religião, mas também uma filosofia e uma ética, foi nessa atitude fundamental de cristão autêntico que êle interpretou e criticou os acontecimentos, o que vale dizer que teve êle, sempre, uma visão ampla das coisas e um alto critério de apreciação de valores. Por outro lado sua cultura, como transparece de suas produções, formou-se ao convívio de pensadores de escôl, a ela não faltando a inspiração dos clássicos.

Sua obra literária — empregamos a palavra literária em seu sentido lato —, embora pequena, é valiosa, porque de qualidade, achando-se esparsa em correspondência, folhêtos e periódicos. Dele disse Afonso Taunay ser "nome dos mais prestigiosos em nossas letras jurídicas e nesses anais parlamentares"

Psicólogo, de educação esmerada, Sebastião Fleurí deixou tradição de admirável "diseur", frizando, os que com êle privaram, que sua conversa jamais aborrecida, fôsse a velhos ou a crianças, a ignorantes ou eruditos, homens ou mulheres, pois encaminhava sempre o assunto segundo o paladar do interlocutor.

Caso interessante, e que revela outra faceta de seu espirito polímérfo — a humorística — ocorreu pouco antes de sua morte. Ei-lo: um seu netinho, aqui residente, tem a mania de briga de galo. Mas como isso o estava fazendo brigar com os livros, seu pai, o dr. Albatênio de Godói, resolveu fazer uma "blitzkrieg" contra tudo quanto é galináceu que havia no terreiro, o qual acabou vazio. Saudoso do neto, e conhecedor da mania do mesmo, mandou-lhe o dr. Sebastião o seguinte recado:

— Diga ao menino que venha, que o vovô virou galo.

Passando às coisas graves: — suas últimas palavras merecem ser meditadas, pois constituem uma advertência sensata àqueles brasileiros que ficaram "parados no tempo" e continuam a suspirar pela "Amélia", não a do samba carnavalesco, mas a do samba político, aquela que a Revolução de 30 matou e o Estado Nacional enterrou: — a liberal democracia.

— Que se não repitam os erros de 91, — foi o que disse o dr. Sebastião Fleurí a seu genro, Albatênio de Godói, quando êste lhe comunicara que o Presidente Getúlio Vargas anunciara, para logo que volte a paz, a completção dos ór-

gãos institucionais. Partida de um constituinte de 91, e de um constituinte de alta linhagem intelectual e moral, a frase adquire um valor extraordinário, positivando, além disso, que o notável goiano tinha uma inteligência aberta à compreensão do mundo e um agudo senso das nossas realidades.

Dentre os escritos seus de que dispomos no momento, está o livro: "Três Memórias Históricas", da qual publicamos "Um Episódio dos Tempos Coloniais na Capitania de Goiaz — A questão do Vigário da Vara", "saborosa crônica de nossas cousas coloniais", no dizer de Afonso Taunay.

UM EPISÓDIO DOS TEMPOS COLONIAIS NA CAPITANIA DE GOIAZ

O ANO DE 1740

Crítico, o ano de 1749, para as minas dos Guaiazes.

Um fato, de ordem administrativa, influiu poderosamente para a situação aguda em que se encontravam as minas.

Durante um quarto de século, de 1725 a 1750, os maiores crimes e abusos se cometeram publicamente e ficaram impunes.

A maior devassidão de costumes, unida a uma cupidez "do ouro das minas", dirigia tôdas as atividades e nenhuma barreira, moral ou legal, continha os forasteiros que acorriam de todos os lados, confiados na força do trabuco.

Ora, justamente neste ano, tinha sido desmembrada a capitania de Goiaz da de São-Paulo; D. Marcos Noronha só tomou posse do governo a 8 de novembro, encontrando a Vila-Boa de Goiaz, que então ensaiava os seus primeiros passos, agitada com a questão do Vigário da Vara.

Em 1739, dez anos antes, a 25 de junho, D. Luiz de Mascarenhas instalava a Vila-Boa.

Conta-nos Taunay, no tomo 1º dos Anais do Museu Paulista, que Pedro Tacques, o famoso linhagista, já se achava em Vila-Boa, pois que a 27 de outubro batisava na Matriz seu 2º filho.

Mas que eram as minas de Guaiazes no ano de 1749 ?

O atraso dos tempos era enorme, entretanto portugueses e paulistas, africanos para o trabalho das lavras, eram despejados continuamente em Goiaz.

Os costumes se formavam numa mestiçagem de raças.

A 30 de janeiro de 1750, Pedro

Tacques era nomeado escrivão fiscal da Intendência Commissária de Pilar e depois escrivão da guarda-moaria de Crixás, Pilar, Gurinos e Papan.

A capitania de Goiás só era criada por alvará de 8 de novembro de 1744, ficando Gomes Freire de Andrade como governador de Minas e Rio de Janeiro, com jurisdição até Goiás e Mato-Grosso.

Ora a distância sufocava quaisquer medidas enérgicas da administração e foi por isso que a questão do Vigário da Vara assumiu proporções de uma verdadeira sedição.

João Perestelo, segundo vigário de Goiás, era português, homem dotado de gênio arrebatado e autoritário.

Naqueles tempos os réditos da vigaria eram pingues e pagos em bom puro de lei ou em cruzados.

O vigário, na ausência de outra autoridade superior, constituía um poder discricionário; quando subia ao púlpito e lançava por entre frases retumbantes a excomunhão sobre esta ou aquela ovelha, só a p'ço de ouro conseguia a vítima redimir a sua culpa.

Era esse um dos meios de fazer fortuna.

Por outro lado, o vigário achava-se com direito de intervir na vida íntima das irmandades, fiscalizando-lhes os rendimentos e chegando a dissolvê-las por uma portaria.

Perestelo fez amigos e desafetos; criou um partido seu e outro que lhe era francamente hostil.

Era então Vila-Boa de Guaiazes bem considerável localidade, contando talvez mais de 800 fogos, algumas boas construções, três ou quatro igrejas, entre as quais a grande matriz, hoje catedral, cujo tesouro de ricas alfaias sobremaneira avulta.

Nela sobressaía a majestosa colunata do altar mór, muito dourada, revestida de soberba obra de talha.

Tinha começo a construção de excelentes edifícios públicos, entre outros, a casa da fundição, a intendência respectiva e o grande quartel da tropa de linha.

Tudo isto nos conta Afonso Tau-nay nos Anais do Museu Paulista.

Foi nesse ano de 1749, que Pedro Tacques transportou-se para Goiás, levando consigo mulher, um filhinho de um ano e seus escravos.

A viagem para Goiás não era sem perigos pois os "Caiapós" infestavam tôdas as estradas além dos Cahambolas, que formavam um quasi reino de pretos desde o rio das Mortes até o Rio Grande.

Ninguém se aventurava a palmear as duzentas e muitas léguas que mediavam entre São-Paulo e Vila-Boa, sinão em caravanas numerosas, tanto mais que, exceto nos registros de passagem dos rios, por tôda a parte cruzava-se o deserto.

O VIGÁRIO DA VARA

Volvamos ao nosso Vigário da Vara.

De gênio inquisitorial, zeloso das suas atribuições, que não compreendia bem, violento até à loucura, estava sempre pronto a fulminar censuras e agravações contra quem quer que fosse que tivesse a infelicidade de cair no seu desagrado e não poucas vezes em ato de celebração do culto, em presença de numeroso auditório, troava a sua voz e o ráio da excomunhão caía, fulminando as autoridades civis e militares.

Isto nos conta J. M. P. de Alercar.

Naqueles tempos o poder temporal curvava-se ao espiritual.

Subia ao púlpito aos domingos e "investivava" a todos, fazendo paralelo entre a fé que animava a população goiana e o que havia de vivo e são no sentimento piedoso dos portuguezes da metrópole, suscetibilizando assim os sentimentos de nativismo.

JOÃO LEITE ORTIZ PROCESSADO POR SACRILÉGIO

Um tal João Leite Ortiz foi processado por sacrilégio e condenado a pagar 500 oitavas de ouro.

Era Ortiz homem de prestígio e abastado; parente próximo de João Leite da Silva Ortiz, genro de Bartolomeu Bueno da Silva, filho do célebre bandeirante que passou à crônica com o cognome de "Anhangueira".

Ortiz conservava o prestígio da família e era de gênio violento como Perestelo.

Foi o caso que no primeiro domingo de abril de 1749 o vigário, do púlpito, atacou veementemente o ouvidor Manoel Antônio da Fonseca; Ortiz, que espreitava uma ocasião para romper hostilidade contra o vigário da Vara, prevaleceu-se do ensejo e aliou-se ao ouvidor, formando um partido contra Perestelo.

No dia 25 de abril de 1749, Ortiz reuniu mais de 100 pessoas em sua casa, contando-se entre elas juizes ordinários, oficiais da câmara, etc., e se dirigiram à casa do ouvidor.

Chegados que foram, Ortiz tomou a palavra e fez tremenda acusação contra Perestelo, pedindo a intervenção do ouvidor que, silenciosamente, ouviu o arrazoado de Ortiz, e manhosamente, por entre conselhos de prudência e respeito a pessoa do vigário, aconselhou que viessem por escrito as suas queixas e levassem a representação ao vigário, porque seriam atendidos.

Conhecendo o feitio moral de Perestelo, o ouvidor calculava muito bem que a representação iria irritá-lo, mesmo porque seu gênio autoritário a consideraria um desacato.

Ortiz retirou-se com o povo, e dois dias depois, chegava às mãos do vigário a representação assinada por 11 pessoas.

Era um sábado à tarde, e Perestelo recebendo a representação na

porta da rua, sem mesmo mandar entrar o oficial da câmara que era o portador disse: Amanhã terão a resposta.

A maior anciedade dominava todos os habitantes da Vila-Boa que afluíram à missa no dia seguinte, domingo, certos do escândalo que explodiria.

A igreja estava repleta, notando-se a ausência do ouvidor que, desde o dia em que tinha sido objeto de censura, não poz mais os pés na igreja.

O ESCÂNDALO

Perestelo, no meio da missa, à altura do Evangelho, voltou-se para os ouvintes e, sacando da algibeira da batina a representação, leu vagarosamente alguns trechos, prorrompeu em descabelada agressão ao ouvidor e Ortiz, e terminou lançando a excomunhão contra o ouvidor.

Estava travada a luta.

O Vigário geral não era homem de se acorvadar, tanto que no fim da excomunhão, desligou os habitantes da Capitania de tôda obediência ao ouvidor e terminou dizendo que o juízo ordinário só poderia ser obedecido de ora em diante, se se penitenciasse de sua culpa publicamente, para edificação de todos.

O golpe era bem dado, porque o livro 5º das Ordenações do Reino, cogitava das penas que seriam impostas aos herejes e apostatas, variando conforme se applicava ao fidalgo, ao escudeiro ou peão; e Perestelo conhecia perfeitamente bem a Legislação do Reino, pois era doutor em teologia.

O ouvidor, ao saber da excomunhão que pesava sobre sua cabeça, acovardou-se e, mandando chamar Ortiz, queixou-se amargamente da sorte, desligando-se de todo e qualquer compromisso com Ortiz.

Este compreendeu que estava perdido, sobretudo quando soube que no dia seguinte se dirigia o ouvidor ao Vigário geral e lhe dava ampla e formal satisfação.

Nesse mesmo dia, Ortiz convocou os cabeças de seu partido e resolveu dar um golpe decisivo.

Dispondo de maioria do Senado da Câmara, porque o secretário geral Angelo dos Santos Cardoso era inimigo de Perestelo, João Ferreira Barros e Francisco da Cunha Castello Branco, íntimos amigos de Ortiz, os reuniu todos, no dia seguinte, no Senado da Câmara, e resolveu suspender o Vigário geral.

Era um golpe de mestre.

O Senado da Câmara fundamentava a sua atitude na ganância desbragada, no espírito simôniaco do vigário geral e, efetivamente, D. João de Perestelo, succedera na vara ao dr. Gonçalves da Silva Guedes, que se tinha retirado para o Reino, levando uma fortuna da capitania de Goiás, e não era único.

Já constituía uma tradição, porque Alexandre Marques do Vale, segundo vigário geral da Igreja de Vila-

LEGIONÁRIOS

GENEZI DE CASTRO E SILVA

Boa, tinha levado para o Reino cem mil cruzados, reunidos em três anos e o quarto vigário, dr. Gonçalves José da Silva, levou oitenta mil cruzados em dez anos.

João Perestelo de Vasconcelos durou pouco mais de um ano na vigaria; quando êle entrou para Goiaz já encontrou a Matriz erguida em 1743, à custa do povo e segundo a memória do Padre Luiz Antônio da Silva e Sousa, já existia também a capela filial de N. S. do Rosário dos pretos, erecta por Antônio Pereira Baía, em 1743, por provisão do sr. D. Frei Antônio de Guadalupe.

Não havia ainda a intendência e real casa da fundição estabelecida em 1742.

Para construção da matriz o Senado da Câmara concorrera com 800 oitavas de ouro, e tinha aplicado ao mesmo fim, uma arrouba de ouro que o povo dera a Antônio Pires para bater os índios caiapós.

O Senado da Câmara pretendia chamar às contas o Vigário e obter a reposição do auxílio dado para a construção da matriz.

Não era só êste o fundamento do Senado da Câmara.

Ortiz, astuto e resoluto, sustentava que o Vigário geral estava louco e, para retirá-lo da vara, só havia um meio — prendê-lo.

Os fatos pareciam dar-lhe razão.

Foi expedida a ordem de prisão contra Perestelo, foram convocados os dois licenciados, Antônio Ferreira de Barros e Bernardo Gomes da Silva na falta de médicos, para dizerem sobre o estado mental do Vigário geral.

Opinaram os dois licenciados que êle estava louco varrido.

O Senado da Câmara oficiou ao juiz ordinário, Belchior da Silva, pedindo a expedição do mandado de prisão contra o Vigário e indicou para substituí-lo na vigaria o Padre Manoel Dias, brasileiro de São-Paulo e varão geralmente estimado pelo seu espirito de moderação e cordura.

O juiz ordinário, Belchior da Silva, prontamente expediu o mandado e encarregou os officiaes da vintena Luiz Ferreira da Costa e José dos Santos Monteiro de efetuarem a prisão.

Contra a expectativa geral Perestelo recebeu os officiaes com tôda humildade, declarando-se obediente à prisão e destituído da vigaria.

Pedia um prazo, porém, para se aprestar para a viagem.

Compreendendo Perestelo que não poderia dispor de recurso em Vila-Boa, temporizava, lançando mão dum ardil, pois, na mesma noite, despachava um escravo de tôda confiança para Meia-Ponte, pedindo socôrro aos amigos que contava naquela localidade.

Quatro dias depois regressava o escravo Scipião, e o Vigário geral declarava-se pronto para seguir viagem, pedindo entretanto, que o não fizessem acompanhar de grande es-

Desfilaram os nossos soldados ante a multidão aglomerada na Avenida; desfilaram, em despedida ao povo emocionado, ante espetáculo tão grande em sua significação, tão comovente em sua finalidade.

Pela segunda vez deixam, os brasileiros, as costas do seu País, para defender a integridade e a independência de nossa pátria.

E deixam-na com a esperança de voltarem triunfantes, de terem contribuído para a liberdade do mundo e para o triunfo da democracia.

Partem êsses moços, agora, sentindo o espirito dividir-se-lhes ante a nobreza de seu destino e a dor da incerteza, deixando os que mais lhes são caros, razão significativa de seu viver.

Os que lhes dizem adeus — noivas, espôsas, mães, têm o coração cheio de lágrimas mas preferem essa agonia à tranquilidade de terem-nos em casa, à felicidade de sentir sua presença diária, uma vez que essa ventura custasse a covardia de um atestado de incapacidade, fosse devida à uma cavação inglória qualquer.

Não, a afeição dos que ficam acompanha o ente querido durante tôda sua campanha, segue-o, pedindo a Deus pela sua vida, confiante na bondade da Divina Providência mas supplica, também, ao Todo Poderoso, que não o deixe desanimar ante tarefa tão sublime, que lhe permita lutar com tôdas suas forças, tendo em mira o Brasil e levando, bem alto, a glória de sua tarefa . . .

colta porque nenhuma resistência opunha à prisão.

Ortiz caiu facilmente no laço e, dois dias depois, partia Perestelo para o Rio-de-Janeiro, estrada de Meia-Ponte, acompanhado apenas pelos officiaes e três escravos.

Nas proximidades de Jaraguá, um grupo de cavaleiros vindo ao encontro do Vigário geral, tomou-o dos officiaes da vintena e o levou até Meia-Ponte onde, chegando, reassumiu a vara e nomeou seu coadjutor em Vila-Boa o próprio padre Manoel Dias de Sousa.

Tal foi o alarme causado pelo procedimento da câmara de Vila-Boa ferindo as imunidades clericais, que o bispo nomeou um commissário com alçada — o dr. João de Almeida e Silva, para abrir rigorosa devassa sobre os acontecimentos.

Partem os defensores da Pátria; os aplausos que receberam em seu desfile, palmas fortes pela vitalidade, expressivas e vividas dizem, bem claro, da esperança neles depositada pelos seus patricios, gritam o desejo de vê-los immortalizados nas páginas radiosas de nossa história.

E partem os soldados consolados quasi com a esperança que lhes foi levada pelas palavras do Presidente Vargas, assegurando-lhes para os seus que aqui ficaram, a assistência e a proteção da Legião Brasileira.

Vão tranquilos porque sabem seguramente que essas promessas não são teorias; garantem-lhes a realização os muitos auxilios que puderam verificar pessoalmente, apóio êsse que nunca foi negado à familia dos convocados, que sempre esteve ao alcance dos que o procuram, não sendo raro o caso em que se antecipou à procura, levando ao abrigo da familia necessitada, o consólo apropriado às circunstâncias, adequado ao momento.

Partem os legionários, tendo gravada, na retina, a visão maravilhosa de seu País banhado de sol, radioso de luz, cheio de esplendor, daquele esplendor divino da liberdade que enche os espaços, pulveriza de vida o azul dos céus, a majestade do mar e o caráter indomita dos que habitam êste solo, crenças no destino de sua Terra, no poder de sua bandeira, no futuro de seu povo.

Partem os legionários. Que Deus os abençoe.

D. João de Almeida chegou a Vila-Boa antes de D. Marcos de Noronha, isto é, em outubro de 1749, abriu rigoroso inquérito e, não encontrando mais Ortiz, que se tinha internado pelos sertões, mandou prender os dois licenciados que declararam louco o Vigário geral.

Tal era o prestígio do clero naqueles tempos, que D. Marcos de Noronha, receoso do poder do hisope e da estola, não se intrometeu na questão, apesar de muito solicitado pelo povo de Vila-Boa.

E' êste um incidente interessante na vida colonial de Goiaz.

Os homens não são animais erectos, e, sim, deuses mortais — BACON.

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

Já Abgar Renaut, poeta dos maiores da moderna geração e figura de grande projeção em nosso mundo cultural, qualificou OESTE, de uma das “melhores revistas, no gênero, de todo o país”. A opinião do inspirado vate e ilustre Diretor do Departamento Nacional de Educação apenas ratificou, aliás, numerosas outras, expressas pela imprensa, em cartas ou de viva voz, por nomes solidamente situados em nossos círculos intelectuais.

As muitas e lisonjeiras apreciações sobre o nosso magazine vêm juntar-se, agora, mais três, e das mais valiosas, porque de eminentes patrícos: o dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas, Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o ministro Viriato Vargas, político e intelectual de destaque, diretor do conceituado diário nacional “Brasil-Portugal”, e dr. Menelick de Carvalho, brilhante escritor, autor de vários estudos importantes sobre assuntos políticos, econômicos, administrativos e sociais, Diretor do Departamento de Justiça da Secretaria do Interior de Minas-Gerais e atualmente Diretor da Companhia Mineira de Eletricidade.

Em correspondência dirigida a um dos redatores desta revista, assim falou Teixeira de Freitas: —“Tenho recebido sempre a sua revista. Constitue, sem dúvida, um belo atestado da mentalidade renovada do Goiás de hoje. É uma esplêndida realização”. E em outra missiva, agradecendo justas referências por nós feitas a sua pessoa: —“Peço-lhe ainda o obséquio de tornar extensivos esses agradecimentos aos seus dignos companheiros de direção da revista, aos quais desejo exprimir, também, minhas melhores congratulações, pelo inestimável serviço que estão prestando à causa da cultura, no Brasil Central”.

O ministro Viriato Vargas, também em carta dirigida ao mesmo companheiro, disse estar lendo OESTE e reputá-la uma “bela revista”.

Finalmente, o dr. Menelick de Carvalho, em carta endereçada ao dr. Mário de Figueiredo, Inspetor Sanitário em Juiz-de-Fora e um leitor e amigo desta revista, teceu comentários envaidecedores sobre o interventor goiano e acêrca de OESTE, na carta que se segue e que não nos podemos furtar a, com a devida vênua, trazer ao conhecimento dos nossos leitores:

“Prezado amigo dr. Mário de Figueiredo.

Cordiais cumprimentos.

Muito agradecido, restituo-lhe o exemplar de março de OESTE, esplêndida revista editada em Goiânia, sob o alto patrocínio do governo estadual.

O dr. Pedro Ludovico é, realmente, o grande animador da inteligência moça do Brasil-Central e, mais do que isso, um autêntico bandeirante-togado, programador e realizador de uma vasta obra de democracia objetiva, que conforta profundamente e enche de orgulho a atual geração de homens públicos do nosso país. Por isso, congregou a seu comando essa notável falange de idealistas e pragmáticos, como êle, da qual faz parte a bela expressão de cultura moderna que é o jovem sociólogo Paulo Augusto de Figueiredo.

Peço-lhe transmitir por obséquio à ilustrada redação de OESTE, composta de brilhantes e operosos intelectuais, os meus parabéns e melhores votos de constante progresso.

Hei de mandar-lhe um dos meus pobres trabalhos das horas de folga escassa, como me sugere o distinto amigo, para ver se merece acolhida na magnífica revista.

É renovando-lhe sinceros agradecimentos pela oportunidade de tão agradáveis leituras, subscrevo-me seu

amº. atº. e admr.

(a) **Menelick de Carvalho**”.

E aí estão três juízos de brasileiros notáveis, sobre OESTE. Juízos que nos honram e nos

estimulam a prosseguir na jornada cultural pró-Oeste; juízos que nos fazem crer estarmos atingindo o escôpo que nos propuzemos, de bem servir aos altos interesses do Brasil e de Goiás; juízos que nos compensam, por si sós, e sobejamente, das incompreensões de que temos sido alvos por parte dessa meia dúzia de “gatos pingados” que ainda não tiveram a felicidade de compreender que revista cultural é coisa muito diferente de jornalzinho de Jardim de Infância...

Tobias Barreto

A 7 de junho de 1839, nascia, na hoje cidade e então vila de Campos, em Sergipe, aquele que foi, sem dúvida, uma das legítimas glórias nacionais: Tobias Barreto de Menezes.

Em menino, cursou Tobias Barreto as aulas de latim do padre Quirino de Sousa, que chegou a bispo de Goiás, e as de música do maestro Marcelo Santa Fé. Em Lagarto, precisando de viver à custa própria, abriu uma escola de ensino primário.

Em 1860, foi para a Baía, com o fito de seguir a carreira eclesiástica, tendo como um de seus lentos Frej Itaparica. Não conseguiu, entretanto, fazer carreira, pois tendo, um dia, cantado ao violão uma de suas canções prediletas, transgrediu as ordens da casa e foi expulso do seminário.

Em 1862 rumou para Recife, formando-se em Direito em 1869. Fixando-se, após, em Escada, no interior pernambucano, lá se entregou ao exercício da advocacia e ao jornalismo, fundando, entre outros, os seguintes periódicos: — “Deutscher Kampf”, “O Martelo”, “Um sinal dos tempos”, onde publicou vários estudos.

Tobias Barreto foi deputado provincial em Pernambuco, na legislatura de 1879 — 1880. Em 1890 entrou em concurso, na Faculdade de Direito de Recife, e, mau grado a oposição que lhe movia certo ministro, conseguiu vencer e ser nomeado, empossando-se no cargo e recebendo o grau de doutor.

Foi, o grande sergipano, lente da Universidade Livre de Francfort e do Clube dos Cosmófilos, de Leipzig, tendo pertencido ao Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco. Faleceu em 1889, a 26 de junho.

Graça Aranha, que foi discípulo de Tobias Barreto, proclamou-o o maior de quantos brasileiros existiram. E é sabida a verdadeira idolatria que por êle teve Silvio Ro-

R A Ç A

Frederico Bane

mero, que chegou a ponto de investir furiosamente contra Machado de Assis, só porque éste alcançara maior successo que o illustre mestiço sergipano, conterrâneo de Sílvio e que tanto influiu na formação intelectual dêste.

Entre as obras, trabalhadas e eruditas, de Tobias Barreto, sobressaem-se: "Filosofia e Crítica", "Estudos de Direito", "Estudos Alemães", "Vários escritos", "Questões vigentes", "Polêmicas", etc.

João Ribeiro assim resume os traços marcantes da personalidade do famoso escritor: "Tobias Barreto foi, certamente, o mais notável sergipano do seu tempo; orador, poeta, polemista, crítico e grande sabedor do direito e da literatura alemã, renovou o espirito de seus contemporâneos, ensinando-lhes caminhos ignorados, doutrinas e idéias da cultura crítica e filosófica da Pátria de Kant.

Era um monista, nome que deram ao materialismo científico dos últimos tempos. Vulgarizou no direito as idéias de H. Post, de Ihering; na história religiosa, as de Bauer e de Ewald; na filosofia as de Ludwig Noiré. Haeckel e outros da mesma tèmpera".

Deixou o Brasil, pelo Estado Nacional, de ser "made in Europa", ou em outra qualquer "oficina", passando a se edificar de conformidade com o seu temperamento, as suas necessidades, as suas simpatias, os seus ansídeos diferenciados. Não deixou — nem tal seria possível nem aconselhável — de continuar "olhando" para além mar, para outras plágas, tão ricas de motivos e tão exemplificantes em suas experiências são as cinco partes do mundo. Todavia, o modo de ver as coisas mudou muito. O Brasil de Getúlio Vargas, se lança as vistas para longe é somente para colher informes, não mais para beber inspiração, como o Brasil liberal. Informes que nos sirvam de lição, que nos ajudem a marchar de acôrdo com a nossa vocação histórica; informes que sejam como que conselhos ou advertências, capazes de nos fazer evitar certos males e transpor determinados obstáculos; informes que nos possibilitem livrar-nos daquelas experiências dolorosas, sofridas por nações imprevidentes; informes que nos revelem a inteligência exata de algumas ocorrências alienígenas exquisitas; informes que, em resumo, nos ponham em guarda contra conhecidas ameaças que espreitam os povos incautos. É, assim, bem outra, a situação subjetiva nacional, relativamente as culturas estrangeiras — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

A enorme confusão que existe entre nós quanto ao emprêgo do termo *raça*, leva-me a esboçar, neste artigo, algumas considerações oportunas, com o fito de destruir conceitos errôneos que não mais aceitos em círculos científicos esclarecidos, continuam todavia a servir de base a estudos sociológicos e composições literárias, assinadas muitas vezes por pessoas da mais alta responsabilidade na orientação da nessa opinião pública.

A elasticidade que se dá ao termo chega a ponto de ser comum confundir *raça* e povo. Com justiça, o vocábulo só pode ser aplicado aos pequenos agregados humanos que, isolados durante longo período de tempo em área mais ou menos restrita, apresentam um tipo étnico homogêneo. As variações individuais tornam-se menos acentuadas e o individuo representa fielmente as características essenciais do conjunto. Ora, com exceção de algumas poucas tribus indígenas, nenhum dos povos do Continente encontra-se nas condições referidas acima; são todos de composição heterogênea, ou mestiços.

Ao goiano, acostumado a restringir o vocábulo ao seu justo valor, quando aplicado ao seu gado, estes fatos são perfeitamente compreensíveis. Vejamos, por exemplo, quais os requisitos necessários para a formação de uma *raça* bovina. O primeiro é, sem dúvida, a existência de um rebanho do qual serão retirados os elementos formativos da nova *raça*. Ter em vista um padrão contra o qual possam ser aferidos os resultados que vão sendo obtidos, é outra condição indispensável. Sem entrar na apreciação dos diversos métodos zootécnicos de que pode lançar mão o criador, basta dizer que o seu successo dependerá de boa seleção e, inversamente, da eliminação constante dos elementos que destõem do padrão escolhido, até atingir um nível em que os caracteres desejados possuam fixidez, dando ao conjunto condição homogênea. Suponhamos agora que essa *raça*, em virtude da sua excelência, desperte a atenção de toda uma região de criadores. O elevado preço decorrente da procura intensa desse gado, não permitirá a muitos senão a compra de um único reprodutor, para ser utilizado no rebanho comum. Que faz então o criador? Obtém com o reprodutor adquirido produtos denominados vulgarmente de 1/2 sangue; vai além e utili-

za o mesmo touro para obter os 3/4 de sangue. Como êsses produtos são consanguíneos, o processo requer cautela, pois a consanguinidade tanto pode acentuar qualidade como defeito. É preferível, assim, trocar o reprodutor por outro, da mesma *raça* e padrão, para obter os 7/8 e os 15/16. Nova troca e chega-se aos 31/32, considerados "puros por cruzamento". Mas, até esse limite e muito além, a seleção deve ser rigorosa, com a eliminação continua de produtos indesejáveis, mesmo apurados, segundo o critério de sangue. Porque? Porque o sangue não é o veículo da hereditariedade; as expressões 1/2, 3/4 de sangue, etc., são apenas expressões de conveniência, de uso arraigado, mas sem sentido genético. Essa noção errada de "percentagem de sangue" é que leva o criador menos avisado a manter no seu rebanho individuos que, julgados pelo bom senso, seriam de pronto descartados.

Pois bem, não é necessário ser muito perspicaz para perceber que tais métodos zootécnicos, não podem ser aplicáveis a um rebanho heterogêneo de 50 milhões de cabeças, em que a reprodução é incontrolável e feita a esmo. Um tal rebanho continuaria sempre heterogêneo.

Daí a falsidade absoluta da expressão "*raça* brasileira" para designar o nosso povo, cuja coesão depende antes de sentimentos sadios de nacionalidade, despidos justamente de qualquer preconceito racial. A heterogeneidade de caracteres, longe de ser um inconveniente, é uma garantia de sobrevivência, facultando à nossa população possibilidades muito maiores de adaptação ao meio.

São-Paulo, 24 de março de 1944.

ULTIMA FRASE

Nero: Que artista o mundo vai perder !; Cesar: Até tu Brutus !; Epaminondas: Morro sem saudade, pois deixo a minha pátria vencedora; Rainha Izabel da Inglaterra: Todo o meu reino, Senhor, por mais um minuto !; Bocage: Rasga meus versos ! Crê na eternidade !; Beethoven: É já tarde !; Voltaire: Em nome de Deus, deixem-me morrer em paz !; Cromwell: Estou salvo !; Mozart: Deixem-me ouvir uma vez mais ainda êsses sons que foram tanto tempo a minha consolação e alegria; Jorge IV: É só isto, a morte ?; Frederico II: Enterrem-me junto dos meus cães; Danton: Mostrarás a minha cabeça ao povo, que vale a pena; Laménais: Tomar-nos-emos a ver; Mirabeau: Deixem-me morrer ao som da música; Washington: Muito bem.

«OESTE»

REVISTA MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:
Avenida Tocantins, nº. 7
(Imprensa Oficial)
Telefone — 1161
Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:
Vaseo dos Reis Gonçalves
CONSELHO DE CENSURA:
A. Juruena Di Guimarães
Odorico Costa
Paulo A. de Figueiredo
GERENTE:
Gabriel Azeoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio pñho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Toda e qualquer correspondência destinada à revista "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.

Ano III—Núm. 18

Goiânia, Julho de 1944

O
E
S
T
E

REVISTA MENSAL



Dr. Pedro Ludovico Teixeira – idealizador e realizador de Goiânia

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

“ O E S T E ”

Ano III == Julho de 1944 == Núm. 18

O DIA DE GOIÂNIA

O Brasil deixou suas rugas nas águas revolucionárias de 1930.

Até então, escravos de culturas estrangeiras, corpo presente na Terra mas espírito perdido em além mar, vivíamos artificialmente, vendo e analisando as nossas coisas através de prismas europeus.

Tínhamos, assim, na mente, uma imagem deformada da Pátria.

País jovem e forte, onde tudo estava por se fazer, adotava o Brasil, no entanto, a atitude paradoxal de país velho, onde tudo está por se refazer. Na literatura, nas artes, no direito, na ciência e sobretudo na política, nunca se exprimia a alma do Brasil. Buscávamos, em outras plagas, não apenas informações, porém modelos. Vegetávamos, dessarte, numa deplorável situação de inferioridade, comportando-nos como povo em estado de minoridade, eis que submetido à tutela do pensamento do norte e de ultramar.

E', sim, em sua organização política que a nação expressa suas construções específicas. Na ordem política original se traduzem e se cristallizam os elementos existenciais diferenciados de cada povo. Pois a condição cultural humilhante do Brasil pré-revolucionário tinha sua expressão perfeita no sistema político então vigente: o demo-liberalismo.

Liberalismo sinônimo de “litoranismo”. Ou melhor: “Imitacionismo”. Imitacionismo integral, que nos deu o sufrágio universal e nos obrigou ao uso de “smockings” e casacas nas festas a 40º de fim de ano . . . Um regime estranho por completo à nossa inteligência e à nossa sensibilidade e que, pelo espaço de quasi meio século, fez-nos viver ridículamente, acoçados nas praias, costas viradas ao Brasil brasileiro e olhos voltados, em êxtase, para tudo que era “made in Europa” ou “in United States”.

1930, porém, deu o toque de alarme, despertando o Gigante Adormecido. “Quem vem lá”? — Quem vinha lá era o Brasil autêntico e viril, que, em 1937, encontrou os seus caminhos definitivos. A Nação conquistou-se. Personalizou-se.

Inaugurou-se, então, no país, uma nova política. Política brasileira, exprimindo realidades brasileiras,

anselos brasileiros, realizações brasileiras. Política cujo sinal é a marcha para oeste, a marcha do Brasil sobre o Brasil.

E foi nesse novo clima cultural, substituído o “imitacionismo” pelo “sertanismo”, que nasceu Goiânia, obra em tom maior do bandeirismo estatal da nova política brasileira.

Goiânia, reduzindo a termos de nacionalismo as aspirações de nossa gente, situou-se como a Cidade Revolucionária. A cidade-símbolo do Brasil Novo. A cidade que fala do passado, afirma o presente e profetiza o futuro. Cidade-Movimento. Goiânia é a miniatura do Brasil em marcha para o cumprimento de uma grande missão histórica.

De fato: cidade única, no Brasil, pelo que significa, Goiânia se apresenta, no quadro dos valores políticos nacionais, como algo de inédito e eloquente. E' que ela reatou, planejando-o e sistematizando-o, o jornadeio bandeirante, o mais autêntico dos movimentos civilizatórios brasileiros, como já notou alguém. Espelha, a nova metrópole, o ideal pátrio de integridade e de unidade; é um dos atos, o mais positivo talvez, em que se vai objetivando o imperialismo brasileiro; representa a tradução, em termos práticos, da vontade nacional do poder; é o começo indiscutível da prova de que “esta Terra tem dono”.

Mais do que qualquer outro, entretanto, sobrelava no fenômeno Goiânia o seu aspecto moral. Sim; Goiânia vale, mais que tudo, como afirmação do valor do homem tropical, eis que revela, de modo inequívoco, a capacidade da gente brasileira. Nisso Goiânia tem algo de heróico e nisso se constitui, ela, a réplica mais formal a quantos duvidavam — ou duvidam . . . — das possibilidades civilizadoras das populações sub-equatoriais. Pedro Ludovico, ao criar Goiânia, demonstrou, ao mundo, toda a força da nossa raça. Revelou, o estadista brasileiro, uma mensagem nova ao mundo: a do povo brasileiro, que, realizando Goiânia, mostrou que sabe querer e sabe poder.

Goiânia, pois, não indica, somente, as estradas naturais da nossa grandeza, mas reflete, também, o valor imenso do “homo brasiliense”. E' um fato magnífico a traduzir o grande ideal bandeirante, revivi-

do pelo Estado Nacional, de conquista total e definitiva do Brasil pelo Brasil.

Por tudo isso, o dia 5 de julho, comemorativo do segundo aniversário do "Batismo Cultural de Goiânia", é, já, uma data plena de sentido histórico. O 5 de julho nos conforta e nos estimula. Sobretudo, nos faz crer. Sim, pois tudo que se disse e se previu, naqueles dias admiráveis de julho de 1942, vai tendo, aqui, cabal confirmação.

Goiânia, a mais e mais, cresce aos nossos olhos

como algo de "necessário" ao Brasil. Ou o Brasil se conquistaria, ou sucumbiria. Por isso, passada maior dessa auto-conquista, Goiânia se situa como uma condição mesma de nossa "duração", como povo soberano. E aí está por que o 5 de julho é, agora, data das maiores da nossa História; aí está, também, porque Pedro Ludovico, no consenso unânime de seus patrícos, já está considerado um dos maiores vultos da Pátria; aí está, afinal, porque o Estado Nacional, ambiente cultural que possibilitou Goiânia, tem o apoio decidido de todo o povo brasileiro.

Goiânia é uma lição de fé

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS

Publicamos, hoje, com o agrado de sempre, o quarto artigo escrito especialmente para OESTE pelo dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas, D. D. Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e Diretor do Departamento de Estatística do Ministério da Educação, um dos vultos mais expressivos do nosso mundo cultural.

O notável brasileiro, sempre atento aos grandes acontecimentos da nossa história, prontamente atendeu ao nosso convite, trazendo a Pedro Ludovico, ao ensejo do 2º aniversário do "Batismo Cultural de Goiânia" — evento que a ele muito se deve — a sua palavra compreensiva e patriótica de solidariedade.

O presente trabalho, embora de tamanho reduzido, é enorme, pelo seu valor intrínseco, pois Teixeira de Freitas soube, com a maestria de sempre, dizer, em poucas palavras, de todo o imenso e profundo significado de Goiânia.

OESTE, que nesta nova fase vem sendo prestigiada com a cooperação de grandes figuras do Brasil, agradece ao dr. M. A. Teixeira de Freitas mais este gesto de fidalguia, pedindo-lhe continue a honrá-la e engrandecê-la com as suas excelentes produções.

Para confiar nos destinos do Brasil, é preciso ter fé, antes de tudo, no homem brasileiro. Nas condições em que se processa a nossa evolução histórica, em meio a uma natureza exuberante de vida, que é uma dádiva magnífica de Deus, mas tudo exige do esforço realizador do elemento humano, só mesmo pela continuidade daquele admirável "élan" civilizador que nos legaram os bandeirantes poderemos ocupar um dia o lugar que nos cabe na história e no Mundo.

A obra de Pedro Ludovico, ante-

cipando, com a construção de Goiânia, uma das etapas definitivas da ocupação social e humana do espaço



Dr. Mário Augusto Teixeira de Freitas

político que nos legaram os nossos maiores, não pode ser encarada e enaltecida, apenas, pela sua notável significação, de um ponto de vista imediato, para o progresso de Goiaz e do Brasil.

Tiremos desse empreendimento a lição confortadora que emerge de seu próprio sentido moral.

Sim, porque Goiânia é, antes de tudo, uma lição de fé.

Diante do que a sua construção representa, verdadeira ilha de civilização que é, em meio aos sertões esquecidos do Oeste, a nossa confiança no Brasil e, sobretudo, no homem brasileiro, adquire uma força nova. Deslumbrados pelo milagre

dessa esplêndida antecipação, divisamos no mistério dos tempos o panorama da Grande Pátria futura, construída pela inteligência e o suor dos seus filhos, não para as conquistas do egoísmo e da violência, mas para honrar e engrandecer os ideais de solidariedade humana.

Agradeço, pois, a nova oportunidade que me dá a revista OESTE para exaltar o papel histórico de Goiânia e fazer justiça ao patriotismo e descortino do Interventor Pedro Ludovico, ante o testemunho que nos oferecem — criatura e criador — da capacidade realizadora do homem brasileiro e da continuidade de sua predestinação para as empresas grandiosas que levarão o Brasil à plenitude dos seus magníficos destinos.

FRUTO do exame patriótico e acurado da situação verdadeiramente caótica em que o degladiar de correntes antagônicas, impulsionadas, de lado a lado, pelos profissionais da política, que ensaiavam o assalto ao poder, ameaçava abismar o país nas garras da anarquia, o Estado Nacional surgiu com a força inapelável de um imperativo de salvação nacional, na conceituação justa e expressiva do emérito jurista e sociólogo dr. Francisco Campos. Tão bem encarnou o sentimento e os anhelos mais sagrados do povo brasileiro que, tão profunda quão radical transformação no organismo nacional e nos hábitos de governo, se implantou e se solidificou na consciência popular, sem o mais leve abalo e sem que se fizesse necessário o derrame de uma só gota de sangue — PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

Goiânia e sua Revista

PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

“Goiânia e sua revista” é o título deste artigo admirável, escrito especialmente para “Oeste” pelo Interventor Pedro Ludovico Teixeira.

Trata-se, inegavelmente, de uma das páginas mais expressivas já produzidas pelo ilustre Chefe do Executivo Goiano. De fato: no presente trabalho, situando “Oeste” como o porta-voz do Goiaz Novo, Pedro Ludovico, numa síntese perfeita, indicou, com muita coragem, idealismo e clareza, todo um rumo político para o seu povo. Informa o artigo esse espírito autenticamente cristão, que é o carisma da personalidade de Pedro Ludovico, em quem o Poder não tornou surdo o coração aos apêlos dos pequeninos nem cegou as vistas à verdade, mas, pelo contrário, constituiu-se na condição propícia por que vai êle realizando, em Goiaz, obra substancialmente democrática. Rejubilamo-nos, os brasileiros todos, por ver homens assim, de sua linhagem moral, falando como êle falou em “Goiânia e sua revista”, pois que palavras como essas, claras, sinceras e eloquentes, são as de que necessitamos, nesta hora em que os caminhos se cruzam e os falsos profetas abundam.

Há pouco, era o Presidente Getúlio Vargas quem, no memorável discurso de 1º de Maio, abria uma clareira nas brumas do pensamento político, apontando os caminhos do futuro. Agora, Pedro Ludovico, neste pequenino e desprezencioso trabalho, reafirma os propósitos humaníssimos da boa política — a que há-de orientar os homens em sua busca de um mundo melhor. São idéias viris, as que o Interventor postula, idéias que, como as defendidas pelo Presidente a 1º de Maio, ferem fundo o egoísmo dos reacionários de todos os matizes, mas entusiasma os corações cristãos e convencem as consciências bem formadas, idéias, portanto, nobres e elevadas, idéias estuantes de verdade imperativa, em face das quais os homens se definem, se erguem, caminham.

Escolhendo “Oeste” para veículo dessa mensagem inspirada e oportuna, Pedro Ludovico mostra uma deferência especial e honrosa para com a nossa revista, e esta, a seu turno, trazendo a público as suas palavras magníficas, está conciente de prestar um grande serviço ao povo.

Ao ensejo do aniversário do batismo cultural de Goiânia a revista “OESTE” se engalana para homenagear esta data. Justifica-se plenamente tal regosijo, tal desejo de fazer realçar o grande acontecimento, pois “OESTE” nada mais é que um corolário dessa oxigenação por que passa o Estado de Goiaz, proveniente da edificação de Goiânia.

Esta revista e esta cidade se confundem, se amalgamam, se entrelaçam em um mesmo objetivo, no afã de concorrer para o progresso espiritual e material de nossa terra.

Goiana, fruto do trabalho e da tenacidade dos nossos conterrâneos — não devemos ter modéstia em proclamá-lo — foi a vara mágica que fez Goiaz se levantar, agulhoando-o e espicaçando-lhe a necessidade de evoluir.

Em “OESTE” se fazem ouvir as vozes de todos aqueles que querem contribuir para um objetivo que conduz ao desenvolvimento intelectual do nosso povo.

Em “OESTE” se exteriorizam os pensamentos do nosso espírito culto e amadurecido no raciocínio das investigações psíquicas e na apreciação de todos os objetivos que se relacionam com a nossa vida, que se processa em plena hinterlândia brasileira.

Em “OESTE” se expandem tôdas as impressões da nossa juventude aplicada em uma finalidade construtiva.

Em “OESTE” se exprimem literariamente fortes expoentes da inteligência goiana, representantes de ambos os sexos.

Em “OESTE” opinam elementos de tôdas as classes, defendendo diferentes pontos de vista, desde que não tragam desarmonia ou choques nas diretrizes deste periódico.

Em todos os seus números se nota, além de exposições de ordem puramente literária, a preocupação de bem servir a terra de Anhanguera.

Defendendo os bons princípios, dando publicidade aos atos considerados úteis à sociedade, elogiando alguns, combatendo outros, esta revista presta um assinalado benefício a este rincão do país.

Mesmo as divergências sobre vários pontos de vista servem para esclarecer muitas mentalidades que, até então, não se entregavam ao estudo de determinados assuntos.

Em matéria sociológica, por exemplo, não raro, o ecletismo de alguns irrita o fanatismo ou as convicções de outros. No entanto, todos podem ser bem intencionados, embora por educação, por princípios obsoletos, por credences anacrônicas, muitos se deixam levar por um caminho falso, muito distanciado da verdade e da justiça. Este afastamento, que uma consciência bem formada não pode permitir, é mantido frequentemente por preconceitos que não resistem a uma crítica justa.

e, mormente, por egocentrismos desnobres e sórdidos.

A éstes que sempre defendem conceitos de fundo inteiramente egoista, convêm-lhes mais reformas que se concretizem no além-túmulo, do que admitir uma reivindicação durante a vida, profundamente humana, mas que beneficiando a totalidade, prejudique o seu personalismo ou o seu clã.

E' muito mais agradável bater-se por um ideal que não nos despoje do supérfluo, ainda que em favor da

coletividade, do que ser altruísta e util a esta em prejuízo nosso.

Por isso se vêm muita vez adulteradas as aspirações cristãs, isto é, os princípios por que, de fato, Cristo se bateu, dando-se-lhes, na interpretação sociológica, um errado significado e uma elasticidade pro domo sua.

A nosso ver, "OESTE" deve seguir a boa trilha — amparar as boas causas, dâa a quem doer, defendê-las mesmo com sacrifício, analisando, porém, tôdas as opiniões com uma grande elevação de espírito.

ATÍLIO CORREIA LIMA

UM NOME QUE A CIDADE JAMAIS ESQUECERÁ

"Atílio Correia Lima foi quem fez o seu projeto principal. Muito modesto, mostrou-se, no entanto, um conhecedor profundo da sua especialização, revelando-se um perfeito técnico na tarefa de que se in-



Atílio Correia Lima

cumbe. O meu govêrno lhe é deverdor pelo muito que contribuiu a favor da sua máxima aspiração"

Tais palavras foram as que, acêrca do dr. Atílio Correia Lima pronunciou o sr. Interventor dr. Pedro Ludovico Teixeira, no seu memorável discurso de abertura da sessão comemorativa do "Batismo Cultural de Goiânia". Ora, ninguém melhor que o Interventor Federal para falar de quem o ajudou ou não na gloriosa empreitada da construção da nova Capital, e, por isso, reconhecendo êle que Atílio Correia Lima muito contribuiu para a efetivação da maior aspiração de seu govêrno, concede, de público, ao pranteado extinto, diploma de um dos verdadeiros construtores de Goiânia.

Engenheiro culto e dedicado, homem simples, desinteressado, sem

vaidades, bom e honesto, idealista e patriota, Atílio Correia Lima, trágicamente e tão cedo roubado ao nosso convívio, bem merecia a distinção do Chefe do Executivo. Sua perda deixou uma lacuna impreenchível, nos meios técnicos de nossa engenharia urbanística, e seu nome será lembrado com saudade e gratidão por todos os goianos, pois que indissoluvelmente ligado à vida mesma desta cidade, que êle planejou tão admiravelmente e a que tanto bem devotava.

Para Goiaz, Atílio Correia Lima continua vivo. E viverá sempre, tanto maior quanto mais se engrandecer Goiânia, em cuja história o notável urbanista ocupa um lugar que é somente seu.

Isso posto, "Oeste", por um dever de justiça, certa de estar traduzindo o pensamento da totalidade dos goianos, presta esta homenagem, simples, porém sincera, à memória do autor do plano principal da nova Capital do Estado.

A organização cooperativista, estabelecida pela Constituição de 10 de Novembro, vai criar nova mentalidade para a solução dos nossos problemas de govêrno. Nos conselhos técnicos nacionais não haverá lugar para o diletantismo parlamentar. Dentro dêles decidirão, como órgãos auxiliares do Estado, as forças vivas da Nação — GETÚLIO VARGAS.

NÃO fôra o ambiente de segurança, de estabilidade administrativa que vimos conhecendo, como fruto do Estado Nacional, que tem dado uma solução brasileira aos problemas brasileiros, Goiaz ainda permaneceria como mera expressão geográfica, completamente desintegrado do progresso conhecido pelos seus coirmãos — PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.



Coronel Alberto da Glória Puget
Chefe da 7ª. C. R., desta Capital

COMPREENDENDO a missão dos povos amigos, o Brasil fez jus a merecer de todos êles uma compreensão idêntica, relativamente aos seus problemas internos e ao espírito da sua vida pública. Sustentando o velho princípio, em virtude do qual cada povo deve organizar-se internamente de acôrdo com as suas necessidades próprias, o presidente Getúlio Vargas conseguiu implantar no país um regime de paz, de trabalho e de segurança interna, bem defendido e consolidado externamente por uma linha de conduta internacional que se tem mantido coerente, firme, decidida e fecunda em seus resultados. E' êste o segredo do nosso progresso econômico e militar nos últimos anos. E será também a melhor garantia da nossa estabilidade para o futuro. Graças a essa política de visão larga, a nossa voz será ouvida na mesa da paz, com a mesma energia com que já falamos as nossas armas no teatro da guerra. A política do atual govêrno conseguiu êsse grande milagre: fazer do Brasil o líder dos povos latinos de todo o mundo. Essa liderança, haveremos de conservá-la na paz: quando mais não seja, porque soubemos conquistá-la na guerra — ALMIR DE ANDRADE.

POLITICA NACIONAL**GOIÂNIA E O ESTADO NACIONAL****Vasco dos Reis***Presidente GETÚLIO VARGAS*

que iniciou no país, de um modo sistematizado, a Marcha para Oeste

Goiaz, a velha e pitoresca cidade de Bartolomeu Bueno, insulava-se, de há muito, dentro do círculo de sua própria vida.

Favorecida pelo liberalismo de então, que afrouxava cada vez mais os laços de coesão nacional e detentora dos privilégios de Capital, constituiu-se em uma curiosa organização social e política.

Semelhante situação não diferia muito da de alguns pequenos estados italianos do século XVI, sendo de observar-se que o aprimoramento da cultura criara um elevado nível intelectual.

A tendência às letras e às artes denunciava a introversão e a contemplatividade próprias aos meios

indenes às grandes aspirações materiais, reforçando-se, assim, a semelhança invocada. Grandes distâncias medeavam entre a velha e culta cidade e qualquer outro centro brasileiro. Pésimas estradas completavam o isolamento. Para o norte e para oeste, alargava-se o sertão.

Confinava-se, pois, por todos os lados, o ambiente goiano. A mentalidade, mesmo de início revel e discordante, acaba por afeiçoar-se à realidade e com ela se conforma, assumindo uma feição favorável ao menor atrito, como seixos arredondados pela ação das torrentes.

Em Goiaz, o padrão de vida se restringia a um nível mais que

modesto. Tudo tendia ao estacionamento, já que o meio não favorecia, nem podia favorecer, progresso concreto de qualquer espécie, subordinado, como estava, ao determinismo das condições vigentes.

Estabilizava-se o mourejar, sem maiores horizontes, de uma existência rotineira e pacata, sucedendo-se as gerações sem quebra sensível do diapasão há muito dominante. Neste clima favorável, desenvolvia-se a política partidária, de clãs, presa às situações imperantes no país pelo cordão umbilical das conveniências recíprocas.

O statu quo alicerçara o domínio dos partidos, ou, melhor, do partido bifronte, afeito ao equilíbrio cardânico do poder local.

É natural que um semelhante regime repudiasse qualquer inovação e defendesse com denodo o comodismo conservador. Estagnara-se qualquer fonte de iniciativa, limitando-se as aspirações a deslizar sobre as bitolas rígidas de um bom senso local, erigido em dogma.

A direção política do Estado concentrara-se em mãos de uma casta, em sua grande maioria domiciliada na Capital e interessada em manter um afastamento prudente e o alheamento às correntes progressistas, nocivas a seu habitat. Os privilegiados, por instinto de conservação, não toleravam dissidências, aqui e ali eventualmente surgidas, mobilizando-se imediata-



Dr. Vasco dos Reis,
Diretor da Educação e de "Oeste"

mente, para removê-las, um hábil mecanismo de acomodações e de

acórdos, mui propriamente denominados "casamentos".

Nos casos considerados irreduzíveis, usavam-se então meios drásticos, de uma eficácia indiscutível.

Fora daí, as ligações da Capital com as demais cidades e regiões goianas eram precárias ou nulas. Eleitoralmente dóceis e tributariamente pontuais, eram elas quasi inteiramente deixadas a seu próprio destino, devendo bastar-se a si mesmas ou buscar além das fronteiras estaduais os recursos necessários. Tal situação, vinda de longe e mantida sem variantes, eternizava-se na reprodução exata dos mesmos elementos, como uma dízima periódica. Era o círculo vicioso, estabelecendo-se pela incapacidade evolucionária. Era a inércia. A uniformidade automática.

A Revolução Nacional, incidindo sobre esse meio rígido, petrificado, inunda-lo-ia, formando, acima dele, uma superfície transitória e episódica.

Refundindo a maré da exaltação patriótica, teríamos sobre o calcário da resistência reacionária o aluvião de novas idéias, de novos

métodos, de novas aspirações.

Mas, poderiam mais tarde manter-se isentos das influências subterrâneas das camadas profundas?

O terreno não era propício às edificações de amplitude ilimitada que o verdadeiro espírito revolucionário veio alicerçar.

Pedro Ludovico não quiz lançar num terreno impróprio a semente de seu ideal.

Ele abrigava, em seu íntimo, uma concepção diferente da vida. Encarava a vitória por um prisma impessoal, que muitos outros olhos não poderiam atravessar, porque traziam ainda um pouco da poeira do passado.

E não se deixou iludir pelo sucesso formal de sua grande causa. Fez do poder um fulcro para erradicar, não homens, mas, tendências; não erros, que não passam por vezes de méras expressões objetivas, mas "complazos" que são a causa psicológica desses erros.

O que ele quiz modificar não foi um ambiente político, já de si mesmo caduco, e sim o clima moral que permitia a existência desse ambiente.

Conseguiu seu intento.

Goiania não é apenas uma cidade.

Para os que a sabem compreender e interpretar, ela é uma larga brecha, um enorme respiradouro por onde um povo surgiu do calabouço frio de um passado sem horizontes.

Quando o jorro do Estado Nacional, precisando por fim os verdadeiros princípios revolucionários, inundou o Brasil, foi por Goiania que o sentimos, foi nessa célula foto-iônica da nova sensibilidade goiana que o recebemos e fixamos; foi nessa antena de nossa mentalidade renovada que pudemos captar a onda de fé que fortaleceu nossa Pátria e precisou o rumo de seu destino.

D. Aquino Correia assim definiu Goiania: "Flor miraculosa do Estado Novo".

Sim. O Estado Nacional já existia no movimento de 30, como centelha a vibrar no âmago do ideal revolucionário.

A jovem cidade veio desse mesmo ideal.

Por isso, o Estado Nacional e Goiania tão bem se entrelaçam em nosso culto cívico.

5 DE JULHO — Uma data revolucionária

A data de 5 de julho possui uma posição de extraordinário relevo no calendário cívico do Brasil.

É data revolucionária. Revolucionária por excelência, na mais alta e na mais dignificadora acepção do termo.

Primeiro, foi a revolução de 1922.

A Nação, empolgada por influências renovadoras que, em grandes torvelinhos, se levantavam dos escombros do incêndio que havia pouco consumira, no Velho Mundo, os mais valiosos tesouros construídos pelas gerações, agitava-se em paroxismos, tomada por profundos anseios de libertação de situações políticas incompatíveis com as aspirações nacionais, por profundos anseios de renovações e de remodelações em seu arcabouço político e econômico.

Num cinco de julho, em manhã claríssima, um punhado de brasileiros, o coração estuante de sentimentos generosos, deflagra a luta. O que se seguiu faz lembrar Leonidas e os seus bravos, no desfiladeiro das Termópilas: aquele punhado de brasileiros, incarnando toda a bravura, todo o desprendimento e todo heroísmo da raça, deixou o abrigo quasi invulnerável de uma fortaleza e veio, para o meio da rua, afrontando forças despropositadamente superiores, veio se dar em holocausto pelo Brasil, veio escrever mais uma página sedutora de beleza de nossa história.

Depois vieram outras revoluções. Todas elas animadas de um grande

espírito de brasilidade, de um profundo desejo de estimular a conquista



Majór Atanagildo França

ta de prerrogativas e de direitos que os processos normais de evolução demorariam demais em outorgar à Nação. Afinal, vitoriosa em 1930, veio a Revolução ter seus princípios efetivados no Regime de 10 de novembro de 1937.

Dentro desse caráter, dentro dessa essência, o cinco de julho deve ser encarado como uma grande data brasileira. Como uma data de conquistas, de desencasulamentos, de libertações. Em cinco de julho, quebramos grilhões e despedaçamos al-

gemas que tanto aviltavam o Brasil.

Há datas que, além de seu sentido, de sua essência, possuem realizações que incarnam esse mesmo sentido e essa mesma essência. Goiania é uma cristalização de cinco de julho. Goiania é uma cristalização revolucionária de todos os anseios que palpitarão em todos os sofrimentos de cinco de julho. Goiania é 1922, é 1924 é 1930 e 1937.

Capital revolucionária, nascida de um anseio revolucionário, de um desejo veemente de emancipação dos pessimos costumes políticos liberais. Goiania incarna, em toda latitude, o cinco de julho. E foi em um cinco de julho, cheio de luz e de harmonia, que Goiania se integrou no rol da família das cidades brasileiras. E é neste cinco de julho que agora transcurre que Goiania, elevando seu pensamento, reverência a memória de todos os líderes que, em todos os cinco de julho, se deram em holocausto pela grandeza de nossa terra tão grande e tão rica.

"OESTE", que também nasceu a 5 de julho e é, também, uma revista revolucionária — pois que o que ela está fazendo é uma verdadeira revolução cultural nesta vasta região do Brasil Central — aproveita-se do ensejo para prestar, aqui, uma justa homenagem ao major Atanagildo França, um dos mais autênticos revolucionários brasileiros e que continua cheio de idealismo, a prestar ao Presidente Vargas e ao Interventor Pedro Ludovico, o mais decidido e leal apoio, na grande obra revolucionária do Estado Nacional.

A Paz pela Escola

FLORACI ARTIAGA MENDES

Nesta hora de intensa vibração, neste luminoso alvorecer de seis de junho, em que a bandeira dos libertadores acaba de tremular nas praias do continente europeu, enche-se alma de emoção e os olhos ficam rasos d'água, enquanto os sons da Marselheza enchem o ar, vindos de longinquas plagas, como saídos de um mundo antigo para acordar esperanças redivivas.

Velho símbolo eterno de amor à liberdade, que partiu do coração de Rouget de Lisle como fagulha incendiária de uma fogueira imensa, eco de gloriótas épocas, marcando o ritmo de um sonho que não morre! — a Marselheza tem ainda neste instante o calor de um novo impeto de audácia, digno da grande alma nacional que um dia proclamou os "Direitos do Homem".

Acompanhando com o coração a marcha épica dessa avalanche humana que luta pela liberdade em terras oprimidas, o pensamento me foge às vibrações de entusiasmo provocadas pela notícia do sensacional acontecimento e passo a ponderar o mundo de sofrimentos que ainda vai custar à humanidade essa incrível hecatombe, embora sob auspícios favoráveis.

Numa natural associação de idéias, evoco o ideal da "Paz pela Escola" incluindo na sistematização de princípios da educação renovada, pelo Bureau Internacional des Ecoles Nouvelles, reunido em Calais, em 1919.

"A Escola Nova prepara em cada criança o futuro cidadão, capaz de preencher seus deveres para com a Pátria, mas também para com a humanidade".

Quiz o destino, com a força irônica do seu determinismo, que esse princípio tivesse por berço a mesma Calais de hoje, sacudida pelo bramir furioso das máquinas da destruição humana, na reconquista dos "Direitos do Homem"...

Era em 1919, quando o mundo ainda mal se retazia da refrega, ainda cheio de equívocos, fraturas e mutilações, do primeiro cataclismo bélico...

Cansado de novas experiências, desejoso de paz, de sossego, de segurança, desiludido de falsas instituições, o homem voltava-se para o futuro, procurando guardar no coração da criança do mundo inteiro, que seria o futuro "cidadão do mundo" de uma Pátria universal, sem armas e sem fronteiras, a semente de uma

melhor humanidade, mais humana, mais perfeita, criada em ambiente propício, cercada de carinho, para uma primavera espiritual de paz e harmonia universal...

Concentraram-es, logo após, milhares de educadores notáveis, dos mais cultos países e, em Genebra, sob os céus puros dos Alpes, entre paisagens sonhadoras e tranquilas de alvas neves e lagos azuis, creou-se um novo Evangelho de paz para a humanidade ferida que se ia tentar redimir por uma política educacional baseada em puríssimos princípios filosóficos...

Dêsses, chave de ouro, objetivo supremo, enfeixando a luminosa sistematização, o preceito final: a Paz pela Escola, a esperança numa humanidade melhor, numa organização social mais humana, partindo dos ideais de fraternidade e solidariedade, do amor à própria liberdade mas também do respeito à liberdade alheia, do espírito de cooperação, de assistência aos mais fracos, do trabalho em comunidade por um ideal superior.

"E assim como aproxima os homens, a Escola Nova visa aproximar as nações", é a legenda que nesse quadro de bíblica beleza inscreve o nosso Lourenço Filho.

A política panamericana encontra um perfeito estímulo nesse espírito da Escola Nova e assim se tornasse também legítima realidade essa união fraternal entre todos os povos do mundo!

Infelizmente, o sonho dos apóstolos de Ferrière se interrompeu dentro de vinte anos, com a barbárie rediviva dos hunos do novo Atila da cruz swastica.

Mas daqui a pouco, entre ruínas fumegantes, entre os destroços de uma civilização e entre angustiosas perspectivas de profundas transformações econômico-sociais, o homem se erguerá novamente, exausto e batido pelos traumatismos, mas cheio de força interior, procurando o remédio maravilhoso, pesquizando os meios de evitar uma nova catástrofe.

Será de novo a Escola a escolhida. Poderosíssima instituição social, através da qual se dá o influxo sistemático das doutrinas e princípios políticos e sociais, tanto mais eficaz quanto mais se exerce sobre massas plásticas e maleáveis, pela idade, a Escola será de novo, no limiar dessa nova Renascença, a porta de ouro

por onde se canalizarão as forças concretas de uma política de Paz, de amor à Humanidade, de desejo de um mundo melhor, de fraternidade universal.

Por meio da Escola se implantarão os sentimentos de comunidade dos interesses materiais, o espírito de cooperação incondicional, o estreitamento dos vínculos espirituais, a coordenação de todas as forças, morais, estéticas, culturais, que agirão no sentido único de aproximação dos homens de todos os países, de todas as raças, de todos os grupos sociais, sem preconceitos e sem desajustamentos.

Que importa ter de recomeçar novamente? A cada esforço de reconstruir, corresponde um degrau na escala do aperfeiçoamento.

E para os que agem sob a égide de um objetivo supremo e teem uma bandeira de fé ou o escudo de um ideal, recomeçar é uma glória, quando se encontrou o sentido profundo da jornada.

Lembro-me aí, das palavras de Fernando Magalhães: "Não se inventam educadores nem apóstolos: Ou desce sobre eles o fogo sagrado, ou investem eles para a verdade e para o infinito."

Levantem-se pois, educadores de todo o mundo, legiões decididas, numa universal mobilização de forças espirituais, a pregar e praticar a redenção da humanidade pela paz, pelo amor, pelo trabalho solidário, pela assistência mútua e pela Fé na reconstrução do reino d'Aquêle que pediu: "Amái-vos uns aos outros, como eu vos tenho amado."

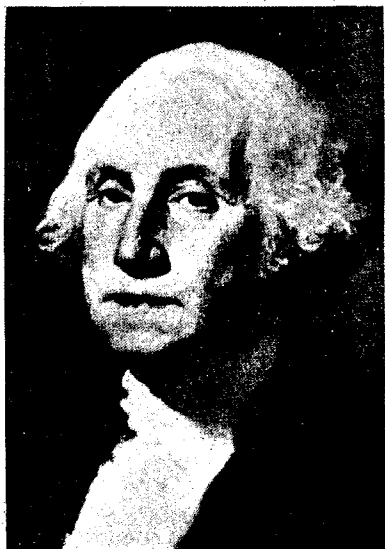


Desembarg. Dario Délio Cardoso,
Presidente do Tribunal de
Apelação e Diretor da
Faculdade de Direito.

INDEPENDENCE DAY

Foram os escandinavos quem iniciaram a colonização dos Estados Unidos da América do Norte, no século XI. Seguiram-se-lhes os espanhóis, no século XV; e, depois, os francezes, os ingleses e os holandeses. Afinal, dominaram os britânicos.

O sistema colonial inglês era bem



George Washington

Proclamador da Independência dos Estados Unidos.

diferente do português e do espanhol. E isso, principalmente, porque os Estados Unidos da América do Norte foram povoados não por simples aventureiros desejosos de enriquecimento rápido, mas por elementos de boa estirpe e que tinham o intuito de fixação na terra nova. Assim sucedeu com os puritanos, que emigraram da Inglaterra para o Novo Mundo para escaparem às perseguições religiosas.

Foi assim a América do Norte povoada conscientemente, e por famílias bem formadas, algumas até tendo nomes ilustres entre os seus membros. E, dessarte, estendeu-se, nos Estados Unidos da América do Norte, e por espaços geográficos mais extensos e mais ricos que os dos países de origem, a população emigrada, que, por aqueles vastos territórios foi implantando a cultura européia. Dêsse modo, enquanto portugueses (estes somente a princípio) e espanhóis viviam, pelo sul, como em meras feitorias, sem um plano de civilização colonial de intenção permanente, os ingleses, lá no norte do continente, se organizavam em sistemas mais ou menos definidos e definitivos, governando-se autonomamente.

Talvez o governo inglês não tenha calculado bem a possibilidade de formação, na América septentrio-

nal, de novas células políticas, com essas populações exiladas a se constituírem em embriões de novas nacionalidades. O fato é que, quando abriu os olhos, já era tarde. Começaram, então, os conflitos entre a metrópole e a colônia. Já ao tempo de Cromwell, que procurara impedir as relações comerciais da colônia com outras nações, verificou-se reação dos emigrados. Depois, ficando a Coroa em situação financeira precária, devido a guerra dos Sete Anos, voltou a pretender, mais fortemente, centralizar mais rigidamente sua política, exigindo maiores contribuições pecuniárias dos colonos. Estes reclamaram, altivamente, pela voz de Benjamim Franklin, em 1764, mas, conquanto revogado, à época, o imposto de selo, causa do descontentamento, ficou tácitamente reconhecido ao Parlamento o direito de decretar tributos sobre as gentes longínquas, tributos que não tardaram: sobre o papel, o vidro, o chá.

As colônias reagiram, desrespeitando as decisões reais. Estava travada a luta.

Em Lexington, a 19 de abril de 1795, feriu-se a primeira batalha, vencendo os norte-americanos, que de novo triunfaram em Bunker's Hill. E, agora, nomeado Jorge Washington, então deputado pela Virgínia, general em chefe da Revolução. E a 4 de julho de 1776 o Congresso de Filadélfia proclama a independência dos Estados Unidos, promulgando a famosa "Declaração de Direitos".

Proclamada a independência, continuou, todavia, a guerra com a Inglaterra, guerra que só terminou, realmente, a 20 de janeiro de 1783, quando se assinou, em Versailles, o tratado que reconhecia a primeira nacionalidade que, no Novo Mundo, se levantara pela liberdade. Entre a Proclamação e a assinatura do referido tratado, outras batalhas importantes se travaram, tendo os ingleses sido derrotados em Saratoga (1777), e, de modo decisivo, em Yorktown (1781). Washington, que tão grande se mostrara como militar maior ainda se vai apresentar como estadista, na direção dos supremos destinos dos Estados Unidos da América do Norte, evidenciando tão raras e tão nobres qualidades de estadista que passou à história como um dos vultos exponenciais da humanidade.

Nova guerra sustentaram os Estados da América do Norte com a Inglaterra, em 1812. Nessa refrega os britânicos chegaram mesmo a tomar Washington, mas foram derrotados em Nova Orleans, assinando-se a paz em 1814. Como luta de independência, pode-se ainda qualificar a terrível guerra civil do Norte contra o Sul, motivada pela questão da escravatura, e que ameaçou seria-

mente a integridade nacional norte-americana, mas que foi, afinal, jugulada por Lincoln. E é por isso que, se Washington é o proclamador, foi Lincoln cognominado o consolidador da Independência dos Estados Unidos da América do Norte.

Hoje, novamente pugnam os Estados Unidos pela sagrada causa da liberdade. Com eles, está a Inglaterra, estão todos os povos amantes da justiça e do direito. Revive, nos soldados do norte, o espírito de Washington. Em França, La-Fayette



Abrahão Lincoln

O Consolidador da Independência Americana.

inspira seus compatriotas, aproximando-os dos seus irmãos americanos. Novos Koszciusko se alistam nos exércitos democráticos. O Brasil, como sempre, está na linha de frente, na luta pela liberdade e igualdade de todos os povos. E, sobretudo, imensa, grandiosa, ilumina a consciência dos aliados, como uma força irresistível a impeli-los para a vitória, a imagem imortal de Abrahão Lincoln.

O problema constitucional não é mais o de como prender e obstar o poder, mas o de criar-lhe novos deveres, e aos indivíduos novos direitos. O poder deixa de ser o inimigo, para ser o servidor, e o cidadão deixa de ser o homem livre, ou o homem em revolta contra o poder, para ser o titular de novos direitos, positivos e concretos, que lhe garantam uma justa participação nos bens da civilização e da cultura — FRANCISCO CAMPOS.

GRAMÁTICA

O indicativo presente do verbo amar alterou-se. Tem três pronomes, somente: Eu, tu nós. Pronto. Acabou-se.

SILVA TAVARES



Dr. João Teixeira Álvares Júnior
D. D. Secretário Geral do Estado

"O LIBERAL"

Nesta edição, comemorativa do maior acontecimento da história de Goiás, não pode "Oeste" deixar de, por um dever de justiça, recordar o nome de um jornal que muito batalhou em prol dos princípios da Revolução e da mudança da capital do Estado.

Queremos nos referir a "O Liberal", periódico que, sob a direção do nosso companheiro Gabriel Anconi, defendeu, com muita coragem e idealismo, o programa político de profilaxia social, traçado por Pedro Ludovico para reabilitar a sua Terra perante o Brasil.

Quando as coisas estavam ainda confusas; quando nem todos se definiam de modo positivo; quando os oportunistas e traidores agiam solertemente; quando havia descrença e ceticismo em guerra de nervos contra a fé e a esperança; quando, enfim, era preciso sacrifício e desassombro, renúncias e atitude, — foi nessa fase decisiva para os destinos de Goiás que "O Liberal", com ardor e firmeza, se pôs claramente ao lado dos ideais revolucionários, constituindo-se num instrumento magnífico de renovação político-social em Goiás.

Dedicado, sincero e destemido, Gabriel Anconi não mediu conveniências na defesa dos princípios revolucionários, tendo tido "O Liberal", por isto, uma atuação saliente na obra de consolidação do novo estado de coisas.

Escreveram no "O Liberal", além do Interventor Pedro Ludovico e do seu diretor, Gabriel Anconi, outras figuras destacadas da Revolução, entre as quais é justo ressaltar as do dr. Laudelino Gomes, um de seus vultos exponenciais, Atanagildo França, nome que é uma bandeira de lutas, e outros, devendo-se também não esquecer o apôio dado à fôlha por êsse outro bravo revolucionário:

Manoel Balbino de Carvalho (Carvalhinho).

O primeiro número de "O Liberal" que se editava na cidade de Jataí,



DR. LAUDELINO GOMES

saiu a 7 de setembro de 1931, tendo sido suspensa a sua circulação em 1935, quando Gabriel Anconi transferiu-se para esta capital.

Hoje, vitoriosa Goiânia, e a Revolução se consolidando na obra extraordinária do Estado Nacional, deve "O Liberal" ser recordado com respeito e carinho. E valha-nos o ensejo para, também, consignar, nesta nota, um voto de sincera saudade ao dr. Laudelino Gomes, goiano ilustre que, pelo muito que fez por seu Estado, ganhou, na história de seu torrão, um lugar de relêvo.

UM JORNAL QUE NÃO PODE SER ESQUECIDO

Goiânia, um desmentido aos marxistas e aos nazistas

Paulo Augusto de Figueiredo

Em conferência que, sob o título: "O Estado Nacional, Goiânia e a redivisão política do Brasil", fizemos, dia 13 de Novembro de 1943, no Instituto Nacional de Ciência Política, no Rio, escrevemos: Goiânia traduz uma filosofia política, indica uma conduta administrativa, aponta cominhos econômicos.

E assim é, realmente.

SITUAÇÃO DE GOIÂNIA NOS QUADROS DA NOVA ORDEM NACIONAL

A nova filosofia política brasileira, revelada pelo presidente Getúlio Vargas, objetiva a Nação como um ser efetivamente distinto, buscando explicá-lo e justificá-lo. Situa a Nação como uma existência. Como um ente diferenciado, típico, pessoal. Onde se esforçar por penetrar os seus motivos, compreender a natureza, determinar-lhe uma finalidade.

Por que existe, como existe, e para que existe o Brasil, tais as indagações primeiras da nova política, que respondeu, de modo claro e positivo: o Brasil existe porque há um povo diferente, o brasileiro, ocupando no mundo um determinado espaço geográfico, onde está submetido a um regime de vida particular; existe como existem todos os Estados, isto é, como uma situação de convivência coletiva, especial, porque condicionada pelas circunstâncias mesológicas locais; e existe para cumprir no mundo, dentro de sua missão humana universal, uma missão histórica nacional.

"Até aí morreu Neves", redarguirão muitos, que acrescentarão: "Tais descobertas" não constituem nenhuma novidade".

Sim, tudo é muito simples, concordamos; nem duvidamos que todo mundo scubesse de coisas tão banais. A verdade, a espantosa verdade, no entanto, é que jamais os políticos do antigo regime *provaram* saber essas coisas. Os liberais, pela sua atitude, mostraram que não entendiam bem porque havia traçada no mapa a figura do Brasil, donde terem dado ao país leis fictícias, que não expressaram nunca as realidades nacionais, com o que, conseqüentemente, entravaram o andamento natural da Nação Brasileira.

O Estado Nacional nada inventou, nem jamais os seus criadores e defensores tiveram dessas pre-

tensões. Agora, o que a nova política fez, e ninguém honestamente pôde negar, foi mostrar ao Brasil o que o Brasil era e ordená-lo segundo os seus apelos profundos. O novo Estado apenas *revelou* o



Dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo. Professor da Faculdade de Direito e redator de "OESTE"

Brasil a si próprio, libertando-o das lês em que se embrenhara durante a vigência do demo-liberalismo. Mostrou ao povo as suas razões de ser, o modo como devia viver e os fins que legitimamente deveria perseguir. E aí, nessa procura, sistemática, das primeiras causas e dos fins últimos da Nação, está o cunho metafísico do Estado Nacional brasileiro.

Assim foi pelo Estado Nacional, instaurado no país a 10 de Novembro de 1937, que o Brasil readquiriu a sua maioria política, eis que se emancipou, definitivamente, da tutela das ideologias estrangeiras. A Nação, tornando-se adulta, transformou-se num Estado original, passando a cadenciar os seus movimentos por um ritmo próprio e definido, em sincronismo com as solicitações profundas de sua personalidade.

Compreendido o Brasil, e indicada a meta por ele a atingir, tratou a nova política, estabele-

cendo uma relação de causa a efeito — isto é, a-fim-de poder alcançar fins nacionais em consonância com os motivos nacionais — de criar uma metodologia também nacional, a qual se espelha, hoje, em todo esse complexo *processus* administrativo pelo qual se vão firmando, racionalmente, condições propícias à efetivação dos ideais maiores de nossa gente.

O Estado Nacional — e porque a nação só como Estado se realiza politicamente, pois só através dela se faz as suas necessidades — é a própria Nação Brasileira em uma forma de existência típica, portanto: o meio pelo qual vai o Brasil alcançando os seus objetivos essenciais. O Estado Nacional é, desse modo, a *maneira nacional* de ser do Brasil. Logo, é uma filosofia, é uma sociologia, é uma metodologia. Estado integral, é razão, é sentimento, é técnica. Uma *ordem*, enfim. A *Ordem Nacional* brasileira.

Pois Goiânia é, nessa ordem, pelo que representa como obra de razão nacional, de sentimento nacional, de vontade nacional; como processo de integração do Brasil no Brasil; como expressão de motivos e como começo de execução de finalidades nacionais, — um valor incontestável, visto que, portanto, é bem a cristalização dos princípios filosóficos que inspiram o Estado Nacional, do mesmo passo que se positiva como um processo administrativo renovador e descobre ao Brasil as legítimas estradas de sua economia. Sim, porque, em síntese, o sentido da moderna política nacional está na marcha para oeste: marcha cultural do Brasil sobre o Brasil, para a conquista integral do Brasil, Goiânia é o fato mais persuasivo dentre quantos por que vai tendo aplicação essa política.

UM DESMENTIDO AO MARXISMO

Assinalemos, de passagem: se as ideologias, como pretendiam os marxistas, fossem um mero resultado do jogo das forças de produção, Goiânia — que é sobretudo *idéia* — seria um fenômeno que não teria acontecido, em Goiás, na época atual, e isto porque a situação econômica do Estado, ao se

criar a nova Capital, era rudimentaríssima e só poderia refletir-se, logicamente, em criações vulgares. "Marx considera que tôda ideologia é o reflexo das relações econômicas", crítica, Berdiaeff. Ora, a não ser que se admita, como o fazem os marxistas, que a matéria seja racional, (Marx "considerava que na matéria desprovida do pensamento, da razão, de sentido e espírito, se manifestam a razão, o pensamento e o sentido" — Berdiaeff), Goiânia, como fato político, não poderia ter sido *determinada* pela economia goiana: esta era, até, ao contrário uma objeção séria — e lhe foi oposta — a que tal *idéia* se efetivasse. Goiânia é razão, é sentimento, é vontade, — é um ideal que venceu a matéria.

A verdade — e veio confirmá-la Goiânia, ainda uma vez — é bem outra da "verdade" marxista. A verdade, queiram ou não os marxistas e todos os materialistas e fatalistas, é que são as idéias que modelam as coisas, são os homens que fazem a história, é a filosofia que informa a vida.

Goiânia é, pois, um desmentido ao marxismo. Sim; porque, repetamos, Goiânia é principalmente *idéia*. É uma vitória do espírito sobre a matéria, da vontade sobre as coisas, da inteligência sobre os fatores de produção. É uma expressão de fé. Uma afirmação do homem em face do mundo das coisas. Um triunfo das leis da razão sobre as leis da natureza. Goiânia — e porque obra da inteligência e da vontade humanas — torceu a ordem natural das coisas. Goiânia não é, dessarte, "coisa que teria de suceder"; não é coisa "determinada". É coisa criada. Não representa o termo necessário de um longo processo social evolutivo, mas ao contrário, causa primeira de novo procedimento histórico. Não é um fato econômico, um resultado do jogo cego das forças de produção, porém um fato racional e evolutivo, novo motivo determinante de novos fatos políticos, sociais e econômicos. Pedro Ludovico, ao criar Goiânia, não o fez porque a situação econômica do Estado exigisse um centro político correspondente e sim porque êle viu que só um centro político novo poderia ordenar melhor não só os fatores de produção como todos os outros fatores de civilização, em Goiás. Goiânia não é, por conseguinte, uma obra da história, conquanto seja uma obra histórica. É obra que *fará* história. Sob o ponto de vista materialista Goiânia constitui, logicamente, um absurdo.

Todavia, é indiscutível que a economia está intimamente ligada a qualquer construção política ou social, visto que, embora não fator *único* nem *principal* — como os alicerces de uma casa não são as

suas peças únicas nem as principais — é, contudo, um fator *importante*, e básico, na evolução de qualquer sociedade humana, e de sua, digamos — *resistência*, depende a maior ou menor segurança de tôda arquitetura nacional, — como um edificio é mais ou menos seguro conforme a resistência do material nêle empregado. Ora, a economia brasileira tem justamente no centro do país o seu maior potencial. E por isso Goiânia, plantada no "coração geográfico" da Pátria, veio apontar os caminhos naturais de nossa restauração econômica, fazendo-se a se transformar numa das alavancas mais possantes de nossa futura e completa independência material. E aí está: Goiânia, uma *idéia*, longe de *determinada* pela economia, a vai determinando, se bem que dela se servindo . . .

ESPELHO FIEL DO BRASIL NOVO

Tradução de uma filosofia, marco de nova conduita administrativa, direção para o processo econômico nacional, Goiânia é bem, por tudo isto, um espelho fiel do Brasil Novo, um sinal da nova era que raiou, para o Brasil, com o advento do Estado Nacional.

"O verdadeiro sentido de brasilidade — proclamou o presidente Getúlio Vargas — é a marcha para oeste". O rumo da nossa grandeza é o apontado pelo Tieté, o mais brasileiro dos nossos rios, como disse Cassiano Ricardo, aquele que mostra os caminhos autênticos de nossa civilização: — os dos bandeirantes. Os de que falaram Alberto Torres e Euclides da Cunha. Os que têm sido tão insistentemente lembrados por Oliveira Viana e tantos outros brasileiros que não se *ausentaram*, em espírito e em sentimento, da Terra brasileira, como sucedeu a muitos, *ex-vi* da lamentável deformação cultural, de que foi culpado o antigo regime demoliberal, onde a nossa literatura era a expressão, não da sociedade brasileira, mas de sociedades que não vivíamos senão nos gabinetes de leitura . . .

Com, porém, a instalação do Estado Nacional, todos os nossos esforços passaram a convergir para um ponto central: a conquista integral do Brasil pelo Brasil. Tudo se movimenta, hoje, entre nós, no intuito de confundir com as nossas fronteiras geográficas as nossas fronteiras étnicas, políticas e sociais: — batalha da Amazônia, territórios de fronteiras, colônias agrícolas, Fundação Brasil-Central, saneamento da Baixada Fluminense, Volta Redonda, obras contra as secas, etc., tudo isso é plano do imperialismo brasileiro. Cobrir os vácuos demográficos do nosso território, ordenar as energias dispersas da Nação no sentido

da unidade, edificar uma grande Pátria, em suma, eis os propósitos primordiais do Estado Nacional. E Goiânia é uma manifestação estu-pênda desse imperialismo, visto que espelha uma penetrante compreensão, por parte da nossa gente, dos nossos problemas vitais, ao mesmo tempo que patenteia tôda a capacidade civilizatória dessa gente tropical tão caluniada.

GOIÂNIA, SUEZ E O CANAL DO PANAMÁ

Já o dissemos, uma vez, e o repetimos, sem receio de fantasiar: o que representam o canal de Panamá para os Estados Unidos e Suez para a Inglaterra, representa Goiânia para o Brasil. É, a jovem metrópole, pelo que significa, uma verdadeira condição *sine qua non* de nossa duração, como Nação soberana, pois é ela, em síntese, o símbolo da marcha para oeste, e, ou completamos essa marcha, ou não seremos livres, porque não seremos donos da Terra. Ou provamos que "esta Terra tem dono", demonstrando a nossa vontade de domínio, ou persistindo no país "territórios de ninguém" — o quem retrataria uma incapacidade nossa para cuidarmos do que é nosso — outros donos virão e sucumbiremos. Pois Goiânia é uma prova concreta dessa vontade proprietária nacional. É mesmo, até o momento, o passo maior dado pelo Brasil sobre si mesmo, para a sua conquista total. É a revelação mais singular do espírito bandeirante que norteia o Estado Nacional. E é por isso que se diz ser Goiânia um símbolo do Brasil Novo: — "Goiânia é, a um só tempo, testemunho e símbolo. Símbolo da política de integração do Brasil e da nova era da nossa história, em que, para benefício nosso, da América e do mundo, vamos despertar as energias latentes desse amplíssimo latifúndio geográfico confiado ao nosso labor construtivo, ocupando a vastidão do seu território e criando nêle a civilização magnífica que a história espera. E testemunho, também. Testemunho de que o nosso ânimo realizador, a nossa coragem de avançar e a nossa tenacidade na luta nos tornam dignos da missão que nos está confiada", observa. M. A. Teixeira de Freitas.

UM NOME QUE FICARÁ NA HISTÓRIA

Tem, assim, Goiânia, também, um valor moral inestimável. Porque evidencia a *capacidade* do homem tropical para a civilização. Demonstra, de maneira inequívoca, que a nossa gente *pode* cumprir, no mundo, uma nobre missão histórica. Daí ser Pedro Ludovico um nome que ficará na história, se bem que nome "cheirando" a delegado aos narizes desses "osoriferos" e "borbíferos" indivíduos que

costumam sentir cheiro de polí-
cia em todo mundo . . .

RESPOSTA AOS LAPOUGE, BUCKLE E GOBINEAU

É preciso que se tenha conheci-
do (ao menos por ouvir dizer . . .)
o Brasil liberal, e no Brasil de en-
tão o Estado de Goiaz, para se po-
der, hoje, bem aquilatar do exato
valor que é Goiânia como *realiza-
ção humana*. Porque — todos o sa-
bem — o Brasil, no antigo regime,
estava nas mãos de políticos que
eram verdadeiros “gatos”, prontos
(política e literatura são solidá-
rias . . .) a surripilhar o que lhes
estivesse ao alcance da “unhas”,
inclusive criações literárias de au-
tores francezes . . .

E Goiaz ? — De Goiaz, então,
nem é bom falar . . .

Aos que ignoram — ou fingem
ignorar — essas verdades, o tra-
çar um plano de cidade, escolher o
local apropriado à sua construção,
edificá-la e decretar, para ela, a
mudança de uma Capital de Esta-
do, é algo que, hoje, já realizada
Goiânia, parece tarefa de somenos,
e é isso mesmo o que propalam os
ignorantes, os invejosos, os despe-
itados. Entretanto, quando se sabe
que apenas umas quatro cidades
no mundo inteiro foram criadas —
(ou seja, apenas uma quatro ci-
dades não representam o termo fi-
nal de processos sociais normais,
tendo, ao contrário, sido feitas ar-
tificialmente, pela inteligência e
pela vontade dos homens, tornan-
do-se verdadeiros motores a ace-
lerarem o andamento das forças
evolutivas naturais da sociedade),
— então já se pode começar a per-
ceber o imenso e profundo signifi-
cado da nova metrópole do Oeste.
E se pesarmos os fatores contrá-
rios à efetivação de tal empreen-
dimento em Goiaz: — “maquiave-
lismos” da politicagem, reação dos
futuros prejudicados em seus inte-
rêsses financeiros, ceticismo dos
próprios amigos da idéia, falta de
recursos econômicos, a força da
tradição, a rotina, o bairrismo, trai-
ções, prejuízos culturais, covardias,
etc., — então Goiânia se afirma,
soberanamente, como um lance
épico, como uma epopéia extraor-
dinária, situando-se o seu funda-
dos como um homem realmente
excepcional e exponencial, que é,
aliás, como já está êle antecipada-
mente julgado por todos os brasi-
leiros. E daí o se constituir, tam-
bém, a cidade de Pedro Ludovico,
como um desmentido formal aos
que duvidavam e duvidam do va-
lor do homem tropical. Goiânia é,
inegavelmente, uma das mais sé-
rias objeções às pretensões arianis-
tas de superioridade. Uma respos-
ta máscula, verdadeiramente es-
partana, do “homo brasiliense” às
profecias dos Buckle. Goiânia des-
moralizou todos os Lapouge e Go-
bineau.

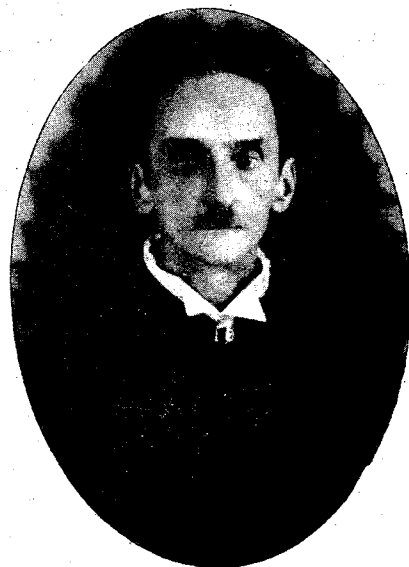
“MENINA DOS OLHOS” DO I. B. G. E.

Se, pois, é Goiânia, *subjetiva-
mente*, um fato intelectual e vo-
litivo de alto quilate, é ela, *objeti-
vamente*, um fato político a bali-
sar os caminhos naturais de nossa
grandeza. E, sim, a jovem capital,
uma como que miniatura do Brasil
autêntico e forte, na plena posse
de si mesmo e em marcha para um
glorioso destino. Porque em Goiâ-
nia se identificam norte e sul, li-
toral e sertão; é, ela, uma base na-
tural, sôbre que se estruturar a na-
cionalidade, eis que, pela sua posi-
ção, a mais apta de nossas cidades
a reduzir as nossas diferenciações
étnicas e sociais. Goiânia — diria
Acácio — é bem o cadinho favorá-
vel à precipitação de todos os gru-
pos nacionais, para a combinação
do grupo nacional do futuro. Fir-
ma-se, assim, a nova cidade, como
a estrada mais ampla a seguirmos
para a nossa auto conquista: —
“Goiânia — diz Cristovão Leite de
Castro — é uma lição proveitosa e
educativa. Mostra à geração atual
de brasileiros, pelo que é, em ex-
pressão social e política, pela in-
fluência que está exercendo no po-
voamento e no fomento econômico,
e pelo que será, como contribui-
ção à organização nacional, mostra
o caminho que cumpre seguir na
solução do nosso problema de ocu-
pação do nosso patrimônio territo-
rial”.

Todos conhecem o brasileiríssimo
plano de Teixeira de Freitas, rela-
tivo à redistribuição política do
Brasil, projetado com o intuito de
maior unificação nacional. Trata-
se de um trabalho patriótico e me-
ditado, em que se contém uma ne-
cessidade hoje sentida por quan-
tos se preocupam com o amanhã
nacional. Trabalho carecedor de
reparos, sem dúvida; porém quase
perfeito em seu conjunto e, pelo
alto sentido que encerra, digno de
tôda a atenção. Pois Goiânia, “me-
nina dos olhos do I. B. G. E.”, é
como o proclamam os ibegeanos, a
demonstração prática daquela te-
se, donde o seu acentuado cunho
nacionalista, que o sr. João de
Lourenço repisa, nessas palavras
criteriosas: — “Descortinando pa-
ra o norte as redes fluviais que se
espraíam no majestoso vale ama-
zônico e, para o sul, o dorso enca-
choeirado da vertente platina; as-
sistindo a oeste o desbravamento
ferroviário de Mato-Grosso, uní-
sono com o espetáculo entreaberto,
a leste, da grande siderúrgia bra-
sileira, a nova capital é bem o co-
ração da pátria agitado pela en-
ergia da unidade nacional”.

BANDEIRISMO ESTATAL

A Constituição de 1891, cópia
servil de constituições estrangei-
ras, não foi — nunca é demais fri-
zar — uma lei em correspondência
natural com as necessidades brasi-



Desembargador Augusto Rios

leiras. Consequentemente, o Bra-
sil liberal, que ela informou, foi
um Brasil fictício. O Brasil demo-
liberal era um Brasil “made in
Europa” ou nos Estados Unidos.
Vivemos, de 1889 a 1937, em condi-
ção de minoridade política, tute-
lados pelas idéias do norte e de
além-mar. O Brasil no original,
êste estava fora da “ordem” libe-
ral. Tão fora da “ordem” que,
quando resolvia agir — como em
922 e 924 — ia para o xadrez. Mas
era um Brasil forte, o Brasil que
permanecia irrevelado, e que ain-
da haveria de romper as malhas do
liberalismo e impor-se, autêntico e
soberano, frente às demais nações.

A salvação estava na conquista
do Brasil pelo Brasil. Ou a con-
seguiríamos ou nos aniquilaria-
mos. E vencemos: com o Estado
Nacional, através do qual o Bra-
sil, divorciando-se das ilusões do
romantismo político demo-liberal,
passou a olhar para si mesmo,
compreendeu-se e se vai, por isso,
edificando de modo próprio, na-
cional, brasileiro.

A Nação Brasileira, pelo Estado
Nacional, se descobriu. E porque se
descobriu iniciou a caminhada pa-
ra oeste, marcha em que se exprime
um instinto de legítima defé-
za nacional, em que se manifesta a
nossa vontade de domínio, em que
se espelha a nossa ânsia de sobre-
vivência. Pois êsse espírito autên-
tico do Brasil, êsse “impulso visan-
do o domínio completo do patri-
mônio que nos legou o espírito
bandeirante; — escreve o embaixa-
dor J. C. Macedo Soares — en-
controu em Goiânia a sua primeira
e vitoriosa etapa”.

GOIÂNIA: BOTA DO BRASIL BANDEIRANTE DE GETÚLIO VARGAS

De 1889, e até 1930, o Brasil, defor-
mado culturalmente por quarenta

anos de demo-liberalismo, era um "Brasil-Imitação". Um Brasil de belas leis e de tristes realidades, como tantas vezes já se disse. Um Brasil todo ouro e turbante por fora, e, por dentro, mulambo só...

Em 1933, no entanto, triunfante a Revolução, oriunda de ansios profundos da nacionalidade que se procurava a si mesma, atigimos a um estado preparatório de autentificação, as forças nacionais em efervescência, à procura de uma direção que veio, afinal, clara e firme, com o Estado Nacional, em que o Brasil se achou definitivamente.

O Estado Nacional é, dessa maneira, o resultado lógico, a consequência necessária da Revolução — que já o continha, em embrião — e daí o ter dito D. Aquino Correia ser Goiânia a "flor miraculosa do Estado Novo, que nela tem hoje um monumento de sua política de realizações".

Efetivamente: se não fosse a Revolução, Goiânia não passaria, ainda hoje, de um sonho de visionário. Por outro lado, Goiânia é, no momento, um dos argumentos mais sérios que o Estado Nacional tem para opor aos leguleios em férias.

O bandeirismo, movimento ímpar no mundo, das dimensões históricas das Cruzadas e das migrações dos bárbaros, como alguém já lembrou, é um movimento tipicamente brasileiro. Um movimento de mestiço. Traduzido em termos doutrinaários, poderia encontrar sua melhor expressão na fórmula: o Brasil para os brasileiros, — fórmula, aliás, em que se sintetiza toda a nova política nacional. De fato: o bandeirismo *horizontal* dos "capitães do mato" revive, atualmente, no bandeirismo *vertical* do Estado Brasileiro. Este quer encher de civilização os espaços que aquele garantiu à Nação. Sobre a área geográfica dominada pelas bandeiras vai a nova política erguendo uma civilização original. A mesma vontade de domínio que moveu os Raposo Tavares, os Borba Gato e os Anhanguera em suas trajetórias, move agora o Estado Nacional, que se aproveita das riquezas que eles descobriram para cobrir os espaços que eles desbravaram de realizações úteis e permanentes. Ao domínio físico, conseguido pelos antigos, se tenta acrescentar o domínio *cultural* da Nação. E Goiânia, compreendeu o sr. Raul Lima, é "um capítulo novo e surpreendente nesta fase nova de bandeirismo que o Brasil empreende para assegurar ao seu espaço vital a mesma latitude do seu espaço cívico"; foi criada, viu o sr. José Martins Rodrigues, secretário da Fazenda do Ceará, justamente "para nuclear o desenvolvimento de uma civilização, para reatar as tradições do Brasil do

passado, restabelecendo aqui o fenômeno do bandeirismo", razão por que Pierre Monbeig lembrou que a primeira mensagem enviada de Goiânia aos poderes federais deveria ter sido redigida assim: "Bandeirismo não morreu".

No Império, havia uma *ordem nacional*: a de que Caixias é bem um símbolo. O Império era, pois bandeirante, no sentido de que era, politicamente, brasileiro. Depois, veio a República liberal, e com ela a despersonalização do Brasil. Quebrou-se a nossa unidade. Atomizou-se o organismo político nacional. O Brasil, liberalizando-se, artificializou-se. Passamos, então, a viver num mundo alheio às nossas realidades. O *litoral* foi, na velha República, a atração suprema. Em todos os sentidos, inclusive tomado como sinônimo de *extrangeirismo*. Paris ditava moda às nossas mulheres e rumos literários aos nossos escritores. Londres e Washington ditavam normas políticas e trajes aos nossos homens. Depois, veio Moscou. Depois, Roma. E assim por diante. E o Brasil se ia desfazendo. E o processo de decomposição nacional só não completou o seu ciclo porque surgiu o Estado Nacional, e, com ele, o Brasil retornou o fio de suas tradições, reatando o jornadeio bandeirante. Por isso, e porque Goiânia é a expressão maior desse movimento nacional de auto-conquista, podemos repetir, "bombásticamente", que a nova capital de Goiás é como que a bota política do Brasil Bandeirante de Getúlio Vargas.

UMA FIGURA QUE JÁ GANHOU A IMORTALIDADE

Finalizando, a conclusão se impõe: sinal de brasilidade; revelação da capacidade civilizatória do homem tropical: obra da inteligência e da vontade, que se fizeram valer contra forças diversas, inclusive forças econômicas, — Goiânia é, consequentemente, um desmentido ao marxismo (em cujo determinismo se não poderia compreender-la, visto que ela é *idéia* que se proporiçificou num *fato* e não um produto *fatal* das leis evolucionistas normais), — e aos nazistas (cujo racismo não aceitaria fosse ela, realização humana tão admirável, possível a indivíduos de "raça inferior"), — sendo, ainda, uma negação formal do liberalismo naturalista, que jamais poderia admitir tão violenta ruptura com a ordem "natural" das coisas. E por tudo isso o seu idealizador e realizador, Pedro Ludovico Teixeira, é, como o proclamou o ilustre general Emílio Sousa Dóca, uma "figura que já passou à imortalidade".

TRABALHOS CONSULTADOS

Nicolau Berdiaeff: "O Cristianismo e o Problema do Comunis-

mo" — trad. esp. de Maria de Cardona — Espasa Calpe Argentina, S. A. — Buenos Aires — 1943.

Getúlio Vargas: "A Nova Política do Brasil" — Liv. José Olímpio — Rio.

Pedro Ludovico Teixeira: Relatório apresentado ao Governo Provisório, em 1933.

Paulo Augusto de Figueiredo: "O Estado Nacional, Goiânia e a Redivisão Política do Brasil" (conferência pronunciada no Instituto Nacional de Ciência Política, em Novembro de 1943, e publicada nas revistas "Ciência Política" (Dezembro de 1943) e "Cultura Política" (Fevereiro de 1944); "Variações em torno de Goiânia", in. "Oeste", Goiânia, Julho, 1943; "Outras Goiânias virão", in. "Alterosas", de Belo-Horizonte e "A Manhã" do Rio; "Tambem os homens fazem história", in. "A Manhã" do Rio, e "O Diário", de Belo-Horizonte; entrevistas concedidas a "Manhã"; "Goiânia vista por Pierre Monbeig", in. "O Triângulo", de Uberaba, o "Correio Oficial, de Goiânia, e "A Manhã", do Rio.

Mário Augusto Teixeira de Freitas: "A Redivisão Política do Brasil", in revista "Geografia e Educação", Rio, 1942, e discursos pronunciados em Goiânia, durante a inauguração oficial da cidade.

D. Aquino Correia: Oração Congratulatória, proferida por ocasião dos festejos da inauguração oficial de Goiânia.

Cristovão Leite de Castro: Palestra lida ao microfone da Rádio Difusora da Prefeitura do Distrito Federal e conferência feita no "Jockey Club" de Goiânia.

José Carlos de Macedo Soares: Mensagem, in "Revista Brasileira de Estatística", nº 11-1942 — Rio.

Pierre Monbeig: "Ensaio de Geografia Humana Brasileira" — Livraria Martins — São-Paulo, Brasil, — 1940.

F. J. Oliveira Viana: "Os Novos Territórios Nacionais", in "A Manhã", Rio.

João de Lourenço: Discurso proferido em Goiânia, quando da inauguração oficial da cidade.

José Martins Rodrigues: Discurso proferido em Goiânia, quando da inauguração oficial da cidade.

Raul Lima: Discurso proferido em Goiânia, quando da inauguração oficial da cidade.

Instituímos, em verdade, um regime essencialmente democrático, porque não se baseia a sua responsabilidade num sistema de indicações e artificialismos, e sim na colaboração direta do povo, através das suas forças econômicas e das suas organizações de produção e de trabalho — GETÚLIO VARGAS

GOIÂNIA

MARILDA PALÍNIA

A Serra Dourada
— crocodilo azul —
dorme na fimbria do horizonte.
“Luares brancos, albrantes,
luares alvinitentes” . . .
choram violões
dolentes.

E' a serenata
que passa.
O MENINO sonha à janela
Olha a lua,
“camélia que flutua
no azul” do céu goiano
macio e imenso.

Olha o rio Vermelho
que escorrega
soluçando baixinho.
Olha as ruas estreitas,
desertas,
quietas . . .
Tudo tão triste!

Ah! diz o menino, quem me dera a lâmpada de Aladim!

Se eu a tivesse,
teria também o jardim encantado,
com seus frutos dourados
e a princesa formosa
porque,
à minha voz,
da noite para o dia,
surgiria

na vastidão desolada e nua do deserto
uma cidade fervilhante de vida,
palpitante de alegria:

— A MINHA CIDADE! . . .

Calou-se a serenata.
Dorme a cidade,
pequenina e branca,
aprisionada entre morros,
encharcada de luar.

E o MENINO sonha . . .

Dias,
meses,
anos,
trabalhos,
lutas,
desenganos,
e a vida,
feroz,
cruel,
como o dragão das histórias de fadas,
ferindo,
matando,
despedaçando,
engulindo
os fracos
e os covardes.
A cidade pequenina e triste ficou longe, lá longe,
escondida atrás do crocodilo azul.
E o menino que sonhava também ficou lá longe,
escondido no seu passado
cheio de histórias fantásticas,
histórias impossíveis
com princesas e gênios,
anéis mágicos
e lâmpadas de Aladim
inatingíveis.
Mas o Destino



Marilda Palínia, pseu-
dônimo da nossa apre-
ciada colaboradora da
Maria Paula de Fieu-
rí Godói.



— outro Aladim —
um dia

pôs nas mãos do menino de ontem,
mãos de HOMEM que sabe querer e sabe vencer,
a lâmpada mágica.

E o HOMEM viu:

A cidade moderna
levantada em pleno sertão.
surgindo miraculosamente
na moldura crespada da mata
com seu Palácio das Esmeraldas
e sua verde guarda de buritis
murmurejantes;
e sua catedral
de sinos leves de cristal;
suas igrejinhas novas e brancas;
seus palacetes elegantes;
seus bangalôs
côr de ocre,
côr de briques,
cobalto e gris . . .
Cidade do Futuro,
que desperta com a alvorada estridente
de gorgeios, de sinos e de apitos,
e com o ronco rouco dos aviões
— grandes libélulas de asas prateadas —
riscando o setim novo do céu
em curvas alucinantes.
Cidade cheia de autos e caminhões,
de bicicletas e motocicletas,
com campainhas e businas,
andaimas e operários,
cheia de rumor e de gente apressada,
que não tem tempo para perdêr.
Cidade também do Sonho:
na paz noturna
dorme a Santa Casa
e a Casa da Criança.
E o Grande Hotel,
o Cine-Teatro
e o Automóvel Clube
são caixas luminosas,
guardando a alegria sonora e ardente
da mocidade que se diverte.
E na paz noturna,
as jardineiras e os ônibus,
— grandes lagartas fosforescentes —
lanternas chinesas da Ilusão,
passam . . . passam . . .
tornam a passar,
correndo,
fugindo,

desaparecendo
entre os colares brilhantes
dos focos elétricos da iluminação.

QUEM de nós te verá?
Goiânia de amanhã,
metrópole famosa
com parques e arranha-céus,
usinas e fábricas
de altas chaminés fumegantes
toldando o firmamento;
com palacetes e jardins,
riquezas e glória,
gente forte e feliz.
QUEM de nós te verá?

UM de nós te verá.
UM de nós ficará
perpetuamente
no coração de tua gente.
E' o MENINO de ontem contando esta história sen-
[sacional
com o seu ritornelo de vitória:
"Minha vontade
— lâmpada de Aladim —
levantou no sertão a cidade maravilhosa
que eu dei à minha terra
— GOIAZ —
minha princesa indígena e formosa,
a mais formosa do Brasil!"



Desembargador Ovidio Nogueira

gras, facilidade de pronúncia, morfológia e resultante compreensão! Contudo, não estavam as lições isentas de eivas.

Não havendo tipos especiais como, por exemplo, consoantes com acento circunflexo, não poderia o prelo da redação produzir uma cousa perfeita.

Todavia já era uma grande vantagem e a criação da língua constituía, por si, um grande passo na senda do progresso da civilização internacional.

Aprendi o que estava no almanaque; adquiri, depois, um manual com um pequeno vocabulário e tratei do treino.

Não tendo interlocutor, conversava comigo mesmo.

Era um verdadeiro monomaniaco. Com o correr do tempo, as lutas pela vida e as vicissitudes vieram arrefecer-me o fervor, até quase extinguir a centelha do meu entusiasmo.

Digo "quase", porque esta não se extinguiu. De uns poucos anos a esta parte, vem-me renascendo no espírito a idéa de uma propaganda esperantista neste Estado.

Tendo-me inscrito numa sociedade, recebi algumas revistas em Esperanto e adquiri livros.

Finalmente, com o incentivo do dr. Teixeira de Freitas, reacendeuse em mim o entusiasmo e resolvi encetar uma ardente propaganda da bela língua de Zamenhoff, prontificando-me, mesmo, a dar aulas, se encontrar adeptos e se obtiver o esperado acolhimento do Governo do Estado e das sociedades cultas desta Capital, entre elas, a Revista "Oeste", a Rádio-Clube de Goiânia, "O Popular" e a "Fôlha de Goiaz", proponho-me incentivar o cultivo do Esperanto, não só aqui, mas também no interior do Estado.

Também espero encontrar o apoio e até o auxílio do dr. Teixeira de Freitas e de algumas sociedades esperantistas do Brasil.

Futuramente, segundo li algures, as irradiações internacionais e o cinema serão falados em Esperanto. No rádio, haverá a vantagem da facilidade do intercâmbio cultural, comercial e noticioso entre os povos; e no cinema, dispensar-nos-á de ler as fastidiosas legendas, tornando-nos



Desembargador Clóvis Esselin

possível observar melhor as cenas dos filmes, e facilitando aos "fans" apreciar os sorrisos das belas estrelas.

Kiam ni havos tiu plezuron?

PELA violência e pela força nada se resolve: a não ser a destruição dos próprios métodos de força e violência. Debalde invocaremos a justificativa da lei biológica da luta pela vida e do triunfo do mais forte, que impera em todo o mundo animal: pois no dia em que colocássemos nesse plano os problemas humanos, tudo que é cultura e civilização teria deixado de ter sentido. O que enobrece o homem, na sua experiência de milênios, é o perene esforço para superar-se a si mesmo, para disciplinar os seus instintos egoísticos, para equilibrar os seus interesses com os dos seus semelhantes, para edificar sistemas de coexistência onde haja harmonia e equilíbrio das necessidades comuns. Só onde houver essa harmonia e esse equilíbrio haverá verdadeira democracia. Para esse objetivo se orienta a nova política do Brasil — ALMIR DE ANDRADE.

O Esperanto

RAIMUNDO MOREIRA DOS SANTOS

Desde criança, sempre nutri pronunciado pendor para as línguas, não digo, propriamente, estrangeiras, mas estranhas.

Não fazia questão que fosse dessa ou daquela nação, ou neutra; viva, morta ou extinta, contanto que pudesse eu conversar com alguém sem sermos compreendidos pelos circunstantes.

Era esse o meu ideal. Por isso, dediquei-me ao estudo do francês e do latim mas pouco consegui, por falta de recursos para mantê-lo.

Além disso, o meio não me permitia: meu ideal não encontrava eco. Não havia com quem confabular.

Um belo dia, eis que me entra pelo lar um "ALMANACH DO BRASIL" trazendo alguns rudimentos de Esperanto acompanhados de um ligeiro histórico sobre a então nova língua universal, criada por Luiz Lázaro Zamenhoff, extraída a base radical de diversas línguas indo-germano-latinas.

Ah! . . . Foi um céu aberto comigo dentro!

Exultei. Que simplicidade de re-

“OESTE”

O dia de Goiânia é, também o Dia de “Oeste”. Foi a 5 de Julho de 1942 que apareceu o primeiro número da revista, e como, justamente, uma contribuição dos intelectuais de Goiás aos festejos de inauguração da nova capital. No cofre em que se guardaram os documentos alusivos à efeméride, jaz um exemplar de “Oeste”.

Surgiu “Oeste”, naquela edição única de sua primeira fase, com um caráter exclusivamente literário, como convinha na ocasião.

Interrompida a sua circulação, a-fim-de se proceder à sua regularização, perante as leis que dispõem sobre a matéria, só voltou ela, novamente, à publicidade, em março de 1943, já agora com nova direção e com uma feição não mais apenas literária, porém político-cultural, como exigia o momento. De então para cá, não mais mudou de orientação, buscando, principalmente, com a sua atual direção, sincronizar o seu espírito com o espírito do século.

Fruto do idealismo sadio de alguns moços, forçoso é reconhecer, no entanto, que “Oeste”, só existe porque teve a ampará-la a mão forte de Pedro Ludovico — seu fundador honorário. O sr. Interventor, em sua política integral, não esqueceu que só pelo cultivo do espírito os homens se aperfeiçoam e se humanizam, dando, por isso, todo apoio material e moral à revista.

Que “OESTE”, venceu, não se discute. Atestam-no as opiniões insuspeitas e inapeláveis de eminentes vultos de nossa Pátria — um Viriato Vargas, um Teixeira de Freitas, um Abgar Renault, um Menelick de Carvalho, entre inúmeros outros. Homens de tal categoria fazem coro com uma quantidade enorme de brilhantes intelectuais, considerando OESTE como um dos melhores magazines culturais que se editam atualmente no país. Podemos, assim, sem falsa modéstia, dizer que “OESTE” está fazendo, do melhor modo possível, e sem dúvida vitoriosamente, a marcha cultural do Oeste.

Tropeços, tem-nos tido a revista, em seu caminho. Combatem-na os ignorantes, os despeitados, os invejosos. Sobretudo os que um nosso companheiro qualificou, com mordacidade, de indivíduos que “morreram no tempo”. Como em política, também nas letras, nas ciências e nas artes existem aqueles que ficaram parados lá no passado já morto. São os fazedores de acrósticos, os literatinhos das torres de marfim; os que ainda dizem que a terra é quadrada; os que ainda gostam de avião; os que pensam que ser culto é “perpetrar” versinhos assucarados e contos idiotas para sinhas românticas; os que ainda pensam que política é

aquilo que havia aqui em Goiás, antes de 1930. . . .

Não só, porém, essas “almas do outro mundo” estão contra “OESTE”. Outros, mais: uns porque suas colaboraçõezinhas, muito fraquinhas, coitadinhas, foram rejeitadas, apesar de todo o nosso desejo de não desiludir a ninguém; outros porque, negativistas, rãda toleram de construtivo; outros mais, porque, leguleios em férias, ou “comunistas de tripas capitalistas”, (como classificou Ary Maurell Lobo, dos mais ilustres oficiais do glorioso Exército Nacional, a certos “vermelhos” de leitura baratas e cabotinismo enorme) se “danam” todos pelo fato de “OESTE” estar divulgando as grandes realizações que Getúlio Vargas está fazendo no Brasil e Pedro Ludovico em Goiás; outros, ainda, porque nutrem antipatia, motivada ou gratuita, por este ou aquele dos dirigentes da revista; outros, afinal, porque é de sua natureza o falar de tudo e de todos.

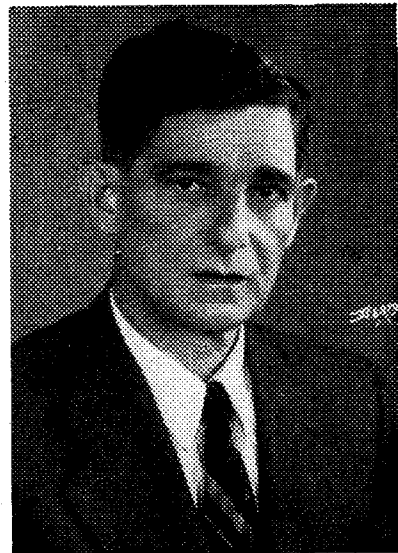
Contudo, somados, multiplicados e bem pesados os inimigos de “OESTE”, não representam, eles, mais do que meia duzia de “gatos pingados” (ou escaldados . . .), que não valem dez réis de melcuado . . . Os homens verdadeiramente cultos e verdadeiramente inteligentes de Goiás, estes, como os de fora do Estado, jamais nos regateiam aplausos e apoio.

Só isso? — Não. Vencemos, sim; mas não dormimos sobre os louros conquistados. Queiram ou não aqueles que *adoecem* gravemente à saída de cada número de “OESTE”, havemos de fazer desta revista, a mais e mais, um órgão à altura de contribuir, eficientemente, para a edificação de nossa cultura em termos concientes. Goiás, sob a administração ímpar de Pedro Ludovico Teixeira, hoje nome nacional, está caminhando para um grandioso futuro. O que temos feito, e continuaremos a fazer, é simplesmente isso: ajudar, com o nosso esforço, o nosso estudo, a nossa coragem e a nossa boa vontade, o grande estadista a levar para adiante a sua obra inigualável. Recebemos, de braços abertos, como sempre o fizemos, aqueles que conosco queiram colaborar. E os que estiverem contra nós? Que fiquem onde estão e como estão: em sua insignificância e . . . falando sózinhos . . .

É isso o que nos ocorreu dizer, nesta lembrança do dia em que nasceu “OESTE”. Daremos, a seguir, alguns dados sobre a história e a vida da revista.

FUNDADORES

“OESTE”, como dissemos, apa-



Cap. Gabriel Anconi

Gerente de “OESTE”, Diretor da Divisão Técnica da Imprensa Oficial e Presidente do Tiro de Guerra 323.

receu dia 5 de Julho de 1942. Seus fundadores, foram, também, os seus primeiros dirigentes. No seu único número da primeira fase, sua chefia estava assim distribuída: Diretor: Zechi Abrahão; Redatores: Bernardo Élis, Garibaldi Teixeira, Hélio de Araújo Lobo, José Décio Filho e Paulo Augusto de Figueiredo. Fundador honorário: Interventor Pedro Ludovico.

NOVA FASE

Voltando a circular, novamente, em março de 1943, “OESTE”, apresentava: como Diretor Gerson Castro Costa; como Redatores: Bernardo Élis, Frederico Medeiros, Hélio Lobo, José Décio Filho, Paulo Augusto de Figueiredo e Zechi Abrahão; como Secretários: J. B. Felix de Sousa, de nomeação do Interventor, e Carlos de Faria, designado pelo Diretor; Gerente: Gabriel Anconi.

DIREÇÃO ATUAL

De março do corrente ano para cá, desejando adaptar a revista aos tempos graves que estamos vivendo, deu-lhe o Interventor nova direção: Vasco dos Reis Gonçalves, Diretor; Conselho de Censura: Antônio Juruena Di Guimarães, Odorico Costa e Paulo Augusto de Figueiredo; Gerente: Gabriel Anconi.

COLABORADORES

Até o número 16, de maio deste ano, escreveram artigos especiais para “OESTE” os seguintes colaboradores, por ordem alfabética:

Abrahão, Zechi; Accioli, João; Afonseca, José; Almeida, Guilherme Xavier de; Almeida, Nelly Al-



Dr. José Ludovico de Almeida
Diretor da Fazenda Estadual

ves de; Almeida, Vitor Coelho de; Anjos, Ciro dos; Araújo, Lupicínio; Artiaga, Zoroastro; Barros, Moacir Vieira de; Betancourt, José; Bezerra, Epifânio; Borges, José Crispim; Brasiliense, Eli; Brito, Francisco de; Camargos, Mozart Smith de; Campos, José; Campos, Jovelino de; Castro, Alfredo de; Castro, Derval; Castro, Firmo Gomes de; Costa, Gerson; Costa, Odorico; Cordeiro, Cristiano; Couto, Goia de; Cristino, Demóstenes; Couto, Luiz do; Curado, Nita Fleuri; Daher, Erésio; Décio, José; Elis, Bernardo; Faria, Carlos de; Figueiredo, Mário Augusto de; Figueiredo, Paulo Augusto de; Filho, José Décio; Filho, Pedro Celestino; Filho, Xenofonte; Fleuri, Rosarita; Fonseca, Luiz Gonzaga da; Freiras, Mário Augusto Teixeira de; Fleuri, Agnelo Arlington; Guimarães, Antônio Juruena Di; Godói, Albatênio de; Góes, Alvaro de Campos; Gonçalves, Vasco dos Reis; Gonzaga, Henrique Goulart; Gonçalves, Romulo; Herminio, Celso; Helena, Vitória; Horta, Anderson; Horta, Maria Braga; Jaime, Jaime; Gonzaga; Júnior, Xavier; Lane, Frederico; Lima, Irom Rocha; Lima, Juruema da Rocha; Lobo, Hélio de Araújo; Lupus, J.; Lynce, Léo; Medeiros Frederico; Mendes, Floraci Artiaga; Merheb, Hélio Faria; Monteiro, Nice, Monteiro, Ofélia Sócrates do Nascimento; Moura, Emílio; Moreira, R.; Morbach, A. Bastos; Neddermeyer, José Amaral; Neto, F. Pimenta; Neto, Veiga; Oliveira, João Viana de; Omá, Emir; Palínia, Marilda; Paulistano, Luiz; Pereira, José da Costa; Pereira, Durval; Prado, Pitanga de; Ramos, Vitor

de Carvalho; Rios, Augusto; Rocha, B.; Ribeiro, José de Faria; Rodrigues, José Lopes; Rosa, Osvaldo; Rua, José da; Salomão, Jorge; Santos, Marth; Santos, Omar; Silva, Genezi de Castro e; Santana, M. Leite de; Silva, Colemar Natal e; Soares, Jaime; Sobrinho, Frauzino; Sousa, Afonso Felix de; Sousa, Domingos Felix de; Sousa, Coronel Marco Antônio Felix de; Sousa, José Bernardo Felix de; Sousa, Vicente Umbelino de; Teixeira, Amália Hermano; Teixeira, Antônio Leão; Teixeira, Maximiano da Ma'a; Teixeira, Interventor Pedro Ludovico; Tondella, Gabriel; Vargas, Viriato Dornelles; Vasconcelos, José A.; Wasik, Padre Antônio. TOTAL: 113 colaboradores.

Não estão incluídos na lista os autores de obras transcritas.

ESTATÍSTICA

A'é o mês de maio de 1944:

Edições publicadas	16
Artigos diversos, assinados . .	183
Editoriais	141
Pensamentos políticos	135
Poemas:	121
Contos:	58
Curiosidades históricas: . .	27
Pensamentos diversos:	12
Transcrições:	11
Discursos — (publicados em primeira mão):	10
Cartas de interesse da revista..	7
Entrevistas originais:	5
Mensagens:	4
Total das publicações feitas, nos 16 números	714

14 DE JULHO

A queda da Bastilha, naquele dia 14 de julho tumultuoso, em que o povo de Paris, mordido de fome, procurava alguma cousa com que responsabilizar os seus sofrimentos e os seus males, possui um significado que, cada dia, se renova. Depois de ter tido um sentido profundamente democrático, essa data pode e deve ser encarada como uma afirmação de um direito soberano dos povos: de escolher os seus dirigentes e a forma de seu governo, de edificá-lo ao sabor das suas tendências, de acôrdo com a sua formação e conforme com os seus rumos naturais de evolução.

A famosa prisão de Estado, situada no bairro de Santo Antônio, naquela época, era o mais evidente símbolo do absolutismo. Era uma prisão a que se recolhiam os elementos da nobreza. Era um símbolo de governo. Da realza.



Sr. Antônio de Queiroz Barreto
Chefe de Polícia

A queda da Bastilha, contra a qual se concentrou toda a fúria das multidões, foi o início de uma era revolucionária que, extravasando além das fronteiras da França, esparramou-se por todo o mundo. De um simples acontecimento rebelião, de uma manifestação de povo faminto, a queda da Bastilha adquiriu extensão universal. Ficou assinalada, no calendário de todos os povos cultos, como a data das lutas contra a opressão, das lutas em favor da liberdade, como a data do advento dos direitos do homem à felicidade.

E' com esse espírito, com essa essência libertária que vale a comemoração do 14 de julho, nestes dias tão tristes e tão presagos em que vamos vivendo. Como comemoração de uma data de protestos contra todas as formas de opressão do homem que nasceu livre e nasceu para ser feliz, e que, no mundo de amanhã, há de encontrar um sistema político verdadeiramente democrático, que lhe garanta, de fato, os direitos que a Revolução Francesa só teoricamente lhe reconheceu.

Estado Nacional corporifica, portanto, vontade e idéias que se impõem e se afirmam, dispostas a lutar, em qualquer terreno, contra todos os fatores de dissolução e enfraquecimento da Pátria — extremismo, comodismos e sabotagem — GÉTÚLIO VARGAS.

A DESCOBERTA DAS MINAS DE GOIAZ

ODORICO COSTA

A história do desbravamento do Brasil é um vastíssimo estendal de dor e de sofrimentos.

Por onde passaram esses homens rudes, vestidos de couro, de amplos chapêlões de feltro, foram deixando estrias de sua pele grossa e fibras de sua carne. Cada pedaço de chão por eles conquistado foi fartamente ensopado de sangue.

Em cada morro em que se socavou a terra, à procura de metais sedutores, ou em cada curso d'água, em que se revirou a areia ou em que se lavou o cascalho, à procura de pedrarias reluzentes, os desbravadores foram deixando trágicos sinais de sua passagem: os caminhos ensanguentados e uma grande sementeira de corpos de lutadores vencidos, dos lutadores abatidos pelos sofrimentos inauditos.

No dorso das águas sujas, nos areiros dos rios misteriosos, na direção das minas de Cuiabá; nos alcantifis bárbaros das montanhas mineiras, por onde esses homens transitaram, foram escrevendo uma página lancinante. Há dôr em demasia na jornada aventureira do desbravamento do Brasil, nos capítulos iniciais de nossa história.

Quando as minas de Cuiabá referiam, quando as Gerais alucinavam, Bartolomeu Bueno da Silva estava afazendado entre Paraopéba e Pará. "Estava pobre, tão pobre como nunca e com nove filhas por casar" e sobretudo, estava farto das pesquisas inúteis na terra sáfara. Os chãos escavaçados não respondiam ao seu apêlo, não se abriam em metais e pedrarias.

Cheio de prevenções contra os reinóis, açoutado pela pobreza, mordido de ambição, Bartolomeu Bueno, certo dia, deliberou escrever ao rei, propondo-lhe meter-se pelo sertão, "à procura do que havia visto no sertão da Parahypeva, quando nêle esteve com seu pai". Nessa carta seguiam duas outras assinaturas: de seus genros João Leite da Silva Ortiz, afazendado em Curral Del Rei, onde, hoje, se situa a cidade de Belo Horizonte, e Domingos Rodrigues do Prado, em Pequi, nas Gerais.

Nessa carta, Bartolomeu Bueno frizava que necessitava da licença régia e de patentes para que, "no caso de deparar jazidas, não deixariam os forasteiros de invadí-las sem nenhum freio de autoridade legítima, igual tumulto ao das minas Gerais: o que poderia evitar investido

dos poderes e das regalias prometidas em alvarás".

Don João V que, no meio dos seus esbrazamentos místicos, delirava no mundo de riquezas que o Brasil para Portugal remetia, escreveu ao capitão-general de São Paulo, atribuindo-lhe o encargo de verificar a idoneidade do proponente, seus recursos financeiros e, afinal, acoroçoá-lo na iniciativa.

Don Rodrigo Cesar de Menezes chegou, mesmo, a promover inquérito parcial, procurando saber se Bueno e seus genros "tinham capacidade para o empreendimento."

Os resultados desse inquérito foram favoráveis ao paulista. A 12 de setembro de 1721, dom Rodrigo escrevia ao rei, com as mais pormenorizadas informações a respeito dos proponentes e, em certo ponto dessa carta dizia que, "no caso que o descobrimento que esses homens fizerem seja de grande utilidade à Fazenda Real de V.M., lhes deve conceder algumas mercês, principalmente o hábito de Cristo, que esta gente é tão vaidosa que só se lembra da honra e despreza a conveniência".

Bartolomeu Bueno transportou-se para São Paulo, logo que recebeu os chamados do capitão-general, cuidando, aceleradamente, de organizar a bandeira. João Leite da Silva Ortiz "vendeu tudo quanto tinha em Curral d'El Rei, suas grandes propriedades, dando, mesmo, por um o que valia dez e veio, ao lado do sogro, tomar parte nêsses preparativos.

Êstes, afinal, se concluíram. A 30 de Junho de 1722, dom Rodrigo organizou o regimento pela qual a bandeira se deveria nortear, recomendando ao descobridor "fé em Deus, bom tratamento aos capelões" e prescrevendo outras medidas destinadas ao bom exito do empreendimento.

Antes da partida, deliberou-se que a bandeira seria representada, em São Paulo, por Bartolomeu Pais de Abreu, irmão de João Leite da Silva Ortiz, "seu sócio e seu procurador, para requerer por ela o que fosse conveniente e de lhe enviar para o sertão o que fosse necessário."

No dia 3 de junho de 1722, a bandeira largou de São Paulo. Como foi essa partida, não o dizem as crônicas. Presume-se, todavia, que essa partida foi no meio da solenidade bulhenta costumeira. Depois da missa, entre estrondos de pederneiras, de alaridos, de estampidos de ronqueiras,



Sr. Odorico Costa,
Diretor da Imprensa Oficial e Redator de "Oeste"

de gritos, de abraços comovidos, de despedidas amorosas, de amoráveis votos de felicidades e de regresso victorioso.

E a bandeira partiu. Na frente dela, Bartolomeu Bueno, seguido de Frei Luiz de Santana e de Frei Antônio Conceição, religiosos bentos; de Frei Cosme de Santo André, da ordem de São Francisco. Depois, os mesnadeiros Manoel Pereira Calhamares, Francisco de Carvalho Lordelo, Alferes José Peixoto da Silva Braga, Estevam Mascate Francéz, João da Mata, José Alves, Manoel de Oliveira Paulista, Urbano do Couto Menezes, numerosos outros, de Portugal, da Baía e de São Paulo, escravos e indios. E em pouco a tropa rumorosa perdeu-se em uma nuvem de poeira, na estrada de Mogí.

Em pleno sertão, o alferes José Peixoto da Silva Braga, com seis companheiros, alguns escravos e alguns indios, abandona a bandeira.

"Ouvindo dizer que nos ficava perto o rio Maranhão, diz êle, me resolví a deixar a bandeira e rodar rio abaixo, buscando alguma terra já povoada, para não perecer a fome e sede no meio daqueles matos." Depois de uma viagem fluvial espantosa de sofrimentos, realizada durante quatro meses e onze dias, Silva Braga e seus companheiros vão surgir, reduzidos à mais negra mi-



Desemb. Eládio Amorim

Vice-Presidente do Trib. de Apelação

séria, em uma redução dos religiosos da Companhia de Jesús, nos sertões meridionais da capitania do Grão-Pará.

Doze anos depois, em Passagem das Congonhas, nas Minas Gerais, o militar português escreveu a história dessa bandeira que revelou os tesouros da terra goiana ao mundo. Esse documento, embora escrito sob o evidente império do ódio e do rancor, tanto Silva Braga demonstra detestar cordialmente Bartolomeu Bueno, serve como um perfeito elucidário das pègadas do descobridor, do seu alucinado pergavar pelos sertões chucros. E serve, ainda, para fixar os terríveis padecimentos por que a bandeira passou durante três anos, três mezes e vinte e dois dias na terra virgem de Goiaz.

Em certo instante, quando os sofrimentos mais esmagavam a bandeira, em plena mata, urde-se uma conspirata tenebrosa contra Bueno. A sua morte foi tramada, para forçar o regresso da tropa.

"Na demora que fizemos nessa aldeia, — relata Silva Braga, — vendo toda a tropa que o Cabo, sôbre faltar à resenha tantas vezes prometida tinha culpa de perdermos o gentio que se amotinou, resolveram dois bastardos e um mameluco, com alguns paulistas a quererem tirar-lhe a vida e levantar seu irmão Simão Bueno por cabo, por ser de melhor e mais dócil condição".

Silva Bueno, pintando com exageros evidentes a situação da bandeira, durante os dias terríveis de indecisão de Bueno, procurando, em vão, na paulama das matas sombrias sinais de sua passagem menineira, em certo ponto deixa perceber que o desbravador tinha a sua fortaleza

quebrada, por fim, pelos padecimentos da aventura.

Foi em plena mata, na mata aspera e interminável. A morte penetrara sorradeira na bandeira e, cada dia, fazia uma colheita terrível. Quarenta e tantos mortos estavam nos caminhos percorridos. A alimentação estava reduzida ao extremo. Somente a "alguma palmitos que chamam jaguaruóba, que comiamos assados, e, ainda, são amargos e sustentam mais."

Silva Braga, pintando com exagero, assoberbado pela desgraça, vendo a miséria da sua tropa, "se valeu do céu e foi a primeira vez que o viu lembrar-se de Deus, prometendo e fazendo várias novenas à Santo Antônio, para que nos deparasse algum gentio que, conquistado, nos valesse dos mantimentos que achássemos, para remédio da fome que padecíamos."

Dilacerada por sofrimentos inauditos, mordida pela fome sem remédio, assoberbada de males terríveis, hostilizada pelo gentio indomado, no meio de perigos e de ameaças de toda a ordem, a grande mesnada avançou. "Não se contam as misérias que os descobridores padeceram nessa aventura, por sertões inhóspitos e agressivos."

Foi assim, na dor e no sofrimento, que as minas de Goiaz foram reveladas ao mundo, no primeiro quartel da era setecentista.

Quando as minas de Goiaz foram descobertas, "São Paulo estava exausto, sem poder povoar outros territórios." Por isso, as grandes correntes que serviriam de lastro à colonização inicial dos sertões goianos, partiram das Gerais. "Estas tinham gente de sobra e desejosa de novos descobertos aluvianos."

As notícias das minas de Goiaz desvairaram a colônia inteira. Para as terras recém-descobertas partiram, logo, imensas levas de entrantes vindos de toda a parte, "em tumulto, a esmo, por trilhos desconhecidos, e partindo de todos os lados".

As minas goianas, ao contrário das Gerais, estavam situadas em lugares perigosos e insalubres. Por isso, a sua invasão se processou no meio de sofrimentos espantosos que enchem mais de vinte anos da história de Goiaz de gritos de dor, de brados de agonia.

A invasão, sem ordem, no meio do maior tumulto, fez estalar conflitos, motins, perseguições e desordens em toda a parte. Os garimpos promissores, na barranca dos rios, foram disputados a tiros, entre correrias sangrentas. Nas minas, vencia o mais forte...

Silva e Sousa, com a concisão que tanto o caracteriza, relata que, "na



Dr. Eurico Viana

Diretor do Departamento de Produção e Trânsito

aluvião de homens que concorrem ao descobrimento, vieram pessoas de toda a qualidade e até estrangeiros, e entre estes muitos sem costumes, que cometeram crimes horrorosos"

Sôbre a terra ingrata, sôbre as hostilidades do clima, sôbre a ferocidade do gentio, veio ainda, o desvairamento dos entrantes. Foi assim, em uma ambiência trágica, requeimando acres cheiros da tragédia de Caim, que se operou o formidável "rush" na direção das minas encantadas de Goiaz.

A 25 de outubro de 1725, Bueno regressou de sua aventureira viagem, e, dois dias depois, a 27, o capitão-general dom Rodrigo Cesar de Menezes mandava ao rei extensa carta, relatando o feliz evento: estavam descobertas as minas de Goiaz.

O capitão-general de São Paulo, com tintas muito nítidas, relata, nessa carta, o que foi essa viagem, o desnorteamento de Bueno, perdido nos sertões agressivos, afrontando "perigos pela multidão do gentio bárbaro, que continuamente se avizinha com êle, como pela grande esterilidade que experimentou do necessário para alimentar-se" e conclue, depois de encarecer a importância dos novos descobertos pedindo para Bartolomeu Bueno e João Leite "as mercês que Vossa Majestade costuma distribuir com os bereméritos."

O capitão-general do Rio de Janeiro, Luiz Vaía Monteiro, recebeu notícias das descobertas das minas de Goiaz e, a 22 de novembro de 1725, escrevia ao vice-rei do Brasil relatando a grande nova. "Suposto que o sr. Rodrigo Cesar me escreve avisa a Vossa Excelência o estabelecimento das minas de Cuiabá é desco-



Sr. Nicanor Brasil Gordo,
Diretor Geral do D. S. P.

brimento das dos Goiazes, contudo, pela inconstância dos mares, não posso deixar de repetir a Vossa Excelência uma notícia de tanto vulto e crédito da eficácia com que se aplica ao serviço de S. Majtde. que Deus guarde."

Os desvairamentos causados pelas minas de Goiaz cresceram sempre. Em certo instante, as autoridades portuguesas como que se sentiram impotentes para contar o macaréu sujo que, de todos os pontos, avançava tumultuariamente para os sertões, "com evidentes prejuízos da arrecadação dos tributos."

Uma das providências postas em curso, para combater os "descaminhos de ouro," foi a proibição de caminhos e picadas na direção das minas goianas. E dom João V baixou um alvará contendo as mais ferózes disposições à respeito.

"Sendo informado da desordem com que algumas pessoas no Estado do Brasil se intrometem a fazer picadas e a abrir caminhos para as minas, sem atenderem aos grandes inconvenientes que se podem seguir, e devendo evitá-los. Fui servido estabelecer a presente lei pla qual proíbo que daqui em diante abrirem-se novos caminhos ou picadas para quaisquer minas." E o alvará terrível dispunha, mais que, de acôrdo com a lei de 10 de março de 1720, quem desrespeitasse essa proibição incorria nas penas impostas "aos aos que descaminham ouro e sonegam os quintos reais, com perda de sua fazenda, de qualquer qualidade que esta seja, cabendo a metade do confisco à Fazenda Real e a outra metade ao denunciante."

Um cronista da época, apreciando essa proibição e a maneira pela qual

a lei era posta em vigor, disse que, pára esse fim, "era necessário um exército..."

E, assim, iniciou-se a vida das minas goianas.

Um flagrante do que era essa vida ficou em uma carta, escrita por Rafael Campos de Aguiar Viveiros, que esgaratava a terra em Goiaz, à procura de ouro, dirigida a um seu amigo residente no Rio de Janeiro. Essa carta, que o capitão-general Luiz Vahia Monteiro enviou a dom João V, assim pinta o que se passava nos garimpos de Goiaz:

— "Meu amigo. Lembrado estou, em que V. S. me disse o avisasse da verdade do estado destas minas, e negócios, que nellas se poderiam fazer. Em primeiro lugar, hé que o caminho hé longo, tem melhor de trezentas legoas, os desertos são muitos, tem 13 Rios de canoas, os carrapatos de toda a casta que paresem formigueiros pelos caminhos e pelos pouços, os Escravos sendo Minnas e bons, fiados por anno a duas tivrás de ouro, thé trezentos oitavas, a vista nada, sem embargo que a gente, destas Minnas, tem sahido para fóra, vão dizendo se venderam a vista, e não achei quem me comprasse hum só moleque com ouro a vista, ainda que o mesmo baratear, está me parecendo virião a ser o mesmo que as de Cuyabá, os jornais são de tres cartas, e mais oitavas e cada, não falta quem queira comprar Escravos, se hum homem quer vender a todos aqueles que os desejar comprar, mas como as faisqueiras sejam limitadas não haja ouro, senão pelo veyo da agoa dos corregos, e estes sejam distantes huns dos outros, vivem os homens na esperança em algumas Bandeyras, que andão fóra, e outras, que se hão de fazer, e como essas esperanças os animão a comprar, eu tenho vendido nove Escravos huns por outros os tenho vendido fiado por duas livras de ouro huns por outros, e a duzentos e oitenta e vendi a criola por dez mezes por trezentas e sessenta oitavas, para prova desta verdade, que as Minnas não são o que se diz, hé o Padre Pires chegar-se aqui no meiado de Mayo e tenha in da a sua gente pella não querer vender fiado, a melhor faisqueira a mão de milho a oitava, que os homens que cá estãvão tomarão posse das terras milhores, que os que vêem não têm aonde meter a Batêa".

No meio de tumultos, com o desvairamento das minas chegando aos limites máximos, o comércio começou a florir. Iniciavam-se as trocas entre os entrantes. Estabelecia-se o regime das vendas a crédito entre os colonos.

Foi assim, dêsse jeito, que se passaram as cousas, logo após a descoberta das minas de Goiaz.



Sr. Abel Soares de Castro,
Diretor do Dep. das Municipalidades

BIBLIOGRAFIA

Americano do Brasil, "Súmula de História de Goiaz".

Colemar Natal e Silva, "História de Goiaz".

Henrique Silva, "A Bandeira de Anhangüera".

Diogo de Vasconcelos, "História Antiga das Minas Gerais".

"História Média de Minas Gerais".

X. Veiga, "Efemérides Mineiras".

Pedro Calmon, "História do Brasil".

Alfredo Elias, "O Bandeirismo Paulista".

Varnhagen, "História Geral do Brasil".

Livro de Atas da Câmara de São Paulo — Registro Geral da Câmara de São Paulo — Documentos Interessantes do Arquivo de São Paulo. Documentos do Arquivo de Goiaz.



Dr. Orivaldo Borges Leão,
Diretor do Liceu de Goiaz



Nesta tricromia, a primeira que se executa nas oficinas da Imprensa Oficial, está um sedutor aspecto da cidade de Goiaz. É um apanhado parcial da praça Desemb. Alves de Castro, fixado pelo pincel do sr. Inácio da Veiga, pintor de incontestáveis méritos e figura das mais representativas dos meios artisticos desta capital. O prédio de dois pavimentos que se vê ao centro já serviu de sêde á antiga Imprensa Provincial de Goiaz.

PEDRO LUDOVICO E AS CRIANÇAS GOIANAS



As solenidades comemorativas do "Batismo Cultural de Goiânia" constituíram um grandioso evento na história de Coiaz. Até hoje os nossos olhos guardam a visão daqueles dias maravilhosos, e o nosso coração pulsa ainda emocionado à evocação daquela data tão preñhe de sentido. Cada ato cívico, mesmo o mais singelo, daqueles festejos esplêndidos, escendia em si um mundo de coisas novas e belas, pois cada um deles falava dessa nova era da história pátria, cujo signo é a marcha para oeste e cujo símbolo é, incontestavelmente, a cidade de Pedro Ludovico.

Entre as ocorrências daqueles dias inesquecíveis, uma requer seja recordada, de um modo particular, neste número de "OESTE": a manifestação espontânea de simpatia das crianças de Goiaz ao dr. Pedro Ludovico. Os garotos goianos, com a pureza própria da idade e num impulso irresistível de admiração pelo ilustre estadista brasileiro, revelaram, significativamente, ao sr. Interventor Federal, o quanto era e é ele querido pelos seus pequeninos compatriotas.

Falou, então, interpretando o sentimento da petizada,

um menino simples, mas que se positivou uma promessa muito grande: Paulo Pereira Massi, filho de Virgílio Pereira e sua exma. espôsa, da Santa Pereira. Paulo Massi fez, na ocasião, uma oração belíssima, rara para a sua idade, representando, assim, admiravelmente, a gurizada goiana. Foi, aquela cerimônia, uma das que mais de perto tocaram o coração de Pedro Ludovico, razão porque a estamos, hoje, a relembrar.

A menina preta

ESMERALDA ROCHA

No ângulo da janela
fica a menina preta
olhando invejosamente
a garotada tagarela
que lá no pátio da escola
salta feliz e contente.

Sua patrôa, indiferente,
nem ao menos desconfia,
da tristeza enorme
que ela sente.
Se ela desconfiasse,
diria logo:

— "Maria, vá também prá escola,
estude a taboada,
aprenda a lêr e escrever.
Ouça sempre sua mestra,
é tão belo obedecer !

No recreio, seja como as outras,
ria o seu riso de criança.
cante a Ciranda,
cante a Barquinha,
e um dia,
quando você for velhinha,
recorde com saudade
a escola de sua infância,
sua grande felicidade !" . . .

Chega a patrôa, de repente:
— "Depressa, Maria,
o café está atrazado !
Não sabe que a esta hora,
Meu filho já preparado,
Deve seguir para a escola ?"

A menina, em silêncio,
enxuga com a mão,
as lágrimas que lavam
seu rostinho de carvão.

GOIÂNIA — Uma Passada do Progresso

Tenente-Coronel Lima Figueiredo

O coronel Lima Figueiredo, membro do Gabinete do sr. Ministro da Guerra, é um dos oficiais mais brilhantes e prestigiosos do glorioso Exército Nacional. Sempre preocupado com os grandes problemas nacionais, o bravo militar tem produzido uma série de estudos notáveis sobre os mais variados e palpitantes temas, revelando uma inteligência clara e uma cultura sólida e moderna, além de

A velha capital de Goiaz teve o seu tempo. Tempo que já longevai, quando Bartolomeu Bueno Filho elegeu aquele lugar para centro irradiante das pesquisas auríferas que orientavam apreciáveis massas humanas em busca da fortuna, sem se atemorizarem com as canseiras e desconfortos das marchas longas e penosas, e desprezando, pelo contrário, tôdas as más surpresas que os deuses das florestas costumam ofertar aos que se aventuram pela selva a dentro.

Foi no verdadeiro caldeirão de pedra formado pela serra Dourada, que o famoso "Diabo Velho" assentou seu acampamento. Ali estava bem abrigada pela muralha natural que apresentava uma única saída através do rio Vermelho, pelo vale do qual chegavam e saíam os que vinham ou iam de São-Paulo — pelo numero uma das

um acendrado amor ao Brasil. E', no conceito de todos, uma das figuras eminentes do Estado Nacional, à defesa de cujos ideais tem pôsto, desassombadamente, o melhor de seus esforços.

Além de militar estimado e respeitado na classe, e de escritor de fôlego, o tenente-coronel Lima Figueiredo é um "gentleman" e um "sportman", gozando de gerais

grandes conquistas sertanejas.

Do pouso do destemido Anhanguera nasceu Vila-Boa de Goiaz, que, por muitos anos, foi capital do Estado. Esse centro urbano progrediu lentamente, e, de acôrdo com a mentalidade coeva. Casas muito mais compridas do que largas, verdadeiros túneis, onde a iluminação e a insolação dos aposentos eram coisas secundárias, dotadas de grandes quintais onde se acumulavam o lixo e os detritos organicos tão do gosto dos urubus. Água encanada e esgôto foram coisas que nunca se viram. Podiam-se contar as casas dotadas de aparelhos sanitários e do único chafariz existente, com ma agua aliás, era retirado em potes o precioso elemento não só para beber, como para as necessidades domésticas. Cada família tinha o "bobo", um tipo aparelhado, imbecil ou cretino que se destinava não só ao trabalho do despejo, como da condução da água. Esses especialistas são tão exercitados que, para provocar hilaridade a quem os observa, fazem mil trejeitos com o corpo, mantendo sempre firme no cocoruto da cabeça o pote pontudo de feição tipicamente colonial.

Qualquer trabalho que ali fôsse feito para dotar a capital de boa rede hidráulica e de esgôtos sairia por uma fortuna, porque tôda escavação teria de ser executada na rocha que só cede aos argumentos decisivos do invento de Nobel.

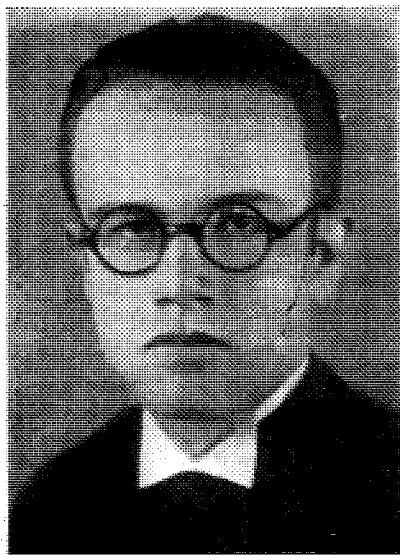
Em dias quentes, Goiaz, era verdadeira caldeira de Pedro Botelho — o pedral imenso a irradiar calor e os pços abertos para servirem de latrinas a exalar fétido odor . . . As ruas ingremes e tortuosas, apenas trafegadas por pedestres e cargueiros, não permitiam que os veículos automóveis ali entrassem com seu elemento de progresso. As casas brancas e juxtapostas, eram feitas com mil dificuldades, pois, que peças de madeiras eram arrastadas, puxadas

simpatias nos altos círculos sociais e esportivos do país.

Dessarte, um depoimento de tão ilustre personagem, sobre Goiânia, seria de valor inestimável, e aí está por que transcrevemos, hoje, o belo e oportuno trabalho que sob o titulo: "Goiânia — uma passada do progresso", publicou aquele distinto compatriota em "O Jornal", do Rio, edição de 19 de maio do corrente ano.

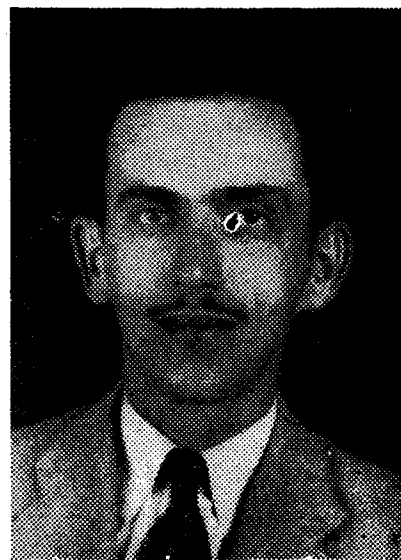
por uma extremidade e as pedras carregadas nas cangalhas dos muros . . . O número de construção não aumentava, pois, as poucas que faziam eram anuladas pelos desmoronamentos de velhas residências que não eram reparadas...

O general Couto de Magalhães sentiu a necessidade de tirar a capital daquele buraco, onde a roda do progresso do Estado encontrava sério obstáculo a vencer. Afirmou que Goiaz não possuía uma só qualidade para ser capital e tôdas para deixar de ser. Apesar da idéia da mudança ter sido ventilada por aquele dinâmico sertanista, faltava um homem de gênio empreendedor e disposto a enfrentar corajosamente tudo, até a própria tradição, que deve ser respeitada e cultivada como um elemento de força, capaz de, pelo exemplo, vi-



Dr. Humberto Ludovico

Diretor do Departamento de Geografia e Cadastro



Sr. Antônio Juruena Di Guimarães
Redator de "Oeste", Diretor de Divisão do D. S. P. e Membro do Conselho Técnico de Economia e Finanças

vificar os bons empreendimentos e nunca agir como ação negativante, impedindo o franco desenvolvimento das fontes produtivas duma região.

Pedro Ludovico Teixeira quis ser o Sansão que iria derrubar as colunas fortíssimas do preconceito daqueles que, por êste ou aquele motivo se opunham ao nascimento de uma nova cidade, para onde fôsse transferida a séde da Capital.

Nomeada uma comissão de técnicos, foi sãbiamente escolhida uma deliciosa chapada, de clima ameno, de agraçável altitude e bem irrigada. Nela estava situada a vila de Campinas com cêrca de meio milhar de habitantes, que viviam à sombra de dois conventos de religiosos almães . . .

Depois de assentada a escolha do local, tudo se operou, como se fôsse a poder de mágica.

Os operários nacionais e alienígenas não tinham tempo a perder. A golpes vivos de energia levantam-se os andaimes e as máquinas vão movimentando a terra a-fim-de aplicar alí princípios clássicos que emprestam encanços, dignos de nota por qualquer forasteiro, a Wanhington e Versailles.

A fada boa não descansava nem deixava seus obreiros em folga e, enquanto não aprontava seu trabalho em Goiânia, Campinas ia tomando acentuado incremento com a vida de forasteiros atraídos pelo faro de bons negócios. A estrada de cinco quilômetros que liga os dois centros populosos é intensamente trafegada e, ao longo dela, já vão surgindo casas, de modo, que se pode ver claramente, que em futuro próximo, Campinas será um adiantado subúrbio de Goiânia.

Não podia ser melhor a situação da novel capital do Estado. De dia podem-se contemplar largos horizontes em tôdas as direções da rosa dos ventos, mercê dos descampados que se sucedem e da esplêndida luminosidade. De noite, olhar-se o firmamento é um espetáculo inédito — não há uma só nebulosidade, uma só nuvem, um céu límpido, puro, bem azul, encrustado, regiamente, de estrelas. Na minha vida, em lugar nenhum do mundo, vi tanta estrela, jamais contemplei pedaço de céu tão lindo . . .

Os dias são quentes e as noites frias, caindo mesmo a temperatura abaixo de zero, nos meses de junho e julho, permitindo que se durma noites adoráveis, dando ao corpo e ao espírito completo descanso.

As chuvas são periódicas. Caem abundantemente durante seis meses, para desaparecerem, completamente, por igual período. Tão seguros estão os habitantes da região de que de abril a setembro não chove que, durante êsse lapso de tempo, não se preocupam com as coberturas das casas.



Sr. Moisés Costa Gomes
Membro do Conselho Administrativo

Goiânia está perfeitamente integrada na vida do país, pois é visitada semanalmente por duas linhas de aviões comerciais e se acha ligada por boa estrada de rodagem do 79 quilômetros a Anápolis, ponta dos trilhos da ferrovia que vem da capital bandeirante, enquanto não for atingida pelo ramal, em construção, que vem de Leopoldo-Bulhões.

Com a mudança da capital, a renda do Estado, aumentou notavelmente, colocando-se êle à frente dos do Pará e de Mato-Grosso. A tendência é para um formidável surto econômico. As riquezas minerais de Goiaz estão sendo cada vez mais exploradas e, no dia em que pensarmos fazer o Brasil grande pela sua indústria siderúrgica — Goiânia será o coração do gigante, pelos seus inesgotáveis depósitos, pela sua situação privilegiada e pelo espírito empreendedor do seu povo. Entrementes Goiaz — a velha — sob o bafejo da nova capital, irá sendo transformada em encantador parque nacional — ponto obrigatório de turismo.

Chegamos à novel capital de Goiaz mais ou menos às 23 horas da véspera do dia do seu batismo cultural em 1942. Pelo transluzir das luzes avistadas à distância, pudemos avaliar a grande área den-

tro da qual se desenvolvia a cidade.

A medida que o auto ia-se aproximando, maior era o nosso espanto pela grandiosa obra vislumbrada pelos olhos aturdidos que, a custo meditavam no que viam. Já desli-



Dr. Belarmino Cruvinel
Membro do Conselho Administrativo

savamos em largas fitas de asfalto, partadas por magníficas calçadas tendo ao centro artísticos canteiros. Aquí um cinema do mais moderno aspecto, ali, um hotel com três andares, acolá o soberbo Palácio das Esmeraldas dominando todo o terreno circunvizinho. Casas modernas exibindo elegância e conforto. Jardins, parques, "bars", casas de comércio . . . Ficamos surpresos com tanta coisa nova, moderna e interessante.

Há sete anos no mesmo local havia cerrado e naquele momento cruzavamos uma cidade encantadoramente bela com todos os requisitos urbanísticos. Parecia que estávamos sonhando uma das multivárias histórias contadas pelas

avózinhas, nas nossas infâncias. Um mago havia realizado tudo aquilo com um simples toque de sua varinha. Rápidamente começou a aparecer gente, quase vinte mil habitantes; 3.479 habitações foram levantadas; 410 veículos deslizavam pelas avenidas praças e ruas; as sirênes zuniam em 110 estabelecimentos industriais; o azáfama era notável nas 298 firmas comerciais, nos 3 estabelecimentos de créditos e nas 6 redações de jornais e revistas; crianças e jovens aglomeravam-se na Faculdade de Direito, na Escola de Comércio, na Escola de Aviação, na Escola Técnica, na Escola de Enfermeiros, na Escola de Assistência Social, no Tiro de Guerra, nos 4 estabeleci-

mentos de ensino secundário, nos 2 cursos normais, nas 33 escolas primárias.

Em Gciania tudo é dinamismo. O progresso é ali impulsionado por asas incontáveis. A paisagem se transforma com uma rapidez incrível. Ontem mata, hoje avenida. Ontem rio, hoje represa, usina, iluminação elétrica. Ontem macega, hoje campo de aviação, estádio. Ontem pantanos, hoje bosques de eucaliptos. Ontem apertadas veredas por onde o gado desfilava, hoje amplas estradas, largas avenidas.

Tudo, assim, numa metamorfose deslumbrante.



Dr. Hegesipo Meireles
Diretor da Penitenciária

O Corrupira

Victor de Carvalho Ramos

Fêz-se silêncio na montaria.

Ao longe, no fundo do horizonte, para os lados de Araés, atestando a presença dos chavantes e canoieiros, grossos novelos de fumaça toldavam a pureza daqueles céus inhóspitos.

Um par de garças passou por cima de nossas cabeças, num vôo leve e sereno, projetando no espelho das águas a sombra das quatro bandeiras de suas azas brancas.

O sol baixava, lento e rubro, abrindo no Ocaso o seu leque de flechas de oiro.

A paisagem, pelo que se apresentava inédita e magestosa, atordoava o espírito.

Um pouco adiante, o Araguaia —

recebendo o rio do Peixe, fazia uma curva enorme para o nascente, inflectindo para o seu tributário, para, mais abaixo, tomar a sua primitiva direção nortista orientando na margem esquerda uma barreira alta, coberta de mataria virgem.

Como nós, distraídos, ao defrontá-la, ouvíssemos um sussurro esquisito, semelhante ao ruído seco do pica-pá nos troncos seculares, Antônio Canoeiro, dando mão ao rémo, no que foi imitado pelos companheiros, desviou a montaria para o meio do rio, precipitadamente.

— São os búrgres? — perguntei.

— Peior, meu patrão; muito peior... Esse sertão não é terra de branco... Quem por aqui anda, vive com o pé na cóva. Cada bulha de fôlha, cada rastro na areia, é um sinal de morte, que só nós, do lugar, conhecemos. O Sinhô-Môço ouviu aquêlê barulho ha pouquinho? Pois o raio me pique neste momento se aquilo não é o Currupira. É êle que está batendo nas sapupemas. É êle, não é outro.

E assuntando para as bandas do rio das Mortes, com a mão em concha sobre os olhos, disse que nós iamós ter tempestade e da grossa.

— O Currupira péga gente, tio Antônio?

— Eh, patrão, se péga gente... Por acaso o urutú perdôa a quem lhe pisa na cauda ou na cruz? Para a cascavél nós temos esconjuro, mas para o senhor destes matos não há mandinga.

E Antônio Canoeiro, abrindo a camisa de algodão à altura do peito cabeludo, mostrou-me uma cabeça seca de macúco, remédio infalível, dizia êle, contra mordedura de cobras.

— E é bicho o Currupira?

— Qual bicho, qual nada, meu sinhô. É um tapuinha de cara oval, gorduchito, com os pés voltados prá traz, que não faz as "necessidades" do homem, porque é musico. Quem uma vez foi apanhado por êle cortando as ar-



Da. Ofélia Sócrates do N. Monteiro
Diretora da Escola Normal

vores, nunca mais torna a encontrar o caminho de casa. Fica perdido prá sempre nos bosques. E' traiçoeiro como o Saci-Pereré . . .

O centro mundial da segurança social foi deslocado, em consequência da presente guerra, do continente europeu para os países latino-americanos. As reformas mais avançadas e tecnicamente mais eficientes, nesse gênero, foram realizadas no Brasil — STANISLAU FISLWITZ. (Delegado da Polônia à Conferência Internacional do Trabalho, reunida em Filadélfia).

CONSOLIDANDO, em 37, a obra de restauração iniciada em 30, o presidente Vargas aperfeiçoou grandemente a política trabalhista, dando-nos uma organização de tal maneira evoluída que, em muitos aspectos, deixa para traz a de todos os países do mundo — VASCO DOS REIS GONÇALVES.



EXMA. SRA. D. GERCINA BORGES TEIXEIRA,
D. D. PRESIDENTE DA COMISSÃO ESTADUAL DA LEGIÃO BRASILEIRA
DE ASSISTÊNCIA EM GOIAZ

ERA UMA VEZ...

J. LOPES RODRIGUES

A um canto do salão, numa velha cadeira,
Que de certo sabia a sua vida inteira,
Cochilava a vovó.
Quando a noite chegava, era costume antigo
Procurar, como sempre, aquele canto amigo,
Triste, calada e só.

Então, deixava à solta o pensamento errante,
Relembrando, talvez, num passado distante,
Os seus dias de glória.
E ficava a cismar até quê, de mansinho,
Meiga voz lhe pedia, em sussurro, baixinho:
— “Vovó, conte uma história . . .”

Ouvindo aquela fala, a velha estremeceu;
E, como por encanto, em sorriso se abria
O rosto emurchecido,
Onde o tempo deixara os mais profundos traços.
E, os olhos descerrando, estreitava nos braços
O netinho querido.

Que festa ela fazia abraçando a criança!
E, naquele momento, a saudade e a esperança
Beijavam-se de leve.
Depois, — muito feliz! — ao louro pequenino
Vovozinha contava histórias de Aladino
E de Branca de Neve.

Nessa noite, porém, repassando a memória,
Não encontra avozinha uma única história
Que lhe reste contar,
Confessando, afinal, que não sabe mais nada.
Não resiste a criança a recusa forçada
E se põe a chorar.

Afasta-se depois, alcançando a janela.
E seu rosto se alegra, e seu olhar revela
Enlêvo, admiração!
Ao alto, a esfera azul de estrelas constelada;
Em baixo, era a cidade imensa, iluminada:
Luzes em profusão.

Deslumbrante impressão que a retina recebe!
Maravilhas sem par que a mente não concebe,
Que diria sonhadas!
E o pequeno se julga em palácio lendário,
De onde a vista devassa um mundo imaginário
De gênios e de fadas.

A cidade, altaneira, imponente domina,
Orgulhosa, soberba, esmaltando a campina
A perder-se de vista.
Monumento imortal que ao passado redime;
A cristalização de uma obra sublime,
De uma obra de artista!

Um quadro sempre novo e, nele, quanta coisa
Em que o olhar infantil, deslumbrado, repousa,
Repleto de emoção!
E, perdendo a noção do tempo e do lugar,
Quer reter a criança o que pode abraçar
Com os olhos da visão.

De uma praça central, inúmeras, compridas,
Vão por aí além as largas avenidas,
Planas, horizontais,
Recortando a cidade em vária direção,
Parecendo, talvez, de um grande coração
As artérias vitais.

E praças e jardins, vivendas e sobrados,
Tôrres de catedrais, arranha-céus pesados,
Asilos, hospitais,
Institutos de ensino, e clubes e cinemas:
De mármore e cimento esculpido poemas
Em versos imortais.

Na praça principal que distante se avista,
Numa estátua de bronze, em trabalho de artista,
Uma figura austera.
“Quem será, por acaso?” O jovem não conhece
Mas há de ser alguém que tal honra merece,
Que a cidade venera.

Como parte, também, do quadro magistral,
Ao longe se destaca o parque industrial,
Que a um bairro todo abraça:
Enormes pavilhões, máquinas a rodar,
E as altas chaminés soltando para o ar
Espirais de fumaça.

Automóveis cortando avenidas ao meio;
Multidão que desfila ao longo do passeio:
Gente que vai, que vem . . .
Uma orquestra executa a Nona Sinfonia.
E lá, distante, um apito à cidade anuncia
A chegada de um trem.

Enquanto aqui fervilha um formigueiro humano,
Além, inda o sossêgo impera soberano.
Para o descanso dalma,
Um bosque umbroso, amigo; embalante cascata
A ninar, em surdina, o silêncio da mata:
A solidude, a calma . . .

E, depois, um jardim, adorável recanto,
Que de flores se veste e do mágico encanto
Das fontes luminosas;
E ditosos casais de jovens namorados
Quê, vivendo de amar, passeiam descuidados.
Entre cravos e rosas.

Cidade a transpirar seiva, vitalidade,
Calor, agitação, vigor, atividade,
Progresso, dinamismo;
E quietude e sossêgo e sonhos e poesia,
E tudo, tudo mais que traduz alegria,
Beleza, romantismo.

Eis o quadro, afinal, que o jovem descortina
E que lhe ficará gravado na retina,
Sem nunca se apagar.
Ah! se pudesse achar alguém quê, de memória,
Um dia, da cidade a interessante história
Lhe soubesse contar! . . .

Vem-lhe uma inspiração. E, deixando a janela:
— “Vovozinha, quem fez esta cidade bela
Que palpita lá fora?”

— “Anda cá, meu netinho. Esta cidade linda
E’ uma história, também, que não te disse ainda,
Que vou contar-te agora.

Era uma vez um mago, um mágico. Vivia
Bem distante daqui. O seu reino abrangia
Uma grande extensão.
Até hoje inda existe e a Natureza quis
Fosse êle, para sempre, uma terra feliz,
Terra da Promissão.

Goiaz chama-se o reino, essa terra encantada,
De que invisível mão fez um jardim de fada,
Onde tudo floresce;
Onde há gado a pastar nos campos, na devesa,
E o ativo lavrador lança o grão na certeza
De promissora messe.

E bem pode chamar-se o celeiro do mundo
Essa terra bendita, êsse solo fecundo,
Que da sêca os rigores
Desconhece. Estendal de colorido eterno,
Tôda ela se recobre, à chegada do inverno,
De frutos e de flores.

Por toda a parte, a vida, a natureza em festa:
 Nos prados e vergéis, no seio da floresta,
 Nas virentes campinas;
 Nas alturas sem par das serras de granito,
 Que parecem tocar as raias do infinito;
 Nos vales, nas colinas.

Aquí, grande cidade; ali, pequenas vilas;
 Depois, lagos azues, onde vivem tranquilas
 As garças, aos casais;
 A linfa cristalina a jorrar de uma fonte;
 E, ao longe, muito além, na fimbria do horizonte
 Verdes buritizais.

E de imensos caudais as águas volumosas:
 O Araguaia buscando, em curvas caprichosas,
 O Tocantins gigante.
 Terra que guarda, enfim, fabuloso tesouro:
 Minérios de valor e ricas minas de ouro
 E minas de diamante.

Revelando, porém, uma face contrária,
 Era pobre, acanhada, antiga, centenária
 Do reino a capital.
 Uma cidade culta, um ninho de poesia,
 Cheia de tradições, mas que contradizia
 O concerto geral.

E foi, então, que o mago, empreendedor, audaz,
 Deu nova capital ao seu reino, a Goiás.
 De uns passes de magia
 Nasceu esta Goiânia". E a velha prosseguiu:
 "Esta cidade, enfim, como um sonho, surgiu
 Da noite para o dia.

E hoje é o que tú vês: oitava maravilha,
 Que sob um céu de anil intensamente brilha.
 Fulgurante clarão!
 Neste nunca parar, neste sempre crescer,
 Goiânia ainda é mais do que pudeste ver
 Com os olhos da visão.

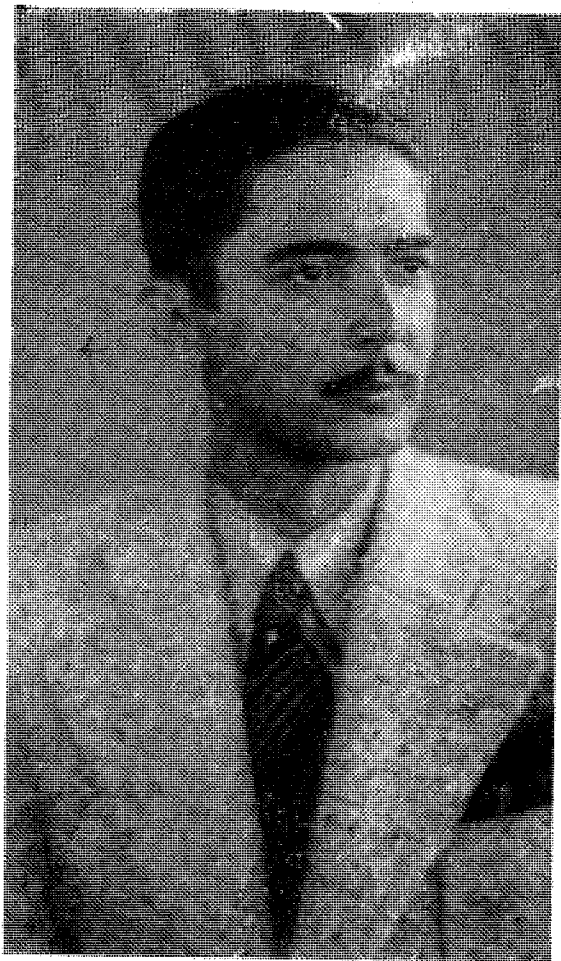
E' a velhice a ceder lugar à mocidade,
 E, dentro do Brasil, é mais uma cidade,
 Garbosa a despontar;
 O destino a correr em marcha acelerada;
 E' Goiás despertando, ao toque de alvorada,
 De um sono secular.

Raro exemplo de audácia, um rasgo de heroísmo;
 A prova mais cabal de sadio civismo
 Que se pode exigir.
 Uma lição de fé que a lutar nos ensina;
 Caminhada fugindo ao passado, à rotina,
 E buscando o porvir.

Um poema imortal, uma empresa arrojada;
 A civilização numa forte avançada;
 E mais, e muito mais:
 E' a Nova Capital que grandeza traduz,
 Súbita transição de trevas para luz:
 Orgulho de Goiás!

Não faltaram, porém, feiticeiros anões,
 Procurando impedir, em loucas pretensões,
 A empreitada sem par.
 Mas, perdidos, por fim, tiveram que ceder.
 E a vitória sorriu ao que soube vencer,
 Porque soube lutar.

— "Mas quem foi, afinal, esse gênio que veio
 O seu reino tornar de progresso mais cheio,
 De belezas mais rico?"
 — "Uma estátua, lá fora, em trabalho de artista,
 Do mago, perpetua o vulto de estadista:
 ... Foi Pedro Ludovico.



Prof. Venerando de Freitas Borges
 Governador da Cidade, desde sua fundação

Foi ele o fundador desta cidade bela
 Que ainda há pouco viste, olhando da janela,
 Pasmado, embevecido.
 Cidade que conservo, aqui, no coração!
 Goiânia que me traz feliz recordação
 De um tempo já vivido!

Ambas da mesma idade, em convívio constante,
 Lembro nosso viver, num passado distante,
 Bem distante daqui.
 Era eu moça e bonita; ela, uma jovem linda.
 E, agora, continua adolescente ainda,
 Mas . . . eu envelheci.

Tinha naquele tempo, encantos, formosura,
 E, nos bailes, eu era a principal figura.
 Cercada de afeições,
 Vivia bem feliz, ditosa, cortejada,
 Sorrisos repartindo, amando e sendo amada,
 Perdendo corações".

Devaneia . . . E uma voz à realidade a chama:
 — "Muito bem, vovozinha!" E' o pequeno que exclama,
 Atento, ali, juntinho.
 A pobre da vovó desapontada,
 E, confusa, interrompe a história começada:
 — "Vai dormir, meu netinho"

Desta vez, entretanto, em caminho do leito,
 O pequeno se afasta, alegre, satisfeito:
 — "Boa noite, vovó!"
 — "Boa noite, meu anjo". — a avoziinha responde,
 Enquanto, comovida, uma lágrima esconde,
 Triste, saudosa e só . . .

À MARGEM DA VIDA JURÍDICA

O Vaticínio do Cometa

JOSÉ CAMPOS

— Paulina!
 — Que é, Domingos?
 — Adivinhe, se for capaz, que pessoa é a que acaba de entrar no nosso terreiro!

Paulina, ao ouvir essas palavras de seu marido, larga a roca, onde estava tecendo, havia três dias, um amplo cobertor, e, lépida, muito curiosa, chega à janela. Ao reconhecer a pessoa que estava chegando ao terreiro, solta uma entusiástica exclamação:

— Tio Bento! . . .

— Pensávamos que os bugres já o tivessem comido, Tio Bento — diz Domingos Alves a Bento Ladeira, ao aprear éste de um burro castanho, cujo resfolegar revelava o cansaço de uma muito longa viagem.

— Os bugres refugaram esta carne magra e ruim, Domingos — retruca-lhe Bento Ladeira, sorridente, abraçando-o efusivamente.

Domingos e Paulina, com os olhos radiantes de alegria por reverem o grande amigo e tio ausente de vários anos, fazem-no entrar para o seu casebre.

Bento Ladeira, na qualidade de oficial, tinha tomado parte, em 1842, em Barbacena, na revolução chefiada pelo Barão de Cocais e, após a derrota infligida pelo então Barão de Caxias aos revoltosos na batalha de Santa Luzia, refugiara-se na província de Goiás e por lá resolvera ficar. Sòmente agora, depois de dez anos, é que voltava a Conquista, no Estado de Minas-Gerais, para rever seus parentes e amigos.

Domingos, em seguida, desarreia e solta-lhe o animal, e Bento Ladeira, sujo de pó dos pés à cabeça, vai ao córrego próximo, que corre no quintal por entre as bananeiras, tomar banho e mudar a roupa.

A' noite, sentados, na cozinha, junto a uma larga e comprida tábua colocada sòbre estacas, à guisa de mesa, ao tomarem café com leite e farinha de milho, Bento Ladeira dirige-se à Paulina: —

— Como minha sobrinha ficou mulher depressa! Deixei-a menina e está agora tão gorda, tão crescida! . . .

— Com vinte anos às costas, casada, já com dois filhos — acrescentou Paulina, acariciando um dos filhinhos que trazia ao colo.

— E Domingos?

— Estou com vinte e dois anos.

— E esse pretinho, onde foram vocês buscá-lo?

— Apareceu aqui, fugido de muito longe — responde-lhe Domingos, olhando para Gregório, que já teria atingido seus treze anos.

— E a vida aqui, como está, Domingos?

— Dificil, tio Bento. Vivemos em terras alheias, repartindo tudo o que produzimos com nosso patrão, Cel. Laurindo Coelho. Mal fazemos para comer e vestir. O pior ainda é que as terras não nos auxiliam: são quasi que estéreis e só com muito trabalho é que produzem alguma cousa. Tudo isso aqui é bananeira que já deu cacho.

— E nos sertões dos Goiazes, como

da, com a família crescendo . . . E Domingos sonhou a noite tóda com extensos milharais, arrozais infindos com seus cachos doirados, pastagens matizadas de gado, varas de porcos grunhindo nas mangueiras . . . e tudo, tudo sòmente dêle Domingos! . . .

Na manhã seguinte, quando se levantou, disse à Paulina:

— Vamos para os sertões dos Goiazes com tio Bento?

— E' o que pensei, ontem à noite, depois de ter ouvido de tio Bento, as descrições da abundância e riqueza desses sertões. Mas é tão longe! . . .

Desde êsse momento o "slogan" no casebre de Domingos Alves era:

— Para os sertões dos Goiazes!

Fizeram-se todos os preparativos para a viagem, venderam-se vários objetos caseiros, vacas e até galinhas e, com a importância apurada, foram comprados três burros com as respectivas cangalhas, ferramentas necessárias para a lavoura, e sal.

Eis, enfim, depois de quinze dias de preparativos, Domingos Alves e família, Bento Ladeira, Gregório e três cães a caminho de Goiaz, conduzindo Domingos e Paulina os dois filhinhos sòbre a cangalha de um dos burros, entre a roca e outros objetos, de um lado e outro, em sacos de couro, como se fossem cargas!

Ei-los, estoicamente, marchando pelo sertão a dentro, transpondo montanhas, atravessando caudalosos rios, brenhas sombrias, vadeando ribeirões, ao ardente sol, à chuva, às noites frias, com os corpos salpicados de mordiduras de insetos e aracnídeos, enfrentando animais ferozes, serpentes venenosas!

Depois de quasi um mês de penosa viagem, ao transpor uma serra, Bento Ladeira refreia seu animal, espera um pouco Domingos, que vinha caminhando a pé, atrás dos burros, juntamente com Paulina e o pretinho Gregório. Quando o tem ao seu lado, diz-lhe:

— Felizmente estamos chegando, Domingos. Está vendo aquela mata lá em baixo, cortada por um ribeirão?

— Sim, tio Bento.

— E' ali o lugar que escolhi para você estabelecer a sua posse. E' um dos melhores da redondeza.

— De quem são essas terras?

— Nossa, Domingos, pois que são pertencentes ao Império. Não somos nós os seus súditos?

— O Império não nos tomará mais tarde essas terras?

— Não, Domingos, porque não há nenhum interesse em fazê-lo. Essas terras constituem riquezas estáticas, e só poderão passar para o estado



Desemb. José Campos

é a vida lá? Pergunta Domingos, muito curioso, a Bento Ladeira.

— Facil. Terras férteis em grande abundância e ao alcance de todos. E' só tomar posse e ter-se-á chão à vontade para cultivar e re-crear: matas extensas, campos prenhes de caças, córregos de límpidas águas, rios piscosos. Não se consome o mantimento que se colhe, e o arroz viceja, pejado de sementes, nos espigões, com muito pouco trabalho.

— Nos espigões? — pergunta-lhe, admirado, Domingos, que estava acostumado a plantá-lo no brejo, o qual, para produzir, demandava um esforço inaudito.

— Sim, nos espigões.

Como já fosse tarde, despediram-se e foram deitar-se.

Na cama, Domingos refletia, com os olhos arregalados na escuridão:

— Chão à vontade . . . E' só tomar posse . . . Matas extensas, campos prenhes de caças, córregos de límpidas águas, rios piscosos, arroz vicejando nos espigões . . . e éle naquela miséria, lutando com dificuldades num chão ingrato e, ain-



Dr. Heitor Fleuri

Juiz de Direito da 1a. Vara Cível

dinâmico por meio de nosso trabalho e esforço. E, explicando melhor: — Devido à sua vasta extensão, à sua abundância, ao seu afastamento dos centros populosos, às dificuldades de transportes, não têm nenhum valor venal. Ninguém presentemente as compra. A riqueza de um território inhóspito e extenso como este só poderá vir do seu povoamento e da sua cultura. Daí estarmos prestando um grande serviço à Pátria, transportando-nos para aqui, a-fim-de cultivá-las e povoá-las. Ao defrontarem com um claro na floresta, fase final da jornada, à beira de um ribeirão, retêm os burros, tiram-lhes as cangalhas, e armam a barraca de couro, já ao anoitecer. Paulina, com a água de uma das cabaças, cõa café, que todos tomam. Em seguida, cansadíssimos, se estendem pelo chão para dormir, com um fôgo à entrada da barraca, como de costume.

— Nossa Senhora! Nossa Senhora! — grita Gregório, aconchegando-se a Domingos, muito apavorado, juntamente com os cães. Os animais, assustados, procuraram a barraca, encostando-se a ela, a ponto de quasi derrubá-la.

Eram duas enormes onças pintadas que se tinham aproximado do fôgo, olhando para dentro da barraca. Com os gritos, elas se retiraram. Ninguém mais pôde dormir o resto da noite.

— Bem que me afirmaram que as onças não podem sentir cheiro de negro, disse, rindo, Bento Ladeira, acostumado com essas cenas.

Pela manhã, antes de o sol despontar, todos se levantam. Domingos olha a extensão da ínvia floresta que o rodeava, e um grande desânimo dêle se apodera. Paulina, ao seu lado, não pôde resistir às saudades, que lhe iam nalma, de sua terra natal e de seus parentes, ao ver-se nesse lugar tão longínquo e som-

brío e, amparada por um tronco de uma árvore, põe-se a chorar.

— Isto parece o fim do mundo! — dizia ela em soluços.

Gregório, sentado no chão, olhava-os embasbacado.

— Tudo, tudo por fazer! . . . — refletia Domingos.

— Coragem, coragem, meus sobrinhos! O mesmo aconteceu comigo, quando para aqui vim. Vocês verão, quando forem à minha posse, que está situada daqui a dez léguas, que tudo lá já tem vida: casa, curral, pastos e quintal com árvores frutíferas.

As palavras de Bento Ladeira serviram de alento a Domingos e Paulina.

Calcularam, em seguida, até que altura, no terreno, poderia a água do ribeirão atingir por meio de um régo; roçaram, limparam esse terreno; cortaram madeiras para a construção da casa que, dentro de uma semana, ficou pronta. Era cercada de pau-a-pique, com três compartimentos: sala, quarto e cozinha, e coberta com fêlhas de indaiá.

E a derrubada começou: troncos enormes de jatobás, angicos, tamboris, perobas, ipês, vinháticos, aroeiras, cedros, bálsamos e outras árvores eram jogadas ao chão, as quais, ao caírem, arrastando consigo outras menores entrelaçadas de cipós, aos gritos entusiásticos de Domingos e Gregório, faziam um estardalhaço tal que retumbava por toda a floresta.

Certa manhã, nessa faina, à beira de um córrego, quando a derrubada já estava quasi no fim, Domingos escorrega, indo um de seus pés cair num buraco antigo, de paca ou de capivara. Solta, nesse momento, um grito agudo. Gregório corre a socorrê-lo, e vê, no buraco, enrodilhando-se, uma enorme cobra verde-negra: Um jararacussú tinha-lhe picado o calcanhar direito. Domingos, vendo-se mordido, com os dois polega-



Dr. Diocles B. Siqueira,

Juiz de Direito da 3a. Vara Cível



Dr. Celso Hermínio

Juiz de Direito da 2a. Vara Cível

res e indicadores, aperta imediatamente a perna, um pouco acima do tornozelo, e pede a Gregório um pedaço de cipó, que amarra fortemente nessa região para impedir a circulação do sangue do pé para o corpo.

— Dona Paulina! Dona Paulina! — grita Gregório, com todos os pulmões.

— Ui! — responde Paulina, em tom alto e muito prolongado.

— Senhor Domingos está ofendido de cobra!

Paulina, ao ouvir essas palavras, ligeira, corta um pedaço de fumo, encharca-o na aguardente, e corre ao local de onde partiu o grito.

— Em que lugar foi? — pergunta a Domingos, aflitíssima.

— Aqui — diz Domingos, apontando para o calcanhar ofendido, com as vistas já um pouco obscurecidas.

Paulina, sem perda de tempo, deita-se ao chão apoiada sobre os cotovelos, pega-lhe a perna, aplica a bõca sobre a ferida, e suga, por muito tempo, o sangue, cuspiendo-o de vez em quando para os lados. Espreme o fumo encharcado de aguardente sobre a ferida, envolve o calcanhar com uma tira grossa de tecido de algodão e, em seguida, auxiliada por Gregório, o conduz para casa.

Domingos salvava-se milagrosamente. Dentro de quinze dias estava bom.

Fez-se a queimada em agosto e, em fins de setembro, o plantio foi iniciado.

A posse de Domingos não mais tinha aquele ar triste: começava a vida ali. A' frente da casa, ergueram uma cruz de madeira: às Ave-Marias, Domingos, Paulina e Gregório, ajoelhados ante ela, dirigiam preces a Deus. E era sublime verem-se êsses abnegados desbravadores dos nossos sertões, nessas êxtases, ante a cruz, em súplicas para uma vida melhor. Dir-se-ia que a prece constituía um lenitivo para os seus so-



Dr. Albatênio Caiado de Godói
Procurador Regional da República

frimentos, e os incentivava nessa árdua luta contra a natureza hostil.

Domingos, à noite, ao lado de Paulina, que tecia à luz fraca de um candeeiro com azeite de mamona, possuído de uma grande nostalgia, pegava de sua viola, tangia-a tristemente, cantando:

“... é meia noite, morena, é meia noite, morena, hora do galo cantar, hora do galo cantar...”

Era a cantiga predileta de seu tempo de solteiro.

E os anos passavam. Bento Ladeira falecera. Os sonhos de Domingos se realizaram plenamente. Os filhos, eram então oito, quasi todos se tinham tornado homens, alguns já estavam casados. As terras vizinhas, de desertas que eram, encontravam-se agora povoadas. Já existia, próxima, uma cidade: a de Vila-Bela. A habitação não era mais aquela palhoça, e, sim, uma ampla casa assobradada, coberta de telhas. Paiós e ranchos por todos os lados. A vida reinava ali por completo: rezes a mugir pelos pastos; cavalos a relinchar; bezerros a berrar nos currais; mangueiras prenhes de porcos; quintal repleto de árvores frutíferas; roças infindas de milho, de arroz, cana e mandioca; monjolos, com seu chio irritante e o marulhar da água que recebiam e despejavam, a socar, compassadamente, o milho ou o arroz; engenhoca de moer cana em função; dezenas e dezenas de galinhas, umas pelos terreiros ou quintais a catar migalhas e insetos, outras, saindo dos ninhos com seus prolongados có-có-ró-cós, tendo ao lado os galos que soltavam os seus estridentes cantos e, pelas árvores, rolinhas soltando arrulhos tristonhos, canários, periquitos, maritacas, pagagaios, tico-ticos e melros, em chilreares confusos. A sombria e inhospita floresta, tornou-se, como por encanto, um lugar aprazível e cheio de vida. O homem venceu à natureza bruta.

Era o dia 25 de maio de 1910. Do-

mingos e Paulina, muito velhinhos, rodeados de netos, olhavam para o céu, horrorizados, com o tamanho cada vez maior que ia adquirindo o cometa Halley.

— Paulina, vamos ter desgraças!

— Oxalá que não — responde-lhe Paulina com a sua voz sumida.

— Dizem que o mundo ficará arrasado caso a cauda esbarre na Terra — intervém o velho Gregório, que se encontrava à porta próxima, olhando também, aterrorizado, para o cometa.

Não se enganou Domingos: O cometa vaticinava mesmo desgraças.

Na manhã seguinte chegam à sua fazenda dois Oficiais de Justiça, que o citam para comparecer em Juízo, na cidade de Vila-Bela, a-fim-de contestar uma ação reivindicatória que contra êle, fôra proposta por Antônio Leocádio de Oliveira.

— Domingos, a-pesar-de muito velho, monta a cavalo imediatamente, acompanhado de um dos filhos, e vai à cidade contratar um conhecido advogado para defendê-lo. O advogado leva-o ao cartório e lhe mostra a documentação do reivindicante: Uma escritura pública passada no Estado de Minas, em 1872, acompanhada de algumas públicas-formas que formavam o encadeamento do domínio do reivindicante. Antônio Leocádio de Oliveira, vasculhador de cartórios, à cata de títulos nulos ou defeituosos, useiro e vezeiro em negócios escusos, sabedor de que Domingos Alves não possuía títulos de domínio sobre as suas terras, mancomunado com um Escrivão de uma das cidades do Estado de Minas, falsificara, com papéis em branco arrancados de livros e autos antigos, fazendo uso de tinta adequada, essa escritura e essas públicas-formas, tôdas adrede rasgadas e queimadas somente aos lados, a-fim-de que tomassem a aparência de antigas.

Ao lhe serem lidas, Domingos Alves, num assomo de grande cólera, com a sua voz roufenha, grita sem cessar:

— Isto é ladroeira! Isto é ladroeira!

Senta-se, tremendo, muito irado, e continua:

— Porque somente agora se lembraram de fazer isto?

— E' porque, responde êle próprio, minha propriedade, hoje, tem grande valor. Por que não fizeram como eu, quando estas paragens eram desertas e habitadas somente por índios e feras? Se minhas terras têm hoje algum valor, continua êle, é devido a isto: terminou passando as magras mãos pela testa encarquilhada, como que tirando dela bâtegas de suor.

Passada a procuração ao seu advogado, regressa a casa. Ao transpor a serra, viu, lá em baixo, sua fazenda toda cultivada e tão cheia de vida. Contemplando-a, transfigura-se todo, dá-se-lhe um como no na garganta, seus olhos se esbugalham, lágrimas e lágrimas, em seguida, se



Dúlio Costa

Secretário da Imprensa Oficial e um dedicado amigo de “Oeste”

deslizam pela sua tez sulcada de rugas, molhando-lhe as barbas, e exclama em voz trêmula:

— Não, não é possível! Só morto é que me tirarão daqui!

A ação foi contestada, prosseguiu cheia de incidentes, durante dois anos, tendo Domingos Alves vendido todo o gado para pagar os honorários de seu advogado e as custas. Perdera a questão, tanto na primeira como na segunda instância. Nomearam-se, a dedo, peritos, que deram como verdadeiros os documentos, e não lhe foi reconhecido o usucapião, por não lhe assistir a boa fé na posse.

— Perdemos a questão, senhor Domingos — diz-lhe o seu advogado, com ar forçado de tristeza, e que tinha ido especialmente à sua fazenda para comunicar-lhe a decisão final. Domingos Alves, ao ouvir estas palavras, empalidece e, por muito tempo, fica mudo. Recupera, a custo, a voz, e pergunta:

— Por que?

— Os documentos foram julgados válidos, e a Justiça afirmou que o senhor não tem boa fé na posse para que pudesse invocar o usucapião...

— Boa fé?

— Sim, senhor Domingos, que o senhor quando se apossou dos terrenos litigiosos sabia que lhe não pertenciam. Eram do Império; hoje, do Estado de Goiás.

— E o ladrão de minhas terras, adquiriu-as êle do Império ou do Estado de Goiás?

— Nem de um, nem de outro, mas porque os documentos tinham mais de trinta anos, e não eram mais anuláveis. A ação que se propuzesse não se extinguiu pela prescrição.

— Um documento nulo ou falso, guardado secretamente na gaveta,

GOIÂNIA - Empreitada de Titãs

Coronel LÍSIAS RODRIGUES

O coronel aviador Lisias Rodrigues é uma figura bastante conhecida em Goiás e no país. Foi o iniciador da linha aérea para o norte goiano e publicou um livro sobre aspectos das riquezas goianas: "Roteiro do Tocantins". Homem viajado pelo sertão, cuja vida conhece bem, Lisias Rodrigues estaria, mais que ninguém, apto a fa-

adquirir valor só com o decurso desse tempo?

— Penso que não, mas assim se julgou.

— Tudo isto é patifaria grossa! E' ladroeira apadrinhada pela Justiça! — grita Domingos Alves, trêmulo, muito irritado.

Domingos Alves não mais dormiu nas noites seguintes.

Andava, como um louco, por todos os lados, sem direção certa.

Vieram-lhe duas notificações para desocupar a fazenda, juntamente com a família e agregados. Mas não atendeu a elas.

— Só morto é que me tirarão daqui — dizia sempre.

Afinal, chegam à fazenda dois Oficiais de Justiça acompanhados de uma escolta de cinco soldados, para despejá-los da fazenda. Os soldados e os Oficiais de Justiça jogam ao terreiro catres, caixas, roupas, ferramentas, utensílios de cozinha e outros objetos, que iam sendo amontoados, sem ordem, em dois carros de bois para serem atirados fora dos limites da fazenda.

— Paulina, filhos, netos, bisnetos e o velho Gregório, cincoenta ao todo, estavam como que petrificados, com lágrimas nos olhos, olhando para Domingos Alves.

— Não há justiça na Terra, mas haverá no Céu, Domingos! — dizia, sem cessar, Paulina, envergonhada pela velhice, desfazendo-se em choros.

Os soldados apontam-lhe os clavinotes, intimando-os a acompanharem os carros.

Domingos Alves, com as faces chupadas e os cabelos desgrenhados caídos pela testa, caminha, titubeante, de dentro da casa para o lado da porta. Não derrama lágrimas, por que não mais as tem. Chega à frente da porta e pára. Corre vagarosamente os olhos por tudo que o rodeava. Olha para a sua numerosa família, quase toda nascida e criada ali. Soluça amargamente.

Estremece todo. Ao descer a escadaria de minérios de tapanhoacanga, à frente da mesma porta, cai, como que fulminado, rolando por ela abaixo. Estava morto. Gregório auxiliado por dois filhos, o apanha, conduzindo o cadáver para fora dos limites da fazenda.

Bem dizia ele que, dali, só sairia morto!

lar sobre o significado de Goiânia, como realização humana. E falou, em discurso aqui pronunciado, quando do "Batismo Cultural de Goiânia". Seu discurso foi um discurso rico em verdades, penetrante na análise do fenômeno Goiânia, justo no elogio à pessoa de Pedro Ludovico. Um discurso que não perdeu a oportunidade, tão larga foi a visão do orador ao situar a jovem metrópole nos quadros políticos da história pátria. É esse discurso, publicado no nº 11 da "Revista Brasileira de Estatística", que aqui reproduzimos, não só em homenagem ao fundador de Goiânia como também em homenagem ao coronel Lisias Rodrigues.

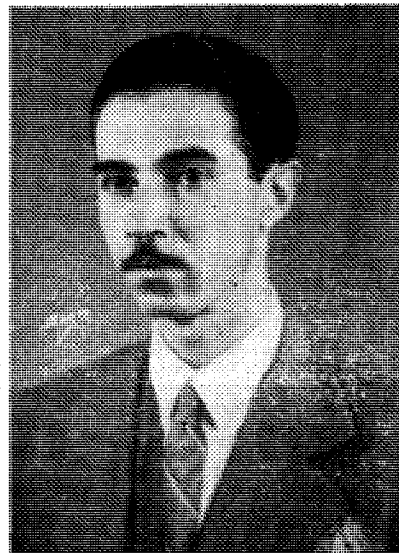
"Exmo. sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira:

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tem a honra e o prazer de vir trazer a V. Excelência suas mais sinceras e cordiais saudações. Ao mesmo tempo, deseja fazer chegar a Vossa Excelência o aplauso sincero, vibrante, aquele que vem do fundo do coração emocionado, pela obra gigantesca que Vossa Excelência vem realizando no Brasil Central, obra que coloca Vossa Excelência entre os maiores vultos dos construtores de nossa nacionalidade.

O ruído do trabalho intenso dessa obra ciclópica, já ecoou por todos os recantos do Brasil, e de todos eles os brasileiros jubilosos voltam-se para Vossa Excelência para aplaudí-lo calorosamente pela patriótica obra que V. Excia. realiza. Se Vossa Excelência nem sempre ouviu esse aplauso de incitamento e agradecimento, é que Vossa Excelência não se contentou em sonhar, projetar e construir uma nova capital, para seu Estado, mas, é também um dos seus obreiros mais ardorosos.

Nessa empreitada de titãs a que Vossa Excelência se devotou, cercado de um pupilo de homens de ação, por certo Vossa Excelência há-de ter encontrado embaraços, aborrecimentos, tropeços de toda classe posto no caminho de Vossa Excelência por pessoas que nem por sombra avaliam o valor imenso dessa linda cidade, o que ela representa para o Brasil Central, onde está plantada como um poderoso facho de civilização.

Vossa Excelência por certo não se admira, e com certeza sabia que as grandes obras, aquelas que fixam um marco balizador na estrada do progresso de uma nação, não se fazem sem que seus autores sofram a tèmpera necessária à rigidez máxima da vontade do idealizador.



Dr. José Bernardo F. de Sousa
Procurador Fiscal da Fazenda Estadual e Professor da Faculdade de Direito

Goiânia, Excelência, não será somente uma capital do rico Estado central de nossa Pátria. Goiânia não será apenas o atestado material de que em todos os tempos o Brasil teve homens capazes de feitos ciclópicos! Goiânia, Excelência, dentro de um lapso de tempo reduzidíssimo, será o centro cultural, econômico e industrial mais importantes de todo o Brasil que não é litorâneo, um foco poderoso de irradiação e atração, cujo valor só poderá ser excedido pela maravilha que é São-Paulo! Já estamos sentindo o poderoso influxo desta cidade que Vossa Excelência em 5 anos levantou. As ferrovias alongam-se para alcançá-la e ultrapassá-la, buscando centros novos de produção de valor incontestes; como se fôsse uma eclosão de nova espécie, as rodovias anseiam por lançar-se para todos os quadrantes, em busca de redes rodoviárias já existentes, abrindo novas possibilidades para regiões ricas do Estado, ermas de meios de transporte, tentando até fixar a espinha dorsal rodoviária do Brasil; as aerovias preparam-se para gizar nos céus novos caminhos para outras regiões de difícil acesso, a-fim-de dar maiores possibilidades a eles e fazerem de Goiânia, talvez, o maior centro aeronáutico do país!

Vendo as consequências diretas e imediatas dessa obra que Vossa Excelência levantou, e as perspectivas assombrosas para o Brasil Central que dela decorrem, o I. B. G. E., prazeroso, deseja reunir nos seus aplausos sinceros a Vossa Excelência os de todos os brasileiros que amam a Pátria!

Ao dr. Pedro Ludovico, nosso aplauso".

Transportes Rodoviários

ZOROASTRO ARTIAGA

Estive, há pouco, em São Paulo, observando o progresso que a viação urbana conquistou devido à crise de carburantes, com a adoção do gasogênio, exibindo belos aparelhos, dignos de admiração.

Todos sabemos do que nos aconteceu, com os processos excusos de comércio, e a quanto fomos obrigados, para não deixar em colapso a nossa economia.

O caminhão, no interior, supriu, integralmente, a falta das estradas de ferro, quanto ao incremento que deu nos transportes de material leve e ao escoamento da nossa produção rural.

Atingidos em cheio com a estagnação abrupta dos fornecimentos de gasolina e óleos, ficamos desarvorados, a mercê do câmbio negro, e na mais desoladora das perspectivas. Veiu então a solução dos improvisamentos de motores a gás pobre, e as primeiras oficinas deste Estado que construíram tais aparelhos, tiveram o prêmio da sua coragem e da sua capacidade para realizar milagres. Goiaz esteve ameaçado, mais do que qualquer outra região do Brasil, dada a fatal circunstância do seu isolamento geográfico, ilha do pela ineficiência da celebre E. F. de Goiaz, que se transformou em instrumento inquisitorial em vez de satisfazer às suas finalidades econômicas e sociais para que fôra construída.

Por isso mesmo, houve uma geral e espontânea mobilização dos obreiros da nossa mecânica, realizando logo a transformação dos nossos veículos e sua adaptação ao gás pobre.

Houve, ao mesmo tempo, um tremendo esforço educativo de emergência, para treinar os nossos motoristas nas manobras do gasogênio com que antes tanto se antipativavam. Iniciou-se a aprendizagem preparatória, inteiramente nossa, tal qual no tempo em que apareceu o caminhão que transformou nossos costumes e criou uma escola de mecânicos de modo a permitir que qualquer elemento humano, dantes proibido de cooperar na mecânica, por falta de meios e de oportunidade, exercesse a sua inteligência eficazmente.

Hoje qualquer destes homens realiza concêrto em plena estrada e os veículos trafegam dia e noite graças aos pendoros do sertanejo para o volante.

No entanto, apesar do êxito do ga-

sogênio em São Paulo, entre nós êle constitue um sofrimento, pois os enguiços aparecem sem razão plausível.

Informam que os motores não puxam nas estradas ruins, que o gás carbônico os intoxica, que há defeitos muito sérios a corrigir. Temos a considerar o seguinte: Cada sistema deverá ser calculado para a capacidade e a qualidade do motor.

Os aparelhos fabricados em Goiaz



Dr. Zoroastro Artiaga

Membro do Conselho Administrativo

ressentem-se dos recursos mecânicos especializados; nêles falta a técnica, que em São Paulo não falta, assim como faltam certos materiais que não podem ser substituídos por outros.

Para a engenharia custou meses de calculos a precisão dos modernos maquinismos quando o fabricante local resolveu o caso em dois tempos. Essa pressa teve a virtude de evitar a interrupção do trânsito, mas os motores estão ameaçados seriamente de "arterio-êclerose" e isso reduzirá a capacidade de transporte da produção regional, exatamente quando a "Goiaz" se declara em "estado de sítio" contra a nossa economia.

Os motores terão que se desmantelar

Urge que na construção de novos aparelhos atue uma técnica mais cautelosa, aplicando dispositivos para se evitar a inutilização ou encurtamento da vida dos motores. O que mais fati-

ga a máquina é o funcionamento defeituoso do fenômeno químico. A combustão é produzida pela combinação do oxigênio do ar com os combustíveis, produzindo a geração do anídrido carbônico e o desenvolvimento de calor.

Os gases combustíveis que se formam dentro do gerador (CO e H₂) combinam com pequena porção de hidrocarburetos não saturados.

As reações exotérmicas, em presença do carbono incandescente, provocam outra reação endotérmica menor. Essa redução do gás carbônico só tem importância real acima de 800° C.

Outras duas reações endotérmicas se dão com o vapor de água e a temperatura da zona de combustão.

O azoto do ar, introduzido no gerador para a combustão, mantém-se inerte no decorrer dos fenômenos químicos referidos acima, e se concentra na massa gasosa gerada.

Os gases formados nos geradores tem poder calorífico que varia entre 850 e 1500 C. por metro cúbico, e contém 25% de óxido de carbono, 45% de anídrido carbônico, 62% de azoto com 10% de hidrogênio.

O conhecimento desta fórmula poderá facilitar a construção, entre nós, dos aparelhos, porque, havendo equilíbrio entre o motor e o gasogênio, haverá economia real da vida útil dos carros, feitos para gasolina e aproveitados abruptamente para o gás pobre, sem a previsão indispensável dos motores pela adaptação inteligente do novo sistema.

Oxalá que a calamidade dos dismantelamentos esteja para muito além do após-guerra. Precisamos muito desses veículos, agora.

Defendendo-os, porque são uma preciosidade, no momento, cremos que estamos protegendo o transporte, que permitirá o distanciamento desse colapso que tanto nos ameaçou. Teríamos que regressar ao tempo dos lótes-de-tropa badalando guisos, estrada a fora, restaurando o prestígio da besta de carga e dos carros de bois...

A política demográfica e nacionalista adotada pelo presidente Getúlio Vargas tem trazido à hinterlândia brasileira benefícios consideráveis, principalmente no setor das comunicações, saúde, educação técnica e economia — PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA.

Visão de Goiânia

BRITO BROCA

Brito Broca é um dos legítimos vultos da moderna geração de intelectuais do Brasil.

Moço culto e talentoso, é já bem grande — e de qualidade — a sua bagagem literária, que anda esparsa pelos principais jornais e revistas do país.

A secção — “Literatura Americana”, que manteve na revista “Cultura Política”, do Rio, é das mais admiradas pelos amantes das boas letras, e nela Brito Broca se revelou, inegavelmente, um dos nossos melhores críticos. Tem, também, obras publicadas, e já fez diversas traduções para as nossas mais importantes editoras.

A curiosidade de conhecer Goiaz surgiu um dia, em meu espírito, pela leitura de *Tropas e Boiadas*, de Hugo Carvalho Ramos. Esse livro, embora anunciasse uma obra que a fatalidade obstou, não deixa de merecer, por isso um lugar de destaque na literatura brasileira. Lugar que a crítica ainda não lhe conferiu. Carvalho Ramos continua pouco conhecido, apesar de uma nova edição de *Tropas e Boiadas*, feita há quatro anos, aos cuidados de João Acioli. Nessa ocasião, me anunciaram que Vitor Carvalho Ramos estava escrevendo um estudo sobre o seu malogrado irmão, mas desse trabalho, até agora, não tive notícia.

Hugo morreu muito moço, quando tudo na sua carreira literária ainda era promessa. A seriedade com que ele encarava a arte, sua ligação profunda com a terra goiana, tudo o levaria, no futuro, a dar-nos uma grande obra, tão brasileira quanto universal. Ele nutria, aliás, os mais vastos propósitos, quando a neurose o mergulhou no abatimento que ia arrastá-lo ao suicídio.

O que faz o principal encanto de *Tropas e Boiadas* é a ausência de fabricação. As planuras goianas são ali descritas por alguém que as conhece e que as viveu. Quasi todos os contos têm caráter folclórico. Carvalho Ramos transmite-nos as lendas, os mitos, os casos comunicados pela tradição sertaneja. Não encontramos os caipiras fal-sos, nem os matutos declamatórios e teatralescos da nossa novelística regional. O homem é o que ele conheceu, iluminado apenas pela poesia do sertão.

Certa vez, a propósito de Carvalho Ramos, falei em mística rural.

Brito Broca aqui esteve em 1942, assistindo os festejos da inauguração oficial da cidade. Conviveu com grandes e pequenos. Visitou todos os recantos de Goiânia. Perguntou muito, falou muito, observou muito. Fez-se amigo sincero de Goiaz e dos goianos, que ele lembra sempre com saudade. Voltando ao Rio, publicou, na notável revista “Cultura Política”, já mencionada, uma crônica admirável, cheia de compreensão e de vivacidade, sobre Goiânia, intitulada — “Visão de Goiânia”, que folgamos, já que se nos oferece ensejo, em transcrever neste número de “Oeste”, dedicado à nova Capital.

Continuo a achar oportuna a expressão. O autor de *Tropas e Boiadas* comunica-se religiosamente com as solidões goianas e é o primeiro a acreditar no que nos conta. Vindo para o Rio estudar Direito, Hugo não conseguiu adaptar-se ao ambiente da grande cidade. Não sei que influência essa desadaptação teria tido na sua neurose; estou certo, porém, de que se ele vivesse mais tempo, havia de retornar a Goiaz e lá permanecer para sempre, como o uruguaio Horácio Quiroga — outro místico do sertão — que nunca pôde afastar-se de sua propriedade rural das Missões.

Mas estas divagações sobre Carvalho Ramos acabariam conduzindo-me para longe dos objetivos deste artigo. Quero apenas frisar o sentido em que se encaminhou minha curiosidade por Goiaz. Era uma visão de lenda que me seduzia. Eu ia procurar um Goiaz da minha infância.

Houve também a influência das versões anedóticas. Cavalheiros que nunca se afastam do asfalto carioca costumam dizer, para os que regressam daqueles rincões, numa compenetração jocosa: — “Goiaz não existe. É uma ficção, meu amigo. Você tem certeza de que esteve lá mesmo? Não acredito” . . .

E o que se contava da velha política goiana? A história de uma faculdade de Direito, cujo diretor era professor e aluno ao mesmo tempo; e outros tantos fenômenos próprios de um lugar distante, abandonado, onde não chega a civilização. Goiaz tem sido bem a consciência da fatalidade geográfica do Brasil: no centro do país aquela vasta zona quasi deshabitada.



Tte. Cel. Agenor Santiago
Comandante da Fôrça Pública

Mato-Grosso e Amazonas possuem igualmente selvas, feras e índios, mas assinalaram sempre algum progresso. E Goiaz? A renda de todo o Estado não ia além da de um município de São-Paulo: cinco mil contos.

Quando, em Belo-Horizonte, Guilhermino Cesar me apontava no mapa a rota da via férrea que devia levar-me a Goiânia, dizia-me sorrindo: — “Mas isso é uma espécie de bandeirismo! . . .”

Bandeirismo! Eis a palavra que a situação de Goiaz sempre evocou.

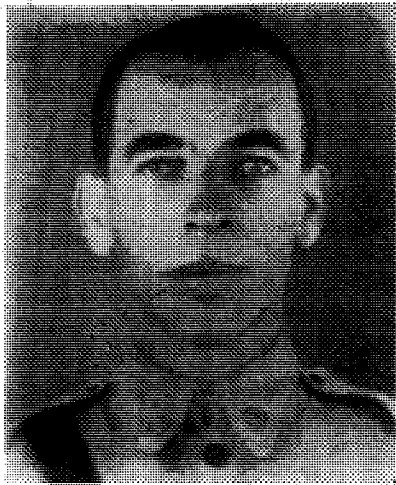
Assim, viajando burguêsmente de trem de ferro e com espírito imerso na sugestão da aventura, segui para Goiaz, o Goiaz, das *Tropas e Boiadas*, e das histórias terríficas, o único que até então existia para mim.

O ROTEIRO DE GOIÂNIA

Manhã fria em Araguari. O comboio da Estrada de Ferro de Goiaz parte às cinco horas. Dois vagões de passageiros apenas. Com pouco tempo de viagem, estamos na estação de Amanhece, nome dos mais pitorescos com que já vi batizar-se um local. Será pelo fato do trem, no inverno, chegar sempre ali ao amanhecer? Mais uma hora e estamos nas fronteiras de Goiaz. Debruço-me na janela, procurando descortinar o Paranaíba. A cerração se esgarça pelas colinas. O terreno se estende em imensas lombadas, formando um anfiteatro monumental; o centro cortado por larga depressão.

— “O vale do Paranaíba” — anunciava-me um passageiro.

Daí a momentos, atravessamos o rio. Por aqui andava Afonso Arinos, em suas excursões venatórias e precisamente uma página sua, reproduzida no suplemento de um matutino carioca, que trago comi-



Coronel Benedito Albuquerque
Chefe do Gabinete Militar da Interventoria Federal

go, descreve esta paisagem. Posso constatar a fidelidade da descrição.

A primeira estaçãozinha de Goiás é Anhanguera. Já estamos no planalto central. Não teremos mais o recorte denticulado das montanhas, nem a variedade de aspectos dos terrenos acidentados. É a monotonia dos chapadões, das ondulações verdes a perder de vista: campos cobertos de mato rasteiro, onde as árvores se erguem espaçadamente.

Nenhum sinal de floresta. Trilhámos a região do cerrado que já predomina no oeste de Minas, na qual o sertanejo distingue dois tipos de vegetação: o cerradinho e o cerradão. Dizer, portanto, como o representante do Ceará no Congresso de Educação: "E vimos através destas selvas . . ." é abusar da licença literária. No sul de Goiás não há selvas.

A viagem de Araguari a Leopoldo-Bulhões, onde nos espera a jardineira que deverá levar-nos a Goiânia, consome mais de quatorze horas. O trem, de pequena velocidade, vai pachorrento, parando em todas as estações. Preocupar-se com a chegada é irritar inutilmente os nervos. A viagem tem de ser encarada como um piquinique, para ser facilmente suportada. Tudo então se tolera nessas horas lentas, inclusive as piadas dos caixeiros viajantes.

Nas estações há sempre uma mulher vendendo café em tigelinhas ou leite em copos. Pode-se, também, encontrar pastéis, biscoitos. O que não há é troco. Tudo muito humilde e quasi sempre pouco higiênico. Mas quem vai lembrar-se de higiene neste clima saluberrimo do planalto, onde o sol de Maio afugenta toda palidez do rosto? Também eu não sinto que venho dormindo pouco há vários dias, que, desde Belo-Horizonte, estou

fazendo uma viagem tremendamente exaustiva.

Pasamos Ipameri, sede da guarnição federal, onde já se acentua algum progresso. Na praça que vejo do trem ergue-se a igreja matriz, de certo, recentemente construída.

Depois, atravessamos o rio Corumbá e chegamos a Pires-do-Rio, cujo progresso data de poucos anos. O sol começa a declinar. No carro, as palestras, ao lado, versam geralmente sobre gado. Até os passageiros sérios abordam o assunto. O comércio nestes lugarejos por onde vamos passando é em grande parte feito pelos sírios. E se deixando a estrada de ferro, nos internarmos pelas regiões mais ásperas do norte, lá ainda os encontraremos. Eles falam todos nessas cidadezinhas distantes, onde já estiveram e para onde vão.

Um rapaz de capacete e botas, em tudo semelhante a um inglês colonial, conta-me sua história. Vem de longe, de Cavalcante e Cristalina, das zonas de garimpo, e há vários dias que viaja, recorrendo a diversos meios de transporte. Espero ouvir uma narrativa de assaltos, roubos, tiros na noite. Falo-lhe, para provocá-lo, dos perigos a que se expõe nesses fundos agrestes.

— "Mas o povo é pacato — diz ele — gente hospitaleira". É já noite quando passamos em Bonfim. Descobrimos, a distância, as luzes da cidade, situada, não sei porque, a cinco quilômetros da estação. É uma das mais velhas cidades de Goiás, sede do bispado tendo por tudo pretendido a honra de tornar-se a capital. Impresão bem estranha a daquelas luzes longínquas, a brilhar no fundo de um vale — "Bonfim — a cidade do silêncio!!" — diz um passageiro, ao lado. Não me aventurei a abordar o desconhecido para perguntar-lhe a razão da frase.

A expectativa da chegada produz grande agitação no carro. Todos já se conhecem e se propõem a auxiliar-se mutuamente nos dois grandes obstáculos que têm a vencer; a obtenção de lugar na jardineira e de cômodos nos hotéis superlotados de Goiânia, nestes dias já festivos para a nova capital.

E desde então ouço falar no nome de Pedro Ludovico, como a solução de todos os problemas, mesmo os mais comezinhos, o remédio de todos os males, nesta região.

— "Em último caso vamos ao dr. Pedro; o dr. Pedro há de dar um jeito nisso . . ."

COMPREENSÃO

Fui a Goiás exclusivamente para satisfazer uma velha curiosidade, sem nenhum convite especial.

Minha viagem coincidiu apenas com o começo dos festejos inaugurais, mas era menos Goiânia que eu ia ver do que a terra lendária



Major Francisco Ferraz de Lima
Comandante do 1º. B. I.

de Carvalho Ramos. Alimentava, assim, um estado de espírito algo romântico, e é o desvanecimento desse romantismo que pretendo acentuar nessa crônica. Indo a Goiânia apenas pela volúpia de colher impressões novas, ali fui levado a pensar, a tirar conclusões, a encará-la como tema geo-político e não como motivo literário.

Parece-me que a maioria dos turistas que chega à nova capital experimenta, a princípio, uma desilusão. Isso porque não se lembra, nos primeiros momentos, das circunstâncias em que se acha condicionado aquele fenômeno urbano; não se lembra de que a cidade tem seis anos apenas e se encontra no Brasil Central, numa região deserta, fora do alcance da estrada de ferro, a uma distância imensa do Rio; de que, com o apoio do Presidente Vargas, foi fundada e desenvolveu-se pela vontade de um homem—Pedro Ludovico—nesse Estado de Goiás, cuja renda era, até há pouco, de cinco mil contos apenas.

Muitos turistas, mais irrefletidos e irrazoáveis, chegam a reclamar ônibus, bondes e outros tantos elementos de uma grande cidade. Reclama-se também muito contra a terra vermelha, essas nuvens de pó, que erguidas a todo momento pelos veículos, deixam em estado lastimável a roupa de casemira e tornam impossível o uso do terno branco. De fato, com exceção de duas ou três avenidas, o resto da cidade ainda não tem calçamento. O protesto contra a poeira já é um refrão indefectível em Goiânia.

Há outras reclamações ainda. Monteiro Lobato ficou furioso e desancou o grande empreendimento de Pedro Ludovico, somente porque lhe aconteceu, no hotel de Goiânia, o que poderia ter aconte-



Sr. Cid Muller

Diretor Regional do Departamento dos Correios e Telégrafos

cido em qualquer hotel das melhores cidades do mundo. Vi um companheiro de viagem, incapaz de refletir dois minutos, exclamar, cheio de má vontade: — “Mas isso é a tal cidade? . . .”

Também eu reclamei, a princípio; não obstante, compreendi. “Goiânia não é para ser vista, mas para ser compreendida”. Esta frase de Paulo Augusto de Figueiredo, o ilustre presidente do Departamento Administrativo, diz tudo, e ela devia estar inscrita na entrada da cidade, para prevenir o fôresteiro contra juízos apressados.

* * *

Compreendamos Goiânia.

Evidentemente, a cidade ainda nos dá impressão de coisa meio informe. Há muito de vazio, de indefinido nessas ruas traçadas para serem as de uma grande urbe, e por enquanto sem tráfego, sem calçamento e com poucos prédios. Por toda parte, sente-se, naturalmente, a transitoriedade da obra ainda em construção. Seria possível, em seis anos, fazer uma pequena cidade mais compacta. As ambições de Goiânia, porém, são muito grandes para que ela logre atingi-las em pouco tempo. Lembremo-nos do que era Belo-Horizonte com seis anos de vida. E Belo-Horizonte, perto do Rio, num dos maiores Estados do Brasil, em zona rica e povoadíssima.

Goiânia foi, como se sabe, fundada ao lado do arraial de Campinas. E como na capital as construções tivessem de obedecer às rigorosas exigências de um plano urbano, que não prevalecia em Campinas, muita gente preferiu construir no arraial. Consequência: Campinas desenvolveu-se extraordinariamente, ganhando um feito citadino mais definido do

que Goiânia. Hoje é subúrbio da capital e, dentro em pouco, será apenas um bairro. Não há ali aqueles claros, aqueles vazios de Goiânia, resultantes da exigência de, em determinadas ruas, só se poder construir casas de determinado tipo. O turista deve empreender isso, quando vê em muitas avenidas apenas meia dúzia de prédios. Já existem, porém, belos edifícios e a valorização dos terrenos indica o aceleração do ritmo das construções.

UMA AVENTURA GEO-POLÍTICA

A aventura de Pedro Ludovico, embora tenha caráter essencialmente prático, merece um romance. Imaginem esse Interventor que, deixando a velha capital há vinte léguas de distância, vem instalar-se com seus auxiliares, seu aparelhamento burocrático, numa planície quase deserta. Esse homem devia ser muito combatido e a melhor coisa que dele se diria é que era um Quixote.

Falando à imprensa, Pedro Ludovico já explicou sobejamente os motivos que o levaram à quixotesca empreza. A antiga Vila-Boa, descrita com tanta poesia por Saint-Hilaire, pela sua topografia, não podia comportar nenhum plano de remodelação e desenvolvimento. Foi uma cidade fundada no ciclo da mineração e, por um determinismo econômico, veio a tornar-se a capital. Encerrado o ciclo, passando a pecuária a ser a principal fonte de vida do Estado, já não havia mais razão para que o Governo continuasse em local tão impróprio.

Em 1932, quando o sertanista Hermano Ribeiro da Silva passou por Goiaz, rumo ao Araguaia, já se discutia a mudança da capital, e Hermano Ribeiro alude a um dos argumentos invocados pela corrente contrária: o rompimento com a tradição preconizada pelo general Couto de Magalhães, que seria a expansão econômica do Estado pelo norte, comunicando-se com o Pará, através do Tocantins e do Araguaia. Esses dois rios constituem, sem dúvida, magníficas vias de penetração que, desde os tempos coloniais, já preocupavam os governantes, mas nada nos autoriza a supor que a fundação de Goiânia, o afastamento da capital para o sul, dificulte ou venha atrazar o plano de expansão ao norte.

Pedro Ludovico optou por uma solução mais prática no momento; o aproveitamento imediato das possibilidades do sul, compreendendo que o progresso que se irradiar dessa zona só pode favorecer o expansionismo em outra direção. Não houve recuo, mas simplesmente um movimento estratégico. A estratégia da marcha para oeste mandava Goiaz por-se em comu-



Dr. Eduardo Moreira Lima

Delegado do Tesouro Nacional

nicação mais rápida com o sul, para aí adquirir os meios capazes de conduzi-lo a maiores arrancadas. O que não impediu a aventura de Pedro Ludovico de ter um cunho quixotesco. Ninguém acreditava no futuro daquele meia dúzia de casas: uns, porque os interesses lesados os predispunham à má vontade; outros, por natural ceticismo. O Interventor, porém, foi vencendo, um a um, todos os obstáculos, todos os sorrisos de descrença.

E continuará vencendo, porque a obra ainda não se completou e ninguém se mostra mais apto para levá-la a cabo do que esse ser'anejo teimoso e rijo.

Fomos conhecê-lo, uma tarde, no Palácio das Esmeraldas. Pedro Ludovico recebe mais de trinta pessoas por dia. Qualquer pé rapado entra, expõe seus motivos e obtem uma providência. A noite, esse homem que deve estar cansadíssimo, vê-se cercado ainda de visitas e obrigado a alimentar palestra com gente que, muitas vezes, nada tem o que dizer. Gente bem intencionada, sem dúvida, mas incapaz de lembrar-se da fadiga do Interventor.

No seu modesto gabinete, Pedro Ludovico estende-me a mão: é a franqueza, a simplicidade. Sinto bem nele o homem da terra, carregado de experiência, com um passado de lutas. Falo de Goiânia e seu semblante se ilumina; não se excede, porém, no entusiasmo: alude ao futuro de Goiaz, destas terras tão ricas e férteis a que têm faltado até agora meios de exploração. É um homem culto, estudioso, com visão de sociólogo. Paulo Augusto de Figueiredo repórter-me os comentários sempre justos do Interventor, sobre os livros que

acaba de ler. Há doze anos que o Presidente Vargas, com seu alto sênto político, confiou Goiaz a Pedro Ludovico e êle se têm mostrando ali o homem necessário. É o dr. Pedro: a certeza da equidade para tôdas as pendências: o educador. Em Goiaz, mais do que em qualquer outra parte, a palavra governar tem o sentido de educar.

Fico a contemplar a cidade, aqui das imediações do Palácio, nesta tarde de sol, um sol tão benéfico, quanto o de Belo-Horizonte. A frente, estende-se a avenida Goiaz, florida, numa simetria exemplar. A cidade é uma nota viva de modernidade na terra das feras e dos selvagens. Vou seguindo pela avenida e avisto a fachada moderníssima do Cine-Teatro Goiânia. Tudo por aqui é novo, acabado de fazer, traçado pelos mais recentes figurinos. Um avião faz evoluções no céu azul esmaltado. Por tôda parte, o esforço, a vontade de progresso. Penso na melancólica Vila-Boa, de Saint-Hilaire, com suas tradições centenárias, onde estudaram Afonso Arinos e Carvalho Ramos. A velha capital poderá ser conservada agora, como monumento nacional. A fundação de Goiânia salvou-a, da mesma maneira que a de Belo-Horizonte salvou Ouro-Preto. Parece-me que ninguém tem reparado nisso.

Pelo caminho, vou cruzando com baianos, paulistas e mineiros. Principalmente mineiros. Goiânia vem atraindo enormemente a população dos Estados vizinhos. Sonha-se com empresas rendosas, negócios surpreendentes neste recanto onde tudo ainda está por explorar. Até os jogadores profissionais têm rumado para aqui, mas desistem no meio do caminho, quando sabem que o Interventor não permite absolutamente o jogo.

Passam caminhões, bicicletas, gente que a-pesar-da terra vermelha, insiste em andar irrepreensivelmente trajada. Onde está o meu Goiaz lendário? Pedro Ludovico é um homem de realidades. Entretanto, se continuar a caminhar por esta avenida, dentro de alguns minutos a cidade desaparecerá e estarei perdido na savana, nas campinas imensas do planalto central.

Mas paro aqui, de onde, numa perspectiva feliz, descortino o casario moderníssimo de Goiânia, rebrilhando ao sol. Anseio do progresso! O Brasil . . .

OS Messias teóricos ficaram duplamente desapontados: — desapareceu o terreno para suas especulações e o Estado Nacional se mostrou mais eficiente que seus "miraculosos" ídolos: dá, concretamente, o que êles só conseguem prometer — **VASCO DOS REIS GONÇALVES.**



Srta. Livia Borges Teixeira

Inspetora Federal do Colégio Oficial

EXALTAÇÃO

Francisco de Brito

Um gênio audaz, da estirpe do Anhanguera
enfrentando e vencendo dissabores
aqui plantou o marco de outra era.

A' maneira do rude pioneiro
que escreveu a epopéia das Bandeiras,
ao seu povo êle deu novo roteiro.

Da luta furiosa e sem clemência
surgiu Goiânia, esplêndida e vibrante,
em revide aos tabús da decadência.

Soberba, impressionante realidade,
Goiânia empolga como raro exemplo
que um homem dá de força de vontade.

Cabem-lhe agora os louros da vitória:
a quem venceu sozinho uma batalha
sobra um lugar no Panteon da História!

NOVOS RUMOS

COLEMAR NATAL E SILVA

A notícia da invasão do continente europeu, fazendo entrever, no desdobrar dos acontecimentos, uma possibilidade mais concreta do fim próximo da guerra, despertou, na consciência cívica de cada povo, sentimentos patrióticos de naturezas diversas.

Não se falando nos povos europeus, em cujo seio há uma pleiade de problemas de solução imediata, essa perspectiva envolve, para todas as nacionalidades, dentre muitos outros, dois aspectos fundamentais: — a consecução de uma paz mundial, justa, duradoura, baseada num perfeito acôrdo entre as grandes potências vencedoras e no equilíbrio internacional pela posição das nações pequenas, cuja soberania, e até dimensões territoriais tenham de ser estabelecidas; e a adaptação das fórmulas de governo às necessidades complexas do que, em última análise se possa chamar um mundo diferente.

O panorama mundial do após-guerra, vai ser tremendamente bello, não tanto pelo empolgante aspecto bélico da vitória conquistada, a ferro e fôgo nesse entrechoque brutal de milhões de homens contra milhões de homens, mas, é principalmente pelo plano em que vai por os problemas fundamentais da vida: o direito à felicidade pelo uso e gozo dos elementos indispensáveis a uma subsistência condigna para todos.

Por mais difícil e temerário que se faça prognosticar, desde já, a predominância desta ou daquela corrente de ordem sociológica — econômica ou política — uma primeira conclusão se impõe, por si mesma, pela evidência de sua verdade confirmada, sempre, na história dos povos: o sentido igualitário que a luta impôs como decorrência natural do sofrimento em comum — a solidariedade criada pela dôr.

Não há muito tivemos ensejo de dizer: Para corrigir, remover, transformar tudo aquilo que, ainda hoje constitue desigualdade, privilégio, injustiça social, sob todas as suas múltiplas e complexas faces, graves e profundas, sérias e difíceis de serem tocadas, aí está o mais fecundo fator social de nivelamento, esse que esclarece e abranda, une e orienta: o sofrimento, as provações coletivas.

A despeito da complexidade imensa que o tema oferece aos sociólogos, juristas, políticos e pensadores, tudo leva a crêr que a civilização vindoura há de ser mais justa, equitativa e igualitária, porque terá por base esse sentimento

magnífico que frutifica melhor depois das épocas de dôr e de martírio: a solidariedade humana.

Não é preciso ser sociólogo, psicólogo, nem erudito ou evocar uma meia centena de autores para dizer que as provações coletivas são fatores fecundos de aperfeiçoamentos sob vários aspectos. E tamanho, tão cruciante, heróico, épico é o sofrimento gerado por esta guerra que não poderão deixar de



Dr. Colemar Natal e Silva

Procurador Geral do Estado, Presidente da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz

ser grandes, proveitosos e fecundos os seus resultados.

Dentre os seus múltiplos aspectos há um que salta à evidência, por sua atualidade e importância: é o econômico. Sob esse prisma uma primeira feição fica, desde logo definida: a tendência socialista, como fator preponderante, nos novos governos.

A paz não virá, assim, resolver, apenas os problemas, de si amplos, da convivência internacional sob moldes de justiça e liberdade que impeçam a reprodução das guerras, extingam os imperialismos absorventes, resguardam os direitos sagrados de sobrevivência às pequenas pátrias, que ponham fim às lutas de conquistas.

Os problemas internos de cada país terão, necessariamente, que influir na fixação dos princípios gerais: — como deixar de prevenir, de remediar a condição de miséria, fome, pauperismo da massa imensa de habitantes dos

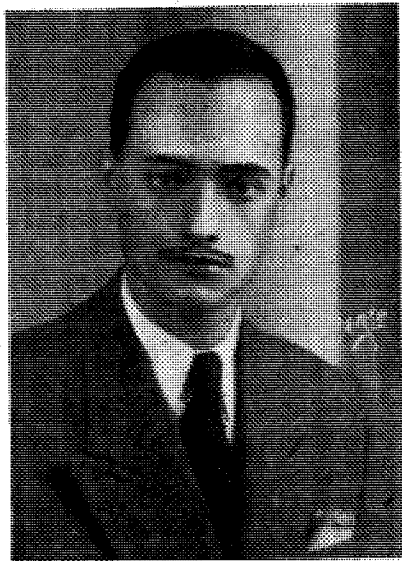
países ocupados, com a produção desorganizada, com as indústrias destruídas, com a lavoura arrasada, sem meios próprios de subsistência nos primeiros tempos — famintos, esfarrapados, revoltados? — Como buscar, em tempo, solver a situação de desajuste e que a cessação completa da produção de guerra, através de todas as indústrias, vai crear para milhões e milhões de trabalhadores? E para esses milhões de convocados que terão de deixar as fileiras — não se falando na multidão de inválidos, mutilados — é mister estabelecer todas as condições de trabalho sob feição justa e compensativa, aparelhar o Estado para dar solução imediata e satisfatória às condições individuais de cada uma dessas classes.

Quaisquer que sejam as dificuldades de ordem interna ou externa, ideológica ou doutrinária, política ou econômica que existam no tablado da discussão para a fixação das fórmulas da paz, em caráter definitivo, — paz externa e paz interna — haverá uma condição permanente como denominador comum: — não se afastar dos princípios, em nome dos quais a guerra vai ser ganha.

A despeito de serem vastas e profundas, as fórmulas já lançadas por Churchill e Roosevelt, concretizadas na carta do Atlântico, implicitamente reafirmadas na conferência de Teheran, com a valiosa e oportuna interferência da Rússia, ainda não se lançou, por prematura, a fórmula completa capaz de conter em si os princípios cardiais que, necessariamente, têm que vir a reger a marcha do mundo de amanhã.

Mais ainda do que o avanço russo, a queda de Roma e outras vitórias, bem assim os auspiciosos sucessos do Pacífico, a invasão veio criar, na progressão harmoniosa de suas consequências, perspectivas tão mais claras e precisas que inspiram desde logo, a necessidade de uma coordenação geral de esforços, estudos, observação e análise para conquista integral de um sentimento profundo, inalterável de coesão em torno de tudo o que, direta ou indiretamente se relacione com a consolidação da paz que vem aí, com a vitória já próxima das armas aliadas.

Já se disse que estamos na encruzilhada de uma outra civilização. Aquela frase de Hitler, embora inverídica no sentido em que foi empregada, não é vazia de sentido sociológico e político e sob ou-



Sr. Frederico Medeiros

Diretor do Dep. de Estatística

tros aspectos: essa luta é uma luta entre dois mundos.

Se são profundamente exatas as observações de Wendell Wilkie em "Um mundo só" elas, em sua essência vem evidenciar o enorme antagonismo existente entre certas concepções dominantes até bem pouco e as novas concepções que a dura realidade de nossos dias, está a indicar, terão que prevalecer, como legítima resultante dessa série imensa de sacrifícios feitos em nome das prerrogativas essenciais das gerações que nos irão suceder.

Essas novas concepções virão atingir, em cheio, a própria estrutura política dos povos.

Nós, da América, nada temos de que nos receiar: pelo contrário havemos de vêr e de sentir como, sob alguns aspectos, a nossa mentalidade se revelou evoluída e avançada, maximé no que concerne à solução de questões inter-americanas, a ausência de ódios e preconceitos raciais, a tradição política de arbitragem e boa vizinhança, etc..

E, particularmente, o Brasil, o nosso Brasil, cuja atitude foi firme, clara, coerente, e cuja participação efetiva na guerra vem representar o cumprimento fiel de seus graves compromissos, vai ter, no após-guerra, uma das fases mais fecundas e brilhantes de sua vida nacional.

É certo que vivemos, como teve de acontecer na Inglaterra, nos Estados Unidos, e em outros países, por causa da situação criada pela supremacia avassaladora dos problemas da guerra, sob restrições a direitos e regalias que estão muito longe de constituir simples licenciosidade, em matéria de liberdade e prerrogativas individuais.

E suportamos essas restrições,

pela exata compreensão de que, entre nós, também elas se faziam necessárias no estado de guerra, para a própria coesão nacional-motivo supremo da hora brasileira de hoje.

No entanto, feita a paz, os nossos horizontes terão que ser muito mais amplos, no que diz respeito à vida constitucional e política do País.

A liberdade de imprensa, o direito de crítica aos atos públicos administrativos, a manifestação das classes organizadas pelo direito de voto, a reorganização do Po-

der Legislativo, virão numa sequência natural, lógica e inevitável.

E o enorme desenvolvimento industrial do Brasil — maximé da indústria pesada que teve no Presidente Vargas, o inspirador e realizador, a pujança econômica, social, agrícola, mineralógica e pecuária, darão ao cenário político brasileiro, sob o influxo das ideias democráticas que vão prevalecer, expurgadas de demagogia balôfa, retórica e inútil, um cenário grandioso, propício a abrir novos rumos, para escaladas ainda maiores.

"BRASIL-PORTUGAL"

Um jornal, quando de programa construtivo, bem inspirado em suas campanhas, honéstio em sua crítica e objetivando finalidades nobres, é, de fato, um valor indiscutível. Jornais de tal linhagem são os que fazem da imprensa um fator de civilização. Pois é um jornal desse teor que surgiu, há pouco, na imprensa brasileira: "Brasil-Portugal".

Pelas edições já vindas a lume, o novo diário brasileiro ganhou, de pronto, um posto na vanguarda da nossa boa imprensa, firmando-se, insofismavelmente, como um órgão que traduz, realmente, os legítimos anseios do povo brasileiro e que se está constituindo, por isso, como um verdadeiro órgão de edificação nacional.

Orientação doutrinária sadia e firme, secções variadas e úteis, colaboradores excelêntes, impressão magnífica, tudo isso tem "Brasil - Portugal", que, a par de se nortear por belos princípios, busca, de um modo particular, o estreitamento dos laços de amizade que unem o Brasil à grande pátria de Camões.

Por isso, "Brasil-Portugal" venceu, explicando-se a grande aceitação que suas edições vão tendo em todo o país.

É diretor-presidente da nova fôlha um brasileiro sob todos os pontos de vista ilustre: o ministro Viriato Vargas. Homem inteligênte e culto, próbo e patriôta, Viriato Vargas vem, com franqueza, desassombro e clarividência, imprimindo ao seu jornal uma diretriz muito elevada, pregando, dentro de princípios humanos eternos, uma política nacionalista honesta, realista

e construtiva, com o que vai traçando ao povo, concientemente, os rumos que êle deve seguir..

Arí Maurell Lôbo é o diretor. Trata-se de um dos mais distintos oficiais do Exército Brasileiro. Pelos artigos que vem assinando no "benjamim" da imprensa nacional, Arí Maurell Lôbo revela-se um jornalista de escól, dotado de alto senso das nossas realidades e possuído de um grande amor ao Brasil.

A gerência está entregue à competência do sr. Geraldo Moreira.

A "Brasil-Portugal", cujo papel se vem patenteando dos mais relevantes no momento atual, as boas vindas de "OESTE".

A guerra é o maior de todos os crimes; mesmo assim não há agressor que não revista o seu crime do pretexto da justiça — VOLTAIRE.



Sr. Gerson Castro-Costa
Diretor Geral do DEIP

POLÍTICA ESTADUAL

SAÚDE PÚBLICA

A nomeação do dr. Aldemar Câmara para o alto posto de Diretor de Saúde Pública no Estado veio confirmar o que disse o sr. Alvaro de Campos Góes, membro do Gabinete Civil da Chefia de Polícia, do Departamento de Segurança Nacional, acerca do critério com que s. excia.; o sr. Interventor Pedro Ludovico Teixeira, escolhe os seus auxiliares.

De fato: o dito inglês — *the right man in the right place*, — no caso do dr. Aldemar Câmara, aplica-se como uma luva. Porque, sem favor, o jovem Diretor de Saúde Pública, no Estado, pela sua inteligência, pela sua cultura especializada, pela sua capacidade de trabalho e pelo seu grande amor ao Brasil, era a figura naturalmente indicada a arcar com as graves responsabilidades de dirigir, em Goiaz, tão importante departamento.

Formou-se, o dr. Aldemar Câmara, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas-Gerais, tendo sido, em Belo-Horizonte, interno dos conhecidos professores Antônio Aleixo, Oto Cirne e Alfredo Balena. Ainda na capital montanhosa foi interno do Hospital do Pronto Socorro e da Santa Casa de Misericórdia.

Aquí em Goiânia, foi Médico da Guarda Civil, Médico Legista da Polícia, interno da Santa Casa e Diretor do Centro de Saúde.

Tem, o ilustrado auxiliar do governo goiano, os seguintes cursos: De Higiene e Saúde Pública do Curso Oficial do Ministério de Educação e Saúde Pública, feito no Instituto de Manguinhos; de Organização e Administração Sanitárias, feito no Departamento Nacional de Saúde; de Gastro-Entereologia, feito com o Professor Geraldo Siffert.

Se tais são os títulos do dr. Aldemar Câmara, que desde os bancos acadêmicos distinguiu-se pela sua inteligência e pela sua dedicação aos estudos, ressalte-se que, no exercício das importantes funções que lhe couberam nos vários cargos públicos, destacou-se, sempre, pela sua operosidade, dedicando-se, de corpo e alma, à solução dos problemas sob sua jurisdição.

Continuando a série de entrevistas com os diretores dos departamentos estaduais, "OESTE" resolveu ir procurar o dr. Aldemar Câmara, a-fim-de bem poder informar o povo sobre o andamento das coisas referentes às questões sanitárias neste Estado.

Recebeu-nos gentilmente, o jo-

vem titular da Pasta da Saúde. E, conquanto atarefado com uma infinidade de serviços, dispoz-se a conceder-nos a entrevista que abaixo se segue, frisando, todavia, que iria ser o mais sucinto possível em suas considerações, pois que a matéria a abordar comportava um verdadeiro livro, e o tempo era escasso. Eis as perguntas que fizemos ao dr. Aldemar Câmara e as respostas que êle nos deu:

— *Quais as verdadeiras atribui-*



Dr. Aldemar Câmara
Diretor de Saúde Pública

ções da Diretoria Geral de Saúde Pública ?

— As seguintes: — orientação, execução, controle e coordenação de todas as atividades estaduais relativas à saúde pública.

— *Quais os órgãos técnicos através dos quais a Diretoria desempenha as suas funções ?*

— Com a sua nova organização, ficou a Diretoria Geral de Saúde reestruturada da seguinte maneira: 1 — Gabinete; 2 — Divisão Técnica; 3 — Serviço de Assistência Médico-Social; 4 — Serviço de Profilaxia da Lepra; 5 — Serviço de Proteção à Maternidade, à Infância e à Adolescência; 6 — Laboratório Central; 7 — Seção Administrativa.

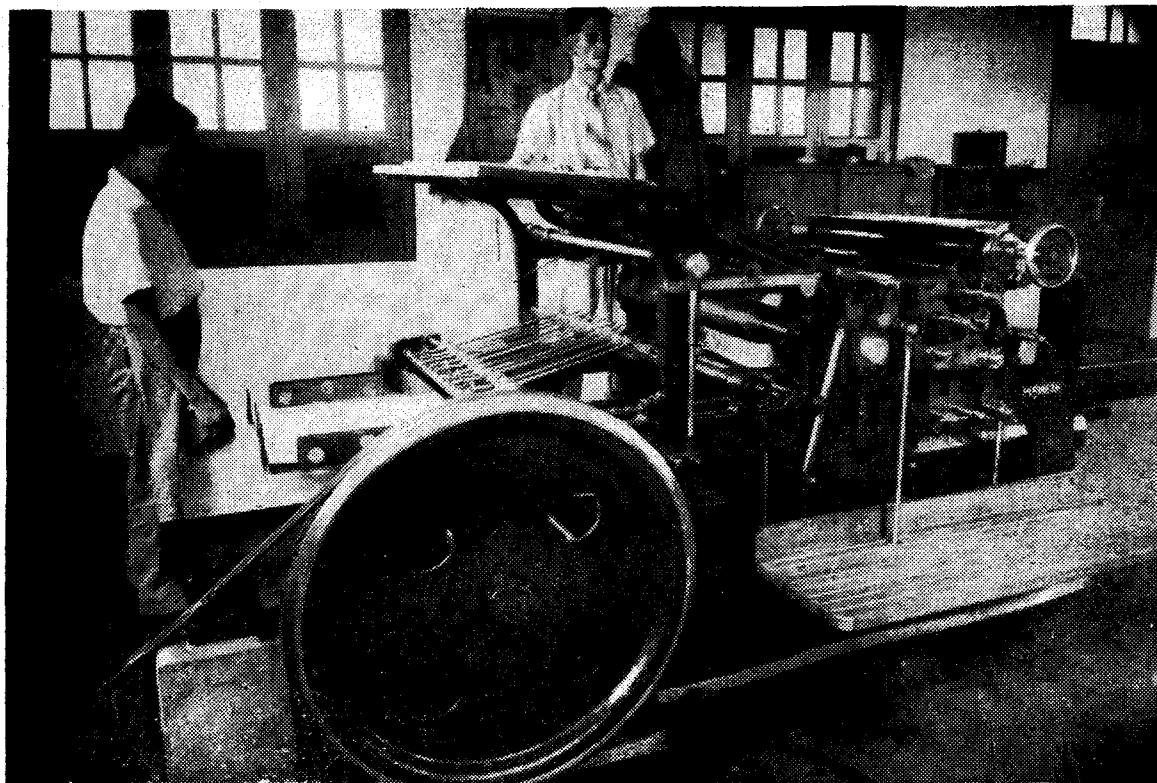
— *Está a Diretoria Geral suficientemente aparelhada, de pessoal e de material, para bem cumprir as suas atribuições ?*

— Nas suas instalações provisórias, forçoso é declarar que a Diretoria ainda não está convenientemente aparelhada, sob o ponto de

vista material, para o perfeito desempenho de suas funções. Também em relação ao pessoal, devemos reconhecer que, mau grado a boa vontade dos funcionários em geral, nos ressentimos, ainda, de certa deficiência técnica. Tais falhas são perfeitamente explicáveis num Estado que só agora, no governo esclarecido do sr. Interventor Pedro Ludovico, se mostra em condições de atacar, de modo sistemático e produtivo, os seus grandes problemas. A renovação administrativa por que passa esta unidade federativa, já se está fazendo sentir, também, na esfera da Saúde Pública. Assim é que a formação de técnicos é uma das preocupações desta Diretoria; médicos e servidores deste Departamento se têm especializado em cursos feitos no Rio e em Goiânia, sendo que, nesta capital, temos sido eficientemente auxiliados por técnicos federais. Por outro lado, já se acha em construção, pelo Estado, um magnífico prédio, especialmente edificado para nêle se instalarem a Diretoria e o Centro de Saúde. Trata-se de um edifício que obedeceu, em sua feitura, a um excelente plano, isto é, foi arquitetado segundo as normas da melhor técnica sanitária moderna. Constará de pois pavimentos. Nêle se centralizarão todos os serviços afetos à Saúde Pública. No andar térreo ficará localizado o Centro de Saúde, e, no superior, a Diretoria Geral e suas dependências. O novo prédio, já em vias de acabamento, foi orçado em Cr\$ 1 200 000,00, e está sendo construído pela Companhia Serviço de Engenharia do Rio de Janeiro.

— *Qual o estado atual dos problemas de Saúde Pública em Goiaz ?*

— Os principais problemas de saúde pública, neste Estado, estão sendo atacados da melhor maneira possível, sendo que, alguns deles, estão já em vias de solução satisfatória. Uns há, entretanto, que, devido a uma série de fatores, demandam maior tempo para ser resolvidos. Outros, ainda aguardam o resultado de estudos que estão sendo feitos, a-fim-de sobre êles poder a Diretoria atuar mais intensamente e com melhor conhecimento de causa. Para maiores esclarecimentos, ai está o caso da lepra, que constitui um dos nossos mais sérios problemas médicos-sociais e que está sendo eficientemente combatido, com êxito que será total, dentro de muito breve. Na batalha que sustentamos contra o "Mal de Hansen", já instalamos a



O PROGRESSO DA IMPRENSA OFICIAL — Neste clichê vê-se uma moderna e possante máquina impressora rotativa — “Planeta” —, adquirida nessa nova fase por que passa a Imprensa Oficial, que está, hoje, convenientemente aparelhada para o desempenho de suas funções.

nossa “cabeça de ponte”, através do Serviço de Profilaxia da Lepra, e o “corpo de vanguarda”, representado pela Colônia Santa Marta, Educandário Afrânio de Azevedo e Dispensários, dentro em pouco dará o “tiro de misericórdia” nessa “hitlerística” infecção. Entre os Dispensários que projetamos construir, um deles, em Rio-Verde, será brevemente iniciado. Apesar da força tremenda de que dispõe o terrível “Mal de Hansen”, inimigo traçoeiro e que está espalhado por todo o país, fazendo a mais formidável obra de “quinta colonismo” contra a grandeza de nossa raça, temos uma fé inabalável na vitória final, porquanto temos no exmo. sr. dr. Ernani Agrícola, ilustre Diretor do Serviço Nacional de Lepra, um verdadeiro Einsenhower, nessa gloriosa campanha. O mesmo cuidado temos dispensado à malária, verminose, sífilis, etc.. Pretendemos, ainda, logo que estejamos em condições, iniciar o combate à tuberculose, bócio, etc.. Quanto à malária, contamos, em seu combate, com a fecunda e valiosa colaboração do Serviço Nacional de Malária, a quem foi entregue a parte executiva da campanha, sendo que esta Diretoria sofre o onus do pagamento de pessoal, transporte, etc., com o que auxiliamos eficazmente àquele Serviço. Dentro em pouco inicia-

remos uma grande luta contra a malária em todo o extenso norte goiano, que é a região mais assolada pela terrível endemia, para o que estamos elaborando os planos necessários. Convém lembrar, ainda, que esta Diretoria mantém uma constante ação profilática, em todo o Estado, contra a varíola, tifo, difteria, através de seus Postos de Saúde e das Prefeituras e outras autoridades, conforme o caso. Quero, também, frisar que o problema da proteção à maternidade e à infância tem merecido a máxima atenção desta Diretoria que, neste setor principalmente, tem contado com um grande apoio do Interventor Pedro Ludovico, bem como com a cooperação valiosa de instituições particulares, e de particulares, todos nós agindo inspirados pela ação patriótica do Departamento Nacional da Criança, que muito nos tem orientado, estimulado e auxiliado na obra meritória. A propósito, cogita-se da criação de postos de puericultura em oito cidades do *hinterland* goiano. Os problemas de assistência social em geral têm sido encarados devidamente pelo Governo do Estado, em colaboração com a Legião Brasileira de Assistência e esta Diretoria. Como vê o caro reporter, há muita coisa para se fazer, mas não estamos de braços cruzados, e, embora sem alardes, temos concien-

cia de que estamos realizando algo de proveitável.

— *Que já fez e que pretende fazer a Diretoria em prol da solução dos problemas que lhe dizem respeito?*

— A resposta está contida na resposta anterior. Quanto aos projetos futuros, a resposta pode ser dada com uma só palavra: **trabalhar**. Procuraremos resolver os problemas conforme se apresentem eles em cada momento e de acordo com os recursos de que dispuzermos. Não posso deixar de acentuar que todos os diretores que me antecederam se mostraram úteis em sua ação administrativa sendo de se salientar, sem dúvida, a obra que todos eles fizeram. Nessa nova fase florescente em que se encontra a Diretoria, cumpre ressaltar o trabalho do meu caro colega dr. José Magalhães, que muito fez pela causa da saúde pública de Goiás.

— *Que tem feito essa Diretoria em favor da saúde do trabalhador urbano e do rural?*

— Pelo trabalhador urbano, temos feito o que fazemos por toda a população. No que toca, todavia, ao trabalhador rural, até hoje, é preciso que se diga, nada fizemos, a não ser de modo isolado e esporádico. Entretanto, a era do trabalhador rural está chegando. Já o Presidente Vargas fez promulgar

JOÃO ALFONSUS

o ante projeto do Estatuto do Trabalhador Rural. E nós, em nosso setor, estamos, já, estudando um plano capaz de beneficiar, realmente, a toda a população campezina, que constitui, sem dúvida, o baluarte de nossa economia, ainda em sua fase agrária. Podem estar certos os homens de campo de Goiaz de que as idéias pregadas pelo grande e saudoso sanitarista patricio, dr. Belisário Pena, continuam presentes no espírito dos sanitaristas brasileiros, e que, havemos, em Goiaz, com o apoio decisivo do Interventor, de pô-las em prática, com o que estaremos realizando a verdadeira e sã política e preparando os alicerces para um Brasil cada vez maior.

— *Que tem feito a Diretoria no tocante à fiscalização de gêneros alimentícios? E no que diz respeito à higiene escolar? E em relação ao problema da habitação?*

— No respeitante a essas questões, devo esclarecer que são, elas, do âmbito de atividade do Centro de Saúde. A fiscalização dos gêneros alimentícios é feita pelos guardas sanitários, que apreendem qualquer produto suspeito, para exame no laboratório central, e exigem dos manipuladores dos gêneros a apresentação da carteira de saúde. Para ser sucinto, direi que nossas exigências, no caso, são as constantes do Regulamento Sanitário em vigor. A higiene escolar é feita por um médico destacado para tal serviço e por dentistas do Centro de Saúde e dos grupos escolares. Sobre o problema da habitação, é oportuno lembrar que as plantas das casas são previamente analisadas e visadas pela Divisão Técnica desta Diretoria, que nelas faz as modificações aconselhadas pela higiene. Além disso, a polícia sanitária faz a inspeção sistemática a domicílio, atendendo, também, as reclamações.

— *Há, em Goiaz, o "Mal de Chagas"?*

— Como em todo, o interior do país, também em Goiaz existe o "Mal das Chagas". Temos acompanhado o desenvolvimento dos estudos feitos a respeito pelo dr. Emanuel Dias e seus colaboradores do Instituto de Manguinhos. Pretendemos entrar em entendimento com aquele ilustre cientista a fim de iniciarmos em Goiaz o estudo do problema, para que, oportunamente, o possamos atacar, através de um plano bem delineado de combate, no qual sejam devidamente considerados todos os fatores que o determinam, seguindo a orientação daquele notável continuador do grande Carlos Chagas, a grande autoridade sobre a matéria, no momento.

— *É grande o atual volume dos trabalhos dessa Diretoria?*

— Sim. E' enorme. Mensalmente

publicamos um boletim, contendo o resumo das atividades desta Diretoria, e por êle o reporter poderá ver que é bastante árdua a nossa tarefa. Mostrou-nos, então, o dr. Aldemar Câmara, alguns de tais boletins, bem como o relatório do ano de 1943, e, compulsando-os, verificamos ser realmente imensa a atividade da Saúde Pública, não só em Goiânia como no interior.

— *Qual tem sido a atitude do sr. Interventor Federal, relativamente às questões afetas a essa Diretoria?*

— O sr. Interventor Pedro Ludovico tem dado, a esta Diretoria, todo apoio, que se faz mister, não só material, como também moral. Sabe êle das deficiências existentes no aparelhamento deste órgão, e, por isso mesmo, e para saná-las, declarou-nos que "êste ano será o ano da Saúde Pública". S. Excia., que é médico, e portanto conhecedor profundo dos assuntos sanitários, tem-nos dado o auxílio que as condições financeiras do Estado lhe têm permitido. Homem de visão ampla, interessado em resolver todos os problemas do Estado, o sr. Interventor, estamos certos, muito breve fará, através dos departamentos competentes, e sob a orientação desta Diretoria, uma obra sanitária digna de registro. Terminando, quero consignar, de público, que muito deve esta Diretoria à dedicação de seu corpo médico, composto de elementos cujos nomes, por si sós, constituem uma garantia de êxito na luta pela melhoria das condições do nosso estado sanitário. A execução dos serviços especializados vem sendo feita, eficientemente, pelos distintos colegas e técnicos: dr. Urbano Vilela; dr. Luiz Glória Mendes, Pardal dos Reis, Romulo Rocha, na Diretoria; dr. José Magalhães, dr. José Sócrates, dr. Manso Pereira; dra. Maria de Lourdes Moraes; dr. Ranier de Paula; dr. Nicodemus Pereira; dr. Fortunato Botelho; dr. Joaquim Cordeiro; dr. Célio Bizoto, no Centro de Saúde; dr. Mário Purri e dr. Domingos Albino Alves, no Serviço de Lepra; dr. Hélio de Loiola; dr. Plínio Camargo, dr. Augusto Otaviano, dr. João de Pinho, dr. Quintiliano José da Silva, dr. Josafá Martins de Oliveira, nos Distritos Sanitários do interior.

Aí está a entrevista do dr. Aldemar Câmara, ilustre Diretor de Saúde Pública no Estado. Pelo que se vê, mais uma vez, é tão notável a transformação por que passou o Estado de Goiaz, com a vitória da Revolução de Outubro e a ascensão ao poder de Pedro Ludovico, que quasi nem acreditamos mais que tivesse existido, mesmo, um Goiaz tão abandonado como o Goiaz de antes de 1930.

"Não há morte que prevaleça para as letras que êle trabalhou, para a humanidade que êle viveu. Havia em João Alfonsus uma força de fixar a vida e penetrar a alma humana, que só era sua. As pequenas coisas, aquilo que era porém, substância da alma, os incidentes que olhos vulgares não viam êste escritor, de verdadeiro senso de humor, transformava em matéria de conto ou romance, que nos abafava pela ternura, ou pela maldade, pela dor que continha. Era doloroso como os russos e era conciso como os franceses. Um conto como "Galinha Cega" é de eternidade, como qualquer um de Maupassant". Foi assim que José Lins do Rêgo, em discurso de adeus, traçou, numa síntese admirável, o retrato intelectual de João Alfonsus, o grande escritor brasileiro cujo desaparecimento, há pouco ocorrido, veio abrir um claro nas letras pátrias.

Modesto e simples, João Alfonsus escreveu, contudo, em seu recolhimento, uma obra notável, das maiores de nossa literatura, sendo que alguns de seus contos foram, mesmo, considerados como dos mais perfeitos da língua portuguesa. Talvez que, no gênero, tenha sido mesmo insuperável, entre nós.

João Alfonsus de Guimarães nasceu em Conceição do Serro, Estado de Minas-Gerais, a 6 de abril de 1901. Era filho de Alfonsus Guimarães, um dos grandes poetas brasileiros de todos os tempos; irmão de Alfonsus Guimarães Filho, poeta dos melhores da moderna geração; e sobrinho de Bernardo Guimarães outro nome de relêvo nas letras indígenas e que foi juiz em Catalão.

Ao falecer, ocupava João Alfonsus, que era bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, um importante cargo na Procuradoria Geral do Estado de Minas. Antes, porém, curtiu o saudoso literato bastantes dificuldades. Exerceu vários cargos mal remunerados e que o obrigavam a constantes viagens, chegando êle a exercer o emprêgo de vigia fiscal em Pôrto de Ponto d'Areia, uma cidadezinha baiana. Foi no meio de tôdas essas dificuldades que êle escreveu os seus contos, os seus romances e os seus ensaios.

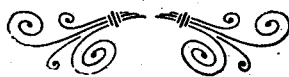
Publicou os seguintes livros: "Galinha Cega" (contos); "Totônio Pacheco" (romance), que obteve o Prêmio Machado de Assis; "Rola Moça", (romance), que alcançou o prêmio da Academia Brasileira de Letras; "Pesca da baleia" (contos); "Eis a noite" (contos e novelas). Anunciava: "Montanha" (romance); "Recordações da casa dos vivos" (artigos de imprensa) e "O ladrão" (contos).

E aí estão alguns dados sobre João Alfonsus, cuja morte enlutou a família literária brasileira, de que êle foi um dos membros preeminentes.

OS GRANDES QUADROS

— DA —

HISTÓRIA DE GOIAZ



Foi em 1673. Pode ter sido antes. Pode ter sido depois. Os historiadores não estão de acôrdo na data. Foi no recesso do sertão imenso. A terra era bárbara e virgem. Os homens intrépidos e valentes. Bartolomeu Bueno barafustara-se pelas selvaticezas. Queria bugres e queria ouro. Certo dia, o rompedor-de-mato defronta-se com índios com pepitas de ouro nas mãos. Era a riqueza a aflorar nos chãos imensos. Bartolomeu Bueno tenta obter da bugrama a indicação da mina fartíssima. E em face

da negativa obstinada, o paulista lança mão de um recurso extremo. Deita fogo à aguardente, em um prato, ameaçando a gentildade de lhe incendiar os rios. As águas tôdas.

O episódio pode não ser verdadeiro. O que é certo, porém, é que Bartolomeu Bueno esteve em Goiaz e, no sertão mais escondido, travou relação com a indiaiada. Foi êsse, talvez, o mais remoto encontro cordial do branco colonizador com os primitivos habitantes de Goiaz.

O Brasil Mediterrâneo

Álvaro de Campos Góes

Muito se tem falado na marcha para o Oeste Brasileiro, mas é necessário que esta expressão seja estudada no verdadeiro sentido de **brasilidade**, mormente nesta ocasião difícil que vai atravessando o nosso Brasil.

Para termos uma idéia do que seja o Brasil mediterrâneo, faz-se necessário que marchemos para o Oeste, e assim teremos a noção exata da grandeza e do futuro do Brasil.

A penetração em Goiás, Estado de uma riqueza fabulosa, é sempre uma coisa bastante interessante para os jornalistas e para os que desejam, realmente conhecer o que há de reserva no seio de nosso imenso país.

Na minha travessia através do Estado central do Brasil, tive oportunidade de encontrar um colosso de elementos do Rio-Grande-do-Sul, da Baía, de Pernambuco, de São-Paulo, Minas-Gerais e outros Estados brasileiros, que vão penetrando heroicamente, como verdadeiros pioneiros do sertão, em busca do El-Dorado e das riquezas por lá adormecidas. Estes homens, com o dinamismo peculiar aos desbravadores, estão empenhados numa luta rude contra a selva e os seus elementos.

A mão de Pedro Ludovico, o operoso e honesto Interventor do Estado de Goiás, vem transformando misteriosamente aquelas paragens, outrora desertas, num verdadeiro paraíso brasileiro. A obra possante de Ludovico sente-se de início, ao defrontarmos com as realizações levadas a efeito na nova Capital, Goiânia, a Esmeralda do Oeste Brasileiro. Tudo aí é novo e observamos uma corrida ciclópica no sentido de que a cidade vá estendendo os seus tentáculos em várias direções.

O Estado de Goiás está hoje cortado de belas estradas de rodagens e os goianos devem destes empreendimentos ao sr. Pedro Ludovico, o Céleste da administração brasileira.

A coisa mais impressionante que vamos encontrar naquela gleba hospitaleira e amiga é, precisamente, o fato do Interventor haver aberto uma clareira na floresta tropical e fundado uma cidade que é o símbolo da capacidade construtora dum artista consumado.

Goiás tem um clima privilegiado. Dado o grande surto de progresso que vai tomando conta do Estado de Goiás as terras têm sido demasiadamente valorizadas, razão por que notamos uma corrida muito natural dos capitalistas e dos pequenos lavradores, de modo que se possam instalar em tempo e tirar proveito das terras férteis.

A pecuária vai tomando um impulso fantástico e no momento o rebanho de bovinos do Estado tem, se-

gundo fui informado pelas autoridades estaduais, perto de sete milhões de cabeças de gado. E' sumamente impressionante esta soma e os criadores primam na seleção do zebu, gado forte e que bem se presta aos desejos dos fazendeiros.

O Estado de Goiás é um dos maiores produtores de arroz e outros cereais de primeira necessidade. Há também um número incalculável de madeiras que se prestam para toda sorte de construções, porque suas florestas são espessas e de riquezas maravilhosas.

Sentimos ao cair da tarde, naque-



Dr. Álvaro de Campos Góes
Do Gabinete do Chefe de Polícia do
Distrito Federal

las plagas distantes, correr uma brisa suave e mesmo no período de verão, quando em outras regiões o calor é uma coisa insuportável, as noites do Planalto Central são admiravelmente agradáveis.

Goiás tem uma das maiores redes fluviais do mundo e seus rios, na sua maioria, são navegáveis em toda extensão dos seus cursos. Os leitos são profundos e há uma variedade de peixes que deixa o viajor estonteado. Os pássaros são vistos nos espaços e na orla das lagoas e à margem dos rios numa profusão notável e as variedades de cores deixam-nos encantados e orgulhosos de nossa riqueza. A caça é muito fácil e nos deparamos no seio da mata virgem e às vezes perto de cidades pequenas com antas, pacas, capivaras, veados, onças e outros animais das regiões ermas do Estado de Goiás. A terra presta-se bem ao plantio da cana de açúcar, algodão, café e outros produtos, como também ao cultivo de fu-

mo, o que é feito em grande escala.

O povo goiano é duma operosidade espantosa e lá não encontrei, o que muita gente costuma falar, a célebre ociosidade do caboclo sertanejo, e sim um profundo dinamismo e uma férrea vontade de bem servir ao Brasil, ao Presidente Vargas e uma estreita colaboração com o sr. P. Ludovico, seu muito digno Interventor Federal.

Pedro Ludovico fez um verdadeiro milagre dentro da administração do Estado de Goiás. Encontrou renda ínfima, de três milhões de cruzeiros e hoje, sem majoração dos impostos estaduais, a renda vai atingindo anualmente a impressionante soma de perto de cinquenta milhões de cruzeiros. Há tendência muito natural para que os cofres públicos façam maior arrecadação de dinheiros, considerando o progresso do Estado nestes últimos tempos, o aparecimento de indústrias, a entrada de capitais novos, a valorização das terras e abertura de novas estradas, nascendo o escoamento natural dos produtos e encurtando as distâncias.

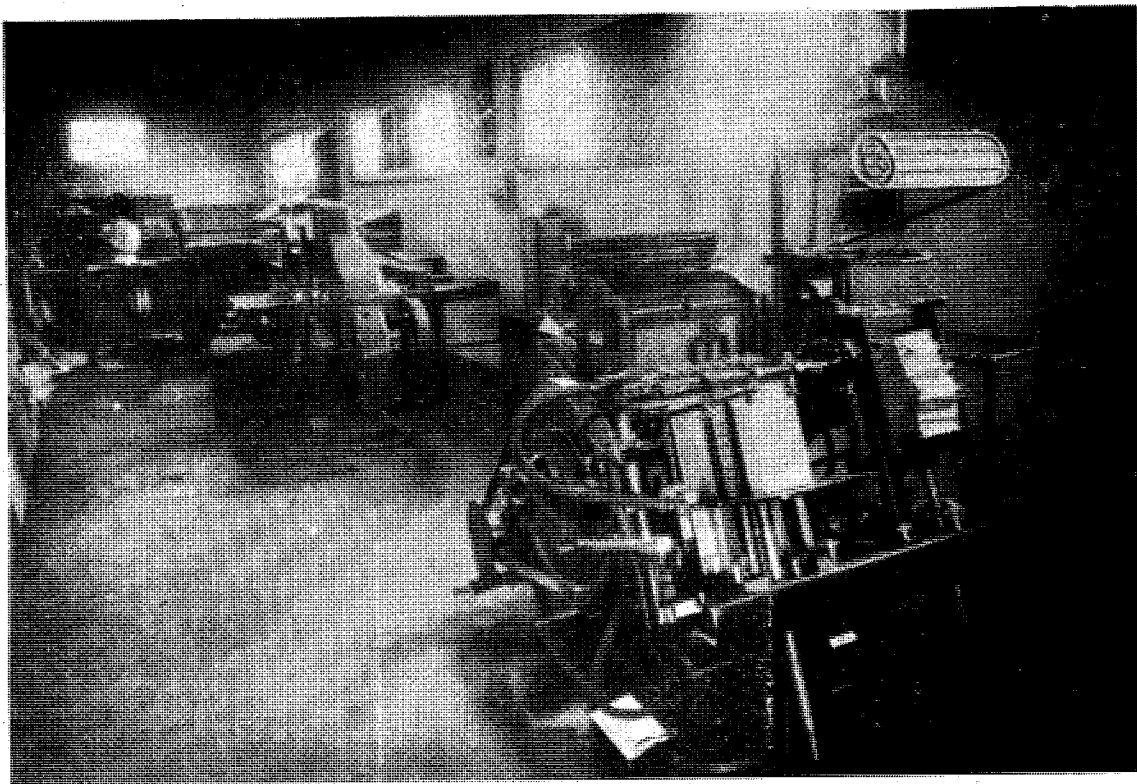
Goiás está necessitando um maior amparo do governo federal, de modo que este venha abrir uma rede de estradas de ferro, porque as rodovias tornam-se muito dispendiosas e as rendas do Estado serão consequentemente absorvidas nesses reparos e em novas construções.

O Governo da União poderá inventer grandes somas de capitais no aproveitamento das quedas d'água, cachoeiras de Dourados, do Marimbondo e tantas outras, fazendo que elas sejam as propulsoras da nossa indústria pesada, movendo as nossas estradas de ferro e levando o progresso às regiões mais remotas do nosso país.

Deverá ser estudado o problema de após guerra, isto a começar de agora, e nunca esperarmos que esta hecatombe venha terminar e saber como deveremos permitir a imigração bem selecionada, porque o Brasil necessita de um número fantástico de braços, a-fim-de que possamos explorar as riquezas contidas no sub-solo do nosso país. São coisas dignas do maior apreço e que merecem um cuidado imediato.

Goiânia é uma cidade encantadora. Lá vamos encontrar um espírito de hospitalidade muito peculiar às outras regiões do Brasil. Os edifícios públicos estão sendo construídos de acordo com os modernos planos urbanísticos e ruas espaçosas e avenidas interessantes vão sendo calçadas com asfalto. As construções vão brotando em todos os sentidos. Há uma ânsia característica do povo, em querer chegar à perfeição, dentro do menor espaço que se pode conceber.

Escolas, hospitais, teatros, cine-



O PROGRESSO DA IMPRENSA OFICIAL — Vêm-se, na gravura, as excelentes máquinas automáticas, que vieram preencher uma lacuna nas oficinas da Imprensa, melhorando, enormemente, os serviços técnicos de impressão. São, elas, mais um atestado magnífico do atual progresso da Imprensa Oficial.

mas, belas praças arborizadas e bem tratadas, uma sociedade elegante e de grau cultural deveras elevado, orna a formosa capital do planalto do Brasil Mediterrâneo.

A obra patriótica do ministro João Alberto, com a Fundação Brasil Central, é digna de ser estudada com o máximo carinho, pois este novo bandeirante pernambucano vai dar ao nosso país fontes de riquezas inesgotáveis e os Estados de Goiás e Mato-Grosso, indubitavelmente serão os pioneiros de nossa Pátria, porque lá é que está o verdadeiro futuro de nossa terra.

Só podem fazer crítica, sem fundamento, a tamanha obra patriótica, os elementos que mal conhecem a Avenida Rio Branco ou que nunca foram aos subúrbios do Rio-de-Janeiro; mas os que têm a sorte de penetrar no Brasil Mediterrâneo verão que o ministro João Alberto é um dos maiores e mais sinceros patriotas que nós temos.

Disse-me o Interventor Pedro Ludovico que está vivamente interessado em colaborar com o Coordenador e para isto não medirá sacrifícios, pondo tudo ao alcance dos novos bandeirantes, daqueles pioneiros do sertão e que dentro de breves tempos irão assombrar os brasileiros do litoral e doutras regiões, com as suas novas descobertas.

E' necessário que os nossos patri-

cios viajem pelo interior do Brasil Central, pois assim terão uma noção perfeita da imensidade deste vastíssimo território, a nova Canaan das Américas livres e que sempre pugnam pelos ideais democráticos.

Agora, que estamos empenhados numa luta de vida e de morte, pois assim nos obrigou o inimigo traiçoeiro, devemos olhar com maior carinho para o interior de nossa terra e aí iremos encontrar o que nós estamos precisando para ganharmos a guerra, auxiliarmos os nossos aliados e desenvolvermos o nosso hinterland, que está pedindo braços para sua exploração.

Não nos esqueçamos que o nosso inimigo é demasiadamente forte. Temos imperiosa urgência de nos fortalecermos cada vez mais e este fortalecimento está precisamente no cultivo da terra e indústria extrativa.

O Presidente Vargas falou-nos na marcha para o Oeste e não pode haver uma expressão mais feliz do que esta empregada pelo Chefe do Governo, mas é preciso que as estradas de ferro avancem pelo interior de Goiás e de Mato-Crosso, com penetração das Companhias Paulista e Mogiana e doutras empresas que desejem colaborar para o engrandecimento de nosso torrão natal, votando-se verbas especiais e fazendo a extração do ouro negro, que está

esperando ser retirado do coração da terra farta e boa.

Alvaro de Campos Góes, que há pouco nos visitou, é um intelectual moço e culto. Advogado e jornalista, exerce êle um alto cargo, na Polícia do Rio. Este artigo, que constitui, para nós, um depoimento valioso, porque partido de tão distinta figura, foi publicado na excelente revista "Brasilidade", que se edita na Capital Federal, em seu número 31, de fevereiro do corrente ano).

Instrui-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite a teus filhos a instrução, que é o dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita — COELHO NETO.

BERTO

o fotógrafo desta revista

METRÓPOLE DO OESTE

“Goiania foi o estímulo, o excitante, o choque que obrigou o nababesco paquiderme a levantar-se”. — PEDRO LUDOVICO).

B. ROCHA.

Parte a bandeira piratiningana
de Bartolomeu Bueno
em busca do El-dourado.
Sapatorras imensas vão rompendo a mata,
inhospita, meçonha,
e as céleres ubás sulcando águas bravias
“nunca dantes navegadas”.

Ei-los em marcha,
almocafres em punho, adagas à cintura.
Nada os detém no glorioso avanço.
As feras se atropelam espantadas,
com medo do arcabuz.
E o bugre, em vez de repelir o branco audaz,
rival de seus domínios,
senhor de suas minas,
vem a êle juntar-se e ensinar-lhe o caminho!

Delira Portugal além dos marés
na febre das orgias e do ouro!
Tôda a riqueza que o Brasil lhe manda,
— arrobas mais arrobas do loiro metal —
é muito pouca, é quasi nada
diante dos desvarios de d. João.
Que os guarda-mores, pois, da pródiga Colônia
de ouro lhe mandem toneladas!

Ei-los em marcha! . . .
Lá vão ficando atrás
as dadivosas plagas de Piratininga.
Rio Grande é transposto.
Rio das Velhas . . .
Paranaíba . . .
Gua-Corumbá . . .

“Bandeirante atrevido”,
Bueno ateia fogo a um prato de aguardente.
E a indiaiada espavorida,
mostrando-lhe as minas de ouro,
lhe chama de ANHANGUERA.

Abre-se, então, a boca do cenário
e no palco aparece
Vila-Boa de Goiás . . .

Aparece, mas o gigante dorme,
cessada a febre do ouro.
Em vão tenta acordá-lo
a pléiade brilhante de seus guias.
Em vão!

Cabeça reclinada entre as montanhas
da azul Serra Dourada,
ei-lo estático, enorme, rico e forte,
conquista esplendorosa do Anhanguera,
a dormir . . . a dormir . . .

Couto de Magalhães, o grande Couto,
rasgando vias sobre a flor das águas,
faz deslizar no plácido Araguaia
os seus barcos-vapores.
Traz lá do sul o velho “Antônio João” de guerra,
numa epopéia de arrojada algara,
ligando o Prata ao indômito Amazonas.

Mas o silvo estridente das caldeiras
não desperta o gigante que modorra.

Visionário atrevido, anatematiza
a sede do govêrno,

onde grilhões pesados acorrentam,
numa rotina criminosa e passadista,
as fôrças de Goiás.

E' quando, delirante, arquitetiza
u'a Metrópole ideal.

E sonha e fala e grita e escreve e aponta
a sua alcandorada Canaã,
surgindo entre a campina alcatifada,
brilhando aos raios fúlgidos do sol.

— Metrópole? Mas qual! . . . Fazer quem ha-de? . . .
Por certo andava louco o arguto General.

Os dias passam lentos, lerdos, lerdos,
até que enfim surge a triunfal manhã de outubro,
molhada de chuva,
lavada de sol.

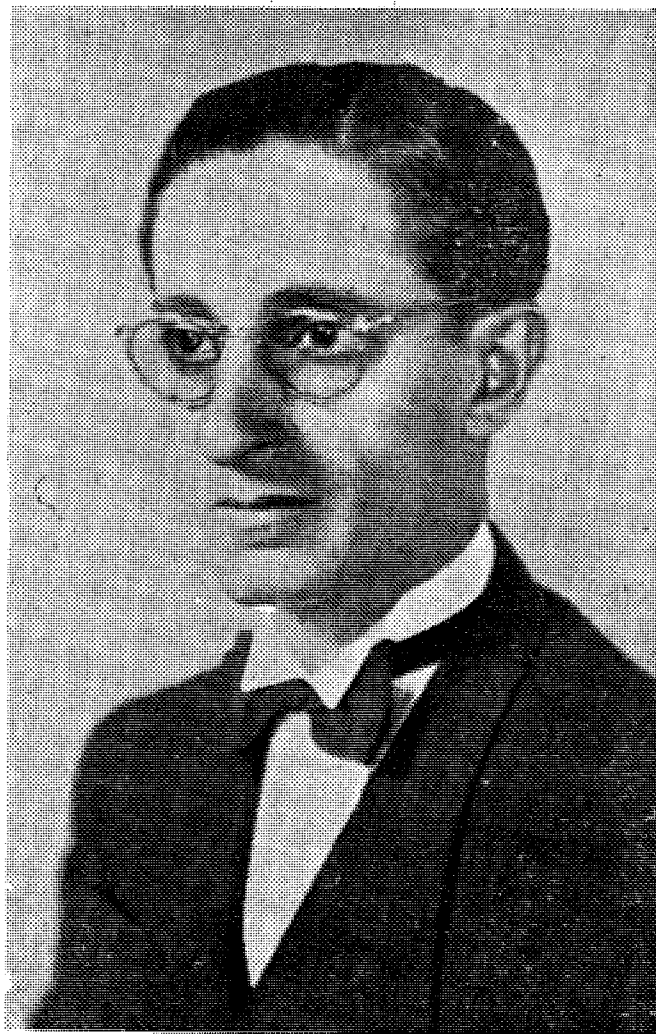
Claros clarins no ar rabiscam
o canto da vitória!
Aliança Liberal,
Getúlio Vargas, Pedro Ludovico!

De novo se abre a boca do cenário
e no palco aparece
GOIÂNIA

“numa arrogância estúpida de sonho”,
numa rijeza de cimento armado,
numa finura de objeto de arte! . . .

Getúlio Vargas apontando ao longe
a fímbria do horizonte que se perde
entre as brumas da terra e o azul do céu,
ordena-lhe marchar.

Tremem-se hercúleos membros enrijados,
faiscam armas novas sob o sol,
e a bandeira, mais forte do que nunca,
mais brava que Fernão Dias Pais Leme
em busca de esmeraldas,
parte de novo, parte para Oeste,
a marchar . . . a marchar . . .



Dr. João d'Ábreu

Diretor do Departamento de Economia e Assistência
ao Cooperativismo

O Mineiro e a Vida Pública

Especial para "OESTE"

Pertence à pleiade brilhante de homens de real valor, que o Governador de Minas arremontou para seus auxiliares, o dr. Menelick de Carvalho, nome dos mais expressivos nos altos círculos políticos, sociais e culturais do Estado montanhês.

Antigo professor da Escola Normal de Belo Horizonte, ex-delegado auxiliar da Chefia de Polícia, em Minas, e ex-Superintendente do Serviço de Veículos e da Guarda-Civil, naquêl Estado, cargos em que se revelou um homem eselarecido, patriota e trabalhador, foi Menelick de

Caio Nelson de Sena, jurista ilustre, sociólogo e historiador de raça, publicou um belo livro fadado a prestar relevante contribuição a quantos se consagram ao estudo das tradições políticas e dos homens públicos evidenciados nos movimentos de opinião que encontraram cenário propício em Minas Gerais: — "João Pinheiro da Silva — Sua vida, sua obra, seu exemplo."

Já se disse aihures que Minas é o ponto demográfico donde melhor se divisa o Brasil e o relicário de cousas do passado onde se aninharam ricos mananciais da história política do nosso país

Seja no concheço ameno e inspirador destas montanhas acolhedoras, onde a liberdade respira a plenos pulmões, numa atmosfera oxigenada de larga solidariedade humana, seja na simplicidade e no recato da sua gente, que tem a vocação congênita de servir e tornar a vida mais digna de ser vivida; seja, por isso mesmo, o alto índice de cultura e sabedoria que êsse povo introspectivo só deixa transparecer na intimidade do convívio, o que é certo é que a boa semente do civismo e das causas idealistas aqui sempre teve terreno fértil e clima favorável.

Desde as primitivas reações da terra virgem, que se perdem nos longes da penetração bandeirante, até os graves cometimentos que deram à nação o domínio e a capacidade do livre exercício da auto-determinação, Minas está presente de alma e de corpo, antes, durante e depois também da eclosão; mas depois, sómente para arcar com os perigos e as responsabilidades e jamais disputar primazias na partilha das vantágens consequentes.

Carvalho, ainda, prefeito em Juiz de Fora e Uberaba, as duas mais importantes cidades mineiras, nas quais fez uma administração verdadeiramente notável. Atualmente, é Diretor do Departamento de Justiça da Secretaria do Interior do Estado de Minas, mas, em licença, está servindo na chefia da Companhia Mineira de Eletricidade, sediada em Juiz de Fora. Os altos postos que ocupou evidenciam, por si sós, os raros méritos de dr. Menelick de Carvalho, como homem público.

Entretanto, é êle ainda um intelectual de vanguarda, talentoso e culto, sendo notáveis os seus estudos econômicos, sociais e administrativos,

O sangue de Tiradentes só foi gerar a Independência nas margens do Ipiranga.

Há na gente mineira um acentuado pudor de ostentação e, mais do que isto, um verdadeiro temor de advogar em causa própria.

E não foi sem essa profunda noção psicológica do meio e da gente, que Thomaz Antônio Gonzaga traçou no soneto imortal o paradigma da vida pública:

**"Obrei quanto o discurso me guiava,
ouvi os sábios quando errar temia:
aos bons no gabinete o peito abria,
na rua a todos como iguais honrava.**

**Julgando os crimes nunca voto dava
mais duro, ou pio do que a lei pedia;
mas podendo salvar o justo, ria,
e devendo punir o réu, chorava.**

**Nem foram, Vila Rica, os meus projetos
meter em férreo cofre cópia d'ouro,
que chegue aos filhos e que passe aos
netos:**

**Outras são as aventuras, que me a-
goiro:
ganhei saudades, adquiri afetos,
vou fazer destes bens melhor tesouro"**

João Pinheiro, por exemplo, foi acima de tudo um crente, um idealista, um desprendido, um democrata no melhor rigor da expressão, um republicano sem medo e sem mácula, que, podendo exigir tudo da República, dela não quis senão o ideal de vê-la prosperar por si mesma.

Republicano histórico no velho sentido, isto é, ao tempo em que ser republicano era crime de lesa-Majestade, dedicou tôdas as energias da

Menelick de Carvalho

publicados em "Cultura Política", "Observador Econômico" e outros importantes órgãos da imprensa nacional. Publicou um livro: "Administração Municipal", em que se demonstra não só um prefeito admirável como um literato agradável, culto e perspicaz. Agora, tem o ilustre escritor, a publicar, um novo trabalho, acêrca de João Pinheiro. E foi um capítulo dessa bela obra inédita que Menelick de Carvalho, aquiescendo gentilmente a um convite nosso, enviou para "OESTE", que se sente, ao publicar tão valiosa peça, sumamente distinguida.

juventude á concretização dessa ideologia política, tida, então, como mero "flatus vocis", sonho vão, temeroso e inatingível, tal o republicanismo do regime monárquico do II Império e a pandemia de comodismo que grassava em todos os setores dos pronunciamentos da opinião pública.

Não desanimou jamais, na imprensa, na tribuna, na cátedra, no pretório, nas excursões, nas horas de lazer, no recesso do lar. Em tôda parte, era o pregador inquieto e veemente, certo, certíssimo de que o Brasil não seria o recanto indigno do sópro de renovação que passava pelas nações cultas.

Quem o visse nas ante-vésperas do advento da República e o julgasse através do sedicção prisma do utilitarismo, diria que já tinha reservado para si um quinhão de vulto para prêmio dos seus esforços ciclôpicos.

Mas, quando veio a surpresa do 15 de Novembro de 1889, êle estava fora da metropole, em região distante, procurando convencer teimosas resistências e demovê-las da ingênua ilusão de que o Brasil sempre fôra e nunca passaria daquela sinistra observação sertaneja: —

**— podem mudar os homens lá da
Côrte, mas aqui nesta mata indesejável,
ou no sertão adústo, a vida
continuará da mesma maneira, porque
es homens e os hábitos não mudarão
nunca.**

Era a filosofia da vida do interior, e contra ela Pinheiro se batia, em bem do sistema popular, com uma intransigência estóica, uma bravura indômita e um admirável poder de persuasão.

Era o crente em tôda a plenitude da eloquência, o apóstolo em tôda a

profundidade das convicções.

A proclamação da República o surpreendeu bem longe da mesa da partilha, e desta nunca participara diretamente, parecendo que tinha horror dela.

O turbilhonamento das vagas revolucionárias trouxe á tona das competições falanges infinitas de republicanos "soit disant" históricos e militantes, salvando-se nos escaleres do "O que é preciso é salvar o país".

E o tufão dos outróra negativistas e descrentes varreu das linhas de vanguarda os idealistas puros. Poucos foram os que persistiram na estacada e conseguiram fincar os marcos geodésicos da triângulação republicana.

Foi quando João Pinheiro, empurrado pelos arrivistas e clássicos consertadores de situações, compreendeu o fundo de verdade que existia na filosofia do sertão, e se dispôs a continuar idealista, mas fora dos postos e entrechoques das ambições malsãs.

Recolheu-se ao seu Caeté, voltando a amassar o barro bom da terra e a modelar as doces manilhas da sua Cerâmica, já que lhe não fôra possível moldar na estrutura do Estado a massa viva dos ideais democráticos.

A República, porém, não lhe foi madrásta. Passado o período de decantação das efervescências e convulsões da primeira hora, quando as cristalizações do espírito novo começaram a florir, como no lago da lenda egípcia, que podia, no tumulto das ágoas, mostrar inalteráveis as tórreres de milenária civilização submersa, João Pinheiro foi chamado a ocupar o posto que lhe pertencia pelas razões do passado e pelas determinantes do futuro.

E foi o que foi na Presidência de Minas Gerais: — o estadista que teve contra si, apenas, o pesar unânime de não ter sido governante há mais tempo e por mais tempo. Minas republicana com êle foi o "povo que se levantou" para a marcha ininterrupta da civilização e do progresso.

Tudo o que hoje vemos, frutificando esplendidamente, na educação popular e no dinamismo multiforme da atuação governamental, é ação evangélica e programática do grande semeador de civismo, que a morte colheu quando mais intensa era a vibração da sua vida e mais auspiciosa era a pregação democrática em Minas.

A vida pública é isso mesmo: idealismo, fé, perseverança; desprendimento, disciplina, senso de oportunidade; cultura, labôr honesto, patriotismo; lição e exemplo às gerações porvindouras.

Mas o fim destas linhas não é tra-

çar o perfil de um nobre vulto da vida mineira de outróra, e acabaríamos fazendo outro livro, que tanto e em vários volumes comporta o romance político de João Pinheiro.

É apenas um depoimento pessoal acêrca de um episódio que por certo não passará despercebido aos pesquisadores dêsse amável gênero de investigações.

João Pinheiro, como todo homem de grande preocupações, tinha atitudes impulsivas, arrebatamentos intempestivos, que destoavam da sua proverbial bonhómia e da justa fama de tolerância popular que gozava. Não era propriamente uma quebra de linha, mas uma certa solução brusca de continuidade na sua tradicional indulgência.

Todavia, tão depressa dava o estouro, como evolvia logo para os dons habituais, dominado por indissimulável sentimento de revolta intima contra si mesmo. E aí revelava em toda a extensão a sua alta nobreza e o viváz sentido de bondade na arte de tratar com o povo.

Foi no seu govêrno que se iniciou o ensino público da agricultura experimental, criando-se em Belo Horizonte o primeiro "campo de experiência" para a seleção de sementes e distribuição de padrões entre os fazendeiros do Estado (1907).

Era o chamado "Campo Prático", que se instalara com rigores de técnica num recanto do Parque Municipal, ali onde veio a ser construído o edificio da Faculdade de Medicina, em cujo flanco direito ainda existe um dos reservatórios de água subterrânea, aspirada a cataventos americanos, importados para êsse fim. Para a perfuração dos poços houve penosos trabalhos, por meio de sondas movidas a vapor, primitivas, muito difíceis de funcionar. João Pinheiro ensinava a manejá-las e corrigia-lhes os defeitos.

Ensinava também a traçar arruamentos, canteiros e canais de irrigação, pegando e fazendo tudo com as próprias mãos. Era êle o primeiro a acionar as máquinas de preparação do terreno e as destinadas a semear por processo mecânico, aparelhos engenhosos e raros pela originalidade, naquêles tempos de rotina veneranda e de "tampa cova com o pé".

O hospital de crianças ao lado da Faculdade é o prédio que Pinheiro construíra para sede da Secretaria da Agricultura, que, a seu ver, devia ser uma gerência de serviços experimentais, cousa objetiva, e não uma pasta política.

Todo santo dia, lá estava o Presidente, calçado de botas e vestido de terno de brim, cedinho, dando instruções ao Beltrão, um português às

vezes ríspido, mas algo entendido nos officios de mestre de cultura e muito obediente às ordens presidenciais.

— Pois não, Senhor Presidente, tudo se vai fazer como v. excia. quer. É só questão dêstes burrões entenderem o que a gente lhes ensina. Mas acabo fazendo eu mesmo tudo o que for preciso.

Certo dia, por volta das 7 horas, achava se João Pinheiro atarefado com a regularização dos bordos de uns canteiros, e um homem do povo aproxima-se dêle, espera uma oportunidade e, eis senão quando, estende-lhe a mão com um pequeno envelope contendo uma apresentação para melhoria de emprêgo.

João Pinheiro volta-se de rompan-te, sai rápido para um lado e larga esta declaração: — "Isto não são horas de cartões!".

O pobre popular foi ao outro mundo e voltou no ar. Desapontado, um sorriso amarelo, pedindo a Deus que o chão se abrisse sob os seus pés, foi se afastando de mansinho, e rumou para casa, que ficava a cousa de uns duzentos passos. Uma casinha de fachada a tijolo nú, sem barrear nem cair, separada do campo por uma extensa cêrcã de bambús trançados, que protegia enorme área de lavoura rústica, capaz de fornecer tudo para a manutenção de uma família, menos o sal. Até a luz noturna era produzida pela combustão do oleo de mamona plantada no fundo da horta.

Alí morava a felicidade, a felicidade arejada daquêle homem sem camisa de quem um rei, pela primeira vez, ouvira a declaração de ser feliz. Só nessa manhã aziaga foi que uma nuvem de acabrunhamento toldou o ambiente do lar feliz:

— Para que fui entregar êste maldito cartão ao Presidente?!?! E agora, com que cara vou aparecer para êle outra vez!.

Mãl entrou em casa, tirou o palitô, passou a mão na enchada, seguiu para a roça e se entregou ao trato da fonte inesgotável das suas consolações: — o amanho da terra, que, incontestavelmente, é um derivativo de primeiríssima ordem.

Num tanque dos fundos, a esposa ensaboava a roupa e, no terreiro, três filhinhos munidos de longas varas de páu mulato, batiam vagens secas de feijão Pôrto-Alegre colhidas na lua passada.

De repente, os meninos correram, olhos estatalados e cheios de curiosidade, para avisarem pai e mãe que, pelo trilho da frente da casa, vinham dois homens de botas e boa aparência.

O lavrador largou de mão a enchada, a mulher pôz de lado a bacia de roupa, os garotos se uniram a

ambos, e todos foram abrir a porteira.

Mas os dois homens já a tinham aberto e estavam em pé no terreiro de bater feijão.

Era João Pinheiro, acompanhado do feitor português.

— Estamos á procura de um cafezinho fresco. Vocês terão algum por aí?

— Pois não, senhor Presidente, será feito num instante. Vamos entrar. A casa é pobre e pequena, mas com v. excelência está enriquecida e o coração é grande para recebê-lo.

Entrou na sala, paradoxalmente chamada de visitas, de piso de tijolo rejuntado a barro de sopapo, paredes mal reboucadas, pintadas a cal extinta. Uma mēsa tōsca, um banco de cavalete e, num canto, uma cadeira de abrir e fechar em x e um tamborete de pau roliço, era tal o mobiliário que esperava a visita presidencial.

João Pinheiro, com a maior sencerimônia, dependurou o chapéu num cabide de chifre de veado e sentou-se folgadoamente, recostando-se na parede, jogando uma perna na lombada do banco e um braço sobre a mēsa e tamborilando com os dedos uma espécie de toque marcial.

E conversou sobre assuntos banais, até que a prosa enveredasse pela história da República, na qual o lavrador se mostrava assáz versado, pois, fôra também dos republicanos históricos, pertencente à martirizada geração dos filhos e netos dos fazendeiros e senhores de escravos que, da noite para o dia, com a Abolição, se viram a braços com uma tremenda e irremediável crise financeira, e, depois de uma adolescência principesca em próspera estância do Estado do Rio, viera para Minas em sombria caminhada de privações e desenganos, empregando-se, afinal, como guarda extra-numerário do Parque da Capital.

A prosa de Pinheiro consumiu uma boa hora e com ela foram tragadas várias tijelas de café da última colheita.

O certo, porém, foi que, melhor do o café, êle experimentou um profundo bem estar de espírito, observando que o homem não estava sentindo com o Presidente dantes mal humorado.

Porque, positivamente, João Pinheiro não estava atrás de café; no Campo o havia e de ótimo paladar. O que o levava à casa do pobre era aquela delicadeza de alma, impelindo-o a reparar o impeto da recusa do cartão.

Levantou-se, pegou do chapéu, convidou o Beltrão a sair, e caminhando com a mão sobre o ombro do lavrador, depois de acariciar os

meninos e cumprimentar a mulher, disse em voz baixa:

— Olhe, quando precisar de mim, não é necessário trazer cartão de ninguém, porque você talvez tenha mais prestígio do que êsses que se julgam capazes de recomendá-lo. Veja o que quer, e amanhã me dê uma nota aqui mesmo.

No outro dia e em vários subseqüentes, lá apareceu de novo para tomar o café do pobre e dar bons dedos de prosa amiga.

Tempos depois, o homem estava promovido e a família transferida para uma residência mais agradável — onde não havia teto sem fôrro nem soalho de chão pisado.

O fazendeiro fluminense, malgrado na terra natal, recobrára, então, a coragem de lutar pela vida; lutou arduamente, venceu e criou e educou a família, que hoje só tem motivos para bendizer o episódio da recusa de um cartão político.

E só Deus sabe o que foi essa família no culto do trabalho, quando vivo João Pinheiro, e o que continuou a ser, com os estímulos e inspi-

rações do exemplo do nobre democrata. As suas mensagens e os seus discursos eram os exercícios do ditado de cada dia, no quadro negro ou nos cadernos em que os filhos aprenderam a ler, escrever e pensar, ensinados pelos pais, à falta de mestres pagos.

Já vai para perto de 40 anos. E até hoje, quando também o velho pai já se foi desta para outra vida, não é sem fundas saudades que se recordam êles de frases lapidares, como estas: — Para grandes males, grandes remédios. Nós, que somos obreiros efêmeros do serviço permanente da Pátria — frases que Pinheiro repetia com ênfase, mesmo nos instantes em que, sobre o banco de cavalete, saboreava o café de esturro, na casa tōsca, de fachada sem barrear, num recanto rude do Campo Prático...

Por tudo isso é que, na hora do Anghelus, muita gente ouve a voz do coração dizer:

— Bendita seja a tua memória, ó João Pinheiro da minha infância humilde e sofredora!

A SEGUNDA VIAGEM DO DESCOBRIDOR

A 21 de outubro de 1725, Bartolomeu Bueno da Silva regressa de sua aventureira viagem pelos sertões goianos, á procura das minas encantadas dos Martírios, que visitára em companhia de seu pai, quarenta anos antes.

O desbravador que, três anos, três meses e dezoito dias antes, partira de São Paulo, com uma bandeira de 152 homens, "regressou com consideráveis prejuizos em sua fazenda e na de seus companheiros." As febres, a bugrama, as privações, as cobras e, sobretudo, a fome, haviam feito verdadeiras devastações nos efetivos da bandeira. Só João Leite dá Silva Ortiz, gênro do desbravador, perdêra 22 escravos.

De regresso dessa viagem, "tendo descoberto o que buscava", Bueno trazia as mãos cheias de ouro. Trazia cerca de vinte e quatro quilos do metal sedutor.

Para reunir êsse ouro, quanto sofrimento Bueno e sua gente passaram!... Quanto!!...

Êsse ouro desvairou São Paulo e, saltando o Atlântico, foi por maiores incêndios, ainda, no coração de dom João V que, atormentado de delírios místicos, torrava em obras pias e em fantasias ditadas pela sua fé tōdas as formidáveis riquezas que o Brasil lhe enviava.

Em 1726, quando dom Rodrigo Cesar de Menezes lançava a sua frota de ca-

nôas sobre as águas sujas do Tiete, Bueno barafustava-se pelo sertão, pela segunda vez, recomposta a sua bandeira, depois de se ter "recolhido tão derrotado que era necessário muito tempo para guarecer as moléstias experimentadas". O descobridor veio afoitamente, rasgando o sertão por êle já domado.

Apesar de Bueno ter sido louvado francamente pelo rei, "pela fortaleza de ânimo com que tolerára os trabalhos e desconfortos dessa jornada, quando êle ingressou em Goiaz, pela segunda vez, não trazia recompensa de cargo algum. Continuava a ser, apenas, o descobridor.

As recompensas, o govêrno das terras e as próprias terras e as passagens dos rios, isso, veio depois. Foi na terceira viagem, em 2 de julho de 1728, que Bartolomeu Bueno veio com a nomeação para os cargos de capitão-mór, regênte e superintendente das minas de Goiaz e trouxe, mais, os direitos de passagens dos rios.

As constituições devem ser leis para a realidade, a-fim-de que não parem subjetivamente na estratosfera da vida dos povos — JOSÉ HONORATO DA SILVA E SOUSA.

Farias Brito

CALDAS NOVAS

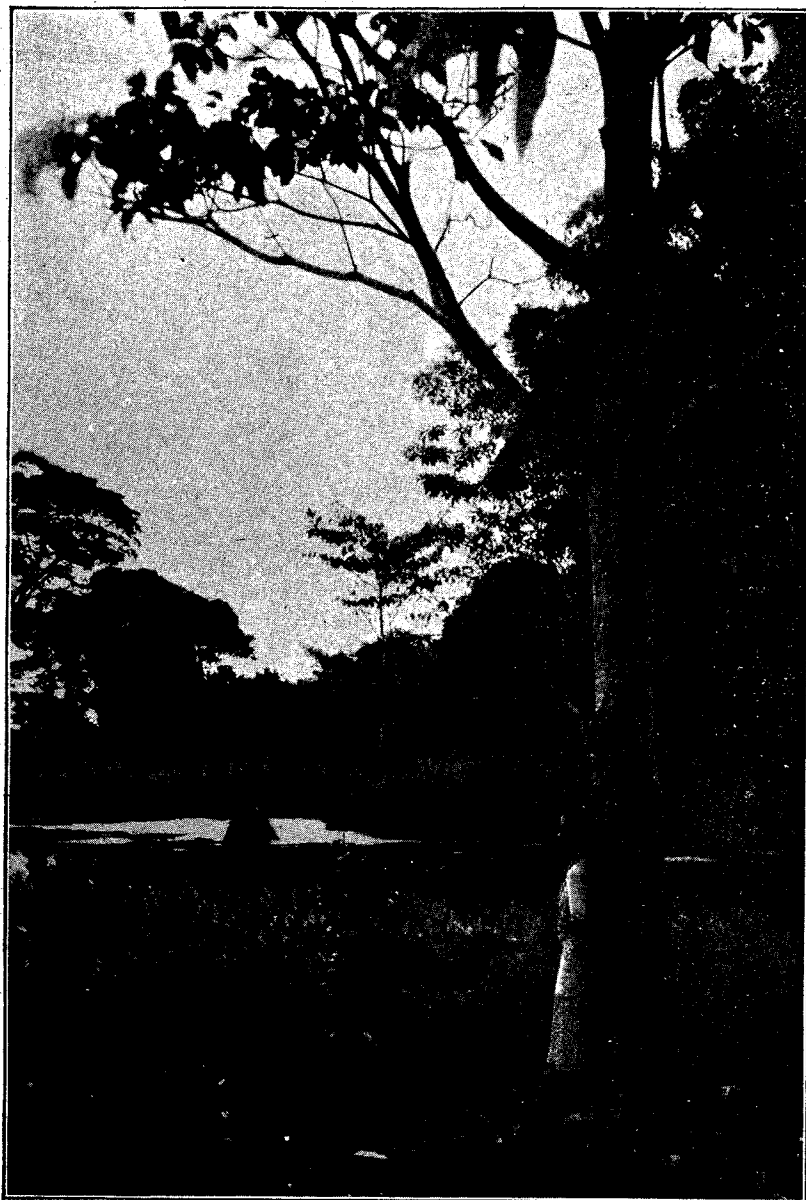
Estudando a história da filosofia no Brasil, assim se exprime o padre Leonel Franca sobre Farias Brito: — “Pela primeira vez, nêsse resumo, encontramos um homem que, com verdadeiro amor, com incansável perseverança e admirável dedicação, sustentado apenas pelo estímulo de um ideal levantado, se tenha consagrado, durante quase tôda a vida, ao estudo da filosofia e ao desenvolvimento orgânico e sistemático de uma doutrina”.

Nasceu Raimundo Farias Brito em São Benedito, no Estado do Ceará, dia 24 de julho de 1864. Foi Promotor Público, Secretário do Governo Estadual e professor no Liceu de Fortaleza. Transferindo-se para o Pará, lecionou na Faculdade de Direito e no Ginásio Pais Coelho, daquêlê Estado. Indo para o Rio, concorreu à cadeira de Lógica, no Ginásio Nacional (Pedro II), obtendo-a, em memorável concurso, em 1909.

Publicou as seguintes obras: — “A Filosofia como atividade permanente do espírito humano”; “A Filosofia Moderna”; “Evolução e Relatividade”; “A verdade como regra das ações”; “A base física do Espírito”; “Ensaio sôbre o conhecimento e a realidade” e “Mundo Interior”.

Resumindo a doutrina do notável pensador, escreve Manuel Bandeira: — “Reagindo contra o criticismo kantiano e o positivismo, achava que só se podia por cobro à anarquia moderna pela restauração do sentimento religioso. Mas para êle as religiões do passado estavam mortas. A religião do futuro seria a filosofia, pois a religião não é senão a moral organizada, e a organização da moral é a função prática da filosofia. Filosofia, moral e religião são solidárias num todo e subordinadas à unidade fundamental da consciência para o fim do desenvolvimento da vida e posse da verdade”. E Tristão de Ataíde, mais sucintamente: — “A filosofia, para Farias Brito, não era uma solução para a verdade, mas um caminho para a verdade. E na sua concepção, a verdade era apenas o termo médio. O homem procura a verdade pela filosofia, atinge-a na ciência, ultrapassa-a pela arte. E na síntese dêsses três elementos estaria o que êle chamava a “religião do futuro”.

E ai estão ligeiros dados sôbre a vida e a obra de Raimundo Farias Brito, que foi, talvez a nossa mais séria vocação filosófica, e cuja obra dignifica o pensamento brasileiro



Lagoa de Pirapitinga

Em 1862, a Escola de Belas Artes promoveu um salão de pintura e, nessa exposição, figurou um quadro do professor F. E. Taunay, representando a descoberta das águas termais de Caldas-Novas.

O catálogo dessa exposição relata concisamente a cena representada pelo pincel do artista: Martinho Coelho andava pela mata, entregue aos prazeres da caça. Ora, aconteceu que uma trelha de cachorros de caça entrou em um pequeno lago existênte dentro do mato e desandou a ganir aflitivamente. E o caçador tentando ver o que fazia sofrer seus cães, verificou que era a água. A água do lago era quente. Queimava.

Foi assim a descoberta das águas de Caldas-Novas. Largos anos ficaram ellas abandonadas, sem o menor aproveitamento, jorrando inutilmente através de suas inumeras nascentes, nos suburbios da cidade de Caldas-Novas e ao longo do ribeirão Pirapitinga.

Por lei de 30 de julho de 1838, entretanto, o govêrno da Provincia foi autorizado a mandar fazer nas águas de Caldas-Novas os estudos necessários ao seu aproveitamento em benefício da humanidade.

Para comemorar a data dessa lei é que se rememora, assim apressadamente, a descoberta das águas termais de Caldas-Novas.

Os governos devem ser fortes —
JOSÉ HONORATO DA SILVA
E SOUSA.

PEDRO LUDOVICO e sua obra no julgamento nacional

"OESTE", nesta edição especial dedicada à jovem metrópole de Goiás, julga oportuno publicar algumas das centenas de opiniões que brasileiros de tôdas as condições e de tôdos os recantos do país têm emitido a respeito de seu idealizador e realizador, o Interventor Pedro Ludovico, pois que é sempre bom saber-se como o povo julga os seus dirigentes, meio de que podemos dispor para avaliar o teor de tôda obra governamental.

Como verão os leitores, o Chefe do Executivo Goiano é considerado como um vulto singularmente situado na galeria dos grandes nomes nacionais. De fato: figuras eminentes, de sacerdotes, de políticos, de jornalistas, de literatos, administradores, pedagogos; estudantes de nossas escolas superiores, secundárias e primárias; operários do campo e da cidade, gente simples e espontânea em suas manifestações de simpatia; estrangeiros e nacionais, pretos e brancos, homens e mulheres, velhos, moços e crianças, — gente de tôda parte e de tôda categoria se tem expressado, de modo verdadeiramente consagrado, acêrca da personalidade e da obra do Interventor Pedro Ludovico Teixeira. Isso é significativo e demonstra, de maneira inequívoca, o quanto andou inspirado o Presidente Getúlio Vargas quando confiou os destinos de Goiás a êsse brasileiro extraordinário, que D. Aquino Corrêa qualificou, um dia, de "O Terceiro Anhanguera", que o ilustre general Emílio Sousa Doca disse ser uma figura "que já passou à imortalidade" e que o Sr. Ernesto Pelanda disse seria, na Grécia antiga, considerado um semi-deus.

O Interventor Pedro Ludovico, ao se ver tão compreendido e aplaudido pelos seus compatriotas, desde o Presidente da República ao mais modesto dos nossos patricios, recebe, assim, uma verdadeira consagração em vida, o que é justo, pois o notável sertanejo tem feito grandes coisas e a glória não foi feita apenas para os que já se foram, mas para os que a merecem.

Eis, a seguir, como julgam Pedro Ludovico os seus compatriotas:

Presidente Getúlio Vargas: — "O Governo Nacional, no propósito de impulsionar o Brasil como um todo orgânico e equilibrado, continuará a prestar-vos amplo auxílio, principalmente no que se refere ao desenvolvimento das comunicações e transportes ferroviários, fluviais e aéreos. Os benefícios resultantes dessa transformação em vossa existência econô-

mica e política são evidentes e não constituem, por certo, obra do acaso ou efeito de circunstâncias fortuitas. É preciso reconhecer, e desejo fazê-lo aqui, que, para alcançá-los, foi necessário colocar à frente do governo um homem da inteligência realizadora do dr. Pedro Ludovico Teixeira, devotado, desde 1930, ao bem público e ao serviço de seu povo".

Ministro Osvaldo Aranha: "Goiânia, graças ao Interventor Pedro Ludovico, se afirma como uma realização da capacidade criadora dos brasileiros, como um marco de nossa obra civilizadora".

D. AQUINO CORREIA — (Arcebispo de Cuiabá e Membro da Academia Brasileira de Letras): "Goiânia, pois, não é tão somente uma flor destes cimos soalheiros, dominados, ao longe, pela poesia altaneira dos Pirineus e da Serra Dourada: é muito mais. Goiânia é uma flor miraculosa do Estado Novo, que nela tem hoje um monumento de sua política de realizações; nela tem hoje um troféu de vitória para os seus ideais de renovação da nossa democracia, em moldes mais consentâneos com a razão e a indole da gente brasileira; nela tem hoje, enfim, um farol radioso, levantado no centro do país, para nortear os caminhos do nosso verdadeiro engrandecimento".

EMBAIXADOR J. C. DE MACE-DO SOARES — (Ex-Ministro de Estado e ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras): — "Êsse impulso vigoroso da civilização, visando o domínio completo do patrimônio que nos legou o espírito bandeirante, encontrou em Goiânia a sua primeira e vitoriosa etapa. É um exemplo magnífico de compreensão objetiva dos problemas nacionais; é um milagre da inteligência criadora do homem brasileiro; é uma demonstração a mais da nossa capacidade para as empresas grandiosas — êsse espetáculo de fé nos destinos do Brasil que Goiás nos oferece, como exemplo admirável de predestinação histórica".

CORONEL LIMA FIGUEIREDO — (Do Gabinete Militar do Ministro da Guerra e do Conselho Nacional de Desportos): "Pedro Ludovico Teixeira quiz ser o Sansão que iria derubar as colunas fortíssimas do preconceito daquêles que, por êste ou aquêle motivo, se opunham ao nascimento de uma nova cidade, para onde fosse transferida a sede da Capital. Em Goiânia tudo é dinamismo. O progresso, ali, é impulsionado por asas incontáveis. A paisagem se transforma com uma rapidez incrível. Ontem mata, hoje avenida. On-

tem rio, hoje represa, usina, iluminação elétrica. Ontem macega, hoje campo de aviação, estádio. Ontem pântanos, hoje bosques de eucaliptos. Ontem apertadas veredas por onde o gado desfilava, hoje amplas estradas, largas avenidas. Tudo, assim, numa metamorfóse deslumbrante."

GENERAL EMÍLIO SOUSA DOCA — (Vice-Presidente do Clube Militar): — "Pedro Ludovico é uma figura que já passou à imortalidade"

M. A. TEIXEIRA DE FREITAS — (Secretário Geral do I.B.G.E e Diretor do Departamento de Estatística do Ministério da Educação): "Já se tem observado que tôda empresa grandiosa, cuja realização demanda largueza de recursos, e requiera o concurso de muitas cabeças, e exija a contração de milhares de músculos, traz sempre o cunho de um leader, de uma figura central, cuja vontade coordena as dos outros e cuja inteligência inspira as demais. Goiânia não foge a essa regra, antes a confirma robustamente. Não faltaram a esta obra a inspiração, a inteligência e a vontade de um genuíno condutor, que, realizando-a, nela imprimiu os traços de sua personalidade singular".

CRISTOVÃO LEITE DE CASTRO (Secretário do Conselho Nacional de Geografia): "Goiânia surpreende e encanta. Goiânia é uma afirmação e é uma lição. Viajar-se no meio de extensa vegetação, para, depois de horas e horas de reflexo de paisagens verdes, e só verdes, encontra-se um núcleo urbano, moderno, planejado, cheio de habitações, de movimento e de vida, em que se respira a ânsia do progresso, é qualquer coisa de surpreendente e constitui uma afirmação expressiva, afirmação de vontade e de confiança, pelo que se realiza hoje na visão do futuro".

BENEDITO SILVA (Diretor da Comissão do Orçamento do Ministério da Fazenda): "Para nós, brasileiros, Goiânia é o prelúdio físico da realização de um velho sonho, longamente acalentado — o sonho de estender pelo Brasil a dentro, até as fronteiras ocidentais, a civilização brasileira".

CORONEL LISIAS RODRIGUES: "Goiânia, dentro de um lapso de tempo reduzidíssimo, será o centro cultural, econômico e industrial mais importante de todo o Brasil que não é litorâneo".

MENELICK DE CARVALHO — (Diretor do Departamento de Justiça da Secretaria do Interior de Minas Gerais e Diretor da Companhia Mi-

neira de Eletricidade): “O Dr. Pedro Ludovico Teixeira é, realmente, o grande animador da inteligência moça do Brasil Central e, mais do que isso, um autêntico bandeirante togado, programador e realizador de uma vasta obra de democracia objetiva, que conforta profundamente e enche de orgulho à atual geração de homens públicos de nosso país.”

JOÃO DE LOURENÇO — (Diretor do Serviço de Estatística Econômica e Financeira do I.B.G.E.): “Goiânia reflete o norte e o sul, o leste e o oeste, no ato de sua fixação demográfica e política como célula mater do Estado de Goiaz”.

JOSÉ MARTINS RODRIGUES — (Secretário da Fazenda do Estado do Ceará). “Uma afirmação admirável desse espírito, desse dinamismo construtor, dessa capacidade de realização, desse entusiasmo fundado na realidade, dessa mentalidade objetiva que estuda os fatos antes de buscar as soluções mais justas e mais adequadas, uma evidencição completa desse espírito novo que nos anima a todos os brasileiros, espírito cuja verificação realmente nos conforta e fortalece para as tarefas do porvir que estamos construindo — é, sem dúvida, a extraordinária obra que vem erguendo, neste rincão imponente do território, a administração do Interventor Pedro Ludovico. A cidade de Goiânia não foi construída para satisfazer a vaidade pessoal do administrador. Foi, sim, uma inspiração eloquente e inequívoca do seu patriotismo, porquanto foi criada para nuclear o desenvolvimento de uma civilização, para reatar as tradições do Brasil do passado, estabelecendo aqui o fenômeno do bandeirismo”.

AFRANIO DE CARVALHO (Diretor do Departamento Estadual de Estatística da Bahia): — “Obra de pioneiros, esta cidade honra a inteligência e a atividade de quantos colaboraram na sua construção; mas sobretudo honra o descortino do seu insigne idealizador, o Interventor Pedro Ludovico, a quem, diante dos obstáculos que logrou transpor, já agora se poderia chamar, como o fez Teixeira de Freitas, o “Mago de Goiânia.”

ERNESTO PELANDA (Diretor de Estatística Educacional do Rio Grande do Sul): “Goiânia é um portentoso milagre tornado realidade num cenário das “mil e uma noites” e o homem, ao influxo de cuja poderosa vontade isto se fez, seria, na Grécia heróica, um semi deus”.

RENATO DE ALMEIDA (Chefe do Serviço de Imprensa do Ministério do Exterior): “Goiânia é uma obra de arte, porque não é apenas uma formosa cidade que se edifica no co-

ração do Brasil, mas contém uma sugestão profunda, que encanta e comove. O Chefe do governo goiano não é só o plantador de cidades (a evocação do bandeirante e inevitável), ele é sobretudo um animador do Brasil moderno”.

PADRE BRUNO TEIXEIRA (Diretor do Departamento de Educação do Ceará): “Senhor Pedro Ludovico — a história do futuro por justiça conferirá a V. Excia, sem nenhuma dúvida, o título glorioso de pioneiro da marcha para o oeste e lhe reservará em suas páginas um lugar de relevado destaque; o seu exemplo constituirá um estímulo do fogo que inflamará inteligências e vontades na grande obra de reconstrução nacional”.

LEOPOLDO PÉRES (Presidente do Conselho Administrativo do Amazonas): “Goiânia — grandiosa realização do Estado Novo”.

PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO (Presidente do Conselho Administrativo do Estado de Goiaz) — “Pedro Ludovico não cabe numa época, transcende todos os instantes históricos, é um dos pontos que ligam, pelo mais alto, os contornos do Brasil imortal. Pedro Ludovico é a imagem viva do Brasil novo e forte de Getúlio Vargas: sonham em seu coração os sonhos mais doces de nossa Terra, falam em sua voz as vozes maiores de nossa grandeza, determinam-se em sua vontade a nossa vontade do poder. Não se pode destacar o criador da criação. As coisas, em si, não têm significação; é o homem quem, nelas imprimindo a sua vontade, dá-lhes sentido, caráter, vida, destinação. Daí a feição individual de toda obra, mesmo a mais impessoal. Goiânia, vista “objetivamente” não é mais do que uma cidade como outra qualquer. Mas, como “realização humana”, é algo que está acima de qualquer cidade brasileira. Vale, a meu ver, como uma afirmação da raça; mais: como uma afirmação de raça, tomado o termo no sentido que lhe dá Spengler. É um desmentido dos trópicos aos Lapouge e aos Gobineau; é um desafio dos trópicos aos Atilas do século XX. Porque Goiânia é sobretudo a revelação da capacidade do homem brasileiro. Para mim, mesmo que Goiânia não possuísse sinão choupanas, não valeria menos; nem valeria mais se fôra toda construída em mármore e ouro. Goiânia vale pelo seu conteúdo ideológico, pela sua capacidade histórica. Vale como expressão das virtudes “aristocráticas” de nossa gente. Pedro Ludovico, criando-a, transformou-se num símbolo: o símbolo do homem tropical”.

VASCO DOS REIS GONÇALVES: (Diretor de Educação de Goiaz): —

“Poucas cidades foram criadas por um homem, porque raríssimos homens foram capazes de fundar uma cidade. Pedro Ludovico, um desses homens excepcionalíssimos, deu-nos Goiânia, uma dessas singularíssimas cidades”.

JOSÉ CAMPOS (Desembargador; do Tribunal de Apelação do Estado): “Goiaz, enfim, sob a profícua administração de Pedro Ludovico Teixeira, caminha, assustadoramente, numa fase de progresso nunca dantes vista. É o que se lhe não poderá negar. É de justiça”.

VENERANDO DE FREITAS BORGES (Prefeito de Goiânia): “Getúlio Vargas integrou Goiaz na comunhão pátria. Lembrou-se de uma região esquecida e entregou aos apetites de senhores feudais. Em meu Estado o nome do Chefe da Revolução Brasileira constitui uma bandeira: a ele nos devotamos com verdadeiro culto de civismo. Pedro Ludovico é o delegado de Getúlio Vargas em Goiaz. Espírito íntegro e justo, coloca os interesses nacionais acima de qualquer regionalismo tacanho, o que outrora se observava em razão inversa. Seus amigos são os que labutam pelo engrandecimento da causa pública. S. Excia. não distingue os filhos de outras unidades dos goianos, desde que os anime o espírito de brasileiro que constitui o traço marcante do seu governo. Quem quiser saber o que o Estado Nacional realizou, se não bastassem as gigantesca realizações do Brasil afora, vá a Goiaz. Lá verá todo um povo entregue a uma faina incessante e encontrara instalada no governo uma verdadeira forja do trabalho”.

JOSÉ LUDOVICO DE ALMEIDA (Diretor da Fazenda Estadual de Goiaz): “O nosso grande Interventor sempre recebeu com especial interesse e sempre incentivou com carinho de grande patriota que é, todas as iniciativas bem intencionadas de qualquer de seus auxiliares”.

NICANOR BRASIL GORDO (Diretor Geral do Departamento do Serviço Público, de Goiaz): “Não tem S. Excia. o Interventor Pedro Ludovico poupado esforços no sentido de dotar o funcionalismo estadual, através do D.S.P., dos melhores benefícios no tocante à aparelhagem e organização da máquina administrativa do Estado, bem como no que se refere ao conforto econômico e social de cada servidor, individualmente.”

COLEMAR NATAL E SILVA (Procurador Geral do Estado): “Na hora que parece próxima, em que se precisa de quem não transija, de quem saiba colocar o seu ideal acima de todas as conveniências pessoais e partidárias, inclusivé ao acêno das

fascinações doiradas do poder, na hora de se encontrar o homem capaz de nortear a sua vida política pelo seu ideal, — veremos não só Goiaz, como o Brasil procurar vultos como o de Pedro Ludovico, que ainda existem pelo país afora como reserva da nacionalidade. A tais homens o povo sente que pode acompanhar, porque eles não o abandonam em nenhuma emergência”.

ANTÔNIO DE QUEIROZ BARRETO (Chefe de Polícia neste Estado): “Chefe no verdadeiro sentido da palavra, o Interventor Pedro Ludovico, pode-se dizer, “participa” dos trabalhos de seus auxiliares, mostrando-lhes a estrada larga e clara da boa administração. É o Interventor goiano um guia esclarecido e sereno. Dê-le emana o que é justo e o que é reto”.

MOISÉS COSTA GOMES (Membro do Conselho Administrativo de Goiaz): “Goiânia foi um remédio político providencial, que veio curar males considerados incuráveis. Pedro Ludovico foi o médico milagroso que transformou o corpo inerte de Goiaz em um organismo cheio de vitalidade”.

ZOROASTRO ARTIAGA (Membro do Conselho Administrativo de Goiaz): “O Dr. Pedro Ludovico é o maior idealista goiano de todos os tempos. Espírito emancipado, evoluído, progressista, clarividente, honesto, organizado e culto, representa não um chefe, apenas, mas, um Mestre, cujas lições hão de se projetar luminosamente pelo futuro em realizações impercíveis”.

ABEL SOARES DE CASTRO (Diretor do Departamento das Municipalidades): “Creio que poderíamos dizer de Pedro Ludovico o que do Presidente Getúlio Vargas disse o escritor Jonh Gunther: “é um microfone humano, atento a cada sussurro”. De fato: sua administração registra tôdas as necessidades do Estado, as quais o sr. dr. Pedro Ludovico vai satisfazendo, com zelo, probidade e clarividência”.

ODORICO COSTA (Diretor da Imprensa Oficial do Estado): “Para o Brasil, esta época é Getúlio Vargas. Para Goiaz, esta época é Pedro Ludovico. Sem Getúlio Vargas, o Brasil não teria subsistido. Antes de Pedro Ludovico, Goiaz era uma abstração. Era uma nulidade política”.

ANTÔNIO JURUENA DI GUIMARAES (Diretor da Divisão do D.S. P. do Estado): “Não se colocou onde está por meios fáceis, e falsos, não. Subiu, batalhando pelos seus sinceros ideais libertários. Empunhou armas e enfrentou os inimigos da Liberdade, aqueles brasileiros tarados que tentaram convelir a estrutura moral da Pátria Brasileira. A atitude

dêsse homem que, há quase três lustros, se acha à frente do Governo goiano, é tôda ela gizada, rigorosamente, dentro dos princípios que nortearam a Revolução de 1930 e consolidaram o golpe de 1937. É o Interventor goiano, repetimos, um idealista, na mais fiél expressão do vocabulo”.

GERSON DE CASTRO COSTA (Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda): “Nunca será demais lembrar os nomes dos grandes homens públicos, a ensejos como o de hoje. Vidas como a de Pedro Ludovico devem ser contadas, porque são exemplos edificantes que inspiram emulações e mostram o lado verdadeiramente digno da vida”.

PIERRE MONBEIG (Professor da Faculdade de Sociologia de São Paulo): “Longe dos grandes centros do litoral, sem ligação ferroviária direta, com estradas bastante medíocres, em uma região que há cerca de dois séculos vive vagarosamente, constrói-se uma cidade inteiramente brasileira. Tais são os fatos em sua eloquente brutalidade. Os agentes do telegrafo da novo capital já transmitiram provávelmente um bom número de telegramas oficiais; eu desejaria, porém, que a primeira mensagem enviada de Goiânia aos poderes federais tivesse sido redigida assim:— “Bandeirismo não morreu”.

OTO PRAZERES (Membro da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais): “Goiânia, tão no coração do Brasil, aí está, obra de brasileiros, povoada e construída por brasileiros, criação exclusiva brasileira, êxito completo brasileiro”.

BRITO BROCA (Um dos melhores críticos literários no Brasil): “Há doze anos que o Presidente Vargas, com seu alto senso político, confiou Goiaz a Pedro Ludovico, e êle se tem mostrado ali o homem necessário. É o dr. Pedro: — a certeza da equidade para tôdas as pendências: o educador. Em Goiaz, mais do que em qualquer outro parte, a palavra governar tem o sentido de educar”.

JOÃO ACIOLI (Poeta e romancista de nomeada): “É injusto falar em era de progresso de Goiaz sem fazer menção do nome dêsse cabôclo irrequieto e necessário que é Pedro Ludovico. Porque Goiânia foi o ponto de referência e a razão mais séria dêsse deslumbrante renascimento. E a nova capital, que surgiu como um milagre dentro do Brasil, constitue a realização de uma idéia exclusiva do Interventor a que êle deu corpo e cuja paternidade niguem lhe nega”.

MAXIMINIANO DA MATA TEIXEIRA (Inspetor Federal da Faculdade de Direito): “Pedro Ludovico é um ambicioso impessoal. Nada para si. Tudo de si mesmo. Governando,

vê nisso apenas uma oportunidade de servir ao agregado social de que faz parte. A fundação de Goiânia representa para Goiaz verdadeira revolução social. Goiânia foi nossa revolução político-administrativa: morte de oligarquias, extermínio de famíliocracias, organização de uma nova elite, finalmente, um Goiaz Novo”.

MARILDA PALÍNIA (Professora da Escola Normal e escritora): — “Goiânia fala do futuro, fala da esperança. É a cidade dos nosos filhos, a cidade dos largos horizontes e das largas possibilidades, num convite impetuoso e permanente à luta, na certeza de que ela é o preço da vitória”.

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA DE MENEZES (Antigo deputado e Presidente da Associação Brasileira de Educação): “Goiânia representa um arrojado e patriótico esforço de um administrador moço, idealista e intrépido no sentido de dar às populações sertanejas uma demonstração dos benefícios e vantagens da civilização, proporcionando-lhes as suas comodidades e os seus prazeres. O sr. dr. Pedro Ludovico pode ser considerado, dêsse modo, um verdadeiro, um autêntico sertanista, um desbravador de novo tipo, a quem não é possível recusar aplausos calorosos e entusiásticos”.

ALVARO DE CAMPOS GOES (Jornalista e membro do Gabinete do Chefe de Polícia do Depart. de Segurança Nacional): “O que está se operando na Capital dêste Estado é obra de larga envergadura e que sómente os homens honestos, empreendedores e amantes de sua pátria são capazes de levar a efeito com bom êxito. O senhor Pedro Ludovico é duma felicidade impressionante na escolha dos seus auxiliares imediatos. Está, êste eficiente administrador, cercado duma pléiade de cidadãos notáveis, honestos, abnegados e sinceros nos seus bons propósitos de bem servir à causa nacional. O Interventor Pedro Ludovico é uma das expressões mais fortes do Estado Nacional e um produto vivo da Revolução de 1930. O Brasil necessita de muitos Pedro Ludovico em sua administração”.

ANDERSON HORTA (Professor do Liceu de Goiaz): “Se é certo que as construções novas exigem a demolição das existentes, se é verdade que nas grandes revoluções o homem de pensamento precede o homem de ação — o dr. Pedro Ludovico apresenta, no êxito de sua notável empreza, uma feliz e rara exceção. Efectivamente, apenas uma coisa tem procurado destruir: as paixões inferiores e o espírito de rotina”.

HÉLIO DE ARAÚJO LÔBO (Delegado do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários): “Foi

Goiânia que surgiu. Transformando Goiaz. Redimindo Goiaz. Conclamando Goiaz para essa arrancada magnífica que está galhardamente vencendo, diante da admiração, diante dos aplausos de todo o Brasil. O dinamismo incomparável que impulsionou esse movimento irresistível, a alma dessa vitória, o grande gênio deste triunfo, foi Pedro Ludovico. Foi esse estadista exemplar, que já se imortalizou na gratidão de todos os goianos”.

MOZART SMITH CAMARGOS (Procurador do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes): “Chegamos a ter a impressão de que Deus gravou o seu altar neste planalto. Goiânia é um grande monumento, símbolo da vontade altruística e pulso férreo de um brasileiro ilustre”.

ADERBAL CÂMARA (Consultor Jurídico do Conselho Administrativo): “Com o advento do Estado Nacional, o Interventor Pedro Ludovico, à frente de um punhado de brasileiros idealistas, objetivando a marcha para oeste, criou esse milagre que é Goiânia e firmou, assim, o verdadeiro caminho da grandeza do Brasil”.

MARIO PEÇANHA (Alto funcionário do Ministério da Justiça): — “Goiânia encerra em si vitalidade em proporções tais, que não me arreio de profetizar-lhe um futuro, não remoto, grandiloquente e maravilhoso, no cenário das capitais brasileiras”.

D. HELVÉCIO (Arcebispo de Mariana): “Senhor Interventor Pedro Ludovico: Rogo a Deus proteger os trabalhos gloriosos de Vossa Excelência, já abençoados pelo virtuoso Arcebispo dom Emanuel”.

INÊS PIACÉSE (Da A.B.I.): “Há um outro Pedro, que veio desbançar o grande feito de Cabral, agora em pleno século XX. É o homem que descobriu o modo de fazer milagres. De um velho Estado eternamente primitivo, esquecido e quase nulo, ele tira um mundo novo e, de dentro dele, faz emergir a tradição de um Povo, a ressurreição de uma causa perdida: Goiânia. É a metempsicose dos gênios. Para se saber o que ela é, é preciso vir vê-la. Ela plagia risonhamente a expressão do grande César, vencedor das Gálias: — Vem, vê, convence-te”.

PAULO FLEURÍ DA SILVA E SOUSA (Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento): “Criando um ambiente de ordem e paz em todos os quadrantes de Goiaz; garantindo a amigos e inimigos, indistintamente, a mais ampla liberdade de ação e pensamento; moralizando a administração pública; apoiando e incentivando, de maneira notável, as iniciativas no terreno cultural; fomentando as nossas fontes de produção e mul-

tiplicando o nosso potencial econômico; levando a termo, enfim, uma série de realizações, dentre as quais sobreleva a construção de Goiânia o feito mais grandioso de quantos registra a história de Goiaz — Pedro Ludovico tem, sem dúvida, realizado um grande governo”.

HÉLIO FRANÇA (Gerente da Agência do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais): “O Estado Nacional, que se tem, de fato, caracterizado pelo valor e oportunidade de suas sucessivas realizações, encontrou em Pedro Ludovico um dos seus mais destacados colaboradores, profundamente identificado com suas diretrizes”.

PADRE DR. PEDRO PINTO FERREIRA (Antigo vigário desta Capital): “Pedro Ludovico engrandeceu o seu Estado, pelo qual ainda hoje trabalha, devotando-se de corpo e alma ao seu progresso. E quanto êle tem feito! Quando não fossem outros motivos, bastaria a criação de Goiânia para o imortalizar, mais do que no mármore e no bronze, no coração dos filhos desta terra”.

RAUL LIMA (Funcionário da Secretaria do I.B.G.E.): “Goiânia — capítulo novo e surpreendente nesta fase nova de bandeirismo que o Brasil emprende para assegurar ao seu espaço social a mesma latitude do seu espaço físico”.

GIOVANNI MANARINI (Encarregado das bancas de jornais desta Capital): “O dr. Pedro Ludovico é o homem mais democrático de Goiaz. O homem que não deixa passar a mosca pelo nariz. O maior amigo do trabalhador”.

ANTÔNIO ROCHA (Construtor de passeios): “O dr. Pedro Ludovico é o Grande Beneficor de Goiaz. O seu governo é notável”.

CONSTANCIO RODRIGUES (Vendedor de bilhetes de loterias): “O dr. Pedro Ludovico tem feito um excelente governo”.

JOSÉ LISÍTA (Concertador de rádios): “O dr. Pedro Ludovico é o expoente máximo para o operariado”.

JOSÉ TIBÚRCIO (Operário): “Se todos os que devem seguir o seu exemplo o fizessem, esta terra seria uma maravilha pois como auxiliar do Presidente Vargas é êle um dos mais notáveis e merece a admiração de todo o país”.

JOSÉ DE OLIVEIRA CAMPOS (Operário): “Penso que nenhum Estado poderia desejar melhor interventor. O dr. Pedro Ludovico tem trazido bastante progresso para o Estado”.

VICTOR COELHO DE ALMEIDA (Antigo deputado estadual): “Oxalá cada Estado da Federação tivesse à sua frente um governador do alto quilate do dr. Pedro Ludovico! Teria-

mos, então, a idade de ouro do Brasil”.

ANTÔNIO BALDUINO (Aluno do Colégio Estadual): “Falar sobre a personalidade de Pedro Ludovico é discorrer sobre todas as excelências que a alma humana pode conter. A vida inteira desse grande estadista, que em treze anos fez mais por sua terra que outros em tempo superior a um século, é um exemplo”.

MARIANA RASSI (Aluna da Escola Normal): “O dr. Pedro Ludovico, novo Cristóvão Colombo, abriu novos caminhos para o progresso de Goiaz, do Brasil e das Américas”.

“DIÁRIO DE NOTÍCIAS” (Oração da imprensa carioca, edição de 30 de maio de 1942): “Empreendimento audacioso levado a efeito por um governo que soube traçar diretrizes para executar um programa de realizações, a nova e grande cidade, construída em pleno coração do Brasil, vale por si só para recomendar uma administração”.

LIBERDADE e autoridade são os dois termos básicos da política, e tudo está em os conciliar. Esta conciliação, porém, só é possível em um regime que se interiorize numa filosofia integral, que enquadre todos os valores vitais numa tábua orgânica, onde êles, disciplinados e hierarquizados, sejam ligados a um centro diretor inicial, pelo qual se expliquem e se justifiquem e em função do qual atuem. Tal centro é a PESSOA HUMANA, que deve ser, consequentemente, o ponto de partida e a meta final de toda política. Em um Estado estruturado nessa substância humana, a liberdade consistirá na garantia de condições de vida que possibilitem ao homem, como “indivíduo”, desenvolver-se plenamente; e a autoridade estará no poder organizado, capaz de, regulando o jogo das forças individuais, favorecer o desenvolvimento de “todas elas”, em “todos os indivíduos”, ou seja — no “povo”. Liberdade será, desse jeito, a “força individual”; a “força de cada um”; e a autoridade, o “sistema das forças individuais”, a “força de todos”. Encarando-se assim as coisas, incluindo-se a “força menor” na “força maior”, os conceitos de liberdade e autoridade, longe de se repelir, se completam. A autoridade será, então, a própria liberdade organizada — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO.

UM dos estadistas da época que suscitou interesse universal é o dirigente do Brasil, presidente Getúlio Vargas. Nem mesmo os que foram opositores de sua política podem discutir a envergadura e a firmeza de sua obra. — “Crítica”, de Buenos Aires, Argentina.

Goiânia

Evandro Ribeiro

Terra de encantos mil, de mimos fascinantes,
Que te elevam bem alto, aos píncaros da glória,
Daquí, do extremo sul, aplausos delirantes,
Rainha de Goiaz, recebe de memória!

O povo do Rio Grande, os feitos coruscantes,
De teus filhos assiste, à luz de tua História,
De brilho incandescente e raios deslumbrantes,
Que acendem do Progresso os fachos da vitória.

Eleva-te e fulgura, agora, intensamente,
No centro do Brasil, no coração da gente,
Que o solo te povoa, em plena atividade!

Do brasileiro lar, em nome da Família,
Prosegue o dia inteiro e a noite de vigília,
Lutando pela Pátria, em prol da Humanidade!

N. R. — Evandro Ribeiro é um poeta gaúcho. O soneto aqui transcrito foi declamado pelo dr. Ernesto Pelanda, em nome do vate sulino, quando dos festejos comemorativos do "Batismo Cultural de Goiânia", em solenidade levada a efeito no pavilhão do Rio Grande do Sul, da Exposição, em homenagem da representação gaúcha ao Interventor Pedro Ludovico)

Goiânia

Xavier Júnior

Na elevada planura a cidade aparece,
Palácios ostentando e moradas modernas,
Como as que junto à areia, ante as ondas eternas
Ouvem do oceano a voz, que se alteia e esmorece.

Enquanto arranha-céus e bangalôs alternas,
Escutas, ó Goiânia, as campinas em prece,
E os aplausos da mata ao sertão que floresce,
E a sereia estridente e a voz das aves ternas.

A civilização avança alviçareira,
Abrindo no sertão a esplêndida clareira
De uma grande cidade erguida no planalto.

Renova-se o valor audaz dos bandeirantes.
E, junto do esplendor das selvas luxuriantes,
O progresso desdobra os seus lençóis de asfalto.

O TRABALHADOR BRASILEIRO está bem seguro de que ninguém lhe pode dar garantias e benefícios mais justos e melhores dos que obteve por espontânea outorga de uma legislação conhecida como a mais adiantada do mundo; está consciente de que só a ordem pode assegurar a observância das prerrogativas sociais, porque as prerrogativas dependem da harmonia das classes e a harmonia das classes da paz interna; está perfeitamente esclarecido de que as agitações poderão reduzir-lhes os direitos e sacrificar a tranquilidade dos seus lares, que as leis do Presidente Vargas, com tão superior clarividência souberam resguardar e proteger. — Alexandre Marcondes Filho.

Antônio da Silva Caldeira Pimentel

Dom Rodrigo César de Menezes, governador e capitão-general de São-Paulo, grande estimulador da descoberta das minas de Goiaz, realizara, enfim, a sua projetada viagem às minas de Cuiabá.

Projetada em 1723, essa viagem ficara definitivamente resolvida em 1725 e a notícia dela, chegando às minas de Mato-Grosso, causou grande reboliço.

A 17 de março de 1726, dom Rodrigo fizera correr um bando, estatuinto terminantemente que, na monção daquele ano, de maio a agosto, ficava terminantemente proibido que "alguém embarcasse para aquelas minas antes dêle". A 6 de julho de 1726, na monção propícia, lá se foi o governador e capitão-general de São-Paulo para êsse Cuiabá opulento, de onde chegavam notícias alucinantes de imensas riquezas e "estarrecedoras dos sofrimentos dos mineiros".

Dom Rodrigo César de Menezes foi substituído, na chefia do governo da capitania de São-Paulo, por Antônio da Silva Caldeira Pimentel e êsse capitão-general ingressou na história de Goiaz pelo muito que fez sofrer ao descobridor de suas minas.

A história não explica bem por que é que êsse homem foi mandado dirigir os destinos administrativos de

extensa região da riquíssima colônia americana. Entretanto, a história relata que Antônio da Silva Caldeira Pimentel era filho espúrio de um cônego e sabe-se, mais, que êsse homem tinha a alma azinhavrada de ambições e o coração referto dos sentimentos mais negros.

O célebre caso dos caixotes de ouro que, enviados do Brasil para Lisboa lá chegaram contendo, apenas, barras de chumbo, é produto da falta de honestidade dêsse homem.

Caldeira Pimentel foi um péssimo substituto de dom Rodrigo César de Menezes. A sua passagem na chefia suprema da capitania de São-Paulo ficou assinalada como um flagelo, igual às fomes de 1698 e de 1700...

Bartolomeu Bueno da Silva, nos últimos dias de permanência de dom Rodrigo César de Menezes em São-Paulo, quando êste estava prestes a largar, pelo Tietê abaixo, a sua faustosa frota de canoas, dêle recebeu a carta de 2 de julho de 1726, contendo a confirmação de tôdas as promessas que ao descobridor fizera o soberano português: ficava com o direito das passagens de vários rios e com "seis léguas de testada, à margem dos mesmos, de lado a lado".

Em carta de 19 de julho de 1729, Caldeira Pimentel insinuava a dom João V que as glebas concedidas a

Bartolomeu Bueno, na estrada de São-Paulo, eram altamente lesivas à Fazenda Real. Mais tarde, Caldeira Pimentel denunciou Bueno e seu genro, João Leite da Silva Ortiz como autores da falsificação de uma provisão de dom Rodrigo César de Menezes.

"Tão oprimidos e maguados ficaram os descobridores" com o procedimento de Caldeira Pimentel, que deliberou fosse João Leite da Silva Ortiz a Lisboa, queixar-se diretamente ao rei.

Antes não o fizessem... Caldeira Pimentel fez embarcar com João Leite da Silva Ortiz o padre Matias Pinto e êste, agindo por ordem do capitão-general de S. Paulo, propinou-lhe massiça dose de veneno em Recife.

Com a morte de João Leite da Silva Ortiz abre-se o agiologio de Goiaz. Foi êle o primeiro homem que morreu por esta terra encantada.

As coisas absurdas são as únicas agradáveis, as únicas belas, as únicas que dão graça à vida e nos impedem de morrer de tédio
ANATOLE FRANCE.

LITERATOS GOIANOS DO PASSADO

Dr. João Teixeira Álvares

O dr. João Teixeira Álvares, falecido em Uberaba, Minas, a 25 de agosto de 1940, foi, sem favor, um dos vultos exponenciais da cultura goiana, tendo, não só como médico mas também como intelectual, conquistado louros magníficos para seu Estado.

Nasceu, o dr. João Teixeira Álvares, na cidade de Luziânia, (antiga Santa-Luzia), neste Estado, no dia 10 de julho de 1858. Naquela cidade fez os seus primeiros estudos, revelando, logo, uma inteligência admirável, pois em apenas oito meses conseguiu aprender a ler e a escrever correntemente e a fazer, sem vacilações, as quatro operações.

Indo, depois, para a cidade de Goiaz, lá cursou, durante algum tempo, as aulas do Seminário de Santa Cruz. Mais tarde, transferiu-se para o Rio, onde fez, no externato do Colégio Pedro II, os seus preparatórios.

Terminado o curso propedêutico, matriculou-se na Faculdade Nacional de Medicina. Passa-se, então, com o ilustre conferrâneo, um episódio interessante, de que foi figura central o Visconde de Ouro-Preto. Indo procurá-lo o jovem João Teixeira, para conseguir um emprego que lhe garantisse os estudos superiores, disse-lhe Afonso Celso de Assis Figueiredo — “Se eu lhe arranjar uma colocação o senhor não será nem bom estudante, nem bom funcionário. Quanto precisa para estudar ?”. Respondeu-lhe o moço goiano, meio constrangido, que 60 cruzeiros mensais, autorizando-o, então, o Visconde, a procurar consigo tal quantia, todo fim de mês. Do terceiro ano em diante, porém, já estudava por conta própria, visto que, ainda por interferência de Afonso Celso, obtivera o lugar de Conservador do Gabinete de Histologia, da Faculdade. Diplomou-se em 1885, fazendo, num só ano só, as 4ª e 5ª séries.

Formado, veio o dr. João Teixeira Álvares exercer sua profissão na cidade mineira de Araxá, distinguindo-se, logo, como um clínico de largos e sólidos conhecimentos.

Em 1891 fez a primeira de suas três viagens a Europa e lá aperfeiçoou o embriótono do professor Tarnier. Apresentado o seu aparelho à Sociedade Obstétrica de França, da qual era diretor Tarnier, este, mau grado a opinião contrária de alguns de seus colegas, achou que o instrumento do cien-

tista brasileiro era superior ao seu. Regressando ao Brasil, foi escolhido membro do Instituto Bacteriológico de São-Paulo.

Em 1899, depois de antes ter novamente residido em Araxá, fixou-se o notável goiano em Uberaba, onde viveu quarenta e um anos. Em Uberaba foi ele o “pivot” da célebre “questão do papo”, em virtude de uma operação de tireoidectomia que praticara em paciente que viera a falecer. Atacado



Dr. João Teixeira Álvares

rudemente por alguns colegas, apelou o dr. João Teixeira para um Tribunal de Honra, constituído de médicos daquela cidade e outras vizinhas, tendo o Tribunal o julgado inocente. Como, entretanto, continuasse a campanha contra ele, resolveu, então, defender-se perante a Academia Nacional de Medicina, onde foi julgado por uma comissão composta do Almirante Pereira Guimarães, chefe do Corpo de Saúde da Armada; professor Marcos Cavalcanti e professor Nascimento Silva. Os seus novos juizes o exculparam por completo, considerando perfeita a sua intervenção em todos os seus momentos. Ainda, na mesma memorável sessão, e por proposta do professor Sueiro Guarani, a Academia de Medicina elegeu-o, unanimemente, e por aclamação, um membro correspondente. Estava, assim, duplamente vitorioso o dr. João Teixeira Álvares, que se via plenamente

desagravado das injúrias de seus colegas do interior, e via reconhecido e proclamado, tão solenemente, o seu valor profissional.

Não foi só, no entanto, como cientista que aquele grande goiano se sobressaiu. Cultivou ele, também, com muito carinho e bom gosto, as belas letras, legando à literatura goiana algumas de suas melhores páginas. Deixou publicados vários livros de méritos indiscutíveis e que estão a exigir reedições, pois se acham completamente exgotadas. Destacam-se, entre os seus trabalhos: “Montezuma” (drama histórico); “Eleusa” (tragédia); “Charitas” (novela) e “Questão científica”, contendo a história da operação do papo.

Foi fundador e diretor do jornal “Cidade de Araxá”, e, em Uberaba, publicou a revista “Jesús Cristo”, que alcançou muito sucesso. Deixou, ainda, diversos artigos sobre os mais variados assuntos, publicados pelos jornais e revistas da capital e do interior. É do dr. João Teixeira Álvares o seguinte conto:

ANUNCIAÇÃO

Sobre uma colina vestida de luxuriante verdura se eleva a cidade de Nazaré de Galiléa, verdadeiro ninho de garça nas franças de um cedro pousado.

Perto se vêm as rochas escarpadas do monte Carmelo, as grutas silenciosas onde o profeta Elias se abrigava do contacto das multidões; nesses penachos solitários parece ainda se escutarem seus anátemas temerosos e suas vozes de maldição sobre os reis idólatras e os crentes de Baal.

Além fica o Thabor, de cujo cimo se escapa a torrente de Cison, abraçada por intérminos olivedos.

Magdala, Caná, opulentas vilas, sorriem de longe.

Nazaré quer dizer Flor; suas casas de fresco caiadas oferecem ao viajor que as vê ao longe o aspecto de um jardim de magnólias no alto de um monte plantado.

Pela encosta saltita uma fonte de cristalinas águas, na qual soem beber os passarinhos e as puelas cantar endeixas em noites de luar.

Grupos de copados pinheiros seculares sombreiam os arredores, oferecendo aos pegureiros calmo abrigo em dias de verão.

Céu de anil, horizonte faixado de róseo colorido.

Neste ameno sítio, neste canto obscuro da Palestina, reside uma pequena família, de Deus predes-

tinada, dos homens esquecida no recesso da humildade.

Na virada do monte, para o lado de Naim, quasi fóra do povoado, avista-se uma casinha branca, de graciosa aparência, nem palácio nem albergue, pintada de novo e oculta sob as ramagens de enorme salgueiro, que abriga o tecto dos raios do sol, para êle debruçado, como um amigo sôbre outro amigo.

Pelo alpendre sobem os galhos de uma roseira branca, já enflorcidos, apesar da estação hiberna; neles os pássaros pousam cantando.

Corre na relva esmeraldina numeroso bando de célebres parciais.

Pombas turturizam nas fendas do beiral.

O vestibulo deserto dir-se-ia o adro de um templo; anemonas e nardos cercam a poética habitação, exalando um perfume que enebria.

Sôbre o parapeito de uma janela, em vaso de barro vermelho, cresce formoso lírio, de setineas pétalas côr de ametista, símbolo de magua, imagem dos corações pisados.

Uma brisa suavíssima perpassa agitando as folhas do salgueiro, que brandamente sussurram, como se cordas fossem de harpa sonora tangidas por mãos de um vate.

Os galhos de uma madresilva pejada de inúmeras flores, comparáveis a miríade de borboletas brancas, galgam o balcão e engrinaldam o fuste formando arco de folhagem, sob sujas dobras tecem os colibris vaporosos ninhos.

Reina silêncio profundo no interior do solar, que parece êrmo de vida; mas, de súbito, a janela se abre de par em par e através dos focos pendentes de niveas flôres, surge uma visão; que outro nome não se pode dar ao que aí se depara.

É uma jovem contando apenas 15 primaveras; mas cujo desenvolvimento regula o da mulher formada.

Que beleza extraordinária a sua! . . . Quem poderia descrevê-la?

Aquele que já viu a torrente de Chedron despenhar-se das cumiadas do monte das oliveiras e espelhar-se nas anfractuosidades do vale de Josafá, formando lagos azuis como a safira, terá na superfície dêsse lagos serenos uma pávida imagem da mansidão e beleza de seus olhos.

Aquele que teve a ventura de surpreender a camélia branca no instante mesmo em que ela desabrocha, descerrando as pétalas de neve madidas do orvalho que a noite roreja, fará idéia nítida do colorido de suas faces e da frescura de sua pele.

A sua fisionomia exprime a suprema bondade que se estampa no semblante de uma mãe a contemplar o filho adormecido ao colo, e que em sonhos brinca sorrindo.

A cabeça parece de uma rainha, e rainha é; pois descende em linha réta de Davi e Salomão, o sublime vate da *Espôsa dos Cantares*.

Ao vê-la, pombas brancas pousam no peitoril, afagando-a com o bico de coral. — De seus lábios, onde baila meiguice infantil elevou-se um sorriso, almo, almo de amor e almo de harmonia . . . Nesse momento tudo em tórno sorriu, as rosas sorriram, o ar sorriu, tôda a natureza sorriu.

Os passarinhos adejavam sôbre a cabeça loura como o ouro dos candelabros do templo do Senhor, não ousando pousar.

A brisa das balsas que vem de Scytopolis sussurra como alaude, e passa como um bafejo de cactos perfumado.

A viração do Eufrates e do Geon, rios do paraíso, parece inundar a terra de frescor. Dir-se-ia que se respira a atmosfera dos vales de boninas e violetas cavadas na espessidão do monte Libano.

Envolveia seu corpo uma túnica de fino e alvíssimo linho e uma chalmide do mesmo estolfo presa ao colo por um círculo d'ouro, que lhe davam o aspecto de noiva, e noiva era.

Retirada do mundo a um canto de Nazaré, aguarda em companhia de sua mãe o dia dos esponsais.

Debruçada ao peitoril, longo tempo jazeu ela respirando o aroma das abroteas e dos nardos e atirando migalhas de pão aos alados amiguinhos que para ela rufam as azas.

Terminada essa tarefa, a Virgem sorriu de novo, fechou a janela e desapareceu no interior do cenóbio.

Naquele tempo gemia Israel sob o jugo romano; Herodes, o Idumeu, assassino da formosa Mariana, reinava sôbre Judá.

Enquanto a adorável nazarena entretinha-se em alimentar os pássaros, na mesma hora, para os lados do Thabor, vinham vindo dois cavaleiros de notável elegância, e que seguiam a poenta estrada da planície de Jezrael, acompanhados de luzidio séquito.

O mais moço vestia-se à moda dos romanos; pendia-lhe da cinta um alfanje cravejado de pedrarias; sombreava-lhe a fronte dourado elmo; cavalgava branco ginete da Fenícia, que moradia o bridão vomitando ondas de espuma. Semblante altivo, olhar de basilisco. Ao avistar os montes da Galiléia e as praias longinquoas do lago de Tiberíades, disse ao velho hebreu que o acompanhava em qualidade de guia:

— Se eu fóra rei, Azer, estabeleceria minha capital nestas bellissi-

mas paragens; afiguram-se-me as ravinhas do mar de Galiléia comparáveis a êsses Eliseos Campos de que falam os nossos dominadores, mansão de gôzo onde os justos fruem delícias inefáveis.

— Senhor, vós sois príncipe e filho de rei; de um momento para outro, é possível que subais ao trono de Israel, respondeu-lhe o companheiro, repassado de melancolia.

Aristóbulo, filho de Herodes, o Grande, pois era êle, baixou a cabeça, refletiu longo tempo em silêncio. Depois acrescentou em tom de mofo:

— Pois ignoras que meu pai será o último soberano de minha família?

— Quem vos afirma isto?

— Os vaticínios dos vossos profetas. Dizem êles que o Messias prometido, o Libertador dos Judeus, apparecerá em breve.

— E' verdade, senhor, segundo as profecias, os tempos são chegados, o Messias não tardará e Israel será libertada.

— E tú? Azer, acreditas nessas profecias?

O velho ergueu os olhos ao céu e exclamou convicto:

— Jeová não falha, Jeová não falta às suas promessas, senhor!

— A dinastia dos Idumeus não teme essas ridículas profecias, Azer. O braço de Herodes é longo e corta como uma espada . . .

— Príncipe, Jezebel morreu devorada pelos cães, Atalaia caiu pisada pela população enfurecida, e o sangue de Achab serviu de pasto às alimarias, como os profetas vaticinaram! Aos decretos de Jeová ninguém resiste.

Aristóbulo não respondeu. Lançou sôbre o seu interlocutor um olhar cruel de abutre enfurecido, fincou os acicates no ventre do árdego ginete e pôz-se a galopar, qual errante beduino, planície a fora, caminho de Tiberíades.

Nas brumas do Setentrião divisavam-se as primeiras casas da cidade de Sunem, sultana do deserto.

Ao mesmo tempo que essa cena se desenrolava na planície de Jezrael, na humilde casinha que descrevemos uma outra cena de extraordinária magnitude se passava:

Soara a hora sexta; a pulquérrima Virgem, recolhida aos seus aposentos, orava com fervor, reclinada a um genuflexório. De súbito se inundou o apartamento de uma claridade e resplendência tão vividas, como se o tecto fugisse e o céu se abrisse comunicando com o interior por meio de uma columna de luz deslumbrante. Paredes, móveis desapareceram diante de seus olhos, ocultos numa nuvem opalescente e brilhante, comparável a flocos de espuma ou à fosforescência de uma chuva de prata.

No centro de brancura onde a cândida puela se achou desceu um anjo de dourada coma resfulgente, semelhante em formosura às visões de Ezequiel; envôlto numa túnica, igual à pétala do lírio em alvura e limpidez o qual pairando no ar disse-lhe,

em voz que traz a modulação suave das celestes aparições — **Salve Maria, cheia de graça! O Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres!**

Maria, — pois era ela, — a filha de Ana e Joaquim, noiva de José, perturbada em extremo, não compreendia o que vinha a ser aquela saudação, embevecida que estava no miraculoso transporte.

Não temas, Maria, redarguiu-lhe o anjo, estás em graça junto do Senhor, conceberás e darás à luz um filho, o qual chamarás Jesús; Ele será grande, hão de apelidá-lo Filho de Deus, assentar-se-á sobre o trono de Davi, reinará para sempre na casa de Jacó, o seu reino não terá fim

Ao ouvir estas palavras foi enorme a comoção da Bem-aventurada Virgem, pois logo compreendeu que

estava por Deus escolhida para Mãe do Messias prometido, seria a progenitora do Esperado das nações, do Libertador de Israel.

Virgem casta e pura e o seu casamento não tendo ainda se realizado, perguntou: **Como isto se fará, pois não conheço homem algum?** Respondeu-lhe o anjo: — **O Espírito Santo descerá sobre ti, por isso o fruto do teu ventre será chamado Filho de Deus.**

Continuando Maria aturdida deante de tão profundo mistério, acrescentou-lhe o anjo, a-fim-de convencê-la e acalmá-la: — **Para Deus nada impossível. A prova aí tens em Isabel, tua prima, que é estéril, e entretanto acaba de conceber em plena senectude e, em breve, dará à luz um filho.**

Estava realizado o estupendo mistério da encarnação.

Os altos desígnios de Deus proclamados no Eden aos fugitivos do Paraíso tiveram o absoluto complemento, decorridos mais de 40 séculos, e o mundo adormecido nos braços do paganismo renasceu à fulgente aurora da Redenção.

Ao ouvir essa humilde aquiescência, o anjo desapareceu e o aposento caiu na monotonia costumeira.

Lá fora, no viridarium, o salgueiro era agitado mais fortemente pelo vento vindo de Tiro e Sidônia e gemia como cordas de uma gusla.

Os pássaros já não saltavam na relva, temerosos da soalheira; sob a folhagem faziam ninhos.

As pombas arrulhavam no columbário e os pardais ruflando as azas voavam em demanda da torrente de Cison.

Sacarose e Sacarina

A. A. Fleuri

A nossa vida bucólica de pacíficos jécas-tatús tem sofrido, ultimamente, terríveis abalos em consequência do estado de beligerância em que se acha o Brasil.

O que ontem constituia imprevisto verdadeiramente imprevisível, hoje se apresenta à nossa retina como assombrosa e patente realidade. Teria feição inverosímil, alguns anos passados, a novela fantasista que ousasse enfeitar cenas da nossa vida modesta e monótona com fatos hoje corriqueiros, tais como, os momentos de vexames suportados por mães de família durante horas e horas, de pé e ao sol, para comprar, no fim de tanto sacrifício, um quilo de açúcar; o retorno à casa, depois de 3 a 4 horas do pai de família que não conseguiu adquirir um saquinho de sal por falta de trôco e do garotinho que desde cedo espera, na "fila", o cartão de racionamento e às onze é despachado porque o cartão só pode ser dado a adultos...

Situações tidas como absurdas num país essencialmente agrícola são hoje o "pão nosso de cada dia".

Muito semelhante à corrente de um rio, a corrente humana também, quando obstada por qualquer barreira, cresce, cresce, procura passagem lateral e continua sua marcha para a frente. Foi assim que, escasseando o açúcar, grande parte de nossa população "ladeou" para a sacarina.

Mas, que é a sacarina? Substância química semelhante à sacarose? Pode substituir o açúcar na alimentação?

Nada disso.

Enquanto a sacarose produzida pe-

la cana de açúcar é alimento indispensável ao organismo humano, a sacarina derivada do alcatrão... faz o favor de não ser tóxica, mas não alimenta. Iludê as papilas gustativas e é eliminada, com algum trabalho, pelos rins, sem que tenha modificado a sua molécula: não pode, por isso, ser considerada substituto do açúcar como edulcorante.

A Química é capaz de traçar os caracteres diferenciais entre as duas substâncias doces — e mostrar que, fisiologicamente, uma não substitue a outra.

A origem vegetal e o processo de extração do açúcar são geralmente bem conhecidos; lembrai no entanto, que a sacarose se constitui, elementarmente, de carbono, hidrogênio e oxigênio, conforme mostra a fórmula bruta $C_{12}H_{22}O_{11}$. A fórmula racional mostra, mais, que não possui grupamentos funcionais aldeídicos e por isso não reduz as substâncias nutritivas:



Na fase final da assimilação, a sacarose se reduz a água e carbono; este, em estado nascente, se apodera do oxigênio introduzido na circulação pelos pulmões e produz, combinando-se, 94,3 calorias úteis aos fenômenos biológicos.

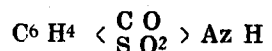
Vejam, agora, o que é e como age a sacarina.

Tanto o alcatrão de hülha como o mineral, ou asfalto, e até mesmo o balsamo de Tolú, quando destilados, fornecem diversas substâncias, dentre as quais um líquido semelhante ao benzeno, mas possuindo ponto de ebulição mais alto — o tolueno.

Este hidrocarboneto é a matéria prima essencial à grande indústria dos

corantes sintéticos e ainda a de explosivos, denominados TNT, quando transformado pelo ácido nítrico.

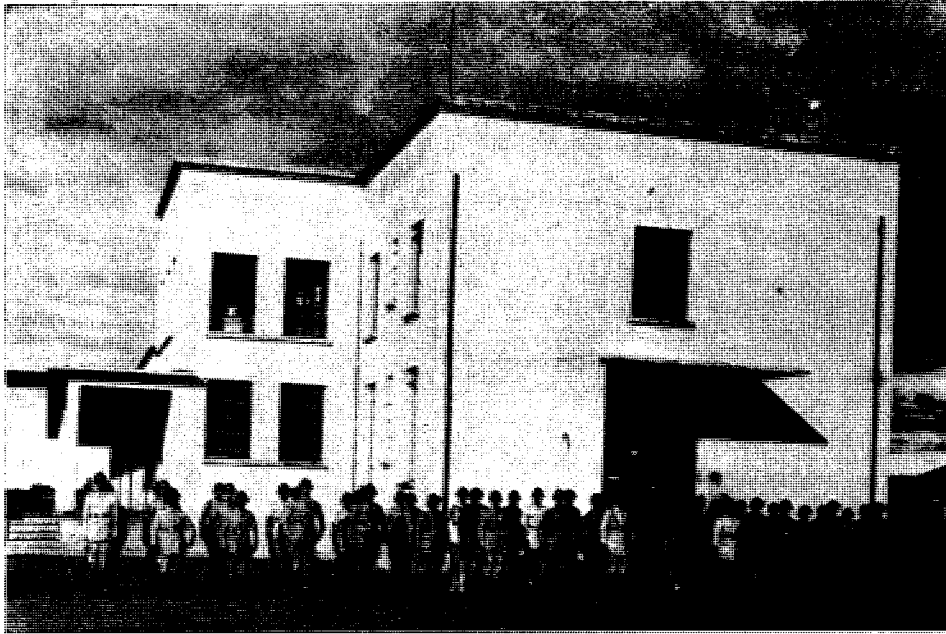
Coube ao químico norte-americano, Fahlberg, observar, em 1879, ação de outros ácidos sobre o tolueno. Verificou êle, com o ácido sulfúrico, o fenômeno da sulfonação: hoje bem estudado e conhecido. O ácido tolueno sulfúrico, que resultou desse fenômeno, quando atacado pelo penta cloreto de fósforo, produz o cloreto de sulfotolueno, líquido oleoso e denso. O gaz amoníaco reage com este cloreto, mesmo a frio e produz uma amida sólida, cristalina, branca — a sulfamidatolueno. Sob a ação de um oxidante esta sulfamidatolueno se oxida, transformando-se em ácido sulfamidobenzoico, e este, aquecido, perde uma molécula d'água, e se transforma em ácido amidro sulfamido benzoico, ou sacarina, cuja fórmula é:



O leitor que teve paciência de acompanhar as transformações interessantes da síntese acima esboçada, já tem o seu juízo formado, isto é, já apercebeu que nenhuma semelhança há entre sacarose e sacarina. E porque têm nomes parecido? Foi o próprio M. Fahlberg, ao notar sabor de sacarose no novo produto por êle obtido, que se lembrou de lhe dar o nome — sacarina.

Foi êle ainda que, dissolvendo uma grama de sacarina em um litro d'água, verificou ser a intensidade do sabor dessa solução igual ao que se obtém pela dissolução de 300 gramas de açúcar em um litro d'água: daí dizer-se que uma é 300 vezes mais doce que a outra.

FÔRÇA POLICIAL DE GOIAZ



Quartel do Primeiro Batalhão de Infantaria

A 28 de julho de 1858, pela resolução número 13, o presidente Francisco Januário da Gama Cerqueira, criou a Fôrça Policial de Goiaz.

A Fôrça Policial de Goiaz, nessa época, ficou organizada com o seguinte efetivo: 1 tenente, 1 alferes, 1 sargento, 1 forriell, 3 cabos e 41 praças, inclusivê um tambor.

Os vencimentos dos oficiais eram os seguintes: do tenente, 50\$ mensais; do alferes, 80\$; do sargento, 56\$; do forriell, 24\$, dos cabos, 20\$; das praças, \$600 por dia.

O orçamento da Província de Goiaz, para 1858 — 1859, fixou as verbas gerais para a Fôrça Policial e essas verbas eram, apenas, de 12:096\$.

O regulamento geral da Fôrça Policial foi baixado com o ato de 3 de novembro de 1858 e definia que a Fôrça Policial ficava "sob as ordens imediatas do presidente da Província, com a incumbência de auxiliar as autoridades policiais a manter a ordem e segurança pública dentro da capital e fora dela".

O engajamento de praças da Fôrça Policial, por esse regulamento era simples: bastava que o candidato fosse robusto, tivesse boa conduta, tivesse idade de 16 a 40 anos e se dispuzesse a prestar serviços pelo tempo de quatro anos e seis meses.

O comandante e mais oficiais da companhia eram de livre escôlha e nomeação da presidência da Província e, igualmente, por êle demissíveis ou rebaixados de posto mediante simples ato administrativo.

Como nota interessante, esse regulamento, em seu artigo 70, frizava

que "o castigo da chibata era expressamente proibido".

Pelo tempo a dentro, a Fôrça Policial de Goiaz serviu à grande causa do progresso da Província e, aqui, convém lembrar que durante largos anos Goiaz recebeu auxílio do Governo Geral para as despesas de sua milícia policial. No ano de 1886, a resolução número 787, de 22 de novembro, estabelecia os efetivos da Fôrça Policial de Goiaz e dizia, no seu artigo 2º, que "a presente fixação só terá vigor no caso de ser concedido pelo Governo Geral o auxílio para a sua manutenção".

As despesas gerais com a Fôrça Policial de Goiaz foram, inicialmente, de 12:096\$, em 1858. Em 1859, essa importância foi elevada para 15:720\$ e nessa importância foi mantida até 1875, quando foi aumentada para 46:611\$. O aumento maior, no orçamento da despesa da Fôrça Policial, foi em 1893, já no período republicano, quando foi destacada do orçamento geral do Estado a quantia de 203:000\$ para êsse fim.

Nos primeiros anos da República, as despesas com a Fôrça Policial foram as seguintes:

1896	150:000\$000
1897	210:000\$000
1898	214:200\$000
1899	180:200\$000

A Fôrça Policial de Goiaz ingressou no século XX, aquinhoada com 201:000\$000 para as suas despesas.

Assumindo o governo de Goiaz, o sr. dr. Pedro Ludovico dispensou o seu melhor cuidado à Fôrça Pú-

blica. Libertou-a da servidão à politicagem nefasta. Dignificou o oficialato e transformou o serviço policial em uma função do mais alto patriotismo.

Reserva do Exército Nacional, a Fôrça Policial de Goiaz se enquadra, hoje, no rol das mais nobres fôrças com que o Estado conta para as suas jornadas de progresso. E' uma cristalização do patriotismo da gente goiana. E' uma fôrça inteiramente ao serviço de Goiaz.

Ao ensejo do transcurso do 86º aniversário da Fôrça Policial de Goiaz, apresentamos ao excelentíssimo senhor dr. Pedro Ludovico Teixeira, honrado interventor federal neste Estado, ao comando, aos oficiais, aos inferiores e aos soldados dessa milícia, os nossos mais efusivos saudaes e os nossos parabéns pela data tão significativa.

MARCHAMOS, com o progredir do tempo, para o mundo novo.

Mas não devemos fazê-lo pelas vedras para as quais nos querem arrastar os fanáticos trotskyistas e os ambiciosos políticos saudosistas.

Avançemos para o mundo novo, mas pela estrada real da ordem e do progresso, sob a direção sábia e destemerosa de Getúlio Vargas! De Getúlio Vargas que previu a rigor e com assaz de antecedência — o regime de equilíbrio que irá governar êsse mundo novo de após-guerra. —
ARY MAURELL LÔBO.

SANTANA DA BARRA DO RIO DAS VELHAS

Santana da Barra do Rio das Velhas,
Antiga senhora de um vasto tesouro . . .
Como é que deixaste, Santana da Barra,
Que os homens do mato levassem teu ouro ? . . .

Como é que deixaste ? . . . Se é fato o que dizem
Que as moças antigas guardavam recato,
Por que é que entregaste teus peitos de virgem
A fome lasciva dos homens do mato ? . . .

E agora, velhinha, velhinha, velhinha,
Que santa pobreza nos olhos espelhas !
E outrora nadavas nas jóias das arcas,
Santana da Barra do Rio das Velhas !

Foi praga dos negros. Santana da Barra ! . . .
Foi praga dos negros . . . pois rezam as lendas
Que, a ferro, marcavas as peles humildes
Das velhas mucamas das tuas fazendas . . .

Seria verdade ? Segundo se fala,
Os ventos, ladrando, nas ruas desertas,
Inda hoje recordam nos doidos estalos
Os relhos cantando nas chagas abertas . . .

E até tua lua devota me lembra
Ser Nossa Senhora que, ouvindo êsse açoite,
Andasse curando — madrinha dos negros —
As chagas de estrêlas no seio da noite !

E agora ? E a legenda daquele paulista
Que, um dia, ao apêlo secreto da mata,
Deixou sua dama, que nem D. Sancha,
Vestida de ouro, coberta de prata . . .

Seria verdade ? Já morta a patroa,
Sua alma entre as ruínas do engenho ficou . . .
Lá vive esperando, com os olhos na estrada,
O amante das selvas que nunca voltou . . .

Seria o teu caso, Santana da Barra ? . . .
Assim os paulistas, os Borbas de outrora
Rasgaram-te as velas, beberam teu sangue,
Florestas a dentro, campinas em fora.

E, agora, velhinha, voltando ao recato,
Que santa pobreza nos olhos espelhas !
Por que te fiaste nos homens do mato,
Santana da Barra do Rio das Velhas ? ! . . .

NILO APARECIDA PINTO.

Nilo Aparecida Pinto, que subcreve essa encantadora poesia, é um dos novos de Minas-Gerais. A crítica recebeu o seu primeiro livro, "Roteiro do Deslumbramento", com os maiores elogios, saudando, nele, um dos grandes poetas desta geração. Jorge de Azevedo, apreciando êsse livro, disse que "Roteiro do Deslumbramento" *engrandece as letras nacionais*.

"Santana da Barra do Rio das Velhas", que faz parte do livro "Roteiro do Deslumbramento", foi apreciada pela crítica como uma das mais formosas poesias do poeta mineiro.

Santana da Barra do Rio das Velhas pertenceu a Goiaz. Foi ali que se estabeleceu o primeiro contacto do atual Triângulo Mineiro com o branco colonizador, através do padre Caturra, um jesuíta que, segundo a lenda, teria vindo, na era seiscentista, através de uma espantosa viagem fluvial, fincar as bases da aldeia de Santana que, hoje, se transformou na cidade de Indianópolis, sede do município do mesmo nome.

A lenda "daquele paulista", de que fala o poeta, é a lenda do Anhanguera. Conta-se que, em 1722, quando Bartolomeu Bueno barafustou-se pelo sertão a dentro, à procura das minas de ouro dos "Martírios", aventura de que resultaria a descoberta das minas de Goiaz, na aldeia de Santana teve uma aventura de amor . . . E lá existe, ainda, uma velha fazenda, situada no alto de uma colina, de janelas abertas para o Oeste, que, segundo dizem, foi construída pelo descobridor das minas de Goiaz . . .

"Oeste", divulgando essa formosa poesia, revela aos goianos um admirável poeta mineiro e divulga uma página encantadora da própria história de Goiaz, posta em versos musicais.

Essa poesia, devemos concluir, foi inspirada em uma crônica sobre Santana da Barra do Rio das Velhas, de nosso companheiro Odo-rico Costa.

"Saudosistas" amargurados

Alguns "saudosistas" andam agora em grande atividade . . .

Uns tiveram a sua cadeira de deputado e vivem amargurados por haverem perdido a "importância" e a sinecura.

Outros são candidatos a todo emprego bom que se vaga e julgam-se vítimas de uma injustiça sempre que o nomeado não é um dêles . . .

Esses inaproveitados e ressentidos

não compreendem que possa haver democracia desde que o governo não apele para os serviços de sua inteligência. A sede de vencimentos, de lugares, de prestígio político e social, traz envenenada a alma dessa gente.

Os agitadores são meia dúzia de gatos pingados, facilmente identificáveis. Dizem-se anti-fascistas e democratas por uma questão de conveniência, da mesma maneira que amanhã poderão se proclamar outra coisa. Não há em suas atitudes nenhum idealismo, nenhuma sinceridade. Têm a maior de tôdas as-ral-

vas, que é a de ninguém reconhecer o valor que julgam possuir. Por isso esbravejam, descompõem, injuriam, chamam a todo o mundo de fascistas e quinta coluna.

Recebem êles, entretanto, o maior dos castigos: o isolamento em que vivem.

Falam e escrevem o que bem querem, mas ninguém os leva a sério, nem lhes dá importância. Ficam roucos de gritar, sem serem apercebidos, tão distantes do público se encontram êsses pobres diábolos . . .

(Transcrito da "A Manhã", do Rio — edição de 9-7-44).

Especial para "OESTE"

O Campo da Fôrça

JARBAS JAYME

O extinto quinzenário "Pyreneus", em edição nº 42, de 15 de abril de 1933, subordinado ao título do presente capítulo, publicou o seguinte:

"E' esta uma história que nos foi transmitida por pessoas idosas que, por sua vez, a ouviram de seus avós.

O fato é que existe, nas proximidades desta cidade, um lugar que é conhecido por Campo da Fôrça.

Vamos ao fato:

Conta-se que existiu há muitos anos, nesta cidade, um escravo chamado Adão, que sem nenhum motivo, talvez levado pelo instinto do roubo, assassinou o seu senhor a golpes de machado.

Prêso pelas autoridades do lugar, foi êle julgado e, afinal, condenado à fôrça, sendo o sinistro patíbulo levantado no lugar que acima citamos.

No dia da execução, à hora aprazada, ao som dos sinos que dobravam a finados, reuniu-se, no lugar onde fôra armado o patíbulo, quasi tôda a população do então arraial, que, com uma expressão de horror no olhar, aguardava o momento em que devia perder a vida o escravo assassino.

Acompanhado por grande numero de soldados, apareceu Adão, que envergava uma alva camisola que lhe chegava até os pés, tendo de um lado o sacerdote que o confortava nos seus últimos momentos, e do outro, o carrasco, aquele homem sem coração, que devia por térmo a sua vida.

Com passo firme cortou êle a multidão que se apinhava para o ver passar e galgou a escada do patíbulo.

Antes, porém, de ser executado, gritos lancinantes se fizeram ouvir no meio da multidão.

Era sua velha mãe, que até aquele momento ignorava estar seu filho prestes a morrer.

Varando a multidão como uma demente, subiu ela as escadas do patíbulo e se enlaçou com o filho, disposta a não deixá-lo morrer.

Os esbirros prenderam-na fortemente e a deixaram ali, a-fim-de presenciar a morte de seu filho.

E quando o clarim fez ouvir o seu som estridente, anunciando que chegara a hora do pobre escravo expiar o seu crime, e os sinos recommçaram o seu monotono badalar, o carrasco, gargalhando satânicamente, passou

o nó corredio pelo pescoço de Adão e o empurrou no vácuo, saltando, em seguida aos seus ombros, a-fim-de fazer mais pêso na corda e causar-lhe a morte instantânea.

Uma trêmula mão que traça no espaço o sinal da cruz, um grito de desespero arrancado do mais fundo do coração de uma mãe, um gemido de angústia cortado ao meio, a gargalhada satânica do carrasco, um ligeiro estrebuchar e tudo estava feito.

E ante a multidão extática que ali permanecia, se desenhava o painel negro-sangue das nuvens revoltas, um quadro tétrico: o corpo de Adão que balouçava de um para outro lado, ao sopro caprichoso da brisa, enquanto o sino plangentemente dobrava a finados"

A interessante história, que acabamos de transcrever, pode parecer, a muitos, verdadeira lenda, dessas que nos eram contadas pelos pretos velhos e "caximbeiros", ao cair da noite. Entretanto, das pesquisas por nós realizadas, verificamos ser ela procedente.

O Campo da Fôrça fica entre a estrada carroçável que vai para Anápolis, partindo da rua da Prata, e o pasto de propriedade da herança de Melciades José de Siqueira, e pouco além do cemitério.

Tivemos oportunidade de falar a respeito com várias pessoas idosas, de entre elas, José Joaquim da Veiga, que nos levou ao local onde existiu o patíbulo e nos declarou: "Eu me lembro ainda dos esteios de aroeira aqui existentes; eram muito altos e grossos".

Adão era escravo do capitão Roque da Silva Batista (irmão do comendador Teodoro da Silva Batista), que fôra por êle assassinado. O sacerdote que o confessou e absolveu, e o acompanhou até ao patíbulo, foi o padre Luiz Manuel dos Guimarães, a quem nos referimos no capítulo XVIII.

Êsses dados, nós os colhemos de antigo manuscrito datado de 1854 e feito pelo coronel Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleurí, referido no capítulo XV.

A respeito, vamos trasladar, para aqui, o documento que se segue.

"Leo-se o officio do Sr. Juiz Municipal deste Município, commendador Joaquim Alves de Oliveira, dactado de hontem 9 do corrente, expondo que tendo recebido naquelle

momento o Officio do Ilmo. Snr. Dr. Juiz de Direito Chefe de Policia desta Provincia, cobrindo por copia o avizo expedido pela Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, do Exmo. Snr. Presidente da Provincia, em que dis que não se fazendo merecedor da Imperial Clemência de Sua Magestade o Imperador o Reo Adão, de que trata o Relatório que a Companhia o Officio nº 22 que o mesmo Exmo. Snr. Presidente havia Remetido em data de 22 de Junho último; cumpria que o dito Exmo. Snr. Presidente expressa as convenientes ordens para que seja executada a Sentença que pello Juiz desta Villa foi imposta ao referido Reo Adão. Porisso communicava a esta Camara para não só determinar o local como mandar promptificar o fôrça no dito citio em que deve ser enforcado o dito Reo, e que com a brevidade que julgarem conveniente, attento estarem os Soldados da 1a. linha a espera de regressar com o Carrasco que acompanhou o supra citado Officio.

Posto em discussão, sem ella, de-liberou a Camara que se officie ao Snr. Fiscal para quanto antes e o mais breve possivel mandar apromptar a fôrça no Pateo do finado Luiz Antônio, Rua do Campo, ao pé do antigo Semiterio; bem como outro officio do Prodor. da Camara. pa. satisfazer de prompto a dispeza q. fizer o dito Snr. Fiscal, e que se responda ao Snr. Juiz Municipal que a Cam.a encarregou ao sr. Fiscal p.a quanto antes e o mais breve possivel apromptar os requisitos do seu officio".

(Sessão ext. da câmara municipal de Meia-Ponte, em 10-11-1842).

A sentença imposta ao preto Adão foi uma das primeiras confirmadas por Dom Pedro II, depois de sua coroação a 18 de julho de 1841.

O crime daquele escravo teria, por sem dúvida, revestido de fatores tão extraordinários e de requintada perversidade, que a generosidade do Grande Imperador, sempre contrária a essas medidas extremas, houve por bem não perdôá-lo.

(Do livro a sair — "Esbôço Histórico de Pirenópolis").

E ERA UM SONHO...

GENEZÍ DE CASTRO E SILVA

A Bandeira descia a serra agreste, rutilante de luz e ofuscante ao sol de julho; longe, os intrépidos sertanejos divisavam como que um oasis, tão convidativas eram as sombras do matario selvagem, tão hospitaleiro se fazia o murmúrio do riacho coaleante, lá em baixo, entre margens límpidas e arenosas.

Bartolomeu Bueno, vulto truculento, impressionante, deu as ordens de descanso aos seus homens.

E, pouco depois, reunidos a vontade, agrupavam-se os que, até então, haviam resistido à caminhar impiedosa dos bandeirantes.

Em roda, o chefe, expansivo deixava transparecer, ao seu imediato, a perplexidade que lhe ia pelo espírito.

Supersticioso, que sua energia nada era diminuída pelos terrores místicos, Bartolomeu procurava explicação para a visão que se lhe interpuzera quase, no tópo daquela serra que oferecia aos olhos dos que a contemplavam, tonalidades várias, cambiantes de oiro, sombreados de azul e, acima de tudo, como que uma expressão vivida, a dizer qualquer coisa que sabia à realização, a sucessos e a um mundo de promessas boas...

Eu vi, dizia êle . . . Talvez esti-

vesse embriagado de luz, da opulência dêste sol, mas vi como que em espelho mágico, ajudado pela reverberação, a miniatura de uma cidade acolhida entre montes, protegida pelo dorso desta serra abençoada pela ermida, a nos oferecer entrada, a nos acenar, convidativa, como se devessemos ser, para ela, o príncipe encantado da fábula.

Vi que ela abria, para nós, os tesouros encerrados em seu solo; havia oiro, muito oiro, muita riqueza em suas rochas, em suas entranhas pedregosas, muita riqueza para nossa ambição; vi também, que contribuiríamos para sua ruína, visando, apenas, como o fazemos, a exploração de seus minérios e . . . me vi, em última visão, sepultado em cova rasa, tendo apenas, à flor do solo, tosa cruz de madeira a assinalar a passagem de um intrépido, de uma bandeira audaz que, na ansia de acumular fortuna, criou para êsse Brasil maravilhoso, uma cidade entre montanhas alcantiladas, desbravou êstes sertões áridos, num prolongamento à província de Sto. Amaro . . .

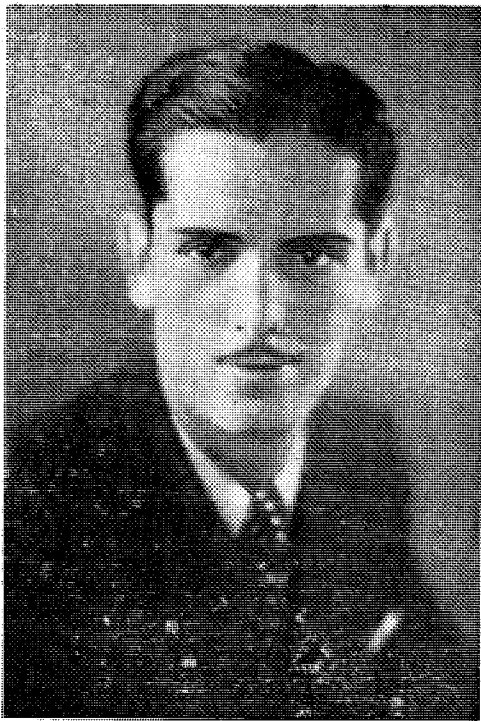
Mas, continuou êle, tôda medalha tem seu reverso e a minha visão também a possuía e . . . que contraste! . . .

Erguia-se ao longe, em planta circular, dominando bela planície, um palácio esmeraldino, da côr de vossas matas . . . pelas avenidas rasgadas paralelamente, em capricho, alinhavam-se casas modernas; homens cruzavam praças esplêndidas e o movimento intenso que lá se percebia compensava, plenamente, o marasma de antes, em nossa, cidade branca e calma, clara e linda, ageitada nos flancos de nossa serra, banhada pela claridade de nossa ermida.

Mas, um gosto eu tive: dominando duas grandes artérias daquela zona ideal, erguia-se uma estátua simbólica, perpetuando a nossa memória, a lembrança dos que enfrentaram as selvas, constituindo a causa primordial daquela cidade esplendorosa . . .

E além, mais além, qual fumo esbalido, em alto planalto, constituindo fundo para a cidade das esmeraldas, debuxavam-se arranha-céus, edifícios futuristas, prédios que me legaram, ao sub-consciente, a idéia vaga de que tudo aquilo pudesse ser, mais tarde, a capital do nosso Brasil, dêsse país novo e pujante, em que tudo grita liberdade e paz, em que tudo clama alegria e progresso.

E Bueno calou-se; pela fronde calma perpassou aragem súbita, que dava calafrios misteriosos aos que, até então, tranquilos contemplavam a mataria apertada, o panorama soberbo que encerrava, para êles, tréguas de longas fadigas, o descanso de árduas caminhadas.



Dr. Paulo Fleuri da Silva e Sousa
Presidente da Junta de Conciliação e
Julgamento e Professor da Faculdade
de Direito

A TÁTICA comunista é elogiar o Presidente da República para infiltrar-se nos meios patriotas e aí exercer sua ação envenenadora sobre os incautos. São perigosos quinta-colunas, porque quinta-colunistas não são só os nazi-fascistas, que felizmente já agonizam lá na Europa; são todos os degenerados que querem entregar nossa Pátria nas mãos dos estrangeiros, sejam êstes nazi-fascistas, ou comunistas, alemães ou russos. É um miserável o brasileiro que procura entregar o Brasil a Hitler ou a Stalin. Quem vende sua Pátria, aluga sua Mãe, para satisfação de suas ambições.

Nosso regime aí está — é o de 10 de Novembro: que fez renascer o glorioso exército de Caxias, de Osório, de Andrade Neves, de Argolo, de Benjamin Constant, de Deodoro e do extraordinário Marechal de Ferro; que fixou em nossa Guanabara como um nune protetor os espíritos de Barroso e de Tamandaré, que erravam pelo litoral, tristonhos e envergonhados, com esquecimento e abandono das glórias de nossa Marinha de Guerra; que conciliou o capital com o trabalho, incorporando o proletariado na sociedade e resolvendo assim a questão social, que aflige o resto do mundo, pois não foi resolvida na Inglaterra, nem nos Estados- Unidos e, na Rússia, teve uma solução completamente errada, porque os homens que fizeram a revolução, não conheciam a sociocracia e, não sabendo o que fazer, no furor de sua desorientação, procederam "como um touro numa loja de vidros". — **Viriato Vargas.**

Um bandeirante do século XX

VASCO DE CASTRO LIMA

— “Você, aí Pedrinho, estudou a lição de geografia ?”

— “Estudei, sim, senhora”;

— “Então, diga !”

— “Brasil, capital Rio-de-Janeiro, com um milhão de habitantes, a cidade mais bonita do mundo. — São-Paulo, capital São-Paulo, com trezentos mil habitantes, o centro mais industrial do país. — Goiás, capital Goiás, com dez mil habitantes . . .”

Aí, a sua voz, entrecortada de soluços, calou-se repentinamente.

— “Que é isso, menino ? Está chorando ?”

— “Não é nada professora . . . Por que será que o nosso Estado é tão pobre e é tão pequena e humilde a nossa capital ? Ah ! Se eu pudesse, daria para Goiás, a capital mais linda de todo o universo ! . . .”

E a professora, igualmente comovida, só teve forças para acrescentar, com os olhos enevoados:

— “Pedro Ludovico Teixeira, pôde sentar-se !”

Os anos rolaram sobre os anos . . . E o Destino, que costuma tecer com carinho a deliciosa rede dos seus caprichos, fez com que subisse ao primeiro pósto da administração do Estado mediterrâneo aquele menino frágil, que, hoje sozinho, está levando a terno uma tarefa ciclópica que seria de várias gerações.

Pedro Ludovico, quando assumiu o governo de sua terra natal, teve um riso largo de triunfador. Não pelo orgulho de haver galgado a grimpada das posições; mas pela oportunidade que passaria a ter, de se entregar de corpo e alma, ao ressurgimento daquela gleba esquecida. Sua alma enrijou as asas, alçou vôo e pairou, como um sonho esplendoroso, sobre os verdes floridos de sua infância. E foi essa rajada de fé que abriu à luz radiosa do futuro as portas sombrias do rincão sertanejo.

O nobre pelezador sem derrotas havia sido grande, com a sua pena destemida. Havia sido genial, com a sua palavra incandescente. Fôra um idealista fervoroso, de fusil em punho, arrastando multidões para a luta e para glória ! . . . Hoje, porém, é muito maior, porque vem estrelando de fascinação a noite soturna do “hinterland” brasileiro.

Goiás subiu com êle, em todos os setores de suas atividades.

Seu espírito atrevido, sua predestinação iluminada, suas inicia-

tivas corajosas, fazem recordar aquele intrépido argonauta do sertão que, à frente de uma bandeira de bravos, levou o andor do progresso à verde catedral das matas de Goiás . . . Fazem lembrar aquele quasi lendário Anhanguera que ameaçava incendiar lagôas, fontes e rios, para que lhe fôsem mostradas as jazidas de ouro que só os filhos das selvas conheciam.

Pedro Ludovico, com a sua obra de bandeirante do século XX, tirou da poeira do esquecimento a terra mais antiga do mundo, que é também a sua terra.

Fez mais ainda: deu Goiânia a Goiás; deu Goiânia ao Brasil; e — quem sabe lá ? — deu Goiânia ao mundo !

Goiás tem ouro e cristal ! Goi-

nia tem feitiço e beleza ! Goiás florestas e rios magníficos ! Goiânia tem a esperá-la tôda uma aleluia de glórias, auriluzindo em clarinadas. Como na Canaan do Profeta, emana ali o mel saboroso dos mais doces favos; e cantam os pássaros eternos as matinas da vitória e do ideal.

Está em festas a nova tribo do hospitaleiro Goiás ! O caminho das bandeiras transformou-se em avenidas retas, longas e ajardinadas. As tabas primitivas são hoje edifícios estéticos que apontam para o céu, em nome da civilização. E o novo Anhanguera do Brasil de 42 não precisa mais incendiar as lagôas; as fontes e os rios, porque lá já acendeu no coração dos goianos a chama imortal do amor e do trabalho.

(Esta interessantíssima crônica foi publicada na revista “Alterosa”, que se edita em Belo-Horizonte, na edição de Junho de 1942).

MINISTÉRIO PÚBLICO, UM QUARTO PODER

Temos em mãos um exemplar do “Relatório dos trabalhos do ano de 1943”, apresentado pelo exmo. sr. Procurador Geral da República, dr. Gabriel de Rezende Passos, ao sr. Presidente da República.

Trata-se de uma publicação interessante, valiosa e oportuna, na qual aquela alta autoridade exhibe, fundada em dados estatísticos, o quanto trabalhosa e fecunda tem sido a atividade do Ministério Público Federal, a começar daquela Procuradoria até aos Promotores Públicos do mais longínquo sertão, com escala pelas Procuradorias Regionais.

Nós, que conhecemos o sr. dr. Gabriel de Rezende Passos de longa data, quando era S. Excia. Secretário do Interior de Minas-Gerais, não nos surpreendemos em o ver assim tão produtivo e tão brilhante no desempenho de suas altas e nobilitantes funções, pois bem sabemos como é criadora a sua inteligência, como é reto o seu caráter, como é admirável a sua capacidade de trabalho e como é grande o seu sincero amor ao Brasil.

O ardor com que Gabriel de Rezende Passos se bate pelos interesses da União, que são os do Brasil, o apóio decidido que êle dá aos Procuradores Regionais e aos Promotores Públicos, o talento e a atenção com que estuda as causas que lhe estão afetas, fazem dêle um dos melhores auxiliares do Presidente Vargas.

Com prazer registramos que, no

relatório em aprêço, referindo-se ao Procurador Regional da República neste Estado, o dr. Albatênio de Godói, assim se exprime o dr. Gabriel Passos: “não esmoreceram o esforço e a dedicação do titular do cargo que manteve todos os serviços da Região em dia e com perfeita organização”. Conhecedores, que somos, do zelo com que se dedica o dr. Albatênio de Godói aos negócios da Procuradoria Regional, vemos o quanto foi justo o sr. Procurador Geral em sua apreciação.

Também para com os Promotores Públicos goianos, desconhecidos porém admiráveis defensores dos mais sagrados interesses da sociedade, teve S. Excia. palavras carinhosas: “quanto aos Promotores de Justiça, de maneira geral se desempenharam honrosamente das funções de representantes da União”. Tais elogios comprovam o acerto com que o sr. Interventor dr. Pedro Ludovico soube organizar o corpo estadual de Promotores Públicos, aos quais tem dado o maior apóio moral e material, donde o constituírem êles, hoje, neste Estado, uma das classes mais distintas.

Ao dr. Gabriel Passos os nossos parabéns pela maneira com que se vem desincumbindo de seus elevados mistérios, parabéns que extendemos ao dr. Albatênio de Godói e a todos os Promotores Públicos de Goiás.

Cidades Goianas

O Progresso de Anápolis

A grandiosa obra administrativa do Presidente Vargas se reflete em todos os recantos do Brasil — Anápolis sob o influxo de uma benemérita administração — Realizações municipais — Anápolis nada deve — Jun- diai, o novo bairro de Anápolis — Outras realizações.

Reportagem de M. LEITE DE SANTANA

Logo após ter mostrado aos nos- sos ilustres leitores as atividades notabilíssimas do progressista mu- nicipio de Silvânia, o repórter achou que já era tempo de diri- gir-se a Anápolis, para onde ru- mou. Incrustado no âmago do co- ração do Brasil, Anápolis surpre- ende-nos pela prosperida reinante por todos os quadrantes de suas ati- vidades. Por um lado admiramos as imensas possibilidades econômicas do município, considerado um dos maiores do Estado, sob todos os as- pectos. Por outro, é-nos verdadei- ramente animadora a invejável posição do município, que se nos apresenta em um dos melhores pontos do Estado. Futuro econô- mico extraordinário, com uma ci- dade com cerca de 12.000 habitan- tes, abastecendo perto de 20 ou- tros municípios, Anápolis é o maior centro industrial, comercial, pas- tóril e agrícola de nosso riquíssimo Estado. Em Anápolis residem as forças propulsoras do progresso verificado em Goiaz, não somente por ser dotado de todos os meios mais modernos de transportes, fer- roviários, aeroviários e rodoviários, mas, também, por seus dons natu- rais, grandemente enriquecidos pe- las mãos do Criador.

Município de amplas possibilida- des, de vastíssimas riquezas, de elevada densidade de população, Anápolis é uma grande célula em que o progresso se processa vito- riosamente nas mais surpreenden- tes manifestações.

Mormente agora em que se acha orientado pelo espirito laborioso do competente engenheiro dr. Câ- mara Filho, notamos, lá, desenvol- vimentos em todos os ramos de ati- vidade, nas ruas, nas edificações, nas rodovias, nas povoações, nas escolas, e em tantos outros setores beneficiados pelas mãos criteriosas do prefeito dr. Câmara, cujas rea- lizações surgem a cada momento atingindo todas as esferas da ad- ministração.

FINANÇAS

Assumindo as rédeas do govêr- no municipal, em 16 de junho de 1943, o atual Prefeito encontrou os cofres municipais em lastimável

estado. As verbas orçamentárias para esse exercício achavam-se quasi tôdas esgotadas, tornando impossíveis realizações de grande vulto; mas, mesmo assim, o estóico Prefeito, em ginásticas financeiras, conseguiu levar avante a execução de vários serviços.

Assim se referiu êle à imprensa.



Dr. Câmara Filho
Prefeito de Anápolis

ao assumir o govêrno do município, sobre este magno assunto:

"Ao tomar posse do cargo encon- trei a Prefeitura com a importân- cia de Cr\$ 19 659,80, em caixa, e com obrigações empenhadas num valor total de Cr\$ 311 435,80, sendo Cr\$ 36 529,80 de despesa variável e Cr\$ 274 906,00 de empenho auto- mático. Na Tesouraria, processa- da, e aguardando pagamento, en- contrei a quantia de Cr\$ 74 404,50 Além das importâncias citadas a Prefeitura devia, de despesas rea- lizadas sem a necessária dotação, e que não puderam ser empenha- das em tempo oportuno Cr\$ 115 184,10".

Isto era a bancarrota de Anápo- lis, em junho de 1943. Oito meses depois, o aspecto financeiro do grande município apresenta-se-nos com Cr\$ 380 000,00, em caixa, não tendo dívida alguma a saldar. É

de se notar, também, que, há dois lustros, a renda municipal era cêr- ca de Cr\$ 100 000,00. Hoje, em 1944, o prefeito Câmara Filho es- pera uma arrecadação de Cr\$ 1 600 000,00.

Sob os influxos de uma adminis- tração realizadora, a exemplo da política getuliana, Anápolis está fadado a ser um grande empório brasileiro, tal a pujança de suas ri- quezas mineral, vegetal e animal, que vêm colocar Goiaz na vanguar- da dos Estados brasileiros.

REALIZAÇÕES MUNICIPAIS

Município de enermes recursos naturais e econômicos, Anápolis acha-se em franco desenvolvimen- to. É o mais importante centro co- mercial do Estado, mas os poderes municipais descuidavam da situa- ção urbana da cidade, o que não se verificou na gestão atual do dr. Câmara. Logo de início foram tra- tados os assuntos preliminares pa- ra a urbanização da cidade.

Entrando em entendimentos com a "Serviços de Engenharia", com- panhia de conceito nacional, o prefeito Câmara deu começo aos passos primordiais para a constru- ção, na cidade de Anápolis, da re- de de esgotos, dos serviços de cal- çamento das vias, do abastecimen- to d'água, etc.

A falta de tais serviços tem constituído verdadeira calamidade pública e um anátema para as ad- ministrações anteriores. Procura- ndo sanar os males que afligem o povo em geral, o dr. Câmara tem, atualmente, como objetivo primeiro, o plano delineado de atar- car e concluir tais obras, cuja ex- traordinária benemerência está na compreensão de todos. Procura- ndo melhorar a situação interna da cidade, grandes outros objeti- vos estão sendo visados pelo ope- roso dirigente municipal, den- tre êles salientando-se os traba- lhos de construção de um jardim público, em frente à Prefeitura, na praça de Bom Jesus. Tais serviços já estão adiantados, sendo orçados em Cr\$ 400 000,00, obedecendo, a construção, aos moldes da técnica moderna, sendo o jardim provido

de auditórios, parque infantil, largo artificial, e.c..

Atualmente, a Prefeitura está também concluindo os serviços do Grupo Escolar, estabelecimento de ensino, com capacidade de 700 alunos, fadado a ser uma das maiores casas de ensino primário no Brasil Central.

Obras outras em grande número estão sendo atacadas pelo atual Prefeito, notando-se a construção do edifício para funcionamento da Delegacia de Polícia e Cadeia Pública, cuja planta foi fornecida pela Chefatura de Polícia de Goiás.

RODOVIAS

Como é notório, o progresso e o desenvolvimento econômico de uma certa região, dependem, principalmente, de seu sistema rodoviário e do ferroviário, através dos quais se processa a circulação de suas riquezas.

Ao assumir o cargo de Prefeito de Anápolis, o dr. Câmara Filho encontrou as estradas de rodagem em péssimo estado de conservação, mormente a que liga Inhumas a Anápolis, que se achava quasi intransitável. Dando início às suas atividades, neste setor, adquiriu em São-Paulo, no valor de Cr\$ 16 000,00, as peças que faltavam ao trator de propriedade do município. Isto pôsto, mandou reparar as deficiências existentes nas rodovias municipais, obedecendo ao seu gigantesco plano rodoviário. Melhorando-as, totalmente, foi ordenada a construção de outras, tendo Anápolis como centro, ligando-o, desta maneira, aos centros produtores da cidade e das regiões circunvizinhas. Destas estradas

salienta-se a que ligará Anápolis com Itaberaí, via Petrolina, e em parte já construída, ficando o trecho em terras de Itaberaí a cargo da Prefeitura deste próspero município.

Avulta, outrossim, outra rodovia: a que porá Anápolis em ligação direta com Planaltina, o que encurtará, enormemente, a distância atual verificada entre o Norte de Goiás e a Capital do Estado, mormente a Chapada dos Veadeiros, futuro celeiro da triticultura goiana.

Obedecendo às diretrizes traçadas pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, será construída, em breve, no território anapolino, parte da estrada que ligará Anápolis a Niquelândia. Tal estrada, que é de interesse nacional, está projetada em característica de rodovia de 1ª ordem, pois servirá como escoadouro à garnierita, minério de níquel, produto das imensas reservas existentes no solo de Niquelândia, consideradas as maiores do mundo. Sendo Anápolis ponto terminal da Estrada de Ferro, para aí convergem tôdas as principais rodovias do Estado de Goiás. Outras vias terrestres foram melhoradas pelo Prefeito atual, que não descarta de seus municípios, mantendo os distritos com boas rodovias, que são conservadas por turmas permanentes.

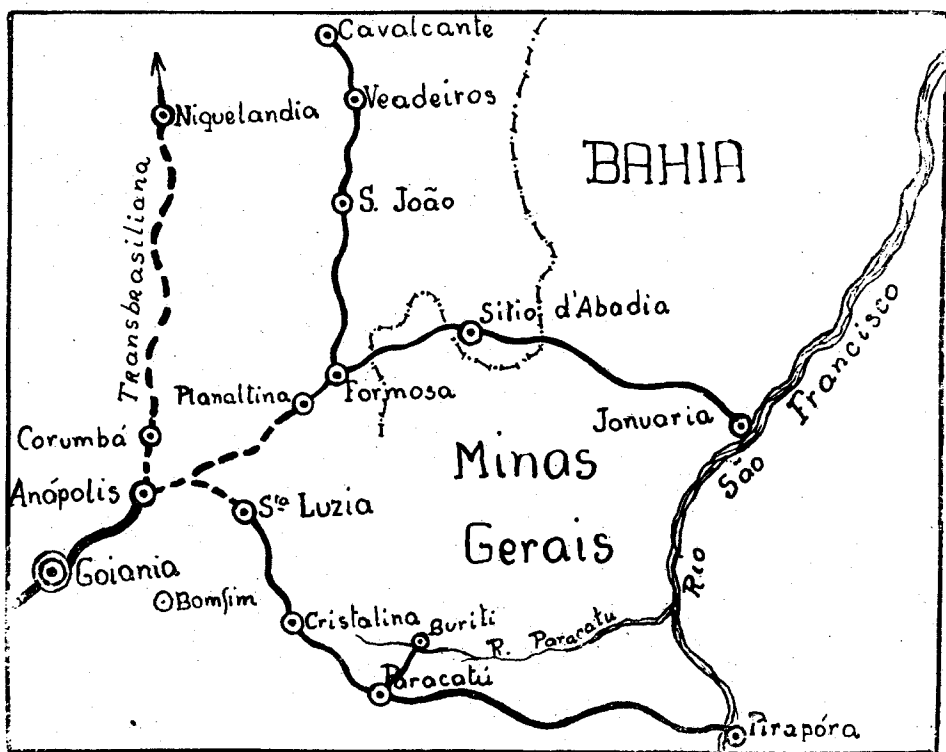
OUTROS MELHORAMENTOS

Ponto forçado de trânsito de quasi toda a população do Norte, e das grandes jazidas de níquel de Niquelândia, ex-São José do Tocantins, com ligação com a Colônia Agrícola Federal, por ótima rodo-

via da União, o município de Anápolis passa, na época atual, por uma fase de remodelações em tôdas as atividades municipais. O progresso material da cidade é extraordinário, pois, atualmente, lá constroem-se uma casa por dia, tal é a febre de construção. Prédios moderníssimos são edificados, dotados de todos os requisitos das instalações modernas, salientando-se um de cinco andares.

Anápolis é ponto forçado dos aviões da Aerovia do Brasil, corridas Rio-Miami, nos Estados Unidos da América do Norte. Lá será construída uma grande base internacional para aviões, cujos trabalhos já foram iniciados e acham-se em franco desenvolvimento. Grande parque industrial lá existem cerca de 20 máquinas de beneficiar arroz, 6 de café, e outras indústrias em menor escala, tais como: fábricas de caramelo, distilarias de bebidas, serrarias, fábricas de calçados, cerâmicas, etc., demonstrando, duma maneira iniludível, a superioridade industrial de Anápolis.

No reino vegetal, Anápolis produz grande quantidade de café, feijão, milho, e outros cereais, e é um grande núcleo orizícola de Goiás, cuja safra está estimada em 3.000.000 de sacas, para este ano, a maior parte beneficiada ali mesmo e embarcada, na Estrada de Ferro Goiás, para os centros consumidores do país. Uma cidade como essa, onde tudo, progride, tudo é movimento, se ressentia, até bem pouco, de melhoramentos públicos, atualmente, atacados pelas realizações proficuas do dr. Câmara Filho, que vem, des-



De Anápolis se irradiam grandes estradas rumo ao Norte de Goiás e do Brasil, com ligação direta a Planaltina e Sta. Luzia, inclusive a Transbrasiliana, ligando-o às famosas minas de níquel do Tocantins, como nos demonstra o gráfico ao lado.



Vista do Largo do Bom Jesus, onde o prefeito Câmara Filho está construindo um moderníssimo jardim.

ta maneira, demonstrar à comunidade em geral, seus altos predicados administrativos, não muito verificado quando se achava à frente do DEIP, donde se afastou para assumir o cargo que atualmente exerce.

Amparando os serviços de economia em geral foi criada a Seção de Engenharia e Produção, destinada ao fomento agrícola, orientando e incentivando o progresso da agricultura, por meio de um combate sistemático à rotina dos meios rurais.

ENTIDADES COOPERATIVISTAS — BAIRRO DE JUNDIAÍ

Anápolis é, em Goiás, a cidade vanguardista de uma iniciativa de vulto nacional que repercutiu por todas as paragens brasileiras. A 1º do mês de maio deste ano, durante grandiosa festa proletária, em terreno doado pela municipalidade, lançou-se a pedra fundamental da construção da Casa do Operário, prédio com 2 andares e outras dependências, para restaurante popular, biblioteca, consultórios médico e dentário, bar, etc., e salões para reuniões e festas, que, em breve, se erguerá na próspera Anápolis. Tem dado a Prefeitura amplo apoio à formação de Sindicatos. A 1º de maio passado, também, foi fundado lá o primeiro Sindicato Rural do Brasil, juntamente com a fundação da Cooperativa de Consumidores, com a va-

liosa contribuição dos diferentes Sindicatos de proletários, Dep. de Economia e Assistência ao Cooperativismo e Associação Comercial de Goiás.

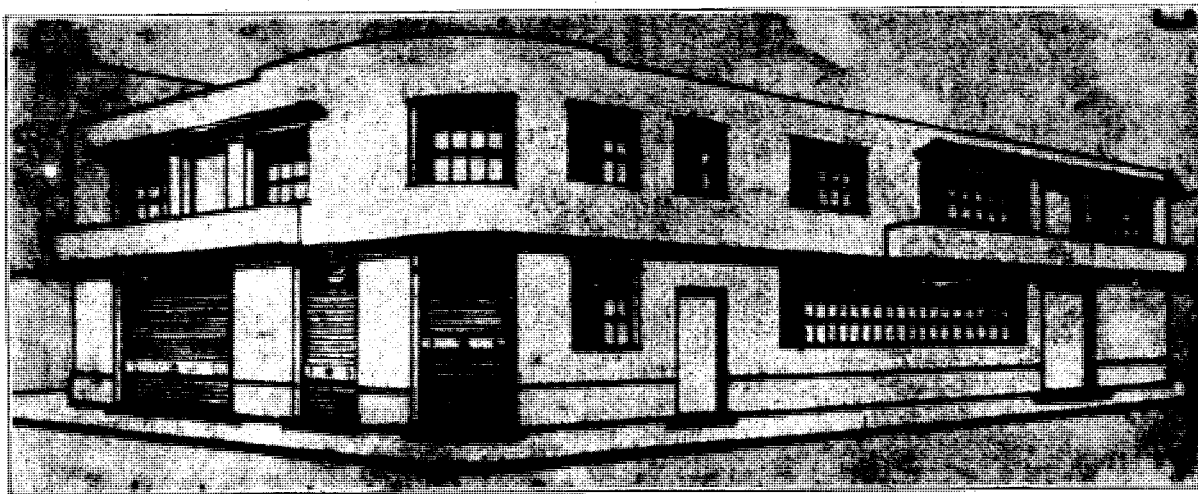
São mesmo insuperáveis as atividades construtivas em Anápolis, que são realizadas com o fito único e exclusivo de beneficiar a massa em geral, dotando-a dos melhores requisitos para o seu

bem-estar econômico, físico e moral, ante a luta insana pela vida. Inda agora, foi projetada a construção, pela Empresa Imobiliária de Anápolis, de um novo bairro, que se denominará Jundiaí.

Esse bairro foi traçado de acordo com o que há de melhor em matéria de urbanização, e seus lotes, perto de 1000, têm sua venda garantida por compromissos assu-



Prosseguem ativamente, em Anápolis, os trabalhos de melhoramento das vias urbanas, como nos mostra o foto acima. No fundo vemos a Igreja do Bom Jesus, no Largo do mesmo nome



No clichê acima estampamos a planta da "Casa do Operário" atualmente em construção, em Anápolis, sob a direção da Prefeitura e do Sindicato de Operários em Construção Civil daquela cidade

midos pelos compradores para construções imediatas.

CONGRESSO ECONÔMICO DO OESTE. — ADMINISTRAÇÃO

Tão logo assumiu a direção dos negócios municipais, o dr. Câmara concebeu a idéia da realização em Anápolis, do Primeiro Congresso Econômico do Oeste, empreendimento de vulto, já elogiado por todo o jornalismo brasileiro e até com repercussão na imprensa norte-americana. Neste certame, cujo plano já se acha elaborado e publicado pelo prefeito Câmara Filho, serão debatidos problemas do máximo interesse para as populações sertanejas do coração do Brasil.

Tôda esta imensidade de iniciativas e empreendimentos foi verificada logo após o início da gestão do atual governador municipal, o entusiasta orientador dos destinos da comuna mediterrânea.

Visitando, demoradamente, todos os distritos, o dr. Câmara mantém contacto direto com o povo anapolino, que é, sem favor, um dos mais evoluídos e progressistas do Estado. Dentro das possibilidades municipais grandes melhoramentos estão sendo realizados nas sedes distritais, algumas das quais já estão recebendo os benefícios de arborização nas suas avenidas e ruas. Várias escolas rurais foram criadas pelo Prefeito, que se acha preocupado em visitá-las periodicamente, a-fim-de incentivar a instrução popular. Procurando melhorar as condições sanitárias de Anápolis e suas povoações, o íntegro Prefeito conseguiu, junto ao Poder Executivo Goiano, a fundação, na sede municipal, de um Centro de Saúde, a instalar-se brevemente.

Outros benefícios de suma relevância foram executados pelo be-

nemérito governador municipal, homem dotado de alta concepção dos negócios públicos e administrativos relacionados com o seu nobre mister.

Anápolis é, em suma, mormente agora em que é dirigido por um cérebro laborioso, a esperança da indústria goiana que, em futuro próximo, alcançará os píncaros gloriosos da suprema força de uma nação, com a qual os dogmas da independência, da liberdade e do progresso, hão de nos sorrir para sempre, na ânsia de um Brasil grande, de um Brasil verdadeiramente brasileiro.

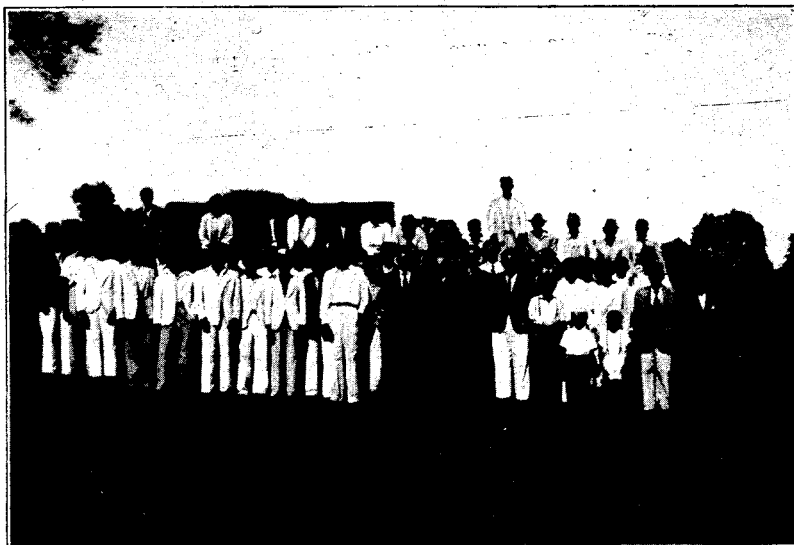
O INTERVENTOR PEDRO LUDOVICO JÁ ESTÁ REALIZANDO A SUA PROMESSA FEITA A' ANÁPOLIS

Em janeiro de 1943, por ocasião de sua visita a Anápolis, o Inter-

venor Pedro Ludovico teve ensejo de, em discurso pronunciado na Praça Pública, numa grande manifestação popular que ali lhe fôra pres'ada, prometer aos habitantes daquele importante centro econômico de Goiaz, a realização de vários melhoramentos naquela urbs, dentre os quais os serviços referentes à rede de esgotos sanitários, abastecimento d'água e calçamento da cidade.

Meses depois, foi nomeado para ali, como Prefeito, o sr. Câmara Filho, que, de ordem do Chefe do Executivo Goiano, contratou imediatamente, com a Companhia Serviços de Engenharia, a organização do plano diretor, projetos e demais estudos de tais empreendimentos.

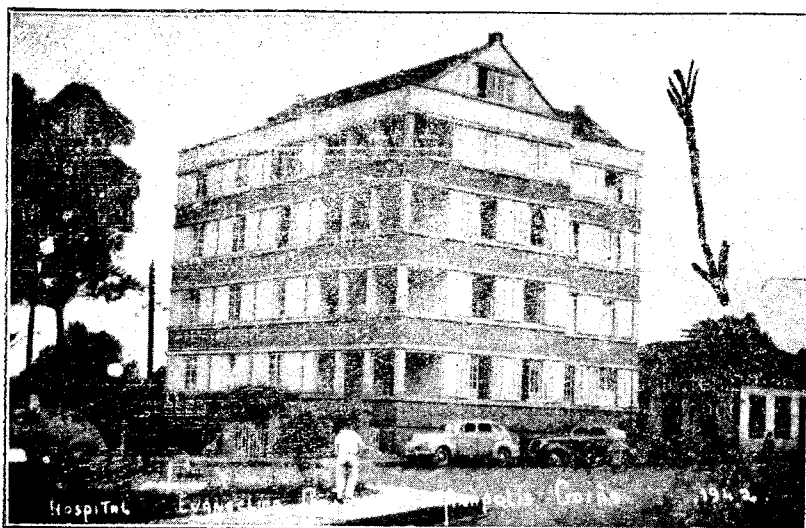
Agora, segundo estamos informados, aquela companhia acaba de apresentar ao Prefeito de Anápolis, com o pedido de desapropri-



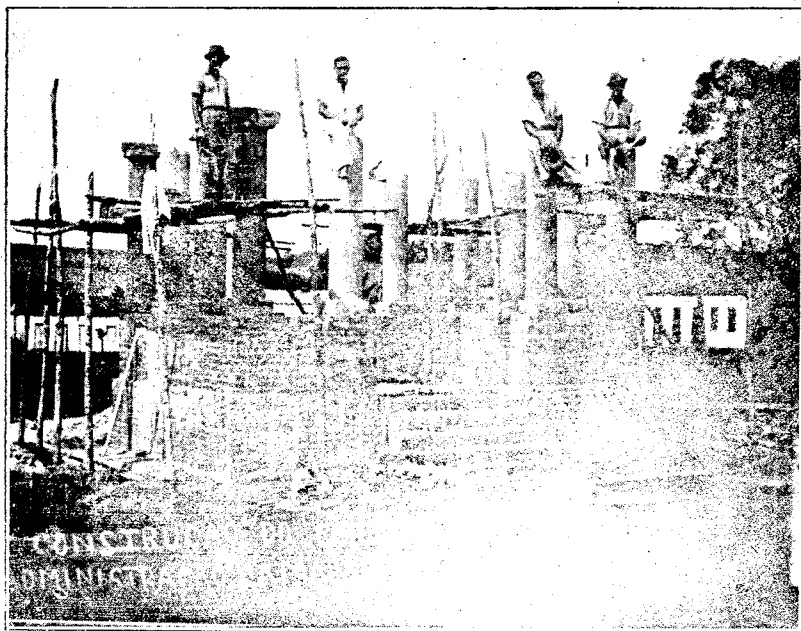
Componentes do Primeiro Sindicato Rural do Estado de Goiaz, fundado em 1º de maio pretérito, numa próspera fazenda do município de Anápolis

ção imediata de uma área de cerca de 300 hectares, a planta hidrográfica do córrego das Antas, o mais indicado, pelos estudos realizados, para abastecer a cidade d'água.

O sr. Prefeito Municipal já vem tomando as medidas necessárias a esta desapropriação, estando assim convertendo em realidade a promessa que o Interventor Pedro Ludovico fizera, anteriormente, ao povo de Anápolis.



Na fotografia que es'ampa nos acima vemos, as'inalada por uma seta, uma das casas condenadas à demolição. Ao lado está o Hospital Evangélico Goiano.



tica, publicando ensaios e críticas nas folhas recifenses.

Em 1874, entrando num concurso para professor de Filosofia no Colégio das Artes, em Recife, obteve o primeiro lugar. Em 1875, defende tese perante a Congregação da Faculdade de Direito da mesma cidade, para conquistar grau de doutor, verificando-se, então, o célebre incidente entre ele e os examinadores, motivado por estar Silvío convicto de que a metafísica estava morta, com o que não concordava Coelho Rodrigues, que perguntou ao examinando: — “Quem a matou, foi o Senhor?” . . . — tendo Silvío abandonado a sala, taxando os examinadores de “corja de ignorantes” . . .

Em 1876 fixa residência no Sul, e, em 1880, presta concurso para a cadeira de Filosofia, no Internato Pedro II, conseguindo a primeira colocação e sendo nomeado logo para o cargo.

Foi deputado provincial e federal, pelo Estado de Sergipe, tendo sido escolhido relator da Comissão dos 21, do Código Civil. Representou o Brasil em várias conferências européias e foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde criou a cadeira nº 37, de que é patrono Hipólito da Costa.

A obra de Silvío Romero é valiosa e extensa, destacando-se os seguintes trabalhos: — “Compêndio da História da Literatura Brasileira” (em colaboração com João Ribeiro); “Contos populares do Brasil”; “O naturalismo em literatura”; “Estudos de Literatura Contemporânea”; “Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil”; “História da Literatura Brasileira”; “Ensaio de Sociologia e Literatura”; “Doutrina contra Doutrina”; “Estudos Sociais”; “Provocações e debates”, etc.

Ronald de Carvalho, em sua admirável “Pequena História da Literatura Brasileira”, assim se expressa acerca de Silvío Romero: “Sua atividade múltipla, sua atitude sincera nas causas que interessavam o progresso e a felicidade do nosso país, sua visualidade ampla e viril, compensam, de certo modo, as fraquezas nascidas de uma simpatia às vezes mal interpretada. Como publicista, Silvío introduziu nas nossas letras o cultivo das idéias gerais, indicou a necessidade das bases científicas no processo evolutivo dos gêneros literários, e, no que nos concerne propriamente, mostrou a estrada que devíamos trilhar para atingirmos o nosso pleno desenvolvimento étnico e político; como homem, nos legou um exemplo de audácia cavalheirosa, de desinteresse por tudo quanto não fosse digno da inteligência pura, de amor às coisas da arte e da ciência, de horror ao pedantismo escolástico, às fórmulas pretenciosas e ao eruditismo acadêmico”.

SÍLVIO ROMERO

A 18 de julho de 1914 falecia, no Rio, Silvío Romero, uma das mais fortes expressões do gênio brasileiro.

Nasceu ele na cidade de Lagarto, em Sergipe, a 21 de abril de 1851. Em 1863, está no Rio, estudando os preparatórios no Ateneu Fluminense. Em 1868 regressa ao Norte, ma-

triculando-se na Faculdade de Direito de Recife, por onde se diploma, em 1873. E' então que Silvío trava conhecimento com Tobias Barreto, nascendo, daí, a grande amizade e mútua admiração entre os dois famosos escritores.

Ainda como estudante, Silvío Romero se inicia na atividade jornalís-

BOLETIM DO TRABALHADOR

Mozart Smith Camargos

Vamos encontrar no patriótico e benemérito Governador Delfim Moreira, quando o mundo procurava refazer-se das calamidades da hecatombe iniciada em 1914, o primeiro texto legal referente à proteção contra os riscos de acidentes do trabalho.

Com a evolução natural e o aprimoramento de nossa legislação social, tivemos, em 10 de julho de 1934, pelo decreto nº 24.637, a Lei de Acidentes do Trabalho, que vem presutando relevantes serviços na solução de tão importante problema social, principalmente no amparo aos industriários, classe mais sujeita, aos acidentes, no seu labor quotidiano.

Não obstante a obrigatoriedade do seguro contra os acidentes do trabalho, uma grande maioria de empregadores não tem satisfeito a essa exigência legal, decorrendo, daí, prejuízos irreparáveis aos seus empregados, condenados, muitas vezes, quando vítimas de acidentes, a viverem da caridade pública.

Certo é que várias companhias de seguros vêm fazendo campanha junto às firmas comerciais e industriais no sentido de segurar os seus empregados, mas nem sempre são bem compreendidas nos seus justos propósitos, quais sejam os de colaborar com o Governo e de amparar aqueles que foram vítimas de acidentes. É obra meritória e de elevado alcance social, não só a de prevenção de acidentes, como também recomendar com justiça aqueles que se viram, de um momento para outro, parcial ou totalmente impedidos de ganhar o seu pão de cada dia, ou inutilizados para exercerem suas atividades.

Entretanto, agora, com as humanitárias reformas que temos tido no direito social brasileiro, examinando com especial carinho a situação do trabalhador nacional, houve por bem S. Excia. o Sr. Presidente da República decidir que, para a feitura da nova Lei de Acidentes do Trabalho, "a lei deverá adotar o princípio de que o seguro de risco de acidente do trabalho, imposição legal, não pode ser objeto de especulação privada e deve competir ao Estado, como seguro social que é. A transformação do atual para o futuro regime pode ser prevista de maneira paulatina, cabendo, de início, e com as cautelas devidas, passar a responsabilidade do seguro, no tocante aos respectivos associados, às instituições de previdência social, às quais serão transferidos, na forma e nos prazos a serem fixados, os encargos dos atuais seguradores particulares. Essa a orientação já tomada, entre outras, em relação aos segurados dos Institutos de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos e da Estiva e já fixada no art. 213, do decreto-lei número 2.063, de 7 de

março de 1940, que regulamenta sob novos moldes as operações de seguros privados e sua fiscalização.

Determinará tal providência a possibilidade da diminuição dos prêmios de seguro, ou, o que será preferível, uma melhor base para a indenização ou a assistência do acidentado, de vez que o seguro social não pode visar lucro, o que constitui o objetivo da iniciativa privada".

É o que vemos da judiciosa exposição de motivos de S. Excia. o Sr. Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio.

Efetivamente, esboçado o anteprojeto da Lei de Acidentes, observamos que o mesmo, como bem acentuou o ilustrado titular daquela Pasta, "atendendo à elevação do custo de vida e à necessidade de maior amparo às vítimas do infortúnio do trabalho, adotou, como base de indenização para a incapacidade total e permanente, a remuneração correspondente a quatro anos e, como inovação, estabeleceu a obrigatoriedade de pagamento na importância de Cr\$ 3 200,00, de uma só vez, nos casos de cegueira total, perda ou paralização dos membros superiores ou inferiores e alienação mental, a fim de facultar ao acidentado a aquisição de meios especiais para o transporte, de aparelhos ou providências imediatas e dispendiosas, conforme as hipóteses acima formuladas. Outra inovação de alta importância foi a que fixou o pagamento de indenizações superiores a Cr\$ 3 200,00 nos casos de morte ou

incapacidade permanente, em cotas de acréscimo de aposentadoria ou pensões, a fim de evitar que o trabalhador, vítima da imprevidência, ou de elementos inescrupulosos, malbarate a importância de uma só vez".

Além disso, um capítulo que nos merece atenção é o da prevenção de acidentes e da higiene do trabalho, porquanto trata de cuidados que resultam benéficos não só para o empregado e empregador, como também acautela os altos interesses da economia nacional, rezando, em seu art. 82: "Os empregadores, cujo número de empregados seja superior a 100, deverão providenciar a organização, em seus estabelecimentos, de comissões internas, com representantes dos empregados, para o fim de estimular o interesse pelas questões de prevenção de acidentes, apresentar sugestões quanto à orientação e fiscalização das medidas de proteção ao trabalho, realizar palestras instrutivas, propor a instituição de concursos e prêmios e tomar outras providências tendentes a educar o empregado na prática de prevenir acidentes".

Estão assim, mais uma vez, de parabéns os obreiros nacionais, pois o ante-projeto já referido, tornando mais claros os direitos dos mesmos e trazendo-lhes novas garantias, tão logo seja convertido em lei, irá ampará-los de fato e melhor, quando vítimas de descuidos ou infortúnios profissionais.

"OESTE" vista pelos outros

Muito nos desvanecem as referências carinhosas com que, a respeito desta revista, se referem os jornais brasileiros com os quais mantemos permuta.

De um modo particular, devemos encarecer que essas referências amigas, revestidas de incisiva espontaneidade, são por nós recebidas como estímulo, para a grande jornada de fazer "Oeste", cada vez mais, digna dos foros culturais de Goiás e útil a Goiás e ao Brasil.

"A Gazeta", o admirável diário paulista, fundado pelo grande jornalista Casper Líbero, tão cedo arrebatado pela morte, noticiando o recebimento de mais um número de "Oeste", o fez com as seguintes palavras:

"OESTE" — Recebemos mais um número dessa magnífica revista que congrega o mundo intelectual goiano de nossos dias. O presente número é relativo ao mês de maio corrente e contém esplêndidas colaborações assinadas por Paulo Augusto de Fi-

gueiredo, M. A. Teixeira de Freitas, Odorico Costa, Guilherme Xavier de Almeida, cel. Marco Antônio Felix de Sousa, Vasco dos Reis Frederico Lane, Arlindo Costa, José Campos, Zoroastro Artiaga, Juruena Di Guimarães e outros nomes da moderna geração literário-goiana, que tem encontrado no interventor Pedro Ludovico um grande admirador e amigo".

"Uberaba Jornal", vitorioso semanário uberabense, dirigido pelo sr. Godofredo Santos, referindo-se a esta revista, publicou a seguinte notícia:

"OESTE" — Do mês de maio findo. Número 16. Traz selecionada matéria e farta clicherie. "Oeste" é editada pela imprensa oficial do vizinho Estado de Goiás, sob a direção dos jornalistas Vasco dos Reis Gonçalves, A. Juruena Di Guimarães, Odorico Costa, Paulo A. de Figueiredo e Gabriel Anconi.

Marcados pelo Destino...

Conto de Neli Alves de Almeida

A notícia era verídica. Aquela notícia que alarmava a tantos quantos dela tiveram alcance, encerrava, em si a essência da verdade: a mulher que êle matara e que fôra sua amante, era, de fato sua Mãe ! Provara-o a ação da Polícia a quem, aliás, não fôra difícil, a resolução do caso: desvendara o mistério que rodeava o crime, tendo o fio da meada na elegante caderneta de marroquim lilás, que êle deixara no Gabinete do Chefe de Polícia, onde estivera após seu crime e donde saira para a morte, recusando-se a prestar qualquer declaração; também, o bilheteinho por êle enviado ao Banqueiro, no infausto dia que tantos e tão cruéis tormentos trouxera ao pobre homem, prestou valiosa colaboração á pesquisa da Polícia. A caderneta em questão trazia importantes autógrafos e uma deslumbrante fotofragia da morta; ainda outros acontecimentos que se desenrolaram, em seguida, e dos quais as autoridades competentes tiveram alcance, casavam-se, em tudo com aquela prova esmagadora, que mostrava a realidade do fato hediondo.

Jorge Alberto Tavares (adotára o apelido do Banqueiro) recebera, naquele dia, seu diploma de médico; reunia, em si, o essencial para um tipo notável de homem bonito. Carater reto. Inteligência brilhante: embora a Vida se lhe mosstrasse, desde a infância, pródiga e calma, nunca se sentira alegre: havia, no amago de sua alma, sem que êle a pudesse definir, uma amargura sempre crescente, que lhe empanava o brilho do viver e o conduzia, sempre, ao paroxismo de insondável isolamento, tornando-o um infeliz, um pessimista. Não conhecêra os Pais; talvez, sua tristeza infinita tivesse, aqui, sua origem . . . contaram-lhe que possuira uma Mãe muito bonita e um Pai muito bom e que ambos haviam morrido, numa viagem que fizeram ao estrangeiro: um desastre lamentável e uma morte triste . . . era tudo quanto sabia . . . no Banqueiro que o adotara, sempre, encontrara um Pai afetuoso, sincero em seu querer bem e em seu grande desejo de vê-lo muito feliz . . .

— Amo-a, Marta. É aqui, nesta alcôva, tão silenciosa e cheia de você, que eu sinto, realmente, a

vida: sinto-a de uma maneira tão estranha que nem sei defini-la: sinto-a doce e amarga, cruel e deliciosa, fatal e divina . . . não . . . não sei . . . há, neste meu destino, algo estranho que eu preciso desvendar, que eu preciso conhecer !

— Tolices, Alberto. Você é um incompreendido, embora eu me tenha esforçado, desde que nos conhecemos, por compreendê-lo . . . também, é curto o espaço de tempo de que data o nosso conhecimento: apenas quinze dias . . . e não serei eu a mulher em cujas mãos está entregue a nobre missão de fazê-lo feliz . . . eu sou uma desgraçada ! em meus lábios, a taça de fel de tôdas as provações humanas está a transbordar . . . se você conhecesse, fielmente, a minha história !

— Não fale assim, Marta ! você é tão linda ! só lamento não a haver conhecido há mais tempo; só agora, ter você deliberado retornar ao nosso caro Rio . . . você é tão linda ! mas, para que essa lágrimas que a entristecem ? !

— Minha adorável creança ! lembre-se de que eu tenho quarenta anos e você, apenas vinte e dois !

— E quem não dirá que você tem trinta ? ! sem dúvida, em melhores tempos, você foi a encarnação de Venus, se, agora, é maravilhosíssima ! . . . e eu só sei dizer-lhe que a amo muito e muito e que você é minha vida, mesmo quando advinho, em você, a minha morte !

Foi-lhe entregue, no dia de sua formatura, entre um esplêndido bouquet de rosas encarnadas, uma caderneta de marroquim lilás . . . donde viera aquilo ? ! ninguém lho soube contar . . . sentindo pulsar, estranhamente, o coração, adivinhando a tortura de uma grande revelação, dirigiu-se, pressuroso, ofegante, a seu elegante quarto de dormir . . . tremulo, folheou a caderneta que apresentava mais a aparência de um livro rico e original . . . desvairado, viu . . . procurou compreender . . . MARTA ! MARTA ! o nome de sua Mãe que lhe contaram morta, o nome de sua amante louca, triste, deliciosa e querida, que estava viva, muito viva, ali, numa alcôva azul e perfumada ! . . . e a fotografia ? ! mentiam-lhe os próprios olhos ou feria-o o Destino impiedoso, colocado-lha ante êles ? MARTA ! MARTA ! os mesmos ólhos, os

mesmos cabelos, a mesma bôca ! Ela, Minha Mãe e minha Amante ! seria possível ? ! Não ! Era mentira ! Mentira ! Procurou serenar-se, julgando-se vítima de um engano indefinível; precisava calma, muita calma, para conhecer o que estava gravado, com o letra firme e bonita, no papel da cardeneta, que o tempo tornara amarelado . . . Viu, antes de ler o que havia de fulminar-lo: "Para meu filho, quando fôr homem; para meu filho, quando a vida lhe mostrar tal qual é, fazendo-o conhecer-me e compreender a desgraça de meu Destino". Trêmulo, êle a folheou . . . deparou-se-lhe, então, uma espécie de diário, onde uma alma que o mundo lacerou, escreveu a amargura tôda que a torturava, tôda a história de uma vida farta de misérias e amarguras . . . Chamava-se Marta Simões. Tipo de beleza invulgar. Dezoito anos. A Vida estendia-se-lhe, ante os olhos de brilho notável como uma estrada enluarada de flores de esperanças que a haviam de conduzir à clareira da Felicidade . . . entretanto, o sonho que lhe cantava aos ouvidos a canção macia de um porvir de paz, não se realizou e trouxe-lhe o Destino, em seus tentáculos de pólvoro faminto, a vulgaridade de uma história atôa, dessas que se contam, todos os dias, que os ouvidos da gente escutam quasi sem se comover, porque a banalidade de que se revestem e que ciranda, dia e noite, os braços orgiavos do Mundo insaciável, que vive da essência do pecado, a êle incitando as criaturas !

Trabalhava num Circo; era pobre, mas tinha um coração um ideal; era, sobretudo, honesta e acreditava na possibilidade de uma vida segura; perdeu-a, entretanto, sua beleza: certa noite em que, com êxito extraordinário, se viu o idolo da platéia entusiasmada, um bouquet de rosas esplêndidas, que tinha o rubor de seus lábios e o perfume de sua mocidade, esperou-a, maravilhoso, em seu quarto de dormir: acompanhava-o um cartãozinho delicado. Um convite para um jantar. Uma declaração apaixonada que lhe fêz vibrar o coração sensível; um homem moço e bonito, com promessas boas e desconhecidas; um amôr, uma paixão; a sua inexperiência, a sua queda . . . expulsa do Circo, sem arrimo, viu-se alquebrada pelo peso de sua dor e de sua vergonha; e o filho ? ! . . .

atraíram-lhe as vistas, na noite escura, as luzes deslumbrantes da casa do Banqueiro: deixá-lo-ia, cautelosa, à porta daquele luxuoso Palacete, onde a riqueza imperava; impossível não haver, ali, uma alma caridosa que cuidasse d'êlo e o fizesse feliz. Apertou-o contra o peito, beijou-lhe as palpebras cerradas e, entre o perfume e o colorido das flores do jardim bem cuidado, deitou-o, com a morte no coração . . . e ela ? ! matar-se-ia ? ! Não ! precisava, queria viver ! quando seu filho fôsse homem e se ela ainda vivesse apresentar-se-lhe-ia, contando-lhe, à viva voz, sua história dolorosa e porque o abandonára: queria-o honrado e feliz; deixá-lo, ali, com o descepo na alma, para assegurar-lhe o futuro . . . Pobre Mãe ! balbuciou Jorge Alberto, libertando-se do suor que lhe imundava a fronte, compreendendo, então, o nada da vida e o mesquinho egoísmo dos homens ! então, era filho de um infame, de um sem consciência qualquer, que se esquecera d'êlo e de sua Mãe ? ! mas . . . sua Mãe ! êle a encontrara . . . mas, era horrível ! êle a encontrava na pessoa de sua amante a quem queria doidamente, que era sua vida e que êle conhecêra, havia quinze dias, vinda não sabia de onde !

Eram duas horas da tarde, quando Jorge Alberto saiu à procura de Maria. Levava, no bolso interno do paletó, um revólver pequeno; em baixo do braço, a queimar-lhe, como língua de fogo, a fatal caderneta de marroquim lilás . . .

— Mas o sr. está louco, meu caro dr. Alberto ? !

— Não, dr. Chefe de Polícia; só sei que sou um miserável, que se entrega às mãos da Justiça; sou um desgraçado duplamente criminoso !

— Mas . . . eu lhe repito a pergunta, porque, em verdade, eu não o compreendo: — O sr. está louco ? ! e limita-se, apenas, a prestar-me essa declaração que me deixa confuso ? !

— Sim; nada mais tenho a dizer-lhe: já lhe disse tudo, já lhe contei demais ! Pertença à Justiça, que o sr. representa: faça de mim o que lhe aprouver ! O sr. não tem, à sua frente, mais que um infeliz, que a vida transformou em um anormal, em um louco, que não se sabe conter, porque está sofrendo demais ! porque tem o coração eivado de dor, porque herdou a marca fatal com que o Destino macábro queimou sua pobre vítima ! Sr. dr. Chefe de Polícia, perdoe-me o gesto, si êle o aniquila ! e, num gesto desvairado, antes que o pudessem deter os Policiais presentes, êle se jogou, num impeto de louco, de uma das janelas do

imponente Edifício . . . e seu corpo veio dansando, sinistramente, dansando, no ar, pequenino para os que o olhavam do chão, sem poderem cientificar-se se seria um corpo humano ou um fardo qualquer que alguém deixara, por imperdoável descuido, cair de encontro à aspereza do passeio; veio rodopiando, infeliz, desgraçado, até alcançar o chão, cujo seio o recebeu, brutalmente, entre a gélida dureza de sua indiferença e a comoção surpresa dos transeuntes alarmados ! . . .

No assoalho, onde caíra com ruído sêco, a caderneta de marroquim lilás, ficou, sinistra, impressionadora, abrindo-se sem que ninguém a tocasse, para mostrar aos olhos dos presentes, a maravilha de um rosto de beleza invulgar impresso num postal, pela habilidade de um fotógrafo de arte . . . apanhou-a, trêmulo, o Chefe de Polícia . . .

O moço de recados, tímido, aproximou-se da casa do Banqueiro; estendeu à moça loira que o recebeu, um envelope, branco; era endereçado ao dono da casa; seu conteúdo, essência da verdade alarmante, difícil de aceitar-se, lançaria, por terra, dentro em pouco, a felicidade de que se achava possuído o bom homem: era uma confissão surda de seu filho adotivo, que lhe contava, amargamente, os últimos acontecimentos de sua pobre vida que, em breve, terminaria . . . em breve, também, aquela casa feliz, que se preparava, na azáfama ruidosa da criadagem, para o esplêndido banquete que seria oferecido aos amigos de Jorge Alberto, em regosio à sua formatura, ver-se-ia mergulhada na dor profunda do luto com que o Destino a viria vestir. Quando o Banqueiro fôra de si, saía à procura do dr. Jorge Alberto, foi surpreendido pois dois Policiais que o esperavam à porta do jardim; traziam, estampados nos rostos pálidos e comovidos, a indecisão e o respeito pelo sofrimento alheio: contaram-lhe, entretanto, tudo . . . cambaleante, o pobre homem acompanhou-os até o carro, que mandaram tocar para o Gabinete do Chefe de Polícia; precisava inteirar-se de tudo ! que história aquela de matar-se, após haver assassinado uma mulher em quem reconhecera a Mãe e de quem fôra amante ? ! na presença do Chefe de Polícia, o infeliz, segundo lhe contaram os Policiais, recusara-se a prestar a menor declaração; disse-ra-se, apenas, um criminoso que viera entregar-se à Justiça, mantendo-se, entre tanto, logo depois; mas, guiando-se pelo bilhete que êle lhe enviara e que exhibiria às vistas competentes, haveria de conhecer, a risco, toda a dolo-

rosa fatalidade que lhe esmagava a vida ! pobre filho !

— Está bem; então, o bouquet de rosas encarnadas e a caderneta de marroquim lilás, recebeu-os a Srta. ?

— Sim, meu Senhor; trouxe-os um velho simpático, de aspecto modesto, que se disse muito amigo da pessoa, em cujo nome trazia. a Jorge Alberto, aquele mimo; conversamos um bom quarto de hora; em seguida, deu-me êle seu endereço, convidando-me a aparecer em sua casa, para admirar-lhe o jardim . . . e a môça, abrindo a carteira, tirou, dela, um cartãozinho que entregou ao Chefe de Polícia. Este, depois da saída de Alice, a criada da casa do Banqueiro, passou-o a um homem de meia idade moreno, o sizado, que se achava em seu Gabinete; o homem moreno saiu calado, pensativo; tomou um taxi e mandou tocar para o endereço que trazia consigo; encontrou o homem a cuja procura saíra: chamava-se Leonel Martins. As perguntas que lhe foram feitas, respondeu sem evasivas: — Sim; levava, de fato, a casa do Banqueiro, um bouquet de rosas a seu filho adotivo, que se formava em Medicina; juntara, a êle, uma caderneta de marroquim lilás, que lhe fôra confiada, havia vinte e dois anos e que êle guardara, com avareza, à espera do dia em que visse ser o esperado para tal; confiára-lhe sua amiga e companheira de Circo, Marta Simões, a quem êle muito queria e lamentava e a quem não vira mais desde a noite em que ela o procurara para contar-lhe sua desgraça e incumbí-lo daquela missão. Não tivera mais notícias de Marta, que partira dali, cheia de dor, mas conhecia-lhe, fielmente, a história e venerava-lhe a lembrança . . . mas que acontecera de anormal ? ! por que o procurava aquele Senhor, para tomar conhecimento daquele fato, que, a seu ver, em nada lhe dizia respeito ? ! o homem não lhe respondeu; limitou-se a cumprimentá-lo, sêcamente, deixando-o boquiaberto, confuso, entre a fumaça do cigarro que acendêra, para fazer-lhe companhia no taxi . . . então, era verdade . . . pela afirmativa dolorosa do bilhete que Jorge Alberto endereçara ao Banqueiro — **MATEI MINHA MAE E AMANTE !** — e por tudo mais que se conheceu em relação ao caso, era verdade ! estava tudo claro . . . claro como a Lua que se surgia, esplêndida, no Céu, que se recamára festivo, de mil estrelas, para cotêjá-la, galanteador . . . Jorge Alberto foi um infeliz: o criminoso foi o Destino, que os marcou, a êle a Marta, para oferecer, assim, uma cena diferente à Vida sedenta de renovadas emoções, no palco do Mundo pervertido . . .

O IDEAL TEOLÓGICO À LUZ DO KANTISMO

E. VÍTOR VISCONTI

O idealismo transcendental de Kant admite a existência da matéria sem sair da consciência de si mesmo e concebe um algo mais em vista da certeza que nos dá a experiência da existência dum X externo, cosmológico, que nasce como idéia unificadora das representações em nós dos fenômenos. É um realismo empírico. As cousas externas existem como fenômenos no espaço e no tempo tanto quanto nós mesmos e isso é baseado na consciência. Apenas as primeiras são objetos dos sentidos externos no espaço como seres extensos e nós existimos para o sentido interno no tempo, como subjetividade. O espaço e o tempo existem em nós como forma e são a possibilidade da coexistência ou sucessão das cousas. Isto é, algo real que nos afeta, a matéria, mas cujas representações nos são dadas segundo as formas do Espaço e do Tempo. Nada de real pode ser percebido por nós, fora dessas formas, que são a condição de toda a experiência possível.

Se algo existisse inteiramente fóra de nós, não estaria no Espaço, como forma da sensibilidade. Portanto todo o conhecimento é sintético, participa do "eu", e do "não-eu", embora numa dialética finita pois não conhecemos inteiramente nem um nem outro. Também é impossível determinar a rigor o "a priori" e o "a posteriori", tese e antítese, em separado. Temos somente sínteses, onde uma ou outra tendência predomina. É impossível separar em classe a Natureza, dando-lhe limites perfeitamente definidos.

A essa forma dialética do conhecimento temos de reconhecer como mais lógica do que o idealismo empírico que afirma a existência das cousas fóra de nós, num realismo transcendental e portanto fóra do Espaço e do Tempo como formas de sensibilidade. Isso gera um insolúvel dualismo.

Mas vejamos como se realiza a dialética finita através de três graus da síntese do Entendimento aplicado ao mundo dos fenômenos, do empírico.

1º é a síntese dos elementos da apreensão sensível. Ela nos leva a estabelecer os atributos constantes de cada espécie de objeto, como — Rosa — Ouro — Laranja — e não apenas um objeto particular.

2º é a síntese dos elementos da imaginação que nos permite reproduzir os atributos fundamentais duma espécie qualquer tendo as

O professor E. Vitor Visconti, que subscreve este artigo, escrito especialmente para "Oeste", possui uma posição de extraordinária relevância na nova geração brasileira. É, na verdade, um dos novos valores do Brasil.

Pedagogo de grande autoridade, estudioso dos altos assuntos da filosofia e da sociologia, o professor E. Vitor Visconti é, ainda, poeta inspirado e jornalista de grandes méritos.

A-pesar-de moço ainda, o professor E. Vitor Visconti já possui uma nobilitante bagagem literária. "Aurora de Símbolos" é um livro de versos maviolos, recebido com grandes elogios pela crítica, "Sinarquia", é um estudo perfeito sobre o sistema cooperativista e sobre a influência que o mesmo vai ter na construção do mundo de amanhã;

noções, em geral, de Ouro, de triângulo, etc . . . posso reproduzi-las sem ter que confiar dum objeto em particular, embora a noção dum objeto não corresponda exatamente a nenhum da espécie particularmente.

3º é a síntese desses vários elementos, dessas noções, determinando as leis gerais de sua apreensão e são as categorias do Entendimento.

A necessidade da síntese nos leva a conceber ainda uma unidade para as representações empíricas, que nos revelam o próprio "eu"; e de tal idéia de unidade e da de identidade é que pode surgir uma aprecepção transcendental que nos daria uma base não empírica à consciência. Embora a Razão Pura em suas especulações apenas estabeleça a impossibilidade de atingir a verdade absoluta, todavia sentimos que deve haver um algo estimulante dessa indagação da mente especulativa. Eis o ideal psicológico de causa psíquica . . .

Também seria de usá-la num sentido prático, tomando por base a espontaneidade de ação, a faculdade de escolha do que nos seja útil ou não. E por pragmatismo criaríamos as normas de ação prática, de moral (ver Met. Cap. II) que, tendo base no sentimento, tiraria da filosofia consequências úteis. Seria mesmo de idealizar-se uma unidade para o nosso sentido interior, uma substância simples que sintetize as nossas representações das cousas, noções e estado de consciência, na unidade e identidade do "eu" consigo mesmo, como ideal

e, finalmente, "Evolução do Pensamento Dialético", a sua última obra, é um estudo completo a respeito de Kant, Karl Marx e Engels.

O professor E. Vitor Visconti acaba de embarcar para a República do Urugai, iniciando uma grande viagem de estudos pelas repúblicas ibero-americanas, durante a qual realizará, a convite de organizações culturais, conferências em Montevidéu, Buenos Aires, Santiago, Lima, etc..

Publicando "O Ideal Teológico à Luz do Kantismo", "Oeste", brinda seus leitores com uma página admirável. E se sente de parabéns pela aquisição de mais esse erudito colaborador, que promete honrar as suas páginas com artigos sobre os assuntos mais variados.

psicológico, pois tal idéia não poderia ser determinada pelo Entendimento, porque transcende as suas próprias leis de determinação da objetividade, do real.

Também a Razão estabelece um ideal de unidade para os conceitos do Entendimento que por sua vez enlaça as representações da intuição sensível, num sentido externo, objetivo. Essa unidade existe como máxima reguladora e unificadora do conhecimento como verdadeiro ideal cosmológico, onde resolvermos apenas por ideal as antinomias da Dialética Transcendental, posto que essa Unidade não tenha realidade objetiva, pois para isso deveria ser submetida às categorias pelas quais determinamos a realidade, a substancialidade e a razão de ser das coisas.

Assim, caímos na Dualidade: a Unidade na Objetividade, no "não-eu", e a Unidade na Subjetividade, no "eu".

A dificuldade maior para resolvê-la é realizar a união dos fenômenos percebidos pelos sentidos externos com os dos sentido interno.

Não é possível anular o mundo externo por idealismo, à Berkeley, pois os fenômenos e suas representações obedecem a leis empíricas que nos afirmam sua realidade, mesmo como leis duma ciência muito relativa. Só nos restaria a considerar que o mundo externo para nós se torna em representações em nós graças às formas do Espaço e do Tempo, e também o que conhecemos de nós mesmos é um conjunto de representações no Tempo,

logo o X cosmológico e o psicológico talvez se reduzam a um algo que supere a contradição entre "eu" e "não-eu", "sujeito" e "objeto" (espírito e matéria). Talvez essa unidade superadora do conflito se revele em momentos como dualismo.

Assim para resolver o dualismo de tais contrários apelariamos para o Uno Supremo, Absoluto Lógico, encerrando "eu" e "não-eu" e que por isso deveria revelar qualidades mais altas do que nossa vontade e inteligência individuais. Seria o ideal da soma total de todas as inteligências e vontades, razão única de tudo, causa primária e final de todas as cousas.

Entretanto jamais poderíamos asseverar realidade duma idéia da Razão apenas por constituir uma explicação coerente do universo, sem que experiência alguma a tenha confirmado. Doutra modo no caso da prova físico-teológica do universo, cairíamos na velha tese cartesiana da afirmação da Divindade, apenas por uma razão ontológica. Um algo que fosse razão de ser da Ordem Universal, onde se resolvesse a antinomia de causalidade e liberdade, de contingente e necessário, e, por satisfazer a tal problema, só, por isso, se tomasse como existente. Ademais tal ser, verdadeira abstração da Razão, não teria realidade objetiva por transcendere nossos meios de determinar uma coisa real qualquer experimentalmente. Pois é essa justamente a Razão de sua idealização como princípio de todos os princípios e base de todos os conceitos e idéias, donde a impossibilidade de submeter essa "idéia pura" a qualquer princípio ou categoria do Entendimento a-fim-de verificar a sua existência.

Se isso admitissemos ou ainda a antropomorfizássemos, quebraríamos a Unidade Lógica da concepção do Universo pela Razão Pura; Unidade esta que é o único motivo de sua idealização como Unidade Absoluta de Tudo. Em caso contrário resvalariamos para o Dualismo da Escolástica. Por isso a Igreja repudia o racionalismo nos assuntos de fé, apelando para a intuição ou para a revelação. E nada tendo que ver com a filosofia, ao construir seus esquemas lógicos, a Igreja se encastela na torre de marfim da fé auto-revelada do Deus-Homem e dos seus santos Interpretetes, os Papas.

Realmente, ou aceitamos a doutrina da transcendência divina, dum Deus acima da Natureza, sua obra apenas, ou cairmos na concepção dum Deus-Substância, Essência de todas as cousas, sujeito lógico que não é predicado e que, sendo Uno, sofre da contingência de ser pluralidade, diferenciação das cousas. Ser e Não-Ser, Uno-

Diada de Platão. Em consequência disso o ideal do Uno, que encerra o múltiplo sofre da imperfeição de manifestar-se como cousas contingentes e diferenciadas. O Uno seria a negação de si mesmo como parte; a parte se negaria como Uno. Eis o que diria Hegel. E por aí chegaríamos a um Deus que se transforma com suas partes, com a Natureza, e que talvez evolua com ela e participe de suas imperfeições. Eis o Deus Dialético, evolucionante de todas as escolas panteístas em contraoposição ao Deus Transcendental e Perfeito dos Tomistas, motor-imóvel de Aristóteles.

PUBLICAÇÕES

Relatório do sr. Interventor Federal do Estado de Goiás ao sr. Presidente da República.

Recebemos um exemplar do relatório apresentado ao Presidente Getúlio Vargas pelo dr. Pedro Ludovico Teixeira, relativo às atividades governamentais do triênio de 1940-1942.

Trata-se, inegavelmente, de um trabalho magnífico, em que o sr. dr. Pedro Ludovico, com muita clareza, patriotismo e honestidade, dá conta ao Chefe da Nação de sua conduta político-administrativa mostrando, através de uma argumentação irresponsável e fundamentada, o muito que fez e o muito que pretende fazer neste grande pedaço do Brasil.

S. Excia., sempre alicerçado em dados estatísticos, e numa linguagem franca e positiva, analisa um por um os vários departamentos estaduais, dizendo como se tem cada um deles desimcumbido de suas atribuições. Lemos o relatório sem fadiga, antes com um entusiasmo crescente, e, no final, sentimo-nos possuídos de um justo orgulho, pois que se patenteia, de modo insofismável, como tem sido fecunda a obra desse admirável Pedro Ludovico, que, com dedicação, inteligência e sacrifício, enfrentando obstáculos de toda ordem, está, em Goiás, de maneira singular, ajudando o Presidente Getúlio Vargas na sua obra formidável de "restauração econômica e espiritual do Brasil".

O sr. Presidente da República, estamos certos, ao manusear o mencionado documento, deverá encher-se de justa satisfação por ver como a sua política, tão humana e tão brasileira, vai tendo, no seu leal delegado em Goiás, um executor de vanguarda. E a gente do povo, a quem — sugerimos — deve o relatório ser fartamente distribuído, terá, no mesmo, mais uma oportunidade para constatar as excelências do Estado Nacional, ambiente político que, purificado dos vícios do antigo regime, possibilitou realizações

Enterramentos nas igrejas

O culto aos mortos perde, cada dia, os seus aspectos negros, as suas exhibições tristíssimas.

A cerimônia dos enterramentos antes tão lúgubre, cercada de tanto aparato, de músicas fúnebres, está transformada, hoje, em uma solenidade simples e tocante. Já não tem mais rumor. Já não tem mais exhibição dorida.

Os próprios cemitérios, hoje, adquiriram um ar alegre, com sepulturas floridas, ornadas dos mais belos motivos de estatuária.

Em Goiás, como em toda a parte, o culto aos mortos está se transfigurando. Já não é mais um culto soturno. É uma religião de amor e de saudade, entremesclada de muita ternura e muita poesia. E, parece, esse o culto verdadeiro aos mortos. Essa a maneira de perpetuar a sua memória querida em um pensamento amorável, em um pensamento cheio de fé e de afeto pela própria vida.

Até 1850, os sepultamentos de pessoas gradas, em Goiás, como em toda a parte, no Brasil, eram feitos nas igrejas. Era a maneira mais comovida que, na época, se possuía de colocar os mortos queridos mais pertos de Deus. Pelo menos, os seus despojos ficavam na casa de Deus.

Essa prática tão tocante tinha os seus inconvenientes terríveis. Os perigos de contágio de doenças paravam trágicos sobre as populações e as igrejas; vezes sem conta, foram fontes de irradiação de epidemias que não fossem certas condições mesológicas, se transformariam em tremendas pandemias.

A 6 de julho de 1850, o presidente da província de Goiás, Eduardo Olimpio Machado baixou a resolução número 150, contendo interessantíssimos dispositivos sobre os sepultamentos na Capital. O governo ficou autorizado a auxiliar com a quantia de um conto de réis a construção do cemitério, que o Hospital de S. Pedro de Alcântara estava fazendo construir e dispunha, ainda, a referida resolução que, **efetuada a construção desse cemitério, serão proibidas as inumações de cadáveres dentro das igrejas.**

Dessa data em diante, só em casos especialíssimos, quando se tratava de elementos da família eclesiástica, é que os sepultamentos nas igrejas, em Goiás, foram permitidos.

notáveis assim como as que Pedro Ludovico conseguiu em seu torrão natal.

O volume, caprichosamente confeccionado nas oficinas da Imprensa Oficial, contém 108 páginas e está profundamente ilustrado com fotografias que atestam o progresso impressionante deste Estado.

O VENTUROSO

CONTO DE DOMINGOS FELIX DE SOUSA

Desde pequeno fôra assim. Quem é que haveria de corrigi-lo? Adolescente ainda, dona Marciana via-a gritar:

— Acorda, trem! Diabo de menino palerma!

E lhe dava um safanão estouvado, acordando-o abruptamente de sua incurável lerdeza. E tinha de repetir-lhe todo o recado: uma compra no armazém, uma encomenda na loja da esquina próxima, e qualquer coisa a levar ou dizer a dona Clara. E tudo olhando para êle, bem dentro de seus olhos grandes e vagos, que se não o olhasse, se fugisse com a atenção à sua massa adiposa, num corpo excessivamente desenvolvido para a pouca idade, fugiria-êles também com o espírito para longe, bem longe da salinha clara e da cara lustrosa da mãe.

Esta dizia resmungando, cansada da vida, como sempre, cansada do filho, algumas vezes:

— Ainda bem que esse pamonha acorda ao menos na hora de comer. E nem sei mesmo como acorda. Acorda para os pratos, mas dorme para o resto. Até hoje nem sabe comer com a bôca fechada, depois de a gente ter passado todos êsses anos a gritar com êle...

— Que destino, meu Deus! Que destino!... Pedí tanto um filho, e foi nascer um trem dêsse...

Dilermano ouvia os resmungos da mãe, fechava a cara, compreendendo vagamente que tôdas aquelas palavras amargas que ouvia eram uma recriminação ou queixa contra êle, e, bamboleando as banhas, fugia ao mundo, mergulhando estupidamente em sua lassidão.

Assim cresceu. Em sua mãe de vez em quando a mãe despertava; e a velha, cada dia mais gorda, mais velha e mais resmungona, lhe fazia um carinho, antes de sopitar-se novamente em sua amargura, por ter um filho tão tristemente lerdo.

As calças compridas vieram cedo, mas as barbas custaram a vir. Não reparava em meninas; mal tinha uma noção vaga de sua existência. Assim, cruzou a adolescência sem o canto de alvorada do primeiro amor. Talvez que o amor o despertasse, era de se esperar, mas êle não despertou para o amor. Quando vieram os vagos fios de uma barba tardia...

— Cria vergonha, pamonha! Acorda! — gritava frenética dona Marciana. Mas êle não despertou. Antes, achou novo ponto de apoio para sua enraizada lerdeza; passava o tempo a fuçar o queixo com os dedos roliços, horas e horas, em busca de um fio qualquer, os olhos perdidos no infinito, ou dentro do

nada de sua compreensão e de sua vida.

Assim entrou Dilermano, perdido no vácuo, sorrindo de vez em quando um sorriso raro e esquecido, pela mocidade — na luz de sol e penumbra de seus vinte anos. Decerto o amor viria acordá-lo agora, suspirava dona Marciana. Mas Dilermano mal reparou, por essa época de seus dias, que a Juventina, filha do escrivão de paz, tinha alguma coisa de diferente das outras moças — em que não reparara até hoje, aliás. Não contou a ninguém sua descoberta, e o homem que havia nele despertou lerdamente, no vácuo. Penso que nem reparou quando Juventina se casou com um rapagão risonho, estuante de vitalidade, que lhe atormentára a toleima nos dias de criança.

Depois, um dia contou à sua mãe que vira, na curva do rio abaixo da ladeira do Rosário, a menina Alice. E ajuntava, cínico e rubro, os olhos brilhando pela primeira vez:

— Alicinha é bonita, mãe. Danda de bonita! . . . Nem não sei!

A velha sorriu jubilosa, puxando a língua do rapaz, medrosa de que êle dormisse, antes de ter despertado para a vida. Começou a forjar situações, agradando a moçinha, pedindo-lhe receitas de bolos, fazendo-a trazê-las até sua casa, onde arrumava a coisa de modo que Dilermano a visse mais vezes, e com mais liberdade. Mas Dilermano se perdia, os dedos roliços em busca de uma penugem por debaixo do queixo, e os olhos perdidos longe, bem longe, voltando de leve a atenção à realidade ao seu redor, quando estralejava o riso súbito, vermelho como sangue, da menina Alice. Mas despertava de leve, ria apalermado, e voltava ao seu mundo.

A velha tinia:

— Acorda, pamonha! Sempre no mundo da lua! Vive no mundo da lua, êsse trem. Não tem serventia nenhuma!

Dilermano fechava a cara, resmungava alguma coisa, e saía de perto da menina, sem nem mesmo olhá-la.

Assim se perdeu mais uma esperança de dona Marciana. E assim correram os tempos.

No dia em que o filho fazia vinte-e-oito anos de lerdeza, a boa velha, mãe antes de tudo e a-pesar-de tudo, passou o dia na beira do forno, arrumando-lhe uns bolos de presente.

Dilermano acordava, na expectativa de uns bons momentos de gula satisfeita, e insistia:

— Daquela rosca, mãe! Daquela rosca macia, com açúcar por cima. Daquela rosca, mãe.

Era o seu bolo predileto, parecido com êle, fôfo, balôfo, dando a impressão de sono, muito sono.

Antes de por a mesa do jantar a velha sentiu-se incomodada, queixando umas pontadas nas cadeiras. Foi para a cama. Dilermano nem reparou, e comeu o jantar com alguns amigos de casa, recebendo os cumprimentos, e largando na cara de todos aquele sorriso vago, com os olhos perdidos no vácuo de seus vinte-e-oito anos.

Não posso afirmar, porém penso que não despertou também quando a velha dona Marciana foi, pouco menos de um mês depois, levada ao cemitério. Dona Clara afirma que êle chorou, até que muito, e temos de acreditar em seu depoimento, pois ela sempre sabia das coisas, desde o Dilermano pequeno.

Assim entrou o rapaz, beirando os trinta, sem uma sombra de amor em sua vida, para a atividade forçada.

Chamavam-no "O Venturoso", por nada saber nem compreender da vida.

Cobrava os aluguéis, e conferia a freguezia de leite, que sua mãe fornecia há vinte anos às famílias da cidade. Havia um livro velho, engordurado, na prateleira da cozinha. Era como que o atestado de boa ou má disposição para os pagamentos, de grande honestidade ou alta caloteria de tôda aquela gente, no espaço desses vinte anos. Dilermano lia alguma coisa daquele calhamaço, às vezes, tomando a sério o dever. Mas algum tempo depois a negra velha, que o arrancára à luz, vinha encontrá-lo na busca atenta de algum perdido fiapo de barba, os dedos grossos explorando detalhadamente o queixo e o pescoço gordo.

Não fôra porém vã a espera paciente de dona Marciana. Um dia, o rapaz despertou de dentro de sua eterna distração. O homem desenterrou-se do fundo de sua considerável adiposidade, e Dilermano entrou, inesperadamente, no campo dos homens que vivem, lutam, amam e sofrem.

Estavam falando mal da Jacinta. Êle talvez nem pudesse dizer que a conhecia. O certo é que ouvira falar, vagamente, de seu salto fora do círculo de giz . . . Inesperadamente entrou de defendê-la. Dom Quixote não seria mais surpreendente. Ninguém acreditava no que via, mas o certo é que a defendeu.

— Que aquilo tudo era maldade, que a moça era séria, que calassem a bôca, que êle a conhecia bem, e

bem sabia que tudo aquilo era má língua.

Ninguém acreditava no que diziam os rapazes, que o tinham visto e ouvido despertar. Só se sabe que, alguns dias depois, Dilermano chamava a Jacinta para sua casa, corria as lojas, comprava-lhe vestidos e perfumes, dizendo que a moça o ajudaria a controlar as contas. Porém Jacinta o ajudava de veras é a dar, desde logo, um largo rombo nas economias. Mas Dilermano andou uns tempos acordado, e malicioso, conversador, mexeriqueiro, procurando mazelas na vida dessa mesma gente, eivada de princípios, que falava de seus escândalos. Foi um despertar chocante. Dilermano acordara, de chofre, para a vida e para a língua de toda a cidade.

Assim viveu bons tempos. Assim poderia morrer. Mas adormeceu de novo. Meio adormecido, foi arrastado aos pés do aliar, onde vagamente respondeu às palavras sacramentais que o uniam, com laço indissolúvel, à solúvel Jacinta. Esta se tornou dona de casa, legitimada, digna do respeito de toda a gente da cidade. Dona Clara voltou a visitar a casa vizinha, a participar de sua vida. Jacinto tomou a si a distinta freguezia do leite, e a cobrança dos aluguéis. E compreendeu logo o que a senhora dona Clara fôra para a mãe do Dilermano. (Como se chamava mesmo a mãe do Dilermano? . . .)

Ao lado de Jacinta o bom rapaz entrou pela vida, completando os seus quarenta anos, gordo, os olhos perdidos longe, os dedos roliços procurando um fio imaginário na papada balôfa do pescoço adiposo.

Chamavam-no — o Venturoso.

Para que despertar, se é tão bom o sono? filosofaria Dilermano, com idéia emprestada, se tivesse tempo para filosofias. Ou se a filosofia pudesse entrar-lhe na vaguidão em que se perdia, na sua eterna e incurável lerdeza . . .

Um dia, foi num baile, a solúvel Jacinta conversou com um moço chofér. Dilermano, muito naturalmente, não despertou. E não acordou ainda quando, saindo para casa, o rapaz fez à porta um sinal à Jacinta, enquanto toda a gente, pouco depois, comentava o gesto, olhando de soslaio para o moço.

Começava assim o crepúsculo de Dilermano, que ainda não despertaria quando, dias depois, à clara luz do sol, a "menina Jacinta" — como falava da espôsa — saiu com um embrulho, bem visível, indisfarçável, aboletou-se no assento do carro, risonha, sem preocupações, e sumiu na poeira da estrada.

Continuaram a chamá-lo "O Venturoso", por nada poder compreender, nem querer saber da vida.

ILHA DO BANANAL

José Pinto da Fonseca era um sertanista rude, portador de tôdas as virtudes que tanto remarcam os desbravadores da era setecentista.

Comandando um aguerrido lote de negros e de índios mansos, José Pinto da Fonseca vasculejava os sertões goianos, à procura de bugres para prear. Na época, a mercadoria valia bem e os resultados de cada "razzia" feita nas malôcas dos índios compensavam as canseiras e os riscos da aventura.

O batedor-de-mato tinha em mira, exatamente, conquistar as aldeias dos índios Carajás. E as notícias que tinha, a respeito, eram as mais auspiciosas: batidos por outros índios, os Carajás estavam atemorizados e, com certeza, não ofereciam resistência aos invasores.

No dia 26 de julho de 1773, José Pinto da Fonseca teve a sua atenção despertada para os chãos que estava pisando. Havia transposto um rio e, agora, depois de caminhada relativamente pequena, estava na frente de um outro rio. Não era possível que dois rios tão grandes corressem, assim, paralelos, tão perto um do outro.

O homem encabulou-se e verificando melhor, constatou que estava pisando uma ilha. A maior ilha fluvial do mundo.

José Pinto da Fonseca fez celebrar uma missa em ação de graças, dando à ilha o nome de Santana, em honra à santa do dia.

Esse nome foi mudado, depois, para Bananal, em consequência das imensas touceiras de bananeiras que os visitantes encontraram na ilha recém-descoberta.

A ilha do Bananal está situada no rio Araguaia, entre 12 graus e 50 minutos de longitude e 9 graus e 40 minutos de latitude. A sua formação é interessantíssima. Há, nela, uma extensa parte de campinas, cheia de lagos e lagoas, povoados da mais brilhante avifauna. A outra parte é tomada por extensas florestas. A ilha possui serras elevadas e nela nascem alguns ribeirões e córregos que vertem para leste, uns, e para oeste, outros. A sua superfície é maior de vinte mil quilômetros quadrados.

Em 1774, um ano depois de sua descoberta, o capitão-general e governador de Goiaz, José de Almeida Vasconcelos e Sobral e Carvalho, barão de Mossâmedes e, mais tarde, visconde da Lapa, fez instalar na ilha um presídio para início da colonização e garantia da navegação. Esse presídio não produziu os resultados esperados, sendo abandonado, pouco depois.

A ilha do Bananal é habitada por algumas tribus de bugres, já reduzidos à civilização.

O MISTÉRIO SEDUTOR DA DESCOBERTA DE GOIAZ

Quem foi o descobridor de Goiaz?

— Foi Sebastião Marinho, afirmam convencidamente Capistrano de Abreu, Taunay, Americano do Brasil e outros.

— Foi Manoel Corrêia, um bandeirante paulista que colheu pepitas de ouro nas minas fabulosas dos "Martírios" afirmam Alencastre, Silva e Sousa e Colemar Natal e Silva.

Os pesquisadores mais argutos e os historiadores melhor informados, infelizmente, não estão de acôrdo nesse sentido. Há dúvidas sobre quem seja o autor da descoberta de Goiaz.

Quando foi que se descobriu Goiaz?

— Foi em 1502, quando na terra virgem penetrou Sebastião Marinho, declaram vários historiadores.

— Foi antes, bem antes, afirmam outros. Foi no terceiro quartel da era quinhentista, quando Manoel Corrêia devassou o sertão virgem ainda.

A mesma dúvida com relação ao descobridor, perdura com relação à data da descoberta de Goiaz.

Mas, segundo parece, Goiaz foi descoberto no segundo quartel da era quinhentista. Pelo menos, o sr. dr. Pires de Almeida, grande hidrologista brasileiro, em seu trabalho "Lambarí e Cambuquira", a respeito das famosas estâncias hidro-minerais do Estado de Minas, relata que as águas de Caldas-Novas já eram conhecidas na Espanha nos meados do século XVI. E, como prova disso, transcreve um trecho de um jornal espanhol editado em Madrid, em 1545, com incisivas e inconfundíveis referências às águas termais de Caldas-Novas, neste Estado.

Quem teria sido o desbravador que, avançando do litoral, tão fundo penetrou nos sertões brasileiros?

Que expedição teria sido essa?

Como foi a notícia dessas fontes parar em Madrid, nessa época tão distante de nossa história?

Tôdas essas perguntas ficam sem resposta.

E para os historiadores, como um desafio, fica esse mistério sedutor: quando foi descoberto Goiaz?

O Homem do Planalto

Firmo Gomes de Castro

A simpatia e a sinceridade desta recepção, se por um lado me emocionam, todavia não me surpreendem. Título, não me reconheço nenhum por que a ela me recomende. Mas somente poderei atribuir aos motivos que aduzirei adiante.

Com EUCLIDES DA CUNHA, aprendi a conhecer a psicologia do nordestino. Com a experiência pessoal, julgo conhecer a do homem do planalto. Se ambos podem igualmente ostentar o título de *sertanejo*, que um brasileiro deve declinar com orgulho, o goiano apresenta característicos que o distinguem do tipo definido pelo grande escritor patricio. Um traço de sentimentalidade pronunciada, uma brandura e cordialidade incompatíveis com aquelas duras arestas encontradas no *jagunço* do nordeste, tomada esta palavra no sentido euclidiano. A que atribuir essa diversidade de temperamentos? A' ação diferenciadora do meio ambiente? Ao trabalho do elemento histórico? Tanto a uma quanto ao outro. Todavia, força é reconhecer entre os dois tipos nacionais um substrato comum, o mesmo facies eminentemente telúrico, extreme de impressões cosmopolitas. Definindo esse facies, o acendrado amor da liberdade, que o torna refratário a qualquer regime rígido de disciplina. O sentido patriarcal de obediência conciente, que prestigia os varões respeitáveis pela idade e pela virtude. O zêlo quixotesco da honra pessoal, revelado na religiosidade do cumprimento da palavra empenhada.

Essa, em traços sumaríssimos, a têmpera formidável de que é feita a alma brasileira, alma grande e generosa, que não deve ser procurada no turbilhão das grandes cidades da orla litorânea, no atropêlo internacional de suas avenidas, na agitação poliglota dos seus hotéis, das estações hidrominerais, das lojas e das casas de chá, onde as correntes migratórias vão deixando os sulcos deformadores de suas influências. Não! E' na sociedade rural, em torno das fazendas tradicionais, na roda dos engenhos, nas pequenas cidades onde alveja, aos raios de sol, uma igreja, é aí que elegeu o seu reduto inexpugnável a brasilidade autêntica, com as suas virtudes adoráveis e os seus possíveis defeitos. Sim, senhores, que não nos leve a ignorá-los o incendido amor à terra-Mãe.

Mas, reconhecendo-os, embora, preferimos ficar com os nossos de-

feitos originários, procurando remediá-los, a nos impregnar dos séstros alienígenas que andam enfeando a frívola sociedade das praias. O reparo não é meu, porque já o fizeram com erudita prioridade Euclides e Oliveira Viana, os dois precursores da sociologia brasileira.

Agora, procurarei dizer-vos das fronteiras que extremam a psicologia nordestina da do filho do Brasil Centro. Aquele, vivendo num ambiente regularmente hostil, num cenário desértico, onde a *caatinga* é a única e desoladora expressão da vida vegetal, ressequido e castigado por um sol tirânico, conhecendo da sociedade apenas o seu aspecto mau, do Estado apenas o seu lado coercitivo, através de esporádicas incurssões corretivas,— é pelo destino um sofredor e pela índole um revoltado. A resignação que mostra ante a ação inexorável dos agentes naturais transforma-se num surdo sentimento de revolta e suspeita, por vezes recaldado, por vezes explosivo, contra os agentes do poder público. O sorriso não é o seu apanágio. Carregado e misterioso é o seu semblante, traduzindo os longos e dolorosos cismares de sua alma estigmatizada. Aquele "homem encourado", "combatente de uma batalha sem vitórias", sempre taciturno e melancólico, não possui essas expansões despreocupadas do sentimento social que dulcifica a vida em comum. Nas quadras infelizes das grandes secas, êle vive aquela tragédia obscura dos tristes exodos, que superam a eloquência descritiva de XENOFONTE, — árdua e mortal peregrinação em busca das fontes de água, que são as fontes da vida. Os marcos de sua trilha sinuosa são as ossadas brancas dos parentes e companheiros que não puderam vencer a sede e a fraqueza da caminhada lúgubre. Se os tempos são favoráveis, se o "verde" se apresenta numa esplêndida floração de vida, não repousa com isso o seu espírito, calejado na experiência de muitas desgraças, que voltam impiedosas e inesperadas.

Não fôra meu propósito, senhores, entreter-vos sobre coisas sombrias, e deixo aqui uma tarjadura negra sobre êste relatório sucinto do martírio inglório dos nossos irmãos do nordeste, aspergindo na secura da existência que a Fatalidade lhes destinou algumas gotas de lágrimas que o amor materno distila.

Outro é o habitat, outro é o clima, outras as determinantes históricas que influíram na formação do homem do planalto. Aquí, o olhar se alonga sôbre as ondulações macias e verdejantes dos platôs, debaixo de um céu ameno, onde o sol deslumbra e abraza, mas não estiola os campos, não extingue as fontes, não mata a vida.

Se as chuvas torrenciais se deram pela terra, elas não asfixiam e não destroem: caem como uma benção do Céu, e não como o castigo bíblico dos dilúvios. Quanto atentamos para a fotografia geográfica dêste grande Estado, não duvidamos do glorioso futuro que o espreita. Extendendo-se num grande sentido longitudinal, da hiolea amazônica ao planalto central, ora se espraia nas altiplanuras sem fim, dando ao itinerante uma esquisita impressão de alto mar, ora se eleva nas cumiadas das montanhas, mirantes de maravilhas paisagísticas. Dois grandes rios, são duas grandes artérias sangrando êste generoso Coração do Brasil, carreando nas suas ondas o precioso ouro de aluvião. No recesso da terra, encontra o explorador as cubiçadas riquezas, do ouro ao utilíssimo cristal, do níquel à inestimável maravilha mineral do rádio, e as fontes de saúde das águas termais. Nos campos, onde a forragem é nativa e substanciosa, pasce em virgiliana placidez um rebanho numeroso e selecionado. A cultura do café, esteio tradicional da economia brasileira, encontra no solo goiano aceitação e desenvolvimento. O arroz é uma promessa e uma realidade. O velho solo da Vila-Boa, relicário de delicadas tradições, prodigaliza uva de melhor qualidade e favorece uma indústria incipiente de vinho delicioso. Nas sombras úmidas das matas, que vão da magestade dos grandes indivíduos à multiforme variedade do parasitismo vegetal, a vida animal se multiplica em milhares de espécies, dos felinos traiçoeiros aos roedores assustadiços. Uma infinita população alada tinge a paisagem com a beleza multicolor de suas plumas e compõe as grande sinfonias crepusculares da Natureza.

Dentro dêsse habitat é que vive o homem do Planalto.

A sua vida desenvolve-se, pois, num sentido sadio de liberdade feliz. Não perturba a serenidade dos seus dias a irregularidade dos meteoros que se sucedem de maneira suave e disciplinada. Por isso é o seu viver tranquilo, manso como a caudal araguaia. Daí o seu gôsto pela moda regional em que recreia o espírito e esquece as máguas que porventura lhe sobrevenham. Não conhece reservas, antes abre sôbre a sua alma uma janela ampla: e nessa alma de escol encontramos estereotipada a mesma paisagem ambiente: as macias ondulações

dos seus brandos sentimentos e a pureza celeste do seu caráter imaculado. Descendente daqueles homens ciclôpicos que viveram a epopéia das bandeiras, a sociedade que aqui se formou conserva e cultiva as másculas qualidades dos seus antepassados. O sentido de vida espiritual, eminentemente religiosa, não teve aqui as variantes deformadoras do fanatismo e da superstição. Antes, mantém a primitiva pureza, revestida de um aspecto regional que não compromete a ortodoxia doutrinária. A notoriedade das romarias a Trindade, essa bela afirmação de fé sobrenatural, transpõe as fronteiras do Estado. Os hábitos sociais vieram se transmitindo de geração em geração, através de uma educação apurada, que, ao lado da exterioridade das boas maneiras, cuida com especial carinho da austeridade do caráter, pedra de toque da solidez da família brasileira, coesa e indissolúvel, resistente às aragens malsãs de exóticas correntes deletérias. Sob a égide do respeito aos pais, incute-se o sentimento do respeito aos mais velhos e, via de consequência, o respeito às autoridades, base da harmonia social. A disciplina político-judiciária encontra no ambiente uma receptividade espontânea e não pede à força o pretígio de que goza junto a um povo amante da paz e da justiça. De tal forma que se pode abolir a espada no símbolo da Justiça. A hospitalidade, tendo como símbolo a "chicara de café", é a virtude inata dos goianos. A sinceridade dispensa as fórmulas grandiloquentes e vãs da etiqueta e a simplicidade convida o hóspede à familiaridade. A lealdade inspira a confiança sem reservas. A operosidade apresenta um aspecto nobre, que não é aquela correria afanosa do dinheiro, novo Moloch de certa humanidade materialista. Assim, ao goiano, sobra-lhe tempo para enrolar um cigarro de palha, e, enquanto queima o "pito", meditar sobre os altos valores da vida, para dar largas ao natural impulso social, numa discreta criação desprezenciosa e viva, rica de imagens e expressões pitorescas, que nada tem de comum com a "causerie" ataviada e frívola dos "salões", nem do "bate-papo" maledicente e ocioso de um mal informado caipirismo de "broadcasting".

O sentimento de liberdade não é aquela inclinação anárquica que conhecidas ideologias dissolventes procuram implantar em alguns meios, mas não se ilude com a imposição de sucedâneos, para proveito exclusivo dos que os subministram.

Não! A Liberdade é mais do que uma aspiração, porque é a própria realidade da vida no Planalto.

Extendi-me demais, senhores, e não era meu objetivo abusar da

vossa paciência. Entretanto, não poderia resistir ao imperativo de trazer de viva voz o testemunho de minha admiração por este povo goiano pelo berço e brasileiro na sua vocação histórica de guardião intransigente das virtudes mestras que nortearam a nosa formação social e política.

Por isso, senhores, neste meu encontro convosco, na vossa próspera

cidade, de que me faço cidadão, e cujos destinos foram em boa hora confiados a um administrador moço, inteligente e patriota, — tenho a convicção de que realize na verdade o meu encontro com o Brasil.

(Discurso pronunciado na sala de audiências do Forum de Anicuns, em agradecimento às homenagens que lhe foram prestadas pelo sr. Prefeito Municipal em nome do povo).

FASCISMO PELO AVÊSSO

No combate ao fascismo, pode ser confundido o anti-fascismo autêntico e verdadeiro com a camuflagem esperta de um totalitarismo de outra espécie, mas do mesmo gênero que o fascismo.

Assim é que se vê campearem de líderes do anti-fascismo, gordos e vermelhos totalitários, com uma débil memória de velhas proezas, e um ainda não extinto sabor de encarniçadas vinganças.

Não é possível que almas, nas quais se aninham "un mème sprit et une mème force homicide", (Maritain), tais os que inspiram ambos os totalitarismos — o ocidental e o oriental — divirjam em princípio, ou por motivos de ordem filosófica. Seu dissídio é puramente de ordem política prática, mais explicitamente, é no terreno da concorrência à expansão internacional que tal divergência se manifesta e se efetiva.

Daí vem que o rótulo genérico de anti-fascismo pode muito bem acobertar concorrentes dos fascistas, na corrida ao poder.

O que esses falsos anti-fascistas desejam, inscrevendo-se, solertemente, na campanha dos verdadeiros anti-fascistas, é menos combater o espírito fascista, do que eliminar rivais, tão violentos e sanguinários como eles mesmos, e que constituem, por isso, ameaça permanente à sua ambição sem escrúpulos.

E', portanto, prudente que discriminemos o verdadeiro movimento anti-fascista, que entre nós, por exemplo, nasceu dos impulsos generosos da alma brasileira, jamais afeita a quaisquer totalitarismos, de qualquer cor que seja, ou de qualquer situação geográfica — desse anti-fascismo de encomenda, que chega mesmo (é incrível) a se rotular de democracia da esquerda, como, também, se a democracia pudesse não estar equidistante de extremos viciosos e corruptores.

E não é difícil identificar esse anti-fascismo.

O seu plano de vinganças pessoais é variegado e espantoso.

Ao heroísmo de ir lutar e morrer pela causa da democracia, prefere ele ficar em casa, e continuar chamando de fascista a quem não é comunista.

Ao mundo melhor, que lhe poderia custar "suor, sangue e lágrimas", prefere o melhor dos mundos . . .

Está agora o "fascista pelo avêssso" calculando o melhor meio, com que há de beber o sangue dos "infelizes", que — por exemplo — preferiram ou escreveram as palavras "nacionalismo", "governo forte", "sindicalismo", e outras que tais.

E fica possesso quando Churchill elogia Franco.

E clama aos céus quando Stalin reconhece Badógllo.

E parece estar dizendo: "com que direito Churchill e Stalin me desmoralizam?"

(Transcrito de "A MANHÃ", do Rio — Edição de 24-6-44).

O 2º Aniversário do Batismo Cultural de Goiânia

Como decorreram os festejos comemorativos do 2º aniversário do Batismo Cultural de Goiânia — Missa campal — Parada — Lançamento da pedra fundamental do Palácio da Municipalidade — Sessão cívica — Tarde esportiva — Baile — O discurso do Interventor.

Decorreram com excepcional brilhantismo as festividades comemorativas do 2º aniversário do Batismo Cultural de Goiânia, realizadas dia 5 do corrente.

O programa, elaborado pelo DEIP, com a cooperação de entidades culturais privadas, foi cuidadosamente cumprido.

As solenidades começaram, propriamente, dia 4, com a apresentação, pelo "Grêmio Teatral Pedro Ludovico", da peça "Goiânia", de autoria de Vasco dos Reis. O nosso diretor alcançou mais um justo sucesso, com a "reprise" de "Goiânia", que foi atualizada e está referida de expressivas passagens históricas e outras verdadeiramente humorísticas, reveladoras de um espírito observador, culto e sutil, em seu autor. A música da peça, de autoria do prof. Joaquim E'dison, bem como a encenação, trabalho de Antônio Peclat, estiveram ótimas. Também foi bastante apreciável o desempenho dos amadores que tomaram parte na representação.

Dia 5, pela manhã, realizou-se, na Praça Cívica, uma missa campal, celebrada pelo exmo. sr. Arcebispo de Goiás, D. Emanuel Gomes de Oliveira, que pronunciou, ainda, forsa oração congratulatória, em que houve um hino de amor e de glória à cidade e ao seu fundador. Compuseram ao ato religioso o sr. Interventor Federal e sua exma. família, bem como tôdas as autoridades civís e militares federais, estaduais e municipais, e uma grande massa popular.

Finda a cerimônia religiosa, o dr. Colemar Natal e Silva falou ao povo, sobre a efeméride, proferindo um discurso entusiástico.

Teve lugar, em seguida, o lançamento da pedra fundamental do futuro Palácio da Prefeitura, cujo projeto, exibido em público, deixou a todos maravilhados, pela suntuosidade do edifício. Usando da palavra, o professor Venerando de Freitas Borges, Governador da Cidade, fez uma vibrante oração.

Efeetuou-se, após, um imponente desfile esportivo-militar, em que tomaram parte o Tiro de Guerra, a Banda da Fôrça Policial, alunos dos ginásios Santo Agostinho e D. Bosco e do Grupo Escolar Modêlo, alunas da Escola Normal Oficial, estudantes do Liceu Oficial, etc., etc.

A's dez horas, no Cine-Teatro Goiânia, houve uma sessão cívica, promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, fazendo-se ouvir os seguintes oradores: — dr. Al-

fredo de Castro, pelo Instituto; acadêmico Hélio de Araújo Lobo, pelo Centro XI de Agosto; prof. Joaquim Ferreira, pela imprensa goiana; dr. Maximiano da Mata Teixeira, pela Comissão Patrocinadora dos festejos comemorativos da Revolução de 5 de julho; e, finalmente, o Interventor Pedro Ludovico. Todos os discursos foram excelentes e mereceram calorosos aplausos da grande assistência.

A' tarde, inaugurou-se o "Estádio Dr. Pedro Ludovico", preliando as equipes de futebol do "Sal Tropeiro", de Uberlândia, Minas, e um combinado local, tendo sido êste o vencedor, pela contagem de 4 x 1.

Finalmente realizou-se, à noite, no Joquei Clube, uma magnífico baile, oferecido pela aristocrática

instituição ao Exmo. Sr. Interventor Federal e D. D. esposa, Dona Gercina Borges Teixeira.

Publicamos, a seguir, a oração proferida pelo dr. Pedro Ludovico ao encerrar a sessão do Instituto Histórico e Geográfico. Trata-se de uma peça cheia de patriotismo, de sinceridade e de análise justa e penetrante de nossas realidades políticas e na qual o sr. Interventor, com muito talento e senso de oportunidade, situou o fenômeno Goiânia em face do sentido revolucionário da data de 5 de Julho, referindo-se, com justificado entusiasmo, à nova era que se abriu para o Brasil com a vitória da Revolução de 30, era de que é Goiânia um dos símbolos mais significativos. Eis o discurso de S. Excia.:



O SANGUE DOS HEROIS DE COPACABANA NÃO SE DERRAMOU EM VÃO

"Não era possível que a nossa voz se fizesse muda ante manifestações tão eloquentes, exteriorizadas ao ensejo dos acontecimentos que hoje se celebram nesta Capital. Um de significado nacional, e que neste dia se comemora em todo o Brasil. O outro que se impõe no âmbito de nossa terra, nos quadrantes goianos. Ambos marcantes pelo valor que em si contêm.

A data de cinco de julho é de tal importância, é de tal expressão em nosso país, que não se pode bem definir-lhe, nem qualificá-la.

São tantos os espíritos notáveis que a têm descrito, que a têm analisado, que a têm cantado, que não nos é fácil tecer-lhe ditirambos, que nos é custoso entoar-lhe um hino à altura de seu mérito.

Essa data deve ser consagrada como uma das maiores, como uma das mais empolgantes que tem o Brasil. Foi o primeiro toque de rebeldia contra uma situação que não podia perdurar. Foi o primeiro impulso armado, de revolta, contra um estado de cousas que deprimia a nossa pátria. Foi o pródromo de uma grande insurreição, que libertaria a nossa nacionalidade, oprimida por caciques regionais e por governos que não evoluíam e se mantinham no poder a custa de um liberalismo de fachada, em que os regulêtes se substituíam oligarquicamente, como em feudos da velha África.

Nesses tempos, a liberal democracia dos descontentes de hoje se regia por uma Constituição que não amparava os violentados nos seus direitos e que lhe batiam às portas.

Não pela falha das suas leis, pela carência dos seus postulados, pela restrição na defesa dos direitos individuais, mas pela vontade ou corrupção dos dirigentes da República, a quem competia velar pela sua rigorosa aplicação.

O despudor em desrespeitá-la, naquela época, chegou a tal ponto, que, em certas unidades federativas, poucos se lembravam de recorrer ao "habeas-corpus" quando se sentiam constrangidos, oprimidos nas suas prerrogativas que essa Constituição lhes outorgava. Alguns que se aventuravam a fazê-lo e que o conseguiam, viam-n'o, muita vez, desrespeitado, não cumprido pela mais insignificante autoridade policial.

A justiça se trancava e se tornava quasi inacessível aos que dela precisavam, maximè nos casos de caráter político e quando estavam em jogo pretensões ou direitos de adversários da situação dominante.

Em face dessas condições em que se encontrava a nação, era natural, lógico e humano que a mocidade militar se rebelasse contra os governos constituídos.

Se ao menos o Brasil progredisse nesta fase da nossa história, ainda se poderia tolerar semelhante situação. O contrário, porém, era o que se dava.

O nosso imenso país, com tantas possibilidades naturais, marchava a passos merosíssimos na senda da evolução. Estagnava mesmo. Deprimia-se a olhos vistos. Crimes de lesopatriotismo se acumulavam de governo para governo. Os mais palpitantes e urgentes problemas eram descurados, jazendo em pleno olvido.

Há três décadas passadas, já devíamos ter resolvido o problema siderúrgico. Se assim tivéssemos agido, a nossa situação seria outra. Estaríamos com maior independência econômica e em plena fase de alforria industrial, pois esta só se atinge com a criação da indústria de base.

A revolução de 930 nos veio encontrar em condições precaríssimas, assoberbados de empréstimos onerosíssimos, e com o crédito bastante abalado.

O governo revolucionário, que tomou conta do poder, recebeu um legado de erros sóbros erros. Só após algum tempo pôde se equilibrar para fazer frente às exigências imperiosas que se lhe defrontavam.

Com tacto, critério, moderação e argúcia foi afastando os obstáculos, até chegar ao período de construção. E ninguém pode contestar que o país, de há muito, entrou nessa fase.

Houve um verdadeiro soerguimento nacional, em

todos os setores da nossa atividade. O Brasil progrediu positivamente, e um futuro breve e glorioso se nos depara. Os fornos de Volta Redonda serão os precursores da nossa grandiosa evolução econômica.

O Presidente Vargas atende solícito aos grandes reclamos da pátria, esforçando-se por torná-la próspera e respeitada. De sorte que o sangue dos bravos, derramado nas areias brancas de Copacabana, não foi inútil. Fertilizou a terra brasileira com o seu exemplo, preparando-a para ações de maior envergadura, culminando no movimento de 30, que nos salvou da derrocada a que estávamos fatalmente expostos.

Essa epopéia vibrante de civismo, tocante pelo sacrifício de que se revestiu, veemente pelo heroísmo que encerra, ainda não foi cantada como merece.

E' um dos marcos imperecíveis e belos da nossa bravura e da nobreza do espírito dos brasileiros.

Foi acertada, dessarte, a escolha de 5 de julho para o batismo cultural de Goiânia, a cujo aniversário hoje assistimos, comemorando os dois acontecimentos.

Nunca se deve olvidar o nome daqueles que se sacrificaram por um ideal e, principalmente, os dos que deram a vida por êle.

Coube ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás a tarefa de nos homenagear pela passagem de tal efeméride, isto é, pelo aniversário da inauguração de Goiânia.

Nenhuma entidade poderia melhor se desincumbir dessa missão, pois em seu seio se encontram intelectuais de grande projeção na nossa cultura.

Haja vista os oradores que lhe cumpriram o mandato com tanto brilhantismo, com tanta erudição e entusiasmo.

Mostraram-se dignos do cenáculo a que pertencem, honrando a tradição que o mesmo já apresenta, mau grado a juventude dessa associação.

Os nossos agradecimentos ao mesmo pela gentileza da lembrança em nos proporcionar o prazer dessa homenagem".

MARCHA PARA OESTE

NÓBREGA DE SIQUEIRA

Deixa a vida sem vida das cidades,
brasileiro de todos os Estados!

No coração da terra onde nasceste
há tesouros enormes soterrados.

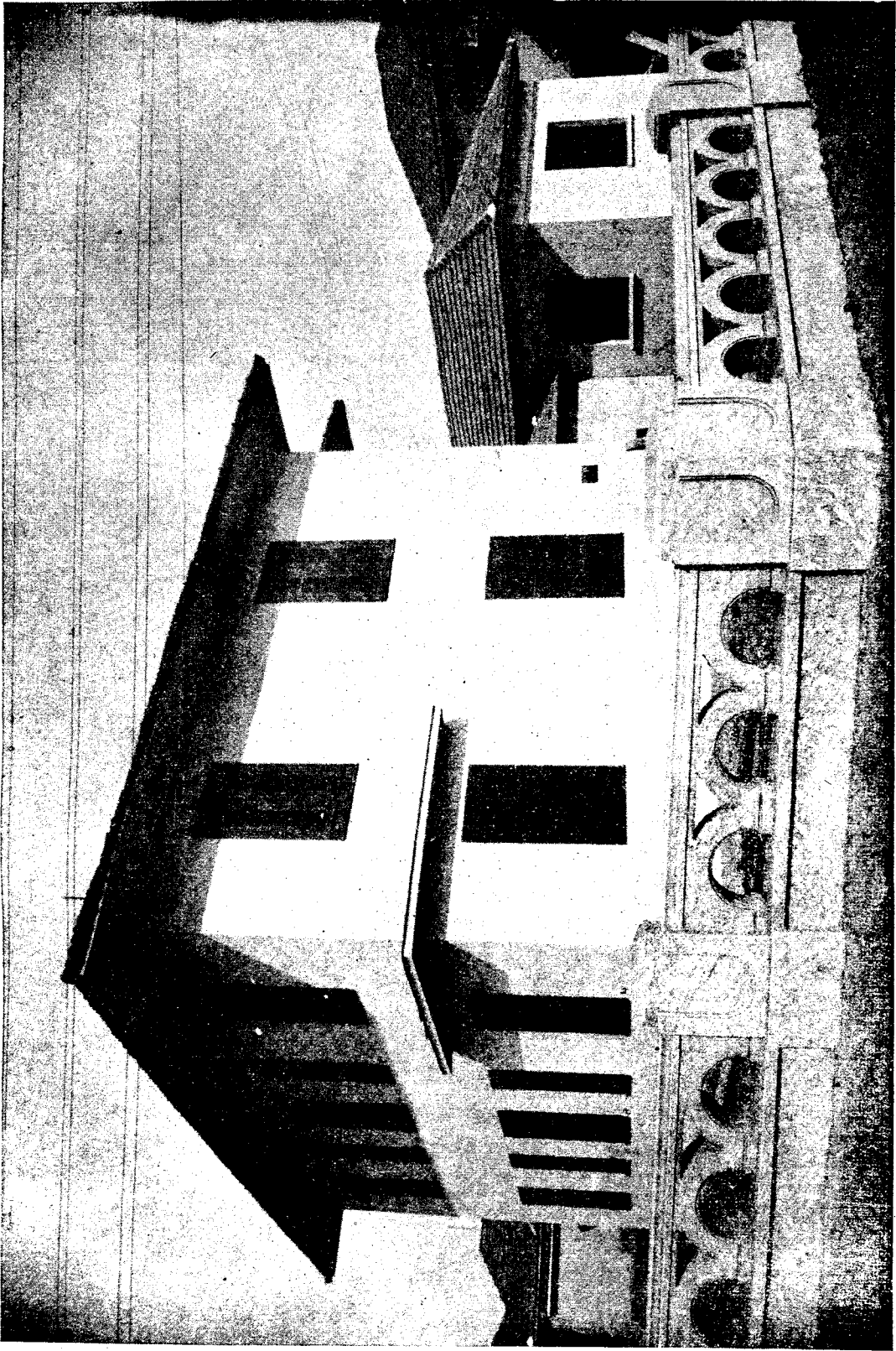
Ao barulho das fichas coloridas
dos casinos que engolem tuas noites,
prefere ouvir o canto da araponga
que acorda o sertanejo, no rincão.

Descobre teu país grandioso e virgem,
brasileiro de todos os Estados!
Começa, ainda hoje, a marcha para o Oeste!
Segue o passo de teus antepassados . . .

Tu acharás compridas as distâncias
que separam de ti o longínquo sertão .
Sobre a gleba, ainda virgem,
deita os trilhos de ferro . . .
E o trem há de botar o coração da terra
perto de tua mão!

Brasileiro de todos os Estados,
esquece o litoral, busca o sertão . . .
Começa, ainda hoje, a marcha para o Oeste!
E farás do Brasil uma grande nação!

N. R. — Este inspirado, vibrante e patriótico poema, foi publicado no numero 12 da excelente revista "MOVIMENTO", órgão oficial da União Nacional dos Estudantes, e que se edita na Capital Federal.



Edifício da Imprensa Oficial do Estado

«OESTE»

BOLETIM MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Tocantins, nº. 7

(Imprensa Oficial)

Telefone — 1161

Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:

Vasco dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:

A. Juruena Di Guimarães

Odorico Costa

Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:

Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Sòmente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada ao boletim "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, enderêço acima.

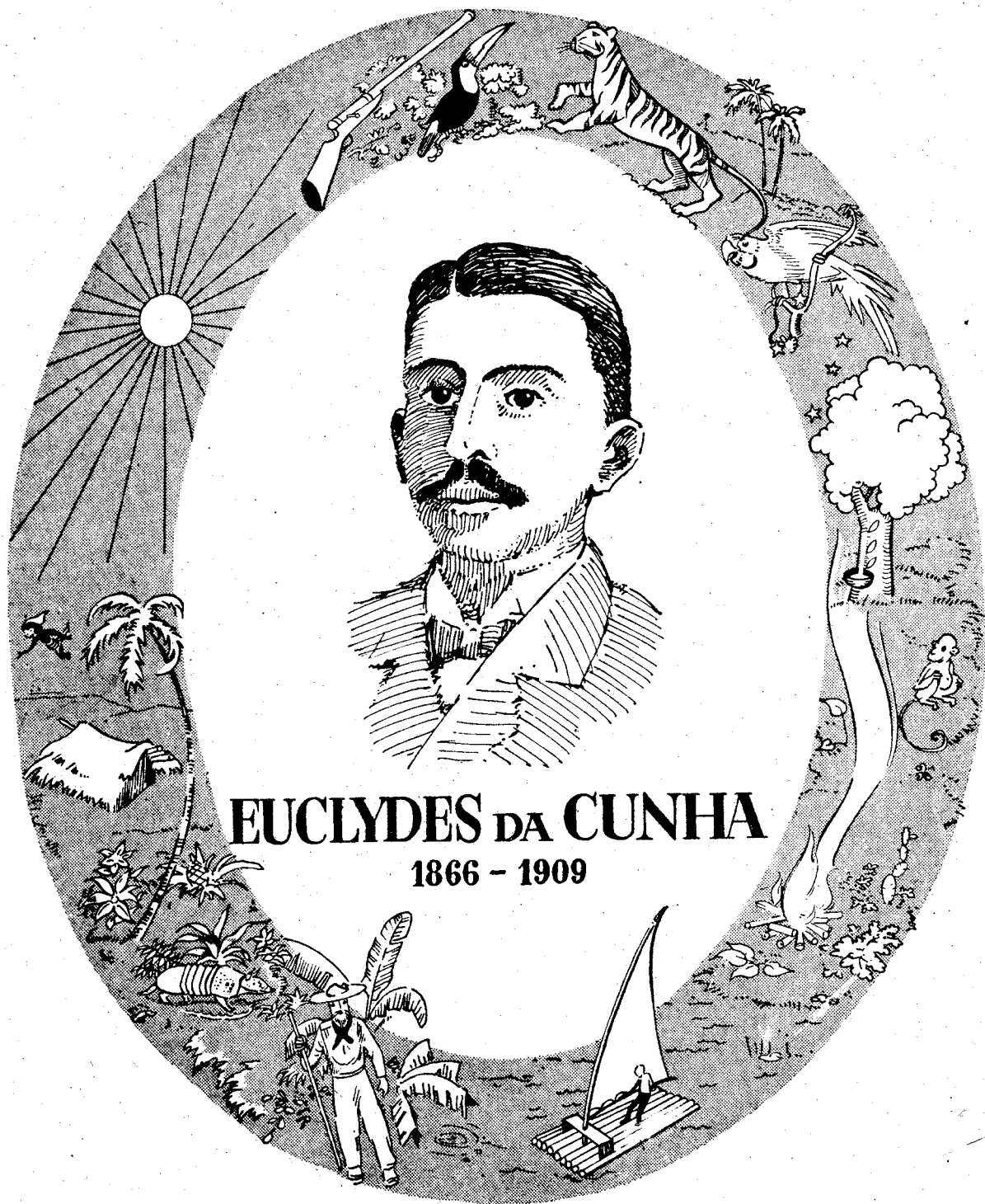
OESTE

REVISTA MENSAL

Ano III

Goiânia, Agosto de 1944

Núm. 18



EUCLYDES DA CUNHA

1866 - 1909

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIÁZ
Avenida Tocantins, n. 7

O BRASIL nada tem a temer do futuro

Discurso pronunciado em Belo-Horizonte pelo Presidente Getúlio Vargas, agradecendo ao povo mineiro a homenagem que êste lhe prestou.

“Brasileiros:

Quando me dirigí à capital de Minas-Gerais, para assistir à 1ª Exposição de Pecuária que aqui se realiza, promovida pelo Governo Nacional, não esperava receber a grandiosa manifestação que me trazeis, como não esperava esta oportunidade de vos dirigir a palavra. Uma vez, porém, que as circunstâncias assim o impõem, devo confessar-vos a minha satisfação por êste contacto com o povo mineiro, através de suas classes mais categorizadas.

Em primeiro lugar, devo dirigir-me ao operariado mineiro aqui presente, para declarar-lhe que, quando a minha sensibilidade compreendeu a minha alma dos humildes e dos pequenos, até então ao desamparo das leis sociais, não vacilei um momento, como não tive, depois, motivo para me arrependo do que fiz. Entretanto, a-pesar-de todo êsse conjunto de leis trabalhistas já promulgadas e em plena execução — o salário mínimo, a estabilidade de emprego, a criação de Institutos de Aposentadoria e Pensões, as diversas modalidades do seguro social e, por fim, a Justiça do Trabalho, que con-

cedeu ao operário brasileiro o órgão para conhecer-lhe os reclamos e garantir-lhe os direitos — não me considero quite para convosco e por isso mesmo no discurso do Pacaembú, em 1º de maio, vos anunciei a reforma da Lei Orgânica dos Institutos de Previdência para modificar-lhes a orientação, porque o que se está fazendo ainda não é tudo o que mais convém ao trabalhador brasileiro. É preciso que êsses organismos ampliem suas assistências e proporcionem ao operário nacional melhores oportunidades, desde a alimentação, o vestuário e o calçado, até a moradia confortável.



Os Institutos de Previdência não devem ser estabelecimentos bancários, com objetivos de lucro; não podem construir arranha-céus, beneficiando aqueles que já vivem com sobras. Precisam disseminar os arranha-chãos, onde residem os nossos operários.

Já compreendestes que o objetivo dessas leis não foi criar popularidade, mas fazer justiça ao trabalhador, para que, incorporado à sociedade por essa série de medidas, seja um elemento de colaboração com o governo, ativo e atento ao desenvolvimento do país.

Em vez de ser de polícia, como di-

ziam nos governos passados, os problemas do operariado brasileiro são de integração social, de cooperação com as outras classes, mas sentindo e usufruindo todos os direitos e garantias que a sociedade moderna assegura ao indivíduo.

Quando daquelas amargas experiências dos extremismos da direita e da esquerda me procuravam subverter a ordem, dêsse movimentos não participou o operariado brasileiro, que permaneceu ao lado da ordem, como elemento de ordem e segurança. Não houve uma greve, nem se interrompeu jamais o tráfego.

Devo agora dirigir-me à classe comercial, cuja palavra me foi trazida por um de seus legítimos representantes. E' o elemento distribuidor da riqueza, o intermediário entre o produtor e o consumidor, igualmente uma força orgânica do desenvolvimento do país. Aproveito a ocasião para dirigir-lhe os meus agradecimentos pela saudação com que me cumulou.

Ouví, por fim, a palavra da classe industrial, através do seu prestigioso representante. Fadada a grande desenvolvimento no país e especialmente em Minas-Gerais, receberá do Governador Benedito Valadares, a quem a terra mineira já deve tantos serviços, mais êste da "Cidade Industrial", ora em pleno desenvolvimento e que imprimirá nova feição de progresso e de riqueza ao vosso Estado.

Contudo, o que mais agrada ao meu espírito é constatar que essas três classes comungam nos mesmos sentimentos, visam o mesmo objetivo, e, portanto, atingem êsse grau de mas, ao contrário, que a paz, a harmonia, a cooperação, que foi sempre um dos intuitos do meu governo. Nunca pretendi a luta de classes, monia e a colaboração reinassem entre elas.

Aproxima-se o fim da guerra mundial, com a vitória das forças aliadas. O Brasil lhes tem dado a colaboração mais eficiente, não só lhes proporcionando bases aéreas, sem as quais a luta não se teria abreviado e não atingiria talvez desfêcho tão rápido como o que se aproxima. Mas, não nos limitamos a essa participação, do mais alto sentido, e já se combate ao lado dos aliados contra o inimigo comum. No entanto, os que aqui ficam, os que não participam diretamente da luta, não deixam, por isso, de ser um exército da reserva mobilizado, a-fim-de que o trabalho de cada setor se intensifique no objetivo comum. O operário da fábrica, dando o máximo do seu esforço, o lavrador do campo, arando a terra e produzindo de sol a sol, o criador apurando e aumentando os rebanhos, devem atender às necessidades do país e mais, após a guerra, às dos povos flagelados pela luta, na penúria, e que contam com as sobras das nossas necessidades. Teremos que matar a fome dos que sofrem com a guerra! Iremos levar às re-

giões devastadas pela luta, o produto do nosso esforço.

Como a guerra se aproxima do fim, já se vão realizando conferências em que combinam providências para a reabilitação dos povos oprimidos. O Brasil, pelo seu valor, pela vastidão do seu território, pela sua riqueza, pela sua colaboração à luta, terá voz ativa em todos os acontecimentos que se desenrolam. Posso dizer-vos que, ainda na véspera da minha partida para Belo-Horizonte, recebi o índice de uma dessas conferências, que abre à nossa colaboração o mais amplo campo. Trago-o ao vosso conhecimento. Enunciam-se êstes temas: — Estabelecimento das indústrias existentes; meios de encorajar o desenvolvimento da indústria; empresa privada e intervenção governamental; cooperação técnica normas técnicas; trabalho; imigração; agricultura; diversificação dos produtos agrícolas para exportação; desenvolvimento das fontes de petróleo; produtos sintéticos; potencial hidro-elétrico; igualdade de tratamento para as inversões estrangeiras; facilidade de crédito; crédito agrícola; serviço de dívidas externas; padronização dos instrumentos de crédito; estabilização monetária; contrôlo de câmbio; inflação; tributação; seguro; estatística; redução das barreiras ao comércio; preferências comerciais e discriminações; uniões aduaneiras; acôrdos privados de restrição do comércio internacional; empresas estatais do comércio; contratos governamentais de compra; acôrdos internacionais para facilitar a distribuição dos excedentes de produção; comércio dos produtos minerais; distribuição e consumo de alimentos; comércio internacional em relação com a legislação social; arbitragem comercial; transportes; transportes internacionais; marinha mercante; transporte aéreo; tarifas; comunicações; turismo.

Serão estas as teses de palpitante interesse para todos nós que se debaterão nas próximas conferências. Note, com prazer, que o povo mineiro se prepara para esta cooperação. Visitei o certame de pecuária, acabo de percorrer a exposição agrícola e, agora, nesta reunião sagrada de operários, industriais e comerciais, reafirma-se o que João Pínhireiro assinalava como característico do povo mineiro: o Senso grave da ordem, do trabalho, da responsabilidade — tudo aquilo, enfim, que faz de vós o fator de equilíbrio do país. O povo mineiro, pela sua sensibilidade, pela sua capacidade, pela sua índole, é o centro de equilíbrio das forças orgânicas da nossa Pátria.

E', portanto, com dobrada satisfação que vos agradeço esta demonstração, manifestando-vos, ao mesmo tempo, a minha alegria, ao verificar que todos vos integras no trabalho e cooperas com a mesma eficiência para a grandeza do Brasil — dêste Brasil que, se nunca foi vencido no passado, nada tem a temer no futuro".

Joaquim Xavier de Almeida

A 30 de agosto de 1902, cerrava os olhos para esta vida o inspijado poeta goiano, Joaquim Xavier de Almeida.

Artista de raros predicados, de uma sensibilidade levada até quasi o exagêro, o poeta goiano deixou um rasto fulgurante de sua passagem na terra.

A seu respeito vamos encontrar, no "Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiaz" uma opinião revestida da maior autoridade, porque perfeitamente atual, porque dentro do tempo em que o poeta viveu.

"Dos companheiros mortos, diz o "Anuário", não podemos deixar de destacar Joaquim Xavier de Almeida, êsse belo talento, cedo roubado ao nosso limitado meio intelectual pela morte.

Era um verdadeiro poeta.

Conhecia todos os segredos do verso; e isto atestam suas inúmeras produções esparsas nos jornais goianos, mineiros e paulistas. Delicado, artista e inspirado.

Seria uma das maiores glórias de nossa literatura se não desaparecesse tão cedo".

O seguinte soneto pertence à coleção do grande poeta goiano.

AB IMO

Nunca te houvera conhecido, ó flor!
Jamais houvera o meu olhar pousado
No divino, suavíssimo palor
Que cobre o teu semblante aveludado...
[do...]

Nunca vira êsses olhos languroso,
Olhos repletos de tristeza tanta,
que a gente, ao vê-los, pensa nos
[piedosos]
E macerados olhos de uma santa...

Nunca essas negras, adoráveis tran-
[ças]
Me houeram preso, qual nas águas
[mansas]
De um lago azul o canto sedutor

Da iara que, em doce magnetismo,
Os incautos arrasta ao fundo do a-
[bismo...]
Nunca te houvera conhecido, ó flor...

A VERDADE integral só se obtém articulando o que o próximo vê com o que eu vejo, e assim sucessivamente. Cada indivíduo é um ponto de vista essencial — ORTEGA Y GASSET.

POLÍTICA INTERNACIONAL

Em Terras de Europa Soldados do Brasil

Os confusionalistas ficaram mais uma vez confundidos . . . E' que — anunciaram a imprensa e as estações de rádio, e a alma nacional vibrou, emocionada e confiante — desembarcaram em Nápoles os bravos soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira, para, ombro a ombro com os dos demais países aliados, lutar pelos sagrados princípios da liberdade e igualdade de todos os povos.

O ato, tão pleno de significado histórico e político, adquire uma ressonância incomum na acústica da sensibilidade mundial e nacional, eis que é a primeira vez que gentes da América-do-Sul se transferem ao velho mundo para tão relevante papel.

Um francês, em Argel, falando a um repórter patricio, espantava-se por ver assim brasileiros abandonarem a paz que desfrutavam aqui para irem sofrer em plagas tão distantes, num conflito em que, acentuava o gaulês, não tinhamos interesse direto. A observação estranha, tão simples e insignificante em sua aparência, revêla, no entanto, se aprofundada, toda a beleza do caráter brasileiro, dessa nossa gente que, pondo-se acima de si mesma, porque se pôs a serviço da humanidade, abandona o ambiente tranquilo da Pátria para ajudar a aniquilar os Átilas modernos.

Os quinta-colunas, os revelados e os incubados, ficaram, destarte, mais uma vez decepcionados, e o fato serviu, assim, para mais consolidar a confiança do povo no seu grande Presidente. Primeiro, diziam que não participariamos da luta armada, e que os preparativos eram, apenas, "para inglês ver"; depois, contradizendo-se, viram mesmo que as nossas tropas iriam para o campo de batalha, e procuraram lançar o desânimo em seu seio. Nada valeu, porém — povo e governo do Brasil, perfeitamente identificados em seus propósitos, estiveram sempre a cavaleiro da malícia e impatriotismo desses brasileiros degenerados. E da comunhão perfeita de sentimentos e de idéias entre dirigentes e dirigidos nasceu essa harmonia política, que

Pan

fez com que os nossos bravos partissem para longe sentindo-se honrados com a nobre missão e com o espírito sossegado, certos de que, aqui, na frente interna, reinava a paz, o bem estar, a ordem e, dessa maneira, suas espôsas, suas mães e seus filhos tudo teriam das mãos governamentais.

O Brasil, por tradição, jamais se bateu por causa que não fosse justa. E porque assim foi, foi o Brasil invencível, em tôdas as pugnas que sustentou, o que, por outro lado, manifesta a capacidade insuperável de heroísmo da nossa gente. Nesta guerra, desde seu primeiro momento, nossa Pátria tomou posição clara e definida, mesmo quando tudo parecia perdido. E o que tem sido a nossa participação na hecatombe, melhor dizem, sobre a sua importância imensa, os nossos aliados americanos e ingleses. Não só pondo a serviço da causa aliada suas riquezas, não só permitindo aos norte-americanos a instalação de bases militares em nosso território, não só patrulhando o Atlântico, mas, também, pela sua imprensa, movendo uma campanha ideológica conciente contra os totalitarismos, e, ainda, enviando contingentes humanos bem equipados materialmente e moralmente preparados para a luta, tem o Brasil de tal sorte ajudado os povos livres contra os países do eixo que a nossa posição, no conflito, se altêa a um pósto de vanguarda, garantindo-nos, de já, um lugar de relêvo no congresso em que se discutir a paz.

Roosevelt, Churchill, Sumner Welles — três grandes vozes políticas contemporâneas, já disseram, alto, a todo mundo, de todo o valor do esforço brasileiro na refrega gigantesca que ensanguenta o mundo. E ainda agora, quando soldados do Brasil pisaram os chãos da Itália, a notícia adquiriu o significado das coisas mais grandiosas acontecidas nesta guerra.

Soldados do Brasil: que o espírito de Cázias inspire a vossa conduta!

SÔBRE a multiplicidade informe e confusa dos bens da matéria é mister que paire a fôrça ordenadora do espírito: o direito com a universalidade dos seus preceitos, a justiça com a inviolabilidade de suas exigências, o amor com a generosidade de suas inspirações. Mas o materialismo só conhece o fato, ignora o direito; pode falar de matéria e fôrça mas não tem definições para a justiça e a caridade. Uma sociedade onde o terrenismo absoluto lograsse chegar à totalidade de suas consequências acabaria na tragédia de um suicídio — LEONEL FRANCA.

Capistrano de Abreu

A 11 de agosto de 1927 falecia, no Rio, Capistrano de Abreu, um dos nossos mais fecundos historiadores.

Espírito penetrante, eternamente enamorado das nossas coisas, dono de invejável memória e possuidor de uma erudição invulgar, Capistrano fez obra boa e durável, que honra a nossa literatura. "Ninguém houve como êle mais previsão de seu histórico e erudição para escrever, depois de Southey e de Varnhagen, um quadro geral da nossa evolução como povo", diz o poeta de "Carnaval".

Nasceu, Capistrano de Abreu, no Ceará, a 23 de outubro de 1858. Colaborou na imprensa do seu Estado, e, indo para o Rio, lecionou no Colégio Aquino, foi oficial da Biblioteca Nacional e, mais tarde, professor de História do Brasil, no Colégio Pedro II, cadeira que obteve por concurso em que alcançou a primeira colocação.

Capistrano dedicou-se principalmente às pesquisas sobre o século do Descobrimento, mas nem por isto deixou de ter uma visão ampla e segura do conjunto do nosso "processus" histórico.

Deixou os seguintes volumes: "O Brasil no século XVI"; "Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI"; "Capítulos de História Colonial"; "Rá-txa-huni-ku-i" (textos, gramática e vocabulário caxinauás); "Caminhos antigos e Povoamento do Brasil", etc., etc.

E' a industrialização a saída da etapa primitiva produtora de matérias primas para transformar-se em economia industrializada que dá às massas trabalhadoras um verdadeiro melhoramento e alívio em seu bem estar econômico e social. O presidente Vargas, com a sua legislação social, impar na América, atendeu aos reclamos do trabalhador brasileiro e a experiência da sua execução prática servirá de muito às demais nações americanas — GONZALEZ VIDELA (diplomata chileno)

Literatura Construtiva

Especial para "Oeste" — RUI DE SOUSA NOVAIS

O gosto pela leitura, o prazer pelos exercícios da inteligência, uma maior e mais perfeita receptibilidade para as impressões artísticas, característicos, estes, das sociedades cultas, tendem certamente a ampliar cada vez mais a sua influência.

A cultura, com um prestígio sempre mais vasto nas relações humanas, tem nas letras um veículo de expressão que dia a dia cresce de importância.

E a literatura, definitivamente exilada das "torres de ouro e marfim", em que os artistas se fechavam, e refletindo cada vez mais as preocupações da espécie, não pode ser considerada uma atividade de luxo, alheia à realidade e ao sentido da existência.

Arte pela arte, fórmula há muito banida, vã e inexpressiva, são hoje aos nossos ouvidos como algo de anacrônico e irreal, que deve pertencer exclusivamente ao passado.

Arte humana, viva, real, que traz as tragédias, as aspirações, os anseios que moram no cérebro e no coração do homem, capaz de dar forma à ambição que crepita e ao desespero que chora, é a única que podemos compreender e sentir, a única que fala às nossas vozes íntimas, neste mundo atormentado em que vivemos.

Um cultor das letras, enclausurado no seu sonho, fechado ao magnífico desenrolar da vida que tumultua no cenário imenso do mundo, às dores, às alegrias, aos destinos dos povos, não é mais do que um falhado do pensamento e do sentimento.

A associação da alma do artista à alma universal tende a ser cada vez mais profunda e harmoniosa, e a palavra a manifestação exata da idéia e da emoção, que não se circunscrevem ao âmbito em que o autor, apenas o autor, vive as suas angústias e os seus desalentos.

A literatura superficial e inútil, que durante tanto tempo encheu as páginas impressas do vazio de idéias, despida da nobre preocupação de justiça social e de solidariedade humana, desapareceu por absoluta falta de leitores, pelo desdém generalizado por essa espécie de suspiros em rimas ou em prosa.

A esses produtos do sentimentalismo mórbido e das imaginações doentias, terrivelmente superficiais e anêmicos, seguiu-se o veneno demolidor das obras despidas de senso moral, das que no seu primado de negação e de descrença faziam gala da ausência de fé nos destinos superiores do homem.

E tiveram o seu momento de voga, felizmente muito passageiro, os Pitigrilli, os Morand, os Dekobra, os

Vargas Vila e caterva, toda essa gente que se apresentava como de alma livre e original, todos esses profissionais das atitudes chocantes e espetaculares, destinadas a inflamar a imaginação das massas.

Hoje, com o manifesto revigoreamento da consciência cultural e com a compreensão mais nítida da realidade, a tendência é a de procurar as obras que traduzem fé e confiança, as que constituem um estímulo na luta árdua que se processa em toda a parte, na reconstrução do mui do ferido profundamente pelos regimes liberticidas que agonizam.

As estatísticas e os inquéritos literários realizados, nas grandes cidades, atestam, no momento, o gosto acentuado pelos trabalhos da inteligência que traduzem aspiração de contribuir para sanar os males que ameaçaram a estrutura moral e social das nações.

Essa preferência, muito significativa, aumenta ainda mais a importância da missão dos que se dedicam às letras, criando-lhes, outrossim, maiores deveres e obrigações.

A literatura, coordenando as idéias e os sentimentos dispersos; constitui, ainda, um agente de solidariedade, um fator vital para a aproximação dos indivíduos e das sociedades, podendo orientar uns e outros para caminhos mais certos e mais seguros, para uma existência mais humana e mais feliz.

O escritor, agora mais do que nunca, tem uma alta missão a realizar nos grandes movimentos da opinião, uma posição sempre em escala ascendente nas esplêndidas jornadas da inteligência.

N. R. — O autor do presente artigo, escrito especialmente para OESTE, é um nome firmado no jornalismo indígena. Ensaista de mérito, Ruy de Sousa Novaes é colaborador assíduo do "Jornal do Comércio", do Rio, e de vários jornais do interior do país. Em Uberaba, onde reside, exerce o magistério e chefa o corpo redatorial de "O Triângulo". O presente trabalho, que recebemos com prazer, é uma prova do seu valor.

"O ALEIJADINHO", um gênio americano

Se fosse inglês ou alemão, o mundo inteiro já o teria consagrado como um dos grandes gênios da humanidade. Sé-lo-á, porém, algum dia. Quem? — Um mestiço brasileiro, de origem humilde, feio, disforme, doente, e que, não obstante, produziu esculturas imortais: Antônio Francisco da Costa Lisboa, mais conhecido pelo cognome de — "O Aleijadinho", o célebre arquiteto e escultor nascido a 29 de agosto de 1730, em Ouro-Preto. "O Brasil deu nele — escreve Mário de Andrade — o seu maior engenho artístico, eu creio. A função histórica dele é vasta e curiosa. No meio daquele enxame de valores plásticos e musicais do tempo, de muito superior a todos como genialidade, êle coroava uma vida de três séculos coloniais. Era de todos, o único que se poderá dizer nacional, pela originalidade das suas soluções".

Antônio Francisco Lisboa era filho natural de Manuel Francisco da Costa Lisboa e uma escrava deste. Vítima de horrível enfermidade, tinha incompletos os dedos das mãos, sendo os restantes defeituosos, e não andava. Mesmo assim, trabalhando com os ferros e o macete adaptados aos pedaços das mãos, realizou obras maravilhosas, que até hoje enchem de admiração a quantos as conhecem e que constituem um valioso patrimônio artístico nacional. "O Aleijadinho", dadas essas circunstâncias todas que vimos enumerando, é, pois, uma figura quasi única na his-

tória da arte, em todo mundo, firmando-se, assim, como uma das mais altas expressões do gênio brasileiro. E, por mestiço, e tal Tito Lívio de Castro, Cruz e Sousa, José do Patrocínio e outros, afirmou, soberbamente, perante os arianos brancos e pretenciosos, todo o valor do homem brasileiro, aspecto esse de sua personalidade que não deve ser desdenhado, antes acentuado, eis que de alto sentido político.

As suas obras estão aí, atestado do seu gênio, orgulho de nossa cultura: a planta, a talha e a escultura do frontespício da capela, os dois púlpitos, o chafariz da sacristia, as imagens das três pessoas da Santíssima Trindade e dos anjos sobre o altar, e a escultura da capela, na igreja de São Francisco de Assis, em Ouro-Preto; os trabalhos feitos nas capelas das igrejas de Nossa Senhora do Carmo e das Almas, na mesma cidade, além de esculturas nas matrizes de Sabará, na capela da igreja de São Francisco, de São João de El-Rei, nos templos de Congonhas, Santa Luzia, São João do Marco Grande, Baependi, etc.

Para finalizar, ouçamos, de novo, a voz autorizada de Mário de Andrade: — "O Aleijadinho antes de mais nada, é um símbolo social de enorme importância brasileira, americana e universal. Êle representa um conjunto de obras de arte magníficas; um dos momentos decisivos da nossa formação histórica-psicológica; um gênio americano"

EUCLIDES DA CUNHA, ORGULHO DA NOSSA RAÇA

Se a Inglaterra tem um Shakespeare, a Itália um Dante, a Espanha um Cervantes, Portugal um Camões, a Rússia um Dostoiesky e a Alemanha um Goethe, tem o Brasil Euclides da Cunha, como um tipo representativo do seu gênio.

De fato: o autor de "Os Sertões" é, hoje, tido como um dos maiores escritores do mundo.

Dessarte, o dia 15 de agosto, que assinala o seu desaparecimento, o corrido trágicamente, em 1909, é uma data de saudade e de meditação, em que o Brasil todo se recolhe em si mesmo para melhor sentir e compreender a palavra sempre viva do seu grande filho.

A obra que o imortalizou, mau grado Euclides a tivesse na conta de simples aventura literária da mocidade, e pretendesse mais valia para os seus estudos ulteriores — mais filosóficos e menos literários — foi o "Os Sertões", classificado por Manuel Bandeira como "verdadeiro monumento das letras, capital para a compreensão da mentalidade sertaneja". Comprova-se, assim, em Euclides, e mais uma vez, que o gênio nem sempre tem a intuição da obra que realiza. É certo que toda a sua produção permanece, por força da sua cultura e do seu talento, mas nenhuma iguala "Os Sertões". É que, nesta, estava o que de mais tinha Euclides de seu: — o Brasil. A alma nacional em conflito se expressou, espontânea e brutalmente, nas páginas grandiosas do livro único.

Sim; em "Os Sertões", acentua Ronald de Carvalho, "página violenta em que se debuxam as linhas mestras da nossa sociedade rural, surge a fisionomia do vaqueiro, do mestiço gerado pelo caldeamento das raças primitivas que se cruzam nos alongados séculos da colônia. Ali estão os descendentes dos nossos antigos civilizadores, os bandeirantes do norte, os criadores, os agricultores, os senhores de engenho. Ali está o homem já adaptado ao solo, aclimado perfeitamente, depois de toda sorte de provações físicas e morais. A luta dos jagunços é um simples episódio, uma cena brutal, de que o autor se serviu para mostrar as populações do nordeste brasileiro, o seu "habitat" agressivo e os caracteres da sua existência".

Euclides revelou o Brasil verdadeiro ao Brasil fictício. O Brasil que a república nascente não compreendia e fazia sofrer. Canudos foi, em seu sentido profundo, um pedido de compreensão da Terra virgem e desprezada. Um sinal, em termos anárquicos, do Brasil origi-

nal. Euclides mostrou o sertão ao litoral, trazendo à tona da consciência pátria toda a tragédia da luta do sertanejo contra a natureza e contra a ignorância dos seus irmãos praianos.

Em estilo inconfundível, nervoso e vibrante; numa linguagem forte, colorida, movimentada, e por vezes áspera; armado de conhecimentos amplos e sólidos, Euclides da Cunha, com argúcia e coragem, expôs e analisou, na sua obra prima, alguns dos problemas fundamentais da nacionalidade, e, salienta Sergio Milliet, "muitas vezes percebeu as grandes linhas que só agora vão sendo descobertas através de estudos e pesquisas sem número. Algumas de suas teses continuam em discussão, porquanto cada vez mais as questões que ventilam se impõem à nacionalidade numa presença insistente".

Dêse modo, desnudando a brasileiros sofrimentos de brasileiros, necessidades brasileiras; retratando ao litoral a paisagem humana e social sertaneja; criticando situações, acusando atitudes, revolvendo complexos problemas políticos, sociais e econômicos de importância inoculável para a vida do país, Euclides da Cunha despertou, com o seu clamor, a consciência nacional, contribuindo decisivamente para uma aproximação afetiva e inteligente maior entre os brasileiros. Esse aspecto "nacionalista" de "Os Sertões" é bem fixado por Irving Linn, escritor norte americano: — "A vergonha com que a gente do litoral leu o livro foi salutar. Compreenderam como tinham sido injustos pelo simples fato de não conhecerem melhor. Desde então fizeram todo o possível para corrigir. Assim como é verdade na nossa política com os Índios, a benevolência fez por si mesma muito rapidamente em favor do homem do norte. Era o único meio pelo qual aquela conduta vergonhosa podia ser reparada. O resultado foi uma unidade nacional baseada no esforço para compreender, que, na última metade do século, cuidou do país no seu interior, mais do que por fora. Eis porque Euclides da Cunha tem posição tão elevada no seu próprio país. Ele o uniu". Aí está, tão nitidamente expresso por um crítico alienígena, o valor substancial da obra euclidiana.

Trabalho imenso, imortal, só agora, no entanto, vai "Os Sertões" sendo devidamente conhecido no estrangeiro. Depois de vertido para o espanhol, por Benjamin de Garay, foi, recentemente, traduzido para o

inglês, pelo escritor estadunidense Samuel Putnam, um amigo do Brasil e um enamorado da nossa literatura. Putnam esmerou-se em sua tarefa, e a edição americana, publicada com o título — "Rebellion in Backlands", alcançou, na República irmã, um sucesso retumbante. O "Chicago Tribune", por exemplo, qualificou-o "um dos grandes livros do mundo", e o "Chicago Daily News" teve, sobre ele, essas expressões consagradas: "Devemos prestar o nosso tributo à magnífica obra de Euclides da Cunha, acolhendo-a no seio da literatura como acolhemos a obra de Victor Hugo, de Dostoiesky e de Cervantes".

Não nos surpreende o êxito de "Os Sertões" nos Estados- Unidos. Surpreende-nos, isto sim, o fato de só agora uma obra das dimensões da de um Cervantes e da de um Dostoiesky se ver melhor conhecida no mundo, após quasi meio século depois de aparecida. A língua portuguesa, embora falada por uma parcela considerável da população humana, talvez seja, por pouco conhecida no resto do mundo, um tanto culpada do injusto olvido. Mas o motivo principal não é este, bastando considerar que, atualmente, há cursos do idioma português nos Estados- Unidos, em muitos países latino-americanos e em alguns europeus, e que alguns dos nossos melhores escritores vão tendo, ultimamente, vertidas as suas obras para outras linguas, o que já sucedeu com Machado de Assis, José de Alencar, Gilberto Freire, Taunay, Almir de Andrade, José Lins do Rêgo e outros. Além do que, o russo só na Rússia é falado, e todo mundo conhece a literatura russa. O que nos faltava, principalmente, era uma política internacional mais — sem paradoxo — nacionalista. E esta foi inaugurada pelo Presidente Getúlio Vargas. Sim, foi só depois do advento do Estado Nacional que as nossas criações literárias passaram a ser divulgadas no estrangeiro. Esse aspecto da nova política precisa ser ressaltado, como já o foi pelo conceituado órgão da imprensa paulistana — "A Gazeta", ao se referir à versão norte-americana de "Os Sertões", e do seu comentário nos utilizamos para terminar esta nota: — "foi preciso avultassem os créditos políticos do Brasil no conceito estrangeiro (e a isso se deve a própria tradução) para que lá fora se soubesse que no Brasil um escritor escreveu há quasi meio século obra digna de alinhar-se entre as melhores jamais produzidas não só na América como no mundo".

CAXIAS

Ten. Cel. Alberto Glória Puget

Caxias, descendente de uma família de militares, que tem a sua heráldica ligada à nobreza ibérica, avô, pai e tios, todos altas patentes, aos cinco anos, de acôrdo com os costumes do tempo, verifica praça como 1º cadete, no 1º Regimento de Infantaria de Linha.

Não foi por um simples e feliz acaso que lhe foi confiada, no dia 10 de novembro de 1822, a guarda da primeira Bandeira do Brasil Independente, quando contava 19 anos e servia como Tte. Ajudante do Batalhão do Imperador, depois de haver concluído o curso da Real Academia Militar, obtendo o oficialato em 1818. Foi o próprio destino que colocou em suas mãos varonis aquela Bandeira que encontrava afinal o seu verdadeiro guarda e defensor, aquele que durante mais de meio século seria o baluarte do nascente Império.

Caxias, o soldado nunca igualado, pelos seus relevantes serviços na campanha da independência, na Baía, onde recebeu o batismo de fogo, como pacificador do Maranhão, São-Paulo, Minas e Rio-Grande-do-Sul, como vencedor de Oribe, no Uruguai, de Rosas, na Argentina e de Solano Lopes, no Paraguai, recebeu as maiores condecorações da época e as mais altas dignidades do Império, pois foi o primeiro e único Duque do Brasil. Apesar de tódas as honrarias com que foi cumulado, a dívida de gratidão para com êle continuava, até que, por aviso Ministerial nº 366, de 1925, foi êle escolhido para patrono do Exército Brasileiro, e o dia 25 de agosto, dia de seu nascimento, ficou considerado como o "Dia do Soldado".

Neste momento histórico que vivemos, em que o Exército Brasileiro, atravessando os mares, desembarca na velha Europa, para desagrar a mesma bandeira que Caxias guardou, defendeu e legou a seus irmãos de armas, altaneira e imaculada, e também para tomar parte nesta nova cruzada que tem por fim salvar a civilização atual, ameaçada pelo alemão, aliado ao italiano e ao nipão, pedimos a Caxias para guiar o soldado do Exército Brasileiro, dêste Exército a quem êle deu as mais expressivas provas de amor e dedicação, indo até ao ponto de sofrer com resignação, quando necessário para o bem do Exército ou da Nação, como naquele dia em que chegando à frente do 1º Corpo, viu a Infantaria recuar desanimada e em desordem e êle, Caxias, já sexagenário, desembainhando a sua invicta espada, bradou aos seus soldados: "Sigam-me os que forem brasileiros", e arreba-

Atendendo a um convite nosso, o sr. Tenente Coronel Alberto Glória Puget honrou-nos com o presente artigo, especialmente escrito para "Oeste".

Chefe da 7a. C. R., sediada nesta Capital, o Tte. Cel. Alberto Puget é uma das figuras mais brilhantes do Exército Nacional, que êle tem sabido enobrecer pela sua conduta exemplar de soldado e de cidadão. Desempenhou, em diferentes pontos do país, os mais

importantes mistéres, em todos êles se revelando um chefe patriota e capaz.

Aquí em Goiaz, mercê das belas qualidades que lhe ornãm o caráter, já se impôs à simpatia, à amizade e ao respeito de todos.

O presente artigo, — como verá o leitor, — e no qual o Tte. Cel. Puget exalta a figura e a obra de Caxias, é uma página vibrante e oportuna, que "Oeste" se sente satisfeita em divulgar.



tou aos paraguaios uma vitória, já quasi certa. Isto foi na tomada da Ponte do Itororó.

Para terminar, cito as palavras do exmo. sr. General João Gomes, dirigidas ao Exército: "Soldados, se o destino vos levar aos campos de batalha e o fragor da peleja vos entibiar, procurai recobrar ânimo, evo-

cando a imagem de Caxias nas campanhas do Prata e nas pugnas revolucionárias, que o brilho fascinante de sua espada invencível há de refletir em vossas almas lampêjos de coragem".

Glória pois ao Duque de Caxias, o maior soldado das Américas.

POLÍTICA NACIONAL

UNIDADE CULTURAL

Vasco dos Reis

A cultura, em qualquer de seus múltiplos aspectos, foi e nem poderia deixar de ser, o traço mais firme de individualidade de um povo e o fator primordial de vitalidade de uma nação. A história está cheia de exemplos de povos que, submetidos pela brutalidade e pela violência, continuaram a viver e a impôr-se, mesmo ao vencedor. E o fizeram, em razão de possuírem uma individualidade cultural própria, que é indistritível, como a centelha mesma do espírito. Os gregos, tanto como outrora, quando floresceu em Atenas e Esparta uma civilização das mais harmoniosas e belas que jamais coroaram a floração do espírito humano, estão vivos e presentes, em tôdas as épocas que se lhes seguiram, como nesta hora e neste momento. Existe, até, o vêsio sarcástico de malsinar oradores e escritores, porque se referem com frequência à Grécia Eterna. Mas, se em tal fato culpa existe, certo lhes não cabe, senão aos próprios gregos, de cuja influência formidável nem os livros, nem o buril, nem o pincel, nem a tribuna, nem mesmo a ciência, com suas atitudes e prerrogativas de Abadessa, puderam ainda se libertar. E tudo isto, porque êsse povo conseguiu realizar o que agora queremos atingir: a unidade cultural.

Não pode uma nação, mesmo economicamente formidável ou militarmente invencível, proclamar-se a salvo das mil influências desagregadoras a que a contingência humana está sujeita, se ela não conseguiu situar, dentro de seus próprios limites, as fontes espirituais onde seus filhos vão beber a vida interior, a luz para os olhos do entendimento, a consciência da própria consciência, a cultura em suma. Voltando os olhos para nós mesmos e para nossos próprios problemas, veremos que a velha república preocupou-se demasiado com a

cultura estranha, importando o alimento espiritual em larga escala, limitando-se nossos homens de capacidade a filiar-se às diversas correntes, dêste ou daquele setor cultural, dominantes principalmente na Europa. Houve mesmo uma doutrina filosófica, preponderante nas altas esferas, por êsse tempo inicial do regime e que era tão francesa como a marselhesa e o champagne (o autêntico, é claro). E essa organização estatal, que modificara a forma de govêrno apenas, como se os problemas sociais e políticos se resolvessem ou se alterassem porque o chefe do estado usa ou não uma corôa, faliu por inteiro mal entrada na quarentena, que, segundo o refrão mais em voga, é onde começa a vida. E faliu porque não criou uma cultura própria, continuando, assim, por emissão, como o império, a deixar que se inanissem um espírito nacional, ávido de autonomia, de características próprias, de estímulos criadores.

Na velha república, pensava-se à francesa, vestia-se masculinamente à inglesa, até mesmo com o último botão do colete elegantemente desafogado, em homenagem, diz-se, à última indigestão principescamente boêmia de Eduardo VII. Cismava-se à oriental, com os olhos esgazeados, o cigarro fumegante entre os dedos e a mussulmana palidez derramada na verônica impassível, pela intoxicação psicológica do "mac-tub", borboleta literária voada do Alcorão. Filosofava-se à Augusto Conte, com seu calendário perpétuo e sua classificação de ciências. Clinicava-se à Charcot. Dansava-se o "Cotillon", fazia-se o "flirt"; cantava-se o "sole mio" e saía-se ainda à "francesa", quando se tratava de enfrentar qualquer problema sério da nacionalidade.

Éramos, pois, emigrados, apesar de estarmos em nossa própria

terra. Errávamos, fora do Brasil. Suas infindas belezas, a gama variegadíssima de suas riquezas potenciais, temas permanentes a exigir soluções nossas e a estimular uma idêntica beleza e uma riqueza semelhante na intensidade e na pluraridade de uma cultura nossa, não encontraram correspondência. Não pôde ser traduzida a linguagem muda de exortação, em uma terra onde tudo que se pensava e se fazia era uma tradução. E o cérebro brasileiro, o mais rico filão com que Deus nos dotou, ficou inesplorado, no que possuía e possui de originalidade, de capacidade criadora, em todos os seus ângulos e aspectos. Escassez de cultura nacional é falta de consciência profunda da própria existência de um povo, que, nesta emergência deve inquirir-se a si mesmo: existirei de verdade? Como persistir, se não vejo com meus próprios olhos, mas sigo, como um autômato, pela mão de outros povos? A pátria não pode e não deve ser habitada apenas por nosso corpo. Devemos também, e é imprescindível que assim seja, estar, pelo espírito, inteiramente mergulhados dentro dela, da pátria impalpável, abstrata, incorpórea, mas profundamente real e objetiva, que paira sobre o ambiente material, regendo-lhe poderosamente a estrutura: é a pátria cultural; o clima, o meio intelectual, que, na extensão universal, conseguimos ocupar com as posses definitivas, firmadas pelo nosso espírito.

No sentido de brasilidade que encerra a "Marcha para Oeste" inclui-se também, com a subtilidade interpretativa a que podemos sujeitar todos os gestos do preclaro Presidente Vargas, o avanço cultural, que se simboliza sugestivamente no recuo de um novo Meridiano de Tordezillas, encarnando os direitos culturais de muitos povos e que barra nossa expansão e peza sobre o esforço, que empreendemos, de tomarmos, como Nação e como Povo, em todos os sentidos, sem restrição de um só, forma definitiva e fisiológica permanente, aquela que nos impõem os traços de nossos limites geográficos. Nosso imperialismo, já proclamou a voz sábia do Presidente Vargas, é

CAXIAS, o porta voz da unidade nacional

crescer para dentro da própria pátria. Só um surdo não ouvirá, nessa advertência, uma voz de comando, no sentido da consolidação de uma cultura própria, como fator e garantia de unidade nacional. O Dr. Pedro Ludovico, o estadista insigne que se consagra entre os primeiros e mais imponentes valores do Brasil contemporâneo, propugna, desde os primeiros dias de seu governo, pela formação de uma cultura originariamente nossa. Não é outra a diretiva principal e mais veemente de sua administração. Goiânia é uma das maiores afirmações brasileiras de cultura própria. Ela é o centro material de um largo movimento espiritual aqui nascido, bem no coração do país, para se irradiar em movimentos de encíclica, pela vastidão desta imensa interlândia.

O Estado Nacional empreende, pois, a nacionalização de nossa cultura através de seus meios de irradiação e de difusão. A nacionalização da escola, tão profunda, intrínseca e brilhantemente conseguida nas zonas de imigração, principalmente, já se afirma numa confortadora realidade. Idêntico movimento agita a literatura brasileira, expungindo-a lentamente do fortíssimo matiz alienígena e imprimindo em sua emoglobina o exigêncio brasileiro de teor cem por cento. Vai-se a imprensa também convalescendo do impaludismo das tendências estrangeiras, seguida de perto pelo teatro. Na música, nas artes plásticas, há movimentos sensíveis nessa direção, que é a da borda do abismo de imitação em que a despersonalização de antanho nos atirou. Restam o cinema nacional e seu afim, o rádio. Um pelos olhos, outro pelos ouvidos, tem eles de trazer-nos alimento nosso como as tartarugas do Araguaia. A campanha se vai fazendo com um critério à altura das dificuldades. Pequenos "shorts" (necessitamos também criar palavras nossas para designar nossas pequenas produções no gênero) vão pontilhando os programas cinematográficos, com alguns oásis de bom sentido nacional. É claro que não pode ser de vulto o movimento, pela escassês dos

Comemora-se, a 25 do corrente, mais um aniversário do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, ocorrido àquela data, em 1803, no Rio-de-Janeiro.

A efeméride, sempre festivamente celebrada, tem o sentido das coisas eternas, e é por isto que, todos os anos, no dia 25 de agosto, a Nação se concentra, revive glórias autênticas, rejuvenesce e se revigora, cheia de confiança em seu destino.

Caxias, o mais famoso general brasileiro, enche toda uma época, e seu nome ressoa no tempo histórico nacional com uma sonoridade estranha e poderosa.

Pelas suas singulares qualidades de soldado e de cidadão, pelo seu caráter e patriotismo, pela sua clarividência e bravura, Luiz Alves de Lima e Silva realizou obra tão formidável que só agora vamos começando a compreender-lhe toda a extensão e profundidade.

Caxias é desses vultos que marcam uma nacionalidade, um desses tipos em que os povos se perpetuam, uma dessas figuras soberanas que conduzem os acontecimentos e garantem à pátria um lugar definido no concerto internacional.

Sua vida militar e política foi um rosário luminoso de feitos magníficos em prol da grandeza do Brasil, à cuja unidade se dedicou apaixonadamente.

meios de produção e de elementos nossos. A indústria de filmes está em mãos dos americanos. Mãos amigas e mesmo muito amigas. Seus recursos, sua técnica insuperável, afastam qualquer concorrência. Temos, no entanto, de criar para nós e de disciplinar, em proveito do prestígio de nossa pátria, essa grande força moderna, a maior fonte, talvez, de propaganda e difusão. Os meios de que nos serviremos para realização de tão alto "desideratum" serão por certo inspirados aos nossos governantes pela robustez de seu patriotismo. Seja permitida à nossa leal dedicação ao regime, ora vigente no Brasil, vaticinar uma feliz solução, por parte do Estado Nacional, desse magno problema, como decisivo complemento da obra de inteira e límpida brasilidade que está realizando.

Sua memória é reverenciada pelos brasileiros e respeitada pelos povos estrangeiros, pois a estes mostrou o valor de uma raça invencível e àqueles garantiu a ordem, sem a qual é impossível o progresso.

No norte, no centro e no sul do país, em condições as mais difíceis, efetuou campanhas sob todos os aspectos grandiosas, sufocando uma série de rebeliões e restaurando, com rara sabedoria, o equilíbrio político e social. Valente na luta, foi Caxias, na paz, hábil e generoso para com os vencidos, tendo sido, além de soldado insuperável, um político de alta linhagem e um administrador de escol, salientando-se, em importância, o seu desempenho na pacificação do Maranhão, de São-Paulo, Minas e Rio-Grande-do-Sul.

Na guerra contra Rosas e contra Solano Lopes, nas quais o nosso Exército e a nossa Marinha escreveram páginas gloriosas de heroísmo teve Caxias um papel decisivo, revelando, em grau superlativo, as qualidades do verdadeiro militar.

Pela sua conduta na guerra e na paz foi Caxias merecedor, sem dúvida, das honrarias que em vida recebeu e o é das que lhe tributam hoje à memória os brasileiros todos.

Padrão das mais nobres virtudes da nossa gente, de que foi um exemplar esplêndido, e pela obra imensurável que executou, em favor da integridade da Pátria, Caxias é um desses vultos que devem estar sempre presentes no pensamento e no coração dos brasileiros, como um estímulo a novos feitos, como um sinal de alerta contra os perigos que espreitam as nações, como um farol a iluminar a consciência do povo em sua marcha pelo desconhecido.

Neste momento culminante da história do mundo, quando soldados brasileiros combatem em chãos da Europa, pela causa da liberdade dos povos, Caxias, mais do que nunca, deve ser lembrado por todos nós, não só como direção para a nossa conduta como para nos dar a certeza de que, na guerra como na paz, o Brasil vencerá.

O QUE queremos não é destruir a técnica e sim humanizar o homem, desmoteizá-lo. E essa desmoteização só se obterá pela volta à primazia dos valores espirituais sobre os valores materiais, sejam pecuniários, como o mito da riqueza, sejam tecnológicos, como no mito da Máquina — TRISTÃO DE ATAÍDE.

Volta à Natureza

Floraci Artlaga Mendes

Aquí estou, neste verde cenário de pelúcia vegetal, orlado de buritizaes farfalhantes, sob um puro céu de campo, bordado de alvas nuvens tranquilas.

Refugiando-me no aconchego da natureza, ao me furtar às emoções de minha data natalícia, encontro-me frente a uma linda paisagem tropical, banhada de luz, sincronizada pela magia sonora de mil pássaros esvoaçantes.

Festa de galas para a minha melancólica efeméride, mas, festa íntima, sem aparatos e protocolos sociais, nem por isso menos cheia de encantos e de luzes, de movimento e de vida...

Quem a teria jamais imaginado dádiva espontânea e sutil da natureza pródiga, como uma sinfonia de coloridos e de asas bailadeiras adrede prevenidas?

O' Natureza! pudesse a humanidade tôda senti-la assim, divinamente lírica, perenemente refletida dentro de nossas tristezas e alegrias!

A "volta à natureza" é um velho remédio aos eternos males da humanidade e, desde Rousseau até o nosso grande Torres, a écloga universal dêsse panteísmo construtivo tem suavizado o amargor cético de muita filosofia árida.

No entanto, é preciso viver assim, na realidade, um momento absoluto, integrado ao encanto espiritual de um encontro com a natureza, para poder exprimir tôda a maravilhosa sensação de enlêvo, de místico recolhimento, de sossêgo e de paz, que parece tornar o céu mais próximo da terra e nos faz pensar em Deus...

A criatura humana como que se alça além dêsse infinito azul e para bem alto, numa veleidade de levitação espiritual, emergindo nesse maravilhoso e complexo devaneio da grandeza do Criador, do esplendor da Criação...

Um imenso desejo de ser bom, uma integração total nessa ampla generosidade ambiente, nessa prodigalidade incomensurável de dons e de belezas é, no espelho dalma, o reflexo dessa grandeza majestosa.

Partindo talvez, dessa observação, quizeram, os renovadores da educação, que a Escola se localizasse no campo e, com Cecil Reddie, na Inglaterra, se estabeleceu um princípio educacional, na luminosa sistematização de Ferrière, diante do qual a criança deve passar a viver dentro da natureza:

"A escola nova está situada no campo porque êste constitui o meio natural da criança. O influxo da natureza, as possibilidades que oferece, para consagrar-se às emprêsas dos primitivos, os trabalhos rurais que permite realizar, representam o melhor auxílio da cultura física e moral".

Dêsse princípio se deduz tanto a concepção biológica da educação, com a intenção de favorecer o "desenvolvimento", sinônimo de "vida", proporcionando-lhe ambiente propi-

cio, como a concepção filosófica vitalista e a ânsia de um ideal de elevação moral no contacto íntimo e constante da criança com essa lição viva de amor e de bondade da natureza...

Partindo talvez das mesmas emoções, teria criado o poeta do "Gitanjali", a sua deliciosa e lírica pedagogia, que chega a sonhar com a própria matemática aprendida nas pétalas das flores e nas coloridas asas das borboletas...

Nem Tagóre, porém, com o seu bucólico fervor contemplativo e suas aulas ao ar livre sob árvores seculares, no imenso auditorium da natureza indiana, nem Tolstoi com o seu apostolado social de Iasnaia Poliana, cheio de intenso panteísmo, nem Rousseau com o seu "Emílio" pagão, em franco processo educativo à lei da natureza, conseguiram tanto.

Suas vozes se apagaram no bramir de ondas do tempo e ficaram longe, bem distante, ensaios imprecisos, à margem da história da educação...

Restam porém, ainda, a voz da escola de Reddie e o apêlo do preceito de Ferrière.

E aquí, no nosso imenso e amado pindorama, nesse maravilhoso e luxuriante eden, que se estende desde as florestas sombrias da Amazônia das vitórias-régias e da pororoca, até as planícies verdes dos pampas, ouve-se ainda o clamor de educadores e sociólogos que clamam pelo amor à natureza e o querem difundir na escola e em outras instituições sociais e culturais, como ampla ideologia mística produtiva e regeneradora.

Amar a Natureza, com aquele deslumbramento imortal do "Poverello" de Assis, que andava pelas estradas em fora "a cantar os seus hinos extasiados, fazendo sermões aos pássaros, louvando o sol pelos seus benefícios às searas e aos rosais, mostrando-se alegre, bom, serenamente otimista"...

Amar a Natureza como Cristo, que a escolheu para cenário imortal dos seus sermões e das suas parábolas, à margem tranquila dos lagos ou do alto da montanha, como na meia luz suave do horto das oliveiras para o conforto da prece...

Viver dentro dela, como novos eremitas de uma fé que não morre, não simplesmente contemplativa, mas, pregando a atividade pelo exemplo, construindo o Brasil de amanhã, colonizado pelos próprios filhos e por êles mesmos tornado verdadeiramente grande...

A mocidade das cidades-monstro, das cidades super-populosas do li-

toral, ainda se estiola e se perverte, nas favelas e nos cassinos, ou nas pugnas desportivas embrutecedoras, encaradas como honrosa profissão...

Os desajustados e os sem trabalho, os incompreendidos ou fracassados e tímidos, ainda não ouviram o apêlo da natureza e não cederam ao ver-de magnetismo dos sertões do Brasil despovoado e imenso, capaz de acender centelhas de cobiça nos olhos dos imperialistas de além mar...

Enquanto isto, enquanto a fome, a miséria, a falta de higiene e o desalento atrofiam a alma nacional que pulula nos mocambos e nos cortiços das grandes cidades, ou que se degenera na ociosidade e na lascívia dos sambas dos morros, no veneno do jogo e dos carnavais de rua, aquí no sertão o Brasil espera, imenso e amigo, como um seio de Abrahão...

Correm "rios de leite e mel" como na sonhada Canaan, onde "o céu tem mais estrélas" porque ainda não as vela o fumo das chaminés civilizadas, onde o perfume das matas virgens infla as narinas sôfregas do caminhante lírico, maravilhado com a sinfonia de mil pássaros, nessa imensa cavalgada valquirica de infinitas riquezas desconhecidas...

O homem do sertão, ignorante e inconsequente, embora não conheça de perto a miséria dos antros das cidades, acocora-se ainda à porta do rancho de sapé e pau a pique, sem ideal, deshigienizado, sem fé, cheio de credices e superstições, corpo sem alma, morto em plena vida, no meio dêsse "brouhaha" maravilhoso...

Quando se ergue, é para talar os campos e queimar florestas, derrubar as matas e destruir animais indefesos, devastar a fauna e perseguir os pássaros.

Não sabe o que é Pátria, nem nunca viu a Bandeira nacional e ao ver passar pela porta algum estranho viajor, entrincheira-se na sua desconfiança, porque, gente da cidade cheia a recrutamento, a policia, a fisco ou a vigaristas...

Tem a consciência cívica de um bugre autêntico e, no entanto, o coração é isento de maldade e o espírito vasio de mal como de lógica...

De onde e quando lhe virá a aurora redentora, nova lei áurea de branca emancipação, que o arrancará dêsse letargo centenário?

"Dos vossos chapadões descera um dia a onda civilizadora", disse algures, no coração do Brasil, o pioneiro dos seus destinos.

E eu passo a sonhar, diante dessa paisagem clara e cheia de luz, mira-

Paulo Augusto de Figueiredo

A 5 de agosto corrente transcorre a data aniversária do sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo, ilustrado advogado, operoso Presidente do Conselho Administrativo e figura das mais salientes e representativas dos meios culturais de todo o interior brasileiro.

Desde cedo, o ilustrado moço se dedicou aos estudos das causas dos grandes conflitos que enchem a história da humanidade e tantos males têm feito aos homens, em tôdas as épocas e em tôdas as latitudes, conseguindo adquirir uma admirável bagagem de cultura que o coloca, hoje, entre os pensadores brasileiros e detentor de posição de remarcado relêvo na imprensa nacional.

Transferindo-se para Goiás, o sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo colocou a sua inteligência e a sua admirável capacidade de trabalho ao serviço dêste Estado, ao qual prestou e está prestando grandes e assinalados serviços. Promotor de Justiça da comarca de Bonfim, professor da Faculdade de Direito, Procurador Fiscal da Diretoria Geral da Fazenda, Advogado do Estado, e, por fim, Presidente do Conselho Administrativo, em tôdas essas oportunidades e em tôdas essas funções, o sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo, sôbre revelar os seus formosos predicados morais, de caráter e de cultura, revelou-se, mais, um enamorado da terra goiana, perfeitamente identificado com as modernas tendências

de Goiás e, sobretudo, com o alto espírito que preside a administração estadual sob a patriótica e esclarecida direção do sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira.

Jornalista de incofundíveis méritos, de estilo claro e escoreito, o ilustre aniversariante como que parece uma cristalização de um conselho que Benjamin Johnson dava aos homens de seu tempo: Despedjad vuestra inteligencia de todo genero de afectación, de toda apa-



rencia hipócrita que os haja representar lo que no sois. Os seus artigos, divulgados constantemente em "Cultura Política" em "Ciência Política" e em grandes jornais brasileiros que, de fato, representam a opinião nacional, traçam, de

maneira iniludível, de maneira a não deixar a menor dúvida, o seu puríssimo sentimento de brasilidade e revelam a sua perfeita identificação com as diretrizes novas da política brasileira e a sua completa solidariedade ao Estado Nacional que, purificado da eiva má do liberalismo anacrônico e fracassado, sôbre êle, como sôbre todos os bons brasileiros, exerce um decidido fascínio.

Foi do sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo que partiu, em 1943, a idéia da realização, no Rio-de-Janeiro, de um congresso de presidentes de Conselhos Administrativos. Esse certame, efetivamente, se realizou em Novembro daquele ano, com apreciáveis resultados e muitos benefícios para tôdas as unidades administrativas estaduais brasileiras.

Nesse memorável conclave, o sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo teve uma parte relevante, tendo sido o escolhido para saudar, em nome dos congressistas, o exmo. sr. Ministro da Justiça. O seu discurso foi uma exaltação de brasileiro, foi um hino ao "Brasil de uma só bandeira, ao Brasil sem Estados grandes e pequenos, ao Brasil de um só Deus e de um só chefe, ao Brasil de Getúlio Vargas".

"Oeste" que possui no ilustrado aniversariante um dos seus fundadores e um dos seus elementos mais valiosos e brilhantes, sente que interpreta fielmente a opinião local para, com tôda sinceridade, se associar a todos os peitos que os seus amigos lhe promovem no dia 5 do corrente e para lhe mandar, nestas linhas, os seus efusivos parabéns e os seus votos de longevidade próspera e tranqüila.

culosa sinfonia em que vim festejar a passagem do meu dia natal, a sonhar com o Brasil do futuro, nesse rincão de Goiás.

E ouço os tratores e as usinas e as sirenas, e o fragor das cachoeiras e a orquestra do malho, e o clangor dos clarins, e os cantos das escolas e os rumores das oficinas e o tropel dos rebanhos, e a música dos pássaros, e a serena melopéia das correntes caudalosas, sulcadas de navios a vapor...

O Brasil terá se encontrado a si mesmo, e o brasileiro aí estará, então, livre e forte, tostado pelo sol e enrijado pelo trabalho, camisa aberta ao peito, sorriso nos lábios, dono da Natureza imensa, senhor do Brasil!

EM uma palavra, a obra política é essencialmente uma obra de civilização e de cultura. São as aspirações íntimas, e essenciais da pessoa humana que iluminam e descobrem a natureza dessa obra, e a mais profunda aspiração da pessoa é a *liberdade de expansão*. A sociedade política é destinada a desenvolver condições de vida comum que, procurando primeiramente o bem, o vigor e a paz do todo, ajudam positivamente cada pessoa na conquista progressiva desta liberdade de expansão, que consiste antes do mais na floração da vida moral e racional, e dessas virtudes interiores ("imanescentes") que são as virtudes intelectuais e morais — **JACQUES MARITAIN.**

GRANDE é a grandeza do homem, porque o homem conhece sua miséria. Uma árvore não sabe de sua miséria. E', pois, ser miserável, o fato de se sentir miserável; porém é ser grande, o fato de conhecer que se é grande — **PASCAL.**

AS funções do Estado moderno, vão-se tornando, por isso mesmo, funções de especialização técnica. Não podem elas ficar ao sabor dos palpites daqueles que, por se terem casualmente feito senadores ou deputados, pouco mais exprimem que suas opiniões pessoais ou interesses dos seus partidos — **ALMIR DE ANDRADE.**

Dois Sonetos deGuilherme Xavier de Almeida

OS BANDEIRANTES

Fazedores de pátria, os bandeirantes,
manejando o facão e o bacamarte,
vencendo as feras e os tupís errantes,
abriam rotas para tôda parte.

Largos rios transpunham, arrogantes,
levando à frente um rústico estandarte;
escalavam, com fúria de gigantes,
a serra abrupta — natural baluarte.

Currais e engenhos iam-se espalhando
por onde quer que dirigisse um bando
as passadas intrépidas e grandes.

E, empurrando limites para o centro,
foram tão longe, pela terra a dentro,
que alguns chegaram a fitar os Andes.

O JAGUNÇO

(“Perdeu-se-lhe o nome. Mas não a imprecação altiva
que arrojou sôbre a vozeria e sôbre os estampidos ao
saltar sôbre o canhão da direita, que abarcou nos bra-
ços musculosos, como se estrangulasse um monstro: Vi-
ram, canalhas, o que é ter coragem?!” — Euclides da
da Cunha — “Os Sertões”).

E' no combate de Taboleirinhos.
As tropas vão seguir para Canudos,
quando, de súbito, os caboclos rudos
surgem, ferozes, dos sertões maninhos.

Os soldados de espanto ficam mudos;
mas, à voz do comando, em redemoinhos,
êles topam, à entrada dos caminhos,
com sertanejos fortes e membrudos.

Um canhão faz ouvir seu alto ronco.
E eis que um jagunço temerário e bronco,
avançando num ímpeto selvagem,

pega o canhão e às praças o arrebatá,
vibrando o insulto — colossal chibata:
—“Viram, canalhas, o que é ter coragem?!”

O aniversário de Alencar

— Genezi de Castro e Silva —

José de Alencar é primoroso entre os romancistas brasileiros; poeta genuinamente nacional soube, como nenhum outro, cantar as harmonias do sertão bravo e inquieto, quis e interpretou, admiravelmente, o segredo das selvas, as disposições magnânimas, os bons impulsos do indígena incauto e supersticioso.

Comemorou-se, há pouco, a data de seu nascimento e, com ela, a apresentação do que seria, mais tarde, o grande vulto da literatura brasileira, a encarnação de uma época que, gloriosa, surgia, então, para o Brasil progressista, para o Brasil literário e também, ainda que, com menos fulgor, para o Brasil político e jurídico.

Entre os grandes trabalhos que cercaram de brilho o conhecido nome de Alencar, "Guarani" e "Iracema", ambos belos na nobreza do ideal, ambos magníficos pelo sentimento, destacam-se admiráveis e elevados.

Diz Araripe Júnior, o fulgurante escritor e crítico cearense: "Os momentos artísticos não duram toda a vida; esse fenômeno de excitação cerebral, com efeito, admirável, que os antigos julgavam influência divina ou sobrenatural, o "Deus in nobis" do poeta latino depende, quasi sempre, de circunstâncias especiais que, em nada, honram a valentia humana. Nesta ocasião só o que nos pertence é a força inicial, pois o cérebro trabalha por sua conta e risco, sem consideração alguma a quem lhe imprime o movimento.

O "Guarani" parece ser fruto de um desses estados mentais.

Tudo quanto fôra assimilado inconscientemente, de permeio com tudo quanto o esforço voluntário obtivera, vasou-se, de repente, no papel, concretizado numa obra que o próprio autor, talvez, não soubesse explicar".

Em nada obscurecem, estas palavras, o talento justificado de Alencar; aumentam-lhe, antes, a celebridade, elevam-no à altura consagrada, ao pináculo em que sempre, se soube manter.

Para assimilar, ainda que artificialmente, a alma da selva, para fantasiar, ainda que com retoques de irreal, a faustosa vida dos filhos das matas, seria preciso possuir no âmago do espírito, a centelha do gênio e, esse raio de luz, esse doirar de sonho Alencar possuiu, Alencar acalentou, voluntariamente, em seu cérebro de sonhador, em sua sensibilidade de artista.

A dedicação exagerada dum dos

heróis de "Guarani" que é o Goitacaz providente, só poderia surgir dum idealidade capaz e louvável.

Em "Iracema" há a sublimidade dum amor heróico e há, também, o inverosímil, tornados brilhantes pela linguagem castiça, pela imaginação ardente dum jovem escritor brasileiro.

Alguns de seus inúmeros trabalhos bem conhecidos, como as "Minas de Prata", o "Gaucho", os "Filhos de Tupan" e "Ubirajara" são pedestais à sua glória, são vozes que cantam a sua primazia, os clarões de sua glória sempre latente e cheia de vida.

Foi político e jurista que, rompendo, embora, a monotonia da épo-

ca, não poudé fazer o que reclamavam as suas aspirações, não poudé saciar a sua ânsia de trabalho.

Feita em horas de folga que lhe proporcionavam os trabalhos práticos, a sua prosa, que é toda uma poesia pela sequência de expressões felizes, de figuras que nos falam bem ao coração, soube encerrar, nas entrelinhas, as imagens delineadamente feitas, os torneios delicados, de sensações aprimoradas e custosas.

José de Alencar viverá sempre na lembrança do povo; sentiu o murmúrio das florestas, penetrou no recesso dos sertões e dos pequenos recantos ignotos, trouxe a lembrança na verve inesgotável de sua alma de romancista, no cascatear irreprimível de seus impulsos de idealista.

Dona Gercina Borges Teixeira

O êxito reclama um complexo de condições preliminares de toda ordem. Elementos os mais sutis, fatores os mais imponderáveis. Um pequenino acontecimento, às vezes, muda o rumo da história, e poucos são os que o percebem. Goethe, por exemplo, muito jovem ainda, previu toda a catástrofe do reinado de Luiz XVI, ao olhar para Maria Antonieta, quando esta deixava a Casa da Austria para contrair núpcias com o desditoso monarca.

Na vitória dos homens, entre tantas determinantes, uma é quasi constante: a mulher. Uma base sentimental sólida é uma condição de triunfo. E é a família a forma por excelência dessa ordem sentimental necessária ao pleno florescimento do homem público. Maria Antonieta, mesmo, é um exemplo de como pode a família torcer o rumo das ocorrências históricas.

Isso pôsto, cumpre-nos uma palavra especial de simpatia à exma. sra. dona Gercina Borges Teixeira, ao ensejo, a 26 do corrente, de mais um seu aniversário natalício. A digna consorte do sr. Interventor dr. Pedro Ludovico, modelo das virtudes da mulher brasileira, soube fazer de seu lar um ambiente favorável aos nobres ideais. Pedro Ludovico muito lhe deve de seus louros, eis que teve na ilustre dama, sempre, uma companheira dedicada e que soube, como só uma esposa autêntica sabe fazê-lo, ampará-lo moralmente nos momentos de desânimo, estimulando-o à conquista de seus ideais.

Senhora de coração imenso, de inteligência clara e vontade forte, dona Gercina Borges Teixeira não se contentou, como o seu esposo, com a vitória de Goiânia, e hoje, com prejuízo da própria saúde, e dando um exemplo dignificante de humanidade e patriotismo, está entregue a nobilitantes misteres, cooperando ativamente com o Interventor em sua obra magnífica. Na presidência



da C. E. da Legião Brasileira de Assistência a sua atuação tem sido notável, fazendo ela jus, de modo definitivo, ao título de "Mãe dos Humildes", que as gentes simples já lhe haviam dado de há muito, quando residia ela, ainda, na histórica cidade de Rio-Verde.

E aí estão algumas razões desta homenagem de OESTE à primeira dama goiana, a quem, com o devido respeito, vimos apresentar, ao ensejo, sinceros votos de felicidade.

O que hoje importa aos governos, e aos povos por estes dirigidos, não é a orientação dos partidos, não são as ideologias, nem as simples "correntes de opinião". O que lhes importa essencialmente é o conhecimento e a definição das necessidades sociais — o que só se alcança através da observação e da experiência direta de verdadeiros "órgãos técnicos" — ALMIR DE ANDRADE.

A. Juruena Di Guimarães

OESTE gloria-se nas vitórias dos seus componentes, quer sejam estes de sua direção, de sua redação ou gerência, ou do quadro de seus colaboradores. Nem podia ser de maneira diferente. OESTE é uma revista de esforço construtor em favor de Goiás e a vitória dos seus componentes representa, sempre, uma vitória de Goiás.

A estatística, na administração moderna, é um elemento de primeira ordem e verdadeiramente indispensável. O presidente Getúlio Vargas, referindo-se ao concurso valioso, da estatística na obra do governo, disse que "ninguém pode bem governar sem a existência de boas estatísticas" e o ilustre Teixeira de Freitas, o pai e o organizador da estatística brasileira, disse que "faça o Brasil a estatística que deve ter, e a estatística fará o Brasil como deve ser". Para provar o valor da estatística como colaboradora do governo, não há necessidade de depoimentos mais valiosos.

O sr. Antônio Juruena Di Guimarães, nosso prezadíssimo companheiro de OESTE, deteve em suas mãos, por algum tempo, a direção do Departamento Estadual de Estatística de Goiás e, nessas funções, prestou valiosos serviços ao Estado. Esses serviços, felizmente, não ficaram recolhidos ao conhecimento, apenas, dos órgãos técnicos da esfera estadual ou da esfera federal. Eles foram reconhecidos geralmente e, ainda agora, o sr. Frederico Medeiros, presidente da Junta Executiva Regional de Estatística, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, mandou àquele nosso ilustrado companheiro de trabalho e atual diretor da Divisão de Organização e Orçamento do Departamento do Serviço Público do Estado de Goiás, a seguinte honrosa carta:

— "Honra-me a oportunidade de levar ao seu conhecimento que, por proposta desta presidência e unânime aprovação dos demais membros desta Junta, na reunião ontem realizada, foi vossa excelência condignamente homenageado com a inserção na ata de um voto de reconhecimento e congratulação pelos serviços prestados à Estatística de Goiás, durante o período de sua gestão à frente do Departamento Estadual de Estatística".

Essa manifestação da Junta Executiva Regional de Estatística, desta capital, vale por mais uma demonstração do brilho que o sr. Antônio Juruena Di Guimarães conseguiu dar à sua direção naquele importantíssimo departamento que tem a seu cargo a organização e execução da estatística neste grande Estado.

CLOVIS BEVILAQUA

Sangra a alma nacional, com o desaparecimento, a 26 do mês passado, do eminente brasileiro, dr. Clovis Bevilaqua.

A Pátria está de luto.

Sim; a perda de Clovis Bevilaqua é tamanha — pois tão grande ele foi, e tão alto elevou o nome da nossa Terra — que um arripido correu pela espinha da nacionalidade, quando se soube da dolorosa notícia.

Indo-se o Mestre insigne, abriu-se uma brecha funda no edifício de nossa cultura. A Nação em pêso chora o passamento do inolvidável filho.

Escritor, jurista e sociólogo, Clovis Bevilaqua, mercê de sua poderosa inteligência, de sua admirável cultura, e de sua incrível capacidade de trabalho, soube, em cada ramo do conhecimento a que se dedicou, ir ao fundo dos problemas, legando, assim, às letras pátrias, páginas imperecíveis, verdadeiros roteiros nos caminhos do saber.

Nasceu Clovis Bevilaqua em Viçosa, Estado do Ceará, a 4 de Outubro de 1859. Fez seus estudos secundários no Ateneu Cearense, no Liceu de Fortaleza e no Rio. Indo depois para Recife, aí formou-se em Direito, em 1882. Foi, após, Promotor Público em Alcântara, no Maranhão. Na Faculdade de Direito de Recife foi bibliotecário, lente no Curso Anexo e, afinal, em 1891, entrou, em caráter efetivo, para o corpo docente.

Foi Clovis Bevilaqua o autor do Projeto do Código Civil, que se converteu em lei e que constitui um monumento de saber jurídico capaz de honrar a cultura de qualquer povo. Representou o Brasil no Tribunal de Haya, com tanto brilho que foi reconduzido à função. Foi, ainda, Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores e membro da Academia Brasileira de Letras, desde a sua fundação.

Figura de renome mundial, pertenceu Bevilaqua a diversas associações culturais estrangeiras, como: Academia de Jurisprudência de Bogotá; Instituto de Coimbra; American Academy of Political and Social Sciences, de Filadélfia; Associação Internacional de Direito Comparado, de Berlim; Associação Internacional de Filosofia do Direito e de Economia, da Alemanha, na qual ocupava um lugar no Conselho de Honra dos Estados não germânicos, glória que apenas quatro americanos alcançaram.

Era casado com dona Amélia de Freitas Bevilaqua, escritora de projeção.

Destacam-se, na bibliografia de Clovis Bevilaqua, os seguintes trabalhos: "Filosofia Positiva no Brasil"; "Estudos de Direito e Economia Política"; "Épocas e Individualidades"; "Legislação Comparada"; "Frases e Fantasias" (contos); "Direito das Obrigações"; "Direito da Família"; "Criminologia e Direito"; "Juristas Filósofos"; "Direito das Sucessões"; "Projeto do Código Civil Brasileiro"; "Unidade do Direito Processual"; "Silvio Romero"; "Educação Cívica"; "Direito Internacional Privado"; "Em defesa do Projeto do Código Civil"; "Teoria Geral do Direito Civil"; "Direito Público Internacional"; "Die Soziologische Funktion des internationalen Privatrechts", e outros, não se falando dos estudos publicados pelos jornais e revistas.

NÃO é possível uma filosofia social sadia com uma falsa filosofia da vida. Se os homens não se governarem por idéias justas e por ideais que correspondam a idéias justas, é inútil pensar em sociedades estáveis e pacíficas. Para haver uma sociedade em que os gru-

pos sociais se respeitem mutuamente, é mister haver homens que mutuamente se respeitem. E para isso é preciso que esses homens tenham uma idéia exata de sua verdadeira posição em face da vida

— TRISTÃO DE ATAÍDE.

Ribeirão da Prata

Conto de Domingos Felix de Sousa

A voz do rapaz encheu o vale e o silêncio da tarde, despertando os ecos da terra cansada. O fogo de agôsto passara rijo por ali, vindo dos campos de Ponte-Velha. "O fogo vem sempre dos lados do Coronel Hilário", diziam os cabras afobados, acerando os canaviais.

— O primeiro acêro é na beira do Imbiassú, e do outro lado é as terras do Coronel Hilário, de Ponte-Velha. Aquilo o fogo leva de cheio, beirando o Ribeirão da Prata. Lembra a tapera grande, à beira do ribeirão? Aquilo foi um fazendão, diz o negro Simplício, que é velho por estas bandas. Plantação de cana, arrozal no pé da serra, fruta em quantidade. Conta o velho Simplício. Agora é aquilo que se vê...

Assim narrava o sinhô Gaudêncio, com sua voz descansada, enquanto lá fora a noite velha marcava o largo compasso de sua eterna sinfonia.

E o moço Juvêncio naquele silêncio amargo, sempre que deixavam para trás, rumo àqueles sítios desolados, a freguesia do Outeiro!...

Ai, meu Piauí!

Quanta mágua no meu peito
Quanta água nos meus olhos
Quando passo por aqui!

Ai, ai, meu Piauí!...

Cantava o moço com sua voz sonora e levemente trêmula. João Caetano emburrava já com a trova monótona de seu arriero, sempre com aquelas cismas, e não sabia por que o moço não gostava de pousar à beira desse córrego de água gostosa.

Era a terceira vez que dava em suas viagens de passarem ali.

— Vamos embicar pela volta de Ponte-Velha, dissera lá atrás o moço arriero. Não aumenta o caminho nada. E vamos dormir na fazenda do velho Gaudêncio.

Não, não iria. Seu interesse era almoçar com o Altino, a ver se lhe levava aquelas rezes que vira da outra viagem. E queria negociar a montaria, que a besta russa do menino João lhe enchia os olhos.

— O velho Gaudêncio tem só de bom o pousar. E boa bóia. E boa prosa, não resta dúvida. Mas Buriú anda caindo, desde que Deus lhe levou o genro.

O moço não respondera nada, e meteu-se lá com as suas cismas.

... Quanta mágua no meu peito
Quanta água nos meus olhos
Quando passo por aqui...

— Aquela trova... pensava o boiadeiro. Aquela trova... Alguma coisa havia lá entre o moço Juvêncio e aquelas beiras do Ribeirão da Prata.

— Mágua lá dêle... Que tenho de ver com isso?

Depois, noite fechada, assentados à beira do fogo, os dois cavaleiros estendiam as mãos para as chamas, defendendo-se do frio daquele fim de seca. João Caetano se lembrou das tristezas do moço arriero. Havia de saber o motivo daquela mágua do Juvêncio, mas não sabia por onde começar, mesmo por estar o rapaz fechado desde ontem num mutismo tristonho e incompreensível, como da outra vez... Sim, da vez passada fôra o mesmo silêncio exqu岸ito quando dormiram naquele pousar, à beira do Ribeirão da Prata.

— Noite fria, hein, Juvêncio?

— Unh!

— Não faz você lembrar nada, Juvêncio?

— E'.

— ... Escuta, Juvêncio, você é do Piauí?

— Não, patrão, meu pai...

— Seu pai era?

— E'. Acho que era... Bom, vou contar. Ele cantava sempre isso.

— Essa trova sua?

— Minha não, dêle. Cantava e ficava imaginando. Ia légua imaginando. De repente dizia:— O diabo é deixar meu "fio" pequeno! Isso é que é o diabo!... — Imaginava a morte, o pai. Cismava disso.

O silêncio caiu outra vez sôbre os dois. O rapaz não queria falar de suas recordações dolorosas. Havia pios agourentos no ar. O vento começou a correr de leve, mas frio, e seria melhor que procurassem logo suas redes. Juvêncio não podia imaginar por que o patrão andava hoje com aquele modo de corujão da chapada, agarrado ao fogo, quando já havia saído há tanto tempo o chá de lixeira do costume. Mas sentiu, sim, lá consigo, em sua alma rude de vaqueano, que havia alguma coisa de covarde em sua própria atitude aquela noite, naquele seu medo de falar, de responder ao patrão. E aquele nó na garganta. E aquela tremura na voz. Num esforço despercebido e instintivo, de homem acostumado a dominar os seus movimentos íntimos, Juvêncio falou. E havia um misto doloroso de mágua e desespero em sua voz bonita, bem modulada, levemente trêmula, com o sotaque arrastado de filho do norte. Uma ou duas vezes o patrão percebeu em seus lábios um vago sorriso, mistura de dor e ironia. Ironia dolorosa de homem forte ante a crueldade do seu próprio destino.

— Um dia, foi mesmo aqui... Faz tempo...

— Como foi, Juvêncio?

— Não sei bem. Alizinho mesmo,

debaixo daquela paina. Fogo não dá cabo dela pra me lembrar disso. Meu pai descia, eu mais êle. Ia ver a Merência, ali.

E apontou a tapera. A Merência? João Caetano estranhou o trato.

— Sinhá Merência não é sua mãe, Juvêncio?

— Não, patrão. Merência era moça branca, mas andava, que eu saiba, embeçada do pai, que era bem apessoado e já ia tendo de seu. Merência era bonita. Lembro dela ainda naquele tempo, mas ainda pode-se ver... Quando deram os tiros nêle, meu cavalo disparou. Atravessou o ribeiro, meio das pedras. Não vi nada. Dalí dos Monteiros veio gente. Custou muito, foram-me buscar do outro lado. O pai estava no chão, o corpo meio mágua. Os tiros foram na bôca. Êle tinha um riso bonito, e eu tive uma raiva doida do Muquem ter disparado. Não ví a cara dêles, e o pai não me falava nada, porque eu era muito menino. E eu não sei de onde êle veio, lá do norte. Nem sei de seus casos. E guardei a raiva comigo, e o riso bonito do pai.

Havia muita amargura na voz do moço arriero. João Caetano era homem, fôra vaqueano, e teve raiva desse nó que sentia na garganta. Fugiu àquele silêncio:

— E sinhá Merência?

— Era sobrinha do velho Monteiro. Desherdada. Não queriam, eu acho, o casamento. De noite, quando me deixaram sôzinho no couro da varanda, ela veio, me abraçou, e chorou muito, baixinho. Nem pude dormir com o choro dela. Foi u'a mãe pra mim, a vida inteira. Eu andava ali pelos dez. Daí encorpei, arribeei, fiquei homem. Lida dura de vaqueano, mas isso aqui era um campeão bonito, de encher a vida, até o Imbiassú. E a Tudinha ia tomando corpo também. A Gertrudes, filha mais moça do velho Monteiro. Uma perdição de moça, patrão. Criado junto, gostei dela. Velho Monteiro gostava de mim. Tinha desgosto dos outros filhos. Acho que não fazia dúvida em nosso bem-querer. Vai um dia... — Esse ribeiro aí é amaldiçoado, patrão!...

— Conta, meu rapaz.

— Bom, a menina, não sei como foi... Ouí o grito da pretinha Leta e corri. Foi ali, no pilão do sumidouro. Tudinha tinha escapado da pedra em cima. Bateu com a cabeça, não sei. Acho que findou logo. Estava nuzinha, no meio das pedras, e as águas correndo por cima dela. Parei de vergonha, mas o peito doeu numa cisma ruim, e eu corri pra ela, peguei seu corpinho como um doido, e subi ali a ladeira de casa. Acho que chorei, patrão, chorei muito. E' para amargar, tanta desgraça triste na vida de um homem. Chorei... Chorei muito...

Tão acostumado estava o moço a pensar naquele quadro triste que hoje, ao recordá-lo, seu rosto continuava impassível, com aquela impassibilidade carregada que trazia desde o Outeiro. E a voz era firme

O MEDALHINHA

(CRONQUETA DA VIDA REAL)

JURUENA DI GUIMARÃES

— I —

e natural, levemente trêmula, como de costume, quando continuou:

— O patrão há-de querer saber dessa tapera. Pois é, desgraça nunca vem só. Depois daquilo veio a seca, dura como nunca pra essas bandas. O velho Gaudêncio chegou pr'aquí pouco depois, e deve ter ouvido contar. Ribeirão da Prata parou de correr, e a água parada no pilão era suja. E aí veio a briga com o velho Fernando, pai do Coronel Hilário. Arrelia. Questão de terra. Umaz cabeças de rez. Abusaram do desânimo do Sinhô Monteiro, com os filhos longe e aquela dôr lá por dentro. Tomei as dôres comigo. Fiz cautela numa volta pra cá do Imbiassú, acomodei a carabina de Sinhô, que êle chamava bate-papo, e esperei, desde manhazinha, o velho Fernando com o moço dele é o pessoal. Mas o que veio foi o fogo patrão, ali por volta das cinco. Alastrou como nada. Nunca vi. Parecia danação do demônio, pra tormento do bom Sinhô. Arribei rumo de casa. Ví logo a maldade que atçou aquele fogo. Pouca gente na fazenda, que o povo não queria mais beber a água suja do pilão. Gritei com Sinhô Monteiro, que precisava fazer acêro pra lá do canavial.

“Tenho comigo que o velho já andava louco, sucumbido de tanto desespero, patrão. Chegou na sacada do terreiro, olhou aquele fogão lá adiante, e me disse, com uns olhos assim

— Deixa. Deixa. E' bonito . . . muito bonito . . .

Mas de-repente arribou a modo de assulado pr'o outro lado do canavial, e nós pensamos que ia fazer acêro. Mas não ia. Foi custo segurar o pobre. O fogo chegou logo, e nós tiramos o bom velho já do meio das labaredas. Não havia fôrça que chegasse, patrão. Inferno de vida!

Quando fugimos de casa, tivemos de atravessar o campinho. Fogo já tinha chegado nele, mas não tinha outro recurso. Mãe Merência queimou a perna e a cara daquele jeito. Eu cá tenho assim o braço . . . E Sinhô, (Deus o tenha!) morreu daí a três dias, com as febres, falando muito em Tudinha, todo o tempo, e em mim também, me chamando “fio” dele”.

O rapaz suspirou fundo. Descançou a fala daquela história dolorosa, e concluiu:

— Aquele ribeirão é amaldiçoado, patrão. Dêle vou levando só essa mágua triste, com o riso bonito do pai, o corpo nuzinho de Tudinha, a maldade do velho Fernando, o sofrer de Mãe Merência, a morte de Sinhô Monteiro . . .

E contava nos dedos, morosamente, aquele acêro de dolorosas recordações.

Nunca mais João Caetano quis passar por ali, pelo vale do Ribeirão da Prata. Fazia a longa volta, indo pernoitar no sítio do velho Gaudêncio, onde entrava pela noite a ouvir a boa prosa do bom hospedeiro.

Muitas vezes voltava o velho ao

Não fosse o artigo masculino perfilado na epígrafe desta crônica, e, por certo, pensariam os que me leem que eu tivesse chegado ao requinte quasi feminino de escrever algo sobre essas peças de bijouteria que, em tempos idos, adornaram, tão bem, bonitos colos de mulheres bonitas, e fizeram a fama das ourivesarias da Renascença.

Nada disso. Pretendo “kodaquizar”, nesta crônica, um dos espécimes mais curiosos da fauna humana.

Humberto de Campos, naquela sua linguagem tão humana, feita de dor e de ironia, disse que os pensamentos na alma se assemelham aos balões: aparecem inesperadamente e, sem que se possam deter, ganham o caminho azul do céu. Assim, inesperadamente, surgiu-me a idéia de retratar o Medalhinha e, sem que eu a pudesse deter, ganhou o caminho branco do papel.

A esta altura, algum leitor curioso já murmurou, mentalmente: “mas o que é o Medalhinha?”

Vou satisfazer-lhe a curiosidade, leitor amigo:

E' o Medalhinha um estado intermediário entre o Mediocre e o Medalhão, sem a empáfia dêste e a inocência daquele.

Em absoluto, não pretendo particularizar nenhum exemplar conhecido meu. Homenageio, nestas linhas, a todos os exemplares de todos os países e de todos os climas.

Se me não trai a memória, onde o uso e o abuso do fumo já vêm dependendo “picumã”, é Renan quem nos conta que durante a Revolução Franceza se improvisavam glórias literárias por decreto de dois anos, e que gozaram dêsse favor oficial Robespierre e Desmoulins. Logo, em tôdas as épocas proliferam os terríveis Medalhinhas.

Tais individuos, em geral possuidores de eloquência, assumem atitudes, não raro, de um sabor altamente delicioso. Gostam de falar de sua pessoa, tomando areis professorais, e têm larga tendência a conselheiros. São criaturas inquietas como as próprias idéias. Julgam-se milionários da Cultura e, quando atacados do delírio de sapiência, são verdadeiras feras.

antigo caso.

— Lembra aquela tapera grande, à beira do Ribeirão da Prata? . . .

O moço Juvêncio olhava longe, esquecido, e ficava imerso em suas cismas, enquanto lá fora a noite velha ia marcando lenta o compasso largo de sua eterna sinfonia.

Impávidos descobridores, impingem-nos as coisas mais corriqueiras que o seu bestunto comporta, como descobertas sensacionais.

Porém, quando o Medalhinha maior bem nos faz ao fígado e nos escancara a alma no divino gôzo do riso íntimo, é quando êle doutrina. Aí podemos compará-lo a êsses palhaços de volantim barato que andam no arame, num supremo esforço de equilíbrio, segurando uma sombrinha, e atiram para a platéia, amorfa e estúpida, um sorriso de triunfo, onde se traduz, claramente, esta frase tão ao sabor do Medalhinha: “só eu sou capaz de fazer isto!”

Outra particularidade interessante do meu retratado é a insolente mania de querer, sempre, corrigir a alguém. A propósito, quero lembrar, aqui, um episódio passado comigo numa das ocasiões em que fui empresário de um Medalhinha.

Morávamos ambos (eu e o Medalhinha) em um hotel de determinada cidade quando, certo dia, resolvi passar-lhe um “trote” que viesse coroar a série de palhaçadas a que eu o vinha submetendo. Sabendo ser o meu arrogante amigo, que, aliás, era um bem encadernado tipo de “bon vivant”, especialista em corrigendas, pois, várias vezes, escrevi trechos errados propositalmente, submetendo-os à sua douta crítica só para gozar o efeito, copiei, “ipsis literis”, uma página do imenso Ruy, justamente aquela em que o imortal cidadão internacional profliga o vício do pano verde, e submeti-a à apreciação do mestre. Nessa ocasião assumi o ar mais angélico de complexo de inferioridade de que já fui capaz na vida, e esperei o resultado.

O gênio, entortando a cabeça para a direita, numa bela simbolização de sábio sacrificado, toma de um lápis e começa a derrubada. A' medida que corrigia, falava, como se estivesse pensando alto: “frase incompleta,” “pontuação forçada,” “pouca clareza,” “sentido dúbio,” “êro de concordância . . .” e daí por diante. Tirei então, da pasta, o compêndio de onde havia copiado a página fatídica e disse-lhe: “Mas, mestre, êste artigo não é meu. E' um trabalho de Ruy Barbosa.” Não se deu por vencido, ainda, o meu genial mentor. Profere, então, esta sentença que o imortalizou no panteon do ridículo: “eu, sempre, achei êsse Ruy um grande mediocre!”

Perdi um amigo, é certo, mas ganhei um exemplar, e dos mais preciosos, para a minha coleção de Medalhinhas.

O mês de agosto tem datas de extraordinária relevância na história de Goiânia, o que vale dizer na história moderna de Goiás. Essas datas são de duas ordens distintas: de alegria e de sofrimento. Uma e outra engrandecendo extraordinariamente esta capital, que os homens, as cidades e nações só se podem engrandecer com o noviciado do sofrimento...

A 2 de agosto de 1935, o sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, então nas funções de governador constitucional do Estado de Goiás, assinou o decreto número 327, contendo as mais valiosas e importantes disposições a respeito da nova cidade por ele construída no admirável altiplano do município de Campinas, a respeito do seu município, dos seus distritos e da sua comarca.

Nomeada a comissão de técnicos, escolhidos pelo decreto número 3804, de 18 de setembro de 1933, para escolher o local da nova cidade, esta desobrigou-se dessa importantíssima tarefa apresentando um valioso relatório e foi com apêlo neste que surgiu o decreto número 327.

Verdadeiramente, foi nesse dia, foi nesse 2 de agosto memorável que Goiânia começou a viver, que Goiânia iniciou a sua vida administrativa. Das dobras do decreto citado Goiânia saía com os seus direitos, com as suas prerrogativas, com os seus deveres e com as suas obrigações.

O MUNICÍPIO

O município de Goiânia foi formado dos municípios de Campinas e Hidrolândia e de territórios desmembrados dos municípios de Anápolis, Bela-Vista e Trindade. O município de Goiânia adquiriu os distritos de Campinas, Hidrolândia, São Sebastião do Ribeirão, São Geraldo e Aparecida. O distrito da sede ficou constituído dos territórios desmembrados de Bela-Vista e Anápolis e, mais, da área demarcada para a construção da nova capital.

A COMARCA

O decreto número 327 criou a comarca de Goiânia, com jurisdição sobre todo o território fixado por seu artigo 1º. Essa comarca foi classificada de primeira entrância e os seus termos eram os seguintes: Campinas, Hidrolândia e Trindade, este último anexado à nova comarca e dos dois primeiros desanexados das comarcas de Bela-Vista e Pousos-Alto, respectivamente.

O PRIMEIRO JUIZ

Encerrando a grande série de providências de ordem política, administrativa e judiciária que o referido decreto trazia, por seu artigo 8º foi nomeado o primeiro juiz de Goiânia. A nomeação recaiu no sr. dr. Heitor de Moraes Fleury, figura das mais salientes e representativas da magistratura goiana, com largo acervo de serviços prestados ao Estado, em várias oportunidades e nas mais im-

Goiânia

portantes incumbências. Essa nomeação causou geral agrado em todas as rodas.

A CRISE DE 1936

Quando se ultimavam os preparativos para a mudança da capital, para o seu estabelecimento definitivo na nova cidade do município de Campinas, surgiram os primeiros embargos de ordem política.

O projeto de lei número 1, disposto sobre essa mudança, emperrara na Assembléia Legislativa. Surgiam reiterados pedidos de informações a respeito da construção da nova cidade e os adversários da mudança empregavam todos os meios no sentido de procrastinar a efetivação da medida.

As manobras, nesse sentido postas em curso possuíam extensão latifundiária. Iam a todos os setores e chegaram, mesmo, a cassar mandatos de preeminentes representantes do povo, com assento naquela casa. Dentre os deputados que, nessa época, sofreram consequências por desejarem a mudança da capital, não fica mal lembrar os nomes dos srs. drs. Taciano de Melo, vice-presidente da Assembléia; Guilherme de Almeida, líder da maioria, e Vasco dos Reis Gonçalves.

Por último, para protelar a mudança, a Câmara decidiu que se enviasse a Goiânia uma comissão para verificar, "in loco", as condições da nova cidade, se esta podia receber as novas repartições do governo e acomodar autoridades e funcionários.

A 21 de agosto, finalmente, a grande crise estala em toda a sua plenitude. Três deputados da maioria, dentre os quais o próprio presidente da Assembléia, bandeiam-se para a oposição, deixando o governo nas mesmas condições de alguns governos dos Estados do Norte do Brasil, contra os quais, em situação idêntica, se tinha realizado a medida política de deposição, na época denominada "empeachment".

Nessa altura dos destinos de Goiás é que o sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, que tanta fortaleza havia demonstrado em outras épocas, revelou-se o homem de ação, capaz de enfrentar, de ânimo impávido, as situações mais temerosas e mais preagas. Com um destemor magnífico, encarou ele de frente a tempestade, fazendo questão de declarar, de maneira a não deixar qualquer dúvida a respeito, que não transigia com decaídos, que não negociava com transfugas, que não aceitava concha-

vos e concordatas com adversários da mudança da capital, "que só Deus o poderia fazer mudar de atitude".

A 26 de agosto de 1936, em pleno referer da crise, a colônia mineira domiciliada em Goiânia e Campinas, promoveu uma grande manifestação ao governador de Goiás e ele teve ensejo de ouvir de todos os oradores a afirmação de que todos os que ali estavam punham ao seu dispor tudo quanto neles era bravura e energia para que o seu ideal não percesse, para que a nova capital fosse uma realidade, para que os manejos e manobras de aventureiros não embaraçassem essa medida transformadora do ambiente político e renovadora da vida de Goiás.

A 30 de agosto, finalmente, a crise estava conjurada. Nesse dia, o sr. dr. Pedro Ludovico, com aquela bravura e com aquela franqueza que tanto o caracterizam, mandou aos deputados da situação uma carta decisiva, dizendo textualmente: **para vossa orientação, declaro-vos que repilo qualquer acôrdo com a oposição.**

Depois foi o triunfo. Mudou-se a capital e Goiânia, vitoriosa entre as grandes idéias do Brasil, cresceu, cresceu até o ponto de se transformar em uma das mais progressistas capitais estaduais do Brasil.

Dessa crise, hoje integrada entre os acontecimentos relevantes da história de Goiânia, o que vale dizer da história moderna de Goiás, se nos lembramos é, apenas, para desse passado atormentado tirar conclusões e ensinamentos úteis ao presente e úteis ao futuro de Goiás. E se desse passado, que é de ontem e que não pode ser esquecido, nos lembramos aqui, é para mais admirar esse homem magnânimo na paz e forte na tormenta, que soube, entre perigos e ameaças, na dor e no sofrimento, com sacrifício de seus afetos mais delicados, transformar em realidade um grande ideal de paz, de concórdia e de felicidade para Goiás. Sim, porque a felicidade de Goiás só começou em Goiânia...

QUERER reviver um parlamento composto, em sua maioria, de gozadores do regime e de "Mamães me levam" como assim era o nosso Congresso indígena, à semelhança dos demais congêneres, é querer entregar o Brasil à sanha insaciável e cúpida dos partidários políticos. É querer vender o Brasil aos magnatas da alta plutocracia alienígena que, quasi sempre, tiveram como intermediários de suas negociações, anti-brasileiras, a encartolados senadores e conspícuos deputados. Tte. Cel. **CORREIA LIMA.**

O mundo vai sempre para frente

“Le monde sera socialiste ou sera chrétien; il ne sera pas libéral” — Louis Veillot) — (“Vivemos mesmo um momento em que tudo quanto há de maior como esperança de futuro, decisão de um impasse, como realização de um grande sonho, abertura de um horizonte novo, está como que a depender diretamente da harmonia entre Cristo e César — entre êsse Cristo e êsse César que, a-pesar-de todos os golpes e de tôdas as traições, se reerguem violentamente no mundo saqueado dos séculos XIX e XX diante dos nossos olhos quasi de incrédulos, como as únicas forças realmente verdadeiras, realmente eternas” — Otávio de Faria).

Paulo Augusto de Aguiar

Esta, como tôdas as outras, é uma guerra do homem em busca de um mundo melhor. De um mundo que talvez não alcancemos nunca, mas que, ao fim de cada guerra, se nos apresenta cada vez mais próximo.

Mas: que mundo melhor será êsse por que lutamos?

E' fato que não se pode prever, com precisão, o dia de amanhã, embora alguns homens hajam existido que anteviram coisas do futuro. Todavia, se não se pode antecipar “como será” o mundo de amanhã, estamos em que se pode, pelo menos, prever “como não será” êsse mundo. E' que — já o observou Ortega y Gasset — do que hoje se começa a pensar depende o que se irá fazer amanhã. E, se uma verdade presente pode constituir um erro futuro, um erro vivido é um erro vencido. Ademais, o pensamento não é algo que se pode isolar no presente, como um corpo químico num tubo de ensaio, porém, uma coisa orgânica, que tem suas raízes, suas leis próprias, sua história, sua lógica, suas consequências necessárias, e que se impõe, sempre, conquanto circunstâncias espaciais e temporais diferenciadas condicionem a sua “aparição”, diversificando-lhe as formas por que êle se manifesta na história.

—:—

Uma coisa é certa: o mundo de amanhã não será igual ao de hoje e muito menos ao do passado. O que acabou, acabou. Os sistemas políticos que completaram o seu ciclo estão definitivamente encerrados. Nasceram, floresceram e decaíram, de acôrdo com as necessidades históricas de sua época. Em novo momento histórico não mais encontrariam êles ambiência: seriam como um corpo extranho, que o mundo repeliaria. De maneira que é ingenuidade de alguns o imaginarem possam sobreviver, na ordem social futura, tipos de civilização que já caducaram.

E' verdade que todo sistema político, desde as organizações tribais aos mais evoluídos de nossa era, tem sua dose de legitimidade, seus elementos perenes, seus valores indiscutíveis. E o “abstractum” humano profundo de tôda ideologia, — o desejo humano de felicidade, êste, potencialmente, esteve vivo no passado, está vivo no presente e o estará no porvir, em tôda tentativa sincera de uma justa ordenação da existência social. Apenas exigirá, para se espelhar em termos concretos, de — digamos, novas “bases físicas”, ou seja, novas estruturas econômicas, políticas e sociais, eis que, as até agora conhecidas, não foram capazes de o efetivar.

—:—

Estão, portanto, tácitamente excluídos, das cogitações reformistas do após guerra, os sistemas políticos já experimentados pelos povos. Só porque são doutrinas do passado? — Não; o passado, em si, não é um processo de invalidação de teorias; a verdade transcende o tempo e o espaço. Tais sistemas não ser-

viram no passado, não servem no presente, nem servirão no futuro, porque demonstraram-se ambientes inadequados à possibilitação de uma existência social autêntica, isto é, não contêm aqueles elementos de que os homens necessitam para tentarem, com probabilidades de êxito, a plenitude — motivo humano supremo da vida.

Sim; o homem quer a liberdade, e ser livre é ser pleno, mas o homem não pode, naqueles regimes, expandir-se no sentido da perfeição, visto que, no liberal, faz-se abstração da pessoa humana, e, nos totalitários, é a pessoa humana aniquilada, pois que escravizada ao Estado ou à Máquina, — a mitos, a valores relativos, quando só o absoluto lhe pode medir a grandeza e mantê-la em sua dignidade essencial, do mesmo passo que lhe assina a meta a atingir.

Dessarte, o de que não resta dúvida é que os remédios políticos liberal e totalitários, por ineficazes, não serão receitados mais para curar êsse eterno enfermo que é o mundo.

—:—

Tentar renovar, então, aqueles outros tipos antigos de civilização? — Seria absurdo.

Cada idade tem as suas exigências próprias, e a idade do mundo moderno reclama uma civilização nova, diferente, como nunca houve e que também passará, um dia.

—:—

O Bem e o Mal são, em si, valores absolutos. Pode suceder, entretanto, que o Bem, muita vez, se revista de forma aparentemente má, o que resulta na condenação do Bem, por incompreensão; como pode ainda acontecer que o Mal se enfeite de roupagens enganadoras, capazes de nos fazer confundí-lo com o Bem.

Temos visto que homens, hoje excomungados por uma nação, são amanhã glorificados, e vice-versa; que leis “boas” produzem maus efeitos e leis tidas como “ruins” redundam úteis; que gestos, num momento renegados, são louvados mais tarde. E assim por diante. Temos visto, mais, que o que faz a grandeza de um povo não satisfaz a outro, donde a diferença, às vezes enorme, entre civilizações igualmente notáveis.

Visa, esta divagação aparentemente despropositada a recordar que o “bem universal” é uno, sim, porém, só se realiza através do bem “nacional” e êste é um conceito relativo, variável de povo a povo. E se, no desdobramento dêsse raciocínio, chegarmos a compreender que o que é um bem para o povo “X” pode ser um mal para o povo “Z”, concluiremos que também o mal, em política, é um conceito particular, nacional, relativo.

—:—

Um mundo novo aí vem. Inevitável. E temos, todos, a esperança de que vem para dar aos homens

um pouco mais daquilo por que êles sempre se bate-ram: a felicidade.

Ora, se há um princípio político indiscutível é o de que, no âmbito das coisas temporais, de ordem política, só se pode possibilitar aos homens a felicidade dentro do equilíbrio desses dois termos: autoridade e liberdade. Na maneira de conciliar os dois elementos políticos essenciais está o segredo da melhoria da vida social.

Cristo e César são, ainda, os polos a se atingir, e talvez o sejam para todo o sempre. Cristo: a liberdade; César: a autoridade. Se pretendemos conseguir alguma coisa de bom e duradouro, no após guerra, temos de começar por colocar aí, nessa integração dos dois valores — autoridade e liberdade — a condição primeira de uma ordem existencial verdadeiramente humana.

César — a Força autêntica, a serviço de Cristo — a Liberdade autêntica. E' aí, no acôrdo afetivo e inteligente de Cristo e César que está, ao nosso ver, a chave para a solução dos conflitos sociais. Se chegarmos a êsse César e, através dêle, a Cristo, o mundo viverá em ordem e mais feliz.

Consequência da contenda atual, cremos, será — se exatas as nossas considerações — uma harmonização do internacional com o nacional. Ao que parece, o Estado futuro deverá ser mais humano, e, por isso mesmo, mais nacional.

Humano em Cristo; nacional em César.

Cristo exprimindo o que há de universal em todos os povos; César exprimindo o que há de típico e irredutível — de "nacional" (sem a consideração do que será impossível a humanização dos Estados) — em cada povo.

César, como uma ordem menor, realizando a ordem maior de Cristo e nesta ordem se realizando. César pluralizado, para, de conformidade com as posições temporais e espaciais de cada nacionalidade, poder efetivar a Cristo, levando-o ao coração de todos os povos, que em Cristo se compreendem e se irmanam.

Em suma: Cristo se fazendo valer "também" na terra, pela espada de César. Ou seja: César, "como"

César, tentando a realização de Cristo.

Aí, a essência. E os processos?

O principal é o fim, e o fim está na Justiça, na Liberdade, no Amor. Quanto aos meios de se atingir êsse fim, cada povo se utilizará do que mais se ajustar à sua índole e às condições especiais de sua existência.

O mundo é um só, realmente. Contudo, cada nação também é uma só e ela só. O que é preciso é "sentir" em cada povo uma parcela viva da humanidade, e assim considerar todos os povos, com o que se humanizariam as nações e os homens se compreenderiam e se amariam.

Todos os homens se confundem em Cristo. O de que "necessita" um, necessitam todos. Agora, para satisfazer as necessidades do homem que vive na Rússia tem o governo russo de agir de modo "diferente" do por que têm de agir os governos inglês, brasileiro ou paraguaio para satisfazerem as necessidades dos homens que vivem na Inglaterra, no Brasil ou no Paraguai.

A geografia, por um lado; a economia, a étnia, a história, etc., por outro, dão feições "pessoais" às nacionalidades, e estas, como os indivíduos, hão, consequentemente, de se servir de processos diversos, para alcançarem o mesmo fim que tôdas objetivam. Roma atingiu ao esplendor de sua civilização através de uma ordem muito diferente da por que chegou ao apogeu a civilização helênica. Se foi como uma monarquia que a Inglaterra se tornou uma potência, foi como república que os Estados-Unidos se altearam ao invejável nível em que se encontram.

Assim, é inegável que a "forma" política das nações é assunto da competência exclusiva de cada uma. Cada povo se organizará politicamente, no após guerra, da maneira mais aconselhada pelo seu temperamento, pela sua história, pelas condições do seu "habitat". Mas nenhum povo poderá, sob pena de cair num abismo, deixar de se fortalecer em César, então mais necessário do que nunca. De se fortalecer em César para poder se realizar em Cristo, em que, parece, todos os povos se aproximarão. Cristo sem César a seu serviço não se realizará "nesta" vida, e a outra... é objeto de religião, não de política. E é a realização de Cristo "na terra" o ideal maior da humanidade.

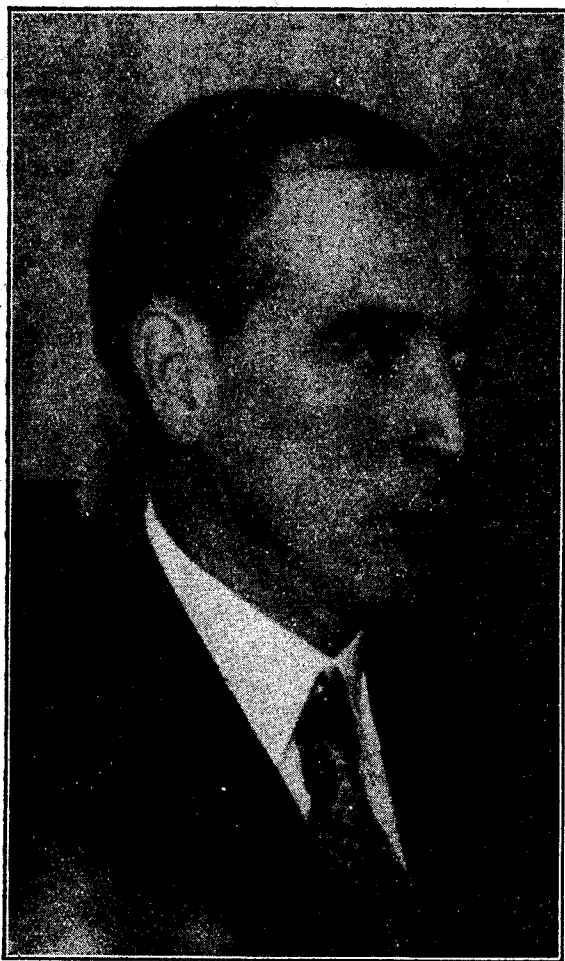
Serra Dourada



Nas suas mordidas sobre a rocha, o vento realiza erosões caprichosas. Nas grandes massas de micaxisto da Serra Dourada, os ventos desajustados rasgaram as rochas, dando-lhes configurações bizarras, capazes de despertar a imaginação para viagens sedutoras de sonhos. Nesta fotografia vemos admiráveis aspectos da linda serra do município de Goiaz.

POLITICA ESTADUAL

Organização Estatística de Goiás



INTERVENTOR PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA

Prosseguindo no desenvolvimento da parte do seu programa de focalizar o encaminhamento da obra administrativa do Interventor Pedro Ludovico Teixeira, através de uma análise pública das atividades de seus variados setores, OESTE procurou, desta vez, entrevistar-se com o sr. Frederico de Medeiros, presidente da Junta Executiva Regional e diretor do nosso Departamento Estadual de Estatística, moço inteligente e culto, de grande capacidade de trabalho, e que vem prestando relevantes serviços ao governo.

Depois de congratular-se vivamente conosco pela iniciativa dessas publicações, que classificou de inteligente e construtiva, disse o nosso entrevistado preferir responder em conjunto as perguntas que lhe formulamos, dada a complexidade do assunto. E forneceu-nos o seguinte:

"A Organização Estatística de Goiás compreende a Junta Executiva Regional, órgão do Conselho Nacional de Estatística, com funções deliberativas e coordenadoras do assunto no Estado, o Departamento Estadual de Estatística, aparelho propriamente executor, e as Agências Municipais, repartições essencialmente coletoras. Encontra-se a mesma perfeitamente entrosada no grande Sistema Estatístico Nacional, que é superintendido pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística e se movimenta impulsionado pela admirável e já vitoriosa política de cooperação inter-administrativa, dirigida no sentido alevantado e patriótico de dotar o Brasil das estatísticas perfeitas e atualizadas que precisa ter.

Quanto ao nosso Estado, como a sua própria história, a estatística pode, de um modo geral, ser dividida em dois períodos — o de antes e o de depois de 1930.

A primeira fase é representada por tentativas e fatos isolados, sem se conseguir qualquer organização sobre o assunto.

Conforme já tive ocasião de referir, em trabalho que o I.B.G.E. espontaneamente fez publicar em fascículo, o ano de 1930 representa para a história goiana um marco a assinalar o início de uma era de trabalhos e realizações. O grande Estado central, até então entregue a criminoso abandono, recebeu um poderoso impulso, movimentando-se tôdas as suas forças, numa verdadeira eclosão de energias. O governo idealista e patriótico que nos legara a revolução de 30, se propôs a responsabilidade histórica de integrar o Estado no ritmo evolutivo das demais Unidades Políticas, revitalizando as suas forças e imprimindo-lhe um desenvolvimento conjunto,

SR. FREDERICO DE MEDEIROS,
Diretor do Departamento
Estadual de Estatística

com a intensidade necessária a que se ressarcisse o atrazo secular em que jazia. Esse objetivo, já não é novidade para o Brasil inteiro, está sendo conseguido através de uma administração criteriosa, inteligente e racional.

E a um administrador assim, bem intencionado e cômico de sua responsabilidade, não poderiam faltar boas estatísticas, elemento básico auxiliar de qualquer administração. Resulta daí o carinho com que passaram a ser tratados os assuntos estatísticos em Goiás, cabendo ao governo do Interventor Pedro Ludovico Teixeira a tarefa imensa de sanar um dos maiores êrros das administrações passadas, completamente à míngua de uma organização que positivasse em algarismos as realidades da vida goiana, assegurando aos seus dirigentes o conhecimento exato das necessidades regionais, a-fim-de que pudessem acorrer, quanto antes, com a assistência reclamada pelos interesses da comunidade.

Desde então, se iniciou uma série

ininterrupta de atos legislativos tendentes à formação de nossa estatística regional, atos esses que culminaram com os decretos-leis de ns. 1.151, de 8-10-938, e 2.335, de 7-8-939, respectivamente criando o Departamento de Estatística Geral, hoje Departamento Estadual de Estatística, e determinando a criação de uma Agência de Estatística em cada município, providências que se convergiram para a formação definitiva da Organização Estatística de Goiaz, que então se fundara e continua a receber do nosso governo todo apóio e auxílio de que carece. Ainda agora, vêm de ser baixados os decretos-leis ns. 85, 86 e 87, instituindo medidas da mais elevada importância, assecuratórias da prossecução satisfatória dos pesados encargos a ela atribuídos.

Manda a justiça que também se exalte o procedimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para com a estatística de Goiaz. Essa entidade, a que nos filiamos, como sistema regional, e da qual recebemos não só orientação técnica, como auxílio financeiro e constante apóio moral, tem-se revelado pródiga em benefícios e atenções para com o nosso Departamento, estendendo-os ao próprio Estado, pois é do conhecimento de todos o que foi a sua atuação no Batismo Cultural de Goiânia e muitas são já as outras demonstrações que tem dado de interesse e carinho pelas cousas de Goiaz.

Dizer das atribuições do nosso Departamento é lembrar que lhe compete fazer a estatística geral do Estado que pode dividir-se, para facilidade de compreensão, em duas partes, mais ou menos distintas.

A primeira é de executar, em Goiaz, o plano do I. B. G. E., delineado para o levantamento anual da estatística brasileira. Para isso, recebemos daquela entidade, por intermédio das diretorias de estatística dos vários Ministérios, um acervo imenso e complexo de trabalhos a preparar. O resultado de tudo isso, se condensa nas tabelas numéricas do "Anuário Estatístico do Brasil", de que se destaca uma separata, em grosso volume, referente ao nosso Estado.

A outra parte diz respeito aos levantamentos de iniciativa regional, tendentes a aparelhar o Departamento com os elementos de que necessita para cooperar com a administração estadual e tornar conhecidas as riquezas e atividades do Estado, através de publicações periódicas que divulguem todos os aspectos de sua vida social, política, econômica e financeira.

A primeira parte vai sendo cumprida, enquanto que a segunda deixa ainda alguma coisa a desejar. Entretanto, assim se produzem os efeitos decorrentes das medidas integrantes das recentes leis votadas pelo governo, estará o Departamento Estadual de Estatística em condições de iniciar um programa de trabalho

que lhe permita atingir a mais completa eficiência possível".

—:—

Para nos dar uma idéia do que se passa atualmente no Departamento Estadual de Estatística, o sr. Frederico de Medeiros forneceu-nos um resumo da exposição por ele feita à Junta Executiva Regional, em sua reunião realizada a 20 do mês p. passado, e que passamos a transcrever:

"Senhores Membros:

Esta Junta é um órgão do Conselho Nacional de Estatística, encarregado de superintender e controlar os serviços estatísticos no Estado. E, sendo esta a sua primeira reunião em que figuro como responsável pelo nosso Departamento Estadual de Estatística, julgo de meu dever cientificar-vos do que se fez, desde minha nomeação, a 1º de abril último, até a presente data.

Inicialmente tenho de me referir sobre o que de mais importante se deu nesse período. Como decorrência da própria natureza dos trabalhos afetos ao Departamento, que tendem a cada vez mais se ampliar, e de fatores outros como a insuficiência do corpo de pessoal e o constante desligamento de funcionários já especializados para outros setores da administração, estava o nosso Departamento a atravessar situação bastante difícil.

Como um dos mais antigos funcionários da casa, tendo passado por todos os postos da hierarquia interna deste órgão, ao ser distinguido pelo governo estadual para dirigi-lo, no mesmo momento da nomeação levei essa situação ao conhecimento do senhor Interventor Federal, a quem solicitei permissão para pedir o auxílio direto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a fim de procurar solucionar todos os problemas.

Apoiando sua excelência integralmente minhas sugestões, entrei em entendimento com o dr. Teixeira de Freitas, secretário geral daquela entidade, que imediatamente destacou um de seus mais competentes técnicos, o sr. Rubem Gueiros, que se achava a serviço na Baía, para vir a esta capital, para juntos estudarmos o assunto, sugerindo as medidas necessárias ao governo estadual.

O que resultou dessas providências, é o que se encontra nos decretos-leis ns. 85, 86 e 87, de 17 do corrente mês, que vêm de ser baixados pela Interventoria Federal, depois de ouvidos os órgãos competentes. Essas leis já são do conhecimento de todos e representam, no momento, uma das maiores conquistas da Estatística, embora os seus efeitos só se farão sentir de maneira positiva, dentro de um período mais ou menos longo.

Além do exposto, cumpre-me referir ligeiramente às outras seguintes providências tomadas pelo Departamento no mesmo período:

I — Intensa campanha junto às prefeituras e agências municipais, no sentido de atualizar o serviço do interior, que se achava em considerável atraso. Nesse particular ainda se destaca, mais uma vez, o apóio do senhor Interventor Federal, que distribuiu incisiva circular, sobre o assunto, aos senhores prefeitos municipais.

II — Com o auxílio direto e indispensável da Diretoria Geral da Fazenda, conseguiu normalizar a estatística de exportação estadual, que esteve em vias de sofrer solução de continuidade na sua execução, em virtude da abolição do respectivo imposto.

III — Está normalizando os levantamentos de Bio-Estatística que, devendo ser executado conjuntamente pela Saúde Pública do Estado e pelo Departamento de Estatística, encontrava-se em lamentável estado a parte do interior, em virtude desse último órgão haver, há quasi dois anos, interrompido a coleta dos respectivos elementos.

IV — Com o intuito de cooperar com a administração de serviço público estadual, organizou e distribuiu com os interessados um comunicado contendo a relação mais completa possível das repartições federais, estaduais, municipais e autárquicas, com os seus respectivos titulares, existentes no Estado.

V — A fim de dar cumprimento a um de seus dispositivos regulamentares, e concorrer para que o serviço estatístico regional se torne particularmente mais útil a Goiaz, vai iniciar a publicação regular de um Boletim mensal, que divulgará resultados estatísticos e fará propaganda econômica do Estado. Para isso, já conseguiu autorização do DIP e verba necessária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O primeiro número do "Boletim Estatístico de Goiaz" deverá circular ainda este mês.

VI — Está em vias de conclusão o trabalho "Localidades Goianas", publicação que trará, em ordem alfabética e por localização em comarca, município e distrito, todas as localidades existentes no Estado, inclusive os povoados, sobre o que, até o momento, nada ainda fôra publicado. Os originais para esse fascículo deverão ser remetidos à oficina impressora ainda este mês.

VII — Designado pelo senhor Interventor Federal, por sugestão do I. B. G. E., para preparar a contribuição goiana, em gráficos sobre aspectos relacionados com a geografia humana, ao X Congresso Brasileiro de Geografia a reunir-se na Capital da República, em agosto próximo, o Departamento selecionou cuidadosamente os assuntos, colheu os elementos, reduziu-os aos cálculos técnicos, entregando-os, para execução dos diagramas, ao corpo de cartógrafos do Departamento de Geografia e Cadastro, cedido por gentileza do seu diretor, o dr. Humberto Ludovico de Almeida, por estar o qua-

O bicentenário do nascimento de Tomaz Antônio Gonzaga

dro do pessoal do D.E.E. desfalca-do desses profissionais. Esse trabalho deverá estar concluído para seguir, na próxima segunda-feira, para o Rio-de-Janeiro, por via aérea.

VIII — Todos os demais serviços regulares do Departamento vão correndo normalmente, a-pesar-de alguns deles ainda se encontrarem um tanto atrasados. Entretanto, tem-se continuado com o maior esforço possível no sentido de atualizá-los.

IX — O fator principal que concorre para o atraso do serviço do interior é a situação de mendicância de informações em que ficam os respectivos órgãos municipais. Para por cõbro a essa situação o Departamento fez distribuir uma circular aos agentes municipais, contendo minuciosas instruções sobre a aplicação das penalidades constantes em lei aos refratários à prestação de informes para fins estatísticos.

X — Na parte relativa à organização interna da repartição foi feito o seguinte: reforma geral de todos os móveis, com o auxílio financeiro do Instituto; separação em salas distintas do serviço administrativo do próprio técnico, estando o Serviço de Estatística Policial e Judiciária-Criminal já devidamente instalado e em funcionamento; catalogação de todos os livros existentes para formação da biblioteca que, ainda este mês, contará com estantes de vidro perfeitamente aparelhadas.

São estas as explicações que achei de meu dever fornecer à Junta Executiva Regional.

Nesta reunião, serão também submetidas à sua apreciação as contas que justificam a aplicação da 1ª quota do auxílio do Instituto para o corrente ano. A comissão previamente designada já formulou o seu parecer, que será aqui julgado. Em seguida, apresentarei para julgamento a resolução de aprovação dessas contas, assim como uma outra dispoendo sobre a aplicação da 2ª quota.

Além dessas, o Departamento submete à apreciação da Junta uma resolução expressando o seu reconhecimento ao governo estadual pelo apóio dispensado à Estatística em Goiaz, assim como propõe, na presente reunião, dois votos a serem consignados em ata.

O primeiro voto é do mais profundo reconhecimento da Junta ao dr. Antônio Queiroz Barreto, pelo elevado desvelo com que soube cercar o Serviço de Estatística Policial e Judiciária-Criminal, que até o dia 18 do corrente vinha funcionando junto à Chefatura de Polícia, importante órgão da pública administração goiana, que s. excia. vem dirigindo de maneira invulgar, e pela relevante colaboração prestada ao Departamento Estadual de Estatística no encaminhamento das providências que resultaram na publicação das recentes leis já referidas.

O outro voto é também de reconhecimento e congratulações da

Entre as efemérides do mês coloca-se, em posição de relêvo, a comemorativa, a 11 de agosto, do nascimento de Tomaz Antônio Gonzaga, ocorrido na cidade de Pôrto, em 1744.

Célebre como poeta e pela sua participação na Inconfidência Mineira, Gonzaga, se bem que português de origem, é considerado como um verdadeiro brasileiro, sendo, mesmo, patrono de uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, justamente a ocupada pelo seu mais brilhante membro:— o Presidente Getúlio Vargas.

Era Gonzaga filho de um brasileiro e de uma portuguesa, de origem inglesa. Estudou leis em Coimbra, por cuja Universidade colou grau. Exerceu diversos cargos na magistratura luzitana e foi Ouvidor em Vila-Rica. Mais tarde, foi nomeado desembargador do Tribunal de Relação da Baía, não chegando a assumir o importante posto, visto que, desejoso de consorciar-se com a sua Marília, foi protelando a viagem, e, nesse ínterim, descobriram a Conspiração Mineira, em que foi envolvido, pelo que foi condenado ao exílio. Cumpriu a pena em Moçambique, onde ainda desempenhou importantes funções públicas e exerceu a advocacia.

Acêrca de sua responsabilidade no movimento inconfidente, negou-a êle, formalmente, e o exculpam Varnhagem, Pôrto Seguro e o próprio Tiradentes. A verdade, no entanto, é que a Corôa não julgou boas as suas alegações, degredando-o.

Gonzaga fôra noivo, em Vila-Rica, de dona Maria Dorotêa de Seixas Brandão, a famosa Marília de seus cantos, a quem êle amou perdidamente. A ela propôs êle casamento, da prisão, mas, o recusando ela, casou-se Gonzaga em Moçambique, com a filha de Alexandre Mascarenhas, a qual o assistira com desvelo, quando estivera êle gravemente enfermo.

A obra máxima de Gonzaga é "Marília de Dirceu", livro que, depois dos "Luziadas", é o que tem mais edições em língua portuguesa (34), e que foi vertido para seis idiomas.

Há quem atribua a Gonzaga a autoria das "Cartas chilenas", entre êles José Veríssimo, embora a maio-

ria dos estudiosos opte por Cláudio Manoel da Costa.

Escreveu, também, uma "Carta" sobre a usura e deixou inéditas inúmeras poesias.

Manuel Bandeira, criticando a obra de Gonzaga, assim se exprime: "Embora sejam encontradiços na maioria das suas líras os recursos estafados da poesia arcádica, como sejam os fingimentos pastoris e as alusões mitológicas, há em muitas delas um tom de ingénua simplicidade que as coloca acima da produção dos árcades de Portugal", acrescentando, a respeito de "Marília de Dirceu":—"Nessa líra o poeta esqueceu a paisagem européia, os pastores, os vinhos, o azeite, as brancas ovelhas, Cupido, e a sua poesia reflete com formosura a natureza e a vida brasileira expressas nos termos da terra — "cêrcos", "bateia", "capoeiras". E expressas com um fino gôsto que não tiveram em suas tentativas canhestras os precusores Botelho de Oliveira e Santa Maria Itaparica".

Fagundes Varela

Na história da poesia brasileira, Fagundes Varela, nascido a 17 de Agosto de 1841, ocupa um lugar de destaque.

Há, em Varela, muito de Gonçalves Dias, de Álvares Azevedo, de Castro Alves e Tobias Barreto, cuja influência se faz sentir em sua obra. que está, assim, tôda repassada de tonalidades byronianas, de tintas indianistas, de matices condoreiros. Isso, contudo, não tira ao poeta o seu cunho pessoal, aliás bem pronunciado. Foi, mesmo, Fagundes Varela, como poeta lírico e descritivo, um dos maiores que já tivemos. Sua poesia é variada e rica: "Há em sua obra — escreve o cantor de "Tôda América" — inspirações de tôda ordem, da alma e da natureza, da vida rústica e civilizada, da fantasia e da realidade, do mundo fictício e presente", sendo que, ajunta o saudoso crítico, "seu gênio se casa ao dos mais famosos poetas modernos e, até contemporâneos, do Brasil".

Fagundes Varela faleceu em Niterói, em 1875, deixando, entre outras, os seguintes livros: "O Evangelho nas Selvas" (de fundo indianista); "O Estandarte Auriverde" (de intenção social); "Cantico do Calvário" (um dos mais sentidos poemas da nossa literatura e que foi inspirado na perda de um filho), "Noturnas", "Vozes da América", "Cantos Meridionais", "Contos do Êrmo e da Cidade", além de artigos, poemas e cantos, esparsos por diversos jornais e revistas.

Junta ao sr. Antônio Juruena Di Guimarães, pelos serviços por êle prestados à Estatística de Goiaz, durante sua gestão de mais de ano à frente do Departamento Estadual de Estatística, sendo esta a primeira reunião da Junta, depois de seu afastamento".

REVISTAS EM REVISTA

"TODO ESTADO REAL É NACIONAL" — Paulo Augusto de Figueiredo — "Oeste" - Ano III - Núm. 17

O sr. João Camilo de Oliveira Tórres é uma das mais sérias vocações filosóficas da moderna geração intelectual brasileira. Um desses valores humanos com que contamos, tem êle se dedicado a estudos que, infelizmente, não são ainda considerados como deviam, aqui no Brasil, onde ainda se lê pouco e mal. Possuidor de uma cultura sólida e bem formada e de uma inteligência esclarecida e penetrante, João Camilo de Oliveira Tórres, há pouco, publicou um trabalho profundo sobre o "Positivismo no Brasil", obra que bastou para o consagrar, tendo sido as mais encomiásticas as palavras com que os nossos grandes críticos a ela se referiram.

De vez em quando as questões fundamentais da filosofia política são discutidas aqui neste vago recanto do mundo. Assim, o sr. Paulo Augusto de Figueiredo, que na revista dos goianos, "Oeste", publica um ensaio dotado de excelentes qualidades e defendendo pontos de vista perfeitamente aceitáveis. A tese fundamental do artigo é a íntima e indissolúvel ligação entre Estado e nação. Um Estado somente pode subsistir se é a organização política de uma nação, uma nação somente existe se está organizada por um Estado. A nação é o elemento material, o Estado é o elemento formal. O melhor, talvez, seria: o povo é o elemento material, o Estado o formal e a nação o ser completo. Defendendo a sua tese, mostra o fracasso de Estados multinacionais, como o Império Austro-Húngaro (que não obstante possuía a sua razão de ser, pois, a sua falta muito contribuiu para a guerra actual . . .) e o fato de organismos nacionais se unirem em Estados únicos. Em geral, como disse, o artigo defende pontos de vista certos e oportunos, pois lembra a necessidade de não tentarem criações políticas artificiais. É o famoso princípio das nacionalidades (que consiste em dar às nações governos que lhe são legítimos e normais) que em geral foi aplicado pelo Congresso de Viena e com excelentes resultados; os fracassos desta famosa reunião vieram dos casos em que esse princípio não foi aplicado (Polónia, por exemplo). Isto se resume (de acôrdo com as observações e estudos em geral bem feitos do sr. Paulo Augusto de Figueiredo) no seguinte: cada nação (isto é, o conjunto de pessoas concientes dum passado polí-

J. Camilo de Oliveira Tórres

Anuncia, agora, o vitorioso ensaista, um novo livro: — "O homem e a Montanha".

Além disso, João Camilo de Oliveira Tórres é colaborador assíduo dos nossos melhores jornais e das nossas melhores revistas. Mantém, em "O Diário", de Belo-Horizonte, uma secção de crítica — "Revistas em revista", onde examina, semanalmente, os trabalhos de maior interesse e atualidade publicados nos vários magazines do país. Na edição de 22 de julho, daquele jornal, analisou os seguintes artigos: "Meister Eckhardt e Martin Heidegger", de Isidoro Flaumbam,

tico vivido em comum) deve ser organizada em um Estado; cada Estado não pode ser sinão uma nação. Evidentemente que a comunidade de língua, raça, religião, etc., entram na composição da nacionalidade; esta, porém, é anterior e as comprime numa forma única. A nacionalidade é a consciência de um passado político vivido em comum e, geralmente, êste fato leva à formação de uma língua única, de uma raça única e à adoção de uma religião comum. Ao contrário do que parece dar entender o articulista, a Suíça é uma nação e uma das nações mais nitidamente caracterizadas da Europa: cidadão de Genebra fala francês, mas nada tem de comum com um francês e tem tudo de comum com um cidadão de Friburgo. A unidade racial, linguística, etc., de muitos países da Europa é fato posterior à sua constituição política. Além disto temos casos como os da Argenti-

publicado in "Mineira", nº 1; "The limits of Meaning", de Norman Delkey, publicado in "Philosophy and phenomenological research", Vol. IV, nº 3; "Irmãos", de Tristão de Ataíde, publicado in "O Jornal", 16-VII-44; "Em busca da linguagem própria", de Carlos Drummond de Andrade", in. "Revista do Brasil" — 16-VII-44; e "Todo Estado real é nacional", do nosso companheiro Paulo Augusto de Figueiredo, publicado nesta revista, número de Junho. É a sua apreciação sobre a produção do nosso colega de direção que aqui estampamos. Ela mostra o interesse que "Oeste" vai despertando em nossos círculos culturais, até onde vai fazendo valer-se o nome de Goiaz.

na e México (por exemplo) irmãos em tudo, mas nações rigorosamente estrangeiras, desde a Colónia, vindos de países que eram diferentes. Isto sem contar o caso da comunidade de Nações Britânicas, ligadas pelo laço comum de fidelidade à coroa. A propósito, convém recordar que as atuais nações europeias (e até certo ponto as americanas) nasceram do fato de um certo número de cidadãos e senhores feudais estarem ligados ao mesmo rei pelos laços da "fidelidade". Esta situação comum de terem o mesmo rei uniu a todos num destino comum. O caso francês é muito conhecido e dispensa exemplos. A Polónia e a Alemanha eletivas jamais se organizaram, vai como contra-prova.

(Transcrito de "O Diário", de Celo-Horizonte, ed. de 22-7-944).

BRASILEIROS desfibrados e insensíveis, argentários que já romperam o civismo e o caráter, plutocratas que só sentem a pátria pelos dividendos que lhes proporcionam ou pelas negociatas excusas que inadvertidamente lhes tolera, também trabalham, de mãos dadas com estrangeiros, na obra solapadora do nosso desmembramento nacional, porque só compreendem — pátria — pelas ressonâncias do bolso e pelas satisfações do estômago. Daí o plutocracismo estomocrático, vulgo liberalismo democrático — Tte. Cel. CORREIA LIMA.

O QUE interessa aos povos, hoje, é a experiência do poder e a vocação para o poder, que faz dos estadistas os verdadeiros intérpretes da consciência coletiva. Dir-se-ia que estamos muito mais próximos daquele ideal da República de Platão, baseada na escolha dos melhores, dos mais prudentes e dos mais experimentados para as funções de mando — como a melhor garantia da Justiça social, da paz, da ordem, do progresso e da verdadeira e sadia liberdade da pessoa humana — ALMIR DE ANDRADE.

A deposição do Marechal de Campo

Há, em nossa história, um largo trecho em que o espírito nacional, recebendo as últimas demãos de sua formação, se exhibe em manifestações, umas vezes revestidas de tintas negras e sombrias e, outras vezes, de claridade ofuscadoras e imortais.

Odrico Costa

deixava dúvidas sôbre os dias amarrissimos que o futuro lhes reservava. "Um príncipe mal aconselhado, trazido, ao princípio, por paixões violentas e desgraçados prejuízos anti-nacionais, cedeu à força da opinião pública, tão briosamente declarada,



D. PEDRO I — Quadro de Manoel de Araújo Porto Alegre

E' o atormentado período da Regência, de 1831 a 1840.

Deposto o primeiro imperador, instaurada a Regência provisória, o Brasil entrou em uma quadra, terrível de agitações e de revoltas, através das quais, não há negar, fortalecia vigorosamente a nacionalidade; que só na dôr e no sofrimento as nações, como os homens, podem se elevar.

Há um mundo de causas vigoran-

do em tôrno da abdicação. As causas mais ponderáveis, entretanto, foram os desmedidos êrros do imperador. O seu êrro maior, entretanto, segundo João Armitage, "foi não ter sabido mostrar-se inteiramente brasileiro". Dom Pedro foi brasileiro aos bocados, em pedaços, a prestações . . .

Em um manifesto, datado de 8 de abril de 1831, a Regência provisória dirigia-se aos brasileiros e não lhes

e reconheceu que não podia ser mais o imperador dos brasileiros". Depois de se alongar nas causas e efeitos da abdicação, o manifesto de 8 de abril terminava com estas palavras melancólicas: "Esse príncipe deixava o país que tão bem o recebera e nele deixava o flagelo da guerra civil em troca do trono que lhe demos".

Antônio Borges da Fonseca, um dos mais ardorosos panfletários dessa época, a 12 de abril, publicava um

manifesto pelo "O Repúblico", em que distribuía a granel, a respeito do fundador do império os adjetivos mais contundentes: pérfido, ingrato, traidor, rude, boçal . . .

A Regência, a que Euclides da Cunha denomina de ponto culminante de nossa história política, não passou, todavia, de uma "verdadeira quadra de experimentação republicana". O seu primeiro ato foi o de interpretar desejos coletivos: reintegrou o ministério deposto por dom Pedro no dia 5 de abril de 1831.

Mas, infelizmente, a Regência preocupou-se, em demasia, com a questão da independência dos poderes e de nacionalismo, não conseguindo "alçar-se à verdadeira significação doutrinária que ela encerrava".

A dissensão estalada entre a Regência e o Parlamento enche de tumultos todo o tempo de sua duração, ao ponto de transformá-la em um período de lutas, de motins, de conflitos, "durante o qual nosso país não teve um só dia de tranquilidade", e os resultados dessa fermentação exaltada foram tais que "a reação do povo brasileiro contra as pretensões do poder pessoal foi tão grande, que chegou a se extravasar cinco anos além daquele atormentado período". Um historiador brasileiro, analisando os acontecimentos desse tempo, não teve dúvidas em afirmar que a essência deles era uma afirmação de que o Brasil jamais se subordinaria a viver "sob qualquer forma de governo autocrático e pessoal".

A Regência, mais do que outra qualquer época de nossa história, foi a idade da sedimentação do espírito nacional, da luta formidável pela unidade brasileira, contra os fatores de desagregação que sinistramente pairavam em nossos horizontes e em nossos destinos. E essa unidade geográfica e espiritual, convém lembrar, foi feita sem a ajuda dos meios eficazes de consolidação econômica, e sobretudo, com a hostilidade dos meios políticos.

O panorama brasileiro nessa época, confrange. A opinião não tinha rumos certos, gatinhava, ainda. Havia dissídios por toda a parte. As prevenções históricas estavam aguçadas como punhais. Todos os ódios estavam despertados. Do mestiço contra o branco; do pobre contra o rico, dos escravos contra os senhores, dos nacionais contra os estrangeiros.

Nesse cenário, assim convulso, trabalhado por forças terríveis, os exaltados arremessavam na liça um programa surpreendente de brasilidade. Queriam federação absoluta, subordinando o governo central ao "placet" das províncias; expulsão dos estrangeiros, nacionalização do comércio retalhista, regionalização das forças armadas e, coroando esse programa, perseguição aos portugueses . . .

A dôr irmana os homens, é verdadeira sedição. Mas, mais forte do que a dôr, a ameaça do perigo é um pode-

roso cimento aglutinante. O problema político, encontrado pela Regência, agravou-se com a questão social. Os tremendos riscos que pairavam nos destinos de todos, enfraqueceram as manifestações idealistas. Esse risco comum, esse perigo de todos, esse temor generalizado pelo presente tenebroso e pelo amanhã incerto, foi que salvaram o Brasil da desagregação.

Nas províncias, a situação era profundamente caótica. As antigas prevenções, as animosidades do tempo da luta da independência reaceenderam-se ameaçadoramente. O nacionalismo surgiu, não como manifestação platônica de política, mas como paixão de rua, de multidão exacerbada. Os elementos suspeitos aos brasileiros, de fidelidade duvidosa, era submetidos a verdadeira caçada. "Nunca foi mais tremenda nem mais incondicional a rivalidade tradicional entre brasileiros e portugueses".

As correntes políticas não se haviam cimentado de todo, em caráter definitivo. Aos "Brasileiros-Adotivos", corrente política integrada por portugueses e por brasileiros lusófilos, se antepunha a corrente dos "Brasileiros-Natos", de tendências nacionalistas exaltada até à fúria e, por fim, surgiu o partido "Caramuru", liderado pelos três Andradas, a que não foi extreme a tentativa de recolocar dom Pedro I no trono.

A exaltação era tal que os brasileiros, filhos de portugueses, não trepidavam em dizer "aos seus pais que ficariam contentes se estes quizessem regressar à terra natal". O tenente Seidler, que serviu no Exército Brasileiro, nessa época, relata que os filhos, no mais profundo dessa efervecência, numa feroz manifestação nacionalista, diziam francamente que, se subessem que seus pais eram partidários de dom Pedro, "teriam prazer em lhes cortar o pescôco" . . .

A Regência, como é natural, cuidou de intervir imediatamente, na vida política e administrativa das províncias, procurando mudar-lhes a situação, no sentido do espírito que a animava. "Nomeou, logo, novos presidentes e comandantes de armas, investindo nesses cargos pessoas que inspirassem confiança aos partidos e infensos à política que havia conjurado".

Essa transformação produziu resultados felizes em certos setores, mas, em outros setores, veio agravar ódios, suscitar prevenções, despertar ambições e fomentar discórdias.

A província de Goiaz ficou entre estes últimos, entre os setores em que as modificações políticas e administrativas trouxeram lesões gravíssimas.

--

A 24 de outubro de 1827, assumiu a presidência da província de Goiaz, sob os melhores auspícios, o segundo presidente, marechal-de-campo Miguel Lino de Moraes.

Português de nascimento, o marechal Lino era homem culto, de esplêndida formação moral, de visão clara a respeito das cousas e de noção muito esclarecida a respeito dos homens e dos tempos.

O seu governo, muito curto para ficar assinalado por grandes obras administrativas, possui, entretanto, somas de benefícios prestados a Goiaz. Foi ele que, numa orientação muito acertada a respeito dos problemas fundamentais da província, tentou, por todas as formas, fomentar a abertura de estradas por onde circulassem as riquezas e se efetuasse o desenvolvimento da economia e cuidado, ainda, de fomentar o povoamento do sertão, procurando aproveitar os índios para esse fim. Dona Damiana da Cunha, por êle estimulada a providenciada, foi duas vezes aos sertões do Camapuan, de onde regressou conduzindo magotes de Caiapós, que ficaram recolhidos às aldeias Maria e de S. José de Mossamedes, cuidando dos trabalhos pacíficos da agricultura.

O governo do marechal Lino de Moraes foi perturbado, logo de início, pela erupção de uma violenta epidemia de variola e mal se refazia êle do choque causado pela doença cruel, estala na província uma atormentada crise política, decorrente de sua franqueza em manifestar-se francamente favorável à transferência da capital para outro ponto do sertão e, por último, coroadando tudo isso, surgiram os acontecimentos de 7 de abril, desencadeando no país uma furiosa loucura nacionalista e nacionalizadora, com impiedosa perseguição aos portugueses . . .

No meio dessa tempestade terrível, empolgado por acontecimentos de causas e de efeitos desconcertantes, o marechal-de-campo não fraquejou. Não perdeu a linha, nem o aprumo, nem a fortaleza e, com uma elegância que muito honra a sua memória, preferiu abandonar o poder a reagir contra o povo goiano que tão bem o recebera, que êle poderia, muito bem, ter reagido e se conservado no poder à custa de fartos jatos de sangue . . .

--

A variola, que desde 1810 rondava o norte de Goiaz, grassando furiosamente no sul do Pará e no Maranhão, no governo do marechal-de-campo Lino de Moraes irrompeu no sertão, causando imenso cortejo de luto e de desespero.

Nessa época, no Brasil, estavam sendo realizadas as primeiras experiências da vacinação jeneriana. Em 1819, o capitão-general do Pará aconselhava o povo a se imunizar contra a doença por esse meio e, em 1825, o famoso ministro Felisberto Caldeira Brant, visconde de Barbacena, enviava larga porção da preciosa linfa para o Ceará, conseguindo-se, assim, debelar um surto varioloso ali, naquela época, irrompido com violência. Em 1828, surgiu uma

ordem imperial ordenando a vacinação em grande escala para combate à moléstia e essa ordem foi repetida em 1831, pelo ministro visconde de Alcântara.

O marechal Miguel Lino de Moraes não desfrutava das boas graças da capital da província. Esta não lhe perdoava o seu pronunciamento, feito com coragem e destemor, de ser favorável à transferência da sede do governo para outro lugar, feito em dezembro de 1830, em mensagem dirigida à Assembléa Geral, no Rio-de-Janeiro, em que dizia o seguinte: "Eu não posso deixar de emitir uma idéa de que estou possuído, à vista dos mapas que tenho consultado, e de alguns estudos sôbre as localidades da província, que o removimento da capital para Traíras, ou, talvez, para o arraial de A'gua Quente, quando se não quizesse atender a alguns edifícios que ali se acham, seria um grande passo no aumento desta província, tanto por ser ponto mais central, na confluência dos dois rios das Almas e Maranhão".

Sôbre essa situação delicada, o marechal Lino tinha a seu desfavor a sua qualidade de português, exercendo funções administrativas em um país agitado por uma tempestade nacionalista sem par. "Anos e anos seguidos de lutas, de dissensões, exageraram de tal modo o espírito do nacionalismo, que tornou improffica toda ação pacificadora que não visasse o extermínio de todo elemento suspeito aos patriotas. Dos portugueses, principalmente".

Recebendo ordem de vacinação, partida do ministro do império, visconde de Alcântara, o segundo presidente goiano quiz convertê-la em realidade e "começou a propagação da vacina".

A reação, nessa altura, se fez sentir veemente. Reação contra o emprêgo de um recurso preventivo de que não estavam bem conhecidas as virtudes imunizadoras. Reação contra o homem que, propondo a transferência da sede do governo, pretendia desferir um golpe terrível sôbre a cidade ciosa de suas prerrogativas. Por fim, reação contra o português que, no Brasil, empunhava rédeas de governo.

O marechal Miguel Lino de Moraes, mau grado a sua clara visão dos homens e dos tempos, não teve a argúcia de compreender a situação que em torno d'ele se formava. Insistiu na aplicação da vacina, intensivamente, na capital e no interior da província. "Foi o terror. O espírito crédulo do povo sofreu os efeitos da sugestão maligna. Era a política sacrificando a hygiene; era o interesse individual sobrepujando o da coletividade. E' da psicologia das multidões que o senso comum desaparece diante da sugestão da massa".

Muito antes as primeiras manifestações de rebeldia e hostilidade do povo, o marechal Lino insistiu. Era teimoso o homem. Teimosia muito à feição portuguesa. "Levantou-se

a oposição em Goiaz. O presidente quiz cumprir a lei. A Câmara, já indisposta com o marechal, protestou vivamente".

Para dar um exemplo ao povo, o presidente mandou chamar Henri Yatres, boticário do hospital de São Pedro de Alcântara e determinou que toda a sua família, composta de nove pessoas, fosse submetida ao sacrifício imunizador. Ele próprio se fez vacinar.

Essa resolução, essa bravura, podemos dizer, não foi bem compreendida. A oposição explorou o fato de todas as maneiras, chegando, mesmo, a afirmar, com convicção, que "o palácio era um foco de variola... que a variola desenvolvia-se em consequência do pús vindo da Côte".

A agitação, cada dia fermentada, ganhava extensão, na mesma ordem em que a variola mais se alastrava pela cidade. Em um comício, realizado certa tarde, "na praça mais central de Goiaz", a situação foi hábilmente explorada pelos opositores ao governo provincial, lembrando-se, com notável franqueza, "a deportação do presidente para a fazenda do padre Joaquim Vicente", distante três léguas da cidade.

A Câmara, altamente indisposta com o marechal-de-campo, chamada a se manifestar a respeito, concordou, em princípio, com o alvitre surgido no comício. Deportar-se-ia o chefe do executivo goiano. Entretanto, pessoas sensatas e bem avisadas, deliberaram fazer boa e oportuna intervenção no sentido, resolvendo-se, então, "o isolamento do presidente em seus aposentos, no palácio do governo".

Nessa altura dos acontecimentos, o marechal Lino de Moraes sentiu-se perdido. Num último esforço, queixou-se amargamente ao conde de Goiana que, então, liderava o ministério, dando-lhe conta do que na capital da província ocorria, frizando que tudo era obra de seus adversários exaltados. O barão Bernardo José da Gama, presidente do gabinete, mandou-lhe, então, uma resposta decepcionante. A éle, que queria forças para defender as prerrogativas de seu cargo, o ministro deu conselhos... "Recomendou-lhe moderação e prudência em matéria tão relevante".

Foi com a província de Goiaz nessa situação tumultuária que sobreveio o 7 de abril, a famosa "journée des dupes", "que deflagrou a luta entre o espírito nacional exaltado até o jacobinismo, e o espírito colonial exaltado até o despotismo".

Quando a Goiaz chegaram as notícias do Rio-de-Janeiro, os acontecimentos adquiriram notável vigor e precipitaram-se, definitivamente, em uma certa espetacular. A oposição nacionalista reagiu sem reboços e, finalmente, a 13 de agosto os fatos chegaram a uma posição dramática.

Vila-Boa tumultuava. As suas ruas, até então tranquilas, referveram-se. Movimentaram-se ao extremo. "A

tropa tomou as armas e safu dos quartéis, reunindo-se à população favorável à deposição do presidente. A' vista do movimento, Lino de Moraes convocou o Conselho Administrativo que, de maneira insólita, recusou comparecimento em palácio, estando já reunido nos paços do Conselho, deliberando sôbre a deposição do presidente".

O marechal-de-campo compreendeu, finalmente, a inanidade dos esforços para manter uma situação que o tempo não mais comportava. Melancolicamente éle compreendeu, nessas horas amargas dêsse dia, que no infortúnio, os homens, sempre ficam sós... O travo da negra taça da desgraça deve ser sorvido no silêncio e no isolamento...

E o segundo presidente de Goiaz, num rasgo que o coloca muito bem perante a história, "mandou à Assembléa Legislativa o seu pedido de demissão, que foi imediatamente aceito".

Foi assim que, a 13 de agosto de 1831, em pleno referver das paixões políticas, foi deposto o segundo presidente da província de Goiaz, marechal-de-campo Miguel Lino de Moraes.

:-

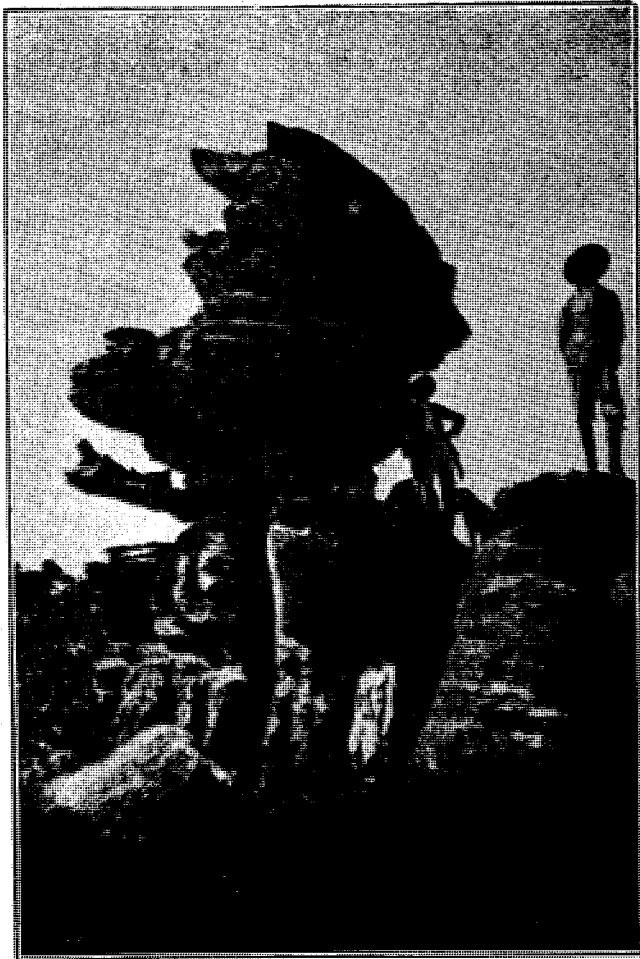
Cento e cinco anos depois, em Goiaz registram-se acontecimentos que possuem extraordinária semelhança com os de 13 de agosto de 1831.

Quando Pedro Ludovico Teixeira concebeu a idéa da construção de uma nova cidade para sede do governo do seu Estado, sabia e sabia muito bem o que acontecera ao segundo presidente goiano. Sabia quanto essa mesma idéa, agitada pelo marechal-de-campo Miguel Lino de Moraes influiu nos acontecimentos de que resultou a sua deposição.

Mesmo assim, conhecendo perfeitamente o que arrostava, Pedro Ludovico converteu a sua idéa em realidade e, no dia 21 de agosto de 1936, deflagra em Goiaz uma crise política de extraordinária profundidade: três deputados situacionistas rompem com o governo, enfileirando-se ao lado da oposição, numa incisiva tentativa de fazer em Goiaz o mesmo "impeachment" que, no Maranhão, havia deitado por terra o governo Aquiles Lisboa.

Nessa altura é que os acontecimentos, desenrolados em época diferente, separados por cento e cinco anos, possuem extranha similitude. O marechal-de-campo, para o bem de Goiaz, não se deteve um instante na frente de considerações a respeito de sua permanência no governo. Com mão firme assinou seu pedido de demissão. Pedro Ludovico Teixeira, envolvido pela mesma tempestade política, sentindo a sua carne ferida pelos espinhos das injustiças, da incompreensão e das ingratidões, ferido nas suas cordas mais sensíveis, por amor de Goiaz, não fraquejou. Não vacilou um instante

Serra Dourada



Nêste pobre mundo, duas grandes forças estão em constante atividade: os agentes internos em luta pelo soerguimento das massas e os agentes externos agindo no sentido do nivelamento.

Dentre as forças externas, o vento é um grande modificador da fisionomia da terra. Na sua trajetória, os ventos fazem sôbre as rochas um trabalho de desgaste lento e persistente. Um dos aspectos dêsse desgaste aqui está, nestes pedrouços da Serra Dourada, afeiçãoados pelos ventos até o ponto de relembrar torreões de um castelo de lenda e de fantasia.

siquer. Enfrentou a tempestade com a sobranceria das procelarias. Deu-se a todos os sacrifícios. E venceu.

Goiânia, que é uma das mais brilhantes afirmações da capacidade realizadora de nossa gente, surgiu, assim, como a cristalização do ideal de um homem livre, de um homem forte que desejou liberdade para a sua terra e para a sua gente.

Talvez seja êsse o aspecto mais brilhante desta cidade encantada, que é uma obra de "razão nacional, de sentimento nacional, de vontade nacional, uma flor miraculosa do Estado Novo".

Bibliografia

Americano do Brasil, "Pela Terra Goiana".

Aquino Corrêa, "Discurso", em Goiânia, em 1942.

A. Torres, "Organização Nacional".

Basilio de Magalhães, "Estudos da História do Brasil".

Carlos Seidler, "História das Guerras e Revoluções do Brasil, de 1825 a 1835".

Euclides da Cunha, "Contrastes e Confrontos", "A Margem da História".

José Maria dos Santos, "A Política Geral do Brasil".

J. J. Rocha, "Ação, Reação, Transação".

João Armitage, "História do Brasil".

Max Fleiuss, "História Administrativa do Brasil".

Pedro Calmon, "História Social do Brasil".

Rocha Pombo, "História do Brasil".

Paulo de Figueiredo, "Goiânia, um desmentido aos marxistas e nazistas", in OESTE de julho de 1943.

INCONFIDÊNCIA
BAIANA

A 12 de agosto de 1798, registra-se na Baía um movimento revolucionário sem par em nossa história: a revolução dos alfaiates, liderada por Cipriano Barata de Almeida e outros, com um vasto programa social de independência do Brasil, em que "predominavam as altas concepções que haviam discutido os filósofos e reformadores do século 18, como a libertação dos escravos, a liberdade do pensamento e o estabelecimento de um govêrno igualitário que nos livrasse da dominação de Portugal".

Nesse movimento de extraordinária beleza cívica, a justiça conseguiu deitar a mão a 49 conspiradores, entre os quais figuravam, apenas, 9 escravos.

Essa sedição foi, na verdade, a primeira revolução de fundamento social do Brasil e, de um certo modo, pode e deve ser equiparada à Inconfidência Mineira e ao movimento pernambucano de 1817. Distingue-se destas duas revoluções, apenas, por um sentido: por ser um movimento partido de baixo para cima. Eram artífices os que nela tomaram parte, ao passo que, naqueles, era a fina flor da intelectualidade que dirigia o movimento rebeliãoário.

Largo esquecimento pesou sôbre os inconfidentes baianos, todos êles enforcados pelo crime de desejar o Brasil livre. Entretanto, Luiz Vianna afirma, com admirável propriedade, que raramente, nos movimentos da era colonial, o historiador poderá recolher material mais precioso para o estudo do nosso fenômeno social do que nessa conspirata dos artífices inconfidentes baianos de 1798.

Os conspiradores socialistas de 1798 compuzeram o seu hino revolucionário e projetaram a sua bandeira. Esta seria composta de três tiras, uma das quais branca, entre duas azuis, paralelas à haste, tendo a lista branca uma grande estrela vermelha, com cinco outras menores entre os raios e, abaixo, a divisa "surge nec mergitur".

Seja como quer que se encare essa sublevação, ela revela que entramos no século 19 com o espírito nacional formado. Sim, porque só os povos de espírito perfeitamente formado podem apresentar movimentos revolucionários como o de Tiradentes e dos alfaiates da Baía.

O FIM da sociedade é o seu "bem comum", o bem comum do corpo social. Sem se compreender, porém, que este bem do corpo social é um bem de "pessoas humanas", do mesmo modo como o próprio corpo social é um todo de pessoas humanas, esta fórmula, por sua vez, conduziria a outros êrros, de tipo estadista ou coletivista. — JACQUES MARITAIN.

A quem compete governar o lar? =====

Ao homem ou à mulher? =====

ESPECIAL PARA "OESTE"

Sebastião Martins de Araújo

Dizem que a voz de comando, no lar, coube sempre ao homem, porém... as mulheres de hoje, essas mulheres do Século XX, tudo têm feito para furtar ao homem essa importante prerrogativa que ele vem detendo há séculos.

Elas pretendem, de fato, furtar ao homem essa importante prerrogativa, mas...

Volvamos as vistas ao passado, e tratemos de ver quais eram os direitos do homem e a posição que a mulher ocupava na família.

Na Bíblia, encontram-se as seguintes passagens:

No Gênesis

Disse também (o Senhor Deus) à mulher: Eu multiplicarei os teus trabalhos, e os teus partos. Tu em dôr parirás teus filhos, e estarás sob o poder de teu marido, e ele te dominará (Cap. 3, versículo 16).

Novo Testamento

22 — As mulheres sejam sujeitas a seus maridos, como ao Senhor;

23 — Porque o marido é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da igreja; ele mesmo que é o seu corpo, do qual é o Salvador.

24 — Bem como pois é a igreja sujeita a Cristo, assim o sejam também as mulheres em tudo a seus maridos. (Epístola de S. Paulo, Apóstolo, aos Efésios, cap. 5, versículos indicados: 22, 23 e 24). Veja-se Tt. 2, 3 ss. (Novo Testamento).

Conta-nos a História da Civilização que, antigamente, gozava a mulher de poucos direitos no lar, ou mesmo fora dele. Em compensação, ao homem cabiam tôdas as regalias, inclusive, até, o direito conferido por lei, de espancar a mulher. Eram as antigas Evas negociáveis como qualquer ser irracional, e tinham que servir ao homem como verdadeiras escravas.

"Até 1900 mais ou menos — escreve Will Durant — a mulher não possuía nenhum direito que, por lei, fosse o homem obrigado a respeitar. No século XIX, as africanas ainda eram vendidas como escravas, puras máquinas agrícolas. No Taití e na Nova Bretanha tinham de amamentar os leitões; e na Mary England os maridos podiam legalmente bater em suas mulheres, contanto que as não matassem".

Na Rússia antiga, a moça tinha obrigação de levar, no ato do casamento, algumas "leves chicotadas" do pai, depois de cuja cerimônia ele passava ao futuro genro o instrumento seveciador, numa verdadeira "transmissão de poderes".

Até antes de 1900 Nietzsche recomendava que, ao se dirigir alguém a uma mulher, não o fizesse sem empunhar o chicote.

Um cacique da Chipewas — é

ainda a História que nô-lo revela — dizia que "as mulheres foram criadas para o trabalho; que podem carregar tanto quanto dois homens e fazerem tudo e custam pouco, porque, na época da carestia, "contenham-se em lambar os dedos".

Na Índia, também, era de franca inferioridade a posição da mulher. Pelo Código de Manú, era ela considerada elemento pernicioso, digna, portanto, da abominação do homem. Como espôsa, não lhe assistia o direito de andar na rua ao lado do marido, e, à mesa, só se servia depois dele. Legítima concubina chinesa.

A propósito, conta uma lenda Indú que, quando o Divino Artífice foi fabricar a mulher, verificou que havia gasto na fabricação do homem todo o material bom de que dispunha, vendo-se, destarte, obrigado a tomar material daqui e dali — uma verdadeira miscelânea — para completar a sua obra.

Daí, talvez, aquele conceito de Aristóteles, "que a mulher é um ente inacabado"...

Era essa a posição da mulher, segundo os dados históricos.

Hoje, porém, as mulheres conquistaram outra posição perante o homem e, em certas camadas sociais, passaram, até, a ser objeto de luxo, verdadeiras vitrinas onde se põem à mostra as possibilidades financeiras do espôso. "As humildes escravas de outrora — diz um néo-filósofo — começaram a falar em liberdade e outras audácias, discutir igualdade e outras impossibilidades", até que, a-final, ei-las fumando charuto, bebendo "wisky" e compartilhando com o homem na gerência de várias atividades, outrora entregues à exclusiva competência do "homo sapiens".

Não obstante a sua quasi emancipação, a mulher conserva, ainda, com certa irreverência, o tradicional espírito de obediência ao homem, reconhecendo nele o ser de cuja proteção e govêrno ela depende.

Deve, por direito, ser o homem o detentor da voz de comando? As suas aptidões para mandar são superiores às da mulher?...

Disse uma professora americana (Filosofia da Vida, de W. Durant) que a maior aptidão dos homens nas questões administrativas provém do sistema educacional, não tendo eles nenhuma faculdade instintiva inata, diferente da que possui a mulher. Disse ela: "a educação dos moços os impele para o individualismo, os in-

duz a experimentar, a fazer coisas por si mesmos, enquanto que às mulheres só pregam obediência, não havendo nenhum estímulo social que as persuada de agirem por conta própria".

Mas qual!

Fôrça é reconhecer as faculdades inatas do homem. Ele já nasce forte, e, à proporção que cresce em anos, as suas capacidades instintivas vão-se naturalmente ampliando. Ao transpor a infância, ele recebe na puberdade o batismo da coragem e da audácia, e se torna um ser confiante em si, dono da sua personalidade.

Disse Alexis Carrel, com grande beleza de expressão:

"Os instintos genésicos engendram a audácia, a violência, a brutalidade, os instintos que diferenciam o touro de combate do boi que arrasta a charrúa ao longo do sulco".

Por isso é que, até hoje, desde a vida no clã até a da sociedade contemporânea, na política ou na religião, ao homem tem sido confiada a tarefa de mandar, de dirigir; é ele quem dita as leis, estabelece os códigos e dirige as Nações.

Assim, no Lar, por princípio, lógica e tradição, deve caber-lhe a voz de comando.

Faltando a voz imperativa do homem, o menos que se pode esperar são as desordens domésticas, as tragédias daquelas que ainda hoje mancham a reputação histórica de Napoleão Bonaparte.

Camilo Castelo Branco, que enriqueceu a literatura portuguesa com mais de uma centena de obras, deixou-nos, em uma delas, esta sábia advertência:

"Quando acontece persuadir-se a mulher que o casamento estabelece igualdade de direitos, é inevitável a desordem na vida. A submissão é tão precisa à espôsa como à filha".

E, com maior sabedoria ainda, disse a Mêncio sua velha mãe, a quem o grande filósofo, deveu todo o esmero de sua educação:

"Não pertence à mulher determinar qualquer coisa por si mesma; mas está ela sujeita à regra das três obediências: quando moça, tem de obedecer aos pais; quando casada, ao marido, e quando viúva ao filho!

Assim sendo, deixai, mulheres, que a soberania do Lar esteja entregue exclusivamente ao homem, podendo vós, dentro das vossas capacidades, tomar conta das questões intimamente domésticas e exercer aí tôda a vossa autoridade. Fora desse âmbito, somente ao homem compete assumir a direção, porque o homem é o animal mais forte, e, como ser racional, é o mais perfeito.

Florianópolis, julho de 1944.

A MARGEM DA VIDA JURÍDICA**Melchiades Picanço e seus "Conselhos aos meus filhos"**

Os meios sociais, jurídicos e literários do País acabam de sofrer uma das mais irreparáveis perdas: A morte de Melchiades Picanço.

Jurista de escol, jornalista dos mais exímios, escritor brilhante, Melchiades Picanço deixou um rasto luminoso, ofuscante mesmo, na sua magnífica e inesquecível trajetória pela Terra.

E' um nome que se não pode esquecer, que deve ser sempre lembrado por todos nós e pelos pósteros como um grande exemplo de integridade de caráter, de espírito culto e grandeza de coração. A morte veio arrebatá-los esse grande espírito justamente numa idade relativamente jovem e em que estava demonstrando a pujança de sua rutilante inteligência, em ascensões cada vez maiores. Dêle muito ainda podíamos esperar. Não só no Estado do Rio como no Distrito Federal, Melchiades Picanço era considerado um dos maiores beneméritos de várias instituições de caridade, às quais com amor e muito zelo, vinha dedicando grande parte do seu labor.

Deixou livros notáveis sobre diversos assuntos, principalmente sobre Direito, e colaborou durante muitos anos no "Correio da Manhã", "O Globo", "Jornal do Comércio", "O Estado" e em outros jornais do País. Foi membro da Academia Fluminense de Letras, da Academia de Direito Comparado, do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil e Presidente da Ordem dos Advogados Fluminenses. Foi Procurador Geral e por três vezes figurou em lista apresentada ao Tribunal de Apelação do Estado do Rio para o cargo de Desembargador. Só este fato é bastante para evidenciar o conceito em que era tido no Estado do Rio. Constituiu, pois, a sua morte, uma grande perda para os meios sociais, jurídicos e literários do País.

Agora, pelo último correio, remetido pelo seu digno filho, dr. Macário Picanço, também jurista, recebemos os seus "Conselhos aos Meus Filhos". São conselhos dignos da maior publicidade pois que encerram, ao lado de uma moral elevada, grandes verdades e um traçado de magnífica senda por onde poderão caminhar, de cabeça erguida, todos aqueles que desejam atingir o fim da vida, com a consciência tranquila, e de forma a deixar exemplos dignificantes neste mundo tão cheio de incompreensões, de misérias, de hipocrisias, de cobiças e de imoralidades, onde os homens são lobos que procuram devorar uns aos outros.

São conselhos não somente para os seus filhos mas também aos nossos e a nós mesmos neste rude caminhar em que nos encontramos na luta pela existência.

Esses conselhos que, em seguida, damos à publicidade, revelam o alto grau de caráter, de probidade e de conhecimento dos homens de que era dotado Melchiades Picanço.

Ei-los: —

Sejam sempre honestos embora jamais cheguem a possuir fortuna, pois, mais do que dinheiro, vale uma reputação de honestidade, que é tesouro do mais alto valor. A pobreza honesta inspira respeito e simpatia.

Não transijam com o que não serve, na suposição de que sairão do mal quando bem entenderem, porquanto, quando o pretenderem fazer, será, — não raro, — tarde demais. O sinete do mal muitas vezes é imposto logo no comêço. O carvão tigna desde que nele se toque. Fujam, pois, sempre do mal.

Não se apaixonem com coisas da vida, porquanto o mundo será sempre o que vem sendo há milênios: nem muito bom, nem muito ruim.

Tenham precaução com experiências da vida, cheios de fé: eles costumam aproveitar-se do entusiasmo nem sempre refletido dos moços.

Não tenham preocupação de fazer carreira gloriosa na vida: trabalhem em construção sólida, desprezando as idéias de realce passageiro.

Sejam amigos uns dos outros, porque os de casa, em regra, nunca estão tanto com os seus como nos momentos de dificuldade, de insucesso e de sofrimento.

Pratiquem sempre a caridade, que se manifesta por múltiplas formas. Um olhar de bondade, por exemplo, pode dar grande conforto a quem sofre, física ou moralmente.

Nunca desprezem o sofrimento alheio, pois a quem sofre já basta a sua tortura.

Sejam sempre altivos, independentes, sem jactância. Jamais cortejem o rico ou o poderoso, visando qualquer interesse. Mas sejam educados para com todos: grandes ou pequenos.

Não queiram mal a quem trabalhou honestamente e soube guardar. Tenham, porém, piedade dos fracos e dos humildes.

Sejam firmes, quanto à crença, quanto às idéias, mas respeitem sempre a crença e as idéias alheias.

Não suponham estar sempre com a razão, porque não há privilégio relativamente ao bom senso.

Não deixem que se escôe um único dia sem que pratiquem um ato bom, generoso.

José Campos

Até prova em contrário, façam do semelhante um bom juízo.

Sejam amáveis sem excesso, sejam bondosos sem limite, sejam educados a todo momento, sejam verdadeiros até à morte, sejam leais, e cultivem a gratidão com carinho.

Não neguem ao pobre o que lhes não faça falta.

Não deixem de dar água, e comida, a quem tem sede, e fome, salvo se não puderem.

Respeitem a todos, para que sejam respeitados.

Sejam moderados no andar, no falar, no agir e procedam sempre com elevação, seriedade e boa vontade para com todos.

Nunca digam que proceder bem não adianta, porque, em última análise, a tranquilidade de consciência será grande recompensa.

Não façam mau juízo de ninguém, porque fazendo-o, correrão o risco de praticar injustiça.

Não se preocupem com críticas desrazoáveis, filhas quasi sempre do despeito, da maldade, e da inveja.

Não temam, desde que haja pureza de coração. Não façam e não desejem mal a ninguém.

Encarem a vida com simpatia, com alegria, com confiança e bondade.

Não ambicionem posições, salvo se elas vierem naturalmente, pois os maiores espíritos da humanidade sempre viveram humildemente.

Nunca pratiquem um ato de que se possam envergonhar.

Creiam sempre em Deus porque isso significa grandeza espiritual, e ajam de conformidade com essa crença.

Sejam patriotas, porque a pátria é um imenso tesouro. Longe dela, o homem sofre pelo menos saudades. Nela, o indivíduo está como se estivesse em casa. Queiram, porém, bem aos que vierem de fora, com pensamentos nobres.

Realizem a vida de modo que, ao chegarem ao fim da existência, possam contemplar um passado limpo, digno.

Continuem a viver como viveram até agora, e tudo correrá bem, pois assim vivem com acêrto, muitos outros.

E. de Ferro Goiaz

Zoroastro Artiaga

Os serviços de acesso a Goiânia, que, há 4 longos anos, estão sendo feitos, a partir de uma boa distância aquém L. - de - Bulhões, não têm correspondido à expectativa do sr. Presidente da República.

A-pesar-de s. excia. haver afirmado que desejava inaugurar, ainda em 1942, a estação do quilômetro 36, até hoje não há a menor esperança nesse sentido.

Primeiramente, houve uma grande perda de tempo, porque os ilustres responsáveis pela exploração, locação e nivelamento, queriam que a linha partisse de Anápolis; isto devido às facilidades topográficas e provável barateamento da construção, pela economizar de obras de arte e movimentação de terraplenagem. A isso nos opusemos decididos.

Mais tarde veio a novidade dos trabalhos de uma derivante, que partiria de General Curado, aproveitando o nivelamento paralelo à linha geral, e deixando esta direção quando já estivesse avistando a cidade de Anápolis. Esta variante teve ainda a oposição de todos os responsáveis pelos destinos da administração, porque aumentaria a quilometragem, embora fosse o melhor traçado, sob o ponto de vista de barateamento do preço da obra.

A-pesar-de uma renhida luta em que se falou de economia e da necessidade de apressar-se o avançamento, não foi possível concordar com ela porque objetivávamos encurtar as distâncias.

Outro traçado, foi, então, submetido, partindo de Bonfim; mas, este embrenhou-se pelos desfiladeiros do vale do Rio Caldas, passando por perto de Bela-Vista, e foi, de antemão, condenado pelas autoridades do D.F.E., dada a impossibilidade de sua adoção.

Muito tempo perdemos com essa inócua e prejudicial obstinação quando o traçado natural seria o de Bulhões, como naturalmente indicado para o trecho de acesso a esta capital.

Agora estamos sentindo os resultados da nossa impertinência no zelo pelo futuro, querendo impedir que os pósteros viessem recriminar a nossa displicência, para que a linha aqui chegasse com um aumento de 66 quilômetros a maior!

O resultado do ramal a partir de Bulhões aí está, a exigir um exame cauteloso, porque, além de um serviço moroso, feito em carroças e por trabalhadores manuais, como no tempo da E.F.da Raiz-da-Serra, estamos impedidos de pedir celeridade, porque somos tomados por imperti-

gentes, exigentes, ignorantes da engenharia e das coisas ferroviárias. Não faz mal. Aqui estamos outra vez.

Nada justifica essa demora. Os 36 quilômetros estão prontos, há mais de ano, e já se devia ter providenciado para adquirir dormentes.

Quando chegassem os trilhos a Bulhões, já haveria, nesse pedaço de estrada pronto, dormentes colocados, de modo a permitir um rápido serviço de assentamento e a chegada dos trens de lastro ao 36.

As gôndolas dos lastros facilitam, demais, os aterros, principalmente quando eles estão como os do vale do Rio das Caldas.

Com carroças de meio metro cúbico jamais teremos passagem por esse vale maldito, que foi um dique contra a rápida escalada da "Goiana" a esta cidade, que carece, por demais, dos serviços ferroviários.

A Noroeste, e a Itapura-Corumbá foram feitas assim, sem caminhos e sem gasolina; os lastros supriam as modernas máquinas de fazer aterros, eram empregados para transporte de pessoal e de material, e permitiram um avanço, fora de comum, nas construções antigas.

Nas ferrovias modernas já não se suporta o sistema primitivo, antiquado, aqui adotado, ou por economia, ou por falta de materiais de tração e pessoal preciso para as obras.

Não se concebe que, em pleno século vinte, estejam esses processos antiquados e rotineiros adotados numa obra que constitui verdadeira arrancada patriótica, e que tem finalidades sociais, econômicas, políticas e estratégicas.

Sociais, porque essa Estrada de Ferro vai ativar a vida do interior, vai civilizar e realizar o preenchimento dos vácuos demográficos do centro-oeste do Brasil; econômicas, porque vai ela desenvolver e despertar a produção, fixando indústrias, fomentando novos empreendimentos, garantindo a circulação da riqueza; e, afinal, estratégica e política, porque ela vai ligar duas repúblicas vizinhas, ligar o Atlântico à Bolívia, o que é de vantagem para nós e para o país irmão.

O sr. Presidente da República tudo fez para que Goiânia recebesse, com brevidade, os serviços da Goiaz; sua boa vontade é notória, ao ponto de transferir diretamente para o M. da Viação a direção do avançamento, mandar fazer adiantamentos e ilimitar as verbas precisas.

Há, contudo, qualquer coisa impe-

dindo a efetivação da importante obra, quando é certo que não se atacou, até hoje, a tarefa aquém do Caldas.

Não se atendeu aos reclamos de Goiânia, no sentido de se empregar maquinários que abreviariam os serviços de construção do leito..

Não se iniciou a construção de prédios e de casas de turmas para vigilância permanente.

Não se cuidou do provimento de dormentes, nem da estação desta capital, estando-se em um círculo-de-ferro, quando é certo que, nesse trecho empreitado, não há obras de arte, nem obstáculos naturais, senão os do vale do Rio das Caldas.

O assentamento de trilhos viria facilitar os aterros, porque o lastro afastaria os empecilhos trazidos pela falta de gasolina.

Não pretendemos entrar na apreciação dos detalhes do traçado atual; queremos, apenas, demonstrar que, pelo motivo de haver em caminho um trecho de construção penosa não há razão de ser para que, nivelada, a linha, feitas as picadas, aprovados definitivamente os estudos, estejamos de braços cruzados, esperando passagem.

Nem se concebe que estejam sem aprovação os desenhos da Secção de Goiânia, e os subsidiários, detalhes de obras, pontes e pontilhões, quando todos sabemos que o sr. Presidente tem pressa dessa realização.

Aquí está, de público, a nossa aflição justificada.

Lavamos as mãos como Pilatos. Estamos habituados a ver escapar o progresso, fracassarem por resistência passiva de maus brasileiros, obras valiosas, ruirem empreendimentos de enorme importância para nós.

O prolongamento de Nerópolis e uma prova. A E. F. do Tocantins tem, ainda hoje, suas linhas estendidas e perdidas pelas matas, sem tráfego, pelas terras dos Caiapós, quando estariam fomentando a economia regional, se não fosse a má vontade de alguns indivíduos pirracentos.

A Mogiana arrancou trilhos a quem de Araguaí e impediu assim que a Catalão a Palma continuasse na construção de seu leito, com muitos quilômetros prontos.

A Oeste de Minas custou-nos 30 anos de luta. A Noroeste deveria partir de Uberaba e foi desviada para S.-Paulo; a navegação do Araguaia foi suprimida por capricho político; o acesso da Mogiana ao Araguaia foi impedido pelo impatriotismo reinante na velha e carcomida democracia que infelicitou o Brasil por tantos anos; a Paulista foi impedida de atravessar o Triângulo; a Ponte de S. Simão, construída para dar passagem ao prolongamento de outra estrada, perdeu a razão de ser!

Por tudo isto, temos razão para recear que esta câmara lenta, com que está sendo feita a construção venha a dar-nos novas decepções!

Trilheiro do Cerrado

Conto de Afonso Felix de Sousa

Os passos e as vozes de Ambrósio e Mariazinha eram o único sinal de vida no silencioso cerrado banhado pelo sol da manhã. Os dois seguiam de vagar; só de vez em quando Mariazinha largava a mão do velho avô e corria, sempre alegre e travessa. Ambrósio apressava os passos e logo a alcançava, esforçando-se para abrir em risos a face rugada e sisuda de homem acostumado às duras lutas com a terra e com a vida, de homem que sempre levára as cousas a sério. Caminhava calado o velho, metido lá com seus pensamentos, enquanto Mariazinha não cessava de falar e gritar. Contava casos de casa, da cidade, do colégio onde estivera interna todo o primeiro semestre. Falava com entusiasmo e desembaraço, a gesticular, sem se encomodar com o alheamento do avô.

Seis dias antes Mariazinha chegara à chácara de Ambrósio. Devia passar uma semana de seus quinze dias de férias em companhia dos avós. Teria no dia seguinte de voltar para a casa de seu pai, na cidade, e depois seguir novamente para o colégio. De modo algum queria deixar a chácara sem antes ver o rio. Nada achava melhor do que um passeio ao trecho do rio que passa a um quilômetro da casa. Com êsse passeio é que sonhára tanto, depois que soubera dessa temporada na chácara. Esperava ir todos os dias para brincar na areia branquinha e seca da beira do rio, andar de canoa, como da outra vez que lá fóra. Passavam-se os dias sem que ela achasse oportunidade para ir. Em casa não havia ninguém que pudesse acompanhá-la. Ambrósio sempre na pastagem, ocupado com os camaradas. Vovó Donana perrengue com seus reumatismos, nunca saía da cama. Mariazinha já temia ir-se embora, sem ver o rio de perto. Só essa cisma a entristecia às vezes, pois na chácara estava sempre alegre, satisfeita. Ocupava-se das galinhas, cantarolava modinhas de carnaval e loas que aprendera no internato, lia umas revistas velhas que anos antes o avô trouxera da cidade. De vez em quando Donana a chamava, fazendo-a sentar-se na beirada da cama e contar as cousas como eram no colégio. Mariazinha então ia longe com seus casos. Gostava de ter com quem conversar, por isso aproveitava bem êsses momentos. Tagarelava sem parar. Enumerava suas ami-

guinhas, uma por uma, e de cada qual tinha uma cousa para dizer. Falava das freiras, das aulas, dos passeios, e não deixava de contar vantagem com o prêmio de catecismo que conquistára num certame. A tudo a avó remendava com cousas de seu tempo, de quando estudava no colégio Santana, em Goiaz. Assim estava passando o tempo na chácara sossegada do avô. Na noite anterior foi aos pulos para a cama, satisfeita com a promessa de Ambrósio . . .

Fiel ao prometido, o velho fê-la pular fora da cama bem cedinho e agora a conduzia para a suspirada visita ao rio.

— Ainda está longe, vovô ?

— E' logo ali naquela baixada. Já está cansadinha?

— Não, vovô, eu estou é com uma pressa danada de chegar.

O trilheiro estreitava-se cada vez mais. Os dois foram obrigados a caminhar um atrás do outro. Ambrósio ia na frente, de cabeça baixa, sempre mudo. Mariazinha rejubilava-se ante o espetáculo da manhã serena, iluminada pelo sol morno das manhãs de junho. Olhava cada pássaro que cortava o ar. Examinava com os olhinhos travessos as lobeiras, as macegas, os arbustos empoeirados que encham o cerrado, como se quizesse gravar na memória tôdas as minúcias dos campos de seus avós.

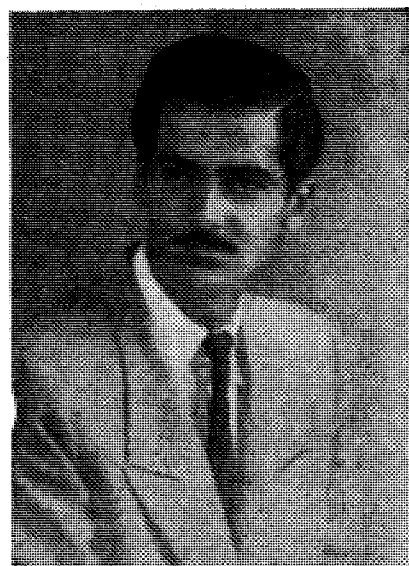
— Vovô, eu posso ir buscar aquela flor para mim?

Ambrósio moveu a cabeça, numa permissão indiferente. Mariazinha foi apanhar a flor que abriera viçosa e amarela na parte superior de um pequeno arbusto. Mas quando estava a balançar cuidadosamente o galho a-fim-de quebrá-lo, soltou um grito de pavor e caiu inerte para trás.

— Que é que foi, Mariazinha?

O velho correu em socorro da neta. Mal porém havia abaixado para apanhar a pequena entre os braços, sentiu que pisava uma coisa viscosa, viva. Logo uma picada aguda e dolorida lhe feriu a perna esquerda. Levantou-se automaticamente e ainda pôde ver a enorme cascavel que fugia molemente para um cupim próximo. Um tremor convulso sacudiu-lhe o corpo inteiro. Teve ânsia de vomitar. Sentiu que era o seu fim, que mais um instante e devia estar ali tombado para sempre. Percorreu com os olhos embaciados aqueles campos familiares, onde vivera desde a infância. Ouviu como um ruído

JOSÉ BALDUINO DE SOUSA



O dia 27 do corrente assinala a passagem do aniversário natalício do inteligente moço sr. José Balduino de Sousa, diretor da Divisão do Pessoal do D.S.P. do Estado.

Ao distinto aniversariante, cujos altos dotes morais o fazem tão estimado, os cumprimentos de OESTE.

longínquo o marulhar da corredeira. Sua vista foi aos poucos escurecendo. O sangue gelado parecia paralisar-se nas veias. Cambaleou. Suas pernas cederam e o corpo forte do velho fazendeiro tombou pesadamente sobre os capins empoeirados do cerrado . . .

Minutos depois Mariazinha voltou a si. Esfregou os olhos embaalhados e começou a erguer-se assustada, inconciente. Uma cousa fofa e pesada estava encima de suas pernas. Olhou e deu-se com o avô, estendido de costa, roxo, com a língua negra para fora dos lábios, donde escorria uma baba grossa.

— Vovô! Vovô! . . .

Seus gritos desesperados confundiram-se com o berro longínquo de uma vaca indiferente. O silêncio caiu pesado sobre ela. Dentro do silêncio matutino o barulho do rio era amedrontador. Fitava trans-tornada o corpo do avô, sem ousar tocar aquele rosto transformado e sem vida. Pensou em gritar para que a acudissem, mas observando em roda não viu viva alma. Estava sozinha, completamente sozinha. Ficou a olhar apalermada para o velho, sem saber o que fazer. De repente lembrou que a cobra que um pouco antes avançava para o seu lado devia ainda estar ali por perto, talvez bem juntinha de seus pés. Fugiu daquele lugar. E atirou-se a correr pelo trilheiro afora, como louca, como desvairada.

BOLETIM DO TRABALHADOR

Por MOZART SMITH CAMARGOS

Inegavelmente, o nosso Estado tem sido um dos pioneiros na proteção ao trabalhador rural, mas lhe faltam, entretanto, meios eficazes e econômicos para por integralmente em prática os seus elevados propósitos.

O que assistíamos até agora, em tôdas as unidades federativas, era o êxodo do homem do campo para os centros de povoação mais densa, provocado pelo canção de enfrentar as rudezas do sertão bravo e inhóspito.

Como é sabido, afirma muito acertadamente Augusto A. Pinto, "a agricultura é a fonte de vida, porque uma vez estancada ou emperrada, desaparece do mercado os gêneros de primeira necessidade, prelúdio certo e infalível de crises e colapsos econômicos, sempre de funestas consequências para a coletividade".

Não é por crescimento de população que em nossas cidades do interior não mais encontramos residências deshabitadas, não obstante o acréscimo de novas e mais confortáveis construções. Não é por excesso de exportação, flagelo de secas, geadas ou inundações que sentimos escassês de quasi tôda sorte de gêneros alimentícios.

Em parte, esse fenômeno é ocasionado pela conflagração mundial, porém, é mistér se reconhecer que, dada a prodigalidade do solo pátrio, o motivo fundamental é o abandono, pelo homem rural, da terra em que nasceu. É um problema antigo, mas que no presente, possivelmente, terá sua solução satisfatória.

O sr. Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, ao submeter à elevada consideração de s. excia. o sr. Presidente da República o anteprojeto do decreto-lei que dispõe sobre a sindicalização rural, teve o feliz e oportuno ensejo de reproduzir o pensamento do sr. Chefe da Nação, quando ainda de sua brilhante e vitoriosa campanha de 1930 e, posteriormente, em 1º de maio de 1941:

"Simultaneamente, é necessário atender à sorte de centenas de milhares de brasileiros que vivem nos sertões, sem instrução, sem higiene, mal alimentados e mal vestidos, tendo contacto com os agentes do poder público, apenas através dos impostos extorsivos que pagam. É preciso grupá-los, instituindo colônias agrícolas; investi-los na propriedade da terra, fornecendo-lhes os instrumentos de trabalho, o transporte fácil para a venda da produção excedente às necessidades do seu sustento; despertar-lhes, em suma, o interesse, incutindo-lhes hábitos de atividade e economia. Tal é a valorização básica, essa sim, que nos cum-

pre iniciar quanto antes — a valorização do capital humano, por isso que a medida da utilidade social do homem é dada pela sua capacidade de produção".

"Temos a enfrentar corajosamente sérios problemas de melhoria das nossas populações para que o conforto, a educação e a higiene não sejam privilégio de regiões ou zonas. Os benefícios que conquistastes devem ser ampliados aos operários rurais, aos que, insulados nos sertões, vivem distantes das vantagens da civilização. Mesmo porque, se o não fizermos, correremos o risco de assistir ao êxodo dos campos e ao superpovoamento das cidades, desequilíbrio de consequências imprevisíveis, capaz de enfraquecer ou anular os efeitos da campanha de valorização integral do homem brasileiro para dotá-lo de vigor econômico, saúde física e energia produtiva".

"É necessário à riqueza pública que o nível de prosperidade da população rural aumente para absorver a crescente produção industrial; é imprescindível elevar a capacidade aquisitiva de todos os brasileiros, o que só pode ser feito aumentando-se o rendimento do trabalho agrícola".

Assim, após minuciosos e acurados estudos, já temos esboçado o anteprojeto do citado decreto-lei, no qual vamos encontrar, efetivamente consagrada, a antiga e legítima aspiração do nosso homem do campo, qual seja o apóio governamental e a permissão de se associar em sindicato de classe, como se vê de seus artigos 1º, 3º e 4º.

Art. 1º — É lícita a associação para fins de estudo, defesa e coordenação de seus interesses econômicos ou profissionais, de todos os que, como empregadores, empregados ou trabalhadores autônomos, exerçam atividade ou profissão rural.

Art. 3º — São prerrogativas dos sindicatos:

- a) — representar perante as autoridades administrativas e judiciais os interesses gerais das categorias ou profissões para que foram constituídos, ou os interesses individuais dos associados relativos à atividade ou profissão exercida;
- b) — celebrar contratos coletivos de trabalho;
- c) — eleger os representantes dos empregados ou empregadores que representar na base territorial;
- d) — colaborar com o Estado, como órgãos técnicos e consultivos, no estudo e solução dos problemas que se relacionem com as categorias ou profissões representadas;
- e) — impor contribuições a todos aqueles que participem das cate-

gorias ou profissões rurais representadas;

f) — promover a coordenação de seus associados para a realização do seguro grupal de acidentes do trabalho;

Art. 4º — São deveres dos sindicatos:

- a) — colaborar com os poderes públicos no desenvolvimento da solidariedade social;
- b) — manter serviços de assistência para seus associados;
- c) — promover a conciliação nos dissídios de trabalho;
- d) — promover a criação de cooperativas de consumo ou de produção, respectivamente para empregados e empregadores.

Entramos assim, no momento propício, em patriótica política agrária, por intermédio da qual, certamente, instruída em policultura dirigida, e fixado o homem rural no campo, iremos colher os frutos da velha semente realista, da advertência de Pêro Vaz de Caminha: "a terra é tão pródiga que em, nela se plantando tudo dá"

Gonçalves Dias,

o primeiro grande poeta brasileiro

O dia 10 de agosto pode ser marcado com uma pedra branca no calendário das letras nacionais. É que, nessa data, e no ano de 1823, viu pela primeira vez a luz do dia, em Caxias, Estado do Maranhão, Antônio Gonçalves Dias, "cronologicamente o nosso primeiro grande poeta", no dizer abalísado de Manuel Bandeira.

Órfão, ainda menino, suportou Gonçalves Dias sérias dificuldades para estudar, mas teve sempre o amparo confortador de sua madrasta e de alguns bons amigos, podendo, assim, manter-se em Coimbra, por cuja Universidade se formou.

Retornando à Pátria, lecionou Latin e História do Brasil, no Colégio Pedro II.

Incumbido pelo govêrno, organizou a instrução pública em várias províncias do norte, tendo sido, mais tarde, oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros. Em 1855 foi, em missão oficial, à Europa, e, em seu regresso, tomou parte na comissão encarregada de explorar as riquezas do nosso solo.

Novamente seguiu Gonçalves Dias para a Europa, agora em viagem de cura, mas, piorando sempre, resolveu, em 1864, voltar ao Brasil, tendo, então, perecido no naufrágio do "Ville de Boulogne".

Destacam-se, em sua vasta e pre-

ALMAS INFANTIS

Marilda Palina

Diante de uma vitrine de brinquedos, Marília, os olhos brilhantes, a voz muito fina, implora:

— Mamãe, aquela bonequinha de chapéu verde é minha, não é?

— A senhora me dá? . . . Que belezinha, mamãe!

Tasso não diz nada. As mãos enterradas nas algibeiras das calças, olha aquilo tudo com ar de superioridade e desprezimento: bonecas e bichos, autos, vagões, bolas . . .

E Marília insiste:

— Aquela belezinha de boneca a senhora me dá?

E como eu pronunciasse um vago — para o Natal, ela acrescenta vivamente:

— Ao menos duas, mamãe. A de chapéu verde e aquela outra de avental vermelho. Tão engraçadinha . . . Ouviu, mamãe? Ao menos duas!

A pequena ambiciosa não se contenta mais com uma só boneca.

Tasso não diz nada. Olha, agora, sério como um homenzinho, um carro de altas rodas. o seu sonho dourado . . . O carro que êle me pedira sempre.

Continuamos o passeio.

Marília, aos pulos, na minha frente, não se cansa de gritar:

— Ao menos duas, mamãe! enquanto Tasso, segurando-me pela mão, diz-me baixinho, confidencialmente:

— A senhora sabe, mamãe? Eu corri com o carro na calçada, com o "meu" carro, aquele bonito da loja. A senhora viu?

A qual dos dois dará a vida mais decepções?

A' pequena ambiciosa, sempre insatisfeita, a querer mais, cada vez mais, ou ao sonhador que sabe viver o sonho com tôdas as forças da realidade?

ciosa bibliografia: "Primeiros, Segundos e Últimos Cantos"; "Memórias de Agapito Goiabú" (romance autobiográfico que êle mais tarde inutilizou); "Patkull" (dramas de motivos suecos); "Beatriz Cenci" (drama de assunto italiano); "Leonor Mendonça" (drama em prosa); "Os timbiras" (poema indianista); "Dicionário da língua tupi"; "O Brasil e a Oceania", inúmeros poemas inéditos e uma tradução de "A noiva de Messina", de Schiller.

Sobre o valor de Gonçalves Dias e a sua posição em nossa literatura, assim opinou Ronald de Carvalho: "Foi êle, sem dúvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquela que nos integrou na própria consciência nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenários físicos e morais. Nesse homem pouco vulgar palpita com inigualável intensidade a luz de nossos horizontes, a limpidez de nossos céus e o sonoro fragor de nossos rumorosos rios. Foi Gonçalves Dias como uma dessas árvores da floresta tropical, onde a beleza das flôres se mistura ao perfume dos frutos, ao colorido das folhas, ao canto dos pássaros e à surdina musical dos ventos, num equilibrado concerto de correspondências imprevisíveis. Não se veja aqui um amontoado de frases rasas, onde o crítico procura, às vezes, esconder a inopia dos argumentos e a falta de penetração da sua capacidade de observação. Tais conceitos auxiliam o estudo da sua personalidade, pondo

em relêvo as qualidades que lhe são fundamentais. Ninguém, até Gonçalves Dias, mostrara em tão elevado grau essa compreensão da natureza, êsse conhecimento profundo e claro do seu papel na poesia".

RIQUEZA DA FLORA GOIANA

O dr. Elpenor de Oliveira, médico que reside há muitos anos em Goiaz, combinou em sua recente viagem ao Rio-de-Janeiro o exame das plantas medicinais da rica flora goiana, com o professor Antenor Machado, notável químico brasileiro, nome de reputação internacional nos domínios da ciência. De posse das instruções que lhe foram dadas, o dr. Elpenor de Oliveira enviou ao seu amigo e antigo colega, as primeiras amostras, tendo recebido do mesmo a carta que ora publicamos, acompanhada do resultado do exame que procedeu e é subscrito pelo dr. José Hasselman, diretor do Instituto de Química Agrícola do Ministério da Agricultura. Merece louvores o interesse que o dr. Elpenor de Oliveira está tomando para que sejam feitos os estudos das variadas espécies medicinais da flora goiana. A medida que outros resultados forem sendo enviados ao dr. Elpenor de Oliveira, esta revista os irá publicando a-fim-de que a classe médica

e o povo possam ter a exata noção do valor terapêutico das plantas apontadas e tidas como medicinais.

Ministério da Agricultura
Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas
Instituto de Química Agrícola

Meu caro amigo, dr. Elpenor de Oliveira

Abraços.

Recebi, com especial agrado, sua carta, seu telegrama e as amostras de fôlhas de douradão e douradinha. As fôlhas de douradão despertaram interesse, conforme resultado que junto lhe remeto.

Seria grato a v. pela fineza de enviar mais amostra (1 quilo, se possível), a-fim-de ser efetuado exame completo de composição.

Muito lhe agradeço a atenção dispensada ao sr. Marçal.

Um grande abraço do amigo certo
A. Machado.

Rio, 5-6-944.

Ministério da Agricultura
Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas
Instituto de Química Agrícola

Boletim de análise nº 22971

Data da recepção da amostra 25-4-44.

Data da remessa do boletim.

Remetente da amostra dr. Elpenor de Oliveira.

Especificações dadas pelo remetente: Fôlhas de *Paulicuria rigida* (*Psychora rigida*), vulgarmente, Douradão, rubiácea, nativa em Goiaz.

Procedência: Leopoldo-Bulhões, E. de Goiaz.

Objeto de análise:

O Diretor dêste Instituto certifica que a amostra a que se refere êste boletim foi analisada com os seguintes resultados: Foi verificada a presença de trimethylxantina (cafeína) na proporção de 0,8%.

Rio-de-Janeiro, 5 de junho de 1944.

José Hasselman, diretor.

E' EVIDENTE que a industrialização do Brasil atingiu tal desenvolvimento que, praticamente, é, hoje em dia, o primeiro país americano que está saindo de sua etapa econômica semi-colonial. As indústrias melhoram o padrão de vida dos trabalhadores. Aperfeiçoam seus conhecimentos técnicos. Proporcionam às populações obreiras melhor habitação e suas organizações sindicais cuidam das necessidades do proletariado. O que se passa no Brasil constitui, pois, exemplo para todos os países da América Latina — GONZALEZ VIDELA (diplomata chileno).

Literatos Goianos do Passado

Breno Brasil Guimarães

Há indivíduos que, nem sempre merecidamente, passam à história, sendo sua memória louvada, não raro, mais do que fôra de se admitir. Outros, menos afortunados, que de um ou de outro modo serviram de modo significativo à sua terra, mas que, inexplicavelmente, são mantidos em injusto olvido, ou, quando não, recordados de maneira menos expressiva do que se fazia mister. Entre êstes últimos, em Goiaz, está o dr. Breno Brasil Guimarães, que, dentro e fora do Estado, revelou tal valor intelectual e moral, e conduziu-se publicamente de tal modo, que sua figura se realça, entre os filhos desta terra, como uma das mais dignas de admiração.

Nasceu Breno Guimarães na cidade de Goiaz, a 19 de janeiro de 1889, tendo falecido em Florianópolis, Santa-Catarina, trágicamente, aos 9 de dezembro de 1922. Era filho do sr. Antônio Xavier Guimarães e de dona Francisca Guilhermina de Barros Cachapuz e Chaves Xavier Guimarães, ambos pertencentes a tradicional família goiana.

Fez seus estudos primários e secundários no "MacKenzie College", em São-Paulo, salientando-se de maneira singular, entre os seus colegas, a tal ponto de ter sido, sempre, o primeiro aluno da turma.

Formou-se, após um curso brilhante, pela Faculdade de Direito do Rio-de-Janeiro (hoje Faculdade Nacional de Direito), em 1914.

Feito advogado, veio Breno Guimarães exercer a sua profissão em Goiaz, na sua cidade natal, onde foi, por um certo tempo, Juiz Federal. Demorou-se pouco em sua terra, visto que, lá chegando, entrou em choque com a situação política então vigente, a qual combateu, desassombadamente, pela imprensa. Assim, em 1921, transferiu-se para Santa-Catarina, onde, mediante concurso, ingressou na magistratura. Era Juiz de Direito no Estado sulino quando se candidatou, em concurso, a um cargo diplomático, sendo bem sucedido, não tendo porém, chegado a iniciar carreira por ter falecido antes de assumir as novas funções, assassinado em Xanxerê, localidade catarinense, onde se achava dirigindo uma diligência judicial. Motivou o homicídio o ódio de um membro de poderosa família, vencido em pleito judicial por êle decidido. Caráter íntegro e destemido, Breno Guimarães não se curvou ante as ameaças dos potentados. Foi alvejado pelas costas, sendo que o atentado que o abateu foi um dos muitos de que fôra vítima. Ferido a 4 de dezembro, Breno Guimarães só veio a falecer dia 9, já em Florianópolis, revelando-se, até os últimos instantes, o rapaz folgazão e bem humorado que sempre fôra, pois pouco antes de expirar ainda cantava e tocava violão.

Breno Guimarães foi uma das nossas mais completas organizações culturais: advogado esclarecido, orador de largos recursos, jornalista vibrante, poeta inspirado, possuía, êle, uma biblioteca vasta e selecionada, pela qual, com persistência, adquiriu uma cultura geral sólida e polimorfa. Falava diversas línguas. Escreveu artigos sôbre os mais variados assuntos em jornais do Rio, de Goiaz, Minas e sul do país. Poeta inato, aos 12 anos de idade já produzira poemas tènicamente perfeitos e bem imaginados. Deixou, inéditas, várias produções, louvadas por quantos as conheceram, mas cujo destino, infelizmente, não se sabe qual foi.

Resumindo:— como literato, como magistrado e como político, distinguiu-se Breno Guimarães como um vulto de escol, dos mais ilustres de nossa terra.

São do saudoso goiano os dois poemas aqui publicados:

AO CORAÇÃO

Sossega coração, a tí que importa
A mais agora uma esperança morta,
Uma ilusão que passa!
Que importa, louco, um sonho que fenece?
Sossega, coração dorido, e esquece
A dôr que te traspassa! . . .

A chama do mais puro sentimento,
E' certo, não se apaga num momento,
Com o tempo se enfraquece! . . .
Os dias vão passando, vão fugindo,
E o amor, pouco a pouco se extinguindo,
E enfim desaparece! . . .

E assim, na vida é tudo — tudo passa! . . .
Os dias de ventura ou de desgraça
Passam, coração! . . .
Como o pranto nos olhos da criança,
O riso da velhice, uma esperança,
Um sonho, uma ilusão.

Tudo o tempo consigo vai levando
Na indômita carreira atraz deixando
Apagada lembrança;
E assim tu vais galgando o teu Calvário,
Onde supões, ó louco visionário,
Sorrir-te uma esperança! . . .

Um dia chegarás, e então, cansado,
Volvendo, coração, ao teu passado,
Com mágua, com tristeza
Verás, amargurado, em triste bando
Os teus sonhos desfeitos soluçando
Nas urzes da defesa! . . .

Distende agora o olhar . . . Lá bem distante,
Além . . . vai-se apagando, vacilante,
O sol da mocidade . . .
Das tuas ilusões a cavatina
Vai soluçando, trêmula, em surdina,
Um canto de saudade! . . .

E' o derradeiro adeus da despedida
Daquela quadra azul estremeçada
Dos anos que passaram! . . .
Contempla agora em tórno . . . Estás sòzinho.
Debalde pedirás na terra um ninho,
Já todos te deixaram.

Foram-se os teus sonhos e ilusões
Em revoada, a outros corações.
E tu, então, deserto,
Olharás indeciso e contristado
Êsse vago crepúsculo do passado
E a noite que vem perto! . . .

Não vale, pois, o pranto que verteste
Se os sonhos que tiveste e que perdeste
Jamais retornarão! . . .
Padece e cala! . . . Frágil, pequenino,
Não mudarás, ó louco, o teu destino.
Sossega coração! . . .

A UM VIOLINO

Quando tu gemes, violino, quando,
Em trêmulas surdinas se estremece
Teu seio ebúrneo, eu sinto que adormece
A dôr que o coração me vem maguando . . .

Escuto . . . e a tua voz vai se apagando;
Como um dolente ciclar da prece
E tão triste e tão branda que parece
Perdidas ilusões que estão chorando . . .

O teu soluço triste, amargurado,
Dos dias idos em minh'alma aguça
Lembranças doces de um feliz passado!

E é tão triste, violino, o teu gemido
Que, ao ouvi-lo, sinto que também soluça
Cá dentro dalma um coração partido . . .

(1911)

A posse do Conde de São Miguel

Desmembrada a ouvidoria de Goiaz da capitania de S. Paulo, pelo Alvará de 8 de novembro de 1744, como querem alguns historiadores; ou pela provisão régia de 9 de maio de 1748, como querem outros, para ela foi nomeado o primeiro capitão-general. A nomeação recaiu em dom Marcos de Noronha e Brito, sexto conde dos Arcos, nomeado por carta régia de 14 de setembro de 1748, que exercia idêntica função na capitania de Pernambuco.

Dom Marcos tomou posse do cargo, em Vila-Boa, no dia 8 de novembro de 1749 e os seus vencimentos foram fixados em oito mil cruzados anuais e mais um sôlido adicional de dois mil cruzados.

Vencido o tempo dessa nomeação, que foi de três anos, para substituí-lo foi nomeado dom Alvaro José Xavier Botelho de Távora, conde de S. Miguel, tendo sido dom Marcos nomeado, por decreto de 17 de janeiro de 1754, para o alto cargo de sétimo vice-rei do Brasil.

Dom Marcos deixou o governo de Goiaz e fez uma viagem acelerada para a Baía, onde chegou depois de 80 dias de jornada, empossando-se no cargo no dia 22 de dezembro de 1755.

No dia 30 de agosto de 1755, dom Marcos entregou o governo goiano ao conde de S. Miguel e este mal sabia que terríveis acontecimentos o empolgariam a partir dessa data.

Dom Marcos recebeu constantes notícias da viagem que o conde de S. Miguel realizava vagarosamente na direção de Goiaz e tomou as medidas mais valiosas para evitar ao novo capitão-general qualquer dis-sabor ou desgosto no caminho.

A 10 de agosto de 1755, de Meia-Ponte, onde se encontrava, dom Marcos mandou uma carta ao capi-

Fac-simile da assinatura de Dom Marcos de Noronha

tão-mor João de Godói Pinto da Silveira, famoso mata-bugre, subjugador dos Tapirapés, ordenando-lhe que, com o alferes João Gaudie Lei, fizesse sair "bandeiras da sua gente, para por em segurança essa campanha", por onde o novo governador deveria passar.

As crônicas não registram como se deu a chegada de dom Alvaro a Vila-Boa. Não registram como se deu a sua chegada nem a sua posse. Ambas, entretanto, podem ser imaginadas.

Vila-Boa, naqueles tempos, gatinhava, apenas. As suas ruas, tortuosas, prolongavam-se assimétricas e o palácio, construído por dom Marcos, não passava de uma casa grande, de paredes de terra socada. Por essas ruas caminhavam aventureiros de toda a parte, desbravadores encourados, índios domesticados, pretos forros, escravos africanos, mulatos atrevidos, soldados insolentes. Os homens de prol, nas ocasiões festivas, vestiam calções de belbute ou de picote da terra; casacos de fustão côr de canela e chapéirões de feltro de côr severa. As damas trajavam sãia de roda exuberante, a "vasquinha"; a blusa apertada ao busto, o gibão, o casacão e outras peças destinadas a resguardar-lhes dos olhares atrevidos os encantos dos braços, das mãos e até mesmo, do rosto.

Essa gente, assim trajada, deve se ter reunido para ver a chegada do novo capitão-general e para lhe assistir a posse.

A 28 de agosto de 1755, dom Marcos, com todos os preparativos concluídos para a sua viagem, escreveu aos vereadores do Senado da Câmara, dando-lhes conta da posse do conde de S. Miguel, no dia 30, "no sábadô que se conta dia 30 dêste mês que corre, a cuja função hão de Vossas Mercês assistir, como são obrigados, para se fazerem tôdas as

demaís diligências do estilo"

A posse se realizou, de fato, a 30 de agosto de 1755 e foi festiva. A festa se prolongou até o dia 2 de setembro, "tendo havido reuniões de comesainas", a que, com certeza, compareceram as figuras mais representativas da capitania e houve, também, "reuniões de dansas".

A posse do conde de S. Miguel foi a primeira que se realizou em Vila-Boa, no palácio construído pelo conde dos Arcos.

"OESTE" vista pelos outros

Com uma belíssima edição especial a revista "Oeste", editada na Capital do Estado sob a direção do doutor Vasco dos Reis, diretor da Educação, coadjuvado pelo jornalista Odorico Costa, diretor da Imprensa Oficial, sr. A. Juruena Di Guimarães, diretor da Divisão de Organização e Orçamento do D.S.P., e dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo, circulou amplamente colaborada, com nítidos clichês e tricômias executadas pela Imprensa Oficial. OESTE foi publicada em edição especial em comemoração à passagem do segundo aniversário da inauguração de Goiânia, transcorrido a 5 de julho, e trouxe uma página de honra pelo sr. Interventor Pedro Ludovico Teixeira.

Com essa bela edição aquela revista goiana marcou mais uma vitória na sua vida.

(Do "Anápolis", de 30-7-44).

OESTE — Em homenagem ao segundo aniversário da fundação de Goiânia o número de julho da revista "Oeste" traz nas suas 76 páginas esplendidamente impressas riquíssima colaboração em prosa e verso, fartamente documentada de numerosos clichês focalizando os vultos mais expressivos do grande Estado central.

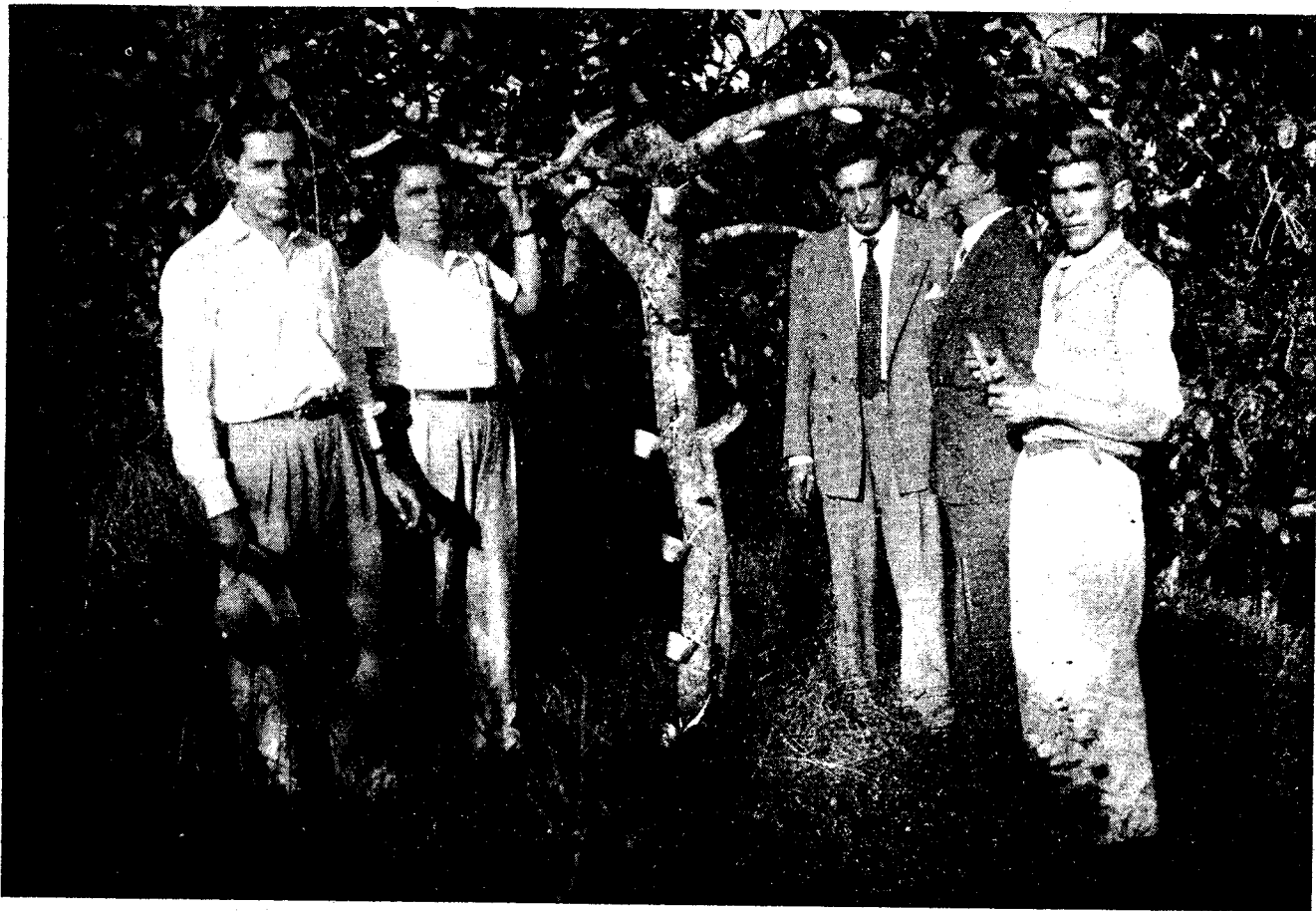
A capa, homenagem, é uma fotografia muito feliz do exmo. sr. dr. Pedro Ludovico, fundador de Goiânia, a Capital caçula do Brasil e uma das mais formosas.

("Correio de Uberlândia", de 29-7-44).

Arquiteto V.º Br. S. de
Lancro de 1752

Fac-simile da assinatura do capitão general Conde de São Miguel

O Cooperativismo em Goiás



O clichê acima representa o primeiro corteado em uma árvore da borracha, a mangabeira, que, por milhões de pés, ocupa uma grande área do revestimento florestal do Brasil Central. Trata-se da organização levada a efeito pela Cooperativa da Borracha, que foi fundada nesta capital, para a exploração intensiva do "latex" da mangabeira, tendo porém em vista, principalmente, o problema da fixação do homem, e elevação do seu nível de vida, eliminando as explorações que sofrem, atualmente, dos aproveitadores inescrupulosos do trabalho humano.

A Cooperativa da Borracha mobilizou os seus associados, que já se encontram em franca atividade, nos diversos municípios deste Estado.

O movimento cooperativista de Goiás, tão brilhantemente conduzido pelo dr. João d'Abreu, está apoiado pelo dr. Pedro Ludovico, cuja política construtiva e clarividente, está transformando integralmente, para melhor, a nossa economia.

As cooperativas daqui, são um exemplo da boa vontade do nosso governo, e do seu espírito de proteção às classes desfavorecidas, porque, a "C. C. de Goiânia Ltda.", por exemplo, com um elevado número de sócios, está sendo a reguladora de preços, impedindo as explorações do comércio deshonesto contra a economia popular e mantendo estoques de gêneros para provisãoamento dos seus cooperados, sem a interferência do aproveitador.

O Chefe do Executivo goiano tudo tem feito para socorrer as classes sociais, quer a apoiando com assistência eficaz e direta, quer incentivando as novas iniciativas, defendendo a produção, o trabalho individual ou coletivo, e eliminando o intermediário pouco escrupuloso, que, em todos os tempos, aparece nas más situações, como explorador do infortúnio alheio. A Cooperativa da Borracha já é uma instituição triunfante.

ESCOLA NORMAL OFICIAL

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro

A Escola Normal Oficial vai comemorar festivamente, a 22 do corrente, o 15º aniversário de seu desmembramento do Liceu de Goiaz.

Como é sabido, Goiaz, em seus primórdios, quasi não possuía escolas. O povo vivia ofuscado pelo fulgor do ouro e pouco, ou quasi nada, se preocupava com as letras.

Os primeiros albos da luz da instrução brilharam nos céus da terra dos goiás durante a administração do capitão-general D. José de Almeida Soveral e Carvalho. Este obedecendo à carta régia de 17 de outubro de 1773, fez estabelecer o subsídio literário, para remuneração dos professores, e pediu a nomeação de vários deles para os mais prósperos arraiais.

A-pesar-de haver, de vez em quando, um certo movimento em prol da instrução, continuava esta a se manter em plano inferior.

O 1º governador de Goiaz, no Império, Caetano Maria Lopes Gama, ao assumir a direção da provincia, encontrou o ensino completamente abandonado. Lançando seu olhar de administrador arguto para esse ramo dos negócios de Goiaz, logo compreendeu que o problema necessitava ser atacado de rijo e imediatamente. Propôs, então, a criação de vários estabelecimentos de ensino.

Entretanto, quem primeiro cogitou da criação de uma escola normal em Goiaz foi o dr. Eddo Olímpio Machado (7º governador de Goiaz no Império). O dr. Machado chegou a propor a criação da Escola Normal da Capital, não chegando, porém, a realizar o seu intento.

Mas a idéia ficou.

Gama Cerqueira, que governou de 1857 a 1860, "notando a deficiência da magistério, tentou a criação de uma escola de habilitação do professorado; o prédio para esse fim foi preparado, mas o curso não chegou a funcionar".

Era outra tentativa que falhava...

A 6 de fevereiro de 1884 assumiu o govêrno de Goiaz o dr. Camilo Augusto Maria de Brito, cuja gestão foi apenas de 7 meses, pois deixou o cargo a 3 de setembro desse mesmo ano. Foi ele quem, pela resolução provincial n.º 676, de agosto de 1884, criou a Escola Normal de Goiaz, regida pelo Regulamento expedido a 12 de março do mesmo ano.

Com a criação da Escola Normal suprimiu-se o Liceu Goiano, conservando-se anexas à Normal as cadeiras de inglês e latim do extinto estabelecimento de ensino.

A Escola Normal começou a funcionar com o seguinte pessoal:

Diretor — Dr. Jerônimo Rodrigues de Sousa Moraes.

Professores:

Pedagogia — Dr. Joaquim Xavier Guimarães Natal

Português — Manuel Sebastião Caiado.

Geografia e História — Francisco de Faria Albernaz Júnior

Aritmética e Geometria — Dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim

Ciências físicas e naturais — Dr. Francisco de Paula Alvelos

Francês — Joaquim Gomes de Oliveira

Filosofia — Dr. José Joaquim de Sousa

Música — José do Patrocínio Marques Tocantins.

Aulas práticas:

Sexo masc. — Luiz Olinto de Amorim Godinho

Sexo fem. — D. Silvina Ermelinda de Xavier de Brito.

Anexas à Escola Normal funcionavam as aulas de latim e inglês do Liceu, regidas por Rafael Torres e Teodoro Oeckinghaus, respectivamente.

Por ato da presidência, n.º 3.915, de 12 de abril de 1886 foi publicado um novo regulamento sobre instrução. Este suprimiu a Escola Normal e restabeceu o Liceu. Contudo a Normal continuou a funcionar, como se vê do livro de pontos, ainda hoje existente.

Nessa alternativa de supressão de uma e restabelecimento da outra, continuaram as duas casas de ensino de Goiaz a sua atormentada vida.

Parece que a lei n.º 38 de 31 de julho de 1893 restabeceu novamente a Escola Normal pois do Regulamento sobre instrução pública, mandado vigorar pelo dec. n.º 186, de 13 de agosto de 1898 consta:

"Art. 5º — O ensino Normal será dado na Escola Normal".

"Art. 18º — O ensino nos cursos normais e primários é o estabelecido no art. 6 da citada lei (n.º 38, de 31-7-1893)".

Em sua Mensagem apresentada ao Congresso em 13 de maio de 1898 diz o presidente Francisco Leopoldo Rodrigues Jardim: "pelas razões expostas na última mensagem, não pude instalar a Escola Normal".

O presidente Urbano de Gouveia dizia em 1899, após declarar que se achavam vagas algumas cadeiras do Liceu "por falta de pessoal idôneo que as queira preencher", acrescentou: "Por igual motivo não pôde, também, ser instalada a Escola Normal". (Mensagem ao Congresso).

Em 1900 declarava o dr. Urbano de Gouveia: "a-pesar-da necessidade de termos professores competentes que guiem a mocidade, ainda não

foi possível instalar-se a Escola Normal, não só por falta de pessoal habilitado, como também de edificio adequado".

Parece que a dificuldade em achar pessoal habilitado era determinada pela exiguidade de vencimento. O orçamento para 1896 dá a seguinte verba anual:

Prof. de desenho	500\$000
Prof. de Pedagogia e matemática	500\$000
Professora da escola anexa	600\$000
Professor da escola anexa	600\$000

Desejando sanar essa dificuldade foi baixada a lei n.º 107 de 15 de junho de 1896 que diz em seu art. "Art. 4º—O presidente do Estado fica autorizado a contratar professores para a Escola Normal marcando-lhes vencimentos maiores que os determinados na lei orçamentária, se, postas em concurso as respectivas cadeiras, não aparecerem opositores a elas".

A partir de 1904, como se vê dos livros existentes, funcionou a Escola Normal com toda a regularidade, sempre anexa ao Liceu.

Em 1918 foi o antigo Curso Anexo à Escola Normal transformado em Grupo Escolar da Capital pelo presidente dr. João Alves de Castro.

Por ato de 22 de agosto de 1929 a Escola Normal foi desmembrada do Liceu, reorganizada, e passou a funcionar no edificio do Palácio da Instrução. Foi, então, criada a E. Complementar, anexa à Normal.

Com a mudança da capital do Estado a Escola Normal transferiu-se para Goiânia, em dezembro de 1937. A principio foi instalada no próprio prédio do Liceu, passando depois a funcionar na rua Vinte, no prédio anteriormente ocupado pela presidência do Estado.

Agora, devido aos novos rumos dados ao ensino normal no Brasil, vai a E. Normal passar por radical transformação. E' pensamento do govêrno dar-lhe organização igual à que rege as demais escolas de preparo do professorado brasileiro.

Talvez a partir do ano próximo vindouro já inicie a nossa E. Normal a sua nova fase. De nível superior ao ginásial, só nela terão ingresso os portadores de certificado de exame de licença desse curso. Portanto ela só ministrará a parte especializada, tão necessária a quem deseja se dedicar ao magistério.

Outro grande melhoramento por que vai passar a E. Normal Oficial é a sua instalação em prédio próprio, obedecendo a todas as exigências da pedagogia moderna e da higiene escolar.

Por esses motivos e com a radiosa esperança de um futuro brilhante, engalana-se a E. Normal e, entre risos e festas, comemorará a sua data magna — o 22 de agosto.

Os outros vistos por "Oeste"

"PÁGINAS DE FRATERNIDADE E CIVISMO" — Viriato Dorneles Vargas — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" — S. Paulo, — 1944 —

Temos em mãos um exemplar de "Páginas de Fraternidade e Civismo", contendo conferências, discursos e comentários do ministro Viriato Vargas e uma análise de sua vida e sua obra. O volume foi organizado pelo talentoso e erudito jornalista Paulo Tacla e publicado por alguns amigos do sr. Viriato Vargas, residentes em São-Paulo.

No seu prefácio, que é uma página de alto teor político e sociológico, e no qual tece um panegírico ao sr. Viriato Vargas, Paulo Tacla, apresentando o livro, justifica a homenagem invocando, de início, essas palavras de Bolívar: "Si la lisonja es un veneno mortal para las almas bajas, los elogios debidos al mérito alimentan las almas sublimes".

Segue-se, à introdução de Paulo Tacla, uma coletânea selecionada de discursos, conferências e artigos de Viriato Vargas. São páginas, realmente, de civismo e de fraternidade, as constituídas pelas produções de prestígio brasileiro, pois que este, em tudo que escreve, mostra-se sempre inspirado nesses dois polos da atividade política: a humanidade e a pátria. De fato: o mundo e o Brasil — um grande Brasil, dentro de um mundo feliz — eis a preocupação que demonstra o sr. Viriato Vargas nos trabalhos enfeitados neste volume. A linguagem do autor é vivaz, clara, positiva, por vezes até contundente; seu estilo é movimentado, nervoso, vibrante; e as suas meditações são as de um homem culto e preocupado com os grandes temas sociais.

A parte final do livro consta de uma séria de apreciações sobre a personalidade e a ação de Viriato Vargas, feitas por conceituadas figuras de nossos meios políticos, militares, jurídicos, literários e jornalísticos.

"GOIAZ — usos, costumes, riquezas naturais" — Victor Coelho de Almeida — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" — S.-Paulo, 1944.

Neste livro, editado pelo Estado e sob o patrocínio publicitário de OESTE, o sr. Victor Coelho de Almeida nos apresenta os seus estudos e impressões sobre coisas e gentes de Goiaz.

Está, o volume, dividido em quatro partes, contendo: a 1ª—considerações gerais sobre o Estado; a 2ª—uma visão de Goiaz em 1892; a 3ª—um panorama de Goiaz modernizado; a 4ª—uma visão geral do progresso de Goiaz, a partir de 1930.

A obra tem um cunho de narrativa, constituindo um documentário

Ahasverus

precioso de coisas goianas, onde se poderão, sem dúvida, bem informar aqueles que desejem ter um conhecimento maior da terra de Anhanguera.

Nossas dansas típicas; os característicos da nossa vida sertaneja; os hábitos do nosso roceiro; os costumes das nossas cidades; a importância de nosso mundo mineral, animal e vegetal; o valor dos nossos rios; o que representou, para Goiaz, a vitória da Revolução de Outubro e a ascensão de Pedro Ludovico ao poder, tudo isso é contado pelo sr. Victor Coelho de Almeida, num estilo simples e num linguajar bem cuidado.

Para não ficar só no elogio: a parte sobre a literatura goiana pareceu-nos fraca, pois o autor se limitou a citar nomes de escritores, sem lhes interpretar a obra, além do que olvidou alguns legítimos valores de nossas letras, entre os quais figuras de citação indispensável.

Resumindo a nossa impressão sobre "Goiaz — usos, costumes, riquezas naturais", cremos que o que melhor poderíamos dizer, é isto: — é um livro útil.

"DUAS IRMÃS" — Almir de Andrade — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1944.

O sr. Almir de Andrade, sem dúvida uma das mais sérias expressões da inteligência e da cultura nacional, e que já se notabilizara pelos seus admiráveis estudos sobre temas filosóficos, políticos e sociológicos, surpreende-nos, agora, com uma nova experiência literária, dando-nos o romance: "Duas Irmãs".

O título, lembrando o de Delly, não diz bem que romance magnífico é esse.

De fato: — "Duas Irmãs", que melhor fora denominar-se "Insatisfação", constituiu, para nós, uma verdadeira revelação. Há uns pontos altos e outros mais baixos, nesta obra, não se movimentando ela sempre numa mesma altitude; mas os pontos baixos são poucos, e os altos são muitos. Os diálogos, por exemplo, embora não cheguem a ser vulgares destoam do conjunto—todo tecido em linhas firmes e se movendo num alto clima—no que contrastam com os solilóquios dos personagens principais, monólogos alguns verdadeiramente formidáveis, raros, mesmos, nos romances nacionais.

A "história" dos tipos centrais do livro — a explicação de sua atitude, os seus dramas íntimos, as suas situações sentimentais e morais, as suas angústias e anseios — ou seja, o seu "retrato psicológico", aí está "o forte" do autor, que, nesse plano, escreveu algumas páginas soberbas,

equiparáveis às melhores de Dostoiévsky, Machado de Assis, Xavier de Maistre.

Diana, Bruno e Catarina são figuras cuja caracterização basta para, de já, qualificar Almir de Andrade como um dos melhores romancistas, digamos — "subjettivistas", do Brasil, o que não exclue o "objetivismo" do autor, que soube, com realismo, porém comedidamente, analisar situações sociais modernas de nossa vida metropolitana com muita maestria.

Sem exhibições pedantescas de erudição, Almir de Andrade se revela, no entanto, o homem culto que é: o psicólogo inato, o observador sagaz, o crítico humaníssimo, o apaixonado da música e da natureza. Com a densidade sentimental que tem e a acuidade de inteligência que possui, Almir de Andrade, breve, marcará um tempo na história do romance brasileiro.

A técnica do livro é boa, o estilo adequado ao assunto, a linguagem agradável e correta. Há musicalidade, poesia, movimento e realismo, na peça. Em síntese: "Duas Irmãs" é um excelente romance. Um romance da mesma família de "O Homem", de Aluísio Azevedo de "Viagem ao redor do meu quarto", de De Maistre de "Memórias Póstumas de Braz Cubas", de Machado de Assis, de "Angústia", de Graciliano Ramos. Há um pouco de cada uma dessas obras, em "Duas Irmãs", que, no entanto, é um romance inconfundível.

"HISTÓRIAS BANAIIS" — Jorge Azevedo — Rio — 1944 — Editora ?

Jorge Azevedo acaba de lançar o seu terceiro livro, com o título de "Histórias Banais".

O jovem escritor, tão bem recebido pela crítica, em 1939, com o seu livro de estreia — "O Diário", revelou-se, em 1940, em "Adolescência", um poeta de méritos, e finalmente, com "Histórias Banais", vai abrindo caminho para ocupar um lugar de relêvo nas letras indígenas.

Já se disse que o conto é a forma mais difícil de narrativa, pois que uma cristalização, uma síntese do romance. E Jorge Azevedo maneja bem essa arte de resumir acontecimentos, de fazer personagens, de criar situações, de surpreender aspectos interessantes da vida.

Todos os contos de "Histórias Banais" — "A história banal", "Pai Noé", "O Morto", "A fogueira", "A história da fazenda", "O Agouro", "Boneca", "Sêca", "A vingança", "Pilão" e "Extranho caso conjugal" — possuem enredo bem urdido, movimento, realismo, constituindo, o livro, um agradável passatempo intelectual.

O livro é bem impresso. A capa é de Antônio Rocha.

A morte do Conde de Sarzedas

As desordens estaladas em Goiás, logo após a descoberta das minas, chegaram a tal ponto que causaram as mais sérias apreensões ao capitão-general de S.-Paulo que nos sertões goianos possuía plena autoridade.

Para agravar essa situação, com os colonos chacinando-se onde quer que se estabelecesse um garimpo, surgiram sérias desavenças entre as autoridades, desavenças tão grandes que um cronista da época, não teve dúvida em atribuir a estas as responsabilidades de todos os males da terra. "A desordem, começando nas regiões oficiais, passou ao povo e acabou por se tornar tão séria que nos povoados apareciam frequentemente mortes e ferimentos. Em último resultado, decidiam-se os pleitos a ferro e a fogo. Era quasi uma guerra civil".

Dom Antônio Luiz de Távora, quarto conde de Sarzedas, terceiro capitão-general privativo da capitania de S.-Paulo, alarmou-se com a situação dos sertões goianos e, a 30 de agosto de 1732, escreveu longa carta a dom João V, pedindo permissão para se transportar a Goiás, para verificar os fatos aqui desenvolvidos, ordenar devassas e tomar as providências que se fizessem necessárias.

A ordem custou a vir. Veio com os avisos de 11 de fevereiro e de 12 de março de 1736.

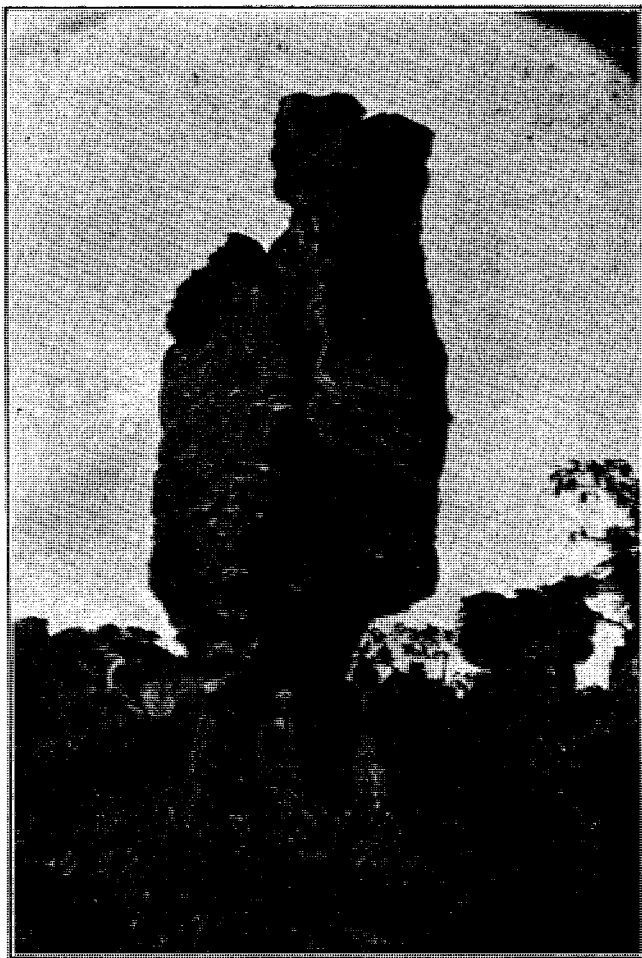
Nos fins desse ano, o conde de Sarzedas deixou S.-Paulo, com destino às minas descobertas por Bartolomeu Bueno. A sua comitiva era espaventosa. Dela faziam parte o tenente-general Antônio Luiz de Sá Queiroga, o tenente Antônio da Silva e Mota, o seu secretário Antônio da Silva Almeida, escrivães, meirinhos e dragões.

Nos princípios de 1737, depois de uma viagem penosa, através de região sertaneja infestada pela bugrama Caiapó, o capitão-general de S.-Paulo chegou a Meia-Ponte e, ali, tomou importantes medidas relativas à administração dos sertões.

Naqueles bons tempos, administrar consistia em encher o erário de ouro. Por isso, Sarzedas reuniu uma junta e, depois de larga discussão, estabeleceu os primeiros tributos que os mineiros deveriam pagar. Entre outros impostos, ficou estabelecido o de quatro oitavas e três quartos de ouro por escravo em exercício no sertão; cada venda ou taverna, vinte oitavas anuais; cada mestre de oficina, fosse qual fosse o gênero, oito oitavas; cada oficial, cinco oitavas; cada loja, sessenta oitavas; cada corte ou açougue, trinta oitavas e cada botica quinze oitavas.

Essa tributação era altamente escorchante. Era maior que a tributação em vigor nas Gerais e nas minas de Cuiabá. Entretanto, ela foi

SERRA DOURADA



O micaxisto é uma rocha composta de mica e de quartzo, de estrutura folheada. O vento opera, nessa rocha, um desgaste constante, apresentando os mais curiosos resultados. Na Serra Dourada, no município de Goiás, os resultados da ação do vento sobre as massas de micaxisto fazem recordar os imensos conglomerados oscilantes do Arizona, tão citados em tôdas as publicações de propaganda turística dos Estados Unidos.

Na Serra Dourada, a ação do vento sobre as rochas realizou esculturas singulares. Esta fotografia é de uma beleza surpreendente. Faz lembrar um idolo monstruoso de um povo extinto . . .

posta em vigor e a sua arrecadação se fez com energia.

Para que se possa compreender o produto que essa tributação levava ao erário, basta que se considere que, na época, o censo realizado estimou em mais de 6.000 o número de escravos existentes nas minas goianas, o que drenaria para o erário cerca de 30 mil oitavas de ouro cada ano.

Sobre as desordens estaladas entre os mineiros, surgiu um sério conflito administrativo: o capitão-general do Maranhão, numa evidente má fé, nomeou autoridades para os arraiais de S.-Felix, Natividade e outros, pertencentes ao sertão de Goiás.

Dom Antônio Luiz Távora deliberou, então, prolongar a sua viagem

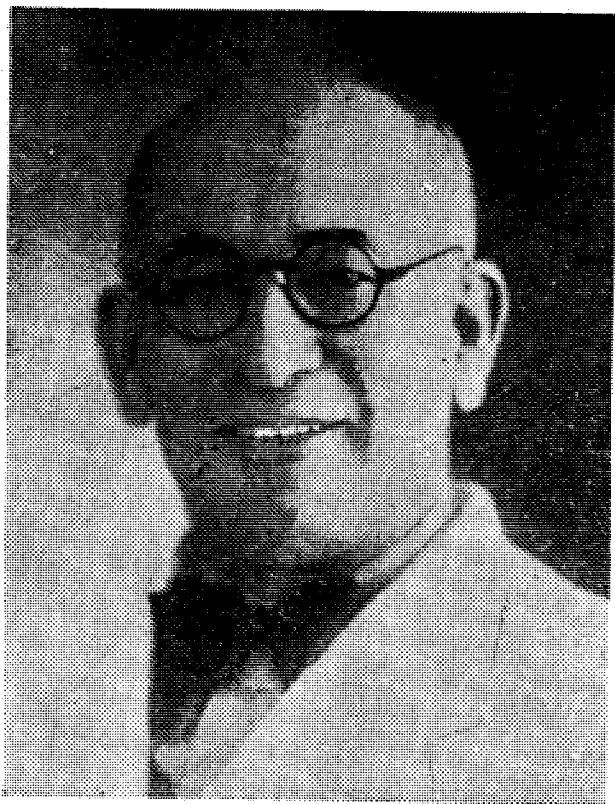
ao Norte, "a-fim-de retirar as autoridades intrusas que se negavam a obedecer".

Em caminho, porém, o conde de Sarzedas foi atacado de maleitas e, no meio de terríveis sofrimentos, em uma agonia demorada, veio a falecer em Traíras, no dia 28 de agosto de 1737.

Os seus despojos permaneceram na terra goiana durante alguns anos, até que, em 1740, foram êles exumados e remetidos para Lisboa, onde chegaram no dia 26 de agosto de 1740, para serem inumados no jazigo da família Távora.

Foi êsse o primeiro capitão-general que pisou as terras sertanejas de Goiás. O primeiro que aqui pisou e aqui morreu.

DR. LAUDELINO GOMES JUNTA DE JUSTIÇA DE GOIAZ



A 5 de agosto de 1877, na cidade de Goiaz, nascia o dr. Laudelino Gomes, vulto preeminente na história política de nossa terra e que foi um dos elementos que mais destacada atuação tiveram na obra pedro-ludoviquiana de restauração econômica e espiritual de Goiaz.

Homem culto, decidido, patriota e probo, Laudelino Gomes, com o seu senso político, com a sua intuição das coisas, com a sua experiência da vida e o seu conhecimento dos homens, foi, por isso mesmo, uma das figuras marcantes da Revolução de 1930, a cujos ideais serviu com dedicação, idealismo e desassombro.

Se na vida pública ocupou sempre uma posição de vanguarda, na vida social se revelou um perfeito "gentleman", mercê de seu espírito alegre, de seu caráter inatacável, de sua educação esmerada, qualidades que lhe valeram gerais amizades e simpatias.

Comprovação do quanto era êle admirado e benquisto, tivemos-a quando de sua morte: seu enterro foi acompanhado por uma verdadeira multidão, estando presentes personagens destacados dos mais elevados círculos políticos, sociais e administrativos do país. Seu falecimento verificou-se no Rio, aos 8 de janeiro de 1937.

O dr. Laudelino Gomes fez seus estudos secundários no Ginásio Episcopal de Goiaz. Daí se transferiu para o Colégio Lamartine Delamare Nogueira da Gama, em Jacareí, São-

Paulo. Findo o curso de humanidades, seguiu para o Rio, por onde se doutorou pela hoje Faculdade Nacional de Medicina, em 1903, tendo feito, simultaneamente, os cursos de medicina, farmacologia e odontologia. Exerceu com êxito a profissão, patenteando-se um clínico notável e caritativo e um grande cirurgião.

Dedicou-se, também, o saudoso goiano, ao jornalismo, colaborando no "O Liberal", de Jataí, "O Social", de Goiaz, e em vários jornais do Rio e do interior, batendo-se pelos princípios outubristas e pela mudança da capital do Estado.

Ocupou, aqui, o cargo de Diretor de Higiene, cujo serviço foi o primeiro a organizar, de um modo racional, no Estado. Foi, ainda, deputado federal, distinguindo-se pela visão objetiva dos nossos problemas e pelo seu grande amor ao Brasil.

Por tudo isso Goiaz é devedor ao dr. Laudelino Gomes de imorredoura gratidão, motivo por que o seu nome continua vivo no coração e no pensamento da nossa gente, como um estímulo a novos feitos e um nobre exemplo a imitar.

Antiguidades . . .

D'Aubigné encontrou-se no Louvre com um grupo de senhoras já muito idosas e estas lhe perguntaram o que fazia ali.

— Como vêm, minhas senhoras, admiro antiguidades . . .

A primeira organização da justiça, em Goiaz, foi feita para processar um capitão-general.

Estalado o conflito entre os Távoras e o Marquez de Pombal, surgida a tentativa de regicídio de 3 de setembro de 1758, foi instaurado o processo contra os fidalgos da casa dos Távoras e, segundo os historiadores, êsse processo foi "um monumento de ferocidade".

Dom Álvaro José Xavier Botelho de Távora, conde de S. Miguel, que governava a capitania de Goiaz, foi atingido pelas iras do Marquez de Pombal, sendo demitido do cargo, sumariamente, a 7 de setembro do mesmo ano em que, em Lisboa, atendeu-se contra a vida de Dom José I, O infeliz conde de S. Miguel ficou em Goiaz, por algum tempo, tentando em vão intervir no processo contra êle instaurado. O novo capitão-general, dom João Manoel de Melo, chegado a Goiaz no dia 4 de julho de 1759, trouxe ordens severas "para devassar minuciosamente os últimos dez anos da administração da capitania", e para agir com rigor contra os jesuitas.

Dom Álvaro em vão tentou conjurar a tempestade que contra êle se desencadeara. Em vão tentou vencer o poder do Pombal. O primeiro ministro de dom José I foi impiedoso para com êle.

Dom Álvaro foi prêso e remetido para Lisboa, falecendo em caminho, nas alturas de Recife, possivelmente.

A Junta de Justiça, constituída e instaurada por dom João Manoel de Melo, realizou uma rigorosa devassa no governo do desventurado conde de S. Miguel, apurando graves responsabilidades contra quasi todos os seus auxiliares de governo. "Seria preciso", diz um cronista, "fazer grossos volumes para substanciar todos os extravios, desordens, desca-minhos e violências praticados" em Goiaz.

*Cumprase e Seguinte-se V. D. P.
12 de Dez. de 1768.
João Manoel de Melo*

Fac-símile de assinatura de dom João Manoel de Melo

O desembargador da Relação do Rio-de-Janeiro, dr. Manoel da Fonseca Brandão, foi enviado a Goiaz, para apurar os "perniciosos delitos, e estranhos procedimentos, em que deslisaram o Conde de S. Miguel", os ouvidores, e procurador da Fazenda Real, os tesoureiros, o caixa do contrato das estradas, o inter-dente da casa de fundição e outros. Para completar as providências terríveis, ordenadas pelo Marquez de Pombal, certa noite, foi assassinado misteriosamente, com tôda a sua família um fidalgo dos Távoras,

Crepúsculo na Paulicéa

Especial para a revista "Oeste"

Álvaro de Campos Góes

Uma fumaça tenue, de mistura com uma poeira arroxelada, confusa, caía sobre a Paulicéa. A tarde, era um pouco abafada. Havia no espaço, qualquer coisa denunciando a queda de próxima chuva-rada. Pairava sobre o casarío da cidade paulistana, os últimos raios do sol fecundante, semi-tropical, dando uma vida tóda especial aos monstros de cimento armado. A Metrópole Bandeirante, na sua agitação natural, agora, ia aos poucos, despedindo-se das labutas quotidianas. As fábricas distantes, com os apitos estridentes, haviam anunciado o término da luta diária, a-fim-de que a turma que trabalha no esforço de guerra, viesse dar início às suas tarefas.

Descia sobre a cidade, um calor asfixiante. Os bondes camarões e os de operários, apinhados de povo cansado, à semelhança de grandes jacais, repletos de gostosas melancias, demandavam aos subúrbios afastados. Os trens das companhias S. P. R., Sorocabana e Central do Brasil, num frenesí doido, transportando uma gente heterogênea, estafada, aborrecida, seguiam em corridas ciclópicas, rasgando as terras férteis do colosso paulista, silvando, vomitando fumaças possantes, distanciando-se para além, em busca de repouso para os construtores do país. Esses heróis anônimos, que diariamente, com uma parcela imprescindível de trabalho honesto, vão elevando este formoso Brasil, à categoria de Nação de primeira grandeza. São eles, as cintinelas avançadas de todos os países do mundo: os operários.

Uma mulher estérica, tóda enfiada, fortemente aborrecida, quasi correndo, chocára-se comigo. "Ora essa! o Senhor aí parado? preciso chegar cedo em casa? era só o que faltava?" Voltei-me, mas a mulherzinha de cabelos côr de fogo, já tinha avançado bastante e perdera-se no meio do turbilhão cosmopolita. Procurei seguir pela rua Libero Badaró.

Os sinos do Patriarca, São Bento

residente em uma fazenda no vale do Uruú, no município de Goiaz.

Tal, foi, em linhas gerais, a repercussão que em Goiaz teve a tentativa de regicídio de 3 de setembro de 1758 e tal foi, também, o triste fim dos fidalgos da casa dos Tavoras que moravam nos sertões goianos.

e São Francisco, naquela mansidão das coisas litúrgicas e respeitáveis, iam bimbando a Ave Maria. Um rádio distante, tocava a música sacra de Gounod e era cantada por uma voz melancólica e cheia de harmonia. Continuavam as disputas dos lugares. As filas dos ônibus, cresciam assustadoramente. Ninguém deseja retardar-se. O jantar desejado, esperava a todos. O estômago exigia novas provisões. As senhoras, que esperavam os veículos, numa atitude simplória e sincera, ao toque do sino, ergueram preces à Virgem Santíssima. Os homens mais concentrados, idosos, descobriam-se respeitosamente, rendendo uma homenagem à Mãe de Cristo.

No vale pitoresco e eternamente verde do Anhangabaú, cuidadosamente conservado, graças ao urbanista Prestes Maia, os pardais irrequietos, enviam os últimos gorgeios sonoros. Havia uma profusão interessante de chilreados. Os pássaros pequeninos, procuravam agasalho no seio das árvores copadas e nas cabeleiras soltas ao vento, das lindas palmeiras tropicais e acolhedoras.

O magestoso Viaduto do Chá, obra de arte da engenharia moderna, era um verdadeiro formigueiro. Transportes de passageiros, taxis velozes, carros a gasogênio, motocicletas, passavam em disparadas, soltando glaxonadas confusas. Os pedestres agitados, avançavam para diversos setores da cidade.

Estava apreciando este movimento, quando encaminhei-me para apanhar lugar em um bonde. Fui seguindo pela agitadíssima e barulhenta Avenida São João, uma das artérias principais da grande metrópole industrial do país. Fiquei perto do motorneiro. Era mulato novo e de cara bem amarrada. Denunciava ter atravessado um dia de grandes lutas, em troca de pouca coisa. Não havia mais lugares e dei-me por satisfeito, ter arranjado aquele cantinho sossegado, no meio da confusão. Tive de viajar em pé, como sempre vai-me acontecendo. A proporção que o elétrico foi deslizando pelos trilhos gastos e reluzentos, fui apreciando o crepúsculo, que descia paulatinamente sobre a Paulicéa. Ainda não me havia preocupado, em apreciar esta encantadora parte da tarde, no lindo torrão de Amadeu Bueno e Fernão Dias Paes Leme. Era verdadeiramente arrebatador, o cenário que eu tinha a felicidade

de contemplar. Tive recordações dos crepúsculos de meu Nordeste bem distante, onde os últimos reflexos do sol tropical, parece que ficam abrasando à natureza adusta, daquelas plagas causticantes, porém, cheias duma eterna poesia.

Faz favor! alguém me disse, mas estava tão absorvido na contemplação daquele painel, que, foi necessário um passageiro avisarme e voltando, deparei-me com um homem sujo, mal trajado, barbado, cobrando-me a passagem. Era o indefectível condutor. São-Paulo tem os seus contrastes, fui dizendo maquinaalmente. Esta companhia de bondes parece não dar muito valor aos seus funcionários? Enfim, disse, que geito vou apresentar para que estas coisas melhorem?

A maneira que o crepúsculo ia caindo, a noite ameaçava envolver o grande planalto de Piratininga. Dentro de alguns instantes o sol se ocultaria por traz dos picos das montanhas longinquoas e constantemente cobertos duma fumaça densa, como se fosse uma verdadeira bruma.

As sombras começavam suas penetrações nos vales distantes. Campinas verdejantes e desfiladeiros abruptos, rochas acidetadas e florestas pitorescas, eram gradativamente envolvidos pela indecisão que se estabelecia em tudo e por todos os recantos.

Submerso no manto da noite que se aproximava a passos gigantescos os raios do sol, com suas cores de brasa, iam tomando colorações esmaecidas. O velho e tradicional planalto era uma maravilha, verdadeiramente fascinante. A grandeza de tudo aquilo, tornava-se impressionante aos meus olhos de forasteiro, nesta cidade hospitaleira e excessivamente progressista. Parecia a Paulicéa, um lindo diamante, colocado no coração da gleba bandeirante. O céu, tinha um azul bem acentuado. Sorrateiramente, o firmamento fôra assaltado por clarões doirados e gradativamente metamorfoseando-se em tonalidades bem delicadas. Morrem, afinal, envolvidos pelas trevas espessas da grande noite misteriosa.

A impressão desse maravilhoso dia de junho, mais se assemelhava aos dias cálidos de Novembro ou Dezembro, jamais sairá de minha lembrança de peregrino e amante da natureza do meu país.

O homem da cidade, vivendo inteiramente absorto em sua faina diária, em geral não tem a preocupação de contemplar os belos cenários da terra em que vive. Eis a razão da alienígena sempre observa melhor as belézas encantadoras do nosso Brasil.

«OESTE»

BOLETIM MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Tocantins, n.º 7

(Imprensa Oficial)

Telefone — 1161

Goiânia — Estado de Goiás

DIRETOR:

Vasco dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:

A. Juruena Di Guimarães

Odorico Costa

Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:

Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

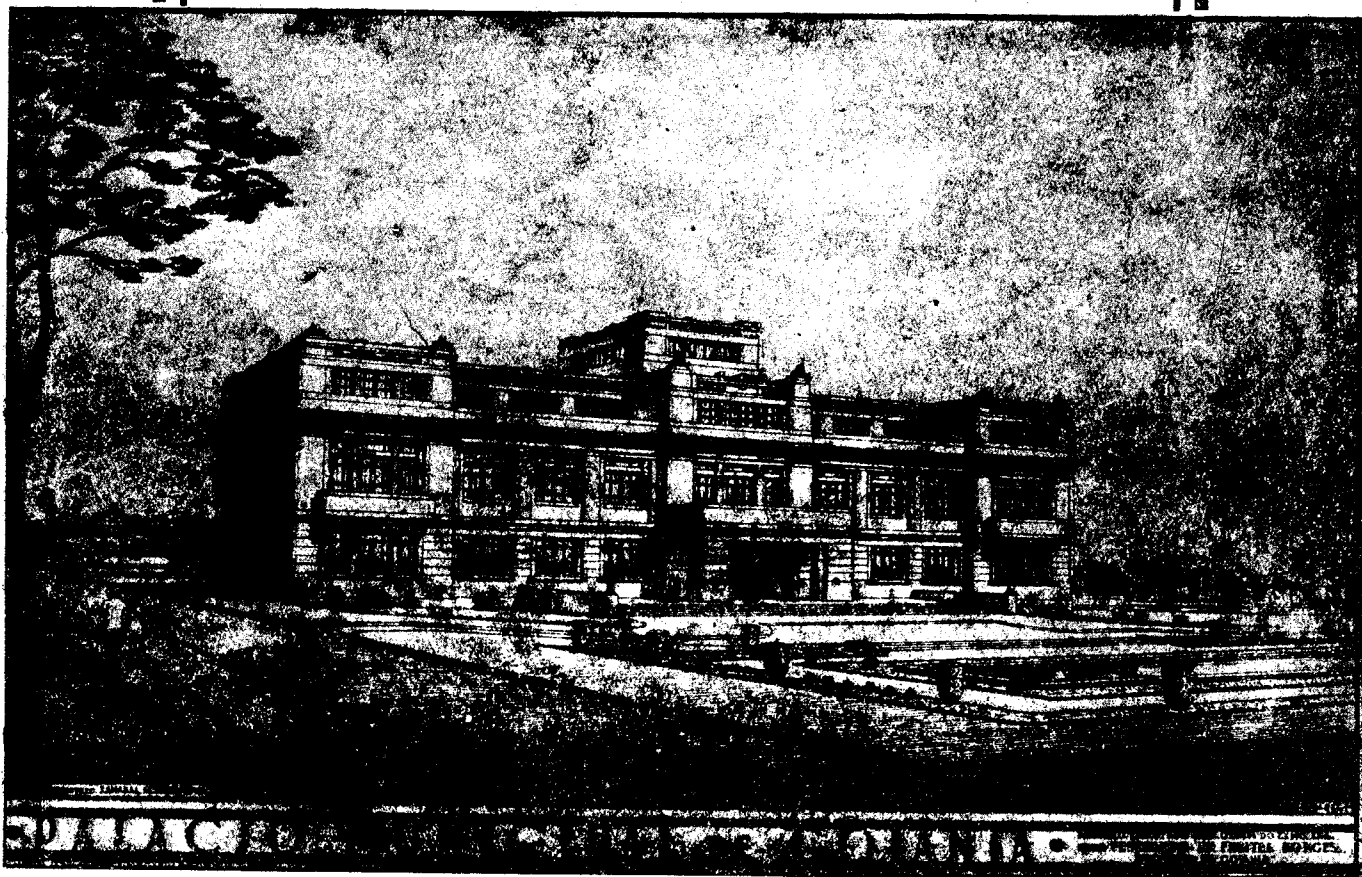
Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada ao boletim "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.

O E S T E

BOLETIM MENSAL

Ano III | Goiânia, Setembro de 1944 | Núm. 20



— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

“Dá-se à criança a estrutura que se quer”

Pedro Ludovico Teixeira

Publicamos aqui, em primeira mão, o discurso proferido pelo sr. Interventor Federal em Piracanjuba, inaugurando o esplêndido grupo escolar mandado construir naquela cidade pelo dinâmico e progressista prefeito, sr. Herminio Amorim.

A nova oração do sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira não foge às linhas de seu espírito objetivo, patriótico e humano:—é uma peça excelente, oportuna e meditada, e que esconde, na singeleza das palavras, um tesouro de idéias nobres e fecundas. O sr. Interventor Pedro Ludovico diz as coisas como devem ser elas ditas, e diz sempre grandes coisas. Prova disto têmola nesse trecho, tão pleno de sentido construtivo: “Atualmente, na escola se plasma o homem do futuro. Dá-se à criança a estrutura que se quer. Plasma-se nela o homem que se deseja para a vida das nações. Uma prova concreta do que afirmamos se vê na Alemanha, na Rússia. Idealizou-se naqueles países um homem político e econômico, de acôrdo com as diretrizes dos propósitos dos seus regimes governamentais”. Só falaria assim um homem atento aos acontecimentos essenciais, e um homem que crêse, como Pedro Ludovico crê, no valor da idéia e da vontade. Um homem como êle, que, a vontade posta a serviço da idéia, construiu Goiânia. A invocação dos exemplos soviético e nazista é cabível — oportuna, mesmo — e patenteia a verdade de que são as

ideologias que informam as sociedades, de que é o homem quem, pela sua inteligência e pela sua vontade, domina as coisas e dirige a história. Não se cuida de defender o regime alemão ou o russo, mas tão somente de se constatar um fato — o de que a educação faz o homem — e dêse fato extrair os ensinamentos que êle comporte. O inegável é que existe um novo homem na Rússia, tanto quanto na Alemanha. Ora, assim como na Alemanha se educou o homem para o nazismo e na Rússia para o bolchevismo, podemos educar o brasileiro para a verdadeira democracia.

Lembremos que o sentido do ensino moderno brasileiro, como acentuou o sr. ministro Gustavo Capanema, visa à formação, no nosso homem, de uma consciência humanística e patriótica. Conseguí-lo-emos? — Sim, desde que todos os brasileiros tenham, na educação, a mesma fé que nela possui o interventor Pedro Ludovico Teixeira, que, por isto, está realizando em Goiaz, dentro das possibilidades financeiras do Estado, uma política educacional digna de registro.

O que todos desejamos é um Brasil feliz, dentro de um mundo feliz. E isso poderemos alcançar, de nossa parte, se soubermos encaminhar a criança brasileira nesse sentido humano e nacional.

Conquanto não seja dos meus hábitos visitar frequentemente as sedes das comunas golanas, não me era possível furtar-me ao convite de comparecer a esta solenidade em que se inaugura mais uma casa de ensino em nosso Estado.

Acontecimento que tal não pode deixar de proporcionar intenso júbilo ao povo que dele diretamente se beneficia, como aos responsáveis pela administração pública.

A êstes incumbe a tarefa ingente e nobre e patriótica de se esforçar pela alfabetização dos seus jurisdicionados.

Aliás, como sabeis, é muito complexo o problema da instrução. Só a abertura de estabelecimentos para êste mister não o resolve.

E' necessária uma boa organização para bem solucionar-lo. Alfabetizar, tout court, o indivíduo é muito pouco, é quasi nada. Continua um espírito retrógrado e selvagem como dantes. Os seus horizontes se dilatam de centímetros. A sua percepção se mantém dentro de limites mui restritos.

Resultados quasi nulos lhe advirão do conhecimento adquirido. Vislumbra apenas uma pálida reseta de luz no ambiente que o cerca.

Para que isso não se verifique, preciso é uma instrução mais profunda e mais extensa. Preciso é que se eduque.

Motivo por que muitos acham que a viação deve preceder a instrução.

Dando transporte, oferecendo vias de comunica-

ção aos habitantes de zonas que não as possuem, como é a regra em nosso país, a instrução virá naturalmente. Quer os governos ajam, quer não ajam neste sentido.

As rodovias, as ferrovias trazem o desenvolvimento econômico dessas regiões, que, por sua vez, importa na melhoria financeira dos seus habitantes.

Estes, desafogados nas suas novas condições de vida, promovem por si mesmos a instrução de seus filhos, ou concorrem em maior vulto para os cofres públicos, facilitando aos administradores a propagação de escolas.

Aliás, o ideal é fazer-se o ensino bem planejado, tecnicamente organizado, pois, o professorado é hoje uma técnica.

Quem não tiver os conhecimentos modernos necessários a essa missão, não está à altura do momento educacional que vivemos. As noções da Escola Nova, da pedagogia atual, não são produtos de ciência abstrata. São conhecimentos perfeitos de experiências que se fizeram no correr dos séculos.

São elementos positivos, de real valor na educação das crianças. O aproveitamento obtido pelos métodos modernos não se compara com o adquirido pelos antigos processos.

Atualmente, na escola se plasma o homem do futuro. Dá-se à criança a estrutura que se quer. Plasma-se nela o homem que se deseja para a vida das nações. Uma prova concreta do que afirmamos se vê na Alemanha, na Rússia. Idealizou-se naqueles países um homem político e econômico, de acordo com as diretivas dos propósitos dos seus regimes governamentais.

Com a educação cientificamente orientada consegue-se um tipo física e espiritualmente estruturado, conforme as bases projetadas.

Por essa observação se conclue, se aquilata a responsabilidade dos governos pela educação dos seus povos.

Desde que na escola se faz o homem, impõe-se um zelo, um carinho, um esforço enorme para que se constitua bem esse homem.

Esta é a razão primordial por que hoje os administradores cuidam com extremo desvelo da educação de sua mocidade. Nela está alicerçada a grandeza dos povos.

Felizmente estamos agora em situação lisonjeira para tratar, para cuidar desse setor da administração. Nunca o descaramos, nunca o olvidamos. Entretanto,

não lhe podíamos dar um maior desenvolvimento.

As condições financeiras do Estado não o permitiam. A construção de Goiânia absorveu grande parte de nossas exíguas rendas. Era natural que se fizesse poupança em outros ramos da atividade administrativa, para que se pudesse levar avante obra de tamanho vulto para uma unidade federativa que rendia tão pouco.

Os fatos vieram demonstrar, porém, que estávamos cheios de razão. Goiânia seria o estímulo, a alavanca em que se apoiariam todas as nossas forças latentes para se desenvolverem. Foi o que aconteceu. Entre nós, atualmente, tudo caminha, tudo evolue, tudo progride. Tanto a economia pública, como a particular, jamais atingiram a um grau de prosperidade, como na hora presente.

De último Estado do Brasil em matéria de arrecadação orçamentária, antes de 1930, passamos para o nono lugar em ordem ascendente, sendo certo que, no próximo ano atingiremos o undécimo ou duodécimo. E é justo que se registre que somos dos que cobram impostos mais módicos, segundo afirmativa do dr. Valentim Bouças.

Donde se deduz que não foi onerando o povo que conseguimos essa posição.

Estamos, afinal, aparelhados para incrementar as atividades de outros setores da administração.

Dessarte, já se submeteu à aprovação do sr. Presidente da República uma verdadeira reforma de ensino, em que se dá um grande salto para melhor, ampliando-se inteiramente os meios de propagá-lo, de difundí-lo.

Vão entrar em função mais 100 escolas isoladas, 3 colônias escolas, mais 5 grupos escolares.

Vamos construir um grande prédio destinado ao Colégio de Goiás, ficando apto a comportar o grande número de alunos existentes em Goiânia.

Em quasi todos os municípios se nota esse desejo de se intensificar a instrução pública.

Os prefeitos vêm-se entregando a essa tarefa com devotamento e com um carinho dignos de assunto tão relevante.

Piracanjuba é um exemplo dessa corrente otimista que atravessa o nosso Estado em prol do ensino. O seu prefeito pode ser citado como um dos beneméritos neste particular, pois o acontecimento em que neste instante tomamos parte, atesta-o irrefutavelmente.

Ministro Edmundo Lins

Mais uma perda irreparável acaba de sofrer a cultura brasileira, com o passamento, a 10 de agosto findo, do ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal — o sr. Edmundo Lins, que foi, incontestavelmente, um dos nossos maiores juristas e pensadores.

Doutrinando, com igual maestria, sobre os mais diversos ramos do conhecimento, Edmundo Lins escreveu trabalhos formosos e profundos, que a todos encantava e instrua. Além disso, soube, o grande extinto, ser um magistrado à altura de suas nobres funções, o que mais lhe acentuou a autoridade de juiz, em que todos confiavam, que todos respeitavam, já, pelo invulgar saber.

Em suma: Edmundo Lins foi, por todos os títulos, uma figura majestosa no cenário nacional, passando o seu nome à história como um exem-

plo de sabedoria e de inteireza moral.

Nasceu Edmundo Lins aos 13 de dezembro de 1863, na cidade mineira que já dera ao Brasil o grande Pedro Lessa:— Serro. Concluídos os preparatórios, seguiu para São-

Paulo, ingressando na Academia de Direito, por onde se formou, em 1889, três dias antes da proclamação da República, de que fôra êle, entre os estudantes, um destemeroso e esclarecido propagandista.

Foi um dos fundadores da "Fôlha Literária", jornal que obteve enorme sucesso nos meios intelectuais paulistanos.

Exerceu os cargos de: Promotor de Justiça em Jundiá; Juiz de Secção, em Minas-Gerais; Juiz de Direito da comarca de Tiradentes, no mesmo Estado; Diretor da Secretaria do

Interior de Minas; Juiz de Direito de Belo-Horizonte; Desembargador da Relação do Estado de Minas, sodalício de que foi o presidente, em 1913; e, finalmente, Ministro do Supremo Tribunal Federal, em 1917, do qual foi presidente em 1931 (eleito por unanimidade), em 1934 (reeleito por unanimidade) e em 1937 (ainda por unanimidade), não terminando o mandato, em 1940, devido à compulsória, pela idade limite que atingira, já. Foi, ainda, professor de Economia Política, de Direito Civil e de Direito Romano (catedrático), na Faculdade de Direito de Minas-Gerais.

Entre as suas obras, salientam-se: "Estudos jurídicos", que obteve o prêmio "Teixeira de Freitas", concedido pelo Conselho Superior da Ordem dos Advogados ao jurista que mais se distinguiu, em 1935, pelos serviços prestados à cultura jurídica brasileira; "Miscelânea"; "Reminiscências literárias", além de artigos esparsos pelos jornais e revistas dos principais centros culturais do país.

S E T E D E S E T E M B R O



DOM PEDRO I

Jubiloso, possuído dessa alegria que só a consciência da própria força é capaz de proporcionar, o Brasil celebra, a 7 do corrente, a grande data de sua história.

E' um momento de êxtase cívico, êsse que se repete todos os anos, à recordação daquele dia único em que Pedro I, interpretando a vontade nacional, encheu os espaços com o brado que o imortalizaria e iria garantir ao Brasil, para todo o sempre, o direito de viver como nação livre e soberana, num pôsto de honra — e que êle saberia dignificar — ao lado dos demais países independentes.

Amadurecido para a liberdade, cuja vocação é como que o traço marcante de seus filhos, não poderia mais o Brasil dela prescindir. Lutar por ela constituia um verdadeiro imperativo orgânico da nacionalidade. Viver sem ela seria viver em morte. Por isso, tôdas as nossas energias se dirigiam, poderosas, irresistivelmente, ao seu encontro. A Pátria, já então como uma individualidade política distinta, impelida por uma ânsia insopitável de expansão, exigia que fossem partidos os grilhões que a submetiam ao jugo lusitano. E foi então que, fazendo-se, hábilmen-

te, instrumento dêsse impulso libertário nacional, dom Pedro tomou a atitude histórica do Ipiranga, lançando à Corôa, como um desafio, o seu famoso "Independência ou Morte".

O mundo inteiro compreendeu o gesto brasileiro que Pedro I traduziu e o aceitou, porque inútil seria tentar obstar o caminho de um povo que já adquiriu consciência de sua missão histórica no mundo e está em condições de a desempenhar por si. Portugal, mesmo, logo se acomodou à nova situação, reconhecendo o que seria irremediável, como bem advinhara D.

João VI, quando aconselhava ao filho que fizesse logo a nossa independência, antes que outrem a fizesse . . .

Independente, logo mostrou o Brasil que força construtiva imensa iria constituir, na luta dos povos pela civilização universal. A nossa política externa, desde os nossos primeiros dias de vida livre, se orientou sempre no sentido da confraternização entre os povos todos do universo, no que apenas se refletiu a nossa política interna, sempre conduzida no sentido da felicidade nacional.

Na paz, todo o esforço do Brasil tem visado, através de adoção de princípios verdadeiramente cristãos em sua conduta política, à edificação de uma sociedade internacional onde todos os povos se vejam garantidos em seus direitos essenciais. Para nós — e Rui formulou a nossa teoria em termos imortais — não existe o direito da força, mas apenas a força do direito, como postulado a regular a situação de convivência internacional dos povos. Isso, na esfera externa. No âmbito interno, temos pregado e procurado realizar uma ordem política autenticamente democrática, ou seja, um estado existencial coletivo onde se realizem, efetivamente, os sagrados princípios da justiça, da liberdade, do respeito humano, do amor ao próximo. Se nem sempre nos temos encaminhado pela boa estrada, verdade é que a temos, sempre, procurado, sendo de se assinalar que os erros que por vezes têm prejudicado o bom andamento dos negócios pátrios se devem, principalmente, a certos desvios ideológicos de que temos sido vítimas, por culpa de imitação de modelos culturais extranhos ao nosso caráter e às nossas necessidades. Sim; às vezes em que o Brasil tem sido infeliz, deve-se isto ao fato de ter sido, nessas ocasiões, menos Brasil . . . Porque, sempre que conseguimos interpretar a nossa verdadeira vocação, isto é, sempre que agimos verdadeiramente, nossa conduta se expressa em termos de harmonia, de bem estar, de progresso nacional.

De 1822, até o presente, muito temos sofrido e lutado, muitas desilusões turvaram o nosso céu, dificuldades de toda ordem foram encontradas em nosso caminho.

Todavia, soubemos vencer, com galhardia, todos os empecilhos e fazer da Terra amada esse país que é, sem dúvida, um orgulho para a humanidade. Novos obstáculos certamente, serão opostos à nossa marcha histórica. O mundo, porém, é dos fortes; e estes, quanto mais o são, mais sérios óbices têm a enfrentar. O perigo espreita todos os povos, em todos os tempos. Ainda agora, vive o mundo, e no mundo o Brasil, uma das suas horas mais amargas.

O Brasil, entretanto, como o proclamou o Chefe da Nação, nada tem a temer do futuro. É nada tem a receiar porque soubemos, os brasileiros, fazer valer a liberdade que alcançamos em 1822. Soubemos, pela nossa inteligência, pelo nosso patriotismo e pela nossa vontade, construir uma grande Nação,

hoje situada numa posição privilegiada no mundo, eis que alcançou o posto de líder dos países latinos de todos os continentes.

Na hora, já próxima, em que, vencidas as forças do mal, os povos se irmanarem para a elaboração do mundo de amanhã, nossa Pátria fará valer a sua voz soberana, pregando doutrinas de justiça e de amor, que busca implantar entre seus filhos e que tentará ajudar a efetivar entre as gentes estrangeiras.

Que o Sete de Setembro viva, profundamente, no coração e na inteligência do nosso povo, como uma advertência e um rumo, lembrando-nos sempre que é preciso ser forte e que a liberdade, assim como para os indivíduos, é, para os povos, o maior dos bens.

GENERAL DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

A 5 de setembro de 1862, era nomeado presidente da província de Goiás o general dr. José Vieira Couto de Magalhães. A sua posse no cargo, entretanto, só se verificou a 8 de janeiro de 1863.

Com 24 anos apenas, formado em direito pela Faculdade de São-Paulo, falando perfeitamente o francês e o inglês, esse grande brasileiro, nascido em Diamantina, em Minas-Gerais, subiu à presidência de Goiás animado dos mais altos propósitos, com o desígnio soberbo de tudo fazer por seu progresso, o que vale dizer: — tudo fazer pelo progresso do Brasil.

Tendo dirigido os destinos administrativos da grande província sertaneja durante um ano e três meses, o general dr. Couto de Magalhães realizou uma obra administrativa de tal profundidade, que o coloca credor da gratidão de todos os brasileiros e o consagra como um dos arquétipos da história de Goiás, e, quiçá, do Brasil.

No relatório com que passou a presidência da província ao vice-presidente João Bonifácio Gomes de Siqueira, o dr. Couto de Magalhães passa em revista os serviços por ele ordenados, as realizações de seu governo e dentre estas surgem, em primeiro plano, o progresso da instrução pública e a navegação dos grandes rios goianos. Nesse relatório, o grande brasileiro diz textualmente: Chamo a atenção de V. Excia. para esta matéria (a navegação do Araguaia) em que muito trabalhei, mas que sem o esforço de V. Exa. e de seus sucessores terá de retroceder ao ponto em que eu a encontrei e, talvez, ainda mais, o que verei com dôr de qualquer parte em que eu

esteja, não só porque do seu desenvolvimento depende a prosperidade de todo o país, como porque é natural o homem sentir que trabalhou em pura perda e eu trabalhei muito com o espírito e com o corpo, como a V. Excia. é patente, e tanto que, quando me vierem as câs da velhice, eu hei de assinar algumas por conta do Araguaia.

A navegação do Araguaia foi inaugurada a 28 de maio de 1868, quando Couto de Magalhães era presidente de Mato-Grosso. Nesse dia, foi batizado o "Araguay-neruassú", que cruzou o rio em diferentes direções ao som do Hino Nacional.

O sonho desse grande brasileiro, administrador admirável, industrial evoluído, viajante esclarecido, escritor de grandes méritos, o sonho desse grande brasileiro, de estabelecer, para progresso de Goiás e grandeza do Brasil, a navegação eficiente do Araguaia, teve o desfêcho mais melancólico. A 20 de julho de 1900, o "Diário Oficial", da União, publicava editais chamando concorrentes para a arrematação das carcassas dos navios "Araguaia", "Colombo" e "Mineiro", que se achavam no Estado de Goiás, no lugar em que se encontram. Dos pormenores desse edital, verifica-se que o vapor "Araguaia" estava perfeito, estava em estado de servir; os dois últimos estavam com o casco inutilizado, a máquina imprestável e a caldeira muito estragada.

Dessa tentativa, que consideramos marcando uma época na história de Goiás, como Goiânia marca outra época, ficou a prova de que o Araguaia pode ser navegado. Pode, sem dúvida nenhuma.

CRÍTICA DA RAZÃO CONCRETA

Especial para «Oeste» JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TÔRRES

Dentre os nomes dos jovens intelectuais brasileiros da atualidade, o de João Camilo de Oliveira Torres ressalta, sem contestação, como sinônimo de cultura, humour, intuição filosófica, — humanismo, enfim.

João Camilo, que não chegou ainda aos trinta anos, já é professor de História na Faculdade de Filosofia de Minas-Gerais, tem editado um estudo sobre o ensino universitário e "O Positivismo no Brasil" — livro que o consagrou como uma das nossas grandes vozes filosóficas — e "O homem e a montanha", excelente ensaio de ecologia, com o qual acaba de conquistar o prêmio de erudição da Academia Mineira de Letras. E' João Camilo de Oliveira Torres, sem dúvida nenhuma, o valor mais sério, mais positivo e mais produtivo da moderna geração mineira — o que quer dizer: é um dos pontos altos da inteligência brasileira de hoje.

O mar vem do fundo indeciso do horizonte, cresce, enrola-se e espalha-se na praia, a espuma misturando-se com a areia.

O azul do céu e do mar reflete-se em tôdas as cousas e a reverberação da areia tem tons azues, os grandes edifícios da avenida banhando-se numa atmosfera anil, levemente tocada de dourado. Parece que somente o sol consegue dominar um pouco esta explosão violenta da luminosidade azul. Pois até a terra é azul: as montanhas que estão atrás de mim são da côr do céu, e as floresats que as recobrem fogem do verde para o azul. A estreita faixa de tons amarelos constituída pela praia e pela avenida, faz a figura de um zodíaco de ouro no hemisfério azul.

Para além do farol segue um barco rumo ao sul; entre as ondas da arrebentação brincam jovens descuidados e um pintor tenta reproduzir na tela a orgia de cores daquela manhã tropical.

Mas, o oceano, o céu, as ondas e o vento são iguais para todos que estão ali? Significa o mesmo para o nauta, para os alegres banhistas, para o pintor, para o exilado (penso na mulher loura que olha com insistência o horizonte) ou para os que estão displicentemente olhando a paisagem, todo êste vai e vem do velho Atlântico? Para a agilnereida que acaba de lançar-se à onda o mar é uma fonte de prazer: para o pescador problema

Há de se notar, ainda, a sua assídua e magnífica colaboração em "Vozes de Petrópolis", "Mensagem", "O Jornal", "O Diário", "Fôlha de Minas", "A Manhã" e inúmeras outras publicações nacionais; atividade fecunda, essa, e que revela o escritor seguro, o historiador honesto, o analista arguto de fatos sociais, o humorista à Chesterton, o crítico sereno e o filósofo, qualidades que lhe asseguram, com justiça, a situação privilegiada que desfruta entre todos aqueles que lêem e estudam neste país.

João Camilo escreveu, especialmente para "Oeste", o presente artigo, pelo qual os nossos leitores poderão aquilatar da seriedade espiritual desse legítimo escritor, pertencente a essa família excepcional de nossas letras, cujo espírito denominam "itabirismo", e que já conta com membros do valor de Cornélio Pena, Luiz Camilo e desse extraordinário Carlos Drummond de Andrade.

cheio de angústia (o tempo pode mudar-se, a pescaria pode ser infrutífera); é um pesadelo para quem está enfrentando os riscos de uma viagem nestes tempos de guerra ou possui parentes a mercê de submarinos, minas e bloqueios; é para o pintor um conjunto de cores a serem reproduzidas na tela, ou é uma barreira intransponível que separa de uma pessoa amiga, alguém, às voltas com o turbilhão apocalíptico da Europa; ou, é uma paisagem apenas ao transeunte. O panorama é o mesmo, é o mesmo o mar de todos os tempos, o "suavi mare magnum" . . . Mas, entre a paisagem e a pessoa que a vê, existe um véu: não vemos todos o mundo igualmente. Entre a realidade que é sempre substancialmente a mesma e a nossa razão que não muda em seus aspectos formais, a situação em que nos achamos faz-nos elaborar uma espécie de carapaça protetora que nos envolve e, em vez da realidade indiferente em si mesma, vemos como sendo o mundo um conjunto constituído pelas coordenadas que se referem ao polo da nossa personalidade. Em conformidade com a situação em que nos achamos, possuímos uma razão concreta, isto é, um conjunto de categorias não formais, não indiferentes a tudo como as de Kant, mas individuais e concretas e que do mundo selecionam os estratos que nos interessam. São as categorias da razão

concreta e singular do "carne e osso", que ama e ri e que chora, que erra bula pelos caminhos da vida, da razão pura, possuímos uma razão concreta, diferente para cada homem, e que nos elabora sistemas "ad usum delphini", como um preceptor régio. Muitos autores não sabendo distinguir estas duas espécies de razão são levados a afirmar o eterno relativismo, esquecendo-se que as categorias de Aristóteles aplicam-se a todo ser concreto e as de Kant à atividade puramente formal do pensamento destituído de todo e qualquer conteúdo. Se as físicas se diferem, se Aristóteles, Galileu, Newton, Einstein descrevem o sistema do mundo diferentemente, a realidade que serve de objeto à física, e a faculdade humana de elaborar sistemas do mundo natural permanecem essencialmente nas mesmas condições. Somente o conteúdo desta faculdade de elaborar "físicas", isto é, o véu que a situação interpõe entre o homem e a natureza é que varia. Cada um vê o mar e as ondas diferentemente segundo a própria situação: pode ser uma incitação ao prazer, um tema artístico, um motivo de angústia . . .

A vida, em todos os seus planos estabelece carapaças protetoras entre o mundo e os núcleos que conduzem no tempo a sua marcha ascensional até as bordas do espírito. Assim, as fôlhas das árvores, diferentes conforme o solo e o clima, mudando com as estações do ano; assim as penas das aves, as escumas e as barbatanas dos peixes, o mimetismo, a mudança da côr e dos pêlos dos animais polares segundo as estações, etc. e que são outras tantas manifestações do mesmo fenômeno que deu ao homem a ciência e a técnica, a casa e a roupa. O ser vivo estabelece entre si e o meio um conjunto de órgãos defensivos, de couraças e de escudos, reproduzindo as linhas gerais do ambiente na estrutura desta armadura, produto do ser vivo e do mundo em tórno e pela qual a vida mantém contacto com a realidade física. O próprio organismo, desde a pele até o sistema nervoso pode entrar para a categoria que Aristóteles denomina o *habito* e que por séculos foi desprezada pelos comentadores, tanto como a de situação (em nosso século redescoberta por K. Jaspers e Ortega y Gasset). Nesta categoria de *habitus*, entra tudo o que pode cair dentro do conceito de *ethos*: isto é todo o conjunto de processos montados pelo ser para se adaptar à situação. O termo *habitus* podendo ser traduzido por *hábito*, comportamento, atitude, etc. As roupas e trajes também são *habitos* (Quantos sentidos podemos dar à palavra *habito* no ditado: "o hábito não faz o monge"?). Além

disto as concepções do mundo podem ser consideradas como sendo couraças elaboradas pelo homem para a sua integração na situação em que vive. A educação é a integração do indivíduo na cultura para que fique entrosado definitivamente em seu meio, em sua situação. A cultura, no sentido subjetivo pode ser considerada como um conjunto de hábitos espirituais e sociais desta vez. A diferença essencial entre a cultura e o instinto (conjunto de hábitos naturalmente montados pela vida e para resolver problemas ligados à integração do homem na natureza) é que o homem pode mudar constantemente de couraças, ao passo que os animais vivem mergulhados na matéria e são escravos da galera que fazem mover . . .

Como dizia antes, a cultura seria uma espécie de razão concreta, um conjunto de símbolos elaborados pelo homem para a sua integração na situação, algo no estilo de uma couraça, de uma armadura. Dada a plasticidade do espírito humano, a sua rede de conceitos vive num perpétuo estado de transformação e do mesmo modo pelo qual a vida brota diferentemente conforme as variações do lugar, o espírito elaborou visões do mundo diferentes, segundo a situação. Daí a variabilidade das teorias, a despeito da permanência do objeto e da imutabilidade do sujeito. A consciência e o mundo não variam em suas estruturas essenciais; mas, os esquemas elaborados pela consciência variam em função da situação. Esta explica muito bem a eterna dança das teorias e o aparente relativismo da razão humana; é o seu conteúdo o que varia e não a sua essência. Estamos (e disto temos plena consciência) afirmando uma tese muitíssimo combatida hoje; mas, si soubermos distinguir os elementos racionais puramente formais do que é pensamento material, do conteúdo da razão, veríamos que, as mentalidades primitivas, por exemplo, somente são diferentes na sua conceituação: a tábua de categorias da *razão pura* e a lógica de Aristóteles não estando excluídos dos elementos últimos da atividade mental do homem primitivo . . . E' a situação que varia, e não o sujeito.

A cultura é um traje da inteligência, é um conjunto de hábitos mentais; seja qual for o sentido que dermos à palavra *habito*, ela se aplica aqui: é o conjunto de atitudes, é o comportamento em face da situação. Ou como diz Henri Delacroix: "L'intelligence est toujours l'art de fabriquer des systèmes d'abstractions en présence d'une situation ou d'un univers, et de les inserir dans cette situation ou dans cet univers" . . .

Esta inserção do homem na sua situação corresponde a uma atitude

de defensiva. O homem procura defender-se da situação e não apenas integrar-se nela. Ou, antes, sempre procura defender-se dela; esta luta produz uma área intermediária, produto da situação e da atitude do ser em face dela. No caso especial da atividade espiritual é a cultura esta zona intermediária, na qual a matéria é dada pela situação e a forma pelo espírito. Naturalmente que esta zona média fornecerá o material necessário para a elaboração da situação futura. Aristóteles deu o "estar armado", "estar vestido", a título de exemplos para a sua categoria de *habitus*. Realmente, a roupa tem uma função dupla: é efeito da situação e defesa contra a situação. Se me armo de um guarda-chuva é porque chove. E' para defender-me da chuva. O mesmo se verifica com relação a qualquer traje ou com qualquer comportamento humano.

Aplicando o processo, indicado de modo imperfeito e sumário em outras ocasiões, de estudar os fatos históricos através do esclarecimento das situações em que se formaram, em lugar de vê-los como produtos do meio físico, biológico, social ou econômico, dos heróis, do acaso puro, etc., poderíamos fazer uma tentativa de apreciar o processo de formação da cultura, através de alguns de seus elementos que seriam tomados como exemplo.

Se é difícil discutir o problema da origem histórica do homem, dadas as mil dificuldades que rodeiam o assunto, podemos analisar, não a atitude do primeiro homem em face do mundo, mas, a atitude fundamental do homem, de todos os homens diante da vida. Esta atitude fundamental consiste principalmente em descobrir-se como sendo um ser consciente perante um mundo, sentido como um objeto. Um belo dia descobre o homem que é um *sujeito* consciente, ao qual se antepõe um universo, composto de situações objetivas. Mesmo para quem aceite aquele evolucionismo radical do século passado, há de admitir que *um dia houve* o homem, pessoa consciente, cousa que não havia na véspera. (Ver M. Scheler — "El puestro del hombre en el cosmos", pg. 157 e seguintes).

Simultaneamente com esta tomada de consciência, com esta auto-descoberta do homem, este procura resolver de modo diferente problemas que interessam e preocupam aos animais; mas apesar da identidade das situações as atitudes são radicalmente antagônicas. Refiro-me ao comportamento do homem e dos animais em presença das situações provocadas pelas necessidades ligadas à alimentação, ao abrigo, à reprodução. Augusto Comte, com muita razão, demons-

trou o caráter utilitarista da ciência, desenvolvendo as teses de Bacon sobre o assunto: "Saber para prever. Os animais também são previdentes e poderíamos assinalar exemplos de cuidados para o futuro em todas as espécies. O que difere, porém, e de modo radical a atividade útil do homem de análoga atividade na série animal é que o homem possui uma variedade infinita de atitudes diante de situações muitas vezes idênticas. Nunca houve revoluções entre as formigas . . . Os animais possuem uma física instintiva, inalterável, na qual entra somente o que interessa à espécie (animais há que veem somente certas cores, há alguns que são cegos, etc.). O homem, este pode mudar radicalmente a sua física e a sua técnica. Mas, a-pesar-de intimamente ligadas, a-pesar-de terem os seus progressos numa relação de mútua dependência, a física e a técnica são atividades essencialmente distintas.

A ciência natural é um conjunto de conceitos elaborados para explicar a realidade do mundo físico; a técnica é um conjunto de atitudes destinadas a adaptar uma realidade a fins humanos.

Existem várias técnicas; mas quando se diz técnica é a técnica industrial (aquela que tem por objeto a modificação para fins úteis da realidade material) o que se tem em vista. A magia, o direito, a arte, etc., ficam excluídas deste conceito de *técnica*, a-pesar-de possuírem as mesmas categorias que às da técnica útil. E' que a razão prática tem vários campos de ação conforme os fins, os objetos, a matéria, etc. que pretende informar. A técnica — e de aqui por diante só usaremos este termo no seu sentido restrito — possui — além de suas correlações com a ciência, grandes ligações com a economia. A situação econômica pode favorecer ou prejudicar um progresso técnico: todos nós sabemos os admiráveis resultados que a concorrência econômica provocou no domínio das indústrias de rádio, de automóveis, máquinas elétricas, etc. . . . Somente o fato de as necessidades da procura de novos mercados terem feito por intermédio da propaganda a transformação de aparelhos de rádio, geladeiras, máquinas de escrever e outros produtos em gênero de primeira necessidade para uma boa parte da humanidade, já seria um fenômeno da mais alta importância e cheio de sugestões.

A técnica depende em sua essência da atividade científica e em sua existência da economia. E para melhor compreensão desta distinção, temos as figuras de *inventores*, *de sábios*, *de industriais*, radicalmente diferentes entre si. Ninguém confunde Santos Dumont,

Dr. Caetano Maria Lopes da Gama

E'dison ou Marconi, com Einstein de Broglie ou Plank com Ford, Rockefeller ou Krupp . . .

A atividade econômica divide-se pelos três reinos da natureza e, ao contrário do que supunham os ingénios sociólogos do século passado, a economia desde o primeiro dia do homem foi simultaneamente agrícola, de caça, e (mais tarde pastoril; são aspectos sucessivos da mesma evolução) ou mineral. . . Aliás para o desenvolvimento destes pontos de vista nada melhor que os admiráveis estudos da escola-histórico cultural.

Um outro exemplo, ainda extrai-do das técnicas humanas. Para defender-se dos inimigos, dos animais bravios, da hostilidade permanente da natureza, constroem os homens as suas casas. Mas, como variam . . . Diante de uma habitação, seja qual for, poderemos logo dizer quais as ocupações permanentes de seus moradores, qual o clima e, qual a riqueza da terra, qual o tipo de civilização e o grau de cultura do povo. O esquimó na sua iglu, o índio na sua taba, o holandês sobre palafitas, o barão feudal no seu castelo, o árabe na sua tenda, as nossas varandas, os tetos, escorregadios dos chalts nórdicos, tudo isto mostra a situação em que se encontra o homem diante do mundo em que o rodeia. Collocamos varandas para nos defender do calor; o europeu coloca la-reiras em suas casas. Os nômades em barracas; os habitantes da cidade em apartamentos; os reis moram em palácios e os mendigos em cafuas. Devido ao sistema de guerra próprio da Idade Média (devido, pois, à situação do homem daquele tempo como guerreiro) as fortificações tinham altas tórres; hoje os subterrâneos são abrigos. Em certas regiões do Nordeste do Brasil, tudo o que o homem usa é extraído das palmeiras abundantes nas suas praias. Não possuindo árvores os esquimós, seus barcos são constituídos de peles de animais. Paremos por aqui, que infinita será a enumeração: o material de construção, a posição da casa no terreno, a planta e a fachada, as dimensões, tudo enfim existe em função dos problemas que resolve o homem. A casa é um produto da situação do homem enquanto que ser à procura de habitação. E o que disse da casa pode ser dito de qualquer outra atividade humana: armas, ferramentas, idéias, valores, etc. . . O complexo das atitudes do homem, seu comportamento, sua conduta, sempre é função da situação. Função, mas, não é efeito, único e total. O comportamento varia conforme a situação, mas, segundo o modo próprio de ser do indivíduo. Cada qual se comporta de acôrdo com a sua essência própria. Três homens chegam ao alto do Pão de Açúcar:

A 14 de setembro de 1824, tomava posse o primeiro presidente da província de Goiás, dr. Caetano Maria Lopes da Gama.

A situação de Goiás, ao tempo da posse de seu primeiro presidente, era alarmante e confrangedora. No norte havia estalado a grande insurreição de 1821, com desligamento de vastíssima área animada do propósito de se transformar em província independente. No sul, o desalento era completo. Uma crise tentacular empolgava a indústria, o comércio estava em crise, a mineração abandonada, a agricultura desanimada.

Magistrado incorrupto e talhado para a ocasião, o dr. Lopes da Gama realizou em Goiás uma admirável obra administrativa, dando organização aos serviços públicos e pon-do em andamento, com notável eficiência, a máquina burocrática. Foi ele quem sugeriu, primeiramente, ao governo central, a criação do Tribunal de Relação de Goiás, com alto escopo de dotar a província de justiça boa e eficaz e, nos departamentos fazendários, realizou, a seguir, profundas modificações, suprimindo registros, criando postos de ex-

travio, alterando as tabelas de arrecadação e as tarifas, estabelecendo, em suma, alicerces perfeitos e racionais para o fisco de Goiás.

Encarando a realidade goiana sem fantasias, o primeiro presidente dedicou especial atenção ao problema da mineração e da navegação dos grandes rios, chegando, mesmo, a conceber um vasto plano nesse sentido. Cuidou, ainda, do progresso do ensino e da catequese dos índios, que considerava elementos de primeira ordem para a colonização do sertão, deixando, sobre este último assunto, **uma notável memória escrita.**

A sua maior obra, porém, foi a pacificação de Goiás. Foi ter evitado, com medidas hábeis e patrióticas, que Goiás, no calor das contendas domésticas, se fragmentasse lamentavelmente.

O primeiro presidente goiano pode e deve ser encarado, assim, como o cimentador da unidade territorial goiana, como o preservador de um precioso patrimônio que os nossos maiores nos legaram e que temos o direito de transmitir incólume e engrandecido aos nossos sucessores.

um contenta-se com a visão do panorama, outro procura estudar as condições das fortalezas da barra — é um espião e como tal se comporta. O terceiro é um demente e subiu ao monte para suicidar-se. Um olha distraído a paisagem, outro toma notas apressadas e só vê as fortificações e o terceiro nada vê e procura um lugar para morrer. Por que motivo os policiais entendem que certos indivíduos são *despeitos* e prendem-nos, quasi sempre com razão? O leitor das notas policiais há de ficar bem admirado desta capacidade divinatória dos guardas-noturnos. Mas, é que os meliantes, por sinais quasi imperceptíveis, se comportam diante da autoridade de um modo tal que revelam logo a sua situação equívoca. E o peor não é a conduta ocasional, naquela situação do momento: algumas situações sendo permanentes, há condutas permanentes. Cada um de nós possui em si as marcas deste comportamento permanente: estas ninguém pode esconder, são inconcipientes.

Esta noção de comportamento como o conjunto de atitudes próprias do ser em face da situação e que varia conforme a situação (a minha conduta como ser vivo não varia; a de pessoa que vai pela rua, varia a todo instante) foi assinalada pelos psicólogos americanos, como sempre muito argutos na observação de fatos concretos, a-pesar-de alguma e terríveis fa-

lhas teóricas; e delas destaco a principal: a redução do ser ao comportamento. Ora, este nos revela apenas a atitude do ser em face de uma situação. Se esta é permanente, a conduta será inalterável. Interpretada assim, filosoficamente esta noção de comportamento já se encontra em Aristóteles — é a sua categoria de *habitus* que, com a de *situs*, situação, nos dá a configuração do real concreto. E não são apenas as técnicas que podem ser incluídas nesta categoria; Jaspers e Scheler são, entre outros, autores de belos estudos nos quais mostram a influência da situação sobre as concepções do mundo, que são comportamentos. Do mesmo modo que vejo diferentemente na paisagem conforme a posição em que me encontro, a visão da vida é proporcional à situação.

Um dos mais interessantes trabalhos da filosofia de nossos dias tem sido, sem dúvida, este de elaborar uma crítica da razão concreta, contrapondo-se à crítica da razão pura, impessoal e intemporal, sendo que a primeira é a razão do homem em carne e osso, filho de sua situação.

FELIPE, o grande rei da Macedônia, demitiu um juiz por tingir a barba.

Dizia, o célebre grego, que quem não era leal aos seus próprios cabelos, não o podia ser nas sentenças que proferia...

Regionalismo e Economia

Os homens de Goiás sempre foram patriotas, economicamente organizados, e cuidaram, com certo zelo, das suas finanças. O goiano herdou, dos seus maiores, o orgulho do dever cumprido e a noção de sua dignidade. Os velhos colonizadores legaram exemplos edificantes de escrupulo no cumprimento dos seus deveres comerciais, e contam-se histórias interessantes de devedores que, em vez de documentos, deixavam, com os credores, fios de cabelo arrancados dos seus bigodes ou da barba, como símbolo de penhor da palavra dada.

Embora um tanto vilipendiada a tradição, ainda o goiano conserva, nos seus negócios, aquele mesmo zelo e carinhoso escrupulo; e isto se comprova verificando que os Bancos, que operam aqui, em dez anos, não registraram prejuízos!

E' uma questão de moral sã.

Aqui em Goiânia vicejou uma colmeia caldeando caracteres de brasileiros de várias procedências, refundindo-os em uma tempera-padrão, para apresentar, fora das fronteiras, um nome limpo da nossa praça, e uma auréola de confiança para os negócios.

E não é somente isso.

Aqui em Goiânia se formou uma nova mentalidade, que Estado algum do Brasil conseguiu estabelecer: uma verdadeira revolução de costumes políticos, rompendo com os velhos preconceitos e com o regionalismo que vinham minando a unificação do país e separando o povo, sistematicamente.

Aqui em Goiânia não há brasileiros de fora, porque todos são do Brasil.

Não distinguimos o brasileiro pelas fronteiras internas. Goiânia será a cidade do futuro, onde os sentimentos de brasilidade, o patriotismo e o amor aos homens terão o apóio no altruismo.

Aqui todos se sentem como em sua própria casa, em seu próprio Estado, e não consideramos separação social e política a linha de fronteira geográfica.

Sempre consideramos que o progresso não seria possível somente com os nossos conterrâneos, porque o problema dos vácuos demográficos neste Estado exige solução imediata, porque desejamos colaborar integralmente no programa político nacional de preenchimento desses claros, exercendo a ocupação desses desertos inúteis e da riqueza estagnada no *hinterland*.

Nossa propaganda visa aumen-

Zoroastro Artiaga

tar a população de Goiás e atrair novos habitantes para aqui, porque é esse, exatamente, o plano da Marcha para Oeste.

O princípio de unidade do Brasil só será estabelecido, definitivamente, com a união integral de todos os brasileiros, sem nenhum resquício de regionalismo.

Têm sido um êrro, que herdamos dos antigos paulistas, o orgulho local e o preconceito de exclusividade de direitos sobre a cidade e sobre a gleba, fechada para filhos de outras unidades da federação. Nossos escritos, desvaliosos e massúdos, têm sido, todos eles, de interesse para a propaganda de Goiás, objetivando estudar as nossas possibilidades, os nossos recursos de sub-solo, a nossa economia, com o fim único de chamar, para aqui, os homens do litoral que vivem sofrendo miséria e aperturas nas cidades da linha de Tordesilhas, sendo que a fortuna, aqui, sorrí para todos os que trabalham e são honestos.

Por falar em economia, lembrei-me de fazer aos meus conterrâneos uma séria advertência: cuidado com os negócios desenfreiados de gado, e com o abuso de crédito, gerado pela confiança no futuro, porque esse desregramento, que se nota em vários pontos do Estado, pode comprometer o seu bom nome, futuramente.

Porque? Porque, em futuro muito próximo, a consequência poderá desorganizar a nossa economia, comprometer a tranquilidade de todos e a sua própria felicidade. Aquele que pensa no amanhã se eleva naturalmente no conceito dos seus concidadãos. Aproxima-se de nós uma crise sem precedentes em nossa vida financeira, e devemos, desde já, fazer alguma coisa para debelar os efeitos da mesma, sacrificar prazeres fúteis, dispendiosos, cortar certas despesas, suprimir viagens de recreio, o uso de objetos de luxo, adiar os gastos como for possível, e prescindir, mesmo de coisas necessárias. Quando acabou a outra guerra as indústrias bélicas foram surpreendidas em franca produção pela assinatura do armistício. Grandes contratos foram súbitamente cancelados e enormes dispêndios feitos no sentido do esforço de guerra foram sumariamente privados de financiamento. As Bolsas de N. York e de Londres entraram em pânico. Teve lugar a corrida aos Bancos para levantamento de de-

pósitos. Na impossibilidade de descontos que era unicamente privativo do Banco de Londres e do City Bank, muitos estabelecimentos de crédito norte-americanos e mesmo sul-americanos foram levados pela torrente.

Era admirável que quasi todo o ouro mundial tivesse sido drenado para os Estados-Unidos. A situação, agora, está muito parecida, e a lição do passado sempre foi boa orientação para os estadistas, de modo que no Brasil já notamos uma certa falta de confiança, e já são feitas devassas secretas nos negócios, isto porque os Bancos têm organização científica e funcionam com organização racional; apresentam as crises muitos meses antes de qualquer sintoma. Para nós outros, a crise oferece maior perigo devido à valorização astronômica do gado de raça, e da propriedade imobiliária, cujo valor intrínseco atual não é razoável, é fictício.

Muitos se valem do crédito bancário, outros empenham os seus vencimentos comprando casas aos Institutos, gravando os seus ordenados por dezenas de anos, e não poderemos contar com muitas reformas bancárias porque nas crises os próprios bancos são os mais ameaçados, pela desconfiança dos correntistas, como pela violência das corridas. A direção sempre impõe restrições às reformas e não poderemos também contar com outros, para troca de credores, porque não parece certo que em situações anormais haja possibilidade para negócios novos. Já notamos certas baixas, já assistimos às interrupções periódicas dos empréstimos, uma ânsia que paira no ar, um formidável ponto de interrogação que paira no ar, sobre o dia de amanhã. Cessação logo a alucinação dos negócios de gado, a fúria de compras e vendas, e a contagiosa endemia de movimento, porque a cautela aconselha um pouco de juízo para aqueles que herdaram a tradição de probidade a que me referi linhas acima. Evitemos que a doença da crise nos sacrifique. Mas de que modo? Agindo com cautela. E' tempo de restringirmos nossos gastos, diminuir os nossos compromissos, equilibrar os nossos orçamentos, vencendo a nós mesmos, contrariando as nossas exigências de conforto e de luxo, sacrificando um pouco o nosso bem-estar, porque antes de tudo devemos nos lembrar de que estamos em guerra e devemos auxiliar o país nas suas medidas de sacrifício e de esforço bélico.

O Dia da Imprensa

A história da imprensa — pode dizer-se — é a própria história da civilização. Por isso, o dia 10 de setembro, escolhido para ser o da imprensa, é uma data cheia de significação e que merece ser comemorada de um modo especial.

O que os homens fizeram, desde que o mundo é mundo; o que sofreram e o pelo que ansiaram; as suas lutas, as suas alegrias; as suas criações e conquistas; o que eles pensaram, os seus grandes feitos, — de tudo isso só sabemos porque a imprensa registrou e divulgou todos esses fatos.

Do papiro e dos tabletes de argila, onde os antigos gravaram as suas idéias, até Gutemberg, e dêste às modernas máquinas impressoras, foi sempre a imprensa o elemento básico da civilização, porque foi através dela — mesmo quando eram suas publicações privilégio de poucos — que puderam os povos conhecer os grandes monumentos da sabedoria humana, foi por seu intermédio que os homens defenderam direitos e definiram deveres, propagaram idéias, organizaram sua vida, ergueram suas civilizações.

Bem se pudera dizer ser a imprensa a memória dos povos, eis que é ela quem nos revela os acontecimentos passados e nos dá conta dos presentes, nos quais buscamos ensinamentos e inspiração para a edificação do futuro. E', assim, com razões de sobejo que é a imprensa considerada hoje como a "quarta arma" — e a mais importante, talvez, visto que é, ela, a que move e orienta os povos em seus grandes movimentos históricos.

Arma, pois, tanto pode a imprensa ser utilizada para o bem como para o mal, como tôdas as armas. Daí a responsabilidade do homem que escreve, principalmente em épocas anormais, graves e decisivas como a que estamos vivendo. Em horas trágicas assim, um simples artigo de jornal pode levar todo um povo a momentos heróicos, tanto quanto pode conduzi-lo ao abismo.

A imprensa autêntica, para esta não há épocas essencialmente diferentes, sendo seu escopo, em todos os tempos, um só: a prédica da Justiça, da Paz, da Verdade, do Amor. E', por natureza, construtiva, e tanto há a construir na guerra quanto na paz. A imprensa legítima é como que o professor do povo: seu papel está em esclarecer e nortear os homens no sentido do bem comum, donde a responsabilidade de quantos se dirigem ao povo e o muito que se lhes deve exigir de cultura e de probidade moral.

Isso posto, é-nos forçoso, ao ensejo, uma palavra de louvor à imprensa brasileira. E' fato que, infelizmente, muitos órgãos de publicidade existem, por aí, nas mãos de indivíduos incultos e inescrupulosos, mas esses tipos, os "mercenários do jornalismo", são, ainda, uma exceção. De um modo geral, e especialmente agora, no Regime de 10 de Novembro, que lhe assinou uma função política relevante, situando-a como verdadeiro órgão governamental, a imprensa indígena se firma como um instrumento admirável de civilização.

Ao registrarmos a grata efeméride, os nossos votos são para que a imprensa nacional continue no bom caminho, defendendo as boas causas e propagando os bons princípios, ajudando assim ao povo brasileiro na sua caminhada histórica pelo desconhecido todo perigoso . . .

General Joaquim Xavier Curado

ODORICO COSTA

Meia-Ponte.

O rio das Almas, que lhe lambe os arredores, como *um alfange de prata*, matou a sêde dos primeiros aventureiros que ingressaram nos sertões virgens de Goiaz, e a cidade, grimpendo uma colina, foi abrigo seguro e acolhedor a que se recolheram todos quantos, dementados de ambição, ensandecidos pela esperança de achados de metais ou de pedrarias haviam furado o sertão chucro e agressivo e do sertão regressavam carregando desalentos profundos, vítimas de fracassos irremediáveis.

Foi nessa Meia-Ponte calma e tranqüila que, a 1º de março de 1743, nasceu Joaquim Xavier Curado, general, barão e conde de São João das Duas Barras e uma das figuras brasileiras mais brilhantes dos últimos tempos do século XVIII e dos princípios do século XIX.

Menino ainda, deixou a cidade sertaneja de seu nascimento, a que nada mais o prendia. Morrerá-lhe, primeiro, o pai e, depois, morrerá-lhe, também, a mãe.

Assaltado de um grande desejo de saber, conseguiu chegar ao Rio-de-Janeiro, onde pôde, através de dificuldades, matricular-se no Seminário de São José. Seus planos eram os de estudar tanto quanto pudesse no país, transportando-se, depois, para Coimbra que, no tempo, era a grande oficina de lapidação de inteligências de Portugal e colônias.

Os seus projetos, entretanto, tiveram de ser dirigidos em rumos diferentes. A sorte não lhe permitiu a realização de seus desejos de estudos. Por isso, em 1764, com 21 anos, assentava praça.

Patriota exaltado, de admirável formação de caráter, Xavier Curado, com o posto de alferes, foi enviado para as fronteiras do sul onde, em consequência do caudilhismo reinante nas colônias espanholas, os entreveros entre portugueses e espanhóis se sucediam. Nas campanhas do sul, Xavier Curado conservou-se largo tempo, nelas conquistando até os galões de tenente-coronel.

Nesse posto, foi enviado em importante missão em Lisboa e, durante essa viagem, sucedeu-lhe uma aventura emocionante: o brigue que o conduzia foi apressado pelos franceses, sendo Xavier Curado desembarcado em um porto espanhol, de onde conseguiu seguir para Madrid e, depois, para Lisboa.

Promovido a coronel, Xavier

Curado foi, por officio de 11 de setembro de 1800, do vice-rei dom Fernando José de Portugal e Castro, marquez de Aguiar, nomeado governador da capitania de Santa-Catarina, nomeação essa confirmada honrosamente pelas Côrtes de Lisboa. Empossando-se a 8 de dezembro do mesmo ano, Xavier Curado governou aquela capitania com inteligência e patriotismo até 3 de junho de 1805.

Nessas funções, Xavier Curado teve oportunidade de hospedar um irmão do czar da Rússia que, nas corvetas "Neva" e "Nadieja", em companhia de Kotzebue e do naturalista Langsdorff, realizava uma viagem à volta do mundo. O imperador russo, grato a Xavier Curado, pelos auxílios prestados a seu irmão, mandou-lhe a patente de general e um rico anel de brilhantes, que êle só recebeu em face de expressa autorização de dom João VI. Kotzebue, mais tarde, em 1823, desembarcou no Rio-de-Janeiro e lá encontrou, novamente, o antigo governador de Santa-Catarina. E em seu diário, o navegador a respeito dele escreveu o seguinte: *Tive o grande prazer de rever o governador de Santa-Catarina que me recebera com tanta hospitalidade por ocasião da minha primeira viagem ao redor do mundo, em 1803.*

Com a vinda das Côrtes para o Rio-de-Janeiro, o velho ódio peninsular, entre portugueses e espanhóis, veio nas naus que deixaram o Tejo, naquela sombria manhã de novembro de 1807. E êsse ódio foi explodir, em manifestações sangrentas, nas fronteiras meridionais do Brasil.

Dona Carlota Joaquina, para agravar a situação, valendo-se da circunstância de estar a Espanha ocupada pelas tropas napoleônicas, urdiu uma intriga com a finalidade de organizar um império na América do Sul, império de que se apoderaria como *legítima herdeira do trono da Espanha. Convocar-se-iam Côrtes que se incumbissem de constituir a Nação, organizar-se-ia um governo independente e honesto que iniciaria no país uma nova era de prosperidade e de grandeza.*

Xavier Curado, então no posto de brigadeiro, foi envolvido pelas intrigas de Carlota Joaquina. Em 1809, teve de partir para Buenos-Aires, incumbido de uma delicada comissão, *que desempenhou com muito critério.*

Dessa missão, a Real Audiência

de Buenos-Aires fez os seguintes registros: *el brigadier Curado entró, en efeto, em Montevideo y ha permanecido en aquella plaza hasta el mes de Septiembre del año pasado, en que recibió del Virrey un pliego de el que decía salia de aquella plaza, haciendole entender de orden del Principe Regente que como interesado en los derechos del Rey de España le importaba conservar estos dominios y ponerlos á cubierto de imbasion de Franceses, a cuyo intento le debia entregar la banda septentrional de este Rio.*

Depois foi a guerra. Xavier Curado, comandando uma divisão de dois mil homens, quasi tudo gente do Rio-Grande e São-Paulo, lutou bravamente. Avançou de vitória em vitória. Artigas lutava desesperadamente e parecia renascer de cada derrota. Zorilla de S. Martin, apreciando Artigas, disse que *su historia es un poema primitivo que espera su rapsodo.*

Final, batido por todos os lados, Artigas lá se foi para o Paraguai, onde pisó quando contava cincuenta y seis años. O ditador Francia concedeu-lhe asilo porque, como escreveu ao comandante do forte de Bourbon, *si no le concedia este refugio iria se meter en los montes. Era un ato, no solo de humanidad, sino, aun honroso para la Republica, el conceder asilo a un jefe desgraciado que se entregaba.*

Das campanhas do Sul, Xavier Curado veio cheio de louros, recebendo, por essa época, a comenda da Torre e Espada.

Com o regresso da Côte Portuguesa e com a resolução de 9 de janeiro de 1822, de permanecer no país, em formal desacôrdo com as ordens de Lisboa, dom Pedro I alijou de si tôdas as simpatias dos portugueses residentes no Brasil. Deu, com essa resolução, uma grande passada no sentido de quebrar os laços que ainda existiam entre a Metrópole e a colônia.

O general Jorge Avilez, comandante das tropas portuguesas destacadas no Rio-de-Janeiro, não se conformou com a decisão do príncipe e, convocando a oficialidade sob seu comando, *deliberou não consentir que dom Pedro ficasse no Brasil.*

O príncipe reagiu com firmeza. Convocou os militares mais graduados da guarnição do Rio-de-Janeiro, simpáticos à causa da independência e, dentre êstes, dirigiu uma convocação tôda especial ao

general Xavier Curado.

Este, com os generais Oliveira A'lvares e Nóbrega, tomou decisões fulminantes. Convocou os brasileiros às armas, mandou vir tropas brasileiras das capitânicas lindeiras, realizou verdadeiros preparativos para uma batalha. Há, diz um historiador, *testemunho irrecusável de que, naquela noite de 11 de janeiro, mais de seis mil pessoas de todas as classes pegaram em armas, para defender a estada de dom Pedro no Rio-de-Janeiro.*

Avilez, entretanto, não teve ânimo para arrostar as consequências de uma luta contra o príncipe. O seu embarque, com as tropas sob seu comando, foi feito, depois de várias negociações, em que dom Pedro se conduziu com uma energia feroz, a 15 de janeiro. Em cinco galeras, deixaram o Brasil os únicos elementos que poderiam retardar a independência. *Estava a causa dos patriotas desembarcada de um grande entrave. A população respirou e dom Pedro sentiu-se livre para seguir desafogado os seus destinos.*

Deputado à Assembléa Legislativa, em 1826, pela província de Santa-Catarina, nesse cargo de natureza política, Xavier Curado mostrou-se o mesmo homem, de ténpera superior, de rara enfiatura, de formação moral perfeita. A política que, em via de regra, tisna irremissivelmente os que nela se envolvem, nada conseguiu contra Xavier Curado. Antes, serviu para demonstrar o seu estofamento superior. Que êle era o patriota incontaminado.

A história do Brasil, em uma das épocas mais delicadas de nossa formação, conservou traços admiráveis da passagem dêsse homem. Barão e, depois, conde de São João das Duas Barras, Xavier Curado foi, acima de tudo, um homem honesto e honrado. Os historiadores que a êle se referem não lhe regateiam êsses dois adjetivos, empregados, mesmo, com certa insistência, como a impor a sua projeção acima do nível comum dos homens de seu tempo.

A 15 de setembro de 1830, com 87 anos de idade, cercado de geral estima, cheio de glórias, Xavier Curado cerrou os olhos para a vida. Seu corpo foi inumado no Cemitério de São Francisco de Paula onde, em sua memória, mais tarde dom Pedro II mandou erigir um valioso jazigo, para atestar a gratidão do Brasil ao grande patriota de Meia-Ponte.

TUDO nos diz que a fórmula de equilíbrio social, condensada no Brasil pelo Estado vigente, encontrará no mundo de após guerra uma definitiva consagração. Não nos surpreenderemos se aquele, que é para o Brasil um Apóstolo, se tornar para o mundo um Precursor. — Vasco dos Reis.

Álvares de Azevedo

O dia 12 do corrente recorda-nos a figura de um dos mais notáveis poetas brasileiros: — Manuel Antônio Álvares de Azevedo, nascido àquela data, no ano de 1831, no Estado de São-Paulo, e — diz a lenda — na sala da biblioteca da Faculdade de Direito . . .

Talento, inspirado e muito culto, Álvares de Azevedo conseguiu, aos 20 anos de idade, constituir-se numa figura de remarcado relêvo em nosso mundo cultural, tendo exercido enorme influência em sua geração, da qual foi um condutor intelectual.

Chefe de escola, marcou, o autor da "Lira dos 20 anos", um novo momento em nossa poética, que, por êle, livrou-se do jugo lusitano, indo inspirar-se em modelos ingleses, italianos, franceses e alemães, com o que muito se enriqueceu, ampliando-se-lhe os horizontes. Através da corrente de Álvares de Azevedo vieram arejar as letras pátrias as influências de Byron, Musset, Shelley, George Sand, Leopardi e outros.

A literatura de Álvares de Azevedo é amarga e irônica, triste, inquietada e pessimista. E' que êle se preocupava, predominantemente, com "os aspectos ruins da vida, os vícios de toda espécie, a atração pela carne, o desejo lúbrico e desvairado". Entretanto, moço de excelente família, tímido, de alma pura e coração generoso, foi somente em sua arte que o poeta viveu na orgia e no crime. Influência literária? Certamente, e também por morbidez de temperamento. Mário de Andrade acentuou, num alentado ensaio, que Álvares de Azevedo foi daqueles que, como Casemiro de Abreu e Fagundes Varela, tiveram medo do amor, mostrando, através de uma análise criteriosa de sua obra, que foi apenas na imaginação que êle viveu a vida que celebrou em suas criações. Ronald de Carvalho, a seu turno, e com a sua proverbial acuidade, lembrou que Álvares de Azevedo sofria era do "mal do século" e tinha, de um modo frisante, aquilo que os alemães chamam de *Wille zur krankheit* (vontade da doença), sintoma psicopatológico que também lhe notou, e nos poetas moços de seu tempo, o citado Mário de Andrade.

Seja como for, mesmo imitando, embora assumindo uma atitude artificial perante o mundo e perante si mesmo, Álvares de Azevedo teve gênio bastante para, fazendo obra admirável, situar-se em primeiro plano, entre os nossos mais queridos poetas e escritores. Afinal de contas, ninguém está livre de influências, e as que sofreu A'l-

vares de Azevedo foram grandes influências. Há, em suas produções, algo que assinala um talento excepcional, algo que nos comove, nos capta a simpatia, nos enche de admiração. O povo não se cansa — nem nós, também . . . — de ler os seus versos, os seus dramas, os seus discursos e as suas cartas, mesmo assim como foram escritos, numa linguagem em desuso e superabundante. Principalmente os seus versos, que, no dizer do cantor de "Tôda América", nada devem aos de Baudelaire.

Os trabalhos de Álvares de Azevedo, constantes de ensaios jurídicos, estudos literários, dramas, cartas, discursos e poemas, foram reunidos em três volumes e editados em bela edição pela Garnier.

Sobre o livro de Vítor Coelho de Almeida

Vai recebendo simpático acolhimento nos meios literários do país o livro que, sob os auspícios do Governo do Estado e patrocínio publicitário de "Oeste", publicou o acatado intelectual goiano, dr. Vítor Coelho de Almeida: "Goiaz — usos, costumes, riquezas naturais".

Os jornais do Brasil Central e outros das capitais têm publicado lições de apreço, o que, sem dúvida, é de inteira justiça, uma vez que Vítor Coelho de Almeida deu-nos, nele, um trabalho bem cuidado e interessante, documentado e sugestivo, apto a impressionar, favoravelmente, a quantos o lerem, sobre gentes e coisas de Goiaz.

A's muitas críticas feitas, temos a satisfação de transcrever, aqui, a de "Vida Doméstica", a querida revista mensal carioca, inserta na secção "Livros Novos", e publicada em o número de agosto, daquele conhecido magazine:

"GOIAZ" — UM NOVO LIVRO

Apareceu agora à venda em Goiaz um interessante volume "Goiaz", de autoria do dr. Vítor Coelho de Almeida que é um dos mais aplaudidos intelectuais goianos.

De todas as suas páginas as que mais despertam a atenção do leitor são as que se referem à revolução de outubro e que são tratadas magistralmente.

Meteu o nariz onde não foi chamado

Um sujeito possuidor dum nariz formidável consegue entabolar conversa num baile com uma dama muito elegante a quem perseguia havia tempo.

— Minha senhora, o que tenho a dizer-lhe é bastante extenso.

— Já sei: vai falar-me do seu nariz.

Ligeira viagem em tórno do Dia da Independência

Paulo Augusto de Figueiredo

Viver livre ou morrer: eis o dilema dos povos fortes. Por isso, o brado de dom Pedro I, a 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, imortalizou aquela data, fazendo-a a maior de tôdas, em nossa história.

o°o

A direção, por si, de sua vida, aí o anseio supremo de todo homem e de todo povo, quando atingem a maioria. E' isso um imperativo mesmo da personalidade — individual ou nacional — e que leva os seres a se afirmarem perante os semelhantes.

O sentido da vida, para os homens como para as nações, está na plenitude, ou seja: na expansão harmoniosa e perfeita de suas forças íntimas específicas, na sua realização total. E é quando se claream em sua consciência as suas solicitações essenciais que homens e povos procuram, através de uma diferenciação necessária, garantir um lugar — o seu lugar — ao sol. Os seus impulsos pessoais, isto é, libertários, explodem, então, com uma força irresistível, e só a morte poderá vencê-los. Agora, tal o indivíduo, e indivíduo dilatado que é, ou o povo conseguirá a independência, ou morrerá por ela. Morrendo por ela, porém,

não morrerá; porque morte seria viver sem a possuir.

o°o

A história nos tem mostrado o que é a luta dos povos pela liberdade. O processo revolucionário é sempre o mesmo; apenas, gentes há mais felizes do que outras, em seu combate à opressão. O fato, no entanto, é que a liberdade sempre vence, afinal. A sua hora soa, sempre; e, quando chega, não há nada que lhe resista.

o°o

O 7 de setembro de 1822 foi o capítulo brasileiro da história da luta dos povos pela liberdade. Aconteceu, então, aqui, o que tem sucedido desde que o mundo é mundo — e ocorrerá enquanto houver mundos... na vida de todos os povos.

Nascemos, crescemos, tornamo-nos um povo adulto. Veiu-nos, então, a vontade nacional do poder. E lutamos. Sofremos. A Inconfidência Mineira foi um sonho que morreu. Antes, tinha havido Felipe dos Santos. Depois, houve a Revolução Pernambucana. Temáramos consciência de nosso próprio destino. E o nesse dia chegou...

o°o

A gente brasileira amadurecera para a vida livre.



Os primeiros sons do hino da Independência — (quadro de Augusto Bracet)



Sessão do Conselho de Estado que decidiu a Independência do Brasil (Georgina de Albuquerque)

Adquirira consciência do seu "eu". Sentia-se diferente da gente portuguesa, de todas as gentes. Via-se definida, pessoal, com determinada missão, a sua, a cumprir no mundo. Era preciso, pois, que se emancipasse do pátrio poder lusitano.

Resumindo: o Brasil já era. E, porque era, chegou o momento decisivo de enfrentar o dilema fatal

Dom Pedro I compreendeu a nossa mensagem, interpretou-a e a transmitiu ao mundo, como um desafio. O mundo também compreendeu. Vencemos. E o Brasil veio aumentar a lista dos países livres.

o°o

Em 1822, todavia, conquistamos somente a nossa liberdade política. A principal, sem dúvida, e da qual as outras — liberdade econômica, jurídica, literária, administrativa, moral, etc. — decorreriam necessariamente, como corolários.

Pertencendo a Portugal pelo espaço de tempo de quasi três séculos e meio; sofrendo a influência da cultura da Península e, através dela, das outras culturas européias, que informavam a sua sociedade e dirigiam o seu pensamento; vivendo, dessarte, numa posição de vassalagem ideológica; contando com uma população rarefeita, heterogênea e mal cuidada; as suas riquezas se escapando irremediavelmente para o erário da Metrópole; seus problemas abandonados, — enfim: esquecido, desorganizado, oprimido, angustiado, assim viveu o Brasil, até 1822. Ora, o 7 de setembro não poderia, portanto, assim, por um simples golpe de magia, dar-nos tudo por si, e de uma vez. Assinala, pois, a data gloriosa, apenas, o começo da luta pela nossa independência total. E, efetivamente, iniciamos, de então para cá, num esforço gigantesco — nem sempre bem conduzido mas sempre bem intencionado — a marcha em busca da plenitude.

Portugal vencido, restava-nos o nos vencermos a nós próprios.

o°o

O que tem sido essa porfia do Brasil pela conquista do Brasil, sabem-no todos. Depois da experiência monárquica, tentamos a liberal. Ambas tiveram os seus inconvenientes e produziram alguns frutos. Ambas as formas políticas, entretanto, revelaram-se inadequadas ao Brasil original: não se ajustaram à nossa sensibilidade e à nossa inteligência, porque eram modelos criados para outros climas e que nos foram impostos, não tendo representado florações espontâneas de nossas energias latentes. Não puderam, consequentemente, constituir uma ordem nacional, condição fundamental de organização e duração dos povos livres. Por último, o Estado Nacional veio fazer-nos viver essa experiência social-democrática que estamos tentando, dia a dia, aperfeiçoar e consolidar. Os resultados obtidos, vistos em seu conjunto, e considerando-se as dificuldades da hora presente, tem sido bons, excelentes, até, pois que, através do atual regime, conseguimos fincar, definitivamente, os marcos iniciais de nossa completa independência.

Ganhamos, sim, — e ninguém honestamente pode negá-lo — com o Estado Nacional, o direito de viver brasileiromente. O regime está se firmando, de fato, como uma ordem nacional. Falhas existem, concertos há a se fazer. Estamos, porém, num princípio, e a nova filosofia política brasileira ensina que de definitivo só há o homem, que a vida se transforma a cada instante, e que, em cada momento histórico, são necessárias formas existenciais novas, para satisfazerem as necessidades eternas do homem. O principal, porém, já conseguimos: encontramos o Brasil, pelo Estado Nacional, e por este encetamos, em cadência bem

ritmada, a caminhada para o futuro. Vamos, pela restauração econômica e espiritual da pátria, ampliando os círculos de nossa independência política, concluindo, dêse modo, a obra inaugurada por dom Pedro I.

o°o

Não exclusivamente quando tem o seu território sob o domínio estrangeiro é um povo escravo. Pode ser escravo também pelo sentimento e pelo espírito, quando, mesmo politicamente livre, permanece ausente da pátria, pela submissão a ideologias estranhas.

O ser nacional só é quando é em corpo e em espírito. Um povo sem sentimento nacional, sem idéia nacional e sem vontade nacional, não é um povo livre. Só é autenticamente livre o povo que, sobre ser proprietá-

rio do solo que ocupa, é, ainda senhor de sua alma.

o°o

O 7 de setembro de 1822, foi, dessa maneira, repetamos, um comêço. Celebrêmo-lo, reverenciando a memória de quantos contribuíram para o lance épico de Pedro I.

Não basta, entretentes, que aquele dia único seja apenas celebrado. E' necessário viver aquela data. Vivê-la na profundidade de todo o seu conteúdo histórico. O sentido moral profundo do grito do Ipiranga deve estar bem nítido na consciência e bem firme na decisão de todos os brasileiros. Devemos, todos, nos compenetrarmos de que é preciso completar definitivamente, em tôdas as áreas e em todos os planos da vida nacional, a independência política conquistada em 1822. Porque ser livre é ser pleno. E só é pleno o povo que se realiza integralmente.

Igual justiça e igual oportunidade

Elí Brasiliense

O universo inteiro representou sempre um entrelaçamento de forças perfeitamente distribuídas, redundando num equilíbrio admirável em que repousa a infabilidade da obra do Artífice divino. A lei da atração universal, coluna basilar do movimento dos diversos mundos, basta para explicar o fenômeno da estabilidade maravilhosa da criação. As distâncias não impedem que os mundos cooperem regular e matematicamente para a continuação do trabalho que até hoje preocupa a ciência humana e serve de apoio para os que têm fé.

No nosso planeta, porém, as distâncias, principalmente na antiguidade, constituíram uma barreira formidável ao intercâmbio dos diversos povos que ignoravam, devido a essa circunstância, tudo o que se relacionava com os seus vizinhos, amigos ou adversários. Países de considerável expressão geográfica viviam, em sua maioria, divididos em regiões completamente isoladas uma das outras, sob a sombra do espantinho das distâncias.

Atualmente, sob o impulso das assombrosas conquistas do homem-pássaro, o mundo conserva ainda as suas fronteiras nos diferentes países, mas é um todo harmônico constituído por células que se movimentam numa diretriz que representa um dos mais avançados, aperfeiçoamentos da lei natural da cooperação. Qualquer fenômeno telúrico, social ou econômico que se verifique em uma nação, com o seu cortejo de consequências muitas vezes desastrosas, é sentido rofundamente no organismo das demais nações do globo e tôdas se arregimentam para socorrer a célula universal abalada. Mesmo as transições políticas de um país, por menor que ele seja demográfica ou geograficamente, têm os seus re-

flexos na frente interna dos outros continentes, porquanto o progresso humano, nas suas diversas manifestações, resultou na mais completa *simbiose* universal, quanto às questões político-econômicas.

Todos os povos do globo, sem prejuízo da sua independência e autonomia, dependem dos demais agrupamentos demográficos de línguas e de fronteiras diferentes, ou simplesmente desligados por fronteiras consequentes de fenômenos políticos. Quanto mais a evolução do gênio inventivo da humanidade se projeta através dos séculos, sob o efeito de milagrosas criações, mais se sente que uma forte afinidade entrelaça os povos, mau grado as interrupções periódicas provocadas pela guerra.

A conflagração que felizmente chega ao seu término, com a vitória dos que se coligaram para a derrota de uma força tendente a abalar o organismo do mundo, com as suas absurdas teorias de seleção humana, a hecatombe que ora finda, repetimos, veio reavivar mais ainda a necessidade da reconstrução do edifício da cooperação universal, em bases mais sólidas, capazes de resistirem a quaisquer entrecosques que tentem novamente abrir brechas no seu arcabouço.

A mesma cousa é preciso que o indivíduo — biologicamente a mais alta expressão da *simbiose* — realize em seu próprio benefício e para o bem-estar da coletividade, valorizando-se dentro do agrupamento em que vive e trabalha.

O cooperativismo está triunfando em todos os recantos do mundo porquanto possui tôdas as características das idéias-fôrças, talhadas para grandes realizações no sentido de beneficiar objetivamente a família humana, angariando recursos para suprir as falhas e fraquezas na organização social. O

cooperativismo educa, disciplina, moraliza.

“Como poderiam ter aparecido no mundo e firmar-se, sólidamente, mais de cem mil sociedades cooperativas, com seus armazéns de fornecimento, suas oficinas, suas fábricas, seus campos de produção — se tudo isso não representasse o comêço de uma nova orientação econômica do mundo? Como pensar que esta formidável associação de homens e de interesses possa representar unicamente um móvel idealista ou sentimental?”

Essas interrogações feitas por Nicolas Repetto mostram a grandiosidade do sentido dessa campanha de renovação sócio-econômica, em que se empenham os mais esclarecidos dirigentes de povos do mundo, para que haja “liberdade, democracia e justiça econômica sobre a terra”.

A reconstrução do mundo dentro dos fundamentos dêse modelar sistema, moldado em ensinamentos cristãos, elevará a sociedade a um completo grau de aperfeiçoamento, propondo a todos *igual justiça e igual oportunidade*.

NUNCA cessará a exploração de uns povos pelos outros, enquanto houver a exploração do homem pelo homem. O critério de justiça e de equidade, de respeito mútuo e de solidariedade, que pretendemos aplicar entre os Estados, tem que nascer da própria experiência de cada um, tem que fortalecer-se na grande escola da vida social de cada nação. Elas teem que aprender dentro de casa a lição que pretendem aplicar lá fora. Cada país tem que ser, na mesa da paz, um exemplo vivo das doutrinas que defender em relação aos demais — **Almir de Andrade**.

POLÍTICA NACIONAL

Esforço de Guerra

VASCO DOS REIS

A imprensa divulga a nova sensacional da ocupação, pelas tropas brasileiras, de Pisa, a velha e histórica cidade italiana.

No tumulto dos fatos atuais, tão inopinados e tão frequentes que já como que degastaram a faculdade de admirar, pode um semelhante acontecimento transcorrer dentro da bitola dos episódios comuns. Se o considerarmos, entretanto, à luz de uma atenção medianamente imparcial, êle transcenderá às alturas de uma importância relevante, sugerindo ainda uma série de considerações em torno dos fatos que o possibilitaram.

Não sabemos, pois o laconismo da notícia não o permite sequer entrever, os pormenores do feito, para podermos ajuizar imparcialmente de seu mérito militar, sem dúvida de primeira grandeza, de vez que valor não falta aos filhos de Caxias: e preparo material e técnico foram-lhes de sobejo assegurados pela compreensão e pela direção do nosso Exército.

Conhecemos, entretanto, até o ponto em que o pode penetrar um civil e um leigo, o notável esforço de guerra, em que cooperaram todos os brasileiros de boa vontade, construindo uma base sólida para que sobre ela se pudesse elevar a mobilização militar, cujos frutos estão amadurecendo além do Atlântico, para suprema glória de nossa Pátria, que nossas forças armadas tanto teem sabido honrar e engrandecer.

Quando, levados por uma série de agressões insólitas, com que a "gang" nazista se queria desferrar do fracasso do quintacolumismo como elemento dissolvente de nossa unidade, entramos em guerra com os totalitários, a muito derrotista pareceu impossível que o Brasil passasse do terreno da simples solidariedade moral, atingindo o da beligerância ativa.

Entretanto, a vibração patriótica, que animava o país de ponta a ponta, em magnífica demonstração de vitalidade e de coesão diante da ameaça externa, constituia esplêndido desmentido aos lacrimosos messias do comodismo. Sem abalos sérios em sua estrutura econômica, exigindo um mínimo de sacrifício da imensa maioria de seus filhos, ativa, forte, vigilante, a nação se foi aprestando para a guerra, num ritmo extraordinário, que não pode deixar de orgulhar-nos profundamente.

Medidas obedientes a um critério ponderado

e realista foram sendo adotadas, sãbiamente, de sorte que o ambiente se foi aos poucos afeiçoando às necessidades imprescindíveis de Nação em guerra, recebidas e enfrentadas com superior compreensão, pela brava gente brasileira.

Ê este país admirável, cujas resoluções, rápidas e decisivas quando requeridas pelo bem comum, eram outrora denominadas "milagres" e hoje se denominam, com verdade—"vitalidade e pujança"—deu mão forte às nações aliadas, para a libertação do Continente Negro, saldando assim, uma velha dívida moral contraída nos tempos da escravidão; lançou uma frota rija e eficiente na batalha do Atlântico, destinada ao extermínio dos traiçoeiros submarinos com os quais os brasileiros tinham contas muito especiais a ajustar; concorreu e concorre com numerosos e aguerridos elementos de sua já forte aviação para o desenvolvimento e para o êxito de muitas batalhas de importância capital para a Vitória e ultimamente, com uma precisão e um apuro técnicos que honram qualquer exército, uma força expedicionária estava sendo preparada e equipada para se transportar ao teatro da luta da Europa, honrando os nossos compromissos internacionais e levando aos agressores eixistas a resposta dos brasileiros às ofensas feitas ao nosso pavilhão.

Há algum tempo, lemos emocionados a nova do desembarque de nossa tropa em terras da Itália. E por fim, portadora de uma onda de orgulho e entusiasmo que enche neste momento o coração de todos os brasileiros, chega-nos a certeza alviçareira de que os brasileiros, êsses moços sadios e intrépidos que oferecem sua vida pela honra e pela glória do Brasil, acabam de distinguir-se na frente de batalha que lhes foi confiada, ocupando uma importante praça no setor do combate.

Só um coração cheio de lama e de lodo deixará de vibrar comovido, diante dêsse feito de nossos rapazes, que lança um clarão extraordinário de prestígio sobre esta terra, incontestavelmente a maior nação latina do mundo.

Assim, proclamando nosso mais vivo entusiasmo pelo valor de nossos soldados, temos de reconhecer o extraordinário mérito dessa política de guerra, que, em tão pequeno prazo possibilitou ao Brasil um êxito tão grande.

Goiás ou Goiaz ?

Marjã Paula Fleuri de Godói

Constitue, por certo, dificuldade não pequena para o professor de Português guiar o aluno no intrincado labirinto das complicações ortográficas, agravadas pela multiplicidade das notações léxicas e pela variedade dos casos para o seu emprego.

Há palavras de pronúncia incerta, duvidosa; e há palavras de ortografia dupla, levando à confusão e ao erro o estudante da língua vernácula.

Com a palavra Goiaz, que tenho visto grafada de duas maneiras — Goiaz e Goiás — até em um mesmo anúncio de casa comercial — é necessário que não haja dúvidas porque não há o menor motivo para tal.

Causa mesmo admiração não haver uniformidade na grafia dessa palavra, pois a sua escrita está fixada no dispositivo do acôrdo ortográfico que manda escrever com **z** final os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locais, quando terminados em sílaba tônica.

Se adotamos a ortografia oficial, como e porque abrir injustificável exceção para a palavra "Goiaz" ?

Entretanto, entre os gramáticos e estudiosos da língua vernácula, não paira dúvidas a respeito da ortografia do nome do nosso Estado.

Senão vejamos:

O saudoso filólogo Eduardo Carlos Pereira diz, textualmente: (1)

"Graphar-se-ão com **z** e nunca **s** as syllabas finaes tônicas, que tiverem este som: ananaz, Goiaz, etc.

E, a páginas 252 do mesmo livro: "Goiaz = gente da mesma raça".

E Carlos Góes, explica: (2)

"Escreve-se az, ez, iz, oz, uz, no final de vocabulos de mais de uma syllaba, quando estes forem oxytonos; a apposição do **z** á vogal final indica que esta é tónica,

embora muitas vezes contrariando a etymologia".

Said Ali, em sua Grammatica, esclarece: (3)

....."a orthographia da sibilante final é determinada pela pronuncia da vogal que a precede:

1º) Se a vogal precedente é tónica, escreve-se **z**", etc.

E Sousa da Silveira: (4)

"Entre os nomes próprios merecem especial referencia os patronímicos terminados em az, ez, iz, terminação que, quando átona, hoje se escreve com **s**: Dias, Ferraz"

Silveira Bueno anota: (5)

"O acôrdo ortográfico manda escrever com **z**: Luiz, Assiz e todos os nomes próprios oxítonos: Braz, Tomaz, Goiaz".

Marques da Cruz (6) tratando de alguns nomes de origem tupi, decompõe assim o topônimo "Goiaz: Guá=gente; iá=semelhante"

Napoleão Mendes de Almeida (7), em comentário à regra que manda escrever com **z** final os nomes próprios, portugueses ou aportuguesados, quer pessoais, quer locativos, quando terminados em sílaba tônica, diz:

"A presente regra vem destruir o princípio etimológico para a grafia do **s** ou do **z**. Tratando-se de nomes próprios terminados por essas letras, a grafia se baseará no acento e não no étimo. Dessa forma, os nomes próprios oxítonos, conquanto etimologicamente devessem ser escritos com **s** e muito embora jamais tenham sido grafados com **z**, devem acomodar-se ao que preceitua este parágrafo; pelo que os seguintes nomes próprios assim devem ser grafados: Assiz, Braz, Caifaz, Goiaz, etc".

Ainda Firmino Costa (8) e os profs. Antenor Nascentes (9), Tenório Albuquerque (10) e João B. de Moraes (11) uniformemente escrevem Goiaz com **z** final.

Os nomes acima dispensam encômios, tal o valor que representam no dominio da filologia, tornando desnecessárias mais citações a respeito.

Para remate destes ligeiros comentários, deixo, aqui, uma sugestão aos mestres:

Urge simplificar o estudo da nossa Gramática, esclarecendo casos duvidosos, fixando regras; suprimindo exceções, tornando, enfim, interessante, atraente e acessível a todos os brasileiros o perfeito conhecimento do idioma vernáculo.

"Entre tôdas as cousas, que sabemos, a nossa língua, é a que devemos saber melhor", mesmo porque, "de sonoridades variadíssimas, opulenta nos seus vocabulos, maleável como a cera ou dura como o diamante, a língua portuguesa é a mais bela expressão da intelligência numana"

- 1) Eduardo Carlos Pereira. "Grammatica Historica". Pg. 107, 10ª. ed. 1937.
- 2) Carlos Góes. "Orthographia, Dictado, Pontuação, Crase". Pg. 144, 3ª. ed. 1935.
- 3) Said Ali. "Grammatica Secundaria da Lingua Portuguesa". Pg. 34, 3a. ed.
- 4) Sousa de Oliveira. "Lições de Português". Pg. 140, 2ª. ed. 1934.
- 5) Silveira Bueno. "Português pelo rádio". Pg. 113, ed. 1938.
- 6) Marques da Cruz. "Português Prático". Pg. 189.
- 7) Napoleão Mendes de Almeida. "Ortografia Oficial". Pg. 39, 1940.
- 8) Firmino Costa. "Léxico Gramatical". Pg. 20.
- 9) Antenor Nascentes. "A Ortografia Simplificada". Pg. 136, 2ª. ed. 1940.
- 10) Tenório de Albuquerque. "Pontos de Português". Pg. 138.
- 11) João B. de Moraes. "Exercícios de Linguagem". Pg. 59, 2ª. ed. 1940.

Num Senado igual aos outros

George Clemenceau assistia a uma sessão do Senado, em que um dos senadores falava havia cerca de duas horas, sem parar.

— Descanse um momento... disse-lhe discretamente um colega ao lado.

— Não, respondeu o orador, não estou cansado.

— Então deixe-nos ao menos descansar! exclamou Clemenceau em voz alta.

OS GRANDES QUADROS DA HISTÓRIA



"INDEPENDÊNCIA OU MORTE!"
(Quadro de Pedro Américo)

O PRESIDENTE E A UNIDADE BRASILEIRA

ALMIR DE ANDRADE

Não são apenas as idéias políticas que asseguram a vitalidade e a excelência das instituições: são também as qualidades pessoais dos dirigentes, que se afirmam nas horas graves e nos momentos mais difíceis. As idéias que se adotam, as concepções que se defendem nos fornecem o ponto de partida e o objetivo final, nos esclarecem sobre o sentido das aspirações e das necessidades, cuja realização se impõe neste ou naquele momento. Mas só frutificam as idéias quando encontram homens capazes de executá-las, não apenas com a energia própria dos que não recuam, mas também com a serenidade, a prudência, a equanimidade e a largueza de vistas peculiares aos que podem e sabem olhar a vida através de um horizonte suficientemente amplo, onde não penetram as questões partidárias, nem as preocupações sectaristas, nem as ambições pessoais de mando.

Quem observar a vida brasileira nestes últimos quatorze anos e quiser buscar o segredo do seu relativo equilíbrio interior — “relativo” no sentido de um equilíbrio “possível” dentro desta fase agitada da evolução social do mundo — há-de compreender que ele não se apoia apenas nas idéias que defendemos, nem no sistema de vida coletivo que vimos procurando estabelecer. Há também, nas suas raízes mais profundas, toda uma técnica pessoal de governo — essa técnica característica e inseparável de individualidade daqueles que, em qualquer instante da evolução histórica, assumem as rédeas do poder. Há, na vida brasileira destes últimos anos, a larga e profunda projeção da técnica pessoal e inconfundível de governo do atual Presidente da República. Ela se reflete nas instituições, em todo o ritmo da atividade administrativa, na política externa, como na interna.

Incontestavelmente, o problema político brasileiro, depois de 1930 e especialmente depois de 1937, pode ser colocado em dois termos fundamentais: 1) um termo objetivo, definido por certas condições típicas de equilíbrio social; 2) um termo subjetivo caracterizado pelas qualidades pessoais do homem que assumiu a responsabilidade de realizar esse equilíbrio social.

Quanto ao primeiro, isto é, quanto ao aspecto objetivo do nosso problema político, houve uma série de circunstâncias, cujas causas históricas residem talvez nos primórdios da República, e que provocaram em nosso país esse movimento a que assistimos: a concentração momentânea do poder político nas mãos do Chefe do Executivo. Não se trata a-

Publicamos, hoje, este artigo de Almir de Andrade, que nos foi distribuído pela Agência Nacional. E o fazemos com o maior prazer, concientes de estarmos, com isso, prestando um grande benefício aos nossos leitores. É que Almir de Andrade já se consagrou, definitivamente, como um dos maiores pensadores brasileiros de todos os tempos. Aos 26 anos estreou com “A verdade contra Freud”, obra de gênio, vertida para o espanhol pela Espasa Calpe de Madrid (“La verdad sobre Freud”), que a incluiu em sua “Biblioteca Filosófica”, honra que foi ele o único brasileiro e um dos três americanos a alcançar até hoje. Depois, publicou: “Da Interpretação na Psicologia”, título modesto de obra em que se revelou um filósofo original e profundo; “Aspectos da cultura brasileira”, coletânea de substanciosos ensaios sobre temas nacionais de interesse cultural; “Força, Cultura, Liberdade”, admirável estudo de filosofia política brasileira; “Formação da Sociologia Brasileira”, exposição crítica de nossos estudos sociais, desde a Colômbia; e, finalmente, o romance “Duas Irmãs”, que está alcançando um sucesso invulgar.

Algumas opiniões, de vultos dos mais eminentes do nosso mundo cultural sobre Almir de Andrade, mostram a sua posição verdadeira em nosso meio. Ouçamo-las: De Tasso da Silveira, um dos melhores ensaístas do Brasil: “Almir de Andrade vai, pelo prestígio de sua vocação para as pesquisas difíceis em tal esfera (psicologia), fa-

zer ouvir a nossa voz nos mais fechados centros culturais do mundo”; do notável pensador Tristão de Ataíde, um dos chefes intelectuais autênticos de nossa Terra: — “revela uma personalidade tão marcante, uma coragem tão positiva de enfrentar os ídolos do seu tempo, uma capacidade de dialética tão segura e uma cultura tão séria, que temos o direito de contar com ele como um grande clareador de idéias e como um guia de sua geração”; do sábio brasileiro, João Ribeiro: “Não é só um crítico ou um filósofo, mas é de fato um espírito bem informado das idéias gerais”; do grande e imortal cientista, Miguel Couto: — “Você começa por onde, em todo o mundo, poucos são capazes de acabar”; do festejado escritor Brito Broca: “Basta lermos alguns capítulos da sua obra Da Interpretação na Psicologia para nos aquilatar-mos da vasta soma de conhecimentos do autor — conhecimentos perfeitamente assimilados por um espírito que sabe escolher, distinguir e exercer no mais alto grau a faculdade de crítica”; do grande romancista, José Lins do Rêgo: “O homem que viu Freud a olho nú”.

Almir de Andrade, que hoje dirige “Cultura Política”, o nosso melhor magazine cultural, e a Agência Nacional, foi professor na Faculdade Nacional de Direito e no Colégio Universitário, da Universidade do Brasil.

É de um ilustre patricio, pois, o trabalho com que brindamos, aqui, os leitores de “Oeste”.

penas de um fenômeno brasileiro, mas de um fenômeno universal, que no Brasil assumiu feição genuinamente nacional. Não era possível ao Brasil enfrentar a sua crise interna, bem como a crise internacional, sem essa centralização de poderes. Nisto não influíram pessoas, nem partidos, nem correntes idealistas desta ou daquela categoria. A concentração de poderes nas mãos do Executivo se verificou por força de circunstâncias objetivas insofismáveis. E de circunstâncias que ainda perduram. Assim, há um fato objetivo de importância capital para a compreensão do atual momento brasileiro, que é este: — “nenhum homem poderia, neste momento da vida brasileira, enfeixar em suas mãos menor soma de poderes do que o fez o Presidente Getúlio Vargas”.

E não quero referir-me apenas ao passado, mas também ao período que nos levará até o término da guerra e talvez mesmo até os primeiros pas-

sos do após-guerra. Nenhum homem poderia governar o Brasil com “menos” poderes. E se existem, acaso, saudosistas da liberal democracia, que, sem compreenderem os fatos objetivos que transformaram a face do mundo político, possam ainda lamentar essa centralização momentânea e inevitável do poder político e atribuí-la maliciosa e capciosamente a fatores de ordem pessoal — a esses, todo brasileiro de bom senso, que tenha vistas largas para compreender o “seu” momento político, responderá não só que não dependeu do Presidente essa amplificação da esfera do Poder Executivo, como também dirá que “qualquer outro homem”, que não fosse o Presidente Getúlio Vargas e que tivesse liderado o país depois de 1930, teria governado com “mais” poderes e, quiçá, com “muitos mais” poderes.

Assim, o historiador que analisar a nossa evolução política destes últimos anos há-de forçosamente orien-

Pedro Lessa

tar a análise para a resposta dessa interrogação: se o fortalecimento momentâneo do Poder Executivo se efetuou, no Brasil, em virtude de causas objetivas inelutáveis e se nenhum homem poderia, neste período, governar o país com menos poderes, quais teriam sido as qualidades pessoais necessárias para o perfeito desempenho dessa difícil tarefa, em não menos difíceis circunstâncias sociais?

Nesse instante é que a figura do Presidente Getúlio Vargas há-de sobressair, à luz da história, com a nitidez e a segurança de traços com que ela se impôs, no Brasil, à admiração e ao respeito de todos os homens de bom senso. Se alguém deveria ser fatalmente escolhido para enfiar nas mãos tão alta soma de poderes felizes fomos nós por havermos achado um homem que reunisse em si tão fortes qualidades de prudência, moderação, serenidade, generosidade para os que se proclamam seus inimigos, tolerância, plasticidade diante das circunstâncias sempre mutáveis da vida, visão larga diante dos problemas sociais e humanos do Brasil, ação segura e compreensão nítida das nossas necessidades e das nossas fraquezas. Aqui, sim, é que aparecem as qualidades pessoais como fatores de ordem, de paz, de progresso, e, sobretudo, de união nacional. União de todos em volta de um homem moderado e prudente, despido de ódios e de ambições, superior à estreiteza dos quadros sectários, sem "parte pris" para coisa alguma, insensível às seduções do poderio, incapaz de usá-lo para outros fins que não fossem os de servir à Pátria, pacificá-la internamente, conciliar interesses divergentes, aplacar rancores, prestigiar as legítimas expressões da nossa cultura, das nossas tradições, das nossas Forças Armadas, do nosso espírito cristão, da nossa inteligência e do nosso trabalho. Esse o grande serviço "pessoal" do Presidente da República. Serviço inconfundível, que vinculou para sempre a sua personalidade ao grande momento histórico que atravessamos. Serviço insubstituível, que converte a sua figura de Chefe de Estado na melhor e mais sólida garantia da paz interna do Brasil — hoje, como ontem o foi e amanhã o poderá ser no após-guerra.

OS POVOS que tiveram algum valor, que não ganho algum valor, não o conseguiram com instituições liberais: o grande perigo os fez dignos de respeito; esse perigo que é o único que nos ensina a conhecer nossos recursos, nossas virtudes, nossos meios de defesa, nosso gênio, e que nos constringe a ser fortes. Primeiro princípio: é preciso ter necessidade de ser forte; do contrário, não se chega jamais a sê-lo — Nietzsche.

Entre as efemérides do mês está a rememorativa do nascimento de Pedro Lessa, o grande filósofo-jurista patricio, ocorrido a 25 de setembro de 1859, na cidade do Serro, Estado de Minas-Gerais.

Depois de terminar os cursos primário e ginasial em seu Estado, transferiu-se Pedro Lessa para São-Paulo, matriculando-se na Faculdade de Direito, por onde colou grau, em 1883.

Exerceu os seguintes cargos: de Secretário da Relação de São-Paulo; de Professor na Faculdade de Direito de São-Paulo; de Chefe de Polícia no mesmo Estado; e, finalmente, de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Foi, ainda, deputado ao Congresso Constituinte de São-Paulo, brilhando, pelo seu saber, nos trabalhos elaborativos da Constituição Estadual daquele Estado, e membro da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Lúcio de Mendonça, a quem já substituiu no Supremo Tribunal. Faleceu no Rio, em 25 de Julho de 1921.

Na bibliografia de Pedro Lessa, destacam-se: "Estudos de Filosofia do Direito"; "Estudos Jurídicos"; "Do Poder Judiciário"; "O determinismo psíquico e a imputabilidade e responsabilidade criminais"; "Reforma Constitucional", "Discursos e Conferências", etc.. Em todos os seus trabalhos Pedro Lessa afirmou-se um pensador seguro e um doutrinador magnífico, mercê de sua cultura polimorfa e profunda, não só jurídica como histórica, filosófica e literária.

Além de homem de vastos e sólidos conhecimentos, era Pedro Lessa possuidor de belas virtudes morais. Foi, pois, um dos mais completos sábios brasileiros, e assim é julgado pelos seus patricios. *Clovis Bevilacqua*, por exemplo, assim traçou o seu perfil: "Foi um espírito organizador. Combateu ardorosamente, apaixonou-se, não raro, pelas idéias e pelas causas, nem tôdas as suas soluções conquistaram adesão dos contemporâneos; mas, passado o fragor da batalha, estabelecido o silêncio respeitoso, que a morte impõe, diante dos nossos olhos comovidos, desenhava-se o perfil de um homem de bem; reconhecemos, nesse combatente irredutível, um devotado sementeiro de idéias; e, nos fastos do pensamento jurídico brasileiro, ergue-se a figura de um grande juiz". Também *Coelho Neto*, dele falando, escreveu: "o talento, que nele era olímpico, ainda mais valia pelo engaste em que fulgurava: o caráter". E *Humberto de Campos*, ainda a seu respeito, teve essas pa-

lavras definitivas: "o seu nome, inscrito na pedra que lhe cobre os despojos, há-de ser, eternamente, a quantos o lerem, um incentivo para o exercício da justiça, para a conquista da sabedoria, para a prática da coragem, para o conhecimento das virtudes, em suma, que fortalecem o caráter, elevam a alma e esclarecem o espírito, abrindo-nos, como num milagre, o caminho da Perfeição".

Eis Pedro Lessa: uma Inteligência, uma Cultura, um Caráter. Um Homem, enfim. Um vulto esplêndido, que dignifica a nossa raça e que deve ser sempre presente em nossa memória, como um exemplo e um incentivo.

TODO ser humano, como possível existência, é, como indivíduo, mais que qualquer membro da massa somente; experimenta em si mesmo solicitações intransferíveis e não deve perder-se na massa, porque com isto perderia seu ser humano. O apêlo à massa se converte em recurso sofisticado para manter incólume um vasio movimento, para fugir-se a si mesmo e livrar-se da responsabilidade do impulso ao nível do verdadeiro ser humano — **Karl Jaspers**.

Rodrigo Otávio Filho, o novo imortal

Acaba de ser eleito para a Academia Brasil de Letras, para a vaga de seu ilustre pai, o sr. Rodrigo Otávio Filho.

A decisão dos acadêmicos, acolhendo-o "sous la coupole", foi justa, tendo repercutido favoravelmente nos círculos culturais do país, pois que o novo imortal, tão cedo iniciado na vida literária, bem merecia a honrosa investidura. Entra, Rodrigo Otávio Filho, no "Petit Trianon" com uma bagagem literária apreciável, tendo publicado os seguintes livros: "Alameda Noturna" (poesia); "O poeta Mário Pederneiras" (ensaio); "Velhos amigos" (memória); "No fundo da gaveta"; "A vida amorosa de Lizt"; "Osório"; "Figuras do Império e da República" e um sem número de produções espalhadas pelos jornais e revistas principais do país.

Além de intelectual de méritos invulgares, é Rodrigo Otávio, nos meios sociais, uma figura de relevo: exerce, atualmente, a vice-presidência da Associação Comercial do Rio-de-Janeiro, é o diretor do Departamento Legal da Equitativa, foi secretário da Legião Brasileira de Assistência, é membro do Rotary Clube do Brasil e do Pen Club.

À MARGEM DA VIDA JURÍDICA

Os sonhos de Josino José Campos

Os sinos da velha Igreja de Trindade bimbalhavam incessantemente, chamando os fiéis à oração.

A praça principal da cidade estava literalmente a regorgitar de povo. Por toda a parte se viam baracas improvisadas, de negociantes ou romeiros. Caminhões, automóveis e carros de bois, de condutores que eram, passando agora a serem utilizados como tendas, encontravam-se às dezenas pelos recantos. Até as árvores, nas cercanias, eram aproveitadas para abrigos. O fumo de milhares de cozinhas, que se desprendia aqui e ali, esfumagando todo o ambiente, a par da grande agitação dos romeiros, dava à velha cidade ares de uma grande metrópole. Grande era o vozeiro reinante em todas as praças e ruas. Homens, mulheres e crianças, vindos dos mais longínquos rincões deste Estado e de outros, para ali se tinham acorrido, impelidos pela fé, ou pela curiosidade, ou, ainda, pela avidez de ganhos.

Dentro da Igreja, os romeiros se encontravam tão comprimidos, que muitos, ao chegarem próximos dos altares para orar ou cumprir suas promessas, e antes que o fizessem, eram forçados a voltar até o pórtico, impulsionados pelos que saíam ou tentavam sair. Outros ficavam completamente à mercê dessa onda humana flutuante, indo e vindo dentro da Igreja.

No meio dessa regorgitação, comprimido, num recanto, próximo do altar onde se encontrava exposto o relicário do Divino Padre Eterno, estava um menino de cor branca, muito pálido, descalço e mal vestido. Devia ter, quando muito, 12 anos de idade. De mãos postas, olhava, em êxtase, para o relicário, e dos seus lábios saíam, em sussurros, as seguintes palavras:

— Divino Padre Eterno, fazei que eu encontre um tesouro; sim, um grande tesouro consistente em diamantes e ouro! . . . Quero ficar rico . . . Quero ter um bom automóvel e viajar nele por toda a parte para conhecer lindas cidades . . . Seria tão bom . . . Ah! Divino Padre Eterno, se me fizerdes esse milagre, juro-vos que se-reis recompensado! . . . Dar-vos-ei parte dele . . . Mandar-vos-ei construir outra Igreja muito, muito mais alta e bonita que esta! . . .

E o menino, que se chamava Josino, saiu da Igreja radiante de alegria, certo de que obteria o grande milagre.

A' noite, pela estrada a fora, a

caminho do sítio de seu pai, que residia no município, dizia para si mesmo:

— Ele há-de fazer-me êsse milagre. Não m'o negará, espero. E, depois, papai sempre não me diz que o Divino Padre Eterno tem feito tantos estupefacientes milagres, que dificilmente poderiam ser enumerados, chegando a ponto de tornar sãs pessoas portadoras das mais abominosas e incuráveis moléstias, por que não há de fazer êste, que é muito mais fácil? . . .

Chegando a casa, a hora de alta noite, foi deitar-se numa grande ansiedade, à espera do desejado acontecimento. Pela madrugada, em sonhos, o Divino Padre Eterno lhe aparece, no meio de um grande resplendor, consubstanciado num velhinho de longas e alvíssimas barbas, a dizer-lhe meigamente, com os olhos radiantes de bondade:

— Josino, venho atender ao seu pedido. Sou o Divino Padre Eterno. Vou indicar-lhe o lugar em que deverá encontrar uma grande panela de barro repleta de ouro e diamantes . . . mas não se esquecerá do que me prometeu? . . .

— Não, Divino Padre Eterno — responde-lhe Josino, com o coração em saltos.

— Sabe onde fica o córrego do Jacaré?

— Sei sim, Padre Eterno, fica nos lindes do nosso sítio com o de João Marçal. Várias vezes ali estive.

— Pois bem, Josino, debaixo das pedras da outra margem, você encontrará, enterrada, uma panela contendo um grande tesouro, muito grande mesmo . . . mas não vá esquecer-se de mim, ouviu? . . .

— Juro que vos darei o prometido, Divino Padre Eterno — responde-lhe Josino, numa grande agitação.

E, em virtude dessa agitação, acordada, senta-se na cama, e assim estremunhado, ainda consegue ver o Divino Padre Eterno sumir-se a pouco e pouco, envolto numa grande luminosidade.

Por fim, esfregando os olhos, observando melhor, só pôde ver um jacto de luz que, passando através de uma grande fresta do telhado, incidia justamente sobre o seu rosto. Provinha da Lua, que estava no seu plenilúnio.

Sem perda de tempo, mesmo em sendo madrugada ainda, vai ao quarto do pai e, num grande alvoroço, o acorda, para comunicar-lhe o aparecimento do Divino Padre

Eterno e a grande revelação que lhe tinha feito.

Oscar Martins desperta, sobresaltado, ao ver o filho sacudindo-lhe os ombros e a chamá-lo impacientemente, e, inteirado do que o tinha levado ao seu quarto, respondeu-lhe mal humorado:

— Isto foi sonho, Josino, vai deitar-te!

— Não, papai; apareceu-me em pessoa, de verdade!

— Dê-lhe atenção, Oscar. Se êle nos veio acordar a esta hora para nos comunicar êsse aparecimento, é porque apareceu mesmo — intervem dona Rosa, mãe de Josino, que acordara com os chamados, muito emocionada com a revelação feita pelo filho.

— Lembra-se — continuou ela — do cordão de ouro da comadre Luzia?

— Sim, — responde-lhe Oscar.

— Foi o Divino Padre Eterno que, em pessoa, lhe mostrou o local em que o tinha perdido. E não o achou? . . .

— Pois bem — disse, afinal, Oscar — ao romper do dia, iremos ao local indicado pelo Divino Padre Eterno.

Logo que o sol despontou no horizonte, Oscar, dona Rosa e Josino se dirigiram ao córrego do Jacaré. Ao avistá-lo Josino disse logo aos pais, com uma das mãos estendidas para o outro lado do córrego:

— O Divino Padre Eterno disse que a panela de barro se encontra enterrada debaixo daquelas pedras.

— Mas o terreno do outro lado não nos pertence, Josino. E' de João Marçal. Se nos vir cavando, há-de querer saber do motivo por que o fazemos, e, então, na certa, irá exigir-nos a entrega do tesouro a êle, pois que está no seu terreno — disse Oscar ao filho.

— Tenho uma idéia, Oscar. Viremos com os enxadões à noite, e, com o auxílio do luar, reviraremos as pedras — argue dona Rosa.

— Sua idéia foi boa, Rosa. Voltaremos, então, à noite, para descobrir o tesouro.

A's dez horas da noite do mesmo dia, João Marçal regressava de Trindade. Ao atravessar o córrego "Jacaré", nos limites de sua propriedade, ouviu pancadas de enxadões contra o chão, um pouco acima da ponte.

— Que será?! — perguntou a si mesmo, muito admirado, ao ouvir

O EXEMPLO DE GOIÂNIA

Uma surpresa agradável, de todo imprevista, aguarda o viajante que desce na capital de Goiás, em pleno coração do país. Em pouco tempo, ergueu-se, de acôrdo com um plano geomêtricamente traçado, uma cidade moderna, onde era o deserto.

O milagre do aparecimento de Goiânia, realizado pelo Interventor Pedro Ludovico, marca o início de uma nova era na construção de cidades no Brasil. Preparados ttecnicamente todos os esquemas, nos seus menores detalhes, a execução dos mesmos foi iniciada com decisão, sem sombra de receio ante as desmedidas proporções do empreendimento, que lembra as grandiosas concepções à maneira norte-americana.

Razões de ordem geográfica, econômica e administrativa, aconselhavam a mudança da capital de Goiás, Estado indicado pela antiga Constituição para sede da futura capital do Brasil. Da velha Goiás, mal situada e pèssimamente provida, não era possível impulsionar o desenvolvimento daquela unidade federada, cuja importância aumenta cada vez mais, pela imensidade de suas riquezas inexploradas, que o presidente Getúlio Vargas apontou ao trabalho dos brasileiros, indicando-lhes o rumo para o oeste, na sua marcha desbravadora.

O interventor Pedro Ludovico não hesitou e foi dos primeiros homens de govêrno a dar sentido obje-

tivo à sugestão do presidente, inaugurando em Golaz uma série de obras destinadas a transformá-lo no centro de irradiação de novas "bandeiras", que se destinam não à busca de ouro e de diamantes, mas à transformação de enormes regiões inexploradas em zonas de produção e de riqueza.

Para isso, necessitava-se, antes de tudo, de uma capital moderna, bem aparelhada, em pleno sertão, centro ativo de propulsão de energias e de convergência do resultado do trabalho humano, de onde se dirigisse o movimento de penetração. Goiânia não tardou em passar dos cérebros de um grupo de homens audazes e realizadores para o terreno que lhe fôra destinado. E' ela o primeiro exemplo de uma cidade plantada de um só golpe no interior do país, depois de Belo-Horizonte. Ao contrário do que sucedeu outrora, já não queremos as nossas capitais preguiçosamente erguidas à orla do Atlântico, mas no "hinterland", onde tudo desafia a nossa capacidade construtiva e criadora. Começamos a abandonar a civilização ancestral dos descobridores, dos "caranguejos" tímidos, que arranhavam as praias. Homens da imaginação e do poder de vontade do interventor de Goiás estão nos mostrando o verdadeiro caminho a seguir.

(Transcrito de "O Jornal", do Rio, edição de 11 de agosto de 1944).

êsse barulho àquela hora e, ainda, no seu terreno.

João Marçal ficou parado durante algum tempo, com os ouvidos atentos. Ao ouvir conversa, segue, pelo córrego acima e, próximo do local onde se fazia a escavação, por detrás de uma moita, ouve a seguinte conversa:

— Você se lembra bem, Josino, sob quais pedras se encontra oculto o tesouro?

— E' dêste lado mesmo, papai. Talvez esteja oculto em outro lugar, debaixo de outras pedras. A panela deve estar enterrada profundamente, pois que está cheia de ouro e diamantes.

— Tesouro oculto Panela cheia de ouro e diamantes, enterrada profundamente e no meu terreno!! . . . — pensava João Marçal, cheio de pasmo. E João Marçal não arredou um passo da moita enquanto estiveram Oscar e Josino cavando o terreno e arredando as pedras, às margens do córrego.

Desanimados, mas não desesperançados, cheios de cansaço, pai e filho se retiram do local, quando os galos começavam a cantar, anunciando a madrugada.

No momento em que chegou a casa, João Marçal procurou logo sua espôsa, a quem narrou o estranho caso que presenciara durante a noite. Ao ouvi-lo, dona Emerenciana, mulher ambiciosa e muito egoísta, convida ao marido para que fossem, juntos, explorar o terreno.

— Talvez nós o descobramos! . . . — dizia para o marido, numa grande aflição, com os olhos pasmados.

Pela manhã, munidos de enxadas e enxadões, João Marçal e Emerenciana continuaram a escavação encetada pelo seu vizinho Oscar, em procura do fabuloso tesouro. Nada, porém encontraram.

Na noite seguinte, eis novamente João Marçal escondido na moita, e Oscar com o seu filho Josino a revirar o terreno, numa grande aflição, esperando ambos, a todo momento, tocar com o enxadão na almejada panela. Quando viram grande quantidade de pedras não reviradas por êles, Oscar volta-se para o filho, e lhe diz:

— O Divino Padre Eterno está nos auxiliando, Josino. Veja que quantidade de pedras já foram deslocadas! . . . E alguns dias assim decorreram, com João Marçal e espôsa a escavar o terreno durante o dia, e Oscar e Josino durante a noite, cada qual aproveitando o serviço do outro.

Era a reprodução da história da onça com a cabra, na construção de seus casebres. E o dia de tomar cada qual a sua direção, tal como aconteceu a êsses animais, chegou também para êsses ambiciosos vizinhos.

Oscar, completamente desesperançado de encontrar o tesouro e, ainda, irritado pelo fato de ter perdido tão preciosas noites de sono, deu uma tunda em Josino, repreendendo-o, em seguida, por ter, falsamente, usado do nome do

Divino Padre Eterno.

— Não tenho culpa de êle ter-me enganado, papai! — era o que respondia.

Por sua vez, João Marçal, enfurecido com o procedimento de seu vizinho, que lhe fez perder não só várias noites de sono, como ainda preciosos dias desviados de outros setores de trabalho, foi à Delegacia de Polícia de Trindade apresentar queixa contra êle. A polícia, entendendo não ser o caso da sua competência, e, sim, do cível, não recebeu a queixa oferecida.

João Marçal não se desanimou com êsse procedimento da Polícia e, então, contratou um advogado para acionar Oscar Martins com o fim de ser indenizado pelos danos que disse ter sofrido com o revolvimento de seu terreno.

Oscar Martins contratou também um advogado residente nesta Capital para que o defendesse na ação contra êle proposta.

A ação correu todos os seus trâmites legais, e teve o seu término no Tribunal de Apelação do Estado. O Tribunal decidiu que, no caso em apêço, o revolvimento da terra foi feito num local em que não havia plantação ou construção alguma, sendo que, do simples fato de revolver-se um terreno, não poderia advir prejuízo algum para o Autor. Acrescentou ainda a decisão que o próprio Autor tinha também contribuído, com boa parte, nesse revolvimento

Eis o desfêcho dos formosos sonhos de Josino com o Divino Padre Eterno!

A VIDA COMEÇA AMANHÃ

Floraci Prtiaga Mendes

(Cenário e personagens:

E' uma tarde azul, docemente velada pela fina neblina de ouro do sol poente, que se esvai ao longo do horizonte de púrpura, orlado de verdes ondulações de serras.

Dois cavaleiros deslizam pela planície atapetada de relva, ao longo do caminho branco que se perde além, numa várzea tranquila, entre árvores sombrias.

Conversam. Suas vozes acordam pássaros nas frondes vizinhas, que fazem um côro assustado de lindos acordes melodiosos.

São dois jovens, dois magníficos espécimes de cada sexo, dessa nova juventude brasileira, amiga de desportos, criada ao sol, no culto da natureza, sob a imensa nave benéfica do ar livre e do espaço ozonizado.

(Falam)

— Você, com as suas trinta primaveras e o seu longo treino de inteligência, ainda não começou a viver, Sérgio. Não lhe fica bem esse sobrecenho a Schopenhauer por uma simples decepção. Muito ao contrário, ela lhe devia constituir um "abrigo anti-aéreo" para futuros "bombardeios" . . . Procuremos rir sempre das nossas desventuras e encaremos a vida com bom humor, pois ainda temos muito que viver . . .

— E' muito interessante a sua teoria, quando aplicada aos outros . . .

— Apliquei-a muitas vezes em meus casos, pois desde a minha infância aprendia, sôzinha, me defender da vida . . . Quando às vezes caía, durante jogos e brincueiros, percebi que tôdas as tristezas podem ter um lado bom, cômico ou alegre, de que podemos tirar partido para esquecer a dôr ou o ridículo . . . Como você sabe, perdi minha mãe ao nascer e, filha única, jamais tive alguém a ajudar-me na luta contra a vida... Tenho, pois, encontrado muitas ocasiões de aplicar a minha lição de criança, procurando adotar uma atitude de humor diante de todos os insucessos e rir-me com os outros à custa deles . . .

— Você parece uma velha, falando-me assim, *ex-cathedra*, da vida, Maria Helena. A faladíssima vaidade feminina é incompatível com essas teorias "longamente" praticadas. Ouvindo-a, a gente tem a impressão de que você já viveu muito . . .

— E porque não? Essa questão de idade, disse alguém, é um estado de espírito. Há velhos que se conservam perenemente moços, como há moços precocemente velhos. Venho de um longo tirocínio de sofrimento, daí a serenidade outonal da minha tarde íntima . . .

— Também já houve um que disse: Eu sou paulista há quatrocentos anos . . .

— Quem sabe teria razão? . . . Deixe-me lembrar-lhe Graça Aranha, numa linda página de *Canaan*: "Que conjuntos de sensações não se acumularam desde as remotas almas genitoras, que rios de sangue não correram de pais a filhos, longamente, carregando vibrações recolhidas em cada célula, dolorosas, lentas, trabalhando, afinando o mundo dos nervos, até enfim se formar no homem a derreadeira das suas almas!"

— O', mas que prodígio de memória, Maria Helena!

— Simples associação de idéias. Nada mais natural recordar um conjunto de palavras que parece um trecho de poesia. Graça Aranha é adorável.

— E dizer que vocês, mulheres, até há pouco, só entendiam de Ardel e Delly . . .

— Eles são um período natural de transição da adolescência para a mocidade. As que nunca foram jovens não tiveram tempo de os ler . . .

— Suponho que essas lerão Pitigrili e Zola . . .

— Talvez se engane: pode haver uma inata sêde de espiritualidade e conforto moral que as guie, não para a descrição cética e sardônica das realidades da vida, mas, para tudo o que eleve e dignifique o espírito, dando-lhe princípios sãos e salutareos de legítima filosofia espiritualista.

— Questão de temperamento, talvez . . .

— Quem sabe? Subtilezas da argúcia feminina, farejando, qual simbólica raposa, o caminho certo do aperfeiçoamento lógico e moral da vida . . .

— Elza lia de tudo, Maria Helena. Misturava Flaubert e Tolstoi, Zola e Castelo Branco, com Pitigrili e José Lins do Rego . . . Citava Guerra Junqueiro e Vargas Villa e traduzia Oscar Wilde . . . Declamava Baudelaire e compilava Rabelais e Voltaire! E jamais me preocupara êsse detalhe, ao contrário, fazia-me orgulhar de

minha noiva! Agora, você me faz pensar. Quem sabe? . . . Se eu a tivesse orientado na escolha de suas leituras . . .

— Nada disso, Sérgio. Elza era o fruto perfeito da árvore da civilização moderna, formada, aliás, nessa tão antiga ciência do bem e do mal . . . A influência materialista de seus autores prediletos apenas lhe amadureceu o espírito, mas já o encontrou formado, em plena pletora de energias naturais, criado pela seiva dinâmica das influências do meio . . .

— Na última tarde em que a fui ver, encontrei-a lânguidamente recostada numa *chaise longue*, displicentemente vestida com um *deshabillé* vaporoso . . . Era linda a tarde e estávamos numa sacada que dava para o mar . . . Os olhos dela (porque hão de ser sempre falsos os olhos verdes? . . .) pareciam estar absorvendo a côr verde das ondas que se esbatiam em espumas prateadas, lá longe, na areia branca . . . Tinha o seu rosto uma expressão de tédio . . . um ar de aborrecimento . . . e, no entanto, era linda naquela atitude de deusa, digna de Palissy ou de Vand Dyck . . . Lembro-me de ter apanhado de suas mãos um volume de Gerge Sand . . . Folheei-o a esmo, para disfarçar o constrangimento de tão longo silêncio. Que secretos pressentimentos encheriam o meu coração naquele instante? Conversamos ainda um pouco, numa palestra sem vida, falando de coisas indiferentes, quando o coração era tôda uma represa de sentimentos tumultuosos . . . Tive tacto bastante para me despedir cedo, chocado ante tão gélida atitude . . . E no dia seguinte . . .

— Para que recordar, Sérgio? Deixe que o passado se esboroe na praia do esquecimento como uma grande onda bravía que não volta mais . . .

— . . . Elza se tornava noiva de um velho milionário, burguês, grosseiro . . .

— Não vale a pena lembrá-la, meu amigo. Porque estragar a nossa tarde com essas recordações?

— Tenho um gôsto sádico pela evocação daquele dia, Maria Helena. Quem sabe à força de tanto o renovar no pensamento, o coração se canse e se despedace um dia de dôr e de revolta!

— Isto já está se tornando doentio, Sérgio. Razão teria seu médico

para exigir essa mudança de clima e estação de repouso na fazenda dos tios. E se ele lhe prescreveu vida ao ar livre, passeios a cavalo, contemplação da natureza, devia ter-lhe também recomendado bons pensamentos, repouso espiritual, devaneios agradáveis...

— Que ironia, Maria Helena. Acha possível a intervenção alheia na consciência da gente?

— E' natural que o médico do corpo cuide primeiro da alma, pois o mal partiu desta e a doença física é simples consequência sintomática.

— Sim?

— O seu mal foi ter-se deixado apanhar de surpresa pelo rompimento, Sérgio. A causa do traumatismo moral foi a sua imprevisão. Porque não empregar no amor um pouco mais de observação e análise, qual o clínico que, à cabeceira do doente, acompanha sollicitamente a evolução do caso, pronto a acudir tôdas as probabilidades de uma queda súbita de temperatura ou um enfraquecimento do coração?

— Acha possível o amor coexistir com o raciocínio?

— Mas ou menos, ou senão nos equipararíamos aos irracionais governados por instintos e emoções desprovidos de lógica.

(Há uma longa pausa, um demorado silêncio em que apenas se ouve o canto estridente das primeiras cigarras, almas líricas da tarde que vai morrendo. Os cavalos em que o jovem par passeia vão a passos lentos, como marcando o ritmo de um pensamento cansado)

Longe, brilha uma primeira estrela, na fímbria azul do céu, como um beijo de luz . . . e, logo após, como se de uma fonte jorrassem, dezenas de corolas de prata enchem a cortina de seda da noite que começa

Cortando o silêncio, Maria Helena canta, de manso, com voz de veludo, uma canção suave.

De repente, Sérgio a interrompe).

— Estou cansado dessa monotonia do sertão. Há dois meses que aqui estou exilado, sem trabalho, sem amigos, sem diversões, para satisfazer a meus pais, e sinto que o meu mal não tem cura nesta solidão. Isto aqui me enerva, me angustia! Estar a todo instante obedecendo aos outros, como criança, seguindo programas de vida traçados por outrem, como se não me bastasse a mim mesmo! Não conseguirei melhorar-me. Debalde exgotei a taça dos prazeres cosmopolitas nos cassinos e nas noitadas boêmias. Nada me faz mais feliz.

— Porque não se dedica a uma atitude útil e agradável . . . escrever, por exemplo? Um romance, um poema, um conto . . . Quem

sabe? Já o disse o nosso Agripino Grieco: "Ler, refletir é escrever qualquer coisa menos má, eis uma das maneiras de evadir-se da vida, porque a vida só é suportável para os que a evitam tanto quanto possível, para os que vivem metade nas nuvens"

— Ah! muito bem. Escreverei então uma tragédia autêntica, dessas que costumam fazer os modernos conteurs . . . Quasi em geral os contos brasileiros terminam dramaticamente, morrendo tôda a gente, como nos filmes policiais americanos . . . A um dado momento, o autor não sabe mais o que fazer dos seus personagens e . . . mata-os. Quem sabe darei, assim um fim intelectual, pelo menos, às minhas tortuosas visões de insônia!

— O conto é uma arte na prosa, Sérgio, como o soneto o é em relação à poesia. Um bom conteur, como um parnasiano, sabe prender a emoção, de principio a fim, em poucos minutos, para desnortheastá-la e a encantar com o imprevisível de um desfêcho inesperado, ou com a beleza eloquente de uma "chave de ouro". Gosto dos contos que abordam a análise dos sentimentos ou a angústia humana e imortal dos desadaptados da vida. São universais e cosmopolitas e tanto podem vir das estepes nevadas da Rússia como das planícies escandinavas de Selma Lagerlof, como palpar de ternura em Júlio Dantas ou queimar como ferro em brasa na "Corrente" e nas tantas outras obras imortais de Zweig . . . Machado de Assis, Júlia Lopes, Artur Azevedo e o nosso Hugo de Carvalho Ramos deram valor e força ao conto nacional, criando personagens imortais, que a gente fica querendo bem, como se de fato existissem . . . Não sei onde li o que consagra um autor são os seus personagens, e, tanto mais eles se eternizam na lembrança da gente, quanto maior e mais absoluta é a arte do seu criador.

— Mas, depois de tudo isto, o que farei com os meus contos? Dou-os de presente ou os queimo, não?

— Poderemos mandá-los para "OESTE", onde justamente agora está se realizando um concurso de contos.

— Ah! Não pensemos nisso; se-rei desclassificado, mais uma vez, como o já fui no amor e no recente concurso para a Siderúrgica.

— Você se esquece, Sérgio, de que entrou naquele concurso sob a angústia do complexo emocional a que o reduziu o seu abalo moral recente e, àquele tempo, em pleno auge. Demais, você precisa ajudar a sua cura. Pense em seus pais, em seu futuro, em seu nome. O seu fracasso sentimental poderia constituir uma dádiva do céu, se você tivesse energia moral para reagir. "Os grandes abalos morais,

quando não matam, imunizam", disse, alguém. E tôdas as grandes criações da arte, da ciência, das letras, pressupõem uma sublimação do sentimento recalçado, uma nova orientação cheia de fé e de coragem, encontrada na encruzilhada sombria do destino.

— Então, E'dison, Marconi, Einstein.

— Não cite gênios, cite homens como você, como o comum da humanidade, e que sabem tirar da própria dôr a chama de uma nova vida. Lembre-se de Beethoven, surdo no paraíso dos sons; recorde-se de Jesús, atravessando a imensidão dos séculos com a doutrina mística dos seus sermões iluminados, a caminho do Calvário.

— Estou sendo catequizado.

— A dôr, Sérgio, é o principio da perfeição. E' a vereda bendita que nos conduz à conquista de nós mesmos, o caminho pelo qual o homem se reencontra e se aproxima de Deus. Não viemos ao mundo para viver o momento que passa, mas, para resgatar, com o sorriso nos lábios, a humildade no coração a dívida de longínquos pecados, desde Adão e Eva, no principio dos séculos . . . Temos algo a fazer. Não apenas pensar em nós próprios, no nosso coníôrto e no nosso bem-estar material, mas principalmente, na nossa elevação moral e espiritual, na estrada que leva a Deus. E "a vida são brevíssimos instantes", meu amigo.

— "O evangelho nas selvas" . . .

— Não zombe, Sérgio. Quero que esse passeio de hoje lhe dê um pouco que meditar. Há tanta gente que sofre em seu redor! Legiões de párias e mendigos perambulando pelas sargetas; a multidão anônima dos desajustados das classes médias, sem coníôrto e sem lar, sem trabalho e sem fé . . . E você, jovem, cheio de vida, economicamente emancipado, fechando-se no seu individualismo injusto, por um simples fracasso sentimental. Demais, eis-nos aqui neste caminho tranqüilo, rumo a uma desconhecida paisagem, na hora lânguida em que as aves se encolhem na penumbra das árvores, entre os últimos trinos agudos com que se despedem do dia que se foi, à espera do amanhã . . . Ao lado, como âleas perfumadas de algum parque fidalgo, caraíbas doiradas e flamboiantes flamejantes de eritrofila orvalhada, parecem saudar-nos com um sorriso florido e lembrar-nos a primavera . . . "A mocidade é bela porque é o tempo em que mais se sofre e em que melhor se constroe", diz Júlia Lopes. E, como num eco, responde o autor de "Viagem maravilhosa", naquele lírico e doloroso desabafo da sua apoteose final: "A dôr é boa porque faz despertar em nós uma consciência perdida; a dôr é bela

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

porque une os homens. A dôr é fecunda porque é a fonte do nosso desenvolvimento, a perene criadora da poesia, a força da arte”. Amemos, pois, o nosso sofrimento e façamos dele, não símbolo de revolta e causa de alheio pesar, mas, eternizemo-lo como num monumento sagrado, em qualquer coisa de grande, belo, imortal!

(Param. Estão no alto de uma colina, à vista de Goiânia, que se estende lá longe, imensa e luminosa como imagem invertida do céu num lago límpido).

— Lá em baixo, vê? A paisagem deslumbra. Goiânia, a cidade milagrê, surgida como uma miragem do deserto numa planície chã, é também uma epopéia imortal, sonhada desde remotas eras, no tempo de Couto de Magalhães. É a glorificação final de um dêsse sonhos de visionários, longamente trabalhada através dos sofrimentos de um povo, de conflitos de toda espécie, de lutas de idéias e sentimentos, em prol da grandeza de uma pátria. Goiânia foi a visão embaladora de um herói encarcerado, na hora angustiosa e máxima do seu sacrifício de revolucionário, qual novo Tiradentes no amor pela liberdade, milagrosamente salvo pela Providência Divina, que o destinara a torná-lo imortal. Vê, Sérgio? Até que extremos pode levar o homem a energia moral perante a dôr? Aquele imenso colar de luzes que cintila entre silhuetas longínquas de altos prédios e largas avenidas, é, para os nossos olhos cansados, o luminoso aceno de uma esperança nova. Porque não o abraçar de todo o coração? Porque não atender ao seu apêlo de sereia encantada?

(Calam-se alguns instantes, num silêncio comovido, de olhos fixos ao longe, naqueles dois infinitos constelados que se enlaçam, coruscantes de luzes, enquanto as cigarras chilram, além, num canto de glória e de saudade . . . Os seus vultos dominam a paisagem, como num símbolo de fé e de esperança).

— Maria Helena, estou encantado, esplêndidamente encantado e feliz. Acabo de me reencontrar a mim mesmo, no fundo despedaçado do meu coração. Amanhã, quando o sol doirar êsses caminhos, acordando a natureza para uma nova vida, estarei marchando para um novo destino, rumo à Goiânia. Engenheiro, jovem, cheio de ideal, quero ajudar os que a constroem, na luta contra todos os obstáculos, quero ajudar a engrandecê-la e a torná-la mais bela e feliz, dentro de sua auréola de Cidade-Milagre. Hei-de construir também qualquer coisa de belo, qualquer coisa de bom! A vida começa amanhã . . . Vamos, Maria Helena!

(Regressam, a galope, rumo à

O ilustre sr. dr. Gabriel de Rezende Passos, Procurador Geral da República e antigo Secretário do Interior do Estado de Minas-Gerais, enviou-nos o seguinte telegrama:

“Rio — 21506 — 3-1-3-15. Redação de OESTE — Goiânia — Agradeço a essa esplêndida revista as palavras de simpatia endereçadas ao ministério público e as com que nos penhorou generosamente pt Cordiais saudações pt Gabriel de Rezende Passos, Procurador Geral República”.

O nosso companheiro Paulo de Figueiredo recebeu as seguintes cartas e cartões:

Do dr. Abgar Renault, Membro da C.E.N.E., Ditorer Geral do Departamento Nacional de Educação e um dos mais notáveis poetas da moderna geração:

“Prezado Amigo, dr. Paulo Augusto de Figueiredo:

Agradeço-lhe, muito sensibilizado, a remessa do nº 18 de OESTE, publicação já minha conhecida, em que tenho encontrado documentação valiosa do muito realizado por todos aqueles que se dedicaram à tarefa de elevar o Estado de Goiaz à posição que de justiça lhe cabe no conjunto das outras unidades nacionais.

Foi com prazer que tive a oportunidade de ler, nesse número de OESTE, o artigo de sua autoria “Goiânia, um desmentido aos marxistas e aos nazistas”, no qual, com segurança e descortínio, é traçado um vivo quadro do que é Goiânia, criação feliz da nova orientação política e social brasileira, em face de doutrinas diversas que jamais puderam medrar em solo nacional.

Cordialmente,

(a) **Abgar Renault**”.

Do dr. Godofredo T. da Silva Teles, Presidente do Conselho Administrativo de São-Paulo e professor da Faculdade de Direito daquele Estado, em cuja sociedade é um dos vultos proeminentes:

“Exmo. sr. dr. Paulo Augusto de

fazenda dos tios, a uma légua distante de Goiânia. E, no silêncio, sob a luz das estrélas, o tropel dos cavalos na carreira marca o ritmo estrepitoso de uma vitória. Após êles, as cigarras entoam, de todos os lados, o seu hino de glória e de paz . . .).

Figueiredo, D.D. Presidente do Conselho Administrativo — Goiânia.

Meu prezado e eminente colega, dr. Paulo Augusto de Figueiredo.

Tenho o prazer de acusar o recebimento do exemplar de julho da revista OESTE, que o eminente patriota teve a amabilidade de me remeter.

Apresso-me em lhe enviar minhas vivas felicitações por essa publicação onde se documenta de modo eloquente o progresso do grande Estado goiano e a excelência de sua administração pública.

Peço-lhe receber, com meus agradecimentos pela gentileza de seu oferecimento, as seguranças de minha mais elevada estima e consideração.

(a) **Godofredo T. da Silva Teles**”

Do Coronel Roberto Glasser, Presidente do Conselho Administrativo do Estado do Paraná, figura de projeção nos altos círculos políticos, sociais e administrativos daquele Estado sulino:

“Ilmo. sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo — Goiânia — Goiaz.

Acuso com desvanecimento ter em mãos a revista OESTE, que teve a gentileza de me enviar, com honrosa dedicatória.

Essa publicação, não só pelo seu precioso contexto, como pela sua feita material, muito contribue para exaltar o conceito em que são tidos a cultura e o progresso dêsse grande Estado.

Lí com atenção tôdas as suas interessantes páginas, colhendo a melhor impressão de todos os trabalhos nela estampados, motivo pelo qual envio-lhe calorosas felicitações e também os meus sinceros agradecimentos.

Neste ensejo, abraço o presado confrade e subscrevo-me, com admiração e estima,

(a) **Roberto Glasser**”.

Do dr. Flávio Carvalho Guimarães, membro do Conselho Administrativo do Estado do Paraná, antigo senador federal por aquele Estado, onde é figura de real destaque nos meios culturais, administrativos, políticos e sociais:

“Ao distinto amigo, dr. Paulo Augusto de Figueiredo, o Flávio agradece, muito atentamente, o envio da magnífica revista, intitulada OESTE, a cuja leitura deve tão grande conhecimento das realizações e pos-

sibilidades de Goiânia e do grande e futuroso Estado brasileiro”.

Também “Uberaba-Jornal”, que se edita em Uberaba, Minas, assim se exprimiu a nosso respeito, em sua edição de 30-7-44:

“OESTE — Magnífica revista editada pela imprensa oficial do Estado de Goiaz. O presente número, de julho, é composto de 80 páginas de matéria selecionada e apresenta os melhores efeitos de moderna aparelhagem tipográfica e fotográfica”.

Ainda “A Cidade”, que se publica em Nova Granada, Estado de São-Paulo, em seu número de 20-8-44, opinou dêsse modo, sobre OESTE:

“O E S T E”

Corre mundos, falando aos quadros do Universo, a bem elaborada revista mensal OESTE, editada na caçula capital do País, Goiânia.

Já vai por transcurso de três anos que o formoso códice de tantas diamantinas penas cheio, enriquece bibliotecas e é com carinho acolhido e estudado.

O número de julho dêste ano traz no frontespício a fotografia do grande brasileiro Pedro Ludovico Teixeira — idealizador e realizador de Goiânia, seu Interventor, que a respeito do mensário em aprêço disse:— “O E S T E nada mais é que um corolário dessa oxigenação porque passa o Estado de Goiaz, proveniente da edificação de Goiânia. Goiânia, fruto do trabalho e da tenacidade dos nossos conterrâneos — não devemos ter modéstia em proclamá-lo — foi a vara mágica que fez Goiaz se levantar, aguilhoando-o e espicaçando-lhe a necessidade de evoluir”.

Mais adiante e no mesmo número se vê ainda da lavra do exmo. sr. dr. Interventor: “Não fôra o ambiente de segurança, de estabilidade administrativa que vimos conhecendo, como fruto do Estado Nacional, que tem dado uma solução brasileira, aos problemas brasileiros, Goiaz ainda permaneceria como mera expressão geográfica, completamente desintegrado do progresso conhecido pelos seus co-irmãos”.

Vida perene desejamos a êste jornal que iluminando vem as trevas noites sem estrélas dos que ainda tropeçam e hesitam receber a hóstia da comunhão dos verdadeiros sentimentos nacionais.

Do dr. Guilhermino César, Secretário da Interventoria Federal no Rio-Grande-do-Sul e autor do romance “Sul”, recebeu ainda o nosso companheiro Paulo de Figueiredo o seguinte telegrama:

“Dr. Paulo Augusto de Figueiredo — Goiânia - Go. — Recebí OESTE vg sempre viva e interessante pt Obrigado e abraços pt Guilhermino César”.

A carta que se vai ler, linhas abaixo, foi dirigida pelo sr. dr. João Lelis Vieira ao nosso companheiro Odorico Costa. Lelis Vieira possui uma posição de inulgar saliência nas letras paulistas. Jornalista de grandes méritos, historiador criterioso, homem de letras e de ação, Lelis Vieira é o diretor do Departamento do Arquivo do Estado, cargo em que tem prestado os mais assinalados serviços à divulgação dos documentos históricos interessantes não, apenas, a S. Paulo, mas à história de todo o país. Lelis Vieira, na carta que abaixo se vai ler, faz referências consagradas a êste boletim e, por isso, nos sentimos no dever de, publicando essa carta, manifestar-lhe o nosso comovido agradecimento.

— “Prezado amigo Odorico Costa. Acabo de receber os números 11, 15, 16 e 17 da magnífica “Oeste”, tendo lido os seus interessantes trabalhos. Felicito-o pelos ótimos artigos de sua autoria. Tenho entregue a revista à Biblioteca do Arquivo, que é frequentadíssima. E, agora mesmo, o bibliotecário me pede para lhe solicitar os números que faltam para a coleção: 1, 2, 3, 4, 7, 9, 10, 12, 13, 14 e 18. Pode ser?

Muito grato sou, amigo e admor.
(a) Lelis Vieira. S. Paulo, 1º de setembro de 1944”.

Publicações

“RELATÓRIO de 1943 — apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores pelo Exmo. sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo, Presidente do Conselho Administrativo do Estado de Goiaz”.

Recebemos o relatório em que o sr. dr. Paulo Augusto de Figueiredo, ilustre Presidente do Conselho Administrativo dêste Estado, deu conta, ao Exmo. Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores, das atividades daquele sodalício, no decorrer do ano de 1943.

O volume, que foi caprichosamente editado pela Imprensa Oficial, contém uma exposição clara e convincente da conduta do Conselho Administrativo, e por êle verificamos o quão fecundo tem sido o trabalho daquele importante órgão da administração pública, sob a orientação do dr. Paulo Augusto de Figueiredo.

Numa linguagem simples e es-

correita, jogando com elementos positivos e argumentando sempre com lógica, o Presidente do C. A. convence-nos, definitivamente, da superioridade do egrégio sodalício sôbre as antigas câmaras legislativas, velhos ninhos de “papagaios”, onde todo mundo falava, ninguém se entendia e nada se resolvia . . .

O relatório está enriquecido com um Apêndice, contendo o discurso com que o seu autor saudou o sr. Ministro da Justiça, em nome dos delegados estaduais ao Congresso dos Conselhos Administrativos, realizado no Rio; as palavras pronunciadas por S. Excia., quando da inauguração, na sala de sessões do Conselho, dos retratos do Presidente Getúlio Vargas e do Interventor Pedro Ludovico; e duas entrevistas por êle concedidas à imprensa, nas quais faz uma penetrante análise do momento político brasileiro e da posição do C. A. nos quadros administrativos do país.

A parte final do relatório consta de quadros estatísticos, referentes aos trabalhos da Casa, e por êles constatamos o volume e a responsabilidade dos serviços do C. A.

“BOLETIM ESTATÍSTICO” — Mensário do Departamento Estadual de Estatística — Nº 1.

Iniciativa do sr. Frederico Medeiros, diretor do D. E. E., surgiu o primeiro número do “Boletim Estatístico”, órgão daquele Departamento. Trata-se de uma publicação interessante, fadada a bem informar, aos interessados, sôbre as coisas de Goiaz. Verdadeira ciência, a Estatística só agora vai tendo, no país, o aprêço que merece, e estamos certos de que o boletim agora vindô a lume muito servirá para despertar o interêsse de todos para o estudo dos nossos problemas vitais. Já o primeiro número da nôvel publicação contém matéria de muita utilidade. Parabéns ao sr. Frederico Medeiros.

O VERDADEIRO, o digno conceito da igualdade, repousa sôbre o pensamento de que todos os seres racionais estão dotados por natureza de faculdades capazes de um desenvolvimento nobre. O dever do Estado consiste em colocar a todos os membros da sociedade em indistintas condições de tender ao seu aperfeiçoamento. O dever do Estado consiste em predispor os meios próprios para provocar uniformemente a revelação das superioridades humanas, onde quer que existam. De tal maneira, mais além dessa igualdade inicial, tôda desigualdade estará justificada, porque será a sanção das misteriosas eleições da natureza ou do esforço meritório da vontade — José Enrique Rodo.

BARTOLOMEU BUENO DA SILVA

No dia 19 de setembro de 1740, faleceu, no povoado da Barra, o capitão Bartolomeu Bueno da Silva, — de tanta projeção na história do bandeirismo setecentista, — descobridor das minas de Goiás.

Regressando de sua aventureira excursão aos sertões goianos, Bueno chegou a São-Paulo e, na forma das promessas que lhe haviam sido feitas, recebeu grandes mercês e honrarias. Pela provisão de 2 de julho de 1726, foi ele autorizado a conceder sesmarias nas terras por ele descobertas e, pela provisão de 8 de agosto de 1728 recebeu o título de superintendente geral das minas de Goiás, *com jurisdição no civil e no crime*.

Confirmava-se, assim, a promessa feita pelo rei de Portugal a *súdito tão prestimoso*. Com a sua nomeação e com a nomeação de seu genro João Leite da Silva Ortiz, este para o cargo de *capitão-mor dos novos descobertos*, lançavam-se, em Goiás, os primeiros alicerces da organização político-administrativa do sertão encantado e alicerçava-se, mais, o estabelecimento da propriedade territorial privada nos novos mundos que Bueno descobrira.

Bueno, entretanto, começou a sorver cedo demais o travo amargo da taça da ingratidão. O velho rancor entre paulistas e reinóis, que havia conflagrado as Gerais, irrompe em Goiás, deflagrando os mesmos conflitos, dos mesmos aspectos e das mesmas consequências.

Caldeira Pimentel, que havia sucedido a dom Rodrigo César de Menezes na direção da capitania de S.-Paulo, desferiu contra o descobridor a mais rancorosa hostilidade: nomeou Manoel Dias Pais para o cargo de mestre-de-campo de Goiás e, entre este e Manuel Rodrigues Tomaz, fundador de Meia-Ponte, se estabelece um conflito terrível, de que resultou ser o mestre-de-campo *posto para fora de Meia Ponte*, no meio de uma assuada estrepitosa. Pantaleão Ferreira Torres, desbravador procedente do rio São Francisco, invade Goiás e realiza uma verdadeira razão no sertão. Por onde esse homem foi passando foi deixando uma esteira trágica de desordens e de conflitos.

Caldeira Pimentel, a 19 de julho de 1729, dando notícia ao rei de Portugal do que se passava em Goiás, insinuou que Bueno havia se excedido no exercício das mercês que lhe haviam sido concedidas, que estava exercendo uma autoridade ilegítima no sertão e que ele e seu genro João Leite da Silva Ortiz *havia falsificado a letra de*

uma provisão de dom Rodrigo Cesar de Menezes, dilatando suas sesmarias e sua autoridade.

O descobridor e seu genro deliberaram fazer queixa direta ao rei e João Leite viaja com essa incumbência. Caldeira Pimentel, entretanto, consegue mandar o padre Matias Pinto em sua comitiva e este envenenou o genro de Bueno, na sua estada em Recife.

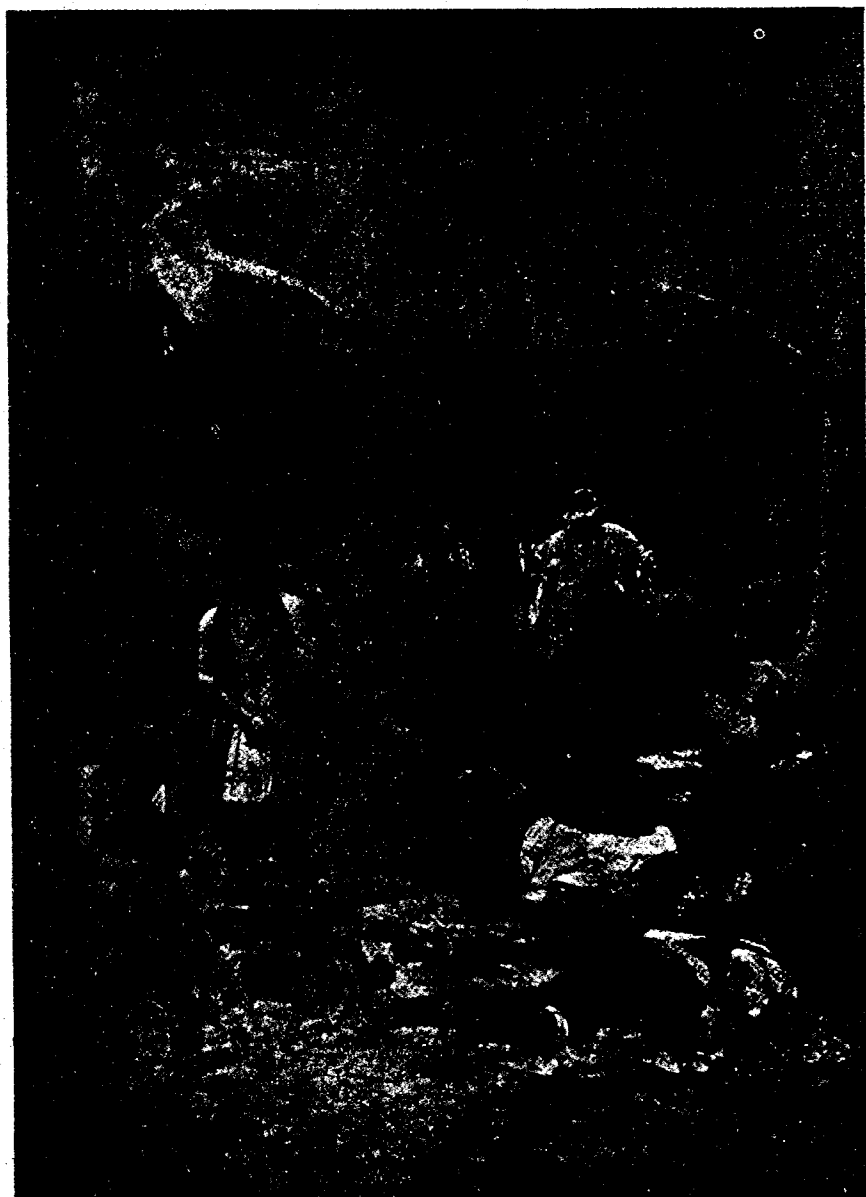
A 29 de outubro de 1733, Bueno recebia golpes terríveis: as sesmarias por ele concedidas em Goiás foram declaradas sem efeito e o conde de Sarzedas, então capitão-general de São-Paulo, nomeou autoridades para o distrito de Meia-Ponte, reduzindo mais e mais a

autoridade concedida ao descobridor.

Nos fins de 1733, Bueno emborcava a taça completamente: Gregório Dias da Silva foi nomeado superintendente das minas de Goiás e, a 22 de dezembro desse mesmo ano, em consequência de uma representação do provedor da Fazenda Real, Antônio Francisco Lustosa, foram, ele e os herdeiros de João Leite da Silva Ortiz, intimados a pagar os dízimos de 1722 a 1733, incluindo-se nesse rol os dízimos das roças plantadas ao tempo de sua entrada para a descoberta das minas . . .


O conde de Sarzedas, em sua viagem em Goiás, durante a sua estada em Vila Boa, deu conhecimento dessa medida a Bueno e declarou-lhe, ainda, pessoalmente, a ilegalidade das sesmarias por ele concedidas no sertão.

Mordido, assim, pela ingratidão,



Bandeirantes em pleno sertão — (Henrique Bernadelli)

Os insetos

Especial para "Oeste" 

Conto de B. Ellis 

Levantei-me do tamborete, tomei a toalha de rosto, sacudí com ela o ar estagnado e morno do quarto abafado, tornei a sentar-me e voltei à leitura.

— Que diabo! Vamos ver se esses demônios me deixam em paz! Pela vigésima vez espantava aquela mósca de minha cabeça. Era por isso que não compreendia nada de minha leitura; incopcientemente tinha minha atenção voltada para a mósca. Assim era impossível compreender o que lia. Teria que recomençar o capítulo — cerca de 10 páginas perdidas.

Iniciei a leitura, mas eis novamente a mósca na minha cabeça, passeando pesada, lerdá, as patas duras fazendo uma cócega dos trezentos no meu couro quasi cabeludo se não fosse a ameaça de calcívie.

— ZUT. — sacudí novamente a toalha e fiquei esperando, mas a mósca não voltou logo e me conservei de atalaia, aguardando que ela pousasse. Porém não pousava, talvez por capricho, e meus olhos foram seguindo as linhas da fôlha onde havia muita coisa interessante nova para mim, mal grado já as haver lido. Quando dei por fé, foi com a mósca outra vez passeando no mesmíssimo lugar de há pouco.

Bueno, das honrarias e mercês que o rei lhe havia prometido, ficou, apenas, com os cargos de guardamôr das minas e de coronel-regente do distrito de Santana. Tôdas as demais mercês foram revogadas...

Bueno retirou-se para o povoado da Barra, onde levou uma vida mais ou menos retraída, descrente dos tempos e dos homens. Principalmente dos homens, que dêstes fartas injustiças e ingratições havia recebido.

Finalmente, a 19 de setembro de 1740, o grande sertanista fez a grande viagem de que se não torna mais. *Morreu em grande pobreza, acabrunhado de anos e de fadigas, diz um historiador. Aquelle que houveraornado o diadema lusitano com um brasão de inestimável valor, que tinha dado milhões aos cofres reais, que sacrificara a sua fortuna em bem do Estado e do serviço do rei, diz outro historiador, em vez da recompensa pelos seus serviços, morreu pobre, ameaçado com a vergonha de um sequestro em seus bens, para pagar impostos que não devia.*

— Será possível que êsse bicho não me deixa em paz, gente! Que coisa! E como é que não percebo quando pousa, quando se aproxima?!

Novas sacudidelas de toalha pelo quarto, a torto e a direito; e dessa vez milhares de mósas zumbiram, numa revoada soturna e bêbeda, descrevendo zigzagues doidos no ambiente sufocante do quarto. O melhor seria fechar a janela; mas isso era impraticável. O calor assava — um calor parado, úmido como o das sementes em germinação. Cairá, é verdade, já algumas chuvas boas naquele comêço de águas; havia, porém, uns três dias que estiara e nem um pinguinho d'água escorria das nuvens grossas que empapuçavam o céu.

Fui até a janela. A noite estava escura, cheia de nuvens grossas, esgarçadas, roçando o cucuruto dos morrotes do horizonte. O mato recortava-se além e por trás dele subiam vozes guturais de curiângus arrepiantes, que enrouqueciam a paralisia cósmica e tornava o universo ainda mais misterioso, mais impenetrável. Relâmpagos e trovões incertos agonizavam na fímbria do horizonte.

— Talvez chovesse. Tomara que chovesse. Acabaria o calor, sumir-se-iam as mósas, desanuviar-se-ia o ambiente. Haveria uma mudança independente da vontade pessoal.

Naquele instante sentia uma necessidade quasi orgânica de chuva, na esperança de que ela viesse solver todos os meus problemas físicos e morais. Seria uma redenção, seria o início de nova era, de novo mundo. Seria um outro nascimento para mim, para o mundo, para os homens que morrem de fadiga e de tédio nos panoramas confinados e nos pequenos enganôcos.

Pensando dêsse jeito voltei ao livro, não mais com a mesma disposição anterior, pois me preocupava a expectativa de que a mósca voltasse a pousar na minha cabeça. Tinha a impressão enganosa de que ela se aproximava e já estava passeando nos meus cabelos. Elas, agora, entretanto, procuravam minhas mãos, meus pés, meu rosto, meu nariz. Permaneci quieto, experimentando suportar o supplicio; andavam pachorrontamente, fazendo-me uma gastura dos diabos; depois resolviam dar umas

corridinhas para em seguida aquietar num ponto qualquer.

Uma me percorreu o pescoço, foi até a orelha direita, desceu até a gola do pijama, tornou a subir. Contornou o pescoço até a orelha esquerda e aí se demorou por muito tempo. Os músculos atrofiados do corpo, que não obedecem à vontade, parece quieram estremecer, a minha força de domínio chegou a um ponto em que não mais sentia o contacto das patas do inseto na pele; meu corpo dissolvera-se. A isso seguiu-se uma sensação de que milhares de formigas me picassem, que uma comichão diabólica, de repente, me tomasse o corpo todo.

Mas a mósca ia-se movendo para minha testa, descia pelo nariz; em cuja venta permaneceu por alguns segundos eternos. Nisto, outra me pousou no queixo. Era mais leve e mais esperta que a anterior. Rápida, subiu, transpôs-me a boca, atravessou o bigode e ferrou a mutuca com a outra mesmo na porta de minha narina. Uma convulsão retesou meus músculos e metí uma tapa na cara, derrubando ambas sôbre a mesa. Elas se amavam na minha venta, que pouca vergonha!

Alí estavam os dois cadáveres. Um, que devia ser o macho: pequeno, leve, ainda movia as patas e batia inutilmente uma asa; outro, devia ser fêmea. Era grande, volumoso, negro; do ventre branco-cento (efeito do tapa), expelia-se uma matéria purulenta e pastosa. Esta última jazia de costas, e vez por outra suas patas se contraíam. Aliviou-me em parte aquella destruição de duas vidas; abandonei os defuntos, indo para a cama.

Ao procurar o comutador da lâmpada para apagá-la, milhares de mósas esvoaçaram. Então notei que os fios elétricos pendentes do teto estavam repletos dêstes insetos. Bichos fornidos, bem alimentados, gordos e pesados. Também no teto havia grande quantidade deles, a maioria em via de reprodução, com os ventres transparentes de ovos. Espantadas, enchiam o ambiente de zumbidos graves, riscando no espaço traços cambaleantes, em busca de pouxada mais segura. Ou então se engalinhavam em amores violentos, de que resultariam milhares de outros insetos para inficionar os esgotos, as latrinas, os pântanos, as xarqueadas.

Mósas que pousam nas frutas podres, nas carniças, nos escarros, nas chagas de Mané macutena, morfético e louco, que mora na Rua-da-Palha.

O camarada de meu pai foi encontrado baleado no rancho, às 10 horas da manhã, — manhã de novembro quente e clara. Quando arrebutaram a porta saiu de dentro um enxame de mósas lerdas e pesadas. O povo invadiu o quarto

com os insetos batendo-lhe no rosto, nas mãos, nos peitos, embaçando-se nos seus cabelos. O delegado enguliu uma môsca e voltou para vomitar atrás do rancho. As môscas passeavam pelo sangue coalhado do peito do camarada, andavam no rosto amarelo e balofo, entravam-lhe na bôca aberta, no nariz, nos ouvidos.

Como aquelas, môscas apalermadas esvoaçavam na taverna de seu Constantino, no balcão sebento de suor, nas bandas de toucinho empacotadas nos cantos, nos taboleiros de pé-de-moleque cobertos com toalhas de algodão, nos cuspos esparramados dos bêbados, nos copos sujos de cachaça.

As môscas passeavam nas mãos podres e inchadas do camarada de meu pai. Uma filha de Constantino se casou. Enfeitaram a casa com flores de sabugueiro, que tem cheiro de anjinho e vela benta. Enquanto estavam na sala, a cabeça do noivo se cobria de môscas e êle não se incomodava, não as espantava, continuando a falar, a rir, com a cabeça raspada que era a pura môsca. Na sala havia o cheiro aquecido das flores de sabugueiro misturado com o cheiro áspero da pinga fermentada que vasava da venda imunda, ao lado.

Não me lembra quando fechara a lâmpada, mas o ruído zoinante das môscas alvorotadas continuava a povoar o quarto. Uma ainda tropeçou no meu rosto e suas pernas provocaram náuseas, cócegas, repulsa nojenta.

Aos poucos, o ruído pegajoso foi morrendo — elas se assentavam nos fios, nos móveis, na minha coberta, no guarda roupa, no teto, nas cuecas e lenços sujos amontoados no canto do quarto; na toalha suja e enxumbrada, nas meias, nos restos de doces e biscoitos caídos no soalho.

Um alívio bom soprou do retângulo opaco da janela aberta; veio vindo de longe, de esquecidas origens, do mato incompreendido e amigo, onde se abriam grandes flores, onde luziam pirilampos humildes e simples vagalumes líricos. A noite agitada de nuvens se entornava no quarto, entorpecedamente.

Os meninos, no meu tempo, perseguíam vagalumes nas ruas escuras:

“Vagalume, cae, cae,
na cabeça de seu pae,
sua mãe evem
para te pegá”.

Luzindo nas cercas de são caetano, nos paus podres, nas fôlhas longínquas das árvores. Bem que eu os queria pegar, pôr num vidrinho de remédio vazio e fazer assim uma lanterna que alumiasse estradas batidas de matas imensas, onde árvores colossais derrubavam sombras frescas sobre regatos mansos; em que borboletas es-

voaçavam e rolinhas bebiam água pelos meios dias quentes. Mas os homens começavam a derrubar as árvores. As pancadas dos machados ferozes reboavam, ecoando dentro da floresta, espantando as borboletas, as rolinhas e sujando a água do córrego. Já não era mais barulho de machado — serravam desesperadamente os madeiros.

Houve algum tempo de descanso, para depois o ruído irritante das serras principiar a roer o ermo. Agucei o ouvido, mas o ruído era quasi imperceptível. Não podia localizar; seria certamente um rato. Ratos sempre existem e eu não tinha nada com êles. Poderia no muito estar roendo o soalho. Pois roesse; roesse a casa tôda, roesse o mundo, roesse o céu, nada disso era meu e portanto que fosse para o diabo.

Podia também ser algum besouro passeando sôbre os papéis: nessa quadra de começo de águas miúdas de insetos nascem do pó e invadem as habitações. Mas o bicho roia o breu imperiosamente, indefectivelmente, sem permitir que eu desviasse dele minha atenção, angustiando por não poder fixá-lo melhor.

Acendi a lâmpada. Uma barata grande roia um pedaço de papelão, na mesa.

— Desgraçada!

Tomei do chinelo e — paf —; ela se escapuliu, metendo-se atrás dos livros, daquela pilha imensa de livros, que não me agradava remover no momento. Voltei para a cama e fiquei de espreita, aguardando que ela tornasse a roer o petisco. Seria até bom permanecer com o chinelo em punho.

Longe, galos cantavam. Muitos galos, claros e frios, de vozes translúcidas e coloridas. O calor abrandara e um ventinho pegou a bulir com as fôlhas das árvores lá fora, num barulho inocente e velho. Discerni um levíssimo raspar de lixa — a barata ia saindo desconfiada e temerosa dentre os livros, os dois ferrões tateando o ambiente que nem duas antenas. Veio vindo, veio vindo, desceu a mesa e ficou assim perto da cama, trocando os ferrões, fazendo mil e um movimentos e caretas com as mandíbulas rebrilhantes e polidas, como se me estivesse observando. Depois, ergueu-se nas patas trazeiras e com as deanteiras limpava a cabeça, em gestos bizarros de animal de circo.

De onde estava ainda não a podia alcançar, e qualquer movimento poderia fazê-la fugir. Tinha que permanecer hirto, examinando-a; nisto, aproximou-se mais de mim a semvergonha e meti-lhe o chinelo.

A barata virou a barriga para cima e ficou agitando as patas trôpegas, tentando, debalde, recuperar o equilíbrio e o uso de sua locomoção. Podia muito bem repetir o

golpe, e espatifá-la; mas não o fiz. Preferi deixá-la aleijada e trêmula no soalho, onde descrevia círculos, arrastando-se penosamente de costas, numa luta vã para virar-se.

Por êsse tempo já o fretenir de mil môscas me enchia o quarto; e a mesma, — certamente a mesmíssima dona môsca lerda, prenhe, pesada, desgraçada, — passeava-me enervantemente pelo couro cabeludo.

Abri a porta, dei um ponta-pé na barata que desapareceu na noite, e fechei novamente a porta; a seguir apaguei a luz e puz-me a escutar os pipilos dos primeiros pássaros anunciadores do dia, daquele dia que seria cheio de môscas, cheio de grilos, de formigas, de besouros, de baratas, se a chuva não caísse, se os campos não se ensoassem, se as sargetas não gorgolejassem com o caudal refrigerante das enxurradas.

A REVOLUÇÃO de 930 nos veio encontrar em condições precaríssimas, assoberbados de empréstimos onerosíssimos, e com o crédito bastante abalado. O govêrno revolucionário, que tomou conta do poder, recebeu um legado de erros sôbre erros. Só após algum tempo pôde se equilibrar para fazer frente às exigências imperiosas que se lhe defrontaram. Com tato, critério, moderação e argúcia foi afastando os obstáculos, até chegar ao período de construção. E ninguém pode contestar que o país, de há muito, entrou nessa fase. Houve um verdadeiro soerguimento nacional, em todos os setores da nossa atividade. O Brasil progride positivamente, e um futuro breve e glorioso se nos depara. Os fornos de Volta Redonda serão os precursores da nossa grandiosa evolução econômica. O Presidente Vargas atende solícito aos grandes reclamos da pátria — **Pedro Ludovico Teixeira.**

TEM havido uma interpretação coletivista e outra individualista da realidade histórica. Para aquela, o processo substantivo da história é obra das multidões difusas; para esta, os agentes históricos são exclusivamente os indivíduos. O caráter ativo, criador, da personalidade, é, em efeito, demasiado evidente para que se possa aceitar a imagem coletiva da história. As massas humanas são receptivas: limitam-se a opor seu acôrdo ou sua resistência aos homens de vida pessoal e iniciativa. A humanidade, em todos os estágios de sua evolução, foi sempre uma estrutura funcional em que os homens mais enérgicos — qualquer que seja a forma desta energia — hão operado sôbre as massas, dando-lhes uma determinada configuração — **Ortega y Gasset.**

BOLETIM DO TRABALHADOR

MOZART SMITH CAMARGOS

Preparativos acurados já estão feitos no sentido de assegurar, após o término da presente guerra; o equilíbrio entre o capital e o trabalho, entre os deveres e direitos da grande massa proletária.

O nosso país que já possui a mais evoluída legislação trabalhista de todo o mundo, que evidencia pelo ante-projeto da "Lei Orgânica de Previdência Social", apresentado pelo dr. João Carlos Vital, Presidente do Instituto dos Resseguros, pôr em prática, dentro em breve, um plano de previdência social grandioso na sua estrutura e maior no seu escopo profundamente humano, foi, sem dúvida, um dos líderes na Conferência Internacional do Trabalho, realizada em maio do corrente ano em Filadélfia, Estados Unidos da América do Norte.

Essa liderança se impôs, não pelo simples fato de sermos uma das maiores potências beligerantes e, portanto, que amanhã ditará a paz, mas porque de há muito foi transplantada para o Brasil a iniciativa da proteção ao trabalhador, na mais ampla e sadia concepção da palavra.

E, para que os proletários de nossa terra possam julgar das transformações radicais no mundo melhor que se espera — com tanta fé e confiança nas forças vitoriosas da democracia e no império da liberdade, tomamos a liberdade de transcrever, na íntegra, a magna Carta aprovada em a aludida Conferência: —

"A Confederação Geral da Organização Internacional do Trabalho, reunida na sua 26ª. sessão, em Filadélfia, adota, neste dia 10 de maio de 1944, a presente declaração de objetivos e propósitos da Organização Internacional do Trabalho e dos princípios que inspirarão a política dos seus membros:

I) — A Conferência reafirma os princípios fundamentais que servem de base para a organização e, em particular, que:

a) — o trabalho não é uma comodidade;

b) — a liberdade de palavra e de reunião são essenciais para o progresso real;

c) — a pobreza em qualquer parte constitui um perigo à prosperidade em toda parte;

d) — a guerra contra a penúria precisa ser levada a cabo com um vigor inquebrantável dentro de cada nação, e pelo continuado e coordenado esforço internacional, no qual os representantes dos operários e dos patrões, desfrutando um estatuto igual aos dos Governos, se reúnem para a livre dis-

cussão e decisão democrática, visando a promoção do bem-estar comum.

II) — Acreditando que a experiência tem demonstrado sobejamente a verdade contida na declaração do preâmbulo da constituição da Organização Internacional do Trabalho, segundo a qual a paz duradoura pode apenas ser estabelecida na justiça social, a conferência afirma que:

a) — todos os seres humanos, sem distinção de raça, credo ou sexo, têm o direito de buscar tanto o seu bem-estar material como o seu desenvolvimento espiritual em condições de liberdade e dignidade, de segurança econômica e igualdade de oportunidade;

b) — o estabelecimento das condições das quais tal objetivo possa ser conseguido, deve constituir o principal fim da política nacional e internacional;

c) — tôdas as políticas e medidas nacionais e internacionais, em particular as de caráter econômico e financeiro, devem ser julgadas sob essa luz e aceitas apenas até onde possam ser mantidas para promover, e não dificultar, a realização dêste objetivo fundamental;

d) — a Organização Internacional do Trabalho toma a si a responsabilidade de examinar e considerar tôdas as políticas econômicas e financeiras à luz dos objetivos fundamentais;

e) — no desempenho das tarefas que lhe são confiadas a Organização Internacional do Trabalho, tendo considerado todos os fatores econômicos e financeiros de maior relevo, pode incluir em decisão e recomendações quaisquer providências que julgar adequadas.

III) — A Conferência reconhece a solene obrigação da Organização Internacional do Trabalho para incrementar entre as nações do mundo programas que visem:

a) — emprêgo para todos e levantamento do padrão de vida;

b) — o emprêgo do operário em trabalhos nos quais êle sinta satisfação de dar toda a sua habilidade e conhecimentos, fazendo a maior contribuição ao bem-estar comum;

c) — a provisão, como um meio de conseguir êste fim e sob adequadas garantias para tudo o que disser respeito a facilidades de treinamento e transferência de trabalho, inclusive migração de emprêgo e moradia;

d) — as políticas relativas aos salários e ordenados, horas e condições de trabalho que visem assegurar uma justa participação nos frutos do progresso para todos, e

um salário mínimo para todos os empregados necessitados de tal proteção;

e) — o reconhecimento real do direito do contrato coletivo, a cooperação da direção e do trabalho no contínuo melhoramento da eficiência produtiva, e a colaboração de empregados na preparação e aplicação das medidas sociais e econômicas;

f) — a ampliação das medidas de seguro social para provimento de uma renda básica a todos os necessitados de tal proteção e cuidados médicos;

g) — adequada proteção para a vida e saúde dos trabalhadores em tôdas as ocupações;

h) — provisões para proteção da infância e maternidade;

i) — provisão de adequada nutrição, moradia e facilidades para recreação e cultura;

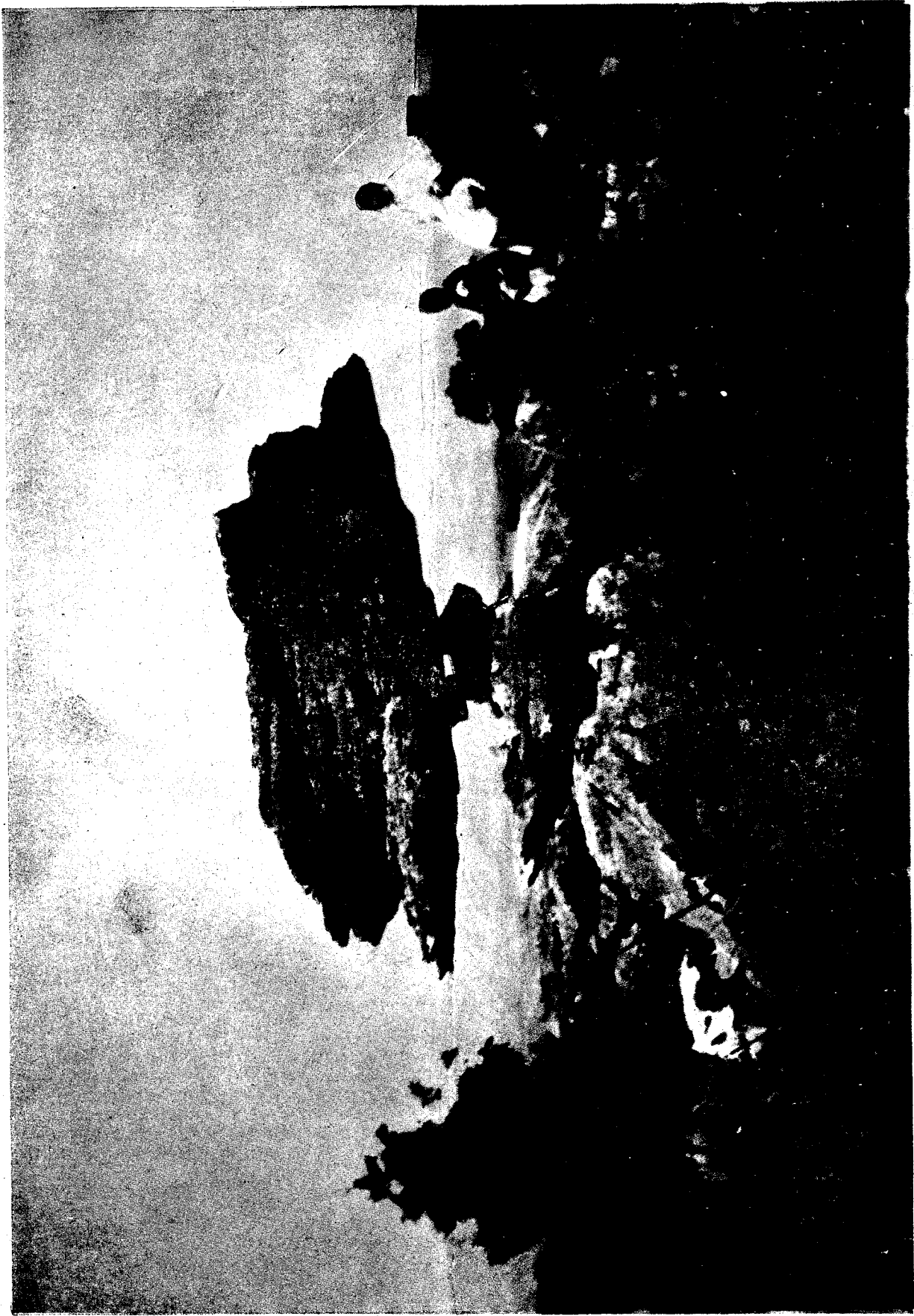
j) — garantia de igualdade de oportunidades educacionais e vocacionais.

IV) — Confiando em que a completa e ampla utilização dos recursos de produção do mundo necessária para a realização dos objetivos estabelecidos nesta declaração, podem ser conseguidos de uma ação nacional e internacional eficientes, inclusive por meio de medidas tendentes à expansão da produção e do consumo, a evitar graves flutuações econômicas, promover o progresso econômico e social das regiões menos desenvolvidas do mundo, assegurar uma maior estabilidade nos preços mundiais dos produtos de primeira necessidade e promover um alto e intenso volume de comércio internacional, a conferência promete a inteira cooperação da Organização Internacional do Trabalho com todos os órgãos internacionais com que possa entrar em contacto, partilhando da responsabilidade dessa grande tarefa de promoção da saúde, educação e bem-estar de todos os povos.

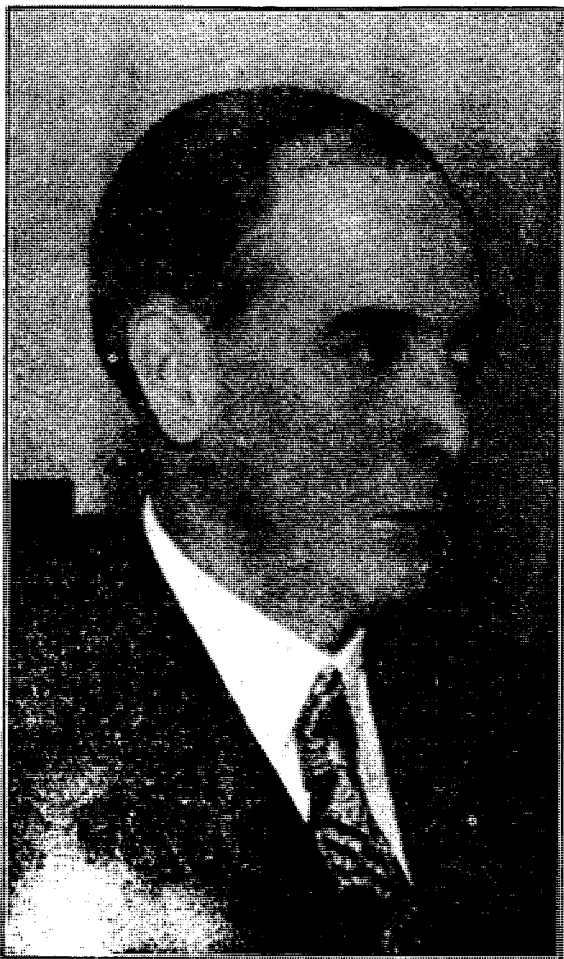
V) — A Conferência afirma que os princípios apresentados nesta declaração são inteiramente aplicáveis a todos os povos, em toda parte, e que, embora a sua maneira de aplicação deva ser determinada, tomando-se em consideração o estado do desenvolvimento econômico e social atingido por cada povo, sua aplicação progressiva aos povos ainda em estado de dependência política, bem como os que já têm auto-governo, é um assunto de interesse para todo o mundo civilizado".

Goiânia, 18 de agosto de 1944.

A FAMOSA "ITA GOIANA".



As imensas forças da natureza, durante o tempo imemorial, morderam as rochas da Serra Dourada e, nelas, reallizaram estranhas esculturas. Nesta tricromia está reproduzida a famosa "Ita Goiana", mantida em rigoroso equilíbrio sôbre rochas proporcionalmente pequenas e oscilando ao sabor dos ventos reinantes. Essa rocha faz lembrar os pedregulhos oscilantes do Arizona, nos E.E. UU., considerados os mais interessantes daquele país e os mais sedutores motivos de turismo. A Serra Dourada está situada no município de Goiaz, distante poucos quilômetros daquela cidade.

POLÍTICA ESTADUAL**O Ministério Público****no Goiaz Moderno***Interventor Pedro Ludovico*

Sabedores de que o dr. Colemar Natal e Silva, um dos mais antigos e brilhantes colaboradores do governo do interventor Pedro Ludovico, vem imprimindo uma orientação moderna e eficiente aos serviços do Ministério Público do Estado, na qualidade de Procurador Geral, e prosseguindo na série de entrevistas com os chefes de departamentos, escalamos um dos nossos redatores para o ouvir, numa entrevista que abordasse os assuntos mais palpitantes da classe de que é ele o ilustre chefe, em Goiaz.

Colemar Natal e Silva, por muitos motivos, dispensaria qualquer apresentação, pois que seu nome de jurista e de escritor já ultrapassou, há muito, as divisas de Goiaz, sendo tido em elevado conceito nos altos círculos culturais do país.

O nosso entrevistado é formado pela Faculdade Nacional de Direito. Bacharel, regressou a Goiaz, sua terra natal, onde ocupou vários e importantes cargos, através dos quais patenteou os seus méritos incontestáveis de jurista e de escritor. Foi Promotor Público na antiga Capital e Procurador da Junta de Sanção, Secretário do Interior e Justiça, tendo exercido, também, o cargo de Secretário

Geral. Atualmente, é professor catedrático da Faculdade de Direito, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Goiana de Letras e do Instituto da Ordem dos Advogados. Exerce o cargo de Procurador Geral do Estado desde 1933.

Homem estudioso, espírito sempre atento aos problemas político-sociais, é o dr. Colemar autor de diversas obras, tôdas espelhando um talento inegável e muita erudição. Enumeremos os seus trabalhos: "História de Goiaz", em dois volumes, livro prefaciado pelo Conde de Afonso Celso, que situou o seu autor entre os mais categorizados historiadores brasileiros contemporâneos; "Pareceres e decisões", que foi prefaciado pelo insigne Clovis Bevilacqua; "Rui Barbosa em seu tempo e em seu meio", que mereceu fartos elogios de Batista Pereira; "Na Tribuna e na Imprensa", coletânea de conferências e discursos. Tem, já no prelo, mais os seguintes volumes: "Enciclopédia do Estado de Goiaz", "Vida interior", (romance) e "Administração Federal, Estadual e Municipal". Mais, pois, do que nossas modestas referências, aí estão Afonso Celso, Bevilacqua e Batista Pereira, para dizerem do real merecimento do Procurador Geral

*Dr. Colemar Natal e Silva*

do nosso Estado. Acentuemos, ainda, uma circunstância, aliás honrosa: o dr. Colemar Natal e Silva é um dos auxiliares do governo que maior número de comissões têm desempenhado, tôdas de realce, como: a de advogado do Estado de Goiaz perante o Supremo Tribunal Federal, na questão da luz elétrica, causa de grande interesse para o Estado; a de representante do Estado no acôrdo de limites entre Goiaz e Minas, etc..

Foi êsse distinto homem público que, sem aviso prévio, fomos procurar em seu gabinete, no Palácio da Justiça, onde chegamos no momento exato em que êle se atarefava com uma pilha de papéis: consultas da Interventoria, fôlhas de pagamento dos Promotores, officios, pareceres, respostas a consultas, etc..

— "Já sei", foi-nos dizendo o dr. Colemar, com a sua habitual lhanza de trato: — "querem uma entrevista". E acrescentou: "prefiro ser interrogado, embora já tenha sido promotor . . .".

A primeira pergunta que nos veio à mente foi:

.. — Como decorre, no momento, a vida funcional do Ministério Público?

— "Em perfeita ordem. E, sob

êste aspecto, há três circunstâncias auspiciosas a mencionar: — a completa liberdade de ação que o Interventor Federal dá aos membros do Ministério Público no cumprimento de seus deveres; a seleção progressiva que se vai operando na composição do quadro dos Promotores, onde é hoje mínima a porcentagem de leigos; a melhoria de sua remuneração". E, continuando: "Onde o representante da Justiça Pública não gozar de autonomia suficiente, de ampla liberdade de ação, dentro da lei, e em defesa da sociedade, terão de periclitarem os mais legítimos interesses da justiça".

Após ligeira pausa, em que o nosso entrevistado parecia meditar no que afirmara, acrescentou:

— "No que concerne ao Ministério Público, não se pode perder de vista aquele conceito admirável de Prudente de Moraes Filho: "é uma magistratura especial, autônoma, com funções próprias: não recebe ordem do governo, nem presta obediência aos juizes".

O dr. Colemar Natal e Silva levanta-se de sua cadeira e nos convida a ver a Biblioteca, que de anos a esta parte vem organizando para a Procuradoria Geral, e que tivemos o prazer de ver já bem iniciada. Abriu, então, alguns volumes para melhor fundamentar as suas asserções e para que nelas colhêssemos elementos assim eloquentes: "O Ministério Público é um verdadeiro órgão do Poder Judiciário, como tal implicitamente reconhecido pela Constituição"—("O Direito", vol. 91, pgs. 43 e 46; Autos Fortes, "Questões Criminais", pg. 45; Enéas Galvão, "Qualidade da Justiça", pgs. 345 e 347; Pendectus Belges, pg. 559, vol. 65; Viveiros de Castro, "A Nova Escola Penal", pg. 621). Antes mesmo que coligissemos todos os dados, continuou S. Excia:

— "Em abono desses mesmos conceitos, passo a palavra a Carlos Sussekind de Mendonça, que fixa, muito bem, a verdadeira missão do Promotor: "Em qualquer de seus misteres é um pôsto de constante sacrifício, de conquistas diárias à opinião pública, de disputa sem trégua à malícia da advocacia, contra as reservas dos Juizes, contra a ambição naturalíssima de seus próprios colegas. Nenhuma das funções jurídicas é tão sujeita às críticas da imprensa, tão exposta aos embates dos interessados, tão acessível às explosões, poucas vezes legítimas, das parte ou de seus interessados procuradores".

— *Que pensa V. Excia. da preconizada igualdade funcional entre promotores e juizes?*

— "A tal respeito posso dizer-lhe que não há o menor grau de hierarquia entre juizes de qualquer instância e membros do Mi-

nistério Público. Aliás, um dos dirigentes, mesmo, desta excelente revista "Oeste", o ilustre Presidente do Conselho Administrativo, dr. Paulo Augusto de Figueiredo, quando honrou o Ministério Público com a sua cultura, clarividência e capacidade de trabalho, já tratou desse aspecto com muita justiça. Inexiste qualquer lei que assegure ou preveja superioridade funcional do magistrado sobre o promotor. É verdade que ainda há juizes (muito poucos, felizmente) que se arrogam, às vezes, uma estudada posição de supremacia, seja ministrando, a torto e a direito, suas doudas lições, em certos casos dispensáveis, mesmo porque os textos comportam interpretações diversas, seja invadindo a esfera de competência do Procurador Geral na censura a faltas, por ventura cometidas, no exercício de suas funções, pelo Representante do Ministério Público. Os magistrados que assim procedem revelam o ranco de uma mentalidade inferior, mal formada, eivada de uma vaidade injustificável. Quero crer que essa igualdade deva se estender aos próprios vencimentos. Nem só em doutrina isso é corrente, mas também em jurisprudência: "Juizes e Promotores Públicos merecem igual tratamento, no tocante às garantias para o bom desempenho das funções do cargo" — (Ac. das Câmaras de Egrégia Côte de Apelação do Rio, 30-1-37, Rev. Crit. Jud., nº 4, de abril)".

— *Que diz V. Excia. dos resultados do Congresso do Ministério Público, de que foi o promotor?*

— "Foram fecundos os seus resultados. Convocado e realizado numa época em que o direito codificado brasileiro passava por uma revisão sob vários aspectos profunda, para efeito de integração das novas normas no ritmo de uma evolução acelerada por conquistas avançadas na ciência jurídica, ôsse certame, no qual reinou a maior elevação de vistas e bastante cordialidade, fixou novas diretrizes, atualizou e mais ainda enobreceu a missão jurídico-social dos promotores. Dada a larga repercussão que teve na imprensa do país, inspirou a realização do Congresso, levado a efeito com extraordinário brilho em São-Paulo, em Junho de 1942, uma série enorme de sugestões das mais úteis e interessantes para a sociedade e para o Estado. Entre as relevantes conclusões aprovadas, uma das mais importantes foi a relativa à federalização do Ministério Público, que será, ainda, consequência lógica e imediata da projetada unificação da magistratura nacional. Por outro lado, o Ministério Público já foi reformado, exercendo os promotores boa parcela de função federal".

Nesse ponto foi suspensa a exposição do dr. Colemar, pois que sua gentil secretária, em pessoa, serviu-nos um delicioso café. Após o curto descanso, prosseguiu o entrevistado:

— "Uma idéia que sempre me empolgou, constituindo mesmo um dos projetos melhor acalentados por mim, é o da instituição da carreira do Ministério Público, mediante concurso de provas e títulos perante uma banca composta do Presidente do Tribunal, do Procurador Geral e do Presidente da Ordem dos Advogados, tal como o projetamos. O desejo de aparelhar convenientemente o Ministério Público para fiel desempenho de suas nobres finalidades; de libertá-lo das contingências difíceis impostas pelo meio; de ir elevando, progressivamente, o seu nível cultural; de regular, de maneira ainda mais completa, o aproveitamento dos mais capazes — tudo isso sempre constituiu, para nós, absorvente preocupação. Pensando nessas coisas encaminhamos ao eminente sr. Interventor Federal uma longa representação, devidamente fundamentada, sobre o assunto, fazendo-a acompanhar de um projeto de decreto-lei que dispunha amplamente sobre a matéria".

— *E como o sr. Interventor Federal recebeu sua exposição?*

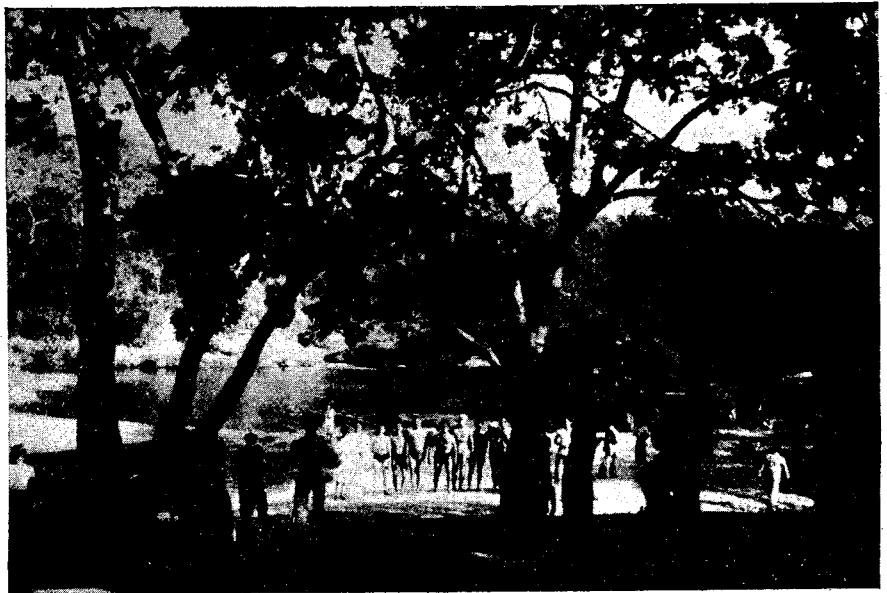
— "O dr. Pedro Ludovico, com o mesmo critério superior de amparo que dispensa sempre às inovações benéficas que visem, tão só, ao melhor aparelhamento dos órgãos que desempenham função pública relevante, acolheu com simpatia a nossa idéia. E tivemos a honra de verificar que S. Excia. deu destaque ao assunto, cogitando de sua solução no brilhante e criterioso relatório apresentado ao eminente Presidente Getúlio Vargas. Infelizmente as injunções da hora presente, excepcional, têm contribuído para procrastinar a realização de muitas dessas iniciativas. Pelos mesmos ponderáveis motivos ainda não saiu a "Revista do Ministério Público" e ainda não foram publicados os "Anais do Congresso Estadual".

— *Como se exercem, em relação ao Tribunal de Apelação, as funções da Procuradoria Geral?*

— "E' com vivo júbilo que lhe respondo: faz parte integrante do patrimônio cultural e cívico de nossa mais alta Côte de Justiça, uma tradição longa e assás honrosa de perfeita harmonia no exercício das funções judiciárias e do Ministério Público, reafirmada mesmo nas épocas mais difíceis e graves da vida do Tribunal, reajustando-se, sãbiamente, quasi sempre, as convicções doutrinárias divergentes, sempre possíveis, inevitáveis, até, no terreno jurídico. Sendo, como

NATUREZA GOIANA

sou, o mais antigo membro do Egrégio Tribunal, satisfaz-me proclamar que essa tradição de cordialidade é mantida e respeitada, jamais, desmerecida ou quebrada pelos juízes, cujos nomes começam agora a aparecer. E' bem verdade que nunca tive a preocupação de fazer pareceres para serem aprovados ou adotados, embora às vezes isso me seja honroso. No vasto campo da aplicação do direito há lugar para convicções as mais diferentes. E' sabido, mesmo pelos menos cultos, que a unanimidade de pontos de vista, até nos colégios judiciários, não é índice lisonjeiro, às vezes; os votos vencidos não desmerecem, antes, em muitos casos, honram a cultura e a personalidade de quem os proferiu. O atual Presidente Desemb. Dario Délio Cardoso, com quem me habituei a terçar armas nos debates forenses, desde a época em que tive a honra de ocupar, modestamente, a Promotoria Pública da antiga Capital, e cuja cultura e capacidade de trabalho muito admiro, vem mantendo o elevado nível dessa cordialidade instituída pelos nossos maiores".



Um encantador aspecto do poço da "Cachoeira Grande" em Goiaz. A fotografia foi tirada por ocasião de um churrasco oferecido pela sociedade de Goiânia à de Goiaz, ao ensejo de que se prestou, também, uma homenagem ao prefeito da antiga Capital, sr. Divino de Oliveira.

— E' verdade que V. Excia. vai criar a Associação do Ministério Público?

— Ainda êste ano tenciono instalar êsse órgão de classe, ideado nos moldes preconizados no "Congresso Ministerial de São-Paulo".

Já se dispunha o repórter a novas perguntas, quando um oficial de justiça do Tribunal veio avisar que se tinha iniciado a sessão das Câmaras Reunidas que reclamava a presença do Procurador Geral.

Estava, assim, terminada a nossa missão.

A VIDA dos povos, a cada momento que passa, apresenta fisionomia nova, aspectos inéditos, novas capacidades, exigências e possibilidades, e é função do Estado, sendo êste um organismo vivo, natural, nacional, acompanhar essas mutações, a-fim-de poder traduzir sempre os anseios diferenciados do povo, orientando-os para fins claros e definidos. O Estado que se cristaliza em formas definitivas é, hoje, um produto cerebrino e obsoleto, incapaz de convencer mesmo ao mais intransigente dos "racionalistas". Apenas um traço há, constante, no fundo de qualquer política bem intencionada: o intuito de servir aos homens. Ora, êsse humano é o elemento permanente do Estado, e é o elemento que marca, de um modo particular, o Estado Nacional. Êste tem, assim, em sua inspiração humana e nos seus fins humanos, o seu caráter específico —

Paulo Augusto de Figueiredo.

ERA UMA VEZ

GENEZÍ DE CASTRO E SILVA

Paisagem pequenina.

Um lago azul cercado de samambaias vicejantes.

Velha árvore, ao lado, lutando contra o cipóal que a sufoca em abraços traíçoeiros.

Angulada no horizonte, a igreja branquejante que celebra as festas numa bênção perene de afeições, abrindo os corações para a vida, dando o viático para a eternidade.

Em cima, tal imenso véu a gaze azul dum céu de inverno,

dum céu clemente como a própria Piedade.

Pequena paisagem.

Eram minúsculos refúgios as casinhas brancas, erguidas em torno do lago azul, do lago tão bonito incrustado em samambaias.

Tudo simples, tudo bom.

Miniatura do mundo mas, miniatura favorecida, em devaneio artístico de pintor incoerente.

Paisagem fresca: é um postal verde e fantástico.

Poderia ser o de um coração.

Então o espirito descansaria, tranquilo como o lago azul em que se espelham as nesgas cinéreas dum céu de inverno.

dum céu clemente como a própria Piedade.

E as paixões, tal a linda árvore rendada de cipós, fariam guarda silenciosa em meio da campina, da campina exquesita entre os vergéis adormecidos . . .

. . . os vergéis do sofrimento.

Pequena paisagem, pequena e linda.

A mancinilha dos ideais concederia sonhos estilizados, recalcados sobre poemas orientais . . .

impossibilidades que se realizam, verdades que se esfumam em abstrações . . .

consolos etéreos.

Circulando o conjunto, enverdecendo-o, sustenta-se o templo da Fé.

O templo encerra as palavras rituais,

embranquece os benefícios, afugenta as soalheiras que enlutam os corações,

leva de roldão a dúvida que é o momento da alegria,

da alegria que é o véu azul do céu da felicidade.

Pequena paisagem. Inspirações fúlgidas que se erguem como guardidas da ventura,

como agasalho oportuno.

Paisagem de um coração.

Céu azul.

Inverno em flor.

POEMA A GOIÂNIA

Rosarita Fleuri

O visitante amigo, você que mora longe, tão distante e tem seu lar num pedaço pequenino de terra... Você, que falando em geografia muitas vezes erra porque nasceu cercado de barulhos, cresceu cercado de barulhos e viveu sempre nesse inferno a que chamam civilização... Você, que nunca soube o prazer de se andar devagar porque já muito cedo correu pra não perder os bondes que iam à cidade... E em sua mocidade quasi não teve tempo de olhar o céu porque olhar o céu não custa nada e também não dá [dinheiro,

e hoje em dia, no mundo inteiro, só se pensa em riquezas e meios de gastar! Pois olhe, viajante amigo, é justamente pra você que aqui do meu sertão, da cidade mais linda e mais faceira de quantas povoaram as terras do oeste brasileiro, vou cantar o meu poema canção!

-:-:-

Lá longe, onde as montanhas parecem tocar o céu, a noite e o dia lutam desesperadamente; as estrelas estão pálidas, assustadas, e, cada vez mais pálidas, fogem acompanhando as sombras que, vencidas, deixam o campo e se vão. Uma aragem valda dansa aqui, acolá: bole no capinzal cheiroso, faz cêcegas nos enormes boquês de carafbas, sacode, num riso meudinho, as folhas das rasteiras guabiobas, vai daqui, vai dali, até abrir o leque verde das palmeiras... Um arrepião enorme sacode os buritês. Cantam sabiás sonoros, patativas alegres, inocentes paridais,

há gritos estridentes de verdes periquitos, curiós esquisitos e guachos barulhentos... Seriemas pernaltas bancam as pianistas e cantam, sem parar, escalas ascendentes, descendentes, enquanto as sarneuras, mais tímidas e ariscas, fazem o contra-canto... Mais junto às ruas, andorinhas equilibristas andam nos fios elétricos, fuchicam os telhados, bordam letras chinesas no chão. Chegou a madrugada... A carroça do padeiro rodou sobre a calçada. Um cachorro latiu fundo, para cumprir a obrigação. Um aluno do Tiro de Guerra olhou, olhou e furtou o pão que o padeiro deixara na casa do vizinho... Um gato farrista saltou do muro, arreplado em seu pêlo [de arminho.

O céu ficou vermelho, vermelhinho e um novo dia raiou! O sol escancarou sua janela e a luz, nos borbotões, se projetou por ela... Em volteios sutis se despreendeu da altura, afogou em clarões a madrugada escura, embebedou de ardor as camadas de ar, suplantou o luar e, requebrando alviçareira, desceu até tocar a perfumada cabeloira da terra adormecida! Goiânia espregulçou-se inteira... Seu corpo moreno e núbil, requeimado de sol e cheirando a terra brasileira, deixou-se ficar, pregulçoso e languido, espalhado no chão, como uma flor morena e exquísita, dessas que só vicejam no sertão. Os dedos longos e brancos do sol acariciaram de leve a pele macia da cidade dormente, velada ainda, pela garoa matinal.

Depois, numa conquista ousada e Dom Juanesca, rasgaram-lhe a leve camisola de neblina e Goiânia, a cidade que inda ontem era menina, nua e formosa, soberba de altivez, se ergue do chão: Qual moderna Phrynéa Goiânia vai ser julgada nos olhos da Nação! Há em tôdas as ruas um vai-vem sem parar. Abrem-se as casas e grupos de crianças, alegres, joviais, meninos e rapazes folgazões e bulhentos, sizudos, pensativos, todos em uniformes, passam levando livros, muitos livros. Vão no Ginásio, no Colégio, no Grupo Escolar, essas forjas imensas que burlam o cérebro humano para dele extrair o progresso de amanhã.

Um pouco abaixo, o Cinema. Revestido de cinza, com pintas prateadas, de linhas frias, de um belo exquísito, faz a gente pensar em consas já passadas, em gôndolas antigas, em pinturas do Egito!

Espalhados no chão, enchendo ruas ainda em formação, há bangalôs rosados e alegres, coloridos e vivos que vivem lado a lado com modernos sobrados. São lares despreocupados, onde há sempre o sorriso de uma mulher bonita, um jardim enfeitado, e a graça infinita de um berço delicado, todo rendas e [fitas, deliciosa tenda do filho pequenino.

Descendo o descampado, mãos piedosas e amigas de Irmas de Caridade velam pela infância na Casa das Crianças, na Santa Maternidade.

Vem depois a Avenida Anhanguera. Imponente e sizuda, faz a gente pensar no vulto varonil do bandeirante paulista que primeiro desbravou nossos sertões... Ela não guarda a doçura suave dos formosos bairros residenciais.

E', antes, a moldura severa de uma tela em que se prendeu o lado prático da vida: Banco do Brasil, Casas Pernambucanas, grandes casas comerciais, e, movimentando todo êsse humano formigueiro, lá está o deus Dinheiro...

Longe, bem junto aos braços verdes de árvores frondosas vivem os bairros pobres: Botafogo cosmopolita onde cada casa é caixinha de segredo guardando uma história exquísita.

Lá em cima Vila Nova, a sonhadora e repousante Vila Nova!

E, nas noites de lua cheia, Vila Nova romantica sonha que cresceu muito, que é o bairro mais rico de Goiânia, e que toda a cidade estendida a seus pés está em muda e comovente adoração...

O Bairro Popular está sempre cheio de gente. Sente-se que ali a vida é mais gostosa e mais alegre... Um ramo enorme de rosas, enrubescidas de pudor, ficou trêmulo e baixou-se cobrindo uma janela indiscreta que não sentiu pejo em mostrar ao povo da rua a felicidade insultante de um casal ludo calouro! O céu está amarelado, côr de ouro... Há bandos de crianças em toda parte; chicotinho queimado, cebra-cega, esconde-esconde nas moltas de boninas... Ah! meus deliciosos tempos de menina!...

O Bairro Operário é o mais belo de todos. Os lares pequeninos se unem pelas mãos cheirosas e [faceiras

de floridas e variadas trepadeiras. Com o chegar da tarde eis que chegam também os operários da cidade, artistas verdadeiros sempre escondidos sob o manto do anonimato. E a gente vê, provocando os céus, desafiando vendavais e furacões êsses colossos de cimento armado... Vê, e fica pensando num corpo recurvado de cansaço, nuns pobres olhos castigados pela inclemência do sol e nas mãos calejadas e nodosas que plasmaram o cimento, tirando da massa bruta toda essa maravilha que hoje forma a cidade. E abençoamos a classe operária e pedimos a Deus para que, em sua humilde pobreza ela seja milionária de felicidades!

Mais adiante, a Vila Militar.
Na Vila Militar, só se vêem fardas.
Cabos, sargentos, guardas, amigos protetores da cidade,
procuram os seus lares.
Há, em cada porta, uma companheira saudosa
que coseu, que lavou, preparou o jantar,
e o dia todo passou na expectativa da chegada de seu
[amor...]

Dentro, na cozinha alegre e hospitaleira
o cafezinho brasileiro está cheirando, fumegante...
E a Vila Militar vibra, cresce e se expande
na expansão de seus filhos, a criancinha louça
que já pensa em fazer parte do batalhão de amanhã!

Cortando o capinzal esverdeado,
a estrada larga e formosa que vai até perder de vista,
parece uma cobra imensa e preguiçosa, refestelada no
[chão.

Na ponta dessa estrada está Campinas.
Ela olha Goiânia; olha, e fica pensando
como cresce e se alinda essa Goiânia que viu nascer e
[quer bem.

E Campinas estende os seus braços de casas...
Estende-os, estende-os numa ansia incontida de chegar
[até cá,
de abraçar a cidade todinha, de se juntar a ela,
e ser Goiânia também.

O sol enorme e vermelho parece uma bola de fogo
que as nuvens chutam para o goal do crepúsculo.
Mansamente a tarde vai morrendo.
O Lago das Rosas tenta prender em seu espelho líquido
os últimos farrapos de luz que o sol deixou cair na terra.
As árvores estão todas rezando a Ave Maria
e, contra o fundo inda claro do horizonte,
o perfil severo do buritizal
lembra monjes serenos em doce ritual.
A terra inteira é místico convento...
A natureza ajoelha e se põe a rezar!

As luzes se acendem num instante
e em Goiânia uma outra vida se inicia.

Na Avenida Golaz todos os bancos estão cheios de casais...
Goiânia vive, ama, dá expansão a seu amor...

E a gente vai subindo devagar...
A Praça Cívica a esta hora, está silenciosa...
Apenas canta pela boca de sua fonte luminosa.
E a gente fica pensando que a fonte seduziu o arco iris
e agora se compraz em atirá-lo ao céu em gotinhas de
[côr.

Na Casa Verde mãos femininas
cerram lentamente as cortinas.
Vai repousar aquele que, no horror de um cárcere infa-

[mante,
sonhou uma pátria forte, e independente
onde o povo, descuidado e feliz pudesse pensar a agir
[livremente.

A seus pés Goiânia dormirá também.

E você, viajante amigo,
que veio de tão longe e fez a grande marcha para o
[oeste,

não quererá voltar mais.
Você ficará conosco tão feliz e á vontade
como em sua própria casa, porque aqui ninguém se sen-

[te estrangeiro.
Goiânia quer bem a todos e sabe fazer de cada homem
um bom e honesto brasileiro...

E você ficará e sonhará o sonho que cada um de nós
[tem no coração:

dia virá, talvez mais breve que supomos,
nossa Goiânia será um sol irradiando vida e calor
aos pontos mais longínquos do sertão...
Dia virá que nossa Goiânia será a Capital da Nação!

(Poema premiado no concurso promovido pela Aca-

demia Goiana de Letras, quando da inauguração dos
festejos do "Batismo Cultural de Goiânia").

Os grandes quadros da história do Brasil



A PARTIDA DA MONÇÃO — (Almeida Júnior)

Variações Literárias

ESPECIAL PARA "OESTE"

João Etienne Filho

João Etienne Filho é um dos autênticos valores do jornalismo e da crítica montanhezes. Suas "Literárias", publicadas quasi diariamente em "O Diário", de Belo-Horizonte, revelaram, nitidamente, um crítico literário de bom gosto, cultura e profundo senso do Belo.

"Oeste" publica, hoje, notas inéditas de João Etienne sobre diversos temas literários, entre aos quais uma sôbre a amizade, esta cousa tão necessária aos homens e que "Oeste" quer manter viva, para tanto franqueando suas páginas a todos os intelectuais do Brasil.

Sim; a cultura — já é sedição, a afirmativa — não tem pátria. Muito menos tem, ela, naturalidade.

CHESTERTON VIVO

Um livro curiosíssimo, esta biografia de Chesterton, de Hilaire Belloc, que, em edição argentina, agora nos chega.

Ninguém melhor do que Belloc para nos falar de Chesterton. Amicíssimos, unidos em ideal, em religião, em trabalho, em luta. A tal ponto que Shaw criou os termos "Chesterbelloc" e "chesterbelloquismo" e dizia que "Chesterbelloc era um animal de quatro pés e duas cabeças".

A esta dupla veio juntar-se Maurice Baring, outro grande e livre espírito inglês. Com razão se nota, nos três, a grande alegria de viver, uma espécie de franciscanismo. "Jograis de Deus" se poderia dizer deles, como Chesterton disse de São Francisco de Assis.

Belloc é autor de um verso famosíssimo na Inglaterra: "Desde os dias tranquilos do lar e dos primeiros começos, até o final irrevelado, nada há que valha a pena buscar, além do riso e do amor dos amigos".

A capa desta brochura argentina mostra-nos uma fotografia interessantíssima dos três célebres amigos, verdadeiros cultores da amizade, espíritos excêntricos, mas infantis e puros.

Hoje, Chesterton é morto, Baring está entevado em uma cadeira de rodas e Belloc, quem nos dá notícia de Belloc?

Mas, como impressionam, como se fixam em nós as figuras destes três geniais ingleses, cada um, a seu modo, aquilo que se diz no que morreu: cavaleiro do Espírito Santo — "Knight of the Holy Ghost".

A cultura transcende tôdas as fronteiras, internacionais ou nacionais. E' assim que se deve pensar. E assim como, lá fora, são aceitos com entusiasmo os nossos trabalhos, desde que tenham algum mérito, também acolhemos, com alegria, produções de quaisquer autores brasileiros, uma vez que suas colaborações sejam boas. Quer "Oeste", com essa política, incentivar o intercâmbio cultural com as demais unidades federativas, praticando o princípio da nova política brasileira: o Brasil é um só.

As "Variações Literárias", escritas especialmente para este boletim, proporcionarão, a todos, como verão os leitores, momentos de agradável e útil leitura.

A OBRA DE LIMA BARRETO

Anunciada, há tempos, a obra de Lima Barreto começa a ser reeditada, o que quer dizer, começa a ser divulgada, pois sabemos em que lamentável ostracismo estava.

Lembro-me de quando trabalhava, aqui em Belo Horizonte, Artidoro Arco e Flexa, que conheceu Bilac, Guimarães Passos, Lima Barreto e que tem um soneto no livro de memórias de Medeiros e Albuquerque, o qual soneto quasi ia provocando o assassinato de Bilac . . .

Pois bem, o Flexa gostava de ler trechos das "Recordações do escrivão Isaías Caminha" para nós e ia fazendo a identificação dos fatos e dos personagens, pois todo mundo sabe que se trata de um romance à clef.

Nesta leitura que fiz, da nova edição do livro, pude lembrar-me de várias destas identificações: Edmundo Bitencourt, Coelho Neto, João do Rio, a campanha contra a vacina obrigatória (transformada no livro em campanha contra o calçado obrigatório).

Mas, as "Recordações" seriam um livro fraco, se tivesse apenas este interesse de crônica, de documentário. Quando, o que tem de melhor é o aspecto de imprevisto — que a-pesar-de tudo há; é a trama sutil que se desenvolve; é a fixação de ideláveis tipos padrões. Assim, o livro não é fotografia, é pintura, é recriação, é fixação de tipos em ângulos de admirável observação.

Lima Barreto não é "humorista" à maneira de Machado de Assis. Creio que houve um lamentável

equivoco da parte de quem os ligou na mesma corrente (excluindo o padrão comum da genialidade, é claro). Machado sorri, Lima Barreto cospe; Machado é sutil, Lima Barreto é áspero e agreste; Machado é irônico, Lima Barreto é sarcástico; Machado é agri-doce, como Carlitos; Lima Barreto é amargo e cruel. Têm mais pontos de contrastes que de contactos. Principalmente no que se refere ao escritor da obra, sendo que Machado se esconde (sabemos que seus personagens o traíram!) e Lima Barreto se derrama, a tal ponto que precisamos estar de sobreaviso contra tanta confissão.

Inegavelmente é uma cousa de excepcional valor o lançamento das obras completas de Lima Barreto.

SÔBRE O TEMA DA AMIZADE

A amizade é um dos mais belos temas literários. Em qualquer aspecto que se encare. E vem isto ao papel que a amizade tem na vida do homem, a tal ponto que um grande homem da Igreja desenvolveu magnificas considerações sobre "le rôle de l'amitié dans la vie spirituelle".

Esta necessidade de comunhão com pessoas afins, esta seleção natural que se processa entre milhões, esta sintonização que se faz por um olhar, por um gesto, ou — quem sabe — ao fim de longas e dolorosas incompreensões, é tudo isto que faz da amizade o sentimento sublime, o sentimento sem o qual não.

Ai dos sós, diz a Escritura. Porque não é próprio do homem o isolamento. Mas não basta não isolar-se. E' preciso também amar. E não basta amar só e indistintamente. E' preciso escolher alguns para o bandono, para a confiança, para a amizade, flor e clima a um tempo, indispensáveis à vida e à plena manifestação do ser.

Esta alegria de estimar, este confrôto de amigo, este comprazimento na amizade, eis o que encontrei em "Les grandes amitiés" (souvenirs) de Raissa Maritain, um dos livros mais belos que tenho lido. Escrito num tom de resignada amargura ("Il n'y a plus pour moi d'avenir en ce monde. La est achevé pour moi.") a mulher de Jacques Maritain vai desfilando suas lembranças, desde Marioupol, na Rússia, de onde vem, até o princípio deste século.

Não é um rijo livro de memórias, mas tem aquela qualidade, tão francesa, de se prender ao principal, de fixar, em traços rápidos e definitivos, o essencial, o mais alto, o mais significativo.

O que impressiona mais neste volume que nos vem do Canadá é a presença de Leon Bloy, o amigo do casal Maritain. E' uma grande e sólida identificação que os une,

Os outros vistos por "Oeste"

— AHASVERUS —

"ERMOS E GERAIS" — Bernardo Elis — Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais — São Paulo, 1944.

Consequência dessa política notável de restauração econômica e espiritual de Goiás, empreendida pelo interventor Pedro Ludovico, está aí, vitoriosa, a "Bolsa de Estudos Hugo de Carvalho Ramos", criação esclarecida do ilustre governador da cidade, Venerando de Freitas Borges, à qual devemos o aparecimento de "Ermos e Gerais", livro de contos com que Bernardo Elis ingressa no mundo literário brasileiro.

Lemos, com atenção e interesse, a obra do jovem "conteur" goiano. E confessamos, com muita alegria, que a impressão que nos ficou é a de que foi reatada, em nossa literatura, a marcha iniciada por Hugo de Carvalho Ramos e por sua morte interrompida. Tal equivale a reconhecer, logo, que a estréia de Bernardo Elis, em nossa opinião, marca um autêntico triunfo para as letras anhanguerinas, e o faz justamente numa zona literária perigosa, qual seja o conto, onde se têm perdido tantos desbravadores.

Mesmo refreando o nosso entusiasmo, não podemos deixar de proclamar que, conquanto se lhe notem certas deficiências, "Ermos e Gerais" pode equiparar-se, no gênero, ao que de melhor se tem produzido no Brasil. Não iremos a ponto de dizer que já surgiu, na

a-pesar-de tantas diferenças. E é a lembrança comovida daquele que a si próprio se chamou "pelerin de l'absolu" que invade tôdas estas páginas e lhes dá um tão profundo sentido de coisa vivida e amada. Bloy é todo inteiro aqui, mesmo tendo o livro ainda as marcas inconfundíveis em Maritain e Raissa deixaram êsses outros vultos inconfundíveis de Péguy, de Psicari, de Thermier, de Bergson.

Poucos livros terei lido tão belos como êste. A poucos terei amado mais do que a êste. E é tanto o que quisera dizer dele (mas dele estou tão perto ainda!) que me perco em volteios, que não sei que dizer, que fazer. Mas sei que encontrei aqui um como que "brevíário da amizade", um livro de onde êste sentimento brota puro e belo como uma flor rara, e a tudo domina, dando-nos uma excelsa porção de algo que nos parecia ter deixado o mundo e só estivesse a mover agora os outros astros.

terra de Pedro Ludovico, um novo Afonso Arinos. Todavia, nenhum receio temos em admitir que Bernardo Elis revelou, nesse seu primeiro livro, virtualidades bastantes para se igualar aos mais expressivos contistas regionalistas do país.

Observa-se, nesta ou naquela produção, um certo abuso de imagens (nem tôdas, diga-se, felizes), certo excesso de explicação (o que, sôbre ser monótono, ofende a inteligência do leitor . . .), bem como — em uma ou outra passagem — uma indisfarçável intenção político-doutrinária (o que nos faz esquecer o conto e pensar em teses . . .). Verifica-se, também, que alguns contos são menos contos do que propriamente crônicas (destas, algumas admiráveis, como: "Papai Noel ladrão", em que o autor aferroa o espírito burguês, simbolizado num estudante bêta); "O menino que morreu afogado", onde há êsse trecho deliciosamente amargo e irônico de psicologia da aglomeração: "O delegado sentenciou que estava morto (o menino). Embora todos já soubessem disso, o espanto foi geral". Pode-se dizer, ainda, que um ou dois contos contêm episódios confusos, e, mais, que o autor tem o defeito de se repetir. Entretanto, focalizado em seu conjunto, e pesados, a rigor, os prós e os contras, o livro reúne, em nosso entender, requisitos suficientes para garantir-lhe um lugar em qualquer estante literária, mesmo da mais seleta.

Bernardo Elis demonstra qualidades para o "metier". Tem estilo; sua linguagem, simples e vivaz, amolda-se com facilidade aos assuntos; sertanejo êle próprio, sabe compreender a interpretar a alma cabocla e sentir a beleza e o mistério da natureza dadivosa de Goiás. Jagunço, como diria Assis Chateaubriand, é Bernardo Elis, sem dúvida; mas, um jagunço civilizado, que sabe ler, escrever e dizer, bem, o que sente e o que pensa. Por isso, a fixação, que faz, dos quadros da vida do interior, das cidades e dos campos, é segura, interessante, perspicaz. Através de um atilado senso de observação, dando colorido e movimento às cenas, e patenteando, outrossim, uma compreensão muito humana das coisas, Bernardo Elis exhibe personagens e fatos curiosos e sugestivos, revelando situações político-sociais muito nossas conhecidas e que contêm indicações de muita valia a quantos se preocupem com os nossos problemas an-

tropogeográficos, econômicos, sociais e administrativos. E o faz a jeiti de quem não quer, como se o seu desejo fosse apenas tangenciar as coisas graves da vida . . .

O último conto — "André Louco", pareceu-nos o melhor do livro, pela sua substância humana, pela variedade e caracterização de tipos, pela análise de situações sociais, pela movimentação das cenas, etc.. Achamos, no entanto, que muito ganharia êsse conto, em compensação, se terminasse no ponto em que André deixa a cidade, seguindo para o sítio dos irmãos, enquanto o povo se "desabafava" do pesadelo de sua presença angustiante. Pelo menos no que diz respeito à intensidade emocional, à densidade psicológica, ao "fundo" dos problemas, ao valor artístico, enfim, vai até àquele trecho o melhor do conto.

"ANTOLOGIA GOIANA" — Veiga Neto — Empresa Gráfica Revista dos Tribunais — São Paulo, 1944.

Outro livro que devemos à iniciativa do sr. Prefeito Venerando de Freitas Borges. É um livro que urgia aparecesse, para que, recolhendo as produções dos nossos escritores falecidos, perdidas pelos jornais e revistas, e raramente enfeixadas em volume, viesse tornar mais conhecidos os literatos goianos lá fora, a-fim-de se evitarem fatos desagradáveis como um recente, quando o sr. Hildebrando Lima não encontrou nenhum poeta e nenhum prosador goiano para representarem o nosso Estado em livro onde estavam presentes delegados literários de tôdas as províncias . . .

O trabalho do sr. Veiga Neto, pelo que representa como esforço construtivo e boa intenção, é merecedor de sinceros aplausos. Quem, como nós, conhece a insuficiência e a deficiência de nossos arquivos públicos e o egoísmo dos possuidores de arquivos particulares e o pouco estímulo que o meio ainda oferece, e a incrível resistência, a iniciativas de tal jaez, bem pode avaliar as energias que teve Veiga Neto de dispender para, superando os obstáculos do egoísmo, da descrença e da incompreensão ambientes, conseguir colecionar as notas e os trabalhos enfeixados em "Antologia Goiana".

Procurou, o sr. Veiga Neto, reunir o máximo que encontrou de cada autor goiano, fazendo preceder cada produção de ligeira apreciação biobibliográfica. Poderia, sem dúvida, — dada a inexistência de uma história geral e crítica da literatura goiana — estender-se mais sôbre os vários prosadores e poetas, mostrando a posição de cada um em face das várias correntes literárias e a influência possí-

Chopin, o poeta do piano

Pe. Antônio Wasik

O mundo cultural estremeceu de indignação, quando o monumento de Chopin, obra prima do escultor polonês Szymanowski, erguido na principal avenida de Varsóvia, foi dinamitado pelos nazistas e feito em pedaços. O seu bronze serviu para alimentar as armas portadoras da morte, do extermínio e da escravidão dos povos.

O monumento era singular e primava pela originalidade, sendo alvo da admiração dos turistas que visitavam Varsóvia. Simbolizando perfeitamente o romantismo de Chopin, representava o grande artista assentado em um bloco de granito, à beira de um lago e à sombra triste de um chorão, com a cabeleira e as vestes agitadas pelo vento do sofrimento e do infortúnio, que sacode também os ramos da árvore. As mãos estendidas, numa ânsia, como se buscassem o teclado do piano, seu consólio e seu alívio, Chopin, a cabeça voltada para a esquerda, parecia escutar o chilrear dos pássaros, as

vel que tenham tido na formação intelectual de nossa gente. Por outro lado, nem sempre se utiliza êle de um rigoroso critério seletivo, donde se verem, no tomo, em prosa e em verso, produções, mesmo algumas dos nossos mais famosos literatos, de importância secundária. Isso, porém, são lacunas fáceis de corrigir e em nada diminuem o valor do esforço do autor, tanto mais que há no livro, em quantidade suficiente a bem exprimir os méritos dos nossos intelectuais, excelentes artigos e inspirados poemas.

O contista Pedro Gomes, no prólogo do livro, diz: "Antologia Goiana deveria ser o livro de leitura das Escolas do Estado para estímulo da juventude estudiosa e para o perfeito conhecimento, nas gerações vindouras, dos vultos eminentes de Goiaz". Concordamos com o autor de "O pito aceso", indo, mesmo, mais além. "Antologia Goiana" deveria ser fartamente distribuída às diversas instituições culturais e aos críticos literários do país. o que seria um meio de evitar, no futuro, esquecimentos como aquele do tão bem intencionado e patriota Hildebrando Lima, esquecimento involuntário, inegavelmente, mas que não deixou de nos maguar, talvez por culpa nossa, também, que temos vivido como "tatus", sem mostrar o de que somos capazes . . .

vozes da pátria longínqua e martirizada, parecia buscar inspiração nos motivos populares das polcas, mazurcas, cracovianas e varsovia-nas . . . Concepção belíssima!

Em setembro de 1939, durante a heróica resistência de Varsóvia, uma bomba alemã destruiu o mausoléu da Igreja de Santa Cruz, onde se conservava a urna com o coração de Chopin.

Pergunto eu se a sorte do monumento de Chopin e a do seu coração partido, não se parece com a sorte da Polônia; mas esta, embora ferida e despedaçada, não cessa de lutar, não desespere de reconquistar a liberdade!

Indignados com o vandalismo dos nazistas, volvamos os olhos marejados de lágrimas para o Brasil, para o Rio-de-Janeiro, essa capital cheia de poesia, de beleza e de encantos e esbocemos um sorriso de satisfação, um sorriso de reconhecimento, pois ali está sendo construído um novo monumento de Chopin, ideado pelo escultor polonês Conde August Zamoiski.

A justiça está sendo feita a Chopin! A alma brasileira, tão sensível como a alma de Chopin, bafejada também pela aura do romantismo e da poesia, votada ao culto da arte, quis desagrar o recente ultraje, quis reparar nobre e generosamente o sacrilégio cultural perpetrado pelos nazistas, e quis ter numa das praças da Cidade Maravilhosa a estátua do poeta do piano, a estátua do imortal Chopin.

Assim como a Polônia renascida, em 1918, numa das praças de Varsóvia ergueu a estátua do grande Rui Barbosa, por título de gratidão e reconhecimento ao grande jurista brasileiro, o Brasil, agora, quis homenagear aquele que tanta beleza de sentimento e tanta elevação imprimiu às suas composições, tão queridas e apreciadas no Brasil pelos artistas, mormente pelas almas femininas.

A justiça está sendo feita a Chopin!

Enquanto na Europa os modernos vândalos derrubam as estátuas, proscurem as composições de Chopin, aqui se levanta uma linda estátua do grande pianista polonês, que aparece, de pé, meditando profundamente sobre as novas desgraças da Pátria . . .

Aquí, em tôdas as cidades do Brasil, executam-se as maravilhosas composições de Chopin e em Goiânia, há pouco, no famoso fes-

tival de arte dedicado à Polônia, delicadas mãos de pianistas reproduziram as suas músicas . . . Quanta nobreza de alma!

Não vou me alongar a relatar a biografia de Chopin, porque outros já o fizeram em livros volumosos, tais como: F. Hoesick, Eduardo ki, M. Harlowicz, Litz, Niecks, Ganche, Jachimecki, J. Paderewski, Schumann, Szulz, Hazanowski e H. Opienski, cujo livro foi traduzido em português. Todos êles estudaram a vida amargurada de Chopin e a descreveram largamente.

E' singular o fato de ter sua vida artística começado aos 8 anos de idade, quando compôs uma "Polonesa", e o seu primeiro concerto foi precisamente em Varsóvia, quando contava apenas 9 anos.

Alfred Cortad escreve de Chopin: "O seu patriotismo se exaltava com o eco das ovações que suscitava no "College de France" o brado nacional de Mickiewicz, que retragou em versos flamejantes a magnífica epopéia dum país martirizado". Chopin inspirou-se na balada dêste poeta polonês chamado "Switczanka", para compor a sua segunda belíssima Balada. A musa da pátria ditava-lhe cantos, motivos, queixumes e acordes repassados de poesia e de saudade.

"Se pediam, escreve Legouvé, a Marcha Fúnebre, que êle compôs depois da insurreição dos poloneses, malograda e sufocada em sangue, nunca recusava de tocar, porém, mal acabava o último compasso, tomava do chapéu e saía. Êsse trecho que reproduzia o sofrimento e o martírio da Pátria o emocionava demais. Nada podia acrescentar depois dele, porque êsse grande artista era um grande patriota, e as notas soberbas que prorrompem de suas polonesas contam tudo o que de heróico vibrava sob êste pálido rosto!"

E. Ganche explica a música do grande pianista:

"Na terra polonesa, um povo gemia nos ferros, e Chopin sofria com êle: é na realidade dêsses fatos e situações empolgantes, que se funda o princípio espiritual e sensível dos noturnos. Não constituem, nem um vago sentimentalismo, nem tendências doentias, só revelam a alma polonesa singularmente sensível mas inquebrantável".

Paderewski escreveu: "êle encarnou a própria alma da nação polonesa, que toca e canta na música de Chopin; é a voz da raça polonesa que irrompe do coração de Chopin".

Schumann chamou as mazurcas de Chopin de "canhões dissimulados sob flores".

Na Pátria renascida, organizaram-se os concursos da música chopiniana, que se realizavam em Varsóvia de 5 em 5 anos, reunindo a elite artística do mundo. Em 1932, o concurso reuniu 90 artistas,

Revistas Infantis

Alceu de Sousa Novais

Noticiou há tempos um jornal do Rio que certo aluno de Niterói se dirigira ao sr. Ministro da Educação, fazendo minuciosas considerações sobre as revistas infantis cheias de lances rocambolcos e, por isso, péssimo elemento educativo para a juventude.

E' um assunto que nos vem apaixonando há muitos anos, a necessidade de publicação de revistas e periódicos infantis verdadeiramente dignos dêsse qualificativo.

Uma vez chegamos mesmo a receber promissoras cartas de poetas mineiros que esposavam o nosso ponto de vista sobre as cousas maliciosas e tolas que as meninas contavam nos seus brinquedos, e se propunham a escrever algo mais edificante e estético.

E' difícil escrever para o mundo infantil; há obras para crianças, disse-o um escritor, "que passam brutalmente o arco sobre o violino dos nossos nervos".

Todavia, também êsses encontram público infantil, pois a criança tem sede de contos e os lerá de qualquer forma. E o peor é que desde que um menino saiba onde encontrar emoções fortes, enervantes, que uma vez experimentou, êle voltará novamente à fonte, não pelo prazer literário ou por intuição estética, mas, pelo desejo de emoção que, ao se repetir, torna-se uma necessidade.

Somos paupérrimos em literatura infantil. O próprio Monteiro Lobato, que se vai tornando o au-

participando 18 nações. Em 1937, nesta Olimpíada Musical inscreveram-se, dentre 30 nações, centenas de candidatos, sendo escolhidos 110 e neste último certame os primeiros prêmios couberam a dois artistas da República dos Soviets.

No Brasil, grande admirador de Chopin é sem dúvida o Professor Dr. Aloísio de Castro, que, aliando a arte de Esculápio à de Euterpe, editou em 1931 um livro sob o título: "A expressão sentimental da música de Chopin". O ilustre cientista e homem de letras termina desta forma o seu estudo sobre Chopin: "Glória àquele que do troar das penas e dos desesperos da frágil vida ergueu a sublimidade dos cantos do coração humano". "Glória àquele que, superior aos tempos, eterno, nos derrama os tesouros de sua inspiração e nos consola com a sua música e nos enobrece a vida com o sonho e nos levanta ao amor nas formas imortais da beleza!".

tor especializado no assunto, e, aliás, sempre um sucesso de livreria, começou com "Narizinho Arrebitado", recheado de palavras onomatopáicas inúteis e feias, episódios cambalescos e de infidelidades conjugais entre insetos, tornando-os personagens do livro. E ainda mais recentemente, numa *Viagem ao Céu*, para agradar e instruir, dá "noções" de astronomia dêste jaez: um menino vai ao campo dos cometas e enche os bolsos com uns cometzinhos novos e pequeninos, enquanto S. Jorge, já velho e imprestável como o seu cavalo, palestra com uns viajantes da Terra...

Mas, em verdade, tem feito muito e ainda fará mais pela literatura infantil no nosso país; tem talento, ambição, competência, e sabe escrever como poucos. Poderia dar-nos uma ótima revista infantil.

No terreno das revistas, estão as que temos por aí, se fossem fitas de cinema e D. Nazareth Prado as censurasse, talvez fossem sentenciadas como "impróprias para menores de dezoito anos.

São contos sem fim, continuando sempre no número seguinte, transformando as revistas em caça-níqueis.

Temos o *Tico-Tico*, a revista que conseguiu criar personagens queridas pelas crianças — Chiquinho, Jagunço, Benjamim. E' ótima.

Ainda possuímos o *Mirim*, com algumas boas páginas educativas.

Uma excelente revista que tivemos foi o *Gafanhoto*, editada pela Livraria Alves Duron, dois anos, apenas.

Vem a propósito a distinção entre *imagem* e *idéia*, uma e outra hauridas, no caso de que tratamos, em leitura de livros e revistas infantis.

Quando um menino lê que um bandido apunhalou duas pessoas para roubá-las, fica mais ou menos indiferente e não experimenta nenhum impulso para o crime.

E' a idéia.

Agora, se o escritor descreve com cores fortes, a noite, a janela semi-aberta, o guarda passando, o bandido nas trevas, de lenço no rosto e punhal entre os dentes, subindo pelo muro, o casal feliz a contemplar o filhinho adormecido, a meia-luz do aposento, depois, o salto tigre sobre êle, primeiro, porque é o mais forte... Então, terá formado uma *imagem* do crime. E as gravuras são um precioso auxiliar para isso.

O menino a evocará, reunido aos

elementos que possuía pela descrição de outros crimes, e realizará, na imaginação, a cena tão viva e movimentada como no cinema.

Êle "verá" o fato e terá uma tendência para agir como o bandido, tornado herói, menos por maldade, que pela força da sugestão que o levará a imitá-lo.

"A meretriz F. suicidou-se ingerindo formicida". Haverá nada menos sugestivo que uma notícia assim?

Porém, se o jornal acrescenta detalhes; o primeiro passo na senda do vício, atraída por aquele em que punha tôdas as suas esperanças de virgem e seus sonhos de moça; o abandono do lar, onde passara a infância feliz; a vida aiçada e farta; o desejo de vingar-se *dele*, destruindo lares e corações; o remorso... Mas, porque tamanho esforço? Qualquer roceirinha ou moçoila cidadina desavisada que se suicide, recebe panegírico que se desdobra através de colunas dos diários, às vezes com retratos e poesias sentimentais e o registro das últimas palavras da suicida.

E, agora, o caso é outro: em vez da idéia, apenas, o jornal dará uma imagem forte, sugestiva, movimentada.

Nem foi de modo diferente que Werthor provocou tantos suicídios de donzelas sonhadoras.

Livros e revistas infantis nem sempre podem estar escoimados de crimes e vícios. Os contos de fadas estão, mesmo, cheios deles. O que é necessário é que tenham *imagens* do bem e, se for indispensável o mal, no jogo de sombra e luz, apenas *idéias* deie.

Quando um bandido é enforcado, basta o anúncio do fato, sem a sua pintura.

E' assim que os livros clássicos, mesmo as tragédias, por uma questão de ética, quasi sempre deixam as mortes para os bastidores.

Entra um criado em cena e anuncia: — F. é morto. E pronto.

Os jornais, as revistas e, principalmente, as fitas de cinema, com o recurso poderoso das imagens movimentadas, podiam bem lembrar-se disso quanto aos crimes... "outras coisitas más".

N. R. — O autor do presente artigo, escrito especialmente para "Oeste", é um nome de projeção merecida no jornalismo sertanejo. Diretor do conceituado educandário "Colégio Sousa Novais", de Uberaba, foi Alceu de Sousa Novais, na qualidade de Inspetor Escolar do Estado de Minas-Gerais, um dos organizadores do ensino público naquele Estado. Homem culto e operoso, é bem grande, e de qualidade, a atividade litero-pedagógica do sr. Alceu Novais, cujo trabalho publicamos com prazer.

Literatos Goianos do Passado

Antônio Felix de Bulhões Jardim

Antônio Felix de Bulhões Jardim, de quem hoje nos ocupamos nesta secção, foi um goiano ilustre que se projetou intensamente na vida pública e cultural de sua terra, durante largo período histórico. E' que, além de destacado homem de letras, foi êle um político idealista e combativo, e, ainda, um juiz que, integro e esclarecido, dignificou a nossa magistratura.

Nasceu, Felix de Bulhões, na cidade de Goiaz, a 28 de agosto de 1845. Em sua cidade natal fez os cursos primário e secundário, indo depois para São Paulo, por cuja Faculdade de Direito colou grau.

Regressando a Goiaz, depois de formado, ocupou os seguintes cargos: de Promtor Público da comarca de Goiaz e de Juiz de Direito na Capital, em Itaberaí e Jaraguá.

Temperamento político, Felix de Bulhões, para dar curso a suas idéias liberais, fundou os jornais: "Monitor Goiano", "Província de Goiaz", "Tribuna Livre", "Libertador" e "Goiaz", fôlhas em que se bateu, ardorosamente, pelas idéias políticas então tidas como modernas e pela abolição da escravatura.

Foi, ainda, o fundador, na antiga Capital, do "Centro Libertador", que desempenhou relevante papel na campanha anti-escravagista.

José Lobo, êsse infatigável pesquisador de coisas da história goiana, qualificou Felix de Bulhões como "o supremo e imortal mestre do jornalismo goiano".

Tanto quanto no jornalismo, distinguiu-se Felix de Bulhões no cultivo das belas letras, sendo considerado, pelos seus conterrâneos, como um dos seus maiores poetas. Realmente: um enamorado de seu torrão natal, espirito torturado pela angústia universal, coração aberto aos grandes dramas sociais, Felix de Bulhões traduziu, numa série de poemas, tudo quanto lhe compungia a alma e lhe preocupava a inteligência.

Resumindo: homem de nobres sentimentos e de inteligência clara, idealista e patriota, Felix de Bulhões, no jornalismo, na literatura, na política e na magistratura, foi uma figura saliente no cenário goiano de seu tempo, podendo, por isso, ser considerado como um dos mais ilustres filhos da terra de Pedro Ludovico.

Aquí publicamos dois poemas de Felix de Bulhões: — "Só", poesia muito cara aos goianos, e um dedicado a uma sua filha, que batizamos de "Lamento", por não lhe sabermos o verdadeiro título. Ei-los:

Só

Parei! — Chegado havia ao cimo da montanha
Aspérrima e tamanha — o sol morria além!
Parei; sentei-me à beira do caminho,
Sentei-me ali sozinho,
Eu só sem mais ninguém.

O vencido estádio orcei de um lance d'olhos
Sem contar os abrolhos. Muito, muito além,
Nas veigas serpeava o trilho venturoso
Que eu correrá ditoso,
Eu só sem mais ninguém.

Atrás deixava o prado, a vida, a flor, o aroma,
E o doce amor que assoma à juventude. Além,
Além a névoa densa, a dúvida insegura,
Além a bruma escura,
Eu só sem mais ninguém.

Avante a escarpa está de crua descambada,
Precípito e eriçada; um passo mais além,
Eu vou com passo firme, resoluto e certo,
Para o eterno deserto,
Eu só sem mais ninguém.

Lamento

Mas aí! filha, que a lua
De há muito já não canta. — geme e chora.
Peço-lhe uma canção — ela suspira,
Quero agora cantar — soluça agora.

O meu pobre jardim está tão pobre . . .
Tão pobre que faz dó:
Busco uma rosa em vão, só me descobre
Saudade, saudade só.

Êste raio de sol tão claro e vivo
Que me está afogando,
P'ra os outros alegria, p'ra o pobre cativo
Vai-se em alegria transformando.

Quisera mandar-te um canto,
A lira m'o recusou,
Val uma gota de pranto
Que a saudade arrancou.

Goiânia, um Município Padrão

Uma visita a Prefeitura — Goiânia, uma lição de energia — O lema "querer é poder" se concretiza nas realizações do prefeito Venerando de Freitas Borges — O Município é uma célula plena de vitalidade — Outras notas.

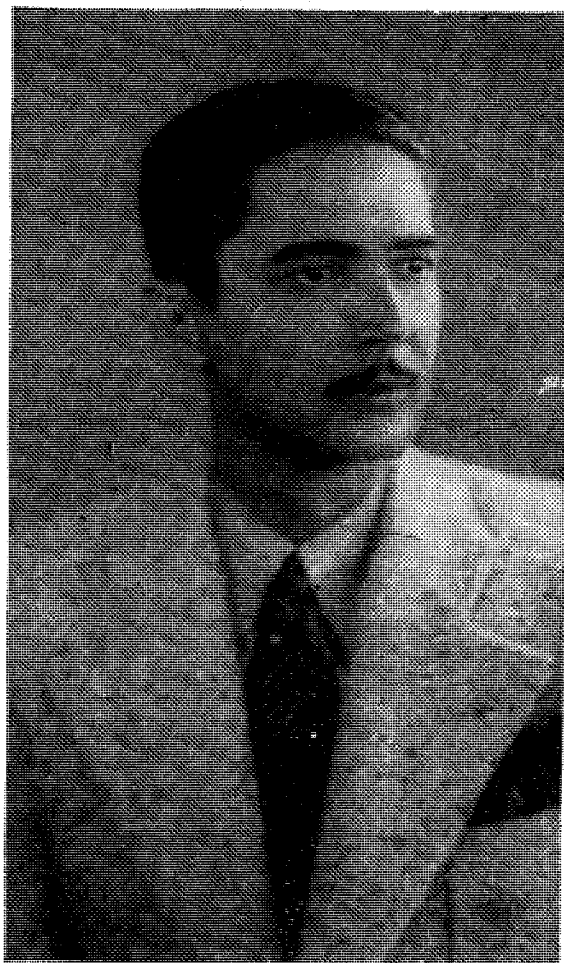
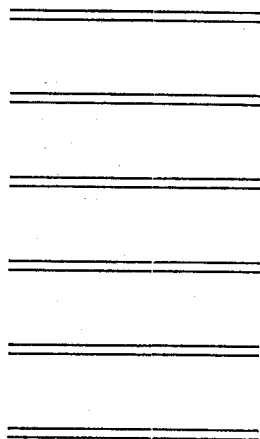
Foi entre o tumultuar incessante da Avenida Goiás e os gritos persistentes dos jornalheiros, anunciando os matutinos chegados pela Pannair, que o repórter, numa iniciativa feliz, resolveu fazer uma visita à Prefeitura, para anotar e ventilar o que vai acontecendo lá pelos meios municipais de nossa progressista Goiânia.

Gentilmente recebido pelo Secretário da Prefeitura, o repórter foi introduzido no Gabinete do Prefeito Venerando de Freitas Borges. S. Excia. mantendo conosco significativa palestra, esclareceu-nos, fartamente, sobre os problemas municipais e suas realizações administrativas.

Grandes empreitadas foram levadas a efeito pela Prefeitura e muitas outras o serão, mormente construções de rodovias, edificações de prédios públicos, matadouros, urbanização, etc., que vêm demonstrar a eficiência da gestão do atual Prefeito. Ao lançarmos este olhar sobre o município de Goiânia, iremos encontrar, por todos os recantos, benefícios inúmeros. Ora são escolas rurais que encontramos por todo o município, ora são estradas ligando regiões produtoras, facilitando a resolução do grande problema de caráter nacional — transporte.

Dia para dia, novas iniciativas surgem, demonstrando-nos, desse modo, que Goiânia não é só a cidade cantada pelos poetas, mas, é, também, uma célula produtiva, onde a seiva laboriosa do progresso e da civilização circula por todos os recônditos da comuna.

Aquí é que podemos verificar, indubitavelmente, o verdadeiro sentido de uma dedicada administração, auxiliada pela boa localização do município, pela fertilidade de seu solo, pela riqueza de suas matas, pela clarividência de



Prefeito Venerando de Freitas Borges

seus municípes. Comuna recém-nascida, pois tem pouco mais de um lustro, Goiânia é o município de maior renda do Estado, tamanho foi o progresso notado com o grande movimento imigratório, verificado, nestes últimos anos, na Capital caçula do Brasil.

O MUNICÍPIO: SITUAÇÃO, RIQUEZA E CLIMA

O município de Goiânia acha-se situado na parte central do Estado, com uma densidade demográfica bastante alta, e, graças à sua riqueza e às suas probabilidades, é e será o mais importante do Estado, o que atrai, para aquí, dia a dia, dezenas de capitalistas doutras regiões, que, para cá, vêm com intuito de bem empregar seus capitais.

A Capital está situada a 16° 43' e 30" de latitude e 49° 16' e 30" de longitude, com a altitude de 760 metros. O município de Goiânia

foi criado no dia 2 de agosto de 1935, pelo decreto-lei nº 327, e instalado na data de 20 de novembro do mesmo ano. Sua superfície atinge a área de 3.742 quilômetros quadrados, com uma população de cerca de 50.750 habitantes. Na sede municipal encontramos um número de 24.500 almas. Quanto à densidade populacional, dia para dia, vai crescendo, tal é a quantidade de famílias inteiras, vindas de outras paragens, fixarem residência no município, ante a fertilidade de seu solo, a facilidade de transporte e a salubridade de seu clima, auxiliados pelo promissor porvir da Capital.

Aquí, na comuna goianiense, amalgamam-se forças de todos os recantos da Pátria: — o elemento sulino, gaúchos, castelhanos e alemães, até o nordestino das altas plagas do Oiapoc, mestiço, holandeses e negros, que para aquí vêm com a ânsia de vencer, dando o

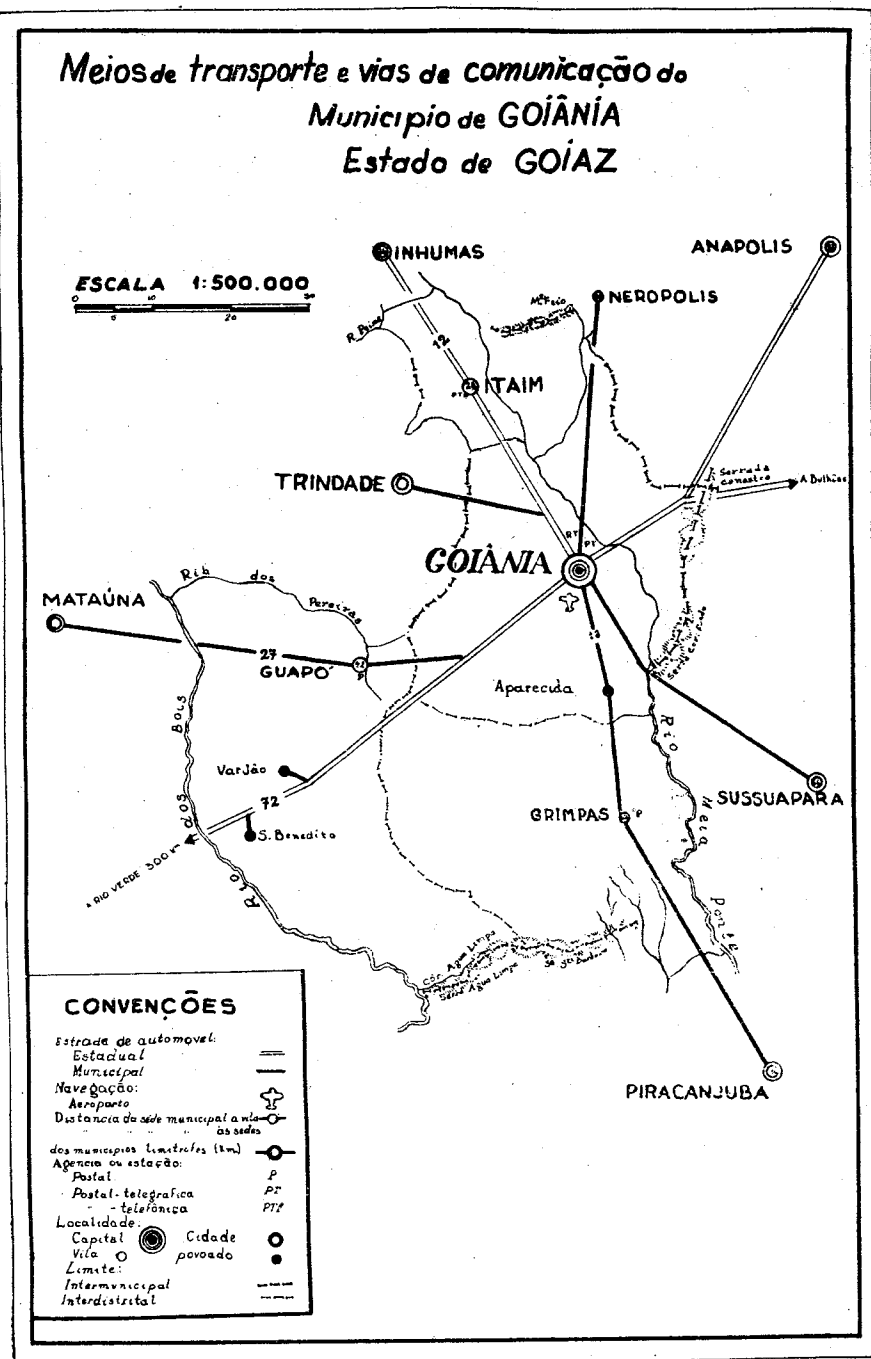
verdadeiro sentido ao lema — "Marcha para Oeste". As terras são fecundíssimas, nelas crescendo com pujança o café, o arroz, o algodão, o milho, a mandioca, etc., e são regadas por grandes caudais d'água, que formam, também, várias cascatas e cachoeiras. Seus rios são bastante piscosos e em suas matas encontramos uma rica flora e a mais variada fauna brasileira. Nos campos, rebanhos de gado bovino, vacum, muar, etc., são encontrados, pastando as fôlhas nutritoras do "gordura" e do "jara-guá", que se encontram, nestas regiões, em franco estado nativo. Nas fazendas, deparamos com arrozais, cafezais e canaviais imensos, que vêm, mais uma vez, colocar em evidência a fertilidade do solo goianiense. Quando ao clima é-nos lícito afirmar que em Goiânia encontramos um grandemente ameno, graças aos elementos seguintes: latitude, altitude, direção dos ventos, condições topográficas e hidrográficas do terreno.

Todos estes fatores são favoráveis em Goiânia, tornando o clima suave e salubérrimo em tôdas as estações. Outro elemento que é bem favorável, pois auxilia, grandemente, a doçura do clima, é o grau hidrométrico, para o que concorre a circunstância de os ventos não encontrarem obstáculos de ordem orográfica e, também, o fato de os rios que banham os arredores não terem margens alagadiças. Também concorre para a pureza do clima a proximidade de matas, as quais constituem uma necessidade nas vizinhanças de um centro urbano, pela sua salutar influência sobre as condições atmosféricas.

As largas avenidas, arborizadas e ajardinadas, são, também, um elemento auxiliar à doçura do clima de Goiânia, pois impedem que os raios solares infiltrem-se pelo solo, tornando as noites frescas e agradáveis. Podemos dizer, finalmente, que quanto ao clima, Goiânia nada deixa a desejar.

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Quanto ao transporte podemos frisar que o município de Goiânia tem se desenvolvido grandemente nesta modalidade de progresso, eis que é favorecido por uma rede imensa de rodovias. Infelizmente, ainda não é servido diretamente por estrada de ferro, ficando a 62 quilômetros do ponto terminal da Goiás, em Anápolis, e a 66 kms. de Leopoldo-Bulhões, ponto marginal da mesma estrada, o que vem facilitando o escoamento de nossos produtos para os centros consumidores. Partindo de Goiânia temos rodovias que se irradiam por todos os recantos do Estado; ora transpondo serras, ora atravessando matas e campos, essas estradas levam às mais longínquas regiões o influ-



xo renovador da civilização. Ligando Goiânia a Anápolis e Leopoldo-Bulhões temos uma ótima estrada que ramifica em duas outras, convergindo cada ramo para uma daquelas cidade, e que é conservado por turmas permanentes de trabalhadores. Suçuapara, Piracanjuba, Anicuns e Mataúna também são ligadas a Goiânia por rodovias ôtimamente construídas, facilitando-se, assim, o intercâmbio comercial e social entre esta Capital e aqueles prósperos municípios goianos. Várias empresas de transporte de Goiânia mantêm corridas semanais de ônibus e automóveis para aqueles municípios, como, também, corridas diárias para Anápolis e L. Bulhões, o que põem Goiânia em contacto contínuo com outras unidades goianas. É óbvio

assinalar, aqui, a via terrestre que liga Goiânia a velha cidade de Goiás, num percurso de 126 quilômetros, colocando, conseqüentemente, Inhumas, Cruzeiro-do-Sul e Itaberaí, diretamente ligados a Capital. Esta rodovia é de suma importância, não só para o desenvolvimento de Goiânia, como de todo o Estado, pois, é por ela que nos comunicamos com Belém do Pará, via Araguaia, e os poderes públicos dedicam particular interesse à sua boa conservação. Podemos dizer que a rede rodoviária do município de Goiânia é a mais extensa do Estado, abrangendo sua extensão o total de 340 quilômetros, dentro do município, cortando-o em tôdas as direções, penetrando nas vilas, povoados e fazendas, que são, desta maneira, também bene-

ficiados pelo transporte. Quanto aos modos pelos quais Goiânia se mantém em contacto com o resto do país, podemos declarar que eles são vários e dos mais modernos. O município é servido pela Panair, Vasp e Aerovia, companhias aéreas de grande conceito, que fazem viagens semanais a Goiânia, facilitando o intercâmbio entre Goiás e outros Estados do Brasil. Há, ainda, o Correio Aéreo Nacional, que concorre, grandemente, para o beneficiamento dos meios comunicativos de Goiânia, eis que, mantido com regularidade, coloca-nos em contacto com o resto do Brasil e com o norte longínquo do Estado. A Prefeitura de Goiânia vem cuidando, com especial atenção, da abertura e conservação de rodovias, no que depende vultosas somas, salientando-se a estrada Goiânia-Nerópolis, construída em 1943, na qual foi empregada a quantia de Cr\$ 178 950,20, num percurso de 35 quilômetros de extensão com 6 metros de largura. Outros melhoramentos, neste setor, foram realizados pela gestão atual do ilustre pref. Venerando F. Borges, que não mede sacrifícios para dotar o público de todos os confortos precisos. Favorecendo enormemente a facilidade de comunicação entre os habitantes da Capital, existe uma vasta rede telefônica, com aparelhos automáticos, dotada de todos os requisitos da técnica moderna, o que coloca Goiânia no rol das grandes cidades, eis que, apenas, os grandes centros são dotados deste moderníssimo benefício público.

INSTRUÇÃO PÚBLICA

Obedecendo ao seu plano delineado, que é o de bem servir o público em todos os setores administrativos, o atual Prefeito vem rea-

lizando vários melhoramentos em toda circunscrição municipal goianiense. A instrução pública acha-se amplamente desenvolvida por todo o município, compreendendo 54 estabelecimentos de ensino, com geito e competente corpo docente. Assim são distribuídas as 54 casas de ensino existentes no município: 4 grupos escolares; 40 escolas primárias, das quais 17 localizadas em zona rural; um jardim da infância na Capital. O número de alunos matriculados nas escolas acima mencionadas, eleva-se a 4.437, dos quais 3.152 frequentam escolas na Capital. Dos 45 estabelecimentos enumerados, 22 são mantidos pela Prefeitura, 12 pelo Estado, 10 por particulares e um pela Cruzada Nacional de Educação. Os estabelecimentos de ensino secundário são em número de 4, todos eles localizados na sede municipal. Temos o Colégio Estadual de Goiás, mantido pelo Governo Estadual; o Colégio D. Bosco e Ginásio Santo Agostinho mantidos pelas Congregações dos Padres Salesianos e Irmãs Agostinianas.

Fundado e mantido por particulares existe, também o Curso de Madureza "Americano do Brasil", com aulas noturnas. Há, ainda, mais dois cursos para professorandas, a Escola Normal Oficial, do Governo Estadual e o Colégio Santa Clara, mantido pela Congregação das Irmãs Franciscanas; e dois cursos superiores, Faculdade de Direito de Goiás e Instituto Técnico de Ensino Comercial. Cogita-se da fundação de uma Faculdade de Odontologia e Farmácia, o que será um grande benefício para a classe estudantil goiana. Merece especial destaque, aqui, a Escola Técnica de Goiânia, portentoso estabelecimento para o ensino aperfeiçoado, com internato e externato, mantida pe-

la União, e que representa um gigantesco benefício para o Estado, de vez que é nas mãos do operariado técnico que repousa a esperança industrial do Brasil, que moverá, mais tarde, a independência econômica de nosso caro Brasil. Entusiasta da cultura, de que é um benfeitor, criou o prefeito Venerando de Freitas Borges a "Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos", a qual muito já devem os nossos intelectuais.

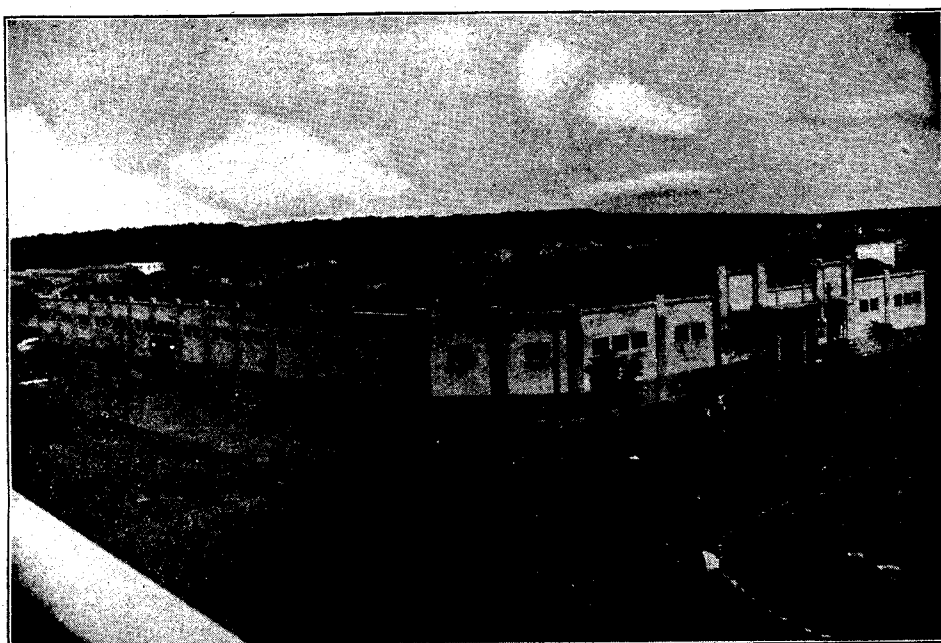
OBRAS PÚBLICAS — ADMINISTRAÇÃO

Inúmeros são os serviços prestados ao público, durante estes últimos anos, resultantes da orientação benéfica dada aos empreendimentos municipais pelo atual prefeito, que não descarta dos mistérios vários que lhe estão afetos. Procurando dar maiores benefícios à comunidade em geral de Goiânia o pref. Venerando vem dotando a sede municipal de vários melhoramentos, o que bem demonstra seus altos predicados administrativos. Dentre as obras de vulto realizadas na atual gestão, cumpre-nos assinalar a edificação do Mercado Municipal, moderno edifício que se ergue em área urbana da Capital, dotado de todas acomodações necessárias, e para onde convergem os produtores de gêneros, etc., das regiões circunvizinhas de Goiânia, que vêm abastecer os habitantes da progressista Metrópole do Oeste.

Outra obra que bem exalta as realizações atuais é, sem dúvida, a edificação do prédio e criação do Grupo Escolar "Pedro Ludovico", no bairro de Campinas, obra meritória e que vem prestando relevantes serviços ao público, com a educação metódica da infância campinense. Lá, também, fez



Um aspecto do moderno edifício do grupo escolar municipal situado no Bairro de Campinas, em Goiânia.



O clichê ao lado mostra-nos a parte externa do mercado municipal de Goiânia, obra que, pela sua importância, é tida como uma das grandes iniciativas do prefeito Venerando de Freitas Borges.

construir o atual Prefeito um bellissimo jardim, com coreto, passeio, etc., que vêm dar um aspecto confortável e encantador à Avenida "24 de Outubro", onde se localizam tais melhoramentos, e ponto central do bairro, que está, sem dúvida, enormemente, prendado pelas atividades profícuas do prefeito Venerando de Freitas.

Procurando sanar lacunas que existiam em Campinas e que traziam enormes dificuldades à arrecadação municipal, ali foi instalada uma sub-coletoria, como, também, um novo Posto Policial, para assegurar e atender com mais prontidão os reclamos da segurança pública e ordem social. Tais benefícios e inúmeros outros realizados pela Prefeitura, como construção e conservação de rodovias, serviços internos na sede municipal, etc., levam-nos a crer nos inconfundíveis métodos de melhoramentos postos em prática pelo laborioso governador municipal.

Para funcionamento da Prefeitura com todos os seus departamentos, será construído, no mais curto prazo possível, no Praça Cívica de Goiânia, o Palácio Municipal, cuja pedra fundamental foi lançada, apresentando sua planta características intrínsecas e extrínsecas as mais aperfeiçoadas quanto ao estilo e mesmo à estética.

PRODUÇÃO E FINANÇAS

Neste setor, afirmamos com plena certeza, é onde notamos um dos maiores desenvolvimentos do município da Capital caçula do Brasil. Dia a dia agigantam-se as cifras acusadoras das produções industriais, agrícolas, na pecuária, graças, muitas vezes, aos ingentes auxílios, fomentos, etc., prestados aos industriários e produtores, pelos poderes públicos.

Em 1943 foram registradas 125 indústrias, localizadas em território municipal, cuja produção montou em Cr\$ 8 174 830,00, que veio ultrapassar as estimativas de produção do novíssimo município de Goiânia.

A indústria do barro, em 1943, alcançou o valor em produção de Cr\$ 1 201 684,00, o que nos deixa, indubitavelmente, cientes do seu alto valor na balança econômica do município. Dentre grande número de tipos de indústrias encontradas em Goiânia podemos enumerar as seguintes: a do arroz, onde contamos 10 máquinas de beneficiar; serrarias, em número de 20; marcenarias e carpintarias, 9; olarias e cerâmica, 25; engenhos de cana, 10, com elevada produção; torrefação, em número de 5; uma fábrica de sabão e outras pequenas indústrias espalhadas por todo o território municipal. No setor de produtividade dos gêneros de 1ª. necessidade, Goiânia demonstra-nos uma situação deveras privilegiada. A safra orizícola do ano em curso foi apurada pela Secção Municipal de Estatística em 104 mil sacos de 60 quilos, com o valor de Cr\$ 5 885 000,00. A produção do milho foi de 104 mil e quinhentos sacos de 60 quilos, no valor de . . . Cr\$ 6 270 000,00. A situação cafeeira, também, acha-se em franco desenvolvimento, apresentando-nos quasi 200 mil pés de café formado e mais uns 60 mil em formação, o que frisa o vertiginoso progresso neste importante ramo econômico. Outros produtos, como o algodão, o feijão, a mandioca, frutas em geral, são encontrados por todo o município em franco aumento de produção. Na pecuária, o aspecto é, também, animador, pois são fertilíssimas as terras goianiezes, onde crescem as mais verde-

jantes pastagens. Atualmente, encontramos umas 60 mil cabeças de gado bovino e um número de 12 mil suínos, algarismos estes susceptíveis de subirem, ante o enorme desenvolvimento da criação na comuna. O número de criadores se torna cada vez mais alto, havendo, também, uma animadora e crescente tendência para a criação, em grande escala, do gado zebú, espécime cujo valor monetário alcança, em Goiânia, astronômicas quantias.

As finanças do município encontram-se em estado de ativo desenvolvimento, mostrando, sempre, no fim dos exercícios financeiros, cifras acusadoras de "superavits" alcançados, o que bem demonstram o progresso municipal.

O quadro abaixo poderá orientar os ilustres leitores para um exame mais minucioso dos orçamentos destes últimos exercícios, a partir de 1941:

RECEITA		
Ano	Orçada Cr\$	Arrecadada Cr\$
1941	907 462,50	1 457 497,70
1942	1 303 800,00	1 694 589,40
1943	1 569 300,00	1 970 722,50
1944	1 590 200,00	—
DESPESA		
Ano	Prevista Cr\$	Realizada Cr\$
1941	1 427 745,40	1 351 408,00
1942	1 726 842,90	1 562 936,50
1943	1 927 566,50	1 789 589,80
1944	1 590 200,00	—

Este é o aspecto frisante em que encontramos as cifras que totalizam os movimentos financeiros realizados num triênio. A diferença maior verificada entre as receitas arrecadadas de 1941 e de 1943 acusa um aumento de . . . Cr\$ 513 224,80, que bem particulariza o incomparável progresso do

município da Metrópole do Oeste.

Para o exercício corrente espera-se, baseando-se nas diferenças entre as receitas orçada e arrecadada do triênio em tela, que a renda a ser arrecadada totalize a soma de Cr\$ 2 000 000,00, a-pesar-de a situação anormal em que se encontra o orbe. Em suma, a situação econômico-financeira, social e política da comuna torna-se cada vez mais próspera, eis que é este, atualmente, o ritmo peculiar aos privilegiados rincões da hinterlândia brasileira, em cujo valor intrínseco acham-se amalgamados os requisitos primordiais para o funcionamento, em dias porvindouros, do organismo deste gigante que é o Brasil, onde Goiânia, pelo que será, se situa como uma célula cheia de vitalidade.

Padre Luiz Antônio Gonzaga da Silva e Sousa

A posição do padre Luiz Antônio da Silva e Sousa, no cenário das letras goianas, é de extraordinária preponderância. Verdaderamente, a sua contribuição em favor da história de Goiaz lhe reivindica uma posição de verdadeira liderança entre os historiadores goianos.

"Memória do Descobrimento da Capitania de Goiaz", o seu grande livro, constitui um dos mais formosos elementos para o estudo do passado de Goiaz. E' o capítulo mais perfeito e melhor desenvolvido da história goiana. Esse livro foi editado, a primeira vez, a 30 de setembro de 1812, e, ainda hoje, constitui uma das fontes mais preciosas para os estudos da descoberta e do desbravamento de Goiaz.

O padre Luiz Antônio da Silva e Sousa morreu na cidade de Goiaz, a 30 de setembro de 1840.

O MÉDICO E O POETA

Jantava um dia Alexandre Dumas, filho, em casa do dr. Gistal, uma das celebridades médicas de Marselha.

"Meu querido poeta, disse-lhe no fim do jantar o dono da casa; sei que é improvisador admirável. Se isso o não incomoda muito, peço-lhe que honre o meu álbum com um verso qualquer". — "Com muito prazer, respondeu o poeta". E começou a escrever:

"Desde que o dr. Gistal
Presta a famílias inteiras
Os seus cuidados mais sérios
Demoliu-se o hospital..."

— Lisonjeiro! exclamou o dr. Gistal, que estava lendo o que o poeta escrevia.

Alexandre Dumas assim concluiu o verso:

"Pra fazer dois cemitérios..."

MEIA-PONTE

Pirenópolis, grande cidade que tanto relêvo possui entre as demais do Estado de Goiaz, tem, em agôto, duas datas de grande importância em sua história: a data de sua elevação a arraial e a data da criação de sua freguesia.

Fundada por Manoel Rodrigues Tomaz, com o nome de Meia-Ponte, a povoação sertaneja foi logo teatro de sangrentos acontecimentos. Grandes motins e grandes desordens nela estalaram e o próprio fundador, num rasgo que o não coloca bem perante a história, foi o primeiro a dar exemplos de insubordinação contra o capitão-regente e superintendente geral das minas descobertas, Bartolomeu Bueno da Silva.

Na povoação de Meia-Ponte os acontecimentos se desenrolavam cada vez mais prementes e, para agravar a situação, presagamente criada com o extraordinário aumento de sua população em grande parte composta de "aventureiros e colonos da pior espécie", surgiu a fome, o terrível desequilíbrio entre a procura dos gêneros alimentícios e a oferta destes.

Nesses tempos, com a agricultura incipiente ainda, com as atenções gerais voltadas para os garimpos, para as catas, os gêneros alimentícios atingiam preços alucinantes. Há notícias da venda, em 1736, de um alqueire de milho, em Meia-Ponte, por oito oitavas de ouro; da venda de uma quarta de farinha, no rio Claro, por oito oitavas; e da venda de um porco e de uma vaca, em Vila-Boa, na mesma época, o primeiro por oitenta oitavas e a segunda por duas libras de ouro.

Meia-Ponte, a-pesar-dos tumultos iniciais que tanto lhe arruinaram a vida, conquistou as prerrogativas de arraial no dia 10 de agosto de 1742 e, por carta régia de 10 de agosto de 1751 foi criada a sua freguesia.

Dessa data em diante o povoado fundado por Manoel Rodrigues Tomaz assumiu posição de primeiro plano entre os burgos mais prósperos e mais ricos de Goiaz. E nessa posição ainda se conserva.

O CRIME DO SINO

A 16 de maio de 1498, por ocasião do assalto contra o convento de São Marcos, em França, para libertação do famoso João Savenarola, o sino do prior do convento deu o alarma em socorro dos assediados. Por uma sentença dos magistrados, esse sino sidicioso foi condenado, em sinal de ignomínia, a ser exibido durante um ano pelas ruas da cidade.

Fruita do Mato

A. Lucas Boquadi

Maria, aquela cabôca
Qui chamum Natividade,
Fia do Chico Trindade,
Moradô lá nas Barroca;
Cabôca qui tem o cheiro
De terra crúa moiada
Pur as primeira chuvada
Dcs comêço de janeiro;

Cabôca qui é um colosso,
Pedaco de tentação,
Pintura viva dum Cão,
Dum demõe de carne e osso
Qui até a um santo fais pecá,
E' uma fruita atraente,
Uma fruita de qui a gente
Sente gana de prová...

Fruita do mato, criada
Só à lei da natureza,
Qui num foi, tenho certeza,
Pur mão de ninguém tratada,
Cuma a qui, no Paraíso,
Botou a perdê Adão,
E' Maria a perdição
De muita gente de siso...

Vossemincês acredite
Cuma se fosse verdade:
— Maria Natividade
Excede a todo palpite!
Aqueles ói chei de ingôdo
São dois negro pricipiço
Qui atraí e dão sumiço
Aos home do mundo todô.

Aquela boca vermeia...
Aqueles dente tão branco...
Aqueles seus salabanco
De corpo, se sapateia...
Aqueles doido pinote,
Quando ela vai caminhando,
Dos peito, cuma avançando
Pra fugí pur o decote...

Aqueles braço da cô
De miolo de aroeira...
Aquelas anca, as cadeira...
As mão... as perna... um horrô!...
Tudo, nela, é tentação!
Tudo, nela, é pricipiço,
E' chamariz, é feitiço,
Insulto, provocação!...

Qui um home haja, eu duvido,
Qui arrizista a seus incanto,
Nem qui êle seja um santo
Ou anjo à terra descido!...
E, se pro céu ela rô,
O mundo inteiro há-de vê
Cuma ela bota a perdê
Mesmo inté Nosso Senhor...

Programa provisório do 1º Congresso Econômico do Oeste, a se realizar em Goiânia, em maio de 1945

PLANO GERAL

I — Matérias primas dos Estados de Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato-Grosso, Minas-Gerais, Pará e Piauí e dos Territórios do Acre, Amapá, Guaporé e Rio-Branco.

II — Industrialização das riquezas no local da matéria prima.

III — Produtos explorados e exploráveis.

IV — Zonas de produção.

V — Meios de transporte.

VI — Fator humano. — Cooperativismo. — Colonização. — Estatística.

VII — Temas urgentes.

Cada um dos grupos se desdobrará, como é natural, em muitos temas. Ainda não ficou organizado em definitivo esse desdobramento, porém são os seguintes os temas já estabelecidos.

I — Matérias primas dos Estados de Amazonas, Goiás, Maranhão, Mato-Grosso, Minas-Gerais, Pará e Piauí e dos Territórios do Acre, Amapá, Guaporé e Rio-Branco:

a) Províncias botânicas do centro-oeste e das zonas ocidentais do país;

b) Espécies úteis: lenha, borracha, plantas medicinais, etc.;

c) Florestamento e reflorestamento;

d) Assuntos gerais de botânica econômica;

e) Ocorrências minerais em geral: teor de pureza dos seus elementos; volume ou tonelagem explorável; garimpos, etc.;

f) Assuntos de geologia e mineralogia;

g) Parque zoológico no centro-oeste e em outras regiões do Brasil mediterrâneo;

h) Espécies silvestres úteis: peles, couros, escamas, penas, óleos, etc..

II — Industrialização das riquezas no local da matéria prima:

a) Indústria animal;

b) Como aproveitar o boi no local da sua criação;

c) Frigoríficos; entrepostos; cor-tumes;

d) Indústria saladeril em geral;

e) Queijo; manteiga; creme, etc.;

f) Fábricas em geral: banha, calçados, etc.;

g) Indústria agrícola;

h) Fabricação do açúcar e do álcool;

i) Fabricação da farinha, polvilho, raspas, etc.;

j) Fabricação de polpa para papel;

k) Beneficiadores;

l) Descaroçadores;

m) Fábricas de óleo;

n) Pressas, enfardadores;

o) Pulverizadores; moinhos para milho;

p) Sacaria; tecidos, etc.;

q) Indústria mineral;

r) Fixação de fábricas, depuradores, fornos, etc. nos arredores da ocorrência; vantagens econômicas — bôrras, etc.;

s) Assuntos gerais da indústria mineral.

III — Produtos explorados e exploráveis:

Será examinado, nesse grupo, o valor local de todos os produtos explorados e exploráveis do Oeste, tanto no reino vegetal como animal, bem como o volume anual da produção daqueles. Incluem-se entre tais produtos: arroz, café, milho, trigo e outros cereais, cana de açúcar, algodão, linho, etc. e ainda: gado vacum, suíno, bovino, caprino, bicho da seda, aves e abelhas.

IV — Zonas de produção:

1) Chapada dos Vendeiros (zona do trigo)

a) Solo e vegetação;

b) Culturas existentes; criatório em geral;

c) Água; irrigação e drenagem; força hidráulica; condições ecológicas locais.

2) Sistema hidrográfico do Centro-Oeste

a) Vale do Tocantins e seus afluentes (Estados de Goiás, Maranhão e Pará); adaptação às culturas; solo;

b) Culturas existentes; criação em geral;

c) Irrigação e drenagem; força hidráulica;

d) Condições ecológicas locais;

e) Pastagens; cêrca; aparelhagem.

3) Vale do Araguaia. — Ilha do Bananal. — Vales dos Rios Xingú, Tapajós e das Mortes

a) Adaptação às culturas; solo;

b) Culturas existentes; criação em geral;

c) Irrigação e drenagem; força hidráulica;

d) Condições ecológicas locais;

e) Pastagens; cêrca; aparelhagens.

V — Meios de transporte:

1) Estrada de ferro

a) escoamento de produtos para o Atlântico;

b) escoamento de produtos para as bacias Amazônica e Sanfranciscana;

c) escoamento de produtos para o nordeste oriental;

d) Ligação ferroviária com a Bolivia.

2) Navegação fluvial

A) Bacia Amazônica

1) Navegação do Tocantins e seus afluentes;

2) Navegação do rio Araguaia;

3) Navegação do rio Xingú;

4) Navegação do rio Tapajós;

5) Companhias de navegação existentes; seu desenvolvimento;

6) Preços de transportes de carga; facilidades; embarques;

7) Assuntos gerais da navegação fluvial; legislação federal.

B) Bacia Platina

1) Navegação do rio Paraguai;

2) Ligação possível entre os rios Araguaia e Paraguai, estudada por Couto Magalhães.

3) Transporte rodoviário

a) Ligações centrais e interestaduais;

b) Pavimentação de estradas; pontes; arborização marginal;

c) Veículos; gásogênio; álcool-motor; gasolina;

d) Preço mínimo do transporte.

4) Transporte aéreo

a) Possibilidades de seu desenvolvimento.

VI — O fator humano — Cooperativismo — Colonização — Estatística:

1) Condições de saúde

a) Saneamento pelas culturas e saneamento em geral;

b) Aglomerações humanas desaconselháveis;

c) Educação sanitária; costumes reprováveis;

d) Assistência hospitalar.

2) Condições sociais

a) Latifúndios prejudiciais;

b) Cooperativismo; associações mutualistas; estatística;

c) Localização de emigrantes brasileiros da Marcha para o Oeste;

d) Adaptação de estrangeiros do litoral no Oeste;

e) Patronatos para menores abandonados;

f) Sindicalização das classes trabalhadoras;

g) Escolas; difusão nacional do ensino ruralístico.

3) Condições morais

a) Valor intrínseco do homem do campo;

b) Propaganda da vida campesina; clubes agrícolas.

4) Condições técnicas:

a) Estado atual da capacidade do trabalhador;

b) Mecanização dos métodos de trabalho;

c) Operários especializados;

d) Escolas profissionais e normais rurais;

e) Localização de cidades na zona rural; ruralismo; sistematização das casas de campo.

VII — Temas de solução urgente:

1) As indústrias de possível exploração econômica mais urgente no centro-oeste e nas zonas mediterrâneas do Brasil;

2) Como explorar cada zona de produção;

3) Como vender os produtos nos mercados consumidores, sem a intermediação de intermediários;

4) Como realizar o transporte dos produtos nas condições de barateza e quantidade integral;

5) O homem do campo como fator ponderável da civilização; suficiência de braços e sua compensação;

6) Como fazer o necessário abastecimento de sal aos rebanhos;

7) Industrialização do babaçu; instalação de pequenas usinas;

8) Ligação rodoviária das bacias do Tocantins e São-Francisco.

«OESTE»

REVISTA MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Tocantins, n.º 7

(Imprensa Oficial)

Telefone — 1161

Goiânia -- Estado de Goiaz

DIRETOR:

Vasco dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:

A. Juruena Di Guimarães

Odorico Costa

Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:

Gabriel Azeoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Toda e qualquer correspondência destinada à revista "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.

O E S T E

BOLETIM MENSAL

Ano III | Goiânia, Outubro de 1944 | Núm. 21



A 12 de Outubro de 1492 Cristóvão Colombo descobria o continente americano, onde homens fortes e puros construiriam uma civilização magnífica, e para onde se voltam, hoje, as esperanças do mundo.

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

PARABÉNS, DR. PEDRO LUDOVICO



O povo goiano em pêso, ainda não esquecido da situação, sob todos os aspectos insegura e caótica, em que se desenvolvia a vida do Estado, antes de 1930, e o povo brasileiro mesmo, que, pela voz de Dom Aquino Correia, batizou Pedro Ludovico de “O Terceiro Anhanguera” — o que, fazendo de Goiânia a “bota do Brasil bandeirante de Getúlio Vargas”, ressuscitou Goiaz e está concretizando a marcha para oeste, cuja completação é condição imperativa de nossa sobrevivência como povo soberano — já marcaram no calendário com uma pedra branca o dia 23 de outubro, data em que se comemora mais um aniversário natalício do notável estadista que tem às mãos, há quasi três lustros, a rédea do governo estadual.

E basta um rápido olhar ao panorama da administração de Pedro Ludovico para se constatar do cabimento dessa alegria sã com que todos vemos trans-

correr a efeméride, eis que os anos vencidos se nos apresentam plenos de realizações fecundas e os a virem nos surgem, por isto mesmo, como perspectivas de novos e expressivos empreendimentos.

Proclamam os goianos que o Estado progrediu mais, de 30 para cá, do que em todos os anos anteriores. Mas não há nenhum “milagre” nisso, pois o tempo de milagres já passou; o que se verificou, nesses últimos quatorze anos, nesta província, não foi obra do acaso, e sim o resultado necessário, porém, trabalhoso, difícil, heróico, de um plano político patrioticamente idealizado e firme e criteriosamente executado. Se milagre houve, nessa transformação sofrida por Goiaz, foi um milagre de inteligência, de caráter, de vontade — da inteligência, do caráter e da vontade de Pedro Ludovico, que, pelas tremendas dificuldades que venceu e pela excelência das tarefas que efetuou, já está justamente qualificado como um estadista autêntico.

A verdade incontestável é que, assim como o povo brasileiro distingue na história pátria dois períodos inconfundíveis — o pré e o post getuliano — o povo goiano situa no momento da ascensão ao poder de Pedro Ludovico o começo de um novo tempo na história goiana, e tudo porque a era post-revolucionária, no Brasil em geral e em Goiaz em particular, assinala-se como uma etapa esplêndida da nossa civilização, esta se afirmando, agora, em termos concientes, fortes, definidos, frente às demais civilizações...

Não é só, no entanto, como estadista de escol que Pedro Ludovico se projetou tão intensamente no cenário nacional. Mesmo despido das vestes interventorais êle se positiva, ainda, um desses tipos representativos de uma raça, tão pronunciados são, nele, traços característicos do homem superior. De fato: quem o conhece um pouco mais na intimidade, quem sabe das lutas que tem sustentado e vencido sempre, quem está ao par de sua resistência moral ante a adversidade, da generosidade de seus sentimentos para com os vencidos, quem já constatou o equilíbrio e a acuidade de sua inteligência, quem já lhe penetrou o coração, enfim, e mediu a sua firmeza de vontade, o valor de seu pensamento e a nobreza de seu caráter, bem sabe que êle reúne, em sua pessoa, um conjunto de altas qualidades.

Homem imperfeito, como todo homem, sua obra, como tôdas as obras humanas, tinha de ser imperfeita. O inegável, porém, é que, homem justo e bom, clarividente e culto, sereno e enérgico, corajoso e probo, leal, franco e prudente, é Pedro Ludovico, por tudo isto, quer como indivíduo, quer como cidadão, uma figura incomum. O maior dos goianos, ninguém discute; e um dos maiores brasileiros. E aí está a razão da muita admiração e da muita simpatia que por êle nutre a nossa gente, admiração e simpatia que, por tão grandes, não couberam no coração e são expressas em palavras e em atos, donde a incompreensão de que somos, os amigos de Pedro Ludovico, vítimas, por parte daqueles indivíduos que não tiveram ainda a felicidade de alcançar o valor dos homens capazes de guiar o

Brasil por essas estradas amplas por onde o vão conduzindo vultos como o do ilustre aniversariante.

A um homem assim como Pedro Ludovico não poderíamos, pois, deixar de, ao ensejo que se nos oferece, levar uma palavra de compreensão, de solidariedade, de estímulo, de reconhecimento. Elogiando-o, sim; porque êle merece ser elogiado e porque o elogio não é simples mortalha com que se cobrir a memória dos homens ilustres que já não existem. Elogiar a Pedro Ludovico não é crime, porque não é crime fazer justiça, mesmo aos poderosos; crime é não saber reconhecer isso de formidável que Pedro Ludovico

fez em Goiaz, pelo Brasil — “isso” a que se convencionou denominar “milagre” e que não é senão o fruto lógico de seu trabalho nobremente idealizado e firmemente levado a efeito.

Isso pôsto, concientes de que estamos interpretando o pensamento sadio de Golaz, queremos, à oportunidade, transmitir ao dr. Pedro Ludovico, com o nosso abraço de parabéns, os nossos votos sinceros de felicidade, junto aos seus, todos pedindo a Deus continue êle, por muito tempo ainda, à frente do governo estadual, a-fim-de que possa completar a sua obra magnífica.

POSIÇÃO DE ROMAIN ROLLAND

DOMINGOS FELIX DE SOUSA

“Não é o momento de discutir Romain Rolland: êle é um contemporâneo do futuro. — Seu ideal de luta era o pacifismo, porém moldado a uma repressão contra tôda guerra imperialista, contra todo princípio totalitário. — Ainda as blagues e trocadilhos de Otto Maria Carpeaux”.

Não é o momento de discutir Romain Rolland. Num mundo em que tôdas as ideologias se mobilizam, em busca de uma finalidade única, a violência — contra a violência, embora — o máximo que dos homens de pensamento se pode esperar para os ideais de Rolland, se resume nisto: — procurar compreender, sem discutir.

Temos de reconhecer que seu ideal primário de humanitarismo, acima de qualquer princípio político, é, nas convulsões de nossos dias, uma utopia. Mesmo os seus mais férvidos aliados terão de reconhecer que seu pacifismo, seu ideal de fraternidade, é perigoso nesta hora que passamos; como, bem pensado, havemos de achar razões, senão razão, aos inimigos de Rolland nos dias tumultuosos de 1916, quando êle defendia ferrosamente a cidadela de suas idéias, com o inimigo a poucos quilômetros de Paris. Mas temos de frisar que seu ideal de luta era o pacifismo, sim, porém moldado a uma repressão contra tôda guerra imperialista, contra todo princípio totalitário.

E não é êste o problema de nossos dias? Por que atacar Rolland, quando, em última análise, é êle um aliado franco de nossos ideais? Será o princípio de fraternidade, de humanidade, mesmo no tumulto atual, uma ideologia errada, falsa pela base? Não será êle, ao contrário, um ideal “au-dessus de la mêlée”, que nos sentimos forçados a abandonar por um momento histórico, mas que virá a constituir, sem dúvida, um patrimônio comum dos povos, após serenados os ódios que moveram a multidão nesse entrevero fragoroso e universal?

Ainda que seus livros, sobretudo êsse maravilhoso Jean-Christophe, não sejam propriamente uma reali-

zação de nossos dias, envolvem todos os problemas de nosso século, e com um idealismo tão alto, que não se pode negar a sua imanente oportunidade. Jean-Christophe abarca, num panorama largo, condensados nos choques sentimentais de um mesmo homem, os conflitos imutáveis de tôdas as épocas. E joga artisticamente êsses conflitos em nosso tempo, por aquele substrato cultural com que alicerçou sua obra. Talvez haja aí contradição, mas, examinada em seu fundo, essa obra reflete a marcha segura do espírito em busca de uma forma, de um equilíbrio integral.

Seu autor foi, aliás, um homem que esteve sempre “au-dessus de la mêlée”, e acima, bem acima da confusão dos homens, com seus choques, seus ódios mesquinhos e seculares, seus ideais as mais das vezes sem ideal, seus movimentos ideológicos sem finalidade precisa, ou de finalidades suicidas — considerava apenas a humanidade. Mas a humanidade sem ódios, sem barreiras de qualquer espécie, sem fronteiras, irmanada num mesmo e indefinido ideal comum, que talvez o futuro nos traga com maior precisão.

“Acima dos conflitos, da confusão, sou contra tôdas as barreiras que separam os homens”, bradava corajosamente, em um momento perigoso, num frenesi incontrolado de paixão humana. E não se deduza daí, superficialmente, que não se inflamasse a êsse sentimento nobre e humano a que chamamos patriotismo. A maior parte de sua obra nos diz o contrário; mas melhor lhe explica o sentimento sadio, ao fundo de seu ideal de humanidade, esta frase: “Penso que há sôbre a terra muitas coisas boas e belas. A pátria é uma delas. Eu também a amo”. E acrescenta, esclarecendo seu modo de pensar: “Não discuto o amor, mas a maneira de amar”.

Em resumo: ao contrário de muitos bem pensantes de nossa época, Romain Rolland soube sempre discernir entre povo e ideologia racial ou política.

E ainda: ao contrário de muitos bem pensantes de nossos dias, soube sempre afirmar as suas idéias com serenidade desassombro, armado daquela eloquência sadia e corajosa com

que, imperturbável, lançou ao mundo os velhos ideais humanos com cujo limo fértil armou seus princípios. E não há na eloquência de Rolland essa superabundância de palavras que, em literatura, caracteriza o artifício, a falsificação da arte, a ausência de potencialidade na criação literária. Portanto, não vemos como alguns por onde atacar, no plano literário, a sua eloquência.

Antes de desmerecer, em qualquer ângulo, a figura dêsse mestre, atemos em que êle nunca foi artificial, nem copista, nem artifice da “arte pela arte”. Sentimos em suas páginas que viveu intensamente todos os sofrimentos, tôdas as alegrias e todos os ideais de seus personagens. Sua obra teve uma finalidade, nítida e definida. E isto é ser artista, artista também para um futuro melhor, e mais compreensivo.

Mais compreensivo. Isso nos traz à questão a odiosidade mesquinha com que alguém se tem levantado contra êle, Rolland, um artista acima de qualquer espírito sectário. Não ataco a ninguém, mas sinto-me impellido a esclarecer as razões finais dêsses ataques.

Otto Maria Carpeaux orçou peio ridículo ao querer desmerecê-lo, quando de sua morte num campo de concentração europeu, atirando-lhe ao vulto, numa notazinha medíocre e apressada, um trocadilho banal: “Afinal, Romain Rolland não parece ter sido pacifista: morto, ainda não nos deixa em paz”.

Assim desceu Carpeaux, não digo de sua torre de marfim, mas de seu largo e bojudo couraçado de cultura universal, urdido com montanhas de volumes, para atirar ao vulto querido de Rolland um punhado mesquinho de terra. Não posso, e nem é minha pretensão, atacar a Carpeaux, que já me comoveu sinceramente pela sua dedicação às nossas letras, de que é êle um legionário estrangeiro, e mesmo pelo benéfico influxo que sua vasta e inegável cultura humanista vem realizando entre nós. Mas esperava encontrar nele maior compreensão, maior liberdade de discernimento, para compreender ao menos esta verdade sôbre o homem que atacou: Não é o momento de discutir Rolland. Êle é, talvez, um contemporâneo do futuro.

ALCIDES MAYA

"Bem pensado, afirma Carpeaux, já morreu há muito tempo". Isto é indiscutivelmente ridículo, e gostaria de crer não ter essa afirmativa provindo de onde veio. E será verdade que a crítica séria de França tenha considerado Romain Rolland "morto há muito tempo"? Ou será antes verdade que, livres de considerar Carpeaux um sectarista furioso e sem nexos, teremos de optar pela sua expressão "crítica séria" como uma blague maliciosa?

Romain Rolland é, para o ilustre humanista, um "escritor fraco". E nós acrescentamos: um escritor fraco que, depois de conquistar o espírito da França livre de preconceitos, conquistou passo a passo a consciência sem preconceitos do mundo; e, já em sua projeção universal, o prêmio Nobel foi encontrá-lo. A razão íntima dessa projeção é que não há fraqueza literária em Jean-Christophe, e nem há, nessa grande obra, aquele motivo final dessa fraqueza, que Otto Maria Carpeaux foi nela descobrir: a fraqueza ideológica. Quanto à fraqueza literária, extranhamente ou não, fala pelo seu encanto incomparável o sucesso que vem alcançando em todo o mundo, desde sua publicação; a integral aceitação que teve no Brasil, onde foi tão tarde lançada; e, acima de tudo, isso, o franco sucesso que mereceu em França, na sucessão das edições, apesar da crítica francesa, segundo afirma Carpeaux, "saber muito bem por que nega o valor literário do Jean-Christophe".

E' bom frisar que, ao mesmo Carpeaux que ataca tão ferinamente a ideologia vaga, mistura ingênua de socialismo e pacifismo, jacobinismo e feminismo, cosmopolitismo e utopismo — como fichou o idealista Rolland — se proclama cristão: um profundo humanista cristão. Ora, Carpeaux está muito alto; nesse caso, tenho de me curvar humilde, apesar-de minha inteira admiração pelo espírito de Romain Rolland, e confessar tristemente que nada entendo de cristianismo, do cristianismo básico, integral no espírito de Cristo. Porque dêsse mesmo cristianismo nos vemos imbuídos, em espírito e ação, êsse utópico, contraditório Rolland, e eu, figura humilde à sua sombra.

E' igualmente muito de estranhar que êsse cristão, humanista, use expressões como aquela: "sacrificar voluntariamente ao gosto da plebe". Gosto da plebe? Eu poderia perguntar aqui o que é Cristianismo, o que é Democracia para Otto Maria Carpeaux, mas quero somente notar o seu dever de, como um espírito culto, antes reconhecer que — a finalidade última da cultura é alcançar, e elevar, a êsse grupo humano ao qual chama "plebe".

Não há concessões à plebe. Há somente, nessa face da questão, o enquadramento da cultura em seus devidos fins.

Estará a pesada e valiosa cultura de Carpeaux integrada em seus devidos fins? Ou terá rolado de seu equilíbrio humanista, ao atacar Romain Rolland?

Faleceu, a 2 de setembro próximo passado, o ilustre escritor Alcides Maya, vulto eminente de nossas letras e membro da Academia Brasileira.

E' o quinto acadêmico — os outros foram, pela ordem: Fernando Magalhães, Pereira da Silva, Rodrigo Otávio e Clovis Bevilacqua — que desaparece neste ano de 1944, desfalcando, sensivelmente, a galeria dos nossos legítimos valores intelectuais.

A morte de Alcides Maya, figura em que existiu, no dizer de Múcio Leão, "uma feliz conjugação desses dois tipos intelectuais: o do poeta e o do filósofo", teve enorme repercussão nos círculos literários, políticos e sociais do país, onde seu nome grangeara a simpatia, o respeito e a admiração de todos, mercê dos belos atributos de sua inteligência e do seu caráter.

A obra de Alcides Maya, de cunho regional mas profundamente humana, e de inegável valor artístico, consta dos seguintes livros: "Pelo futuro" (escrito aos 19 anos); "Rio Grande independente"; "Através da Imprensa"; "Ruínas vivas"; "Tapeira, cenários gauchos" (contos); "Machado de Assis" (considerado um dos melhores, sinão o melhor estudo sobre o Mestre); "Crônicas e Ensaios"; "Alma bárbara"; "Romantismo e naturalismo através das obras de Aluizio Azevedo".

Alcides Maya era filho do Rio Grande do Sul, tendo nascido na cidade de São Gabriel, a 15 de outubro de 1878. Estudou, primeiro, em seu Estado natal, transferindo-se depois para São Paulo, onde cursou a Faculdade de Direito. Exerceu, desde moço, cargos de enorme responsabilidade: aos dezoito anos foi diretor de "A República", órgão da dissidência gaucha, e, pouco depois, teve a direção, também, do "Jornal da Manhã". Colaborou, assiduamente, no "Correio da Manhã", "Jornal do Comércio" e "O Paiz", jornais em que deixou páginas excelentes e variadas. Foi deputado federal pelo seu Estado, presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Ingressou na Academia Brasileira em 6 de setembro de 1913, substituindo Aluizio Azevedo, na cadeira n.º 4.

ISOLAR, todavia, o homem e separá-lo de seu imediato contacto de essência e existência com o fundamento de todas as coisas, é uma redução do homem tão terrível como seu falso isolamento e incomunicação com a natureza; é privar de ar sua vida interior. Três venerações — diz Goethe — são necessárias ao homem: veneração pelo que está sobre ele, abaixo dele e junto a ele. — Max Scheler.

EM minha opinião, Getúlio Vargas, dispondo de todas as qualidades que fazem os verdadeiros estadistas, deve ser incluído entre os grandes condutores de povos deste século. O seu instinto é infalível para sentir a opinião pública de seu país. Creio que as suas grandes qualidades teem a sua fonte de origem na sua sincera e integral devoção ao bem estar de seu povo, e a sua ambição é que a sua administração seja perpetuada na memória de todos pelos grandes benefícios que terá trazido à massa do povo brasileiro. — Sumner Wells (Sub-Secretário de Estado norte-americano).

O REGRESSO DO DESCOBRIDOR

Depois de três anos, três meses e vinte e um dias de marcha angustiosa através do sertão bárbaro e agressivo, Bartolomeu Bueno da Silva regressa a S. Paulo, com as mãos cheias de ouro.

O áspero bandeirante partira de S. Paulo iluminado da certeza de que, nos sertões goianos, encontraria a mina famosa, em pedra de jaspão burnido, que tem os símbolos da Paixão gravados e que tem ouro quando chove. Durante aquele largo lapso de tempo, Bartolomeu Bueno em vão consultou a paulama da marítima bruta, procurando sinais de sua viagem menineira, quando furara o sertão em companhia de seu pai. Essa consulta ansiosa ficou sem resposta e o paulista recortou o sertão imenso às tontas, sem saber em que paragem ficava a mina fantástica.

Durante êsse pervagar, os sofrimentos da bandeira descobridora de Goiaz estarrecem. Sobre as asperezas da terra virgem surgiam os rios paludosos, as lagoas de águas pútridas e, sobretudo, a bugrama agressiva.

Os prejuízos de Bartolomeu Bueno e sua gente causam estarrecimentos, tantos e tamanhos foram êles, tão lancinantes foram as horas que êles passaram no sertão, na aventura da descoberta das minas de Goiaz.

Finalmente, porém, a 21 de outubro de 1725 o paulista regressou. A sua bandeira estava desfalcada. Dos cento e cinquenta e dois ciclopes que, naquela manhã festiva de junho de 1722 haviam partido de S. Paulo, poucos regressavam. A morte havia feito, entre êles, uma colheita fartíssima... Só João Leite da Silva Ortiz, conta um historiador, havia perdido vinte e dois escravos, dizimados pelas flechadas dos índios ou pela agonia da peste e da fome.

Bartolomeu Bueno, entretanto, regressou vitorioso. O homem havia conseguido realizar a sua promessa feita solenemente ao rei de Portugal, através do capitão-general de S. Paulo, dom Rodrigo César de Menezes. Bartolomeu Bueno levava consigo oito mil oitavas de ouro e havia descoberto as minas de Goiaz.

Estado e Trabalho

João Viana de Oliveira

A atividade humana, qual seja a sua natureza, deve-se determinar por necessidade e finalidade concientes, sob pena de se reduzir a humilhante condição de mera técnica de agir.

O trabalho é toda acomodação do mundo a um plano humano, a dominação do mundo pelo homem, já se conceituou. Constitue a mais característica atividade humana, devendo o seu conceito ser genérico, abrangendo toda a realização conciente, material ou intelectual.

E' através do trabalho que o homem se revela na plenitude de sua natureza, realizando-se totalmente.

Sendo acomodação da realidade a um plano humano, esforço de subjugação das forças elementares à vontade do homem, o trabalho é atividade exclusiva de uma pessoa, condicionada a plano prévia e conscientemente estabelecido, de natureza, portanto, essencialmente pessoal, exigindo a sua realização como condição necessária — inteligência e liberdade. Se o trabalho é livre, inteligente, teleológico, não trabalham a máquina, o animal, o escravo, mas apenas atuam, como diria Ortega y Gasset.

O trabalho é o meio que o homem utiliza para chegar à consecução de alguma coisa. Não é, entretanto, um instrumento apenas, uma simples técnica, pois esta é "de sentido nitidamente material", ao passo que há no trabalho um sentido espiritual profundo, uma dignidade tão acentuada, que deve ser visto, nele, um reflexo da concepção cristã do homem.

O trabalho não existe por si só, como uma coisa ou um ser: depende de seu condicionante; vale dizer, o trabalho não se separa do homem; não é; vale; tem que se operar num campo ético, de tal forma que o trabalho pelo trabalho, o trabalho puro, sem finalidade, constitue uma degradação, uma escravização, se deturpa em produção material destituída do mínimo interesse humano e divorciada de sua verdadeira qualidade.

A deshumanização das formas de vida social e individual hodiernas, provocou, por seu lado, a derrocada do trabalho como valor. O trabalho humano se mecanizou, perdeu sua dignidade e sua alegria. O homem, produzindo automaticamente, sem consciência, liberdade e inteligência, não age como criatura, criada à imagem e semelhança de Deus, isto é, não participa mais de seu trabalho, não lhe mitiga o lado puramente utilitarista com o carisma de sua personalidade. O trabalho perde sua significação humana, transforma-se de valor em técnica, em meio de produ-

ção pura, tanto assim que não representa mais para o homem senão uma possibilidade de adquirir o mínimo capaz de lhe assegurar uma vida miserável, tornando-se um objeto de escravização nas mãos do mais forte, um castigo bíblico. O trabalhador poderia ser comparado, então a uma peça de uma enorme máquina, movida tão somente pelo interesse materialista da riqueza como fim último da vida social.

E a alegria do trabalho, prove-niente, como ensina Karl Jaspers, da harmonia do ser humano com uma atividade a que se dedica inteiramente, por se tratar de uma totalidade, a alegria desaparece, é substituída pela insatisfação, pelo tédio, pela revolta, pelo desejo de resistência, e o trabalho, assim deshumanizado, transforma-se, para o homem em sinônimo de luta, sofrimento, privações, castigo. Tudo isso porque não basta apenas o trabalho intensivo, a consecução exclusiva da vida material. E' necessária, ainda, e principalmente, a consciência de que a obrigação e o dever sejam cumpridos em toda a sua plenitude, afirma, ainda, Jaspers.

O trabalho torna o homem conciente de que tal como o seu Criador ele pode participar direta e conscientemente do plano da criação, sentindo certamente a mesma alegria que Deus talvez sentira ao criar o mundo. Por isso, muita verdade se encontra na asserção de que no trabalho o homem projeta a sua essência na existência; faz, da obra criada, pelo trabalho, um prolongamento de sua personalidade, intue do fundo de sua experiência que o trabalho não é uma maldição celeste, pois a sua alegria e dignidade traduzem, sem contestação, a direta cooperação com a Divindade.

Este conceito de trabalho é um conceito humanista e cristão. A antiguidade não o conheceu, como dele se esquecera o mundo ocidental nos albores da idade-moderna, e notadamente após a Revolução Francesa, pois o mundo antigo era pagão e o moderno, com as suas heresias, se paganizara. Na antiguidade pagã, o trabalho era elemento desmoralizador do homem. Trabalhar era obedecer como uma máquina. No mundo medieval, com a impregnação do cristianismo em todas as atividades do homem, tudo se operou no sentido de uma dignificação. Dignificou-se a filosofia, a religião, o homem, e portanto, o trabalho. E o trabalhador se emancipou. Com o advento da idade moderna, o estatuto se viu substituído pelo contrato: A Revolução Francesa, proclamando os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, estabelece a política li-

beral, que, fiel a seus princípios, a suas abstrações inhumanas, permitiu, no terreno econômico, a livre concorrência e proibiu a intervenção do Estado no jôgo das relações comerciais dos homens. Criou-se a igualdade civil, porém acentuou-se a desigualdade social. E justamente porque a sociedade se desenvolveu materialmente de um modo assustador, a economia, solta, livre dos princípios morais a que forçosamente se deve subordinar, não mais existiu em função do homem, e sim este, o trabalhador, passou a viver em função dela, deixando assim de ser projeção de Deus para se transformar em projeção da máquina. O Estado não via no trabalho um valor, e sim uma simples técnica.

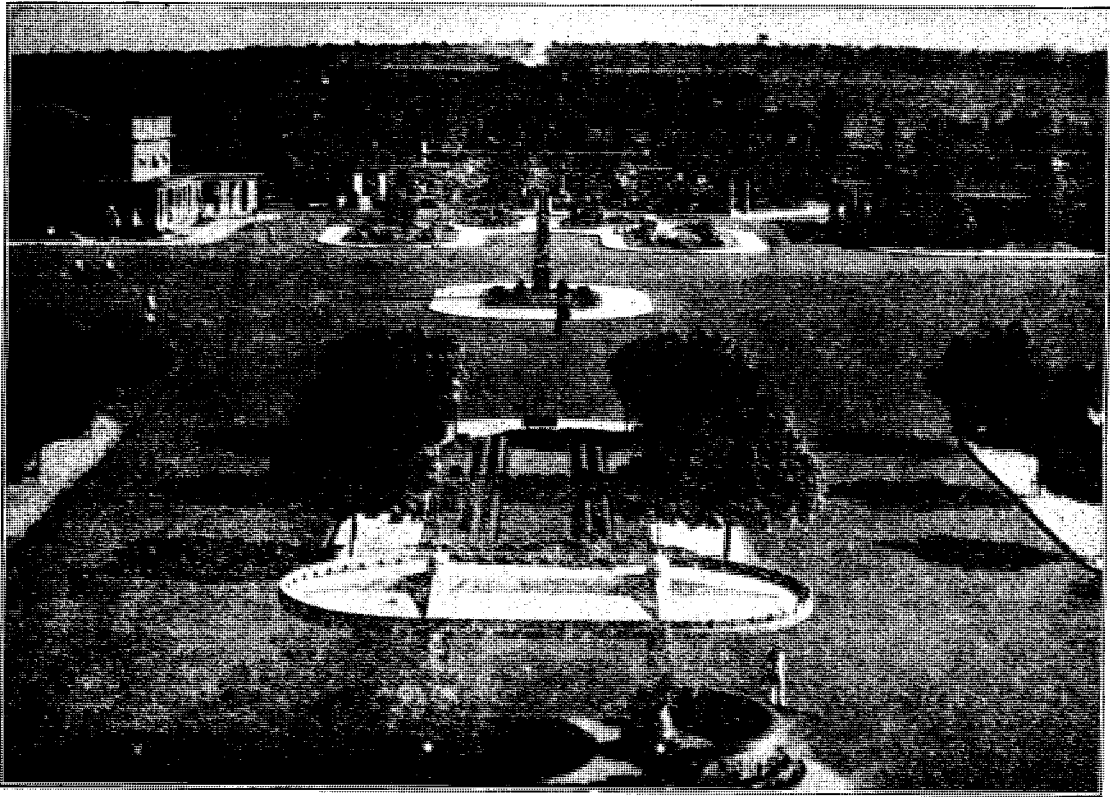
Ora, o Estado existe para o homem, para protegê-lo, e como adotava a teoria do "laissez faire", deixava justamente de realizar sua finalidade, pela razão muito simples de se encontrar nas mãos de determinada classe de indivíduos, os economicamente mais fortes.

Como o trabalho não se separa da pessoa humana e constitue a mais dignificante das atividades poder-se-ia classificar a natureza de um Estado conceituando a sua política do trabalho. O verdadeiro Estado democrático seria aquele que situa o trabalho em função do trabalhador, emprestando à política um caminho nitidamente cultural, demonstrando, em realidades, que não basta melhorar as condições materiais do trabalhador, sendo necessário ir até às raízes de sua vida espiritual.

A verdadeira política social terá que ser uma política de dignificação do trabalho e valorização do trabalhador, enquadrando este no seu verdadeiro pôsto, envolvendo-o de uma atmosfera de dignidade e compreensão, assegurando-lhe a possibilidade de sua realização pelo trabalho, tal como o compreendeu o Estado Nacional brasileiro.

APESAR das dificuldades presentes, nova filosofia antropológica estará em condições de enfrentar o mais grave problema da vida moderna que foi a inadaptação do homem a um mundo forjado pela técnica. A experiência dolorosa dos males profundos e quasi irremediáveis que êsse desajustamento provocou ensinará a evitar certas soluções que só contribuem para eternizar o conflito e a insatisfação coletiva. A humanização da técnica constitue, dessa forma, o primeiro problema que porá rudemente à prova a vitalidade e o vigor da democracia futura. — Euryalo Canabava.

G O I Â N I A



Vista da parte central da Praça Cívica de Goiânia, vendo-se em primeiro plano o coreto e, ao fundo, o Palácio do Governo, ladeado pelos edifícios da Diretoria da Fazenda e Palácio da Justiça

A 24 de outubro de 1933, com toda solenidade, perante grande massa popular, o sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira lançava a pedra fundamental do primeiro edifício de Goiânia.

A data revolucionária do mês de outubro foi bem escolhida. Goiânia é a mais alta expressão revolucionária do Brasil. Vinte e quatro de outubro adquire, assim, além de seu alto significado nacional, um profundo significado histórico para Goiaz. Nesse dia, nas solenidades realizadas nos campos dos arredores do rio Meia-Ponte e das proximidades de Campinas, estava sendo construída uma nova época de paz, de prosperidade e de progresso para todo o interior brasileiro.

O discurso que o sr. dr. Pedro Ludovico pronunciou, nessa solenidade, representa um dos documentos mais impressionantes daquela época. Esse discurso foi a pregação magnífica do grande idealista e foi, ainda, uma promessa de paz e de concórdia cumprida integralmente, com a maior honestidade.

Vibrante de coragem e patriotismo, assim falou, então, o sr. dr. Pedro Ludovico: "A seleta assistência que me ouve não ignora que esta obra de grande vulto, cujo início hoje se registra, é o "pivot", o projeto grandioso da minha administração, a que dei todo o vigor do meu querer, toda a força do meu idealismo, rompendo com a tradição e com a rotina,

todo o entusiasmo proveniente de uma idéia sadia que, por si mesmo, se impõe.

Não ví obstáculo para a sua realização.

Desgostei amigos velhos ao protegê-la e ao levá-la avante.

Puz em jôgo meu prestígio político, contrariando o desejo da maior parte de uma população, que representa a intelectualidade do Estado, pois são, sempre, as capitais os cérebros que pensam e que dirigem.

Verdade é que noventa por cento dos goianos que habitam o "hinterland" ansiavam por ver concretizado este desideratum. Mas não são estes os que mais agem na esfera política e sim os adversários da mudança da capital que, residindo em um meio mais culto, gozando de boas relações nos centros do país, tudo fizeram para que não se efetivasse o sonho de Couto de Magalhães, Rodolfo Paixão e nós outros.

Filho da cidade de Goiaz, onde passei os dias bucólicos da minha infância, época em que a alma se enche de místicos sentimentalismos, de que a idade madura não se pode exonerar completamente, mau grado o assalto da dúvida, a frieza do raciocínio e a lógica da análise, é natural que se me tornasse preciso calcar essa poderosa impressão de que ninguém escapa. Fí-lo, não sem magoar o coração que pranteava. As

vozes da razão e da diretriz que me tracei no exercício do meu cargo, vendo tão somente o bem público e os imperativos da coletividade, me fizeram forte ante a fúria dos que viram os seus interesses contrariados, me tornaram insensível às assacábilhas dos retardatários e às injúrias dos que viram seus interesses contrariados. A estes, pouco se lhes dá a situação das gerações vindouras, jamais pensando na excelssitude da solidariedade social".

O discurso que sr. dr. Pedro Ludovico pronunciou no dia 24 de outubro de 1933, na solenidade do batimento da pedra fundamental do primeiro edifício de Goiânia, possui alguma cousa de oracular. Parece que o grande idealista viu o futuro. Viu o futuro e soube interpretar os seus acenos. Deu paz e deu prosperidade ao povo goiano.

Para imortalizar o seu nome, nenhuma outra obra seria necessária. Bastava essa, de ter feito Goiaz descobrir-se a si mesmo, através de Goiânia. Dessa Goiânia cheia de sentido, plena de magestade e de força, que rasga ao Brasil as estradas naturais de uma civilização. Goiânia que, como já se disse, é como que a miniatura mesma do Brasil autêntico e soberano, nascido da Revolução de 30 e que o Estado Nacional informou em moldes próprios e definitivos.

“MUNDO SUBMERSO”

Por OSCAR SABINO JÚNIOR

Há termos fundamentalmente universais, comuns a todos os idiomas, porque são na sua essência humanos, excessivamente humanos. São termos substancialmente complexos e essencialmente tão plásticos, que por isso mesmo admitem uma variedade extraordinária de conceitos, mas na verdade nenhum deles tem uma validade necessariamente axiomática, categórica, são apenas conceitos assertóricos e relativamente lógicos. Entre esses ocupa uma posição primacial o vocábulo Poesia. E isso somente acontece pelo fato da linguagem escrita não traduzir, muitas vezes, o valor integral desses vocábulos que adquirem através dos tempos certas características expressivas bastante complexas. Daí então, surgir fatalmente o fenômeno linguístico.

A etimologia do termo Poesia não supõe técnicas de fórmulas absolutas e geométricas, significa em bom grego — Criação. Por conseguinte, a poesia é uma expressão de liberdade humana.

A poesia autêntica é aquela que penetra as entranhas do ser, trazendo em seu conteúdo uma intuição pura da realidade existencial, um sentido lógico da vida. As suas imagens, os seus símbolos sugerem sempre alguma idéia ou sentimento, mas nunca demonstram como nas matemáticas. Consequentemente o poeta, o criador dessas imagens e símbolos, é um ser dotado de uma sensibilidade judiciosa, capaz de sentir intensamente a realidade trágica, cômica ou dramática da vida. O poeta é sempre um fatalizado a sofrer a angústia da existência, a amar o lado trágico do mundo, numa procura incessante de redimir-se pela morte, em busca de uma forma mais pura de liberdade. Quer um mundo de liberdades, mas ama demasiado a tragédia da vida! Quer sofrer, amar, odiar, e apenas sonhar com a liberdade!

O poeta autêntico traz invariavelmente na essência da sua poesia, uma lógica interior pura, uma intuição profunda e humana da vida. Assim é BUENO DE RIVERA. Com o seu livro editado pela José Olímpio, entra auspiciosamente para a categoria desses poetas lógicos e humanos. Os seus poemas refletem um humanismo profundo e uma compreensão da realidade do cotidiano, impressionantes. A sua poesia traz quasi sempre aquele singular hermetismo do senhor Carlos Drummond e um subjetivismo sentimental exuberante, buscados, talvez, na experiência dos acontecimentos, sabendo mesmo tirar de fatos da vida comum, expressões estéticas de um transcendentalismo significativamente metafísico. É uma poesia intensa e extraordinariamente interiorizada.

No seu primeiro poema — “Mundo Submerso”, há imagens substanciosas e sugestivas, impregnadas de uma vitalidade trágica, de um melancolismo frio e de uma beleza quasi mediterrânea:

“O ôlho da memória
acende-se no abismo
e rola como a lua
entre as núvens salgadas.

Soluços sem eco
de inúteis motivos,
suicídios lentos,
pactos de morte”,

exclamando finalmente numa imagem contrastitória, caracteristicamente poética, a possibilidade da redenção do homem pela eternização da poesia, porém, desfalece subitamente, sentindo a catástrofe da submersão dos seres e das coisas num mundo irremediavelmente perdido:

“As ondas são doces,
o céu é tranquilo,
Mas um corvo sonha
na praia em silêncio”.

Outras vezes, numa visão introspectiva, procura refletir o estado psicológico do mundo presente, retratando a luta interior do homem com o tempo, insatisfeito e implacável com o mundo do passado, mas convicto de que há de surgir um mundo mais humano, mais justo e melhor:

“Agora, já raiou a aurora nas pupilas,
todos procuram entender a alegria das
flores.

Tempos de outrora, adeus.
A estrela de fogo chama os homens para
a Era Humana”.

Há também em Bueno de Rivera uma capacidade incomum, é a de vitalizar temas simples com uma força de expressão singularíssima, como se vê nos poemas “O ôlho”, “O Poço”, “A Rua”, e principalmente no poema — “O microscópio”:

“O ôlho no microscópio
vê o outro lado, é solene
sondando o indefinível.

A tosse espera a sentença,
o leito aguarda a resposta.
O tísico pensa na morte”.

E mais adiante continua impassível:

“O resultado terrível
entra nos óculos do médico
e êle diz: positivo”.

Para concluir a tragédia do tuberculoso ante a sentença fatal:

“O microscopista, no entanto,
conta anedotas no bar.
Está cheio e feliz.

Não sabe que o ôlho esquerdo
ditou a sentença e a morte.
Paga o café e caminha”.

Como se a Morte fosse um determinismo da profissão, um fato comum aos seus olhos cansados e céticos, indiferentes à realidade do acontecimento.

Há ainda em sua poesia um clima caracteristicamente socialista, principalmente no poema intitulado — “Homem do Mundo” — em que êle procura integrar o homem, como pessoa humana, pelo menos subjetivamente, na realidade social contemporânea, esperançoso de uma reconstrução do mundo dentro duma ordem social em que haja menos incompreensão, mais justiça e solidariedade humana:

“Não sou mais o homem do interior, sou o homem do
[mundo.

Hoje, o meu coração é um alfinete no mapa,
aceso também na hora solitária.
Adeus, alegrias inúteis! a dor bateu às nossas portas.
Temos os olhos enxutos, estamos concientes”.

Ou no poema — “Menino Chinês”:

“Menino chinês, nós te ouvimos o apêlo,
nós te sentimos próximo!
A tua mensagem é triste e tão humana
que alcança o céu e toca em todos os portos”.

Transparece ainda em muitos dos seus poemas
uma saudade profunda pelos seus dias de infância,
recordando-os de um modo suave e tocante:

“Ah! a fazenda da infância,
o banho no rio, o leite,
serenas pastagens, o gado
dormindo em paz entre as árvores”.

ou então:

“Tua mãe é a tua infância,
não volta mais”.

Finalmente chegamos ao último poema do livro
—“O Profeta”, um grande poema, sem dúvida o maior,
o mais humano, o mais lógico de todos, refletindo um
quadro vivo e realista de um mundo mais belo e mais
pródigo, descrito numa linguagem de musicalidade
bíblica, intervalada por sonoridades messiânicas:

“Chegará o tempo, o mundo se povoará de sombras,
só haverá gestos inúteis entre os túmulos.
Secará o leite das mães, tombarão os famintos,
haverá gritos. Os corvos descenderão.
Será o abismo”.

E mais adiante continua:

“Ao clarão da montanha, sombras guerreira
se projetarão nos vales desertos.

Mas o último poeta
passará tranquilo entre as ruínas.

Descerá a morte, beijará as fronteiras
e libertará.

Os séculos rolarão indiferentes
até que venha a desejada aurora.

O reporter anunciará em grandes títulos
a reconstrução.

Esse dia virá. Há de cair o bálsamo,
as chagas serão rosas, as rosas falarão.

Brotará das sombras o mundo dos iguais.
A grande mão iluminará os homens”.

Assim é todo o livro de Bueno de Rivera. Livro
dominado por uma técnica poética magnífica, vasado
num estilo substancioso e original, isento daquele cons-
trutivismo técnico, quasi arquitetônico de alguns
poetas contemporâneos, e daquelas aberrações surrea-
listas de poeta inexperiente. É evidentemente uma
obra cheia de poesia autêntica, poesia hermética, mas
lógica e humana.

12 DE OUTUBRO

Comemoramos, a 12 do corrente,
o 452º aniversário da descoberta da
América.

A data, nestes trágicos momen-
tos que atravessamos, tem para nós
uma significação maior que uma
simples efeméride histórica, repre-
senta um apêlo, uma ordem, um
imperativo à meditação da gran-
deza do feito do navegador geno-
vês, proporcionando, com a reve-
lação do continente jovem e puro,
ao velho e agonizante mundo eu-
ropeu, forças novas e sadias para
a reconstrução que se fazia neces-
sária, inadiável.

Porque, verdadeiramente, o
mundo europeu estava em franco
delíquio, se decompunha triste-
mente ante a impossibilidade de
uma terapêutica imediata. Sua fi-
losofia se anemiara, já não pos-
suía o extraordinário vigor lógico
das Sumas do século XIII; sua or-
dem social, insegura e prestes a
cair na anarquia diante do des-
prestígio do já anacrônico feuda-
lismo; a sua arte perdêra a miste-
riosa e mística intuição dos geniais
artistas da Média-Idade; a ciência
estagnara-se nos esoterismos de u-
ma alquimia empírica e sem fina-
lidade; seu ambiente espiritual e
social, reacionário e pobre, se tra-
duzia num geral e extenuante ma-
rasmus, originado e sustentado por
uma situação hostil a qualquer
possibilidade de progresso, pelas
suas incompreensões irracionais e
seu apêgo comodista às tradições.

A velha Europa estava a morrer
quando o idealismo criador e a te-

nacidade corajosa de Colombo ofe-
recem aos filósofos, aos artistas, aos
políticos, aos comerciantes, aos a-
ventureiros, aos arruinados, a to-
dos os homens ocidentais, um cam-
po novo e imenso para as suas in-
dagações, um meio onde se tentar
a solução de seus problemas, um
mundo jovem em que o velho mun-
do pudesse se arrimar e erguer-se,
tomar pé, continuar seu destino.

As riquezas advindas da terra
recém-descoberta, o seu ouro, a sua
prata, as suas pedras preciosas,
proporcionam o aparecimento de
novos Mecenas e então a arte ad-
quire aquele esplendor magnífico
que culminou no Renascimento. A
fôrça da novidade do acontecimen-
to impele as vocações filosóficas à
descoberta de caminhos originais
para o pensamento: a filosofia de-
cadente se rejuvenece com Gior-
dano Bruno, Montaigne, Descar-
tes. A política se romantiza, ali-
cercando-se num conceito otimista
do homem, ganhando um senti-
do liberal. O pensamento cientifi-
co passa a operar em bases sólidas
e amplas, probabilizando ao ho-
mem novas e fecundas experiên-
cias.

Se se atentar bem ver-se-á que
êsse tem sido, através da agitada
história do mundo moderno, o pa-
pel da América: socorrer a Euro-
pa, injetando-lhe energias revita-
lizadoras, indicando-lhe roteiros
seguros, tôda vez que ela perde a
cabeça ou se vê exgotada, debilita-
da, ensandecida, incapaz de por si
só soerguer-se e começar de novo.

Poder-se-á argumentar, acerta-
damente, que a América vive sob
continua e inevitável influência da
Europa, dos seus costumes, hábitos,
idéias e atitudes. O vigor da asser-
ção não diminui o valor de outro
argumento, não menos verdadeiro:
as idéias, os hábitos, os costumes
e as atitudes da Europa, quando
transplantados para o solo ameri-
cano, nunca permanecem os mes-
mos, adquirem um matiz diferente,
uma coloração típica, mais viva e
profunda, um sentido mais huma-
no e puro, uma tendência menos
artificial, mais espontânea, quan-
do não se deturpam ou fenecem
diante da força quasi selvagem da
terra, ou de seu clima insuportá-
vel para as ficções excessivamente
delicadas.

Essa irmanização dos dois con-
tinentes não é uma imagem natu-
ral do “um mundo só” de amanhã?

Agora, mais do que nunca, o des-
tino histórico da América faz-se
nítido e se afirma como algo de
soberano. Foi para a América que
a Europa mais uma vez se voltou,
novamente encontrando nela as
forças necessárias à sua reconstru-
ção. A presença da América, ani-
quilando os bárbaros, permite sur-
ja o ambiente onde se processará
um novo renascimento.

Na reconstrução do mundo os
princípios cristãos que informam
as sociedades americanas nortearão
decisivamente tôdas as nações do
universo, de tal forma que a vida
do mundo será a própria universa-
lização da vida das Américas.

Política Nacional

A "MARCHA PARA OESTE" E SEU PRECURSOR

VASCO DOS REIS

Parece extrema de qualquer dúvida, que a predestinação dos grandes eleitos já vem impressa em suas circunvoluções. O ambiente propício à ação desses predestinados agiria em plano secundário, mesmo porque esse mesmo "clima", sem o qual não seria possível qualquer atuação eficiente, é função, por certo, das carências e necessidades ambientes. E são justamente essas circunstâncias, em face dos elementos capazes de supri-las, que deflagram o fenômeno ou os fenômenos integradores das realizações estáveis e definitivas.

Tôda e qualquer situação, no tempo e no espaço, apresenta a fisionomia negativa de seus reclamos num sentido evolutivo.

Transportada a ocorrência para o terreno político, social ou simplesmente humano, vale a afirmativa. Os homens, pois, que culminaram em determinadas épocas, atuando como que especificamente, por meio de soluções providenciais que removeram ameaças, crises, desequilíbrios diversos, conjurando tempestades, por vezes prestes a desabar, possuíam como saldo o que o aspecto estrutural da ambiência apresentava em "deficit".

Grandes homens não se improvisam. Eles não são, tão pouco, frutos de oportunidades felizes. Napoleão nasceu Napoleão.

Não poderia êle aproveitar-se das circunstâncias favoráveis, que a tremenda convulsão do momento oferecia, se não estivesse à altura dos acontecimentos e não possuísse, justamente, as qualidades requeridas, para implantar em uma França trabalhada pelas angústias do terror um esplendor militar capaz de fazer vacilar em seus alicerces o poderio das maiores potências mundiais.

Churchill não adotaria, na hora undécima, os preditados formidáveis que revelou e que o sagraram o "cidadão número um" da humanidade, em determinado momento, pois, de um êrro seu poderia decorrer o mergulho melancólico do mundo num abismo tenebroso de opróbrio.

Getúlio Vargas, quando se pôs à frente do movimento revolucionário, reivindicador de uma consciência de brasilidade que o profissionalismo político havia obscurecido, fê-lo por uma decisão amadurecida, por uma consciência plena da energia e do patriotismo requeridos por um movimento de tamanha amplitude. O mesmo se pode dizer de Pedro Ludovico.

Suas qualidades de revolucionário, de administrador, de verdadeiro apóstolo desse néo-bandeirismo que ressucita o valor ancestral da raça e proclama sua aptidão para o aproveitamento dos bens naturais que a audácia de nossos maiores nos legou, êle não as adquiriu, quando combatia de pena ou fusil na mão, ou quando tomou contacto com a gestão da cousa pública.

Os atributos marcantes de sua personalidade, as linhas inconfundíveis que traçam o seu nobre perfil de administrador de estirpe e de fundador preclaro de marcos imortais de civilização, êle os trouxe do berço.

Já em sua infância, transcorrida no bucolismo de Goiaz de então, transparecia êsse ardor combativo, êsse desprêso ao perigo, essa intrepidez de coração que mais tarde abririam à sua frente a gloriosa estrada da consagração pública.

Lembro-me de que seu nome, entre os outros meninos daquele tempo, era pronunciado com admiração. Algo de extraordinário possuía êle que impressionava os demais, mesmo de idade muito superior à sua. Os meninos teem seu mundo à parte. Nessa quadra da vida, os sentimentos vibram em sua verdadeira essência, indenes do convencionalismo sedimentado, como pátina dissimuladora, no decorrer dos anos, e que só os caracteres imareáveis conseguem evitar.

Pudessem os homens todos, e não apenas raríssi-

mos dentre êles, permanecer fiéis à sensibilidade, à nobreza, à limpidez de julgamento que na infância lhes foram dados e a humanidade seria bem outra.

Os problemas sociais, atrozes e pungentes, que afligem a existência quotidiana decorrem do egoísmo, decorrem da injustiça, do antagonismo entre o real e o convencional, em que o plano da existência se dicotomiza e se bifurca, comprometendo a coerência, a unidade de concepção do bom e do belo, pervertendo e disvirtuando o senso ético e o equilíbrio estético, numa Babel em que todos clamam e bem raros se fazem compreender. E' que a linguagem primitiva da sinceridade essencial vai sendo esquecida. E' que a virtude deixou, tantas vezes, de ser um lastro dos atos e das palavras para flutuar-lhes apenas à tona, como ligeiro indumento, enquanto no âmago fermenta a suspicácia egocêntrica de intuítos malsãos.

O menino excepcional, que espalhava em tórno de si um sentimento de afetiva admiração, porque não temia a truculência dos maus e protegia os fracos contra os fortes, ainda mais excepcional se tornou, vida em fora, mantendo impoluta a essencial nobreza de caráter, a sincera concepção do bem, não apenas pelos seus efeitos, mas, pela necessidade substancial de praticá-lo, impulso de harmonia íntima, claridade interior que se propaga, irradiação criadora, ânsia de perfeição imantando um ser apontado para a Verdade, como a agulha magnética para o norte.

Certa vez, numa festa harmoniosa de mocidade e beleza, que oferecia à perspectiva do coração um ambiente de singular ressonância emocional, êle deixou, por um momento, entrever o que afirmo, citando a frase de Millet: "E' tão bom ser bom".

Estas palavras, lançadas como um aceno e uma apóstrofe de exortação a jovens professorandas, que iam partir para o amanhã das almas, luziram como um pórtico.

Não sei quantas as levaram. Mas sei que a fonte, de onde promana a essência que as vestiu, jamais se estanca; porque o bem neste mundo sáfaro e estéril, em que a consciência de Caim perpassa, como um chagal alucinado, arrastando seu cajado cheio de nódoas de fraticídio; neste Sahara da vida, o bem é uma fonte perene, manando para as areias ressequidas. Na duna que bebeu, medra um rebento. E uma palma reverdece, lançando no espaço comburido a benção de uma esperança.

Mas, não podem beber os comoros além, a que afasta a distância da incompreensão rancorosa ou da crua indiferença. E despidos perduram, dardejando à canícula e ostentando, por vezes, como troféu miserando, o sinistro adorno de uma ossada alvejante...

Que importa? O manancial jorra e jorrará sôbre a imensidade do deserto, nutrindo o oásis, alargando-o sempre, para que se possa estender sôbre a desnuda amplidão de erros e maldades. Não importa. O bem, por fim, vencerá. Na caligem do mundo, êle reponta, aqui e ali, como clarões de estrelas. Um dia o envolverá numa orgia de luz, como esplêndida alvorada.

===

Quando cheguei ao Rio, já Pedro Ludovico havia deixado os anfiteatros escolares. Doutor em Medicina, voltara ao Estado natal. Como em Goiaz, nos círculos estudantinos da Capital Federal, seu nome pairava, aureolado de singular prestígio.

"Corajoso e leal, amigo dos fracos", diziam dêle, como outrora. Justo de Oliveira, que era mesmo justo e possuía uma alma acolhedora e amiga como frondosa oliveira, dizia de Pedro Ludovico: "E' o cérebro mais potente e o maior coração que conheço".

O vigor de sua inteligência e a inteireza de seu ca-

ráter se impunham, onde quer que fosse, desde a meninice, através da juventude, para o esplendor de uma varonilidade destinada à missão histórica de plantar no coração do Brasil mediterrâneo uma imensa clareira de progresso, que cada vez mais se expande e irradia, desvendando perspectivas grandiosas, revelando horizontes indevassados.

Homens como Pedro Ludovico se contam pelo número das grandes transformações sociais e políticas que modificam a existência dos povos. Coube-lhe atuar em uma das unidades mais distanciadas dos grandes troncos de atividade brasileira.

Maior amplitude, portanto, requereu a reforma; mais árduo e meritório foi, pois, o labor. Grandes possibilidades explicam grandes tarefas. Realizar, porém e realizar prodígios, feitos que só de longe em longe a história regista: edificar uma grande Cidade moderna, com todos os requisitos de conforto contemporâneo; modificar as condições ambientes, decuplicando, em média, sua expressão econômica; implantar o espírito de progresso, mobilizando os valores estagnados e improdutivos, e fazê-los em um meio apoucado e escasso,

que se retraía, desiludido, na filosofia extrêna da formiga, é faina ciclópica, é trabalho gigantesco que só a iluminados é dado conceber.

Proclamou Getúlio Vargas que o desbravamento das imensas regiões do ocidente constitui o escôpo máximo apontado ao patriotismo brasileiro. Neste conceito se exprime a mais eloquente consagração ao sentido nacional da Política de Pedro Ludovico, precursor da "Marcha para Oeste". E eu julgo oportuno, neste Boletim, que é, pelo nome, pelo programa e pelo espírito que o anima, uma flâmula dessa Cruzada; em o número de outubro, mês em que aniversariam a Revolução e um de seus vultos mais eminentes, focalizar um capítulo tão sugestivo da tese que me propuz desenvolver, em números sucessivos, isto é, o movimento civilizador do Oeste, através de seu Precursor.

Eu o faço, rendendo graças pela oportunidade feliz de traduzir, mais uma vez, nossa homenagem ao grande Amigo, numa efeméride tão grata, seguro de que a felicidade, tão do íntimo para ele almejada, acima de tudo, lhe virá da consciência luminosa de haver realizado um grande Ideal de bondade e de justiça.

A MITOLOGIA AINDA VIVE

GENESCO MURTA

Especial para "Oeste"

Nessa tarde flanávamos o Góes e eu, por uma rua calada de subúrbio. Meu companheiro tinha tomado a palavra. Discreteava agora, sôbre a velha Grécia, com vivacidade. Rememorou fatos, citou uma profusão assombrosa de nomes, precisando datas, tudo com muita justeza, detalhadamente. Narrador **formidável**, começa do começo. Reviveu, assim, desde os seus primórdios a mais fascinante epopéia jamais vivida por um povo, transportando-me, em pensamento, a uns 1.500 anos a. C., quando bárbaros e semi-nômades ainda, os pastores helenos descendo das bandas do Danúbio, irromperam nos vales risonhos da Helade. Reconstituindo cenas e tirando conclusões, dissertara com garbo, sôbre o surto de uma civilização maravilhosa surgida das ruínas de outra mais velha: — a de Creta. Aí velho Homero das tradições e lendas heroicas!... A bela Helena, causadora da guerra e da destruição de Tróia. Depois... o bárbaro invasor a se aventurar mais longe, faz-se ao mar, rumo a Cnossos, reino espantoso dos Minos, que lhes roubavam os jovens de ambos os sexos; pois necessitavam de mulheres e de toureiros. Sim, porque os rapazes roubados se destinavam a um treino prévio nas arenas, onde corriam as mais antigas touradas conhecidas.

A seguir, a lenda de Teseu e o Minotauro, em complemento à narrativa de caráter histórico, cenas estas passadas nos famosos labirintos de Cnossos... um rôr de cousas fascinantes, culminando tudo, na destruição final da cidade.

Abordou depois o período propriamente histórico, discorrendo com o mesmo brilhantismo. Recapitulou, em seguida, a luta entre as cidades rivais em que degladiaram Atenas, Esparta, Tebas e outras; e pondo em relêvo os defeitos todos da concepção grega, muito errônea, da cidade-estado, concluiu que o orgulho tacanhão, o exclusivismo helênico e sua

política de ruinosas consequências precipitaram a decadência e a queda desse povo extraordinário. Tudo isto, à guisa de comentário, depois de ter condensado a luta contra os persas, da batalha de Maratona à de Arbeles, esta já no período alexandrino. A seguir transportou-me da Macedônia, através do Helesponto à Índia, dali à Babilônia e ao Egito, fazendo-me voltar de novo até Babilônia junto ao leito de morte do grande Alexandre. De novo em Atenas, deslumbrou-me a sua quasi eloquência, no discorrer sôbre a grandeza do século de Péricles, — período áureo do helenismo. Assim, numa hábil entozagem da tradição e da história, intercalando em parêntesis oportunos, soma incrível de lendas, ajustando à jovialidade dos deuses todos do Olimpo, as fraquezas e emoções humanas, por longo tempo entretivera-me o Góes, esquecidos êle e eu do mundo contemporâneo e suas tristezas. Como estivessemos a voltar, ao acaso, tínhamos percorrido, creio, distâncias incriveis. Paramos, afinal, a uma certa esquina, um pouco por cansaço, mas também por hábito: havia alí um buteco onde tomávamos, vez ou outra, o nosso aperitivo da tarde.

Por êsse tempo vinha êle digressionando sôbre as famosas festas dionísicas. Pervagávamos, assim, em espírito, pela velha Atica, onde, em vésperas da vindina, se organizavam banquetes e procissões grotescas: cortejos bizarros e bulhentos, com um côro de efebos a entoarem cânticos, enquanto outros à frente, beravam feito bodes.

Chegado a êste ponto, nosso homem fez uma pausa e olhou em direção à venda, como se estivesse ansioso de pôr o ponto final à história. Mas reassumi a narrativa, para explicar-me que, dessa farra em homenagem ao vinho, originou-se o

vocábulo **tragodia** — tragédia, de trago, — bode e ode, — canto. Em aditamento a isto, fez-me ver, um tanto às pressas, de como, com o evolover do tempo, lembraram de intercalar às cantorias, ao envés de berros caprinos, diálogos adrede preparados, com prévia distribuição de papéis. Foram estas as primeiras representações teatrais que originaram a grande arte dramática.

Pondo a mão no meu ombro, o Góes propôs, então ex-abrupto:

— Que tal se entrássemos um pouco?

De pronto aceito o convite, dirigimo-nos ao buteco. A' entrada, notei, pela primeira vez, singular motivo decorativo: uma **aspa** bovina, fincada por cima da porta. Muito a caráter, alí, pareceu-me o **talismã** roceiro, no desordenado e desleixo daquela entrada de bar provinciano, com seus caixotes de frutas arrimados em sarrafos de pinho e detritos e cascas espalhados pelo passeio e na soleira da porta. Alí estava como que um pedacinho de meu sertão, a trazer-me recordações de minha infância, pois desde êsse tempo me familiarizara com o espantalho ingênuo que o roceiro crê eficaz contra quebranto e mau olhado. Vi-o depois, por tôda parte, ora sob a forma de um simples chifre, ora de uma caveira de boi, espetados em longa vara, no meio das plantações. Mas nunca esperei topá-lo em plena cidade e, muito menos à porta de uma casa de negócio.

Aboletados à mesa do cafêsinho, pedimos um **drink**. Pensativos, muito quietos ambos, dir-se-ia que nos acomodávamos ao silêncio daquele cantinho penumbroso, de venda barata. Olhei furtivamente para o Góes, que não proferira palavra, havia bons dois minutos. Positivamente êle perdera a **embalagem** encantadora que, nos bons momentos costuma fazer dêle um dos mais belos **causeurs** de meu tempo.

Por contágio ou disposição natural, senti uma como vaga necessidade de recolhimento. E, pois apoiei o cotovelo direito na mesa e o queixo sôbre o punho fechado em posição parecida com o Pensador de Rodin. De modo que, naquele cantinho socegado de venda, de que éramos, àquela hora, fregueses únicos, podia-se ouvir voar u'a môsca. Todo o meu pensamento girava agora, em tórno do amuleto córneo, cuja origem, cuja verdadeira significação ainda não me lembrara de investigar. E a oportunidade, se me apresentava ali, mesmo a geito, tendo à minha frente aquela enciclopédia viva:— O Góes. Esperei paciente, mais uns instantes e, numa arremetida, aventurei:

— Oh! Góes!...

— Vá dizendo, respondeu êle de pronto.

... que me diz daquele tareco?

— Do espanta-petimba? Curioso...

Estava lançada a isca. E eu estava decidido a não perder mais tempo. Voltei, decidido, à carga, com diplomacia **amaciadora**, dirigindo-me ao meu companheiro:

— Sei que você já deve estar chateado com tanta pergunta...

De modo algum, foi a resposta.

— ... mas ... (cobrando ânimo); mas a verdade é que há bons minutos estou a **matutar** sôbre aquela abusão roceira. Francamente, não sei explicar a razão de ser dessa coisa estranha. Que significa ela? Donde veio? Que representa? Algum demônio africano, o caapóra dos tapúias? Ou será alguma invenção sem significado, imaginada por aqui mesmo?

— Nada disso, foi a resposta, e, disfarçando um bocéjo, estremunhando, Góes monossilabou:

— Pan...

Com sofreguidão, fui para logo pergando a deixa:

— Pan, ah sim, deus dos pastores, das campinas e dos bosques. Filho, segundo alguns, de Hermes e de uma Nífa: Driope, Oeneis ou da própria Penelope, pouco importa. Criado pelas ninfas, era tão feio, quando nasceu, de cornos e pés de bode, que a mãe abandonou-o. Transportou-o, então, o pai para o Olimpo, onde se tornou uma espécie de bobo dos deuses. Tomou, também, parte na guerra contra os gigantes, assustando-os com o som de uma concha que soprou, à guisa de trombeta. Deixemos de parte as suas aventuras galantes com as ninfas. Nem devemos tomar a sério suas pretensas relações com Artemis. Condensem: "Atribuem-lhe a invenção da **Sírix**, fruta dos pastores. Deus arteiro e dado à mandria, costumava esconder-se nos bosques e, ao aproximar-se alguém, surgia inopinadamente, pregando um susto ao transeunte, donde a expressão — terror pânico. Deus que era dos bosques, eram-lhe consagrados o carvalho e o pinheiro. A Arcádia onde tinha um templo praticamente em cada cidade, era-lhe o paradeiro preferido. Seu culto implantou-se tardiamente em Atenas. Isto, por ocasião da batalha de Maratona onde, reza a lenda, espavoriu os persas, obrigando-os a fugir. Du-

rante o período **alexandrino**, por ocasião de um jôgo de palavras deram a Pan — o tudo —, um sentido universal"...

Chegando a êste ponto, tomei fôlego e olhei para o Góes. Na verdade, o que eu queria era: 1º, repousá-lo um pouco; 2º, interessá-lo diretamente no assunto e, assim, pô-lo, de novo, **em forma**, para que êle chegasse aonde eu pretendia. O Góes tamborilou distraidamente a mesa, por um instante ergueu o copo e, para minha surpresa saú com êste brinde inesperado:

— Ao espanta-petimba!

E' claro que acompanhei-o calorosamente no **toast** brinde, decidido a deixar-lhe a palavra, até o fim, caso lhe apetececesse falar. Sorvidos os nossos goles respectivos, Góes pigarreou, limpou, com o lenço, os lábios e começou:

— Você já disse o bastante e mais que o bastante a respeito ao cornudo Pan. E o fez com muita habilidade, resumindo-lhe a história, muito a gôsto. Como disse, achamo-nos em presença de um deusinho brejeiro e prestigioso, venerado por tôda a Grécia, — deus caprípede e saltitante, com o dom, — note bem —, de espantar, de espavorir. Apeguemo-nos a isto para explicar o seu prestígio ante os mortais de seu tempo. Seus templos e hermas tornaram-se, assim, penhor de segurança contra todos os mandriões divinos e mortais. Pelas campinas, nos bosques sagrados, no recinto das cidades, em tôda parte era êle o vigia supremo, o deus da confiança das gentes, para empregar uma expressão popular. Dizem que viera do Extremo Oriente com escala pelo Egito e daí para a Grécia, de onde o trouxeram os romanos para a Itália. Isto, depois que aquela se transformou em colônia e tributária de Roma.

E, pois, de envolta com a filosofia, o teatro, tôdas as artes e grande número de outros deuses, o arteiro Pan veio se deslocando para o Ocidente. Dado isto, o resto é fácil de reconstituir: Da Itália não tardou que a mitologia de Atenas se transplantasse aos mais longínquos recantos do vasto domínio romano.

E assim, a filosofia, o teatro e as demais artes, os deuses do Olimpo — chamemo-los — Júpiter, Apolo, Venus, ou Pan, tornaram-se conhecidos respectivamente na Frígea ou em Babilônia; da Tunísia nas Gálias até à orla ocidental da península Ibérica. Nestes imensos territórios cuja administração içava-se de asoberbantes dificuldades de caráter material, não sobrava tempo para cogitações de ordem intelectual ou artística. De modo que a luz meridiana do farnal de Atenas coado através da mestiçagem cultural de Roma, por demasia imbuída de poderio material, incidiu nestas paragens apenas, em dúbios e vagos fulgores que, só com o tempo se firmaram no portentoso legado civilizador de que somos herdeiros.

Com efeito, Roma mandava para as colônias, funcionários de várias categorias especialmente para administrá-las e explorar. Brancos le-

gionários rebrunhidos, engenheiros e operários, constituíam assim, com aqueles, o grosso do elemento civilizador das colônias. O trabalho dos campos, das pedreiras e das minas absorvia-lhes tôdas as preocupações. As sublevações frequentes não deixavam lugar ao lazer fecundo, aos raros privilegiados que, na própria Metrópole se davam aos prazeres do espírito.

Com efeito, a cultura de enxerto, através da chamada arte greco-romana, era encabeçada na Metrópole, por preceptores escravos, vindos de além do mar Egeu. Estava a serviço dos potentados e só excepcionalmente saíam da Itália. Talvez por isto, não existe entre as ruínas da maioria das províncias romanas do Ocidente, além das arenas, dos viadutos ou estradas, ou algum templo paupérrimo, nenhum vestígio do esforço civilizador dêsses humildes patricios de Fidias ou seus discípulos; nenhuma estátua de valor desaterrada; um só monumento de grande vulto. Espíritos broncos e supersticiosos, a receptividade espiritual dos povos submetidos achava-se naturalmente possuída do chamado terror **cósmico** e, assim, volvia-se expontâneo para o além misterioso para a **Divindade**, sob suas formas mais absurdas. Adotavam-nas, prontamente, deturpando-as, desdobrando-as, confundindo-as, as idéias mais absurdas, as abusões mais grosseiras.

Nestas condições o primeiro fetiche que lhes surgisse pela frente, era um achado maravilhoso, de pronto adotado. E a Metrópole, neste particular, era um viveiro inextinguível de novidades.

—:-

E' natural, pois, que a gente da velha Mãe-Pátria portuguesa, cêdo se imbuísse do vago paganismo reinante. Fez suas boamente as divindades vindas de Roma, para deturpá-las, como o latim, a seu modo. Cultuou todos os espíritos bons e maus da época, antepondo os primeiros aos segundos. Dada aos trabalhos da terra, ao cultivo dos campos, descobriu em Pan, o patrono número 1, protetor supremo, o seu deus predileto. O que é natural: vai nisto muito do instinto de defesa. Daí se explica a confiança do celta vivaz nesse novo guardião dos campos e dos bosques. Não lhe conhecia, de princípio, o nome: mas sua efigie lhe era familiar. Disseram-lhe que êle **espantava**: é o quanto basta. Na falta de artistas do cinzel, pega êle mesmo de um boneco achamboado, prega-lhe na frente um par de cornos e antecipa o milagre. Sôbre a porta dos algares, à entrada dos bosques, à orla das eiras, lá foram surgindo, multiplicados, uma infinidade de bonecos cornudos, cada qual mais feio.

—:-

De como o simplificaram por aqui, aliado de tudo, menos dos cornos, não o sei eu. Sei, porém, que a idéia veio da Península.

E aí está, meu caro, de como se perpetuou o culto inconciente do famoso Pan, por estas bandas do Atlântico.

Economia Rural

ZOROASTRO ARTIAGA

Uma das grandes reivindicações da nossa vida rural é, certamente, a de um reajustamento das relações de direito entre o latifundiário e o pequeno lavrador que vive abandonado e entregue ao fazendeiro-criador, que faz dele um satélite da sua organização comercial.

A classe de lavradores-sem-terra está sangrada por uma tradicional espécie de escravidão, que absorve, inteiramente, as energias do nosso homem-rural. Por isso mesmo, o fazendeiro está sendo o causador da falta de gado de corte e da falta de gêneros de lavoura, pelo motivo de se interessar, unicamente, pela criação de gado-fino, e não se incomodar com o interesse dos outros, imerso, que se acha, em um egocentrismo quasi nativo.

Ele transformou o arrendatário de terras em um recalçado, constantemente decepcionado pelos repetidos fracassos, descrente, já da interferência, da proteção e da solidariedade humana, ao ponto de já estar sofrendo de um complexo de inferioridade visto que, dada sua situação econômica, tem certeza de não poder, jamais, dar contas de obrigações de comércio, cumprir contratos e obrigações civis.

Ainda não procuramos estudar com a devida coragem as causas dessa anormalidade.

A maioria das vezes, é o latifundiário o causador dos males econômicos regionais, se bem que não podemos considerar como latifúndio senão as terras incultas, reservadas para usura, porque as ocupadas com a criação de gado, que exige largueza, não são, absolutamente, dessa classe.

O gado não pode atingir o seu desenvolvimento pleno sem espaço para sua locomoção, espaço suficientemente amplo, para que possa retribuir, em peso e em saúde, os sacrifícios feitos pelo fazendeiro.

E' sabido que os criadores de gado fino não se interessam pela agricultura, porque se arranjam com o produto da colheita de arrendamentos a meia e obtêm estoques anuais para abarrotarem os seus celeiros.

Todos os anos surgem os pretendentes a novos arrendamentos.

Em geral o proprietário finge que se desinteressa pelo negócio, explicando que não quer mais devastar as suas glebas, que o mato está pouco, que o governo está criando restrições nesse sentido, e, por isso mesmo, não pretende arrendar terras para lavoura. Coloca o candidato em situação aflitiva, porque todos eles usam os mesmos golpes, aproveitando a tática para valorizar a locação. Estabelece afinal a base do contrato de parceria agrícola.

Geralmente o arrendatário se obriga a pagar o arrendamento a meia, do total da produção, posta em talha; compromete-se a entregar a madeira da roça, a formar pastos, a entregar a área carpida no término da parceria, e a abastecer-se, do que faltar, nos fornecimentos da fazenda, o que é feito em preços escorchantes.

Quando o arrendatário não tem recursos de financiamento, acontece que a produção fica, de antemão, hipotecada; e nada lhe sobra, porque os juros da roça não teem normas nem regras legais, e às vezes são impostos com a garantia real e efetiva da força pessoal e prestígio do proprietário.

Entretanto, neste particular, já podemos dizer que progredimos.

Podemos dizer que os Bancos mineiros que atuam nesta capital teem protegido amplamente a produção, porque eles financiam os agricultores garantidos, não podendo, infelizmente, usar o crédito pessoal que, na Argentina, é corrente, constituindo uma das bases do seu esplendor agro-pecuário.

Graças a esse financiamento já os sírios não podem comprar arroz na flôr, a preço vil, e o fazem depois da colheita, pelo preço do dia.

Muito e muito devemos aos bancos mineiros, porque paulistas ainda não temos, nesse particular, e foram eles os incentivadores da safra que está socorrendo o litoral.

O arroz aquí é quasi todo exportado para São Paulo e Belo Horizonte.

A safra de 1940 era de 2 milhões de sacas de 100 litros, e a de 1944 elevou-se para a casa dos três milhões.

Em 1940 Goiaz tinha roças num total de 237.453 hectares, e, o arroz ocupou 95.084 hectares dessa área cultivada. Em seguida veio o milho com 85.490; depois, o feijão, com 26.254, e o café com 1.200, seguindo-se outras lavouras com menor área agricultada. O valor total da produção agrícola de 1940 foi de Cr\$ 150 000 000,00; sendo que, o deste ano está estimado em mais um terço. O Estado está exportando, atualmente, 150 produtos diferentes.

Em 1940 exportou 329.767 bovinos no valor global de Cr\$ 80 000 000,00.

O nosso rebanho bovino era em 1943 de 5 milhões, isto assinalado pelas agências municipais de Estatística, oficialmente. Acreditamos, entretanto, que o fazendeiro nunca apresenta número exato de gado para não pagar impostos a mais, e o rebanho de Goiaz já era de 5 milhões de cabeças em 1939, não havendo motivo algum para se ter paralizado a produção. E' preciso ponderar que a nossa população rural aumentou

consideravelmente nestes últimos 4 anos, de gente vinda do litoral e de outros Estados do Brasil, e também há outro índice que demonstra o progresso do Estado, de modo insofismável: a Receita pública.

Em 1930 a renda de Goiaz era de 5 milhões de cruzeiros e acaba de ser orçada para o próximo exercício financeiro em Cr\$ 66 607 294,00.

As principais fontes são: Vendas e Consignações, Impostos sobre transmissão de propriedade imóvel **inter vivos**, vendas de terras, e Indústrias e Profissões. Como veem os leitôres, a lavoura neste Estado ainda não foi tributada, sua capacidade para contribuir não está aproveitada senão na vigésima parte, tomando por base a legislação dos Estados vizinhos. Não tem sido ainda necessário a intervenção oficial para aumentar a produção, isto devido à falta de transporte, pois as safras ficam apodrecendo nas estações, na dependência da única E. de F. que temos, e das quotas de gasolina arbitradas para o interior.

Urge que estudemos, no próximo Congresso de Economia, um sistema mais justo e mais prático de arrendamentos. E' necessário disciplinar os arrendamentos, rever as regras jurídicas, as relações de direito, para serem as parcerias mais humanas, mais equitativas, fiscalizando-se a usura, protegendo o arroteamento com um sistema de assistência efetiva, um serviço prático de desbravamento mecânico por conta do lavrador, porém, feito pelos fomentos de agricultura do Estado.

Devemos financiar os agricultores necessitados; restituir-lhes a confiança que perderam nos destinos da agricultura; dar-lhes assistência moral, porque, como estão, constituem célula-social-negativa, homens rebelados, fugitivos do convívio social, recalçados, inimigos do homem da cidade.

O criador de gado fino não precisa de terras, porque o gado de elite é criado em estábulos. As terras são inúteis, são um luxo da aristocracia rural, ostentação de bens e de imóveis para crédito-agrícola, terras que não servem para ninguém, senão para o egoísmo tradicional que a valorização atual aumentou, enquanto o custo da vida rouba, do lavrador sem terras, o último níquel e o endivida *per omnia secula*. Devia ser obrigado a arrendar, anualmente, uma certa porção de terras, a preço oficial, em prol da coletividade, já que não pode libertar-se do egoísmo para adotar o altruísmo dignificante, em prol da grandeza econômica do Brasil. Se continuar como vai agora essa política ruralista, ficaremos sem leite, sem gado de corte e sem mantimentos, porque só com a monocultura do arroz, que é todo exportado, estaremos mal, futuramente.

Temos agora imensos vácuos demográficos a preencher. Meio habitante para cada quilômetro quadrado. Precisamos de homens e de capitais honestos, que venham habitar e trabalhar pela ocupação do Brasil pelo Brasil.

De como um constituinte de 91 se tornou partidário do Estado Nacional

Paulo Augusto de Figueiredo

Confesso que foi com reserva que escutei o colega e amigo dr. Zoroastro Artiaga, quando, falecido o dr. Sebastião Fleurí Curado, êle, no final da sessão do Conselho que tenho a honra de presidir, franqueada a palavra aos seus membros, dela fez uso para propor um voto de pesar pelo passamento do "ilustre goiano", á cuja inteligência, cultura e caráter teceu os maiores elogios.

Reserva?!... Mas, porque? — Ora, por causa de tantos figurões e figurinhas que antes me haviam desiludido, certos indivíduos que me haviam sido anunciados como grandes poetas, grandes oradores, grandes jornalistas, e que me fora fácil descobrir não passarem de simples "bo-lhas de sabão", incapazes de resistir ao sôpro mesmo da crítica mais tolerante.

—o—

Nem sei. Talvez por consideração à delicada cronista e poetisa Marilda Palínia, sua filha, que tem dado mão forte a OESTE desde o seu primeiro número, talvez por amizade a seu genro, Albatênio Godói, brasileiro junto de quem me sentí goiano desde que aqui cheguei, o fato é que tive curiosidade, desde aquela sessão do Conselho Administrativo, em conhecer, também, o dr. Sebastião Fleurí Curado.

—o—

Conheci-o. Um conhecimento póstumo — infelizmente, digo-o agora. Sim; consegui alguns trabalhos do velho republicano. E pude, então, com sincera alegria, verificar que Zoroastro Artiaga não pertence ao grupo dos "cabos eleitorais" de "sumidades" intelectuais. Se, como diz Moisés Costa Gomes, Zoroastro faz "macumbas", não será dessas de transformar mediocridades em gênios...

—o—

Efetivamente: no meio de tanto medalhão — "o homem de pensamentos piramidais, sempre pronto às frases sonoras e estapafúrdias que êle atira de súbito no cocuruto dos admiradores basbaques", na definição maldosa dêsse admirável poeta que é J. Décio Filho — o vulto de Sebastião Fleurí Curado surgiu-nos, no plano cultural em que se situou, como um quasi oásis num deserto. Digo quasi porque, e para só citar um nome, aí está êsse "jagunço" guloso de Spinoza, o meu caro dr. Pedro Ludovico, homem terrivelmente inteligente e que não sei como ainda arranja tempo para acompanhar o movimento das gran-

des correntes do pensamento contemporâneo.

—o—

Três discursos (dois proferidos na qualidade de paraninfo de turmas de bacharéis em Direito, em 1906 e 1925, e um proferido a 1º de janeiro de 1939, comemorando o "Dia do Município") bastaram-me para aquilatar do real merecimento de Sebastião Fleurí Curado. Três discursos



Dr. Sebastião Fleurí Curado

revelam, sem nenhum favor um homem erudito e clarividente, dono de conhecimentos gerais muito amplos e adquiridos em boas fontes e possuidor de um senso exato dos nossos problemas políticos fundamentais.

—o—

E', assim, com prazer que irei dizer alguma coisa acêrca de Sebastião Fleurí Curado. Êle vingou as decepções que eu sofrera com os tais gênios de cêra...

Faltam-me elementos para apreciar a sua vida e a sua obra, o que, ademais, exigiria um volume. Por isso, tentarei fixar um aspecto, tão só, do seu pensamento, aquele que, no momento, reputo de maior interesse: — o político. Mas naturalmente que, anti-atomístico, que sou, não poderia deixar de, dentro do possível, buscar mostrar as raízes primeiras e os fins últimos da filosofia social de Fleurí, êle também pertencente ao bloco dos homens que

teem uma visão orgânica e total do universo.

—o—

Declaro, de entrada (e isso é essencial à compreensão da tese que aqui defendo), que estou em que não é difícil constatar que a **inteligência** que tinha Sebastião Fleurí dos seres e das coisas era deduzida de sua religião, ante a qual êle não se punha em posição meramente contemplativa, eis que possuía, dela, um entendimento ativo, dinâmico, vendo nela a **matéria** com que informar as instituições sociais, razão suficiente do alto teor de suas idéias políticas. No desenvolvimento do artigo procurarei demonstrar que não estou enganado.

—o—

E' sabido que o luteranismo, o cartesianismo e o liberalismo haviam rompido a unidade moral, filosófica e política do mundo. Tais doutrinas nos deram, sem dúvida, experiências proveitosas, alargaram os horizontes culturais do mundo, proporcionaram ao homem novos caminhos de conhecimento, deram um novo ritmo à vida. E' inegável, contudo, que os frutos bons que produziram não foram bastantes para compensar o cáos em que lançaram os homens. Porque elas mecanizaram o mundo, atomizaram a sociedade, desintegraram o homem do universo. Dividiram o indivizível, retiraram ao mundo o seu eixo supremo de gravitação, confundiram valores. O individualismo religioso, filosófico e político, em hipertrofias crescentes, acabou por desarticular o mundo, separando, em paralelas e antagônicas, forças que deveriam estar sempre harmônicamente conjugadas. A grande guerra de 914-918 completou a obra desagregadora e o que surgiu dos seus escombros foi um homem irreconhecível, perdido em si mesmo, confundido com as coisas, sem apóio e sem norte, movendo-se em direção num mundo sem sentido.

Na ordem política, a por excelência de nossa existência terrena, o comunismo e o fascismo espelharão então as duas tendências principais. Ambos os sistemas avocando prerrogativas de verdadeiras filosofias, julgando-se capazes da palavra final sobre os grandes problemas humanos; ambos se identificando numa mesma base materialista; ambos encareando os fenômenos da vida sob um ponto de vista unilateral; ambos atribuindo valor absoluto a coisas relativas; ambos anti-personalistas e por isto, aniquilando o homem — subordinando-o, aqui ao Estado, alí à

Máquina, acolá à Raça, ou seja, a novos e terríveis deuses, que propuzeram em substituição a Deus, do qual subtraíram o homem.

—o—

Tudo porque o homem perdera o senso da totalidade. Sua visão, antes universal, dos seres e das coisas, estreitara-se na objetivação de simples parcelas de um Todo, que ele passou a tomar — ou que o obrigaram a tomar... — como o Todo.

Tinha, entretanto, de vir a reação, porque o homem, mesmo que queira, não pode fugir de sua condição. E veio. Um renascimento espiritual sadio, à base do cristianismo, se fez, então, sentir no mundo, tentando uma restauração de valores, dentro de uma compreensão total da vida, que passou a ser fixada na universalidade de suas razões e finalidades, e com isso se positivou que o homem não se demitira de sua dignidade essencial. Ai, nessa ânsia pela totalidade, o signo do movimento cultural moderno: — “Se procurarmos agora discernir, nas tendências profundas da cultura moderna, as necessidades que reclamam novos caminhos, acharemos, sem grande dificuldade, que tudo nessa cultura concorre para uma mesma aspiração, que engloba todos os anseios: o sentido da **totalidade** da vida”, assinala Almir de Andrade; e Waldo Frank, clareando esse sentido da totalidade da vida, escreve: “A totalidade não é um mero objeto desejado; é a origem e o fim de todo nosso ser criativo. A totalidade é uma só na vida e nas letras, e significa santidade e salvação. A totalidade deve ser pessoal e social a fim de ser cada coisa em separado. O indivíduo não pode alcançar sua salvação a menos que sirva, conscientemente, dentro de um Todo que compreende todos os aspectos da vida”.

—o—

Pois Sebastião Fleuri Curado, já em 1906, demonstrava da vida essa compreensão que marca a principal corrente do pensamento contemporâneo.

É certo que não deixou, o saudoso goiano, um **sistema**, pelo qual posamos, de um só golpe, aperceber-nos de seu verdadeiro pósto no universo. Todavia, assim como de um simples osso pode o cientista reconstituir todo um esqueleto desconhecido, também podemos, com frases soltas de um escritor, reconstruir toda a sua ideologia. No caso de Sebastião Fleuri isso se apresenta menos difícil, pois ele nos legou um punhado de idéias bastante esclarecedoras. Assim é que, no discurso de paraninfo de 1906, há esse trecho precioso, verdadeira “pista” para descobrir a sua verdadeira atitude diante do homem e da vida: “O graduado em direito, tem, hoje, uma alta missão social e uma grave responsabilidade moral e intelectual. Deve ser versado nos estudos sociológicos, deve lhes conhecer os variados aspectos e dispor de um cabedal de noções que o habilitem a fixar no Cosmos Geral a situação que

ocupa o Direito, pois tudo se parece ligar por um laço etiológico no mundo”.

Eis aí o indício de uma percepção integral do universo, e, conseqüentemente, de uma interpretação orgânica da cultura, posição esta que é a do verdadeiro cristão. Sebastião Fleuri, católico, mas católico possuidor de uma concepção dinâmica da religião e conciente de tôdas as conseqüências do catolicismo, revelava, assim, numa simples passagem de discurso, a sua real situação no mundo. Quem assim via no mundo as coisas tôdas ligadas em uma origem comum, estabelecendo entre elas relações de interdependência, e pedia ao cultor do Direito, ciência reguladora da vida social, para não perder de vista o panorama geral da cultura, para tanto apelando para a sua responsabilidade moral e intelectual, era, sem dúvida, alguém que tinha a hoje tão sentida aspiração da totalidade. Por isso, ainda, que, coerente com a sua filosofia, e traduzindo-a em termos jurídico-sociais, dizia Sebastião Fleuri, numa admirável antevisão do nosso tempo, essas palavras de tão profunda ressonância na acústica da sensibilidade hodierna: “A consciência jurídica não é só individual, é também coletiva e muitas vezes o direito escrito nos códigos, o preceito da lei, não corresponde à consciência jurídica da coletividade”. Como se vê, o sentido da totalidade, em Sebastião Fleuri, não era somente pessoal, e sim, também, social. Não buscava, ele, apenas a sua plenitude, mas ainda a da coletividade. Ao falar em direito fora de códigos, reconhece o direito natural, redutivo na teoria de tão eminentes mestres, e, nessa preocupação de atender à consciência jurídica da coletividade, patenteia o seu humanismo cristão, ou seja, o intuito de integração das massas num Todo sensível às suas solicitações existenciais. Indubitavelmente: um tal período evidencia como Sebastião Fleuri, que fôra constituinte em 91 e viveu no apogeu do liberalismo importado da França e dos Estados Unidos, estava tão acima do seu meio, tão fora do seu tempo, e falava como deve falar o cristão autêntico. Foi ele, por aí se vê, um homem antecipado. A sua época era a de hoje, porque as verdades que proclamou no começo do século são as nesta hora aceitas pelos homens de responsabilidade. Superou, Sebastião Fleuri, o individualismo feroz do tempo, fato tanto mais expressivo quando se sabe do ambiente nada favorável que constituíam, para uma atitude intelectual como a que assumiu, a república nascente e as circunstâncias peculiares à acanhada cidade do sertão onde vivia.

—o—

E porque agia dessa maneira? — Porque, cristão, portanto um crente no valor do homem e certo de que do homem depende a civilização, via Sebastião Fleuri no **homem bom** a condição de uma **sociedade boa**. Em que homem, porém, depositava fé? No **homem-todo-ho-**

mem. No homem cristão. No homem que tende irresistivelmente a Deus — a medida de sua grandeza — em função do qual ele explicava a vida: “Partícula do Universo, o homem tem de cogitar de suas origens e de seus fins, tem de afastar os sistemas que lhe querem prender a inteligência e lhe interdizer o **porquê** das coisas. O absoluto, a imensidade, tanto material como intelectual, prende-se por um laço estreito aos nossos conhecimentos, reconhece Littré, e torna-se por isso mesmo uma idéia positiva”. Não está aí, nessa divagação um tanto pantheísta, cheia de ânsia do infinito, uma condenação dos regimes totalitários e do regime liberal, atomístico e agnóstico? Na expressão — “imensidade material e intelectual” — não se pode descobrir uma vontade de ordenação dos relativos no absoluto? Um desejo de perfeição individual e social? Além disso, aceitando, de Littré, a afirmação de que o absoluto é uma idéia positiva, não nos leva, por deduções lógicas, a pensar, como tantos publicistas eminentes da atualidade, na possibilidade de transformar em realidades sociais os grandes princípios morais?

Creio que podemos responder afirmativamente tôdas essas perguntas. Sim; o sentimento de insuficiência, o desejo de perfeição e a aspiração da totalidade são, disse-o alguém, os traços característicos da alma religiosa. Por aí se vê que até um materialista pode ser religioso, o que sucede com o comunista russo, que apenas transpôs para o plano ateu da III Internacional aquele misticismo que seu irmão de antanho disputara no plano religioso da III Roma, como provou Berdiaeff. E por aí se vê, outrossim, que o sentimento religioso (não se confunda sentimento religioso com êste ou aquele credo religioso) existe em todo homem autêntico, visto que constitue como que um lastro psíquico básico nele, uma espécie de alavanca moral automática que o impele sempre para o alto, coisa de que Sebastião Fleuri tinha plena consciência, pois para ele “o despertar do sentimento religioso na alma humana é um passo para o seu aperfeiçoamento”, tanto mais, continuava, olhos abertos ao mundo social, “quando os espíritos avançados proclamam a religião como função da coletividade humana”.

Que religião, a dêle? — A cristã. E se esclarecendo, agora, que Sebastião Fleuri admitia “que são os sentimentos e as idéias que dirigem os povos como os indivíduos”, no que concordam todos os **idealistas**, fácil é concluir que ele almejava uma sociedade inspirada nas virtudes cristãs, como se vê da frase seguinte: “Em cada acontecimento, em que intervém o homem, desde o mais simples ao mais complicado, ele se afere pelo ideal que lhe alimenta a alma e ilumina o espírito. E como o indivíduo são os povos”.

—o—

Eia, pois: Sebastião Fleuri era um crente no homem, em que via o centro do universo terreno, capaz de

dominar a história e acima do qual só há o absoluto: Deus, a quem deve o homem subordinar-se e para quem deve tender. Dependendo a sociedade do homem, tanto melhor este quanto melhor será ela. E como o melhor homem é o homem cristão, cristã será a melhor sociedade. As idéias de Fleuri, se associadas, nos levam a essa conclusão. E, assim, não só excomunga êle o materialismo, como nos dá uma indicação político-pedagógica por que se conduzir as massas. Falou, êle, como falaram e falam os mais notáveis pensadores políticos. Ortega y Gasset, por exemplo, escreve: "La vida humana es un proceso interno en que los hechos esenciales no caen desde fuera sobre el sujeto — individuo e pueblo — sino que salen de éste como de la semilla, fruto y flor"; e, entre nós, doutrina assim Tristão de Ataíde: "Não é possível uma filosofia social sadia com uma falsa filosofia da vida. Se os homens não se governarem por idéias justas e por ideais que correspondam a idéias justas, é inútil pensar em sociedades estáveis e pacíficas". Ora, não é, tudo isso, o mesmo que dizer que "são os sentimentos e as idéias que dirigem os indivíduos e os povos"?

-o-

Pelo já exposto creio que, se tirarmos da atitude religiosa de Sebastião Fleuri tôdas as suas consequências necessárias, podemos, sem forçar o seu pensamento, assegurar que êle estaria com Berdiaeff, quando o extraordinário ensaísta russo proclama que "não é possível limitarmos a simbolizar a vida espiritual superior", mas que "precisamos atingi-la na realidade". E isso já é algo de grandiosamente sugestivo.

-o-

Verdadeiro cristão, pois, dêsse que distinguem o que é de César e o que é de Cristo, mas que almejam uma sociedade emoldurada nos quadros do cristianismo, Sebastião Fleuri, nota-se que, desdobrando-se sempre num plano de coerência, as suas idéias estão presas à sua religião, que as informa, e, assim sucedendo, teria êle de reclamar, para a sociedade, uma estrutura em que se dispuzessem, num Todo homogêneo e vivo, todos os elementos existenciais. Consequentemente, além de se rebelar contra os totalitarismos, teria Sebastião Fleuri, necessariamente, de rejeitar também o liberalismo. E o repeliu, sim. O constituinte de 91, conquanto tendo vivido a parte principal de sua vida num tempo em que as nossas idéias políticas estavam embebidas da filosofia da escola liberal francesa, condenou certos princípios fundamentais do liberalismo, tendo, mesmo, se firmado, sob determinados aspectos, como um dos precursores ideológicos do Estado Nacional.

-o-

Analisemos alguns trechos de seus discursos, a ver se estou com a razão.

"Na República Federativa — escreveu êle — deve contar cada Es-

tado principalmente com os esforços próprios e com a própria iniciativa; há como que um egoísmo tácitamente organizado entre os Estados". Pois bem: um homem cristão, crente, portanto, no Amor; um homem personalista, mas anti-individualista, e que encarava a sociedade como uma integração de forças se movimentando num sentido único, falando-nos, assim, de "egoísmo tácitamente organizado entre os Estados", no federalismo, lavra sentença condenatória contra um poderoso "tabú" dos nossos republicanos liberais e se revela senhor de uma alta compreensão psicológica da nossa gente e da nossa situação política.

Há mais, porém. Mostrando que conceituava o direito como uma vivência síntese, em que se condensam tôdas as vivências humanas, e não como um produto frio da razão, transposto arbitrariamente para os códigos imutáveis, e sabedor de tôda a força que o direito representa, como amalgamizador que é das categorias sociais de vida coletiva, perguntava, em 1906, numa ostentação de interesse sadio pela integridade nacional: "Para que 20 códigos de processo civil, comercial e criminal? Pois o direito não é um só?". Mais: "Façamos 20 legislações privadas para os 20 Estados, decretemos a legislação separada para cada zona deste grande País, e aos poucos, com a anarquia, se afrouxará os laços da múltipla solidariedade que liga os Estados. A unidade da Pátria pela unidade do direito". Ainda, vencendo o jurisdicismo ambiente, e convicto de que só a política poderia efetivar essa infiltração social dos grandes preceitos cristãos: "Não basta ter um ideal religioso, mister se faz um ideal político e jurídico". Ora, não se podendo admitir que Sebastião Fleuri pretendesse uma ordem política anticristã, a conclusão se impõe: êle queria o ideal cristão vivido socialmente pelo direito, para o que seria necessária uma ordem política adequada.

-o-

Fácil é de se ver que, quem assim era, em 1906, teria, necessariamente, se chegasse aos nossos dias, de estar com o Regime de 10 de novembro. Sebastião Fleuri foi lógico, mais uma vez, consigo mesmo, e aceitou o Estado Nacional. Acompanhemos, porém, a evolução do seu pensamento político.

-o-

Em outro discurso de paraninfo de bacharéis em Direito, proferido em 1925, assim se exprimia êle, criticando o materialismo circunstante, que a guerra passada agravara: "Os costumes se transformam, satura-se o ambiente do veneno sutil de um paganismo sensualista; a moda feminina se altera, uma exaltação danuziana brilha em todos os olhares e como que os corações se agitam em evocações dionisiacas". Era êsse o panorama do mundo, nada confortador; não obstante, êle tinha esperança num futuro diferente: "Êsse amanhã desconhecido, que misterio-

samente se forja nas dobras do futuro, não poderá importar na destruição dos valores morais da nossa civilização cristã, no aniquilamento das virtudes da nossa raça, no apagamento das nossas tradições". Era, esta, uma palavra humana e brasileira, e uma palavra contra os totalitarismos materialistas e o liberalismo ateleológico. Era, isso, um desejo de democracia nova, onde o homem fosse considerado em sua realidade total e em seus atributos essenciais imprescritíveis. E era, também, afinal, um anseio de restauração espiritual da pátria, ameaçada pelo paganismo redivivo, um aceno às nossas origens, um apêlo à nossa autenticidade.

-o-

Sebastião Fleuri Curado não se satisfizera com o regime de que fôra um dos fundadores, nem cria nas panacéas extremistas. Esperava por uma ordem política nova, de que tinha uma clara intuição: a que nos deu Getúlio Vargas. Fleuri estudou-a, adotou-a e defendeu-a.

-o-

O Brasil é um só e êle só. Contudo, é uma nação entre outras nações.

O brasileiro é um povo diferente; no entanto, é um povo entre outros povos.

Ora, um regime político, para ser eficaz, há-de, por isso, ser humano e nacional. Porque só dêsse modo pode atender às necessidades universais e às necessidades nacionais das gentes e dos Estados. Antes de tudo, porém, há-de haver uma razão última de ordem, um absoluto em que se enraizem as coisas e que as explique, ou seja: — uma base metafísica para o regime. Isso foi encontrado no cristianismo. Getúlio Vargas prega, amiúde, respeito aos valores cristãos, que devem estar sempre no fundo de tôdas as ordenações sociais: "E" sôbre a sólida formação cristã das consciências, é sôbre a conservação e defesa dos mais altos valores espirituais de um povo, que repousam as garantias mais seguras da sua estrutura social e as esperanças mais fundadas da grandeza, estabilidade e desenvolvimento das suas instituições". Com isso estão considerados os "valores morais da nossa civilização cristã". Todavia, dentro dessa tela universal, delineia-se, definida a nossa civilização, pois que o regime se alicerça em nossas tradições e em nossas realidades, e porque cada povo deve organizar-se segundo a sua vocação: "Cumpram-nos fugir às seduções do puro doutrinarianismo, às influências dos ideais de empréstimo e das novidades perigosas", adverte o Presidente, com o que concordava Sebastião Fleuri, quando afirmava que a nenhum povo "é dado copiar modelo algum no tocante aos processos da terapêutica política".

Conhecedor dos nossos problemas e das virtudes e defeitos da gente brasileira, depois de repisar que não devemos tentar "resolver as nossas dificuldades copiando soluções da Europa", acentua: "não convém aos interesses nacionais que a opinião se

divida e que os brasileiros se precipitem uns sobre os outros; não se compreendem divergências nem ideologias diversas". Não é, esta, uma frase tipicamente getuliana?

—o—
 “Com o Presidente Getúlio Vargas — observa Almir de Andrade — a base da técnica do governo deixou de ser puramente política: deslocou-se para as soluções sociológicas e econômicas. A própria democracia brasileira deixou de ser uma democracia política para se orientar no sentido de uma democracia social e econômica”. O regime socorreu, desarte, às solicitações imperativas do momento, retratadas nessa afirmação de Sebastião Fleuri: “o problema econômico-social é o grande problema da atualidade”. Nada de novo no que dizia Sebastião Fleuri, mas admirável que reconhecesse e proclamasse essa verdade quem se formara num mundo onde o problema social-econômico fôra sempre relegado a um plano secundário, em favor das questões estritamente políticas. Nada de extranhar, pois, encontrasse ele um justo lugar no quadro do Estado Nacional, bastando, para tanto, recordar duas frases do Presidente. A primeira refletindo o imperativo econômico da vida moderna: “O edifício do direito novo, a erigir-se, remodelado da base ao alto, para conseguir solidez e eficiência, deve ter por argamassa os fatos econômicos, perscrutados nas suas origens, previstos na sua marcha e ascensão, prognosticados nos seus fins. A ordem jurídica precisa, pois, refletir a ordem econômica, garantindo-a e fortalecendo-a”; e a segunda, desta decorrente, ferindo a questão magna do nosso século: “A disciplina política tem de ser baseada na justiça social, amparando o trabalho e o trabalhador, para que este não se considere um valor negativo, um pária à margem da vida pública, hostil ou indiferente à sociedade em que vive. Só assim se poderá constituir um núcleo social coeso, capaz de resistir aos agentes da desordem e aos fermentos da desagregação”. Ora, um chefe assim, não poderia deixar de ser seguido por Sebastião Fleuri Curado, tão cristão e tão brasileiro.

—o—

Realmente: mostrando-se favorável ao Estado Nacional e confiante no Presidente Vargas, Sebastião Fleuri assim falou, em outro discurso, pronunciado em 1º de janeiro de 1939, em comemoração ao “Dia do Município: — “Vê-se bem que a administração federal toma novos rumos, já há saldo orçamentário superior a cinco mil contos, e o Estado Novo, que será uma fórmula inteiramente brasileira, extreme das ideologias exageradas que dominam a Europa, avançará na senda evolutiva da vida política do Brasil, se todos os brasileiros compenetrados da gravidade do momento auxiliarem o grande obreiro que é Getúlio Vargas”. E, indo mais além, numa renúncia ao passado e conciente de que o mundo vai sempre para a frente: “Já não podemos parar nem

retroceder. O Estado Novo torna-se intervencionista para defender os interesses coletivos e firmar a unidade nacional”.

—o—

Esperançoso, dessa maneira, nos resultados da nova política, não se esqueceu Sebastião Fleuri, entretanto, de um ponto fundamental: o ético. O homem, que para ele era o motor da sociedade, estava decadente e necessitava ser espiritualmente reconduzido à sua dignidade essencial, e era no cristianismo que ele enxergava o caminho da salvação: “Será também necessário o levantamento, para não dizer a restauração moral do homem brasileiro, face esta do problema que não foi cogitado. E como a moral não se impõe à força de baioneta nem pelo temor de penalidade, é e será necessário um processo lento e complexo dentro da moral cristã”. Pois ainda aqui, nessa questão suprema, coincide o pensamento de Fleuri com o do Presidente Vargas, que assim a equacionou: “O brasileiro possui nos fundamentos cristãos do seu caráter qualidades precisas de adaptação e aperfeiçoamento moral. F’ pacífico, hospitaleiro, compreensivo, de espírito ágil, inclinado aos atos nobres, generoso na luta, resistente na adversidade. Cultivadas e disciplinadas essas qualidades, fortalecidas pelo ideal de alcançar um estágio superior de civilização, será ele o homem do futuro”.

BIBLIOGRAFIA

Sebastião Fleuri Curado — “Discurso de paraninfo”, pronunciado em 16 de dezembro de 1906, na Academia de Direito de Goiaz — Tip. Aredio — Livraria Século XX — Uberaba; “Oração”, proferida em 25 de dezembro de 1925, na Academia de Direito de Goiaz — Tip. A. Patroclo — Goiaz; “Discurso sobre o Dia do Município”, feito a 1 de janeiro de 1939, em Goiaz — Graph. Antesima — Anápolis - Goiaz.

J. Décio Filho — “O medalhão e outros fenômenos” — in “Oeste”, nº 1, Goiânia, 1942.

Almir de Andrade — “Da interpretação na Psicologia” — J. Olímpio Editora — Rio, 1936; “Democracia Social e Econômica”, in “Cultura Política”, nº 6 — Rio, 1941.

Waldo Frank — “Redescobrimento da América” — trad. esp. de Hernán Guerra Canevaro — Zig-Zag — Santiago, Chile, 1942.

N. Berdiaeff — “O cristianismo e o problema do comunismo” — trad. esp. de Maria de Cardona — Espasa Calpe Argentina, S.A. — Buenos Aires — México — 1943; “Uma nova Idade Média” — trad. de Tasso da Silveira — J. Olímpio Editora, Rio, 1936.

J. Ortega y Gasset — “El tema de nuestro tiempo” — Ed. Cultura — Santiago, Chile, 1937.

Tristão de Ataíde — “Mitos de nosso tempo” — J. Olímpio Editora — Rio, 1943.

Getúlio Vargas — “A nova política do Brasil” — J. Olímpio Editora, Rio.

Jackson de Figueiredo

Entre os vultos maiores da intelectualidade brasileira figura Jackson de Figueiredo, natural de Sergipe, onde nasceu aos 9 de outubro de 1891, morto trágicamente, em novembro de 1928, na cidade do Rio de Janeiro.

Espírito profundamente religioso e insatisfeito, temperamento exaltado e combativo, naturalmente inclinado a síntese e à especulação, Jackson emprestou a tôdas as suas obras “Pascal e a inquietação moderna”, “Literatura reacionária”, “Aevum” (romance inacabado) e “Correspondência”, (volume em que estão enfeitadas cartas a vários escritores, destacando-se as endereçadas a Tristão de Ataíde) — um tom de polêmica extraordinário, fazendo de sua vida, aliás tão curta, uma incansável luta pela renovação espiritual de sua geração e do seu tempo.

Sua influência sobre os seus contemporâneos, principalmente sobre os novos, foi notável. Fundando o “Centro Dom Vital” e a sua excelente revista — “A Ordem”, Jackson de Figueiredo tornou-se o precursor e o pioneiro da renovação de nosso panorama literário, permitindo o aparecimento de novos valores, tais como Tristão de Ataíde, que encontraram no grande católico a compreensão necessária e o estímulo de que careciam para prosseguirem no seu trabalho e atitude.

Sua morte prematura e inesperada roubou ao Brasil uma das suas mais expressivas inteligências. Entretanto, pelo seu valor imenso, a sua obra permaneceu, sendo o seu nome justamente tomado como um dos pontos de referência da grandeza do nosso homem.

Aí ESTÁ o que nos deve apavorar. É a possibilidade de que um dia se desnature a alma coletiva, substituída por outra, feita de retalhos de tecidos disparatados. Retomam-se províncias arrancadas pelo inimigo; mas não se consegue jamais reaver conciências anexadas ao estrangeiro. — **J. Alcântara Machado.**

—:—

ENTRE as mais importantes das realizações do governo do Presidente Vargas figura a reforma das normas de trabalho em todos os setores de atividade, reforma codificada numa legislação trabalhista que tudo prevê, desde o salário mínimo, seguro contra acidentes de trabalho, pensões e benefícios para a velhice e invalidez, e a construção em larga escala de confortáveis residências para operários e trabalhadores. — **Sumner Wells** (Sub-Secretário de Estado dos Estados Unidos).

O P L A G I Á R I O

(FANTASIA DA VIDA REAL)

JURUENA DI GUIMARÃES

— II —

Em uma dessas noites terrivelmente abafadas, noite sem bulício nas árvores e buliçosa de mosquitos lerdos, eu me voltava, incessantemente, no leito, sem conseguir agarrar o sono pela cauda, e como se estivesse à procura de mim mesmo, quando um torpor, quasi instantâneo, anestesiou-me as pálpebras, e eu fui, devagarinho, passando para o mundo suave dos sonhos.

Eis-me à frente de uma porta de impressionante pompa. Suas largas proporções mostravam, no fino lavor da talha, o gênio quasi divino que a esculpira. Por um faro muito meu percebi que me achava diante da entrada do Inferno. O coração alvorçou-me no peito, como uma criança num bazar de brinquedos. Não foi preciso que eu fizesse soar a esmeralda da campainha. As largas e pesadas fôlhas da entrada do Reino de Lucifer se abriram automaticamente. Entrei. Nada de cheiro de enxofre e de carne tostada; nada de gemidos de agonia; nada de gritos lancinantes.

O Inferno tem sido muito caluniado.

Errava lá dentro um cheiro embriagador de flôres esquisitas. Passadeira de desenhos e tecido riquíssimos se estendia a meus pés, a perder de vista. Aos primeiros passos fui recebido por vinte e cinco girls de impressionante beleza, vestidas com tecido feito de farrapos de luar e que, com essa graça muito das mulheres bonitas, se prontificaram a me conduzir à presença de Lucifer. O paizinho, conforme diziam, se encontrava àquela hora nos seus aposentos preferidos. Caminhei envolvido naquela deliciosa onda de pecado, pedindo a Deus que encompridasse, o mais possível, o caminho a percorrer.

Eis-me, enfim, na presença do Rei das Chamas. Nada de rabinho e par de chifres, conforme me ensinara, erradamente, o livro de leitura de Felisberto de Carvalho.

E' o senhor Lucifer um belo moço, de aparência infernalmente agradável. Trajava, naquele instante, um terno escuro de impecável talhe e calçava sapatos reluzentes, feitos com couros de pescoço de poetas futuristas, segundo me informou, depois, uma das girls com quem palestrei a sós.

Ao centro de riquíssimo salão, afundado em confortável poltrona, Lucifer lia um poeta qualquer, e quasi não ia se apercebendo de minha chegada, se não fosse um risinho mais estridente de uma das garotas que ia ao meu lado, e a quem sussurrei um madrigal meio besta e muito galã.

Não precisou apresentações. Lucifer se pôs de pé, exibindo com garbo os seus cento e oitenta centímetros de estatura, e apertou-me a mão com larga afabilidade, declinando logo o meu nome. Neste instante, milhares de borboletas entraram em doudos voluteios pelo salão, deixando que caissem retalhos multicores de suas azas no tapete, que iam, simetricamente, desenhando o meu nome em lindos mosaicos coloridos.

Lá fora, instrumentos escondidos e afinadíssimos derramaram sons de infinita beleza no ambiente. Nesta altura eu e Lucifer já nos tratávamos de tu, e já havíamos esvasiado a terceira taça.

— Tu és, meu caro, disse-me êle, jornalista ou poeta.

— Não. Eu sou, respondi-lhe, mais envergonhado do que modesto, um rabisçador obscuro. (Esta frase a pronunciei com vergonha do lugar comum).

— Deixemos de modéstia, proseguiu o meu ilustre interlocutor, com um sorriso de ironia no canto dos lábios vermelhos, eu tenho aí a sua ficha. Bebamos, e levar-te-ei aos aposentos dos intelectuais e jornalistas. Lá, talvez, terá o amigo assunto bastante para uma reportagem interessante...

Evasiada a sétima taça de capitosíssimo vinho, acompanhei-o à mansão dos homens de letras. Era uma vasta peça de mármore antigo, onde não se sabia o que mais admirar: se a irrepreensão das colunatas de linhas sensuais ou a riqueza das tapeçarias luxuriantes. A um canto, algumas estantes de ouro e marfim deixavam ver, através o vidro, as mais ricas obras concebidas pelo gênero humano, tôdas elas encadernadas em formosíssimos palimpsestos.

Lucifer foi logo me apresentando ao pessoal:

— Ali está o poeta sonhador.

De um lado, entre uma fonte artificial e uma palmeira natural, um homem de longas cabeleiras e de olheiras fundas, com o olhar assassinando o Além, fazia **cafuné** na cabeça fria de uma estátua de Afrodite.

— Ali estão os romancistas, proseguiu.

Era uma turma de indivíduos magros e esquisitos, todos com o dedo indicador na bôca.

— Aqueles são os jornalistas profissionais, disse-me, apontando um grupo mais além.

Olhei curioso, com receio de perdê-los de vista. Era uma turma de

criaturas luzidias, bebendo, entre timidos de moedas.

Tôda a fauna que se compõe dos homens do Pensamento se desfilou diante de meus olhos.

Estivemos ali, até que m'sieur Lucí, apelido com que a minha intimidade já me autorizava a chamá-lo, declarou-me que pretendia mostrar-me uma curiosidade do pavilhão dos jornalistas.

— Sigamos aqui pela esquerda, aconselhou-me.

Penetramos, ambos, num passagem de luz escassa, de aspecto de catacumba recémaberta.

Depois de alguns momentos em que marchávamos, lado a lado, sem encontrar o princípio da tessitura do assunto, o meu amável amigo pára e me diz:

— E' aqui.

Ato contínuo se abre, magicamente, uma porta que mais parecia um ôlho furado no rosto sem forma da parede. Entramos. Era um cubículo de proporções minúsculas, tendo uma espécie de cadafalso ao centro. Atado pelos pés, um indivíduo macilento, de olhar esgazeadado e gestos estéricos, com as mãos e joelhos apoiados no chão, devorava grande porção de papel impresso.

— E' o Plagiário.

Assim me falou Lucifer, cortando o meu espanto, e continuou:

— Está condenado a ingerir, diariamente, volumosa quantidade das obras que plagiou em vida.

— E ainda não apanhou alguma intoxicação?

— Não. Existem aqui inúmeras vítimas suas, e elas aplicam-lhe, também, à guisa de sobremesa, algumas surras, diariamente. De maneira que não há tempo para o luxo das enfermidades...

Lucifer sorriu diabòlicamente.

Já era enorme a minha estupefação, quando arrisquei mais uma pergunta:

— Por que está o Plagiário nesta posição?

— E' ainda, um plágio, foi a resposta. — Está plagiando os irracionais.

Naquele momento o meu apresentado deglutia, gostosamente, um grosso volume de Sociologia...

— Voltemos ao salão, propus, já impaciente por deixar aquela cena.

A música infernal se fazia ouvir com maior doçura de acordes. O salão parecia encharcado de estranhos perfumes. Lucifer, convidando-me a tomar assento, fez soar, o gongo de prata, com três marteladas de ouro. — Vou pedir mais vinho, avisou-me.

Acordei. Na sala de jantar o relógio de parede havia batido as tres primeiras badaladas das sete horas.

Absência

Não há mais lembranças.
Os prazeres apagaram-se subitamente
nas canções causadas
nas canções pisadas de aflição.

Mãos, olhos, boca, sorrisos,
voz amolecida de abandono,
inquietação das inartezas postas,
desejos inúteis,
aldrias ericadas de angústia,
como tudo está tão longe!

O passado é um rio de mistério
delúido nas distâncias mortas
perdido nas brumas do tempo.

Não há mais nada de ontem.
Só um vago ressentimento
-fófo amargo das cinzas-
fios boiados dubiamente
como restos de um naufrágio,
restos irreconhecíveis e lamentáveis

M. Decio Filho

POLÍTICA ESTADUAL

A propaganda e o progresso de Goiás

As entrevistas com os vários diretores de departamentos, pelas quais o povo se vai enfronhando na real situação — estrutura, finalidades e realizações — de cada um desses órgãos da administração, vêm, pelo seu cunho nitidamente democrático, despertando justificado interesse em tôdas as camadas sociais.

E' que, através dessas palestras mensais com os chefes de repartições, OESTE tem esclarecido muita coisa, dando contas ao povo de como agem aqueles que têm à sua responsabilidade a gestão dos negócios públicos.

Assim, prossequindo em seu programa, OESTE apresenta hoje aos seus leitores uma ligeira visão do que é o DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda), por intermédio da palavra do seu brilhante e operoso diretor, sr. Gerson de Castro Costa, jornalista que se vem revelando um eficiente auxiliar do governo.

Recebido gentilmente pelo ilustrado diretor geral do DEIP, foi o reporter, preliminarmente, convidado a visitar as várias seções do importante departamento, demorando-se, depois, na análise da planta do novo edifício, já quasi concluído, onde brevemente será instalado aquele órgão, de tudo guardando lissonjeira impressão. Após, já cientificado dos nossos propósitos, o antigo Diretor Geral do DSP se pôs à nossa disposição, travando-se, então, entre o reporter e o sr. Castro Costa o diálogo que se segue, mediante o qual poderão todos aquilatar dos bem planeados esforços que desenvolve o DEIP em prol do progresso desta unidade federativa.

Eis, agora, o que perguntamos ao sr. Gerson Costa e o que nos respondeu s. excia.:

— Crê, v. excia., no valor da propaganda ?

— “Acredito, sinceramente, no excepcional valor da propaganda. Segundo Herbert Hoover, pode-se ter, a propósito da propaganda, o seguinte conceito, por certo expressivo: “As necessidades básicas do homem são incentivadas pela própria natureza, mas o desejo de coisas novas, que melhoram suas condições de vida, tem sido generalizado graças ao estímulo da propaganda”. Isto, com relação a todos os setores sociais. Sou tão convicto da importância da arte de divulgar que subscrevo as impressionantes palavras de Benedito Mergulhão: “Se essa prodigiosa fonte criadora estancasse, haveria um colapso no progresso universal!” Na realidade, tudo que se tem realizado no mundo é fruto exclusivo da propaganda — pouco importando os meios, via de regra os mais varia-



Sr. Gerson de Castro Costa — Diretor Geral do DEIP, em Goiás

dos, como a tribuna, as informações orais, o jornal, o rádio. Ela forma e modifica a opinião pública, levando ao conhecimento do povo elementos muitas vezes novos que influem em seus hábitos e em seus próprios destinos”.

— Qual o critério seguido pelo DEIP na propaganda oficial ?

— “Ao assumir, em abril do corrente ano, a direção geral do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, tive logo a preocupação de saber do Interventor Pedro Ludovico quais deveriam ser as diretivas que deveria seguir no exercício desse cargo tão espinhoso e de tão imediata confiança do governo. A' frente de um departamento da natureza do DEIP, ninguém, razoavelmente penetrado de suas funções, poderá desejar seguir orientações pessoais, em detrimento dos altos interesses oficiais, para cuja divulgação e defesa, aliás, o órgão existe. Pude verificar, com inteira satisfação, que o ilustre chefe do executivo goiano pretende ter, a partir de agora, uma propaganda mais objetiva a respeito das possibilidades e das realizações do Estado, determinação essa que veio justamente ao encontro de meus desejos”.

E, prossequindo:

“Como é sabido, no início da edificação de Goiânia, tínhamos necessidade de uma divulgação intensa, contundente, chocante, — em busca da qual se lançava mão de todos os meios, trazendo alguns, aparentemente, efeitos contraproducentes. Mas a verdade é que precisávamos por o nome de Goiás no cartaz, a todo

custo, considerado que éramos um Estado completamente obumbrado por uma nuvem secular e pesada de indiferença perante as demais unidades federativas, a despeito de suas enormes possibilidades econômicas até então inteiramente desconhecidas. Essa grande obra está realizada, e eu a localizei antes de minha gestão no DEIP. Contudo, venho incrementando por todos os meios ao alcance do Departamento as fontes de produção goianas, estendendo, já agora, a divulgação de nossas coisas até os municípios do interior, que ainda não tinham sido objeto até há pouco de atenção especial do DEIP. Tenho, felizmente, colhido os mais animadores resultados com essa nova política propagandística, em razão, mormente, da boa vontade de toda a imprensa nacional, não só do Rio e de São Paulo, mas de todos os Estados, para com a matéria de divulgação oriunda de Goiás”.

— Como se tem desenvolvido a atividade desse Departamento, relativamente às possibilidades turísticas do Estado ?

— “As possibilidades turísticas de Goiás, numerosas e importantes, tem sido objeto de minhas indagações. Há um fator que prejudica seriamente o Estado quanto a suas perspectivas turísticas — os meios de transporte. Localizado longe do Atlântico, Goiás constitui, para o homem do litoral (onde temos nossa maior densidade demográfica, e onde, portanto, se deve desenvolver a divulgação respectiva), uma espécie de El-Dorado, mas muito distante. De sorte que, notadamente nesta quadra anormal de restrições de combustível e de superlotações de trens e aviões, existe uma dificuldade considerável para se trazerem até cá pessoas que possam fazer turismo. O ideal seria, como se faz algures, organizar, em épocas propícias, grupos de indivíduos interessados, com uma empresa de transportes de passageiros especializada. Mas a expectativa da guerra aí está, empeciando a iniciativa”.

Depois de ligeira pausa, a-fim-de atender a um chamado telefônico, continuou s. excia.:

— “Essas circunstâncias, todavia, não me tem impedido de realizar alguma coisa nesse terreno. E os principais pontos que venho aproveitando para divulgações turísticas são Goiânia, Caldas Novas e o rio Araguaia, com escala pela cidade de Goiás, cujos pormenores de cidade histórica interessam a todo bom brasileiro. Como é fácil de se deprender, somente Goiânia tem acesso mais ou menos convidativo. Os municípios de Goiás e Caldas Novas, sem o benefício de linhas aéreas co-

merciais regulares, oferecem a desvantagem da falta de meios de comunicações eficientes. Futuramente, esse entrave desaparecerá e, além desses pontos interessantes, numerosos motivos nossos serão tomados para a divulgação de interesse turístico de Goiás”.

— **Qual tem sido a espécie de relações entre o DEIP e a rádio-difusão, no tocante aos interesses do Estado ?**

— “O DEIP vem mantendo assídua colaboração com a rádio-difusão. A única emissora goiana, a ZYG-3, mantém um programa diário, irradiado às expensas deste Departamento, a “Hora do Estado”, que vem certamente prestando um excelente serviço no tocante à divulgação dos atos e dos assuntos oficiais em geral. Com amplo noticiário, agora cuidadosamente redigido, a “Hora do Estado”, que se inicia às 10 horas da manhã dos dias úteis, será dentro em breve transmitida diretamente das instalações do Departamento, há pouco adquiridas. Ainda mais: O DEIP remete frequentemente, por via aérea, notícias de Goiás às principais emissoras do país, como a Rádio Nacional, a Rádio Tupi e outras. Esse noticiário é aproveitado de modo bastante satisfatório, como se pode verificar através das constantes irradiações que se ouvem quasi todos os dias”.

— **Qual a verdadeira posição do DEIP em relação à imprensa estadual ?**

— “Tenho procurado colocar o DEIP na sua verdadeira posição perante a imprensa do Estado. E’ concedida inteira independência aos jornais goianos, uma vez considerar, como é justo, ser a liberdade de pensamento o apanágio supremo da civilização. A crítica construtiva, que visa objetivos de ordem social, sem nenhuma ingerência de sentimentos pessoais, é sempre bem recebida, como sempre o foi, em uníssono com os propósitos conhecidos do Interventor Pedro Ludovico. Essa orientação de sentido de utilidade social e criteriosa, com as características noticiosas da imprensa, sem caráter personalístico em proveito de dois ou três indivíduos, dá perfeito desfogo à imprensa, que pode criticar de acôrdo com as conveniências reais do povo”.

— **Cogita esse Departamento em dar assistência aos intelectuais, como fez o DEIP de São Paulo ? Que pretende v. excia. sugerir ao Interventor, nesse sentido ?**

— “A assistência aos intelectuais, como já está iniciando a dar São Paulo, pioneiro entre os Estados do Brasil em todos esses movimentos de grande significação social, não será obra que Goiás possa começar imediatamente. Já se vê que nosso meio, sem intelectuais profissionais, onde só agora se anuncia a imprensa diária, onde não há editoras organizadas, não é fecundo para uma ini-

ciativa de tal sorte grandiosa. E’ de se acreditar, entretanto, que, em futuro não remoto, provavelmente bem próximo, dado o desenvolvimento geral de tôdas as indagações do progresso no Estado, caberá ao DEIP dar assistência oficial aos intelectuais, como agora se começa a fazer em São Paulo, onde essa assistência é um imperativo de sua cultura grandemente expressiva dentro do Brasil”.

— **Acha v. excia. que a propaganda haja realmente influido no atual progresso de Goiás ?**

— “Não se poderá jamais negar que o progresso alcançado por Goiás, a partir de 1930, se deva em boa parte à propaganda iniciada por Câmara Filho. Sem o “fator dos fatores”, que é a divulgação, este Estado não teria certamente alcançado o ritmo impressionante de progresso que presentemente sacode seus panoramas humano-geográficos em todos os quadrantes de seu vasto território”.

— **Não pretende o DEIP estimular a cultura goiana ? De que modo ?**

— “O estímulo que um departamento oficial pode proporcionar à cultura depende, em muito, das possibilidades de suas dotações orçamentárias. O DEIP, se bem que tenha pequenas verbas, já traçou um programa amplo nesse sentido, e dentro em pouco começará a realizá-lo. Como não possui instalações e dotações próprias, neste ano, o DEIP principiará, a partir de 1945, a publicação regular de trabalhos de autores goianos, com o tão só objetivo de fomentar as fontes culturais do Estado, que, para gáudio de todos, se vêm de certo moço movimentando ultimamente. Tive o prazer de sugerir ao governo, há poucos meses, pequenas modificações na planta do edifício do DEIP, ora em vias de conclusão, na Praça Cívica, de modo a permitir que ali se faça um bom **auditorium**, que se procurará designar “Henrique Silva”, em homenagem ao saudoso jornalista, recinto esse que será dotado de todos os requisitos de conforto e no qual se poderão realizar conferências culturais e reuniões literárias”.

Suspendemos, por instantes, a nossa palestra, pois o servente chegara com o café. Saboreado este, reatou o sr. Castro Costa sua conversa:

— “A cultura artística não tem sido abandonada. Quando é possível apresentar ao povo artistas de gêneros variados, o DEIP promove festas, a despeito das naturais dificuldades encontradas. Quero dizer, agora, que não será fora de propósito falar alguma coisa sobre a Exposição Permanente de Goiânia, em organização, e em uma de cujas secções a cultura goiana irá ser apresentada de modo esquemático. Tem sido a organização dessa exposição motivo de franco interesse do DEIP, presentemente, em virtude do valor irretorquível oferecido por esse tipo de propaganda, que im-

pressiona através de um simples golpe visual. Demais, nunca tivemos, em Goiás, algo de definitivo a respeito das possibilidades e do patrimônio cultural, de maneira que a Exposição Permanente de Goiânia irá ser como que um índice remissivo bem organizado sobre tudo que diga respeito à economia, à administração e à altura goiana”.

— **Que tem feito o DEIP em prol de uma divulgação maior dos princípios e realizações do Estado Nacional ?**

— “O Estado Nacional, quer no terreno doutrinário, quer no de suas grandes realizações práticas, vem tendo em Goiás uma divulgação oportuna e patriótica de seus objetivos. Além da comemoração de sua data magna, da do Dia do Presidente, continuamente o DEIP distribue comunicados, frizando a grande obra de brasilidade executada pelo Regime, pondo em relêvo, por outro lado, os consideráveis benefícios pelo mesmo proporcionados ao Estado de Goiás. E’ intenção do DEIP publicar, no primeiro trimestre de 1945, um opúsculo contendo farto material informativo sobre as realizações do Estado Nacional no oeste brasileiro”.

— **Tem o DEIP alguma publicação, ou pretende tê-la ? De que espécie ?**

— “De acôrdo com as possibilidades orçamentárias futuras, o DEIP publicará proximamente uma revista, de conteúdo informativo, sobre mineralogia, agricultura e pecuária. E à medida que se for tornando necessário, iremos editando outras publicações de interesse para a vida estadual”.

— **Qual tem sido a atitude do sr. Interventor Federal em relação à conduta administrativa do DEIP ?**

— “O Interventor Pedro Ludovico — disse-nos o sr. Castro Costa, finalizando a entrevista — cuja visão administrativa o país inteiro proclama, jamais regateou apóio ao DEIP, em cuja conduta político-administrativa s. excia. não interfere senão para proporcionar os meios necessários à consecução dos objetivos visados e para traçar os rumos a seguir. Nunca o ilustre homem público se furta a atender às sugestões apresentadas por esta diretoria geral para a ampliação dos processos de realização das finalidades do DEIP. Sem dúvida essa atmosfera que Pedro Ludovico sabe criar em torno de seu governo é a característica marcante do êxito invulgar de sua administração. Quero, por fim, declarar que o DEIP está, afinal, empenhado na meritória obra de integração de Goiás no ritmo ascensional do progresso nacional, de modo que as até hoje incalculadas potencialidades econômico-sociais da unidade mediterrânea sejam levadas em linha de conta para o bem estar e a prosperidade da Nação”.

CODARDIA

Odorico Costa

(Ilustração de Genesco Murta)

Um dia um dos patrões, cheio de solenidade e de reticências, com cautelas dissolvidas na voz, veio me dizer:

— Antônio Joaquim! Antônio Joaquim! Deixa dessas cousas. Isso não pode acabar bem. Você está sacrificando a sua vida e o seu futuro por causa de uma mulher à toa. Esse marido não pode se conformar com essa sociedade clandestina em seu lar. Olha bem, Antônio Joaquim, o que lhe estou dizendo! . . .

Eu ouvi êsse conselho tão cauto e tão amigo com os olhos baixos, sem responder. Achei razoável o que o patrão me dizia. Mas, quem pode vencer a facinação que há na conquista e na posse do fruto proibido? Adão, Eva e a serpente deixaram ao gênero humano a melhor de tôdas as heranças: o insopitado desejo pelo alheio. Talvez daí advenha todo o progresso humano ou, então, todo o mal que existe sôbre a terra . . .

Nessa noite, noite branquinha de luar, cheia de espiritualidades, em uma estrada deserta fomos, eu e ela, fazer o nosso passeio costumeiro, enquanto o marido andava na faina noturna da máquina de arroz. E, aí, então, eu lhe disse solenemente:

— Abadia: vamos acabar com isto. Eu nada sou em sua vida. Gize, apenas, o seu destino. Prometo conservar de nosso romance de amor uma gloriosa lembrança, tornando v. imortal em meu pensamento.

Ela abriu os dois grandes olhos negros, dois abismos veludosos e cheios de carícias, olhou-me bem dentro dos olhos e, com voz cheia de tremuras, respondeu:

— Nunca, nunca nos separaremos. Por v. sou capaz de tudo e, se alguém se levantar entre nós, sou capaz de vencer o obstáculo e, se a sorte não me sorrir, morrerei feliz por me dar em holocausto ao meu único amor na terra . . .

(Antônio Joaquim pigarreou for-



te, com um soluço estertorado na garganta. A tarde se estrebuchava e nas sombras que mais e mais se adensavam havia uma como que tonalidade fúnebre).

— Essas cousas não valem ser recordadas, prosseguiu. Submetem a gente a uma tortura retrospectiva e eu mesmo não sei por que comecei a contar êsse lancinante trecho de minha vida, que tamanha influência veio exercer no meu destino, fazendo de mim — um sujeito quasi bem posto na vida — êste trapo de homem só prestável para os serviços das culatras das comitivas. Comecei a contar e, agora, sinto uma verdadeira necessidade de concluir. Servirá, ao menos, para aliviar tanta pena que tenho cá por dentro.

Um grão de areia motiva uma tragédia e desfigura a sorte de muita gente. O nosso grão de areia foi o Higino, um baiano ordinário, companheiro de Adelino nos trabalhos noturnos da máquina de arroz. Surgiu, certa noite, uma disputa entre os dois. Quem me contou essa parte dessa tragédia foi o Orlando, um preto de canelas finas, de ventas largas, que alí também trabalhava. A um insulto mais pesado de Adelino, Higino não se conteve e fulminou-o com a revelação brutal:

— Trem ruim. Enquanto V. finge que trabalha aqui, a Abadia, com o administrador, ganha para alimentar V. o ano inteiro . . .

O homem estarreceu-se inteiro. Ficou parado, como que suspenso, com as ventas arreganhadas, como se farejasse a sua desgraça, com os

olhos desmesuradamente abertos, com a boca contraída em um urro que as cordas vocais obstinadamente se negavam a deixar sair. Os seus dedos recurvaram-se em garra e havia tremuras desabaladas em seus membros. De súbito, de um pulo, ganhou o terreiro e, em correria doida, saiu em direção ao seu rancho, onde eu e Abadia falávamos das melhores cousas dêste mundo, olhando uma estrela que luciluzia no alto, entrevista por uma frincha do telhado.

Neste ponto as minhas recordações se confundem e se baralham. Os fatos se sucedem em uma verdadeira fantasmagoria e eu tenho a impressão de que, naquele furacão psíquico que me empolgou, eu fui trapo, fui molambo, sem vontade, agindo sômente pelo instinto. Tenho, porém, agora que conto estas cousas, a mesma contração nos músculos faciais, o mesmo trismo e tenho na garganta o mesmo arrojão bravio que me emudeceu a voz naquela noite negra.

A estrela que contemplávamos tinha refulgências festivas e eu ia dizendo a Abadia, bem na concha dos ouvidos, que por ela eu daria a mais azul das minhas veias, quando Adelino deu a primeira balroada na porta da frente, tentando derrubá-la. Deu segunda, deu terceira, procurando quebrar a resistência da porta. O apito da máquina de arroz, lá, em baixo, estrugiu como um grande grito de agonia, na mansa calma da noite.

Compreendí tudo em um relance. Tive batimentos diferentes no coração. Pensamentos alucinantes

me tomaram todo e eu, covarde como os mais covardes, escancarei a porta dos fundos da casa e saí correndo desvairadamente, pela noite a dentro, deixando indefesa aquela mulher a quem estava jurando um amor eterno, feito de coragem, de bravura, de destemor e de sacrifícios . . .

Não sei até que ponto corri. Nas proximidades de um córrego ouvi tiros que ecoaram nos meus ouvidos com o fragor de catastrofes cósmicas, de mundos que se esboroassem. Um intervalo e outros tiros mais se ecoaram fúnebres.

As sombras da mata, o marulhar do córrego e o refulgir das estrelas se fundiram extranhamente e eu tive a impressão estranha de que imensas tochas de fogo me cercavam e me lançavam em um abismo de fauces hiantes, pelo qual eu fui rolando desamparadamente.

Quando dei fé de mim, um sol vitorioso inundava-me o quarto e o Benedito Cosinheiro, um preto espadado, de olhos enormes e dentes alvíssimos, estava ali, espantando as moscas que teimavam em me pousar no rosto.

— O entêro é para o meio dia, foi dizendo êle.

— Que entêro? indaguei alucinado.

— Ora, da Abadia. O Adelino matou-a a tiros de garrucha e o Albino mais o Josino Serrador deram cabo dêle, também a tiros.

As horas que se seguiram, para mim, naquela manhã, foram um inferno. A consciência da responsabilidade me esmagava. Eu me sentia prêsã de revoltas terríveis. Contra mim próprio. O meu fôro íntimo me acusava em altos berros e, momentos havia, quando no quarto estavam mais pessoas, que eu temia fosse ouvido o que a consciência me estava rugindo acusadoramente.

Deixei-me ficar deitado, com as mãos ainda sujas do barro da beira do córrego, onde havia sido apinhado como morto, com as vestes estraçalhadas e a cara rasgada pelos espinhos, sem consciência do que fazia.

Ao meio dia, trinta cavaleiros, todos camaradas da fazenda, passaram em boa ordem pela estrada que além se desdobrava até se perder na mata, a mesma estrada por onde eu e a Abadia tantas noites clarinhas de luar passeávamos, possuídos de um afeto rude e bravo, que julgávamos imortal.

Eu fiquei, com os olhos dilatados, a olhar os dois "banguês" em que os cadáveres eram conduzidos, rumo ao cemitério tosco, procurando adivinhar, através das formas, qual deles seria o de Abadia, qual o de Adelino. Os dois cadáveres balouçavam, ao ritmo da marcha dos cavalos e o tropel daquela cavallhada fúnebre cresceu, cresceu e chegou aos meus ouvidos alucinados como uma voz terrível, que ia urrando:

— Covarde . . . Covarde . . .

O cortejo desfilou lentamente, os homens silenciosos e de cabeça baixa e a fumaça dos cigarros ficou espiralizada no ar parado, como um lenço branco que acenasse um adeus supremo, um adeus para sempre . . . Depois se perdeu nos confins da estrada, aquela mesma estrada em que eu e ela tantas noites percorremos, com o coração cheio de festas, sonhando os mesmos sonhos de felicidade.

O som daquele tropel, porém, ficou-me nos ouvidos, urrando continuamente:

— Covarde . . . Covarde . . .

O remorso, se é que há remorso neste mundo, concentrou-se-me nos olhos e nos ouvidos. Eu fiquei com aquele cortejo, com aqueles dois cadáveres envoltos em lenços muito alvos. baluçando ao ritmo da andadura dos cavalos gravados dentro das minhas retinas e nos meus ouvidos ficou soando o mesmo urro de sempre:

— Covarde . . . Covarde . . .

Ao dia seguinte, depois de horas de inaudito sofrimento, viajei. Corri mundo. Estive em São-Paulo, tomando conta da filha que os patrões lá mantinham e, seis meses depois retornava a êsse cenário trágico. Quando viajei, levei comigo essas duas alucinações manifestações do remorso ou, se quizerem, do arrependimento. Quando voltei, trouxe comigo a lembrança mórbida daquele desvairamento e trouxe comigo as mesmas alucinações de meus olhos e de meus ouvidos. De tal maneira essa alucinação me perseguia, que desandei a ficar mau e cruel para com aquela gente humilde e boa que tanto me queria. Mantive a disciplina, entre os camaradas da fazenda, a gritos e a tiros. Parecia-me que, assim fazendo, conseguia amortecer, dentro de mim, aquele trágico vozerio interior que não deixava um instante de socêgo.

Os meus nervos andavam em um crispamento contínuo e os meus sobressaltos chegavam a ser tão visíveis que, muitas vezes, percebi manifestações de piedade por mim de parte do pessoal da fazenda. Muitas vezes ouvi, fingindo não estar ouvindo, cabras contra quem havia proferido os palavrões mais injuriosos e mais contundentes, cabras capazes de tôdas as atitudes, dizerem uns aos outros:

— Coitado . . . a morte de siá Abadia amofinou-o para a vida tôda . . .

E a vida, assim, se transcorreu. Um ano, dois anos, sei lá que tempo mais passou. Mas a minha tortura não esmoreceu. A mesma visão ocular e auricular me perseguia sempre e levava-me tôda a tranquilidade. Parecia que as sombras da loucura procuravam por tôda a forma varar-me as paredes do crâneo e empolgar-me os miolos . . .

(Antônio Joaquim levantou-se e suspirou fundo. Foi ao fogo, tirou um graveto em cuja ponta uma braza reluzia e acendeu o cigarro.

Alguns relâmpagos, nos lados do sul, descreviam, com luz esverdeada, bizarras configurações geométricas).

Uma tarde eu voltava de um serviço rude, de que mais gostava: as galopadas vertiginosas em pós rezes fugitivas, nas invernadas sem fim, nas margens do Paranaiaba. A lida do dia tinha sido ingrata e má. Um vaqueiro estourara a espinha, em uma queda do cavalo e vinha, bem atrás, carregado pelos companheiros. Era de tarde, uma tarde de serenidade augusta e impressionante. Os morros, do outro lado, pareciam grandes tumores vermelhos e o rio, entrevisto em uma reta, era um punhal de prata. Nas palhadas, árvores negras, tsnadas pelos fogarões de agôsto, tinham atitude estranha, erguendo para o alto os longos braços descarnados, imobilizadas em uma agonia sem têrmo. Eu vinha olhando essas cousas, pensando na inanidade dos esforços do homem na terra, impressionado, de certo, com a morte do vaqueiro, quando, em uma volta da estrada, me defrontei, de súbito, com Augusto Barbosa, irmão do Adelino.

Aquí, eu quero que vocês atente bem numa cousa: eu absolutamente não sou um homem medroso. Não tenho apêgo à vida e não temo a morte. O furacão psicológico que a morte de Abadia me causara, não me diminuiu a fortaleza dos nervos. Todavia, ao ver aquele homem parado, no meio da estrada, no palor daquela tarde serena, eu me senti tomado de um medo irresistível. Perdi por completo o domínio sobre mim mesmo. Tão completamente que, eu que não me arreceiava de cabras ruins que sobre mim avançavam de facas empunhadas, de face convulsa, rilhando os dentes, eu que nunca tive medo de cousa alguma, docilmente apeei da montaria e fiquei, ali, na frente do homem, como um estafermo, com tremuras no corpo todo . . .

Augusto trabalhava na fazenda e, sobre os acontecimentos do passado, nunca abria a bôca. Se alguém tocava no assunto, o homem desconversava. Por isso mesmo, às vezes, eu tinha a intuição de que entre mim e êle ainda havia de haver qualquer cousa. E essa qualquer cousa, entrevista, entrepresentada através de pensamentos fugáces, ia acontecer ali, agora.

Tentei reagir contra a onda avassaladora do mêdo. Foi em vão. O meu sistema nervoso murchou, murchou sem remédio e não atendeu à reação por mim tentada. Tive uma verdadeira inibição no meu raciocínio. Murchou, de beijos brancos, de olhos arregalados, com as faces descoradas, tremendo, fiquei na frente daquele homem como uma cousa à tôa.

Augusto, com voz entrecortada, disse-me um mundo de cousas de que eu não me lembro bem. Aos meus ouvidos a sua voz chegava

clangorando, com o estrépido do estouro de uma boiada.

— Cachorro! . . . Canalha! . . . Ladrão! . . .

Aquele medo, medo ancestral, medo remoto, medo remanescente de minha animalidade primitiva anulava-me integralmente. Augusto, com uma faca ponteguda empunhada, continuava berrando:

— Cachorro . . . Você desgraçou a vida de meu irmão! . . . Bandido! . . . Canalha! . . .

A cada palavra pronunciado, empurrava a faca, em rumo à minha barriga, num movimento de baixo para cima, num impulso mais para atemorizar do que para ferir, lanhando-me a pele levemente e arrancando-me para fora as fraldas da camisa de pano cáqui.

— Canalha! . . . Bandido! . . .

E a faca, com o ritmo de um pêndulo estranho, ia e vinha, com fulgurações assassinas, empunhada pela mão convulsa daquele homem que, aos meus olhos desvaierados, surgia como um gigante das idades remotas, perante o qual eu me desfazia de medo, arrasadamente anulado.

Quando dei fé, Augusto ia se embora. O homem ia-se calmamente, a passos lerdos, chapinhando os pés cascudos na poeira fina da estrada buida pelo trânsito.

Um pensamento fulgiu, rápido, na noite do medo que me empolgava. Mais instintivamente e menos por inteligência, o meu revólver Colt admirável, calibre 38 duplo, estava-me nas mãos. Visei Augusto com vagar e com volúpia. O meu dedo indicador começou, mesmo, a premir assassinaamente o gatilho . . .

O tiro não saiu, porém. Lá, do fundo de mim mesmo, levantou-se aquele vozerio acusador. Levantou-se tímido a princípio, cresceu, cresceu mais a estourou-me dentro da cabeça com o estampido de um fim de mundo e aos meus ouvidos rugiu a acusação implacável:

— Covarde! . . . Covarde! . . .

A silhueta do Augusto esbateu-se e esfumou-se no entardecer languroso e eu vi, vi num alucinação fatal, aqueles trinta cavaleiros, silenciosos e graves, desfilando lentamente, carregando dois cadáveres embrulhados em lençóis muito alvos, bamboleando ao ritmo da andadura dos cavalos, tal qual naquela manhã que nunca mais conseguí esquecer.

— Covarde! . . . Covarde! . . .

(A noite era de uma escuridão sem termo. Dos lados do sul vinham fulgurações lívidas de relâmpagos. A uma lufada de vento, que avivou o fogo dormente, eu vi. Vi claramente que Antônio Joaquim chorava).

O DIA DA CRIANÇA

Dia 2 do corrente é o dia consagrado à criança. Tem, assim, a data, um sentido todo especial. Representa como que um apêlo à consciência da humanidade, que tem na criança o seu futuro.

Esse pequenino ser, feixe de forças sem direção, é uma possibilidade para o bem, tanto quanto para o mal. Compete-nos a nós, os adultos, o orientar essas forças, a-fim-de que se tornem positivas e fecundas.

Século da criança, foi assim chamado o nosso. Mas não atinamos porque. Sem dúvida que os cuidados materiais com a infância redobraram. “Cientificamente” falando, socorre-se, hoje, a criança, de modo o mais “racional”. Todavia, a assistência moral ao menino não tem obedecido a um plano conveniente.

Descristianizada a humanidade, tem-se amoldado essa massa plástica, que é a criança, ao sabor de ideologias nem sempre sãs. Basta ver os totalitarismos, que, operando sobre a infância, teem feito do homem, ali um bruto, acolá um autômato, mas jamais uma pessoa humana. Foi dada, nos países totalitários, à criança, uma consciência de classe ou de raça, e não uma consciência humana. Daí o aniquilamento do homem, submerso no mundo dos mitos, subjugado a pequeninos e terríveis deuses, com os quais o roubaram de Deus e o deixaram vasio . . .

Cuidados médicos, assistência “técnica”, alimentação vitaminada e instrução “moderna”, não bastam. E’ preciso considerar algo que está acima do estômago e dos músculos:— o espírito. Sim, urge considerar a alma da criança, purificando-a e capacitando-a para a grandeza. E’ preciso orientar politicamente as crianças tôdas do mundo no sentido da bondade, do amor, da liberdade, da fraternidade, da personalidade. No sentido cristão, pois só o cristianismo dá ao homem a medida verdadeira de sua grandeza e lhe marca o caminho da plenitude.

A Alemanha e a Rússia provaram o assêto de que “se dá à criança a estrutura que se quer”. Sirvam-nos as grandiosas lições dos dois grandes países; vistas atentas, saibamos distinguir os valores verdadeiros dos falsos, os eternos dos fugazes. E procuremos encaminhar a criança brasileira no sentido da perfeição.

Ameaça de chuva

ESPECIAL PARA "OESTE"

CONTO DE José Godoy Garcia

Vinha andando pela rua o seu Eustáquio. Gordão. Ficou rico sem saber como. Da noite para o dia. Amaro fez amizade com êle muito antes de seu Eustáquio se enriquecer. Por isso o velho ajudou Amaro, que já estava bem na vida, casado, e não morava em casa de ninguém. A casa era dêle, de tarde ficava sentado na porta da rua, a mulher de vestido caseiro. Amaro conversava muito. Quasi todo o dia fazia um negócio: ganhava tanto! Seu Eustáquio vinha pela rua, conversava sôbre a chuva:

— E' da grossa. Daquele lado não falha.

Sôbre Mariazinha andavam dizendo que o noivo fôra embora e não voltaria, mas o noivo voltou. Ela agora entrava no empório. Devia comprar rendas, botões, dois ou três metros de veludo. De perto não era bonita, de longe dava um ar vistoso, os cabelos negros. Amaro telefonava. Queria saber se tinha arroz para uma semana. "Alô". Linha ocupada. Foi bom! Amaro avisou seu Eustáquio, foi lá falar com êle. Os dois homens falando com o velho tinham um ar sério. Os negócios dão mesmo êsse ar sério. Amaro chegou e deu um cumprimento íntimo. Ficou ouvindo: o velho explicava sôbre a baixa de mercadorias. Êle não acreditava.

Os mercados europeus estavam arrazados. Carne depois da guerra! Vai haver muita fome, isso vai. Morrer muita gente, morria. Miséria, isso sempre teve. Ora miséria! As meninas do colégio passavam como se fossem donas do mundo. Muita gente olhou, seu José também. Eustáquio no fundo não gostou. Falou duas ou três palavras que os amigos não ouviram. Não teve mais entusiasmo. As meninas deviam comentar — "Alípio voltou. Dizem que o casamento será na terça-feira. Povo que fala! Mariazinha deve estar satisfeita. Ela estava ficando velha. Depois, um namôro escandaloso daqueles".

— Chuva daquele lado não falha.

— Eustáquio, moro há muitos anos aqui, digo que chuva engana muito. A gente não pode dizer que ela vem. Este ano está regular, já choveu umas dez vezes. Mas e no ano passado que o pó tomou conta de tudo? Só fomos ver chuva em dezembro.

Amaro já estava rico, mas conversando com o velho era um homem sensível. Alguém poderia dizer que era um adulator, mas não

era. Amaro nunca pensou, não saberia dizer, tinha uma amizade, respeitava suas amizades. Quando velho Eustáquio dizia uma coisa, ouvia. No outro dia era capaz de contar aos amigos a mesma coisa. Era admiração. Também devia a sua posição ao velho. Pagava o bem com o bem.

— Onde mora aqui o doutor Figueiras?

— O senhor sobe esta rua tôda a vida.

Uma cara estranha que tinha negócio com o doutor Figueiras só podia ser um mau pagador também. Doutor Figueiras não pagava gente viva. Perdia no jôgo e dava cheque falso. No armazém estava com a conta alta. Seu Juca contava para todo mundo, mas na hora de dizer à empregada que não mandava mais nada, não dizia. Era uma espécie de respeito para com o jornalista. Amaro indagava de si sôbre a felicidade de gente estranha chegar e melhorar de vida, assim daquele jeito, na sua cidade. Nós vivemos aqui lutando, chega um e toma conta de tudo. Amaro falava e corria os olhos. Todo mundo acreditava: o protegido de seu Eustáquio tinha um extraordinário poder para convencer os outros.

— Quem é aquele?

— E' Alípio. Vai casar com a filha do juiz.

— Mariazinha?

— E'.

— Então voltou?...

O tempo era mau. Mas os homens estavam felizes.

— Mas a chuva não vem . . .

Se a chuva não viesse, no outro dia todo mundo teria certeza dela, os colegiais não passariam para a escola, os homens ficariam mudos dentro de casa, fumava-se muito. Mas ninguém pensava no outro dia. As ruas ingênuas cobriam-se de um ar puro porque havia vento. As mulheres se tornavam, misteriosamente, melhores, mais confortáveis, mais indispensáveis à vida. Seu Eustáquio viu Antunes que passava. Antunes disse que pagaria o empréstimo dentro de 15 dias. Não pagou. "Você viu por aqui o coletor?". Foi uma pergunta no ar. Antunes não queria saber de nenhum coletor. De fato era um bom amigo dêle. Mas estava com o cérebro amarrado, a chuva não vinha, seu Eustáquio olhando. "Podia cair um dilúvio", pensava, e sua vontade era-de-ter dinheiro e pagar êsses malandros importantes e corados que andavam por aí.

Embora houvesse muita gente conversando, tudo era calmo. Só o escuro que vinha do tempo, dali daquelas montanhas próximas. Os olhos furavam. "Sou um sem vergonha". Desorientado, se tivesse chegado, numa expressão amável, deixando parecer muito serviço, trabalhos urgentes . . . Mas logo que viu o homem se perdeu, não teve destrezas. "Viu o coletor?".

Uma pessoa chamou o velho num grito.

— Seu Eustáquio!

Vieram prosear mesmo aqui a seu lado. O velho de costas, a nuca imunda. Se desse um coice naquela nuca? Amanhã de qualquer jeito pagaria. Lá estavam as meninas do colégio que vinham novamente, rindo, com o volume de livros às mãos. Felizes! Antunes foi andando, subiu numa rua, desceu pelo lado esquerdo. Uma zoeira, uma vida ruim.

— O senhor é feliz, seu Eustáquio.

— E', sou.

Eustáquio era feliz!

Tinha uma filha, magra, professora do grupo escolar, namorada de um médico novo, que andava pelas ruas com ela, e, na sala da residência do velho, botava a filha no colo. Isso era um absurdo! O doutor de óculos era muito importante, ninguém podia dizer nada. Ora, moça beija mesmo, também estava ficando velha, seu Eustáquio deixava, pensava, mas procurava esquecer.

Final de contas, a chuva, o dia todo ameaçando chuva. Aquele escuro triste empanando as almas e agitando a vida, para fazer do dia uma confusão, um dia perdido, conversas, casos e negócios não realizados. Talvez com a noite a chuva venha! Mesmo, como é agradável estar em casa à noite e ouvir o barulho da chuva, sentir que lá fora a enxurrada escorre pelas ruas, lavando a vida, humedecendo a vida. As árvores belíssimas, de novo, verdes. Os homens vivendo com mais coragem. De noite, ora, a chuva melhora a vida!

© NÃO me seria possível concordar com os que dizem que existe, ou existiu, um vislumbre que seja, de semelhança entre a concepção política dos regimes nazista e fascista e a filosofia governamental do atual regime brasileiro. — Sumner Wells (Sub-Secretário de Estado, nos EE. Unidos).

—:—

© Os grandes construtores políticos da nossa nacionalidade, os verdadeiros fundadores do poder civil, entre nós, procuraram sempre, como o objetivo supremo da sua política, consolidar e organizar a nação por meio do fortalecimento sistemático da autoridade nacional. — F. J. Oliveira Vianna.

A Revolução no seu 14.^o aniversário

Celebra-se este mês, a 24, mais um aniversário da vitória da Revolução de 1930.

A efeméride, para os patriotas sinceros e para quem sabe ver mais além da superfície dos acontecimentos, tem o sentido profundo das coisas perenes, e isto porque o 24 de Outubro de 1930 assinala, efetivamente, o momento culminante de um longo e profundo processo de autentificação nacional — aquele em que a Pátria, já à beira do abismo, soube descobrir em si mesma forças de afirmação e de sobrevivência que naquele dia se libertaram de poderosas cadeias que a subjugavam, encontrando o seu curso natural.

Realmente: mirando o passado, veremos, partindo do sistema colonial mesmo, que a nossa evolução política atravessou o império obedecendo, de um certo modo, a um ritmo brasileiro de existência, mau grado todo o contrapeso de uma defeituosa formação cultural, de inspiração européia e norte-americana.

As condições ainda simples da vida brasileira, a ordem unitária monárquica, o prestígio pessoal de Pedro II, a influência da Igreja Católica, o sentimento nativista ainda muito vivo, o intercâmbio pouco intenso com os países estrangeiros, tudo isso foram elementos de unificação, com força bastante para contrabalançar os efeitos maléficos, em nossa organização social, política e administrativa, de uma informação ideológica estranha às solicitações existenciais legítimas da Pátria.

Entretantes, advinda a República liberal, fruto estranho de árvore estranha, como tantas vezes já se disse, e vindo numa situação nova no mundo, quando o entrelaçamento cultural entre as nações

se fazia já mais nítido, as forças nacionais, por uma série de circunstâncias, ficaram sem um ambiente próprio a uma plena floração.

É se iniciou, então, em 1889, a obra de desintegração nacional.

O regime demo-liberal foi, nunca é demais repetir, como que u'a máscara com que o Brasil foi escondido a si próprio e se exibiu, ridiculamente, no palco do mundo, durante quasi meio século. Passamos a viver, nesse período de imitação integral, no que o vulgo chama de "mundo da lua". Só os pés nossos pisavam a Terra; a cabeça estava perdida no emaranhado de ficções ultramarinas. Nossa ordem política — a ordem existencial por excelência dos povos — se alicerçava numa Carta que, de origem extranha, não espelhava os imperativos da existência nacional. Por isso a nossa literatura, longe de ser expressão da sociedade indígena, refletia sentimentos, hábitos e idéias de outras gentes, cantando nossos poetas cantos sem éco em nossa alma e os nossos prosadores insensíveis e surdos à realidade nacional. E assim em tudo: ves-



tiam-se as nossas mulheres como as parisienses e os homens à inglesa; a manteiga que comíamos vinha da Suíça; eram de Viena as músicas que dansávamos, a nossa língua se despersonalizava através da inundação ininterrupta de galicismos, anglicismos, espanholismos, etc.. Importávamos tudo, desde idéias até alimentos. Só uma coisa não importávamos: patriotismo.

Dessa maneira, o nosso "jeca", o brasileiro legítimo, era ridicularizado. Sim; estuantes de europeísmo, passamos a ver no Brasil um "deserto de homens e de idéias", "um vasto hospital", "um país onde tudo era grande menos o homem" — estado de espírito que bem fotografava o caos a que nos levára o demo-liberalismo de 89.

De brasileiro mesmo tínhamos apenas algumas vozes isoladas, sempre clamando, mas sempre incompreendidas e abafadas pelo prestígio de coisas que vinham de longe com o selo da consagração. Esquecêra-se um passado rico em feitos magníficos; via-se somente um presente que nem era brasileiro e pelo qual se nos condeava: — o presente liberal, em que a Nação, sob

ESCOLA de FARMÁCIA e ODONTOLOGIA

Celso P. Brown

a responsabilidade de seus chefes ocasionais, fugira de si própria.

Todavia, essas vozes profundas da nacionalidade não se calavam. E porque eram vozes da verdade, da verdade da Terra, da nossa verdade, foram afinal compreendidas por aqueles que eram brasileiros: os sertanejos, o "capiú", o "jeca", o "matuto"; homens que não usavam cartola nem frequentavam reuniões à Sevigné; os patriotas que não viam no parlamento uma conquista democrática e sim um recinto de palradores jactanciosos e quasi todos inúteis; os brasileiros autênticos, que ficavam bobos de saber de residências com estufas no Rio de 40° à sombra; que riam do poeta que cantava a lua de Londres, as lendas do Rheno e os amores trágicos de Romeu e Julieta e ignorava o drama de Moema, os feitos ciclôpicos dos Raposo Tavares, Borba Gato e Anhanguera; que zombavam do músico que falava em harpa e se arrepiava todo ao som de uma viola cabocla; que escarneciam do "boêmio" que usava roupa de "apache" mas que nunca tomara "pinga", ignorava a "favela" e tremia de medo quando via um "capoeira" . . . Foram ouvidas, sim, essas vozes. As vozes de Júlio de Castilhos, de Euclides da Cunha, de Alberto Torres, de Couto Magalhães, de Catulo da Paixão Cearense, de Noel Rosa, dos bandeirantes. As vozes da mangabeira, do babaçú, do caroá. As vozes do São Francisco, do Araguaia, do Amazonas, do zebú, do pai-de-santo, do uirapurú. Vozes de Vila Rica, da Baía, de Olinda. Vozes que vieram do fundo do Brasil e foram ouvidas, compreendidas e seguidas pelos homens capazes de provar que brasileiro também é gente e que esta Terra tem dono. Quando Getúlio Vargas hasteou em 30 a bandeira revolucionária, a Nação inteira sentiu que êle queria o que ela queria: Um Brasil brasileiro, para os brasileiros. E o seguiu, idealista, confiante.

Depois de 22 e de 24, veio 30. E a Revolução venceu. O Brasil venceu. Porque, em 30, o Brasil começou a marcha sobre si mesmo, para a sua conquista integral. Nossa civilização, de lá para cá, se tem, a mais e mais, afirmado em termos de brasilidade. Tudo confuso, a princípio, mas um ideal grande a nortear os homens, poude a Nação encontrar, finalmente, em 37, o seu caminho definitivo.

Firma-se, agora, típica, definida, brasileira, uma ordem política nacional, cristalização social de uma sadia filosofia política e pela qual o Brasil se afirma frente aos demais povos civilizados como um ser distinto e soberano. De fato; hoje já se distingue, no mundo, a figura majestosa de um Brasil diferente, pessoal, forte.

E a Revolução continua. Porque revolução não foi só o golpe armado de 30. Revolução não é apenas

A imprensa desta Capital, há dias, veiculou a auspiciosa notícia de que o Diretor da Faculdade de Direito de Goiás, desembargador Dario Délio Cardoso, solicitara a colaboração de médicos, cirurgiões-dentistas e farmacêuticos aqui residentes, com o objetivo de ser realizada uma reunião onde seria focalizada a possibilidade da instalação de uma Escola de Farmácia e Odontologia em nosso meio, anexa à Fundação a que pertence a mesma Faculdade.

Do resultado dessa reunião e o que ficara assentado nela, nada de positivo se soube, mas é certo que muito dela espera o elevado número de candidatos aos cursos de farmácia e odontologia, já possuidores do curso complementar, hoje científico, para a continuação de seus estudos superiores.

Esse numeroso grupo de interessados aguarda, ansiosamente, a oportunidade para o prosseguimento de seus estudos e é natural, pois, que acompanhe com vivo interesse as demonstrações de boa-vontade e de esforços do desembargador Dario Délio Cardoso no sentido de que Goiânia seja dotada com uma Escola de Farmácia e Odontologia.

—o—

O Estado de Goiás, atualmente,

destruição, mas também construção. Em 30, destruímos uma ordem, e aí o aspecto negativo do movimento; e então iniciamos a edificação de uma ordem nova, e aí o seu aspecto construtivo. Estamos, assim, em plena etapa positiva da Revolução, que é, sobretudo, um movimento cultural, êsse movimento que aqui vai reestruturando, em bases novas e para nobres finalidades, todos os quadros da vida nacional.

A Revolução não foi unicamente a queda de um governo, mas a troca de um regime, do regime de-mo-liberal pelo sociocrático, que restaurou as nossas forças armadas; que nos deu uma aviação; que resolveu o problema da sêca no nordeste; que saneou a Baixada Fluminense; que rasgou as bandeiras estaduais; que unificou o nosso direito adjetivo; que nos deu uma exemplar legislação trabalhista; que fundou a Legião Brasileira de Assistência; que criou a Fundação Brasil Central; que está amparando sistematicamente a criança e combatendo, planificadamente, as nossas endemias; que nos pôs a salvo dos totalitarismos de todos os matizes; que, enfim, possibilitou a Pedro Ludovico, um dos seus próceres, a realização de Goiânia, que é um símbolo do Brasil novo.

não tem funcionando em seu vasto território nenhuma escola de farmácia e nem de odontologia. Não temos, também, é preciso que se diga de passagem, nem escola de veterinária nem de agronomia. A nossa mocidade estudiosa, em vista disso, ao terminar o curso ginásial, ou ingressa no curso clássico, ou no científico, ou se matricula na Escola Técnica de Comércio, que mantém unicamente o curso de técnico de contabilidade, antigo curso de contador, de três anos. Aqueles que ingressam no curso clássico teem a Faculdade de Direito à frente, e nela seguem seus estudos superiores. Mas, e aqueles estudantes que se matriculam no curso científico? Terminado o curso, ficam, como tantos outros, à espera de uma escola de medicina, de engenharia, de veterinária, de farmácia, de odontologia... que Goiânia ainda não tem!

Não me refiro aos estudantes que dispõem de recursos financeiros, aliás minoria insignificante que daqui se ausenta para continuar seus estudos superiores fora do Estado; refiro-me, sim, à maioria, essa grande maioria que não quer ser bacharel em Direito nem técnico de Contabilidade, que anda às voltas consigo mesma, que sabe para onde quer ir mas acaba indo para onde a impele a força das circunstâncias: os seus ideais, as suas esperanças, de ser um médico, um engenheiro, um veterinário, um farmacêutico, um dentista, ou o que mais desejar ser, acabam de maneira dramática: — transformam-se em sonolentos e maciços Tratados de Direito ou de Contabilidade!... que, no entanto, deixam de ser sonolentos e maciços, e sim fontes inexgotáveis de prazer intelectual aos que a essas disciplinas se dedicam por vocação profissional.

—o—

Como terá essas escolas, a mocidade estudiosa de Goiás não sabe. Não sabe, compreende-se, é porque não é de sua alçada instalar escolas. Pelo contrário, as escolas devem lhe ser franqueadas, venham de origem oficial ou não, mas o que é preciso é que venham e que sejam eficientes e surtam os resultados que delas se esperam: — o preparo de profissionais competentes e não a formação de diplomados de anel pomposo e cabeça vazia!

Como se mede a liberdade nos indivíduos e nos povos? Pela resistência que há a vencer, pelo trabalho que custa chegar ao alto. O tipo mais elevado do homem livre há de buscar-se ali onde se tem a vencer mais forte resistência, a cinco passos da tirania, no umbral mesmo do perigo da escravidão. — Nietzsche.

A' MARGEM DA VIDA JURÍDICA

Escritório Boaventura

José Campos

A's oito horas da manhã, caminhava, pela Avenida Passos, por entre um formigueiro de pessoas, aos encontrões, um homem em cujo semblante se estampavam profundos sofrimentos morais.

Ao contemplá-lo, dir-se-ia uma vítima a caminho do cadafalso, sem esperança alguma de salvação. Em determinado ponto da rua, tira do bolso um papel, lê o que nele estava escrito, pára, e mira a fachada de um velho sobrado. Lá estava exposta, em pomposos dizeres, uma tabuleta que, de longe, podia ser lida:

ESCRITÓRIO BOAVENTURA.*Procuratórios em Geral.*

Esse escritório, como muitos que há por esse Brasil a fora, é uma verdadeira arapuca, onde inocentes vítimas, atraídas pelos grãos ali depositados adrede e de que necessitam para alimentar-se, são pegas e inexoravelmente exploradas.

E' ali que o despundonor da ambição ao ganho pelos meios mais escusos aparece como uma das piores chagas que corroem uma sociedade organizada. E' ali que a consciência humana se encontra completamente embotada, ignara dos mais comезinhos princípios de solidariedade humana. E' ali afinal, que os escórias sociais têm os seus mais lídimos representantes, muitas vezes mancomunados com os próprios poderes públicos, e onde campeiam, desabridamente,

Ipocrisia, lusinghe e chi affatura Falsità, ladronuccio e simonia Ruffian, baratti e simile lordura (1).

O homem sobe à escada, vagarosa e tristemente. Entra por um pequeno corredor de tabique. A' entrada de uma porta, aos fundos, é atendido por um rapaz, que o conduz a uma sala. Senta-se numa das poltronas, enquanto aguarda que o senhor Boaventura acabe de falar no telefone. Coloca êle, enfim, o fone no gancho, mastiga um charuto, refestela-se na poltrona, e lê um dos papéis sobre a mesa que tinha sido assunto de sua conversa no telefone, sem olhar para o homem que se encontrava sentado à sua frente.

Francisco Boaventura era um indivíduo obeso, rosto cheio, de basta cabeleira, sem cultura alguma, mas possuído do mais apurado tino de capacidade. E' insinuante no conversar, e possuidor de uma lá-

bia tão requintada, que se introduce em qualquer repartição pública, fala com os chefes mais graduados, e obtem, quasi sempre, o que deseja. Os seus primeiros haveres foram adquiridos, como açougueiro, num prédio de esquina da rua Bela-São-João, em S. Cristóvam, onde, com uma invulgar maestria, usava, despercebidamente, um de seus dedos de contrapeso ao vender a carne, de forma tal que o seu quilo nunca ultrapassava de oitocentas gramas. Com êsses haveres, montou um escritório à Avenida Passos, tendo como sócio, a princípio, um funcionário aposentado do Ministério da Fazenda, que o orientava. No mesmo sobrado, quasi em frente à sua porta, havia um escritório de advocacia que, com êle, em determinados negócios, principalmente os jurídicos, tinha parceria. Em todos os bairros e subúrbios havia agenciadores para o seu escritório.

Depois de expelir várias baforadas de fumo, que lhe saiam também pelo nariz, olha, afinal, para o visitante, faz-lhe um aceno para que se aproxime dêle, e lhe estende paternalmente a mão, dizendo:

— A que vem, filho?

— Desejo, senhor Boaventura, que me compre três meses de vencimentos que percebo como funcionário da Prefeitura Municipal. A minha esposa acaba de ser submetida a uma operação, e necessito de dois contos e quinhentos mil réis para pagar a Casa de Saúde.

— Quanto ganha mensalmente?

— Oitocentos mil réis.

— Adianto-lhe com o desconto de vinte e cinco por cento.

— Desconte menos, senhor Boaventura, faça-me essa caridade; tudo quanto ganho tem, todo o mês, o seu destino exato. Esse desconto contribuirá ainda mais para que eu diminua a aquisição de alimentos para meus filhos!—implorou-lhe, com os olhos tristes, o funcionário da Prefeitura.

—E' a tabela. Nada tenho a ver com seus filhos, nem tão pouco tenho interesse algum no empréstimo. Caso não queira, pode ir embora, caro amigo — concluiu êle, dando, sorridente, a mão ao visitante, gesto que sempre fazia, em tais circunstâncias, para levar os seus clientes a se decidirem imediatamente.

Nesse momento, tilinta a campainha do telefone, e o Senhor

Boaventura vai atendê-lo. Se alguém tivesse o seu fone em contacto com o fio da ligação, ouviria a seguinte conversa:

— Pronto.

— E' o senhor Boaventura?

— Sim.

— Bom dia, senhor Boaventura.

— Bom dia.

— Aqui é o Rabelo, tesoureiro do Hospital S. Mateus. Propositadamente, deixei agora mesmo de efetuar o pagamento a um fornecedor do Hospital, sob a alegação de falta de numerário. Aconselhei-o a que o procurasse. Arranje-lhe o dinheiro que, hoje ou amanhã, poderá vir recebê-lo. Amanhã, à tarde, passarei pelo seu escritório para receber a minha comissão, caso entrem em acôrdo.

— Obrigado, senhor Rabelo. Arranjar-lhe-ei o dinheiro, caso combinemos. Não me esquecerei da sua comissão. Despediram-se, e logo que o senhor Boaventura colocou o fone no gancho, o funcionário da Prefeitura, dando de ombros, lhe diz:

— Que fazer! . . . Aceito a proposta, senhor Boaventura.

— Qual o seu nome e cargo?

— Orlando Lopes da Silva, escrivão. Eis o meu título de nomeação e atestado de exercício — responde-lhe o funcionário, colocando os seus papéis sobre a mesa.

— Senhor Manuel!

— A's ordens, senhor Boaventura — responde-lhe seu guarda-livros.

— Dite a êsse senhor uma procuração, com poderes irrevogáveis, em duplicata — ordena-lhe o sr. Boaventura, entregando-lhe um papel.

Enquanto Orlando Lopes da Silva escrevia, de seu próprio punho, a procuração, sob a orientação do guarda-livros, chega ao escritório um dos agentes do senhor Boaventura, de nome Aurélio Vaz, residente no Meyer, que logo lhe vai dizendo, em tom alviçareiro:

— Senhor Boaventura, arranje-lhe uma procuração daqui . . . —disse-lhe o agente, levando os dedos indicador e polegar à extremidade inferior da orelha direita.

— A que faz ela referência?

— A um inventário de um português que deixou vários prédios de valor superior a quatrocentos contos com a vantagem de haver uma só herdeira—a sua mulher.

— De que modo o contratou?

— Vinte por cento sobre o mon-

te com a condição de o senhor adiantar tôdas as importâncias necessarias para as despesas, que correrão por conta da inventarian-te. A viúva está sem dinheiro.

— Chame o doutor A'lvano Mota — ordena o sr. Boaventura ao seu porteiro.

O dr. A'lvano Mota era o advogado que residia no mesmo andar.

— Bom dia, senhor Boaventura. Como vai essa bizzarria? — diz-lhe o dr. A'lvano, batendo-lhe às costas com uma das mãos, muito sorridente e cortês.

— Muito bem, dr. A'lvano. Tenho mais esta procuração. Quanto cobrará por êsse inventário? — pergunta-lhe o senhor Boaventura ao advogado, estendendo-lhe a procuração, acompanhada de um lembrete com a descrição dos bens deixados pelo falecido.

Após uma pequena reflexão, responde-lhe o dr. A'lvano:

— Dois contos de reis, uma vez que é para o Senhor.

— Aceito — disse o sr. Boaventura.

Depois de ter saído o doutor A'lvano, ao qual foi substabelecida a procuração, vira-se o senhor Boaventura para Aurélio Vaz e, com um piscar de olhos, lhe diz:

— Êsse serviço me dará um líquido de mais de setenta contos. Dez serão seus, de comissão.

Orlando Lopes da Silva, o funcionário municipal, ao receber o dinheiro do sr. Boaventura, vê chegar ao escritório, por uma grande coincidência, o seu amigo Abílio de Oliveira, português, fornecedor de gêneros alimentícios a diversas instituições de caridade do Rio-de-Janeiro. Abracam-se. Dirige-se, em seguida, Abílio de Oliveira, para o lado da mesa em que se encontrava sentado o senhor Boaventura.

— Tenho umas contas do hospital S. Mateus. O tesoureiro dessa instituição afirmou-me que só daqui a um mês ou mais é que me poderá efetuar o pagamento. Como demonstrasse a grande necessidade do recebimento, pois que tenho duplicatas vencidas, aconselhou-me a procurá-lo que m'as compraria. Ei-las. São vinte e cinco contos, relativos a três meses de fornecimentos.

— O hospital S. Mateus é muito moroso nos pagamentos. Dou-lhe, por muito favor, vinte contos.

— E' para receber daqui a um mês! O desconto é grande!

— Caso queira, filho — responde-lhe o senhor Boaventura, displicentemente, levantando-se de sua cadeira e pegando de seu chapéu, numa demonstração de que ia sair.

— Espere um pouco, senhor Boaventura. Aceito a oferta.

O guarda-livros do senhor Boaventura redige a cessão de crédito, fortalecida, ainda, por uma procuração com poderes irrevogáveis.

Abílio de Oliveira copia o escrito, que é por êle assinado e duas

testemunhas, recebe os vinte contos, e se retira com o seu amigo Orlando Lopes da Silva.

Desce a escadaria. Atravessa a rua. Do outro lado, Abílio, que é possuidor de uma *verve* picante, diz para o seu companheiro, apontando para o anúncio do escritório do senhor Boaventura:

— Este mundo é das contradicções. Se pudesse tiraria aquela tabuleta e substituiria por outra, com os seguintes dizeres:

"ESCRITÓRIO DA DESVENTURA". "Explorações" em Geral".

— Aquilo, ali, é uma mina, senhor Abílio. Em pouco mais de meia hora, assisti ao senhor Boaventura ganhar quasi cem contos de réis, sem o menor esforço.

— Mas não será tudo isto roubo, senhor Orlando?

— Negócios . . .

— Negócios, não, senhor Orlando, roubalheiras. Aquele escritório é um covil de ladrões, com uma quadrilha organizada para furtar, roubar e extorquir às barbas da Justiça. Todo o indivíduo, no nosso regime capitalista, tem o direito de fazer o negócio que lhe aprou-ver, mas com lucros dentro de limites razoáveis. Ultrapassado que seja, há um ganho indevido. Êsse ganho, em contraposição, representa uma perda para outrem, que se empobrece. Êsses ganhos, muitas vezes, como nos nossos casos, vão tirar-nos aquilo que temos de mais santo: o pão de nossos filhos.

— Mas ninguém nos obriga a fazer negócios com êle!

— Sua assertiva, em princípio, parece verdadeira. Mas encarada, em face dos princípios que devem nortear os indivíduos na convivência social, é falsa. Procuramo-lo espontâneamente, não resta dúvida, mas o fazemos premidos pela necessidade e pelo tilintar das pratas que sacode nas mãos, chamando-nos, como se chama ao burro faminto, com um prato de milho. O peixe não procura também espontâneamente, abocanhar a isca na ponta de um cordel? Que se encontra encoberto nessa estremidade? Não é o anzol? E êsse anzol oculto não representa, justamente, o ardil, a artimanha com que se apanham e matam inocentes criaturas, vítimas de sua própria luta pela existência? Assim também nos acontece. Quanto sofreu de desconto para obter dois contos e quatrocentos mil réis?

— Seiscentos mil réis — responde-lhe Orlando.

— Quanto tempo leva para ganhar essa importância?

— Quasi um mês.

— Êsse tempo de trabalho não representa por ventura, um mês de escravidão?

— Escravidão por que?

— Para quem vai o produto de seu trabalho durante êsse mês?

— Para o senhor Boaventura.

— Que fez êle de luerativo para a sua pessoa?

— Nada.

— Logo, trabalhará, durante êsse mês, para uma pessoa sem uma recompensa. Só um escravo o faz. Além de locupletar-se com o trabalho alheio, leva à sua casa a fome, a miséria; e, em virtude dessa miséria, dessa fome, pode levar, ainda, às vezes, ao seu lar, a tuberculose, a morte afinal. Êsse homem é, pois, um ladrão, um assassino, um parasita social que se locupleta com a desgraça alheia, refestelado numa poltrona. Seu lugar, pois, devia ser na cadeia. Entretanto, vive à solta, quando um pobre diabo é metido na cadeia por ter furtado uma galinha para matar a fome de seus filhos.

— Compreendo, agora, que tem razão, senhor Abílio. Efetivamente, o senhor Boaventura podia ceder-me o dinheiro com juros módicos e a prestações suaves, de forma tal que me prestaria um grande benefício com lucros também para êle. Entretanto, os juros cobrados são mais que absurdos: são escorchantes, criminosos mesmo. Se me submeti a essa extorsão, foi exatamente, como diz, devido à minha situação precária, de que se aproveitou o senhor Boaventura.

Os dois homens, em frente ao Tesouro Nacional, se despedem, ao ver um dêles o seu respectivo bonde, que se aproximava.

Muitos anos depois dêsses fatos narrados, Abílio de Oliveira, já velho, ao tomar o café pela manhã em sua residência, depara, num matutino, com uma notícia fúnebre, tendo ao centro uma grande fotografia, envolta de fortes traços negros:

"Com a avançada idade de setenta e cinco anos, vitimado por um colapso cardíaco, faleceu, ontem, às 14 horas, no seu palacete à praia do Botafogo, o capitalista Francisco Boaventura. A notícia do seu passamento correu lúgubre e celeramente por todos os recantos da nossa Capital, tendo ocorrido à residência do pranteado morto centenas de pessoas amigas. Seu enterramento se fará, hoje, às 13 horas, devendo sair o féretro de sua residência para o cemitério S. João Batista. Houve pela manhã de hoje, uma missa de corpo presente, tendo pregado, num dos intervalos, o monsenhor Ladislau Moreira, que, em palavras eloquentes e perpassadas de grande tristeza, pôs em evidência as altas qualidades do morto. O falecimento do capitalista Francisco Boaventura constituiu uma grande e irreparável perda para os meios sociais do Rio-de-Janeiro, onde gozava de merecida admiração por parte de todos os habitantes desta metrópole. E' que o capitalista Francisco Boaventura era um homem de grande coração, amigo da pobreza, tendo sido um dos maiores beneficiadores de várias instituições de caridade do Rio-de-Janeiro. Era portador de uma grande fortuna,

adquirida, com o decorrer dos anos, através de um esforço honrado e tenaz. Para a aquisição dessa fortuna, muito contribuíram, também, o seu caráter adamantino, a sua figura bondosa e atraente, e, ainda, a sua grande capacidade de trabalho e arrôjo nos negócios. Consta que o Senhor Prefeito Municipal vai mudar o nome da rua de S. Vicente de Paulo, na Tijuca, para Francisco Boaventura, como homenagem a esse grande vulto, a quem muito deve a população desta Capital.

O *Correio Carioca* se associa,

sinceramente, às homenagens que se vêm prestando ao pranteado morto, apresentando à sua ilustre família enlutada seus mais sentidos pésames”.

Abílio de Oliveira, logo que acabou de ler o artigo fúnebre, atira fortemente o jornal ao chão, pisa-o com raiva, e diz:

— Neste mundo, ladrões e imprestáveis à sociedade são os que vivem com o produto de seu trabalho honesto, sem que tenham jamais lesado a quem quer que seja.

(1) Dante — Inferno, Canto XI.

Orizona

Especial para “Oeste”

José da Costa Ferreira

Mau grado meu, que prefiro ser humilde na condição de “bicho da terra tão pequeno”, vou transcrever atenciosa carta dicente ao topônimo supra.

Devo-a, sobretudo, à modéstia, à gentileza de quem, com ser ilustre, sábio, dedica amor profundo a tudo quanto respeite a nossa pátria.

Devo-a, sim, ao Padre Augusto Magne, ao investigador paciente de arquivos de Viena, em Innsbruck, ao ledor constante de nossos bons autores e a quem se prestaram justas e sinceras homenagens, faz poucos dias, no Rio, por amor de recente edição da “Demanda do Santo Graal”. De sua lavra riquíssima as excelentes “Apostilas Etimológicas”, “Gramática Latina”, “Curso da Língua Grega”, e elucubrações outras de subida importância; e, segundo vulgou jornal carioca, ora se entrega s. revma. ao labor do “Dicionário Etimológico do Latim, Grego e Português”, obra a que se aspira desde muito.

Eis, porém, as linhas que entre mãos me caíram, graças à fineza do grande etimólogo:

“Prezado am^o. e sr. José da Costa Pereira.

Em resposta à consulta com que se dignou de honrar-me, tenho muito prazer em comunicar que, a meu ver, é de todo aceitável o nome de Orizona, proposto para substituir o de Campo-Formoso, e cuja formação é justificada por numerosas analogias colhidas na toponímia internacional, como sãbiamente demonstrou no artigo que percorri com a merecida atenção. Aproveito o ensejo para apresentar os meus mais respeitosos cumprimentos. Admirador e am^o. A. Magne.

S. Clemente, 226 — Botafogo”.

Cabe-me referir que a defesa do topônimo proposto pelo médico local, douto, por mim feita e da qual enviei cópia ao Padre Augusto Magne, deve-se não a entonos de saber, mas, exclusiva, a propósito de esclarecer dúvidas e a profundo respeito a votos (grande maioria) de intelectuais e comerciantes desta terra.

Sob a égide que assim me propicia a sumidade, consulta, parecem-me brincos certos piparotes desfechados sem mais aquela. Não caducou, portanto, o que eu disse.

E’ o vocábulo — Orizona — eufônico, não há dúvida, e bem formado.

Nos domínios da filologia há ramos distintos, é sabido; e, quanto a um deles, na ciência etimológica subiu tão alto o renome do Padre Augusto Magne que bem nos lembra a figura daquele “maciço de las tres cruces” sobre um dos pináculos andinos, contra o qual tem pelejado em vão a fúria das tormentas.

MEU CANTO DE DESESPÊRO

Um dia escutarei meu grito de agonia

Mas fingirei de surdo.

Terei ouvido os gritos de agonia

dos homens e do mundo

E meus ouvidos estarão cansados,

E meus ouvidos estarão já surdos.

Terão tombado a meus pés milhares de esperanças,

Milhares de ilusões,

Milhares de ideais...

E eu terei sentido o desespero de milhares de homens.

Terei misturado as minhas lágrimas

Ao pranto amargo das multidões.

Já saberei olhar com fria indiferença

As pequenas misérias de todos os seres

E a angústia sem fim

Dos que passam por mim.

Talvez já nem mesmo lembrarei que a dôr dos homens

E’ minha própria dôr.

Já não terei para os que sofrem

Palavras de conforto e palavras de amor.

Já não terei para mim mesmo

Um riso de ternura... uma ilusão sequer.

Já não terei mais vida:

Os homens que morreram junto de mim

Terão levado tôda minha vida.

Serei um fantasma do que fui outrora.

Serei uma lembrança quasi morta

De alguém que quis ouvir as palavras dos que sonharam

A redenção dos homens

E se julgou pequeno para compreendê-las...

De alguém que tentou aspirar o perfume do amor

E descobriu por detrás de tudo a hipocrisia dos homens...

De alguém que pensou em semear

Na esterilidade de um mundo incompreensível

A semente do bem, da bondade e do amor...

De um homem que viveu

E tem o coração endurecido

Pela presença eterna de si mesmo.

Serei sómente a lembrança de um homem.

No fim de tudo encontrarei a morte.

Mas não hei-de morrer...

Já nem serei eu mesmo.

AFONSO FELIX DE SOUSA

Política Educacional

Amor ao Magistério

“Ao lado da formação integral do mestre (cultural e moral) precisariam os estabelecimentos normais lhes inculcar zêlo e entusiasmo pela sua missão, melhor diríamos, pelo seu sacerdócio — E. Backeuser; — “O mestre deve amar o ensino como o artista a sua arte” — Jonathas Serrano;

“A primeira preocupação de quem pretende transformar os velhos moldes rotineiros da educação tem de ser a formação de um professorado novo, cõscio de sua responsabilidade e cheio de nobre entusiasmo pelos ideais educativos” — (Claparède).

Floraci Artiaga Mendes

O amor a profissão é indispensável a qualquer carreira, por mais humilde e menos intelectual que seja.

O comerciário, o carpinteiro, o mecânico, profissionais modestos, se bem orientados por um ideal de acôrdo com a sua forma de vida, são células ativas e úteis na construção da sociedade. Ao passo que, se lhes falta o pendor íntimo, o gôsto profissional que suaviza tôdas as amarguras do trabalho, mau grado todos os salários mínimos e todos os horários higienizados, serão perenes desajustados sociais...

Das Faculdades de Direito e de Medicina, saem muitas vezes verdadeiros enciclopedistas e esculápios munidos de respeitável bagagem científica que, no entanto, se divorciam do apostolado sublime que poderiam brilhantemente realizar na vida prática.

Tudo isto, talvez, porque lhes faltou, na ocasião oportuna, uma concepção real da carreira escolhida ainda nas indecisões crepusculares da adolescência, a idade dos “interesses éticos e sociais” exaltados, em que a paixão das carreiras nobres falaria mais alto que os impulsos da legítima vocação.

Ou porque, quem sabe? não teriam encontrado durante o curso, o entusiasmo e a satisfação desejada, pois os professores talvez se preocupem exclusivamente com ensinar, instruir, cultivar o espírito, sem cogitar de preparar a vida, sem exercer o seu prestígio para inculcar o AMOR à carreira para que se estão preparando?

Aí está a questão para meditação dos ilustrados professores das Escolas superiores.

O mesmo acontecerá ao magistério primário se os encarregados da sua formação profissional não cuidarem de imprimir uma feição tipicamente técnica ao seu preparo, ao mesmo tempo que lhe proporcionando oportunidades de expansão e aperfeiçoamento, sob uma orientação sábia e entusiástica.

Procurar inculcar calor, vitalidade, atividade ao magistério, fazendo-o trabalhar na ânsia de melhorar e evoluir em benefício da Pátria e da sociedade, tal é o dever precípua da

queles que orientam a educação.

Se a outras carreiras é indispensável essa formação de mentalidade profissional, com muito maior razão no magistério, pois é inadmissível, insustentável, o desempenho dessa espinhosa missão áquere a quem não anime a flama sagrada de um ideal superior dentro dos seus interesses de trabalho.

Isto principalmente deante da técnica da Escola Nova, cujos métodos e processos exigem do professor muito maior cultura e dedicação e especialmente um excepcional poder criador, impossível de subsistir à míngua de inspiração e ideal, quais flores de estufa no terreno árido do ceticismo profissional.

Sem amor à profissão, qual professor terá espírito de sacrifício, perseverança no estudo, gôsto pela cultura, estímulo para progredir e acompanhar a evolução dos métodos pedagógicos, criar alguma cousa nova, e lutar verdadeiramente pelo ideal da educação?

Nenhum, podemos afirmar. O magistério é um sacerdócio e como tal, exige inteira consagração, espírito de renúncia, fé, idealismo, constante evolução intelectual, o que não é possível adquirir sem muito esforço e muitas vezes, até sacrifícios.

Cumpra-nos a nós, professores de futuros professores que hoje cursam as Escolas Normais de todo o Estado, não simplesmente transmitir aos nossos alunos os conhecimentos que constituem a matéria ensinada, mas, principalmente, formar a sua mentalidade profissional, inculcar-lhes no espírito a ânsia do aperfeiçoamento constante na carreira e, acima de tudo, dar-lhes uma superior concepção de vida e de ideal que os oriente pela existência em fora e os faça vibrar de entusiasmo e de amor pela sua nobilíssima missão.

No desempenho das funções em que o Estado me confiou a formação pedagógica dos seus futuros professores primários, tenho me deixado empolgar por esse ideal de implantação da mentalidade profissional entre os meus alunos.

Não restrinjo os ensinamentos à realização do programa. Tenho procurado dar um caráter de extensão

cultural pedagógica ao meu curso, através de leituras ilustrativas em classe, para o que forneço os livros de minha biblioteca pedagógica própria, pois nossa Escola não dispõe de Biblioteca especializada, por funcionar ainda em sede provisória.

Dou constantemente exercícios práticos tais como aplicação de testes e redação de composições pedagógicas, lidas e comentadas em classe para estímulo e formação de senso crítico.

Além disso, não perco oportunidade para pregar o Amor ao magistério, fazendo o panegírico mais inflamado, porque sincero, da belíssima carreira imortal de D. João Bosco e Pestalozzi, de Maria Montessori e Decroly...

Tenho procurado, principalmente, nortear o idealismo pedagógico dos meus alunos, na maioria adolescentes, dando-lhe um sentido de finalidade nacionalista, imprimindo-lhe o cunho de brasilidade e de civismo, observando às vezes sinais de germinação nas sementes lançadas — demonstrações de entusiasmo, emoção, esboços de futuros planos de vida, castelos iluminados de puro platonismo educativo...

Algumas alunas, ao estudar ou comentar, por exemplo, os Sistemas da Escola Nova em vários países, na França, na Bélgica, na Itália, na Inglaterra, nos Estados Unidos, etc., demonstram espontâneo entusiasmo pela criação de um sistema educacional Brasileiro, Nacional, que seja só nosso, autenticamente nosso.

Deixo-me contagiar por esse entusiasmo idealista e sou, ao lado da classe, um a mais a sonhar...

Idolotram Lourenço Filho com o seu apóstolado nacionalizador e encontram na referência à Escola Regional de Merity, uma esperança aurifulgente, bem verde-amarela, como a própria flâmula sagrada, “que a brisa do Brasil beija e baloça”...

Entusiasmam-se com as investigações psicológicas educacionais e se encantam aos primeiros contactos e experiências com classes escolares de verdade...

Infelizmente, essas observações são feitas com restrições, porque, é natural, nem todos os alunos estão classificados como bem dotados ou pelo menos verdadeiramente aptos para o magistério...

A maioria, ao iniciar o curso normal, (suponho ser isto um fenômeno comum ao Estado todo) não tem a menor noção de necessidade de vocação profissional e jamais cogitou de verificar se tem aptidão para essa carreira. Entra para a Escola Normal como entraria para qualquer outro estabelecimento de ensino secundário, sem perceber o caráter mito-profissional desse curso.

Infelizmente, ainda não dispomos de um processo de seleção pela aptidão profissional ao início do curso, a exemplo do que se faz no Distrito Federal, talvez porque, ali, o que teria provocado a medida fosse o excesso de concorrência à matrícula, o que ainda não se dá em Goiaz...

Vemo-nos pois, durante o curso

normal, a braços com esses problemas: há alunas que demonstram e declaram francamente não terem o menor pendor para professoras . . . e no entanto, continuam fazendo o curso, mau grado todos os simples-mentos . . .

Quando saírem, o diploma será um passaporte para a burocracia, não para o magistério . . .

Para contrabalançar, há uma boa quantidade de inteligências supernormais, singularmente dotadas de requisitos para o magistério.

A estas especialmente, tenho dedicado o maior desvelo em prol da formação do sentimento profissional, procurando plasmar a sua consciência de educadoras segundo os moldes da ética e, ao mesmo tempo, a-cender no seu coração a chama do ideal.

E' interessante notar a força das influências mesológicas e hereditárias, nesse grupo de bem dotadas: quasi sempre são descendentes de famílias ilustres e, muitas vezes trazem no sangue a herança psíquica de várias gerações de educadores ou intelectuais, ou pelo menos, convivem em meios familiares intelectuais.

Quero ilustrar a minha despreziosa palestra com as composições pedagógicas de autoria de duas professorandas deste ano, realizadas em classe, há poucos dias, cujo objetivo foi, não tanto fazer literatura educacional, como investigar os ideais profissionais dessas futuras plasmadoras de personalidades.

Elas aí vão como uma demonstração de que a formação pedagógica visa não só a aquisição de conhecimentos teóricos mas, principalmente a formação da mentalidade ou da consciência profissional dos futuros educadores, graças ao que, na vida prática, pelo menos as que se revelaram aptas, não irão simplesmente se achar com direito à confortável mentalidade dos cofres públicos, mas exercerão a sua sagrada missão com verdadeiro ideal, com amor à Pro-fissão.

COMO SEREI QUANDO FOR PROFESSORA

Nair de Barros Amorim

Quando for professora, tudo farei para honrar o meu título, título este que exprime tanta grandeza de espírito, mas que, entretanto, é bem difícil de se ter merecidamente.

Procurarei fazer de meus alunos homens dignos de serem chamados brasileiros; dedicar-me-ei inteiramente à sublime carreira do magistério e farei com que as crianças cuja educação me for confiada não sejam apenas instruídas, mas educadas física, moral e intelectual-mente.

Aspiro ser mais que uma simples professora, uma educadora.

Sei eu quão espinhosa é esta missão, mas, sei também que nenhuma

outra há tão linda e que, com o seu desempenho, posso fazer algo, na vida, de utilidade para o meu semelhante.

Sacrificar-me-ei, se necessário, para cumprir com eficiência as obrigações impostas pelo meu cargo.

Terei sempre em mira o papel do meu exemplo, tanto ante a classe como perante a sociedade. Como verdadeiro sacerdote exercerei o magistério e me esforçarei muito para dar o calor e a força de um ideal ao meu trabalho.

Jamais entrarei em aula de sobre-cenho carregado, de mau humor e impaciente, levando os aborrecimentos de fora; sempre alegre e delicada tratarei com especial carinho os meus alunos, principalmente os órfãos.

Procurarei conquistar-lhes a amizade e a confiança e darei às minhas aulas aspecto bem interessante para que delas não se desgostem.

Minha sala de aula será alegre e bonita e causará às crianças prazer e bem-estar sua permanência nela.

Meus alunos e eu, sempre colaboradores e amigos, não nos olharemos suspeitosos, mas, ao contrário, com a simpatia dos que amam o mesmo ideal.

Não deixarei que a timidez tolha a personalidade dos meus discípulos; vencerei, custe o que custar, essa grande inimiga do homem, causa muitas vezes do seu fracasso na vida.

Ensinar-lhes-ei a vencer com galhardia os pequenos obstáculos que se apresentem, para que se habituem desde cedo a tomar resoluções e serem donos de seus atos.

Visarei o desenvolvimento harmônico do corpo e do intelecto de meus alunos.

Darei constantemente em minhas aulas exercícios para que as funções intelectuais das crianças se desenvolvam com igualdade a-fim-de que não haja desequilíbrio, pois, como sabemos, o desenvolvimento exagerado de qualquer função pode causar o definhamento de outras.

Mostrar-lhes-ei a necessidade da cooperação e nelas desenvolverei o gosto pelo trabalho coletivo, do que pretendo fazer uso em larga escala.

O meu programa será organizado de maneira a satisfazer os interesses das crianças em cada idade.

Hei de despertar-lhes o interesse principalmente pelo trabalho escolar a-fim-de lhes conquistar a atenção voluntária.

Nunca permitirei o estacionamento da minha cultura e farei o possível para seguir a evolução dos métodos pedagógicos.

A aquisição de conhecimentos da Psicologia Infantil será para mim constante preocupação.

Procederei, enfim, de acôrdo com a Pedagogia moderna, como procederá todo professor da Escola Ativa que anseia pela felicidade de seus discípulos e pelo engrandecimento do seu país.

COMO SEREI QUANDO FOR PROFESSORA

Inez Godinho

Quando conseguir ser professora verei realizado o maior desejo de minha vida. Desde pequena, assim que comecei a estudar, foi este o meu supremo objetivo.

A's vezes, penso ser este ideal que tanto enche meu cérebro e meu coração, apenas um sonho, uma coisa irrealizável, tamanha é a responsabilidade que vejo pesar sobre uma professora. Chego até a temer, a julgar-me incapaz para tão sublime missão, pois não quero nunca ser uma professora rotineira e inconci-ente dos pesados deveres impostos por tão nobre carreira.

Nas horas tranquilas, quando posso estar só, entrego-me a divagações e, no meu cérebro, vão surgindo idéias sombrias, velando os meus sonhos luminosos.

Imagino-me diante de uma classe onde inúmeros olhinhos vivos acompanham todos os meus movimentos, enquanto os pequeninos cérebros captam as minhas explicações.

Aí, então, tenho receio . . .

Sim, tenho medo de não ser como desejo, de não ter tantas qualidades como precisa ter uma professora.

Penso: Saberei reprimir com justiça e brandura? . . . Serei bem clara e simples nas minhas lições? . . . Ao penetrar na minha escola, terei forças bastante para esquecer as mesquinhas contrariedades da vida e conservar o bom humor? . . . Saberei ser otimista e depositar minhas esperanças no futuro da humanidade, dessa mesma humanidade que agora se debate numa guerra cruel e devastadora? . . .

E um turbilhão de idéias confusas povoa-me a mente.

Reajo com tôdas as minhas forças e procuro pensar que serei uma boa educadora, que temores ou dúvidas podem me levar à covardia e que nasci para cumprir essa linda missão a mim confiada por Deus.

Então, pouco a pouco, a chama do entusiasmo que tudo pode e tudo cria ajudada com uma vontade firme, vai se apossando de mim e, eu, feliz e ditosa, deposito em mim mesma as mais doces esperanças. Não é isto uma vaidade. E' que reconhecendo minha enorme incapacidade, encho-me do desejo de estudar, estudar muito para estar segura do que vou ensinar e mais segura ainda de que, conhecendo as bases da Psicologia Educacional e da Pedagogia, possa ser uma educadora no verdadeiro sentido da palavra.

Então, estudo com afinco e, nesse afã, leio tudo que, tendo relação com o magistério, caía-me debaixo dos olhos.

Ainda há poucos dias, lendo um livro intitulado "O Professor Ideal", escrito pelo prof. Luciano Lopes, senti que para mim não há outra carreira que se iguale a esta em valor e em beleza. Esse livro, qual "frasco de água da juventude", deu-me forças, aumentando-me o desejo

NÓS, AS MULHERES

MARILDA PALÍNIA

Se o homem tem talento e esse talento se evidência em obras destinadas a se perpetuarem através dos tempos, ninguém vai perguntar se esse homem é velho ou feio, nem, sequer, se é um bom cidadão ou um respeitável pai de família.

Ninguém subordina a apreciação do talento às contingências da mocidade e do vigor físico do escritor ou do poeta.

Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Hermes Fontes e Emílio de Menezes, para falar apenas de mortos, eram homens destituídos de atributos físicos que os tornassem dignos de servir de modelo para um escultor.

Nada tinham que pudesse fazer lembrar a figura de um Apolo ou de um Hércules.

E, entre os vivos, que enorme, que variada coleção de homens, tão talentosos quanto feios, tremendamente feios?

Mas, ninguém se preocupa com a aparência do escritor.

Ao ler Machado de Assis todo o mundo lhe esquece a mestiçagem do sangue e, também, a doença que o torturou e lhe encheu a vida de amargura.

E quem é que se lembra da gagueira e da surdez de Hermes Fontes, ao lhe dizer, ou sentir, as arrebatadoras poesias?

Desaparece o homem, contingente e efêmero, no turbilhão vertiginoso da vida, mas fica a sua obra, marcada com o selo indestrutível da imortalidade.

Assim tem sido e assim deve ser.

Entretanto, com a mulher varia o critério.

Mais do que tudo e acima de tudo, busca o homem na mulher a beleza física e a mocidade, querendo exigir dela que realize o milagre de possuir sempre essas armas de conquista do amor e, porventura, da felicidade.

E a mulher faz prodígios para se conservar jovem e bela.

O egoísmo do homem quer, ainda, que a mulher desempenhe com perfeição os contraditórios papéis, de bibelot de luxo dos salões e *bonne a tout faire* no recesso do lar.

E a mulher se multiplica, desdobrando-se em mãe e esposa, ama e preceptora, cozinheira e outras funções cujos nomes são terminados em eira.

Mas, se acaso a mulher, como agora, mostra que é capaz de desempenhar satisfatoriamente os seus deveres de mãe de família e dona de casa e, ao mesmo tempo, de colaborar com o homem em todos os setores da atividade humana; se ela tem talento como o homem, e, como este, sente necessidade de vida espiritual, que importa seja feia e desgraciada, velha e doente?

Mme. Curie e Isabel a Redentora merecerão menos na admiração masculina do que Mme. Recamier ou a marquesa de Santos?

Estas considerações me vieram insensivelmente ao bico da pena ao ler recente artigo de brilhante escritor patricio que, num dia de mau

de ser professora e fazendo nascer em mim, a fé, a certeza de que, com força de vontade, chegarei a atingir esse alto grau de perfeição humana.

Sim, porque, ser educador corresponde a ser quasi perfeito. Se uma pessoa comum necessita de virtudes, o mestre precisa ainda mais, além de muitas outras que requer esse verdadeiro sacerdócio.

Quando concluir o curso normal não julgarei estar completa a minha educação. Pelo contrário, continuarei a estudar a-fim-de marchar pouco a pouco para o "ideal" dessa magnífica missão.

Desejo ser mestra de curso primário e começar a educar uma turma de crianças e acompanhá-las até o fim do curso, porque penso que assim, conhecerei bem as suas personalidades podendo guiá-las melhor, desenvolver a sua vocação e apontar-lhes o caminho a seguir na vida.

Hei de amá-las como filhos e tornar-me sua maior amiga, uma dessas amigas que se interessam pela sua vida atual e futura e em quem eles confiam.

A minha sala de aula será uma oficina onde irmãos trabalham num

ambiente de camaradagem, alegria e recíproca afeição. Que a minha escola seja para todos e principalmente para os órfãos, um lar cheio de amor.

Procurarei tornar as minhas aulas o mais interessante possível pois penso que só por meio da atividade interessada dos alunos pode ser mantida a disciplina.

Adotando e seguindo como verdadeira apaixonada, os métodos da Escola Nova, farei o estudo se tornar o mais prático possível. O programa estabelecido pelo regulamento não será uma cadeia que me prenda à rotina.

Quando me sentir desfalecer diante de um obstáculo qualquer, procurarei inspirar-me no exemplo da vida abnegada e heróica de Pestalozzi, que se entregando à causa da educação, consumiu nela todos os seus recursos e todas as suas forças.

Finalmente estou trabalhando e continuarei a trabalhar com afinco para a formação da minha personalidade, a-fim-de conseguir uma vida vitoriosa e fazer bem aos meus semelhantes, ao meu Goiaz e ao meu Brasil.

humor, desperdiçou a sua verve de repórter sensacionalista, zombando da mulher intelectual.

"Não gosto de elogiar, mas gosto de receber elogios" — confessa vaidosamente o escritor, em entrevista concedida à imprensa carioca.

Mas, se gosta de receber elogios, porque negar às mulheres a delicadeza natural e espontânea de um elogio, esquecido de que elas, mais do que os homens, gostam da música inebriante do elogio, como crianças gulosas, de doces?

Não só lhes negou esse inocente elogio, tão inofensivo, como fez mais. Descrevendo, no Rio, uma festa literária em que a mulher brasileira homenageava uma poetisa chilena, o "homem que gosta de receber elogios", em linguagem ferina, sarcástica, mordaz, faz a crítica de algumas das representantes da elite intelectual feminina, presentes à festa.

Não analisa os defeitos ou as falhas de que talvez se ressintam as produções dessas escritoras, como seria natural e justo.

Limita-se apenas a ridicularizá-las como mulheres, depreciando-lhes o gesto, a voz e a fisionomia. Com que incontida fúria não lhes reprocha a idade (quem tem culpa de envelhecer?). e zomba das toilettes (o gosto varia tanto!) e, ainda, lança-lhes em rosto o crime de se reunirem mulheres em uma festa de cordialidade em louvor de outra mulher.

E termina, indignado contra "aquelas senhoras, inimigas declaradas do tricot e da parqueteria".

Que santa ingenuidade a desse jornalista, ingenuidade de homem que nada sabe do trabalho doméstico, e com toda a certeza não precisou nunca preparar um jantar ou encerrar uma sala porque esse humilde serviço lhe teria sido feito, discretamente, silenciosamente, pela mãe ou pela esposa.

Se assim não fosse, não chegaria ele a conclusões tão falsas.

Saberia perfeitamente que tanto no Rio, como em toda a parte, não acharia hoje facilmente a negrinha espevitada ou a mulatinha dengosa que soubesse tricot e muito menos se sujeitasse a pegar do escovão.

Esses misteres domésticos ainda são obrigações das pobres donas de casa que, se querem também ser escritoras, hão de furtar do seu pouco lazer aqueles instantes de temerária ousadia, em que podem demonstrar que a vida intelectual não é misterioso jardim fechado, de exclusiva propriedade masculina.

E, afinal, a verdade é que nós, mulheres, somos capazes de acompanhar o homem em seu mergulho no abismo metafísico dos mais profundos pensamentos . . .

Somos até capazes de encontrar "uma pedra no meio do caminho", e com ela também fazer um poema, sem receio de tropeçar no ridículo.

Literatos Goianos do Passado

Joaquim Bonifácio

O saudoso jornalista e poeta goiano, de quem hoje nos ocupamos, era filho do desembargador José Bonifácio Gomes de Siqueira, que ocupou em Goiaz, no império, elevadas posições, e de dona Maria Luiza Rodrigues de Moraes, tendo nascido em 11 de janeiro de 1883 em Vila Boa

Desde a sua infância Joaquim Bonifácio revelou pendoros para o jornalismo e as belas letras, e cedo deu início às atividades literárias, publicando, em 1912, "Alvoradas", e, já antes, vinha colaborando nos jornais da província com apreciáveis produções. Em 1913, publicou novo volume: "Alguns versos".

Foi, Bonifácio, diretor de diversos jornais, entre os quais "A Capital", onde escreveram brilhantes intelectuais indígenas, e "A Nova Era", transformada, mais tarde, no "Jornal de Goiaz".

Joaquim Bonifácio publicou interessantes trabalhos históricos, que não foram, em absoluto, compilação de obras publicadas por outrem, representando, todos, o resultado de investigações inéditas nos arquivos, visando, principalmente, à descoberta das minas de Goiaz e os fatos relacionados com a Independência do Brasil. Em 1921 editou "A descoberta de Goiaz através dos séculos", "Esbôço genealógico da família Siqueira", "Fonte da cambaúba". Deixou escritos, ainda: "Efemérides goianas", "Apontamentos cronológicos de Goiaz"; "Terra goiana", "Homens e coisas", "Notas para a história de Goiaz", obras que se encontram em poder de sua família e tôdas inéditas.

Quando faleceu, em 17 de novembro de 1923, na cidade de Bonfim, onde se encontrava em repouso, tinha concluídos o "Dicionário Histórico e Geográfico de Goiaz" e a sua "História de Goiaz".

Foi, Bonifácio, um grande enamorado de sua terra natal, a quem muito engrandeceu, mercê de sua inteligência esclarecida e de sua sólida cultura, tendo o seu nome se projetado intensamente em todos os círculos sociais do Estado, notadamente entre os moços, que nele encontravam um verdadeiro guia intelectual.

São de Joaquim Bonifácio os belos poemas aqui transcrito:

NOITES GOIANAS

Tão meigas, tão claras, tão belas, tão puras,
Por certo não há!
São noites de trovas, de beijos, de juras,
As noites de cá . . .

A lua derrama no céu azulíneo
Seu manto de prata.
E Deus, das estrelas abrindo o escrínio,
No céu as desata . . .

Em Nice, em Lisboa, na Itália famosa,
Tais noites não há . . .
São noites sômente da pátria formosa
Do índio Goiá . . .

As noites goianas são claras, são lindas,
Não temem rivais! . . .
Goianos! Traduzem doçuras infundas
As noites que amais . . .

Goianos as sonham, da pátria saudosos,
Nas terras de lá . . .
São noites de riso, de afetos, de gozos,
As noites de cá.

NO ALTO

Parei. A vista após em tórno espalho:
Fito, tremendo, a vastidão do espaço,
A estrada que trilhára passo a passo,
Que inda de aís e de soluços coalho . . .

Quantas cruces em tórno! Que trabalho,
Que luta atróz e que infernal cansaço!
— No céu cintilam lâminas de aço
E, em baixo, o bosque estala, galho a galho . . .

Atrás, soluços . . . lágrimas choradas
Outróra por amantes refalsadas,
Que eu, comprimindo o peito, agora estanco . . .

Avante—o nada . . . o frio . . . a morte em suma . . .
E, em meio à treva densa, se avoluma
O vulto esguio de um sepúlcro branco . . .

Alcântara Machado

Dêste mês era, também, José de Alcântara Machado, vulto eminente no cenário político, jurídico e literário do país, a quem o presidente Getúlio Vargas sucedeu na Academia Brasileira de Letras, cadeira 37.

Filho do Estado de São Paulo, nasceu Alcântara Machado a 19 de outubro de 1875. Político militante e de largo prestígio, professor emérito de Direito, historiador seguro e erudito, Alcântara Machado, mercê de sua cultura sólida e polimorfa, de sua inteligência sagaz e equilibrada, de seu patriotismo indomável, de seu espírito humaníssimo e do seu

caráter bem formado, foi uma figura rara, dessas que passam, realmente, à imortalidade, espelhando, superiormente, o valor de uma raça.

Pela sua conduta política, pelo seu amor às nobres causas, pela sua coragem cívica, pelo sentido cristão de sua obra, pela sua dedicação a belos ideais, Alcântara Machado fez, por isto, de sua vida, um exemplo edificante, impondo-se seu nome ao respeito e à admiração de todos os brasileiros.

De sua obra, vasta, séria e construtiva, destacam-se os seguintes trabalhos: "Vida e Morte do Bandeirante"; "Projeto do Código Criminal"; uma biografia de seu pai, Brasília Machado; "Alocuções"; "Do momento da formação dos contratos por correspondência"; "A embria-

guês e a responsabilidade criminal"; "O exame pericial no Direito Romano"; "Problemas Municipais"; "O Hipnotismo"; "O suicídio em São Paulo", etc..

O presidente Getúlio Vargas, sempre justo em seu juízo sôbre os homens, assim se expressou acêrca do ilustre brasileiro: "Alcântara Machado representa entre nós uma estirpe mental de linhas fortes e bem definidas. Possuía uma formação cultural sólida e de amplos horizontes. Essa formação não se fizera, entretanto, com sacrifício da personalidade, que se constituiu reta e em constante ascensão, obedecendo a fundamentos morais de nítida influência cristã e encerrando, segundo o conceito de Maritain, a totalidade dos atributos humanos".

BOLETIM DO TRABALHADOR

MOZART SMITH CAMARGOS

O "Escritório Técnico de A. B. Pimentel", essa notável organização que, tendo recebido empreitada do Governo do Estado e da "Empresa Melhoramentos de Goiaz, S. A.", portadora de concessão pública, vem fazendo esplêndidas realizações em nossa jovem e formosa capital, tais como rede de esgotos, rede de águas pluviais e pavimentação a asfalto, pratica, sem dúvida, elevada política social, com as medidas adotadas.

Entendemos sempre, e agora mais do que nunca, dada a situação internacional, que o bom salário, a justa remuneração, é o melhor estímulo para o trabalho. E, se o trabalho em tôdas as eras constituiu necessidade, torna-se, no momento, obrigação de todos nós, quer como esforço para a guerra, quer para obtenção e manutenção da paz em dias próximos.

O aludido "Escritório", chefiado pelo ilustre engenheiro dr. Arquimedes de Barros Pimentel, remunerando os seus mais modestos operários com o salário mínimo de um cruzeiro e oitenta centavos por hora, ainda proporciona aos mesmos — gratuitamente — o seguinte:

- a) — alfabetização sem prejuízo do salário, durante as horas de aulas;
- b) — assistência médica e enfermagem, inclusive para suas famílias;
- c) — alojamento por prazo inferior a 30 dias (aos solteiros);
- d) — entrada de cinema aos sábados aos operários que não faltarem ao serviço uma só vez durante a semana;
- e) — sociedade na Cooperativa de Consumo;
- f) — tratamento sistemático de doenças comuns: sífilis, verminose, etc.;
- g) — oportunidade para obtenção de cursos técnicos em São Paulo;
- h) — refeição, calçados, e vestuários de trabalho aos que se distinguem pelas suas qualidades pessoais e profissionais, fazendo, assim, parte de uma TURMA ESPECIAL.

Certa feita, o eminente professor dr. Miguel Couto, teve ensejo de afirmar: "No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo".

Ninguém pode contestar que o operário, seja covoqueiro ou marroeiro de pedra, independentemente de sua idade, não necessite ser alfabetizado. Se êle na sua indignação intelectual não pode ter conhecimento de causa de seus legais e sagrados direitos adquiridos, dificilmente poderá compreender os seus recíprocos deveres.

Como contribuição à melhoria coletiva, o "Escritório" mantém escola para seus operários, em curso tecnicamente orientado, e, com uma par-

ticularidade, talvez *sui-generis*: os operários que frequentarem as aulas de alfabetização, realizadas diariamente de 6 às 8 horas, com exceção dos domingos, ainda percebem o respectivo salário-hora, como se efetivamente estivessem mourejando.

Não obstante o grande zelo que todos os Governos nacionais têm dispensado à saúde de nossos trabalhadores, quer saneando zonas insalubres, criando hospitais, divulgando pelo S.N.E.S. ensinamentos preventivos contra determinadas moléstias, quer dando-lhes seguro-doença pelos Institutos ou Caixas de Previdência Social, o problema, pela sua estonteante complexidade, infelizmente ainda não pôde ser totalmente resolvido em nosso meio. A sífilis, a verminose e o impaludismo aumentados pela alimentação inadequada, obrigam o nosso trabalhador a um heroísmo diário, anônimo, porque, em tese, só pode vencer aquele que é mais forte de físico.

Mantendo um serviço de assistência médica para todos os seus servidores, inclusive para as suas respectivas famílias, a cargo do competente médico dr. José Magalhães Filho, digno Diretor do Centro de Saúde Pública deste Estado, o "Escritório", realizando obra eminentemente humana, consegue, sem dúvida, resultados ótimos, o do "mens sano in corpore sano".

Entretanto, dada a grande falta de braços em nosso meio, o "Escritório" convocando para os seus variados serviços operários das mais longínquas distâncias, proporciona aos solteiros alojamento por prazo inferior a trinta dias, tempo suficiente para os mesmos se localizarem a contento nesta capital. Excusado é salientar que, não obstante o número elevado de construções de residências nesta cidade, o seu número ainda é deficiente para o surpreendente surto de progresso da capital menina do Oeste.

Procurando solucionar a dificuldade mais grave e que todos nós sentimos, qual seja a da alimentação, o "Escritório" faculta aos seus trabalhadores adquirirem gêneros de primeira necessidade na "Cooperativa de Consumo de Goiânia, Ltda.", adiantando para os mesmos as quotas-partes a que estiverem sujeitos, com uma especial particularidade, a de não cobrar juros ou quaisquer vantagens por êsse adiantamento, o qual se eleva a algumas dezenas de milhares de cruzeiros.

A aludida Cooperativa, como é do domínio público, fundada apenas há dois anos nesta formosa urbs, com o capital de setecentos cruzeiros, apresentou, em julho do corrente ano, um movimento superior a um milhão

e seiscentos mil cruzeiros, dados que, por si só, patenteiam o seu elevado escôpo, a sua obra meritória de servir os seus associados a contento, onde, e por isso mesmo, tem os empregados do "Escritório Técnico de A. B. Pimentel" feito os seus abastecimentos com inegáveis vantagens econômicas, resultando, em conclusão e com o menor preço de mercadorias, em aumento sensível de seus salários.

Além de tôdas essas vantagens, o "Escritório" fazendo justiça aos operários que se distinguem pelas suas qualidades pessoais e profissionais, como verdadeiro estímulo ao trabalho, os classifica em "turma especial", dando-lhes direito a "oportunidade para obtenção de cursos técnicos em São Paulo", "refeição, calçados e vestuários de trabalhos", e, finalmente, "entrada de cinema aos sábados aos operários que não faltarem ao serviço uma só vez durante a semana".

Em face do exposto, cabe-nos perguntar: será que o nosso homem foge ao trabalho, deserta de suas responsabilidades perante à pátria, à família e à sociedade? Não, o que encontramos é a febre do progresso em todos os rincões brasileiros, que envolve as atividades de todos os especialistas, bastante superior ao número de braços disponíveis. Não podemos e não devemos nos esquecer que ainda estamos em fase embrionária da industrialização. Certo é que a máquina supera o trabalho humano, entretanto, é indispensável que o cérebro e o braço impulsionem e dirijam aquela, a-fim-de que, em época oportuna, depois de estudos e aperfeiçoamentos técnicos, possam os nossos operários, como sóe acontecer nos países essencialmente industrializados, minorar o seu esforço físico, com maior rendimento para o seu próprio interesse e, igualmente, maior lucro de seu empregador.

A política trabalhista do Brasil vem se consolidando de maneira serena, firme, progressista e com um sentido profundamente humano.

Por tudo isso somos levados à convicção de que, se tôdas as grandes empresas nacionais seguissem o exemplo sadio e patriótico do "Escritório Técnico de A. B. Pimentel", certamente não assistiríamos uma vez só a luta de sentimentos de cobiça entre as duas grandes classes — a dos empregadores e a dos empregados — que, se em tempos idos comungavam credos positivamente antagonísticos, hoje, consorciadas, comungam os mesmos ideais, os mesmos pensamentos — produzir, produzir mais e melhor — pela grandeza e vitória do Brasil.

OS OUTROS

VISTOS POR "OESTE"

Bernardo Elis

Minas, a grande desconfiada e conservadora, produz poetas do padrão de Carlos Drummond de Andrade e algumas vezes depreda quadros modernos que o prefeito Kubitschek faz expor em Belo-Horizonte.

Sempre conservantismo e desconfiança supurando dessas atitudes pseudo-contraditórias, mas coerentes, coerentes demais no fundo.

Porque Carlos Drummond, cantando a vida agitada atual, critica-a e deixa ressumar um profundo amargor por ter de suportar os "edifícios esplendores", com os quais está sempre em conflito irremediável. Minas, para êle, é um retrato na parede, um mundo perdido para todo o sempre e de que sente uma saudade danada.

Como poeta, êle deriva sua máguia para a arte. Agora, o mineiro deverá; não é capaz de assim proceder: sua angústia ante a saudade daquela Minas antiga se firma no ato sincero de rasgar telas que fixam um momento de história social, como se aniquilando o quadro, ficasse resolvido o problema.

De Minas também surge, no momento, um "Mundo Submerso", de Bueno de Rivera, nome novo para mim e para todo o mundo em capa de livro. No volume tem 69 poemas que valem por quilômetros e quilômetros de poesia, — daquelas rimadas, comportadinhas, que nem alunas de colégio de freira em tarde de passeio inocente pelos arrabaldes.

Sua arte é forte, candente, contundente às vezes e o tema social lateja em cada palavra, cujo conteúdo o artista aproveita em toda a sua expressão e vigor. O subconsciente palpita e se afirma nas fugas desconcertantes para o leitor menos avisado, associando idéias aparentemente absurdas, mas próprias para o artista que não quer trair o seu mundo.

Nesse "Mundo Submerso" as emoções afloram roucas e as imagens botucam duras, como arrecifes traçoeiros; quando não, surge em florações deliquescentes e verdolengas de algas e sargaços, que se estendem preguiçosos e simulados pelas ondas revoltas.

De hoje em diante o lugar de Ahasverus será ocupado, nesta secção, por Bernardo Elis. E', esta, uma notícia auspiciosa que damos aos nossos leitores. Porque Bernardo Elis, como "conteur", poeta e crítico literário é, sem nenhum favor, um dos valores autênticos da intelectualidade goiana. Observador arguto, erudito, de bom gosto, possuidor de uma cultura atualizada, o autor de "Ermos e Gerais" saberá, sem dúvida, bem informar à nossa gente sobre o andamento das coisas literárias. Elis estréia com uma nota sobre "Mundo Submerso", de Bueno Rivera, poeta legítimo, da escola de Carlos Drummond de Andrade, livro que vem alcançando um sucesso invulgar em nossos meios culturais. A amostra servirá para patentear ao leitor a importância da nova aquisição de "Oeste".

Bueno de Rivera penetra o desassossego da época indefinida; pressente-se, com sua leitura, que há um "mundo submerso" querendo vir a furo, querendo impor-se, como nesse:

O HOMEM DO MUNDO

Quando acordei, não vi mais os tempos de meu pai,
a face de minha mãe não falou de orações.
Minha avó rezando na tempestade
e o vulto do Monsenhor entre as rosas da praça.
As perdas casuarinas no crepúsculo vago,
lembrança de mortos no soluço do vento.

Onde estás, vitrola do bilhar deserto?
Onde arquivaste os discursos de quatorze?
Agora, ouço apenas o clamor dos vivos
unindo os continentes.
Não sou mais o homem do interior, sou o homem do
[mundo.

Hoje, o meu coração é um alfinete no mapa,
acêso também na hora solidária.

Adeus, alegrias inúteis! A dor bateu às nossas portas.
Temos os olhos enxutos, estamos concientes.

No poema seguinte, um tema muito surrado e muito estragado pelo lirismo choramingas é apresentado de uma maneira completamente nova e satisfatória:

POEMA SIMPLES PARA O O'RFÃO

Chora. A tua mãe levou nos olhos mortos
a tua madrugada.
Sentirás a saudade do carinho perdido
e olharás com tristeza o crepúsculo
côbre o mundo vazio.

Tua mãe é a tua infância,
não volta mais.

A descoberta do rio São Francisco

Em 1501, a frota de Américo Vespúcio corria o litoral da terra recém-descoberta por Cabral, terra que não se sabia, ainda, se era uma ilha ou se era um continente.

Vespúcio meteu-se pela foz de um rio e, nessa aventura sobre as águas misteriosas, estava descobrindo o mais sedutor de todos os rios brasileiros: o rio S. Francisco.

O rio São Francisco possui uma posição de singular importância na história do Brasil. Foi nas suas margens, por assim dizer, que se lan-

caram os fundamentos de nossa economia. Foi um dos fatores geográficos mais importantes na formação do espírito nacional.

Goiaz tem a sua história, de certo modo, ligada ao rio S. Francisco. Há notícias de que foram dos currais daquele rio, ali instalados pelos paulistas, que chegaram ao sertão goiano as primeiras boiadas e há notícias, ainda, de boiadeiros do rio S. Francisco que, desrespeitando ordens régias sobre a proibição de abertura de estradas novas para as

minas de Goiaz, no sertão ingressaram, dando um exemplo de bravura e de exaltação nativista aos homens do tempo.

Bastaria isso, essa ligação tão incisiva com os primeiros tempos da história de Goiaz, para se lembrar aqui a data da descoberta desse rio, um dos mais brasileiros dos nossos rios e que, pela sua posição geográfica, pelas suas possibilidades de navegação e pela Cachoeira de Paulo Afonso, representa uma admirável força de produção que, quando devidamente aproveitada, muito influirá em nosso desenvolvimento econômico, social e político.

Mme. CURIE SKŁODOWSKA

(AO DECÊNIO DE SUA MORTE — 1934 — 1944)

Pe. ANTÔNIO WASIK

Quem não ouviu falar da Mme Curie Skłodowska, a famosa descobridora de radium e polonium, a mulher mais sábia de todos os tempos, a grande benfeitora da humanidade?

Por entre os fragores da guerra, o rugido dos canhões, o roncar das hélices, o estourar das bombas é que se comemora o segundo lustro da morte duma das maiores heroínas da guerra passada, essa mulher sublime, êsse anjo da ciência, que consagrou tôda a sua vida à humanidade sofredora, aliviando os doentes, socorrendo os feridos da guerra, mormente os cancerosos pelas benéficas e múltiplas aplicações de radium. Quanta suavidade e quanto bálsamo não proporcionou o preciosíssimo invento de Mme. Skłodowska nos campos de batalha!

Quem não conhece Mme. Curie laureada duas vezes com o prêmio "Nobel"? Quem não conhece a primeira mulher na história da humanidade que lecionou na mais famosa das Universidades por vinte anos? Exemplo inatingível de sacrifício, constância e abnegação imolando-se no altar da ciência, em prol das causas humanitárias! Nome grande, que fulgura tanto pela ciência como pelos benefícios ao lado do nome de Ludovico Pasteur!

Essa grande cientista nasceu em Varsóvia, no ano 1867, de pais poloneses. Estudou naquela heróica capital e bacharelou-se aos 15 anos, conquistando a medalha de ouro. Por falta de recursos, empregou-se como profesora, procurando aprofundar os seus conhecimentos em física e matemática.

Em 1891 deixa a sua desventurada pátria, então sob o jugo dos tzares e parte para França. Essa jovem, pobre de recursos materiais, mas dotada de rara inteligência e de forte vontade, a vemos nos bancos na Universidade de Sorbona.

Em 1894 defende a sua tese de doutora.

Em 1895 contrae casamento com o professor Pierre Curie. Ao lado do matrimônio uniu o novo casal o ideal comum da ciência e a busca da verdade. Lutaram como heróis! As dificuldades de todo gênero, a falta de recursos pecuniários, as prevenções não os atemorizavam. Ela, entregando-se às pesquisas e aos estudos, nunca descurou os trabalhos caseiros. Como mãe tôda extremosa, ocupou-se com a educação de duas filhas, que continuam a obra da grande mãe imortalizada na história.

Quem lê a vida da grande descobridora, fica pasmado ao ver tanta vontade mais que viril! Ela própria conta em suas memórias: "Para realizar o tratamento químico das subs-

tâncias, tornava-se necessário subtrair o dinheiro aos já parcos recursos!"

Na falta de um laboratório próprio, o casal trabalhava num barracão ou melhor numa cocheira velha e cheia de fendas tanto no telhado como nas paredes, por onde penetravam o sol, a chuva e o vento. Nesta humilde barraca iniciou-se o milagre da ciência, que assombrou o mundo inteiro.

Mme. Skłodowska, auxiliada por seu marido, nas suas pesquisas descobriu primeiramente o corpo "polonium" (nome dado por Maria em honra de sua pátria, a Polônia). Depois, em 1898 arranca da natureza o preciosíssimo "radium", que possui uma radioatividade superior à do urânio. Os dois esposos são galhardoados com o prêmio Nobel de física.

O governo francês começou a auxiliar os ilustres cientistas, porém o anjo da morte levou Pierre Curie. Na manhã de 19 de abril de 1906, Pierre Curie ao sair duma reunião de professores atravessando uma rua foi apanhado por um veículo e morreu instantaneamente.

Curie Skłodowska, tendo passado o auge da dor, recomeçou as pesquisas. Em 1910 obtém o rádio metálico e consegue isolá-lo, porque até então era obtido no estado de bromureto. O governo francês deu-lhe a cadeira de física na Universidade de Sorbona, antes ocupada por Pierre Curie. Assim, esta sábia polonesa, no espaço de 20 anos formou discípulos, hoje como cientistas e doutores espalhados por todos os países; até alguns brasileiros eram seus ouvintes.

Maria avança em suas descobertas sobre as qualidades medicinais do radium, publica um livro e pela segunda vez obtém o prêmio internacional de Nobel, caso que até então nunca se dera.

Em 1913 o governo francês criou e ofereceu a Mme. Curie um Instituto e um Laboratório de Física Geral e de Radioatividade, nomeando-a diretora dêles. Além disto, esta sábia organizou os cursos de radiologia e eletrologia medicinais na Faculdade de Medicina em Paris. Esta sábia concorrente de Branly à Academia, sócia honorária de várias Universidades estrangeiras foi convidada como sócia livre da Academia Francesa de Física. Desencadeia-se a guerra de 14. Os homens são mobilizados e as mulheres alistam-se como enfermeiras. Maria funda o serviço de Radiologia. Sob a sua direção movimentam-se 20 ambulâncias com os aparelhos de raios X. A primeira ambulância é tripulada pessoalmente por Maria. Visita as

trincheiras, os hospitais de sangue na linha de fogo.

Terminada a guerra, Mme. Curie cheia de cicatrizes e queimaduras produzidas pela manipulação do radium retorna à cátedra de Sorbona e ao seu Instituto. Embora a grande sábia passasse a maior parte de seus dias em França, nunca deixou de sentir-se polonesa.

Em 1821, ao visitar a sua pátria já renascida e livre, lançou a idéia para criação dum Instituto Radiológico e dum hospital aos cancerosos. Tais estabelecimentos foram inaugurados pelo Presidente da República na presença da grande inventora, em Varsóvia.

Em 1926 Mme. Skłodowska em companhia de sua filha Irene visitou o Brasil, passando dois meses no Rio e em São Paulo, onde efetuou importantes conferências, sendo altamente homenageada pela sociedade das duas metrópoles brasileiras.

Maria escreveu numerosos trabalhos científicos. Nessa luta gloriosa pela ciência, trabalhou até sucumbir. O radium atacou-lhe a medula óssea, queimou-lhe as mãos e minou-lhe o organismo. Contudo, esta heroína continuou a trabalhar no laboratório ao lado da filha e do genro. Desta forma consumiu-se no altar de ciência, imortalizando o seu nome e celebrizando a sua pátria.

Uma coincidência: Mme. Skłodowska nasceu em Varsóvia. Já pela segunda vez os olhos do mundo civilizado, os corações do mundo humanitário voltam-se à heróica capital polonesa; cidade mártir, nova Judit, mal cicatrizadas as chagas de 1939, ela levanta-se novamente e por três meses luta sôzinha contra o invasor.

Varsóvia e Mme. Skłodowska!... Grande Mãe e grande Filha!...

Há uma perfeita analogia entre o duplo mártirio de Varsóvia e entre a vida atribulada da grande cientista... Analogia do sofrimento!

Porém, como Maria Skłodowska triunfou, assim a sua cidade natal, a sua Polônia há de triunfar!

Então a glória da Polônia será igual à glória de sua mais ilustre filha, Mme. Curie Skłodowska.

O ESTADO MODERNO já não tem mais o culto das fórmulas vazias e dos ideais abstratos, já não se prende mais às diretrizes traçadas de antemão pelos doutrinadores políticos, já não se queda na estática contemplação das leis bem escritas, dos princípios que se diziam definitivos nem dos regimes que se proclamavam universais. O que interessa ao estadista do nosso tempo é resolver os problemas concretos das sociedades de acôrdo com as suas necessidades próprias e os seus meios peculiares de ação. O que importa sempre é a criação de um regime vivo e atual, capaz de bem organizar uma sociedade atual e viva. Um regime que seja a verdadeira e fecunda expressão política de uma cultura real — eminentemente popular nos seus fundamentos e nos seus objetivos. — Almir de Andrade.

“Era só estampa...”

Conto de Antônio Balduino

Cipriano é um caboclo de boa carcassa, alto, porém enfraquecido, arcado, sofrendo canseiras, apesar de sua pouca idade. Uns trinta anos, no máximo. Vê-se, entretanto, que, como diz, já foi mesmo “turuna”.

Há pouco tempo contratamos o Cipriano para fazer um serviço de “limpa”, numa pequena roça perto da cidade, e desde então tem sempre vivido conosco.

Interessante foi a maneira porque lhe demos trabalho.

Chegou certa vez em casa, bateu e, ao ser atendido por mim, foi dizendo:

— Oi patrão, eu vin aqui pra vancê mi dá um servicin ou intão, si nan tivé, um adjutório. Quarqué uns cincú mi réis, patrão. Mais eu pri-firo merecê esses cobre trabaiano.

Respondi-lhe que no momento não tínhamos trabalho que lhe servisse, mas que, entretanto, êle levaria o dinheiro. O baiano percebeu o meu olhar incrédulo quando me falou em trabalho que pudesse fazer, se mostrou ofendido e protestou:

— Ah! isso é qui nan. Vancê me vê ansin, patrão, mais eu inda sou gente nu cabu duma inxada ou dum machadu. Se vancê tá cum médo di eu num guentá, me dê cá uma lenha preu picá ou êsse quintá preu carpi e vancê vai vê quem é o nêgu Cipriano.

Afinal, depois de muita insistência de sua parte, como tínhamos uma chacarazinha próxima que andava mesmo precisando de uma limpeza, resolví dar-lhe também o serviço.

Lá foi o Cipriano para a rocinha, enxada no ombro, arcado, pelejando com o seu enorme “palheiro”.

À tardizinha, já pela bôca da noite, eu dei uma chegada até à chácara para ver o serviço do baiano.

Chegando, encontrei-o de côcoras, na porta da cosinha da dona Rosa, uma preta que toma conta do lugar, já pegando um vigoroso jantar. Cumprimentei-o, assentei-me a seu lado e fiquei observando-o.

Êle mastigava de vagar, olhando distraído para os montes de mato cortado e espalhados desordenadamente pelo quintal.

Gosto muito de ouvir as histórias desse povo e estava louco para ouvir as suas lorotas. Conhecedor, porém, de suas maneiras, respeitei religiosamente o seu silêncio durante o repasto.

Acabou de comer, levantou-se espreguiçando e foi deixar o prato lá dentro. Voltou, limpando a bôca com as costas da mão e com uma caneca, indo beber água numa bica próxima. Aproveitei a minha oportunidade de lhe ser agradável. Fui à cozinha, enchi uma tigela de café bem quente e esperei a sua volta.

— Que tal um cafezinho agora, “seu” Cipriano?

— E’... se vancê me dá eu bebo. Ofereci-lhe, após solvido barulhamente o quente café, um “belmont” com ponteira, dei-lhe o fósforo e me preparei para o ataque a um bom dedo de prosa.

— Puxa que você trabalhou duro hein?

— E’... trabaiaí, eu trabaiei. Mais inté qui quasi nan fiz nada. Quiria vê se inda panhava esses monte inda hoje mais nan vai dá tempu. O sór já tá descambanu...

— Mas não tem importância, Cipriano. Não há essa pressa assim. Você recolhe isso amanhã.

— E’... mais aminhá eu vou tê qui levantá in antes das galinha e juntá esses monte, porque sinan elas mete o pé mesmu.

Foi o suficiente. Destramelada a sua língua, continuou, já sem cerimônias, a tagarelar.

— Vancê qué sabê, patrão, antes di eu sê ofendidu, desconhecia outro home debaixo do sór pra trabaiaí igual eu. Nan é pra falá nan, mais eu nan deixava serviçu aminhancê.

— Mas o que foi que lhe ofendeu, Cipriano?

— Foi um cigano. Com um brolinho... êta arma miseráve pra cortá. Me pegou ansin por detrás, em baixo das costela e veiu rasgano até sai aqui no peito. Oia, aqui tá ainda, cumo novo, os siná. E unindo gesto á palavra, foi o Cipriano levantando a camisa e mostrou-me as cicatrizes dos ferimentos de uma bala.

— Caramba! Queriam mesmo lhe enviar, hein Cipriano?

— E’... mais êle tamem nan saiu de pé nan sinhô.

— Por isso hoje eu tenho o fôlego fraco. Qué vê, se me ponhá uma mordaçã tampanu a boca e me fechá o nariz, eu nan corro daqui ali em riba daquele grotão... Ah! caio mortin, sem folego. Mais in antes disso até campeá a pé o dia intirin eu campeava. E nun tinha animá, por mais manhoso, que me ponhasse cansadu.

— Mas Cipriano, não querendo ser curioso, por que foi que o Cigano lhe queimou?

— Ah! Foi pro mode a breganha dum cavalo. Mais isso inté que nan me castigou muito nan. Pior foi a breganha de nossas muié. Nan, nan si ria nan patrão. Eu vou contá tudo direitin pro sinhô.

— O sinhô deve tê ouvido falá no falecido véio Quirino. O Coroné Quirino. Era êle qui mandava, ai nesses mundu, nu arraiá do Ribeirrin. Desde in minino, quanu eu vin mais meu pai lá da Correntina, qui eu trabaiaiva pro Coroné. Êta home bão. Valente qui só êle. E êle gos-

tava mémo de mim. Puis é, faz... se nan me inganu, uns dez ou doze anu, apareceu perto da fazenda do Coroné, um bando desses cigano. Era tudo gente atôa. De ladrão de cavalo pra riba. Um desses, que atendia pro nome de Jonátas, um rapagão criado, tinha um cavalinho queimado, feinho mémo, mais inté bão. Esse danadu viu no pasto o meu báio, cavalão bonito, fogoso, e ficou doido pra nós negociá. Mais o cavalinho meu era só estampa. Tinha os peitu abertu. Mais era mémo uma estampa bunita qui dava gostu oiá.

Desempenado, esperto, mais tinha o defeitu de tê os peitu abertu. Vancê deve sabê a cumo é um cavalo nessas condição.

— E você então aproveitou do cigano, hein?

— E’... vancê sabe, eu pricisava dos cobrinho, ele exprimentou o animá, quiz me fazê uma vorta, negócio fechado.

— Nan foi nada nan. O cigano jogou os arreiú nas costa do matungo, me deu o seu queimado, e saiu estrada afora. No limpo era mému uma beleza. Na hora do bão mémo, saindo da estrada, o cigano chegou as espóra no machu, já no meu dos grotão e quiz pô o bicho pra esquipá... Ah! era cada passo um tombo. O cavalinho era só estampa. Tinha os peito abertu...

— E aí foi então que nasceu a questão, hein Cipriano?

— Ah! foi. O cigano véio vortou no rastro, mais outro companheiro, pra eu revogá o negócio. Tourrou de lá, eu torrei de cá, vorta nan vorta, o negócio foi esquentanu. O pior é qui nem meu canivete de picá fumo tava cumigo e o cigano veiu cum carabinão. Mais eu tava só de oio na bruta. Quanu o cigano viu qui eu era teso mému, manobrou a bicha, que quanu eu oiei qui tava ruim entrei cum os peito limpu meti as mão no canu, qui quanu o pau falou já foi pra riba. Foi aí, enquanto nós aloitava, qui o outro cigano rancou o brolinho e o trem urrou três veis. Eu só senti um friosin ansin por pertu da espinha. Intão eu dei um arrancu dus bão e joguei o miseráve de barriga pro á, tomei o espingardão, virei na fumaça, manobrei a quarenta e quatro e fiz fogo. Aí eu já tava sentinu a fraqueza me apoderá, manobrei outra veis o pau de fogo pra cuidá do outro cigano que já tava de pé rancanu um trem da cintura, quanu minha vista foi escureceno. Apertei o gatio ansin mému e nan vi mais nada. O resto é o povo qui conta.

— Quer dizer que os outros dois foram para o “beleléu”?

— Nan, na foram nan sinhô. Só fizeram foi ficá tamem muito ofendido. Ah! mais quem me sarvou foi o véio Coroné. Ele tava alí por pertu qui quanu ouviu os tiru caminhô pro ladu e chegou na horinha em qui o cigano do cavalo ia me atirá. O coroné gritou cum ele e sigurou ele pro pesçoço. Quéta miseráve qui é pior. Com pena de morte cigano véio, queta sinão eu te tiro a oreia fora. Nan dá cum pé. Aí o coroné

EM UM MUNDO SÓ

GENEZÍ DE CASTRO E SILVA

deu o desingano no cigano e mandou ele embora até o aminhaçé ou sinan ele tava morto mêmú.

— Mas então o cigano encrencado não foi ferido?

— Nan foi nan sinhô. Eu já tava cum a vista ruim e errei o tiro. Mais o outro qui me ofendeu enguliu chumbo dos bão. Chumbo de cigano mêmú.

— E os ciganos foram embora, sumiram?

— Nan foi nan sinhô.

— Passadu uns tempu. Quanu eu já tava andanu. Os diabu aparece outra veis lá pras banda do arraiá. O cigano véio disse qui tinha ume jurado. Minha muié, puis é issu mêmú, eu era casadu sin hinhô, garrou a ficá cum medo. Éta muié boa, coitada. Nan era bunita nan sinhô, mais trabaiadeira tava ali. Fazia de tudo. Nan tinha de um nada qui ela nan subesse fazê. Lavava, passava, fazia quitanda, doce, cozinhas, e éta qui de cumê gostoso qui ela sabia fazê. Tava meu acabada coitada, muito serviçu, minha doença, tava deixada mêmú.

— E como é que vocês foram trocar as mulheres, creio que você me falou nisso, não?

— E' issu mêmú, nós trocamu sin sinhô. O cigano quanu fugiu do arraiá, garrou vivê cum uma mulatona bonita, bunita mêmú. Us labiu vermeiu, cabelu bem pretu, usava umas saia rodada, cheia de cô, cousa qui eu gostava pra daná. Mais a danada disse que era feticicera e ia fazê coisa ruin pra mim por mode do cigano. E começou a me arrodia, a me oiá bão, e o sinhô compreende, home é besta mêmú, nan arresiste os oiá de quarqué sirigáita faceira, quanu elas quá mêmú agradá a gente. Eu cheguei até a achá qui era mentira do povo, o qui andava falanu dela. Fui achanu bão, fui tamem me acheganu, igual sapu quanu a cobra vai chamanu cum os óio. Até qui um dia nós se incontrou, à tardinha, nas berada da fazenda, tava como agora patrão. O sór já tinha sumido e uma lua bunita, igual aquela qui vem vinu aly, ia aprecenu de mansinho pro ribaduns capão de fmato. Ela foi se acheganu, se acheganu, toda cheia de riso, toda "vá sirvinu", qui eu num agentei. Cum o perdão da palavra, patrão, éta brasileira boa. Nan foi nada nan. Cabou daí, resolvemu fugi junto.

— E o cigano?

Ah! aquele miseráve sumiu cum a minha Maria, qui quanu eu arrependido vortei pra pidi perdão à eia, nan tive nem noticia.

— Mas quer dizer que dessa vez você foi quem voltou no rastro, querendo revogar o negocio?

— E de qui geito, patrão. Vinha qui nem onça atrais do miseráve.

— E a morena, Cipriano?

Ah! patrão, nem é bão fala. Éta trem ruim. Nunca vi peste maió. Era só dengu. Nun sabia fazê nada. Quiria só vivê nun atóio largado. Mandei logo prus diabu.

— Mas... ela não era muito bonita e "boa", Cipriano?

— E'... é issu mêmú patrão. Sê,

Observamos, neste livro, a par de profunda psicologia, o interesse de Wendell Willkie em enfeixar, numa só, as aspirações universais, estudando, num prisma único, a necessidade coletiva que, bem apurada no cadinho da humanidade e provada pelas exigências locais vence as barreiras do preconceito, fazendo com que irrompa na consciência de cada povo a ânsia pela liberdade e pela justiça, a revolta pelas questões raciais e o desejo bem verdadeiro de viver conforme as próprias forças e as próprias aspirações.

Apreciadas com tolerância e perfeita compreensão essas energias se encadearão, formando na corrente mundial, o elo que envolverá a humanidade no ciclo de paz e de progresso, ao passo que desprezadas ou apreciadas com intolerância, continuarão a perturbar o mundo na continua projeção do mais forte contra o mais fraco.

Ninguém pode esperar que depois de séculos duma civilização característica, a China, por exemplo, tenha seu ideal de vida completamente acorde com o programa americano; é preciso que se dê desconto à sua formação que, repe-lindo o imperialismo, uma vez que só aspira a conservação do que é seu, deseja contudo ser livre em sua plena concepção de liberdade.

Ninguém pode dizer que pensamos em unisono com o russo mas, tem aquele povo, impulsos que ecoam em nossa consciência; sentimos que na Rússia há qualquer coisa a ser estudada; seus costumes são mais selvagens, sua civilização um pouco estranha mas há em sua primitividade muito que sabe à solução de velhos problemas.

Não cremos que seja justa a sua concepção geral de liberdade, uma vez que o povo é arregimentado, que nem sempre o todo é pela unidade e a unidade tem, como objetivo obrigatório, o todo em seu sentido mais amplo; mas qual será, também, a apreciação dos orientais sobre a nossa propalada liberdade? que conceitos emitirão sobre os movimentos que ensaiamos na perspectiva de ares mais puros, no louvaminho de impulsos que proclamamos nobres e consentâneos com nossa individualidade?

Somos livres em nossa opinião mas compreendamos, também, que eles se sentem à vontade em seu

era. Mais vancê sabe... é sempre ansin. Nan prestava nan. Era só estampa...

programa levantado bem alto pela revolução em prol da humanidade que, em tôdas as éras espera e propugna pela liberdade — palavra máxima de todos os povos, epílogo de toda luta em nações que trabalham visando a justiça e a cooperação no sentido de varrer do mundo, o problema odioso da questão racial.

Wendell Willkie em previsões que encontram guarida pelo mundo proclama que hoje, mais do que nunca, precisamos ter sempre em mente que, se suprimirmos a liberdade das criaturas que odiamos, estaremos abrindo caminho para que a percam as que amamos.

HONROSA DISTINÇÃO

O nosso colega A. Juruena Di Guimarães recebeu o seguinte honroso officio:

QUARTO CONGRESSO DE BRASILLIDADE

"Centro Carioca" — Praça Tiradentes nº 60 — 4º Andar—Tel. 42-1538
Rio de Janeiro

Nº 5.185.

Secretaria, 19 de setembro de 1944.

Exmo. sr. Antônio Juruena Di Guimarães.

Exmo. sr.

Os membros do Conselho Diretor do Quarto Congresso de Brasilidade, têm o prazer de comunicar que, levando em alta consideração os inestimáveis serviços prestados por v. excia. ao Terceiro Congresso de Brasilidade, serviços êsses que refletiram profundamente no espírito de nacionalismo sadio dum Brasil Uno no espaço e no tempo, foi o nome do illustre patricio incluído, sob aplausos, no Conselho de Honra do referido certame.

Esperando merecer, durante o corrente ano, a mesma e valiosa colaboração de v. excia., valemo-nos do ensejo para apresentar-lhe os renovados protestos de nosso alto aprêço e distinta consideração.

Pelo Conselho Diretor

(a) Otton da Silva e Sousa, presidente.

(a) José Vitorino de Lima, secretário.

AVISO AO PÚBLICO

Era nosso intuito comemorar o aniversário natalício do sr. Interventor Federal, dr. Pedro Ludovico, com uma edição bem maior do que a que hoje apresenta este boletim.

Entretanto, devido à falta de papel, fomos obrigados a reduzir, para 36, apenas, o número de páginas. Por esta razão deixam de ser publicados, neste número, alguns artigos assinados, os quais ficarão para a edição de novembro, comemorativa do sétimo aniversário do Estado Nacional

« OESTE »

REVISTA MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:
Avenida Tocantins, n.º 7
(Imprensa Oficial)
Telefone — 1161
Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:
Vaseo dos Reis Gonçalves
CONSELHO DE CENSURA:
A. Jurúena Di Guimarães
Odório Costa
Paulo A. de Figueiredo
GERENTE:
Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada à revista "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, endereço acima.

OESTE

BOLETIM MENSAL

Ano III | Goiânia, Novembro de 1944 | Núm. 22



Reverenciemos, reconhecidos, a memória de quantos contribuíram para a implantação da República no Brasil, pois o que era bom, antes dela, não era a Monarquia, mas o monarca, aquele D. Pedro II excepcional. E nos esforcemos, todos, para que ela se aperfeiçoe a cada dia, afim-de-que possamos fazer da democracia uma verdade social, válida para todos.

— Cr\$ 4,00 em todo o Brasil —

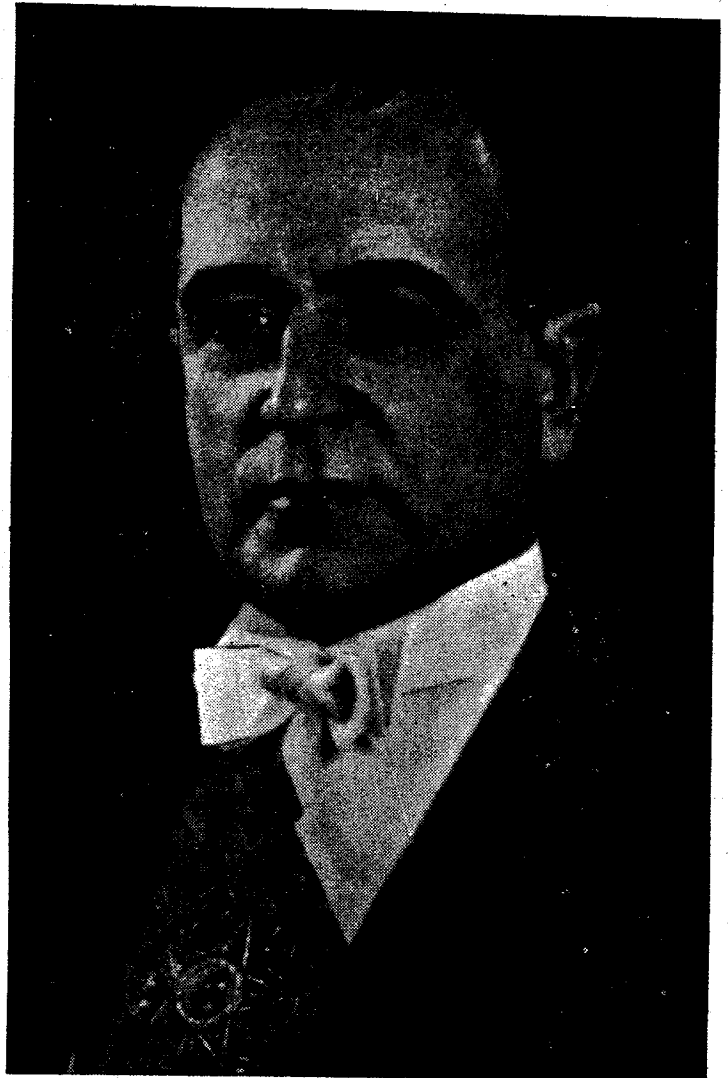
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

O 7º aniversário do Estado Nacional

Inspirado em falsos pressupostos: entre outros o da bondade natural do homem e o da suficiência das leis naturais para a solução dos problemas sociais; inorgânico, atomistizando a sociedade e dando valor próprio ao que só vale integrado num todo homogêneo; ateleológico, pois que o seu fim, estando no “deixar fazer, deixar passar”, não era um fim; individualista, sobrepondo o interesse da parte aos interesses do todo; com pretensão de permanência no tempo e de validade em todos os espaços, quer dizer: desconsiderando as realidades nacionais, que são imperativas, — o regime liberal-democrata teria, necessariamente, de se traduzir, sempre, em termos caóticos.

E assim foi. Vitoriosa a Revolução Francesa, e justamente quando os homens, crenes nos princípios triunfantes, pensavam ter alcançado a realização de seus direitos fundamentais, foi que se iniciou, no mundo, o processo de desagregação que se iria refletir nos conflitos, contrastes e desordens em que continuamente se veem lançadas as sociedades humanas.

Assim foi no mundo. E assim foi no Brasil. Entre nós, o regime demo-liberal chegara ao penúltimo grau de dissolução. Não chegou ao último, o que significaria o colapso total de nossa soberania, porque se implantou, no país, a 10 de novembro de 1937, o Estado Nacional — fortaleza que deu guarida aos postulados revolucionários de outubro de 30, que já periclitavam. Sim; era o país, então, como que um barco sem leme ao sabor das ondas revoltas de mil egoísmos contraditórios. Pauperismo econômico, anarquia administrativa, insatisfação social, confusão político — eis, a largas pinceladas, o panorama da vida brasileira, antes do Estado Nacional. E porque? — Porque, embora existissem revolucionários, não existia um Estado revolucionário. O ideal de outubro vivia somente no coração e na vontade de alguns próceres, mas estes se viam entravados em seus movimen-



tos pelo regime amorfo que impedia marchássemos para a frente.

Vigente o liberalismo — produto doutrinário de outras gentes — vivíamos, assim, politicamente, numa verdadeira situação de vassalagem ideológica. Ora, vivendo, em idéia, no mundo da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, não olhávamos o Brasil. E não vivíamos no Brasil. Por isso, o Brasil não se organizava. Permanecia pobre, embora fosse rico; era como que alguém que possuísse uma fortuna imensa guardada num cofre de que perdera a chave. Como a perdêramos, experimentávamos, a abrir o caminho de nossa prosperidade, chaves dos vizinhos do norte e de ultramar. Mas não serviam nunca. E continuávamos, maltrapilhos, a contar “vantagens” com o tesouro inaproveitado . . .

O panorama era, sem dúvida, de entristecer.

Idéias e coisas, tudo nos vinha de outras plagas. Vinham missões militares para instruir o nosso exército. Vinham economistas curar as nossas crises. Vinham técnicos organizar os nossos serviços. No parlamento, nos institutos de cultura, nos estabelecimentos de ensino, em toda parte, eram sempre nomes arrezoados de estrangeiros que invocávamos como autoridades capazes da última palavra sobre as nossas questões. O que, fossem idéias ou objetos, não trouxesse a marca "made in England", ou "made in U.S.A.", ou "made in France", ou "made in Germany", não tinha valor. Resumindo: — vivíamos num estado integral de servidão cultural. Éramos, espiritualmente, escravos do pensamento alienígena. Fictícia, por conseguinte, porque não nossa, era a "nossa" ordem política e social, informada, assim, por idéias adventícias. Resultado: o Brasil se foi enfraquecendo, se desorganizando. Chegou a tal ponto de anemia política que sobre ele começaram a voejar, sinistramente, os corvos totalitários.

Foi aí, então, nesse minuto formidável de nossa história, e como que condensando as energias profundas da Pátria — adormecidas porém não desaparecidas — que o Presidente Getúlio Vargas, conciente de suas tremendas responsabilidades e fiel ao ideal outubrista, que não encontrava no regime ambiência à sua efetivação, deu o golpe de 10 de novembro, reconduzindo o Brasil à posse de si mesmo e inaugurando, em nossa história, uma era nova e brilhante.

O que seja o regime sociocrático, implantado no país naquele dia único, sabem-no todos: uma Ordem Nacional definida, alicerçada em princípios indiscutíveis e perseguindo objetivos claros e nobres. Firme, o Estado Nacional, em nossas realidades autênticas, e se move obediente aos propósitos de dar ao povo felicidade e ao país uma posição de relevo no mundo.

Anti-individualista, não é entretanto a nova ordem coletivista. É, isto sim, legitimamente personalista, porque de fundo cristão. É o homem que a atual filosofia política brasileira situa como objeto supremo de interesse. O homem brasileiro. E o homem total, como pessoa humana. E o homem na sociedade, vale dizer: visa a todos os homens, ao todo social, considerado este, assim, um tecido de pessoas humanas, um organismo onde se equilibram as aspirações de todos e de cada um. Nossa atual doutrina política vê o todo sem esquecer suas partes componentes e vê estas sem olvidar que elas formam um todo, donde a justa posição em que colocou frente a frente Estado e Indivíduo, não se verificando, aqui, nem a absorção do homem pelo Estado (como sói acontecer nos regimes totalitários), nem a redução do Estado (órgão disciplinador do comércio dos homens vivendo em sociedade, aparelho de efetivação do bem estar de todos) a instrumento de dominação nas mãos de indivíduos, grupos ou classes. Aí o traço essencial da nova política. Entretanto, nem todos gos-

tam de metafísica, só se convencendo com fatos. Pois bem; tem o Regime a apresentar, como fatos, entre milhares, êsses marcantes de sua sadia diretiva: a industrialização do país, simbolizada em Volta Redonda; o revigoramento das forças armadas, de terra, mar e ar, expresso, êsse revigoramento, assim no patrulhamento do Atlântico pela FAB e pela nossa Marinha, e na Força Expedicionária; o saneamento da Baixada Fluminense; o combate sistematizado à lepra, à malária, à febre amarela; a solução, quasi, do problema da seca no nordeste; a multiplicação, por todo o território, de escolas primárias e técnico-profissionais; as colônias agrícolas; a criação de uma infinidade de hospitais; a unificação do nosso direito processual; uma legislação trabalhista tida como exemplar no mundo; a nossa admirável obra de assistência social; a nossa privilegiada situação política internacional no momento, alçados que fomos à posição de líderes dos povos latinos de todo o mundo.

Teórica e praticamente, pois, está o Regime capacitado para replicar aos seus detratores. Síntese das doutrinas políticas contemporâneas, que integrou e superou, mas inspirada em nossas realidades, a Carta de 10 de novembro é um diploma pleno de sentido humano e nacional. Nela está o Regime, em potência, como um sistema político definido, motivado, teleológico, de alto teor. E em ato? Em ato, repetamos, o Regime está aí nessas coisas que falam por si: — em Itabirito e Volta Redonda; na eletrificação de estradas de ferro; nos institutos de previdência e de aposentadorias e pensões; nos navios que frequentemente saem dos nossos estaleiros; no salário mínimo, na lei de acidentes no trabalho, etc.; nos hospitais e refeitórios para os operários; nos postos de puericultura espalhados por todo o país; no DASP, que racionalizou e moralizou os serviços públicos; na fábrica de aviões e de motores; na Fundação Brasil Central; no ressurgimento da Amazônia; na Legião Brasileira de Assistência; no embelezamento da Capital da República; no pagamento das dívidas públicas; na Justiça do Trabalho; nas centenas de cooperativas espalhadas por toda a parte; em nosso prestígio internacional; no Instituto do Livro; nas linhas aéreas que cortam os ares em todas as direções; em Goiânia, etc., etc..

Em síntese: o Estado Nacional vai, da melhor maneira possível, sob a chefia esclarecida e firme de um grande chefe, conduzindo o Brasil para destinos gloriosos. Pelo Estado Nacional o Brasil se tornou a maior potência da América do Sul. Pelo Estado Nacional está capacitado a se transformar numa das maiores potências do mundo. O que alguns dos maiores homens da atualidade teem dito acerca do Presidente Vargas e do Estado Nacional, fala bem alto de nossa situação, no momento. E eis porque o povo brasileiro em péso comemora, jubilosamente, a passagem de mais um aniversário da fundação do Regime de 10 de novembro, em que se acha livre e concientemente integrado e pelo qual está certo que realizará os seus ideais.

Couto de Magalhães

Brasileiro insigne foi, sem dúvida, José Vieira Couto de Magalhães, nascido também no mês de Novembro, em 1837, dia 1º, na cidade mineira de Diamantina.

Couto de Magalhães, que já cognomiram "o Livingstone brasileiro", teve ao seu tempo, uma atuação político-administrativa notável, recomendando-se, a sua obra, à admiração dos pósteros. Além de patriota ardoroso e de estadista de larga visão, foi, ainda, um escritor primoroso, legando-nos trabalhos admiráveis.

Bacharel em direito pela Facul-

dade de São-Paulo, ocupou Couto de Magalhães os seguintes cargos e funções, todos de enorme importância: Secretário do Governo de Minas; Presidente de Goiaz, do Pará, de Mato-Grosso e de São-Paulo. Quando na chefia do executivo de Mato-Grosso, teve a incumbência de combater os paraguaios, derrotando-os em Corumbá, e em Alegre, o que lhe valeu o título de brigadeiro. Conhecedor profundo do sertão, Couto de Magalhães tomou e sugeriu uma série de iniciativas visando à solução de seus problemas; assim é que se lhe deve a primeira exploração do rio Araguaia, tarefa que, quando presidente deste Estado, confiou aos engenheiros Vallée; ini-

ciou os trabalhos para unir a foz do Amazonas ao rio da Prata; estudou e teve a concessão da Estrada de Ferro Rio-Minas; construiu a linha entre Cruzeiro e Três Corações, etc.. Como escritor, deixou-nos Couto de Magalhães os seguintes volumes: — "O Selvagem", composto por ordem de D. Pedro II, para figurar na exposição de Filadelfia, em 1876; "Viagem ao Araguaia"; "Anchieta e as línguas indígenas"; "Revolta de Felipe dos Santos, em 1720"; e "Fundação de São-Paulo". Quando faleceu no Rio, em 14 de setembro de 1898, tinha a publicar, incompletos, mais dois livros: — "Segunda Viagem ao Araguaia" e "Gramática da língua geral".

Alberto Torres

Amália Hermano Teixeira

Há 79 anos, vinha ao mundo aquele que deveria ser grande pensador, notável sociólogo, insigne brasileiro.

A 26 de novembro de 1865, na fazenda da Conceição, Pôrto das Caixas, província do Rio-de-Janeiro, nascia Alberto de Seixas Martins Torres.

De seu pai, dr. Manoel Martins Torres, senador da República e antigo magistrado, um servidor justo e fiel de sua Pátria, herda Alberto Torres nobreza de caráter, espírito de luta, amor incensurável por sua Terra, por seu País.

A mãe, D^a. Carlota Sizas Torres, mercê de sua consagração e amor ao próximo, de elevado sentido da vida, soube imprimir no espírito do filho entusiasmo e confiança no valor de nossa raça, donde seu devotamento às causas sociais.

Desde cedo inclinado ao estudo, Alberto Torres, com apenas catorze anos, obtido o consentimento do pai, matricula-se na Faculdade de Medicina do Rio-de-Janeiro.

Sentindo, porém, que esta não era a carreira correspondente à sua vocação, deixa o curso médico, ingressando na Faculdade de Direito de São-Paulo. Após um curso brilhantíssimo, aos 21 anos, Torres bacharela-se.

Como acadêmico é abolicionista ardoroso. Ao lado de Silva Jardim e outros, batalha com denodo em prol do advento da República.

Prosseguindo na nobre campanha por um melhor regime governamental, é eleito deputado federal na primeira legislatura constitucional republicana.

Exerce aos 29 anos o elevado cargo de ministro da Justiça no governo de Prudente de Moraes.

Como presidente do Estado do Rio, publica trabalhos de alto valor político-social, propugnando pela unidade brasileira.

Chega a Ministro do Supremo Tribunal Federal, de 1900 a 1901, quando obtem sua aposentadoria, para, desde então, se dedicar exclusivamente a estudos políticos-sociais.

Em "Vers la Paix", saído em 1909, o pensador fluminense estuda a importante questão do estabelecimento da paz geral e da organização da ordem internacional.

"Le Probleme Mondial", apresentado à véspera da grande guerra, vem confirmar as qualidades excepcionais do grande internacionalista pátrio.

Alberto Torres, profundo conhecedor de nossas gentes e de nossas cousas, entrega-se definitivamente a um plano de organização nacional, mostrando aos brasileiros a situação de descalabro em que se encontrava o país, apontando-lhes claramente os meios de se evitar o negro futuro a ele reservado.

Em "O Problema Nacional Brasileiro", Alberto Torres focaliza com a sua costumeira sinceridade tudo o de que necessitamos, apelando para a inteligência, ação construtiva e honradez do brasileiro.

Saboia Lima, autor de "Alberto Torres e sua obra" nos fala daquela superioridade e força de persuasão do Mestre: — "Alberto Torres não fulminou o homem com a anátema da sua pequenez, nem exaltou a natureza com a afirmação delirante da sua pujança como tão comumente procede o pessimismo nacional".

Abordando a questão racial, traçando as características do nosso homem, Torres, antes de tudo, afirma: "Somos um dos povos mais sensatos e inteligentes". E mais adiante completa seu pensamento: "sensível, generoso, nobre, hospitaleiro, probo, trabalhador, o homem genuinamente brasileiro, fiel ao nosso espírito e sentimento tradicional, que não deturpou o caráter na confusão cosmopolita das grandes cidades, mostra logo, à primeira vista, no sorriso aberto e na palavra mansa e serena, onde a ociosidade a que foi habituado põe uns laivos de desânimo — a inteligência viva e aguda, um raro senso da realidade, um engenho curioso e hábil".

A "Organização Nacional" e "Fontes da Vida no Brasil" vieram completar a série de estudos de Torres, considerados o maior patrimônio intelectual nosso, servindo de diretrizes a nossa organização político-social.

Prematuramente, Alberto Torres falece a 29 de março de 1917.

É de se admirar que as idéias de Torres não fôssem compreendidas e concretizadas ao tempo de sua vida.

Oliveira Viana, o ilustre prefaciador de "As idéias de Alberto Torres", da autoria do mais fiel dos discípulos do Mestre-Alcides Gentil — diz-nos da poderosa influência que a filosofia Torreana está exercendo sobre a mentalidade de nossas elites, influência que se entenderá às futuras gerações, mercê da sabedoria e poder profético do sociólogo fluminense.

É ainda Oliveira Viana, esse ilustre sociólogo tão nosso conhecido, quem nos evoca os discípulos que se sentaram em torno do Mestre e que não chegavam à metade dos que seguiram Jesús pelas estradas da Galiléia: Alcides Gentil, Saboia Lima, o próprio Oliveira Viana, Porfirio Neto, Antônio Torres, Carlos Ponte, Mendonça Pinto.

A esses discípulos de Torres e a um punhado de partidários entusiastas e patriotas devemos o conhecimento de tôdas as obras e de sua vida. A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres fez reeditar os livros acima mencionados e para completar a sua ação nacionalista, através de cursos da Universidade Rural Brasileira formou técnicas de ensino para todo o Brasil.

Como representante de Goiaz na turma de 1936, é-me sobretudo grato e honroso recordar aqui, o ambiente de são e elevado patriotismo, de compreensão dos problemas educativos e sociais dos diferentes Estados, da cordialidade, dedicação e amizade dos mestres, amizade e dedicação, estímulo de assistência que continuam os mesmos, apesar do tempo e da distância que nos separam dos esquecíveis e queridos educadores.

Os mais eminentes prosélitos de Torres souberam criar para as futuras propagadoras dos ideias torreanos e responsáveis pela cristalização do pensamento luminoso do sociólogo, uma atmosfera propícia, mas respirável sómente por aqueles que realmente traziam o ideal de, sem ostentação e sem pretensões pessoais, servir à infância e à juventude com amor, dedicação, entusiasmo, persistência, e até mesmo sacrifício.

De nosso sempre lembrado mestre, Saboia Lima, ouvimos moças de todo o Brasil, a história, tôda ela colorida, emocionante, plena de beleza e de vigor, de lances patrióticos, de reiteradas lutas e renúncias, ouvimos silenciosa e comovida a história tôda do grande Alberto de Seixas Martins Torres.

Podemos jamais nos esquecer de Raul de Paula da sua atividade extraordinária, do temperamento excepcional do nosso professor de Ensino Rural, o tão caro secretário do nosso curso, que sempre nos orientou nas inúmeras excursões que fizemos e do qual nos despedimos tôdas, com lágrimas nos olhos?

De todos guardamos a mais agradável lembrança, porque já-mais pudemos encontrar corpo de mestres tão harmonioso, tão cônico de sua elevada missão, tão conhecedor do segredo da alma humana. Em cada um enxergamos nós alunas-professoras a imagem do patrão daquela Sociedade.

Dr. Rafael Xavier, diretor e mestre de Estatística, sempre alegre e pronto a nos tirar de apuros

imprevistos e a nos dar demonstrações necessárias ao nosso estudo. Dr. Cristóvam Leite de Castro, Secretário do Instituto Histórico e Geográfico da Capital Federal, e nosso insigne professor de Geografia, a nos lembrar a moderna orientação do ensino da ciência da Terra e do Homem, do seu caráter social e dinâmico; a nos mostrar o perigo do memorismo e a força dos processos tradicionais que devíamos, resolutamente combater.

Recordamos o Dr. Itagiba Barçante e suas magníficas aulas de proteção à natureza, as excursões à floresta da Tijuca, focalizando as figuras do Major Archer e de Tannay; a vida das plantas, os bosques, os jardins, os pomares, as hortas.

E o professor Alcides Bezerra que nos proporcionou aqueles admiráveis cursos de biblioteca e museu?

Iriamos longe se deixássemos aqui tudo o que nos acode à memória. São doces lembranças, ligadas a um trabalho da mais alta significação patriótica, inspirado na sua filosofia de Alberto Torres.

Em todos os recantos do Brasil, encontrareis, leitor, a lutadora anônima, plasmadora de inteligências, resistindo a tudo que a maldade humana pode conceber, entregue a seu sacerdócio, dedicando seu carinho e saber à educação de seus alunos, seguindo o exemplo dos verdadeiros educadores.

Porque a nova orientação do ensino, orientação que não é mais nova, pois seguida pela grande massa dos professores concientes, não admite o professor que "não se interessa pela vida do aluno e limita seu trabalho à obrigação das aulas, sem orientar, sem estimular, antes cultivando-lhe a ignorância e mantendo nele a fé na sabedoria humana".

Não basta ao professor dizer belas teorias à alunas, falar de métodos e processos modernos; necessário se torna praticá-los.

Bem disse Alberto Torres: "Precisamos educar o nosso povo na arte varonil de transformar idéias e sentimentos em atos". Em matéria de educação, melhor se aplica essa exigência.

Que abismo entre a teoria e a prática! Quando há teoria que valha alguma coisa...

Pelo Brasil em fora, meus amigos, os adeptos de Torres e os pioneiros do Ruralismo se espalham.

Em São-Paulo, e mesmo antes de fundada a SAAT, o ilustre e renomado Professor Sud Menucci, pronuncia uma série de conferências intitulada "A Crise Brasileira de Educação", posteriormente publicada em livro, que expõe a melhor maneira de difundir o ensino primário no Brasil. A essa figura impar de mestre, hoje à frente da Diretoria da Educação em São Paulo, se deve o curso de férias

sobre Agricultura e a fundação do Grupo Escolar Rural de Butantan, sob a direção da brilhante educadora Noemia Saraiva de Matos Cruz.

Dr. Joaquim Moreira de Sousa, funda no Ceará a 1ª Escola Normal Rural; D^a. Amélia Pinto Ribeiro funda Escolas Rurais e Clubes Agrícolas Escolares em todo o Estado de Pernambuco, exercendo ela hoje o cargo de Diretora de Educação daquele grande Estado Brasileiro.

E, assim o Brasil se transformará, adotando como vai uma política educacional condizente com a sua situação geográfica, com suas possibilidades e com a índole de seu povo. Essa a orientação preconizada por Torres. Como isolar a criança da natureza? Por que não lhe ensinar a amar à Terra? Que orientação arrevezada a de insular a escola das atividades da vida? O objetivo da educação não é preparar para a luta na sociedade?

Afirma Alberto Torres que "o brasileiro não encontra, em nosso meio, desde os primeiros dias da infância, a escola de virilidade, de autonomia e de iniciativa que o devia preparar para o trabalho; não recebe a lição de laboriosidade e de resistência, não adquire a consciência de que é produtor, um agente dinâmico da vida social!".

A escola simplesmente alfabetizadora, a escola que apenas ensina as quatro operações e exige de memória as regras gramaticais, a escola que sómente transmite conhecimentos está felizmente desaparecendo, mas, forçoso é dizer, quan as não continuam ainda a exercer o seu pernicioso efeito sobre crianças e jovens, "a fazer de nosso povo um imenso rebanho de corpos exangues e de almas desfalecidas".

Entretanto, as modernas instruções da Pedagogia Científica, da Psicologia Educacional, da Higiene Mental, as instituições extra escolares, hoje geralmente adotadas, as fontes de motivação, os centros de interesses se encontram bem ao alcance dos professores bem intencionados.

Feliz e oportuna a idéia do dr. Luiz da Glória Mendes, torreano incansável como soem ser os adeptos da filosofia construtiva do Mestre, meu companheiro de trabalho na Campanha Ruralista levada a efeito em nosso Estado, em 1936 e 1937 e colaborador nos trabalhos do Clube Agrícola "Couto Magalhães" da Escola Normal Oficial, de se criar em Goiaz, um núcleo torreano. Bati palmas à idéia do entusiasta médico e professor e formulei votos para que a idéia se torne realidade na significativa data natalícia de Alberto Torres.

Dessa maneira o pensamento fecundo de Torres será conhecido de todos, suas idéias difundidas,

suas aspirações concretizadas na mais jovem e bela cidade do *hinterland* brasileiro, em nossa ridente e promissora Goiânia.

Torres nos sugere o exemplo do líder póstumo.

O essencial é lutar pela realização de uma idéia, lutar sem desânimo, confiante, seguro. Quando venha a ser reconhecida, não importa.

Como vêdes, meus amigos, Alberto Torres, hoje, está mais vivo do que nunca. "Este grande homem morto é, na verdade, nesta hora, o melhor general para os vivos".

É ele o guia da geração presente, e dos que hão de vir.

Nesse 26 de novembro, prestemos, pois, as nossas homenagens à memória de Alberto Seixas Martins Torres.

Victor Coelho de Almeida

Com o falecimento, dia 3 do corrente, do dr. Victor Coelho de Almeida, fica o patrimônio cultural de Goiaz sensivelmente desfalecido. O triste desenlace, se bem que esperado, chocou profundamente os nossos melos intelectuais, onde era das mais prestigiosas a posição do extinto.

Ocupava, o dr. Victor Coelho de Almeida, o cargo de professor do Colégio Estadual de Goiaz, era membro da Academia Goiana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiaz, sócio correspondente da Academia Carioca de Letras e doutor em Teologia. Foi, também, deputado à constituinte de 1934.

Homem culto e talentoso, possuído de um grande amor pelo sertão, aqui desdobrava o dr. Victor Coelho, no campo cultural, uma atividade sumamente construtiva, contribuído, com o seu exemplo e o seu trabalho, para o soergulmento do nível intelectual do oeste.

Ainda recentemente publicára, sob os auspícios do governo, o livro: "GOIAZ — usos, costumes, riquezas naturais", obra que mereceu boa aceitação pela crítica do país.

A família enlutada, os pésames de "Oeste".

PODE-SE amar o povo com uma filosofia aristocrática e se pôde depreciá-lo afetando entusiasmos pelos princípios democráticos —RENAN

Meditação

Abgar Renault

"Oeste" está de parabéns. É que Abgar Renault mandou para ela especialmente, o notável poema inédito que aqui está. Abgar Renault não é só uma figura de prôa em nossas letras, o poeta pleno de poesia que todos admiramos. É, ainda, um vulto de grande destaque em nossos altos círculos sociais, ocupando os altos cargos de Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação e Membro da Comissão de Estudos dos Negócios Estaduais. Ainda recentemente esteve na América Central, representando o Brasil, oficialmente, em importante missão cultural. Além disso, é êle, pode-se dizer, um daqueles poetas que Manuel Bandeira classifica de "bissextos", ou seja: um desses vates de quem só a muito custo os jornais e revistas arrancam uma produção. Poeta cujo coração está cheio da dôr do mundo, Abgar Renault, sensível e intuitivo, tem em cada poema, um canto profundamente humano. "Meditação" é um desses grandes poemas, e, enviando-o para "Oeste", Abgar Renault demonstra uma deferência tôda especial para com êste boletim, que se sente honrado com a sua presença.

Soldado morto que eu não conheço,
 Ao ver-te para sempre imóvel e calado,
 Não penso no rubro preço
 Que pagaste pela vitória que não verás:
 Nem na alegria em que não frutificarás,
 Nem nas formas fiéis em que teu corpo mutilado
 Nunca se reverá, nem na vida em comêço
 Que a guerra visitou: meu pensamento jaz
 Nas vidas murchecidas que estacaram de repente
 Numa forma ausente.

Política Nacional

O Dez de Novembro

VASCO DOS REIS

Em geral, damos um valor excessivo a fórmulas e a palavras. Fazemos questão fechada de sistematizações. Queremos classificar, situar, filiar um determinado objeto a outros mais ou menos afins. Quando essa afinidade não existe, apesar da ginástica hermenêutica a que de boa vontade nos entregamos para encontrá-la, pondo-nos na ponta-do-pé do raciocínio para lançar uma olhadela por cima do muro do absurdo, então recorremos ao sortilégio da invenção e criamos as afinidades, as simples semelhanças a nosso modo. O que é branco, com um pouco de esforço, nos parecerá castanho, mesmo sem invocarmos a pretensa uniformidade cromática, noturna e aleivosamente atribuída aos gatos. E, encantados com a descoberta de um ponto de contato entre dois fatos, duas plantas, dois bichinhos, que só buscam fugir um do outro e ambos safar-se de nossa mortífera curiosidade, pouco se lhe dando o parentesco, nós atiramos triunfalmente por cima da separação, do insulamento, da originalidade, à guisa de cabo, o cordão umbelical de uma subordinação. Amarramos, ligamos, jungimos, porque êsse é nosso gosto. Não sei si estaremos certos ou errados nesse nosso horror à decontinuidade, à pluralidade, à independência e à liberdade, em última análise.

O fato é que êle domina, como preocupação obsessante, em todos os aspetos da vida humana civilizada.

Vemos um fruto, que se debruça, agradecido, de uma haste e se nos oferece como uma dádiva da terra boa. Nós, então começamos a questionar sôbre se se trata de uma baga, de uma drupa ou de uma baga drupácea. O fruto, então, decepcionado, cãe e apodrece.

Encontramos um pássaro. Bem quiséramos agarrá-lo, não obstante os tremendíssimos libélos, rimados ou não, de grandes bardos preocupados . . . com a liberdade dos voláteis? Não: com o efeito literário que uma tal defesa produz. Pois bem, pensamos logo: é um vertebrado, bípede, etc., e, antes de chegarmos ao gênero e à espécie, o pequeno tratante, que nada sabe do que lhe diz respeito ornitológicamente, voa, cae nas asas . . . O veso, no entanto, perdura. Está na massa do sangue. E' aí no duro classificar.

Ao lermos um livro, antes de mais nada, queremos reduzi-lo a escaninhos, a rótulos, a localizações exatas no tempo e no espaço. E lá vem o enxame de eruditos, dos entendidos da matéria, dos "que leem" e dissecam a coisa: isto, aquilo, tendência tal, escola qual, influências estas ou aquelas, levemente (ou fortemente) tradicionalista, realista, intuícionista ou dogmático, eclético, hiperbólico, utópico, metapsíquico ou xicoxaviérico, isto é, psicográfico. . .

A sofreguidão pela análise, trazida pelo avanço das ciências experimentais, superlativamente aparelhadas para suas pesquisas, generalizou-se a tudo mais. A dissecação, a vivissecação dominam o panorama, reduzindo a vida e tôdas as suas atividades e frangalhos, dispostos em provetes ou frascos acépticos, com um tampão de algodão hidrófilo à boca.

Nada escapa às arremetidas do animal que pensa. O raciocínio, essa arma poderosa que lhe puzeram no cérebro, não como uma tabulêta de classificações, mas como uma espécie de perfurador para a-

brir caminho no paredão do desconhecido, êle faz questão de desperdiçá-lo com aquelas banalidades que desde a prehistória são banalidades e até hoje não passaram disso.

Só pequena minoria consegue assestar o poder da mente sôbre um alvo razoável. Os demais voltam-no para as mais relamborias ninharias, como aqueles que usam as armas de guerra no galinheiro. Procuramos ver muito ou saber demais, com um intuito errôneo. A cultura, por mais abundantemente que se acumule, é sempre miope. E por isso incapaz de distinguir os fatos espalhados ao sabor de sua verdadeira situação, o que demandaria, por certo, golpe de vista muito mais amplo, aproximamos, por vezes anarquicamente, em nome de um critério qualquer, usado a título precário.

Assim, ela aproxima, quando devia afastar. Engloba, quando seria oportuno discernir. Mistura e confunde, quando fôra mister individualizar e destacar. Os acontecimentos políticos não escapam, nem podem escapar, a um mundo de análise e interpretações.

Leis, teorias, doutrinas surgem para explicá-los, esclarecer suas origens, elucidar sua evolução, deduzir suas consequências próximas ou remotas.

Êsse verbalismo é, felizmente, inócua e longe está de atinar com o que realmente se passa. Não é o comentador que faz a obra. Ela se consuma à revelia das deduções e elocubrações outras dos que falam e discutem; dos que pontificam e concluem, por vezes tão confusamente, ao ponto de muitos acreditarem que a América foi descoberta porque Colombo poz um ovo de pé . . .

Não quero, pois, prender-me em complicadas teorias ao abordar o nosso Dez de Novembro: êle foi um acontecimento salutar. Trouxe ao Brasil ordem e progresso. Muita ordem e muito progresso. Deu ao operário melhor salário e garantias concretas de seus direitos, em troca do trabalho executado. Fê-lo participar das decisões governamentais, por meio de órgãos adequados. Melhorando as relações entre empregados e empregadores, abrindo caminho de ida à matéria prima e de volta às utilidades, melhorou a produção e fomentou seu curso normal, intensificando o consumo. A indústria, o comércio, pois, experimentaram progresso incontestável. A riqueza melhormente distribuída, refletindo-se na elevação do nível de vida, estimulou nossas fontes de atividades e iniciativa, abrindo à economia perspectivas inéditas e alentadoras. As classes liberais lucraram. Os bancos, as companhias alargaram o campo de suas atividades.

A lavoura cresceu. A pecuária avantajou-se pela seleção, aperfeiçoando seus produtos, cada vez mais valorizados.

A Educação subiu de nível. A Saúde Pública, no combate às endemias e aos grandes flagelos migrantes que afligem a humanidade, subiu a um expressivo índice de eficiência. Racionalizou-se a administração pública, aumentando assim o rendimento de seus diversos setores, expresso em resultados qualitativa e quantitativamente mais elevados.

E foi de tal maneira manifesto e sensível o revigramento trazido ao organismo do Estado por um Governo operante e capaz, que os efeitos da conflagração mundial a que fomos arrastados, chegaram-nos

extremamente atenuados, si levarmos em conta as tremendas crises em que se debatem os maiores povos da terra.

E, como remate das vantagens de ordem interna, leva-nos uma política exterior, sãbiamente orientada, a uma invejável situação de prestígio, que nos assegura a oposição que ocupamos no mundo e que estamos preparados para manter e reforçar no após guerra.

Que o país se constitucionalise, como no-lo prometem os responsáveis pelos nossos destinos. Que se completem os órgãos de nossa formação democrática, sempre presente em todos os atos do atual governo. Mas, que não haja recuo e nem enfraqueça jamais esse espírito evoluído que enrijou a democracia brasileira e que se inspira nos sinceros propósitos do Dez de Novembro.

LE VIOLON D'INGRÈS

— Xavier Júnior —

PROGRAMA

Meu amigo e colega dr. Vasco dos Reis, que dirige provectamente o boletim "Oeste", destinado à propagação cultural de Goiaz com apóio governamental semelhante ao dispensado na velha república à "Informação Goiana", do infatigável divulgador de nossas coisas, Henrique Silva, me convidou para uma função redatorial um tanto acima da minha capacidade e do meu tempo.

Queria de acôrdo com os outros dirigentes do viotorioso mensário que eu me encarregasse da secção "Lendo e Escrevendo".

A leitura que desperta a vontade de escrever é a dos livros.

Acontece, porém, que, na minha vida de médico, o tempo disponível é quasi inteiramente absorvido pelas revistas e jornais. Ora, estas leituras levam a pensar ou a conversar mas não conduzem às laudas em branco.

Os livros percorridos são poucos. Por isso mesmo nem sempre constituem novidades, constando antes de velhas obras, que não pude ler na juventude ocupada com os estudos universitários.

Mantida por mim, a secção "Lendo e Escrevendo", teria dois grandes defeitos: não appareceria todos os meses nem trataria de livros recentes.

Vale a pena lembrar a muito repisada história de um famoso pintor francês, que dava grande importância ao violino. Ele orgulhava-se mais dêsse derivativo das horas de labor, do que de sua própria atividade, que lhe proporcionou fortuna e renome.

Sua pequena mania foi recompensada, transformando-se numa locução francesa, que invadiu outras linguas.

Tenho, na verdade, alguma inclinação para a crítica literária. Será o meu: . . . "violon d'Ingrês" ou, como se diz hoje, no abandono do francês pelo inglês (à quoi bon ?) o meu "hobby".

Não escreverei todos os meses. Não assumirei compromissos com o divertimento. Outros se encarregarão (e é mais interessante que sejam diversos) de "Lendo e Escrevendo" com assiduidade e brilho.

Eu me darei por satisfeito, se demonstrar algum bom gosto, que, na definição de Voltaire, é a capacidade de descobrir um defeito entre as qualidades e uma qualidade entre os defeitos.

LE VIOLON D'INGRÈS

— I —

O MODERNISMO

Uns falam bem, outros falam mal do modernismo.

Tomar partido incondicional num ou noutro grupo é fanatismo.

Nada mais nocivo à liberdade construtora do pensamento do que uma posição excessivamente definida.

Inteligência quer dizer compreensão e os que entendem transigem e, portanto, mudam, variam, mostram-se incoerentes.

Há, contudo, diferença entre a volubilidade de inteligência e a volubilidade de caráter.

O caráter se prende à educação moral, enquanto as atitudes intellectuais estão condicionadas à maior ou menor assimilação de leituras.

Paradoxalmente um individuo pôde ser intransigente nos assuntos intellectuais e flexível nas questões de caráter.

Esse paradoxo é acentuado pela cultura totalitária, que polarisa num determinado sentido todos os movimentos do raciocínio e da sensibilidade, suprimindo o debate, a escolha, a possibilidade de ver para os lados, como acontece aos animais de tiro, cujas cabeçadas de tapa só permitem olhar num rumo exclusivo.

O que provocou os grandes debates literários de 1922 foi a atitude fanática das duas correntes:

a da forma impecável e a da forma relaxada.

Entre os dois extremos, o estilo pôde assumir uma infinidade de tons, como os que separam umas das outras as faixas do arco-iris.

Essa evolução do estilo explica a quantidade de membros da Academia Brasileira de Letras que fizeram parte da vanguarda modernista.

Naturalmente em seus discursos ainda elogiam a escola em que deixaram de escrever.

Alguns conseguiram leitores até para os livros de mocidade e provocaram o paralelo entre os seus poemas e os que nos fôram legados pelos parnasianos e pelos românticos.

Essa atitude de desafio se manifesta principalmente no livro do sr. Cassiano Ricardo, intitulado "Martim Cerêrê", cujo êxito se nota pelas edições, que em 1944 atingiram o número de sete.

Uma das poesias retoma a inspiração de Casimiro de Abreu — "meus oito anos".

A comparação entre os versos do romântico e os do modernista já figura num compêndio escolar "Literatura Brasileira" da Coleção F. T. D.. Deixo a indicação a quem se interessar pelo assunto.

Prefiro acompanhar o cartél póstumo lançado a Olavo Bilac.

Lembremos os versos do parnasiano, descrevendo a serra das esmeraldas:

"Para o norte inclinando a lombada brumosa,
Entre os nateiros jaz a serra misteriosa;
A azul Vupabussú beija-lhe as verdes faldas,

E águas crespas, galgando abismos e barrancos,
Atulhados de prata, umedecem-lhe os flancos
Em cujos socavões dormem as esmeraldas.

Verde sonho ! . . . é a jornada ao país da loucura !
Quantas bandeiras já, pela mesma aventura
Levadas em tropel na ânsia de enriquecer !
Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada
Brenha rude, o luar beija à noite uma ossada,
Que vêm, a uivar de fome, as onças remexer . . .

Que importa o desamparo em meio do deserto,
E essa vida sem lar, e êsse vaguear incerto
De terror em terror, lutando braço a braço
Com a inclemência do céu e a dureza da sorte ?
Serra bruta ! dar-lhe-ás, antes de dar-lhe a
[morte
As pedras de Cortez, que escondes no regaço ! ”

Copiemos, agora, no poema “Despistamento” o mesmo tema nos moldes do modernismo:

“Era a Noiva de prata, aquela tal
que prometeu casar com o Gigante de Botas.

Mas quando o “calção de couro”
depois de haver vencido umas duzentas léguas
[sem parar
ia alcançando a sua noiva muito branca
que já estava dormindo ou que fingia estar dor-
[mindo
pronto ! desencantou seu sonho lindo
“não te dou prata, te dou esmeraldas ! ”
e a sua noiva muito branca, imediatamente
virou uma montanha muito verde, muito verde
cinco dez vezes muitíssimo verde !
que apareceu de súbito em seu lugar
e que o levou a caminhar sem mais parar.

Pois a última das três miragens era assim:
não mudava de côr, mas em compensação
ia mudando sempre de lugar”.

Comparando os versos de Cassiano Ricardo e os de Olavo Bilac sobre a epopéia dos bandeirantes, assalta-nos a mesma impressão que teríamos ao traçar um paralelo entre “Os Luziadas” e “A Nau Catarineta”.

Há quem prefira a simplicidade mais ou menos forçada dos modernistas à grandiosidade um tanto convencional dos épicos.

A capacidade de guardar na memória varia com o gosto.

Eu já decorei, quando ginasião, “O Caçador de Esmeraldas” e confesso a incapacidade de minha retentiva para conservar o menor poema de “Martim Cerêre”.

O descuido com que são feitas as poesias modernas faz com que nos recordemos vagamente do motivo e não guardemos as palavras que podem ser substituídas facilmente por outras, na improvisação da referência.

Ao ter de recitar um desses poemas sem métrica e sem estilo, quasi não faz diferença, por exemplo, dizer:

“O mato, borrado de flores
promoveu uma enorme algazarra de côres ! ”

Ou, mudando mais ou menos, os vocábulos, mostrar, de qualquer jeito a imagem expressa de qualquer maneira:

“O mato, cheio de flores
fez um grande barulho de côres ! ”

“O mato, pintado de flores
expandiu-se num sururú de côres ! ”

“O mato, enfeitado de flores
rompeu a marcha nupcial das côres ! ”

Não seria fácil, porém, substituir as palavras com que Bilac descreve o delírio de Fernão Dias Pais Leme, vendo tudo verde, na hora de agonia:

“Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes
[chamas;
Verdes, na verde mata, embalançam-se as ramas;
E flores verdes no ar brancamente se movem;
Chispam verdes fuzis riscando o céu sombrio;
Em esmeraldas flue a água verde do rio;
E do céu, todo verde, as esmeraldas chovem . . . ”

É compreensível, no momento, que atravessamos, de grandes lutas, de enormes preocupações, de vida ou morte, a ausência de tempo, para educar na contemplação da beleza perfeita e serena.

Em Portugal, entre Camões e Bocage, surgiram igrejinhas, com o nome de Arcádias, que desapareceram. Seus membros escreviam aparentemente bem mas não diziam nada. Os nossos modernistas em geral, expressam com descuido coisas sem sentido. Que antologia guardará, para os escolares futuros, a frase defeituosa, que traduz a hipótese não confirmada de representar uma idéia ?

É possível que o futuro, avaliando o acervo do romantismo, do parnasianismo e do modernismo, venha a verificar que a contribuição deste último foi a mais transitória, nas letras brasileiras. Verá, como na fábula, que o parto barulhento da montanha foi um ratinho.

Cruz e Sousa

Ao lado de Tito Lívio de Castro, José do Patrocínio, Rebouças e outros, aparece a figura de João da Cruz e Sousa, entre nós, como uma das mais representativas do homem de côr, dessas que se vão constituindo uma réplica irresponsável a quantos racistas (arianistas ou não) existem por aí, tentando desmerecer o negro.

Natural de Florianópolis, onde nasceu a 24 de novembro de 1863, foi Cruz e Sousa o principal inspi-

rador, no Brasil, do movimento espiritualista que se operou na Europa, na última metade do século passado, em torno dele se agrupando os poetas que reagiam contra a escola parnasiana. Devido a essa atitude de combate, ao cunho de novidade de sua poética, ao descuido de sua sintaxe, e, mais do que tudo, à sua côr, moveram contra êle rude campanha, mas, observa Manuel Bandeira, êle reagiu e a sua “personalidade conseguiu criar em torno de si um grupo de discípulos entusiasmados, a que a posteridade deu razão, pois hoje não se discute mais o va-

lor de sua poesia, tão rica de nobre e sincera emoção”. Falando dele, escreveu, ainda, Ronald de Carvalho: “Há em Cruz e Sousa, apesar de todas as suas insuficiências, a força de um precursor. Êle introduziu em nossas letras aquele horror da forma concreta, de que já o grande Goethe se lastimava no fim do século XVIII. E tal serviço, em verdade, não é pequeno, em um país onde a poesia flue mais da ponta dos dedos que do coração”. Deixou: — “Broquéis”, “Florais” e “Últimos Cantos”, livros de versos; e, em prosa: — “Missal” e “Evocações”.

Obsessão

Conto de Marilda Palínia

A noite me alcançara duas léguas distante de . . . E, na direção da "baratinha", eu varava a escuridão entre as sombras fantásticas das árvores, que pareciam gigantescos duendes espreitando, silenciosos e imóveis, sinistros e ameaçadores.

Final, desapareceu a mata. A noite clareara em pleno campo.

Logo cheguei à Vila. Seriam talvez 22 horas, mas dir-se-ia que o lugarejo estava abandonado e deserto. Nem um filete de luz, escuridão por uma frincha de porta, marcava u'a casa habitada.

De repente um ponto luminoso como um rubí faiscou na penumbra. Era a pensão. Chegara, enfim!

Enquanto me preparavam quarto e café, eu palestrava com os de casa, que já conhecia de minhas viagens anteriores.

Notei, porém, mais pesada a tristeza ambiente.

Maria, a filha da dona da pensão, que tinha certa vivacidade e certa graça, tão raras em moças de lugarejos, estava calada, pensativa.

E a conversa se arrastava, molemente, sobre as próximas colheitas e a chuvarada danificadora das plantações e das estradas.

Nisto me lembrei de perguntar por Glorinha, morena de grandes olhos sombrios, olhos ardentes e às vezes como que desvairados, brilhando febris num rosto exangue, de palidez doentia. O raro sorriso a transfigurava. Dentes alvíssimos, pequenos e iguais, e lábios vermelhos, desenhados fortemente. Lábios sem baton. Olhos e boca, o que sempre me atraiu num rosto de mulher, ela os tinha maravilhosos.

Não sei si era bonita, mas, num ambiente de luxo, vestindo roupas caras, seria, sim, mulher diferente das outras, possuindo singular poder de sedução.

Glorinha . . . Era para mim, solteiro e alegre, a "great attraction" do lugarejo monótono onde, duas vezes ao ano, minha profissão de viajante me obrigava a permanecer, um ou mais dias, pesados de tédio.

Sempre a encontrava ali na pensão, sempre lhe trazia revistas, sempre conversava com ela, mas aquela singular criatura, displicente e fria, sempre me conservara à distância.

E quantas vezes me perguntei a mim mesmo que estranhos pensamentos se escondiam por traz da-

quela fronte lisa e polida como o mármore.

Achava-a exquêsita, arredia e, principalmente, desambientada.

Glorinha não era mulher para um lugar daqueles: três ou quatro ruas, duas ou três vendas e outras tantas lojas, a escola primária, a agência postal e uma igreja branca, no alto, dominando o povoado, onde, uma vez ao ano, pela festa da padroeira, havia missas, batizados e casamentos.

E o ar pesado, a solidão, o silêncio, o marasmo dos dias vazios, a escuridão impressionante das noites sem luar e a existência apática das moças, escravizadas ao serviço doméstico, tendo como única distração um namoro furtivo com algum boiadeiro brutal ou fazendeiro ignorante e estúpido, convencido da sua superioridade incontestável de representante do sexo forte.

Lembrava-me agora. Glorinha estava noiva. Assim me dissera Maria, quando eu ali estive pela última vez. E a notícia me puzera triste e desapontado. Com certeza já tinha se casado. Era êsse, por certo, o motivo de não estar Glorinha também em tórno da mesa da sala de jantar, ouvindo a nossa conversa monótona. Digo ouvindo, porque raramente conseguira dela algumas palavras e estas sempre me faziam pensar, porque revelavam inteligência e sensibilidade: mais ainda, intensa vida interior.

Habilmente aguardava a oportunidade de saber notícias, sem me tornar indiscreto (oh! a maledicência torpe dos lugares pequenos!), quando a conversa se animou.

Alguem falava em espiritismo. Era um "crente". Argumentava, discutia, contava fatos. Alguns duvidavam, mas a maioria ouvia devotamente o narrador.

Foi quando Maria, saindo do seu mutismo, exclamou:

— E dizer que foi um espírito que matou Glorinha . . .

O inesperado da notícia fez-me esquecer o cômico da afirmativa.

E antes que eu abrisse a boca, um dos presentes perguntou, interessado:

— Mas, como? Não é possível que um espírito mate como uma pessoa qualquer . . .

E Maria, subitamente animada, contou nervosamente:

— Pois é. Não estou pedindo para acreditarem, mas é verdade.

E virando-se para mim:

— O sr. conheceu Glorinha, não

conheceu? Não era u'a moça tola, não. Inteligente, muito inteligente até, mas . . . sem sorte. Infeliz até aí!

— Pequenininha, perdeu a mãe e o pai casou com uma peste, que judiou dela quanto pôde. Depois, foi prá casa de um irmão casado, onde fazia de tudo como negra cativa, mas não chegava, não . . . Inda era pouco . . . A cunhada, sempre ranzinza, implicando com tudo, até com a tristeza da coitada.

— Mas quem tem culpa de ser triste? Não está na gente . . . E podia ela ser alegre, infeliz daquele tanto? Foi quando Jô veio para cá e abriu loja de barbeiro no largo da igreja, na casa de D. Luiza. (Eu sabia: uma viúva quarentona, parecendo ter dez anos menos na certidão da idade, ainda faceira e bonita nas suas carnes roliças e sadias e de um exuberante bom humor). Ia tudo bem. Seu Jô logo começou a namorar a Glorinha e pediu-a em casamento. Ela estava doida prá casar fosse com quem fosse, porque não queria ficar mais em casa do irmão, mas também gostava do Jô . . . tão bonzinho . . .

— Todos porém viram que D. Luiza recebera a notícia do noivado com frieza. E ela, que era sempre tão amável, começou a tratar a moça com uns modos sécos. E insinuava cousas: que a Glorinha era nervosa, desequilibrada, não era mulher para homem pobre. Só aquele olhar tão exquêsito . . . olhar de louca . . .

E numa expansão de piedade: — Coitada da Glorinha! Nem podia olhar como entendesse! Aqueles olhos tão tristes Deus lhe tinha dado para ela se queixar da vida. Falar não podia e não falava, mas os olhos dela contavam tudo, contavam a vida que levava . . . Coitada da Glorinha!

— O tempo foi passando. Seu Jô aprontando o casamento. Glorinha também já tinha feito o seu enxovalzinho de pobre.

— Um dia, na semana do casamento, uma notícia espantou toda gente. D. Luiza bebera veneno e morrera sem dizer palavra. Seu Jô ficou desorientado. Pudera! Morava em casa dela havia mais de ano e D. Luiza era tão boa prá êle. Veja o sr., que cousa! Com a notícia da morte de D. Luiza a Glorinha sofreu um abalo. Trançou-se no quarto e ela, que era calada por natureza, não falou mais com ninguém. Mas, um pouco antes de morrer ela me contou tudo, tudo. Ela sabia que D. Luiza não gostava dela. Era causa, clara, que dava na vista. Reparando nos seus modos ásperos, na maldade do riso com que lhe dissera num desafio: — "Então, você vai casar com Seu Jô? Quero ver".

— E Glorinha parecia uma louca. Quando falava era só isso: "Por que D. Luiza, tão alegre,

fez aquela loucura. Por que ? ”

— E passou horas, sozinha, maquinando, maquinando. Nem podia dormir.

— Foi dêste jeitinho que ela me contou:

— Na noite do enterro de D. Luiza, ela não pôde dormir. A casa estava naquele silêncio. Era quasi madrugada. De vez em quando um galo cantava . . . outro respondia longe . . .

— De repente, ela ouviu a voz de D. Luiza, baixinho, dizendo assim:

“Você não casa com o Jô, você vai morrer também”.

— E não foi uma vez só . . . A voz continuava baixinho, mas teimosa . . . perfeita . . . a voz dela.

— Glorinha tapava os ouvidos. Bobagem ! A voz continuava dizendo:

— “Você não casa com Seu Jô, não casa. Você vai morrer também . . .” Depois, era dentro dela que a voz falava. Que noite horrível ! — De manhã, muito cedo, ela levantou-se cambaleando, tonta . . . Parecia que tinha tido uma doença muito forte. Caminhou para a cisterna e foi tirar água para lavar o rosto, quando deu um grito de pavor. No fundo, no espelho da água parada, ela viu, viu perfeitamente o rosto de D. Luiza e ouviu, mais uma vez, a voz dela, falando, mandando:

— “Você vai, vai morrer também . . .”

— A coitada não aguentou mais. Correu para a cozinha, apanhou a lata de soda e bebeu. Bebeu um copo cheio. Sofreu tanto a coitadinha !

— Antes de morrer, ela me contou o que estou lhes dizendo, dêste jeitinho . . . Não esqueci nada, nem uma palavra dela. Por isso é que eu disse que o espírito de D. Luiza foi quem a matou.

— E Seu Jô ? Perguntei.

— Mudou-se. Foi muita desgraça junta, porque a verdade é que ele vivia com D. Luiza, mas ninguém desconfiava . . . Só depois é que se descobriu, por que Seu Jô, com a morte da noiva, perdeu a cabeça e contou tudo . . .

E num arrepio: — Eu acredito que um espírito pode matar, porque vi . . .

Vieram chamar-me. O quarto estava pronto.

E ali, naquele miserável quarto de pensão de arraial, no silêncio opressivo da noite enorme, fiquei insone, presa da mais dolorosa piedade.

Pobre Glorinha ! Tão inteligente, tão afetuosa, tão vibrátil ! Que intuição sutil lhe trouxera a chave daquele enigma tenebroso na afeição pecaminosa de seu noivo por aquela mulher que, morrendo, lhe arrebatara a vida, e, com ela, a última possibilidade de poder ser ainda um pouquinho feliz ! . . .

RUI BARBOSA

O dia 5 do corrente, assinalando a passagem do aniversário natalício de Ruy Barbosa, situa-se em posição de relêvo no calendário das nossas grandes datas.

Vulto verdadeiramente eminente de nossa terra, que elevou perante todo o mundo, Ruy Barbosa foi dessas figuras raras e grandiosas, que marcam uma época e singularizam um povo.

Político, jurista, literato, jornalista, tribuno, etc., Ruy Barbosa, espírito enciclopédico, foi notável em cada ramo do saber que manejou. Como escritor, distinguiu-se pela sua cultura variada, pelo seu estilo vibrante, pela perfeição de linguagem; como jurista, produziu obra imensa e de alto valor; como tribuno, celebrou-se pela fertilidade de imaginação, pela precisão das palavras, pela dicção admirável; como jornalista, foi das mais intensas e fecundas a sua atuação; como político, seu nome enche toda uma época, na qual inegavelmente pontificou, dado o prestígio de seu nome, sempre à testa de memoráveis campanhas; como internacionalista, assombrou o mundo pelo seu vasto saber, defendendo valentemente os direitos das nações fracas e elevando muito alto o nome do Brasil, tanto se sobressaindo que foi o juiz mais votado para a Corte Permanente de Justiça Internacional.

O grande brasileiro foi deputado à Câmara dos Deputados, até 1884; ministro das Finanças e Vice-Chefe do Governo Provisório, logo no início da República; Senador pela Baía, em 1895. Candidatou-se à presidência da República, sendo vencido pelo Marechal Hermes da Fonseca. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, cuja presidência ocupou por algum tempo. Era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa, Gran Cruz da Ordem de Leopoldo na Bélgica, Gran Cruz da Ordem de San Tiago em Portugal, Grande Oficial da Legião de Honra da França, Presidente (juntamente com Wilson e Leon Bourgeois) da União Jurídica Internacional, Professor Honorário da Universidade de Buenos Aires, Professor Honorário das Academias de Direito do Brasil, Membro do Instituto de França, etc. . .

De sua vasta e valiosa bibliografia destacam-se: “O papa e o concílio”; “Cartas de Inglaterra”; “Emancipação dos Escravos”; “Réplica”; “Habeas-corpus”; “Código Civil”; “Reforma do ensino primário”; “Castro Alves”; “Anatole France”; “Finanças e política na República”; “Elemento servil”; “O dever do advogado”; “Le devoir

des neutres”; “Queda do Império”; etc. . .

Faleceu o grande brasileiro em Petrópolis, a 1º de março de 1923, conferindo-lhe o Chefe do Governo, nessa ocasião, as honras de Chefe de Estado.

O TRABALHO do homem, no sentido espiritual, é um trabalho criador, mesmo considerado sob seu aspecto material, imediato. A máquina produz para o homem. Mas o homem não produz para a máquina. Por sua vez, a máquina já é um produto do trabalho do homem. E' curial, pois, que esse **produto**, propriamente dito, não seja considerado superior a quem o produziu. Seria o absurdo do efeito sobrepondo-se à causa. Se o homem fez a máquina para o servir, não é lógico que o próprio homem divinize aquilo que fez, ao extremo de cultivar a sua obra, cultuando-se, por conseguinte, a si mesmo, na mais vil de todas as evasões espirituais — a egolatria.

— Antônio Osmar Gomes.

Manuel Antônio de Almeida

Outra efeméride literária de novembro: a rememorativa, a 17, do nascimento de Manuel Antônio de Almeida, ocorrido àquela data, no ano de 1831, no Rio.

Só um livro: — “Memórias de um Sargento de Milícias”, publicou ele que era estudante de medicina e vivia do jornalismo, mas essa única obra tão incompreendida em seu tempo, valeu-lhe um lugar em nossa literatura. A incompreensão nasceu do fato de, como nota Manuel Bandeira, ter sido Manuel Antônio de Almeida “um realista antes do realismo”, no que — continua o crítico-poeta — “consiste a sua principal glória, em verdade importantíssima num país em que os movimentos literários são sempre reflexo de movimentos europeus”. O certo é que, como salienta o cantor de “Tôda a América”, “quem quizer conhecer os costumes das nossas classes médias no alvorecer do século findo, folheando as páginas vivas e simples de Manuel de Almeida encontrará copiosa matéria de flagrantes cenas, bem descritas, sem convencionalismos de escola, sem **partis-pris** de espécie alguma. As **Memórias** são como essas fotografias na primeira prova, desalinhas de retoque muitas vezes desfigurador, sem artificios, por isso mesmo, reais nas partes belas e nas feias”

Da situação de moço e da mocidade como valor

(El descubrimiento que revela las tierras ignoradas necesita completarse con el esfuerzo viril que las sojuzga. Y ningun otro espectáculo puede imaginar-se mas propio para cautivar à un tiempo el interés del pensador y el entusiasmo del artista que el que presenta una geración humana que marcha al encuentro del futuro — Rodó).

Paulo Augusto de Figueiredo

Todos os seres ocupam no mundo uma determinada situação. E cada um tem o seu valor: O conhecimento dessa situação e desse valor é fundamental, no plano das coisas humanas, à harmonia social, pois a sua ignorância, implicando confusão de situações e de valores, leva os homens a uma atitude falsa, com o que se desarticula a sociedade.

O equilíbrio social estaria numa justaposição de situações e numa natural hierarquia de valores. O problema se resolveria pondo os seres conscientes do seu posto em cada fase de sua vida e em cada momento histórico, os valores se fazendo valer com oportunidade e cada um em acôrdo com a coisa por que vale. Logo: o desequilíbrio está na inadequação do ser à sua situação legítima e na inversão da ordem natural dos valores.

E' necessário, pois, ao homem, o ter consciência de sua situação de homem e de cada uma das situações em que, como homem, se encontra em cada tempo de seu desenvolvimento e da história, bem como dos valores que, em cada estado, biológico ou histórico, pôde êle, agente da civilização, que, é, socialmente representar. Um homem que ignora onde está não pôde saber o que vale; *valer e estar* devem estar presentes na consciência do ser, em cada uma de suas situações, a-fim-de-que êle possa desenvolver, com segurança, tôdas as possibilidades de que é capaz em tal ou qual situação. O homem é o que é, mas estando aqui vale isto, estando ali vale aquilo. E' um deus perante os seres inferiores, é um servo perante Deus. A consciência que tenha do valor que possui em uma dada situação determina-lhe sua história, porque lhe condiciona e impulsiona a conduta. E' isso, tanto em relação ao indivíduo, como aos grupos, às nações, à humanidade.

Considerando-se os jovens, em nosso tempo, parece não estarem êles identificados com a sua mocidade. A situação de moços está aliçada da consciência dos que nela existem; daí o não estar a mocidade valendo o que realmente vale. Não vivendo a mocidade os mo-

ços, e não a podendo viver as crianças e os velhos, a mocidade não está sendo vivida, não se está fazendo valer.

E' que, nos dias convulsos de hoje, desrespeitada a hierarquia, desatendidos os imperativos do tempo, esquecidas as condições diferenciadoras dos espaços, perdida a noção dos limites; enfim, confundidas as coisas, os homens se desorientaram. Descrentes do Grande Valor, fugidos do Grande Ser, ficaram perdidos em si mesmos, movendo-se sem direção num mundo sem sentido. Mas, como precisavam de pontos de apóio, criaram mitos em que se agarraram. E entre os mitos, o da mocidade. Quer dizer: — deu-se à mocidade, que é um valor relativo, o caráter de algo absoluto. Deu-se assim ao jovem um valor que não é o seu, porque o colocaram em uma situação que não é a sua. Daí o lhe terem exigido mais do que fôra lícito, apelando-se para êle sem nenhuma atenção ao imperativo da idade. Reclama-se do moço o que só o homem "maduro" poderia dar. Clama-se por êle como se apenas êle existisse, como se as gerações de mais de trinta e de menos de dezoito anos não existissem. Esquecem-se as possibilidades de cada situação biológica em que se encontram os homens nos diferentes tempos de sua vida, isto é, olvida-se o valor das idades. Donde o se ter jogado sobre os ombros do moço o fardo dos destinos do mundo, carga por demais pesada para êle e que o obriga a se curvar, vencido: "Atribue-se à juventude uma falsa carga e tem que fracassar, pois o homem só pôde advir surgindo na continuidade dos decênios e formando-se na severidade pela sucessão de uma série de gradações" — (Karl Jaspers).

Não se pôde fazer a redução da vida humana a um de seus momentos. Cada idade é uma força específica: tem suas possibilidades, suas exigências, seus limites, suas insuficiências — ou seja: sua capacidade. Como idade, tanto vale

a velhice quanto a infância, tanto a mocidade quanto a maturidade, tanto esta quanto a adolescência. Entretanto, dentro da idade humana, se integram, numa ordem, vários instantes, várias idades, que representam valores diferentes: — velhice, maturidade, mocidade, adolescência e infância. Porque cada tempo é dentro da idade do homem, uma situação definida, na vida dele, que êle, se dele tem consciência, vive fazendo valer o que êle vale. Na sociedade há lugar para os velhos, para os "maduros", para os jovens, para os adolescentes e para as crianças. Lugares que lhes designam funções próprias, correspondentes à capacidade das crianças, dos adolescentes, dos moços, dos "maduros", e dos velhos. Funções, afinal, do homem, que, para ser, há-de viver em tôdas as idades, a experiência de cada uma das quais lhe é necessária. Não se pôde conceber o mundo sem os velhos, ou sem as crianças, ou sem os moços. A inocência das crianças é tão necessária quanto a força dos jovens e a experiência dos velhos. O que tudo nos leva a concluir que há, na obra da civilização, um papel adequado ao homem em cada uma de suas idades, e que, por isso, dar aos jovens missões de "maduros" ou aos velhos missões de adolescentes, etc., é condenar o mundo ao caos.

A situação dos moços deve ser encarada no tempo e no espaço. Em dois tempos: — o interno (biológico, próprio da idade) e o externo (social, determinado pela história); e nos vários espaços: — em cada país.

O homem, para ser homem, necessita de um prazo. A mocidade é um momento, apenas, no tempo vital do homem. Um momento em que já se integraram os pretéritos da infância e da adolescência, mas que será completado na maturidade e na velhice, para que o homem se realize totalmente. Primeiramente, pois, é preciso dar aos moços um papel próprio no trabalho da civilização, o que só é possível conhecendo as reais possibilidades de suas faculdades. Unicamente assim se poderá pedir a êles o que

êles teem de seu para dar. Aí, digamos, a situação *vital* dos moços. Contudo, há outra, a que se não podem alheiar, e que está em estreita relação com a primeira: a sua situação no tempo histórico, universal e nacional. Quer dizer: — carece-se de se saber de sua situação extrínseca, cultural, variável em cada país e em cada século, o que depende da situação geral do mundo e de cada país em dado instante.

A mocidade, como valor, é intemporal e inespacial. Vale hoje o que valia na Grécia de Péricles, vale no Brasil o que vale na China. Todavia, os moços de hoje podem desempenhar missões diferentes das dos moços grêgos do tempo áureo de Atenas e os moços brasileiros podem também cumprir missões diversas das dos moços chinêses, sem que isso implique contrariar a idade dos moços. E' que a cultura de cada povo favorece mais ou menos o desenvolvimento das faculdades do homem, ou, pelo menos, tal tipo de faculdades (há povos práticos e especulativos etc.). A cultura e também o clima, a étnia, a riqueza de cada país, donde o se dever, ainda, ter no devido aprêço a situação dos moços em seu meio nacional — no espaço. O jovem na Inglaterra tem, por uma série de circunstâncias ambientes, capacidade para certos mistêres que não terá o jovem africano, e vice-versa. Contudo, os jovens terão, na Inglaterra, em relação aos "maduros", velhos, crianças e adolescentes, uma situação de jovens, o mesmo se podendo dizer dos jovens que vivem na África. Apenas, o homem, em cada uma de suas idades, estará diferentemente desenvolvido, na Inglaterra e na África. O valor da mocidade será o mesmo em tôda parte; porém, as situações dos moços variam de lugar a lugar, tanto quanto em cada tempo histórico da humanidade.

O que se observa, no entanto, nos dias correntes, é uma tendência à supervalorização da mocidade. Quasi em todo o mundo. E o fato coincide com uma situação mundial de desequilíbrio.

Sem um norte, os homens se desorientaram. O mundo desorganizou-se. Baralharam-se situações, confundiram-se valores. Falta um princípio, falta um fim. Há somente meios, porém meios inaproveitáveis, porque não se sabe para que servem, ou que, quando muito, estão servindo a fins que não são os legítimos fins humanos, pois que não estão obedecendo a uma autêntica motivação humana. Daí a grandeza e a miséria do mundo contemporâneo — grandeza material de meios, miséria moral de fins. Daí o culto da Técnica, da Máquina, da Raça, do Estado. E daí, como consequência, o culto da Mocidade, natural em épocas as-

sim desordenadas: — "Na dissolução ganha a juventude valor em si mesma. Em verdade se espera dela o que no mundo já se perdeu. Há-de senti-la como origem. No regime escolar não-de intervir os meninos. E' como se exigisse da juventude que criasse por si o que os mestres já não possuem" — (Karl Jaspers).

Os "maduros" se deslocaram. Demitiram-se de sua condição, malbarataram as suas prerrogativas, renunciaram às suas responsabilidades; e por isso apelam para os moços como guias, como tábua de salvação, olvidando que já fôram moços e que os moços não podem fazer o que está além dos limites da mocidade.

E' a inversão das idades, fruto da inversão dos valores: a mocidade se sobrepõdo à maturidade. Descrê-se da razão, da experiência; passa-se a crer sómente no entusiasmo, na força. E quando os moços, desconhecendo-se, ouvem o apêlo, surgem as "juventudes" nazistas e fascistas, obedecendo, em sua conduta, à filosofia da força, zombando da cultura, rindo da prudência, escarnecendo da tolerância, menosprezando a razão e endeusando o irracional, atuando com impaciência e precipitação, querendo viver "perigosamente", levando o mundo para perigos abismais . . .

A questão (já é uma *questão*, êsse "mito da mocidade"), só possível em uma época como a que vivemos (visto como, em outra normal, o apêlo à juventude, para a missão de governar o mundo, seria rizi-vel), merece ser devidamente considerada, pois não é possível sabermos a extensão da tragédia que redundaria dessa confusão de papéis entre os atores do drama da vida universal dos povos se a situação anômala perdurasse por muito tempo.

Estamos em que a questão é principalmente política, e, por ser política, filosófica, visto não se poder conceber uma política sem fundamentação e sem destinação, que ela só pôde encontrar numa filosofia. Ademais, os valores religiosos, estéticos, morais, jurídicos, econômicos, etc., só *valem* se aplicados socialmente, só *valem* quando *valem* para o homem, só *valem* se valorizam a vida. Só *valem*, assim, quando politicamente aproveitados. Logo: a questão *sub iudice* é uma questão que interessa primordialmente ao Estado — a ordem existencial por excelência dos homens. Sim, porque "Estado y projecto de vida, programa de quehacer o conduta humanas, son términos inseparables", salienta Ortega y Gasset; o Estado, diz ainda o notável pensador, é sempre "la invitación que un grupo de hombres hace a otros grupos humanos para ejecutar juntos una

empresa". Ora, se o Estado é um programa de vida coletiva, um plano humano de trabalho, o que implica idéia de fim, pois o trabalho é motivado e teleológico (faz-se algo porque se precisa fazê-lo para atingir algo); se o Estado é, assim, um objeto a serviço dos homens, um órgão pelo qual os homens realizam, em conjunto, o que individualmente não lhes seria possível conseguir; se, pois, identificam-se fins do Estado e fins do indivíduo, é o Estado, consequentemente, um instrumento mesmo de realização humana, uma técnica de construção do povo. Sendo isso, é o Estado uma ordenação de princípios que relacionam causa e efeitos, um organismo que tem uma fundamentação humana e uma destinação humana. E' em suma, a "unidade teleológica" de que nos fala Fischbach, mas uma unidade movida por homens e visando à satisfação de necessidades humanas. O Estado pressupõe, dessarte, nos homens que nele estão, uma conduta que será qualificada pela filosofia que informar a ordem estatal. Dêsse modo, há o Estado de ter fixadas tábuas de atuação a cada homem, a cada grupo, a cada classe. Assim sendo, num Estado autêntico terá a juventude uma situação legítima e um papel político correspondente, tanto quanto terão seus lugares definidos e suas funções próprias os "maduros", os velhos, etc. . .

Há uma tarefa para o homem. E há tarefas para os homens, diferentes para cada um, tarefas conforme às aptidões profissionais de cada homem e de acôrdo com a capacidade que êle tem em suas diferentes idades. O professor ensinando e o menino aprendendo, o "maduro" no gabinete de estudos, o operário nas fábricas e o político na direção da coisa pública, assim o homem se divide nos homens, sua situação se multiplica em situações, em cada uma das quais fará obra de valor diferente.

Há, pois, tarefas para cada idade. Mas é preciso lembrar que ao valor de cada idade opõe-se um contra-valor. Assim, a tolerância do velho pôde redundar em fraqueza, tanto quanto o entusiasmo dos moços pôde se transformar em precipitação. A mocidade é, sim, um valor, porém não se deve olvidar as qualidades negativas da mocidade, que existem e que interditam aos moços o exercício de certos mistêres, limitando-lhes o campo social de atuação, coisa que também se observará em relação aos "maduros" e aos velhos. A coragem, a ousadia, a pureza de intensões, etc., são atributos mais próprios da mocidade e que garantem ao moço um lugar só seu, em tal setor de atuação; contudo, em outras missões do Estado, o que se exige são a experiência, a tolerância, a paciência, a prudên-

cia, etc., qualidades que faltam aos jovens e que os impede de aí atuarem. Ademais, considerando-se a situação dos moços no espaço, ou seja, atendendo às peculiaridades nacionais de cada povo — étnicas, geográficas, históricas, econômicas, etc., — veremos ainda que, embora universal, como valor, a mocidade perde ou ganha conforme a situação dos moços desse ou daquele país. Tal fato, positivo, verificável facilmente do confronto de situações entre os jovens de alguns países de cada continente, lembra que a posição de cada juventude há-de ser, em grau, diversa de povo a povo.

Urge, antes do mais, que os moços se conheçam e tomem consciência de sua situação. Quando alguém disser: — “O mundo é dos moços”; “A pátria tudo espera dos moços”; “Moços, sois a esperança da nação”, etc., ou está dizendo uma verdade, (e neste caso os homens “maduros” e os velhos de tal país nada valem), ou então está interessado em agradar aos moços (e aqui é caso de se desconfiar da sinceridade de quem assim fala). O que temos visto é que esses recursos de oratória barata são, geralmente, utilizados em épocas de eleição, e sempre por alguém interessado em obter votos dos moços, alguém que, conquanto “maduro” ou velho e achando que só o moço pôde trazer a salvação, aspira a uma posição política de mando, propondo-se salvar a pátria . . . A verdade é que frases que tais são tão pobres de sentido como essas outras: “Velhos, em vós está a segurança do mundo”; “Crianças, de vós depende a felicidade do país”; “Adolescentes, nada é a nação, sem vós” . . .

Os jovens teem, sim, sua missão na sociedade, mas é preciso traçá-la de acôrdo com as suas reais possibilidades. Preliminarmente é necessário saber qual a situação real dos jovens em relação às gerações mais moças e mais idosas. Sómente desse modo se poderá compreender qual deva ser a sua situação no seio da coletividade. O jovem é um feixe de virtualidades que só podem ser descobertas e aproveitadas quando êle souber o que é ser jovem. Pelo tão apenas fato de ser moço não cabe nenhum privilégio ao moço; cumpre saber o que pôde o moço, o que vale a mocidade, pois de outra maneira não estará o moço em condições de desempenhar naturalmente a sua tarefa na civilização: — “A situação, como fato conciente, suscita uma conduta. Pela situação não acontece automaticamente nada inevitável, sinão que significa possibilidades e limites de possibilidades: o que nela passará depende também de quem nela se encontra e de como a percebe” — (Karl Jaspers).

Isso pôsto, se o moço é conciente de sua situação, será capaz de bem fazer valer a sua mocidade; em caso contrário, poderá a mocidade ser desbaratada, transformando-se num valor negativo. E' preciso não esquecer que, como ensina Morente, “não há, não pôde haver, um só valor que seja só, sinão que todo valor tem seu contra-valor”. Assim sendo, ao idealismo, ao destemor, à boa vontade e ao vigor dos moços, qualidades utilizáveis em determinada conduta social — na que compete aos moços — opôr-se-ão o senso da realidade, a experiência, a cautela, a paciência e a sabedoria, qualidades que os moços não possuem e que são exigíveis em outra conduta, a qual, por isso, ultrapassa a competência dos moços.

J. E. Rodó, escrevendo para os moços, disse: “La juventud que vivis es una fuerza, de cuya aplicación sois los obreros, y un tesoro, de cuya inversión sois responsables”. Eia, pois: é preciso que os moços deem uma direção à força que representam. Uma direção, apenas? — Não; uma boa direção. Aí a responsabilidade dos jovens, da qual participam também os “maduros” e os velhos, aos quais incumbe ajudar aos jovens, para o que se reclama, por outro lado, que os “velhos” e os “maduros” voltem também à sua situação, reingressem em suas idades, compreendam o seu valor, ponham-se à altura de suas responsabilidades . . .

O fato, porém, é que, dada a inversão dos valores no mundo moderno, a juventude passou à categoria de mito e os jovens foram chamados a tarefas que transbordam de sua capacidade. Daí a juventude sem juventude dos nossos dias. E aí, talvez, mais uma das razões do caos em que se debate o mundo. Perdendo a situação de moços, e não tendo adquirido a de “maduros” ou de velhos, os jovens ficaram fóra de si próprios e a mocidade passou a constituir um valor meramente nominal.

Os moços não podem dar o que não teem, e os “maduros” e velhos, se fogem aos seus mistéres e renunciam às suas responsabilidades, é porque também se alijaram de seus postos. É verdade que os moços sempre gozaram de certos privilégios; mas isto justamente porque se sabia não se poder exigir muito deles. E por isso mesmo ninguém jamais pensara seriamente em dar aos moços a direção política do mundo. Foi assim que se perdoou sempre ao moço o que, muita vez, condenaria irremediavelmente a um homem “maduro”. Já hoje, entretanto, pede-se aos moços vivam êles, por antecipação, situações de idades em que, por não se poder adiantar o tempo, é impossível aos moços viverem, ou, pelo menos, viverem como devem ser vividas tais situações, e é isso mesmo o que acentua Ortega y

Gasset: “Siempre el joven, como tal, se há considerado *eximido de hacer o haber hecho* ya hazañas. Siempre há vivido de crédito. Esto se halla em la naturaleza de lo humano. Era como un falso derecho, entre irónico y tierno, que los jóvenes concediam a los mozos. Pero es estupefaciente que ahora lo tomem éstos como un derecho efetivo precisamente para atribuir-se los demás que pertenece sólo a quien haya hecho ya algo. Aunque parezca mentira, ha llegado a hacerse de la juventud un chantage”.

Cada idade é uma e ela só; mas tôdas as idades se encadeiam. E à cada idade, que é uma situação biológica, corresponde uma situação social, com funções próprias. Cada idade tem seus limites: — ou seja, sua capacidade, em cada uma cabendo, acs que nela se encontram, uma conduta. Para haver ordem é preciso se ter consciência da posição que deve ter o homem, em cada fase de sua evolução biológica. Urge, assim, fazer voltar o moço ao moço, pondo-o em sua verdadeira situação, para que êle possa fazer valer a mocidade. Para tanto, porém, repetamos, é necessário que também saibam os “maduros” e os velhos de suas situações e do valor real da maturidade e da velhice. Tais coisas, às vezes, teem, aliás, sido presentidas, bastando lembrar que, se a Câmara dos Deputados americana está franquida aos moços, o Senado só dá assento aos “maduros” e velhos . . .

Conhecida a situação do ser humana em cada idade, e se esforçando êle por ser nela, estará encontrado o caminho para uma justa distribuição de papeis sociais ao homem e com isso se terá contribuído eficazmente para o equilíbrio social. Atualmente, todavia, e no atinente ao assunto da tese, está tudo errado, porque, como adverte Tristão de Ataíde, “em vez de se tratar da cultura da mocidade perde-se o tempo com o culto da mocidade”. Quer dizer: em vez de se preparar o moço, para, como moço, desempenhar sua missão na sociedade, esquece-se dêle e se cuida de um atributo seu — a mocidade, como se esta pudesse valer sem o moço ser. Ora, a mocidade, como mito, vale como qualquer mito, isto é: — não vale. E o moço sem mocidade não é.

Ao Estado — Estado técnica de construção dos povos — compete a solução do problema, através de um sistema de pesos e contrapesos que ponha cada coisa em seu lugar e garanta a cada uma delas um pleno desenvolvimento. “El Estado — doutrina Ortega y Gasset — es en todo instante algo que *viene de y va hacia*. Como todo movimiento, tiene un *terminus a quo* y un *terminus ad quem*”. Pois o homem, também, é um ser

“Ermos e Gerais” na opinião de dois grandes literatos

Em nossa edição de Junho do corrente ano, anunciando, sob a epígrafe — “Letras Goianas”, o aparecimento do livro “Ermos e Gerais”, de autoria do nosso companheiro Bernardo Ellis, assim nos exprimimos: — “Bernardo Ellis, contista regional, um dos valores legítimos da intelectualidade goiá, é, dentre os escritores vivos goianos, o elemento fadado a reviver, para o nosso Estado, as glórias alcançadas, no gênero, por Hugo de Carvalho Ramos. Seu livro, estamos certos, há-de constituir uma estréla triunfal”. E, em nosso número de setembro, assim falávamos novamente, pela voz de Ahasverus: — “Mesmo refrelando o nosso entusiasmo, não podemos deixar de proclamar que, conquanto se lhe notem certas deficiências, “Ermos e Gerais” pode equiparar-se, no gênero, ao que de melhor se tem produzido no Brasil”.

Muita gente julgou exagerado o nosso elogio ao Ellis. Foi? — Não foi. E a prova a temos nas cartas abaixo escritas, de dois dos mais famosos escritores brasileiros contemporâneos: Monteiro Lobato e Marques Rebelo, em cuja acolhida teve Ellis verdadeira consagração.

Eis as referidas missivas:

xxx

“Bernardo Ellis,

Acabo de ler **ERMOS E GERAIS**... “Quod abundat nocet. O livro está prejudicado pelo excesso de talento

do autor. Como derrama! . . . Parece uma taça de champanha abruptamente chela demais e que se derrama tôda. Se você conseguir disciplinar, amansar, o cavalo bravo do seu talento; e se admitir que um livro não é escrito para nós mesmos e sim para uns receptores espalhados pelo mundo afora e chamados “leitores”, teremos em Bernardo Ellis o “mais prodigioso escritor do Brasil moderno”, o primeiro grande manejador da imensa massa de dores, estupidez crassa e tragédia que é o imenso Brasil analfabeto do interior. Com esse material e o seu gênio, meu caro Ellis, você opera em nossa literatura uma revolução ainda maior do que foi, na Rússia o comunismo.

Mas tem que fazer uma coisa: admitir que existe a figura do “leitor” e que é para ele que a gente escreve.

A crítica vai sentir dificuldade em analisar teu livro — e vai sobre ele dizer tôdas as asneiras do farnel. E’ que teu livro aberra demais de todos os moldes, e só para os que não fogem aos moldes a crítica não tem gagueira.

Que maravilha, um talento verdadeiro — uma monstruosidade como você! Se conseguir domar-se; se puder controlar as suas qualidades, em vez de acentuá-las até o ponto em que uma qualidade se torna defeito; e se “admitir o leitor”, a grande figura, o “sans pareil”, o “peerless” de amanhã será **BERNARDO ELIS**.

Já te arranhei editor entusiasta: a

que vem de e vai para. E o homem vive no Estado, é neste que se realiza; como é pelos homens que o compõem que o Estado se realiza, pois que se realiza nos projetos de vida desses homens. Dessarte, o Estado legítimo tem seus fins nos fins dos homens que nele atuam. Ora, para a consecução dos seus fins, o homem há-de se utilizar de técnica apropriada. Cada homem, em cada idade, há-de ser na idade, para ser no todo. E o Estado, o meio existencial necessário aos homens em sua vida em comum, não pôde esquecer êsses imperativos, cumprindo-lhe ordenar a sociedade de modo a que o desenvolvimento humano se faça naturalmente.

O moço que se procure. Que veja o quanto vale (e é muito o que vale) a sua mocidade. Mas

que não saía de sua situação, a fim-de-que a sua idade não se esvasie. Que seja moço, como foi criança e adolescente e um dia será “maduro” e depois velho. Só assim será uma força construtiva. Fóra daí, fóra de sua real situação, a sua mocidade não passará de simples ficção.

OBRAS CITADAS

KARL JASPERS — “Situação espiritual de nosso tempo”.

ORTEGA Y GASSET — “La rebellion de las masas”.

OSKAR GEORG FISCHBACH — “Teoria Geral do Estado”.

M. GARCIA MORENTE — “Lecciones preliminares de Filosofía”.

J. ENRIQUE RODÓ — “Ariel”.
TRISTÃO DE ATAÍDE — “Idade, Sexo, Tempo”.

Editora Brasiliense, rua D. José de Barros 163. Editores regionais, como o que fez teu livro, nunca vão de pernas, e nunca dispõem duma máquina distribuidora capaz de “lançar um escritor”. Escreva um romance tremendo sobre a coisa como é nesse dantesco Goiaz, onde não há o que não haja, e ofereça-o á Brasiliense. Verá como te recebe.

Bernardo Ellis . . . Fico a pensar quem é esse bicho, onde nasceu, onde mora, que idade tem, que apito toca. Bernardo Ellis . . . um nome que será imenso um dia, se... se... se... Meu Deus, como há “ses” no caminho dos escritores — pedras insidiosas em que eles se arriscam a dar daquelas topadas que arrancam a unha . . .

Adeus, Bernardo Ellis. Mande no (a) **MONTEIRO LOBATO**”.

xxx

“Distinto confrade,

Bernardo Ellis.

Tenho a lhe agradecer a remessa do seu livro de contos “**ERMOS E GERAIS**”, com o qual viajei conhecimento com um escritor seguro de seu caminho.

Estou fazendo os melhores votos para que não se afaste da estrada começada a trilhar. Precisamos muito de bons escritores e certamente o amigo revela tôdas as qualidades para sê-lo.

Queira aceitar o abraço do (a) **MARQUES REBELO**”.

REPRODUZINDO, por uma sorte de reflexo inconciente, essas idéias que dominam por inteiro o pensamento europeu, os escôes americanos fazem do problema da organização da liberdade a questão primeira e basilar das suas edificações constitucionais; e das aspirações européias as suas aspirações; e dos ódios europeus os seus próprios ódios. Temem, como os europeus, a “autoridade”, que procuram enfraquecer e embaraçar; quando tudo, nessas sociedades anarquizadas, exige que a fortaleçam, e a enrijem, e a desembaracem. Temem o “poder central”; quando, nessas novas sociedades, esse poder nunca foi opressor e sempre, ao contrário, se fez força defensiva e protetora dos cidadãos contra as violências e as usurpações da caudilhagem, local e provincial. Temem a “preponderância do poder nacional”; quando tudo mostra que, nessas sociedades ainda dispersivas, fragmentárias, desunidas, a questão principal da sua política nacional é uma questão de integração, de unificação, de síntese”. — **F. J. Oliveira Viana**.

O bem que deseja para si mesmo quem quer que seja virtuoso, o anhelará também para os outros homens, e tanto mais quanto maior haja adquirido um grande conhecimento de Deus — **SPI-NOZA**

POSTAL DA FONTE DA CARIOCA

Fonte da Carioca !

Fui ver-te na hora indecisa em que a Noite, corça submissa, vinha lamber, medrosa, os rastros do Dia, caçador cansado, que se afastava, de mansinho, depois de ter caído dos desvãos das árvores os pedaços de suas setas feitas de raios de sol.

Ví-te nessa hora em que os riachos, como menestréis decepcionados, murmuram, baixinho, barcarolas de amor...

Nessa hora em que as copas são diademas verdes coroando as cabeças multiformes dos galhos calados.

Fonte da Carioca ! Tu és na santidade aflitiva em que te deixou a impiedade do estio, a mais sublime simbolização da Mãe do Soldado Ausente !

Dos olhos das tuas torneiras, eu ví pingarem lágrimas.

Diante da tua Dôr muda, eu sentí a grandeza da aflição em que o estio te deixou.

Como as Mães dêsses heróis que foram levar a outras partes do mundo, na ponta de suas espadas, as cintilações gloriosas do Cruzeiro do Sul, esperam confiantes a volta da Paz que virá pompeando no cetro luminoso da Vitória, tu saibas, também, esperar a hora em que a Uyara te trará risadas cristalinas.

Fonte centenária ! Na grande Hora da Vitória, não haverá mais lágrimas nos olhos das Mães.

Passou o estio que abrazava o coração sacrosanto do Brasil colosso.

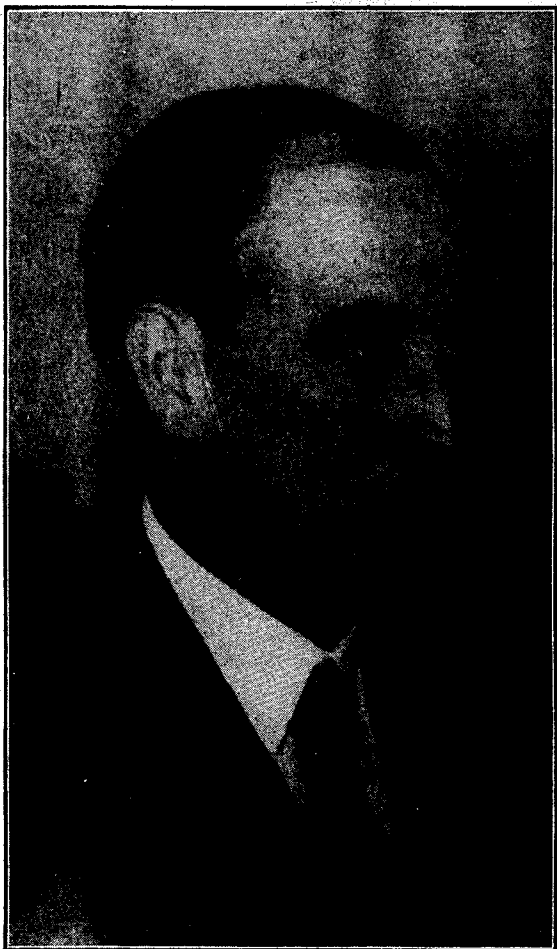
Cantarás, também, fonte da Carioca !

(VILA-BOA)

Juruena Di Guimarães

POLÍTICA ESTADUAL

ASSISTÊNCIA SOCIAL



O Estado liberal, neutro, que encara a vida dos homens que nele vivem como um simples espectador; o Estado liberal, não intervencionista, individualista, que fica de braços cruzados espionando a luta dos homens contra os homens; o Estado liberal, que, firmado no princípio absurdo do "laissez faire" — crente de que as leis da natureza encaminham tudo no bom sentido, porque, para ele, o homem é naturalmente bom — deixou o comércio humano entregue ao livre manejo dos indivíduos mais poderosos; o Estado liberal, pugnador da "livre concorrência", mas não dando a todos iguais possibilidades na concorrência pelo êxito, na luta pela vida; o Estado liberal, indiferente, amoral e ateleológico, foi o culpado maior das tremendas lutas sociais dos nossos dias, oriundas das injustiças e injustificáveis desigualdades sociais, a que ele deu motivo, pois que permitiu o enriquecimento de poucos ao preço do empobrecimento de muitos.

E, assim, os desafortunados, sem

amparo do Estado, ficaram a mercê da exploração dos potentados, redundando daí a "escravidão branca" dos nossos dias, expressa, essa escravidão, em termos os mais dolorosos e os mais deprimentes para a civilização: — o pauperismo, os sem trabalho, a prostituição, a agiotagem, a infância desamparada, etc., tudo isso frutos da plutocracia estomocrática, nome com que o ilustre Tte. Cl. Correia Lima batizou o demo-liberalismo.

Entretanto, o homem, mau grado os homens, não pode deixar de ser homem; angustiou-se ante o panorama desolador e reagiu, ferido que estava em sua dignidade. A verdade é que, hodiernamente, nota-se que a preocupação dominante entre os estadistas está em encontrar um sistema social de convivência humana onde se garanta melhor, a todos, o direito à efetiva participação nos bens da civilização e da cultura. Donde o repúdio geral ao liberalismo, em todo o mundo. Donde o cunho cristão da política moderna em alguns países. Alguns Estados, mesmo, já se movem nitidamente

te nesse plano realmente democrático, e, entre eles, o Estado Nacional brasileiro, cuja obra de assistência social é, por isso mesmo, inclusive no consenso internacional, exemplar, provando o aserto, entre outras instituições: — a Legião Brasileira de Assistência, a Consolidação das Leis do Trabalho, a Justiça do Trabalho, os Institutos de Previdência e de Aposentadoria e Pensões, a Cidade das Meninas, os Postos de Puericultura, os Reformatórios Modêlos, o Conselho de Assistência Social, etc..

Em Goiás, de um modo particular, vai essa nova política social tendo aplicação ampla, intensa e segura. Pedro Ludovico, espírito fundamentalmente e autenticamente cristão, homem que sempre viveu com o povo, de cujos sofrimentos e anseios partilhou e participa ainda, fez da causa dos necessitados a causa principal de seu governo, sendo admirável o esforço que, dentro dos recursos ainda limitados do Estado, vem desenvolvendo no sentido de incorporar as gentes desherdadas da sorte à sociedade. Aqui, como aliás em tudo o mais, tem o presidente Getúlio Vargas no interventor Pedro Ludovico um fiel intérprete de sua extraordinária política. O sentido humano profundo da atual política brasileira, que muitos ainda não perceberam, foi plenamente apreendido pelo interventor Pedro Ludovico, que o vem revelando em empreendimentos singularmente notáveis, o que já lhe valeu a consagração de todo o Brasil.

Por tudo isso quisemos ouvir da própria pessoa a quem está afeto um dos mais importantes setores de assistência social — o dr. Celso Hermínio Teixeira, presidente do Conselho Estadual de Assistência Social — algo com que pudessemos melhor informar os nossos leitores acerca dos propósitos e realizações governamentais a respeito. Para tanto, fomos procurá-lo no Fórum, entregue aos afazeres da vara dos Feitos da Fazenda e do Juizado de Menores, sob sua responsabilidade. Celso Hermínio estava mergulhado (o termo é bem este) num montão de papéis:

— Que é isso, meretíssimo? Você virou traça?

— E' o destino dos juizes, meu caro . . . respondeu-nos, sorridente, tirando os óculos e passando a mão pela "calva", num gesto muito seu. Que manda? — prosseguiu ele.

— Não mando nada, peço. Quero uma entrevista para "Oeste".

— Mas eu sou juiz, e juiz nada tem a ver com política nem com literatura! . . .

— Podíamos discutir esse ponto,

pois direito, sob certos aspectos, é política, da boa, e é também literatura. Mas o momento não é para isso. Não vim ver o Celso Hermínio de béca e capelo, e sim o Celso sem capa preta, o Celso presidente do Conselho de Assistência Social, onde não condena ninguém, mas, pelo contrário, defende todos os que precisam . . .

Celso quiz "estriilar", mas não lhe demos "corda". Disse-nos, então:

— "Oeste" muito me merece. E' um periódico excelente e que está prestando um serviço inestimável á cultura goiana. No entanto, como você vê, não tenho tempo para nada. Olhe aí . . . (apontou para a pirâmide de autos).

Insistimos. Que nos dissesse qualquer coisa. Que nos falasse, ao menos, do modo como encara a questão sob sua guarda e da orientação geral do govêrno, a respeito.

— Vá lá. Não convém contrariar jornalista . . . disse-nos, irônico. Aliás, telmar com você é inútil. Você é pior do que "carrapato". E assim nos falou, então, depois de despachar alguns papéis mais urgentes:

x x x

"A Assistência Social no Brasil é um dos problemas mais relevantes nos dias que correm.

E' que essa desigualdade de direitos e de possibilidades existentes entre as diversas classes sociais nos regimes que, felizmente, tendem a desaparecer, não encontra mais guarida na consciência das massas. Assim, já se vem estudando, para se obter um resultado eficiente, as causas dos desajustamentos em que vivem muitos indivíduos que, readaptados, podem se tornar elementos úteis, capazes de produzir, dando ao Estado a sua parcela de cooperação.

O desajustado não é mais visto como o pária desprezível ao qual se atirava a esmola humilhante, como o desabafo de verdugas mentalidades; ele é ouvido com carinho e auxiliado de maneira elevada, como membro que é da grande família brasileira e que, por motivo independente de sua vontade, ficou reduzido a uma situação momentânea de necessidades. Pois esse indivíduo de aspecto andrajoso é uma força latente do Estado e a este poderá dar valiosa contribuição, depois de reconduzido ás suas atividades.

Dentro desse objetivo, já temos avançado muito e a Assistência Social se exerce no Brasil sob uma legislação das mais aperfeiçoadas sobre o assunto.

Goiaz, pode-se afirmar, foi uma das unidades federativas vanguardistas da Assistência Social. Basta dizer que a sua maior realização dos últimos tempos — a fundação da Cidade de Goiania, — foi pura obra de Assistência social, pois esse empreendimento veio esmagar um regime de opressão em que vivia o povo goiano, trasladando para a planície uma população que teve a sua mentalidade oxigenada, tornando-se capaz de reagir moral e materialmente.



Dr. Celso Hermínio Teixeira, Presidente do Conselho Estadual de Assistência Social

Goiaz foi, como era de esperar, o segundo Estado a organizar o seu serviço de Assistência Social, criando o Conselho de Serviço Social ao qual foi dada também a função de Departamento Estadual da Criança, órgão de coordenação, em todo o território goiano, das atividades relativas á proteção á maternidade e á infância.

Os institutos assistenciais, criados em quasi todas as cidades, são subvencionados pelo govêrno estadual, através do Conselho de Serviço Social que presta a essas organizações particulares orientação adequada.

Ainda há pouco foi criado junto ao Conselho o Serviço Estadual de Amparo aos Menores, subordinado ao Juizado de Menores, que se encarrega de todos os assuntos relativos aos menores, apresentando ao Juiz detalhado relatório sobre os casos examinados, o que facilita sobremaneira a ação judicial.

A parte, relativa á assistência e proteção á maternidade e á infância, tem merecido do govêrno cuidado especial. Assim é que os institutos desse gênero são imediatamente subvencionados, recebendo orientação técnica ministrada pelo Conselho de Serviço Social, que para isto já dispõe de técnicos especializados no assunto.

Mas, para se obter um resultado eficiente nessa matéria, é imprescindível a cooperação de todos os cidadãos goianos no sentido de prestarem o seu auxílio moral e material a esta campanha, que é de todas a mais importante da nacionalidade.

Proteger a maternidade e a infância é dar ao Estado uma energia positiva de produção, que a outras se reunindo, formarão um conjunto coeso e forte que atuará de modo decisivo em todos os setores da atividade humana.

Não devemos encarar o problema de assistência á infância simplesmente por um prisma sentimentalista,

pois ele é a equação matemática da economia de um povo, tendo-se em vista que cada criança socialmente amparada entrará para a coletividade como um elemento produtivo, representando um capital de inestimável proporção.

E, ao revés, a criança desamparada, uma fonte de dispêndio para o Estado que terá, mais tarde, que dispendar para a sua manutenção através da saúde pública, das penitenciárias, dos manicômios, etc., considerável soma, tornando-se, assim, um pêso morto, improdutivo, incapaz, portanto, de cooperar na economia nacional.

A Secção Estadual da Legião Brasileira de Assistência muito tem feito, em Goiaz, relativamente á assistência aos desajustados e á infância desamparada.

Esse instituto que secundou o Conselho de Serviço Social, tem, pode-se dizer, sobrepujado a este último departamento em matéria de assistência, em todo o território goiano. E é devida a maior eficiência da Legião á ausência de burocracia em suas atividades, o que torna mais prontos e mais diretos os benefícios assistenciais.

Encontra-se, presentemente, nesta Capital, a srta. Maria Augusta Albano, abalisada Técnica de Assistência Social do Ministério de Educação e que está organizando os serviços do Conselho de Assistência atinentes a todas as modalidades assistenciais.

Essa técnica, sem medir sacrifícios, tem empreendido viagens a muitas cidades do interior, ministrando orientação segura a todos os institutos do gênero.

De modo que, a Assistência Social em Goiaz, como vai sendo conduzida, está fadada a prestar não só ao Estado, como ao país, um dos mais relevantes serviços, tal o de ministrar aos desajustados os meios de que necessitam para se tornarem elementos produtivos, contribuindo diretamente para a economia nacional".

x x x

Celso Hermínio falára-nos com emoção e entusiasmo. Percebia-se que ele estava integrado em seus mistérios. Olhamos para o passado: vimo-lo na Diretoria da Estatística, da Imprensa Oficial, na Chefia de Polícia, na Procuradoria Regional do Tribunal Eleitoral, cargos que desempenhou eficientemente e com brilhantismo. Vimo-lo, como jornalista, combatendo, ardorosamente, pela mudança da capital do Estado. E saímos do Palácio da Justiça convictos de que o interventor Pedro Ludovico podia contar com ele na grande obra que vem realizando em Goiaz, em favor daqueles que os homens esqueceram.

Preferimos, sob o govêrno da Razão, um bem futuro maior a outro presente menor, e um mal menor presente a outro maior futuro — SPINOZA

O JURAMENTO

“É um negaciar demoníaco. O adversário tem, daquela hora em diante, visando-o pelo cano da espingarda, um ódio inextinguível, oculto no sombreado das tocáias...” — *Euclides da Cunha*

Conto de Orlando Ferreira

Naquela tarde linda de setembro, Tónico Jesuino, o boiadeiro, mais o seu capataz Presentino, camarada de confiança, valente como ele só, apearam na fazenda Bom Retiro, de seu Mané Tapera, às margens do Paranaíba.

Havia mais de quinze dias que a comitiva os esperava ali.

Após o jantar, Tónico já havia dado as primeiras ordens à camaradagem, no sentido de aprestar a viagem para o sertão goiano, e sentara-se no alpendre para se descansar da longa jornada.

Dalí observava atento a faina dos peões.

Já era quasi noitinha, e não se ouvia mais o piar saudoso da jaó e da perdiz, e já os curiangos farristas começavam a fazer cãbriolas pelos ares, quando Tónico convidou Presentino para uma pescaria; e saíram os dois, muito contentes, em direção ao pôço fundo, lá embaixo na várzea, onde passa o Riacho da E'gua.

E os dois lá ficaram a pescar, a pescar, esquecidos do mundo, jamais supondo que a Desgraça rondava pela fazenda.

A lua já estava baixinha quando, depois de uma farta colheita, se lembraram de voltar. Ao penetrar em seu quarto, o boiadeiro recebeu logo uma terrível surpresa: notou que alguém lhe surripiara do bolso do paletot, que ali deixara, a sua carteira com algumas peléguas de 500 e tôda sua papelada representando créditos no valor de 30 contos.

Tónico pôs logo um rugão na testa, coçou desesperadamente a cabeça, pondo em desalinho o cabelo, e bradou com os dentes rilhados, numa fúria incontida:

— Que vida excomungada, meu Deus!

E passou a noite inteira muito aborrecido, numa insônia terrível, a pitar, a pitar, a proferir maldições, a concertar planos.

Amanhecera.

O dono da casa, avisado da ocorrência, ficou incomodadíssimo e não sabia como explicar êsse facto vergonhoso que, pela primeira vez, acontecia no seu lar honrado.

O “responso” da preta Libória, ex-escrava da fazenda, não déra, mais uma vez, resultados positivos; e o mistério permanecia . . .

Afinal, o Tati, menino esperto,

cria de seu Mané Tapera, com a sua bisbilhotice, veio trazer algo de esclarecimento para o caso complicado: disséra ter visto entrar no quarto, já de noite, o Juventino, que se retirára depois apressadamente.

Juventino — o “Corta Orelha” — era um caboclo excelente para a lida de gado, mas sempre de cara amarrada, colérico, vingativo, medido a valentão, ruim como cobra, e possuía como troféus 60 orelhas humanas! . . .

— E' êle! disse o Tónico.

E saiu em direção à barraca, onde se achavam as cangalhas e a correiama tôda, e pegou de um laço na mão esquerda e, na direita, segurava um grosso *rabo de tatú*...

— Vamos, Presentino!

“Corta Orelha”, que se achava cautelosamente afastado da casa, meio ressabiado, quando percebeu que dois vultos marchavam em sua direção — bôbo é que êle não era — e zás! bancou o veado, sumindo-se na jurema.

— Vai, indefinido! O meu dinheiro e a papelada xuja que ocê me furtô, só servirá de desgraça! — gritou furioso o Tónico.

O boiadeiro, entretanto, já tinha dantemão o seu plano estabelecido: voltar a Uberaba e conseguir novos títulos.

Tónico Jesuino, é claro, tinha ódio ao Juventino, não só pelo prejuizo que sofreu, mas também pelo trabalho penoso que ia ter agora em viagem de retôrno a vários lugares.

O ladrão, por sua vez, descoberto o seu crime, nunca mais teve socêgo e via inimigos por tôda a parte . . . Pensou em mudar-se. Mas, como abandonar a sua terra natal, que êle tanto amava, e habitar lugares estranhos, viver no meio de gente desconhecida, longe dos seus, amargurado, cheio de saudades, sem poder voltar? Oh! nunca! E, para se livrar de seus males presentes, resolveu praticar aquilo que lhe parecia mais fácil no momento: tirar a vida do perigoso inimigo que êle acabava de criar.

Cousa fácil, aliás. Facilima. E muito banal. De sua profissão. Matar o Tónico? Nada mais simples: esperá-lo-ia na moita e quando êle passasse — pum! — êle caía,

cortava-lhe as orelhas como troféu e, além disso, lucraria a sua besta de sela, arreios e talvez algum dinheiro mais.

E depois podia viver tranquilo... Na estrada larga e arentada do Cassú, escarranchado na sua mula “pêga”, voltava à Uberaba, pensativo e triste, o Tónico Jesuino; a seu lado Presentino, o companheiro fiel.

Ao chegar à cidade, o boiadeiro procurou seus devedores, aos quais propôs receber novos títulos, em que faria uma declaração anulando os primitivos roubados. Nada mais justo. E como os homens vissem numa quadra em que se amarrava cachorro com linguça, e a honestidade era um padrão de glória e os individuos eram “trouxas”, fácil foi ao Tónico realizar o seu intento e com facilidade obteve novos documentos; mas faltava um devedor que morava na roça, perto da Lagoa dos Esteios, e para lá se dirigiu o prejudicado, que tinha de caminhar 18 léguas e o faria em 2 dias.

No meio do caminho, depois de u'a marcha de 9 léguas, Tónico e Presentino apearam na Fazenda da Capivara, de Zé Melancia, onde passaram a noite. De manhã cedo, antes de recomeçarem a viagem, ambos ouviram do fazendeiro esta grave revelação:

— O'ia: não vão pela estrada rial . . . hai muita jurema . . . pode contecê qaurqué coisa . . . passou honte aqui um sujeito . . .

— Moreno, mal encarado, com uma porção de dente de ouro e um pedaço de orêia cortado? — interrompeu assustado Tónico. Isso mesmo! — respondeu Zé Melancia — e armado de espingarda . . . muito exquisito . . . não quiz pou-sá . . . e priguntou ao Bajóca, meu camarada, si não conhecia Tónico Jesuino . . .

— Ah! bandido! Furtô e ainda deseja matá!

E Tónico Jesuino, que tinha muito amor à pele, por causa do “Corta Orelha”—que desaforo! — foi obrigado a dar uma volta de 3 léguas, rogando pragas e maldições pelo caminho afóra.

E chegou afinal ao destino almejado, onde conseguiu o que queria, ouvindo com infinita alegria a seguinte frase de seu devedor:

— Deixa vim aqui o ladrão . . . eu dou “paicá” (*) pr'a êle . . .

E dizendo assim apontava para a parede, onde estava dependurado um “caipira” novinho e ainda virgem . . .

Tónico rasgou uma risadinha fina, sarcástica, prolongada . . .

E voltou muto alegre, sem mais cuidados, para Goiaz. Arranchado novamente na Fazenda Bom Retiro, aí descansou uns dois dias, e uma bela manhã partiu para o sertão goiano, levando muitos votos de felicidade de seu amigo Mané Tapera e também esta recomendação:

— Coidado c'o Juventino. Aquele cabôco não presta, é traçozeiro.

Juventino era agora a sombra do Tónico. Onde êste estivesse, podia dizer-se que aquele aí perto também se achava, vigilante e ameaçador.

O boiadeiro, a-pesar-de ter apurado o golpe criminoso com aquela sua providência hábil e enérgica, satisfeito agora, tinha no entanto momentos de tristeza quando se lembrava de que sua vida corria sério perigo, não obstante cercado de tanta gente . . . Mas socegava quando pensava em N. Senhora dos Aflitos, de sua devoção, e então suponha seu corpo "fechado" às balas, livre de qualquer perigo.

E parecia mesmo que êle tinha alguma oração milagrosa . . .

De uma feita, quando êle se adeantou da comitiva e ia todo lampeiro na sua mula "pega" pela estrada afora, ao dobrar de uma curva, deparou-se-lhe de repente uma encruzilhada e então, não se atina porque, instintivamente, puxa da rédea; e o animal, docil ao chamado, estaca sobressaltado, orelhas em riste, como que prescendendo algo na sombra . . .

Que sentiu o boiadeiro nesse instante, êle que nunca teve medo em sua vida? Mistério.

O certo é que êle ouvira, de manhã cedo, o canto da ave agourenta, pousada lá no alto do "Angico", a gritar:

Cauã, cã, cauã

E para êsto foi um aviso naquele dia . . . E o seu coração agora bradava: Não vá pela esquerda, tome à direita. E Tónico consultou com a mão a sua guaiáca: lá estava o "38" amigo. . . E tomou outro rumo limpo de jurema . . .

Pois não lhes conto nada: no dia seguinte, na comitiva, o camarada Primitivo, que acabava de chegar de uma arribada, contou assustado o que ouvira:

— Oia, patrão Tónico: Vi honte lá na cumitiva do sô Quirino Marque um sujeito feio . . . não fais dois dias que êle entrou pr'o serviço e já brigou com muita gente . . . o Vicente Pausinho me falou ansim: "Esse "recão" (*) teve trodia na moita esperando sô Tónico Jesuino, lá na istrada do Santafé . . . seu patrão pricisa sabê disso . . ."

— Trem mascado de porco! — exclamou Tónico furo de raiva.

Mais 4 léguas de marcha e a comitiva do Tónico chegava ao pouso dos Fanécos, propriedade de Chico Ventania, velho amigo do boiadeiro.

Tónico, que "não era lido, mas era corrido", sabia contar histórias engraçadas, casos de onça, de mortes, de lobishomens, de mulas-sem-cabeça e, por isso, alí dentro do rancho, já noite velha, trazia acordado todo mundo, quando a mu-

lher do rancheiro veio com a pe-neira de pipoca e o bule de café, como um aviso para se por um término à palestra e um convite para todos irem dormir; nessa ocasião, ouviu-se o latir desesperado da cachorrada lá fora . . .

Tónico teve um estremeção e ordenou:

— Não abram a porta!

— O que será isto? — indagou Presentino.

E a cachorrada latia, latia.

— E' "Mão pelada", gente, é "Mão pelada" . . . dizia Chico Ventania, habituado a ver êste bicho constantemente acocado alí.

— "Mão pelada", heim? . . .

"Mão pelada" . . . dizia meneando a cabeça Tónico Jesuino.

No dia seguinte todos tiveram a explicação do caso, contado pelo bugre Jacaúna, amigo e vizinho do rancheiro: Juventino, o perseguidor, rondára o pouso . . .

Tónico, ao ouvir esta grave revelação, perdeu o govêrno de si mesmo e, terrível, desesperado, desandou a proferir desaforos, ameaças e projetos de vingança; e disse solenemente sob um grave juramento:

— Por Deus e Nossa Senhora que eu inda hei de mijá na cova do Juventino!

— Presentino, vem cá!

— Pronto, patrão!

— Pegue a "Roleta", arrêia ela, e vai atrais do Juventino lá na cumitiva do Quirino e sapêque a brasa nele!

— E' pr'a já, patrão!

E Presentino, num "atimo", ensilhou a mula indicada e já ia pondo o pé no estribo, quando Tónico falou:

— A garrucha tá hi?

— Tá, sim sinhô!

— O'ia: não inheça, ouviu? a crêia do bicho! . . .

Presentino não respondeu; limitou-se apenas a abrir o paletot e exhibir uma faca de prata que brilhava na sua guaiáca . . .

O patrão compreendeu e o camarada partiu.

Presentino deu de rédea ao animal que, brioso como êle só, parecia que compreendia sa intenções do cavaleiro e voava!

O cérebro de Presentino era agora um vulcão. Pelo caminho êle não via nada; só enxergava a figura vil daquele que ia morrer como porco em suas mãos; e o seu olhar tinha fulgurações exquisitas e — porque não dizê-lo? — intenções estéticas (pois era um "cuêra" na pontaria . . .) e êle já calculava tudo d'antemão: quêda e baque, estremecimentos, estrebuchamentos . . . "Conheceu, cobra ruim!"

Em pouco tempo êle avistou o rancho do Zé Pinguela e, como u-ma bala, arremessou-se lá para dentro de garrucha em punho.

— O Juventino?! Não tá aqui mais — disse o Quirino, que advi-

nhou as intenções do camarada — Mandei êle simbóra quando sube que êle queria matá o Tónico.

— Pr'a donde foi aquele bisca ruim?

— Foi pr'o Quilombo.

Presentino voltou triste e sem graça para a comitiva de seu patrão, que o esperava ansioso; êste, cientificado do ocorrido, marchou para o sertão, disposto a comprar um dia a sua tranquilidade . . .

Estavamos na época em que os boiadeiros voltam em demanda de mercados. A comitiva do coronel Cacildo Arantes estava acampada no "Minjolinho", perto de Campo Belo, com 3.000 bois à vista. As barracas espalhavam-se em vários pontos. Cento e cinquenta peões. Entre êstes se achava o célebre Juventino, cujas intenções acêrca de Tónico, eram ignoradas de Cacildo.

Juventino, desde o comêço da viagem, tivera uma *quisila* com Jacinto Pongó, um sujeitinho palerma, coitadinho, castigado, a todo momento, por questões de somenos, e transformado em armazém de pancada do terrível facinora, até o "Minjolinho".

Voltava o pobre menino do ribeirão, onde fôra buscar água, quando, por infelicidade, tropeçou no pé de seu algoz . . . Chi! Foi um Deus nos acuda! Juventino avançou contra a infeliz creança, bateu-lhe tanto, cavalgou-a, deu-lhe esporadas; mordeu-lhe nas orelhas, cuspiu-lhe na cara! Um horror!

Jacinto Pongó já estava cansado de tanto sofrer. Reagir como? Êle, um menino, contra um valentão e autor de 30 mortes! Impossível.

A afronta agora recebida era, porém, pesada demais.

Jacinto estava a um canto do rancho, chorando baixinho a sua desdita, quando viu entrar o "Corta Orelha" que se pôs de cócoras a atigar o fogo. Perto, a dois passos de distância, sôbre uma "bruáca", jazia a própria garrucha do valentão. O menino teve então uma idéia luminosa e não hesitou: levantou-se, pegou a arma, e, pé ante pé, aproximou-se do bandido e desfechou-lhe na costela um tiro a queima roupa! . . .

O camarada teve pouco tempo de vida, o suficiente para observar nos lábios do coleguinha um riso de vitória . . .

Enterraram alí mesmo no "Minjolinho" o corpo de Juventino que, daí por diante, foi declarado morto de "conjestão" . . .

Decorrem 15 dias e no mesmo pouso, já de tardinha, ao lusco frusco, chega outra comitiva, a do Tónico Jesuino, com 1.500 bois.

Pousaram.

No dia seguinte, estava tudo pronto para nova jornada, em demanda de Uberaba, quando o boia-

Atanagildo França

Quem se propuzer, no Brasil, a escrever a história desse período que marcou a maior transformação do país, eclodindo, afinal, no movimento vitorioso, início desta fase positiva da existência nacional, terá, muitas vezes, de escrever este nome: — Atanagildo França. Os nomes têm sua psicologia. Influirão eles nos indivíduos, ou serão as individualidades que sobre eles se projetam, afeiçoando-os, de maneira a encarná-los, por vezes, com extrema fidelidade?

Seja como for, o certo é que esse nome — Atanagildo França — ajusta-se perfeitamente a seu possuidor.

Atanagildo — como que traduz energia, força, decisão. O ardor, a impetuosidade que nele se encerram, contém-se, dominam-se, esbatem-se no apelido sereno, calmo, comedido.

Ai os dois aspectos mais característicos a definirem a envergadura moral desse bravo revolucionário, desse idealista sincero, cuja linha de conduta não discrepa jamais daquela que lhe traçam suas convicções.

Desde os mais verdes anos, já o ardoroso goiano manifestava as mais absorventes preocupações em face dos males que afligiam o Brasil de então. Desconhecendo o temor e zombando do comodismo que enfraquecia o espírito de reação da maioria, converteu-se Atanagildo, pela palavra e pela ação, em um dos mais decididos adversários do regime anterior a 30, mantendo estreitas ligações com destacados elementos revolucionários.

Deflagrado o movimento de 24, uniu-se, ainda quasi adolescente, a seus companheiros de ideal, tomando posição a seu lado para o que desse e viesse.

Incorporado à Primeira Divisão Revolucionária, enfrentou, com um valor inexcelsível, os perigos e as agruras de uma campanha duríssima, que pôs à prova as mais altas qualidades militares de nossa raça. Serviu sucessivamente como Secretário e ajudante de ordens de Miguel Costa, de



Major Atanagildo França

Siqueira Campos e de outros Chefes do movimento. Passou em seguida, no comando de um pelotão do 4º Destacamento, sob as ordens do Cel. Ari Freire. Nesse posto, combatendo sem cessar, desenvolvendo, ao lado de seus chefes e companheiros, a mais surpreendente tática de movimentos que ilustra nossos recentes feitos militares, cruzou, em diversas direções, os sertões imensos, atingindo, por fim, as fronteiras da Bolívia, onde se abrigou com o resto da Tropa.

De volta ao Brasil, nutrido sempre acesa a mesma fé em um futuro melhor, de equidade e de justiça, para nossa Pátria, articulou-se com os próceres da Revolução de 30, sendo-lhe, após ferida a Campanha, entregue o comando dos setores de Porto-Taboado, na fronteira, Minas — São-Paulo, onde teve ocasião de patentear, por inúmeras vezes, sua já proverbial bravura.

Mal refeito dos rigores da luta armada, voltou modestamente à vida civil, mourejando, como redator do "O Tempo", no jornalismo Paulistano. A-

curiosos, viram-n'o caminhar em direção à cova.

— Que irá fazê aquele home? — perguntou Presentino.

E junto da sepultura, com ar vitorioso, à vista de todos, o boiadeiro mijou em cima do Juventino...

Estava cumprido o seu juramento.

(*) Dinheiro. (Influência hindú no Triângulo Mineiro).

(*) — Indivíduo ruim, sem presépio.

pós curto período de calma, foi sua vigilante atenção de revolucionário sincero atraída pelos rumores que prognosticavam o levante reacionário de 32.

Apressou-se, então, em vir para Goiás. Aqui, ao lado do grande Pedro Ludovico, figura máxima do Brasil Mediterrâneo, desenvolveu uma eficiente atividade, não poupando sacrifícios no sentido de preparar a Fôrça Pública e outros elementos de luta para dar combate aos que tentaram restabelecer o regime decaído.

Comandou, nessa jornada, o 2º Batalhão Goiano, em operação no Sector de Minas, Mato-Grosso e São-Paulo, sendo citado em boletim pelo Comandante do Sub-destacamento Rabelo, Cel. Flávio Nascimento.

Esta citação, honrosíssima para as armas goianas, fez menção especial do Major Atanagildo, por haver desempenhado magnificamente as missões a ele cometidas.

Terminada a Campanha 32, tornou a Goiás o bravo soldado e ardoroso patriota.

Reingressava na vida civil aquele denodado pelejador em cujo peito generoso as balas adversárias escreveram indelévels atestados de bravura.

Não fosse ele de sobejo conhecido em nossa terra e ninguém descobriria, naquele despretenhoso serventuário da justiça, a atender, sorridente, por entre baforadas do indefetível charuto, a todos quantos o procuram, o valente e rijo lutador de tantos e tão aspéras campanhas.

Mas todos o conhecem e o estimam. Há pouco, foi o Governo tirá-lo de suas funções no Fórum de Goiânia, para confiar-lhe o alto cargo de auxiliar do Coordenador da Mobilização Econômica. Houve-se, nesse posto, como em todos que lhe são confiados, com honestidade, competência, patriotismo.

Extinto o cargo, voltou ao seu Gabinete da Praça Cívica.

Lá o fomos incomodar, para ouvi-lo, pedindo-lhe alguns dados para esta nota, oportuna em um número de "Oeste", dedicado à obra revolucionária no Brasil.

Ele nos recebeu com seu sorriso brincalhão. Sentámo-nos a seu lado, desfrutando, por instantes, de sua palestra chistosa e viva, sublinhada sempre da mais fina verve.

Falou-nos de vários assuntos, relembrando, a instancias nossas, algumas passagens de sua longa carreira de revolucionário ilustre. Falou-nos também da Fundação Brasil Central de que é membro proeminente.

E apertamos, mais uma vez, aquela mão vigorosa, que já tantas vezes empunhou as armas e não esqueceu, nem de leve, os gestos mais finos de polidez.

deiro perguntou ao rancheiro:

— De quem aquela cova qui tá ali de fresco?

— Não sabe ainda? E' a cova do Juventino.

E Tônico rasgou a sua risadinha costumeira, muito fina, prolongada, sarcástica, com espanto do rancheiro . . .

— Pronto, patrão — disse Presentino — tá na hora da partida, tudo aranjado.

Tônico já ia montando na sua mula "péga", quando se lembrou de uma coisa . . . E todos, muito

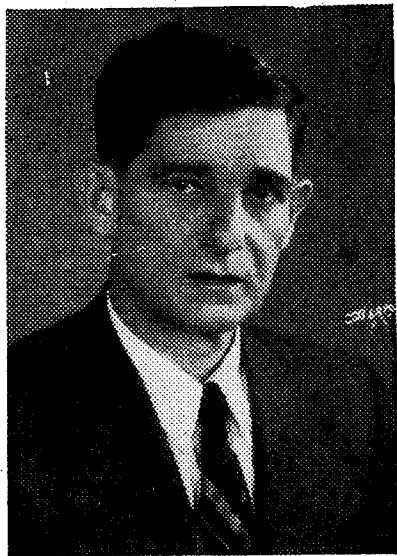


Vista da "Cachoeira Dourada", situada no Município de Itumbiara, uma das mais bonitas e importantes do Brasil e cujo aproveitamento econômico se anuncia para breve. Ao centro aparece a exma. Sra. dona Gercina Borges Teixeira, d.d. Presidente da Comissão Estadual da L. B. A.

Gabriel Anconi

PRIMEIRAS FORMAS

JOSÉ DÉCIO FILHO



O dia 15 é um dia de festa para "Oeste". É que, naquele dia, faz anos o nosso prezado companheiro, Cap. Gabriel Anconi, diretor da Secção Industrial da Imprensa Oficial, Gerente deste periódico e, atualmente, Diretor, também, da Imprensa Oficial, cargo este que, como substituto, tem desempenhado por diversas vezes, sempre com muito brilhantismo.

Ingressando no corpo direcional de "Oeste", desde o segundo número deste órgão, Gabriel Anconi se tem revelado um elemento capaz, operoso e dedicado, não medindo sacrifícios no desempenho dos mistéres que lhe estão afetos. "Oeste" muito lhe deve de sua excelente posição atual.

Em nosso cenário administrativo e social Gabriel Anconi situa-se em posto de destaque. Realmente: — na direção da Secção Industrial da Imprensa Oficial a sua conduta tem sido exemplar, dada a sua enorme capacidade de trabalho, sua competência e sua probidade moral, muito lhe devendo a Imprensa de sua sólida situação atual. Algumas vezes, como sucede atualmente, tem Gabriel Anconi exercido as funções de diretor daquele importante departamento, saindo-se sempre a contento. É, assim, um auxiliar eficiente do govêrno, a quem serve com dedicação e lealdade.

Na vida social o seu pôsto é o de um homem que, generoso de coração e reto de caráter, goza da estima e consideração de quantos com êle privam. Franco, amigo de seus amigos, invulnerável às intrigas, é vasto e sólido o círculo de amigos que possui. Atualmente é o Presidente do Tiro de Guerra 232, desta Capital, marcando-se a sua gestão, aí, por uma série de em-

Mãos tateantes de criança,
puras mãos
que não sabem fazer nada.
Pássaros ensaiando vôos tontos
da quentura fôfa dos ninhos.

Sorriso vago de adolescente,
olhar de surpresa
ante os estranhos pruridos do instinto.
Jeito indeciso e acanhado,
alegrias súbitas,
tristezas inexplicáveis,
rubores aurorais do desejo
ao primeiro encontro com o amor.

Trovões ao longe . . .
Nuvens negras caminhando no céu.
Um estalo rápido e rubro
e os pingos grossos e falhados de chuva.
No outro dia, de manhã cedo,
passeio nupcial de andorinhas
no ar lúcido, inefável.

Primeira despedida:
vou para o mundo, o largo mundo.
A paisagem vai ficando atrás,
atrás vão ficando os rostos amigos,
os olhos embaçados de lágrimas,
as falas mansas,
vozes que ouvi desde pequeno,
vozes que me embalaram os sonhos infantís.

Descobrirei outras criaturas:
boas, más, alegres, tristes, fraternais.
Descobrirei outros mundos
e êles viverão comigo.
Tenho orgulho e tristeza,
tenho constrangimento e alegria.
Depois eu terei muita coisa,
mas terei sempre saudade.

preendimentos úteis em benefício da corporação.

Por tudo isso, sentimo-nos alegres em levar ao distinto companheiro, neste ensejo, efusivos e sinceros votos de felicidade.

☉ Unicamente na medida em que vivem os homens sob o govêrno da Razão, sempre concordam forçosamente em natureza — SPINOZA

15 de Novembro



República e democracia não são sinônimos. República é forma de governo; democracia é uma condição de realização do governo. A Inglaterra, por exemplo, embora seja uma monarquia, possui um regime democrático. Pode haver, ademais, ditadura democrática, tanto quanto repúblicas aristocráticas e até tirânicas.

Entretanto, objetivamente consideradas na história, república e democracia se equivalem. Em geral tem coincido, mau grado as exceções, entre outras muitas, das a-

ristocracias republicanas de Atenas e Veneza.

Isso pôsto, sabendo-se que república é governo temporário, eletivo, no qual o povo participa da escolha dos dirigentes, — meio de que se pode utilizar para se fazer ouvir na condução dos negócios públicos, — segue-se que a república é, em princípio, a forma de governo mais desejável.

Adquire, dessarte, singular relevância histórica o dia 15 de novembro, comemorativo da Proclamação da República no Brasil, pelo Mare-

chal Deodoro da Fonseca, se bem que, quando caiu Pedro II, se dissesse, na Inglaterra, que tinha acabado a última democracia sul americana...

O fato é que, a 15 de novembro de 1889, venciam também entre nós os ideais dos revolucionários franceses de 1789, com o que estabelecíamos no país uma ordem constitucional que se propunha fazer valer os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Ideologicamente a República foi, não há dúvida, uma grande conquista. Como intenção democrática o golpe de Deodoro teve um alto sentido humano. Todavia, se descermos desse momento teórico da República para o seu momento prático, a observação imparcial dos fatos evidencia que a prática liberal foi, aqui, uma verdadeira negação de democracia. Esta se transformou na sua forma impura, já indicada por Aristóteles: — a demagogia. E isso porque a ordem jurídica em que então pretendemos informar a nossa sociedade não foi, como deveria ser, uma expressão natural das nossas necessidades, que, desse modo, não tiveram na lei nenhuma satisfação. Donde a razão de ter estado sempre ausente da república velha aquilo que Montesquieu dava como característico da república: — a virtude...

Frizemos, contudo, que o que fracassou no Brasil não foi nem a república nem a democracia, mas o liberalismo. Tanto que, embora desprezando o liberalismo, em 1937, mantivemos a república. Mantivemo-la, como a forma de governo mais consentânea com as aspirações coletivas, porém lhe dando, para condição de exercício, não mais o ambiente liberal, e sim o sociocrático do Estado Nacional. E com isso salvou-se a própria República, continuando de pé os nobres princípios de 89, muitos deles logo desvirtuados, o que desiludiu, cedo, a vários republicanos, entre eles o próprio Rui, que no entardecer da vida já tendia francamente à democracia nova, orgânica, social, de que nos fala o cardeal Mercier.

Valeu, no ato da Proclamação, a pureza do ideal republicano. E, conquante maltratada durante quarenta anos, a democracia, como ideal, continuou presente na consciência de nossa gente como algo de irrevogável, até que encontrou, no Estado Nacional, condição para a sua efetivação.

Reverenciemos, pois, reconhecidos,

LINCOLN, O FOLGAZÃO SENTIMENTAL

— OMAR SANTOS —

Foi tôda a sua vida um conjunto de feitos grandiosos, um mosaico de sólidas afirmações do que pode realizar um homem falto de recursos materiais, rico, porém de ideais e de vontade.

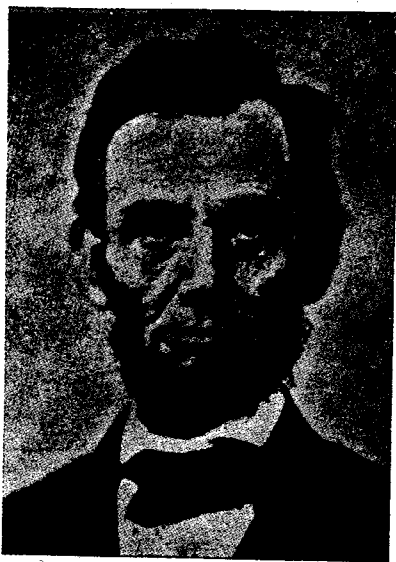
Entretanto, o que se alteia, entre outras coisas, em sua história, é aquele característico essencial com que Deus há por bem cumular apenas os espíritos privilegiados: o senso de humor. E nisto Lincoln tinha uma formidável arma da qual se valeu na carreira profissional de advogado e político com uma habilidade inigualável. Estou mesmo em aventura uma conclusão que por excessivamente temerária fará abrir a bôca ao leitor menos avisado.

Não padece dúvida que a inteligência aliada à força de vontade, pode, muita vez, elevar o homem aos mais altos cumes, fazendo-o ultrapassar os maiores óbices e transpor as fronteiras da própria grandeza. Exemplos, temos-los de sobejo. Abraão Lincoln não estaria neste caso, talvez, se lhe faltasse o traço peculiar de que falo. E aqui a ilação de que o senso de humor foi a alavanca que muito contribuiu para alçá-lo ao destino que a Providência lhe escolheu.

Desde criança era afeito a leituras, e Shakespeare, juntamente com a Bíblia, foi-lhe companheiro inseparável nas horas silentes de suas vigílias, como também Ésope, entre outros. Conseguiu, com isso, armazenar imensas reservas literárias, mas nem de leve teria pensado seguir seriamente uma carreira não fóra o feliz acaso, graças ao qual encontrou, no fundo de velha barrica, sujo e surrado, volume dos "Comentários de Blackstone". Entusiasmou-se a tal ponto pelo estudo das leis que daí em diante rebuscou tudo que servisse para mitigar-lhe a sede incoercível pelos conhecimentos jurídicos.

Fez-se rábula. Não tinha, porém, como homem de leis, o hábito do estudo das questões sob sua competência, como peculiaridade inerente ao bom advogado. Antes, confiava cegamente nas inspirações do momento, o que deu aso, muitas vezes, a sérias contrariedades de parte de seu sócio.

a memória de quantos contribuíram para a implantação da República no Brasil, pois o que era bom, antes dela, não era a monarquia, mas o monarca, aquele Pedro II excepcional. E nos esforcemos, todos, para que ela se aperfeiçoe a cada dia, a fim-de que possamos, a mais e mais, fazer da democracia uma verdade social, válida para todos.



Abraão Lincoln

Logan, jurista experiente e estudioso, não compreendia que um indivíduo displicente como Lincoln pudesse vencer numa carreira cujo sucesso depende noventa por cento do conhecimento processual das causas em juízo. Mas o jovem Abe opinava que noventa e nove por cento do êxito se devem à presença de espírito do advogado já conhecedor, como ele, de todos os fenômenos jurídicos. E presença de espírito, ele a tinha em grande soma, de que sabia valer-se com técnica e oportunidade inigualáveis. Esse predicado personalíssimo aliado ao "senso de humour" grangeou-lhe grande popularidade entre os que com ele privavam no pequeno mundo de Springfield.

Tornou-se, por isso, o homem do momento em quem acharam a figura talhada para liderá-los no Congresso. Todavia, como congressista, em Washington, não foi feliz pois naquele meio aristocrático e corrupto não se dava a devida atenção ao provincianismo de Lincoln, e seu papel ali se restringia apenas a subscrever as decisões dos correligionários — se é que individualmente os tinha — sem que lhe fosse dado aventar qualquer idéia ou plano que merecesse consideração. Além do mais, era um caráter rígido e inteiriço, norteado sempre no sentido do justo e do honesto, pois desde criança moldava a personalidade a essa feição, mau grado os embates das tentações maleáveis que o impeliavam, muita vez, para o extremo oposto. E nesse ponto era a intransigência em pessoa o que muitas vezes lhe iria obstar a franquia dos sucessos políticos, que se fazem, não raro, à custa de venalidades a que só se prestam os carac-

teres maleáveis às injunções de origem suspeita.

A respeito de sua integridade moral, sabe-se, por exemplo, que, quando caixeiro em New Salem, andou, certa vez, algumas milhas a pé a fim-de devolver a certo freguês a importância do pagamento que recebera a mais. Semelhantes fatos se repetiram muitas e muitas vezes em sua vida...

Como ia dizendo, em Washington se destacou não como o político de idéias avançadas, como esperavam seus eleitores, mas, com grande desgosto para si e para eles, não passou de um homem comum talhado apenas para divertir. O fraco de Lincoln eram as anedotas, e ninguém como ele para contá-las. Seu bom humor se tornou, em pouco, proverbial e nos intervalos das sessões jurídicas e parlamentares era de ver aquele homem altíssimo e magro, com os braços muito compridos a pender-lhe dos estreitos ombros, gesticulando desordenadamente como um polichinelo gigante, ao sabor das anedotas que contava. Algumas, então, de muito sal e pimenta, provocavam verdadeiro estrondo de gargalhadas entre os ouvintes, de cujo círculo faziam parte quasi sempre, cidadãos sizudos e respeitáveis do porte do juiz Treat, "que era a própria gravidade em pessoa". Este ria até a "barriga doer", segundo a sua própria expressão. As histórias se sucediam de um para outro contador, assumindo, às vezes o aspecto de verdadeiros torneios humorísticos, em que o jovem Abe lograva sempre a vitória. Jamais entregou a mão à palmatória de quem quer que fosse; era muito baixo!

Sua habilidade residia principalmente em atualizar histórias antigas e contá-las e dar-lhes as côres vivas de sua imaginação.

Mesmo depois de assumir a direção suprema da Nação jamais renegou essa particularidade individual do Lincoln homem. Creio que se a Freud fosse dado estudar um exemplar do caso Lincoln, chamaria, talvez, a essa aberração moral o complexo do humor ou coisa equivalente, e Lincoln estaria classificado hoje como um complexo também.

Sua mania de pilheriar assumia, às vezes, dimensões tamanhas que se aproximava do ridículo aos olhos de seus auxiliares e mesmo entre os homens do povo, que viam nessas atitudes burlescas do Presidente um motivo iminente de desprestígio do governo, talvez porque não compreendessem, de logo, o seu significado. Só o fizeram quando conseguiram penetrar mais profundamente naquela alma referida de imperscrutáveis mistérios...

Extremamente acessível, com ser muito comunicativo, isto dava margem a opiniões errôneas a seu res-

peito, e, o que é muito interessante, nunca procurou esconder sua origem humilde, antes fazia questão de revelá-la a todos com orgulho e simplicidade. Tinha a virtude de por os interlocutores completamente a vontade em seu gabinete, mesmo os mais estranhos. Possuía um sorriso franco como o sol de manhã em tempo límpido, e para cada um deles uma palavra amável e uma pilhéria, o que era motivo de regalo e surpresa para todos que o procurassem na impressão terrível de lá encontrar aboletado em uma cadeira de luxo um homem impertigado e cheio de arrogância.

Entre seus estranhos hábitos figurava o de querer medir a sua pela altura dos que iam ter à Casa Branca em visita ao Presidente, levados pelos mais diversos interesses.

Diz-se que Lincoln nunca abriu uma sessão do conselho ministerial sem ler alguma passagem cômica de seus autores prediletos ou contar uma do seu vastíssimo repertório. As sessões do Gabinete não se revestiam de nenhum ritual, e tudo se discutia e fazia na maior intimidade possível, em meio a histórias e "conversa mole". E Lincoln, com a maior sem cerimônia deste mundo, sentado, espichava as compridas pernas e repousava os respeitáveis pés na mesa ou algum suporte improvisado enquanto conferenciava. Dessa particularidade nos dá conta o reverendo Robert Gollyer, que passando um dia no jardim da Casa Branca viu na janela de certa sala seis pés cruzados aos pares. Perguntou, então, ao jardineiro o que era aquilo, e recebeu a seguinte resposta: "É o Gabinete que está reunido, e aqueles pés maiores são os do velho Abe". A tal modo de proceder seus secretários foram, aos poucos, se acostumando até o ponto de com ele fazerem côro nessas maneiras pouco recomendáveis, à exceção de Stanton, Secretário da Guerra, que jamais as aprovou. Então Abrão Lincoln, Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, não se compenetrava de sua posição?

O mandato de Lincoln foi sem dúvida alguma, o mais cheio de perigos da história americana, em que a tempestade da revolução ameaçou, muitas vezes, submergir nas águas revôltas o barco governamental, que não obstante, singrava intangível o oceano. E dir-se-ia que ele emprestava mais importância às anedotas do que ao destino do país, pois justamente nos momentos mais críticos, em que mais flagrantemente periclitava a nacionalidade, é que se mostrava mais propenso às suas manias jocosas.

Mesmo os auxiliares a ele mais chegados, que, aos poucos se habituaram com seu procedimento extraformal, fazendo das sessões ministeriais um ambiente de expansões alegres e de entretenimentos anedóticos, mesmo eles se surpreendiam, às vezes, quando o Presidente, antes de atacar de chôfre o assunto governamental, perguntava-lhes entre um sorriso malicioso se já conheciam a última de Artemus Ward, por exem-

plo. Tirava então do bolso do casaco o competente livro, e, antes de mais nada, lia com sofreguidão a passagem aludida, produzindo-se grande hilaridade entre os que momentos antes haviam entrado na sala sob o peso de forte tensão nervosa, tremendo pela sorte da pátria em perigo. Cito aqui a reunião do dia em que o Presidente convocara o gabinete para deliberar sobre a abolição da escravatura nos Estados rebeldes, quando mais acêsa ia a luta secessionista. No momento da reunião dos ministros os "canhões de Antietam ainda soavam em suas cabeças". E Lincoln a ler coisas engraçadas!

Para si não havia momentos de bom humor, pois todos eles o eram, e a todos mostrava a característica e permanente bonhomia, consoante o que nos diz Hay, em seu diário: "pouco depois da meia noite, enquanto eu escrevia, o Presidente apareceu em minha sala, rindo-se, com um volume das obras de Wood na mão, para mostrar-me uma caricatura; não revelava nenhuma consciência de que assim de camisa curta e as compridas pernas de fora, o rabo da camisa lembrando a cauda duma enorme avestruz, ele estava infinitamente mais cômico do que qualquer coisa que o livro trouxesse". E comenta admirado: "que homem aquele! Com o dia todo ocupado com os mais importantes assuntos do momento, profundamente ansioso a respeito do maior exército do mundo, a cabeça cheia de planos e com o futuro do país dependente de sua ação conservava aquela riqueza de bonhomia e companheirismo, a ponto de levantar-se da cama e vir em camisa procurar-nos para que gosássemos com ele uma comicidade qualquer do pobre Wood".

"Senhor Presidente, não vim aqui para ouvir histórias. O momento é muito grave". Foram estas as palavras com que certo congressista rebateu uma piada que Lincoln principiara a contar-lhe. Ao que o velho Abe retrucou-lhe com seriedade melancólica: "Ashaley, sente-se. Respeito-o como um homem sério e honesto, mas que não sofre como tenho sofrido desde o começo da guerra; e afirmo que se não fosse este derivativo ocasional, eu já não existiria".

Com estas palavras ele põe em nossas mãos todo o segredo do seu cofre moral, ou antes, abre-nos francamente as portas do seu mundo interior, dêsse mundo que só os íntimos conseguiram penetrar, uns, subrepticamente, com os olhos apenas pelos desvãos iluminados, e outros, raríssimos, com acesso franco, portas a dentro como convidados honorários. Todos, porém, em sentido geral concluíram, por unanimidade, que essa variante individual em Lincoln fazia parte integrante de sua estrutura moral, da qual se não podia prescindir como não o pode também o animal, da água e do alimento, a menos que sucumba à inanição. Eis porque confesso a ele próprio, certo dia, que talvez já não vivesse mais não fôra o "derivativo ocasional" do humor, que ele procurava

sôfregamente como uma fuga para suas agonias internas, seus desgostos, desilusões e desesperanças. Sim, porque no imo de sua alma ele sentia, com todo o amargor do coração, o desfile de tôdas as decepções e mi-sérias que lhe fôra dado presenciar durante o espetáculo sombrio do seu período governamental.

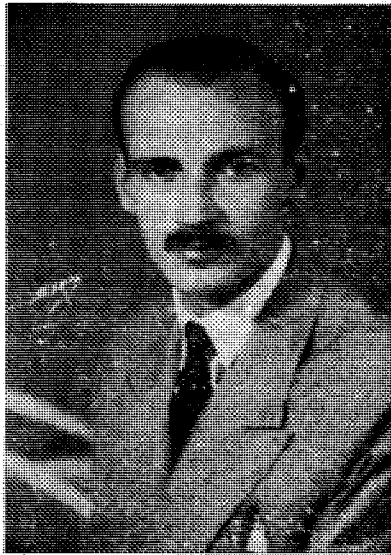
A par de um coração em que cabia um mundo, era de um temperamento sentimentalista que atingia quasi as ráias da morbidez, e, por isso, sofria tristemente por tôdas as desgraças individuais, mesmo dos mais acérrimos inimigos, a quem sabia como ninguém paternalmente perdoar. "Um homem não pode passar a vida liquidando questões pessoais. Se um meu atacante cessa de atacarme, esqueço-me completamente do que me fez". São estas as palavras que disse ao Secretário Assistente da Marinha quando este se vangloriava ante o fracasso de Henry Winter Davis, acérrimo fundibulário da administração Lincoln, no pleito eleitoral para Presidente.

Não errou, portanto, quem inspirando-se no seu grande amor à humanidade escolheu-lhe a sugestiva antonomásia de "Pai Abrão". Aquele menino que fôra muitas vezes surrado em casa, pelo pai, por atrapalhar os caçadores da floresta, destruindo-lhes as armadilhas e alcapões, e, até, soltando, às escondidas, os animais, pondo-os a salvo da sanha dos diabólicos perseguidores, levado, já, não pelo espírito malfazejo de destruir, mas pelo imensurável instinto de amor e de bondade, aquele menino não sofreu interiormente, até a maturidade, nenhuma transmutação de valores sentimentais. Antes, à proporção que crescia em idade e sabedoria aperfeiçoava-os cada vez mais.

Para ele, não havia maior sacrifício, que mais lhe ferisse a alma simples e vibrátil, do que subscrever uma pena de morte, cominada aos desertores. E se o fazia era com lágrimas nos olhos, e cada pena capital era uma ferida de remorso e de tristeza a abrir-se-lhe no coração. E muitas vezes se negou a assiná-las, mau grado a insistência enérgica de seus auxiliares, o que lhe valeu a pecha de destruidor da disciplina. "General, disse certa feita a um dos que o acusavam, já existem muitas viúvas chorosas nos Estados Unidos. Pelo amor de Deus, não me peça para aumentar o número delas, porque categoricamente vos declaro que não o farei". O Presidente tinha sobre a mesa grande número de sentenças para serem assinadas, mas naquele instante falava-lhe muito mais alto a voz sentimental do Lincoln espôso, do Lincoln pai, do Lincoln homem.

E aqui não me posso furtar ao desejo de lembrar ao leitor a passagem em que recebeu a notícia da morte em combate de dois jovens de seu conhecimento pessoal: "Aí, está, disse, êsses dois queridos rapazes chacinados nesta maldita guerra. Meu Deus! Meu Deus! Que horror! Eles trabalhavam de rijo para se educarem e acabam assim! Eu os queria como se fossem meus próprios fi-

Bernardo Elis



lhos!" Eis o grito de angústia de quem nos momentos mais difíceis de sua vida, quando se fazia necessário uma firmeza de ânimo extraordinária para resistir aos embates das ondas encapeladas, quando mais intensa era a fúria dos ventos contra a integridade da nação; eis o grito patético de um homem que justamente nessas horas decisivas achava pretexto para dar vasão ao seu instinto humorístico, para desespero de todos aqueles que não conheciam ainda as profundezas do seu interior, e que viam em tais expansões uma ameaça à segurança da nacionalidade! E estavam ainda tão longe de compreender a verdade, pois dentro daquele corpo de "gorila", como alguns o chamavam, existia um espírito decisivo e corajoso, sempre votado aos mais puros pensamentos e às mais sábias idéias. E quando chegaram, finalmente a compreendê-lo foi para assim dizerem entre um sorriso de amor e uma lágrima de arrependimento: "O Presidente vale por todos nós!"

Há um ponto negro de tristeza na história da sua vida sentimental, que põe em foco aquela morbidez tão sua no modo de sentir as coisas, despontando já, no alvorecer da mocidade, quando o coração humano se sente tocado da chispa divina do amor. Nessa idade crítica perdeu sua noiva, que ele amava apaixonadamente, e a quem se entregaria de corpo e alma como era do seu feitio. O fato teve larga repercussão em seu espírito, deixando um sulco profundo de amargura. E pelas ruas, como um triste vagabundo, viram-no, ébrio de paixão, o cabelo em desalinho, a roupa suja, entregue a estranhos monólogos a meia voz, com um estribilho invariável: "Não posso conformar-me com o pensamento de que a neve, as chuvas, as tempestades castigam o túmulo em que ela repousa". A sua dor incommensurável atingiu o climax, e muitos o julgaram louco.

De fato, por pouco escapou dessa calamidade mental, e se não foi acometido de loucura a concussão moral que sofreu por si bastou para atirá-lo àquele deplorável estado de choque que causou a comisseração de todos. Encontrou no seio de uma família amiga, os Bowbin Green, o necessário refúgio de suas máguas, mas a guarida foi bastante frágil para protegê-lo contra os terríveis efeitos do golpe mortal. Refez-se das consciências exteriores, todavia o ferimento ocasionado no seu íntimo custou a cicatrizar. Tornou-se daí por diante, triste, ensimesmado, meditativo.

Não de menores consequências foi, muito mais tarde, o desaparecimento entre os vivos, de seu filho predileto, Willie, que era objeto de todo o carinho paterno, a quem com ternura, Lincoln chamava o maior amigo, apesar da diferença de idades. O garoto era com efeito, a menina dos olhos do grande Presidente que, muitas vezes, se esquecia da nobilíssima investidura para só se lembrar de que acima de tudo era homem, e como homem era também es-

Além de Gabriel Anconi, temos outro "republicano", cá em casa: Bernardo Elis. E' que, também o vitorioso autor de "Ermos e Gerais", sob cuja chefia está a nossa seção permanente de crítica literária — "Os outros vistos por Oeste", — faz anos dia 15 do corrente.

Contista dos mais valorosos das letras pátrias, Elis, autor moderno, isto é, desses que sobrepõem o fundo à forma, é, já, um escritor bem situado em nosso "grand mond" intelectual. Não é ele, no entanto, somente um prosador cheio de argúcia e de vivacidade; é, ainda, um

pôso e pai. Espôso amantíssimo e extremoso pai. Votava às crianças especial predileção, e nada o alegrava tanto como saber-se querido da meninada a cuja vista, brilhava-lhe no rosto ingênito contentamento, e se fazia também a mais infantil das crianças.

E' fácil, pois, calcular o que foi a morte de seu filhinho. Ficou de tal maneira prostrado o pobre homem, como se o próprio mundo desabasse sobre ele. Aos poucos conformou-se, mas jamais esqueceu o seu amiguinho Willie, e, muito mais tarde, era com os olhos cheios de pranto, que mencionava o seu nome.

E alguns assinalou uns versos, sobre alguém que, como ele, perdera também o filho, e tomou-os como se fora mensagem de fé e de esperança que o misticismo lhe fazia germinar na alma triste e atormentada:

"And father Cardinal, I have heard
[you say
That we shall see and know our
[friends in heaven;
If that be true, I shall see my boy
[again".

"E, Cardeal, ouvi dizer que veremos e reconheceremos nossos amigos no céu; se assim é, verei meu menino

poeta de qualidade, pois seus poemas revelam que a sua poesia não brota da ponta dos dedos e sim do fundo do seu ser mesmo, revelam que a sua é uma poesia substantiva, e não adjetiva, uma poesia para ser intuída por quem seja capaz — pelos poetas... — e não para ser declamada em reuniões mundanas por mocinhas piégas ou literatos saudosistas que ficaram parados no tempo e ainda pensam que poesia é sinônimo de métrica e de rima...

Dono de um talento de escol, desses que sabem ver no universo uma totalidade que é preciso compreender como totalidade e não mutilar em partículas que só se justificam atuando pelo todo, como pensam aqueles que, por insuficiência cultural ou intelectual, não são capazes de ir além da aparência das coisas, assim Bernardo Elis faz seus contos e seus poemas, suas produções se apresentando, destarte, profundamente humanas, mesmo quando são dclorosamente humanas...

Se como intelectual é isso, acentuemos, mais, que o nosso companheiro é, na sociedade, uma figura de realce, mercê de suas nobres qualidades de caráter e coração, sendo, ainda, um entusiasta auxiliar do governo, a que serve, no Departamento de Assistência ao Cooperativismo, com muito brilho.

Ao Bernardo o abraço dos colegas de OESTE.

Uma Constituição se revê cada dia pela sua própria aplicação porque as instituições que ela estabelece teem por elementos, sem cessar renovados, homens que atuam em face de uma realidade mutavel — JEAN CRUET.

outra vez".

Um sorriso de alegria iluminava-lhe a face enrugada toda vez que se lembrava dessas palavras, que, em última análise, lhe revelavam a existência de alguém que, sentindo as mesmas dores, lhe interpretara com tanta justeza o pensamento redentor, sobre a possível existência de um mundo supraterreno onde poderia outra vez e para sempre encontrar o filho estremeado. E certa vez disse a um amigo, a cabeça pendida e os olhos azuis de lágrimas: "Coronel, por acaso já sonhou com um amigo morto e se sentiu em comunhão com ele, embora com a triste consciência de que não era realidade? Pois assim sonho com o meu Willie".

O gênio enigmático de Abrão Lincoln sugeriu, até, a um cérebro imaginativo e fantasista que se erigisse à sua memória, em frente ao seu mausoléu, em Washington, uma imagem alegórica que lembraria, séculos em fora, o folgazão sentimental que ele foi: uma esfinge, mas uma esfinge sorrindo.

E Lincoln não passou disso mesmo. Foi uma esfinge que passou a vida sorrindo, e chorando também...

A' MARGEM DA VIDA JURÍDICA

PROCÓPIO DE SOUSA LIMA

José Campos

Havia, em Coimbra, no ano de 1912, um armazém de secos e molhados por atacado que, durante muito tempo, açambarcou, no gênero, todo o comércio local: era a casa comercial de Procópio de Sousa Lima. Esse negociante, embora relativamente moço, inspirava tanta confiança aos fazendeiros do distrito que era depositário de todas as suas economias, sem outra documentação que a da escrita do armazém. Seu conceito era proverbial, fator que muito contribuiu para o crescente progresso de seus negócios, tornando seu crédito quasi que ilimitado. Gozava da estima geral da população local, e era impossível encontrar no meio dela uma pessoa que lhe não fosse grata por qualquer favor. Inigualável chefe de família, era inexcedível em tratar os seus e dar-lhes conforto, e dificilmente poderia ser encontrado em outro lugar que não fosse o da sua residência. Vícios, não os tinha.

Esse homem, assim tão conceituado, assim tão virtuoso, bom e querido, morreu, porém, na miséria, menosprezado por essa mesma população, e pela própria família, e da forma mais trágica possível. Todos, em Coimbra, sabem de sua triste história. Contêmo-la.

x x x

Era numa quinta-feira. Uma chuva fina, impertinente, vinha caindo, havia três dias, enlameando as ruas e as estradas, que se iam tornando intransitáveis, fazendo que o comércio, nesses dias, ficasse totalmente paralizado. Todos os armazéns e lojas da vila estavam às moscas. Procópio, bocejando, cansado de ler e reler um jornal do dia anterior, levanta-se da cadeira em que estava sentado e chega até a porta. Do outro lado da rua, na loja de fazendas de Antônio Jorge, vê um animado poker que se fazia sobre o balcão. Para passar o tempo, fóra de seus hábitos, a-fim-de que não se molhasse, atravessa, às carreiras, a rua, e vai sapear o jogo.

— Vim vê-los divertirem-se, disse êle aos parceiros, quando chegou, sacudindo do paletó alguns respingos de chuva.

— Seja bem-vindo, senhor Procópio, recebeu-o Antônio Jorge, oferecendo-lhe a cadeira próxima, para que se sentasse.

Decorreram quarenta minutos. Durante esse tempo, sentado junto de Antônio Jorge, procurava conhecer o jogo, sempre indagando dêle acerca de determinadas jogadas, quando lhe assaltavam dúvidas, principalmente com relação às sequências. Antônio Jorge lhe explicava como se pediam

cartas para ter-se um "brelan", sequência, "full" ou quadra. Nesse momento, chega á loja um freguês, e Antônio Jorge pede a Procópio que o substitua na banca até que despachasse o mesmo.

— Mal sei jogar truque! — diz-lhe Procópio, rindo.

— Qual o quê! Pelas lições que lhe dei já está apto para jogar, e qual quer dúvida que lhe ocorrer, chame-me que lh'a dissiparei.

Procópio, sem o querer, toma, assim, parte na banca de um jogo, pela primeira vez na sua vida. E foi feliz. Ganhou, para Antônio Jorge, que vinha perdendo, a importância de cinquenta mil réis. De sua casa, chamou-no para o jantar. Ao ouvir o chamado, puxa do relógio, vê as horas, e fica admirado de o tempo ter decorrido rapidamente, dizendo aos parceiros, ao despedir-se, que não podia haver outro meio para matar-se o tempo tão depressa como o poker.

No dia seguinte, a chuva continuava incessantemente, miúda e importuna como nos dias anteriores. Com ela, também, o tédio e o paradeiro, que se iam alastrando cada vez mais por todo o arraial.

Depois do almôço, Antônio Jorge, de sua loja do outro lado da rua, grita para Procópio:

— Senhor Procópio!

— Que foi?

— Falta-nos um parceiro, não quer vir tomar parte no nosso divertimento?

— Já vou, responde-lhe Procópio. Dentro de poucos momentos, eis Procópio aboletado na banca do poker, desta vez como parceiro efetivo.

E assim continuou nos dias seguintes, mesmo depois de terem cessado as chuvas. Transformou-se, de um momento para outro, num jogador inveterado. E o jogo que, depois, passou a obcecá-lo, não era aquele "barato" que se fazia no balcão da loja de Antônio Jorge, mas, sim, outro em que se "bluffava" com apostas elevadas, num dos compartimentos do bar do Peixoto, á esquina da rua da Estação com o largo da Matriz.

De uma feita, Procópio perdêra cinco contos de réis. A notícia dessa perda correu em todos os recantos do distrito, e foi muito comentada. João Januário, homem muito popular e estimado, dizia para todos:

— Não dou um ano para que se abra a falência de Procópio.

De feito, desde que Procópio passou a jogar, a sua casa comercial, a mais importante e conceituada da vila, passou a decair sensivelmente. Os fazendeiros, ao saberem que estava jo-

gando, não mais lhe depositavam aquela confiança, e retiravam os seus haveres em poder da firma. Os cometas passaram a evitar todas as transações comerciais com êle. O seu grande armazém, desde então, passou a ficar por conta exclusiva dos caixeiros, que lhe furtavam ás escancarras. A paz, que sempre reinara em seu lar, transtornou-se de uma hora para outra, e de ótimo chefe de família passou a ser dos piores. Não tinha mais aquele trato lhano, bondoso, para com os seus. Vivia, agora, em constantes rusgas com sua esposa, dona Margarida, mulher muito educada, só porque lho censurava esta o procedimento irregular, principalmente por passar êle as noites no jogo. Muitas vezes chegava a casa quando o sol já tinha despontado no horizonte.

Numa noite, muito fria, cheia de ventos fortes, doná Margarida esqueceu-se de deixar a porta cerrada, como de costume. De madrugada, ao regressar do jogo, dia em que perdera bastante, após duas pancadas na porta, e como não fosse atendido, meteu os pés na mesma, arrebentando-lhe as fechaduras e taramelas. Ao encontrar dona Margarida, que se tinha levantado para abri-la, esbofetou-a fortemente, a ponto de quebrar-lhe vários dentes. Desde esse dia dona Margarida não mais passou a conviver com o marido. Foi para a casa dos pais, levando consigo os dois filhinhos do casal: Armando e Eleusa. Procópio passou, então, a beber, também. Começou assim: numa noite de junho, fazia um frio de rachar. Silvino, seu parceiro, mandou vir do bar um litro de aguardente. Ofereceu-lha, num pequeno copo de vidro grosso:

— Obrigado, não bebo, Silvino, agradeceu-lhe Procópio.

— Se não tomar, não poderá resistir ao frio, retrucou-lhe Silvino, enchendo o copo á sua frente. E Procópio, nessa noite, tomou quasi meia garrafa de parati. A partir dessa ocasião não sabia jogar sino com um litro de "caninha" ao lado.

Logo que se viu sozinho na sua residência, uma grande tristeza lhe invadiu todo o ser e, para fazê-la desaparecer, procurava, como lenitivo, o álcool. Bebia sem cessar. Tornou-se abrutalhado.

Foi prêso, certa noite. Estava perdendo muito. Quando chegou a sua vez de dar cartas, viu que a última do baralho era um ás de ouro. "Folou" rapidamente e notou que tinha um "brélan" ou trinca de ases. Não resistiu á tentação de furtá-la. Mais

“OESTE” VISTA PELOS OUTROS

que depressa, pega no baralho, faz cair, despercebidamente, a última carta sobre as suas na mesa, e oferece cartas aos parceiros.

— Duas, disse Ricardo Viana.
— Uma, murmurou Manuel Faria.
— Passo, disse Ambrósio de Melo.
— Não quero, gritou um outro.
— Só desejo uma, falou Procópio, por fim.

Nesse momento, Manuel Faria percebeu que Procópio tinha colocado sobre a mesa duas, e não uma carta, como devia. Como tivesse um “full” de reis, ficou calado.

Manuel Faria dobrou sua entrada. Procópio, por seu turno, fez um “straddler” sobre Manuel Faria, no que foi correspondido por este.

— “Four!” — exclamou Procópio, atirando, ostensivamente, uma quadra de ases sobre a mesa.

— Ladrão! — foi a resposta de Manuel Faria.

Pela primeira vez na vida, foi-lhe atirada, ao rosto, tão ignominiosa pcha, das mais aviltantes que podem existir. Surgiu, então, entre eles, uma calorosa discussão, que acabou em vias de fato, quando foram presos.

Desde aquele dia fatídico em que se pôs junto a uma banca de jôgo, Procópio foi caindo, de degrau em degrau, para a ruína, para a ignomínia, para a desgraça. As previsões de João Januário se realizaram plenamente, e dentro do tempo prefixado. Procópio calu numa das mais ruidosas falências. Ficou totalmente na miséria. E, não tendo mais dinheiro para jogar, entregou-se completamente ao álcool. Piorando cada vez mais de situação, passou a dormir na plataforma da estação da Leopoldina, exposto às chuvas e ao frio. Algum dinheiro que arranjava, era proveniente de condução de malas de passageiros da estação para os hotéis, e vice-versa, dinheiro que empregava todo na bebida. Eram esses hotéis que, por caridade, lhe forneciam alimento. Vivía esfarrapado, sujo, com os cabelos e barba em desalinho. Sentia-se, de longe, a mprinha nauseante que exalava de seu corpo. Era constantemente apodado pelas crianças, que tal faziam só pelo prazer de vê-lo enfurecer-se. Viam-no constantemente caído, bêbado, pelas calçadas, onde roncava, desairosamente, com a saliva a escorrer-lhe pelo queixo, às vezes debaixo de um sol escaldante.

xxx

Foi ao anoitecer de um domingo. A estação, ponto predileto de passeio, estava repleta. Moças e rapazes, com suas roupagens domingueiras, iam e vinham pela estrada de ferro, conversando e rindo. Crianças brincavam por toda a parte. Em dado momento, ouviu-se o apito do expresso, que se vinha aproximando. Pouco depois, numa curva, próximo da estação, novos apitos, agora seguidos, sinal, como diz o vulgo, de “boi na linha”. Então, ansiosos e preocupados, todos os olhares convergiram para o ponto da curva em que devia surgir o expresso. Ei-lo, enfim, rápido, resfolegante e soltando, ao longe, lateral-

Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) é um dos maiores escritores brasileiros. Pensador notável, sua posição, em nossas letras, é a de um chefe. Suas obras, muitas, e todas de alto teor cultural, são de suma importância e teem larga repercussão, constituindo verdadeiros roteiros espirituais para as gerações. Convidado a colaborar em OESTE, o ilustre chefe do catolicismo laico brasileiro prometeu-nos, logo que lhe permitam seus afazeres, enviar-nos um trabalho, tendo, ainda, qualificado de “excelente” o nosso boletim, o que, para nós, é uma honra. Eis a carta que o grande escritor escreveu ao nosso companheiro Paulo Figueiredo:

“Exmo. sr. dr. Paulo de Figueiredo.

Respondendo sua carta sem data com que faz acompanhar a remessa de “Oeste”, cumpre-me acusar e

mente, grandes jactos de vapor. A frente do limpatrielho, vinha sendo, porém, empurrado um corpo estranho, ensanguentado, com uma das pernas enganchadas na grade. Quando o trem foi passando em frente da estação, mulheres tapavam os olhos, e gritos angustiosos, horripilantes, saíam de todas as bocas. Um quadro horrendo se deparava aos olhos de todos: era o corpo de Procópio de Sousa Lima, todo esfacelado, disforme, que tinha sido apanhado, na curva, pelo expresso, quando ia caminhando, embriagado, pela estrada a fora, no rumo da estação.

agradecer o recebimento da sua excelente revista.

Terei muito prazer em ajuntar ao seu nobre esforço minha colaboração. Assim que possa, enviarei o artigo que me pede em sua citada carta.

Com tôda estima,
amo. ato. obrg.

(a) Alceu Amoroso Lima”.

Do bibliotecário (cuja assinatura não pudemos “decifrar”) da Biblioteca do Museu Paulista, da Universidade de São Paulo, recebeu Vasco dos Reis o seguinte e honroso cartão:

“OESTE” — Setembro de 1944.
Teríamos prazer em receber os números anteriores e os próximos, dessa interessante revista”.

“Diário da Manhã”, prestigioso periódico que se edita em Ribeirão Preto, São Paulo, em sua edição do dia 3 de outubro do corrente ano, assim se referiu a OESTE:

“Ao lado de atencioso cartão enviou-nos o sr. Castro Costa, diretor geral do DEIP goiano, um exemplar da revista OESTE, boletim mensal oficial daquele Estado.

OESTE, que é uma revista bem feita, apresenta-se de agradável leitura, devido às excelentes colaborações que traz, sendo portanto uma das melhores publicações oficiais com que conta o Estado dirigido pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira”.

PAISAGEM

Amo a poesia humilde dos recantos tranquilos.

**Amo a voz dos pássaros.
Amo as árvores debruçadas mudas sobre o rio
A ouvir a eterna cantiga das águas.**

**Amo o céu da tarde coberto de nuvens cinzentas
Onde vagam os monstros de minha infância . . .**

Mas não hei-de ficar parado diante do que amo.

**Existe um mundo estranho
Dentro de mim mesmo.**

**Eu preciso falar aos homens
Que não sabem amar a poesia das paisagens humildes.**

E preciso antes de tudo encontrar-me a mim mesmo.

AFONSO FELIX DE SOUSA

Necessidade do Reflorestamento

Zoroastro Artiaga

A séria advertência que acaba de ser feita com a estiagem prolongada que ameaçou a economia do Brasil Central, deve ser recebida como um aviso amistoso das Forças Ocultas da Natureza, porque vivemos destruindo estupidamente as matas geradoras de chuvas, e devastando impunemente o revestimento florestal do país.

Não há nada inútil na Natureza e a ciência provou que as matas teem função importantíssima na realização dos fenômenos climáticos.

Tanto assim é que a cada ano, a primeira chuva fica retardada do tempo certo, distanciada de setembro, isto devido à devastação sistemática que fazemos para novas roças, exigido pelo aumento da densidade demográfica.

Antigamente, quando a capacidade florestal era plena, a chuva caía até 7 de setembro e o último dia de queimada era o 24 de agosto, do célebre S. Bartolomeu, dia próprio porque as roças ficavam limpas de coivaras.

Esta superstição apareceu em todo o Brasil, em consequência da manança dos Huguenotes na França, no tempo de Catarina de Médicis, e ficou sendo Dia-Aziago para todos os efeitos, dia universalmente consagrado às forças do mal, ao deus da destruição e do fogo, o qual deverá estar presente em todas as queimadas de roças. Os agricultores do interior, ao inflamarem os fachos, dando início à queimação, gritam e assoviavam fortemente, atraindo os espíritos encarregados daquele serviço tenebroso. E as chamas revolteiam, lambendo as cúpulas mais altas dos paus que escaparam ao machado, e uma fumarada negra, como nimbus tempestuosos, sobe rapidamente, impelida pelos ventos que uivam entre estrondos e guinchos.

Este é um espetáculo diário nesta região, entre agosto e outubro.

Terminada a queima da roça, o fogo, que não respeita aceiro, continua queimando matos e invernadas alheias, dias e dias, até que encontra um obstáculo sério.

Os prejuízos são incalculáveis: queimam-se canaviais, pastos, ranchos pobres, cabanas onde já estavam a miséria e a dor morando com o homem rural.

Queimam-se todas as espécies raras do reino vegetal; estorricam-se os ninhos, e vai-se toda a esperança de reprodução de novas vidas, extingue-se também o humus acumulado para a agricultura; morrem animais cercados pelas chamas, devastam-se depósitos de madeira e de lenhas. E fica tudo isto em plena impunidade, porque os aceiros são feitos "para constar", e os vagabundos incendiários, que lançam fogo

aos campos, nunca o fazem perante testemunhas.

Voltemos, porém, à primeira chuva, que os antigos chamavam de "chuva de cajú".

A devastação de matas vai impedindo que as chuvas apareçam como antigamente, e os rios secam. Antigos leitões, que não permitiam a vadeação, hoje secam ao ponto de se transformar em estradas de gado. O volume de águas diminui de ano para ano, as várzeas estorricam-se e acabaram-se os ôlhos d'água que brotavam borbulhantes à margem dos caminhos e com tal impetuosidade que formavam esguichos. Alguns davam para tocar monjolos logo abaixo da sua nascente.

Outra consequência da estiagem, fora de setembro, que tanto mal causa à pecuária, é a falta de pasto que obriga as rezes a procurarem os matos e a comerem folhas venenosas. A mortandade bovina é agora alarmante, devido exatamente ao afastamento da data da primeira chuva, que vindo a tempo, despertaria a renovação dos pastos. Este acontecimento assinala a entrada do novo ciclo de vida vegetal. As árvores, que absorvem do ar a humidade necessária à muda de sua folhas, desde agosto, anunciam o fim normal das secas, mostrando brotos e ostentando uma exuberância que não veio pelas raízes.

A primeira molhadura completa então o necessário para uma bonita floração. Veem as frutas e vem os pios de novos pássaros que ornamentam a paisagem e dão alegria ao sertão. Pois, tudo isto está sendo prejudicado pela devastação das matas e dos revestimentos de proteção o que ocasiona distúrbios nos fenômenos meteorológicos.

É que as árvores teem uma função inteligente de captar a humidade do solo, para soltá-la no ar, formando chuvas, amenizando o clima, absorvendo o carbono do ar, diminuindo os rigores dos raios solares que se esquentam demais nesta região tropical ao tocarem na crosta terrestre. A humidade sobe pelas suas extremidades-inferiores e sai pelas superiores para subir, para formar as nuvens. Na região amazônica as chuvas são torrenciais, como em toda a parte do planeta em que há revestimento dessa natureza, e é claro que os grandes rios e o mar ajudam a evaporação.

Os nossos fazedores de desertos ignoram o mal que fazem aos homens do futuro. Nem pensaram nisto. São egoístas que não plantam árvores para outra geração colher os frutos. Não pensam senão no lucro imediato. Olham somente os seus interesses, nada entendem de solidariedade social, de humanidade,

de dever para com os pósteros, e mostram-se intratáveis quando são convidados a fazer o reflorestamento, falando da inutilidade dele diante das imensas reservas que estão para diante, ainda intactas. Se eles fossem obrigados a reflorestar, por certo que fariam lavoura mecânica. Dentro de alguns séculos seremos como um vasto Ceará, e em condições de inferioridade, porque no litoral fizeram obras de proteção capazes de realizar prodígios e defender a vida animal. Aqui será diferente; acabando-se as matas vai ser difícil a solução do problema porque esperamos de braços cruzados a chegada da calamidade para então começar as obras de defesa e de proteção. Muitos acham que as reservas atuais dispensam-nos do dever de reflorestamento. É um engano. As matas atuais estão fora do alcance da atual geração, já se foram, ficando capoeiras e pastos de capim duro, o restante é de árvores sem valor econômico e de arbustos raquíticos.

Devemos reflorestar com tipos próprios do clima e de valor intrínseco: o cedro, o eucalipto, o jacarandá, a peroba, o bálsamo, a imbuia, o tamboril e outros.

Além do prejuízo causado à coletividade pela devastação e destruição material, há ainda a perturbação dos fenômenos climáticos, principalmente pluviais, que trazem consequências danosas a todos. O altruísmo nos obriga a cuidar dos pósteros. Criemos condições melhores para eles, pois a terra não vai se acabar.

O célebre fim de mundo predito pela Bíblia não tem sentido material e sim sentido espiritual. Trata-se de uma nova ordem moral e social para o planeta, e não de termo-final físico da terra.

Devemos pensar que, na proporcão, ou melhor, na relatividade de tempo, daqui a mil anos as chuvas não virão mais em setembro, e sim em janeiro ou março.

Esse recuo transformará a vida desta região, produzindo calamidades, e para breve, se não nos corrigirmos quanto antes.

O reflorestamento é uma necessidade tão urgente e tão imperiosa como a dos problemas de educação, de estradas, de saneamento ou de eugenia.

É um problema do Brasil, principalmente do litoral. S. Paulo já o resolveu em parte. E em S. Paulo vão além, praticando a Biotá, que comprova o grau de civilização e de cultura-científica do meio, com o aproveitamento de experiência adquirida em outros países usando os processos biológicos para o equilíbrio necessário ao reino vegetal.

É problema da nossa civilização.

O DIA DA BANDEIRA

FRANCISCO CAMPOS

Além de 10 e 15, outra grande data, existe, neste mês de Novembro: — 19, dia consagrado à Bandeira Nacional.

A pátria mesma expressa em termos simbólicos, a bandeira é um sinal grave, pleno de sentido, algo que se enraiza na alma dos povos, consubstanciando-lhes os anseios profundos, chamando-os à consciência de sua missão histórica.

O culto à bandeira é, dessarte, um verdadeiro imperativo cívico, razão por que o dia 19 de Novembro deve ser um dia de meditação, de propósitos elevados, de fé, de esperança.

“Oeste”, fiel ao seu programa de brasilidade, não poderia esquecer

A bandeira é um símbolo, e a sua comemoração, uma cerimônia. As cerimônias e os símbolos não trazem em si mesmos a sua justificação e o seu sentido.

Não basta hastear a bandeira e prestar-lhe reverência e juramento. A bandeira é um sinal. Ela representa realidades e valores, e os valores e as realidades que ela representa não estão inscritos no seu quadrilátero mas no espírito, na vontade e no coração dos homens.

Basta de cerimônias e de comemorações se nelas não se contém a vontade e a fé, o propósito de que constituem a falsa expressão e a aparência fraudulenta. Não se hasteie a bandeira, se com ela não se eleva o espírito e não sóbe no coração o canto de amor e de fidelidade às realidades e aos valores que representa.

Basta de cerimônias e de comemorações, se os atos não correspondem às palavras, a vontade aos gestos, o coração ao pensamento,

a data gloriosa. Aqui estamos, pois, para também prestar a nossa continência ao símbolo imortal. Entretanto, ao invés de falarmos nós mesmo, preferimos transcrever discurso do ex-ministro Francisco Campos, proferido na Esplanada do Castelo, no Rio, dia 19 de Novembro de 1936, e publicado no livro magistral de sua autoria: “O Estado Nacional”, edição da J. Olímpio. É uma oração soberba, em que Francisco Campos discorreu soberanamente sobre o valor profundo da bandeira e o alto conteúdo histórico da efeméride. Nada se poderia acrescentar à formidável peça, só nos cabendo meditar sobre as palavras raras do notável pensador.

as responsabilidades aos deveres.

Basta de cerimônias e de comemorações, se nelas tudo se reduz à formalidade, ao rito, à mimica convencional da palavra sem conteúdo, das paradas cívicas a que não se seguem os movimentos cívico, do voto simbólico que não se faz acompanhar do voto efetivo e militante, das promessas destinadas a não ser cumpridas, da boa vontade que se não traduz em iniciativa, coragem, responsabilidade, definição de rumos e marcha na direção dos rumos definidos.

Não te dêes por satisfeita, Bandeira do Brasil, com a homenagem dos lábios e a reverência puramente formal dos gestos cerimoniais e convencionais. Essas palavras e esses gestos são palavras e gestos gratuitos, sinais fiduciários, que se não convertem em valores de ação e em realidades morais. Pede o coração, quanto te quiserem dar palavras, e o trabalho, o dever, a disciplina, o dever, a consciência, quando desfilarem di-

ante de ti as promessas, as intenções, as palavras fáceis e o frívolo rumor das festas, do contentamento beato e da satisfação gratuita e irresponsável. Exige a fé, quando te derem afirmações. Espera e confia, mas julga, profere e decreta, quando os votos não se traduzirem em ação, e a expectativa e a esperança não frutificarem em realidades.

O Brasil está exigindo, no clima aquecido pela passagem do bolide moral das revoluções, uma redefinição em termos de cultura, de vontade, de governo e de justiça. Nas formas morais e políticas vigentes, a mocidade não encontra expressão para as suas inquietações, os seus anseios e o seu sentido da vida, os seus impulsos criadores e o direito que cabe a cada geração, de fazer, à sua própria custa e com sua responsabilidade, a sua experiência original ou a reintegração das experiências passadas em termos próprios e adequados à sua experiência e às antecipações do seu pensamento e do seu coração. Não se pôde frustrar impunemente o direito da juventude de reintegrar o passado em termos do presente e do futuro. Ela tem o direito à redefinição dos valores, dos ideais e dos símbolos fiduciários, que recebeu do passado e que lhe cumpre submeter à verificação dos critérios intelectuais e morais que lhe inspiram a sua experiência própria e os seus sentimentos em relação à vida e ao mundo, ao seu sentido e ao seu valor.

Bandeira, na nossa língua, mocidade do meu país, significa também programa e marcha, arregimentação, iniciativa, risco, desdobramento. Empunha, pois, a nossa Bandeira, mocidade do Brasil, e, em nome dela, exerce o teu direito e cumpre o teu dever.

Rádiosa juventude brasileira, a vontade decidida e o pensamento em forma, afina os lábios pelo coração, ergue a voz em canto e a mão em continência — pela Bandeira, pelo Brasil!

E' problema dos estudiosos, dos intelectuais que amam o Brasil. Ele tem que ser resolvido. Deverá ser lançado nas escolas, precedido de um movimento geral educativo, muito intenso, tanto junto do homem rural como do homem de gabinete; tanto no lar como nas granjas; tanto nas ruas como nos púlpitos, tanto na estrada como nos recintos de plena cultura científica. Devemos combater o incêndio, evitando a erosão, a destruição de humus, o mau hábito de incendiar terras alheias. Já não temos a capacidade de produção, a famosa fertilidade, que somente encontramos na zona poupada aos incêndios anuais, causadores de tantas ruínas e males.

Urge que todos cooperem com os governos e tomem a si a tarefa de

propugnar pelo reflorestamento, assumindo a sua quota de responsabilidade, como célula-social-positiva, dinâmica, ajudando o Brasil a se engrandecer, fazendo frente-única com os que desejam legar uma pátria maior e melhor aos pósteros.

O Número é um mito mortal. Foi êle que transformou a democracia em totalitarismo. Se o resultado da guerra fosse apenas uma volta à Democracia Liberal o imenso sofrimento do mundo moderno teria sido em vão. Só a qualidade e não o número pôde medir o valor de tudo o que se refere ao homem e à sociedade. A democracia meramente opinati-

va é a morte da verdade pelo número. E o número se exprime sempre pela violência. Há um totalitarismo democrático, de que os demagogos se servem sob a invocação enfática de Democracia pura e simples, que ameaça sempre, em todas as sociedades, tragar as mais intangíveis liberdades humanas. Contra essa tirania cega do Número ou dos que exploram o número para satisfazer suas paixões pessoais, ergamos o estandarte da Justiça e da Caridade, como fundamentos de uma Ordem Nova em que a Liberdade não anule a autoridade e essa seja limitada pelo Bem Comum real da Sociedade — TRISTÃO DE ATAFIDE

O ELEGANTE

José Godói Garcia

(Aos "clowns", sejam eles Charles Chaplin, um Burro Preto bem goiano, ou, quem sabe, você mesmo que vai me ler . . .) .

I

Vestí a minha melhor roupa.
Camisa limpa, cabelos lindos,
o par de sapato que me deram por amizade,
aquele suspensório de fivela de marfim,
o relógio no braço esquerdo,
os papéis, documentos importantes
no bolso de dentro, maço de cigarro,
pente, fósforo, lenço, o anel.

Eu estava elegante !
As velhas questões sexuais
não me perturbavam a mente.
Meus ombros e minhas mãos conjugavam-se,
e eu passava pelas mulheres.
Se me olhassem de costas, diriam: Bom ombro
Bom corpo
a roupa bem justa.
Mas se me olhassem de frente, veriam o riso,
as mãos nos bolsos, às vezes as mãos nos cabelos,
os olhos tranquilos, brusca a imagem do alfatate,
que trabalhou duas semanas, mas o alfaiate não existe,
— seria inútil pensar em sapateiro, alfatate, dentistas
quando um pobre elegante corta a cidade.
Se me chamassem: Burro Preto
eu diria, "mais respeito, Cavalheiro".
No entanto eu fico satisfeito quando as meninas dizem
[que tenho os dentes lindos . . .

Inteligente nós todos somos, importante é sair pelas
[tardes
e sentir que o andar está bom,
passar por uma turma de gente
e sentir que o andar está bom,
não correr, oh não correr nunca
quando o cão faz força prá dizer alguma coisa
que está presa na garganta: sabemos lá o que anda por
[este mundo,
sabemos lá se os cães conversam entre eles e podem
[muito bem
conhecer os segredos que andam aqui dentro de nós ?
Há preceitos na vida e nos sentimos dentro deles:
Um chapéu virado na cabeça pode causar distúrbios
Um buraco na calça pode causar distúrbios
Falta de dente
Uma meia furada
Dedo no nariz.

II

Há uma multidão de homens brincando
nas ruas: foi de uma hora pra outra
quando menos esperávamos, quando a velha noite desliza,
foi quando o cansaço chegou de uma vez,
começaram a sorrir, a soltar piscadelas,
depois uns pulavam,
depois uma mulher mexeu no vestido
e um cavalheiro mostrou um detalhe
mas tudo se esqueceu,
a noite era mais ou menos uma noite de infância.

Uma empregada que usa fita vermelha no cabelo
embora o corpo maclasse a ingenuidade
do rosto, tem ares de Santa Madaleua.
O gordo caminha na rua no mesmo compasso

do plano que vem da janela.
O homem de roupa preta
a mulher no braço a filha na mão
não conversa com a mulher, apenas fuma,
mas todos sabem que ele está alegre,
mais tarde dança, agora não, mais tarde xinga, mais tarde
o homem de roupa preta estará dormindo.
Todo mundo tem sede de amizade: Bom dia !
Todo mundo sente febre: febre de ganhar dinheiro !
Febre de ser honrado, proteger os amigos!
Febre de matar, de resar, de literatura!

Ora, o que foi que aconteceu
com o elegante que passava na rua?
Tranquilamente
passava na rua?
Os homens dançando, os homens dormindo, os meninos
[chorando, as mulheres gemendo,
o elegante sorrindo, o elegante comendo,
tranquilamente subindo a rua
hora parando, sem pensar, esquecendo?

Brusca a tristeza, claro o sorriso, dentes claros,
mãos acenando, pés, linguas, braços, virtudes, e esta
[absoluta solidão que está dentro de todos!
Entusiasmado, o elegante faz um discurso
mas quando um grita: Burro Preto !!!
DE NOVO A TRISTEZA . . .

III

Eu dentro de meu chapéu contando casos,
eu de óculos passeando com minha mulher,
eu de sobretudo negro fazendo discurso,

eu nú pedindo misericórdia
e uma multidão de garotos inbecis
me gargalhando no meio da rua.

Existe a alegria não, existe tudo, nós não sabemos.
Cães nas doces tardes, emoções das primeiras coisas
primeira namorada—primeira cueca—primeira comunhão,

abraços, que barulho de abraços,
invernos, que tristezas e faturas por aí,
depois é essa ameaça de loucura esse cheiro de sangue
que às vezes vem e nos interrompe.
A mulher nos parece uma peça de carne pensando.
Um bom trazeiro de novilha sonhando e pensando.

Sei que existe dentro dos homens um pensamento,
sabemos que existe dentro de todos um pensamento
que ressurgir na hora amarga.
Anjos pobres, anjos pobres !

Mulheres, meninos, um boi dormindo, um cão morrendo...
Sêres humanos que telefonam usam utensílios de cozinha
[e cortam os cabelos

Homens grandes barbudos cobrando dois mil réis para
[dar um recado

Oh ruas amarguradas de tanta prece em vão e suspiros
Gente que vive atoa
Horas que vão
Dentro de nós o sol que ilumina sem ternura
a massa humana que espreguiça no semblante da rua.
Feições . . .

Um nariz, uma boca, carinhos antiquíssimos.
Olhos ofegantes como pedras sem raízes.
Braços. Abraços.
Nossa mãe que hoje em dia quasi não existe mais
Nosso pai indo pela cabeça dos outros, outrora aquele
[honrado . . .

Um só pensamento, nas ruas, nas conversas, nas brinca-
[delas,
que vive ao menos na lembrança esquiva, que resiste, que
[fere, que salva
que perdura, em meio nos nossos mais infames esqueci-
[mentos e palavras inúteis
diremos: -- Amor . . .

Política Educacional

A Ruralização do Ensino

Florací Artiaga Mendes

De vez em quando, ao irmos á nos-
sa propriedade agrícola, á margem da
rodovia Goiânia—Rio-Verde, os meus
olhos contemplam, de passagem, uma
tranquilla paisagem luminosa, no fun-
do azul de um céu sempre em bonan-
ça, qual visão de paz e de espiritua-
lidade em meio ao vazio imenso da
chapada, onde se ergue uma escola
rural, branca e singela, pensativa e
quieta . . .

"Escola" inscreveram no seu fron-
tespício. E a gente pensa que o avi-
so foi oportuno, pois bem se poderia
crer que fosse uma igreja . . .

Lá de longe, no rápido deslizar do
carro, pode-se ás vezes divisar, atra-
vés da porta aberta para a planície, a
meninada que rodeia a professora, de
livro em punho talvez, formalmente
impassível em rústicas carteiras, ou
talvez recitando, como nos versos de
Adelmar Tavares "um e um . . .
dois . . . dois e dois quatro" . . .
sonoramente, homogeneamente, en-
cantadoramente . . .

Talvez, enquanto isto, o pensamen-
to vagueie bem longe, no ritmo de fu-
ga dos interesses recalcados, acom-
panhando a poeira do carro que pas-
sou, ou o ronco de um avião que te-
ria voado bem alto, acima das nu-
vens . . .

E eu levo pelo caminho além, den-
tro das pupilas e do coração, aquela
imagem viva da simplicidade sertane-
ja, aquele branco chalézinho chamado
"Escola", que está cheio de brasilei-
ros de amanhã, enquanto o sol doira
a planície imensa, num dilúvio de luz
e de beleza . . .

Sigo, pensando em Sud Menucci e
seu apostolado de ruralização do en-
sino nacional, em Lourenço Filho e
seu sonho imenso de renovação edu-
cacional.

A estrada se perde entre trechos de
matas cheias de aromas balsâmicos de
florescência selvagem e de folha-
gens úmidas, á sombra de árvores e-
normes que as llanas enlaçam num
grande abraço vegetal.

Depois se seguem longas cercas
farpadas á margem de verdes pasta-
gens onde ruminam morosos e sono-
lentos muare, notáveis representan-
tes de nobre e numerosa estirpe...
Lembro-me af, sempre, daquele en-
cantador e lírico bucolismo de Léo
Lince:

"Nas pautas musicais
do arame dos mangueiros,
que gênio virá compor
os desafios brejeiros
e as cantilenas de amor?".

E o nosso carro modelo 29, que o
esfôrço de guerra fez reentrar em
circulação num milagre de mecânica
e de boa vontade, resfoléga subindo
serras e cortando planícies, heroico e
invencível remanescente do Ford ban-
deirante, do tempo em que não havia
estradas.

Volto a evocar, com melancólica do-
çura, a escolinha rural que ficou lá
longe, como uma visão de paz e de
bondade, á espera de alguma coisa
que nem ela sabe o que é, o futuro
talvez, o Brasil, o amanhã . . .

xxx

Quando nessa planície imensa sur-
gir um amontoado de casas e de gle-
bas cultivadas, sacudindo longos a-
deuses com o lenço verde dos cana-
vais, ou com os doirados pendões dos
milharais . . .

Quando a Escola Rural fôr o centro
de um conglomerado de vidas e a co-
lônia se instalar em seu redor, atraí-
da pela sua irradiante e magnética
influência . . .

Quando tiverem desaparecido todos
os seus problemas de desagregação
social pela distancia e falta de trans-
portes aos que dela precisam, ou da
frequência irregular pelo aproveita-
mento do trabalho das crianças na
lavoura paterna . . .

Quando ao envez da classe mono-
tona e impassível, a Escola se cons-
tituir de um conjunto de oficinas, de
horto, de jardim, de aviários, de seri-
cicultura e, entre colméas e casulos se
dividir o carinho das mãos infantís...

Quando a Escola se tornar um cen-
tro de recreação cívico-cultural a-
daptado ás condições ambientes, com
biblioteca especializada, cheia de li-
vros e jornais agrícolas que sirvam,
não apenas a alunos, mas também a
toda a comunidade social rural . . .

Quando nela se incentivar o amor
ao folclore e o gosto pela tradição
e pelas coisas do Brasil e o jornalzi-
nho infantil, as comemorações cívicas,
os festivais e as feiras agrícolas
ensinarem o culto da terra e da Pá-
tria . . .

Quando o amor á fauna e á flora
nacional e a prática do refloresta-
mento e as campanhas contra as pra-

gas daninhas forem o Breviário ou a
Cartilha predileta . . .

Com tudo isto deve sonhar a pe-
quenina escola á beira do cami-
nho, porque ela sabe que só então
será a verdadeira Escola, a grande
Escola, que "educa para a vida e pe-
la vida" e constrói o edificio econô-
mico-social do Brasil de amanhã, pre-
parando as novas gerações do interior
brasileiro para uma extraordinária
epopéia cívica de engrandecimento e
emancipação.

xxx

Vem-me depois ao pensamento a fi-
gurinha simpática da professora que
alí vive talvez o seu drama silencio-
so, na luta contra tôdas as vicissitu-
des, num abnegado heroísmo diário de
desanalfabetização, com uma classe
mista e numerosa, onde há crianças
de todos os níveis mentais, numa va-
riada gama de matizes imprevisos...

Almeida Júnior a aureolou de bon-
dade e heroísmo no seu magnífico es-
tudo "Os sete pecados da Escola Ru-
ral" e por todos os motivos a gente
a admira e venera, pobre professora
da roça, humilde e desconhecida co-
laboradora anônima de uma verda-
deira cruzada nacionalista .

Ela talvez nem saiba, dentro do seu
ingênuo e místico idealismo tradicio-
nal, que lhe seria preciso o gênio de
uma Helena Parkurst ou o despren-
dimento de um Pestalozzi para ven-
cer a heterogênea angústia dessa
massa plástica que espera de suas
mãos o toque mágico da arte e o mi-
lagre dinamico da vida . . .

A educação rural sendo o "prepa-
ro do homem para a vida do cam-
po", não pode seguir a mesma orien-
tação da escola urbana; necessita de
métodos especiais, organização pró-
pria e, principalmente, de professores
com formação técnica rural feita em
estabelecimentos de ensino normal
rural.

O professor urbano formado em es-
colas normais comuns, não está pre-
parado para o exercício do magistério
rural, pois as noções indispensáveis
das atividades agrícolas que teria de
dar nas escolas do campo, não constam
do programa do curso normal
comum.

Para que o professor possa ter um
cabedal de conhecimentos necessários
ao magistério rural, é indispensável
que tenha feito um curso especializa-
do e só então estará apto a ministrar
noções que interessem realmente ao
homem do campo.

A sua tarefa educativa não se limi-
tará ao ambiente escolar, pois será
um orientador esclarecido e compe-
tente sempre pronto a auxiliar fazen-
deiros, criadores, lavradores que o
procurem, no intuito de difundir con-
selhos técnicos relativos a essas di-
versas modalidades de trabalho.

OS OUTROS VISTOS POR "OESTE"

"REINO DO CÉU" — Afonso Schmidt — Moema Editora Ltda — São Paulo, Brasil.

BERNARDO ELIS

Afonso Schmidt é o conhecidíssimo literato com mais de 20 obras publicadas de poesias, contos, novelas, romance, teatro, etc..

O volume de contos "CURIANGO", a novela "COLÔNIA CECÍLIA" e o romance "VIDA DE PAULO EIRÓ", firmaram sua reputação no mundo intelectual. Seus largos e sólidos conhecimentos permitem-lhe analisar, com estilo limpo e sóbrio, os erros e as maldades humanas, dentro do ambiente da ficção ou da história romanceada, gênero tão adequado às divulgações culturais e educativas. Tudo isso servido por uma heróica sinceridade, principal característico desse escritor.

A última obra de Afonso Schmidt, lançada por "Moema Editora Limitada", em 1942, de S. Paulo, intitula-se REINO DO CÉU. O autor desanda o tempo, dando um mergulho até a idade média, cujo ambiente teocrático e místico recompõe. A ação se passa em 1.200 e tantos depois de Cristo, na Itália, revivendo a tragédia de um santo discípulo de São Francisco de Assis que, preferindo seguir o exemplo de seu mestre, trilhou pelo

duro caminho da humildade e da fraternidade, na ingênua intenção de implantar o cristianismo tal qual o ensinou Jesus.

Como era de se esperar, esse dóce idiota sofreu o diabo e morreu queimado pela Santa Inquisição.

Afonso Schmidt, fixando o ambiente agitado daquela véspera de reformas, ambiente sacudido por interesses temporais mascarados sob a aparência de espirituais, analisa e critica sérios problemas econômicos e políticos, debaixo da mais chã linguagem, artifício delicioso que usa para mostrar a diferença entre a vida praticada pelo Poverello e pelos grandes dignatários da igreja e pelos sucessores de S. Pedro. Segundo a teoria do ingênuo frade — centro da novela — os anjos maus, banidos do céu, tomaram lugar entre os homens e nessa qualidade tudo vêm fazendo para sufocar a verdade, chegando até a falsear a doutrina do Filho de Deus, de que se tornaram os intérpretes autorizados.

De passagem, fixa o autor cenas tocantes de barbarie, crueldade, bondade, ambição, luxo, pobreza, virtudes e vícios, de que a alma humana é tão pródiga.

Será também um colaborador eficaz do Serviço de Saúde Pública do Estado, na educação sanitária e formação da consciência eugênica do homem do campo.

Deverá não só conhecer métodos de agricultura modernos e racionais, cruzamento de raças e espécimes animais e vegetais, criação de aves e animais domésticos, abelhas e bicho da seda, como ter noções práticas de economia doméstica, bem como de cerâmica e carpintaria, que ajudem o homem do campo a melhorar o seu lar.

Terá de conhecer épocas de colheitas, sementeiras, podas das plantas, assim como o emprêgo de adubos científicos, para dar orientação segura aos que dela precisam.

Dai se deduz que a formação agrícola é essencial para o professor rural, pois sem isto, ele perderia um pouco da sua superioridade e do seu prestígio sobre o homem do campo.

O trabalho da educação, além disso, exige verdadeiro "gosto" do professor pelas coisas que ensina e, por isso mesmo, o normalista da cidade não seria bom professor rural, porque estaria sempre entediado da vida do campo, contando os dias de voltar para a cidade.

Isto seria um fracasso na obra educativa, pois não haveria estabilidade na orientação didática, com a troca sucessiva de professor, pois, raramente eles se radicam no ambiente rural a ele se adaptando como seria necessário.

Essa dificuldade tem prejudicado a educação rural, pois para que as es-

colas do campo não estejam fechadas, o Governo tem de nomear pessoas leigas, incompetentes, embora talvez cheias de boa vontade, de vez que os normalistas da cidade não suportam a vida de roça . . .

E' indispensável, pois, um curso rural especializado para o professor do campo em que se lhe proporcione o preparo necessário, ao mesmo tempo incentivando o seu amor pela natureza e pelas atividades agrícolas, sem o que continuará sempre esta triste situação da zona rural, justamente aquela que será no futuro, o celeiro do mundo.

E' preciso que se concretize o projeto do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia em 1942 e as Escolas Normais Rurais sejam mais uma papitante e estúpida realização do Estado Novo, em todo o imenso território nacional.

O Brasil precisa de profs. rurais e Goiás com maior razão, pois as atividades agro-pecuárias são a base da sua vida econômica e, se compreendemos de fato a educação como o "preparo para a vida" e a escola como o cadinho preparador das nossas aspirações sociais e políticas, não há motivo para permanecermos ainda nessa preocupação errônea de alfabetizar desajustando . . .

Trabalhemos pela ruralização do ensino no Estado de Goiás, pratiquemos pelo menos as atividades agrícolas anexas aos estabelecimentos urbanos, preconizadas pelo Ministro Campana, abramos aos olhos dos nossos pósteros esse Evangelho vivo da Natureza, esse potencial magnífico de

possibilidades que lhes inspirará o sonho miraculoso e incomensurável da conquista do Brasil pelos próprios brasileiros!

Não preciso indicar nem ampliar os perigos que nos rodeiam. Os povos fracos, herdeiros de base territorial vasta e rica, são, naturalmente, presa cobiçada. E não é apenas pela invasão *manu militari* que podem perder a sua independência e sofrer ameaças à soberania. Também isso acontece quando pela alienação das indústrias-chaves se cedem os materiais estratégicos e se confiam a mãos alheias os fatores capitais da defesa nacional — GETULIO VARGAS

Atualmente, na escola, se plasma o homem do futuro. Dá-se à criança a estrutura que se quer. Plasma-se nela o homem que se deseja para a vida das nações. Uma prova concreta do que afirmamos se vê na Alemanha, na Rússia. Idealizou-se naqueles países um homem político e econômico, de acordo com as diretivas dos propósitos dos seus regimes governamentais. Por essa observação se conclue, se aquilata a responsabilidade dos governos pela educação dos seus povos. Desde que na escola se faz o homem impõe-se um zelo, um carinho, um esforço enorme para que se constitua bem esse homem. Alfabetizar, *tout court*, o indivíduo, é muito pouco, é quase nada. Continua um espírito retrogrado e selvagem como dantes. Para que isso não se verifique, preciso é uma instrução mais profunda e mais extensa. Preciso é que se eduque. —

Pedro Ludovico Teixeira

Meu velho caderno

Conto de Domingos Felix de Sousa

Sou um leitor ignaro de Machado de Assis. Também sou leitor de Daudet (qual dêles?). E a todos os seus leitores desconhecidos recomendaram ambos guardassem eles as cartas da sua juventude.

Cartas da juventude! Cartas cheias de fé. As asas do amor beijando de leve as fôlhas côr de rosa. Um perfume vago, uma folhinha esquecida e murcha tornando-se em pó entre as páginas . . .

Em meu pequeno passado, porém, não há cartas de amor. Não há cartas da juventude, para serem lidas nas horas em que sentimos, palpável como suas fôlhas, o tempo que corre e não volta mais. Não guardei as cartas da juventude. Guardo porém, a substituir o vazio dessas cartas, um velho caderno, velho como senti a minha alma ontem à tarde, quando soube que ela se havia casado.

Não sei bem explicar o sentimento. Nos últimos anos, ainda que eu a recordasse a-miúdo, não podia precisar bem o porquê dessa constante recordação. Quando a encontrei, depois de tantos anos — ela, moça feita, e eu, já rapaz — não senti outra coisa que a felicidade normal de encontrar uma linda mulher. Tive gosto em lhe apertar as mãos, com força, como faria com outra qualquer em igual situação. Rimo-nos, comentel o quanto ficara linda, e nada turbou o meu sentimento, límpido, claro, preciso, como o sorriso brilhante com que ela me respondia aos cumprimentos. Depois, lembro-me de que falei dela muitas vezes, em muitas rodas, mas assim como falaria a respeito de qualquer outra mulher igualmente encantadora: apreciador frio; sentimento estético; paixão do belo. Sentia aquele prazer vago, aquela natural vaidade de poder dizer que a conhecia desde pequena, que estudamos juntos nos bancos da escola primária, que houvera alguns tempos, entre nós, algo mais de intimidade que entre o comum dos pequenos estudantes. Quando os outros diziam: — E' linda, de fato, — eu sentia-me bem ao ajuntar, contemplando-a: — Sempre foi assim, desde menina . . .

— Então?... Casada, hein?...

— Que tábuá, hein, mano?

Olhei no vácuo. Admirei que minha irmã houvesse tido a argúcia de me ler na alma tão claramente. Sentia-me roubado, sim. Era aquele sentimento que o povo chama, simplesmente, "tábuá". Não sei de onde vem

o costume. Será decerto por essa depressão que sentimos, como se uma prancha pesada nos esmigalhasse a alma e o sentimento, em todo o comprimento. Foi, confesso, o que senti.

— Bobagem! Falar verdade, você não gostava dela nada, meu mano, — ajuntou minha irmã, sorrindo maliciosamente.

Senti-me ainda mais logrado, ao ver como aquela querida criatura me via tão bem no íntimo, e ainda queria participar de meu sentimento. Troquei com ela umas palavras leves, e saí da salinha em busca de meu quarto.

Uma estante modesta guardava-me os livros, ajuntando-se ali toda a miscelânea literária das bibliotecas de estudantes. Corri os dedos displicentemente pelas lombadas, retirei alguns, sem vontade, o pensamento longe. Foi quando minha mão foi dar naquele pacote mal arranjado de garatujas.

Sorri intimamente ao encontro, e á lembrança que êle me despertou.

— Já ando emburrado com esse troço! Toda a vez que vou tirar um livro aí, dou com os dedos nesse caderno. Mais dias, menos dias, dou ainda um rumo nisso.

— Se você o queimar, comete um sacrilégio. Isso é uma relíquia.

— Relíquia? Quer ver que foi algum santo que nele escreveu suas memórias? "Pensamentos do Claustro de Santo Fulano" . . . Olha só que título expressivo!

— Não, meu mano, êsse é um caderno de meu curso primário. Terceiro ano. Mil novecentos e trinta e um.

— Virgem Mãe! E você guarda isso? E como relíquia? . . . Sacrilégio comete você, chamando relíquia a essa garatujada. Isso de relíquia sempre lembra á gente alguma coisa de santo . . . Caveira de martir, cabelo de virgem, pedaço de carne de gente melhor que eu . . . Mas êsse trem aí? Olha, moço, já tive tantos cadernos, uns até que bonitos, e só aguento os de hoje: êsses aí, de tarefas de aula (terei o máximo prazer em pinchar êsses troços pr'os diabos); e, além dêsses, aquele coltado aí: "Versos de Amor e Inspiração", do velho aqui presente.

Senti-me forçado a rir. Havia muita graça nas palavras, nos trejeitos maliciosos de meu mano, com aquele sorriso chelo de malícia nos lábios. Sempre foi o meu melhor companheiro, o melhor dos amigos colegiais que

já me passaram pela vida. Sempre alegre, tendo uma palavra de chiste para cada uma de nossas idéias, e só ficando sério, mas de uma seriedade dramática e risível, nos momentos solenes em que, as mãos espalmadas para o alto, nos lançava em rosto uma das suas adoráveis catilinárias cômicas.

Lembro-me de que ainda ajuntei, melo sério e fingindo-me ofendido:

— Mas êste tem sua história. E' sempre uma recordação, diabo!

Dizia aquilo só para não me calar, ou melhor, para encher de alegria aquela tarde, puchando-lhe pela língua chistosa. Embora contra mim, deliciava-me secretamente, numa obscura emanação de masoquismo, aquele espinho crítico.

— Decerto! Tudo quanto é caderno tem a sua história. Compra-se ou se ganha. Paga-se ou não. Se for fino, acaba logo; se for grosso, a gente acaba enjoando dêle, e, no melhor dos casos, passa a servir de rascunho para as poesias, ou qualquer artiguinho. E a gente risca, corrige, rabisca, até ficar que dá nojo, principalmente as poesias. Depois passa tudo a limpo e manda para o jornal. (Você já viu o jornal de ontem? Três êrros em minha poesia. Só xingando mesmo . . .). Mas guardar caderno velho? E como relíquia? E ainda por cima, garrancheira de curso primário! . . .

Uma boa rizada, alegre e sã, coroou a tirada naquele dia. Eu me calei. Era mesmo um espírito bárbaro, iconoclasta. Punha um dito chistoso em todas essas simplicidades, todas essas pequenas recordações de um passado bem próximo, visto a pouca idade de todos nós. Tudo aquilo para êle eram puerilidades de fazer rir, e delas ria com o maior gosto. Eu, então, era para êle uma boa vítima, com aquele vezo de guardar nos livros flores murchas, trazendo nas pétalas pequenas e caprichadas inscrições, e fôlhas de pinheiro ou qualquer árvore, que me recordavam algum dia da vida. Sem elas, talvez, muitas boas recordações restariam, para mim, no fundo da noite do passado, para sempre.

Sorri intimamente ao encontrar agora aquele caderno. "São puerilidades de fazer rir . . .". Coincidência que, logo hoje, desse com aquele velho amontoado de fôlhas mal arranjadas! Tomei-o, correndo os dedos e os olhos pelas suas fôlhas amareladas. Na última página, duas pequenas composições, escritas em caligrafias diferentes: "último dia de aula"; e por debaixo a data: 26 de novembro de 1931. Lembrei-me do dia em que a fizemos. Assentávamo-nos juntos na mesma carteira, e ela teve aquela idéia:

— Que é que você está pensando?

— Hoje é último dia de aula .

ANTOLOGIA GOIANA

ELOY PONTES

— Será que você vai para o Liceu, no ano que vem?

— Não. Só quando tiver idade. Pai disse. Você vai?

— Vou para o colégio das freiras. Vamos comigo?

— Onde é que você já viu isso? Não vê que sou homem?

— Pois é só vestir saia . . .

E riu, como sempre riu na vida, com aquêle seu riso límpido, brilhante, que hoje não me sai da mente. Calamo-nos por alguns instantes. Depois ela pegou distraidamente meu caderno desarranjado, abriu-o na última fôlha, e escreveu, com sua letra muito redonda: "Último dia de aula. Estou com vontade nunca mais sair do grupo. Os meninos todos estão alegres, mas eu estou muito triste". Mostrou-me o que escrevera: /

— Você acredita?

— Eu também estou, muito.

Baixou a cabeça, escreveu mais um pouco, depois disse:

— Por que você não escreve também?

Estendeu-me o caderno. Tomei-o e rabisquei, com minha letrinha arrastada, irregular: "Último dia de aula. Todos os meninos estão alegres, mas eu estou triste demais. Eu acho que a gente não devia crescer nunca para não precisar ir estudar fora, e poder ficar a vida inteira no Grupo Escolar Rui Barbosa, assentados juntos, estudando de dois, tirando sinônimos no mesmo dicionário. Por isso é que eu estou muito triste, porque hoje é o último dia de aula no grupo".

Não a olhei enquanto ela estava lendo. Talvez estivesse a sorrir, com aquêle sorriso claro, brilhante, como somente ela sabe sorrir.

Recordava-me agora de como fizera aquêle caderno, composto de velhas fôlhas almaço, dobradas em dois. No ano anterior grassara a revolução. Passou breve, e depois dela veio a crise. Crise forte, para nós, do interior. Se em outros lugares causou suicídios, desesperos, apotecamentos, em minha cidade, terra quieta e retirada — onde ninguém tinha somas em ações, sociedade em grandes firmas, ou exportação arrecadada — a deblaque foi calma, somente causando um pequeno fenômeno econômico: a falta absoluta de papel, cadernos e tinta. Premido pela necessidade, ainda pude conseguir com que escrever, dissolvendo em água quente um pouco da tinta para carimbos de meu pai. Mas os cadernos foram aos poucos se enchendo. Andei todo um dia de sol de minha terra, á procura de um que fosse, sem resultados; até que me vem á mente uma abençoada idéia. Sem mais, toco para a velha e desfalcada loja da Joaquina, solteirona gorda que morava á rua Direita, e lhe pergunto se não tem papel almaço. Lembro-me

(Eloy Pontes é, como crítico literário, um nome bem situado em nosso mundo intelectual. Fecundo, brilhante, severo, por vezes irreverente, sua crítica é a do combate, razão por que nem sempre é bem compreendido. O inegável é que, embora nem sempre aceite-

de que ela hesitou um pouco; depois, rodando pesadamente nos calcanhares, e arrastando com moleza os pés roliços, sob os quais era premido, num como parodoxo humano, pequeno chinelo de flanela, abriu um velho baú colonial, e, de seu mais fundo, retirou algumas velhas e amareladas fôlhas, tôdas soltas e desiguais. Apresentou-nas, e eu, sem discutir, paguei.

Tomei-as em casa, dobrei-as com capricho, ajuntei-as, distribuí o todo em grupos iguais, prendendo-os com dois colchetes bífidos. Eis os cadernos que enchi, com minha garatujada de terceiro ano primário, em quasi todo um ano de estudos.

E foi um desses velhos cadernos. tão desartes, que fui encontrar um dia, eu já crescido, num monte de bordadores e livros de caixa de meu pai.

Abri-o com um meio riso nos lábios e pus-me a folheá-lo. Ditados bem passáveis, descrições de quadros descendo já a minúcias, pequenas composições sobre a vida real e a natureza já apresentando pensamentos concretos, ou quasi. Aquí e lá, pequenos devaneios literários, ora comparações, ora citações. Depois o plágio de versos duma velha antologia. Tudo á orla, num infantil emaranhado de literatura de cipó.

Na última página, duas pequenas composições, tracejadas em caligrafias diferentes — uma regular e redonda, bem de-pé; outra arrastada, um pouco trêmula, sem arrebiques e irregular: "Último dia de aula", 26 de novembro de 1931.

Revi tôda a cena já esquecida, sobretudo aquêle sorriso claro, límpido, como somente ela sempre soube sorrir. Em cada linha uma reminiscência. Em cada página uma saudade. Uns nomezinhos escusos nas bordas, nas entrelinhas. E depois . . .

Depois, muitos — nem sei quantos — cadernos mais bonitos, acabei e atirei ao lixo. Mas aquele, guardei. E aqui o tenho, para a minha saudade . . .

Corro os dedos, os olhos e a mente perdidos longe, pelas páginas desbotadas de meu velho caderno — velho como senti a minha alma ontem á tarde, quando soube que ela se havia casado.

mos seus pontos de vista, é êle um escritor erudito e que vem prestando excelentes serviços às nossas letras. Tem diversos livros publicados, destacando-se "Vida dramática de Euclides da Cunha" e "Vida inquieta de Raul Pompéia", e ocupa, atualmente, o elevado cargo de Diretor da Divisão de Turismo do DIP. Em sua secção de crítica no "O Globo", do Rio, edição de 12 de outubro, apreciou Eloy Pontes o livro "Antologia Goiana", de Veiga Neto, edição da "Bolsa de Estudos Hugo de Carvalho Ramos", tecendo sobre o mesmo a lisonjeira apreciação aqui transcrita).

"Depois de Sylvio Romero os historiadores da literatura nacional se fixaram no exame das três raças, que constituíram o tipo nacional, para extrair do fenômeno conclusões de todas as espécies, capazes de definir tendências e preferências. Hoje em dia, quem examine as correntes literárias, formadas nos diversos pontos do Brasil, sente os efeitos de outros fatores, sem os quais não se acenuariam os recortes peculiares de cada região. O fator econômico, por exemplo, tem enorme importância. Por sua causa os escritores ou escrevem menos ou narram com azedumes. O fator social ("l'ambience", conforme o preceito de Taine), altera também e profundamente as inclinações naturais. A regra ensina que os indivíduos vêem pouco em torno deles mesmos. . . Além disso, quando não há a profissão (embora precária) de escritor, poucos se animam a escrever. O fator climático, por seu turno, é agente poderoso. Influe nas disposições morais, decretando repousos mais longos e cautelas depressivas. Influe nas tendências orgânicas, dificultando ou simplificando a assimilação das iguarias acessíveis. O fator das relações com outros meios tem importância maior ainda. Aquí vem a pelo mencionar as influências atuais do rádio e do avião, que solucionaram os problemas das comunicações e dos transportes imediatos e rápidos.

Hoje conhecemos melhor, por exemplo, Mato-Grosso e Goiaz, do que nunca. Os contactos fáceis não de transfigurar os nossos patrícos, esquecidos anos a fio até mesmo da geografia. Aí está porque abrimos, com certa impaciência, esta "Antologia Goiana", de Veiga Neto (Edição da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, Goiânia). Reunindo prosadores, jornalistas e poetas antigos de Goiaz, menos conhecidos, Veiga Neto pretendeu romper as cortinas

Boletim do Trabalhador**O Regime e a Dignidade do Trabalho****Renato Barbosa**

de fumaça, que diversas circunstâncias estenderam ao longo do tempo. Prefaciando o volume (que é o primeiro duma série de dois), Pedro Gomes de Oliveira adverte: o literato "profissional" que faz das letras ganha-pão, jamais existiu em Goiás. O goiano homem de letras só aparece quando os ensejos propiciam contrangendo-o quasi a revelar-se. Polêmicas de província, vaidade estimulada, acasos felizes. Uma antologia que nos dará contas de tudo isso? Dar-nos-á ainda as justas medidas dos fatores que decidiram as inclinações. Aqui tombamos a pique no acaso de Hugo Carvalho Ramos, que deu nome à bolsa goiana, morto prematuramente, quando estreava com o livro magnífico de contos regionais: "Tropas e Boiadas". Acreditamos que o isolamento haja influido na falta de escritores goianos. Pelo menos na falta de escritores dedicados, que é o fenômeno sensível, posto em evidência pelo prefácio da "Antologia". Nela porém, encontramos traços e rastro de vocações incontestáveis. Oradores, jornalistas, poetas não faltaram à história de Goiás. Muitos dentre eles para cá vieram e cá permaneceram longamente. Foram os mais conhecidos sem dúvida. Foram também os mais valiosos? Esta coletânea responde que nem sempre. Os poetas goianos, como todos os poetas do Brasil, percorreram a gama das influências estranhas. Românticos, hugoanos, parnasianos, líricos, eles deixaram provas de que os homens são iguais nas variadíssimas latitudes do mundo. Quando abrimos as páginas duma antologia, nossa atenção procura logo os nomes conhecidos. Foi, por isso mesmo, com certa impaciência que relemos aqui Henrique Silva e dele nos lembramos com simpatia. Preocupadíssimo com as coisas da sua terra natal, Henrique Silva escreveu, de preferência, sobre caçadas, com o espírito de aventura e com a imaginação que as regras atribuem aos caçadores. Cá está também Americano do Brasil, que conhecemos deputado, moço, inquieto, nervoso, orador de catadupas, com as idéias meio confusas, mas intensas. Haveria de morrer prematuramente, quando as qualidades pessoais lhe apontavam caminhos amplos. Cá se encontra Hugo Carvalho Ramos, contista nítido e escritor por decretos invencíveis do temperamento. Morreu cedo, mas a tempo de deixar um livro típico, que lhe concedeu lugar na história literária do Brasil. Reunindo êsses e outros escritores goianos, Veiga Neto não realizou apenas uma obra de erudição regional. Os historiadores da literatura multiplicam-se atualmente, entre nós. Anunciam-se diversos compêndios e, pelo menos, duas gran-

Os traços fisionômicos dominantes, no Estado Nacional, se definem, em sua própria essência, pela preocupação que empolgou ao seu realizador, — o Presidente Vargas, — de conseguir, em todos os setores da administração, o máximo de rendimento social. E essa política, sadia, patriótica e profundamente humana, se reflete no seio generoso das classes trabalhadoras, em uma soma de leis de indiscutível alcance. Contra os excessos do individualismo econômico, criou-se, entre nós, a mentalidade da democracia-social em que vivemos, na entrosagem harmoniosa e perfeita de todos os fatores orgânicos da nação. Vivemos em um período, transbordante de luminosidades criadoras, em que o homem brasileiro sabe quanto exprime a cooperação de seu trabalho, entusiasta e conciente. E ele o sabe, porque a sente em seus resultados, contidos nos direitos que o Estado assegura ao seu bem-estar; aos cuidados e aos zêlos com sua saúde e higiene; e às garantias de um amplo plano de previdência social. Não fôra a providencial tarefa congregadora a que se lançou, sem hesitações, o Presidente, quando profissionais da velha política sem entranhas assaltaram a nação com arremedos de uma guerra civil de difícil previsão em suas trágicas consequências, o trabalhador brasileiro seria explorado pela ação deletéria de certos elementos perturbadores, destituídos, por completo, desses belíssimos sentimentos de Pátria e de Família, repassados em toda a ação política do sr. Getúlio Vargas. O trabalhador conta, hoje, com as mais sólidas garantias de vida, e, quanto mais produzir, maior soma de prerrogativas terá, como prêmio ao seu diuturno labor. Possuimos férias remuneradas; limitação de horário de trabalho; salário mínimo; caixas e institutos de aposentadorias e pensões; leis de proteção à infância, à gestante e à invalidez; organização sindical, — conquistas que, em síntese, definem o Estado Nacional. Se o poder público vem cumprindo, assim, o seu dever, com absoluta segurança em nosso futuro, o trabalhador brasileiro há correspondido, plenamente, a esse esforço, pelo espírito ordeiro, construtivo e amigo de um governo, que o libertou do lastimável abandono em que até então vivia,

quasi à margem dos destinos sociais. O Estado Nacional, pela legislação trabalhista; pelas decisões dos juízes de uma justiça especializada, ampara, garante e assiste ao trabalhador, para torná-lo cada vez mais livre, na liberdade gloriosa de um labor que só uma democracia-social com a nossa poderia compreender. Há, em tudo quanto traz o timbre do Presidente, profundo sentido de grandeza humana e de solidariedade social, condições decorrentes de verdadeira predestinação, no cenário ensolarado do novo mundo. O Estado Nacional quer o trabalhador livre, dentro da ordem e da disciplina, para se tornar dignos delas, respirando as massas proletárias, assim organizadas, em alto clima de enobrecimento, pela indiscutível melhoria social do padrão humano. A sindicalização, como fórmula de dignificação de trabalho, representa, exprime e define o aperfeiçoamento moral do homem. O sindicato capta os valores isolados, no anonimato das imensas classes produtoras, para canalizá-los ao território do bem coletivo. Opera, a seguir, a redistribuição desses mesmos valores, — morais e econômicos, — na coordenação com os supremos interesses dos grupos profissionais. Se o trabalhador mentir ao seu destino, o próprio sindicato, como medida de legítima defesa própria, neutraliza-o, primeiro. Reincidindo, em defesa do grupo, ele o destrói, porque a má vontade de um não poderá afetar a harmonia do conjunto. É necessário insistir-se na afirmativa de que, com as classes armadas e os trabalhadores, o Brasil lançou as bases de autêntica revolução social, — a maior do continente: ou a concluirá, ou mentirá aos seus servidores. E, na argamassa do edifício, já existe a cooperação do sangue brasileiro.

Os trabalhadores sentiram sempre que a demagogia dos velhos tempos dividia e anulava os valores individuais, retardando a função criadora e intensa do Estado. A expectativa constante de estreitas lutas eleitorais inglórias enfraquecia as energias do homem brasileiro, desencantado por completo de sua capacidade. Mas o "resurrexit" de 10 de novembro desvendou aspectos inéditos, dentro da realidade nacional.

N. R. — Por se achar ausente desta Capital, o dr. Mozart Smith Camargos, não conta "Oeste", nesta edição, com a sua colaboração. Para que o leitor não ficasse privado do "Boletim do Trabalhador", aproveitamos, nele, o presente artigo, que nos foi distribuído pela Agência Nacional. Tão logo retorne, o dr. Mozart Camargos reassumirá o seu posto.

des histórias da literatura. A "Antologia" de Veiga Neto veio estimular os eruditos de empréstimos . . . Veio também desvanecer falsos pressupostos. Oxalá os eruditos de improviso não se esqueçam de mencionar as fontes sempre que tiverem de aludir às letras goianas . . .

LITERATOS GOIANOS DO PASSADO

AMERICANO DO BRASIL

O ilustre goiano, cujo nome epigráfica esta nota, foi, sem nenhum favor, o maior talento de sua geração, neste Estado, tendo seu nome se firmado, num soberano prestígio, em todos os círculos sociais, e garantido um lugar de relevo na história de nossa terra.

Filho do professor Antônio Euzébio de Abreu, nasceu Americano do Brasil em Silvânia (Bonfim), aos 18 de agosto de 1891. Iniciou os estudos secundários no Ginásio dirigido por seu pai, matriculando-se, mais tarde, no Ginásio Diocesano de Uberaba, por onde se bacharelou em humanidades. Terminado o curso propedêutico rumou para o Rio, onde se doutorou pela hoje Faculdade Nacional de Medicina.

Dedicou-se às letras, ao jornalismo e à política, em cada uma dessas zonas de atividade se sobressaindo enormemente.

Como escritor, embora ventilasse os assuntos mais variados, teve sempre predileção pelas coisas históricas, principalmente de Goiás. Cultivou, também, com êxito, a poesia, legando-nos formosos poemas.

No terreno político, conseguiu, por injunção de circunstâncias mais do que por vocação, ser deputado federal, distinguindo-se, na Câmara, como um orador fluente, combativo, elegante e erudito. Entre os discursos memoráveis que pronunciou, destacam-se: o da sessão de 15 de julho de 1922; o de 4 de maio de 1922; o de 6, do mesmo mês; os de 5 e 6 de junho de 1922; os de 3, 8 e 14 de agosto de 1922, todos em defesa dos interesses de Goiás e do Brasil, entre os quais um defendendo as nossas fronteiras de oeste e outro pugnando pela mudança da Capital Federal para o planalto central. Ocupou, ainda, com raro brilho, o cargo de Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública, neste Estado. Idealista, mal acomodado no partido a que pertencia, dada a sua sinceridade e ao seu espírito independente, por isso mesmo não era "persona grata" do P. D. G., que não escondia suas preferências pelas "incondicionais". . . .

Em resumo: quer como escritor, como jornalista, como político, como orador e como poeta, Americano do Brasil foi uma figura ex-poenencial em Goiás, Estado que

honrou e engrandeceu.

Faleceu, assassinado, em Luziânia, a 20 de abril de 1931. Deixou publicados os seguintes livros: — "No convívio com as traças", "Pe-las terras goianas", "A cultura brasileira", "Puericultura", "História de Goiás", "Súmula da História de Goiás", "Cancioneiro de trovas", e, inédito, "Nos rosais do silêncio".

É de Americano do Brasil o artigo "Goiáz", aqui transcrito, e colhido da "Antologia Goiana" de Veiga Neto:

GOIAZ

Onde, sob o céu de Zaratustra, azul como o em que Nietzsche encerrou seu livro soberbo, correm as calmas águas anestesiadas de um grande rio, parecendo que a alma casta de todos os cisnes longínquos fizeram pouso nas anfractuosidades do leito, dominando os rumores da corrente com a suavidade das carícias de suas brancas penas batendo de mansinho a linha profunda?

Na melancólica terra da "mãe do ouro"; no rio de Castelnau; nas ribanceiras de Couto Magalhães; no majestoso Araguaia que abre, em curvas encantadoras e animadas, as entranhas da terra, desvirginando-a cariciosamente . . .

osculando-a . . . para não perturbar o silêncio musical das selvas . . .

Onde, sob um céu de louras pepitas, nas tonalidades do entardecer, se distinde, como um crotalo verde ondulante, a balsâmica floresta de Alencar, a clórea arrossaia das páginas da "Meta de Anhanguera" morrendo nas serranias do Congo, froleando orgulhosa, imitando a clâmide de um deus pagão apaixonado pela clorofila das selvas seculares, imitando uma imensa meliponida esverdeada com os tentáculos cravados no coração de uma rosa aberta?

Na Goiânia de Carvalho Ramos; no coração do Brasil do cinzelador de "Itinerários"; na terra da melastomata de Pohl, repousando como um fósideo sonolento na estrada do Espigão Mestre e bebericando nas rumorosas águas do rio Pardo . . .

Onde, sob um céu de carbonato haliano, no desmaio de uma tarde empalidecida, já se ouviu os queixumes nostálgicos da soturna ven-

tania traduzir as mais encantadoras liturgias do êrmo, resumindo as partituras dolorosas do colossal órgão da Natureza, significando suas músicas o canto de cisne da tarde que escabuja no ocaso vermelho, como mariposa bêbeda de luz que queima as asas nas chamas de uma fogueira?

No rincão do autor de "Tropas e Boiadas", o mágico rival de Afonso Arinos.

Onde, no silêncio enigmático de uma paisagem de buritis silvestres, perdendo-se ao longe como âforas pagãs dos festins de Delfos, onde a fina tela dèsses poentes coloridos de nossa terra, espetáculo panteísta, para o pincel de um Vecelli Tiziano, parecendo à tarde uma noiva de olhos lacrimosos, beijada pelo sol já frio, simbolizando uma grande rosa de apoteóse lírica que entrasse para além na taça do mistério?

Na festiva terra do burilador das "Poesias", o poeta morto, o cantor das virtudes cívicas do grande aedo José Bonifácio . . .

Onde, sob um céu de turmalinas com equimoses de berilo, a concha opalina dos campos relvados já semeou o finíssimo tapête oriental dos teares de Mossul, enfeitada com as florações do êrmo?

Onde a curva suave das fitas de serra já empolgou mais a visão de um artista, parecendo bocados de um panorama que se erguesse à flor da terra ao encontro dos beijos do sol?

Onde, nas solidões dos baixios, já enterneceu mais agradavelmente o coração de um poeta o renque nemoroso das palmeiras esguias, simbolizando enormes taças das baixelas de Adamastor, ou os perdidos centuriões guardadores das selvas ameríndias?

Onde, sob o dócel das aragens vespertinas, o scherzzo da folhagem polifone já traduziu as mais comoventes sinfonias das devêsas, significando a dolência dos ritmos de Schubert?

Nos formosos prados de Delfos da formosa terra de Damiana . . .

Nos pitorescos panoramas helvéticos do pitoresco rincão de Felix de Bulhões . . .

Em Goiáz! o ânade selvagem de Ibsen adormecido em alcatifas de ouro e pedrarias . . .

A téla inédita de Carot vigiada pela constelação do Cruzeiro . . .

« OESTE »

REVISTA MENSAL DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

ADMINISTRAÇÃO:
Avenida Tocantins, n.º 7
(Imprensa Oficial)
Telefone — 1161
Goiânia — Estado de Goiaz

DIRETOR:
Vasco dos Reis Gonçalves

CONSELHO DE CENSURA:
A. Juruena Di Guimarães
Odorico Costa
Paulo A. de Figueiredo

GERENTE:
Gabriel Aneoni

EXPEDIENTE

Assinatura anual.....	Cr\$ 40,00
Assinatura semestral.....	Cr\$ 24,00
Número avulso.....	Cr\$ 4,00

As colaborações recebidas serão publicadas ou não, a critério do Conselho de Censura. Em nenhuma hipótese os originais serão devolvidos.

Somente serão publicados trabalhos cujos originais não excedam de oito páginas dactilografadas, em espaço dois, e que tragam a assinatura, do próprio punho, do autor.

A Administração não endossa os conceitos emitidos em trabalhos devidamente assinados.

As remessas de numerário deverão ser feitas em cheque bancário ou vale postal diretamente e endereçadas à Gerência.

Permite-se a transcrição de qualquer matéria publicada em OESTE, na íntegra ou em parte, conquanto se declare a procedência, conforme manda a lei.

Tôda e qualquer correspondência destinada à revista "Oeste" deve ser dirigida à sua gerência, na Imprensa Oficial, enderêço acima.

OESTE

BOLETIM MENSAL

Ano III

Goiânia, Dezembro de 1944

Núm. 23



IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE GOIAZ
Avenida Tocantins, n. 7

“ O E S T E ”

Ano III — Dezembro de 1944 — Núm. 23

N A T A L

TODOS os anos, a 25 de dezembro, os homens fazem um armistício com o seu egoísmo, a sua maldade, a sua fraqueza. O nascimento de Cristo, comemorado à data, como que faz com que os homens se voltem para as fontes puras da vida, enchendo-lhes o coração de bondade e de fraternidade. O dia de Natal realiza o milagre de dar aos homens, por um momento embora em cada ano, uma visão do que seria o mundo se a humanidade se inspirasse, em sua conduta, nos ensinamentos do MESTRE.

Ricos e pobres, pretos e brancos, criminosos e santos, nada disso é o homem, em 25 de dezembro, mas apenas homem — o homem sem categorias e sem ódios, o homem que Jesús queria, o homem que Jesús foi.

Vale a data, por isso, como um apêlo profundo à consciência dos homens, para que êstes se superem em sua animalidade, se dignifiquem em sua condição humana, se aproximem do Divino Exemplo. Se todos os dias do ano fossem dia de natal, e se os homens vivessem os dias todos do ano como vivem o 25 de dezembro, o mundo seria, certamente, algo de bom, algo que valeria a pena, algo que falaria bem alto do pobre “bípede implume de Platão . . .

Neste 1944, quando, mais uma vez, os homens se devoram numa luta fratricida, bestializados por doutrinas calamitosas, materialistas e deshumanas, Natal surge como um verdadeiro farol a iluminar os homens no meio das trevas densas. Cristo está no grito de desespero e de esperança de todos os homens de boa vontade, como a Única Luz capaz de ainda fazer com que a humanidade reencontre os caminhos legítimos da civilização. Por sôbre as fronteiras, confundindo tôdas as côres, neutralizando tôdas as divergências, sintetizando tôdas as aspirações, Jesús se impõe, a todos nós, como a Meta a que devemos tender. Porque Êle é a Caridade, o Amôr, a Verdade, a Justiça, valores eternos, que os homens esqueceram, valores necessários, valores indiscutíveis, cujo desrespeito ocasionou a hecatombe que nos angustia nos dias terríveis que estamos vivendo.

Nesta hora, pois, recolhidos em meditação cristã, saibamos penetrar o sentido profundo e universal da gloriosa efêmeride de 25 do corrente, eis que sômente no exemplo Daquêle que nasceu num estábulo e iluminou o mundo, teremos a salvação.

Getúlio Vargas e Pedro Ludovico

Marcelo Caetano da Costa

Findava o ano de 1937, com o Brasil a se debater em crise tremenda. Doutrinas exóticas, importadas diretamente do estrangeiro, sustentadas pela solerte propaganda alienígena, ameaçando de envenenar a alma nacional, provocavam enormes convulsões da massa popular, quasi atingindo às suas finalidades desagregantes e dispersivas, para atirar o país numa situação caótica e anárquica.

Demagogos rapaces, blasonando patriotismo enervante, acobertados sob a sombra protetora de conhecidos politiquieiros profissionais, obcecados pela cegueira mórbida de suas paixões políticas, de poderio e mando, na nevrose imensa dos grandes paranóicos, tentavam erguer a alma nacional para que o povo brasileiro traisse às suas próprias tradições, aos seus filhos, aos seus irmãos, levando a Nação à anarquia, para servir às idéias imperialistas dos povos que se diziam privilegiados.

Entretanto, o Brasil que vivera tantos anos brutalizado pelo despotismo vergonhoso e imundo de pseudos governos democráticos, não se brutalizara espiritualmente. Tirânico econômico e politicamente, ele não aderira às doutrinas da tirania e do egoísmo.

Martirizado pelo partidarismo cego e intolerante, ele não aderira às doutrinas da intolerância, porque, senhores, aqui a bondade é portadora de direitos que jamais serão postergados, pois, do contrário, falharíamos à nossa predestinação histórica e bem sabemos que as nacionalidades não falham nessa predestinação.

Contra a nevrose obcecada dessa avalanche assambarcadora dos extremistas, que ameaçavam a ordem pública e a integridade da Soberania Nacional, insurgiu-se um brasileiro — GETÚLIO VARGAS.

A' essa obcecassão extremista, cuja nevrose escravisa o homem, transformando-o em máquina, esse brasileiro insigne opôs a sua vontade férrea, como se fora uma muralha protetora e eficaz.

A Carta Magna lançada no histórico e salvador 10 de Novembro de 1937, fez ruir todas as esperanças dos traiçoeiros inimigos da nacionalidade brasileira, fazendo cessar as ondas encalpeladas dos ódios e paixões, que convulsionavam a alma nacional, prestes a explodir num pleito eleitoral inteiramente parcial e facioso, envenenado pela demagogia dos falsos brasileiros e de refinados políticos profissionais, eternos descontentes, que, em seus desmandos

para obter o poder serviam, inconscientemente, aos interesses privados de outras Nações, as quais avidamente cobicavam as riquezas incalculáveis deste solo imenso, exuberante e prodigioso.

E, este "gigante pela própria natureza, deitado eternamente em berço esplêndido", sacudiu, enfim, a inércia que o avassalava, erguendo-se pujante e soberbo pela mão firme e segura de — GETÚLIO VARGAS.

De obscuro e desconhecido que era o Brasil, pela voz altissonante do grande brasileiro, proclamou por todo o Universo as suas qualidades e mostrou aos seus filhos do quanto era capaz, colocando-se finalmente no lugar que lhe competia, entre as maiores potências do mundo.

O Estado Nacional não foi um golpe político. Foi um fenômeno histórico necessário à vida nacional.

Consequência lógica dos acontecimentos reinantes na época, ele glorificará eternamente o seu impulsionador.

Revolucionando idéias e costumes, criou a unidade nacional, que até então vivia amortecida por questões de ordem privada, mostrando aos brasileiros a rota segura para a grandeza do nosso Brasil poderoso, esmagando o partidarismo intransigente, que entravava o progresso, porque exigia para sua subsistência cegueira absoluta de todos os cidadãos:

Entretanto, o Estado Nacional, extinguindo esse cancro tremendo — os coronéis — que por tantos anos sufocou sob seu guante a liberdade individual, mostrou a todos os brasileiros como poderiam viver livres e fortes, voltados para o seu trabalho honesto e construtivo, erigidos diretamente em auxiliares principais do Governo.

Não enumerarei aqui todos os empreendimentos patrióticos e progressistas do Estado Nacional, porque seria por demais fastidioso retaliá-la matéria que de todos é assás conhecida.

Mas, renderei justo preito ao mérito, ao trabalho e ao patriotismo do grande e eminente brasileiro que, em boa hora, arcando com todas as responsabilidades, soube arrostar, de ânimo sereno e forte, com as paixões e ódios, não tendo outra bússola a norteá-lo sinão o seu imenso amor pelo Brasil.

Nestas plagas goianas, estaríamos faltando com as nossas convicções se não unissemos ao nome de Getúlio Vargas, o desse outro brasileiro puro e idealista, que nos faz lembrar os "Varões Ilustres" de Plutarco, e que se chama PEDRO LUDOVICO, o construtor invejável de Goiânia —

orgulho merecido dos filhos deste Estado.

Deixai, pois, senhores, que as minhas palavras tenham a liberdade do vento e o murmúrio das águas no leito suave dos rios.

Não pretendo queimar incenso em turibulos laudatórios às gloriosas individualidades de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico.

Quero tão somente apresentar as homenagens do meu profundo respeito às suas qualidades invulgares de homens públicos.

Não pretendo endeuçar, tão pouco, as suas individualidades de sobejo conhecidas.

Não procuro as suas genealogias, para realçar os seus méritos.

Têm eles a fidalguia de caráter daquele personagem de Dumas, Kent, cujos títulos nobiliárquicos irradiavam dele, pelos seus talentos, para os avoengos.

Os deuses que os viram nascer foram pródigos em os beneficiar, porfiando para entregar-lhes o filtro misterioso da vitória.

Brasileiros:

Não é só no bronze ou no livro que se glorifica o cidadão.

Se a vida não é mais do que a sucessão dos pais aos filhos e dos filhos aos netos, os nomes resplandecentes de GETÚLIO VARGAS e PEDRO LUDOVICO, viverão eternamente na sucessão desta geração, que irá cantando em alelúias balsâmicas pelo mundo em fora a grandeza de seus talentos e a integridade de suas virtudes cívicas.

(DISCURSO pronunciado ao microfone da Z Y G 3, dia 10 de novembro de 1944, durante o programa de festejos pela passagem do aniversário do Estado Nacional).

⊙ O Estado Nacional, instaurado em momento tão difícil, restabeleceu a confiança geral, revigorou a ordem interna e pôs fim a essas lutas de influências, dando-nos a de resolver, quando e como fosse conveniente, os problemas fundamentais do nosso desenvolvimento, tendo em vista apenas os superiores interesses da coletividade brasileira. Sem o fetichismo das formas clássicas ou revolucionárias de organização política, adaptamos, como senso realista, às condições sociais e econômicas do país, um aparelhamento institucional dotado de plasticidade bastante para as dificuldades supervenientes e permitir maior amplitude de ação às energias nacionais — GETÚLIO VARGAS.

A filosofia de um poeta

Oscar Sabino Júnior

Nestes momentos transitórios da civilização, o homem, lançando o seu olhar de visionário sobre o panorama do mundo, divisará logo a maior catástrofe material e espiritual da história da humanidade. E incontinentemente vem ao seu pensamento de eterno dialético, a figura complexa, impressionante mesmo de Frederico Nietzsche — esse poeta e filósofo genial que trazia no sangue ardente das suas veias, aquele lirismo estóico da alma polonesa e aquele verticalismo analítico, mas místico, do espírito irrequieto do germânico.

Em 15 de outubro, marco divisório e comemorativo do primeiro centenário do seu nascimento, é oportuno dizer-se alguma coisa sobre a sua indiscutível personalidade. Mas falar da personalidade de um Nietzsche, nestes momentos de incompreensões e de tremendas convulsões ideológicas, é temeroso. Entretanto, é necessário ter-se nas horas graves a coragem e o sentimento da liberdade. Justamente aí o homem deve sentir o calor da liberdade, para saber empregá-la com critério e sensatez. Precisa ser mais consciencioso e menos arracional, mais prático e menos demagógico, mais sereno e menos ressentido. Precisa, além de tudo, realizar a liberdade afim de sentir a tangência da verdade, pelo menos de uma verdade relativa. Que não seja um mero agente passivo, mas um agente da ação.

Contudo, o que se denomina Liberdade, essa palavra saída incensantemente da boca de milhões de homens, não cabe dentro de uma definição estreita e categórica, por que ela é uma pura intuição; somente se pode compreendê-la integralmente — sentindo-a, vivendo-a, realizando-a. E somente assim podemos ter a consciência tranquila, apta para julgar os Césares, os Napoleões e os Nietzsches. Assim eu falarei de Nietzsche.

Nietzsche não foi apenas um grande pensador, um homem, foi ainda mais do que isso — foi um gênio. Mas esse gênio era um desesperado de si próprio, e por isso mesmo, queria através do desespero libertar-se de si mesmo. Esse desespero, entretanto, era inato. Procurava encontrar a si próprio, mas fugia do próprio "eu"!

Investia contra tudo. Contra a fatalidade da vida, contra a história, contra a moral, contra a cultura, contradizendo-se a cada passo, a cada investida, como se o seu destino fosse lutar, lutar e lutar... Mas como era soberbo em suas

contradições e veemente em suas afirmações! Era sempre o antagônico, o batalhador intrépido, o guerreiro indômito, com aquela fibra rija de um DIONÍSIO extremamente modernizado.

Queria destruir tudo, rebelar-se contra as forças do mundo inteiro, verberar contra a fragilidade do espírito humano, para sentir um único consólo — a volúpia do sofrimento.

Mas Nietzsche foi um predestinado ao sofrimento. Sua alma havia nascido com a marca da melancolia. Nasceu poeta, e por conseguinte nasceu triste, precocemente preocupado com a vida, embora nunca tivesse levado uma existência de trabalhos e de necessidades. Aquele seu doloroso pessimismo era um mal genésico, caracteristicamente ingênito, e indubitavelmente, foi isso o centro gravitacional da sua trágica existência.

Estar "moralmente doente", como diz KIERKEGAARD, é não poder morrer mas, neste caso a vida não permite esperança, e a desesperança é a impossibilidade da última esperança — a impossibilidade de morrer. Nesta última aceitação, o desespero é portanto, a "doença mortal", esse suplício contraditório, essa enfermidade do "ego": eternamente morrer, sem todavia morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a sua morte; e vivê-la um só instante é vivê-la eternamente. E para que se morresse de desespero como duma doença, o que há de eterno em nós, no "eu", deveria poder morrer, como o corpo morre de doença. Ilusão! No desespero, o morrer continuamente se transforma em viver. Eis aí um Nietzsche desesperado!

De fato, Nietzsche estava desde muito cedo, "mortalmente doente". Basta lembrar aqui as primeiras palavras do seu famoso livro "Ecce Homo", onde ele diz: "a verdadeira felicidade de minha existência, talvez a sua singularidade consiste no meu destino: eu, para exprimi-lo em forma enigmática, como o meu pai, já estou morto; como a minha mãe, ainda vivo e envelheço". E mais adiante continua: Meu pai morreu aos 36 anos: era tenro, gentil e mórbido, como um predestinado a desaparecer; a sua recordação ficou como uma doçura da vida que é a própria vida. Declinou a sua existência pelo mesmo tempo em que eu devia declinar a minha. Aos 36 anos descí ao mais débil da minha existência;

vivia eu ainda, mas sem enxergar um palmo diante de mim".

Outra grande coisa que influenciou o espírito de Nietzsche foi o pessimismo endêmico de SCHOPENHAUER. Mas, uma vez ainda ele se coloca na oposição, transforma-se em adversário terrível, imbuído do espírito de guerreiro invencível, preconizando a dor como uma forma de afirmação da vontade de viver e não com a negação da vontade de viver.

Realmente ele era no fundo um fraco, um debilitado, e procurou fazer desses seus defeitos uma filosofia de afirmação da vida. Queria ser o contrário de si mesmo — um forte, um superhomem, um espírito dionísico, um agitador, enfim, o maior egoísta do seu século. "Eu sou um destino"! "Ouvi-me! Eu sou alguém e, sobretudo, não me confundais com qualquer outro" — são palavras suas, combatórias do que eu acabo de afirmar.

Nietzsche foi um homem orgânica e moralmente doente, irritado, insatisfeito, inconsolável para com tudo; a doença irritava-o, a moral perturbava o seu espírito e adoececia-lhe a alma de sonhador. Daí então, aquela virulência dos seus aforismos, aquele masculinismo dos seus períodos, aquela complexidade das suas idéias, e sobretudo, aquele amor "inconsciente" (no sentido psicanalítico) por tudo aquilo que odiava e aquele ódio terrível ao que amava. Foi sempre o maior inimigo de si mesmo, na convicção de que negando o próprio "eu", afirma a sua vontade de viver. Por isso, procurou sempre preconizar a provação da enfermidade como um símbolo de saúde. "Na realidade, a doença pode ser saúde interior e vice-versa. A saúde é uma coisa pessoal; é aquilo que pode ser útil a um homem ou a uma tarefa, ainda que para outros signifique doença. Nenhum traço de doença há em mim; não fui um doente, nem mesmo por ocasião da maior enfermidade". E agora, pergunto eu — pode se interpretar racionalmente um tal homem? Mas não era ele mesmo, o ponto geométrico das suas idéias, procurava justificá-las como um fenômeno real da natureza humana — sempre flexível e inconstante ao intuir os fatos ou fenômenos.

A verdade é que Nietzsche não havia nascido para viver na solidão, mas viu-se obrigado a viver isolado eternamente, sempre longe dos seus e sem o aconchego indispensável dos amigos. Não teve

também a ternura do amor de uma mulher, apenas pôde conhecer a poesia do amor platônico; não sentiu a plenitude do amor total — o amor consubstanciado na eternização do espírito integrando a carne. E todos êsses acontecimentos contribuíram assombrosamente, para o agravamento progressivo da loucura dos seus últimos anos de vida, em que acabou acreditando-se uma divindade terrestre.

Seria Nietzsche um filósofo? Sim e não. No sentido rigoroso e tecnológico do vocábulo, não o foi. Todavia êle foi o autêntico filósofo. Vejamos. Êle não tinha a precisão matemática, o raciocínio metódico, racional de um Kant ou Descartes, para que elaborasse uma teoria sistemática dos problemas eternamente discutidos da filosofia clássica, que na verdade mais parece um divertimento, um passatempo salutar dos homens de erudição. Nietzsche considerava essa filosofia como um engenhoso jogo da razão, um artifício do raciocínio matemático. "Filosofia, argumentava êle, no sentido em que até agora me foi dado interpretá-la e vivê-la, é vida livre entre os gelos, no cume das montanhas; é a pesquisa de tudo aquilo que há de estranho e de enigmático na existência, de tudo que escapa ao âmbito da moral".

O que Kant, diz GUALTIER, cérebro científico, ordenado com perfeição, evoluído no abstrato, não podia propagar, fê-lo um Nietzsche, que aparece dotado de tôdas as qualidades de sensibilidade requeridas para transmutar em sentimentos, em paixões, em ardente vida interior, as idéias frias e negativas do criticismo Kantiano.

Realmente Nietzsche previu um fato real na civilização contemporânea — a decadência cultural. Soube enxergar o nihilismo agudo de nossos dias, êsses dias de espantosa mecanização, em que já não há disciplina, mas onde presentimos um desvio da erudição — hoje infecunda, estéril e pedantesca.

Parece paradoxal que o homem que previu o nihilismo europeu, sentenciando — "O que estou contando é a história dos dois séculos futuros. Descrevo o que virá, o que já não poderá vir de outro modo: a ascensão do nihilismo. Essa página da história pode ser contada desde já; pois no caso presente a própria necessidade opera. Esse futuro fala desde já pela voz de cem presságios e sinais, essa fatalidade anuncia-se por toda a parte; para ouvir essa música do futuro todos os ouvidos já se alertam. Toda a nossa civilização européia se agita de há muito sobre uma pressão que atinge a tortura, uma angústia que aumenta de dez em dez anos, como se quizesse provocar uma catástrofe: inquieta, violenta, sem peias, semelhante a um

rio que quer chegar ao fim de seu curso, que não reflete mais, que teme refletir" — contribuisse tanto com as suas idéias terríveis e ameaçadoras, para a consumação dessa profecia histórica. Mas não foi êle ainda quem berrou aforisticamente — "oh! demolir é fácil, mas construir é difícil".

Na verdade Nietzsche foi sempre um filósofo extremamente unilateral e dogmático. Às vezes a sua bela filosofia vem carregada de um excessivo dogmatismo, e outras vezes se entrega às mãos in-crédulas do ceticismo. Daí então, a impossibilidade de se analisar a filosofia nietzscheana racionalmente, porque toda a sua obra foi feita de intuições momentâneas, de paixões e sentimentos pessoais.

Quando, êle que tinha no fundo um sentimento religioso, talvez, até um estigma inconciente de cristão revoltado, atacou impiedosamente a moral do cristianismo, não fez mais do que demonstrar a sua profunda admiração pela figura imortal de Cristo. Êle que chorava quando jovem ao ler os textos bíblicos!

Enquanto Cristo erigira-se em Deus do Além, êle quiz crigir-se em Deus da Terra; enquanto Cristo erigira-se em Deus da Fé, êle erigiu-se em Deus da Ciência. Donde o abismo medonho entre Cristo e Nietzsche.

A moral de Cristo é a dos pobres, dos fracos, dos humildes, dos homens. A moral de Nietzsche é a dos fortes dos sábios, dos dominadores, enfim a moral do Superhomem. Cristo é a serenidade, o pacifista, o pastor, o homem da moral das ovelhas; Nietzsche, o violento, o guerreiro, o domador, o homem da moral do tigre.

Entretanto, êle lutou como o filho de Deus pela sua causa, até que caísse exausto, exasperado, aniquilado.

As suas investidas contra o cristianismo, evidentemente, esclareceram muitas dúvidas, todavia, fizeram mais bem do que propriamente mal à moral cristã.

Ao escrever alguns dos seus aforismos, talvez não tenha se lembrado de Cristo, pois que ao afirmar — "de todo o escrito amo somente o que o homem retintou com o próprio sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito". Esqueceu-se de que o sangue derramado no Calvário, foi a tinta que escreveu a história do cristianismo.

Na verdade, Cristo foi o autêntico superhomem, não o superhomem nietzscheano, mas o homem da suprema vontade, o homem que tinha o domínio sobre si mesmo.

Apesar de tudo, sempre vi em Nietzsche, o poeta, sobretudo um poeta poderoso, transbordante de lirismo, dinâmico e feérico. A sua poesia é vibrante, intensa, cheia de um simbolismo, fecundante. Não fenece nunca, é sempre alta-

neira, extremista, tempestuosa e contagiante. Zaratustra está sempre procurando as culminâncias das montanhas ou as profundidades dos abismos. Talvez nisso resida aquela permanente obsessão de Nietzsche por êsses lados extremos da existência, que realmente sugerem à nossa sensibilidade, de maneira sugestiva, quadros vivos de uma arte subjetivada. E assim falando, vem imediatamente à minha memória um dos mais belos dos seus aforismos, cheio de musicalidade beethoveniana — "Se olhas muito tempo para o abismo, terás a impressão de que o abismo olha para ti".

Em sua poesia há uma personalidade aguda, profunda, suave e drástica, que nos conduz a um idealismo de liberdade e independência íntima.

O leitor ingênuo, principalmente o adolescente, se entrega de todo à potencialidade da suas imagens e pensamentos.

Mas muitos e muitos são os que dizem não compreender Nietzsche, e êsses, digo com sinceridade, nunca poderão compreendê-lo. E' que ao transporem as portas misteriosas do seu ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, já entram compenetrados de não o entender. Isto porque procuram em Nietzsche a clareza da didática, ao invés de sentirem a força enérgica da sua poesia.

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA, foi criado em estado de alucinação, mas é um livro cheio de vitalidade humana e lirismo poético. E' um poema imenso, transbordante de glorificação. Apresenta no conjunto uma falta de coordenação nas idéias, uma deficiência de construção, no entanto, tem uma certa unidade ideológica. E' vasado numa linguagem bíblica e parabólica.

Nos poemas como "o canto da noite" e a "canção do gondoleiro", não é a voz humana que canta, é também a voz musicalíssima e solene de um gênio louco, chorando a dor, a realidade do sofrimento humano, lutando contra a vida, numa eterna contradição:

CANTO DA NOITE

"Noite sobre o mundo: e acordam afinal todos os cantos dos amantes. E minha alma, ela também, é o canto de um amante.

Insatisfeito, inaplacável, há em mim um desejo que procura exprimir-se. Uma sede de amor há em mim que fala, ela mesma, a linguagem do amor.

Sou luz: oxalá fosse noite! Mas tal é a minha solidão, que é preciso cingir-me de luz".

Continuando nesse mesmo ritmo e vigor poético todo o poema, poema que não enfastia nunca apenas entusiasmo a cada leitura.

Em verdade, êsse poema lírico de Nietzsche, não ficará como a afirmação positiva do Superhomem, mas será sempre, por todos os séculos, um símbolo eterno da Poesia.

POLITICA NACIONAL

Ação civilizadora

Vasco dos Reis

O historiador imparcial do futuro, quando passar em revista este período do governo brasileiro, porá, por certo, em evidência o grande número de realizações, assinaladoras desta fase da vida nacional.

Realizamos surpreendentemente. Contagiou-nos o espírito prático e imediato dos norte americanos.

Nossas metrópoles perderam aquela ampla calma sombria de grandes árvores protetoras, para assumir o aspecto podado, retilíneo, prático, escovado, de pressa, de asáfama, na febril atividade do progresso.

As cidades menores assumiram uma atitude idêntica, botando fora as superfluidades embaraçantes, corrigindo aqui, retocando além, acomodando-se, em suma, à moda da época, isto é, ao traje de marcha, de alpinismo, para escalar as barreiras e vencer o futuro.

Nó mato a conta é a mesma. Nada de onças ou de bugre. Nada, mesmo.

Estas coisas, de resto, muito exageradas pela mitomania literária, passaram, no sertão atual, ao domínio da lenda. Quem quer ver bicho feroz ou homem feroz, vai ao cinema.

Conheço muitos e muitos sertanejos que, em matéria de onça, só travaram conhecimento, aliás indesejável, com a clássica, de óleo de rícin.

Índio, só o Aymoré das latas de biscoito...

As matas e os campos estão cheios de postes telegráficos, de fios telegráficos, de pontilhões, de cavas e outros ademanos moderníssimos.

As estradas se estiram, negras de graxa de automóvel. A sombra dos aviões corre por cima da ramaria, impondo a cruz de cinza do progresso à orgia pagã da paulama bravia. O sistema métrico invadiu a linguagem comercial do caboclo. O cigarro de papel impôs-se, em detrimento do velho cigarrão de palha crúa. O revólver americano, o isqueiro, o relógio-pulseira e, acreditem ou não, a caneta tinteiro, já entraram nos hábitos da roça.

Venham para cá com aquelas coisas tolas e molengas que outrora se diziam ao tabaréu atordado... Experimentem!

O tipo comum do sertanejo adquiriu uma vivacidade perturbadora.

Nada lhe escapa. Sua sagacidade, atributo racial, represada longamente por uma ignorân-

cia completa do mundo e das coisas, decuplicou-lhe a capacidade aquisitiva de conhecimentos.

Logo que as vitrolas, o cinema e depois o rádio entraram a exercer sua influência nos rincões mais distantes, o matuto aprendeu coisas de arrepiar...

Isto quer dizer que um sôpro intenso de civilização vai agitando a pasmaceira e estreitando as relações e a compreensão entre os indivíduos.

O sertão se aproxima cada vez mais da cidade, tornando a transição dia a dia menos nítida.

Boas estradas e boas escolas se multiplicam. A aviação, reduzindo a horas de vôo as distâncias mais carrancudas, vibrou um golpe certo nessa idéia de excessiva vastidão territorial, que, até certo ponto, nos enfastiava.

Saber que entre Manáus e Pôrto-Alegre não gastaremos mais de uma lâmina Gillete é mais animador que um compêndio de Moral e Cívica. O Brasil vai-se fazendo íntimo, familiar, à medida que cresce politicamente.

Será um milagre? Sim. O milagre de um bom governo.

Estamos próximos. Sentimo-nos uns, aos outros, na comunhão da vida nacional. Não somos mais como aquele gigante obeso que gritava a alguém, lá em baixo: Olá, amigo, mande me dizer se estou de chinelos ou de sapatos...

Em Goiaz, meu pôsto de observação, essa continuidade, êsse contacto se fazem maravilhosamente.

Goiânia agrupou os Municípios num raio idêntico de influência governamental. Estreitou-os em uma cadeia de interesses e cooperação mútuos. Temos à mão o café de Anápolis, o cristal de Pium ou o gado do Sudoeste.

Na ante-sala interventorial, apertam-se as mãos, frequentemente, o Prefeito de Itumbiara, o de S. Vicente do Araguaia, o de Baliza ou o de Dianópolis, extremos cardiais dêste colosso, que ali estão para prestar contas de sua atividade, e para, receber a palavra dêsse grande, dêsse extraordinário administrador cujo nome falo ou escrevo sempre com orgulho: Pedro Ludovico.

E para o meu Brasil e para o meu Goiaz eu sinto que um horizonte esplêndido se abriu.

Fui sempre um sonhador. Mas hoje sou um crente no valor profético dos sonhos, por que não está longe o Brasil, não está longe o Goiaz com que outrora sonhei.

Goiás ou Goiaz ?

— II —

Maria Paula Fleury de Godoy

Trouxe o número de setembro desta revista desprezenciosas considerações que achamos oportuno traçar em torno da incerta grafia do nome "Goiaz".

E terminamos as aludidas considerações fazendo um apêlo aos mestres da língua, nestes termos:

"Urge simplificar o estudo da nossa Gramática, esclarecendo casos duvidosos, fixando regras, suprimindo exceções, tornando, enfim, interessante, atraente e acessível a todos os brasileiros o perfeito conhecimento do idioma vernáculo".

Realmente, — como principal medida para facilitar o estudo do Português — se impõe fazer luz nesse caos da ortografia, em que tudo é certo e é errado, e em que ora é mistér respeitar a etimologia como divindade má e perigosa ("o demônio da etimologia"), ora é mistér desprezá-la, embaraço a mais o difícil manejo do idioma pátrio.

E, se volto a tratar do assunto que constitue a epígrafe deste artigo, é que me foi enviado, do Rio, um exemplar de "Brasil — Portugal", datado de 8 de outubro p.p., em que diz o douto professor José de Sá Nunes, em uma de suas eruditas lições, o seguinte: (1)

"O topônimo "Goiaz" só começou a escrever-se com "z" DEPOIS (o grifo é nosso) que engendraram a cerebrina regra de se grafar com essa letra as sílabas tônicas az, ex, iz, oz, uz, e que foi oficializada, quanto aos nomes próprios, pelo decreto-lei nº 20.108, de 15 de junho de 1931".

Mesmo que assim fosse, seriam quasi 13 anos de uso oficial obrigatório, que o decreto-lei nº 14.538, de 18 de janeiro do corrente ano, veio condenar, sem a menor vantagem prática.

Mas, tal não se dá. A grafia "Goiaz" é antiga, muito antiga, secular.

Antes de tudo vamos citar a opinião expendida por um nome de alto e incontestável valor nos domínios da filologia: Eduardo Carlos Pereira.

Em sua "Gramática Expositiva" (curso superior, cuja 1a. edição é de 1907), diz êle: (2)

"São oxytonos os vocábulos terminados:"

"7. Por z: rapaz, capaz, Goiaz"

E sugere uma medida, que ainda

é oportuna: "O z final indica geralmente syllaba tônica, e o s, atona".

"Seria de tôda a conveniência aproveitar-se ESSA CORRENTE PROSÓDICA (o grifo é nosso) em favor da unidade orthographica, e fixar o z para as tônicas e o s para as atonas", conclue aquele mestre da língua.

Ninguém mais do que nós acata e respeita a abalisada opinião do erudito professor Sá Nunes, o mestre insigne, admirado em todo o Brasil pelos seus estudos filológicos. Mas, nem por isso, devemos calar a nossa humilde voz, desde que, assim agindo, possamos contribuir para esclarecimento de ponto duvidoso, qual êsse da escrita do nome de nosso Estado.

Continuando, afirma o prof. Sá Nunes:

"nos documentos antigos se escrevia "Goiás" com "s", e não com "z". "Guayás e "Goiás" são formas encontradas em obras escritas no século 17 e no primeiro quartel do século 18".

Agora vamos dizer que é fácil, num rápido manuseio de algumas obras bastante divulgadas e geralmente conhecidas, verificar qual dessas grafias era mais generalizada através de três séculos de uso.

Só em fins do século XVII o Anhanguera penetrou os sertões de Goiaz, tendo, antes dêle, o sertanista Manuel Corrêa andado pelo Brasil Central, à procura dos "guayazes". E' o que reza a história.

Documentos datados do século XVIII trazem diferentes grafias do nome "Goiaz". E' certo, porém, como vamos demonstrar, que predomina a grafia Goiaz.

Rocha Pombo (3), repetindo Alencastre, anota "Goiá", "Goiás" e "Guayazes".

Na correspondência do Conde de Sarzedas com Bartolomeu Bueno da Silva (1732 — 1736) (4), publicada em S. Paulo pela Repartição do Arquivo Público (v. 41), vem repetidas referências ao "sertão dos Guayazes".

Ainda no mesmo volume vem o ofício dirigido pelo Conde de Sarzedas a Antônio de Sousa Basto, superintendente das minas de Meiaponte dos "Guayazes", em 8 de outubro de 1733; e, outro, dirigido pelo mesmo conde de Sarzedas ao dito Bartolomeu Bueno da Silva, em data de 9 de outubro de 1733, onde se lê "Goyazes".

A "Matutina Meiapontense", que se imprimiu a partir de 1830, na histórica cidade de Meia-Ponte, hoje Pirenópolis, e que publicava os atos oficiais de Goiaz e de Mato-Grosso, traz a palavra "Goyaz" uniformemente grafada com y e com z. (Mais de cem números consultados).

Max Fleiuss (4), historiando o aparecimento do primeiro jornal goiano, diz: "Os arautos do jornalismo em Goiaz foram Joaquim Alves e Cunha Mattos, fundadores da officina que, em 1830, imprimiu em Meia Ponte (hoje Pirenópolis), o primeiro jornal goiano — A Matutina Meyapontense".

E, páginas adiante, enumerando os jornais existentes no Estado, por ocasião do advento da República, entre outros, cita o "Goiaz", o "Jornal de Goiaz" e o "Norte o Goiaz".

August Saint-Hilaire (6), que esteve em Goiaz em 1819, publicava em 1848, em francês, a sua interessantíssima "Viagem às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goyaz". Em tôda a obra, traduzida por Clado Ribeiro Lessa, é uniforme a grafia "Goyaz".

Wappeus, em sua "Geographia Physica do Brasil", (7) escreve repetidas vezes "Goyaz". Também usam a mesma grafia Elisée Reclus (8) e o visconde de Taunay (9) e João Ribeiro, na sua admirável "História do Brasil".

O dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiros (10), em diversas passagens de seu trabalho "A escravidão no Brasil", usa a grafia "Goyaz".

Macedo Soares (11) emprega ainda a mesma grafia em seu trabalho "Estudos lexicographicos do Dialecto Brasileiro".

Americano do Brasil (12), um grande estudioso da história de nossa terra, em seus livros "Convívio com as traças" e "Summula da História de Goyaz" só escreve a debatida palavra com z.

Já Grivet (13), na sua velha "Nova Grammatica Analytica de Lingua Portuguesa", escreve "Goyaz" e aduz:

"A consoante z não é isenta da incerteza que dificulta o emprêgo de algumas outras letras".

Entre outros dicionaristas, Simões da Fonseca (14), Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso (15) Jayme de Seguiet (16) registam "Goyaz".

E todos êsses trabalhos e nomes que acabamos de citar, com exceção de dois apenas, são anteriores a 1931, data da citada lei nº 20.108.

Do que acabamos de dizer se verifica quão antiga e constante era a grafia "Goyaz".

E "se os topônimos de tradição histórica e secular não sofrem alteração alguma na sua grafia, quando já consagrados pelo consenso diuturno dos brasileiros" (17), eis o caso de se preferir

“Goyaz”, grafia solidificada em séculos de constante emprêgo.

Nem se diga que há desrespeito à etimologia na preferência dada à escrita de “Goiáz”, com z.

Pedimos vênia para transcrever trechos de um artigo, em que reputado autor esclarece bem a questão à luz da etimologia.

Diz F. Ferreira: (18)

“Ora, quem se der ao trabalho de compulsar os documentos oficiais que de 1723 a 1736 emaranharam dos governos de S. Paulo e da Metrópole, chegará fatalmente à conclusão de que a terra que hoje habitamos foi primitivamente povoada pelo índios Guayazes e não pela nação Goiá”.

“Com o perpassar do tempo já não se escrevia mais guayazes e sim goyazes que, como sabemos, é corrutela de guayazes, do mesmo modo que goiaba é corrutela de guaiaba”.

E adiante:

“Isso demonstra que o verdadeiro nome dos selvícolas que dominavam a bacia do rio Vermelho era primitivamente GUAYAZES”.

E continua em sua cristalina exposição:

“Nos meados do século XVIII, os documentos já começam a registrar ao lado da forma Goyazes, Guayaz, Goyaz, Goiáz, e mesmo (ainda é nosso o grifo) Goiás”.

“Houve os índios goyazes como houve também os goitacazes e se o singular dêste é goitacaz, o da-quele deverá ser . . . goiaz”.

E conclue:

“Talvez haja quem pretenda ver na palavra “Goiás” o plural de Goiá, nome da tribo que habitava as paragens que B. Bueno com tanto açodamento procurava”.

“Essa tribo nunca vimos mencionada em nenhum dos muitíssimos documentos oficiais que se referem aos descobrimentos do sertão dos índios guayazes. Apenas é citada ligeiramente por alguns cronistas, quando se referem à indômita raça que sucumbiu estoicamente, vitimada pelo chumbo de sapiedade e mortífero dos destemidos bandeirantes”.

“O patriótico governo de S. Paulo publicou no início dêste século todos os documentos históricos existentes no seu imenso arquivo. E’ nesse manancial, rico de ensinamentos e abundante de informações preciosíssimas, que os nossos estudiosos devem, sem *parti-pris*, indagar se o nome de nossa terra é o plural da palavra “Goiá” ou o singular de “goyazes”.

“Fora daí, tôda discussão é estéril; qualquer conclusão será vazia de lógica e despida de bom senso”. “Se aceitarem nosso conselho, verão que nos sobram justificados motivos para rejeitarmos *in-limine* a grafia “Goiás”, que, além de anti-estética, não traz o selo das fontes históricas”.

Muito haveria, ainda, que dizer sobre o assunto que está, realmente, desafiando a atenção dos estudiosos da nossa história e das questões vernáculas.

Mas, o que ficou explanado, linhas acima, parece suficiente para comprovar que “Goiáz”, longe de contrariar a etimologia, tem mais a seu favor, séculos de constante e uniforme emprêgo, justificando, certamente, a preferência que lhe devemos dar.

- 1) “Brasil — Portugal”, p. 2, de 8-10-44. — A Nossa Língua. José de Sá Nunes.
- 2) “Grammatica Expositiva” — (Curso Superior) Eduardo Carlos Pereira (11a. ed. 1921). S. Paulo. Secção de Obras do “Estado de S. Paulo”.
- 3) “História do Brasil” (p. 68, v. VI) Rocha Pombo.
- 4) “Documentos Interessantes para a História e Costumes”. (V. 41, págs. 75, 77 e 161).
- 5) “Páginas de História” (págs. 535 e 577) Max Fleiuss. Imp. Nacional. Rio. 1924.
- 6) “Viagem às Nascentes do Rio S. Francisco e pela Província de Goyaz”. A. Saint Hilaire. Série 5a. Brasileira. V. 78, da Biblioteca Pedagógica Brasileira. 1937. Comp. Ed. Nacional. S. Paulo.
- 7) “A Geographia Physica do Brasil”. Wappeus. 1884. Typ. G. Leuzinger & Filhos.
- 8) “Geographia. Ethnographia, Estatística. E. U. Brasil”. Elisée Reclus. Trad. e breves notas de B. F. Ramiz Galvão. H. Garnier, Liv. — Editor. 1900. Págs. 144, 145, 147, 148 e outras.
- 9) “Goyaz”. Visconde de Taunay. Ed. Comp. Melhoramentos S. Paulo.
- 10) “A Escravidão no Brasil”. (Ensaio histórico-jurídico social, parte II — Índios) Agostinho Marques Perdigão Malheiros. Typ. Nacional. 1867. Rio.
- 11) “Estudos Lexicographicos do Dialecto Brasileiro”. Macedo Soares (Revista Brasileira. Tomo IV, p. 257). Rio de Janeiro. N. Midosi — Editor. 1880.
- 12) “Convivio com as traças”. 1920. “Summula de Historia de Goyaz”. 1932.
- 13) “Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza”. (p. 516) A. Grivet. Typ. Leuzinger, Filhos. Ouvidor, 31. Rio de Janeiro. 1881.
- 14) “Novo Dicionário Encyclopedico da Lingua Portugueza”, organizado primitivamente por Simões da Fonseca, inteiramente refundido por João Ribeiro (p. 654, 1º v.). 1926.
- 15) “Pequeno Dicionário Brasi-

Olavo Bilac

Aos 16 dias de dezembro de 1865 nascia, no Rio, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac.

Dono de um talento excepcional, portador de vasta cultura e senhor de uma imaginação fertilíssima, Bilac sobressaiu-se em todos os gêneros literários que tentou. Mas foi como poeta, principalmente, que seu nome ganhou um lugar de relevo em nossa literatura.

Na primeira fase de sua poética Bilac exhibe um versejar irônico e esplendoroso, cheio de frescura e nostalgia, sem inquietações e sem dúvidas, cantando em estilo límpido e singelo. Epicurista, voluptuoso, simples, Bilac conseguiu agradar a gregos e troianos. Já na segunda fase, e em seu livro “Tarde”, no dizer de Teófilo de Andrade “um livro repousador com um breviário, que respira um ceticismo delicado e uma conformação como só podem tê-la os santos e os sábios”, Bilac, observa Ronald de Carvalho, “revelou uma face nova do seu espírito, preocupando-se com a finalidade humana, e dando maior amplitude, pode-se dizer uma largueza cíclica, à sua poesia”.

Deve-se ressaltar, ao ensejo, a conduta cívica de Bilac, um dos maiores propagandistas da causa do serviço militar obrigatório no Brasil.

A primeira edição de suas poesias compreendia três partes: — “Panóplias”, “Via-Latea” e “Sarças de Fogo”. Na segunda edição foram acrescentadas mais as seguintes partes: — “Alma Inquieta”, “As Virgens” e “O Caçador de Esmeraldas”. Deixou, ainda, o citado volume de sonetos: “Tarde”.

“A maior figura da maior escola de poesia que já floresceu entre nós”, na opinião de Teófilo de Andrade, Bilac faleceu no Rio, em 1918, dia 18 de dezembro.

© O homem não se realiza plenamente a si mesmo sem o esforço perene de um ser que a cada momento deve renascer para uma vida mais rica e mais independente da servidão às coisas e das tiranias interiores — LEONEL FRANCA

- leiro da Lingua Portuguesa de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso. (p. 509). Civ. Ed. 1939. Rio.
- 16) “Diccionario Pratico Illustrado de Jayme de Séguier (p. 1476), 3a. ed. rev. Porto. Liv. Chardron. 1931.
 - 17) “Brasil — Portugal” (art. cit. do prof. dr. José de Sá Nunes).
 - 18) “Questões Gramaticais” Goiás ou Goiaz? F. Ferreira.

POLÍTICA ESTADUAL

Goiânia e o desenvolvimento econômico de Goiás

Aquí estamos, à mesa de trabalho. Coisa simples, uma mesa: uma tábua lisa sobre quatro estacas. Só isto, não contando os arabescos. O mais, alguns pregos, goma, verniz, fechadura, gavetas.

Se, no entanto, a gente começar a "filosofar" acerca da mesa, as coisas vão se complicando e a mesa adquire dimensões incríveis no plano do pensamento. De onde veio a madeira, de que é feita? Parece que é de pinho. O pinho veio do Paraná, com certeza. Para o pinho ser bom é preciso ser do Paraná, onde as terras são boas para o pinho. Porque as terras do Paraná são boas para o pinho? Questão de geologia, de que nada entendo. No aproveitamento dos pinheiros operam empresas industriais e comerciais, onde há patrões e empregados. Esses operários têm um salário, os patrões têm os seus lucros, muita vez empregados e empregadores contendem, porque seus interesses colidem. E já estamos a pensar na questão social, em lei contra acidentes, em salário mínimo, em "trusts", etc. O pinheiro, para ser preparado e depois, transformado na mesa, ser transportado, exige ferramentas, veículos, gasolina, navio. E lá vêm as questões do petróleo nacional, da industrialização do país, da armamentação de nossas forças militares, do protecionismo, etc. Depois, há impostos a pagar, os impostos são rendas públicas, as rendas públicas servem para abrir escolas e hospitais, estradas e fomento à produção, agudes, estradas de ferro, etc. Afinal está aqui o móvel. E' ele uma peça indispensável, para nós. Sobre ele escrevemos a respeito de economia, direito, administração, política. O que escrevemos pode ser lido e seguido, e pode ser ruim ou ser bom. Pode ocasionar revolução, mudar o curso da história. E assim por diante. Dêsse modo, vendo a mesa "em si", não é ela sinão um traste de valor secundário. Encarando-a, entretanto, em sua origem e em sua utilidade, que de mundo de coisas sérias e graves ela não nos evoca?

Goiânia, cidade nova, obra de sangue e de vontade, de idealismo e de fé, plena de sentido, como tensido incompreendida e caluniada! Quantos te não injuriaram, dizendo que estás sugando as energias econômicas do Estado, que se vê entravado em seu progresso em benefício do teu! Oh homens de visão estreita que vêm a mesa como uma tábua lisa sobre quatro estacas e vêem Goiânia como uma simples porção geográfica coberta de casas! Como estão os homens necessitados



Interventor Pedro Ludovico

de filosofia! De filosofia, só? Não; de bom senso, de entendimento...

A frase de Paulo Augusto de Figueiredo se impõe, mais uma vez. "Goiânia não é para ser vista, mas para ser compreendida; não é um espetáculo para os olhos, mas um convite à inteligência; não vale pelo que é, mas pelo que significa".

Realmente: Goiânia, em si, é, ainda, uma cidade como centenas de outras que existem pelo interior dos grandes Estados. Mas, frizemos, isto é Goiânia "em si". Goiânia como cidade. Mas, como CIDADE (com c maiúsculo), Goiânia é outra coisa. Pelo que é, como expressão político-econômico-social, Goiânia é algo que se confunde com o destino mesmo do Brasil. Porque ela é o símbolo vivo da marcha para oeste. E a marcha para oeste é a estrada natural da civilização brasileira, o caminho, portanto, da nossa auto-conquista.

Que era Goiás, antes de Goiânia? Que respondam os goianos. Aliás, essa pergunta devem os goianos todos fazê-la toda a vez que os saudosistas falarem de volta ao antigo regime, aqueles que, em Goiás, não queriam saber de mudança de capital. Mas, que era o Goiás de então? Um simples gigante geográ-

fico. Porém:— um "gigante adormecido" no "berço esplêndido" de uma riqueza sem par. Terra, Goiás, que tudo poderia dar, "em nela se plantando"... Nela, todavia, só se plantou, àquele tempo, a herva daninha da politicagem. E as plagas de Anhangüera aí estavam, poéticas, mas desertas, perdidas...

Cadê gente, em Goiás? Cadê dinheiro, em Goiás? Cadê administração em Goiás? O gato comera. O gato comia tudo, Goiás não tinha nada. Cerca de apenas cinco milhões de cruzeiros eram as rendas do Estado, em 1930. Estado que, por isso, não valia economicamente nada. Porque nada vale, economicamente — e também politicamente e administrativamente — Estado sem renda, sem gente, sem administração.

Cadê o Goiás antigo, sem dinheiro, sem gente, sem administração, sem nada? Acabou-se. Porque o gato morreu. O gato era o demo-liberalismo, que criara aqui uma situação tal que o Estado não podia dar um passo para a frente. Quem matou o gato foi a Revolução. A Revolução matou o gato, aquele gato danado de unhas afiadíssimas que tudo surrupilhava. Pedro Ludovico calçou no gigante adormecido no bosque a bota de Goiânia, deu-lhe uma injeção de idealismo, e o Gigante se ergueu, majestoso, para gloriosas caminhadas.

Ninguém pode andar sem pés. E o pé do Estado é a economia. Mas a economia não anda por si. Nada anda por si. Não há movimento sem impulso. Os pés só se movem sob as ordens da vontade. O impulso em Goiás quem deu foi Goiânia. Foi só depois dela que começamos a ver municípios com rendas grandes, as rendas grandes dos municípios virando grandes realizações para as gentes dos municípios. Foi só depois de Goiânia que o Estado começou a se encher de gente, a ser cortado de estradas, a ser pontilhado de escolas. Foi Goiânia que provou lá fora que Goiás não era um simples motivo para histórias de onças. Foi Goiânia que trouxe para Goiás milhares de braços e capitais, capitais e braços que, irmanados, aqui operam, no sentido da nossa grandeza econômica. Goiânia, fato essencialmente político, foi a razão eficiente dessa situação tão boa em que se encontra a nossa economia nascente. Sem Goiânia talvez ainda tivéssemos uma capital rendendo menos de quatrocentos mil cruzeiros, o Es-

ÊRMOS E GERAIS

Guilherme Xavier de Almeida

Bernardo Elis. Eis aí um estilo que não anda à procura de um assunto. Um prodigioso poder de expressão, servido por faculdades perceptivas e creadoras fora do comum.

Terminando a leitura destes "Êrmos e Gerais", sentimos que acabamos de conhecer um grande escritor, que vimos de navegar no alto mar da verdadeira literatura. Aqui não há banalidade. Não há nada de convencional, de postiço, de "poncif". O encanto da prosa do sr. Bernardo Elis não se compõe daquelas "gracês difficilmente apprises", de que falava, se não me engano, Émile Faguet. Trata-se de uma vigorosa personalidade literária. De uma creatura que nasceu para escrever bem, como as mulheres belas, para seduzir, e os exércitos da Itália fascista, para correr. Fica-se admirado de encontrar um prósador tão novo e já tão senhor da sua maneira, dispondo de uma linguagem própria, original, personalíssima, que dispensa modelos e figurinos.

Desde as pequeninas dores, que ninguém observa, até os dramas pavorosos, que a todos arripiam, o sr. Bernardo Elis percorre a escala das mais variadas situações humanas, sem, jamais, perder a segurança e a naturalidade. A exemplo de Mérimée e Maupassant, êle não faz comentários às desgraças das personagens. Um certo ar rissonho de contar as tragédias mais amargas é que pode trair-lhe os sentimentos. O medo e a vergonha de se comover em público, ou diante de si mesmo, lhe terão sugerido êsse modo meio galhofeiro de contar as suas histórias de lágrimas, de fomes e de mortes.

O seu mundo é terrivelmente trágico. O sofrimento ocupa-lhe a maior parte. Parece evidente que

tado todo com os mesmos cinco milhões e municípios no norte — e os houve... — com setecentos cruzeiros anuais, o que significaria um Estado sem nenhum desenvolvimento. Não se diga que houve uma evolução natural das coisas. Porque não houve uma "evolução natural" das coisas em Goiaz durante quatrocentos anos, mas só depois que Pedro Ludovico construiu Goiânia?...

- © -

Oh homens de visão estreita que veem a mesa como uma simples tábua sobre quatro estacas e Goiânia como uma simples porção geográfica coberta de casas! Oral, oral todos os dias, pedindo a Deus que vos abra o crâneo e bote luz dentro dêle! Porque dizer que Goiânia está su-

o sr. Bernardo Elis não tem a menor pretensão a ser membro do departamento de propaganda do Creador. Mas, na apresentação de algumas paisagens e na pintura física de algumas figuras femininas, êle deixa entrever pedaços do paraíso.

Em alto grau, possui o dom da imagem. Com um traço rápido, nos corta na memória um lanho inapagável. Assim, no conto intitulado "Um assassinato por tabela", quando a mulher de Benício descobre que não fugira em companhia do amante, mas na garupa do próprio marido, que supunha morto, com a sua cumplicidade, a expressão de surpresa e susto de seu rosto é um quadro inesquecível: "Os olhos claros de Fulô tiveram um lampejo de lago perdido na mata, sob a luz vaga de uma estrela". Noutra história, uma cobra enraivecida nos aparece neste instantâneo: "Enroscou-se em bote, batendo a labareda da língua .

As páginas do livro estão cobertas de cintilações como essas, à semelhança da superfície de um pôço, onde a explosão de uma bomba fizesse flutuar centenas de peixes prateados.

E tudo isso não trai o menor esforço, o mínimo artifício. E' uma riqueza natural. A prosa do sr. Bernardo Elis arrasta ouro na sua correnteza, como o Pactolo da lenda.

Do ponto de vista gramatical, poder-se-ia julgar, ao primeiro relance, que o autor se afasta das normas usuais. Uma leitura mais atenta nos mostra, porém, que essa primeira impressão é falsa. Poucas inovações sintáticas se acham na sua linguagem. O vocabulário é que se opulenta de termos populares, de palavras mais usadas na conversação do que na escrita.

gando as forças econômicas de Goiaz é dizer bobagem. O contrário é que está se dando. Aqui, diferentemente do que sucede alhures — onde as capitais não representam sinão a última etapa de um processo econômico-social de desenvolvimento, — é Goiânia que se constituiu num comércio. Aqui, não foi a economia que determinou a política, esta é que, através de Goiânia, está informando a economia estadual. Lembrai-vos, oh homens de vistas curtas, que a história não caminha por si, mas pela mão do homem, e que aqui um homem, chamado Pedro Ludovico, está fazendo a história de Goiaz. Oral, oral pedindo a Deus para vos dizer porque Goiânia não é apenas uma porção geográfica coberta de casas . . .

Agora, nos diálogos, é diferente. As personagens, em geral matutos e sertanejos broncos, falam no livro como falam na vida. Com o sr. Bernardo Elis não se dará, por exemplo, o que se dava com o imortal autor de "Tropas e Boiadas". Recordo que um vaqueiro do nosso grande Hugo, contando como havia montado num cavalo bravo, usava esta frase: "Atravessamos num relance o sarobal, *ê ensaiet, atendo-me ao govêrno, encaminhá-lo para o pontilhão e voltar ao terceiro, onde todo o mundo andava atarantado*". Ora, um peão de boiadeiro nunca diria semelhante coisa. O homem erudito, o leitor dos clássicos lusitanos, inadvertidamente, com prejuízo da côr local, punha na bôca de seus heróis do sertão, frases próprias de gente civilizada. Ao sr. Elis é mais fácil acontecer o contrário. E, de fato, acontece. Embora muito raramente, êle escreve, às vezes, na linguagem falada pelas suas personagens. E, tomando familiaridades gostosas com a gramática, tem passagens assim: "O cujo baleado caiu ná-gua" . . . "E perguntou que brinquedo de cavalo que era aquele" . . . "espiando p'ro riba dêle", etc. . . A respiga, ainda que minuciosa, seria escassa.

O contista não se aparta, em geral, da verossimilhança.

Mas, no excelente conto "Pai Norato", estou suspeitando, "echotóu chuchpeitando", como diria o meu amigo dr. Aaderup, no seu português de escandinavo, que o processo de envenenamento usado pelo velho feiticeiro não daria resultado. O autor, aliás, está cansado de sabê-lo. Entendeu, todavia, e entendeu muito bem, que as credências do povo constituem sugestivos aspectos do sertão, que não devem ser desprezados.

Tomando o horrível para matéria da maior parte de seus contos e realizando obras de intensa beleza, o autor vem provar, mais uma vez, que para um grande escritor todos os temas são belos, ou, conforme doutrinava o velho Boileau: "Il n'est pas de serpent, ni de monstre odieux, "Qui, par l'art imité, ne puisse plaire aux yeux".

Depois de mostrar as suas virtudes de contista, em dezenove histórias curtas, o sr. Bernardo Elis se espraia num conto amplo e cheio de movimento, no qual, revelando a vida de uma pequena cidade do interior, com os tipos mais diferentes e reais, caracterizados com perfeição, êle revela, ao mesmo tempo, o seu poder para conduzir um grupo de personagens através de uma longa narrativa, despertando em nós a esperança de que vamos ter, afinal, um romancista goiano capaz de levar para o plano da arte, em telas vigorosas e largas, os dramas obscuros e remotos de nossos êrmos e gerais.



Entre as efemérides históricas de Dezembro avulta, pela sua significação político-social, entre nós, a que rememora a destruição do famoso "Quilombo dos Palmares", ocorrida neste mês, dia 5, no correr do ano de 1897.

Não tendo aprovado a escravidão dos índios, que se mostraram incapazes para o trabalho sedentário dos engenhos, situação em que degeneravam, e porque se necessitasse de capital humano para impulsionar a economia colonial, resolveram os reinóis substituí-la pela dos negros, que foi logo iniciada em larga escala e se patenteou, sob todos os pontos de vista, lucrativa, uma vez que o africano se revelou um elemento aclimatável à terra nova e dotado de insuperável resistência para os duros mistéres a que eram obrigados.

Encheu-se o Brasil, assim, de uma população negra a mais variada, a qual, transformada em mercaderia, era embarcada nos tumbeiros, da África para cá, sofrendo horrores, para aqui ser lançada nas rudes labutas das casas grandes, onde seu destino era carregar tristemente sobre os ombros o andor da cobiça, da maldade, do ócio e da vaidade dos seus senhores todo-poderosos.

Filhos livres das selvas, nostálgicos de sua pátria distante, muitos deles descendentes de nações

gloriosas e de estirpes de alta linhagem — inúmeros provinham da raça da Rainha de Sabá e do rei Selassié — os negros suportavam heróicamente o inferno em que viviam, mas não se entregavam, antes reagiam sempre, toda vez que se lhes apresentava ensejos. Afinal, com a invasão holandesa, na segunda metade do século XVII, estabeleceu-se no país, especialmente no nordeste, grande confusão, desta se aproveitando os pretos. Foi assim que 20.000 cativos conseguiram fugir e acampar nas faldas da serra da Barriga, no Estado das Alagoas, ali fundando a República dos Palmares, sob a chefia de Gangussuma, mais conhecido por Zumbi (expressão que significa deus). Ali acantoados, organizaram-se política e militarmente iniciaram uma guerra tremenda contra os brancos, saqueando-lhes as fazendas, libertando os companheiros ainda cativos. E surgiu a contra-reação dos colonos, que bem avaliaram o perigo do quilombo. A primeira expedição contra Palmares foi ordenada pelo Governador Geral, Francisco Barreto de Menezes, seguindo-se outras vinte e quatro, porém todas elas foram dizimadas pelos comandados de Zumbi. Por fim, em 1687, um valente sertanejo paulista — Domingos Jorge Velho, propôs ao então Governador Geral, Matias

Palmares - a Esparta Africana

Cunha, destruir Palmares, sob a condição de ficar de posse das terras e dos escravos. Proposta aceita, marchou Domingos Jorge contra os fugitivos, travando-se penosa e heróica batalha entre brancos e negros, que durou dez anos, para terminar com a vitória dos brancos, dia 5 de dezembro de 1697. Domingos Jorge Velho, entretanto, não conseguiu ficar com um só escravo, pois os negros que não morreram em combate suicidaram-se. Quanto a Zumbi, diz a lenda que, perdido, atirou-se do alto de um rochedo, mas hoje está provado que foi ele traído, tendo a cabeça cortada. Seja como for, êle se mostrou à altura do lendário gesto. Tão grandiosa e edificante foi a resistência dos negros de Palmares, em defesa de sua liberdade, que o historiador Fernandes Pinheiro qualificou aquele quilombo de "Esparta Africana". E Alfredo Brandão, fixando o sentido profundo da revolta africana, assim se exprime: "Esse drama, que se desenrola nas matas de Alagoas, no século dezessete, constitui o mais alto feito do heroísmo da raça africana, em nossa terra. E' o primeiro protesto do bárbaro sofredor, cujos olhos já começaram a se abrir à luz da razão, contra a prepotência e a tirania do branco. O primeiro grito de independência do Brasil, pode-se dizer, foi vibrado nas selvas alagoanas pelos negros revoltosos".

Fique o registo como uma homenagem ao valor da raça negra. Dessa raça que cimentou, em seus alicerces, o edifício da nossa economia. Dessa raça que, em Palmares, nos deu um exemplo admirável de bravura cívica e de grandeza moral. Dessa raça que, no símbolo de Mãe Preta, nos adoçou os sentimentos e nos encheu a alma de encantamento. Dessa raça que nos deu Henrique Dias, José do Patrocínio, Cruz e Sousa, Rebouças. Dessa raça que, em René Maran, vence aos brancos em pugna intelectual, ganhando famoso prêmio literário. Dessa raça que, nos Estados Unidos, prova que em nada é inferior à ariana. Dessa raça, afinal, a que tanto devemos e de que só temos motivos para nos orgulhar.

O meio é fruto do homem

Paulo Augusto de Figueiredo

Cada uma das várias ideologias existentes tenta, a seu modo, uma explicação do homem e do universo. Essas ideologias se traduzem, por isso, em diferentes sistemas de vida: as diversas ordens políticas.

O valor do homem e das coisas varia de teoria a teoria, de ordem a ordem. Conforme os princípios informadores de sua sociedade, o homem dará, assim, à vida, êsse ou aquele sentido.

Entretanto, a vida é uma só. Invariável no tempo e no espaço. E, se bem que seja a vida, isto é: — o meio de a tornar feliz, a preocupação máxima de toda ideologia, a verdade é que nenhum processo religioso, filosófico ou político ainda conseguiu atingir êsse fim, como o provam os inúmeros regimes de vida que, longe de a favorecerem, a têm contrariado.

Para que têm vida os homens? Para a viverem, é claro . . . Porém: como viverem a vida os homens? Como a viver cada homem?

Nesse como está o x dos problemas humanos na terra. Sim; o modo de viver a vida tem sido o motivo último dos tremendos conflitos em que se vêm empenhando os homens, desde o princípio dos séculos.

Uma coisa é tanto mais perfeita quanto mais essa coisa é, isto é, quanto mais pura, quanto mais de raça. Parece, pois, que o fim do homem deve estar em ser êle cada vez mais homem. Consequentemente, vivendo os homens em sociedade, o fim social a se ter em vista consistirá na consecução de uma sociedade autenticamente humana.

De que maneira, porém, conduzir o homem para o homem e fazer da sociedade um ambiente humano?

Mais: será possível o nos aproximarmos dêsse ideal de homens verdadeiros vivendo em uma sociedade verdadeiramente humana?

Também: Será bom, o homem? Não será êle o "lobo do homem"? Não será, sendo bom, passível de queda? Não será, sendo mau, capaz de redenção?

Ainda: Dependerá o homem do meio? Suas virtualidades se degenerarão ou se sublimarão segundo as condições econômicas, sociais, políticas ou religiosas do meio em que viva?

Finalmente: A vida se desdobra em terrena e extra-terrena? Será esta a verdadeira? Será aquela? Serão as duas? Devemos cuidar de ambas, se ambas existirem, ou sacrificarmos uma em benefício da outra, por ser uma delas mais merecedora de nossos cuidados?

Os homens têm vida para a viverem, sim. Mas para a viverem bem. E viver o homem bem a sua vida significa, sob o ponto de vista humano legítimo, vivê-la como homem.

A vida é curta, para cada um de nós; e para cada um de nós se tem constituído, aqui neste planeta, numa pequena tragédia, razão por que a soma das vidas individuais — a vida histórica dos homens — se tem expressado, através dos tempos, e geralmente, em termos de sofrimento. Sinal, isso, que a vida é má? Não. A vida não é má nem boa.

A vida é a vida, simplesmente; nós é que a tornamos boa ou má. A tragédia da vida apenas revela que temos vivido mal a nossa vida.

Mas porque temos feito da vida essa coisa intolerável? Porque não a temos vivido como homens. E porque não a temos vivido como homens? Porque não temos sabido ser homens. E não temos sabido ser homens porque de tudo nos temos preocupado, menos disso: — de ser homens. Temos olhado para cima e para baixo. Dominamos a terra e o céu. Só não dominamos a nós próprios, porque ainda não olhamos devidamente para dentro de nós mesmos. Conhecemos leis que regem o movimento dos astros e que determinam os processos de formação das coisas que estão no fundo dos mares. Até hoje, no entanto, ignoramos o meio de vencer as leis que regulam o nosso modo de ser homens.

Que é o homem, todavia? Sem dúvida é algo que está acima dos animais e abaixo de Deus. Algo cheio de grandeza e cheio de miséria. Algo que se prende à terra pelo pecado e se eleva a Deus pelo espírito.

Ora, se o homem é isso — essa possibilidade para o Mal e para o Bem, e se possui Razão — cremos que o sentido de sua vida estará em tentar vencer suas misérias e acentuar sua grandeza. Ser homem é ser o menos possível besta e o mais possível deus. O homem, pois, para ser, há-de procurar anular os seus impulsos egoísticos e desenvolver, ao máximo, as suas virtualidades boas. E todos os homens se orientando para o ser homem, a sociedade tenderá, consequentemente — tecido de homens, que é — a se transformar num todo humano, ou seja, numa ambiência adequada ao pleno florescimento de todos os homens. Assim os homens têm vida para fazer dela uma coisa agradável, e o meio de o conseguirem está em compreenderem que são feitos à imagem e semelhança de Deus, mas também muito semelhantes aos animais, quer dizer: — em compreenderem que são seres frágeis, mas capazes de aperfeiçoamento, êste dependendo de que vençam êles as suas fraquezas e ampliem a sua capacidade de grandeza.

Repitamos: o homem não é bom nem é mau. É uma possibilidade. Uma potência, capaz, em ato, do bem e do mal. O homem foi Cristo e foi Judas. Todavia, o fato de todos condenarem Judas e quererem Cristo mostra que Cristo é o polo a se atingir, a medida de nossa grandeza, a certeza de que o homem pode vencer o Mal e alcançar o Bem.

O mal, entretanto, não está somente dentro do homem. Está, também, fora do homem. Fora, não porque existisse nas coisas mesmas, mas porque os homens puzeram nelas a marca de suas misérias. Expliquemo-nos: — o mal, em origem, está no coração do homem, porém o homem cria coisas, e, como não se pode destacar o criador da criação, o mal se projetou nas coisas que o homem criou. Em uma palavra: — o mal, hoje, é também a lei, que exprime a ordem má de vida que os homens — não — homens criaram. Uma lei é apenas uma lei, mas os homens fizeram leis más, porque não se condu-

Nina Rodrigues

Também de Dezembro era Nina Rodrigues, nome de um sábio eminente, autor de estudos originais e muito sérios, que abriram ao nosso mundo científico novos e amplos horizontes, especialmente no plano das questões africanistas.

Nasceu, Nina Rodrigues, em Varagem Grande, no Maranhão, dia 4 de dezembro de 1862, e fez seu curso médico pelas Faculdades da Baía e do Rio-de-Janeiro.

Foi professor na Faculdade de São-Salvador, tendo deixado, entre outras, as seguintes obras: "As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil", livro que, na opinião de Afrânio Peixoto, "é uma fé de ofício de professor e de pensador fecundo e original"; "Nêgros criminais au Brésil"; "Os mestiços brasileiros"; "Des conditions psychologiques du dépeçage criminel"; "L'animisme fétichiste des nêgres de Bahia"; "O alienado no direito civil brasileiro"; "Os afri-

canos no Brasil"; "La folie des foules", etc., etc., além de inúmeros e importantes trabalhos publicados nas mais conceituadas revistas científicas do Brasil e do estrangeiro.

Figura de projeção mundial, Nina Rodrigues tinha suas produções acolhidas nos Anais de Brouardel e Lacassagne, e Lombroso sagrou-o "Apóstolo da Antropologia Criminal no Novo Mundo". Colaborou, entre outros, nos seguintes periódicos estrangeiros e nacionais: "Gazeta Médica da Bahia"; "Brasil Médico"; "Revista Médica de São-Paulo"; "Arquivos de Criminologia", de Ingenieros, Buenos Aires; "Annales d'hygiène publique et de médecine légale", de Brouardel; "Annales médico-psychologiques", de Ritti, em Paris; "Annales d'anthropologie criminelle", de Lacassagne, em Lyon; "Archivio de psichiatria e antropologia criminale" de Lombroso, em Turim; "Revista

Brasileira", "Jornal do Comércio", etc.. Era sócio efetivo e vice-presidente no Brasil da Médico Legal Society, de New York, membro honorário da Academia Nacional de Medicina, do Rio, e membro da Societé Médico-Psychologique de Paris.

Além de notável cientista, era Nina Rodrigues portador de um caráter ímpoluto, de que deu provas sobejas, corajosamente, em diversas ocasiões. Seus colegas o respeitavam, seus discípulos o veneravam.

Faleceu o notável brasileiro em Paris, dia 17 de julho de 1906, passando o seu nome à posteridade como um raro exemplo de homem de estudos, digno de servir de exemplo à mocidade.

● A fundamentação do Estado Nacional teve, como um dos seus fins, assegurar a soberania da nação, pela extinção dos totalitarismos, em ensaio, no território nacional. O seu próprio sentido ideológico é absolutamente inconciliável com qualquer extremismo, e, pois, é ele a melhor sentinela da ordem social cristã — LEOPOLDO AIRES.

ziram no mundo como filhos de Deus e sim como reis dos animais . . .

Se Cristo é o norte, a verdade, contudo, é que, conquanto todos o apontem como o fim supremo, a maioria não segue pela estrada que vai ter a Ele. Ou então o situam para além desta vida, numa outra vida sobrenatural. Separaram, êstes, dois planos, que se deviam harmonizar: o espiritual e o social, Cristo fora dêste, só naquele. E porque exilam Cristo desta vida, nela fica Judas, sozinho, sem freios, dominando os homens. O Judas que também existiu como homem e que tem feito do homem o lobo do homem e da sociedade um ambiente bélico insuportável.

A solução para os males terrenos estaria, desarte, a nosso ver, em se por em Cristo um ideal terreno realizável. Em, portanto, se ver no cristianismo uma possibilidade social que poderíamos transformar numa vivência social.

Se o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, se existiram os santos a provarem do que é capaz o homem em grandeza, porque não se crer possam os homens construir, na terra, um mundo digno dos homens?

Cristo deve ser o modelo. Ele, que foi o Homem-Símbolo, deve ser um símbolo para os homens: — símbolo do que pode o homem na terra. O que não impede aos homens que crêm no céu terem ainda a Cristo como um ideal para a outra vida.

O homem pleno, numa sociedade plenamente humana, aí a meta a se visar. Conseguí-la-emos? Talvez não; mas nos aproximaremos a mais e mais dêsse ideal se nos esforçarmos por ser homens autênticos, por ser homens em Cristo, com o que estaremos lutando para cristalizar em realidades sociais os princípios do cristianismo. Ser-nos-á lícito crer na vitória? Sim, e justamente porque existiu Cristo, existiram os santos, existiu Sócrates . . .

Mas: e o meio? O meio, à proporção que o homem vá sendo mais homem, há-de melhorar. Quando o homem for verdadeiramente homem, is-

to é, cristão, teremos uma economia cristã, um direito cristão, uma política cristã. Em suma: — uma sociedade cristã. Porque é o homem quem organiza a economia, quem faz os códigos, quem dirige a política. O meio é fruto do homem. Mesmo o meio físico, que o homem domina pela ciência. Contudo, aqui me refiro ao meio social, moral, espiritual. E' inegável que o meio pode influenciar o homem; mas, quando o homem é homem, domina ao meio. E' o homem que faz história. E o homem vale pela Razão, pelo Caráter, pelo Coração. Depois de Cristo e dos cristãos o meio social, moral e espiritual do mundo ficou profundamente alterado. Temos, hoje, outros exemplos sugestivos: a Rússia e a Alemanha. Há, na Rússia, um meio novo, criado por um homem novo. O mesmo se verifica na Alemanha. Se, pois, as ideologias marxista e nazista deram, na Rússia e na Alemanha, sociedades correspondentes — a bolchevista e a nazista — porque não se admitir possa o cristianismo, através do homem cristão, dar-nos uma sociedade cristã?

O homem bom dará uma sociedade boa. E o homem bom, o homem ideal, o homem — todo — homem, homem pleno, é o homem cristão. A sociedade cristã seria, destarte, o objetivo de uma política redentora. Caimos, assim, no problema do Estado. Sim; a Rússia e a Alemanha mostraram que a tarefa, em princípio, há-de caber ao Estado. Êste há-de ser intervencionista: não intervir sobre o homem, mas intervir para o homem. Alguns homens cristãos, apenas, no regime social contemporâneo, pouco poderão fazer, pois a sociedade está articulada de tal modo que eles não podem fazer face às forças contrárias. Ao Estado incumbirá reestruturar as ordens sociais de existência coletiva de modo a criar situações que garantam aos homens o se orientarem nos caminhos do cristianismo. O Estado é uma técnica de construção do povo, um instrumento de realização do homem. O homem-cristão pode criar o Estado cristão e, através dêle, realizar-se como cristão.

Influência, imitação e um desvio da crítica

Domingos Felix de Sousa

Sobre o romantismo brasileiro — Alencar e Franklin Tavora — O Espírito da crítica brasileira — Alma russa e o espírito de nosso povo — “Imitadores, filiados, copistas, todos os nossos autores são julgados” — Yvan Pedro Martins e Steinbeck — Da imitação

Nada tão superficial como filiar todo o nosso movimento romântico à influência francesa. Ou a outra qualquer influência, que não seja intrinsecamente nossa, diretamente emanada da força da terra e do espírito do povo.

Se o grande romance, o romance integral — como retrato aproximado da vida e como veículo de verdades — é o de gênero psicológico, tão comum em nossos dias, a psicose manifestada, ainda que superficialmente, em nossas obras românticas, é essencialmente brasileira, na representação de seus contrastes humanos, em suas ambições impulsivas, em seu comodismo natural, sua eterna revolta latente, seu ceticismo nervoso, e em sua mística, menos teísta que fetichista — na emanção mansa de uma idolatria quasi selvagem.

Se herdamos no sangue êsse plasma humano, por circunstâncias sociológicas conhecidas, e êle se desenvolveu em nós, integrando nossa demo-personalidade, êsse plasma é nosso, natural em nós, embora se pareça com o espírito social de outros povos, bem ou mal retratado em obras de outros autores, aos quais se filiam os nossos; ou, mais explicitamente, aos quais os nossos vêm sendo filiados.

Hábito, caráter e costumes brasileiros, estritamente brasileiros, embora de fundo superficialmente colonial, têm sido, desde as “Memórias de um sargento de milícias”, retratados no grosso mais representável de nossa literatura. Com fidelidade; de maneira natural e inconfundível. Mas é preciso, no espírito de crítica brasileiro, arranjar-se algum povo, com algum escritor, que tenha vivido e criado antes hábito, caráter e costumes semelhantes.

Tenho lido muito, e conscientemente, os nossos humildes e soberbos ficcionistas românticos. Conscientemente, procurando-os onde quer se encontrem êles. A's vezes com deslumbramento, sincero; e muitas vezes, sinceramente, com fastio. Mas sempre com a mesma compreensão. Muitos chamam Alencar superficial e banal; errado mesmo. Muitos procuram nele os rastros de Fennimore Cooper (Inutilmente, no caso). O mesmo di-

zia ou pensava dêle o simbólico Doutor Caneja, de Artur Azevedo. Ainda com o desejo de filiá-lo, há quem lembre o indianismo filosófico-religioso de Chateaubriand. Mas se esquecem, ou não chegam a notar, que — no indianismo de Alencar há, tão somente, côr e alma local.

Demais, nem se lê Alencar antes de julgá-lo. Ao menos não se o lê integralmente. Alguns sôbre êle discorrem, largamente, sem outra autoridade e fonte que a de uma leitura febril do “Guaraní”, aos catorze anos; ou a leitura emocionada dos “verdes mares . . .” de tôdas as antologias. Mas para ninguém existe um Alencar (algo feminino, sim, mas curioso, e mesmo admirável) fixador fiel de costumes bem brasileiros, abrangendo tôdas as nossas regiões etnicamente características. E mais: o Alencar que estudou e reconstituiu, ainda que muito românticamente — defeito de escola e não pessoal — algumas de nossas mais frisantes psicoses da massa, nitidamente brasileiras Humilde, mas corajosa iniciação sociológica.

Vamos ler Alencar atentamente! Ainda há pouco, sôbre êle escrevia Roberto Alvim Correia: “Foi o mais lírico de nossos prosadores, o romântico José de Alencar, quem, com seus admiráveis afrescos, incorporou à literatura romanesca todo o esplendor de nossa natureza tropical”. Falta alguma coisa, mas o que aí está é verdade.

Depois, quem é que leu o rústico e idílico Franklin Tavora, tão simples, despretencioso, mesmo errado, às vezes, mas tão naturalmente objetivo, tão alma da terra e da gente, que até o sentimos real, mesmo sem conhecer o seu longinquo Norte? (Embora o grito de *romancista ao Norte!* haja soado mais de trinta anos depois . . .).

Não gosto de citações e apreciações fatigantes.

Julgo, no entanto, como um velho mestre e amigo pessoal — que jamais escreveu livros, mas sempre teve um julgamento reto — que o essencial é ler muito, completamente (ainda que superficialmente), “mesmo o desconhecido e o desprezível” (sic), antes de emitir nosso julgamen-

to sôbre determinado assunto. E nunca nos reger, quanto ao senso crítico, pelo princípio do “*magister dixit*”, seja para a recepção seja para a opção.

Embora a crítica dos críticos seja um caminho, e, bem orientada, uma moldagem de idéia necessária, e essencial, devemos julgar segundo nossa própria apreciação. Principalmente antes de atacar. E ainda, muito especialmente, antes de emitir ou passar adiante um juízo genérico. Não se julga uma escola nu'a linha; dificilmente se resume um autor num conceito; e, para se julgar um de seus livros, não se precisa filiá-lo a outro autor.

Ou vamos ao fundo, no conhecimento de causa, ou melhor será não nos considerarmos aptos ou autorizados para o julgamento. A superficialidade é um desvio criminoso, e, no entanto, em todos os ramos do conhecimento humano, o que mais se conhece e repete são os julgamentos e as conclusões superficiais.

E nem só aos românticos assim se julga.

Há, necessariamente, muita falsificação, muita busca de universalidade, em alguns ou nalgumas obras. E isso levaria, fatidicamente, não só à filiação, como à imitação mais servil, ao copismo. Mas “nossos grandes romances são aqueles que alienta os caracteres e os costumes peculiares à nossa terra, sem deixar de ser por isso, naturalmente, universais”. Diria melhor: sendo por isso mesmo, universais, pois verdade é que os romances serão tanto mais universais quanto mais presos ao espírito da terra e à alma da gente, na região em que são concebidos.

Infalível entre nós a filiação de nossas obras a escolas e autores estrangeiros. Nesse caso temos a proclamada influência russa, mais recente, e frisada por Stefan Zweig. Reconhecemos, em parte, o assêrto, tomando para nós o direito de fazer uma distinção: as características russas, encontradas em alguma parte de nossa ficção, não tem sido fruto de uma imitação servil, nem mesmo uma filiação integral; foi antes, um encontro de caminhos, por parte de alguns de

nossos autores, que dirigiram imediatamente as suas vistas e sua literatura para o sentido social, fator essencial de todo o grande romance russo.

Interessante notarmos a coincidência de tipos, retirados do plasma popular dêsse distante povo eslavo, com o nosso homem característico. Bem pensado, vemos no antigo mujique o mesmo caboclo escravizado, atavicamente enraizado à terra, numa submissão dolorosa aos senhores.

Em qualquer região do Brasil, o homem da terra, no fundo, é o mesmo. Os mesmos problemas, a mesma revolta feita submissão, o mesmo espírito. O mesmo heroísmo de enfrentar custosamente as durezas de cada dia. O mesmo patriotismo a se manifestar no momento preciso, ao longo de uma curta história; a mesma submissão humana, envolta numa revolta latente, o mesmo atavismo, transformado em humilde paixão — o mesmo homem, que, buscado em suas fontes originais, é massa poderosa e fácil de transformar-se em heróis universais, dentro da literatura. Não foi assim na Rússia?

Até o mesmo misticismo do mujique, ressalta no espírito de nosso homem. Um misticismo profundo, todo sangue e alma, profundamente humano, quasi fetichista, como o misticismo russo, onde a palavra do Evangelho talvez tenha encontrado a sua mais profunda base natural. Talvez por isso tenha Dostoiévski dito de seu povo, em "Os Possessos": "Sabeis qual é, na terra, o único povo que será chamado a regenerar o mundo, e a salvá-lo pela invocação de um Deus, o único povo que possui as chaves da vida e da palavra nova? . . . Pois bem, é o povo russo".

Para nós, dentro de nossos grupamentos humanos, o que encontrou profunda base foi o fetichismo negro, nas suas manifestações cristianizadas de fé, transformando-se na devoção idólatra pelos santos, que é a forma como o homem do povo reconhece a religião. Mas a moral evangélica é profundamente enraizada.

Demais, para os que não sabem ou não podem compreender o Cristo em sua essência, a submissão não será mais emanada do espírito do Evangelho que da impotência do corpo e do espírito?

Sómente a paixão alucinada do russo de um sensualismo doentio, a extravasar-se por todos os meios de evasão, sofre seu contraste com o nosso povo, que, apesar de profundamente, é terna e calmamente sensual. Entre nossa gente, o excesso passional ainda é uma perversão, uma tara mórbida.

Dentro dos dois povos, ressalta um homem eternamente revoltado contra a autoridade temeroso dela. O russo revolta-se, e ergue a mão fechada, disfarçadamente. O bra-

sileiro se rebela contra a injustiça, e sorri cético, expressando seu protesto em chalaças. E de vez em quando, num levantamento profundo de massas, se ouve entre os dois chamar à autoridade estabelecida: "fraqueza do governo". Leia-se Euclides da Cunha, e leia-se Dostoiévski.

Ainda outra afinidade: "O espírito russo, o gênio do povo russo, é talvez o mais apto, entre os demais, a acolher a idéia da união e da fraternidade universal", (Dostoiévski, Diário de um Escritor). Não poderíamos repetir essas mesmas palavras em relação ao brasileiro?

E o romance russo reflete êsse climax temperamental, dentro da escola naturalista. Aliás, é êsse climax humano a característica essencial da ficção russa, em geral, porque a literatura russa nasceu e permanece essencialmente naturalista, embora desvirtuando dos princípios primários dessa escola, ou melhor, desviando-se dêles, para buscar as características de seu plasma humano. Assim avançou para dentro de um forte realismo, de tendências cristãs — diríamos melhor, evangélicas.

Lutando por refletir, dessa forma, fatores idênticos, êsse naturalismo tão humano do romance russo do século passado encontraria um eco natural dentro da ficção brasileira. Não foi uma imitação servil, da parte de ninguém. Na verdade, não temos nenhum romancista que diretamente se aproxime de Dostoiévski, ou de Tolstoi, apesar de, em todos os inquiridos que se levantam, termos sempre, como resposta infalível para determinada idade: ". . . e então descobri Dostoiévski . . . devorei por essa época as péssimas traduções de Dostoiévski . . . Dostoiévski abria para mim um mundo diferente daquele que encontrara até então, em qualquer literatura". Era decerto o mundo já entrevisto por todos nós, em contacto com o nosso homem, que tanto demorou a entrar em nossa literatura, integralmente, arrancado da terra.

Será, assim, o caso de estudarmos nesse encontro, antes de uma imitação vulgar, um tema sociológico: afinidades humanas, psíquicas, morais, do espírito eslavo e de nosso espírito para-ariano. Teríamos com isso chegado a uma conclusão mais honrosa para nós: o que os nossos autores buscaram, e vêm buscando, no naturalismo russo, é o encontro de seus verdadeiros caminhos — a alma de nossa terra e de nossa gente.

Ninguém apontará, entre nossos escritores, uma sombra de Tolstoi, ou de Dostoiévski, como ninguém dirá: êste é um Gogol, essoutró Averchenko, aquele, Puchkine. Na encruzilhada, nossos romancistas acharam quem lhes apontasse o verdadeiro caminho; correram em busca da terra e do homem, e dei-

xaram atrás, na sombra, sem sequer lhes recordar o nome, aqueles que lho tinham indicado.

Imitadores, filiados, copistas, todos os nossos autores são julgados. A necessidade de filiação e servilismo intelectual se estende, no Brasil, da parte da crítica, a todos os autores, de tôdas as épocas. Qual é o escritor nosso, de qualquer plano intelectual, que não se *pareça* com algum espírito criador extrafrenteiras? A isso não escapam nem os nossos intelectuais do tipo do . . . Doutor Caneja. Ainda ultimamente, um rapaz malcriado do Sul, Yvan Pedro Martins, publicou um livro de todo impregnado da alma dos pampas — "Fronteira Agreste". Pois bem, o romance, não tinha ainda sido levado ao prelo, e érico Verissimo já o fichava solenemente, pontificando: "tem a força e a paixão de um Steinbeck". Slogan de propaganda comercial, simplesmente. Não chega a ser uma filiação, mas é uma aproximação, o que dá na mesma, visto a evidência de Steinbeck, que deixará na sombra o escritor que lhe aproximaram. Aliás, John Steinbeck jamais escreveu u'a linha sequer que de longe se parecesse com os conflitos humanos e telúricos dos pampas. Mas Yvan Pedro Martins revela, em seu livro, ter a força e a paixão de Steinbeck; e, agora, tôda a crítica nacional vai estudar John Steinbeck para falar sobre o autor de "Fronteira Agreste".

Mas, ao fim de tudo, temos de reconhecer que nada mais natural, e mesmo eficiente, que a imitação. Ela cria, entre outras vantagens, o lugar comum. E o lugar comum é um rico e aproveitável substrato para a abalização de nossas idéias, de nossos conceitos, de nossas criações. Isso sem ironia. O lugar comum é um rico patrimônio . . . comum. O desvio é que é pessoal, mas o substrato . . . é a base. O mesmo Roberto Alvim Correia, citado acima, entre outros termos de que podemos discordar, emite o seguinte conceito sobre a imitação e o afilhadismo intelectual: "Não recebem os jovens deixar-se influenciar pelos predecessores, se presentirem nisso algum proveito pessoal. Não imitem por imitar, mas para encontrar o *próprio caminho*. Vários dêles lhes foram abertos (fala de predecessores em nossa literatura, principalmente da escola naturalista). Não procedam êles deliberadamente, mas obedeçam a propensões íntimas. São as únicas essenciais. Todo escritor, sábio, artista, todo homem depende de outros, de tudo. Libertem-se, portanto, os jovens, do complexo endêmico em certa idade, de imitação, imitando como convém. Saibam antes discernir nas afinidades, quando existirem, indicação preciosa. Se os medíocres têm boas razões para receber imitar, o escritor digno de interesse, domina, co-

SÚPLICA

Senhor, culpai a mim, tende clemência.
Sou eu o pecador, o corrompido . . .
Recêia sobre mim cada gemido
Que minha filha dá, na inconcência !

Fazer sofrer, no inferno da existência.
Um pequenino ser, desprotegido
Da faculdade de ser compreendido,
É ter poder e usar de violência !

Que esperais ter de mim, como hipoteca,
Na cessação da dor dessa pequena
Que aos poucos vai ficando enfraquecida ?

Que fique sobre os ombros de quem peca
O dever de pagar pena por pena
Neste Vale de Lágrimas da Vida !

RÉGIO TEIXEIRA

mo que invade com sua personalidade, a matéria, o assunto fornecido por outro. Não passam êles de pretexto para que se externe. Quem imitou mais que Shakespeare, Lope da Vega, Molière, La Fontaine, Racine? Quem mais o repetiu e imprimiu do que êles? Há imitações e imitações. Como diz Alberto Thibaudet, numa de suas crônicas tão sugestivas: "Victor Hugo, à trente ans, imite Walter Scott, et il écrit "Notre Dame de Paris". A cinquante ans passés, il imite Eugène Sue et écrit "Les Misérables". C'est l'imagination qui allume l'imagination. C'est une imitation par l'extérieur, un mouvement et un décor qu'un romancier suggère a un autre romancier, et où celui-ci met son âme. Toute imitation féconde est une imitation superficielle, l'imitation d'une, forme d'un dehors, et plus il est accessible a cette imitation, plus il rayonne d'une nature générale. Racine, qui est le maître de l'intérieur, n'a pu être imité que par des froids pasticheurs".

Todos nós já lemos isso em outra parte. Mas o original aí é a citação de imitadores de fora de nossas fronteiras, e de plano superior. O que é um ato de coragem crítica equivalente à recente atitude de seu mestre A'lvaro Lins, no caso Rebeca-Successora, demonstrando que, afinal de contas, uma apreciada romancista inglesa pode imitar (demais) uma simples escritora brasileira; ou, retificando: uma simples escritora brasileira pode ser plagiada, literalmente, por uma apreciada romancista inglesa.

Não é preciosismo nacionalista de minha parte, essa atitude de defesa. Mas é uma atitude errada, um desvio de nossa crítica, essa procura angustiosa de padrões para neles encaixar tôda a literatura brasileira. Parecer não é ser

igual. E, no entanto, é flagrante no espírito de crítica brasileiro, êsse prazer quasi sádico em deshumanizar, descentralizar as criações de nossos autores, levantando cuidadosamente questões sobre filiação a determinados escritores estrangeiros; ou ainda, concepção semelhante, ou para-similante, desvios eventuais, correntes imprecisas, escolhas. É preciso, para que haja uma obra nacional, ter havido outra, venha de onde e de quem vier, mas — condição imprescindível — brotada de um espírito de fora de nossas fronteiras. Dessa nossa interessante concepção pessimista sobre as criações dos autores nacionais, dimana tôda a nossa escola de crítica. (E querer-se ainda criticar, acerbamente, a crítica de Grieco, por haver êle, com um mesmo estudo, publicado em épocas diferentes, apreciado a personalidade e a obra de um francês e de um brasileiro!).

● O muito que avançamos foi um avanço desassombroso no campo do realismo econômico, graças a uma técnica de govêrno que assimilou o que havia de mais objetivo e de mais seguro no progresso científico do século. Quebramos uma rotina de politicagens e politiquices, que fôra sempre farta em plataformas eleitorais, exibições retóricas de parlamentares e reformas políticas baseadas mais em teorias do que em realidades nacionais. Hoje, buscamos necessidades concretas, condições econômicas, fórmulas práticas de govêrno que correspondam às exigências da vida e do trabalho e que possam criar elementos reais de progresso — à margem das discussões doutrinárias e das controvérsias de partidos — ALMIR DE ANDRADE

Letras Goianas

Continua o Interventor Pedro Ludovico a dar mão forte aos nossos intelectuais, com o que vai estimulando, de maneira louvabilíssima, o gôsto pelas belas letras. E, seguindo o exemplo do illustre estadista, o prefeito Venerando de Freitas Borges também continua em uma tarefa digna de encômios, em favor da literatura goiana.

Podemos anunciar, assim, e com prazer, para muito breve, mais dois trabalhos de autores goianos: — "Goiânia", monografia do sr. Gerson Costa, ensaio premiado em concurso promovido pela Academia de Letras de Goiaz, quando dos festejos do Batismo Cultural de Goiânia, mandada editar pelo Estado; e "Rosais do Silêncio", obra inédita do saudoso escritor Americano do Brasil, que o sr. Governador da Cidade mandará publicar pelos cofres da municipalidade.

O trabalho do sr. Gerson Costa, diretor geral do DEIP, é uma obra descritiva, de grande interesse, sob o ponto de vista histórico, eis que nele se contêm elementos de informação os mais úteis para os que desejarem conhecer a biografia da cidade-menina. O livro de Americano do Brasil é do mesmo quilate dos outros conhecidos do notável goiano, o que dispensa maiores comentários.

Ao sr. Interventor dr. Pedro Ludovico e ao prefeito Venerando de Freitas, os nossos calorosos parabéns.

● A Constituição de 10 de Novembro não é agnóstica. Ela reconhece idéias e valores, e retira-os do forum da livre discussão. São valores indiscutíveis, porque constituem condição da vida nacional. Se, com isto, um fútil intelectualismo é privado de dansar em público com certas idéias elegantes e suspeitas, a Nação ganha em substância, em consciência de si mesma, em tranquilidade, em bem estar e segurança. — FRANCISCO CAMPOS.

E disse o Senhor: “Não é bom que o homem esteja só...”

Gênesis, cap. 2, v. 18

José Sizenando Jaime

Primeiros tempos do Paraíso...

A noite chegava ao término.

Dormia a natureza. Porém, a aurora começava a ruborizar o céu. O nascente, que de princípio se mostrava aos olhos como recanto pequenino e louro, foi pouco e pouco lavando-se de áureos fulgôres. E aquele doirado clarão, de início insignificante, aumentou aos poucos, cresceu, agigantou-se e, num momento, abraçou todo o céu, de onde esmaeciam, uma por uma, as estrelas.

Amanhecia . . .

De uma calidez aceitosa, o sol derramou catadupas de luz sôbre o Eden, que a este tempo já se encheria de rumores desconhecidos, de vozes confusas, de gorjeios misturados, numa glorificação selvagem à vida.

Um raio brinçalhão do astro nascente, coando, de-socapa, por entre as franças de austero arvoredado, veio refletir em cheio no rosto do primeiro homem, que dormia ainda, deitado num como ninho, formado pelo trifurcamento do grosso tronco de vetusta árvore, secular rainha daquela selva.

Molestado pelo fulgor insólito da luz solar, o Homem mexeu-se todo, pronunciando palavras sem nexos. Depois isto, descerrou as pálpebras, espreguiçou-se numa voluptuosidade animal, boquiabriu-se e entrou a olhar longamente, abstratamente, para a fronde da árvore, através de cujas fôlhas se percebia o firmamento opalino.

Voltando ao sentimento, levantou a alma ao Criador em singela oração, saltou à terra, que mais parecia branda alcatifa, tantas eram as flores e relvados que a tapizavam de todo em todo, e tomou por um carreirinho entre a verdadeira. A cada passo dado, trescalava o ambiente com as florinhas que o Homem esmagava sob os pés.

Dava essa vereda para um lago, cujas águas límpidas se iriavam à luz alvinhenta do Sol. Estacou êle na beira, reparando nos enormes crocodilos e jacarés, que de quando em quando emergiam, pondo à mostra a ossuda cabeça e dando rabanadas barulhentas. O Homem atirou-se na água, sem se despir, porque não tinha roupas, e banhou-se entre anfíbios, então inofensivos como os demais habitantes do Paraíso, onde o mal inda

não suscitara ódios e invejas, rapinas e traições.

Após do lavacro sentiu fome. Seguindo por uma senda, andou pela selva, e dentro em pouco eiló sentado na alfombra relvosa, saboreando maçãs e uvas, peras e bananas, figos e romãs.

Satisfeito, levantou-se dali e rumou floresta a dentro.

A' proporção que avançava, maior era o borborinho, a atividade no seio da mata edênica. O lugar aonde se dirigia o Homem como que era o centro abscondido do Paraíso, o *habitat* preferido de animais e aves.

Ao alcançá-lo, chegava o Sol ao zênite.

As árvores aí, distanciando-se, formavam clareira. O murmurinho intenso, inarrável. Animais e aves, os mais diversos por índole, raça e espécie, ali eram encontrados, alimentando-se uns, espairocendo outros.

Uma concórdia sem intercadências, u'a mansidão afetuosa os reunia a todos. O Paraíso inda era paraíso . . .

Leões e vitelos, leopardos e corças, lobos e carneiros, ursos e bácoros, dormiam à sesta, paredemeias, sem rancor, sem ódio.

Pavões soberbos, patos, gansos, galos multicores, galinhas, emas, perús vistosos, seriemas, avestruzes e inúmeras aves outras cirandavam pelo relvado, procurando o sustento numa palrice álaçre.

Pássaros de plumagens coloridas vojavam de árvore para árvore, levando biscoitos aos filhotes.

Continuou o Homem a andar, e tudo se lhe antolhava belo e agradável. Uma flor que trescala; um animal que lhe vinha rojar aos pés, manso e obediente; uma avezinha que pipilava, quando da sua passagem dele, era-lhe ocasião de atrativos novos.

Sentia-se o Homem feliz naquele meio em que Deus o colocara, pejado de prazeres e de vida em pletora.

Entardecia.

O Homem entrou de refazer o caminho.

Os animais, pressentindo a noite, alestavam-se para dormir e, num vozerio confuso, chamavam pelas companheiras. Balava o carneiro; mugiam os bois; cervos soltavam aulidos saudosos; esquilos

marinhavam, prestos, árvores acima, juntando-se aos pares; guinchavam os micos; grandes macacos acariciavam as fêmeas.

No mundo dos pássaros vai a mesma azáfama: rolas turturizam; arrulham as pombas; gorjeiam rouxinóis. Os corvos, crocitando, baixam-se das alturas.

A pouco e pouco se aquietava o Paraíso.

O Homem ia avante, avante, observando interessado os animais e aves, que se reuniam sempre aos pares, prodigalizando os machos carícias afetuosas às companheiras. Este fato calou-lhe fundo n'alma, e posto de parte, a cada instante surgia-lhe vivo defronte os olhos do espírito.

Escurecia . . .

O Sol, muito louro, de há muito transmontara.

Ao lobrigiar o refúgio onde tinha costume de recolher, o Homem se deteve.

Perto, um ribeiro cascadeava. Para aí se dirigiu êle. Pedras, em alpondras, surgiam à flor d'água, numa distância mínima do abismo onde o riacho, engargalado, se projetava.

O Homem sentou-se numa dessas pedras e caiu em profundos cismares.

Veio-lhe à lembrança o repouso do Eden . . . e aquilo . . . os animais, dois a dois, dispensando-se carícias mútuas.

Meditou horas e horas . . .

E um sentimento desconhecido, não vulgar, misto de saudade, de tristeza e desejos de ternura, abraçou-lhe o ser inteiro e pungiu-lhe a alma. Foi então que, do íntimo peito, lhe brotou um suspiro, o primeiro, longo e sentido.

E o Homem chorou . . .

A Lua, que surgia branca e radiosa, veio beijar-lhe em cheio os olhos, onde as lágrimas, irizadas, brilhavam quais custosas gemas.

E, pela primeira vez, sentiu-se infeliz.

O Homem descobrira, enfim, que vivia só, que não tinha companhia como os demais seres . . .

Não exclusivamente quando tem o seu território sob o domínio estrangeiro é um povo escravo. Póde ser escravo também pelo sentimento e pelo espírito, quando, *mesmo politicamente livre* permanece *ausente* da pátria, pela submissão a ideologias estranhas. O ser nacional só é quando é em corpo e em espírito. Um povo sem sentimento nacional, sem idéia nacional e sem vontade nacional, não é um povo livre. Só é autenticamente livre o povo que, sôbre ser proprietário do sólo que ocupa, é, ainda, senhor de sua alma — PAULO AUGUSTO DE FIGUEIREDO

BOLETIM DO TRABALHADOR

O trabalho nas penitenciárias

MOZART SMITH CAMARGOS

Quando de nossa excursão acadêmica ao Distrito Federal e aos Estados de São-Paulo e Minas-Gerais, tivemos ocasião de constatar, *in-loco*, algo que nos surpreendeu, principalmente no tocante às penitenciárias das aludidas unidades federativas.

Realmente, já podemos dizer com orgulho de bons brasileiros, que o nosso regime penitenciário nada fica a dever ao dos demais países civilizados, porquanto, a obra que se está consolidando em nosso meio é daquelas que engrandecem um povo, que imortalizam um governo.

Se nos lembrarmos das velhas masmorras, como exemplo comparativo, onde a única atividade do detento consistia no cumprimento desumano de sua pena, veremos, por longas décadas, quão falho era o princípio coercitivo, originando mais o rancor, o ódio, a sede de vingança, do que a almejada regeneração.

Os crimes se sucediam, os criminosos após o término da pena, revoltados contra a sociedade e as leis, tornavam-se reincidentes — tal a brutalidade com que eram tratados no longo período de encarceramento.

Mas, para felicidade nossa, os brasileiros temos dentro do peito a herança da piedade cristã e, por isso, não seria crível que a solução desse magno problema permanecesse relegada ao esquecimento.

São-Paulo, pioneiro dos grandes movimentos, edificando a sua penitenciária dentro de sua própria Capital, deu um passo avançando, revolucionando o velho regime, podemos dizer e sem alarde de vaidade nacionalista, em tôda a América do Sul, porque serviu e ainda serve de modelo para outras que se constroem em qualquer parte.

E foi justamente na penitenciária da grande terra dos bandeirantes, que vimos o homem tornado criminoso, um elemento ainda aproveitável, uma "população" útil à terra em que vive, porquanto, ali, aprende, produz, produz muito, por preço acessível a qualquer bolsa popular, mercadoria de pronta colocação.

Até parece encanto o que se verifica na penitenciária industrial do Professor Flaminio Favero. Assim na sala de pinturas, chamam a atenção de qualquer visitante telas admiráveis como "Confissão", "Arrependimento", "Jesus Cristo

Crucificado", "Minha mãe" e tantas outras, dignas de figurarem em exposições de mestres da nobre arte do pincel.

Sem dúvida os trabalhos dos detentos, geralmente de homicidas, retratam a grande dor, o profundo arrependimento do artista, que antes não encontrava ocupação para a sua vida vasia senão na prática do crime.

Por outra, na terra dos Inconfidentes, o berço da liberdade pátria, pudemos constatar que não é necessário o enclaustramento daqueles que tiveram a infelicidade de delinquir, para torná-los indivíduos socialmente aptos de amanhã.

Assim é que, na modelar "Escola Alfredo Pinto", de Belo-Horizonte, reformatório destinado aos menores delinquentes ou abandonados, a alfabetização e o trabalho constituem, em tese, a única modalidade de corretivo.

Interessante é observar, aliás, com um sentido profundamente humano e social, que a "população" da referida Escola é chamada "alunos", para que não se tire do jovem com o seu caráter ainda em formação, aquilo que mais devemos possuir e conservar: a personalidade.

Pois esses "alunos" (criminosos primários na sua quase totalidade e abandonados), enquanto fazem o curso primário aprendem, de acordo com a sua livre escolha, capacidade ou tendência, ofícios de carpinteiro, sapateiro, marceneiro, alfaiate, mecânico e fundidor, durante três horas diárias.

Terminado o curso primário, esses mesmos "alunos", já verdadeiros artifices, trabalham, como em qualquer oficina ou fábrica, oito horas diárias, com o mesmo carinho, o mesmo esforço e boa vontade do homem mais livre.

Cuida-se também agora na aludida Escola, de estabelecer o salário mínimo de todos os "alunos", de vez que, anualmente, a sua produção industrial já ultrapassa a casa dos dois milhões de cruzeiros, cifra aliás considerável, porquanto a finalidade precípua da "Escola Alfredo Pinto" não é a do lucro para os cofres públicos de Minas-Gerais, mas sim, e tão somente, para a instrução primária e educação profissional a mais perfeita possível, daqueles que ali são internados.

Completamos o nosso modesto conhecimento sobre o regime peni-

tenciário brasileiro na "Penitenciária das Neves", a qual, na opinião abalizada do Professor Flaminio Favero "é um grande laboratório que revolucionou nossa velha rotina".

Ali, o detento é o próprio guarda de si mesmo, ficando a sua liberdade dependendo apenas de seu livre arbítrio, de sua consciência.

E' o modelo de penitenciária que convém ao Brasil. E' de molde agrícola-industrial, predominando o trabalho do campo. Revela-nos a estatística e ninguém pode duvidar, por ser do conhecimento de todos, que o maior número de crimes ocorre nas camadas sociais mais atrasadas, daí justificar-se perfeitamente aquele regime.

Em "Neves", vamos encontrar seiscentos alqueires de terras, para que o homem, condenado legalmente pela sociedade, possa encontrar no trabalho honesto e junto à natureza, lenitivo para a sua própria vida, refortalecendo o seu corpo — muitas vezes doentio, purificando o seu espírito antes de negrido pelo crime.

Quem planta colhe, reza o velho adágio, e assim a "população" de Neves, robustecida pelos sadios e fartos produtos de sua lavoura, dá-nos um magnífico exemplo de operosidade. Tudo tem; nada lhe falta, mesmo a liberdade relativa, segundo assevera o ilustre Diretor daquela modelar instituição, sr. Expedito Perdigão, verdade essa por nós constatada.

A par do trabalho agrícola, os detentos de "Neves" podem, querendo, especializar-se em atividades industriais, de vez que a Penitenciária acha-se dotada de notáveis oficinas, ou melhor, de verdadeiras fábricas de calçados e de móveis de vime, não contando a padaria e a lavanderia, com instalações modernas e higiênicas.

Em "Neves", todos os trabalhos são remunerados, o que proporciona ao detento distração efetiva, real, e oportunidade para fazer sua pequena economia. Da economia mensal, no correr de anos, tão logo o recluso consiga o seu livramento condicional ou indulto, está apto moral e financeiramente para reencetar vida honesta e laboriosa, tão do agrado da sociedade, tão do interesse da nacionalidade.

Enfim, podemos salientar que, se o trabalho é nobre quando livre é

NIETZSCHE, O FUNDIBULÁRIO PRUSSIANO

|| OMAR SANTOS ||

Fez precisamente cem anos que em Roken, na Prússia, a 15 de outubro de 1844, nasceu aquele que mais tarde se chamaria a si mesmo "o primeiro espírito do século": Friedrich Nietzsche.

Com muita razão assim se denominou, e, perdoadando-lhe a palavra cheia de vaidoso reconhecimento pessoal, temos que o reconhecer, de fato, como um dos mais lídimos valores da filosofia mundial.

O grande sonho, o ideal que mais o empolgou foi o de conseguir uma imortalidade diferente da que os espiritualistas de seu tempo apregoavam. Ele quiz sobreviver à sua própria morte, fazendo-se lembrar através dos séculos. E às vitórias de sua inquebrantável vontade, podemos acrescentar mais este louro heróico que tanto almejou: a imortalidade entre os homens...

A presença de Nietzsche em nós sugere-nos, quasi instintivamente, a figura mitológica de Hércules, o mais perfeito símbolo da força que tudo domina e esmaga. Ele foi o apóstolo desta força. E a alegria de Will Durant, que tão espiritualmente o definiu, dizendo-o "filho de Darwin" não podia ser mais exata, embora não haja nos dias de hoje coisa mais insultante para um inglês do que compará-lo a um alemão.

O célebre evolucionista admitiu a tão falada "struggle for life" apregoando, então, a sobrevivência dos mais aptos em detrimento dos fracos e incompetentes, como sabem todos os que tivemos a ventura de limpar a poeira dos bancos escolares, ou a coragem suficiente de enfrentar, sozinho, alguma leitura filosófica.

Pois bem, o não menos grande filósofo alemão, indo ao encontro dessa idéia, nada mais fez senão acompanhá-la "pari passu", extraíndo-lhe, então, da substância toda a essência da teoria que o consagrou como "o Filósofo da força". O homem, a seu ver, deve tudo fazer afim de suplantar o semelhante em todos os setores da eterna competição. E como só triunfam os que se achem na posse de todos os elementos necessários à luta, que aos fracos e débeis não é dado possuir, somente os fortes

o homem que o pratica, élenitivo e conforto moral quando esse mesmo homem teve a grande desdita de delinquir.

Felizes dos que trabalham, porque assim prestam sua colaboração ao seu semelhante, elevam e engrandecem a pátria.

e astutos teem o seu quinhão no grande jogo da existência. Dêste modo, êle, com uma só penada no papel, pretendeu destruir tudo o que vinham pregando os grandes pensadores que o antecederam, a respeito das virtudes humanas, que, de Sócrates e Confúcio a Jesus e Comte, tiveram o seu pedestal...

Com as nações são formas ampliadas do individuc, similarmemente só as grandes potências teem o direito de viver, é, para arrebatarem às outras a atmosfera vital de que precisam, devem armar-se até os dentes para, a ferro e sangue, disputar-lhes o predomínio do mundo!

Fixando o pensamento neste ponto de vista revolucionário, êle vislumbrou, sob um halo de luz, toda a apologética da guerra, que diz nada haver de mais necessário a um povo suficientemente formado do que a guerra, para enrigecer-lhe a fibra moral. Uma nação belicosa é uma nação sempre desperta e sempre apta a conquistar no mundo o seu lugar ao sol, entre as demais potências.

Ninguém mais que Nietzsche se preocupou com o destino das nações. E suas observações a êste respeito dão-lhe ares proféticos, e, graças ao profundo senso analítico, encontramos nele, revelando imensa largueza de espírito, quanto ao futuro, arremetidas formidavelmente sibilinas. Eis, por exemplo uma frase escrita por êle algures, em 1887: "dentro de cincoenta anos esta babel de govêrno vão chocar-se numa guerra gigantesca para a conquista dos mercados do mundo". E, com diferença de vinte anos apenas, rebentou a segunda das hecatombes havidas no tempo predito, cumprindo-se, destarte, a predição oracular dêste homem que, com razão, disse que somente seria compreendido na segunda metade dêste século!

Há uma faceta muito interessante no pensamento de Nietzsche, quando o punha a serviço da crítica às coisas e fatos do seu tempo. E ninguém foi mais vítima dos seus epigramas do que a mãe pátria, por isso que não houve, na Alemanha, até hoje, quem contra ela brandisse o chicote da sátira com tanto desassombro e coragem, como êste franco atirador das idéias: "a presença de um alemão me retarda a digestão". Por esta e outras frases semelhantes muitos o acusaram de anti-alemão, o que não passa de falsidade formulada por cérebros cansados, de compreensão nublada da verdade, pois

jamais houve quem desejasse maior bem à sua terra!

Durante dez anos êste homem admirável enfrentou, a cabeça erguida, com corajosa dignidade de acusador, todo o autoritarismo fortalecido dos que traziam na frente o sigma terrível do poder. Isto, mau grado a horrível miséria que, ameaçadora, lhe batia às portas, como a espada de Dámocles, chamando-lhe atenção para a temeridade da empresa em que se empenhava. Mas êle via diante de si u'a missão que, embora soubesse arriscada, precisava levar a cabo a qualquer preço, pois tinha, antes de tudo, um lema a obedecer, isto é, o de permanecer fiel a si mesmo se quizesse conseguir o "grande êxito". E ninguém preserva essa fidelidade consigo se não tiver a coragem suficiente de manifestar em campo aberto sua opinião pessoal, mesmo que essa atitude heróica lhe custe a própria cabeça. Esta lealdade consigo êle queria que o acompanhasse até ao túmulo e foi ela mesma que o fez falar à irmã quando presentiu o fim:

"Prometa-me que quando eu morrer só meus amigos se chegarão ao meu ataúde. Veja que nenhum sacerdote, ou quem quer seja, pronuncie falsidades a beira do meu túmulo, pois já não estarei em situação de defender-me: quero descer a terra como um honesto pagão".

Aliás, a alma estóica, que vibrou na sua vida não o fazia temer a possibilidade de um fim trágico, porque êle aprendera, desde cedo, a subestimar o valor material do próprio corpo, quando o punha a serviço de uma idéia ou convicção. A êste respeito deve o caro leitor se recordar do fato de que, criança ainda, o "Ministrinho", como lhe chamavam os colegas, para mostrar-lhes o verídico da história do Muscio Scévola, estendeu a mão, sobre ela incendiando um punhado de fósforos, e, com um sorriso, deixou que se queimassem, em meio ao espanto incrédulo de todos.

"E-me impossível reconhecer grandeza em quem não tenha candura e sinceridade consigo próprio", disse certa vez com respeito a Wagner. Foi em holocausto a êste modo de pensar que êle teve a atitude digna de um superhomem", que sabe o que quer. E não renunciaria a esta posição subversiva do "status quo" social, mesmo sabendo que Sócrates fôra, também, revolucionário, e, como tal, êle poderia igualmente, ter um destino fatal. Mas a Nietzsche não impor-

tava este particular, e, mais que ninguém, sabia que contra o argumento dos tiranos ele possuía, no cérebro punjante, toda a profundidade intelectual do filósofo, cuja posição no mundo é a de comandar os homens e impor-lhes a lei, como legítimo detentor do poder espiritual . . .

Nietzsche prezava, acima de tudo, a verdade, com o alfa e ômega de todas as cogitações humanas, em relação a qual "o resto tem um valor secundário". E foi em nome dela que tomou a si a incumbência de lutar, e, de arma em punho, investiu corajosamente contra as instituições, o governo e a sociedade, como um atlético fundibulário romano, na ânsia incontida de destruir todos os tabús sociais, e erigir, em seu lugar, uma organização mais consentânea com o desenvolvimento cultural da época, e que possuísse algo de duradouro e eterno.

Anarquista fervoroso, quiz o desaparecimento do Estado em favor do progresso cultural — e fez dele, como nenhum outro, o objeto final da vida. Sacrifique-se tudo pela cultura, pensava, porque é ela o sumo bem, em prol da qual precisa a humanidade lutar, e a menor indiferença à sua sorte é o pior dos crimes!

E foi assim pensando que chegou ao extremo de propalar alto e bom som que "o Estado e a cultura são inimigos", destruindo, portanto com esta afirmativa, o pensamento clássico do que esta última só se pode desenvolver sob a tutela do primeiro. E convenhamos que neste ponto seria injusto se tivesse referido ao Estado na acepção geral de organização política, sem levar em conta as suas modalidades diversas. Todavia, penso que a frase se relaciona, tão somente, com o Estado alemão e seus similares, cuja organização ditatorial, era já, naquele tempo, o característico primacial da política teuta, a qual viria, mais tarde, a ser aperfeiçoada por Adolfo Hitler e seus seguidores . . .

Ele, que preferia mil vezes o perecimento da humanidade a ver o retrocesso de conhecimento, não podia admitir que o despotismo estatal se metesse num campo que por todas as razões deve ser autônomo e independente: o campo do pensamento.

Eis porque o socialismo de Estado encarna, em verdade, um regime negativista, por excelência, ao desenvolvimento intelectual. Porque sendo o intelectualismo restrito ao âmbito das atividades individuais, torna-se ele, por força da política socialista, sujeito, de fato, ao controle sufocante do Estado. Realiza-se destarte, o que Nietzsche chamou com razão a "tirania do espírito".

Aí está porque ele sentia tremenda aversão pelo nacionalismo

doentio germânico. Porque nacionalismo quer dizer — para o alemão, pelo menos anulação do indivíduo, neutralização das iniciativas individuais, em benefício da coletividade. E como era avesso de natureza a qualquer sacrifício individual, apregoava, aos quatro ventos, o seu sentimento que era mesmo uma fobia contra o fanatismo patriótico, inculcado no povo por excêntricas ideologias.

Assim, em "Crepúsculo dos Idolos", ele escreveu capítulos inteiros neste sentido pondo em evidência o que reputa verdades indubitáveis como por exemplo, a de nada haver de mais incompatível neste mundo do que a cultura e o Estado. Nem mesmo Deus e o diabo! Mórmente quando o Estado se materializa em detrimento da sua vida espiritual. E aponta com filosófica tristeza a sitonia entre o desenvolvimento da Alemanha como potência e da França como nação cultural. A primeira, que na sua expressão, se tornou "o país mais vulgar da Europa" não pôde mais apresentar, até hoje, nenhum expoente intelectual, como Hegel, Heine, Goethe e Schopenhauer, desde que os alemães se imbuíram do espírito nacionalista que levou o Grande Reich às guerras de predomínio (1). Ao passo que na França, terra da liberdade e do espírito, o traço predominante é, sem dúvida, o traço cultural e científico. O que domina, ainda hoje, na pátria de Clemenceau é o valor espiritual que constitui o penhor de toda uma civilização.

Neste ponto, Nietzsche tinha a terra de Voltaire, "grão senhor do espírito", como o grande relicário da espiritualidade européia. Enquanto a Alemanha de Goethe permanece, ainda, no terra a terra das preocupações materiais em que mergulhou, há muito, sem uma vontade firme de emergir.

E ele friza, com profundo senso analítico, a psicologia francesa, apontando, sobretudo, a sua superioridade moral e intelectual, em relação a todos os demais países que se dizem civilizados. A França para ele é "a terra do gosto", e ele mesmo era um francês espiritual, intelectualmente formado no estudo dos compêndios gaulenses, seus prediletos, enforme confessou algures: "E' para um pequeno número de autores franceses que eu me volto sempre. Eu só acredito na civilização francesa e tudo o mais que na Europa se chama cultura me parece um mal entendido, para não falar na civilização alemã . . . Os raros casos de alta cultura que eu encontrei na Alemanha eram todos de origem francesa!"

Nietzsche, apesar da filosófica frialdade de sua alma não pôde fazer de si uma fortaleza invulnerável aos ataques de Cupido. Amou, amou muito . . . Mas infelizmente

o seu amor não encontrou eco no coração dela. Lou Salomé não era mulher talhada para se deixar cortejar por um sujeito da tempera terna, simples e romântica do pretense Romeu. Ele, que ao sexo frágil somente inspirava medo, não era, por sua vez, homem para amar. Se alguma vez se entregou a requintes sentimentais, deve-se isso, tão apenas, a esporádica leviandade de seu coração, que, no mais das vezes, era glacial, duro e invibrátil ao dedilhar das cordas amorosas. Os fugazes momentos de amor eram nele como ligeiras oscilações na serena superfície de um lago . . .

Mesmo as aventuras com prostitutas não o despertavam para os prazeres do amor. Conta-se a propósito, que em Leipzig, certa vez, em pândega com amigos, foi se ter a um prostíbulo. Os outros se entregaram de logo aos braços sensuais das frineias, que, sentadas à mesa, bebiam e fumavam. Nietzsche, porém, só viu na sua frente o piano. E não se conteve. Sentou-se e, num gesto de desafio à concupiscência, tocou . . . Tocou sonatas românticas, em flagrante contraste com a atmosfera erótica do ambiente. Terminada a execução, pôs o chapéu, e na maior indiferença do mundo, desprezando tudo aquilo, saiu intácto, tal como entrara.

O amor . . . Nietzsche, tinha aliás, uma concepção extranhamente egoística desse sentimento que constitui, sempre, o "leit motiv" dos que, pisando, a rudeza da terra, teem, entretanto, a cabeça na pureza sideral dos astros fazendo versos e canções ao ente amado. Todo o sentimentalismo poético desses nefelibatas se reduz, para ele, a este pensamento sêco e nú: As criaturas não se imaginam egoístas no amor pelo fato de procurarem o bem do objeto amado ao invés do bem próprio. Mas fazem isto para possuir o objeto amado". Em suma, o amor é desejo de posse, é egoísmo e nada mais.

Nietzsche nunca desdenhou os méritos femininos. Antes coloca a mulher no exato lugar, dando-lhe justo valor. Como elemento integrante da sociedade, a mulher não tem outra razão de viver senão como meio de multiplicação da espécie. A mulher foi criada à imagem do homem, e este lhe concedeu, até de olhos fechados, e com a maior boa vontade, um pedaço da costela. Mas não foi para tê-la em competição nas lides profissionais, e sim, no lar como uma doce e terna companheira . . .

O Estado devia abolir a concorrência sexual, porque o homem quando se vê na contingência de rivalizar-se com a mulher tem sempre periclitante a posição superior. A mulher é animal egoísta, por excelência, e não ficará satisfeita quando em pé de igualdade

P O E M A

Afonso Felix de Sousa

de com o homem. Ela quererá mais ainda. Quererá sobrepairar o homem e reduzi-lo a servidor! E o perigo está justamente nesta possível inversão de papéis . . .

Aliás, o feminismo, a seu ver, é uma espécie de degenerescência peculiar ao regime democrático, que, por si só, já é uma forma de governo que se devia enterrar com todas as pompas e roupagens, em virtude do inadequado da sua estrutura e manejo. O princípio segundo o qual todos os homens são iguais, consagrado nos Direitos do Homem, é uma fórmula seduçosa que não tem razão de ser.

Por outro lado, o socialismo de Estado colide brutalmente com as leis naturais porque se baseia na idéia fantástica de os homens possuírem aquilo que individualmente não lhes pertence, e sim à comunidade. Se para a realização da democracia não há igualdade possível entre os homens no seu pensar, também no socialismo ao que teve mais "chances" não é justo que distribua o resultado dos sucessos, com o semelhante, que nada fez, por ocioso ou incompetente, e às vezes até o embaraçou na consecução do plano, na luta pela vida. Se, por exemplo, A e B não são iguais, a diferença existente é que um possui mais qualidades, e, como tal, deve suplantar o outro em probabilidades de realização. Assim, o pensamento que, apesar dessa diferença, ambos devem igualar-se na partilha dos sucessos de um, foge completamente à lógica e à razão.

Na sua opinião, a aristocracia é uma instituição da Providência Divina, que escolhe seus imediatos na terra. O governo supremo deve entregar-se aos verdadeiramente aptos e treinados na gestão administrativa. E ninguém mais notoriamente digno de governar do que os sábios e filósofos. Aqui, seu pensamento se identifica ao de Platão e Bacon, segundo o qual um país só será verdadeiramente feliz quando tiver por dirigente um filósofo. Os homens serão divididos em três classes, entre as quais há a dos dirigentes que governarão como filósofos estadistas. Os funcionários do governo e os produtores formarão as outras duas classes, que serão dirigidas pelos maiores, e constituídas de elementos que nasceram apenas para obedecer. São os párias, os mediocres. "Uma alta civilização é um pirâmide; só pode levantar-se sobre uma base larga; exige uma forte e solidamente consolidada mediocridade".

Tudo isso, afinal de contas, não passa hoje de utopia, e a humanidade muito tem sofrido de anos a esta parte, e através desse sofrimento, experimentado em duas guerras e anos de reparações, está o mundo vendo agora que é a democracia, o regime ideal, por excelência, que fatalmente há de dominar. Porque a legítima demo-

Sou parecido com o mar.
Sim, com o imenso mar profundo,
O mar eterno e sem fim.

Nasci longe do mar
Mas desde criancinha
Tenho a alma cheia da tristeza infinita do mar.

Sou parecido com o mar.
Tenho também essa melancolia cortada de renúncias
E resignações
Do mar sombrio e calmo,
Do mar humilde.
Sinto como o mar bravo a tristeza cheia de revoltas
Das ondas desesperadas . . .

Na serenidade da manhã
Banho-me de luz à claridade amiga do crepúsculo.
Mergulho a frente no espaço
E vou nas tardes mornas encontrar-me com o infinito.
A' noite
Descem do céu milhares de estrelas
E vêm brilhar no fundo de minha alma.

Tornei-me profundo e imenso como o mar.
Tenho dentro de mim o horror dos mistérios
E a grandeza terrível do desconhecido.

Escuto no silêncio a música soturna do mar.
Tenho do mar essa ansia selvagem de tudo vencer
E avanço pelas distâncias do tempo
A' procura de um mundo inatingível
E indefinível
Com o mesmo desespero revoltado das águas
A bater contra a areia branca das praias.

Deixai que eu sinta o mar.
Deixai que eu sinta o mar
Com todos os seus mistérios
E toda a sua grandeza . . .

Entre mim e a vida
Sempre o terror do insondável
E a grandeza do mar.

cracia é liberdade, e onde reina a liberdade reina também a harmonia, a igualdade, a fraternidade e a energia suficiente para garantir aos homens uma vida digna de ser mais humanamente vivida . . .

Como Aristóteles, Nietzsche teve um sonho demiúrgico. Idealizou também um homem superior . . . E o "Superhomem" que imaginou, realizou-o ele, em grande parte, na própria pessoa. Sim, porque ninguém implantou maior energia à vontade contra as paixões; ninguém foi maior na sua grandeza, a qual lhe repontou nos próprios delírios de loucura; ninguém viveu mais heróicamente porque sua existência foi um constante caminhar para o abismo!

Morreu em 1900, encontrando, assim, no silêncio do túmulo, a solidão que sempre almejou entre os homens . . .

(1) O Nietzsche apologista da guerra já não mais existia desde 1871. Tanto que escreveu certa feita; "O Império está destruindo o espírito alemão".

Academia Brasileira de Letras

A 15 de dezembro de 1896 era fundada, no Rio, a Academia Brasileira de Letras, oficialmente considerada o nosso mais alto instituto cultural.

Completa, assim, a Casa de Machado de Assis, este mês, quarenta e oito anos de existência, lapso de tempo em que assinala a sua atividade por um acervo considerável de bons serviços prestados á causa da cultura brasileira.

Promovendo conferências, editando obras, publicando revistas, organizando concursos, incentivando o intercâmbio intelectual com os povos estrangeiros, de mil modos, enfim, vem a Academia desenvolvendo uma tarefa digna de encômios, pois que de resultados os mais positivos.

À ilustre Casa, na pessoa do seu presidente, Múcio Leão, as felicitações do "OESTE".

A economia goiana e a sericicultura

ZOROASTRO ARTIAGA

A Cia. Nacional de Sericicultura, no interesse de sua propaganda, para a integralização do capital-social, mostrou recentemente ao público o quadro estuendo dos lucros atuais obtidos com a indústria da sêda, que esteve, até há poucos dias, sob controle de uma organização internacional.

A grande margem que oferece a industrialização, vai, certamente, interessar ao capitalista-brasileiro, que tem erigido, sistematicamente, arranha-céus, numa ânsia furiosa de inverter os seus "disponíveis" em prédios de habitação coletiva. Basta ler os jornais do Rio e de São-Paulo para se convencer de que o Brasil está envolvido inteiramente em uma nuvem mágica de edificações de cortiços-aristocráticos, verdadeiras gaiolas douradas.

Para Goiaz haverá a vantagem da criação do bicho-da-sêda, porque a maior dificuldade que havia para o desenvolvimento da sericicultura, era a falta de um grande comprador, no local, que fosse uma garantia contra os riscos da estagnação das safras. Nossos terrenos, nosso clima e nossas condições-mesológicas, são plenamente favoráveis ao plantio, desenvolvimento e exuberância da amoreira.

Seremos, certamente, grandes criadores, e o ciclo da sericicultura durará, em Goiaz, o dobro do tempo de qualquer outra região do país, porque, pelos ensaios que fizemos por intermédio dos Clubes Agrícolas Escolares, tivemos o estímulo de uma excelente produção, que figurou na Exposição realizada ao ensejo do batismo cultural desta Capital.

Relativamente aos dividendos que a indústria da sêda proporciona, deduzida a quota reservada a lucros extraordinários, precisamos que o prezado leitor aprecie os números desse quadro publicado pela Cia. na imprensa do país.

Na base de um quilo de fios de sêda crua o preço de venda, no momento, é de Cr\$ 1 050,00; na venda de "rebotelhos", a renda é de Cr\$ 78,00; total Cr\$ 1 128,00.

A despesa com ordenados de mão de obra, vão a Cr\$ 50,00 por quilograma, valendo o casulo-crú, na base de 8.700 grs., calculada a Cr\$ 60,00 por quilo; portanto, temos um total de despesa de . . . Cr\$ 572,00.

O lucro será de Cr\$ 556,00 por quilograma de sêda manufaturada.

Informa a Cia. que as duas primeiras fiações vão produzir, di-

riamente, 200 quilos de fios de sêda-crúa, dando um lucro diário de Cr\$ 111 200,00, ou sejam, em duas fiações, 40 milhões e 588 mil cruzeiros! Esses lucros, dada a tendência de valorização da sêda como material estratégico, como visutuário usual, e com inúmeras outras aplicações, terão de aumentar o valor do casulo no seu local de produção. O Governo liberou a sericicultura e não haverá dificuldades a vencer.

Haverá um imenso impulso para breve, na criação das amoreiras, precisando, contudo, que haja, agora, um certo trabalho de articulação para que a Cia. seja posta na frente do produtor de casulos.

Poderemos pensar numa cooperativa que se valha do crédito-cooperativista, porque as amoreiras não se improvisam.

Logo que a Cia. comece a produzir terá que abastecer-se de matéria-prima e a única região bem

aparelhada, agora, para um grantle aumento da produção é a do Instituto de Campinas, São-Paulo, onde buscaremos a experiência que ali se adquiriu em longos anos de pesquisas e de estudos acurados.

E' um campo novo que se abre para a nossa economia.

Saibamos aproveitar as possibilidades que ela oferece, para proteger o nosso homem, elevar o seu nível de vida, valorizar a inteligência do meio-rural, incrementar o trabalho (que as mulheres e crianças também podem fazer), e, quem sabe se a sêda não vai prover o país, libertando-o também dos fornecimentos que eram feitos pelo Japão?

Estudemos o quadro que nos revelaram porque, se deixarmos, para outros povos, os proventos que podem vir da organização, eles passarão a nos outros o diploma de néscios.

Dom Pedro II

Comemora se, a 2 do corrente, a data do natalício de D. Pedro II, que veio ao mundo naquele dia, em 1825, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

"Neto de Marco Aurélio", como o chamou Vitor Hugo, D. Pedro II dirigiu o Brasil pelo longo espaço de quarenta e nove anos, marcando sua passagem pelo govêrno com traços indelêveis.

Homem honesto, generoso, tolerante, patriota e culto, D. Pedro II conseguiu, por isso, impor-se à simpatia, respeito e admiração de todos os brasileiros, mesmo dos mais acérrimos defensores da causa republicana. Tão magnânimo foi o seu govêrno que, caindo a monarquia brasileira, um jornal inglês, comentando o fato, escreveu que desaparecia, com ela, a última democracia sul americana. . .

Passagem histórica de grande significado, da qual foi o imperador o principal prota-

gonista, verificou-se logo após o seu retorno da frente da guerra do Paraguai, assim narrada por Múcio Teixeira: "Quando voltou da guerra do Paraguai, em um terrível momento de desânimo do seu Ministério, que servia mais aos interesses da política interna que aos altos intuitos dos deveres patrióticos, atrevendo-se o presidente do conselho de ministros a consultá-lo sôbre a conveniência de se chegar a um acôrdo com o tirano inimigo, o Imperador, sempre delicado e modesto, desta vez perdeu a calma, ergueu-se, indignado, impellido pela sagrada cólera de Jesus, quando expulsou os vendilhões do templo — bateu com o punho cerrado na mesa dos despachos e bradou:

— "Nunca! Nós não provocamos a guerra, não proporemos a paz! Se o sacrifício é enorme, maior será a humilhação. Agora, é irmos até o fim. Eu partirei de novo para a guerra, se se tornar precisa a minha presença lá. Trocarei o trono por uma tenda de campanha. E quero ver se há algum brasileiro que não me

“Todos, aqui, somos amigos da Polônia”

Pe. ANTONIO WASIK

É notória na história colonial do Brasil a figura do primeiro polonês que pisou a Terra de Santa Cruz; chamava-se Cristóforo Arciszewski. Este general polono colaborou com o príncipe de Nassau em Pernambuco. Foi ele que construiu em Olinda os primeiros fortins brasileiros, os quais até hoje se conservam.

Paulo Setubal, em seu livro “O Príncipe Nassau”, chama este general polonês “oficial valentíssimo — notável pela bravura e pelos dotes intelectuais, que deveria figurar com grande distinção na história militar do Brasil neerlandês” . . .

Arciszewski, chamado à Europa pelo rei da Polônia, Ladislau IV, compôs um canto interessantíssimo sobre o Brasil, em que conta as suas batalhas. Esses versos, desconhecidos por muito tempo, foram publicados em 1848, pela Biblioteca dos Ossolinski, em Lwów.

Um outro ilustre oficial polonês, Trompowski, mais tarde marechal de campo, organizou as forças armadas brasileiras, como o general Pulaski o havia feito nos Estados Unidos.

A pátria de Sobieski, agredida e desmembrada pela Rússia, Prússia e Áustria, nunca se conformou com o revoltante crime do desmembramento.

No decurso de um século, surgiram Ligas, Confederações, Levantes, como a Insurreição de Kosciussko, de Bar, Legiões de Dombrowski e a famosa insurreição de 1830.

Sob o título: “Um século de solidariedade brasileira á causa polonesa”, em 1931, a Srta. Carmen Faro de Lacerda escreveu: “É curioso como repercutiu no longínquo Brasil de en-

acompanhe!”.

Na célebre Questão Christie, quando rompemos relações com a Inglaterra, mostrou, ainda, D. Pedro II, como zelava pela dignidade do país.

Pandiá Calógeras, depois de salientar os magníficos traços do caráter, da inteligência e do coração do grande monarca, e de falar como ele agia na gestão dos negócios nacionais, assim resume o perfil de D. Pedro II: — “Talvez tenha sido o melhor, o primeiro e sincero republicano do Brasil”.

D. Pedro faleceu em França, no ano de 1891.

tão, apenas surgido entre as nações livres, o éco da Insurreição Polonesa de 1830”.

O principal órgão de imprensa brasileira da época, O Diário Mercantil, hoje Jornal do Comércio, a cada chegada de navio da Europa, publicava notícias minuciosas e comentários simpáticos á causa polonesa.

Com palpitante interesse, a liberal nação brasileira seguia de longe o desenrolar da ação libertadora polonesa, “torcendo”, com verdadeiro entusiasmo, pela vitória dos insurretos.

Trago uns trechos das publicações do conceituado Diário Mercantil, de cem anos atrás: “As preces de todo homem em cujo coração existe o sentimento da justiça serão dirigidas ao Céu em favor dos poloneses” . . .

“O restabelecimento da Polônia será de imensa consequência á Europa, pela extensão do seu fértil território e número de seus habitantes e a sua posição entre a Rússia e a Alemanha porá fim á nociva influência da última sobre a primeira . . .

Conclue a srta. Carmen de Lacerda: “Estes últimos comentários revelam a capacidade e o profundo conhecimento que este jornalista de há cem anos tinha da questão polonesa, o maior problema da Europa” . . .

Prossigamos em nossa revista dos assuntos polono-brasileiros: Um médico polonês, Czernowicz, organizou no Brasil enciclopédia médica, que alcançou a vigésima edição e é, ainda hoje, manuseada pelos clínicos e farmacêuticos brasileiros.

Em 1896 veio ao Brasil o dr. José Siemiradzki, grande geólogo polonês, que estudou os depósitos devonianos do Paraná e várias qualidades de chistos.

Outro filho da Polônia, o engenheiro Rymkiewicz, de grande competência, construiu vários portos no Brasil e colaborou na construção da Estrada de Ferro Paranaguá — Curitiba, famosa obra prima de engenharia.

Em 1906 se fez ouvir, no Rio, um menino — prodígio, o pianista Miécio Horczowski, de onze anos apenas nascido em Lwów (Leópolis) cidade secular da Polônia.

Olavo Bilac chama a Miécio “o homem do dia” e, prosseguindo, o grande vate brasileiro explica: “não é bem um homem, é um esbôço de homem, que anda espantando o mundo com a sua precocidade” . . .

Miécio foi convidado pelo Presidente da República, então o dr. Rodrigues Alves, para tocar em brilhante festa oferecida, no Palácio Presidencial, ao remodelador da Capital Federal, o dr. Pereira Passos.

Esse pequeno artista polonês me-

receu bellissima crônica publicada, no “Correio da Manhã”, pelo dr. Leão Veloso Neto, que finalizava desta forma: “Miécio começou a percorrer o mundo. Pisou todas as terras e passou todos os mares. Por toda a parte ressoou o seu canto sentido. E, assim, a alma da Polônia tão sombria, tão poética e tão amorosa se agasalhou um momento á sombra quente da nossa terra”.

A Polônia e o Brasil sempre gozaram de mútua simpatia. Para os poloneses o Brasil foi sempre uma terra encantadora, um país de eterna primavera.

Lembro-me de que, como aluno do ginásio, ainda na Polônia, ouvi falar muito do Brasil. No compêndio de Geografia estudávamos páginas e páginas sobre o Brasil. Quando estudante, li em polonês os famosos livros de Taunay “Inocência” e “Retirada da Laguna”. Mais tarde, soube que existiam em polonês livros sobre o Brasil, como “Brasil, sua natureza e habitantes”, de Sosnowski; “Brasil”, de Aleksy Kuncyns, baseado nos melhores autores e exploradores. Ainda “Terra de Santa Cruz”, ricamente ilustrado, da autoria de Jorge Ostrowski. Por fim: “Brasil, país, homens e condições”, de Ferdinando Lyp.

Por volta do ano de 1890 passou pelo Brasil o célebre escritor polonês Adolfo Dygasinski, que escreveu várias obras literárias referentes aos Estados do sul.

Sobre a terra de Rui Barbosa, na Polônia, compuseram-se canções, escreveram-se poemas, idealizaram-se lendas.

Um dos poloneses paranaenses, o sr. Sliwinski, em tradução livre nos relata uma linda melodia sobre o Brasil: Ei-la:

. . . “Acaso conheceis êsse Eden so-
[brenatural
Emoldurado pelas montanhas Serra
[do Mar?

Aonde reina uma perene primavera
E onde sonha o coração ? E’ terra
[brasileira!

Acaso conheceis o exótico canto?

O calor do sol meridional?

Os campos verdejantes

Ao sabor da brisa, ondulantes — sem
[cessar?

E’ a terra brasileira !”

Seguem-se, ainda, mais duas estrofes.

Esta canção foi gravada com a música de um tango cantado em idioma polonês.

Existe um grande poema épico da insigne poetisa polonesa Maria Kohnopnicka, louvando o Brasil.

O título é: "O senhor Balcer no Brasil".

É curioso que a letra e as maravilhosas paisagens brasileiras, fielmente pintadas no poema, fossem ideadas por pessoas que jamais estiveram aqui, pois nem Konopnicka, nem o autor do tango brasileiro nunca estiveram no Brasil.

Em 1908, sai a lume um livrinho de poesia, sob o título: "E'co do Brasil", sendo o autor um polonês, Pedro Siecinski.

Outro vate polono, Tadeu Milan, editou em 1921, um livro, também de poesias, intitulado "Coroas Paranaenses", destacando-se dentre elas um poema: "A ti, ó Brasil!"

É preciso citar outros escritores notáveis, tais como Lepecki, Matuszewski, Pawlowicz, Ostrowski, que consagraram suas penas aos assuntos do Brasil.

O professor da Universidade do Paraná, dr. Simão Kossobudzki, publicou em polonês um belo volume de poesias, sob o título: "Aqui e Lá" — "Ecos Paranaenses".

Ainda o vate Seomirski cantou as belezas da terra carioca.

O mais fecundo foi, sem dúvida, José Stanczewski, que publicou dois opúsculos de poesias: "Natal Paranaense" e "Sob o Cruzeiro do Sul".

O mesmo poeta e escritor polonês, sob o pseudônimo Fredencensis, colecionou poesias, contos, novelas, artigos e conferências dos mais insígnis autores brasileiros e editou, em português, uma antologia com a seguinte epígrafe: "A Polônia na Literatura Brasileira".

A mesma antologia o referido escritor traduziu para o polonês, edição que surgiu em Cracóvia, em 1928.

Aqui em Goiaz, no município de Santa-Luzia, reside um notável escritor polonês, o engenheiro Ladislau Federowicz, que celebrizou Goiaz na Polônia com um belo volume de interessantes novelas: "Seguindo o Curso do Rio Tocantins".

Homens ilustres da Polônia visitaram o Brasil e, por sua vez, ilustres brasileiros conheceram a Polônia, estreitando-se, assim, os laços de amizade entre as duas nações.

Em 1912, Rio e S. Paulo ouviram Paderewski. Que delírio! Que entusiasmo! Que ovações!

Quando tocava, no Rio, esse rei do piano, da principal galeria do Teatro partiu um brado entusiástico: Viva a Polônia!

Paderewski interrompe o recital, levanta-se de súbito e agradece a gratíssima saudação.

Desde esse momento o grande maestro e virtuoso deixa de ser pianista para torna-se o patriota e estadista audaz.

Em 1926, Mme. Curie Sklodowska, descobridora de "radiunio, polonium", a mulher mais sábia de todos os tempos e grande benfeitora da humanidade, visita o Brasil em companhia de sua filha Irene, realizando importantes conferências perante os elementos mais cultos da sociedade carioca e paulista.

É conhecido nos melos culturais do País o professor dr. Juliusz Szymanski, presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Rui Barbosa, em Varsóvia, médico de fama internacional, criador de um método que tem o seu nome, especialista em oftalmologia.

O dr. Szymanski, estabeleceu-se no Paraná, onde clinicou e foi nomeado professor catedrático da Faculdade de Medicina na Universidade de Curitiba. Publicou um trabalho científico. Voltando à Polônia, colaborou com o marechal Pilsudski, brilhando como professor na Universidade de Vilna, cidade secular da Polônia. Residindo em Varsóvia, continuou a ser um grande amigo do Brasil, a tal ponto que, em clima tão diferente, chegou a cultivar grande número de plantas tropicais que daqui levára. Os brasileiros que visitavam Varsóvia, encontravam em sua residência todas as iguarias brasileiras, até o chimarrão.

Outro nome do mundo científico da Polônia é o do prof. dr. Odo Bujwid, que chegou ao Brasil em 1929, consagrando-se nos hospitais e clínicas desta terra ao estudo das epidemias e doenças próprias dos climas tropicais.

Publicou um livro: "Condições Sanitárias do Brasil".

O dr. Bujwid é uma figura de extraordinária projeção no mundo da ciência e do pensamento. Antigo discípulo de Kock, colaborador e amigo de Pasteur, além de cientista, o prof. Odo é um valoroso propagandista do célebre Esperanto, idioma internacional, engenhosa invenção do polonês Zamenhof.

Em o nono Congresso Internacional contra a Tuberculose, realizado em Varsóvia, tomaram parte várias sumidades brasileiras, como o afamado dr. Antônio Cardoso Fontes, bacteriologista; dr. Valois Souto, higienista; e o dr. Rodolfo Josetti, eminente cirurgião. Os ilustres congressistas tornaram-se amigos sinceros da Polônia, exaltando-a através da imprensa.

O dr. A. Cardoso Fontes, que fez estudos e pesquisas sobre a tuberculose no intuito de melhor conhecê-la e combatê-la, mereceu significativa consagração da Polônia em 1933. A vetusta Universidade de Vilna, o mais luminoso foco de cultura no Oriente Europeu, brindou-o com o título e diploma de "Doctor Honoris Causa".

A Polônia nunca olvidará os grandes estadistas brasileiros Rui Barbosa e Nilo Peçanha, que, no momento decisivo souberam erguer a destemida voz perante o mundo inteiro em defesa dos legítimos direitos da nação polonesa, reclamando da Europa convulsão pela guerra de 14, justiça para a Polónia milenar e reparação da grande injúria ocasionada pelo crime das nefandas partilhas.

O primeiro monumento que se ergueu ao grande Rui foi em Varsóvia e dessa forma, a Polónia inteira celebrou a memória do grande brasileiro.

O general dr. Ivo Soares visitou a Polónia renascida e no discurso inaugural da Sociedade Polono-Brasileira

Koseluhsko, no Rio, assim se exprimiu:

"Tenho o prazer, posso mesmo dizer, tenho a ventura de conhecer a Polónia. Dizendo que minha visita àquela terra foi para mim um encontro de namorado, emprego expresso algo pitoresca, que dá o colorido da imagem que me está na alma.

Todos temos na primeira mocidade, quando vamos saindo da meninice, uns toques bem cavalheirescos.

Foi por esta época, onde o entusiasmo faz motor da vida, que comecei a amar a Polónia.

A liberdade da Polónia passou a ser uma espécie de causa do coração. Por isso, quando consegui vê-la na sua própria terra, na sua casa, houve em mim um alvoroço íntimo, abrindo-me larga expressão de contentamento... A Polónia que vi foi a Polónia que eu esperava ver!"

Depois de Rui Barbosa, o maior amigo que a Polónia contava no Brasil foi o Ministro Rodrigo Otávio. Eis como o grande estadista brasileiro relata os seus sentimentos num discurso: "Tenho para com a Polónia aproximações afetivas tão velhas quasi quanto eu próprio. Meu pai era um entusiasmado pela Polónia. Muitas vezes em nossa casa falava-se da Polónia, das suas desgraças, do ódio dos seus inimigos, das atitudes gloriosas de seus filhos. Antes de ter dez anos fui levado a assistir a uma conferência que meu pai fez na escola da Glória, no Largo do Machado, onde sob o patrocínio do Senador Corrêa, funcionava uma associação que dava conferências todos os domingos. Meu pai falou sobre Kosciusko e, desde aquele momento, tenho este doce nome dentro dos meus ouvidos".

"Mais tarde, em 1878, meu pai foi presidente do Paraná — Acompanhei-o. Foi ele quem recebeu as primeiras levas de colonos poloneses emigrados para o Brasil".

"A hospedaria era em frente à nossa casa e eu os via chegar, para depois partirem para seu destino ignorado, mas tranquilos e certos de que, se, na terra deles a vida era incerta e desasosegada, aqui encontrariam uma nova pátria. Estas circunstâncias todas fizeram-me polonês de coração e é uma grande satisfação para mim, que estejam unidas as provas de simpatia a mim dirigidas à manifestação que se faz à Polónia que tanto amo" . . .

Ainda a mão de mestre do ministro Rodrigo Otávio escreveu na revista "Brasil — Polónia", em 1931, como artigo inicial: "Profunda simpatia une Brasil e Polónia, determinada por causas históricas e sentimentais, que tem provocado a veia de nossos poetas e escritores, continuamente estimulada pela colaboração das colónias do Sul".

As palavras do Ministro Rodrigo Otávio confirmou-as o sr. Ministro da Polónia, dr. Grabowski, falando aos gaúchos: "Essa simpatia pela Polónia encontrei-a por toda parte, partida de pessoas de todas as classes sociais, as

quais faziam questão de apertar-me a mão não como novos, mas como velhos amigos, como grandes admiradores de um povo que vinha há 130 anos empregando todo o seu grande esforço pela reconquista de sua independência”

O mesmo Ministro da Polônia, que, com sua visita honrou a cidade de Goiás e Goiânia nascente, proferiu, em 1933, estas palavras: “E’ um prêmio viver no Brasil, no meio dessa soberba natureza, desse clima que transforma esta terra num paraíso terrestre; é um prêmio trabalhar no meio de uma nação que além de uma inteligência extraordinária e de faculdades criadoras é dotada dessa qualidade preciosíssima: a cultura do coração”.

Que belas e sinceras palavras nos lábios dum grande diplomata!

Eu bato palmas ao dr. Grabowski e digo em prosa chã, em linguagem simples: Muito bem! Apolado, sr. Ministro!

No Rio e em Pôrto-Alegre se encontram ruas e avenidas com o nome de Kosciusko, Pilsudski, Polônia e monumentos como o de Chopin, há pouco erguido na Praia Vermelha.

Nos meios artísticos do Rio é conhecido o pintor polonês Bruno Lechowski, que passou dez anos no Brasil, fixando na tela paisagens brasileiras, mormente as cariocas.

Ganhou, também, grande renome a pintora Helena Teodorowicz Karbowska.

Um célebre antropologista polonês, o prof. Casemir Stolychwo, fez conferências no Petit Trianon, do Rio.

Interessaram-se pelo Brasil os naturalistas Zbigniew Umilowski e Arkady Fiedler, este atualmente se tornou um aviador da força aérea polonesa, a qual coopera com a Raf. Fiedler até descreveu as façanhas dos aviadores poloneses no livro: “O Esquadrão 303”.

Esteve no Rio e em S. Paulo o professor da Universidade de Varsóvia, dr. Ladislaw Tartakiewicz, arquiteto, filósofo e historiador, realizando várias conferências no Brasil.

Voltando à Polônia publicou trabalhos sobre “O Barroco no Brasil” e “O pensamento filosófico no Brasil”

Ainda o prof. Antônio Jurasz, da Universidade de Toznan, notável cirurgião, fez conferências na Academia de Medicina e em outros centros médicos das duas metrópoles, tendo sido eleito membro honorário do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Entre personagens ilustres que visitaram o Brasil em 1933, está o atual presidente da Polônia, então Marechal do Senado, o prof. dr. Ladislaw Raczewicz.

Em 1934 visitou a Terra de Santa Cruz o Cardeal Augusto Hlond, Primaz da Polônia, membro da Congregação Salesiana, sendo recebido como hóspede do Governo Brasileiro e sendo condecorado pelo Presidente Vargas, no Palácio Guanabara, com a Grã Cruz da Ordem do Cruzeiro.

A Rádio Educadora do Rio organi-

sava frequentemente a hora polono-brasileira, a qual, na expressão do Ministro Grabowski era, sem dúvida, “um novo elo acrescentado à cadeia de amizade e cooperação que liga o Brasil à Polônia”.

Pelo ar, a Polônia foi ligada ao Brasil, quando o major Estamislau Skavzynski, a 11 de maio de 1933, aterrissou no Campo dos Afonsos, batendo o record mundial de vôo longo, sozinho, num pequeno avião de turismo, realizou o famoso vôo Varsóvia — S. Luiz — Maceló — Rio-de-Janeiro.

Esta notável proeza foi descrita num apreladíssimo livro, ricamente ilustrado com vistas do Brasil.

Pelo mar, estreitaram-se os laços, quando os navios poloneses Pulaski, Lwow, Kosciusko, Pilsudski, Botory e outros atracavam regularmente nos portos do Brasil e os navios brasileiros também visitavam o pôrto de Gdynia na Polônia.

Durante a assinatura do Acôrdo Comercial entre o Brasil e a Polônia, em 1932, o Ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Melo Franco, disse: “Além dos interesses recíprocos que no terreno comercial e econômico já existem e são suscetíveis de grande desenvolvimento nas relações entre nossos países, outros motivos de ordem moral nos aproximam e aconselham uma política de vinculação espiritual, cada vez mais estreita entre os governos da Polônia e do Brasil”.

Diframos nós: Como enxergava longe este grande estadista brasileiro! Salientemos bem: esta “vinculação espiritual, cada vez mais estreita”.

A srta. Carmen Faro de Lacerda, em discurso proferido ao microfone da Rádio Educadora, em 1937 disse entre outras cousas: “A Polônia e o Brasil têm afinidades espirituais que as aproximam: formação católica, cultura latina, espírito cavalheiresco, amor à liberdade e uma tendência para dar preponderância aos valores afetivos”.

Além dos personagens acima referidos, não posso omitir três nomes do mundo intelectual brasileiro, que contribuíram imensamente para estreitar e desenvolver os elos culturais entre ambos os países.

Refiro-me, em primeiro lugar, ao exmo. sr. dr. Fernando de Melo Viana, atual Presidente do Comitê de Socorro às Vítimas da Guerra, na Polônia, instituição caridosa que trabalha há já cinco anos e conta filiais em S. Paulo, Curitiba, Pôrto-Alegre e Petrópolis.

Essa amizade sincera que o dr. Melo Viana vota à causa polonesa vem de longa data.

Em 1927 lançou a primeira semente da Sociedade Polono-Brasileira.

Em 1929 foi eleito presidente dessa sociedade chamada Kosciusko, passando, depois, a ser presidente honorário perpétuo.

O Governo da Polônia, apreciando a sua atividade em prol da mútua aproximação entre os dois países, con-

cedeu-lhe o Grão Cordão da Ordem “Polônia Restituta”.

Outro nome que os poloneses gostam pronunciar com muita veneração e gratidão é o de Alufio de Castro, conhecido em todo o Brasil, amigo sincero da causa polonesa, admirador de Chopin e membro proeminente da Sociedade Polono-Brasileira do Rio.

Ainda devo fazer justiça ao sr. Ubaldo Soares, exímio literato e jornalista. Ele próprio, em carta que me foi dirigida, assim se apresentava: “Sou um velho amigo e velho batalhador da causa polonesa”.

Realmente, o nome de Ubaldo Soares é lembrado no livro “A Polônia na Literatura Brasileira”, membro que foi e dos mais ativos da Sociedade Kosciusko e um dos redatores do órgão da sociedade homônima.

Vou finalizar contando um breve episódio havido com a escritora polonesa, conhecida pelos seus trabalhos sociais, Jadwiga Jaholkowska, que, em 1910, visitou o Brasil.

Eis o que diz a Revista Brasil-Polônia: “Entre os homens notáveis do Brasil, conhecidos por suas manifestas simpatias pela Polônia, foi lhe apontado o historiador Rocha Pombo, cujo nome, por tantos títulos ilustres, pedimos licença de declinar.

Chegando à sede da Sociedade de Geografia, onde fôra procurá-lo, e recebida pelo venerando dr. Vieira da Fazenda, de saudosas memória, não se recordava do nome daquele a quem procurava. Disse ela, então, que vinha à procura de um membro daquela Sociedade, conhecido por amigo da Polônia.

Ah! retorquiu-lhe o venerando interlocutor, se é por este característico que o procura, será difícil distingui-lo entre nós porquanto nós todos, aqui, somos amigos da Polônia”.

Só as mentalidades impermeáveis aos ensinamentos dos fatos podem acreditar ainda na validade dos princípios do “laissez faire” econômico e nos seus corolários políticos. O livre jogo das forças sociais, no estágio de evolução a que atingimos, é a anarquia pura e simples. Esta verdade, cabalmente confirmada pelas imposições da guerra às grandes potências mundiais, torna-se de maior evidencia em relação aos povos, como o nosso, em plena fase de crescimento e expansão. — GETÚLIO VARGAS.

A questão revisionista no Brasil não é organizar aqui um regime parlamentar à maneira européia, ou um regime presidencial à maneira americana. Essa preocupação constitui um erro enorme. É um puro fenômeno de biblio-sugestão. Nós, na realidade, nada temos com os tipos de regimes exóticos. O que devemos é buscar um regime para nós mesmos, modelado sobre nossa realidade e refletindo as nossas idiosincrasias— OLIVEIRA VIANA

O Marido de Rosa Mendes

Conto de MARIA BRAGA HORTA

— Eu sempre tive pavor, meus amigos, de ser, algum dia, o “marido da professora” . . . E’ verdade que tal fato já não causa ridículo, como antigamente, porque as mulheres modernas, na sua maioria, ou são professoras ou têm vontade de ser . . .

Tôda moça possui, atualmente, o decantado diploma, à espera da primeira vaga . . . Foi por isso que busquei, para espôsa, uma que tivesse todos os predicados, menos esse: um curso que a pudesse transformar, mais dia menos dia, em mestra . . .

— Mas, porque? Naturalmente você tem o seu título, é médico, e tal cousa não se daria com você. . .

— Espere, tenha paciência . . . Quando terminei o curso médico resolvi tentar carreira numa pequena cidade do interior de Goiás . . . Procurei uma casa na praça principal e instalei ali o meu consultório . . . Moço, elegante, com foros de bonito e com o mágico “D-R”, não me faltaram “flirts” . . . Estava já quasi apaixonado por uma linda senhorita quando descobri que era a “Miss” do lugar e que, talvez, (isso foi em 1930) conseguisse o título de Miss Goiás: Pensei comigo mesmo: “A Maria Celeste é linda, perfeita de formas, graças e sedução. Suponhamos que eu me comprometa com ela e ela chegue a Miss Goiás, Miss Brasil e até a Miss Universo. . . Serrei, então, para sempre, o marido da Miss . . .

— Naturalmente você foi muito longe nos cálculos . . .

— Fui, é verdade, mas não quiz me arriscar . . .

— E daí . . .

— Daí, resolvi, antes de assestar o meu binóculo para um palmo de rosto bonito, estudá-lo de soslaio e procurar, em 1º lugar, se a moça me agradasse, todos os pormenores relativos à sua educação e possibilidades . . . Um dia, em casa de um colega, fui apresentado a uma pequena: esta, por sorte, não era miss, nem professora, nem poetisa, nem artista. Era rica, simpática e bonita, “fino ornamento da sociedade local”. A riqueza não me interessava e a beleza era mais irradiada por uma força interior do que mesmo expressa em traços fisionômicos. Não era, afinal, um tipo de “Miss”, talhado sob medida . . . Conversamos sobre vários assuntos e pude analisar o seu espírito e as suas atitudes: simples, sincera, espirituosa e enérgica . . .

— “Você promete se tornar uma excelente dona de casa . . .

— Creio que sim: Fui educada para dona de casa. Papai acha que é a educação ideal e não quiz que eu completasse os estudos . . . Diz êle que tôda moça formada é pedante e descuidada das cousas domésticas . . .”

Daí a meses estávamos casados . . . Eu não contava, entretanto, com uma cousa: Rosinha era conhecida e querida, em tôda a cidade, por seus predicados de bondade, beleza e simpatia . . .

Estendendo a minha clínica por todos os recantos da cidade comecei a ouvir, em tôdas as casas a que era chamado, as “indicações” de comadre-a-comadre:

— “E’ o marido da Rosinha . . . E’ o marido da Rosinha” . . . E quando alguém precisava de serviços médicos, o amigo aconselhava:

“Chame o marido de Da. Rosinha . . .”

Um dia, já farto de ser o “marido de Da. Rosinha” cheguei a casa e lhe disse:

— Rosinha você gostaria de mudar-se para o Rio?

— Sempre tive êsse sonho, Carlos. Ademais, se você deseja mudar-se, estarei disposta a segui-lo para onde quer que seja . . .

Vimos, então, para o Rio. Combinamos que não poríamos casa. Não tendo filhos seria muito melhor. Tomaríamos um apartamento: levaríamos, assim, vida mais independente, sem o atropêlo das criadas e dos cardápios . . .

Procurei localizar bem o meu consultório, anunciei minha clínica em quasi todos os jornais e revistas do Rio, conseguindo, assim, ostentar com todo o meu orgulho, o meu nome e o meu título. Rosinha passou a ser, na sociedade, a Snra. Carlos Mendes, o que a satisfez muito mais que o “D. Rosinha” dos seus conterrâneos . . . Mas eu estava destinado a sofrer no meu amor-próprio de cidadão-sexo-forte . . . Aconteceu que. . . Bem, creio que vocês sabem o que nos aconteceu . . . Seria enfadonho desfiar aqui, para vocês, o meu rosário de lamúrias . . .

— Nós sabemos de algo que lhe sucedeu, mas que relação tem isso com essa história de “marido da professora? Acaso sua senhora . . .

— Não, não. Não é o que você pensa. Como vocês sabem, pois os jornais se ocuparam, durante meses, quasi que exclusivamente do caso, Rosinha era sempre perseguida pelos galanteios do meu colega e pretenso amigo, o dr. Guilherme

Antunes. Bastava que eu saísse de casa e lá chegava êle a minha procura. Rosinha, muito delicadamente, convidava-o a entrar e lhe oferecia café . . . Aos poucos êle foi procurando se insinuar como amigo, como conselheiro, como de casa . . . Dos elogios delicados passou a galanteios, a declarações, a súplicas. Com mêdo de que eu fizesse algum escândalo, minha senhora nunca me disse nada . . . Fui notando certa estranheza na atitude de ambos em minha presença . . . De intimo que era já em casa êle se tornara, para ela, de uma frieza ostensiva enquanto ela procurava esconder sua hostilidade dentro da mais estrita polidês . . . E êle continuava a cortejá-la, querendo persuadí-la a ceder, afirmando-lhe que eu tinha amantes que me extorquiam a maior parte do ganho. Prevenida contra êle Rosinha comprou um revólver, sem que eu soubesse. E no dia em que êle tentou dominá-la à força ela se desvencilhou, apañhou o revólver e deu-lhe dois tiros. Durante o tempo do processo — êle lutando entre a vida e a morte — e ela entre o mêdo da condenação e a esperança de liberdade, os jornais eram verdadeiros cronômetros, marcando-lhes os minutos: “Será amanhã o julgamento da Snra. Rosa Mendes”. — O Dr. Guilherme Antunes foi declarado fora de perigo; Prestou ontem o seu depoimento no processo Rosa Mendes”. — Rosa Mendes será julgada hoje. O Dr. Antunes depôs a favor da acusada”. — “Rosa Mendes saiu livre por unanimidade”. — “Rosa Mendes foi levada em triunfo por suas amigas”. — Rosa Mendes, isso; Rosa Mendes aquilo . . . Eu estava numa situação incrível. Não pude responder pela Rosinha porque, quando tive conhecimento do fato, ela já estava detida, pois os tiros atraíram logo a atenção dos visinhos. Tive que sofrer resignado a humilhação de ver o seu nome em todos os jornais, em letras garrafais. Passei pela tortura de imaginar, em noites inteiras sem dormir, que ela talvez fosse condenada . . . Sofri o sofrimento dela e o meu . . . E desde o dia do crime até hoje, embora o meu lar continue a ser o paraíso que sempre foi, agora custodiado por dois anjos de 4 e 2 anos de idade, o meu complexo de inferioridade voltou a ser o mesmo de outrora: é que o Dr. Carlos Mendes, médico de nomeada, cuja fama já estava se alastrando até Minas, S. Paulo, Espírito-Santo e Goiás, já não é mais o Dr. Carlos Mendes. Por onde quer que eu tenha passado e por onde quer que eu passe, ainda hoje, ouvia e ouço os murmúrios das visinhas, dos “chaufeurs”, dos leiteiros e dos garçons:

— “E’ o marido de Rosa Mendes”. “E’ o marido de Rosa Mendes”.

Goiaz Moderno

“Exmo. sr. dr. Antônio de Queiroz Barreto, m.d. Chefe de Polícia do Estado e representante do exmo. sr. dr. Interventor Federal. Exmo. sr. dr. Prefeito Municipal de Goiaz. Meretíssimo dr. Juiz de Direito desta comarca, e demais altas autoridades aqui presentes. Senhoritas, senhoras e senhores:

Ao comemorarmos, em meio de grande júbilo e homenagens excepcionais, os primeiros 12 meses da honesta, dinâmica, fecunda e tolerante administração do Prefeito de Goiaz, sr. Divino José de Oliveira, houve por bem o sr. dr. Pedro Ludovico Teixeira, preclaro Interventor Federal no nosso Estado, filho dileto desta querida e culta cidade de Goiaz, detentora que é dos feitos gloriosos que enobrecem as páginas acidentadas de nossa história já bisecular, inaugurar e oferecer ao laborioso, culto e ativo povo de Goiaz, sua extremosa cidade-berço, na pessoa de seu dinâmico Prefeito, esta piscina construída tôda ela nos moldes da técnica moderna e unicamente às expensas dos cofres do Estado, captando-se em reservatório destinado à natação, as águas lendárias do rio Vermelho, neste recanto ameno, saudável e pitoresco. Êste balneário foi construído sob a eficiente administração e direção do nosso querido Prefeito.

Destarte, deu sua excelência, o senhor Interventor Federal, além de muitas outras, sobejas provas e formal testemunho de seu grande amor e dedicação à sua terra natal, para cujo desenvolvimento e progresso, constantes e supremos anseios de sua pacífica e laboriosa população, não poupa esforços e não mede sacrifícios. A construção dêste balneário cognominado com inteira justiça, “Pedro Ludovico” marco de uma nova era de progresso para a nossa cidade, construído todo êle com o erário do Estado, é um atestado eloquente do que venho afirmar.

O sr. dr. Divino José de Oliveira, nosso honesto Prefeito, tem encontrado sempre da parte do exmo. sr. dr. Pedro Ludovico e de seus auxiliares imediatos a maior boa vontade e solicitude, tendo conseguido tôdas as providências e auxílios solicitados em benefício do progresso e desenvolvimento de Goiaz e de seu extenso e incomensuravelmente rico município.

É uma grande dívida que o povo goiano contraíu para com a mais alta autoridade do nosso Estado, filho dileto dêste rincão abençoado.

Com inteira justiça menciono aqui o nome do dr. Joaquim Taveira, culto chefe do Gabinete da Interventoria, um dos goianos que muito se esforça em prol do progresso da nossa terra comum e que já lhe deve uma grande soma de benefícios.

Desde o momento em que a cidade de Goiaz perdeu a sede de Go-

vêrno, deixando assim de ser a Capital do Estado, cedendo aos imperativos de renovação e anseios de rápido progresso, supremos ideais da Revolução de Outubro de 30: construindo-se um Brasil maior e mais forte, Goiaz experimentou um longo período de marasmo e por que não dizê-lo, de quasi decadência.

Por todos êsses motivos, senhores, tôda Goiaz almejava, fervor, há muito, para chefe do govêrno da cidade e de seu opulento, fértil e rico município, um administrador à altura de suas necessidades e merecimentos, tolerante e capaz de resolver de pronto, os seus urgentes e múltiplos problemas, pondo-os em equação e solucioná-los com larga visao, dotando a nossa querida cidade e seu extenso município dos meios indispensáveis para a fácil circulação de suas incomensuráveis riquezas, fazendo-os, assim, retomarem o ritmo de progresso que sempre tiveram e que ia eclipsando-se por fatos bem conhecidos.

Felizmente, dotado de uma superior visão das coisas e dos homens, o dr. Pedro Ludovico Teixeira, Interventor Federal, idealizador e construtor da gigantesca obra que é Goiânia, a Flor-de-Liz, a mais jovem das Capitais do Brasil, cujo progresso é excepcionalmente vertiginoso, atestado eloquente de sua tremenda força de vontade, em um momento de feliz inspiração, nomeou justamente a um ano, Prefeito de Goiaz, o sr. Divino José de Oliveira, que já revelou ser um administrador culto, honesto, inteligente e extremamente dinâmico, um administrador à altura de nossas necessidades e anseios de renovação e progresso.

Com o advento do sr. Divino José de Oliveira na chefia do Município, devido à sua larga visão de administrador honesto e trabalhador, essencialmente delicado e tolerante, a cidade de Goiaz retomou a sua proverbial e antiga calma e paz tão necessárias ao seu progresso e bem estar e todos trabalham afanosamente e com absoluta confiança no chefe do Govêrno Municipal.

Alinharei aqui, meus senhores, em traços gerais, as principais realizações, da fecunda administração do sr. Prefeito Divino José de Oliveira, neste primeiro aniversário de sua brilhante gestão nos negócios do nosso município: — Acabamento de uma casa nas afamadas águas sulfurosas de S. João, com instalação de um telefone e 7 quilômetros de estradas de rodagem, construção do cemitério no distrito de Itajubá, limpeza de ruas nos distritos de Leopoldina, Xixá, Mossâmedes e Registro do Araguaia, reconstrução das estradas de rodagem de Goiaz a

Mossâmedes, com 30 quilômetros de extensão, e de Goiaz a Xixá com 72 quilômetros; instalação de escolas rurais em Itapirapuam, Córrego do Ouro e Mirianópolis. Conseguiu a criação de 2 escolas estaduais em Xixá, sendo uma para cada sexo, de um grupo estadual em Mossâmedes, desdobramento de escola estadual de Leopoldina em duas, sendo uma para cada sexo, criação de uma escola estadual em Iporá. Liquidou uma dívida contraída pelo nosso município desde 1939, no montante de Cr\$ 73 879,80. Incorporação ao patrimônio do Município de 7 alqueires de terras situadas no córrego do Ouro, distrito de Mossâmedes. Levantamento topográfico do Córrego do Ouro, Mossâmedes, e organizou, ainda, um plano de urbanização de todos os distritos, levantamento das rês de água e esgotos atualmente existentes nesta cidade, com instalação de registros e pena d'água; regulando o fornecimento de água; reconstrução do Palácio “Conde dos Arcos”, desta cidade, reconstrução dos prédios da escola de Davinópolis e Tiro de Guerra, reformou todos os móveis do Grupo Escolar “Prof. Nhola”, e conseguiu que o Estado fizesse a reforma geral do prédio, reformou completamente o nosso Mercado Público, com moderna adaptação, com açougues, reformou o Coreto do Jardim Público e fez novas instalações de luz elétrica com globos com postes de ferro, que se achavam grandemente danificados, a-baulamento e sargetamento das ruas do Cemitério, da Santa Bárbara, Avenida Rio Branco, rua da Carioca, Manoel Gomes, do Asilo e Travessa do Teatro, reconstrução do Campo de Aviação sob a administração municipal, regularizou a marcha dos processos que transitam pelo Gabinete do Prefeito, suprimindo os recadamentos das partes para o andamento normal dos papéis e fez a reforma racional no imposto agropecuário. O atual Prefeito visitou quasi todos os distritos, estudando “in loco”, em nove localidades, as suas necessidades, acontecimento inédito na história de nosso município.

Eis aí, senhores, as principais realizações da administração municipal sob a chefia do dinâmico Prefeito, cujo primeiro aniversário de sua excelente gestão, estamos festejando brilhantemente. Ainda para o alargamento e reconstrução do nosso campo de aeronaves, o exmo. sr. Pedro Ludovico, auxiliou o govêrno do município, com a importância de cinquenta mil cruzeiros (Cr\$ 50 000,00), a-fim-de que possam aterrissar aqui aviões de grande porte.

O eminente estadista, sr. dr. Getúlio Vargas, chefe do Govêrno Nacional, que tão sãbiamente dirige os altos destinos do país, nesta hora de tremenda responsabilidade e nos difíceis e cruéis dias que estamos vivendo, nunca quiz dispensar a colaboração eficiente, franca e sincera do nosso clarividente Interventor Federal dr. Pedro Ludovico Teixeira, cujo nome, coberto de loiros, passa-

Cruz Perilo

rá à posteridade como um exemplo a ser imitado pelas gerações futuras. Tôda a população de Goiaz, exulta de contentamento e de entusiasmo em hospedar, de braços abertos, o eminente representante do exmo. sr. dr. Interventor Federal e os ilustres membros de sua comitiva que vieram às terras anhangue- rinas, abrilhantar e dando grande realce às homenagens que estamos tributando ao nosso dinâmico e culto Prefeito, sr. dr. Divino José de Oliveira, neste dia 10 de julho, primeiro aniversário de sua fecunda administração.

Exmo. sr. dr. Antônio de Queiroz Barreto, fiel intérprete do exmo. sr. dr. Interventor Federal.

Em nome do nosso esforçado Pre- feito e no do povo goiano, progres- sista e bom, em cujos nomes, devi- damente credenciado falo neste mo- mento e nesta solenidade, agradeço cordial e sinceramente a belíssima oração que acabais de pronunciar, pois, sois fartamente dotado de grande inteligência, servida por uma sólida cultura; tôda ela foi um hino cantado à Goiaz, à sua gente e às suas enormes possibilidades, fazen- do a entrega, em nome do exmo. sr. dr. Pedro Ludovico, eminente Interventor Federal, desta piscina à cidade de Goiaz, preciosa dádiva de seu extremoso filho, que tão assinalados serviços vem prestando à cidade histórica que lhe serviu de berço e que continuará servindo-a com dedicação, estamos certos, para que possa acompanhar, pari passu, o grande surto de progresso, hipotecando ao seu amado filho, primeiro magistrado do Estado, sua solidarie- dade e a mais profunda, imorredoura e imarcescível gratidão.

N.R. — O presente discurso foi proferido pelo dr. Cruz Perilo, alto funcionário federal aposentado, resi- dente em Goiaz, por ocasião da i- nauguração da piscina pública da- quella cidade.

Nosso imperialismo, já o pro- clamou a voz sábia do Presidente Vargas, é crescer para dentro da própria pátria. Só um surdo não ouvirá, nessa advertência, uma voz de comando, no sentido da consolidação de uma cultura pró- pria, como fator e garantia da uni- dade nacional — VASCO DOS REIS

Agora, sem churrascos nem pei- xadas eleitorais, regados a vinho e cerveja, sem votantes dalém-tú- mulo, nem reguletes de província, sem cabos eleitorais de municípios e distritos, que "paravam rodeio" nos correligionários da situação, quizes- sem ou não, e enxotavam para os ma- tos os oposicionistas, desta ou daquela maneira, atende-se ao verdadeiro in- teresse nacional pela escuta direta das reclamações justas que dizem res- pecto ao engrandecimento do Brasil e ao bem estar de seu povo — Tte. Cl. CORREIA LIMA.

Poesias em pílula

João Accioli

— I —

GRAMÁTICA

Substantivo é a palavra que serve para designar seres animados ou inanimados: homem, Maria, leão, colher, mulher, Brasil, etc.

Mulher — substantivo comum.

— II —

FILOSOFIA

Amor
nome
comum
masculino
singular.

Amor feminino não há.

— III —

ENTÉRRO

O féretro foi atravessando alamedas povoadas de árvores tristes.

A cova, simples.
A terra, vermelha.
A gente, pouca.
Ao lado, muitas covas recémabertas, iguais.

O coveiro:
— tem corôa?

— IV —

REPARTIÇÃO

A vida lá fora.
O ruído lá fora.
Lá fora, o hino da vida.

E o poeta aquí dentro estagnado,
entre cinco paredes (o tecto também)
recurvo sôbre a mesa
a esperar, a escutar...
a riscar, inconciente, o mata-borrão verde, mais nada.

Mão na testa,
olhos fixos sem saber em que,
esperando escoar-se
uma jornada
inútil.

Jesuítas em Goiaz

— Especial para "Oeste" —

Como no Brasil, aos franciscanos sucederam os jesuítas. E a entrada desses beneméritos filhos do grande soldado de Pamplona nas terras goianas dera-se pelo setentrão.

De São-Paulo partiam as bandeiras em busca dos tesouros materiais, ouro e escravo. Era a velha preocupação portugeza em demanda das encantadas "pedras coradas". Já do norte, seguindo como que a ordem natural da procedência do homem americano, é que nos vêm outras expedições, trazendo como espada uma cruz e soldado um missionário. E' no Grão Pará que se arregimentam e se dispersam para o Amazonas, para o Tocantins, no século XVII "para impedir a escravização, o apresamento do índio na doce expressão do autor do Bandeirismo Paulista.

A nota mais remota temo-la nas cartas do Padre Antônio Vieira, que, do Pará, escreve ao seu Provincial Padre Francisco Gonçalves, no fim do ano de 1653, a quem relata minuciosamente todos os passos da gloriosa jornada lololana.

Diz, pois, Vieira que esta "Missão no rio Tocantins, aonde êle e já outros antes dêle tinham mandado alguns índios principais das nossas aldeias a persuadir outros do sertão a praticá-los como cá dizem, para que quizessem descer e viver entre nós fôra levada feito a convite do Capitão-mór Inácio do Rêgo Barreto que êle o aceitou de boa mente, "pela grande fama que em todo êste Estado há no rio Tocantins, assim na multidão de gente quasi tôda língua geral, como em outras muitas comodidades para gloriosa missão".

Registra os nomes dos abnegados companheiros: Padres: Francisco Veloso, Manoel de Sousa, Antônio Ribeiro. Marca o dia da partida", em dia de Santa Luzia, a uma hora da tarde. Compõe a frota de 16 canoas, um capitão com oito oficiais, 200 índios de remo e arco, 40 cavaleiros e de gente de serviço até 60. Total 300 pessoas "para com êles penetraremos os sertões e levarmos a Cristo — por tôda esta imensidade de terras e mares, que sem êste primeiro fundamento será impossível".

A 23 de dezembro ei-los aos pés da grande cachoeira de Itaboca (Vieira grafa Taboca) distante de Belém—130 léguas. Itaboca a histórica cachoeira reconhecida como território anhanguerino pelo dilatado govêrno de Dom Marcos de Noronha o qual 1751 contrata o pi-

Pe. J. Trindade

loto italiano Francisco Fossi Colombina para o levantamento cartográfico da Capitania "por onde se vê, diz Americano, que o govêrno de Dom Marcos se estendia da cachoeira de Itaboca até o Rio Grande, do "spigão mestre aos sertões além do rio das Mortes. Mais tarde é a mesma cachoeira, no govêrno de Dr. Eduardo Oliveira Machado, em 1849 assinalada com o estabelecimento de uma colônia militar, sob orientação de dr. Rufino Teodoro Segurado. Itaboca é enfim immortalizada no estro do vate bonfinense, quando canta as façanhas do grande Couto Magalhães "para frente ou morrer".

— Mas, continuemos a marcha de Vieira na sua admirável epístola. Estabelece as bases da empresa missionária: não haver permuta de índios nas aldeias de sua missão, não haver engano como meio de seduzi-los. Mostra os fundamentos principais de sua jornada: salvar almas, acudir os moribundos, e "justamente por não perdermos a posse dêste rio, que tínhamos por uma grande importância para nossos santos intentos". "Descreve a poesia da praia da viração, fala sobre as tartarugas, sobre a passara-da" "de mui alegres cores" "em todos os seus rios afluentes. Não há mosquitos, não há lodo. Identifica Vieira, as ruínas de portuguezes encontradas naquelas paragens. Descreve, afinal, Padre Antônio Vieira a missa do Santo Natal, nesta riba encachoeirada, qual outra gleba do Muratí, na Baía, se a injustiça de uma época não arrancasse de Goiaz aquela faixa. Ouçemo-lo:" "Tínhamos determinado — fazer alto neste dia mais cedo que nos outros, para gastar tôda tarde em adereçar huma capella de palma, em que celebrar com descência os mistérios desta sagrada noite, mas não tivemos lugar para mais que se enjenhar huma pequena choupana mal coberta com as toldas das canoas, aonde armamos o nosso altar. Parece o benigno Senhor renovar aqui os seus desamparos, porque tudo era o mesmo que representava. Não nos achamos aqui juntos mais do que os Padres Francisco Veloso, Manoel de Sousa e eu; porque o Padre Antônio Ribeiro com a sua canôa não pôde avançar tanto, e fi-

cou em outro lugar, aonde também aportaram algumas canôas que não estavam conosco, por esta tardança e apartamento verão hunos e outros a ter a consolação da Santa Missa aquella noite . . . O trabalho tão extraordinário de todo o dia parece pedia descanso da noite, mas tôda ela se passou em vela sobre a terra nua da choupana, oferecendo cada um ao Menino nascido não só os desamparos de Belém, mas as saudades da devoção e concôrto que esta santa noite celebra nos colégios da Companhia. A meia noite dissemos três missas, que todos ouvirão, as demais se disserão às seis horas e no dia comugarão alguns portuguezes e alguns índios . . ."

Aos Santos Inocentes transpõem a famosa cachoeira para se encontrarem com uma canôa trazendo várias mulheres, cujo piloto era um índio cristão. Admira Vieira que êsses índios conhecessem o rei e cujo nome lhes era familiar. Nesta altura a histórica carta termina, deixando a entrever que jornada fôra vítima de revezes, segundo o teor da carta 67ª, a el-Rei Dom João IV.

Na carta 86ª a el-Rei Dom Afonso VI, em 28 de novembro de 1659, diz o Padre Antônio Vieira: "a segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza do segundo de todo o Estado e povoado de muitas nações, que ainda se não sabe o nascimento"... Foi a esta missão Pe. Manuel Nunes, lente de prima Teologia em Portugal e no Brasil superior de casa e missões no Pará, muito prático e eloquente na língua geral da terra.

Na Biblioteca de Evora, no tomo 13º encontra-se em manuscrito, muito legível a "Crônica da Companhia de Jesús da Missão do Maranhão, pelo Pe. Domingos de Araújo, escrita em 1720. E' um precioso manancial histórico das entradas jesuíticas no extremo norte goiano. Registra-se polmemorisadamente a missão do Padre Francisco Veloso, em 1658 junto dos Tupinambás, o qual abstem-se de todo aparato militar em sua catequese". O Evangelho não se prega a custa de armas, diz o virtuoso padre e o seu historiador não é menos claro: "Com um sentir profundo, julgou que avanços e emprêsas do sacrossanto evangelho, nem se valem, nem se servem de forças e armas". "Descreve as peripécias da viagem, sobretudo a travessia das cachoeiras. Após 3 meses de caminhada retorna a Belém com

um contingente de 1.200 índios tupinambás.

Neste mesmo ano realiza-se outra entrada nas terras Tocantins. Foi a mais profunda e a que mais se embrenhou nas terras de Goiaz. Trata-se de uma expedição militar chefiada pelo Capitão de Infantaria Paulo Martins Garro (?), com 450 índios — de arcos e 45 soldados. Era o missionário desta expedição Padre Manuel Nunes, de que fala Vieira. Encaminham-se para os índios — Nheiguarás, nação muito “belicosa e cruel”, que havia morto vários cristãos que por suas terras passaram”. Após um mês de viagem em águas do Tocantins. Padre Manuel Nunes penetra em pleno sertão, demorando-se dois meses entre índios Poqui-guarás, domesticando acêrca de mil índios. Faz de jornada 500 léguas atingindo o grau sete para o sul, passa pelo braço grande do Tocantins, confrontando-se com a Paraíba. E era seu companheiro de missão o coadjutor Simão Luiz, que se perde na densidade das florestas.

Esta entrada imortalizou-se no sermão da Epifânia pregado pelo incomparável Vieira na Capela Real de Lisboa em 1662, fase tormentosa por que passara a Companhia de Jesús”. Vede agora, exclama Vieira, quanto vai daquela estrêla às nossas estrêlas, e da sua missão às nossas. Deixadas as mais antigas, fizeram-se ultimamente duas, uma pelo rio dos Tocantins, outra pelo Amazonas: e com que efeito? A primeira reduziu a nação dos Tupinambás e a dos Pachiguiras” “e acrescenta o orador e tudo isto em espaço de seis meses”.

Em 1661, 12 de fevereiro, escreve Vieira, vid. carta 91^a, a Câmara do Pará, nos seguintes termos, referindo-se a descoberta do rio Yguassú”: o qual descobrimento se há de fazer pelo rio dos Tocantins; e quando V. Mês no mesmo rio quizerem entrar pelo braço do Araguaia, onde estão várias nações que se diz, tem muitos escravos, e a dos Pirapés. “Esta afirmativa vem por em dúvida a descoberta, ao menos quanto ao nome, do rio Araguaia, pelo Cap. Domingos Pinto da Gaia em 1719; o que Berredo contesta dizendo ser em 1675.

Na mesma rota traçada pelo Padre Antônio Vieira, segue mais tarde outro grande missionário da Companhia de Jesús, o apóstolo do Araguaia, e cujo nome deve estar registrado nas páginas dos anais goianos: é o Padre Jerônimo da Gama. Vid. Apontamentos deixados pelo Padre Manoel da Mota, o continuador dos trabalhos de Vieira em 1721 (Na B. Nacional).

Para localizar, os pontos principais ocupados pelos heróicos jesuítas em Goiaz, valemo-nos além das cartas dos prepostos da Côte na Província, de um velho mapa da Companhia, em que estão regis-

tradas as casas dos padres loiolanos em terras de Goiaz. (Atlas do Pe. Ludovicus Carrez — Paris — Edição antiga citado na tradução que o Pe. Manuel Narciso Martins fizera da obra de Caieiro; Jesuítas do Brasil e da Índia. Vid. Nota do tradutor e comentários). Ei-las: Em São Francisco Xavier do Duro, Formiga, Natividade, onde havia seis prédios, em Sant’Ana de Goiaz e em São-José-de-Mossâmedes.

No tempo de Dom Marcos de Noronha (1749 — 1753), — tornam-se célebres, na defesa de seus índios “gueguezes”, xacriabás e acaróas” os padres Bento Soares, superior, José de Matos nas missões de Formiga e Duro. (Alencastre, ob. cit., pág. 130).

No governo do mesmo Conde dos Arcos há conflito de jurisdição entre os jesuítas e o celebrado caçador de índios tenente coronel Wenceslau Gomes da Silva. Os selvícolas colocam-se ao lado dos sacerdotes, contra os “dragões”, que pretendiam escravizá-los. Saliendam-se nesta luta em favor da liberdade dos índios os padres José Vieira e José Batista. (Vid. Alencastre, ob. cit., cap. VI).

José Maria Pereira de Alencastre, na sua ardorosa faina de elogiar Pombal enumerava as seguintes fazendas dos padres jesuítas em Goiaz: Recolhimento, Ortigas, Pindobeira, Gelbúz, Gado-bravo e mais que lhe escapou a memória. Em gado registra duas mil cabeças, escravos 17, letras firmadas no valor de 17:450\$720. (Vid. Alencastre, ob. cit., cap. VIII).

No norte, entre as diversas, fôra a mais importante a missão de Natividade; ao sul a de Sant’Ana do Rio das Velhas, onde refulge a figura extraordinária do Padre Caturra, o primeiro missionário da faixa triangulina de Minas-Gerais, nos começos XVII.

Cabe, no entanto, a João Manoel de Melo (1759 a 1770) entre os governadores da província goiana, o maior inimigo dos filhos de Santo Inácio, o cumprimento da carta régia de 19 de janeiro de 1759, que expulsa os jesuítas do território goiano. Entre os muitos fatos que a Providência houve por bem a crisolar a Companhia de Jesús no cárdino da perseguição, ressalta a inhumanidade de como foi executado o fisco de seus bens, a expulsão e prisões vexatórias. Certo Pe. Manoel da Silva e Pe. Fidaldi, aos rogos de seus índios, procuram meios de se permanecerem entre as suas aldeias. São presos, punidos clesiasticamente pelo bispo do Pará, o qual além de acusá-los dirige-se ao bispo de Maranhão para idênticas realizações. Remete-os enfim o governo João Manoel de Melo, porém, para Lisboa. Como Alencastre no cap. VIII explora o gesto episcopal dos dois anjos, transcrevendo-lhe as letras nos seus Anais da Província de Goiaz!

(Vid. carta do Conde de Oeiras, pág. 179, ob. cit., Couto de Magalhães ocupa-se longamente do jesuíta em Goiaz. Quando quer documentar os planos de navegação fluvial entre o norte e sul, ou melhor, entre a bacia do Amazonas e a do Prata vai as crônicas da Companhia de Jesús, estuda-lhe o traçado de suas missões, os caminhos de suas jornadas missionárias e concretiza o programa de seu governo: a ligação fluvial do Paraguaí ao rio Tocantins, pelo Araguaia, com 15 léguas apenas de travessia de terra. Leia-se o Selvagem. Parte sexta, pág. 188. Ed. da Brasileira. Vol. 52.

Hoje, Goiaz guarda dos beneméritos filhos de Santo Inácio de Lioila muita gratidão, que, aliás, o Brasil todo lhe deve. No norte existem ainda escombros, de suas casas, igrejas, pias batismais como testemunhas mudas da passagem dos irmãos de Anchieta. A crueldade dos homens banuiu-os de nossa terra, a Providência os reconduziu, porém, não mais voltaram aos altares feitos de “palmas brancas” das florestas do Tocantins, tão decantado por Vieira. (Bibliografia dêste capítulo: Vid. Memórias a respeito do descobrimento dos Martírios, pelo Pe. José Manoel de Siqueira. Revista da Sociedade do Rio-de-Janeiro. Tomo. 11-1886. Vid. Cartas do Padre Antônio Vieira. N^o LXV. LXXIV. LXXXVI. XCI. Vid. História da Companhia de Jesús na extinta Província do Maranhão e Pará, pelo Pe. José de Moraes. Vid. Biblioteca de Evora Tomo 13^o. Crônica da Companhia de Jesús da Missão do Maranhão, pelo Pe. Domingos de Araújo. Vid. Anais da Província de Goiaz, por José Martins Pereira de Alencastre. Rev. Inst. Hist. Geog. Bras..

(1) — Capítulo IV, do livro inédito “Jesuítas em Goiaz”).

☉ A orientação política do Presidente Getúlio Vargas teve, entre nós, êsse mérito: o de colocar os problemas fundamentais da vida política em termos de justiça social. Duas grandes consequências surgiram daí: primeiramente, essa atitude, por sua própria natureza, repele todos os métodos de força e de violência política; em segundo lugar, ela coloca em primeiro plano, na concepção da democracia, o problema da justiça, em vez do da liberdade. — ALMIR DE ANDRADE.

☉ Não há, portanto, dúvida nenhuma que o Estado Nacional realiza todos os postulados cristãos, e especificamente, quasi todos os postulados católicos. O ideal cristão da cidade temporal é perfeitamente exequível dentro dêle — LEOPOLDO AIRES.

O Rei dos Mentirosos

Conto de PAULO FABIO

A pensão de dona Helena, pequena e selecionada, possuía tipos curiosos, dignos de estudo. Mascarenhas, por exemplo, era agrônomo, estudioso e prático, autor de vários planos para salvar o Brasil. Já Raul era o conquistador da turma. Simpático, exibindo boas roupas e ótimos dentes, quando saía, gritava, à porta da rua:

— Alerta, pais de família! D. Juan vai sair à rua . . .

Netinho queria ser tido e havido como um grande esportista. Já beirava os 35 anos quando foi promovido a "keeper" do quadro bancário em que jogava todos os sábados, por sinal que perdendo a maioria dos jogos. Sincero, bom como pão, só tinha um defeito: gabar-se demais, como praticante de 1.001 esportes.

Nadava no Tietê, remava na Atlética, era "keeper" do Banco, campeão de xadrês (até isso!) nas horas vagas, etc.. Um "crack"!

As artes estavam representadas por Hermilo, um carioca baixinho e bairrista como êle só. Perdoava tudo desde que não desacassem as artes e o seu Rio adorado.

Desenhava com certa desenvoltura, fazia ilustrações a nankin e dizia descender de uma família só de artistas, desde remotas gerações.

Havia ainda outros tipos, vindo Felício em primeiro lugar pela verbosidade, amando intensamente as viagens, o teatro e a crítica literária. As más línguas o consideravam o mais espirituoso de todos . . .

Lendo muito, possuía boa memória e, quando queria, inventar casos e mentiras, cousas misteriosas e cheias de perigos fictícios, com diplomatas, condos, etc.. Netinho não o perdoava:

— Êste Felício deixa Edgar Wallace num chinelo!

A' hora das refeições, quando a discussão se exagerava, a Pensão parecia um Mercado de Peixe, tal o barulho de garfos, gritos e gargalhadas. Da. Helena punha as mãos na cabeça:

— Vocês acabam me deixando louca!

Hermílio sustentava a superioridade de Osvaldo Teixeira sobre Giotto. Raul atendia a 4a. telefonema de uma "fan" intransigente, que queria ir a Santo Amaro na sua baratinha azul.

Felício, numa roda de ouvidos atentos, contava "sua" última via-

gem à Grécia, uma das melhores piadas do seu rico repertório.

Da. Helena via aquilo tudo, pensava na proximidade do Hospício e tinha medo . . .

As horas de folga, dividia-as entre a música, o teatro e a leitura. Pouco tempo encontrava para suas aventuras verdadeiras. Mas, ao contar suas façanhas, exagerava tudo, utilizando, na narrativa, muito do que lera na véspera.

Azevedo, um portuguesito que estivera na Europa estudando, vindo depois a trabalhar aqui, numa casa exportadora de madeiras, não se conteve. Chamou a turma e combinou:

— Vamos dar um golpe de mestre no Felício!

E, piscando o olho, matreiro:

— Vai ser desmascarado, em pleno jantar!

Correram os dias.

A' hora marcada para o golpe estourar, a conversa ia animada, com os personagens de costume e o cenário de todos os dias. Azevedo sabia que Felício se correspondia com várias pessoas, entre as quais "uma" jovem inteligente, que escrevia bem e em papel caríssimo, linho puro, trescalando a perfumes de Paris.

Cotucou Felício e provocou-o:

— Deve ser uma gran-fina, hein?

— Se é! Um colosso . . . Há dias, fui visitá-la. Menino, nem lhe conto o ambiente de luxo, a pompa que lá encontrei . . .

— Não diga!

— Digo e repito. E' a pura verdade . . .

Os colegas, já previamente combinados, acercaram-se do êmulo de Edgar Wallace.

— Conte prá gente, Felício. Não seja egoísta, homem. Desembuche!

Felício fazia-se de rogado:

— Não vale a pena.

— Como não vale? Então uma aventura dessas acontece todos os dias? Demais, pelas cartas vê-se o interesse da pequena rica e bonita por você, seu maganão.

Os da outra mesa entraram em côro:

— Tem a palavra o Felício. Da. Helena, um copo d'água!

Veiu o copo d'água. Felício tomou pose, acendeu um charuto "da caixa que a gran-fina lhe dera, há dias" e começou:

— Pois é como lhes digo. Um

dia dêesses, acabei de jantar e ia ao Procópio quando recebi um telefonema insistente.

— Era ela?

— Nem podia ser outra. Era a primeira vez que me telefonava. Até então, só nos conhecíamos por carta, pois, pequena riquíssima, não era a qualquer um que sua família abria as portas.

— Gran-finíssima! aparteu o Mascarenhas, fechando o livro "Cultura da batatinha na Califórnia", de sua própria autoria.

— Mal tive tempo de pôr o "smoking", perfumar-me e chamar um taxi. Batí para o seu palacete, em Higienópolis. Lá chegando, toquei a campainha e vieram dois creados.

— Dois de uma vez?

— Claro, rapaz! Você sabe lá o que é uma família requintada, que cria as filhas no Sion e as aperfeiçoa em Paris ou Londres? Dois de uma vez, sim senhor, e de libré . . .

— Está bem. Desculpe. Continue.

— Dei meu cartão e fui recebido. Ela veio, serena e bela como uma deusa olímpica.

Eu estava deslumbrado com o ambiente, confesso. Luxo por todo canto. Só o tapete persa, do "hall", custara 38 bagarotes!

— Felício!

— E' a pura verdade. Trinta e oito contêcos, menino! Vasos de Sévres e porcelanas por todos os lados. Havia uma "Venus de Milo", tôda em mármore de Carrara, que era uma cousa louca, maravilhosa. Eu parecia estar sonhando. Aquilo representava uma fortuna colossal. E a ceia que me ofereceram? Os cristais feriam a vista. Só de vinhos, havia mais de dez qualidades. Um sucesso louco, pessoal!

Certo de ter embasbacado os companheiros, que deviam estar morrendo de inveja, Felício parou de repente, tirou uma bafurada do charuto mata-rato e desafiou-os, confiante nos aplausos que esperava receber:

— Então? Que tal?

Os rapazes não se contiveram:

— Quá, quá, quá! Rei dos mentirosos! Cãí fora, bobo . . .

— Mentiroso eu? Perguntem ao homem do taxi aonde êle me levou . . .

— Não seja bobo, Felício. Quem lhe escrevia essas cartas da deusa era o Azevedo e essa garota só

Honrosa distinção da Academia Matogrossense de Letras aos srs. dr. Colemar Natal e Silva e Domingos Felix de Sousa

O doutor José B. de Mesquita é um dos vultos eminentes do mundo cultural matogrossense. Presidente da Academia Matogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mato-Grosso, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e da Federação das Academias de Letras, diretor do jornal "A Cruz" e da excelente "Revista da Academia Matogrossense de Letras", membro do Tribunal de Apelação daquele Estado, é o desembargador José Mesquita autor de vários trabalhos jurídicos, históricos e literários de real merecimento e que lhe grangearam sólida posição nos meios intelectuais do país, entre os quais: "Terra do Berço", "Da epopeia Matogrossense" e "Poesias" (poemas); "A Cavalhada" e "Espelho de Almas", êste premiado pela Academia Brasileira de Letras (contos); "Piedade" (romance); "Um paladino do nacionalismo", "O taumaturgo do sertão", "O sentido de brasilidade na História de Mato-Grosso", ensaios históricos; "O catolicismo e a mulher",

existia na sua imaginação!
— Tenho as cartas em meu poder!
— Pois traga-as.
— E vou trazê-las mesmo. Hão de ver, trouxas! Invejosos!

Foi buscar as cartas.
Mostrou-as a todos. Novas risadas, agora com a plena adesão de Da. Helena, inteirada da farça. Felício exibiu tudo, inclusive envelopes.
— Agora entre em ação, Azevedo!
O desafiado, calmamente, meteu a mão no bolso e de lá sacou cópias de tôdas as cartas que, em nome da pseudo-admiradora de Felício, lhe escrevera. Confrontadas, as cópias conferiam direitinho com os originais.

Fôra um "truc" de Azevedo para que Felício deixasse de acreditar em admiradoras hipotéticas, "que lhe escreviam sem conhecê-lo", deslumbradas com seu talento.

Não é preciso concluir que nessa mesma noite, aproveitando a ausência de todos, roído de vergonha, Felício deixou a Pensão.
Mas quantos Felícios ainda há por aí . . .

"Semeadoras do futuro", "Professoras novas para um mundo novo", etc., estudos políticos, sociais e religiosos; "Atentado contra a Justiça", obra jurídica, etc., tendo, ainda, inéditos, dois livros de versos.

Pois foi êsse ilustre intelectual patricio quem, como se vê na carta abaixo transcrita, designou a Domingos Felix de Sousa, nosso brilhante colaborador, para representante da Academia Matogrossense neste Estado, pedindo ao mesmo indicasse outro nome, ainda, tendo Domingos lembrado o de Colemar Natal, que também foi aceito. Assim, está a Academia Matogrossense de Letras bem representada em Goiaz, pois o dr. Colemar é um nome bastante conhecido e Domingos Felix de Sousa é um jovem que se está revelando, como ensaista literário e como "conteur", um valor dos maiores das letras anhanguerinas.

Na missiva em aprêço tem o dr. Mesquita uma referência elogiosa a "Oeste", a qual, por partir de quem partiu, muito nos honra.

Eis a carta que êle endereçou a Domingos Felix:

"Meu caro Domingos:
Estou, há tempos, para lhe es-

crever, mas a vida, cheia de tropêços, onerada de serviços, que venho levando, me tem feito, mal a meu grado protair o cumprimento dessa grata obrigação de amizade.

Pela nossa comum amiga Benilde (1), sei que você aí vai bem, e, através das suas poesias a ela enviadas, sei que continua trabalhando pelo que vivamente o felicito.

Venho recebendo daí com regularidade, a magnífica publicação "OESTE" sem saber, entretanto, a quem devo essa bondosa remessa. Será a você?

Perdemos há pouco — e foi na "OESTE" que li—o nosso correspondente em Goiaz, dr. Sebastião Fleuri Curado, e queria consultá-lo se aceita a sua designação para substituí-lo, indicando-me um outro nome, daí, pois em se tratando de Goiaz, a que nos prendem laços da mais estreita afinidade histórica e afetiva, a Academia deve ter, pelo nome, dois representantes. Sendo você o delegado da "ala moça", convinha que o outro fosse da "velha guarda" ou pelo menos, que pertença ao grupo dos "maduros", a que me prezo de também pertencer.

Das poesias que você mandou a Benilde, tirei algumas para a "Revista da Academia", prestes a entrar para a oficina.

Aguardo suas novas e aqui fico, sempre a seu dispor, o amigo e confrade,

a) Mesquita".

(1) — Trata-se de Benilde Moura, poetisa residente em Cuiabá, e cujos poemas revelam um espírito delicado e inspirado.

"OESTE" VISTA PELOS OUTROS

Recebemos a seguinte carta, da Prefeitura Municipal de São-Paulo:

"A
Redação da publicação
OESTE: rev. de divulgação cultural
Avenida Tocantins, nº 7
Goiania
Estado de GOIAZ

Presados Srs.

A Biblioteca Pública Municipal de São-Paulo, estando empenhada em completar as suas coleções de revistas, dentre as quais se destaca OESTE: revista de divulgação cultural, tão proficientemente dirigida por VV. SS., vem solicitar a remessa dos nºs. abaixo.

OESTE — Nºs. 1 e 2, ano 1º, 1942 ou 1943.
Nº. 8, Setembro de 1943.
Nº 18, Julho de 1944.

Revista caprichosamente acabada,

é sem dúvida a melhor publicação do Brasil Central que a Biblioteca possui, o que aumenta bastante o interesse dos leitores pela mesma e em se tratando de servir a uma biblioteca pública e a exemplo de tantas outras empresas a que temos recorrido, esperamos da gentileza de VV. SS., os exemplares solicitados, desde que não sejam impossíveis de serem obtidos.

Sem mais para o momento e aguardando as providências de VV. SS., aproveita a oportunidade para apresentar cordiais saudações.

Pelo CHEFE DA DIVISÃO DE BIBLIOTÉCAS,

Renato Snell,

Chefe da Secção de Publ. Periódicas
Biblioteca Pública Municipal
Rua da Consolidação
Caixa Postal nº 170 — B.
S.-Paulo".

“Ermos e Gerais” na opinião de Tristão de Ataíde

Os inimigos de Bernardo Ellis estão todos eles, a uma hora destas, com cara de segunda-feira. É que “Ermos e Gerais”, seu livro de estréia, está bulindo com a sensibilidade da crítica nacional, que sobre ele se tem manifestado de maneira a mais consagrada. Está se confirmando, assim, tudo aquilo que “Oeste” previra em torno da obra do nosso jovem contista, o que, para nós, é motivo de justa satisfação.

As muitas vozes autorizadas que se fizeram ouvir acerca de “Ermos e Gerais” acaba de juntar-se a do notável ensaísta Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), pensador profundo, sociólogo de primeira plana, crítico literário de sólidos recursos e visão ampla, que, na sua secção “Vida Literária” domingueira em “O Jornal”, do dia 29 do mês passado de outubro, do Rio, assim se exprimiu a respeito do livro goiano que está na ordem do dia:

O segundo livro que destaco é um conjunto de “Contos goianos”, do sr. Bernardo Ellis, que lembram invencivelmente os do malogrado Hugo de Carvalho Ramos, “Tropas e Boiadas” e aliás são publicados pela “Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos”, de Goiania.

Ao terminar a leitura do primeiro conto do livro, veio-me logo à mente aquela resposta de Afonso Arinos, há precisamente meio século, ao crítico Joaquim Alves, da “Gazeta de Notícias” que negara um prêmio literário à “Esteireira”, por julgá-lo excessivamente violento. Escrevia Arinos então: “Já de antemão penso que Joaquim Alves desconhece o sertão, seus homens, seus costumes. Quer tratar o animal humano destas Gerais, bravo, crescido às grosseiras carícias dos ventos da chapada, de músculos retesados em pugnas primitivas contra as feras, os matos e os rios caudais, pelo molde do Rio de Janeiro ou de S. Paulo, daqui do meio da indústria, das estradas de ferro. Não! Daquilo eu entendo meu ilustre escritor. Nesse cabedal eu posso trabalhar, como o sapateiro de que falava Horácio sem passar “ultra crepidam”, pois nasci no sertão” (AFONSO ARINOS. Nacionalização da arte (1894) in “Histórias e Paisagens”, 1921, pág. 224). Pois bem, junto à violência dos contos goianos do sr. Bernardo Ellis, a dos contos mineros de Arinos era, como hoje se diz “café pequeno”. Compraz-se o autor sistematicamente, ou quasi,

numa atmosfera de crueldade e de horror, inhumano, que não parece apenas visar a expressão literária, mas provém de uma concepção radicalmente naturalista da vida. Eis como exprime, na linguagem rude de que habitualmente se serve, aquele sentimento de radical pessimismo com que Machado de Assis, como se sabe, pôs o ponto final, nas suas “Memórias póstumas de Braz Cubas”: — “Bento, porém, ignorava esse lado. Esperava ansioso o filho. É que o vício não lhe embotara esse sentimento animal e refinado, embora de um refinamento cruel, que é o de querer a gente perpetuar-se, no tempo, pelos filhos. Esse nosso desejo angustioso de ludibriar a morte e continuar a sofrer e fazer besteiras na face do nosso pequeno e desamparado planeta” (págs. 41).

Esse trecho é bem expressivo da concepção geral da vida que domina em todo o livro. A completa ausência de qualquer “sentido” profundo e último à existência faz com que nos dê um quadro monstruoso dos homens e das coisas, que não é um reflexo, repito, do simples ambiente da barbárie sertaneja mas, ao que parece, de uma visão sistemática do mundo. É sempre a crueldade, a insensibilidade, a fraude, o vício, a bestialidade que predomina nestes contos. O homem é um animal inhumano poderíamos escrever ao terminar a leitura dessa galeria teratológica. O que seria tão falso como dizer na fé do idealismo literário, que o homem é um puro espírito. A verdade é que o homem é um ser que luta na fronteira entre o animal e o anjo. E esse é o sentido eterno de sua natureza.

É nesse sentido e não por desejar para uma arte sertaneja, o róseo, e hipócrita idealismo condenado há 50 anos por Afonso Arinos, que acho nos contos do sr. Bernardo Ellis um “partipris” que lhes tira muito da verossimilhança que uma arte realista como a sua deve procurar.

Se faço essas observações é que encontro nesse estreante as mais fortes e inequívocas qualidades literárias. Tem uma energia de expressão fora do comum. Escreve saborosamente bem e muito à brasileira, muito popularmente, muito originalmente. Não como uma originalidade puramente literária, mas vital e espontânea. Estes contos representam, sem dúvida, uma obra de valor literário. Já agora, passam a figurar entre os dos nossos

bons escritores regionalistas. E o brasileiro sertanejo de sua arte é dos que trazem um sabor novo às nossas letras modernas, na linha de escritores como Afonso Arinos, Monteiro Lobato, Alberto Rangel, Valdomiro Silveira ou Dionélio Machado, de quem salu esse mês a 2ª edição dos “Ratos”, tão fortes em seu realismo urbano como estes “Ermos e Gerais”, em seu realismo sertanista. O naturalismo extremado do sr. Bernardo Ellis assume o aspecto de um romantismo às avessas, lembrando a atmosfera da “Noites na taverna” e dando-nos do sertão goiano uma visão de “contos de Hoffmann”, que não sei se corresponderá muito à realidade efetiva. Pois o perigo do realismo exagerado é não ser nunca bastante real.

● O tipo de organização adotado na Carta de 1937 faz com que a liberdade e a democracia não sejam apenas palavras, mas que as instituições que se propõem estabelecê-las guardem fidelidade à essência desses conceitos — ALEXANDRE MARCONDES FILHO.

- ● -

● Realista, a nossa política não despreza o bom senso, a favor das teorias dominantes. Estribada em fundamentos humanos, são a ordem, a paz e a justiça que lhe guardam a estrutura ideológica. Suas raízes são, por isso, estáveis. E no seu sentido e na sua orientação cabem, inteiras, uma idéia do homem e uma representação do mundo dignas da aspiração universal. — ROSÁRIO FUSCO.

- ● -

● O bem supremo dos que seguem a virtude é comum a todos, e todos podem gozar dele igualmente — SPINOZA

- ● -

● Garantindo, de um lado, a representação das forças econômicas, e, de outro lado, contendo nos justos limites a expansão das iniciativas através das várias técnicas de aumento da riqueza individual, o sistema da nossa Constituição oferece às massas trabalhadoras uma oportunidade como nunca lhes fôra reconhecida. Oferece uma segurança fundamental a esse “Homem Comum”, que está hoje na base das preocupações de todos os grandes estadistas e de todos os que se deteem a apreciar os fatos mundiais — ALEXANDRE MARCONDES FILHO.